A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 5

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 5

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 5

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3º -- Sala 13

HENRIQUE SILVA — Director

DR. ANTONIO AMERICANO BRAZIL — Director

Apresentação

Prefaciar esta reedição é para mim alegria que constrange. Explico: nenhum governante cônscio de suas responsabilidades pode deixar de se sentir satisfeito quando assiste, sob o patrocínio do seu Governo, vir à luz uma publicação como esta. Esta coleção de ***Informação Goyana*** embora tenha sido impressa originariamente de 1917 a 1935 é, em muitos aspectos, muito oportuna tal a profundidade e a acurácia dos assuntos abordados.

Se matérias há que perderam a atualidade, nem por isso perderam o valor informativo ou histórico.

Estou certo de que os leitores destas páginas — estudantes ou homens de letras, professores ou homens de governo, pesquisadores ou simples curiosos de nossas coisas hão de encontrar aqui bem mais do que esperavam em termos de informação, de estudo, de cuidado e de saber. A ***Informação Goyana*** é — quem ler concordará — uma prova sobeja da tradição cultural dos homens de Goiás.

O constrangimento fica por conta da convicção que tenho de estar prefaciando, indevidamente, este livro. O Professor José Luiz Bittencourt, Vice-Governador do

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e DR. AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Veiga Lima, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Moysés Sant'Anna, Carlos Maul e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 3º -- Sala 13

ANNO I — 15 DE AGOSTO DE 1917 — VOL. I—N. 1

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e DR. AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Veiga Lima, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Moysés Sant'Anna, Carlos Maul e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 3° -- Sala 13

ANNO I — 15 DE AGOSTO DE 1917 — VOL. I—N. 1

EXPEDIENTE

A absoluta falta de espaço obrigou-nos a retirar d'este numero o mappa da área de 14.400 kilometros quadrados, demarcada no planalto central do Brasil para o futuro Districto Federal e tambem alguns *clichés*, que ficam para o proximo numero.

Das obras que sejam recebidas, dar-se-á noticia critica.

Por obvios motivos apparecem de preferencia no presente numero artigos e conceitos ácerca das cousas do *hinter-land*, extrahidos das obras de viajantes e sabios estrangeiros que o percorreram.

E' que taes autores estão isentos da pécha de *bairrismo* ou de extgero — cousas estas mui faceis na bocca de certos saberêtes nossos que nunca transpuzeram a Mantiqueira, Brasil a dentro.

SUMMARIO

"A Informação Goyana"

O apparecimento hoje desta publicação se justifica pela propria necessidade que havia de um orgão informativo e de propaganda das incomparaveis riquezas nativas do *interland* brasileiro — essa vastissima região quasi desconhecida sob todos os seus aspectos e que, no entanto, possue os mais fortes elementos para se encorporar ás correntes progressivas das mais prosperas zonas do nosso paiz.

Como se sabe, Goyaz occupa o centro geometrico do Brasil, e não carece, pois, de razões geographicas para representar ainda um importante papel social e economico na grandeza futura da nossa nacionalidade.

O que é mister é tornar melhor conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros o seu saluberrimo clima, as suas riquezas extraordinarias, as suas fontes de vida, as suas possibilidades economicas — como tambem refutar com factos e algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e na imprensa se tem propalado ácerca da terra goyana. Em geral, o que aqui na Capital Federal se sabe do Estado de Goyaz — a imprensa particularmente — é confundil-o com o de Matto Grosso.

O periodismo carioca nas suas revistas dos Estados não inclue nunca o de Goyaz. Nem nos trabalhos organizados pela Directoria de Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda, nem nos do Serviço de Estatistica Commercial do Rio de Janeiro o simples vocabulo indigena Goyaz vem mencionado.

Ora, um dos principaes esforços desta revista é precisamente collocar diante dos olhos dos capitalistas, dos industriaes e dos commerciantes as possibilidades economicas sem conta do Estado mais central e menos conhecido do Brasil.

"A Informação Goyana" traz, portanto, um fim e um programma que bem a difinem na imprensa brasileira.

Areias monaziticas de Goyaz

Quando não ha muito escrevi num periodico fluminense ácerca da abundancia das areias monaziticas em Goyaz, não faltou quem me supuzesse mentido — visto affirmar cousa que ninguem absolutamente seria capaz de tomar a serio.

E' que para muita gente as taes areias são peculiares ao littoral brasileiro, não podendo assim existir num Estado Central como o é o nosso, cuja propria existencia parece a muitos não definitivamente provada.

Pois bem; o que agora acaba de ficar provado, quer queiram quer não, é a occurrencia das monaziticas nos rios Paranahyba, Corumbá e Paranã, todos em Goyaz.

Foi isto o que demonstrou perante o Congresso de Expansão Economica o conhecido industrial sr. commendador Domingos Gonçalves, que não ha muito fez uma excursão ao nosso Estado, delle trazendo mostras de areias monaziticas, as quaes, analysadas, deram surprehendentes resultados pela grande e nunca vista porcentagem de *thorium*, *cerium*, *sulphato de amonia*, etc., etc.

Tratando da distribuição e principaes jazidas das monaziticas no Brasil, escreve o commendador Domingos Gonçalves:

"De todas estas areias, as mais ricas em *thorium* e em *cerium* são as de Goyaz, visto que, em sua analyse, apresentam 63 o|o de oxydo do grupo *cerium* e 5 o|o do grupo *ittrico* e 75 o|o de *thorio*.

Em seguida temos as areias do Espirito Santo, que têm 4 a 4 1|2 °|° de *thorium* e 35 a 40 °|° de oxydos dos grupos *cericos* e *ittricos*."

Além dos saes acima mencionados, como o *thorium*, que custa 3:000$000 o kilo, e o *cerico*, que se vende a 20$000 o kilo — das monaziticas se extráem muitos outros productos, principalmente o *radium* — que é precisamente o mineral de mais subido preço que hoje existe.

Não resta duvida, pois, que Goyaz possue todas as fontes de riquezas que a terra produz no mundo inteiro.

HENRIQUE SILVA.

A vegetação e a fertilidade do solo goyano

No attrahente esboço dos aspectos morphologicos de nosso mal conhecido *Inland* certamente occupará demorada attenção e particular carinho scientifico a determinação exacta da variegada e opulenta distribuição phytologica, já pelos caracteres especificos de *habitat*, ja pelas incalculaveis variedades ainda alheias a qualquer classificação ou conhecimento dos competentes.

Em parte alguma do Brasil a Geographia vegetal conta tantas collectividades botanicas, revestindo as incoherentes formas de entrançadas mattas ou de imponentes taboleiros, cerrados e interminaveis campos, como nas terras altas do dilatado sertão, ou em seus profundos valles e partes marginaes dos grandes rios e affluentes.

Notam-se alli representados os multiplos individuos da flora maxima e minima, quer se trate de typos de applicação therapeutica e social obrigatoria, ou da extensa copia de plantas officinaes e de construcção.

Si é verdade que naturalistas e viajantes de consummada competencia registraram observações e pesquizas assás curiosas sobre a feição floral do interior, enriquecendo as collecções dos museos estrangeiros e a taxinomia vegetal, divulgando a existencia e o alcance economico de especies novas, deve-se affirmar que nem sempre essa uniformidade de vistas sobresae quando perquerimos certa litteratura apressada, de cunho esthetico, mas inutilmente botanica e que faz do Brasil interior uma faixa arcenta do inhospito Sudão.

Ainda mais: os proprios naturalistas que transpuzeram os lindes sertanejos e cujos trabalhos valem pela rehabilitação scientifica e economica dessa immensa área, jamais se desligaram das velhas e poidas trilhas dos primitivos bandeirantes, as quaes hoje ainda constituem as estradas reaes, geralmente cerceando espigões e cabeceiras e evitando as ensombradas mattas percorridas pelo gentio.

Mas nada disto sabem os pseudos — phytologistas do Ministerio da Agricultura ou os curiosos compendistas e ensaistas que não viram outras florestas que as da Gavea e Tijucá e a vegetação de climas europeus das nossas avenidas aspaltadas.

Extranhos dendrophobos que sem conhecer um palmo de sertão se comprazem em dispil-o em proveito de outras regiões sem possibilidades de esforço humano, glorificando assim a propria ignorancia e insuflando uma antipathica campanha contra as riquezas naturaes do Alto Sertão.

As presentes considerações me foram suggeridas á vista do mal informado escorço cartographico do Eng. Gonzaga de Campos, referente aos campos e mattas do Brasil.

Esse papel official é o mais bem acabado repositorio de inverdades e erronices, vindo perpetuar e officialisar o negativismo inconsciente dos phytoclatas indigenas ou mercenarios, deturpadores da flora goyana.

Conclue-se á primeira vista que o esforçado organisadôr de nossa carta botanica reproduziu as considerações theoricas de Martins e de outros naturalistas de informação, v. g. E Goeldi que escreveu do sertão:

"Menos rico de pittorescos contrastes, de agradaveis sorprezas e attrahentes pontos de descanso para a vista é o aspecto geral da natureza do Sertão, do vasto planalto do Brasil Central: extensas áreas com a pouca ou nenhuma movimentação de nivel, cobertas de grammmineas rijas e palhentas, aqui baixas e parcamente revestindo a crosta terrestre, lá elevando-se á altura de embaraçar a orientação ao viajante a cavallo, alternando com ilhas de um matto ralo, baixo, de vegetaes arbustivos ou de meão tamanho.

Extranha impressão causam nos cerrados os galhos tortos, os troncos obliquos e curtos, as folhas por via de regra, grandes e coriacias, além da ramagem espinhenta ou lanuginosa das associações das caracteristicas formas vegetaes."

(*Livro do Centenario*, tomo primeiro).

Quasi no mesmo diapasão o Sr. Hermann von Inhering — outro que nunca transpoz as ribanceiras do Theaté — assim se expressa tratando do vasto Araxá e das terras adjacentes:

"Em contraste com a região Amazonica, o sertão sente falta de chuvas e vegetações. Suas terras estereis não se prestam senão á extracção de mineraes e á criação de gado."

Em contraposição a essas informações *á distancia*, deparamos no "Brasil em 1889" — obra que ainda respira a seriedade do antigo regimen — a descripção minuciosa da Zona Central, onde o distincto engenheiro Dr. André Rebouças poude apreciar *de visu* suas peculiaridades botanicas.

"As florestas da Zona Central se prendem ás de todo o Brasil, desde o Amazonas até o Paraná; suas arvores são as mesmas que encontramos nesses Estados.

Deve-se notar, porém que as madeiras do Brasil Central, do denominado sertão se distinguem pelo perfume e resistencia extraordinarias. Ha mesmo essencias vegetaes que não se encontram, em toda sua belleza, senão em Goyaz e Matto-Grosso."

Considerando o complexo da vegetação maxima na grande área Brasileira C. F. von Martius, que nunca foi a Goyaz, dividiu-a em facies particularistas segundo as regiões.

Nada mais descabido ou falho de senso, sendo de notar que no Brasil interior, vivem e se desenvolvem desde as Napéas gaúchas até as tão decantadas peculiaridades, endeosadas com o pomposo denominativo de Hylae.

As Nayades e Dryades bordejam as ubertosas terras de seus rios e affluentes notadamente o Paranahyba, o Araguaya, Corumbá, S. Bartholomeu, Rio das Almas, o Tocantins, Rio Verde, S. Marcos; as Hamadryades abundam no planalto goyano.

Restará um pequeno departamento botanico para a peculiaridade—Oreades—que o naturalista bavaro reservou ás entortilhadas arvores dos cerrados baixos.

De todas as suas mattas, porém, a que fere á primeira vista o objectivo das indagações é a denominada Matto-Grosso — verdadeira Hylae goyana.

"O nome de Matto-Grosso foi dado pelos aventureiros de Cuyabá aos sertões no cameço chamado dos Perecis, no nome da nação que por ahi habitava; sertões cobertos de espessa mataria que vinha do N. E., desde Goyaz, em rumo S. O., beirando as escarpas do grande Araxá, sombreando os innumeros rios e regatos que nelles têm origem."

(*Viagem ao Redor do Brasil*, João Severiano da Fonseca).

Demos a palavra a Weddell, notavel botanico da expedição Castelnau:

"Penetramos na grande floresta que precede Goyaz, de que nos fallavam ha muito, sob o nome de Matto-Grosso, quasi impraticavel por causa de suas pessimas picadas, de que fizemos uma idéa approximada naquella noite.

Tudo conspirava contra nós, menos os relampagos, unico elemento que nos era favoravel. Effectivamente debaixo de terrivel tempestade, em uma floresta mais sombria do que a mais escura das furnas, e em um terreno extremamente accidentado e crivada de buracos, a luz do relampago nos dava facilidade para avançar, ainda que esbarrando a cada passo. Abandonei a direcção do caminho aos instinctos de minha mula que então enxergava mais do que eu e que seguia a passo o cavallo do Sr. D'Osery que, ia a pé diante da pequena caravana, fazendo-se de guia. Teriamos vencido uma legua e meia quando a presença de alguns animaes nos fez pensar na visinhança de alguma habitação; e uma luz diffusa que viamos através das arvores, que a principio haviamos tomado por simples reflexo, nos conduziu deante de uma miseravel habitação de negros (Quilombo) que nos pareceu então um palacio."

Continúa o proprio Conde de Castelnau:

"Reencetámos o caminho através da matta, no dia seguinte, ás 6 horas da manhã; o caminho era peior que o da vespera.

A cada instante eramos detidos por enormes pantanos nos quaes os animaes se atolavam até as curvas.

Ao pôr do sol levantamos nossas barracas em uma linda situação topographica, ao lado da casinha de samambaia.

A 23 continuamos a percorrer a interminavel matta.

A 24 caminhamos ainda tres leguas através da floresta que desdobrava uma magnificente vegetação, fazendo-se notar pela bizerria de suas *lianas* fantasticas.

A 25 sahimos emfim da matta, percorrendo ainda quatro leguas e meia."

(*Expediction aux parties centrales de l'Amerique du Sud*).

Ernesto Ule e Dr. Antonio Pimentel, aquelle botanico da Commissão Cruls e este medico hygienista, percorreram uma faixa desta floresta, entre Perynopolis e Goyaz, avaliando-a em 100 kilometros de extensão.

(Vide Relatorio do Planalto—1893).

Fixando suas observações pessoaes e determinando a topographia das grandes mattas virgens do sertão, está para se lêr no *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*, de Cunha Mattos.

"As margens dos rios têm grandes mattas: o Corumbá, o Paranahyba, o S. Bartholomeu, o rio das Almas, e em geral uma zona, ou tira de terra comprehendida entre 14° e 21° l. sul, esteve coberta de espesso arvoredo, que tem sido em grande parte derrubado para se fazerem plantações de milho, de que ordinariamente se sustenta o povo de todas as classes, com que se cria um sem numero de porcos, principal riqueza dos habitantes. A falta de policia a respeito de derrubadas das mattas, e ainda mais a respeito da queimada dos campos, tem de tal forma estragado as terras da comarca,

que antigamente eram um continuo bosque, que dentro de poucos annos será necessario lançar mão (já se devera de ha muito ter lançado) de um novo systema de Agricultura."

José de Alencar — talvez nosso maior nacionalista—descreveu em um livro que ficou inedicto — "A Neta do Anhanguéra" —e naquelle seu estylo bizarro e fluente, o explendor desta floresta, conhecida tradiccionalmente:

"A magestosa floresta secular que outr'ora cobria o interior do Brasil recebeu dos primitivos e verdes povoadores o nome de Matto-Grosso. Como a verde arassoia que ornava o talhe robusto do guerreiro indio, a grande matta virgem cingia a ilharga do vasto imperio americano, correndo de norte a sul por centenas de leguas. Em seu prolongamento encontrava a antiga selva com a serra do Gongé e a submergia nos crostaes profundos de sua espessa folhagem, onde jamais penetraram os raios do sol."

Fossem necessarias mais documentações para rehabilitar a rica flora sertaneja, ainda teriamos á mão os ensaios de Ernesto Ule, Giazion, A. Pimentel. Janes Wells, etc.

Não será isto sufficiente para firmar a declarada insufficiencia dos informes sertanistas ministrados pela carta phytologica do Dr. Gonzaga de Campos e as descabidas emphases de certo creador de uma *flora anã* sertaneja, da cathedra das conferencias da Bibliotheca Nacional.

AMERICANO BRAZIL.

AS MIL E UMA NOITES DO SERTÃO

Seus pró-homens

Já é tempo de darmos a sua categoria hierarchica na série e seu papel na época em que vieram, aos grandes vultos de bandeirantes nossos que principalmente e mais fundo penetraram, picando, devastando, desbravando o coração do alto Brasil, quando outros, com exagero de gloria em nossos dias, então pouco se distanciavam da linha de contorno o littoral, arranhado as immediações das praias como carangueijos, na bem conhecida mas sempre suggestiva e pintoresca phrase de Frei Vicente Salvador.

Imbuidos da leitura dos nossos sediços chronistas coloniaes, mais em destaque, de mais facil acquisição, quasi todos os ensaistas, historiadores, philosophos e poetas contemporaneos se fizeram ou fazem pregoeiros de insignificantes interprezas sertanistas que nem de longe se pódem comparar, quanto mais igualarem ou excederem em audacia e grandeza, ás de esquecidos ou desdenhados sertanistas que linhas adiante, com justiça envidaremos tirar de um como que systematico ostracismo historico, neste momento precisamente de tão pronunciada tendencia para o estudo das nossas cousas nacionalistas, dos páramos do interior, particularmente.

Goyaz e Mato-Grosso possuem terras que precisam ser novamente descobertas — e antes que isto succeda, não esqueçamos, por justiçá e gratidão, os nomes dos seus primeiros desbravadores.

E' justo, é preciso destacar hieraticamente as figuras legendarias dos primeiros descobridores, melhor dito, restaurar o culto a um genero de herões que floresceram nos primeiros dias de expansão da nacionalidade brasileira, dando-nos o espectaculo dessa epopéa que nos enche de assombro: a descoberta dos sertões do interior — Goyaz e Mato-Grosso.

Não menos injusto é dar-se a uns exageros de gloria que outros maiores, desconheceram nos annaes da historia.

As decantadas façanhas de Pero Lopes, Adorno, F. Chaves e mais outros ;que apenas penetraram poucas leguas dos sertões proximos á costa, e só por isso ficaram famanazes nas chronicas da época, carecem de importancia, comparada ás de uma dezena de bandeirantes paulistanos, como, por exemplo, Antonio Pires de Campos, Antonio Pedroso de Alvarenga, Manuel Corrêa, Paschoal Paes, Amaro Leite, para não fallar dos dous *Anhanguéras*, pae e filho que, como se sabe, foram dos mais antigos sertanistas de Goyaz.

Sob o ponto de vista da civilisação, como do economico, a entrada de Fernão Dias Paes Leme em busca das Esmeraldas ao norte de Minas-Geraes, resulta menos importante do que qualquer uma das emprehendidas pelos sertanistas, cujos nomes tão olvidados, alludimos acima.

No emtanto, o nome do "Caçador de Esmeraldas", que aliás não desmerecemos, por justiça e equidade, ahi está consagrado como typo masculo de bandeirante paulista, chegou ao apogêo da gloria — foi decantado em magnificos alexandrinos na lyra inspirada de ardor patriotico de um dos nossos maiores poetas contemporaneos.

Chronologicamente os sertões de Goyaz e Mato-Grosso foram devassados antes dos de Minas-Geraes — e este asserto aqui segue escripto por um historiador de incontestavel merito e reconhecido sabedor das cousas antigas do Brasil Central:

"Posto inverosimil, certissimo é que as terras de Mato-Grosso e Goyaz foram conhecidas muitos annos antes que esta nossa, em que se erigio mais tarde a Capitania das Minas-Geraes.

Em communicações francas desde o principio do seculo 17° já Buenos Aires commerciava com o Perú; e as casas ricas de São Paulo ornavam-se de cópas de prata assim como as capellas de alfaias importadas de Potosi.

Os paulistas, pois, suppondo com razão que taes minerios deveriam existir nas regiões limitrophes do velho Imperio dos Incas, cujo acervo de metaes preciosos foi o que mais rico se achou neste mundo, deitaram para lá suas esperanças, e abriram caminho até aos mais remotos confins da terra devoluta, da qual não retrocederam, senão á forças de ameaças, tendentes á se não turbar a posse do Rei de Castella e de não se provocar com isto a guerra entre vizinhos, já tão indispostos por outros motivos.

Por outras razões, os aventureiros que andavam á busca de Indios, não mediam distancias, e não paravam diante de obstaculos; pelo que, paizes remotos, ficaram conhecidos bem antes que outros mais approximados."

(Diogo de Vasconcellos—*Historia Antiga de Minas-Geraes*).

Estas primeiras jornadas para o nosso *Far-West*, devemol-as e a ninguem é licito ignorar, aos heroicos filhos dos Campos de Piratininga — os pró-homens do sertão — pertence ao genio paulista, que no dizer de Sylvio Romero é o filho mais velho da civilização e da organização brasileira, adiantou-se mais de um seculo ao Brasil inteiro.

"O rythmo da civilização nacional — accrescenta o notavel publicista — é avançar para o oéste e dominar o grande corpo do paiz.

S. Paulo antecedeu a todos nessa direcção: foi o primeiro que pizou o sertão e delle se apoderou.

Nesse oéste maravilhoso, onde estão as terras roxas, que lhe dão a riqueza, elle plantou tenda antes dos mais.

Chegou até a funccionar como agente, descobridor, como devassador de terras, dando-as a outros, terras que vieram desenvolver — Minas Geraes, Goyaz e Mato-Grosso".

Entre os archi-bandeirantes paulistas, um ha para o qual os nossos ensaistas recentes não lhe fizeram ainda a mais ligeira menção ás innumeras proezas praticadas nos sertões bravios de Goyaz e Mato-Grosso.

Referimo-nos ao Capitão-mór de bandeira, Antonio Pires de Campos, que ainda menino acompanhava já uma bandeira aos Martyrios de Araés, em companhia de seu pai, que o levava para o industriar e habilital-o ás rudezas do sertão, onde com o seu companheiro da meninice Bartholomeu Bueno, o *Anhanguéra*, de 12 annos de idade brincava jogando dados, cujos tentos vermelhos eram pedacinhos de ouro, que colhiam nas areias do Rio das Mortes, entre os mais bem figurados...

HENRIQUE SILVA.

Notas geographicas

Discute-se sobre saber-se, si o Araguaya é um rio autonomo ou simples affluente do Amazonas, do qual um das braços vem se juntar áquelle antes de se lançar no mar. Quando se examina um mappa, nota-se não ser o Araguaya que se vai juntar ao grande rio, mas um braço deste que soffre um desvio e vem desaguar no Araguaya.

E' cabivel aqui uma observação. Perde o Araguaya o nome depois da sua juncção com o Tocantins, em S. João a 70 leguas acima de Belém, dahi para baixo segue o rio com o nome de Tocantins até receber o rio Guajará, perdendo o Tocantins por sua vez o nome dahi por diante, por continuar o de Guajará, passando por Belém até entrar no Oceano.

E' realmente interessante como o Tocantins, a umas oito leguas antes de Belém, estende um braço para traz, contra-corrente, e ao receber o rio Uanapú, e outros rios, com volume de agua menor do que quando se separa do tronco.

E' necessariamente dessa anomalia que nasce a duvida para quem consulta um mappa: se o Tocantins é o tributario ou o tributado do Amazonas.

A mais de um commandante de vapores da Companhia do Amazonas ouvi: — que sahindo de Belém, pelo itinerario da Companhia, subiam o Tocantins até esse braço, pelo qual entravam, e dahi por diante sempre descendo até entrarem no Amazonas, que era então navegado de subida.

A simples inspecção, pois, de um mappa qualquer, sem a precisa indicação da corrente, induz naturalmente á duvida a que se refere no seu livro o Rev. Padre Gallais — *Uma catechese no Araguaya.*

OCTAVIANO ESSELIN.

Os municipios do Estado de Goyaz

Suas producções, suas exportações

CATALÃO

Este populoso e prospero municipio do sul do Estado cultiva café, canna de assucar, fumo, milho, mandioca, arroz, vinhas; e fabrica vinho, aguardente, farinhas de milho e mandioca, queijos, manteiga, banha e xarque.

Possue xarqueadas, engenhos de beneficiar arroz e uma colonia de 30 familias portuguezas que se dedicam de preferencia á cultura da vinha e do cafeeiro, cuja colheita excede de 2.000 arrobas.

A população do municipio é de 40 mil habitantes. A sua producção em 1902 foi assim calculada: milho 1 milhão de alqueires, batatas 200 alqueires, carás 200 alqueires, amendoins 500 alqueires, toucinho 10 mil arrobas, café 3 mil arrobas, porcos exportados para Minas Geraes 3 mil cabeças e bois 3 mil cabeças.

Os seus principaes centros importadores de cereaes e outros productos são Araguary e S. Pedro de Uberabinha em Minas Geraes; para o Estado de S. Paulo exporta banha, toucinho, manteiga e xarque, este destinado ao porto de Santos.

A sua exportação augmentou, porém, extraordinariamente depois que recebeu os beneficios da Estrada de Ferro de Goyaz, que o põe em communicação com o Triangulo Mineiro, S. Paulo e Rio. Breve ficará ligado directamente ao porto de Angra dos Reis pela linha tronco da Goyaz e pela Oeste de Minas.

A cidade de Catalão está a 826 m. acima do nivel do mar e distante da capitol 420 kilometros.

RIO VERDE

Este municipio possue uma população de pouco mais de 25.000 habitantes destribuidos numa superficie de 1.000 leguas quadradas, approximadamente.

A riqueza das suas pastagens nativas, onde se criam os melhores vaccuns e cavallares do Estado, só têm rival nas das suas ricas mattas de madeiras de construcção e marcenaria, entre as quaes merecem especial menção o pau carvalho de um lindo chamalotado sobre fundo de ouro velho; é tambem abundante nellas o bellissimo pau marfim.

No municipio de Rio Verde e tambem no de Jatahy, as mattas marginaes do Paranahyba se alargam ás vezes em distancias maiores de 180 kilometros. Produz e exporta milho, arroz, feijão, farinhas de milho e de mandioca, assucar, toucinho, gados vaccum e cavallar, que têm como centros importadores Minas, S. Paulo e Matto-Grosso. A media da exportação de vaccuns é de 20 mil cabeças.

A colheita do café foi em 1912, de 4.000 arrobas. Existem no municipio 6 criadores de primeira classe, 5 de segunda, 37 de terceira, 116 de quarta e 386 de quinta classe, tributados pelo Camara Municipal — sendo ao todo 550 criadores com um rebanho superior a 200.000 cabeças e 60.000 suinos, calculo minimo. Existem 202 engenhos e engenhócas de canna de assucar. A cidade de Rio Verde dista da Capital 360 kilometros e seu commercio com as praças de Uberaba, Uberabinha e outras cidades do Triangulo Mineiro é assás desenvolvido.

JATAHY

Este rico municipio cria gado bovino, suino e equino em larga escala. Sua área geographica é de cerca de 1.500 leguas quadradas, com uma população maior de 22.000 habitantes. Conta 294 criadores e uma população bovina de 400.000 cabeças; os suinos excedem de 40.000 cabeças.

Entre as culturas destacam-se as de café, canna de assucar, arroz, milho, feijão, batatas doce e ingleza; vinha e mandioca. A colheita de café foi em 1910 de 35.000 arrobas e em 1911 de 40.000 arrobas. O municipio possue enormes mattas virgens, principalmente ás margens do Parnahyba, das quaes se derrubam annualmente cerca de 170 alqueires para o plantio de cereaes e capins Jaraguá e Gordura roxo. Existem duzentos e tantos engenhos de canna de assucar e uma fabrica de vinhos. Os mercados consumidores da sua producção ficam em Minas e Matto-Grosso, que lhe são limitophes. Entre outras grandes mattas do municipio conta-se a conhecida pelo nome de Matta do Cafésal, onde não só esta planta como tambem a vinha vigem e crescem admiravelmente, dando excellentes colheitas. A séde da municipio dista 432 kilometros da capital.

BOA VISTA DO TOCANTINS

A séde deste municipio do extremo norte do Estado dista 1.797 kilometros da Capital.

Culturas: — canna de assucar, mandioca, milho, arroz, cará e outros productos vegetaes.

Em 1909 a colheita de cereaes foi de 1.040.000 litros e em 1910, de 1.300.000 litros, sendo a colheita do café calculada em 100 arrobas, mais ou menos. Os centros importadores são: Marobá e Belém no Estado do Pará e Carolina e Imperatriz do Estado do Maranhão. Entre os artigos de exportação figuram principalmente cereaes, carnes, toucinho, pelles, couros, gado bovino e borrachas de mangabeira, de caucho e de maniçoba. A cultura do café e do cacáo já vai tomando incremento. Ha no municipio grande quantidade de arvores fructiferas sylvestres peculiares á região norte do Brasil, como por exemplo o castanheiro chamado do Pará ou do Maranhão (*Bertholetia excelsa*), o cacáozeiro (*Theobroma sylvestris*), o bacury, a papunha, a sapucaya, a bacaba e outros vegetaes da flora amazonense.

O cravo sylvestre é tambem um producto de exportação do municipio.

A cidade de Boa-Vista está situada á margem do caudaloso Tocantins, sobre uma eminencia que domina o grande rio.

(*Continúa*).

O grande diamante do Rio Verissimo

Os terrenos diamantiferos do Alto-Paraná e os vizinhos do rio Abaeté do lado opposto do divisor de aguas do Paraná e S. Francisco, são os unicos no Brasil onde têm sido encontrados diamantes de peso superior a 100 quilates. Nos antigos terrenos de Diamantina, que têm sido explorados continuamente, desde 1728, uma pedra de uma "oitava" (uma oitava de onça, a unidade portugueza mais frequentemente usada para metaes e pedras preciosas) era considerada de tamanha raridade que nos tempos da escravidão se deu carta de liberdade ao escravo que tivesse achado uma tal pedra. Apparentemente, só algumas dezenas ou talvez umas poucas centenas dessas pedras eram achadas nesses terrenos, e as do peso de 50 a 100 quilates poderão ser contadas nos dedos das mãos.

O mesmo é o caso dos terrenos productivos da Bahia, onde, entretanto, appareceram diamantes pretos, ou carbonados, de centenas e mesmo milhares de quilates (o maior conhecido, pesou 3.148 quilates ou, approximadamente, 120 quilates mais do que o famoso diamante de Culliman).

Segundo informação fidedigna, o maior diamante que se tem achado no Brasil foi destruido em 1906 pelo estupido malhar na bigorna, em prova de dureza. Foi achado no rio Verissimo, districto do sul de Goyaz, adjacente ao districto da Bagagem, e contam que tinha o tamanho e forma de uma commum caixa de phosphoro, isto é, de um parallelepipedo de 60×36×16 millimetros.

Sobre esta base o seu peso era calculado em mais de 600 kilates, ou cerca de 2 a 3 vezes mais do da Estrella do Sul.

Um pouco de pó e fragmentos que uma das partes interessadas tinha salvado com o seu quinhão foram-me mostrados em um estabelecimento de lapidação do local, que se tem dado ao trabalho de colher informações a respeito. O lote comprado tinha um peso superior a 100 quilates, e do fragmento maior foi cortada uma pedra de 8 quilates.

ORVILLE DERBY.

O rio Verissimo, que nasce na Serra dos Crystaes, é um dos affluentes da margem direita do Paranahyba, onde ultimamente foi encontrado um grande e lindissimo diamante roseo, que foi vendido por 80 contos de réis.

N. R.

RIO ARAGUAYA

O Brasil possue arterias fluviaes numerosissimas e de primeira ordem. Arterias e veias correm pelo corpo colossal deste gigante da natureza cujos pés banha o Oceano Atlantico e a cabeça scintilla sob os raios de luz e calor do sol equatorial, e por toda a parte diffundem-lhe vida e fecundidade.

São os rios caudalosos e os mil ribeirões seus affluentes com que a mão creadora de Deus fadou esta terra privilegiada, depositando em suas aguas e margens innumeras riquezas mineraes, vegetaes e animaes, e nos quaes póde a industria contemporanea abrir tão faceis quão rapidas vias de communicação.

Entre esses rios, especial menção merece o "Araguaya" ou "Araguay" ou "Berocan" como lhe chammam os Carajás indigenas que moram em suas praias.

Nasce o rio Araguaya sob o 18° de latitude meridional e o 10° de longitude — meridiano do Rio de Janeiro, ao pé dos ultimos contrafortes da Serra das Vertentes, e escôa-se para o Oceano Atlantico, do Sul ao Norte, com leve inclinação para E'ste. Este transpõe tres gráos de latitude, isto é, uma distancia de quasi 400 kilometros, contando 20 leguas de 6.600 metros por grão, sob o nome de Rio Grande, recebendo de ambos os lados numerosos affluentes entre os quaes: pela margem direita, o Cayapósinho e o Rio Claro, e pela esquerda, o rio Cayapó e o das Garças, sem falarmos em outros de somenos importancia.

Rico do tributo de seus vassalos, chega o Rio Grande a poucos minutos de 15° de latitude, onde recebe, pela margem direita as aguas do rio Vermelho descendo da Serra de Ouro Fino, nas cercanias da antiga Villa Boa, de Anhanguera, hoje capital do Estado de Goyaz.

Desde a foz deste notavel affluente, o nosso rio toma o nome de Araguaya, conservando-o até a sua juncção com o rio Tocantins, em S. João das duas Barras, sob o 5° de latitude sul. O percurso do Araguaya entre este ultimo ponto e o povoado de Santa Leopoldina, pouco abaixo da foz do rio Vermelho, é de 1.300 kilometros, ou 10° de latitude consoante á computação acima indicada.

Neste percurso, ha uma particularidade notavel. Chegando ao grão 13° depois de ter recebido, pela margem direita, as aguas tributarias dos rios Peixe e Crixás, o Araguaya divide-se em dous immensos braços que vão se apartando até uma distancia de 40 leguas, confluindo depois, para de novo juntarem-se a 80 leguas do ponto de separação.

Formam estes dous braços a maior ilha fluvial do mundo, a qual fôra chamada ilha do Bananal ou tambem de Sant'Anna, porque a primeira missa que nelle celebrou um missionario, Frei Francisco da Victoria, foi no dia consagrado pela Liturgia Catholica á excelsa Mãe da Virgem Maria, a 26 de Julho.

Nesta Ilha de Sant'Anna não ha morador civilisado algum, mas apenas Indios Javahés, ainda inteiramente selvagens. No emtanto, o interior da Ilha que mede approximadamente a area de Portugal inteiro, offerece optimas terras de cultura, mattas virgens, lagos, riachos e campinas extensissimas.

Da ponta septentrional da Ilha de Sant'Anna, o Araguaya continúa volvendo as suas magestosas ondas, do 9° de latitude até o 5°, onde as confunde com o Tocantins, levando-as ambos, o rio e o vassalo, ou antes as dous rios rivaes, eguaes em magestade, ao Oceano Atlantico, além da cidade de S. Maria de Belém, capital do Pará.

Sob qualquer ponto de vista que se encare, o rio Araguaya é verdadeiramente um rio de primeira ordem. Francamente navegavel n'um percurso de centenas de kilometros em todo o tempo do anno, e no inverno, desde Itacaiú, 40 leguas acima de Santa Leopoldina até a sua foz no Tocantins, apezar das grandes cachoeiras não longe de S. Vicente, o Araguaya é uma via estrategica natural de primeira ordem. Para mobilisação de tropas militares do Sul ao Norte do Brasil, não ha outra estrada egual; é, pode-se dizer, a unica, e é simplesmente lastimoso que os nossos governos não a tenham até agora utilisado, para a prosperidade e segurança futura do Brasil, este meio de communicação e defesa patria tão facil quão vantajoso.

Da sua belleza encantadora, que é que diremos senão que o Araguaya póde rivalizar com os rios mais formosos do mundo inteiro ?

Si ha no mundo um rio formoso, diremos com Escragnolle Taunay fallando no Aquidauana de Matto-Grosso, e com mais razão, certamente é o rio Araguaya. Quem o contempla, como nós o contemplámos tantas vezes, volvendo com uma magestade regia as suas aguas, ora placidas como um lago tranquillo, ora agitadas e convulsionadas como verdadeiramente massas oceanicas, por mil meandros ao longo de praias extensas e lindissimas, de arêas alvissimas como as arêas do mar, ou de ilhas verdejantes e perfumadas, afagando as suas ribas sombreadas por magnificas florestas virgens, orladas de altos e esbeltos juncos ou de ondulantes e delicada relva; aqui

«Ce fut un peu avant cinq heures du soir que nous débouchames dans le noble Araguaya...

La masse des eaux qui nous entouraient, la plage de sable sur laquelle nous reposions, auraient pu faire supposer que nous avions atteint le rivage de l'Ocean, et les animaux qui pullulaint autour de nous rendaint l'illusion plus parfait encore : la plupart d'entre eux en effet appartiement á des genres exclusivement marins : tel sont les Dauphins, tel sont encore les Mauettes, les Cormorans, les Bec-en-ciseaux, les Gaivotas et les Engaulevants».

CONDE F. DE CASTELNAU.

Araguaya (ao luar)

abundantes fontes de chlorureto de sodio nas quasi completamente inaproveitadas salinas de S. José; ali, madeiras raras e preciosissimas perdidas naquellas indescriptiveis selvas; mais longe, campinas virentes onde pastam manadas de veados e que parecem chamar e esperar as do nosso gado domestico e outros ruminantes aos quaes offerecerão alimentação mais substanciosa; á direita e á esquerda, terrenos admiravelmente aptos á cultura de tudo o que lavradores laboriosos guiados por intelligencias esclarecidas quizerem extrahir de um solo uberrimo, no seio das aguas, abundancia espantosa de peixes de especies variadissimas; nas praias do rio, nas beiras de seus lagos, nas suas virentes ilhas, um sem numero de aves aquaticas a esvoaçar ou a olhar como que attonitas: as graciosas garças e os roseos colhereiros, os melancholicos jaburús e as ruidosas gaivotas, os mergulhões, os avestruzes, os patos, as marrecas, milhares, emfim, de bipedes e palmipedes de todos os matizes; quem contempla, dizemos nós, essas bellezas creadas, vestigios vivos da Belleza infinita do Creador que as semeiou ás mãos cheias naquellas paragens solitarias, sente o hymno de louvor dos Psalmistas real subil-lhe do imo peito aos labios:

Senhor, Senhor, o vosso nome é adoravel no céo, na terra e nas aguas! admiraveis são as obras de vossa mão creadôra!

Entretanto, esse mundo de encantadoras bellezas, de gallas e riquezas naturaes é um verdadeiro ermo, o ermo com sua silenciosa e melancholica magestade.

O Araguaya é deserto, e do deserto elle tem as vantagens e os incommodos, as fagueiras e desagradaveis surprezas, os encantos e as desillusões, os sorrisos e as tristezas.

FREI JACINTHO LACOMME.

«De todos os grandes rios que tenho visto, nenhum, offerece nem de longe a magestade do Araguaya... Ha na grandeza destas aguas uma calma tão serena, como aquella que se observa no Oceano visto ao longe».

GENERAL COUTO DE MAGALHÃES.

Uma das peculiaridades do grande rio na existencia, nos seus lagos marginaes, de conchiferos que produzem lindas perolas. Entre ellas algumas apparecem de alto valor, como por exemplo a que nos tempos coloniaes mandaram para a metropole portugueza, a qual no dizer de uma chronista da épocha — "era bellissima e do tamanho de uma avelã". Ultimamente, segundo Heuri Coudrau têm-se extrahido algumas no Igarapé da Ilha do Bananal, que são vendidas por bom preço no Pará.

N. R.

O clima do planalto de Goyaz

Relativamente ao paludismo, escrevi no *Relatorio* de 1893 o seguinte:

A infecção palustre, que na opinião de todos os medicos é a nota caracteristica da pathologia interpropical, é excepcionalmente rara em toda a vasta região do planalto central, onde se demarcou a area da futura capital, é o que constitue a raridade póde desapparecer em curto lapso de tempo dependendo isto simplesmente de pequenos trabalhos de correcção dos cursos de alguns ribeirões, de saneamento de alguns rios e deseccamento de alguns brejos.

.. ..

Em toda a area demarcada. só ha um logar, esse mesmo muito pequeno em que observei *pantano*. Foi perto da villa de Mestre d'Armas, ao rumo dos morros do Catingueiro, na planicie humida que acompanha as sinuosidades do ribeirão do mesmo nome, e onde se havia installado, por occasião da minha passagem mais ou menos, o novo cemiterio, contra tudo o que a sciencia e o senso commum indicam, sendo de notar que o minusculo pantano promptamente desapparecerá desde que o curso do ribeirão fôr livre, e desembaraçado o leito dos innumeros troncos e raizes de arvores que o atracavam em todos os sentidos.

Entretanto, em Mestre d'Armas nada se conhece de paludismo, e o aspecto da populção, na sua quasi totalidade mui pobre, é indicativo de boa saude.

O começo do Vão do Paranan, onde se determinou o vertice nordéste da area marcada para a futura capital federal, é saudavel como a Commissão teve ensejo de verificar.

Mas, por pouco que o caudal do rio Paranan se avolume, o paludismo vae apparecendo, como em todos os grandes rios, em todos os "vãos" onde ha lentidão na expedição natural das aguas, em todos os logares em que as aguas costumam estagnar-se.

A tuberculose é desconhecida nos sertões goyanos.

Os dous doentes que encontrei na Formosa eram ambos de fóra, e haviam procurado essa cidade pela fama, justamente merecida, da excellencia do seu clima: uma moça mineira, que anteriormente havia exercido o officio de cigarreira, e um moço vindo de S. Paulo por Araxá.

A. M. DE AZEVEDO PIMENTEL.

A MALACACHETA DE GOYAZ

Entre os minerios actualmente mais utilisados pelas industrias modernas conta-se a *mica* ou *malacacheta*, cujo preço é altamente remunerador nos Estados Unidos — ou sejam 250 a 300 contos de réis a tonelada.

Da sua existencia em Goyaz assim dizia um chronista dos tempos coloniaes: — "Malacacheta, mais limpas e maiores que as de Veneza e de Allemanha, que já foram pedidas para as lanternas das náos, e que supprem a falta do vidro para as janellas, as ha em o districto de Trahiras: e já vi sobre ellas applicado o aço e formado um espelho, que tinha a vantagem de se não quebrar."

Catalogando os productos goyanos destinados á Exposição Universal de Philadelphia em 1875, escrevia Escragnolle Taunay:

"*Laminas de mica.* — As expostas mereceram o applauso dos que as observaram mais attentamente. Eram brancas e de côres, largas, perfeitamente transparentes, muito finas e com superficie lisa e brilhante. De aspecto metalloide, têm estes mineraes uma composição muito complicada, em que entram como constantes a silica e alumina, variando a potassa, ferro e magnesia e mais outras substancias. Apresentam-se commummente debaixo de duas fórmas, ou lamellifero pulverulento, ou foliaceo, podendo neste caso destacar laminas delgadissimas e de muitos metros de extensão. Têm tambem o nome de *vidros de Moscovia* por serem empregados na Russia, vindos da Siberia, nas vidraças de casas e mais particularmente de vasos de guerra, pois, pela elasticidade que lhes é propria, resistem á grande pressão do ar atmospherico por occasião das seguidas descargas de artilharia.

Jazida de malacacheta, em Anicuns

A industria utilisa-se da *mica* para diversos fins; entretanto não tirou ainda todo o proveito desejavel dessa bella substancia, tão flexivel e transparente, inalteravel ao fogo e á agua e sobremaneira malleavel, sem perder nunca tenacidade.

Em S. José do Tocantins e Trahiras extrahem-se grandes folhas de *mica* ou *malacacheta*. Na cidade de Bomfim todas as casas têm dessas vidraças; na capital as ha nas divisões interiores. O preço foi durante muito tempo de 280 réis por 15 vidros de seis pollegadas de lado."

Trecho da Serra Laurada

Actualmente a mica está sendo explorada em Anicuns e outras localidades goyanas, que a produzem de optima qualidade.

Na Argentina, onde desde 1900 foi iniciada a exploração da mica, as maiores laminas ou chapas encontradas não attingem a mais de 285 cm. quadrados e são de qualidade inferior, reconhecidamente.

Uma das nossas photographias mostra uma pedreira onde apparecem ricos filões de mica, no districto de Anicuns; e outra photographia representa uma vista parcial da Serra Dourada — nome que lhe deram os bandeirantes, porque quando batida nas suas arestas pelos raios do sol, toda ella brilhava como se fôra immenso bloco de ouro nativo: eram, porém, foliaceos de mica, que assim luziam nos alcantis da serra longinqua, que se esbatia nas linhas afastadas dos horizontes...

O ouro de Goyaz

"A riqueza nimeralogica da provincia de Goyaz não é assumpto para ser tratado perfunctoriamente. Esta provincia contém em seu seio um tratado completo de mineralogia, e tão prodiga é a sua riqueza que bem se póde dizer uma vasta mina de ouro, de pedras e metaes preciosos. No leito dos rios, nos campos, nas mattas, nas montanhas e nos valles, por toda a parte onde o viajante dirige os passos, encontra na superficie da terra os vestigios da prodiga riqueza que ella contém em seu seio".

(J. M. Pereira de Alencastre.—*Relatorio apresentado á Assembléa Provincial de Goyaz*, 1862.)

"De todo o Brasil é a provincia de Goyaz uma das mais ricas em ouro. Suas montanhas não foram ainda excavadas; quando muito em alguns logares arranhou-se-lhes tão sómente a superficie."

(Eschwege.—*Pluto Brasiliensis.*)

"Por toda a parte, com effeito, contém ouro o solo de Goyaz.

Na antiga comarca do Sul, todos os arraiaes lhe deveram a fundação, e mais tarde os do Norte, onde tambem é espalhado com extraordinaria profusão. A principio, tirado ás arrobas das tenues camadas exteriores, escasseou rapidamente, obrigando a grandes trabalhos, por estar em pontos, por demais aridos ou exageradamente fartos d'agua, etc.

Entretanto, é fóra de duvida que nas entranhas da terra jazem ainda occultos verdadeiros thesouros de Aladino. Em Anicuns, a 13 1|2 leguas S. E. da capital, as pedreiras descobertas só no anno de 1809 em pouco tempo produziram 200.000 cruzados (Memorias Goyanas) de ouro de 18 kilates.

Riquissimos foram S. José de Tocantins e sobretudo Agua

Quente, onde chegaram a trabalhar nas minas 16.000 escravos, e se acharam folhetos do peso, uma de quasi arroba e meia, outras de seis a dez libras e muitas de trinta oitavas, e que assenta e curta distancia do grande confluente do Tocantins, o rio Maranhão, cujas aguas rolam ouro a rôdo.

Com effeito, a meia legua do arraial, no logar chamado *Machadinho*, o desviaram uma occasião do curso natural o que chamam *virar*, por meio de um dique ou açude que poucas horas pôde durar, e assim mesmo o trabalho ficou compensado, pois a quantidade de metal recolhido nas arêas do alveo foi computada em 900 oitavas.

Riquissimos foram o arraial de Cocal, o qual teve 17.000 escravos e 1.400 livres em constante serviço; o de Natividade, em cujas cercanias contavam-se para mais de 40.000 captivos; o de S. Felix, com suas valiosas minas de Carlos Marinho; o de Cajázeiras e o de Arrayas, que dava o ouro chamado *pôdre*, em razão da côr parda que tinha. Alli, de uma só bateada tiraram-se de uma só vez 60 oitavas, e numa unica noite certos ladrões conseguiram de um veeiro extrahir tres arrobas."

E. TAUNAY.

No districto de Amaro Leite foi encontrada uma folheta de ouro pesando 90 marcos. Mas nenhuma folheta de ouro ainda se encontrou no mundo inteiro de peso egual nem maior do que aquella acima alludida, que pesava 43 linhas. A maior pepita, depois desta, foi uma encontrada nas Antilhas — mas pesava muito menos — 16 libras. Não só em peso como tambem em toque, o ouro de Goyaz ha batido o *record* no mundo.

As exportações de Goyaz para os Estados

Apezar de reconhecidas difficuldades de transportes e da distancia enorme de certos mercados consumidores, Goyaz exporta seus productos para os seguintes Estados: Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia, Minas Geraes, S. Paulo e Matto-Grosso.

Eis aqui as especies de mercadorias que o grande Estado central exporta para os que lhe são limitrophes.

PARA O ESTADO DO PARA'

Gado vaccum, cereaes, aguardente, assucar, rapadura, carnes, toucinho, pelles, couros, café cacáo, castanha, borracha de caucho, galhadas de cervo, aves sylvestres, artefactos indigenas, cães de caça e até gallinhas.

PARA O ESTADO DO MARANHÃO

Cereaes, borrachas de mangabeira, de caucho e de maniçoba, cravo sylvestre, etc.

PARA O ESTADO DO PIAUHY

Gado vacum e borrachas de mangabeira e maniçoba.

PARA O ESTADO DA BAHIA

Gado vaccum, cereaes, couros, toucinho, borrachas de mangabeira e maniçoba.

PARA O ESTADO DE MATTO-GROSSO

Cavallares, muares, marmellada, fumo, aguardente e cereaes.

PARA OS ESTADOS DE MINAS E S. PAULO

Gado vaccum, suino, cavallar, arroz, fumo, couros, pelles, toucinho, borracha de mangabeira, marmellada, manteiga, milho feijão, assucar, xarque, banha, crystal de rocha, ouro e pedras preciosas.

Pelo ramal de Araguary, que põe a Estrada de Ferro de Goyaz em contacto com a Mogyana, foi nestes tres ultimos annos, assim discriminada, a exportação goyana:

Em 1915:

Arroz, kilos	3.218.417	Couros, kilos	110.762
Fumo, kilos	133.130	Borracha, kilos	8.704
Porcos, cabeças	4.176	Marmellada, kilos .	4.688
Cavallos, cabeças.......	25	Manteiga, kilos	4.688
Toucinho, kilos	92.703	Milho, kilos	32.960

Em 1916:

Arroz, kilos	5.907.378	Milho, kilos	170.015
Fumo, kilos	209.984	Feijão, kilos	62.526
Suinos, cabeças	7.197	Assucar, kilos	13.852
Cavallos, cabeças...	25	Bois gordos, cabeças	7.021
Toucinho, kilos	130.,61	Xarque, kilos	247.871
Couros, kilos	213.619	Pelles de veados, ks.	5.435
Borracha, kilos ...	18.403	Banha, kilos	27.551
Marmellada, kilos...	2.400	Crystal, kilos	5.882
Manteiga, kilos	4.900		

No corrente anno, apenas no mez de Janeiro:

Suinos, cabeças ...	1.184	Xarque, kilos	38.244
Bois gordos, cabeças	351	Feijão, kilos	78.506
Fumo, kilos	35.097	Toucinho, kilos	11.577
Couros seccos, kilos .	12.249	Banha, kilos	10.113
Couros salgados, ks.	835	Milho, kilos	26.495
Pelles diversas, ks.	623	Borracha, kilos	369
Arroz, kilos	342.625		

Vê-se que a exportação goyana cresce de anno para anno, depois que o Estado recebeu os beneficios da estrada de ferro que lhe serve apenas numa extensão de 234 kilometros. O Estado possue mais de 50 municipios, e a ferro-via ora em construcção serve somente dois delles: Catalão e Ipameri.

A exportação de gado vaccum, por vias outras, foi no ultimo anno, só para S. Paulo e Minas, de 200 mil cabeças. Para o Estado da Bahia exporta annualmente mais de 100 mil cabeças.

Apezar de tão admiraveis possibilidades agricolas e pecuarias que a exportação acima revela, Goyaz não possue nem inspectoria agicola, nem inspectoria zootechnica federaes. O Estado faz parte do 6° Districto do Serviço de Industria Pastoril, que tem sua séde em Uberaba, no Estado de Minas Geraes, distante muitas leguas das linhas divisorias dos dois Estados!

No emtanto os demais Estados da Republica possuem inspectorias agricolas, aprendizados agricolas, inspectorias veterinarias, postos zootechnicos, estações agronomicas, hortos botanicos, estações experimentaes de diversas culturas, fazendas modelos de criação, campos de cultura experimental, professores ambulantes, escolas permanentes de lacticinios, postos de observação e enfermarias veterinarias, estações de sericultura, banheiros carrapaticidas federaes, e gozam ainda de outros e innumeros favores prestados á lavoura e á pecuaria pelo Ministerio da Praia Vermelha...

Ainda no correr deste mez, sem que se lembrasse de Goyaz, o Sr. José Bezerra despachou para os seus predilectos Estados do Norte dezenas de funccionarios encarregados de trabalhos de combate ás pragas de certas culturas e propaganda para o desenvolvimento das plantações de cereaes.

A riqueza ichthyologica de Goyaz

O grande Estado central é o unico da União que vê brotar do seu solo aguas confluentes para os tres principaes systemas hydrographicos do Brasil: o amazonico, o platino e o oriental ou do S. Francisco. E' uma região aberta para as influencias dos climas, da fauna e da flora caracteristicas das do resto do Brasil: — participando por igual e ao mesmo tempo da depressão amazonica ao norte — pelos valles do Araguaya e Tocantins; do Nordeste brasileiro pelo valle do S. Francisco; das regiões sulistas pelo valle do Paraná — Paranahyba; e, finalmente, das regiões eisandinas ao noroéste e sudoéste (para onde manda ao valle do Paraguay aguas do Coxim e Taquary) — pelo divortium aquarium das bacias do Prata e Amazonas.

D'ahi a singular caracteristica da sua fauna e flora — e que vem a ser uma admiravel multiplicidade de especies, variedades e fórmas locaes desconhecidas noutras partes do paiz.

Todas as especies ichthyologicas havidas como peculiaridades de outras regiões brasileiras são encontradas nas aguas goyanas. Basta citar, por exemplo, o Dourado (*Salminus spc.*), que a despeito da toleima de certos sabêretes, não existe nas aguas amazonicas, e o Pirarucú (*Vastres gigus*), que se não encontra nas bacias do Prata e do S. Francisco.

Mais ainda, até muitas fórmas marinhas, ou oceanicas, occorrem nos rios e lagôas de Goyaz — como sejam as Rayas, a Curvina, a Sôlha, o Baiacú, etc., etc.

Provas directas ou materiaes, se encontram nos museos de historia natural dos Estados Unidos da America (collecção Agassiz) e tambem nos museos da Europa (collecção Castelnau). Sem sahir do Brasil, quem quer que disto duvide, poderá manusear alli na Bibliotheca Nacional a grande obra illustrada do conde Francis Castelnau: — *Animaux nouveaux ou rares recueillis pendant l'expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud.*

Um mundo desconhecido

Que maior espectaculo, mais sumptuoso e soberbo scenario pantheistico, poderá encontrar o paysagista exigente e o turista perspicaz, que deparar com o mysterioso e incomparavel sertão goyano, onde não sabemos que mais admirar — se a magestade do céo equatorial, se a exhuberancia glorificadora da terra virgem ?

Lá, o pensamento alarga-se com as linhas indefinidas dos horizontes, diante da deslumbradora paysagem a imaginação exaltada accende-se, e o coração, á medida que caminhamos para o desconhecido, que nos attráe e domina, ora estremece receioso, ora pulsa violento, cheio do nobre orgulho de brasileiro.

Aqui, é a serenidade olympica das florestas silenciosas e seculares, em cujo seio impenetravel flammeja, de vez em quando, o cocar de plumas de um selvagem, ou se entrecruzam, rugindo, as onças bravias; alli — como um lençol verde interminavel, as campinas se estendem, os chapadões se succedem com as suas emas elegantes e veados ariscos.

Outras vezes, quebrando a monotonia das noites estrelladas, ouve-se um troar fantastico que rebôa selvas a dentro, como o estrugir longinquo de mil canhões em actividade. E' o rio, murmurámos assombrados. E' a caudal perenne que lá desce torvellinhando, saccudindo das guelas furiosas uma alluvião de espumas; é o grito desesperado das ondas extertorantes ante as pyramides de granito que procuram detel-as; é a orchestração wagneriana das aguas incontidas, bramindo de fervedoiro em fervedoiro, de rebojo em rebojo, arrastada na vertigem estupenda das cousas grandiosas, precipitando-se sobre o abysmo incommensuravel que as chama e devora...

*
* *

O norte goyano, isolado do resto do paiz, com suas fabulosas riquezas e aspectos physicos os mais interessantes, é um mundo extraordinario de revelações e surpresas, um braço do gigante Brazil atrophiado pela incuria criminosa dos poderes competentes, pelo abandono a que foi condemnado.

Não ha quem possa traçar, ligeiramente, uma descripção, ainda que pallida, dessa inegualavel região goyana, "dotada do clima o mais delicioso do mundo", no dizer de James Orton, servida por um rio cujas aguas deslisam sobre um alveo de ouro e diamantes...

Parece um conto de fadas, mas não é. Este rio existe e chama-se Tocantins, o quarto do Brazil em extensão e volume de agua. Nasce em Goyaz, no sitio denominado Olhos d'Agua, seguindo rumo norte, com o nome de Maranhão, o qual conserva até reunir-se ao rio Paranã, cerca de 18 leguas ao noroeste de Palma. O seu longo curso deesnvolve-se numa zona comprehendida entre o Equador e o paralello 15º, dos quaes 11, isto é, dous terços são goyanos.

A riqueza do irmão gemeo do Araguaya, segundo a feliz expressão de Reclus, é proverbial. Cunha Mattos, para quem o Tocantins é o rio mais rico do mundo, nos descreve em poucas palavras, mas bastante expressivas, o arrojo de mineiros audazes, que, em 1792, tiveram a extraordinaria idéa de desviar o rio Maranhão no logar chamado Machadinho, afim de se apoderarem da immensa riqueza do seu leito. Diz elle que "depois de dous annos de afanoso trabalho com o auxilio de 200 escravos, conseguiram desviar o rio do seu primitivo leito, fazendo-o correr por uma valla, afim de extrahirem o ouro do alveo até então encoberto pelas aguas marulhantes e escuras; mas chegada a hora do almoço, rompeu-se o açude, precipitou-se o rio em gorgotões, em cachoeiras, sobre o leito antigo, levando de roldão as ferramentas nas suas aguas negras e enfurecidas; mas o que se poude apurar, durante as poucas horas em que o leito ficou descoberto, foi sufficiente para premiar amplamente os multiplos e energicos esforços despendidos em tão arduo trabalho."

Mas não sómente o alveo do Tocantins é uma fonte inesgotavel de riqueza mineralogica. Todo o norte goyano o é em abundancia. A villa de S. José do Duro, uma das localidades mais bem fovorecidas que conhecemos, quer quanto a amenidade constante de seu clima e producção de seu sólo, quer quanto a sua admiravel posição topographica, nos apresenta uma prova inconcussa de terras auriferas. O viajante que para lá caminha, seguindo pela estrada real de Conceição, vê, margeando-a, excavações profundas, ultimos vestigios reveladores de sequiosas mãos humanas que desentranharam, na febre allucinada de se enriquecerem, o ouro alli descoberto pela tribu cherente do aldeamento das Missões.

Os lençóes e areias auriferos, mais ao alcance dos colonizadores, continham tamanha quantidade do precioso metal, que só o norte de Goyaz, no ultimo quartel do seculo XVIII, forneceu nada menos nada mais de 9.712 arrobas de ouro, não obstante os obsoletos processos empregados na sua extracção.

Das pégadas audaciosas das primeiras bandeiras; das guerras constantes dos christãos com os gentios na ancia avassaladora de conquistar; das luctas dos primeiros colonizadores com a natureza bruta e desconhecida, no afan de arrancar-lhe das entranhas os thesouros mineraes com que pudessem abastecer os celleiros reaes do archaico Portugal, só nos restam despojos, roteiros — anonymos uns, incompletos outros, lendas romanticas que a imaginação fantasista dos simples sertanejos architectaram.

Aquelle que, de espirito imparcial e culto, eminentemente patriotico, percorrer os sertões goyanos de sul a norte, estudando-os minuciosamente, não poderá conter um brado de indignação e de sincera revolta contra o desmazêllo, a imprevidencia que caracterisam certos governos. Vinte e oito annos de regimen republicano nada fizeram ainda para o Brazil central. Têm havido projectos, boa vontade e... nada mais. Todos sabemos qual o destino do papelorio na administração brazileira. O archivo é um sorvedouro de papel e dinheiro... No conceito dos sertanistas, que, de enchada ao hombro, vivem para a sua familia e os seus dez palmos de terra, o nosso paiz ainda vae no antigo regimen, todos nos achamos sob o pesadêllo da corôa...

Muitas vezes, quando já noite alta, fatigado de cavalgar durante 12 horas o lombo de um rosilho lerdo e de queixo duro, a barriga das pernas a arder, as faces ennegrecidas pelo pó da estrada, supplicava, do terreiro do casobre, uma pousada ao morador honesto do sertão, ouvia-o gritar de dentro: — Quem é ? Vem da Côrte ou da Villa ? — Da Côrte, respondia rindo, e S. M. vae bem, louvado seja Deus.

Na pergunta do sertanejo havia não sei quê de profundamente amargo e ironico. Emquanto na Metropole, com figuras de rethorica, se discutem os effeitos da crise, o imposto a pagar, e bandos cadavericos de famintos percorrem as ruas esmolando uma codea de pão ou uma hora de trabalho, as terras brazileiras, esquecidas no coração da patria, fecundas e inesgotaveis, supplicam braços que as cultivem, estradas que as interseccionem em todos os sentidos, afim de que possam levar á bocca de cada filho os fructos da sua fecundidade.

E' demasiado ocioso, penso eu, ennumerar aqui todas as riquezas do norte goyano. Quem conhece um pouco de chorographia e lê assumptos de interesses nacionaes, principalmente os chronistas antigos, certamente me dispensará de tão enfadonha nomenclatura. Muito poderiamos escrever sobre as suas arterias fluviaes, riquissimas na ichtyologia, e na totalidade viaveis á navegação a lancha; sobre as suas florestas abundantes em madeiras para construcção, desde a aroeira, páo d'arco e angico, até o jacarandá, peroba, páoferro e canella; sobre as mais temiveis especies de mammiferos, desde as onças pintadas, pardas, jaguatiricas, cangussús, até os mais inoffensivos especimens da sua fauna entomológica.

A industria regional, essencialmente de uso local, é va-

riada e interessante, reveladora do sentimento artistico dos artifices sertanejos. Fabricam-se nas mais florescentes cidades do norte goyano, sobretudo em Porto Nacional, Natividade e Posse, uma infinidade de objectos caseiros, dentre os quaes destacaremos a louça de barro, os tecidos de palha e corda, artigos de joalheria, que nada deixam a desejar. Até as roupas de algodão com que se veste a pobreza, sahem dos teares primitivos.

Outro trabalho digno de nota e da attenção de um turista colleccionador, é o das rêdes, de varios feitios, tamanhos e côres, geralmente feitas de algodão ou de fibras textis, que são a delicia dos nortistas nas abrasadas noites de estio.

Outra pequena industria regional, de consumo puramente local, é o mobiliario de madeira, bem torneado, trabalhado com paciencia e gosto, supprindo assim a intelligencia, o que só se póde obter com auxilio de instrumentos aperfeiçoados.

Mas nenhum dos citados artigos constitue objecto especial de commercio externo, ou melhor, de exportação. Esta, no norte de Goyaz, consiste em gado vaccum e cavallar, pelles, couros crús e cereaes. A importação é de sal, phosphoro, fazendas. O conhecido vão do Paranã, onde existem as mais importantes fazendas de criação, é o mais rico de todo o paiz em equinos e gado curraleiro e pedreiro. O norte goyano abastece os estados de Pará, Maranhão, Bahia e Minas, de gado vaccum, sendo a sua exportação, apezar da falta absoluta de transporte, verdadeiramente fantastica. Os cavallos pequenos, segundo a abalisada opinião de um zootechnista francez, substituem com melhor vantagem, devido a sua resistencia, os de grande altura empregados no exercito de quasi todos os paizes. Em qualquer época do anno, só o norte de Goyaz poderá fornecer animaes para todas as armas do exercito brazileiro.

Ao commercio goyano do Alto Tocantins devem os estados de Maranhão, Bahia e Minas as suas prosperas cidades de, respectivamente, Grajahú, S. Marcello, Barreiras e Januaria.

Os productos dos municipios de Posse, S. Domingos, S. José de Tocantins, Pilar, Cavalcanti, Forte, Sitio d'Abbadia, se dirigem para Januaria (E. de Minas), via Riachão, onde os tropeiros e boiadeiros se abastecem dos generos necessarios para a travessia do despovoado e arenoso valle do S. Francisco.

Os fazendeiros e criadores dos municipios de Arraias, Chápeu, Taguatinga, Palma e Peixe, fazem de Barreiras, ponto terminal da navegação do rio Grande, na Bahia, o centro principal de seu commercio; emquanto os de S. José do Duro, Natividade, Conceição e Porto Nacional, demandam o porto de S. Marcello, ponto terminal da navegação do rio Preto, tambem em territorio bahiano.

Pedro Affonso e Bôa-Vista, ambos á margem do Tocantins, porque ficam na extremidade norte do Estado de Goyaz, canalisam os seus productos para Maranhão e Pará.

Ter-se-á logo uma pallida idéa do que seja a exportação e importação goyanas, ouvindo os proprios bahianos dizerem que S. Marcello e Barreiras, hoje dous florescentes nucleos de actividade commercial, nada seriam se não fosse o deslocamento do commercio de quasi todo o norte goyano com Pará e Maranhão para aquellas duas cidades.

Que fortuna para Goyaz, que fonte de riqueza para o paiz, se as vias de communicação entre a Bahia e o norte goyano fossem mais rapidas e seguras !

Mas o Brazil limitou-se á vida exclusiva do littoral. Emquanto os estados servidos pelo Atlantico se acham ligados naturalmente pela navegação costeira, o governo manda construir estradas de ferro de Porto Alegre ao Pará, deixando na obscuridão a parte mais rica, mais digna de auxilio que é o coração de nossa patria, onde, exhuberante, encantadora e virgem, palpita a alma nacional.

No emtanto, o problema de transporte entre as citadas regiões não é tão difficil como á primeira vista parece, nem aos cofres publicos custará grandes sacrificios. Ainda mesmo que o custassem, seriam larga, fartamente recompensados.

A solução unica, urgente, que no momento se impõe é esta: a construcção de uma via ferrea que vá de S. Marcello a Porto Nacional, ou, eutão, de Barreiras a Natividade, offerecendo, porém, aquella melhor vantagem. Resolvido assim o problema capital, surge, como consequencia, outro não menos importante: a navegação a vapor do Tocantins e do Araguaya até o ponto de sua confluencia.

De 1865 a 1898, no ultimo daquelles rios, houve navegação, e isto devido tão sómente aos esforços do illuminado espirito do Dr. Couto de Magalhães, então presidente da Provincia, o qual havia conseguido, por decreto legislativo de 20 de agosto de 1870, "que fosse o governo autorizado a mandar estudar as secções encachoeiradas, abrir estradas marginaes e estabelecer uma navegação a vapor, que foi subvencionada com a quantia de 73 contos de réis; dos quaes 40 contos pagos por espaço de 30 annos pelo governo imperial e o resto pela provincia de Goyaz."

Suspendeu-se em 1898 a subvenção e a vida commercial do grandioso e incomparavel rio extinguiu-se. De todo o seu passado esplendor só nos restam hoje, sepultados na areia de Santa Leopoldina, para onde o Dr. Couto Magalhães tencionava transferir a capital goyana, os esqueletos dos tres vapores, que eram o pavor dos javahés e carajás quando as suas machinas fecundas rasgavam o seio das aguas. Por cumulo de ironia, do fundo do casco do *Colombo*, que por tantos annos carregára o peso dos navegantes, nasceram e cresceram arvores — mausoléos farfalhantes de uma civilização extincta...

Cessada a navegação do Araguaya, cessou a vida da capital goyana, distante apenas 28 leguas do ponto inicial da mesma; e cessaram as primeiras e promissoras manifestações de vida nos presidios de Itacaiunas, Monte Alegre, Santa Maria, S. José dos Martyrios e S. João das Duas Barras, que se erguiam á margem daquelle rio.

Restaurada, porém, a navegação no Araguaya até a sua juncção com o Tocantins, continuando por este acima até Peixe, á sua margem esquerda, ou Palma, na confluencia do Palma com o Paranã; construida a estrada de ferro de S. Marcello a Porto Nacional, numa extensão maxima de 420 kilometros, ficará maravilhosamente solucionado o importante problema da região do norte goyano, quer do ponto de vista social, quer do economico, ficando assim ligadas entre si as tres grandes bacias do S. Francisco, Tocantins e Araguaya.

O ardoroso representante goyano na Camara Federal, Dr. Ayres da Silva, que é nortista e conhecedor das necessidades da abandonada região, apresentou no corrente anno áquella Casa do Congresso um projecto sobre o assumpto de que tratámos. Por elle, devem trabalhar não só os representantes goyanos, mas, tambem, os dos estados do norte que aproveitarão do beneficio, principalmente os da gloriosa Bahia e alterosa Minas.

E' um bem que prestam a si mesmos, ao povo e ao Brazil.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

"A Informação Goyana"

E' o titulo de uma publicação mensal informativa das possibilidades economicas do Brasil Central, suas riquezas naturaes, suas fontes de vida, particularmente de Goyaz, que sob a direcção de Henrique Silva e Americano do Brasil, dous intelligentes e esforçados goyanos, surgirá a 15 d'este mez, na Capital Federal.

A nova folha conta com um numeroso corpo de collaboradores, em sua totalidade goyanos, que abrilhantarão as suas paginas.

E', como se vê pelo titulo, uma tenda de trabalho, de sacrificios em pról do Estado de Goyaz, rico em preciosidades mineralogicas e botanicas, com um clima benefico, vastos e explendidos campos pastoris, fadados a uma intensa criação de gado de toda especie, mattas fertilissimas, onde os generos de lavoura encontram facilidades para sua cultura em grande escala, e que a despeito de tudo isso, de suas volumosas quédas d'agua, jaz desconhecido, atrazado e empobrecido, abandonado á sua propria pobreza.

Não se trata de apurar quaes os responsaveis, pois somos todos goyanos, mas de conseguir uma grande cousa,

despertando os poderes publicos do seu criminoso lethargo, para lhes chamar á comprehensão de suas grandes responsabilidades, auxiliando-os com o indicar providencias attinentes a especificar, individuar e focalisar as riquezas e os problemas economicos e financeiros, que elles terão de enfrentar resolutamente, para desafiarem as forças vivas latentes, imprimindo-lhes o necessario e imprescindivel dymnamismo.

O mal goyano é o de todo o Brasil, é a politicagem infrene professada por todos, com prejuizo dos interesses geraes do Estado.

Todos se esforçam para exercer dominio politico e açambarcar os empregos, mas quasi ninguem cogita do trabalho, que é a fonte da riqueza publica, como da particular.

Os que a cultuam, são os agricultores e os criadores do momento, sobre os quaes recaem os impostos, fonte de recursos, onde o Estado haure os elementos de sua vida autonoma, independente, embora esta soffra as contingencias de uma grande escassez desses elementos.

A propaganda é o melhor rastilho para se conseguir impressionar massas populares, transmittindo-lhes déas, que ellas acolhem com fervor.

Ainda agora vimos como a gréve se originou do cerebro dos operarios mais exaltados, para se intensificar num movimento reivindicador, com caracter quasi revolucionario.

Não fôra a energica acção repressiva do illustre Dr. Aurelino Leal, aqui, e ella teria tomado incrivel vulto, pondo em perigo a ordem publica.

E pela propaganda que se tem conseguido um certo incremento na producção geral do paiz, dirigida pelo Ministerio da Agricultura.

Ao mesmo tempo que desafia o trabalho, demonstrando o seu importante papel de formador da riqueza, do capital, ensina os processos de cultura moderna, onde o esforço individual é favorecido pelo auxilio de instrumentos agrarios, fornecendo sementes e mudas ao mesmo tempo.

A nossa grandeza só a poderemos conquistar pelo trabalho intelligente e convergente, preciso se tornando que o povo comprehenda esta verdade para agir dentro deste preceito, certo de prestar á sua patria o maior dos serviços, ao mesmo tempo se enriquecendo.

Um paiz de pobres, de homens inertes, inactivos, preguiçosos, inimigos do trabalho, para se preoccuparem só dos vicios, é um paiz perdido, desfibrado, que está a reclamar o guante do conquistador ,para lhe injectar sangue novo nas veias.

O exemplo mais frisante da grandeza de um paiz pelo trabalho intelligente, esforçado e pertinaz de um povo, é a grande Republica Norte Americana, occupando actualmente logar de destaque no concerto das grandes nações mundiaes.

Precisamos, nós goyanos, orientar o nosso povo e darlhe a nóção do trabalho fecundo, como condição imprescindivel do engrandecimento de nosso Estado.

"A Informação Goyana" surge pois impregnada neste ambiente convencida destas necessidades, destas conveniencias, que precisa incutir no povo goyano. Terá que clamar por vias de communicação, como factor decisivo para ampliação dos mercados de consumo dos productos, que excederem das necessidades locaes. Todo povo, diz conhecido paradoxo, precisa produzir mais do que consome, exportando o excedente.

Para isto conseguir as vias rapidas de communicação se impõem. Os americanos, antes das vias ferreas, tiveram as de madeira. Comprehenderam esta grande verdade e a traduziram na pratica. Imitemol-os que faremos a nossa prosperidade.

EDUARDO SOCRATES

A LENDA DE ARIANA, A ALVISSIMA (*)

(INEDITO)

O CHEFE BANDEIRANTE (abraçando a filha)

Vou partir para longe. A fortuna me espera,
Muito ouro, minha filha, ha por esses sertões.
Voltarei junto a ti, tal como a primavera,
Volta para os rosaes na hora das florações...

ARIANA

Não quero que vás só, meu pae, por esses brenhas.
Comtigo eu partirei ! Para que o somno tenhas
De pesadellos livre e os teus sonhos realizes
Das tuas maguas farei muitos sonhos felizes
Quero soffrer comtigo as penas que tu sentes,
Contente quero estar nos teus dias contentes,
Pois só assim, meu pae, não desfarás inteira
A primeira illusão da primeira bandeira !

O BANDEIRANTE

Segue-me os passos. Vem. Minha voz acompanha.
Quando á relva chegar has de ver a montanha,
Apura então o ouvido, e os teus lamentos cala
Para ouvir de que modo a montanha me fala:
"O que tu crês um sonho e outros pensam que seja:
Uma allucinação de quem tudo deseja,
Um punhado talvez de aventuras fallazes,
Tenho-o dentro do seio e estendo-t'o na mão.
Vinde todos a mim, bandeirantes audazes !
Um clarão de mysterio as entranhas me innunda,
Pois guardo com fervor, generosa e fecunda,
Para a vossa cubiça, ouro no coração."

Rumo ao sertão parte o bando aventureiro. Ariana, a alvissima, filha do chefe segue tambem. E' loira, tem olhos castanhos e um corpo de estalina.

Dias passam, claros e ensolarados uns, cortados de chuva outros; noites de céu profundo e crivado de estrellas, longas e frias umas, rapidas e ardentes outras, se escoam, e a bandeira vae, ora em campo raso, ora em escaladas de montes e collinas, demandando os sitios, onde se escondem os thesouros da terra prodigiosa.

Madrugada. O Araguaya lambe ao longe as margens de areia branca, como se fosse um largo e preguiçoso mar sem ondas. A bandeira repousa. Erguem-se os homens em procura de alimento que rareia e vão bater ás brenhas proximas. De alfanges em punho abrem sendeiros, veredas colleiam como serpes entre os arbustos que rastejam e as arvores seculares que elevam frondes crespas.

Ariana fica só á borda do rio sereno. Amanhece. Indios surgem ameaçadores, empunhando arcos, e as emplumadas frechas veloses. Ariana, apavorada, tenta correr. E' em vão que o tenta. As frechas partem, siguezagueam, e dellas só se avista, no espaço infinitamente azul da manhã que desponta, a extremidade adornada de plumas que é, na vertigem, como um corisco multicolor.

Ariana, ferida no pulso, tomba exhausta de forças. Os indios cercam-n'a e subjugam-n'a. De joelhos, ella implora piedade. Elles não a entendem. Outra lingua e outra raça, que não a delles, invasora e destruidora, encarna aquella mulher. Atam-lhe os pés, prendem-lhe um braço á espadua, deixam-lhe livre apenas o ferido e arrastam-n'a para o interior, longe...

Ariana, durante a lucta, na esperança de que alguem pudesse descobrir-lhe o rastro, deixou na areia escripto o seu nome entre manchas de sangue.

ARIANA (*só, abandonada na floresta, clamou na linguagem da sua estirpe*)

Sinto fogo na bocca ! Eu tenho sede !
Morro de fome e frio !
Está longe de mim a agua fresca do rio !
E a agua argentea da fonte crystallina
Em que sempre bebi ao sol ardente.
Fonte querida de aguas generosas,
Fonte que tudo dá, fonte que nada pede,
Eil-a distante, não me póde ouvir !
Não me póde attender as queixas dolorosas
Em que lhe imploro que me dessedente.
Se esta sede minaz em lagrimas mitigo,
Arrasto-me d'aqui penso em fugir !
Clamo o nome de alguem — nome de pae amigo —
E o seio da floresta a minha voz consome.
Choro, e grito o meu nome em desespero; e o vento
Como resposta unica em lamento
Aos meus ouvidos vem trazer meu nome.
Soffro muito, meu pae. Soffro dores atrozes
No abandono da matta. Escuto as vozes
De aves tranquillas, que me não entendem.
Sem te ver morrerei, pois as forças me faltam
E não posso romper estas rudes cadeias

Que a este só fatal, cada vez mais me prendem.
A' lembrança de ti os meus nervos se exaltam...
Já me foge a esperança... E' melhor esquecer..."

Silencio. Da sua bocca em fogo
Já não se escapa um rogo.

ARIANA (louca, extertorando)

"E ninguem me soccorre!...
Sinto que vou morrer!..."

(silencio)

Olvida a pena e inteira a idéa absorve
Na evocação do lar que jamais ha de ver...
No estertor da agonia, ardendo em febre, sorve
O sangue que lhe sae das proprias veias
E morre...

A bandeira ao tornar não mais viu Ariana. O seu nome e a sua supplica ficaram gravados na areia lisa da borda do Araguaya em caracteres sanguineos.

As enchentes lavaram-n'os e os pescadores que não sabiam ler contaram ao gigante, que todas as manhãs antes do sol nascer, uma sombra branca, envolta em nevoa, vinda dos lados da matta, ajoelhava na areia, escrevia um nome e desapparecia...

CARLOS MAUL

(*) Do livro de poemas nacionalistas *"Barbaros"*, a sahir.

Chapada da Mangabeira

O alto desta vasta Chapada da Mangabeira, extendendo-se interminavel, banhada pelo S. Francisco e Tocantins, é mais provavelmente uma reliquia do grande planalto que se extendia talvez dos chapadões da Bahia, léste do S. Francisco ás montanhas occidentaes do Tocantins, em Goyaz.

Ao meio dia attingimos o cume de uma longa collina e vimos uma magestosa avenida formada de aléas de burítys (*Mauritia vinifera*) elevando-se das profundezas de vasto e sombrio valle, cercado pelas viçosas e ondulantes salsas que nasciam sobre o topo das collinas dispostas em fórma de fortaleza da Chapada da Mangabeira.

O VALLE DO RIO DO SOMNO

A moita de pindahybas que se erguia magestosa á frente do nosso acampamento parecia-se com uma aléa ornamental de arbustos em campina tropical.

Extendia-se em fórma quasi oval; ao centro a cópa soberba dos buritys e em derredor as grandes pindahybas: á sua base, um canteiro de fétos e ondulantes arbustos que faziam as bordas da moita, claramente desenhados entre a terra e pantanos a que a carcava.

Depois de algumas milhas de marcha, passámos perto de uma collina alta, solitaria com um topo liso e magestoso, conhecida pela denominação de "O Morro", bella collina que fórma uma proeminente balisa quando vista da extremidade do valle Sapão. Era lindamente talhada, extendendo-se obliquamente e circundada das cópas soberbas dos buritysaes e rios cobertos de florestas.

A seis milhas do Espirito Santo, atravessamos o Somninho, uma corrente de crystalina agua, tendo nesse ponto trinta pés de largura.

Elle eventualmente ajunta-se ao rio Nova, formando o rio Somno, o limite de minha exploração. Vimos varias manadas de gado, que pertenciam ao meu bom hospedeiro José; estavam bastante gordas e sadias.

Eu devo dizer que durante toda a minha perigrinação através do Brasil nunca havia visto um districto tão admiravelmente proprio para a criação de gado; porque, ainda que o sólo da collina seja todo ariento, com um subsólo de marga sobre pedras, ainda assim a terra apresentava-se fresca e vigorosa, sendo annualmente queimada e, a melhor prova destas boas qualidades é a excellente condição do gado.

Outra vantagem que este districto possue, é que existe sómente uma milha quadrada que não é regada pelas aguas do ribeiro, que passa junto, ou humedecida pela primavera dos pantanos. As numerosas tiras de florestas nos maiores valles, indicam a grande fertilidade do sólo para productos agricolas, o que attestam as luxuriantes roças de José. Estas nesgas de florestas são maravilhosamente bellas, porque ellas contêm muitas das mais delicadas producções vegetaes do paiz, tal variedade de palmas, grandes fetos, latadas de flores pendentes, como o maracujá ou flôr da paixão, muitas variedades de convulvaceas e especies de flôres que eu completamente ignorava; as parasitas, as bromelias, o ananaz, brilhantemente colirido, o gravatá, muitas variedades de matizadas plantas de esplendido aroma, e as grandes e lobuladas da pinha "Monstera Deliciosa", com as suas ramas entrelaçadas.

Até os pantanos eram salubres completamente. Em verdade, é uma região saudavel, e não fosse ella tão distante do mundo exterior poderia ser um grande e excellente sitio para a criação de gado e para a immigração.

E' uma região agradavel e o ar é soberbo e deleitavelmente fresco; nem estagnações ahi existem, nem vegetação secca, nem mosquitos ou pestes de especie alguma. A briza agita a superficie ondulante da relva, como um trigal; ahi os dias são tão brilhantes e claros que nos sentimos bafejados pela saude e animação.

Tinhamos diante de nós o cume do Boqueirão, cadeias de collinas recuam ao olhar, á proporção que se approxima do valle e do outro lado a terra parece em todas as direcções ser praticavelmente lisa.

A vida animal é tambem abundante ahi.

Papagaios e açores gritavam. Nuvens de periquitos de matizadas côres voavam da cópa de uma arvore á outra; muitas outras aves appareceram, como: os jácamis, jacús, pombo troquaz, o do matto, e em muitos dos bonitos lagos, em suas margens cobertas de salsas, canniços, estavam apinhadas variadissimas especies de aves aquaticas, marrecos, gallinhas de agua (quasi semelhantes ás de Leicester-shire), itapicurús, curicacas listradas de preto (soltando um grito semelhante ao do gato) jacaná commum a todas as lagôas do Brasil.

Notei tambem um lindo jaburú moleque, com o pescoço entre as azas.

Entre os bosques que aquelle dia appareceram, pela primeira vez, distinguiam-se a bananeira do Matto e uma palmacea nova ás minhas experiencias, a Inajá (*Cocus Plumosa*): muitas arvores eram tambem cobertas de videiras que estendiam seus ramos formando rêdes, em cujos festões grande numero de macacos saltavam.

O estalar dos dentes dos pecarys era frequentemente ouvido; em uma occasião ouvimos nas profundezas da floresta sons como um numero de pancadas produzidas em unisono, logo me disseram que o rumor era produzido por macacos quebrando nozes com pedras.

JAMES W. WELLS.

"Three thousand miles through Brasil".— Londres, 1890.

Posição astronomica, superficie e limites do Estado de Goyaz

Latitude... 5° 10' e 21° 49' 23''.
Longitude... W do Rio de Janeiro 3° 58' e 11° 35' 31''.
Superficie approximada 800.000 km2.

Limites. Ao *N* com os Estados do Maranhão e Pará; ao *S* com os de Minas Geraes, S. Paulo e Matto Grosso; a *L* com os do Maranhão, Piauhy, Bahia e Minas Geraes; ao *W* com os de Matto Grosso e Pará.

Os limites com o Estado de Matto Grosso são, e nem podem deixar de ser, os constantes dos dois unicos documentos legaes existentes sobre os mesmos: o "Convenio de 1° de Junho de 1771", acceito e approvado pelos governadores de Matto Grosso e de Goyaz, respectivamente, Luiz Pinto de Souza e D. João Manoel de Mello; e mais o "Parecer da commissão de Estatistica da Camara dos Deputados do Imperio, de 20 de Julho de 1864", que assim resolveu definitivamente a dita questão:

"Art. 1° Os limites entre Goyaz e Matto Grosso são o rio das Mortes desde sua foz no Araguaya até á cabeceira equidistante das capitaes das duas provincias; desta cabeceira uma linha á do Taquary; este, Coxim e Camapuan até suas vertentes; d'ahi outra linha que, atravessando o varadouro do mesmo nome, chegue ao rio Pardo, e este até a sua confluencia no Paraná, conforme o parecer do governador de Goyaz, de 12 de Junho de 1750.

Art. 2° Revogadas as disposições, etc., etc."

O governador de Goyaz alludido nesse documento — baixado do unico Juizo competente para julgar de semelhantes questões — era D. Marcos de Noronha, depois conde dos Arcos e Vice-Rei do Brasil, a quem o governo da Metropole ordenara traçasse os limites entre as duas capitanias, então creadas, independentes da de S. Paulo: — Goyaz e Matto Grosso.

Quem não anda com a verdade são os nossos cartographos — que adjudicam ao Estado de Matto Grosso enorme área geographica que lhe não pertence nem nunca lhe pertenceu em tempo algum.

No proximo numero publicaremos os documentos acima alludidos, com vistas á Commissão do Club de Engenharia, encarregada de organizar a Carta Geral do Brasil, para commemorar o 1° Centenario da nossa independencia. Só assim teremos um trabalho bastante perfeito, sanado de erros grosseiros, tantas vezes reproduzidos em successivas publicações.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e DR. AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Veiga Lima, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu; Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Moysés Sant'Anna, Carlos Maul e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3 -- Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 2

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e DR. AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Veiga Lima, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Moysés Sant'Anna, Carlos Maul e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3º -- Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 2

SUMMARIO

Limites entre Goyaz e Matto Grosso

I

De começo cumpre-nos mostrar a insubsistencia da razão unica em que se baseam os matto-grossenses para disputarem o territorio contestado: *a posse ou dominio a que nelle se julgam com direito.*

Mas este supposto *uti-possidetis* não prevalece — "porque as antigas provincias eram incapazes e não podiam, *ex vi* da Carta Constitucional de 25 de Março de 1824 e tambem do artigo 90 do Acto Addicional, perder terreno proprio nem adquirir por usocapião territorio pertencente a outra. Apenas o art. 10, § 9°, do Acto Addicional lhes permittia representar á Assembléa Legislativa contra as leis de outras provincias que offendessem os seus direitos.

Ora, Goyaz representou, mais de uma vez, na vigencia do antigo regimen, ao poder legislativo contra as invasões dos matto-grossenses, sendo uma dellas a que motivou o "Parecer da Commissão de Estatistica da Camara dos Deputados do Imperio, de 20 de Julho de 1864", em conformidade com o do governador de Goyaz, de 12 de Junho de 1750, transcripto no nosso numero anterior.

Que o *uti-possidetis* não podia ser invocado pelas antigas provincias disseram em luminosos pareceres os eminentes jurisconsultos conselheiro Lafayette e Americo Lobo, ministro do Supremo Tribunal Federal.

ONDE, POIS, PRETENDIDO USOCAPIÃO?

Todavia, vejamos os documentos que dão direito a Goyaz para exercer sua jurisdicção plena dentro das divizas traçadas pelo conde dos Arcos, em 1750 — em virtude da provisão de 2 de Agosto de 1748, baixada do Conselho Ultramarino:

"D. João, por graça de Deus, rei de Portugal, etc.

Faço saber a vós, governador e capitão-general da capitania dos Goyazes, que, por outra ordem minha, que, nessa occasião haveis de receber (Provisão da mesma data, que estabelecia os limites com S. Paulo e Minas), si vos declaram os confins desse governo, e como tenho determinado que ao do novo governo de Matto-Grosso e Cuyabá hão de ser para a parte de S. Paulo pelo Rio Grande, ficando suspensa a sua confrontação com esse governo de Goyaz e Maranhão pela pouca noticia que ainda ha daquelles sertões, se vos ordena pela resolução de 7 de Maio do presente anno, em consulta do meu conselho ultramarino, informeis em vosso parecer por onde poderá determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão.

El-rei nosso senhor o mandou por Manoel Caetano Lopes de Lune e pelo Dr. Antonio Freire de Andrade, conselheiro do seu conselho ultramarino, e se passou por duas vias. — Theodoro de Abreu Bernardes a fez, em Lisboa, a 2 de Agosto de 1748."

Respondendo esta provisão, informava D. Marcos de Noronha:

"Senhor.—E' V. M. servido ordenar-me pela provisão inclusa que informe com o meu parecer por onde poderá mais commoda e naturalmente fazer-se a divisão d'este governo com o de Matto-Grosso e Cuyabá; entre a Villa Boa de Santa Anna, capital desta nova capitania de Goyaz, e a Villa do Bom Jesus, que até agora era capital da comarca de Cuyabá, haverá, com pouca differença, cinco gráos de distancia, medidos pelo rumo de noroeste e sueste, ficando a dita Villa Boa a sueste e a do Bom Jesus no noroeste.

No meio deste caminho, pouco mais ou menos passa um rio chamado rio das Mortes, que corre do S. para o N., advertindo que não é o rio das Mortes, que ha em Minas Geraes, mas outro do mesmo nome, totalmente diverso d'aquelle. Tem este rio as cabeceiras em uma serra a que ainda se não deu nome, que dizem ser um chapadão, que está situado L. O., e as aguas vertentes para o N. vão todas a varios rios, que depois se ajuntam uns com os outros a desaguar no Gram-Pará, e as que correm para o sul se vão sepultar no mar pelo rio Paraguay, que, com o nome de Rio da Prata, vai desaguar e confundir-se com o oceano em 34 gráos de latitude ao sul do equinocial. Principiando, pois, nas cabeceiras do rio das Mortes a linha da divisão, fica, pela parte do oeste, dividida esta capitania da de Matto-Grosso pelo Rio das Mortes, seguindo a sua corrente e a d'aquelles em que se mette, que, por maiores, o fazem perder o nome, como é primeiramente um rio chamado Rio Grande (Araguaya), que, a 8 dias de viagem, indo de Goyaz para Cuyabá, se passa, o qual corre do S. para o N. e é totalmente diverso do Rio Grande geral, que corre do N. para o S., o qual depois toma o nome de Maranhão, até que, finalmente, vai com o nome de Tocantins a desaguar no Gram-Pará, e continuando a linha de divisão, correndo para o sul, se atravessará aquelle chapadão por uma linha tirada das cabeceiras do dito rio das Mortes até a do Taquary, que é um dos que correm para o sul e descerá por elle abaixo até onde faz barra o rio Coxim, e sahindo-se por este acima até onde faz barra o rio chamado Camapuan, subindo-se tambem por este acima até o sitio que tambem se chama Camapuan, e alli se atravessará o varadouro, que tem uma legua e tres quartos, e separa nas cabeceiras do rio Pardo, que tem cem leguas de corrente pouco mais ou menos, e vai fazer barra no Rio Grande, o geral, que divide esta capitania da de S. Paulo do N. a S., e, deitando, assim, a linha de divisão, fica clara e distinctamente dividida esta capitania da de Matto-Grosso pela parte do oeste.

Pela parte de léste, manda V. M. que seja a divisão por onde antecedentemente partia a capitania de S. Paulo com a de Minas Geraes; porém, o descobrimento do Paracatú parece que faz praticar essa divisão contra o que devia ser, porque a serra de Lourenço Castanho, que era a divisão antecedente entre as capitanias, pertencendo á de S. Paulo

tudo o que eram aguas vertentes da dita serra para oeste, não foi attendida na divisão, porque, tendo Paracatú aguas vertentes para oeste (como me dizem que é), parece que devia pertencer a esta capitania, e não á das Geraes, porém como V. M. foi servido mandar que pertencesse ás Geraes, fica esta capitania dividida das Geraes pela divisão antecedente pela parte de léste, e da de S. Paulo pela parte do sul pelo Rio Grande, o geral, que corre do N. para o S., e vai desaguar no *Paraguay*.

Dividida, assim, desta parte do oéste e sul e do léste, resta só dividil-a pela parte do N. com a do Maranhão, e com a do Gram-Pará.

Por esta parte não tendo alcançado noticias, pelas quaes forme idéa da divisão geographica, emquanto se não faz exacta averiguação, se ha para aquella parte do norte alguma serra ou rio que possa servir de divisão, se deve entender dividida esta capitania da do Maranhão e da do Gram-Pará pela divisão, que antecedentemente tinha o governo de S. Paulo com os do Maranhão e Gram-Pará. E' o que posso informar a V. M., que mandará o que fôr servido. Villa Boa, 12 de Janeiro de 1750 — D. Marcos de Noronha."

Esta informação, diz o illustre escriptor J. M. P. de Alencastre, considerada como limites, foi sempre respeitada durante o governo do Conde dos Arcos e do seu successor, o conde de S. Miguel.

Entretanto, em 1753, o ouvidor de Cuyabá José Antonio Vaz Murilhas, no intuito de provocar novamente a questão já assente, procurava estender a sua jurisdicção até os *Martyrios*, á margem do Rio das Mortes, e, como reconhecesse incompetente, para isso solicitava de D. Marcos de Noronha as ordens precisas para que a sua autoridade de juiz fosse respeitada pelos habitantes d'aquellas regiões de que Goyaz tinha a posse legal.

Allegava o ouvidor Murilhas, pretendendo justificar a sua estulta pretenção, que ao dividir as comarcas de Goyaz e Cuyabá, em 1738, o ouvidor da primeira, por ordem do conde de Sarzedas, traçára a linha divisoria pelo Araguaya.

Tudo isso não passava de um sophisma, sobre o qual diz Alencastre, obra citada:

"Tal divisão nunca se fez: o que houve foi apenas o pedido de informações sobre os limites que deviam ter as duas prelazias. Informou D. Luiz de Mascarenhas que essa divisão poderia ser feita pelo Araguaya.

Tratava-se da jurisdicção espiritual, que nada tinha com o temporal. Conviria que a divisão fosse a mesma; mas, para oppor argumento decisivo contra o ouvidor, bastava dizer que a jurisdicção do bispo do Rio de Janeiro comprehendia uma parte da capital de Goyaz, e que o norte administrava o bispo do Pará. Tambem em Minas havia o exemplo do Piracatú, cujos povos no espiritual obedeciam ao bispo de Pernambuco, e no temporal pertenciam á jurisdicção de Minas e do ouvidor de Sabará.

Murilhas mostrou-se convencido e desistiu de sua pretenção."

O que ahi fica é bem uma prova de que os matto-grossenses nem mesmo o *uti-possidetis* podem allegar.

Mas o documento que se segue é que prova decisivamente a insubsistencia da chicana matto-grossense — o acto formal da accessão firmado por Luiz Pinto de Souza, então governador de Matto Grosso.

Termo de accessão de 1° de Agosto de 1771:

"Exmo. Sr. Antonio Carlos Monteiro de Mendonça, DD. governador de Goyaz. — Não obstante a duvida que até o presente havia subsistido entre os meus predecessores e os governadores da capitania de Goyaz a respeito dos limites de um e outro governo pela banda de léste e oéste, por onde oppostamente confinam, comtudo, havendo considerado a vastissima extensão da capitania de Matto-Grosso por todas as mais partes de seus limites, e sendo moralmente impossivel poder-se nella sustentar a prompta administração da justiça, nem a sua necessaria defesa em uma fronteira tão dilatada, se acaso se houvesse de estender ainda pela banda de léste até o rio Grande ou Araguaya, em cujo limite consistia toda a questão, por se julgar o dito rio uma balisa mais natural e decisiva, comtudo, cedendo á força das sobreditas considerações, unica que se deve contemplar em utilidade do serviço e do Estado de S. M., como tambem a posse incontestavel em que se acha a capitania de Goyaz de todo aquelle territorio até o rio das Mortes.

Nenhuma duvida se offerece, conformando-me com a ordem de S. M. de 2 de Agosto de 1748, expedida pelo seu conselho ultramarino a ambos os governos, em que a mutua divisão de ambas as capitanias se faça pelo referido rio das Mortes, desde o ponto de sua confluencia no rio Grande até a foz do rio Pardo, na fórma que mais amplamente se acha deduzido em o arbitrio proposto pelo capitão-mór da conquista João de Godoy Pinto da Silveira ao capitão-general da capitania de Goyaz, João Manoel de Mello, em data de 7 de Setembro de 1761, e demonstrada no mappa com elle adjunto.

E, conformando-me igualmente com a congruencia das razões que o referido governador expoz em carta de 15 de Setembro do sobredito anno ao meu predecessor, o conde de Azambuja, me cumpre declarar em como se não me offerecia duvida alguma por parte dos interesses desta capitania, nem ao serviço de S. M., seja servido dignar-se de determinar esta materia na fórma das suas reaes ordens, mandei passar este acto de accessão ao referido arbitrio, que vai por mim assignado e sellado com o sinete das minhas armas.

Dado nesta capital de Villa Bella no 1° de Abril de 1771. — Luiz Pinto de Souza."

JOSE' CARLOS DE CARVALHO.
Contr'Almirante.

(Continúa.)

A ARVORE DO PAPEL

Dentre as peculiaridades da opulenta flora do planalto goyano uma ha que, pelo valor economico, ou pela riqueza de seus finos caracteres botanicos, devia estar melhor conhecida e mais vantajosamente representada que em simples classificação nas taboas de systematica.

Nós que temos um horto botanico onde se colletam os specimens vegetaes mais sobresalentes do nosso paiz e até do estrangeiro, al-

Lasyandra papyrifera

guns de menor importancia, desconhecemos essa interessante propriedade dos declives da Serra Dourada em Goyaz, e a que os naturalistas europeus emprestaram minuciosos cuidados e particular estudo.

O abandono da preciosa Melastomacea, de que o Professor Pizarro fazia os mais justos gabos em suas luminosas lições, na Escola de Medicina e que não tem sido olvidada pelo actual cathedratico Dr. Antonio Bittencourt, talvez encontre justificativa na patente quisilia que os botanicos nacionaes votam aos aspectos naturaes do sertão.

A arvore do papel (*Tibouchina papyrifera, Cogn; Lasyandra papyrus*, Pohl; *Pleuroma papyriferum*, T.; *páo de papel*, dos sertanejos) appareceu pela primeira vez á observação dos curiosos nacionaes na exposição de 1875.

Fallando da delicada epiderme que apresentava essa amostra e na qual pesquizou propriedades physicas e chimicas, escreveu A. E. de Taunay:

"Observando-se com algum cuidado o tecido notam-se muitos pontinhos salientes, aqui, acolá, com tal ou qual profusão como que circulos em resalto, uns juntos, dous a dous, outros separados. Será a impressão ou molde deixado pelos *stomas* das camadas superficiaes ?

A lamina de papel não é muito ruptil. Póde-se até escrever com penna de aço, melhor ainda humedecendo-a.

Recebe a tinta, mas não a chupa. N'agua custa mais que o papel a impregnar-se de humidade. Esfregada entre os dedos deixa uma sensação passageira de resina. Queima com rapidez, depositando cinza que comprimida reduz-se a pó subtilissimo.

Segundo ensaios que fiz é indifferente á tintura de tournesol, mas amarella muito na de violeta. Não é atacada nem pelo acido azotico nem pelo chlorydrico; tratado porém pelo sulfurico, precipita-se sob á fórma de um pó pardacento, desprendendo-se durante a reacção bastante calor."

(*Goyaz na Exposição Nacional de* 1875).

A arvore do papel apresenta o tronco e os galhos mais velhos revestidos de uma lamina papyracea; as folhas são peciolladas, elipticas, rigidas, apice despontado, base tirante para o arredondado, margem lisa; as flores ligeiramente pediculadas; o calice triangular e campanudado.

Merece observada a rica derma que se esfolia facilmente com os ventos de Agosto, dando a impressão de ser o arbusto envolvido em tecido assetinado, côr de marfim velho, ou para Weddell e de "admiravel alvura", ou para S. Hilaire "perfeitamente branca".

O botanista allemão J. E. Pohl, que percorreu o planalto central em 1819, foi quem primeiro estudou scientificamente a bella Melastomacea familia de *habitat* nacional:

"Tambem achei nesses campos algumas plantas raras, principalmente uma nova especie do genero *lasyandra*, outrora *rhexia*, que denominei *lasyandra papyrus*."

(*Reise Innern im Brasilien* — v. 1°, pag. 379).

Outro naturalista, francez, A. Saint Hilaire (*Voyages à l'interieur du Brésil*), no mesmo anno, collecionando os vegetaes da Serra Dourada, no rigor do verão, no tempo das queimadas, encontrou a arvore do papel despida, mas fazendo a diagnose pelas folhas cahidas que se denunciavam pelo *facies* especial reservado ás Melastomaceas.

A preciosa *tibouchina* figurou nas collecções organizadas por Vauthier, Ule, Weddell e Burshell.

Após todos estes estudos, ficando o ultimo distante de nós meio seculo, é esta a primeira tentativa de rehabilitação ao mimoso especimen das altitudes goyanas, para o qual "A Informação" chama a attenção de seus leitores e a dos botanicos.

E deve-se notar que é a primeira vez que se representa photographicamente a curiosa arvore que não mereceu a honra de uma estampa na Flora de Martius.

N. R.—Já estavam escriptas estas linhas quando recebemos do nosso eminente collaborador Dr. Alberto Löfgren a seguinte communicação em resposta a um pedido nosso: "A sua Lasyandra papyfera Pohl, hoje Tibouchina papyrifera Cogniaux, está descripta nos "Annaes das Sciencias Naturaes de Paris por Naudin, assim como nas "Melastomaceas" de Triana e na Flora Brasiliensis. Teve tambem o nome de Pleuroma papyrifera Triana, mas não consta de estampa nem figura alguma da especie.

Se o amigo escrever alguma cousa sobre esta planta peço lembrar que o nome correcto da familia é hoje "Melastomaceas".

A Bancarrota do Saneamento dos Sertões

Uma grande celeuma se levantou, recentemente nas capitaes mais adiantadas do paiz, a proposito do interior do Brasil, seus habitantes e o crescido numero de molestias que dizimam nossos concidadãos, verdadeiros homens doentes, enfraquecidos, depauperados, incapazes de despender, em circumstancias identicas, as energias que os individuos de outros paizes sabem gastar em prol do progresso e bem estar individual e collectivo.

Uma voz autorizada, de um illustre e conceituado professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro fez-se ouvir, por occasião de uma solemnidade, póde-se dizer, de caracter academico, descrevendo, com côres carregadamente negras, a miseravel condição vital de nossos concidadãos das regiões centraes do paiz, onde o impaludismo, a uncinariose, o mal de Chagas, a leishmanniose, a lepra, a syphilis, a bouba, a tuberculose e tantas outras modalidades morbidas, agindo de mãos dadas, num campo completa e francamente aberto, ameaçam anniquillar, por inteiro, os brasileiros, sem que, até o presente, os poderes publicos da Nação se volvam a extender suas vistas para ponto de tão alta relevancia.

Ha pouco, quando se alludia ao nosso typo sertanejo, era um prazer ouvir-se decantar a robustez do cabôclo a força, o vigor, a energia do tabaréo.

Mais tarde, uma outra missão scientifica arriscou transpôr os limiares dos centros, e desde logo a impressão foi dolorosa; verificou que zonas ha em que 90 % dos habitantes são contaminados pela trypanosomiase sul-americana; regiões ha em que o impaludismo e a ankylostomiase devastam endemicamente; lugares existem em que os leprosos, os tuberculosos de toda especie vivem em nefasta promiscuidade com os individuos sãos, cavando-lhes, é bem de ver, a ruina.

No decorrer da benefica agitação que echoou pelo Congresso Federal, pela imprensa toda, vozes autorizadas, porque partem de homens que conhecem, senão todo ao menos grande parte do Brasil, medicos illustres, que têm palmilhado crescido numero de Estados da Federação e observado, *de visu*, a grande miseria em que se encontram os habitantes do centro do paiz, dizem que a grande razão que motiva semelhante estado de cousa é a maxima deficiencia alimentar dos nossos proletarios do interior. Enfraquecidos, inanidos quasi, por uma alimentação deficiente, é muito natural que os individuos não tenham resistencia organica para se libertarem de qualquer insulto morbido, leve que elle seja.

Como poderão alimentar-se sufficientemente individuos que não possuem meios de transporte para se abastecer de elementos essenciaes para seu nutrimento? Como prover-se fartamente, se muita vez, nem mesmo o material para o serviço, o sertanejo póde adquirir, tão difficil se torna sua acquisição, sabido que, até agora, os Governos da Republica, seguindo a mesma traça da Monarchia, não cogitaram de suavizar a situação de nossos concidadãos, facilitando-lhes transportes rapidos estrategicos e commerciaes? A campanha que agora surge nas grandes capitaes será mais uma campanha inutil e de exito problematico para os interesses do paiz, sabido que a prophylaxia das molestias reinantes no interior, facilima, se se pudesse contar com o concurso do individuo, torna-se de todo problematica no caso contrario.

Imagine-se que o Governo tente fazer prophylaxia contra o impaludismo, distribuindo, a preços reduzidos, saes de quinino e télas para evitar a mordedura de mosquitos.

Pensarão, acaso, que a grande maioria do povo estará em condições de fazer acquisição de taes coisas, quando o producto de seu trabalho desvalorizado pela falta de meio de transporte, mal e deficientemente dá para a compra do sal, café e outros generos de necessidade immediata, enormemente encarecidos, graças, ainda, á falta dos mesmos transportes?

Vê-se, pois, que a nova campanha é mais uma daquellas tendentes a estiolar-se; e tornar-se improductivel, ante o grande, o maximo escolho em que vão se quebrar todos os surtos do progresso brasileiro—a falta de transporte.

DR. AYRES DA SILVA.

Não só os jornaes desta capital, mas ainda os dos Estados puzeram uma larga generosidade e uma captivante gentileza no registro do apparecimento da *Informação Goyana*.

Conscios do nosso pouco merito, não seremos nós quem nos permittiremos a vaidade — aliás deliciosa e consagrada pelas praxes — de reproduzir nestas columnas as referencias que foram para nós do maximo conforto.

Houve mesmo jornaes, como o *Jornal do Commercio* ou o *Brasil-Ferro-Carril* — este levando sua generosidade até a transcrever o nosso artigo de apresentação — que não se limitaram a ser gentis e benevolentes e foram excessivos.

Assim, a nossa gratidão a todos os brilhantes orgãos da imprensa brasileira que nos deram o seu apoio e o seu applauso é sem limites e nem é possivel encontrar palavras para devidamente manifestal-a.

A fertilidade e a vegetação do solo goyano

II

Depois que o espirito argúto e observador de Euclydes Cunha dissernia em forma litteraria o alcance do *naevus* mestiçado e a barbara psychologia das gentes sertanejas, esculpindo o seu maravilhoso "Sertões", um phenomeno suggestivamente brasileiro deu entrada nos arraiaes da belletristica — o apparecimento de uma verdadeira *sertãomania*, sustentada pelos nervosos amantes das novidades nacionaes.

Não houve poeta que não bordasse uma pagina melancolica de sertanismo nephelibata; romancista que não copiasse certos gestos dos personagens de Affonso Arinos; litterato que não soltasse a verve da phantasia pelos pagos do centro; conferencista que não proclamasse inconscientemente o "masculo sustentador do Brasil futuro", ora, creando no sertão um oasis de encantos, ora decapitando-lhe as bellezas nativas e variadas.

E uns após outros os sequitos de paroaras, de aventureiros da amazonia, de bahianos fanaticos, de mineiros desprevenidos, de gaúchos irrequietos e sertanejos sanguisedentos, fizeram o sabôr dessa colmeia nervosa de chronistas improvisados.

Da fama do Brasil endeosada em uns, deturpada em outros, a litteratura de momento fez uma valente cabriola para a flora e para a fauna, sob o convidativo estimulo das remunerações do joven ministerio da Praia Vermelha.

E muitos dos então puros especuladores sociaes despertaram-se zootechnistas, botanicos, agricultores.

E aquelles que não depararam agasalho para suas locubrações sob o manto protector de Ceres, accorreram ás tribunas das conferencias, offerecendo sua colheita philologica á paciente admiração dos audictorios, na suprema ventura de gozar o "frisson" dessas almas piedosas que se comprazem antes com a acidez do estylo arranjado a tropos e metonimias de que com o valor de um fundo entortilhado, phantastico e nullo.

Foi em uma dessas noitadas litterarias, ha 3 annos, no Instituto Historico, que ouvimos os mais hereticos conceitos reverberados contra a flora e o clima do Planalto Central, pelo então conferencista Dr. Alberto Rangel, um dos pretendentes a sozia mental de Euclydes Cunha.

Para dar ligeira impressão dos innumeros desacertos d'aquella contribuição oratoria transportamos este trecho:

"Sobre ella (a terra do Brasil Central) se entremeia a vegetação arbustiva, raleada e peca annonaceas varias, bomeliaceas cortantes, palmas erecteis, as rijas e feias vellozias. As epiphytas são raras e as phanerogamicas mais ainda. O Matto Grosso é antes uma denominação geographica que a realidade de um aspecto botanico. Ao longo das chapadas inferiores ou superiores, que successivamente formam o bloco das terras centraes, não existem as florestas impressionantes, ricas de parasitas e encordoadas de lianas, de aspecto asseivajado e melancolico, semelhantes ás que engastam os charcos da Amazonia.

A "canella de ema" e mais uma ou outra dicotyledonea, entre os monticulos de cupins, dominam as charnecas das chapadas semiaridas; o ipé, o buriti, a pindahyba pompeiam nos capões das baixadas humidas, onde se anninham rubiaceas venerosas, os jaós dão pios e a jatahy faz mel.

No fundo dos valles forma-se por vezes a vegetação luxuriante, sendo no entretanto, raras as mattas de myrtaceas, laurineas e leguminosas, cujo porte, espessura e viço nos cerrados, são sempre inferiores aos que nos acostumaram as cordilheiras proximas ao mar e o lagoeiro paludoso do extremo norte do paiz."

(*Rumos e Perspectivas*. Pp. 258).

Curioso trecho de um educadôr de multidões, onde pullulam erros de taxinomia botanica, de completa ignorancia do territorio ou de trabalhos referentes, ao lado de faltas imperdoaveis de conhecimentos climatologicos e da mais comezinha noção de ecologia, como diria E. Warming.

Si o applaudido auctor do "Inferno Verde" povoôu theoricamente a seu talante, de mesquinha vegetação, as terras centraes, devia tel-o affirmado em nota previa, justamente porque nós o desafiamos a mostrar em um botanista de verdade, a incongruente salada vegetariana com que arrojadamente e individualmente vem desmentir os paciente e demorados trabalhos de exploração, levados a termo por verdadeiros phytalogistas como Ernesto Ule e Pohl.

Tivesse o Dr. Alberto Rangel, como fazem os sinceros criticos ou estudiosos, percorrido de relampago as terras que ousou esterelizar, certo estou de que augmentaria sua bagagem intellectual, quando não com um "Paraizo", ao menos com um "Purgatorio Verde".

Antes de destruir phrase a phrase as insinuações do botanico do Instituto Historico, para confronto e balanceamento de competencias, transcrevo os seguintes dizeres de Ernesto Ule, que estudou a distribuição da flora na mesma região tão insidiosamente malbaratada pelo emphatismo incompetente dos rabiscadores de chronicas vegetaes:

"Diversos botanicos têm me precedido em viagens por Goyaz e alguns, não sómente gozando de condições mais favoraveis, como tambem demorando-se mais tempo: cito Saint'Hilaire, Burshell, Gardner, Weddell, Pohl, dos quaes o ultimo, sobretudo, reunio extensas collecções e explorou detalhadamente as ceramicas da cidade de Goyaz.

Entretanto, desta vasta região muitas localidades deixaram de ser exploradas ou o foram em estações diversas, como parece ter-se dado com a região entre Formosa e Calvacante, pois os botanicos que visitaram esta banda, ahi penetraram, passando por Trahiras e S. José, caminho que offerece menor interesse. Além disso, poucos foram os que deram especial attenção ás Cryptogamas, das quaes, eu trouxe Fetos, Musgos e Cogumelos; de modo que o resultado da minha viagem não deixará de contribuir algum tanto para o conhecimento do interior do Brasil.

Consegui trazer collecção de plantas seccas consistindo de 430 Phanerogamas e 310 numeros de Cryptogamas.

Emquanto coincide em parte com o taboleiro geologicamente distincto do Brasil Central, no Estado de S. Paulo este reino (o das Oreadas da *Flora Brasileira*, de Martius), dividido por condições climatericas, ainda se extende em seguida sobre a metade occidental de Minas Geraes. Esta região, cortada por montanhas, serras e planaltos abundantes, e coberta de campos e em parte de mattos, fórma um dos reinos da flora mais ricos do globo terrestre, e offerece tambem as formas as mais caracteristicas para o Brasil.

Unicamente a extremidade Sul da Africa, dotada de similares condições, excede ainda — visto sua menor extensão e exploração havida — ás regiões dos campos do Brasil Central em abundancia de plantas.

Griesbach avalia em 10.000, o numero das especies endemicas, existentes nesta região; tambem não ha sómente muitas especies, mas até varias familias, ou proprias da localidade ou que aqui têm seu centro de extensão.

Além disto, minhas pesquizas feitas em Goyaz, e consultas da "Flora Brasiliensis" me demonstram que esta provincia de plantas se subdivide em varias regiões, e que Goyaz emquanto conserve o caracter essencial dos campos de Minas Geraes, possue sua flora particular, distincta por varias especies endemicas. Acham-se aqui tambem plantas de parentesco amazonico, pois que quasi as mesmas familias daquella região, enumeradas por Martius como as mais ricas em especies, como, por exemplo, *Mauritia armata*. Mart. Tacoca, mostram derivar-se d'ahi."

(Ernesto Ule — *Relatorio da Commissão do Planalto*, pag 341).

Deante da singella e calma frieza do naturalista allemão, já considerariamos nullificadas todas as heresias desse phytoclasta, si não tivessemos promettido trazer ás claras os erros de palmatoria esboçados no curto trecho supra mencionado.

E' o que passamos a fazer.

* * *

Em sua apreciação imaginaria da esthetica floral taxou o conferencista nossas elegantes Vellozias de feias e rijas... Nisto vae, ou despeito, ou falta de observação ao real, sendo que essas mimosas vegetações das grandes altitudes superiores a 800 metros, fizeram o grande deleite de Gardner (*Travels in Brasil*); causaram admiração a J. Wells (*Three thousand miles through Brasil*) a Burchell e muitos outros.

Além de fornecerem encantadora perspectiva aos campos elevados do planalto, são o mais evidente attestado da benemerencia do clima.

E nessas terras altas as epiphytas são mesmo raras como casualmente acerta o Sr. Rangel, mesmo porque essa inopinada asserção vem frizar uma de suas incoherencias, quando diz que o Brasil Central recebe o calor, a humidade e o frio, centrifugos dos igapós do Pará e da depressão platina".

Schimper que mais desenvolvidamente estudou estes interessantes seres vegetaes, as epiphytas, chegou a conclusão de que dependem em alto gráo da humidade atmospherica.

(*Botanische Mittheilungen aus den tropen—Heft*, 2—1888.)

E. Warming observou em Lagôa Santa, quqe a queima dos campos e das mattas contribuia para diminuir o numero das epiphytas de par com a falta de humidade.

(*Contribuição para a geographia phytobiologica—Trad. Lofgren.*)

O que, sobretudo, me causa especie, ao tratar destes—*principes vegetabilium* — é perceber que o autor das—"Sombras n'agua", falla pouco antes em bromeliaceas cortantes...

Quem sabe si as bromeliaceas não são epiphytas ? São, como tambem as orchidéas, os fetos, os hepathicos, os musgos, as araceas, piperaceas, as Clusiaceas, etc.

(*Vide—Botanica—Bibliotheca do Povo.*)

Convem dizer, que a feição do planalto central, como centro de evolução geologica, devia ter contido, como de facto contém, todos os especimens das zonas affastadas, e é assim que o epiphytismo offerece ahi vasto terreno ás pesquizas.

Apesar de sua altitude superior a 1.200 metros em muitas leguas de extensão, mais de um naturalista enumerou representantes dessa vegetação em todos os vertices do dilatado planalto.

Weddell ao atravessar o matto-grosso admira suas lianas phantasticas; Pohl em muitos locaes de suas investigações depara a interessante vegetação.

Na região menos provida de vegetação, ao nordeste goyano, o distincto botanico da commissão do planalto, acima citado, colleccionou em uma diminuta érea de 14.400 kilometros, nada menos de: 26 fetos, 2 caraceas 62 musgos, 3 lichens, 30 orchidéas, 9 biromeliaceas.

Considera o Sr. Rangel, o matto-grosso "uma denominação geographica antes do que a realidade de um aspecto botanico."

Em nosso artigo anterior demonstramos a existencia da immensa floresta, conhecida tradiccionalmente, citando todos os naturalistas

que percorreram Goyaz e os depoimentos curiosos de viajantes dignos de fé. Si julgar suspeita a opinião autorizada de seu distincto collega Dr. Alipio da Gama, leia esta, recente, de um medico:

"No sul de Goyaz, além das espessas mattas que acompanham seus cursos d'agua, quasi sempre de grande largura e em toda a extensão da caudal; além das que algumas vezes se encontram nas encostas das serras, existe uma faxa florestal, que passa entre Pyrenopolis e a Capital, com a largura de 80 a 100 kilometros e o comprimento excedente de 400.

E' o matto-grosso de Goyaz."

(*Revista do I. Historico — Tomo* 68, *Dr. Antonio Pimentel*).

Parece que a propria natureza phisiographica está a demonstrar a necessidade e a existencia desse florestal de anteparo ás margens e as innumeraveis cabeceiras, ensombrando o *divortium aquarum* ou cingindo o tronco espaçoso das caudaes que avolumam os recipientes septentriões — Tocantins e Araguaya ou o meridional Paranahyba.

E demais, acceitando-se a hypothese de P. Lund e Gerber, deve ser a mais antiga formação vegetal do alto Brasil, certamente um grande departamento da phytobiologia, desde a mais rudimentar á desenvolvida determinação da taximomia.

Como é que o Sr. Rangel poderia notar tão emphaticamente a ausencia das phanerogamicas no vasto Araxá?

Taubert, a quem E. Uble enviou a duplicata do herbario collegido no planalto central, ficou cheio de admiração deante dos 450 exemplares de phanerogamas que faziam parte da rica collecção.

E note-se que esse já crescido numero foi organizado ás pressas e em uma região pouco afortunada em vegetação.

Não param aqui as erronices inclassificaveis do homem da Amazonia: cumúla suas *gaffes* negando ao Brasil Central, a distribuição da preciosa familia dos leguminosos.

Ecologicamente fallando, nenhuma aggremiação vegetal occupa mais desenvolvido papel no dynamismo social sertanejo, sendo de consummo quasi obrigatorio, já como fornecedora de hydratos de carbono e albuminas, já como basicas em construcção e marcenaria.

Na exposição nacional de 1875, Goyaz estava representado por muitos dos possantes individuos desta familia e entre estes: o angelim (do genero *andira*), o angico (*Accacia angico*), o balsamo (*Myrospermum peruiferum*), o jacarandá preto (*Dalbergia nigra*), o jatobá (*Hymenea curbaril*), a maria-preta (*Melonoxylon brauna*), a sucupira (*Browdichea major*), o pão d'oleo (do genero *copaifera*), o pão ferro branco (*Cesalpinia ferrea*), o jacarandá pardo (*machaerium*; o tamboril (*Enterolobium-tamboril*).

(*A Provincia de Goyaz na Exposição Nacional de* 1875 — *E.* Taunay).

Encheriamos provavelmente muitas paginas, si transladassemos para aqui os 211 nomes de leguminosas (Papillonaceas, Mimosaceas e Cesalpinaceas) constantes do herbario de Ule — collecção que apodrece serenamente nos vastos porões da antiga habitação regia.

E para dar mostra de que não nos achamos possuidos do "ingenuo enthusiasmo côr de rosa dos commodistas preguiçosos que se limitam a repetir a fama das nebulosas riquezas naturaes, cuja descripção viram em livros estrangeiros subvencionados" (Roquete Pinto) repetimos aqui a noticia de H. von Ihering, que foi sempre adverso ao sertão, sobre a obra de Taubert:

"Na opinião do Sr. Taubert e de seus collaboradores, raras vezes apparecem collecções como a de Ule, a qual forneceu uma riqueza, surprehendente de especies novas e interessantes".

Já seria o bastante para rehabilitar em toda linha, das perfidias desse thuribulario da Amazonia, a vegetação do alto Brazil, si não tivessemos ao alcance o *"Mappa que muestra las esplorationes hechas por los hermanos Reys en la America del Sur y la linea del projectado ferro carril Internacional, presentado por Raphael Reys, delegado de Columbia, a la 2ª conferencia internacional americana* — 1901."

Por esse esboço levantado *in loco*, pelos três arrojados irmãos hispano-americanos, deprehende-se (como todos os observadores sensatos) que a vegetação do Planalto Central está ligada por innumeros contrafortes, a de Matto Grosso e da Amazonia, e ainda mais notam-se assignaladas em Goyaz, as zonas do Caucho (*Cortilloa elastica*), e do Cacáo (*Theobroma cacáo*).

E' mais um desmentido ao phalansteriano phytoclasta, e a seus adeptos que a viva força querem disseminar carrascaes e samambaiaes pelas devezas ubertosas do Interior.

AMERICANO DO BRAZIL.

A PALMEIRA BURITY

D'entre as palmeiras mais uteis, mais bellas e mais elegantes do Brasil, cabe a primazia ao Burity (*Mauritia vinifera*), no dizer do sabio Lund—a mais nobre creação do reino vegetal na natureza tropical.

Saint Hilaire chamou-a—"palmier du désert, á la fois si élégant et si util".

D'esta preciosissima palmeira a nossa gravura representa o que no interior se chama *verêda* de Buritys, algumas extensas, de mais de 4 a 6 kilometros.

rallelos, formado pelas quédas das *seniam-plexicaules* da base dos peciolos.

Ao lado d'aquella formosa monocotyledonia, a macaubeira (*Acraconia sclerocarpa*) parece acanhada e fica completamente offuscada: das palmeiras, cujas folhas são todas revestidas por foliolos, a unica que rivalisa em elegancia e altaneira é o anassú, que os Guaicurús chamam *chatellôd*.

Do Burity extrahe-se um succo saccharino usado depois da fermentação, como bebida e do qual se póde tirar excellente assucar.

Veredas de buritys

Não confundir a nossa palmeira, caracteristica do Brasil Central, com a Murity (*Mauritia flexuosa*), da região amazonica, que é especie outra, menos elegante e de porte mais acanhado.

Quanto á sua distribuição geographica e mais qualidades que a fazem providencial no vasto interior do paiz, basta ler as seguintes linhas, que lhe consagrou a penna de Taunay, que as viu *in loco*:

"A folhagem verde-escura da *Mauritia vinifera* abre-se como um leque, sustentado por longos peciolos alveolados e no topo de um estipéte liso e pardacento-claro, no qual se notam os traços pa-

Os fructos dão em compridos cachos; são ovados, com casca rija, amarello-avermelhada escura e de brilho metallico, cobertos por escamas rhomboidaes, que encobrem uma polpa saborosa. A amendoa acha-se n'uma loja menospermica. Em épocas de fome essas palmeiras de muito serviram aos soldados, que procuravam não só os côcos, em concurrencia com as Araras, como em razão do miolo, que chupavam com bastante gosto.

Os Buritys são sempre indicios de agua, nascendo só em lugares humidos.

No caminho para Uberaba appareceram, pela primeira vez, no

pouso dos Buritys (á 80 leguas do littoral)· proximidades do Rio Grande, divisa entre as provincias de S. Paulo e Minas. Até ao Rio Negro a abundancia de Buritys é extrema; d'aqui por diante vão se tornando menos frequentes; e, para os lados de Nioac e Miranda viem-se-os raramente."

(*Expedição ao Sul de Matto-Grosso*).

E', na verdade, proverbialmente sabida a utilidade da palmeira do sertão em todo o Brasil Central: das suas folhas, mui largas, se fazem coberturas de casas; as mais novas, não de todo desabrochadas, fornecem a chamada seda de Burity, que é resistente, sedosa e flexivel, aproveitada na manufactura de redes de dormir, esteiras, cordas e, finalmente, ponchos impermeaveis, conhecidos pelo nome de *caróchas* ou *caróças*: a seiva dá o "vinho de palma", e os fructos dos seus gigantescos cachos, ás vezes de 4 a 5 metros de comprimento, num só pé servem para o fabrico do delicioso doce chamado *saiêta*—cujas qualidades estimulantes muito o recommendam.

Buritys

A população de Goyaz

Se o serviço do recenseamento da população da Republica não tem sido regularmente feito na Capital Federal — como todos o affirmam, pondo em duvida a veracidade das cifras encontradas — que dizer delle em relação ao Estado de Goyaz, cuja propria extensão de área geographica ainda é um problema na cartographia nacional?

No emtanto, é permittido calcular, mas por outros processos differentes dos de que tem lançado mão a nossa Directoria Geral de Estatistica, a população provavel ou possivel do longinquo Estado central, que sempre andou á revelia nas cousas consideradas de interesse material ou moral para o Brasil inteiro.

Os amesquinhados 255.284 habitantes (especie de conta de chegar) que a "Synopse do recenseamento de 31 de Dezembro de 1900" dá como representando a população goyana, população que serve e ha de servir para todos os effeitos até que appareça a de 1920, são avaliados pelos mesmos processos empregados nos Estados, cujas condições são muito outras sob tantos aspectos dissemelhantes.

Sobre não se ter conseguido em tempo algum dados officiaes sufficientes para o conhecimento approximado que fosse da população goyana, procurando-se agora esse "desideratum", não se poderia applicar, sem mais nem menos, no concernente a Goyaz, os mesmissimos calculos admittidos para o conhecimento da população brasileira em geral, como por exemplo os servidos para avaliar a taxa do crescimento da população dos outros Estados nestes ultimos annos. Tendo-se em vista a ausencia absoluta de epidemias em Goyaz, a notavel natalidade que alli se observa, as excellentes condições do saluberrimo clima e mais ainda a avultada e ininterrupta corrente de migração nacional que de todos os Estados vizinhos se ha encaminhado sempre para lá — em busca de "largueza" como se diz em Minas e S. Paulo, ou ainda com o fim de explorar-lhe as riquezas nativas, certo que o augmento da sua população ha de se avantajar aos de muitos Estados, particularmente os nortistas — não só dizimados pelas epidemias reinantes, exemplo a da variola e outras como egualmente assolados pelas grandes seccas periodicas que lhes despovoam os territorios de anno para anno, e onde, como se sabe, não aportam immigrantes estrangeiros, nem nacionaes, correspondentes em numero aos que partem em demanda de outras mais favorecidas regiões do paiz.

Em geral se pensa erroneamente que os filhos dos Estados nortistas só immigram para a Amazonia ou para o sul do Brasil, quando a verdade é que uma grande parte daquella gente se interioriza pelos altos sertões a dentro e de lá não regressa mais aos seus penates — fixando-se de preferencia na terra promissora de Goyaz que a seduz.

Essa circumscripção brasileira estava providencialmente destinada a ser a "Chanaan" dos nortistas que, ou fugindo ás calamidades das rigorosas seccas, ou sonhando as maravilhas do "Eldorado" comprehendido entre o Tocantins e o Araguaya, para lá se dirigem em grandes massas, lembrando exodos historicos.

Quanto á migração dos laboriosos filhos do nordéste do Brasil para Goyaz eu não sei, nem outrem saberá responder precisamente se ella já attingiu ou excedeu ás proporções daquella que se faz para a Amazonia — pela simples razão de não haver dados estatisticos, quer de uma, quer de outra regiões alludidas.

Abrindo as paginas do relatorio enviado á Assembléa da antiga provincia de Goyaz, pelo seu presidente J. M. Pereira de Alencastre — distincto piauhyense — lê-se:

"A população de Boa Vista do Tocantins tem tido um augmento consideravel e bem assim, as freguezias de S. Pedro do Tocantins e o Duro. As seccas que têm nestes ultimos annos devastado os sertões da Bahia e do Piauhy, têm feito emigrar para o lado oriental da provincia mais de duas mil pessoas, que se têm ido estabelecer nas freguezias mencionadas."

E' um documento historico que vale mais que "uma conjectura", quer nos parecer.

Por outro lado o marechal Cunha Mattos, Gardner, James Welles e outros notaveis viajantes que visitaram o nordéste goyano referem a existencia de uma forte e continua corrente emigratoria dos nortistas de outros Estados para aquella zona.

Henri Coudreau na sua "Voyage au Tocantins-Araguaya" attesta a crescente e incessante corrente emigratoria que procede da Bahia, do Piauhy, do Maranhão e do Pará para os numerosos nucleos de população desse territorio goyano. A descoberta alli da "Castiloa-elastica" e dos immensos campos nativos de criação, têm poderosamente influido para a sua colonização nestes ultimos 20 annos. Segundo um mappa ultimamente levantado pelos padres Dominicanos, de Porto Nacional, o valle do Rio do Somno que é um dos mappas mais recentes de Goyaz assignalava como região desconhecida e infestada pelos incolas, conta hoje 18 nucléos de população inteiramente desconhecidos dos poderes publicos do Estado!

O engenheiro militar, Dr. Alipio Gama, que como membro da Commissão de Estudos da Nova Capital da Republica explorou pequena parte do valle superior do rio Maranhão, tratando dos seus habitantes, escreve que de ordinario não têm elles, sobretudo os que ficam lá mais para o fundo do valle, quasi relações com os centros povoados e que ha lá muita gente mesmo que não faz a menor idéa de uma villa emuito menos de uma cidade. Ora ahi está: se essa pobre gente não apparece nas villas e cidades, lá onde ella vive ou vegeta é que nunca foi nem vae nenhum funccionario — quer do Estado, quer da nossa Directoria Geral de Estatistica...

Como este valle ha no vasto Estado Central innumeros outros sabidamente mais povoados, mas em identicas condições de isolamento, de abandono, como por exemplo o chamado "Vão do Paraná", onde o elemento criolo predomina e póde ser computado em mais 50 mil almas, não arroladas nas estatisticas.

Foi sempre mui vaga, ou arbitrariamente calculada a população de Goyaz, como acima dissemos — e como poder-se-ha, a par do seu notavel augmento, fazer uma idéa pelo seguinte trecho que trasladámos da hoje rarissima brochura do Visconde de Taunay, sob o titutlo "A provincia de Goyaz na exposição nacional de 1875":

"Com uma população que em 1804 na sua "Memoria Estatistica" o padre Luiz Antonio da Silva e Souza calculava em 50.135 individuos, dos quaes 19.285 escravos; que em 1809 o "Patriota" elevava a 50.365, entre os quaes 20.027 captivos; Pizarro a 53.422; o general Cunha Mattos em 1824, a 62.518; Keller, em 1845, a 97.572, e que a estatistica de 1872 ainda a quem da realidade, fez subir a 158.929 almas, sendo tão sómente 10.548 escravos com uma população dessas, que vae augmentando sempre, Goyaz não deve ter receios do futuro."

Em datas posteriores áquellas, a confusão reinante nas estatisticas do paiz — (euphemismo apenas tolerado nos departamentos officiaes) parece ter sempre e sempre augmentado.

Salvo equivoco de Taunay, a estatistica de 1872 dava para a população de Goyaz 160.395 almas, população que Favilla Nunes, dando-lhe um augmento annual de 2 por cento, achava que devia de ser de 211.972 em 1888 ("Le Brésil en 1889". Este augmento annual de 2 por cento, mesmo calculado como o foi para todas as provincias que não recebiam immigração estrangeira, certo não correspondia á realidade, ficava áquem de todas as provisões, maxime tendo-se em vista as incontestes razões que linhas acima dissemos.

Não esquecer que, limitrophe com sete Estados — e desde os tempos coloniaes famoso pelas riquezas das industrias extractivas, uberdade do seu sólo, o de Goyaz vem recebendo dos confinantes não só o impulso ou expansão natural das suas populações, como tambem os perseguidos pelas respectivas justiças ou ainda pela politicagem dominante em muitos delles, Matto Grosso, por exemplo. Constitue o nosso grande Estado Central, assim, um como que refugio procurado por paulistas, mineiros, bahianos, piauhyenses maranhenses, paraenses e mattogrossenses e filhos de outros Estados.

Até sob este ponto de vista Goyaz é um Estado singularissimo no Brasil, pois nenhum outro possue tantas linhas de fronteiras. Minas e Matto Grosso, tambem centraes, apenas se limitam respectivamente com cinco Estados — se contarmos para este ultimo dous paizes estrangeiros. Seja como fôr, os proprios dados estatisticos para o anno de 1872 eram deficientes, accusavam a falta de recenseamento

em uma dezena de municipios ou districtos da então provincia de Goyaz como nesse documento se observa.

Pelo recenseamento do Estado em 1890, recenseamento que devera ser cancellado, tal a falta de criterio com que nelle se houve quem de direito, a população era de 227.572 almas. O Dr. Toledo Piza, porém, computado em 2,5 por cento o augmento da população nos paizes novos, dava a Goyaz naquelle mesmo anno 340.000 habitantes, numero esse aliás muitissimo áquem da realidade — não só por se haver baseado em dados deficientes irrisorios, como egualmente pelo motivo que se verá no proximo numero.

HENRIQUE SILVA.

O CRYSTAL DE GOYAZ

Occupará futuramente, entre as multiplas possibilidades economicas e productivas de altos lucros, um logar de honra, a par de outras riquezas mineraes a exploração desse quartzo, cujos polychromicos exemplares, abundantes em S. Sebastião dos Crystaes, municipio de Santa Luzia, cobrem uma extensão de 18 leguas. (1)

Ainda ha poucos mezes vencendo o elevado parapeito de serras que se antepõe ao caminho que vae de Formosa a Catalão, pelo espigão de S. Marcos, pudemos pessoalmente avaliar a extensão e o valor dessas importantes jazidas pelo que vimos e apreciamos.

O trabalho dos mineiros estava em plena actividade nessa canicula de Agosto, como nos annunciavam os medonhos estampidos da nitro-glicerina e o lençól denso de poeira que escurecia a atmosphera em varias direcções, semelhando improvisados e simultaneos redemoinhos.

Na verdade guapiaras interminaveis, pondo a descoberto a entranha avermelhada ou amarellecida da terra, feriam nosso horizonte visual, proximo e além, attestando o esforço dos valentes mestiços, na maior parte bahianos, que pelos methodos rudimentares do Goyaz colonia labutam no mistér da extracção desse mineral.

Em seu precioso roteiro "Do Rio de Janeiro ao Pará", o Marechal Cunha Mattos, calculando ecologicamente o valor da producção local do crystal de rocha, concluiu que esta seria sufficiente para satisfazer as manufacturas do mundo inteiro.

Na exposição de 1875 o Estado de Goyaz estava dignamente representado por varias engrupações de quartzo hyalino e de outros matizes. O Visconde de Taunay que fez a apreciação dessas formas crystallinas, poude garantir com perfeita convicção "que dous bellos exemplares que figuravam na exposição de Minas Geraes, tinham sido trazidos de Goyaz e da Serra dos Crystaes."

Pohl em seu livro de viagens "Reise innern im Brasilien" conta a aventura de um tenente de Paracatú que, dedicando-se a esse genero de commercio, conseguiu em tres annos uma fortuna de 30.000 cruzados".

Ha poucos annos o Dr. Virgilio de Mello Franco escreveu da famosa jazida:

"Fomos pousar na Serra dos Crystaes, onde o terreno escarvado testemunha o trabalho dos exploradores de quartzo hyalino de diversas côres, dos amethistas, etc.

São perfeitamente translucidos e da mais bella agua os crystaes dessa serra.

Os mineiros os apanham quasi sem trabalho, mettem-n'os em surrões de couro crú para os transportarem para o Rio de Janeiro."

(Viagem á Comarcã de Palma)

Actualmente um syndicato allemão faz alli monopolio dessa industria, não permittindo que estranhos façam acquisição de quartzos, os quaes são adquiridos pelos exploradores teutos por um preço abaixo do decimo do valor bruto e ás vezes menos, conforme o volume do producto. E nada ha a censurar no odioso commercio, visto o completo indifferentismo em que o Estado tem permanecido no que concerne á legislação dessa fonte de riquezas, uma das mais importantes de Goyaz.

Pelos dados estatisticos de 1903 verifica-se que a exportação attingiu a 21.954 kilos de crystal de varias côres e tamanhos. (2)

Antes da guerra européa o mineral constituia uma activa corrente commercial entre o Brasil e a Allemanha; hoje, sabemos que nos armazens de Santos ha um consideravel "stock" estagnado pela difficuldade de transporte.

Em palestra com algumas pessoas do arraial, pudemos saber que os açambarcadores de crystal estavam com os armazens repletos continuando as compras por um preço extremamente baixo.

Vimos algumas engrupações bem avantajadas, sem jaça e de perfeita transparencia.

Ha dous ou tres annos certo mineiro encontrou um lindo quartzo verde, de consideravel tamanho, tendo 5 a 6 kilos, como nos contou um caboclo que se occupava da mineração, e mais ainda que vira seus companheiros extrahirem de um local antes dynamitado, um colossal bloco de crystal, pesando 25 kilos, o maior até hoje alli conhecido.

A Serra dos Crystaes é um ramo perpendicular da de Urbano.

A topographia do arraial e de toda a região offerece optimas vantagens para qualquer exploração pelos methodos modernos.

---

(1) — Mello Franco.

(2) — Como amostra da belleza dos crystaes de Goyaz temos o bloco de quartzo hyalino que se vê, no Museu Nacional, á entrada da sala José Bonifacio, o qual infelizmente já perdeu aquella etiqueta de procedencia, o que aliás tem acontecido a todos os mineraes de Goyaz alli amontoados.

"A Informação Goyana" no Club de Engenharia

"A Informação Goyana", que agitou, em seu primeiro numero, a momentosa questão dos limites de Goyaz com Matto-Grosso, teve a grata satisfacção de vel-a abraçada, no seio do Club de Engenharia, pelo carinho e competencia do Almirante José Carlos de Carvalho.

Grande conhecedor dos problemas do Brasil Social, pelos quaes vem combatendo ha muitas decadas com aquella mocidade de espirito que o caracterisa, ninguem melhor do que nosso redactor poderia tão bem documentar e advogar o importante assumpto inter-estadoal, deante da provecta commissão organisadora da Carta Geographica, a apparecer no proximo centenario da independencia.

O presente numero da revista tem o grato prazer de estampar um bem elaborado artigo do defensor de Goyaz, o qual é o primeiro da serie que editará sobre os direitos de seu novo constituinte.

"A Informação Goyana", representando os residentes do Rio e os do longinquo Estado, leva ao espontaneo advogado de Goyaz seus respeitos e agradecimentos.

Da acta da sessão do Conselho-Director do Club de Engenharia, de 17 de Agosto ultimo, transcrevemos o que se segue:

"O Sr. José Carlos diz que na "A Informação Goyana", revista cujo primeiro numero foi distribuido no dia 15 do corrente, vem uma interessante noticia ácerca dos limites da antiga provincia de Goyaz com Matto-Grosso que são os mesmos dos actuaes Estados, mas completamente em desaccôrdo com os limites marcados para as duas Capitanias de Goyaz e Mato-Grosso, assignalados no convento de 1 de Junho de 1771, aceito e approvado pelos Governadores daquellas duas Capitanias.

Nessa recente publicação pede-se a attenção do Club de Engenharia para os documentos que serão publicados em seguida, afim de serem corrigidos desta vez erros que estão sendo reproduzidos constantemente, e não poderão ser homologados pelo Club.

As questões de limites entre Estados estão por decidir-se entre alguns, como sejam entre o Amazonas e o Pará, entre o Pará e Mato-Grosso, entre Goyaz e Mato-Grosso, entre Bahia e Sergipe e entre Minas Geraes e Espirito Santo, já não contando com duvidas nos limites internacionaes, isto é, entre a Bolivia e o Brasil, na região acreana; entre o Uruguay e o Brasil, no Tratado do Condominio da Lagôa Mirim.

O Estado de Goyaz tem por vezes querido fazer valer os seus direitos, mas conveniencias politicas têm feito adiar-se o deslinde dessa questão.

Agora, "A Informação Goyana" appella para o Club de Engenharia e é de esperar que esta casa dispense boa acolhida ao appello que lhe é dirigido.

O Sr. Presidente, depois de algumas considerações relativas á communicação do Sr. José Carlos, agradece-lhe a offerta e faz endereçar ao Sr. Francisco Bhering o exemplar da "A Informação Goyana" para ser tomado na devida consideração."

O PORTO DE GOYAZ

Ha tempos publiquei n'uma revista o resultado de uma palestra que tive com o Sr. Antonio Lima, presidente da Camara Municipal de Angra dos Reis.

S. S. que tambem é deputado estadoal, discorreu com proficiencia, acerca das vantagens que adviriam para o nosso paiz, principalmente para a sua defesa, da installação do porto militar naquelle recanto que tem uma sentinella avançada em cada ilhota e uma fortaleza natural no cimo de cada morro.

Em dado momento a conversação descambou para as ferro-vias, e estrategicas. Fallou-se das estradas de penetração como unicas, capazes de resolver o problema, não só no ponto de vista da nossa segurança em caso de guerra, mas principalmente no ponto de vista economico.

Nessa altura, reconheci Goyaz. E tive para o meu interlocutor palavras a respeito. Angra me pareceu então destinada a ser o escoadouro maritimo da producção e da riqueza magnifica do planalto central.

A velha cidade, hoje em ruinas, com os seus grandes conventos seculares, olhando o mar do alto de collinas de espalda sempre verde, com o seu casario baixo dos tempos da colonia, recordando uma éra de fartura que passou, parece adormecida a espéra de que os silvos das locomotivas a despertem do marasmo que já dura um seculo.

Tudo parece indicar que pouco falta para que isso se torne realidade em breve.

Angra, como centro de producção não possue mais elementos capazes de supportar as difficuldades de transporte, a alta das tarifas, a concorrencia com os centros mais proximos da vizinhança, quer do lado do littoral paulista, quer do littoral fluminense.

Tem entretanto, todos os predicados para ser o grande entreposto de Goyaz e Minas, que hoje, atravez de mil obstaculos, são forçados

a recorrer a Santos, ao Rio, ou ao Pará, qualquer destes á consideravel distancia dos reductos productores, delles isolados pela ausencia de vias de communicação.

Agora que se discute no Parlamento, os meios de fomentar as verdadeiras forças economicas da nação, protegendo-as com recursos pecuniarios, não seria de mau alvitre olhar o governo para essa questão que reveste todos os aspectos de um urgente assumpto de interesse nacional.

Com pouco mais de oito mil contos, tudo estaria feito. Da Oéste de Minas, apenas dezoito kilometros faltam para que esta estrada alcance o mar n'aquella zona. Está prompto o leito, promptas estão as obras d'arte, tunneis e pontes custosos; e o abandono desse trabalho, arriscaria dentro em pouco a que elle se perdesse irremediavelmente.

A Central que já attinge Mangaratiba, está nas mesmas condições. Por toda a costa, colleando pelos morros, penetrando em valles, ás vezes quasi suspensa sobre o mar na calma das enseadas, ella tem tambem o caminho desbravado á espera apenas dos dormentes e dos trilhos, para uma extensão de algumas dezenas de kilometros.

Mezes seriam sufficientes para a realização dessa obra. E então veriamos uma cidade renascer, uma população pobre e esmagada pela falta de recursos melhorar de situação, e a uberrima zona do planalto central encontrar o seu escoadouro legitimo.

Que os governos de Goyaz e Estado do Rio desenvolvam uma energica acção conjuncta, perante a União, pois que a ambos interessam de um modo vital esse caso, e Angra dos Reis será em breve o porto de Goyaz.

CARLOS MAUL.

Os municipios do Estado de Goyaz

Suas producções, suas exportações

SANTA LUZIA

A séde d'este municipio, que conta 25.000 habitantes, dista 275 kilometros da capital e fica a 980 metros acima do nivel do mar. Sua área geographica méde 480 kilometros de comprimento sobre 180 de largura.

A producção do municipio consta além do ouro, do crystal e outras pedras preciosas, de café, fumo, borracha, milho, mandioca, feijão, arroz, canna de assucar e, sobretudo, de marmellada de renome tradicional em todo o interior do Brasil. Só d'este ultimo precioso artigo o municipio produz cerca de 12 mil arrobas, sendo a maior parte exportada para Minas Geraes e Matto-Grosso, principalmente.

Asseverava o marechal Cunha Mattos ter contado n'um só pé de marmelleiro 400 fructos; mas, em Bomfim, tem se visto até 450 marmellos n'um só marmelleiro. E' commum, por isto, se especarem os marmelleiros quando demasiadamente assim carregados, pois do contrario os esgalhos não supportam o peso dos muitos e grandes fructos até á época da sua completa maturação.

Haverá ahi maior attestado da fertilidade de uma terra ?

São exemplos d'esta natureza que, dia a dia, vão pondo por agua abaixo, aos olhos dos extrangeiros que lá se encontram, a enxurrilhada de falsissimos conceitos formulados pelos nossos economitas e *savants* de gabinete, que nunca viram céos e terras do Brasil Central, como Hermann von Ihering e *reliqua*...

Vem a proposito o que disse o director da Colonia Biasiana, que existe no municipio de Santa Luzia: "E' tamanha a força productora destas terras, que, a despeito da exploração rudimentar, da falta de instrumentos agricolas se obtem resultados maravilhosos.

"O trigo, que na Europa dá 20 %, chega dar aqui 70 %; o milho dá 250 por 1; o feijão produz na razão de 180 por 1; e o arroz chega a dar 480 a 500.

Um hectare plantado de canna produz de 80 a 100.000 kilos de assucar; plantado de café (918 pés por hectare), produz em terras inferiores 1.285 kilos e em terras superiores 2.000; plantado de algodão (4.600 pés por hectare), dá 2.165; plantado de fumo (10.000 pés), dá 1.200 kilos.

Com relação á mandioca, póde-se plantar em uma área de 220 metros, em quadra, 4.000 pés, que produzem 36.700 kilos de tapioca.

A sua vegetação é prodigiosa, continúa o citado agricultor na immensa zona florestal que possue, encontram-se as madeiras mais preciosas e raras do Brasil; encontram-se n'ella diversas plantas medicinaes, toniferas, tinturarias, officinaes, textis, resinosas, gommiferas e todas as essencias florestaes de applicação na marcenaria e nas construcções civis e navaes."

O municipio de Santa Luzia é tambem pastoril e exporta annualmente cerca de 3.000 cabeças de bovinos.

Os limites entre Minas e Goyaz

"BELLO HORIZONTE, 24 de Agosto (Serviço especial da *A Noite*) — O Senador Mello Franco apresentará amanhã uma emenda ao orçamento, autorisando o governo a propôr a arbitragem na questão de limites com o Estado de Goyaz, e si o governo goyano não acceitar esse alvitre, o governo de Minas iniciará a acção judiciaria, afim de dirimir a questão e evitar grandes prejuizos, visto o Estado de Goyaz estar invadindo a vertente oriental do valle do rio S. Marcos, reconhecidamente mineira."

Não ha nem nunca houve razão alguma que justificar pudesse, em qualquer tempo ou de qualquer modo licito, a antiga pretenção de certos mineiros a um territorio do qual de facto e de direito Goyaz sempre esteve, como está, na posse legal.

Esse nosso legitimo direito, documentado e irrefutavel, nos vem garantido pelos poderes competentes desde os tempos coloniaes. A jurisdicção de Goyaz sobre a zona que o senador Virgilio Mello Franco lhe pretende agora usurpar se esforçando por collocal-a em litigio, reconhecida como goyana, até pelo presidente João Pinheiro, foi não só ao tempo do governo da metropole portugueza como durante todo antigo regimen — assegurada ainda a Goyaz foi, pelo mais alto e competente tribunal da Republica, em 1896.

Ora, depois do pronunciamento do Supremo Tribunal Federal, em seu accordam de 4 de Março de 1896, a teimosia do Sr. Mello Franco nesse tocante importa innegavelmente n'um desrespeito á suprema magistratura do paiz, que d'aquella fórma dirimiu qualquer presumpção anterior.

Accresce ainda, que nas condições especialissimas do actual governo do nosso Estado perante o da União, precidida esta por um mineiro, o prevalecer-se o Sr. Virgilio da posição de Minas, que é a de arbitro na politica geral, para conseguir por uma tal doce violencia aquillo que Minas nunca poude haver pelo direito, vale por attribuir-se petulante desejo de fazer a partilha do leão da fabula.

Não escolheu mal a occasião, mas a victima, pelo pundonor dos seus filhos, póde lhe regeitar á cara a affronta immerecida.

Não, nós não acreditamos de maneira alguma que os bons mineiros embarquem na canôa do pescador d'aguas turvas.

EMENTAS E COMMENTARIOS

Os nossos consagrados geographos, por via de regra, desconhecem soffrivelmente a geographia do interior, ou, quando d'ella adquirem algumas noções, ás mais das vezes o que fazem é a confusão desagradavel dos accidentes geographicos de Goyaz com os de Matto-Grosso.

Um desses *savants* de gabinete, o Sr. Barão de Teffé, que no livro de propaganda intitulado — "Le Brésil en 1898" escrevia: "Les amateurs de géographie doivent étuder avec attention l'intéressante région qui forme la province de Matto-Grosso. C'est là le véritable cœur du Brésil. C'est de là que sortent les grandes artères qui portent la vie aux points les plus extrêmes de ce grand corps".

Esta confusão geografica foi, mais tarde, perpetrada com largueza e desembaraço pelo tambem heraldico Sr. de Ramiz Galvão, que no seu discurso de recepção a Roosevelt, no Instituto Historico, disse que o grande cabotino ia percorrer uma zona mattogrossense, d'onde derivam aguas para as tres principaes bacias brasileiras—a do Amazonas, a do Prata e, finalmente, a do São Francisco...

Ora, se a zona demarcada em Goyaz para o futuro Districto Federal da Republica ainda não foi desannexada do nosso Estado, tambem não foi adjudicada ao Estado de Matto-Grosso, como pretendeu fazel-o o illustre barão—orador perpetuo do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro.

O mappa da área de 14.400 kilometros quadrados que a commissão Cruls demarcou no planalto central do Brasil (vide pagina seguinte) para nella ser edificada a nova capital da Republica, põe diante dos olhos do leitor o unico local brasileiro d'*où sortent les grandes artères qui portent la vie aux points les plus extrêmes de ce grand corps*...

Que este e tantos outros velhos delictos geographicos não appareçam remoçados no *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, ora em elaboração no Instituto.

E nós não estamos aqui nesta casa, que é muito nossa, e não de favor ahi da imprensa, oiçam bem—senão para ensinar os nossos geographos officiaes a comprehender as peculiaridades da geographia do Brasil Central.

E esta será a triumphante campanha da "A Informação Goyana" em favor d'uma destendida zona brasileira desadorada dos nossos mais conhecidos decorativos medalhões que pontificam ali no phalansterio da Praia da Lapa, sob as vistas largas do assás engrossativo Max Fleiuss.

Esboço approximado da area de 14400 kilometros quadrados, demarcada no planalto central do Brasil para o futuro Districto Federal.

ESCALA DE 1:500000
0 5 10 15 20 25 Kilom

LEGENDA EXPLICATIVA:

- Itinerarios
- Rios e Lagôas
- Altitudes expressas em metros
- Longitudes W do meridiano do Rio de Janeiro
- Latitudes austraes
- Ponto culminante de planalto central de onde brota agua para o Tocantins, Paraná e São Francisco, em distancia minima de tres Kilometros, mais ou menos

IMPR NACIONAL

As Mil e uma noites do sertão

SEUS PRO-HOMENS

Ainda está por fazer o estudo dos costumes e caracteres do grande cyclo dos bandeirantes paulistas, as tradições, as superstições, vida e scenarios sertanistas do Brasil Central, desde o inicio da sua descoberta até á integralização da nossa nacionalidade. Seus costumes e caracteres, seus dramas e tragedias, seriam descriptos com a'ma e amor, teriam, como, molduras, as paysagens apenas esboçadas pelas pennas de Bernardo Guimarães, de Taunay e do primoroso Affonso Arinos.

Nenhuma pagina da litteratura nacional valeria em emotividade, essa em que se reconstituisse em toda a pureza e frescura primitivas, a alma supersticiosa e ingenua do incola sob a ameaça de um "Anhanguéra", aterrorizando-a com o estratagema do como no alcool que levava, lançar fogo aos rios, fazendo levantar das correntes crystallinas nuvens igneas, e transformando o borborinho das cascatas espumantes em crepitações de ferro em braza, salpicando faúlhas no espaço incendido.

Este simples e só episodio da epopéa sertanista tem mais de grandeza homerica que todos quantos rezam as chronicas dos dias em que as tripulações das naves portuguezas desceram á terra do Brasil, penetrando as angras.

No emtanto dia a dia vão se desapparecendo os encantos do nosso vasto scenario sertanista, com os seus lobis-homens e as suas mulas-sem-cabeças trotando pelas estradas á deshoras...

A "ubira" do selvagem já não deslisa sobre o espelho das aguas do magestoso Tocantins; os duendes dos guerreiros araguayos não mais caminham, na lenda, pelas margens do grande rio, onde a filha da Cobra Grande, quebrando o fructo da tarumã separára a noite do dia — fazendo cantar o Caûby ás horas crepusculares; e talvez nunca mais a flexa hervada do gentio descreverá sua curva mortifera, mensageira do odio aborigena...

Tambem nas invias trilhas "tapejáras" daquelles sertões se vae apagando o rastro deixado pelos bandeirantes masculos de outr'ora; e já pouco resta de memoria de homem, da sobrevivencia alli dos negros da costa da Africa, dos degredados e fugitivos da Metropole, dos ourives, dos ciganos e outras gentes heterochtones que talaram as montanhas repletas de ouro, immoveis, grimpantes, pelas guapiáras a dentro, cantando e garimpando, revolvendo cascalhos, burgalhões e pedras de jaspetão diamantinos, cavando a piçarra das minas, enlevados no descobrimento das decantadas serras azues nas quaes se viam algumas pedras soltas e elevadas, configurando columnas, outras, escadas, e outras, corôas de que veio a dizerem que continham os instrumentos dos Martyrios de Christo, ao passo que a tapuirama se ia em fuga batida a ferro e fogo pelo invasor do "Pindorama", e cada vez mais se interiorizando naquelle mesmo rumo dos cerros azues que mostravam Martyrios dos Araés, essas longinquas e mysteriosas paragens, vagamente assignaladas no roteiro de Pires de Campos, entrevistas por muitas gerações de sertanistas e nunca até agora encontrados.

Salve-se, ao menos em parte, o espolio poetico, lendario de tantos elementos ethnicos, cujas tradições não é licito se percam num passado que ainda se poderá reconstituir inteiro — pois não tão distante vão dos nossos dias ás primeiras entradas dos bandeirantes paulistanos nos sertões continentaes:

Se, como disse um escriptor — "mais do que em suas superstições e festas, que são o seu lado excepcional, devemos estudar o povo no seu trabalho que é a sua feição normal" — certo que foi lavrando as minas auriferas, no interior do paiz, que a raça africana importada nos tempos coloniaes trabalhou mais, antes da lavoura do café, cantando, e, portanto, foi lá que ella mais cantou, e é lá que devemos procurar de preferencia seus cantares, suas superstições, seus sonhares; e egualmente nas zonas mais intensamente pastoris e ganadeiras nossas, que se estendem dos altos sertões do Piauhy, Minas até Goyaz e Matto Grosso é que havemos de estudar em flagrante a raça mestiça nos seus typos vaqueiros, vestidos de couro, que pastoreiam o gado e conduzem as boiadas para o littoral.

Do mesmo modo, é ainda lá nessas alturas do grande sertão que se perpetúa, com a rotina e cousas de outros tempos o regimen dos muchirões para as derrubadas das mattas virgens; que com tanto ou mais labor se fazem as moagens da canna de assucar; que os tropeiros paulistas, mineiros e goyanos labutam, trafegando as estradas e invias verêdas que conduzem aos confins de Goyaz, Minas e Matto Grosso; é, finalmente lá, subindo as 700 leguas do longo curso do Tocantins-Araguaya, impellido, á força de varejões, pesadas e toscas embarcações "mineiras", que o indio catechizado canta, vindo nostalgico de Belém do Pará para o planalto goyano.

A par de tudo isso ha alli a tradição dos Bandeirantes, seus roteiros que seduzem e exaltam o espirito aventureiro, as lendas da mãe do ouro, os poços encantados, as almas penadas que guardam os "enterros" sob o arvoredo das tapéras, e todo um mundo extranho povoado de entes monstruosos, que de dia dormem ao fundo dos lagos inexplorados, com os Rodelleiros os cavallos marinhos, os Minhocões e a Cobra dormideira — fantastica serpente cynocephala que se aquece ao sol resfolegando estrepitosamente durante o somno nas ribanceiras do Araguaya...

Os nossos historiadores e mais estudiosos das nossas cousas, que por ahi vivem eternamente a fazer sediças prelecções sobre a descoberta do littoral, a investigar quando as armadas vieram effectivamente, a explicar uma porção de pontos obscuros da vida de boçaes donatarios das capitanias — esses, preferivel fôra, voltassem quanto antes suas vistas para o estudo da conquista do Grande Oéste, onde se encontram os elementos ethnicos das tres raças distinctas que, amalgamadas e fundidas sob o sol do sertão, produziram um typo inteiramente novo—o mestiço, que, por transformação phisiologica, será o genuino brasileiro de amanhã, arbitro na extensão continental da Sul-America, no irradiar da sua futura civilização, na virtualidade de seu alto destino social e humano.

HENRIQUE SILVA.

Uma região desconhecida

Como os Estados do norte brasileiro, Goyaz é um dos que podem gabar-se de ter sido pouco oneroso aos cofres da União, no actual regimen. Alguns insignificantes beneficios que até hoje merecera do governo federal se annullam a vista das grandes sommas que o mesmo tem despendido com os Estados privilegiados, ora favorecendo-lhes a lavoura e a industria com a construcção de vias ferreas, ora tornando-lhes accessiveis á navegação os portos maritimos. Só agora, não obstante os longos e continuos intervallos de completa paralysação do serviço, vae se arrastando, sertão a dentro, o ramal da Estrada de Ferro de Goyaz que o ex-presidente Affonso Penna tivera a má idéa de alterar o traçado, deslocando-a de Araguary, primitivo ponto inicial, para Paracatú, centenas de kilometros distante das divisas estadoanas, máo grado os reiterados protestos do senador Bulhões. Ha quasi um anno a ponta dos trilhos daquelle ramal se acha encalhada á margem do rio Corumbá, 52 leguas aquem da Capital, e isso por que, segundo dizem, a ponte vinda dos E. U. da America do Norte chegára curta ! Bellezas da nossa engenharia, ao que parece.

Ultimamente, o titular da pasta da Agricultura, que, justiça lhe seja feita tem melhorado o ministerio a seu cargo, reduzindo-lhe os gastos inuteis, creou em varios Estados, postos zootechnicos e fazendas modelos, esquecendo-se de que, para gloria de nossa riqueza, um existe, o mais rico em gado vaccum e equino, que tambem se julga com direito ao mesmo beneficio.

Ha em Goyaz, nas proximidades da Capital, uma zona magnifica sob todos os pontos de vista, que offerece todos os requisitos necessarios á creação de uma fazenda modelo, como sejam: 1°) cerca natural formada pelos rios que atravessam; 2°) forragens nativas; 3°) abundancia de caça, peixes e aves; 4°) grande quantidade de aguas salôbas que se prestam á engorda do gado.

A zona a que nos referimos fica comprehendida no triangulo formado pelos rios Vermelho e Araguaya e pela estrada de rodagem que liga a Capital á povoação do Registo, situada á margem esquerda daquelle ultimo grande rio.

Quasi toda essa extensa região, sobretudo a que se acha encravada entre Registo e o rio Agua Limpa, é desconhecida, suppondo os moradores das redondezas seja habitada pelos selviculas.

Não somos dos que participam de tal supposição, porque se indios lá houvesse, forçosamente elles appareceriam nas circumvisinhanças do Araguaya, o que até agora não succedeu.

O coronel Virgilio de Barros, conhecido criador nas margens dos citados rios, com quem, a respeito, falámos, desejando abreviar o caminho de sua fazenda Santa Catharina, situada tres leguas fóra da margem esquerda do Rio Vermelho, nas proximidades de Jurupensem, á de Itacaiusinho, no Araguaya, com a abertura de uma estrada de rodagem directa de uma á outra, afim de evitar a volta pela Villa de Leopoldina, expediu, por duas vezes alguns camaradas aos quaes incumbira verificassem a viabilidade do terreno.

Mas ao cabo de uma semana os exploradores regressavam aos respectivos pontos de partida, dizendo que os innumeros lagos encontrados lhes havia tolhido a passagem.

E' sabido que toda a zona referida, totalmente despovoada no interior, melhor que qualquer outra se prestará á criação de gado vaccum e cavallar em grandes proporções, devido não só a sua longa extensão teritorial, rica em forragens nativas (jaraguá, gordura, papuan, capim branco, etc.), como tambem, á grande quantidade de aguas salôbas que concorrem para que o gado se conserve gordo durante todo o anno sem dispendio para o fazendeiro, ficando immune da praga dos carrapatos e bernes, que infelizmente, tem dizimado populações inteiras de bovinos no Brasil, a ponto de despertar a attenção dos veterinarios.

VICOR DE CARVALHO RAMOS.

No proximo numero daremos o "croquis" da região acima alludida.

PELOS CAMPOS AGRESTES

O imponente e humilde departamento vegetal a que a semantica popular reservou a denominação acima, é ainda, a despeito de tantos suppostos caracteres differenciaes de typos e de zonas, o melhor traço de união a perpetuar a patente generalidade e unificação de especies na flora brasileira.

Como se não bastasse a impertinente velharia da differenciação de typos sociaes, estimulada e verificada nos duellos do littoral contra o sertão, ou do norte contra o sul, ainda exaltados patricios, no afan de emprestar um falso symptoma patriotico a suas erutações imprevidentes e interesseiras, se comprazem, ás vezes sem fóros de competencia , em proclamar a perfeita particularisação no que concerne ás associações botanicas disseminadas pelo immenso territorio nacional.

Parece, porém, que as explorações procedidas nas ultimas decadas nos substanciosos arraiaes da flora brasileira e fronteiriça, por muitos e profundos conhecedores, tendem a terminar de vez com a discutida questão de *habitat*, pondo a salvo e como resolvido este importante capitulo de que se occupa a phyto-biologia.

Engler estudando os gramminea do Paraguay concluiu ao cabo de demoradas pesquizas que os individuos de seu herbario em nada eram separados ou dessemilhantes aos colligidos pela Expedição Castelnau, através do Alto Sertão; e quasi ao mesmo tempo as proficientes observações de Lidmann esclareciam que as napéas das campanhas gaúchas em muito se apresentavam ás vegetações gramminanceaes da *farwest* que por seu lado são uma irradiação das que povôam o Brasil Central.

Huber, cujos trabalhos scientificos sobre a flora do valle amazonico deixam claro sua competencia de sabio bótanico, repete em mais de uma pagina de suas indagações sobre a similaridade de typos e especies, que não só as vegetações dos campos da Hylae são retratos vivos das do interior como tambem outros aspectos da flora maxima.

Nota-se portanto perfeitamente esclarecida a noção da unidade botanica na ária nacional, até aqui exemplificada pela constancia dos generos Paspalum, Aristida, Andropogon, Panicea e com as mesmas especies nas latitudes e longitudes mais affastadas.

E quando as devezas quasi reclusas da civilisação como as do Alto Brasil forem melhor conhecidas á luz da historia natural, veremos que a distribuição floristica do Sr. H. von Ihering ou as curiosas criações de *habitat* do Sr. Pio Corrêa, ou os anathemas nephelibatas do Sr. Rangel e de muitos outros improvisados theoristas não nos merecem e mais ainda que essas terras ignoradas armazenam como Arca de Noé da primitividade do solo um exemplar botanico co-irmão dos habitadores das quatro zonas da phytogeographia brasileira.

* *

Os extensos tapetes amarellecidos constituidos por gramminea e saliencias arbustivas de porte minimo, quer cryptogamos ou phanerogamos em que sobresaem bromeliaceas e anacardiaceas humildes ao lado das bignoniaceas mendicamentosas, formam os campos limpos, da denominação popular.

A sua lisura e continuidade nos extensos chapadões é apenas de momento a momento rompida pelo apparecimento de uma vellozia erecta onde uma annonacea arborescente, ostentando os sanguineos fructos ou amarellados.

O aspecto campezino de um pardacento claro nos *plateaux* elevados, adquire uma sombra esverdeada no declive da baixada favorecida pela humidade e sempre francamente chlorophilaceo na planura das varzeas e verêdas ou á periferia das mattas que interrompem as campinas.

Desprezados pelos poetas pantheistas da actual geração, os campos comtudo já tiveram seus cultuadores reverentes nas paginas scientificas e illuminadas de um Warming, ou nas littero-scientificas do auctor das "Scenas de Viagem". A. E. Taunay, que delles escreve:

"O trilho segue perfeitamente a curva do fundo desta importante bacia de outrora cujos declives e rampas nos offereciam então, até onde se prolongava a vista, a mais encantadora collecção de flores do sertão a vicejarem na verde gramma. Innumeros malmequeres amarellos e brancos salpicavam de ouro e prata a verdejante selva e bellas *gonfraenas*, lindissimos tyrsos de corollas candidas (lyrios do campo) confundiam-se, casavam as delicadas côres, agrupavam-se em maciços cambiantes e, subindo pelas encostas dos morros ou espalhando-se pela campina, estendiam-se como um tapete maravilhoso da natureza.

Realçam pelo perfume e delicadeza a *saudade sylvestre* que tem um pedunculo comprido e raras folhas, e algumas cassias cujas corollas infundibiliformes são roxas ou de um bonito azul e a folhagem recortada".

Foi sob o céo azul destas abertas paragens de luz e calma que o auctor das linhas acima, esboçou e imaginou o seu nacionalista "Innocencia" em que a simplicidade da vida dos campos hombrêa com a quietitude das solidões, em uma natureza bella e vigorosa.

E nestas perspectivas de sciencia e poesia, os campos agrestes do interior ou de outros cambiantes, mas de evidente parallelismo, ainda realizam uma notada similiaridade que os estudos do futuro certamente descobrirão nos typos botanicos do territorio nacional.

AMERICANO DO BRAZIL.

A CASTANHEIRA

A Amazonia é a terra maravilhosa fadada a occupar, no futuro, posição destacada no Brasil, pelas innumeraveis riquezas naturaes de que é depositaria e pela incomparavel uberdade do seu solo.

Agora, sobretudo, que, de toda a parte se procuram sementes oleoginosas e fibras para satisfazer as grandes necessidades do consumo, nenhuma outra região melhor poderá attender á verdadeira fome mundial desses productos, que a Amazonia, abundante em vegetaes sylvestres, riquissimos em oleo.

Ali se encontram o cumarú, da familia das leguminosas, cujo fructo é extrahido da pequena fava, que se contém no fructo da arvore *dipterix odorata;* a ucuúba, da familia das *myristicias*, segundo Martius, ou das *lauriceneas*, segundo Duchesne. O seu oleo é extrahido da massa interior do fructo da grande arvore *myristica officinalis ou sebifere.* Abunda extraordinariamente esta arvore em todo o valle do Amazonas e carrega admiravelmente de fructos, que contêm uma polpa vulgarmente conhecida pelo nome de sebo vegetal; a copahyba é extrahida da arvore *cupaifera officinalis.* E' fixo, de côr branco-amarellada, transparente, cheiro forte e sabor acre; a andiróba, vulgarmente conhecida por azeite de andiroba. O oleo é extrahido de amendoas trangulares, encerradas dentro de um ouriço produzido pela arvore yandiroba (*curapa guyanensis* d'Aubles), que é encontrada em grande quantidade nos ilhas e varzeas do Pará e Amazonas.

Mas, de todas essas, nenhuma supplanta a castanheira (*Bertholecia excelsa*), um dos especimens mais distinctos, pela fórma e corpulencia, de todos os vegetaes da Amazonia: habita os terrenos enxutos e constitue, depois da borracha, o segundo elemento de riqueza do Estado. A castanheira carrega e fructifica durante o verão, de Outubro a Dezembro e deixa cahir os fructos (ouriços), de Janeiro a Maio. E' nesta occasião que se effectua a safra, que consiste em apanhar ou recolher esses ouriços, que jazem no chão e quebral-os ou cortal-os com terçados, afim de retirar, pela abertura feita, as castanhas de côr pardacenta e fórma triangular. Quando novas ou frescas, contêm muito leite, que os naturaes aproveitam para mingáos, papas, doces e temperos das comidas; depois de seccas tornam-se oleosas. As regiões do Amazonas onde se encontra em maior abundancia, são o Ayaprá e Jtryassu', no Baixo Rio Purú, Trocary, no rio Solimões, todo o rio Madeira e seus affluentes, distinguindo-se a Jaupéry.

Os referidos ouriços contêm de 15 a 20 castanhas cada um. São excellente combustivel, mas sem emprego, visto que os extractores, tirando-lhes as castanhas, abandonam nas mattas esse envoltorio que tambem serve para objectos de ornato, depois de trabalhado nas officinas de marcenaria.

A castanheira é um dos mais bellos especimens da flora do valle do Amazonas, de onde parece ser primitiva; seu crescimento é lento, chegando á altura de 35 a 50 metros. Fructifica de 12 aos 15 annos. O tronco, elevadissimo, cylindrico, bastante rijo, presta-se á construcção naval ou civil. Todavia, não é empregado nesses fins, pois quem possue exemplares deste genero poupa-os, por ser essa arvore secular um rendimento, por occasião das safras annuaes.

A casca produz estopa reputada como superior ás demais; o tronco, reduzido a taboas, é madeira estimada; qualquer que seja, porém, o preço, não compensa o sacrificio da extincção do vegetal tão precioso. A estopa é extrahida do liber desta ultima arvore secular e usada para calafeto de embarcações.

A castanha é muito apreciada na America do Norte e na Inglaterra, para onde é enviada toda a producção, que alcança altos preços. Por ser muito saborosa e alimenticia, é toda ella consumida pelas classes abastadas, que as tem em grande conta.

O consumo poderia ser muito maior se a colheita fosse mais

abundante. Ainda ha, entretanto grandes florestas de castanheiras a explorar no vastissimo valle do Amazonas.

A castanheira é planta caracteristica do valle amazonico—penetrando, entretanto, até o territorio goyano pelas bacias dos rios Tocantins e Araguaya, os quaes, como se sabe, pertencem ao systema hydrographico do rio-mar.

Resta apenas que a Companhia de Estradas de Ferro do Norte do Brasil, ora em construcção, ponha em communicação com Belém do Pará aquellas partes de Goyaz, onde vige e cresce desperdiçaramente a *Bertholetia excelsa*.

HANNIBAL PORTO.

Exame critico de geographia pratica

Onde nasce o rio Paraná?

Qual deve ser considerada a verdadeira nascente ou cabeceira do Rio Paraná — se o rio Grande, no Estado de Minas, como se lê em todos os compendios de geographia patria, ou o Paranahyba e depois sua principal corrente, em Goyaz — foi já assumto proficientemente abordado pelo illustre Dr. Orville Derby num dos Boletins da Sociedade de Geographica do Rio de Janeiro, anno 1885.

Se, como diz o Director da Commissão Geologica e Mineralogica do Brasil, em qualquer systema hydrographico a estructura geral da bacia tem mais importancia do que a extensão do curso e volume das aguas dos seus diversos canaes para se determinar qual a corrente dominante, ou qual deverá ser considerado o rio principal—em Goyaz ficam as cabeceiras principaes do Paraná. E o rio que satisfaz essas condições é o S. Bartholomeu que, segundo estudos recentes, do competente geologo Dr. F. de Paula Oliveira, deve ser considerado a corrente principal em relação ao rio Corumbá, pois este deve ser affluente daquelle — se tomarmos em consideração a estructura geral e mais antiga da caixa e a propria extensão de ambos esses considerados confluentes do rio Paranahyba.

Assim, em vez do rio Grande como se convencionou nos compendios de geographia patria, deve ser o Paranahyba a corrente dominante do Paraná, acima da fóz do referido rio Grande. O Paranahyba, porém, perde o caracter de dominante do curso geral na confluencia do Corumbá, que por sua vez, cede a suzerania ao S. Bartholomeu.

Este nasce com o o nome de Vendinha, em uma planicie donde juntamente se originam as aguas das tres principaes bacias do nosso systema potamographico, á distancia apenas de um tiro de fuzil, na expressão do Visconde de Porto Seguro.

O eminente sabio não chegou como se infere, a uma conclusão definitiva, por lhe faltarem, por esse tempo, conhecimentos mais extensos e minunciosos da região goyana regada pela bacia do Corumbá.

Mas, depois dos resultados scientificos da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, parecem justificadas as conjecturas do nosso geologo.

Estas, aliás, foram previstas por D. Felix de Azara, quando disse: "Las primeras vertientes del Paraná nascen de los sierras donde los Portuguezes tienen las minas re oro que llaman Goiaces hácia los 17° 30' y 18° de latitud austral. Por alli se reunen muchas vertientes ó arroyos encaminando-se al Sur. Depues inclinan mucho al Occidente y luego corren al Oeste Sudoeste hasta que por los 20 grados toma el Paraná otra direccion, que puede verse en mi mapa do mismo cual el numero de sus muchos tributarios." (*Descripcion del Paraguay*—pag. 36—37, 1847, orba posthuma.)

Tambem Elisée Reclus, accrescenta nos "Estados Unidos do Brasil" esta insinuação a respeito do nosso assumpto:

"A nascente principal do Paraná não é conhecida pelo nome que a corrente toma mais abaixo; seria até difficil indicar, entre os braços mais importantes, o que tem direito ao primeiro lugar, se o Corumbá, se o S. Marcos ou o Paranahyba. Este ultimo nasce na parte da bacia mais afastada do eixo pluvial, e começa a correr na direcção do Norte. Ainda tenue, curva-se para Noroeste, depois para Oéste, e une-se ao S. Marcos, que vem do Norte. Duzentos kilometros mais abaixo a corrente tortuosa vai receber o Corumbá, que desce das Gargantas pedregosas da serra dos Pyrineus; o rio Meia-Ponte e o dos Bois, nascidos da mesma cordilheira com muitos affluentes, contribuem para engrossal-a, emquanto do outro lado um rio chamado das Velhas traz-lhe as aguas vindas das serras da Canastra e Mata da Corda.

O rio Paraná está já constituido quando encontra a caudaloso rio Grande, que nasce nos planaltos de Minas Geraes."

Reclus diz mais, e isto elucidará o nosso assumpto:

"A região menos conhecida é a das altas vertentes do Paraná. Apezar da excellencia do clima, da fecundidade das terras, da facilidade que offerecem os campos para a construcção de estradas e do desenvolvimento consideravel das aguas navegaveis da sua bacia superior, esta região do Paraná brasileiro não foi explorada com o mesmo cuidado das do Amazonas, do S. Francisco e do Paraguay. Os documentos que ha sobre esta região de tão grande futuro são pela maior parte devidos aos antigos exploradores portuguezes e aos bandeirantes que foram em busca das minas de ouro. Desde o meiado do seculo, os engenheiros incumbidos de traçar as estradas de ferro e de estudar a navegabilidade dos rios cobriram o Estado de uma rêde de itinerarios; suas viagens, porém, tendo fim especial, só pouco contribuiram para o conhecimento geral do paiz e dos seus immensos recursos agricolas.

A cabeceira do Paraná deve, pois ser referida ao Chapadão do Cocal — com os nomes locaes de Brejinho e Vendinha, aos 15° de latitude Sul, mais ou menos, donde borbotam aguas das bacias do Amazonas pelo Tocantins, do S. Francisco pelo rio Preto, do Prata pelo S. Bartholomeu."

Os autoctones de Goyaz se vão...

A idéa que geralmente possuimos das regiões interiores ou sertanejas do paiz, é que as povôam numerosissimas tribus indigenas ainda bravias como nos primeiros dias da conquista. Ora, no tocante a Goyaz, sobre ser erroneo tal conceito, é cada vez mais precaria a existencia da sua outr'ora robusta tapuirama.

Epidemias, molestias desconhecidas das sciencias?

Certo é que estão condemnados á extincção breve os chamados habitantes selvagens dos sertões brasileiros — bem dignos aliás de melhor assistencia.

Sob o nome improprio de catechese leiga, o que ha é uma especie de parceria pecuaria...

*
* *

Quando a bandeira do "Anhanguéra" transpoz o Paranahyba, em 1722, esse immenso territorio que hoje constitue o Estado de Goyaz era habitado por cerca de trinta nações indigenas, das quaes dous terços, ou mais, já desappareceram A' primeira que se extinguiu foi a dos *Goyá* que dera o nome áquella região.

Dentre essas tribus eram mais notaveis as dos *Goyá, Caiapós, Corôados, Carajás, Carajahis, Gradaús, Chavantes, Cherentes, Canoeiros, Javaés, Acroás, Caraós, Chambioás, Aricobés, Naranguagés, Afoligés, Quirixás* ou *Crixás, Papapuás* e *Guapindões*.

Das poucas sobreviventes, assim nos informa Frei Jacintho, reverendo visitador das Missões Dominicanas em Goyaz.

"*Carajás.* — Vão de Santa Leopoldina á barra do Araguaya com Tocantins, com intermitencias, sempre á beira do rio Araguaya, mais numerosos da foz do rio das Mortes ao furo Norte da Ilha do Bananal. Consideram o rio Araguaya como seu berço e sua propriedade .Inimigos dos Caiapós. Altos de estatura.

Javaés. — Na ilha do Bananal, perto do braço direito do Araguaya. Amigos dos Carajás, cuja lingua, dizem, fallam.

Tapirapés. — Ao norte do rio Tapirapés. Fallam o Tupyguarany; trabalhadores, baixos de estatura. Hoje inimigos dos Carajás. Vivem dentro das terras, como os Cherentes, seus patricios do Norte.

Cherentes. — Entre o Araguaya, Tocantins e o rio do Somno. São da nação Chavante e meio civilisado.

Caiapós. — A oéste de Conceição do Araguaya. Parte d'elles civilisados ou meio civilisados. De mediana estatura, mas robustos, caçadores; muito temidos dos Carajás.

Canoeiros. — Indios terriveis, e que não querem ter amizade com outro povo nenhum, indio ou christão. Têm um pouco de barba. Dizem que descendem do cruzamento de Indios com Africanos. São trigueiros e os traços da physionomia differem dos das outras nações indigenas."

Estes informes não só são fidedignos, como tambem os mais recentes sobre a situação actual dos indigenas no Estado de Goyaz.

A tendencia para uma proxima extincção das nossas tribus indigenas póde-se constatar tanto em relação ao numero das tabas quanto ao numero do habitantes.

A INFORMAÇÃO GOYANA
Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: *Henrique Silva* e *Dr. Americano do Brasil*

Redacção provisoria : Av. Rio Branco, 117-3°—Rio de Janeiro

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União postal)	20$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Veiga Lima, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Moysés Sant'Anna, Carlos Maul, I. M. da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3º -- Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1917 — VOL. I—N. 3

A INFORMAÇÃO GOYANA
Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: Henrique Silva e Dr. Americano do Brasil

Redacção provisoria: Av. Rio Branco, 117-3°—Rio de Janeiro

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União postal)	20$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Veiga Lima, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Moysés Sant'Anna, Carlos Maul, J. M. da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3º -- Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1917 — VOL. I—N. 3

SUMMARIO

EXPEDIENTE

Entre varios erros que escaparam á revisão na ultima edição desta Revista, um ha que damos pressa em corrigir, na communicação do nosso illustrado collaborador Dr. Alberto Löfgren: no artigo *Arvore do papel*, onde se lê — *Melastomaceas*, leia-se — *Melastomataceae*.

E' nosso o prazer e a satisfação de aqui poder-se registrar o fidalgo acolhimento que "A Informação Goyana" vai tendo nos paizes extrangeiros. Varias publicações da Argentina e do Uruguay já estão permutando com esta Revista. E esse era precisamente um dos escopos collimados pelos seus directores: fazer conhecidas de preferencia n'outros paizes as immensas riquezas nativas do nosso vasto *hinter-land*, que a illustrada imprensa brasileira desdenha, menoscaba, particularmente a carioca, na sua duvida perpetua, mas innoffensiva...

"A Razão", o brilhante matutino, acaba de reproduzir um *cliché* nosso, que trazia como legenda — "Jazidas de malacacheta em Anicuns, Goyaz".

Ser-nos-ia isto muito grato e prazenteiro se a gentil collega não substituisse aquelles dizeres da nossa legenda por estes: "A fecunda producção de malacacheta em Minas".

O Sr. Conselheiro Rodrigues Alves e Goyaz

Uma das questões mais importantes da politica brasileira deriva dos limites interestadoaes. Realmente para a propria unidade federativa da Republica, e para a expansão da vida nacional, o Brasil recisa de ultimar essas irritantes pendencias que só concorrem para perturbar o rythmo moral da nossa nacionalidade.

Que maior premio poderia esperar um presidente que fechasse de vez todos esses litigios?

E por isso nos rejubilamos com as disposições que animam o espirito do Sr. Conselheiro Rodrigues Alves.

O nosso illustre collaborador, Sr. almirante José Carlos de Carvalho, que foi um dos grandes auxiliares do Barão do Rio Branco nas pendencias internacionaes, ouviu do proprio futuro Presidente que uma das suas mais constantes preoccupações da politica interna, será realizar esse nobre *desideratum*.

Para S. Ex., homem de tão largo prestigio nacional, por de certo que esses problemas não offerecerão difficuldades invenciveis. Aliás, já quando o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves foi governador de S. Paulo, conseguiu, pela sua natural habilidade resolver, por feliz accôrdo, e graças á intelligencia politica dos dois governadores, os litigios entre seu Estado e os de Minas e Paraná.

Por taes motivos, S. Ex. está acompanhando com interesse as questões, ora debatidas, entre Goyaz e Matto Grosso.

Assim, o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves terá o prazer de celebrar as festas do centenario de nossa Independencia, com um Brasil verdadeiramente unido e fraternizado na grandeza commum da patria.

Limites entre Goyaz e Matto-Grosso

II

Como vimos na ultima edição desta Revista, o "Termo de accessão de 1º de Abril de 1771", firmado pelos Governadores de Matto-Grosso e Goyaz, concluia que ficava assente "a divisão de ambas as capitanias pelo rio das Mortes, desde o ponto da sua confluencia, no rio Grande, até a foz do rio Pardo — na fórma que mais amplamente se acha deduzido em o arbitrio proposto pelo capitão-mór da conquista João de Godoy Pinto da Silveira ao capitão-general da capitania de Goyaz, João Manoel de Mello, em data de 7 de Setembro de 1761, e demonstrada no mappa com elle adjunto."

O arbitrio proposto pelo alludido capitão-mór João de Godoy Pinto da Silveira sobre a demarcação das duas capitanias vem transcripto na *Revista do Instituto Historico*, tomo VII (1845), pag. 221, e assim resa:

"Illmo. Ex. Senhor. Meu Senhor — Com o mais profundo rendimento e respeitoso affecto, tenho a honra de ir aos pés de V. Ex. responder á informação que me ordena lhe dê do sertão que medeia estas Minas para a do Cuyabá, attento ás distancias e vertentes dos rios que podem servir de demarcação á divisão desta Capitania de Goyaz, com a do Matto Grosso, por não ter havido meio termo algum confinante e que, a este fim retira todas as noticias que forem mais a proposito.

O sacrificio da vassalagem, que devo professar a V. Ex., me anima a recordar a lição de esquecidos passos que pisei alheio de tão assignalado empenho com que gostoso de obedecer a V. Ex. para credito da minha humildade, sem desvanecimento da capacidade que reconheço me falta. para a verdadeira solução.

A Capitania de S. Paulo comprehendia d'antes todas as repartições de Minas; e, com o incidente da separação das Geraes se conservou só com os do Cuyabá, até descobrir-se estas de Goyaz, quando ainda governava o Illmo. Ex. Sr. Rodrigo Cezar de Menezes. Depois governando o Illmo. Sr. Conde de Sarzedas, veiu o Dr. Gregorio Dias da Silva crear o juizo da Superintendencia Geral, e, na mesma duração, o succedeu o Dr. Agostinho Pacheco Telles, até o governo do Illmo. Exmo. Sr. Dr. Luiz Mascarenhas, que erigiu esta Villa Bôa, onde o Dr. Manoel Antunes da Fonseca succedeu logo a nova Ouvedoria.

Este e aquelle Ministros exerceram sempre os actos de sua jurisdição pelo sertão além do rio Grande, por donde, desde o anno de 1736, entraram a acorçar bandeiras dirigidas por descobrimento de ouro, provendo de commissões para a arrecadação dos beus dos defuntos e ausentes ao Coronel Amaro Leite, Commandante de uma das expedições que, nesses sertões, se tem conservado até o presente, ainda que destroçados da bandeira, que, nos seus principios, se compunha de mais de duzentas armas, que se unirão com quasi outras tantas, que acabou no mesmo exercicio. Ambas as bandeiras foram cevadas e soccorridas de alguns moradores

destas minas, como tambem do Illmo. Exmo. Sr. Governador, que as municiou de polvora e balas, afim de as animar á conquista e descobrir sertões incultos; e tendo descoberto umas tenues faisqueiras nas margens do Rio Bonito-Vermelho, e grande, além do rio Caiapó e desceram a rumo de Norte, até situarem-se na barra do rio das Mortes, que desagua na grande ilha do rio Araguaya, formados daquelles todos já nomeados, e passado uma ou duas invernadas de tempos na exploração das campanhas além delle, continuaram a derrota até o rio Farto, que desagua mais abaixo da mesma ilha, que se estende de setenta a oiteuta leguas, expediram varias esquadras de soldados na mesma diligencia até chegar ao rio Paraupava, que desagua, digo, que denominaram de S. Pedro, pelo o descobrirem nesse dia, e se presume que faz barra naquelle acima do salto, que faz antès da do rio Tocantins em 5 ou 6° da linha do sul; pelos barbaros e ferozes vestigios que acharam do gentio, não passaram adiante, antes voltaram, sem investigar as campanhas dos Araés, onde batem todas as esperanças de haverem preciosos, para cujo fim tinha dado o Illmo. e Exmo. Sr. Governador aquelles soccorros, e guias que diziam ser de gentios confinantes.

Neste meio tempo, em o anno de 1739, se abriu o caminho de Cuyabá para estas minas, atravessando o rio Grande, com a vinda de Angelo Preto com os seus "Bororós", convocado pelo mesmo Illmo. e Exmo. Sr. Governador, para ajuste da conquista do gentio Cayapó, que não teve effeito, e dantes apenas tinham as referidas bandeiras separado suas cabeceiras de onde rodearam, como fica dito.

Mallogradas todas as diligencias, se retiraram as bandeiras para a parte superior da ilha, e no sitio alagado das margens além do rio Grande se conservaram sujeitos a esta Comarca e Capitania, esquecidos tempos.

Da mesma fórma, José de Brito Leme e outros, que, com suas familias, se situaram para aquella parte na passagem do rio Grande — por onde passa o caminho do Cuyabá, com a fazenda de Gados, e todos são freguezes do Parocho do "Arraial da Anta".

No anno de 1748, com a promoção do Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Luiz Mascarenhas, de S. Paulo para a Côrte, veiu o Illmo. e Exmo. Sr Conde dos Arcos para estas minas e o Illmo. e Exmo. Sr. D. Antonio Rolim de Moura para as de Matto Grosso, ambos a crearem novas capitanias separadas daquella, que, por força do destino dos seus nacionaes, ficou subordinada ao Governo do Rio de Janeiro.

Descobrindo a Bandeira de Amaro Leite uma faisqueira na cabeceiras além do rio das Mortes, no anno de 1752, mudaram-se do sitio alagado a povoação naquella parte, a cuja noticia mandou o Illmo. e Exmo. Sr. Conde ao Juiz Ordinario desta Villa, q então, era Braz Leixo de Brito, examinar juridicamente o dito descobrimento, que, por ser de pouca utilidade e extensão, apenas serviu para entretenimento dos descobridores, sem que mais povo de cá se quizesse aproveitar delle.

Pela má satisfação que experimentaram os correspondentes, que aquelles tinham nesta villa, foram apertando as mãos de suas assistencias, com que precisaram recorrer á clemencia dos moradores de Cuyabá, que entraram a supprir com alguns paramentos para a continuação das diligencias que prometteram fazer, até agora mostram fructo algum sazonado, antes parece foi inculta idéa de se quererem ligar áquella Comarca, por se obviarem das diligencias, que temiam, donde tem a força dos seus empenhos e encargos, mas sempre foram, como estão sendo, sujeitos á freguezia do Arraial da Anta, desta Capitania, e presentemente se acha o Vigario Collado Dr. Nicoláo Teixeira de Carvalho Souto Mayor e Castro, a desobriga dos povoadores além do rio Grande, e bandeirantes além do rio das Mortes.

Dista desta Capital a passagem do rio Grande, pelas grandes voltas do caminho, 50 leguas, que, por indireitura, não chegarão a 40, e, della ás cabaceiras do rio das Mortes, donde se apresenta aos olhos em figura quasi circumflexa, 25 leguas, e se regula pouco mais ou menos do caminho para o Cuyabá, ficando 75 até 80 leguas para uma e outra parte. Da villa de Cuyabá á do Matto Grosso sempre ouvi dizer que eram 112 leguas, com as 80 que ficam para esta parte, faço daquella Capital ao rio das Mortes 192 leguas, fóra os confins da parte occidental, que não sei com que distancia se demarca com os indios de Hespanha.

Buscando desta Capital os confins a rumo de léste a divisão da Capitania de Minas Geraes, que se demarca no ribeirão dos Arrependidos, acho apenas 66 leguas pelas voltas dos caminhos, com 75 que ficam para a parte do Cuyabá até as cabeceiras do rio das Mortes, são 140 leguas de longitude, que podem tocar a esta Capitania, que ha tantos annos tem beneficiado as conquistas daquella parte.

Pela vantagem das longitudes de uma e outra Capitania, pelos seus confins e pela premeação das distancias do sertão, que vae desta Villa Bôa da Senhora Sant'Anna, até aquella do Senhor Bom Jesus do Cuyabá, tenho para mim que será muito conveniente a ambas as Capitanias e suas Republicas fazerem-se balisa no polo da demarcação na lagôa d'onde verte o rio das Mortes, e se costeia no caminho d'onde continuará a divisão a rumo de norte sobre as mais vertentes delle e do rio Araguaya, que corre ao mesmo rumo, comprehendendo o rio Farto e a Matta do gentio Tapuirapé, a Campanha do gentio Gaupindaye até o rio Paraipava, ou confins da Capitania do Pará, em latitude ao contrario, e rumo do sul, continuará pela lomba ou chapadão de campos limpos e torrões, que dividem as aguas vertentes do rio Araguaya, contra os dos rios Porrudos, Chiené, Taquary, Jaurú e Camapuan, d'onde se acha uma fazenda situada para providencia do vedor das canôas da navegação do commercio da cidade de S. Paulo para o do Cuyabá, subindo do Anhemby pelo rio Pardo acima. Neste rio e sitio referido faz termo o districto do Gentio Cayapó da Conquista desta Capitania, para d'onde devem pertencer todas as vertentes do rio Grande, que manadas partem das geraes e se passa no caminho que vem de S. Paulo para estas minas pelo mesmo estreito: como tambem todas as vertentes do Rio Grande-Araguaya, como fica dito.

Do mesmo sitio Camapuam para a parte occidental até o rio Guachinim, e correntes, que nos demarcam com os Indios de Hespanha, comprehendendo toda a vaccaria e gentio Paiaguas ou vertentes dos rios que se sepultão da parte d'aquem do rio Paraguay, ficarão pertencendo á Capitania de Matto Grosso, que, de latitude, abrange vastissimo sertão inculto para a parte do rio Madeira, até o Amazonas, cujo vão de longitude e o alvo d'onde ferem todas as tradições dos antigos paulistas, que decantavam riquissimas formações nas campanhas occupada do gentio Araés, e celebres objectos dos Martyrios, que tambem conciliam espectação pelas noticias que dava o capitão-mór Barthelomeu Bueno da Silva Anhanguera, muito da minha crença e afiançada inpesquizada informação que me deu o gentio Cururu, que foi captivo dos barbaros, como já deu conta o Illmo. e Exmo. Sr. Conde de São Miguel á sua magestade, a ver se mandava averiguar com ajuda de custo da Real Fazenda, de que até agora não houve resolução talvez pelo desabono de serem as noticias verificadas por mim.

E' sem duvida que a Capitania de Matto Grosso ficará mais dilatada que esta de Goyaz, que comprehende em si, 39 arraiaes, fóra a villa, entre os quaes 15 são opulentos e se contam 9 republicas que precisam a maior extensão para a subsistencia e aquella tem sómente duas villas e uns tres arraiaes pequenos.

Para melhor percepção do que fica dito, respectivas as vertentes dos rios que desaguam no Araguaya e distancia desta villa do Cuyabá, remetto a S. Ex. essa folha de papel riscado, em fórma de mappa, a que me não estendo, por ter os meus apontamentos e riscos feitos no sertão d'aqui distante, e temer afastarme da verdade.

Os rios da navegação de S. Paulo para Cuyabá, vão sómente por demonstração das vertentes que nascem do chapadão referido, porque delles só sei a fórma especulativa e não a pratica, ainda que visto alguns mappas curiosos, mas perdido as especies verdadeiras.

Esta é a informação que posso dar a V. Ex., que, com a sua alta comprehensão, me relevará toda a dissonancia e confusão de palavras, que fenecem aborto da minha ignorancia, quando resuscitam, parte do mais attento desejo e gosto de agradar a preclara pessoa de V. Ex., que Deus guarde prolixos annos, descoberto de Nossa Senhora do Soccorro dos Guanicuns — 7 de Setembro de 1761. De V. Ex., muito humilde criado, que seus pés beija reverentemente, o capitão-mór da Conquista — *João de Godoy Pinto da Silveira."*

E' claro, escrevia J. M. Pereira de Alencastre, que, depois do que fica relatado, não podiam licitamente apparecer, de futuro, duvida sobre semelhante assumpto, definitivamente resolvido por espontanea vontade do governo de Matto Grosso, que sempre foi o mais empenhado em estender as raias da sua jurisdicção a um territorio qual esteve Goyaz sempre de posse.

Mas assim não aconteceu.

Em 1838 a assembléa de Matto Grosso creou a margem do Paranahyba, e, muito acima da foz do rio Pardo, limite sul da provincia, a villa de Sant'Anna do Paranahyba. Por occasião da decretação desta lei, o bispo de Cuyabá escrevia ao de Goyaz o seguinte officio:

"Illmo e Exmo. Senhor — Gratia et fortitudo ad salvandus gratis. Como cada vez mais me convenço de que a freguezia de Sant'Anna do Paranahyba, que foi creada por uma resolução da assembléa legislativa desta provincia, de 22 de Março de 1838, evidentemente está pertencendo a este bispado e provincia, pois que está fóra dos seus limites, e achando eu a maior opposição possivel no presidente para a fazer restituir a seus legitimos administradores, todavia, querendo salvar a minha consciencia, e promover mesmo a segurança e validade no meio da salvação dos

fieis, que pertencem a tal freguezia, peço a V. Ex. que, por caridade, sane todos os males que se têm feito e que possam ainda fazer, ou permittindo que a referida freguezia continue a ser sujeita a este bispado, ou então reclamando de sorte por ella, que sua magestade e a assembléa geral a façam pertencer effectivamente ao bispado de V. Ex., facto que eu não pratico por mim só *pro bono pacis*, pois, se o fizer, ver-me-hei, de certo, em guerra viva com esta provincia.

Em todo o caso, peço a V. Ex. que me permitta o continuar como até o presente tenho estado, pois não quero mais responsabilidades sobre as que já tenho.

Da tal freguezia até hoje nenhuma noticia tenho tido, desde que aqui cheguei.

Deus guarde a V. Ex. em sua graça e muita prosperidade.
Illmo. e Revdmo. Sr. Bispo de Goyaz.
De V. Ex. irmão este.
José, Bispo de Cuyabá.
Cuyabá, 26 de Setembro de 1842."

Convém adiantar que a villa de Sant'Anna do Paranahyba foi fundada por goyanos e mineiros, estes representados pela numerosa e influente familia dos Garcias, que nunca quizeram aceitar a intromissão alli dos governos de Matto Grosso. Não faz ainda seis annos que o *Lavoura e Commercio*, de Uberaba, inseria uma representação dos habitantes do municipio de Sant'Anna do Paranahyba pedindo a effectiva incorporação desse territorio ao Estado de Goyaz. A parochia de Sant'Anna foi, desde a sua fundação, provida por sacerdotes goyanos, como mostraremos noutro artigo.

JOSE' CARLOS DE CARVALHO,
Contra-Almirante.

(*Continúa.*)

Algumas notas sobre a Lagôa dos Tigres e o rio Agua Limpa

Cerca de 9 leguas abaixo de Jurúpensem e a 7 leguas acima da villa de Leopoldina, á margem esquerda do Rio Vermelho, fica situada a curiosa lagôa dos Tigres, a qual, pela sua disposição irregular e complicada, antes deverá chamar do Labyrintho.

Ella é formada de uma serie interminavel de grandes e pequenos lagos, que se communicam, entre si, por meio de estreitos canaes, tendo, porém, todos uma sahida unica — o sangradouro. O inexperiente que nella penetra, em busca de peixe ou caça, de que é abundantissima, difficilmnte consegue livrar-se de seus intrincados lagos, que lhe desnorteam por completo o rumo. Os pescadores ribeirinhos, habituados a bater-lhe os recantos mais esconsos, costumam, á medida que se internam por ella, a amarrar, nos galhos das arvores suspensos sobre os canaes, pedaços de panno branco, que lhes servem de balisa ao regresso.

Acreditámos que os innumeros lagos existentes na zona assignalada no *croquis* que acompanha este artigo, dos quaes já tratámos em o numero anterior desta revista, nada mais sejam que uma continuação da Lagôa dos Tigres. Esta póde ser considerada como a fonte principal da riqueza icthyologica do Araguaya, pois, como ninguem ignora, é nos lagos que os peixes fluviaes vão desovar.

A região central de que ora occupámos, não conhecida *de visu* (creio, nem mesmo geographicamente) pelos zoologos e naturalistas nacionaes e estrangeiros, bem merece ser perlustrada pelos sabios de verdade, afim de que a sua fauna e flora, estudadas e classificadas *in-loco*, possam apagar de vez o máo conceito que certos scientistas energumenos, pseudo-conhecedores da inter-land brasileira, ainda têm do Estado de Goyaz.

Mencionaremos aqui, por simples curiosidade, algumas especies ichtyologicas encontradas na Lagôa dos Tigres, Rio Vermelho e Araguaya:

Voadeiras (*Brycon spc.*), serrote (*Batrachus spc.*), jurupensem ou culhereiro (*Platystoma platyrhynchus*), curumatan (*Prochilodushasti*), pintado (*Pseudoplastystoma fasciatum*), matrinchan (*Brycon brevicauda*), cachorra (*Cynodon vulpinus*), piranhas (*Pygocentrus piraya*), piáus (*Leporinus spc.*), corvinas (*Johnius Courvina*), de cuja cabeça se extráe uma pedra de côr branca; barbado (?), chicote ou bargada (?), pacús (*Myletes spc*), mandis (*Pimelodus spc.*), trahira (*Hoplias malabaricus*), caranha (*Myletes edulis*), jahú (*Paulicéa lutkeni*), tubarana (*Salminus Cuvieri*), mais abundante na secca; piracurú (*Arapaima gigas*), tucunaré (*Cichla occellaris*), arraya-fogo (*Ellipesurus hysrix*), perigosissima por causa de dois esporões venenosos que traz na cauda. Tres variedades de peixes electricos (*Electrophoridae*): o trême-trême, conhecido na Amazonia por poraqué (*Electrophorus electricus*), de côr escura e o papo esbranquiçado, medindo cada individuo 2m. de comprimento; outra, de côr castanho-escura (?), e, finalmente, uma terceira (?), a mais terrivel pelas suas descargas electricas, de côr amarellada, com a extremidade da cauda de um vermelho vivo. (1) Por occasião das enchentes, de Dezembro a Março, sobem do Araguaya para o Rio Vermelho tres qualidades de peixe, que se destacam pelo tamanho: a pirarára (*Phractocephalus hemiliopterus*), a piratinga (*Brachyphatystoma filamentosum*) e a pirahyba (?). Ha tambem uma infinidade variadissima de conchas, dentre as quaes algumas são perliferas. O Rio Vermelho é abundantissimo em cracajás, especie de pequenas tartarugas, cuja carne e ovos são mui saborosos.

Croquis da região conprehendida entre a Lagoa dos Tigres e o rio Agua Limpa.

— *Rio Agua Limpa.* Este rio, assim chamado pela transparencia de suas aguas crystalinas, só é conhecido desde o seu nascedoiro até onde atravessa a estrada de rodagem da Capital ao Registo, e na sua embocadura no Araguaya, cerca de 30 k. acima de Leopoldina. Desagua em frente á fazenda de Itacaiuzinho, medindo a sua foz 100 m. de largura. Ahi é que se encontram os mais bellos cedros até hoje conhecidos em todo o territorio goyano. O rio Agua Limpa, cujo leito é incontestavelmente diamantifero, é, na sua maior extensão, completamente desconhecido.

(1) Ver sobre a familia *Electrophoridae* as interessantes monographias de H. Silva: "*Duas variedades novas de Electrophoridae do Brasil Central*" e "*Fauna Fluvial de Goyaz*", vol. I "*Viagem á comarca da Palma*", do Dr. Virgilio de Mello Franco.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

Glottologia americana

O proximo numero da revista encetará uma interessante secção sobre glottologia americana, onde se pesquizará, em rigorosa analyse, as origens de varios vocabulos indigenas introduzidos na linguagem corrente, mas com significação e interpretação desnaturadas, por alguns pseudo-indianologos.

Estrada de Ferro de Goyaz

O traçado primitivo desta malfadada via-ferrea de Formiga em Minas, era o que fosse ter a Leopoldina, á margem do Araguaya, em Goyaz. Por um decreto de 1907, presidencia Affonso Penna, foi o encargo da Companhia Estrada de Ferro de Goyaz aggravado com a clausula da construcção de um ramal para Uberaba, na extensão de 982, km. 420.

Para a execução do contracto a Companhia E. de F. de Goyaz já havia levantado um emprestimo do valor nominal de 25.000.000 de francos a juros de 5 % ao anno e amortização em 90 annos, é depositado em diversas parcellas a somma de 7.500:000$000, ouro, nos termos do contracto então em vigor. Com estes recursos foi iniciada a construcção em Formiga; mas quando já se achava aberto ao transito publico até o kilometro 61 e em construcção adiantada até o kilometro 126, veio o decreto que modificou o regimen da garantia de juros estabelecido no contracto anterior, passando a estrada a ser construida por empreitada e conta do Governo.

São d'ahi para cá contos largos, e por isto se traslada para aqui o que no seu ultimo relatorio informa o ministro Sr. A. Tavares de Lyra :

"No termo do citado decreto n. 7.562, foi assignado o accôrdo de 25 de Outubro de 1909, em que ficou estipulado que todas as linhas da estrada, tanto as já construidas, como as que restavam concluir, seriam pagas por uma somma não excedente ao maximo de 35:000$, ouro, por kilometro, si os pagamentos fossem effectuados em titulos de 5 %, ouro (clausulas II e III) e com abatimento de 10 %, si em dinheiro (clausula V).

Com relação ás obras feitas no regimen do contracto anterior, a companhia se obrigou a resgatar as obrigações hypothecarias relativas ao capital autorizado e depositado para a construcção das suas linhas, antes do prazo fixado para a conclusão das mesmas linhas, e á medida que fosse sendo effectuado o resgate o Governo pagaria as obras feitas correspondentes aos titulos resgatados, cessando ao mesmo tempo a garantia de juros relativa a essa parte do capital (clausula IV).

Para os ditos pagamentos a companhia, devidamente autorizada, poderia negociar a totalidade ou parte dos titulos de 5 % de juros, ouro, correspondentes ás necessidades da construcção de toda a estrada, depositando, á disposição do Governo, 90 % do valor nominal dos titulos (clausula V).

O decreto n. 7.878, de 28 de Fevereiro de 1910, alterou esta disposição contractual, dispondo que os referidos pagamentos fossem feitos em titulos de 4 % de juros, ouro, cuja emissão seria autorizada opportunamente, na proporção de 230 titulos para o custo maximo kilometrico e que o deposito a que se refere a citada clausula V fosse feito na proporção de 32:000$, ouro, por kilometro, para o pagamento em dinheiro com o abatimento de 10 % das contas de construcção, não podendo exceder a 31:500$, ouro, o custo de cada kilometro.

Na mesma data, o decreto n. 7.877 autorizou a emissão de titulos até 100 milhões de francos, de juro de 4 % e amortização de 1/2 % ao anno, em titulos de 500 francos cada um, e facultou á companhia depositar, á disposição do Governo, em bancos da praça de Paris e no Banco do Brasil, a importancia de 32:000$, ouro, por cada 230 titulos emittidos, correndo por conta da companhia a differença que se verificar entre a importancia de juros da conta corrente e os de 4 %, correspondentes aos titulos emittidos.

Realizada a emissão no maximo autorizado de 100 milhões de francos e ao typo de 89 1/2 %, a companhia depositou no "Credit Mobilier", de Paris, a somma de 78.831.284 francos, equivalentes a 27.851:092$637, ouro, e por conta desse deposito tem sido custeada a construcção da estrada, tendo sido requisitadas por este ministerio e pagas até a presente data, obras na importancia de réis 19.577:156$744, ouro, verificando-se, portanto, nesta conta um saldo de 8.273:935$893, ouro, inclusive a importancia de 811:431$863, ouro, que é o saldo devedor da companhia pelo adiantamento de 10.000.000 de francos que lhe foi feito á requisição deste ministerio, por aviso n. 1.038, de 16 de Maio de 1910.

A esse saldo cumpre accrescentar a quantia de 1.575:000$, ouro, que foram indevidamente pagos á companhia pela construcção de 50 kilometros de estrada, cujas despesas, nos termos dos contractos, deviam correr por conta do deposito de 7.500:000$, autorizado na vigencia do regimen da garantia de juros, e mais a quantia de 65:125$242, não descontada, nos termos da clausula V, do contracto e do citado decreto n. 7.878; na conta cujo pagamento foi requisitado por este ministerio, em aviso n. 2.438, de 22 de Novembro de 1910, patenteando-se assim que os recursos disponiveis para a construcção da estrada se elevam a 9.914:061$135, ouro. Pelos estudos definitivos e orçamentos approvados, para toda a estrada, na importancia de 98.247:632$469, papel, verificou-se que o custo médio kilometrico da estrada, ao cambio vigente ao tempo da approvação, é superior a 35:000$, ouro, pelo que, na fórma do disposto na clausula XXI, do contracto, foi fixado nesse maximo contractual o preço médio kilometrico da construcção e por este e não pelo custo real das obras executadas têm sido pagas as contas de construcção.

De accôrdo com o preço de 31:500$, ouro, estabelecido no contracto, a extensão da estrada a construir-se correspondente ao deposito effectuado no "Credit Mobilier"; não podia exceder de 884 kilometros, extensão esta que accrescida de 250 kilometros, correspondente ao já referido deposito de 7.500:000$, attinge a 1.134 kilometros.

Com os depositos autorizados e effectuados poderia, portanto, a companhia completar a ligação da linha tronco, de Formiga a Catalão, com a de Araguary, e concluir a construcção do ramal de Uberaba, na extensão total de 982, km. 420, restando ainda recursos para a construcção de 152 kilometros de estrada no prolongamento para a capital de Goyaz.

Ao envez disto, as obras de construcção foram atacadas, por trechos descontinuos, até o kilometro 196 a partir de Goyandira, ou seja em uma extensão de 26 kilometros, além do que permittiam os recursos disponiveis, sendo que na linha tronco nem siquer foram atacados cerca de 80 kilometros de linha, necessarios para estabelecer a ligação entre os dous grupos de linha ora em trafego ou em construcção adiantada.

Além disto a execução das obras tem corrido com muita irregularidade. Por falta de pagamento a sub-empreiteiros, do que resultou a fallencia de um delles e a concessão pelos tribunaes, de mandados prohibitorios a dous outros, acha-se actualmente paralysada a construcção da estrada, no ramal de Uberaba, desde principios de 1914, e na linha tronco, de S. Pedro a Monte Carmello, desde Dezembro do mesmo anno, mantendo-se, no trecho de Catalão ao rio Paranahyba, alguns trabalhadores em numero tão reduzido que a construcção póde egualmente ser considerada interrompida nesse trecho.

Em consequencia dessas irregularidades, o prazo contractual para a conclusão das obras, não obstante ter sido, por autorização legislativa, prorogado por dous annos, exgotou-se em 25 de Abril do anno findo, sem que a companhia houvesse cumprido o seu contracto, incorrendo, por essa falta, na pena de caducidade do mesmo (clausula LVI), que o Governo lhe poderia impôr independentemente de acção ou interpellação judicial.

Attendendo, porém, ao facto do Governo, por falta de opportunidade, não ter ainda effectuado o pagamento do trecho de linha pertencente á companhia, de onde resulta que a pena de caducidade, si imposta, só poderá attingir o contracto na parte referente ás linhas construidas por empreitada, continuando a companhia na posse do trecho de linha construida com capitaes seus, e no goso da garantia de juros e mais favores estipulados no citado decreto n. 6.438, de 27 de Março de 1907, e attendendo mais a que é manifestamente inconveniente a existencia de uma linha particular, de extensão relativamente pequena, intercalada entre as rêdes ferroviarias da Oeste de Minas e de Goyaz, pertencentes á União, entende ser mais acertado deferir o pedido de revisão do contracto solicitado pela contractante, mas de modo a normalizar a execução do mesmo, ficando ella obrigada, sem augmento de encargos para o Thesouro, a concluir a construcção dos trechos atacados, ligando-os entre si e ficando, até melhor opportunidade, a construcção da estrada limitada ás obras necessarias para a conclusão das ditas linhas.

Obedecendo a essa orientação, mandei organizar para a revisão do contracto as clausulas que se seguem, que submetto á vossa approvação.

De accôrdo com as ditas clausulas, os trabalhos de construcção da estrada ficarão limitados aos necessarios para a conclusão dos trechos de linha em construcção e para a ligação dos trechos de estrada já trafegados entre Formiga e S. Pedro de Alcantara e entre Araguary, Catalão e Estação do Roncador.

A extensão total das linhas que era, pelos estudos approvados, de 1.547, km. 876, ficará desta fórma reduzida a 1.178 kilometros, approximadamente, dos quaes 472, km. 212, em trafego, 576 kilometros em construcção adiantada e 129 kilometros em construcção apenas iniciada ou ainda por atacar".

Pelas clausulas approvadas para a revisão do contracto entre o Governo da União e a Companhia Estrada de Ferro Goyaz, esta se obriga :

a concluir e entregar ao transito publico :

1.°, o trecho de S. Pedro de Alcantara a Lavrinhas, até 30 de Novembro de 1916; o de Lavrinhas á cidade de Patrocinio, até 15 de Março de 1917; o de Patrocinio a Monte Carmello, até 31 de Agosto de 1917;

2.°, a ligação de Monte Carmello a Catalão, até 28 de Fevereiro de 1919;

3.°, o prolongamento de Roncador á estação Tavares, até 28 de Fevereiro de 1918.

Pela clausula 38 do mesmo contracto, ficou a companhia obrigada a transportar gratuitamente :

Os colonos e immigrantes, suas bagagens, ferramentas, utensilios e instrumentos agricolas; as sementes, os adubos chimicos e as plantas enviadas pelas autoridades federaes e municipaes, ou sociedades agricolas, para serem gratuitamente distribuidas pelos lavradores; e os animaes reproductores, bem como objectos destinados a exposições e feiras de interesse publico e os materiaes que se destinarem ás obras publicas dos municipios servidos pela estrada".

Na proxima edição voltaremos ainda a tratar da Estrada de Ferro Goyaz, apreciando-a sob varios aspectos.

FLOR SILVESTRE

"Tu me leste, creio, as folhas do "Psalterio". Naquellas paginas dos dezoito annos, vertera todo o amargurado sentir dum coração ludibriado em suas primeiras e unicas expansões sentimentaes.

Imagina um'alma virgem, totalmente virgem de emoção amorosa, que no contacto intimo da selva natal, bebera a sorvos longos a calidez equatoriana dos arroubos da terra; impregnara da poesia das manhãs e crepusculos sertanejos, com o seu cortejo de alacres sussurros ao despertar da matta companheira, e trinados festivos de inhumas e arapongas ao tombar das tardes lentas, levemente esfumadas a tons cinzentos, lilazes, purpureos, quando a natureza recolhia ao seio soporifero da Noite, e as estrellas do meu torrão desciam ás planuras enluaradas o brilho tremulo de sua luz...

Fartára-me de cicios turturinos de juriti ás horas estuantes do meio-dia, dos estos transbordantes de insectos e cigarras — as mestras-cantoras das capoeiras embalsamadas, — pelas tardes calorentas de Dezembro, no espreguiçar quebrantado das sestas voluptuosas...

Vivera a vida primitiva, os sentidos tontos de chirriadas, bailados, zumbidos, cambiantes, perfumes, maciezas de tacto, deslumbramento de horizontes, acres sabores do velludo dos fructos silvestres e das bromelias da campina...

Meus olhos guardaram por muito tempo a impressão magoada das agonias de Agosto, com as suas predisposições magicas do entardecer pelas scismas vagas, muito longinquas, mui saudosas, de mundos e castellos fantasmagoricos, onde o accordar duma puericia que surgia na emoção pantheista do mundo, iria habitar, não solitaria, mas levando comsigo, nas azas vibratis do Sonho, a Eleita soberana que não sabia quem era, porém que havia de vir um dia, não muito tarde, para a jornada radiosa ao paiz de Cythera...

Horas longas, á beira rio, sob bambús olhando o sereno correr das aguas, que se iam, mui cristallinas, mostrando o leito fôfo das areias sob o espelho das correntes, rumo ao Araguaya, rumo do mar distante, donde viria a Princeza encantada numa aurora de festa, sob o canto real dos remadores da galera, rio acima, ás terras altas do planalto, para os misticos esponsaes...

A serenidade das aguas correndo, sob as curvas ramagens dos ingazeiros, saputás e amola-machados, emprestava ao rio tons scismarentos de azul profundo, os seixos rolados brilhando ao centro, que os meus olhos espelhavam e retinham, num fenomeno misterioso de mimetismo animico, para d'ahi por deante sentil-o eternamente ondulando, reflectindo-se, na retina imantada, com todos os seus pendores de azulineo nostalgico para as divagações que não têm fim, para os anceios fugitivos, as scismas ideaes, na irrealidade vaporosa, indefinida, do Sonho...

Primaveras passaram sobre o tumulto daquelle coração, que batia sempre o seu rithmo glorioso de fé e enthusiasmo; vieram verões urentes, com exhuberancias epithalamicas de sóes, pelas varjotas e devezas em gala; flôres sazonaram em fructos nos pomares, deram semente, foram por ahi, por além, reproduzindo-se, transmudando-se em novas fontes de vida, no seu misterio sagrado de eterna fecundação! Passaram geadas de inverno sobre as planuras pelo mez de Junho; queimadas de Agosto surgiram novamente, prenunciaram-se Setembros varios nos laranjaes em botão.

E a Arte veio, augusta, mui severa, mui poupada de louvores, a esboçar, num gesto lento, augural, de quem aponta, a estrada abrolhada e pedregosa, que iria ter ao sendeiro maravilhoso, a cujo cume, galgada a encosta, veria além, num horizonte de safira e amethista, as ribas sonorosas do mar, aquellas mesmas ribas onde a galera — a sempre obsedante galera — levantava ancora, enfunava as velas na mareta, e ao canto dos remadores de prôa e pôpa, conduzia barra acima a Fada sorridente aos braços convulsivos do amante.

Era a utopia divina do Bello, na encarnação duma mulher, acenando sempre á visão distante, embalada no anceio da floresta prenhe de espasmos e deliquios amorosos, alcandorada e delindo-se como um silfo nas cristas das montanhas douradas, que abarcavam as distancias assim o luar esgarçasse-lhes as franças; bailando nas campinas ermas dos taboleiros e chapadões, onde a pindahiba e a canella d'ema se dobravam nos baixios, num murmurio aereo de trova rustica, quando ella passava na farandola dos ventos; falando baixinho ás mães-d'agua dos balsêdos e remansos, sob aguapés e ninféas, no latir dolente do sapo cachorro na lagôa ensombrada; rezando as preces do anoitecer, no lamento espaçado dos caburés e curiangús, á beira dos pousos desertos...

Sempre! sempre! o eterno Simbolo, na miragem subjectiva!...
Como um "pedreiro" ardego, que nunca veio á porteira lamber o côcho senhorial, a imaginação espojou-se livremente na ardencia da terra, correu plainos sem fronteira do deserto, abeberou-se na seiva de todos os vegetaes, corrugou as fuças na linfa de todas as cacimbas e olhos d'agua de vargens de buriti e espessuras farfalhantes; pelos campos geraes altaneira passeou a virgindade dum pello, que jámais sentira a aguilhada vaqueana...

— Era o retorno millenario, a galopada incontida ao estádio primitivo dos sêres, que condições particulares do meio favoreciam em sua mais integra manifestação.

*
* *

Mas o Destino, chegada a época, sahiu um dia, ferrão em punho, na sua vaquejada tragica pelos cerrados, malhadas e descampos. Monteou rio abaixo á sirga, campeou pelas devezas ridentes e na catinga asperrima; bateu capoeiras e cerradões; e a rez esquiva sentiu na feita a agonia do pó, na rodada dolorosa...

Meu pae, moribundo, duplamente exilado, fugindo dum para outro exilio mais proximo do berço amigo, chamava-me de longe, num ultimo gesto de jornadeante que se apresta para a noitada torva da Agonia...

Não lhe pude beber dos labios resignados o derradeiro alento, a suprema bemdição; faltou-nos tempo para tanto, no transe angustioso. E elle levou para o tumulo a magua dum ultimo almejo que mais uma vez mentia ainda; ficou-me no coração, sangrando, o desespero frio, sem consolo, de quem chegou demasiado tarde, ai! demasiado tarde!

Já de longa data então, vinham-se-me umas sobre as outras, as geadas e invernias de duvidas e maldições sobre o peito oppresso accumulando. O passado fugia, como o gigante da fabula, a passadas de sete leguas. Junto ao mar, dentro as fibras do meu sêr abalado, cerebro e coração ficaram, sondassem-lhes ao de leve o amago, como o buzio marinho repetindo os rumores confusos das vagas auzentes... Vagas de florestas e ventanias dos meus pagos nativos!

Roncavam sirenas; apitos agudos guinchavam das machinas estertegantes; engrenhagens rangiam incessantes os gonzos perros; rôlos de fumo e cinza sordida enchiam os espaços. O trabalho estuava. Era um chamado. Chamado sombrio, premente, irremovivel, a todo o instante gritando o "memento" pela garganta das chaminés, pelo offegar da multidão, fronte curvada e bocca em rictus pelas paixões inconfessaveis, clamando ao arribadiço a sua tardança em incorporar-se ao rebanho anonimo, em submetter-se á mesma lei de boi de carro...

Mas aquelle grito sardonico, no silencio da minha Dôr, não falava apenas ao espirito que o legado do Mal á humana grei reclamava o seu tributo ao impeto generoso de minha mocidade como quinhão opimo. Dizia tambem, e ai! estava ahi o amargo todo da revelação, que nem só ao corpo cumpria o encargo fatal; mas tambem, e sobretudo, áquelle mesmo espirito revel, que era preciso refazer e amoldar ás contingencias novas da vida, com todo o seu sequito de subserviencias, dobramentos de espinha, silenciamento obrigado de revolta ás torpitudes e baixezas que o contacto diario da cidade fosse apresentando...

Vá pois, depois de amoldado, esfriado e bem fundido o barro, o trabalho paciente de remodelagem e adaptação á fôrma tolhiça, angustiada! E os conflictos intimos, subterraneos, apavorantes, de quem se vê só, completamente só com o desconhecido! E o desconforto glacial de arvore transplantada em terra exotica! E os monologos de mezes de algebrista manco resolvendo a equação devorista: adaptar-se ou ser adaptado, absorver ou ser absorvido!

Problema darwiniano de maldição, que sómente os orfãos de carinho e desprotegidos da sorte palparam a angustia, sentiram o peso esmagador sobre os hombros anniquilados!

E vá pois de recompôr a vida passada, rememorando episodios que a tranquillidade relativa das épocas vividas apenas roçara, mas que no momento, allumiados por nova luz de experiencia soffredora, mostram-se taes quaes deveram ter decorrido, — alluindo dia a dia as pedras duma fortaleza de fé, solapando hora a hora as bases mal cimentadas de esperança, onde julgavamos ir com o tempo construindo o edificio futuro da nossa felicidade!

Horas negras de amargo rememoramento, onde o esvurmar da memoria em mourejo continuo de formiga trabalhadeira, vae desentranhando um a um o significado maldito: cadaveres e podridão — de illusões finadas, de realidade torpe, de fel transbordante, de factos que só e só a cegueira juvenil, como talisman divino, perseverára até então da influencia nefasta e dissolvente...

Quem recorda, seja o rajah mais feliz sob a paz zodiacal do firmamento, só póde recontar cicatrizes sangrando, calamidades que lhe ficaram impressas na medulla da alma, como males eternos, sem remedio!

Assim, na minha existencia, arranhões esquecidos passaram um a um a distillar a peçonha guardada; e de todas arremettidas, ficaram apenas chagas e mais chagas porejando, porejando, como galardão de anathema a todo aquelle que se detém na carreira e olha para traz, a vêr o caminho andado.

O antigo simbolo da mulher de Loth!

E' que, de recordações, só podemos fixar as que tiveram a sua origem na dôr vertida. Prazeres e alegrias, tudo isso fumo, poeira, nonada, que se dissipa ao minimo esforço de calcar-lhe a impressão, na meia tinta crepuscular do passado vislumbrada!

Quem relembra, soffre; soffre duplamente: pelo esforço empregado, pela colhita obtida.

Falou-me nas veias o fatalismo das ancestralidades desapparecidas, feitas de artistas noctivagos e homens de penna: poetas, bohemios, latinistas e soldados conquistadores. Todos soffrendo a angustia dos sonhos descridos, todos experimentando as torturas da vida dissipada em vão; uns gemendo sob o peso das ingratidões humanas, outros curtindo os rigores da campanha, sob os sóes das marchas forçadas, dos pesadelos de sitio e antivesperas de batalha!

Nemesis, dentro o seu "factum", negava o condão immunisador da Mater-Natura, que viera afastando os presagios da raça extincta, consubstanciada naquelle ultimo rebento. Fóra da sua influencia preservadora, pendores e appetites adormecidos no fundo daquelle sêr, ao aspecto n'outras gerações conhecido da cidade, sahiam da atrofia embrionaria, e vinham impôr as suas leis fataes de atavismo, de hereditariedade.

Já não era o "pedrero" fogoso das galopadas pela campanha viridente, para continuar na comparação bovina do começo — segundo nossas tendencias actuaes de regionalismo, — mas um rapazelho na flôd dos dezesete annos, das nuvens cahindo, como o Pecopin da lenda rhenana ás garras do Diabo, sobre os bastidores duma cosmopolis, onde se representava a farça tragico-comica desta civilisação de vinte seculos de ruina e estrumeira, em meia duzia apenas de annos de adaptação ao scenario...

As regras acrobaticas de trampolinagem, ou os guizos de bufão, a escolher...

Emquanto resolvia, por delonga, cinco mezes vagarosos de apathia dolorida, cinco mezes de infernal tacteamento nas sombras envolventes da vontade, que fazia fallencia, presa de abulia extranha...

Minutos que se espaçavam um a um, no rithmico agonico do sempre presente — "ser ou não ser, ser ou não ser" — com que marcava as horas!

E tres mezes de treva, cortada de relampagos!...

. . . .

"Mas ó demonio, meu Ramalho, esta já não é carta, parece testamento. Vou terminar. Tudo a proposito do "Psalterio". La chegaremos. Traçemos-lhe a summula até as paginas. — Resurgimento. Olhos abertos para a vida, de novo o problema insolvavel voltaria a impôr-se? Sim? Não?

— Estrada de Damasco.

O outomno daquelle anno, encheu-me de energias novas. Surge a Princeza da galera imperial. Seria aquella ou outra qualquer que na occasião apparecesse. Era o tempo em que a Arvore tinha que dar forçosamente o primeiro botão, determinante de suas caracteristicas no horto botanico. Na imprecisão da adolescencia, todas as divas apresentam-se como Dulcinéas del Toboso; o bom senso sanchino incumbe-se depois de fazel-as Aldonças Lourenço...

Foi uma resurreição! Na ebriedade daquella primavera, enfebrecido provei dos nectares divinos que a virgindade da terra longamente adubada offerecia de chôfre á saciedade das raizes. E de escalão, na cavalgata ruidosa, toda a existencia primitiva de sonhos, chimeras, fantasias, da silva natal, veio cachoando no himno barbaro dum Coração, repleto emfim, como uma taça, até ás bordas!...

Bebi a sorvos longos de flagellado, o vinho capitoso; farteime daquelle mundo de revelações, como o efebo pagão ante a pira de Dionisios.

Quatro mezes, toda uma estação, assim!

Acordar de extremunhado, ou antes, acordar de realidade. Ah, eufonico Rolla que se apresta para o noivado algido, ao pé do leito das Marions prostituidas... Idillio aquelle, dos ultimos dias, feito de esgares de Mefistofeles e dobres a finados...

O rei de Thule, antes de atirar ao oceano a sua taça, limpoulhe o fundo oxidado das recordações, raspou-lhe as fezes e fez daquelles residuos amarissimos a tinta corrosiva com que traçaria as pobres linhas do "Psalterio".

Folheto aquelle machucado e inodoro, como folha resequida que se arranca em lembrança á corôa funeral deposta sobre a sepultura do ente amado. Como valor intrinseco, isso apenas; e mesmo, só para quem soubesse o segredo de perfeição esculptural que aquelles sete palmos de terra guardavam e iam dissolvendo em seu seio tenebroso... Banalidades para os demais.

Quatro annos passados agora, eis de retorno esse Fantasma a visitar-me! Pobrezinho! como se não fôra apenas a poeira do meu Sonho que lhe houvesse emprestado em vida o dourado da seducção!

Veio com o mesmo riso na bocca murcha, a incitar-me para a comedia antiga de sentimentalismo. Rir-lhe-ia ás faces supplices, se zelasse o meu sentimento pelos risos de outr'ora.

Caracter affeito á tempera dos annos, mui grave, mui ponderado, indicou delicadamente a porta, fechou-se em seu mutismo, e não mais!"

. . . .

Está conforme.

H. de Carvalho Ramos.

Os municipios do Estado de Goyaz

Suas producções, suas exportações

Santa Rita do Paranahyba

A séde deste adiantado municipio dista 374 kilometros da Capital e fica á margem direita do caudaloso Paranahyba, 505 metros sobre o nivel do mar. Rico de campos e mattas virgens, o municipio possue bem desenvolvidas não só a industria pastoril como a lavoura. Cultiva o cafeeiro, a canna de assucar, a mandioca e todos os cereaes communs, principalmente o arroz, cuja producção é avaliada em mais de 40 mil alqueires (depois do grande incremento que tomou ultimamente em todo o Estado a cultura deste importante cereal, a producção deve ser muito maior), dos quaes exporta para Minas e S. Paulo cerca de 30 mil, em casca ou já beneficiado nos seus engenhos movidos a agua de facil captação nas innumeras cachoeiras proximas da villa. Entre estas quédas d'agua avulta a cachoeira Dourada, com uma potencia calculada em 400.000 cavallos-vapor. Mede a cachoeira Dourada 1.500 metros de extensão sobre 19 a 20 de metros de altura nas vasantes do Paranahyba.

Ponte pensil sobre o rio Parnahyba

Nessa consideravel extensão a cachoeira é dividida por um estreito promontorio — extremidade de uma ilha que lhe fica á jusante e rasga-lhe a meio a brancura do lençol das aguas em dois pedaços, fazendo delles duas télas — uma voltada para a Goiandira (margem goyana), outra olhando para o lado de Minas, ambos de fascinante belleza.

Estes dois trechos, porém, se confundem num unico, devido á densa e constante evaporação que de toda a cachoeira sóbe sempre, formando arco-iris ás vezes que lhe batem os raios solares.

O Dr. Ed. de Oliveira Martins, que a visitou, escreve: "E' a cachoeira Dourada o sitio mais bello do Brasil, e a mais linda quéda d'agua brasileira; é muito pouco conhecida, por ser caminho raramente procurado, visto ser cercada á esquerda, por uma enorme região de matta virgem espessa em terreno roxo".

Outro excursionista, o engenheiro I. Paes Leme, refere que ha ilhas ao redór da cachoeira, que são jardins de baunilha e gengibre, e que nas mattas adjacentes, da mais legitima terra roxa, "se encontram innumeros cafeeiros produzindo, cujo plantador fôra o proprio Paranahyba, que em suas enchentes acarretou das lavouras de Minas, na Matta da Corda, o precioso grão, o qual depositado alli, germinou sem amanho".

E' com testemunhas e factos, como estes, que havemos de ir dando de fuças para traz nos detractores da vegetação e fertilidade do sólo goyano.

O que, porém, tem feito mais conhecida e procurada a magnifica quéda, foi sempre a prodigiosa quantidade de peixes nella encontradiços, principalmente o Dourado ("salmenus spc."). Dizem os pescadores que si os peixes se conservassem immoveis, tantos quantos se agglomeram ás bordas da cachoeira, pisando sobre elles, um homem passaria o Paranahyba a pé enxuto.

A população do municipio é maior de 15.000 habitantes. A producção do arroz, por cada litro de sementes, é representada por uma média de 8 alqueires de 160 litros, que é a medida de capacidade usada pelos agricultores do sul do Estado. Os mercados compradores são: Araguary e Uberabinha, no Triangulo Mineiro, d'onde pela via-ferrea Mogyana, as mercadorias vão ter a S. Paulo e Santos, sem indicação da procedencia.

A tres kilometros da villa de Santa Rita foi lançada sobre um canal do Paranahyba a ponte metallica (pensil) Affonso Penna, que a nossa gravura reproduz.

A villa está ligada á cidade de Uberabinha por uma linha de auto-transportes, n'um percurso de 24 leguas, que se fazem em cinco horas, com escala por Monte Alegre, tambem no Triangulo Mineiro.

Actualmente Santa Rita é o emporio dos municipios do sudoeste goyano, havendo ahi, para facilitar as transacções commerciaes, os armazens das casas commissarias Borges & Irmão e Militão & Filho. E' intenso o movimento de tropas e carros de bois que chegam e sahem para os centros commerciaes do Estado.

BIBLIOGRAPHIA GOYANA

De ha muito que se fazia sentir aos estudiosos a publicação de uma resenha das obras existentes sobre o Brasil Central, que é, de todas as regiões nossas, a menos conhecida.

D'ahi o nosso intuito creando esta secção, destinada a registrar os titulos das obras mais importantes que se têm escripto sobre o vasto interior do paiz.

Eis os titulos das obras que mais recommendamos aos estudiosos das coisas de Goyaz:

— "Three thousand miles through Brazil" — Londres, 1890, um grande volume com numerosas illustrações.

E' seu autor o notavel engenheiro inglez, membro do Instituto, Mr. James W. Wells, que, em 1873, foi commissionado pelo governo brasileiro para proceder á exploração e a estudos preliminares na região central do Brasil, em relação á navegabilidade dos grandes rios que a atravessam — o S. Francisco e o Tocantins, particularmente.

Intelligencia superior e culta, observador emerito, o illustre viajante não quiz que as suas impressões ficassem no remanço do seu intimo, e, além do relatorio official, que, certo, já amarelleceu nos archivos do nosso governo, publicou-as em a excellente obra que recommendo aos estudiosos, principalmente aos autores de mappas ou cartas geographicas de Goyaz, os quaes, por essa obra, podem corrigir os muitos erros perpetrados á mingua de conhecimentos acerca da região percorrida e estudada pelo engenheiro inglez.

— "Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Pará, exécutée par ordre du gouvernement Français, pendant les années 1843-47, sous la direction de Francis de Castelnau." Paris, 1850.

São seis volumes, consagrados á historia da viagem e *in-folios*, trazendo mappas diversos.

Fazem parte da obra mais os seguintes volumes: *Chloris andina*, dois volumes, por Welddell, botanico illustre; *Oiseaux et Poissons*, por Des Murs, zoologista; *Mollusques*, por Hupé; *Myriapodes et scorpions*, por Gervasio; *Mammiféres*, idem; *Entomologie*, idem; *Geographie et Vues et Scènes*, e mais uma historia natural das quinquinas.

O relatorio de Castelnau vem no tomo VII da "Revista do Instituto Historico".

Castelnau entrou em Goyaz por Catalão, passando por Santa Cruz, Bomfim, Meia Ponte, Jaraguá e capital, donde procurou as Salinas, á margem do Araguaya, descendo este rio até a sua foz, no Tocantins; subiu por este até Porto Nacional, donde, por terra, procurou novamente a capital, visitando as mais importantes localidades do norte da provincia.

Da capital partiu para Cuyabá, tocando no Rio Claro.

E' um dos mais interessantes trabalhos sobre o Brasil Central.

— "Travels in the interior of Brazil, principally, through the northern provinces", etc., etc.—Londres, 1836-41. Um volume, *in-8º*, com uma estampa, por Georges Gardner.

O autor dá-nos o itinerario da sua marcha apressada, pois vinha fugindo de uma revolução no Pará, desde a aldeia do Duro até Formosa, passando por Natividade e Arraias.

— "Reise in Innern von Brasilien", von Johanns E. Pohl. Vienna, 1832-37. Dois volumes, *in-4º*, com estampas gravadas.

Pohl veiu ao Brasil em 1817, fazendo parte da grande commissão de naturalistas austriacos, que contava o eminente von Martius, a quem devemos a *Flora Brasiliensis*.

De Paracatú, Pohl procurou a Serra dos Cristaes, cujas riquezas em quartzos de varias côres estudou, julgando-os em quantidade sufficiente para abastecer as manufacturas do mundo inteiro; desta localidade seguiu para a então Villa Bôa de Goyaz, donde foi ao Rio Claro—descendo, então, ao norte da capitania—visitou toda esta ultima região: Pilar, Trahiras, Palma e outros nucleos antigos de população; navegou o Tocantins abaixo até limites de Goyaz com o Pará, regressando da aldeia de Cocal pelo Carmo, por Natividade, Cavalcanti, Chapada dos Veadeiros e Villa de Couros, hoje Formosa.

Foi elle quem descobriu e classificou a *Lasiandra papyrus* da Serra Dourada, uma das peculiaridades de nosso Estado

Releva dizer que, não só na Bibliotheca Nacional, como tambem no Instituto Historico, a obra de Pohl não está acompanhada, como era de esperar, do atlas illustrado, com finissimas gravuras abertas a talho doce, sobre aço, apesar de constar dos respectivos catalogos. Uma dessas estampas representa a *Serra das Figuras*, incomparavel trecho da natureza brasileira.

— "Voyages aux sources du Rio S. Francisco et dans la province de Goyaz", por Augusto de Saint-Hilaire. Paris, 1847-48. Dois volumes, *in-8º*.

Este illustre autor e botanista francez não viu as coisas e os homens de Goyaz com bons olhos.

Isto elle mesmo procurou dissimular, mas não conseguiu aos olhos do leitor, medianamente versado nas coisas de Goyaz.

Devem-se-lhe muitos juizos erroneos, muitos preconceitos absurdos, quanto á flora goyana, que elle mal pudera observar *á vol d'oiseau*, durante certos mezes de viagem feita no rigor da estação da secca, sem duvida a mais impropria para uma excursão botanica áquellas paragens.

A parte historico-geographica, inclusive questões de limites, em que tambem se metteu, reproduz Ayres do Casal, Silva e Souza e *Memorias*, de Pizarro.

Esteve Saint Hilaire em Goyaz, no anno de 1819. Entrando na então capitania, por Arrependidos, indo de Paracatú, passou por Santa Luzia, Meia Ponte, Jaraguá, Curralinho e Villa Bôa, donde proseguiu até Rio Claro. Deste ponto, regressou, passando por Bomfim e Caldas de Pirapetinga.

O mais o autor confessa na introducção da obra: consta ella, escripta vinte annos passados da sua viagem, de um confronto ou parallelo entre a civilização da Capitania e a da parte oriental de Minas Geraes, e, principalmente, da Allemanha, da França e doutros paizes do occidente, que elle acabava de visitar, ao tomar da penna para escrever as suas impressões recebidas no alto sertão do Brasil colonial.

(*Continúa.*)

EMENTAS E COMMENTARIOS

Cá temos outro barão, membro do Instituto Historico e que, como os da veneranda companhia, tambem já se assignalou em obras didacticas com muitos delictos de geographia patria. Referimo-nos ao illustre Sr. Homem de Mello, que tratando da orographia goyana, escreve no texto do seu "Altas do Brasil": "Mais ao S., nas cabeceiras do rio "Bagagem", fica a "Serra do Acaba a Vida", a cujas ramificações meridionaes prende-se a N. E. da cidade de Goyaz, a "Serra de Jaraguá", montanhas de rochas graniticas, de flancos asperos e escalvados, terminando em uma alta chapada, estreita e comprida, aberta em campos.

Todas estas serras são prolongamento dos "Montes Pyrineos", ponto culminante de Goyaz".

Culminam nesses dois curtos periodos tres erros grosseiros.

Não existe em Goyaz serra com o nome de "Acaba a Vida". O barão quiz se referir á serra "Acabasacco"; mas esta não se prende á Serra de Jaraguá, que é um serrote isolado, com o nome local de Serra da Matutina. Nenhuma dellas é prolongamento dos Montes Pyrereus, que por sua vez não devem ser considerados o ponto culminante de Goyaz. A altitude dos Pyreneos é de 1.385 metros apenas, quando Pouso Alto, na Chapada dos Veadeiros, attinge a 1.775 metros sobre o nivel do mar.

Releva dizer que a serra do Acaba-sacco traz um nome historico, pois lhe foi dado pelo "Anhanguéra", visto se terem ahi acabado os viveres que os da bandeira paulistana conduziam em saccos.

Estas altitudes vêm registradas no Relatorio da Commissão de Estudos da Nova Capital da União — o mais importante trabalho que ainda possuimos das regiões interiores do Brasil.

O que nos parece certo é que o venerando barão ainda não teve tempo para manusear os trabalhos scientificos da Commissão Cruls, pois do contrario não escreveria na sua obra acima alludida que o rio Maranhão nasce na lagôa Formosa. No relatorio do Dr. Alipio Gama, um dos mais provectos membros daquella Commissão, lêse: "O rio Maranhão não nasce na lagôa Formosa, mas sim um pouco ao sul.

Ao longo de uma densa e comprida "vereda" de burityѕ, que começa perto da lagôa, ficam as suas verdadeiras nascentes.

A lagôa só se communica com o rio na época das chuvas, e um canal com cerca de 1 km. de comprimento e 1, m. 5 de profundidade, por onde se faz essa communicação, sécca inteiramente depois da estação chuvosa, deixando a lagôa isolada.

Este canal, que se tem impropriamente considerado como já o começo do rio Maranhão, é apenas o escoadouro por onde a lagôa derrama, durante a estação chuvosa, as agûas que excedem á capacidade de sua bacia.

Taes são os resultados principaes das investigações que fiz no local.

Em seu começo o rio Maranhão, então simples corrego, tem a direcção sensivelmente N. S., e assim continúa até 11 kms. abaixo, voltando então bruscamente para W. e formando ahi um angulo quasi recto em cujo vertice vem se lançar, na margem esquerda, o ribeirão Tabatinga, seu primeiro affluente.

D'ahi em diante elle tem a direcção geral de N. W. até sua confluencia com o rio das Almas, que nelle cahe pela margem esquerda, depois de reunido ao rio Urú.

O ribeirão Tabatinga, que se deve considerar tambem como uma cabeceira do Maranhão, tem 2 leguas de curso e nasce em um ponto acima de Mestre d'Armas, do qual sahe tambem o corrego Brejinho ou Vereda-Grande, pertencente ás vertentes da bacia meridional. As duas cabeceiras ficam fronteiras e tão proximas, que o proprietario d'esses campos ligou-as por um vallo"

Companhia Estradas de Ferro do Norte do Brasil

Como não se deve ignorar da construcção da ferrovia destinada a ligar o baixo ao alto Tocantins, depende sobremaneira a felicidade do Estado de Goyaz. E subido problema foi esse em todos os tempos, que só não lhe ligou importancia nunca a politica tacanha que sempre nos infelicitou, a nós os goyanos.

Numa das suas *Mensagens* ao Congresso Legislativo do Pará, escrevia o então presidente Dr. Augusto Montenegro:

"O pensamento de ligar o baixo ao alto Tocantins por meio de uma estrada de ferro que vença a secção encachoeirada do rio, converteu-se em problema a exigir prompta e definitiva solução, maximé depois da descoberta de extensissimos caúchaes, não só no Araguaya, como em muitos affluentes do Tocantins, que esperam sómente a estrada de ferro para attrahirem, ainda mais que actualmente, os nossos patricios, ávidos dos grandes proventos que essa industria sóe dar.

Julgo de tal importancia para o Estado a estrada de ferro que vença as cachoeiras do Tocantins e vá até S. João do Araguaya, acho esta tão indispensavel ao desenvolvimento e progresso dessa muito importante parte do nosso territorio, excellentemente situado de modo a tornar-se um ponto de attracção dos serões de quatro Estados do Brasil, de modo a encaminhar o seu commercio para a nossa capital, que, caso as negociações da Empreza Araguaya-Tocantins não encontrem, infelizmente, bom exito, o Estado deve tomar a si directamente a solução do problema, e, por uma combinação financeira de facil realização, levar adiante o grande emprehendimento que interessa a todos os paraenses. Estou certo que o governo federal nos ajudará neste esforço, porquanto elle tambem tem interesse magno em estabelecer uma communicação rapida e segura pelo interior do Brasil."

São varias e muito complexas as causas que têm concorrido para a não realização do *desideratum* dos goyanos — que sempre foi a navegação do seu grande rio.

Se a importancia da grande empreza confiada á Companhia Estradas de Ferro do Norte do Brasil fôra melhor conhecida e considerada pelos governos, estamos certos que a ligação do baixo ao alto Tocantins-Araguaya teria sido feita mais rapida e desassombradamente.

Para dar aos nossos leitores noticias do andamento dos trabalhos da Companhia Estrada de Ferro do Norte do Brasil, destacámos um dos nossos companheiros para ir ao escriptorio della, á rua da Alfandega n. 90. As informações alli colhidas são estas:

O que é e era a Companhia Estrada de Ferro do Norte do Brasil. A actual direcção dos trabalhos a cargo do Dr. Julio Caetano Horta Barbosa e outros distinctos Engenheiros.

O jornal "O Estado do Pará", orgão de maior vulto do referido Estado, publica, em o seu numero de 27 de Julho do corrente anno, uma entrevista que teve com o Sr. Dr. Climerio Gondim, engenheiro-ajudante da Companhia Estrada de Ferro Norte do Brasil, outr'ora Estrada de Ferro do Tocantins ao Araguaya, entrevista esta que occupa tres columnas e meia da pagina principal do referido orgão, trazendo duas importantes photographias de dois trechos construidos actualmente.

Faremos um resumo daquella entrevista.

Acham-se actualmente os trabalhos entregues á direcção geral do illustre Engenheiro Dr. Julio Caetano da Horta Barbosa, que tem como seus principaes ajudantes, entre outros distinctos collegas, o Dr. Climerio Gondim, ajudante e encarregado da construcção; o Dr. José Pinto de Castro, engenheiro auxiliar encarregado da via permanente, e o Dr. Aprigio Freire, encarregado da locomoção.

O estado em que se achava a estrada. Nomeado o Dr. Horta Barbosa para a direcção dos serviços, poude elle, na viagem de inspecção aos trabalhos feitos alli, constatar o seguinte:

O trecho de Alcobaça até Breu Branco estava completamente dominado pelo matto e a linha em máo estado de segurança, parecia ao abandono ha mais de dois annos.

De Breu Branco até o k. 58 era quasi impraticavel e d'alli ao k. 61 totalmente.

O material rodante estava, em parte, em boas condições e parte estragado.

Os trabalhos feitos. Assim, os engenheiros começaram pela reconstrucção das obras iniciadas.

A Estrada foi totalmente limpa, desde Alcobaça, tendo até sido feitas modificações no traçado da linha, o que a melhoram consideravelmente.

A falta de segurança que offerecia foi corrigida com o alargamento de aterros, rampados os córtes e outros misteres, além da construcção de pontes, pontilhões, boeiros e obras d'arte.

A linha foi estendida até ao k. 63, estando com leito preparado até o 65, quasi no 66.

Hoje trafegam todas as machinas com a mais perfeita segurança, sendo que a "Itaboca", que é a mais pesada, de 66 toneladas, vae até a ponta dos trilhos, sem o menor incidente.

Acha o Dr. Climerio que dentro de breve prazo terá attingido ao kilometro 100, que fica a pouca distancia da cachoeira Itaboca, ponto de interesse capital para os transportes.

Daquelle kilometro, um pequeno ramal ou estrada de rodagem levará â cachoeira, dando, assim, a facilidade completa dos transportes.

Os serviços na ponte do Pucunchy marcham em bom andamento, já estando promptos tres pilares, vigamento, etc.

Destacam-se tambem os serviços de pontes construidas sobre os igarapés Cajueiro e Cajueirinho, todas de alvenaria e sobre estructura metallica.

Estado sanitario. A impressão é excellente; basta citar que, numa média de 1.300 habitantes, falleceram sómente tres pessoas, em seis mezes, sendo uma de desastre.

Dispõe a companhia de serviço medico ao cargo do Dr. Evaristo Silva; hospitaes em Breu Branco e ponta da linha; e corpo de pharmaceuticos e enfermeiros.

Em Alcobaça existe uma pharmacia montada em condições de satisfazer ás mais rigorosas necessidades.

Os medicamentos são gratuitos aos trabalhadores, com excepção de preparados pharmaceuticos, que são vendidos a preços modicos e descontados dos salarios.

Os generos alimenticios são vendidos a preços modicissimos aos trabalhadores, obedecendo todos elles á rigorosa fiscalização directa dos Drs. Horta Barbosa e Gondim e inspecção do medico Dr. Evaristo Silva.

Para attestar esta affirmação basta dizer-se que a carne do sul vende-se por 2$000 o kilo, o assucar de 1ª a 1$600 e de 2ª a 800 réis; a farinha, que é genero de maior cotação, dá 6$000 o alqueire.

Ganham os trabalhadores a média de 4$ a 5$, conforme a categoria e trabalho.

Podem dispor para sua subsistencia, diariamente, 2|3 do que têm direito.

Até agora tem-se observado que regula a 1$500 a diaria para alimentação de cada trabalhador.

Nas quartas e sabbados são fornecidos cartões, que lhes dão direito ao abastecimento, nas casas de commercio, do que necessitam. Estas casas, situadas em Alcobaça, Breu Branco e, em pequena escala, na ponta da linha.

E' prohibida a vendagem de bebidas alcoolicas de qualquer especie.

Numerosas familias se estendem em toda a estrada, no mais absoluto respeito.

Entre os trabalhadores está sendo notada a maior ordem possivel.

Existe um destacamento de 12 praças em Alcobaça, sobre as ordens do Sr. David Souza, chefe das officinas.

Os trabalhadores são quasi todos do meio norte, acclimatados perfeitamente em pouco tempo.

Dando uma prova do quanto é importante a cachoeira de Itaboca, cita-se que por alli passaram, no anno findo, 448.000 kilos de caúcho.

Além do caúcho, Itaboca exporta tambem castanha em grande quantidade.

Nas suas mattas ha plantas medicinaes, taes como quina e outras, além de grande quantidade de arvores fructiferas.

Diz o Dr. Gondim que, quando em exploração no Pucuruhy, andou numa extensão de dois kilometros, só de grandes capoeiras de assahyseiros.

Residem o Dr. Horta Barbosa e Pinto de Castro e suas familias, em Alcobaça, e os Drs. Gondim e Evaristo da Silva, na ponta da linha, em vagões adrede preparados.

A pedido do Dr. Horta Barbosa, acaba o Dr. Lauro Sodré de crear uma escola mixta em Alcobaça, cuja frequencia é superior a 60 alumnos.

O Dr. Horta tornou tambem effectivo o aprendizado nas officinas, que são completas, aos filhos dos operarios, o que está dando os melhores resultados.

Em Alcobaça não ha desoccupados, pois que os homens sem trabalho são immediatamente obrigados a regressar.

Em resumo: Alcobaça, hoje entregue á direcção do illustre Dr. Horta Barbosa, é uma companhia prospera, onde o trabalhador encontra o conforto e a remuneração do seu esforço.

Existe a melhor harmonia de vistas entre os chefes e homens que alli estão trabalhando.

E' fiscal, por parte do governo, o Dr. Timotheo Pereira, e, por parte do Estado, o Dr. Francisco Schutterchitz.

O CLIMA GOYANO

Goyaz é ainda mal conhecido, não obstante já existirem muitas publicações dizendo desse terra bem dotada que se encrava no meio do Brasil. A sua riqueza é variada e abundante.

O sólo fertil, cortado de rios de aguas profuzas, proprias para emprezas industriaes e, em geral, potaveis e algumas das melhores do mundo. O clima bom em geral, agradavel e variado, servindo a differentes fins e gostos, não faz-se obstaculo á exploração de suas riquezas mineralogicas; de suas preciosas e extensas florestas e pastagens. E a sua fauna cultivada manda representantes numerosos e optimos para a Capital Federal aos Campos de Santa Cruz, attestando o valor destas. Essas condições physicas abrem possibilidades para as mais variadas culturas, que promettem resultados preciosos, como se infere do que se dá com o fumo, o café, marmello, etc.

Os grandes calores não grassam ahi. O flagello da secca não lhe cresta os brotos das plantas numerosas, nem tortura a alma caritativa de seus habitantes.

Estes são em sua maioria intelligentes e honestos: viaja-se pelo Estado sem receio, confiado na lealdade dos fazendeiros, tranquillo e satisfeito, pois essa gente é boa e generosa. A hospitalidade goyana é tradiccional.

A honorabilidade de seu commercio é bem conhecida na praça do Rio e de S. Paulo.

* **

Mas a situação geographica de Goyaz e esta fatalidade que retem os brasileiros pelo littoral, quando a natureza no interior não é inferior á delle e tanto nos poderá dar, têm privado e continúa a privar o estado de quantos elementos são necessarios ao seu desenvolvimento. Goyaz ainda clama pelos meios modernos de transporte. O *Destino*, neste particular, tem sido inexoravel aos votos dos goyanos, pois até hoje, Goyaz só conseguiu estrada de ferro com o seu nome, mas que ficou pelo Roncador... qual arvore, cuja seiva se encaminha para um ramo com detrimento do tronco. A estrada de Catalão por Goyaz, a Cuyabá e outras, são utopia...

E', pois, digna de louvores a iniciativa de uma publicação destinada a fazer conhecido Goyaz e propugnar seu progresso; e merece applausos e acoroçoamento. "A Informação Goyana" que a esse reclamado e patriotico fim se propõe. E eu, que tanto préso a terra, a que orgulho-me de pertencer, e lhe almejo melhor futuro, venho trazer com estas linhas simples, o meu appoio sincero ao util emprehendimento que tão opportuno é. Apparece elle na occasião em que a "Guerra" entre as Grandes e Civilizadas Nações, faz obrigatorio attender-se para o que é nosso, forçando a cuidar-se melhor do interior do paiz, coisa que sempre se desleixou, fascinado e embuida pelo que é exterior e estrangeiro. E não resta duvida que só pelo desenvolvimento de nossa economia propria é que poderemos firmar a nossa individualidade nacional e alcançar o valor mundial que devemos ter, pelo que somos e possuimos, e poderemos ser.

Uma informação que muito interessa, é quanto ao clima da região que se procura; ás suas condições physicas, em relação á nosso viver e saude.

Realmente é coisa pouco convidativa ir residir e explorar por lugares de máo clima e ruins aguas. Por isso, faço d'esse assumpto o objecto destas.

Infelizmente só possuo dados climatomos obtidos em observações systematicas de uma Região do Estado. Eis por que estas linhas, que visam principalmente attrahir a attenção para o assumpto, se particularisam em uma noticia do clima do acampamento da Commissão do Planalto, que entretanto, póde servir de typo, ou especimen dos de outras localidades.

Devido a causas naturaes, nos caracteristicos desse clima, se enquadram os das muitas regiões que formam o Sul do Estado.

A noticia se funda em dados seguros, regularmente tomados de 3 em 3 h. com o maior escrupulo em 1895, no Observatorio Meteorologico da Commissão installado segundo a technica, e que funccionou tambem em 1896. As médias deste anno e conjuntas desses dois annos aguardam opportunidade para serem publicadas. Mas as de 1895 constam do Relatorio parcial da commissão a que foi annexo o que eu apresentei ao inolvidavel professor Dr. Cruls, digno chefe dessa commissão, tão cedo roubado a este paiz, a que se devotou.

Em a conclusão deste relatorio eram os resultados obtidos commentados, após se proceder a uma comparação porfunctoria entre o clima do acampamento e os do Rio e de S. Paulo. Ahi se notava "que os dados de um anno não eram bastantes para o conhecimento do Estado médio dos elementos climatologicos, nem dos extremos de sua variação, proprios a cada lugar e que em seu conjuncto definem o clima. Mas já chegam para se formar juizo."

Para não alongar estas, deixo para d'outra vez proseguir, limitando-me por agora a transcrever um trecho final do relatorio em que naquella epoca, eu dizia:

"*Si a nossa temperatura* do Acampamento, (a 15° e 45° de lat, e a 1.020 m. de alt.) é bem mais amena que a do Rio (19,°5 média annual) por ser lhe inferior; por estar acima da temperatura de S. Paulo, o nosso estado thermico, creio eu, não lhe fica peior; porque o excesso de nossa média é pequeno, como se viu, e a calidez athmospherica actua sobre nos de mãos dadas com a humildade, que realça quando exagerada, a sensação produzida por aquella; e, em S. Paulo esta é bem superior á nossa. Demais, para nós, a calidez de certas horas do dia é mais que toleravel, não só por cousa da sua pouca duração, como tambem pela baixa da humidade, relativa e pela ventilação que apparece a essas horas. A ventilação fraca é quasi constante aqui, sendo raras as horas de calma absoluta, porém, essa ventilação que já notei, se accentúa nas horas calidas do dia, quasi sempre nem attinge, nas outras horas a unidade da escala."

"O estado do nosso céo e a limpidez athmospherica ferem a attenção.

E' interessante registrar a ausencia absoluta de nuvens á noite em certas epocas do anno, o céo de belleza notavel, carregase pela manhã de nuvenas a léste, passando ellas pelo zenith nas proximidades do meio dia, para, á tarde, accumularem-se pelo lado de Oéste e afinal desapparecerem quasi totalmente, descendo a nebulosidade ás vezes a zero; parece fazerem cortejo ao sol."

Em 7—10—917.

J. J. CURADO.

O problema de transportes

Sejam minhas primeiras expressões, aqui exaradas, palavras de hosanna aos intrepidos e denodados patricios que, nem momento de inauditas difficuldades, arrostam, com passo firme, em prol de Goyaz, com a publicação da "A Informação Goyana". Já se fazia por demais tarde o apparecimento, na grande metropole do Brasil, de uma revista que, cuidando sciente e conscientemente de nossas coisas estadoaes, a exemplo do que se dá com diversas das demais circumscripções do Paiz, constituisse o porta-voz de nossas grandes e surprehendentes possibilidades de progresso, espancando com vigoroso patriotismo o quanto de enganoso pudesse surgir no tocante a quaesquer esfôrços tendentes a pôr em fóco as riquezas do planalto central. Ditas estas palavras de louvor ao elevado lance de tão patriotico emprehendimento, em extremo promissor, como, de facto, o é a publicação daquella revista, seja-me ainda permittido agradecer aos seus dignos fundadores a gentileza da inclusão do meu obscuro nome no numero de seus collaboradores.

———

Si um problema existe que, sobre todos os outros, deve merecer a attenção, não já dos goyanos, mas dos brasileiros em geral, este problema é o de transportes. A natureza, mimoseando-nos com uma terra riquissima, tratou immediatamente, como que desejando aguçar nossa actividade, de bordar o territorio de nosso paiz de encantos e de recursos economicos incontaveis, de um systema hydrographico como não ha outro no mundo.

Quem se der ao trabalho de contemplar nossas cartas geographicas, ficará desde logo extasiado ante o intrincado maranhamento de nossa possante rêde fluvial, cujas vertentes iniciaes quasi se tocam, por pouco se não confundem, cooperando para que immensos tractos de nosso territorio se transformem em grandes e importantes ilhas sobraçadas pelo entrelaçamento de aguas fluviaes de um lado e aguas oceanicas de outro. Ahi está para o sul a grande bacia Amazonica enlaçando-se quasi com a do Prata, mediando, entre ambas, um pequeno tracto de terras; para as bandas do levante, lá estão, quasi a se confundirem com as aguas da vasta bacia do rio-mar, as aguas do S. Francisco, do Paranahyba, do Mearim, cujas vertentes iniciaes são separadas em alguns pontos apenas por ligeiras elevações de terrenos de meia duzia de kilometros quadrados! Si a natureza proporcionou-nos tão importantes estradas liquidas, como que nos incitando a, por ellas, darmos escoamento aos productos de nosso labor e ás nossas riquezas naturaes, todavia, não deixou de salpicar aqui, alli e além, os longos e colossaes cursos de agua, de pequenos obices, de ligeiros embaraços que, de permeio, são em milhares de kilometros de facilimo acesso e até mesmo de util aproveitamento. Que ha feito o poder publico em face da utilização e aproveitamento de tão rica quanto possante rêde hydrographica? Teria, porventura, ao menos, mandado estudar tão uteis vias liquidas e ver até que ponto poderiam ser

aproveitadas methodicamente num serviço de intercambio das utilidades regionaes?

Pelo menos, no que diz respeito a Goyaz, nada consta que, seriamente, se fizesse; e isto se patenteia com evidencia quando se observam erros grosseiros ao defrontar com as descripções cartographicas que correm com signos de officiaes, erros estes que não escapam aos olhos perscrutadores de quem conhece o interior. Cortado de sul a norte por dois grandes caudalosos e riquissimos rios — Araguaya e Tocantins — Goyaz se vê ainda assim privado por completo de meios de transportes, isto porque o poder federal, a quem incumbia o estudo e utilização das duas grandiosas torrentes, tratou desde logo de mimoseal-os com privilegio, entregando-os a empreza particular, fortemente garantida. Decorridos quasi tres decadas de um privilegio que tem custado ao paiz mais de dois mil contos, perguntámos: — Que ha praticamente a favor da immensa zona Tocantins-Araguaya e das populações ribeirinhas?

Depois de tres decadas de esforços mal conduzidos, a companhia tem a attestar-lhe a grande operosidade cerca e 60 kilometros de estrada de ferro no baixo Tocantins, um deficiente serviço de viação fluvial a vapor, ainda no baixo Tocantins, e, em completo abandono, tanto o alto Tocantins como o alto Araguaya. Não se diga que os obices, as *tremendas cachoeiras* dos dois grandes rios, são o motivo, a razão de tamanho e censuravel descaso. Si não bastasse a solução praticamente levada a effeito pelos naturaes com o inicio e manutenção de um systema de viação sob moldes primitivos, ininterruptamente mantido desde os fins do seculo 18 até nossos dias, ahi estão os esforços de Couto de Magalhães, da Companhia Belga, em formação, e, ultimamente, de alguns particulares, que, praticamente, têm conduzido embarcações a vapor aos pontos mais remotos do alto Araguaya e Tocantins.

Tudo isto vem demonstrar que os dois rios dão accesso franco aos vapores de pequeno calado. Ainda agora pessoa de minha amisade referia que a cachoeira Itaboca, o grande espantalho com que a Companhia Norte do Brasil vem, desde o inicio de sua organização, se servindo para embarbascar aquelles que ainda esperam que ella se resolva a fazer alguma coisa em beneficio daquelles remotos centros, está vendo como ella é facilmente trafegada por lanchas a gazolina, que a sobem e descem com muita rapidez e sem o minimo obstaculo! Vê-se, pois, que a solução do problema fluvial de Goyaz está simplesmente dependente da boa vontade do governo em fazer com que a famosa Norte do Brasil entre de vez, cumprindo o seu contracto, a ser util áquellas paragens.

Bastou que o governo extirpasse das clausulas contractuaes o ominoso privilegio de cobrança de pedagio sobre embarcações que trafegassem o rio e para logo a iniciativa particular entrou em scena e estou certo dentro em breve novo sopro perpassará por aquellas longinquas regiões.

AYRES DA SILVA.

Piranhas do Brasil Central

A Piranha é um dos peixes mais curiosos que vivem nas aguas doces do Brasil.

Nos grandes rios e lagos do interior ella é tão temida pela sua voracidade como o Tubarão nas nossas costas maritimas.

O Sr. Emilio Goeldi a considera um animal de rapina o mais perigoso da America equatorial e a creatura mais feroz entre os peixes em geral. Diz mais este naturalista, que si o Dante a houvesse conhecido ter-lhe-hia dado um logar de honra no inventario dos instrumentos de supplicio de que se serviu para pintar o inferno.

Outro viajor celebre, Augusto de Saint Hilaire, chamava-a de *poisson diable.*

Ahi pelo interior o vocabulo *piranha* é synonymo de voracidade, de soffreguidão no comer.

Contava o velho historiador, Dr. Vieira Fazenda, que no tempo do imperio a expressão *piranha do liberalismo* valia por um grito de guerra da imprensa do partido conservador contra os liberaes, quando estes no poder...

Tratando de uma das especies de Piranhas do Brasil Central escrevia Castelnau: "Esta especie é muito commum em todas as aguas de Goyaz. Pela primeira vez eu encontrei-a no lago das Perolas e depois a vi no Araguaya e no Tocantins; emfim, ella é encontrada tambem, mas em menor abundancia, no Amazonas.

Esta é a *Piranha* dos brasileiros *Coicou* dos Chavantes, e *Djutá* dos Carajás.

Este *Pygocentrus* é o animal de que mais se arreceiam os habitantes das margens dos rios ainda pouco conhecidos que regam a immensa provincia de Goyaz.

Os individuos da nossa raça que vivem nessas regiões, sejam da classe dos pescadores, ou caçadores mestiços ou negros ou pertencentes á familia parda aborigene, todos sem excepção, estão acostumados aos perigos sem conta da vida nas mattas virgens.

Para esses individuos a caça ao Tigre é uma brincadeira, o combate contra o Jacaré um passatempo ordinario, o encontro de uma Sucury ou outra serpente, uma questão de cada dia; e o costume pela força das cousas conduzia-os a enfrentar, sem dar por isso, toda a especie de perigos; si, porém, se lhes fallar da *Piranha* nota-se logo que uma completa mudança vem transformar-lhe a physionomia e um verdadeiro terror passa-lhes pelos olhos.

Isto vem de que a *Piranha* é com effeito o animal que maior terror causa nos sertões. Um rio avolumado pelas chuvas não interrompe muitas vezes a marcha do caçador.

O que não teme nenhum dos perigos previstos, não póde, entretanto, ir a nado para a margem opposta distante algumas braças apenas — devido aos dentes da *Piranha* que o retem antes de chegar mesmo ao meio do caminho.

O seu corpo despedaçado ficará em poucos segundos num esqueleto semelhante aos dos museus anatomicos.

Tem-se visto intrepidos caçadores morrerem de fome em situação semelhante, sem ousar enfrentar um perigo contra o qual seria em vão toda a força, resistencia e coragem.

Quantas vezes cançado de uma longa e penosa marcha através de mattas espessas trançadas de bambusaceas, chega o viajor esbaforido e febricitante a beira de um rio em cujas aguas limpidas aquecidas pelo poderoso sol equatorial, seria agradavel um banho á sombra das arvores seculares; mas debaixo das plantas aquaticas e nenuphares sob a corolla refulgente das victorias-régias que alcatifam a superficie destas aguas crystallinas, nadam as terriveis *Piranhas*, cujos dentes amollados como navalhas submetteriam ao supplicio de Tantalo o viajante, que assim se vê forçado a renunciar ao banho delicioso.

O viajante esfomeado avista bandos enormes de passaros aquaticos, garças e corvos marinhos passam em revoadas. Com certa destreza de atirador poderia ter um bom almoço, porém o animal antes de cahir no rio é presa das *Piranhas* que o apanham no ar, agarram-n'o devoram-n'o.

Piranha preta ou azulada

Quanto a mim, depois de uma longa permanencia no sertão, posso affirmar que não temos senão duas especies de perigos: as *Piranhas* e os mosquitos."

(F. de Castelnau — *Animaux nouveaux ou rares recuéllis pandant l'expedition dans les partes centrales de l'Amerique du Sud.* Poisson, 1855).

A Piranha habita as tres principaes grandes bacias fluviaes do Brasil — a do Amazonas, a do Prata e a do S. Francisco. Foi deste ultimo rio que Saint Hilaire enviou para o Museu de Paris o exemplar que serviu para a classificação scientifica que lhe déra o grande Cuvier — *Pygocentrus piraya.* (1).

Ha-as de diversas especies.

Quanto ao seu formato — largo e achatado, olhos grandes e redondos, as Piranhas se parecem muito com os Pacús (*Myletes spc.*); mas é bastante uma ligeira inspecção sobre as suas respectivas nadadeiras caudaes para se vêr desde logo que estas na primeira especie formam com as anaes um angulo agudo, entretanto que, na ultima especie, já as duas alludidas nadadeiras formam angulo obtuso.

As maxillas deste peixe são armadas de fortes dentes triangulares e agudissimos, que retalham a carne das suas victimas, cortando-a como tesouras, donde justamente o nome que os indigenas lhe deram: — *pira*, peixe; *an*, corta-pelle, tesoura, tenaz, o que agarra ou corta a pelle, ensina Baptista Caetano.

E' de notar-se que muitos zoologos fallam deste peixe, mas bem poucos o conhecem no seu *habitat*, que são as aguas mansas dos grandes rios e lagos do interior. Quando se referem á Piranha, dizem como os diccionarios: — "E' um peixe do Amazonas"...

Neste particular póde-se dizer que a nossa sciencia official anda aos grillos. Haja vista o caso de um dos seus representantes, ex-director da secção zoologica do Museu Nacional, que lhe attribuia dous a tres palmos de comprimento, quando a maior das especies não excede de 25 centimetros de comprimento.

A caduca systematica dá para toda a região neo-tropica apenas quatro especies de Piranhas, determinadas por Cuvier e Linneu. Todas ellas são conhecidas no Araguaya, onde as colligiu o Conde de Castelnau, que assim as descreve:

GENERO PYGOCENTRUS

Serrasalmus Rhombeus — "Esta especie não excede nunca de 22 centimetros de comprimento; seu dorso é verde claro; os flancos

---

(1) — Com este nome não é conhecida nenhuma especie de Piranha nos rios de Goyaz.

brancos e prateados. O ventre de um amarello vivo alourado. As nadadeiras dorsal caudal e anal são de um verde escuro, porém a ventral e a peitoral são de um amarello claro: o labio superior da caudal é menos desenvolvido que o inferior.

Nota-se ás vezes uma mancha ou pinta vermelha na cabeça. Esta especie é designada no Araguaya sob o nome de *Candirú*. (2).

Alimenta-se de sangue e ataca os nadadores.

S. Gibbeus, nova especie. Esta especie tem sido confundida com a precedente. E' distinguida pela sua fórma mais alongada, menos alta, porém, é um pouco mais arredondada atraz da cabeça; pelos dentes inferiores maiores mais largos e tendo cada um, um tuberculo laterial; a côr das partes inferiores da cabeça e do ventre é mais alaranjada (orangé).

As nadadeiras dorsaes e caudaes são de um pardo de ferro, bordadas de negro em sua parte trazeira; a anal, com sua base verde, é parda. Esta é designada no Araguaya, onde a pude observar sob o nome de *Piranha branca*.

E' talvez a terceira especie de *Piraya* de Magrave.

S. Humeralis — O Sr. Valenciennes descreveu esta especie segundo o individuo que eu trouxe do Araguaya. Ella é confundida com a precedente sob o nome de *Piranha branca*.

Uma outra especie que se approxima da do Sr. Orbigny é distinguida pelas sub-orbitaes ainda mais estreitas, estas ultimas são estriadas, como tambem as partes operculares. O queixo inferior não é muito saliente, comtudo em toda a largura elle excede o superior.

O focinho arredondado, é convexo adiante das narinas e um pouco concavo abaixo dos olhos.

A crista inter-parietal é convexa.

A côr é azul de aço acima da linha lateral, prateada debaixo do ventre; uma mancha negra bem accentuada se acha atraz dos ouvidos. As costas e os flancos são cobertos de pontos quasi prateados. A caudal tem uma grande bordadura prateada. O nosso exemplar tem o comprimento de cinco pollegadas. O dorso é de um azul claro; o ventre, como tambem o lado posterior da opercula e preopercula são alaranjados; as peitoraes de um amarello vivo; as dorsaes e a base da caudal negras, o resto desta ultima é branco. A anal é amarello, notando-se uma côr vermelha alaranjada em sua parte inferior. Uma mancha negra alonga-se atraz da cabeça.

Do Araguaya:

S. Aureus — Quando vivo este peixe é inteiramente anegrado escuro, tomando côr de purpura os flancos e a parte inferior da cabeça.

Eu a trouxe do Araguaya e do Amazonas. Os pescadores dessa região dão-lhe o nome de *Rodeleira*."

Pelo conhecimento que temos dessas especies conhecimento adquiridos *in-situ*, podemos juntar áquelles nomes zoologicos os vulgares e indigenas pelos quaes se as designam no Araguaya, bem como algumas notações biologicas de interesse para a sciencia.

As especies acima descriptas pertencem, em Goyaz, ás bacias do Araguaya e do Tocantins onde trazem tambem os nomes triviaes de ***Rodeleira, Cabeça de burro, Serrafina, Chupita e Piranha dos lagos.*** Além destas ha nas mesmas aguas uma especie não classificada zoologicamente. Ha ainda duas especies de Piranhas que têm por ***habitat***, em Goyaz, a bacia do Paraná — Paranahyba: a chamada Corta-jaca (***serrasalmus marginatus***) e uma outra maior e mais delgada, que só é encontradiça, no mesmo rio, da Cachoeira Dourada para baixo. Esta ultima talvez seja a ***Pygocentrus nattereri*** da systematica, que vive nas aguas do systema platino.

A pesca das Piranhas é mui simples: para apanhal-as ao anzol é bastante iscar este com um pedaço de carne fresca ou peixe e lançal-o n'agua; ellas mordem com tanta furia, que impossivel será ao pescador, num simples arranco, errar a fisgada.

Sua carne é excellente, apezar de espinhosa.

HENRIQUE SILVA.

Plantas leitosas e gommiferas uteis de Goyaz

E infimo, para não dizer nullo o conhecimento das causas do vasto Estado Central nas estatisticas officiaes.

Como se saber dentro e fóra do paiz, da existencia em Goyaz de tão varias quanto preciosas plantas economicas, quando até o Governo e as nossas classes commerciaes ignoram a procedencia goyana das borrachas de mangabeira, de caúcho e maniçobas que exportamos? Porque, como muita gente timbra por não saber, nem querer saber, o Estado de Goyaz é o unico da Republica que não tem alfandegas, nem recebedorias ou mesas de rendas que accusem seu movimento commercial com os paizes estrangeiros. Seus productos de exportação não vêm mencionados e discriminados, respectivamente, na secção commercial e financeira das Bolsas de mercadorias dos portos maritimos que os recebem— nem ao menos constam das informações prestadas mensalmente pela Estatistica Commercial do Rio de Janeiro.

Minas é o precalço de Goyaz na Capital Federal: chrisma-lhes os bois, o fumo, o crystal de rocha e as borrachas de mangabeira.

S. Paulo, nestes dois ultimos annos, tem visto avolumada a exportação de cereaes, carnes e pelles, pelo porto de Santos, mas as suas estatisticas continuam como d'antes, omissas quanto á procedencia d'aquelles e outros productos das terras goyanas.

D'ahi toda gente saber, porque lê nas obras luxuosas editadas pelo Governo ou nos artigos sensacionaes de imprensa, firmados pelos descobridores ultimos do Brasil, nas publicações officiaes de propaganda que tanto circulam em brochuras, nos "magazines" illustrados ou nas gazetas — que Minas Geraes exporta borracha de mangabeira pelos portos do Rio e Santos, que S. Paulo, por seu turno, exporta aquella qualidade de borracha; que a Bahia tambem exporta borracha de mangabeira e maniçoba, e, finalmente, que o Pará, Maranhão e Piauhy exportam borrachas de caúcho, maniçoba e mangabeira — mas o que se não diz, o que se não vê escripto, nem consta das nossas curiosas estatisticas, é que o tão longinquo quanto desconhecido Estado goyano, o unico da União que não gozou ainda dos beneficios da viação ferrea ou fluvial, concorre muitissimo para a elevação e valor do quantitativo d'aquellas exportações dos Estados alludidos, e, mais ainda, produz, de longa data, para o consumo dos que lhe são limitrophes, tudo ou quasi tudo quanto elles importam de procedencia nacional, principalmente generos alimenticios.

No que respeita á borracha, póde-se dizer de Goyaz um vasto reservatorio economico constituido por varias especies vegetaes: a *Hevea*, o caúcho (*Castilôa-elastica*, de Cervantes), a mangabeira de duas variedades (*Hancornia speciosa, Gomes, e H. Pubescens*, Nees e Martius), esta ultima peculiar ao nosso Estado, segundo Saint Hilaire, que a descobrio; as maniçobeiras (*Manihot glazienvi*) das especies conhecidas e outras ainda não classificadas pelos botanicos; a massaranduba (*Misopsellata*), a sôrva (*Canau tiles*), a gamelleira (*Ficus elasticus*), finalmente muitos outros productores de *lactex*, que dão borracha, gutta-percha e resinas preciosas.

A *castilôa* é encontradiça á margem do Araguaya-Tocantins, da confluencia do Itacayunas para cima, até certa altura, no territorio goyano, contestado pelo Pará, depois da descoberta alli de extensissimos caúchaes.

Trata-se de um territorio vasto, comprehendido entre 5° e 19' e 10° e 30' de latitude austral, com uma extensão de norte a sul de cerca de 106 leguas, isto é, da margem direita do Itacayuna á ponta septentrional da ilha de Sant'Anna ou do Bananal, sobre 30 leguas, mais ou menos, de largura.

Como se vê, esse contestado é maior do que qualquer um dos seguintes Estados: Sergipe, Parahyba e Rio Grande do Norte.

Entre o alto Tocantins e o Araguaya foi descoberta, em 1905 uma arvore leitosa productora da borracha, á qual deram o nome de "Atraca". D'ella, o seu descobridor, Sr. Frederico Marbac, residente em Santo Antonio, á margem esquerda do Tocantins, conseguiu extrahir excellente e abundante borracha, coagulada sob a acção do fumo do côco de palmeira. O "lactex", que é dos melhores, tem propriedades mais elasticas do que as já conhecidas, além da vantagem de não ser preciso derrubar a arvore na época de se lhe extrahir o leite.

O estudo scientifico das plantas uteis ou economicas, como sejam, no caso presente, as gummosas, productoras de borracha e gutta-percha, peculiares á região goyana, ainda está por fazer e bem o merece. Assim, as caracteristicas essenciaes das suas duas floras distinctas — a campestre e a sylvestre — nem ao menos foram delineadas.

Não só pela sua abundancia, como tambem pela sua vasta área da distribuição geographica, a mangabeira resulta a mais importante especie vegetal para os que, apezar da mingua de recursos e meios faceis de transporte, cuidam das industrias extractivas n'aquelle Estado.

Em Goyaz, a "Hancornia" é um dos vegetaes predominantes na formação florestica dos seus caracteristicos descampados, taboleiros e serras.

Tratando da flora do planalto goyano, escrevia o Dr. A. Glaziou:

"Muito me prendeu a attenção um grupo de altissimas arvores, communs, tão persuadido estou que encerra mais uma riqueza natural para o paiz: quero fallar das arvores da gutta-percha, isto é, das *Sapotaceas latex*, tão abundantes.

Meus estudos ulteriores sobre a flora propriamente dita, do novo Districto Federal, tão acertadamente demarcado, provarão, material e scientificamente, pelas plantas determinadas do hervario da commissão incumbida dos estudos para a nova Capital da Republica, a relação que existe entre esses vegetaes e os que produzem as melhores guttas de Java, Sumatra e ilhas adjacentes. Varias dessas arvores pertencem ao mesmo genero das que vivem naquellas regiões longinquas. O *latex* (a seiva) das especies brasileiras, a julgar pela abundancia e pureza, pouco inferior deve ser ás especies de Java. Firme nesta opinião, considero um dever insistir até que o Governo incumba a algum chimico, de reconhecida

competencia, analysar o conteúdo dos vasos lactiferos dessas sapotaceas em individuos convenientemente colhidos por um botanico ou mesmo um simples colleccionador apto a distinguir essas plantas dos outros vegetaes leitosos."

Descobriram-se ultimamente no nordéste do Estado, limites com o da Bahia, riquissimos maniçobas de uma nova variedade campestre, cujas qualidades excellem ás especies da mesma familia botanica até hoje conhecidas.

Por que o Ministerio da Agricultura não manda vir estas plantas para serem estudadas?

Os nossos botanistas só cuidam de descobrir novas especies de orchidaceas que lhes fazem o enlevo; mas de *parasitas* e da admiração dos botanicos, o Brasil já está forrado...

A "Informação Goyana" nas Republicas Platinas

Com referencia ao primeiro numero desta Revista, assim se expressa "El Economista Uruguayo", importante *magazine* que se edita em Montevidéo:

"A INFORMACION GOYANA"

A llegado a nuestra mesa de redaccion el primer numero de esta importante revista cuya especializacion está en lo relacionado con las finanzas.

Cuenta con una corporacion de colaboradores selectos, como lo atéstigua el buen material de lectura que llenan sus páginas, figurando en la lista, si esto no fuera suficiente, los nombres de las personalidades de relieve que tienen representación preponderante en el Brasil.

Aparece una vez al mes, con material de ilustración e información, lo que estará relacionando con las posibilidades económicas del Brasil Central.

Agradecemos el envio y retribuiremos el canje."

Navegação do Paranahyba

Informam-nos que o engenheiro Carlos Hass e outros, estão explorando o grande rio que separa Goyaz de Minas, com o fim de estabelecer uma linha de navegação destinada a ligar diversas localidades goyanas ás estradas de ferro Goyaz e Mogyana.

A idéa do estabelecimento da navegação na Paranahyba vem dos tempos coloniaes, e é, pois, contemporanea da do Araguaya-Tocantins. O primeiro tentamen nesse sentido, deve-se a Estanisláo Gutierres em 1808. Depois, José Pinto da Fonseca e João Caetano da Silva levaram a melhor exito aquella exploração, pois, descendo o Paranahyba, João Caetano subiu pelo Tieté até Piracicaba, em S. Paulo.

No anno de 1824, Antonio José Leite desceu os rios Turvo e dos Bois, entrou no Paranahyba e, como disse Taunay, navegando-o aguas acima, foi, depois de subir durante seis dias o rio das Velhas, ter á povoação de Sant'Anna, na provincia de Minas Geraes.

Em 1873 o Dr. Aguiar Witaker, a expensas do commendador Francisco José da Silva, de Bomfim de Goyaz, explorou os rios Meia Ponte, Bois, Turvo e Paranahyba, que navegou desde a Cachoeira Dourada até ao canal de S. Simão, n'uma extensão de 30 leguas.

São obvias, pois, a importancia e vantagens dessas largas vias de communicações inter-estaduaes que ora se projectam—e Deus queira, possam ser em breve uma realidade.

No proximo numero desta Revista voltaremos a tratar deste valioso elemento da prosperidade da terra goyana.

Pequenas notas economico-financeiras do Estado de Goyaz

Segundo dados officiaes, colhidos na Secretaria de Finanças do Estado, vem n'um crescendo animador a exportação dos productos goyanos de tres annos a esta parte.

Falam eloquentemente os seguintes algarismos, que representam o valor da arrecadação das rendas, só pela Estrada de Ferro de Goyaz, durante os dois ultimos annos:

Em 1915, na pequena zona beneficiada pela alludida via-ferrea, esta arrecadou, para o Estado, rendas no valor de réis 95:749$711, e, no anno de 1916, a renda arrecadada pela mesma estrada de ferro se elevou a 241:045$797, ou seja um augmento de 145:296$086. No corrente exercicio de 1917, do mez de Janeiro ao de Agosto, a renda da exportação arrecadada pela Goyaz montou a 187:464$129.

E' preciso, porém, não esquecer que a Goyaz serve apenas a tres municipios do Estado: Ipamery, Catalão e Corumbahyba.

As mercadorias que mais concorreram para o valor da exportação foram estas: arroz, bois gordos, fumo, xarque, couros, suinos, toucinho e borracha. O melhor é especificar, em relação a 1916, as mercadorias exportadas e os respectivos valores:

Arroz	1.181:475$600
Fumo	454:992$000
Suinos	358:850$000
Toucinho	104:768$800
Couros	427:238$000
Borracha	55:209$000
Marmellada	2:160$000
Manteiga	9:800$000
Milho	34:003$000
Feijão	15:631$500
Assucar	11:081$600
Bois gordos	842:520$000
Xarque	247:551$000
Pelles de veado	16:305$000
Banha	41:326$500
Cristal	5:882$000

Mas o interessante é que naquelles dois ultimos annos as receitas foram ultrapassadas pelas despezas, deixando *deficits*.

Em 1915, nas administrações dos coroneis Ramos Jubé e Salathiel de Lima, a receita foi orçada em 1.319:650$000 e a despeza subiu a 1.430:457$457, donde um *deficit* de 110:807$457.

Em 1916, sob a presidencia ainda daquelles dois coroneis e mais a do tambem coronel Aprigio de Souza, a receita foi orçada em 1.094:008$500 e a despeza attingiu a 1.517:509$, deixando, portanto, um *deficit* de 423:504$600.

Segundo dados recentemente publicados pela Secretaria de Finanças de Goyaz, o exercicio de 1916, para o qual era prevista uma receita de 1.319:650$, se fechou com uma arrecadação de 1.428:000$ e se fizeram economias na distribuição da despeza.

No anno de 1916, só a recebedoria da ponte Affonso Penna que serve parte do sudoéste do Estado, arrecadou 422 contos de réis.

Como, pois, explicar aquelle *deficit* de 423:504$600 acima alludido, e que tão tristemente assignalou o ultimo anno da administração dos chamados "Babaquáras", sinão pelo avança sem nome nas rendas publicas nesse lapso de tempo, que foi tambem o da inconsciencia dos goyanos?

Felizmente que o austero desembargador João Alves de Castro, actual presidente do Estado, já tem dado sobejas provas de que vai fechar ainda este anno o periodo das roubalheiras praticadas na arrecadação das rendas estadoaes, dando em cima dos seus defraudadores.

Que as mãos lhe não doam!

A INFORMAÇÃO GOYANA
Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central
Directores: Henrique Silva e Dr. Americano do Brasil
Redacção provisoria: Av. Rio Branco, 117-3°—Rio de Janeiro
Assignaturas
Um anno (Brasil) .... 10$000
Um anno (Paizes da União postal)...... 20$000
Annuncios
Uma pagina .... 100$000
Meia pagina .... 60$000
Um quarto .... 30$000
Um oitavo .... 15$000
As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.
A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro,

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3° -- Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 4

HOMENAGEM

DR. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA

A INFORMAÇÃO GOYANA, *ao illustre estadista que neste momento presta os mais desinteressados e valiosos serviços em prol da Agricultura Brasileira.*

SUMMARIO

EXPEDIENTE

Com o presente numero entrou *A Informação Goyana* no seu segundo trimestre de existencia. Pedimos, pois, a todos os assignantes de fóra desta Capital que ainda não fizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem pelo correio as respectivas importancias.

As importancias devem ser dirigidas ou pagas nesta capital ao sr. Vicente Calamelli, á Avenida Rio Branco 117, 3°, sala 13.

Limites entre Goyaz e Matto-Grosso

III

De um documento manuscripto existente no Archivo Publico Nacional, vê-se que nos tempos coloniaes o rendimento do quinto do ouro extrahido na Capitania de Goyaz até a quantia de 20 contos era applicado para as despezas ordinarias da Capitania de Matto Grosso — o que é bem uma prova de que esta ultima não possuia recursos proprios para as suas despezas ordinarias quanto mais para administrar territorios sob a jurisdicção goyana, á margem esquerda do Araguaya e nas vertentes do Paraná-Paranahyba.

Póde ainda ser apreciado no alludido Archivo um officio do governador de Goyaz, D. Francisco de Assis Mascarenhas, ao Visconde de Anadia, vice-rei do Brasil, officio este datado de 15 de Outubro de 1806, e do qual trasladamos esta passagem: "A sociedade estabelecida no Julgado de Trahiras aprazou para este anno a sua primeira expedição mercantil: já se apromptam canoas e já ha carga para ellas; como o rio Maranhão é muito infestado pelos Indios selvagens, faz-se necessario estabelecer logo alguns presidios, mas estes exigem despezas, a que não póde accudir a Real Fazenda desta Capitania emquanto se não applicarem para estes, e para outros semelhantes objectos todo o subsidio que annualmente se remette (muito desgraçadamente para nós) á Capitania de Matto Grosso".

Acimá de tudo persistem os documentos já reproduzidos nos numeros anteriores desta Revista — os quaes deviam ter dirimido de vez esta mais que secular questão de limites. Diremos agora porque assim não succedeu.

E' que odio velho não cança e dahi o apparecimento do Senador Candido Mendes, com o seu *Atlas do Imperio do Brasil*. Sem desrespeito á memoria do senador maranhense, convém recordar que o seu depoimento era suspeito, porque elle foi sempre um goyanophobo insaciavel.

Autor de um livro anonymo, não precisava dizer mais nada, intitulado "A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as provincias do Maranhão e Goyaz", questão esta aliás já liquidada desde os tempos coloniaes, dera sobejas provas da sua animosidade feroz contra os homens e as cousas da nossa antiga provincia que commettera o sacrilego peccado de o não querer para seu representante no Senado do Imperio.

No texto do seu alludido "Atlas" chegou ao ponto lastimavel de errar na citação de datas, de inventar documentos que não existem e de confundir Antonio Pires de Campos (pai) com Antonio Pires de Campos Filho, e do mesmo modo Bartholomeu Bueno (pai), o primeiro *Anhanguéra*, com Bartholomeu Bueno Filho, tambem da mesma alcunha *Anhanguéra*, tudo isto para lançar poeira nos olhos dos leitores que nada sabiam do assumpto.

Dava a Matto-Grosso, como de facto, uma área geographica muito maior que a de Goyaz — mas achava que esta... "não precisava accumular territorio, mas de uma divisão em duas provincias: uma ao norte sob a denominação de Tocantins, e a outra ao sul com a que presentemente tem e ambas com fronteiras bem definidas". Vê-se pois, que definir bem, mas no sentido de restringir os limites de Goyaz, fôra a obcecação do espirito do senador maranhense no caso vertente.

Dissemos acima que o autor do "Atlas do Imperio do Brasil" citava documentos que não existiam, e a prova está na citação que faz, de Spix e Martius, que nada absolutamente disseram e nada podiam dizer sobre a geographia de uma região que elles não conheceram siquer *de visu*... Armando-se a erudição (não negamos que fosse um erudito) cita ainda Villiers e d'Isle e Adam, um parisiense que além de nunca ter vindo ao Brasil, sabia tanto da geographia do interior como aquelle personagem que o grande Goethe tão bem definiu...

Dissemos mais, linhas acima, que o Candido Mendes chegára a inventar documentos que aliás nunca existiram. E tanto é assim, que, diz elle: "Os limites da Capitania de Goyaz haviam sido traçados por Gomes Freire de Andrade, governador de Minas, antes da chegada do Conde dos Arcos a Goyaz."

Este sim, foi o unico autorizado pelo governo da Metropole para traçar as linhas divisorias da sua nova Capitania, com as que lhe ficavam fronteiriças, como vimos da provisão de 2 de Agosto de 1748, baixada do Conselho Ultramarino e transcripta no segundo numero desta Revista.

Como vimos documentando, Goyaz protestou sempre contra as leis da provincia de Matto-Grosso que offendiam seus direitos nesta questão de limites, leis essas que aliás são nullas de pleno direito em face do Direito Publico Brasileiro, quer na Constituição do Imperio e Acto Addicional, quer na Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Nos primeiros dias da Republica subiu de ponto a ambição dos matto-grossenses, mandando o seu primeiro governador, o Barão de Amambay, occupar por um destacamento policial o territorio até então fóra de litigio — esse comprehendido entre os rios do Peixe ou Apuré e Correntes. O governo provisorio de Goyaz, de que fazia parte o actualmente Ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Guimarães Natal, protestou e Matto Grosso teve que occultar o seu acto arbitrario, violento.

Não obstante, todos ou quasi todos os successores do barão de Amambay vêm insistindo nas antigas pretenções de Matto Grosso: occupar o territorio contestado e, o que é mais, invadir zonas nunca dantes contestadas.

O ultimo desses geophagos foi o Sr. Caetano de Albuquerque, — que mandou invadir pela sua policia a localidade onde outr'ora funccionou o Collegio Leopoldina, fundado pelo então Presidente de Goyaz, General Couto de Magalhães. O edificio onde foi o collegio pertence ao governo de Goyaz.

Que a ambição dos matto-grossenses é infinita, e não morreu com o Barão de Amambay, prova-o estes dizeres significativos do Capitão Pedro Ribeiro Dantas, um dos encarregados do levantamento do mappa do Estado de Matto-Grosso: "Encarregado pelo meu collega, Capitão Renato Barbosa, que ia subir o Aporé, de levantamentos geographicos, após proceder a estudos no rio Paranahyba e o seu affluente Sant'Anna, desci até perto do Taboado logo após a confluencia dos rios Grande e Paranahyba, formados do rio Paraná.

Remontei o rio e fui até a foz do rio Correntes, *considerado uma das linhas divisorias de Matto Grosso e Goyaz*. (O gripho é nosso). Convém notar que tive a incumbencia quando me achava em Trez-Lagos, donde parti a 4 de Julho do anno passado.

Subi o rio Correntes; margeando-o por terra até ás suas cabeceiras, que formam um contra-vertente com as do Araguaya, determinei-as geographicamente e fiz observações astronomicas.

Seguindo o divisor das aguas, descambei afinal para Santa Rita do Araguaya e, por terra, segui até á extincta colonia de Macedonia, onde pude tomar canôas, para descer até Registro, onde cheguei a 24 de Agosto do anno passado."

Ora, o rio Correntes nuca veiu em mappa algum como linha divisoria entre Matto-Grosso e Goyaz. E nem mesmo o Sr. Caetano de Albuquerque ainda disse que sim...

Haverá porventura ahi entre os Estados questão de limites tão irritante como a de que nos vimos occupando em suas linhas geraes?

E' urgente, é mais que necessario, pois, que se lhe appliquem, quanto antes, os calomelanos ou outro remedio que a Constituição da Republica prescreve em casos taes.

Assim não póde continuar, em que pese as conveniencias, de momento, dos politicos de ambos os Estados vizinhos...

* * *

Até aqui nos limitamos a historiar e expôr os textos documentativos existentes sobre este velho pleito, os quaes de muito servirão para solvel-o definitivamente; agora citaremos os documentos cartographicos — mappas e plantas — tambem existentes não só no Grande Estado Maior do Exercito, como na Bibliotheca Nacional, Archivo Publico, Instituto Historico e Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Os mais antigos documentos deste genero que dão como pertencente a Goyaz o municipio de Sant'Anna do Paranahyba:

Carta ou plano geographico da Capitania de Goyaz, tiradas do centro da America Meridional pertencente ao Reino de Portugal, que a mandou construir o Il.mo. e Exmo. Sr. José de Almeida de Vasconcellos Sobral e Carvalho, Governador e Capitão General da dita Capitania, do dia 26 de Julho de 77 a Maio de 1778 que a entregou.

Por Thomaz de Souza, Sargento-Mór do Regimento de Cavallaria Auxiliar da mesma Capitania. Sendo quasi toda vista pelo mesmo Exmo. Sr. a quem o auctor sempre acompanhou em todo o tempo de seu governo.

Original a aquarella, de que existem cópias na Bibliotheca Nacional e no Est. Maior do Exercito.

Mappa geographico da Capitania de Villa Boa de Goyaz, man-

dado tirar pelo Illmo. e Exmo. Sr. Fernando Delgado Freire de Castilho. Governador e Capitão General da mesma Capitania no anno de 1819. (Existe no Estado Maior do Exercito e na Bibliotheca Nacional duas cópias, uma de 1867, outra de 1872).

O Atlas do Imperio do Brasil, pelo Barão Homem de Mello e Tenente-Coronel de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno e pelos mesmos revisto em 1882, que, apezar de adjudicar a Matto-Grosso o municipio de Sant'Anna do Paranahyba, assignala a linha divisoria dos dous Estados passando aos 10° de longitude, dando assim, como pertencente a Goyaz, o territorio á margem esquerda do Araguaya e todo o angulo formado pela confluencia deste com o Rio das Mortes.

Os mesmos limites se vêm nos mappas posteriores áquella data, como sejam os do Barão Homem de Mello (edição de 1909), com a collaboração de Beaurepaire Rohan, Barão de Melgaço, General A. J. do Amaral, prof. A. Paula Freitas, General Benjamin Constant, Olavo Freire e Alferes Jaguaribe Gomes de Mattos.

Finalmente, além do recente mappa do prof. Olavo Freire, ha um de indiscutivel cunho official, que dá a Goyaz a linha de limites acima mencionada.

A carta da viação ferrea do Brasil, organizada por ordem do Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Ministro da Viação e Obras Publicas, sob a direcção do engenheiro-chefe Ernesto A. Lassance Cunha, auxiliado pelo engenheiro militar Alipio Gama, em 1909.

Aqui vem de molde saber qual a área geographica das duas referidas zonas em que se divide toda a grande região cubicada pelos matto-grossenses.

O municipio de Sant'Anna do Paranahyba, segundo Favilha Nunes possue uma área superior a 1.000 kilometros quadrados (vide *Le Brésil en 1889*); quanto á área triangular formada pelos rios Araguaya e das Mortes e uma linha recta tirada da foz do rio Paredão ás mais altas cabeceiras do Araguaya, como se vê dos mappas do Barão Homem de Mello, Lassance Cunha e outros — segundo calculo provavel, baseado nos trabalhos da "Carta Geral do Brasil" por Lauriano Penha, então do extincto Archivo Militar, esta não é inferior a 1.300 leguas quadradas.

JOSE' CARLOS DE CARVALHO,
Contr'Almirante.

Exploração do Rio Paranahyba

Relatorio do engenheiro Carlos Hass

Chamamos a attenção dos geographos e mais estudiosos das cousas do Brasil Central para este recente trabalho de exploração scientifica do grande rio que limita Goyaz e Minas:

"O Paranahyba é um dos grandes tributarios do Rio da Prata.

E' um rio possante que desagua principalmente o declive meridional do planalto central onde tem as cabeceiras dos seus principaes affluentes que nascem quasi á vista das nascentes do systema fluvial da bacia do Amazonas.

O seu percurso, que attinge á respeitavel extensão de mais de mil kilometros é, excepto alguns trechos pequenos, do nascente ao poente, até fazer barra com o Rio Grande, formando com este rio Paraná.

O seu curso forma a divisa politica entre os Estados de Goyaz e Minas e em sua parte baixa, entre Goyaz e Matto Grosso.

O rio Paranahyba não percorre um valle natural, determinado pelas condições, topographicas, como, por exemplo, os valles dos rios de systhema fluvial do Amazonas, mas sim, uma baixada perpendicular ao declive norte-sul do planalto central, correndo paralellamente ao desmoronamento do mesmo ao oeste, que é formado pelas serras Dourada e a serra do Cayapós, cujos espigões secundarios vêm morrer no barranco esquerdo do rio. Deste modo os fins destes espigões apertam em muitos pontos os barrancos do rio forçando a agua a um curso mais rapido, em forma de corredeiras e em outros pontos, os esueletos do espigão atravessam o rio formando travessões e ilhas por entre os quaes a agua teve que cavar o seu caminho. As vezes, porém, os espigões se afastam mais ao norte do leito fluvial e nestes trecos o rio calma, sereno e magestoco.

Com a distancia do espigão tambem muda a base mineralogico que forma o leito do rio, pois, se o espigão se approxima do rio, a base mineral do leito é de periodo azoico, demonstrando, portanto, formação primaria e se o espigão se afasta, o rio percorre uma zona de aluvião ou de sedimentos terciarios.

A formação primaria neste rio, é determinada por linhas rochosas de piçarra de glimmer (malacacheta) e grez, ao passo que os sedimentos se compõem de areia de quartzo, esmeril, cascalhos de varios periodos, terra e humus lavado. O cascalho de varios periodos é de origem vulcanica, encontrando-se grande deposito de conglomeratos vulcanicos ás vezes em blocos de tamanho consideravel e por grandes extensões nas margens e no fundo do rio, na maior desordem, aberrando por completo o aluvião e diluvião, pelo que se póde julgar que no planalto, ha poucos seculos, ainda haviam vulcões em erupção.

Este phenomeno tambem explica a fertilidade excepcional das terras que margeam este rio, pois é sabido, que as substancias nutritivas são muito mais soluveis as massas hecterogeneas da pedra eruptiva do que das formações regulares, permittindo as primeiras uma formação rapida e fartamente de humus.

E, de facto, o rio é margeado de mattas virgens e expessas em extensões enormes, contendo uma riqueza incalculavel e interminavel das mais apreciadas madeiras, abundando especialmente o cedro, o balsamo e a peroba e não é exagero classificar-se estas mattas entre as mais ricas em madeiras e as mais ferteis do Brasil.

Como ficou dito, o Paranahyba é o collector de todas as aguas que vêm do planalto central conduzindo, portanto, em si uma immensidade de aguas, circumstancia que favorece a navegabilidade do rio.

Esta possibilidade é de summa importancia economica, é a chave para o desenvolvimento e progresso seguro das mais ricas regiões que até agora, devido a absoluta falta de meios de transporte ficaram estacionadas.

O solo exuberantemente fertil que margea os barrancos do rio ainda se acha em quasi sua totalidade em estado virgem e onde podia haver a mais rica cltura productiva do paiz, vive apenas uma meia duzia de aventureiros da caça e da pesca.

(*Continúa*)

O preço das terras devolutas de Goyaz

Attendendo a innumeros e constantes pedidos de informes sobre as leis dispondo sobre terras devolutas á venda no Estado de Goyaz, trasladamos a seguir os artigos e paragraphos da lei n. 534, de 18 de Julho de 1916, votada pelo Congresso Legislativo do Estado e sanccionada pelo Presidente Salathiel Simões de Lima:

"Lei n. 534, de Julho de 1916. Sobre reducção dos preços de terras devolutas.

Art. 1.° — Os preços das terras devolutas, fixados no artigo 1.° da lei n. 509, de 1.° de Agosto de 1914, ficam desde já reduzidos a 3$000 por hectare de matto e a 1$800 por hectare de campo, quando o terreno requerido estiver dentro de uma zona de seis kilometros á margem de rio navegavel, estrada de ferro ou proximidade de logares reservados aos povoados, a 2$000 por hectare de matto e a 1$000 por hectare de campo, quando estiver fóra da zona acima referida.

§ Unico — O excesso de terreno encontrado na occasião da medição e que ultrapassar a vinte e cinco por cento da quantidade requerida, será pago pelos preços do art. 1.° com o augmento de vinte e cinco por cento.

Art. 2.° — Todos aquelles que requererem compra de terras devolutas, serão obrigados a apresentar junto aos requerimentos o talão da Secretaria de Finanças, que prove haverem pagos trinta por cento do custo das terras, ficando os restantes setenta por cento para serem pagos na occasião de receberem o titulo provisorio.

Art. 3.° — Os titulos provisorios pagarão de sello 3$000 e os definitivos 8$000 de cada cem hectares ou fracção.

Art. 4.° — Aos procuradores fiscal e Geral do Estado fica concedido o prazo de trinta dias para emittirem parecer nos autos de venda e medição de terras do Estado.

Art. 5.° — Fica revogado o art. 2.° da referida lei n. 509, de 1.° de Agosto de 1914 desde a data da sua publicação.

Art. 6.° — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução desta lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario do Interior, Justiça e Segurança Publica a façam imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia do Estado de Goyaz, 18 de Julho de 1916. — **Salathiel Simões de Lima. Dr. Antonio Borges dos Santos.**"

A principal contribuição de Goyaz na Guerra

As patrioticas palavras do Sr. Wencesláo Braz, que vamos apreciar, devem ser ouvidas attenciosamente em toda a extensão do Brasil Central, e por isso dellas quizemos ser écos nestas columnas.

O Sr. Presidente da Republica dirigiu ha dias o seguinte telegramma aos Srs. presidentes e governadores dos Estados:

"Impellido a reconhecer o estado de guerra, que não desejou e que foi obrigado a acceitar, depois de uma neutralidade modelar, em vista dos crescentes e graves attentados á nossa bandeira, praticados pelo Governo Allemão, nella entrou o Brasil para defender sagrados direitos, formando ao lado dos que, ha mais de tres annos, se veem batendo pelas conquistas da civilisação e pelos direitos da humanidade, tendo já iniciado actos de franca belligerancia, de accordo com a deliberação do Poder Legislativo. E' a paz a aspiração permanente do paiz. Foi ella em todos os tempos o ideal da nação, educada nas normas de trabalho pacifico, do progresso na ordem, do respeito aos direitos alheios. Desde os primeiros dias da independencia nossa acção internacional jámais se exerceu em detrimento de quem quer que fosse. Nossa extensa linha de fronteiras, nós a fixamos pelo accordo e o arbitramento. Nenhum outro paiz offerece como o nosso a pratica desse recurso admiravel da arbitragem como solução dos letigios internacionaes. Nunca tivemos guerra de conquista. E a indole do nosso povo está a indicar, em largos annos de vida laboriosa, que não nos movem outros intuitos que não os da paz e do trabalho. Entrando na guerra, a que outros povos já deram o melhor do seu sangue e dos seus recursos, conhece o Brasil a somma de sacrificios que está chamado a fazer. E os encara sem vacillações. Não precisa o Governo traçar a regra de proceder de seus cidadãos. Do littoral aos sertões, cada brasileiro cumprirá o seu dever como elle sempre entendeu e entende que deve cumprir. Na lucta sangrenta, cujas surprezas dia a dia annullam os mais avisados calculos, a lição está, porém, a mostrar exemplos e situações que convem não desprezar. E' necessario que se dissipem todas as divergencias internas e que a Nação appareça una e indisivel em face do aggressor; para isso o Governo aconselha e espera de toda a Republica o maior acatamento ás sus decisões. A imprensa, que nunca faltou com o seu patriotismo nos momentos graves, se dispensará de discussões inopportunas. Nossas tradições liberaes ensinaram sempre o respeito ás pessoas e bens do inimigo, tanto quanto forem compativeis com a segurança publica, e assim devemos proceder. E' opportuno que aconselhemos a maior parcimonia nos gastos de qualquer natureza, publicos ou particulares. Intensifique-se tanto quanto possivel a producção dos campos, afim de que a fome, que bate já ás portas da Europa, não nos afflija tambem; e antes possamos ser o celeiro de nossos alliados. Estejas todas as attenções alerta aos manejos da espionagem, que é multiforme, e emmudeçam todas as boccas quando se tratar do interesse nacional. Cordeaes saudações.— *W. Braz*."

Não será só com a contribuição de sangue que o nosso longinquo Estado poderá entrar na guerra em que nos achamos empenhados.

Basta a menção de um facto historico que não póde nem deve ser olvidado neste momento. Queremo-nos referir ao contingente especial que a então provincia de Goyaz prestou á nacionalidade brasileira por occasião da guerra contra Solano Lopez.

E vem a ser que, no dizer insuspeito do autor da *Retirada da Laguna*, "apezas dos poucos meios de que pôde lançar mão a provincia de Goyaz, foi ella quem salvou a força expedicionaria, contra o Paraguay, dos horrores de uma fome prolongada que traria ou o anniquilamento total da columna ou a sua dispersão obrigatoria".

E' portanto licito esperar que hoje, muitissimo melhor apparelhado no tocante á lavoura e á pecuaria, Goyaz poderá abastecer o maior contingente de forças armadas que levar possa, o Brasil, aos campos de batalha.

Se maior não tem sido a producção agro-pecuaria do grande Estado Central, deve-se, não ha negal-o, aos entraves que lhe oppõe a sua aladroada politicagem — tão nociva ás searas como tambem ao surto progressista daquella infeliz terra. E escalrachar essa praga damninhna, tão facil seria ao Governo neste momento em que o Brasil está em guerra e precisa, mais do que nunca, ver regularizada a situação anormal de certas unidades da Federação.

"A Informação Goyana" aproveita este ensejo para protestar a sua solidariedde publica ao Exmo. Sr. Presidente da Republica, nesta hora de tão graves provações para a nossa patria.

ORAÇÃO ACADEMICA

Como homenagem ao Estado de Goyaz damos na integra a oração academica que nosso companheiro, doutorando A. Americano do Brasil, pronunciou na manifestação dos sextannistas ao director da Faculdade de Medicina, Dr. Aloysio de Castro, em 14 de Novembro:

Exmo. Sr. Director. Preclaros Mestres:

"Conta-nos um alfarrabio insuspeito de humorismo que um machiavelico parlamentar italiano orando certa vez em uma assembléa presidida por um doge da faustosa Veneza, fel-o tão desastrada e fastidiosamente que o impaciente despota adormeceu, e o oradôr para não despertal-o, continuou sua arenga murmurando baixinho, como em prece religiosa.

Eu devia fazer o mesmo para não poluir com a fraude desabrigada de meu palavriado insulso os atomos bem-aventurados que se homiziam neste recinto de paz, ou provocar estremeções de pavôr destes muros vetustos, de continuo hypnotisados com a eloquencia daquelle que, de seu posto de honra, é o despota querido deste harmonioso quadrado, onde intermittentemente outras vozes afortunadas de eloquencia e ruidosamente inspiradas se têm feito soberanas e dominadoras, em dias mais felizes e em momentos tão significativos.

A alma collectiva, generosa e irreflectida, de meus collegas bem amados, situou-me na contingencia de praticar esse crime de lesa-competencia em que por certo seremos todos cumplices, contando adrede com a largueza do perdão de vossa alma amiga, optimista e bôa, por ventura inclinada a desculpar essas offensas á modesta — crimes sinceros da juventude.

Sois bem ditoso, mestre, de ter vosso nome escripto no coração da mocidade academica — coração amplo e sadio, apenas com fortes sopros de illusão, superlativas bulhas de reconhecimento e tachycardias de enthusiasmo e patriotismo.

Sem duvida nenhuma, a mocidade sabe perfeitamente que vosso triumpho é seu proprio advento ao banquete custoso das glorias, porque vos ennumerais ainda á phalange dos jovens gedeões que não conhecem a esclerose do talento, e que, apezar de estar apenas a postergar o prologo do grande livro biologico, já pontificaes para os que dobram as Tormentas afim de se enkistarem no determinismo, ou para os que apenas têm vizeira exposta aos doirados da vida e ás perspectivas ruidosas desse volteio de serpentinas polychromas, em um céo constellado de numes e illuminado pela offuscante poeira de oiro e luz...

Julgo-vos o mais contente dos homens que me têm sido fortuna conhecer, com tantos triumphos, tanta bondade e tantos privilegios edificados de futuro e de felicidade de viver, em uma etapa tormentosa em que o amargôr, até mesmo phantasiado, é a voz mais encantadora e real do amago da juventude...

Fructo sazonado de uma organização tranquilla e productiva, é a eloquencia hellenica que reçuma das entrelinhas de vossas "Allocuções Academicas", as quaes na doce brancura contam as harmonias da genese bemfazeja dos luminosos traços e do profundo estylo, que em conjuncto se identificam á philosophia de Lubbock.

Alli não ha lutas e contradictas: é uma tela nivea, nimiamente formosa, onde a ambrosia, fabricada pelas mais raras e caprichosas meliponidas, hypnotisa o paladar do insoffrido, ou serena e neutralisa o azedume ironico dos cerebros deprimidos por desditas intercurrentes.

Ha na bondade hellenica daquellas paginas alguma cousa de não brasileiro que só a Attica possuiu e que Roma corrompeu, defraudou, mas que a tradicção philosophica purificou até nossos dias ás sombras do classicismo para alargamento do bom gosto e da tão maltratada belletristica.

Conta-se que a bella e intellectual marqueza de Choiseul admoestava continuamente sua joven filha com estas palavras: "Ma fille, n'ayez pas de gout".

Talvez a gentil aristocrata levasse muito além suas dadivosas expressões, mais ainda assim algumas epistolas da juvenil titular são dos melhores monumentos femininos da querida França.

Vós, mestre, encetastes via opposta e os lapidares conceitos de vossos livros são o requinte aprimorado da modestia e da elevação de espirito.

E' que não mourejais em sólo baldio e sáfaro: o arado da hereditariedade tem-n'o revolto, o humus proveniente dos caracteres adquiridos têm dilatado a producção; e tantos valores heredo-pessoaes já lhe garantem o successo da ambicionada immunidade adquirida, com muitos amboceptores de erudição e alexinas de perfeita logica...

Tem sido quasi um evangelho na classe academica evocar os manes de vosso venerando Pae nas horas felizes de vossa existencia e de vossas láureas.

Um dia, parece-me que fôra hontem, e já lá vão comtudo cinco annos, senti-me feliz de iniciar a propedeutica medica, no inquieto afan de penetrar os mysterios do deperecimento organico.

Bellos tempos que os invejosos e vingativos dias não trazem mais...

Deparou-se-me então a "Clinica Propedeutica" de vosso pranteado Pae, a ponte de oiro de qualquer penetração nos alargamentos do campo nosologico.

Ha naquellas paginas de fogo a vivificar as almas de mais pura neve, quatro maximas que têm sido meu *Padre-nosso* nas horas de um enthusiasmo pernicioso e sobresalente:

"Desengane-se o medico de levar tão longe a previdencia do remedio como a ambição da cura."

"Ha casos em que a impossibilidade de saber é definitiva: ha ahi, digamos assim, um lastro de ignorancia necessaria e permanente."

"Nada podemos contra a alteração da estructura organica: não ha acção therapeutica capaz de recompôr os tecidos que a molestia desfez."

"A sciencia por mais que avance não terá força sufficiente para delir o lobulo da duvida do cerebro do homem."

E' a melhor summula da sciencia moderna, escoimada das mentiras aventureiras das tendencias apressadas, a conquista dos remigios incertos da gloria, ou em se proclamar supportes de theorias difficeis; é grande ventura, para arrimo ultimo da consciencia medico-brasileira, aquellas phrases lapidares, justamente em uma epocha tão prodiga de *Ionases* e outras privilegiadas *boutades* do mercantilismo idoneo.

E' que o "flagello da humanidade" — o erro, na phrase elegante do philosopho e medico, ainda circula nas meiadas inextricaveis, nos recessos das deducções dos que mourejam intensamente á cata da descoberta, entre delirios e vigilias, do irrevogavel *algebrismo do a + b*, emquanto se escôam as esperanças e os sonhos orgulhosos do ultimo dia de sol, afim de baquêarem conscientemente no crepe solitario da dissolução... lá onde se levanta uma tenda de neophytos — as presilhas soberanas do cyclo evolutivo.

Sim... evocando a effigie do "divino mestre" cuja palavra transfundiu tanta luz e carinho no cerebro da mocidade que palmilhou intemerata o ultimo lastro do seculo 19 e traduzindo o sentimento collectivo dos doutorandos de 1917, proponho, como derradeira recordação desta phase academica, que a estatua do saudoso brasileiro, que nos dias de hoje enche de respeito o portico vetusto e prestino do combalido templo colonial, seja plantada em triumpho á face principal do moderno edificio da Praia Vermelha, por certo, mestre, o melhor fructo administrativo a garantir vossas palavras de 17 de Janeiro de 1915... e então a effigie do sabio defrontando o filho concretisado nos alicerces do novo templo, e este venerando o simile do grande mestre — pae e filho — celebrarão, diante das vagas quietas e amoraveis da altiva Guanabara, sob o céo formoso do Cruzeiro, a mais harmoniosa epopéa de amôr que as idades e as gentes repetirão no porvir dos nossos netos...

*

* *

Moços... pautemos o rythmo de nossas ambições justificaveis pela cadencia suave da honestidade scientifica dos espiritos illibados dos occasos do caracter... e que não nos detenham cardos e urzes: a desillusão só póde justificar fóros de existencia em um cerebro desorientado e ignorante dos amanhãs da vida...

Ao medico compete o estasamento justificado; elle se condemna ao holocausto no altar da humanidade, creando-se um Golgotha moderno sem as esperanças de uma suprema ressurreição...

Vizemos, pois, as chagas da sociedade...

E' bastante accidentada e exotica a Pathologia Social, mas o palpavel diagnostico das engenopathias garantem-nos o successo de uma therapeutica eugenetica, que sem as ousadias do alcaloide convence e rehabilita pela logica persuasiva.

Encetamos o catalogo: a semiotica social é reduzida de extensão, resumindo-se em inflammações da consciencia, distrophias politico-sociaes, diatheses do caracter, sopros de illusão, tachycardias de amôr, embolias de menor esforço, toxinfecções de maledicencia, hemolizinas de ambição, neoplasmas de ignorancia, abcessos de petulancia, flatulencias de charlatanismo, e mais que tudo a exudase nauseosa das criticas sociaes, edificadoras das mentiras neo-latinas e dos sectarismos impenitentes.

therapia, de manejo facil, a qual applicando as auto-vacinas pró-

E afortunados de nós que felizmente já edificamos a eugenoegolatria, as transfusões de patriotismo, a defumação litteraria, o sôro prophilatico da ignorancia, o saneamento do ssertões cerebraes, a mercurialisação jornalistica — combaterá todas as degenerações do trama social, cerceando as iniciativas delecterias da eugenocronia...

E' uma medicina especial de regeneração das capacidades ethnico-formativas que á sombra da palmeira de S. Cruz, sob um sol ardente e no tapete de uma vegetação livre, firmaram os anneis de nossa nervosa nacionalidade, em cujo amago as nostalgias do Tchad, as ousadias dos filhos de Sagres, a subtileza e a hospitalidade do americano — se casam, se amalgamam em blócos que a arithmetica do futuro tornará em unidade...

Será essa nossa via-lactea através de uma piedade sem violencias, de uma philosophia adequada, em que certamente o idealismo de Pangloss, a amorabilidade de Raphael, o septicismo de René, a desillusão de Werther — não serão testemunhas avançadas e nem tão pouco as tristezas de Leopardi, as excentricidades de Ibsen, o neo-socialismo de Tolstoi terçarão armas com o materialismo germanico ou as mercantilidades de Albion...

Nada, não reside ahi o pendôr de nossa philosophia nacionalista — ella está solubilisada em nossos orgãos, delineada nas sinuosidades de nossa terra e nas curvas dos rios, pelos campos e brenhas de nossas devezas...

Hoje, desacreditadas as previsões dos sectarios Comtistas, inutilizadas as deducções da logica positiva, reduzidos ao silencio os écos das palavras de Ferri e de Ruy Barbosa na conferencia de Haya, uma grande verdade foi evidenciada: os sentimentos moraes dos successores de Herminio se modificaram apenas ao contacto dos artificios da civilisação, mas no intimo permanecendo os mesmos que se crearam no craneo de Ninderthal, ou na cerebração dos pelle-vermelhas...

E a borrasca surdiu impetuosa como a homerica figura da Illyada, symbolisando a igorancia e tão furiosamente que, através os nevoeiros, os humildes desgarrados — como outrora os romanos fugindo aos massacres de Alarico, Genserico e Attila — não tiveram o ultimo consolo de perceber o reducto supremo da Cruz, porque elle proprio tombára ás metralhadas ininterruptas dos Hunos modernos...

E o Brazil, nosso caro Brazil, não poude impassivel assistir ao ruir das tradicções do direito e das conquistas de tantos seculos — misturou sua bandeira a dos defensores da Grande Causa.

E' neste momento affiictivo que vamos abraçar o imponente sacerdocio... pois bem, saibamos concedel-o ás contingencias da luta e do momento.

Deus, que está repartido por todas as cousas do universo, que nos ouve as alegrias e as contricções em todos os instantes de nossa critica vida de relação, ha de homiziar na seára agradecida dos corações brasileiros, os impetos do decidido ardôr com que se destroçam e acalcam os germens perniciosos das ambições dementadas, creando entre nós e os barbaros outro providencial nevoeiro como o que outrora roubou os exilados israelitas á furia do sedento pharaó... por entre os inhospitos areaes que desmaiam á borda do erythrêo...

Sim... o Brasil ha de sustentar pelos braços de seus filhos as tradicções abrilhantadas de suas victorias nos Pampas, elevando seu nome para regosijo dos vindouros...

Permitti, senhores, que tome de emprestimo uma das mais elegantes comparações do inolvidavel tribuno P. Chagas, ao lançar á face jovial da França os attributos de um Christo crucificado entre os dous ladrões — o germanico e o luzitano.

O Brasil é um novo Christo, mas bem altamente feliz que a patria da Luz porque está crucificado entre dous bons amigos que lhe acenam com o labaro da paz e da harmonia, sorrindo em doce trio do sacrificio a que se condemnaram em pról de uma raça, de um continente... e quando um dia, em epocha bem posterior á paz, o Christo fôr alliviado da Cruz, um successo pasmará as galeras orientaes: sobre a área dilatada da ilharga oceanica um colosso enriquecido e cheio de civilisação, será visto em duplo amplexo, dorso voltado á decadente Europa, aconchegando ao coração uma morena garrula, mais formosa que as rosas de Granada, emquanto á direita, inclinando-se sobre o reconcavo do Atlantico, recebe as abundantes congratulações do soberano do dollar...

Que a ampulheta caprichosa não demore muito esse dia de renascimento...

Prof. Aloysio de Castro... perdoe os arroubos de enthusiasmo desta ultima falla collectiva porque rumos diversos nos dividirão brevemente.

Os doutorandos de 1917, no feliz designio de deixar, após suas pegadas uma recordação de quanto vós lhes mereceis, encarregaram-me de offertar-vos esse punhado de flores, em cujo perfume estão tambem diluidos os sentimentos, os corações de vossos admiradores de todas as séries medicas a que esta homenagem foi referida...

E si ha brilho na eloquencia singela desta sagração do merito, sobresae dos professores presentes, nossos amigos e vossos alicerces, que com o dote avantajado de suas honrosas presenças, trouxeram uma collaboração inestimavel á esta homenagem de lembrança e reconhecimento...

Mestre, tapetai com estas flores a entrada do portico de vossos triumphos para que ao menos possamos ser testemunhas...

E como outrora do cajado de José foi gloria de Israel surgir a rosa prenunciadora do Messias, assim por entre as valvas e os pilares do coração da mocidade, para recordação vossa, ha de germinar permanentemente uma flôr mais constante do que estas e a que só os coagulos da morte fará murchar — a saudade!"

Pela Botanica Medica no Brasil

I

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e ousadia,
Que mereceu no templo
Da fama eterna ter perpetuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troianos,
Não menos ensinado
Foi nas hervas e Medica policia,
Que destro e costumado
No soberbo exercicio da Milicia.
. . . .
Ajudai quem ajuda contra a morte
E sereis semelhante ao Grego forte.

(*Ode* — dedicatoria de Camões aos *Colloquios* de Garcia de Orta.)

Seria difficilima tarefa trasladar para estas columnas, sem lapsos que motivassem uma injustiça, os nomes não só de benemeritos scientistas, como tambem de leigos ou simples amigos da Natureza, as reminiscencias de todos aquelles que, numa palavra, desde os primeiros dias do descobrimento do paiz, vêm investigando, pesquizando as propriedades therapeuticas de innumeraveis specimens vegetaes do Brasil.

Devemos, porém, dizer de começo que a vasta sul-região brasileira, possuidora da mais rica e variada flora mundial, não teve nos tempos coloniaes a fortuna que lograram outras tambem possessões portuguezas, como por exemplo, a chamada India Oriental, cujas plantas medicinaes foram divulgadas num estudo de conjuncto, estudo singular, que para ellas logo despertára no velho mundo interesse e curiosidade especiaes, como o foram os celebres *Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India*, etc., por Garcia de Orta, impressos no anno 1563, e trazendo nessa edição original a ode camoneana que serve de epigraphe a estas linhas.

No Brasil, os primeiros estudos desta natureza se fizeram parcialmente, sendo cada vegetal assumpto de uma monographia, quando não de uma ligeira noticia, ou méra referencia nas obras dos chronistas da época, que, por via de regra, se limitavam a registrar sem criterio o que de oitiva colhiam dos indigenas, grandes sabedores que aliás sempre foram dos "segredos das selvas", ora como que monopolisados, até nesta capital, pelos ervanarios e curandeiros... de appellidos cabalisticos.

As mais antigas contribuições de caracter scientifico para o conhecimento da acção therapeutica de certos productos da flora brasileira devemol-as a Georg Markgraf e Guilherme Pisa, ou Pison, naturalistas que vieram em companhia do conde João Mauricio de Nassau.

Aqui deixamos de lado os nomes de Oviedo, Lévy, Thevet, que se contentaram com descrever as plantas do paiz, sem que prestassem nenhum serviço á botanica applicada. Depois delles, e ainda no transcurso colonial, tiveram os estudos physiologicos da nossa portentosa flora a cooperação efficaz de A. de Saint'Hilaire e Gaudichaud, ambos botanistas francezes notaveis.

Têm fama em todo o paiz as obras por assim dizer classicas, nas quaes Chernoviz compilára e calcára nos moldes de formularios ou guia medico, tudo quanto no tocante ás plantas medicinaes, indigenas era conhecido no seu tempo.

Seus livros constituem verdadeiros vade-mecuns, principalmente em mãos da gente do interior, o que justifica plenamente as successivas edições que delles se fizeram durante muitos annos.

Posteriormente os estudos de certos vegetaes de acção toxica prenderam a attenção dos physiologistas mais notaveis, não podendo ser esquecido aqui o nome glorioso de Claudel Bernard, pois, como disse o venerando director do Muséo Nacional: "A ninguem é dado escrever sobre os effeitos do *urari* sem citar com respeitosa admiração o nome do illustre professor do Collegio de França, cujos trabalhos importantes chegaram a imprimir nestes ultimos tempos um grande impulso ás sciencias biologicas, rasgando diante dellas horizontes desconhecidos e abrindo amplo caminho para novos descobrimentos."

O proprio Dr. Baptista de Lacerda ha sido um dos mais distinctos estudiosos da physiologia das nossas plantas toxicas, desde o tempo de seu mestre e contemporaneo, o saudoso Dr. L. Conty.

Referencia especial cabe ao nome do competente e illustre Theodoro Peckolt, cuja longa existencia tem sido dedicada á analyse chimica dos vegetaes uteis do Brasil, que elle, melhor que todos, conhece actualmente. No seu notavel trabalho *Historia das plantas medicinaes e uteis do Brasil*, o sabio scientista dá-nos, além da determinação scientifica (em muitos casos corrigida, por observações proprias), a nomenclatura vulgar, synonimia e distribuição geographica de cada um dos vegetaes de que trata, interessantes informes sobre seu emprego, bem como a analyse chimica. Esta obra appareceu em allemão, sob o titulo — *Heil-und Nutzpflanzen Brasiliens*, acompanhada de notas contendo os nomes triviaes e tupi-guaranis.

Seria a maior injustiça esquecer aqui os inestimaveis serviços que á classe medica do Brasil vem de ha muito prestando a conhecida casa Silva Araujo, com o seu bem montado laboratorio chimico, onde se preparam extractos fluidos de plantas medicinaes indigenas e alienigenas, pelos processos da Pharmacopéa Norte-Americana.

No proximo numero trataremos de uma importante obra que o competente Dr. Julio Silva Araujo vem de publicar.— *Cultura e acclimação de plantas medicinaes exoticas.*

CURIOSIDADES DA NATUREZA

(Blóco de pedra na Serradourada, que tem o movimento de balança, deslocando para mais de 50 cm).

O *cliché* acima representa um bloco de micaschisto, que tem um perfeito movimento de balança, deslocando para mais de 50 centimetros e que se assenta sobre um pedestal fixado nas grimpas dá Serra Dourada, em Goyaz.

Não ha, talvez, em todo o Brasil, serras de mais lindos aspectos e configurações mais caprichosas como as do vasto Estado central. Goyaz é a terra das serranias escalvadas, de rochedos fantasticos, ora nús, ora toucados da mais verdejante vegetação de pincaros grimpantes, a se esbaterem nas linhas afastadas dos horizontes infindos. Sobre o grande araxá que separa as aguas da bacia do Prata das da bacia do Amazonas, pincaros ha que apresentam a configuração de torres; um delles, o de Rio Bonito, conserva ainda a denominação que lhe deram os bandeirantes:—*Torre de Babel.* Pouco além della, mas ainda no mesmo chapadão divisor se destaca uma penedia, que, vista ao longe, parece-se com a parte superior de uma garrafa, tendo o gargalho quebrado.

Nas proximidades das Torres do Rio Bonito se depara um rochedo, que se levanta do seio de uma campina, sob a fórma perfeita de uma galera, pelo que lhe dera o bandeirante portuguez Urbano do Couto a denominação, que ainda tem, de *Pedra da gallera.*

A Serra das Figuras, assim chamada por haver nella *hierogliphicos*, deslumbrou a Pohl, o sabio naturalista bavaro. E' digna de ser admirada na grande obra deste sabio viajante a reproducção do incomparavel panorama da magnifica serra, uma linda estampa aberta a talho doce.

O marechal Raymundo da Cunha Mattos, o fundador do Instituto Historico, tratando das raridades da natureza encontradas no norte de Goyaz, diz que os hierogliphicos que existem em algumas pedras do monte das Figuras, no municipio de Pilar, são, com effeito, obra da natureza e que se assemelham ás letras C. E. F. O., e diversas outras configurações.

A Serra de Caldas de Pirapitinga, d'onde emanam aguas thermaes, foi comparada por Saint'Hilaire ha um antigo castello medieval, rodeado das quatro faces de torreões ou ameias. Ao alto desta serra a superficie se apresenta perfeitamente plana, com algumas lagôas vinculadas das copas soberbas dos lindos buritysaes — a palmeira excelsa do Sertão.

A Serra das Divisões, pela belleza de seus panoramas, nas partes em que ella limita Goyaz com a Bahia e Piauhy, extasiou o fleugmatico engenheiro inglez Mr. James Wells. "Os grandes penhascos, as collinas brilhando á luz do sol, formavam taes pinturas de grandes composições de côres, que faziam corações de artistas regosijar-se".

Mausoléo ou Cabeça de Touro é um dos accidentes orographicos mais caracteristicos da contextura physionomica das terras goyanas, ao norte do Estado. Referindo-se ao morro do Moleque, nas proximidades de Mausoléo, escrevia o acima alludido marechal Cunha Mattos: "Este morro conico, levantado no meio de um campo, merece a attenção do phylosopho!

Como se formou esta massa de terra insulada? Será effeito de um vulcão ou de um sifão?

Será resto ou parte de alguma cordilheira que outr'ora aqui existisse e de que não apparecesse vestigios no terreno? Si é resto de montanhas, quantas convulsões da natureza não soffreram estes logares?

Quantas terras não foram arrojadas pelo Rio Manoel Alves, ou por este e pelo Palma para o Rio Tocantins, e depois para o oceano pela foz do Amazonas. A provincia de Goyaz merece muito as attenções de alguns geologos."

Isto escrevia ha um seculo atraz um dos mais probos investigadores, ou melhor, um dos mais circumspectos divulgadores das cousas do Brasil Central.

Sob o ponto de vista paleontologico, talvez se não encontre na sub-região brasileira zona mais digna de exploração que a comprehendida entre o Alto Tocantins e a Serra das Divisões — onde existem cavernas ou grutas como as de Trahiras, de S. Felix, do Duro, do Paraná e muitissimas outras, repletas de fosseis, e das quaes, no dizer de um viajante — "se não conhecem o fundo, e que o pavor não deixa, nem tem deixado examinar".

Ahi, o rio S. Domingos, rompendo a serra desse nome, corre subterraneo por uma legua, apresentando á sahida uma vasta concavidade, sob a qual ainda restam esqueleturas animaes gigantescas — de que mór parte tem sido destruida pelos pescadores, que se servem dellas para o fogo.

Pedra da balisa nos limites de Goyaz e Bahia

E que têm feito os nossos institutos scientificos no sentido de verificarem-se aquellas affirmativas dignas, sem duvida, de fé?

Do nosso quasi inutil instituto de ensino popular, que é o Museu Nacional, até hoje não sahiu ainda um só naturalista viajante para investigar a fauna, a flora, a geologia de Goyaz. Ao Amazonas, perlustrado de preferencia desde os tempos coloniaes

pelos maiores sabios que já vieram a estas partes da America, tem enviado a colleccionar o rebutalho deixado por aquelles, os seus naturalistas viajantes. Para o sul, para o nordéste e norte do paiz sempre enviou seus funccionarios. A' Europa, com pingues vencimentos, passagens de ida e volta, e ajudas de custo pelo maximo, para aperfeiçoamento de seus conhecimentos (?) tem mandado, em virtude do art. 58 do Regulamento em vigor, a flôr da sua gente — ichthyologos, botanicos, etc.

O actual director do Museu Nacional, ao envez de ter ido á região goyana incognata ainda para a sciencia, estudar os mausoléos alli erigidos pela natureza, está a estas horas no Egypto, *estudando* os dos Pharaós...

O assumpto é devéras interessante. Voltaremos a tratal-o no proximo numero.

O PORTO DE GOYAZ

Na segunda edição desta revista, sob o titulo acima, inserimos um interessante artigo da brilhante penna do nosso collaborador Sr. Carlos Maul, demonstrando que o porto de Angra dos Reis reune todos os predicados para ser o grande entreposto, não só de todo o sul de Goyaz, como tambem de Minas, que, hoje, atravez de mil obstaculos, são forçados a recorrer a Santos, d'onde, até Araguary, pelas vias-ferreas S. Paulo Railway, Paulista e Mogyana, as mercadorias são oneradas com impostos e tarifas apavorantes, não falando nas successivas baldeações.

O que se não comprehende é o esquecimento em que se acham os governos e representantes de Minas, Goyaz e Rio de Janeiro, no Congresso Nacional, do esforço que fez o presidente Affonso Penna, no intuito de encaminhar para o littoral fluminense o commercio de Goyaz e de grande parte de Minas, já então sujjeito á rêde de viação paulista.

A idéa antiga de communicar o Estado de Matto Grosso com o littoral fluminense, por uma via-ferrea, que seria o prolongamento da Oéste de Minas de Formiga a Catalão e desta cidade goyana a Cuyabá, resolveria satisfactoriamente o problema; mas os paulistas, apoiados pelo Club de Engenharia, passaram uma rasteira na boa gente de Minas, conseguindo a construcção da Estroda de Ferro Noroéste do Brasil e mais o seu prolongamento de Itapura a Corumbá.

Lucrou S. Paulo, que chamou a si o commercio de Matto Grosso e de uma pequena parte de Goyaz.

Mas este ultimo Estado tem em perspectiva dois portos: — o de Angra dos Reis, no atlantico sul, e o de Belém do Pará, no atlantico equatorial, pois estes sim, são os naturaes entrepostos para o seu commercio com o littoral e com o estrangeiro. A solução, pois, do magno problema vital de Goyaz depende openas da conclusão dos 18 kilometros que faltam para a Oeste de Minas alcançar o mar em Angra dos Reis, que, no conceito unanime dos profissionaes, é o mais franco á entrada dos vapores de maior cabotagem que demandam ás costas do Brasil, opinião esta que apenas confirma a dos primeiros navegantes portuguezes que vieram a estas partes da America.

Ora, Angra dos Reis defronta Cabo Frio, que é o emporio do sal collectado na lagoa de Araruama, producto este que execelle aos de outras procedencias brasileiras. O preço deste sal, inclusive direitos de consumo, transporte, etc., nunca excederá de 10$ a tonelada, posto no porto de Angra dos Reis, ao passo que o mesmo artigo, procedente de Macáo e Mossoró, chega ao porto de Santos ao preço de 60$ a tonelada! (Vide *Natureza e forças economicas do Rio Grande do Norte*) — conferencia realizada no "Centro Riograndense do Norte", nesta capital.

O actual preço exhorbitante do sal do interior do paiz, motivado em parte pela ganancia da Companhia Commercio e Navegação, vem aggravando, dia a dia, não só a situação dos criadores, como tambem a das xarqueadas montadas alli ultimamente. A baixa cotação do xarque, procedente de S. Paulo, Minas e Goyaz, deve ser referida á má qualidade do sal de Macáo, e a mais nada.

Havemos de demonstrar tudo isto com factos, e não com palavras.

Achegas para a Carta Geographica do Brasil

Como o leitor sabe, o Club de Engenharia, por iniciativa do illustre Senador Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, seu digno Presidente, está trabalhando na organização da Carta Geographica do Brasil, importantissimo trabalho commemorativo do Centenario da Independencia do Brasil.

Das instrucções organizadas de ordem do Sr. Frontin, ha um artigo em obediencia ás resoluções da Commissão Internacional do Mappa do Mundo, cuja reunião teve logar em Londres, em 1909, artigo este que julgamos tão relevante quanto opportuno em se tratando da Carta Geographica do nosso paiz. Qual vem a ser, que para as localidades principaes, assim como para outros objectivos geographicos importantes de um mesmo paiz que, além do nome official, tenham outra designação habitual notavelmente differente, recommenda-se imprimir esta na Carta, abaixo ou ao lado do nome official. Si, n'uma mesma folha da Carta, um accidente geographico se estende sobre diversos paizes, a Carta deverá, para cada uma das differentes secções, trazer o nome deste accidente escripto na lingua do paiz correspondente.

A applicação desta resolução da Commissão Internacional, relativa á orthographia e transcripção dos nomes, póde e deve tambem ser feita na Carta Geographica do Brasil, em relação aos Estados da Republica.

Ninguem ignora que a constituição de 24 de Fevereiro, concedendo autonomia aos Estados, estes, por seu turno, ampliaram por demais as que eram mister conceder aos municipios, e que estes têm usado e abusado de taes prerogativas. Os primeiros desatinos que as edilidades municipaes perpetraram por este Brasil a dentro, recahiram de preferencia na mudança de nomes locaes conservados tradicionalmente; ou deram ás antigas localidades nomes tupys, ou nomes de politicos em evidencia, nomes pessoaes, emfim.

Exemplifiquemos o caso na parte que diz respeito ao Estado de Goyaz: a Mestre d'Armas, entre Rios, Meia Ponte, Paulistas — para não citar tantas outras localidades — deram respectivamente os seguintes chrismas: — **Altamir, Ipameri, Pyrinopolis** e **Xavier de Almeida.** Esta ultima localidade goyana, por motivo não extranho ás causas da politicagem, passou a chamar-se agora **Corumbahyba.**

Quanto á necessidade de se uniformizar os nomes dos accidentes geographicos que se estendem de uns a outros Estados, tambem não deve ser olvidada na futura Carta do Brasil. Tomemos um exemplo. O divisor das bacias do Prata das do Amazonas e do S. Francisco, bem como o divisor desta ultima da do Amazonas, é um só, tem a mesma extructura, os mesmos caracteristicos. Deverá, pois, este accidente oragraphico trazer em as differentes secções da Carta a mesma denominação, o que não se observou nunca nas antigas cartas.

Como vêm, o assumpto é interessante, e, o que é mais — opportuno.

Voltaremos a tratal-o, pois, no proximo numero desta Revista.

"A Informação Goyana" no paiz e no estrangeiro

Continuamos a receber em permutas tanto revistas como jornaes do Brasil, da Europa e das duas Americas.

Os illustres Srs. John Barrett e Zanes, directores do *Boletim da União Pan-Americana*, enviaram-nos amavel carta accusando o recebimento da nossa Revista e participando estar ella inscripta na lista de permutas do alludido Boletim.

O "Boletim da Camara de Commercio Argentino Brasileña", que tambem nos honra com a sua visita, transcreve no seu ultimo numero dois artigos d'"A Informação Goyana".

Dentre os amaveis collegas que nos têm visitado com maior pontualidade, devemos mencionar de preferencias os do Triangulo Mineiro — "Lavoura e Commercio", "Gazeta de Uberaba" e "Araguary".

Deste ultimo é que estamos transcrevendo o Relatorio da exploração do Paranahyba, pelo Dr. Carlos Hass.

Finalmente, só os illustrados periodicos que se editam em Goyaz é que ainda não nos quizeram honrar com a sua esperada visita.

ABELHAS DO BRASIL CENTRAL

Que esta minguada contribuição para o conhecimento dos nomes indigenas costumes, habitos de vida e cortiços de varias especies de *Meliponidas* e *Trigonas* do Brasil Central possa a um tempo e por igual corresponder ao desejo nosso de divulgar novas fontes de riqueza do paiz e aos incitamentos do Sr. Hermann von Ihering quando disse, não ha muito, que os nomes vulgares dos animaes do Brasil "são de summo valor para investigação biologica, dando indicações preciosas que os naturalistas não pódem nem devem deixar de aproveitar."

Mas é necessario dizer de começo que, tanto sob o ponto de vista da flora, como da fauna brasileira, o que nos resta não é estudar os caracteres exteriores ou anatomicos dos especimens quer do reino vegetal, quer do reino animal — mas unicamente aproveital-os, possuirmos o conhecimento pratico da botanica applicada, da zoologia agricola, bem como o aproveitamento das muitas novas industrias correlatas ou dellas derivadas.

E por outro lado nada mais facil do que provar-se que o estado actual dos nossos conhecimentos da fauna do Brasil não nos habilita de modo algum a comprehender, primeiramente e como era mistér, a sua innegavel importancia no subido problema da nossa vida economica. Tal é o caso das nossas abelhas sociaes as quaes até aqui só têm solicitado a attenção de massudos entomologistas, alheios a toda outra idéa que não a da technologia scientifica, de uma supposta systematica, e extranhos completamente ás questões especulativas ou economicas.

O Apis melliflora da Europa, já acclimado no Brasil, onde só o que é exotico tem importancia — é sem contestação mais apreciado em toda a parte pelo mel e a cêra que fabrica do que pela curiosidade que os naturalistas e amadores offerece a sua mysteriosa vida intima, sob as paredes das colmeias.

Tudo está assás indicando que num paiz florejante como este a apicultura não poderá deixar de ser uma industria vantajosamente remuneradora quando explorada methodicamente e pelo aproveitamento da materia prima que possuimos. Releva dizer que além do mel e da cêra, que variam em sabor e consistencia, produzem as nossas abelhas uma materia dura e inflammavel — o retame, cuja utilidade nas industrias é já reconhecida. Tratando da cêra das nossas abelhas, disse Saint Hilaire: "Em Goyaz tive occasião de conhecer um individuo que a branqueava perfeitamente bem e cujo segredo consistia apenas em derretel-a, escumal-a e depois dividil-a em pequenos pedaços e expol-as ao sol. Elle repetia esta operação até seis vezes, o que levava dous ou tres mezes e no fim desse tempo a cêra ficava tão clara como as das nossas abelhas domesticas." Este insuspeito naturalista reconhecia a superioridade do mel das nossas abelhas sobre o das da Europa, dando disto conhecimento á França, onde algumas tentativas se fizeram no sentido de acclimar as melhores abelhas do Brasil.

Da abundancia de abelhas no interior do Brasil poder-se-ha fazer uma idéa pela seguinte passagem do livro de viagens de Couto Magalhães: "Vi ahi (margem do Araguaya) uma quantidade tão grande de abelhas que só pode idear quem as viu. Umas construiam suas casas pelo centro das rochas, outras na superficie. outras entranhavam-se pelo chão, outras finalmente faziam-n'as sobre as arvores ou no ôco dos páos. A quantidade destes insectos era tão grande, que não nos bastavam as mãos para defender a bocca os olhos, o nariz e ouvidos, e os cabellos, por entre os quaes elles penetravam em multidão suffocadora."

Estampando estas linhas, trasladadas das nossas notas de viagem pelo interior do Brasil e referentes ás abelhas, vespas ou "cabas" que por experiencia conhecemos nos sertões de Goyaz — algumas dellas sem duvida ainda não determinadas scientificamente, sobre obedecermos o que foi dito de começo, o nosso intuito não excede, todavia. ás rais de bem entendida modestia.

Escusado se nos afigura accrescentar que os nomes vulgares de muitas especies de que nos occupamos foram, pelos nossos que primeiro picaram o vasto sertão, traduzidos litteralmente da chamada lingua geral — como por exemplo caga-fogo, que corresponde ao *tataira* ou, *citatú* dos aborigenas.

Egualmente nos dispensamos de trazer para aqui equivalentes e safaras conjecturas de pretendidos descobridores do mel de páo nisto de etymologia de vocabulos indigenas — na maioria tão levianamente interpretados pelos jesuitas nos tempos coloniaes como pelos philologos em nossos dias, pois o mesmo zoologo allemão atraz alludido assevera com o seu profundo estudo destas cousas, que o etymo de taes vocabulos exige, muitas vezes, "conhecimentos exactos da vida dos respectivos animaes e estes conhecimentos em muitos casos não temos nem pela litteratura os podemos obter".

Com effeito, a etymologia dos nomes indigenas dos nossos animaes não se acha de conformidade nem com os caracteres exteriores nem com a biologia delles, quando é certo que os nossos selvicolas, conhecedores profundos que eram dos representantes da fauna brasileira, os distinguiam pelos nomes os mais caracteristicos.

Quanto a este assumpto, ainda outra reflexão passageira: tudo quanto possuimos na litteratura scientifica é nada mais que uma lamentavel confusão. E nisto já estão de accôrdo todos os naturalistas conscienciosos.

Pois bem: o que sabemos pela experienia e aprenderamos *in-situ* quanto aos nomes vulgares e tambem quanto á biologia dos interessantes hymnópteros que tanto contribuem para a economia domestica dos habitantes do interior, para aqui trasladamos sem alterar numa linha, numa só virgula, a fórma synthetica de nossos apontamentos de viagem ainda recente pelos sertões desse tão grande quanto desconhecido Goyaz.

Seja, antes, dito de passagem, que dessa vastissima região do paiz a litteratura zoologica apenas menciona os nomes vulgares (aliás mal graphados) de 18 especies de abelhas que o naturalista inglez G. Gardner citara accidentalmente em seu classico livro de viagem — especies estas, diz elle, pertencentes ao genero *Meliponida*, que comprehende as nossas abelhas sociaes propriamente ditas.

Da presente lista A. de Sait Hilaire só conheceu em suas longas excursões pelo Brasil (Goyaz inclusive) os nomes vulgares ou indigenas de 13 especies — e o viajante inglez J. W. Willes apenas se refere a uma especie em seu volumoso e informativo trabalho 3.000 *milles Throug Brasil, Trom Rio de Janeiro to Maranhão*, e não é outra que a abelha de cupim, que elle acredita venenosa, consoante ás superstições dos sertanistas.

Assim, pois, a relação de abelhas e vespas que vae em seguida, vem a ser a mais completa de todas quantas se ha publicado dentro e fóra do nosso paiz.

Vavá ou *Tiuva* — E' uma abelha grande, toda rajada que faz o ninho em ôcos de páo, de preferencia nas mattas; mel excellente e abundante. Deve pertencer ao genero *Trigona*, por allusão que lhe faz o Sr. Hermann von Ihering.

Mandaguai ou *Mandaguari* — Outra especie que se aninha em ôcos de páo, nas florestas; pequena, preta com o abdomen rajado, mui brava quando se lhe assanham: mel de agradavel sabor, mas um tanto acidulado. Dá muito mel, formando ás vezes cinco, seis e mais colmeias numa só arvore, que vem a ser de preferencia o angico (*disconya paraensis*). Sua determinação scientifica vem a ser *Ihering Friése*, se não ha ahi equivoco devido ás diversas denominações vulgares em varias localidades do paiz para uma ou mais especies de animaes indigenas.

Beijui — Preta, pequena, mansa, mel apreciavel.

Jatahi — De duas qualidades — uma amarella e a outra preta. Esta ultima costuma fazer o ninho nos cupins, e a primeira mais abundante no Brasil, o faz mais commumente ao pé dos páos-terra (*Qualea*), nos cerrados ou campos do interior. Ambas estas especies de legitimas *Meliponas* produzem excellente, saborosissimo mel que despede perfume das nossas mais delicadas flores sylvestres ou campesinas. Em alguns Estados dão-lhe o nome de Jati.

Marmellada — Amarella, pequena e como a precedente, mansa e productora de mel superior; não nos parece ser conhecida dos naturalistas, que, pelo menos, não lhe mencionam o nome que lhe dão os sertanejos.

Iratim — Preta, miuda, mansa, mel de sabor commum; faz a casa em páos ôcos, quer na matta, quer nos cerradões.

Borá — Amarella, tamanho médio, brava, mel azedo e com muita *samóra*, produz muito mel, mas um tanto drastico e por isso fazendo as vezes de laxativo no interior. Faz a colmeia no ôco dos páos.

Tataira ou *Cagafogo* — E' uma caba avermelhada, pequena e mui brava; é como o chamado mosquito polvora: quando poisa na pelle de um individuo deita uma especie de liquido causticante. O seu mel é apreciavel — mas não vale a pena bulir com ella dizem os caipiras.

Moça branca — Pequena, brava, amarello-clara, mel saboroso, aninha-se nos ôcos de páos.

Uruçú — Abelha amarella, com o abdomen rajado grande e mais ou menos brava fazendo o ninho quer no ôco de páo, quer no chão. Dá muito mel, e bom.

Sanharão grande ou *Sanharó* — Caba preta, grande, mordedora, mel apreciado. Ambas estas vespas costumam fazer as casas nas cavidades das rochas. Para se lhes extrahir o mel é mistér o auxilio do fogo que as afugenta.

Mombuca — Abelha preta, pequena, é de todas a que produz maior quantidade de mel. Constróe a casa no ôco de páos. Segundo o Sr. Ihering ha mais de uma especie de *Trigona* com este nome de mombuca — sendo que uma das que elle conhece faz o ninho no chão e, portanto não é a de que tratamos.

Arapuá — Preto grande, mui bravo, mel de sabor enjoativo; constróe o ninho em fórma de cupim, nas grimpas das arvores.

Chamam-lhe de *Torce-cabello* pelo costume que têm de se entranhar pelos cabellos das pessoas que lhes assanham, produzindo então um zumbido incommodo.

Achupé — Preta, grande e mui brava; mel ordinario mas abundantissimo tanto quanto a cêra, que é de boa qualidade.

Couto de Magalhães, grande conhecedor das nossas cousas compara a casa dessa vespa a um pera voltada para baixo, do comprimento de uma braça e da largura de cinco palmos. Dir-se-ha um tatú trepado numa arvore, visto ao longe.

Cupieira — Amarella, pequena, brava; dá bom mel nos ninhos que constróe nos cupins. Ha uma outra variedade ou especie differente que tambem habita nos cupins — mas esta é preta, e o seu mel é nocivo, como dizem os sertanistas.

Inxú — Zebrada, pequena, esta vespa brava, só teme o fogo; produz mel supimpa. Sua moradia assemelha-se a uma casa de maribondos e ella o constróe tanto nos galhos de páo como no chão. O mel

desta vespa chega a assucarar, de tão consistente. Maribondo, na accepção vulgar, é como a devemos considerar.

Mandaçaia — Abelha vermelha, pequena, mansa, bom mel. O ninho ella o faz em ôcos de pão.

Frexeira — Uma minuscula abelha verde, que se aninha nos pãos e poucos favos de mel produz.

Janimbú — Preto, grande, bravissimo; faz o ninho na casca dos pãos e fabrica muito pouco mel; a casa desta vespa lembra a da achupé.

Tiquira — Preta, pequena, mansa, bom mel e cêra superior.

Rotim ou *sete portas* — Esta originalissima abelha constróe seu ninho de maneira que a gente o reconhece á primeira vista: sete tubos de betume que conservam sempre abertos, quer ao dia, quer á noite. Mel excessivamente drastico.

Ha ainda no Brasil Central, muitas outras especies ou variedades apenas, de abelhas e vespas, como sejam as conhecidas pelo nome generico de maribondos, que tambem produzem excellente mel, porém, em menor escala, como a *Manduri*, a *Uruçaboi*, a *Tiuba*, a *Macaco*, a *Guira*, a *Mosqitinho*, o *Cassununga*, o *Mata-cavallos* e mais cuja enumeração seria longa e a não comportavam os estreitos limites desta noticia e pelo què fazemos ponto final.

Disse um dia pelas columnas do "Jornal do Commercio", um jovem naturalista, dos muitos que conta o Brasil, ser já passado o tempo de se darem ás nossas especies faunianas os nomes vulgares ou indigenas pelos quaes as conhecemos; e mais, que só os nomes scientificos, isto é, os da systematica, é que valem actualmente.

Mas, que systematica essa, quando os que a pretenderam organizar, antes de tempo, nem ao menos conheciam a biologia dos representantes mais caracteristicos da funa do paiz?

E' inutil, é pedantismo, menosprezar os conhecimentos vulgares, em nome de uma vã sciencia, mais superficial do que positiva, como não deixa de ser a zoologia...

Da importancia dos conhecimentos que tinham das nossas abelhas, os indigenas, diz justificadamente o Sr. Hermann von Ihering:

"De certo os indios não tiveram conhecimento de muitos problemas que interessam o estudo scientifico, mas em tudo que se refere não só ao lado pratico economico, mas tambem á possibilidade de distinguir as diversas especies pelos seus costumes, ninhos, etc. apresentam-se-nos os indios como obesrvadores habeis e intelligentes, e os nomes que déram ás diversas especies de abelhas quasi sempre são bem caracteristicos.

E' certo que o estudo scientifico destes insectos em muitos pontos está atrazado em comparação com os conhecimentos que já desde os tempos mais remotos tiveram os indigenas brasileiros. O que neste sentido verificámos com relação ás abelhas observamos tambem pelo estudo de outros grupos da fauna do paiz.

Ao meu vêr, os nomes tupis dos animaes do Brasil são de summo valor para investigação biologica, dando indicações precisas, que os naturalistas não pódem e nem devem deixar de aproveitar."

Releva dizer, ainda, que não juntamos aos nomes triviaes das abelhas de que tratamos as determinações scientificas pela simples razão de que não nos merecem fé as que correm por ahi, nos trabalhos dos entomologistas...

HENRIQUE SILVA.

Glottologia americana

Sobre a palavra "Caramurú"

Respondendo despretenciosamente á uma interessante reportagem historica proposta pelo sr. C. B. acerca do significado desse vocabulo, affirmamos pelas columnas d'*O Imparcial* que o mesmo se traduzia em vernaculo por — *dentro em matar ave.*

Em apoio de nossa asserção recordamos alguns pormenores referentes ás particulas de composição da referida palavra, bem assim os respectivos significados, e ao lado reunimos á semelhante deducção, a historia local, o momento e demais influentes da acção que deu curso ao apparecimento do termo ou designativo indigena.

Tendo, porém, o Sr. H. Pompeia contrariado, aliás sem emittir base ou justificativa que nos merecesse, a citada interpretação, e sustentado que *caramurú* é o nome de um peixe, cousa que não é novidade mas que não lhe rende ganho de causa — voltamos ao assumpto como prometteramos e desta vez em casa propria.

E' preciso, de inicio, e a bem da verdade, lembrarmos que as questões de semantica brazilio-americana, a salvo as interpretações de alguns eruditos, entre os quaes contamos Beaurepaire Rohan e B. Caetano, não têm sido emprehendidas com devida attenção e sufficiente carinho pelos curiosos censores da glottologia nacional, sempre habeis em lhes encurtar a importancia percebida pelo auctor do *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, "de haver mais vantagem em estudal-as do que inutilmente as influencias gregas na linguagem nacional".

Percebe-se de primeira vista uma de suas razões: os ultimos influxos ficam mais ao sabor e alcance dos estheticos estudos theoricos, emquanto os que nos preoccupam exigem determinados conhecimentos das propriedades ou accidentes do fallar indio — predicados que não occorrem as mais das vezes com a mesma facilidade, já por não sorprehendidos, já por estarem apenas deluidos no tonus linguistico e popular, fiel avançada de todas as tradicções.

E é preciso que assim seja para firmar a caracterização, quer de raças ditas puras, quer das de confluencia, já que o *falklore* tem sido o optimo armazenador de seu espirito, especialmente da linguagem.

Assim como a historia da nossa terra já não é mais uma simples achega da luzitana "vertida na America", assim nosso fallar corrente já instituiu fóros de propriedde, necessario a um amalgama de raças, em clima de sólo e céo diversos do iberico, qualidades intimas que os progressões futuristas differenciarão de mais a mais, sobretudo aos estimulos da eugenia com a approximação do selvicola aos arraiaes nomeados da civilisação nacional.

E si nos é fixo estudar os accrescimos do indigenismo, comtudo temos como certo que a linguagem *creoulo* não conhece amôr dos *puros* linguistas patrios que lhe defraudam o verniz nacionalista com uns apagados resaibos de branquidade, aptos a disfarçar a propria anthropogenia. Dahi o desprestigio que a *lingua geral* tem soffrido por parte dos estudiosos de todos os matizes.

A lingua de nossos primitivos requer conhecimentos profundos de suas particulas de formação que isoladas muito pouco significam, mas que agglutinadas perdem a apparencia estatica e encantam por um dynamismo singelo e interessante. As particulas, os vocabulos e a disposição de conceitos são tres condições de conhecimentos, primeiramente requeridos, como basicos e elementares.

Enfeixassem todas as summulas de investigação unicamente a triade rudimentar citada, o estudo da lingua indigena estaria ao alcance de qualquer espirito, mesmo desprevenido.

Tal alvitre, porém, fica sem evidencia, dado a termos considerar o que denominamos — criterio de interpretação — factor que o sr. H. Pompeia deve soffrivelmente desconhecer e que se apresenta como adjunto assás complexo.

Nós lhe distinguimos a seguinte composição: 1° situação do territorio, 2° prodromos de historia indigena, 3° identificação dos objectos, 4° espirito da tribu.

Sem o perfeito auxilio desses dados jamais interpretariamos razoavelmente as palavras: *Pindamonhangaba, logar onde se fabrica o anzol; Paranahyba, rio das brenhas* (1); *Anhaguéra, que já foi espirito; Araticú, fructa de lingua que dá vinho ou embebeda; Guanabara, rio redondo; Araçá, fructa de formiga* e muitos, a que nem sempre correspondem as interpretações conhecidas na litteratura, especialmente na didactica historica ou geographica.

Devemos ajuntar que o ultimo elemento do criterio de interpretação se reserva um logar proeminente, resumindo as malevolas *trepações* entre indios, ou applicadas ás gentes invasoras de seu Pindorama.

Neste parecer labora em palpavel erronice o sr. H. Pompeia quando affirma que os indigenas tinham por habito conceder ás pessoas certos designativos da zoologia, citando a exemplo a alcunha *Poty* com que designaram o esforçado guerreiro mestiço.

A nosso vêr o vocabulo Poty não se traduz neste caso pelo conhecido crustaceo — é termo pejorativo, significando *excremento*, dado pelos naturaes, insidiosamente, á personagem historica, como premios a que se prendam velhas questões do tempo colonial. Ha dous vocabulos muito conhecidos em que concorre o mesmo elemento: *tepotyaba* e *potyguara*. O primeiro equivale a *logar onde se deixa o excremento* e o segundo a *comedôr de Cambrone*. Talvez os Cahetés dêssem tal nominativo a seus vizinhos do nordeste para lhes accentuar a proverbial falta de hygiene.

Recordo outras palavras perfidas como *Tebiriçá, formiga na região glutea; Guaycurús, sapos pintados; Carijós, macações; Bororó, que contém excremento, mal asseiado; Tebirós, trazeira suja* e muitos outros, onde notámos pequenos declives de ironia e ás vezes bem applicados.

R. de Montoya observa as mesmas insinuações do espirito materialista do indio, unicamente preoccupado com os caracteres

---

(1) — Por muito tempo repetiu-se inutilmente que Paranahyba significava *rio ruim.*

Já estavam no prélo estas linhas quando recebemos o bem elaborado relatorio de exploração do rio Paranahyba, de que é autor o distincto engenheiro Carlos Hass, trabalho que identifica nossa conclusão e corrige um antiquado erro de geographia patria:

"E, de facto, o rio é margeado de mattas virgens e espessas em extensões enormes, contendo uma riqueza incalculavel e interminavel das mais apreciadas madeiras, abundando especialmente o cedro, o balsamo e a peroba e não é exagero classificar-se estas mattas entre as mais ricas em madeiras e as mais ferteis do Brasil."

exteriores, adiantando mais que sómente pela boa interpretação da lingua é que podemos reconstituir as etapas do seu obscuro passado.

* * *

A insufficiencia das explicações concedidas ao vocabulo *Caramurú* já foi demonstrada pelo autor do Diccionario dos Vocabulos Brasileiros.

Acontece entre nós um phenomeno interessante: nós, que pretendemos ousadamente e erradamente desconhecer o principio de autoridade, especialmente a administrativa, acceitamos e guardamos piedosamente determinadas fossilidades litero-scientificas de eruditos archaicos.

A evolução não permitte esse proteccionismo piégas, assás comparavel ás poeirentas systematizações de uma doutrina que já fez epocha.

Não ha investigação com algum criterio que justifique as versões — *filho do trovão, dragão marinho, invasor que attrae o raio*, concedidas ao designativo *Caramurú*, verdadeiros cumulos mythologicos muito alargados para a cerebração rudimentar dos primitivos, a qual avança apenas até uns feios *Curupiras*, ao lado de *Caaporas* e *Macacheiras*...

Nosso contradictor fechou a discussão: "*Caramurú* é nome de um *peixe*".

Não firmou novidade, porém não deixou de fazer espirito trocando a montanha pela rã, visto ser *Caramurú* um representante diminuto da ichtyofauna maritima. Tenho como certo que a versão não garante o assombro do indio, nem justifica a historia.

Continuamos a sustentar a composição do vocabulo e a encarecer seu significado real, adveniente do exame critico das particular: *dextro ou a dextreza em matar ave.* — *Car-mu-urú* — é a trichotomisação que nos esclarece a analyse.

Cará, como equivalente indigena de habilidade, astucia, dextreza, está para se verificar em todos os tratadistas que se occuparam da lingua geral.

A propria planta e o peixe que receberam o mesmo determinativo são caracterisados: o primeiro pela habilidade em grimpar os mais distantes emaranhados de garranchos, onde as gavinhas se apegam reforçando a latada, quer se trate do *Carty* ou do *Caraguassú;* o segundo pela dextreza em roubar o engodo ao caniço dos pescadores.

Ainda os nomes — *Cará-Cará, ave expertissima* (é extremamente arisca e vive nos campos abertos a catar os rodoleiros do pello dos vaccuns), *carameguá, cumulo da dextreza* (caixo de segredo fabricada pelo indio com o fructo da cabaceira, é tão justamente disfarçada a tampa que não lhe distinguimos as juncturas), *Carajá, experto n'agua, Carahyba, experto e ruim; Caray, máos* (nome que os indios do sul déram aos hespanhóes), *Caranha, semelhante ao cará*, pela experteza, *Caracatú, experto e bom, astuto*, attestam sobejamente nossa conclusão e reforçam os argumentos.

A segunda particula — *mú* — *estrondo, espirro ou muá, golpear, fender, ou ainda mug ou pug, rebentar, atirar* e que ás vezes indica o supino de certos verbos — está expresivamente clara, notando-se a resalva da apocope.

Finalmente a desinencia *urú*, tão repetida, dispensa commentarios; apparece em *Urutáo, ave assombração* (canta plangentemente ás caladas da noite); *Uruanã, semelhante á ave; Urubú, ave preta; Jaburú, ave d'agua* (conhecida pernalta das margens dos paludes).

Portanto, logicamente, historicamente o vocabulo *Caramurú*, analysado na intimidade de suas particulas, significa — *dextro no tiro á ave ou habil em matar ave.*

Antes que o sr. H. Pompeia nos objecte que alguns autores escreveram *Caramboró* ou *Caramburú*, apressamo-nos em affirmar ser preoccupação do indigena tornar sobresalente a qualidade de dextreza notada no aventureiro luzitano.

Assim ao elemento *cará* reuniram apenas e segundo esses autores, *mburú*, particula de innumeros siginifcados, sto é, *que contém, que encerra, que denota*, etc., fornecendo-nos o seguinte: *Caramurú, que contém dextreza*, realizada a syncope da lettra *b*. Nem assim percebemos os dragões dos eruditos, ou a explicação do Sr. H. Pompeia.

Vocabulos tão bellos são abundantes no idioma indio: *Guabiróba, fructa de mulher casada; Tatarana, semelhante ao fogo;* nome dado ao anellidio, cujo contacto com a epiderme provoca queimaduras; *Angú, comida do espirito; Capivara* ou *Capiguara, comedôr de capim* e outros.

A imperícia dogmatica do Sr. H. Pompeita prtenderá contradictar nossas conclusões, em nada comparaveis aos arranhamentos das exterioridades, como na phrase do illustrado sacerdote ?

AMERICANO DO BRAZIL.

O ENSINO EM GOYAZ

Problema capital dos mais urgentes, pois que é o fundamento do nosso regimen, a instrucção publica no Brasil nem por isso tem merecido o necessario estudo e cuidado por parte dos que por ella são responsaveis.

O ensino secundario e superior, apesar das multiplas e incogruentes reformas por que tem passado, cada vez mais se anarchiza e se distancia do seu verdadeiro objectivo.

No que diz respeito á instrucção primaria, erradamente entregue aos parcos recursos de cada governo estadoal, que, como a União, vive de constantes emprestimos, que são, na sua mór parte, absorvidos criminosamente pela politicagem desenfreada, seria, no paiz, totalmente nulla se, para diffundil-a, não contassemos com a iniciativa particular.

Collegios ha, fundados e mantidos por particulares, que chegam a superar aos custeados pelo erario publico, quer no tocante á sua organização interna, quer quanto á disciplina e aproveitamento dos alumnos.

Assim é que em Goyaz, onde a instrucção primaria ficou sob os auspicios dos municipios, se contam numerosos estabelecimentos de ensino particular, alguns dos quaes modelados pelos grupos escolares de Minas e S. Paulo e obedecendo aos mais rigorosos principios de moderna Pedagogia. Os que têm o habito de julgar o nosso desenvolvimento pelos dados estatisticos que andam por ahi com fóros de officiaes, esquecendo-se de que esse ramo importante da sciencia economica sempre foi uma pilheria no Brasil, dizem que Goyaz é o Estado em que maior é o contingente de analphabetos. E por que?

Porque a verba votada annualmente pelo Congresso para a manutenção do ensino publico é irrisoriamente insignificante, ridicula mesmo.

Mas taes individuos ignoram, porém, que o longinquo Estado só custeia o curso annexo á Escola Normal e o Lyceu Goyano, creado pela Lei n. 29, de 20 de junho de 1846, pelo então Presidente de Provincia Dr. Joaquim Ignacio de Ramalho. Convém consignar aqui que o Estado subvenciona, com 2:000$000 annuaes, creio eu, o Collegio "Sant'Anna", para o sexo feminino, com séde na Capital. Annos atraz, houve em Goyaz uma academia de direito mantida pelos cofres publicos, mas que teve a existencia ephemera de cinco annos. A que lá existe actualmente é de caracter meramente particular e os professores nada percebem pelas licções juridicas ministradas á mocidade goyana. No referido Lyceu ha uma aula, a de Geometria, que, em virtude do legado feito pelo Dr. João Gomes Machado Corumbá, deixou de ser paga pelo governo estadoal. O Dr. Corumbá instituiu a nação brasileira por sua herdeira universal, declarando que o "cabedal, que houver", assim reza o testamento, "será entregue ao ministro do Imperador e o Imperador ou Imperatriz, nunca a Regentes, o qual ministro fôr da Instrucção publica e será constituido capital em renda e esta applicada para a propagação da geometria na provincia de Goyaz *ou nesta Capital, cidade ou villa de Santa Cruz, onde nasci* (*e podendo ser em ambas as partes*). O ensino se fará sob a direcção do dito ministro, salvo se uma lei sanccionada pelo Imperador mudar esta direcção."

Que eu saiba, até a presente data nunca se leccionou a tal cadeira de Geometria em Santa Cruz, mas a respectiva autoridade municipal acaba de reclamar a importancia de 100$000 mensaes (juros das apolices) a que tem direito aquella cidade, afim de, na mesma, instituir o citado curso.

Só na Capital do Estado, excepção feita dos já citados institutos de ensino primario e secundario, da Escola Normal e das escolas municipaes diurnas e nocturnas, ha ainda, para o sexo feminino, o collegio "Sant'Anna", subvencionado, como dissemos, pelo governo, sob a competente direcção das irmãs dominicanas, e o seminario episcopal "Santa Cruz", magnificamente installado num predio pertencente á mitra, doação do governo federal, com elevado numero de estudantes.

Citarei aqui algumas das mais importantes casas de ensino particular ministrado no Estado de Goyaz, onde a educação intellectual vae progredindo dia a dia da maneira a mais auspiciosa:

PORTO NACIONAL — Ha, nesta cidade do quasi extremo norte goyano, um collegio para o sexo masculino dirigido pelos frades da ordem dos dominicanos. Quando, em 1912, na minha excursão pelo norte de Goyaz, passei por essa localidade, tive occasião de constatar os reaes progressos do collegio, onde a frequencia e o aproveitamento dos alumnos eram já bastante satisfatorios.

RIO VERDE — Collegio "João Pinheiro", sob a competentissima direcção do conhecido educador mineiro José Avelino. Foi fundado no corrente anno, sob os louvaveis esforços de alguns commerciantes e capitalistas do logar, dentre os quaes não deixaremos de citar o nome do Sr. Coronel Jeronymo Coimbra, um dos que mais pu-

gnam para o engrandecimento material e intellectual da sua cidade natal. O Instituto "João Pinheiro" consta de internato e externato e conta com um corpo docente escolhido. Prepara alumnos para quaesquer cursos superiores da Republica e, posto que ainda recente, já possue numero regular de matriculandos.

CURRALINHO — Distante apenas sete leguas da Capital e uma das mais prosperas cidades do Estado. Nella se acha installado o Collegio "Novaes", com internato, semi-externato e externato. No corrente anno lectivo a sua frequencia elevou-se a 100 alumnos.

E' dirigido pelo Dr. Eleuterio de Souza Novaes, educador de reconhecida competencia.

FORMOSA — Sob a brilhante direcção do Prof. Antonio Euzebio de Abreu, que ha vinte annos milita no magisterio, ha nesta florescente cidade do planalto central um magnifico instituto de ensino secundario, onde se leccionam todas as materias exigidas para a matricula nas escolas superiores. Dispõe o "Collegio Formosense" de confortavel edificio, com lotação para mais de 100 internos.

Ao lado do internato funcciona o externato, que é bem frequentado. Além do curso propedeutico, ha ainda aulas de hygiene escolar e instrucção civica, com exercicio militar a franceza e jiu-jitsu.

Ainda de iniciativa particular, ha em Formosa um collegio de irmãs dominicanas, onde a matricula attinge annualmente ao numero de 180 alumnos. Actualmente, é a cidade goyana que dispõe de melhor instrucção.

BELLA VISTA — Collegio "Santa Catharina", para o sexo feminino, dirigido pelas irmãs dominicanas. No que diz respeito ao ensino, equipara-se ao de "Sant'Anna", na Capital.

PYRENOPOLIS — Collegio "Conceição", destinado ás moças e meninas, sob os cuidados das educandas da ordem dos jesuitas vindas directamente de Hespanha para esse fim, graças aos esforços da população local.

CATALÃO — A cidade mais commerciante e uma das mais populosas de todo o Estado.

E' servida por um ramal da Estrada de Ferro de Goyaz. Possue, além de um grupo escolar, duas escolas para o sexo feminino e duas para o sexo masculino, todas dirigidas por professores diplomados em S. Paulo; um collegio de syrios, com boa frequencia, e mais cinco ou seis escolas districtaes. O ensino em Catalão muito deve ao illustre monsenhor Francisco Ignacio de Souza, que, a suas expensas, ali fundou um optimo collegio, cujos resultados têm contribuido efficazmente para o engrandecimento do municipio.

Para dar idéa do que é o ensino em Catalão, basta dizer que, para a manutenção do mesmo, a Municipalidade dispende 40 % do seu orçamento, facto unico em todo o Brasil, visto nenhum de seus municipios consagrar tão elevada somma em proveito da instrucção publica.

IPAMERY — Esta cidade, que, ha quatro annos atraz, não passava de um simples logarejo, depois que se viu dotada com a Estrada de Ferro de Goyaz progrediu rapidamente, a ponto de tornar-se um dos nucleos mais cultos e populosos do Estado. Possue um collegio de primeira ordem, "Amor e Luz", com internato e externato, fundado a 29 de setembro de 1915 no districto de Campo Alegre e transferido para Ipamery a 26 de julho do anno seguinte, tendo como director o Sr. João Guilherme Chaves e como vice-director o Sr. Olympio Paranhos.

Um grupo de internos do Collegio "Amor e Luz", de Ipamery, onde se vêm os Srs. Mucio Vaz, instructor do batalhão collegial e João Guilherme Chaves, director do mesmo.

Compõe-se o respectivo corpo docente de quatro distinctos professores e dois auxiliares, sendo a sua frequencia, entre internos e externos, de 60 alumnos.

O curso primario, de perfeito accordo com o programma dos grupos escolares e escolas "Modelo" do Estado de S. Paulo, é de quatro annos e consta das seguintes materias: Leitura, Linguagem, Calligraphia, Arithmetica, Geographia, Geometria, Historia do Brasil, Sciencias Physicas e Naturaes, Hygiene, Instrucção Moral e Civica, Desenho, Cantos, Gymnastica e Exercicio Militar a Franceza. O curso secundario é completo, nada deixando a desejar. Consta, além de outras cadeiras, do estudo das linguas nacional, franceza, ingleza, italiana, latina e allemã, professadas pratica e theoricamente. O instituto "Amor e Luz" acha-se enriquecido com um curso preliminar, exclusivamente destinado ao ensino das primeiras letras. No intuito de incutir no espirito dos alumnos o amor ás literaturas nacionaes e estrangeiras e de melhor ministrar-lhes o estudo de certas materias, o director do collegio creou uma bibliotheca internacional de obras celebres e está trabalhando no sentido de organizar um pequeno museu. Por outro lado, as condições hygienicas do instituto são as melhores possiveis. Installado num predio amplo e confortavel, todas as suas salas e dormitorios são bem arejados e illuminados á luz electrica. E', como se vê, um collegio modelar, offerecendo os necessarios requisitos á educação moderna. Merecesse o longinquo e olvidado coração do Brasil mais um pouco de consideração por parte do governo federal e dos nossos representantes no Congresso, que bem podem dotal-o de vias rapidas de communicação com os centros cultos do paiz, e elle offereceria á minha grande Patria o fructo dos braços e da intelligencia de seus filhos, os quaes, se pouco ou nada offerecem ou produzem até aqui, é que não podem operar milagres.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

Monumento aos Heróes da Retirada da Laguna

"Os homens se succedem como as ondas do oceano ou como as folhas do bosque; mas, a gloria dos benemeritos não se apagará, antes ha de crescer como o carvalho de Morven, que oppõe sua copa frondosa aos vãos assaltos da tempestade."

OSSIAN — *The Warriors of Fingal.*

O distincto Sr. capitão-tenente Eurico Cesar acaba de publicar um opportuno opusculo de propaganda da construcção de "um monumento, que se impõe, não como um simples mausoléo, plantado no centro da nossa capital, mas como um altar de exemplo e respeito, onde a nova geração e a futura possa olhar e sentir o frenezi nas arterias do sangue o estimulo dos que não receberam ainda o baptismo do fogo.

Aos Bravos da RETIRADA DA LAGUNA.

Pois, se amanhã, o perigo estrangeiro levantar suas garras contra as nossas sequiosas terras, sereis vós, mocidade brilhante e forte, que tereis de repellil-os com a mesma serenidade e energia com que as gerações passadas souberam dar as mais bellas paginas á nossa historia e trazer muito alto o Pavilhão da Patria".

O intuito do autor é do mais alevantado patriotismo, o momento o mais propicio: este do resurgimento nacional.

"A Informação Goyana" associa-se aos nobres intuitos do Sr. E. Cesar e promette tudo fazer pela erecção desse monumento de "bronze ou granito"— como lembrava Ernesto Aimé; mas, se reserva para, na sua proxima edição, emittir alguns conceitos sobre a *Retirada da Laguna* e commentar certas passagens do opusculo do Sr. Eurico Cesar, esta, por exemplo:

"E, assim, caros leitores, esta divisão do exercito nacional, composta de bisonhos, era a "élite" de S. Paulo e Minas, que constituia o factor expedicionario que, em 1867, dirigiu-se para Matto Grosso, e, percorrendo mais de 400 leguas, invadiu o solo paraguayo pelo norte."

E' que nada mais injusto se nos afigura do que a omissão, nas linhas acima, da "élite" goyana incorporada a dois batalhões, que se juntaram, nos Bahús e Coxim, em 1865 (e não em 1867), ás forças expedicionarias de S. Paulo e Minas, que transpuzeram o rio Apa em frente á Bella Vista, invadindo o territorio paraguayo, onde muito se distinguiram os goyanos, principalmente no sangrento combate de 8 de Maio de 1866. Nesse dia memoravel cobriu-se de glorias o Corpo de Caçadores de Goyaz, que só se salvou pelo recurso ou tactica de formar quadrados — "fóra dos quaes, diz Taunay, não havia sinão morrer miseravelmente debaixo do sabre ou da lança dos paraguayos", cuja aguerrida cavallaria entrou toda em acção nessa inesquecivel, gloriosa refrega da heroica retirada da Laguna.

E assim não deserta, a nossa Revista, do compromisso e do culto que a fundou e rege.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3° - Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 5

ESTA REVISTA, DISPONDO DE CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES LOCALIDADES GOYANAS, PRESTA INFORMAÇÕES A' RUA FIGUEIREDO 63, MEYER, AOS CAPITALISTAS, COMMERCIANTES, INDUSTRIAES, AGRICULTORES, CRIADORES, ETC., SOBRE QUAESQUER ASSUMPTOS QUE OS POSSAM INTERESSAR NO TOCANTE A'S POSSIBILIDADES ECONOMICAS DO ESTADO CENTRAL DA REPUBLICA.

A INFORMAÇÃO GOYANA
Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central
Directores: Henrique Silva e Dr. Americano do Brasil
Redacção provisoria. Av. Rio Branco, 117-3°—Rio de Janeiro

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União postal)	20$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção provisoria: Avenida Rio Branco, 117 - 3º -- Sala 13

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1917 — VOL. I—N. 5

SUMMARIO

A cultura do trigo em Goyaz

De um antigo manuscripto enfeixado com outros, sob o titulo "Noticia geral da capitania de Goyaz" — interessante documento historico que lá está na Bibliotheca Nacional, copiado do cartorio do tabellião do então julgado de Cavalcanti, na fórma que em correcção fez o ouvidor Antonio José Cabral de Almeida, vê-se, pelo avultado numero de engenhos e engenhocas destinados a beneficiarem o trigo alli produzido, a importancia que lograra a plantação desse precioso cereal, desde os tempos coloniaes naquella abandonada região goyana.

O trigo produziu excellentemente, dava para o consumo interno da capitania, e as sobras eram exportadas para as localidades bahianas mais proximas e até mesmo para o Rio de Janeiro.

A hoje villa de Cavalcanti fica na extremidade norte da famosa chapada dos Veadeiros — saluberrimo e fertil planalto expandido de cerca de 40 leguas, na direcção S. N., e de cuja altitude média de 1.500 metros se elevam no sitio denominado Pouso Alto dois pincaros, com altitudes respectivamente de 1.673 e 1.678 metros sobre o nivel do mar. Esta ligeira referencia a taes accidentes geographicos deve interessar os estudiosos da terra brasileira, particularmente os da zona central do paiz, cujos chapadões, como affirma um viajor, sobrelevam os da Europa central e meridional e approximam dos da Africa meridional.

Convinha registrar esta observação, porque mesmo nos recentes mappas e trabalhos de vulgarização, auctores nacionaes indicam systematicamente os montes Pyrenéus Goyanos (apenas com 1.385 metros de altitude), como o ponto culminante do grande Estado, louvando-se todos elles, naturalmente, nas conjecturas de Ayres de Casal, Pizarrô e outros chorographos antiquados, que acerca de Goyaz escreveram de oitiva, sob a suggestão imaginosa dos rudes bandeirantes.

Depois de conhecidos como o foram, os resultados da expedição scientifica, chefiada pelo eminente e saudoso Dr. Cruls, não é licito a ninguem insistir naquella erronea, tão completamente emendada.

"O trigo, dizia Taunay, plantado outr'ora com vantagem em Santa Luzia e Meia Ponte, delle só se colhem hoje uns centos de alqueires, isto mesmo de inferior qualidade. No norte era cultivado em Cavalcanti e na Chapada de Trahiras".

Esta supposta qualidade inferior do trigo goyano nestes ultimos annos, explica-a Glaziou nas seguintes linhas: "Foi nas circumvizinhanças de Mestre d'Armas, na fazenda da Cava, perto do rio Maranhão, junto ao morro Canastra, que tive occasião de ver uma pequena amostra desses productos designados pelo nome de — trigo; era, porém, centeio, em vez de frumento ou trigo.

O centeio cultivado nas peiores terras da Europa e cujo grão não dá senão um pão escuro, dos mais indigestos e ordinarios, vinga ás maravilhas nestas paragens. Porém, aos habitantes que contavam com um pão alvo e saboroso, repugna esse pão indigesto, de centeio, e quasi renunciaram essa cultura. Outros, attribuindo essa decepção á moagem ou á imperfeição dos moinhos, ainda continuam a semear o mesmo centeio, cuja natureza nunca mudará.

As terras altas nas serras de Sant'Anna e de Orphãos, do municipio de Cavalcanti, ricas de calcareo, segundo Cunha Mattos e outros viajantes notaveis que as visitaram, prestam-se maravilhosamente á cultura da graminea predilecta da deusa Céres.

Nesses grandissimos tratos tratos de terrenos, de climas varios e temperados, existiam outr'ora, entre outros, dois engenhos tradicionaes: o de Bom Successo e o de S. Lourenço, que moiam trigo — empregando neste mister só o ultimo delles, 100 escravos.

No municipio, por excellencia agricola, que é o de Bomfim, no da capital, no de Corumbazinho e em muitas outras localidades do Estado, ensaios feitos para a cultura do trigo resultaram fructuosos em todos os tempos. No emtanto, o nome do uberrimo e futuroso Estado central anda esquecido, nem ao menos figura, como devia, de direito e de justiça, entre os daquelles que nesta auspiciosa phase de resurgimento da nossa vida rural solicitam favores dos poderes publicos, sob o fundamento de serem (com menosprezo) os mais propicios á cultura intensiva do cereal, que o Brasil paga ao som de milhões de libras esterlinas aos Estados Unidos e Republicas do Prata.

Mas dia virá — temos fé — em que, num largo descortino, as populações cosmopolitas e sedentarias da baixada littoranea hão de subir, sem temor e sem perigo, as escarpas dessas cadeias de montanhas, que, no dizer de Elisée Reclus, constituem as paredes exteriores desse grande amphitheatro, que encerra avaramente, quasi que como nos dias primitivos, a paradisiaca região trichotomica formada pelas nascentes do Paranahyba, do Tocantins e Araguaya.

"A Informação Goyana" no Senado Federal

DISCURSO DO SENADOR GONZAGA JAYME

Publicamos a seguir o discurso pronunciado pelo Senador goyano Sr. Gonzaga Jayme ao requerer a inserção no "Diario do Congresso", dos artigos do nosso illustre collaborador Sr. Almirante José Carlos de Carvalho, sobre limites de Goyaz e Matto-Grosso, artigos estes publicados nesta Revista.

E' mais um serviço este, que S. Ex. acaba de prestar ao nosso Estado natal.

O Sr. Gonzaga Jayme — Sr. Presidente, o Contra Almirante José Carlos de Carvalho, cuja competencia em assumptos que entendem com os limites dos diversos Estados da Republica, todos reconhecem, acaba de publicar na revista "Informações Goyana" uma série de artigos tratando dos limites de Goyaz e Matto-Grosso.

Nesses artigos, o honrado marinheiro esclarece, com documentos e argumentação irretorquivel, os limites que separam Goyaz de Minas, S. Paulo e Matto-Grosso, ao sul, e Matto-Grosso e Pará, a oéste. Esses limites, diz o Almirante, são, e não podem deixar de ser, os constantes dos dous unicos documentos legaes que existem sobre o assumpto: o convenio de 1° de Junho de 1771, celebrado e approvado entre os dous Governadores das capitanias, Luiz Pinto de Souza e D. João Manoel de Mello, e o parecer da Commissão de Estatistica da Camara dos Deputados, de 20 de Julho de 1864.

Pelo interessante do assumpto, Sr. Presidente, que terá de ser resolvido, mais tarde ou mais cedo pelo Poder Legislativo Federal ou pelo Poder Judiciario, requeiro ao Senado, nos termos do art. 134 do Regimento, a inserção desses artigos no "Diario do Congresso" afim de que, constando dos "Annaes", possam ser elles consultados na occasião opportuna.

O Sr. Presidente — Os senhores que approvam o requerimento que acaba de ser feito pelo Sr. Senador Gonzaga Jayme, queiram dar signal de seu assentimento. (Pausa.)

Foi approvado e vae ser feita a publicação.

Riquezas nativas de Goyaz

"Verte o grande rio de uma região montanhosa cortada por ferteis valles de Sul a Norte, particularmente onde nasce o seu affluente de nome Formoso. Ha muitos valles e bocainas nas immediações do rio Jacú e na Serra Cayapós, da qual é o ponto culminante o Morrote do Brasil, com 556 metros sobre o nivel do mar e uma circumferencia de 24 leguas. As chapadas mais altas attingem até 395 m., os geraes até 450 m., compos 370 m., baixadas ou valles 243 á 250 m.. O clima varia de 35° a 38°, nas mattas 31° á 34°, no verão. No inverno de 23 a 26 e nos mattas 18° a 20°.

As chuvas são muito abundantes causando depois febres malaricas desde Dezembro até fim de Março.

SERRA DO GAYAPO'

No primeiro plano a estrada é escoltada por duas lindissimas filas de buritys, de cujas copas soltam o vôo bellas Araras de uma só côr azul-escuras ; ao fundo a serra mostrando uma das suas caracteristicas torres.

A fauna é riquissima, a flora do mesmo modo e as madeiras de construcção predominam em todos os logares. A riqueza mineral é superior a de todos os Estados do Brasil, tanto em metaes como em pedras preciosas, aguas thermaes, etc.

Entre outras contam-se as seguintes : Ouro, platina, ósmio, iridium, manganez, magnesia, cobre estanho, salitre, enxofre, nitro, magnil, (Imam), pedra hume, pharmacão, sal commum (quasi puro), sal de gláuler, bismutho, calcium, terras ferro litiniferas, terras calcareas e potassias, potassium, amiantho, sinaber, nickel, tengoten, sodium, ferro de todas as especies.

Entre as pedras preciosas predominam : diamantes claros, alvos, verdes, côr de vinagre e côr de milho ; esmeraldas (claras e mais escuras), amethistas, turmalinas verdes e côr de rosa, turmalinas vermelhas (rubiletes das duas especies), topasios (pouco impuros), côr de mel e vinagre, aguas marinhas, avenearnias, olhos de gato, berril (azul e verde), fluor, zarcon, onix, agatha vermelha, apathist, crystaes alvos, pretos e cinzentos, turmalinas pretas, pedras chamadas de toque e da lua.

Entre as aguas thermaes temos : sulphurosas, salitradas, enxodradas, solicato-sodiosas, nitradas, nitropotassias, ferruginosas, etc.

Existe nessa região araguayana tres lagoas salgadas — sal commum e gláuber, bem como varios poços d'aguas ferro-magnesianas, lithina-ferruginosa de uma temperatura de 70° a 72° R. Todas as outras aguas podem servir para excellente banho com a temperatura de 86° R.

Estas aguas thermaes são mais radio-activas que as de Caldas Novas.

Existem tambem carvão fossil (anthracithe e lignithe de 7.500 á 8.200 calorificos. Kerozene ha em dous logares e o melhor que conheço.

Nas aguas thermaes por mim exploradas e examinadas, não com o rigor, que era preciso, mas com muito esforço pela falta de instrumento, verifiquei a existencia abundante de *Radium*, o que no momento constitue uma fabulosa riqueza".

Extrahimos as notas acima de um trabalho inedito intitulado "Descripção geographica e geologica do rio Araguaya e seus primeiros affluentes", com uma planta da região originaria do grande rio, comprehendendo uma área de 4.500 kilometros quadrados, pelo Capitão de Engenheiros de minas do Exercito Russo, Miguel Ramanoff Romanwscy de Svanetia.

E' esta a legenda da alludida planta polychroma que será reproduzida n'um dos proximos numeros da nossa Revista :

Côr verde — Esmeraldas.
Côr vermelha — Turmalinas verde e vermelhas.
Côr azul — Rios e lagoas.
Côr amarella — Ovo — au.
Côr verde claro — Aguas marinhas e platina.
Côr roxa — Diamantes = C.
Cor vermelho escura — Estradas e picadas.
Côr bruno — Serras e morros.
Cor preta — Carvão.
Côr bruno escura — Cerosm.

A maior das lagôas de aguas salgada que a planta assignala com o nome Araguaya, apresenta uma superficie correspondente a 475 hectares. Esta lagôa, que nenhum mappa de Goyaz registra, é formada pelo rio das Pedras e desagua pelo rio Fio, este affluente do rio do Ouro, que é tributario do rio dos Diamantes ; todos elles não mencionados nas nossas cartas geographicas.

Estamos certos que com a publicação de tão interessante trabalho graphico, prestaremos valioso serviço á geographia patria. Porque é inaudito que até hoje permanecesse incognita para a sciencia uma das nossas mais feericas regiões do paiz. Tudo quanto d'ella sabemos, pelo que disseram os antigos, os selvicolas inclusive, e parecia exagero, vem nestes dias sendo confirmado pelos nossos novos caçadores de esmeraldas — os garimpeiros ou faiscadores de Matto Grosso, Goyaz, Bahia e Minas Geraes, que ora lá se encontram catando á flôr da terra metaes e pedras preciosas. Conta-se que um forasteiro que lá estivera voltou trazendo: tres kilos de esmeraldas, sete kilos de ouro, quinhentas grammas de platina, aguas marinhas, dous kilos de turmalinas e mais outras differentes pedras preciosas, como diamantes alvos e verdes, no valor de cem contos de réis em moeda forte (100:000$000).

Até mesmo a existencia de vulcões na Serra dos Cayapós, de que os antigos e os indios nos transmittiram a tradição, vae sendo confirmada pelas mais recentes explorações scientificas.

E' assim que, tratando da formação primaria do leito do rio Paranahyba, diz o seu primeiro explorador scientifico, o engenheiro Carlos Hass: "O cascalho de varios periodos é de origem vulcanica, encontrando-se grande deposito

de conglomeratos vulcanicos ás vezes em blocos de tamanho consideravel e por grandes extensões nas margens e no fundo do rio, na maior desordem, aberrando por completo o alluvião e diluvião, pelo que se póde julgar que no planalto, ha poucos seculos, ainda havia vulcões em erupção."

Releva ainda accrescentar que se trata de uma região trichotoma — pois nella se originam o Araguaya, que vae ao valle amazonico; o Correntes, desce para a bacia do Paranahyba e, finalmente, o Taquary, que pertence á bacia do Paraguay. A fauna e a flora caracteristicas dessa região, as mais ricas e variadas que possuimos — dir-se-ha cosmopolitas — em relação á do resto do Brasil.

No emtanto, dos naturalistas sem conta que têm vindo ao nosso paiz, nenhum a visitou. Naturalistas nacionaes, desses nem é preciso dizer...

Exploração do Rio Paranahyba

RELATORIO DO ENGENHEIRO CARLOS HASS

II

Mas a navegação pelo rio Paranahyba não criará sómente novas zonas de producção agricola, como virá tambem favorecer a industria principal do paiz, a criação do gado que se faz no *Interland* do Rio, nas lindas e ricas campinas, no declive da serra de Cayapós.

Os fazendeiros dessa zona privilegiada abastecem as suas necessidades de sal, arame farpado, kerozene, etc., em Uberabinha, sendo o vehiculo usado o carro de bois que gasta 10 dias em viagem de Uberabinha a Santa Rita do Paranahyba, ou sejam 20 dias para ida e volta. A consequencia deste transporte difficil é um augmento consideravel no preço da mercadoria.

Assim, um sacco de sal de 30 kilos que se compra em Uberabinha a 10$000, custa em Santa Rita 19$000 ; havendo, portanto uma differença de 9$000 a mais, em sacco de sal.

O consumo do sal na zona sul-goyana é de 500.000 saccos por anno, havendo, por tanto um augmento de 4:500$ no preço da mercadoria.

Por meio da navegação este augmento pode ser reduzido seguramente á 4ª parte e assim secederá com todas as outras mercadorias que são importadas pelo sul de Goyaz e pelo Triangulo Mineiro, ao passo que os seus productos multiplicarão de valor por este meio de transporte e communicação.

Eu assisti em Santa Rita um lavrador offerecer uma partida de 500 saccos de arroz agulha de 1ª, posta neste porto, a preço de 2$000, dando o comprador os saccos, sendo esta proposta regeitada pela casa mais forte do logar por seus armazens estarem abarrotados do alludido cereal, e não havendo possibilidade de transportal-o para a estrada de ferro. Entretanto o arroz está custando 17$ e 18$ em Uberabinha !

Pelo exposto, pode-se avaliar a vantagem da viação fluvial que se pretende realizar entre os pontos de estrada de ferro e os portos do rio Paranahyba.

Emprehendemos a exploração deste rio com o fim de estudarmos a navegabilidade do mesmo e, após uma viagem difficil mas feliz, chegamos á conclusão que o rio offerece excellentes condições ao fim almejado, uma vez desobstruidos alguns dos obstaculos que até agora se oppõem á navegação.

Embarcamos em Eng. Bethout, da ponte da E. F. de Goyaz em demanda do porto de Santa Rita, num percurso de 200 kilometros mais ou menos.

Do ponto de embarque, abaixo, viajamos um trecho de cerca de seis kilometros, em aguas calmas, com poucas correntezas até chegar a um logar onde o esqueleto do espigão traspassa o leito do rio fazendo um chamado travessão e logo abaixo começa a corredeira da Lapinha, descendo a agua ligeiramente por entre blocos de pedra da formação primaria, em canaes bastante fundos, na extensão de 900 a 1000 metros, não oppondo á navegação obstaculo algum, sendo porém necessario marcar por meio de boias ou outros signaes adequados aos canaes, visto que as pedras que margeam os mesmos, hoje invisiveis, desapparecem com as enchentes.

Passada a corredeira, navegamos 10 kilometros em agua calma e funda até nova corredeira chamada das Araras, na foz do ribeirão deste nome, sendo porém, necessario desobstruir algumas pedras em uma pequena extensão, para alargar a passagem pelo canal mestre. Outra vez vem uma distancia de tres kilometros de agua calma e funda até a primeira corredeira mais difficil, a corredeira da Taipava que, embora relativamente mansa, oppõe-se um obstaculo á navegação, por causa da rasoura, tornando-se necessario egualar ou dragar o leito. Desta corredeira até o porto dos Barreiros, não ha quasi impecilio numa distancia de 20 kilometros.

O porto dos Barreiros, perto da foz do rio Verissimo, é bem antigo, e tem uma estrada principal entre Araguary e Corumbahyba, Caldas Novas e Burity Alegre. A distancia do Anhanguera ao porto dos Barreiros, por agua é de 40 kilometros mais ou menos.

Abaixo do porto dos Barreiros a agua corre encanada com grande profundidade por entre magestosos blocos de grez, num curso um tanto agitado sem, porém, formar corredeiras, até numa distancia de 12 kilometros onde, de novo, encontra-se um trecho de corredeiras por entre depositos de pedras, ilhas e ilhotas chamadas corredeiras de travessão.

No canal mestre destas corredeiras, entre o barranco goyano e a ilha de José Floriano, a descida da agua é particularmente rapida, trecho que é conhecido por corredeira da Pipoca.

Na juncção de todos os braços do rio, a tres kilometros abaixo do travessão, a agua é funda e mansa até o porto da Matta (6 kilometros) e, mais baixo 2 kilometros, começa nova série de corredeiras denominadas Areão do Boi, da Taboca e do Pacu respectivamente, num trecho de 8 a 10 kilometros, sendo porém, as corredeiras propriamente ditas, de mui pouca distancia com bastante agua canalizada, tornando-se relativamente facil a transformação do leito para a franca navegabilidade do mesmo, destruindo-se algumas pedras e marcando-se os canaes com boias.

Estas corredeiras terminam um kilometro acima da foz do rio das Velhas e mais um kilometro abaixo, desse ponto, começa a corredeira da Ilha Chata.

Ahi o curso do rio é entrecortado por uma série de pedreiras e de ilhas, sendo a maior destas, a Ilha Chata, muito afamada por ser riquissima em diamantes.

Neste ponto, entre a Ilha Chata e as pedreiras que represam a agua, forma-se um canal estreito de cerca de 30 metros de largura e de 600 metros de comprimento. A agua neste canal passa numa rapidez formidavel e numa profundidade insondavel sobre um declive de mais de 3 o|o de queda.

Passado este estreito os barrancos se afastam paulatinamente, formando uma especie de lago onde, pela violencia da entrada da agua, produzem-se fortes rebojos que difficultam a navegação a canôa. A distancia, de começo da corredeira, até o rebojo, chamado Rochedo, é de 4 kilometros.

Dahi para baixo o rio corre calmamente com uma fundura immensa, até chegar a nova série de pedras altas e ilhas de grandes dimensões numa distancia de 20 kilometros.

Existem neste trecho canaes de 13 kilometros a mais que dão franca passagem á navegação entre as ilhas e o barranco do lado goyano.

São estas as ilhas denominadas. de João Mariano, de Cascalho, Ilha Quente, Calça Preta, Ilha Grande em frente da foz do rio Corumbá e, mais abaixo a Ilha da Retranca, Ilha da Perola e muitas outras menores.

Um pouco acima da barra do Corumbá, rio que traz muita agua, tem umas corredeiras chamadas de rebojo, que não oppõem obstaculos a navegação não havendo perigo senão para canôas ou embarcações leves, que correm o risco de serem colhidas pelos rebojos por serem estes muito fortes na foz do rio Corumbá. Dahi por deante a agua corre sempre em curso rapido, sem porém, formar corredeiras 8 kilometros até entrar na corredeira dos Couros, por entre blocos de pedra e de ilhas, sempre com grande velocidade mas em canaes amplos e fundos. A 3 kilometros abaixo desta corredeira a agua toda do rio se junta num só braço que assim corre bastante velocidade até a corredeira dos Tachos, corredeira medonha, de 2 kilometros de comprimento indo bater-se de encontro uma parede de bloco de pedras de grande altura, que desvia o curso da agua em perfeito esquadro para o sul e, após nova corredeira fortissima de 80 metros, em que se destende, o rio forma um rebojo formidavel, produzindo um barulho ôco como de ondas do mar ao approximar-se da praia. Dahi, mudando rapidamente de rumo, ao nordeste, a agua sai relativamente calma deste inferno.

Este pequeno trecho requer a unica obra d'arte em todo o percurso do rio, tornando-se indispensavel abrir ahi um canal atravessando a peninsula que embaraça o curso do rio.

EXPEDIENTE

São nossos correspondentes no Estado de Goyaz os Srs.:

Capital — Rodolpho Silva Marques.

Formosa — Antonio Euzebio de Abreu.

Ipamery — Mucio Vaz.

Bomfim — Joaquim Augusto de Souza.

Roncador — Edmundo de Carvalho.

Natividade — Julio Nunes da aSilv.

Porto Nacional — Dr. Ayres da Silva.

Catalão — Randolpho Campos.

Santa Luzia — Herculano Meirelles.

Corumbá — João Jacintho da Silva.

Bella Vista — Manoel Umbellino de Souza.

Barreiros — Adolpho Siqueira.

Jaraguá — Tuubertino Rios.

Curralinho — João Caldas.

Uberaba — Mons. Ignacio Xavier.

Resolução de um grande problema

ARAGUAYA E TOCANTINS

A sympathica e opportuna *Informação Goyana* veio preencher um vacuo de que se resentia o abandonado e, quiçá, esquecido Estado de Goyaz. Essa publicação mensal deve merecer dos goyanos firme apoio e calorosos applausos. Os promotores desse emprehendimento tão patriotico fazem jús á benemerencia de quantos conhecem e amam o nosso torrão natal.

Pretendo, neste primeiro trabalho que envio á *Informação Goyana*, tratar de um assumpto de que depende o progredimento de Goyaz. Muito se tem escripto sobre o objecto deste artigo, sem que, entretanto, se tenha desvendado a incognita que não é difficil descoberta.

Quero fallar sobre navegação dos rios Araguaya e Tocantins que, tendo suas cabeceiras nos planaltos centraes, vão lançar suas aguas no Atlantico, entre o continente e a ilha de Marajó.

Tudo quanto se tem tentado, para tornar viavel a communicação do interior do paiz com o Pará, não passa de meias medidas que nada resolvem.

Antes de tudo é mister que se saiba que nos dois rios não ha verdadeiras cachoeiras, catadupas ou quedas. Existem, sim, algumas corredeiras, a que se costuma, no estrangeiro, dar o nome de rapidos.

As mais extensas dessas corredeiras são as de Tauiry, Cachoeira Grande e Itaboca. A primeira e a terceira no baixo Tocantins e a segunda no Araguaya. Apontam-se mais duas no Araguaya, as quaes são: Andorinhas e Sacco de São Miguel, ambas pouco extensas.

Embora sejam taes corredeiras serios obstaculos á franca navegação, não são obices insuperaveis. Durante as cheias produzidas pelas chuvas cahidas nas cabeceiras e nas vertentes dos dous caudaes, a navegação é feita, durante cinco mezes com regularidade por meio de barcas denominadas botes e igarités. Aquelles, maiores, com arqueação para tres mil arrobas de 15 kilos cada uma.

Para demonstrar que as corredeiras, impropriamente chamadas cachoeiras, não são obstaculos invenciveis, basta lembrar que dous barcas a vapor, um em 1869 e outro em 1883, procedentes de Belém do Pará, subiram até Santa Leopoldina, que é o porto inicial da navegação, distando trinta leguas de Goyaz.

O general José Vieira Couto de Magalhães, em 1869, no mez de Maio, épocha em que as aguas estão já muito baixas, conduzindo o vapor *Colombo*, possante rebocador de sete palmos de calado, venceu as cachoeiras, chegando a Santa Leopoldina com toda facilidade, tendo apenas utilizado um helice por se ter esta chocado numa pedra, devido a uma falsa manobra, quando se safava de uma rocha occulta sobre a qual encalhou o rebocador.

Em 1883, o emprezario da navegação, João José Corrêa de Moraes, tendo adquirido na Inglaterra um barco a vapor, munido de uma unica roda, a ré, systema Yarrow, fel-o subir de Belém a Santa Leopoldina, onde chegou sem difficuldade. Entretanto, esse barco, que tinha o nome de *Santa Maria*, era de construcção defeituosa e tinha por conductor um homem desconhecedor da sciencia da navegação e do manejo do novo apparelho.

Já pelo que observei durante a viagem que realizei de Santa Leopoldina a Belém, já pelo que tenho ouvido de praticos e navegadores dos dous rios, estou convencido de que até agora não se acertou no modo de tornar franca a navegação, eliminando os obices que se oppõem ao transito desempedido.

Acho pouco pratico e carissimo o processo que se iniciou a empregar e que se pretende continuar, isto é a construcção de vias ferreas que liguem entre si pontos francamente navegaveis. Não só não é pratico, como tambem é de custosissima construcção e de pesada conservação, não se fallando no encarecimento das mercadorias, sujeitas a fretes altos e a baldeações morosas.

Outra difficuldade que apresenta o Araguaya, no tempo em que cessam as enchentes, é o abaixamento do nivel. De facto é isso muito sério, caso tenhamos a pretenção de empregarmos barcos de sete palmos de calado, como os que se usam actualmente.

Rios ha na Africa, nos Estados Unidos e mesmo no Brasil que estão em identicas condições ás do Araguaya, os quaes são navegados durante o anno inteiro. E' que nelles são empregados barcos a vapor, chamados de fundo de prato, calando de 60 a 70 centimetros. Segundo observações e sondagens feitas no Araguaya durante tres annos consecutivos (1871 a 1873) pelos engenheiros Drs. Antonio Florencio Pereira do Lago e Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, aquelle já fallecido e este felizmente, ainda vivo, os canaes menos profundos, que encontraram, mediam um metro e vinte centimetros.

O conhecimento que se tem das altitudes demonstra que não podem existir verdadeiras cachoeiras nos dous rios. Para isso basta considerar que distando Conceição do Araguaya cerca de duzentas leguas ou mil e duzentos kilometros de Belém do Pará e estando aquella localidade a cento e oitenta metros e esta a vinte e sete acima do nivel do mar, torna-se improvavel a existencia de verdadeiras cachoeiras. Convém notar que a maré se faz sentir em Baião, a trezentos kilometros acima de Belém.

Ha dous travessões no alto Araguaya, os quaes conquanto não sejam um impecilho á navegação a vapor, entretanto, difficultam a passagem ás canôas e aos barcos a remos.

O primeiro é conhecido por travessão de Sant'Anna e se acha a quatro leguas a montante de Santa Maria do Araguaya. O segundo se encontra á jusante do porto do Registro e a montante de Itacaiú.

Deste porto, por onde atravesa a estrada que vae da capital de Goyaz a Cuyabá, até Itacaiú, contam-se oito leguas. Deste ultimo ponto até Santa Leopoldina temos vinte e cinco leguas.

Affirmam os praticos que, do porto do Registro para cima, o Araguaya, que alli tem o nome de Rio Grande, é francamente navegavel na extensão de vinte e cinco leguas.

Attestam egualmente que o Rio Bonito, que se lança na margem direita do Rio Grande, á montante do registro, rumo sudoeste presta-se perfeitamente á navegação num percurso de vinte e cinco leguas. Ambas, sendo navegados, devem beneficiar os municipios de Rio Bonito, Jatahy e Mineiros, podendo tambem servir aos habitantes dos municipios da capital e do Rio Verde.

E' calculada em quatrocentas leguas a distancia entre Santa Leopoldina e Belém do Pará. Si addicionarmos mais oitenta e tres leguas, de Santa Leopoldina para cima teremos quasi quinhentas leguas, ou tres kilometros, de navegação no interior do paiz. Não entram nesta conta os rios Claro e Agua Limpa ainda não explorados. Igualmente não falo do rio das Mortes que tem um percurso livre e desempedido de cerca de oitenta leguas.

Vou agora apresentar o meu modo de vêr acerca dos meios a serem empregados para a remoção dos obices que tem difficultado a navegação dos rios de que trato.

A minha observação pessoal e a opinião de muitos homens praticos, a quem tenho consultado, me convencem de que devemos lançar mão de outros meios que não os empregados até aqui.

Penso que para tornar viavel a navegação nas corredeiras das Andorinhas, Sacco de S. Miguel e Cachoeira Grande, é necessario que sejam removidas algumas pedras. Si se quebrarem, por meio de violentos explosivos, algumas pedras, formar-se-á um canal franco que nunca poderá ser obstruido por areias por causa do declive e velocidade da corrente.

A' corredeira de Tauiry, por ser extensissima, não se poderá empregar o mesmo processo. Quando por alli passei, em tempo de enchentes, os botes tiveram de abandonar o leito do rio. Foram todos dirigidos sobre a margem esquerda, então inundada, tendo o lençol d'agua muita profundidade.

Sou de parecer que cavado, na vasante, um canal parallelo ao rio, desapparecerão de vez todos os obices que difficultam a navegação.

Essa obra, que não poderá custar o que se gasta para a construcção de uma via ferrea, não é de difficil execução, porquanto, não se haverá de praticar alli córtes superiores ao nivel do sólo. Penso que a despesa a ser feita com a excavação do canal, inclusive remoção e eliminação de blocos de rochas, apenas será de 50 o|o do custo de trabalhos para uma estrada de ferro. Quem estas linhas escreve conhece *de visu* o local de que trata e sabe que alli não existem collinas ou monticulos. O terreno vae declinando em descanso, só estando obstruido por blocos de rochas e por arvores que alli cresceram.

Tratamos agora de outro obstaculo, o maior, o mais temeroso de todos: quero fallar da Itaboca que é o trecho mais difficultoso a ser transposto, aquelle que mais perigos apresenta.

O Tocantins, ao chegar á Itaboca, forma um angulo recto tomando rumo de nordéste até ao vertice da peninsula formada pela terra firme, onde toma a direcção de noroeste até sahir na ponta do Gavião. Num percurso de cerca de cinco kilometros avultam os rebojos e os funis, taes as rochas e as correntes desencontradas que alli se observam.

Cortando a peninsula, na extensão de pouco mais de tres kilometros, ha um caminho que serve para o transito daquelles que receiam arrostar a Itaboca.

Nas proximidades da entrada para a dita corredeira, encontra-se, á esquerda, um canal de cerca de um kilometro, em direcção á ponta do Gavião. A mim pareceu que esse canal, de oito a dez metros de largura, não é uma passagem natural, mas, sim, obra dos nossos antepassados que não chegaram á sua conclusão.

As aguas que descem por aquelle canal se escoam para o rio por uma depressão do terreno, indo descarregar-se no rio entre rochas. Essa depressão, alli denominada Igarapé, toma a direcção de oeste para léste.

Sou de parecer que si se continuar a interrompida obra do canal, que tem rumo de sul a norte, fazendo-se excavações na extensão de pouco menos de tres kilometros, até chegar á Ponta do Gavião, ter-se-á uma passagem franca para quaesquer embarcações apropriadas aos rios, ficando abandonada de vez a descida pela Itaboca.

Abaixo encontram-se dous rebojos ou funis denominados Guariba e Guaribão, os quaes são os ultimos embaraços á franca navegação. A formação do reboje ou de funis é explicada. E' devida a correntes que se entrechocam. Desde que se anteponha a uma das correntes um quebramar ou muralhas de pedras, desapparece o phenomeno por se haver supprimido a sua causa.

Acerca da navegação do alto Tocantins, por onde jamais transitei, espero dados que me serão fornecidos por pessoas competentes e por homens praticos.

Penso que aproveitados o Araguaya e o Tocantins, apenas remo-

vidos os obstaculos que se oppõem á sua navegação, deve ser dispensada, por ser dispendiosa demais e de difficil construcção, qualquer via ferrea.

Espero, em outro artigo, mostrar as grandes vantagens que trará para o Brasil, sobretudo para Goyaz, Matto Grosso, Pará, Maranhão e Piauhy, essa navegação, preconizada por nossos antepassados e ensaiada com exito pelo grande brasileiro — Couto de Magalhães.

Mons. Ignacio Xavier.

Glottologia americana

II

Sobre o vocabulo Tutumqueba

E' um phenomeno inconteste em biologia que a extrema perfeição ou educação de certos orgãos anniquila pequenas cadêas funccionaes a medida que investigamos as series mais adiantadas, onde remotos vestigios de elementos anatomicos, indifferentes ao botono, são apenas nomenclaturados como symptomas progressos da historia da evolução dos organismos.

A biocronia individual e superior refere do mesmo modo essas mudanças e alterações, quer de estructura ou funccionamento.

Nos factos da linguagem taes integrações e desintegrações comportam phases evidentes e assás illustrativas: umas deduzidas da propria conceituação biologica com todo um longo schema de influencias modificadôras, climaticas, trophologicas, educacionaes; outras patenteadas pelo contacto de varios factores ethnicos, ou pelas transposições de meio.

Aqui tambem, é de notar, relegam-se á margem elementos de linguagem — particulas perdidas no turbilhão evolutivo e que, por incomprehendidas, ou incapazes de significação em dado momento, tenham apenas uma representação archaica, que um poderoso atavismo e ás vezes uma pyrrhonica aggremiação circumscripta poderão recordar de vez em vez em nucleos de inercia intellectual.

E' successo frequente entre populações mescladas onde o incompetente psychismo lhes garante tal caracteristica de menor esforço.

Nosso collega Dr. Roquete Pinto, muito recentemente, em sua producção laureada pelo Instituto Historico, compondo outra Illiada ás terras que usufruiram as pegadas de Roosevelt, expendeu sinceramente muitas expressões enthusiasticas e de admiração ao entender de uma camponeza do "farwest" certa dicção de puro classicismo a Padre Vieira.

Não se percebe novidade na celebrada annotação: o trama de nossa formação e a historia da conquista da terra justificam as comesinhas reminiscencias que aliás são extremamente desenvolvidas em determinadas zonas sertanejas, e como attestado de nossa incapacidade evolutiva.

Fazemos écho notadamente, porém, que muito mais expressivos teriam sido os apontamentos do esforçado observador si, ao envez das protoplasmaticas zonas do oeste, inclinasse suas pesquizas para o entro do Brasil, menos revolto, menos estudado, mas, parece-nos, condemnado a ferrenha quisilia dos sabios nacionaes.

As gentes fronteiriças, á imposição da propria consciencia colonisadôra, são agrupamentos raciaes já restolhados, deturpados pelos progressivos avanços, os quaes pouco a pouco aos impulsos e exigencias da natureza nova se vão differenciando, restringindo suas crenças, linguagem e sentimento.

E' a vingança natural da terra virgem.

O rythmo do povoamento, pautado em rumo á muralha do systema americano, linha primaria de nossas cadêas orographicas, creou-se, na balisa do oeste, uma anthroposociologia especial aos accrescimos de volumosas ondas de sangue indio e mais tarde ao contacto do elemento hespanhol — um factor a mais para desviar as tendencias do littoral, especialmente a linguagem.

Si, após um perfeito exame analytico e comparativo das populações nacionaes, estivermos tentados a proclamar que ainda existem parcellas do Portugal archaico dentro de nosso territorio, essas, forçosamente, se abrigam nas regiões centraes, equidistantes do littoral e das occidentaes, zonas que, segundo os geologos, se formaram dos rochedos preexistentes que receberam os embates dos vagalhões do Tenebroso na Aurora dos Continentes.

E' ahi, onde a historia do oiro fez surgir a historia da clan e lançar os alicerces de um futuro que apenas tinge o horizonte, que o archeologo, o linguista e o eugenista depararariam monumentos ignorados para tres capitulos de biologia collectiva, porventura repletos de deducções de preço e merecimento.

Mantidas e commentadas estas asserções que a sociogenia jámais desmentirá e de que o evolucionismo é a base inalteravel, resta-nos adiantar que as fossilidades da linguagem encontradiças nesses centros de evolvimento restricto estão consignadas ao esquecimento por inuteis e defficientes, ao passo que novas condições, de ordem genetica, de ordem industrial, de ordem educacional e outras, fazem aflorar innumeros designativos que, proprios ao local e aptos a definir, se dilatam um futuro mais ou menos longo e que se nos tornam obrigatorio conhecer, dado o caso de abalançarmos ao inventario da quota psychica entre as raças.

São vocabulos oriundos dos conluios de sangue, do entravamento das raças e que no fundo, em sua essencia, são um symptoma de revolta contra as impropriedades dos termos anteriormente em vóga, e cujos dominios estão muito aquém das novas ampliações.

Entreguemos esses megatherios linguisticos ao musêo archeologico dos collecionadores de extravagancias e concentremos a visualidade no joeiramento dos vocabulos populares, fructos recentes e sazonados que traduzem melhor os sentimentos e as lembranças.

Não pretendemos a collectanea no littoral das raças adjacencias: ahi occorrem circumstancias particulares que desviam as premissas do assumpto, mesmo porque predominam as insidiosas importações de gallicismos *et reliquet* e as prerogativas de uma vida intensa que annulla as originalidades do povo.

E' de observação diaria que do centro é que surge a iniciativa dos melhores neologismos populares. Nós que chegamos a esta conclusão e a algumas mais, em demoradas observações pelo interior do paiz, temos o prazer de não termos sido o unico; já muito anteriormente Ferreira Moitinho emittia as mesmas idéas, e mais proximo de nós o Sr. Oscar Leal, em seu livro — *"As terras Goyanas"*, — concatena uma infelizmente pequena lista de vocabulos populares, e, mais para lastimar, não inclue as origens e outros commentarios, realçando comtudo a fertilidade de expressões novas ou de vocabulos regionaes.

Das novas adjuncções á linguagem nacional, afiguram-nos em extremo curiosas, as de proveniencia indigena, estabelecido serem pouco conhecidas, ou marcos bem erigidos de um momento historico.

Dentre os vocabulos de contacto, isto é, os que surgiram pela approximação do indio, contamos a palavra *Tutumqueba*, de que nos occupamos hoje.

As chronicas de imprensa já a aristocratisaram e mui justamente, e, á nossa observação, mais acertadamente que seus quasi synonimos de origem latina e grega, exprime a justeza indolente dos Sanchos politicos, quando ajoujados aos engodos lucrativos, conferidos por uma situação proeminente. Pouco nos captam a attenção as muitas significações em que é geralmente empregada: o que nos importa é o estudo das particulas componentes, em ultimo termo — a interpretação do vocabulo. E' muito engenhosa essa neoformação de linguagem que o indio meio-civilisado creou para designar os maioraes da cidade, especialmente da politica.

Tutumqueba, traduzido litteralmente, significa: *homem grande, poderoso que dorme.*

E' como o povo, pejorativamente, designa, no interior, o juiz de direito e o coronel-chefe: o primeiro a gozar perennemente a pasmaceira quieta do sertão, entre a alternativa dos pitéos suculentos e o acontecimento de uma ou outra causa em que os suinos têm figura de destaque, isto quando não se atiram illegalmente aos torvos apuros da politicagem; o segundo pela supremacia em que lhe decorre a vida, favorecido por isenções justificaveis e pelas facilidades imprevistas.

A palavra consta de três componentes: *tutum* — *que* — *abá*

Tutúm ou melhor *tutú*, fazendo a eliminação do *m* meramente euphonico, é ente imaginario de creação indigena: *tu* quer dizer pai; *tu tu*, repetidos, revertem-se em augmentativo, em grão de elevação, isto é, pai dos pais, figura pavorosa, descommunalmente grande do mytho indigena infantil.

Não se reconhece outra origem e o facto das mucamas Minas e outras empregarem-no constantemente é muito justificavel pelo prematuro contacto nos três elementos ethnicos de nossa formação.

Não ha hoje um labio de mãe brasileira, sertaneja ou littoranea, que desconheça a expressão: *lá vem tutú*, ao tentar adormecer as flores innocentes de sua carne, ou tambem memoria de caçoila do sertão, embalando os berços encorrêados de Imbé, que não recorde docemente:

Dorme Nenê
Tutú lá vêm,
Papai tá na roça
Mamai tambem.

Outras circumstancias que deixamos á parte ainda augmentam nossa convicção sobre a genese desse mytho infantil.

A particula — *que* — denota *o somno, que dorme,* surge em

muitos vocabulos, v. g. em *piraquê* e não como se diz erradamente — *poraquê, peixe que adormece ou traz o somno.* E' o electrophoridio da systematica.

A ultima particula — *abá* — equivalente de *homem*, é do dominio ou conhecimento vulgar: veja-se *abaêtê, abarê*, successivamente *homem verdadeiro e homem que não é homem* (*sacerdote*) e ainda *abaetéguassú, bispo; abai, homem ruim.*

Muitas particulas em tupy tem um grande numero de significados: a identificação do objecto ou o exame analytico é que nos leva a esta ou aquella versão.

Resumindo: *tutumqueba* significa *homem grande que dorme, o maioral da classe.*

Parece-nos que a explicação não admitte replica, a menos que outra graphia se conceda ao vocabulo.

AMERICANO DO BRASIL.

Rio — 10 — 12 — 17.

P. S. — Deixamos aqui consignados muitos agradecimentos ao nosso erudito collega Dr. João Ribeiro pela carinhosa attenção dispensada a nossa modesta producção do numero anterior, transcripta n'*O Imparcial.*

A. B.

Pela botanica medica no Brasil

II

Como prometteramos na nossa edição passada, vamos nos occupar hoje da *Cultura e acclimação de plantas medicinaes exoticas,* prestadia contribuição scientifica apresentada á Academia Nacional de Medicina pelo illustre Sr. Julio Eduardo da Silva Araujo.

O assumpto é de maior monta neste momento de inicial prosperidade da cultura intensiva e racional do sólo brasileiro e o autor relevou-se um competente na materia. Não foi unicamente a aclimação e cultura de plantas exoticas o assumpto abordado com proficiencia pelo Dr. Silva Araujo : pois ha na sua obra tudo quanto se relaciona com o nosso problema agrario.

O trabalho divide-se em tres partes : considerações geraes e praticas sobre culturas medicinaes ; subsidios de meteorologia agricola e climatologia no Brasil ; plantas medicinaes acclimaveis e instrucções para as suas culturas. Valorizam e illustram-n'o varios mappas e desenhos, como sejam : *Carta Pluviometrica A* e *B ; Carta Thermica ; Mappa de Localisação de Culturas ; Carta Hypsometrica, Mappa da Predominancia das grandes formações vegetativas e um Diagramma das chuvas no Rio de Janeiro.*

A "Carta Hypsometrica", foi extrahida, em falta de outra mais aceitavel, do *Atlas do Brasil,* do barão Homem de Mello — e não andaria mal o Sr. Silva Araujo se a desentranhasse da sua interessante brochura. O trabalho do nosso velho cartographo e geographo não deixou de prejudicar tambem outros capitulos da "Cultura e acclimação de plantas medicinaes exoticas" — como por exemplo, o consagrado ás alturas de algumas localidades do Brasil em relação ao nivel do mar. Este leve reparo, porém, só o fazemos na parte relativa ao Estado de Goyaz, o que nas paginas desta Revista é explicavel — em virtude do compromisso e do culto que a fundou e rege.

Tratando de certos e interessantes phenomenos de physiologia vegetal, o autor lastima com muita razão, que até o presente momento não exista ainda no Brasil uma só estação experimental e capaz de satisfazer ás condições necessarias ao estudo de tão subido problema nacional, e accrescenta : "O horto botanico da Quinta da Bôa Vista, o Jardim Botanico e o Horto Florestal, todos nesta Capital, representando aliás patrimonio de certo valor, poderão corresponder ás necessidades pedagogicas, pura e simplesmente. Em S. Paulo, os notaveis emprehendimentos que são o Instituto Agronomico de Campinas e a Escola de Piracicaba, e cuja organisação se prestaria perfeitamente á realisação de mais esse serviço, não tem ainda se orientado em tal sentido".

Neste assumpto da maxima importancia e do interessse geral (só por muita modestia não o quiz dizer o autor), tudo quanto de melhor possuimos devemol-o á iniciativa particular. E ahi está para o comprovar o horto da casa Silva Araujo, em Therezopolis.

Sobre a distribuição geographica das especies vegetaes de que se utilisa a Pharmacia, para não dizer dos especimens da nossa flora em geral, é uma miseria o que corre impresso por ahi — e a craveira commum dos tratadistas, até aqui, póde ser aferida pela *Flora do Brasil,* esse atamancado do esperto Sr. Pio Corrêa. A mania da compilação ha sido o mal maior dos estudos historicos-naturaes no nosso paiz — e louvores ao Sr. Silva Araujo, que na obra de que nos occupamos, soube fugir a esse vezo antigo entre nós.

Merece destaque, no seu trabalho, o criterio com que o autor se houve no capitulo intitulado "Summula de um estudo topographico e climaterico do Brasil".

Em resumo, a "Cultura e acclimação de plantas medicinaes exoticas" não representa apenas como o autor o diz, o desejo seu de concorrer para fomentar entre nós, uma questão que tanto tem de importante como de pouco estudada, por isso que ella ha de ficar como um attestado da cultura invejavel de seu espirito de investigador das cousas que mais de perto interessam o desenvolvimento da agricultura nacional como subsidiaria da botanica medica no Brasil.

Relação dos districtos do Estado de Goyaz

Capital — Sant'Anna, Carmo, Bacalhão, S. José de Mossamedes, Ouro Fino, Registro, Barra, Santa Rita de Antas, Leopoldina, Rio Claro, S. José do Araguaya e Cachoeira.

Anicuns — Anicuns.

Palmeiras — Palmeiras e S. José do Turvo.

Curralinho — Curralinho e Inhumas.

Jaraguá — Jaraguá, S. Francisco das Chagas.

Pyrenopolis — Pyrenopolis.

Corumbá — Corumbá.

Bomfim — Bomfim.

Annapolis — Annapolis e Afacaty.

Santa Cruz — Santa Cruz e S. Sebastião do Sapé.

Pouso Alto — Pouso Alto, S. Sebastião do Atolador e Santo Antonio das Grimpas.

Campo Formoso — Campo Formoso.

Campinas — Campinas, Trindade e Ribeirão.

Catalão — Catalão, Santo Antonio do Rio Verde e Goyandira.

Rio Verde — Rio Verde, Chapadão e Capellinha.

Corumbahyba — Corumbahyba, Nova Aurora.

Ipamery — Ipamery, Santo Antonio do Cavalleiro e Campo Alegre.

Rio Bonito — Rio Bonito.

Bella Vista — Bella Vista.

Santa Rita do Paranahyba — Santa Rita do Paranahyba, Bananeiras e Burity.

Caldas Novas — Caldas Novas e Bôa Vista do Marzagão.

Santa Luzia — Santa Luzia e S. Sebastião dos Crystaes.

Morrinhos — Morrinhos e Santa Rita do Pontal.

Jatahy — Jatahy, Serra do Cafesal e S. Sebastião da Pimenta.

Formosa — Formosa e Santa Rosa.

Mineiros — Mineiros e Santa Rita do Araguaya.

Chapeu — Chapeu e Campos Bellos.

Taguatinga — Taguatinga e Sacco.

Arrayas — Arrayas.

S. José do Tocantins — S. José do Tocantins, Trahyras e Mimoso.

Natividade — Natividade, Chapada, S. Miguel e Almas e Entre-Rios.

Forte — Forte e S. João da Capetinga.

Palma — Palma e S. Joaquim.

Planaltina — Planaltina.

Posse — Posse, Riachão e Bôa Vista.

Cavalcante — Cavalcante, Moinho, S. Domingos, Nova Roma e Lages.

Pilar — Pilar, Crixás, Amaro Leite e Descoberto.

S. Domingos — S. Domingos, S. João da Galheiro e Mocambo.

Sitio d'Abbadia — Sitio d'Abbadia e Flores.

Conceição — Conceição.

S. José do Duro — S. José do Duro, Missões e Mattão.

Pedro Affonso — Pedro Affonso, Couto Magalhães, Santa Maria do Araguaya, Piabanha, Buenos Ayres, Olhos d'Agua, Barriguda e Nova Roma.

Porto Nacional — Porto Nacional, Carmo e Jalapão.

Peixe — Peixe.

Bôa Vista — Bôa Vista, Philadelphia, S. José dos Martyrios, Santo Antonio da Cachoeira, Cordilheiras, Capivara e S. Sebastião do Tição.

Serra dos Crystaes — Serra dos Crystaes.

A CULTURA DOS CAMPOS GOYANOS

Nas suas "Noções de Chorographia do Brasil", de 1873, o dr. Joaquim Manoel de Macedo escreveu as seguintes palavras, verdadeiras e propheticas: "As partes de Goyaz, onde a vegetação é mesquinha, offerece em compensação condições vantajosissimas para a criação do gado.

A fertilidade do solo não precisa ser gabada; porque pôl-a em duvida fôra desconhecer as maravilhas das margens e dos valles do Tocantins, do Araguaya e dos seus afortunados tributarios. Goyaz é quasi um deserto escondido no coração do Brasil, mas desse coração partem arterias de opulencia, que não podem mentir ao futuro, ao destino que a Providencia marcou-lhe nos favores e nas disposições da natureza".

Chegou, felizmente, a época em que Goyaz deve revelar ao resto do paiz os prodigios de suas arterias opulentas. Para isso, é preciso que o governo goyano, que para lá fôra com a melhor das intenções e o mais nobre dos intuitos, aja de accordo com a aspiração de todos os bons cidadãos, e feche os ouvidos á grita ambiciosa dos politicastros, que, em vez de olharem para o futuro de nossa terra, mesmo no momento em que todas as energias se devem fundir numa só para a commum defeza do Brasil, voltam as suas vistas para as algibeiras e no desespero de vel-as vasias, crispam os punhos e põem-se a entravar a marcha do desenvolvimento economico do Estado. Infelizmente, é o que vemos.

A vista da situção difficil e problematica, mas honrosa para o brio nacional, que os ultimos acontecimentos internacionaes nos crearam, não podemos absolutamente admittir mais rixas politicas nem dissenções partidarias. Os dias que correm são de sacrificios, e o Estado de Goyaz que sempre deu sobejas provas do vigor que anima os seus filhos, por certo não permanecerá indifferente ao futuro sombrio que nos ameaça, futuro que decidirá, fatalmente, dos destinos de nossa raça.

Não é só pegando em armas que o sentimento patriotico se manifesta. Ha varias modalidades de patriotismo. Tão patriota quanto ao soldado que péga a carabina e corre aos campos de batalha é o incansavel lavrador que, de enchada ao hombro, mal o dia desponta, corre o campo do trabalho. Porque antes de termos um exercito formidavel de muitos milhões de homens e canhões de grossos calibres, precisamos de cuidar da nossa lavoura, de encher os nossos celleiros, afim de que o mai terrivel dos inimigos — a fome — não enfraqueça a força e a coragem de nossos soldados. Justissima é, pois, a proclamação que o honrado e digno Presidente da Republica dirigiu aos presidentes e governadores dos Estados, convidando-os a intensificar, tanto quanto possivel, a producção dos nossos campos.

A lavoura goyana, como tudo o mais que diz respeito ás fontes de progresso do meu Estado, até hoje nunca mereceu dos poderes publicos estadoaes o minimo auxilio. Sempre viveu do seu inveterado costume rotineiro. O seu processo cultural, ainda todo primevo é anachronico, e os lavradores goyanos, sem meios de conseguir as machinas agricolas mais aperfeiçoadas, que, favorecendo o trabalho humano, multiplicam a força muscular, comprimindo e igualando o solo, anniquilando as hervas damninhas, semeiando, ceifando, rasgando a terra, luctam, com as maiores difficuldades, para producção do que lhes é necessario.

E é mais por falta de instrumentos agricolas do que por infertibilidade do terreno, que os nossos agricultores arroteam nos vãos ou terras marginaes aos cursos de agua, onde o calor, a humidade e o polme, deixado pelas longas enchentes, garantem abundantes colheitas.

Mesmo assim, nem sempre a producção compensa o esforço e o trabalho, pois que não raro acontece ser a lavoura totalmente destruida pelas enchentes prolongadas.

Outras vezes, abandonando os campos e chapadões que, corrigidos e transformados com o auxilio dos arados, se tornam em fecundos solos agricolas, os sertanejos devastam as florestas, põem a baixo uma riqueza nativa para, sobre as suas ruinas plantar e colher alguns milhares de espigas de milho, que não compensam o prejuizo causado á flóra. D'ahi, os dous grandes factores da devastação e do desapparecimento das grandes arvores e das mattas virgens nos campos e chapadões:

1°) — as queimadas annuaes da estação secca, repetidas desde a época das descobertas dos bandeirantes até os nossos dias, factor esse já observado pelo notavel naturalista francez Augusto Saint-Hilaire, do dr. Lund, ambos conhecedores do "inter-land" brasileiro, e do dr. von Yhering, illustre ex-director do Museu Paulista:

2°) — as derrubadas das florestas para fazer lavoura, de que acima já falámos. Sobre este criminoso e inconsciente costume brasileiro, escreve com razão o dr. Assis Brasil no seu livro "Cultura dos Campos": "O costume de derrubar as florestas para fazer lavoura no terreno que ellas occupavam é geral em todo o Brasil. Chegou mesmo a formar-se de norte a sul a opinião de que só em terras de matto é possivel plantar com proveito. A essa falsa supposição, porém, oppõe-se a observação do que fazem os povos mais ricos e adiantados em agricultura de toda a Europa, dos Estados Unidos, da China e do Japão, da Australia, do Rio da Prata, do Chile, de toda parte, emfim.

"Todos esses povos só cultivam terra de campo e produzem nellas o necessario para a propria subsistencia e ainda têm sobras para mandar aos que, como nós, deitam abaixo florestas. Quanto a arvores, plantam-nas em vez de as devastarem.

"Vou mostrar que a destruição das florestas é um grande mal desnecessario e que a cultura das terras de campo é, ao mesmo tempo, a mais agradavel e a de resultados mais uteis e permanentes, não só quanto ás colheitas que o homem pede á terra, como pelo mais largo emprego e aproveitamento que proporciona á propria intelligencia.

"Em todas as suas phases, desde a semeação até á colheita, a cultura no campo é mais facil e amena do que a cultura em terra de matto. O trabalho do arado, rasgando a terra, é menos penoso do que o da foice roçando os arbustos, ou o do machado cerceando troncos seculares.

No matto são mais difficeis do que no campo, quando não impossiveis, todas as operações no solo: correctivos, drenagem, estrumação, etc."

Attribuimos a pouca producção da lavoura goyana, relativamente ao que poderia produzir, os seguintes motivos:

1°) falta absoluta de machinas agricolas aperfeiçoadas e a não applicação á lavoura dos modernos principios agronomicos;

2°) falta absoluta de vias rapidas de transporte, para a exportação dos productos.

Mas, á vista da nossa actual situação, já que se trata é apenas de intensificar, tornar maior possivel a nossa producção, por tres meios differentes poderá o governo goyano auxiliar a lavoura no Estado:

1°) diminuindo o preço das terras devolutas;

2°) fornecendo aos agricultores, gratuitamente ou por preços os mais reduzidos, machinas agricolas indispensaveis ao amanho do terreno;

3°) mandando distribuir aos agricultores em larga escala, além de sementes de todas as qualidades, folhetos contendo instrucções sobre o modo pratico do plantio, cultura e colheita dos cereaes. Esses folhetos poderão ser fornecidos directamente ao governo do Estado pelo Ministerio da Agricultura.

Depois disto, cumpre ao governo prohibir terminantemente a devastação das florestas e as queimadas constantes.

Só o Estado de Goyaz, dada a fertilidade exhuberante de seu solo, uma vez dispondo os lavradores dos modernos instrumentos agricolas, produzirá o sufficiente para abastecer todo o Brasil. Lá o sólo produz com grande abundancia e regularidade a canna, o fumo, o café, o milho, a mandioca, o arroz, o feijão, a mamona, que é nativa, notando-se que a sóca da canna dura seis, oito e mais annos.

Sobre a cultura do trigo, escreve o dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, na sua obra "O Brasil Central", publicada em 1907, pg. 28: "Em Cavalcante, norte de Goyaz, ha muitos annos, cultiva-se o trigo; e não obstante a completa falta de substituição das sementes e da pureza da plantação, portanto, o producto em grão e em farinha, é de bôa qualidade, como pessoalmente verifiquei na villa de Mestre d'Armas, em pães feitos com farinha dessa procedencia.

Cultiva-se o trigo tambem em Santa Luzia, em Entre Rios, antigo Vae-Vem, e em Santo Antonio do Cavalleiro, povoação de mui ferteis terras, fundada pelo finado Revm. Pe. Dr. Henrique Desgenettes, que no seculo foi medico distincto e intelligente".

Ahi estão as palavras insuspeitas de um fluminense. Auxilie o governo do Estado a nossa industria agricola, sem se esquecer tambem da pastoril, de que o longinquo Estado Central se ufana de ser o mais rico da União, e dentro em breve terá o meu Estado cumprido as palavras propheticas do dr. Joaquim Manoel de Macedo.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

RIQUEZAS IGNORADAS

A PRODUCÇÃO DE PEROLAS NO BRASIL

Com o titulo de "Perolas e conchas perliferas do Araguaya" recebemos um fasciculo da "Collecção Goyazia", editada pela Typographia Academica, desta capital.

Neste pequenino trabalho, o seu autor, Henrique Silva, faz umas curiosas revelações, que, sendo insignificantes, mas não devendo ser ignoradas do grande publico, achamos de grande utilidade transcrevel-as, para a sua mais ampla divulgação.

E' um dever de cada um de nós cooperar para que o Brasil seja conhecido ao menos dos brasileiros. Entre nós, sendo o nivel da cultura ainda muito inferior (cultura no sentido de civilisação), os 20 % da população que sabe ler não se interessa por outro genero de jornalismo que não seja o mexerico politico, o escalpellamento da vida privada (que, na revista, varia para o "instantaneo de Mme. X, fazendo Avenida". E a imprensa conhece os seus appetites e os serve admiravelmente, sentindo-se sem a coragem de tentar uma reacção qualquer, no sentido de elevar o nivel da leitura periodica. Dahi, o facto do commum da massa popular, que não tem tempo nem meios para a leitura de gabinete, ignorar muito, ignorar tudo, lamentavelmente tudo, maximé no que respeita ás cousas do seu paiz, que estão fóra dos dominios do "quem será reconhecido" do "que fará o general Pinheiro Machado", etc., etc.

(Transcripto d'*A Tribuna*, de 31 de Agosto de 1915.)

Justifica-se assim a transcripção abaixo, que é, incontestavelmente, de interesse e de importancia:

E' opinião dos especialistas que se deve ao trabalho mysterioso de um parasita microscopico — *Distomum duplicatum* — a formação das perolas em geral.

Este fecundo gusano parasitario produz então na parte interna das conchas perliferas o nacar e as perolas. Diz o naturalista R. J. Geure, num recente estudo intitulado *Los Tesoros del Mar, conchas y perlas*, que em termos geraes tem o nome de *perlatina*, a substancia constituitiva da superficie interna da concha de todo o mollusco nacarado que em conjuncto recebe a denominação de madreperola. e a bossa ou excrescencia de um ponto da superficie se chama *perola*.

A maioria das perolas finas que se formam nas partes molles dos molluscos apresenta vestigios daquelles alludidos gusanos, o que corrobora a opinião dos autores antigos que attribuiam a formação das perolas orientaes á infecção de um diminuto gusano parasitario, que morre envolto na excrescencia por elle mesmo occasionada. Assim. diz Hardman, justificando a affirmação de Dubois — a formosa perola não é mais do que o *brilhante sarcophago de um gusano*.

Outrora, as pescarias mais afamadas se faziam de preferencia no Oriente — em torno da ilha de Baharen, no golfo Persico, na costa da Arabia-feliz, nos mares vizinhos de Catifa e particularmente na ilha de Ceylão. Eram de grande valor commercial as que se achavam nas proximidades do cabo de Camorim.

Os japonezes tambem as praticavam nos seus mares. Mais recentemente as pescarias de perolas tiveram grande incremento nos Estados Unidos, no Mexico, nos arredores da ilha de Cuba, na de Margarida e no Panamá.

Rezam as chronicas que uma das perolas achadas nesta ultima região e apresentada em 1579 ao Rei Felippe II tinha as dimensões de um ovo de pomba e foi avaliada em 14.400 ducados.

A pesca das perolas da agua doce fazia-se tambem nos lagos e rios da Barbaria, da Bohemia, da Baviera e Suecia, não logrando seus productos, todavia os altos preços que pagavam os de procedencia oriental.

Mas nestes ultimos annos as perolas da agua doce, achadas nos lagos e rios dos Estados Unidos, onde aliás eram conhecidas dos indigenas desde os tempos coloniaes, têm obtido preços fabulosos no mercado mundial, principalmente as de côres e formatos varios — azues negras, roseas, amarellas, em fórmas de lagrimas, anneis concentricos, etc.

As pescarias de perolas mais productivas e mais recentes são as que se fazem nos rios e lagos de aguas doces dos Estados Unidos.

A proposito desta pesca no valle do Mississipe, o Sr. George Frederich Kunz apresentou em Agosto de 1907 ao "Internacional Zoological Congress", de Boston, uma importante memoria scientifica que traz os seguintes informes:

"Um grande numero de perolas escolhidas, pesando cerca de 30 grãos cada uma, foi encontrada nas vizinhanças do *Praire du Chien, Mrc. Gregor.*

Dentro de um rio, na extensão de 100 milhas, os pescadores, em 1904, colheram perolas que ultimamente foram vendidas por $300.000.

O exito na extracção das perolas é tão especulativo como no das minas. No Whie River, em Arkansas, por exemplo, um homem achou $4.200 em um mez.

Um outro descobriu uma perola de $50 na primeira excavação que abriu. Um negro achou uma no valor de $85 no primeiro dia em que trabalhou, quando outro pescador, trabalhando sete mezes apenas apurava $10.

Uma importante empreza industrial tem extrahido dos rios e lagos do valle do Mississipe, annualmente, quantidade de perolas no valor de mais de meio milhão de dollars, muitas dellas comparadas ás mais finas perolas orientaes.

Dous annos antes de apparecer o trabalho de George F. Kunz, que tem por titulo — *The Pearl Fisheries of North America and How can the Unius Be Protected From Extermination ?*, quem escreve estas discretas linhas preconisava a importancia das conchas perliferas dos valles do Araguaya e Alto Tocantins, baseando-se não só no testemunho proprio, como tambem em documentos officiaes existentes na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

— Perolas em Goyaz ? qual o quê ! muita gente exclamou, considerando uma "blague" tudo quanto a respeito então disseramos.

Mas quem póde, num paiz, onde ninguem lê cousas de utilidade da sua patria, afugentar o tenebroso espirito da ignorancia ?

Tratemos agora das perolas achadas em Goyaz.

Os conchiferos de agua doce pertencem á classe dos Lameilibranchios, genero *Unio*. E' a *U. margatiferus* que produz a perola lacustre.

A especie perlifera do Araguaya apresenta uma concha grossa, com a charneira dentada e a parte interna do mais bello nacar, ou furta-côres misturadas com lustres de prata.

Suas margaritas são opalinas, claras, azues, amarellas e de muitos outros matizes lindissimos.

Mas releva dizer que justamente por esses predicados que lhes déra a natureza com mão generosa, foi que um antigo director do nosso singular Museu Nacional — menoscabando-as em documento official, as teve de nenhum valor e de *poucas vantagens a sua exploração !*

Faz-se mistér, pois, a exhumação desse codice faccioso que photographa a um raio de luz a inconsciencia burocratica predominante em certos institutos officiaes nossos, quando alguem ou o proprio governo os consultam sobre assumptos que interessam o progresso do paiz.

No Museu da Quinta da Boa Vista só se tem cuidado até agora em obter especimens zoologicos de paizes estrangeiros, por altos preços, e em os pôr em lettras garrafaes, *pour épater les bourgeois...*

Dos representantes da fauna indigena, em grande parte ainda por estudar, alli só apparecem, nas montras, nomes de especimens assás conhecidos, vulgarissimos.

O documento acima alludido é o seguinte officio que ao Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, então ministro do Imperio, dirigiu um director interino do Museu Nacional:

"Illmo. e Exmo. senhor.

Em resposta ao aviso de V. Ex., datado de 31 de Dezembro proximo passado, no qual ordena-me que, procedendo aos exames precisos nas perolas (nesta occasião remettidas) encontradas nas lagôas existentes ás margens do rio Araguaya, provincia de Goyaz, pelo capitão João Leite de Azeredo Coutinho, official que explorou a provincia por ordem do presidente, o Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, informe o que entender, tenho a honra de trazer ao alto conhecimento de V. Ex. o que penso sobre a materia.

A pequena porção de perolas enviadas peza duas oitavas e dous grãos e comprehende para mais de cem perolas, quasi todas mui pequenas, amarelladas e de fórmas irregularissimas, no commercio não dariam certamente por ellas quatro mil réis; bem poucas têm todas as qualidades exigidas ás boas perolas; uma dellas todavia torna-se saliente pela sua grandeza, quasi do tamanho de um grão de milho, pesando só ella 14 grãos, seria de grande valor se tivesse os outros caracteres das boas perolas.

E' pois minha opinião que a porção enviada pouco vale, já pela côr amarello avermelhada que geralmente tem, quando as boas devem ser brancas, já por bem poucas serem perfeitamente redondas, condições estas exigidas no mercado destas joias e já por fim porque a maior porção é de pequeno diametro.

No entretanto, devo notar que todas apresentam o polido e a meia transparencia opalina que caracterisam as perolas.

No Museu Nacional já possuimos algumas amostras de perolas, pertencentes á mesma Provincia e a outras do Imperio, semelhantes ás que vieram, e achando-se as do nosso estabelecimento acompanhadas com suas competentes conchas, posso assegurar a V. Ex. que uma especie de Genero Hyria de Lamarti e duas do Genero Unio são as que formam o maior numero de perolas que se encontram nos lagos e rios do Brasil. Ao terminar esta informação, não posso deixar de fazer ver a V. Ex. que, visto as grandes difficuldades que é necessario vencer-se para extrahir as nossas perolas em bom estado, é minha fraca opinião que por ora esta industria poucas vantagens poderá dar a quem a ella se entregar."

E' mistér que esse funccionario tão vago e contradictorio em seus

conceitos, nunca houvesse lançado um golpe de vista sobre os archivos da repartição que lhe confiaram, pois delles consta um documento, tambem official, em que um dos seus antecessores dizia ter achado "perfeitamente semelhantes ás que nos vêm do Oriente", quatro perolas encontradas em Salinas, á margem do Araguaya — sendo que uma dellas pesava de quatro a cinco grãos, e "digna de toda a attenção a descoberta deste precioso producto, não só como objecto de commercio como de interesse relativamente á historia natural". (Este documento data do anno de 1827 e firma-o o erudito Dr. João da Silveira Caldeira que no conceito dos seus biographos — "gosava a reputação de homem de vasta cultura e exemplar probidade").

Em outro tempo, pelo que se infere da fresca opinião do director interino que foi do Museu Nacional, ás boas perolas se exigiam duas qualidades, unicas talvez: serem brancas e redondas.

Hoje sabe-se não depender mais daquellas condições acima o valor das perolas no commercio mundial, antes pelo contrario.

As mais formosas margaritas, as de maior valor extrinseco ou estimativo, são as que na sua transparencia opalina apresentam o mais bello oriente, lustre e variedade de côres. A's de fórmas irregulares, de matizes varios, as roseas, as amarellas, as azues e as negras, dão os mercadores de especies preciosas os melhores lances. Entre estas, duas de muita valia foram achadas nos Estados Unidos — uma sob a fórma de lagrima, outra em fórma de anneis concentricos.

A's pequenas perolas dão-se o nome de Aljofares, que servem para bordados, botões, braceletes, alfinetes de gravatas e outros adornos que se encontram nas joalherias. As conchas ou madreporas, procedentes de Bombaim e outras regiões orientaes, diz um especialista destas cousas — vão quasi todas parar ás mãos de mercadores europeus que as embarcam com destino á Allemanha, Austria e Estados Unidos, sendo seu rendimento annual calculado em cerca de 50.000 dollars. Um milheiro de conchas custa nas localidades onde são pescadas, de 12 a 24 dollars.

Para corroborar tudo quanto ahi fica, pomos diante dos olhos dos que porventura queiram explorar esta industria promissora de tão lucrativos resultados os seguintes periodos, que para aqui trasladamos no original, da importante revista *Hojas Selectas*, que se edita em Hespanha:

"As perolas em fórma de pera são as mais estimadas e o valor depende de seu tamanho e côr. Uma formosa perola em fórma de lagrima, de excellente pureza e brilho, se vendeu por 3.500 dollars. Outra perola magnifica, negra, foi comprada nos Estados Unidos por 25.000 dollars.

Faz uns quinze ou vinte annos que se descobriram nas enseadas e rios do Visconsin algumas perolas formosissimas, de côr purpura, roxo-tirante a cobre rosa-escuro. Ultimamente uma perola pescada numa concha de agua doce pagou 15.000 dollars. Uma perola azul celeste pescada no rio Caney alcançou primeiro o valor de 850 dollars e foi vendida depois em Londres por 3.300... Uma perola redonda, côr de rosa, encontrada no Tennesse foi comprada por 650 dollars."

No mez de Agosto, as aguas dos lagos baixam e então os indios Carajás apanham em Salinas, margem do Araguaya, conchas perliferas a que dão o nome de *Itans* e dellas extrahem perolas lindissimas, como por exemplo a que o anno passado esteve exposta nas montras da Joalheria Orcar Machado, á rua do Ouvidor.

Entretanto, a pratica adquirida nas pescarias de perolas lacustres demonstrou nos Estados Unidos que é no fundo dos lagos, abaixo das camadas de lodo ou sedimentos ahi depositados durante annos, que se encontram as melhores perolas — as chamadas "perolas maduras", na linguagem dos pescadores.

E podemos affirmar que semelhante experiencia nunca se fez num só dos innumeros lagos que alimentam molluscos perliferos no Brasil Central.

Porque razão, pois, não se ha de explorar por identico processo uma riqueza nativa tão surprehendente como essa que se acha abandonada á pequena profundidade do sólo de alluvião que o grande rio fertilisa?

Quantas outras riquezas occultas nesses baixões do Araguaya — de onde os horizontes amplos que o viajor descortina, esbatendo ao longe nas linhas afastadas das serranias azues, não se abrem tão vastas como as do futuro economico que esses paramos promettem?

O Araguaya é sob todos os pontos de vista um rio de magnificencias. Seus lagos guardam formosas perolas, nas suas margens o sal gemma aflóra á superficie, nas suas aguas nada uma infinidade de peixes de varias especies, inclusive o gigantesco pirarucú da Amazonia; nos bosques que lhe cobrem as ribanceiras, estendendo-se ao desconhecido, ha materia prima para todo um tratado de botanica: plantas uteis, economicas, alimentares — como o craveiro do Maranhão, o castanheiro do Pará, o páo-Brasil, o caucho, a seringueira, a mangabeira a salsaparrilha, a baunilha, palmeiras das mais uteis especies, tantas e tantas que longo seria enumerar nos estreitos limites desta monographia.

Em resumo: em parte alguma do Brasil se poderá lamentar o abandono de uma riqueza maior, a explorar, que esta das perolas do Araguaya."

HENRIQUE SILVA.

Auto-viação em Goyaz

O problema das estradas de rodagem no Estado de Goyaz, sobretudo na zona do sul, vae sendo dia a dia satisfactoriamente solucionado.

A Companhia Mineira de Viação Inter-municipal, que tem contracto assignado com o Governo mineiro, inaugurou ha poucos mezes o trafego de automoveis de carga e passageiros em Santa Rita do Paranahyba, cidade situada á margem direita do rio divisor das terras goyanas e mineiras, e que é o interposto commercial entre os dous Estados. Essa linha de automovel ligando Santa Rita do Paranahyba á Uberabinha, que se acha servida pela Estrada de Ferro Mogyana, vem trazer rapido desenvolvimento ao commercio e á lavoura do sul de Goyaz, cujo terreno é de uma fertilidade incontestavel e incontestada.

A referida Companhia pretende iniciar brevemente o prolongamento da estrada de automovel de Santa Rita para Marinhos, Bella Vista, Allemão, etc. (no E. de Goyaz), deixando para depois o de Villa Platina para o porto de S. Jeronymo, Rio Verde, Jatahy, Mineiros e Cabeceiras do Araguaya, tambem em Goyaz, evitando a travessia dos grandes rios.

Além da Companhia Mineira de Viação Inter-municipal, já está sendo organizada na capital do E. de Goyaz uma companhia sob a denominação de Companhia Auto-Viação Goyana, cujo principal objectivo é a construcção de uma estrada de automoveis que ligue a capital do Estado á estação de Roncador, actual ponto terminal da Estrada de Ferro de Goyaz, passando, porém, pelos municipios de Curralinho, Campininhas, Bella Vista e Santa Cruz.

O privilegio para a construcção dessa estrada de automoveis foi concedido pelo Governo goyano ao Sr. D. Prudencio Gomes da Silva, Bispo Diocesano, que o cedeu ao Sr. Eduardo José de Moraes, homem infatigavel e emprehendedor, que não tem poupado esforços no sentido de realizar uma das maiors aspirações dos goyanos: a facilidade de transporte de pessoas e mercadorias, entre a capital do Estado e os grandes centros commerciaes de Minas, São Paulo e Rio.

Para a realização de tão grande melhoramento, a Companhia Auto Viação Goyana ha-de encontrar facilidade não só quanto á disposição do terreno, em geral de facilima execução, como, tambem, pela vantagem de poder fazer uso nas machinas, como lubrificante, do azeite de mamona, nativa em todo o Estado, principalmente no sul, e de ser a gazolina substituida com proveito pelo alcool, que se fabrica em grandes proporções em toda a zona por onde transitarão os automoveis.

Em abril do anno p. vindouro, a Companhia tenciona inaugurar o trafego no trecho comprehendido entre Roncador e Bella Vista, que é o da 1ª secção, tendo, para isto, iniciado os respectivos trabalhos.

Como se vê, o problema de transporte, que tem sido o principal obice á marcha do progresso em Goyaz, vae se tornando uma realidade dia a dia, máo grado o contra-vapor da politicagem, que só enxerga bem e age bem onde reinam a ignorancia e o atrazo. —*V.*

Transporte de gado

"Durante o mez de Julho passado, a Companhia Mogyana transportou 11.845 cabeças de gado, destinadas a Campinas, Osasco, a S. Paulo e Rio.

De 1 de Janeiro a 31 de Julho deste anno, foram transportadas 78.959 cabeças, contra 51.056 em igual periodo do anno passado".

Estas notas estatisticas, publicadas em todos os jornaes de S. Paulo e transcriptas na imprensa carioca, nada dizem, como se vê, da procedencia desse gado. O leitor, o pio leitor, porém, ficou pensando, naturalmente, que essa gadaria foi criada em Minas e S. Paulo, por isso que a Mogyana apenas percorre estes dous Estados.

E vae agora a gente pensar que Goyaz existe e tem uma estrada de ferro com o seu nome e trafego mutuo com aquella via-ferrea paulista...

OS BANDEIRANTES DO SECULO XX

Nos sertões de Matto-Grosso — As riquezas das Minas dos Martyrios

Com o titulo e mais os sub-titulos acima, em Março deste anno, publicou a nossa collega *A Razão* uma entrevista que lhe concedera o Sr. Capitão de engenheiros Ribeiro Dantas, que se acha ao serviço da Commissão Rondon.

Transcrevendo-a, pela nossa parte, julgamo-nos no dever de completar os prestadios informes do distincto official dando a seguir o relatorio da exploração do Rio das Mortes pelo fallecido engenheiro José Feliciano Rodrigues de Moraes, trabalho este executado no anno de 1890.

"De regresso das suas viagens aos rios Araguaya, das Mortes e outros dos Estados de Matto Grosso e Goyaz, o Capitão Pedro Ribeiro Dantas elabora presentemente o seu relatorio.

Esse official, incumbido pelo Coronel Rondon de levantamentos geographicos e observações astronomicas de varios rios em zonas differentes, póde proceder a estudos em alguns, principalmente nos dous rios acima.

No Araguaya, elle desceu desde as respectivas cabeceiras, indo até ao Alcobaça e, o rio das Mortes, foi até ás suas cachoeiras intransponiveis.

E na sua excursão no rio das Mortes, encontrou, á margem direita, a 100 leguas da foz, nas immediações das cachoeiras, duas cruzes toscas, signaes recentes de que ousados itinerantes, ainda no anno passado, desbravando o invio sertão, se aventuravam á cata das decantadas minas dos Martyrios, de que nos fallam os roteiros dos Araés e cuja realidade ainda hoje é problematica.

Como a Ilha da Trindade, as minas dos Martyrios despertam a cubiça de visionarios. As cruzes provam que bandeirantes, provindos talvez dos lados de Registro ou Barreiros, affrontando toda sorte de obstaculos, vinham á procura do oiro guardado pelas tribus dos selvagens araés, revivendo, portanto, no presente, as investidas titanicas dos nossos antepassados, tentando desvendar mysterios seculares de thesoiros que não foram descobertos.

E quantos visionarios não esperam alcançar as riquezas que dormem naquelle recanto maravilhoso do Paiz, ás margens do rio das Mortes!

Ha varios roteiros, cada qual mais disparatado. Pelos vestigios encontrados pelo Capitão Dantas, parece que os itinerantes obedeciam ao roteiro de Alvaro Bueno:

"O melhor indicio era a cachoeira. Devia se descer perto de 10 leguas até á confluencia do corrego de Santo Antonio dos Araés, em cujo pontal se deve encontrar a tapéra dos Araés."

E é ahi nessa tapéra que se acham accumuladas as riquezas, as pepitas de oiro dos araés...

Em 10 leguas abaixo o Capitão Ribeiro Dantas veiu encontrar egualmente vestigios de um acampamento recente. Os itinerantes alli estiveram, perdidos em mil conjecturas, revolvendo o seio da terra, á procura do oiro guardado ha seculos pelas tribus dos selvagens.

Os estudos procedidos pelo distincto official virão aguçar ainda mais o appetite dos visionarios...

O rio das Mortes é diamantifero, nol-o affirmou o Capitão Ribeiro Dantas.

Agora, as expedições serão mais frequentes... Não bastava o oiro dos araés, quererão tambem as riquezas do rio das Mortes."

EXPLORAÇÃO DO RIO DAS MORTES

Relatorio apresentado ao Governador do Estado de Goyaz, Dr. Gustavo Adolpho Paixão, pelo engenheiro José Feliciano Rodrigues de Moraes.

1ª PARTE

Introducção

Sendo por vós encarregado de fazer a exploração do Rio das Mortes, daqui sahi no dia 29 de Maio do anno passado com meu ajudante de Corda Henrique da Veiga Jardim e chegámos ao porto de Leopoldina a 3 de Junho.

A 6 chegou a escolta que devia nos acompanhar, composta de 10 praças, commandada pelo alferes Francisco Libanio Povoa, tendo como inferior o cadete Edmundo Galvão de Moura Lacerda.

Naquelle porto não julgando sufficiente o pessoal (46 homens) para emprehender uma viagem tão arriscada quanto cheia de multiplos perigos e porque elle teria de ser dividido e subdividido como o fôra á proporção que fossem apparecendo obstaculos á navegação por vapor, grande e pequeno bote e finalmente canôas, vos pedi por carta autorização para augmental-o com mais nove homens que devião ser contratados em Santa Maria do Araguaya.

Este pedido fôra por vós satisfeito, ficando a expedição composta de 53 homens, inclusive quatro indios, dous caiapós e dous chavantes, os quaes, trabalhando como remadores, podiam nos servir de interpretes ás tribus bravias de Selvicolas destas duas nações que, além de muitas outras, infestam os invios sertões do Rio das Mortes.

A 9 descemos na lancha "Araguaya", a 11 chegámos em S. José, onde demorámos dous dias, que foram empregados na compra de viveres e a 17, ás 10 horas da manhã, fundeou a lancha encostada ao barranco direito do braço tambem direito do rio que ia ser explorado.

Depois de dous dias empregados na construcção de tres ranchos, seguiu ella viagem para Santa Maria afim de conduzir o bote grande denominado — Crixas — que fazia parte do material da expedição e o resto do pessoal que fôra alli contratado.

Durante a ausencia da lancha, fiz o levantamento exacto da ilha formada pelos dous grandes braços do Rio das Mortes na sua confluencia com o Araguaya.

Contornei-a toda, começando o trabalho de levantamento no braço direito e depois de 15 dias fechei o perimetro justamente quando chegava a lancha.

E para se fazer uma idéa exacta dos dous pontos de juncção do Rio das Mortes com o Araguaya, fiz um levantamento deste meia legua acima do primeiro ponto e meia abaixo do segundo, porque, deste modo, á vista da planta, quem nunca desceu o magestoso rio poderá julgar da impressão indelevel que sentiram aquelles que já experimentaram os effeitos maravilhosos de seu grandioso aspecto, sua enorme largura, sua immensa praia de arêa fina e alvissima bordada de uma vegetação luxuriante e esplendida.

Durante a nossa demora tivemos quotidianamente a visita dos indios Carajós, que nos forneciam excellente pescado e magnificas tartarugas, recebendo em troca farinha de mandioca, rapadura, anzóes, rosarios, etc.

Satisfeitos com o tratamento que recebiam, o agrado, a delicadeza que todos da expedição lhes dispensavam, o respeito com que eram tratadas as suas mulheres e filhos, tudo contribuiu para que sentissem por nós certa gratidão muitas vezes accentuada pelo desejo de nos acompanharem até certa altura do rio.

As indias carajós são virtuosas e cheias de pudor, e, até onde chegam os seus recursos, cobrem-se quasi sempre por uma tanga.

Estas tangas ellas obtêm da entre casca da gamelleira, que, depois de curtida e exposta ao sol durante algum tempo, fica semelhante a um tecido de algodão grosso. São geralmente formosas, de constituição delicada e trazem os cabellos compridos e soltos; elegantes e dotadas de muita agilidade, correm na areia como se fôra em terra firme e manobram com pericia admiravel a Ubá (canôa), que muitas vezes lhes serve de morada ambulante ao lado de seus maridos, paes ou irmãos.

De olhares penetrantes, procuram de um só golpe de vista conhecer a causa do facto o mais insignificante que se produz em torno dellas.

E' permittido aos indios a bigamia, contanto que sejam trabalhadores e possam sustentar com a colheita da roça e com o pescado mais de uma mulher.

Estas vivem em perfeita harmonia debaixo do mesmo tecto conjugal.

A bigamia nunca tem logar simultaneamente; mas, quando a primeira mulher chega a uma idade mais ou menos avançada e realizado que seja o segundo casamento, fica a matrona na obrigação de fazer todos os serviços domesticos da casa.

O adulterio é punido com a morte, empregando-se o cacete, unico instrumento que usam para a realização desta pena; porque dizem que aquella produzida por instrumento cortante e perfurante é muito dolorosa.

Os moços de um e outro sexo, solteiros, têm o signal de virgindade em umas especies de pulseiras que trazem presas nos braços e pernas. Logo que se casão tirão de si estes signaes e o retomão na hypothese de viuvez.

Coltivão a mandioca, a batata doce e o algodão.

Da mandioca e da batata fazem uma mistura, depois de ralada aquella, e deitão em uma panella grande a cozer por algum tempo; a este alimento dão o nome decauin.

Do algodão fazem cordas para os arcos, amarrios de flechas e tecem com elles seus enfeites.

Chegou a lancha de Santa Maria com um dos bons companheiros da expedição soffrendo de uma pneumonia fortissima.

Não sendo medico e nada conhecendo de enfermidade, fiquei tanto mais incommodado quanto via o companheiro em perigo de vida, logo no começo de uma exploração tão arriscada e sem saber o que devia applicar-lhe para combater a molestia.

Tinha uma ambulancia, mas que uso poderia eu fazer della sem conhecer os effeitos dos medicamentos e as condições em que deviam ser utilisados?

O digno commandante da lancha, capitão Sebastião de Freitas Silveira, lembrou-se, talvez com acerto, de dar ao doente um vomitorio, mas fôra já tarde, porque no dia 8, depois de termos andado legua e meia e de pouso em frente a uma aldêa de Carajás, ás 9 horas da noite, recebêmos a triste noticia do fallecimento do infeliz sargento Lobo.

Desembarcando-o incontinente e conservado o cadaver durante a noite sob a guarda de seis camaradas, foi elle sepultado no dia 9, ás 8 horas da manhã, na margem direita do Rio das Mortes e em lugar que não póde ser attingido pela sua maior enchente.

Uma modesta cruz, erguida junto á sepultura, foi a unica prova de amizade que podiamos dar naquelles desertos ao bom companheiro que alli ficava com os sentimentos de todos.

Continuando a viagem, chegámos a 21 no travessão que fôra o ponto terminal de minha primeira exploração em 1886 e do capitão Tupy no anno seguinte.

Como era natural, procurei immediatamente descobrir o Aronco do Jatobá, onde naquelle anno eu tinha deixado uma taboa de cedro com as seguintes iniciaes feitas a zarcão e oleo de linhaça:

"Vapor "Araguaya" L. G., Dr. J. F. R., M., S. A. A., — M.

T. M., — J. J. D., — J. P. M., — 4ª feira, 19—Março—86—72 1ª."

Encontrei-a no mesmo lugar.

Sondando o travessão e os dous canaes que ahi existem, afim de conhecer a profundidade das aguas e vêr se era possivel desta vez a lancha vencer a velocidade da corrente, empregando-se cabos, etc., descobri bem em frente ao Jatobá uma canôa encalhada junto ao barranco esquerdo do rio e instinctivamente olhando para as arvores notei um roçado antigo e no meio deste uma cruz com diversas placas. Não tive duvida em reconhecer que alli tinha chegado, vindo de Cuyabá, o capitão Tupy.

As placas estavão carbonisadas pelo fogo que deitárão ao campo e que tinha attingido o cruzeiro, de sorte que com profundo pezar não nos foi possivel lêr o que deixára escripto o ousado capitão.

Uma picada, acompanhando a margem esquerda do ribeirão que ahi existe, fez-nos conhecer que a expedição de Cuyabá tinha voltado por terra e a canôa encontrada era a prova mais evidente desta nossa supposição.

Não nos sendo possivel, como já disse, decifrar as inscripções deixadas nessas placas, as arranquei e as trouxe para o escriptorio das obras publicas.

A cruz deixei-a intacta.

Felizmente, ha poucos dias, por uma carta dirigida ao digno redactor da *Gazeta Goyana*, pelo capitão Tupy e publicada no mesmo periodico, tive a satisfação de ficar conhecendo os dizeres que elle fizera gravar, os quaes aqui transcrevo:

"Commissão Tupy — Cadete I. A. S. A. — vindo de Cuyabá — Domingo, 14 de Agosto de 1887 — 200 1.° — Voltou por terra em 17 — 8 — 87 — Direcção Chapada."

Tendo conseguido que a lancha transpuzesse a corredeira com immenso trabalho de um dia inteiro e com applicação de cabos, talhas, etc., e concluidos os estudos que devia fazer nesse trecho do rio, continuámos a viagem a 27 e chegámos no 2° travessão a 29.

Aqui, reconhecida a impossibilidade do transpô-lo, por não ter a lancha força sufficiente, pois não supporta uma pressão superior a 40 libras, e ouvida a opinião dos praticos, tratei de fazer um levantamento exacto, de determinar a velocidade da corrente e as sondagens necessarias.

Concluidos os estudos, passámos para o bote grande a 2 de Agosto, ficando a lancha com sua tripolação toda, composta de 16 pessoas e mais duas praças.

A 12 ficou aquelle fundeado junto a um outro travessão em tudo de mais difficil accesso do que os dous primeiros.

Guardando o bote ficárão oito camaradas bem armados e municiados e com recommendação especial de terem toda a cautela, pois era muito provavel que fossem atacados pelos Selvicolas, e, como medida de prudencia, não devião saltar em terra sob pretexto nenhum. Esta recommendação não fôra observada, como vereis adiante.

No dia 14 passámos para o bote pequeno com quantidade de viveres estrictamente necessaria por ser elle de pequena lotação, a 18 chegámos á primeira cachoeira e a 19 vencêmo-la, lutando com difficuldades extraordinarias para ficar o bote no dia 21 debaixo de uma outra, que não pôde ser transportada nem sequer pela pequena Igareté que tinhamos.

Nova divisão de pessoal fomos forçados a fazer, ficando cinco camaradas guardando a pequena embarcação e os outros em numero de 19 me acompanhárão por terra.

Aqui começão os nossos soffrimentos, as nossas fadigas e não poucas contrareidades.

Já tres despedidas feitas aos companheiros que ficárão no meio daquelles desertos, afastados de centenas de leguas de povoação civilisada, sem recurso absolutamente nenhum a não ser os poucos que as circumstancias nos permittirão conduzir, sujeitos todos nós ao ataque traiçoeiro de milhares de selvagens, habitantes daquellas longinquas regiões, sem sabermos qual a sorte que estava reservada á cada um, se o adeus de despedida seria ou não eterno, — tudo isto produzio em meu espirito uma sensação tão dolorosa que me parecia que uma voz occulta me dizia: que eu não mais veria esses valentes camaradas que me acompanhavão, com risco de vida, em tão arriscada empreza, e com boa vontade e dedicação me coadjuvavão no cumprimento do meu dever.

Tudo preparado, cada qual com seu sacco ás costas á maneira de mochila, carabina em bandoleira, com os generos que podiamos conduzir, puzemo-nos á caminho subindo a margem direita do rio. Não andamos mais de tres leguas nesse dia.

Sertanejo, pela vida de dez annos que tenho levado neste Estado, onde nasci e muito o extremeço, e em viagens continuas, não sei, entretanto, andar a pé, principalmente em lugares onde não existem estradas, rompendo campos altos, matas entrelaçadas de espinhos de toda a especie, banhados atoladiços e sob um sol abrazador dos ultimos dias do mez de Agosto.

Prostrou-me o cansaço, devido não só á fadiga da marcha, como ao peso do sacco que trazia ás costas, contendo alguma roupa de cama e cartuchame.

No dia seguinte, aos primeiros alvoreceres do dia, puzemo-nos a caminho, sempre margeando o rio.

Na parada do almoço, um dos meus auxiliares e distincto machinista, Antonio Lopes de Miranda, subindo o rio, a pouca distancia, descobriu a grande cachoeira que ahi existe, a qual é referida no roteiro de Alvares Rodrigues Bueno, quando, em 1854, em companhia de sete companheiros, atravessou esses sertões a procura das afamadas minas dos Araés.

Fomos todos ver esse grande obstaculo á navegação do Rio das Mortes.

Disse bem Alvaro: *Uma cachoeira tão grande que se não póde chegar ao pé, visto como o vapor resultante suffoca a respiração.*

Demorámo-nos ahi algum tempo, que empreguei em estuda-la e tomar algumas notas, que reproduzirei em outra parte deste relatorio.

Concluido o estudo continuámos a viagem, sempre com o mesmo sol abrazador e através de serrados, campos limpos, veredas enormes de burytivaes, até que ás 4 horas da tarde, depois de encontrarmos vestigios dos indios, internámo-nos em uma mata muito fechada e suja.

Toda a qualidade de espinhos ahi se encontra, desde a ortiga até a tiririca, desde o tucum até a taquara.

Soffremos demasiadamente nessa mata, onde a nossa situação ia de dia em dia tornando-se mais afflictiva, pois já estavamos todos com os pés dilacerados, as roupas rasgadas e ainda, para cumulo de nossa infelicidade, um dos soldados distrahidamente deixa no dia 24 um phosphoro acceso cahir sobre a folha secca, e um incendio enorme ateou-se na mata, nos cercando de fogo, que levantava-se do sólo e crescia pelo taboçal, formando uma cupola sobre nossas cabeças.

Um grito de desespero e de angustia fôra lançado por todos, e cada qual, diante da perspectiva de uma morte horrorosa, procurou salvar-se do melhor modo possivel.

Dez minutos depois estavamos felizmente reunidos no barranco do rio, em lugar onde não podiamos ser apanhados pelas chammas.

Internamo-nos na mata, porque não só não me convinha afastar da barranca do rio, onde me seria facil conhecer as suas condições de navegabilidade, como receiava que pelo chapadão, á procura da estrada que liga este estado ao de Mato-Grosso, faltasse-nos a agua.

(*Continúa.*)

BURITY PERDIDO

Velha palmeira solitaria, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, veneravel eponymo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencoreo, onde tremeluzem ás vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céo as palmas tesas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me appareces como o poema vivo de uma raça quasi extincta, como a canção dolorosa dos soffrimentos das tribus, como o hymno glorioso de seus feitos, a narração commovida das pugnas contra os homens de além!

Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cégo da Illiada commovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Atalaia grandioso dos campos e das mattas—junto de ti passe tranquillo o touro selvagem e as potrancas ligeiras, que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longinquas em demanda de outras mais quietas e solitarias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e magestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

Burity perdido

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, rodomoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambôres de guerra.

O corsel lubuno, pastor da tropilha, á sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fóra da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com força appellidando a favorita da tropilha, que morde o capim mimoso da margem da lagôa.

Junto de ti, á noite, quando os outros animaes dormem, passa o cangussu' em monteria; quando volta, a carne da prêa lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem junto de ti, ha dous seculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupy, escravo dos de Piratininga, parou então extatico diante da velha palmeira e relembrou os tempos de sua independencia, quando as tribus nomadas vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evohé !

Gerações e gerações passarão ainda, antes que séque esse tronco pardo e escamoso.

A terra que te circumda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó eponymo, e o conservarão.

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sócco, velho Burity Perdido. Então, como os hooplitas athenienses captivos em Syracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito á vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem communicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extinctas, uma pagina sempre aberta de um poema que não foi escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

AFFONSO ARINOS

(do *Pelo Sertão. Historias e paizagens.*)

"A Informação Goyana" na Sociedade Nacional de Agricultura

A actual escassez, como nunca vista, do sal, motivada pelas difficuldades da falta de transporte, vem aggravando dia a dia não só a tão precaria situação dos criadores do interior como tambem á das xarqueadas montadas ultimamente nos Estados de São Paulo, Minas e Goyaz, ás deste particularmente.

Mas o que vem ao caso, não é simplesmente a escassez no vasto interior, desse artigo de tão indispensavel consumo: e sim a necessidade, urgentissima, alli, de sal apropriado ás industrias, á da pesca e a do xarque, por exemplo. Goyaz possue já tres xarqueadas e outras em construcção; e seus grandes rios, como o Tocantins, o Araguaya e o Paranahyba, são abundantissimos de peixes, de primeira qualidade, entre os quaes o *Pirarucú*, a *Caranha*, a *Piratinga*, o *Dourado* e a *Piracanjuba*, cujos productos não têm podido fazer concurrencia, unicamente porque o sal que o Estado recebe — o das nossas salinas, não se presta ao preparo do pescado. Veio outro dia corroborar esta assersão, aqui mesmo nesta casa, o Sr. Martinho Abranches, ao tratar do preparo de peixes no Rio Grande do Sul.

Asseverava o conferencista que o sal empregado no preparo da *Miragaya* provinha de Mossoró — mas, depois de submettido ao processo do Sr. Bezerra, que elimina "in totum", o chloreto de magnesia. Ora, no interior ninguem conhece este processo, ou outros analogos.

Que o sal das nossas usinas não se presta igualmente ao mister das xarqueadas, é cousa assás sabida — e tanto assim que a bancada gaúcha do Congresso Nacional pleiteou e obteve a isenção dos direitos aduaneiros que pagava o sal de Cadiz, sob pretexto justificado de que o sal de procedencia nacional não servia para a manufactura de xarque, no Rio Grande do Sul, quando este Estado era o maior productor deste artigo.

Hoje, porém, que aquelles Estados, de começo alludidos, são os maiores productores do xarque que o paiz consome e exporta, é justo, é humano que a lei votada pelo Congresso Nacional se torne extensiva a elles, facilitando-lhes, assim a introducção do sal estrangeiro, que sob o ponto de vista industrial é deveras insubstituivel.

D'ahi este appello á benemerita Sociedade, appello que responde ao pedido que me fizeram n'uma carta, aliás particular, que me acaba de ser dirigida pela importante firma commercial Onofre, Carvalho & Cia., negociantes no Triangulo Mineiro e sul de Goyaz. Esta firma, que é a principal, sendo a unica fornecedora do sal estrangeiro e mais artigos que interessam immediatamente á pecuaria e á lavoura do meu Estado, Goyaz, vê-se neste momento impossibilitado de servir a sua numerosissima freguezia da primeira destas mercadorias, a de maior consumo, precisamente, em todo o sertão, que é o sal.

Da alludida missiva destaco estes periodos:

"A nossa casa entrou em negocios com a casa Th. Wille & Comp., de S. Paulo, em Setembro de 1916 e conseguiu um carregamento, em Abril deste anno, de 4.500 toneladas. Mas deu em resultado ser a nossa firma Onofre, Carvalho & Comp. inscripta na "Black List", sob pretexto dessa transacção por intermedio da casa Th. Wille. Foi a minha firma para o "idex" porque isso convinha aos commerciantes de S. Paulo, principalmente Matarazzo, que quer monopolizar tudo, vendendo sal de Mossoró com o nome "estrangeiro" e tirando grande lucro, sabido que o sal nacional paga 020 réis por kilo, de imposto e o estrangeiro 080 réis. Ora, conseguindo-se impingir o nacional por estrangeiro, só esses 060 réis são uma differença tentadora. O sul Brilhante é insubstituivel. Em agosto o sal nacional chegou a 300 réis o kilo, e a nossa casa vendia e continuou a vender o "Brilhante" a 270 ! O meu "stock" de sal estará acabado agora em Dezembro. Se o prezado amigo conseguisse pela "A Informação Goyana" que a nossa casa pudesse fazer uma importação de sal Brilhante, teria prestado um grande serviço a Goyaz".

Ora, este na verdade grande serviço a Goyaz, o signatario espera que lh'o será prestado plea benemerita Sociedade Nacional de Agricultura.

HENRIQUE SILVA.

NOTA — Tomando na devida consideração o appello acima, a Sociedade Nacional de Agricultura, por entender que melhor caberia ao Comité de Producção Nacional — do qual, aliás, faz parte — o estudo da materia em questão, transmittiu-o áquelle Comité, salientando a sua importancia.

Linhas de correio em Goyaz

Acabam de ser restabelecidas as seguintes linhas postaes no Estado de Goyaz:

De Porto Nacional (no E. de Goyaz) a Formosa (no da Bahia), passando por Carmo e Jalapão, com duas viagens mensaes e custo annual de 2:500$000; Goyaz a Ouro-Fino, com quatro viagens e custo annual de 500$000; Jaraguá a São Francisco das Chagas, com duas viagens mensaes e custo annual de 300$000; Bôa Vista a S. Vicente do Araguaya, com tres viagens mensaes e custo annual de 1:750$000; Posse a Taguatingua, por S. Domingos e Sacco, com cinco viagens mensaes e custo annual de 4:400$000; Arraial a S. Domingos, por Campos Bellos e S. João do Galheiro, com tres viagens mensaes e custo annual de 800$000; Arraias a Natividade, por Taguatinga, S. José do Duro e S. Miguel e Almas, com tres viagens mensaes e custo annual de 3:100$000.

O restabelecimento destas linhas postaes, de ha muito reclamado pela população a que aproveita, vem prestar um grande beneficio ás cidades or ellas favorecidas, sobretudo as do norte, goyano, onde a correspondencia de uma localidade para outra se fazia por meios indirectos, levando mezes, ás vezes annos, para chegar ao seu destinatario, quando não ficava pelo caminho. Para que esse melhoramento seja realmente um facto, cumpre á Administração dos Correios de Goyaz entregar o serviço de conducção de malas a empreiteiros que visem mais o interesse da collectividade que o seu proprio, ao contrario do que geralmente tem acontecido, graças aos baixos interesses pessoaes da politicagem anniquiladora.

Nós que conhecemos de "visu" o norte goyano, dizemos desta columna que, para melhor regularização do serviço postal naquella região, se torna indispensavel a resolução de um problema simples, mas até hoje insoluvel, em virtude dos parcos recursos financeiros de que dispõem os municipios nortistas. Referimo-nos á construcção de pontes sobre os rios que interceptam o transito aos viajantes, por occasião das enchentes. Não ha pontes e as estradas são pessimas. O governo estadoal deve, pois, auxiliar os municipios na reconstrucção das estradas de rodagem, unicas vias de communicação existentes em todo o norte, sem o que o serviço postal ora restabelecido, continuará a ser um mytho, deixando no mesmo pé de isolamento a zona a que vem beneficiar.

"A Informação Goyana", que só visa o progresso material e o desenvolvimento economico de Goyaz, felicita o povo goyano por mais esse melhoramento de que é tão digno.

V.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, Illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 — 2° andar—Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1918 — VOL. I—N. 6

ESTA REVISTA, DISPONDO DE CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES LOCALIDADES GOYANAS, PRESTA INFORMAÇÕES A' RUA FIGUEIREDO 63, MEYER, AOS CAPITALISTAS, COMMERCIANTES, INDUSTRIAES, AGRICULTORES, CRIADORES, ETC., SOBRE QUAESQUER ASSUMPTOS QUE OS POSSAM INTERESSAR NO TOCANTE A'S POSSIBILIDADES ECONOMICAS DO ESTADO CENTRAL DA REPUBLICA.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, Illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 — 2' andar—Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1918 — VOL. I—N. 6

Dr. Antonio Americano do Brasil

Dr. Galeno Americano do Brasil — *Dr. Plinio Caiado de Castro*

Aos seus presados companheiros de redacção, que com approvações distinctas na defesa de theses acabam de receber seus diplomas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, "A Informação Goyana" presta as suas honrarias, esperando que continuem a elevar o nome da nossa muito amada terra natal.

A INFORMAÇÃO GOYANA
Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central
Directores: *Henrique Silva* e *Dr. Americano do Brasil*
Redacção: Rua da Asembléa n. 8—Rio de Janeiro
Assignaturas
Um anno (Brasil) .... 10$000
Um anno (Paizes da União postal) .... 20$000
Annuncios
Uma pagina .... 100$000
Meia pagina .... 60$000
Um quarto .... 30$000
Um oitavo .... 15$000
As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.
A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

SUMMARIO

A pecuaria no Estado de Goyaz

A industria pastoril constitue desde muitos annos a principal fonte de renda do futuroso Estado.

As primeiras especies pecuarias, que foram directamente a Goyaz, procederam da Capitania de S. Vicente, custando a primeira vacca de leite que appareceu duas libras de ouro e o primeiro porco duas oitavas.

Foi tal o impulso que tomou a criação bovina nessa porção privilegiada do paiz, a partir de então, que já em 1759 só nas margens dos rios das Almas, Canna Brava e Santa Thereza, zona ainda hoje conhecida por sertões de Amaro Leite, meia duzia de annos depois da descoberta, possuiam dois padres jesuitas seis fazendas de criar, contendo mais de 3.000 cabeças de gado vaccum. Em 1800, segundo J. M. Pereira de Alencastre, nos seus *Annaes da Provincia de Goyaz*, a industria pastoril figurava com uma exportação de 15.358 rezes, representando um valor de 33:288$900 réis, por isso, diz elle, "que no sul era cada rez vendida por 4$800 e no norte por 1$500 réis ! ! !"

De Goyaz foram em tempos, segundo o Dr. João Severiano da Fonseca, as primeiras rezes introduzidas em Matto Grosso, e que lhe encheram os campos desde a capital até os *pantanaes*, bem como as regiões posteriormente conhecidas por Vaccaria e Campo Grande.

E' mais acceitavel esta versão que a da "Noticia pratica das minas de Cuiabá e Goiazes", em que o capitão Cabral Camello conta ter levado em 1727, para Cuiabá "quatro ou seis novilhas pequenas e já no de 1730 ficaram algumas paridas e se produziram como porcos e cabras, em breve tempo se cobriam de gado os campos". *Revista do Instituto Historico*, vol. 4.

Quanto mais estudamos o passado e o presente, tanto mais nos convencemos de que a terra goyana traz no seu seio a virtualidade de um grande destino no tocante ao futuro da pecuaria nacional. Que lhe cabe o primeiro lugar no paiz inteiro como *habitat* por excellencia, para as especies pecuarias, facillimo seria demonstrar.

Foi lá que appareceram, formadas pela acção do meio, as duas primeiras e mais antigas raças bovinas do Brasil: a *Mocha* e a *Caracú*, ambas procedentes dos floridos campos de Amaro Leite. A unica raça equina que possuimos é goyana: o cavallo sertanista chamado *Curraleiro*, do Vão do Paranãn. A nossa grande raça suina, de nome *Canastrão*, appareceu simultaneamente em Goyaz e Minas: e outras especies de suideos caracteristicamente brasileiras já não são novidades n'aquella parte do paiz.

N'uma nota á sua *Chorographia Historica da Provincia de Goyaz*, dizia o marechal Raymundo da Cunha Mattos, que em certas localidades, como Amaro Leite, "os suinos chegam até um volume enorme sem nunca terem visto uma espiga de milho", isto mercê dos recursos alimenticios sem conta que lhes proporcionam aquelle feracissimo sólo.

Ha no Estado campos nativos que se rivalizam com os mais ricos e cuidados prados artificiaes, campos, onde, no dizer insuspeito do grande Brasileiro que foi o general Couto de Magalhães, "os animaes engordam sem outro trabalho mais do que alguns rodeios, não havendo nem mesmo a despeza do sal, visto ser elle nativo nessas regiões abençoadas". Depara-se na sua interessante *Viagem ao Araguaya* a seguinte passagem: "A reproducção do gado ahi é annual, e elle vive sempre gordo, visto que, no tempo das aguas, tem verde o pasto das montanhas e terrenos elevados, e, no tempo secco, tem as vargens do rio, das quaes, afastando-se as aguas, brota um capim especial a esse terreno, cujo thalo tem quasi a grossura da canna de assucar e que, dando sementeiras como o arroz, offerece nutrição summamente appetecida por toda a sorte de ruminantes."

O emerito viajante viu por si mesmo estas cousas, não escreveu de oitiva, e não ha ahi quem o possa contestar.

A vasta extensão territorial do nosso Estado, que encerra todos os accidentes geographicos e possue todos os climas — graças ás grandes altitudes que, como se sabe, corrigem as latitudes — offerece o mais perfeito *habitat* para todas as especies pecuarias peculiares a quaesquer zonas da terra.

Por outro lado, a sua incomparavel rêde hydrographica formada por tres grandes bacias distinctas — sem fallar n'outras menores que por toda a parte irrigam planaltos e valles, cobertos das mais ricas pastagens nativas — são elementos sufficientes para provar á evidencia que sob o ponto de vista do desenvolvimento extensivo da industria pastoril Goyaz é uma região á parte, no Brasil.

Os seus armentosos campos fornecem para o consumo da Capital Federal a maior parte do gado vaccum que se abate no Matadouro de Santa Cruz como de criação mineira, porque o Estado de Minas Geraes foi sempre o intermediario de todas as mercadorias goyanas. O nosso é o unico Estado que não tem alfandegas, nem mesas de rendas federaes e, por isso, as nossas estatisticas commerciaes não lhe mencionam os productos, quer de exportação, quer de importação. Goyaz limita-se com sete Estados, tendo para todos elles fronteiras abertas. D'ahi o impossivel de uma estatistica mais ou menos exacta da exportação dos productos da sua industria agro-pecuaria. Mas é facto que os exporta muitissimo mais do que geralmente se pensa, para todos os Estados que lhe são limitrophes, e igualmente para o estrangeiro, mas sem a necessaria declaração da procedencia.

Do municipio do Jalapão, transpondo os *geraes* da Serra das Divisões ás nossas rezes chegam até Paranaguá, no Estado do Piauhy (vide James Welles — *Three Thousand milles through Brazil*); das zonas norte do Estado descem para o Pará, margeando o Araguaya, ou o Tocantins, boiadas goyanas (vide Henri Coudreaux — *Voyage au Tocantins-Araguaya*); das suas zonas sudoéste vão ter ao Paraguay, através do sul de Matto Grosso, os chamados *refugos* do gado goyano, que os boiadeiros não quizeram tocar para Minas Geraes (vide Oscar Leal — *Viagens ás terras Goyanas*); para as feiras de Sant'Anna e outras do Estado da Bahia, do norte de Goyaz sahem, através das bocainas da serra das Divisões, annualmente, mais de cem mil cabeças de vaccuns; dos centros pastoris do sul goyano é que procede a maior quantidade do gado que ora está sendo abatido nos frigorificos de S. Paulo, Minas e Rio, não falando nas rezes que se destinam ao Matadouro de Santa Cruz. Esta é que é a verdade sabida por todos quantos conhecem as grandes transacções commerciaes do gado bovino no *Hinterland* e dellas dão o mais insuspeito testemunho os viajantes estrangeiros, cujos nomes mencionamos, citando-lhes tambem as respectivas obras que correm impressas.

No emtanto, pela "Estimativa do Gado Existente no Brasil em 1916", curioso trabalho devido á Directoria Geral de Estatistica, a população bovina de S. Paulo é de 1.792.880 cabeças; a da Bahia de 2.850.310 cabeças, e a de Goyaz de 1.934.830 cabeças !

Pela mesma "Estimativa" S. Paulo possue 2.744.400 cabeças de suinos e Goyaz 1.225.680 cabeças do mesmo gado.

Ora ahi está outra: como é que o Estado de S. Paulo, um dos mais fortes importadores do porco de Goyaz, poderá possuir maior população suina do que este ultimo ? Goyaz exporta, ou porco em pé, ou seus derivados, para todos os Estados que o limitam: — Minas, Bahia, Piauhy, Maranhão, Pará, Matto Grosso e S. Paulo. E esta exportação sempre Goyaz a fez sem descontinuidade — apezar da distancia enorme de certos mercados consumidores e grandes despezas de carretos.

(Continúa).

HENRIQUE SILVA.

O BRASIL E A ANTHROPOGEOGRAPHIA

Prestaria certamente um concurso maximo á evolução dos estudos sociaes no Brazil quem se animasse á demarcação de nossa carta anthropogeographica, já annotando as variedades dos amalgamas eugeneticos, ou suas progressões de aperfeiçoamento, delineando assim a anatomia social, já divulgando seus triumphos sobre a natureza, d'onde surgem as summulas da Liberdade e os alicerces formativos da economia individual e communista que outra cousa não é senão o residuo physiologico das sociedades.

Entre nós esse suggestivo capitulo da litteratura historica, ou melhor um appendice da Biologia, talvez por absorver muitos conhecimentos de sciencias naturaes, ao lado de demoradas observações locaes até das menores zonas de população, ainda permanece na phase embryonaria emquanto o producto da triplice composição sanguinea vai plasmando, aos impulsos do clima e das contingencias humanas, nossa verdadeira Carta Social.

Ha poucos annos René Worms, na curiosa these — *O experimentalismo em sociologia* — mostrava que a propria retorta onde a poderosa natureza confundia as raças não era calculada por methodo differente que o divulgado por C. Bernard: a anthroposociologia nacional forneceria preciosos rudimentos ás deducções do sociologo francez.

Sociedade adveniente de caracteres heterotaxicos, encetada em desequilibrio de condicções ecologicas, tendo elementos de climas dispares, iniciada sob as leis unicas da natureza — taes constituem já declinações de sociologia, altamente instructivas, ao lado de uma incontinuidade politica que, retrocedendo ao regimen feudal da Idade Média, attingiu em menos de quatro seculos as culminancias da democracia e dos mais adiantados apparelhos do direito moderno.

Nossa evolução super-organica é um phenomeno de pathologia social a que talvez não se poderá receitar nenhum dos alcaloides politicos prescriptos por Paul de Lilienfeld em sua *Therapeutica das Sociedades.*

Na consideração macroscopica de nosso organismo social não poderemos negar que as cellulas brancas, mesmo porque foram mais profusas e melhor talhadas, occupam o folheto ectodermico, donde surgirão o cerebro e o revestimento epithelial que um dia, decadas a dentro, hão de homogenizar as gentes nacionaes; as cellulas negras ainda constituem o musculo e o esqueleto da sociedade brazileira, foram e ainda são na maioria dos fócos humanos as melhores gentes de trabalho, legando-nos pelo mestiçamento um poderoso cimento qual tecido conjunctivo — valioso contingente de formação de que o futuro declinará o valor centripeto ou dispersivo: é o folheto mesodermico de nossa organização; finalmente as cellulas americanas formam o ultimo folheto da gastrula social: orgãos armazenadores de energia e o dispositivo da absorpção.

Na verdade ellas ainda absorvem até hoje os lucros do branco e do negro numa selvageria irreductivel que não será vencida, nem pela integração positivista, nem pela catechese proteccionista do Governo.

As reminiscencias amargas das antigas perseguições e dos massacres, do passado e de hontem, sua educação climatica em a natureza virgem, são factores indestructiveis a qualquer contacto civilisado.

Resume-se desta maneira a heterogeneidade de nossos factores ethnicos; o elemento hespanhol e hollandez foram neoplasmas historicos, mas benignos que a cirurgia politica não permittiu vingar; a immigração italiana tem sido poderoso tonico para tecidos enfraquecidos; a colonisação do Sul é uma ameaçadora neo-formação que será condemnada ao bisturi, ou diluida pelo sôro physiologico do cruzamento.

*
* *

A carta anthropogeographica do Brazil é tão variavel quanto o rythmo do facto cosmico e as *fracções proprias* das gentes que se repartiram e cruzaram pela ilharga da terra virgem.

O clima talha o homem a sua feição impregnando-o de bens ou de maleficios, a ponto do determinismo anatomico, com fallava Bordier, se apresentar á biologia mais ligado á terra e suas variantes do que aos caracteres outros de modificação. O Brazil offerece o espectaculo biologico de todos os climas e essa diversidade, manifesta na pressão atmospherica, na luz, no calor, na composição da terra, na humidade, na flora, na fauna, mais que tudo concorreu á fixação do matiz, já epidermico, já psychico, que separa o gaucho do paroara.

Michel Levy, em seu *Traité d'Hygiéne,* occupando-se dos agentes naturaes que fixam o homem na terra, traduz com os mais vivos coloridos as reacções climaticas, as quaes no Brazil devem ter actuado muito mais intensamente dado reflectir-se sobre um producto mestiço, mais maleavel e possivel de adaptação aos varios meios em que deu apparecimento.

Os lindes de nossa carta de população, estatica ou dynamica, no sentido do evolucionismo-critico, deve tomar a rota destas determinantes da natureza, assim como das occurrencias modificadôras do mendelismo, ao lado da heterogeneidade das camadas ethnicas e de seus sub-productos.

Em uma conferencia litteraria realizada na Bibliotheca Nacional, em 1916, o Dr. Roquette Pinto, grande sabedôr de nosso *far-west,* declinou os horizontes da distribuição geral das populações nacionaes, sob certo exclusivismo que não depararia firmeza si analysados com minucioso criterio. Esse esboço ethnographico que o autor apresenta para a actualidade não encontra o apoio da verdade em nossos dis e nem tão pouco nas phases da colonia, ou do imperio. E não é que falte documentos historicos ou outros para os planos de uma geographia social: a todos nós faltam unicamente as preciosas horas de lazer para tão justificada tarefa intellectual.

Demos a palavra ao autor da *Rondonia*: "A primeira mancha irregular, delimitando a ZONA DO CABOCLO, cobre Matto-Grosso, Amazonas, Pará, Norte de Goyaz e os estados do Nordeste, até as vizinhanças da foz do S. Francisco.

Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Minas, Sul de Goyaz, E. Santo, Rio de Janeiro, Norte de S. Paulo, formam a ZONA de INFLUENCIA AFRICANA.

A fita littoranea e os estados do sul, a partir da Capital da Republica, constituem a ZONA de INFLUENCIA EUROPÉA.

Evidentemente é preciso dar a essas denominações uma significação relativa."

Levado o conceito da relatividade da mencionada divisão a um limite de verdade, chegamos a concluir por sua significação meramente theorica: quando muito corresponderia, e malmente, aos três caracteres cruzados que deparamos em todas as zonas de população brazileira.

Amalgamados desde os primordios de nossa nacionalidade, impellidos uns aos outros pela propria natureza, os elementos que bazearam nossa carta social, ao envez desa selecção de *habitat,* se distribuiram numa progressão quasi uniforme, ao menos os dous povos mais dispostos — o portuguez e o africano.

Basta lembrar que a escravidão, largamente espalhada por todos os centros do paiz, é um facto de hontem, cuja influencia tonificadora e generalisada não póde ser negada em vesperas do trigesimo da Republica.

Quem contorna os circulos de população no interior, o alto Araxá, tem uma impressão muito diversa da que annuncia o conferencista: população heterogenea sem o menor typo de caracterização, onde todas as manchas de cruzamento são notadas, mas reservando-se, quando reunidas em synthese, após circumstanciada analyse, uma particular tendencia a fixar o matiz portuguez, desde a pigmentação até os costumes.

O Brazil, sendo uma nacionalidade em marcha, em evolução, fugiria á normalidade si já possuisse typos differenciados e negaria sua historia si contivesse zonas distinctas para os elementos irmãos que o edificaram.

Não é preciso recordar os documentos sociaes da maior valia que possuimos — as nobiliarchias de Ravasco, Borges da Fonseca, Pedro Taques — onde o primitivo entrelaçamento das familias póde ser apreciado, no que refere a Pernambuco, Bahia e S. Paulo, facto de que Cardim, Gabriel Soares, Anchieta, Simão de Vasconcellos dão noticia em seus esboços historiographicos — é bastante reler as paginas de Elysée Reclus, o mais ponderado conhecedor das cousas do Brazil.

Haverá muita justificativa na fixação da Zona do Caboclo? Somos de parecer que uma analyse minuciosa não daria razão ao conferencista.

Euclydes Cunha, ao que nos consta, não pormenorisou typo algum na Amazonia: o *continente em marcha* tem uma população assás complexa que o define engeneticamente por um *continente social em evolução* sem a menor caracteristica defnitiva a menos que não seja o annunciado predominio do elemento branco. Os cabo-

clos puros da Amazonia não podem ser considerados como appendices sociaes, visto os symptomas de vida que os prendem á natureza.

Uma outra região que desmente o criterio do Dr. Roquete Pinto é o Maranhão. Em parte alguma do Brazil, excepto a Bahia e o Rio de Janeiro, foi tão forte a coloração negra. A historia do passado e os factos da actualidade ahi estão para comprovar nossa affirmação. S. Luiz foi escala de uma das maiores companhias de Negreiros. A revolta de Beckman está intimamente ligada á questão africana no Maranhão.

Temos á mão um excellente ensaio geographico — *O Torrão Maranhense* — um dos mais bem acabados que conhecemos sobre o assumpto, dado ser a primeira tentativa entre nós da applicação dos modernos methodos de Brunhes e de outros divulgadores evolucionistas. E' seu autor o Sr. Raymundo Lopes. Abramos o livro no capitulo referente a anthropogeographia do Maranhão: "A raça negra introduzida na antiga capitania desde meiados do seculo XVII, desenvolveu-se bastante no Maranhão, onde sua quantidade só é proporcionalmente inferior á que se nota na Bahia e Rio de Janeiro. A escravidão no Maranhão imperou sobretudo nos campos baixos e na *capital* (o grypho é nosso), sendo os negros do interior occupados na industria do assucar e os da capital em trabalhos domesticos e serviços manuaes de toda sorte.

Foi um das provincias em que mais se desenvolveram os quilombos."

Mais adiante: "As raças não estão igualmente distribuidas no Maranhão, nem na mesma proporção que nas outras unidades federativas. O branco e a mestiçagem-mosaico preponderam em São Luiz.

A porcentagem negra é forte principalmente nas zonas litto-ranea e média. No sertão maranhense, como em todos os sertões do paiz, prepondera a *gens* cabocla (bahianos) que não deixa de formar parte consideravel da população em todas as outras zonas."

Estas boservações feitas no local provam a nossa these de que todas as unidades territoriaes do Brazil contêm mesclas, ou vestigios inapagaveis das 3 raças primitivas.

Piauhy, Ceará, Rio G. do Norte, Parahyba ficam em iguaes condições, notando-se porém, a tendencia para a pigmentação clara.

O Dr. Roquete Pinto destaca a fita litteranea e os estados do Sul como de *influencia européa.*

Julgamos que o esforçado ethnologo deixou á margem um facto de interessante psychologia animal: a immigração das raças aos pagos de origem desde que força contraria e maior não as detenha no local.

Pois bem, dada a libertação a maior parte do elemento escravo accorreu ao littoral para, ao menos, matar o *banzo,* olhando os horizontes da terra de seus maiores. Ahi levantou sua tenda, constituindo familia, e entrou em contacto com as gentes littoraneas. Dous factos a mais depõem contra o ethnologo patricio: o littoral foi o local mais abundante de escravos; o littoral soffreu por muitas dezenas de annos as reacções do sangue africano antes que este se dilatasse para o centro, arrastado pelos caçadores do oiro.

Aqui no Rio de Janeiro o porta marcial de algumas *francezas de avenida* e o rosto empôado de alguns patricios elegantes chegam a suffocar para certos olhos a tez de jambo das brazileiras natas e o todo esbelto e mestiçado dos verdadeiros americanos do Brazil.

Quem quizer saber qual o elemento predominante na população do districto federal, deve tomar o Cascadura ou o Piedade e fazer a *tournée* em um dia de festa domingueira, ou pelo carnaval.

Estamos certos de que as pretenções de branquidade carioca desse já abnegado ethnologo desabariam como um sonho, dado a verificação do divulgado mestiçamento.

Fizesse o mesmo em Belém, Maranhão, Fortaleza, Recife, Bahia, Victoria, pessoalmente e minuciosamente e chegaria á conclusão de que o littoral é de influencia mestiça, com predominio do portuguez como em todo o Brazil: ao menos Elysée Reclus chegou a esse conceito, do mesmo modo Sylvio Romero e José Verissimo.

O Sul foge á discussão: condições intrinsecas e extrinsecas nos forçam a tratar delle em outra occasião.

E não fossem já longas estas considerações nós advogariamos com documentos eruditos e competentes que a supposta zona de influencia africana merece mui extensas restricções e tambem que o problema do caboclo na cartographia social do Brazil deve ser encarado com menos positivismo e mais criterio de observação. No proximo artigo promettemos um ligeiro ensaio de anthroposciologia sertaneja, onde abordaremos o problema social goyano e matto-grossense.

AMERICANO DO BRAZIL.

Goyaz no orçamento de 1918

No orçamento d'este anno Goyaz foi dotado com as verbas que a seguir publicamos:

I — Auxilio de 24:000$000 para o Gymnasio Jaraguense.

II — 60:000$000 para a montagem de uma Fazenda Modelo, de accordo com o regulamento.

III — Verba para o prolongamento da linha telegraphica de Palmeiras ou de Santa Rita de Paranahyba a Jatahy.

IV — O auxilio de 250 contos para a Empreza de autoomnibus do Roncador á Capital.

V — Verbas para a installação de agencia de Correio em Cachoeira (municipio da capital), S. José de Mossamedes (municipio da capital), Campo Alegre (Ipameri), Descoberto (Peixe), Fumaça (Palmeiras), Nova Aurora (Corumbahyba).

E para as seguintes linhas de correio:

De Pyrenopolis a Altamir; de Natividade ao Peixe; de Palmeiras a Morrinhos; de Palma a Taguatinga, por Conceição.

Ha em estudos um plano de mudança de varias linhas para beneficiar varias localidades goyanas.

Foi creada ou restabelecida a linha de Porto Nacional a Couto Magalhães, passando por Piabanha.

Verba para ajudantes das agencias de Catalão, Ipameri, Pyrenopolis e Rio Verde.

Todas as dotações mencionadas derivaram do Senado para o Monroe, sendo d'ellas auctor e prestigioso patrono o eminente collaborador d'*A Informação Goyana*, Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, que, pelos seus talentos, tanto eleva e dignifica o nome de Goyaz.

A exportação de Goyaz pelo porto de Santos

Os jornaes nos deram ha poucos dias os dados estatisticos da producção dos municipios de S. Paulo e a consequente exportação dos mesmos productos pelo porto de Santos, no anno de 1916. Quanto á producção sempre crescente dos municipios paulistanos, nós, reconhecendo-a, só temos que nos orgulhar: — mas uma falha ha nas pautas officiaes da exportação pela aduana de Santos, e essa lacuna deve ser denunciada, para o conhecimento do nosso paiz, ou melhor, de todos quantos entre nós se occupam do arduo trabalho de estatisticas. Queremo-nos referir a omissão, que alli fazem, da procedencia de tantissimos productos goyanos que todos os annos saem para o estrangeiro e para o norte e sul do paiz, sem a necessaria indicação da exacta procedencia.

Basta, para o confirmar, a seguinte enumeração das mercadorias que Goyaz exportou, para S. Paulo, no anno de 1916: Arroz, kilos 5.967.378; Fumo, kilos 209.984; Suinos, cabeças 7.197; Cavallos, cabeças 25; Toucinho, kilos 130.61; Couros, kilos 213.619; Borracha, kilos 18.403; Marmellada, kilos 2.400; Manteiga, kilos 4.900; Milho, kilos 170.015; Feijão, kilos 62.526; Assucar, kilos 13.852; Bois gordos, cabeças 7.021; Xarque, kilos 247.871; Pelles de Veados, kilos 5.435; Banha, kilos 27.551; Crystal, kilos 5.882. Estes dados estatisticos foram fornecidos pela Estrada de Ferro Goyaz. Esta exportação para S. Paulo deve ser accrescida da que do nosso Estado a Estrada de Ferro Mogyana recebe ou collecta nas suas estações de Araguary, Uberabinha e Uberaba — importantes emporios da producção goyana.

Ora, para cobrir esta deploravel lacuna nada mais era preciso que a creação de uma estatistica inter-estadual, idéa pela qual sempre nos batemos e que foi outro dia proposta pelo Sr. Leo d'Affonseca Junior, o digno e competente chefe da Directoria Geral de Estatistica do Ministerio da Fazenda.

ARAGUAYA

Não é possivel dizer qualquer cousa sobre o magisterio, sem lembrar o nome do notavel brasileiro, que em vida se chamou — Couto de Magalhães.

Na historia do grande rio Araguaya o benemerito nome de Couto de Magalhães ficará para sempre legendario.

Dedicando o seu bello livro — "Viagem ao Araguaya" aos habitantes de Goyaz, Coutto de Magalhães disse: "A prosperidade de Goyaz depende do Araguaya, esse immenso rio, que constitue uma verdadeira maravilha, já por sua belleza, já pela fertilidade das regiões que atravessa, já por offerecer uma navegação de 700 leguas.

Para ahi devem os goyanos dirigir as suas vistas, como os Israelitas as dirigia para a columna de fumaça que os giava á terra da promissão.

O futuro é grandioso com a navegação do Araguaya; sem ella tudo é rachitico e mesquinho, como tem sido até o presente."

Um dos presidentes da antiga Provincia de Goyaz que mais se occuparão do importante problema da navegação do Araguaya, foi o Dr. Joaquim Ignacio Ramalho.

Foi esse illustre brasileiro que conseguiu a viagem do sabio Castelnau ao Araguaya.

Depois de uma penosa excursão de 800 leguas pelos sertões que separão Goyaz do Pará, Castelnau apresentou um interessantissimo relatorio em 22 de Outubro de 1844, ao ministerio da Instrucção Publica.

O sabio Castelnau achava-se no Brasil encarregado de uma commissão na America Meridional.

Não venho neste despretencioso artigo tratar da navegação do rio Araguaya.

O meu illustre amigo e distinctissimo goyano o Revmo. Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, em brilhante artigo, publicado na "A Informação Goyana" em seu ultimo numero, começou a estudar o assumpto mostrando conhecer o intrincado problema em todos os seus detalhes.

Vou tratar de um assumpto importante.

Pelo Dec. n. 258, de 1912, foi o Governo autorizado a crear uma Escola de Aprendizes Marinheiros do 1° grão no rio Araguaya — Estado de Goyaz, em logar que julgar mais conveniente e de cathegoria identica a existente em Pirapóra.

Quando se tratava na Camara dos Deputados da creação dessa escola, o então Ministro da Marinha, Almirante Manuel Ignacio Belfort Vieira, já fallecido, prestando informações pedidas pela commissão de Marinha e Guerra, disse: "Sou favoravel á creação de uma Escola de Aprendizes Marinheiros no Estado de Goyaz. Sendo as Escolas de Aprendizes Marinheiros o principal viveiro, de que dispõe a Marinha para preenchimento dos claros de suas fileiras, sempre nos será agradavel a creação desses institutos de ensino."

A commissão de Marinha e Guerra da Camara dos Deputados, sendo relator o illustre Deputado Souza e Silva, um dos mais brilhantes talentos da nossa marinha de guerra, em luminoso e bem elaborado parecer, mostrou a conveniencia da creação dessa escola e pedia que o projecto fosse convertido em lei.

A fundação desse instituto de ensino no Araguaya traria grandes vantagens.

Ella vinha augmentar as fontes de recrutamento de pessoal para a Marinha e proporcionar ao Estado de Goyaz de concorrer com o seu contingente para o serviço de defeza naval da Republica.

Quando o serviço da armada exigia que os individuos á ella destinados fossem exclusivamente de profissão maritima ou affeitos á vida maritima, como acontecia no tempo da marinha á vela e mixta, o alistamento ficava adstricto ás populações do littoral e aos embarcadiços; hoje a armada, em vista da evolução material, tem necessidade de recorrer ás mais variadas profissões, especialmente as profissões das artes mecanicas para a execução do serviço á bordo e a condição de profissional de mar não é essencial para o alistamento na marinha, visto que os actuaes typos de navios, exclusivamente a vapor permittem que esse novo periodo qualquer individuo bem constituido possa adquirir a instrucção pratica necessaria para tornar-se um bom marinheiro militar.

A creação dessa escola no Araguaya, além de crear mais um elemento para a diffusão da instrucção primaria, tem a de levar ás populações das longiuquas regiões do centro a noção concreta da necessidade da Defesa Maritima da Republica e da influencia preponderante do mar, que ellas desconhecem no seu desenvolvimento, na sua grandeza, na sua segurança, concorrendo para attrahir voluntarios para a Marinha.

Goyaz é o unico Estado da União que não concorre com contingentes para a Marinha.

Todas as commissões de distinctos engenheiros que têm estudado o Araguaya elogião a aptidão dos indigenas para o serviço de navegação.

E' enorme a população indigena que habita o Araguaya, existindo milhares de menores (de 15 a 20 annos) conhecedores perfeitos dos segredos da navegação a remo desse rio.

Ha cinco longos annos está o Governo autorizado a fundar essa Escola e até hoje nada se fez.

Quando se trata da Defesa Nacional, creando-se em toda a parte *ligas — linhas de tiro*, etc., porque não se torna effectiva a lei que creou a Escola de Aprendizes Marinheiros no Araguaya?

O momento é o mais opportuno para que seja posta em execução a lei n. 258 de 1912.

Voltaremos ao assumpto.

O. PINTO.

Goyaz nas ephemerides militares do Brasil

1892 — Subleva-se a guarnição das fortalezas de Santa Cruz e Lage, capitaneada pelo célebre sargento SILVINO DE MACEDO. Disse o *Jornal do Commercio* do dia seguinte:

"Logo que amanheceu, os revoltosos da fortaleza de Santa Cruz recomeçaram a atirar sobre os navios da esquadra, durando o fogo, com intermitencias, até ás 10 horas do dia.

O marechal FLORIANO, que estava na secretaria da Marinha, ouvindo os tiros, mandou o seu ajudante de ordens 1° tenente FRANCISCO MATTOS verificar o que os motivava e expor aos ministros da Guerra e Marinha, que estavam a bordo do *Riachuelo*, o seu plano de ataque.

.. ..

Pelo lado de terra deu-se o seguinte: o 7° batalhão de infantaria ás ordens do tenente-coronel FERRAZ, que foi o primeiro a seguir para a Jurujuba, ahi chegou ás 7 horas da noite da vespera, indo acampar no logar denominado *Vargem*; ás 11 horas da noite ahi chegou tambem o 10° batalhão de infantaria, sob o commando do tenente-coronel TRAVASSOS.

Ahi chegados, cada batalhão dispersou uma companhia que era rendida de duas em duas horas, alimentando um fogo cerrado até a madrugada da véspera, contra o forte do Pico, que respondia com descargas de metralha.

A's 7 horas da manhã seguinte os commandantes dos batalhões destacaram uma força de uns oitenta homens commandados pelo capitão SOUSA MENDES e alferes HENRIQUE SILVA, do 10° batalhão, e alferes REGO BARROS e PADILHA, do 7° batalhão, que á custa dos mais heroicos esforços, correndo os mais incriveis perigos e commetendo actos de inacreditavel agilidade, conseguiu galgar por uma restinga do lado da Jurujuba, a subida ingreme que fica a cavalleiro do forte do Pico.

De posse dessa posição dominante, abriram elles um fogo cerrado e certeiro contra os occupantes do forte do Pico, que eram commandados pelo sargento CORDOVIL. Os revoltosos, depois de uma lucta que durou 15 minutos, sentindo-se derrotados, abandonaram o forte, que foi logo occupado pelos dois batalhões, com os quaes entrou tambem o Ajudante-General do Exercito barão do rio Apa.

Voltou a 21 de tarde, para a capital, o 10° de infantaria sob o commando do tenente-coronel Travassos, sendo recebido com as maiores manifestações de apreço, tendo sido muito victoriado."

Aguas thermicas e radio-activas de Goyaz

Caldas Novas é uma pittoresca localidade que se ergue n'um dos flancos da Serra de Caldas, no sul do Estado. Esta serra, que se levanta subitamente de um vasto plano pouco ondulado, tem a fórma de um rectangulo de 3 x 2 leguas, no sentido de E-W., e a altitude de 850 metros sobre o nivel do mar, segundo o Dr. A. Pimentel, que a visitou em 1892. Visitou-a tambem o notavel botanista francez A. de Saint'Hilaire, que a comparou a um castello medieval, vista ao longe.

Nas suas proximidades ficam as celebres *Caldas de Pirapitinga*, que o nosso *cliché* reproduz.

Descobrimento das aguas thermaes de Pirapitinga

(Quadro a oleo por F. E. Taunay. — Escola de Bellas Artes)

Setenta leguas a Sudoeste da cidade de Goyaz, ao lado oriental de uma denominada Serra das Caldas, existem as aguas thermaes de Pirapitinga, descobertas pelos gritos com que as deram a conhecer os cães do caçador Martinho Coelho, que primeiro nellas se escaldaram por acaso ha mais de oitenta annos. E' um lago de 150 palmos de comprimento por 20 de largo, cuja temperatura chega quasi á d'agua fervendo. — Martinho Coelho, sem attender aos latidos dos seus cães, parece enlevado na admiração das maravilhas da natureza, ou na previsão dos bens que aos pobres enfermos resultam hoje d'esse phenomeno.

(Catalogo da Exposição de 1862)

As aguas thermaes de Goyaz foram conhecidas pela primeira vez em 1777, como se vê da legenda acima, e posteriormente estudadas *in-situ* pelos Drs. J. Mauricio Faivre, Mello Franco e M. Foggia.

No seu relatorio annexo ao da Commissão do Planalto, escreve o Dr. Antonio Martins Pimentel:

"As numerosas fontes achadas, formam um corrego de bastante caudal para se não resfriar com as aguas que nelle vão ter no seu percurso.

E' assim que, não obstante, logo no principio receber um tributario de aguas frias relativamente importante e mais alguns no seu trajecto, o *Corrego d'Agua Quente*, tal é o seu nome depois de um curso approximado de quatorze kilometros, lança-se ainda morno no rio Piracanjuba, affluente do Corumbá, tendo fornecido os sete decimos do tributo da agua que leva para aquelle rio.

O povoado tem posição aprazivel e muito bonita, extensa vista, bem distribuidos os terrenos circumjacentes, e goza da vantagem de apresentar esplendida localidade para uma população numerosa, com boa agua, bons mattos, e com os pastos e os terrenos de cultura que nada deixam a desejar.

O clima é ameno, secco e mui agradavel; os ventos reinantes na estação chuvosa não são regulares, predominando, entretanto, os dos rumos noroeste, oeste e sudoeste; e, limpando o tempo, sopram geralmente os do norte, léste e sueste, como soe acontecer em todo o sul de Goyaz.

"E' ahi moderado o calor pela posição elevada do terreno, diz o Dr. Faivre, e pela ausencia de altas cadeias de montanhas que poderiam impedir os ventos reinantes de soprar livremente sobre toda a região e de assim refrescar o ar e a terra, abrazados pelo sol. A temperatura observada á sombra e tres vezes ao dia, deu a media de 24° centgr. nos mezes de dezembro a março e, pelo meio indicado por Boussingault, a temperatura média annual deve ser de 22° centgr. O abaixamento da temperatura durante á noite, na superficie da terra foi de 6° centgr. nas vezes em que as observações se fizeram."

Todo o chapadão que circumda a região dos Poços, desde o rio Corumbá até a serra de Caldas, é formado pelo grez argilloso, entremeiado cá e lá de uma grande série de manchas de argilla pura. Nos morros, serras e serrotes encontram-se grezes de varias côres, ás vezes o granito, o itacolumito, o quartzo e em muitos pontos o tauá e a canga ou tapiocanga.

Grandes massas de schisto micaceo tambem apparecem na direcção de noroeste e a sudoeste, particularmente no rio Corumbá e seus affluentes que atravessei.

O steaschisto, ou schisto hydromicaceo de Gorceix, abundante na povoação e seus arredores, é empregado no rudimentar calçamento e nas sepulturas, onde talvez substitua com vantagem o marmore e o granito.

A' pequena distancia e no proprio lugar das fontes acha-se o michaschito, onde outr'ora o primitivo proprietario, Martinho Coelho, extrahiu ouro encontrado em veeiros de fraca possança, de um conglomerado (*poudingue*) formado de seixos rolados, etc., atravessando poderosos e durissimos bancos de schisto micaceo e talcos, misturado de feldspatho granular, de quartzo e de argilla (*pissarra*).

A serra de Caldas está a sudoeste, distante da povoação cerca de seis kilometros. Inteiramente isolada, tem a serra a direcção de éssueste a oésnoroeste, e é composta de granito porphyroide e granito commum na base, de grez, quartzo e de schisto micaceo no resto da sua extensão; numerosas veias de quartzo de varias côres, mais ou menos possantes, atravessam estas rochas em diversas direcções.

Ao lado da povoação passa um aurifero corrego de aguas frias, em cujo leito e bordas tambem se encontram alguns olhos d'agua quente, e cuja origem fica em um burytizal distante da povoação cerca de quatro kilometros a sudoeste, perto da serra.

A agua é limpida, incolor, inodora e insipida, de densidade de 1.003 (Dr. Faivre), e no fim de algum tempo de repouso, após resfriamento, não fórma deposito algum.

Uma vez resfriada, é excellente de beber e dá um appetite verdadeiramente devorador.

A acção do banho, a mesma com a agua de 39°,5 e 41°,0 manifesta-se por um elevado grão de deseccamento da pelle, que chega a incommodar.

A pelle resequida produz pelo attricto das vestes sensação semelhante á da palha secca de milho; o effeito geral no organismo é de magnifico bem estar, o corpo parece mais leve, o somno é calmo e profundo, a digestão perfeita, a respiração ampla e consoladora e o movimento desembaraçado."

Mas o estudo relevante da acção radio-activa das aguas thermicas de Caldas Novas só ha tres annos atraz foi realizado pelos Srs. F. B. Lee e F. C. S. Lond, chimicos especialistas do Serviço Geologico e Mineralogico do ministerio da Agricultura.

Deve-se tão importante iniciativa ao nosso esforçado collaborador o Dr. Olegario Herculano da Silveira Pinto, quando S. Ex. deputado federal pelo Estado de Goyaz.

Damos a seguir a palavra ao Sr. T. H. Lee:

"Para dar execução ao decreto n. 2.761 de 15 de Janeiro de 1913, fui por determinação de V. Ex. (Dr. Orville A. Derby, então director do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil) incumbido de visitar Caldas Novas, no Estado de Goyaz, afim de verificar se as aguas thermaes ali existentes eram radio-activas e de colher informações sobre o melhor methodo de estudal-as. Acompanhado pelo Sr. Archibaldo de Mello Campbell, Auxiliar Technico do Serviço Geologico e Mineralogico, lá cheguei no fim do mez de Junho e procedi immediatamente ao exame.

A geologia do districto em redor de Caldas Novas correspon-

de exactamente á descripção dada pelo Dr. Eugenio Hussak no relatorio da commissão que estudou a área no planalto de Goyaz, destinado a servir como séde da futura Capital Federal, e consiste de arenitas com seixos de quartzo e schistos. O riacho que atravessa a villa de Caldas Novas de N. a S. apparentemente coincide com o afloramento de uma camada de schisto que mergulha 20° em direcção N 5° E. Treze fontes de agua quente variando em temperatura entre 36° e 43° c. acham-se distribuidas sobre uma distancia de 500 metros nas margens do riacho, e mais tres existem no seu leito. Estes são assignalados por uma evolução de gazes. A propriedade de tornar gazes conductores de electricidade commum a corpos radio-activos foi a escolhida para verificar se existia ou não uma substancia desta ordem nas aguas a ser estudadas. Um vaso de vidro de uma capacidade de 5 litros foi enchido a 1|3 com a agua, e agitado violentamente durante dez minutos para estabelecer equilibrio entre a parte gazoza e a aquosa.

Ligado este vaso por meio de tubos de borracha com um cylindro de cobre contendo um disco do mesmo metal suspenso no seu interior n'uma bagueta metallica, está isolada do cylindro por um envoltorio de dielectrina, a placa foi ligada por um fio de cobre com um electrometro a folhas de aluminio, e o systema isolado carregado electricamente a uma potencia de cerca de 270 voltas na média.

Por meio de uma pera de borracha entreposta n'um dos tubos de borracha ligando o vidro de agua com o vaso de dispersão acima descripto, foi estabelecida uma circulação de ar entre estes dois vasos. No fim de 15-20 minutos qualquer substancia activa (emanação existente no vaso de agua) achou-se uniformemente distribuida entre os dois vasos.

Verificou-se então que, quando o vaso de vidro foi carregado com agua distillada, a perda de voltagem do systema isolado não era superior a 1 a 2 divisões da escala em 120 segundos.

Quando, porém, o vaso de vidro era carregado com agua thermal do local, a perda de voltagem em igual periodo era de uma proporção da voltagem inicial bem superior a isto. Depois de feita esta experiencia, repetindo o processo immediatamente com a agua distillada, verificou-se a repetição dos phenomenos de descarga rapida, devido á "actividade induzida".

Como já foi explicada, a decomposição da emanação de um corpo radio-activo dá origem a novos corpos, cuja vida é breve, em poucas horas esta actividade induzida desapparece completamente, uma vez que a quantidade de emanação introduzida no vaso de dispersão não seja muito grande.

De facto, as observações feitas nas aguas de Caldas concordam exactamente com estas observações. Deixando o vidro de agua distillada com o vaso de dispersão durante a noite, no dia seguinte a perda de voltagem tinha soffrido uma reducção até a norma da agua distillada. (1-2 divisões da escala em 120.)

Destas observações é licito fazer as deducções seguintes:

1. — Pela descarga mui lenta do electrometro, quando o apparelho foi carregado com agua distillada não activa, o apparelho estava em bôa ordem.

2. — Pela descarga rapida quando a agua distillada foi substituida por agua thermal, e ensaiada (a) immediatamente, (b) depois de 24 horas, tornou-se evidente que esta continha uma substancia capaz de ionizar o ar i, e, uma substancia radio-activa.

3. — Quando o vaso de agua thermal foi substituido por outro com agua distillada a descarga rapida do electrometro continuou, indicando a presença, no vaso de dispersão, de uma actividade induzida, actividade que desappareceu depois de 16 horas. Esta fornece uma confirmação á deducção do § 2°.

. . . .

Em conclusão, as aguas de Caldas Novas são radio-activas.

Visitei, além de Caldas Novas, o logar chamado Caldas de Pirapitinga, situado á distancia de sete kilometros a norte de Caldas Novas. Aqui ha uma nascente quente cuja temperatura é de 430 c., e cujo volume, que não foi medido, é apparentemente bem superior ao do total das fontes de Caldas Novas.

A agua quente constitue um corrego de correnteza rapida de 50-60 c|m de largo e 20 c|m mais ou menos de profundidade.

No poço da fonte nota-se um volumoso desprendimento de gazes, e é aqui que será mais facil colleccional-as para a analyse. Este logar parece o mais proprio para um estabelecimento balneario, se no futuro parecer conveniente creal-o. Ha uma área bastante grande, levemente ondulada e plana e bosques naturaes que, com pouco trabalho podiam ser convertidos em parque.

O corrego, que tem uns 150 metros de curso, é affluente do Pirapitinga que tem 20 a 30 metros de largo. O caminho entre Caldas Novas e Pirapitinga não offerece obstaculos á construcção de uma boa estrada de rodagem, e a natureza dos terrenos, como já notamos, consiste de schistos e arenitos, garantindo a sua facil conservação.

Actualmente a distancia entre Ipameri, o ponto mais proximo da Estrada de Ferro de Goyaz, é entre 60 a 65 kilometros. As estradas são boas e a construcção de um ramal da estrada de ferro ou de uma estrada de rodagem seria relativamente barata; o terreno é mui pouco accidentado, e as unicas obras de arte importantes seriam tres pontes; uma sobre o rio Corumbá, de 150 metros, com um vão central sobre a parte mais profunda do leito do rio de 50 metros, e outras menores aos lados onde ha rocha dura para assentar os pilares para supportar vãos menores. As demais pontes seriam de pequenas dimensões."

Chamamos a attenção da classe medica brasileira para o explendido sanatorio esquecido na formosa e saudavel região do Planalto Central, justamente agora que a medicina climatica vem contando tantos triumphos e que a campanha do saneamento dos sertões terá de demarcar seus vastos hospitaes regionaes.

Concorre igualmente ao lado do excellente factor cosmico a facilidade do transporte e a melhoria do indispensavel diario, depois que a E. F. de Goyaz levou seus trilhos á vizinhança da referida zona.

Que a pratica medica consiga, como alguns clinicos goyanos já têm experimentado, e com factos incontestaveis, comprovar todas as vantagens salutares attestadas pela sciencia depois das minuciosas analyses.

A cultura do algodoeiro em Goyaz

O algodoeiro vige e cresce magnifica e espontaneamente por toda a parte em Goyaz, principalmente para o norte do Estado.

E' tal seu desenvolvimento sem cultivo algum, em certas localidades, como, por exemplo, nas margens do Araguaya, que, segundo refere Couto Magalhães, fica desconhecido ás pessoas que visitam pela primeira vez o valle do grande rio. Nativo ou alienigena, certo é que desde principios do seculo passado a cultura do algodoeiro e a manufactura dos seus productos eram conhecidos e se faziam já na então capitania de Goyaz, a ponto do excedente do consumo local ser com vantagem exportado para Bahia e Rio de Janeiro, em tecidos, em rama, em fios ou novellos.

Nas suas *Reflexões sobre melhoramentos da Capitania de Goyaz* dizia em 1804 Dom Francisco de Assis Mascarenhas: "Goyaz já exporta algodão em rama, tecido grosso, tabaco, sola, couros, peloteria, farinha, carne secca, queijos, assucar e marmellada, aguardente, rapaduras; todos estes generos produzem no Pará de 30 a 300 por cento."

Informava Saint'Hilaire que em Meia Ponte uma arroba de algodão descaroçado custava 3$, e seu carreto em costados de burro era de 1$800 para S. Romão, na Bahia, e 2$ para o Rio de Janeiro, isso pelos annos de 1818-1819. Bom tempo esse, em que ninguem sonhava com as maravilhas das nossas estradas de ferro e mais as suas tarifas! tarifas que por euphemismo a gente se contenta com dizer prohibitivas da exportação dos productos de Goyaz.

Conhecida a superior qualidade do algodão cultivado na antiga capitania, pela provisão da junta do commercio de 25 de Julho de 1818, foi mandada estabelecer em Villa Bôa de Goyaz a Fabrica de Fiação e Tecelagem, que ali funccionou até o anno de 1828, pelo que se lê de um officio do governador Manoel Lino de Moraes, dirigido a Pedro de Araujo Lima, em que dá noticia da mesma fabrica e remettendo documentos sobre as despezas feitas. Esses documentos existem na Bibliotheca Nacional e mostram o desenvolvimento que teve outr'ora, em Goyaz, a producção do algodoeiro, que era transformado em tecidos preciosos.

Segundo Augusto de Saint'Hilaire, o celebre botanico francez, o algodão goyano excelle — pelo comprimento, alvura, brilho setinoso e finura das fibras, comparativamente ao de Minas Novas, então cotado como um dos melhores do Brasil.

E era mesmo preciso que assim o fosse — para que elle, tão amigo de Minas quanto inimigo de Goyaz, o dissesse, sem a costumada usura que lhe era peculiar, quando tratava das cousas da minha terra.

Qual seja a actual categoria dos algodões goyanos no mercado e nas manufacturas do paiz, não se póde dizer exactamente, porque delle não se occupam as nossas estatisticas commerciaes — mas é de suppor não seja inferior á dos que exportam os Estados nortistas, onde o sólo e o clima não são mais apropriados ao cultivo da neste momento tão preconizada planta, especialmente a que procede da feracissima região florestal chamada "Matto Grosso", onde é colhida seis mezes apenas depois do plantio, sem mais trato além da poda ou lá uma vez ou outra uma ligeira capina, se conserva vivaz e produz em abundancia durante annos, dando sempre lucrativas colheitas.

Nessa matta um alqueire plantado de algodoeiro produz 100 arrobas de algodão com sementes, e a arroba, descaroçada, produz

oito libras. Estes dados se nos deparam no livro de viagem do naturalista francez que vimos citando atraz.

Observações e experiencias mais recentes provam que nas terras goyanas, apezar da exploração rotineira, rudimentar e da falta de instrumentos agricolas aperfeiçoados, "um hectare plantado de algodão (4.600 pés por hectare) dá 2.165."

Existem nas capoeiras e terrenos outr'ora cultivados na serra de S. José de Tocantins abundante algodoal, em abandono, entregue á lei da natureza, e que ha muitos annos assim mesmo floresce e produz regularmente, graças ás condições especiaes do *habitat*. Nas épocas proprias, os habitantes daquellas immediações fazem ali compensadoras colheitas.

São algodoeiros de especie arborea, que naquelle estado selvagem dispensam a carpa e mesmo a necessaria poda, o que não succede noutras regiões onde esse *xilum* não se adapta assim tão maravilhosamente ao solo e clima. O mesmo se dá com os cafeeiros subespontaneos das mattas de Pilar e Trahiras, na mesma zona norte de Goyaz.

Occupando-se do cultivo da preciosa malvacea em Goyaz, escrevia Taunay: "O algodão é de superior qualidade, tanto no norte, margens do Araguaya e Tocantins, como no sul, onde a producção, pelo documento já citado (catalogo da exposição de 1873 — chegava annualmente a 180.595 kilogrammas, dos quaes tinham saida 15.495."

Em 1861 o activo e benemerito presidente J. M. Pereira de Alencastre, procurando satisfazer as vistas do governo imperial, tentou com exito a organização de uma estatistica das industrias então existentes na provincia que com tanto amor e desvellos administrava; e, creando em cada municipio uma commissão de homens conhecidos e intelligentes, obteve seguros dados, aliás e infelizmente incompletos, por faltarem os de alguns municipios e muitas freguezias.

Por essa estatistica — a mais digna de fé e igualmente a mais especificada de todas quantas alli foram tentadas, não só no antigo como tambem no actual regimen, vê-se que a industria de fiação ou tecelagem de algodão era representada por 1.555 teares, que produziam annualmente 37.468 varas de panno grosso, 12.816 ditas de panno fino, 200 ditas de riscado, 2.000 cobertores e 500 rêdes.

A producção annual de algodão era de 17.399 arrobas; a exportação ou vendagem orçava por 1.033 arrobas.

Alencastre lamentava que a falta de braços e de vias regulares de communicações tanto concorressem para uma não maior producção fabril e agricola da provincia. O algodão "daria prodigiosamente se em maior escala fosse cultivado", accrescentava.

Actualmente, pelas tabellas organizadas na secretaria de finanças do Estado, documentos ficticios, cheios de lacunas, a exportação goyana não excede de 1.000 kilogrammas de algodão em rama, e não se sabe absolutamente qual a producção nem o consumo do algodão manufacturado nos teares modelos primitivos, que lá funccionam ainda, como ha cem annos passados quando novellos de linha de algodão corriam no commercio como moeda fiduciaria.

HENRIQUE SILVA

Exploração do Rio Paranahyba

Relatorio do engenheiro Carlos Haas

Conclusão

Sahindo do rebojo o leito do rio se alarga paulatinamente, serpenteia e desepenha-se por entre blocos colossaes de conglomerato eruptivo e rochas acinzentadas de piçarra escalavradas, com picos agudos e quinas afiadas numa distancia de 6 kilometros até formar nova corredeira, curta, mas violenta, conhecida pelo nome de corredeira do Algodão. Passada esta corredeira que é relativamente facil de descer, visto ter canaes fundos, o rio corre calmamente e espraiado numa extensão de 20 kilometros até chegar ao ultimo impecilho adiante do Porto de Sta. Rita do Paranahyba. Esta corredeira, denominada C. da Ilha do Novato, embora curtissima, tem um declive forte formando uma quasi cachoeira em extenção de 60 e em outros braços de 80 metros de comprido; unindo-se os braços logo abaixo da corredeira, ha forte rebojo, mas finalmente o rio corre calmamente e sem impecilho algum mais de 25 kilometros até o porto de Sta. Rita do Paranahyba, o ponto terminal da nossa viagem.

Sobre a navegabilidade do trecho de perto de 200 kilometros de rio, comprehendido entre a ponte de Eng. Berthout até o porto de Sta. Rita do Paranahyba, em resumo se póde dizer o seguinte: aproximadamente 80 % desta distancia é francamente navegavel, ao passo que 20 % da mesma, para se tornar navegavel exige auxilio technico. Este consiste em primeiro logar em marcar os canaes do rio, que em tempo das enchentes são difficeis de encontrar, rebentar algumas pedras quo se encontram nestes canaes á força de explosivos e finalmente abrandar certas corredeiras alargando canaes ou diminuindo paulatinamente o declive dos mesmos.

Apezar de aparentemente muito serviço, a regularisação do leito póde ser feita com relativamente pouca despesa, pois muito favorece em tudo a qualidade de material a rebentar que é molle e a profundidade da agua que quasi em toda parte permitte deixar os destroços da pedra rebentada no fundo do leito do rio sem haver a necessidade de removel-as.

Apesar dos estudos insufficientes do rio para se poder apresentar um orçamento exacto, quer me parecer que a quantia de 350 a 400 contos é sufficiente para a regularisação completa do rio.

E' superfluo demonstrar, que esta despesa em comparação com os grandes lucros que se possam auferir com a navegação é quasi insignificamte, pois basta considerar só o intercambio commercial entre Uberabinha e Sta. Rita do Paranahyba.

Este intercambio é de 10 a 12 mil contos por anno podendo se contar 50 % do custo para frete, etc., isto é 5.000:000$000.

Cobrando apenas uma terça parte do custo actual dos fretes, ainda deixa á navegação 1.667:000$000 e isso é só o frete de Sta. Rita para Uberabinha e vice versa, não contando o commercio da Abbadia, Corumbahyba, Caldas Novas e finalmente o Triangulo Mineiro.

CARLOS HAAS

Glottologia americana

Em um precioso e recente livro M. Bréal, o espirito mais apurado de linguista contemporaneo, dedicou um longo capitulo ao estudo da sciencia das significações, onde se aufere certa tendencia á propria darwinisação da linguagem, dadas as condições de tempo, local, e *habitat* do apparecimento dos vocabulos.

Chegados ao ponto em que refere as *significações oppostas* que as palavras se reservam em classes sociaes diversas, lembramo-nos de um pequeno apontamento de carteira de viagem, fornecido amavelmente por um collega que fazia clinica em 1910 nos sertões de Goyaz. Contou-nos esse abnegado clinico que lhe fôra grande difficuldade interpretar, nos primeiros dias de nova residencia, o patuá dos bahianos mangabeiros; e sobre sua admiração leu-nos o seguinte bilhete de consulta que lhe fôra endereçado de uma barraca desses ousados aventureiros da borracha:

Sr. Curadôr.

Derrubei uma matula, a patrôa comeu uma agulha e appareceu-lhe uma sovela na barriga. Mande a coisama de curar. F.

Nosso collega operou a cura, mas nunca entendeu o bilhete allegorico do mestiço.

Alguns annos depois, estando de férias no doce retiro de uma fazenda limitrophe, no oriente goyano, conhecemos um velho professor da roça, de origem cabocla, cujos *conhecimentos de portuguez* tinham fama nas 50 leguas da vizinhança. Referimos-lhe a historia do bilhete e pedimos explicação.

— Seu doutor, tenho lido muitas *cartas de fóra* e advinhado muita lettra de chefe politico, pedindo voto aos eleitores. Talvez resolva essa *parabola*.

O mofento Coruja assestou no appendice nazal um par de oculos e mirou a mesma carteira de que agora desenthesouro o famoso bilhete e estas achegas de lembrança.

— Devéras, seu doutor, o sr. não sabe o significado desta *legenda*. E' um cumulo; pensei que os medicos soubessem mais portuguez. Dizem que na Côrte os professores têm uns enormes livros onde se lê tudo o que ha. Certamente os typographos pularam linhas do traslado, porque senão o sr. encontraria tudo no livro, tim-tim por tim-tim.

Escute lá o caso como é: *derrubei* uma *matula;* é a mesma cousa que matei uma vacca; *minha patrôa engoliu uma agulha*, isto é, a mulher do dito fez um guizado de costellas, tendo comido uma; *appareceu-lhe uma sovela*, quer dizer uma pontada na barriga (1); *mande a coisama de curar*, ou mande os remedios: raizadas ou garrafadas. E' cousa atôa.

Decididamente ficamos convencidos de que o homenzinho conhecia o portuguez da zona e mais ainda que a lingua nacional não podia

(1) No relatorio de viagem que o Dr. Arthur Neiva acaba de dar publicidade, lê-se que os sertanejos empregam a palavra indigena *pacuéra* como synonimo de barriga. E' uma inverdade como o distincto bacteriologista poderá verificar em B. Rohan e Ferreira Moitinho, os quaes colligiram o mesmo vocabulo com o significado — *de figado de qualquer animal*, especialmente o veado.

Opportunamente discutiremos a questão.

A. B.

ser unicamente aprendida nos laconicos entrechos das pretenciosas grammaticas...

De um anonymo, recebemos as seguintes linhas: "Li com interesse sua explicação da palavra — *caramurú*, assim como tambem me inteirei de seu methodo simples de interpretação. Como se traduzirá em vernaculo o irritante termo — *Caracú?*"

Embora não tenhamos inaugurado esta secção com pretenções de mestria, nem tão pouco aberto vazas a interrogações alheias, comtudo, a titulo de mero passa-tempo, vamos satisfazer a justificavel curiosidade de nosso consulente.

A' margem deste vocabulo tem surgido as hypotheses mais extravagantes e as opiniões mais desencontradas.

Que a palavra é de origem tupi-guarani não resta a menor sombra de duvidas.

O primeiro autor que consultamos diz: "nome dado a uma raça de bovideos caracterisados por seu pello lizo e curto".

Outro refere:

"*Caracú*, vem de Acarahú, no Norte, onde se criava uma raça especial de bovideos".

Por ahi os mais, emquanto os zootechnistas e os criadores continuam a pregar a excellencia do Caracú.

Entretanto não temos a menor difficuldade na explicação do termo, de que acceitamos a judiciosa interpretação dada pelo Prof. Eusebio de Abreu, collaborador desta revista, quando de uma feita visitamos o céo goyano.

O indio usava muitas vezes o criterio de comparação em sua nomenclatura: a abundancia do emprego da particula *an, semelhante a*, é o mais valioso attestado.

A's vezes a comparação advinha da similaridade dos caracteres morphicos ou physiologicos, como em: *tubarana, parecida com muitos* (individuo da ichthyofauna fluviatil cujos signaes anatomicos do exterior guardam confusão com muitos representantes do mesmo *habitat*); *curumatan*, ou melhor *cururumatan, parecido com sapo* (peixe cujo *habitat* preferido é a camada de limo do fundo das correntes); *caranha, tatarana*, etc.

Outras vezes, porém, a comparação se justificava por um só orgão, ou funcção desse orgão: *cunhan* e *cunhantain*, cuja decifração deixo aos curiosos.

A palavra *Caracú* é do caso. A secreção galactagoga foi o que impressionou o indio e immediatamente seu cerebro procurou uma expressão para designar o continente do util e preciso liquido.

D'ahi a comparação tão materialmente simples e que por isso tem embaraçado os philologos, os amigos da complexidade. *Caracú* traduz-se por — *lingua de cará, ou como o cará*. O selvagem nomeou o animal pela morphologia das tetas e sua semelhança com o rhysoma da conhecida planta.

Na verdade a implantação das tetas no ubere das femeas vaccuns tem certa analogia, ainda que grosseira, com a disposição do *caraguassú*, com sua raiz principal ao redor da qual se distribuem pequenas expansões, imitando dedos ou linguas, como na particula ultima do referido vocabulo.

Assim as propagadas origens do vocabulo *Caracú* são postas em duvida, desde que o designativo, como se vê da interpretação, pareço pertencer unicamente ás vaccas leiteiras e outras.

Demais a ausencia de tal vocabulo em todas as chronicas da colonia que fizeram referencia á introducção das raças domesticas no Brasil, augmenta nossa convicção.

Deixamos a opinião ao juizo da critica, e á recommendação de nosso anonymo.

A. B.

Em um dos nossos numeros, ao agradecermos a acolhida que a imprensa, tanto do paiz como do extrangeiro, nos fizera, — referimonos á estranheza que nos causou o silencio do jornalismo goyano. Até então, nem um periodico d'aquellas terras havia dado signal de vida, nesta redacção.

E por isso é com especial agrado que hoje retribuimos as visitas que nos fizeram O GOYAZ e o MUNICIPIO. Aquelle, que além de decano da imprensa goyana, traz em sua primeira pagina o nome de seu fundador, Felix de Bulhões, a mais clara affirmação jornalistica de todo o Hinter-land brasileiro.

Mas todos nos trouxeram, com seus applausos, o ar da propria terra goyana, que nos vem estimular e fortalecer na propaganda que fazemos para o engrandecimento daquellas regiões tão ricas e formosas.

Exploração do Rio das Mortes

(Conclusão)

No dia 25 ao meio-dia alcançámos o campo.

Subindo e descendo serras por entre os maiores perigos, tendo eu os pés inchados, bem como o alferes Povoa, cadete Edmundo, piloto Basilio e outros, fomos todos, no meio de uma campina enorme, cercados pelos ferozes *bororós coroados*, no dia 27, ás 3 horas da tarde.

A caravana não andava reunida, era dividida em grupos de dous ou tres, seguindo na frente aquelles mais fortes.

No alto de um espigão, quando procuravamos o rio, vimos á nossa frente e em distancia de 300 metros, approximadamente, pequenas columnas de fogo em diversos lugares, formando quasi um circulo no meio do qual nos achavamos.

Foi-nos facil conhecer logo o perigo e a necessidade de livrarmo-nos quanto antes de uma morte imminente.

Cercado pelas chammas, quem escapasse de morrer queimado ou asphyxiado, morreria á flecha ou a cacete, por isso, antes que o fogo tomasse proporções assustadoras, refugiamo-nos á barranca do rio, e meia hora depois estava todo o campo reduzido a uma gigantesca columna de fumo.

Nestas condições, subjugado pela fadiga, sem viveres, e perseguidos pelos selvagens, não me era possivel continuar a exploração, salvo se quizesse ser victimado, e o que é peior, carregaria com a enorme responsabilidade de ter sacrificado com a minha, muitas vidas e sem maior necessidade...

Accresce que eu nada mais adiantava em proveito do reconhecimento, porque do ponto onde chegamos para cima, é o rio perfeitamente conhecido.

O risco que corriamos subindo o rio, corriamos tambem voltando por terra, assim improvisamos nove jangadas de talos de burity, e no dia seguinte descemos.

Como signal que atteste a nossa chegada a esse ponto do rio, mandei fazer um roçado em frente a 4 pés de burityrana pendidos para o rio e bem no meio do roçado, no tronco de uma tarumã, gravei, a canivete, as minhas iniciaes acompanhadas da data do mez, dia da semana e anno.

Cheguei ao bote grande a 1 de Setembro.

Toda tripolação achava-se em condições as mais criticas que é possivel imaginar-se.

O aspecto consternado que apresentava ella, a tristeza infinda que se lia em seu semblante, fez-me comprehender que algum acontecimento triste alli tinha se dado.

Como de facto, no dia 30 de Agosto, ás 8 horas da manhã, fôra accommettida pelos selvicolas em numero de cincoenta e tantos, resultando a morte de um camarada e a perda de todo o armamento que fôra levado pelos assaltantes.

O facto deu-se da seguinte fórma: No dia 29 forão á caçada de porcos-queixadas os camaradas Antonio Leandro, José Antonio e José Pereira, e depois de andarem duas leguas, junto a uma serra, derão com os porcos e matárão tres.

Na volta deitárão fogo ao campo.

Na noite desse dia os cães que dormião com a tripolação dentro do bote, ancorado no meio do rio, não cessárão de ladrar.

Um dos indios chavantes que ahi ficára, com o instincto natural dos filhos dos selvas, disse aos companheiros que os *caboclos estavão perto olhando o bote.*

Não derão importancia a este prudente aviso, e no dia seguinte Leandro e José Antonio instão com José Pereira para nova caçada; recusando este acompanhal-os, declara que seu coração lhe dizia acontecer qualquer cousa (palavras textuaes).

A ingenuidade desta resposta, que envolvia um aviso da Providencia, provocou a hilaridade dos dous camaradas, á vista do que José Pereira decidio pela caçada.

Encostado o bote na margem direita, saltão em terra os tres caçadores e os tripolantes Raymundo Bispo e Pedro Rodrigues.

Não tinhão andado 200 metros, quando José Pereira olhando casualmente para trás avista os indios correndo ameaçadores na direcção em que se achavão.

Apossados pelo terror correm para a margem do rio, procurando na agua a salvação.

Pereira, perfeito nadador e o mais corredor de todos, chega primeiro ao barranco, mas em vez de atirar-se a agua, corre por este acima, afim de avisar a gente que ficou no bote e é quando dá de encontro com os selvagens que o cercárão pela frente.

Ferido por uma flechada no ventre, procura o rio e, embaraçando-se nos cipós, cahe, sendo então morto a cacete.

Os outros camaradas escapárão, atirando-se ao rio, e Leandro, correndo pela margem esquerda, chegou a tempo de salvar o bote.

Levárão os indios quatro espingardas de dous canos, um facão americano e um caldeirão.

Logo que soube do acontecimento, despachei as praças e alguns camaradas á procura do cadaver, encontrando elles apenas o lugar onde os coroados tinhão feito pouso.

Duas horas depois descemos e na primeira volta do rio avistámos o cadaver do desventurado.

Achava-se no alto do barranco deitado de costas e completamente nú, perna e braço direito encolhidos e quebrados.

Apresentava os seguintes ferimentos: uma flechada abaixo do umbigo do lado direito e quatro de cacete; na fonte, no queixo e dous no craneo, por onde saltárão os miolos.

Ao lado do cadaver estava o enorme cacete preso a elle a flecha que tudo vos apresentei.

Mandei sepulta-lo.

Concluindo esta parte do relatorio que vos apresento, rendo graças á Divina Providencia por nos ter feito voltar em occasião tão opportuna ao bote, onde ficára o deposito de viveres, nossas canastras, instrumentos, etc.

Um dia mais que demorassemos, elle seria destruido conjuntamente com os pobres tripolantes e então Deus sabe qual seria o nosso destino.

Relatorio apresentado ao governador do Estado de Goyaz Dr. Gustavo Adolfo Paixão, pelo engenheiro José Feliciano Rodrigues de Moraes.

2ª PARTE

Aspecto geral do rio, seus caracteres technicos, suas mattas e campos

Divido o rio em tres secções: a primeira da foz até o travessão, a segunda deste até a barra de um ribeirão que denominei — Dr. Paixão — e a terceira a partir deste ponto.

Conhecido pelo nome de rio Manso desde as suas mais altas vertentes e das Mortes a partir de sua primeira secção encachoeirado, entra elle por dous grandes braços na margem esquerda do Araguaya com um desenvolvimento de 200 leguas approximadamente.

Sua direcção geral é de NO, embora muitas vezes procure os ramos N.e O. devido ás sinuosidades do seu curso.

Sua largura varia entre 90 e 450 metros e raras vezes diminue a 50. Na estiagem as suas aguas são crystallinas, de modo a ver-se perfeitamente o alveo do rio em uma profundidade de dois metros.

Na primeira secção o rio é francamente navegavel e a declividade média de suas aguas é de 0,068 por kilometro; na segunda, travessões e corredeiras, é 0,990 — trecho encachoeirado é de 5,425. A velocidade nas secções não encachoeiradas é de 0,583 por kilometro.

Na primeira e terceira secções a profundidade na linha do *thalweg* nunca é menor de 1,50, attingindo muitas vezes a 4,0, na segunda logo abaixo de um salto ou cachoeira alcança a 15,0.

Nas enchentes o rio sóbe a 2,55 ácima da estiagem de modo que muitos obstaculos, que impedem a navegação em Setembro, podem desapparecer nas enchentes e mesmo nas aguas médias.

As sinuosidades que muitas vezes apresenta, não constituem obstaculo á navegação.

O seu despendio nas aguas médias é de 352,706 e na estiagem é de 222,747.

Na primeira secção o leito do rio é formado de arêa.

Comparando as secções transversaes determinadas em épocas diversas nos dous braços do rio, nota-se a modificação que soffreu a linha do *thalweg* em ambos e em tempo relativamente pequeno, isto é, de Julho a Setembro, sem que houvesse enchente, que é a causa principal das variações dos regimens dos rios; essa modificação é portanto devida á formação do leito.

Sabe-se que quando a velocidade da corrente excede a 0,50, a arêa é conduzida em turbilha e parte vai-se depositando nos lugares onde ha decrescimento de velocidade, decrescimento muitas vezes produzido pelo alargamento da secção normal do rio; mas tendo esta nos dous braços se conserva constante, o phenomeno explica-se pela variação de velocidade na mesma secção.

Se o braço direito do rio por onde subimos em Julho apresentou em Setembro uma profundidade maior de 1,50 e menor de 1,40, em uma distancia na secção de 45 metros, essa profundidade, combinada com a largura do canal, seria mais que sufficiente para uma bôa navegação, se logo abaixo do ponto em que foi determinado não tivesse formado um banco que lhe toma toda a caixa, deixando apenas junto á margem direita um estreitissmo canal que de todo não se póde aproveitar; entretanto o seu braço esquerdo em distancia de 43 metros na mesma secção offerece uma profundidade maxima de 2,33 e minima de 1,50, profundidade que se torna muitas vezes maior á proporção que vai se approximando de sua embocadura no Araguaya.

Assim em extrema estiagem só é navegavel o braço esquerdo.

Diz o eminente engenheiro M. Roberts que os bancos de arêa constituem um mal á navegação, no rio das Mortes, entretanto, pelo seu grande despendio e enorme largura, elles contribuem para a formação dos canaes

Na segunda secção e parte da terceira é o rio mais estreito sendo o seu leito formado de cascalho fino e grosso.

Effectuados os melhoramentos necessarios nestas secções, o canal será sempre constante, não podendo haver receio de mudança do *thalweg*.

Cento e dezeseis leguas acima da foz o despendio do rio é de 212,834 por segundo.

Até ás cachoeiras tem o rio seis tributarios, além de pequenos corregos, e todos de pouca importancia.

O primeiro na margem esquerda, denominado pelo capitão Tupy — Triumpho — desprende na estiagem 1,770 por segundo;

O segundo na margem direita 29m3,171;

O terceiro na margem esquerda 2m3,128;

O quarto na mesma margem 4m3,726;

O quinto — Santo Antonio — margem esquerda 20m3,389 e finalmente o sexto por mim denominado — Dr. Paixão — margem direita 12m3,241.

Acima das cachoeiras até o ponto onde cheguei recebe elle as aguas de seis corregos na margem direita e na margem esquerda de um.

Na parte francamente navegavel do rio, os barrancos são constituidos por camadas de argila e arêa superpostas, dando lugar ás erosões e portanto o alargamento de sua secção normal; ao contrario das outras secções em que são elles formados, ora de pedra solta e argila, ora de outras rochas.

O leito do rio é dirigido geralmente por entre mattas e campos e na parte mais elevada por campos limpos e cerrados altos.

As mattas que se desenvolvem á custa de abundante seiva apresentam condições as mais favoraveis á cultura nos lugares em que não são susceptiveis de alagamento.

N'ellas encontra-se não pequena quantidade de madeira de construcção, como sejão — o cedro (*cedrella Brasiliensis*), a aroeira (*astronium*), a peroba (*aspidoperna peroba*), o vinhatico (*eclyras permum balthasari*), o ipê (*tecoma speciosa*), aqui conhecidos por páo d'arco, e outras mais.

Acima do primeiro travessão, isto é, 70 leguas distante de sua foz, apresenta o rio todo o seu thesouro vegetal e as condições especiaes para fundação de estabelecimentos agricolas e industriaes.

A agua ahi corre em abundancia extraordinaria, ora sob a apparencia de um ribeirão, ora de um corrego e finalmente de um regato.

São fontes perennes, tendo as suas nascentes nas serras altas que acompanham o rio. Todas são de uma pureza extraordinaria e de sabor agradavel.

Os campos são magnificos e cortados por extensas veredas de burityx, offerecendo condições as mais favoraveis á industria pastoril. A criação do gado vaccum e cavallar terá nessas privilegiadas regiões grande desenvolvimento, e todo sacrificio que se fizer para fundação de uma fazenda de criar em grande escala será em poucos annos largamente compensado.

Não é diamantino o rio.

Durante o tempo em que estive ausente da lancha (um mez e seis dias) o commandante, que é pratico e entendido em negocio de mineração, trabalhou durante vinte dias em diversos pontos do rio sem resultado absolutamente nenhum.

Na lavagem do cascalho tambem não achou ouro.

A declinação da agulha na sua foz é de 1,30 para E.

COMO FORÃO FEITOS OS ESTUDOS, CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MELHORAMENTOS E CLASSIFICAÇÃO DAS PEDRAS

No levantamento da planta geral não houve e nem podia haver grande rigor pelo pouco tempo que eu dispunha, não acontecendo o mesmo como os levantamentos especiaes de todas as cachoeiras, travessões e corredeiras, que obstruem a navegação, nos quaes tive sempre toda cautela e não pequeno escrupulo.

As pedras existentes nas cartas assim levantadas, têm sua posição correspondente no rio.

A extensão deste, na primeira secção, foi medida pela velocidade da lancha e na segunda pela do bote.

Essa velocidade eu a obtinha do seguinte modo:

Todos os dias marcava em uma das margens do rio uma distancia de 150 a 200 metros, mais ou menos, parallela ao canal.

Por meio do theodolito determinava pontos correspondentes na margem opposta, onde collocava balizas.

Um observador, com um relogio de segundos, perfeitamente regulado com o unico chronometro que dispunha, collocava-se em uma das extremidades da linha medida no terreno e marcava a hora da passagem por entre as balizas da lancha ou do bote e eu na outra extremidade com o theodolito notava o tempo da passagem pelos reticulos.

Conhecida a distancia e tempo gasto em percorrêl-a, tinha a velocidade.

Repetia esta operação diversas vezes no dia e depois tomava a média.

A lancha nunca se punha em movimento senão com uma pressão constante de 38 libras e o bote com todos os remadores.

Obtida a distancia por este processo, não póde ella apresentar grande rigôr, mas em todo caso inspira certo grão de confiança.

Algumas corredeiras de pouca importancia, eu as representei por meio de croquis, guardando todos, entretanto, a proporção da escala.

A largura do rio determinei por meio de simples triangulação.

O seu dispendio, por perfis transversaes em lugares onde elle tinha certa uniformidade de declive e de secção.

A velocidade na superficie por meio de fluctuadores e a declividade das margens, secções transversaes, travessões, cachoeiras, etc., empregando o nivel de Gurley.

Nos melhoramentos indicados tive sempre por guia obras de igual natureza que forão aconselhadas pelo notavel engenheiro M. Roberts, quando fez a exploração do rio S. Francisco.

Bem sei que esta harmonia deveria existir e seria mesmo indispensavel se a navegação do rio das Mortes fosse o prolongamento da do S. Francisco. Embora não haja a ligação entre os dous grandes rios, comtudo julguei conveniente acompanhar as lições e os conceitos do grande mestre.

As obras projectadas, em lugares susceptiveis de melhoramentos, consistem na eliminação das pedras que obstruem o canal, empregando-

se algumas vezes minas e no fechamento de falsas passagens por meio de simples enrocamentos.

Em geral, as pedras que formão as cachoeiras, passos perigosos e travessões do rio podem ser assim classificadas:

1ª cachoeira e travessões immediatos — *Quartzo consmcn, caracterisados, por gcodos, amostras que são formadas por uma substancia de fraca transparencia e civada de materias estranhas, nas quaes se acham incrustadas prismas exagonaes de quartzo hyalino, coroados por pyramides.* Familia dos quartzosos.

Travessão abaixo da 1ª cachoeira — *Silex grosseiro, muito pouco translucido,* mineral da familia dos quartzos.

2ª cachoeira *Quartzito, rocha da classe dos quartzados.*

3ª cachoeira — *Gres (arkose) quartzo sem mica — rocha arenosa.*

Salto dos Araés — *Shisto argiloso, rocha adelogina, de côr pardacenta.*

Julgo não ter sido exagerado quando tomei 17$300 para o preço do metro cubico da extracção de rocha.

TERCEIRA PARTE

Melhoramentos

1ª *corredeira* — E' formada por um travessão de pedras soltas (quartzo) que vai de uma a outra margem do rio.

São immersas, ainda mesmo na estiagem.

Tem dous canaes, um com 30 metros de largura e outro com 24.

A velocidade na superficie do canal maior é de 2,428 por segundo e a do menor é de 2,160.

A menor profundidade do primeiro é de 1,480 e a do segundo de 1,150.

A lancha subiu pelo canal menor.

O melhoramento aqui a fazer seria a dragagem no canal maior, afim de diminuir a velocidade da corrente; mas desde que M. Roberts julga ainda favoravel á navegação a vapor a velocidade de 2,50, nenhum trabalho aconselharei aqui.

Noventa e seis kilometros distante existe a

3ª *corredeira* — E' formada por dous travessões que não tomam toda a caixa do rio, como mostra a planta n. 1.

Os canaes são na margem esquerda com duas corredeiras, A¹ e B¹.

A velocidade na superficie da primeira é de 1,428 por segundo; da segunda de 1,666.

A largura do canal A¹ é de 45 metros, e do canal B¹ de 31.

A menor profundidade deste canal é de 1,18 junto ás pedras D e C.

Não obstante a largura do segundo canal julgo conveniente arrazar parte das pedras D, C e A.

A primeira é immersa.

O vapor na descida, impellido pela força da corrente poderá ir de encontro a ella.

A despeza importa:

Pedra B — 14,0,4 — 1,50 — 84,0 a 17$300, 1:453$200.

Dita C — 7.1. 1,50 = 10.50, 181$650.

Dita A 9. — 3,1,50 = 40,50, 700$650.

A lancha ficou neste ponto, porque receiaram os praticos que se arrebentasse o cabo podia ir ella de encontro á pedra D.

A partir da primeira corredeira o rio acompanha sempre com maior ou menor afastamento uma serra bastante alta, azul, e della se desvia logo na embocadura do 3° affluente.

Acredito ser esta a serra do *Roncador*, que divide as aguas do rio das Mortes com as do *Xingú*.

As corredeiras que existem nesta secção, são irradiações da mesma serra.

Doze kilometros distante desta corredeira encontramos uma outra que, além de offerecer canal bastante largo, a sua velocidade é relativamente pequena, pois o bote a venceu somente impulsionado por varejões.

Além 6,600 kilometros o rio bifurca-se formando uma ilha.

No braço esquerdo maior parece a 3ª *corredeira* — Não existindo o canal franco, é necessario eliminar as pedras A e B, e como a profundidade ahi é pequena torna-se necessario fazer-se um enrocamento segundo a linha C, afim de que a agua que por alli passa procure o canal desobstruido.

Pedra A 12.4. 1,50 = 720	1:245$600
Dita B 11.8. 1,50 = 132.0	2:283$600
30.m03 de enrocamento a 6$500	195$000

Partindo desta corredeira o rio estreita-se consideravelmente, apresentando uma largura de 50 metros e uma profundidade extraordinaria.

4ª *corredeira* — E' formada por pedras que partem de ambas as margens, chegando até certa distancia do meio do rio.

O canal é franco, sendo 2,28 a menor profundidade.

A velocidade da agua na superficie é 1,250 por segundo.

Não precisa obras de melhoramento.

5ª *corredeira* — Apresenta dous canaes, um encostado á margem esquerda e outro bem no meio do rio.

O da margem esquerda, além de ter pouca agua, tem na sua frente um banco de cascalho.

Deve-se aproveitar o segundo canal, destruindo a ponta do travessão A.

O volume a extrahir é de 35,m03, que importa em 605$500.

Partindo desta corredeira e em distancia de um kilometro approximadamente, encontra-se uma outra que embora offereça no meio do rio canal franco e com profundidade sufficiente, fomos comtudo forçados a passar o bote grande pela margem direita por meio de cabos e descarregado.

A velocidade na superficie é 1,520. Ahi encontramos signaes da passagem do capitão Tupy e em uma praia na margem esquerda as praças José Pereira e Antonio Pedro viram rastros frescos de indios.

6ª *corredeira* — A velocidade na superficie é 2,50.

Tem um unico canal de 37,40 metros que comprehende toda a secção do rio.

Logo abaixo é um poço de grande profundidade.

Não existem pedras que embaracem a navegação.

7ª *corredeira* — Tambem não apresenta obstaculo.

A menor profundidade encontrada é 1,06. As pedras que partem da margem direita não obstruem o canal na margem esquerda.

8ª *corredeira* — E' formada pelos travessões de pedra como mostra a planta e com as corredeiras A., B., C. e D.

A velocidade da primeira é de 1,693; da segunda, 2,20 e da terceira, de 2,10.

A largura do canal em A é de 40,0 metro; em B. de 37,0; em C. e em D. de 30,0.

Pirarucú do Araguaya

Riqueza ignorada

O director do Serviço de Informações acaba de apresentar ao Sr. ministro da Agricultura um memorial sobre a intensificação da pesca e o cosumo do peixe nacional — trabalhinho este que é bem a prova provada de que aquelle senhor anda aos grillos no respeitante ás causas que lhe estão affectas no ministerio da Praia Vermelha.

Dando em resumo os informes do Sr. Affonso Costa, a nossa collega "A Noite" completou-os magnificamente: dando como a do chamado bacalháo nacional a estampa de um peixe que nunca foi Pirarucú em parte alguma.

Entre outras "providencias", lembra o autor do memorial a de entender-se o governo federal com o do Estado do Amazonas no sentido de serem intensificadas a pesca e a salga do Pirarucú pelos processo mais modernos...

Se o Sr. Costa não ignorasse que devido á matança a torto e a direito que se faz na Amazonia do "Arapaima gigas" este vem de ha muito desapparecendo das aguas do rio-mar, com tendencias á extincção completa, teria prestado melhores informes ao illustre Sr. Pereira Lima — pedindo providencias immediatas, quanto antes, no sentido de ser poupada ao Amazonas tamanha desgraça como seria a intensificação alli da pesca pelos processos mais modernos...

Imaginem o estrago irreparavel que resultaria da entrada nos lagos amazonenses de uma "otter-tranwl" (rêdes de fundo). Estes apparelhos é que constituem os processos mais modernos da pesca industrial.

Porque o director do Serviço de Informações não lembrou ao ministro que em nenhuma região brasileira existe tanta quantidade de Pirarucú como nos lagos do Araguaya?

Esta affirmativa podia ser feita. Por ella respondem as obras dos que tanto conheceram o interior do paiz como tambem a Amazonia: Castelnau e Couto de Magalhães, só para citar dois nomes dos mais autorizados.

O chefe da "Expedição scientifica ás partes centraes da America do Sul" assistiu á pesca, em poucos minutos, de tres enormes Pirarucús num dos lagos do Araguaya. Pesavam, em média, 150 kilogrammas!

O autor da "Viagem ao Araguaya" não viu, nas suas demoradas estadias no Pará e no Amazonas, Pirarucús que excedessem em peso e em dimensões aos por elle pescados no magnifico rio goyano.

Para se fazer idéa da abundancia do gigantesco peixe nos lagos marginaes do Araguaya, e estes se contam por myriades, basta dizer que elles nunca foram explorados commercialmente.

Ha tambem no Araguaya um peixe affim do Pirarucú — o Aruanã (*Osteglossum bicirrhosum*) que se presta ao mesmo fim industrial.

Campanha opportuna

Em o numero dois desta futurosa publicação, sob a epigraphe "A bancarrota do Saneamento do Estado" o Dr. Ayres da Silva trata deste assumpto e conclue prenunciando o fracasso da campanha levantada com esse objectivo, ante o grande, o maximo escolho em que vão quebrar-se os surtos do progresso brasileiro — a falta de transporte.

No terceiro numero proseguindo na patriotica e util tarefa de reclamar contra essa falta, aborda o problema do transporte; e, mostrando que o remedio para o mal não é tão difficil como se propala, aponta uma solução que está bem á vista: a que offerece a rica e extensa rêde fluvial que possue o Estado.

O Dr. Ayres além de estar representando Goyaz na Camara Federal, é filho de lá; tem vivido e viajado pelas terras sertanejas, e percorrido tambem as de outros Estados e tratado com os seus habitantes. Conhece, portanto, *de visu* as necessidades do sertão, cujas difficuldades muitas vezes teve de enfrentar, percebendo que provém quasi todas da falta de transporte.

E', pois, mais uma voz autorizada que aponta como sendo a causa de tantos males a falta de transporte, que não se comprehende como ainda não foi remediada; e reclama contra a persistencia desta falta.

Realmente esta falha essencial do apparelhamento nacional — a falta de transporte — tão antiga, isto é, desde ha muito sentida e tantas vezes apontada e reconhecida, é o obstaculo primordial que se antepõe a qualquer emprehendimento e contra o qual vae bater e deter-se qualquer tentativa de progresso e desenvolvimento do interior do paiz e forçosamente de Goyaz, por motivo de sua posição.

Sempre julguei do maior interesse para a minha terra natal a questão de transporte.

Não havia, pois, de passar-me despercebida essa campanha que valentemente se inicia para a resolver. Eis porque não pude furtar-me ao impeto de, ao menos, manifestar os meus votos para que se prosiga nessa cruzada meritoria. A essa reclamação justa é preciso se junctarem outras e insistentes, até que providencias efficazes assegurem a realisação de medidas proficuas para o supprimento da falta.

Desde quando estudante, apesar das preoccupações idealistas proprias a essa phase da vida, eu cogitava da questão de transporte para Goyaz. Em dias deste mez, de 1889, noticiando e justificando a revolução de 15 de Novembro, eu escrevia a alguns parentes meus que um dos beneficios da Republica era dar a Goyaz uma via ferrea dentro de pouco tempo. Tão sensivel era já a falta de meios de transporte, que eu assim me pronunciava, julgando a solução do problema uma condição preliminar e indispensavel ao desenvolvimento da ex-Provincia. E certo estava que o Governo republicano o resolveria breve.

Mas eu então, me enganava, crendo que esse e outros problemas já opportunos fossem logo atacados e resolvidos. Era victima de uma verdadeira miragem.

Ao fulgor dos ideaes que luziram em 89 e sob o calor da emoção que o advento de uma aspiração carinhosamente alimentada produz, via muito mais perto a effectivação de outros anhelos, que se aninhavam na alma de republicano. E no emtanto, a época de sua realisação ainda estava muito além, exigindo bastante tempo para que o objecto delles se nos apresentasse em facto real. Tinhamos ainda que fazer muitas voltas em torno do sol para os obter. Abaixo que fôra o throno, julgado o obice mais proximo ao progresso do paiz, parecia que as aspirações nacionaes iriam sendo satisfeitas; e as faltas e males notados teriam supprimento e remedio. Mas, esses defeitos não podiam ser eliminados tão rapidamente como por força de tanto se desejar parecia possivel.

O adiantamento do povo ainda estava muito áquem do ponto que o patriotismo queria que se houvesse alcançado.

E os Governos, só excepcionalmente, destoam do commum occorrendo até congregarem ás vezes as forças retrogradas.

Passados os primeiros dias, foi-se voltando ás normas e praxes antigas e as preoccupações politicas foram absorvendo novamente os dirigentes. Entretanto, a Constituinte que ainda encontrou o ambiente impregnado das ideias dominantes a 15 de Novembro e corporificadas nas instituições republicanas, graças á acção de Benjamin Constant, consagrou na carta magna além de tantas medidas de alto alcance, a providencia benefica da mudança da Capital Federal para o planalto Central. Mas tão longe ficava ainda a vez de se realisar essa medida, que mesmo hoje, parece absurda a muita gente essa ideia.

Ahi, estava nessa medida uma promessa formal de estrada de ferro para Goyaz.

E' por isso que o goyano, que sente a solidariedade nacional, comprehendendo bem que é brasileiro antes de tudo, aceitou o ver a sua terra extremada destituida da bellissima região demarcada para ser o futuro Districto Federal.

Percebeu que o Brasil, Patria de todos nós, lucraria muito com a collocação de sua Capital na valiosa quadra do seu Estado, e que d'ahi tambem lhe resultariam beneficios. E aos filhos da terra de Anhanguera, já parecia coisa certa o surgimento da estrada de ferro no seu Estado, consequencia necessaria que era da mudança da Capital e já uma compensação para Goyaz.

(Continúa.)

J. J. CURADO.

Argentina "versus" Brasil

Verdades necessarias

BUENOS AIRES, 29 (A. A.) — Chegaram a esta capital varios caciques do territorio nacional do Chaco, que vêm annunciar ao governo que podem pôr á disposição do mesmo 7.000 indios daquella região para auxiliar o trabalho das colheitas.

(*Dos jornaes*).

A nossa adiantada vizinha tem uma população selvicola infinitamente menor do que a nossa, não tem Rondons, não pensou nunca em organizar o servicinho que é a nossa protecção aos indios e localização de trabalhadores nacionaes, não poz em tempo algum o seu disciplinado exercito ao serviço da catecheze leiga ou positivista: antes, já o enviou á Patagonia, ao Chaco com o intuito com que lá foi de uma feita o illustre patriota de verdade que era o general Julio Roca.

Pois bem: na Argentina, os indigenas, que não enriquecem os seus protectores e nem empobrecem a nação, é que vêm pelos seus caciques, nesta grave emergencia mundial, se offerecer á nação para fazer a safra deste anno.

— E os do Brazil ?

— Continuam nomades, vivendo preguiçosamente da caça e da pesca, e dos enormes auxilios que a Commissão Rondon fornece, auxilios estes tirados ao suor dos brazileiros trabalhadores — mas não localizados...

A proposito da fantastica localização de trabalhadores nacionaes, que fazem elles ?

— Consomem generos alimenticios, instrumentos, roupas e o que é mais, a gratificação em dinheiro que a Inspectoria de Indios lhes manda pagar por conta das verbas annualmente votadas pelo Congresso Nacional nesta phase de premente carestia da vida.

Razão, pois, tinha o *Jornal do Commercio*, quando ha tres annos atraz, tratando do nosso assumpto, advertia: "Já é tempo de termos juizo e de não supportar e manter esses absurdos."

Os absurdos a que se referia o grande orgão da opinião nacional eram estes precisamente: "a construcção da tal linha *estrategica* telegraphica Juruema-Santo Antonio do Madeira, o serviço de protecção aos indios e de localização de trabalhadores nacionaes."

Depois de estabelecida a rêde de telegraphia sem fio, resultou inutil aquelle sorvedouro de dinheiro, os Nhambiquaras continuam a massacrar não só os funccionarios da linha como os civilizados que ingenuamente os acreditavam catechizados, e os trabalhadores nacionaes só apparecem... nas folhas de pagamentos.

COMPANHIA NACIONAL DE CARNE EXANGUE

Em organisação para explorar o processo privilegiado "MENDES FRANCO"

O mais aperfeiçoado processo para abater rezes, quer para consumo immediato, quer pára frigorificação ou salga. Por este processo se obtem a completa eliminação do resto do sangue que fica nos vasos apoz a sangria commum, removendo com elle as substancias toxicas e germens que, além de nocivos á saude, acceleram a putrefacção da carne.

A eliminação do sangue se consegue por uma lavagem vascular sob pressão, em que se emprega uma solução isotonica, previamente esterilisada.

THE ATTENTION OF THOSE INTERESTED IN THE CATTLE AND MEAT BUSINESS IN BRAZIL IS CALLED TO THIS MOST WONDERFUL IMPROVEMENT IN THE PREPARATION OF BEEF FOR LOCAL CONSUMPTION AND EXPORTATION.

Os prospectos da companhia podem ser procurados no escriptorio da "Brazil-Ferro-Carril", Avenida Rio Branco 117-3°, (Ed. do Jornal do Commercio) ou com os incorporadores abaixo mencionados:

GABRIEL TEIXEIRA MARINHO, commerciante; Rua Theophilo Ottoni, 74

RODOLPHO FERNANDES MACEDO, advogado; Rua do Rosario, 62

ANTONIO FELIX DE BULHÕES NATAL, advogado; Rua do Rosario, 76

MARIO W. TEBYRIÇÁ, engenheiro; Avenida Rio Branco, 109-6° andar

A FLORA MEDICINAL

GRANDE DEPOSITO

— de plantas medicinaes —

de rica flora brasileira para tratamentos de todas as molestias

O tratamento pelas plantas é a medicina mais racional que cura, previne e garante a saude e o vigor do corpo

Esta casa está habilitada a fornecer qualquer quantidade de plantas para exportação

J. Monteiro da Silva & C.

RUA DE S. PEDRO, 38

Entre Quitanda e Candelaria

Teleph. 534 Norte — Rio de Janeiro

Loterias da Capital Federal

Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1|2 horas e aos sabbados ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy, 45.

Todos os dias extracções de importantes planos

Por 56$ em octogesimos a 700 réis

Este importante plano além do premio maior, distribue outros premios de 100:000$, 20:000$, 10:000$, 5:000$, 2:000$, 1:000$ e 480$000.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais $700 para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do Ouvidor, n. 94, caixa n. 817, teleg. LUSVEL e a casa F. Guimarães, rua do Rosario n. 71, esquina do becco das Cancellas, caixa do Correio n. 1.272.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, Illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1918 — VOL. I—N. 7

ESTA REVISTA, DISPONDO DE CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES LOCALIDADES GOYANAS, PRESTA INFORMAÇÕES A' RUA FIGUEIREDO 63, MEYER, AOS CAPITALISTAS, COMMERCIANTES, INDUSTRIAES, AGRICULTORES, CRIADORES, ETC., SOBRE QUAESQUER ASSUMPTOS QUE OS POSSAM INTERESSAR NO TOCANTE A'S POSSIBILIDADES ECONOMICAS DO ESTADO CENTRAL DA REPUBLICA.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, Illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1918 — VOL. I—N. 7

SUMMARIO

O BRASIL CENTRAL

Tive em minha vida a feliz occasião de visitar as terras elevadas do Brasil Central, em 1892, 1894 e 1895, e puz em contribuição os conhecimentos que no correr de alguns annos tenho adquirido na leitura e estudo das cousas que dizem respeito á minha patria.

Embora pequena seja a somma dos meus conhecimentos, todavia o puro sentimento de patriotismo que me levou a tão longinquas paragens fêl-a avultar diante da farta mésse de elementos de observação; assim prestei toda a attenção ao estudo da geographia physica e geologica, da fauna e flora, da pathologia particularmente, da climatologia ao aspecto do paiz no tocante á facilidade de communicações e condições naturaes favoraveis ao desenvolvimento e relações dessa com outras zonas do Brasil e com as demais nações.

Sem duvida os estudos iniciaes e a preparação de planos deste tentamen requerem, além de certa somma de conhecimentos reaes e um espirito patriotico desabusado e sem prejuizos nem timidez, muita assiduidade e grande trabalho util; sem duvida, a sua execução, nos menores detalhes é circumstancias particulares, além do tempo, requer tambem maiores trabalhos e avultados dispendios, que feitos economicamente serão ao depois largamente compensados pelos seus resultados fecundos.

Destes examinemos alguns em poucas palavras, pois pertencem a ulterior discussão.

O consequente conhecimento da fertilidade das terras de uma vastissima região saudavel, ainda hoje quasi totalmente desconhecida, abrirá uma nova época para os grandes interesses das industrias apropriadas ao nosso paiz e da agricultura, que tomará feição mais scientifica, mais civilisada pela orentação differente da actual.

O renascimento da agricultura e de nossas industrias tambem, sem qualquer outro auxilio talvez virá minorar, posso dizer mesmo extinguir, os effeitos da crise economica que ha longos annos assoberba o Brasil; o que, sem contestação, por sua vez porá termo á crise financeira daquella emanada.

Virá á luz do dia a navegação interior em dilatados limites, e as pequenas distancias de algumas dezenas de kilometros entre os pontos navegaveis dos rios do Norte, do Sul e do Nascente serão rapidamente vencidas por estradas de ferro electricas, que receberão o movimento das possantes, magestosas e infinitas cascatas e catadupas espalhadas por todo o interior do Brasil ou pela aeronave.

A mineração tomará novo impulso, mais intelligente e economico, num sólo abundante de preciosos mineraes.

Emfim, será uma verdade por todo o mundo reconhecida a salubridade do Brasil Central ora sacrificada (como a salubridade do Brasil inteiro) pela insalubridade accidental do Rio de Janeiro.

Mas, nesse emprehendimento gigantesco, entre outros porventura de beneficiar o nosso paiz ainda novo, rico é quasi inexplorado, é que está o melhor dos merecimentos dos que governarem o Brasil, sem outro interesse senão a nobre ambição de servir utilmente á Patria e de promover o seu poder e a sua grandeza.

O governo que isto realizar merecerá louvores e agradecimentos da posteridade e iniciará a éra do desenvolvimento vital de todas as artes é industrias deste paiz.

Antes de concluir esta preliminar, devo expôr em poucas palavras a profunda impressão em mim produzida por tão excepcional região, certamente a mais interessante do grande *araxá* brasileiro.

O que corre mundo de impresso sobre os altos massiços centraes do Brasil tem muita cousa de fantasia e de romance, conforme o viajante percorreu o Brasil Central na estação secca, (1) em que tudo é bello, agradavel, encantador mesmo, ou na estação chuvosa, em que se observa o contrario.

A época das chuvas, para quem viaja a cavallo, é realmente tempo de difficuldades, contrariedades, atrazos, aborrecimentos e até de perigo.

Basta, por exemplo, citar o facto de que um corrego pequeno póde, em poucas horas, transformar-se em rapida e caudalosa corrente, subindo as aguas, ás vezes, dous é tres metros ou mais, e impedir a viagem um ou dous dias, em logar sem abrigo nem conforto; a poeira finissima das estradas converte-se em lama escorregadia de grandes e muitas vezes fundos atoleiros, mais incommodos de se vencer do que perigosos, etc.

Eu gozei os regalos do tempo secco e soffri os incommodos do tempo chuvoso.

As aguas, apezar disto, mantêm-se excellentes, a salubridade proverbial, as perspectivas, a cada momento mudando-se, encantam a alma do observador em cujo peito bate um coração patriota.

As molestias que vi no planalto são molestias banaes, que existem por toda a parte e que, regra geral, deverão desapparecer com o advento da civilisação nessas gratas paragens; a morphéa encontrará nas Caldas de Pirapetinga e Caldas Novas e Velhas, e nas Thermas de Cavalcante em Goyaz, o lenitivo senão a cura: a terrivel syphilis, que innumeras vezes leva poderoso auxilio á cachexia pachydermica, ao bocio, etc, e estabelece por conta propria um coefficiente de degenearção morbida variavel, será supplantada pela pratica dos dictames da sciencia moderna; e para o universal paludismo ha, como prova do que valem o saneamento e a hygiene das cidades e paizes adiantados, scientifica e intelligentemente conduzidos, a cidade de Londres, que no começo do XIX seculo contava de paludismo um quinto do seu obituario geral, e ha mais de cincoenta annos raramente nota um ou outro caso de morte por esta molestia; e, em maior escala, a Hollanda, uma das mais saudaveis nações da Europa, conquistada palmo a palmo aos nateiros do mar do Norte e dos seus grandes rios.

Sempre tenho dito, e essa crença já creou raizes fundas no meu animo, que o Brasil Central é um verdadeiro paraiso; que, se no mundo houve, nos tempos historicos primordiaes, como reza a escriptura sagrada, um paraiso de delicias e vida longa, esse paraiso não existiu na Mesopotamia, entre o Euphrates e o Tigre, não; mas, de certo, na porção mais central das terras elevadas do meu caro Brasil.

"*Credundum est Paradisum in temperatissimo loco esse constitutum, vel sub AEquinoctiali, vel alibi*. S. Thomaz, 1 p. 9, 102, a. 2 ad quart."

DR. ANTONIO MARTINS DE AZEVEDO PIMENTEL,

Medico hygienista da Commissão Exploradora do Planalto Central de Goyaz.

N. R.— (1) Todos os viajantes e chronistas que trataram das estações do anno em Goyaz escreveram como Pimentel: estação secca e estação chuvosa, ou, época das aguas e época da secca. E é assim que lá se diz; mas vêm agora os Srs. Neiva e R. Penna com esta novidade: "Só ha duas setações no anno, a *secca*, que vae de Maio a Setembro e o *verde* de Outubro a Abril". E' assim que elles confundem as cousas da Baia e Piauhy com as de Goyaz.

SALITRE "GOYAZ"

Nova marca de salitre introduzida no mercado pela firma commercial "Paes Leme e Ulhôa", que o extrae das jazidas da "Cachoeira Alta da Serra", no Estado de Goyaz

A analyse feita no serviço geologico do Ministerio da Agricultura em uma amostra d'esse salitre bruto, deu o seguinte resultado :

Materia humica	10.25
Sulfato de calcio	5.75
Nitrato de potassio	84.02

No Laboratorio Municipal de Analyses outra amostra deu o seguinte:

Nitrato contido no salitre bruto . . 82,19 %

e no nitrato:

Cloretos	Ausencia
Magnesia	Ausencia
Sodio	Ausencia
Sulfatos	Traços
Ammonia	Presença
Acido azotico	56 %
Potassio	como acima

No Kalisyndicat em S. Paulo a analyse accusou no salitre bruto:

Azoto	11,7 %
Potassa	42

O salitre Goyaz que entra no mercado já purificado, traz em seu typo o teor de mais de 97 % de nitrato de potassio, constituindo-se a pequena quota de impurezas de saes de ammonia e calcio (sulfatos) que em nada prejudicam as applicações industriaes do producto.

Os fabricantes que estão completando suas installações pretendem até maio proximo ter depositos de seu producto no Rio, em S. Paulo e Bello Horizonte, além do deposito central de Uberabinha de onde poderão servir a zona das estradas de ferro de Goyaz, Mogyana, Paulista e ingleza.

Fazem parte da firma social Ignacio Pinheiro Paes Leme, engenheiro civil, director da Companhia Mineira Auto-viação Intermunicipal, com séde em Uberabinha e Romualdo Gonçalves de Ulhôa, commerciante em Santa Rita do Paranahyba e Burity Alegre, no Estado de Goyaz.

O programma da sociedade é a exploração e desenvolvimento da industria mineira dos saes de potassio e de sodio com aproveitamento de subproductos de ammonia e cal.

O sulfato de ammonia da mesma marca "Goyaz" entrará tambem já nos mercados."

As jazidas de salitre em Goyaz superabundam e muitas estão assignaladas desde epochas remotas pelos sernatistas mais cultos que penetraram nessa região estupenda.

Em sua "Chorographia da Provincia de Goyaz", o Marechal Raymundo da Cunha Mattos, ennumerando os generos commerciaes da então provincia, relata a abastança de salitre de optima qualidade.

O conego Luiz Antonio da Silva e Souza disse nas suas "Memorias Goyanas":

— Salitre extrahe-se em muitos logares da Capitania.

O municipio de Formosa, por exemplo, ha muitos annos exporta salitre de boa qualidade, quasi todo aproveitado no fabrico da polvora negra em todo o *hinterland*. Além das numerosas jazidas, em Goyaz existem muitas grutas d'onde se extrahe o salitre, nesse riquissimo Estado de recursos naturaes assombrosos.

APPLICAÇÕES AGRICOLAS — Devido ao seu preço relativamente elevado, o nitrato de potassio não tem razão economica de ser utilisado. Em estado bruto, ou salitre, porém, por vezes é muito utilisavel.

Constitue um adubo poderoso, facultando, a um tempo, ás plantas, azoto e potassa assimilavel.

Os salitres brutos extrangeiros contém 5 a 10 p. cento de impurezas, mas na maioria possuem 15 e mesmo 20 p. c.

O nitrato de potassio importado, além das impurezas é commumente falsificado; addicionam-lhe areia branca, sal marinho e sulfato de soda, cujo preço é sempre baixo.

Os exportadores extrangeiros habeis, dispondo de chimicos consagrados na arte de falsificar, fabricam uma mistura de nitrato de potassio, nitrato de soda e de sulfato ou chlorureto de potassio, encerrando muito approximadamente a quantidade de azoto e de potassa, constante no nitrato de potassio verdadeiro, puro.

Por meio de analyses essas fraudes são de faceis descobertas; mas qual o negociante importador desta praça que usa dos rigores analyticos de laboratorio ?

Eis porque o nitrato de potassio (?) importado surge no mercado a preços baixos, concorrendo com o nitrato de potassio de Goyaz, por exemplo, tratado scientificamente, apresentando excellente theor. No momento presente, o preço do nitrato de potassio é superior ao valor intrinseco accumulado de seu azoto e de sua potassa, deduzido das cotas do nitrato de sodio e dos saes de potassa concentrados.

Não é economico, pois, a sua applicação na grande lavoura; salvo em certos casos especiaes para as culturas horticolas, intensivas, que exijam mais potassa que azoto.

E' de prever porém, que devido á escassez cada vez mais aguda do salitre do Chile, e á falta de transportes oriunda do momento bellicoso presente, haja praça magnifica para o salitre ser empregado na grande lavoura, pois, tambem a producção por alqueire está facultando lucros consideraveis aos productores, os quaes, poderão, a contento empregar adubos de preço, ante a escassez dos baratos.

Nas industrias pyrotechnicas e em outras chimicas o nitrato de potassio tem larga e variada applicação.

COMMERCIO. — A praça do Rio, sendo uma das melhores para ser provocada a mercancia do salitre de Goyaz, apresenta um defeito consideravel é — a falta de technicos nas mais conceituadas firmas, afim de verificar as vantagens reaes dos productos nacionaes.

Basta o material ser do Paiz para, com menosprezo, o commerciante, dentro da sua ignorancia, recusal-o, por ser nacional, ao envez de confrontar as analyses fidedignas do producto indigena com o provindo do Extrangeiro.

Com o salitre de Goyaz, superior ao importado, existe ainda uma estulta prevenção por parte de certos commerciantes.

Entretanto, o nitrato de sodio extrangeiro, segundo exames em acreditados laboratorios europeus e norte-americanos tem accusado a media, em 100 partes, seguinte:

Acido azotico	53,46
Potassio	46,54

ao passo que o de Goyaz, sobrepuja-o em acido azotico, como se verifica, a seguir;

Acido azotico	56 %
Potassio	44 %

Os agentes commerciaes de venda têm que dar ao producto nacional, *procedencia extrangeira*, para facilidade nos negocios! A nacionalisação do commercio, só poderia resolver o problema, desde que o governo usasse de processos racionaes e solidos, propalando, a rodo, pela imprensa, o valor analytico de muitos productos do Paiz, — alguns dos quaes superiores aos extrangeiros.

Visando o maximo lucro o commerciante tem o empenho de comprar o producto nacional bom, a baixo preço para vendel-o, como extrangeiro, bem cotado, allegando as despezas de transportes e alfandegarias...

O mesmo producto que ao comprar elle finge menosprezar, desmoralisando-o; exalça-o depois ao freguez, allegando a procedencia extrangeira...

(Do Gabinete de Informações do *Instituto Technico Industrial*. — Assembléa, 8, Rio.

Impressões de Goyaz

(Para "A Informação Goyana")

A cidade de Uberabinha, no Triangulo Mineiro tem logrado consideravel expansão no seu progresso material.

Na constante preoccupação de melhorar o aspecto da sua "urbs", a população uberabinhense, conduzida por um intelligente zelo administrativo, tem dado bons cuidados ás construcções urbanas e faz prazer observar-se a ordem das edificações. A cidade floresce e impressiona magnificamente. E', sob este ponto de vista, a mais formosa do Triangulo Mineiro.

Uberabinha é o entreposto commercial dos municipios mineiros de Abbadia de Bom Successo, Monte Alegre, e Ituyutaba; dos municipios goyanos de Santa Rita do Paranahyba, Rio Verde, Jatahy, Mineiros e Rio Bonito; e de boa parte dos municipios goyanos de Morrinhos, Paracanjuba, Allemão, Anicuns e Goyaz.

Uberabinha tem como sub-entreposto, em toda a zona goyana que lhe é tributaria, a cidade de Santa Rita do Paranahyba, sentinella avançada de uma grande parte do Sul e do Sudoeste de Goyaz.

Santa Rita é já um grande centro de relações commerciaes, baseando-se a sua expansão economica no papel de entreposto, com os melhores tributarios e no papel de productor de cereaes e gado vaccum e suino. Além disso, possuindo excellentes invernadas, que dia a dia se augmentam, conta em seu territorio boiadeiros e negociantes de gado, que trazem de outros municipios goyanos e de municipios hoje sob a posse de Matto Grosso, grandes partidas de gado, que aqui descançam e engordam, avolumando a capacidade exportadora do municipio.

Santa Rita do Paranahyba, citada em algumas geographias com o nome de Santa Rita de Cassia, o que, se vigorasse, determinaria confusão com a velha cidade mineira de egual nome, é uma localidade nova e muito florescente. Elevada á categoria de villa e municipio em 1909, Santa Rita entrou no gozo da sua autonomia no mesmo anno e consta hoje de tres districtos, a saber:

Districto de Santa Rita do Paranahyba, tendo por séde a Villa, hoje elevada á categoria de cidade;

Districto de Bananeiras, tendo por séde a povoação de Bananeiras;

Districto de Abbadia do Burity Alegre, tendo por séde a nova e florescente povoação do Patrimonio.

Santa Rita está situada á margem direita do Rio Paranahyba e é tambem banhada pelo corrego da Trindade, que offerece á população e aos viajantes um dos melhores banhos da Terra e pelo corrego da Agua Suja.

Tem, como favor de destaque, no seu territorio, a Ponte Affonso Penna, construida de 1908 a 1909 sob a direcção do illustrado engenheiro, dr. Mendes Diniz, no governo do mineiro illustre que lhe deu o nome. E' uma obra memoravel, que faz honra á nossa engenharia e representa um grande beneficio dispensado ao Brasil Central.

Entre os dotes naturaes do seu municipio, contam-se a Cachoeira Dourada, no Rio Paranahyba e minas de salitre e sal, cuja exploração está sendo tentada, sob a direcção do dr. Ignacio Pinheiro, Paes Leme.

Bananeiras dista 9 leguas de Santa Rita. E' uma povoação de pouco desenvolvimento, séde de um districto agricola e pastoril de grande futuro.

Patrimonio (Abbadia do Burity Alegre) é uma localidade que conta poucos annos de vida e tem logrado um admiravel florescimento.

O territorio de Santa Rita é banhado por abundantes caudaes, entre os quaes se distinguem o Rio Paranahyba, o Rio Meia Ponte, e Rio dos Bois e o Rio Paracanjuba, aproveitaveis para a navegação.

Sua lavoura está em franca prosperidade, embora entregue aos meios rudimentares, de que resultam a devastação das matas, o desaproveitamento dos campos e o alheiamento absoluto aos instrumentos aratorios.

Grandes matas, de excellentes culturas, ha em todo o municipio. Os "cerrados" tão tambem de terras de primeira ordem, que se prestam, com vantagem, a qualquer cultura. Os campos nativos são de pastagens de boa qualidade e ha grandes invernadas preparadas pelo esforço dos criadores.

A população bovina do municipio é orçada em 25 mil cabeças.

Uberabinha está em communicação com as cidades de Monte Alegre, Ituyutaba e Santa Rita do Paranahyba, com a Villa de Abbadia de Bom Successo e com a povoação de Santa Maria, por meio da auto-viação.

Deve-se a promoção do grande melhoramento, iniciado em 1913 aos distinctos engenheiros, Dr. Ignacio Pinheiro Paes Leme, que é para esta zona um Rondon sem empafia e sem favores officiaes e dr. Fernando Alexandre Villela de Andrade, espirito "yankee", talhado em sertanejo.

Conceberam, em 1912, a idéa do esforço pela auto-viação e metteram mãos a obra com uma coragem e uma pertinacia pouco communs.

Desbravaram terrenos, prepararam estradas bem dispostas e puzeram em trafego autos-caminhões. Foi um bello sonho de conquista da civilisação, acariciado pelos melhores anceios do progresso.

A Companhia Mineira Auto-Viação intermunicipal (que nome comprido !), que constituiram, foi um esforço digno de bençams. Destinava-se a uma obra sertanista de grande merecimento.

Conseguiram os dous pioneiros, vencendo a desconfiança sertaneja, levantar um capital de cerca de 500:000$000, que applicaram ás construcções de estradas, garage, officinas mecanicas, estações e linhas telephonicas e á acquisição de machinas. Tudo começou sob os melhores auspicios e a pertinacia dos dous directores da Companhia teria feito milagres, se a superveniencia da grande guerra lhes não viesse crear os mais sérios embaraços.

De facto, forçada a grandes gastos para a realização dos seus fins, a Companhia teve sempre difficuldades a vencer, mas prosperava, encaminhava a sua obra com inabalavel resolução de lograr exito perfeito.

A grande guerra, surgindo inesperadamente e trazendo como consequencia um brutal augmento dos preços da gazolina, dos oleos, das machinas e dos accessorios, alguns dos quaes, como cobertões e camaras de ar, representam gastos incessantes, se tornou um embaraço muito sério, quasi invencivel, para a acção da Companhia.

A crise financeira, que culminou, para esta zona, em 1914-1915, foi um terrivel golpe desfechado na empreza, chamada pela pressão das circumstancias a' realidade das contingencias e obrigada a reduzir os seus sonhos de generoso esforço a bem do Sertão.

As difficuldades, que sempre foram muitas, se avolumaram. Ao passo que os materiaes, num incessante crescendo, reclamam novos e importantes gastos de concertos e substituições, com a gazolina elevada ao preço de 36$000 por uma caixa, as estradas não cessaram de reclamar reparos, oppondo-se a aspereza do sólo e das vegetações e os estragos das chuvas a qualquer accumulação de lucros.

Para vencer as difficuldades, consideraveis e multiformes, era indispensavel que a Companhia lograsse o amparo especial, muito justo nas aperturas de tal natureza e que nenhum governo, zeloso dos interesses economicos do paiz, deixaria de dar; a Companhia, porém, não logrou a assistencia dos governos e, entregue aos seus proprios destinos, ás contingencias de varias pressões, só não chegou á fallencia e ao abandono completo dos seus fins, porque os seus dirigentes se conformaram com o sacrificio e foram soffrendo o peso das aperturas e dos apodos, sem esperança para os esforços e talvez sem justiça para os seus generosos intentos.

Mas a sua obra não pereceu e Deus ha de permittir que não pereça. Irá da condição de um sonho á contingencia de uma vida difficil, com o prejuizo de dar azas á desconfiança, causa do retraimento do capital dos sertanejos, mas irá avante, penosamente embora. E' uma grande obra de progresso e civilização; é, sobre tudo, um patriotico trabalho de levantamento economico do Brasil Central.

Os autos que, vencendo as asperezas de um sólo bravio, põem em communicação as diversas localidades, fazem grande beneficio ás populações. Santa Rita, por exemplo, é grandemente favorecida.

As 28 leguas que, pela linha de automoveis, separam esta cidade de Uberabinha, eram vencidas, nas penosas viagens a cavallo, em tres dias. Hoje são transpostas em 4 ou 5 horas.

E' uma grande conquista, que o proprio instincto de conservação reclama que não pereça.

Os autos-caminhões fazem valioso serviço á nossa expansão economica, favorecendo immenso o transporte da producção e assim alargando as manifestações das nossas possibilidades.

Antes da sua introducção, os cereaes eram conduzidos em carros de bois. Um carro, cujo custo orça por 1:000$, puxado por 16 bois, que valem de 3:200$000 a 4:000$000, consumia sete e mais dias na estrada, só de ida, para conduzir 25 saccos de arroz, de 60 kilos, ou sejam 1.500 kilos e cobrava, pelo moroso transporte, 250$000, ou sejam 167 réis por kilo.

Os auto-caminhões conduzem de 3 a 5 mil kilos, fazendo a viagem com 6 horas e cobram 2$500 por sacco, ou sejam 42 réis por kilo.

Ha, pois, triplice vantagem: ampliou-se o meio de transporte, garantiu-se a segurança desse meio e muito se barateou o preço do frete.

Bastam estes algarismos para se accentuar o quanto é justa e necessaria a assistencia official ás emprezas de automoveis, que se propõem a vencer as distancias do Interior, abrindo rumo aos mercados.

Favorecer os meios de transporte, com o barateamento dos fretes, tensa. Com uma área territorial de 540.833 kilometros quadrados, a hoje um dos primeiros deveres dos nossos governos, que precisam ter a preoccupação de tal cuidado.

Na pavorosa chacina que vae pela Europa, tem papel muito saliente a Allemanha, culminando pela sua resistencia militar e economica. A poderosa nação germanica deve a sua supremacia, de um modo particular, ás suas facilidades de transporte.

O seu territorio está recortado de estradas de rodagem, que tornam proximos os pontos mais distantes e a distribuição ferro-viaria é intensa. Com uma área territorial de 540.833 kilometros quadrados, a Allemanha contava, antes da guerra, 62.210 kilometros de linhas ferreas.

O desenvolvimento ferroviario dos paizes onde a prosperidade economica era notavel, na proporção de 100 kilometros quadrados de territorio, era o seguinte:

Paizes	*Extensão das linhas*	*Por 100 kilometros quadrados de territorio*
Belgica	8.280	28.1
Luxemburgo	530	19.7
Suissa	5.110	12.3
Inglaterra	37.680	11.9
Allemanha	62.210	11.5
França	50.230	9.4
Hollanda	3.230	9.4
Austria-Hungria	46.090	6.8
Estados Unidos	402.200	4.2
Argentina	33.470	1.1

O Brasil contava 22.290 kilometros de linhas ou seja a proporção de 0.3.

Num paiz como o nosso, onde a desadministração publica não permitte um sério movimento de expansão ferro-varia, a melhor solução que se offerece ao problema dos transportes é a auto-viação, com a assistencia dos auxilios da nação.

Somos, em materia de construcção de estradas de ferro, pavorosamente peccadores. E' prova disso a E. de Ferro de Goyaz, que ora perde leitos construidos de Roncador a Tavares; leitos construidos e trilhos assentes de Catalão ao Paranahyba; leitos construidos, trilhos assentes, linhas telegraphicas, cercas de arame e um rôr de materiaes e machinas, representando milhares de contos garantidos como divida da nação, no ramal de Uberaba a Araxá.

E' honroso o que se passa nesses grandes trechos de construcção: e mais horroroso é vêr-se que o governo federal e a Inspectoria de Estradas de Ferro ficam de braços cruzados, impassiveis, diante do desmantelo e do desbarato de milhares de contos e do cerceamento do progresso das zonas talhadas ao favor que se concedera.

A Companhia Mineira Auto-Viação, premida pelas circumstancias arrendou o trafego das suas estradas ao Sr. Alfredo Rodrigues da Cunha, que ora faz o serviço para Abbadia de Bom Successo, Monte Alegre, Ituyutaba e Santa Maria e ao Sr. Ronan Borges, commerciante nesta cidade, socio da importante firma Borges & Irmãos, que tomou a seu cargo manter os serviços de Monte Alegre a Santa Rita do Paranahyba.

O transporte de passageiros está sendo feito em dous automoveis Ford, de cinco logares. O serviço está muito regular e satisfaz plenamente.

Os Fords se recommendam muito bem. nos serviços para o Interior e são as machinas que melhor resistem ás asperezas e mais lucros offerecem.

Os auto-caminhões, ora em trafego de Santa Rita a Uberabinha são em numero de dous, com capacidade de 3 e 5 toneladas.

O desenvolvimento commercial de Santa Rita é o mais promissor. No decurso do anno de 1917, não obstante o serviço que prestam os autos-caminhões, o menor dos quaes faz, em um dia, o transporte de cargas que dous carros de bois faziam em sete dias, 1.195 carros de bois de fóra do municipio, transportaram cargas daqui, representando um movimento de 1.792.500 kilos de mercadorias. Além desses, 400 carros do proprio municipio fizeram transportes de mercadorias, em varias viagens, representando uma deslocação média de 1.200.000 kilos de mercadorias. O movimento de recursos ao pagamento de fretes, em carros de bois, orçou por 700:000$000, de Santa Rita a Uberabinha

---

Favoreça-se a auto-viação. Em qualquer condição, e cumpre ao governos amparal-a; e se ella encontra, como aqui encontrou, homens honestos e competentes, que a promovem, animam e vitalizam, com o sacrificio do seu trabalho e da sua bolsa, maior é o dever do amparo porque relegal-a á penuria seria um graxe erro e permittir que ella desappareça será um crime de leso patriotismo.

MOIZÉS SANTANA.

Santa Rita, 10—1—18.

EXPEDIENTE

Com o presente numero entrou *A Informação Goyana* no seu segundo semestre de publicação.

Pedimos, pois, a todos os assignantes de fóra desta Capital que ainda não fizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem pelo correio as respectivas importancias.

Nas localidades goyanas os talões-recibos já se acham em mãos dos nossos correspondentes.

INDUSTRIA GOYANA

Uma indusria, me parece, que devia ser cuidada com devotamento no Estado de Goyaz, visando grandes compensações, é a do fabrico de doces, nomeadamente de marmellada, cujo condão lhe cabe de direito.

Tenho provado productos similares, fabricados em diversos pontos do paiz, como em Portugal, ainda não encontrei, confesso sinceramente, nenhuma que lhe eguale.

E' uma peculiaridade goyana, como o são algumas qualidades de doces, que se não encontram tão bons alguns e outros que se não fabricam fóra dalli.

Já que aventei a idéa de um intenso fabrico da marmellada e outros doces, bom é que chame a attenção de meus conterraneos para o desenvolvimento dessa industria em geral.

Exportando o doce, temos exportado o assucar, que não podemos mandar aos mercados do litoral, porque o seu custo aqui, em bruto, não compensaria os gastos da producção.

Citarei o doce de jaboticabas, uma das peculiaridades de Pyrenopolis. Ante a abundancia da jaboticaba, seria uma lucrativa industria a intensificação do fabrico desse doce, bastante apreciavel, como o é o da mangaba.

A goiaba e a banana geralmente frequentes em todo o Estado, podem tambem ser aproveitadas para doce.

A marmellada é exportada em caixetas de madeira, relativamente pesada, que precisam ser reduzida a um minimo de espessura, de maneira a diminuir esse grande peso morto, inconcebivel em se tratando da usura do transporte. O doce deve tomar a consistencia necessaria para ser exportado em caixetas de madeira muito leve e tenue.

E' indispensavel estabelecer o Estado um serviço de *contrôle* para impedir a falsificação do producto, prejudicial a sua propaganda e consequentemente ao seu intenso consumo.

Além do marmello, commum nos climas de sensivel altitude, ha muitas outras frutas, cultivadas ou não, que se prestam ao fabrico do doce.

Citarei entre ellas a "cagueiteira", o cajú do campo, a guabirola, o araticum, que vantajosamente podem ser exploradas.

O leite, abundante em todo o Estado, póde ser aproveitado, além de sua applicação á industria dos lacticinios, para o fabrico do afamado doce, aqui muito apreciado.

Desde que se incremente essa industria, ter-se-á ampliado a exportação do assucar e assim aberto mercado para o consumo desse producto, que não póde atravessar as fronteiras do Estado, em consequencia da carestia da industria do transporte.

As nossas estradas de rodagem não favorecem o trafego de vehiculos aligeirados, circumstancia que influiria para alliviar o peso do transporte até Roncador, mas restam-nos esperanças de ver essa grande difficuldade resolvida, com a sympathica perspectiva da construcção de uma estrada para automoveis, de iniciativa do sr. coronel Edmundo de Moraes, já devidamente privilegiada.

Quando os nossos chapadões sentirem a trepidação brusca dos auto-caminhões em carreira vertiginosa, o transporte barateará a ponto de não ser mais um obice á producção goyana, até aqui adstricta ao consumo local. Então muitas industrias se criarão, desenvolvendo-se no Estado o trabalho e formando-se a riqueza particular, base da prosperidade geral

Dentro das circumstancias do momento, alguma cousa se póde fazer em favor de industrias já existentes, que se batem heroicamente, aspirando expansão, mercê de transporte facil.

Este importante problema desafiará certamente o espirito culto do illustre presidente de Goyaz, que abnegadamente se resigna a esgotar o seu periodo governamental para poder ligar a Goyaz serviço que lhes darão maior renome e bençãos dos goyanos.

EDUARDO SOCRATES.

RIQUEZA MINERALOGICA DE GOYAZ

"Entre os *specimens* de mineraes que mais attenção mereceram na secção goyana da Exposição Nacional de 1875, destacava-se uma bellissima *Itacolomite*, vulgarmente chamada *pedra elastica*.

A *Itacolomite* é um grés extremamente flexivel e maleavel, que os geologos dizem ser particular á petrographia de Goyaz, Minas e Matto Grosso. "Da rocha em questão, diz o Sr. Saldanha da Gama, flexivel e elastica, e contendo *taclo* conhecemos um *specimen* no gabinete da Escola Polytechnica, e outro (maior) no gabinete de mineralogia do palacio de S. Christovão, trazido de Goyaz pelo ex-presidente o Dr. Ernesto Augusto Pereira".

A interessante amostra que se via na Exposição de 75, foi exposta pelo bispo de Goyaz D. Joaquim Gonçalves.

Nas proximidades da capital e principalmente na cidade de Meia Ponte, as ha em extraordinaria abundancia, sendo apenas utilisadas nos fornos de torrar farinha, em substituição ás chapas de ferro apropriada a esse mistér e no calçamento dos passeios das ruas."

Mas onde se acham aquelles *specimens* mineralogicos de Goyaz, de que fallava o professor Saldanha da Gama ?

No Muesu Nacional, a começar pelo enorme bloco de crystal de rocha que se vê logo á entrada da sala José Bonifacio, nenhum valioso mineral trazido de Goyaz conserva na respectiva etiqueta o nome da sua exacta procedencia.

BLÓCO DE ITACOLUMITE, NA SERRA DOS PYRINEOS

O individuo alto, de pé e perneiras, chapéo desabado, no primeiro plano, é o illustre Dr. Henrique Morize, digno director do Observatorio do Morro do Castello

A Pecuaria no Estado de Goyaz

Mostrei no primeiro artigo que a população pecuaria de Goyaz foi escarnecida na "Estimativa do Gado existente no Brasil em 1916". Não cabendo aqui escabichar aquelle desserviço prestado á pecuaria nacional, todavia se impõe uma breve apreciação que está a pedir o trabalho do illustre Sr. Bulhões de Carvalho. Com effeito, o censo official de 1916 não poderia deixar mesmo de peccar pela base, firmado como o foi no recenseamento de 1912-1913, esse ensaio infeliz que noutro paiz teria sido cancellado...

Basta dizer que o ex-inspector agricola que levantou o censo pecuario de 1912-1913 em Goyaz, attribuindo-lhe apenas uma população bovina de 1.872.500 cabeças, acaba de emendar a mão, confessando num nobre gesto, pela imprensa carioca, que o grande Estado central possue muito mais de tres milhões de vaccuns !

O veterinario japonez dr. Tineciro Icibaci, que a serviço do Ministerio da Agricultura estudou a indústria pastoril nos municipios goyanos de Ipameri, Catalão e Corumbahyba, tomando por base a sua população bovina, calculou a do Estado em cerca de oito milhões de cabeças. O calculo não me parece exagerado, por isso que se basêa na população bovina de tres municipios, dos quaes nenhum possue maior "stock" bovino do que qualquer dos 43 restantes municipios do Estado. Só a exportação do anno de 1917 bastava para confirmar a estimativa do competente, porém entre nós ignorado veterinario japonez. Mas é preciso não esquecer que vivemos num paiz de idéas preconcebidas, onde as

cousas uma vez escriptas em lettras de forma, por mais inverosimeis, desde que o nome de qualquer celebridadezinha improvisada da noite para o dia as subscreva, ficam de pedra e cal.

Não está ahi a venda nas livrarias cariocas o tomo VIII, fasciculo III das "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz", trazendo a affirmativa dos srs. Arthur Neiva e Belizario Penna de que segundo as suas impressões, "pelo que viram" (E só podieriam ver o que lhes ficava á beira das estradas percorridas a trote largo), o recenseamento de 1913 exagerou o rebanho total de Goyaz ?

A' pag. 170 escrevem: "Quasi toda a zona pastoril de Goyaz foi por nós percorrida e surprehendeu-nos tão elevado total".

Tudo isso era possivel; mas seria necessario que o vasto Estado de Goyaz só possuisse uma zona pastoril, e, mais ainda, que o todo fosse menor do que uma das suas partes. Sim, porque Goyaz conta 46 municipios — e os atravessados a "vol d'oiseau", velocidade média 10 leguas por um dia, pelos "aiglons" de Manguinhos, foram em numero apenas de 10, o que corresponde a menos da quarta parte dos que compõem as zonas pastoris do Estado. Que pandegos !

Com as suas 300 mil cabeças de vaccuns a região marajóara passa por ser a mais armentosa de todo o Brasil equatorial, inclu-

BLÓCO DE ITACOLUMITE, NA SERRA

A vacca mettida a cabeça até ao peito na cavidade do barreiro, está comendo o barro salino; e á distancia, uma outra vacca, já impanzinada, olha-nos do leito do rio

cive Goyaz, quando um só municipio deste Estado, o de Jatahy, conta cerca de 400 mil cabeças de gado vaccum.

Este municipio dista 452 kilometros da capital do Estado, ou seja precisamente a distancia que ficou entre elle e os estatisticos de Manguinhos, na sua passagem por Goyaz. Era mister que estes possuissem a funcção visual das aguias, para num relancear de olhos verem os rebanhos de Jatahy e outros municipios ainda mais distantes das localidades por onde passaram, um em procura dos papudos, o outro a procura de garças, de cujas niveas pennas se fabricam custosas "aigrettes"...

Em affirmativas claudicantes os illustres viajores apressados foram ferteis, mui ferteis.

Vae aqui uma, entre as sem conta: "As medidas itinerarias têm por base a legoa, a qual com as mesurações feitas quatidianamente a podometro, nos deu a média de quatro kilometros; em Goyaz, porém, a legoa tem grandes oscillações a que o povo denomina de "legoa grande ou pequena". (O povo aliás diz "legoa parida" e não "legoa grande")

A grande quasi nunca ultrapassa de quatro kilometros por isso as informações concernentes á distancia á percorrer, são ás vezes das mais disparatadas.

Ora, em Goyaz, todos os itinerarios percorridos pela Commissão Cruls foram levantados pelo processo americano do caminhamento, servindo-se com todo rigor scientifico do podómetro, da bussola e do aneróide.

Para maior rigor a extensão média do passo do ainmal foi amiudadas vezes determinada, medindo-se no terreno uma distancia de mil metros, percorrida á sua andadura natural.

Pelas visadas obtinham-se as reducções necessarias nos erros provaveis. Os azimutlis eram tomados de instante a instante.

Pois bem: num percurso de mais de 4.000 kilometros que fez a Commissão, nunca foi encontrada uma legoa goyana inferior a 5 km. 555, isto é, legoa maritima, legoa de 20 ao grão. E ahi estão para o comprovar, entre tantissimos outros membros da commissão Cruls, os drs. Henrique Morize e J. de Oliveira Lacaille e os engenheiros militares, generaes, Celestino Alves Bastos, Tasso Fragoso, Augusto Sisson e Cardoso de Aguiar; coroneis Hastimphilo de Moura, B. J. J. Firmino, Alipio Gama e outros que longo seria enumerar. A "legoa parida" dos goyanos ultrapassa sempre de seis kilometros.

Vem a pello um facto. Quem escreve estas linhas nasceu numa fazenda tida e havida tradicionalmente como distante legoa e meia da cidade de Bomfim, em Goyaz.

Muitos annos depois, por lá andando com a Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, pediu ao seu illustre chefe que lhe désse a medição exacta daquella alludida distancia. O caminhamento foi feito cuidadosamente, e no fim do percurso foi pedida a distancia.

Fazendo a leitura, o dr. Cruls respondeu: "12 kilometros... e mais 592 metros".

Outra ainda: nesse trajecto ha um sitio chamado "Olhos d'agua", que os habitantes marcavam meia legoa, a partir de Bomfim. Qual não foi a minha surpreza quando a leitura do podometro registrou 5 km. 323

Vê-se que é absolutamente impossivel tomar a serio os depoimentos mesquinhos constantes do trabalho dos srs. Neiva e B. Penna.

Outra assás famosa região armenticia do norte do Brasil é o municipio do Rio Branco, que possue apenas 200 mil cabeças de bovinos, ou sejam muito menos das que o Estado de Goyaz exporta annualmente

A exportação foi sempre o indice certo, seguro, elucidativo emfim, da producção de quaesquer zonas da terra. Como pois, provada como está á luz merediana, a grande exportação bovina que o Estado de Goyaz mantem regularmente, sem deflexões, pôr-se em duvida o seu elevado "stock" bovino ?

Em toda a parte, na Argentina, por exemplo, o augmento do coefficiente bovino registrado em estatisticas anteriores, sempre foi attribuido com justiça á obra da mestiçação e da melhoria forrageira dos campos. Em Goyaz, porém, como em todo o "hinterland", nada disso, pois até taes factores são nullos; nunca, em tempo algum influiram na expansão dos rebanhos.

Devemos, pois, referir unicamente á riqueza incomparavel dos campos nativos do Estado, a prolificação alli das especies pecuarias.

Além das condições especiaes dos vastos campos e mattos de Goyaz, estes egualmente ricos de pastagens, outros elementos ainda concorrem para o bem estar e abundancia dos productos da sua industria pastoril. Referindo-nos ás fontes de agua viva e pura que, lá por toda parte brotam copiosamente das serras, das chapadas, dos buritisaes: bem assim aos barreiros tão frequenticos nas baixadas das mattas e capões, como nas margens dos corregos ou simples vertentes.

Chama-se "barreiro" algumas baixadas salino-salitrosas, de côr acinzentada puxando para o branco. Todos os animaes, disse Taunay, que os viu em Goyaz, buscam com soffreguidão estes logares, não só os ruminantes, como aves e reptis. O gado lambe o chão e, atolando-se nas poças, bebe com delicia aquella agua e come o barro.

A gravura abaixo mostra-nos uma rez mettida até o peito na cavidade de um "barreiro" que o gado sertanejo avidamente procura.

A' distancia, de pé no leito do rio, vê-se uma vacca já saciada, ou por outra, impanzinada de barro salino que constitue a ribanceira.

(Continúa).

HENRIQUE SILVA.

Duas entrevistas sobre o progresso economico de Goyaz

Em viagem de recreio pelo Estado de Goyaz, um dos directores desta revista, no intuito de transmittir a seus numerosos leitores as mais recentes notas economicas sobre a evolução financeira e das perspectivas do *inland*, enceta hoje uma interessante collaboração de grande valor actual.

Damos a segrir duas animadoras *interviews* colhidas especialmente para a "Informação", em que fallam personagens de alta administração e por isso mesmo dos mais competentes.

"Chegamos a Araguary, ponto inicial dos trilhos da 2ª secção da E. F. Goyaz, onde foi nosso primeiro cuidado ouvir pessoalmente as considerações de ordem technica, pratica e economica da propria administração e da inspectoria fiscal.

Procuramos primeiramente o Dr. Manoel de Azevedo Gordilho,

engenheiro da Inspectoria Federal das Estradas e encarregado da secção Araguary-Roncador.

S. Ex., que é a personificação do fino trato e da amabilidade, recebeu-nos gentilmente, cercando-nos de todas as considerações e pondo á disposição as medidas ao seu alcance.

— Sobre o objectivo das notas que o amigo deseja, emittirei perfunctoriamente os considerandos que estiverem a meu dispôr, mesmo porque minha fiscalização começou ha pouco tempo. Mesmo assim, resumidas, estou certo de que irão satisfazer plenamente seus desejos.

— *Desejara saber em começo quaes são as condições actuaes da E. F. Goyaz ?*

— As mais satisfactorias possiveis. Technicamente é quasi uma injustiça as continuas reclamações, o serviço é feito regularmente, o que prova a solidez do trabalho. A terra roxa que a estrada corta é terra fôfa, propria para culturas, e ainda não se adaptou bem ao mistér da viação: d'ahi as remodelações dos aterros e a revisão dos dormentes; praticamente ha certas medidas a tomar como o augmento do pessoal, creação de novos armazens, pois, os existentes são insufficientes.

— *E conspicuamente, qual é a sua opinião ?*

E' facil responder. Sua revista já publicou os resultados da exportação de 1916; esse augmento prova que as rendas da estrada foram compensadoras e em verdade ao envez dos continuos *deficits* dos annos anteriores, agora, depois da cantada administração do meu nobre amigo Dr. Candido Trancoso, engenheiro-chefe do transito, os saldos têm sido progressivos: em 1916 — 80:000$, em 1917, 400:000$. Acredito que o proximo e vigente anno fornecerá algarismo triplicado.

Deve notar que é insignificante o numero de zonas servidas pela via ferrea; não obstante ser apenas um seguimento da futura Estrada de Formiga á Capital de Goyaz — já satisfaz os poderes administrativos e augura optimos lucros vindouros.

— *E qual é a opinião de V. Ex. sobre o prolongamento da Goyaz ?*

O momento actual que o Brasil atravessa não me permitte uma resposta.

— *Podia V. Ex. fornecer-nos alguns dados sobre a exportação geral em 1917 ?*

Não será difficil, porém, presentemente não lh'os posso fornecer; ainda não se reuniu os computos das differentes listas. Entretanto deixo levantada essa promessa que cumprirei.

Comtudo vou satisfazer em parte seu desejo. Tenho á mão o *memorandum* que especifica alguns generos de exportação, durante o ultimo mez do anno passado:

GENEROS	*Peso—Kilos*
Algodão	1.584
Arroz	602.692
Assucar	1.350
Bebidas	907
Couros	18.883
Feijão	223.614
Fumo	58.063
Madeiras	154.600
Manteiga	197
Toucinho	20.401
Xarque	19.170
Banha	26.549
Sebo	5.604
Sola	6.602
Diversos	159.069
	Cabeças
Bois	2.000

Dou ahi unicamente uma parte dos productos exportados, faltando muitos como a exportação dos suinos que cresce mensalmente.

— *Acredita então que meu Estado já faz peso na producção do paiz ?*

Como não: ficam os algarismos para prova, os quaes têm as maiores perspectivas de accrescimo. O seu Estado é riquissimo de terras ferteis apresentando campo para o abastecimento de muitos Brasis, e bem dotado de campos alimentosos para a industria da pecuaria que aqui já tem um de seus baluartes.

Procuramos em seguida a residencia do Dr. Candido Trancoso, chefe do trafego.

Encontramol-o. S. Ex. já está aclimado aos beneficos ares do Brazil Central, onde ha quatro annos gasta sua dispensa de energia. Ao saber que desejavamos alguma cousa com caracter de entrevista, manifestou-se um tanto contrario.

Afinal, sua extrema bondade venceu-o e S. Ex. fallou-nos sinceramente.

— *Desejamos saber suas impressões francas da situação de Goyaz.*

— São as melhores possiveis attendendo ao tempo curto da edificação da estrada e ao momento incerto da actualidade. Ha grande difficuldade em conseguir auxiliares aptos: os do littoral têm pavor ao sertão e os da terra nem todos são habilitados. Reduzir o mais possivel o pessoal, escolhendo os mais adequados ao serviço.

— *Mas, doutor, propalou-se ha pouco que a companhia estará tendo prejuizos pela falta de exportação...*

— Puro engano d'alguns espiritos pouco esclarecidos. Só a exportação desta secção, a crescer como está, salvará outros prejuizos passados e prevebirá futuros dispendios. Já é compensador e prenunciador de risonhos dias o saldo de 400:000$000, do exercicio de 1917.

Brevemente a estrada fornecerá a lista geral da exportação, e por ella se poderá calcular a extensão das esperanças vindouras. Um facto ha a notar: antigamente os mezes de Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro eram mezes mortos, de pequenissima exportação; hoje essa solução de continuidade desappareceu. Goyaz exporta durante o anno todo, de tres annos a esta parte — tal é a intensificação da producção. Goyaz passa actualmente por uma época de expansão economica: ha alli uma certa febre de trabalho.

Quer a agricultura, quer a pecuaria fornecem cotas de grande desenvolvimento.

A industria pastoril será no futuro a riqueza de Goyaz, ao menos do Sul, e isto devido ao mal entendido desbravamento das mattas, onde se succedem as mais pingues pastagens...

— *Quantas cabeças de gado calcula exportar o E. de Goyaz ?*

E' muito difficil responder a esta pergunta. Seu Estado pouco cuida de estatistica. Pela estrada de ferro a exportação annual de vaccuns vae entre 18 a 20.000 cabeças e outras tantas de suinos. Actualmente as xarqueadas consomem uma parte consideravel do gado que era enviado para Minas e S. Paulo, mesmo assim a exportação accusada na Goyana é a mesma. Devo notar que por esta via só sáe o gado de peso, gado gordo — o gado de engorda segue os portos do Paranahyba.

O fisco mineiro publicou a estatistica da exportação e accusou 18.000 sabeças em 1917. Dizem os entendidos que este numero póde ser multiplicado por tres. Finalmente, minha impressão, sobre sua terra é que progride a olhos vistos dia a dia.

Perdôe, doutor, mas desejamos arriscar uma ultima pergunta.

— Com o maior prazer si fôr da minha alçada.

— *Que diz do estado sanitario da região ?*

Quando vim designado para o posto que occupo, estava embuido de que ia lutar com um verdadeiro hospital de doenças. Entretanto foi uma desillusão feliz: a salubridade, quando não conduzida a um optimo, ao menos tinha a favor 80 o|o de vantagens.

Fundei no principio da minha administração um posto medico de beneficencia, com séde em Araguary.

Em pouco tempo, porém, observei a improficuidade ou antes a inutilidade de semelhante creação; os doentes raros que appareciam accusam molestias benignas, ou *caseiras*, como diz seu povo.

Tem-se observado que as estradas de ferro dizimam o impaludismo. Ha pouco li um interessante estudo a respeito. Na verdade os famosos impaludismos de Anhanguera e Urutahy desappareceram depois do beneficiamento das respectivas zonas...

— *E os prégadores do saneamento dos sertões ?*

E' assumpto melindroso que mais lhe tóca como medico, mas comtudo como conhecedor real das terras de que fallo, posso affirmar que os ruidos da campanha são mais theoricos do que praticos. Realmente ha molestias no sul de Goyaz, como as ha em todo o Brasil, especialmente nas classes pouco favorecidas de fortuna, mas isto não é sufficiente para uma generalisação.

Que o senhor me desculpe, mas eu *acho que a campanha do saneamento começa com a engenharia que constróe e facilita os meios de transporte, ou tambem drena o territorio e acaba com a instrucção que divulga a hygiene nos caracteres alphabeticos.*

Neste ponto S. Ex. interrompeu-se dando a entender que já havia dito de mais. Repetimos nossos agradecimentos e num affavel *shakehand garantimos nossa solidariedade.*

Araguary, 3—1—17.

N. da R.— Tres apenas são os municipios goyanos que recebem o influxo benefico da Estrada de Ferro. Não se deve contar, pois, nesse *quantum* acima referido, a importancia total da exportação do grande Estado, principalmente a de gado vaccum e suino, que é enorme, e bem assim a de cereaes.

A nossa exportação pela Estrada de Ferro de Goyaz

Sob este titulo traz "O Democrata", folha official que se edita na capital do Estado, as seguintes notas estatisticas que prazenteiramente transcrevemos:

"Damos hoje a estatistica dos generos transportados pela Estrada de Ferro de Goyaz nos mezes de Outubro e Novembro.

Pelos dados que publicamos, ainda uma vez se verifica o augmento que tem tido a nossa exportação.

E' um facto animador o que se está dando com o desenvolvimento da exportação de generos alimenticios de que ha pouco tempo só exportavamos parcellas minimas.

Assim o feijão tem tido uma grande sahida. Em Outubro se exportaram 6.625 alqueires e em Novembro 4.457.

O arroz tambem tem tido grande procura, tendo-se exportado naquelles dous mezes 870.551 kilos.

Os generos exportados foram os seguintes:

OUTUBRO

362.177 kilos de arroz casca	3:983$947
15.572 kilos de arroz beneficiado	274$067
15.075 kilos de milho	96$212
1.568 kilos de assucar	68$992
13.259 kilos de fumo	1:750$188
659 porcos	2:899$000
1.087 bovinos	7:203$900
4.608 kilos de banha	253$440
1.942 kilos de carne de porco	106$810
16.997 kilos de xarque	560$900
3.647 kilos de couros	641$872
263 kilos salgados	578.600
158 kilos de sabão	52$140
10.406 kilos de toucinho	5.2$330
397.509 kilos de feijão	4:372$599
Diversos	267$176
	23:672$773

NOVEMBRO

502.802 kilos de arroz	5:549$962
39.763 kilos de fumo	5:477$780
268.053 kilos de feijão	2:918$583
546 porcos	2:336$400
258 bovinos	1:702$800
9.947 kilos de couros	1:773$464
10.835 kilos de toucinho	595$925
10.680 kilos de banha	587$400
5.575 kilos de carne de porco	306$625
7.257 kilos de xarque	239$481
61 kilos de couros salgados	134$200
Diversos	372$822
	22:025$442

O valor dos impostos de exportação pagos pelos generos acima discriminados é de 45:698$215.

Nesses mesmos mezes do anno de 1916 a importancia dos impostos de exportação de generos foi apenas de 35:725$119 réis, havendo, por conseguinte, nos dous mezes deste anno um augmento de 9:973$096.

O valor da exportação pelos preços correntes é de 45:698$215.

Pelo confronto que abaixo fazemos do rendimento da exportação nos mezes de Janeiro a Novembro dos ultimos tres annos, se verá o grande augmento que tem tido a exportação pela Estrada de Ferro de Goyaz:

1915	83:772$281
1916	205:113$760
1917	270:950$000

A estes dados acima devemos juntar os seguintes que colhemos no "Araguary", periodico mineiro que se publica na cidade que lhe dá o nome:

"EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO GOYANA

Movimento do serviço de transito pelo ponto fiscal com séde em Araguary e seus subordinados, comprehendendo — Estação da E. de F. Goyaz, nesta cidade e os portos de Barreiros, Ipé, Arcado, Mão de Pão, Pilões e Freires, durante o anno de 1917.

Procedencia goyana:
Animaes: lanigeros 75, cavallares 1, suinos 7.834, vaccuns 13.642.
Mercadorias: volumes 102.385.
Peso: kilos 5.677.224.
Com destino a Goyaz:
Mercadorias: volumes 163.668.
Peso: kilos 5.591.897.

Em 1916, o movimento de transito de cargas e animaes pelos mesmos pontos fiscaes, foi o seguinte:

Procedencia goyana:
Animaes: lanigeros, 56, muares 1, cavallares 4, suinos 82.285, vaccum 18.351.
Mercadorias: volumes 78.195.
Peso: 3.630.972.
Com destino a Goyaz:
Mercadorias: volumes 25.502.
Peso: kilos 1.113.040.

Por esta relação que gentilmente nos forneceu o digno vigia fiscal deste ponto, Sr. Tenente Maximino Nunes, verifica-se a differença para mais, no anno p. p., sobre a exportação de 1916, de 24.190 volumes e 2.046.252 kilos.

Quanto aos animaes, a exportação goyana em 1916 foi maior, como se vê da tabella acima."

No seu proximo numero "A Informação Goyana" voltará ao assumpto com um artigo devido á habil penna de um dos seus mais competentes collaboradores, que acaba de visitar o sul do Estado.

A VERDADE SEMPRE APPARECE

Em Dezembro de 1916 o *Correio da Manhã* affirmou que estariamos em máos lençóes se a capital do Brasil viesse um dia a ser localisada na area do planalto central, conforme deliberaram os legisladores constituintes.

E dizia que as notabilidades scientificas de Manguinhos acabavam de lá encontrar o paludismo, a lehismaniose, a molestia de Chagas e outras enfermidades perigosas.

O Director desta revista teve então opportunidade de endereçar áquelle matutino uma carta, no mesmo dia, contestando em termos serenos e dizendo que nenhum medico desses poderia ter feito pesquizas nesse local e nem tampouco na area de 14.400 k², escolhida para a capital do Brazil.

Publicada a carta, asseverou a redacção do nosso confrade que o missivista laborava em grave erro, pois os Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna lá estiveram em commissão do Instituto de Manguinhos.

Em nova carta, o nosso Director provou que esses medicos não estiveram no sitio referido e que contra a sua salubridade se manifestaram apenas de oitiva e para acompanhar o terço dos que gritavam contra o estado sanitario do *himterland brazileiro.*

O *Correio* deliberou não publicar essas provas, porque não lhe convinha destruir as capciosas affirmações da vespera nem tão pouco desmentir os emissarios de Manguinhos... que se amoitaram.

Mas acaba de vir a lume nas *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz* a tão sensacional *Viajem cientifica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhi e de norte a sul de Goyaz* pelos Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna — para confirmar de vez que estes jovens scientistas na sua excursão nem se quer avistaram os lindes da area de 14.400 k.² demarcada pela Commissão Cruls para o futuro Districto Federal da Republica ! Como, pois, poderiam esses viajores apressados fazer pesquizas scientificas no local escolhido para a futura capital da União, achando-se este local no centro da alludida área geographica ?

Recordando o que ahi fica, não o fazemos com segunda intenção — e sim para não desertarmos do compromisso tomado no artigo de apresentação desta Revista : — refutar com factos e algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e na imprensa se tem propalado ácerca da terra goyana.

Onde ficam as minas dos Araés?

Colhe-se de velhos roteiros, aliás sem alguma prova authentica, que as prodigiosas minas de ouro conhecidas nas tradições por "Martyrios", na extensa e ainda por assim dizer ignota região a que os bandeirantes paulistas deram o nome de Araés, da nação que a habitava, se acham além das planicies do rio das Mortes, á margem de um rio que corre parallelamente a este, e que muitos pensam ser o Crystallino, e outros o Tapirapés, ambos, como aquelle, tributarios da bacia magnifica do Araguaya — o rio de belleza sem par, inconfundivel. Os chronistas, que se inspiram nos apagados e contradictorios roteiros, nunca estiveram de accôrdo quanto á posição geographica dos "Martyrios" dos Araés, pois uns os collocam á margem do rio Claro, outr'ora Pilões, no Estado de Goyaz, ao passo que outros insinuam que nas vertentes do Xingú e tambem numas serras azues, banhadas pelo rio das Mortes. Reza, porém, a tradição oral, que se tem conservado na forte imaginação das gentes do interior, ter sido Manuel Corrêa, um dos ousados paulistas que bateram os "emboavas" nas Minas Geraes, o primeiro que organizou em S. Paulo uma "bandeira" e com ella tomou o rumo do sertão agreste, no afan de descobrir minas de ouro e escravizar o gentio.

Este intrepido paulista interiorou-se pelo paiz maravilhoso a dentro, sempre na direcção do "Far-West" — devesal immenso, que dizer-se póde tão grande como o desconhecido...

Sabe-se pela historia do Brasil colonial que, para homens da tempera antiga dos paulistanos, não havia nada insuperavel, nada impossivel, nada irrealizavel neste mundo. Delles, e de suas celebres expedições devassadoras, organizadas nos campos de Piratininga, essa como que Sagres continental na America do Sul, de onde tantos visionarios fitavam o esplendido sertão interior, procurando com os olhos da imaginação umas riquezas occultas, alguem escreveu: "Lutando com innumeros contratempos, mas cegos pela ambição, arrostavam estes sertanejos os maiores perigos; não temiam as intemperies das estações, os animaes ferozes, os reptis que dão a morte quasi instantanea, imprevidentes viajavam a esmo pelo sertão, não havendo para elles mattos impenetraveis, precipicios, abysmos. Se lhes faltava sustento roiam raizes, comiam lagartos, cobras e sapos que encontravam, e se tinham sêde, e não encontravam agua, chupavam o sangue dos animaes que matavam, mastigavam folhas de matto ou fructas amargas do campo. Em suas marchas, se encontravam algum rio que se prestava á navegação, improvizavam canôas ligeiras, faceis de varar nos saltos, alliviar nos baixios ou conduzir á sirga.

Por terra aproveitavam as trilhas dos indios e em falta dellas seguiam corregos e riachos, passando de uma para outra banda, conforme lhes convinha; lembram ainda hoje essas passagens as denominações de Passa-dous, Passa-tres, Passa-quatro, Passa-cinco, Passa-vinte, etc., etc.; balizavam-se pelas alturas em busca de gargantas, evitavam naturalmente as mattas e, de preferencia, caminhavam pelos espigões".

Estes, os companheiros de Manuel Corrêa, seus costumes, seus habitos de vida. Contando com a disciplina da sua gente, que lhe obedecia germanicamente, poude seguir sempre, sem recúos, no seu temerario intento, transpondo rios caudalosos como o Pardo, o Grande e o Paranahyba e outros, percorreu elle do territorio goyano pelo extremo sul, e penetrou no Matto Grosso, indo além da bacia do Rio das Mortes, á margem direita de um grande rio, onde se asseverava ter descoberto ricas minas de ouro junto a uma grande aldeia de indios, que os naturaes do logar denominavam "Araés".

Sobre esta rica região do nosso paiz que até hoje não foi referida exactamente nos mappas, nem conhecida sob outro qualquer aspecto, contava o bandeirante de Sorocaba, que o ouro nella, era em tal abundancia, que as areias marginaes ao rio tornavam-se amarelladas e brilhantes, apanhando-se facilmente nessas praias as grandes folhetas desse precioso metal, com que os selvicolas galhardamente se enfeitavam. Dizia mais, que o aldeiamento era bastante grande, tendo casas mais ou menos regulares, construidas de madeira e palha, e toda cercada por enorme paliçada, de fórma circular, e feita, de grossos tóros de arvores, por detrás da qual se fazia a sua defesa. Dizia mais Corrêa — que não dispondo de forças sufficientes para atacar a povoação onde os indios haviam se abrigado depois que lhe não puderam fazer mais frente, pois que sempre lhe procuravam impedir a marcha desde que entrára na zona do Rio das Mortes, nome este dado ao rio por causa da mortandade nelle havida de parte a parte, por occasião de sua passagem, e não tendo mesmo recursos para se manter naquellas remotas paragens cercadas de inimigos, tomára a resolução de regressar a S. Paulo, afim de se refazer de forças e voltar á conquista do paiz — esse como que Eldorado! E' facto historico que, com algum ouro trazido do "Araés", Manuel Corrêa mandou fazer uma corôa para N. S. do Pilar, da villa de Sorocaba. Quando se apresentava para nova excursão morre o aventureiro repentinamente, morte attribuida a um envenenamento, ministrado por seus invejosos inimigos, que os tinha na terra natal. Este acontecimento arrefeceu muito o enthusiasmo por emprezas desta natureza, até que annos mais tarde appareceram chefes ou cabos

de bandeiras da estatura, renome e ânimo de um "Anhanguéra", de um Antonio Pires de Campos e outros.

Residindo na villa do Parnahyba, ponto mais avançado dos paulistas no sertão, dispondo de fortuna e prestigio local, proprietario e fazendeiro, possuindo uma copia do roteiro de Manuel Corrêa, era naturalmente Bartholomeu Bueno da Silva o "Anhanguéra", assim appellidado e famoso para desbravar os sertões do Brasil Central, que ainda guarda impressas suas pégadas, nas trilhas tapyaras. Com effeito, organizou elle uma bandeira, e, obtida a necessaria permissão do Governo da Capitania de S. Paulo, penetrou nos territorios hoje de Goyaz e Matto Grosso, sempre em luta desesperada com a gentilidade das nações "Caiapós, Corôados, Goyaz, Carajás, Canoeiros, Araés" e outras que por aquelle tempo dominavam aquella região devesa. Não nos podemos furtar ao desejo de trasladar para aqui alguns excerptos de velhos roteiros, devidos aos que foram em busca dos "Martyrios dos Araés":

"Descendo pelo ribeirão de Goyaz (rio Vermelho, outr'ora Embaúva), se dará em um grande rio mais largo, e, indo-se, avistará uma grande ilha, (sem duvida vem a ser a do Bananal) que dê no alojamento dos "Cara-Jahirás"; o ribeirão que se achar á mão esquerda, avistando-se a ilha, se retomará a parte direita para a parte do "Cara-Jahirá", e se avistará a parte dos morros, para a qual se encaminhará, e dobrando-se no 1º morro, se buscarão o 2º, 3º e 4º até o 10º —, a passagem dos "Martyrios", que é um destes morros, o qual tem admiravel vista e nesta parte (com o favor de Deus) se acharão muitos haveres; porém, para ella se irá depois da Paschoa, pela razão das varzeas que ha, que dão malinas e ha gentio, sendo preciso andar com cautela. Este roteiro me deu o Coronel Bartholomeu Bueno da Silva, que fez meu tio Simão Bueno da Silva, e de seu pae "Anhanguéra" e não lhe custou poucas negativas para lh'o tirar, que me deu pelo interesse de uma causa a que lhe patrocinei na cidade de S. Paulo."

Sabe-se que Bartholomeu Bueno andou pelo Araguaya, onde se encontrara com Antonio Pires de Campos, que vinha de descobrir Cuiabá, com escala pelo rio das Mortes, na conquista do Araés e descobrimento de ouro. Dahi tomaram rumos differentes: Pires regressou ás suas minas de Cuiabá, e o "Anhanguera", regressando a S. Paulo, seguindo o curso do rio Vermelho, chegou inesperadamente ás aldeias do pacifico indio Goyá (J. M. P. de Alencastro). O nome de Martyrios procede, segundo a tradição, de se verem esculpidos, em pedras de jaspetão brunidas, os martyrios de Christo, numa alta ribanceira de um rio que se não sabe qual seja, nem onde fica, nas terras dos Araés.

Dizia Gaspar Leme, um preto verdadeiro, fallecido em casa de Bartholomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão, este bisneto do "Anhanguera", que o rio em cujas margens a prumo, com a altura de dous pinheiros e de comprimento uma legua, estão pintados os "Martyrios", é, na figura e plantação do terreno, como o rio Sapucahy, na estrada de S. Paulo a Goyaz."

Da parte de Goyaz como tambem de Matto Grosso, innumeras tentativas se têm feito no intuito de descobrir ás tão falladas minas de ouro dos Araés, e agora, ainda por essas paragens, deve andar uma expedição formada e custeada pelo engenheiro francez Roberto Boussu, que ha mais de 20 annos se consagra aos trabalhos compensadores da mineração em terras goyanas. Elle teria entrado pela ilha do Bananal ou de Santa Anna, no Araguaya, consoante as instrucções contidas no roteiro deixado pelo "Anhanguéra", primeiro deste nome.

E' innegavel que a região de que se trata é mui rica de ouro, e que não são fabulosas as suas minas, diz o Padre José Manoel de Siqueira — comprovam as grandes diligencias que se fizeram para as descobrir, as capitanias de S. Paulo e Goyaz. A titulo de curiosidade, neste momento precisamente de catechese dos incolas do Brasil, aqui vae o ensinamento efficaz que o sacerdote acima referido dava de conselho, aos que se entregavam naquelle tempo ao "sport" predilecto dos sertanistas:

"Inventei para o meu uso, no tempo em que o gentio Caiapó invadiu Cuiabá, certos cartuchos, carregados com polvora, buchas e quartzos, que não precisam de varetas. E no anno de 1772, ensinei tres escravos meus a carregar com estes cartuchos e então observei o activissimo fogo que faziam tres espingardas. Da mesma sorte observei que as balas e chumbo meudo são inuteis no combate com o gentio, e só tem bom effeito os quartzos meudos, vulgo "perdigotos", que de um tiro chrismam a muitos."

Em conclusão: se as minas do Araés forem encontradas, em virtude das actuaes expedições, e referidas pelos competentes como não exageradas, e sim veridicas, breve a formosa região central da Republica reivindicará a supremacia que teve nos tempos coloniaes, sob o ponto de vista da sua producção mineralogica.

HENRIQUE SILVA.

Goyaz no Continente Sul Americano

(SOB O PONTO DE VISTA GEOLOGICO)

O Brasil Central, que comprehende Minas, Goyaz, Matto Grosso, Oeste de S. Paulo e os altos sertões da Bahia, Piauhy e Maranhão, foi outr'ora uma grande ilha, quando o mar immenso cobria o resto do continente sul-americano — é ilha primitiva, principio de um continente, ella surgiu e permanece ainda hoje na hypothese dos geologos como a parte mais antiga do continente.

Ilha ainda é o Estado de Goyaz, sob o ponto de vista da sua hydrographia porque em nossos dias as vertentes das tres principaes bacias que descem do planalto de tal fórma se emmaranham, se confundem, se entrelaçam, que, ao se desprenderem da região originaria, deixam-n'o preso pelo affecto num amplexo immenso e nostalgico daquellas alturas, insulado no coração do Brasil.

A *divortia-aquarum* que separa em Goyaz as bacias do Paranahyba e Tocantins-Araguaya não mais significa que o grande Araxá descido dos Andes aos 20º de latitude para o nosso paiz, na sua missão, certamente invasora, de separar as aguas em quatro grandes systemas hydrographicos da America do Sul: o Prata, o Amazonas, o S. Francisco e o Parnahyba.

Que esse espigão mestre de facto divide o Brasil Central sob o ponto de vista climaterico, faunistico e zoologico, sabe-se.

Essa parte do nosso *hinter-land* é um expoente na geographia nacional. Della desce ao norte esse magnifico Araguaya tão sereno, tão desamparado e que assim vai, sem traduzir a queixa de um povo, até entrar na bahia de Guajará, onde se confunde com o oceano.

O Tocantins, esse rio que sorprende os systemas hydrographicos quando se afunila e passa, quando se submerge, para surgir depois cheio de vigor, cheio de potencia olympica ao atravessar o canal do Funil, espumando como nascido de lá... e ditando a Elisée Réclus a

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: Henrique Silva e Dr. Americano do Brasil

Redacção: Rua da Asesmbléa n. 8—Rio de Janeiro

Assignaturas

Um anno (Brasil) .... 10$000
Um anno (Paizes da União postal) ...... 20$000

Annuncios

Uma pagina .... 100$000
Meia pagina .... 60$000
Um quarto .... 30$000
Um oitavo .... 15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

phrase em que elle diz ter esse rio a secção heroica das cachoeiras no alto Brasil, faria o orgulho de qualquer região que banhasse.

"Provavelmente, diz o notavel geologo Eugenio Hussak, depois de um intervallo de tempo em que a terra firme, formada pelas rochas do primeiro grupo era mais ou menos profundamente desnudada, veio o deposito dos sedimentos argillosos, arenosos e calcareos que, sublevados por sua vez por um segundo movimento orogenetico, constitue hoje a região dos schistos, grez e calcareos paleozoicos entre Santa Luzia e Formosa e, mais para o norte, o alto chapadão (1.500 metros) dos Veadeiros.

Com este segundo sublevamento fechou-se o cyclo dos grandes acontecimentos geologicos para a região visitada pela Commissão, no Estado de Goyaz que, permanecendo no estado de terra firme, tem soffrido apenas a acção desnudadora dos elementos atmosphericos, que durante seculos sem conta têm esculpido as actuaes feições topographicas.

Em redor desta região, porém, ao norte e a oeste, na bacia do Tocantins-Araguaya e na do Xingu' e Paraguay; a léste, na do São Francisco; e, ao sul, na do Paraná, houve enormes depositos de sedimentos que, por transgressão, cobriram as margens da antiga ilha goyana e se estenderam sobre as vastas regiões que hoje constituem grande parte das bacias mencionadas.

Estes depositos têm permanecido em posição horizontal, (como já demonstraram Derby e outros), em S. Paulo, Paraná, Matto Grosso, Piauhy, Bahia e Minas, parecendo ter começado na edade devoneana e ter continuado, com interrupção, até a idade secundaria."

Outro *facies* do Brasil Central: se elle foi, no que aliás estão accórdes os mais conspicuos homens de sciencia — a parte de formação geologica mais antiga do continente sul-americano — uma grande peninsula, é claro que sómente delle poderiam ter partido para as partes de formação mais recente, como por exemplo o valle amazonico, todos os representantes hodiernos da fauna sul-americana, inclusive a dos *Pampas* e a dos *Llanos* da Columbia e Venezuela.

Campanha opportuna

(*Continuação*)

E aos filhos da terra de Anhanguera, já parecia coisa certa o surgimento da estrada de ferro no seu Estado, consequencia necessaria que era da mudança da Capital e já uma compensação para Goyaz ao que dirá.
para Goyaz ao que dirá.

Mas não tardou muito a boa visão. Ella se desfazia em 97.

O mesmo aconteceu com a esperança que se acalentou de uma estrada estrategica para Cuyabá, partindo de Catalão até onde iria a Mogyana.

Por fim, após muita lucta e duvidas, conseguiu-se a Estrada de Ferro de Goyaz, que já não poude, nem mesmo em projecto, ir senão até á Capital.

Tantos annos foram necessarios para afinal obter essa via ferrea que tem o nome de Goyaz, mas que nem duas centenas de kilometros penetrou pelo territorio goyano rumo á Capital.

E em vista da morosidade com que anda a sua construcção, parece que lá não chegará tão cedo. Demais não basta só ella, nem satisfará indo apenas até á Capital. Necessario é que se ligue a Capital a Santa Leopoldina e se organize a navegação do Araguaya.

Além da communicação que fornece esta, pela sua natureza, offerecerá ao commercio as vantagens do frete proprias ás vias fluviaes. Em summa, sua importancia vem evidenciada desde a campanha e a tentativa de Couto Magalhães. Não se precisa mais de demonstrar isso.

Agora que o ruido dos canhões da grande guerra, já ecoam nas nossas plagas, despertando os nossos dirigentes do torpor em que jaziam, sob o opio da politicagem, e que a furia allemã tocou a nossa bandeira e feriu nossos compatriotas, nos obrigando a acceitar uma luta que a nossa generosidade intrinseca procurava evitar, se terá reflectido e reconhecido para ter bem, a consciencia do descuido criminoso em que se permaneceu de problemas da maior importancia qual o do transporte.

E' então occasião azada para se clamar pela solução possivel deste problema capital que interessa á nossa economia nacional, á nossa producção industrial, em summa, a nossos meios de vida interna, tanto quanto á nossa defesa. E por que parecem terem os governantes se acordado ao clarão das labaredas da guerra, que já chegou até aqui e ás explosões dos torpedos teutões vão-se pondo em actividade, certo não será improficua a campanha.

Que os effeitos da grande guerra nos tragam o beneficio de adiantar alguma cousa no assumpto de transportes !

E' claro que não se poderá de vez dotar o paiz dos meios de transporte de que precisa. Mas é necessario e póde-se desde já tratar delle praticamente.

E quanto a Goyaz deve-se logo apressar a construcção da Estrada de Goyaz até á Capital e dahi a Leopoldina, isto é, ligar estas, e tornar uma realidade a navegação do Araguaya, comprehendida a ligação pela estrada de ferro, do trecho não viavel. Não é ocioso repisar sobre as vantagens economicas das vias aquaticas.

Tambem é necessario aproveitarem-se os outros meios que não as viações ferrea e fluvial, que hoje a industria faculta, as auto-vias, digo, a viação automovel, que por certo será a viação do futuro.

Já se cogitou de medidas nesse sentido, promovendo a preparação de estradas de rodagem para automoveis. E é de suppôr que a legislação deste anno consagre algo de mais positivo e pratico a respeito. Demais, o combustivel podendo vir a ser o alcool e tendo de o ser forçosamente para o futuro, á vista da escassez e talvez breve falta absoluta de gazolina, este systema de viação tem para nós a vantagem de desenvolver a industria do alcool, dando-lhe emprego mais util. E como o lubrificante poderá ser o oleo de ricino, teremos nos meios puramente nacionaes esses elementos para o trafego. Goyaz que offerece terrenos tão proprios para essas estradas, tambem possue recursos para fornecer estes materiaes, além da materia prima para a construcção dos autos — ferro, madeira e borracha.

Que a campanha que se faz pela *Informação Goyana* prosiga e consiga o exito desejado !

15 — 11 — 917. J. J. Curado

VARIAS NOTAS

Pela lei n. 3.454, que fixa a despeza geral da Republica, para o exercicio de 1918, foi o poder executivo autorizado:

— A conceder a Rogerio Cesar de Andrade, ou a quem mais vantagens offerecer, sem onus e sem qualquer responsabilidade para os cofres da União, o estabelecimento, uso e gozo de uma linha de navegação a vapor no rio Paranahyba, desde a ponte do Anhanguera e Estrada de Ferro de Goyaz, até o porto de S. Jeronymo, inclusive seus affluentes, rio das Velhas, Corumbá, Meia Ponte e dos Bois.

O Governo no respectivo contrato, além das condições technicas, estabelecerá o prazo maximo da concessão.

— A conceder ao cidadão Virgilio Rodrigues da Cunha, ou a quem mais vantagens offerecer, sem onus e sem qualquer responsabilidade para os cofres da União, a construcção, uso e gozo de uma ponte metallica ou de madeira sobre o rio Paranahyba, no porto do canal de São Simão (art. 30, n. IX, da lei n. 2.924, de 5 de Janeiro de 1915).

O Governo no respectivo contracto, além das condições technicas, estabelecerá o prazo maximo da concessão e a taxa para passagem de cada cabeça de gado.

MAJOR HENRIQUE SILVA

Deixou de fazer parte do corpo de collaboradores desta revista o Major Henrique Silva, que, nas suas columnas, por largo tempo, com o fulgor da sua intelligencia e a solidez dos seus conhecimentos, deu grande relevo aos assumptos referentes á pecuaria nacional.

Motivou esse afastamento do nosso illustre collega e prezado companheiro o facto de ter elle que se dedicar mais intensamente á revista "A Informação Goyana", que, com o alevantado intuito de prestar serviços ao seu Estado natal, recentemente fundou.

E' uma perda sensivel, não só pelo valor da collaboração, como pela saudade que, do querido companheiro, experimentam quantos trabalham nesta casa."

(Da *Brasil-Ferro-Carril*, revista quinzenal de transportes, economia e finanças."

O vocabulo caraminguá

Em resposta a um consulente e collaborador da provecta secção "Questiunculas" d'*O Imparcial,* escrevemos o que segue:

"A proposito do vocabulo *caraminguá* já emittimos nossa opinião aqui nas "Questiunculas" e na *A Informação Goyana,* do mez de novembro ultimo. Como nossa explicação, foi, cremos, a primeira aventada, julgamos dever fundamental-a.

A palavra é de origem tupi, sendo composta de duas particulas synonimas — *cará* e *minguá* — ambos traduzindo-se por *habilidade* (*V. Tesóro de la lengua de los Tupis — Montoya*). Essa agglutinação de particulas de significados identicos para formar o gráo augmentativo, faz lembrar as locuções do vernaculo — *o cantico dos canticos, o rei dos reis* — que tambem são formulas gradativas do substantivo.

Os elementos morphicos puramente dissecados conduzem-nos a esta conclusão: *caraminguá*, a *habilidade* da *habilidade* ou o *cumulo da habilidade.*

Resta-nos agora identificar o objecto a que pertence tal nome e verificar se o mesmo justifica a etymologia. Os sertanejos do alto araxá brasileiro dão esse designativo a um utensilio domestico fabricado com o fructo secco da planta optante conhecida por *cabaceira.* A cabaça tem o todo de um *moringue,* ou de uma pêra em ponto grande. Com um canivete, ou com uma *fronqueira* de córte afiado descrevem interessantes florões na superficie lisa do fructo e conseguem *disfarçadamente* talhar uma tampa cujas juncturas são imperceptiveis e encobertas pelo ornato grosseiro.

Outras vezes abrem a tampa com uma série de linhas quebradas e rectas que, bem feitas, são invisiveis e dão a idéa de que o fructo está ainda completo.

E' curioso notar que estão presentes duas *habilidades*: a primeira pertence ao fabricante, e a segunda ao objecto, isto é, a *habilidade da habilidade.*

O utensilio, que é de invento indio, passou ás gentes que estiveram em contacto com os selvagens. Hoje, no interior, ouvimos o emprego dessa palavra para significar a *perfeição de um objecto, um enigma,* etc.

Qualquer *caixa de segredo* é *caramiguá.*

As qeustões difficeis são tambem *caramiguás*: "*esta charada é um caramiguá.*"

Ahi tem portanto, o Sr. Z. V. a etymologia, a historia, o sentido e a applicação do vocabulo *caramiguá* ou *caraminguá.*"

Apezar de innumeras pesquizas realizadas em diversos catalogos de termos de gyria, sertaneja ou litteraria, não deparamos o assignalamento de semelhante vocabulo. Demais não pensamos tão pouco que o mesmo possa pertencer á gyria, visto sob tal denominação estarem comprehendidos designativos especiaes, a maior parte das vezes com apparencia pejorativa, substitutos encobertos de outros já vigentes. E' uma palavra camada pelo contacto do elemento indio — um vestigio do cruzamento ethnologico, em cuja collaboração se exerceram os fundadores da *lingua geral.*

Nós acreditamos com João Ribeiro, e nisto repetimos Schneider, que os menores elementos de uma lingua se crêam uma atmosphera particular de significação, uma especie de physiologia, ou dynamica a realçar a imagem a que se destina, ou a sua composição.

Não desconhecemos as leis do acaso, os estreitados recursos de que muitas vezes revertem dominativos, ou qualificativos sem um quilate real de significação: são creações espurias das linguas muito evoluidas, das sociedades a perlustrarem as barreiras do *typo dolo* de que nos fallava o sociologo Scipio Sighele.

A lingua geral não teve tempo de se augmentar destes coloridos de disfarce, de sorte que as expressões, sempre formadas pela agglutinação, tem interpretação e identificação definidos.

Entretanto, com certa admiração, ou antes acanhamento de termos talvez seguido de uma explicação menos provavel, lemos n'*O Imparcial,* do dia immediato ao da publicação acima, e debaixo da autoria do erudito medico Dr. Placido Barbosa, em um momentoso artigo — *Eleições e Dinheiro* —, que o vocabulo *caramiguá* se traduzia por dinheiro pouco, e em um apoio citava o conceito — *votos por caramiguás,* isto é, em troca de dinheiro pouco, ou meudo.

Não sabemos a que gyria faz referencia o erudito collega e autôr do melhor diccionario de termos medicos, agora augmentado, porém, a resalva da phrase acima não é sufficiente para lhe conceder plenas garantias de interpretação.

Tambem colligimos a expressão — *votos por caramiguás* —, no interior do Brazil, *habitat* de apparecimento d'aquelle vocabulo, mas com diversa traducção em puro vernaculo.

Em vesperas *do carnaval das urnas* os chefes de directorios, ou aggrupamentos politiqueiros, enviam cartas lacradas aos inermes camponezes de todas as localidades do municipio — a unica missiva que talvez recebam, de tempo a outro, em todo o decorrer de sua existencia de trabalho.

Ao pedido de voto desta forma lançado, ou melhor, á *carta-pedido,* dão o nome de *caramiguá* pela relação do segredo, de ordem que conserva com a exposição acima, em que commentamos o supposto termo.

Portanto: *votos por caramiguás* quer dizer, em nosso intendimento e no das gentes sertanejas de certos *habitats,* votos conseguidos por meio de cartas. — *A. B.*

BIBLIOGRAPHIA

Acabam de apparecer duas publicações referentes a Goyaz, —pelo que nos sentimos na obrigação de aprecial-as, consoante ao culto que fundou e rege esta *Revista.*

Queremo-nos referir aos "Limites Interestadoaes" por Thiers Fleming, e á "Viajem cientifica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhi e norte e sul de Goias", pelos Drs. Arthur Neiva e Belizario Penna.

Sem outras credenciaes que as que lhe advém de funccionario da Casa Militar do Sr. Presidente da Republica, o Sr. Fleming atropela as competições das outr'óra Capitanias — e deixa afinal patente que S. S. nem pelo estudo nem pelo seu desenvolvimento intellectual estava ainda preparado para escrever "Os Limites Inter-estaduaes".

Quanto ao trabalho dos Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna, o melhor é o leitor nos acompanhar desde o presente numero d'*A Informação Goyana,* porque, decididamente não os podemos largar tão cedo.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Directores: HENRIQUE SILVA e AMERICANO DO BRASIL

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2º andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1918 — VOL. I—N. 8

EXPEDIENTE

Do presente numero em diante a nossa Revista apparecerá com 16 paginas, ou sejam 4 paginas a mais no texto, sem que com isto haja augmento no preço das assignaturas e venda avulsa, que continúa a ser o mesmo.

E' innegavelmente um verdadeiro esforço da nossa parte — quando a ninguem é licito ignorar a actual carestia do papel de impressão — particularmente do assetinado; mas o fazemos porque não havia outro meio de melhor correspondermos á acceitação que vem tendo *A Informação Goyana*.

SUMMARIO

Os limites geographicos de Goyaz

CORRENDO A CORTINA

Convém lembrar de começo que as questões de limites foram em todos tempos fataes a terra do "Anhanguéra", cuja extensão territorial, sempre ambicionada pelas antigas Capitanias, Provincias e hoje Estados confiantes, sem duvida pela risonha perspectiva das enormes riquezas inesploradas, representa hoje menos de dous terços do que outr'ora.

Das antigas questões de limites os resultados foram sempre desfavoraveis a Goyaz.

Basta um golpe de vista retrospectivo até o governo dos capitães-generaes.

Em 1816, no governo infeliz de Fernandes Delgado Freire de Castilho, foi desmembrado de Goyaz todo o territorio comprehendido entre o Rio Manuel Alves Grande, Serra Geral, o Tocantins e a linha divisoria da confluencia do mesmo Tocantins com o Araguaya.

Esta vasta porção de territorio foi incorporada ao Maranhão, em virtude do aviso de 11 de Agosto de 1913, que mandava se procedesse á demarcação exacta dos limites das duas capitanias, á vista da insistente pretenção do Maranhão ás minas de Carlos Marinho (arraial de S. Felix). Estas pretenções foram desapprovadas por ordem régia de 31 de Maio de 1736 (Cunha Mattos) — "Chorographia Goyana", 344).

No mesmo anno, 1816, e governo de Fernandes Delgado, perdia Goyaz os antigos julgados do Araxá e Desemboque, que em consequencia do alvará de 17 de Maio de 1815 foram annexados á provincia de Minas Geraes, para formar a comarca de Piracatú.

Esta segunda usurpação da ambiciosa provincia de Minas dava-lhe toda essa immensa porção de terra comprehendida entre o Paranahyba e o Rio Grande, conhecida então por sertão da "Farinha Pôdre", e recentemente chamada "Triangulo Mineiro". Assim, diz um chronista da época, perdeu Goyaz muito além de 4.000 leguas quadradas de terra, e já havia abandonado o districto do Rio das Eguas, que passou á Bahia. (Vide "Carta plana da provincia de Goyaz e dos julgados de Araxá e Desemboque", levantada pelo marechal Cunha Mattos e publicada em 1836).

Não param ahi as pretenções do Estado de Minas, fica ainda para a sua desmedida ambição o territorio comprehendido entre os rios S. Marcos, Paranahyba, Jacaré e arestas das serras de Andréquicé e Lourenço Castanho até Arrependidos! E' o que se vê do projecto que em 1861 foi apresentado á Camara dos Deputados pelos representantes de Minas Geraes, Melchor Carneiro e Luiz Carlos da Fonseca, ambos já fallecidos.

Occupando-se dos limites de Goyaz e Minas, diz o sr. Thiers Fleming: "Em 1838 é que surge da parte de Goyaz contestação sobre os limites com Minas".

Este periodo, ou encerra muita ignorancia do assumpto em discussão, ou muita má fé, porquanto a contestação de Goyaz sobre os seus limites com Minas data do anno de 1800, quando ao installar a villa de Piracatú do Principe e crear a comarca do Rio das Velhas, o ouvidor mineiro incumbido disso traçou arbitraria e subrepticiamente os limites da nova comarca, annexando-lhe uma grande parte do territorio pertencente a Goyaz.

E, como era de esperar, este facto provocou da parte do então governador de Goyaz, D. João Manuel de Menezes, um energico e até violento protesto, mandando ao mesmo tempo collocar um forte destacamento em Andréquicé, proximo a Piracatú. O successor de D. Manuel, D. Francisco de Assis Mascarenhas, sustentou o acto do governo que o precedeu.

Em 1816, em virtude do alvará de 17 de Maio de 1815, fóram os antigos julgados de Araxá e Desemboque — immensa porção de terra comprehendida entre o Rio Grande e o Paranahyba, conhecida por esse tempo pelo nome de "Sertão da Farinha Pôdre", e posteriormente chamada "Triangulo Mineiro".

Outra provincia qualquer, menos ambiciosa do que a de Minas, dar-se-ia por satisfeita com aquella usurpação do territorio alheio, mas a desmedida ambição dos mineiros parece não ter limites, e por isso não respeita os que separam sua terra dos que lhe são confinantes. Falta ainda uma vez a verdade o sr. Thiers Fleming quando diz que a zona contestada está parte na jurisdição de Minas e parte na de Goyaz. Nunca esteve nenhuma particula sequer dos territorio contestado, sob a jurisdição de Minas, por isso que os governos de Goyaz nunca consentiram na invasão do seu territorio. Não ha nem nunca houve razão alguma, que justificar pudesse, em qualquer tempo ou de qualquer modo licito, a antiga pretenção de certos mineiros a um territorio do qual de facto e de direito Goyaz sempre esteve, como está, na posse legal.

Esse nosso legitimo direito, documentado e irrefutavel, nos vem garantido pelos poderes competentes desde os tempos coloniaes. A jurisdição de Goyaz sobre a zona que o senador Virgilio Mello Franco lhe pretende agora usurpar se esforçando por collocal-a em litigio, reconhecida como goyana, até pelo presidente João Pinheiro, foi não só ao tempo do governo da metropole portugueza como durante todo o antigo regimen — e assegurada ainda a Goyaz foi, pelo mais alto e competente tribunal da Republica, em 1896.

Ora, depois do pronunciamento do Supremo Tribunal Federal, em seu accordam de 4 de Maio de 1896, a teimosia do sr.

Mello Franco esse tocante importa innegavelmente num desrespeito á suprema magistratura do paiz, que daquella fórma dirimiu qualquer presumpção anterior.

Quer afinal saber o leitor qual a razão mais forte que assiste aos mineiros para entrar na posse do territorio ambicionado ?

Quem lhe vae satisfazer a curiosidade é o mesmo sr. Thiers Fleming, nas seguintes indiscretas mas expressivas linhas: "Poderá o desembargador Alves de Castro, actual governador de Goyaz, afastar-se da directriz traçada pelos seus antecessores Xavier de Almeida, Rocha Lima, Urbano de Gouvêa e Olegario Pinto, de considerar a zona litigiosa — territorio goyano e acceitar qualquer accordo directo ou indirecto? Attendendo aos antecedentes da questão e "á situação politica de sua eleição", (o gripho é nosso) como elemento de conciliação, entre duas correntes antagonicas que se degladiavam, tendo primeiro de restabelecer a paz, não cremos que queira resolver esta questão que se presta o explorações politicas.

Sendo assim, resta a Minas Geraes o recurso ao Poder Judiciario, pois, é um caso typico de sua attribuição. Ha estudos que permittirão o julgamento prompto.

Não fosse a grande superficie que possue Goyaz e a sua escassa população, o ter-se de abandonar uma divisa natural e a teimosia dos seus governadores, poderia Minas entrar em accordo, respeitando cada Estado o "uti-possidetis" do outro e dividindo-se entre elles a zona litigiosa, de accordo com os accidentes melhores para a divisa".

Mas, provado como ficou pelo pronunciamento do Supremo Tribunal Federal, em seu accordam de 4 de Maio de 1896 o "uti-possidetis" de Goyaz na zona contestada, desapparece a pretenção de Minas.

Quanto á divisão da chamada zona litigiosa, como quer o sr. Thiers Fleming de accordo com os accidentes geographicos melhores para a divisa, era necessario que outros accidentes geographicos houvessem, melhores do que os que assignalam os actuaes limites dos dous Estados, e estes, como se sabe, são o rio Jacaré desde a sua foz no Paranahyba até as suas nascentes na cordilheira denominada pelos antigos sertanistas "Espigão-Mestre".

Não ha, disse Homem de Mello no texto do seu "Atlas do Brasil" — na larga estructura do continente brasileiro, cordilheira que se assignale por uma direcção tão uniforme e por uma linha de contorno tão seguida e perfeita, como seja o "Espigão Mestre" de Goyaz. A sua alta escarpa de N. W. dilimitando as duas immensas bacias do Tocantins e S. Francisco, foi o guia seguro, ou o "Espigão Mestre", que serviu aos primeiros descobridores para se orientarem no meio destas vastas regiões então desconhecidas. E' notavel que os nossos bandeirantes e sertanistas, penetrando as terras do interior do Brasil, mostraram possuir maior intuição geographica do que os sabios de gabinete. Podemos dizer que esses ousados roteadores do deserto foram os verdadeiros fundadores da geographia patria".

Noutro artigo discutiremos os limites de Goyaz e Minas sob o ponto de vista do seu aspecto actual, isto é, na vigencia do governo do Exmo. Sr. Wenceslão Braz.

Contra-almirante JOSE' CARLOS DE CARVALHO.

(Do Conselho Director do Club de Engenharia).

A viação de Goyaz

* * Sob a competente direcção do coronel Edmundo de Moraes, empreiteiro da Companhia Auto-Viação Goyana, da qual já tratámos em o numero 5 desta revista, iniciou-se, ha poucos dias, o serviço da estrada de automoveis de Roncador, actual ponto terminal da Estrada de Ferro de Goyaz, á Capital goyana, facto este que, com a mais viva alegria registramos aqui, pois que vem solucionar, em parte, problema de transportes entre o longiquo Estado Central e os centros commerciaes de Minas, S. Paulo e Rio.

* * No ultimo numero do "Lavoura e Commercio", de Uberaba, ha um telegramma de Bello Horizonte sobre o proseguimento dos trabalhos da Estrada de Ferro de Goyaz entre Salitre e Patrocinio, o qual se acha noutra secção desta revista.

TROVAS GOYANAS

A florzinha do páo d'arco
E' da côr do entardecer
Traz tristeza, traz quebranto.
Tu, que não has de trazer...

Lá na serra dos Angico,
Quanta flôr anda a brotar
Assim tambem são teus olhos
Quando pões-me a namorar...

"Passo" preto cantador
Que canta no burity,
Vae dizer ao meu amor
Que de pezares parti...

Menina amarra o cabello,
Bota um lenço no pescoço,
P'ra livrar d'algum quebranto
— Máo olhado d'algum moço.

Minha mãe me poz na escola
P'ra apprender o bê-a-bá,
Eu fugi, fui apprender
O lundú do marroá !...

O tempo estraga e consomme
Da propria pedra o lettreiro,
Só não estraga nem consomme
O amor que é verdadeiro.

— Vinde cá minha bem feita,
Centurinha de messura,
Corpinho de fita lavrada
Boquinha de pêra madura !

— Viva o cravo, viva a rosa
Viva a flor de Alexandria,
Viva quem tem seus amores
Na cidade da Bahia !

— O sol entrou na vidraça
E sahiu sem tocar nella
Assim foi a Virgem Maria
Que pariu e ficou donzella...

Mas no *desafio* é que sublima o desafogo da imaginação ironica do Goyano. E aqui vai este improviso cantado ao som da tradicional viola mineira de Queluz — magico instrumento musical que excede ao cavaquinho nortista e á guitarra serrana do Rio Grande do Sul; é nelle que reside o encanto inegualavel, a denguice indizivel dos *ponteados*, dos batuques e caterêtês de Minas, oéste de S. Paulo, Goyaz e Matto Grosso onde se ouvem quadrinhas assim:

— Da palma nasce o palmito
Do coqueiro nasce a palma;
Quero que você me conte
Quem entrou no céo sem alma ?

Responde o outro :

— Do coqueiro nasce a palma
Da palma nasce o palmito,
Quem entrou no céo sem alma
Foi a cruz de Jesus Christo...

Dizem que a muié é farça
E' farça como o papé,
Mas quem vendeu Jesus
Foi home, não foi muié.

Os descobrimentos do Sertão

Registo historico, baseado nos estudos do illustre historiographo mineiro, sr. senador dr. Diogo de Vasconcellos, auctor da Historia Antiga das Minas Geraes e da Historia Média das Minas Geraes

INTRODUCÇÃO

Trabalho de grande valor para a nossa historia são, innegavelmente, os estudos e pesquizas que o illustre varão mineiro, sr. senador dr. Diogo de Vasconcellos, enfeixou nas suas **Historia Antiga das Minas Geraes** e está concluindo na sua **Historia Média das Minas Geraes**.

Ha, nessas obras de folego, onde palpita um coração de patriota, com os olhos fitos no coração do Brasil e onde culmina a razão serena de um sociologo, immenso serviço feito a Goyaz, pelo que se verificou e se alicerçou a bem da nossa historia.

Nós, goyanos, somos um povo que, com quasi dois seculos de existencia caracterisada no contacto da civilisação, não cuidamos, no emtanto, até hoje, de apurar a razão de ser do nosso estado de gentes e de terras.

Pouco, muito pouco, a não serem os trabalhos de dois ou tres patriotas, se ha escripto sobre Goyaz e sobre os goyanos, e nós mesmos nos não conhecemos.

Como se foramos um povo sem precedentes de valor, vamos consentindo que se perpetue o nosso apagamento historico e que se não dêm, á nossa Terra e ao nosso nome, homenagens que lhes são devidas, na apreciação dos factos da vida nacional.

Permittimos, assim, que se esmaeçam as nossas tradições e nada temos feito de bom e de util, no interesse da historia de Goyaz.

A' falta de esforços patrioticos e de indagações proveitosas, temos acceitado, como pontos da nossa historia, o estropeamento e a mutilação da verdade e temos consentido em que erroneas supposições se radiquem na crendice geral, como se fossem a expressão do real.

Para esse triste estado de coisas muito ha contribuido o governo. Com a sua attenção sempre voltada, em todas as épocas, para os exhaustivos e annullantes problemas de partidos, que não são mais do que facções, nunca os nossos governos volveram a sua attenção para a nossa historia e geographia e têm deixado que se percam, ao abandono e ao menoscaso, as documentações da vida de outr'ora, que deveriam estar recolhidas a um archivo publico, zeladas cuidadosamente.

Logares que floresceram e depois foram á extrema decadencia ou ao desapparecimento, como Pilar, S. Felix, Cocal, Ouro Quente, Trahyra, Amaro Leite e outros, onde estão os seus archivos ?

Logares que lograram grande prosperidade e depois retrocederam, como Santa Cruz, Cavalcante, Palma, Conceição e Natividade, onde os cuidados que deveriam ser dados aos archivos das suas tradições ?

Ahi estão problemas, que testemunham erros que temos accumulado. Resta agir-se na reparação, tardia embora e que, no emtanto, é o que praticamente se póde fazer. Já se perdeu muito, mas ainda ha muito que se reunir e archivar.

Para se levar a bom termo a obra da reconstrucção de dados e reunião de documentos da nossa historia, é indispensavel que se faça sentir a acção official.

Só o governo do Estado, com os seus recursos e com a sua autoridade, poderá crear o Archivo Publico de Goyaz, pondo á sua frente um espirito operoso, investigador, e que, por vocação para taes funcções, seja por si mesmo um obreiro digno de confiança.

A iniciativa particular nada conseguirá, porque é preciso que a autoridade do governo se faça sentir para a facilidade do recolhimento de documentos originaes e cópias.

Os particulares podem contribuir efficazmente em auxilio ao Archivo, já concorrendo para a sua formação e para o seu desenvolvimento, já offerecendo memorias e outros trabalhos, originaes e alheios.

A' repartição do Archivo se deve confiar o encargo da direcção da elaboração da Historia e da Geographia de Goyaz, cabendo ao governo animar, por meio de subvenções e premios, tão importante trabalho.

O illustre dr. Diogo de Vasconcellos, que tanto bem fez ao seu Estado, com a sua **Historia Antiga** e continúa a fazer com a sua **Historia Média**, numa **Advertencia** que abre áquella, explica que concebeu a ideia da obra a 24 de Junho de 1898 e somente a pôde concluir em Dezembro de 1900.

São ponderações suas :

"Accresce que, precisando eu de cuidar constantemente das necessidades da vida, só pude empregar as horas vagas e os dias de férias, alternativa que o leitor facilmente observará na desigualdade das paginas escriptas."

Está ahi uma advertencia justa. Para se metter mãos a uma tarefa de tal ordem, mistér se faz que o autor tenha as necessidades da vida asseguradas e possa applicar toda a sua actividade á missão que se impoz.

Quem houver de preparar um trabalho sobre Goyaz deverá, necessariamente, percorrer todo o Estado e demorar em pesquizas em todas as cidades, villas, etc. Terá, além disso, de recorrer aos Archivos Publicos, bibliothecas e repartições de Matto Grosso, S. Paulo, Minas, Rio, Bahia, Maranhão e Pará. Não será, talvez, dispensavel o concurso de Lisboa.

Sem o estipendio do governo não é possivel levar-se a termo tão grandiosa e digna empreza, obra de benemerencia, por si só capaz de sagrar a sabedoria e os zelos civicos de um governo.

O sr. senador Diogo de Vasconcellos, cujas obras são pouco conhecidas em Goyaz, nos prestou tres ordens de serviços, que devem recommendar o seu nome á gratidão dos goyanos.

1° — Determinou o curso etnographico dos **Goya**, desde os seus primeiros troncos.

Ao passo que a nação "Tupy" pôde desfructar em paz os longos e tristes seculos da idade quaternaria, sem competidores, ficando paralysada no estado rude e animalesco da sua origem, o mesmo não aconteceu aos seus contemporaneos do Norte.

Oriundos da velha raça melhor, que povoou a China e o Japão dos tempos idos, enxames samoyedas do Himalaia, derramando-se pelo norte da Asia, transbordaram no Alaska e dahí nas regiões boreaes, possuidas até hoje pelos Esquimáus, seus primogenitos. Depois, avançando para o Sul, submetteram os antigos habitantes e pelo cruzamento produziram com estes a primeira raça mestiça dos Aryanos, que se viu na America.

De outro lado, escalando a Groelandia e as costas do Labrador, os Scandinavos formaram colonias; e pelos mesmos processos de guerra deram nascimento a outra familia mestiça, que avançou para a Florida e se derramou pelas ilhas. Estes dois ramos mestiços, encontrando-se depois, no centro, na região do Mississipi, constituiram um terceiro, que ainda se representa nos "Pelles Vermelhas".

Os samoyedos **(Tolstecas)**, adiantando-se para o Sul, possuiram todo o Occidente, até o Isthmo do Panamá, e fundaram os famosos reinos da civilisação "Maya", que floresceu seculos antes da nossa era, centralizada no Chiapas, cuja grandeza se attesta nas portentosas ruinas de Palenque, Capuan e Guatemala.

Os mestiços do Mississipi, por seu turno, penetraram no Chiapas e fundaram os reinos do Yucatan, assimilados facilmente á velha civilisação. Estes "pelles-vermelhas" foram os que, transpondo o Isthmo, ou o braço de mar, fundaram Popayan, que se tornou o primeiro fóco de luz irradiado da America do Sul (VI seculo D. C.).

Aberto este caminho, é de se ver que immensas foram as convulsões no velho imperio central e povos e tribus se passaram, transformações se elaboraram, e dahi saíram os **Aymaras**, os quaes, afastando-se do poder dos Quichiras de Popayan, vieram crear nos planaltos da Bolivia, nas margens e ilhas deliciosas do lago, a vida pastoril e agricola, da qual desabrochou a mais pacifica e benefica civilisação, que um dia espontou da natureza e preparou o advento miraculoso dos Incas.

No emtanto, os scandinavos, partindo da Florida e das Ilhas, saltaram no Yucatan, levaram de vencida os Estados Maya e centralisaram a conquista no Anabuac. Ahi fundaram sua capital, Tinochtillan (Mexico), pelo seculo XII, mais ou menos, da nossa éra; como, porém, succede em todas as vastas dominações militares, emquanto ruem por terra as instituições politicas, as sociaes resistem e assim jamais se viu tão difficil assimilação.

Ella ainda se achava em tentativas, quando surgiram os

hespanhóes em 1516. Apoiando-se habilmente nos vencidos, explorando os velhos rancôres, fizeram base na republica aristocratica de **Tlascala** contra os **Azttecas** e afinal conquistaram o Mexico (12 de Novembro de 1519).

Com a invasão dos mestiços da Florida, os **Yunços** do Nicarágua passaram o Isthmo e se installaram no Equador. Confinando com os **Quichuas** e com os **Aymarás**, fundaram um reino de pouca duração.

Sem se fallar nos **Antes**, que dominavam e denominaram a grande cordilheira, e nem dos **Australoides**, irmãos do **Tupy**, que viviam no Chile, têm menção os **Goia**, que, expulsos pelos **Yunços** das nascentes do Orenoco, desceram a fio e vieram se installar nas terras que se estendem do Amazonas ao mar das Antilhas, chamadas por isso de Goianas.

Foram estes os primeiros povos do Norte que se encontraram com os **Tupy** no Occidente, emquanto os **Antes**, expulsos do Perú, vieram para as regiões do Madeira (Cayrari) e produziram com os mesmos **Tupy** do Oriente a raça **Guarany**.

Pacatos, iniciados na agricultura, na ceramica e nas demais artes do segundo estadio, os **Goia** teriam necessariamente attingido uma posição imitativa á dos **Maya**, sob cuja influencia remota despertaram, se em meio da evolução não fossem bruscamente interrompidos pela invasão dos **Carib** (Filhos de Branco). Senhores da Jamaica e de outras terras do Golfo, oriundos do sangue hyperboreo, os **Carib** foram os mais audazes e adiantados dos povos americanos, e passaram por ferocissimos. Repelliram e guerrearam os hespanhóes, sendo tambem o terror dos demais insulares.

Aterrados, os **Goya** largaram então grandes massas as terras do Orenoco, transpuzeram o Amazonas e se vieram installar no Araguaya, onde proliferaram e possuiram victoriosamente a região, que do seu nome se ficou chamando Goyaz.

Ahi, cruzando com os **Tupy**, produziram a raça **Goyana** (**goia — parente**), que foi a primeira introduzida no amalgama do povo mineiro.

Eis o primeiro valioso trabalho do senador Diogo de Vasconcellos : em linha clara, em logica sequencia, trouxe do Himalaia até ás nossas terras e os nossos tempos a gloriosa raça de cuja descendencia só nos podemos orgulhar.

Já nas priscas éras, o **goia** se impoz como pacifico, iniciado na agricultura, na ceramica, e nas demais artes do segundo estadio.

Os **goia** deram ainda origem a outra nação, a uma poderosa familia. Em cruzamento com os **carib**, além do Amazonas, produziram os cariocas ou **carijós**.

Encontrando-se no Tocantins, as nações **goyana** e **carijó**, radicadas no odio reciproco, se entregaram á guerra pela hegemonia, guerra que nunca mais cessou. Estendeu-se, accesa, por todo o Brasil e mesmo depois da invasão dos portuguezes figurou nas allianças e lutas com os europeus.

A victoria, nos dominios do Tocantins, sorriu aos **goyana**. Os **carijós**, dilacerados, fugiram em parte para o Maranhão e outra parte, alcançando o Paranahyba, sempre perseguida, desceu e se espalhou. Os **goiana** tomaram tambem para si o dominio dos valles do Tieté.

Os restos dos **carijós**, perseguidos, foram ter ao Paraná e Santa Catharina.

Os **goiana**, em luta com os **guarany**, os venceram e deslocaram para o extremo Sul, deixando-os na bacia do Prata.

Os **goia** occuparam, vencedores, as terras de Goyaz e de grande parte da Bahia, Rio, Minas, S. Paulo e Matto Grosso.

Dos descendentes dos **goia** foram notavelmente guerreiros e ferozes os **tupinaki (parentes máus)** e os **teremembé**, que se dividiram e mais tarde se encontraram, em luta, disputando o dominio do Rio Grande. Os vencidos se foram installar nos valles do Sapucahy e do Parahyba. Os vencedores occuparam a área do Rio Grande até o Rio das Mortes (Minas), com o orgulho de se tratarem de **catua-aua** (gente boa) ou **catag-razes**.

Quando Martim Affonso aportou a S. Vicente, os **goiana** constituiam vastissima confederação de tribus autonomas por todo o territorio de S. Paulo. Nação adiantada, que vivia em aldeias, praticando a lei natural e cultivando a terra, os **goiana** contavam tres tribus que de um modo pratico eram notaveis e muito se distinguiram na historia da catechese : a de **Geribatiba**, governada por Cayubi; a de **Ururay**, por Piqueroby, e a de **Piratininga**, por Tibiriçá.

Viviam já então entre os indios dois portuguezes de historia mysteriosa, Antonio Rodrigues e João Ramalho, aquelle casado com uma filha de Piqueroby, depois baptisada com o nome de Antonia, e o segundo, homem astuto e violento, casado com uma filha de Tibiriçá, mais tarde baptisada com o nome de Isabel.

2° — Os trabalhos do dr. Diogo de Vasconcellos redundam em testemunho do alto valor moral dos **Goia**. Nação cheia de virtudes apreciaveis, de intelligencia brilhante, especial propriedade de adaptação, vocação para o progresso e capacidade para o trabalho e para as lutas, exerceu um papel distinctissimo no povoamento e na civilisação do Brasil e foi factor decisivo, preponderante, na formação da nossa nacionalidade.

Antes que o Acaso fizesse Cabral aportar á Bahia, havia já, no Araguaya, um povo em elaboração da sua civilisação e que, vindo do Norte, preponderou sobre o **Tupy** e formou o povoamento até o littoral, em Porto Seguro, como em Angra dos Reis, em Taubaté, como em S. Vicente.

Antes que a Fada do Obscurantismo fosse despertada, no Coração do Brasil, pelas Bandeiras Paulistas, guiadas pelos nossos indios, os **goia** haviam povoado as terras de S. Paulo.

Por conseguinte, antes de sermos descendentes dos paulistas, elles descenderam dos nossos aborigenes.

Antes que Minas Geraes fosse descoberta e entregue á catechese e á civilisação, no Sumidouro, em Sabará, em todo o Rio das Velhas estavam os **Goia**, sentinellas da evolução. Foram elles que deram braço forte á famosa expedição de Fernão Dias, que os reconhecia "a gente de melhor indole, sociavel, praticando a monogamia, não dada á antropophagia, cultivando a terra, vivendo em aldeias e mostrando algumas noções de governo pouco communs".

Foi uma india **goia**, pela sua intelligente curiosidade e perspicacia, alliada á lealdade para com o illustre Bandeirante, que lhe salvou a vida e a autoridade, obstou barbaro attentado e manteve o sentimento de respeito ao poder.

Precedemos, portanto, aos mineiros nas condições de desenvolvimento.

Tibiriçá, de Piratininga, é um grande nome. Salvou São Paulo do grande assalto de 10 de Julho de 1662 e morreu gloriosamente, lutando. Descendente dos **goia**, a sua memoria nos faz honra; honra menor, porém, não é para nós a memoria dos da tribu de Ururahy, de Piqueroby, que foi substituido, com a sua morte, por Arary.

Diante da perspectiva da escravidão dos patricios, vendo o exicio do imperio gentilico, sentindo a sua terra e a sua gente sob a ameaça do estrangeiro invasor, **Arary** esqueceu os odios creados pelas lutas internas e fez a harmonia dos tupys, carijós e tamoios, que, sob o seu commando, realizaram o audaz assalto. Foram vencidos pela colligação dos piratiningas e lusos, mas nem por isso o seu vulto é menor, e assoma nas paginas da historia como um aureo clarão do nativismo a reagir.

Os indios, por força de suas lutas intestinas, firmavam, dada a opportunidade, allianças com estrangeiros invasores. Assim, em suas invasões, os francezes tiveram a alliança dos **tupinambá** e os hespanhóes a dos **carijó**.

Os da nação **goia** jamais acceiaram pactos com esses estrangeiros. Eram nativistas; tendo, no emtanto, se approximado de Pedro Alvares Cábral, em Porto Seguro, entendendo-se, "ab-initio", com os portuguezes, nunca os abandonaram nas horas de refregas contra outrós povos.

No Rio de Janeiro, na luta contra o invasor Villegaignon, foi Arariboia, da nação **goia**, quem, assumindo o commando dos **goiana** e dos portuguezes, depois de estar gravemente ferido Estacio de Sá, derrotou o inimigo.

Nas medidas iniciaes contra o dominio dos francezes, foram os **goiana** que deram o alarma contra a traição dos **tamoio**. Estes se fingiram de resentidos e accusaram os **goiana** de intrigantes, mas os factos os justificaram.

Por todas essas razões, que representam seculos de actividade intelligente, animo varonil, vontade resoluta, razão serena, zelos admiraveis e serviços inesqueciveis, Goyaz, tanto quanto S. Paulo, póde lançar nas suas Armas esta legenda : "**Non ducor; duco** .

Moizés Santana.

(Continúa.)

Riquezas mineralogicas de Goyaz

Não ha goyano que se não orgulhe de ouvir proclamar e referir as riquezas mineralogicas de seu Estado; mas de facto são ditos vagos, imprecisos, que não focalisam com segurança e rigor a especie e o individuo mineralogico, tão pouco o seu "habitat".

Que o ouro alli abunda, que os nossos colonisadores raspa- ram as camadas superficiaes, cascalhos dos cursos d'agua, tudo é facto. "Prospectos" assignalam-se aqui e alli, mas não temos de facto mina exploravel a produzir o precioso e cubiçado metal, ora tão valorisado, em proporções apreciaveis.

O diamante é commum em affluentes e confluentes do Araguaya e Paranahyba; já têm sido encontradas pedras de subido valor em outros pontos, sem comtudo se ter ido além do progresso primitivo do grimpeiro destemido, a affrontar regiões inhospitas, em busca do fascinador carbono, alçado com o cascalho, mercê de mergulhos exhausticos. Metaes outros têm sido indicados como alli existentes.

O ferro é encontrado em prodigiosa jazidas de oligisto, dando uma abundante percentagem desse metal.

O saudoso Anthero de Assis, quando presidente da antiga Provincia, explorou-o na Serra Dourada, em forjas catalãs.

Faltaram-lhe os recursos, pelo que baquearam os seus esforços e iniciativa, antes de recorrer aos altos fornos.

Platina, prata, cobre, nickel, manganez, mercurio e outros são apontados como alli existentes, mas a verdade inquestionavel é que as suas jazidas não estão individuadas, quanto mais exploradas.

Penso que o governo do Estado, confiado neste instante ás mãos amestradas do desembargador Alves de Castro, cheio de boa vontade como de grande capacidade e experiencia, deve volver a sua attenção para este importante problema: especificar e individuar as riquezas mineralogicas de Goyaz e encaminhar a sua intensa exploração, de principio administrativamente, para ao depois confial-a á iniciativa particular.

Precisamos sahir desse marasmo em que nos sentimos afundados, sem gestos indicativos de esforços para delle escapar-nos.

Confiar apenas na acção da lei da evolução, sem ajudar e aligeirar os seus beneficos influxos, é condemnar o Estado a estabilisar-se eternamente, quando os seus co-irmãos se desenvolvem e progridem, mercê da iniciativa official, unica em condições de agir em territorios ainda mal servidos pela viação rapida e onde tudo são difficuldades.

A industria extractiva abre ao Estado de Goyaz um largo horizonte, lisongeira pela perspectiva de encerrar no seio de suas opulentas terras riquezas incomparaveis.

A principio as difficuldades oriundas da imperfeição dos transportes tenderam a entibiar a acção dos poderes publicos, mas estes acabarão triumphando, se fôrem energicos.

Os descasos, recursos de iniciativa particular, lá pouco lograrão conseguir.

Um exemplo citarei, para demonstrar a exactidão dessa affirmação. O sr. Gaspar da Silva, portuguez, tentou explorar o "prospect" do Calixto, nas vertentes da Serra Dourada, onde os seus maiores convergiram esforços ingentes na exploração de ouro de alluvião.

Embora descobrissem a jazida aurifera para logo a abandonarem, occupando-se só com o existente nos cascalhos circumjacentes, apanhado nas costas.

O sr. Gaspar reencetou o trabalho da exploração da jazida, consistente de ouro granulado, disseminado num quartzito friavel, que constituia o filão jacente em rocha talcosa.

Infelizmente a orientação desse filão, de pouca possança, era muito desfavoravel, seguindo a vertical, quasi. Emquanto os seus recursos e esperanças lhe permittiram trabalhar, o sr. Gaspar avançou na perfuração.

O quartzito extrahido era triturado em pilão e lavado em bateias, sendo assim recolhido o ouro, de alto quilate.

Sem capitaes para proseguir, o sr. Gaspar teve que abandonar a exploração da importante jazida.

O quartzito era riquissimo. Lá está aguardando uma exploração regular, dispondo de recursos, que lhe faltaram.

Assim, o paço de Anicuns, donde se extrahiram milhares de grammas de ouro, e que hoje lá está em abandono, devido a sua já grande profundidade e alagamento.

Em relação ao diamante, tão commum ao Araguaya, Rio Claro e Pilões, onde garimpeiros pertinazes o buscaram no cascalho dos leitos, hoje apenas timidas tentativas se fazem. Os saudosos irmãos Luiz Augusto, Theophilo e Americo, mineiros de origem, mas domiciliados no arraial do Rio Claro durante annos alli se sacrificaram no exhaustivo trabalho de trazer á tona o cascalho e lhe arrancar o diamante, que retiravam contentes.

Estou longe de Goyaz, por isso não posso affirmar com precisão a decadencia ou fallencia da garimpagem lá.

Do espirito culto e operosidade do desembargador Alves de Castro muito temos que esperar.

O Estado precisa organisar um serviço de exploração de suas riquezas, individuando-as e especificando-as antes para confial-o a um geologo de reconhecida competencia.

Se a despeito das affirmações em contrario, forem encontradas jazidas carboniferas, que de horizontes se abrirão a Goyaz!

Isto emquanto ao reino mineral. Em relação á sua fauna e a sua flora, nesta época em que temos de appellar para os nossos proprios recursos, que bella e risonha perspectiva se descortina ao nosso caro torrão!

Basta dizer que o cedro já vae tomando logar ao pinho de Riga, e que o couro nacional é disputado a bom preço para a industria do calçado, arreios, etc. E' preciso dispertarmo-nos emquanto é tempo.

EDUARDO SOCRATES.

O que Goyaz produz e exporta

Gado vaccum, cavallar, muar, suino, lanigero e caprino; couros, sóla, pelles de animaes sylvestres — anta, veado, capivara, cutias, onças e outras especies da sua riquissima fauna indigena; arroz, feijões (favas inclusive), milho, farinhas de milho e de mandioca; assucar, marmelladas e outros doces; crystal de rocha de differentes côres e todas as pedras preciosas que o Brasil exporta; algodão, paina e outras fibras textis; fumo em corda e desfiado; caucho, borracha de maniçoba e de mangabeira; aguardente, rapaduras; castanha, cacáo, baunilha, madeiras de lei, e outros productos vegetaes como o cravo sylvestre chamado cravo do Maranhão; peixe secco e ovos de tartarugas; galhados de veado, aves domesticas e indigenas; cães de caça — principalmente os onceiros e veadeiros, que são uma especialidade, ou melhor, uma peculiaridade de Goyaz.

A exportação de Dezembro de 1917, só pela Estrada de Ferro de Goyaz, foi a seguinte:

Algodão, kilos	1.585
Arroz beneficiado	72.500
Idem, com casca	685.396
Feijão	221.730
Favas	8
Fumo em corda	51.544
Idem beneficiado	8.646
Milho	3.485
Paina	16
Assucar	1.848
Bois (gordos) cabeças	694
Vaccas (gordas)	289
Aves, kilos	203
Borracha, kilos	14.295
Carne de porco, kilos	6.093
Xarque, kilos	18.331
Couros seccos, kilos	5.574
Idem salgados, kilos, por couro	492
Idem de caças, kilos	669
Idem de anta, kilos	815
Idem de onça, exemplar	1
Manteiga, kilos	495
Ovos, "	152
Queijos, "	1.404
Sebo, "	6.446
Sola, "	6.801
Toucinho, "	20.820
Crystal, "	58
Doces, "	63
Farinha de milho, kilos	16
Polvilho, idem	38
Tripas, idem	110
Peixe secco	17
Cabras	1
Cavallos	3
Muares	2
Suinos cevados, cabeças	241
Idem magros, cabeças	54

Quanto á exportação de Goyaz para Belém do Pará, no proximo numero dar-lhe-hemos o valor approximado.

O PASSADO E O PRESENTE

Desemboque, o berço da adminis tração da Justiça no Triangulo Mineiro

I

Encarregado do patrocinio de uma causa patrimonial da Egreja Matriz do arraial de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque, por tres vezes já tive opportunidade de visitar a lendaria da terra dos Pinheiros, dos Silva e Oliveira e dos Françasr E' o berço glorioso da distribuição da Justiça em todo o Brasil Central e por isso mesmo, pelo papel eminente que exerceu nos primeiros tempos da vida nacional, a citação do nome do Desemboque evoca todo um passado de grandezas e florescimento e enternece aos que as tradições de sua terra, tradições que são como a propria alma da terra ondulando nas suas memorias.

O arraial do Desemboque foi cabeça de julgado de Nossa Senhora do Desterro e sujeito á Comarca de Villa Boa dos Goyazes.

A nossa condemnavel habitual incuria pelos documentos que hão de servir de base á nossa historia, fez com que se perdessem e se espalhassem milhares de livros, autos e outros papeis dos Archivos do Arraial, que hoje nada offerece á documentação da sua antiga grandeza, a não serem os dous impressionantes templos, a Egreja Matriz e a Egreja do Rosario, construidas ha quasi duzentos annos e que, não obstante, resistem valentemente á acção do tempo e se conservam como marcos miliares das eras em que os bandeirantes e seus successores nos trabalhos de mineração foram capazes dos mais arrojados emprehendimentos e lançaram no centro do paiz as sementes da civilisação e do progresso.

Desemboque é magnificamente situado. O Arraial, hoje, reduzido a menos de trinta casas, se assenta sobre uma fralda de serra, uma das ramificações da Serra da Canastra, no "plateau" a que outr'ora se dava o nome de Araxás. Dista 12 leguas da Estação e 10 da cidade de Sacramento; 16 da de Araxá; 10, do arraial de S. João Baptista da Serra da Canastra e 10 do de Espirito Santo do Forquilha.

O Arraial, que ainda é séde do Districto, é banhado pelo Rio das Velhas, cujas cabeceiras ficam cerca de 10 leguas acima. E' tambem banhado pelo Corrego da Pedra e a tres kilometros fica o ribeiro Rolim.

Vestigios da acção dos mineiros de outr'ora alli existem varios, sobresahindo as Egrejas, as grandes, largas e profundas lavras abandanadas, testemunhando um trabalho de Hercules e dous regos de agua, que abastecem o Arraial: um, de pouca importancia, que sahe do Corrego das Pedras e outro, trabalho admiravel, trazido de oito kilometros, com um desvio feito numa cascata, cujas aguas tombam de uma elevada juncção de serras.

Desemboque, antigo Arraial do Desemboque e de Nossa Senhora do Desterro, Cabeceira do Rio das Velhas, iniciou o seu florescimento logo após o seu descobrimento, que deve datar de 1675, pela bandeira de Lourenço Castanho e Tacques, sendo principal povoador Francisco de Almeida.

Ahi o bandeirante deixou uma leva de companheiros fazendo roça e explorando as minas de ouro e diamante, quando demandava as terras dos Goyazes.

O clima é excellente, a agua magnifica e o sitio de uma belleza impressionante: o céo parece maior e os valles da Terra de maior amplidão. Tudo quanto podia ter de mais encantador a natureza reuniu, para dotar aquelle sitio de primorosos encantos. O seu luar é de uma belleza fulgurante, as suas terras são de uma fertilidade extraordinaria e os seus campos, prados naturaes, possuem as melhores pastagens. Alli se fazem os afamados queijos que andam por ahi com o nome de queijo do Araxá e da Serra da Canastra, producto de admiravel perfeição, embora preparado por processos os mais rotineiros.

E com todos esses dotes de belleza e riqueza, com todas essas magnificas propriedades naturaes, Desemboque decahiu, entrou em ruinas, é um resto de vida e um tumulo de tradições.

As populações, desde 1840, se foram retirando para as terras de Goyaz e dizem que foi o mandonismo, o terrivel mandonismo do Sertão, que occasionou o despovoamento, a desolução... Deve ser verdade, porque só o demasiado abuso de homens poderia apagar a vitalidade de um meio tão apto a florescer e prosperar.

Junte-se a isso o proverbial descaso do governo de Minas pelas cousas do Triangulo e ter-se-á a explicação: o Desemboque floresceu emquanto foi um trato da Capitania de Goyaz e emquanto teve uns restos da vitalidade que lhe deixou a Villa Boa.

Entrou a perecer desde que foi entregue ao descaso de Villa Rica, madrasta do Triangulo.

Faltam-me dados para poder determinar, com precisão, as épocas da evolução progressiva do Arraial do Desemboque. Os seus archivos, de que o mando local não zelou, antes teve empenho em arruinar, foram em parte consumidos ao abandono e em parte removidos para Goyaz, Piracatú e Mogymirim. Uma pequena parte foi aos cartorios de Uberaba, Araxá e Sacramento. Ha uma porção de papeis que, dizem, está na Secretaria do Bispado de Uberaba.

Desemboque recebeu, logo depois do seu descobrimento, boa corrente de aventureiros, que buscavam o ouro e o diamante.

Suas terras, num grande raio, foram logo adquiridas por posses e sesmarias e a affluencia de elementos luzitanos ao Arraial e suas terras foi grande.

Creou-se, por isso mesmo, o Julgado, que deu a Justiça a todo o Brasil Central, comprehendendo o riangulo Mineiro, o Oeste de S. Paulo, parte do Sul de Minas, parte do Oeste de Minas, Goyaz e Matto Grosso.

Depois de creada a Villa Boa de Goyaz, como Comarca (creação em 1735 e installação em 1742), Desemboque lhe foi subordinado, mantendo, porém, a sua condição de julgado, como Arraial. Tinha o seu fôro civil e fôro eclesiastico.

Por alvará de 17 de Março de 1815, creada a Comarca do Piracatú do Principe, o julgado do Desemboque passou a lhe pertencer. Era ainda muito florescente, tanto assim que, tendo se dado a passagem do Triangulo para a Capitania de Minas e sobrevindo a Independencia, creou-se a Villa do Desemboque, que passou a ter a sua Camara e mantinha as suas condições de preponderancia.

Os vae-vens da politicagem começaram então a fazer sentir a sua influencia funesta e o velho julgado passou a soffrer o principio do fim. Não descançou mais e entrou na partida do azar.

Cem annos vivera como Principe do Sertão e começou a não ter treguas para os seus destinos. Passou da Comarca de Piracatú do Principe para as do Paranahyba e Paraná e teve de assistir o florescimento dos arraiaes do Araxá e Sacramento, suas terras vassalas, que lhe vinham disputar o sceptro.

Decrescendo de importancia, de degráo em degráo, passou a ser termo da Comarca de Araxá e depois perdeu as categorias de Villa e termo, reduzido o Districto do termo e Comarca de Sacramento.

E' hoje districto do termo de Sacramento da Comarca de Uberaba e representa das terras mais decadentes, mais sem esperanças do Triangulo Mineiro.

Mas os seus dotes naturaes, as suas bellezas e as suas tradições se não perderam não perecerão.

Contemple-se o "cliché" do Arraial e ver-se-á que ha qualquer cousa de magestoso e sublime no seu aspecto, aspecto do Brasil virgem e são, restos da obra gloriosa dos bandeirantes e mineiros de outr'ora.

Os mineiros, não os das minas de ouro e diamantes, mas sim os da terra de Minas, têm ido, são muito ingratos para com o Desemboque: votaram-no ao desprezo.

Nós, os goyanos, devemos amal-o, adoral-o, visital-o com carinho e fallar delle como nossa propria terra.

E' hoje uma especie de cemiterno, mas é um cemiterio que lembra as nossas melhores tradições.

Elle floresceu, elle dominou justamente ao tempo da nossa maior grandeza territorial, antes que o desgoverno da politicagem deixasse que visinhos nos tomassem um terço das nossas terras.

Quando o Arraial do Desterro era a sentinella avançada dos nossos dominios, todo o Paranahyba, desde as suas cabeceiras, era nosso e as suas margens nos pertenciam. As nossas divisas subiam pelo Rio Grande e iam contornar Piracatú.

A Bahia se mantinha á distancia natural e não tinha a audacia de tentar a tomada da immensa região do Jalapão.

O Maranhão, olhos voltados para o mar, respeitava o nosso dominio sobre Carolina.

O Pará reconhecia como nossa a margem esquerda do Araguaya e Matto Grosso, colosso, hoje tão ambicioso e ousado, rendia inteiro respeito á nossa posse e ao nosso dominio, de modo que as nossas divisas iam muito além do Registro e toda a Região de Sant'Anna do Paranahyba, até o Rio Pardo, era plenamente nossa.

O Desemboque é hoje uma terra em ruinas e nós somos um Estado florescente, agora em verdadeira illusão de vida; nós, porém, com o memoravel arraial de Nossa Senhora do Desterro, temos muito o que lamentar, e mais justo lamento se não conhece do que esse que provoca a nossa impassibilidade diante dos assaltos que vamos soffrendo, de um lado Minas, olhos fitos na zona do S. Marcos; de outro, o Pará senhor de Conceição do Araguaya; de outro, a Bahia, introduzindo-se na Jalapão e delle se assenhoreando; e de outro Matto Grosso, o colosso de ambição, que já se apossou de tanto e ainda quer se apossar de mais!...

O Desemboque! Que doces e gratas evocações! E' o berço da justiça e o tumulo de gloriosas tradições.

CELSO CAMINHA.

Viajores — mas superficiaes observadores

Os tão proclamados trabalhos ácerca do Brasil Central, vindos á luz nestes ultimos dias, e da lavra de alguns viajantes já laureados como jovens scientistas brasilicos, justificam plenamente o titulo destas linhas.

Temos sobre a nossa mesa de trabalhos dous desses volumes: — Viagem scientifica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhy e norte e sul de Goyaz, pelos srs. Arthur Neiva e B. Penna e "Rondonia", de Roquette Pinto.

E como taes trabalhos são referentes á região cujas riquezas e mais possibilidades economicas "A Informação Goyana" propoz-se a divulgar, respiguemos, pois, nas obras consagradas daquelles notaveis membros da Academia Brasileira de Sciencias.

A' pag. 100 da "Viagem scientifica" escreveram os engraçados autores dos estudos feitos á requisição da Inspectoria de Obras contra as seccas, sob a direcção do dr. Arrojado Lisboa: "As regiões percorridas, menos Goyaz, apresentam rico material de fosseis; são frequentes as referencias a esqueletos de animaes de grande porte, encontrados geralmente pelos moradores quando por occasião das seccas, effectuam escavações de cacimbas nas pequenas lagôas dessecadas e citam exemplos do aproveitamento de certos ossos provavelmente omoplatas, utilisados para bater roupa".

Comparem-se agora as observações acima com as do veridico e erudito Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, que em principios do seculo passado percorrera a mesmissima região ultimamente pisadas pelos srs. A. Neiva e B. Penna.

Na sua "Chorographia Historica da Provincia de Goyaz", escrevia o fundador do nosso Instituto Historico e Geographico: "Tem-se encontrado aqui em Goyaz varias ossadas fosseis gigantescas,talvez de amphybios. Eu vi os restos de uma encontrada junto ao Pilar no dia 13 de Abril de 1818, era de 35 palmos de comprido".

Noutra passagem do seu prestadio "Itinerario" accrescenta: "O Feixo do Rio Paranan parece um logar que as aguas forçaram a cordilheira de montanhas, devendo talvez em épocas remotissimas ter formado a barreira de um grande deposito comprehendido entre as Serras das Almas e a dos Bois, Covaicas e outras mais altas.

Este é o modo porque eu posso comprehender a theoria geologica dos numerosos feixos e funis de rios que ha nestas partes. As accumulações de aguas, ou a formação e ruptura destes immensos depositos, é que talvez produzissem a extraordinaria apparencia de feras de differentes especies em grutas de montanhas, e recantos de rochedos alcantilados".

Para confundir de vez os emissarios de Manguinhos, bastava citar o livro do Padre dr. Henrique Raymundo des Genettes sobre a extraordinaria existencia de fosseis no Estado de Goyaz — notavel contribuição scientifica que "A Informação Goyana" se empenha em vulgarisar.

Negaram, como vimos, a existencia de fosseis nas regiões goyana, e, no emtanto linhas adiante se contradizem, nestes dous periodos.

"No vol. XXVII n. 221 — 4 th. Ser. pp. 425 — 444 Maio 1914 do "The American Journal of Science", Art. XXXVI, intitulado "The Permian Geology of Northern Brasil" o illustre dr. M. Arrojado Lisboa, publica importante trabalho onde a questão do "Psaronius" e as localidades, onde até hoje tem sido encontrado. Na zona de nossa travessia o autor e seu auxiliar Baumann, puderam verificar a presença do "Psaronius" na visinhança da aldeia dos indios Crahós, entre os rios Manuel Alves Grande e Manuel Alves Pequeno e a 70 kilometros do Porto Nacional na fazenda Buritizal, localidades goyanas".

As passagens contradictorias, inverosimeis, enchem paginas da alentada "Viagem scientifica". E, razão teve portanto o inolvidavel saneador do Rio de Janeiro — não permittindo que o trabalho dos srs. Arthur Neiva e Belisario Penna apparecesse nas "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz". Reteve-a o sabio patricio na sua gaveta; e os que lhe eram intimos talvez possam dizer os motivos.

Na sua laureada "Rondonia" escreve o sr. Roquette Pinto:

"Guahirõ" — dos Parecis, "uacuan" — dos Cuiabanos, a mais amavel das palmeirinhas do campo, é a mesma "guariroba" do sertão goyano".

Guarirobas (Cocos oleracea)

Não, senhor; a palmeira a que chamamos "Guariroba" em Goyaz é o "Cocos oleracea", e, portanto, especie muito outra Basta o joven scientista confrontar a amavel palmeirinha que viu nos campos de Matto Grosso, com a altiva palmeirinha caracteristica das mattas virgens de Goyaz, que o nosso "cliché" reproduz.

E' tambem da "Rondonia" esta mal colhida observação de viagem:

"Encosto": "E' o pedaço de campo conveniente á pastagem dos animaes durante um ou dous dias."

Tambem não: "encosto" em todo o Brasil Central quer dizer — uma lingua de campo cercado de mattas e brejo, apenas com uma entrada, ou alguma varzea nas mesmas condições.

HENRIQUE SILVA.

(Continúa)

CAMINHO DAS TROPAS

O lote derradeiro desembocou num chouto sopitado do fundo da vargem e veiu a trouxe-mouxe enfileirar-se, sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão.

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o pirahy na facha encarnada da cinta, entre a capanga da garrucha e a nickelaria da franqueira, desatou com presteza as bridas das cabresteiras, foi prendendo ás estacas a mulada, e afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrôchos e ligaes, emquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.

O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do deanteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornaes a ração daquella tarde. O cabra, attentando na lombeira da burrada, tirou dum surranzito de ferramentas mettido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi, e armado duma dedada percorreu todo o lote, curando aqui uma pisadura antiga, alli raspando, com a aspereza dum sabueo o dolorido dum inchaço em principio, aparando a'ém com o gume do frême os rebordos das feridas de máo caracter.

Só então tornou á roda dos camaradas, ao pé do fogo do cozinheiro, no interior do rancho, onde chiava atupida a chocolateira aromatisada do café.

A tarde morria nuns visos de crepusculo pelas bandas da baixada. A mulada remoia nas estacas, e junto ao couro de milho um ou outro animal mais arteiro e manhoso escoucinhava e mordia os demais, no afan do maior quinhão.

Assentados sobre os calcanhares, os primeiros chegados — cujos lotes arraçoados coçavam-se impacientes aos varaes,— espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miudo no córte do caxerenguengue as rodelinhas finas, esfrangalhando entre os dedos os residuos, palha grossa de cigarro encarapitado na orelha. O cabra abeirou, apossou-se do cuité fumegante que lhe estendia o cozinheiro, e emquanto deglutia a beberagem, ia commentando com os demais, voz amollengada, a marcha daquelle dia.

— O lamêdo dera-lhe, no van do Annicuns, um trabalhão; mal do lote, se não fôra o ramo verde da "marmellada" que o dianteiro tivera o cuidado de atravessar no caminho,— a burrada embarafustava logo pelo atolheiro, e elle não estaria áquella hora no pouso; quando lá passou, ia bem fresco ainda o rastro da tropa no desvio; mesmo assim, o macho crioulo que vinha adestro, não duvidara em metter-se naquella perdição...

— Bicho novato, de primeira viagem... observou o dianteiro, que tocava, como de direito, o lote mais luzido da tropa.

No gancho da mariquita, especada sobre o brazêdo, refervia o bom adubo da feijoada; um bafo grosso, appetecente, dahi se evolava, babando a gula de dous perdigueiros da comitiva, que, assentados sobre as patas trazeiras, estendiam para o borralho o focinho curto, cupidamente...

— Já vae chegando a boquinha da noite, minha gente, avisou o arrieiro sahindo da barraca e chegando até o parapeito do rancho; olha o encosto da tropa.

Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse sincerro.

Guiada pelo chocalho da madrinha levada no cabresto, á mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela deveza, redambalando por intervallos cada poiaco das cabeças de lote nos torcicollos abruptalhados da vereda, ribanceira abaixo. A noite descia mansa e silenciosa, perturbada apenas pelo clamor longinquo das seriemas da campina no fundo dos vergedos, e a lua assomava como uma grande moeda de cobre novo por sobre os descampados, em vago nevoeiro.

* *

A' noite, repasto feito, descançava o pessoal recostado sobre as retrancas e pellegos dos arreios.

Pelos cantos,trillavam grillos; e, de fóra, vinha o grito dolente dos caburés e noitibós, agourando a solidão. Um tropeiro sacou do piquá que trouxera a tiracollo, o pinho companheiro dessas caminhadas no sertão; apertou a chave da prima, e pigarreou pelo cordame um lundú, todo repassado de ais e suspiros.

— Cabra malvado, faz tristeza essa viola. disse alguem, o pensamento longe, perdido no arraial, onde deixara, certo, saudades e cuidados; diga antes um caso, daquelles que nos contava quando na boiada do Antão...

— Homem, inda agorinha, atalhou Manuel, o dianteiro, relembrava um facto que me succedeu duma feita, quando viajava escoteiro, ás ordens do major Mattos, p'r'essas bandas. O caso é que era então acostado, e de fiança, daquelles de pouca conversa e grande estadão. Na quinta-feira das Dôres, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo e partir sem detença para o povoado, uns papeis de eleição bem arrumadinhos na patrona.

Mecês devem estar lembrados que na altura dos Marinhos, num estirão de meia legua de tabatinga e terra puba, fica um cemiterio abandonado, ha muita tóca de tatús e camondongos do campo. Semana atraz, numa rusga de cachaça e mulheres, esticara a canella alli perto o Bentinho Bahiano, um cafuso intromettediço, baleado por dous tiraços de rifles na volta esquerda da pá.

Para poupar maior trabalho, aproveitaram a serventia antiga do terreno, sepultando por alli mesmo o assassinado. Fôra eu até quem, de passabem, cedera a mortalha de occasião com que o embrulharam, uma larga pala branca, enfeitada de bambolins, que me presenteara alguem que não tem que ver sá com a questão.

— Viajava distrahido, esquecido de tudo, na marcha a furtapasso do matungo, perrengeando, a pitar o meu cigarro, quando num repente, estaca de supetão o animal.

Assumptei. A noite estava turva, o céo sem lua aqui e alli picado de estrellinhas. O sitio não me pareceu estranho; attentei com mais justeza,— umas cruzes apodrecidas pendiam, no escuro, desconjuntadas, á beira do caminho, sobre comoros mal feitos de terra...

Era o cemiterio velho do povoado. Apertei as chilenas no pangaré; elle andou alguns passos, e depois emperreou de novo no meio da estrada, orelhas entesouradas, espreitando a escuridão. Adiante, não via nem ouvia movimento ou tropel algum; o bicho nunca fôra empeceador ou passarinheiro, tentação do Capetão devia de andar alli por perto.

— Um homem é homem, mecês bem sabem; atravessei o punga no caminho, encurtei as redeas, e escrutei melhor a vista, já acostumado á escuridão. A' minha frente, roçando o chão, brancacento, ia um lençol aberto. O matungo refugara arreliado, bufava pelas ventas, uma vontade damnada de voltar atraz e desembestar pelo chapadão afóra. Senti, benza-me o Santissimo, ua mão de ferro, no coração, triturando...

Mas, como lhes dizia, em qualquer aperto, p'r'este mundo de Christo, um homem é homem, e o que tem de aconte**c**er, tem força acontece mesmo!

Desviei o meu bicho para uma pequena macega de sapé, puz-me abaixo da sella, amarrei seguro as bridas a um tronco de umburussú e voltei atraz, decidido, franqueira atravessada na bocca como era de preceito, mão sobre os gatilhos escancarados da garrucha. Parecera, a este pobre christão, melhor observado, que era a mesma franja de bambolins o lençol que seguia estendido á minha frente,— aquella mesmissima mortalha com que dias antes enrolaramos o corpo do mal aventurado Bentinho...

Parou, gozando a espectativa angustiosa que errava derredor, entre os parceiros. Bebeu uma ultima golada de congonha que lhe servira attencioso o cozinheiro; abateu fogo na pedra do isqueiro, accendeu o cigarro e olhou para fóra, vagamente, menêado.

— A gente, quanto mais vive, mais aprende, já dizia minha avó. Assombramento, tendo ouvido casos, verdade seja, mas as mais das vezes falta de coragem, turvação do medo e da bebida...

Maluquice, anda á tôa pelo mundo da Virgem; não fôra o meu animo, hoje zanzaria por ahi, nessas bamburras, "gira" varrido.

Cheguei solerte, pé ante pé, negaceando, prompto a queimar as escorvas na cabeça do Mal — encarado ou o quer que fosse que impedia a passagem. O lusco-fusco ia menos cerrado, o lençol proseguia estrada afóra, muito branco, desdobrado, largando felpas alvadias pela garrancheira e vassourêdo da beirada. Soffrei o baque de meu peito, e acheguei-me para mais perto á assombração; bati fogo na binga, soprei um chumaço, e agachado sobre o estorvo, pesquizei com cuidado.

— Era... mas devia ter logo visto, um tatú, um tatú péba, que se fartara no corpo do infeliz alli enterrado, e que se retirava, empanturrado,para o seu coito. A immundice, na gana do festim,enrodilhara-se na mortalha do desgraçado, varando-a com a cabeça, e de lá se retirava, certamente bem atrapalhado, arrastando após si o trambolho...

—Devia ter logo visto; na pressa do enterramento, a cova tinha ficado um tanto rasa, a terra fôfa, sem cerca nem revestimento para impedir aquella profanação. Emfim, creiam mecê, é ter sempre desapego ao perigo...

Calara. Sincerros distantes chocalhavam, longe, pelo encosto da deveza.

A lua nos aceiros era toda branca como geada de inverno.

HUGO DE CARVALHO RAMOS.

N. R.— O joven goyano auctor de "Tropas e Boiadas" é sem contestação o mais lidimo artista da palavra escripta que nos dá a impressão exacta, fidelissima dos scenarios sertanistas do Brasil Central com seus amplos horizontes se esbatendo ao longe nas serranias acquarelizadas de purpuras e violetas aos pores de sol, suas paysagens deliciosamente bucolicas, seus costumes vivamente originaes, seus camponios ou caipiras fallando uma linguagem pittoresca, algo do Brasil colonial, e para todos nós os filhos de lá cheios de reminiscencias da nossa terra longuinqua — terra que revemos ora evocada pelo artista em traços admiraveis de verdade e encantos.

Como desenhista de costumes sertanistas, como surprehendedor em flagrante das scenas da vida real, sem as imitações dos processos estrangeiros, no observar e sentir, qualidades maximas do artista, entre nós só lhe foi comparavel Affonso Arinos, entre os "conteurs" brasileiros.

Se os da imprensa carioca conhecessem de algum modo os costumes e as causas do "Hinter-land", que é o depositario das nossas lendas e tradições de par com os modismos, ductilidades e graças da velha lingua classica dos quinhentistas, transplantada ao tempo da descoberta do paiz — certo que Hugo teria sido consagrado, na sua estréa, com melhores louvores.

A vacca mocha de Goyaz

Da vacca mocha, oriunda dos "floridos campos de Goyaz", basta reeditarmos os conceitos do eminente scientista Dr. Pereira Barreto, a proposito de uma exposição pecuaria, em S. Paulo:

"A vacca mocha de Goyaz é o typo ideal da perfeição. Não exagero, quando affirmo que nunca vi, quer aqui, quer na Inglaterra, um animal tão completo como uma vacca mocha exposta pelo Sr. Reynaldo Salles. E' esse extraordinario specimen, maravilhosamente talhado para nobilitar no supremo gráo nosso paiz, não mereceu dos da commissão julgadora senão o premio de 50$000 ! ! !

Parece que a ausencia de chifres foi considerada um defeito... e a psychologia bovina não entrou em linha de conta...

Para que fim deverá uma vacca leiteira ter chifres ?

A cabra polytheista, pedindo a Jupiter a graça de supprimir-lhe o *cavagnac*, que representava uma humilhação deshonrosa para os delicados sentimentos do seu sexo, não está a indicar-nos que devemos entoar hymnos de louvor á nossa generosa natureza, que nos fez presente de uma ama de leite inerme, bondosa, festejada sempre estridentemente pelo confiante grupo das crianças ?

Reza a fabula que o malicioso Rei do Olympo, sorrindo, fingio clemente equivoco e aparou o appendice caudal... por gracejo com a indole trefega e faceirice da impetrante. Hellos chorando e vellando as faces, o magnanimo Jupiter entendeu fazer obra mais meritoria e supprimiu os chifres.

Da supposta ou real operação divina resultou essa formosa raça de cabras mochas, a qual se recommenda por uma notavel capacidade leiteira. Das cabras olympicas já existem alguns bellos exemplares em S. Paulo.

O ideal do decoro, sonhado pela esthetica mythologica do bello sexo, realizou-se pontualmente nos floridos campos de Goyaz. A ausencia de chifres está na mais perfeita harmonia com todos os attributos moraes da raça mocha. A sinceridade e a cordura, ornam o seu coração.

. . . .

Ouso affirmar que nenhuma raça européa póde hombrear com a nossa raça mocha, seja qual fôr o ponto de vista sob o qual se as compare."

Consultados, porém, os Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna declararam que não viram nenhuma vacca mocha em Goyaz...

Ilha de Sant'Anna ou do Bananal

"Il y a au milieu de l'Araguaya une ile, Ile de Sant'Anna, ou de *Banana*[l], qui se compte au nombre des plus grandes beautés du Brésil Central". — André Rebouças — *Le Brésil em 1889*".

A maior ilha fluvial do Brasil, e talvez do mundo inteiro, é essa formada pelo Araguaya, em Goyaz, entre 10° e 12° de latitude sul.

Os indios Carajás e Tapirapés, della habitantes exclusivos, dão-lhe os nomes de "Camonaré" e "Iparapeva".

Tem 510 kilometros de comprimento sobre uns 140 de largura. Segundo Elisée Réclus, a sua superficie é avaliada em cerca de 20.000 kilometros quadrados, ou seja uma área superior á do Estado de Sergipe. Lavasseur a equiparava ao territorio de Portugal.

A ilha de "Marajó", que aliás não é propriamente fluvial, conta apenas 5.328 kilometros quadrados, a de "Tupinambaranas" 2.453, a de "Paricatuba" 166 kilometros quadrados.

Não tinha razão, pois, o amazonophilo Ferreira Penna quando dizia ser a ilha de Marajó a maior que existe em toda a America meridional.

A ilha do Bananal, como é mais geralmente conhecida, foi reconhecida em 1755 por uma bandeira organizada em Trahiras sob a direcção do sertanista José Machado que seguiu por terra para o Araguaya, em procura das fantasticas minas dos "Martyrios de Araes", que se diziam além do grande rio, para além de uns serros azues.

Nesse mesmo anno foi explorada em parte pelo Alferes de dragões José Pinto da Fonseca, que lhe deu a denominação de "Sant'Anna do Bananal" pelo facto de ahi ter mandado dizer a primeira missa no dia consagrado pela igreja á santa desse nome — ceremonia religiosa, á qual assistiram os indigenas insulares, e que deveria ser tão solemne como a primeira celebrada no Brasil.

Os indios occupantes da ilha, após o acto religioso, fizeram o de fidelidade a El-Rei de Portugal, sendo o termo de juramento assignado ("de cruz" pelos caciques "Aboénoná" e "Acabedúani", da valorosa nação Carajás. O braço maior do Araguaya, que a limita ao occidente, com 300 metros de largo, é chamado "Mãi do Rio", por ser o mais volumoso, e o braço menor, ou furo do Bananal, com cerca de 276 metros de largura, segundo Cunha Mattos e outros viajantes alaga tanto que parece uma lagôa, cheia de ilhas, em tão grande numero que formam um labyrintho "de que difficultosamente sabem os melhores praticos".

Da famosa ilha goyana assim falla Elisée Réclus: "No logar onde o rio das Mortes se reune ao Araguaya, este rio já se bifurcou para abraçar entre seus dous arcos a ilha alongada, chamada de Bananal, que tem uma superficie avaliada em cerca de 20.000 kilometros quadrados.

Esta ilha dos "Bananaes", que não tem menos de 400 kilometros de sul a norte, 510 kilometros com as sinuosidades da margem occidental, parece ser um deposito de alluviões lacustres: conservam perfeita horisontabilidade e na sua parte septentrional acha-se ainda gemeada de paues; ella é até occupada, diz-se, por um vasto lençol de agua cujo desaguadouro se faz no braço oriental do Araguaya, geralmente denominado braço menor, por causa da menor quantidade de sua massa liquida."

O mallogrado engenheiro André Rebouças, que nos proporcionou as linhas que servem de epigraphe a estas, propoz em 1876 a creação de um "Parque Nacional" nesta ilha para o fim de perpetuar a fauna e flora do sertão do Brasil, a exemplo do que fizeram os norte-americanos nos valles de Iellow-stone.

De facto ha nessa porção de territorio goyano, coberta de mattas e florestas, os mais caracteristicos e admiraveis "specimens" do nosso reino vegetal — não sendo menos rica a sua fauna, principalmente a ichthyologica, que conta todas as especies ditas amazonicas.

PELA FAUNA DO BRASIL CENTRAL

Rectificações e Refutações

Sobremaneira dignas de reparo são as flagrantes discordias e conclusões lamentaveis que se notam entre os conceitos externados nas obras scientificas relativas á fauna brasileira e o que sabem por experiencia propria os chamados profanos investigadores da Natureza do paiz — e della innegavelmente melhores conhecedores — discordancias estas tanto mais lamentaveis quanto se não póde negar que o caminho que vae ter á sciencia passa pelo conhecimento vulgar, e não se póde traçar nenhuma linha entre o conhecimento vulgar das cousas e o conhecimento scientifico; nem entre o raciocinio vulgar e o raciocinio scientifico.

Estes conceitos foram formulados por Th. Huxeley, que não é nenhum profano em sciencias historicos-naturaes.

De um modo geral póde-se dizer que aqui no Brasil — todas as especies animaes e vegetaes que zoologos e botanicos vêm classificando, ou chrismando com nomes scientificos, dizendo as especies novas, já eram assás conhecidas dos autóchthones do paiz, como tambem dos nossos caçadores, pescadores e mézinheiros do sertão, os quaes não ignoram os nomes triviaes e indigenaes, seus costumes e habitos de vida, ou seja isso que tanto importa em sciencia historico-natural — a biologia.

Os indigenas do Brasil eram tão eximios naturalistas e observadores, que entre elles já estava instituida e acceita uma como que nomenclatura binaria — que pouco ou nada se afasta da criada pelo genio de Linneu: elles já a possuiam, della se serviam para distinguir as especies, uma das outras, por meio de adjectivos tomados a um dos seus caracteres morphologicos ou anatomicos, á côr ou tambem a alguma das suas propriedades.

E' inutil, é pedantismo, menospresar os conhecimentos vulgares, em nome de uma vã sciencia, mais superficial do que positiva, como não deixa de ser a zoologia...

Ao envez de procurarmos "descobrir" novas especies, procuremos descobrir, para expulgal-as da litteratura, tantissimas heresias, contidas nos tratados de sciencia referentes á fauna brasiliense. Já alguem, com sobeja razão dizia, ha cem annos passados, que pela rectificação de numerosos erros de que se achavam eivados os livros sobre as cousas naturaes do Braisl, prestar-se-ia mais serviços á sciencia do que proclamando verdades novas.

E' mister convir que não eram de certo os bisonhos colonos europeus dos tempos idos, nem mesmo os primeiros naturalistas — viajantes vindos á terra de Santa Cruz — para que citar nomes ? — os mais aptos a fornecerem a Cuvier, por exemplo, informes biologicos sobre as especies que o sabio ia classificando, juntando-lhes nomes zoologicos improprios, e que ainda se conservam na systematica. Haja vista o nome zoologico — *Cervus nemorivagus* (F. Cuvier), dado a uma especie de veado, que jámais ninguem viu vagando pelos bosques, pelas mattas.

Este pequeno veado — "Catingueiro" dos habitantes do interior, "Capueiro" dos nortistas, é uma especie que, como esses nomes vulgares indicam, tem por "habitat" as catingas, as capueiras, ao contrario do veado matteiro, que tambem como o nome trivial o diz, vive nas mattas, é do matto.

Ao Catingueiro os incolas davam o nome de "Guazúcaatinga", e a uma outra especie de catingueiro de pellagio escuro, juntavam ao nome generico o de "pita" ou "pituna", este especifico, para designar aquella côr caracteristica.

A' este assás conhecido veadinho, assim milenariamente da familiaridade dos autóchthones do Brasil, estava reservada esta "descoberta" e honraria: entrar na systematica com o nome engrossativo de "Mazama rondoni"...

No concernente aos nossos veados, cabe aqui o seguinte dizer de Henri de Saussere, autor do melhor trabalho sobre os cervideos brasileiros.

"Os cervos do Norte America estão já perfeitamente conhecidos, mas não assim os da America do Sul. Admira-se, quando se trata de determinar as especies, ver o quanto os informes sobre esses animaes são ainda incertos, apezar de tudo quanto se ha escripto a respeito"...

Quanto aos nossos cervideos, toda a confussão reinante resulta disso: não conhecem nem querem conhecer o Brasil Central, os zoologos, os quaes preferem repetir aquillo que seus maiores já disseram, e, o que é mais tomam por extremados os informes dos que se afastam da velha systematica.

Prova provada aqui vae: quando o illustre dr. Emilio Goeldi deu á estampa a sua monographia "Mammiferos do Brasil", nella apparecia o nosso Cervo (*Cervus paludosus*), comparado ao C. "elaplus" europeu, diminuido em numero de pontas e em dimensões. Até então, as pontas do Cervo brasileiro se contavam "até cinco", no maximo, e as do veado compeiro (C. *campestris*) "até tres", apenas.

Dez annos depois, tendo examinado pessoalmente alguns craneos e galhadas de veados procedentes directamente de Goyaz, modificou o conceito erroneo dos seus collegas, os naturalistas, ou melhor, triplicou o numero de galhos do nosso cervo e duplicou as pontas do veado campeiro. Foi pena que não tivesse visto o cervo do Brasil Central, pois lhe teria dado mais avantajado porte.

Que Goyaz é a patria dos cervideos brasileiros, só alli no Museu Nacional ou no Museu Paulista seus "cuscus" ignoram. Já se não dá o mesmo no admiravelmente bem organizado Museu Goeldi, em Belém do Pará.

O extincto naturalista dr. Emilio Goeldi, que foi por muitos annos director daquelle Museu de Historia Natural, confessa no seu livro "Estudo sobre o desenvolvimento da armação dos veados galheiros do Brasil" que todo o material que teve em mãos para elaborar a sua obra — "procedia exclusivamente do Brasil Central, com especialidade do Estado de Goyaz, e fôra obtido no mercado de Belém, onde chegaram pelo caminho fluvial Tocantins, Araguaya, nos botes ou canôas chamadas "mineiras" pelos paraenses (confundem goyanos com mineiros).

Não nos admiramos da ignorancia dos zoologos em relação aos cervideos do nosso paiz, mas o que nos assusta é a prosapia, a petulancia com que certas creaturas têm vindo de encontro aos assertos do autor de "Caças e Caçadas no Brasil".

E' assim que, descrevendo uma especie nova de veado brasileiro, um veado mocho, disse Henrique Silva: GUATA-APA'RA".

O seu nome, quer nos parecer, significa na lingua geral veado sem chifre — pois, pela identificação, feita na fauna do Brasil, vê-se que "apára" corresponde ao vocabulo "anoplos" de lingua grega (sem arma, sem defesa), que os naturalistas adoptaram na classificação de especies zoologicas.

Assim SUAÇU-APA'RA, é o nome indigena da femea do cervo, e tal particula, — "apára, — nella indica a falta dos grandes chifres galhados da sua especie.

Quanto ao valor etymologico de "apára", convém lembrar que este especifico deram os incolas a uma especie de Tatús que não escavam buracos, porque não são armados de unhas que se prestam a esse mister, e quando se approxima delles escondem a cabeça e os membros locomotores debaixo da couraça. "Ajurú-apára" é tambem uma especie de papagaio cujo bico é de certo modo atrophiado, e que se caracterisa pela ausencia dos ornatos vistosos que distinguem as demais especies da familia. Von Martius ensinou que "Suaçú-apára" queria dizer veado de grandes chifres; o padre Ayres de Casal avançou mais dizendo ser uma especie distincta, e assim esses disparates foram ficando classicos entre os trataditas da nossa litteratura zoologica.

Vem agora o sr. Arthur Neiva e escreve afoitamente:

No Diccionario da Fauna do Brasil de R. VON IHERING — S. Paulo — 1914, o autor embora registrando a expressão sussuapára para o veado galheiro, lembra que a designação correta é "suassú-apára". Acreditamos, mas podemos affirmar que nos geraes bahianos e norte de Goyaz, os moradores só designam o referido veado pela palavra sussú-apára. Tão pouco ouvimos, como HENRIQUE SILVA quer, á pag. 80 da "Caças e Caçadas", o nome suassú-apára servindo apenas para designar a femea. O vocabulo tal como o grafamos, designa, nas referidas paragens, o veado-galheiro de qualquer sexo".

Tudo isto teria razão de ser: se existisse em Goyaz quem melhor do que o autor de "Caças e Caçadas" lhe conhecesse a fauna.

Mas nós aqui devemos haver com o improvisado zoologo prefaciador do livrinho didactico do sr. Rodolpho von Ihering a indulgencia que temos com os jovens sábios do Brasil, em cujo numero já houve até quem incluisse o nome do Max Fleiuss...

(*Continúa*).

SAL GEMMA E FONTES MINERAES

Indispensavel á manutenção da vida animal, o sal tem de ser buscado e adquirido, em toda parte onde ha seres vivos.

Um homem consome em média 7 kilogrammas de sal por anno; para viver convenientemente, devem consumir em sal annualmente: uma rez — 36 kilos, um equineo — 20 —, um suino ou caprino — 5 —.

O Brasil interior, como região principalmente votada á industria pecuaria pela falta de vias de transporte e pelo seu apartamento da costa, precisa criar bem e para isso precisa de muito sal. Hoje, no Estado de Goyaz, por exemplo, na região pastoril do sul mais accessivel, já aos productos de importação, um sacco de sal de 30 kilos, custa 45$000, o que faz com que um boi bem tratado, só em tres annos, custa em sal 162$000, preço maximo que póde alcançar na zona um boi de 5 ou 6 annos para córte. Na zona pastoril de Minas mesmo, em pontos de via-ferrea como Uberabinha, custa o sal 500 réis por kilo.

Com preços taes, impossivel se torna o desenvolvimento dos rebanhos que são tratados a rações diminutas do precioso alimento mineral, degenerando na raça, definhando com as epidemias e em luta perenne com bernes e carrapatos que tanto perseguem o gado pouco salitrado

Torna-se necessario pois encarar definitivamente o problema do sal que precisa ser fornecido por preço muito inferior ao porque chega actualmente ás zonas pastoris do interior. Esse problema só poderá ser resolvido de dois modos: pelo grande desenvolvimento das estradas ferreas e de rodagem pelo Interior com tarifas excepcionalmente baixas no transporte do sal, ou pela producção do sal na propria região consumidora.

A segunda solução é mais racional e mais facil. Ha salinas abundantes na zona sul-goyana hoje aproveitadas apenas pelo gado criado na visinhança e que seriam capazes de abastecer de sal todo o estado goyano, parte de Matto Grosso, parte de Minas e parte de S. Paulo, por preços muito abaixo dos com que póde concorrer o sal de importação, estrangeiro ou nacional.

Essas salinas que apparecem com a fórma de fontes thermaes salgadas e argilas salgadas pelos derrames das fontes; além de poderem ser aproveitadas immediatamente pela evaporação de suas aguas de teor de 3 e 4 % de saes de sodio (cloreto e sulfato), trazem indicações vehemente, corroboradas pela estructiva geologica local da existencia de jazidas de sal gemma talvez mais extensas que as celebres camadas sodico-potassicas de Stassfürt, na Allemanha.

Sua exploração na zona seria a solução brilhante do problema do sal no interior, seria o estimulo pujante e efficaz da pecuaria sertaneja que em seus campos naturaes e climas excellentes só perde por completar-se melhorando suas raças o primeiro elemento de vida, o sal que lhe chega por preços de objecto de luxo.

A população actual da zona que póde ser abastecida em boas condições pela mencionada salina regula por:

um milhão de homens;
tres milhões de gado vaccum e cavallar;
tres milhões e meio de suinos, ao menos.

O sal que esta população exigé para ser bem abastecida custaria actualmente por anno a fabulosa quantia de cento e quinze mil contos de réis. Nesta verba entrariam do porto de Santos — quatorze mil e cinco contos de réis annuaes. A' vista de taes cifras mostra claramente a importancia do problema para a industria pecuaria e a importancia do negocio para os capitaes que se applicassem a essa exploração industrial do sal gemma.

A firma commercial Paes Leme e Ulhôa da qual é gerente o engenheiro Ignacio Pinheiro Paes Leme tambem director de uma companhia de auto-transportes que de Uberabinha procura o interior de Goyaz ramificando-se pelo triangulo de Minas, já tem em trabalho de producção uma jazida de nitrato de potassio e sulfato de ammonia no municipio goyano de Santa Rita do Paranahyba já servido pelos auto-caminhões da Companhia Mineira Auto-viação Intermunicipal acima referida.

Tendo procedido a explorações e analyse das salinas e adquirido direitos de propriedade sobre ellas, pretende a firma incorporar uma empreza de capitaes possantes para trabalhar as jazidas e fontes salgadas, ampliar a rêde de viação interior e tratar do commercio do sal.

A Escola Polytechnica desta capital, bem como o Museu Nacional e o Instituto Technico e Industrial, tiveram a visita do engenheiro Paes Leme que, trazendo-lhes amostras de sal e de salitre de Goyaz, forneceu-lhes informações completas acerca do interessante problema do Brasil Central.

— E' necessario que as instituições scientificas e industriaes desta cidade prestem mão forte e o apoio de seus recursos technicos ao esforço individual do profissional isolado que, deixando o conforto de seu berço carioca, vive pelo interior a arrancar-lhe o segredo das riquezas de utilidade geral para o paiz.

Chamamos a attenção tambem do nosso governo, especialmente dos ministros da Agricultura e da Guerra, para os dois productos indigenas que se nos apresentam mais importantes que o ouro do Morro Velho ou da Passagem.

Noticia sobre as minas de ouro do Abbade, na comarca de Meia Ponte

"Lavra do Abbade, 3 de Março de 1882. — Illmo. e Exmo. Sr. — Accuso recebido um officio datado de 8 do corrente com que V. Ex. se serviu pedir-me informações sobre minha industria de mineração, que ha pouco tempo encetei na antiga e abandonada Lavra do Abbade, municipio de Meia Ponte.

Por emquanto só posso, em resposta, informar V. Ex. que, encontrando neste termo uma lavra já deixada, recocida, depois de aturado e minucioso exame, e pela configuração do terreno, pertencer, quanto á sua origem, ás de deposito diluviano tão frequente na California, aonde são atacadas com inequivoco proveito, pelo systema hydraulico; résolvi, sem hesitação, transferir para ahi meu campo de operações, abandonando o trabalho já começado nas margens do rio Maranhão. E' completa a esperança que afago, de colher nesta lavra brilhante resultado quando lograr applicar nella em toda a sua plenitude o systema hydraulico que demanda.

Por ora, porém, me hei occupado quasi exclusivamente com as obras de artes, facturas de tanques, flume, rifles, caixas de mercurio, com a construcção de uma pequena *villa* de palha, com suas competentes officinas com a canalisação do rio das Almas para o interior da mesma lavra, afim de evitar a escassez d'agua durante a secca; e por ultimo assentei os tubos hydraulicos, os quaes, por emquanto terão de supportar uma pressão de duas e meia a tres atmospheras, força esta insufficiente e impotente para quebrar as pedras que abundam na lavra e tolhem o serviço a cada passo; conto porém, da Côrte, na minha proxima viagem, conduzir para o supracitado fim apparelhos taes, que nada deixem mais a desejar.

Não havendo até ao presente procedido a uma verdadeira apuração, porque ainda não dei começo ao serviço do desmonte e me tenho limitado por ora a desentulhar a lavra que encobre um entulho de trinta annos, sinto-me sem bases seguras para ajuizar da riqueza aurifera desta lavra.

A experiencia tem me dado a conhecer apenas que o

ouro é mais abundante na camada inferior do que na superior; porém como em mineração de ouro se ajuiza da riqueza de uma lavra mais pela quantidade d'agua de que dispõe do que pela proporção do metal que encerra, posso por isso dizer desde já que a lavra do Abbade é uma mina essencialmente rica e, por tanto, augurar-lhe prospero futuro em época pouco remota."

Deus guarde a V. Ex. — Illmo. e Exmo. Sr. vice-presidente da provincia. — *Dr. Theodoro Rodrigues de Moraes.* — *Alfredo d'Arena.*

Goyanos que assistem na Capital Federal

Dr. Joaquim Xavier Guimarães Natal — Ministro do Supremo Tribunal Federal — Rua Honorio de Barros n. 26.

Dr. Olegario Herculano da Silveira Pinto. — Rua Riachuelo 126.

General Joaquim Elesbão dos Reis. — Rua Paraguay n. 52, Meyer.

General Antonio Felix Fleury de Amorim. — Rua S. Januario, 115.

Dr. Antonio de Faria Albernaz — Rua Maria Eugenia n. 41 (largo dos Leões).

Dr. Eduardo Arthur Socrates. — Commandante da Escola Militar e Pratica do Exercito. — Realengo.

Dr. Octavio Confucio. — Rua Abilio 59.

Dr. Gonzaga Jayme. — Rua Affonso Penna, 48.

Dr. Victor de Carvalho Ramos. — Rua General Canabarro, 427.

Dr. João Cancio Póvoa. — Rua General Canabarro, n. 427.

Dr. Hugo de Carvalho Ramos. — Rua General Canabarro, 427.

Dr. Luiz Augusto de Moraes Jardim. — Rua Conde de Bomfim 187.

Major Theodorico Florambel. — Rua Lia Barbosa, 37.

Dr. Firmo de Faria Albernaz. — Rua Padre Januario n. 85, Inhaúma.

Dr. Theodoro Gomes. — Rua das Laranjeiras, 136.

João de Albuquerque Pereira. — Rua 3 de Junho 12, (Deodoro).

Sebastião Augusto Rios. — Rua Paraguay, 40, Meyer.

Monsenhor Pedro Ribeiro da Silva. — Egreja Matriz do Engenho Novo.

Tenente Maurillo Arthur Guimarães. — Rua do Rezende 154.

Dr. Gustavo A. Aquino e Castro. — Rua do Triumpho n. 34.

Felippe Xavier de Barros. — Rua Club Athletico, 48.

Dr. Pedro Cardolino F. de Azevedo. — Avenida Maracanã n. 668.

Major João Augusto de Azevedo Coutinho. — Rua Barão de Mesquita, 671.

Dr. Galeno Americano do Brasil. — Paquetá.

Dr. Antonio Americano do Brasil. — Paquetá.

Sebastião R. Vieira. — Rua Buenos Aires, 2.

Dr. João José de Campos Curado. — Rua Costa Pereira, 91.

Monsenhor Francisco Ignacio de Souza. — Boulevard 28 de Setembro, 316.

Jeronymo Coimbra. — Hotel dos Estrangeiros.

Marechal Urbano de Gouvêa. — Avenida Rio Branco n. 117, 1° andar.

Henrique Silva. — Rua Figueiredo, 63. — Engenho Novo.

Capitão Laurindo Soares de Mello. — Rua Bella de S. João, 259, casa X.

E' esta a lista completa dos nossos patricios residentes no Rio de Janeiro.

Estrada de Ferro Goyaz

Um telegramma de Bello Horizonte, que o *Jornal do Commercio* inseriu na sua edição de 8 do corrente mez, informa que seguiu para Formiga o engenheiro-chefe da construcção da Estrada de Ferro de Goyaz, Dr. Antonio Gravatá, acompanhado de seus auxiliares, afim de atacar com energia a conclusão da linha entre Salitre e Patrocinio, dando começo á construcção das respectivas estações. E' pensamento daquelle engenheiro fazer com que a inauguração official do trafego até aquella cidade seja feita de 90 dias. Em seguida será atacada a construcção do trecho de 70 kilometros entre Patrocinio e o kilometro 432.

Note o leitor que escrevemos Estrada de Ferro Goyaz e não Estrada de Ferro de Goyaz — por isso que de Goyaz a malfadada via-ferrea só tem o nome. De Minas Geraes, ou, mais propriamente, de ligação de Bello Horizonte ás localidades do Triangulo Mineiro já beneficiadas por estradas de ferro é que ella tem sido e continua ser.

Convém não esquecer que o kilometro 432 marca a estação de Monte Carmello — donde, segundo noticiam alviçareiramente os jornaes do Triangulo será quebrada a directriz normal da Goyaz, que em vez de seguir o traçado Formiga-Catalão-Goyaz-Araguaya, tomará o objectivo colimado pelos coroneis e mais influencias politicas da zona, isto é, se desviará para Araguary. Allegam os alludidos coroneis da briosa, entre outros motivos de ordem superior, a *estrategia*...

Não nos julgamos habilitados a encarar o assumpto sob seus aspectos estrategico, economico e outros de interesse para o paiz, limitamo-nos a reproduzir o seguinte *croquis* da zona dos poderosos québra... linhas.

No proximo numero da nossa Revista o assumpto será elucidado pela penna de um competente engenheiro.

A DENDROCLASTIA NO BRASIL

E' urgente, mais que necessaria, a promulgação de um codigo florestal que quanto antes impeça a destruição de grande parte do territorio nacional e acautele interesses multiplos.

Vem dos primeiros dias do descobrimento do paiz a devastação consciente ou inconsciente das nossas chamadas florestas seculares, que outr'ora cobriam mais de 2/3 da então terra de Santa Cruz.

A dendroclastia parece estar na massa do sangue da maioria dos brasileiros, de preferencia entre os caboclos e caipiras: ficou-lhes visivelmente dos ascendentes, por hereditariedade—é uma tara.

Os autochthonos do Brasil, que viviam na região littoranea, começaram por sacrificar os nossos mais preciosos "specimens" de essencias vegetaes a troco de quinquilharias e bugigangas trazidas para náos da piratarias franceza, e acabaram ateiando fogo nas mattas virgens. Foi Paul Gaffarel quem o seguinte escreveu em sua *Histoire du Brésil Français au seiziéme siécle*:

"Par fois méme, afim d'éviter la Peins de les scier, ils mettaient le feu au pied, et l'incendie gagnait le reste de la forêt. Quelques années de cet gaspillage effréné suffirent pour anéantir bien des essences precieuses.

Ce ne fut même pas une explotation, mais plutot une destruction."

Donde se conclue que somos um povo de dendroclastas desde a formação da nossa nacionalidade, mercê de um de seus agentes transformadôres, o aborigene.

Como observou ha tempos o competente botanista Dr. Monteiro da Silva, nossos caboclos, descendentes em linha recta dos selvicolas, abatem a machado, para seu gaudio, immensas áreas de matta virgem — rindo, cantando, nos tradicionaes mutirões...

O que se vê por toda a parte é o homem destruindo em alguns dias ou horas apenas aquillo que a natureza levou annos a criar em beneficio da propria humanidade.

Tudo isto se faz em nome de uma lavoura rotineira, que no seu estado actual, apenas nos colloca dous dedos acima da civilisação dos primitivos habitantes do paiz.

Que o illustre cathecista Sr. Candido Rondon continue a fornecer seus catechimenos de machados, foices, facões e artificios de tirar fogo — fuzis, corniboques, etc., e breve não prestará da frondosa mattaria do grande *Far-Weste* senão as coivaras.

Urge, pois, um bello gesto dos governos da União e dos Estados, no sentido de salvaguardar a riqueza do Brasil, a exemplo do que já fizeram os paizes civilisados.

O preconceito de que as terras de mattas são as unicas que se prestam ás culturas, já de ha muito devera estar banido do cerebro dos nossos agricultores.

A maior fertilidade dos terrenos de matto é illusoria, disse Assis Brasil no seu livro classico — *A Cultura dos Campos*.

Accrescenta o illustre escriptor: "Em todas as suas phases, desde a sementeira até á colheita, a cultura no campo é mais facil e amena do que a cultura em terras de matto.

O trabalho do arado, rasgando a terra, é menos penoso do que o da foice, roçando os arbustos, ou o do machado, cerceando troncos seculares.

No matto são mais difficeis do que no campo, quando não são impossiveis, todas as operações no sólo: correctivos, drenagem, estrumação, etc.

Nenhuma das machinas agricolas que tanto ajudam o trabalho do homem, multiplicando o poder da sua força muscular, póde operar tão bem no matto como no campo; a que rasga a terra, a que comprime e iguala o sólo, a que semeia, a que corta as hervas damninhas, a que ceifa, ajunta e ata em molhos regulares o trigo, aveia, o centeio, a cevada, depondo-os em grupos iguaes á distancias exactas, a que desgrana e ensaca, a que prensa e enfarda — só excepcionalmente poderão trabalhar nos asperos terrenos das mattas.

A industria agricola é por isso muito mais intelligente e progressiva no campo do que nas florestas."

A proposito da reputação de estereis, dada aos nossos campos, pelos ignorantes, escreve um conhecido scientista os seguintes conceitos que merecem ser transcriptos aqui: "Mas estereis como, se até agora não se plantou nada nelles?

E' simplesmente uma idéa preconcebida, cuja origem se acha na falta de observação e porque não houve necessidade de occupar estes terrenos. A verdade é que até ha pouco não se cogitou em experimental-os, porque estando estragados superficialmente, seria necessario uma certa somma de trabalho da qual se receiava não ser remuneradora.

Qual, porém, a causa desse estrago do campo?

E' o facto, pelo qual se pensava melhorar as pastagens, mas que se tornou o destruidor por excellencia, em consequencia, esterizador, porque depois de ter matado os germens que estavam para nascer na nova geração, endurecida a superficie, silificando-a pelo continuo deposito da silica dos colmos das gramineas e das cyperaceas que destruiu.

. . . .

A esterilidade dos campos é, portanto, apenas um fantasma nascido da falta de necessidade e de iniciativa.

E' um espectro que não supportará a luz sublime que irradia do ferro polido do arado e que fatalmente afogar-se-á nos jorros crystallinos dos poços artesianos". (A. Lofgren.)

Ficam dest'arte inutilisados quaesquer preconceitos dos lavradores no tocante á cultura dos campos, que deve ser preferida á das mattas, por sobejos motivos.

A devastação das nossas mattas, riquissimas de madeiras de lei, de plantas economicas, industriaes, officinas, forrageiras, ornamentaes, através de quatro seculos escapa a toda a avaliação, excede a toda a expectativa.

Desde os tempos coloniaes que os governadores das diversas capitanias, com uma insistencia digna dos maiores applausos, vinham protestando contra a devastação das florestas, e insistindo com os lavradores para que mudassem o systema de agricultura que trazia o sacrificio das mattas e que consistia em devastar e queimar todos os annos uma porção de matta, no qual, como ainda em nossos dias, se plantam sem mais beneficio as sementes.

O de Goyaz, em 1807, dizia textualmente: "Inimigos dos mattos e bosques, lançam todos por terra sem differença alguma; devastado que seja um terreno de tres leguas de comprimento e uma de largo, o desamparam e vão a outra parte levar egual destruição. Ha comtudo entre o gentio e o goyano a differença de que aquelle com as suas mudanças nada perde, e nas suas costas leva os seus bens; este, porém, perde a despeza da casa, regos, engenhos, etc.

E' pois necessario obrigar os goyanos a se deixarem de andar atraz das mattas; é preciso fazer-lhes ver que um homem com dous bois e um arado revolve num dia mais terreno do que seis ou oito, deve-se-lhe lembrar, que os campos juntos de casa e cercados lhes pouparão os referidos prejuizos, além da vantagem de poderem regar suas plantações em caso de necessidade. Deve-se-lhes ensinar que os inglezes da America do Septentrional só tiram grandes utilidades de qualquer terreno, depois de tres annos de cultura, isto é, depois que o reduzem a campo; mostrar-se-lhes que os mattos são um dos bens de que goza esta Capitania, e que deital-os inteiramente abaixo é arruinar uma das suas riquezas.

Sejam pois obrigados a limpar sómente as terras necessarias para terem campos que devem cultivar e deixar todos os outros mattos pára lenha, madeiras precisas para casa, moveis e embarcações."

De nada serviram taes conselhos e insinuações justissimas, pois vinte annos depois assim dizia o Marechal Raymundo J. da Cunha Mattos na sua *Chorographia Historica da Provincia de Goyaz*: — "A falta de policia a respeito das derrubadas das mattas, e ainda mais a respeito das queimadas dos campos, tem de tal fórma estragado as terras da comarca, que antigamente eram um continuo bosque, que dentro de poucos annos será necessario lançar mão (já se devera de ha muito ter lançado) de um novo systema de agricultura.

O capim chamado "catingueiro" tem ficado de posse absoluta de dous terços dos bosques, e por conseguinte inutilisadas quasi todas as capoeiras, ainda mesmo muitas mattas virgens".

Foi este o destino da famosa e fertil zona da matta, entre Minas e Rio de Janeiro — que permittiu um dia a nossa maior e mais rica lavoura capoeira, e hoje, destruida pelo homem, apresenta-se-nos esteril, desolada, sob a feição de uma vasta área argilosa coberta de sapé e capim rabo de raposa nos altos, nas baixadas o tirirical damninho, inexpugnavel, sem fallar nas funestas alterações do clima, que se modificou para peior, em todos os sentidos.

Não é licito alguem ignorar que as mattas exercem grande influencia sobre a composição do ar — absorvendo o acido carbonico e exhalando o oxygenio purificador, e tambem sobre a temperatura, abaixando até certo ponto a média annual, ao mesmo tempo que regularizam o clima — diminuindo a intensidade do calor e dos frios extremos, como tão bem nos ensina T. Pradés nos seus excellentes trabalhos sobre agricultura e sylvicultura, que constam da *Bibliothéque du Conducteur de Travaux Publics*.

Estas causas, bem o sabemos, não têm cunho na opinião cor-

rente. Indigitando o nosso selvicola, como participante deste desagradavel estado de cousas — uma homenagem publica lhes rendemos: que apezar de mais atrazados, conheciam as plantas do paiz, isto é, seccionavam-n'as como hoje os scientistas, em alimentares, forrageiras, ornamentares, tinctoraes, etc., taes como as dividimos e subdividimos no seu papel na vida quotidiana.

Os autores antigos, escreve D. Bois — concordaram em dizer que antes da agricultura dos cereaes os fructos do carvalho constituiam por excellencia a alimentação das populações européas. O proprio nome "glunde", em algumas linguas se liga a uma radical que significa — comer. Herodoto disse que os Arcadios se nutriam de "glandes", e Plutarcho os chama comedores de "glandes".

Em resumo — destruindo as nossas florestas, nós brasileiros destruimos a "glandes" que nunca soubemos agradecer á *terra-mater.*

Henrique Silva.

Fructas indigenas dos campos e mattas do Brasil Central

O momento historico é de aproveitamento de todos os riquissimos productos da riquissima flora do Brasil, que ainda não nos deu quasi nada do muitissimo que poderia dar.

Os ensaios de cultura das fructas brasileiras são devidos aos primeiros europeus que, aqui se estabeleceram, não tendo feito as gerações successivas mais do que aperfeiçoar a cultura de algumas dellas, como a banana, o abacaxi, a pitanga e outras poucas e aliás inferiores ás muitas que ainda ninguem tentou cultivar de maneira que nesta materia não tem havido,até ao presente, o que se possa dizer trabalho de brasileiro, ou comprehensão da botanica applicada. Quando dizemos que muitas das nossas fructas já cultivadas são inferiores ás tambem muitissimas por cultivar é porque razão ha para tal affirmativa. Basta comparar, por exemplo, a mangaba, sem cultura alguma nos campos do interior, com qualquer outra fructa nossa que já mereceu os beneficios da cultura. Entre as familias das nossas plantas cultivadas ha especies que, mesmo em Estado selvagem excedem em sabor, delicadeza e perfume nactivo ás do mesmo genero que cultivamos. Haja vista a pitanga dos campos, os araticuns tambem dos campos, que são incontestavelmente mais deliciosas do que as especies de *myrtaceas e amonacéas* que se cultivam no littoral, e até mesmo as importadas.

E quem ignora que a cultura opera milagres, transformando fructosintragaveis, no seu estado nactivo, como a banana, em fructos saborosissimos ?

Não o eram tambem, nos tempos recolhidos dó Velho Mundo, fructas atôa: o pecego, a uva, a pêra, a maçã, antes de cultivadas ?

O cultivo, pois, das nossas fructas campestres e sylvestres, impõe-se, é um dever patriotico, é um caso de honra e dignidade nacional.

A. Glaziou, o conhecido botanista, que todos sabem, tantos annos viveu entre nós, escrevia:

"Quem percorre o planalto Central do Brasil, de clima tão ameno e regular, admira-se ao ver uma profusão de especies de fructas sylvestres das quaes muitas são saborosissimas. Interessa de tal fórma ás primeiras necessidades do homem a generalidades dessas arvores e arbutos que, ainda que summariamente, convém assignalar ás mais notaveis e a vantagem que haveria em reunil-as para cultival-as racionalmente num Viveiro Experimental do Estado, estabelecimento de maxima utilidade logo que diz respeito á alimentação e ao progresso da sociedade.

Ao ver essas bellas fructas quasi a vingar, a imaginação do mais imples cultivador attenta immediatamente á conveniencia que haveria em cultivar cuidadosamente essas arvores para melhorae-lhes o producto, acóde naturalmente á lembrança dos vegetaes primitivos dos bosques da Europa cujas fructas eram apenas aproveitadas pelos animaes selvagens e as aves.

Basta lançar as vistas sobre as variedades de pêras, as maçãs, pecegos, as uvas, as ameixas, etc., cujos typos ainda se vêem em estado primitivo para reconhecer os esforços perseverantes do cultivador na senda do melhoramento dos fructos: basta comparar as especies primitivas com esses bellos e deliciosos productos que hoje constituem o luxo da mesa do rico como da do pobre.

Visto tal exemplo, materialmente provado, estou convencido de que o espirito de progressa que anima o Governo, relativamente ao assumpto da transferencia administrativa e politica da Capital dos Estados Unidos da Republica do Brasil, não se cuidará de concentrar toda a sua attenção sobre este ponto da industria alimentar, assim como sobre outros muitos que fornecem ainda o reino vegetal neste afortunado torrão ? Interrogação significativa. Tratando-se de fructos, dentre os quaes alguns já apreciados, citaremos da familia das Anonaceas alguns generos vulgarmente designados pelos nomes Araticúm, Cherimoya, Biriba, etc., que, entregues aos cuidados intelligentes do cultivador, graças aos processos da enxertia, da semeadura de sementes fecundadas artificialmente e com outros meios de que dispõe praticamente, independente da cultura intensiva poderiam permittir-lhes attingir o seu ideal.

Exemplo de uma fruta brasileira ainda não cultivada, mas de seguras possibilidades economicas, ahi temos na chamada fruta de Lobo (*Solanum lycocarpum*) — nome botanico este que corresponde ao seu vulgar, ou melhor, traduzido da lingua indigena para a grega pelo sabio botanista Saint'Hilaire. Da fruta de Lobo se fabrica excellente doce, pelo sabor e mais qualidades comparavel ao do marmello, a nossa marmellada.

Nas forças de Matto Grosso, disse Taunay, os negociantes vendiam a bom preço caixas desse doce sob o titulo de legitima marmellada, e a differença não era tão sensivel que muitos se queixassem do logro.

Mas o interessante é dizer que na Argelia a fruta de Lobo foi já acclimada, sendo cultivada em larga escala, e os seus productos, consumidos em França, Pariz principalmente, guardam o nome de origem — marmellada de Goyaz !...

Faz-se pois mister, urgente mesmo, neste momento em que iniciamos a permuta commercial das nossas frutas com as das Republicas do Prata, em ensaio de cultura de muitas das especies que vamos mencionar, de modo a fazel-as conhecidas de nós mesmos e do estrangeiro.

E quem mais nos casos de o promover, iniciando-o desde já, senão benemerita Sociedade Nacional de Agricultura ?

Aqui vae uma relação dos nomes indigenas ou vulgares, de algumas das nossas frutas por assim dizer, ainda desconhecidas:

Cajú do campo, Cajiy, Guarióba, Guabiroba, Piqui, Pitanga do campo, Muricy, Cabacinha, Marmellada de cavallo, Marmellada de espinho, Marmellada de cadella, Araçá, Manbaga, Pitomba, Guapéva, Fruta d'Ema, Fruta de Lobo, Fruta de vado, Jaracatiá, Gravatá, Araticum, Uvalha, Pecego do campo, Melancia do campo, Maria preta, Fruta de Jacú, Marmellada de areia, Bananinha do matto, Corôa de frade, Bacupari, Guavira, Piquiá, Taruman, Amóra, Marmello do campo, Velludo, Cabo de machado e muitissimas outras cujos nomes triviaes não nos occorrem neste momento.

Trabalho de brasileiros, pois, deve ser o da cultura das nossas frutas indigenas.

Forraginosas nativas de Goyaz

CAPIM DO ARAGUAYA

Um dia, em conversa, apostrophei o dr. Couto Magalhães nos seguintes termos: "O general, que tão bem conhece os nossos sertões de Matto Grosso, de Goyaz, do Pará e Amazonas, e que tanto se interessa pela sorte da nossa pecuaria, poderá dizer-me qual a melhor das nossas forragens indigenas ?"

— "O capim do Araguaya", foi a sua prompta resposta.

— Como obtel-o aqui em S. Paulo ?

— Quanto a isso, não é facil. Só por intermedio de algum boiadeiro.

Nesse tempo, estrada de Jundiahy a S. Paulo, por onde vinham as boiadas, atravessava o meu sitio de Pirituba rente á casa. Era já, então, para mim um grande divertimento e uma proveitosa occasião de instrucção á desfilada dos innumeros rebanhos, no meio dos quaes se destacavam animaes de extraordinaria belleza e de um porte colossal. O Attila do Ganges o medonho zebú não havia penetrado ainda nos nossos grandes Estados criadores e, portanto não estava consummada ainda a sua horrenda obra de destruição.

Foi precisamente neste tempo que o nosso provecto director do Museu Ypiranga, o dr. H. von Ihering, executou no Matadouro de Villa Maria os seus classicos estudos sobre o nosso gado, pondo em relevo o seu grande merito.

Quiz a minha boa sorte que eu tivesse a fortuna de encontrar logo um capataz de boiada, vaqueano das margens do Araguaya e homem de viva intelligencia, com quem pude entender-me confiando-lhe a missão de trazer-me a planta desejada e offerecendo-lhe pela muda 100$000.

Um anno depois, o meu homem batia-me á porta apresentando-me a muda do capim Araguaya, sentida sem duvida, mais perfeitamente viavel; a viagem havia durado dous mezes e meio!

Dessa muda procederam os exemplares, que offertei ao Posto Zootechnico Dr. Carlos Botelho e que graças á solicita actividade do sr. Luiz Silva, estão sendo, hoje, multiplicados em larga escala nas culturas do Syndicato.

Na opinião do sr. Luiz Silva o capim do Araguaya é o digno emulo do capim imperial de Venezuela — talvez superior! — na criação de porcos.

Maior elogio não póde ser-lhe feito.

GRAMA LARGA DE GOYAZ

Conheço esta grama, ha mais de 30 annos.

Os bovinos e muares têm por ella viva appetencia. E' de uma resistencia descommunal ao casco dos animaes. Nada absolutamente soffre com as mais fortes geadas. Nas invernadas onde ha mistura de varias forragens os animaes preferem a gramma larga. Infelizmente, ainda não está facil a obtenção de mudas della. Os que a desejarem queiram dirigir-se ao sr. Francisco Nemitz, praça Antonio Prado.

DR. L. PEREIRA BARRETO.

PROPAGANDA AGRICOLA

Do eminente economista, professor L. R. Vieira Souto, recebemos as linhas patrioticas que a seguir reproduzimos:

"A' Informação Goyana".

No empenho em que estou de, por todos os meios possiveis, fazer, no Brasil, definitiva e intensamente, a propaganda agricola, afim de que possa o nosso paiz produzir, quanto antes, em muito maior quantidade, e, cada vez, em melhor qualidade, é natural me occorresse suggerir aqui o systema norte-americano da propaganda pelo carimbo e, de modo geral, pela inscripção de conceitos economicos em phrases incisivas, cujos enunciados, pela repetição e pela concisão, sempre acabam por impressionar beneficamente o povo, maximé os habitantes das zonas ruraes. Nesse intuito, pareceu-me um dever do meu cargo appellar para as casas commerciaes e para as emprezas e estabelecimentos commerciaes ou industriaes de grande movimento; e é por isso que ora me dirijo ao vosso reconhecido patriotismo, vista que só me move o desejo de bem servir, neste momento, mais que nunca, aos interesses da Patria.

Eis o quê me pareceu razoavel esperar da vossa boa vontade; em toda a vossa correspondencia para o interior do Brasil, no cabeçalho das vossas cartas commerciaes, na face dos vossos enveloppes, nas vossas etiquetas, nos vossos prospectos, nos vossos envolucros, nos envoltorios de vossas mercadorias, nos pacotes, nas caixas, nos caixotes, nos volumes que remetterdes para dentro do paiz, vos peço, com empenho, que inscrevais um pensamento de propaganda agricola seja por meio de carimbo, seja por meio de impressão permanente em vossos papeis de uso commercial ou de circulação obrigada pelos vossos proprios interesses.

Esses pensamentos a que me refiro seriam os que melhor vos parecessem, comtanto que valessem pelo conceito e impressionassem pela insistencia do conselho que nelles se contivesse.

A titulo de simples exemplificação do que poderiam ser essas phrases, lembro as seguintes:

"Do alimento depende a victoria na grande guerra. Trate, pois, de produzil-o."

"Quem cultiva, agora, a terra serve á Patria e enriquece a si proprio."

"Para ajudar os alliados, o Brasil necessita de que os brasileiros economisem muito e produzam ainda mais."

Podereis cooperar dessa fórma para auxiliar o governo brasileiro no seu maximo esforço para intensificar a producção nacional?

E' o que eu desejaria que me communicasseis, convicto embora, como estou, de que não recusareis ao Brasil esse concurso, pouco oneroso e muito proveitoso, que a Patria vos solicita para mais efficientemente obter dos brasileiros a dedicação dos seus melhores esforços á lavoura, afim de lhes proporcionar a prosperidade e, ao mesmo tempo, servindo aos nossos compromissos internacionaes do momento, promover o desenvolvimento economico sem o qual nenhuma nação póde ser grande e poderosa.

Aproveito o ensejo para affirar-vos os meus protestos de estima e consideração.

Saudações attenciosas.

L. R. Vieira Souto,
Delegado Executivo da Producção Nacional.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1918 — VOL. I—N. 9

SUMMARIO

FINANÇAS DE GOYAZ

1917 — CAIXA GERAL

Receita.	1.933:493$806
Despeza	1.446:282$787
Saldo	487:211$019

1918 — CAIXA GERAL

Receita.	110:485$275
Despeza	69:056$292
Saldo	41:428$983
Em dinheiro.	328:640$002

DEPOSITOS E CAUÇÕES

Receita.	91:574$847
Despeza	2:053$000
Saldo	89:521$847

ESTAMPILHAS

Receita.	591:962$400
Despeza	15:089$600
Saldo	576:372$800
	1.195:034$649

No saldo dos dous primeiros mezes de 1918 ha a accrescentar cento e tantos contos de réis que a E. de F. de Goyaz ainda não enviou aos cofres estaduaes.

Vê-se por ahi que a campanha feita aos defraudadores da fazenda publica pelo actual presidente sortiu optimo resultado, pois nunca as cotas de saldos nas administrações de Goyaz se elevaram a tanto.

A *Informação Goyana*, por mais alheiada ás aggremiações politicas da terra que defende, não póde calar um gesto sympathico de applauso ao Dr. João Alves de Castro.

Fiscalisação Goyana

"Exmo. Sr. Coronel Secretario das Finanças de Goyaz.

Cumprindo o dever que me é imposto por lei, venho dar contas a V. Ex., neste breve relatorio, das occurrencias havidas, nos serviços cuja gestão me foi confiada, na qualidade de Fiscal das rendas do Estado junto á Estrada de Ferro de Goyaz. Prescindindo, como é natural, de preoccupações litterarias, limitar-me-ei a procurar deixar bem claro a deficiencia dos serviços de fiscalisação até agora feitos e suggirei as medidas que julgo necessarias e inadiaveis a boa ordem.

Empossado a 23 de Novembro ultimo no cargo que me foi confiado por Decreto do anno proximo findo, parti dessa capital a 25 de Novembro e a 3 de Dezembro assumi o exercicio das minhas funcções, tendo feito as necessarias communicações.

EXCURSÕES — No decurso do mez de Dezembro findo fiz tres excursões, visitando as repartições em que se dividem os serviços da Estrada e achei que o serviço de arrecadação foi feito regularmente, notando ainda, de alguma fórma, interesse da parte dos Agentes na arrecadação dos impostos do Estado, demonstrando zelo e exactidão no cumprimento do dever.

Algumas medidas, que nas excursões verifiquei serem de palpitante necessidade e de importancia a sua pratica para facilitar o serviço a meu cargo, foram solicitadas do Trafego e da Contadoria da Estrada, sendo attendidas com promptidão e solicitude.

FISCALISAÇÃO — O serviço de fiscalisação, pela maneira que o vinham fazendo os meus dignos antecessores, era inteiramente defficiente e assim tem sido, dado o movimento diario de embarque de mercadorias nas diversas estações da via-ferrea. Acontece que, quando se dá embarque em Roncador, elle se dá egualmente em Ipameri, Catalão e diversos outros pontos, de modo que impossivel é a fiscalisação, ao mesmo tempo, em todas essas repartições. Dahi a falta de ordem, a irregularidade na verificação das mercadorias a se exportarem, e incompleta, portanto se torna a fiscalisação.

No sentido de melhorar o serviço e se tornar mais facil a verificação do gado a se exportar, solicitei da Contadoria que me fosse dada, com antecedencia, pelos Agentes, sciencia de todas as vezes em que se tenham de fazer embarques de gado á exportação, e fui attendido com a melhor attenção e presteza.

Para se removerem as difficuludades e tornar-se a fiscalisação em boa ordem e completa, penso que o serviço deve ser feito junto á secção de conferencia, em Araguary, ponto terminal de transporte pela Estrada e onde, na baldeação que deve ser feita para a Mogyana, são conferidas as mercadorias e poderão, do mesmo modo, ser verificadas a procedencia, qualidade e quantidade e as guias, que devem levar o caminho de conferencia do Fiscal do Estado. Assim se praticando, ter-se-á organizado um serviço facil, em boa ordem e completo.

Neste sentido, apressei-me em me entender com o sr. Engenheiro chefe do trafego e tive a satisfação de encontral-o ao lado dessa minha idéa, que acha razoavel, além de manifestar-se prompto a attender qualquer solicitação, no sentido de se tornar completo o serviço de fiscailsação da arrecadação dos impostos do Estado, na Estrada.

Assim, pois, acho que opportuna será agora uma proposta do Exmo. Sr. Presidente do Estado nesse sentido e que essa solução importará não só na organisação do serviço, mas tambem na segurança dos nossos interesses e direitos.

Uma outra medida necessaria a adoptar-se e cuja falta tem

concorrido para serios embaraços entre partes, é o uso de guias de transito.

Embora raras sejas as vezes em que passam pela Estrada mercadorias em transito torna-se, comtudo, necessaria a adopção dessas guias, de conformidade com as que são usadas nas repartições fiscaes de Minas.

EXPORTAÇÃO — Pelo quadro demonstrativo junto. verá V. Ex. que no mez proximo findo a exportação feita pela viaferrea foi regular, tendo produzido a receita de 34:456$846.

ARRECADAÇÃO — Segundo os dados colhidos na Contadoria, a arrecadação, no exercicio de 1917, foi da importancia de 315:408$758.

Dahi nota-se quanto se vae desenvolvendo a nossa producção que, apezar de estar ainda a braços com insuperaveis difficuldades e ser rudimentar, se tem tornado, em pouco tempo, graças a um pequeno trecho de Estrada de Ferro, uma consideravel fonte de renda para o nosso Estado.

XARQUEADAS — Nas minhas excursões pelos diversos pontos da via-ferrea, tomei a resolução de visitar as Xarqueadas existentes á margem da Estrada, no objectivo de não só me certificar das suas condições de existencia, como do numero de rezes abatidas no decorrer do anno findo, obtendo assim dados com que pudesse, neste singelo trabalho, fazer uma exposição, segura, a respeito desses estabelecimentos, que de alguma maneira têm concorrido para o augmento das nossas rendas.

São tres as xarqueadas e dentre ellas se destaca a de Catalão, por suas installações de machinas a vapor e desenvolvimento bem consideravel.

Segundo dados que colhi nos escriptorios das xarqueadas, no decurso do anno proximo findo, foram abatidos 8.096 bovinos e 1.390 suinos, na seguinte distribuição:

Xarqueada Santa Maria (de Catalão), bovinos, 4.020; suinos, 1.390.

Xarqueada de Ipameri, bovinos 2.526.

Xarqueada de Anhanguéra, bovinos, 1.550.

A xarqueada de Anhanguéra foi a unica que quiz ou pôde fornecer, com precisão, a especificação das rezes abatidas: 450 bois e 1.100 vaccas. As outras, nem só têm as suas escriptas pouco explicitas, como se retrahiram de fornecer dados, mesmo approximativos, sobre o numero de vaccas reduzidas a xarque.

No emtanto, das informações colhidas de particulares e dos embarques e desembarques de gado que tenho apreciado, calculo, com segurança que a matança de vaccas corresponda de dous terços para mais.

As xarqueadas, além de constituirem uma industria de apreciavel valor para o progresso do nosso Estado, levando productos até ao estrangeiro, têm concorrido para os cofres do Estado com avultadas sommas e digno da administração publica é arrimar e fornecer o seu desenvolvimento; vejo, porém, nellas, actualmente, nos moldes adoptados, um formidavel sorvedouro da nossa principal fonte de riqueza publica e particular. A matança de vaccas, livremente feita, é uma calamidade. Ajuizo que, se os poderes competentes não tomarem um vivo interesse pelo caso, applicando energicas medidas de repressão, dentro de pouco tempo veremos desapparecer a pujança da nossa pecuaria, despovoados os campos, sacrificada a principal fonte de rendas de um Estado sem outras industrias e sem outro equivalente manancial de rendas. Será a "debacle", irremediavel por largos annos.

Quem assistir, como eu tenho assistido, a matança de vaccas novas, em condições ainda de procrearem e tiver conhecimento da deficiencia das nossas industrias e um pouco de amor a Goyaz, não poderá se conservar silencioso, sem dar o brado, em signal de revolta do seu espirito contra semelhante obra de exterminio, no qual se desenha um quadro tristissimo para o futuro.

E' necessario, portanto e sem perca de tempo, que o governo do Estado providencie no sentido de acautelar o futuro da pecuaria, ora ameaçado, empregando medidas garantidoras, agindo-se de modo que se não prosiga no exterminio, sem, no emtanto, se tolherem os passos das xarqueadas, ainda em começos de vida.

Uma rigorosa fiscalisação das xarqueadas e dos matadouros publicos e a taxação de impostos sobre vaccas a serem abatidas, penso, são de grande conveniencia e virá salvar a nossa pecuaria do sacrificio a que está entregue.

O nosso futuro estado de grandeza depende muito de agirmos desde já, resguardando as fontes a producção e lhes dando o valor que merecem.

PORTO — Acha-se em boa ordem o Porto do Roncador, no Rio Corumbá. O seu emprezario tem escrupulosamente cumprido seus deveres, de modo a não haver reclamação.

CONCLUSÃO — São estas, Exmo. Sr., as observações que me cabe fazer, no decurso da minha curta gestão, no anno proximo findo e as medidas que, nos limites das minhas apoucadas forças, posso suggerir, por julgal-as necessarias ao nosso caro Estado e a bem dos seus interesses e direitos. Quando não tenham o merito das lembradas pelos competentes, ficar-me-á o consolo de que representam o esforço e a boa vontade de quem deseja bem servir ao nosso Estado, correspondendo á confiança com que V. Ex. se dignou honrar-me.

Saude e fraternidade.

Goiandira, 10 de Janeiro de 1918.— O Fiscal do Estado junto á Estrada de Ferro de Goyaz, *Jayme de Medeiros Queiroz.*"

Exportação Goyana

A secretaria de finanças do Estado acaba de dar publicidade á seguinte demonstração das rendas arrecadadas pela Companhia Estrada de Ferro Goyaz, durante o mez de Janeiro ultimo:

1.594	cabeças de gado bovino	11:812$500
526	idem, idem, suino	3:050$800
57.518	kilos de fumo	11:503$600
340.207	kilos de arroz com casca	6:804$140
43.500	kilos de arroz beneficiado	1:305$000
144.446	kilos de feijão	2:166$690
929	couros salgados	2:322$500
6.111	kilos de pelles diversas	1:527$570
56.812	" " xarque	2:272$480
14.765	" " toucinho	1:181$200
18.041	" " banha derretida	902$050
9.306	" " sebo	558$360
6.702	" " carne de porco	401$550
2.995	" " sola	599$000
2.652	" " queijo, requeijão e manteiga	200$550
Mercadorias diversas		1:484$561
Taxa addicional		4:807$051
		52:899$602

Saldo do mez — 47:067$824

Inserindo os dados estatisticos que reproduzimos, disse a *Nova Era* que nunca o Estado conseguiu, por intermedio da Estrada de Ferro Goyaz, arrecadar na zona servida por ella a quantia de 52:000$000, como aconteceu no mez de Janeiro do corrente anno.

E' preciso não esquecer porém, que o Estado possue 46 municipios, e que os servidos pela Goyaz são apenas tres.

Do *Correio Official*, orgão do governo de Goyaz, extrahimos os seguintes dados referentes ao balancete geral bi-mensal:

"Secretaria de Finanças — Balanço do estado das caixas desta secretaria até 28 de Fevereiro de 1918:

Dr. Americano do Brasil

O Exmo. Sr. desembargador João Alves de Castro, presidente do Estado de Goyaz, acaba de convidar para o cargo de secretario do Interior e Justiça o nosso estimado companheiro Dr. Antonio Americano do Brasil, membro da directoria da "A Informação Goyana".

Não podia ser mais acertada a escolha do illustre Sr. presidente de Goyaz. O Dr. Americano do Brasil é incontestavelmente um dos mais bellos espiritos da moderna geração goyana. Possuidor d'uma solida cultura scientifica e dotado de uma rara capacidade de trabalho, o nosso illustre e jovem companheiro será, temos a maxima certeza, um precioso auxiliar do actual governo do seu Estado natal. Tendo feito estudos especiaes e aprofundados sobre instrucção publica, elle póde prestar nesse ramo os mais relevantes serviços ao progresso intellectual e moral de sua terra.

"A Informação Goyana", embora privada da presença de um dos seus mais estimados directores, não póde deixar de dar os mais sinceros parabens ao Estado de Goyaz e ao seu governo pela acquisição que acabam de fazer.

Os limites geographicos de Goyaz — Correndo a Cortina (II)

Como vimos no numero anterior, o Espigão Mestre, ou melhor, a chamada Serra das Divisas com os seus nomes locaes de Andréquicé, Tiririca, Guarda-mór, Lourenço Castanho, Araras, S. Domingos, Tabatinga e Mangabeiras, assignalando-se por uma linha de contorno tão seguida e perfeita, constitue um verdadeiro accidente geographico, como nenhum outro, para representar nos mappas do paiz, como de facto representa desde os tempos coloniaes, os limites de Goyaz com Minas, Bahia e Piauhy. E a existencia desta tão accentuada linha divisoria basta para desthronar de vez e para sempre toda a pretenção que por ventura venha a ter a Bahia sobre o municipio goyano de Jalapão, no valle do Rio do Somno. Teve razão,— se teve! o barão Homem de Mello quando, a proposito do alludido accidente geographico disse, que os nossos bandeirantes e sertanistas mostraram posuir maior intuição geographica do que os sabios de gabinete.

O autores dos "Limites Inter-estadoaes" sobre não terem intuição geographica, parecem desconhecer comesinhas cousas da geographia patria, pois cerca de 40 annos antes do engenheiro Appolinario Fort levantar uma planta do Jalapão, já o eminente engenheiro inglez, membro do Instituto, James W. Vells, commissionado pelo governo imperial em 1873, havia levantado uma excellente planta da suppra dita região goyana.

Tambem cabe ao autor do "Three thousand miles through Brazil", a primasia na verificação do "notavel facto potomographico de terem os rios Sapão, affluente do rio Preto (este subaffluente do S. Francisco) e os rios Formoso, Nova, affluente do rio do Somno, pertencentes ao systema do Tocantins, suas cabeceiras numa mesma lagôa".

Voltando aos limites de Goyaz e Minas. Porque os Srs. Thiers Fleming e Helio Lobo (este ultimo tomou a si a parte juridica dos "Limites Inter-estadoaes) nem siquer fizeram a mais leve referencia ao accordam do Supremo Tribunal Federal de 4 de Maio de 1896, que assegurou ao Estado de Goyaz a posse plena do territorio que Minas lhe contesta ?

Nós porém, vamos estampar esse importante documento que não foi apresentado ao conhecimento dos que de direito terão que dirimir a chicana predilecta do venerando senador mineiro dr. Virgilio M. de Mello Franco.

Eis o accordam:

COPIA

" (N. 42) — Vistos, expostos e relatados os autos, e conhecendo do conflicto de jurisdicção sustentado pelo dr. Juiz de Direito da Comarca de Paracatú, Estado de Minas Geraes, o uqaql, julgando-se competente para exercer jurisdicção no terreno onde é sita a fazenda da "Batalha dos Nunes", — cuja medição, demarcação e divisão foi requerida ao Dr. Juiz de Direito da Comarca do Rio Paranahyba, Estado de Goyaz, recusou-se mandar cumprir a precatoria deste Juiz a fls. 12, para citação de interessados ahi moradores. Julgam competente o Juiz de Direito da Comarca do Rio Paranahyba; Porquanto, "ex-vi" dos documentos por este exhibidos de fls. 42 a fl. 45 estão as justiças de Goyaz na posse na jurisdição nessa parte do triangulo, denominado Goyano, ou Mineiro, segundo o Estado que allega a posse ou dominio a que nelle se julga com direito. Sejam quaes forem, fundadas ou não, as questões de limites entre as duas Provincias outr'ora e Estados hoje,jamais foram decididas pelo poder legislativo, o unico competente para solvel-as. E não sendo cumulativa com o Supremo Tribunal Federal essa attribuição do Congresso Nacional, áquelle só incumbe manter o "statu quo" e respeitar a posse em que se acham as autoridades em conflicto, até que pelos meios legaes se dirimão semelhantes controversias.

Remetta-se copia desta sentença a cada um dos juizes em conflicto. Sem custas pela natureza da causa.

Rio de Janeiro. Supremo Tribunal Federal, aos 4 de Dezembro de 1895 — Aquino e Castro. P.— Macedo Soares.— Pindahyba de Mattos.— A. Brasiliense.— Pereira Franco.—H. do Espirito Santo.— U. do Amaral, só pelo fundamento da "uti-possidetis" — Fernando Osorio.— Bernardino Ferreira.— Americo Lobo, vencido.— Combinado com os arts. 4°, 48 ns. 16, 65 e com o seu paragrapho 13, o art. 33 § 10 da Const. só confere ao Congresso Nacional competencia para approvar os tratados de limites celebrados entre si pelos Estados, conforme se evidencia da discussão deste conflicto, na qual se pronunciaram a favor desta intelligencia, sem nenhuma contestação, dos membros de commissão dos 21 com assento no Tribunal, a quem a Constituição, dando no art. 59 letras C e E attribuição para processar e julgar originaria e privativamente as causas e conflictos entre os Estados, e entre juizes de um e outro Estado, affecta o conhecimento das divisas; já na acção "finium regundorum" regularmente intentada, já nos conflictos de jurisdicção, nos quaes cabe ao Tribunal, como ponderador da federação, e arbitro dos litigios, apurar os limites para cohibir e reprimir qualquer invasão de territorio, e afastar a hypothese de luta material, independentemente da maior ou menor novidade da intrusão. Achando-se legalmente demarcadas as divisas da comarca de Paracatú e quando o juiz exercer sua jurisdicção, dentro dellas, em acção da situação dos bens, no que foi obstado pelo Juiz de Paranahyba, o Tribunal não conheceu absolutamente das mesmas divisas, e baseou-se seu julgamento no allegado "uti possidetis", sem nenhuma applicação á especie, porque as antigas provincias eram incapazes e não podiam, portanto, perder terreno proprio nem adquirir por uso copias territorio pertencente a outra. De facto, assim, o art. 83 da Carta Constitucional de 25 de Março de 1824, como o art. 90 do acto addicional, prohibiam-lhes propor e deliberar quaesquer ajustes entre si: apenas o art. 10 § 9° do acto addicional lhes permittiu representar a Assembléa Geral Legislativa contra as leis de outras provincias que offendessem os seus direitos, e é precisamente isto que fez constantemente a provincia de Minas em relação ás violações de seu territorio. Onde, pois, pretendido usocapião ?

Se por effeito da sentença o Juiz territorial fica privado de exercer sua competencia derivada da situação dos bens, dentro do territorio onde a Constituição da Republica e a de Minas o investiram do poder de julgar a causa, é manifesto que o Tribunal não exerceu na especie dos autos a attribuição do art. 59 letra E do Decreto Federativo a qual fica intacta e immanente.— Lucio de Mendonça, como o sr. Ubaldino.— José Hygino, De accordo com a conclusão do Accordam pelo fundamento do "uti possidetis", e não porque entenda que a este Tribunal não caiba a attribuição de resolver questões de limites entre Estados, quando taes questões venham ao seu conhecimento, mediante acção competente.— Fui presente, Souza Martins.

Secretaria do Supremo Tribunal Federal, 4 de Março de 1896 — O Secretario, *João Pedreira do Canto Ferraz*." .

Mas o interessante seria conciliar agora as idéas expendidas no voto em separado do Ministro Americo Lobo, que não acceita o "uti-possidetis" em questão de limites inter-estadoaes, e as do seu sobrinho que pretende, como se vê á paginas 170 dos "Limites Inter-estadoaes", ter Matto Grosso direito ao territorio em litigio com o de Goyaz — pura e simplesmente em virtude de um supposto "uti-possidetis" secular.

*

Que o Sr. Thiers Fleming não estava preparado para desempenhar a incumbencia que lhe dera o Exmo. Sr. Dr. Wenceslão Braz, de estudar as questões de limites entre os diversos Estados da União, as contradições e erronias que se nos deparam na sua obra são bem uma prova provada. E' assim que élle escreve com referencia ás fronteiras da Bahia: "Com Goyaz: Serras Duro, S. Domingos e Tabatinga. N. B.: As fronteiras da Bahia com Sergipe, Minas, Pernambuco, Espirito Santo e Piauhy não estão definitivamente fixadas. Com os dous primeiros Estados ha duas questões de limites e com os outros tres ha divergencias." (Pag. 32).

Como se vê traça-exactamente os limites nunca contestados de Goyaz com a Bahia, isto é, as serras do Duro, de S. Domingos e Tabatinga, sem alludir siquer a quaesquqer divergencias entre Bahia e Goyaz.

Mas, adiante, á pag. 171, escreve que a região denominada Jalapão pertence á Bahia.

Ora, para que o joven arbitro dos limites inter-estadoaes perpetrasse tamanha heresia geographica, era necessario ignorar soffrivelmente que a região denominada Jalapão fica encravada no valle do rio do Somno, pertencente á bacia do Tocantins, e que esta bacia é separada das do S. Francisco e do Parnahyba justamente plas serras divisorias acima mencionadas, S. Domingos, Tabatinga, Duro e Mangabeiras.

A verdade, afinal, é que nunca houve questão de limites entre Bahia e Goyaz, nem póde haver.

O que houve, e disto se prevaleceu o Sr. Thiers Fleming para accrescentar ás já existentes mais uma questão de limites — foi apenas uma queixa que na sua mensagem apresentada ao Congresso Legislativo de Goyaz fez o então presidente Olegario Pinto, de que os bahianos, "jagunços" estavam procurando invadir o territorio do Jalapão, sob pretexto de que elles o consideravam pertencente á Bahia.

Tambem, como vimos atraz, o Sr. Thiers Fleming não considerou o Jalapão pertencente á Bahia ?

JOSE' CARLOS DE CARVALHO, Contra-almirante.
(Do Conselho-Director do Club de Engenharia).

As linhas de penetração e a Estrada de Ferro de Goyaz

A salutar politica das vias-ferreas de penetração, á qual devem os Estados Unidos toda a sua invejavel grandeza e opulencia, ainda não foi, infelizmente, praticada entre nós, apezar de continuas tentativas de alguns governos bem intencionados. Surgem por ahi, de quando em vez, projectos nesse sentido, mas, ao serem postos em execução, são logo modificados na sua parte essencial, graças a tramoia da malsinada politicalha que nos infesta. As projectadas linhas de penetração tranformam-se em breve em estradas de ferro de favores, ramificando-se para logarejos onde os chefetes da zona assentaram a sua taba imperial. Outro governo que não o nosso, que enfeixasse nas augustas mãos o destino de trinta milhões de habitantes disseminados por um territorio de quasi 9 milhões de kilometros quadrados, rico e fertil como os que mais o sejam, certo, de ha muito, já teria solucionado os dous maiores e mais urgentes dos problemas nacionaes:— o da nossa segurança em caso de guerra e o da nossa expansão economica. E' que os interesses de ordem geral são irreconciliaveis com os interesses pessoas ou locaes. Vá um governo honesto e patriota, mas pouco energico, tentar a realização de um grande emprehendimento, que não seja o arrendamento da Cachoeira de Paulo Affonso, a cunhagem da prata na Allemanha, ou o caso escabroso das areias monaziticas na Bahia, e logo se lhe oppõem mil opiniões contrarias. Póde até ser accusado pelos escribas de crime de lesa-patriotismo e morrer crucificado com a sua patriotica intensão. Muita vez a boa vontade governamental quebra-se de encontro á grita iconoclasta de meia duzia de politicotes profissionaes e outros tantos coroneis condecorados da luzidia briosa, arvorados electricamente em estadistas e conhecedores de estrategica, e, o que é para lamentar, a imbecilidade dessa gente quasi sempre conta com o apoio incondicional da imprensa mercenaria e cabotina.

As estradas de ferro de penetração unicas capazes de abrir para o Brasil um futuro de grandeza que todos lhe desejamos, têm sido tentada em nosso paiz, sem, comtudo, produzir bons fructos, e isto porque, como dissemos, as influencias politicas sertanejas quebram-lhes o traçado primitivo, obrigando-as a zigue-zaguear macabramente pelas suas fazendolas e terras desertas, provando assim aos engenheiros constructores que o caminho mais curto de um ponto a outro é a linha quebrada, que nem todos os principios mathematicos são verdadeiros e inalteraveis; que a inaviabilidade do terreno torna-se perfeitamente viavel diante da muralha de seus desejos irresistiveis: que, finalmente, acima da defesa e da prosperidade do paiz elles, os coroneis, collocam as suas mercadorias a exportar e a confortabilidade de seus lares.

Mas, voltemos ao nosso caso. Desde 1865, com a invasão do territorio matto-grossense pelas hordas paraguayas, o governo brasileiro sentiu a necessidade de, quanto antes, pôr em rapida communicação o longuinquo Estado central com a zona littoranea.

Problema de largo surto, difficil de ser resolvido no momento, dada a precaria situação financeira em que se achavam os cofres publicos, nem por isso deixou de occupar por muitos annos a attenção dos poderes nacionaes. Em 1904, porém, sob a iniciativa do estado maior, apoiado pela imprensa carioca, agitou-se calorosamente a idéa de uma estrada de ferro estrategica de penetração.

Propunham os elementos militares que a linha partisse de Catalão, no Estado de Goyaz, distante 15 leguas do ponto terminal da Magyana, com escalas pela capital goyana e Leopoldina, á margem do Araguaya, e fosse ter a Cuyabá.

O respeitavel Estado de S. Paulo, não contente com o monopolisamento do commercio de grande parte de Minas, Goyaz e Paraná, começou por cubiçar a importação de Matto Grosso. A terra do Sr. Rodrigues Alves não via, portanto, com olhos amigos o projecto de uma *linha ferrea tributaria do plano de viação de Minas e Goyaz.*

Allegavam os paulistas que a citada linha viria deslocar de seu Estado para Goyaz, Minas e Rio, o eixo das communicações com Matto Grosso. Era preciso, pois, reagir com muita tactica e prudencia. O instante era demasiadamente azado, mas a fina diplomacia paulista contava sahir gloriosa da lucta.

Que fez, então, a Companhia Paulista? Por intermedio do seu Presidente, conselheiro Antonio Prado, dirigiu ao Club de Engenharia um memorial expositivo da questão. "accentuando bem o consideravel desenvolvimento que nos ultimos tempos tivera a rêde de viação ferrea paulista, especialmente para as bandas matto-grossenses". Aquelle não menos respeitavel Club, por motivos só delle conhecidos, em sessão de 1° de Outubro de 1904, "julgou problema nacional inadiavel a construcção da linha que, partindo das immediações de S. Paulo dos Agudos, ponto de intersecção das estradas Paulista e Sorocabana, e passando pelo salto de Urubú-Pungá, atravessasse o Estado de Matto Grosso, dirigindo-se ao rio Paraguay, nas proximidades da Bahia Negra." Bellissima cartada essa, em que a Companhia Paulista, com a sua engenhosa e opportuna manobra, acabava de colher o objectivo almejado, provando assim á luz merediana a incontestada lei de Darwin de que o mais forte é quem engole o mais fraco. Na partida, em que o Estado de S. Paulo fôra o "aguia", o Estado de Goyaz, mal apadrinhado na panellinha da politica nacional, representou mais uma vez o deploravel papel de "paca", continuando a ser para os brasileiros ignorantes de sua patria uma ridicula ficção geographica.

Depois desse lamentavel desastre para a vida economica de Goyaz e para os interesses vitaes da Republica, surgiu no Cattete a luminosa idéa do prolongamento, até Leopoldina, no Araguaya, da Estrada de Ferro Mogyana, cuja ponta dos trilhos se achava em Araguary, a 9 leguas aquem das divisas entre Goyaz e Minas. Optima e acertada medida, pois que, além da extensão de toda a linha ser de 450 kilometros approximadamente, nenhuma difficuldade de terreno havia que pudesse entravar os trabalhos da construcção.

Mas o commercio goyano estava fatalmente condemnado a uma vida vegetativa, e o Estado de Goyaz, com todas as suas colossaes riquezas, a continuar a sua modesta existencia de obscuridade, poeticamente imaginaria.

Os goyanos não deviam alimentar por muito tempo a obstinada esperança de ver um dia o progresso entrar pelas suas fronteiras a dentro, alterando e corrigindo os costumes, multiplicando infinitamente a riqueza, implantando, emfim, no sólo sagrado de Anhanguera, a civilisação. Quando ainda se esperava fossem os trabalhos iniciados, o Sr. Conselheiro Affonso Penna, assumindo as rédeas do governo, subiu a escadaria marmorea do Cattete com uma idéa maravilhosa... para os mineiros. Invocando a sabia politica de penetração, sob o regimen das tarifas differenciaes, resolveu em vez do prolongamento da Mogyana, mandar construir uma estrada de ferro que, partindo de Formiga, no seu Estado natal (é claro), passando por Catalão e Goyaz, fosse ter a Leopoldina, á margem direita do Araguaya. O principal objectivo era encaminhar directamente para o Rio de Janeiro o commercio de Goyaz e parte do de Minas, que S. Paulo absorvia pela Mogyana, Paulista e Sorocabana. A nova via-ferrea em projecto recebeu na pia baptismal o allegorico nome de Estrada de Ferro de Goyaz. Como parte complementar á grandiosa empreza, crear-se-ia, no littoral um escoadouro da producção e das riquezas naturaes do Estado Central.

Goyaz teria um porto e esse porto seria Angra dos Reis.

Por terra o projecto do prolongamento da Mogyana e deslocado de Araraguary para Formiga, a centenas de kilometros dos limites de Goyaz, o ponto inicial da estrada de ferro, os goyanos muito teriam de esperar pelos malfadados trilhos que, cada vez mais, pareciam fugir-lhes. O Dr. Leopoldo de Bulhões, cujo prestigio no seio da politica nacional é de todos sabido, depois de reiterados protestos contra o novo traçado, que vinha retardar a chegada da via ferrea em sólo goyano, conseguiu do governo federal fosse construido um ramal de Araguary a Catalão, continuando dahi o proseguimento da estrada de ferro para a Capital do Estado de Goyaz. Ficavam deste modo reconciliados os interesses mineiros com os dos goyanos. Emquanto actualmente a linha que se iniciou em Formiga, em zigue-zagues funambulescos pelo interior de Minas, vae consumindo dia a dia o capital da Companhia, já o ramal de Araguary se acha construido ha mais de dous annos, estando a ponta do trilhos encravada em Roncador á espera de que a ponte sobre o rio Corumbá, que chegára curta dos Estados Unidos, cresça mais alguns metros.

Ahi está um accidente agradavel, dizem maliciosamente os mineiros, pois, do contrario, os nossos vizinhos perderiam logo o habito antigo do lombo de burro, que é mais commodo e menos arriscado...

E' dessa desastrada via-ferrea, de cujo primeiro interessante episodio o leitor já está sufficientemente inteirado, que pretendemos tratar neste artigo. Daqui por diante começa a offenbachiana historia dos quebra-linhas, dos vaesvens macabros que é um pagodear sem conta, mas em que se consomem os milhões de francos emittidos para a linha de penetração, ue os coroneis da briosa desejam transformar em linha estrategica!

Os leitores, que se interessam pelo caso, tenham a bondade de abrir o mappa do primitivo traçado e de nos acompanhar na dolorosa via crucis da "... de Goyaz".

A Companhia deu inicio aos trabalhos de construcção em Formiga com os recursos provenientes do emprestimo contrahido do valor nominal de 25:000.000 de francos e juros de 5 o|o ao anno e amortisação em 90 annos, depositando em varias parcellas a importancia de 7.500:000$000, ouro; na conformidade do contrato então em vigor.

Aberto ao trafego publico o kilometro 61 e em adiantada construcção até o kilometro 126, zás! surge em 1907 o decreto que aggravou o encargo da companhia com a clausula da construcção de um ramal para Uberaba, na extensão de 982 km. 420 (apenas!), passando a estrada de então por diante a ser construida por empreitada e por conta do governo, com modificação, porém, no regimen da garantia de juros estabelecida no contrato anterior.

Para encurtar a nossa tenebrosa odysséa, recommendamos ao leitor a leitura do ultimo relatorio do Sr. Ministro da Viação, onde os numeros de onze e doze algarismos se succedem vertiginosamente. Do citado relatorio transcreveu esta revista uma pequenina parte em seu numero de 3 de Outubro do anno passado.

Desde já chamamos a attenção do leitor para o seguinte significativo topico, que consideramos um dos "clous" da historia dos quebra-linhas:

> "Com os depositos autorisados e effectuados poderia, portanto, a companhia completar a ligação da linha tronco, de Formiga a Catalão, com a de Araguary (!), e concluir a contrucção do ramal de Uberaba, na extensão total de 982 kil. 420 restando ainda recursos para a construcção de 152 kilometros de estrada no prolongamento para a capital de Goyaz".

Estão sendo atacados presentemente pelo engenheiro-chefe da construcção da E. F. Goyaz, dr. Antonio Gravatá, os trabalhos desta via ferrea, a ual, segundo informam os jornaes, ao chegar á estação de Monte Carmello, seguirá rumo de Araguary.

Perguntarão agora os leitores: Mas para que tantos desvios se a linha tronco ainda não se acha concluida?

A resposta é simples: a Estrada de Ferro de Goyaz não é para Goyaz, é para Minas.

Pela clausula approvada para a revisão do contrato entre o governo da União e a Companhia E. F. Goyaz, esta se obrigou á ligação de Monte Carmello a Catalão, até 28 de Fevereiro do anno proximo vindouro.

Por que, em vez de se desviar para Araguary, a Companhia não prosegue os seus trabalhos para Catalão, onde de ha muito já se acha o ramal? Quebrar, sem resultado algum para os interesses economicos do paiz, uma linha de penetração obrigatoria necessaria, inadiavel, é contra todos os principios do bom-senso administrativo, mesmo dos da "strategia"! E isto dá-se justamente no momento em que o governo abre o credito de 5.000 contos para a conclusão da E. F. O. de Minas a Angra dos Reis, para onde Goyaz poderá exportar as suas mercadorias sem o incommodo das baldeações! Que a E. F. de Goyaz continue a percorrer improficuamente as terras desertas do afortunado solo mineiro... O Brasil é um organismo "sui generis" que dispensa coração para viver.

O sangue que se lhe espalha pelo corpo não corre do fundo de suas florestas incomparaveis e da exuberante fecundidade de suas terras inexploradas. Vem parasitariamente da aorta de organismos extranhos, das mãos aváras de estrangeiros cubiçosos. Vem de John Bull, vem de Tio Sam. Faltam-nos recursos? Recorramos-se aos emprestimos. Quando os credores nos baterem ás portas, atiremos-lhes ás ventas o sólo e o céo da patria, dizendo-lhes: nada mais possuimos além deste immenso territorio inutil. E de senhores que somos, passaremos á vida barbara de escravos.

J. MOUTINHO.

Os campos nativos de Goyaz

"Il y a même des essences de bois qu'on ne rencontre, dans toute leur beauté, qu'á Goyaz et Matto-Grosso."

ANDRE' REBOUÇAS.

Como já alguem observara, o que por excellencia encanta e seduz os botanistas estrangeiros chegados ao nosso paiz são os epiphitas, as lianas, as grandes arvores de madeira branca que se elevam no espaço e dominam as alturas, como por exmplo as bombaceas, as palmeiras e outros vegetaes caracteristicos da flora tropical — mas na maioria sem nenhum valor economico. E é precisamente nesta tecla que batem os nossos cabotinos, os do porque se ufanam do nosso paiz...

Ora, para a maior desgraça nossa essas victimas conscientes e inconscientes da vertigem dos tropicos foram e ainda continuam a ser os arbitros da importancia da flora do Brasil.

Das madeiras nacionaes que excellem pela sua extraordinaria resistencia e durabilidade, pelo seu aroma delicioso, pela fina contestura das suas fibras, pelo tecido chamalotado, pela sua superioridade, emfim, como as de construcção e mercenaria e doutras applicações artisticas, jamais cogitaram, não sabem nem querem saber.

Neste momento é certamente sob este ultimo ponto de vista que devemos insistir, pondo em relevo as innumeras reservas de riquezas, inexploradas, desconhecidas mesmo, que guardam os campos nativos do Brasil Central—que constituem um facil "sui-generis" da flora destas partes da America.

Não ha, como nessas formações floristicas maior riqueza em fibras delicadas, em materias textis, proprias para tecidos finos, para cordoalha, para o fabrico do papel, da borracha, da guttapercha, das anilinas, do tanato, etc., etc.

As innumeras variedades de paineiras desses campos produzem "capots" que se rivalizam com os melhores das possessões hollandezas, e com a circumstancia de já conhecido e analysado na Europa e nos Estados Unidos; em plantas medicinaes excellem os campos do interior as mattas do littoral. Basta ver a respeito a "Flora Meridionalis" de A. de Saint'Hilaire.

Mas é preciso não confundir o "habitat" campesino a que nos vimos referindo, com os das savanas paraenses ou os das campanhas sulistas, por isso que quando estes ultimos se formaram os campos do Brasil Central já existiam, com seu aspecto primevo, por assim dizer paradisiaco...

H. S.

Goyanos que assistem na Capital Federal

A' lista dos nomes dos nossos patricios residentes no Rio de Janeiro juntamos mais estes:

Familia do Exmo. Sr. desembargador João Alves de Castro — Presidente de Goyaz — Rua das Laranjeiras n. 36.

Dr. Octavio Confucio — Rua Abilio n. 48.

Dr. Hermenegildo de Moraes — Rua da Alfandega n. 90 (escriptorio).

PELA FAUNA DO BRASIL CENTRAL

Rectificações e refutações

E' preciso indicar de começo, sem nenhuma consideração ao "magister dixit" e ás autoridades consagradas, as muitas e deploraveis lacunas que se notam nas obras dos zoologos relativas ao mundo animal do Brasil, particularmente quanto ao "hinterland".

Nem mesmo dos grandes representantes do nosso mundo animal, conhecem a biologia, seus habitos de vida, seus costumes e menos ainda as variedades bem definidas que representam taes especies.

Sabem apenas as determinações scientificas, a divisão systematica, as descripções feitas á vista do imperfeito e falho material zoologico enviado pelos naturalistas viajantes dos museus de historia natural do Velho Mundo, onde, em principio do seculo passado, chegaram os exemplares em uma lamentavel confusão, e de mais a mais, com os nomes vulgares e indigenas todos adulterados, o que se conclue das classicas obras sobre a fauna do nosso paiz, desde Markgrav, até ás destes dias.

Ao espirito arguto de Emmanuel Liais, não escaparam algumas destas observações, como se vê das seguintes linhas:

"Les études que j'ai pu faire dans le pays, au sujet des mammiferes actuellement vivants, m'ont montré combien les animaux de cette classe, que l'on devait croire "á priori", les mieux connus de tous, sont au contraire incompletément déterminés. Beaucoup des espéces décrites par les naturalistes sont des doubles emplois, établis sur des variétés d'age et de mue, ou de simples variations individuelles.

D'autres espéces existant réellement n'ont pas été distinguées et décrites, et j'ai pu convaincre que les oiesaux du Brésil sont en réalité mieux connu des naturalistes que les mammiferes." ("Climat, Geologie, Faune et Geographie, Botanique du Brésil").

Esta ultima-circumstancia é de todo o ponto verdadeira pois, os naturalistas euripeus que visitaram "à vol d'oiseaux" o Brasil, nunca mataram uma onça, nem a viram em liberdade, nunca cercaram uma corrida de antas ou de veados: eram mais "passarinheiros", na acepção que nós outros os caçadores damos aos que perseguem indefesas avezinhas que vivem nas proximidades das habitações humanas.

o

Corre insistente a allegação que fazem os funccionarios do Museu Nacional, de que os naturalistas viajantes vindos ao Brasil obtêm ricas collecções de plantas e animaes destinados aos museus de historia natural da Europa e Norte America aqui não deixando siquer duplicata.

Quem lê isto pensa mesmo que se alguma duplicata aqui deixada pelos collecionadores estrangeiros teria quem a elaborasse ou melhor, quem a edentificasse, nos nossos institutos scientificos...

Haja vista á collecção E. Ule colhida no planalto central do Brasil, que foi parar nos "bas fonds" do Museu da Quinta da Boa Vista. O que a salvou para a sciencia foi uma duplicata que Ule mandou á Europa, e foi elaborada pelo mallogrado sabio dr. Taubert. Esta importantissima collectanea, que a directoria do nosso Museu Nacional atira p'ra um canto, como cousa insignificante, continha nada menos de 76 especies e variedades e tres generos novos: "Balisaea" Taub. (Leguminosea Hodysarea), "Goyazia" Taub. (Generaceala Beslerneal) e "Planaltoa" Taub. (Composita e Eupatorica).

Desta contribuição para o estudo da flora do Estado de Goyaz, com um esboço de geographia botanica por E. Ule, disse o Sr. Hermann von Ihering: "Na opinião do dr. Taubert e de seus collaboradores raras vezes apparece collecção como a de Ule, que embora não muito grande, forneceu uma riqueza surprehendente de especies novas e interessantes".

Um outro exemplo typico e mais recente vamos trazer para aqui.

Referimo-nos a uma rara collecção ichtyologica que em 1913 enviamos de Goyaz ao Museu Paulista, e da qual constava segundo affirmativa do Sr. R. von Ihering uma especie e genero novo, pelo menos.

Cansado de esperar a determinação scientifica dos alludidos specimens, quem escreve estas linhas dirigiu outro dia a um amigo em S. Paulo, no sentido de ser lembrado ao Sr. Ihering a classificação de tempos a esta parte solicitada varias vezes. A resposta foi esta: "Fallei ao Sr. R. von Ihering sobre os peixes, que V. lhe mandara de Goyaz, e disse-me elle que sentia muito não lhe poder satisfazer a curiosidade, porque ha muito tempo que não vae ao Museu".

Para os dous museus referidos temos concorrido com uma dezena de specimens novos ou raros, como sejam: "Guata-ápara" o "Camocica" (Cervideos), "Cangussú dos cerrados" e "Gato vermelho", (Felideos); Meia noite (mammifero desconhecido na systematica) e bem assim varias especies de peixes e vespideos. Das especies ichtyologicas uma foi chrismada no Museu Nacional com o nome zoologico de "Crenicickla henriquei", mas depois foi retirado o especifico "henriquei", que ligava ao da do genero o nome do seu descobridor — e assim lá está na collecção ichthyologica do Districto Federal, no mostruario que o illustre Sr. Dr. Julio Furtado mandou exhibir no bosque de Diana.

Ha cinco annos passados, o então director do Museu Paulista recebeu de Goyaz a tibia de um fossil que pela sua estructura assemelhava-se a esqueletura de um ente humano, fragmento este retirado das profundezas de uma gruta denominada "Burudum-dum", no norte do Estado. Essa caverna, dizia o offertante do precioso achado, é immensa e está replecta de ossadas fosseis.

Respondendo ao offertante, disse o Sr. H. von Ihering que pagava pelo resto da esqualetura, posta esta no Museu Paulista, 50$000 !

Como commentario apenas isto: o director do Museu Paulista preferiu mandar ao valle do Juruá um naturalista, para o fim de enriquecer a collecção de fosseis daquelle estabelecimento e o excursionista scientifico voltou "in-albis"...

Incomparavelmente mais bafejado pelo nosso officialismo interesseiro têm sido os resultados scientificos (?) da decantada e carissima Commissão Rondon — decantada pela reportagem ignorante e carissima aos cofres da Nação. Mas a verdade é que os peixes, por exemplo, collegidos pela famosa Commissão e apresentados como especies novas, em recente classificação, devem ser considerados apenas como já conhecidas e descriptas ha mais de cem annos.

Devemos, porém, observar que "Ageneiosus rondoni" é uma superflua synonymia de "Ageneiosus militares" (Bloch), como se poderá ver da systematica antiga.

O peixe em questão sempre foi conhecidissimo:— em Goyaz com os nomes vulgares de Mandibé e Palmito de ferrão; em Matto Grosso, com este ultimo nome, e, finalmente na Amazonia com os nomes de Mandubé e Mandubi, e até mesmo com o nome Palmito de ferrão.

No catalogo dos deixes do Amazonas organizado pelo Sr. Emilio Goeldi (1894-1898), aquelle com que o ichthyologo da Commisão Rondon quiz homenagear o ex-chefe apparece já então com estas duas determinações scientificas: "Ageneiosus brevifilis" e "Auchenipteros nuchalis".

Assim o ichthyologo da Commissão inflingiu direitos e regras de nomenclatura observada entre os naturalistas de todos os tempos.

Quanto aos resultados scientificos obtidos pelo auctor de "Rondonia" nada adiantaram aos notaveis estudos feitos no noroeste do Brasil (Rondonia) pelos notaveis investigadores das nossas tribu indigenas: Paul Ehrenreich, Hermann Meyer, Mansfeld, Koch, Pilger, von den Steinen e muitos outros sabios de verdade.

A propria communicação feita espalhafatosamente numa sessão extraordinaria da Sociedade Brasileira de Dermatologia, pelo Sr. Roquette Pinto, sobre uma dermatose dos indios matto-grossense, constava já da obra de Ehrenreich, publicada mais de 10 annos antes...

o

A proposito da riqueza ichthyologica de Goyaz, aqui uma nota significativa, e vem a ser que, quando da sua estadia na capital goyana, o Sr. Arthur Neiva viu a mais completa e rara collecção de peixes caracteristicas das bacias da Araguaya e Tocantins.

Este excursionista de Manguinhos, que tão interessado se mostrava então pela fauna das regiões visitadas, acaba de publicar o resultado de tudo quanto por lá vira — mas nem uma palavra teve para a pisce-fauna do grande Estado, e nem siquer uma leve referencia áquella collecção.

Do valor indiscutivel do alludido material zoologico poderão os entendidos fazer idéa pelo catalogo que publicamos noutras paginas desta Revista.

HENRIQUE SILVA.

O PASSADO E O PRESENTE

Desemboque, o berço da Administração da Justiça no Triangulo Mineiro

I

NOTICIA HISTORICA — INTRODUCÇÃO A'S ALLEGAÇÕES FINAES DA FABRICA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Data de 1675 o descobrimento, pela Bandeira de Lourenço Castanho Tacques, das terras auriferas e diamantinas das cabeceiras do Rio das Velhas. (Diogo de Vasconcellos. Historia Antiga das Minas Geraes, pag. 60).

O insigne bandeirante, grande potentado paulista, era amigo de El-Rei D. João IV, que appellou para o seu patriotismo, afim de que auxiliasse os descobrimentos do Sertão.

Uma carta do Principe Regente, o Infante D. Pedro, datada de 23 de Fevereiro de 1674, veio corroborar os appellos anteriores, e Lourenço Castanho, que era Major da Villa de S. Paulo com a serventia vitalicia do officio de Juiz de Orphams e que, desde 1° de Abril de 1640, substituira a Amador Bueno na preponderancia sobre as massas populares, deixou as funcções do seu cargo e "tomou a si, pelos seus cabedaes e força de corpos de armas", penetrar nos sertões dos cataguazes, ferocissimos indigenas que dominavam e até então faziam intransponivel uma vasta região de minas.

Na zona do Sabará operava então a Bandeira do famoso Fernão Dias, o governador das Esmeraldas, e por isso mesmo Lourenço Castanho preferiu cuidar dos descobrimentos do ouro, de cujas minas corriam em S. Paulo extraordinarias versões.

Diziam as tradições que nas terras dos indios Goiá, do Paranahyba ao Araguaya, havia grandes minas do precioso metal, que fôra reconhecido em abundancia na Meia Ponte. Dois aventureiros, Antonio Pedroso de Alvarenga e Pascoal Paes de Araujo, tinham antes, em 1672, descortinado as cabeceiras daquelles dois rios e arrebanhado grande numero de indios muito adaptaveis aos trabalho, indo se afazendar com elles em Pernambuco, e na sua excursão verificaram os vestigios da passagem de outro sertanista, Manuel Correia, natural do Piratininga ou S. Paulo, cuja incursão se dera dois annos antes. (D. de Vasconcellos, obra cit. pag. 62; Brigadeiro Cunha Mattos, Itinerario, pag. 323; Saint-Hilaire, Voyage aux sources du Rio S. Francisco et dans la Province de Goyaz, pag. 309).

Uma outra expedição, de que fizera parte o notavel pregador e classico, Padre Antonio Vieira, partira do Maranhão e fôra até 6 gráos acima da barra do Araguaya no Tocantins, andando 250 leguas pelo Sertão e arrebanhou 300 indios. Dá noticia desta expedição uma carta do Padre Antonio Vieira de 11 de Fevereiro de 1660, a El-Rei, dando noticias das missões dos Jesuitas (D. de Vasconcellos, obra cit. pag. 13).

Lourenço Castanho foi, no emtanto o maior operador dos descobrimentos, porque removeu os maiores obstaculos. Destemido, habituado a affrontar os indigenas, tendo já á sua disposição caminho aberto até Ibituruna, que dominava, transpoz a Mantiqueira, enfrentou, bateu e perseguiu os cataguazes e invadiu toda a região de que elles eram senhores. Vencidos os ferozes indigenas, a Bandeira de Castanho penetrou na bacia do Rio Grande e na zona do Araxá. Deparou-se-lhe, na marcha, o descoberto que mais tarde havia de preponderar como centro de predominio da região.

* * *

A Bandeira de Lourenço Castanho transpôz o Rio Velhas, em 1675 e dahi, pelas terras do Araxá, avançou para Paracatú, que descobriu e povoou. Lá o nome do glorioso sertanista ficou ligado a uma Serra, perpetuando a sua memoria.

O seu regresso a S. Paulo, com as noticias dos descobrimentos feitos, provocou novos e maiores cuidados para o sertão, animando os aventureiros.

Os dissidios que se estabeleceram, na zona do Sabará-buçú, entre brasileiros e embuabas, preponderando, pela influencia reinicola, estes contra aquelles, foi fazendo sempre crescente a paixão nativista e muitos dos descobridores de minas, entre os quaes Bartholomeu Bueno da Silva, João Leite Ortiz, Domingos Rodrigues do Prado e Bartholomeu Paes de Abreu, se dispuzeram a novos emprendimentos sertanistas.

Bartholomeu Bueno, que era senhor do Sabará-buçú, estivera nas terras dos Goiá em 1682 e indo depois para o Rio das Velhas, teve parte saliente nas reacções contra os embuabas, que detestava.

Eram seus primos e genros Domingos do Prado e João Leite, este grande senhor em Curral de El-Rei. Bartholomeu Paes era irmão de João Leite. Sacrificando os seus interesses localizados na região das Esmeraldas, seguiram os quatro para S. Paulo e assentaram com o governador e capitão-general Rodrigo Cesar de Menezes a expedição a que se propunham. Bartholomeu Paes foi escolhido para ficar em S. Paulo como procurador da Bandeira, como era de praxe haver sempre tal representante, e Bueno e seus genros cuidaram de preparar a expedição.

De como foi a Bandeira formada ha contraversias. Segundo o illustre historiographo, Dr. Diogo de Vasconcellos e outros chronistas, a Bandeira foi formada a expensas de João Leite, com 500 homens; segundo, porém, a reconstrucção do Roteiro de José Peixoto da Silva Braga, que della fez parte e escreveu as suas memorias (Commandante Henrique Silva, *A bandeira do Anhanguéra*), ella se constituiu de "39 cavallos, dois religiosos bentos, um franciscano e 152 armas, entre as quaes iam tambem 20 indios, que o Sr. Rodrigo Cesar, general que então era de São Paulo, deu ao cago Bartholomeu Bueno, para a conducção das cargas e necessario".

Seja, no emtanto, como fôr, certo é que a 3 de Julho de 1722 a Bandeira se pôz a caminho e 23 dias depois chegava ao Rio Grande. Como estivesse retardado um grupo de bandeirantes e querendo os portuguezes que Bueno fizesse um roteiro ou relatorio das terras que iam buscar, conforme promettera em S. Paulo, falhou a Bandeira á margem direita do Rio, ahi se accentuando fundo dissentimento dos embuabas contra o cabo, chefe da expedição, que trazia as suas idéas nativistas exaltadas pelos successos do Sabará-buçú.

Presume-se com fundamento que das discordancias e animosidades entre Bueno e os reinóes, não obstante a acção conciliadora de João Leite, que tinha ascendencia sobre todo o pessoal, resultou a retirada de um pequeno grupo, que se foi localizar no descoberto á margem do Rio das Velhas, achando ter ficado num "desterro, onde aliás era bello o Sitio, abundante a agua, fertil a terra em ouro e vantajosa em clima, peixes e caça."

E aqui se iniciam, nas tradições arrancadas ao correr dos tempos, os primeiros informes com relação ao Descoberto do Desterro do Desemboque.

* * *

Divergem os chronistas com relação ao porto do Rio Grande, por onde entrou a Bandeira do Anhanguéra.

Os illustres advogados, Dr. A. Garcia Adjuncto, coronel Antonio Cesario da Silva e Oliveira e Dr. Felicio Buarque de Macedo e os illustres engenheiros, Dr. Silverio José Bernardes e Alexandre Barbosa, que tomaram a seus hombros o encargo de investigações sobre a Estrada do Anhanguéra, quando se debateu a questão patrimonial entre a Camara Municipal e a Matriz de Uberaba, chegaram accordes á conclusão do que foi pelo Porto do Espinha, que fica abaixo da actual Ponte de Igarapava, da Estrada de Ferro Mogyana, que os incursionistas penetraram no Sertão da Farinha Podre.

Saint-Hilaire, Cunha Mattos, Diogo de Vasconcellos, Moreira Pinto, Ferreira de Azevedo e outros chronistas não entraram nestes detalhes, mas o commandante Henrique Silva, na reconstrucção do roteiro de Silva Braga, affirma cathegoricamente que a entrada se del pelo Porto da Ponte Alta, onde hoje existe a Ponte de Igarapava, acima referida. Algumas razões bem ponderosas abonam esta via. O roteiro Silva Braga informa que do Rio Grande ao Rio das Velhas a Bandeira gastou cinco dias de marcha e o seu caminhante diario era de 4 a 5 leguas. A distancia do Porto da Ponte Alta, no Rio Grande, ao Porto do Registro, no Rio das Velhas, é de 19 leguas, que podiam ser feitas nos 5 dias. O itinerario desde a Cidade de S. Paulo á de Goyaz, que foi entregue pelo brigadeiro Antonio Joaquim da Costa Gavião, governador das Armas de Cuiabá, no dia 22 de Agosto de 1825, ao brigadeiro Cunha Mattos, assignala o seguinte caminhamento:

Das Batatas ás Ricaças	5 e ½	leguas
Das Ricaças á Villa da Franca	4 e ½	"
Da Villa da Franca ao Januario	3	"
Da F. da Conquista á Ponte Nova de Uberaba	3 e ½	"
Do Januario aos Buritis	3 e ½	"
Dos Buritis á Fazenda do Rego	4 e ½	"
Da Fazenda do Rego ao Rio Grande . . .	3	"
Do Rio Grande a Fazenda da Conquista . .	2 e ½	"
Da F. da Conquista á Ponte Nova de Uberava	3 e ½	"
Da P. Nova do Uberaba á F. do Tijuco.	5	"
Da F. do Tijuco ao Rio Uberaba	5	"
Do Rio Uberaba ao Rio das Velhas	3	"
Do Rio Grande ao Rio das Velhas	13	"

Ha, no emtanto, razões muito plausiveis que justificam a convicção de que a Bandeira não entrou nem pelo Porto de Ponte Alta, nem pelo Porto da Espinha, e que a primeira estrada era outra. Dão causa a esta crença as tres razões seguintes:

1ª — A Estrada do Anhanguéra, do Paranahyba a S. Paulo, foi conservada por largos annos como estrada real, soffrendo depois mudanças que o encurtamento da distancia determinou.

Nas cartas de sesmaria, concedidas pelo Governador e Capitão General de Villa Goa de Goiaz, com relação a terras do actual municipio de Sacramento, vê-se nos pontos onde as terras são atravessadas pela antiga estrada real, que as concessões se faziam "no caminho do Rio Grande".

E' assim, por exemplo, a Carta da Sesmaria da Boa Vista (depois Fazenda do Chapadão, ha pouco nomeada Fazenda do Bom Jardim, uma divisão e onde ora existe o Rancho do Bugre), concedida a 6 de Julho de 1779 pelo Governador Luiz da Cunha Menezes a Domingos Alves Ferreira. A carta fálla repetidas vezes na estrada do Rio Grande, á cuja beira o sesmeiro levantou as suas casas de morada e outras bemfeitorias.

2ª—Nem o Porto da Ponte Alta, nem o da Espinha têm ro que se saiba, vestigios de antigo acampamento de defesa e guarda. Entretanto, o antiguissimo Porto de Santa Barbara, onde vae ter a estrada do Rio Grande, referido nas cartas de sesmaria, tem vestigios de acampamento, ruinas de quarteis e outros edificios de vigilancia e guarda, a bem da segurança dos caminhos e do Fisco.

Velhos conhecedores desta região e prescrutadores da sua historia, como o coronel Ernesto de Paula Vieira, sabem tradicionalmente que foi pelo Porto de Santa Barbara que entrou a Bandeira e por alli se manteve a estrada, por longos annos.

3ª—O Porto da Espinha está leguas abaixo do Porto da Ponte Alta e este dista cerca de 17 leguas do Arraial do Desemboque. E' sabido o quanto as estradas influem no desenvolvimento das povoações. O Desemboque floresceu e dominou longos annos sobre todo o Triangulo Mineiro. Era o Arraial que dominava no administrativo, no civel, no crime e no ecclesiastico.

Se as correntes de viajantes seguissem pela via Espinha-Farinha Podre — Lanhoso ou Ponte Alta — Farinha Podre-Lanhoso, a preponderancia seria de um dos povoados marginaes da Estrada e não do Desemboque, que ficaria relegado ao abandono, 17 leguas fóra da Estrada, não podendo florescer. Se preponderou, foi porque era o maior centro de confluencia, ponto necessario de transito.

Tanto assim foi que, dando-se posteriormente a deslocação da Estrada para a via Ponte Alta-Uberaba-Registro (correspondente á Ponte Alta-Fariha Podre-Lanhoso), que passou a preponderar, por ser menor a distancia para S. Paulo, o Desemboque decaiu e foi deixado ao abandono, á ruina. Esta observação esclareceu bem o caso.

* * *

Ainda uma razão existe para que se admitta que a Bandeira entrou pelo Porto de Santa Barbara. Offerece-a o roteiro Silva Braga. Elle se refere ao Rio das Velhas como affluente do Rio Grande e não do Paranahyba. Quem transpõe o Rio das Velhas, até abaixo do Desemboque, tem, razoavelmente, a illusão de que o seu curso é para o Rio Grande, parecendo correr do Nascente para o Poente. A illusão é perfeita.

No emtanto, logo mais abaixo do Desemboque o curso se modifica e o Rio das Velhas procura o Paranahyba, encaminhando-se quasi em recta desde ás alturas de Sacramento.

O roteiro Silva Braga, neste ponto, desnorteia a observação, quanto á passagem por Farinha Podre e Lanhoso, porque, entrando pelo depois Porto do Registro, no Rio das Velhas, não podia o bandeirante ter illusões e veria claro que este Rio ia desaguar no Paranahyba.

MOIZE'S SANTANA.

(*Continúa*).

D. DAMIANA DA CUNHA

Os sertanejos paulistas, descobridores do vasto territorio que veiu a formar a provincia de Goyaz, tinham visto, uns depois de outros, passar um seculo sem que com toda sua bravura pudessem abater e domar a tribu selvagem dos "Cayapós", dominadora dos sertões de "Canapuam".

Intrepidos e vingativos, os "Cayapós" ousavam chegar em suas correrias até o norte da capitania de S. Paulo, batiam-se impavidos com as bandeiras paulistas (companhias ou bandos de sertanejos) e roubavam ás caravanas. Luiz da Cunha Menezes, governador e capitão general da capitania de Goyaz de 1778 até 1783, resolveu empregar meios doceis, concilitarios e humanos para chamar á civilisação aquella tribu energica e guerreira e em 1780 fez partir um simples mas intelligente soldado de nome Luiz á frente de cicoenta goyazes e tres indios em procura amigavel dos "Cayapós". Depois de alguns mezes chegou de volta á "Villa-Boa" (depois cidade de Goyaz) o soldado Luiz com os seus aventureiros, trazendo cerca de quarenta "Cayapós" com o maioral da tribu, ancião ainda forte e de imponente aspecto. (1) Entre as mulheres vinha a filha do maioral conduzindo pela mão a um menino e ás costas em uma rêde de cipó, bonita menina de poucos mezes nascida.

O ancião lisongeado pelo acolhimento e favores que recebeu do "grande capitão" (o governador) determinou ficar com os conquistadores e despediu seus guerreiros, ordenando-lhes que fossem buscar os outros "Cayapós". Uma menina, neta do maioral, recebeu no baptismo o nome de Damiana, e o governador, que foi seu padrinho, deu-lhe o seu appellido, "da Cunha".

Os "Cayapós", cujo numero avultou por novos descimentos, foram estabelecidos nas aldeias "Maria" e de "S. José de Mossamedes".

Na aldeia de S. José creceu e casou-se com um brasileiro d. Damiana da Cunha, de que Augusto de Saint-Hilaire, que foi visital-a quando alli esteve, falla com elogio e interesse.

Era mulher bonita, amavel, de espirito atilado, fallando bem o portuguez, e o que mais importa, gozando a maior consideração entre os "Cayapós". Mas a harmonia e a paz não duraram muito tempo: aquelles selvagens voltaram de novo á guerra mais terrivel; porque não eram poucos os que, desertando das aldeias depois de ter aprendido a manejar armas de fogo, levavam esse poderoso recurso aos seus irmãos dos desertos.

Então, no meio da maior furia da guerra, quando os "Cayapós" atacayam bandeiras, incendiavam habitações, destruiam plantações, matavam e roubavam, e em consequencia, soffriam perseguições egualmente cruel, acabando muitos em vingativas e horriveis matanças, d. Damiana da Cunha começou a illustrar sua vida, já por virtudes louvada, realizando ella, pobre e debil senhora o que tinham feito Nobrega e Anchieta.

Heroina do amor fraternal, anjo de caridade, apostolo de fé, suave e potente elemento da civilisação, d. Damiana da Cunha tomou o glorioso e grande empenho de ir aos sertões chamar os "Cayapós" á vida social, á religião santa e ao dever do trabalho.

Essa admiravel e benemerita senhora quatro vezes maravilhou os goyanos pelos seus triumphos, que lhe custavam longas e penosas marchas, vida expota ás féras e a mil outros perigos, e mezes de trabalhosa perseverança, que lhe esgotavam as forças.

Ella não levava soldados, nem guerreadores; levava no coração o amor, na alma a fé, e pendente sobre o peito a cruz do Redemptor. (2) Em 1808, depois de se ter internado ao sul nos sertões do Araguaya, entrou d. Damiana na aldeia de S. José, trazendo mais de setenta "Cayapós" de ambos os sexos que receberam as aguas do baptismo. Pouco antes de 1820 preparava-se ella para segunda entrada, quando recebeu a honrosa visita do sabio Saint-Hilaire, que deixou entrever duvidas sobre o resultado da empreza. Damiana respondeu: "os "Cayapós" me respeitam muito para deixar de attender-me..."

E o exito do segundo empenho egualou ao primeiro. Em 1824 a nobre senhora-apostolo internou-se nos sertões de Camapuam e após sete mezes de fadigas e de santa prégação, conduzia á pia baptismal e ao seio da civilisação cento e dous "Cayapós" de ambos os sexos.

Era muito: estava cansada, abatida e gasta de tanto subir montanhas, descer a extensos valles, arrostar perigos e morte, e provar mil privações nos desertos. Mas no fim de 1829 os "Cayapós" em avultado numero apresentavam-se ameaçadores espalhando em sua marcha destruição e mortes. O presidente de Goyaz, desde 1822 provincia do Brasil, appellou para d. Damiana da Cunha. O anjo serenou a tormenta: os "Cayapós" abrandaram-se á sua voz, e a heroina abnegada esquecendo as profundas alterações de sua saude, recebeu instrucções do presidente da provincia, e sahiu em companhia do seu marido Manuel Pereira da Cruz, e de um indio e uma india, José e Maria, que a acompanhavam sempre, a procurar conseguir a paz, a amizade e a conquista civilisadora da indomavel tribu dos seus irmãos. Em 24 de Maio de 1830 pela quarto vez abysmou-se nos sertões, e no fim

---

(1) Era o velho Romecci, que ia em logar do cacique Angrolyachá. Romecci voltou para o Rio Claro. Na antiga "Revista Popular" se encontra uma desenvolvida e bem traçada biographia de d. Damiana da Cunha, pelo conhecido escriptor Joaquim Norberto de Souza e Silva, pae do escriptor Oscar Guanabarino.

(2) N. R.— Ora vijam os leitores como naquelles tempos afastados se procurava civilisar os indios. O processo era simples: a missionaria partia com os bolsos vasios, sem guerreiros, só com o seu amor e sua fé.

do oito mezes entrou de volta em sua aldeia, a 12 de Janeiro de 1831. E' a data deste dia glorioso; mas funereo: a heroina da caridade, da fé e da civilisação, voltava moribunda.

Alquebrada e doente só com heroico esforço resistira a oito mezes de tormentoso labor; em taes condições pouco fizera: o sequito de "Cayapós" conquistados por sua influencia era menos numeroso; Damiana, porém, completára o sacrificio de sua vida.

Os indios aldeiados sahiram a recebel-a com dansas e festivas demonstrações: o presidente da provincia acudiu a esperal-a com todas as autoridades do logar.

Honras vãs do mundo! Damiana da Cunha entrou na aldeia apoiada nos braços dos indios seus irmãos: trazia nos olhos quasi sem luz e na face de pallidez marmorea o sello da morte.

O dia 12 de Janeiro de 1831 foi o annunciado da agonia da santa.

O dia 12 de Janeiro de 1831 é a branca e gloriosa mortalha de d. Damiana da Cunha. Poucos dias depois ella morreu.

Hoje ninguem sabe, onde é logar da sepultura dessa missionaria angelica.

Tenha d. Damiana da Cunha este simples epitaphio na historia:— *Mulher-apostolo*.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO.

GOYAZ NA PATHOLOGIA

Neste momento em que tanto se falla em saneamento dos sertões, é pois optimo ensejo e occasião propicia entre todas, para trasladarmos na integra o relatorio apresentado ao chefe da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil pelo medico hygienista que a acompanhou — o Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.

Por esse trabalho, cujas observações registradas estão em flagrante contradição com as tendenciosas affirmativas dos Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna, ver-se-á que o sertão goyano não é precisamente "um vasto hospital", como por ahi corre.

PATHOLOGIA

Nenhuma affecção constante da pequena estatistica por mim organizada, é particular á parte do Estado de Goyaz visitada pela Commissão, e nem tão pouco depende do clima.

As molestias alli indicadas, entre as quaes algumas graves, como a syphilis, a bouba, a morphéa e diversas outras em que a anemia predomina, observam-se tambem em varios pontos de toda a zona intertropical em medida desegual para as differentes raças para os differentes gráos de receptividade morbida individual e, bem assim, para as influencias mesologicas, etc.

A isto, de certo, não são estranhas a altitude média dos chapadões, que tambem o é do da America do Sul; a excellencia das condições meteorologicas e atmospherologicas; a constituição do solo até hoje absolutamente indemne do paludismo; a grande abundancia e pureza da agua potavel, etc.

Ao contrario do que se dá com a geographia botanica, a geographia medica é mui pobre e mui imperfeitamente póde *mutatis mutandis*, recordar a maior variedade relativa da flora goyana.

Outrosim, o cunho pathologico da região do norte, especialmente das vertentes dos rios caudalosos e de curso lento, ainda maior simplicidade acarreta á estatistica nosologica, pois que o paludismo domina a pathologia de toda a porção boreal do Estado, em que o solo é baixo e formado por terrenos de alluvião recente, como se nota na grande facha florestal que corre entre Pyrenopolis e Goyaz, conhecida geralmente pela denominação de "matto-grosso", e que constitue uma parte importante da vasta bacia do Alto Araguaya.

Como se vê, de 146 doentes, dos quaes 84 homens e 62 mulheres, sendo adultos 132 e crianças 14, soffriam 18 ou 12, 3 o|o de dispepsia gastrica, ou gastro-intestinal com ou sem dilatação do estomago; 13 ou 8, 9 o|o, de boubas seccas ou humidas, em diversos gráos de gravidade: 11 ou 75 o|o, de neurasthenia de fórma cerebro-espinhal e gastro intestinal; 8 ou 5.4 o|o de bronchites e broncho-pneumonias; 7 ou 4.7 o|o de dismenorrhéa; 5 ou 3,4 o|o de manifestações agudas da intoxicação syphilitica; 4 ou 2.7 o|o de hystero-epilepsia, sendo 3 mulheres e um homem; o mesmo numero de leucorrhéa e paludismo chronico e hypoæmia intertropical.

Entre as enfermidades mais communs em Goyaz, o grupo das venereas occupa um dos primeiros logares, tendo na frente a syphilis, o *gallico* como lá se diz, debaixo de todas as suas fórmas clinicas, desde a infecção hunteriana recente, até as manifestações terciarias, a heredo-syphilis, e outros effeitos remotos representados por lesões visceraes graves, etc.

As manifestações agudas da infecção syphilitica dos cinco doentes apontados na estatistica eram, em dous, exacerbações de molestia antiga, e em tres significavam recente contaminação.

Assim tambem os doentes sob a rublica de lesão cardio aortica eram ambos syphiliticos; e um, além disso, soffria de paludismo chronico de fórma intermittente, já quasi no declinio cachetico. Apresentava este individuo uma endocardo-arterite prolifecante syphilitica tão avançada que o sopro presystolico se ouvia a mais de vinte centimetros da parede anterior do thorax, semelhando a um assobio e impedia o doente de conciliar o somno. Applicando-lhe o tratamento especifico em poucos dias melhorou sensivelmente. O outro syphilitico tinha um vasto aneurisma da crossa da aorta causando tão profunda perturbações na circulação e nutrição do braço direito, que este já tinha tomado proporções gigantescas em relação ao outro.

Uma das mais interessantes manifestações da syphilis encontrei em um amaurotico que, havia quatro annos tinha deante da vista uma *nuvem branca* que o impedia de distinguir pessoas e cousas, o qual ficou relativamente curado dentro de poucos dias em que nos demorámos na Formosa.

Mais communs ainda do que as multiplas variedades das molestias venereas em Goyaz são as que dependem das alterações da nutrição organica, sejam estas alterações devidas ás substancias alimentares, á evolução anormal da digestão em suas diversas phases, ou a vicios e defeitos dos phenomenos physicos ou chimicos, ou aos processos intimos da nutrição intersticial.

Em qualquer das hypotheses, porém, a modificação da constituição chimica do organismo implica fatalmente a diminuição da resistencia dos meios organicos contra a invasão dos agentes da nossa destruição, para os quaes o homem são não é hospitaleiro, na bella e exacta phrase de Bouchard.

E, pois, essa prévia modificação da nutrição organica representa o franco determinismo de uma vasta série de molestias differentes, das quaes se destacam: as diversas dyspepsias, a neurasthenia com todas as suas modalidades clinicas, o arthritismo, a anemia, a chlorose, etc.

Muito mais frequentes são as affecções gastro-intestinaes idiopathicas, do que as symptomaticas.

Um dos phenomenos mais constantemente observados consistia no desenvolvimento de gazes no estomago e intestinos com producção de forte tympanismo que desapparecia pela expulsão ou absorção dos gazes, ou comprimia mecanicamente o diaphragma para cima e produzia subsequentemente oppressão sempre penosa, sobretudo durante a digestão.

Nos casos de neurasthenia, os soffrimentos das faculdades intellectuaes eram patentes, e em um doente que examinei manifestavam-se por uma inexplicavel indecisão em suas resoluções.

Muitas vezes o abatimento era devido ao meteorismo, as difficeis eructações, e a um sentimento de tristeza acabrunhadora, que, quando era acompanhado de desarranjos sensoriaes, levava o doente a falsa crença de congestão cerebral, e originava tambem vertigens, cephalalgia, hypochondria, etc.

Facilmente se deduz que este estado de cousas, que acabo de descrever, existindo permanentemente acarreta certo gráo de desnutrição seguido de anemia, chlorose, etc.

Conheci um neurasthenico, de forma-gastro-cerebral, em que a scena morbida apresentava manifestações psychicas apparentemente inquietadoras, e mui interessantes para o neurologista. Semelhante ao maniaco, sempre que áquella cidade (Formosa) ia uma pessoa da commissão, aprazia-se o neurasthenico em visitar o recem-chegado, tendo-se previamente perfumado todo o vestido com todo o rigor, e durante a visita achava-se perturbado, em verdadeiro estado de excitação nervosa, que não podia sustentar a conversação sem grande embaraço de palavra e difficuldade de ideiação.

Tendo de fazer uma viagem ao Rio de Janeiro, sentiu-se possuido de tal nervosismo, que foram de todo infructiferas duas tentativas de iniciação da dita viagem. Para realizal-a foi mister sahir incognito, e, só a mais de meio caminho, é que se soube do destino tomado.

E', portanto, nas molestias deste grupo que avultam em numero as variedades, devido, em geral, á alimentação impropria de grande parte dos habitantes particularmente além dos limites ethnographicos marcados pela população mineira.

A natureza das substancias alimentares, o abuso dos condimentos fortemente excitantes, alguns mesmo irritantes, pelo que

se tornam verdadeiros causticos do estomago e intestinos; o pouco cuidado que se tem na escolha da agua para beber; e a geral falta das elementares noções de hygiene privada concorrem directamente para o apparecimento de algumas das doenças que acabo de citar.

(*Continúa*)

DR. ANTONIO PIMENTEL,
Medico hygienista da Commissão.

Das margens do Araguaya

Foi na azulinea tarde de 7 de Março quqe divisamos de improviso a caudalosa subnorta, apenas transposto o alto chapadão as vezes bastante descontinuo nos accidentes topographicos, já recoberto de imponentes verêdas, já decerrados taboleiros, e que intermedeia o appendice ultimo da longa cadêa de serros que acompanha a distancia o Rio Vermelho, quebrando-se em Lambary e as adustas margens da maravilhosa "estrada movel".

As aguas tranquillas e onilado-claras estavam ainda envoltas no oiro abundante do reflexo solar e assemelhando-se a uma onda liquida e aurea que deslizasse, confundindo-se a outra de prata fóra do limite apanhado pela reverberação da tarde, dessa tarde de céo azul no zenith e de chammas em dous terços do poente. Esplendido panorama inedicto pela variedade de tintas e digno de uma palheta pantheista: o accaso incendiado misturando-se a agua chammejante e effervecente pelo simulacro das ondas e o restante do céo identificado ao matiz verde claro da vegetação das bordas, ou ao colorido quasi identico da corrente, já ao longe, irrigando em sua sequencia o ventriculo direito do coração do Brasil Central cuja base se apoia no estrepitoso Paranahyba...

* *

Leopoldina é hoje apenas um esqueleto de uma povoação que passou e seu aspecto actual infunde uma tristeza desoladora, antithese da vida serprehendente de seus pimeiros dias quando o silvo das lanchas a vapor despertava ao alvorecer as gentes marginaes.

O desanimo, o abandono, a tapéra, a carcassa das machinas— eis a que a pessima educação politica de certos grupos reduziu uma das partes mais activas de nossa osmose commercial.

Dos inestimaveis beneficios com que a energia de Couto de Magalhães dotou estas longinquas paragens já mais nada fica além dos cascos enferrujados do "Mineiro", "Araguaia" e "Colombo", os quaes estão hoje tranformados em jarros naturaes que homiziam parte de 50 especimens phytologicos, onde se emmaranham teias verdes e cerradas de S. Caetano com seus fructos oblongos e amarellados... E entre esses cascos abandonados alguns têm reminiscencias de valor historico: o "Araguaia" serviu de vapor cargueiro durante a guerra do Paraguay cortando as aguas do Paraná, Paraguay, S. Francisco e Cuyabá de Rosario até Corumbá. Chegou a ser um dos melhores vapores de então pela velocidade. Adquerido pelo saudoso adminitrador de Goyaz foi conduzido pelo rio Pequiry até ás suas cabeceiras de onde desmontado foi ter ao Araguaia, cujas aguas sulcou por tantos annos e como primeiro. E o antigo "Cuiabazinho" de tão heroicos feitos dorme o ultimo somno nos areiaes do Araguaia. E esse desbravador de tantas volumosas correntes, a que se prende uma pagina ardua da historia nacional e longa parte da vida particular dos dous Estados irmãos, não será rehabilitado ao menos com sua conservação? Só o proprio Araguaia lhe presta annualmente a ultima homenagem acariciando-o com seus possantes vagalhões...

E hoje de todo o preterito esplendor da industria humana, como ultima possibilidade, só resta o mesmo Araguaia manso e tranquillo.

*

A 8 de Março, equipada e favorecida uma solida montaria, tendo em vista levantar acampamento em Dumbá Grande, fizemos rumo ao norte, descendo o Rio que encantou Castelnau e deu vida ás paginas de H. de Coudreau.

Como o tempo nos impedisse a execução desse projecto, occupamos, a meio caminho, o rancho de Capichano que fica no areal de Dumbazinho.

Dous terços desta bella ilha são cobertos de areia onde apenas vige elegantes bosquettes de "sarau"; na parte occidental ha vegetação bem desenvolvida, principalmente nas margens dos paludes.

Pude apreciar em um pequeno limite do lago Redondo, continuação do lago da Bahia, que apenas é secção de um dos braços do Araguaia, os mais differentes e variegados palmipedes, tal como ha quasi um seculo notara o autor das "Voyages dans les parties centrales de l'Amérique".

"Jaburús" mais claros que os do Sul, "patos bravos" de um annegrado furta-côr e preto-branco, "marreções" de bando, "marrecos" de varios tamanhos, "saracuras", "colheireiros" de um roseo desmaiado, "saracurões" de côr preta e até os estridentes "marrequinhos" amarello-escuros — tudo observamos no primeiro lago de que nos approximamos.

Um bando de "garças" alvineas levantam tambem seu moroso vôo e foi esbranquecer o matiz verde de uma arvore pouco distante.

Nesse mesmo dia fizemos opima pescaria de "caceia", conseguindo apanhar varios representantes da fauna fluvial: cinco veriedades de "Piranhas" — a preta, a branca, a luça, a vermelha, a amarella ou chipita; duas variedades de "mandibés"; quatro variedades de "pacús" das nove existentes — o branco, o cacundinha, o puquitinga e o curupité que é preto; uma bella "curvina", um "candirú" e uma linda "piratinga" de seis palmos. Dessa ultima familia vimos com outro pescador uma enorme "pirarara" e duas colossaes "pirahibas" que haviam sido presos em "anzóes de espié".

Com tão valentes succedaneos nosso jantar foi esplendido.

A' noite accendemos grandes fogos para afugentar os "murinhanhos" e transformamos o lençol da praia em leitos confortaveis.

A 9 continuamos nossa descida e penetramos no lago da Bahia, onde flexamos algumas "papaterras" e tentamos debalde arpôar um formoso "pirarucú" que de minuto a minuto mostrava o dorso negro através dos entrançados de "Amor de Velho", ou dos "jaibaras" emmaranhados.

De repente um forte trovão annunciou a tempestade e as aguas até então mansas ficaram um pouco revoltas: arvoramos em um porto conveniente e procuramos abrigo na fazenda do Sr. Guedes, a qual está quasi abandonada. Pela primeira vez pudemos apreciar o temido "carrapato do chão".

* *

A riqueza ichthyologica do Araguaia causou-nos verdadeira surpreza. Não é que as variedades de especimens fosse a razão, mas a abundancia incalculavel dos individuos das multiplas especies. Pelos trabalhos de Castelnau e pelas apuradas monographias de Henrique Silva, já tinhamos acabada noticia de ichthyofauna araguayana, mas nossa expectativa foi vencida pela quantidade.

De uma montaria, cujos donos "mariscavam" 20 dias entre S. José e Leopoldina, contamos os seguintes representantes de maior vulto: "Jahú", "Pirarara", "Pirahiba", "Piratinga", "Pintado" (não é o "Surubim" do Sul), "Dourado", Pirariambú", "Mandibé", "Barbado", "Chicote" ou "Bargada", "Jerupensen", todos de couro, podendo-se ajuntar: "Condirú", "Mandi de Canal" (Fidalgo ?), Bagres de innumeras variedades, assim como "Mandis"; "Pirarucú", "Piranhas" 5 variedades, "Pacús" 8 variedades: "Picaranha", "P. curupiti", P. prequitinga, "P. manteiga", "P. branco", "P. costeirinho", "P. sabão ou xeri", "P. cacudinha", "P. alferes". "Pataca", "Matrinchano", "Cachorra", "Umanã", "Bicudo", "Tucunaré", "Jaraqui", "Papaterra", "Trahira", "Cará", 5 variedades, "agulha", "Voadeira", "Peixe doudo" ou "Baiacú", "Cori", 3 variedades, "Curvina", e muitos outros, todos de escama.

A montaria conduzia 20 arrobas dos especimens em questão e a carga tinha como destino a capital do Estado. De uma ligeira estatistica que organizamos dos carregamentos já preparados por meia duzia de profissonaes da pesca, encontramos o satisfactorio numero de seis toneladas, sendo de notar que esses individuos foram apanhados no ultimo mez e pelos processos: "cacêa", "espié", "facho", "flexa arpão".

O commercio de peixe do Araguaia podia ter uma expansão muito maior e substituir a importação estrangeira que fazemos, isto se os meios de transporte favorecessem os pequenos industriaes.

A época das "arribações" é a mais propicia para se avaliar a população ichthyologica do grande rio: o espectador á margem tem a impressão do assentamento de uma roda a vapor no fundo d'agua, tal o onomatopaico "ru-rur" do bando nadador: ás vezes dá-se o "estoiro" e então as praias ficam cobertas de peixes de todos os matizes e tamanhos.

* *

Do areião de "Dumbazinho", donde annoto estas ligeiras impressões, se descortina um selvatico e attrahente panorama: é que o Araguaya tem o encanto particular das praias, da vegetação caracteristica e da mansidão das aguas. Elle ainda respira algumas scenas da natureza virgem, imitando as heroicidades da

antiga Hellade: aqui o pescador de "condirú", fisgando a furiosa "Pirarara", tem ás vezes de lutar com o terrivel "Arurá" que lhe disputa a presa, alli, de arpão em punho, no remanço das aguas, prende aos ferro o possante "pirarucú" que, num impeto de furia arrasta o barco e os tripulantes numa carreira desordenada, em rumo ás "jaibairas" (bosque d'agua), onde emfim prancheia, manchando de negro uma longa faixa d'agua serena e azul-claro...

Feliz de quem abandona o Araguaya e seus encantos sem levar as cruzes da saudade.

Dumbazinho, 9 — 3— 1918.

A. B.

Mostruario Goyano

Sabemos que o Sr. Dr. João Alves de Castro, Presidente do Estado de Goyaz, pretende, ainda no corrente anno, inaugurar aqui no Rio um mostruario da producção daquelle Estado, expondo productos dos tres reinos da natureza, alguns dos quaes já conhecidos dos industriaes e commerciantes cariocas e dos que se interessam seriamente pela riqueza patria.

A exemplo do que têm feito S. Paulo, Minas, Pará e outras unidades da Federação, Goyaz precisa de vulgarisar os seus productos.

Devido unicamente á absoluta falta de vias de transporte, que, embora morosamente, só agora vão-se desenvolvendo pelo interior do Estado, as riquezas do "hinterland" brasileiro têm deixado de figurar nas exposições quer nacionaes quer internacionaes.

O illustre Presidente de Goyaz, com a montagem do mostruario goyano, vem, pois, em boa hora, realizar a aspiração já manifestada por alguns de seus antecessores.

Entre grande numero de minraes, podemos adiantar que serão expostas varias amostras de amiantho, entre outras a do precioso amiantho branco da Serradourada, onde se encontra em abundancia e que é actualmente de grande applicação industrial.

Louvamos a idéa patriotica do Presidente de Goyaz que, com tornal-a effectiva, prestará á sua terra natal inesquecivel beneficio.

Por ser um dos programmas d'esta revista o desenvolvimento economico do Brasil central, antecipadamente pomos á disposição do governo goyano todos os meios ao nosso alcance a fim de secudar os esforços de S. Ex. nesse sentido.

A LOBEIRA

Entre os individuos da flora goiana, nota-se como o mais susceptivel de cultura e aplicação em certa industria, a lobeira, ou planta cardeal, *lobelia cardinalis.*

E' um arbusto que atinge no estado em que o vemos nos nossos campos e andurriais, a trez metros mais ou menos de altura. Tem as folhas largas e de nervinas guarnecidas de aculeos, cobertas na parte superior de um vélo macio. Ha tambem pelo caule e pelas galhas, pequenos espinhos. A sua flôr é de um azul violeta, gamopetala, de calice verde cinzento, tomado de espinhos.

E' uma linda flôr de matiz admiravel. Dá um fruto ou baga de um quilo de peso mais ou menos, de polpa esbranquiçada como a do ananaz, deliciosamente perfumada.

A polpa do fruto da planta cardeal é muito saborosa; tão saborosa como a da manga, sendo apenas um tanto picante e alcalina. Isto, porém, parece que desaparecerá logo que se sujeite a planta a uma cultura que lhe corrija esta particularidade de seu fruto. Pois, como se sabe, todos os frutos de arvores que se não cultivam ainda, têm um sabor agreste e, ás vezes, intoleravel.

O facto é que o fruto desta planta lebeliacea vai tendo aplicação mais e mais vantajosa, tanto industrial como economica, no fabrico da marmelada em nosso Estado.

A confeitaria (ou *glycerotecnia*) goiana sómente tem que lucrar com a aplicação de tal substancia, na proporção de 30 %, na sua marmelada.

Fisiologicamente a ação do fruto da lobelia é muito recomendavel. Não se conhece ainda a analise quimica desse fruto, mas a experiencia que se tem feito d'ele, prova bastante ser ele mais nutritivo do que o do marmeleiro.

E' de uma alibilidade extraordinaria, sendo ainda mais fortificante que o marmelo. Como agente eupeptico e carminativo, não conhece equivalente.

Verificou-se, ha pouco, em dois convalescentes de gastro-interite, a acção estomaquica e roborativa desse producto.

O convalescente que fez uzo d'ele sentiu-se logo forte e robusto, não sendo o mesmo o estado do que uzava a marmelada pura. E' um facto portanto a sua superioridade, e não vãs palavras.

E que admiravel é o seu aspecto! E' de consistencia gelatinosa, de côr ambarina, ostentando quando em lata ou caixa uma face transparente como a da geléa. Corta-se facilmente sem se aderir á faca.

Além desta aplicação que é relevante, o fruto de que se fala é um delicioso manjar para os bovinos. De longe as rezes lhe presentem o cheiro agradavel, e correm á sua procura.

Dizem os vaqueanos que é um optimo lubrificante para o gado que o devora aos pedaços.

Aí está uma planta utilissima que viceja em abandono nas imediações dos povoados goianos. Os nossos conterraneos devem procurar cultival-a, porque nela está um dos futuros economicos de Goiaz.

Corumbá, Pirenopolis, Jaraguá e Santa Luzia são municipios onde a *lobelia cardinalis* prolifera exuberantemente.

Corumbá, Goiaz. ERICO CURADO.

N. R. — O nome scientifico da lobeira é hoje "Solanum lycocarpum".

O CLUB DE ENGENHARIA E OS LIMITES ENTRE MINAS E GOYAZ

Na ultima sessão do Conselho Director do Club de Engenharia, por indicação de seu presidente, senador Dr. Paulo de Frontin, foi approvado um voto de congratulação ao Sr. commandante Thiers Fleming, sub-chefe da Casa Militar do Sr. Dr. Wenceslão Braz, presidente da Republica, pela publicação de seu trabalho sobre os limites entre differentes unidades da Federação.

Como não estivesse presente nessa occasião o Sr. Almirante José Carlos de Carvalho, que tem tratado nesta Revista, com muita proficiencia, da questão de limites entre Goyaz e Minas Geraes, esse nosso respeitavel collaborador dirigiu o seguinte officio ao Sr. presidente do Club de Engenharia, declarando que, se estivesse presente á alludida sessão, teria dado o seu voto com restricções, por não ser esse trabalho documento que possa merecer fé, pelo menos, quanto á questão de limites de Goyaz e Minas.

Foi este o officio:

"Exmo. Sr. senador Dr. Paulo de Frontin, DD. Presidente do Club de Engenharia.

Não me foi possivel comparecer á ultima sessão do Conselho Director desse Club, e só agora tendo noticia pelos jornaes, da moção de applausos ao Sr. capitão de fragata Thiers Fleming, pelo livro que acaba de publicar sobre questões de limites inter-estadoaes.

Se estivesse presente a essa reunião, tinha com muito pezar, votado com restricções, pois, nesse trabalho, na parte referente aos limites de Goyaz com Minas Geraes, pelo menos, não é bastante exacto.

Para que V. Ex. e o Conselho Director conheçam com mais minudencia o motivo da minha restricção, offereço os exemplares da Revista "A Informação Goyana", em que tenho tratado dessa questão.

Agradeço a V. Ex. por ter-se lembrado agora de encarregar a uma commissão especial para estudar estas mesmas questões de limites, para que venha a ser documento historico e verdadeiro a Carta Geral do Brasil, cuja confecção o Club prepara para commemorar o Primeiro Centenario da nossa Independencia Politica.

Com essa indicação, approvada pelo Conselho Director, tenho satisfação em ver que não foi perdido o meu tempo quando justifiquei em sessão do Conselho a necessidade desse trabalho essencial por parte do Club e na Revista "Brasil-Ferro-Carril", de 16 de Outubro do anno passado, que junto remetto, tratei desse assumpto.

Tanto n'"A Informação Goyana", como na "Brasil-Ferro-Carril", continuarei os meus estudos a respeito de limites inter-estadoaes.

De Vossa Excellencia.

José Carlos de Carvalho,

Membro do Conselho Director do Club de Engenharia."

A APOSTA

(Scenas do sertão Goyano)

Naquella noite o moço vaqueiro desafiára barbaramente o Antonio, o mais antigo dos vaqueanos da redondeza, que se fizera respeitar pelas suas façanhas nas escaramuças do gado.

Habituado ás correrias desde menino, ora rompendo, num abrir e fechar d'olhos, as mattarias e capoeiras mal-assombradas, ora transpondo, na agilidade de um mateiro, montes e valles, jámais encontrára nos arredores da fazenda quem lhe disputasse a palma de primeiro montador.

Que sempre fôra forte, lá isso elle sempre fôra. Alli estava a Chiquinha do Braz, uma mestiça trintona e de sustancia, o Deus-nos-acuda da rapaziada de então, que o não deixava mentir. Abafasse ella, bem no fundo do coração, a saudade dos beijos que lhe dera ao pé da fonte, vendo a roupa corar ao sol e ouvindo na baixada o chôro lamuriento do engenho, e contasse aos noviços o que tinham sido os muxirões e vaquejadas d'antanho. Ella que relembrasse esses dias idos de mocidade e enthusiasmo, quando, mais agil que os cavalleiros da Ukrania, esticado nos estribos da cotuca, a aguilhada em punho, rolava por terra os novilhos ariscos e bravios do patrão.

— Bons tempos, minha gente,— bons tempos, suspirava o velho enrolando o cigarro. A escravidão martyrisava, mas, ainda assim, havia liberdade. Quando o senhor era temente a Deus e tratava os negros com mais consideração, com um pataco no bolso o escravo podia passar um domingo divertido na villa. Hoje, qual o quê... O pobre diabo leva dia e noite a briquitar no trabalho e os cruzados que ganha não pagam as dividas.

Emquanto a gente peleja, os annos passam e nós vamos ficando pr'ahi esquecidos como qualquer badulaque.

Ninguem olha, ninguem faz caso...

E o Antonio, como verdadeiro philosopho, á medida que desfiava o rosario de sua longa historia, philosophava com a experiencia de seus cincoenta e poucos annos.

A's vezes, porém, ficava longamente silencioso como se procurasse arrancar da cabeça os ultimos farrapos de memoria.

Depois, esquecendo o fio da conversa, tagarelava:

— De uma feita, tinha eu então vinte e tres annos. Vejam vancês o que é viver. Estavamos na Semana Santa. O meu senhor ia todos os annos assistir com a familia a procissão de Nosso-Senhor-Morto, que ainda hoje é costume na villa de Bomfim.

Era o tempo em que a gadaria andava na engorda e as tatarumãs e piquizeiros se cobriam de flores.

Na vespera, a patrôa recommendou-me fosse ao campo, assim que os sinos da egreja rompessem a alleluia, e trouxesse um vitello para os festejos da Paschoa.

Eu estava compromettido para um baile no sabbado em casa do defunto Sergio, e dahi a idéa de compear o bezerro na sexta-feira da Paixão.

— Cruz! credo! — tartamudeou um dos ouvintes, persignando-se. Logo nesse dia, compadre ?... Vae ver que Deus castigou.

— Vá ouvindo, comadre Joanna, vá ouvindo, que em sendo moço não acredita em phantasmas nem se dá fé aos milagres. Cada vez que me lembro do que vi, sinto uma palpitação cá por dentro e a minha cabeça fica que é mesmo um pé de piteira. Pois, como ia dizendo, assim que a tarde refrescou, dei de costas p'ro sol e ganhei matto, sem matutar no que podia me succeder.

Sempre fui teimoso, Deus me perdôe, e levado das carépas.

Quando queria, queria mesmo.

Isto de lobishomem e que mulher de padre é mula-sem-cabeça, não me assustava nem nada. Home, pr'a que mentir, desejava até topar com elles.

Puz o coração á larga e abandonei as redeas do punga.

Mal acabava de varar a vareda, avistei no topo do capão, bem de frente p'ra mim, um galheiro butelo, o maior que têm visto estes olhos christãos. Pulei fóra do rosilho, e, pica-páo engatilhada, assumptei. O sol, côr de açafão, ia baixando por detraz dos outeiros da Extrema.

Encarei o bicho, indeciso. O coração batia alto, tic-tac, tic-tac, aconselhando que não; mas a peitaria amarella do galheiro, alli a uns vinte passos do cano, dizia que sim. A tentação era maior que as minhas crenças. Não resisti. Tomei pontaria e o tiro roncou. Não vi mais nada, o veado rodou nas trazeiras e cahiu de pato p'ra ar que nem um fructo maduro. Caça morta, gordura no fogo. Corri para elle, já esquecido do peccado e do vitello.

Parece até mentira, mas juro pelas sete chagas de Christo que eu naquelle dia ainda não tinha bebido nada. Quede o veado? Desappareceu. Bati o capão, nem sombra. Sangue no chão não havia, rastro do bicho muito menos. Mas a carga lá estava, em fórma de cruz, cravada no tronco da embaúba p'ra quem quizesse ver. Não havia duvida, tinha atirado no diabo em pessoa. Fiz alli mesmo tres vezes o signal da cruz da esquerda para a direita, rezei tres padre-nossos ás avessas, que, nesses apuro, já dizia o santo vigario da villa, é remedio infallivel, e abri o pala no mundo.

Desde então, nunca mais fui campear em dias que a Santa Madre Egreja manda guardar.

*

* *

Era assim que o vaqueiro se fizera respeitar na sua laboriosa velhice. Ao ouvil-o, nas horas do ocio, rememorando trechos da vida passada, os vaqueanos deixavam-se ficar de cócoras ao calor da fogueira, os braços rudes cruzados sobre o largo peito cabelludo, olhos embebidos no preto, ao canto dos labios o cigarro a fumegar.

A sua vida cheia de peripecias, de missões arriscadas, mystificada por tantas e tão tenebrosas historias de assombração, de máos encontros nas taperas e encruzilhadas, por certo havia de crear-lhe uma atmosphera impenetravel do mais profundo respeito, a ponto de tornal-o aos olhos dos companheiros como que uma divindade.

Por isso o desafio, á queima-roupa, do vaqueiro estreante, despertára a indignação, senão de todos, pelo menos da maior parte dos vaqueanos, que viam na arrogancia do desafiador não o impeto natural de uma juventude sedenta de renome, mas um attentado ás cãs gloriosas do velho.

A tia Eduarda, que tinha uma veneração quasi doentia pelo Antonio estava admirada da falta de respeito do rapaz, daquella pouca vergonha da gente nova, que ia á villla batucar no adro da egreja.

— Deixa de pabulagem, Anselmo, — dizia ella,— olha que o compadre Antonio lhe apromta uma boa...

— Não digo as cousas sem base, tia Eduarda. Vou mesmo a apostar como elle não me arresiste no campo. O que tinha de dar já deu, disse antes d'hontem o patrão.

E concluiu:

— Como eu, só eu memo.

Com um sorriso de gloria antecipada, Anselmo enumerou factos que conhecia por ouvir contar e que punham á prova a decadencia senil do rival. Disse que o velho padecia de cambras nas pernas e mal se aguentava de pé com rheumatismo na espinha, e galhofou, recommendando-lhe tomasse chá de mesinha e applicasse ás canellas raiz de ruibarbo. Depois, contou como o pobre Chico da Estiva entregára a alma ao diabo. Era um caboclão truculento, que andava abeirando a velhice, que tambem se tinha na conta de invencivel nas lides do gado. Mas um dia, na escalada do Lambedor, deu de si, rodou barranco abaixa até partir a cabeça na pedreira do corrego.

Antonio, no emtanto, ouvira calado os insultos e as ironias do rapazola. Não valia a pena dar-lhe tréla. Todos os olhares se dirigiam para elle anciosamente, como se de sua bocca dependesse o destino do mundo. Desafiado, calava-se. Acceitava assim, tacitamente, sem proferir palavra, sem um gesto siquer que revelasse a antiga bravura e a confiança em si mesmo, a pecha de vaqueiro covarde.

Não, era preciso uma desforra; aquelle restacuéro insolente, que mal deixava o cueiro, bem merecia uma lição de mestre.

Subitamente, num movimento brusco, o veterano se poz de pé. Ia talvez decidir.

O seu perfil destacou-se no meio do grupo com a solemne gravidade de um guerreiro da edade-média.

Os seus olhos miudos e quasi sumidos no fundo das orbitas, incendiaram-se de um brilho estranho que nem era odio nem desprezo.

— Então ? interrogou-lhe o moço vaqueiro.

— Vá lá, acceito o desafio. Será vencedor quem der o primeiro tombo no novilho mais brabo do patrão.

— Tá dito! Cornimboque ainda que véio não nega fogo, respondeu-lhe Anselmo. E arrematou, de improviso:

> O rapaz que ronca prosa,
> prova tudo quanto diz,—
> mas o velho, tem lá forças ?
> Vae provar, quebra o nariz.

Nisto o Malaquias, primeiro poeta lyrico da redondeza, que não queria ficar atraz, fazendo do peito viola, cantarolou no mesmo tom:

Tem mandinga. sabe enguiço
todo velho que é vaqueiro.
Olha moço, que o feitiço
vira contra o feiticeiro...

A quadra de quem tomára a si a defesa rimada do Antonio, abriu numa gargalhada sonóra a bocca desdentada da tia Eduarda, que riu alto, tão alto, que os cães se puzeram a ladrar no terreiro.

Em seguida, o grupo dispersou-se, cada qual p'ra seu lado.

Um gallo cantou á meia-noite e logo, nos moradores visinhos, outros gallos responderam.

As estrellas, muito claras, semelhantes a candelabros accesos, tauxeavam o céo de canto a canto. E ao longe, na linha pallida do horizonte, a luz escarlate do luar montante esbatia-se tão fortemente na mica macarada da montanha, que toda ella parecia um diamante.

*
*.

A fazenda amanhecera em reboliço como nos dias de eleição. Aqui e alli mulheres discutiam o resultado final do incidente da vespera.

— Anselmo é gury, mas é turuna, dizia uma.

— Qual o quê, comadre Quininha, vae ver que na primeira arrancada pula fóra da sella.

— Isto lá só Deus sabe...

Em cada canto formavam-se partidos. Até o patrão parecia interessar-se pela "brincadeira". Acaçapado sob o moirão da cerca, descascando uma laranja nos dentes, um molequote aguardava impaciente a sahida do Malhado.

Os cavallos, arreiados á porta, escarvavam o chão e sacudiam as crinas relinchando.

Curioso, o pessoal da fazenda apinhava-se no pateo, ás cotovelladas. O sol daquelle domingo de verão, na ardencia das nove horas, frechava toda a frente da casa, augmentando a impaciencia dos que assistiam das janellas a manobra.

De repente, um grito surdo reboou nos ares.

— Solta! Solta! Clamavam dezenas de boccas.

A porteira do curral rangeu nos gonzos perros, agoureiramente. Um garrote roliço, de ancas opulentas, precipitou-se por ella e lá foi, planicie abaixo, resfolegando, aos corcovões, cabeça mettida entre as dianteiras, té que desappareceu na poeira da estrada.

A scena fôra rapida, a commoção profunda. Mal os vaqueiros acabavam de partir na pista do garrote, quando um estrepito estranho se ouviu seguido de um cavernoso gemido. Na corrida desenfreada, as patas do animal em que montava um dos vaqueiros se encontraram, o cavallo focinhou e o cavalleiro rodou numa quéda sinistra.

Todos accorreram immediatamente.

— Quem seria ? era a pergunta geral.

O corpo atirado por terra, o pé direito preso no estribo, lá ia o cavalleiro lugubre campo fóra, arrastado no galope fantastico do animal.

Quando, dahi a pouco, Anselmo regressou á fazenda, com o cadaver ensanguentado e esphacelado do Antonio no arção da sella, não houve olhos que não chorassem a morte daquelle velho que minutos antes parecia tão cheio de saude.

— Ah! se advinho, lamentava Anselmo limpando as lagrimas...

Mas a aposta já estava ganha.

1912 — Rio.

VICTOR DE C. RAMOS.

Estrada de Ferro Oeste de Minas

Porto de Angra dos Reis

UMA CAMPANHA VENCIDA

A abertura do credito de 5.000:000$000 para a conclusão da linha ferrea da Oeste de Minas até o porto de Angra dos Reis, na costa do sul do Estado do Rio de Janeiro, é caso que muito me agradou, porque registra em minha fé de officio de serviços ao nosso paiz, mais uma campanha vencida, a despeito da má vontade de alguns homens de reconhecido valor na sua arte de antepôr os seus caprichos ás necessidades publicas.

Vem de 1910 a campanha que sustento para fazer-se do porto de Angra dos Reis a estação maritima da Oeste de Minas, estrada de ferro cujo objectivo criterioso e necessario é dar ao Estado de Goyaz meios de transporte directos e economicos para um porto de mar, por onde possa, de futuro bem proximo, fazer a exportação das suas immensas riquezas naturaes até agora pouco conhecidas, e sobretudo trazer por essa estrada, as suas valiosas manadas de gado, destinadas ao consumo da Capital Federal e para o estrangeiro, quando nesse porto forem construidos depositos frigorificos.

De costume, só trato de cousas que eu mesmo examino no gabinete de estudo, no campo ou no laboratorio e nunca por ouvir dizer, nem confiando de mais nos gallos musicos de alongado folego e plumagens vistosas.

O prolongamento da Oeste de Minas, é um exemplo que convêm recordar, pois tem sido por mim reclamado desde que foi Presidente da Republica o Conselheiro Affonso Penna, e depois o Sr. Dr. Nilo Peçanha, que apezar de ser filho do Rio de Janeiro, não conseguiu vencer as resistencias mineiras, para prestar um serviço real ao seu Estado, libertando por sua vez o Estado de Goyaz da tutela do — Triangulo Mineiro — da dependencia economica de S. Paulo e mais do que tudo, das exigencias e carestia de transporte pela E. F. Central do Brazil.

Com o titulo — *O Ramal de Barra Mansa ao Porto de Angra dos Reis,* — diz o *Jornal do Commercio,* desta Capital, em data de 18 de Janeiro de 1910 :

"O capitão de mar e guerra, deputado pelo Estado do Rio Grande do Sul, José Carlos de Carvalho, acaba de percorrer os trabalhos da construcção do ramal da E. F. Oeste de Minas, que vem da estação da Barra Mansa ao porto de Angra dos Reis, serviço publico, por cuja execução trabalha desde 1894, quando estudou as condições da bahia de Angra, para porto militar e "Jacuacanga" para a installação de um Arsenal de Marinha.

Já naquella occasião, accrescenta o *Jornal do Commercio,* S. Ex. depois de ter percorrido a Serra Geral, nesse trecho, em um ligeiro reconhecimento que fez, foi de opinião que a construcção do ramal podia ser feita com mais economia de tempo e dinheiro, se dessem outra direcção á linha para evitar-se uns quantos tuneis e alguns viaductos de custosa construcção.

Agora S. Ex. teve a satisfação de vêr a sua opinião vencedora, graças á revisão dos antigos estudos feita pelo illustre engenheiro Eugenio Richard, que conseguiu realmente supprimir oito tuneis, tres viaductos e muitas obras de arte de preço elevadissimo, além da reducção extraordinaria de movimento de terras, obtendo a rampa de 2 % e o raio da curva minima de 101m,28.

O Sr. deputado José Carlos foi acompanhado em toda a excursão, do engenheiro chefe da construcção, o capitão Richard, e seus ajudantes, os engenheiros Paes de Andrade, Amadeu Lacerda, Luiz Greenhalg, Nathaniel Pizarro e do major Euzebio de Queiroz, empreiteiro geral do assentamento da linha."

De volta a esta Capital, no dia seguinte fui a palacio conferenciar com o Sr. Presidente da Republica, Dr. Nilo Peçanha, a respeito da necessidade urgente da conclusão das obras do ramal de Barra Mansa ao porto de Angra, para não se perder tanto trabalho feito e material já comprado e depositado em differentes pontos da linha.

Esta conferencia teve logar a 21 de Janeiro de 1910, sendo Ministro da Viação o Sr. Dr. Francisco Sá.

Sómente agora, decorridos — OITO ANNOS (!!!), devido á circumstancia de ser chanceller da Republica o Sr. Dr. Nilo Peçanha, e Chefe da Nação o Sr. Dr. Wenceslau Braz, aproveitando a occasião de ser agradavel ao seu ministro, tirou para o seu Estado de Minas o credito de 4.000:000$000 para a conclusão das obras do trecho comprehendido entre Buenopolis e Bocayuva, no ramal de Montes Claros da E. F. Central do Brazil, além de .... 2.400:000$000, para a construcção dos 25 primeiros kilometros de prolongamento do ramal de Mariana a Ponte Nova.

Em todo caso ficou resolvida a conclusão de uma obra importante, como seja trazer á bahia de Angra dos Reis, a

estrada de ferro Oeste de Minas, que além de servir a ricos municipios de Minas Geraes, vae dar ao futuroso Estado de Goyaz o melhor e o mais conveniente meio de transporte, directo e economico, para um porto de mar, o melhor que tem o Brazil na sua costa do sul do Rio de Janeiro.

O porto de Angra dos Reis, quando apparelhado convenientemente para as operações do serviço maritimo, será de preferencia escolhido para ser o porto commercial do planalto central do Brazil de preferencia aos portos de Santos e Rio de Janeiro.

Todas as vezes que estudo a solução de um problema á qual se prendem interesses geraes do paiz e tenham que ser attendidas as possibilidades do seu engrandecimento futuro, deixo inteiramente de parte as conveniencias de momento, para cuidar unicamente do que se deve fazer hoje, para não comprometter o dia de amanhã.

Neste invariavel modo de proceder e julgar os actos e as obras alheias, tenho podido vencer campanhas bem complicadas, embora demoradas e trabalhosas. Sei esperar e me preparar para a luta, tomando sempre o conselho que me deram os grandes servidores deste paiz, com os quaes convivi e aprendi a servir a minha patria.

Diziam elles: — O bem geral antes de tudo; prevenir em tempo, para evitar maiores males; — não sacrificar o futuro, pelos gosos passageiros do presente; — o Brazil carece que seus homens se habituem a olhar sempre para a frente, para saberem medir as distancias de um horizonte mais grandioso que convêm alcançar pelo trabalho animado pelo patriotismo, e as bellas lições dos nossos antepassados.

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO.

Contr'almirante.

O centenario do descobrimento scientifico de Goyaz

Faz agora um seculo que J. E. Pohl explorou sob o ponto de vista scientifico os tres reinos da natureza, riquissimos em Goyaz.

A sua grande obra, tão erudita quanto desconhecida ou propositalmente menospresada pelos entre nós mettidiços em os estudos da fauna, da flora, das riquezas mineraes e climas do Brasil, tem por titulo "Reise in Innern von Brasilieni". Della foi distrahido ou roubado não só da Bibliotheca Nacional como tambem do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o respectivo Atlas — que traz magnificas vistas panoramicas dos scenarios goyanos, inclusive as da antiga Villa Boa de Goyaz em 1818 e a da Serra das Figuras. Desta ultima diz o Barão Homem de Mello ser uma paysagem typica da natureza brasileira, quando menciona a seguinte passagem da obra de Pohl: "A parte da cordilheira, que fica proxima do Carmo, recebeu o nome de SERRA DAS FIGURAS em consequencia de suas formas singulares. No cimo erguem-se massas de pedras separadas, cujas formas grotescas deixam a phantasia devanear, comparando a semelhança das formas com a figura de homens e animaes, admirando a força maravilhosa da creação nestas producções singulares. Não muito longe avulta um monte isolado, talhado á prumo em quadrado regular, e plano em cima. Na encosta da serra encontra-se o feldspatho calcinado, de côr esbranquiçada semelhante ao kaolim".

O Instituto Historico e tambem a directoria do Jardim Botanico commemoraram o anno passado a vinda ao Brasil colonial, de Spix e Martius, membros mais baratamente conhecidos dentre os que compuzeram a prestadia commissão scientifica trazida a bordo da fragata "Austria", que ancorou na bahia de Guanabara a 15 de Julho de 1817; inauguraram o retrato de Martius, puzeram em exposição as obras do auctor da "Flora Brasiliensis"; e, a proposito da commemoração do alludido centenario, veiu como sempre pela imprensa, lampreiro e mettidiço em cousas que lhe escapam á sua aliás nenhuma competencia, o secretario perpetuo do presidente tambem perpetuo do Instituto Historico. Mas, como era de esperar, nem sabia o Max Fleuss os nomes illustres de dous dos mais notaveis membros da expedição e scientifica mandada ao Brasil pelos governos da Austria e da Baviera:— Pohl e Joannes Natterer!...

A obra do naturalista bavaro é talvez a mais importante que possuimos sobre a então capitania dos Goyazes.

Seguiu em 1817 para Goyaz passando por Minas Geraes.

De Paracatú Pohl procurou a Serra dos Cristaes, cujas riquezas em quartzos de varias côres estudou, julgando-se em quantidade sufficiente para abastecer as manifacturas do mundo inteiro; desta localidade seguiu para a então Villa Boa de Goyaz, donde foi ao Rio Claro — descendo depois ao norte da capitania — visitou toda esta ultima região. Pillar, Trahiras, Palmas e outros nucleos antigos de população; navegou o Tocantins abaixo até limites de Goyaz com o Pará, regressando da aldeia de Coral pelo Carmo, por Natividade, Cavalcanti, Chapada dos Veadeiros e Villa de Couros, hoje Formosa.

Foi elle quem descobriu e classificou a "Lasiandra papyrus" da Serra Dourada — uma das peculiaridades de nosso Estado.

Fez uma collecção de 40.000 exemplares de plantas, das quaes a maioria pertencentes a Goyaz.

Da obra do notavel sabio são as passagens que a seguir publicamos — no intuito, aliás, de confundirmos mais uma vez o autor de "Sombras na Lama" que pretendeu menoscabar a riqueza florestal do Estado de Goyaz.

* * *

No dia 18 de Janeiro (1818) continuamos a nossa viagem atravez da sombria e opulenta matta que tem o nome de "Matto Grosso", donde deriva o da Capitania da mesma denominação (1) e atravessa a de Goyaz de leste para oeste. Para a parte oriental chega até aos montes Pyreneus numa extensão de cerca de nove leguas.

As grandes arvores desta matta forneciam-nos agradaveis e refrescantes sombras.

Acacias e Loureiros da grossura de um homem e de 40 a 60 pés de altura e muitas outras arvores e qualidades de palmeiras ainda não conhecidas entrançavam-se umas com as outras.

Uma nova especie de canna flor (*Canna ovatifolia*) cobria numa grande extensão logures alagadiços. A sua côr é vermelha carmesim encantava as nossas vistas. A' margem da estrada notava eu grandes plantações de mandioca" (2)

(Continúa).

(1) "O nome de Matto Grosso foi dado pelos aventureiros de Cuyabá aos sertões no começo chamado dos Parecis, do nome da nação por ahi habitava; sertões cobertos de espessa mattaria que vinha do N. E., desde Goyaz, em rumo S. O., beirando ao escarpas do grande Araxá, sombreando os innumeros rios e regatos que nellas têm origem".

DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA.

("Viagem ao Redor do Brasil").

(2) A proposito, releva dizer que o notavel naturalista, descobriu e classificou no Estado de Goyaz mais de metade das especies destas euphorbiaceas conhecidas em todo o Brasil.

Catalogo das especies ichthyologicas encontradiças em Goyaz

NOMES VULGARES OU TRIVIAES

Pirarucú, duas variedades; piratinga, seis variedades; Pirahyba, piabanha, piranha, sete variedades; pirambeba, pintado, piraúna, poraqué, tres variedades; bicuda, duas variedades; caranha, curumatã, aruaná, curupité, curvina, duas variedades; piáu, oito variedades; mandubi ou mandibé, duas variedades; jahú, duas variedades; chicote ou bargada, tambaqui, dourado, tres variedades; cachorro ou peixe prata, peixe espada, duas variedades; uaipé, tubaraninha, tubarama, tres variedades; timburé, duas variedades; piampara, gordinha, casculdos, onze variedades; piraquára, mandús, oito variedades; jacundá, pacamã, peixe serra, piabas, jundiá, cahy, tambiú, butra, peixe canivete, rajadinho, enguia, mussum, mandi fidalgo, tuvira, mandi feio, papaterra, crumatan, camarão, cachorrinho d'agua, bagres, peixe cipó, peixe porco, trahiras, duas variedades; xinchim, cascudinho, avôadeira, sardinha, duas variedades; tucunaré, ajunta pedra, pataquinha, canivetinho, baiacú, sôia ou solha, lampreia, cauá, acará ou cará, cinco variedades; engenheiro, mandi boi, abotoado, agulha, caranguejo, mandi pedra, bameri, tabuá, pripióca, pacú, oito variedades; geripóca, surubi, duas variedades; piracanjuba, duas variedades; pirapitinga, duas variedades; peixe cobra, pintado, cachorra, matriachã, barbado, piranambú, pirapitanga, rayas, seis variedades; jurupensem, duas variedades; candirú, duas variedades; armão, sarapó, roncador, lepidosirenparadoxa, jeraqui, iúiú, marsuim, peixe rei e lambarys, varias especies.

A lista dos peixes acima, completada com as suas especies ou variedades, que tambem indicamos numericamente, resume tudo quanto até á presente data se sabe da pisce-fauna do Brazil inteiro.

Assim, Goyaz, sobre possuir especies ichthyologicas caracteristicas suas, hospeda todas as referidas ou consideradas

peculiares ás demais regiões em que os naturalistas costumam dividir o nosso paiz.

Essa immensa riqueza ichthyologica do nosso Estado tem sua explicação natural pela ligação, que lá se observa, das aguas das bacias do Amazonas, do Prata e do S. Francisco. Isto é hoje um facto incontestе, graças aos estudos mais recentes do grande "Araxá" interior, que atravessa d'um extremo ao outro o Estado de Goyaz.

O Dr. Azevedo Pimentel, no seu interessante trabalho sobre a região já demarcada para a nova Capital Federal, dá-nos o "croquis" de um das localidades em que aguas vertentes para o Tocantins têm as cabeceiras communs com as do S. Bartholomeu, tributario do Corumbá, affluentes do Paranahyba. A ligação do Tocantins com o S. Francisco tambem foi provada pelo explorador inglez, engenheiro James Wells, no reconhecimento geographico que fez das nascentes do rio Sapão, pertencente ao primeiro destes systemas fluviaes, e nas do rio Somno, que verte para o Tocantins. Outra ligação das bacias do Prata e do Amazonas foi reconhecida no territorio comprehendido entre os rios Guapary e o Paraguay, o Guaporé e o Pilcomayo — territorio este, diz A. Rodriguez del Busto — quasi em sua totalidade coberto de mattas impenetraveis e inundado em grande parte, em certas épocas do anno.

Tudo isto estava indicando a occurrencia das mesmas especies ichthyologicas em ambos aquelles systemas hydrographicos distinctos.

Mas nem todos os peixes amazonicos vivem nas aguas do Prata, e vice-versa — porém poucas são as excepções. No emtanto, essas excepções bastam para contrariar as affirmativas erroneas de Agassiz e mais as dos seus continuadores, isto é, "que no Amazonas não se encontra um só dos peixes conhecidos em outra qualquer bacia".

Entre as especies peculiares ao Amazonas (Tocantins — Araguaya) podem-se mencionar: Pirarucú, Matrinchan, Piratinga, Pirárara, Candirú, Poraqué, Pescada, etc. Em compensação, as aguas do Prata contam como peculiaridades o Dourado ("salminus spe"), a Piracanjuba, o Peixe-rei.

Occorre dizer que varias especies ichthyologicas têm nomes identicos em todo o paiz — apezar de não haver identidade de especies, scientificamente fallando.

Como observa James Wels, o Dourado do Tocantins ("Silurideo") é um peixe lixo, sem dentes, emquanto que o do São Francisco e do Prata ("Salminus") é um peixe de escama, com dentes compridos e agudos. O surubi destas duas ultimas bacias é um peixe enorme, e na Amazonia elle é comparativamente menor.

Lendas Goyanas

LAGOA SANTA

E' antes um poço de fórma circular com 100 metros de diametro, cujas aguas escuras, ligeiramente azuladas, impressionam os viandantes que descem ao soturno vão dos Angicos, no norte de Goyaz.

Contam que as suas aguas possuiam a virtude de curar grandes e pequenas feridas cancerosas, tanto que os enfermos que lá iam voltavam sempre radicalmente curados e felizes...

Mas um dia infelizmente uma mulher vinda de fóra commetteu a imprudencia de lavar suas roupas na propria lagôa, sem retirar primeiro desta, como todos o faziam, a agua de que pecisava.

Immediatamente,com grande espanto dos circumstantes, sahiu do meio da lagôa uma pomba branca que voou e voou sempre até desapparecer no céo.

Dahi em diante a lagôa perdeu o seu encanto, e suas aguas a sua propriedade milagrosa.

A MOÇA BRANCA DO PAU D'ARCO

Havia outr'ora á margem do Araguaya uma aldeia indigena, chamada do Pau d'Arco, que tinha como seu maioral o cacique capitão Roca, mysterioso personagem, ora havido como Carajá, ora supposto um civilizado de Bôa Vista de Tocantins, que se fizera selvagem.

Era um individuo feroz, marcado por uma serie de hediondas proezas. Entre outras, uma das mais dramaticas foi o rapto de uma moça branca passageira de um bote goyano que descia o grande rio.

Tempos depois o capitão Roca assaltara a tosca embarcação araguayana, os navegantes daquellas paragens viam escriptas na fita branca da areia das praias palavras de supplicas que a joven prisioneira confiava á areia e aos ventos, pedindo aos viandantes que a libertassem d'um tão cruel captiveiro.

Isto foi ha muitos annos. O capitão Roca morreu na sua legendaria aldeia luctando até ao fim contra a heroica nação Cayapo! E da moça branca que escrevia nas areias das praias do Araguaya ninguem mais soube e só resta a sua tradição romanesca...

COMO A NOITE APPARECEU

No principio havia dia sómente em todo o tempo. A filha do Cobra Grande casára-se com um moço que tinha tres famulos.

Como a moça não quizesse dormir com elle, chamou aos tres famulos e disse: "Ide passear porque a minha mulher não quer dormir commigo".

Os famulos foram, e então elle chamou a mulher para dormir com elle.

A filha da Cobra Grande respondeu-lhe: "Ainda não é noite".

O moço disse-lhe: "Não ha noite, ha só dia". A moça fallou: "Meu pae tem noite. Se queres dormir commigo manda buscal-a lá, pelo rio-grande".

O moço chamou os tres famulos, a moça mandou-os á casa de seu pae para trazerem um caroço de tarumã.

A Cobra Grande ao entregar o caroço de tarumã fechado, recommendou que o não abrissem no caminho, senão todas as cousas se perderiam.

Não obstante o piloto insistir que não abrissem o côco, os tripulantes ouvindo barulho dentro, abriram-n'o e de repente tudo escureceu.

Entre todas as cousas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animaes e aves, inclusive o pescador e sua canôa que se tranformaram em patos.

A filha da Cobra Grande, quando viu a estrella d'alva, disse ao seu marido. "A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia do noite." Então ella enrolou um fio e disse-lhe:

Tu serás Cajubim, e pintando-lhe a cabeça de branco, com tabatinga, e as pernas de vermelho com urucú, disse: "Cantarás para sempre, quando a manhã vier raiando".

Enrolou o fio, sacudiu cinza em cima delle e disse: "Tu serás Inhaumbú para cantar nos diversos tempos da noite e da madrugada".

VARIAS NOTICIAS

O PORTO DE GOYAZ NO ATLANTICO SUL

O governo federal acaba de mandar abrir um credito de 5.000:000$000 para a conclusão do prolongamento dos trilhos da Oéste de Minas até o porto de Angra dos Reis.

Não precisamos encarecer este gesto patriotico do Exmo. Sr. presidente da Republica: basta recordarmos a propaganda que nestas mesmas columnas vimos fazendo de tempos a esta parte em pról da resolução definitiva desse subido problema, que vem encurtar as distancias entre Goyaz e o littoral.

"NOVA ERA"

Acaba de sahir á luz na capital goyana o semanario "Nova Era", excellente publicação, sob a competente direcção do nosso distincto collega de imprensa Sr. J. Bonifacio.

E' mais um paladino enthusiasta, armado de ponto em branco, que vem concorrer brilhantemente para o desenvolvimento do nosso amado Goyaz — e não será preciso dizer mais nada.

Na segunda quinzena do mez de Fevereiro ultimo a "Companhia Auto-Viação Goyana" iniciou, como dissemos em o numero passado desta revista, os trabalhos de construcção da linha de automoveis de Roncador para a capital goyana.

O serviço está sendo atacado com a maxima energia, tanto assim que no começo do mez de Março seguinte a picada já havia attingido a 15 kilometros e o de estrada a 4 kilometros.

O ultimo numero do "Lavoura e Commercio" diz que já foram concluidos os estudos da E. F. de Goyaz, ficando resolvido que de Monte Carmello a linha se desviará para Araguary, de onde começará a linha tronco.

Sobre o desastre daquella via-ferrea, cujo primitivo traçado ficou tão profundamente alterado, compromettendo assim a futura vida economica do paiz, chamamos a attenção dos leitores para o artigo do engenheiro J. Moutinho, que inserimos neste numero.

Ao excellente diario "Gazeta de Leopoldina", de que é director o Sr. Dr. Ribeiro Junqueira e gerente o Sr. Nestor Capdeville, e que se publica na florescente cidade mineira de Leopoldina, agradecemos as elogiosas referencias com que, em seu numero de 14 do corrente, se dignou receber "A Informação Goyana".

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 25 DE MAIO DE 1918 — VOL. I—N. 10

SUMMARIO

A situação economica e financeira de Goyaz em 1917

Durante o anno proximo findo o Estado de Goyaz conseguiu tomar pé no cahos economico-financeiro em que desde longos annos vinha se debatendo. A elevação das cotas de saldos na actual administração é uma prova de quanto póde a boa vontade alliada á fiscalisação honesta e activa da arrecadação das rendas publicas. O longinquo Estado Central parece, assim, inaugurar uma phase nova de desenvolvimento de suas forças economicas, immensas e inesgotaveis. Pelas cifras abaixo verão os leitores que a situação financeira de Goyaz vae melhorando dia a dia, o que faz com que não duvidemos do proximo futuro de prosperidades que o aguarda. Continue o Presidente do Estado na sua obra de consolidação das finanças de Goyaz e nós aqui estaremos para louvar o seu quadriennio.

Anno de 1917	Receita geral	1.937:545$963
	Despeza geral	1.454:890$043
	Saldo	482:655$920

Da receita do anno de 1917, quasi a metade (964:479$040) proveiu de taxas de exportação sobre os seguintes productos:

117.303 cabeças de gado vaccum, exportado por diversos portos	708:728$000
7.677.485 kilos de arroz, dos quaes 280.110 de arroz beneficiado	78:455$610
Suinos	39:816$000
Fumo em corda (35:511$960 e fumo beneficiado (2:253$600)	37:765$560
Solas e pelles crúas	23:844$960
2.009.907 kilos de feijão	20:099$070
Xarque	16:602$660
Couros salgados	15:434$000
Mercadorias diversas	23:733$180
Renda total	964:479$040

Por ahi se vê claramente que o gado constitue a principal fonte de renda do Estado. No anno passado a sua exportação que attingiu a 117.303 rezes, a maior de que temos noticia até hoje, rendeu a elevada somma de 708:728$000, isto é, quasi todo o rendimento da arrecadação bruta, custando, em média, cada cabeça de bovino a importancia de 6$041 de imposto. O valor total daquella exportação é calculado em 13 mil contos.

Cumpre, porém, notar que a arrecadação em 1917 seria muito maior que a que consta dos dados officiaes se a fiscalisação do Estado no norte, onde a população bovina é superior á do sul, fosse mais rigorosa. Toda a referida zona é completamente aberta na sua linha fronteiriça, e o gado que por ahi se escôa para a Bahia sóbe annualmente a dezenas de milhares.

* * *

As rendas das collectorias do Estado tambem augmentaram satisfatoriamente. As que mais renderam no exercicio passado foram as seguintes:

Capital (inclusive o mercado)	115:308$428
Catalão	55:078$046
Jatahy	36:174$499
Curralinho	33:541$069
Rio Verde	33:254$400
Formosa	33:300$284
Santa Rita do Paranahyba	41:314$847
Ipamery	38:829$222

Em 1917 as collectorias renderam 741:650$000, isto é, 282:650$000 mais que em 1915 e 189:650$000 mais que em 1916.

* * *

Não deixaremos de salientar aqui os grandes beneficios que ao Estado de Goyaz vem prestando a via-ferrea ainda em construcção, apezar de percorrer apenas tres municipios dos 46 que possue o Estado.

Segundo affirma o Dr. Manuel de Azevedo Gordilho (vide n. 7 desta revista), a exportação annual goyana pela Estrada de Ferro Goyaz regula ser de 18 a 20 mil cabeças de gado vaccum e outras tantas de suinos.

De outubro a dezembro ultimos, conforme notas estatisticas officiaes, a exportação de Goyaz por aquella via-ferrea foi a seguinte:

Mez de outubro:

Generos alimenticios (peso em kilos.)	843.181
Bovinos (cabeças)	1.087
Suinos (cabeças)	659

Mez de novembro:

Generos alimenticios (peso em kilos)	854.973
Suinos (cabeças)	546
Bovinos (cabeças)	258

Mez de dezembro:

Generos alimenticios (peso em kilos) 1.299.285
Bovinos (cabeças) 2.000

Damos acima sómente parte dos productos exportados nos tres ultimos mezes de 1917, pois naquelles algarismos não incluimos diversas mercadorias cujo peso não estava especificado nem a exportação dos suinos em dezembro, a qual augmenta mensalmente, por não constar do *memorandum* do Dr Gordilho.

O valor dos impostos de exportação pagos pelos generos exportados em outubro e novembro de 1917 foi de.......... 45:698$215, isto é, mais 9:973$096 do que nesses mesmos mezes do anno de 1916.

O rendimento da exportação de janeiro a novembro de 1915, 1916 e 1917 foi, respectivamente, de 83:772$281, 205:113$760 e 270:950$000, ou seja o augmento de........ 121:341$479 de 1915 para 1916 e de 65:836$240 de 1916 para 1917.

A vista desses algarismos eloquentes, concluiremos que á estrada de ferro, como um dos principaes factores do desenvolvimento das forças economicas de um paiz, torna-se cada vez mais indispensavel a Goyaz. A exportação dos productos cresce assombrosamente á medida que os trilhos invadem o sóle goyano. Qual não seria o rendimento e a producção de Goyaz se, em vez de pouco mais de uma centena de kilometros ferro-viarios, o Estado fosse ligado por vias rapidas de transporte aos grandes centros commerciaes do paiz! Ahi está porque nós nos batemos fervorosamente pelas linhas de penetração, sobretudo pela realização do traçado primitivo da Estrada de Ferro Goyaz, a que deve ir de Formiga a Leopóldina, á margem do Araguaya, passando por Catalão e a capital goyana. O desvio da mesma do kilometro 409 para Araguary é um desastre para a vida economica e para a riqueza natural de Goyaz, uma calamidade irremediavel para todo o Brasil. O Sr. Dr. Wenceslão Braz, cujo governo, inspirado unicamente no seu elevado espirito de patriotismo e ardorosa fé no futuro da immensa Patria que dirige, marca um periodo fecundo na historia economico-financeira do paiz, certamente não ha de permittir que aquelle lamentavel desastre se consuma.

E' para S. Ex. que appellamos.

Em o proximo numero voltaremos a tratar do assumpto, mostrando a situação financeira de Goyaz no corrente exercicio.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

A LOBEIRA

A *lobeira* ou *fructa de lobo*, e suas variedades que encontrei em S. Paulo, Minas, Goyaz, e algures, não é a *lobelia cardinalis* nem tão pouco, é uma LOBELIACEA.

E' uma SOLINACEA, o *Solanum auriculatum, Ait.;* com a variada synonimia de *Solanum verbascifolium L.; Solanum mauritianum, Scop.; Solanum tabacciforme, Velloso,* o primeiro botanico brasileiro a classifical-a.

Das variedades que mereceu especial menção, destacam-se as seguintes:

S. pulverulentina, que é a mais communmente denominada pelo povo: *fructa de lobo*.

S. augustifolium que é o mesmo *S. stipulaceum, Wild* ou *S. hebecarpum, Salzm.*

A *fructa do lobo, S. pulverulentum,* Ruiz e Pavon, attribuem propriedades medicinaes, que, todavia, não são bem conhecidos.

O finado professor de chimica organica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Domingos Freire e o Dr. Theodoro Peckolt, tambem fallecido, analysaram *a fructa de lobo*, e encontraram um principio toxico, a *solanina*, justamente quando a fructa está madura e muita cheirosa que é; e neste cheiro, entre outras substancias mal conhecidas ainda, descobriram o *butyrato de ethyla* e tambem o *salicylato de methyla*, em apreciaveis proporções.

Que a planta é toxica para mim, não ha duvida porque em Cambuquira um dos meus filhos, ainda menino de cerca de 10 annos, levado pelo cheiro agradavel que desprendia numa fructa madura, comeu cerca de uma quarta ou quinta parte, e envenenou-se, correndo sério perigo, pela diarhéa colliquativa e vomitos incessantes durante muitas horas.

O gado come, é verdade, a fructa madura, como estimulante da digestão, mas não passa de um pequeno pedaço.

No leito do Rio Doce, o gado prefere como condimento uma leguminosa rasteira, de flores amarellas, mas não come mais de um bocado. Não passa, pois, de um condimento para o gado.

E, pois, penso que não deve ser lançada e muito menos defendida a idéa de se *falsificar* a marmelada de Goyaz, que já tem grande fama pelas suas excellentes propriedades; ao contrario, deve-se procurar cada vez mais levantar essa merecida fama, e de vez abandonar *a fructa de lobo*, que não é *impossivel* ter outra qualquer applicação, em vista do alcaloide que tem.

Além disso, o burity e outras plantas abundantes em Goyaz e que já são aproveitadas na industria do "doce", dão magnificos productos e facil e mui agradavel consumo.

Comia sempre e era grande apreciador de um doce, do systema goiabada, marmelada, pecegada, etc., feito com o côco do burity e sempre sentia-me bem.

Outra industria, tambem já de nome feito e grande fama, é o celebre "doce de leite", que até no Rio de Janeiro é preferido.

Santa Luzia, do municipio da maior exportação da marmelada, tem o direito de protesto.

O *milôlo* ou *marôlo, coração de boi, Amora muricata, Lin*, é outra planta que carece de cultura e divulgação, pois além de excellente comestivel, póde servir á industria da confeitaria, do doce.

A *lobelia cardinalis Lin*, da familia das *lobeliaceas*, é uma planta toxica dos Estados Unidos. Vermifuga em pequenas doses.

DR. ANTONIO PIMENTEL.

A Geographia do Brasil e os limites inter-estadoaes

Desde que o Club de Engenharia chamou a si o trabalho de organizar uma — Carta Geral — do Brasil, para commemorar o 1º Centenario da nossa Independencia Politica, a 7 de Setembro de 1922, julguei prestar ao paiz e ao Club, mais um serviço, pondo á disposição dos confeccionadores desse importante emprehendimento o material de estudo que tenho no meu archivo, lembrando-me do que já havia feito, na exposição da Bibliotheca Nacional, no tempo de Ramiz Galvão, seu director, e na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, durante a presidencia do Marquez de Parnaguá.

O interesse que tenho por essas cousas, foi o exemplo que recebi de meu pai, o Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros Dr. José Carlos de Carvalho, que servio com o General Andreas (Barão de Caçapava) na commissão demarcadora dos limites do Brasil com a Republica Oriental do Uruguay.

Mais tarde procurei desenvolver os meus estudos sobre a geographia do Brasil e as suas questões de limites internacionaes, e entre as provincias do Imperio, hoje Estados da Republica, com as lições que recebia do Barão de Capanema, Almirante Barão do Ladario, Marechal Visconde de Maracaju', Almirante Candido Guillobel, Engenheiro Pimenta Bueno, Senador Cruz Machado, Visconde do Serro Frio e Beaurepaire Rohan.

Com taes mestres, tenho podido verificar a mais deploravel discordancia entre uma infinidade de accidentes geographicos do nosso territorio, com as indicações desenhadas nas cartas geraes e parciaes do nosso paiz, e descriptos nessas publicações que correm mundo, intituladas — Geographia do Brasil.

Collaborador da *A Informação Goyana*, — revista que se occupa sómente de tornar bastante conhecida aquella porção maravilhosa da Federação Brasileira, tratei logo de concorrer com os meus escriptos a respeito da sua questão de limites, para que na futura carta organizada pelo Club de Engenharia, fosse definitivamente assignalado com exactidão o territorio Goyano.

Neste proposito, tenho feito o meu trabalho, dando conhecimento de tudo ao Club de Engenharia, já com referencia ao Estado de Goyaz com seus visinhos do Norte, e com o Estado de Minas-Geraes, que insiste neste momento fazer valer os seus suppostos direitos, mais pela força do que pela razão.

Emfim, como não ha bem que não se acabe, e mal que sempre dure, continuarei a estudar as questões inter-estaduaes, ainda em actividade, e a geographia do meu paiz, verificando no proprio terreno, o que tem sido pintado nas cartas que possuimos, e nas historias que nos procuram contar, os autores do novo methodo de tratarem de cousas positivas empregando processos grotescos e artificios de occasião.

No numero de 15 de Agosto de 1917, da Revista "Informação Goyana", informei ao Club de Engenharia:

"No proximo numero publicaremos alguns documentos com vista á Commissão encarregada de organizar a Carta Geral do Brasil, para commemorar o 1º centenario da sua Independencia. Só assim teremos um trabalho bastante perfeito, sanado de erros grosseiros, muitas vezes repetidos em successivas publicações."

Assim, tenho cumprido a promessa que fiz, enviando ao Club de Engenharia, seguidas publicações a respeito dessa questão, publicações que têm sido reproduzidas nos Annaes do Senado, para que fiquem archivadas, e a todo tempo possam ser apreciadas, se fôr ouvido o Poder Legislativo da Republica, que approvou por unanimidade o requerimento do Senador Gonzaga Jayme em uma das sessões da 1ª quinzena de Dezembro de 1917.

Procurando individualizar as linhas divisorias de Goyaz e Minas, escreve o Sr. Fleming copiando textualmente, como o faz vezes repetidas, o que lá está na 2ª edição do "Compendio de Chorographia do Brasil" do talentoso e jovem engenheiro agrimensor Sr. Mario da Veiga Cabral: "LIMITES do Estado de Goyaz... e Minas Geraes, do qual é separado por uma linha que vae desde o Váo do Paraná na margem direita do rio Carinhanha até a serra de Santa Maria, seguindo depois pelas serras das Divisões, Arrependidos ou Christaes, Acarás, Tiririca e Pilões, até encontrar o corrego Jacaré (aliás ribeirão), e por este até a sua foz no Paranahyba e em seguida por este ultimo até a foz do seu affluente Aporé."

Onde, pois, o rio S. Marcos, que os autores dos "Limites Inter-estaduaes" pleiteiam como divisa dos dois Estados n'aquella vasta linha de fronteiras?

Por ahi se vê que quem quiz *engulir* o rio S. Marcos não fomos nós, o que aliás disse com pretenção a fazer espirito o Sr. Fleming n'um *a pedido* do "Jornal do Commercio", no dia seguinte ao da publicação no "Diario Official" dos nossos artigos sobre os limites de Goyaz com Matto Grosso — publicação esta solicitada á Alta Camara do Congresso pelo senador Gonzaga Jayme.

O mais interessante é que no trecho do livro do Sr. Fleming, acima transcripto, se nos deparam quatro erronias, e vêm a ser que a linha de limites de Goyaz e Minas não vae desde o Vão do Paranan (elle escreve Váo do Paraná) até a Serra de Santa Maria.

Depois, não existe a tal "serra Acarás", nem ainda a de "Arrependidos ou Chrystaes".

Serra das Aráras, por erro typographico, vém no "Compendio de Chorographia do Brasil" de Veiga Cabral, como serra "Acarás"; e a assás conhecida Serra dos Chrystaes nada tem de commum com o chapadão de Arrependidos — pois fica d'ahi mui distante, ou melhor, fica á margem esquerda do rio S. Marcos, em pleno territorio goyano nunca até aqui contestado, nem mesmo pelo goyanophobo Sr. Virgilio de Mello Franco.

Vão do Paranan, devemos ensinar o Sr. Fleming, se chama o valle do rio do mesmo nome; começa essa notavel depressão na Serra de S. Pedro a 5 kilometros de Formosa de Goyaz, na antiga chapada de Couros e vae até as alturas de S. Domingos, localidade tambem goyana, e igualmente a oéste da Serra Geral ou das Divisões, fóra, portanto, dos limites dos dois Estados. Como observou o Dr. Cruls, é sensivelmente Norte a orientação geral do Vão do Paranan.

Ora, como tambem é sensivelmente Norte a orientação da Serra Geral ou das Divisões, com seus nomes locaes de Taguatinga, S. Domingos, Lourenço, Castanho, Guardamór, Tiririca, Andréquicé e Pilões, como pois, formarem essas parallelas um ponto de intersecção ou de contacto que possa originar uma linha geometrica, inicial, de limites entre Goyaz e Minas?

Aguardemos pois, o futuro, que no caso presente deve corresponder ao infinito... O rio Paranan é tributario do Tocantins, pertence ao valle amazonico, e nunca, jamais, alguem dissêra que Minas Geraes e Bahia possuiam aguas vertentes para o rio-mar.

Mas esta sensacional descoberta estava reservada ao geographo recem alvorado na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e no Club de Engenharia...

Para que o leitor saiba quanto os auxiliares do Exmo. Sr. Presidente da Republica o illudem, quando por S. Ex. incumbido de traçar os limites da sua terra basta citar o "Mappa do Estado de Minas Geraes pelo engenheiro Benedicto José dos Santos, sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes e secretario das Finanças o Exmo. Sr. Dr. Juscelino Barbosa."

Este cartographo improvisado traçou arbitrariamente os limites de Minas passando pela cidade goyana de Formosa, limites estes que, como provou o Dr. Cruls — afastam-se de Formosa a mais de 55 kilometros...

Neste particular chamamos a attenção do leitor para o "Relatorio Parcial da Commissão de Estudos da Nova Capital da União" e o mappa dos limites de Goyaz com Minas Geraes entre os parallelos 15°21' e 16°8' Sul, annexo ao mesmo Relatorio.

Vem a proposito dizer que os mappas ou *croquis* fornecidos ao Sr. Fleming pelo Escriptorio da Carta Geographica do Brasil não representam a verdade, são tendenciosos, mal feitos. Noutro artigo a seguir provaremos esta nossa proposição, mostrando a um tempo e por igual que temos pelos nossos geographos a consideração que se lhes deve n'um paiz onde ninguem se desdouro de não o conhecer sob nenhum dos seus varios aspectos.

Como já o leitor póde concluir, foi a collaboração da gomma e thesoura que mais prejudicou o trabalho do Sr. Commandante Fleming, ademais da sua nenhuma intuição geographica.

Contra-Almirante JOSE' CARLOS DE CARVALHO.

(Do Conselho Director do Club de Engenharia).

O PASSADO E O PRESENTE

Desemboque, berço da administração da Justiça No Triangulo Mineiro

II

NOTICIA HISTORICA—INTRODUCÇÃO A'S ALLEGAÇÕES FINAES DA FABRICA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

A Bandeira de Lourenço Castanho, como ficou dito, transpôz o Rio das Velhas no Desembarque, em 1675, penetrou na zona do Araxá e foi ter a Paracatú.

A Bandeira do Anhanguéra, transpondo o Rio Grande, deixou o Descoberto á direita, á pequena distancia e, seguindo, segundo as melhores probabilidades, o caminhamento Bôa Vista, Borá, Farinha Podre, Tijuco e Lanhoso, foi ter ao Porto do Registro, a uma legua da depois Aldeia de Sant'Anna.

No descoberto do Desterro ficaram desde então ou foram ter logo depois, em consequencia dos dissidios que desfalcaram a Bandeira de muitos dos seus membros, os primeiros povoadores, que se entregaram á mineração e á lavoura, attrairam outros elementos e lançaram as bases da povoação que, 26 annos depois, por provisão do Governador da Capitania de Goyaz, era elevada á categoria de Arraial e Julgado e instituido como primeiro marco da distribuição da Justiça no Triangulo Mineiro, tendo Juizes ordinarios, auctoridades e funccionarios administrativos e um commandante das forças de primeira e segunda linhas.

Para que o Arraial lograsse o reconhecimento nesta categoria, com as regalias que se conferiam aos nucleos de tal ordem, mister foi que tivesse templo sagrado ao culto divino e que se dotasse a representação dos poderes publicos com edificios para o funccionamento dos Juizos e prisão e quartel.

A povoação florescera muito no decurso de 1724 a 1740, com a affluencia de portuguezes, paulistas, mineiros do Sabará, escravos e indios e foi dotada de todo o necessario.

Os habitantes da região, a esforços dos senhores preponderantes, entre os quaes se foram accentuando os Pinheiros, os Silva e Oliveira e os Pereira, levaram a termo a construcção da Igreja Matriz, consagrada a Nossa Senhora do Desterro. A construcção obedeceu aos melhores methodos do seu tempo e o edificio até hoje se impõe á admiração de quantos o contemplam. E' uma obra que, com quasi duzentos annos, conserva a residencia dos primeiros tempos e se mantém como marco milliario, rememorando a obra dos colonizadores.

Construiu-se tambem, quasi na mesma época, a segunda Igreja; a de Nossa Senhora do Rosario. Assim como os brancos, os pretos quizeram sempre ter o seu templo, onde se celebrassem as suas festas do Rosario e de S. Benedicto, nas quaes, com as entradas do rei e da rainha, com os vilões, congados e taieiras, bandos carnavalescos e outros divertimentos, se conservavam as tradicções luso-africanas, mixto de fé religiosa christã com as praticas do paganismo.

Com a construcção dos dois templos, brancos e negros satisfizeram a sua vontade e o Arraial, denominado do Desemboque, mas officialmente, como cabeça de Julgado, nomeado "do Descoberto de Nossa Senhora do Desterro, Cabeceiras do Rio das Velhas", se tornou o grande centro social de todo o Sertão da Farinha Pôdre, culminando entre os demais arraiaes e preponderando sobre elles, como berço da civilização e do progresso.

*
* *

Jámais foi e até hoje não é livre aos interessados a construcção de templos para o culto catholico. As velhas ordenações da Igreja eram antes muito rigorosas e havia processos regulares que ordenavam as concessões de licenças e bençams. Assim, para que se pudesse construir uma Igreja e se déssem a esta os fóros de Matriz, com as principaes faculdades, era necessaria a licença, por escripto, do Ordinario diocesano.

Os habitantes do Descoberto, para construirem a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, tiveram de solicitar e obter a licença do Ordinario, que era então o Bispo do Rio de Janeiro.

Para que se concedesse a licença, era indispensavel:

a) que constasse a necessidade e utilidade para o bem dos fieis, o que se constatava por informações de sacerdotes encarregados da diligencia;

b) que se providenciasse sobre a sustentação do culto, constituindo-se para esse fim patrimonio sufficiente, com os recursos para a construcção, conservação e reparos;

c) que por escriptura se transferisse á Igreja, sem condição onerosa, a propriedade do terreno. Esta clausula era indispensavel (e ainda o é), por direito canonico, para não acontecer que o templo destinado de modo permanente para o culto divino, venha a ser convertido em usos profanos e para se salvaguardarem os direitos inauferiveis da auctoridade ecclesiastica sobre os lugares sagrados." (Montes, Direito Ecclesiastico — Disposição do C. P. L. Americano, n. 874 — Pastoral Collectiva, de 1915, cap. XIV).

Os habitantes do Descoberto tiveram de se sujeitar ás exigencias legaes da Igreja e se fez a doação do Patrimonio, com uma legua para cada lado da povoação, menos para o lado do Rio das Velhas, porque dahi a divisa ficou sendo o proprio Rio, que passa junto ao Arraial.

Sómente mais tarde, quando os moradores quizeram firmemente e pediram com insistencia que se lhes concedesse a graça de terem na Matriz o Santissimo Sacramento, foi que o Patrimonio se augmentou, com os terrenos da margem direita do Rio das Velhas. Deu-se isto 50 annos depois. A petição, solicitando a graça, é do teôr seguinte:

" Illmo. Sr. Vizitador e Vigario Geral. Dizem os moradores exzisttentez na Freguezia de N. Sra. do Destterro das Cabessos do Rio das Velhas deste Bispado q. desde q. se Erigiu a d.e Frg.a os moradores della totalm.e Esquecidos do bem espiritual de suaz Almaz nunca recorrem faculdade de poderem ter na dita Matriz o S.mo Sacramento no Sacrario p.a sedar p.a Viatico aos emfermos e para mayor grandeza da mesma Freg.a E porq. de prezentemente se tem aumentado a dita Freg.a. Com grande concurso de Povo, e por falta de tão gra.de bem espiritual tem fallecido m.as Pessoas no d.o Arraial Sem receberem o Sam.o Viatico por adoesserem repentinamente despoiz da missa e outros Casos repentinos q. tem sussedido de tarde e de noite sem que se lhe possa dar remedio, por não haver Licensa para se poder conservar o Sam.o actualmente; e p. q. os sup.es Sequiozos do bem espiritual de suas almaz já tem Sacrario promto Com toda a dessencia e ambulla e a Lampada e todo o mais precizo para o referido, *e tem Patrimonio* Sufficiente para Azeite, Sera e mais nessessr.o Accorrem ao Alto Patrocinio de V. S.a p.q. pr. Serv.o de Ds. e bem das Almaz do Povo da referida Freg.a seja Serv.o enrhezão das faculdades que V. S. tem de S. Ex.a Rem.a haver por bem de comsseder licenssa ou faculdade p.a q. o Rev.o Paroco da d.a Freg.a achando o Sacrario e tudo o mais precizo Com a dessencia devida recolha o Sam.o na Sacrario p.a Se administrar aos Emffermos e p.a Consolação dos Sup.es e mayor grandeza da mesma Freg.a P. P. a V. S.a Seja Servido haver por bem conceder a d.a faculdade e Lissença q. Omildem.te implorão os Sup.es E. R. M."

O Vigario Geral e Visitador, Padre Luz V. (Vieira ?), se achava em Meia Ponte, quando lhe chegou ás mãos o pedido e do Arraial daquelle tempo, hoje cidade de Pirenopolis, proferiu o seguinte despacho:

"Mostrando os sup.es sentença de patrimonio p.a a conservação da lampada e cera do Santissimo, serão defferidos. Meia-ponte, 6 de Julho de 1795, Luz V."

Vê-se da petição que já naquelle tempo (6 de Julho de 1795), setenta e dois a setenta e tres annos após a creação do Julgado, Desembarque tinha a sua Matriz com patrimonio.

E' facil de se compreender como os habitantes do Julgado se interessaram, primeiro, pela construcção da Igreja e, depois, pela faculdade do Santissimo em Sacrario. Em primeiro lugar, a fé catholica imperava sobre os bandeirantes e outros povoadores, que respeitavam as disposições ecclesiasticas e tudo faziam pelas manifestações do culto. Em segundo, era de real interesse delles que o Descoberto Passass de Aldeia a Arraial, porque assim estariam melhor em sua condição social e politica, pois "as aldeias eram dos indios, governadas por leis excepcionaes e humilhantes, ao passo que "os arraiaes" gosavam dos direitos communs e entravam no regimen civil geral do reino." (D. de Vasconcellos, obra cit. pag. 19, nota).

Vivendo sob o poder discricionario dos cabos das Bandeiras e outros potentados, que governavam no civel e no crime, os habitantes, tanto nacionaes, como estrangeiros, assim como os reinicolas,

aspiravam a posse da justiça regular. Sem patrimonio, não era possivel a Igreja; sem a Igreja não era possivel o Arraial elevado a Freguezia, a prosperidade, o melhoramento da condição. O Valor das terras era, em 1740, quasi nullo e o Patrimonio se obteve facilmente, devidamente documentado, e com as necessarias approvações, depois de um processo regular no fôro ecclesiastico.

*
* *

A petição despachada a 6 de Julho de 1795 pelo Visitador e Vigario Geral, que estava em excursão, affirma que:

"... e p.q. os sup.es Sequiozos do bem espiritual de suaz almaz já tem Sacrario pronto Com toda a dessencia e ambulla e a Lampada e todo o mais precizo p.ª o referido e tem Patrimonio Sufficiente para o Azeite, Sera e o mais nessesor."..."

Até então tinha a Igreja um Patrimonio, que bastava para a conservação e reparos; faltava, porém, a faculdade do Santissimo em Sacrario e era esta ultima graça que os moradores solicitavam.

A Igreja era, n'aquelles tempos, mais rigorosa em suas exigencias do que hoje. Exercia uma auctoridade maior, por ser mais generalizado o culto, com a sancção do Estado e sem a influencia das ideias livres que a grande revolução vulgarizou. Além disso, o valor das terras era nullo, de modo que se tornava preciso ter-se muito para representar alguma coisa. Explica-se assim o despacho do Vigario Geral, não se contentando com o Patrimonio existente e exigindo mais, uma dotação especial "para a conservação do azeite, e cera do Santissimo."

Os moradores, sequiosos do bem espiritual, não puzeram duvida em satisfazer a exigencia e obtiveram de D. Anna Pereira Dias, viuva abastada, a doação do novo patrimonio. Por escriptura publica de 8 de Junho de 1796, passada pelo Escrivão de Orphams, servindo de Tabellião, Felippe Pinheiro da Silva, no livro 6 de notas, fls. 48, D. Anna Pereira Dias, fez a doação, recebendo a escriptura o procurador da Igreja, o furriel João Pinheiro Lobo.

A doação foi submettida a processo no fôro ecclesiastico. Assim, a 7 de Janeiro de 1797, os moradores desta Freguezia de Nossa Senhora do Desterro requereram a "avaliação" do Patrimonio.

Na mesma data, o Padre Cuelho, Vigario da Vara, defferiu o pedido e nomeou "avaliadores" João Ignacio da Silveira e Jeronymo Francisco Pinheiro.

Juramentados os avaliadores fez-se a 9 a avaliação e o patrimonio foi avaliado na "coantia" de meia livra de oiro, o que se deu "conforme o estado presente e estilo da terra".

Seguiram-se os demais actos necessarios, a saber:

a) conclusão dos autos ao rv. Padre Manuel Coelho dos Santos, Vigario da Vara;

b) despacho, exijindo que, além dos patrimonios, se dessem, de conformidade com o direito ecclesiastico fiadores para o caso de falta de renda;

c) termo de fiança, na mesma data, obrigando-se, como fiadores, ao custeio das despesas com o azeite e cera do Santissimo, em falta de renda do patrimonio, o capitão commandante José Manuel da Silva e Oliveira e o Juiz de Orphams Ambrosio Gonçalves Pacheco, sendo testemunhas Manuel de Freitas Nunes e Manuel Joaquim Pereira;

d) conclusão ao Vigario da Vara e sua sentença, julgando a doação e a fiança idoneas."

Era tal o processo ecclesiastico das constituições de patrimonio. Observadas taes disposições, nos casos que lhe disseram respeito, a Matriz do Desemboque ficou senhora e possuidora de um Patrimonio de mais de 144 kilometroe quadrados.

*
* *

O Arraial do Desemboque, em florescimento, dominou, com primazia, até 1816. Viu surgirem as Aldeias do Paranahyba, de S. Domingos, da Estiva, do Rio das Pedras, do Pisarrão, das Furnas, de Sant'Anna, de Uberaba legitimo (Uberabinha), da Rocinha, do Tijuco, do Lanhoso, das Toldas, da Posse, da Espinha e do Rio Grande, assim como assistiu o desenvolver de Araxá, Uberaba e Patrocinio, seguindo-se o surgimento de outras localidades.

Em 1819, quando Saint-Hilaire realizou a sua excursão por esta região, não esteve no Desemboque, que já entrava no estado estacionario que precede á decadencia; conduziu, no emtanto, as seguintes observações, que posteriormente estampou na sua obra:

"Desemboque, situado sobre a margem esquerda do Rio das Velhas, deve a sua fundação aos mineradores e é mais antigo do que Araxá. Parece que seus habitantes, favorecidos pela notavel fertilidade das terras circumvisinhas, gosam de certa abastança. D'Eschwege disse (Bras. 1,99) que em 1816 não se contavam ainda, em Desemboquè, senão 65 casas e que havia 181 fazendas em todo o julgado, cuja população se elevava aproximadamente a 3.945 individuos, com uma superficie de cerca de 500 leguas quadradas. E' extraordinario que Pizarro, que escreveu em 1822, ainda collocasse Desemboque na Provincia de Goiaz e não falasse, senão em uma nota, ainda que casualmente, da sua incororação a Minas."

(*Continúa*).

MOIZES SANTANA.

Matutina Meiapontense

E' este o titulo do primeiro periodico que veio á luz em toda a vasta extensão do Brasil Central, tendo por berço a então provincia de Goyaz, que esta prioridade reclama e a honra lhe cabe incontestavelmente.

Foi, portanto, o da "Matutina" o primeiro prélo que gemeu no Alto Brasil. Imprimia-se, com typos de madeira, no papel almaço desse tempo.

As collecções desse eponymo do *interland* são uma das maiores variedades bibliographicas hoje; uma d'ellas offereceu-a o nosso director ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, faz alguns annos.

Foi, pois, a da "Matutina Meiapontense" a primeira typographia que teve a provincia de Goyaz, fundada na Villa de Meia-Ponte, hoje Cidade de Pyrenopolis, pelo Coronel Joaquim Alves d'Oliveira, redigida pelo Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. O primeiro numero d'este jornal foi publicado em 5 de Março de 1830 (1), deixou de existir no anno de 1834. Em 1835, o presidente da provincia, José Rodrigues Jardim, comprou a typographia por 2:045$612 réis, a qual foi transportada para a Capital, sendo montada pelo official da Secretaria do Governo José de Mello Castro de Vilhena. O jornal goyano trazia no frontispicio os apopthegmas seguintes: "Os reis só são legitimos quando governão pela Constituição. O direito de resistencia é Direito publico de todo o povo livre. Patria e Constituição."

Nelle eram publicados os actos officiaes dos governos da então Provincia e de Matto Grosso. O ultimo trabalho impresso nessa officina foi o relatorio que á assembléa legislativa de Goyaz apresentou na sessão ordinaria de 1° de Junho de 1835, o presidente José Rodrigues Jardim. Fôra seu editor chefe das officinas o 1° typographo Goyano, que fôra mais tarde compositor da typographia provincial, aposentado por acto de 31 de Outubro de 1867. Este distincto e provecto artista, ainda existia em 1904 e contava de idade, então, 102 annos. A assembléa provincial pela resolução n. 27 de 14 de Março de 1836, approvou o contracto de compra e venda feito pelo presidente da então provincia com o Coronel Joaquim Alves d'Oliveira, sobre a compra da typographia.

Nos primeiros dias da Republica foi a typographia da "Matutina" levada a leilão e adjudicada ao Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, que ainda a possue como uma reliquia da terra do "Anhanguéra".

(1) Só a 14 de Agoso de 1839 foi que appareceu em Cuyabá o jornal "Themis Matto-Grossense", o primeiro que se editou naquella provincia.

ZONA DE MATTO-GROSSO

A ilha de Jaraguá

Babylonia é uma das mais soberbas fazendas de Matto Grosso de Goyaz, a cujos alicerces se prendem a historia de uma das figuras do imperio, das mais caracteristicas e notaveis. Quéremos rememorar o nome de Joaquim Alves — o magnata dos sertões, de que dão noticias todos os naturalistas estrangeiros e nacionaes, que palmilharam a extensão desta interminavel matta, nomeada desde Wedded até José de Alencar, em seu esboço inedito — "Neto do Anhanguéra".

Joaquim Alves, o maior senhor de escravos, capitalista, humanitario hospede de sabios, politico indispensavel — foi uma especie de caricatura real desta "verde arassoia", e ao redor do seu vulto a simplicidade sertaneja tem ajuntado as scenas heroicas e vivaces de todo um passado de "folk-lore" meio-grotesco e meio-barbaro.

O conde de Castelnau, que o visitou em 1834, poz em sérias duvidas a grande intelligencia que lhe emprestavam.

Seja como fôr é uma personagem real e realmente não poderia ter sido muito commum o homem que edificou e ideou ao menos os fundamentos desta Babylonia em que nos abrigamos, invadidos de indizivel respeito religioso.

Sentimos o pavôr da extensão do edificio, da desproporção do vigamento e das traves, das desdemidas proporções dos apartamentos, misturar-se em nós á recordação dás mil e uma scenas diversas que se terão perpassado na construcção secular, fructo, hoje inconcebivel, do vigor africano, aos impulsos do azorrague.

Tudo como dantes no estylo portuguez das capitanias: o parapeito fronteiro limitando o "solarium" com os muros interiores, a capella, repartimentos domesticos, o engenho, a cenzala, mas tudo sob uma medida desconsiderada.

A velha construcção dos tempos immemoriaes merece o respeito dos curiosos vindouros e as honras de um esboço historico pór archeologo competente.

* * *

No vol. I, N. I desta publicação, fizemos o inquerito bibliographico sobre a existencia do matto-grosso, negado por uns e louvado por outros. No projecto de viagem que ora cumprimos está figurado o reconhecimento da discutida floresta.

Abandonando as estradas de Campinas e Descoberto que pouco recordam a tangente que a recortasse pelo oeste, seguimos as mesmas pegadas do conde de Castelnau, a mesma via dos antigos tempos.

No Tomo VII, Fasc. VIII das "Memorias de Manguinhos". lê-se a ultima noticia scientifica da outr'ora continua e hoje seccionada matta: o autor do mesmo esboço, que aliás referiu sua existencia com sinceridade, seguiu a via "solinoia", a mesma percorrida por d'Orny e Wedded.

A 20 de Fevereiro, ás 5 da tarde, lobriguei o povoado de Trahiras — inicio franco da immensa mancha verde; a abundancia do Jaraguá, a tão discutida e salutar forragem, impressiona desde logo.

Como se sabe das "Voyages aux parties centrales" etc., Castelnau percorreu o principio da matta em uma noite de tempestade, de que forma tetrica descripção.

Tivemos portanto a idéa um pouco macabra de fazer o mesmo caminho á noite: ás 7 horas da noite, já descançados, encilhamos nossos mús e fizemos de caminho.

Não nos faltou a tempestade do naturalista: a uma legua através da matta os relampagos começaram a se succeder, acompanhados de chuva "quarteada".

Os precipicios insondaveis e escuros, cobertos de matto, "as lianas phantasticas", o terreno baldio e descontinuo, os atoleiros, ás vezes um furado de meio kilometro, outras vezes a matta espessa, adiante um brejal — tudo como nos dias da Commissão Franceza e com a differença de, em vez de encontrarmos um Quilombo para abrigo, termos chegado a uma fazenda do coração da folreta, após quatro leguas de via accidentada. Guardamos as mais nuas impressões desse passeio nocturno semi-barbaro, mas cheio de descanço espiritual e agradaveis sorprezas. No dia immediato após 12 kilometros de plena matta e nascente jaraguá, chegámos á desmesurada Babylonia que fica a 24 kilometros de Perynopolis.

* * *

A grande Fazenda de pecuaria a que nos referimos, já fica distante do caminho de quem procura a estrada de S. Francisco das Chagas. Dous interesses de curiosidade nos levariam a visital-a: a fama da construcção antiga e a existencia nesse local de uma desproporcionada cabeça de bovideo que ainda traz a dupla galha e o revestimento corneo.

Henrique Silva, fallando da industria pastoril em Matto-Grosso de Goyaz, já denunciou este raro especimen que muitos amigos de imprensa puzeram em duvida. Agora chegou nossa vez de verificação em presença de uma testemunha — o tenente Pyrineos de Souza, com quem viajamos até Goyaz capital.

A cabeçada media quatro palmos de comprimento; 14 palmos de róda, com a abertura de 7 palmos; cada chifre tendo 6 a 7 palmos si desencurvados.

E' a bella porção de uma carcassa de bovideo capaz de sustendar a grande superioridade do Pedreiro. Apezar de se terem criado na Babylonia vieram da Fazenda do Passa Quatro, no municipio de Bomfim, os imponentes representantes de que hoje se guarda essa unica, mas curiosa lembrança. A falta de uma "kodack", ao menos, não nos permittiu fornecer aos historiadores da revista um documento photographico.

* * *

Discursando ahi no Rio para os inermes admiradores dos sertões brasileiros, um nephelibata conhecedor da Hyloe apenas, tirou de si proprio a conclusão de que o Matto-Grosso "é antes uma ficção geographica".

E' que o Sr. Alberto Rangel, o littero-botanico, sacrifica a fertilidade de qualquer solo em beneficio do phraseado da Nova Arte dos mediocres que se comprazem com a demolição. Disse delle muito bem nosso patricio João Ribeiro ao analysar, com a argucia de espirito exigente, sua "Marqueza de Santos".

Verdade é que a esplendida matta, botanicamente um seguimento da Hylae, como já escreveu André Rebouças, não abrange mais e continuamente a vasta ilharga do continente como nos dias em que della escrevia o nacionalista Alencar.

A deudroclastia já lhe tem feito e continúa a fazer profundos claros, e os furados, que quebram por vezes o rythmo do matto e interrompe o corredor de caminho atravez a vegetação alta — são o attestado dos impiedosos sentimentos de seus barbaros proprietarios.

Pela superficie desta ubertosa terra tem perpassado muitas gerações, cujo odio ás associações vegetaes se tem refinado de mais a mais, pois, apezar de tantos seculos de continua devastação a roupagem verde que ainda occulta a semi-virgindade da terra-mater ainda é sufficiente para garantir-lhe plenos fóros de validade. A matta, que outr'ora tinha a continuidade de 400 kilometros de comprimento sobre 80 de largura, está segmentada, mas existe, sendo muito mais abundante a mataria do que os furados.

Onde não é mato é Jaraguá, e eu não sei qual terá mais valor botanico e economico.

E' interessante a evolução vegetal desta terra: o deudroclasta faz a derribada e planta. Acabada a roça, no fim de tres e mais annos, sáe o capoeirão. Este é roçado e batido. Surge, então, o Jaraguá, que suffoca qualquer outra vegetação, apparecendo de improviso, sem plantio.

Si o Jaraguá é muito pisado e mal tratado pelos animaes, dá entrada á *vassourinha de Sto. Antonio*, e no fim de um anno esta ultima é banida pelo *pé de gallinha* viçoso.

Abandonado o terreno, o capoeirão se encorpa de novo e se transforma, em quatro ou cinco annos, em trançada mata. Em outras terras a vegetação não tem o viço da do Matto Grosso, pedindo 15 a 20 annos para completa plenitude, e aqui a terça parte é bastante.

O lençol d'agua nesta zona goyana é bastante superficial, e dahi a explendida vegetação sempre verde e pujante.

Geologicamente representa o terreno uma accentuada depressão, dando os caacteres de ter sido, em épocas transactas, um immenso lago. Esta determinante está a requerer um estudo detalhado e demorado.

* * *

Economicamene o Matto Grosso é um reservatorio de forragem, já não digo interessando as zonas goyanas, mas todo o Brasil. A expansão do Jaraguá, reconhecidamente a melhor forrageira, não obstante a teimosia de certo analysta da Paulicéa, trará aos arraiaes da pecuaria os mais felizes resultados. Matto Grosso é o berço do Jaguará, porém, pelo que temos visto, é tambem navito em todo o territorio ao Sul goyano, por nós visitado.

A systematica botanica ainda vacilla si este specimen é ou não

o *andropogon rufus*, e, dado ser o capim, em questão, de apparecimento relativamente recente, é de crêr que a classificação acima, já antiga, pertença ao chamado "capim"-rei, que mais ou menos corresponde á descripção do "rufus", tendo as folhas como as do Jaraguá e sendo avermelhados deste os novos rebentos. O Jaraguá, quando novo, é verde-claro, e na secca tem o matiz pardacento de quasi todos os capins do Brasil-Central. Nos paludes o Jaraguá tem as folhas rôxas, mas é excepção. E' de admirar os beneficos resultados que o Jaraguá produz na criação bovina: grande crescimento e optimo encorpamento. Não vimos em Matto Grosso uma só rez descarnada. Sobretudo ha a admirar o sabor e a gordura do leite das vaccas da região.

*
* *

Modernamente, depois da penetração das correntes estheticas na apreciação da pecuaria nacional, não será demais falar em uma *literatura vaccum*. E os proselytos diversos se dão combates repetidos: d'um lado os *zebusistas vermelhos* e de outro os *curraleiristas* tradicionaes, que symbolisaram todas as raças da colonisação e do imperio sob a rubrica de *Caracú*. O Matto Grosso de Goyaz forneceria neste parecer as mais valiosas notas para o estudo historico e tambem actual do cruzamento dos primeiros rebanhos nacionaes — "curraleiro", "pedreiro" e productos da confluencia destes sangues. Felizmente os typos enumerados ainda constituem a maior parte do elemento pecuario da alludida zona.

Vimos, com admiração, no Jaraguá de todo o territorio as mais bem dispostas incarnações de "curraleiros", calculados de 16 a 20 arrobas. Nesta região de pastagens naturaes, dá-se um desmentido aos propagandistas do "bas indicus": os representantes das raças nacionaes, quer novilhas ou bezerros, exercem tanto ou mais em certas partes que o primeiro "mestiçamento" do "zebú" com os "curraleiros" escolhidos. E' que os rebanhos requerem trato e forragens regulares. Dos bovideos que muito nos encantaram, temos a referir os touros curraleiros, amarellos e pretos, grandes e mansos: nunca tinhamos visto exemplares tão perfeitos.

Tinhamos ouvido dizer que já eram rarissimos os touros pedreiros, e entretanto, quer no Matto Grosso, como no valle do rio Vermelho, pudemos apreciar corpulentos exemplares, chitados e amarellos. Matto Grosso é o principal campo armentario do Brasil Central, e ha de ser o depositario das energias pecuarias, nacionaes, que hão de vencer o "zébú", especializando-se, porém, ao contacto do Hollandez ou do Devon, quando o beneficiamento dos campos de criação prender melhor a attenção dos criadores goyanos.

Babylonia, 22 — 2 — 18.

A. B.

O INDICADOR

E' este o titulo de um orgão de propaganda que veio á luz na Estação de Urutahy, a pittoresca e futurosa localidade goyana, cujo desenvolvimento é deveras surprehendente mercê duma forte corrente migratoria que nestes ultimos annos se dirige para o grande Estado Central.

O nosso novel collega é propriedade de uma associação anonyma, tiragem 1.000 exemplares e distribuição gratuita.

Agradecendo a visita do novo periodico patricio, desejamos-lhe duradoira e prospera existencia.

CHRONISTA

No seu interessante estudo "Os satellites do diamante", escreve o sabio austriaco Eugenio Hussak:

"Até hoje só encontrei este mineral nas areias do rio Claro (Goyaz), collecciondos no principio do seculo passado pelo sabio viajante Pohl e guardados no Imperial Museu de Historia Nacional de Vienna, onde occasião de examinal-os."

Isto vem provar ainda uma vez que quem quizer conhecer as riquezas nativas de Goyaz, que as procure, não no nosso Museu Nacional — mas nos do Velho Mundo....

"CRIEM MUITA GALLINHA ESTE ANNO"

E' o titulo de um elegante folheto que a Empreza Editora da "Chacaras e Quintaes" acaba de editar, no intuito de auxiliar cada vez mais o desenvolvimento da Avicultura entre nós.

Se bem que resumido, é na verdade um completo tratado de gallinocultura, pois contém uteis ensinamentos sobre criação neste agradavel mister caseiro.

O folheto é remettido gratuitamente a quem o solicitar ao Sr. Conde Amadeu A. Barbiellini, editor da "Chacaras e Quintaes", Caixa Postal, 652 — S. Paulo.

O Jequitibà rei das plantas do Brasil ?

Aqui vai, ou fica, esta interrogação acima, a qual ousamos justificar no sentido pejorativo, máo grado a pedantesca sciencia brasileira que até já tem uma Academia de Sciencias e outra de Altos Estudos.

O Jequitibá (*Courati egalis Mart*) nome que os primeiros naturalistas vindos a esta parte da America impuzeram á sofrega litteratura brasileira como rei das nossas florestas, deve ser desthronado.

Esse vegetal, cuja imponencia não negamos, só faz figura nas mattas littoraneas e na rethorica nacional. Acareado como Balsamo (Myxylon) e com o Jabotá (Hymenaea) perde de importancia e renome sob todos os pontos de vista, isto é, quanto ás dimensões (altura e grossura) e mais quanto ao uso e emprego do lenho.

No tocante a esta ultima parte, confrontemol-os sob o ponto de vista scientifico tomado da mais recente obra publicada no Brasil sobre o assumpto — "Les bois indigénes de São Paulo", por Edmundo Navarro de Andrade e Octavio Vecchi:

Jequitibá: densidade, 0,545 á 0,630.
Balsamo: densidade, 0,750 á 1,190.
Jatobá: densidade, 0,704 á 0,938.

JEQUITIBA'

"USOS E EMPREGOS. — A madeira é utilizada na confecção de "emballagem" e nas construcções para estuques; presta-se tambem para construcção de canôas."

JATOBA'

"USOS E EMPREGOS. — Esta arvore fornece madeira para construcções hydraulicas, navaes e civis. Do tronco extrahem-se dormentes para estrada de ferro e peças de grande resistencia. A sua madeira emprega-se tambem nos vigamentos, marcenaria e carpintaria e presta-se para construcções de canôas. A casca é empregada em cortume e o liber fornece á cordoaria uma fibra forte e bôa. A resina, conhecida sob o nome de "copal", tem applicações industriaes e medicinaes."

BALSAMO

"USOS E EMPREGOS. — A madeira d'esta arvore é incontestavelmente a mais preciosa de todas as que se encontram em nossas florestas e, entre as essencias indigenas, poucas ha que a igualam nas suas varias applicações. E' por excellencia a madeira das construcções navaes hydraulicas e civis, é magnifica para vigamentos.

E' da maior applicação na marcenaria e na carpintaria.

D'esta essencia não nos podemos furtar ao desejo de citar o inolvidavel autor do "Indice Geral das madeiras do Brasil":

" E' uma das soberbas leguminosas brasileiras. E' verdadeiramente uma madeira maravilhosa. Distilla uma resina, a "cabureicia", de um perfume delicioso. E' um producto que se deve recommendar aos perfumistas a Piver, a Lubin, a Atkenson, a Rimmel, a Pinaud, etc., etc.

O "oleo vermelho" Balsamo serve-se para tudo; é a madeira preferivel para turbinas e rodas hydraulicas. Em Goyaz faz-se carro de bois do "oleo-vermelho", que atravessa o sertão do Brasil e chega até ao Rio. Experimentamos a madeira de um d'estes carros patriarchaes; guardava a sua bella côr rosea e o seu perfume incomparavel, bem mais extranho que os do cedro, sassafraz, sandalo e canella.

Pois bem: reparem os patricios em que paiz vivemos.

Mas não podemos limitar ao expressivo periodo acima o nosso commentario, neste particular.

George Gordner, o tão veridico quanto extraordinario observador que foi do aspecto geral do nosso "hinterland" (Goyaz) escreve: "E' preciso dizer, e podemos provar, que as florestas do Brasil Central são infinitamente mais perfumadas do que as mais famosas florestas de Ceilão."

Do Balsamo, dizia a Sociedade Anonyma de Trabalhos Dyle e Bacalan, n'uma experiencia: "Os resultados foram surprehendentes: o Balsamo só póde ser comparado ao bronze. Esta madeira não se quebra sinão sob a pressão de uma carga de 13 kil. 880 por milimetro quadrado; suas deformações são apenas apparentes, porque, na realidade—*et vraimnt il ne céde que devant un effort tout á fait superieur.*"

Ainda quanto á resistencia das madeiras chamadas do sertão: "Os caipiras, os nossos matutos, do interior do Brasil, disse André Rebouças: affirmam que nunca viram uma Aroeira pôdre"!

Restava, para a conclusão logica destas linhas, demonstrarmos que o Jequitibá não excede em dimensões aos robles das mattas do Brasil Central. Mas isto desejamos fazer diante de uma contestação séria que porventura nos queiram fazer.

H. S.

As linhas de penetração e a Estrada de Ferro Goyaz

Lendo em alguns jornaes mineiros, sobretudo nos da zona vivamente interessada no desvio da Estrada de Ferro Goyaz, minuciosos artigos sobre essa malfadada via-ferrea, resolvemos tratar novamente do assumpto, no intuito unico de rebatermos certas heresias.

Por elles soubemos que o engenheiro constructor d'aquella estrada de ferro, sr. dr. Luiz Schnoor, pretende apresentar ao Governo e á Companhia um "memorandum", onde exporá as razões que militam a favor da profunda modificação do traçado da "... de Goyaz", esperando S. S. que as suas allegações sejam tomadas em consideração.

A imprensa mineira dá a conhecer ao publico, antecipadamente, uma synthese da exposição de motivos e adeanta que o referido engenheiro é partidario enthusiasta do zigue-zague.

Nem tudo se diz do que se pensa. Podemos affirmar que o sr. dr. Schnoor tem, sobre o assumpto, duas opiniões:—uma para si e outra para o publico. Porque S. S. sabe perfeitamente que, sob o ponto de vista technico-economico, a actual linha Araguary-Catalão, cujo entroncamento é em Goyandira, se caracteriza pela ausencia absoluta de condições technicas. Achamos, portanto, indispensavel que o sr. dr. Luiz Schnoor, no seu "memorandum", desenvolva do modo o mais claro possivel essa parte importante da questão, provando á Companhia e ao Governo, por *a* mais *b*, a razão pela qual o trecho de Araguary-Catalão se adapta ás exigencias de uma linha tronco.

S. S., para demonstrar isto technicamente, precisa de muita logica e de muito bom-senso, pois foi o digno Presidente da Companhia quem, no anno de 1914, em S. Paulo, declarou que a referida linha não se presta absolutamente para linha tronco.

Assim, uma das razões que militam a favor do desvio, á qual se agarram os coroneis da briosa em justificação aos seus desejos, não passa da mais lastimavel das incongruencias...

Como já ninguem ignora, de accôrdo com o traçado primitivo, a Estrada de Ferro Goyaz partiria de Formiga, passaria por Catalão e Goyaz e terminaria em Leopoldina, á margem direita do Araguaya, zona esta riquissima em criação de gado vaccum.

Tal como foi estudada na sua origem, seria de facto uma linha de penetração, uma linha que viria resolver o magno problema economico de Goyaz e parte do de Minas, pois que facilitaria o transporte rapido dos productos goyanos para a zona littoranea, *directamente e sem baldeações.*

Já agora, com a *profunda modificação* no seu traçado, ella se nos apresenta como a mais phantastica das vias-ferreas, como o mais mephistophelico dos quebra-linhas de que temos noticia.

Se não, vejam só os leitores que belleza de zigue-zague:

A estrada de ferro partirá de Formiga sem o minimo incidente e seguirá seu destino até defrontar-se com o fatidico numero 409. Ahi chegando, os empecilhos de *ordem technica* E TAMBEM DE ORDEM PARTICULAR, obrigal-a-hão a quebrar o braço esquerdo, direcção de Araguary. Para attingir esta cidade, já beneficiada pela Mogyana, terá que atravessar uma zona lugubre de terras áridas, sem viv'alma, emquanto os municipios de Monte Carmello e de Catalão, ambos de terras feracissimas e populosos, ficarão ao mais completo abandono!

De Araguary, a via-ferrea arrastar-se-ha em direcção a Roncador, formando com a variante um angulo quasi recto! E' absurdo, mas é verdade. E é a uma linha de penetração nestas condições que se dá o nome de Estrada de Ferro Goyaz, quando de Goyaz não tem nem cheiro! E' só para inglez vêr...

Não menos absurdas são outras razões dadas pelo sr. dr. Luiz Schnoor, as quaes não merecem, de nossa parte, a minima consideração. O illustre engenheiro constructor equivocou-se quando declarou a um jornal mineiro que a VARIANTE DO KILOMETRO 409 A ARAGUARY FORMARA' UMA SO' LINHA TRONCO (e que linha tronco!) FORMIGA-RONCADOR, NUMA EXTENSÃO DE 662 KILOMETROS. Perdoe-nos o distincto engenheiro, mas isto não é exacto.

Falem por nós os algarismos de accôrdo com a dicção dos numeros inteiros baseada na taboada de Pythagoras:

Distancia	*N. de kilms*
De Formiga ao inicio da variante	409
Variante (distancia minima)	150
De Araguary a Roncador	188
Somma	747
Distancia dada pelo dr. Schnoor	662
Differença	85

Veem por ahi os leitores que a differença para menos da distancia exacta é de 83 kilometros (apenas)!

Note-se ainda que os 150 kilometros da variante talvez sejam elevados a 180, mas admittindo-se mesmo que o não sejam, a razão de ordem inferior como é a da falta de material metallico, absolutamente não procede.

Um poucochinho mais de bôa vontade e tudo se fará para salvar o interesse maior que é o de ordem economica.

Sob este ultimo aspecto, o economico, como já dissemos, o desvio da "... de Goyaz" virá prejudicar immensamente o commercio e o desenvolvimento da lavoura de Goyaz e grande parte da de Minas, pois que paralysa o proseguimento da linha até Tavares e a conclusão do ramal de Araxá, deixando ao Deus-dará o sólo productivo d'essas regiões.

E' preciso não esquecer que o principal objectivo da Estrada de Ferro Goyaz é dotar o rico e prospero Estado Central com um porto de mar, o qual será forçosamente Angra dos Reis, visto ser o que melhor vantagem offerece ao commercio de Goyaz.

Com o projectado desvio para Araguary, tornar-se-ha preferivel á exportação goyana o porto de Santos, não obstante as baldeações, e, neste caso, a sorte dos goyanos em nada melhorará.

Em synthese, eis aqui a que ficará reduzida a grande linha de penetração:

FORMIGA—KILOMETRO 409—ARAGUARY — GOYANDIRA — RONCADOR... ? ...

O ramal para Catalão, cujo municipio é incontestavelmente muito mais rico e populoso que o de Araguary, ficará sendo, caso seja modificado o traçado, uma simples excrescencia da espinha dorsal da chamada linha de penetração; ficará sendo aquelle rabinho osseo que o velho Darwin disse ser o traço de união entre a especie humana e o pithecoide...

Mas temos a certeza de que a alta administração do paiz vae agir no sentido de se proseguir a linha directamente para Goyaz.

"Nova Era", moderno e magnifico jornal que se publica na capital goyana, estampa em seu numero de 24 do mez passado o seguinte telegramma que, com a devida venia, transcrevemos:

"CATALÃO, 17. — O dr. Hermenegildo de Moraes telegraphou que o ministro da Viação lhe garantira que não será modificado o traçado da Estrada de Ferro Goyaz, continuando a ser o mesmo que passa em Catalão."

J. MOUTINHO.

URUTAHY

E' a denominação que a Estrada de Ferro Goyaz deu ha 16 mezes a sua penultima estação no grande Estado. A julgar pelo progresso desses poucos mezes, diz um articulista, Urutahy será villa d'aqui a 12 mezes, cidade em 18 mezes e cabeça de comarca immediatamente.

Foi assim, por meio das suas ferro-vias improvisadas que os "yankees" promoveram o povoamento e o progresso da sua mais productiva região, que é a do "Far-West".

Trasladamos a seguir uma nota informativa que dá bem uma idéa das possibilidades economicas de Urutahy:

"URUTAHY — *Centro de commercio, lavoura e industria.*

Com as descripções do numero passado, neste e o que vamos descrever neste artigo, provamos que Urutahy é um grande centro de commercio, lavoura e industria.

Ha diversas fazendas de criar na zona desta a Formosa, de modo que o seu commercio será conveniente passar para esta Estação, por ser mais perto e mais commodo.

Pois bem: O Sr. Cap. Francisco Bernardes de Lisboa, negociante e fazendeiro na fazenda S. Martins, muito gentilmente nos honrou, prestando-nos as informações seguintes:

Fazenda dos Martins, municipio de Santa Luzia, rio Castelhana, affluente do Rio S. Marcos, dista de Santa Luzia 20 leguas; de Serra dos Chrystaes, 6 leguas; de Santo Antonio do Cavalheiro, 10 leguas; de Formosa, 36 leguas; de Altamir, 16 leguas; de Catalão, 25 leguas; de Ipameri, 20 leguas; de Urutahy, 14 leguas.

Corregos e rios principaes: — Castelhana, Martins, Lage, Imbira, S. Firmino e Resfriado.

Fazendeiros principaes: — Cap. João de Pinho Costa, criador de 800 rezes; cap. Manoel da Silva Neiva, criador de 1.000 rezes;

sr. José Honorato Borges, criador de 200 rezes; sr. Modesto Vianna Borges, criador de 150 rezes; sr. Justino da Rocha, criador de 150 rezes; além destes ha ainda criadores menores. A fazenda tem 8·100 alqueires de terras.

Entre o rio Lage e Castelhana, os fazendeiros principaes e criadores de gado são os seguintes: — Cap. Hibrahim Bittencourt, 200 rezes; sr. Eduardo Bittencourt, 200 rezes; sr. Sebastião Honorato, 200 rezes; sr. Tolentino Marques, 150 rezes. Existem mais 7 pequenas fazendas de criadores de gado, de 60 rezes mais ou menos.

Fazenda da Lage, esquerda do Rio S. Martins, affluente do rio S. Marcos. Fazendeiros principaes e criadores de gado: — Sr. João de Aguiar, 300 rezes; sr. Sebastião da Silva Neiva, 300 rezes.

Fazenda dos Claros, entre rio Corumbá e estrada de rodagem desta estação a Formosa. Dista de Catalão, 30 leguas; de Ipameri, 27 leguas; de Urutahy, 18 leguas. Fazendeiros principaes e criadores de gado: — sr. Janjão Borges, 200 rezes; sr. Benedicto Borges, 100 rezes; sr. Leão Borges, 50 rezes.

Fazenda do Mimoso, além da fazenda dos Claros 1 legua. Fazendeiros principaes e criadores de gado: — Sr. Epifanio, 400 rezes, e fabricante de assucar e aguardente de canna; sr. Firmino Lemos, 100 rezes.

Fazenda S. Marcos, entre os rios S. Marcos e S. Firmino. Dista de Catalão, 40 leguas; de Ipameri, 30 leguas; de Urutahy, 26 leguas. Tem 12 leguas de comprimento e 6 de largura. Corregos e rios principaes: Chrystaes, S. Firmino, S. Pedro, Batição, Arrojado, Piscamba, Piscambinha, Sucuri, Tres Barras e Posses. Fazendeiros principaes e criadores de gado: — Cap. Nelson, 100 rezes; sr. Juca Botelho, 1.000 rezes; sr. Francisco Botelho, 2.000 rezes; sr. Osorio da Silva Neiva, 800 rezes; d. Julia Neiva, 1.000 rezes; sr. Ricardo Moreira, 500 rezes; sr. Manoel Moreira, 500 rezes; sr. Manoel Gomes, 600 rezes; Joaquimzinho, 300 rezes; sr. Theodoro Gonçalves, 300 rezes; sr. Benedicto Abbadia, 200 rezes; sr. Ignacio da Cruz, 200 rezes; sr. Manoel Preto, 50 rezes; Mario Pereira, 50 rezes; d. Theodora, 50 rezes; sr. Ataliba, 100 rezes.

Ha 40 pequenos criadores e fazendeiros de 50 rezes mais ou menos.

MUNICIPIO DE IPAMERI — Fazenda das Paineiras e Imburuçu'. — Corregos e rios principaes: Eguas, Imburuçu', Paineiras e Ponte Alta. Fazendeiros principaes: — Cel. Francisco de Paula Teixeira, criador de 2·000 rezes, boiadeiro forte e negociante ambulante; sr. Manoel Vicente, 200 rezes; sr. Manoel Elyseu, 400 rezes; d. Izabel, 200 rezes.

Essa fazenda, dista de Catalão, 20 leguas; de Ipameri, 12 leguas; de Urutahy, 8 leguas.

Fazenda de Sant'Anna, aquém das Paineiras 5 leguas, margeando Sr. Marcos. Dista de Catalão, 16 leguas; de Ipameri, 16 leguas; de Urutahy, 10 leguas. Corrego principal, Sant'Anna. Fazendeiros principaes: — Sr. Adil Tolentino, criador de 600 rezes e fabricante de assucar e aguardente de canna; sr. Samuel Tolentino, criador de 150 rezes.

Proseguiremos a descrever essa rica zona, nos numeros seguintes.

Não é nossa intenção offender a ninguem e nem molestar este ou aquelle municipio, não. E' nosso dever, orientar aos interessados, a conveniencia de seu commercio neste districto, visto offerecer todas as vantagens, assim como a todos aquelles senhores de qualquer Estado deste paiz, que queiram escolher um logar conveniente para se estabelecer ou afazendar-se, ter uma informação onde deverá comprar fazenda ou commerciar, pois, o nosso jornal circula em todo o Brazil, Estados Unidos da America do Norte e Europa. E é nosso dever, como brasileiros que somos, mostrar o que temos, o que somos e o que podemos ter; pois assim foi o programma do nosso jornal. Os 30 mil alqueires de terras que annunciamos, á venda em os rios Corumbá e S. Marcos, comprehendem dentro dos limites das fazendas acima descriptas os quaes pertencem uma grande parte aos honrados cidadãos, sr. cel. Deputado Francisco Vaz e sr. major Maurilio Vaz, residentes na futurosa cidade de Ipameri, ficando, pois, provado tudo que dissemos em beneficio dessas terras por já existirem na mesma zona grandes fazendeiros e criadores de gado, tudo da raça zebú.

Aquella zona, provada como está, como zona de criar gado, mais perto de Urutahy do que qualquer outra estação da E. de F. Goyaz, é de se esperar que, em futuro muito proximo, teremos a feira de gado nesta Estação, visto as conveniencias que apontamos e sendo um enorme melhoramento para este Districto e todo o Municipio de Ipameri.

ARGUS."

A ORIGEM DA NOITE

(Interpretação de um mytho indigena)

A Henrique Silva.

Falá o Poeta:

— " Velho canoeiro audaz que nas aguas revoltas
Do enorme e largo rio a esvelta ubira levas,
Vem contar-me essa lenda immersa em fundas trevas
Que a voz do Cajubi relembra em notas soltas.

Tu que em horas de sol, na penumbra te escondes
Temeroso talvez dos seus igneos abraços,
Por que, na relva umbrosa, ergues, humilde os braços,
Como para arrancar algum segredo ás frondes?. . . " —

Fala o canoeiro:

— " Toda a floresta, todo o prado, a terra toda
Fremiram de prazer, toucaram-se de rosas
Para o augusto festim, para a solemne boda
De alguem que era formosa e casta entre as formosas.

Da Cobra Grande a filha era encantada e pura,
E quem a desposou os seus encantos trouxe.
— Não havia no mundo ave de voz mais doce
Nem formosura igual á sua formosura. —

Elle lhe disse: — "Vem, vamos dormir sosinhos
Para longe d'aqui, disso que nos circumda.
Com essas suaves mãos enche-me de carinhos,
Do explendor da tua alma esta minh'alma innunda.

E ella lhe respondeu: —"Não veio a noite ainda."
E elle: —"Noite não ha, só o dia resplandece
No ouro da luz solar, ouro que do alto desce
Numa fulguração que é cada vez mais linda."

" Na casa de meu pae a grande noite existe,
Longe, bem para lá, na agua do immenso rio.
A' bocca da floresta onde tudo é sombrio,
De onde, quem fôr a rir, volverá sendo triste."

E a donzella ordenou que os famulos partissem.
Deu-lhes a Cobra Grande um escrinio lavrado,
E, para que em caminho, avidos, não o abrissem:
— " Tudo seria então nas brumas mergulhado."—

O escrinio foi aberto e logo a noite veio.
Tudo se transmutou dentro de um só momento,
Quando a filha da Cobra Grande abrindo o seio
Soltou o coração que foi gemer no vento,

Ao vir da Estrella d'Alba ella ficou sosinha
De olhos verdes, assim como o verdor da planta,
E foi então chorar no peito da andorinha,
E a alma delle ficou no Cajubi que canta. — "

(Dos "Barbaros").

915. CARLOS MAUL.

GOYAZ NA PATHOLOGIA

II

Apezar de ser a região abundantissima de excellente agua potavel, em geral a do uso commum é má, ou por que é colhida em pontos ruins, ou porque antes de chegar ao logar do consumo, tem atravessado chiqueiros de porcos, curraes de gado, etc., ou emfim porque é tirada de uma pequena bacia cavada no chão, não obstante passar um corrego ou um ribeirão distante algumas dezenas de metros apenas. A infecção palustre, que na opinião de todos os medicos é a nota caracteristica da pathologia inter-tropical, é excepcionalmente rara na região destinada a receber a futura Capital, e a constitue a raridade excepcional póde desapparecer em curto lapso de tempo, dependendo apenas de insignificantes trabalhos de saneamento de alguns rios e deseccamento de alguns brejos.

Os seis casos constantes da estatistica são todos exoticos, isto é, dous são de doentes encontrados na minha viagem de Caldas Novas de Goyaz á cidade de Bomfim; tres são o Vão do Paranan e o ultimo contrahio a molestia em um pantanal do ribeirão Cariru', com as nascentes na Serra do Mestre d'Armas, affluente do Rio Jardim que desemboca no Rio Preto. Este vai ter no Paracatu' e o Paracatu' no S. Francisco.

Segundo informações de pessoas que merecem fé, *ha quarenta annos*, houve uma epidemia grave e mortifera de *malaria* nas margens do Rio Corumbá, após extraordinaria enchente, epidemia que não passou para cima do porto Pechincha.

N'aquelle porto, foram atacadas durante a referida epidemia, de preferencia, as pessoas que, aproveitando os poços abundantes de peixes na retirada das aguas, iam n'elles pescar e se expunham sob os raios solares ardentes. a contrahir facilmente a doença; as que imprudentemente se banhavam nas aguas estagnadas e lodosas do rio transbordado, etc..

Dos affectados, em numero de sete nesse porto, tres falleceram durante a evolução da molestia, dous restabeleceram-se e os restantes vieram a fallecer cachéticos, após tres annos de continuos soffrimentos.

Em toda a área demarcada, só ha um logar, esse mesmo muito pequeno, em que observei pantano. Foi perto da villa de Mestre d'Armas, no rumo dos morros Catingueiro, na planicie humida que acompanha as sinuosidades do ribeirão do mesmo nome, e onde se havia installado, por occasião da onssa passagem, o novo cemiterio, contra tudo o que a sciencia e o senso commum indicam; sendo de notar que o minusculo pantano promptamente desapparecerá desde que o curso do ribeirão fôr livre, e desembaraçado o leito dos innumeros troncos e raizes de arvores que o atravancam em todos os sentidos.

Entretanto, em Mestre d'Armas não se conhece a febre palustre, e o aspecto da população, na sua quasi totalidade mui pobre, é indicativo de boa saude.

Fóra do futuro Districto, a Lagôa Feia, que mais é uma expansão ovalar do Rio Preto, tres kilometros abaixo da sua nascente dentro da cidade da Formosa, póde ser dessecada pela colmatagem ou pela mudança do curso do rio, então pequenino corrego, e larga abertura da extremidade meridional da Lagôa para o seu franco e completo esgoto.

O começo do mal afamado Vão do Paranan, em que se acha o vertice NE da área, é perfeitamente salubre como a Commissão verificou, e como palustre só existe na imaginação do ignorante ou em alguns dos muitos infundados preconceitos populares, tão abundantes em quasi todos, senão em todos os logares atrazados.

E' corrente em todo o sul de Goyaz, que na época do começo dos ventos boreaes, succedem-se casos de bronchites, bronco-pneumonias, pneumonias, etc., originados, regra geral, pelos descuidos pessoaes etc..

Uma mulher adoeceu gravemente de pneumonia, comprehendendo a totalidade dos dous pulmões, por haver lavado a cabeça em uma bica d'agua corrente, ao meio-dia; tendo o corpo banhado de copioso suor, em consequencia de serviço que fazia perto do fogo.

Este resultado é tanto natural, quanto tivemos na Commissão um exemplo claro do que vale o cuidado, visto que a despeito da muita bondade de um clima, os abusos, todavia têm mais força para produzir do que o clima para o evitar.

Foi o caso de um dos nossos mais distinctos companheiros, que soffrendo ha longo tempo de uma pharyngite granulosa, conseguio atravessar todos os mezes de frio e secca e os de calor e chuva sem o menor incommodo; isto é mais uma prova de que aos effeitos physiologicos do clima de regiões como a explorada, se junta o de grande força de resistencia da maior parte das pessoas nelle residentes contra os resfriamentos (Weber).

— A dismenorhéa, cujas fôrmas predominantes foram a congestiva e nevralgica originou-se principalmente na falta de cuidado na ultima phase de puerperio, ou nas épocas do fluxo catamenial; e não foram outras as razões pelas quaes pude encontrar esta doença em uma menina de 14 annos.

— A leucorrhéa em grande parte é devida á má alimentação, á vida sedentaria de quasi todas as mulheres, e, segundo penso, ao uso das aguas de brejo e de corregos immundos para banhos.

— Dos casos observados, um dos mais curiosos foi o da hemato-chyluria do capitão V. que antigamente teve febres intermittentes apanhadas no Vão do Paranan, e soffre actualmente tambem de uma bronchite chronica. Tem tido melhoras duraveis sem comtudo obter até agora cura permanente da hemato-chyluria. Accresce que esta molestia no tempo quente cede mais facilmente á acção dos medicamentos e recrudesce no tempo fresco, o que está em desaccordo com a theoria que admitte a acção do calor solar dos tropicos dominando a etiologia e presta, pois, apoio á theoria parisitaria de Bilharz e Wuchereh.

— Não é muito raro o papo em Goyaz, e as pessoas que o tem, salvo uma ou outra, não ligam a menor importancia á doença.

O papo, em geral indolente, é pediculado ou não. No primeiro caso, a extensão do pediculo varia de alguns centimetros a alguns decimetros e quasi sempre é fino; no segundo, o papo é adherente e se apresenta com formas e dimensões variadas, seja elle uniloculado ou multiloculado.

Algumas vezes, no periodo inicial, dóe a ponto de incommodar o paciente.

Dá em todas as idades e sexos, e de ordinario não tem cura.

Vi em Pyrenopolis um homem que possuia um incipiente doloroso. Acontecendo ir á cidade de Goyaz, no fim de vinte dias notou que o papo havia desapparecido completamente sem deixar o menor vestigio, para reapparecer com a sua volta para aquella cidade.

A natureza do papo até hoje conserva-se ignorada, mas acredito que não lhe é extranha a influencia da agua, da alimentação e das intemperies.

— A tuberculose é quasi desconhecida nos sertões, e os dous doentes que encontrei na Formosa eram ambos de fóra e haviam procurado essa cidade por causa da excellencia do seu clima. Uma moça mineira que anteriormente havia exercido o officio de cigarreira, e um moço vindo de S. Paulo por Araxá.

DR. ANTONIO PIMENTEL.

Medico hygienista da Commissão.

N. R. — Pela estatistica pathologica que acompanha o trabalho acima, vê-se que dos 145 casos observados no Estado de Goyaz, apenas se contam 4 de paludismo — o grande mal que, ali, na opinião dos Srs. Arthur Neiva e Belisario Penna foi elevado á altura de uma calamidade publica...

Ninguem deve pensar que somos ou jámais fossemos contrarios ao problema do saneamento do Brasil. O que desde principio combatemos foi a insidia dos que collaboram á frente dessa campanha, os quaes procuraram justifical-a sob o pretexto falso de que o Alto Brasil, o vero sertão longinquo e desconhecido das nossas classes dirigentes, é um vasto hospital onde são sem conta os victimados annualmente pelo paludismo e molestias que assolam de preferencia como é assás sabido, a vasta faixa littoranea que vae do Amapá ao norte de Santa Catharina. Tanto é assim que o director desta Revista mais de uma vez applaudiu calorosamente não só no seio da benemerita Sociedade Nacional de Agricultura como tambem pela *Brasil-Ferro-Carril* o importante trabalho relativo ao saneamento das zonas ruraes do paiz, a começar pelo Districto Federal — porque o littoral é o foco, o centro de irradiação de todas as molestias que acaso possam ser observadas no interior, ou como dizem, no sertão.

Para o confirmar ahi temos nos trabalhos do proprio Sr. Belisario Penna realizados alli em Vigario Geral e nos da missão scientifica note-americana, na Baixada Fluminense.

Jazida de Kaolin

O Sr. José da Silveira Brazão descobriu ha pouco nas proximidades de Urutahy, estação da Estrada de Ferro Goyaz, uma importante jazida de puro kaolin. Levada a S. Paulo uma amostra foi esta submettida á analyse no Laboratorio de Analyses Chimicas do Estado, que a deu como kaolin de primeira qualidade.

Existe em Goyaz, já assignalados, muitos depositos desta valiosa substancia argillosa, sendo a primeira jazida descoberta pelo naturalista E. Pohol, na Serra das Figuras, ao norte do Estado.

GENERAL GOYANO

JOAQUIM XAVIER CURADO

(Barão e Conde de S. João das Duas Barras)

Filho legitimo de João Gomes Curado e de D. Maria Josepha Pinheiro, Joaquim Xavier Curado nasceu a 1.º de março de 1743, na freguezia de Meia-Ponte, a actual Pyrinopolis, no Estado de Goyaz. (1)

Ficando orphão de pai, abandonou a sua terra natal com destino ao Rio de Janeiro, onde pretendia habilitar-se nos estudos secundarios, afim de matricular-se na Universidade de Coimbra.

Com o correr do tempo, porém, foram mudados os seus designios; assim é que, a convite do governador o conde da Cunha, deixou o seminario de S. José, e alistou-se no exercito, como soldado nobre, contando então 21 annos de idade.

Achando-se travada a lucta no Sul, em consequencia da invasão hespanhola, Xavier Curado, já então alferes de infantaria, para alli seguiu em 1774 com o seu regimento, que foi encorporado á expedição commandada pelo general João Henrique Bohm; os seus serviços nesta guerra, onde praticou actos de bravura, deram-lhe facil accesso aos outros postos, até o de sargento-mór.

No governo do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza (1779 á 1790), partio do Rio de Janeiro para pôr-se á testa dos moradores dos sertões da Parahyba-Nova, nos limites das capitanias de São Paulo e Minas Geraes, com o fim de reprimir com maior rigor, antes que se fizessem mais prejudiciaes as irrupções que faziam nos referidos sertões uma horda de indios bravios, assolando as fazendas que saqueavam, atacando e matando a todos os que lhe cahiam infelizmente nas mãos, de modo que a maior parte dos fazendeiros que tinham os seus estabelecimentos ao norte do rio os abandonaram, por não serem as suas forças capazes de lhe fazer frente, o que permittia á esses indios passarem ao lado opposto, em que foram continuando as suas hostilidades e depredações.

Conseguiu porém Xavier Curado salvar os ditos fazendeiros e moradores de tanta oppressão, e restabeleceu a paz e tranquilidade de que se achavam elles privados, com toda a prudencia e moderação empregando um corpo de tropas que formou de diversos moradores para as diligencias que fossem necessarias, para rechassar os que se tornassem indomaveis, com o que fez — respeitado em muitas e repetidas occasiões e lugares em que se praticaram aquellas irrupções; "e, sem fazer estrago, por ter recorrido aos meios só capazes de os aterrar, sempre conseguio afugentar os rebeldes fóra do sertão circumvisinho, donde não mais appareceram e congregou os dispersos que não duvidaram formar uma nova aldêa no logar que habitavam denominando-a — Minhocal — onde por longos annos se conservaram, sob a intelligente direcção do padre Henrique José de Carvalho.

Pelo feliz resultado dessa commissão foi louvado e agradecido pelo mencionado vice-rei, que mencionou os seus serviços no relatorio que apresentou em 20 de agosto de 1789, ao conde de Rezende, como seu substituto no vice-reinado do Brasil.

Em officio de 20 de julho de 1797, o vice-rei conde de Rezende, apresentando-o a D. Rodrigo de Souza Coutinho, deu as melhores informações de sua capacidade, conhecimentos e serviços prestados ao Brasil — pelo que, no anno seguinte, foi promovido a tenente-coronel de infantaria.

No ultimo periodo do governo do sobredito conde foi designado pelo governador de Campos, desempenhando com alto criterio esta commissão, de modo a conseguir a verdadeira harmonia e boa ordem entre os campistas, que até então viviam em constantes desavenças.

Desta commissão seguiu para a Europa no desempenho de outra por mais importante, junto á côrte de Lisbôa, sendo porém forçado, em alto mar, a fazer desapparecer a correspondencia de que era portador, depois de se ter della inteirado, conforme lhe havia sido ordenado, por ter sido preza a embarcação, em que se achava, por um navio francez, e sendo levado como prisioneiro á bahia de Biscaya, dahi foi ter por terra á Lisbôa, com escala por Madrid.

Terminada esta ardua missão, a contento de quem della o incumbiu, regressou ao Rio de Janeiro, em 1800, e, sendo elevado ao posto de coronel, foi nomeado governador de Santa Catharina, para onde seguiu, e tomou posse desse cargo á 8 de dezembro do mesmo anno.

Ao coronel Xavier Curado foi dado concorrer para o progresso material e moral da então villa do Desterro, pois que, durante os cinco annos de seu governo, muito se empenhou em aformoseal-a, determinando a construcção de varios edificios e outras obras de palpitante necessidade.

Dando forte impulso á agricultura em toda a capitania, demonstrou verdadeiro tino administrativo, concorrendo com estes e outros factos originados da sua fina e apurada educação, para elevar os creditos dessa parte do territorio brasileiro e da propria nação, no conceito dos governos mais poderosos do velho continente.

Em 5 de junho de 1805, foi substituido no governo de Santa Catharina por D. Luiz Mauricio da Silveira, deixando em toda a capitania as mais gratas recordações de suas virtudes, como homem publico e em mais elevado grão como particular.

Tendo-lhe sido dada a reforma no posto de brigadeiro, o Conde dos Arcos, que era então vice-rei, excusou-se de pôr o "cumpre-se" na respectiva patente, objectando ao governo que assim fôra resolvido a proceder, "por não querer privar a Nação dos serviços que ainda lhe podia prestar um official benemerito, e cujo zelo suppria as forças physicas, que talvez "alguns" allegassem perdidas."

Promovido ao posto de brigadeiro effectivo, por despacho de 2 de abril e graduado no de marechal de campo, por decreto de 13 de maio, tudo de 1808, seguiu Xavier Curado no anno seguinte para Buenos-Aires e Montevidéo, encarregado de uma secreta e importante commissão, a qual lhe foi dado desempenhar com escrupulosa rectidão; ao regressar do Rio da Prata em 1810, seguiu logo depois para a capitania do Rio Grande do Sul á disposição do general D. Diogo de Souza, governador da mesma capitania.

Tendo este capitão-general recebido ordens para, á frente de um exercito, invadir a Banda Oriental, afim de auxiliar as autoridades de Montevidéo, conforme communicação, datada de 19 de fevereiro de 1811, reorganizou as duas columnas do seu exercito de observação, até então separadas, sendo a primeira commandada pelo general Marques de Souza e a segunda por Xavier Curado, que por carta régia de 13 de maio do mesmo anno foi promovido á effectividade do posto em que era graduado.

Deixando ao coronel João de Deus Menna Barreto a guarda e defesa dos povos das Missões, invadiu D. Diogo de Souza, por Jaguarão, o territorio Oriental á frente das referidas columnas que formaram o denominado — "Exercito Pacificador da Banda Oriental".

Depois de penosa marcha estrategica, difficultada pelas enchentes dos rios e outros tropeços, conseguiu o general em chefe occupar a cidade de Maldonado em outubro de 1811, onde, estabelecendo o seu quartel-general, se conservou, até que, em março de 1812, se transportou para as immediações de Paysandú, na confluencia do arroio S. Francisco com o rio Uruguay, ahi acampando em maio do mesmo anno.

As columnas do "Exercito Pacificador" conseguiram sempre sahir victoriosas, nos diversos combates e encontros que tiveram, com os partidos do caudilho Artigas no Rio-Negro, Salto e nos arredores do Serro-Largo, obrigando este chefe a abandonar a margem esquerda do rio Uruguay, á frente de tres mil guerreiros.

Foram assaltadas as povoações de Japejú e S. Thomé, e destroçados os inimigos que as occupavam, e bem assim os gentios Charruas e Mineanos, no arroio Laureles, a quem o caudilho Artigas confiava a vanguarda das suas hostes, nas acções por elle consideradas as mais arriscadas.

Tendo D. Diogo de Souza conhecimento do armisticio celebrado em 27 de maio, por se mostrar pouco satisfeito com elle, fez reunir em conselho os seus officiaes mais graduados e, submettendo-se ao que por elles ficou resolvido nesse conselho, tratou de evacuar o territorio Oriental, recolhendo-se ao do Rio Grande, mandando postar uma columna na fronteira de Bagé, e outra no Arroio Grande.

Depois desta campanha, foi Xavier Curado promovido a tenente-general graduado, por decreto de 13 de maio de 1813.

Na segunda campanha, que teve inicio em julho de 1816, como militar sagaz e experiente, achou-se á frente do exercito que cobria a fronteira do Rio Pardo, que comprehendia o districto de Entre-Rios, e o da provincia de Missões da capitania do Rio Grande do Sul, então sob o governo do capitão-general marquez de Alegrete.

Sob o commando do general Curado se achavam: o destemido José de Abreu (barão do Serro Largo), o bravo João de Deus Menna Barreto (visconde de S. Gabriel) e os prestimosos generaes Oliveira Alvares, Chagas Santos, e Corrêa da Camara, os quaes procuravam sempre auxilial-o efficazmente, commettendo até impossiveis em presença do inimigo.

O caudilho José Artigas empregava sempre o seu bem conhecido systema de guerrilhas, e contava com o poderoso auxilio dos intemeratos guerrilheiros Verdun, Fructuoso Rivera, André Artigas, Latorre, Pantaleão Sotel, Mandagron e outros; mas com a habil direcção dada ás tropas brasileiras por tão consummado tactico nenhuma vantagem conseguiram alcançar esses bons auxiliares, pelos revezes e derrotas que soffreram, e que foram testemunhas o Japejú, Ybicury, S. Borja, Ibirocahy, Carumbé, Arapeidy e Catalão, "onde se feriu a 4 de janeiro de 1817 a batalha em que sahio victorioso o exercito brasileiro, organizado e instruido pelo tenente-general. Xavier Curado".

Sobre esta campanha existe publicada, á pag. 125 do volume

VII da "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", uma memoria do saudoso capitão Diogo Arouche de Moraes Lara, da legião de S. Paulo, que nella tomou parte, em a qual salientando os meritos militares e pessoaes de seu chefe assim se expressou: "Os relevantes serviços que o tenente general Curado nesta campanha prestou á patria e ao principe, que nella reina, são tão extensos para não poder-se avaliar, quanto é grande a munificencia do augusto monarcha, em cuja defeza foram praticados, que é só quem os póde reconhecer e premiar, estando de posse do thesouro inexgotavel da honra; ainda que o general por sua fidelidade e patriotismo desinteressado do premio particular, se julgue pago desses mesmos serviços com a régia approvação de seu soberano, e com o interesse geral que delles resultou á sua patria e nação.

"Mas, ainda que difficil seja o dar-se justo valor a serviços tão extensos, porque até nem é facil conhecel-os perfeitamente, é comtudo rigorosa obrigação das tropas que este general guiou tantas vezes ao campo da gloria, a confissão do muito que lhe devem, e da admiração que por muitas vezes lhes causaram os exemplos de soffrimentos, quando passava as noites nas suas fileiras descançando sobre a terra e sem mais abrigo que os soldados; da frugalidade com que lhes ensinava a soffrer as privações do valor com que se expoz aos maiores perigos; da fidelidade que sempre patenteou aos seus deveres de vassallo honrado; e finalmente da franqueza, humanidade e affabilidade com que soube acarear os animos dos subditos, fazendo jús á sua amisade, amor e respeito, — virtudes não vulgares em um general, — que produzem quasi sempre os melhores fructos, e dos quaes temos as mais claras provas nos resultados desta campanha". E, relatando em suas minudencias, a citada batalha de Catalão, onde por se achar presente o capitão-general Marquez de Alegrete, teve que ceder-lhe o commando, entrando porém na acção como seu immediato, diz:

"O general Curado, 2° commandante do exercito, desenvolveu naquelle mesmo dia um valor, e presença de espirito tão extraordinario, como a sua conhecida capacidade e talentos até alli patenteados. Elle sobre tudo se fez notavel pela sua firmeza em conservar a posição do flanco esquerdo, aonde exposto a um terrivel fogo, que lhe feriu duas praças do seu piquete, se conservou até o ponto de dirigir os ataques da esquerda, e do bosque, expondo-se mesmo ao fogo do inimigo no ultimo ataque.

"Neste habil e valoroso general muitas vezes tem havido e haverá motivo de tratar-se no periodo desta "Memoria": e ainda que pareça excesso o elogial-o em todas as occasiões em que o deve ser, não é comtudo demasiado quanto a seu respeito se póde dizer: é sim difficil descrever os seus serviços e merecimentos dignamente; e em quanto melhor penna o não executa, basta por agora a publica opinião do exercito para fazer-lhe justiça".

Conceitos estes que plenamente corroborados pelo alludido commandante em chefe Marquez do Alegrete, quando na parte official que sobre essa batalha dirigio no dia 8 do mesmo mez ao ministro da guerra, Marquez de Aguiar escreveu o seguinte:

"Faltam-me as expressões para elogiar devidamente a conducta de toda a tropa, e é grande o meu embaraço, tendo de particularisar os que mais se distinguiram; seja-me, porém, licito, sem offuscar a gloria de que se cobriu todo o exercito, mencionar especialmente o tenente-general Joaquim Xavier Curado, cujos honrados e distinctos serviços em toda esta campanha justificam o conceito que me mereceu, desde que principiou a servir debaixo das minhas ordens".

Retirando-se da campanha o marquez de Alegrete a 25 ainda do já citado mez de janeiro, reassumiu Xavier Curado o commando em chefe do Exercito e, por motivo de maior commodidade administrativa, deixou a margem esquerda do Quarahim indo acampar meia legua acima do "Passo do Lagedo", pois que terminada estava a "campanha de 1816", ficando porém de observação aos movimentos de inimigos para o que estabeleceu as necessarias guardas-avançadas em toda a linha divisoria.

Foi nesse seu quartel de inverno que lhe chegou ás mãos o diploma de "commendador da Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito", com que fôra galardoado por D. João VI, pelos relevantes serviços que acabara de prestar á patria, no campo da honra.

Tolhido o chefe dos caudilhos para a pratica das suas habituaes correrias com relação á fronteira, sob a guarda do general Curado, imaginou interceptar as communicações entre o territorio brasileiro e as praças de Maldonado e Montevidéo, então dominadas pelo general Lecór, e, para conseguil-o, reuniu gente sufficiente para occupar o Jaguarão, Tahim e Pelotas, dando depois ordens para a tomada do forte de Santa Thereza e do Cerro Largo, o que conseguiu; mas não contava com o general Marques de Souza, que sahindo do seu quartel-general na villa do Rio Grande, retomou essas posições, fazendo Artigas retirar-se para as serras e margens do Uruguay.

Ao ter o general Curado conhecimento que o caudilho Aranda levantava gente para invadir de novo o povoado de S. Borja, ou para se reunir a José Artigas, na Banda Oriental, destacou em março de 1817 setecentos homens ao mando do general Chagas, que, atravessando com elles o Uruguay, deu combate áquelle caudilo em S. Carlos e, depois de porfiada lucta, conseguiu victoria, tendo sido morto na acção o mencionado Aranda.

Com o fim de não prejudicarmos a terceiros, omittimos aqui a descripção dos principaes feitos que, por determinação e inspiração de Xavier Curado, foram praticados pelos seus dignos auxiliares nessa campanha que, depois da final derrota de Artigas em Taquarembó, terminou com o tratado de 31 de julho de 1821, annexando ao Brasil a Banda Oriental, com a denominação de — provincia Cisplatina; diremos apenas que depois da referida derrota recolheu-se á côrte do Rio de Janeiro este benemerito soldado, que, por decreto de 20 de dezembro de 1820, foi nomeado conselheiro de guerra, e a respeito do qual assim se expressou um dos seus contemporaneos:

"Nestas campanhas o tenente-general Joaquim Xavier Curado se desenvolveu com tanta gloria, que não cabe em um curto espaço de uma noticia a exposição dos relevantes serviços que praticou.

A sua vigilancia á frente de um inimigo astuto; a sua actividade em baldar todos os planos dos generaes que haviam abraçado uma tactica só propria daquelle paiz; a sua firmeza em conservar a disciplina dos seus soldados, offerecendo-se elle mesmo como primeiro exemplo; emfim, a certeza de todos os seus calculos nos golpes que déra por tantas vezes, tão seguro dos seus resultados, que nem uma só acção perdera nas campanhas do sul em que figurára, acham-se bem provadas na memoria que se publicára e correm entre nós apregoadas por muitos officiaes de intelligencia e de honra que serviram debaixo do seu commando".

Ao chegar á esta capital tomou assento no Conselho Supremo Militar, de que era membro, desde 30 de dezembro de 1820.

Como sabemos, em consequencia do celebre — "Fico" — o general Jorge Avilez, depois de sublevada a "divisão portugueza auxiliadora" pretendeu apoderar-se do principe D. Pedro para obrigal-o a retirar-se do Brasil, pois já o avia proclamado "rebelde ás côrtes de Lisbôa".

E porque esse general tivesse tomado uma attitude ameaçadora contra os habitantes desta cidade, em a noite de 11 para 12 de janeiro de 1822, fazendo occupar o morro do Castello e suas adjacencias até o mosteiro de S. Bento, pela referida divisão portugueza; previamente avisados se congregaram os partidarios daquelle principe, que o eram da bôa causa da — independencia — e, instantaneamente a elles se reuniram no Campo de Santa Anna, civis e militares que ahi permaneceram em armas até o dia seguinte.

Tão espontanea demonstração de resistencia abalou profundamente o animo daquelle general, ou pelo menos o dos seus commandados, porquanto "ao amanhecer do dia 12 as tropas portuguezas continuavam na mesma posição que tinhão tomado na vespera, porém já não dominadas do mesmo ardor.

O golpe tinha falhado. Entre muita gente as disposições varião e a presença de espirito não é igual em todos quando se lamenta o mallogro de uma tentativa.

"Havia já divisão entre os soldados.

"Jorge de Avilez estava com elles. Se não fôra assim muitos terião largado as armas.

"Não se distribuiu ração naquella manhã; mas os que de fóra animavão a tropa não se descuidarão em lhes fornecer o necessario. Poucos milicianos portuguezes se reunirão aos revoltosos.

"No campo de Sant'Anna estava o acampamento brasileiro já assás numeroso, sob o commando do marechal de campo Joaquim de Oliveira Alvares.

"Compunha-se elle de tres batalhões de infantaria ou antes de tres cascos de batalhões, porque nenhum delles tinha mais de 100 praças; do 1° regimento de cavallaria da côrte e da artilharia a cavallo, commandado pelo coronel Almada. Este corpo estava aquartelado na Praia Vermelha e logo que recebeu aviso se pôz em marcha para o campo de Sant'Anna.

"A' estas tropas de linha ajuntaram-se os milicianos, quasi todo o regimento dos pardos, alguns dos pretos e tambem dos brancos e muitos paisanos de todas as classes da sociedade, que se armaram, a cavallo e a pé, e se sujeitaram á disciplina militar para defenderem, com mais efficacia, a honra e a independencia do seu paiz.

"Ecclesiasticos e regulares, com as armas na mão, não eram raros naquelle acampamento que se achou durante a noite provido de todo o necessario, sem que se soubesse, com exactidão, d'onde vinhão. Eram as virtudes civicas e o espirito publico que proviam a tudo.

"A's 8 horas da manhã appareceu naquelle acampamento o general Xavier Curado, que foi alli proclamado governador das armas da côrte e provincia. Este velho general, que já tinha dado provas do seu valor na guerra do Sul, quasi que, de repente, imprimio um novo caracter nas forças que alli estavam.

"Achou homens armados de puro patriotismo. Em menos de tres horas, essa gente armada, de mistura com a tropa de linha e milicianos formavam já batalhões organisados e commandados por officiaes distinctos. Tudo se pôz em ordem, e se houvesse de marchar seria já (salva a variedade dos uniformes, porque cada um trajava o que tinha) uma divisão regular.

"No principio da tarde do mesmo dia 12, o Principe Regente, que continuava a mostrar-se indifferente aos acontecimentos, mandou um official ao campo de Sant'Anna e outro ao acampamento dos portuguezes, afim de perguntar, em seu nome, o que significavam aquelles ajuntamentos. O general Curado respondeu que "os brasileirs estavão alli para defender o Principe e a cidade se achassem ameaçados pela opposição hostil que tomára a tropa portugueza", e Jorge de Avilez que "havia tomado posição para se defender da hostilidade que os brasileiros manifestavão contra elle e os seus soldados".

"O Principe fez trocar estas respostas entre os dous generaes, e depois de dizer a ambos que elle não podia supportar

por mais tempo taes actos de insubordinação, ordenou que se entendessem para restabelecer o socego á cidade e aos seus habitantes.

" Em virtude d'esta intimação do Principe os dous generaes se entenderam, concordaram e ordenou-se:

" 1.° Que as tropas portuguezas passariam n'aquella mesma tarde, com as armas, para outra banda da bahia do Rio de Janeiro e que alli seria conveniente aquartelel-as.

" 2.° Que se lhe pagaria regularmente o seu soldo e etápa até se apresentarem navios a transportal-as para Portugal.

" Em seguida a este accôrdo procedeu-se ao embarque de toda a divisão, inclusive o batalhão 3 de caçadores, que tinha ficado em S. Christovam, em lanchas e em um barco a vapor, unico que havia então n'este porto. Os soldados portuguezes, que estavam de guarda foram substituidos por soldados brasileiros, mandados do campo de Sant'Anna. Piquetes de cavallaria escoltavam os guardas que sahiam para que o povo os não insultasse. Ao anoitecer estavam todos embarcados, excepto os que ficaram tomando conta dos quarteis, nos hospitaes ou extraviados. A estes o Principe deu baixa no dia seguinte e aos que a pediram.

"Ao chegar á outra banda o general Avilez, que havia concordado, de má fé e com sinistras intenções, como se verá, expediu logo um forte destacamento para reforçar a guarnição de Santa Cruz que era n'aquella occasião, fóra os artilheiros, composta pela maior parte de soldados do batalhão 11 de infantaria, com ordem de se amparar da fortaleza e prender a todos que lhe fizessem resistencia.

" Foram ainda mallogrados n'esta tentativa, porque o regimento de milicias de S. Gonçalo que marchava em soccorro da cidade, sabendo no caminho de todo o occorrido n'aquella tarde, e que um forte destacamento da tropa desembarcada, marchava em direcção a fortaleza de Santa Cruz, forçou a sua marcha e entrou elle primeiro na fortaleza, pôz fóra d'ella os soldados do batalhão 11, levantou a ponte e ficou assim sem communicação pelo lado de terra.

" O destacamento portuguez quando alli chegou já era tarde. Reuniu-se aos camaradas, que tinham sido postos fóra da fortaleza e retrocederam mortos de sêde e de cansaço para as antigas armações de pesca de balêas que lhe tinham sido dstinadas para quarteis.

" A má fé com que o general Jorge de Avilez tratára da sua passagem para a outra banda da bahia do Rio de Janeiro mallogrou-se-lhe, assim como o projecto de se apoderar do Principe para mandar para Portugal, e tambem da fortaleza de Santa Cruz, para ficar senhor da barra deste grande porto, e ter uma praça forte, onde, em caso de necessidade, pudesse resistir por algum tempo a forças muitas vezes superiores ás suas.

" Apezar de tanto mallogro, a sua maligna perseverança o leva ainda a novas tentativas igualmente arrojadas e impossiveis de execução, e isto porque presumia muito de si e contava com exageração no valor dos seus soldados. Para que isso assim pudesse acontecer era necessario que o seu juizo fosse diverso a respeito dos seus adversarios. Achou-se enganado.

" Jorge Avilez esperava no Rio de Janeiro por uma expedição maritima, com tropas de desembarque enviada de Lisbôa, com destino ao Rio de Janeiro e escala por Pernambuco, onde devia desembarcar o general José Corrêa de Mello e toda a tropa, ou parte d'ella se assim fosse necessario, para manter o socego publico na mesma provincia, e isto na phrase dos legisladores da constituição portugueza.

" O commandante desta expedição era o chefe de divisão Francisco Maximiano, que vinha a bordo da não "D. João VI". Jorge Avilez pretendia protellar a sua partida até á chegada desta divisão, julgando achar-se então, com a reunião d'ella, com força sufficiente para se pôr na offensiva contra a autoridade do Principe Regente.

" A actividade do governo n'aquelle tempo se imprimia em todos os actos de sua administração. A 29 de janeiro todos os navios destinados a transportar a divisão auxiliadora estavam promptos de todo o necessario para seguirem viagem.

" Por aviso do ministerio da guerra, dirigido ao marechal de campo Carretti, commandante da divisão auxiliadora, com a data de 30 do mesmo mez, determinou o Principe Regente que a divisão embarcasse sem perder tempo.

" Carretti era o commandante legitimo por ter sido nomeado por el-rei e Avilez era o commandante intruso que a divisão tinha escolhido no acto de se revoltar e por isso o ministro não se dirigiu a elle.

" Em presença da ordem de embarque os chefes dos corpos pediram que o embarque fosse adiado para o dia 5 de fevereiro e o Principe annuio a este pedido, acreditando na bôa fé d'essa gente. No dia 5 pediram elles ainda que fosse demorado o embarque até o dia 8 do mesmo mez, motivando este pedido com a necessidade de certos arranjos domesticos, que até então não tinham podido concluir.

" O Principe annuio ainda a este segundo pedido; mas, chegando ao prazo marcado a divisão não embarcou nem deu mais satisfações sobre a sua desobediencia.

" Com este jogo os seus chefes procuravam ganhar tempo até que chegasse a nova divisão que se esperava de Portugal escoltada pela não "D. João VI". A divisão com estes manejos já não podia sorprehender o governo, que a tudo occorria com previdencia e incrivel actividade.

" Por editaes da policia, datados de 2 de fevereiro foi prohibida toda a communicação com a margem do norte da bahia do Rio de Janeiro onde a divisão se achava aquartelada, e ordenado a todos os habitantes daquelle lado houvessem de se retirar para o interior, a seis leguas de distancia. Naquelle tempo as ordens do governo eram obedecidas e executadas com fiel promptidão.

" Pelo littoral em frente do aquartelamento, a tiro de canhão, foram postadas a fragata "União", commandada pelo chefe de divisão Rodrigo Delamare, a corveta "Liberal" e alguns barcos canhoneiras, promptos a fazer fogo sobre os quarteis ao primeiro signal de desobediencia." (A. J. de Mello Moraes, "Reino do Brasil").

O general Curado que, como vimos desde o dia 12 de janeiro era governador das armas da côrte e provincia, passou-se para a outra banda com o seu estado-maior, e estabeleceu o seu quartel-general em S. Gonçalo, onde estavam acampados um batalhão de granadeiros, outro de caçadores, dous esquadrões de cavallaria e quatro peças de artilharia.

Em Villa Nova estavam reunidos os regimentos 8 e 9 de infantaria, e o 1° de cavallaria, todos milicianos, que enthusiasticamente, cumpriam as suas ordens e levavam os seus reconhecimentos até o morro de Sant'Anna, á meia legua de distancia dos quarteis da divisão portugueza.

A fortaleza de Santa Cruz destacava patrulhas até a Praia de Fóra e S. João de Icarahy. Notava-se que todas essas forças ardiam em desejos de virem-se ás mãos com as portuguezas.

O signal de combate seria para elles um momento de grande prazer.

" Na tarde do dia 9 o Principe Regente apresentou-se á bordo da fragata "União", e d'alli ordenou que, ao amanhecer do dia seguinte, a divisão começasse a embarcar para bordo dos transportes. Os chefes portuguezes vieram á bordo, e, com bastante arrogancia, pretenderam impôr ao Principe ou adiar o embarque; mas Sua Alteza com dignidade e nobreza os repelliu, dizendo que se fossem embora e que, se as suas ordens não fossem cumpridas, ao amanhecer do dia seguinte principiavam as hostilidades.

" Jorge de Avilez, falto de todos os recursos e apertado pelas criticas circumstancias a que o tinham reduzido as suas imprudencias por ter desobedecdo ás ordens do Principe Regente e receando maiores desgraças, chamou a conselho os officiaes de divisão e depois de lhes ter ponderado todas estas criticas circumstancias, com impossibilidade de uma viagem por terra para a Bahia, lhes disse: "O Principe Regente está á frente da força inimiga e sendo elle corajoso e atrevido como é, nós deveremos fazer fogo"!!!

" A resposta e decisão do conselho sendo negativa tratou Jorge de Avilez de dar as ordens para embarcar-se com a divisão e ao amanhecer o dia 10 a divisão operava o seu embarque; e no dia 11, pelas 5 horas da tarde estava tudo embarcado." (Dr. M. Moraes, obr. citada).

Depois de serenados os animos com o cargo de governador das armas da côrte exerceu tambem Xavier Curado o de deputado á Assembléa Legislativa pela provincia de Santa Catharina.

Por decretos de 20 de outubro de 1825 e de 7 de setembro de 1826 foi condecorado com o titulo de Barão e Conde de São João das Duas Barras, e por outro de 25 de março de 1828, foi-lhe concedida a exoneração solicitada do cargo de governador, á vista de seu precario estado de saude.

O tenente-general Joaquim Xavier Curado, barão e conde de S. João das Duas Barras, do conselho de Sua Magestade e do de Guerra; fidalgo cavalleiro da Imperial Casa, grã-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, commendador das de S. Bento de Aviz e da Torre e Espada e condecorado com as medalhas das campanhas do Sul de 1811 á 1812 e 1815 á 1820, falleceu nesta capital a 15 de setembro de 1830, sendo sepultado nas catacumbas antigas da ordem 3ª dos minimos da igreja de S. Francisco de Paula.

São do seu já mencionado contemporaneo as phrases que seguem:

" O verdadeiro amigo da patria sente o coração dilatar-se em nobre ufania, quando estendendo as suas vistas, desde o berço até o tumulo de um patricio, conduzido sempre pela honra, vê o seu nome immortalizar-se em seus feitos e seus feitos concorrendo para a gloria da nação.

" E' tal o respeito que infundem os bons serviços do patriota celebre, naquelles que o contemplam recolhido ao seio da terra, depois de fechado o circulo dos seus luminosos dias, que a maledicente inveja cala-se envergonhada, quando a patria proclama sobre o seu sepulchro, as virtudes que a honraram, e que só a modestia calava, porque em vida os elogios podem corromper, e na morte são tributos que a justiça não póde recusar.

" O Conde de S. João das Duas Barras terminou com gloria a longa carreira de uma vida consagrada toda ao serviço da patria; salvemos a sua memoria do esquecimento dos tumulos, por que somos brasileiros, amigos da justiça e agradecidos aos nobres sentimentos de quem tanto nos honrára pelos seus feitos."

Em dezembro de 1869, por ordem a expensas de D. Pedro II, foram os seus restos mortaes trasladados da referida igreja e "depositados em um jazigo perpetuo", construido junto á capella do actual cemiterio de S. Francisco de Paula, homenagem esta que lhe prestou aquelle monarcha por saber o quanto elle pôz

em pratica, para que fosse consolidada a integridade da nossa patria e a sua independencia.

A. PRETEXTATO MACIEL DA SILVA.

(1) N. R. — O general nasceu em Jaraguá — berço das mais notaveis familias que, pelos seus descendentes mais glorias deram ainda a Goyaz. E dizer que ninguem leu ainda nas placas collocadas nas ruas e praças publicas desta Capital o nome do Brasileiro illustre que foi o goyano Joaquim Xavier Curado!

Aïêtê (Verdade)

Agora, que o governo federal se apparelha para realizar o decantado saneamento dos sertões, não é sem tempo e demais um parecer insuspeito e franco ácerca de uma providencia que mais se assemelha a uma gorda e farta "manjuba" (comida dourada, pepineira) de compadres do que a um gesto patriotico. Esta affirmação despretenciosa, e a muitos surprehendente, funda-se na quasi inutilidade de semelhante empresa, que melhores intuitos alcançaria, se a respectiva e calculada "verba" se transferisse para o prolongamento da unica via-ferrea que, penetrando uns poucos kilometros em terras goyanas, se estacionou á margem do rio Corumbá, á mingua de recursos para o seu requerido avanço. E, si este alvitre não dispertar adhesão, temos o telegrapho, as estradas de rodagem, os postos zootechnicos e, finalmente, para não descontentar a commissão scientifica espectante, aponto a fundação de um laboratorio chimico que aproveite as innumeras especies vegetaes, inclusive a chimica goyana, tão rica de principios activos e quasi formando os serradões do planalto central. Com estes e outros beneficiamentos inadiaveis, productivos e applaudendos, resolver-se-ia o problema da carestia da vida nesta capital e mais portos atintos pela carencia de cereaes, que naquellas paragens se perdem ao contacto dos "guaratimbús (gorgulho ou caruncho) por falta de meios faceis de transporte e barrados pelo fisco e pelas tarifas prohibitivas das linhas ferreas intermediarias; animar-se-ia a pastórica alli, já bem iniciada e rendosa; por-se-ia louvavelmente em aproveitamento a riqueza incalculavel de uma flora illimitada e sem par no mundo inteiro, podendo-se igualmente (assim acredito) fornecer o quinino a preços mediocres e livre das falsificações estrangeiras. O quinino officializado, como se recommenda fazer, daria certamente maus resultados pelo monopolio, desde já previsto, e pelo abuso de uma droga intoxicante, quando mal calibrada ou continuamente usada naquellas paragens, como o fffirmam os proprios medicos. A estas razões ainda se juntam a desnecessidade do quinino nos sertões, onde a tolerancia, aliás justa, dos governos regionaes permitte que os commerciantes tenham nos seus estabelecimentos certas drogas medicinaes, inclusive o sulfato de quinina, que alli se vende actualmente a 500 rs. a gramma e 8$ um frasco de 7 oitavas, estando assim ao alcance de qualquer mendigo, e alli não os ha propriamente que reclamem a caridade pomposa dos governos.

O clima dos sertões, excepto nalguns poucos logares, facilmente saneaveis, é saluberrimo e, até ouso asseverar, exclue a intervenção medica. Quando á visada capacidade do sertanejo para as armas, poucos estados se gabarão de possuir uma juventude, intelligente, robusta e valida como a de Goyaz e outros estados comprehendidos na zona denominada sertão. O sertanejo só precisa de communicação facil com os centros consumidores e de alguns aperfeiçoamentos industriaes que unicamente os favores nacionaes e a immigração estrangeira lhe poderiam proporcionar; porém favores estes bem orientados e immigração cuidadosamente escolhida.

Paquetá, 12 — 5 — 18.

A. EUZEBIO.

Introducção á memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capital de Goyaz

Menos o amor da gloria e desejo de ser util, que o interesse proprio e aquella ambição, que leva muitas vezes os homens por incalculaveis perigos ás mais arduas, mais importantes emprezas, foi o motivo do descobrimento de Goyaz, uma das capitanias do dominio portuguez na extensão do Brasil que menos tem aproveitado a sua situação vantajosa, e que tendo as melhores proporções para se engrandecer e felicitar os seus colonos, correu em menos de um seculo o esplendor o seu principio para a crise da decadencia, seja por se desprezarem os meios mais proprios e mais energicos de promover o seu augmento, seja (o que me parece mais provavel) por se ter enervado nos braços da ociosidade aquelle amor do trabalho e patriotismo, que prefere ao interesse proprio o bem commum; aquella afouteza dos primeiros descobridores, que sem mais aprestos que um animo superior a todas as fadigas, quasi desprovidos de tudo, expostos á fome, ás féras e ás nações selvagens, entranharam-se por terras incognitas, até nos mostrarem aos olhos de Portugal, da Europa e do Universo, as preciosidades d'esta porção do Mundo Novo, por tantos seculos escondida ao conhecimento dos outros homens, que não fossem os mesmos barbaros nacionaes.

Entre todas as capitanias generaes do Estado do Brasil é uma das mais extensas e das menos povoadas, sendo ao mesmo tempo a mais interior de todas; situada entre seis gráos e vinte e dois minutos de latitude, e trezentos e vinte e seis, e trezentos e trinta e cinco de longitude. Estende-se de norte a sul muito mais de 300 leguas contadas da nova situação que, se destina cabeça de comarca, e villa de S. João das Duas Barras, na margem do rio Araguaya, até o Registo e passagem do Rio Grande na estrada de Cuyabá: abrangendo de léste a oéste longo espaço de terreno inculto, só trilhado de féras e de nações brutaes. Está no centro das capitanias do Grão-Pará, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Geraes e Cuyabá, com as quaes se communica e em differentes pontos confina. O seu clima é saudavel, á excepção de alguns lugares paludosos e visinhos de rios, que na sua enchente arrastam os despojos das arvores e muitas impurezas, que arrojadas á margem e corrompidas infeccionam o ar: não se sentem n'elle os rigores do inverno, e as maiores calmas são modificadas por brandas virações: o seu terreno, em parte montanhoso, em parte plano, abunda de matas e de campinas: nos lugares cultivados é sobremaneira fertil; produz com facilidade a vinha, o assucar, café, algodão, trigo e todo o genero de grão que se lhe planta. Tem montes ricos de ouro ainda intactos, minas preciosas só lavradas na superficie da terra, rios piscosos e que se podem navegar, salinas que mal se aproveitam: é, finalmente toda a capitania cortada da mesma cordilheira de serras, que erguendo-se na costa do mar brasilico, depois de atravessar com differentes nomes outras provincias, entra por esta, e dominando sobre todas as terras de Meia-Ponte, desentranha os rios que vão ao Paraguay, Grão-Pará e sertões do Rio de S. Francisco: corre a Matto-Grosso, entra pelos dominios hespanhóes, e se inclina para o mar Pacifico: cordilheira estimavel, aonde se tem descoberto, e nas suas visinhanças, a mais consideravel riqueza de diamantes, ouro, prata e outras preciosidades do Brasil.

N. R.—As linhas acima são da penna do erudito Conego Luiz Antonio da Silva e Souza, cognominado "o pai da chorographia goyana". Tudo quanto no concernente á historia de Goyaz nos tempos do Brasil colonial se ha escripto foi calcado sobre o trabalho do memorialista goyano: a "Chorographia Brasilica", do padre Ayres de Cazal; as "Memorias Historicas", de monsenhor Pizarro; a "Chorographia Historica da Provincia de Goyaz", pelo maechal Raymundo J. da Cunha Mattos; os "Annaes da Provincia de Goyaz", por José Martiniano Pereira de Alencastro e tantissimas outras obras que por ahi correm impressas.

O conego Luiz A. da Silva e Souza foi um dos espiritos mais cultos do seu tempo no Brasil, disto dando o mais alto testemunho os sábios viajantes estrangeiros que visitaram Goyaz na primeira metade do seculo passado, bastando citar apenas Em. Pohol, Saint Hilaire, Cunha Mattos.

Era um escriptor castiço e elegante, como se póde vêr das linhas que trasladamos para as paginas da nossa revista, que, si continuar a merecer o favor publico, fará em breve uma reedição annotada da "Memoria" do pai da chorographia goyana para ser distribuida como brinde aos nossos assignantes.

A sciencia official no Brasil

" S. PAULO, 21. — O dr. Wencesláo Braz e sua comitiva visitaram hoje, pela manhã, o Instituto de Butantan. Acompanhavam o presidente da Republica nessa visita o presidente do Estado e seus secretarios, jornalistas e altos funccionarios. Aguardavam o visitante no Instituto seu director e o dr. Arthur Neiva. O dr. Vital Brasil deu explicações minuciosas ao chefe de Estado, que pedia informações de tudo. O dr. Wencesláo observou com muita curiosidade todos os specimens de cobra, assistindo a interessantes extracções de veneno de uma enorme jararacussú.

Foi recolhido um centimetro cubico de veneno, ou sejam cerca de duas gottas, quantidade sufficiente para matar um animal de trezentos kilos de peso. Causou maravilhosa impressão a experiencia feita com uma cobra mussurana, que comeu outra cobra."

Mas, porque o Sr. Dr. Vital Brasil, diante do Dr. Wencesláo Braz, que é eximio pescador, e portanto muito conhecedor da jaracussú da beira d'agua, quasi inoffensiva, não atirou a sua decantada mussurana contra o cascavel dos campos do interior?

Sim! porque bastava que esta bimbalhasse a extremidade da cauda no ar, para que a mussurana nem siquer se lhe approximasse.

Até aqui quanto ao competente director do Instituto de Butantan. Agora com o Sr. jovem sabio brasileiro Dr. Arthur Neiva, cuja loquacidade abaixo trasladamos.

Disse elle, não faz tres mezes, no proprio Instituto de Butantan, em presença do bacharel Altino Arantes, estas palavras que o *Jornal do Commercio* editou: "E' inutil procurarmos a quinina no Brasil, porque este vegetal não faz parte da flora brasiliense: vem-nos da Bolivia e só é preparada nos laboratorios dos Estados Unidos. Devemos, pois, compral-a."

E como é, por conseguinte que o jovem sabio podia dizer o que se segue:

"O Dr. Arthur Neiva mostrou a S. Ex. a secção destinada ao preparo da quinina, explicando o serviço extraordinario de S. Paulo, no combate ás febres no interior, onde as epidemias estão quasi extinctas devido ao vigor da obra de saneamento."

Ora, ou os lexicos erram, e esses manuaes de medicina mentem — ou o Sr. Arthur Neiva confundiu, como vimos acima, "epidemia" com "endemia"...

Por que, pois, não collocarmos notas á margem dos dizeres da sciencia official no Brasil?

Notas e informações

Seguiu para o municipio de Ipameri, onde é abastado criador, o coronel Antonio Vaz, que, vencendo as difficuldades oriundas da distancia, veiu ao Rio tomar parte como expositor na Segunda Exposição Nacional de Gado.

E' esta a primeira vez que o Estado de Goyaz, um dos mais ricos da União em bovinos, figura em certamen de tão importante materia como é a da industria pecuaria.

O esforço louvavel do coronel Antonio Vaz, ao mesmo tempo que estimúla os criadores goyanos, representa já uma victoria parcial para Goyaz.

Claro que o longinquo Estado Central alcançaria maior victoria se á referida Exposição concorressem com o seu gado os municipios de Jatahy e Rio Verde, a zona onde se encontram os mais formosos especimens do gado zebú e caracú e onde o selleccionamento das raças vae se operando de maneira auspiciosa.

Devemos, porém, confessar que a culpa não cabe aos criadores goyanos, mas aos que têm o dever de olhar para as nossas regiões feracissimas, sob qualquer ponto de vista aproveitaveis, e que ha longos annos aguardam receber mercê dos poderes publicos.

Não cessaremos de clamar aqui pelo solucionamento do magno e urgente problema de Goyaz, que é a construcção de vias-ferreas, de linhas de automoveis e estradas de rodagem, factor unico do progresso admiravel dos Estados Unidos, Argentina, Uruguay e de muitos outros paizes americanos. O governo precisa comprehender que, sem isto, tornar-se-ha impossivel o desenvolvimento de nossas forças economicas. Só das linhas de penetração depende todo o nosso progresso, pois que ellas, além de facilitarem a bôa colonização, põem os centros consumidores em rapido contacto com as zonas productivas do paiz.

Sob o aspecto economico-financeiro o problema capital não é só a "producção *maior*, melhor e mais barata", como disse em seu discurso em S. Paulo o Presidente da Republica. De que vale o "*augmento rapido e vultuoso da nossa producção*" se nos faltam meios de transporte, se esse augmento, não podendo ser vendido, representa tempo perdido e trabalho não recompensado? Nas condições em que ainda se acha o Brasil, sobretudo o Estado de Goyaz, em materia de vias de communicação terrestres e maritimas, a sabia medida consiste em produzir do melhor sómente aquillo que consumimos e podemos realmente exportar.

Os que desconhecem as causas do atrazo de Goyaz fiquem, pois, sabendo por que motivo o rico Estado não tem tomado parte em exposições que se realizam no Rio.

Que o exemplo do coronel Antonio Vaz, que viu coroados de exito os seus esforços, seja imitado por outros criadores patricios da região já servida pela via-ferrea, são os votos que fazemos.

V. C. R.

Existem actualmente no Estado de Goyaz seis Ordens ou Congregações religiosas que se occupam nas missões, no ensino e no ministerio parochial: os Padres Dominicanos, os Redemptaristas, os Agostinianos, os Padres do Verbo Divino, as Irmãs Dominicanas e as Madres Filhas de Jesus.

Estas ultimas dirigem um Collegio, com internato e externato, em Pyrenopolis. As Dominicanas têm casas de ensino em Goyaz, Porto Nacional e Formosa, gozando as duas primeiras das regalias da equiparação á Escola Normal do Estado. Têm, além disto, a seu cargo na Capital, a direcção interna do Asylo de S. Vicente e do Hospital de S. Pedro.

Os Padres do Verbo Divino regem ha mais de tres annos, o Seminario e Gymnasio Diocesano de S. Cruz. Os Agostinianos tomam conta, faz quasi vinte annos da importante freguezia de Catalão, ministrando tambem o ensino á juventude em Collegio que alli dirigem.

Os Redemptoristas, estabelecidos ha vinte e tres annos em Campinas, se entregam aos misteres do parochiato e das missões, regendo tambem o Santuario de Barro Preto.

Os Dominicanos, emfim, domiciliados no Estado desde 1883, se dedicam á prégação da palavra de Deus, ás missões diocesanas e ao ensino, cuidando egualmente, nas regiões do Norte, auxiliados pelas Irmãs Dominicanas, da civilização dos indios. São tres as suas residencias, a da Capital, a de Porto Nacional e a de Formosa. E já do dominio publico que um desses Missionarios organizou um mappa do Estado e circumvisinhanças, o qual, dado á estampa, prestará valiosos serviços á instrucção e á administração publica.

ILHA BANANAL. — Na grande e ainda inexplorada Ilha Sant'Anna do Bananal, formada pelo rio Araguaya, estão localisados os Indios Javahés, ramo da numerosa familia Carajá, senhora nata daquelle magestoso rio.

Visitados em 1896 pelo Prelado Diocesano que era então o Sr. D. Eduardo, acompanhado por Frei Joaquim, dominicano, foram-no novamente, em Junho do anno passado, por dous catechistas da Ordem Dominicana, Frei Francisco e Frei Sebastião, que remontaram o braço estreito do Araguaya até encontrar o aldeiamento do Capitão Uaciracó e fragmentos de outras aldeias.

Os dous missionarios se demoraram tres dias com esses selvicolas, estudando-lhes a indole e os costumes, captando-lhes a confiança e ligando promissora amizade com a sua nação. Essa exploração que correu optima, será publicada em "A Informação Goyana", graças á gentileza de Frei Sebastião Thomas.

Durante o mez de Abril do corrente anno a Companhia Mogyana transportou 14.553 cabeças de gado e desde 1 de Janeiro a 30 de Abril proximo findo 48.805, contra 41.754 no mesmo periodo de 1917 e 23.883 no anno de 1916.

E' escusado dizer que todo ou quasi todo esse gado procedeu dos campos de Goyaz, via Triangulo Mineiro.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2' andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE JUNHO DE 1918 — VOL. I—N. 11

SUMMARIO

Goyaz e a Mensagem Presidencial

Resumo — Melhoramento feito e por fazer — A situação financeira no corrente exercicio — Commentarios.

A mensagem que o Sr. Dr. João Alves de Castro, Presidente do Estado de Goyaz, apresentou ao Congresso Goyano a 13 de Maio ultimo, data da installação da 2ª sessão da 8ª Legislatura, e que esta revista publica hoje na integra, é uma peça politica altamente significativa, um documento revelador da bôa vontade que anima aquelle Presidente no sentido de normalizar a vida economico-financeira do grande Estado Central.

Por ella tem-se uma idéa exacta dos innumeros beneficios que foram prestados a Goyaz durante os dez mezes de sua operosa gestão e dos que ainda reclamam as necessidades do povo cujos destinos dirige.

O Sr. Dr. Alves de Castro inicia a sua mensagem pela transcripção do accôrdo firmado nesta Capital, a 15 de Janeiro de 1917, entre os partidos "Republicano" e "Democrata", do qual resultou a sua eleição para o mais alto cargo do Estado. Para mostrar como foi leal a sua politica de congraçamento dos partidos e de absoluta imparcialidade, transcreve dous documentos, carta e officio que trocára com a Commissão Executiva do Partido Democrata, o qual se negou a apoiar ou a não se oppôr á reeleição do eminente goyano ex-Senador Dr. Leopoldo de Bulhões.

Trata, em seguida, de sua acção administrativa, dos esforços empregados para bem servir a causa publica e melhorar a arrecadação da receita, começando por punir os defraudadores das rendas estadoaes.

Os serviços da administração do Estado estavam mal divididos e se regiam por leis antiquadas, o que occasionava sérios embaraços no regular funccionamento dos diversos departamentos da administração publica.

Usando da autorização legislativa contida na lei n. 558, de 16 de Julho do anno passado, remodelou as Secretarias de Estado. Desannexou a instrucção da Secretaria de Obras Publicas, incluindo-a na do Interior e Justiça; desmembrou d'esta a Segurança Publica, que passou a constituir uma repartição á parte sob a immediata direcção do Chefe de Policia.

A Secretaria de Finanças, que se resentia de uma bôa e segura escripturação, foi quasi totalmente reformada.

Dando-lhe novo regulamento, transferiu para o respectivo Secretario as attribuições do Tribunal do Thesouro e instituiu a escripturação por partidas dobradas.

Além d'estas reformas indispensaveis e urgentes, fez outros importantes melhoramentos, como sejam: — a) remodelou o Lyceu Goyano pelo Collegio Pedro II, enriquecendo-o com um novo gabinete de physica e chimica; b) annexos á Secretaria de Segurança Publica creou e installou os gabinetes de identificação e medico legal; c) modificou, com o dec. n. 5.548, de 25 de Outubro de 1917, o regulamento n. 395, de 10 de Junho de 1911, que diz respeito á arrecadação e á fiscalização das rendas publicas; d) regulamentou o monte-pio dos funccionarios publicos, tornando-o obrigatorio (dec. n. 5.595, de 24 de Dezembro de 1917); e) de accôrdo com a vigente lei orçamentaria, determinou que os impostos fossem cobrados *ad valorem* (dec. n. 5.605, de 2 de Janeiro ultimo); f) deu execução á lei n. 316, de 30 de Julho de 1907, que creou a imprensa official, o que vem regularizar a publicação dos accordãos do Tribunal da Relação, tornando assim conhecida dos juizes a jurisprudencia goyana; g) tornou proprio do Estado a ponte do Ipê Arcado, sobre o rio Paranahyba, cujo privilegio concedido ao Sr. José Arnold foi declarado em caducidade; h) contractou, em virtude da autorização concedida pela lei n. 553, de 23 de Julho de 1917, o serviço de luz electrica para a Capital, de ha muito reclamado insistentemente pela população; i) providenciou sobre o desenvolvimento da viação em Goyaz, um dos problemas a que estão ligados os destinos do Estado, concedendo privilegio ao Cel. Edmundo de Moraes para a construcção de uma linha de automoveis de Roncador á Capital goyana; j) resgatou a divida fluctuante do Estado; k) mandou pôr em dia o pagamento do funccionalismo.

Como vêm os leitores, só ahi ha uma consideravel somma de serviços prestados ao Estado, fóra os de pouca monta que não citamos e os em via de serem realizados.

A nossa situação internacional não ficou esquecida na mensagem. O Sr. Dr. Alves de Castro, synthetica e claramente conta com o Paiz foi arrastado ao tenebroso conflicto, onde e quando o surpreenderam as communicações officiaes da declaração de guerra do Brasil á Allemanha. A mocidade goyana, sempre fiel ás tradições gloriosas da terra natal, não só manifestou publicamente o seu enthusiasmo declarando-se confiante no futuro da Patria, como offereceu os seus serviços ao Governo Federal.

Em seguida, referindo-se ás relações que o Estado mantém com a União e os outros Estados, diz que não passaram de simples cortezia as relações do benemerito brasileiro Dr. Wenceslão Braz com o seu governo, sendo, porém, de amistosas e franca cordialidade as que tem mantido com as demais unidades da Federação.

Com os poderes municipaes o governo viveu sempre na melhor harmonia, sem nunca desvirtuar o preceito constitucional que garante a autonomia municipal. Afim de solucionar o caso do municipio de Pouso Alto, que vinha sendo perturbado por questões de politica local, promoveu um accôrdo, o qual transcreve, no sentido de ser eleito um governo constituido pelos elementos das duas facções que ambicionavam o poder. Evitou a acephalia nomeando um Conselho que funccionará até 20 do corrente, data marcada para o novo pleito.

Tratando do dispositivo constitucional relativo á autonomia dos municipios, o Presidente de Goyaz chama a attenção do Congresso para o assumpto, uma vez que já se cogita de reformar a Constituição, e diz que ella não deve ser compreendida como o tem sido até aqui, pois o Estado ignora se todos elles preenchem ou não os fins a que se destinam. Lembra a respeito que muitos Estados procuram remediar o mal pondo em pratica algumas medidas como estas: a) o estabelecimento de uma disposição legal sujeitando á apreciação do Executivo Estadoal a organização dos respectivos orçamentos; b) a nomeação dos Intendentes por parte do Governo, facultando a este o direito de exame por meio de uma commissão.

A seguir, aborda a refórma constitucional, que é necessaria e

urgente, ficando de vez firmado o principio de ser a Constituição reformada de vinte em vinte annos; o novo alistamento eleitoral, segundo o qual foram alistados até Janeiro ultimo 4.551 eleitores; e as eleições federaes, que correram com regularidade.

A Segurança publica, incumbida da policia administrativa e judiciaria e do serviço de identificação e medico legal, acha-se convenientemente apparelhada para attender a todas as necessidades do bem publico e da justiça em geral.

Devido á situação financeira que, por enquanto, não comporta certas despezas, não foram creadas as delegacias regionaes, que viriam completar o policiamento.

A Força Publica, sujeita ao sorteio militar, em virtude de não ter sido militarizada pela incorporação, apezar de relativamente pequeno o seu effectivo, vem prestando reaes serviços ao Estado e está satisfactoriamente disciplinada e commandada.

As velhas questões de limites com os Estados circumvisinhos não passaram despercebidas ao Presidente de Goyaz, que pretende liquidal-as quanto antes. Com o Pará e Matto-Grosso a zona litigiosa é de 871.054 kilmetros quadrados, notando-se ainda que os mineiros querem dar como litigioso o territorio comprendido entre o rio S. Marcos e a serra dos Pilões e André Quicé, do qual Goyaz, em virtude do accordão do Tribunal Federal de 4 de Maio de 1896, já se acha de posse. Quanto ao caso do Jalapão, não offerece duvida, pois, estando encravado no valle do rio do Somno, pertence á bacia do Totantins e, portanto, ao Estado de Goyaz e não ao da Bahia, como pretendem certos cartographos.

O Sr. Dr. Alves de Castro, animado como está de incorporar definitivamente ao sólo natal o territorio a que tem direito, chama a attenção do Congresso para o facto de poder, por meio de accôrdo ou arbitramento, liquidar os litigios com os Estados do Pará e Matto-Grosso.

O Hospital de S. Pedro de Alcantara, fundado na Capital em 1826, cousa alguma deixa a desejar quanto ao seu funccionamento. Está mesmo em franca prosperidade. Apresentou no anno passado o saldo de 8:326$425, contando já no seu activo um total de 271:958$482.

O estado sanitario de todo Goyaz é excellente, sendo, porém, necessaria a organização da estatistica demographo-sanitaria do Estado.

O Presidente de Goyaz reclama do Poder Legislativo urgentes medidas no sentido de se organizar tambem o serviço de hygiene, que "o Estado absolutamente não tem."

Quanto á instrucção publica, principalmente o ensino primaroi, salienta o Sr. Dr. Alves de Castro, é deficientissima, é um mytho, devido não só ás difficuldades financeiras como por ser elle exercido cumulativamente pelo Estado e pelos Muincipios, conforme dispõe a archaica lei n. 186, de 13 de Agósto de 1898; o secundario continúa regularmente ministrado pelo Lyceu Goyano, unico instituto mantido pelo Estado e que, por isso, precisa de ser equiparado como o era antes da lei Rivadavia; o normal, com pequena frequencia, funcciona annexo ao Lyceu; o superior consta de uma Academia Livre de Direito, que está luctando com sérias difficuldades, dado a falta de alumnos.

Com o Poder Judiciario o Sr. Dr. Alves de Castro declara-se na mais franca cordialidade. Todas as comarcas do Estado, excepto as de Annapolis, Natividade e Palma, esta ultima ainda não installada, estão providas de juizes de direito e promotores, os respectivos termos dos respectivos juizes municipaes, e os districtos de juizes districtaes.

A organização judiciaria do Estado, regulada pela lei n. 188, de 13 de Agosto de 1898, bem como o Codigo do Processo Criminal do Estado, eivado de normas e formulas obsoletas, não mais correspondem ás necessidades actuaes do povo goyano e reclamam immediata e radical refórma.

Quasi todos os serviços do departamento das Obras Publicas ainda não foram organizados por motivos diversos, muitos dos quaes independem da bôa vontade do governo. A situação economica, porém, graças á guerra actual e o ramal da E. F. Goyaz, prospéra dia a dia, constituindo a industria pastoril a principal fonte de renda do Estado.

Em seguida, o Presidente de Goyaz faz referencias aos seguintes assumptos: ás obras inadiaveis feitas em varios edificios publicos; á via-ferrea actualmente em trafego no Estado, que cobra exaggerado frete pelas mercadorias que transporta; ás terras devolutas, das quaes foram vendidos 2.878 hectares e 12 ares em 1917 e ultimadas 20 medições de terrenos no valor de 26:049$609; ás aguas e exgotos na Capital, cuja concurrencia encerrou-se sem que se apresentasse ninguem que quizesse lavrar contracto a respeito; á illuminação electrica, cujo contracto transcreve; ao regimen florestal, para o qual pede a attenção do Poder Legislativo.

Finalmente, discorrendo larga e minuciosamente sobre as finanças, o Presidente de Goyaz diz que ao assumir a 14 de Julho do anno passado as rédeas do governo, o debito do Estado era de 532:450$000, e o credito de 252:0[illegible]3$617.

A divida passiva actual sóbe a 439:900$000, e a activa, até 31 de Dezembro ultimo, montava em 634:782$628. Como o saldo em dinheiro é de 758:293$249 e a divida passiva apenas de réis 439:900$000, ha ainda um saldo de 318:393$249, que, sommados á divida activa, perfazem um total de 953:175$877.

A receita e a despeza orçadas para o exercicio de 1917 foram, respectivamente, de 1.150:940$000 e 1.565:839$034. Como a arrecadação feita pela Secretaria de Finanças, E. F. Goyaz, pelas Recebedorias e Collectorias e pelos cobradores da divida activa attingiu á somma de 1.959:504$595, houve um excesso a favor da receita de 808:564$595, isto é, quasi 71 °|° a mais sobre a previsão orçamentaria.

Os impostos que mais contribuiram para o augmento da arrecadação foram: os de exportação (963:980$610); os de transmissão (271:943$808); o imposto rural (68:075$840), e as taxas sobre industria e profissão (57:516$512).

No exercicio de 1917 a despeza effectuada excedeu de réis 15:769$409 á que foi orçada, e isto em virtude da abertura de creditos extraordinarios para a liquidação da divida fluctuante e com a remodealção de serviços publicos, taes como: 4:003$000 com o gabinete physico-chimico do Lyceu; 4:000$0$00 com a acquisição a remodelação de serviços publicos, taes como: 4:003$000 com o gabinete medico legal; 6:520$000 com o material para a imprensa official.

Os dados acima são, como se vê, bastante significativos.

Lançando mão dos recursos ao seu alcance, não obstante as difficuldades do momento, o Presidente de Goyaz conseguiu equilibrar as finanças do Estado.

A situação financeira de Goyaz, até 31 de Março ultimo, era a seguinte:

Caixa Geral	138:704$063
Em poder da E. F. Goyaz (inclusive a arrecadação de Dezembro)	105:825$814
Caixa Geral de Depositos e Cauções, em dinheiro	31:107$452
Total	275:637$329
Despeza feita no 1° trimestre do corrente anno	141:142$986
Saldo	134:494$343

Se ao saldo acima accrescentarmos a importancia relativa á Caixa Geral em 1917, e a divida activa até 31 de Dezembro ultimo, teremos:

Saldo 1° trimestre (1918)	134:494$343
Caixa Geral (1917)	482:655$920
Divida activa	634:782$628
Total	1.251:932$891

A divida passiva do Estado é de 439:900$000, assim discriminada:

Do emprestimo contrahido com o Credit Foncier du Brésil	296:000$000
Emissião de apolices, ainda não registradas	143:900$000
Total	439:900$000

Deduzindo do saldo total a importancia da divida, resta ainda um saldo liquido de 812:032$891.

Por ahi se vê que não podia ser melhor a situação das finanças goyanas.

Além dos melhoramentos já realizados, outros ha que reclamam prompta solução.

O futuro economico e politico ou social de Goyaz depende da solução dos tres seguintes grandes problemas:

1.°) Viação e estradas de rodagem, que desenvolvem as riquezas naturaes e productivas e facilitam a bôa colonisação;
2.°) instrucção publica, base do nosso regimen e factor preponderante no desenvolvimento de um povo;
3.°) optima magistratura, sem a qual não póde haver justiça.

Infelizmente, no que diz respeito á instrucção primaria, Goyaz vem na rectaguarda dos demais Estados.

O Poder Legislativo, que está trabalhando na refórma constitucional, precisa de olhar para esse ramo importante da adminis-

tração publica. Seria conveniente entregal-a ao Poder Executivo, já que a maioria dos municipios não póde custeal-a.

Para melhor diffusão do ensino, como medida preliminar, seria conveniente a creação de grupos escolares nas principaes localidades do sul e norte do Estado, moldados nos modernos principios pedagogicos, a exemplo do que fazem S. Paulo e Minas.

A direcção de cada grupo ficaria a cargo dos belletristas ou normalistas, constituido o seu curso de duas partes — o primario e o secundario elementar.

Antes de tudo, porém, o governo deve facilitar tanto quanto possivel a creação de escolas particulares, subvencionando e protegendo as que o merecerem. Sem a instrucção primaria, é impossivel o ensino secundario e, com maior razão, o superior. Do contrario, será o carro adeante dos bois.

A magistratura goyana reclama sérios cuidados do governo. Vae em franca decadencia. Muitas comarcas são providas de juizes leigos, que não podem presidir as sessões do jury. O mal que isto causa aos interesses sociaes é incalculavel.

Ha outras lacunas. O ministerio publico, além de pessimamente remunerado, é exercido, com raras excepções, por individuos completamente nullos, sem idoneidade moral, que se servem da tribuna da promotoria, não como representantes da sociedade perante á justiça, mas para vingarem odios e paixões politicas.

Urge, portanto, reformar a organização judiciaria do Estado. A sua lei basica, que é de 1898, é um verdadeiro aleijão. Varias leis posteriores vieram revogar grande numero de suas disposições, alterando-as, augmentando-as. D'ahi resultam sérias difficuldades não só para os que lidam no fôro como para os proprios juizes que devem applical-as.

Certo, Roma não se fez num dia. Seria exigir muito do actual Presidente de Goyaz. Quatro annos de operosidade são ainda insufficientes para levar a cabo todas as refórmas de que o rico Estado necessita. Todos os bons goyanos devem collaborar na grande obra, cada um na medida de suas forças.

Ser patriota sem ser politico, tal é o lemma.

Geographos de Gabinete

I

O Sr. Commandante Thiers Fleming, no seu desesperado esforço por obter adhesões á ambiciosa pretenção de Minas Geraes sobre um territorio reconhecidamente sujeito á jurisdicção do Estado de Goyaz (vide accordam do Supremo Tribunal Federal, de 4 de Maio de 1896), depois de, com o prestigio do cargo que occupa na casa militar do Sr. Presidente da Republica, ter seduzido uma boa parte da imprensa carioca, e quasi ou senão todas as nossas pseudas associações scientificas foi afinal bater ás portas do tugurio do Sr. Olavo Freire, pretenso cartographo brasileiro. E certo foi o dedo perito de alguem, conhecedor profundo dos homens e das cousas deste paiz, que apontou Freire ao Sr. Fleming, como páo para toda a obra.

Mas, mal sabe o Sr. Commandante Thiers, que os quilates do geographo prefectural não são da melhor moeda.

O commandante — é o proprio Sr. Olavo quem confessa — honrou o geographo de gabinete, mas de facil celebridade didactica, com "uma captivante dedicatoria", como que lhe "despertando dizer algo sobre os "Limites Interestadoaes".

Que fez o Sr. Olavo?

Ora, o que os plumitivos galfarros fariam: estremeceu de jubilo, fitou as paredes núas do seu tugurio (o epitheto poetico é delle) e lembrou-se que um simples cartãosinho de visita com o timbre do Cattete para o Sr. Amaro poderia dar-lhe accesso facil nessa vidinha burocratica que leva como funccionario alli da Prefeitura e zás mãos na penna mercenaria...

Nós, porém, é que não estamos dispostos a deixar passar em julgado o engrossativo e asnatico artigo do cartographo, escripto de conformidade com as vistas largas do mineiro autor dos "Limites Interestadoaes".

Começo Freire por *formular bases* para os futuros limites interestadoaes e a primeira idéa que lhe brotou do cerebro geo-cartographico foi esta:

"1º — A linha limitrophe deverá ser de preferencia um curso d'agua cujas margens fiquem pertencendo a cada um dos Estados, que esse curso d'agua regar; e a linha divisoria passará pelo *thalweg;* a cada Estado ficariam pertencendo as Estado "as ilhas separadas pelo referido limite?".

E tinha graça se depois de assim estabelecida a linha limitrophe, não ficassem pertencendo a cada um dos Estados as respectivas margens do rio divisorio. E essa da linha divisoria passar pelo *thalweg*, ficando pertencendo a cada Estado "as linhas separadas pelo referido limite?".

Ora, se esse Sr. Freire conhecesse o regimen dos rios no interior do Brasil, saberia que os canaes destes varial annualmente, ora deixando uma ilha á direita, ora á esquerda. E claro é que uma linha que assim se desloca, ou melhor, uma linha que não é fixa, *ipso facto* não póde servir de divisoria ou limites. Os rios, sim.

Dado este pequeno mas necessario cavaco, passemos adiante.

Dest'arte investiu o rhapsodo do Sr. Thiers Fleming contra o grande Estado Central: "Goyaz pretende de Minas Geraes uma larga facha a Léste do rio S. Marcos.

E' ainda uma infeliz pretenção daquelle Estado central, fadado a viver de expedientes, impostos e chicanas uma vez que os seus dirigentes por elle nada fazem.

Trate Goyaz de explorar criteriosamente as phantasticas riquezas de seu sub-sólo, promova por todos os meios a entrada de capitaes que fiquem sob a fiscalisação de empresas particulares capazes de evitar os desperdicios e os desvios immoraes".

De duas uma: ou esse paparreta ignora o significado de "fantasticas" que emprega em relação ás riquezas do sub-sólo de Goyaz, ou é um ignorantaço, e tal, que até desconheece a tradicional producção das inesgotaveis minas goyanas, producção assás conhecida e notoria desde os tempos coloniaes.

Que intelligencia deu porventura o Sr. Olavo Freire áquellas *fantasticas riquezas do sub-sólo goyano ?*

Fantastico, Sr. professor Freire, fantastico — leia os diccionarios, é adjectivo e significa aquillo que apenas existe na imaginação.

Entendeu?

Dissemos acima que os quilates do nosso cartographo não são da melhor moeda. A prova é que elle vive a copiar sem criterio, sem intuição geographica os mappas ou plantas que lhe cáem sob os olhos, esquecendo-se de citar os nomes dos autores.

A esta hora está Freire a copiar, ás escondidas, o mais completo, porém, ainda inedito mappa de Goyaz, que assim consideramos o organizado pelos Padres Dominicanos residentes em Porto Nacional.

Freire ignora até que Cayapó Grande foi o nome que outr'ora deram ao Araguaya nas suas mais altas cabeceiras!...

Chamar-lhe professor de geographia é vituperar os professores desta disciplina nos institutos de ensino do Districto Federal.

Noutro paiz, os seus mappas, tão mal compilados, já teriam sido dados ao fogo.

Temos que rematar, mas deixando aqui uma interrogação.

— Onde o Sr. Freire esteve com a sua consciencia: quando no seu *Novo Atlas de Geographia* incorporou a Goyaz o territorio inter-fluvial Araguaya-Rio das Mortes e mais o encravado entre o S. Marcos, Jacaré e Serra de Pilões, ou no seu artigo de encommenda quando diz que o primeiro dos alludidos territorios pertence a Matto Grosso e o segundo a Minas Geraes ?

Desembuche, Sr. professor!

HENRIQUE SILVA.

A navegação a vapor pelo interior do Brasil

Uma data memoravel

1868 — 1918

Ha 50 annos passados o benemerito patricio General Couto de Magalhães mandou gravar, em um rochedo da Cachoeira Grande, no rio Araguaya, em lingua Tupy, por ser a lingua geral falada pelos selvagens Carajás, naquelle local, a seguinte inscripção:

> " — Sob os auspicios do Sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veio chamar á civilização e ao commercio os esplendidos sertões do Araguaya, com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1868."

Foi no dia 28 de Maio de 1868, que o vapor "Araguay-nerú-assú", commandado pelo Capitão de Fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, iniciou no meio dos sertões bravios da America do Sul, a navegação a vapor no Alto Araguaya, acontecimento esse que se tornou notavel e foi registrado com referencias honrosissimas para o Brasil, pelos institutos scientificos e imprensa de varios paizes.

O General Couto de Magalhães, então presidente da provincia de Matto Grosso, tendo sido antes presidente do Pará e de Goyaz, conseguiu realizar dessa vez o seu plano de levar a navegação a vapor aos confins do nosso immenso territorio, adquirindo para essa trabalhosa empreza um pequeno vapor da extincta companhia de navegação do Alto Paraguay, Antonio João, nessa occasião no rio Cuyabá, isto é, na bacia do Prata, e leval-o por terra até o Araguaya, na bacia do Amazonas.

Este vapor passou a chamar-se "Antonio João", para recordar o nome do valoroso Tenente do Exercito Antonio João Ribeiro, que commandava o destacamento de 16 praças encarregado de guardar o deposito de munições de guerra, na povoação de Dourados, na provincia de Matto Grosso, no começo da guerra do Paraguay, em 1865.

O Barão do Rio Branco, então José Maria da Silva Paranhos, em uma das annotações feitas na Historia da Triplice Alliança, contra o Governo da Republica do Paraguay, escripta por L. Schneider, publicação de 1873, diz:

" No dia 28 de Janeiro, Antonio João teve noticia da approximação dos paraguayos e ordenou que os poucos habitantes da colonia, velhos, mulheres e crianças a abandonassem, declarando-lhes que alli ficava para morrer em seu posto. Ao commandante da colonia de Miranda e ao tenente-coronel Dias da Silva, aquartelado em Nioac, enviou a noticia da invasão dos paraguayos, e a este ultimo escreveu a lapis, o seguinte bilhete:

> " Sei que morro, mas o meu sangue e o dos meus companheiros, servirá de protesto solemne contra a invasão do sólo da minha Patria.—(Assignado) Antonio João Ribeiro."

Preparou-se para receber o inimigo.

A parte official do tenente de infantaria paraguaya, Manuel Martinez, incumbido de levar o ataque á colonia, refere que, intimando ao commandante que se rendesse, o commandante brasileiro responde que se lhe apresentassemos ordem do Governo Imperial, se renderia, mas sem ella não o faria de modo algum. Com esta resposta travou-se logo o combate, sendo morto aos primeiros tiros o commandante de Dourados, o Tenente Antonio João Ribeiro."

Depois de desarmado o pequeno vapor e acommodadas as suas diversas secções (15) em carretas apropriadas, foi confiado o seu transporte ao 1° Tenente da Armada Pedro David Derocher, que chegou com todo o seu comboio a salvamento ao rio Araguaya, Jacarins, onde fez entrega do vapor ao Capitão Luiz Gonçalves de Lima, encarregado de armal-o novamente, serviço que foi executado com toda a proficiencia e presteza, devido ao concurso que lhe prestara o presidente de Goyaz, no fornecimento de materiaes para as obras da reconstituição do vapor.

No dia 28 de Maio de 1868, teve lugar a cerimonia do baptismo do vapor, que recebeu o nome de "Araguaya", lavrando-se nessa occasião tambem o acto da inauguração da navegação a vapor do rio Araguaya.

Com este extraordinario emprehendimento o General Couto de Magalhães mostrou egualmente as possibilidades de communicar-se a bacia do Rio da Prata com a do Amazonas, projecto dos padres Jesuitas, que já haviam indicado a ligação pelo Madeira com o Aguapehy, confluente do Paraguay, ou pelo Arinos (principal cabeceira do Tapajoz e o Cuyabá, como haviam indicado os estudos mandados fazer pelo Marquez de Pombal).

Convém não deixar em esquecimento o engenheiro militar Eduardo José de Moraes, o mais esforçado pioneiro que tem tido o Brasil e os seus trabalhos pela navegação interior do nosso paiz, como tive occasião de admirar a sua capacidade technica quando percorri ultimamente aquelles longinquos lugares em visita ao forte do Principe da Beira, no alto Guaporé, e procurava sahir pelo Paraguay, transpondo a Serra do Aguapehy pelas cabeceiras do Alegre.

Como lembrança dessa minha excursão ao forte do Principe da Beira, trabalho admiravel dos portuguezes em 1776, trouxe para o Museu Naval, dous canhões de ferro, que encontrei entre as ruinas de uma das baterias do lado do rio Guaporé.

Têm seus nomes ligados a esse importante feito do General Couto de Magalhães, o Capitão de Fragata Antonio Claudio Soido, commandante da flotilha de Matto Grosso, e o Capitão Antonio Gomes Pinheiro.

Era Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, o Conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, e Ministro da Marinha, o Conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo (Visconde de Ouro Preto), aos quaes, o General Couto de Magalhães, tributa immensa gratidão pelos auxilios prestados nessa trabalhosa commissão, além da cooperação do Imperador, com as suas investigações historicas e a intervenção insistente junto dos poderes provinciaes para que esse emprehendimento chegasse a bom termo.

E assim aconteceu, cabendo ao General Couto de Magalhães a gloria de ter escripto uma bella pagina da historia da navegação a vapor do interior do Brasil.

A data que hoje lembro com muita veneração pela memoria desses grandes servidores da Patria, foi uma consequencia da Lei de 7 de Setembro de 1867, que começou a ter vigor em 1868, facultando a todas as bandeiras, a navegação do Amazonas até as fronteiras do Brasil, do Tocantins até Cametá, do Tapajoz até Santarém, do Madeira até Borba e do Rio Negro até Manáos.

Nessa mesma occasião foi concedido igual favor para o São Francisco até á cidade de Penedo.

Como documento de grande valor historico para o caso que estou recordando, transcrevo o auto lavrado naquella occasião:

Auto da inauguração da navegação a vapor do Rio Araguaya

" Aos 28 dias do mez de Maio do anno de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1868, 47° da Independencia e do Imperio, á margem esquerda do rio Araguaya e a 30 leguas da capital de Goyaz, reuniram-se o Exmo. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Presidente que foi desta provincia, e por ella eleito Deputado á Assembléa Geral Legislativa, actualmente Presidente da provincia de Matto Grosso, e o Exmo. Sr. Dezembargador Dr. João Bonifacio Gomes de Siqueira, 1° vice-Presidente de Goyaz, em exercicio, com muitos funccionarios publicos e grande numero de outros cidadãos que concorreram para o fim de assistirem á ceremonia religiosa da benção do vapor "Araguay-nerú-assú", e a inauguração a vapor do rio Araguaya, em consequencia de o haver communicado o mesmo Exmo. Sr. Presidente da Provincia de Matto-Grosso, ao desta provincia, que dirigio convites e fez publico este facto da mais subida importancia para engrandecimento e prosperidade para a provincia de Goyaz. E achando-se surto no porto, em frente á foz do rio Vermelho, o mencionado vapor, de que é commandante o Capitão de Fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, recolherão-se a bordo, os—Exmos. Srs. presidentes das provincias de Matto Grosso e de Goyaz, acompanhados dos Srs. Dr. Theodoro Rodrigues de Moraes, 3° vice-presidente; Dr. Frederico Dabneyde Avellar Brotero, chefe de policia da provincia; Dr. João Luiz de Araujo Oliveira Lobo, inspector geral dos presidios; Antonio Honorio Ferreira, inspector da thesouraria de fazenda de Goyaz; Dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, engenheiro; Capitão Luiz Gonçalves de Lima, engenheiro-constructor; Dr. João Thomaz de Carvalhaes, 1° cirurgião do Exercito; muitos outros funccionarios publicos e pessoas importantes.

Em seguida, procedendo os necessarios exames e reconhecimentos, teve lugar a ceremonia religiosa do vapor, até então chamado "Araguay-nerú-assú"; officiando o Revmo. B. da Costa e Oliveira, capellão do presidio de Leopoldina, tendo-se antes assentado em mudar-se o nome do mesmo vapor, que passou a chamar-se — "Araguaya"

Terminado o acto religioso, ergueram-se vivas á Religião do Estado, á sua Magestade o Imperador, ao Governo Imperial, aos Exmos. Srs. Ministros da Marinha, Conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo e Ministro da Agricultura, Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dan-

tas, e finalmente ao progresso da navegação a vapor no interior do Imperio.

Logo depois, o vapor suspendendo o ferro, largou do porto em directura á margem opposta, atravessando o rio Araguaya, cruzou em varias direcções, ao som do hymno nacional, subio o rio Vermelho e voltando ao ancoradouro, foi solemnemente proc'amado achar-se installada a navegação a vapor no rio Araguaya; e de tudo para memoria este acto que foi saudado enthusiasticamente por todas as pessoas que assistiram de bordo a das praias.

Então o Exmo. Sr. Desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira levantou vivas ao Exmo. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, a quem se deve a reanimação da navegação do Araguaya, e seus affluentes, a iniciativa da navegação a vapor que sustentou com tanta constancia e sacrificio, e acabava-se de vêr realizada a despeito de todos os obstaculos e contrariedades a que sempre se mostrou superior.

O Exmo. Sr. Dr. Couto foi saudado e cumprimentado por todos por tão alto feito, recebendo as mais vivas demonstrações de gratidão e reconhecimento.

Assim terminou a cerimonia da inauguração da navegação a vapor no rio Araguaya; e de tudo para memoria se lavrou o presente auto, que vae por todos assignado e de que se extrahiram 6 cópias para serem remettidas, a saber: duas aos Exmos. Srs. Conselheiros Ministros da Marinha e da Agricultura; duas para a secretaria do Governo da provincia de Matto Grosso e a Camara Municipal da Mesma e finalmente duas para as mesmas repartições de Goyaz. — Eu, Antonio Honorio Ferreira, o escrevi. — (assignados) Dr. José Vieira Couto Magalhães, — Dr. João Bonifacio Gomes de Siqueira, — Theodoro Rodrigues de Moraes. — Frederico Dabney de Avellar Brotero, — Dr. João Luiz de Oliveira Lobo, — Antonio Honorio Ferreira, — Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, — Luiz Gonçalves de Lima, — João Thomaz Carvalhaes. — Conforme, Antonio Honorio Fereira."

Convém não deixar no esquecimento tão valorosos feitos de respeitaveis servidores da Patria, para gloria do Brasil.

José Carlos de Carvalho,

Contr'Almirante.

Rio, 28 de Maio de 1918.

Notas e informações

CAPIM JARAGUA'

Desta notavel forrageira goyana julgamos sufficiente traslar dar para aqui o que o Sr. Dr. Joaquim Carlos Travassos escreveu no vol. I das suas "Monographias Agricolas": "O "Jaraguá" é uma gramma de alto porte, fertil e sempre vivaz e mesmo precoce no tempo das aguas; supporta os nossos mais ardentes estios e as nossas baixas temperaturas; vegeta tambem em Cantagallo como em Friburgo e Therezopolis.

A leveza de suas sementes, arrastadas pelos ventos e transplantadas nos pellos dos animaes e nas vestes do homem, faz com que a consideremos como a graminea mais invasora entre as suas congeneres.

Seria apenas uma questão de tempo para que, transportada pelos furacões, nos batesse ás portas quando o homem a não quizesse propagar.

A riqueza nutritiva do "Jaraguá" varia muito com as épocas do crescimento; as diversas analyses, até hoje feitas, são por essa razão mais ou menos divergentes nas suas proporções, e para bem harmonizar os resultados fornecidos pela sciencia e pala pratica, resolvemos estudar essa forragem, principiando pela parte pratica, isto é, pelas informações que nos forneceram os criadores mais praticos dos sertões, a quem recorremos pedindo suas opiniões, as quaes foram todas com muito enthusiasmo favoraveis ao "Jaraguá", comtanto, dizem elles, que se saiba queimal-o em tempo apropriado.

E todos esses informantes estão convencidos, con sinceridade, que o "Jaraguá" veio salvar a industria pastoril n'aquelles sertões, e que os queijos fabricados á custa desta forragem são superiores e deixam de ser aquella massa insipida fabricada á custa da gordura."

JEQUIRANA

E' outra forrageira nativa de Goyaz.

Trata-se de uma leguminosa que tem a vantagem de conservar-se verde e de florescer na época da secca, fornecendo abundante e substanciosa alimentação ao gado.

E', como disse o extincto redactor do *Jornal dos Agricultores*, Antonio de Medeiros, "de alto valor intrinseco e está destinada a operar no Brasil uma verdadeira revolução. Igual, ou talvez mesmo superior á alfafa, tem a grande vantagem de ser trepadeira, podendo ser semeada nos campos de cerrados e capoeiras onde o gado se acolhe no tempo frio."

Fenada não perde a côr verde e conserva um delicado aroma. Presta-se admiravelmente á fenação, conforme muitas experiencias que temos feito depois que tivemos o prazer de descobril-a na vasta região florestal e pastoril conhecida por Matto Grosso de Goyaz, d'onde é tambem originario o "Jaraguá".

BORRACHA MANGABEIRA

Goyaz é o Estado da União que possue maior quantidade da utilissima planta da familia das Apocynaceas. Possue todas as variedades conhecidas do genero Hancornia.

Tratando da extracção da borracha mangabeira escrevia o Dr. Wencesláo Bello: "O Estado de Goyaz tem progredido de modo notavel n'esta industria, como se vê da sua exportação nos dois ultimos annos, pelo porto de Santos:

1904	93.826 kg.	375:304$000
1905	74.848 kg.	299:372$000

Sua exportação não se faz toda por Santos, pois, como vimos, em 1904 transitaram por ahi sómente 63.784 kilogr. no valor de 250:630$000. A differença sahe por Maranhão e Pará."

Devemos juntar, porém, que a maior parte da borracha mangabeira de Goyaz sahe pelos portos do Rio, Belém, do Pará, Tutoia ou Ilha dos Cajueiros (no Estado do Piauhy), Bahia e Santos.

A borracha mangabeira qué provém de Goyaz figura em grande parte no porto do Rio como procedente de Minas Geraes, que sempre foi o percalço do grande Estado Central.

D'ahi a seguinte anomalia que as estatisticas registram:

Exportação pelo porto do Rio:

Em 1904	De Minas e Goyaz	11.354 kg.
Em 1905	De Minas e Goyaz	46.489 kg.

Pelo porto de Santos, accrescentava o Dr. W. Bello, em 1904 a exportação se desdobrou pela seguinte fórma:

S. Paulo	11.391 kg.
Minas	28.428 kg.
Goyaz	63.784 kg.

Mas é preciso dizer que as estatisticas paulistas englobam na sua importação quasi tudo que a Mogyana traz até Campinas. Haja vista a grande exportação goyana de cereaes, banha, manteiga, xarque, carne de porco e gado que nestes quatro ultimos annos sahe pelo porto de Santos sem declaração da procedencia e a Directoria de Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda registra em seus Boletins e o illustre Dr. Vieira Souto proclama, mostrando a immensa producção do Estado de S. Paulo.

Um trecho do cáes do Rio Vermelho que banha a capital goyana, separando-a em duas partes. Os coqueiros que ensombram o cáes, bem como toda a cidade são os chamados "coqueiros da Bahia" ("Cocos nucifera L"), que os Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna não viram... Ao fundo um Indayá ("Attalea in dayá Mart), cuja existencia em Goyaz tambem os botanistas de gabinete ignoram, ou pelo menos não mencionam nas suas obras de compilações.

A instrucção em Goyaz

Mal recommendado e mal visto, como tem sido, pelos que não o conhecem "de visu", e sim, pelas tendenciosas informações de politicos impatriotas e excursionistas enfezados, que por alli têm transitado a dous remos, o Estado goyano tem possuido nesta Revista uma luzida pleiade de defensores, aos quaes me reúno com o mais vivo ardor combatente, tomando o meu cargo, nesta exposição, um ponto atacavel da trincheira em que operam os meus intrepidos e invenciveis companheiros de combate.

Refiro-me á instrucção, em geral, que, diante das cobras e lagartos que dizem de Goyaz, poderia, a muitos, parecer que alli não existe ou se acha em precarias condições. Ha pouco, já um dos illustres collaboradores da "Informação" enumerou com precisão e acerto os estabelecimentos de instrucção existentes no Estado, e só me resta particularizar alguns pontos.

Fallo como instituidor e professor, que tenho sido, naquellas paragens. Primeiramente devo dizer que não existe alli uma cidade, uma villa, uma povoação, por pequena que seja, que não tenha a sua escola primaria, quando não publica, particular. E ainda mais : raro é o fazendeiro abastado que não tenha em casa uma escola primaria para o ensino dos filhos e dos pequenos da visinhança ; e nalguns municipios, como o de Bomfim, Formosa e outros, os conselhos municipaes criaram isenção de certos impostos para os fazendeiros que custeassem escolas ruraes, frequentadas por mais de dez alumnos, inclusive os escolares seus filhos. Com este favorecimento, os proprietarios agricolas, no intuito de gozarem tal isenção, que, ás vezes, corresponde ao quantum do que poderiam despender com a gratificação a um professor da roça, multiplicam estes pequenos nucleos de instrucção primaria, que, a cada passo, se notam annexos aos estabelecimentos agricolas do Estado. Esta instrucção rural é muito elementar, consistindo em leitura corrente, escripta e contabilidade commercial; porém não é raro, dada a intelligencia dos jovens goyanos, encontrar-se alli, entre os rusticos, um "miringuera" (mocinho) de 12 annos, sabendo resolver intrincados problemas arithmeticos e escrever uma carta com uma calligraphia invejavel. Nas cidades e villas, o programma escolar é mais amplo, e abrange todos os conhecimentos elementares de que necessita um cidadão. E ha nalgumas cidades escolas primarias e grupos escolares que rivalizam com os melhores dos outros Estados do Brasil. Entre estes, devo citar o de Formosa, o qual tive o prazer patriotico de organizar á requisição do governo local e cujo programma de ensino e methodos empregados deveriam merecer imitação por parte dos demais municipios goyanos e outros e outros, por este paiz afóra, onde a instrucção primaria ainda conserva como trophéo colonial o b-a-bá cantado, segundo a cartilha bisecular do apotheosado professor Coruja. O grupo escolar de Formosa, moldado de conformidade com os methodos modernos, mais productivos, tem um programma expurgado de todas as inutilidades e sobre-cargas que confundem e esmorecem os jovens escolares, que, assim, se retiram dos muitos estabelecimentos que frequentam, ignorando as regras mais elementares da linguagem nacional e desconhecendo ordinariamente as mais simples noções da geographia do seu Estado e do Brasil.

O curso escolar é alli de quatro annos, podendo o alumno intelligente e applicado ser promovido tres vezes no decurso do anno escolar e receber no fim do primeiro anno de frequencia o seu certificado de "conclusão", que o isenta da obrigatoriedade de ensino e lhe permitte cuidar dos seus interesses ou auxiliar a familia com o concurso do seu trabalho. Este caso de conclusão de curso alli se tem repetido com alumnos de 15 annos de edade e já iniciados na leitura e contabilidade. Deste modo se animam paes de familia e alumnos, que procuram com diligencia o ensino, certos de não ficarem captivos da obrigação de frequentarem as aulas durante quatro annos forçados, como sóem recommendar os regulamentos elaborados por pedagogos rabujentos, que nunca entraram, ás vezes, numa escola, depois daquellas em que, na meninice, levaram merecidos bolos e respeitaveis cafunes.

Por esta disposição do regulamento do referido grupo escolar, poderá o leitor inteirar-se das vantagens e animação do ensino que alli se ministra á mocidade escolar. As divisões das classes, as lições communs, a ordem, o silencio, a assistencia irreprehensivel dos professores (um central para a classe mais adiantada e dous adjunctos para a soutras duas classes), a fiscalisação do inspector (que vigia a entrada e a sahida dos professores, para lhes cortar a diaria, quando transgredirem o horario ou faltarem aos seus deveres sem motivo justificado), tudo isto recommenda como modelar aquella instituição municipal, que alli deve até hoje estar felicitando e honrando aquella floressente localidade.

Fui mais de uma vez testemunha presencial dos exames dos alumnos naquelle estabelecimento, e posso referir o que notei e seria longo descrever, bastando citar o caso de um petiz de 10 annos de idade, olhos vivos e physionomia risonha, o qual, sendo arguido por um dos examinadores, mettido a sabichão e desejoso, talvez, de depreciar o estabelecimento, onde tambem pequenos caminhavam para eclipsar a sua fama de grammatico, portou-se com uma franqueza propria da sua idade.

Perguntou-lhe o exminador: — O que é grammatica? Respondeu: — E' aquillo que o senhor ignora.

Examinador, surprezo:—Como assim? Examinando:—A sua pergunta está errada, tem um determinativo indevido. Examinador: — Qual o determinativo? Examinando: — Esse — o — encastoado no interrogativo — que. Examinador: — Como eu deveria dizer? Examinando: — Eis outra batata. Examinador : — Onde está a batata? Examinando: — No batatal. Examinador (enfurecido): — E onde está o batatal, seu insolente? Examinando: — O senhor que o cultiva é quem o deve saber.

Neste ponto intervieram os outros examinadores que impediram a discussão e a retirada desairosa do examinador, que, não é preciso dizer, votou contra a approvação do alumno, que, ainda assim visado pelo antagonista, conseguiu uma distincção com louvor.

São destes pequenos incidentes que se originam, ás vezes, o desmantello de um estabelecimento naquellas paragens, onde, infelizmente, as paixões politicas, alliadas ao orgulho de pretenciosos sabe-tudo, impecilham e abafam todo e qualquer surto de progresso.

Quanto á instrucção feminina, devo dizer que Formosa occupa o primeiro logar entre as cidades goyanas. O grupo escolar feminino é alli regido pelas benemeritas irmãs dominicanas, habeis educadoras, que alliam á solida instrucção que possuem um trato amenissimo e carinhoso. As aulas deste grupo funccionam nos salões do Collegio S. José, e as alumnas preparadas no curso primario passam-se para o secundario, onde recebem, além da variada instrucção que alli se administra, lições de musica, piano e trabalhos domesticos. As festas escolares alli se repetem periodicamente, consistindo em representações de peças theatraes, concertos musicaes, hymnos patrioticos cantados pelas alumnas, etc.; o que attrae ao estabelecimento a selecta população local. A frequencia é de 200 alumnas, approximadamente, entre as escolares e collegiaes internas e externas. Maior seria ainda esta frequencia, si a politicagem, que tudo aniquilla naquellas paragens, não perturbasse, como tantas vezes o tem feito, aquelle viveiro de progresso, mais de uma vez ameaçado pelo banditismo politico local, que, desgraçadamente, alli reina.

A. EUZEBIO.

(*Continúa*).

Mais um enorme diamante descoberto em Goyaz

Não faz dez annos que na margem do rio Verissimo foi encontrado um grande diamante de 1.200 kilates. Levado á bigorna foi reduzido a pedaços, dos quaes um com 50 kilates, como já noticiámos num dos numeros desta revista, baseados no valioso testemunho do sabio geologo Dr. Orville Derby, de saudosa memoria. .

Agora é ainda em Goyaz que se descobre um dos maiores diamantes brasileiros, como o leitor verá da seguinte transcripção que fazemos de um local da *Nova Era*, o brilhante semanario que se edita na capital goyana:

" Tivemos conhecimento de que no districto de Bananeiras, neste Estado, á margem do Rio Meia Ponte, um individuo encontrou uma pedra clara e brilhante, tendo o formato e proporções de um côco macaúbas, com a respectiva casca.

O referido mineral era coberto de uma crosta opaca, parecendo mesmo um côco macaúbas.

O homem que a achou, conservou-a em seu poder até o dia em que, necessitando de dinheiro, levou-a a Bananeiras, onde só encontrou quem a comprasse pela insignificante quantia de 25$000, por ser ignorada a sua qualidade.

O commandante Zacharias Borges, que a adquiriu por aquella importancia, apenas como uma curiosidade mineral, apresentou-a depois ao Sr. Rogerio Cotrin, que tambem reside em Bananeiras, tendo este a examinado cuidadosamente por meio de uma lima de aço, verificando tratar-se de um brilhante bruto, de alto valor.

Como o seu possuidor não dispuzesse de recursos para emprehender uma viagem a Minas ou S. Paulo, firmou um contrato com o Sr. Cotrin, mediante o qual se obrigava a lhe dar 30 °|° sobre o valor da pedra, para que se fizessem as despezas de viagem que teriam de emprehender para certificarem-se da qualidade e do valor da pedra, perdendo as despezas, caso ella fosse apenas um curioso mineral sem importancia.

Souberam afinal que a qualidade do diamante foi constatada, sendo avaliado em cinco mil contos de réis!

Já é uma fortuna...

Quantas pedras iguaes a essa, o referido rio não encerrará no seu leito de inestimaveis riquezas? "

MENSAGEM PRESIDENCIAL

Enviada ao Congresso Legislativo de Goyaz pelo Dezembargador João Alves de Castro, no dia 13 de Maio ultimo, em que foi installada a 2ª sessão da 8ª legislatura

SENHORES MEMBROS DO CONGRESSO LEGISLATIVO:

COMO FUI GOVERNO

Grandemente impressionado com as explorações que se faziam em torno da eleição presidencial de 2 de Março do anno passado e obedecendo ao intuito de conseguir o congraçamento dos espiritos neste Estado, empregou o Exmo. Sr. Dr. Wenceslão Braz, digno Presidente da Republica, os melhores de seus esforços no sentido de ser firmado, entre os dois partidos politicos existentes, um accôrdo de que pudesse resultar tambem um periodo de paz e de tranquillidade para os goyanos.

E' do teor seguinte o documento que a respeito firmaram os politicos de Goyaz:

"O deputado Antonio Ramos Caiado, delegado do Partido Democrata do Estado de Goyaz, conforme poderes que lhe outorgou o respectivo directorio, de um lado; e de outro, o senador Luiz Gonzaga Jayme e o coronel Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim, delegado do Partido Republicano de Goyaz, conforme poderes que lhes outorgou o respectivo directorio, obrigam-se, para resolver difficuldades attinentes ás eleições no referido Estado, a observar e fazer observar as seguintes clausulas:

1) Os directores dos Partidos "Democrata" e "Republicano" obrigam-se a apoiar nas eleições de dois de Março proximo vindouro, para Presidente do Estado de Goyaz, o Dr. João Alves de Castro, e para primeiro Vice-presidente o cidadão que fôr indicado pelo Directorio do Partido Democrata;

2) Os Directores dos Partidos "Democrata" e "Republicano" obrigam-se a apoiar nas eleições de dois de Março referido, para segundo e terceiro vice-presidentes do Estado, os cidadãos que forem indicados pelo Directorio do Partido Republicano.

3) Outrosim se obrigam os referidos directores pelo reconhecimento e posse dos candidatos de que tratam os dois *itens* precedentes;

4) Os referidos directorios se obrigam a promover o reconhecimento de dezoito deputados democratas e seis deputados republicanos, em a proxima constituição da Camara Legislativa do Estado. Os seis deputados republicanos são os seguintes: Frederico Gonzaga Jayme, Dr. Humberto Martins Ribeiro, Francisco Joaquim de Magalhães, Candido Theodoro, Joaquim Ferreira da Silva e João Baptista de Almeida. O não reconhecimento do candidato Francisco Lopes de Moraes fica sob a responsabilidade do deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, conforme carta que escreve ao deputado Antonio Ramos Caiado. Por assim o haverem combinado, assignam a presente acta, que é lavrada por mim Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, que tambem a assigno.

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1917. — *A. Ramos Caiado.* — *Francisco L. R. Jardim.* — *L. Gonzaga Jayme.* — *Antonio C. R. de Andrada.*"

Dahi resultou minha eleição de Presidente em 2 de Março de 1917. Em 14 de Julho do mesmo anno, depois de haver prestado o compromisso constitucional, tomei posse e assumi o exercicio do cargo.

MINHA ACÇÃO POLITICA

Por occasião da minha posse, fiz divulgar no Estado inteiro, conforme já o fizera antes em entrevistas concedidas á imprensa carioca, o meu programma inicial, no qual affirmei, em termos claros e iniludiveis, nas palavras que se seguem, qual seria a minha acção politica:

"Não aspirei a essa investidura e nem tive a menor participação nesse accordo.

Afastado da actividade politica desde 1909, por motivos assás conhecidos do povo goyano, e exercendo, fóra do Estado, importante cargo da União, estaria longe de suppôr que se me impuzesse a acceitação do honroso cargo de presidir os destinos de Goyaz.

Devendo o que sou á minha terra; summamente grato aos meus conterraneos pelas innumeras provas de consideração com que me cumularam em todos os tempos; e, mais do que isso, desejando ardentemente vêr Goyaz coheso, Goyaz digno e Goyaz progredindo, julguei-me sem forças e sem o direito de recusar o appello que me foi feito, insistentemente, para prestar ao Estado os serviços que de mim reclamaram.

Não me illudo sobre a importancia da eleição presidencial de 2 de Março.

Tem ella uma alta significação: consubstancia de modo preciso, claro e insosphismavel, o pensamento de todo o povo de minha terra, exigindo do seu delegado a condemnação da politica partidaria e impondo uma politica elevada, accessivel a todos, politica imparcial, alheia aos odios, sem espirito de vingança e irreductivel nos severos principios de justiça, amparada pela lei e pelo direito.

Acceitando o cargo, dahi me não é licito sahir.

Politica republicana, portanto, tendo por base a verdade eleitoral e a mais completa garantia de todos os direitos por um lado, e, por outro, a instrucção popular; politica de ordem e de paz, de justiça e de congraçamento dos espiritos, eis o que pretendo fazer de modo resoluto e firme, sem interesses de qualquer ordem ligados aos torneios faccionarios.

A' Goyaz sou chamado para construir e não para destruir.

Injustificavel seria, por isso, que governasse em desaccôrdo com os municipios em desharmonia com os poderes locaes legalmente constituidos.

Mas neste particular adoptando o unico criterio que, no actual momento, o meu patriotismo indica, velarei com especial carinho pelo direito das minorias, certo do seu importante papel de fiscal das maiorias."

Tudo tenho feito, diz-me a consciencia e dizem todos os meus actos, para cumprir esta parte do meu programma.

A paz que se nota no Estado inteiro e o apoio que tem o meu governo, recebido de todos os municipios constituem a prova mais completa, de que era essa a unica politica a ser seguida e pela qual todos anceiavam.

Infelizmente, porém, não me foi possivel conseguir que os partidos "Republicano" e "Democrata" se mantivessem no amplo terreno da concordia, como era meu principal objectivo.

E', que, além de sérias incompatibilidade entre alguns politicos desta Capital, se approximava o pleito federal, que viria servir de ponto de partida para novas agitação no terreno partidario.

DESEMBARGADOR JOÃO ALVES DE CASTRO
Presidente do Estado

Os principaes chefes dessas aggremiações achavam-se no Rio de Janeiro.

Todo interesse do Estado estava e está reclamando a cessação dessas divergencias politicas que, por via de regra, vêm entorpecer a marcha da publica administração.

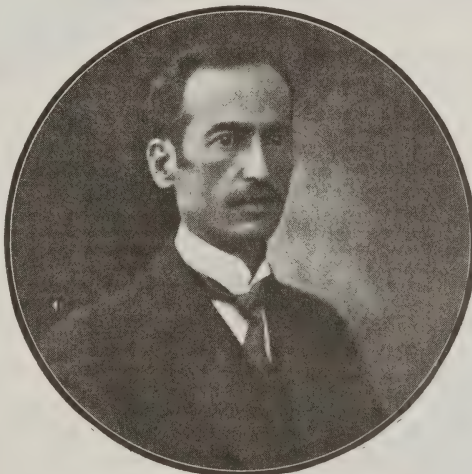
Facultando a nossa Constituição, no seu artigo 82, que o Presidente se ausente do Estado, em serviço publico, por espaço não superior a trinta dias, resolvi usar dessa faculdade e seguir no dia 25 de Outubro para aquella Capital não só afim de tratar de varios problemas que diziam respeito aos altos interesses do Estado, como tambem afim de entender-me pessoalmente com o Exmo. Sr. Dr. Presidente da Republica e com aquelles paredros da politica estadoal, sobre o melhor meio de ser afastada qualquer lucta por occasião do pleito.

Não pude, porém, levar a termo o meu intento.

O Partido Republicano, pelo seu orgam de publicidade, levantou duvidas sobre a interpretação desse texto constitucional, o que deu logar a grande agitação do espirito publico.

Ao meu conhecimento, quando já estava em Ipamery, chegavam noticias alarmantes de que mui graves acontecimentos se realizariam nesta Capital se eu transpuzesse as raias do Estado sem licença do Congresso.

Era a politicalha alçando novamente o collo, porquanto de boa fé ninguem será capaz de affirmar que o Presidente do Estado póde estar em serviço publico fóra do exercicio do cargo.

Não desejando de fórma alguma concorrer para que tivesse solução

de continuidade a politica de paz e de trabalho, já inaugurada no Estado, com a circumstancia de que a minha viagem não obedecia a interesse particular, tomei a deliberação, bem a contra-gosto, de regressar á Capital, onde cheguei a 11 de Novembro.

Conhecida esta resolução, começou a apparecer em certo jornal do Rio de Janeiro forte censura ao meu Governo, resvalando esta para as aggressões pessoaes.

Collocando-me superior a essas aggressões gratuitas, feitas justamente por aquelles aos quaes a minha viagem poderia aproveitar e pelos mesmos impedida, não alterei a minha norma de conducta continuando, de accôrdo com o meu programma, a empregar esforços para que fosse um facto o congraçamento dos goyanos e a secundar os desejos do Exmo. Sr. Dr. Presidente da Republica no sentido de ser feito um novo accôrdo para as eleições federaes e garantida a reeleição do Sr. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim.

Dirigi, então, á Commissão Executiva do Partido Democrata, que conta com o apoio do eleitorado goyano e que até a minha posse dispunha de todas as posições officiaes, a seguinte carta:

"Goyaz, 29 de Novembro de 1917.

Sr. Senador Eugenio Jardim e mais membros do Partido Democrata.

Pede-me o Sr. Dr. Presidente da Republica que eu sirva de seu interprete perante VV. Excias. solicitando, em nome dos altos interesses nacionaes, o apoio do Partido Democrata a favor da reeleição do Senador Leopoldo de Bulhões.

Tratando-se de um goyano illustre, vantajosamente conhecido no Paiz e que muito honra o Estado no Congresso Nacional, nenhum constrangimento tenho em transmittir a VV. Excias. o desejo do Sr. Presidente da Republica.

O momento excepcional, que atravessa actualmente o nosso paiz, está a exigir a união de todos os seus filhos e o esquecimento de todos os odios e resentimentos, como bem o faz sentir o mesmo Sr. Dr. Wencesláo Braz.

Esperando solução favoravel a este appello, que tambem faço meu, não só pelos motivos allegados pelo Sr. Dr. Presidente da Republica, como tambem porque elle traduz um acto de justiça, subscrevo-me am.° att.° e cr.° — *J. Alves de Castro.*"

No dia 5 de Dezembro recebi em resposta o seguinte officio:

"Exmo. Sr. Desembargador Alves de Castro. — A Commissão Executiva do Partido Democrata, abaixo assignada, reunida hoje, em conferencia extraordinaria para tomar conhecimento dos insistentes pedidos de V. Excia. afim de que o nosso Partido recommende ao eleitorado o nome do Senador Bulhões á reeleição ou não embarace sua candidatura abstendo-se do pleito, em attenção aos motivos que allega, — pede permissão a V. Ex. para ponderar o seguinte:

Firmado, por iniciativa do Exmo. Sr. Dr. Presidente da Republica, um accôrdo entre os dois partidos politicos existentes neste Estado para as eleições presidenciaes de dois de Março ultimo, de cujas clausulas não consta a reeleição do Senador Bulhões, segundo a acta em nosso poder, accôrdo que, convém notar-se, sómente por nós foi cumprido quasi que exclusivamente, porquanto os correligionarios desse Senador, nesta Capital, nem siquer foram ás urnas depositar os seus votos — manteve-se o Partido Democrata, depois disso, em attitude de expectativa, executando e fazendo executar as clausulas pelas quaes se obrigou. O illustre Senador Bulhões, porém, não querendo comprehender os intuitos do digno Presidente da Republica e, ao contrario, procurando vêr no seu gesto patriotico o proposito, que não é possivel que houvesse e nem houve, estamos certos, de nos esmagar, de enfraquecer o nosso partido, que conta com o apoio absoluto de trinta e oito municipios dos quarenta e tres existentes em Goyaz, que tem a solidariedade unanime do Poder Legislativo, com excepção de cinco deputados que foram cedidos ao Partido contrario em consequencia do dito accôrdo, que está amparado por esta população inteira, começou a agir, aqui e ahi, em franca hostilidade ao Partido Democrata, já em cartas, já pela imprensa e já conseguindo do Ministro da Fazenda de então, demissões de collectores federaes, amigos nossos.

Estas hostilidades não cessaram com a posse de V. Excia. Mais ainda se accentuaram com as recentes nomeações de supplentes de juizes federaes, feitas pelo Governo Federal em desaccôrdo com as propostas de V. Excia. não obstante, segundo todos sabem, terem estas propostas obedecido ao criterio firmado por V. Excia. em seu programma, e nas quaes foram contemplados, em todos os municipios, os elementos dos dois partidos existentes.

Não contente com estas hostilidades que, sem razão, nos eram feitas, o senador Bulhões insiste pela imprensa do Rio de Janeiro, em continuar a lançar o descredito sobre o nosso Estado, tentando fazer crêr que vivemos fóra da lei e da ordem, achincalhando os seus conterraneos mais illustres, como acaba de o fazer aggredindo a V. Excia. pessoalmente pelo *Imparcial*, do qual se diz que é elle um dos seus collaboradores assiduos.

O proprio jornal "Goyaz", orgão dos interesses da familia Bulhões neste Estado, acaba de publicar em artigo violento, entre outras objurgatorias, o seguinte: "O Partido Democrata não tem candidato condigno para oppôr ao senador Bulhões, grande é a sua pobreza moral e partidaria, visando transformar o Senado da Republica em asylo de invalidos."

Deante de semelhante attitude, injustificavel por todos os motivos, bem vê V. Excia. que o Partido Democrata ficaria diminuido aos olhos dos seus correligionarios e do proprio Estado e viria quebrar a sua linha de dignidade e de altivez civica se tomasse a resolução impatriotica de apoiar ou não se oppôr a essa candidatura.

Temos grande pezar, acredite V. Excia., em não podermos acquiescer aos desejos do Exmo. Sr. Dr. Wencesláo Braz, cujos intuitos patrioticos comprehendemos.

Proceder de modo contrario, seria uma humilhação indigna que não poderia ser bem recebida nem por V. Excia. e nem pelo Exmo. Sr. Dr. Wencesláo Braz.

Podemos garantir a V. Excia., em nome de todos os correligionarios, que formam quasi que a unanimidade do Estado, que o nosso Partido tem immensa satisfação em secundar os seus esforços em beneficio de nossa terra, prestando-lhe apoio e a sua inteira solidariedade.

Respondendo por esta fórma ao appello de V. Excia., solicitamos a fineza de declarar ao Exmo. Sr. Dr. Presidente da Republica que, sómente pelos motivos expostos, é que somos compellidos a negar o nosso apoio ao Senador Bulhões, assim como que, no actual momento historico de difficuldades para o nosso paiz, continuamos a prestar ao Governo Federal toda a nossa solidariedade em beneficio de nossa Patria querida.

Em cinco de Dezembro de 1917. — (Assignados): Eugenio Jardim. — Luiz Guedes. — Ramos Jubé. — Samuel Sabino. — Rocha Lima. — Olegario Delphino — Salathiel de Lima. — Ayres da Silva. — Hermenegildo de Moraes. — Deixam de figurar os Srs. Ramos Caiado e David do Nascimento por estarem ausentes e não terem sido representados por procuração."

Fiel aos compromissos que assumi de me não envolver no pleito e de cuidar apenas da administração do Estado, só me cumpria, como o fiz, diante dessa resposta, deixar a eleição correr com toda a liberdade e com a maxima garantia para todos.

Bem sei que o Presidente do Estado tem o arbitrio de alternar no poder os partidos.

Mas eleito pelo povo inteiro de minha terra, como o fui, era meu dever sentir e pensar com o povo e pelo povo.

Devia fazer mais: sondar a aspiração popular.

Forçar, por isso, a mão e converter-me em chefe politico para pleitear a reeleição do Exmo. Sr. Dr. Leopoldo de Bulhões ou a de qualquer outro candidato seria desvirtuar a missão de que fui investido e seria violentar os meus sentimentos republicanos.

Recordando estes factos, já de todos vós conhecidos, só tenho em vista mostrar com que sinceridade estou servindo á causa publica e como bem tenho procurado comprehender os intuitos dos que, movidos por interesses superiores, accordaram sobre a escolha do meu nome para Presidente do Estado.

Esta orientação, ao que parece, concorreu para afastar de vez o partido republicano do meu governo.

Julguei que por essa fórma procedendo, melhor servia eu a causa do nosso Estado e ao proprio regimen republicano.

Certo é, porém, com prazer o assignalo, que aquelles que, com toda a sinceridade e enthusiasmo congregaram os seus esforços em beneficio da autonomia moral do Estado e em beneficio da nossa paz interna, continuam a prestigiar a minha administração neste momento historico e de difficuldades para a nossa nacionalidade.

MINHA ACÇÃO ADMINISTRATIVA

Procurando não afastar-me tambem do meu programma na parte administrativa propriamente dita, posso assegurar-vos, senhores Membros do Congresso Legislativo, que, nestes 10 mezes de governo, empreguei os meus melhores esforços em beneficio da causa publica e no desdobramento de um plano de trabalho capaz de attender a satisfação dos mais vitaes interesses do Estado.

Vi, desde logo, a necessidade de cuidar sériamente da arrecadação da receita publica e de fazer cessar o regimen de impunidade para os defraudadores das rendas estaduaes.

Comecei, por isso, vetando a lei que concedia moratoria a um individuo que havia se locupletado á custa dos cofres publicos e determinando que se promovesse a responsabilidade civil e criminal de todos os que estavam alcançados para com a Fazenda Estadual.

Era esta uma providencia que se impunha e que devia ser tomada com energia, visto como os alcances verificados consomem mais de 10 por cento dos rendimentos do Estado.

Remodelei o Lyceu de Goyaz pelo Collegio Pedro II, expedindo o decreto n. 4.470 de 20 de Agosto. Sem esta remodelação, que não podia ser feita sem augmento de despeza, não podiamos pleitear para o nosso velho instituto de ensino secundario as regalias da equiparação.

Remodelei as Secretarias de Estado, expedindo para isso o decreto n. 5.547 de 25 de Outubro, em virtude de autorização legislativa.

Por esta remodelação foi a instrucção publica desannexada da Secretaria de Obras Publicas, passando a ser subordinada á Secretaria do Interior e Justiça.

A Secretaria de Finanças, que ainda se regia pelo arcaico regulamento do tempo do governo provisorio, foi completamente reformada, sendo estabelecida a escripturação por partidas dobradas e supprimido o Tribunal do Thesouro, cujas attribuições pertencem hoje ao respectivo Secretario.

A Segurança Publica deixou de fazer parte da Secretaria do Interior e Justiça, constituindo hoje uma repartição sob a direcção do chefe de Policia.

Creei e installei, annexos a esta Secretaria, o gabinete de identificação e o gabinete medico legal.

Modifiquei, pelo decreto n. 5.548 de 25 de Outubro, o regulamento

n. 395 de 10 de Junho de 1911 que dispunha sobre arrecadação e fiscalisação das rendas publicas, usando para isso da autorização contida na lei 536 de 19 de Julho de 1916.

Regulamentei o monte-pio dos funccionarios publicos pelo decreto n. 5.595 de 24 de Dezembro, tornando-o obrigatorio, segundo autorização que me foi concedida pelo art. 4°. da lei n. 776 de 23 de Julho de 1917.

DR. AMERICANO DO BRAZIL
Secretario da Justiça

Determinei, pelo decreto n. 5.605 de 2 de Janeiro deste anno, que, no corrente exercicio, os impostos de exportação fossem cobrados *ad valorem*, de accôrdo com a faculdade que me dá a lei orçamentaria vigente.

Alterei, pelo decreto n. 5.689 de 9 de Abril ultimo, o plano de uniformes do Batalhão de Policia.

Expedi regulamento para a imprensa official, executando por essa fórma a lei n. 316 de 30 de Julho de 1907.

Declarei a caducidade do privilegio concedido a José Arnold, sendo hoje proprio do Estado a ponte do Ipé Arcado, sobre o rio Paranahyba, para o que expedi o decreto n. 6.641 de 4 de Fevereiro ultimo.

Augmentei o armamento do Batalhão de Policia com a acquisição de 200 comblains e respectiva munição.

Providenciei sobre o desenvolvimento da viação no Estado concedendo, na fórma da lei n. 546 de 6 de Julho passado, privilegio ao Coronel Edmundo de Moraes para uma linha de automoveis de Roncador a esta Capital e insisti perante os poderes federaes afim de que a Estrada de Ferro de Goyaz executasse o seu traçado no mais breve prazo possivel.

Por uma politica de economias e de severa fiscalisação na arrecadação das rendas e nas despezas foi normalisada a situação do Estado, sendo resgatada a nossa divida fluctuante.

A instrucção publica está melhorada, merecendo sempre cuidados especiaes do meu governo.

Contractei, segundo estava autorizado pela lei n. 553 de 23 de Julho ultimo, o serviço de luz electrica para esta Capital.

No intuito de desenvolver e apurar o sentimento civico dos goyanos, preparando-os para a defeza nacional, tenho animado a organisação das sociedades de tiro e promovido, nas datas nacionaes, a realização de conferencias de accordo com o programma da Liga da Defesa Nacional.

São estes, em synthese, os serviços mais importantes realizados em 10 mezes de governo, além de concertos de estradas e construcção de diversas pontes.

Não é muito, bem o sei. Mas podem estar certos os senhores membros do Poder Legislativo do Estado, que a todo problema de interesse economico, politico ou social tenho ligado a maxima attenção.

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

O meu antecessor, em mensagens anteriores, já vos informou a respeito da nossa situação internacional.

Bem ao contrario do que suppunha e era meu ardente desejo, ainda me não é dado ser o portador, no dia de hoje, da nova feliz do desapparecimento da conflagração mundial e da victoria da causa do direito, da liberdade e da civilisação.

Quando estalou a guerra européa, o Brasil, como sabeis, declarou a sua neutralidade.

Esta attitude, porém, não poude ser mantida por muito tempo á vista da notificação allemã de que iria decretar o bloqueio que nada mais significava do que um desafio ao mundo civilisado.

O Brasil, como era de esperar de suas tradicções, lançou um protesto contra essa notificação affirmando, em nota clara e positiva, não só que a desconheceria por completo, uma vez que o bloqueio é antejuridico e absurdo, como tambem que responsabilisaria o governo allemão por tudo que viesse acontecer á nossa marinha mercante.

Torpedeado o primeiro vapor brasileiro em Abril do anno passado, foram rôtas as nossas relações diplomaticas com o imperio allemão.

A reincidencia deste monstruoso attentado determinou a declaração da guerra por parte do nosso paiz, sendo immediatamente decretada a utilisação dos navios mercantes allemães até então refugiados em nossos portos e que já estavam occupados militarmente.

Seguiu-se a decretação do estado de sitio, obtendo o Governo, do Congresso Federal a votação de outras medidas complementares, no intuito de serem augmentados os nossos recursos militares e intensificada a cultura dos campos.

Só no dia 1°. de Novembro, no lugar denominado Roncador, ponto terminal da Estrada de Ferro, onde me achava, foi que recebi as communicações officiaes que a respeito me dirigiu o Governo Federal.

Estas communicações, entre outras, são do teor seguinte e vieram em despachos telegraphicos:

— Rio, 25 de Outubro.

O Senhor Presidente da Republica dirigiu hoje ao Congresso mensagem communicando ter sido torpedeado por submarino allemão mais um navio brasileiro, o *Mauá*, nas costas hespanholas e feito prisioneiro o seu commandante. Nesta mensagem o Governo constata o estado de guerra que nos é imposto pela Allemanha e pede que lhe autorise a tomar represalias de franca belligerancia, occupando o navio de guerra ancorado na Bahia, prendendo a sua guarnição e fazendo internação militar das equipagens allemãs dos navios mercantes utilisados.

O Brasil completa assim a evolução da sua politica externa na altura dos attentados á sua soberania. — a) *Nilo Peçanha.*—

— Rio, 27 de Outubro.

Impellido a reconhecer o estado de guerra que não desejou e que foi obrigado a acceitar depois de uma neutralidade modelar, em vista dos crescentes e graves attentados á nossa Bandeira, praticados pelo Governo Allemão, nella entrou o Brasil para defender sagrados direitos, formando ao lado dos que ha mais de tres annos se vêm batendo pelas conquistas da civilisação e pelos direitos da Humanidade, tendo já iniciado represalias de franca belligerancia de accordo com a deliberação do Poder Legislativo. E' a paz a aspiração do Paiz. Foi ella em todos os tempos o ideal da Nação educada nas normas do trabalho pacifico do progresso e na ordem do respeito aos direitos alheios. Desde os primeiros dias da Independencia, que a nossa acção internacional jámais se exerceu em detrimento de quem quer que fosse. Extensa linha de fronteiras nós a fizemos pelo accordo e pelo arbitramento. Nenhum outro paiz offerece como o nosso a pratica desse recurso admiravel da arbitragem como solução dos litigios internacionaes. Nunca tivemos guerra de conquista e a indole do nosso Povo está a indicar em largos annos de vida laboriosa, que não nos movemos de outros intuitos que não os da Paz e do trabalho. Entrando na guerra a que outros Povos

DR. AGENOR ALVES DE CASTRO
Secretario de Terras e Obras Publicas

já deram o melhor do seu sangue e dos seus recursos, conhece o Brasil a somma de sacrificios que está chamado a fazer e os encara sem vacillação.

Não precisa o Governo traçar a regra de proceder de seus cidadãos, do littoral aos sertões. Cada brasileiro cumprirá seu dever como sempre entendeu e entende que deve cumprir. Na lucta sangrenta cujas sorprezas dia a dia annullam os mais avisados calculos, a licção está porém a mostrar exemplos e situações que convém não desprezar.

E' necessario que se dissipem todas as divergencias internas e que a Nação appareça una e indivisivel em face do aggressor. Para isso o Governo aconselha e espera de todo o Paiz o maior acatamento ás suas decisões.

A imprensa que nunca faltou com o seu patriotismo nos momentos graves, se dispensará de discussões inopportunas. Nossas tradições liberaes ensinaram sempre o respeito ás pessoas e bens do inimigo, tanto quanto forem compativeis com a segurança publica e assim devemos proceder. E' opportuno que aconselhemos a maior parcimonia nos gastos de qualquer natureza, publicos ou particulares e intensifique-se tanto quanto possivel a producção dos campos, afim de que a fome que bate já ás portas da Europa, não nos afflija tambem e antes possamos ser o celeiro de nossos alliados. Estejam todas as attenções alertas aos manejos da espionagem, que tem todas as fórmas e emmudeçam todas as boccas quando se tratar do interesse nacional. Cordeaes saudações. a) *Wenceslão Braz.*—

A esses telegrammas, respondi assim:

— Roncador, 1 de Novembro.

Exmo. Sr. Presidente da Republica. — Rio. — Em nome do Estado de Goyaz apresento a V. Excia. a minha inteira solidariedade pela attitude digna e patriotica com que o Governo Federal tem sabido conduzir a politica internacional. Saudações affectuosas. — a) *Alves de Castro.* —

— Roncador, 1 de Novembro.

Exmo. Sr. Dr. Ministro das Relações Exteriores — Rio. — Abraços affectuosos, de envolta com a minha inteira solidariedade pela acção patriotica do Governo Federal desaffrontando os brios nacionaes. — a) *Alves de Castro.*—

Este acontecimento, como era natural, teve grande repercussão em Goyaz, vindo provocar a solidariedade unanime dos goyanos com as medidas decretadas para a garantia da defesa nacional.

Entre as manifestações de enthusiasmo do povo goyano, então, salienta-se a que se realizou nesta Capital, no dia 15 de Novembro, á exemplo do que se verificou nos demais Estados, com a formação do Congresso da Mocidade, em que os moços se declararam confiantes no futuro do paiz e offereceram os seus serviços ao Governo Federal, ao qual tenho procurado prestar todo o meu applauso, empenhando esforços em beneficio do prestigio da autoridade federal e dos direitos e interesses da União.

A UNIÃO E O ESTADO

Esta minha acção, porém, não serviu para evitar que passassem a ser de simples cortezia as relações do benemerito brasileiro Dr. Wenceslão Braz com o meu governo.

As nomeações federaes feitas pelos seus auxiliares, desde 14 de Julho do anno passado, notadamente as de supplentes dos juizes federaes e de ajudantes do procurador da Republica para quasi todos os municipios e as de collectores, recahiram todas em pessoas indicadas pelo chefe do partido politico que dissentio da minha orientação, sendo desprezadas as propostas que fiz contemplando nomes das duas parcialidades existentes no Estado.

Felizmente estes actos de hostilidade não perturbaram a marcha da administração.

GOYAZ E OS ESTADOS

Amistosas e de franca cordialidade têm sido as nossas relações com os demais Estados da União.

O illustre Governador da Bahia foi solicito em attender ao pedido que lhe fiz para que mandasse collocar força de policia desse Estado na região limitrophe com o Jalapão, afim de serem facilmente reprimidos os crimes ahi praticados.

São do teor seguinte os telegrammas trocados á proposito desse assumpto:

— Goyaz, 17 de Agosto de 1917.

Exmo. Sr. Dr. Antonio Muniz, D. Governador da Bahia. — Informado pelo Dr. Juiz de Direito do Porto Nacional, comarca do extremo norte deste Estado, de que uma horda de jagunços, capitaneada por um tal Roberto Dourado, está saqueando e commettendo outros crimes naquella comarca e que acaba de resistir á força de policia deste Estado, baleando dois soldados no districto de Jalapão e, temendo, como tem succedido, que esses criminosos voltem a se foragir no ponto limitrophe do Estado dignamente administrado por V. Excia., tomo a liberdade, no intuito de poder reprimir taes crimes, de solicitar de V. Excia. providencias no sentido de ser collocada uma força de policia desse Estado na região limitrophe, ficando o commandante do destacamento autorizado a agir de combinação com o commandante da força de policia de Goyaz, que ahi está operando. Antecipo os meus agradecimentos. Cordeaes saudações. — a) *Alves de Castro.*—

Havendo reiterado este pedido em novo telegramma de 6 de Setembro, recebi, em resposta, o seguinte:

—Bahia, 9 de Setembro.—Tenho a satisfação de communicar a V. Excia. que já foram dadas as providencias desejadas por V. Excia., sendo determinado ao Contingente do destacamento para agir de conformidade com a autoridade policial do Estado que V. Excia. patrioticamente administra. Cordeaes saudações. — a) *Antonio Moniz*, Governador.—

A este telegramma, bem como ao que foi dirigido ao Dr.. Chefe de Policia pelo Secretario de Policia da Bahia, respondi nos seguintes termos:

— Goyaz, 12 de Setembro de 1917.

Exmo. Sr. Dr. Governador da Bahia. — Sciente do vosso telegramma de 9 e do que foi dirigido ao Dr. Chefe de Policia deste Estado pelo Secretario da Policia da Bahia, agradeço a V. Excia. a nomeação de um official de policia para, em territorio bahiano, limitrophe do Jalapão, districto da comarca do Porto Nacional, agir de accordo com a autoridade goyana no sentido de prevenir, reprimir crimes e effectuar prisões dos delinquentes, conforme meus telegrammas de 17 de Agosto e 6 de Setembro do corrente anno. Saudações. — a) *Alves de Castro.*—

Apezar destes sentimentos de cordialidade que sempre se ha notado entre o nosso e os demais Estados da União, nada se fez ainda no sentido de serem resolvidas as velhas questões de limites que temos com o Pará e Matto Grosso.

Com o primeiro destes Estados, a superficie da zona litigiosa é de 14.615 kilometros quadrados. E com o segundo, é ella de 856.439 kilometros quadrados.

Propriamente com o Estado de Minas Geraes não temos zona alguma litigiosa.

Certo é que alguns mineiros pretendem que o territorio comprehendido entre o rio S. Marcos e a serra dos Pilões e André Quicé pertença a Minas.

Nada ha, porém, que justifique semelhante pretenção a um terreno sobre o qual temos a posse, de facto e de direito, desde os tempos coloniaes.

E' preoccupação principal do meu governo liquidar de vez a pendencia com aquelles dois Estados, convencido, como estou, de que será este o maior serviço que poderemos prestar á nossa terra.

Torna-se indispensavel, por isso, que ao Poder Executivo seja concedida autorização para que possa, por accordo ou por arbitramento, dar uma solução definitiva a esses litigios, irritantes ás mais das vezes e quasi sempre de consequencias desagradaveis visto como podem pôr em perigo a propria cohesão nacional.

Negocios do Interior e Justiça

O serviço da administração do Estado, quando assumi o governo, achava-se dividido nas tres Secretarias seguintes:

Interior, Justiça e Segurança Publica;
Instrucção, Industria, Terras e Obras Publicas; e Finanças.
Existia ainda a Secretaria da Policia.

Conservei como Secretario de Instrucção — o Dr. Agenor Alves de Castro e como Secretario de Finanças o Coronel Olegario Delphino Rodrigues; nomeando Secretario do Interior e Chefe de Policia, respectivamente, os Drs. Alfredo Lopes de Moraes e Henrique Fagundes Junior.

Dei execução á lei n. 408 de 23 de Julho de 1912, que restabeleceu o lugar de Secretario Particular da Presidencia, recahindo a nomeação na pessoa do doutorando Lincoln Caiado de Castro.

A remodelação dos serviços administrativos visando unificar tambem o que dizia respeito ao funccionalismo publico e ao regular funccionamento do apparelho administrativo, era uma necessidade de ha muito reclamada e reconhecida pelo proprio Poder Legislativo que, em sua ultima reunião, votou a lei n. 558 de 16 de Julho do anno findo, autorizando o Executivo a realizal-a.

Usando da autorização concedida por essa lei, expedi o decreto numero 5.547 de 25 de Outubro do anno passado, ficando o serviço da administração do Estado assim distribuido:

Secretaria do Interior e Justiça.
Secretaria das Obras Publicas.
Secretaria de Finanças.
Secretaria da Segurança Publica.
Secretaria Particular da Presidencia.

As Secretarias de Estado, propriamente ditas, são apenas as tres primeiras.

A Secretaria de Finanças foi completamente modificada, tendo sido supprimido o Tribunal do Thesouro e instituida a escripturação por partidas dobradas.

A Secretaria da Segurança publica ficou incumbida da policia administrativa e judiciaria e do serviço de identificação e medico legal, ora creado.

Não tendo o Dr. Alfredo Lopes de Moraes podido assumir o exercicio do cargo por motivo de molestia em pessoa de sua familia, nomeei Secretario do Interior e Justiça, o Dr. Antonio Americano do Brasil.

Para o cargo de Major Commandante do Batalhão de Policia no-

meei o Capitão Joaquim de Albuquerque Pereira e para Ajudante de Ordens da Presidencia o Capitão José Antonio Pacheco. Para Director e Vice-Director do Lyceu foram escolhidos os professores Dr. Joviano Alves de Castro e Desembargador Maurilio Augusto Curado Fleury.

E' de justiça que fique consignado aqui que todos esses auxiliares

CORONEL OLEGARIO DELPHINO
Secretario das Finanças

da minha administração têm revelado grande competencia e capacidade de trabalho, á par de muita dedicação ao serviço publico, sendo, por isso, merecedores dos maiores elogios.

MUNICIPIO

Com os poderes municipaes tem o governo mantido a melhor harmonia possivel, fazendo respeitar, na fórma da Constituição, a autonomia municipal.

No intuito de pôr termo ás questões que vinham perturbando a vida do municipio de Pouso Alto, procurei conciliar as forças da politica local, aconselhando e promovendo um accôrdo que désse em resultado a eleição de um governo constituido pelos elementos das duas facções que alli disputavam o poder.

Esse accordo, em virtude do qual as autoridades municipaes renunciaram os seus mandatos, consta dos seguintes documentos:

— *Acta da reunião* havida nesta Cidade de Pouso Alto para discussão de uma formula sobre o accordo politico municipal.

Aos onze dias do mez de Outubro de mil novecentos e dezesete, nesta cidade de Pouso Alto, Estado de Goyaz, em a casa de residencia do Exmo. Sr. Dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, Juiz de Direito desta comarca, sob a presidencia deste, presentes os senhores Coronel José Honorato da Silva e Souza, chefe do Partido Democrata; Pharmaceutico Pacifico Alves de Amorim Junior e Major Constancio Cavalcante Mondim, representando por delegação especial o Coronel Pacifico Alves de Amorim, chefe do Partido Republicano, commigo Antonio Baptista de Arantes, servindo de Secretario, foi pelo presidente declarada aberta a sessão afim de se tratar de uma formula que consultasse aos interesse de ambas as parcialidades, com relação ao caso municipal desta localidade.

Dada a palavra aos representantes dos partidos para discutirem as —bases de um accordo consoante aos seus interesses partidarios e ao bem geral do municipio, foi após larga discussão approvada pelos referidos chefes a formula comprehendida nas clausulas abaixo, clausulas essas que se obrigam mutua e reciprocamente a cumprir, sem ter a mais pequena paixão partidaria sobre tudo que disser respeito á vida municipal de Pouso Alto:

Primeira clausula. — Os conselheiros municipaes, garantidos pelo "habeas-corpus", renunciarão os seus mandatos politicos e bem assim os que foram eleitos em consequencia do decreto do Governo do Estado, sob n. 4.361, de 28 de Abril de 1917;

Segunda — O Partido Republicano indicará quatro candidatos ao Conselho Municipal, que tiver de ser eleito em virtude da renuncia de que trata a clausula acima;

Terceira — O Partido Democrata indicará tres candidatos ao mesmo Conselho e o primeiro Vice-Intendente, cujo logar se acha vago pelo fallecimento do cidadão João Caetano d'Oliveira;

Quarta — O actual Intendente major Antonio Martins Mundim, a despeito de não ficar obrigado á renuncia, deverá passar o exercicio do alludido cargo ao primeiro Vice indicado pelo Partido Democrata e pelo Governo nomeado, logo que se dê essa nomeação, sem poder em hypothese alguma assumir o exercicio das suas funcções;

Quinta — O numero de supplentes dos conselheiros será de seis, sendo tres para cada parcialidade;

Sexta — Os funccionarios municipaes nomeados pelo actual Intendente serão conservados pelo primeiro Vice.

E como nada mais houvesse a tratar-se, encerrou o presidente a sessão e mandou lavrar esta acta em duplicata, a qual depois de lida e approvada vae por todos assignada, sendo um exemplar enviado ao Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Estado e outro conservado em poder do referido presidente. Eu, Antonio Baptista de Arantes, servindo de secretario, a escrevi. Celso Calmon Nogueira da Gama, José Honorato da Silva e Souza, Pacifico Alves de Amorim Junior, Constancio Cavalcante Mundim. Reconheço verdadeiras as firmas retro dos senhores Dr. Celso Calmon Nogueira da Gama, Cel. José Honorato da Silva e Souza, Pharmaceutico Pacifico Alves de Amorim Junior e Major Constancio Cavalcante Mundim; do que dou fé. Eu, Antonio Baptista Arantes, tabellião interino, o escrevi e assigno em publico e raso. Pouso Alto, onze de Outubro de 1917. — Em testemunho *A B A* da verdade — Antonio Baptista Arantes. Paço do Conselho Municipal da cidade de Pouso Alto, 17 de Outubro de 1917.

— Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Estado: — O Conselho Municipal de Pouso Alto, em cumprimento á deliberação tomada na sessão solemne realizada a 24 do passado para posse de seus membros recentemente eleitos em virtude do decreto n. 4.361, de 28 de Abril do corrente anno, deliberação essa q—ue deixou de ser cumprida immediatamente por motivos alheios á vontade dos signatarios desta como fosse a absoluta falta de sellos do correio de que ainda se resentem a Agencia desta cidade e das que lhe são circumvisinhas, "data venia, tem hoje a subida honra de enviar a V. Excia. a presente moção de solidariedade a mais sincera e apoio o mais decidido, por isso que todos os que subscrevem as linhas qeu ora se lhe deparam têm plena convicção de que V. Excia., o illustre Brasileiro, o distincto Goyano que empunha as redeas da administração do vasto e promettedor Estado que lhe servio de berço, intelligente, operoso, integro emfim, de que tem dado sobejas provas, se não desviará da conducta moral que lhe caracterisa e, por isso mesmo, não deixxará de seguir o programma administrativo que vem desenvolvendo, pouco a pouco, com prudencia e energia criteriosas desde o inicio feliz de seu Governo, que certamente será de Justiça, será de prosperidade para os dias futuros de Goyaz.

Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Estado, outro não podia ser o pensamento nem o modo de proceder dos representantes legaes do importante municipio em nome de que falam neste momento, como membros que são do Conselho que se dirige a V. Excia. porque, desejosos de verem o desenvolvimento geral do Estado em que nasceram uns e expontanea e gostosamente vivem outros, veem cheios de confiança, acompanhando os actos de V. Ex., actos estes inspirados na justiça de que é V. Excia. respeitavel sacerdote e no patriotismo de que innegavelmente é ainda um bello modelo, estribados no bom senso e visando todos elles,

DR. HENRIQUE FAGUNDES JUNIOR
Chefe de Policia

sempre, colimar o fim salutar do desenvolvimento das forças vitaes desta ubertosa Unidade da Federação, procurando illustrar a intelligencia de seus filhos e transformar em riqueza util os dotes naturaes que notabilisam a terra Goyana de tantas esperanças, de tão importante papel no futuro da vida economica da Republica Brasileira.

Assim é justo que, ao assignarem as renuncias de seus cargos, afim

de cumprirem as condições estabelecidas pelo accôrdo relativo ao caso Municipal, renuncia que todos os membros do Conselho, que então prende a attenção de V. Excia., acceitam porque estão no firme proposito de satisfazerem e attenderem a todos os appellos de V. Ex. cujos actos são dignos de enthusiasticos applausos de quantos desejam vêr Goyaz prosperar com firmeza, deixam aqui consignados os votos mais sinceros pela prosperidade do Governo de V. Excia, e o seu contentamento e admiração pelo modo energico e patriotico por que tem V. Excia. pautado os seus actos. Isto posto, os abaixo assignados, desvanecidos em attenderem ao appello de V. Excia., declaram que expontaneamente, e, por consequencia, sem coacção alguma, renunciam os logares de membros do Conselho Municipal desta cidade de Pouso Alto, para que foram eleitos a 15 de Agosto do corrente anno para completar o quatriennio 1915—1919, na conformidade do decreto já referido e apresentam a V. Excia. protesto de estima e apreço. Saude e fraternidade. — Francisco de Borja Mandacarú Araujo, Presidente. — Joaquim de Souza Araujo, Vice-Presidente. — Orcini Augusto Brandão, Secretario. — Josino da Silveira Pinto, Agostinho Gomes de Souza, Durval Augusto de Faria e Pedro de Paula Machado. — Reconheço verdadeiras as firmas supra dos Srs.: Dr. Francisco de Borja Mandacarú Araujo, Joaquim de Souza Araujo, Orsini Augusto Brandão, Josino da Silveira Pinto, Agostinho Gomes de Souza, Durval Augusto de Faria e Pedro de Paula Machado, do que dou fé. Eu, Antonio Baptista Arantes, tabellião interino, o escrevi e assigno em publico e raso. Pouso Alto, 17 de Outubro de 1917. Em testemunh *A B A* da verdade — Antonio Baptista Arantes.

— Paço do Conselho Municipal de Pouso Alto, 24 de Outubro de 1917.

Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Estado. — Em virtude do accordo proposta por V. Excia. e firmado pelos Partidos Republicano e Democrata desta cidade em 11 do corrente, os abaixo assignados têm a honra de levar ao vosso conhecimento, que nesta data renunciaram o mandato de Conselheiros Municipaes, mandato este que lhes foi conferido pela eleição de 2 de Fevereiro e garantido por uma ordem de "habeas-corpus", concedido pela Justiça Federal.

Prevalecendo da opportunidade, apresentamos a V. Excia. os protestos da nossa estima e consideração. Saude e fraternidade. — Pacifico Alves de A. Junior, Galdino de S. Natal, Constancio C. Mundim. Reconheço verdadeiras as firmas retro dos senhores: pharmaceutico Pacifico Alves de Amorim Junior, Galdino de Souza Natal e Constancio Cavalcante Mundim, do que dou fé. Eu, Antonio Baptista Arantes, tabellião interino, o escrevi e assigno em publico e raso. — Pouso Alto, 25 de Outubro de 1917. Em testemunho *A B A* da verdade — Antono da Silva Arantes. — Paço do Conselho Municipal de Pouso Alto, 24 de Novembro de 1917.

— Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Estado. — Em virtude do accôrdo proposto por V. Excia. e firmado pelos Partidos Republicano e Democrata desta cidade em 11 de Outubro, tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que nesta data, renunciei o meu mandato de Conselheiro Municipal, mandato este que me foi conferido pela eleição de 1 de Fevereiro de 1916 e garantido por uma ordem de "habeas-corpus" concedida pela justiça Federal. Aproveitando o ensejo, apresento a V. Excia. os protestos de minha estima e consideração. Saude e fraternidade. Thiago Alves Cordeiro, do que dou fé. Eu, Antonio Baptista Arantes, tabellião interino, o escrevi e assigno em publico e raso. Em testemunho *A B A* da verdade. *Antonio Baptista Arantes.*— Pouso Alto, 3 de Dezembro de 1917.

Para prover a acephalia municipal, então verificada, usei da faculdade contida na lei n. 129 de 23 de Junho de 1897, expedindo o decreto n. 5.569 de 6 de Março do corrente anno, em virtude do qual foi nomeado o Conselho provisorio que funccionará até que se realise a eleição dos orgãos definitivos da acção —municipal, marcada para 20 de Junho.

Com o muncipio da Capital firmei, devidamente autorizado pela lei n. 553 de 16 de Julho do anno passado, um accordo para poder executar o serviço de illuminação electrica, agua e exgotto.

Consta esse acccôrdo do seguinte termo lavrado na Intendencia Municipal:

— Termo de contracto de accôrdo assignado entre o Governo do Estado de Goyaz e o municipio da Capital do mesmo Estado.

Aos vinte dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e dezesete, Capital do Estado de Goyaz, na Sala da Intendencia Municipal, presentes o respectivo Intendente Cel. Joaquim Gustavo da Veiga Jardim e o Procurador Fiscal do Municipio Dr. Othoniel Soter Gomes de Araujo, compareceu o cidadão Elyseu José Taveira, Procurador Fiscal do Estado, devidamente autorizado pelo Exmo. Sr. Desembargador João Alves de Castro, Presidente do Estado, em cumprimento do disposto na lei n. 553 de 16 de Julho do corrente anno e declarou que vinha assignar o accordo que, *ad-referendum* do Conselho Municipal, fazia o municipio com o Estado, mediante as seguintes clausulas:

I O Municipio da Capital desiste do serviço de illuminação electrica, aguas e exgotos da Capital, bem como installação de fabricas de tecidos, fumos e outras que concorram para o desenvolvimento da agricultura, ficando o mesmo serviço a cargo do Governo do Estado, que o contractará nos termos da lei n. 553 de 16 de Julho do corrente anno.

II O Estado se obriga a consignar, no contracto que fizer, o fornecimento de luz e agua ao municipio por preço menor do que fôr cobrado aos particulares.

III O Municipio cederá gratuitamente ao Estado todos os terrenos que forem do seu dominio e se tornarem indispensaveis ás obras de luz, agua, exgotto e funccionamento de energia electrica ás diversas fabricas.

IV No contracto que o Estado celebrar para a execução desses serviços, ficará incluida a clausula de que, findo o prazo da duração do mesmo contracto, todo o material poderá reverter para o municipio nas mesmas condições em que reverteria para o Estado, isto é, gratuitamente ou por indemnisação, conforme fôr estipulado.

E, como assim accordaram, lavrou-se o presente termo que, depois de lido e achado conforme, vae por todos assignado. Eu, Benedicto de Souza, collaborador da Intendencia, servindo interinamente de Secretario da Intendencia Municipal da Capital de Goyaz, em 20 de Setembro de 1917 o escrevi.

O Intendente Municipal, Joaquim Gustavo da Veiga Jardim. — O Procurador Fiscal do municipio, Othoniel Soter Gomes de Araujo. — O Procurador Fiscal do Estado, *Elyseu José Taveira.*—

A autonomia dos municipios assegurada pela Constituição, não póde ser comprehendida, como o tem sido, de modo a alheiar o Estado de tudo que se passa nessas circumscripções.

Não sabe o Estado como quasi todos elles preenchem os fins a que se destinam, ignorando por completo como desempenham a obrigação que lhes incumbe relativamente aos serviços urbanos, administração, conservação das estradas e applicação das rendas arrecadadas e desenvolvimento da producção agricola e industrial.

Alguns Estados têm, para remediar o mal, posto em pratica algumas medidas sem que alguem se lembre de dizer que está offendda a autonomia municipal.

Entre essas providencias contam-se as seguintes: I) o estabelecimento de uma disposição legal sujeitando á apreciação do Executivo Estadual a organização dos respectivos orçamentos; II) a nomeação dos Intendentes por parte do Governo, sendo a este facultado o direito de exame por meio de uma commissão.

Penso que semelhante assumpto deve ser encarado com muita attenção pelo Poder Legislativo, uma vez que está em discussão a reforma constitucional.

Nem todos os municipios observam, por intermedio dos respectivos chefes do Executivo Municipal, o disposto no § 20 do artigo 53 da lei organica.

Poucos cumpriram esse dever.

A receita destes, em 1917, foi a seguinte:

Capital	106:137$027
Catalão	82:876$000
Ipamery	50:000$000
Curralinho	19:194$721
Morrinhos	18:000$000
Bomfim	12:404$500
Caldas Novas	12:000$000
Jaraguá	10:134$900
Pyrenopolis	9:775$233
Annapolis	9:624$110
Campo Formoso	6:721$000
Campinas	6:184$835
Posse	1:331$000

E' uma renda insignificante, não ha duvida, e que muito pouc concorrerá para que possam elles collaborar com o Estado em tudo qu disser respeito á prosperidade commum.

Devo, porém, notar que em alguns municipios, como Catalão, Ipa mery e Curralinho, além do da Capital, se vê a acção das respectiva administrações se manifestando com efficacia em obras de utilidade ge ral concorrendo por essa fórma para o progresso do Estado.

Em 1905, no relatorio que, na qualidade de titualr da pasta de In strucção e Obras Publicas tive ensejo de apresentar ao então Presider te do Estado consignei o seguinte:—

Outro ponto que merece ser encarado é a medição e demarcação d patrimonio dos municipios, afim de que não seja invadida a propried de do Estado.

O municipio da Capital, por exemplo, suppõe ter um patrimonio d quatro e meia legoas quadradas baseando-se no registo feito pelo Regı lamento de 1854, que é do teor seguinte: — Pelo decreto de 11 de F vereiro de mil setecentos e trinta e seis foi concedido á Camara Mun cipal dsta Capital um logradouro de meia legoa, partindo do pelour nho publico, até a frente da cadeia, e dos limites deste logradouro f igualmente concedida á mesma Camara para seu patrimonio uma se maria, abrangendo o espaço de quatro legoas, estando este logradou e a dita sesmaria na circumferencia da freguezia de Sant'Anna (Cidade de Goyaz, medidas, demarcadas, como consta do respectivo vro de tombamento, onde estão determinados os limites da mesma se maria. Em cumprimento do art. 93 do Reg. 1318 de 13 de Janeiro 1854, como presidente da Camara Municipal, pela mesma autorizad mandei passar duas declarações de um só teor, indo ambas por mi assignadas. O Padre Pedro de Souza Rego de Carvalho, secretario (Camara que a escrevo. Joaquim Bueno Pitaluga Caiapó. Foi apı sentando em 30 de Agosto de 1858. O coadjutor encarregado do reg to de terras, Padre José Iria Xavier Serradourada.

Não existindo nesta capital, por informações colhidas, o livro tombamento referido por onde se possa conhecer os limites citados (

vemos tomar por guia as declarações acima e estas, firmando que o patrimonio abrange o espaço de quatro legoas na circumferencia da freguezia de Sant'Anna (que naquella occasião era a unica de que constava esta Capital) nos levam a conclusão differente do modo de entender do Municipio.

E' uma questão interessante que deve ser ventilada porque, a prevalecer este modo de interpretação, o Estado está sendo lesado, accrescendo a circumstancia de se terem suscitado duvidas relativamente aos aforamentos concedidos pelo poder executivo municipal.—

Tendo tido varas denuncias de que continúa o Municipio a invadir a propriedade do Estado, conviria que se legislasse a respeito, resolvendo-se de vez tão importante questão, incontestavelmente de interesse para o Estado.

No sentido de ser facilitada a acção do Congresso sobre assumpto tão sério e tambem attendendo á necessidade de conhecer as demarcações dos Municipios do Estado em beneficio da administração municipal, com o fim principal de ser promulgada uma lei que, de vez, ponha termo ás divergencias existentes entre alguns delles, determinei á Secretaria do Interior e Justiça que se dirigisse aos Intendentes Municipaes solicitando resposta aos seguintes quesitos:

1) Qual a lei que creou o Municipio de ... ?
2) Quaes os seus limites ?
3) Quaes os Municipios com que confina ?
4) De quantos districtos es compõe ?
5) Quaes as denominações destes districtos e quaes os limites ?
6) Qual a distancia da séde do Municipio até á séde do Municipio visinho ?
7) Qual a distancia da séde do districto em relação á séde do outro e á do mesmo Municipio ?
8) Qual o patrimonio do Municipio ?
9) Quaes as modificações necessarias para que seja mais facil a administração municipal e para que cesse a divergencia com outro municipio ?

Tratando-se de uma questão em que os respectivos municpios devem ser ouvidos antes de qualquer deliberação por parte do Congresso, foi recommendado aos Intendentes que a resposta seja dada depois de consultado o Conselho Municipal e de modo preciso e claro.

REFORMA CONSTITUCIONAL

A reforma de nossa Constituição, como bem o comprehendestes, está sendo reclamada geralmente.

Modificada ha vinte annos precisamente, era natural que a experiencia e o tempo mostrassem as suas lacunas e os seus defeitos.

Além das modificações já apresentadas o anno passado e que dependem de vossa approvação, o que espero seja feito antes de iniciados os vossos trabalhos ordinarios, outros pontos devem ser revistos, salientando-se o que diz respeito a organização municipal.

A votação da refórma proposta o anno passado, que é urgente, não impede que, depois de acceita, seja, no correr de vossos trabalhos, iniciada a das outras disposições, ficando firmado o principio de que, de vinte em vinte annos, o Congresso se transforme em Poder Constituinte para a revisão Constitucional.

ALISTAMENTO ELEITORAL

A lei federal n. 3.139 de 2 de Agosto de 1916 annullou o alistamento eleitoral determinando, por um novo processo, que se procedesse a nova qualificação.

Apezar de ter sido difficultado o alistamento com o ser elle feito nas sédes das comarcas, o serviço se fez no Estado com a regularidade que se podia exigir, tratando-se de uma lei tão complicada.

Até 29 de Janeiro findo estavam alistados 4.441 eleitores, assim distribuidos, havendo todos exercido o seu direito de voto no dia 1° de Março ultimo:

COMARCAS

Capital	785
Catalão	624
Santa Luzia	513
Curralinho	406
Rio das Almas	337
Morrinhos	322
Pouso Alto	321
Porto Nacional	260
Jatahy	229
Anapolis	157
Bomfim	149
Ipamery	131
Formosa	67
MUNICIPIOS	
Arrayas	219
Rio Verde	31
	4.551

Os juizes das outras comarcas não cumpriram o disposto no art. 20 do decreto federal n. 12.391 de 7 de Fevereiro de 1917, notando-se que os de Arrayas e Rio Verde só o observaram em parte.

A nova lei eleitoral federal, mau grado a grita de alguns, é boa, vindo despertar a confiança do eleitor na verdade do voto.

Organizado como se acha o alistamento, urge que o Congresso vote nova lei eleitoral para as eleições estadoaes, de modo a serem respeitados os principios constitucionaes da representação da minoria, que não é assegurada pela lei 190 de 23 de Agosto de 1898, que sempre considerei, na parte relativa a divisão dos circulos, o maior golpe desferido contra o regimen republicano pela situação então dominante no Estado.

ELEIÇÕES

Realizaram-se em Goyaz as eleições federaes para a alta administração da Republica, e para representantes ao Congresso Nacional.

O povo goyano adoptou, com muito acerto, os candidatos á presidencia e á vice-presidencia, no quatriennio a iniciar-se no dia 15 de Novembro deste anno, escolhidos pela Convenção Nacional que se reuniu no Rio de Janeiro a 7 de Julho do anno passado, suffragando unanimemente os nomes do Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, para presidente, e do Dr. Delphim Moreira da Costa Ribeiro, para vice-presidente.

Da administração destes illustres brasileiros, aos quaes deve já o nosso paiz inolvidaveis serviços, muito espera a nossa terra tão desprotegida, até hoje, dos altos poderes da Federação.

Para senador federal foi eleito o Dr. Hermenegildo Lopes de Moraes e para deputados os Drs. Antonio Ramos Caiado, Olegario Herculano da Silveira Pinto, Francisco Ayres da Silva e Tullo H. Jayme, goyanos illustres todos, sendo que os quatro primeiros já representaram o Estado, por diversas vezes, no Congresso Nacional e com muita honra para os seus nomes e para Goyaz inteiro.

De accordo com o que prometti aos meus conterraneos quando assumi o governo, abstive-me completamente de interferir no pleito, mantendo a mais completa neutralidade na lucta que se feriu entre os dois partidos politicos.

Tudo fiz, por actos e por palavras, para que fosse garantida a maxima liberdade de voto e de opinião, sendo os direitos eleitoraes respeitados pelo governo em toda a sua plenitude.

Teve logar, tambem, no dia 2 de Outubro do anno passado, a eleição para preenchimento de uma vaga no Senado Estadoal, sendo eleito, sem competidor, o Dr. Joviano Alves de Castro, recommendado ao eleitorado pelos dois partidos politicos aqui existentes.

Esta eleição, na fórma do que foi determinado pela lei n. 537 de 29 de Janeiro de 1917, foi feita pelo alistamento anterior, estabelecido pela lei federal n. 1.269 de 15 de Novembro de 1904.

Todas estas eleições correram na melhor ordem e sem protesto algum perante as mesas eleitoraes.

SEGURANÇA PUBLICA

O serviço de segurança publica já é um facto no Estado, depois da grande reforma por que passou e dos melhoramentos que nelle foram introduzidos.

A policia central está condignamente installada em predio arrendado e adaptado convenientemente para esse fim.

Foram creados, como já vos disse, annexos a esta Secretaria, os serviços de identificação e medico legal, tendo o governo aberto o credito especial necessario para a acquisição do material, no valor de 4:000$ para o primeiro, e de 1:400$ para o segundo.

Todos estes serviços satisfazem a uma necessidade do bem publico e da propria justiça.

O gabinete de identificação não trará onus para o Estado.

E' certo que a identificação criminal, apezar de obrigatoria, nenhuma receita produz.

A identificação civil, porém, é facultativa; mas tendo a generalisar-se por que no ha quem deixe de reconhecer sua importancia, taes os casos em que no convivio social se vê o cidadão obrigado a provar não só que é o mesmo que diz ser, como tambem que não tem contas a ajustar com a policia.

Não sendo gratuita, a despeza com ella feita pelo Estado será reproductiva.

A sua qualidade de facultativa, porém, desapparece porquanto o alistamento eleitoral, segundo o decreto n. 12.193 de 6 de Setembro de 1916, baseia-se na identidade pessoal consignada em uma carteira expedida pelos Gabinetes de Identificação, onde existirem.

A repressão dos crimes e dos jogos prohibidos tem sido uma das maiores preoccupações do Governo.

Nem só nesta Capital foram tomadas providencias a respeito.

A caça aos jogadores foi geral. Para Catalão, onde se dizia que as proprias autordades creavam embaraços á acção da policia nesse sentido, fiz seguir o chefe de Policia para apurar a responsabilidade de cada um.

A diligencia foi coroada do melhor exito. Tanto ahi, como aqui, ficou extincto completamente o jogo.

O policiamento tem sido feito regularmente.

Para que, porém, pudesse ser mais completo, nada deixando a desejar, seria conveniente que o Estado fosse dividido em quatro ou seis delegacias regionaes, com um delegado que tivesse jurisdicção em cada zona.

Deixei de creal-as no decreto expedido remodelando os serviços administrativos, porque a nossa situação financeira, apezar de estar mais folgada, ainda não comporta as despezas que acarretaria a creação dessas delegacias.

A zona do Norte, limitrophe com os sertões do Maranhão e Bahia, é, de quando em vez, assaltada por uma horda de bandidos que commettem toda a sorte de depredações e crimes.

Seria de vantagem que ao Poder Executivo fosse concedida pelo Congresso autorisação para entrar em accordo com esses Estados limitrophes, afim de que taes crimes fossem reprimidos de vez.

A ordem publica tem se mantido inalteravel, havendo cessado, com a minha posse, certa agitação politica que se notava em alguns dos municipios.

Vivemos hoje em completa paz e tranquillidade, graças á tolerancia e ao respeito das convicções de cada um por parte do governo.

FORÇA PUBLICA

A força publica, disciplinada e leal, continúa a prestar relevantes serviços ao Estado.

Tem ella a organisação que lhe déstes na respectiva lei de fixação votada o anno passado, compondo-se de um batalhão de infantaria com séde nesta Capital e fornecendo destacamentos para o interior tambem.

O effectivo da força não é sufficiente para as necessidades do serviço que se augmentam dia a dia.

E' esta a razão porque os destacamentos são muito reduzidos nos municipios.

E' esta tambem a razão porque não pude pôr em pratica ainda a medida, que reputo indispensavel e que com felicidade vem lembrada pelo Dr. Secretario do Interior e Justiça no seu relatorio, de ser estacionada uma companhia no extremo sul e outra no extremo norte do Estado.

A força publica está sujeita ao sorteio e sómente delle ficará isenta uma vez que seja militarisada pela incorporação, constituindo forças militares auxiliares do Exercito, mediante condições estabelecidas pelas leis federaes.

O Exmo. Sr. Ministro da Guerra remetteu-me as bases do accordo entre a União e os Estados para que as forças estaduaes possam ser consideradas auxiliares do exercito de 1ª linha.

Estas bases são as seguintes:

1.ª — Nas forças estadoaes não haverá posto effectivo superior ao de Tte. Cel. por ser este o mais elevado, em tempo de paz, na hierarchia dos officiaes de segunda classe de reserva da primeira linha. As forças estadoaes que actualmente tiverem Coroneis nos seus quadros, conserval-os-ão, considerando-se em commissão, não se provendo outros. tros.

2.ª — Nas forças estadoaes se alterarão, sendo preciso, as denominações dos postos e graduações dos seus quadros, harmonisando-as com as do exercito.

3.ª — O accesso nos quadros de officiaes será gradual e successivo, fixando-se as regras para as promoções.

4.ª — Os governos estadoaes têm o direito de pedir ao Ministro da Guerra officiaes para commandar ou instruir as forças dos Estados, ficando, porém, o Ministro com o direito de julgar das condições dos officiaes pedidos para aquelles fins.

Essas commissões são consideradas, para todos os effeitos, como serviço militar: os officiaes que as exercerem não podem ser commissionados em posto superior ao immediatamente acima do seu posto effectivo no Exercito, exceptuando-se desta restricção os actualmente commissionados em postos superiores.

5.ª — Os commandantes da região fornecerão aos das forças estadoaes as cadernetas de reservistas necessarias á distribuição para praças que forem concluindo o tempo.

6.ª — Quando em uma força estadoal fôr admittido um reservista do Exercto, a sua caderneta ficará archivada na Secretaria da força e lhe será restituida quando obtiver baixa, averbando-se o serviço prestado.

7.ª — Os officiaes das forças estadoaes gozarão das mesmas regalias da reserva de 1ª linha.

8.ª — Nas forças estadoaes só se poderão alistar brasileiros natos ou naturalisados.

9.ª — As praças que obtiverem baixa por conclusão de tempo serão consideradas reservistas do Exercito, e como tal receberão a respectiva caderneta, que será visada pelo General Commandante da Região Militar ou por delegação deste, pelo Commandante da guarnição federal de local que seja séde de Commando de região.

Esses reservistas, de 1ª cathegoria, continuarão a pertencer nessa qualidade á força em que serviram; desde que o numero delles attinja em uma força estadoal ao effectivo regulamentar de pé de guerra augmentado de 1|3, deverão os excedentes passar para a 2ª cathegoria, isto é, de reservistas sem corpos designados.

10ª — Os Commandantes de forças estadoaes communicarão ao registro militar do Estado os nomes dos que ficaram relacionados na respectiva unidade, e dos que não o foram por se terem retirado para outros Estados, ou por estar o numero completo.

11ª — Os reservistas das forças estadoaes têm os mesmos deveres e direitos que os do Exercito activo.

12ª — A incorporação ao Exercito Nacional das forças de que tratam estas bases, no caso de mobilisação, terá logar por determinação do Congresso Federal, de accordo com as instrucções que forem decretadas.

13ª — Por occasião de grandes manobras annuaes, as forças policiaes que forem incorporadas ao Exercito Nacional passarão á disposição do Ministro da Guerra, mediante requisição feita aos respectivos Governadores, não podendo o Governo Federal alterar a organisação dos corpos requisitados, nem influir na sua administração, a não ser para os effeitos de movimentação das tropas durante o periodo em que permanecerem fazendo exercicios.

14ª — Os officiaes e praças das forças que forem incorporadas ao Exercito Nacional, quando essa incorporação tiver sido determinada por motivo de guerra externa, ficarão — para todos os effeitos — na situação dos reservistas do mesmo posto ou graduação chamado ao serviço activo.

15ª — Os corpos ou companhias de bombeiros estadoaes só ficarão incluidos ans disposições acima se, por sua organização, fizerem parte das forças policiaes do Estado.

16ª — Uma vez acceito o presente accôrdo, os commandantes das forças estadoaes enviarão ao Estado-Maior do Exercito mappas detalhados do pessoal e material dellas, afim de que a referida Repartição tome conhecimento do seu grão de efficiencia."

Não quiz resolver sobre essa proposta antes que a respeito se pronunciasse o Poder Legislativo.

Penso que, a exemplo de muitos dos Estados, devemos acceital-a; tornando-se indispensavel que antes seja votada uma lei que regularise a organisação da força nos termos dessas instrucções e de modo que possa ella constituir reserva do exercito de 1ª linha.

Além de outras vantagens decorrentes da incorporação, virá a de podermos com facilidade resolver o problema do armamento, conseguindo assim do Ministerio da Guerra o fornecimento, ao Batalhão de Policia, do fusil Mauser, adoptado no Exercito.

Por falta da acceitação do accordo, só obtive desse Ministerio o fornecimento de 200 comblains o anno passado, não podendo ficar uniformisado o armamento da nossa Força Publica.

IMPRENSA OFFICIAL

Tendo em vista a necessidade, de ha muito reclamada, de regularizar a publicação dos actos officiaes, julguei conveniente pôr em execução a lei n. 316 de 30 de Julho de 1907, que dispunha sobre a creação da typographia official.

Depois de mandar adquirir o material indispensavel, para o que abri os creditos especiaes constantes dos decretos ns. 5.564 de 21 de Novembro e 5.706 de 30 de Abril ultimo, no valor de 6:520$000, expedi, por decreto n. 5.692 de 11 de Abril findo, o necessario regulamento.

Inaugurada, modestamente, como o foi, a Imprensa Official, com a obrigatoriedade da assignatura do "Correio Official" por parte de todos os funccionarios estadoaes, acredito que ella preencherá os fins a que se destina, com dispendio menor do que se verificava no tempo em que a publicação dos actos officiaes era feito por contracto com os particulares.

HOSPITAL DE S. PEDRO DE ALCANTARA

O Hospital de S. Pedro de Alcantara, creado nesta Capital ha 92 annos, continúa a corresponder aos bellissimos intuitos dos seus fundadores.

Conforme se vê do bem elaborado relatorio, que me foi apresentado pela actual Junta Administrativa, está elle em franca prosperidade.

O seu estado financeiro é bem lisongeiro, contando um activo de 271:958$482.

A sua receita em 1917 foi de 50:847$482, montando a despeza em 42:521$057.

O grande desenvolvimento que vae tendo esta importante instituição, está determinando a necessidade de novas modificações em sua organização, tornando-se indispensavel que o Governo seja autorizado a reformar o Regulamento vigente, expedido pelo decreto n. 3.304 de 14 de Dezembro de 1912.

ESTADO SANITARIO

E' digno de nota o excellente estado sanitario da Capital e de todos os municipios do Estado.

E' muito deficiente o nosso serviço de registo civil de nascimento casamento e obitos, tornando-se assás difficil a organização da estatistica demographo-sanitaria do Estado.

Esse importantissimo ramo da administração merece ser encarado devidamente pelo Congresso.

Não é só isso.

Urge tambem que o Congresso decrete as medidas convenientes á organisação do serviço de hygiene, que absolutamente não temos.

A lei n. 357 de 22 de Junho de 1909 ainda não teve execução pela sua inapplicabilidade no Estado.

Deve ser modificada de modo a attender realmente ás necessidades publicas.

INSTRCÇÃO PUBLICA

O futuro das nacionalidades depende exclusivamente da instrucção publica.

Dahi o interesse maximo de todos os governos para que tenha o maior incremento esse ramo da administração.

Em Goyaz não tem sido menor o carinho pelo desenvolvimento do ensino e nem menor tem sido o esforço dos poderes publicos a respeito.

Infelizmente, porém, as difficuldades financeiras que, por motivos varios, têm sobrevindo e com as quaes ha luctado a administração publica, impediram a adopção de providencias capazes de enfrentarem condignamente esse principal ramo do serviço publico.

Não tem havido, além disso, um criterio seguro sobre a decretação das leis regu'adoras do assumpto.

Em 1911, pela lei n. 397 de 21 de Junho, foi o ensino entregue aos municipios. Revogada esta lei pela de n. 436 de 19 de Julho de 1913 ficou o Executivo autorizado a dar nova organização ao ensino.

Antes de sua execução, surgiu a lei n. 487, de 25 de Julho de 1914 pondo novamente em vigor a de n. 186, de 13 de Agosto de 1898, aind

vigente, visto como, por ser complicada para o nosso meio e portanto inapplicavel, não foi executada a de n. 527, de 7 de Julho de 1916.

Tudo isto envolve a triste verdade de que o ensino primario em Goyaz é um mytho, não existe.

Os municipios, salvo uma ou outra excepção, não cuidam da instrucção com o carinho que ella requer, limitando-se a crear lugares e a preenchel-os sem indagar das habilitações do professor.

Este serviço, para ser real e ministrado com verdade, não póde ser exercido cumulativamente pelo Estado e pelos Municipios, como dispõe a citada lei de 1898.

Energicas providencias devem ser tomadas a respeito pelo Poder Legislativo, já que a lei votada em 1916, embora contenha disposições proveitosas, não poude ser executada por acarretar despezas inuteis.

Não basta a creação de escolas.

E' necessario a formação de professores habilitados, que saibam ensinar.

E' tambem indispensavel a construcção de casas apropriadas para o seu funccionamento.

E' este o grande problema da instrucção em nossa terra.

A lembrança feliz, já posta em pratica, de subvencionar-se os collegios particulares, que se fundarem no Estado, muito concorrerá para ser collimado o fim que todos temos em vista, mórmente em se tratando dos que são dirigidos pelas Irmãs Dominicanas.

Quando dirigi o departamento da instrucção publica no Estado, acariciei com enthusiasmo a instituição de aulas avulsas de ensino secundario, custeadas pelo Estado.

O resultado não se fez esperar, desenvolvendo-se extraordinariamente o gosto pela instrucção.

Muito concorriam estas aulas para o desenvolvimento do ensino, com a vantagem tambem de que ahi se ensinava a ensinar, o que é tudo para nós.

O seu restabelecimento se impõe, como medida garantidora da prosperidade e efficacia do ensino.

Tambem o Lyceu estava em decadencia.

Voltei immediatamente as minhas vistas para elle, remodelando-o ao Collegio Pedro II, para o que expedi o decreto n. 4.470 de 20 de Agosto.

Estabelecimento antigo, funccionando nesta Capital ininterruptamente desde 1847 e constituindo um padrão de gloria para os goyanos, não podia deixar de ser tratado com desvelo por parte do meu governo.

E tão acertadamente andei neste particular, que a sua equiparação aos institutos federaes congeneres está apenas dependendo, conforme consta de parecer unanime do Conselho Superior de Ensino, em aviso dirigido ao respectivo fiscal neste Estado — de informações sobre a execução do novo Regulamento visto haver sido o mesmo decretado *ad referendum* do Congresso.

Tem o Lyceu funccionado regularmente e dispõe de um bom gabinete de physica e chimica, que foi completado com o material adquirido o anno passado e com o que despendi 4:003$000.

Conjunctamente com este instituto, funciona a Escola Normal, cuja frequencia é pequena.

A Academia de Direito do Estado foi fechada provisoriamente, por decreto n. 2.581, de 18 de Dezembro de 1909.

Sendo o ensino sueprior a base de todo progresso, nenhuma justificativa havia para semelhante providencia.

Em substituição surgiu nesta Capital uma Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes.

Mas esta vae se arrastando com sérios embaraços por falta de alumnos.

Seria acertado se o Congresso Legislativo restabelecesse a antiga Academia, ampliando o seu curso de modo a podermos, mais tarde, equiparal-a ás officiaes da União.

MAGISTRATURA

Tenho procurado manter com o Poder Judiciario a mais franca cordialidade.

Representante tambem desse poder e certo de que importantissimo é o papel que o magistrado desempenha, pela recta e imparcial applicação da lei, na educação de um povo, todos os meus esforços como governo têm sido e serão empregados no sentido de cercal-o de todo prestigio, respeitando e fazendo respeitar as suas decisões.

As comarcas do Estado, com excepção de Annapolis e Natividade, estão providas de juizes de direito e promotores e os respectivos termos dos respectivos juizes municipaes.

A comarca da Palma ainda não foi installada. Os districtos tambem estão providos de juizes districtaes.

Em 1917 realizou o Superior Tribunal de Justiça 94 sessões, sendo 90 ordinarias e 4 extraordinarias, decidindo os seguintes feitos: Appellações civeis, 12; Appellações criminaes, 15; Recursos crimes, 5; Embargo crime, 1; Habilitação ao cargo de juiz de direito, 5; "Habeas-corpus" originarios, 8; Recursos de "habeas-corpus", 2; Aggravos de instrumento, 3; Prorogação de prazo para inventario, 1.

De certo tempo a esta parte os Accordãos do Tribunal não têm sido publicados, o que é muito lamentavel, por ficarem os juizes de direito privados de conhecerem a nossa jurisprudencia.

E' meu pensamento regularisar agora essa publicação com o ser installada a typographia estadoal.

Não tem o Tribunal uma bibliotheca condigna de tão importante corporação.

Seria de necessidade que o Congresso do Estado votasse annualmente uma verba para esse mister.

Nem todos os juizes de direito cumpriram a disposição legal remettendo o relatorio dos trabalhos de suas comarcas, tornando-se impossivel ser conhecido o movimento do fôro em todo o Estado.

A organisação judiciaria de Goyaz ainda obedece aos moldes da lei 188 de 13 de Agosto de 1898.

Não só ella como tambem o Codigo do Processo Criminal do Estado estão a exigir uma reforma, afim de que possam corresponder ao estado actual de cultura do povo goyano.

Outras medidas complementares e que muito concorrerão para o aperfeiçoamento do nosso apparelho judiciario estão a exigir a attenção do Congresso.

São ellas: a remodelação do Superior Tribunal no seu organismo; a ampliação das attribuições dos juizes singulares em materia criminal; e simplificação dos trabalhos do jury.

Tambem o numero das comarcas não attende ás necessidades publicas e nem corresponde á exigencia da bôa administração de justiça.

Algumas existem sem movimento algum forense e que pela pequena extensão de seu territorio e facilidade de communicação com as comarcas visinhas poderiam ser supprimidas; ao passo que ha outras que devem ser restabelecidas como a de Bôa Vista do Tocantins, ponto limitrophe com o Maranhão.

Da mesma fórma ha um numero excessivo de termos, devido a certa facilidade na creação dos municipios, sem pessoal competente para exercerem as attribuições de juiz e que não offerecem as garantias necessarias á posição de quem tem sobre a sua guarda a honra e os bens dos cidadãos.

Felizmente já é dominante no Congresso o pensamento de se cuidar de todas as questões attinentes á organização entre nós de uma bôa magistratura.

O projecto de reforma constitucional em discussão, dispondo sobre nomeação dos novos juizes e membros do Superior Tribunal e sobre a creação do Ministerio Publico autonomo, vem attender a uma palpitante necessidade, reconhecida pelos proprios representantes do poder judiciario como imprescindivel no actual momento.

Em regra geral os actuaes membros do Poder Judiciario do Estado exercem os seus cargos com a maior elevação e capacidade.

Egual menção não merecem os membros do Ministerio Publico na primeira instancia, apezar da vigilancia activa em prol dos direitos da Justiça, da Sociedade e do Estado exercida, o anno passado, pelo illustrado desembargador que interinamente exerceu o cargo de Procurador Geral, conforme se vê do seu relatorio.

Negocios das Obras Publicas

Dada a situação especialissima do nosso Estado, que possue grandes e extensas regiões despovoadas, em muitas das quaes o trabalho não existe por falta de braços e de vias de communicação, este departamento não tem tido o desenvolvimento desejado.

Correm por elle os serviços relativos á agricultura, á emigração, á immigração e colonisação, o commercio, á industria, á illuminação publica e particular, ás obras publicas, ás terras do Estado, á mineração, ao regimen das florestas, á viação publica e á conservação das estradas.

Muitos destes serviços não estão organizados, devido á grande distancia, em que vivemos, dos centros civilisados e á difficuldade dos nossos meios de transporte.

O meu governo, porém, tem agido com toda a solicitude no intuito de dar incremento a todos elles.

E a nossa situação economica actual corresponde a estes esforços, podendo-se affirmar que está em franca prosperidade.

Para este resultado, porém, muito tem concorrido a guerra européa por um lado e por outro a penetração da via ferrea no Estado.

O commercio, a industria e a agricultura se desenvolvem e se multiplicam em novas explorações, ao mesmo tempo que os dados officiaes accusam em 1917, os maiores algarismos na exportação dos generos, especificadamente os da industria pastoril e os cereaes, notando-se que estes ultimos antes eram produzidos em uma pequena escala.

Essa exportação foi a seguinte, subindo o seu valor a 963:980$610 contra 815:053$497 em 1916:

Gado bovino (cabeças)	117.303
" suino (cabeças)	11.308
" muar e equino (cabeças)	49
Kilos de fumo em corda	295.933
" " fumo beneficiado	11.266
" " christal	238
" " borracha	3.803
" " sola e peles crúas	149.031
" " couros salgados	7.717
" " pelles de caça	5.789
" " arroz com casca	7.397.385
" " arroz beneficiado	280.110
" " toucinho	153.204
" " carne de porco salgada . . .	31.356
" " xarque	553.453
" " sêbo	92.893
" " assucar e café	29.708
" " feijão	2.009.907
" " banha derretida	76.293
" " algodão	9.887
" " manteiga	3.592
" " queijos e requeijões	9.340
" " dôces	3.058
" " pelles de antas	878
" " linguas e tripas	1.273

Kilos de farinha	3.201
" " milho	76.698
Caninos	353
Pelles de onça e ariranha	39
Litros de aguardante	300
Madeiras e taboas para construcção . .	222
Kilos de mercadorias diversas	315.345

Estes dados demonstram que, apezar de ser a industria pastoril a nossa principal fonte de renda, já se comprehendeu felizmente que o nosso Estado não póde ficar sujeito á imprevidencia de ter uma unica producção de importancia.

E' indispensavel que o Congresso habilite o Governo com uma verba especial afim de que possa impulsionar as industrias nascentes, estimulando e amparando as iniciativas de reconhecida utilidade.

As xarqueadas de Ipamery, Anhanguéra e Catalão tem-se desenvolvido regularmente.

Durante o anno findo ellas consumiram 8.096 bovinos e 1.390 suinos, sendo que só a segunda abateu 1.100 vaccas.

O processo, como se vê, que todas ellas adoptaram, é o da matança de vaccas.

E' um processo condemnavel, constituindo um grave perigo á conservação dos rebanhos bovinos.

Não conseguimos ainda uma estatistica exacta da nossa industria pastoril.

Certo é, porém, que o nosso gado é insufficiente para satisfazer a necessidade do consumo que tem actualmente.

Para que não periclite a existencia dos nossos rebanhos e, portanto, para que não desappareça a industria pastoril em Goyaz, o que traria como consequencia uma situação de sérias difficuldades para o Estado, torna-se de necessidade indeclinavel a votação de uma lei prohibindo por completo a matança de vaccas e de vitellas de menos de oito annos.

OBRAS PUBLICAS

Foram executadas diversas obras inadiaveis, salientando-se as seguintes: Reparos no Palacio do Governo, nas Secretarias de Estado, no Lyceu de Goyaz, na Cadêa da Capital e adaptação da Secretaria de Segurança Publica; reconstrucção da estrada de Canastra até o Morro Grande e deste á Lagoinha, comprehendidos os trechos do corrego de Domingos Honorio até o do Secretario e dos Honorios até encontrar a estrada que vae desta Capital a Lagoinha; e concertos nas pontes sobre os rios Uruhú, Bugre, Rio das Pedras e Meia Ponte, na estrada de Morrinhos.

Estão contractadas a construcção das pontes sobre os rios Caldas, Anicuns Grande e Bagagem e a reconstrucção da ponte sobre o Ipé Arcado, que passou a ser proprio do Estado em virtude de incorrer em caducidade o privilegio concedido a Joseph Arnold.

Tambem foi contractada, mediante privilegio, a construcção das pontes sobre os rios Corumbá e Verissimo.

VIAÇÃO

A unica rêde ferro-viaria em trafego on nosso Estado é a Estrada de Ferro Goyaz, que tem o seu ponto terminal em Roncador, margem do Rio Corumbá.

O futuro de Goyaz está dependente do prolongamento dessa estrada, cujo estacionamento nas margens daquelle rio está determinando gravissimos prejuizos ao commercio e á lavoura.

Justamente por isso é que tenho insistido sempre perante os poderes federaes na reclamação já feita para que preste o seu concurso no sentido de que se converta em realidade a viação ferrea para o nosso Estado.

Não tenho me esquecido tambem de fazer sentir a essa Companhia que é mui exaggerado o frete que está cobrando pelas mercadorias que transporta, constituindo esse facto o maior entorpecimento ao commercio de nossa terra e matando o estimulo de muitos agricultores que se veem obrigados a vender os seus productos por preços insignificantes porquanto a tarifa elevada torna-os mais caros do que os seus similares em outros Estados.

Não obstante é sensivel o progredir dos municipios de Ipamery e Catalão e pontos circumvisinhos servidos pela "Goyaz".

A prova está na exportação dos nossos productos por essa Estrada, cuja arrecadação por ella feita durante o anno passado, em virtude do accordo celebrado a 14 de Fevereiro de 1914, montou em 312:271$111, excedendo em 70:713$644 sobre a de 1914, que apenas attingiu a . . . 241:545$467.

De accôrdo com a lei n. 546 de 6 de Julho de 1917 concedi ao Coronel Edmundo José de Moraes privilegio para o estabelecimento de uma linha de automoveis de Roncador a esta capital, já estando iniciados os serviços, segundo communicação que fez ao Governo o referido concessionario.

TERRAS

A venda de terras no Estado é regulada pela lei n. 134 de 23 de Junho de 1897, em parte alterada pelas de ns. 509 e 534 de 1 de Agosto de 1914 e 18 de Julho de 1916.

A area total vendida o anno passado foi de 2.878 hectares e 12 ares, importando os titulos provisorios em 3:957$560.

Foram ultimadas vinte medições de terrenos, no valor de . . . . . 26:049$609, e expedidos os competentes titulos definitivos.

AGUAS E EXGOTTOS

Apezar dos esforços do Governo para dotar a nossa Capital deste grande e inadiavel melhoramento, conforme fui autorizado pela lei numero 553 de 16 de Julho do anno passado, nada consegui ainda.

Encerrou-se a concurrencia aberta sem que apparecesse quem quizesse se incumbir de lavrar contracto a respeito.

ILLUMINAÇÃO PUBLICA

De conformidade com a autorisação contida na lei 553 de 16 de Julho de 1917, entrei em accôrdo com o Municipio da Capital para poder o Estado executar os serviços de illuminação electrica, agua e exgottos nesta cidade.

Mediante concurrencia, largamente divulgada, foi, no dia 2 do corrente, acceita a proposta mais vantajosa devendo ser lavrado contracto com o cidadão Joaquim Guedes de Amorim para a execução do serviço relativo á illuminação, cujas clausulas elaboradas pelo Governo e acceitas pelo referido contractante, são as seguintes:

1.ª — O cidadão Joaquim Guedes de Amorim, por si ou por sociedade que organisar, obriga-se a estabelecer e installar nesta Capital e povoação do Bacalhão a illuminação publica e particular por electricidade, mediante as condições do presente contracto no qual as partes serão designadas pelas abreviaturas "Governo" e "Empreza" e a cidade de Goyaz e povoação do Bacalhão pela de "Capital".

2.ª — A Empreza será obrigada a attender ás requisições feitas pelo Governo para a illuminação publica em pontos onde fôr preciso estabelecel-a, ultimando-a dentro do prazo de tres mezes no maximo, contados da data da intimação.

3.ª — Na installação e na execução dos serviços a que se refere o presente contracto, serão observados todos os regulamentos policiaes e municipaes, que forem applicaveis.

4.ª — A Empreza obriga-se a iniciar os trabalhos dentro de seis mezes contados da data da assignatura do presente contracto e a inaugurar a illuminação publica e particular dentro de 12 mezes após o inicio dos referidos trabalhos.

5.ª — As requisições a que se refere a clausula segunda, serão feitas em officios que forneçam á Empreza todos os esclarecimentos necessarios á perfeita intelligencia dos mesmos, nomeadamente os relativos aos typos de lampadas, accessorios e da installação e altura das lampadas.

6.ª — O Governo fixará as distancias para collocação das lampadas e postes em occasião opportuna.

7.ª — As horas de accender e apagar a illuminação serão: de Setembro a Março, das 18 ás 5; de Abril a Agosto, das 19 ás 6 horas.

8.ª — A Empreza, que será a unica autorizada a montar apparelhos normaes de illuminação, fornecerá por sua conta os mesmos apparelhos e os conservará á expensa propria sempre em perfeito estado.

9.ª — A Emprea é obrigada a conservar no maior asseio os apparelhos da illuminação publica.

10.ª — Para os machinismos, utensilios e apparelhos, que forem importado o Governo se obriga a requerer ao Ministerio da Fazenda e ás Estradas de Ferro, a isenção dos impostos e a reducção do frete, demonstrando a Empreza perante o Governo, a quantidade de que carecer. A Empreza sujeita-se ás determinações estabelecidas ou que se estabeleceram em leis ou Regulamentos para a boa fiscalização dos direitos a se pagarem.

11.ª — O Governo pagará á Empreza a quantia de 3:380$000 pela illuminação publica das ruas e edificios estadoaes e municipaes, sendo 200 lampadas de 50 velas cada uma para a primeira e 1.600 velas em lampadas de intensidade que o Governo escolher, para os referidos edificios, entre os quaes se comprehende o Hospital de Caridade. Esta quantia será paga mensalmente até o dia 5 do mez seguinte ao vencido. Esta importancia é relativo ao preço das lampadas, sendo as de 50 velas a 13$500 e as de 8 velas a 3$400. Desde que o Governo queira augmentar o numero de lampadas, tanto para os edificios como para as ruas, serão ellas vendidas ou cobradas pela Empreza por aquelle preço com o abatimento de 25 %.

12.ª — O preço da illuminação particular será regulado pela seguinte tabella:

Lampadas	de	8	velas	3$500
"	"	16	"	6$000
"	"	25	"	7$000
"	"	32	"	8$500
"	"	50	"	20$000

13.ª — As despezas com o material para a installação da luz e força aos particulares serão por conta destes, bem como a conservação e substituição do mesmo. A que se fizer com os edificios estadoaes e municipaes correrá por conta da Empreza, sendo, porém, o Governo responsavel pela sua conservação e substituição do material.

14ª — O Governo não se responsbilisa em caso algum pelo pagamento da luz fornecida aos particulares. O consumidor será o unico responsavel pelo consumo.

15.ª — A Empreza, depois de prevenir por escripto, com cinco dias de antecedencia, ao consumidor, poderá privar do supprimento de luz ao consumidor impontual.

16.ª — A fiscalisação da luz publica e particular será exercida pela Secretaria das Obras Publicas por intermedio do empregado para isso nomeado pelo Governo e por conta da Empreza. Para fazer face ás despezas com essa fiscalisação se deduzirá na Secretaria de Finanças mensalmente, e do "quantum" devido á Empreza pela illuminação

publica; a quantia correspondente a 3:000$$000 (tres contos de réis) por anno.

17.ª — A' Empreza é a unica responsavel por todas as perdas e damnos que provierem de suas installações, salvo força maior. Ficará sujeita aos regulamentos policiaes e municipaes durante o tempo do contracto.

18.ª — As duvidas que occorrerem na execução das clausulas do presente contracto serão resolvidas por juizo arbitral, assim constituido: cada uma das partes, salvo accôrdo em contrario, nomeará um arbitro. Si estes divergirem em seus laudos, será escolhido um terceiro por ambas as partes; si não houver accôrdo na escolha, cada parte nomeará o seu e, dentre os dois, o que fôr escolhido pela sorte resolverá definitivamente a duvida.

19.ª — A Empreza é obrigada a fornecer luz aos particulares em qualquer ponto do perimetro da Capital, onde existir ou funccionar o serviço de illuminação publica e a providenciar sem perda de tempo sobre qualquer reclamação que lhe fôr dirigida e que seja motivada por defeito de installação.

20.ª — A repartição fiscal deverá ser informada immediatamente pela Empreza, quando occorrer qualquer irregularidade no serviço de illuminação publica.

21.ª — Se o pagamento da illumiançāo publica não fôr feito até trinta dias depois de findo o mez, o Governo pagará os juros de 6 % ao anno, até quatro mezes e 10 % se o atrazo attingir a oito ou mais mezes.

Se dentro de dois annos não tiver o Governo pago as prestações em debito e juros correspondentes, poderá a Empreza cortar a luz publica sem prejuizo da cobrança judicial, ficando o Governo ainda na obrigaçoã de pagar a mensalidade de que trata a clausula 11.°, em quanto a illuminação estiver cortada por aquelle motivo.

22.ª — Qualquer despeza extraordinaria ou fornecimento feito por ordem do Governo será sempre paga com a primeira prestação.

23.ª — As lampadas, que se apagarem, deverão ser substituidas no prazo de 24 horas após a interrupção, sob pena de multa de 1$000 por lampada, não podendo a multa exceder de 50$000 por noite. No caso de permanecerem ellas apagadas tres noites consecutivas, sem substituição, a multa será de 15$000 por lampada, não podendo, porém, exceder de 100$000 por noite.

24.ª — A Empreza reserva-se o direito de cortar a luz aos consumidores particulares que não pagarem até o vigesimo dia seguinte ao mez vencido.

25.ª — A Empreza fica tambem com o direito de examinar as installações domiciliarias e, verificada a fraude, poderá cortar o fornecimento de luz, além do procedimento judicial de que poderá lançar mão contra o culpado.

26.ª — Sómente a Empreza poderá fazer as installações domiciliarias e o fornecimento do material.

27.ª — A Empreza fica isenta dos impostos e direitos estadoaes por tudo que disser respeito ao serviço de luz electrica.

28.ª — O Governo obriga-se a fazer as desappropriações necessarias aos serviços a que se refere este contracto, na fórma das leis vigentes, correndo as despezas por conta da Empreza.

29.ª — O Governo obriga-se a solicitar do municipio um terreno devoluto, com uma área de cem metros por cincoenta, gratuitamente, para a Empreza fazer as suas installações.

30.ª — A Empreza obriga-se a fornecer, gratuitamente, aos edificios estadoaes e municipaes, nos dias feriados, a illuminaço externa feita por electricidade.

31.ª — O preço do cavallo-vapor electrico, para força motriz, será de trinta e cinco mil réis por mez.

32.ª — A' installação da luz electrica será feita com os melhores apparelhos para produzir a electricidade por meio de vapor; ficando entendido, porém, que a Empreza será obrigada, logo que a illuminação attingir a quatro mil e quinhentas lampadas, a substituir, dentro de um anno, o actual systema pela força hydraulica, fornecendo a força e a luz pelos mesmos preços deste contracto.

33.ª — A empreza poderá, em qualquer tempo, transferir este contracto, com todos os onus e vantagens, mediante approvação do governo.

34.ª — A concessão a que se refere este contracto poderá ser encampada pelo Governo, ou mesmo pelo Municipio da Capital, depois de decorridos dez annos, mediante pagamento á Empreza em moeda corrente, da importancia correspondente ao capital effectivamente empregado e mais os juros de tres por cento ao anno pelo tempo que faltar para terminação do contracto.

35.ª — Se a Capital do Estado fôr mudada para outra localidade, a Empreza fica com o direito de montar ahi o serviço de illuminação e força electrica, continuando com o privilegio até terminar o prazo deste contracto.

36.ª — Os prazos para inicio e conclusão dos trabalhos poderão ser prorogados por força maior, assim considerados todos os factos imprevistos e irresistiveis conforme o conceito juridico acceito.

37.ª — Para a installação da hydro-electricidade poderá a Empreza utilisar-se das aguas de qualquer corrego ou rio do municipio ou inter-municipal.

38.ª — O presente contracto vigorará apenas por 30 annos, a contar da inauguração do serviço de illuminação.

39.ª — A Empreza incorrerá na multa de 500$000, quando a illuminação estiver interrompida por quatro noites consecutivas, ficando ainda obrigada a fazer a illuminação publica por outro qualquer systema, durante o tempo da interrupção. Se esta continuar além de quatro noites, a multa será de 200$000 por noite. Se porém, a interrupção fôr determinada por força maior verificada pelo Governo, a Empreza ficará isenta da multa, mas sempre obrigada a fazer a illuminação publica por qualquer outro systema.

40.ª — A Empreza fica sujeita em todas as questões relativas aos serviços, ora contractados, ao fôro desta Capital, devendo ter para esse fim pessoa investida expressamente de poderes necessarios para representa-la activa e passivamente em juizo e perante o Governo.

41.ª — Terminado o prazo do presente contracto, o Governo poderá renova-lo ou chamar nova concurrencia para a illuminação, tendo a actual Empreza direito de preferencia sobre o concurrente que melhor vantagem offerecer. Caso não lhe convenha continuar a fazer o serviço, fica obrigada a ceder ao Governo ou ao Municipio da Capital, todo o material existente pelo preço que fôr arbitrado judicial ou extra-judicialmente.

42.ª — A Empreza obriga-se a depositar na Repartição Fiscal do Governo um exemplar de cada typo de lampada em uso com os accessorios.

43.ª — Os typos de postes e de installação serão adoptados mediante accôrdo entre as partes contractantes.

44ª — A Empreza obriga-se a collocar na Capital dentro do preço a que se refere a clausula 11°, doze lampadas incandescentes, cuja intensidade luminosa inicial média, no plano horizontal, passando pelo fóco luminoso para lampadas núas, seja no minimo de 100 velas, considerada 1 vela como equivalente de um Hefner.

45.ª — A Empreza obriga-se a ãon fazer reclamação alguma tendente ao augmento de mensalidades e preços estipulados na clausula undécima deste contracto. Si a Empreza não iniciar e concluir os serviços, a que se obriga pelo presente contracto, nos prazos estipulados ou que forem concedidos nos termos da clausula 36ª, ficará sujeita á caducidade, sendo esta decretada pelo Governo independente de qualquer formalidade ou intimação judicial.

REGIMEN FLORESTAL

As nossas florestas estão a reclamar a attenção do Congresso.

Se é verdade que a sua conservação em determinados pontos se torna uma necessidade em virtude das funestas consequencias que póde acarretar a sua devastação, não é menos certo que se não podem deixar de attender as exigencias de seu consumo, que tende a augmentar.

Constituem ellas uma fonte de renda, não ha duvida.

Precisamos, por isso, ao lado de sua exploração, cuidar do reflorestamento e da policia florestal, estabelecendo um codigo que regule a parte relativa aos particulares e premios que estimulem o estabelecimento de novas industrias relativas ao aproveitamento dos productos florestaes.

Negocios das Finanças

Prosperando, como já ficou demonstrado, a nossa situação economica, não vos deve causar surpreza o estado lisongeiro das nossas finanças.

A valorisação do gado e o desenvolvimento da lavoura de cereaes muito têm concorrido para aquella, sendo que para estas não podem deixar de ter influido as providencias energicas tomadas para a fiscalisação das rendas e a rigorosa vigilancia no emprego dos dinheiros publicos.

No dia 31 de Março findo, era o seguinte o estado das Caixas da Secretaria de Finanças:

Caixa Geral do exercicio de 1917	482:655$920
" " " " " 1918	138:704$063
" " " " " depositos e cauções, em dinheiro	31:107$452
	652:467$435
Em poder da Estrada de Ferro Goyaz e correspondente á arrecadação feita nos mezes de Dezembro do anno passado a Fevereiro do corrente anno conforme aviso recebido pela Secretaria de Finanças	105:825$814
	758:293$249

Não foram computadas neste saldo a renda proveniente do beneficio de loterias, relativo ao 2° semestre do anno passado e pequenas importancias existentes em algumas estações fiscaes das quaes já se tem conhecimento.

Todo o funccionalismo está pago em dia e foram feitas durante o anno passado grandes despezas com a remodelação dos serviços publicos e com a execução de obras inadiaveis.

Tambem a divida fluctuante foi resgatada.

A divida passiva do Estado é apenas a seguinte:

Resto do emprestimo contrahido com o Banco Credit Foncier du Brésil	296:000$000
Restante da emissão de apolices, ainda não resgatadas	143:900$000
Total	439:900$000

ou menos 104:250$000 do que a existente o anno passado.

A divida activa até 31 de Dezembro montava em 634:782$628, ou mais 54:456$951, do que a do anno passado, e é formada por falta de de pagamento de impostos, no devido tempo, pelos contribuintes.

E' essa, pois, a situação real das finanças de Goyaz.

Existindo um saldo em dinheiro no valor de 758:293$249 e deduzindo delle a nossa divida na importancia de 439:900$000, resta ainda o saldo de 318:393$249.

Portanto posso affirmar com orgulho que o Estado de Goyaz está com as suas finanças em franca prosperidade, notando-se que, além daquella importancia em cofre, tem elle uma divida activa de . . . . 634:782$628.

De vêr é que, com esse saldo, poderia resgatar a nossa divida passiva e annunciar por esta fórma, que o nosso Estado não tem divida de qualquer natureza que seja.

Attendendo, porém, que a nossa principal fonte de renda provém da exportação e que esta oscilla muito, podendo cahir de momento, resolvi, como medida de prudencia, esperar a arrecadação do corrente exercicio para saldar esse compromisso, aliás insignificante.

No dia 14 de Julho ultimo, quando assumi o governo, era esta a nossa situação financeira:

HAVER

Saldo em dinheiro no Caixa Geral	221:132$910
Saldo no Caixa de Deposito e Cauções	30:920$707
Importando tudo em	252:053$617

DEBITO

Apolices em circulação	178:250$000
Com o Credit Foncier du Brésil	296:000$000
Com particulares nesta Capital	58:200$000
	532:450$000

RECEITA

Da synopse da receita escripturada até 31 de Março findo, verifica-se que, tendo a lei n. 535 de 18 de Julho de 1916 orçado para o exercicio de 1917 uma receita de 1.150:940$000, assim discriminada:

Exportação	436:988$000
Interior	513:745$000
Rendas extraordinarias	86:307$000
Rendas extraordinarias com applicação especial . . .	62:400$000
Depositos	51:500$000
	1.150:940$000

A arrecadação, conforme está constatada, excedeu a receita prevista, subindo até 31 de Março ultimo, a 1.959:504$595, assim distribuidos:

Exportação	963:980$610
Interior	852:790$709
Rendas extraordinarias	110:820$104
Rendas extraordinarias com applicação especial . . .	15:279$034
Depositos	16:634$138
Sommando tudo	1.959:504$595

ou sejam quasi 71 % a mais sobre a previsão orçamentaria, isto é, 808:564$595.

Tendo a synopse organizada comprehendido apenas a escripturação até 31 de Março, muito antes do encerramento do exercicio, marcado para 30 de Junho, é de esperar-se, com bons fundamentos, que a arrecadação excederá de 2.000:000$000.

Contribuiram para essa phase brilhante de nossas finanças, as seguintes verbas da receita:

Imposto de exportação — orçado em 436:988$000, arrecadado 963:980$610, ou mais 148:927$113 do que em 1916.

Imposto de transmissão — orçado em 152:000$000, arrecadado 271:943$808, ou mais 76:501$373 do que em 1916.

Imposto rural — orçado em 19:000$000, arrecadado 68:075$840, ou mais 17:621$215 do que em 1916.

Taxas sobre industria e profissão — orçadas em 33:000$000, arrecadadas 57:516$512, ou mais 17:248$346 do que em 1916.

Imposto do sello — orçado em 39:500$000, arrecadado 68:977$311, ou mais 12:160$211 do que em 1916.

Taxas de 10 % addicionaes — orçadas em 60:500$000, arrecadadas 152:539$948, ou mais 31:566$190 do que em 1916.

Vendas de terras—orçadas em 7:500$000, arrecadadas 12:751$185, ou mais 9:051$428 do que em 1916.

Medições de terras — orçadas em 9 000$000, arrecadadas . . . . 17:505$298.

Outras taxas—tiveram augmento em geral, embora pequeno, acompanhando o desenvolvimento das rendas principaes, de muitas das quaes são dependentes.

A renda arrecadada no exercicio de 1917, como acaba de ficar provado pelos dados que se encontram na referida synopse, é a maior até hoje conhecida e verificada no Estado, que nunca teve em seus cofres, desde os tempos coloniaes, a importancia correspondente ao saldo actual.

Tudo faz prevêr que a receita do anno corrente attinja áquella somma ou della se approxime.

A alteração das taxas e impostos consignados no regulamento que baixou com o decreto n. 5.548 de 25 de Outbro de 1917, e a determinação, constante do decreto n. 5.605 de 2 de Janeiro do corrente anno, de que o imposto de exportação passasse a ser cobrado *ad valorem*, tudo feito em obediencia aos interesses geraes do Estado e á necessidade de ser estabelecida uma cobrança equitativa dos impostos, concorrerão fatalmente para manter-se essa arrecadação e para que se normalisem de vez as nossas condições financeiras.

Nos ultimos dez annos tem sido a seguinte a receita geral do Estado:

1908	977:701$744
1909	674:477$806
1910	880:840$128
1911	1.000:204$565
1912	1.084:392$955
1913	1.328:416$760
1914	1.122:967$666
1915	1.063:508$499
1916	1.615:245$384
1917	1.959:504$595

Em todos estes exercicios e nos anteriores, a nossa principal fonte de renda tem sido proveniente do imposto sobre a exportação; sendo que sobre o gado, que sahe do Estado, e que temos encontrado a maior parte dos nossos recursos para a satisfação das despezas publicas.

Mas este imposto, como todos o sentem e como já está sendo reconhecido, é muito instavel, varia muito e não offerece garantia alguma de segurança.

A theoria do Imposto Unico, instituida por Henri George, já tão preconisada e já em triumpho em todos os paizes progressistas e que apresenta como succedaneo da exportação o tributo sobre a terra, não ha duvida que é mais racional, não só pela sua distribuição equitativa como tambem por estar de accordo com a concepção moderna da economia social.

Em Goyaz, porém, seria uma temeridade adoptal-a.

A arrecadação do Estado em 1917 foi feita pela Secretaria de Finanças, pela Estrada de Ferro Goyaz, pelas Recebedorias, pelas Collectorias e pelos cobradores da divida activa, assim:

Secretaria de Finanças	137:535$810
Estrada de Ferro	312:277$111
Recebedorias:	
Affonso Penna	539:885$650
Pilões	103:941$606
Ipé Arcado	61:532$444
Praião	31:864$192
Manuel Nunes	29:725$867
Total	766:940$759
Collectorias:	
Capital	71:891$851
Mercado	43:416$577
Catalão	55:078$046
Santa Rita do Paranahyba	41:319$846
Ipamery	38:829$222
Jatahy	36:174$499
Curralinho	33:541$069
Formosa	33:300$284
Rio Verde	33:254$400
Santa Cruz	29:857$222
Corumbahyba	26:508$310
Pouso Alto	26:079$501
Morrinhos	24:392$126
Annapolis	20:019$037
Santa Luzia	17:457$747
Rio Bonito	17:246$450
Duro	15:738$233
Caudas Novas	15:012$583
Bomfim	14:243$928
Taguatinga	13:202$347
Pyrenopolis	12:169$562
Jaraguá	11:119$642
Corumbá	11:356$900
Palmeiras	10:143$785
Bella Vista	9:890$842
Posse	8:655$045
Campinas	8:026$939
Porto Nacional	5:986$751
Alta Mir	4:805$137
Mineiros	4:347$828
Trindade	4:288$339
S. Domingos	4:186$797
Sittio d'Abbadia	3:810$094
Campo Formoso	3:587$341
Natividade	3:415$505
Annicuns	3:324$142
Arrayas	2:260$547
S. José do Tocantins	1:735$939
Conceição	1:132$670
Peixe	1:043$178
Pilar	1:027$548
Bôa-Vista	823$240
Chrystalino	744$859
Chapéo	78$917
Cobradores da divida activa	18:226$086
Total	741:750$915

Pelo quadro acima vê-se que toda a arrecadação do Norte do Estado, conforme salienta o titular da pasta das Finanças, foi apenas de 60:333$330 !!!

As providencias que tomei afim de que fosse uma realidade a arrecadação nessa futurosa região do Estado, não produziram, infelizmente, resultado algum, certo, como é, que o Norte tambem produz e exporta grande quantidade de gado.

Urge que o Congresso venha em auxilio do Executivo dotando-o dos elementos necessarios afim de que ahi possa, pelo augmento de força publica, salvar as finanças goyanas e que os senhores membros do Congresso, representantes do Norte, empenhem todo o seu prestigio e patriotismo no sentido de ser evitado que semelhante estado de cousas perdure.

Nos ultimos annos foi a seguinte a receita apurada pelas Estações arrecadadoras.

Secretaria de Finanças

1914	148:032$051
1915	70:390$687
1916	131:230$479
1917	137:535$810

Estrada de Ferro Goyaz

1914	73:968$210
1915	95:649$711
1916	241:545$467
1917	312:277$111

Recebedorias

1914	342:961$029
1915	426:929$084
1916	647:044$022
1917	766:940$759

Collectorias

1914	558:006$376
1915	470:639$017
1916	595:425$416
1917	741:750$915

DESPEZA

A despeza orçada para o exercicio de 1917 foi de 1.565:839$034 e a effectuada montou em 1.581:608$443; dando o excesso de . . . . 15:769$409.

Na despeza effectuada estão incluidos os creditos extraordinarios abertos para pagamento da divida fluctuante e com a remodelação dos serviços publicos, inclusive typographia estadoal, gabinetes de identificação e medico legal e restauração do cargo de Secretario Particular da Presidencia.

Essa despeza está assim distribuida pelas diversas Secretarias do Estado:

Interior e Justiça	783:764$281
Obras Publicas	162:514$406
Finanças	635:329$756
	1.581:608$443

sendo:

Interior e Justiça:

Despeza ordinaria	767:610$450
Despeza extraordinaria	16:153$831
	783:764$281

Obras Publicas:

Despeza ordinaria	156:534$751
Despeza extraordinaria	5:979$655
	162:514$406

Finanças

Despeza ordinaria	628:843$224
Despeza extraordinaria	6:486$532
	635:329$756

Confrontando-se finalmente a despeza effectuada com a renda conhecida do exercicio, resulta o saldo de 377:896$152.

EXERCICIO DE 1918

No primeiro trimestre deste anno já foi escripturada na Secretaria de Finanças a receita de 258:219$381 e despendeu-se a quantia de 141:142$986.

Esta arrecadação já é maior do que a de igual periodo de 1917, que montou em 215:586$842.

DEPOSITOS E CAUÇÕES

Na synopse figuram tambem os depositos judiciaes e as cauções.

Cada um delles teve, durante o anno passado, o seu movimento de fundos.

Os primeiros, isto é, os depositos judiciaes que são os recolhidos á Secretaria de Finanças, nos termos da lei n. 92 de 24 de Julho de 1895, que instituiu o cofre de orphãos, montam na quantia de 220:633$648 e vencem os juros de 5 % ao anno, tendo o anno passado entrado para a Caixa 25:229$054 e sido retirada a de 20:881$967 em consequencia de requisições legaes.

Os segundos, isto é, as cauções, assim chamados os depositos dos particulares recolhidos á Secretaria de Finanças em garantia da responsabilidade pelos cargos que exercem, montavam, até 31 de Março, em 85:521$847, sendo 31:107$452 em dinheiro que vence os juros de 6 % ao anno e 54:413$395 em outros valores.

Seria conveniente que o nosso orçamento supprimisse da receita esta verba, que serve, apenas, como já se disse algures, para levantar uma miragem fallaz de renda.

MONTE-PIO

A instiuição do monte-pio, tal qual existia entre nós, vinha acarretando "deficit", que já se elevava a 13:809$000.

Procedi a sua reorganização pelo decreto n. 5.595 de 24 de Dezembro do anno passado, usando para isso da faculdade que me foi concedida pela lei 576 de 23 de Julho ultimo.

Estabeleci a sua obrigatoriedade para os novos funccionarios, tornando-o facultativo apenas para os nomeados anteriormente á lei, e que requeressem a sua inscripção até seis mezes depois do referido decreto.

Elevei tambem a contribuição de 6 para 9 por cento.

Com esta nova organisação acredito que desapparecerá o regimen do "deficit", que estava sendo alimentado por tão importante instituto.

Senhores Membros do Congresso Legislativo

Tenho cumprido o dever que a Constituição me impõe no § 6° do artigo 91, expondo-vos, no dia da abertura dos vossos trabalhos, a situação dos publicos negocios de Goyaz e lembrando-vos as providencias que julguei necessarios aos interesses do Estado e que dependem de vossa criteriosa deliberação.

Dando cumprimento pela primeira vez áquelle dispositivo constitucional, tenho a viva satisfação de congratular-me comvosco pelos inicios dos vossos trabalhos, dos quaes todos o esperam, advirão melhoramentos e grande proveito á causa publica.

A minha funcção é essencialmente politica e, por isso acredito que agi de accordo com o systema republicano contando-vos tambem com toda a lealdade os moveis que me guiaram e os processos que tenho posto em pratica como chefe do Poder Executivo.

Nos relatorios dos meus distinctos auxiliares, os Secretarios de Estado e directores das diversas repartições, encontrareis informações complementares sobre todos os serviços publicos.

Saude e fraternidade.

Palacio do Governo em Goyaz, 13 de Maio de 1918.

JOÃO ALVES DE CASTRO.

Presidente do Estado.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2' andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE JULHO DE 1918 — VOL. I—N. 12

O NOSSO ANNIVERSARIO

Completa hoje "A Informação Goyana" o seu primeiro anno de publicidade.

E' de vêr que cumprimos com desassombro um fim e um programma que nos traçamos — tornando conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros as possibilidades economicas, o clima, as riquezas nativas, as fontes de vida do grande Estado do *hinter-land*, como tambem refutamos com factos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e na imprensa se propalavam ácerca da terra goyana.

Aos nossos collaboradores, que tanto nos ajudaram neste arduo emprehendimento — e cujos nomes illustres constam do cabeçalho desta Revista, os nossos mais vivos agradecimentos.

E'-nos grato igualmente agradecer aos nossos assignantes, aos annunciantes e a todos, emfim, que contribuiram para a satisfação intima de que ora nos achamos possuidos.

RETROSPECTO

"A Informação Goyana" completa hoje o seu primeiro anniversario. Fundada exclusivamente para refutar com algarismos e factos as injustas apreciações que por ahi se ha propalado ácerca do "hinterland" brasileiro e, sobretudo, para tornar conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros as immensas riquezas nativas de Goyaz, as suas fontes de vida e as suas possibilidades economicas, esta revista soube collocar-se ao nivel do patriotismo de seu digno diretor, não se afastando uma linha siquer do programma que traçára.

Se ella cumpriu ou não com o seu dever, melhor dirão os que, livres de prevenção e má vontade para com a mesma, acompanharam a série de artigos que publicou, todos elles inspirados nos mais puros sentimentos de progresso e de amôr á nossa terra. Dentre esses artigos alguns ha, convém salientar, que foram escriptos e assignados por jornalistas de reconhecida competencia, que nunca pisaram o sólo goyano, conhecendo-o apenas através de livros, mappas e informações, e que, no emtanto, não trepidaram em enfileirar-se ao nosso lado nesta ingloria e espinhosa campanha de mostrar a indifferença dos brasileiros os dotes naturaes do Brasil de que não sabem tirar proveito.

Dos collaboradores mais assiduos da "A Informação Goyana" destacaremos o nome do Almirante José Carlos de Carvalho, brasileiro illustre a quem a nossa grande Patria deve tantos serviços e que, ainda agora, acaba de ser distinguido com um honroso convite para tomar parte no 6° Congresso Geographico Brasileiro a reunir-se, a 12 de Outubro proximo, em Bello Horizonte. Certo, merece a estima e a gratidão de meus conterraneos aquelle que, como elle, com ardorosa coragem civica, vêm defendendo os direitos de Goyaz contra as usurpações territoriaes por parte de poderosos Estados limitrophes. Os seus trabalhos sobre limites de Goyaz, bem escriptos e argumentados, que o Senador Gonzaga Jaymé conseguiu fossem inseridos no "Diario do Congresso", constituem um dos mais justos titulos de gloria da "A Informação Goyana".

Mas não ficou sómente ahi a acção fecunda desta revista. Ella não se limitou, como não podia se limitar, á reintegração do territorio que a Goyaz pertence de facto e de direito. De outros assumptos capitaes tratou larga e proficientemente, como sejam — as riquezas mineralogicas, fauna, flora, clima, historia, instrucção publica e particular de Goyaz. Como orgão informativo e de propaganda, chamou a attenção dos que ignoram essa porção grandiosa do paiz para as riquezas immensuraveis do torrão privilegiado do "hinterland" — o ouro, o crystal, o diamante, o amiantho branco, as areias monaziticas, a malacacheta, o salitre, o sal gemma; para as suas aguas thermicas e radio-activas; para as suas plantas forraginosas, leitosas e gommiferas; para a sua pecuaria e variada ichthyologia; para a producção em larga escala de seus cereaes e para a exportação de seus productos.

O magno problema de transporte, fluvial e terrestre, não a preoccupou menos. Discorreu sobre a necessidade urgente das linhas de penetração, das estradas de rodagem, da auto-viação; sobre o glottologia americana; sobre o estado sanitario do sertão; sobre ás lendas goyanas. Muitos desses artigos vieram illustrados com lindas vistas de Goyaz, com clichés representativos das zonas ainda inexploradas e desconhecidas, além de varias outras photographias representando aspectos curiosos da natureza do Brasil Central. Alguns artigos e vistas, para maior merecimento da "A Informação", foram transcriptos em jornaes estrangeiros, do Rio e dos Estados.

Assim, esta revista cuidou de todos os assumptos sérios, de interesse geral para o paiz. Só não tratou de politica nem com ella jámais perderá seu tempo. O seu lemma foi e será — ser patriota sem ser politico. Com a mesma fé, com as mesmas disposições de trabalho e de sacrificios, sem a minima alteração no seu programma, encetará o 2° anno de sua publicidade.

Nós, os da redacção, que sabemos o quanto custa rever as provas e paginar uma revista, não podiamos deixar passassem em silencio os inestimaveis serviços prestados por Vicente Calamelli, distincto gerente da "Brasil-Ferro-Carril", á "A Informação Goyana". Esta, se merece applausos e louvores de meus patricios, manda a justiça que sejam distribuidos entre Henrique Silva e aquelle incansavel companheiro de trabalho.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

PRIMEIRA ETAPA

Está vencida.

Sacrificios, dissabores, contratempos, contrariedades, ingratidões não faltaram; mas a tempera resistente de um homem tenaz, de um espirito energico e forte, servido por um patriotismo inquebrantavel, á prova das maiores vicissitudes,tudo dominou, superando as difficuldades supervenientes, quer as de ordem moral, como as de ordem material.

"A Informação Goyana", revista de programma regional, restricto ao ponto de vista goyano, sem se descurar, embora, dos interesses geraes dos demais Estados, umbelicalmente vinculados aos da União, deveria contar só com o apoio dos goyanos, mas deve-o igualmente a quantos encaram os interesses geraes do paiz. Nasceu certa de lutar, como certa de dominar o meio de incertezas em que teria de mourejar.

De como cumpriu o seu programma e defendeu os interesses mais caros de Goyaz, ahi estão suas paginas abrilhantadas por iniciativas novas, por conselhos fecundos, pela propaganda habil, intelligente e proveitosa das possibilidades economicas do Estado, das suas incomparaveis riquezas, das suas peculiaridades, do seu clima ameno e salubridade, emfim de todos os dados accumulados, informes e trabalhos espelhando a sua natureza pródiga em accidentes muitos, exploraveis pela acuidade, intelligencia e capacidade industrial do homem. E' bem de vêr que se não limitou a uma exclusividade passiva, estreita, egoistica, pois lidou, enfrentou assumptos outros, de ordem geral. Com essa sympathica e firme orientação conseguiu Henrique Silva vencer o primeiro marco na senda honrosa e patriotica, que se impôz perlustrar, revestido de um estoicismo louvabilissimo e de uma coragem admiravel. Elle que prosiga, a despeito dessa atmosphera a crear-lhe e levantar-lhe resistencias formidaveis, comparaveis ás oppostas pelo ambiente aos aviões, mas que são aproveitadas e transformadas em agente de propulsão, pois assim conseguirá dominar o meio, desbravar o caminho para a completa realização de seu bello programma, synthese do progresso e engrandecimento de nossa terra querida.

Tão sympathica é a sua causa, que a ella se associaram, entre outras, as energias vibrantes do almirante José Carlos de Carvalho, do Dr. A. Pimentel, Carlos Maul n'um esforço louvavel e nobre em pról de Goyaz, cujos sagrados interesses e riquezas vão defendendo e desvendando com a sua penna autorizada e prestigiosa, tanto quanto primorosa.

Para agir na conformidade de seus ideaes, reuniu um numeroso corpo de collaboradores, que lhe veem prestando apreciavel concurso, em vibrantes e magistraes artigos de propaganda e defesa da causa goyana. Entre estes sobreleva a todos os do almirante José Carlos de Carvalho com o seu importante e valioso subsidio para a elucidação dos limites goyanos, questão momentosa, a impôr-se ao estudo e á ponderação do actual presidente do Estado. Matto Grosso e Pará apossaram-se de grande parte de nosso territorio, restringindo, recalcando o nosso perimetro fronteiriço para dentro, contra os alvarás e cartas regias que nos asseguram a sua posse e estabilidade. O Pará, a despeito de nossa occupação, mandou fôrça a Conceição do Araguaya, para nos despejar, a nós legitimos proprietarios, da grande faixa territorial povoada e habitada por goyanos. Por aquelles documentos o Pucuruy é o accidente geographico a separar-nos, no entretanto o transpoz e a outros para vir fixar-se naquella prospera localidade. Aconselhei o Presidente d'então que barrasse a penetração do destacamento por elle enviado para installar a comarca e firmar a occupação do territorio legitimamente nosso, operação que seria materialmente facil de consummar-se, mas outros conselheiros lhe insinuaram a inacção, o que deu logar ao successo daquella conducta e a consequente extorsão de impostos sobre o caucho, que de direito nos competiam. Essa attitude energica teria determinado o solucionamento da pendencia; e hoje já alli estariamos exercendo nossa jurisdicção e consequente acção arrecadadora. Cada anno a passar, é mais uma difficuldade, mais um pretexto para allegações e sophismas, ao mesmo tempo que significa uma extorsão ao Thesouro do Estado. E', pois, uma questão em fóco, a exigir solução prompta, taes as funestas consequencias do "statu quo" de annos, mantido pela indifferença de nossos proprios conterraneos, que veem exercendo o governo, mais preoccupados com a politica e com o partidarismo, do que com o futuro de nosso grande Estado. Devemos, pois, ao almirante José Carlos de Carvalho esse assignalado serviço, na resoluta e desassombrada attitude assumida em favor de nosso indiscutivel direito. Que suas palavras calem no espirito dos dirigentes de minha terra e inspirem a conducta unica que lhes cumpre tomar no momento, convergindo seus esforços para a solução dessa pendencia, aos nossos olhos tida como uma innominavel expoliação por parte daquelles Estados, e com a qual nos não podemos conformar.

Além desta orientação segura e firme na defesa infatigavel e brilhante de nosso direito territorial, "A Informação Goyana" tem enfrentado outros problemas de vital interesse para Goyaz, de par com uma inabalavel resolução de se não immiscuir na politica local, collocando-se em um ponto de vista, que póde só lhe grangear os applausos e o apoio decidido dos goyanos, condição essencial para assegurar a sua existencia. Ao infatigavel Henrique Silva não tem faltado coragem, perseverança, pertinacia, alento para arcar com as difficuldades inherentes a emprezas desta ordem, sendo certo que triumphará, graças ao apoio valioso e patriotico de nossos conterraneos.

A ajudal-o com um admiravel ardor, desde o inicio de sua louvavel tentativa, se apresentou nosso talentoso o jovem conterraneo Dr. Americano Brasil, ora occupando, junto ao presidente do Estado, lugar de destaque e de confiança, em cujo exercicio muito poderá fazer para a consecução das medidas necessarias ao nosso progresso, engrandecimento e reivindicação. Da sua esclarecida intelligencia, da sua dedicação á causa goyana, tudo ha que esperar. Se, pois, não faltaram urzes a tornar asperrima a trilha percorrida pela "A Informação Goyana", em compensação o merito de as haver dominado acarretará para Henrique Silva os louros de um triumphador.

Não é a primeira tentativa que faz, outras já ventilou, sem attingir os auspiciosos resultados de agora. Auxilial-o, é nobre, é patriotico, como menos digno seria crear-lhe obices de qualquer especie, que se traduziriam em hostilidades ao Estado, entraves ao seu evoluir.

Gloria a Henrique Silva e a Americano do Brasil, que são a alma desta revista, os seus fundadores e mantenedores, aos quaes cabem os louros colhidos neste primeiro estadio.

EDUARDO SOCRATES.

O Estado de Minas Geraes e os seus limites territoriaes

A Mensagem dirigida pelo Presidente de Minas Geraes, o Sr. Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, ao Congresso Mineiro, em sua 4ª sessão ordinaria, da 7ª Legislatura no anno de 1918, quando se refere ás questões de limites com os Estados vizinhos, diz:

"*Limites com Estados vizinhos*

A velha questão de limites, com o Estado do Espirito Santo foi resolvida em favor de Minas, por sentença do tribunal arbitral, instituido pelo decreto de 30 de Novembro de 1914, tendo sido tambem expedido o decreto n. 4.304, de 19 de Janeiro de 1915, para normalizar a situação do territorio que foi objecto do litigio."

ALMIRANTE JOSE' CARLOS DE CARVALHO, a quem os goyanos tanto devem pela sua acção brilhante e proficua em defesa da integridade do seu territorio.

Em outro capitulo, acrescenta S. Ex.:

"*Questões de limites*

O caso de limites de Minas com o Espirito Santo, levado por este utlimo ao poder judiciario, não teve nenhum incidente durante o anno de 1917. Continuam em estudos, de accordo com o convencionado entre os dois Estados, a questão de limites com S. Paulo e, em vigor com o Estado do Rio de Janeiro, a convenção ajustada para a arrecadação de impostos na zona contestada."

Justamente quando o Sr. Presidente de Minas Geraes, Dr. Delfim Moreira, com a autoridade magna de Chefe do Executivo Estadual affirma que são estas as unicas questões de limites que existem entre o seu Estado e os seus vizinhos, eis que surge dos "quartos baixos" do Palacio do Cattete, uma publicação feita em 1917, na Imprensa Naval (dependencia do Ministerio da Marinha), levantando um caso novo de questão de limites entre Minas Geraes e o Estado de Goyaz!

E o que é mais interessante, é que esta estupenda novidade foi levantada pelo Sr. Capitão de Fragata, Engenheiro Naval, Thiers Fleming, digno Sub-Chefe da Casa Militar do Sr. Presidente da Republica, Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes.

O exemplar do livro — Limites Interestaduaes — por Thiers Fleming, publicação de 1917, vem acompanhado da seguinte nota impressa em papel vermelho:

> " O autor pede a quem publicar qualquer commentario sobre o seu trabalho, o obsequio de envial-o para o Palacio do Cattete."

Razão porque disse que essa publicação sahio dos "quartos baixos" do Palacio da Presidencia da Republica, e por isso tenho remettido, não ao Sr. Capitão de Fragata Thiers Fleming, mas ao Sr. Dr. Presidente da Republica, diversos exemplares das revistas "A Informação Goyana" e "Brasil-Ferro-Carril", que se publicam regularmente nesta capital, nas quaes tenho me occupado seguidamente das questões de limites interestaduaes.

Tambem tenho remettido os meus escriptos ao Sr. Senador Paulo de Frontin, Presidente do Club de Engenharia, pessoa a quem foi dedicado e consagrado o dito livro, e deu motivo a que o seu autor fosse logo proposto por S. Ex. e acclamado por esse instituto scientifico membro da commissão especial encarregada da construcção da carta geral do Brasil, para commemorar o 1º Centenario da Independencia Politica do Brasil, a 7 de Setembro de 1922.

Nesse interessante livro lê-se á pagina 26, capitulo XIX, a seguinte declaração:

" Minas Geraes. — Limites, — N. — Bahia; E. — Espirito Santo; S. — Rio de Janeiro e São Paulo; O. — Matto Grosso e Goyaz."

Nota — Excepto com Matto Grosso, Minas Geraes, tem questões de fronteiras com todos os outros Estados que com elle confinam."

Esta declaração tão categorica do Sr. Capitão de Fragata Thiers Fleming, não conseguio demover o Sr. Dr. Delfim Moreira, Presidente do Estado de Minas Geraes, de de-

clarar em sua Mensagem ao Congresso Mineiro o que já ficou referido acima, excluindo das questões de limites do seu Estado com os vizinhos, a Bahia e Goyaz.

Vem a proposito ainda lembrar, que em Agosto de 1917, quando já era conhecido o livro — Limites interestaduaes — de Thiers Fleming, foi apresentada no Senado mineiro, pelo Dr. Virgilio de Mello Franco, uma emenda ao orçamento, que foi approvada, nestes termos:

> "E' autorizado o Governo a propôr a arbitragem na questão de limites, e se o Governo Goyano não acceitar o alvitre, o governo de Minas iniciará acção judiciaria afim de dirimir a questão e evitar grandes prejuizos, visto o Estado de Goyaz estar invadindo a vertente oriental do valle do rio S. Marcos, reconhecidamente mineiro." (1)

Com tudo isto a Mensagem á qual estou me referindo, da mesma maneira que a Mensagem do Presidente de Goyaz, Dr. João Alves de Castro, ao Congresso Goyano, a 13 de Maio deste anno, data da installação da 2ª Sessão da 8ª Legislatura, nem siquer uma noticia ligeira dizem a respeito deste assumpto.

Desde que os presidentes em exercicio de Minas Geraes e Goyaz, dão como não existente duvida alguma a respeito dos limites territoriaes entre os respectivos Estados, e conseguintemente reconhecidos os meus estudos sobre a questão, verdadeiros e justos, dou por terminada a parte que voluntariamente tomei nesta questão, toda de interesse geral para o Brasil.

JOSE' CARLOS DE CARVALHO.

Contra'Almirante, do Conselho Director do Club de Engenharia.

---

(1) Pagina 138, Cap. VII. — Questões de limites estaduaes a resolver.

Mettendo foice em seára alheia

Procurando desmentir o autor de "Caças e Caçadas no Brasil", escrevem os Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna na sua assás decantada "Viagem cientifica":

"No *Diccionario da Fauna do Brasil*, de R. von Jhering — S. Paulo — 1914, o autor, embora registrando a expressão sussuapára para o veado galheiro, lembra que a designação correcta é "suassú-apara". Acreditamos, mas podemos affirmar que nos geraes bahianos e norte de Goyaz, os moradores só designam o referido veado pela palavra sussuapara. Tampouco ouvimos, como quer Henrique Silva, á pag. 80 da "Caça e Caçadas", o nome suassúapára servindo apenas para designar a femea. O vocabulo, tal como o graphamos, designa, nas referidas paragens, o veado-galheiro de qualquer sexo."

Quem lhes responde é Taunay, que antes delles e com melhores titulos de scientista, de observador e descriptor exacto, viajou as então provincias de Goyaz e Matto Grosso.

O autor da "Retirada da Laguna", referindo-se ás especies de Cervides do Brasil, escrevia:

"Ayres de Casal conta cinco especies de veados, porque considera a Çuçuapára como especie distincta; entretanto esse é o nome que no sertão dão á femea do galheiro, a qual é de menor tamanho e não tem galhada."

Mas o melhor é reproduzirmos aqui o que se lê na alludida pagina de "Caças e Caçadas":

"Cervo — (*Cervus paludosus*) Suaçu-pucú dos indigenas: de grandes chifres esgalhados em muitas pontas, que se contam de nove ao minimo, e vinte e nove ao maximo; côr vermelha, uma quasi imperceptivel lista escura das fuças até a extremidade da cauda, canellas meio pretas e barriga branca; habitante dos igapós, mattas alagadiças, das florestas invadidas pelas aguas dos rios nas enchentes, ou que têm lagôas ou vargens nos campos proximos, que invariavelmente procura ao cahir da tarde e pela manhã.

Este bellissimo animal, que já se vae tornando raro e tendendo para a extincção completa, quando perseguido, dá acuação, e apenas mal ferido de um tiro, investe e vem na fumaça em procura do aggressor, o que é um perigo, tanto para os caçadores como para os cães, attendendo-se á sua formidavel armação de rijas pontas aguçadas, as quaes, nas suas arremettidas certas na mesma direcção, escarvam o terreno, levando o que tópa adiante, na possança mascula da sua envergadura.

A femea chama-se suaçu-apara, e não tem chifres, como as demais femeas na familia dos *Cervides*."

Se os itinerantes de Manguinhos, tivessem espirito de observação e bôas orelhas, teriam ouvido dos moradores distincções como estas que elles fazem dos machos e das femeas dos nossos veados:

A "campeira" (a femea do veado campeiro (*C. campestris*); a "mateira" (a femea do veado mateiro (*C. rufus*); a "catingueira (a femea do catingueiro) e finalmente a "suaçu-apara" (a femea do Cervo ou Galheiro grande) — *suaçú*-veado; *apara* — sem chifres, sem armas de defesa, na lingua indigena.

Que é esta a significação indigena da dicção *apar* ou *apara*, que corresponde a atrophiado, basta citar *Tatú-apara*, o que não tem unhas proprias para escavar a terra; *Ajurú-apara* é um papagaio com o bico preto, atrophiado. *Guata apara* — veado sem chifres.

Os indigenas tinham destas cousas: sabiam caracterizar melhor do que nós os representantes do nosso mundo animal.

E' mister registrar as muitas e deploraveis lacunas que se notam nos conhecimentos que possuem os zoologos de gabinete quanto á nossa fauna em geral. E' lamentavel a confusão que fazem quando procuram identificar os especimens fauneanos dissecados nos museus de historia natural, com os animaes vivos, em liberdade.

Sob o nome generico de "Felis Concolor" os naturalistas confundem o "Puma" dos guaranys do sul com a onça parda ou "Suçuarana", de que ha duas variedades — uma parda e outra vermelhada, com o fio do lombo preto e riscos negros nas mãos e pernas, como tão bem a descreveu Couto de Magalhães. São especies distinctas. O especifico "concolor" é que dá causa a essa confusão.

Outro capitulo da systematica zoologica em que reina a mais desagradavel confusão é o attinente aos "Lutrineos". Basta dizer que os naturalistas não distinguem as duas especies de ariranhas das outras duas especies ou variedades de lontras.

Da maior destas especies, a Ariranha, lê-se em "Mammiferos do Brasil": "Mede até 0,86 de comprimento, na cauda ainda mais 0,57". Esta medida só podia ser tomada de uma Lontra, não de uma Ariranha do Araguaya, que mede mais de 2m.50, inclusive a cauda.

Quanto aos peixes da fauna indigena, é o que sem offensa a nenhum dos nossos ichtyologos póde-se dizer uma miseria.

Quem os lê fica na mesma quanto á identificação de muitissimas especies. Tanto é assim que elles dão ao Dourado e á Tubarana, especies distinctas, a mesma determinação scientifica: "Salminus cuvieri". E o interessante é que possuem as aguas doces do Brasil tres variedades de Dourados e outras tantas de Tubaranas.

Procurae a determinação scientifica "Pimeludus clarias" em qualquer trabalho sobre a pisce-fauna do Brasil, que vel-a-eis applicada indistinctamente ao Mandi pintado ou Mandi-tinga, ao Pintado e igualmente a outras especies distinctas.

No respeitante á distribuição geographica das nossas especies ichthyologicas, é tambem uma tristeza o que se nos depara nos livros.

O Amazonas continúa a ter, para todos os effeitos, os seus peixes que se não encontram noutras aguas da America do Sul, peixes exclusivamente amazonicos, e cujo numero Agassiz fixou em dous mil!...

Mas, quem diabo vae dizer o contrario ao multi-laureado autor do "Por que me ufano do meu paiz?" Viria o Instituto Historico abaixo.

O que ahi fica, e mais o que ha de vir depois, quer nos parecer um prestadio serviço á sciencia official do paiz, que no assumpto sempre andou aos grillos, como a rapoza da fabula.

HENRIQUE SILVA.

O FALK-LORE DO BRASIL CENTRAL

Tem-se repetido que Goyaz, como pittoresco "hinter-land" e como porção inicial da região brasileira, é a "Arca de Noé da primitividade do Brasil"; diremos mais: abrigado das revoluções sociaes generalisadas e das influencias alienigenas que transformaram o littoral em suburbios ultramarinos da velha Europa, é uma caldeira interessantissima de fusão dos restolhos raciaes meio puros, impregnando na sociabilidade alguns "itens" reservados dos vicios da colonia, ou as mais recentes transformações ethnicas.

Se entre nós, para gaudio de uma esquisita sensibilidade ou melhor inercia, jamais se cuidou de avaliar as modificações anatomicas do mestiço, ou as surprezas da hematimetria, muito menos os phenomenos de relação e com estes o espirito e o sentimento, inherentes nas camadas sociaes que se superpuzeram, formando-o, differenciando-o.

HENRIQUE SILVA — Director

E', portanto, no "falk-lore" que devemos buscar suas originalidades em escalas variadas de sensações.

Feliz, espansivo, trabalhador, seus cantos e suas festas conservam igual matiz.

Sem têr as tristezas dos poetas ennervados do seculo, possue o mestiço o sentimento original da terra que habita. Suas canções dolentes enfeicham um mixto de attracção e dôr. A's vezes é lyrico e todas as sensações dos amores innocentes do sertão afloram em suas expressões; ora é heroico e todo o vigor de seus musculos é traduzido na simplicidade de seu verso e na toada de suas musicas que só os écos das mattas sabem corresponder, os murmurios das cachoeiras imitar e as quebradas longinquas repetir.

A mulher da canção popular é velada e enriquecida de respeito exterior; ao envez da gaze impudica das civilizações "rafinées", resguarda sua nudez com os pesados tecidos dos grosseiros teares, abrigada das safadezas litterarias e das intrugices causticantes de espiritos malevolos.

A alma sertaneja é um resto esmaecido dos idos tempos em que o cavalleiro jurava pela pureza de suas amigas encastelladas: se fosse corporificada teria o cerebro de portuguez, o coração de negro e o restante da organização originaria do terreno americano e do sol tropical.

O mais esforçado amantetico dos estudos da nossa Fama, Sylvio Roméro, discerniu em expressões profundas, o quinhão falk-loristico das tres raças, indicou os fructos novos do contacto e do mestiçamento.

Suas observações, porém, se applicam quasi unicamente ao littoral, local de alluvião em "falk-lore".

O sertão, o mar-morto do Brasil, resta ainda em abandono nas cousas desse interesse e seus raros cultuadores mais não têm feito que cercal-o de uma atmosphera de phantasia, ou deprimil-o "á bon gré". Entretanto, faria obra meritoria, quem se dedicasse a colleccionar as manifestações de seu povo, atravez das variadas alternativas de seu viver.

* * *

Não cabe na estreiteza do espaço maior ampliação no estudo dos gestos simples das gentes incultas. Faremos um laconico resumo começando pelas danças populares de que faremos simplesmente enumeração e demarcaremos os habitantes.

Ao nordeste de Goyaz, pela proximidade da Bahia — terra por excellencia dos folguedos, pudemos apreciar ainda recentemente o "lundú" e o "côco".

Uma dança particular dessa região, e suppomos caracteristica, despertou nossa attenção. Referimo-nos á "curraleira". Conservando certa semelhança com o antigo "lanceiros" dos salões do Imperio, tem comtudo meneios mais rapidos, mais grotescos e, por isso mesmo, mais attrahentes.

E' uma série de trançados, passes lestos e vira-voltas ao som de pandeiros e de caixas.

Acreditamos que se trate de uma transformação pelo mestiço sempre imitador, ou então que se pretenda glorificar a agilidade do animal de que tomou o nome.

Ao contrario do "côco" e do "lundú", que são danças acompanhadas de canto, a "curraleira" só tem esgares exquisitos e rapidos.

Em todas as regiões de Goyaz, são conhecidos o "recortado", o "samba", o "catira", o "saruê", o classica "batuque", com pequenas modificações os mesmos em todo o Brasil, havendo, comtudo, grande differença nos versos que os acompanham.

Dos ultimos enumerados o "saruê" precisa particular menção. O vocabulo se fôr corruptella de "soirée", dá-nos uma variante instigada pela lei da imitação e fornecida pela plébe.

E' synonymo dos famosos "bailes syphyliticos" de todos os Estados.

DR. ANTONIO AMERICANO BRAZIL — Director

No Sul de Goyaz ha uma dança caricata a que dão o nome de "Piranha".

Assistimol-a em um "pouso de folia". Consta de requebros e cantos, essemelhando-se a uma marca do "cotillon" francez.

E' executada por homens e mulheres e ao som de pontilhados de viola.

Faz-se uma grande roda: uma moçoila qualquer vem para o centro e executa em gestos as indicações deste canto que é entoado pelos circumstantes, que dançam:

"Chora, chora, chora
Piranha!
Torna a chorar
Piranha!
Põe a mão na cabeça
Piranha!
Põe a mão na cintura
Piranha!
Dá um sapateadinho
Piranha!
Mais um requebradinho
Piranha!
Diz adeus ao povo
Piranha!"

A "piranha" que occupa o centro da roda chora, põe a mão na cabeça, na cintura, sapatêa, requebra e diz adeus ao povo; os restantes, cantando, vão repetindo todos os seus ademanes.

Finalmente a "piranha" já cançada, consegue collocar uma companheira em seu logar, o que cumpre depondo um "alcobaça" vermelho na cabeça de uma amiga. E a dança prosegue e as violas repinicam...

E', sobretudo por epocha dos "mutirões", dos "pousos de folia", das "lapinhas", das "derrubadas" que estas festas populares têm logar para regozijo da alma simples dos sertanejos, que se reunem para trabalhar e divertir.

Ha dous divertimentos populares da antiga colonia que ainda se perpetuam em Goyaz: "as cavalhadas", tão bem descriptas nas "Festas Populares do Brasil", de Mello de Moraes, e mais raramente as "danças de velho", que nestas paragens apreciamos uma unica vez.

Das danças importadas com os africanos, temos o "moçambique" e o "congado", hoje raras.

São grotescas e infernaes, e após a cessação da escravidão, muito de longe em longe se repetem, visto como, com a democratisação dos costumes, os negros têm primado por esquecer os proprios habitos, tomando os dos brancos.

E' uma perda irreparavel para a litteratura e para o "falk-lore".

No ultimo volume das "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz", o Dr. Arthur Neiva, tratando do fallado "desafio", concede-lhe conceitos pouco verdadeiros.

Affirma que todos os "desafios" são eguaes e decorados a proposito.

Não se deve esquecer a lei sociologica que trata da "verificação de identidade dos conhecimentos humanos por toda a parte" e mormente entre populações communidade de sentimentos, educação, religião, etc.

Que tal não fosse verdadeiro, ha a notar que com uma simples observação regional não se poderia arriscar o distincto bactereologista á generalisação tão ampla como a que expendeu.

Quem percorre uma fita estreita de determinada zona, jamais fugindo das vias salineiras, não póde fazer generalizações sobre clima, molestias, flóra, faúna e fama da região inteira.

Veiga Cabral, na utlima edição da sua apreciada "Chorographia do Brasil", distingue em Goyaz tres zonas distinctas: o Dr. Neiva percorreu uma limitadissima fita da mais pobre dellas e a estrada carreira do sul goyano, sendo que nesta ultima, a mais apreciavel do Estado, não fez uma só observação.

O "desafio" merece ser rehabilitado; ha sertanejos que rimam tão rapidamente como nossos melhores repentistas, possuindo tambem humorismo agudo e interessante.

Deixo semelhante tarefa aos competentes, sendo que delle já fallaram Roméro, Verissimo, Góes, Henrique Silva e outros.

* * *

Dos factos caracteristicos que collecionamos no sul de Goyaz, tres mereceram nosso melhor cuidado e não fosse a sua extensão dal-os-iamos na integra ao leitor.

São intitulados. "Mulher não vae á festa", "Villão de raca" e "O casamento da filha da velha".

O primeiro é uma critica acerrima, feita pela plébe, á particular attracção que as festas, em geral, têm para o sexo feminino; o segundo é a apologia das fanfarronadas do sertanejo avalentoado e poltrão; o terceiro resume o humorismo popular, fazendo a apreciação do fortuito casamento de uma "tia" já passada em annos.

São tres joias curiosas.

Apezar da limpidez das trovas do sertão, notam-se, aqui e alli, alternativas de pequenas "criticas canalhas", como no "Fado do Namoro" em que todos os versos terminam assim:

O abraço eu deu
Mas vae chorar p'ra lá.

Os sertanejos usam de quasi todos os metros, e até dos versos brancos com muita regularidade, como nesta "Canção da roxa morena".

Quem tem saudades
Tambem tem paixão,
Pela roxa morena
Serena como um balão.

Quem tem paixão
Tambem tem saudades,
Essa roxa morena
Só me mostra falsidades.

Quem tem saudades
Tambem soffre pena,
Eu só tenho saudades
Daquella roxa morena.

Mais commummente usam dos versos de sete syllabas, tal como se vê na "Cantiga do Valente", que retrata a alma revolta, desembaraçada do mestiço:

Vinha vindo de viagem
Das bandas de Cuyabá,
Quando topei dois jagunços
Com tenção de me matá.

Um trazia carabina,
Outro trazia um facão,
Eu gritei: "Nossa Senhora,
Esses homens são ladrão".

Matar será minha sorte,
Morrer será minha sina:
Pulei da besta no chão
Manobrei a carabina.

Um trovejou matto afóra
Arrebentando cipó,
Um delles ficou tremendo
Que eu até fiquei com dó.

Foi assim a valentia
Que eu topei no Cuyabá,
Quando fui vender muladas
Nas bandas de Corumbá.

Tem sua particular attracção a entrada do trovador sertanejo nos salões de festas, viola em punho e chumbado por um copito da branca:

Seja o primeiro verso
Cantado no salão
Para o dono da casa,
Que é minha obrigação.

Noutro tom:

Esta casa é bem feita
Por dentro, por fóra não;
Por dentro cravo rosa
Por fóra mangericão.

E olhando para as meninas alegres do nosso sertão, que o admiram com olhos parados, solta:

Vou fazer um juramento
De não mais ter namorada,
Cachaça e moça bonita
Faz a vida atrapalhada.

Ou, então:

Vou fazer protestamento
De não mais ter namorada,
Rabicho e cabeça inchada
Traz a vida n'um tormento.

Notando o desprezo da menina:

Faça a minha sepultura,
Eu quero ser sepultado,
Antes mil vezes a morte
Do que ser desprezado.

Como espirituoso retrato de genio de todas as mulheres, ninguem melhor soube generalizal-o. Ouçamos:

Assim é que mulher faz
Mulher que não quer bem homem:
O marido sáe p'ra roça
Ella vae para o passeio...
O gato foge,
O porco some,
Gallinha bota,
Cachorro come...
E quando o marido chega
Ella diz: Tu não és homem.

Espirituosa e bôa a alma dos trovadores do sertão.

* * *

Carlos Maul lançou ha pouco os alicerces de sua interpretação nacionalista; pensamos que para melhor comprehendel-os ha grande van-

tagem em se penetrar os segredos da alma popular, com todo o seu cortejo de superstição e heroismo, de que o "folk-lore" é a melhor cópia.

As vozes das mattas, os ruidos das cachoeiras, o silencio dos sertões, as agruras do trabalho, as paixões nascentes — eis o reflexo limpido da musa dos sertanejos.

A alma do sertão é a propria alma da nacionalidade.

JOÃO GOYANO.

Goyaz, 1° Julho — 1918.

DR. VICTOR DE CARVALHO RAMOS — Um dos mais devotados amigos da "A Informação Goyana", que se orgulha de o contar entre os seus mais brilhantes collaboradores effectivos. O nome do nosso talentoso companheiro de trabalhos ha-de ficar ligado ao desta revista.

GOYAZ

A ESTRELLA SOLITARIA DO BRASIL

O grande brasileiro, Visconde de Porto Seguro, nos primeiros tempos do Segundo Imperio, 1835, já assignalava o — Planalto de Goyaz, — em que devia assentar a futura capital do Brasil, e a Constituição da Republica, por sua vez, ratificou essa indicação, assim consignada no seu artigo 30:

> " Fica pertencendo á União, no Planalto Central da Republica, uma zona de 14.400 kilometros quadrados, que será opportunamente demarcada, para nella estabelecer-se a futura Capital Federal."

Coube ao Marechal Floriano Peixoto, então Presidente da Republica, mandar estudar e demarcar a zona no Planalto de Goyaz em logar que melhor pudesse servir para a futura Capital do Brasil.

A commissão demarcadora teve como chefe o eminente sabio Dr. Luiz Cruls, Director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, e della fizeram parte os Drs. Henrique Moritze, actual Director do Observatorio Astronomico; Eugenio Hussak, geologo; E. Ule, botanico; Glaziau, botanico; Paulo Oliveira, geologo; Antonio Pimentel, medico hygienista; Pedro de Gouvêa, medico do Exercito; e os engenheiros militares: Celestno A. Bastos, Tasso Fragoso, Hastimphilo de Moura, Alipio Gama, A. Sisson e Senna Braga.

O meu distincto amigo Major Henrique Silva, fundador e Director desta Revista, fez tambem parte da commissão Cruls, commandando a força do Exercito que acompanhou todos os trabalhos dessa importantissima expedição scientifica, que constituem um subsidio valiosissimo para escrever-se com exactidão uma parte preciosa do sertão brasileiro.

Goyaz, é o unico Estado do Brasil, que me falta visitar, para sentir bem de perto todas essas bellezas que tanto têm encantado e provocado impressões admiraveis a um cento de viajantes estrangeiros, os quaes vindos de além-mar tiveram a felicidade de vêr com seus proprios olhos, os esplendores peculiares dessa região das terras altas do Brasil.

A provincia de Goyaz (hoje Estado), dizia em 1882, o engenheiro José Negreiros de Almeida Sarinho, na *Memoria justificativa do projecto de uma estrada de ferro do Pará a Goyaz*:

> " Esta estrada é o laço que ha de estreitar o Norte ao Sul do Brasil, o Oriente ao Occidente. — Cortam o seu territorio grandes tributarios do Amazonas e do Prata; o Tocantins e o Araguaya regão-lhe a parte septentrional; o Paranahyba marca-lhe a fronteira do Sul. A grande arteria que ha de ligar entre si todas as provincias de Leste, o S. Francisco, corre parallela e proxima dessa extensa provincia. Goyaz ha de ser o — Coração do Brasil, — como indica a sua posição geographica."

Se essa estrada de ferro tivesse sido construida em 1882, como havia projectado o engenheiro Sarinho, entre o Pará e Goyaz, com 500 kilometros de extensão apenas, transpondo as cachoeiras do Tocantins e Araguaya, a actividade de mais de meio milhão de brasileiros, estimulada pelo trabalho, esses patricios já estariam certamente participando dos beneficios da communhão unversal.

Bôa-Vista, em Goyaz, ficaria deste modo distante da Europa apenas 18 dias de viagem e a propria capital do Estado, communicar-se-hia com o velho mundo e os Estados Unidos da America do Norte, em 21 dias, sendo um dia por terra até Jurepensen, e dahi até S. Vicente (Brasil) pelos rios Vermelho e Araguaya, cinco dias e depois mais quatorze dias de viagem por mar. Esta estrada permittiria viajar-se dos logares mais centraes de Goyaz para aquelles paizes em tanto tempo como do Rio de Janeiro! Esses 500 kilometros de estrada de ferro produziriam o maravilhoso effeito de descentralizar Goyaz.

Infelizmente nada se fez e ainda agora, passados 36 annos, dos quaes 29 de Republica, o Estado de Goyaz, a antiga provincia do Imperio, continúa a ser admirada por muita gente que não lhe póde negar as immensas riquezas naturaes que possue em todo o seu vasto territorio, nem medir-lhe o gráo de expansão da sua vida economica futura. Infelizmente, repito, do que valle tudo isto se Goyaz continúa a ser — A Estrella Solitaria do Brasil ?

JOSE' CARLOS DE CARVALHO.

Contr'Almirante, do Conselho Director do Club de Engenharia.

VICENTE CALAMELLI — E' o mais modesto collaborador desta revista; no emtanto, são inexcediveis os trabalhos que obscuramente vem prestando desde o inicio d'"A Informação", que se desvanece de lhe prestar hoje esta justa homenagem.

SUMMARIO

Aguas thermicas e radio-activas de Goyaz

Discurso pronunciado na Camara dos Deputados pelo nosso illustre collaborador e representante de Goyaz, Dr. Olegario H. Silveira Pinto:

O SR. OLEGARIO PINTO — Sr. Presidente, quando neste recinto, ainda ecôa o brilhantissimo discurso hontem proferido pelo meu illustrado collega por S. Paulo Sr. Salles Junior, bem comprehende o constrangimento com que venho á tribuna, e que só vence a necessidade de tratar de assumptos que interessam o meu Estado.

Vejo com satisfação certo movimento que se vae operando no sentido do saneamento do interior do Brasil. Goyano, sertanejo, pela minha profissão de engenheiro acostumado a percorrer o interior do Brasil, conheço os males que flagellam as populações do sertão, e por isso venho trazer o meu contingente, a minha contribuição para que seja levada a effeito essa grande obra.

Ribeirão Caldas Novas

Em 1912, tive a honra de apresentar á Camara dos Deputados um projecto mandando analysar as aguas thermaes de Caldas Novas, Caldas Velhas e Caldas de Pirapetinga, no Estado de Goyaz. Com prazer vi o meu projecto convertido em lei. O Governo passado, attendendo a que se tratava do bem publico, fez immediatamente organizar, pelo Dr. Orville Derby, de saudosa memoria, a commissão chefiada pelo Dr. Lee, a qual se dirigiu áquella região, examinando 13 fontes e descobrindo tres outras. Essas 13 fontes tinham a temperatura de 36° a 43° centigrados. Feito o devido exame, o Dr. Lee apresentou um relatorio parcial, muito interessante, e em que, depois de descrever as riquezas do radio e de lhe dar o valor de 300 mil contos por kilo, diz: "Examinei as 13 fontes de aguas thermaes em Caldas Novas, e posso affirmar que ellas são radio-activas."

Não poude o Dr. Lee, á falta de instrumentos, realizar o exame completo, que em seu relatorio entende ser de urgente necessidade e grande vantagem.

São passados cinco annos, e não mais se fallou em semelhante assumpto. O Dr. Orozimbo Corrêa Netto, distincto medico, residente em Poços de Caldas, sendo talvez quem melhor conheça as aguas thermaes estrangeiras e nacionaes, ouvindo fallar na riqueza e nas surprehendentes curas operadas pelas de Caldas, em Goyaz, entendeu de *in loco* fazer o exame, depois do que declarou "que não são 13 fontes sómente, sinão 23, e que a temperatura varia de 36° a 51°, o mais alto até hoje conhecido".

Cita o mesmo profissional diversos casos de prodigiosas curas verificadas nessa fonte de 51 gráos e diz esse distincto medico:

> "As fontes de ns. 11 e 12 foram as aguas destinadas á casa de banhos, onde outr'ora era um banheiro antigo. A fonte n. 13 é a do Poço Valeriano, que é um banheiro historico.
>
> Entre os casos notaveis de cura operada com o uso dessas aguas thermaes, nenhum é mais eloquente, dentre os mais recentes, do que o caso de Valeriano Rodrigues de Queiroz, que deu causa a que ficasse conhecido um banheiro antiquissimo pelo nome de Poço do Valeriano.
>
> Na minha visita a Caldas Novas tive occasião de conversar com esse individuo, e consegui tirar-lhe a photographia que, em projecção luminosa, posso hoje apresentar nesta minha palestra. Quando Valeriano chegou a Caldas Novas, levado pelo instincto de conservação, a procurar as suas aguas thermaes, havia 30 annos que se achava doente, accommettido de um eczema generalisado e rheumatismo, não tinha um fio na cabeça e no corpo, coberto de escamas..."

Sr. Presidente, não quero tomar a attenção da Camara com a leitura da conferencia, aliás bellissima, feita pelo Dr. Orozimbo Corrêa Netto, autor de um livro interessantissimo sobre *Aguas Thermaes Brasileiras.*

Neste trabalho procurou muito estimular o desenvolvimento da industria thermal e mineral, despertando a idéa da creação de uma cadeira de hydrologia medica na Faculdade de Medicina.

Esse livro foi prefaciado pelo eminente Sr. Dr. Austregesilo, que, depois de encarecer muito os trabalhos do eminente autor, assim termina:

> "Ha no excellente manual uma parte eminentemente patriotica e scientifica: a descripção completa das muitas estações thermaes brasileiras, quasi todas ignoradas pela maior parte dos medicos! Todos os praticos devem manusear o livro do Dr. Orozimbo Corrêa Netto e conservar no espirito as duas noções essenciaes que me ficaram: a utilidade clinica e o patriotismo, que com tanta modestia e precisão se acham contidos neste utilissimo trabalho."

Ora, Sr. Presidente, temos nós dous exames, um pericial, feito pelo Ministerio da Agricultura, por intermedio de uma commissão competente, por um chimico de valor como o Dr. Lee, e outro pelo illustre medico, o Dr. Orozimbo, que tem dado provas cabaes do seu profundo conhecimento do assumpto.

Sr. Presidente, entre Caldas Novas e o ponto terminal da Estrada de Ferro Goyaz ha uma distancia de dez legoas de bons caminhos, tornando muito facil a construcção de um ramal ferreo. Eu, porém, já não fallo em estrada de ferro para Goyaz, porque, apenas no Governo passado, o então Ministro da Viação, Sr. Barbosa Gonçalves, hoje distincto collega, procurou por todos os meios fazer com que a via ferrea penetrasse em territorio goyano, visto como, só em nome, ella é... Estrada de Ferro Goyaz, porque, si tem cem kilometros no Estado, tem duzentos e trezentos em Minas, e, de vez em quando, somos assustados com a noticia da mudança do traçado.

Felizmente, na pasta da Viação se acha um estadista estudioso, de grande criterio, que estuda com cuidado estes assumptos, e tem feito com que o traçado seja o mesmo primitivo. Mas o facto é que depois que deixou a pasta da Viação o nosso illustre collega, Dr. Barbosa Gonçalves, até hoje a estrada não adeantou um metro. Foi S. Ex. que fez inaugurar a ultima estação, a de Roncador.

Não fallo siquer em estradas de rodagem, porque o meu distincto collega de bancada o Sr. Ayres da Silva, em todas as sessões, vem fazendo este pedido. Si os illustres Deputados soubessem como esse meu distincto conterraneo faz a viagem de Porto Nacional para esta Capital, ficariam certamente assombrados!

E' mais facil ir á Russia e voltar do que o Deputado Ayres da Silva ir e voltar a Porto Nacional! Basta dizer que o Deputado Ayres da Silva para vir pleitear o seu reconhecimento nesta Camara teve necessidade de vir antes das eleições, e, ainda assim procedendo, chegou nos fins das sessões preparatorias!

Um dos poços de Caldas Novas

Sr. Presidente, no meu Estado, que é tão vasto, tão extenso, que tem toda a sorte de riquezas, onde ha dous grandes rios, o Araguaya e o Tocantins, que tiveram vapores trafegando, hoje o desanimo é geral.

Goyaz, que possue campos extraordinarios de criação, onde a forragem é sempre verde, onde as seccas são pouco intensas, onde todas as lavouras podem prosperar, Goyaz tudo produz, mas não póde exportar, porque não ha meios de transporte. Da capital de Goyaz ao ponto terminal da estrada de ferro a distancia é de 54 leguas. Essas 54 leguas são feitas ou em carros de bois, andando uma ou duas leguas por dia, ou então em costas de animaes, com o dispendio em cada arroba de producto de 10$ e 12$000.

Um Sr. Deputado — E intensifique-se a producção...

O SR. OLEGARIO PINTO — O povo de Goyaz é ordeiro, obediente, é um povo que acceita bons conselhos. Assim é que, logo que o Sr. Presidente da Republica recommendou a maior parcimonia nos gastos e a intensificação da cultura dos campos, os meus patricios lavradores quadruplicaram os seus esforços, compensados por fartas colheitas.

Os meus patricios esperavam que, com essa intensificação, viessem os meios de transporte. E isto não aconteceu.

A estrada ficou onde o nosso collega o Sr. Dr. Barbosa Gonçalves deixou, e não se deu mais um passo.

A producção é tão grande que este jornal (*desdobrando uma gazeta*), que é recentissimo, diz o seguinte: (*lendo*) "O assucar custa 5$ a arroba: o toucinho, 11$; a carne secca, 10$; o arroz pilado (80 litros) 21$, quando no Rio de Janeiro se compram 60 litros por 54$000.

O Sr. Octavio Rocha — E' o problema do transporte, que é o problema maximo.

O SR. OLEGARIO PINTO — E' certo que ha alli abundancia de generos, mas não o é menos que estes são transportados em costas de animaes, como já disse, pagando oito ou dez mil réis por arroba, e, ainda, expostos á acção das intemperies, deterioram-se com facilidade. Tenho muita vez pedido providencias a respeito, vendo, entretanto, que os projectos que as estabelecem, quando adoptados, são em parte executados, e quanto ás autorizações em cauda de orçamento, essas ahi ficam.

Na administração do nosso illustre collega Sr. Barbosa Gonçalves ainda tivemos a inauguração de quatro estações telegraphicas para os pontos mais importantes. Salientarei, entretanto, que no tocante a este ramo do serviço publico o que se verifica é extraordinario!

Em 24 de Fevereiro passei um telegramam ao nosso collega Ayres da Silva, despacho que S. Ex. só recebeu em 1 de Maio!

O Sr. Octavio Rocha — Dous mezes e dias!

O Sr. Salles Filho — Culpa tem Goyaz, que possue uma bancada pequena...

O SR. OLEGARIO PINTO — Voltando, Sr. Presidente, ao assumpto de que tratava, tenho ainda a dizer que, constantemente, os jornaes e revistas publicam novas descobertas dessas aguas thermaes.

Atravessando o Rio Corumbá

A "Informação Goyana", revista que se publica no Rio de Janeiro, sob a intelligente direcção de Henrique Silva, um conterraneo estudioso, ha pouco tempo estampou um notavel artigo em que mostrava a excellencia e a riqueza dessas aguas.

Os jornaes de S. Paulo teem trazido brilhantes artigos de Mario Vaz, outro goyano muito conhecedor do sul do Estado, muito estudioso, e que constantemente chamava a attenção da classe medica para as maravilhosas curas effectuadas em Caldas Novas.

Antes do exame feito pelo Dr. Lee, já um pharmaceutico goyano, hoje fallecido, o Sr. Alceu Victor Rodrigues, fizera uma analyse que muito se approxima da ultimamente realizada pelo Dr. Orozimbo Corrêa Netto.

Sr. Presidente, venho requerer a publicação dessa brilhante conferencia do illustre medico Dr. Orozimbo, bem como do relatorio parcial do Dr. Lee, do Serviço Geologico e Mineralogico, do Ministerio da Agricultura.

Aproveito tambem a opportunidade para fazer um appello ao Sr. Ministro da Agricultura afim de que S. Ex. dê execução á lei que mandou se fizesse o exame completo daquellas aguas.

A analyse foi feita pelo Governo passado, de modo preliminar. Resta, agora, após a palavra do notavel medico Dr. Orozimbo C. Netto, que venha a do Governo, dizendo si as aguas são ou não são excellentes. (*Muito bem! muito bem! O orador foi muito cumprimentado.*)

AIÊTÊ

Jornalistas mal informados e excursionistas de balão continuam a depreciar o Estado goyano, emprestando-lhe epithetos pouco recommendaveis, como estes: vasto hospital de paludicos e cambetas, capharnaum, terra adversa á civilisação, povo de papudos e creoulos, etc., sem se lembrarem de que a terra goyana, além de ser um rico pedaço desta patria brasileira que se deseja vêr decantada no convivio das nações mundiaes, é um indispensavel celleiro para esta capital e outros grandes centros do paiz, e ainda mais, fazendo-se justiça, um modelo de trabalho, de educação popular, de boa indole, de hospitalidade e de sentimentos humanitarios e patriotas. Tudo isto se prova, á parte a sua variada riqueza natural, com a sua exportação de cereaes escolhidos, gado sadio; com a sua instrucção primaria bem diffundida, a boa ordem local, o bom desejo de angariar elementos proveitosos para a boa sociedade local e, emfim, com os louvaveis esforços que faz cada nucleo de população regional para elevar a sua localidade.

Houvesse alí meios faceis de transporte; convergissem para ali, como acontece a Estados mais felizes, os altos favores da União, as vistas preferentes dos monopolizadores do progresso nacional, e ver-se-ia em breve Goyaz surgir como o verdadeiro coração do Brasil, expandindo, irradiando opulencia aos seus co-irmãos limitrophes, attrahindo e felicitando a volumosa onda de estacionarios e desanimados do trabalho que enche as capitaes do paiz e dellas não se póde retirar, ou por falta de meios de locomoção, ou pela incerteza de encontrar abrigo sufficiente e garantia certa de subsistencia, uma vez que, ao contrario de uma boa propaganda humanitaria e patriotica, como se deveria fazer, só se dizem e apregoam inverdades e diffamações tendenciosas, com grande prejuizo do paiz e dos que ali deparariam dilatado campo de actividade, contanto que soubessem cultivar e estimar aquella terra de Canaan ou se entregassem ao rendoso commercio dos generos de lavoura e da pastoricia.

Os Mineiros e os Bahianos, por estarem mais proximos e conhecerem mais de perto a fertilidade do sólo goyano e a hospitalidade dos seus habitantes, para ali affluem constantemente, á procura de mattas virgens para as impiedosas derribadas e vão, de par com os turcos, desperdiçando uma riqueza incalculavel, os primeiros destruindo os abundantes reservatorios de preciosas madeiras de lei e estes empobrecendo o camponez e as zonas em que levantam acampamento de commercio de bugigangas, vendendo a todo preço e comprando á má fé os productos exportaveis, com enorme prejuizo para os lavradores e para o povo em geral. Entre os muitos açambarcadores de generos alimenticios que infestam o Brasil, o turco occupa dos primeiros logares, principalmente em Goyaz, onde cerca e impõe preços ao arroz, ao feijão, aos couros e pelles, ao fumo, tendo em São Paulo e outras praças commerciaes os seus correspondentes, que lhe animam a ganancia com as listas de preços que enviam em lingua arabe para os sertões.

E' dali que o governo federal deve começar as medidas de providencias contra a carestia da vida, esfriando a petulancia destes parasitas, verdadeiros ahasaverus do commercio, que, além de depauperar os Estados da União, usam a lingua embrulhada e tosca do seu paiz e agazalham os espiões inimigos, sendo muitos delles proprios emissarios germanicos. Ha cidades inteiras, como Catalão, Formosa, etc., onde o brasileiro está excluido do commercio diante do bloco turco, que influe até na politica e na vida administrativa das localidades, perseguindo os nacionaes e cobrando dividas á bocca d'arma. Chamo a este respeito a attenção do governo do Estado goyano e, interpretando o sentimento geral dos meus patricios, requeiro aos poderes competentes uma medida energica no sentido de atalhar este perigo judeu, emquanto é tempo e tempo opportuno. Precisamos de immigração, porém desta especie é que nos não convém.

Degredi por conveniencia, e, voltando ao assumpto inicial, consigno aqui mais um protesto contra os diffamadores do progresso, como jornalistas e homens de letra, pecmorarem na capital federal, se fazem de desentendidos, ou mesmo o são, e, deslembrando-se dos deveres de fomentadores do progresso, como jornalistas e homens de letra, peccam contra as justas recommendações de Sylvio Roméro e outros patriotas que souberam collocar os provincianos e os camponezes no logar que lhes compete como factores do pão nacional.

Por isso dizem os lavradores lá em cima no sertão "que os homens do Rio são como as "muié", falam, falam e não fazem nada, e ainda vêm cá em cima caçôari da gente e dizê que nois "é papudo": papudo são elles que criam banha,com o nosso feijão e de graça, ás vezes." E si fosse isto só, ainda bem. Seja como fôr precisamos de estreitar os laços da nossa nacionalidade e saber que paraense, goyano, rio-grandense, etc., todos são brasileiros e formam um só corpo na conquista do progresso e na defesa da patria, que não poderá ser assim desmembrada e depreciada.

A. EUZEBIO.

As Jazidas de Salitre dos Angicos

Deparou-se-me, ao folhear as interessantes paginas da popular revista "A Informação Goyana" uma bem lançada noticia sobre as producções de salitre das jazidas de Cachoeira Alta da Serra, neste Estado e em que figuram analyses feitas pelo serviço geologico do Ministerio da Agricultura, L. Municipal de Analyses, Kalisyndicat, attestando todas ser o nitrato de sodio de Cachoeira Alta superior ao estrangeiro, por conter maior quantidade de acido azotico.

Occorreu-me, então, o desejo de escrever algo sobre as riquissimas jazidas de salitre existentes na região dos Angicos, municipios de Santa Luzia de Goyaz.

Numa visita que fizemos a essa celebre região, pudemos constatar *de visu* que as jazidas de nitrato de sodio dos Angicos são riquissimas, podendo, pois, abastecer todo o Brasil, tal a abundancia alli existente do precioso minerio.

Por lamentavel descuido não se lembrou ainda de mandar fazer uma analyse delle; porém, podemos affirmar que é igual ou superior ao de Cachoeira Alta.

Tem, todavia, que se attender ao modo rotineiro, moroso e pouco pratico, pelo qual os matutos o extrahem das grandes e innumeras cavernas alli existentes.

Mesmo assim, o salitre angicano é empregado com optimo resultado nas industrias pyrotechnicas locaes e até no fabrico da polvora de caça.

Conheço um velho matuto, caçador de prifissão, que, com o salitre, extrahido das jazidas dos Angicos, fabrica excellente polvora, empregada por elle satisfactoriamente nas suas caçadas.

Já que não nos podemos mais abastecer em mercados estrangeiros, forçados pela necessidade imperiosa, temos que nos valer dos nossos proprios recursos.

Assim sendo, não são para desprezar as riquissimas jazidas dos Angicos, que, estou certo, farão a prosperidade de qualquer empreza que as queira explorar, porque ao lado do salitre se encontram outras preciosidades mineralogicas.

Quem será capaz de affirmar que nessa privilegiada região não haja tambem o carvão de pedra?

Se se empregassem os meios mais modernos para a sua extracção, como fazem no Chile, qual não seria a fabulosa renda, não só pela tonelagem obtida como pela excellente qualidade do producto assim obtido?

Mas, infelizmente, em o nosso paiz liga-se pouca importancia a esses problemas economicos, que estão, de ha muito, exigindo rapida e facil solução.

Basta um pouco de boa vontade dos nossos dirigentes alliada a uma propaganda efficaz e sincera, para que se disperte no povo o gosto pelas emprezas mineralogicas, incrementand, assim, a producção e a riqueza nacionaes.

Deve attender-se ao momento angustioso que ora atravessamos; é necessario que se substituam as palavras pelos factos.

Agir consciente e criteriosamente deve ser a preoccupação de todos os espiritos lucidos, porquanto vivemos num paiz rico,immensamente rico em todos os reinos da natureza e somos, no emtanto, como alguem escreveu, mendigos deitados em leitos de ouro.

A grande prosperidade da Republica Argentina repousa na industria pastoril e na agricola, grandemente incrementada por sabias medidas proteccionistas, tomadas pelos seus illustres dirigentes.

Repousa actualmente a prosperidade do Chile nas suas riquissimas minas que a actividade do "colo" transformou em ouro.

Os dirigentes da futurosa Republica do Pacifico, guiados pela visão dos interesses superiores do paiz, têm voltado as suas vistas para a industria agricola e pastoril, em prevendo no futuro o esgotamento das minas.

Precisamos de agir, mas de que modo? Muito simplesmente; como têm feitos outros povos mais previdentes que nós: cultivar o nosso uberrimo sólo, arrancar do seu seio esses milhões de toneladas de preciosos minerios e transformal-os em ouro; cuidar sériamente da industria pastoril, criando um typo nacional de gado bovino, como fizeram os inglezes e os francezes; desenvolver as vias de communicações, taes como estradas de ferro, automoveis, estradas de rodagem, navegação fluvial, etc.

Devemos procurar levantar o sentimento nacional, rejuvenescer no seio do povo a fé nos destinos do paiz; congregal-o em torno de um ideal; promover o triumpho das grandes energias, reveladoras da grande verdade — "labarum"; preparar o nosso paiz para tomar o seu posto no concerto mundial, fazel-o forte, prospero e rico; dar-lhe a força de nosso braço, a luz de nosso espirito e o nosso sangue, para que, se fôr mister, escrevamos com elle uma pagina brilhante da sua historia.

Impulsionado pelos conceitos acima expostos, é que me animei a chamar a attenção dos nossos illustres dirigentes para esse problema de facil e rapida solução: a substituição do salitre estrangeiro pelo nacional.

Portanto, sirvam-nos de licção as grandes perdas que nos têm acarretado a guerra européa; sirvam-nos tambem de incentivo as humilhações por que temos passado, para que, d'ora avante, saibamos aproveitar os thesouros nababescos que encerra o sólo de nosso caro e um dia forte e prospero Brasil.

JOAQUIM MACHADO DE ARAUJO.

Capital de Goyaz, Junho de 1918.

O ANHANGUÉRA

Com este titulo suggestivo acaba de apparecer em Catalão mais um periodico goyano.

E' seu director o distincto moço Sr. Galeno Paranhos, cujas aptidões para as lides jornalisticas se revelam no numero d'*OAnhanguéra* que nos visitou.

Agradecendo a visita do nosso novel collega, desejamos-lhe duradoira e prospera existencia.

A situação financeira do Estado de Goyaz

Balanço do estado das caixas da Secretaria de Finanças até 31 de Maio de 1918

1917

Caixa Geral

Receita	2.430:893$672	
Despeza.	1.940:294$142	
Saldo		490:599$530

1918

Caixa Geral

Receita	619:066$408	
Despeza.	459:742$979	
Saldo.		159:323$429

Depositos e cauções

Receita	196:836$912	
Despeza.	107:516$586	
Saldo.		89:320$326

Estampilhas

Receita	1.153:788$200	
Despeza.	597:222$400	
Saldo.		556:565$800
Importancia total dos saldos.		1.295:809$085

NOTA — Além do que consta no balancete acima, tem o Estado mais as seguintes quantias:

No Banco Mercantil do Rio de Janeiro. .	97:786$134
Na Companhia Estrada de Ferro de Goyaz	59:575$289
A receber na Administração do Correio nesta Capital.	45:000$000
Total	212:361$423

ERICO é a roupagem anonyma com que certo individuo possuido de uma furia iconoclasta, appareceu pelas columnas do "Araguary" de 8 do mez passado, n. 1.008, pretendendo cobrir de apôdos e injurias a mocidade goyana. Esse typo, que nem animo teve de assumir a responsabilidade dos fructos de seu intellecto apodrecido, não precisa de descobrir-se para ser julgado e condemnado ao desprezo pelo publico. Só a quem falta idoneidade moral para julgar os outros pratica o anonymato. Naturalmente, de regresso de uma das suas constantes orgias carnavalescas, em que as consciencias já cancerosas ainda mais se chafurdam nos canos de esgoto e a alma se enlameia toda inteira, tomou da penna envenenada e deu á luz da publicidade as excrescencias do "Araguary".

Quem assigna simplesmente "Erico", é como se assignasse — 'Rocca", "Carletto" ou "Sylvino"... Para abortos dessa ordem, consideramos letra morta o dispositivo do art. 316 do Cod. Criminal da Republica. Lendo-o, o leitor desde logo adivinha todos os caracteres psychicos da sua degenerescencia moral e intellectual.

O anonymo quiz cuspir sobre uma sociedade inteira, mas o escarro cahiu-lhe em cheio sobre a propria cara, que ficou mais limpa... "Erico" é um cadaver que convém seja incinerado para que os bons e os justos não se enrubeçam cada vez que forem obrigados a olhal-o.

V. C. R.

E. F. Goyaz e sua morosidade

No trecho de Formiga e Catalão, da E. F. Goyaz, que por decreto do Governo já devia ser inaugurada e que até hoje está aquém de Patrocinio, 17 kilometros a ponta dos trilhos ha quasi um seculo, com certeza esperando que o Papa lhes mande de Roma os necessarios trilhos para a conclusão do trecho, têm havido varios interrompimentos no avançamento de trilhos (o normal da Goyaz é quando está tudo em desordem) prejudicando assim, a zona que deverá servir. Prosegue a construcção, todos a dizer: agora a Goyaz avança mesmo, porque o pleito que tinha o Perez, foi resolvido, esperando em Monte Carmello, Catalão e Patrocinio, anciosamente a chegada, mas, inesperadamente surge a iniqua iniciativa, visando apenas o interesse de um engenheiro, da companhia empreiteira, tirando uma variante aquém da cidade de Monte Carmello, uns 42 kilometros, atravessando um verdadeiro Sahara em demanda de Araguary, desviando-se de cidades e villas futuramente tão prosperas, deixando além a cidade de Monte Carmello, cidade Catalão e a zona do Paranahyba, tão opulenta em suas riquezas, quer mineraes, quer vegetaes.

Milhares de bois e suinos que sahem dalli todos os annos, via S. Paulo, lá transformam em carnes congeladas e subproductos, seguindo para Europa para saciar a fome dos nossos heroicos alliados. Os empreiteiros da estrada dizem que esta variante para Araguary é apenas economia de kilometros, por escassez de trilhos, porém, não parece. Na construcção do leito da estrada, de Patrocinio a Monte Carmello, em certo ponto o constructor, recebe ordens dos empreiteiros, para augmentar uns tantos kilometros até Monte Carmello (as cousas no Goyaz são por esta fórma, faz-se o ponte metallica sobre o Paranahyba, em vista da guerra eu-115 kilometros daquella a esta cidade, pois pelas tortuosas estradas de rodagem tem apenas 72 kilometros, não havendo razão para tão grande augmento de kilometros, porque os terrenos por onde deverá passar, são optimos, não precisando de obras de arte, sendo certo que se póde reduzir este percurso de 115 para 90 kilometros, ficando assim o thesouro menos onerado. Dão tambem como obstaculo, uma ponte metallica sobre o Paranahyba, em vista da guerra européa haver difficuldade em obtel-a; nas margens do referido rio, existem madeiras potentes, resistindo centenas de annos á acção do tempo, podendo-se construir uma herculisada ponte, e com uma economia extraordinaria; o seu local é optimo; o rio é encanado em rodas, com um pequeno espaço, facilitando assim a construcção da ponte.

No trecho de Patrocinio a Monte Carmello, o leito da estrada está concluido apenas esperando dormentes e trilhos; de Monte Carmello ao rio Paranahyba, está feita a exploração; do rio á Catalão, todo o serviço de terraplenagem está prompto, tendo 24 kilometros de trilhos assentados, com uma estação feita; ora, naturalmente a companhia empreiteira não perderá todo este serviço, certamente a União a indemnizará, pois, não custa nada menos de dous mil contos de réis (2 mil) que é approximadamente um quarto do capital para a conclusão de toda a linha até Tavares, proximo da capital goyana, inclusive o ramal de Araxá a Uberaba, o qual tem 60 kilometros de trilhos assentados, em completo abandono, á mercê da acção destruidora do tempo. E' pungente o estado em que estão aquelles habitantes, para transportar os seus productos nos pesados e morosos carros de bois, procurando ponto proximo de estrada de ferro. E' justo que os Exmos. Srs. Drs. Presidente da Republica e Ministro da Viação, protejam aquella zona, que tanto concorre para a riqueza do Paiz.

WALDEMAR SILVA.

Sacramento, 11—6—918.

Reconhecimento da chapa dos veadeiros

Segundo me communicou o Sr. Moreira, residente em Formosa, e companheiro do Visconde de Porto Seguro, em sua excursão até a Lagôa Formosa, e que tivera occasião de passar pela chapada dos "Veadeiros", elle notou que um aneroide, pertencente ao Visconde de Porto Seguro, marcára nesta chapada 600 millimetros, o que indica uma altitude superior a 2.000 metros. Havendo bastante interesse em verificar a exactidão desta determinação, encarreguei o Sr. capitão Celestino Alves Bastos de fazer uma excursão até á referida chapada, a qual se acha situada entre o rio Paraná e o Maranhão.

O Sr. capitão Celestino sahiu de Formosa no dia 12 de Setembro, acompanhado do botanico Ulé, um cadete e duas praças. Levava tres aneroides, cuja comparação feita com o barometro de Fortin n. 1.584, déra os seguintes valores:

Barometro de Fortin n. 1.584	687.7 mm.
Aneroide n. 6.072	686.7 mm.
Aneroide n. 7.044	676.9 mm.
Barometro de Feiglstok	684.9 mm.

No dia 22 de Setembro chegou a pequena turma ao ponto extremo do seu itinerario no logar denominado "Pouso Alto", por cerca de 14º10' de latitude. Ahi marcaram os tres aneroide as seguintes pressões:

Aneroide n. 6.072	638.0 mm.
Aneroide n. 7.044	634.0 mm.
Aneroide Feiglstok	637.2 mm.

Applicando as convenientes correcções acha-se para altitude sobre o nivel do mar da chapada dos Veadeiros:

Pouso Alto . . . . 1.555 metros

No cume de dois morros existentes nas proximidades, as pressões atmosphericas marcadas eram:

Aneroide n. 6.072	Morro A	630.0 —	Morro B	628.0
Aneroide Feiglstok	Morro A	628.0 —	Morro B	629.0

As altitudes respectivas, que dahi se deduzem são:

Morro A	1.673 metros
Morro B	1.678 metros

Em summa, comquanto não se tivesse verificado para a chapada dos "Veadeiros" a altitude de mais de 2.000 metros, a determinação feita pelo capitão Celestino constitue uma preciosa contribuição para o conhecimento da orographia do Brasil.

DR. LUIZ CRULS.

N. B. — As linhas acima constam das pags. 39 e 40 do RELATORIO da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, 1894. No emtanto, a altitude dos Pyrineus, 1.385 metros continúa, nos mais recentes trabalhos dos nossos geographos de gabinete, como a culminante de todo o Estado de Goyaz...

Goyaz e Minas

Na Sociedade Mineira de Agricultura, o Sr. Alyrio Carneiro solicitou "a intervenção dessa sociedade no sentido de ser, quanto antes, executada a lei que regula a questão de limites com o visinho Estado de Goyaz", etc., etc.

Fala das razões de ordem economica "que impõe a urgencia dessa medida e diz dos constrangimentos que soffre o criador mineiro habitante daquella zona, a cada passo sujeito a toda ordem de vexames".

Ora, o que regula a questão de limites entre Goyaz e Minas, nós aqui já temos reproduzido mais de uma vez: é o accordam do Supremo Tribunal Federal de 4 de Dezembro de 1895 — que garantiu ao Estado de Goyaz a posse em que se acha este Estado, da zona que Minas Geraes lhe contesta.

Quererá Minas desobedecel-o, desrespeital-o?

Para o caso em questão, isto é, dos vexames de criadores mineiros no territorio goyano, só ha uma providencia aliás já consagrada no conceito popular: *Os incommodados que se mudem...*

NATIVIDADE

I

Do Norte de Goyaz, acredito, ser a cidade mais antiga, tendo sido descoberta em 1734 por Manoel Rodrigues de Araujo, dizem uns, ou Manoel Ferraz de Araujo, na opinião de outros. Foi fundada sob o auspicio de D. Luiz de Mascarenhas, quarto governador da provincia de Goyaz. Dahi, talvez, tenha sido originado o seu primeiro nome — S. Luiz.

Na margem esquerda do corrego, "Praia", que desemboca no caudaloso ribeirão Agua-suja, 3 kilometros distante, no sopé da esplendida montanha do Olho d'Agua (agua thermal) que fica a leste, está situada esta cidade, distando a capital 904 kilometros.

Aventureiros de nações diversas affluiram naquelles bons tempos a esta localidade, attrahidos pelas suas riquissimas minas de ouro. Dessa agglomeração resultou conflictos e perturbação entre os mineiros.

O governo de S. Paulo, ainda D. Luiz de Mascarenhas, Conde de Alva, mais tarde sabedor disso, aqui veio para não só conhecer "de visu" as ricas jazidas de ouro, cujas informações lhe chegaram e como tambem para pôr termo á discordia e lucta travada entre a grande quantidade de garimpeiros existentes.

Dizem, e é certo, que naquella época de verdadeiro florescimento, uma forte corrente de espiritos exaltados, num verdadeiro congraçamento de idéas, pretendeu proclamar a independencia desta zona.

E, coisa notavel, essa lembrança de desligação, gerada no pensamento dos primeiros aventureiros de raças e costumes differentes, seja dito de passagem, até hoje adeja na imaginação dos modernos: — uns desejando uma verdadeira independencia de Goyaz, afim de ser constituido um Estado autonomo; outros, porém, que querem sómente a desannexação deste municipio para o E. da Bahia, com o qual mantemos commercio activo e de onde nos vêm todas as coisas.

E Natividade, caminhando dia a dia para o progresso, foi tambem reformado o titulo de villa de S. Luiz trocando-o por Natividade. Essa installação teve logar em 26 de Agosto de 1833, cuja resolução foi deliberada pelo Congresso em 1º de Abril do mesmo anno.

Novos horizontes se descortinam ainda. A lavoura, nas mattas virgens, desenvolveu célere, produzindo enormes colheitas. A instrucção foi tambem rapidamente espalhada na mocidade intelligente e estudiosa. Iniciou-se a criação de gado vaccum e cavallar com resultados extraordinarios. Nessa occasião, veio aqui residir o Ouvidor Desembargador Joaquim Theotonio Segurado e outros homens de letras.

O trabalho das minas era intenso, e, a abundancia do ouro chegou a tal ponto, (era extrahido, póde-se dizer, na flôr da terra e por meios primitivos) que alguns senhores de escravos espargiam-n'o em couros de gado ao sol, para, depois de secco, ser recolhido e ensurrado em grandes borrachas de couro curtido. Outros ricaços, mandavam construir, como enfeites de sala, abacaxi, cacho de bananas e outras fructas, de ouro.

Vivia-se num mar de rosas, balouçado pela fortuna, pois, tudo progredia admiravelmente.

Parecia a Terra Promettida por Deus a Abrahão e a seus descendentes de que falla a Biblia.

Tudo neste mundo, porém, tem um fim.

Natividade, com o evoluir do tempo, cahiu do seu antigo explendor e riquezas. E, dessas tradições gloriosas, vê-se ainda espalhado em todo municipio, vestigios de trabalhos, edificios abandonados que, como toscas reliquias, jazem adormecidos, desafiando as intemperies do tempo, atravessando seculos e attestando ao presente uma éra extincta de trabalho, de riqueza, de progresso. E lá, junto ao Arraial velho, a grande cascata do moinho que branca, muito branca, corre e precipita-se no despenhadeiro, desenrolando vertiginosamente por entre as fendas da serra, como uma maravilhosa torrente de prata liquefeita, fazendo um ruido surdo, dir-se-ia um chôro e uma enorme lagrima permanente sahidos da serra que, cheia de saudosas recordações, chora e soluça constantemente o tempo passado, repleto de risonha esperança, conductor destas ubérrimas plagas a uma época de excepcional prosperidade, que já passou para não mais voltar.

JULIO NUNES.

Natividade, Abril — 918.

Estrada de Ferro Goyaz

O nosso prezado collega d'*O Araguary* respostando o Dr. Eduardo Socrates, contrario como nós aqui nesta Revista, de que elle é um dos mais illustres collaboradores, á alteração do traçado da Goyaz, se aprouve de qualificar de sediça a nossa argumentação nesse sentido.

Ora, sediça a nossa argumentação, porque?

Só se pela logica dos factos, ou melhor, porque nós, consoante ao valor lexicographico do vocabulo sediço apenas tratamos de causa sabida de mais, que todos conhecem ou sabem — isto é, que a mudança de um traçado ferreoviario de interesse nacional como a linha de penetração que é a Goyaz, não poderia de modo algum ser effectivado em beneficio de interesses regionaes, individuaes, subalternos como os que advogaram os coroneis da "briosa", acampados entre Monte Carmello e Araguary...

Depois allega, com uma ingenuidade digna dos filhos de Campininhas, que "A Informação Goyana" não indicou solução alguma ao caso.

E' boa! Que outra solução sinão a constante das clausulas approvadas pela revisão do contracto entre o Governo da União e a Companhia Estrada de Ferro Goyaz, em que esta se obrigára á ligação directa de Monte Carmello a Catalão, até 28 de Fevereiro de 1919?

Os municipios do Estado de Goyaz

Suas producções, suas exportações

BOMFIM

Incontestavel e evidentemente é um dos mais prosperos, dos mais povoados e dos mais productores da rica e uberrima terra goyana o municipio de Bomfim, que, de certo tempo a esta parte, vem se desenvolvendo, embora lentamente, devido á falta de communicações faceis.

Dista a cidade de Bomfim da Capital 240 kilometros, aos 16° 40',7" de latitude, 5°21' de longitude e numa altura de 842 metros acima do nivel do mar. Conta o municipio uma população de 18.000 habitantes, distribuidos numa área de 1.530 kilometros quadrados de sólo fertil, de clima muitissimo saudavel, regado de grande numero de rios e ribeirões de excellentes aguas, margeadas por extensas mattas divididas por espigões e chapadas cobertas de explendida pastagem nativa. E' mesmo um sólo privilegiado, admiravel, e que se presta "in totum" para o plantio de qualquer cereal como se póde vêr não só pelas abundantes colheitas que recompensam perfeita, duplicadamente os esforços dos que procuram cultival-o, como tambem pela grande exportação de todo o municipio, sendo de se lastimar a falta de dados estatisticos que affirmem ao certo; porém, sem medo de se commetter um erro, póde-se assegurar que ha: cafeeiros de 3 annos acima, 750.000 pés, que produzem consideravelmente,quando não aniquilados pelas geadas como é de se prevêr este anno; pois, um fazendeiro do municipio residente no bairro da Pyracanjuba, tendo plantado um pequeno numero de cafeeiros no terceiro anno obteve uma colheita de 25 alqueires e no anno immediato que enthusiasmo e prazer experimentou o agricultor ao vêr que havia colhido não o duplo ou o triplo e sim 500 alqueires.

E é o café um dos principaes productos de exportação para os municipios visinhos; para Minas e S. Paulo a sua exportação principal é de grande quantidade de gado bovino, suino e caprino, e tambem de fumo superior que constitue talvez o seu maior ramo de negocio; assucar, feijão preto e branco; arroz com casca e beneficiado; milho; farinhas de mandioca e de milho; polvilho, e couros de boi e de caças.

Eis ahi em ligeiros traços o que é o municipio bomfinense quanto á agricultura e demais productos de sua exportação.

Finalmente, pelas clausulas approvadas para a revisão do contracto entre o Governo da União e a Companhia Estrada de Ferro Goyaz, esta ficou na obrigação de levar o prolongamento da sua linha até á estação de Tavares, cerca de 20 kilometros de Bomfim.

Ha no municipio extensas florestas ainda virgens, como a chamada Matto-grande, Cangussu' e outras, ricas de madeiras de lei.

Bomfim já produziu trigo de superior qualidade e tem fama a marmellada que lá se fabrica.

O bairro do rio dos Patos é duma uberdade espantosa, produzindo um dos fumos em corda mais cotados dentro e fóra do Estado.

Sociedade Goyana de Geographia e Historia

Desta associação scientifica recem-fundada em Santa Rita do Paranahyba, a prospera cidade goyana, recebeu o nosso director a honrosa communicação que se segue:

"*Sociedade Goyana de Geographia e Historia*

Séde em Santa Rita do Paranahyba, aos 2 de Julho de 1918.

N. 1.

Exmo. Sr. — Temos a honra de communicar a V. Ex. a fundação da Sociedade de Geographia e Historia, de fins educativos sociaes e para o estudo e vulgarisação dos conhecimentos sobre a geographia e historia de Goyaz.

Dos Estatutos sociaes consta a eleição de V. Ex. para o cargo de Presidente honorario, "em homenagem aos seus trinta annos de valiosos serviços em prol do Brasil Central e especialmente á Geographia e á Historia de Goyaz.

Contamos com o valiosissimo amparo de V. Ex., não só em contribuição de estudos e conselhos, como nas medidas de fins educativos e auxilios ao desenvolvimento da Bibliotheca Paranahybana.

Tomamos a liberdade de solicitar de V. Ex. que se digne vir realizar na séde social, na segunda quinzena de Setembro do corrente anno, duas conferencias sobre os themas:

I — Porque me ufano de minha terra.
II — A Cachoeira Dourada.

Escolhemos a segunda quinzena de Setembro, por ser época do avultamento de peixes na Cachoeira Dourada, offerecendo-se ensejo a uma excellente viagem de recreio.

Desejamos tambem que V. Ex. visite as Salinas e a Serra do Salitre.

Na occasião opportuna, um automovel estará á sua disposição, na cidade de Uberabinha, para o transporte a esta cidade.

Expedimos nesta data convite aos Srs. Almirante José Carlos de Carvalho, Deputado Francisco Aires da Silva e Dr. Orozimbo Correia Netto, de Poços de Caldas, para nos darem a honra de sua presença.

Respeitosas saudações.

Dr. *Raymundo Mattos*, Presidente.
..*Moizés Augusto de Santana*, Secretario.

Ao Exmo. Sr. Commandante Henrique Silva, DD. Presidente honorario da Sociedade Goyana de Geographia e Historia."

A PALMEIRA MACAHUBA

Communicação feita á Sociedade Nacional de Agricultura pelo nosso director em 12 do corrente:

" Referindo-se outro dia, aqui, na ultima semanal da Sociedade, á utilissima palmeira Macahúba (*Acrocomia sclerocarpa*), o nosso operoso consocio Sr. Benjamin Hunnicut repetiu com o Consulado Norte-Americano aquillo que a respeito do alludido vegetal se lê á pagina 198 do volume I d'"*O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias*", isto é, que Macahúba, Macahyba, Macujá, Macajuba e Coqueiro de catarrho são uma e a mesma cousa; e, mais ainda, que essa palmeira é peculiar á área que vae desde o Estado do Maranhão até os de Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo.

Ora, tudo isto não está certo, e bem merece commentarios.

Um delles, pois, vem a ser que só aqui no Estado do Rio é que se dá a uma das tres variedades da *Acrocomia,* abundantissimo ahi pelos suburbios, esse nome improprio de *côco de catarrho,* que é especie outra e como tal mui conhecida noutros Estados e mesmo aqui na Capital Federal, onde erroneamente dão-lhe esse nome.

Aquellas tres especies ou variedades apenas da *Acrocomia* têm, é verdade, differentes nomes vulgares: no Pará e Maranhão — Mucajá: no nordéste — Macahúba e Macahyba; em Goyaz, Minas e S. Paulo — Macahúba e Côco de Espinho, (como tambem aqui no Rio); e finalmente em Matto Grosso — Bocajuba, Bocayuba e Bacahúba. Mas estes nomes triviaes correspondem mais ou menos ás determinações scientificas ou botanicas da nossa palmacea ora em fóco.

Quanto á distribuição geographica da *Macahúba,* o que lá está na obra acima referida implicaria erro de palmatoria se não fosse veso antigo entre nós esse de reduzir-se a menos de um quarto a área que na vasta extensão do paiz occupam os representantes, mesmo os mais conhecidos, da flora do Brasil.

A titulo de notas informativas e bibliographicas para aqui trasladamos o que a respeito disseram o erudito Theodoro Peckolt e o visconde de Beaurepaire Rohan, nome este que encarna a tradição da probidade scientifica do Brasil. O primeiro diz na sua *Historia das Plantas Alimentares e de Goso do Brasil*: BABA DE BOI—E' este o nome que se dá na provincia do Rio de Janeiro, onde tambem é chamado, erradamente, "côco de catarrho"; na provincia de Minas tem o nome de "palmito amargoso" (que, aliás, é o nome de "côcos olareaceos"), e no Rio Grande do Sul o de "geribá" ou "gerivá".

"Côco Martiana", "Côcos gommosa", Mart. Familia das palmas, grupo das côcoinas.

O provecto auctor do *Diccionario de Vocabulos Brasileiros,* tratando do nome "côco de catarrho" que se dá á *Acrocomia sclerocarpa* na Capital Federal, accrescenta em uma nota ao artigo Macahúba: " O de "Côco de catarrho", vem, segundo dizem, de se empregar a polpa mucilaginosa desta fructa no tratamento do catarrho.

E' mister, pois, á vista de tudo isto, (vide como claudicou Peckol), uma revisão quanto antes da monumental *Flora Brasilienses* de Martius — fonte de tantos preconceitos enraigados entre nós, infelizmente. E tanto é assim que o proprio Humboldt disse que a sua *Hylaea* do Amazonas enche o valle do rio-mar e se expande n'uma largura média de 9 graus (2° N. e 7° S.) e estende-se pelos tributarios do Amazonas até a zona dos campos.

Pois bem, e vejam só: até hoje, ao que nos consta, apenas dois escriptores ousaram affirmar que dentro daquellas coordenadas geographicas ficam tambem comprehendidas apreciaveis zonas de Goyaz e do Maranhão. Mas, como declinar esses nomes, quando o nosso é o mais obscuro delles?

Ora, sob este erroneo criterio, ou melhor, consequentemente a taes idéas impatrioticas e preconcebidas, o Matte (*Ilex paraguayensis*) só vige e cresce no Paraguay, em Matto Grosso, no Rio Grande do Sul e no Paraná — quando até o proprio botanico que o classificou — A. de Saint' Hilaire, déra-lhe tambem por "habitat" S. Paulo, Minas e Goyaz, não excluindo Santa Catharina.

As *Heveas,* o Castanheiro chamado do Pará, o Cravo, tambem chamado do Maranhão, e tantas outras essencias, que longo seria enumerar, nunca foram referidas a Goyaz nas obras de divulgação que o nosso Ministerio da Agricultura paga ou subsidia. O mesmo preconceito prejudicialissimo ao nosso paiz subexiste no tocante aos dois outros generos da natureza — o animal e o mineral, entre nós.

Como vêm, são as mais desagradaveis taes prevaricações sob o ponto de vista que interessa por igual á industria e á sciencia no Brasil — mesmo porque o conjuncto das operações necessarias para a transformação das materias primas e, para a producção das riquezas, se subordina aos conhecimentos da Sciencia, isto é, ao conjuncto dos conhecimentos humanos baseados no estudo — consoante ao conceito aceite.

HENRIQUE SILVA.

O Commercio de Pelles

PERSPECTIVA FAVORAVEL DE UMA NOVA INDUSTRIA NO BRASIL

Se havia ahi uma fonte de rendas não explorada no paiz, esta era com effeito a que tinhamos na fauna brasileira, a mais rica e variada destas partes da America.

Até ha pouco nada fizemos no sentido de aproveital-a. No entanto, a nossa amavel vizinha do Prata, a Argentina, com uma fauna numerica e quantitivamente muitissimo mais pobre, d'ella vinha e vem de ha muito tirando os resultados que outras regiões do globo auferem, como por exemplo as regiões norte-européas com o seu conhecido e vultuoso commercio de pelles de urso, e as chamadas "astrakans", zibelinas e outras, que pagam preços exhorbitantes.

A grande guerra, porém, não é ocioso repetir, collocando-nos na doce contingencia de tirarmos proveito de tudo quanto até então desperdiçava-mos, deixando no abandono, tudo aquillo que importavamos.

O ultimo numero do "Boletin de la Union Industrial Argentina", traz um suggestivo artigo sob o titulo " La exportación de piéles de liebre, conejo y nutria".

Diz o articulista que o pello das referidas especies animaes é utilisado na fabricação de chapéos e importado da Inglaterra, da França, da Belgica e da Allemanha — mas que a conflagração européa impediu essa importação, e mais, que os Estados Unidos suppriram até certo ponto, nos ultimos tempos, a escassez do precioso artigo.

Os preços dos alludidos artigos, que antes da guerra regulavam 12 a 40 francos o kilo, subiram já de 35 a 120 francos.

Cabe aqui a reproducção textual de alguns topicos do artigo que apreciamos.

Diz o autor:

" Na industria nacional de fabricação de chapéos, se ha invertido um capital de cerca de 6 milhões de pesos, consumindo approximadamente 150.000 kilos por anno, de pelle de lebres, coelhos e lontras, para uma producção normal de 1.500.000 chapéos de feltro. Produzimos actualmente mais ou menos 30.000 kilos dessa materia prima, producção que augmentaria em breve até á satisfação das necessidades internas, se as pelles pudessem ficar no paiz, por isso que já possuimos cinco fabricas que se dedicam exclusivamente á obtenção e preparo de pello.

E' de notar que em toda a parte a exportação de pelles cujo pello se utiliza na fabricação de chapéos, está, de facto, supprimida, quando não ha sido expressamente prohibida por lei.

Um dos ultimos paizes que permittem sua exportação era a Hespanha, que acaba de prohibil-a, totalmente, desde 15 de Fevereiro proximo passado.

Seria, pois, justo, que o Superior Governo procedesse da mesma maneira. Do contrario restringir-se-á enormemente em consequencia do encarecimento de preços, a manufactura de chapéos de feltro, dado que muitas fabricas teriam que suspender seu funccionamento por falta de materia prima."

Assigna o artigo cujos topicos essenciaes trasladamos, o illustre Sr. Guilherme Padilha, digno Presidente da União Industrial Argentina, de Buenos Aires.

Ora, o que acima fica não se conjuga, infelizmente, como o que se passa entre nós, mas pode-nos servir de ensinamento.

Voltando ao assumpto principal destas linhas. Até antes da guerra só exportavamos couros de vaccuns e pelles de cabra, os chamados "courinhos" dos Estados do Nordeste. Já agora, porém, vae tomando vulto a exportação de pelle das especies animaes peculiares ao nosso paiz, occupando o primeiro logar como exportador, o Estado de Goyaz. E' elle que abastece actualmente as fabricas de calçados de S. Paulo, Minas e Rio, de pelles de veados, capivaras, cutias, antas e outros, e ainda manda ao Pará as preciosas pelles de Ariranha e lontras, que os paizes estrangeiros estão pedindo, a Argentina inclusive, pois é sabido que as pelles destas duas especies da nossa fauna indigena fornecem a materia prima para o fabrico de chapéos de feltro. Outros e outros animaes indigenas possuimos, que tambem fornecem a mesma materia prima — mas, infelizmente, desconhecidos dos industriaes, como o "Tapiti" dos indigenas, "Lepus brasiliensis", que é o nosso coelho; bem assim os representantes da grande familia dos "Murides", ou ratos, principalmente os chamados ratos d'agua ou "Cuicas", de pello sedoso e variadas côres.

Não cabe aqui menção, siquer, dos innumeros representantes da nossa rica fauna que poderiam neste particular, adquirir reputação mundial, concorrendo nos mercados de pelliças — como sejam: Leipzig, Londres, Copenhague, com as suas succursaes em Nova York.

A proposito. Lê-se em um dos ultimos numeros de "La Nature", que os canadenses estão agora tirando o melhor partido do problema do animalzinho conhecido nos livros francezes de historia natural pelo nome de "bêete puante", devido ao máo cheiro que elle desprende quando perseguido...

Ora, trata-se, nada mais nada menos, do que d'uma especie afim da nossa mui conhecida "Maritacáca" (Mephites suffecans), conhecido no sul por "Iorrilho", no Norte por "Cangambá". E' animal, disse um naturalista, que quando atacado despede de si tamanho fedor que faz recuar tanto o homem como qualquer féra. E' communissimo no Brasil inteiro.

Mas o interessante é que o nosso Serviço de Informações do Ministerio da Agricultura, ignora que muitos dos representantes faunisticos do Brasil estão já sendo caçados no "hinterland" e as suas pelles enviadas para os Estados Unidos e Republicas Platinas.

Só no anno de 1917, Goyaz exportou, consta de estatistica official, 917 pelles de animaes da sua caracteristica; mas este exigue numero faz sorrir aquelles que saber ser o artigo em questão, o mais susceptivel de contrabandos, num Estado que aliás se limita com sete outros e não tem guardas aduaneiros que vigilar possam, os limites das suas 30 mil leguas quadradas de territorio. E' sabido que o Estado exporta dezenas de milhares de pelles de veados e outros animaes, annualmente. Uma parelha de pelles de veado Matteiro paga 10 a 12 mil réis, sendo mais caras as de Ariranha e Anta. As de onça attingem os preços de 40 a 100 mil réis nos mercados do littoral. O Peru' é um dos melhores mercados dessas mercadorias goyanas; no anno 1817 importou este Estado 353 caninos de Goyaz, que é a região mais abundante de animaes de caça d'entre todas as do Brasil inteiro.

Com estas possibilidades, não ha duvida de que possamos concorrer, no terreno commercial, com os paizes exportadores de "feurrures" e chapéos de feltro.

HENRIQUE SILVA.

"A Informação Goyana"

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Redacção: RUA DA ASSEMBLÉA, 8 (2º andar).

Telephone: CENTRAL 4682

RIO DE JANEIRO

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso..	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A Informação Goyana" nas diversas localidades do Estado de Goyaz, que ainda não nos prestaram contas — ou pelo menos darem noticias suas.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se até o proximo mez de Agosto, em que ella entra no seu 2.º anno de publicidade — afim de não haver interrupção na remessa d'*A Informação Goyana*.

Professor Antonio Euzebio

Entrou para o corpo de redacção desta Revista o provecto professor Antonio Euzebio de Abreu, nosso antigo collaborador.

O nosso novo companheiro de redacção é um espirito muito culto, tendo dado já provas da sua alta competencia nos estudos attinentes á glottologia americana, em que é um mestre.

"A Informação Goyana" não poderia fazer melhor nem mais opportuna acquisição.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva, Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Professor Euzebio de Abreu, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE AGOSTO DE 1918 — VOL. II—N. 1

SUMMARIO

As rendas na E. F. Goyaz em 1918

Ultrapassaram os calculos mais optimistas as rendas collectadas pelos cento e poucos kilometros da E. F. Goyaz em territorio goyano, durante o primeiro semestre do corrente anno. Só a arrecadação de Março ultimo que foi de 136:381$633, pouco faltou para attingir á dos annos de 1915 e 1916, na importancia de 169:617$921.

Pelos dados officiaes abaixo, verão os leitores o importante papel que a viação ferrea representa para a economia de Goyaz.

	Rendimento:
1914	73:968$210
1915	95:649$711
1916	241:545$467
1917	312:277$111
1918 (1° semestre)	248:369$726

Tudo isto indica que a arrecadação das rendas pela E. F. Goyaz attingirá no corrente exercicio a somma em dinheiro de 400:000$000, no minimo.

De accordo com os balancetes enviados pela referida estrada á Secretaria de Finanças de Goyaz, foi a seguinte a exportação dos productos goyanos durante os mezes de Abril e Maio ultimos:

Arroz, kilos	658.451
Assucar, kilos	430.015
Fumo, kilos	53.032
Banha, kilos	61.263
Carne de porco, kilos	23.481
Xarque, kilos	128.663
Queijos e requeijões, kilos	7.693
Sebo, kilos	26.720
Sola, kilos	4.942
Toucinho, kilos	48.250
Suinos gordos, cabeças	2.334
Bois e vaccas, cabeças	1.424

No mez de Abril foram ainda exportados 47.224 kilos de feijão, 1.911 pelles de caça, 57 suinos magros e 975 couros salgados; em Maio, 560 kilos de manteiga, 2.553 kilos de crystal e 5.603 couros seccos.

E' espantoso o augmento que, de mez para mez, vão tendo os artigos de exportação goyana. Ainda agora fomos informados por pessôas vindas de Roncador, que as estações da E. F. Goyaz estão abarrotadas de mercadorias que aguardam praça para os mercados consumidores de Minas, S. Paulo e Rio. Dahi a razão porque vivemos a martellar nesta velha verdade: é de vias de transporte que Goyaz precisa. O seu problema economico-financeiro ficará insolucionavel emquanto o governo federal não promover os meios de facilitar a sahida de sua variada producção. As terras fecundas e fartas dos sertões brasileiros, onde jazem latentes as riquezas do paiz, reclamam braços e capitaes. A construcção de estradas de ferro é impossivel actualmente, porque a guerra européa impossibilitou a importação de trilhos e material rodante. Seja. Mas não devemos esquecer que ha outro recurso mais facil e menos oneroso para os cofres publicos: as estradas de automoveis. Trate o governo federal de auxiliar as emprezas de auto-viação para que possamos ser os celeiros do Velho e Novo Mundo.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

Goyaz paga suas dividas

O nosso illustrado collaborador e actualmente "leader" da representação goyana na Camara dos Deputados, acaba de receber o seguinte telegramma:

"GOYAZ — Pedi ao ministro da Fazenda autorizar á delegacia fiscal um saque contra o Thesouro para o pagamento integral do Crédit Foncier. Solicito activar providencia nesse sentido. Saudações.— *Alves de Castro,* presidente do Estado".

Pago o "Credit Foncier", Goyaz figurará entre os muito poucos Estados da União que nada devem ao estrangeiro. Parabens ao Ds. João Alves de Castro, presidente do Estado de Goyaz, pela sua brilhante e fecunda administração, que já conquistou a sympathia de todos os goyanos patriotas.

LIMITES DE GOYAZ COM MATTO GROSSO

Sob o titulo acima em 1897 escreveu o fallecido General F. Raphael de Mello Rego um opusculo de 50 paginas no intuito de defender as pretenções matto-grossenses ao territorio goyano ainda em litigio.

O general, tão intimamente preso aos interesses do Estado que administrára poucos annos antes, e onde deixára affeições e amisades como tambem interesses não menos respeitaveis, foi nimiamente apaixonado no historico da questão aqui já tão longamente debatida.

Objectival-o para que os seus conceitos por demais contestaveis não appareçam no proximo Congresso de Geographia a realizar-se em Bello Horizonte, como de uma "autoridade insuspeita", é precisamente o que vamos fazer.

Foi assim que o general procurou justificar a posse de Matto Grosso á localidade de Camapuam, no varadouro deste nome, entre as cabeceiras dos rios Pardo e Coxim; porque por ahi passaram os primeiros paulistas que procuravam Cuyabá, bem assim D. Rodrigo Cezar de Menezes, Governador de S. Paulo... Completando no periodo seguinte este singular conceito, diz: "Desde o primeiro anno, isto é, desde 1725, começaram-se a fazer plantações por conta do governo em Camapuam, estabeleceram-se habitações e fundou-se uma importante fazenda, que tornou-se um grande recurso para os viajantes".

Uma simples objecção: em 1725 Matto Grosso ainda não era Capitania, não passava dum vasto territorio jurisdiccionado pelo governo de S. Paulo, que tanto cuidava desses páramos como dos de Goyaz.

E Goyaz, em que se funda para reclamar Camapuam?

Na simples razão de que essa localidade fica dentro da área comprehendida pelos rios Paraná, Pardo, Coxim e Taquary — limites que o Capitão-general de S. Paulo, D. Antonio Luiz de Tavora, Conde de Sarzedas, déra as ouvidorias de Goyaz e Matto Grosso, ao creal-as, em 1732. Eram aquelles, tambem, os limites das duas Prelasias de Goyaz e Cuyabá, creadas a 6 de Dezembro de 1746, pela *bulla Candor lucis eternae,* do Papa Benedicto XIV.

Mas, o advogado de Matto Grosso sophisma insinuando que o Conselho Ultramarino recommendava, na provisão de 2 de Agosto de 1748, que "ficasse suspensa a confrontação dos dois novos governos pela pouca noticia que ainda havia daquelles sertões".

O periodo acima como verá o leitor, foi desentranhado do que se segue: "Faço saber a vós, governador e capitão-general da Capitania dos Goyazes, que, por outra ordem minha, que, nessa occasião haveis de receber (Provisão da mesma data, que estabelecia os limites com S. Paulo e Minas), si vos declaram os confins desse governo, e como tenho determinado que ao do novo governo de Matto Grosso e Cuyabá hão de ser para a parte de S. Paulo pelo Rio Grande, ficando suspensa a sua confrontação com esse governo de Goyaz e Maranhão pela pouca noticia que ainda ha daquelles sertões, se vos ordena pela resolução de 7 de Maio do presente anno, em consulta do meu conselho ultramarino, informeis em vosso parecer por onde poderá determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão".

Respondendo esta provisão, como nestas mesmas columnas já o dissemos, D. Marcos de Noronha informava ao rei de Portugal em 12 de Janeiro de 1750 que os limites da capitania com o de Matto Grosso, deviam ser o rio das Mortes desde sua foz no Araguaya até uma das suas cabeceiras; dessa cabeceira uma linha á do Taquary; este, Coxim e Camapuam até suas vertentes: dahi uma linha que, atravessando o varadouro do mesmo nome chegue ao rio Pardo; e deste até a sua confluencia no Paraná, ou sejam as mesmas linhas divisorias constantes não só do Acto Assecional de 1º de Agosto de 1771, acceite e firmado pelos então governadores das duas Capitanias, como tambem do parecer da Camara dos Deputados de 20 de Junho de 1864.

Aqui, porém, um parenthesis.

O Sr. Commandante Th. Fleming nos seus "Limites Interestaduaes", tratando da pendencia entre os dois grandes Estados visinhos, escreve com as suas reconhecidas preoccupações goyanophobicas e soffrivel ignorancia da materia:

"Em uma entrevista concedida á *Tribuna*, vespertino carioca, o ex-Deputado Federal por Matto Grosso Dr. Annibal Toledo expoz claramente esta questão. Ha mais de um seculo e meio surgiu ella. Matto Grosso reconhece como divisa o rio Araguaya, divisa natural, desde a ilha do Bananal até as suas ultimas cabeceiras, dahi a cabeceira do Aporé ou rio Peixe, por este abaixo até o Paranahyba e por este até o Paraná.

Goyaz pretende levar seus marcos até as ultimas cabeceiras do rio das Mortes, affluentes do Araguaya pela margem esquerda e que corre quasi perpendicularmente a este. O Atlas de Goyaz, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, traça os limites com Matto Grosso de accordo com o Convenio de 1º de Abril de 1771 e com um parecer da Camara dos Deputados de 20 de Julho de 1864!!!

Matto Grosso allega na defesa de seus direitos além da posse immemorial, a jurisdicção e o dominio sobre todo vasto territorio disputado por Goyaz e um *uti possidetis* secular.

O General Raphael de Mello Rego, ex-Deputado Federal por Matto Grosso, publicou um trabalho sobre esta questão, analysando-a sob todos os seus aspectos e conclue que, pondo de parte pretenções exaggeradas dictadas por incabivel sentimento de vaidade, o litigio entre dois Estados offerece facil solução, devendo Matto Grosso ceder á margem esquerda do Araguaya o territorio que Goyaz tem exercido dominio sem impugnação daquelle.

A pretenção total de Goyaz é a simples vista descabida, pois, o rio das Mortes nasce nas visinhanças de Cuyabá... Coxim, Sant'Anna do Paranahyba e Tres Lagôas — "que todo o mundo está cansado de saber que são matto-grossenses", passariam a pertencer a Goyaz!!!

Em informação official á commissão do Club de Engenharia encarregada do levantamento da Carta Geographica do Brasil o governo de Matto Grosso informou ser limite com Goyaz o rio Araguaya desde a ponta septentrional da ilha do Bananal até a serra do Cayapó, donde desce pelo rio Correntes até ao rio Paranahyba".

O Sr. Fleming póde limpar as mãos á parede com a opinião do Sr. Annibal de Toledo, grande historiador e geographo, inedito; mas o que não póde é dizer que Goyaz pretende levar seus marcos até ás ultimas cabeceiras do rio das Mortes, que distam apenas 18 a 20 leguas de Cuiabá.

O que o Estado de Goyaz reclama, de direito e de justiça, é apenas a linha divisoria constante do alludido parecer da Camara dos Deputados que assim reza textualmente:

"Art. 1.º Os limites entre Goyaz e Matto Grosso são o rio das Mortes, desde sua foz no Araguaya até a cabeceira EQUIDISTANTE das capitaes das duas provincias; dessa cabeceira uma linha á do Taquary; este, Coxim e Camapuam até suas vertentes: dahi outra linha que, atravessando o varadouro do mesmo nome, chegue ao rio Pardo; e deste até a sua confluencia no Paraná, conforme o parecer do governador de Goyaz de 12 de Junho de 1750.

Art. 2º Revogadas as disposições, etc., etc."

Ora, correndo entre as duas capitaes cerca de 150 leguas, a equidistancia marca 75 leguas para Cuyabá, e não 18 a 20, como insinuou capciosamente o auctor dos Limites Interestaduaes!!!!!!

Diz elle acima que Matto Grosso reconhece como divisa o rio Aporé ou Peixe e este até a sua foz no Paranahyba.

Que valor terá, então, a informação official do governo de Matto Grosso ao Club de Engenharia, em que diz que naquella zona o limite com Goyaz é — o rio Correntes até o Paranahyba?

A foz do rio Correntes no Paranahyba fica muito acima da do Peixe, no mesmo rio; medeiam entre elles uma área de centenas de kilometros quadrados, que o ambicioso Estado pretende surripiar ao de Goyaz, á ultima hora.

Este simples facto põe a toda luz o costumeiro processo imperialista dos matto-grossenses nas suas constantes investidas ás terras de Goyaz.

Foi precisamente assim, de étape em étape, que elles subiram das margens do rio Pardo ás do Sucuriú, destas ás do Aporé ou rio do Peixe; agora querem chegar definitivamente ás margens do Correntes. Mas *A Informação Goyana* aqui está, alerta, de apito á bocca...

Proseguindo. A maneira sobrepticia, porque os matto-grossenses se apoderaram de Sant'Anna do Paranahyba, comprehendida nos limites acima, é um dos capitulos mais interessantes do folheto de Mello Rego.

Escudado no Barão de Melgaço, informa o general que nos annos de 1832 a 1837 os encarregados pela provincia de Matto Grosso da abertura de uma via de communicação directa com a provincia de S. Paulo toparam proximo á barranca esquerda do Paranahyba alguns moradores, vindos de Minas Geraes e estabelecidos ahi, e os quaes manifestaram o desejo de sujeitarem-se á jurisdicção de Matto Grosso". Ahi formou-se uma povoação que, por lei provincial de 1838, foi erigida em freguezia de Sant'Anna do Paranahyba — "que não tem cessado de ser considerada parte integrante do territorio de Matto Grosso, embora fóra dos limites até então reconhecidos", escrevia o Barão de Melgaço, então presidente de Matto Grosso.

Pois isto que ahi fica transladado textualmente do folheto Mello Rego, não é a prova provada do que atraz dissemos, isto é, que paulatinamente os matto-grossenses se apossam de terras de Goyaz ?

E o interessante é que ainda querem mais!!!!!!

Si os collaboradores dos "Limites Interestaduaes" se entendessem, certo que o constitucionalista teria posto diante dos olhos do geographo estes conceitos exarados num accordam do Supremo Tribunal Federal: "O *uti-possidetis* não prevalece — porque as antigas provincias eram incapazes e não podiam *ex-vi* da Carta Constitucional de 25 de Março de 1824 e tambem do artigo 90 do Acto Addicional, perder terreno proprio nem adquirir por usocapião territorio pertencente a outra. Apenas o art. 10, § 9º, do Acto Addicional lhes permittia representar á Assembléa Legislativa contra as leis de outras provincias que offendessem os seus direitos". (Americo Lobo).

Portanto, é nulla a lei provincial do legislativo matto-grossense de 1838 que creou a freguezia de Sant'Anna do Paranahyba, "que todo o mundo está cansado de saber que é matto-grossense". !!!!!!

Angra dos Reis

O PORTO DE GOYAZ NO ATLANTICO SUL

No ministerio da Viação foi assignado o contracto para a construcção dos poucos kilometros que separam a ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Oeste de Minas do explendido e futuroso porto de Angra dos Reis no littoral fluminense.

Será este o porto de Goyaz, como já aqui o temos considerado.

E' contractante dessa urgente construcção o distincto engenheiro E. Richard, que promette terminal-a antes de Dezembro do corrente anno.

Até que emfim !

O nosso anniversario

Somos immensamente gratos aos nossos collegas da imprensa do Rio de Janeiro e dos Estados, que foram de uma encantadora gentileza para com "A Informação Goyana", no seu anniversario. Sinceramente nos penalisa não podermos reproduzir em nossas columnas todas as palavras de affecto e encorajamento, com as quaes os confrades tiveram a bondade de festejar os primeiros doze mezes dos nossos esforços, na tarefa que nos impuzemos em pról da tera goyana.

A exiguidade do espaço da nossa modesta publicação, não nos permitte reproduzir todas aquellas noticias, o que seria para nós um grande prazer e um legitimo orgulho. Mas, pedindo desculpa aos nossos confrades, queremos que elles fiquem certos da nossa immensa e affectuosa gratidão para com todos elles.

AVANTE!

Já conta um anno de proficua existencia *A Informação Goyana*. E' isto motivo de jubilo para os goyanos que amam a sua terra natal; e tambem deve ser motivo de contentamento para os brasileiros que, tendo consciencia da solidariedade nacional, comprehendem que tudo o que interessa ao progresso desse futuroso Estado redunda em vantagem para a União brasileira.

Desde ha alguns annos, uma pleiade de goyanos entre os quaes é preciso, por méra justiça, não deixar de destacar Henrique Silva, trabalham para que Goyaz tenha aqui no Rio uma revista que diga de suas riquezas, de suas possibilidades e trate dos interesses dessa boa terra.

O *Brasil Central* que infelizmente, não logrou vida duradoira, é um attestado dessa relevante tentativa e justa aspiração.

No anno passado, sob melhores auspicios, arregimentando pessoal e collectando meios, consegue Henrique Silva, auxiliado por bravos companheiros e com o valioso apoio do Almirante José Carlos de Carvalho, fazer surgir a util revista illustrada que é *A Informação Goyana*.

Esta interessante publicação vae tratando com denodo e clarividencia dos interesses goyanos, trazendo artigos de collaboradores selectos e agitando questões importantes para o progresso e engrandecimento do Estado, cujas bellezas e riquezas são postas á vista em gravuras adequadas.

Não sei se é bem exacta a nota, que faço á revelia de archivos, a respeito das tentativas mais recentes por uma publicação deste genero dedicada aos interesses goyanos. E' a reminiscencia que guardo e revelo com sinceridade conservando-lhe a expontaneidade; do mesmo modo que externo, ao occorrer o seu primeiro anniversario, a boa impressão causada em mim pela *A Informação Goyana* e interesse que me merece.

Já venceu ella as difficuldades do periodo inicial; supportou a volta que a terra a fez dar em torno do sol e, em vez de parecer enfraquecida com a jornada, está mais forte e crescida.

Apresenta symptomas de vitalidade e robustez que permittem se lhe augurar longa vida e prosperidade crescente. E para que isso se realize fazem francos votos os goyanos, que, como eu, têm por seu maior anhelo o progresso e o engrandecimento de seu torrão natal, mesmo porque é elle o coração do Brasil, ainda que por emquanto só por titulo geographico.

Que se mantenha, pois, e prospere *A Informação Goyana* e prosiga na sua tarefa patriotica!

J. CURADO.

Capital Federal, 18 — 7 — 918.

GLOTTOLOGIA AMERICANA

"Consultado por um amigo a respeito da graphia e significação da palavra Goyaz, em tupi, peço-lhe que, na qualidade de encarregado da secção — Glottologia Americana — na "Informação Goyana", responda por mim.

Americano do Brasil — Goyaz, 1 — 8 — 918".

Com muito prazer; porém a minha explicação de nada valeria no sentido de uma reforma; por que, desde muito, apezar dos protestos de Henrique Silva contra o—y — e o—z — que emprestaram ou melhor, doaram á palavra Goyaz, ninguem, até hoje, deixou de escrevel-a com estas duas lettras intrusas.

Neste particular, andam melhor os matutos sertanejos e os proprios indios lá pelo interior, que dizem claramente — Guaiás — Guaiano,— assim reforçando a minha opinião ou, melhor, convicção a respeito da origem e significação do vocabulo debatido.

Guaiá era a denominação que as tribus interiores davam aos seus congeneres habitantes do local onde fica actualmente a capital goyana, e este designativo se prendia á circumstancia de muito prezarem estes selvicolas ou, melhor, guaiabas ou, ainda mais acertadamente, guaiá, simplesmente como araçá, cambucá, piquiá, ingá, etc.

Era e ainda é, costume entre os indios da peninsula se appellidarem ironicamente, usando de expressões chistosas ou depreciativas, relacionadas com certos factos e accidentes da vida.

(Este veso tambem nos pertence e a todos os povos do mundo).

Assim, "caiapó" quer dizer mão de macaco ou ladrão (e os indios deste nome são peritos na arte de furtar), guaicurú significa sapo pintado, por que estes selvicolas costumavam fazer tatuagens que lhes davam a côr de sapo, e pintavam até um sapo em cada maçã do rosto, nos dias de suas festas.

Conheço uma familia numerosa no interior, a qual por ter habitado no logarejo denominado, em Goyaz,—Goiabeira,— ganhou o appelido de familia dos Guaiaba, e homens e mulheres desta familia até já se assignam assim.

O primeiro crime glottico commettido contra a palavra—Guaiá — foi a juncção do — z — para se imitar o supplicio applicado á palavra — ananaz — que recebeu innocentemente, como plural exotico ou como adaptação ao genio da lingua, um incremento indevido; o segundo se mostra pelo menos peregrino — y —, e o terceiro pela não troca do elemento vocabular — agua — por — go, — transformando e desviando o máo sentido uma palavra mimosa e expressiva, além de concentanea ao fim a que se applicou nos tempos idos.

Ainda que se quizesse dar como provincia de — "coiá" — (murmurio de taberna, pouca vergonha de desoccupados) a palavra — Goyaz — deveria ser graphada — Goiás — com — i — e — s no plural, por que — z — nunca serviu para este fim em portuguez nem na lingua tupi, cujo plural sempre foi — êtá — posto no fim do nome, como, Paquetá (pontas), Ilha de Paquetá — Ilha de pontas ou das pontas.

Neste ponto, surge nova questão que deve ser resolvida. Havia antigamente os Indios Goytacazes e Goyanazes, sendo admissivel que estes emigrassem mais para o centro do Brasil, indo estabelecer-se em Goyaz; porém esta tribu era muito feroz, como o denota o proprio designativo — Goiá, corrupção de "coiá" (barulho) por que sempre atacavam de surpreza o inimigo e com alarido infernal, e os Guaiás eram pacificos e hospitaleiros, como referem as informações dos bandeirantes.

Além disto, os bosques nativos de guaiabeiras ou melhor, "guaiatibas", que se encontram no local e a insistencia dos sertanejos e indigenas em dizer — Guaiás e Guaiais, guaiaba, etc., tudo me faz pender para Guaiás, ainda que seja tarde e impossivel qualquer reforma neste intuito.

A unica vantagem da minha exposição é provar que Goyaz nunca significou campos de flores, nem altos horizontes, nem patria dos roubos, etc., como apregoam alguns "poromboêaras", o que já não é pouco. E "curié".

* * *

"Sr. professor Abreu.— Achei tão interessante e convincente a sua explicação verbal sobre a origem do nome do nosso caro Brasil, que tomo a liberdade de lh'a pedir escripta e publicada na "Informação Goyana", de nosso festejado patricio Henrique Silva, da qual têm emanado tantas reformas e correcções uteis para as sciencias naturaes e para a historia do nosso paiz. Esperando, etc. Seu admirador, amigo, *José Packness*.

Rio, 1 — 8 — 918".

Muito me quizera esquivar de um assumpto que talvez me leve a uma discussão inutil, para mim, que jamais me abalarei da minha opinião a respeito, a qual exponho sem a minima pretenção de a ver acceita pelos competentes ou quem quer que seja. Mas de um lado um pedido amistoso e de outro o desejo de tornar digna e rehabilitada a denominação nacional — Brasileiros — tudo me tenta, me força a expor pela imprensa o que tenho repetido em aulas e palestras aos meus ouvintes. E, pondo de parte pormenores historicos, datas, citações, confronto de épocas, etc., entro a discorrer indifferentemente, não como mestre como lido e corrido e livre pesquizador sobre tudo.

Reza uma lenda indigena, confirmada pela historia, que os indigenas da America do Sul tinham, até os tempos das conquistas hespanholas, no Perú, uma peregrinação ou romaria ao lago Titicaca, onde havia, numa formosa ilha, um templo consagrado ao sol e mais astros. No meio deste templo, sobre um altar dourado, fulgia um grande disco de ouro, cravado de rubins e outras pedras preciosas.

O sol nascente dardejava os seus raios corruscantes sobre o disco com a sua pedraria, causando um effeito maravilhoso, encantador. Os naturaes, de joelhos, as mãos postas, adoravam a mãe da luz (Beraci), sua irmã, a mãe d'agua (Jaci) e as filhas deste os fogos da lua ou mãe d'agua (Jaci-tatá).

Estas divindades correspondiam respectivamente ao sol á lua e ás estrellas.

Ao menos uma vez em cada oito lunações, os povos visinhos e tambem os mais afastados, eram obrigados, segundo os preceitos dos sacerdotes, a visitar o templo de Beraci e a lhe offerecer dons naturaes ou artifiaes. Era então que os Incas faziam a sua colheita de ouro, pedrarias e escolhiam com os principes e magnatas, as suas esposas.

Os Tupis e Guaranis viviam no centro da vasta região, e, como povos vassallos, cumpriam á risca a determinação regia e sacerdotal. Os tapuia, que eram scismaticos, andavam sempre perseguidos dos demais povos, que os qualificavam de brutos e refractarios á civilisação, como indica o nome — tapuia — que significa negativo á conveniencia em tabas.

Muito antes da conquista hespanhola, e no tempo do rei Tatuanã, Tupis e Guaranis desavieram-se, e estes cortaram o caminho da peregrinação aos Tupis, que foram afugentados para o nordeste da peninsula.

Tatauanã castigou os Guaranis, que se separaram do dominio dos Incas, e os Tupis fizeram o mesmo; mas nunca, até a descoberta do Brasil, abandonaram a sua crença em Beraci, imagem de Tupã, o pae, o criador de todas as cousas, o centro da luz.

E a terra que habitavam era, infallivelmente, de Beraci, como foi mais tarde de S. Cruz, depois que o symbolo da nossa redempção destronou Beraci.

Cabral não podia entender estas cousas, estes factos, até então, extra-historicos; porém os seus successores, aquelles mesmos traficantes de face-brasil, que logo aprenderam a lingua dos naturaes, viriam a saber, com certeza, o nome que estes davam ao paiz. Porém, como aconteceu com a explicação do nome de Caramurú e com a sua grandiosa viagem á França e outros contrasensos que enfeitam os nossos compendios de historia patria, foi preciso ir se buscar um pau para cacetear e zurzir um nome tão bello e expressivo, que muito honra o nosso paiz, por ser uma denominação indigena e significar mãe da luz ou do esplendor.

Em resumo, a palavra Brasil, ao menos para mim, provém de Beraci, que se compõe de berá-resplandor e cí-mãe, e pouco me importa que se riam desta minha convicção os apreciadores dos filhos do trovão e dos homens de fogo, etc. Em manuscriptos antigos tenho lido estas expressões: Terras de Braci, de Brazis, de Beraciles, etc. A suppressão do — e —, a troca do — c por-s-ou-z-e o augmento do — l—, tudo se explica pela pronuncia genuinamente portugueza, exemplos: p'rennes f'licidades; aguacil por aguasil; quere dizere etc. Deste modo, si já é tarde para sermos nacionalmente denominados Brasilianos ou Brasilienses, ao menos seremos dignamente Brasileiros, isto é, filhos de Beraci, do centro da luz e do esplendor, como o devemos procurar ser, varrendo dos nossos conhecimentos a poeira colonial e combatendo o descaso que infesta o nosso povo no que se relaciona com a homogeneidade nacional e o progresso geral.

Somos primeiramente Brasileiros, e depois Goyanos, Cuiabanos, Cariocas, etc.

A. EUSEBIO.

A ALMA DAS AVES

Havia na fazenda uma regular creação de gallinhas. Certo que não abundavam as raridades. Viam-se algumas representantes da bhrama e conchinchina, louras como gemma d'ovo; carijós, garnizés, "arripiadas", de forma e feitio de pennas arrevezado e aro. Tudo porém sem methodo e selecção, entrecruzando-se com a raça corriqueira da terra — abundantissima, onde côres e caracteristicos se baralhavam na mais inextrincavel promiscuidade.

Mas legitimas, descendentes daquella que tanto pavor causara ao indio de Vaz Caminha, podiam-se contar ás duzias, sobresahindo desde a boa nanica chocadeira até ás agourentas "pescoço-pellado" aliás de mui excellentes qualidades poedeiras.

No terreiro argilloso e duro, mui vasto, que se entranhava a principio num vassoural rasteiro, depois — mais além — no cerrado, e por fim onde acabava o matto sujo e começavam os

HUGO DE CARVALHO RAMOS

E' com mais vivo prazer que prestamos hoje homenagem a esse escriptor, cujos trabalhos nas—Tropas e Boiadas*—com tanta emoção evocam a tristeza e a alegria dos nossos campos*

morrotes embalsamados de mangabeira e muricy, andavam ellas desde o dealbar ciscando e esgravatando, ou a enfartar-se de genipapos esborrachados pelo chão, quando não era disputada a fructa pelos bacoros soltos, grunhidores que mesmo alta noite, escutando-lhe a quéda balofa sobre a terra, sahiam de suas camas de palha e cisco ao pé das cercas, e vinham, bufando e farejando, manducar naquella ceia que lhes mandava de momento a momento a aragem.

E os bufos da leitoada, era um cacarejar alerta e impaciente á hora matinal, bater d'azas, corridas aqui sobre esta manga meio roida de periquitos que despencara, a fuga alli da que, desentranhando gorda minhoca, se fôra num cacarejamento de triumpho a deglutil-a noutro canto, perseguida das demais; e tal o ruido que, certo, se não fizesse a roça a todos os madrugadores, se se não acostumara antes o ouvido ao mugir do gado desde as tres da manhã, seriam aquellas umas ferias! mui pouco invejaveis de passar para gente dorminhoca.

Desde, porém, que a caseira surgia ao limiar aconchegando á peitada bamba duas pontas de saia, um palmo do morim, da de baixo, encardido e sujo, collando ás canellas luzidias de quinquagenaria — e um psio asmathtico, á direita, á esquerda, se lhe fluia da beiçada murcha, — não se poderia ao certo dizer do alvoroço havido naquelle pequeno mundo, as correrias que do amplo perimetro do pateo convergiam como varetas dum leque ou raios de semicirculo ao centro magnetico, o açodamento comico das retardatarias emergindo de touças que pareciam antes desertas, as que dentro do quintal escarafunchavam a raiz das laranjeiras transpondo celeres as cercas num surto em arco, e mesmo, o estoufraquear das cocás, ou o glú-glú dos patos vorazes acudindo da repreza.

E eram punhados sabios para um lado, para o outro, de grãos saltitados, rapido estrellando o solo com o seu brilho alegre de ouro novo, mais depressa subvertendo-se naquella multidão de mendigos, cada qual apostado em exceder o visinho em gula e solercia; o cuidado da mulher em ter uns dos outros afastados os gallos de rinha, de aculeado esporão, ciosos e espancadores; e depois, tufada a paparia fulva, o pedinchar de quem ainda attende, e a sua dispersão final — a custo resolvida — pelo serrado dos arredores.

Algumas, lá pelo matto se deixavam ficar semanas a fio, ou eriçadas e chocas faziam de quando em vez rapidas escapadas em que vinham passear pelo pateo a sua turra de enfastiadas. E quando dias longos amoitadas, appareciam de novo, era puxando fieiras interminaveis de pintainhos, onde dahi ha mezes faria não baixar o caseiro, enchendo capociras, que ia levar ao mercado da cidade.

— Então pelo andante, uma quietudo monastica, em que o sol tudo amolentava e aquecia naquelle seu mormaço de Dezembro, vinha matta abaixo, na bafagem do rio, cousas e entes amodorrando.

Lá embaixo, na praia, a eterna offuscação de mil chispas e fagulhas, cambiando os seus fogos num crepitar ondulante de mica e saibro rescaldado. Cachimbando, batiam roupa as lavadeiras do sitio. Já de ha muito desleitadas, vaccas e bezerros pastavam, apartadas, no mangueiro. E a velha casa sertaneja, erigida a sopapos, ficava assim, dentre o verde ramalhudo dos cercados de pinhão e fructeiras do quintalejo, como um velho tuiú dormindo á beira da estrada, ao cicio acalentante das cigarras.

Ora, uma tarde, apoz um dia cheio de caçadas e pescarias, abertas as tarrafas a enxugar no terreiro, tomávamos a fresca á soleira; e longe, pelas bandas do occaso, bulcões de nuvens acorriam, lentas, alcochoando sobre carros, para a encenação costumeira do anoitecer.

E o silencio que em torno se fazia, foi de subito cortado, dum modo extranho e grotesco, pelo grito dum volatil numa das touceiras em frente á estrada. O caseiro, que no momento examinava os saccos duma nossa rêde onde as matrinchans tinham feito esse dia largo rombo, volveu o ouvido experimentado, olhou-nos com intelligencia, sondando depois os ares cuidadosamente.

— Algum gavião, indagou a mulher.

Mas não. Não havia alli perto ninhada fresca de pintainhos, além de que o céo, parado e limpo, nenhum indicio d'azas do plumatil rapace assignalava que levasse em roda alarma á criação.

Emtanto, fez-se logo ouvir, insistente, o mesmo cacarejo no vassouredo. Para lá nos fomos todos, curiosos.

Minuscula tragedia, espectaculo extraordinario e grandioso aquelle, em sua extranha singeleza.

No aceiro, uma ninhada d'ovos em vesperas de abrir. Sobre ella, armada para o bote, uma cascavel batia enfurecida o chocalho. Mais terrivel, porém, era o aspecto ouriçado duma gallinha da terra, o papo pellado já, gottejando pelos successivos arremessos.

Numa de suas breve sordidas á cata de que entreter uma fome de semanas, topava de retorno com aquella intrusa installada sobre a sua postura tepida, alli teimando em permanecer, máo grado o

alarde com que nos attrahira a nós, e as heroicas e reiteradas investidas com que procurava, em vão, enxotal-a.

Ficámos alli parados, a olhar perplexos.

A ave, nuns pulos bruscos bizarros, de batrachios em furia, acoçava de perto o reptil aos esporeios e bicadas. Este, a cada novo assomo, mordia-a desapiedado, chocalando incessantemente. De novo, voltava á riça o animal, aremettendo corajosamente de unhas e bico. Novamente sibilava a cobra, ferindo-o injectando-lhe o pescoço as azas, o peito incidente e agudo, da mortal peçonha.

E tal era o nosso pasmo, que ainda assim permaneceriamos, a ver em que dava a singular briga, se o caseiro, pondo termo á lucta desigual, não arrancasse uma estaca, abatendo o cascavel em duas certeiras pauladas.

Lenhosa e escamada, ficou-se ella por alli a enrodilhar, emquanto lhe esmagavamos a cabeça. Arrastada para o terreiro, medimol-a com cuidado, achando-se seis palmos e tantos de comprimento, fóra a cauda, cujo crotalo dizia oito annos de edade.

Voltamos depressa á ave.

Deitada sobre o ninho, dormia já, mais negra que o carvão.

HUGO DE CARVALHO RAMOS.

UMA GRANDE IDEIA

Não ha muito, apreciando a importante mensagem dirigida ao Congresso Goyano pelo Presidente do Estado, Dr. Alves de Castro, me referí a nossa momentosa pendencia terrivel com o Pará e Matto Grosso, retentores de grande faixa de territorio goyano.

Suggerí a S. Ex. a conveniencia de encaminhar o solucionamento dessa velha questão, com reflexos no regimen tributario, pelo grande desfalque de nossas rendas, em parte arrecadadas por estes Estados.

Longe estava de suppor viesse a minha suggestão a ser secundada por uma prestigiosa influencia, que o é a dos iniciadores da ideia de se agitar e pleitear a conveniencia de uma indicação capaz de conseguir dos Estados a liquidação de suas pendencias territoriaes, de modo a que possamos commemorar o centenario da nossa independencia, daqui a quatro annos, sem se encontrar os mesmos Estados divididos e dissentidos por questões desta natureza.

E' uma idéa digna de applausos e de apoio, que deve ser trabalhada para se transformar em realidade.

E' bem uma data que se impõe ao nosso patriotismo, ao nosso respeito, indubitavelmente digna de ser tomada como pharol para nos illuminar e nos conduzir a conjurar todo e qualquer pretexto de descrenças e malquerenças em momento de estarmos todos voltados e unidos no interesse superior de festivamente a aurora de 7 de Setembro de 1922.

Para chegarmos a este objectivo, é indispensavel a annuencia e a mediação do eminente Sr. Rodrigues Alves, dentro de cujo periodo se assignalará esse grande e faustoso acontecimento historico.

S. Ex. só, com o seu incontestavel prestigio, poderá convidar os Estados a uma *entente* para liquidação dessas questões, mediante um accordo directo, ou por meio do arbitramento.

Goyaz faz todo o empenho em dirimir as suas duas unicas pendencias, com o Pará e Matto Grosso, que lhe uzurparam e occupam grande parte do seu territorio. O Pará, não satisfeito em possuir seringaes vastissimos, invadiu a zona caucheira do Araguaya, transpondo o Pucuruy, que é a sua divisa real comnosco. O Tacayunas e outros, para se vir fixar em Conceição do Araguaya.

Em um entendimento directo entre os dous Estados, é bem possive-l que o a aceitar o Tacayunas como fronteira.

Nosso desejo é de ceder alguma cousa em troca de um accordo definitivo, com clausulas insophismaveis de modo a excluir qualquer procedimento ulterior, no sentido de burlar esse accordo.

Matto Grosso é um velho occupante de vastissima circumscripção territorial goyana. Confinavamos com S. Paulo pelos rios Paranahyba e Paraná, Santa Anna do Paranahyba pertencia-nos, no entretanto fomos excluidos dessa comvisinhança pela occupação daquelle Estado.

Contornou-nos pelo sul, usurpando-nos terras por oeste e leste.

O Rio das Mortes, que era nosso, está sob a sua jurisdicção.

Não é possivel nos conformarmos com esse procedimento inconfessavel.

A sua cobiça não tem limites, pois ainda nos disputou Macedina.

Devemos conseguintemente, nós goyanos, adherir de bôa mente a louvavel e feliz idéa de se levar a effeito mediação ou accordo directo, que ponha termo ás velhas questões de limites entre os Estados do paiz, de modo a eliminar essa nuvem que turvaria a aurora de Setembro de 1922, ensombrando-se com o resaibo de desavenças latentes, a explodir a todo momento.

Nesse dia, a recordação dos sentimentos grandiloquos irrompidos dos feitos de nossos antepassados, que lhes impelliram a reacção contra o dominio colonial, todas as unidades da federação se devem fremir de alegria e de contentamento, irmanados todos para a intima e amistosa commemoração de facto tão saliente e decisivo para a implantação de nossa nacionalidade, do avigoramento de nosso patriotismo e do ingresso de nossa terra no conceito das nações livres.

Nesse dia não podemos alimentar, nem aninhar em nossos feitos sentimentos de hostilidade, uns contra os outros.

Questão nenhuma nos deve dividir, sim nos devemos achar de plena harmonia e amizade para que as nossas expansões se confundam em unisonos brados de regosijo e satisfação.

E' pois digna dos mais francos applausos essa ideia generosa e grande a que todos devemos prestar franco apoio, para sua completa realisação.

O actual governo dispõe de tempo sufficiente para pleitear a execução dessa luminosa ideia, só o governo futuro do emerito brasileiro Dr. Rodrigues Alves a poderá encaminhar até completa consummação.

E' necessario que os interessados se mostrem dispostos a secundar-lhe a acção, sem lhe criar obices e entraves.

Acredito que meu Estado se não collocará irredutivel em suas pretenções, antes se revelará propenso a auxiliar essa bella iniciativa, embora cedendo algo em seus justos e fundados direitos.

Vimos como o Paraná e Santa Catharina liquidaram a sua pendencia de limites, cedendo ambos.

Imitemol-os.

EDUARDO SOCRATES.

Dr. João Cancio Povoa

Acaba de ser unanimemente habilitado e classificado no concurso para provimento effectivo do cargo de professor de cartographia da Escola Polytechnica, o distincto e illustre goyano, dr. João Cancio Povoa, unico candidato inscripto e que, desde 1913, vem regendo com proficiencia aquella cadeira.

A' prova oral, realizada em sessão publica da Congregação, honrada com a presença do presidente do Conselho Superior do Ensino, dr. Ortiz Monteiro, assistiram os seguintes professores: drs. José Agostinho, director interino; Licino Cardoso, Ennes de Souza, Manuel Thimotheo, Jorge de Lossio, Francisco Bhering, João Felippe, Henrique Morise, Raja Gabaglia, Belford Roxo, Luiz Catanhede, Aarão Reis, Julio Kœler, Mauricio Joppert, Estanisláo Bousquet, Eugenio Tisserardot, Julio Lohmann, Pantoja Leite, Everardo Backheuser, Sá Pereira e Adolpho Murtinho.

"A Informação Goyana", registrando este auspicioso facto, associa-se de coração á victoria do illustre engenheiro patricio, que **já conta longos annos de serviços prestados ao magisterio carioca.**

CACHOEIRA DOURADA

IGNOTA MARAVILHA

Goyaz é por excellencia, no Brasil, a privilegiada região das mais bellas cachoeiras — privilegios, aliás, que sómente virá gozal-os no futuro.

Esta asserção, apezar do nada que se sabe da geographia das regiões interiores do paiz — e nem se quiz nunca saber — é até certo ponto superflua, pleonastica, porque tudo está a indicar.

Cachoeira do Itiquira, no Vão do Paranan, Goyaz

Basta vêr no mappa que é das escarpas do planalto goyano que tombam e correm as arterias sem conta que nas direcções norte, léste e sul levam seus contingentes de vida aos tres maiores systemas fluviaes nossos — o do Amazonas, o do S. Francisco e o do Prata.

Uma das suas mais lindas cataractas, a do Itiquira, formada pelo rio desse nome ao despejar-se nas depressões abruptas, do famoso Vão do Paranan, mede 120 metros de altura, caindo toda a massa liquida na vertical — rolando pesadissimos caixões que se desfazem em espumas lá embaixo, echoando na immensidade do profundo valle; outra, do rio do Samno, a da Fumaça, assim chamada do espesso nevoeiro que della se levanta, passa por uma das maravilhas do Brasil Central, no depoimento dos sertanistas que a têm visitado naquelle vastissimo e bravio deserto dominado pelos indios Canoeiros e Cherentes.

E' tambem ainda nas terras goyanas que no dizer de Elisêe Reclus, o soberbo Tocantins tem a secção heroica do seu curso — todo "de viravoltas, corredeiras e cachoeiras".

Outro magestoso rio que desce do planalto central abrindo passagem á força por entre rochedos na grande extensão de seu curso é o Paranahyba, rio caracteristico da região interior do Brasil, e por consequencia encachoeirado.

Nelle é que se admira a formidavel Cachoeira Dourada — uma das mais deslumbrantes perspectivas do mundo.

Ahi o Paranahyba tem já recebido os seus grandes affluentes, rio das Velhas, Verissimo e Corumbá, este vindo dos Pyrinêos Goyanos.

Nos confins de Goyaz e Minas, e por outro lado só conhecida dos sertanejos posteriormente á publicação da "Crorographia Brasilica" do padre Ayres de Casal, não admira que esse raro thesouro, essa maravilha da natureza seja ignorada ainda dos nossos geographos....

O Dr. Ed. de Oliveira Martins, distincto clinico no oéste de S. Paulo, que ao visital-as escreve: "E' a Cachoeira Dourada o sitio mais bello do Brasil, e a mais linda quéda dagua brasileira; é muito pouco conhecida por ser caminho raramente procurado visto ser cercada á esquerda por uma enorme região de matta virgem espessa em terreno roxo."

São accordes com estes dizeres os de outras muitas pessoas que a conhecem, entre ellas o engenheiro inglez James Mellor e o Dr. J. Paes Leme.

E' que nenhuma outra quéda dagua offerece nem mais vasto nem mais importante panorama: 1.200 a 1.500 metros de amplitude sobre 12 a 15 de altura, mais ou menos.

Nessa consideravel extensão a cachoeira é dividida por um estreito promontorio — extremidade de uma ilha que lhe fica á jusante e rasga-lhe a meio brancura do lençol das aguas em dois pedaços, fazendo delles duas télas — uma voltada para a Goiandira (margem goyana), outra olhando para o lado de Minas, ambos de fascinante belleza.

Estes dois trechos, porém, se confundem num unico, devido á densa e constante evaporação que de toda a cachoeira sobe sempre, formando arco iris ás vezes que lhe batem os raios solares.

Vista á distancia, quando pelas manhãs do sertão o sol nascente brilha nos pincaros mais alto ao redor e desvenda o encantamento do valle do grande rio ensombrado de compacta materia que lhe cobre as ribanceiras, dir-se-á que o estranho iris que arqueia sobre a gigantesca catadupa se transforma em auroras polares, violando assim as leis geographicas em pleno coração do Brasil, no mais singular contraste com aquella natureza inter-tropical e ainda no esplendor paradisiaco.

Imaginai, rio acima, atraz dos larguissimos pannos de linho alvo da cachoeira, a mais encantadora ilha ostentando ao lume dagua a prodigiosa e variegada flora primitiva do sertão. Lembra um phantastico camelote sustentado pelas prateadas columnas dagua e sempre em despenho do procelloso abysmo essa ilha fluvial, em cujos bosques, povoados de surprezas, o homem não sabe que mais admirar: si a delicadeza nos matizes das orchidéas, si o colorido vivo de floridas lianas pendentes do frondoso arvorio, formando arcadas de verdura com desenhos e festões como nos estuques-lustres, si as formas varias dos vegetaes, si realmente a variadissima avifauna alacre e que enche o espaço de harmonias, pela manhã e á tarde.

A minha penna não divaga, não phantasia — nada precisa exaggerar tratando das riquezas perdidas das mattas do Parnahyba, onde ha em abundancia baunilha, gengibre, ipecacuanha, madeiras de lei de todas as qualidades inclusive a formosa imbúia da Paraná e as mais apreciadas.

Cachoeira Dourada, entre Goyaz e Minas

Refere o citado Dr. Paes Leme que ha ilhas ao redor da cachoeira que são jardins de baunilha e gengibre, e que nas mattas adjacentes, da mais ligitima terra roxa, "se encontram innumeros cafeeiros produzindo, cujo plantador, fôra o proprio Paranahyba, que em suas enchentes acarretou das lavouras de Minas, na Matta da Corda o precioso grão, o qual depositado alli germinou sem amanho."

O que, porém, tem feito mais conhecida e procurada a magnifica quéda fi sempre a quantidade de peixes nella encontradiços, principalmente o dourado.

Dizem alli os pescadores que si os peixes se conservassem immoveis, tantos quantos se agglomeram ás bordas da cachoeira, pisando sobre elles um homem passaria o Paranahyba a pé enxuto.

Finalizando esta ligeira noticia, eu penso no futuro sem par do paiz que no meio de tantas riquezas outras nem ao menos sabe quantos Niagaras possue.

HENRIQUE SILVA.

(Da *Kosmos*).

Um poderoso factor para a economia nacional

OS PROGRESSOS ADMIRAVEIS DA COMPANHIA COMMERCIO E NAVEGAÇÃO

Dentre as emprezas que mais têm concorrido para o desenvolvimento dos interesses economicos brasileiros, quer pelos recursos financeiros de que dispõe, quer pela grandiosidade de seus vastos dominios, destaca-se a *Companhia Commercio e Navegação,* que deve ser apontada como o mais soberbo exemplo de trabalho e perseverança.

Organizada em 1905, com a incorporação da *Empreza de Sal e Navegação, Empreza de Navegação Salina, Empreza de Vapores Idalina* e *Empreza Maritima Brasileira,* é de causar assombro como ella poude durante tão curto lapso de tempo attingir á sua extraordinaria prosperidade de hoje, a ponto de se tornar uma das emprezas mais solidas e florescentes do Brasil.

Mesmo em face da attitude allemã, ameaçando o commercio dos neutros com a guerra submarina, a *Companhia Commercio e Navegação* não cessou de manter as nossas relações de commercio com os centros consumidores extrangeiros.

E' de notar, porém, que a sua actividade productiva ainda mais augmentou depois que ficou á testa dos negocios da empreza o Coronel Ernesto Pereira Carneiro, esse fulgurante espirito de iniciativa que allia ás raras qualidades de administrador uma substanciosa cultura technica. Como prova do que tem sido ultimamente a sua fecunda gestão, basta assignalarmos aqui a victoria por elle obtida por occasião do celebre *contrôle,* em que livrou do arrendamento a Companhia, salvando, assim, o principio constitucional que a todos garante o direito á propriedade.

Entre os varios e importantes estabelecimentos que constituem o patrimonio da *Companhia Commercio e Navegação,* que faz o serviço de transporte para a Europa e o de cabotagem, merecem especial menção o possante Dique "Lahmeyer", admiravel obra de engenharia que mede de comprimento 167 metros, projectado e construido em 1907, pelo distincto engenheiro que lhe deu o nome; o Moinho Santa Cruz, adquirido recentemente e que é, no genero, um dos primeiros estabelecimentos da America do Sul: as installações da Ilha do Cajú, dentre as quaes a Usina de Refinação de Sal, o Almoxarifado da empreza, a officina de fundicção, etc.; as opulentas salinas de Macau e Mossoró, no Rio Grande do Norte, cuja producção annual regula ser de 200.000 toneladas, podendo ser augmentada para 500.000; a usina de refinação de sal e armazens para o mesmo, situados no Retiro Saudoso, com apparelhamento indispensavel para o desembarque do producto em bruto e para a exportação do artigo refinado; a grande fabrica de tecidos São Joaquim, onde se fabricam saccos de algodão para o sal e a farinha de trigo da producção da empreza, etc., etc.

Além disto a *Companhia Commercio e Navegação* possue actualmente uma frota de 20 navios, representando 48.700 toneladas, além de 53 pequenas embarcações em serviço nesta Capital.

Para satisfazer a justa curiosidade do leitor, daremos aqui breves informações sobre alguns dos importantes dominios da Companhia.

DIQUE LAHMEYER

Apparelhado technicamente para a docagem rapida e segura dos maiores vapores que frequentam o nosso porto, é, em comprimento, pouco menor do que o dique de "Talcahuano", no Chile, e o do "Dry-Dock", de Buenos Aires, sendo em construcção e dimensões, o maior do Brasil.

O MOINHO SANTA CRUZ

Esse moinho foi construido em 1910, tendo sido despendidos dez mil contos pela firma Machado Mello & Comp. Os seus machinismos são os mais modernos e os mais aperfeiçoados que se conhecem. Tem 10 motores electricos, com a força total de 750 H. P. e movidos por força hydraulica. A sua producção annual póde attingir a 80.000 toneladas, mas, presentemente, está produzindo apenas 4.000 saccos diarios (de 44 kilos cada um), por motivo da falta de grão e os seus depositos podem armazenar 10.000 toneladas de trigo em grão.

A Companhia está actualmente moendo, por conta de terceiros, fubá e farinha de mandioca, emquanto aguarda a chegada de 20.000 toneladas de trigo compradas na Argentina, que serão transportadas por seus navios. O Moinho Santa Cruz é avaliado em cerca de 5.000:000$000.

USINA LAHMEYER

destinada á purificação e refinação de todo o sal e que é uma obra notavel. Foi tambem construida pelo illustre engenheiro Rodolpho Furquim Lahmeyer, que á mesma applicou um systema privilegiado de sua invenção para o beneficiamento ou purificação do sal. Pelo systema Sahmeyer, consegue-se extrahir do sal todo sulfato de magnesio, ficando removidos os inconvenientes da evaporação e resolvendo o problema da conservação perfeita do producto.

A usina produz o sal *extra,* typo Cadiz moido, o *Cadiz-Xarqueada* — typos especiaes de sal para a mesa, para a cosinha, para a industria de lacticinios e para as salmouras finas.

As carnes seccas ou xarque, preparadas com o sal que actualmente a *Commercio e Navegação* fornece aos "saladeros", chegam em perfeito estado de conservação no norte do Brasil e até mesmo na região acreana.

FABRICA SÃO JOAQUIM

Está situada á rua Santa Clara, n. 35, em Nictheroy, é movida á electricidade e possue 224 teares, 1.500 fusos, 26 cardas, 3 batedores, etc., etc.

A sua installação, para a manufactura de lã, foi fornecida pela casa Ashworth e os teares para os tecidos de algodão pelos fabricantes Gregson & Monk, e a fiação, pelos Srs. Brok & Dorey.

A fabrica de São Joaquim valê, no minimo, tres mil contos de réis.

Os progressos admiraveis da Companhia são devidos á operosidade e aos esforços conjugados de sua illustre directoria, composta dos Srs. Ernesto Pereira Carneiro, Rodolpho Turquim Lahmeyer, Samuel Rodrigues de Almeida e Anthero Pinto de Almeida.

O SANEAMENTO DO "HINTER-LAND"

Discurso pronunciado na sessão de 26 de Julho findo pelo nosso collaborador deputado Ayres da Silva

O Sr. Ayres da Silva — O problema do saneamento de nosso paiz tem merecido neste recinto a attenção de alguns Srs. Deputados, que o veem encarando com patriotico cuidado, secundando com ardor louvavel e merecedor de encomios a acção já iniciada pelo Exmo. Sr. Presidente da Republica. A elle, Sr. Presidente, alludiu meu prezado amigo e illustre collega de bancada, Sr. Deputado Olegario Pinto.

Delle cuidou com o realce e brilhantismo que lhe são peculiares o mestre sempre ouvido com religioso acatamento onde quer que se tenha de pronunciar, arduos e difficeis que sejam os assumptos, tal o fulgor de sua palavra, tal o convincente de seu dizer.

O illustre mestre, Sr Presidente, cujo nome com acatamento declino, o Sr. Dr. Azevedo Sodré, esteiou alguns de seus dizeres sobre o problema do saneamento do Brasil central, nas palavras verdadeiramente apavorantes de scientistas illustres que percorreram e observaram "de visu" aquelles centros, em longa e estafante jornada, detendo-se aqui e alli a examinar milhares de doentes. Abordaram ainda o assumpto, cada qual com mais brilho, meus illustrados collegas Juvenal Lamartine e Souza Castro e neste momento acaba de encara-o em uma de suas modalidades, meu illustre collega e amigo Sr. Deputado Alexandrino Rocha.

Não serei eu, Sr. Presidente, humilde e despretencioso clinico da roça, vivendo e lidando na zona central do paiz, por mais de 17 annos ininterruptos, quem alimente a velleidade de trazer algum contingente ao problema ou, siquer, de attenuar, descobrir aquelles quadros quasi dantescamente traçados pelos scientistas brasileiros a que se reportou meu distincto e illustrado mestre.

Passo mesmo a convir commigo, que os Drs. Neiva e Penna descreveram com pouco colorido a desgraça, o infortunio, dos habitantes daquellas regiões por elles percorridas e observadas "in loco", mas, Srs. Deputados, como não ser assim, si para aquelles centros de nosso paiz existiu sempre um flagello ainda maior e é a indifferença, o pouco caso, com que o poder publico encara a solução dos problemas referentes áquellas paragens ?

Senhores, si ainda não fizemos effectivamente sentir aos habitantes dessas regiões de nosso territorio que não são "um povo á margem da civilização", que, de facto, pertencem a uma das grandes potencias do mundo, que, de facto, são filhos de um paiz civilizado, como encarar e resolver o magno problema do saneamento de taes regiões?

Ainda ha pouco, Sr. Presidente, as gazetas desta Capital editavam, em éco longinquo, o clamor de patricias nossas, de Santo Antonio de Balsas, apavoradas deante da ameaça de um bando de malfeitores que ha mais de quatro annos devastam aquelles centros, fazendo incursões em Goyaz, Pará, Maranhão, Bahia e Piauhy. Que providencia terá o poder publico tomado, até hoje nada se sabe. Aliás, Sr. Presidente, no sentido de reprimir-se o banditismo no centro do paiz, já por vezes procurei o Exmo. Sr. Presidente da Republica, sem que dos informes prestados a S. Ex. e do entendimento havido resultasse medida alguma, ao que me conste, embora reiterasse o mesmo pedido desta tribuna.

Senhores, ao tomar posse da cadeira, que o eleitorado de minha terra me confiou, neste ramo do Parlamento, sciente, pelo labutar constante e continuo com os concidadãos do interior de diversos Estados, de suas necessidades multiplas, eu trazia arraigada em meu espirito a convicção de que o problema, que antes de outro qualquer ou de par com os outros urge ser solucionado, é o problema do transporte.

Tal convicção empolgou-me por completo, após a leitura meditada e reflecida dos escriptos dos Drs. Neiva e Penna e de tantos outros que teem tratado das cousas do interior.

Ouviu a Camara a desoladora noticia de que, em sua quasi totalidade, os habitantes de zonas de Goyaz estão contaminados do terrivel "morbus" descoberto e cuidadosamente estudado pelo Dr. Carlos Chagas e por isso mui justamente denominado mal de Chagas: mas, senhores, zonas outras e inteiras de nosso paiz tambem não o estiveram? S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas tambem não se encontraram flagellados por tal endemia, sem que, todavia, alguem ousasse taxar a raça ali existente de — "raça inaproveitavel"?

Ouçamos as referencias de Neiva e Penna em as M. do I. Oswaldo Cruz :

"A' medida que a civilização penetra, o bocio vae desapparecendo; pelo menos a observação do que se tem passado no Brasil é sem excepção favoravel a essa theoria. Em 1824 o bocio existia no Rio Grande do Sul e 20 annos mais tarde invadia Rio Pardo, Cachoeira e Caçapava, segundo nos informa Sigaud. Em 1844 o bocio era universal nas cidades paulistas de Jundiahy, Jacarehy e Mogy-Mirim e com a penetração do progresso o mal foi continuamente desapparecendo; era tão commum o bocio na Provincia de S. Paulo que Martius, ao figurar uma paulista, desenha-a com o bocio e mais recentemente ainda vemol-o desapparecer com a transformação operada na villa Curral del Rey, para dar logar á cidade de Bello Horizonte".

Senhores, não é simplesmente o progresso que faz recuar e desapparecer a endemia do mal de Chagas.

A facilidade dos meios de transporte, contribuindo para que o individuo melhor compensação encontre para o resultado do seu labor agricola, torna-o mais apto a melhor prover á sua alimentação e nutrimento, fazendo-se, é bem de vêr, mais efficiente a luta que suas energias vitaes possam oppôr aos embates dos ataques morbidos.

Aliás, Sr. Presidente, é isso mesmo que nos revela a historia de nossos nucleos centraes de população, outr'ora prosperos, graças á mineração do ouro, alimentada pelo trabalho do braço escravo e onde o bocio era quasi desconhecido e, hoje, completamente empobrecidos, uma vez que o trabalho da lavoura de que vivem presentemente não póde de modo algum fazer face e deixar proventos ante os meios de vehiculação de que dispõem actualmente.

A obra de Neiva e Belisario Penna dá idéa precisa do que são os meios de transporte no interior do Brasil.

"Alguem, reproduzindo em photographia a maneira de transporte usado no norte do Brasil, assignalou que identico systema era usado ha quatro mil annos pelos egypcios, esquecendo-se, porém, de accrescentar que certamente em melhores estradas. Entre a capital de Goyaz até Anhanguera ainda se adopa a liteira para o transporte de senhoras de melhor categoria. No rio S. Francisco e em alguns affluentes, além da navegação a vapor, existem barcos á vela, muito caracteristicos e pittorescos e pequenos bótes vulgarmente chamados "paquetes". O rio Tocantins é navegado por grandes batelões e nos rios mais despovoados o transporte de mercadorias faz-se em balsas construidas com os talos de burity."

Eu mesmo, Sr. Presidente, para chegar até esta Capital, em cumprimento do mandato que me tem sido confiado pelo eleitorado de minha terra, tenho, por vezes, viajado em balsas e canôas até encontrar um porto de viação fluvial a vapor.

Em outras paragens, assim dizem os illustres scientistas:

" E' necessario estabelecer vias de communicação, pois as que existem são absolutamente impraticaveis á penetração do progresso; tudo quanto a machina permitte crear, ali não póde ser aproveitado pela impossibilidade material de se transportarem machinismos pesados em caminhos intransitaveis e apenas transpostos pelos jumentos e muares de pequeno vulto, mal supportando, os mais possantes, peso superior a 100 kilogrammas. O primitivo carro de boi, quando existe, só encontra estrada penosamente carroçavel, entre o cannavial e o engenho. Para maiores distancias, não póde ser aproveitado, tal o estado das vias de communicação."

" Concorrer com todas as forças para isto, levando-lhes principalmente a immigração e as estradas, é necessidade que se impõe aos poderes publicos."

Ainda assim, Sr. Presidente, apezar de taes e tão inauditas difficuldades, aquelles que podem sobrepujal-as e prover melhor seu conforto e sua subsistencia raramente são compromettidas pelo Mal de Chagas, e, si acaso chegam a sel-o, de ordinario, o mal evolue benignamente e difficilmente incompatibilizal-os para a vida. E' o que se deprehende das proprias narrativas de Neiva e Penna.

Nas paginas da obra a que me venho reportando SS. EEx. se referem a diversos casos encontrados pelo interior a dentro, como, por exemplo, os casos observados no logar Angico. Os menores ahi nascidos e que contrahiram as molestias são papudos e, entretanto, têm o aspecto de saude, de perfeita robustez.

Exemplifiquemos com mais minucia:

A's pags. 202:

" A velha tem o bocio bem desenvolvido e diz que o contrahiu em Gilbués e bem assim os filhos mais velhos. Os menores nascidos em Angico contrahiram-no ahi. Toda familia tem aspecto de saude e robustez. Nenhum delles apresenta symptomas de perturbação nervosa ou do apparelho circulatorio."

204 :

" De 18 portadores de bocio por nós examinados, apenas um tinha um bocio de volume de uma pêra. Nenhum desses individuos apresentava qualquer manifestação da molestia Chagas, sendo todos robustos, aptos para o trabalho e de intelligencia normal."

206 :

" Casado, tem tres filhos homens, robustos todos, e uma filha moça, unica da familia com um pequeno bocio."

208 :

"Esse sitiante tem dez filhos, todos robustos, intelligentes, mas portadores todos elles do papo, sem qualquer outra manifestação de molestia de Chagas. A mãe dessa grande prole, senhora de 50 annos, é tambem papuda e robusta e sadia. A casa do sitio é apenas barreada e nella existe o barbeiro; mas, seus habitantes teem relativo conforto e alimentam-se bem. *Em outras habitações proximas onde dominam a pobreza e o desconforto, encontrámos, além de papudos, varias victimas das diversas modalidades graves da molestia: cretinos, mixedematosos, aphasicos e paraliticos.*"

Aliás, isso era de prever-se ante a pouquidade dos agentes transmissores infectados.

Em sua obra, e a que nos vimos alludindo, SS. EEx. exemplificam isto em diversas passagens.

"De facto, todas as pesquizas que fizemos afim de encontrar esta especie foram infructiferas; aliás, anteriormente á nossa passagem por alli, o Dr. A. Machado, que lá permanecera 15 dias, conseguiu obter apenas um exemplar e isto bem mostra a sua raridade; em compensação, obtivemos bastantes exemplares da *T. sordida*, que, em Porto Nacional, é sem a menor duvida o principal transmissor da molestia de Chagas; comtudo, não *encontrámos, nenhum exemplar infectado.* Recentemente o Dr. Machado referiu-nos que em Januaria, cidade mineira á margem do S. Francisco, e onde abundantemente grassa a tripanosomose, não lhe foi possivel encontrar nenhum exemplar da *T. megista*, o contrario do que pôde observar com a *T. sordida.*"

"... falta a circumstancia da nulla ou pequena proporção de triatomas infectada encontrada em localidades, onde o bocio é muito abundante, como Duro, Porto Nacional e Descoverto."

"Pela primeira vez desde o inicio da viagem, encontrámos o parasita causador da molestia em tres ninfas de *T. megista*, depois de centenas de exames negativos. Insistimos nos exames de novos insectos e não mais se encontrou parasita."

Mas, Sr Presidente, como não ser assim em uma zona onde as difficuldades de transporte chegam a tal ordem, que os proprios elementos necessarios á alimentação e nutrimento, á vida, tornam-se de impossivel acquisição para o proletario e o que produz não tem sahida, perde-se *in loco*?

Dando conta de tal estado de penuria, Neiva e Penna, na obra a que me venho alludindo, dizem e com inteira exactidão que o sal chega a custar 2$ o litro e o café 2$ o kilo, isto nas épocas normaes. Tornando-se, pois, taes productos inaccessiveis ás classes proletarias daquelles centros

Miseravel e defficientemente nutridos, graças aos motivos já expostos, poderiam esses brasileiros reagir, victoriosamente aos ataques de nossas endemias?

Ouçamos Belisario Penna em seu livro *S. do Brasil*:

"Ha, além dessas, uma peste, a que poucos escapam, peor que todas as outras e que de parceria com cada uma de las vae minando e destruindo a nossa gente rural e sertaneja; é a indigencia, attingindo innumeras vezes á miseria, com o seu calssico cortejo da deficiencia ou vicio da alimentação e ausencia dos alimentos de relativo conforto ou simples resguardo, como desasseio e a depressão physica e moral das suas victimas, presas indefesas das doenças."

Aliás, senhores, resistencia não lhes falta, são os proprios scientistas que de'la nos dão as melhores referencias. As pags. 200 e 220 das Memorias do I. Oswaldo assim referem:

"E' apezar de tudo isto, uma raça resistente, aproveitavel, vigorosa e digna de melhor sorte. O typo do vaqueiro das cátingas é um symbolo de destreza, de agilidade, de força e de resistencia."

"Em resistencia duvidamos que haja raça igual á do sertanejo do Nordeste. Dê-se-lhe carne do sol, farinha e rapadura, e elle caminhará á pé, sem desfallecimento, mezes a fio, por quaesquer regiões."

Vêem V. Ex. e a Camara, Sr. Presidente, que o magno problema do saneamento se relaciona muito de perto, se conjuga quasi, com a momentosa questão de viação.

Espalhe-se quinina a granel, mesmo a preços reduzidissimos, e continue insoluvel o problema dos transportes e veremos que o lavrador das zonas centraes do paiz raramente procurará tão util recurso prophylatico, porque lhe faltará o numerario para fazel-o, uma vez que o resultado de seu trabalho, continuando a não ter escoamento, não ter sahida, perde-se no ponto de producção.

Senhores, tem-se dito que diversos factores veem cooperando para entorpecer a marcha natural da acção que o poder publico pudesse desenvolver ao favor das regiões centraes do paiz. Um deles é o clima, o malsinado clima dos tropicos. Mas, Srs. Deputados, precisaria, porventura, accrescentar algum commentario ás considerações brilhantes e eruditas do illustre mestre, Sr. Azevedo Sodré, quando deliciou por alguns minutos este recinto com o notavel discurso a que alludi?

Não se fez ouvir depois a voz autorizada do representante da Amazonia, o meu illustre collega, Sr. Souza Castro!

Mas, Sr. Presidente, enalteçamos os dizeres de SS. EEx. com o testemunho de quem percorreu o paiz em consideravel extensão.

Assim se exprimem Neiva e Bellizario:

"E' absurda a accusação que se faz ao clima, afim de afastar a colonização estrangeira; ás margens dos grandes rios, onde a agua nunca falta, e que constituem quasi exclusivamente as unicas porções ferteis de toda a região, o clima é perfeitamente compativel com a vida humana de estrangeiro pertencente á qualquer raça; o essencial é melhorar as detestaveis vias de communicação, pois as existentes, incluindo a via ferrea e fluvial a vapor, são pessimas."

Um outro factor, Sr. Presidente, que vae cooperando para esse completo abandono é a fama negregada do impaludismo. Senhores, deante dos progressos feitos pela sciencia medica, no tocante a esta molestia, quer do ponto de vista prophylatico, quer do tratamento, deante do grande curto que foi a construcção do canal do Panamá, para não citar sinão um exemplo, mesmo que horrorosas fossem nossas endemias, acovardar-se quem quer que seja a tal occurrencia, jungir o progresso de nossa terra a tal factor, seria uma verdadeira mostra de inferioridade ante os outros povos, aliás indigna de quem já soube varrer de si a fama da pestilencia, com a extincção por completo da febre amarela.

Mas, senhores, as nossas condições, sob tal ponto de vista, não são tão precarias como se tem dito. Ainda aqui ouçamos quem palmilhou os centros do nosso paiz. Belizario Penna, ás pags. 113 de seu livro, assim se exprime

"Na excursão de 1912, através os sertões do Nordéste e de Goyaz, em que foram percorridos a cavallo mais de 4.000 kilometros, por uma comitiva de 12 pessoas, de que faziamos parte Arthur Neiva e eu, em época de vasantes e rios cortados, reinante o impaludismo em toda a parte, systematicamente, a não ser nas povoações, onde havia necessidade de demorarmos alguns dias, dormimos ao relento, afastados das casas, protegidos apenas por toldos ou pela cópa das arvores. Eramos perseguidos pelos mosquitos, e logares houve, onde as especies apparecidas foram sómente de anophelinas transmissores da malaria. Não usavamos a quinina sinão quando pernoitavamos em povoações suspeitas, e nunca a usavamos fóra desses casos. Pois bem, durante sete mezes, tantos quanto durou a excursão, nem um membro da comitiva soffreu de impaludismo."

Um outro facto, Sr. Presidente, que vem constantemente á baila, quando se cogita de quaesquer melhoramentos para as zonas centraes dos diversos Estados do Brasil, é a circumstancia de se tratar de zonas deshabitadas, despovoadas.

Já, em 1860, no dizer de Couto Magalhães, Corrêa de Moraes e tantos outros, que frequentavam constantemente aquelles remotos centros, sabiam-n'os habitados por mais de 600.000 almas.

De então em deante, Sr. Presidente, com as seccas do nordeste, com as valorizações da borracha, a população não fez sinão crescer e, segundo testemunho de Belisario Penna, o interior está hoje povoado por mais de um milhão de brasileiros.

Senhores, para a introducção de cerca de tres milhões de estrangeiros em nosso territorio, o paiz tem despendido cerca de tres milhões de contos, mais ou menos, segundo nol-o patenteou em discurso nesta Casa o nosso illustre collega Sr. Juvenal Lamartine.

Que ha despendido o Governo em próI dos nossos patricios que vegetam no interior? Sabe-se, Sr. Presidente, pelo testemunho de um outro Deputado do norte, o Sr. Luciano Pereira, que com brilho desempenhou o seu mandato neste ramo do Parlamento que do norte a Federação aufere de impostos arrecadados cerca de 200.000:000$000 e despende em beneficios, para ali, cerca de 50.000:000$000.

Dir-se-ha que o momento é difficil, estamos em crise deficitaria e não é possivel emprehenderem-se grandes obras de estradas de ferro.

Mas, Sr. Presidente, quando por toda a parte estão sendo avarentamente usadas as estradas liquidas, em diversos paizes se constroem canaes, melhoram-se rios, porque continuar o grande e inexplicavel abandono em que jaz o possante, o riquissimo systema de vias liquidas, com que franca e largamente a natureza nos dotou?

Porque se não estabelecer entre ellas e nos pontos julgados mais convenientes modestas estradas de rodagem, compativeis com as difficuldades financeiras do momento, mas que, innegavelmente, serviriam para despertar outra vida nas zonas centraes de nossos Estados?

Poderia, Sr. Presidente, me deter em largas minucias a proposito da navegação fluvial, em nossa terra, que conheço em grande parte, mas alludirei apenas ao Araguaya e ao Tocantins.

V. Ex. e a Camara sabem que estes dous rios possuem um curso de cerca de 4.000 kilometros de extensão, franca e perfeitamente navegavel a todo o tempo. Em seu relatorio de 911 o marechal R. de M. Jardim assim nol-o refere:

"E', entretanto, fóra de questão que tão extensa via fluvial, que poderá attingir a 4.000 kilometros de desenvolvimento, ou mesmo exceder essa extensão, si fôr aproveitado o grande numero de volumosos affluentes de um e outro rio na constituição da rêde fluvial, offerece base para uma grande empreza de resultados infalliveis e incalculaveis proventos, e sob a condição, porém, de serem-lhe applicados recursos sufficientes para serem removidos os obstaculos que se oppõem ao seu regular funccionamento, convindo notar que o emprehendimento, de que se trata, não aproveitaria sómente aos dous mencionados Estados, mas tambem aos do Maranhão e Pará, e indirectamente, aos do Piauhy, Bahia e Minas, que lhes são contiguos."

Pois bem, de toda esta longa extensão, apenas o baixo Tocantins em um curso de 300 e poucos kilometros está aproveitado, e isto mesmo, servido por um unico vapor, permanecendo em completo abandono todo o trecho restante, quer do Araguaya, quer do Tocantins.

Apezar do abandono pelo poder publico em que jazem os dous grandes rios nacionaes, os naturaes, que iniciaram alli em 1774 um systema de viação primitiva, manteem-n'o até nossos dias, e anno a anno nella empregam seus esforços, sinão para o engrandecimento do paiz, que não soube ainda utilizar-se completamente das energias latentes que possue, ao menos, homenageando seus maiores, para continuar a mostrar a praticabilidade daquella via liquida central. A este proposito, Neiva e Penna á pag. 210 das Memorias, assim dizem:

"... e com Belém do Pará pelos batelões e igarités do rio Tocantins. Os batelões têem uma cobertura de folhas de burity, e no Pará são conhecidos por *Mineiros*. Esses consomem trinta dias para descer o rio até Belém, e levam cinco mezes para subir *vasando* grande numero de cachoeiras.

Batelões ha, que carregam tres toneladas (aliás 30 a 45) de mercadorias. Assistimos a chegada de tres desses batelões e dous igarités carregados de mercadorias de Belém. A população accorre ao ponto em massa para assistir a atracação das embarcações.

Estas, antes de atracar, param do lado opposto do rio, onde a *marinhagem* toma banho e muda de roupa. Dahi trazem a vara dos batelões embandeiradas até o porto e durante esse tempo fazem grande algazarra, e de terra soltam-se foguetes. Todas as bandeiras que ornamentam os batelões eram as do *Divino*."

Utilizada, Sr. Presidente, de maneira mais intelligente e de accôrdo com os progressos actuaes, a rêde fluvial interna e ligada entre si, por intermedio de estradas de rodagem, em pontos julgados convenientes, ter-se-hia um systema de viação interestadual, capaz de prestar inestimaveis serviços a nossos abandonados patricios do interior de diversos Estados, no centro do paiz.

A ligação da bacia do S. Francisco ás do Tocantins e Araguaya foi estudada em 1875, por ordem do Governo Imperial, com o intuito de ligal-as por meio de estrada de ferro, julgado conveniente para tal fim o subaffluente do S. Francisco, o Sapão, por sua vez affluente do Rio Preto.

De um porto navegavel do Sapão a um porto do Rio do Somno, que afflue ao Tocantins medeia um trecho de 200 e poucos kilometros, de terreno sem accidentes notaveis.

Mais tarde, novos estudos foram mandados realizar por ordem do Governo da Republica, não passando, todavia, de estudos.

Um particular, brasileiro, maranhense, emprehendedor, energico e laborioso o Sr. Pedro Solino, resolveu então pôr mãos á obra e levar por deante aquillo que os Governos da Monarchia e da Republica não quizeram ainda fazer, e dentro em breve surgia, ligando o vale do Sapão ao vale do rio do Somno, uma excellente estrada, trafegada a carros de bois, com pontes em todos os corregos mais caudalosos, e depois um complementar serviço de balsas e canôas no rio do Somno.

Estava dado o primeiro passo, ficava evidente que entre os pontos terminaes de navegação do Sapão e Somno se interpunha um terreno francamente accessivel e apto em breve a receber um serviço de automoveis de carga, cuja acquisição S. S. se propunha fazer.

Dentro em pouco tempo dão-se disturbios em quasi todo o vale do Rio Preto, disturbios que alcançam Pedro Affonso, na confluencia do Tocantins e Somno, em Goyaz, e a obra cuidadosamente iniciada por Solino paralysou-se por completo, pois que, pouco depois são destruidas pontes, ranchos, casas, cercados e quantas outras bemfeitorias se atreveu aquelle esforçado brasileiro alli realizar. Não é menos accessivel, Sr. Presidente, o trecho que medeia entre Santo Antonio de Balsas, ponto terminal da viação a vapor, e o Tocantins.

Já foi estudado e reconhecido francamente aproveitavel o trecho que se interpõe entre Grajahú e um porto na bacia Araguaya-Tocantins.

V. Ex. e a Camara, Sr. Presidente, hão de relevar-me a ousadia de tomar parte no momentoso estudo dos problemas do saneamento e dos transportes no interior; era-me impossivel deixar de fazel-o, si não visando ou esperando, que a attenção dos poderes publicos brasileiros se volvesse para aquelles centros, ao menos para deixar consignado nos annaes desta Casa o meu protesto contra o estigma de "raça inaproveitavel" com que nos ferretoa uma das passagens desta obra a que me venho alludindo.

Senhores, que alguns estrangeiros aconselhem o exterminio da raça aborigene brasileira, comprehende-se atravez da preoccupação egoistica da absorpção das raças suppostas inferiores pelas raças julgadas superiores.

O que se não póde admittir, o que repugna ao mais elementar sentimento de solidariedade humana, é que tal conceito comece a transparecer, por entre phrases vagas, no seio mesmo de nossas classes cultas e lettradas.

Temos, é possivel, no centro do paiz, raças doentes, padecendo especialmente, graças á incuria de nossos governos; amparemol-as, si não, pelo seu valor, pelo que possam produzir, no presente momento ao menos em attenção ao facto de serem brasileiros, em attenção ao muito que já cooperaram para o desenvolvimento e beneficio collectivo em épocas anteriores.

Creio bem, Sr. Presidente, que tão logo esse amparo se faça sentir efficientemente, essa raça hoje estigmatizada de inaproveitavel, há, como em qualquer outro ponto, patenteará que mesmo doente, o brasileiro sabe desempenhar seus deveres em pról do progresso do nosso paiz.

Senhores, desde algum tempo, de uma festa de caracter verdadeiramente escolar, partiu o brado de que o Brasil era um vasto hospital. Mais tarde, da primeira autoridade da Nação, surgiu o conselho de intensificar-se o trabalho do cultivo da terra e do plantio. Que se observou neste tão fallado e malsinado vasto hospital?

Por todos os recantos da nossa Patria, as safras como que por encanto quasi, centuplicaram e dos mais longiquos rincões reclamam-se transportes para a producção da lavoura!

E', Sr. Presidente, a prova mais clara, mais evidente, mais palpavel que a directriz que vinhamos trilhando já se faz insufficiente e urge ao encararmos o problema do saneamento resolver, tanto quanto possivel, a magna questão do transporte.

Tenho concluido.

(*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado*).

Notas e informações

O Congresso Legislativo Goyano concedeu aos Srs. Ronan Rodriguez Borges e Sidney Pereira de Almeida privilegio por trinta annos para construcção, uso e goso de uma estrada de automoveis de Santa Rita do Parahyba a Mineiros, localidades estas do sul Estado e de grande futuro.

A proposito, telegrapham de Santa Rita do Parahyba que aquelles concessionarios da Companhia Auto-Viação Sul-Goyana dalli partiram a 11 do corrente mez para Rio Verde, em automovel, afim de promoverem a ultima[illegible] da prestadia empreza, que ha de abrir novos horizontes para a importantissima zona banhada pelos innumeros caudaes que desembocam no magestoso Paranahyba.

* * *

Consta que o Ministerio da Agricultura nomeou um dos seus auxiliares para escolher em territorio goyano o logar mais apropriado para a installação de uma fazenda modelo.

Quanto ao escolhimento em terras de Goyaz de um local mais apropriado para a installação de uma fazenda modelo, não é nada difficil, por isso que são sem conta as localidades que alli se prestam admiravelmente áquelle mister — difficillimo, porém, é escolher entre a confirmação desta noticia e a decepção que ainda uma vez o Ministerio da Praia Vermelha reserva aos goyanos...

* * *

O municipio de Catalão possue actualmente 80 mil cabeças de vaccuns, e 40 mil cabeças de suinos. Exportou no anno findo 100 mil saccos de arroz, 10 mil saccos de feijão, 3 mil arrobas de algodão e 500 mil alqueires de milho — alqueire de 80 litros.

A área do municipio é avaliada em 25 mil kilometros quadrados e a sua população em cerca de 40 mil habitantes.

Toda a sua producção, que crece de anno para anno, sahe para o Triangulo Mineiro e principalmente para S. Paulo, que a engloba na sua.

* * *

Vindo de Goyaz, a interesse de sua saude, esteve no Rio, de 30 de julho ultimo a 7 do corrente, o distincto goyano e nosso particular amigo, Sr. Joaquim Bonifacio de Siqueira, director e proprietario da "Nova Era", o magnifico e apreciado semanal da Capital Goyana.

Surprehendido com um telegramma de Goyaz, em que lhe era communicada a perda de um filhinho, o nosso illustre conterraneo sentiu-se na necessidade de regressar immediatamente ao lar enlutado.

"A Informação Goyana" acompanhando-o na dôr que o feriu, lastima tenha sido tão curta a sua permanencia entre os goyanos residentes no Rio.

* * *

Não ha duvida que vivemos num paiz singular!

Quando foi da propaganda do tão desejado Ministerio de Hippocrates, o pretexto era que o interior do Brasil não passava de um vasto hospital, inclusive, segundo affirmativas dos srs. Arthur Neiva e Belisario Penna — a área demarcada para a futura capital da Republica. Está ainda na memoria de toda a gente o quadro dantesco que aquelles dous alludidos emissarios de Manguinhos pintaram dos sertões goyanos e piauhyenses, daludismo,
guinhos pintaram dos sertões goyanos e piauhyenses, paludismo,
ves, tabagismo, alcoolismo, um horror!...

Votada, porém, a polpuda verba que o governo pediu ao Congresso Nacional para o urgente saneamento dos sertões interiores, é quando esperavamos que de Manguinhos partissem as primeiras caravanas de Esculapios para os insaluberrimos sertões goyanos, eil-os que partem, não para Goyaz ou Piauhy, mas para sanear o Estado do Paraná — tido e havido como a região mais salubre do Brasil inteiro...

Não será o caso do periquito comer o milho e papagaio levar a fama?

VARIOS ASSUMPTOS

SILVIO DE VILLAR, o scintillante chronista das "Impressões diarias", fazendo pelo conhecido "Diario de Noticias", da Bahia, de 20 de Julho ultimo, as mais lisongeiras apreciações sobre o estado actual das finanças goyanas, equivocou-se quando attribuiu a direcção do governo de Goyaz ao reverendissimo Bispo D. Thomaz de Aquino.

Este perdoavel equivoco do nosso collega, aliás, não nos causou admiração, porquanto de ha muito estamos convencidos de que quem menos conhece o Brasil, somos nós, os brasileiros. Mesmo aqui na Capital da Republica, onde o ensino da geographia e da historia patrias devia ser feito mais cuidadosamente, é communissima a confusão entre os dous ricos e prosperos Estados do Brasil Central — Goyaz e Matto Grosso. Quando alumno do Externato Pedro II, em 1911, perguntou-me um collega, hoje doutor em medicina, se Goyaz era porto de mar e se lá os indios andavam nús pelas ruas e matavam os civilisados a golpe de tacape...

Afim de evitar que outros chronistas incorram no mesmo engano quando quizerem escrever algo sobre as cousas de minha terra, aqui fica a declaração de que o Presidente de Matto-Grosso é Dom Francisco de Aquino Corrêa, Bispo de Prusiade, e o de Goyaz é o Des. João Alves de Castro, que assumiu as redeas do governo a 14 de Julho do anno passado.

Agradecendo ao Sr. Sylvio de Villar as magnificas referencias á administração goyana, pedimos-lhe venia para transcrevermos nestas columnas o seu artigo:

"IMPRESSÕES DIARIAS

Nestes tempos de irregularidades geraes, em que para qualquer lado que se olhe, principalmente em materia de administração, só se vêem "deficits" e perspectivas alarmantes, ao grito muito nosso conhecido de que "estamos á beira do abysmo", é sem duvida para causar espanto o que li hoje, num telegramma do Rio, concebido nos termos que vão a seguir:

"O Presidente do Estado de Goyaz telegraphou para aqui, informando que os pagamentos publicos estão em dia, tendo o Thesouro em caixa um saldo de 900:000$000."

A admiração que o facto desperta sóbe de ponto quando se vem a pensar que o longinquo e extensissimo departamento goyano não está nas mãos de nenhum politico profissional, ou conhecedor eminente da entrosagem administrativa, antes, pelo contrario, se acha entregue a um modesto prelado, que o dirige, e que, se me não equivoco, é o reverendisso Bispo D. Thomaz de Aquino.

Ora ahi têm os leitores como são as coisas...

Goyaz, pelo qual ninguem daria nada, perdido na sua solidão de campos desertos e "geraes" infinitos, dando uma licção soberba de progresso, de ordem, de economia e de orientação louvavel aos mais importantes e populosos Estados do Brasil!

Já outro dia, manuseando uma excellente revista sulista, de estatistica e finanças, tinha eu prestado a devida attenção a estas linhas, que me deixaram surprehendido, na realidade do esforço e boa vontade que representam:

"O governo goyano creou no anno passado, em todo o Estado mais trinta e quatro escolas, completamente apparelhadas para receber, cada qual, cincoenta alumnos.

Esse numero, no semestre que acaba de findar em 30 de Junho foi elevado a quarenta e pois, podendo distribuir instrução a duas mil e cem crianças."

E mais adiante:

"O mesmo governo esforça-se por fundar, brevemente, uma escola popular de veterinaria e agricultura na sua capital, tendo incumbido de estudor os planos da obra uma commissão de cinco membros, na certeza de que o futuro do Estado está na criação em grande escala, depois da guerra, e na lavoura intensificada em toda a sua producção."

Bello exemplo, não ha que duvidar!

Não seria tão digno de applausos que todos os outros Estados da Federação procedessem de egual modo, merecendo o apoio que ninguem lhes regataria?

Infelizmente a politica ahi está para perturbar essa obra grandiosa de trabalho e de iniciativa!

SYLVIO DE VILLAR."

* * *

No ultimo quinquennio, o rendimento das Recebedorias do Estado de Goyaz, proveniente de impostos sobre a exportação, foi o seguinte:

1913	619:946$544
1914	342:961$029
1915	426:929$084
1916	647:044$022
1917	766:940$759

Da arrecadação feita no anno passado pelas recebedorias, destacaremos a de Affonso Penna, que rendeu 539:885$650, e a de Pilões, que arrecadou 103:941$606.

A arrecadação das rendas no norte do Estado tem sido diminuta nestes ultimos annos, devido á má ou deficiente fiscalização das mesmas. O Presidente de Goyaz, porém, afim de evitar o contrabando de gado, já tomou as necessarias providencias, enviando para Jalapão, Taguatinga, Duro, S. Domingos e Posse os respectivos fiscaes acompanhados de contingentes da força estadoal.

Seria tambem conveniente a designação de um fiscal para o arraial de Riachão, por onde sahe para o visinho Estado de Minas (via Januaria) grande quantidade de bovinos.

* * *

Nos ultimos dez annos foi a seguinte a receita geral do Estado de Goyaz:

1908	977:701$744
1909	674:477$806
1910	880:840$128
1911	1.000:204$565
1912	1.084:392$955
1913	1.328:416$760
1914	1.122:967$666
1915	1.063:508$499
1916	1.615:245$384
1917	1.959:504$595

A despeza effectuada no exercicio passado montou em réis 1.581:608$443, isto é, 15:769$409 mais que a orçada. Mesmo assim, ainda houve para o Thesouro em saldo de 377:896$152.

Durante os mezes de Janeiro a Março do corrente anno a receita arrecadada foi de 258:219$381 e a despeza effectuada montou em 141:142$986, dando um saldo de 117:076$395.

* * *

O Congresso de Goyaz, que se encerrou a 31 de Julho ultimo, autorizou o Governo a fazer a nova organização judiciaria do Estado, até aqui regulada pela lei n. 188, de 13 de Agosto de 1898.

* * *

Na quarta sessão do Conselho Superior do Ensino, realizada em 24 de Julho p. findo, sob a presidencia do Dr. Brasilio Machado, foi lido o seguinte parecer:

"Parecer n. 8. — A Commissão supra tem presente o relatorio complementar do Sr. inspector do Lyceu de Goyaz. O Conselho Superior de Ensino, na sua reunião de Fevereiro, approvando o parecer da Commissão de Institutos de Ensino Secundario, solicitou novas informações, afim de poder se manifestar a respeito da equiparação deste Lyceu ao Collegio Pedro II.

No presente relatorio, o Sr. inspector presta as necessarias informações, enviando o numero do "Diario Official" do Estado de Goyaz, em que vem publicada a lei n. 580, de 12 de Junho do corrente anno, approvando o decreto n. 4.470, de 20 de Agosto de 1917, remodelando o Lyceu de Goyaz pelo Collegio Pedro.

Pelo que vem de expôr e nenhum dispositivo da lei contrariando o favor solicitado, conforme o relatorio do mesmo Sr. Inspector, julga a Commissão que póde ser concedida a equiparação.

Rio, 24 de Julho de 1918. — Aurelio Vianna. — Raja Gabaglia. — Carlos de Laet."

Daremos aqui, por simples curiosidade, algumas notas informativas sobre a fundação e a existencia do Lyceu Goyano.

Este instituto foi fundado pela Lei n. 29, de 20 de Junho de 1846, sendo Presidente da Provincia de Goyaz o Dr. Joaquim Ignacio Ramalho. De accôrdo com o seu primeiro regulamento, que data de 15 de Fevereiro de 1847, o seu curso compunha-se das seguintes materias: — portuguez, francez, latim, rethorica e poetica, metaphysica e etica, geographia e geometria.

Durante o longo e efficaz periodo de 72 annos de existencia, soffreu varias refórmas, dentre as quaes destacaremos:

a) em 5 de Julho de 1850 deu-se-lhe novo regulamento, ficando o ensino assim distribuido: 1ª cadeira—latim, em prosa e verso; 2ª cadeira — francez, em prosa e verso; 3ª cadeira — rethorica e poetica; 4ª cadeira — logica, metaphysica e etica; 5ª cadeira — geographia e arithmetica; 6ª cadeira — historia e geographia;

b) mais tarde, pelo regulamento de 1 de Dezembro de 1856, o seu curso foi augmentado com a creação da cadeira de philosophia racional e moral.

c) com a installação do Seminario Episcopal, inaugurado pelo reverendissimo Bispo de Goyaz, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, que tomou posse do Bispado a 12 de Setembro de 1867 e que serviu até 13 de Março de 1876, vespera de ser nomeado Arcebispo da Bahia, o governo goyano, de accôrdo com a resolução n. 417, de 7 de Novembro de 1868, autorizou o fechamento das aulas do Lyceu, o que, felizmente, não se executou para bem da mocidade estudiosa e maior renome dr. Ernesto Augusto Pereira, então Presidente da Provincia;

d) pela resolução n. 499, de 9 de Julho de 1873, sendo Presidente de Goyaz e Dr. Anthero Cicero de Assis, o governo ficou autorizado a conceder 3:000$000 annuaes, no maximo, a cinco estudantes pobres, filhos de Goyaz, que, tendo cursado o Lyceu, se achassem matriculados no 3º anno de qualquer das academias do Imperio;

e) pelo dec. n. 21 de 2 de Dezembro de 1893, o cargo de Director do Lyceu, que era, até então, exercido pelo Inspector Geral da Instrucção, passou a ser desempenhado pelo Director da Secretaria da Instrucção, Industrias, Terras e Obras Publicas, logar esse que foi mantido pela Lei n. 189, de 13 de Agosto de 1898, sob a denominação, porém, de Secretario de Estado dos Negocios da Instrucção, Industrias, Terras e Obras Publicas;

f) em 17 de Dezembro de 1906, o Director do Lyceu, Des. João Alves de Castro, hoje Presidente do Estado, requereu a sua equiparação ao Gymnasio Nacional, o que foi obtido pelo dec. numero 6.630, de 5 de Setembro de 1907, sendo nomeado fiscal do governo federal, provisoriamente, o Dr. Jeronymo Rodrigues de Moraes;

g) pelo dec. n. 1.855, de 23 de Fevereiro de 1907, deu-se novo regulamento ao Lyceu, que vigorou até as vesperas da desorganização geral do ensino secundario no Brasil, graças a acção desastrada do Dr. Rivadavia Corrêa, quando Ministro do Interior no quadriennio de 1910 a 1914.

Já agora, passada a onda nefasta e anniquiladora do periodo marechalicio, com a reorganização do ensino publico levada a effeito pelo actual Ministro da Justiça, Dr. Carlos Maximiliano, os goyanos, que se vêem privados do seu mais antigo, glorioso e reputadissimo instituto secundario, reclamam do governo federal a equiparação do Lyceu ao Collegio Pedro II. No intuito de obter essa justa aspiração de toda uma mocidade sacrificada, na sua maioria de rapazes pobres, o Presidente de Goyaz não só completou o gabinete de physica e chimica do Lyceu, como expediu o dec. n. 4.470, de 20 de Agosto do anno passado, remodelando-o ao Collegio Pedro II.

Assim, pois, com o recente decreto de sua equiparação, o Estado de Goyaz já se acha dotado de um instituto official, unico que ha longos annos vem prestando reaes beneficios á intelligente e estudiosa mocidade de minha terra.

* * *

A "Societé Internacionale des Voies Ferrées et Travaux" propoz na 4ª Vara Civel, desta Capital, uma acção ordinaria contra a Companhia Estrada de Ferro Goyaz, allegando haver celebrado com a ré em contrato pelo qual ambas as partes rescendiam das convenções ajustadas entre ellas e, consequentemente, desistiam de reclamações aos embargos feitos sobre os bens da ré mediante as seguintes obrigações:

a) pagamento de um milhão de francos com garantia por aceites e vencimentos, sendo o primeiro em 2 de Janeiro ultimo e, os outros, de 3 em 3 mezes renovaveis por 90 dias;

b) a lhe entregar dous milhões de francos em obrigações ao portador, de 500 francos cada uma ao juro de 4 % em garantia da primeira hypotheca, vencendo-se os juros a partir de 1 de Julho p. findo; e

c) mais seis milhões de francos em obrigações ao portador de 500 francos cada uma, com garantia de segunda hypotheca a juro de 5 %.

Diz a autora que cumpriu todas as obrigações, o mesmo não se dando por parte da ré, que sempre procurou fugir ao cumprimento do contracto.

Deante disto e depois do que já sabemos com relação á desventurada Companhia, é o caso de perguntarmos aos goyanos:

— Nutrem Vocês ainda alguma esperança?

O melhor é o Governo mandar collocar na estação de Roncador, em lettras bem grandes, aquelle celebre verso que o divino Dante diz ter lido á porta do Inferno...

* * *

Na segunda quinzena de Julho ultimo, os preços correntes em Goyaz (Capital) dos productos de importação eram os seguintes:

Sal, sacco	23$000
Kerosene, lata	30$000
Manteiga:	
Demagny, mineira, lata	3$800
Outras marcas, lata	2$800
Biscoutos inglezes, lata	10$000
Biscoitos nacionaes, lata	5$500
Velas brasileiras, maço	2$800
Outras marcas, maço	2$200
Arame farpado, rôlo	60$000
Macarrão, 15 kilos	52$500
Trigo, 15 kilos	22$000
Carbureto, 15 kilos	45$000
Cerveja Antartica, caixa	110$000

Ha grande falta de kerosene e gazolina, não havendo mais em deposito a manteiga Demagny franceza.

* * *

Damos abaixo a média dos preços dos artigos de exportação que se venderam no mercado de Goyaz na ultima semana de Julho ultimo, segundo a tabella official:

CAFE':			
Goyaz, 15 kilos			12$300
Rio, 15 kilos:			
Typo 4			9$200
Typo 6			8$600
Typo 8			8$000
Typo 9			7$700
ASSUCAR:			
Goyaz, 15 kilos			6$500
Rio, 15 kilos:			
Crystal branco, novo, superior	11$700	a	12$000
Crystal amarello	9$750	a	10$050
Terceira sorte	10$500	a	10$800
Mascavo superior	6$750	a	7$050
AGUARDENTE:			
Goyaz, pipote			30$000
Rio, pipa de 480 litros:			
Cachaça	260$000	a	270$000
Canna	280$000	a	290$000
ALCOOL:			
Goyaz, pipote. Não houve.			
Rio, pipa:			
Commum, de 38° a 40°, desencascado	400$000	a	410$000
Bom, de 42°, desencascado	430$000	a	440$000
ARROZ:			
Goyaz, 80 litros (pilado)			19$200
Rio, 60 kilos:			
Mercado firme.			
Brilhado, de 1ª	50$000	a	52$000
Idem de 2ª	42$000	a	45$000
Bom	34$000	a	36$000
Regular	30$000	a	32$000
Branco do Norte	32$000	a	35$000
Rajado, do Norte	28$000	a	31$000
Meio arroz	26$000	a	29$000
Sanga	22$000	a	25$000
AMENDOIM:			
Goyaz. Não houve.			
Rio, 25 kilos (em casca)	11$500	a	12$000
FEIJÃO:			
Goyaz, 80 litros			8$000
Rio 60 kilos:			
Preto superior	18$000	a	20$000
Dito, regular	15$000	a	17$000
Outras procedencias:			
Manteiga	24$500	a	25$000
Enxofre	22$000	a	24$000
Branco	20$000	a	23$000
Mulatinho, superior	23$000	a	25$000
Outras côres	20$000	a	25$000
FARINHA DE MANDIOCA:			
Goyaz, 80 litros			12$800
Rio, 45 kilos:			
De Porto Alegre, especial	24$500	a	25$000
De Laguna:			
Peneirada	17$000	a	18$000
Grossa	15$000	a	16$000

De outras procedencias:

Fina	20$000	á	22$000
Peneirada			18$000
Grossa			16$000

MAMONA:

Goyaz, 80 litros			12$000
S. Paulo, 1 kilo:			
Grauda	$750	a	$760
Média	$770	a	$780
Misturada	$790	a	$800
Miuda	$750	a	7$60
Com casca			$200
Rio			$

MILHO:

Goyaz, 80 litros			10$400
Rio, 60 kilos:			
Milho vermelho	11$500	a	11$800
Milho Branco	11$000	a	11$500
Milho mesclado	10$000	a	10$500

POLVILHO:

Goyaz, 80 litros			34$400
Rio, 1 kilo;			
Rio	$700	a	$740
Porto Alegre	$700	a	$750
Minas, S Paulo e Santa Catharina..	$650	a	$700

TOUCINHO:

Goyaz, 15 kilos			10$000
Rio, 15 kilos:			
Commum	18$000	a	19$500
De fumeiro	22$500	a	24$750

CARNE SECCA:

Goyaz, 15 kilos	11$700
Rio, 15 kilos	37$500

Damos a seguir o preço em Goyaz de outros generos de exportação:

Peixe secco, 15 kilos	20$000
Sabão, 15 kilos	12$300
Farinha de milho, 80 litros	16$000
Batata doce, 80 litros	8$000
Alho, 1 restea	$500
Couro de caça, um	3$250
Leitão, um	4$800
Gallinha, uma	$920
Queijo, duzia	14$000
Requeijão, duzia	14$000
Ovos, duzia	$600
Rapadura, carga	30$000

* * *

Após dez longos mezes de interrupção, motivada pela transferencia do collegio "Amor e Luz" de Ipameri para Catalão, apparreceu nesta ultima cidade, a 14 do mez de Junho, o n. 7, do "A. B. C.", orgão litterario, scientifico e noticioso daquelle collegio.

O distincto professor Sr. João Guilherme Chaves, sob cuja responsabilidade se acha a direcção do importante instituto de ensino goyano, comprehendeu desde logo que, sem as columnas de um periodico proprio, onde os alumnos revelam trimestralmente o grão de aproveitamento e os professores melhor desenvolvam as suas idéas evangelizadoras, seria impossivel o completo desenvolvimento da educação moral e intellectual de seus discipulos. Assim, vencendo todas as difficuldades oriundas de um meio ingrato como é o sertão, sempre falho de recursos, só com a força inabalavel de seu espirito de iniciativa, ao qual se allia a boa vontade da sociedade catalana, continuou na publicação do "A. B. C.", que é uma prova eloquente do progresso do "Amor e Luz", que tão proficientemente dirige.

* * *

A falta absoluta de transportes, nos precarios dias que correm, não é o problema exclusivo do Estado de Goyaz, mas de todo o Brasil.

A intensificação da producção nacional, officialmente recommendada aos agricultores, esbarra-se ante esse angustioso ponto de interrogação, que é como um — alto lá ! — á boa vontade dos que mourejam dia e noite na lavoura. Já disso está sufficientemente inteirado o joven Commissariado de Alimentação Publica, que se sente tolhido dos pés e das mãos, sem animo para agir.

Deem vias de communicação ao Brasil e ninguem mais morrerá de fome, clamam unisonas todas as boccas.

Ha alguns annos, o governo federal, sentindo a necessidade de ligar o interior do paiz com os centros consumidores do litoral, resolveu mandar construir uma estrada de ferro de Formiga, em Minas, ás margens da Araguaya, passando pela capital do Estado de Goyaz. Para ainda mais abreviar a exportação rapida dos productos goyanos, ficou resolvida a construcção do ramal Araguary-Catalão, continuando, porém, de Goyandira, os trabalhos da E. F. Goyaz.

Por motivos assás conhecidos dos nossos leitores, essa via ferrea encravou-se no rio Corumbá, em Roncador, talvez á espera de que o Araguaya se lhe approxime...

Os goyanos, cançadissimos de esperar por ella, pediram ao governo estadoal providenciasse no sentido de ser construida uma linha de automoveis, para mercadorias e passageiros, entre Roncador e a Capital.

O privilegio coube ao Coronel Edmundo de Moraes que, sem perda de tempo, lançou mãos á obra, incorporando logo a "Companhia Auto-Viação-Goyana", composta dos melhores elementos do Estado.

O Congresso Federal, querendo auxiliar a empreza, concedeu-lhe 250 contos, que só seriam entregues á Companhia depois que o governo de Goyaz e alguns municipios beneficiados lhe tivessem tambem prestado o seu auxilio.

Uma vez satisfeita a condição exigida pela vigente lei orçamentaria, o Coronel Ed. de Moraes, munido dos competentes documentos, apressou-se em vir ao Rio afim de obter aquelle favor da lei.

O Director-gerente da "Auto-Viação Goyana" que tem empregado todos os seus esforços em beneficio da justa causa que representa, já apresentou ao Exmo. Sr. Presidente da Republica um longo e substancioso memorial sobre a marcha dos serviços e as grandes difficuldades com que vem lutando a Companhia.

Consta por ahi, conforme nos disseram, que ha má vontade por parte do Governo da União em lhe ser entregue, total ou parcelladamente, a verba votada pelo Congresso.

Tal boato, porém, não é verdadeiro. Ninguem mais interessado na construcção da referida via de transporte do que S. Ex. sob cujo governo foi votado o auxilio, tanto mais que se trata de um melhoramento util e inadiavel, por isso mesmo superior a qualquer vingança politica.

De antemão podemos affirmar que o Dr. Wenceslão Braz ha de prestar mais esse relevante serviço aos milheres de brasileiros, laboriosos e intelligentes, que, atirados ao coração do paiz, têm vivido até hoje esquecidos dos favores da União.

* * *

O Governo de Goyaz designou o Dr. Xavier de Almeida, ex-Presidente do Estado, para represental-o no proximo Congresso de Geographia a reunir-se em Bello-Horizonte em Outubro vindouro.

Infelizmente, as questões de limites inter-estadoaes serão discutidas e resolvidas definitivamente neste Congresso, como sempre desejaram os mineiros.

A solução do magno problema, que ha tanto tempo preoccupa os governos estadoaes, sobretudo os dos Estados pequenos e desprotegidos, não póde nem deve ser entregue a Congressos como o de Bello Horizonte.

A ALTERAÇÃO DOS LIMITES ACTUAES OU ADOPÇÃO DE NOVOS LIMIITES é uma questão essencialmente de ordem politica e só se resolve "POR ACCORDO entre os Estados e a competencia é das legislaturas estadoaes, com a sancção do Congresso Nacional", competindo apenas ao legislador federal sellar o accôrdo.

Em se tratando, porém, da VERIFICAÇÃO OU MANUTENÇÃO DOS LIMITES ACTUAES, a questão, que é caracteristicamente juridica, "se manifesta POR ANTOGONISMO entre os Estados esta jurisdição compete á justiça da União, competindo apenas ao judiciario federal resolver o antogonismo. Isso diz e escreveu o grandioso Ruy Barbosa ("Amazonas ao Acre Septentrional", vol. I, pgs. 115 e 117).

Assim pensam tambem o illustre ministro Pedro Lessa ("Do Poder Judiciario", pg. 69); o professor e jurisconsulto Mendes Pimentel ("Fronteiras interestadoaes — Memoria do Estado de Minas Geraes", vol. I, pags. 6 e 7); o eminente Carlos de Carvalho ("Historia Constitucional da Republica", vol. III, pg. 103, por Felisbello Freire), e muitos outros.

Foi com elles que aprendemos

Mais ainda: é o que está nos arts. 4, 34, n. 10 e 59, I, letra "c" da Constituição Federal.

Onde os guardas vigilantes da Constituição ?

Para certas questões, excesso de escrupulos; para outras, nenhum.

V. C. R.

A herança do dr. Corumbá

Na sessão da Camara dos Deputados de 12 do corrente mez o nosso illustre collaborador dr. Olegario Pinto pronunciou um interessante discurso, do qual destacamos a parte que se segue:

"Interessante é o outro assumpto que me trouxe á tribuna. Um illustre goyano, João Gomes Machado Corumbá, doutor em mathematicas, rico e solteiro, fez em 1844, testamento, legando toda a sua grande fortuna á Nação Brasileira, sob a condição de serem os seus bens convertidos em titulos de renda que seria applicada na manutenção de duas aulas de geometria no Estado de Goyaz.

Tenho aqui o testemunho do dr. Corumbá, que diz:

> "Constituo a Nação Brasileira por minha universal herdeira, determinando que o cabedal que possuo seja entregue ao Ministro do Imperador, ao qual Ministro seja o da Instrucção Publica e constituido o capital em renda e esta applicada para propagação da geometria na provincia de Goyaz ou na cidade de Goyaz ou na villa de Santa Cruz, podendo ser em ambas as partes".

Essa disposição de ultima vontade foi feita em 5 de Dezembro de 1844 e em 29 de Maio de 1850 fallecia, no Rio de Janeiro, o testador. O testamento foi approvado por Antonio Francisco dos Santos Silva, tabellião publico, do judicial de notas, e aberto a 29 de Maio de 1850, no Rio de Janeiro, pelo dr. juiz provedor, José de Siqueira Barbosa de Madureira e Queiroz. Apresentado pelo juiz dos Ausentes em 30 de Maio do mesmo anno, foi acceito pelo procurador dos Feitos da Fazenda, Joaquim Bandeira de Gouvêa, que prometteu cumprir em todos os seus termos a vontade do testador.

São passados 68 annos. No tocante á disposição desse testamento, projectos têm sido apresentados, informações e providencias têm sido solicitadas do governo, mas sem que obtenhamos resultado algum.

Sabemos que pertenciam ao espolio do dr. Corumbá além de consideravel quantidade de barras de ouro, apolices e predios, sendo que em um destes funcciona presentemente o Lyceu Goyano.

Este predio tem soffrido grandes reparos, para o sua conservação, despendendo com isso o governo do Estado grandes quantias.

Não ha muito tempo, quando Ministro da Justiça o eminente Senador Epitacio Pessoa, fez S. Ex. baixar o seguinte aviso:

> "Em resposta ao officio n. 4, de 25 de Fevereiro ultimo, communico-vos que nesta data reitero ao Ministerio da Fazenda a expedição das necessarias ordens, afim de que se torne effectiva a transferencia dos bens deixados pelo dr. João Gomes Machado de Corumbá para o custeio de uma cadeira de geometria neste Estado, mantendo-se a obrigação indicada pelo testador".

Este aviso é de 29 de Março de 1901 e tem o n. 764.

Em 1905 o fallecido senador José Joaquim de Souza pediu ao governo informações, accentuando que "a Nação Brasileira, instituida por herdeira, não tinha mais, do que as honras de ser administradora desse patrimonio, não podendo absolutamente dispôr delle, nem dar-lhe outra applicação; a Nação Brasileira participa dessa herança, porque Goyaz faz parte da Nação até hoje na Republica Federativa; os demais Estados participam na contemplação do ensino dessa disciplina no Estado de Goyaz e tambem podem participar pelos serviços que nelles possam prestar os instruidos nessa mesma disciplina".

Sr. Presidente, até hoje o governo não disse em quanto montava esta herança, onde páram as apolices. O' que se sabe é que foram recolhidas ao Thesouro da então provincia, a qual mais tarde as devolveu ao Thesouro.

Trata-se de uma questão, agitada, já ha mais de meio seculo, e como agora é minha intenção solucional-a envio á Mesa um projecto que, espero, será convertido em lei, porque o direito e a justiça asseguram que essa herança e seus rendimentos pertencem ao Estado de Goyaz.

Era o que eu tinha a dizer. (*Muito bem; muito bem*).

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favôr de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A Informação Goyana" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A Informação Goyana".

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA — Redactor: PROF. EUZEBIO DE ABREU

COLLABORADORES: Drs.: Leopoldo de Bulhões, Miguel Calmon, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, Hermenegildo de Moraes, Ayres da Silva; Almirante José Carlos de Carvalho, Eduardo Socrates, Plinio de Castro, Felix Fleury, Azevedo Pimentel, Campos Curado, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Olegario Pinto, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, Coronel Annibal Porto, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, J. Monteiro da Silva, Moysés Sant'Anna e outros conhecedores do *hinter-land* brasileiro.

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1918 — VOL. II—N. 2

SUMMARIO

A Companhia Estrada de Ferro Goyaz

A receita e a despesa das secções de Formiga e Araguary em 1917 *e no* 1.° *semestre de* 1918. *O desenvolvimento economico de Goyaz.*

No ultimo numero desta revista salientamos a grande importancia que as vias rapidas de transporte representam para a economia de Goyaz. Ellas não só concorrem para a restauração das finanças do Estado, como, de modo efficaz, desenvolvem extraordinariamente as suas innumeras e multiplas fontes de cultura. Dissemos que as rendas arrecadadas pela Estrada de Ferro Goyaz em territorio goyano, num percurso de cerca de 176 kilometros apenas, excederam, no 1.° semestre do corrente exercicio, as melhores espectativas.

O movimento commercial desse pequeno trecho é evidente. Os novos dados que hoje apresentamos aos leitores confirmam ainda mais as nossas asserções. Vêem-se, por elles, que na secção de Araguary não houve um só mez, durante o longo periodo de Janeiro de 1917 a Junho p. findo, em que a despesa fosse superior á receita, o que não aconteceu com a secção de Formiga, em Minas, numa extensão já em trafego de mais de 400 kilometros, onde os *deficits* são mensaes e não pequenos. Damos a seguir, o movimento da receita e despesa da Companhia naquellas duas secções :

SECÇÃO DE FORMIGA

(1917)

Despesa	776:914$694
Receita	483:548$137
Deficit	293:366$557

(1.° SEMESTRE DE 1918)

Despesa	432:423$284
Receita	328:688$144
Deficit	103:735$140

SECÇÃO DE ARAGUARY

(1917)

Receita	711:892$803
Despesa	501:499$228
Saldo	210:393$575

(1.° SEMESTRE DE 1918)

Receita	412:692$353
Despesa	243:382$207
Saldo	169:310$146

A vista dos algarismos acima, não precisavamos accrescentar mais nada quanto ao valor economico da secção de Araguary. Ao saldo por ella arrecadado em 1917 faltaram 83:000$000 para eliminar o *deficit* verificado no mesmo periodo na linha de Formiga, sendo que, no 1.° semestre deste anno, a Companhia obteve um saldo total de réis 65:575$006, graças á exportação goyana pela secção de Araguary.

SECÇÃO DE FORMIGA

(1917 E 1.° SEMESTRE DE 1918)

Despesa	1.209:337$978
Receita	812:236$281
DEFICIT	397:101$697

SECÇÃO DE ARAGUARY

(1917 E 1.° SEMESTRE DE 1918)

Receita	1.124:585$156
Despesa	744:881$435
SALDO	379:703$976
DEFICIT TOTAL	17:397$976

Quer isto dizer que ao saldo verificado na secção de Araguary no periodo de Janeiro de 1917 a Junho de 1918, pouco faltou para annullar o *deficit* existente na secção de Formiga. Apezar de ser o *deficit* total de 17:397$976, ousamos affirmar que a situação financeira da Companhia é a melhor possivel, havendo probabilidades seguras da entrar num periodo de franco crescimento de suas rendas.

Este verificar-se-á tão logo fique a Oeste de Minas li-

gada com Angra dos Reis e construido o trecho de Patrocinio a Catalão. Uma vez assim solucionado o problema, o movimento do trafego de Goyaz para aquelle porto de mar certamente assegurará a remuneração dos grandes capitaes empregados na construcção da estrada.

Para terminar, não devemos esquecer que a Companhia já pagou ao governo goyano o saldo das contas correntes relativo aos mezes de Setembro de 1917 a Abril do corrente anno, na importancia de 229:798$246, restando-lhe ainda effectuar o pagamento do saldo da C/c dos mezes de Maio a Julho ultimos, na importancia total de 139:521$270.

Uma via ferrea ainda no inicio de sua construcção, só com algumas centenas de kilometros em trafego, que, numa época anormal como a presente, ao fim de 18 mezes, apresenta um *deficit* insignificante de 17:521$270, nada tem que temer; póde confiar cégamente no seu futuro.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

A Cruz do Anhanguera

Major et longinquo reverentia

A cruz do Anhanguera vae ter, emfim, um monumento condigno na capital de Goyaz.

Relembremos a memoravel sessão civica de 15 de Novembro de 1914, realizada em Catalão, onde a velha cruz foi exposta, louvavel e patriotica lembrança da Maçonaria que a fizera transportar da estrada do Porto Velho, fazenda dos Casados, onde existia *abandonada* ha perto de duzentos annos!

Não se descreve a commoção que toda assistencia experimentou ao deparar aquelle vetusto madeiro carcomido pelo tempo, os braços mutilados pelo abandono; a mesma cruz que, em uma radiosa manhã de 1722, (1(o audaz bandeirante cravara no solo goyano, ao pisar terras virgens e empregnadas desse mysterio do desconhecido, na ancia palpitante de novas e bellas energias que aspirâvam florescer...

Ousamos dizer, sem exagero, que devemos á sociedade maçonica de Catalão, a salvaguarda dessa reliquia historica, quiçá a maior do Estado, precioso marco plantado pela mão piedosa do precursor da civilisação de Goyaz, symbolo da fé christã que transpunha montanhas e significativo signal de uma heroica esperança que renascia ao contacto de uma nova terra que se entregava ao explorador Anhanguera.

Maior não poderia ter sido a significação historica que emprestou áquella commemoração civica o apparecimento da velha Cruz.

Ella evocou o passado do Brasil, as suas glorias, as suas lutas, a formação da sua nacionalidade, onde se perpetuam a energia indomita do caboclo, a resistencia e a bondade do negro e as varonis qualidades da raça portugueza de navegantes e batalhadores atravez da Historia.

Ella rememorou, mais do que isso, as façanhas dos bandeirantes, conquistadores, pesquizadores e desbravadores, correndo sempre em busca da serra das "Esmeraldas" que como um ideal, teimava em não ser attingida...

Catalão tem, pois, a primazia na patriotica lembrança do monumento que se vae erigir na capital e a salvação da historica cruz do Anhanguera é obra inteiramente sua.

(D'"O Anhanguera"). *A. Mendes de Almeida.*

(1) Esta data não está certa.

Depoimento de um official russo que appareceu em Goyaz em 1914

Copia Termo de declarações que faz Miguel Romanoff Romanorscy de Svanetia. Nos cinco dias do mez de Junho de (1914) mil novecentos e quatorze, nesta Capital de Goyaz, na Chefatura de Policia deste Estado, presente o Exmo. Senhor Doutor Chefe de Policia, commigo escrivão de seu cargo abaixo assignado, ahi compareceu o Cidadão Miguel Romanoff Romanorscy de Svanetia, com trinta e oito annos de edade, solteiro, natural de Moscou, na Russia, residente nas margens do rio Araguaya, declarou o seguinte: que vindo de uma viagem da sua residencia, emquanto descançava para almoçar, sentiu-se agarrado por detraz e que o cobriam com uma capa; que um dos aggressores, tirando um punhal, cravou-o na perna direita do depoente; que apezar de se defender, não conseguiu de não ficar ferido; que roubaram do depoente um cavallo castanho escuro, sellas, estribos de prata, tres kilos de esmeralda, sete kilos de ouro, quinhentas grammas de platina, aguas marinas, dous kilos de turmalinas e mais outras differentes pedras preciosas, como diamantes alvos e verdes, no valor de cem contos de réis em moeda forte (100:000$000); que roubaram tambem em dinheiro, — um conto e seiscento mil réis em moeda nacional, documentos de sua identidade, plantas medicinaes, topographicas, e amostras das aguas thermaes, carvão, kerosene e outros metaes de pouca importancia, que o depoente pretendia mostrar ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado, que é o motivo de sua viagem; que são tres os aggressores: Joaquim de Souza e José dos Santos, digo Manoel de Souza, bahianos, com trinta annos de edade, residentes em Côco, Estado da Bahia, e José dos Reis, com trinta e dous annos de edade, residente em Januaria, Estado de Minas Geraes, os primeiros de côr branca e o segundo preto. E por nada mais saber, nem lhe ser perguntado, deu-se por findo este termo que, depois de lhe ser lido e o achar conforme, vae assignado pelo depoente, pelo Exmo. Senhor Doutor Chefe de Policia. Eu, Joaquim Luiz Brandão, o escrevi. A. Povoa. Michael Romanoff Romanorscy de Svanetia.

Confere. Conforme.

Luiz Gaudie Fleury. *Serra Dourada.*

Capitão Gumes Pinheiro

O nome benemerito deste grande sertanista ficou legendario na memoria dos habitantes da vasta extensão que separa Goyaz de Cuyabá, de preferencia nas margens do Alto-Araguaya.

Um ex-presidente da então provincia de Goyaz, visitando-o em sua fazenda de Itacajú-Grande, assim se referiu ao ultimo dos bandeirantes paulistanos:

" Não achámos o Capitão Gomes; estava em seu "rocio", a quatro leguas da margem direita do rio (Araguaya).

Mandamos chamal-o.

A 24, pelas 8 horas da manhã, ahi esteve o paulista, maior de 70 annos, alto, moreno, mas forte e robusto como se contasse 20 annos apenas. A sua falla, o seu gesto, o seu andar, os seus costumes, revellam o paulita dos velhos tempos; basta ouvil-o para se o proclamar — filho da terra de Amadeu Bueno.

O sertanejo teve extraordinaria satisfação ao ver-me; era um patricio que ali estava e que lhe dava noticias da terra natal. Conversamos muito sobre os homens e as cousas de Itapitininga,Faxina, Tatuhy, Sorocaba, Porto-Feliz, Itú, etc.

Mostrou-me elle o estaleiro onde se armou o vapor *Araguaya*, que primeiro sulcou aquellas aguas.

E como este vapor chegou ás barrancas daquelle rio?

O illustre Couto de Magalhães o comprára em Cuyabá, e como transportal-o a 150 leguas por caminhos abertos pelo facão do sertanejo, subindo e descendo a serra da Chapada, ou de S. Jeronymo, atravessando o sertão povoado de indios?

Appareceu-lhe um homem que lhe disse um dia: — "Se *vancê* quizer eu levo e *bóto* esse vapor no Araguaya."

Couto de Magalhães, que já o conhecia, contratou com elle o transporte do seu vapor. Desmontal-o e collocal-o em pedaços no carro do intrepido sertanejo, foi a cousa mais facil deste mundo, e o resto? O resto corre por conta do audaz paulista, que diz — é possivel — quando todos lhe bradam — é impossivel!

E o Capitão Gomes, com uma *boiada* em cada carro, enfia a sua caravana pelo sertão, sóbe e desce serras, atravessa rios, recebe ataques dos indigenas, que o perseguem por muitos dias, e defende-se, e, apoz mezes de trabalho insano, gigantesco, desesperado e horrorosamente pesado, chega na sua fazenda, levanta o estaleiro, e com o machinista que o acompanhava, arma o vapor e o atira nas aguas do Araguaya!

Eis um admiravel e grande feito!

E o rio, recebendo o choque das rodas do progresso, cómo que o proclamava heróe daquellas desertas paragens.

E assim iniciou-se a navegação daquelle rio, impellida unicamente por uma cabeça e por um braço: essa cabeça é uma gloria de Minas, esse braço um orgulho de S. Paulo!

O Capitão Gomes é um fazendeiro de criar. Vimos parte do seu gado, como o melhor que se conhece no Brasil; é possuidor de "num mundo de terras"; tudo quantod se avista em torno de sua moradia, e ainda muito além, é seu; annualmente faz uma viagem á capital de Matto-Grosso com os seus carros, levando couros e generos alimenticios."

O grande e ultimo dos bandeirante paulistas veio a fallecer aos 80 annos de idade, conservando, todavia, o animo que lhe valera o nome de guerra que ainda não se apagou da memoria dos sertanejos goyanos e matto-grossenses.

JURAMENTO DA BANDEIRA

Allocução pronunciada pelo Dr. Americano do Brasil

Sempre nos foi satisfação e honraria grata fallar ao coração da mocidade nos dias de suas laureas e de seus triumphos; sempre nos foi agradavel fallar nas apotheoses da mocidade, quando os conceitos de suas inspirações tendem a acobertar com o seu sendal de patriotismo as causas da Patria; e muito maior satisfação nos tem sido ainda fazer-nos ouvir no seio amoravel da juventude de nossa terra natal.

Então, nessas horas solemnes de amor e fraternidade, tudo que a lhaneza e a modestia do nosso espirito conseguem no encadeamento das idéas, nós lhe offerecemos como dadiva humilde mas ascendida de significação, ora despertando-lhe o enternecimento da imaginativa e os arroubos tradicionaes do sentimento e das grandezas de nossa terra, ora innoculando-lhes em porções gradativas e cadenciadas, as proposições reflexivas que nos conduzem ao logico raciocinio.

E, para nós, a imaginação, a inspiradora da poesia e da arte e a reflexão, inspiradora do positivo e da sciencia, se intermeiam em todas as etapas da existencia.

E na festa de hoje e na solemnidade que nos reune neste momento, presuppomos um dos instantes mais felizes de nossa vida e tambem da vossa porque nos empenhamos em apresentar um colorido de patriotismo nesta acção emprehendida de digna campanha nacionalista.

Após o nonagesimo de instrucção vos encaminhaes á senda prenunciadora, apresentando-nos com o primeiro passo, as summulas iniciaes de vosso procedimento na vida militar e de vosso amor á causa da Patria symbolisada no juramento da bandeira.

Talvez não preciseis a significação exacta deste documento publico, deste acto que acabaes de realizar na simplicidade de vossos gestos.

O juramento da bandeira é para o soldado uma verdadeira profissão de fé.

Em todas as profissões, em todas as situações officiaes dos andares da existencia, em todos os contractos em que se empenham as actividades humanas, ha um conceito de honra que periclita no potencial politico social; uma especie de corrente, uma especie de élo a rememorar em todos os instantes a causa que ficou escripta nas prerogativas do tempo e da sociedade e firmadas pelo meio e pela consciencia. O advogado jura ter diante dos olhos a constituição aberta ao receber o grau solemne que o habilita perante a sociedade; o medico jura o conceito de Hypocrates, symbolisado no segredo medico ao receber a investidura do grau solemne; o estadista jura emprehender a sua consciencia pelas veredas que o conduzam aos beneficios administrativos ao receber o encargo de executivo; os representantes das nacionalidades nos parlamentos, juram, por sua consciencia não envolver as minudencias do interesse proprio com as prerogativas dilatadas do bem commum; os jurados que condemnam ou absolvem uma existencia juram ter deante dos olhos a fórma monarchica do Deus e a Lei; o homem jura pela pureza de seu lar e felicidade de sua progenie; a mulher jura entre lagrimas pela perennidade de seu amor — mas, acima de todos esses juramentos envolvendo uma idéa muito mais eloquente em que vibra o pensamento do todo unificado é o juramento da bandeira, o juramento da condemnação ao sacrificio em seu proveito, o juramento dos juramentos.

Sabeis, jovens soldados, o que significa jurar a bandeira? Que significam os vossos gestos tão simples? Que traduz a solemnidade que nos reunem? Jurar a bandeira, que é a imagem da Patria, é garantir-lhe todo o apoio physico e moral; é conceder-lhe o beneplacito sellado com as ondas do vosso sangue. Esta bandeira de hoje para o futuro é um trophéo que vos cumpre acompanhar, defender em todas as immergencias, como se defendesseis o vosso proprio lar. Atravez de todos os alcantilados, por entre cardos e brenhas incognitas, atravéz das paragens limitrophes, ou das fronteiras extranhas, nos pampas, no mar, onde quer que a honra do Brazil tenha soffrido ultrage, vós deveis acompanhar esse trapo sublime, com que se amortalharam somente os heróes, cedendo-lhe até a ultima energia de vossos musculos, as derradeiras gottas de sangue, o ultimo lampejo de vida!!

De hoje em deante a bandeira é mais um orgão extraordinario de vossa vida collectiva. A honra de vossa farda importa a sua defesa e conservação. Conte-la e abriga-la é conservar integerrima as parcellas da terra de que somos filhos orgulhosos. E no dia de hoje, duplamente notavel, a capital deste Estado central, experimentando o espectaculo do patriotismo mais avantajado que lhe tem sido fortuna admirar, testemunha sobranceira o quadro eloquente que veio attestar que suas forças latentes não estavam ainda carcomidas e que no coração de seus homens do campo e dos povoadores de suas cidades, não estava ainda extincto o amor da Patria e da conservação gloriosa deste pindorama que nos concederam os nossos maiores. E foi assim que o Goyaz extra-democratico accudiu á declaração de guerra aos Hunos de além-mar e deu homisio e execução ás palavras daquelle que no amphitheatro da escola de medicina de S. Paulo prégou a primeira oração de fé patriotica, que sacudindo o Brazil, como se o despertasse de uma embriaguez de somno, deu a idéa valiosa de que o colosso ainda palpitava de vida.

E' que a licção do tempo fôra proveitosa, é que os rigores da caserna foram abrandados com as doçuras das regalias, é que a idéa do exercito moderno chegou até nós ensinando-nos que essa corporação collectiva, necessaria, imprescindivel, tem que acompanhar os passos da civilisação, pautados nas conquistas do evolucionismo. O exercito moderno já não abriga os instinctos cannibaes dos Alaricos e dos Mouros e nem tão pouco pretende fugir á significação de seu papel.

Os exercitos do seculo XIX e ainda hoje o allemão, cultivavam e cultiva o typo força que separa as gentes de Herminio dos instructores contemporaneos.

Os exercitos evolucionistas, filhos da civilisação contemporanea, enobrecidos pela arte, pela sciencia e pela religião, já não merecem a condemnação dos intellectuaes e nem tão pouco os apodos dos socialistas moderados. A sciencia já não póde condemnar uma aggremiação humana que cumpre com proficiencia o seu triplice papel da biologia, dando aos incorporados a significação de elementos fortes, intelligentes moralisados.

Pelo exercito physico, a instrucção militar de hoje desenvolve o bilan energetico dos incorporados, fornecendo-lhes a agilidade, flexibilidade e resistencia; pelas escolas, hoje obrigatorias, fornece ás unidades uma instrucção regular para comprehensão dos deveres do soldado e finalmente pela disciplina adjudica-lhes uma moral sadia e resoluta.

E com taes preceitos, o exercito moderno dá entrada ao particularismo, creando a disciplina individual que gera o patriotismo e o dever, alteada apotheose do seculo XX.

E para não sermos acoimados de fatuos e de moralistas por conta propria, vamos abrir comvosco alguns livros de além-mar, obras de intellectuaes que no presente já não condemnam a formação dos exercitos. Fala o auctor do "Culto da Incompetencia", Emile Faguet: "E' preciso amar a Patria em seu exercito como todos os povos do mundo teem amado o seu paiz na força organisada que o defende."

A visão do grande philosopho ultrapassando a méta da formação

General Eduardo Socrates

A quem "A Informação Goyana", que o conta no numero dos seus mais illustres collaboradores, presta hoje, por motivo da sua promoção, a mais merecida e justissima homenagem

mercenaria do exercito adeanta-nos a organisação militar em todas as classes da sociedade sendo desta maneira as unidades representantes de todas as localidades do paiz em defesa desse mesmo paiz.

Falla o auctor das "Cartas Catholicas", Ferdinand de Brunetière: "Na democracia é o exercito que ata ao centro as extremidades do territorio commum, que communica e propaga do centro ás extremidades as pulsações da vida."

Repito Melchior de Voguet, que disse á França contemporanea: "Do exercito espero beneficios incalculaveis: a fusão das dissidencias politicas, a restauração do espirito de sacrificio das classes abastadas, o espirito de disciplina nas classes populares, em resumo, todas as virtudes que viçam á sombra da bandeira."

Abro ainda o psychologo das multidões, Le Bon, na parte em que propaga a educação do povo francez pela caserna: "No exercito aprendemos, em primeiro lugar a prover-nos, depois a ajudar-nos e por fim a amar-nos."

Neste pequeno trecho do eloquente philosopho francez está contida a essencia da educação militar que detém os exageros da sensibilidade, que preside a formação do caracter, que ensina a solidariedade, e que assegura a situação moral.

De muito valeram á França semelhantes conselhos: e se dentro de sua alma não estivesse espelhada essa doutrina patriotica, talvez ao choque da barbaria germanica já teria concedido todos os monumentos da sua arte e da sua sciencia.

E para chegar aos intellectuaes de nossa terra, abramos o "Evolucionismo", de Sylvio Romero: "O exercito é um grupo eleito, seleccionado para hastear bem alta e impolluta a bandeira da Patria que representará a sua honra."

Do ultimo philosopho, e que foi o *primus inter-pares* de seus contemporaneos, ha ainda as paginas admiraveis, em que desenvolve o papel do soldado ante os interesses da Patria. Ha naquellas linhas de brilho e de verve um conselho que deve ficar gravado em vossas mentes de soldados, que deveis guardar como um padre-nosso invejavel em todas as occasiões que vos reunirdes em caracter militar. Elle se resume nestas palavras: defendei-vos de introduzir em meio vossas idéas de dever, de patriotismo as summulas apertadas de qualquer credo politico.

O exercito sendo uma collectividade que defende um todo, e esse todo biologico sendo constituido pelo congraçamento de todas as vidas da nacionalidade, está logo de ver que elle annulla um de seus principaes papeis, ao descer os degraus da politica, quer esta se enverede pelo triumpho da consciencia e muito menos por entre os torvos caminhos da mentira e da corrupção.

O exercito não é a classe sectaria como costumam denomina-lo certos demagogos das multidões.

O exercito é uma communhão, esta é um principio de generalidade e a ultima tendo um caracter communista percebe-se que a força armada não se deve intrometter em factos de politica a menos que esta, symbolisada no direito e na moral dos povos, não vise o interesse nacional.

A politica, conforme é comprehendida na historia sul-americana, é um pendão de civis e jamais attribuição das classes dispostas á defesa da Patria.

E notai, jovens patricios, que em mais de uma occasião gloriosa, a mocidade affeita á defesa do Brasil, sua Patria, accorreu intemerata e forte aos campos da defesa e dos prelios.

Como é grato rememorar os factos da historia e suas conquistas.

Taborda, que foi o epilogo dos Guararapes, deixou o Equador á sanha dos Batavos, como dantes os feitos de Mem de Sá haviam feito recuar as pretensões de Villegaignon, o phantasista da França Antarctica. E quando nossa nacionalidade pensou levar ao sul algumas fagulhas de seu viver, presenteando o Prata com a Colonia do Sacramento, foi ainda o exercito brasileiro, um punhado de patricios, já formados no contacto das raças no esplendor do sol tropical, que, entre guerrilhas extremadas, escreveu na historia o tratado de São Ildelfonso, de 1777, que a diplomacia nos conservou.

Eram membros da classe armada as figuras de mais evidencia que reproduziram o prologo da revolução franceza nas paragens da gloriosa Minas em 1789.

Foi o exercito que, levando de vencida os impulsos do caudilho Artigas, impediu a amputação da banda oriental ao triangulo brasileiro, em 1820.

Foi tambem o exercito, ou melhor uma parte delle que ás ordens do brigadeiro Barboza de Castro, apoiou o revolucionario Domingos Theotonio, figura invejavel de patriota brazileiro que emprestou seu sangue á cauza da liberdade, em 1817, dando motivo á revolução pernambucana.

Foi um exercito improvisado de nacionaes que precipitou a expulsão das tropas portuguezas quando o grito do Ypiranga echoava de serra em serra, dando liberdade ao Brazil acorrentado. E este mesmo punhado de patriotas não percebendo nos designios de Pedro I o ideal da politica nacionalista, acarretou a abdicação, que nos deu o primeiro principe brazileiro. E foi nesta phase gloriosa, do governo da regencia, que o exercito cumpriu uma das mais evidentes provas do communismo combatendo os farrapos no Rio Grande do Sul e os Tobias revolucionarios de São Paulo e Minas. Monte Cazeros abriu-nos as portas da Argentina em 1852, assim como a tomada de Montevidéo firmou a honra da patria brazileira no territorio da Cis-Platina. E, finalmente, a guerra do Paraguay foi o ultimo feito das armas do Brazil, em defesa de uma cauza commum. E basta lembrar o passo da Patria, Forte de Coimbra, Humaitá, Curupaity, Avay, Itororó, Lomas Valentinas, Cerro-Corá e esta epopéa de dôr e de patriotismo que é a retirada da Laguna para pensar do valor e da energia destes soldados que foram os vossos antecessores.

E talvez, nossos patricios, suffocados por tantas glorias, acabrunhados por tantos triumphos, embevecidos de muito amor proprio, impacientes do progresso lento da monarchia, conduzissem nossa nacionalidade pelo caminho da democracia, da Republica, em cujas estradas comtudo elle jamais deveria ter estacionado.

Mas, entretanto, assim não comprehendeu o exercito seu papel, e houve um tempo em que cobriu de sangue, talvez devido ás extremadas ambições, todas as partes do nosso territorio, enlutando lares e sacrificando irmãos.

Este não éra seu designio. O tempo, porém, já cerrou um pesado velilho a esta quadra de lagrimas e a propria educação moderna militar já comprehendeu bastante os destinos da classe armada.

As missões extrangeiras, o contacto dos nossos jovens officiaes com os quadros mais bem formados de disciplina militar nos paizes cultos, as licções da historia e actualmente as licções da grande catastrophe, foram cauzas evidentes da transformação do soldado politico em soldado patriota, do soldado-eu pelo soldado-nós.

E' a affirmação do interesse nacional e a semeadura rudimentar das grandes idéas em que se crearam na Europa o integralismo lusitano e a alliança franceza.

E' o prenuncio do grande dia das nações, desse poly-nacionalismo theorico que de hoje a um millienio talvez conseguirá gerar o decantado humanismo.

Vós estaes cooperando para esse fim, empregando um resquicio de vossos interesses á cauza da Patria.

Esforçae-vos para bem comprehender os vossos destinos para que possaes levar ao coração de vossos amigos a idéa feliz de que a caserna não é hoje mais do que uma escola de paz e amor a se guiar pelo espirito são da moral, do alphabeto, da disciplina, da ordem e do dever.

Tende piedade do Brazil e envidae vossos esforços no intuito de fazel-o prospero e feliz.

Um dia na Camara Franceza, em Dezembro de 1867, quando se discutia a Lei do Sorteio Militar em França, Jules Fabre lançou ao Marechal de Niél esta invectiva: "Quereis fazer da França uma caserna ?"

Ao que Niél respondeu: "Acautelai-vos de não torna-la antes um cemiterio."

De facto, o triumpho germanico em 1870 realizou a predica do illustre militar.

E para que o Brazil não encerre um dia em seus annaes tão mal augurados episodios comprehendei com carinho e dedicação vosso dever de patriotas e continuai a disciplina de vossos superiores, vossos amigos.

Ao terminar eu vos recordo um episodio interessante da nossa historia. Refiro-me ao papel imponente que a Guarda Nacional e os Voluntarios de Goyaz prestaram na campanha do Paraguay. Este punhado de homens condemnados ás intemperies, á fome, ao cholera não desanimou um só dia na formosa retirada que ficou immortal nas paginas de Taunay.

Tomai como exemplo a tenacidade destes heróes e tereis honrado a Patria, esboçando o poema que nos aproximará da gloria, da luz e de Deus.

Aves nocivas á lavoura

Estas são muitas no Brasil e aliás mais conhecidas do que as especies uteis no homem do campo.

Dentre as aves que prejudicam as plantações devemos destacar de começo os "Icterideos" — a cujo numero pertencem os chamados Chopim ou Pasaro-preto dos grandes, mas não assim os Virabostas, nem o soldado da mesma familia; depois os "Fringillideos", dentre os quaes os "Papa-arroz" que estragam as sementeiras.

Mais nocivos, porém, á grande lavoura ahi pelo vasto interior do paiz é a grande familia dos "Psittacideos" e a sub-familia dos "Conurineos", isto é, dos Papagaios e Periquitos, conhecidos estragadores dos milhoraes — tanto assim que ninguem ignora o brocado "Periquito come milho e Papagaio leva a fama".

No livro "Caças e Caçadas no Brasil" ha esta passagem que dá bem uma idéa illustrativa do assumpto vigente:

"Das 440 especies de Papagaios classificados scientificamente, 114 pertencem ao Brasil. São verdadeiras pragas das nossas roças no sertão. Quando passam, em grandes bandos e descem para pousar no milhoral ainda verde, são uma calamidade. Os periquitos são tambem uma praga quando frequentão os arrosaes."

O assumpto é convidativo, a materia, porém, só poderá ser plasmada pelos mais competentes membros desta Commissão para tal fim nomeada pela benemerita Sociedade Nacional de Agricultura.

Antes de concluir lembramos o alvitre de serem tambem tomadas em consideração os mammiferos nocivos á lavoura e á vida do homem do campo nestas partes da America. E a proposito seja-nos licito lembrar que o notavel scientista patricio Dr. Carlos Chagas acaba de adquirir a convicção de que uma das nossas especies de DESDETADOS, o Tatu' verdadeiro ou "Tatuetê" dos indigenas ("Tatú novem-cinctus" dos naturalistas, é o hospede do "trypano-

(Resumo de uma communicação levada á Sociedade Nacional de Agricultura pelo nosso Director).

O PRUSSIANISMO MINEIRO

A conquista de novos dominios

O Instituto Historico e Geographico Mineiro resolveu adiar para 7 de Setembro de 1919, a inauguração do 6.º Congresso de Geographia que havia convocado para o dia 12 de Outubro proximo, em Bello Horizonte, de fórma a poder ser melhor estudada a questão de limites inter-estaduaes.

Como preliminar, para evitar paixões e excessos, que compromettam a concordia desejada, não deverão estas questões ser tratadas no plenario do Congresso. Neste sentido foram feitas as devidas communicações aos Governadores e Presidentes dos Estados, a todas as Associações Scientificas convidadas, ao Sr. Presidente da Republica e á Liga da Defesa Nacional.

Foi realmente um bello gesto da fidalguia tradicional mineira não convidar delegados de outros Estados, para dentro da sua propria casa querer liquidar com seus hospedes questões irritantes, as mesmas que nestes ultimos annos Minas Geraes tem querido tratar com S. Paulo, Bahia, Goyaz, Espirito Santo e Rio de Janeiro.

Insistir em tal proposito, seria certamente inutilizar por completo todos os esforços que a Liga da Defesa Nacional e a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro têm feito ultimamente para que o Brasil, na commemoração da Independencia politica, tenha riscado da sua carta geral as linhas de limites contestadas por varios Estados.

Seria o mesmo caso da Allemanha pretender discutir em Berlim as condicões da paz com a Inglaterra, a França, a Belgica, a Italia, Portugal, Estados Unidos, etc., etc., pretenção por demais ousada e affrontosa á dignidade d'aquellas Nações.

Por isso mesmo, tudo aconselha a convocação de um Congresso especial na Capital da Republica, onde todas essas questões de limites inter-estaduaes possam ser resolvidas mais promptamente, e encontrar-se aqui outros collaboradores de valor indiscutivel, os quaes durante as discussões poderiam auxiliar os Delegados dos Estados.

A Liga da Defesa Nacional, já que tomou o encargo de fazer essa patriotica propaganda, bem poderia tratar da convocação desse novo Congresso, uma vez que o Instituto Historico e Geographico Mineiro, em boa hora tomou melhor caminho, evitando uma situação aborrecida para o Sr. Dr. Delphim Moreira e o proprio Conselheiro Rodrigues Alves, que na presidencia de S. Paulo, viu-se na necessidade de impedir que Minas Geraes occupasse territorios no seu Estado.

O ultimo Congresso de Geographia reuniu-se na Bahia em 1916, e ahi foi resolvido que a seguinte reunião se realizasse em Bello Horizonte, não se cogitando nessa occasião de ser incluido no programma do 6.º Congresso as questões de limites internacionaes, o que entretanto era assumpto que deveria merecer uma solução immediata.

Por assim entender estas cousas é que na revista *Brasil Ferro Carril*, em seu numero de 18 de Outubro de 1917, com o titulo *"As questões de limites internacionaes"*, como elemento perturbador da cobrança de impostos, do policiamento e da applicação da justiça, escrevi :

"Carecemos insistir no pedido que já fizemos aos homens de responsabilidades, principalmente aos que se encontram no exercicio do cargo de Presidentes ou Governadores dos Estados, para que concorram com a sua autoridade no sentido de terminar de uma vez para sempre com essas questões irritantes de limites inter-estaduaes, antes de chegarmos ao ultimo dia do primeiro seculo da nossa independencia politica".

Felizmente as minhas palavras foram ouvidas pela muito respeitavel — Liga da Defesa Nacional, — que tomou o patriotico compromisso de promover a solução de tão assignalado problema da vida da Republica, vindo tambem, por sua vez, ao encontro dos desejos do Conselheiro Rodrigues Alves, que desde 1917, tantas vezes me recommendára estudar este assumpto, como havia feito em 1905 com a questão do Acre.

Nessa mesma publicação do *Brasil Ferro Carril*, que remetti para os Estados do Norte, concluia com estas palavras :

E' com satisfação não pequena, que registramos para terminar, que temos as melhores razões para crêr que no proximo quadriennio, o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves fará quanto estiver em suas mãos para regularizar definitivamente todas essas perigosas e ridiculas questões de limites inter-estaduaes.

"Não deixaremos de tratar de tal assumpto, porque queremos tambem concorrer com o nosso trabalho, para que na commemoração do 1.º Centenario da nossa Independencia politica, se fique conhecendo devidamente os homens que temos tido no governo da Republica e nos Estados".

Não é, pois, para causar extranheza, que eu venha lembrar á Liga da Defesa Nacional, que é presidida por um Ministro do Supremo Tribunal Federal, a conveniencia, a meu vêr, da convocação de um Congresso Especial de Geographia e Historia, para, reunido na Capital da Republica, então tratar sómente de estudar e resolver as interessantes questões de limites inter-estaduaes, tanto mais que o Instituto Historico e Geographico Mineiro, bem inspirado, resolveu adiar a reunião de Bello Horizonte para Setembro de 1919, e retirar a discussão do plenario, desse assumpto tão perigoso, e deslocado do logar menos proprio para chegar-se a resultados definitivos e promptos.

Para mostrar quanto foi infeliz o Instituto Geographico Mineiro em querer liquidar com seus hospedes em Bello Horizonte o dominio de novos territorios, basta considerar o facto dos Governadores da Bahia, Goyaz e do proprio Estado de Minas, informarem aos respectivos Congressos Legislativos, de nada mais haver em litigio, sobre as suas fronteiras com o grande Estado Central.

O Instituto Historico e Geographico da Bahia, dirigindo-se agora mesmo ao Governador do seu Estado, diz :

"Um dos pontos capitaes da reunião do corrente anno (Bello Horizonte) é o estudo dos meios mais efficazes de determinar as questões territoriaes ainda pendentes entre certos Estados da nossa Federação.

"Duas questões muito importantes serão discutidas alli, e que são *as que existem entre o nosso Estado com o de Sergipe, e com o de Pernambuco;* esta á cerca do territoria da Comarca de S. Francisco, cuja posse ha muito tempo nos vem sendo disputada por aquelle Estado".

Pois bem, quando isto acontece na Bahia, os advogados de Minas Geraes, dizem em publicações semi-officiaes, que este Estado tem ainda questões de limites a liquidar com a Bahia e para justificarem as suas razões apresentam mappas traçados ligeiramente no Escriptorio da Carta Geral do Brasil, que o Club de Engenharia está organizando para commemorar a gloriosa data do 1.º centenario da nossa independencia do jugo portuguez

Confiemos, desconfiando sempre, como dizia o grande Floriano Peixoto.

JOSE' CARLOS DE CARVALHO,

Centr'Almirante, do Conselho Director do Club de Engenharia.

A bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1722

O importante e raro documento com o titulo acima, que não chegaram a conhecer os primeiros chronistas de Goyaz, e que parece ignorado ainda dos ensaistas posteriores, em tratando daquella odysséa, existe em cópia tirada em Evora, entre outros preciosos mass. do Instituto Historico.

Apezar de extractada na *Historia do Brasil* de Varnhangen e ter sido publicada nos numeros 3 e 5 da *Gazeta Literaria* de Valle Cabral e Capistrano de Abreu, continua como que inedita a interessante carta de Silva Braga ao padre Diogo Soares. Sobre ser unico, é o mais prestadio elucidario das pegadas do legendario aventureiro dos invios sertões, quando avançava e contramarchava com sua intrepida bandeira través de obstaculos sem conta em busca do ouro das minas dos Goyazes, que seu pae. 40 annos antes, havia descoberto.

Completa-o, constituindo a segunda parte do itinerario da bandeira, o roteiro de Urbano do Couto, que tambem fez parte della.

Outros documentos que consultamos na Bibliotheca Nacional e no Instituto Historico valorizam o nosso trabalho, que se destina a desfazer lastimaveis erros e confusões havidas ainda dos antigos historiadores, e que os noveis auctores continuam a perpetrar; — e bem assim rectificar pontos controversos da geographia goyana, para aquelles que lhe ignoram a toponomastica.

HENRIQUE SILVA.

O roteiro de José Peixoto da Silva Braga

1. Sahi da cidade de S. Paulo a 3 de Julho de 1722 em companhia do capitão Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguéra de alcunha, que era o cabo da tropa, com trinta e nove cavallos, dois religiosos bentos, Fr. Antonio da Conceição e Fr. Luiz de Sant'Anna, um franciscano Fr. Cosme de Santo André e cento e cincoenta e duas armas, entre as quaes iam tambem vinte indios, que o Sr. Rodrigo Cesar, general que então era de S. Paulo, deu ao cabo Bartholomeu Bueno para conducção das cargas e necessario. Dos brancos, quasi todos eram filhos de Portugal, um da Bahia e cinco ou seis Paulistas com os seus indios e negros, e todos á sua custa.

2. Passado o rio Theaté fomos pousar neste dia junto ao matto do Jundiahy, quatro leguas distante da cidade de S. Paulo. Na marcha seguinte entramos no matto e gastamos nelle quatro dias. Sahimos do matto passamos o rio Mogy, que é o rio de canôa e muito peixe tem, e dá mostras de ouro, mas com pouca conta. Aqui falhamos um dia, e no seguinte, marchando sempre ao norte, demos com um rio tambem de canôa, a que puzemos o nome... e nelle pousamos esta noite. E' o caminho todo campo com alguns capões de mattos, bons pastos e bastante aguada.

3. No dia seguinte passamos o rio em um vau com agua pelos peitos, e fomos pousar no meio do campo, distancia de tres para quatro leguas. E' todo bom caminho, bons pastos e muita caça e tem alguns corregos com bastante peixe. Deste ponto fomos dormir distancia de quatro leguas junto a um corrego que entra como os demais no Rio Grande. Daqui passamos no outro dia a fazer pouso nas margens de um riacho, que passamos na manhã seguinte encostados a uns paus e presos com uns cipós para vencermos a muita violencia e grande força d'agua com que corria. Neste pouso falhamos um dia, sendo a causa o requerer toda a tropa ao Anhanguéra lhe fizesse a resenha que lhe tinha promettido antes fazer em Mogy e a que tinha já faltado. Escusou-se este com a promessa de que em chegando o capitão João Leite da Silva Ortiz, seu genro, que nos tinha ficado atraz e era o outro descobridor, o faria, e, caso que este não chegasse a tempo competente, o faria elle cabo no Rio Grande.

4. Com esta esperança marchou toda a tropa sete ou oito dias, sempre por campos e mattos grossos, e pousando sempre á beira dos corregos e rios: não faltou em todos elles caca e peixe. Deste ultimo porto fomos ao Rio Grande, passando em canôas feitas de pau de samauma, depois de dormirmos e falharmos nelle dois dias, esperando se nos fizesse a resenha promettida, mas faltou como sempre o Anhanguéra. Partiu deste sitio toda a tropa ainda junta, mas já desconfiada, e foi dormir distancia de quatro leguas junto a um corrego, que desagua no Rio Grande. Aqui nos começou a faltar o mantimento, e assim nos foi preciso marchar cinco dias, passando com o que dava a espingarda, passaros, macacos, palmitos e algum mel.

5. No fim destes cinco dias chegamos ao Rio das Velhas, que entra no Rio Grande, é caudaloso, tem bastante peixe, mas sem mostra de ouro. Falhamos nelle dois dias, pescando e caçando por ter bons mattos e para provimento da viagem. Aqui nos deixou o Anhanguéra adiantando-se com parte da tropa, ficando a mais expedindo-se para o seguir. Neste tempo e ausente já o cabo, chegou João Leite com a sua gente, por cuja causa falhamos mais este dia.

No dia seguinte seguimos com João Leite ao Anhanguéra, e depois de quatro dias de marcha o achamos com ranchos feito entre o matto: passamos no caminho alguns corregos, que nos permittiam o vadeal-os por ser tempo de secca.

6. Avistada a tropa com o cabo, lhe pediu João Leite que fizesse a resenha promettida tantas vezes não só em S. Paulo mas no sertão, porque a via desconfiada e temia se mallograsse por esta causa a empreza que ambos tinham offerecido não só ao general Rodrigo Cesar, mas ao mesmo Soberano. Respondeu-lhe que a resenha era escusada, porque os Amboabas, assim chamam aos reinós, não era gente que lhe merecesse. Com esta resposta desconfiados não só os Amboabas mas, ainda os poucos Paulistas que nos acompanhavam, determinaram voltar-se logo para S. Paulo; mas acudindo a isto João Leite, os obrigou com rogos e com promessas, e muito mais com o seu natural agrado, a que o não desamparassem.

7. Reduzida a tropa, se poz em marcha, depois de quinze dias de falhas, que se gastaram nestas desordens, como tambem em fazer algum provimento do que permittia o matto, como este não era muito e nem todos tinham que lhe caçasse, obrigo alguns a matarem e comerem um cavallo que tinha quebrado uma perna, e eu fui um dos que nos aproveitamos delle. Aqui quizemos falhar mais alguns dias por entrarem já as aguas e temermos não só os rios e corregos, mas a falta de mattos e com ella o necessario e preciso para o sustento. Resolveu o cabo a marchar em odio dos Amboabas de quem era o voto. Seguiu a tropa e fomos dormir nesse dia junto de um corrego que tinha algum peixe com melhores pastos e bastante matto. Aqui desconfiamos de todo, persuadidos que o Anhanguéra nos queria acabar no meio daquelles mattos e alguns houve que se resolviam a ficar, lançando roças e plantando alguns poucos pratos de milho que tinham ainda para o seu sustento; mas o capitão João Leite os tornou de novo a animar e reduziu a que passassem avante, como passaram.

8. Passados alguns dias de marchas, e nelles alguns rios e corregos, com assás trabalho e perigo, por serem as aguas muitas e maior a fome, nos fomos arranchar perto da Meia-Ponte. E' a Meia-Ponte um rio caudaloso, tem bastante peixe, bons pastos, muito matto. Passado este rio em umas pequenas canôas, que fizemos de cascas de arvores, fomos dormir na outra banda do rio, que nos hospedou toda noite com uma formosa trovoada que durou até a manhã seguinte com tanta agua que nos não deu lugar a podermos fazer ranchos, e por isso me vali de uma tolda que tinha commigo. Da Meia-Ponte distante dois dias de viagem se deixou ficar Frei Antonio com animo de lançar roça com dez negros, um sobrinho e um mulato, com outro branco Paulista, que comsigo tinha. Sentiu toda a tropa naquella noite a falta do dito religioso, deu-se parte ao Anhanguéra, mandou-o este persuadir a que voltasse e marchasse adiante. Mas teve por resposta que visto a falsidade que S. Mcê. tinha usado com todos faltando a tudo o que lhes tinha promettido em S. Paulo, lhe não era possivel o podel-o acompanhar; que elle determinava plantar algum milho, com que se pudesse recolher a povoado.

9. Desenganado o Anhanguéra, marchou com a mais tropa e julgando que indo sempre ao norte, como até ali já tinha feito, lhe ficava já atraz os Guayazes que procurava, mudou de rumo e seguiu o nordeste quarta de norte. Passaram de cento e tantas leguas as que andamos a este rumo, sem mais sustento que o deve dava o matto e esse pouco. Neste dia lhe fugiram ao cabo oito indios dos seus, publicando primeiro todos que iamos errados, porque os Guayazes nos ficavam já atraz. Destes indios foram apanhados depois de alguns dias só tres, que trouxe presos João Leite, que se expediu a buscal-os com dois negros e quatro brancos: trouxe tambem nesta volta comsigo a Frei Antonio, que nos ficara distante perto de oitenta leguas; mas que ainda veiu Frei Antonio, nem por isso desamparou a sua roça, porque deixou nella o sobrinho com quasi todos os negros. Nesta occasião demos em umas grandes chapadas faltas de todo o necessario, sem mattos nem mantimentos, só sim com bastantes corregos, em que havia algum peixe, dourados, trayras e upiabas, que foram todo o nosso remedio; achamos tambem alguns palmitos do que chamam jaguaroba, que comiamos assados, e ainda que é amargoso, sustenta mais que os mais. Aqui nos começou a gente a desfallecer de todo: morreram-nos quarenta e tantas pessoas entre brancos e negros, ao desamparo, e o eu ficar com vida o devo ao meu cavallo, que para me montar nelle pela nimia fraqueza em que me achava me era preciso o lançar-me primeiro nelle de braços levantados sobre o primeiro cupim que encontrava.

10. Vendo-se o cabo nesta miseria, e temendo a falta e mortandade de gente, e muito mais considerando o erro que tinha dado no rumo que então seguia, se valeu do Céo, e foi a primeira vez que o vi lembrar-se de Deus, promettendo e fazendo varias novenas a Santo Antonio para que nos deparasse algum gentio que conquistado nos valessemos dos mantimentos que lhe achassemos, para remedio da fome que padeciamos. Passamos quinze dias com bastantes molestias e trabalhos. demos em uma picada nos mesmos campos, seguimol-a nove dias, achando nella alguns ranchos feitos de páo e ramos com alguns grãos de milho, já nascidos: no fim destes nove dias chegamos a uma serra cujas vertentes desaguam para o norte, e lançando adeante quatro indios a farejar o gentio, os seguimos tres dias de viagens. Eramos só dezeseis com o cabo, porque a mais tropa e bagagem a deixamos atraz com os doentes. Na noite do terceiro dia avistamos as rancharias do gentio e seus fogos: emboscamo-nos no matto para lhe darmos na madrugada; mas sendo sentidos dos cachorros, que tinham muitos e bons, quando os avançamos, nos receberam com os seus arcos e flechas.

11. Não demos um só tiro por ordem do cabo, do que resultou o fugir-nos quasi todo o gentio, o investir um delles ao sobrinho do cabo com tal animo, que lançando-lhe a mão á rédea do cavallo, lhe tomou a espingarda da mão e da cinta o traçado, e dando-lhe com ella um famoso golpe em um dos hombros e outro no braço esquerdo fugiu levando-lhe comsigo as armas. Desembaraçado do Tapuia, o Paulista correu sobre elle sem mais effeito que recuperar a espingarda que lhe largou o Tapuia, retirando-se com o traçado. Nesta mesma occasião outro Tapuia em uma das suas portas feriu levemente no peito com uma

flecha a um Francisco Carvalho de Lordelo, e acudindo outro lhe deu na cabeça com um porrete, de que cahiu logo; cahido lhe deu outra porretada outro Tapuia que appareceu de novo, deixando-o já por morto. E' para admirar que em todo este conflicto não fizesse mais acção o nosso cabo que o andar sempre ao longe gritando e requerendo-nos que atirassemos só ao vento para não atemorisar o gentio. Foi Deus servido levarmos os ranchos, chovendo sobre nós as flechas e os porretes.

12. Retiraram-se para as mattas os Tapuia, mas sem nunca nos perderem de vista, e tanto que querendo darmos sepultura ao Carvalho, persuadidos a que estaria morto, procuraram em duas avançadas que nos deram a tiral-o e comel-o, e vendo-se rebatidos nos pediram por acenos lhes dessemos ao menos a metade para o comerem, por ser di-veras a lingua da geral. Retirado o dito Francisco de Carvalho, o achamos com a bocca, narizes e feridas cheios de bichos, mas vendo que lhe palpitava ainda o coração e que tinha outros mais signaes de vida, o recolhemos na rancharia, curando-lhe as feridas com ourina e fumo, e sangrando-o com a ponta de uma faca, por não termos melhor lanceta; aproveitou tanto a cura que o Carvalho pela noite tornou em si, abriu os olhos, mas não pôde falar senão no dia seguinte: o regimento que teve não passou d'um pouco de anu', e algumas batatas que achamos nas rancharias.

13. Em todo este tempo nos não deixou o gentio, perseguindo-nos os negros, que nos iam conduzir algumas batatas de vinte e cinco batataes que tinham grandes e excellentes no gosto: destes negros nos mataram um, e um cavallo; o que visto pelo cabo se fez forte em um dos ranchos que lhe pareceu melhor, mandando recolher todo o milho que se achou a um paiol, a que poz guardas, como o fez tambem a sete indios que captivamos, mandando-lhes lançar a todos suas correntes, exceptuando um indio torto, tambem captivo a que ao depois se deu liberdade. Recolhido no seu rancho, o Anhanguéra mandou logo buscar os doentes e mais bagagem. Neste tempo se tinha humanisado já mais o gentio, buscando-nos e servindo-nos sem arco e flecha e admirando muito as nossas armas. Offereceram-nos paus (?), trazendo-nos em um destes dias dezeseis indias, ainda moças, muito claras e bem feitas, não eramo mais os brancos, em signal de amizade. Repugnou o cabo a aceital-as, contradizendo-o todos os mais companheiros, e eu fui o que mais persuadia a aceital-as, dizendo-lhe que na consideração de sermos tão poucos, e estes fracos e mortos de fome, e muito o gentio, não escandalisassemos, e que postas em guarda as ditas indias com os mais que e achavam já presos, podiamos facilmente catequisar a todo o mais gentio, não só a ajuste das pazes, mas a darem-nos alguns que nos ensinassem o verdadeiro caminho dos Guayazes. Mas a nada disto se moveu o Anhanguéra com a ambição de querer para si todo o gentio, motivo porque escusou sempre a resenha, e porque desconfiado o gentio desappareceu logo no outro dia, temeroso que ao entrar nova gente nas rancharias, eram os doentes e bagagem, os queriamos matar para os comermos a todos; assim nol-o certificaram as indias que se achavam entre nós. Desesperado o cabo com a ausencia do gentio, largou o torto com algumas facas, tesouras e outras galanterias, para que os persuadisse a voltar; mas o torto foi e nunca mais o vimos.

14. Chama-se este gentio Quirixá, vive aldeiado, usa de arco, flecha e porrete; é muito claro e bem feito; anda todo nu', assim homens como mulheres. Tinham dezenove ranchos, todos redondos, bastantemente altos, e cobertos de palmito, com uns buracos juntos ao chão em lugar de portas; em cada um destes viviam 20 e 30 casaes juntos, as camas eram uns cestos de buritis que lhes serviam de colchão e cobertas; eram pouco mais de seiscentas almas; estava situada toda esta aldeia junto dum grande corrego com bastante peixe e bom: no segundo dia que marchamos a buscal-a, encontramos um rio caudaloso em que havia muitos peixes cayjús, palmito e muita e grande caça, que nos serviu de muito. Nesta aldeia achamos duzentas mãos de milho, vinte e cinco batataes, muitas araras e tambem alguns periquitos, que nos serviam de sustento e de regalo; tinham tambem bastante cópias de cabaços e panelas e uma grande multidão de cães, que mataram quando fugiram e se retiraram de todo, só afim de não serem sentido das nossas armas, como experimentamos depois nas bandeiras que se lançaram a espial-os.

15. Aqui nos detivemos tres mezes sem nelles nos dar o cabo milho nenhum, reservando-o todo para si só e para a sua comitiva, desculpando esta sua tirannia com dizer-nos lhe era preciso para as bandeiras que havia de lançar, mas supposto lançou duas, nem por isso foi muito o milho de que as proveu: não faltou este nem farinha aos seus cavallos e á sua comitiva. Eu tive a fortuna de me darem dezesete espigas, e si tive mais algum milho o devo ao trabalho e perigo com que o recolhi das roças que tinha deixado o gentio de refugo; assim o fizeram todos os mais, não se isentando do mesmo trabalho ainda os religiosos, porque si o quizeram o carregaram e tiraram por suas proprias mãos, escoltados sempre de outros por medo do gentio. Antes de nos ausentarmos nos fugiram quatro das indias que o cabo tinha presas e nunca mais se viram.

16. Na demora que fizemos nesta aldeia, vendo toda a tropa que o cabo, sobre faltar á resenha tantas vezes promettida, tinha a culpa de perdermos o gentio se amotinou e tanto que se resolveram dois bastardos e um mulato, digo, Mameluco, com alguns Paulistas a quererem-lhe tirar a vida e levantar a seu irmão Simão Bueno por cabo, por ser de melhor e mais docil condicção. Eu que soube a sua resolução, não obstante o não m'o merecer o Anhanguéra, fiz todo o possivel pelos dissuadir de semilhante intento, insinuando-lhes o muito que deviam a João Leite. Dissuadidos os Bastardos e seus sequazes, seguimos viagem, costeando o corrego da rancharia ou aldeia, até darmos em um rio, que fomos costeando tambem pela parte do norte a buscar novo gentio que nos pudesse ensinar o caminho dos Guayazes. Nestas marchas gastamos setenta e seis dias, andando dois delles sem achar agua, de sorte que quando chegamos ás margens de um rio, foi tal a alegria em nós que cobramos nova alma, e tanto que nem os cavallos havia quem os tirasse da agua, por mais pancadas que para isso lhes davam. Aqui falhamos doze ou quinze dias, esperando por João Leite, que nos tinha ficado atraz em busca dos indios e não chegava.

17. Neste sitio ouvindo dizer ao cabo que nos ficava já perto o Maranhão, me resolvi a deixal-o, e rodar rio abaixo buscando alguma terra já povoada para não perecer a fome e sêde no meio daquelles mattos. Seguiram-me seis camaradas que foram José Alves, Francisco de Carvalho, seu irmão, Manuel de Oliveira, Paulista, e João da Matta, filho da Bahia, ainda rapaz. José Alves com um negro e uma negra, seu irmão com um só negro, eu com tres e um mulato que foram todas as peças que nos escaparam da viagem do Anhanguéra, entrando eu com seis negros e um mulato, Alves com cinco e o irmão com tres. Repugnou o cabo a que sahissem comigo os dois irmãos sem que primeiro lhe satisfizessem quarenta e seis mil réis que deviam a João Leite, que já era chegado com Fr. Antonio; paguei por elle, porque não lhe vi outro remedio. Porém, João Leite vendo-me ausentar insistiu e com elle Fr. Antonio quanto lhe foi possivel a que não os desamparassemos; mas as insolencias do cabo, que dizia publicamente havia de enforcar aos Amboabas, nos obrigaram a dar gosto a João Leite e a Fr. Antonio. O certo era que o Anhanguéra tinha passado ordem a um dos seus Tapuias para matar ao Alves por uma bem leve cousa; o peior foi que vendo o mesmo Anhanguéra que eu o deixava, me catequisou um negro bom mateiro chamado Paschoal, e o deixou ficar comsigo. Vendo-me sem elle voltei ao sitio do cabo distancia de meia legua, rogando-lhe me restituisse o negro, respondeu-me que o negro não estava em seu poder, nem sabia delle. Fiz então procuração a Fr. Antonio para que o tomasse a si e me remettesse o procedido delle, caso que o vendesse, a minha mulher Leonarda Peixoto, á cidade de Braga. Soube João Leite desta procuração e estranhando esta acção de seu sogro, me mandou offerecer um moleque por Estevam Mascate Francez, em logar do negro, que aceitei logo por ser preciso mais gente para remar nas canôas; publicando neste tempo o cabo que já que nós iamos e o deixavamos, morreriamos naquelles rios e mattas por nosso proprio gosto, sendo que melhor seria o matar-nos que o deixar-nos perecer entre as aguas; não duvido que nos quizesse herdar os negros, como tinha feito a todos os mais socios.

18. Feitas duas canôas, e dado o meu cavallo a Fr. Luis, para m'o dizer em missas a Nossa Senhora da Boa Viagem, por lhe ter morrido o seu, rodamos rio abaixo pelo interesse do peixe e caça que era muito: passado oito dias de prospera viagem, demos na barra d'outro rio que vinha da mão direita e terras de Portugal, tão grande como o porque rodavamos: passada esta Barra e depois de quatro dias avistamos outra barra d'um rio mais pequeno, que vinha da mesma parte direita, e desta a quinze ou vinte dias, buscando sempre o norte que era o rumo a que corre o nosso, demos em outro rio maior, que vinha da parte esquerda em que achamos com as cheias innumeraveis jangadas feitas de buritis que tinham rodado com ellas, signal de haver gentio perto. Navegamos adeante, e depois de cinco ou seis dias avistamos alguns recifes de pedras, e não poucas cachoeiras, que passamos junto a terra da parte direita, cruzando as canôas por entre os penedos, mas não com tanta cautela que não topasse uma em uma pedra e se partisse pelo meio, perdendo nella duas canastras com roupas, ouro e prata, tachos, espingardas, traçados, anzóes, linhas e outros trastes necessarios no sertão e que nelle se precisam e entre estes foi mais sensivel a perda de um pacote de chumbo com duas arrobas, escapando outro com o mesmo numero, e um pequeno barril de polvora que veiu boiando acima; escaparam tambem tres espingardas de oito que traziamos, e tudo o mais se perdeu.

(*Continúa.*)

Da "A Noite" de 7 do corrente, extrahimos os dous seguintes telegrammas:

GOYAZ (Goyaz), 7. — (Serviço especial da A NOITE). — Foi encontrada no rio Verissimo, proximo a Nova Aurora, uma linda esmeralda, de nove millimetros de diametro, com oito quilates. A referida pedra foi adquirida pelo Dr. Euler, residente nesta capital, mediante a quantia de 10$000. Já recusou vendel-a por tres contos, visto ignorar o seu valor real.

SANTA RITA DO PARANAHYBA (Goyaz), 6. — (Serviço especial da A NOITE). — Os excursionistas Ronan Borges e Sidney Almeida passaram pela cidade de Rio Verde, de automovel. O primeiro que esta cidade vê e que chegou aqui ás 5 horas da tarde. Vêm organizar a directoria da Companhia de Auto-Viação Sul Goyana. Foram recebidos com festas, ás 8 horas da noite, no Collegio Novaes, onde a élite jutahyense lhes offereceu uma "soirée". Discursaram os Drs. Brom e Pacifico e o professor Carino, agradecendo-lhes o coronel Ronan.

O Municipio de Catalão (LIMITES)

O municipio de Catalão, situado ao sudeste do Estado de Goyaz, occupa mais ou menos, ou está comprehendido entre 17° e 18° de latitude austral e estende-se do 5° ao 7° longitude occidental do meredianο do Rio de Janeiro.

Sua maior extensão é de 3.564 kilometros de Este a Oeste e a Oeste e a maior largura é de 1.683, com uma area de cerca de 600 leguas quadradas.

Divide-se com o Estado de Minas nos municipios de Araguary e Bagagem, pelo rio Paranahyba, desde a foz do rio Verissimo até a do Ribeirão, Jacaré; com o municipio de Paracatú pelo mesmo Ribeirão, acima até a sua cabeceira na Serra dos Pilões, seguindo pela mesma serra que ahi toma o nome de serra do Andréquicé e depois pelo prolongamento que toma o nome de Tiririca, até a Fazenda das Guaribas, e dahi em linha recta ao S. Marcos; com o municipio de Entre Rios pelo rio S. Marcos abaixo até ao morro do Facão; dahi seguindo pela de separação das aguas vertentes até a cabeceira do Ribeirão Perobas, na mesma fazenda; por este abaixo até a sua juncção com o Ribeirão "Custodia" e por este até o rio Verissimo, seguindo por este abaixo até a sua foz no rio Paranahyba.

Tratando-se de limites, seja-nos permittido externar aqui o nosso humilde conceito a respeito da questão entre a provincia de Goyaz e a de Minas, que tem sido objecto de discussão no Parlamento.

Pretende a provincia de Minas ou antes Paracatú, desmembrar da de Goyaz o districto do Rio Verde, que faz parte deste municipio para augmentar ainda mais os seus dominios já tão vastos e opulentos, á custa de uma nesga de terra mui afastada dos seus centros populosos e subtrahida á provincia de Goyaz, infeliz enteada de nação.

Consta dos estudos feitos sobre a materia principalmente pelo distincto deputado paracatuense Virgilio de Mello Franco, que até o anno de 1838, o Rio Verde pertenceu a Minas, sendo a divisa pelo rio S. Marcos o que, desde então tem pertencido a Goyaz com divisa pelo rio Paranahyba, Jacaré, Serra dos Pilões. Andréquicé como comprovam o mappa de Candido Mendes, a carta de Goyaz, do dr. Joaquim Rodrigues Jardim e outros documentos.

Para justificar o direito que querem dar á provincia de Minas sobre o Rio Verde, invoca o mesmo dr. Virgilio com mais fortes razões, a posse anterior a 1838, a conveniencia geographica da divisão pelo S. Marcos e a facilidade da administração publica.

São tão improcedentes estas razões que tendo a pretenção mineira, tamanha influencia moral e numerica nos seus representantes, tem-se empenhado com denodado afan e ainda não conseguiu até hoje a sanção do seu projecto.

Vejamos e analysemos os fundamentos em que assentam as razões allegadas em favor de tão justo esbulho.

O direito de posse primitiva não é procedente, porque não se trata de propriedade individual e outros são os motivos que devem levar o legislador no exame e demarcação dos limites das provincias.

Se a posse desse direito seria a Goyaz que a tem ha quarenta e tres annos sem opposição efficaz e á face dos governos privincial e geral, já melhor constituidos e mais zelosos dos limites das provincias e não a de Minas que se apoderou do Rio Verde, como dizem, no tempo em que quasi nenhum limite era conhecido, porque a acção do governo não podia ainda se estender aos invios sertões e não havia quem lhes contestasse o dominio, só havendo então nas immediações á villa de Paracatú o que chamou a si de certo a revelia da remota capital de Goyaz e de Catalão que ainda estava em seu berço.

E, demais, se Minas possuiu naquella quadra o districto de Rio Verde e o abandonou por motivos politicos dados no Paracatú, como vulgarmente se diz, porque não procurou logo reinvindicar seus direitos e deixou Goyaz na posse incontestavel por tantos annos ?

Quanto a conveniencia geographica da divisão pelo S. Marcos. não tem ella nenhum valor ,porque é tão natural e imperecivel como a que separa o Rio Verde de Minas, isto é, pelo Paranahyba acima na sua maior extensão e depois pelo Jacaré e Serra dos Pilões.

Quanto á facilidade da administração publica, a principal razão que deveria visar o legislador neste assumpto, é o argumento mais poderoso em favor de Goyaz, pois é sabido de todos que a população do Rio Verde, em numero pouco superior a duas mil almas, está quasi toda agglomerada nas margens dos rios Paranahyba, S. Marcos, S. Bento e Rio Verde, no occidente do districto e num perimetros que fica a 52,8 a 79,2 kilometros de distancia da cidade de Catalão, de muito mais facil communicação, do que para a cidade de Paracatú, a que virá pertencer se passar para Minas, que fica 132 a 158,4 kilometros de distancia occupada pela chapada quasi deserta, que torna muito difficil a administração publica, morosa a acção da justiça e prejudicial a commodidade daquelle povo.

O interesse particular sendo o movel de todas as nossas acções, é tambem ás vezes, indirectamente, a causa efficiente dos actos emanados dos poderes publicos, que redundam em beneficio individual. Nesta questão de limites, não são os direitos de reivindicar a posse antiga, nem o desejo de divisas mais naturaes, nem a ambição de ampliar dominios já demasiados e nem o zelo pela commodidade dos rio-verdenenses, ou pela conveniencia da administração publica, os verdadeiros motivos que levam os mineiros á arena da discussão parlamentar, mas sim o interese de alguns paracatuenses criadores de gado vaccum que influidos pelas vantajosas commodidades que offerecem os campos e bebedouros do Rio Verde para a industria da creação, tem-se empenhado insistentemente com os seus deputados para conseguirem a obtenção daquelle districto, com vistas de fundarem alli estabelecimentos ruraes de criação de gado, isentos dos direitos de exportação.

No conflicto de jurisdicção provocado em 1895 pelo juiz de direito da comarca, dr. Manuel Dias Prates dos Santos, quando em divisão de fazendas limitrophes com o municipio de Paracatá, sendo levado a questão á decisão de Supremo Tribunal Federal, foi base fundamental de defesa dos direitos de Goyaz, "uti-possidetis", isto é, a posse de mais de trinnta annos, firmando a sua decisão nesse ponto e sendo do theor seguinte o officio e enviado ao juiz de direito desta comarca em 10 de Dezembro de 1895:— "Sr. Juiz de Direito da Comarca do Rio Paranhyba, Estado de Goyaz.— Communico-vos que em sessão de 4 de corrente, o Supremo Tribunal Federal, no conflicto de jurisdição entre esse juizo e o da Comarca de Paracatú, em Minas Geraes, julgou competente esse juizo.

Saudo-vos cordealmente.— O Secretario, *João Pedreira do Couto Ferraz*".

Na recente questão provocada por Bernardino Faria, fazendeiro, que queria fazer exportar o seu gado, criado no districto do Rio Verde, sem pagar os respectivos direitos, o governo lançando mão de severas medidas fiscaes, conseguiu por termo a esse estado anormal e mostrou mais de uma vez que tem profunda convicção de que fez valer os seus direitos em defesa do territorio que é incontestavelmente parte componente do Estado. Com rigorosa e arguta competencia foi, nessa occasião discutida essa intrincada questão entre os governos do Estado de Minas e de Goyaz, trazendo ambos á arena da discussão e á luz da publicidade documentos historicos chamando a si o dominio da parte litigiosa, sem que definitivamente ficasse liquidada essa pendencia. Diz o governo mineiro que é da competencia do Congresso Federal pôr termo a questão revolvendo-a a luz da razão e do direito.

Parece-nos, entretanto, que ficou patentemente resolvido que a Goyaz cabe a competencia judicial de dividir e demarcar os terrenos limitrophes e consequentemente a acção de administral-os, fiscalisando as suas rendas e impostos territoriaes, ou por outra, Goyaz tem actualmente o dominio util e real a posse administrativa, etc.

O solo do districto da cidade é geralmente plano e apenas semeado de collinas, na maior parte pouco elevados tornando-se montanhoso unicamente junto aos leitos dos rios Paranahyba, S. Marcos e Verissimo. Encerra grandes planicies e variadas gramineas, que fornecem pingue pastagem aos gados e numerosissimos valles em que serpeam, desde os pequeninos arroios até os caudalosos ribeirões marginados de florestas que proporcionam a abundancia e as melhores commodidades aos seus habitantes.

O districto do Rio Verde está situado quasi todo no planalto que se estende desde as margens do rio S. Marcos até a Formosa e immediações de Paracatú.

Seus extensos valles a que chamam verêdas. são quasi ao nivel do solo e os regatos correm por entre linhas immensas de buritys lindissimos, unicos vegetaes que alli se vê. Estas longas verêdas fornecem optimas pastagens para o gado vaccum que alli se cria em extensão de 40 a 50 kilometros com muita facilidade e isento de bicheiras, bernes e frieiras e quasi sem despeza de sal, que se encontra nos barreiros onde o proprio gado vae haurir.

Estas campinas desprovidas de mattas e montes são quasi inhabitadas, razão porque só é mais povoado para o lado occidental, nas margens do Paranahyba, S. Marcos, S. Bento e Rio Verde, onde se encontram os valles mais proprios para habitações.

CHRISTIANO VICTOR RODRIGUES

Documentos authenticos para a historia de Goyaz

Illmo. e Exmo. Sr. — 1806 — Não canço a attenção de V. Ex. com superfluidades, sendo laconico nos meus officios, e não gastando o tempo com palavras, são estes, Exmo. Senhor, os meus mais ardentes desejos, e o que eu mais procuro conseguir. Se, pois, no mappa que tenho a honra de apresentar agora a V. Ex. eu tiver dado a conhecer o estado politico, e ecclesiastico e militar desta Capitania assim como o seu commercio, agricultura e população eu terei poupado o trabalho de mendigar noticias aos futuros generaes meus successores, offerecendo-lhes em um pequeno quadro aquellas que mais lhes convêm saber, o que difficultosamente conseguirão em outra parte, ainda franqueando-se-lhes nesta Secretaria d'Estado, e na do Conselho Ultramarino todas as correspondencias dos meus antecessores e ministros.

A alta comprehensão de V. Ex. talvez descubra nó mappa, que apresento, milhares de imperfeições; caso assim se verifique, sirva-se V. Ex., para meu ensino, de as advertir, no que receberei mercê.

Deus Guarde a V. Ex. — Villa Bôa de Goyaz, em 15 de Outubro de 1806.

Illmo. e Exmo. Senhor Visconde de Anadia.

(Assignado) *L. Francisco de Assis Mascarenhas.*

CAPITANIA DE GOYAZ

Estado Civil e Economico:

Governador e Capitão General Regedor das Justiças, Presidente da Junta da Real Fazenda e Director Geral dos Estudos	4:800$000
Secretaria do Governo	440$000
Ouvidor, Corregedor, Provedor das capellas, defuntos e ausentes, Intendente Geral da Policia	600$000
Junta da Administração e arrecadação da Real Fazenda, Juiz dos Feitos e Deputados, o ouvidor	400$000
Procurador da Fazenda e Deputado — o Intendente da Casa da Fundição	400$000
Thezoureiro Geral e Deputado	800$000
Escrivão e Deputado	100$000

CONTADORIA

Primeiro Escripturario	600$000
Segundo dito	300$000
Terceiro dito, a 250$000	750$000
Continuo	250$000
Thezoureiro das despezas miudas	400$000
Escrivão da Matricula, armazens Reaes e Feitos da Fazenda	400$000

CASA DA FUNDIÇÃO DE VILLA BOA

Intendente, ordenado e ajuda de custo	2:100$000
Fiscaes a 100$000	400$000
Thezoureiro	800$000
Escrivão da receita	800$000
Dito da Intendencia	800$000
Dito das Forjas	700$000
Fundidor	800$000
Ensaiador	800$000
Ajudante de Fundidor	400$000
Dito de Ensaiador	400$000
Meirinho	300$000
5 Fieis dos Registros a 200$000	1:000$000

PROVEDORIA DO NORTE

Provedor Thezoureiro	300$000
Escrivão da Provedoria	400$000
3 Fieis de Registros a 200$000	400$000

ESCOLAS

Duas de Grammatica Latina, a 400$000	800$000
5 de primeiras lettras, a 150$000	750$000

OBSERVAÇÕES

Divide-se esta Capitania em 14 julgados, cada um dos quaes tem um Juiz ordinario, e outro de orphãos triennal.

A começar de Villa Bôa, unica da Capitania, que administra as rendas publicas de todos os Julgados.

Emolumentos da Secretaria do Governo uns annos para outros	700$000
Ditos do Ouvidor	1:200$000

Na Provedoria do Norte se recebem os ouros daquella repartição e se remettem de dois em dois mezes á casa da Fundição de Villa Bôa para se fundirem e pagarem Quinto.

O Quinto do ouro até a quantia de 20:000$000 está applicado para as despezas da Capitania de Matto Grosso.

ESTADO ECCLESIASTICO

Repartição do Sul desmembrada do Bispado do Rio de Janeiro.

Prelado vigario da Igreja Matriz de Villa-Bôa.

De congrua	1:000$000
Para casas	200$000
Para esmolas	80$000
Primeiro Vigario Geral	120$000

Escrivão da Camera Ecclesiastica não percebe ordenado da Real Fazenda.

Promotor, idem.

Contém esta Repartição 11 Freguezias.

Repartição do Norte pertencente ao Bispado do Gram Pará.

Vigario Geral.

Contém esta Repartição 11 Freguezias.

A Real Fazenda paga aos Vigarios Colados das duas Repartições de congruas 200$000.

Receita e Despeza da Real Fazenda calculada uns annos por outros:

Receita

Entrada	14:300$000
Dizimos	14:600$000
Passagens	300$000
Officios de Justiça	3:830$000
Quinto do ouro	21:913$500
Collecta	1:200$000
Correio	30$000
Somma	56:173$500

Despeza

Folha Civil	17:190$000
Ecclesiastica	2:400$000
Militar	24:207$170
Extraordinarias	5:200$000
Somma	48:997$170

ESTADO MILITAR

COMPANHIA DE DRAGÕES

Tropas pagas

Ajudantes d'ordens, soldados e mantimentos	1:655$500
1 Capitão a 60$000 por mez, vago	720$000
1 Tenente a 40$000, dito	480$000
1 Alferes a 36$000, dito	432$000

1 Cirurgião mór, por anno	180$000
1 Furriel a 12$000 por mez	144$000
1 Tambor a 225 réis	82$125
Para as 66 praças de ferragens, armamentos e municiamento	2:927$400
60 soldados a 225 réis, ditos	4:927$500

COMPANHIA DE PEDESTRE

1 Capitão a 30$000 por mez	360$000
1 Alferes a 18$000 dito	216$000
1 Sargento a 300 réis por dia	109$500
1 Furriel a 225 réis dito	82$125
6 Cabos a 200 réis dito	438$000
100 soldados a 112 réis dito	4:106$825
Para 108 praças de armamento e municiamento	4:106$825

MILICIAS

1º Regimento de Cavallaria.
Coronel.
Tenente-Coronel.
Sargento mór, a 60$000 por mez . . . . . . 720$000
Ajudante, idem.
16 companhias divididas pelas arraiaes do Sul, contendo cada uma, comprehendendo officiaes, officiaes inferiores e soldados, 33 praças.

2º Regimento de Cavallaria:
Coronel.
Tenente-Coronel.
Sargento mór, a 60$000 por mez . . . . . . 720$000
Ajudante, idem.
16 companhias divididas pelos arraias do Norte, contendo cada uma, comprehendendo officiaes, officiaes inferiores e soldados, 33 praças.

Regimento de Infanteria:
Coronel.
Tenente-Coronel.
Sargento-mór, soldo e municiamento a 39$ por mez 468$000
Ajudante, idem a 25$ por mez . . . . . . 300$000
22 Companhias divididas pelos arraiaes da Capitania, comprehendendo officiaes, officiaes inferiores e soldados, 132 praças.

HENRIQUES

Crearão-se algumas companhias de negros forros, com o destino de formarem um regimento d'artilheria de milicias denominado de Henriques, a maneira dos de Pernambuco, porém elle ainda está incompleto, faltam-lhe os officiaes, majores, ajudantes e ordenanças.

Capitão-mór, Sargento-mór, 29 companhias divididas por toda a Capitania.

OBSERVAÇÕES

A divisão militar da Capitania é por districtos cada um dos quaes está commandado pelo official de milicia mais antigo.

O Exmo. Governador D. João Manoel de Menezes agregou ao 1º regimento de milicias as seis companhia, ao 2º seis companhias.

Ao d'infanteria, 18 ditos.

Ao de Henriques, 7.

AGRICULTURA

1804

Assucar, arroba a 1$800	11:999$400
Algodão, 3.872 arrobas a $752	2:957$000
Fumo, 1.800 arrobas a 1$800	3:130$800
Couros, 11.622 a $600	4:070$700
Café, 212 arrobas, a 2$400	528$000
Tanados 1.654 a 1$000	1:332$000
Trigo 214 alqueires a 4$800	1:027$200
Aguardente 1.575 almudes a 2$400	3:987$600
Rezes, 15.358 cabeças a $480	33:288$900
Marmellada, 200 arrobas a 4$800	960$000
Carne de porco, 3.332 arrobas a 1$800	5:979$600
Arroz, 5.068 alqueires a $600	3:955$200
Ouro de Lavras 87.209 quitos a 1$200	104:748$000
Somma	177:958$400

COMMERCIO

1804

Importação dos productos e manufacturas do reino dos portos do Brazil e Paizes Estrangeiros:

133 almudes de vinho; 2.696 peças de panno de linho; 1.359 peças de panno de lã; 3.396 ditas de algodão; 1.289 covados de tecidos de seda; 77 arrobas de polvora; 166 3|4 arrobas de chumbo; 4.153 alqueires de sal; 189 arrobas de ferro; 103 ditas de aço; 163 resmas de papel; 30 arrobas de bacalhau; 31 caixas de louças e vidros; 804 peças de ferragens; 2.648 chapéos; 49 escravos; 1.327 bestas. Valor total: 137:109$414. (a)

(a) Este valor é o da venda dos mencionados generos em Minas, isto é, na Repartição do Sul 60 °|° sobre o custo dos portos de mar e nada na do norte, 80 sobre o mesmo custo.

Praças de onde vieram:

Rio de Janeiro	51:679$091
S. Paulo e Bahia	73:096$146
Pará	10:326$100
Rio de S. Francisco	2:008$057
Somma	137:109$414

POPULAÇÃO

1804

Livres

Homens	14.084
Mulheres	16.254
	30.338

Captivos

Homens	12.094
Mulheres	7.963
	20.057
Somma total	50.395

Villa Bôa, em 15 de Outubro de 1806.

D. Francisco de Assis e Mascarenhas.

(Dum codice inedito do Archivo Publico Nacional).

GOYAZ — Hospital de Caridade

A IMPRENSA EM GOYAZ

Foi na então villa de Meia-Ponte, hoje cidade de Pyrenopolis que gemeram pela primeira vez os prélos na vasta extensão do Brasil Central. E esta prioridade Goyaz reclama com justo orgulho.

A "Matutina-Meia-pontense" foi o primeiro periodico goyano. Imprimia-se com typos de madeira, no papel almaço desse tempo.

As collecções desse eponymo do "hinter-land" são uma das maiores raridades bibliographicas; uma dellas offereceu-a o auctor destas linhas ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O jornal goyano trazia no cabeçalho, aos lados do titulo, estes dizeres suggestivos: "Os reis só são legitimos quando governão pela Constituição". "O direito de resistencia é Direito publico de todo o povo livre". "Patria e Constituição".

A "Matutina" foi fundada pelo benemerito goyano Joaquim Alves de Oliveira e redigida pelo Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury — homem muito intelligente e habil, no dizer do naturalista francez A. de Saint-Hilaire, que o conheceu pessoalmente. Nella eram publicados os actos officiaes dos governos de Goyaz e Matto Grosso. O seu primeiro numero foi publicado em 5 de Março de 1830; deixou de existir em 1834.

Em 1835, o presidente da provincia, José Rodrigues Jardim, comprou a typographia da "Matutina" por 2:045$612 réis, a qual foi logo transportada para a capital, sendo montada pelo official da Secretaria do Governo José de Mello Castro Vilhena. A Assembléa provincial pela resolução n. 27 de 14 de Março de 1836, approvou o contracto de compra e venda da typographia feito pelo presidente Jardim com o Coronel Joaquim Alves de Oliveira.

Nos primeiros dias da Republica foi a dendro-typographia da "Matutina" levada a leilão e adjudicada por 500$ réis ao nosso eminente patricio Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, que a conserva como uma reliquia da terra do "Anhanguéra".

Impresso nos alludidos prelos da "Matutina" appareceu em 3 de Junho de 1837 o

"CORREIO OFFICIAL"

orgão do Governo, sob a direcção de Monsenhor Joaquim Vicente de Azevedo.

"O TOCANTINS"

Fundado pelo Coronel Felippe Antonio de Santa Cruz, em 1° de Janeiro de 1855, impresso na Typographia Provincial, que lhe fôra entregue de conformidade com a lei n. 6 e pelo § 3° do artigo 2° da lei n. 18 do anno de 1854. Esta folha desappareceu em 1857.

"GAZETA OFFICIAL DE GOYAZ"

Este periodico fôra impresso na Typographia Provincial que estava em mãos do Coronel Felippe Antonio Cardozo de Santa Cruz, em virtude da lei acima citada. Appareceu o seu 1° numero em Janeiro de 1858, e, na ausencia do proprietario, esteve sob a direcção do Padre João Luiz Xavier Brandão.

"ALTO-TOCANTINS"

Appareceu em Agosto de 1860, sob a gerencia de Umbelino Galvão de Moura Lacerda e teve curta existencia.

"IMPRENSA GOYANA"

Veio á luz em 1860, sob a direcção do Padre Tito de Souza Rego e Carvalho. Teve pouca duração.

"CORREIO OFFICIAL" (*segunda série*)

Reappareceu em 1861 e cessou a sua publicação por acto de 26 de Abril de 1890, firmado pelo Governador do Estado Major Rodolpho Gustavo da Paixão.

"ALTO ARAGUAYA"

Veio á luz em 1866 e viveu até 1873. Propriedade do Major Antonio Pereira de Abreu.

"MONITOR GOYANO"

Sahiu á luz em Novembro de 1866, editado pela Typographia Bastos & Irmãos, tendo como directores o Dezembargador Antonio Felix de Bulhões Jardim e Tenente José Ignacio de Azevedo. Publicava-se uma vez por semana e viveu até 1867.

"O CIDADÃO"

Semanario politico que appareceu em 1867 sob a direcção do Coronel Luiz Gonzaga Confucio de Sá. Foi impresso na Typographia Provincial. Pouco tempo viveu.

"A PROVINCIA DE GOYAZ"

Este jornal sahiu á luz em 8 de Agosto de 1869 e suspendeu a sua publicação em 1873. Era de propriedade do Major Ignacio Soares de Bulhões e redigido pelo seu filho o Dezembargador Antonio Felix de Bulhões Jardim — o mais provecto jornalista goyano.

"A TRIBUNA LIVRE"

Este periodico sahiu á luz a 20 de Fevereiro de 1878, como orgão dos interesses da provincia de Goyaz. Propriedade de uma associação anonyma. Columnas ineditoriaes livres para todos. Editor, José do Patrocinio Marques Tocantins. Do numero 28 de 27 de Julho de 1878, tornou-se orgão do Club Liberal de Goyaz, tendo como redactor-chefe o Dezembargador Antonio Felix de Bulhões Jardim. Fechou o circulo da sua existencia para dar logar á publicação do "Goyaz", a 24 de Dezembro de 1884.

"REGENERAÇÃO"

Orgão politico e noticioso, tendo diversos como redactores, sendo editor Candido de Cassia e Oliveira. Teve principio em 1877 e terminou em 1879.

"EMPREZA DO ARAGUAYA"

Propriedade do Coronel João José Correia de Moraes, dirigido pelo cidadão Jacintho Luiz da Silva Caldas, publicava-se duas vezes por mez. Teve principio no anno de 1882. Em 1883 o proprietario vendera a Typographia ao Coronel João Fleury de Campos Curado.

"A PROVINCIA DE GOYAZ"

Hebdomadario, litterario e noticioso, dedicado aos interesses da Provincia; iniciou a sua publicação no anno de 1893 e terminou em 1884.

"BOCAYUVA"

Orgão republicano, gerente Manoel Alves de Castro Sobrinho; redactores diversos; sahiu á luz em 1882 e terminou em Outubro de 1883.

"O PORVIR"

Orgão do Club Juvenil, publicava-se duas vezes por mez. Appareceu em 1882, e desappareceu no mesmo anno.

"O LIBERTADOR"

Orgão da propaganda abolicionista, redigido pelo Dezembargador Antonio Felix de Bulhões Jardim. Sahiu á luz da publicidade em 1885.

"O DENTISTA"

Publicação semanal, sob as vistas do illustre publicista Oscar Leal.

"AURORA"

Orgão critico e litterario redigido por Floriano Florambel; sahiu á luz da publicidade a 1° de Abril de 1885.

"BOUQUET"

Orgão dedicado ao bello sexo goyano, redigido por Alfredo de Barros. Appareceu este jornal em 1885.

"O BRASIL FEDERAL"

Appareceu em 1886. Orgão do Club Republicano, redigido pelo bacharel Joaquim Xavier Guimarães Natal.

"O COMMERCIO"

Este jornal teve principio no anno de 1879, impresso na Typographia do Major Antonio Pereira de Abreu, como orgão politico, commercial e noticioso, passando depois a ser orgão do partido conservador, tendo como redactor-chefe o Dezembargador Luiz Gonzaga Jayme e gerente João da Rocha Vidal; mais tarde, teve como editor Veridiano José do Sacramento. Este jornal desappareceu em 1884; era publicado em dias indeterminados, e tinha a tiragem de 500 exemplares.

"O PUBLICADOR GOYANO"

Orgão dos interesses do povo, teve principio a 23 de Fevereiro de 1885, era propriedade de Tocantins & Aranha; jornal de grande formato e impresso em prelo Marinoni. Em seu artigo-programma lia-se o seguinte: — "Este jornal será publicado uma vez por semana em dias indeterminados. Este modesto periodico tem por fim servir de orgão á todas as pessoas que tiverem necessidade de recorrer á imprensa, contanto que se exprimam em linguagem decente. O nosso redactor é o povo e o nosso objectivo é o bem publico." Esse importante jornal cessou sua publicação a 2 de Março de 1892. Era editado na Typographia "Perseverança".

"CONSTITUCIONAL"

Orgão do partido conservador; sahiu á luz da publicidade a 5 de Julho de 1885, publicação bi-mensal; redactores diversos; gerente, José Gonzaga Socrates de Sá. Este periodico cessou sua publicação em 1888.

"O BEIJA-FLOR"

Orgão do povo, publicação quinzenal; este jornal sahiu á luz da publicidade a 3 de Junho de 1886 e cessou em 1887.

"O CANARIO"

Orgão critico litterario; este pequeno jornal sahiu á luz da publicidade em 1° de Janeiro de 1887 e desappareceu em 1888.

"PHENIX"

Este jornal teve principio a 1° de Março de 1887, era propriedade de uma associação de intelligentes e distinctos moços amadores da litteratura; mais tarde foi seu redactor-chefe Americo Torres (Raphael); desappareceu em 1888.

"O ASTRO"

Orgão do povo, principiou a ser publicado a 1° de Agosto de 1887, publicação bi-mensal. Do n. 9 em diante pasou a ser orgão litterario. Foi seu redactor Avelino de Paiva. Cessou a sua publicação a 24 de Agosto de 1888. No artigo de fundo em que declarava seu desapparecimento, lê-se o seguinte "In fine": "*O Astro* porém, continuando no ultimo estado de decrepitude, despede-se de seus amaveis leitores para nunca mais apparecer, como as folhas seccas que nunca mais voltam ao tronco."

"A UNIÃO"

Orgão do partido conservador; redactores diversos; publicação semanal; gerente, João da Rocha Vidal. Este jornal foi publicado a 24 de Janeiro de 1888, teve pouca duração.

"A THESOURA"

Orgão critico e litterario, foi publicado o primeiro numero a 15 de Maio de 1888; redactor, Benedicto Altino Correia de Moraes Desappareceu em 1889.

"ASYLO DA RAZÃO"

Era o titulo da revista maçonica da Loja do mesmo nome, que se começou a publicar nesta capital e na officina d'*O Publicador Goyano*, a 15 de Fevereiro de 1888. Era mensal e continha oito paginas. Durou pouco tempo, devido a desavença entre os socios e ao mesmo tempo redactores, Drs. Francisco de Paula Arvellos (medico), João Teixeira Alvares (medico), José Leopoldo de Bulhões Jardim e o veneravel da Loja João Gonzaga de Siqueira, que introduziram na Loja a maldita politica.

"GAZETA GOYANA"

Semanario politico; proprietario, Monsenhor Ignacio Xavier da Silva, redactores diversos. Sahiu á luz da publicidade este jornal a 24 de Julho de 1889 e desappareceu em 1891.

Goyaz contou outr'ora e ainda conta neste momento, vocações jornalisticas dignas de registro — o Conego Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, José Marques do Tocantins Aranha, Antonio Felix de Bulhões Jardim, Joaquim Bonifacio, Moysés Sant'Anna, este a mais completa organização de jornalista combativo, digno emulo de Felix de Bulhões, o maior delles.

Pelo que acima fica, vê-se que na vigencia do extincto regimen publicaram-se em Goyaz 33 jornaes — numero este superior, póde se conferir, ao dos que no mesmo periodo appareceram respectivamente em muitas outras provincias do Imperio.

Actualmente se editam no Estado os periodicos: — "O Correio Official", "A Evolução", o "Goyaz", a "Nova Era" e "O Democrata", na capital; "O Anhanguéra" e o "A. B. C.", em Catalão; "O Norte de Goyaz", em Porto Nacional e o "Indicador" em Urutahy.

Concluindo: é orgão dos interesses do Estado nesta capital "A Informação Goyana", de que é director — Henrique Silva.

VARIOS ASSUMPTOS

COMPANHIA AUTO-VIAÇÃO GOYANA

A 23 de Agosto p. findo, a chamado urgente de sua Exma. familia, seguiu para a capital goyana o Sr. Coronel Edmundo de Moraes, digno Director-Gerente daquella Companhia. Como já noticiámos em o numero ultimo desta revista, o Coronel Edmundo veio ao Rio pedir ao Governo Federal o auxilio de 250 contos que o Congresso Nacional concedeu á empreza que representa, cujo elevado intuito é a construcção de uma linha de automoveis, para passageiros e mercadorias, entre Roncador e Goyaz. Os goyanos, que muito se interessam pela realização desse velho ideal, esperam e confiam na boa vontade do governo, que bem comprehende a necessidade de facilitar quanto antes o intercambio commercial entre a zona litoranea e o interior do paiz.

Damos, abaixo, a brilhante petição que o Coronel Edmundo de Moraes dirigiu ao Illmo. Sr. Dr. Ministro da Agricultura a 22 de Julho ultimo:

"A Directoria da Companhia Auto-Viação Goyana, legalmente representada pelo abaixo assignado, Director-Gerente da mesma, com poderes outhorgados pelo Director-Technico, conforme o instrumento junto, tendo obtido auxilios do Estado de Goyaz e dos Municipios que têm de ser servidos pela estrada de automoveis que a mesma Companhia se propõe a construir de Roncador, ponto terminal da E. F. Goyaz, á Capital daquelle Estado, por privilegio que lhe foi concedido pelo Governo do mesmo, com o qual já lavrou o competente contracto, como tudo prova com as leis e mais documentos juntos; serviço esse a que já deu começo, estando feito o estudo de todo o traçado, com picada aberta e leito preparado desde o ponto inicial até á cidade de Santa Cruz; vem mui respeitosamente requerer a V. Ex. se digne lhe conceder o auxilio de réis 250:000$000 auctorizado pelo n. XXIV do art. 97 da Lei n. 3.454, de 6 de Janeiro do corrente anno, referente á despeza do Ministerio da Agricultura, visto provar com os documentos inclusos estar preenchida a unica condição exigida para a concessão do referido auxilio, sem o qual, dada a escassez de recursos em um Estado pobre como aquelle, impossivel será á Companhia levar avante o seu arrojado emprehendimento de cuja realização, aliás, muito depende o desenvolvimento e o progresso dessa grande e rica região central do Brasil.

Exmo. Sr. Ministro. — O Director-Gerente da Companhia, concessionario do privilegio concedido pelo Governo do Estado para construcção, uso e gozo da linha de automoveis ligando a capital de Goyaz ao ponto terminal da E. F. Goyaz, não possuindo por si só os recursos necessarios para a realização de tão alto emprehendimento, incorporou a Companhia Auto-Viação Goyana, sociedade anonyma por acções, para, por meio della, como lhe permittia a concessão do privilegio, adquirir os meios de o fazer. Esta, porém, apezar de estar organizada e funccionando regularmente, nos termos da lei vigente, ainda não conta com o numerario sufficiente para o fim da empreza, o que se póde attribuir, não só á crise provocada pelo estado de guerra em que nos achamos, como talvez e principalmente, pela escassez de grandes capitaes no acanhado meio em que ella se formou e está agindo.

Todos os goyanos reconhecem a necessidade imprescindivel de se ligar aquella capital ao ponto terminal da E. de Ferro, por qualquer meio rapido de transporte, sendo o automovel o mais viavel e o unico praticavel no momento actual.

As forças, porém, do sertão são ainda por demais insufficientes para realizar emprezas de tão grande monta.

Foi, attendendo a essa circumstancia, que os representantes do longinquo Estado no Congresso Federal, conseguiram, na sessão do anno p. passado, obter aquella auctorisação para o auxilio ora solicitado e que a supplicante espera ser concedido, attentas ás justas razões expostas e confiada no reconhecido patriotismo de V.Ex., que não deixará periclitar uma obra de transcendental utilidade para a parte mais central da Republica Brasileira, pondo-a em contacto directo com os grandes centros de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Fazendo acompanhar esta dos documentos inclusos que provam a concessão do privilegio, o contracto entre o Governo do Estado e o concessionario, a incorporação por este feita da Companhia Auto-Viação Goyana, que já tinha existencia juridica ao tempo da autorização do auxilio, e, finalmente, o implemento da condição exigida — auxilio do Estado e dos Municipios beneficiados pela estrada de automoveis; a supplicante

P. e E. se digne V. Ex. ordenar o pagamento do auxilio na fórma da auctorização legislativa e

R. M."

O requerimento acima, dirigido em nome da "Companhia Auto-Viação Goyana", foi instruido dos seguintes documentos: a) contracto com o Governo de Goyaz; b) um numero do "Correio Official", orgão do Estado, onde vem publicada a Lei n. 582, de 19 de Junho ulitmo, que concede o auxilio de 35 contos á empreza; c) leis de auxilio dos municipios de S. Cruz, Bella Vista, Campininhas e Curralinho; d) os "Estatutos" da Companhia, registrados no cartorio do tabellião João Coutinho, em Goyaz, e publicados pelo "Correio Official".

Posteriormente, o procurador do Sr. Director-Gerente pediu ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura mandasse juntar ao referido requerimento mais os tres seguintes documentos, que, só agora, foram remettidos de Goyaz: a) um relatorio apresentado pelo agrimensor Francisco Macedo Junior, sobre os trabalhos de exploração da estrada; b) um perfil longitudinal da picada de exploração entre Roncador e Santa Cruz; c) uma planta da mesma estrada.

No proximo numero, se houver espaço, transcreveremos o relatorio do agrimensor Francisco Macedo Junior, visto conter curiosas informações sobre a topographia do terreno.

Assim reza o n. 24 do art. 97 da Lei n. 3.454, de 6 de Janeiro ultimo:

Fica o Presidente da Republica "autorizado a conceder o auxilio de 250 contos á empreza Auto-Viação Goyana, desde que o Estado de Goyaz e os municipios que a estrada de rodagem tem de servir, concorram para a construcção da mesma estrada."

Cumpre, pois, aos goyanos aguardar a resolução do Governo Federal.

A Capital do Estado de Goyaz commemora, a 17 do corrente, o primeiro centenario de sua elevação á categoria de cidade.

Tal acontecimento é um facto bastante auspicioso para todos os goyanos, principalmente hoje em que o Estado atravessa um periodo de calma e de trabalhos proficuos.

O governo goyano tomou a si o encargo de organizar o programma dos festejos, convocando para tal fim uma reunião em palacio com a presença dos representantes de todas as classes sociaes. E' um bello e nobre gesto êsse do Exmo. Sr. Presidente do Estado, que, assim, incute na mocidade de minha terra o culto pela historia patria.

Transcrevemos aqui a carta de lei pela qual D. João VI elevou a então Villa Bôa á categoria de cidade:

"D. João por graça de Deos, Rei do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, etc. Faço saber aos que a presente carta de lei virem: que tomando na minha real consideração a supplica que me fez o Bispo de Azoto, Prelado de Goyaz, para ser erecta em Cidade Villa Bôa, Capital da mesma Provincia e Prelazia; expondo-me que tendo obtido dos Senhores Reis meus augustos predecessores o titulo e condecoração de Cidade algumas Villas de outras Provincias deste Reino do Brazil, inferiores quella em representação, tanto civil, como ecclesiastica; não só por este motivo, mas por outras circumstancias que qualificavão a dita Villa, se fazia ella digna de huma semelhante graça, participando por este modo dos effeitos da preeminencia e graduação a que se acha elevado o mesmo Reino, e dos beneficios que lhe tenho liberalisado, depois que passei a felicita-lo com a minha soberana presença; e conformando-me com o parecer da Mesa do meu Desembargo do Paço, interposto na consulta a que sobre esta materia mandei proceder, e em que foi ouvido o desembargador Procurador da minha Corôa e Fazenda: hei por bem e me praz que a sobredita Villa Bôa de Goyaz do dia da publicação desta em deante fique erecta em Cidade; que por tal seja havida e reconhecida com a denominação de — Cidade de Goyaz — e haja todos os foros e prerogativas das outras Cidades dos meus Reinos, concorrendo com ellas em todos os actos publicos, e gozando os Cidadãos e moradores della de todas as distincções, franquezas, privilegios e liberalidades de que gozão os Cidadãos e moradores das outras Cidades, sem differença alguma, porque assim he minha vontade e mercê.

Pelo que mando, etc.

Dada no Rio de Janeiro a 17 de setembro de 1818. — El-rei com guarda."

O bispo de Azoto, a que se refere a carta de lei acima, era D. Antonio Rodrigues de Aguiar, bacharel em canones, e eleito prelado de Goyaz em 24 de Junho de 1810, tendo tomado posse, por procuração, a 13 de Janeiro do anno seguinte. Depois de nomeado bispo de Azoto, em 1816, seguiu para a sua diocese, onde, porém, não chegou por ter fallecido a 2 de Outubro de 1818, já ás margens do Iguassu'.

Nessa data, occupava o governo de Goyaz Fernando Delgado Freire de Castilhos, que serviu de 26 de Novembro de 1806 a 20 de Agosto de 1820, sendo ouvidor da comarca o Dr. Antonio José Alves Marques.

Embora de longe, "A Informação Goyana" congratula-se com os goyanos da Capital pela passagem do 1º centenario da cidade de Goyaz.

"Nova Era", o brilhante periodico que, sob a competente direcção do nosso talentoso patricio J. Bonifacio, se publica em Goyaz, completou, a 23 do mez passado, o seu terceiro anno de publicidade.

Jornal sem nenhum credo politico, dedicado exclusivamente ao grandioso futuro da formosa terra goyana, "Nova Era" conseguiu impor-se dentro e fôra do Estado como o verdadeiro e mais illibado paladino das aspirações da mocidade patricia.

Pequeno na sua feição material, porém grande nos ideaes que propaga, é sempre recebido com geral sympathia por todos aquelles que ainda não perderam a fé nos destinos de Goyaz.

Dentre os seus numerosos collaboradores, destacamos aqui, pela assiduidade com que apparecem nas columnas de "Nova Era", Gersino Monteiro, uma das mais bellas promessas da intellectualidade goyana; o Dr. Theodulo de Castro, que, ob o modesto pseudonymo de G. R., escreve semanalmente a apreciada chronica "Hebdomadaes".

"A Informação Goyana", irmã-gemea de "Nova Era" nessa luminosa cruzada de integrar Goyaz no logar que lhe compete, felicita a redacção do brilhante semanal goyano na pessoa de seu digno director e proprietario.

Acabamos de lêr o relatorio apresentado ao chefe da commissão Coronel Candido Mariano da Silva Rondon pelo 1º tenente Antonio Pyreneus de Souza, sobre a exploração do rio Paranatinga e seu levantamento topographico, bem como o dos rios S. Manoel e Telles Pires.

Não podia ser melhor a impressão que a leitura desse trabalho nos deixou.

Ha nelle interessantes e curiosos episodios, além de minuciosas descripções dos usos e costumes dos selvicolas.

O autor, que tambem é goyano, não só se revelou um profundo conhecedor dos sertões brasileiros, como deu sobejas provas de ser um perfeito estylista.

Eis ahi um trabalho que recommendamos a todos aquelles que se interessam pelas cousas do nosso "hinter land", ainda tão mal conhecido.

O Governo de Goyaz, ao que fomos informados, já está providenciando sobre a installação da Fazenda Modelo, o primeiro estabelecimento no genero a ser creado no Estado.

O logar escolhido para tal fim foi o prospero municipio de Urutahy, que é servido pela E. de F. Goyaz.

E' o caso de darmos parabens aos goyanos.

Temos recebido pontualmente "O Anhanguera", o magnifico orgão literario e noticioso da florescente cidade de Catalão. E' seu director o talentoso jornalista Galeno Paranhos, moço esse que temos o prazer de incluir entre os ardorosos goyanos que se batem pelo progresso de Goyaz.

Durante a ultima semana de Agosto p. findo, os preços em Goyaz (Capital), de alguns artigos de importação foram os seguintes:

Sal, sacca	23$000
Trigo, 15 kilos	22$00
Macarrão, idem	52$500
Carbureto, idem	45$000
Kerozene, lata	30$000
Manteiga Demagny mineira, idem	3$800
Dita de outras marcas, idem	2$800
Biscoitos inglezes, idem	10$000
Ditos nacionaes, idem	5$500
Velas brasileiras, maço	2$800
Ditas de outras marcas, idem	2$200
Arame farpado, rôlo	60$000
Cerveja Antarctica, caixa	110$000

Segundo a tabella official, a média dos preços de alguns artigos de exportação, no mercado de Goyaz (Capital), foi a seguinte:

Café, 15 kilos	15$600
Assucar, idem	10$500
Peixe secco, idem	22$000
Sabão, idem	12$500
Toucinho, idem	13$500
Carne secca, idem	13$500
Arroz pilado, 80 litros	21$600

Segundo a tabella official, foram os seguintes os preços dos artigos de exportação, durante a ultima semana do mez passado, no mercado de Goyaz (Capital):

Café, 15 kilos	15$600
Assucar, idem	10$500
Peixe secco, idem	22$000
Sabão, idem	12$500
Toucinho, idem	13$500
Carne secca, idem	13$500
Arroz pilado, 80 litros	21$600
Amendoim, idem	10$400
Farinha de mandioca, idem	14$400
Dita de milho, idem	17$600
Feijão, idem	8$800
Mamona, idem	12$000
Milho, idem	11$200
Polvilho, idem	40$000
Batata doce, idem	8$000
Dita ingleza, idem	22$000
Cebola, uma restea	1$000
Alho, idem	$500
Couro de caça, um	4$250
Leitão, idem	4$000
Gallinha, idem	$830
Queijo, duzia	14$000
Requeijão, idem	14$000
Ovos, idem	$600
Rapadura, carga (128 pedaços)	33$000
Aguardente, pipote (40 ts.)	30$000
Restillo, idem, idem	60$000

V.. C. R.

Chronica do mez

CAÇANDO PERDIZES...

Guilherme, pousando sobre um tamborete o pires por onde sorvera o café, deu um giro pela varanda, e disse ao Vicente:

— Compadre, já que tanto gaba o Belém, emquanto não chega a boquinha da noite para ir escolher a minha espéra, vou experimentar o cachorro ahi pelos lados do Lambedor.

— Pois perdigueiro como este estou ainda á *percura*. Eh! — E assoviou, arremedando a perdiz quando anoitece.

Lá embaixo da mesa onde dormitava, o Belém fitou orelhas e varreu com a cauda a poeira do massapé.

E a comadre desandando:

— Vae mesmo, compadre. Criação no terreiro 'stá de gogo que é um castigo; o Vicente não tem tempo para caçadas; só assim terei uma perna de gallinha para ir "debicando" com farofa...

E logo, sem se interromper:

— Não imagina como ando enfarada estes dias! Já me estava dando no gôto o quitute...

O Vicente Pelludo morava e ainda mora alli naquella encruzilhada de Santa Leopoldina. Vargem Alegre — como bem diz o nome, tirando a nesga das terras lavradias ao pé do Mosquito, campos e varzeas, num horizonte aberto, mui ao longe, á distancia indefinida, rendilhados pelo azul nostalgico dos contrafortes da serra Dourada. Pela estrada arenosa, escaldada e faiscante, ao largo, o vae-vem continuo de carros e cargueiros, gemebundos ou arfantes em demanda das margens do Araguaya, ou vindo de Santa Rita com destino á capital.

A'quella hora, já declinava o sol para o lado da Barra. O compadre Guilherme viera da cidade caçar naquellas bandas. Com tivesse o animal apparelhado no telheiro, mal apanhou a caçadeira já o Belém, a um silvo amigavel, déra duas corridas pelo terreiro batia-lhe ás perneiras com a cauda jovial.

O Vicente vio-o desapparecer em direcção á tapera do Antonio; mas não o vio voltar aquella tarde.

— Com certeza ficou na Chapada, prendeu lá o cachorro e foi armar a sua espéra de veado no caminho da Barra, — explicou á mulher.

De facto, alli pela volta das onze, levantada e descambando a lua, chega o Guilherme. Trazia á garupa uma enfiada de perdizes, não o acompanhava, porém, o cachorro.

Fôra até á Chapada, matando pelo caminho quantas perdizes o cão levantava; na volta, descuidando perto do Mosquito em escolher um piquizeiro onde armar a sua rêde, o Belém mettera-se pelo matto, não mais apparecendo. Amarrára a besta num retiro; trepou para a espéra, suppondo que o perdiguiro tivesse tomado o rumo de casa.

— Pois aqui não voltou; você botou fóra o meu cachorro, compadre.

— Espera que elle ha de apparecer; bicho de faro como aquelle não toma sumiço assim, compadre.

E como o luar estivesse claro como o dia, dispensou a hospedagem, e ia torando para a cidade.

A noite toda o Vicente não dormiu. Volta e meia levantava, abria a porta, chegava ao terreiro, a vêr se apparecera o Belém. Apenas o luar, mui frigido e translucido, ia rebrilhando indefinidamente pelos campos, além.

Ao amiudar dos gallos não se conteve; foi ao curral, encabrestou o rodemão que alli estava para acabar de amansar, arreiou-o e metteu-se pelo trilho da Chapada. Ia seguindo o roteiro que fizera na vespera o compadre. De caminho, cortava pelos atalhos, a indagar em duas ou tres chóças, raras, que lá havia ao fundo das restingas, se o animal fôra por alli esbarrar.

Tomava de novo o roteiro. Não lhe bastavam as indicações que trazia. Sertanejo, seguia passo a passo todas as marchas e contramarchas que fizera na vespera o Guilherme. Pôde mesmo, pelas pennas deixadas, assignalar um por um os lugares onde tinham sido abatidas as perdizes. Desistira de procurar aquem do Mosquito: no tijuco fresco da rampa, rastros da montaria iam e vinham, os do Belém seguiam mas não vinham.

Cruzou em todos os sentidos o Lambedor. Na manhan luminosa, engalanadas para a gloria do mez marianno, as "alleluias" e florinhas de Maio iam pontilhando de amethysta e prata o verde ridente da varzea. Pios subitos, estridulos, explodiam ás vezes, quebrando a monotonia dos grillos nas touceiras de jaraguá.

Invadia-o a pouco e pouco uma ponta de desanimo. Deu uma volta de quarto de legua, foi á casa do defunto Amancio; desta cortou em direcção á do Maximo, outro morador naquellas redondezas.

— Não, por alli não tinha apparecido o cachorro.

O sol aquentava já, seriam onze horas da manhan, e elle alli em jejum, atraz do Belém!

Descoroçoado, tomou o rumo de casa. Então, na descida do Mosquito, esse ribeirão tão farto de piáos e curumatans, como se descuidasse a enrolar uma palha de cigarro, um tranco do animal— que ainda não perdera as suas trêtas de rodemão — por pouco o botava fóra da sella. Era um tóro de madeira atravessado no caminho.

Pelo menos, assim julgou á primeira vista. Mas logo, engatilhava a "central", e dous formidaveis tiraços abalaram aquellas solidões. Mexeu-se o madeiro, pesadamente, aquietando depois.

O Vicente apeou e chegou-se á sucury. Era a maior que topava junto áquelle rio, tão fertil dellas! Deu volta á estrada, tornou para casa.

Depois do almoço tornou ao lugar. Mediu-a de ponta a ponta, contando quarenta e oito palmos, nem mais, nem menos. Um grande nó no ventre desde logo lhe attrahira o olhar. Metteu-lhe o facão, abriu de extremo a extremo a barriga; dentro, todo inteiro, enrodilhado e gosmento, jazia o cão.

— E a pelle dessa sucury, ainda ha tres mezes viva lá no meu sertão adusto, tenho-a presente agora sob os olhos, dando volta aos quatro angulos do meu quarto de estudante.

Rio, Agosto — 918.

H. DE CARVALHO RAMOS.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A Informação Goyana" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A Informação Goyana".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2° andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1918 — VOL. II—N. 3

SUMMARIO

"A Informação Goyana"

O "Correio Official" de 24 de agosto ultimo publicou o Dec. n. 5826, de 3 do mesmo mez, pelo qual o digno Presidente do Estado de Goyaz, usando da autorização que lhe foi conferida pela Lei n. 620, de 29 de julho anterior, resolveu auxiliar esta revista com a quantia de 300$000 mensaes, "visto ser o unico jornal que, actualmente, defende os interesses geraes do Estado nesta Capital."

O acto do governo de Goyaz, prestando o seu apoio moral e material á "Informação Goyana", não só reflecte o conhecimento de geral sympathia com que fomos recebidos pelos goyanos, como põe bem á vista o cuidado que lhe merece o multiplo problema das possibilidades economicas do Estado.

Fundada exclusivamente para este fim, e, bem assim, para combater com provas inconcusas de tantas inverdades por ahi propaladas ácerca da formosa e prospera terra do "hinterland", esta revista, durante doze mezes, ininterruptamente, na medida dos seus esforços e dos recursos, firme se manteve no seu elevado proposito, conscia de prestar ao longinquo e esquecido torrão goyano um serviço de que ha muito vinha carecendo.

E por que fomos sinceros no programma que nos traçamos; por que alguma cousa de bom e util resultou da nossa ardua e penosa missão, o governo de Goyaz houve por bem compensar-nos de tantas difficuldades.

Indo em auxilio de Goyaz no periodo o mais critico de sua vida economico-social, no momento preciso em que a sua administração se reorganizava sob bases mais solidas para satisfazer os compromissos internos e externos do Estado, longe estavamos de suppôr que, dentre em breve, elle viria também em nosso auxilio, garantindo pecuniariamente a sagrada causa que defendemos.

Ao espirito brilhante do integro e competente dr. João Alves de Castro e a todos aquelles que com S. Ex. collaboram, os mais expressivos agradecimentos da "A Informação Goyana".

Limites de Goyaz com Matto Grosso

Trasladamos a seguir o luminoso parecer da commissão de estatistica da Camara dos Deputados, de 20 de Julho de 1864, não só pelo seu innegavel valor intrinseco — mas tambem porque ainda não veiu á luz até agora mais prestadio estudo sobre o litigio entre os dous grandes Estados da Republica:

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

A commissão de estatistica, a quem foram presentes dous projectos de limites entre as provincias de Goyaz e Matto Grosso, o primeiro estabelecendo divisa pelo Rio das Mortes e por uma linha tirada de suas cabeceiras até as do Taquary, por este, Coxim e Camapuan, e, atravessando o varadouro do mesmo nome, pelo rio Pardo até o Paraná; e o segundo pelo rio Grande chamado Araguaya, desde a extremidade Norte da Ilha de Sant'Anna até a confluencia do rio Jatobá, por este e pelo Bacuhy até a sua foz no rio Paranahyba, passando a examinar os documentos que encontrou na respectiva pasta, vem expôr á Camara dos Srs. Deputados o seu parecer. — "Consta da provisão do conselho ultramarino de 2 de Agosto de 1748, que entre as capitanias de Goyaz e Matto Grosso não se demarcaram limites, sendo nella recommendado aos respectivos governadores que informassem com seus pareceres por onde mais commoda e naturalmente se deveria fazer a divisão; em virtude do que D. Marcos de Noronha, primeiro governador de Goyaz, opinou em 12 de Janeiro de 1750 pelo modo contido no primeiro projecto, e em 25 de Março de 1771 o de Matto Grosso declarou que accedia ás pretenções daquella capitania por julgal-as fundadas não só na posse em que se achava como nas solidas razões de congruencia proporção em que se estribava, e enviou um acto de accessã com a data de 1° de Abril.

"Não consta, porém, que esse convenio fosse approvado pelo governo da metropole, ficando a questão indecisa. Ella versa sobre um vasto sertão deshabitado, á excepção da villa de Sant'Anna, a 200 leguas de Cuiabá, na margem direita do Paranahyba, que não póde ser contestada á provincia de Goyaz; e no entender da commissão não teria importancia alguma se não fosse recommendada por consideração de outra ordem.

"Não convem no conceito da commissão que continue por mais tempo este estado de indicisão, de duvida e de sérias contestações.

"Os conflictos que d'ahi nascem, a vacillação que resulta para a administração da justiça, são males que, com a fixação dos limites poderão ser removidos.

Isto posto, observa a commissão que a provincia de Goyaz, collocada no centro dos sertões do Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia, Minas Geraes e S. Paulo e Matto Grosso, representa nos mappas geographicos uma superficie estreita mas tão extensa que, entestando com a provincia mais se-

ptentrional do Imperio vae confinar ao sul com a de São Paulo.

Esta simples vista demonstra que, se para os habitantes do norte o Araguaya e o Tocantins servem de escoadouro aos productos de sua lavoura, para os habitantes do sul o caminho está nas aguas do Paraná e do Paraguay, ou mais precisamente, no Taquary; onde faz barra o Coxim, distante da Capital menos de 80 leguas.

"Portanto, é a barra do Coxim um ponto de immensa vantagem para os municipios do sul, cujos portos actualmente são o de Santos a 200 leguas e o desta côrte a 240; sem prejuizo para a provincia de Matto Grosso, que depois da navegação do Paraguay faz por este rio quasi todo o commercio.

Accresce outra consideração, e é que o auxilio que a provincia de Goyaz poderá prestar á defesa da fronteira por aquelle lado do Imperio desde que sua administração estender-se a barra do Coxim.

"Finalmente, emquanto que o primeiro projecto offerece divisão natural por uma serie de rios caudalosos e todos conhecidos e até explorados, o segundo, além de envolver esbulho á provincia de Goyaz, propõe para limites o Bacuhy e o Jatobá, cuja existencia não está devidamente verificada.

"Entendendo, porém, a commissão que entre as cabeceiras do rio das Mortes deve ser determinada a que estiver approximadamente equidistantes das capitaes das duas provincias, é de parecer que se adopte o seguinte substitutivo:

"Art. 1° — Os limites entre Goyaz e Matto Grosso são o rio das Mortes, desde sua foz no Araguaya até a cabeceira Equidistante das capitaes das duas provincias; dessa cabeceira uma linha á do Taquary; este, Coxim e Camapuan até suas vertentes: d'ahi outra linha que, atravessando o varadouro do mesmo nome, chegue ao rio Pardo; e deste até a sua confluencia no Paraná, conforme o parecer do governador de Goyaz de 12 de Julho de 1750.

Art. 2° — Ficam revogadas as leis em contrario.

Sala das commissões, 20 de Julho de 1864. — *A. Leitão da Cunha, José Jorge da Silva, F. B. de Oliveira Neri*".

Releva accrescentar que á favor das pretenções dos matto-grossenses não existe uma só prova documentada de valor siquer comparavel ao da acima transcripta. Mas o interessante foi que o General Mello Rego, advogado de Matto Grosso, e citado por isto mesmo pelo Sr. Thiers Fleming, declarou no seu folheto, já alludido nestas columnas, que não reproduzia o parecer da commissão de estatistica da Camara dos Deputados... "por ser muito longo"!

HENRIQUE SILVA

GOYAZ OGUATA'

(Não digo marcha, porque prefiro a prata de casa). Os proveitosos ensinamentos da guerra européa, no Brasil, extendeu-se aos mais afastados recantos do paiz, forçando e levando governos e povos ás mais louvaveis iniciativas, no intuito de garantirem contra as possiveis eventualidades, a que estão sujeitas, as nossas aguas e terras, a nossa liberdade nacional, o nosso futuro promettedor, como nação appetecida e invejada pelos seus preciosos elementos naturaes e posição capazes de a tornar em breve uma potencia mundial de primeira ordem, si a nossa direcção politica favorecer a marcha da evolução que se opera actualmente, no paiz, com tendencia para se dilatar e pôr em movimento a nossa capacidade industrial e economica.

As noticias que me chegam do interior e, notadamente, de Goyaz, confirmam as minhas previsões, como conhecedor da vastidão e multiplicidade das nossas riquezas naturaes e do alcance intellectual e habilidade dos nossos patricios em geral.

Além da intensificação da lavoura, aconselhada pelos poderes publicos, e do aperfeiçoamento das raças de gado que se vai introduzindo nos sertões goyanos, onde se multiplicam os rebanhos, que ali prósperam em vastos campos nativos e invernadas pingues, ao influxo de um clima saluberrimo,ideal, — surgem ali, por toda parte industrias, até ha pouco esquecidas ou abandonadas pelo pouco resultado pecuniario que deixavam, diante da concorrencia estrangeira ou nacional, dos estados melhor favorecidos de communicação com os centros consumidores. A industria da preparação de pelles, por exemplo, que ali era escassa antes da guerra européa, torna-se hoje uma das mais animadas e lucrativas com o preço a que attingiram os respectivos productos nos mercados mundiaes e, consecutivamente, nos do paiz, os calçados e mais artigos organisados com pelles beneficiadas. Ultimamente, mais uma officina deste genero se estabeleceu na cidade sertaneja de Formosa, sob a intelligente direcção do Sr. Coronel Pedro Borba, goyano laborioso e emprehendedor,que mantém igualmente annexa ao seu estabelecimento industrial uma fabrica de calçados e uma sellaria, o que, tudo, constitue um seguro melhoramento para o logar e tambem para o estado e o paiz, dada a possibilidade de uma exportação em larga escala, como é intuito da empreza, dos excellentes productos que vão sendo conseguidos.

Já, desde muito, em Planaltina, florescente localidade da visinhança de Formosa, de que dista apenas 36 kilometros, um grupo de adiantados industriaes mantinham uma officina do mesmo genero e condições, e até hoje os seus productos rivalizam com os melhores importados pelo estado e abastecem a região circumvisinha, sendo ainda exportada boa quantidade de sóla, carneiras, etc., além dos calçados perfeitamente bem acabados.

Considerando-se a grande abundancia de gado e da caça no municipio de Formosa, onde as antas, as capivaras, os veados de varias especies, os taitetús, etc. chegam quasi a penetrar nas ruas da cidade, que mantem ademais activissimo commercio com o norte goyano e com os estados de Minas e Bahia, é facil se comprehender até que ponto a referida empreza poderá levar a sua prosperidade e beneficiar a zona em que demora.

Em muitos outros logares do estado já se costeavam esta e outras industrias que hoje se robustecem, esperando apenas escoamento mais facil para a sua completa expansão. Neste commenos vem a proposito noticiar e recommendar o processo da preparação da pelle do porco domestico, magro ou gordo, segundo o que observei nalguns cortumes e talvez, aqui, não se conheça, desperdiçando-se em quantidade uma preciosa parte dos suinos abatidos para o consumo local. Morto o animal, não se lhe applica o fogo de palha ou agua fervente para se lhe tirar a pellicula e os cabellos, como é costume; lava-se-lhe o exterior com agua fria, para cumprir apenas o asseio, e depois de aberto e partido ao meio, tirada a carne e o toucinho, raspa-se o carnaz para se lhe extrahir o mais possivel a gordura, que se aproveita totalmente. Assim trabalhada, leva-se á cal ou á lixivia para se lhe tirar o pello e o resto da gordura e grosar a lombada, que é espessa e refractaria aos acidos e soluções empregados no cortume. Dahi por diante todos sabem. E' uma das pelles mais resistentes e duradouras, reunindo mais a qualidade de ser macia a curativa dos callos e unhas encravadas, conforme á preconisam os sapateiros sertanejos.

Si, nos centros consumidores, como aqui, se aproveitassem estas pelles, que só servem para engrossar o caldo do feijão e produzir formidaveis indigestões, quando mal cosidas e preparadas, quanto se lucraria, sabendo-se que uma destas pelles alcançaria no minimo, actualmente, uns 50$000 ou mais, conforme o seu preparo e qualidade, e desbancaria o afamado mateiro, a vaqueta, a barrigada de sola, etc., que lhe ficam inferiores e de mais difficil e arriscado preparo, por não se poderem conseguir sempre frescas e sim já curadas, ás vezes, ardidas e estragadas pelos *arabés* (baratas e polilhas). Ahi fica a licção que, si não é novidade, a culpa será dos curtidores ou dos sapateiros, que nem sempre contam a procedencia animal do couro que empregam e só pensam no couro do freguez.

Como collaborador da extincta folha carioca "L'Etoile du Sud", tive ensejo de escrever uma série de artigos intitulados — Les Industries Praticables á Goyaz — na qual, a intento de propaganda dos productos goyanos no estrangeiro, tratei miudamente da preparação das pelles e das variadissimas especies vegetaes que se prestam a este fim e ali se encontram por toda a parte, em abundancia. E as minhas palavras não foram baldas de proveito, tendo despertado a attenção dos estrangeiros e até dos nacionaes, que ali não tardaram a iniciar a rendosa industria, que hoje se revigoram com a escassez e consecutiva alta de preços das pelles preparadas e seus derivados industriaes.

E o que acontece com esta industria, dá-se com muitas outras que ali se iniciaram ou reergueram com o movimento geral do commercio do paiz em consequencia da luta mundial, que assistimos a principio e depois nella nos envolvemos, com justa razão, após a ostensiva e inqualificavel barbaridadade do militarismo germanico.

Mas a industria da fabricação de doces e conservas assucaradas, principalmente em Sta. Luzia, Bomfim, Anapole, etc., toma proporções invejaveis e avoluma a exportação goyana que tambem, nestes ultimos annos, cresceu para felicidade do actualmente bem orientado governo regional, que projecta e realiza, sob os melhores auspicios, valiosos melhoramentos reclamados pelo seu necessario progredir.

Comtudo, devido á morosidade de penetração das estradas de ferro, que para ali se dirigem, e á falta de um mercado exclusivamente goyano aqui, no Rio, muitos dos productos do estado ou perdem a sua procedencia local ou substituem nos pontos intermediarios os que, de proveniencia mineira ou paulista, para aqui são consignados. Entre outros, podem ser mencionados: a marmelada, a goiabada, a saieta, os vinhos, os licores, os queijos e requeijões, a farinha de mandioca e de milho, o assucar, a aguardente, os encandilados, o fubá de cangica, o polvilho, a araruta, os oleos, a cera, o mel silvestre, os cobertores de lã, as toalhas de algodão, as meias, rendas, pannos grossos, as madeiras de marcenaria, os moveis de pau-ferro e outros, as botinas de mateiro, os arreios, as ferragens grossas, os cigarros, as velas, as capas de borracha, o algodão, as tintas, as fibras textis e de cordoaria, as fructas silvestres e de pomar, as carnes preparadas, o toucinho, os milhos, os feijões, as favas comestiveis, oleosas e medicinaes, o café, a manteiga e muitos outros artigos de optima qualidade, que encontrariam excellente collocação nos mercados de beira-mar, não só pelo infimo preço que ali custam, como tambem pela sua especialidade. Porém, a falta de um entreposto, genuinamente goyano, as difficuldades de transporte, a ganancia dos pechincheiros (mantiqueiras, como lhes chamam os productores sertanejos, ou açambarcadores, como aqui os tratam os commissariantes), que se estacionam nos pontos terminaes das vias ferreas ou nos intermediarios, como Araguary, S. Paulo e outros, e compram tudo por barato, combinados, muitas vezes, com os fiscaes de impostos, que impõem preços e tarifas, difficultando a venda por melhores preços, illudindo a boa fé do agricultor e desanimando a producção. Estes generos, assim adquiridos, são despachados a commissarios ainda mais gananciosos, e vendidos em S. Paulo ou aqui, no Rio, por preços fabulosos ou, melhor, criminosos, com grande prejuizo para os creditos do estado central, que só figura, na producção nacional, como fabricante de fumo, o que já faziam os indigenas muito antes da vinda de Colombo ás Americas e da visita de Cabral ás terras de Beraci. E este unico, ainda assim, mal fiscalisado producto soffre os maiores contra-tempos, com a experteza dos mantiqueiras, a usura das tarifas e impostos e a falsificação dos charuteiros, que misturam a 1ª qualidade com a 2ª e terceira, quando não lhe addicionam fumo de outra procedencia e folhas de caféeiro, de bananeira e outras plantas, ás vezes, nocivas, que communicam ao aromatico derivativo goyano um cheiro nauseabundo, insupportavel, asphyxiante.

A idéa de um mercado, especialmnt goyano, para os productos variadissimos e valiosos, oriundos do grande estado central, já tem sido aventada por Henrique Silva e outros patriotas goyanos; porém, até hoje, não passou de um ensaio mallogrado, feito pelo extincto Senador Canedo, que o iniciára com os melhores resultados e fôra ludibriado pelos seus empregados ou socios de industria, que, versados nos processos de organisar fallencia commercial, escamotearam a empreza. Este facto servirá de licção para os que, de futuro, pretenderem tomar a si a patriotica incumbencia de beneficar o seu estado e fazer, além disso, volumoso peculio. A "Informação" desde já põe os seus serviços á disposição dos goyanos que, de boa fé e com intuitos beneficiadores, quizerem tratar de tão necessaria e louvavel empresa.

A. EUSEBIO.

O INTERIOR GOYANO

Sertão. O que seja. Salubridade geral. A cultura do matto-grosso. A roça. A fazenda. Typyos locaes. Matutos de beira de estrada e caipiras. Roceiros e sertanenejos. Differença. Variedades. Elementos ethnicos: fixos, instaveis. O estudo do meio; como se faz, como devera ser feito. — A creança. Factores mesologicos de vida. Sua influencia. Derimentes. A lavoura. Seu atrazo. Considerações finaes.—O sertanejo é um forte.

Ignoram commummente habitantes de cidades do littoral e chamados eruditos de gabinete, o que seja, na realidade, o nosso typo do "sertanejo". Sertão para muitos abrange todos esses vastos latifundios onde não chegou ainda o silvo da locomotiva, e que se presume totalmente desertos, quando não são abalados pelo uivo nocturno das cangussús e sussuaranas á beira dos bebedouros, ou o chocalhar das cascaveis e sucurys, á espreita da prêa facil nos paludes e remansos dos grandes rios mysteriosos... Alguns mesmo, incluem na dominação villarejos e cidades que nos assignala o mappa por aqui e além semeados nessas solidões, se tambem não são mettidas em conta duas ou tres capitaes de Estado, Goyaz, Cuyabá, Therezina, todas de mui problematica existencia no concerto da União.

Com referencia a Goyaz, não se denomina alli sertão a todo o territorio que em raio de leguas circumscreve pequenas sédes ou districtos municipaes, bem ou mal povoados, melhor ou peor amanhados, e onde se tem ido ultimamente suspeitar a existencia de germens e fócos destruidores das mais terriveis endemias. Bem ou mal, sobra em muitos delles a producção para o consumo local, ao dos municipios visinhos, e mesmo, uma abalisavel exportação para os grandes centros favorecidos por vias faceis de communicação, e a tutella officiosa da governança sempre attenta em zelar por um estado sanitario mais ou menos satisfatorio...

Alli o lavrador, o "caipira", o "queijeiro", etc., como é geralmente conhecido, apresenta de facto, muitas vezes, os estigmas physionomicos de depressão organica, oriundos da papeira, a malaria e outras. Exemplificam-se, no municipio da capital, os do districto da Barra, a decadente fundação do Anhanguera, os da matta da Canastra, e a chamada região do "matto-grosso", estirão de terras fertilissimas como a baixada fluminense, que tem as suas origens na cabeceira do rio das Almas, acompanha-lhe o curso e o de seus tributarios como o Uhurú, demanda o Araguaya e só termina segundo testemunhos fidelissimos no remoto Pará, tudo numa extensão de centenares de leguas.

Em terras taes como o matto-grosso, fazem os municipes a devastação da lavoura.

O contacto da terra, a visinhança de rios e ribeirões tornados paludosos nas cheias com o apodrecimento de folhas que as enxurradas acarretam e depositam em seu leito, a moradia estêada alli ao pé das mattas, — são os principaes factores de "meio" com que lucta a forte organisação do typo geral do "caipira", o homem da lavoura naquelles fundões. Certo que para isso — sem que se aprofunde a ethnographia

regional — muito concorre o amalgamento mais ou menos adeantado das tres raças no sul do Estado. Quanto ao norte, mui pouco povoado e onde predomina o mestiço, mistura de branco e indio, é sabido, por exemplo, que no vão do Paranan, feracissimo, apenas o negro se fixa e ahi resiste victoriosamente ás endemias locaes.

Justifica-se: num Estado cuja superficie abraça a da França e Peninsula Iberica reunidas, onde uma unica das ilhas fluviaes, a do Bananal, é por si só maior que a republica portugueza, — todas as variedades climatologicas podem ser localisadas.

A introducção, porém, dos machinismos aratorios, o ensino pratico e efficiente de methodos modernos de cultura que demovam o "caipira" dos primitivos e barbaros processos da derruba e queima; e, sobretudo, o seu afastamento, pelo cultivo dos campos immensos, saudaveis e apenas entregues á creação esparsa do gado — da beira de corregos e ribeirões das terras baixas, e teremos dirimida a maioria dos males que lhe imprimem á tez baça, caracteristica, essa patina de tristeza e quasi cretinismo que tanto impressiona o forasteiro que lhe bate á porta de burity, pedindo uma caneca de agua ou pousada para aquelle dia de marcha.

Bociosos uns, enfermiços outros, as creanças enfezadas, maltrapilhas, atacadas de vermes intestinaes e habituadas, pelo rolar no chão, ao vicio de comer terra, chocam muitas vezes a vista daquelles que, imbuidos de apressadas leituras, alli acorrem no proposito de surpreehnder desde logo e da primeira assentada, a alma e o viver sertanejo em todas as suas caracteristicas modalidades...

A' variedade supra, pertencem os que vivem dos recursos que lhes fornecem de passagem os forasteiros. Vão fincar propositadamente o seu rancho á beira das estradas de transito obrigado; e, finorios ou empalamados, alli ficam — aperrengados na deficiencia organica ou outros quaesquer estimulos para um modo de vida mais commodo, — de alcatéa ao arribadiço que lhes dê, pelo pouso e uns requeijões comprados, duas patacas de demasia, descuidando da cultura, ou mantendo apenas meia duzia de vaccas leiteiras no curral, e a meia quarta de terra lavradia para os gastos da familia numerosa. — São esses os pseudos "sertanejos" que viajantes e exploradores de fancaria topam, muitas vezes, em sua caminhada para as cidades do interior, e que tão pessima impressão lhes causar á bolsa, ás illusões literarias e á acuidade scientifica d eaprofundadores do "hinter-land"...

A par do typo isolado do "caipira", vivendo de parcos recursos da lavoura, existem as fazendas de plantação, largas culturas, na visinhança das villas e cidades, trabalhadas pelos proprios fazendeiros, filhos, camaradas ou aggregados, o que dá, de passagem, nascença ao citado proloquio de que, no interior, "familia grande é riqueza"... Mostram, de resto, uma escala superior de prosperidade e fartura; e embora não sejam, algumas vezes, de todo boas as condições sanitarias do meio, dado o contacto diario das ditas terras de lavoura, que quasi sempre, como dissemos, só apresentam maior somma de opulencia vegetal e inorganica junto aos ribeirões ensombrados, vivem comtudo em relativo bem estar, nada ficando a dever aos moradores das tão gabadas plagas littoraneas.

A todos esses, são nas cidades do interior designados genericamente pelo nome de "roceiros". Quem quizer estudar-lhes o meio e a vida, fará literatura da "roça", porém não "sertaneja", já que entramos em especialisações. A esses, todos os cuidados das missões medicas e agronomicas, presentes e futuras, que o governo possa ou pretenda enviar áquellas terras tão mal vistas e peor ventiladas e esclarecidas até agora pelos preceitos e luzes da civilisação.

*
* *

Em pontos mais ou menos distanciados de sédes de municipios, em taboleiros e chapadões, cerrados do Araguaya ou nas viridentes varzeas e campinas do sul, existem as chamadas fazendas de creação. Os seus proprietarios, quasi sempre ricos-homens ou chefes politicos de prestigio, vivem communmente nas cidades; não possuem apenas uma e duas fazendas, mas quatro e cinco e ás vezes mais. Lá apparecem sómente pela época das vaquejadas, quando se tem em vista fazer a contagem das crias do anno, a sua "férra", tirar a "marca de tala", remuneração do vaqueiro, ou vender as boiadas a compradores que surgem com as primeiras chuvas. Muitos, solicitados por affazeres outros, nem executam essa visita annual. Confiam no vaqueiro, que substitue e faz com absoluta fidelidade as vezes do chefe.

A cultura da terra é alli minima, senão nulla, limitada apenas aos gastos do pessoal. Disso se incumbem dous ou tres camaradas, em terras lavradias espalhadas nas depressões do terreno, em "furados" de matta enchuta, ao pé dos morros.

O passadio consta habitualmente de carne secca chamada do "sertão", gorda e cheirosa, que se come com o pirão de leite frio e farinha de milho. Uma engenhoca produz a rapadura; o café, o sal, outras miudezas, vêm da cidade ou são adquirida no lugar mais proximo.

Toda a vida se resume, por assim dizer, na creação do gado e de manadas cavallares. Vivendo a vida livre do campo, certo é que as condições de resistencia desses nossos legitimos e agora bem denominados "sertanejos", são mui diversas das que por ahi se tem ultimamente apregoado, a dar ensanchas á natural versatilidade do temperamento indigena.

Confusões lamentaveis, distincções que escapam á superficialidade de exame com que se arrumam e se desfazem systemas, emittem-se e se contradizem opiniões em nosso meio.

Num terreno neutro, a feira publica por e,emplo, o olhar exercitado póde discernir de primeiro golpe, pelo traje e modo de falar, um roceiro do sertanejo. — O "queijeiro" que leva ao mercado a sua carga de generos do paiz, traz habitualmente uma calça de algodão "riscado" grosseiro, arremangando numa das pernas; a fralda da camisa de ganga ás mostras, é cingida á abertura lateral pelo cabo de chifre do facão, preso á "espéra" da correia da cintura; um chapéo de palha de indayá, velho e desbeiçado completa o costume. — E' um typo geral de matuto brasileiro. Póde-se vêl-o mais ou menos caricaturado em comedias e revistas regionaes dos nossos theatrinhos.

Quando vae á cidade, não calça alpercatas. O calcanhar rachado e duro pisa a lama do largo do mercado, e a "capanga" couro d'onça onde traz o dinheiro e os apetrechos do fumo, corre-lhe á tiracollo quando arriba das cangalhas a sua bruáca de milho. Boçal e rude, emittindo por juizos curtos uma linguagem que de mui longe lembra o portuguez antigo por um ou outro termo archaico deturpado, desconhece em absoluto as concordancias, e nelle se apaga — embora a simpleza e a honestidade nativa — todo o interesse "sertanista" que da leitura de livros taes se lhes poderia attribuir.

O sertanejo que tange para a capital a sua tropa carregada de malotes de sóla, carne secca ou "sabão do sertão", se deixou lá na fazenda as perneiras e o guarda-peito do camponio, o chapelão de couro, debruado e a capricho, alli o traz ainda acampado, com a sua jugular das galopadas, e umas arcadas de peito, e um modo pictoresco e sacudido de falar quando solicitado, que desde logo o differenciam do typo canhestro e muitas vezes opilado do "queijeiro".

Os primeiros constituem o elemento sedentario, preso ao sólo, cujo horizonte visual não vae além do alqueire de terra que lavram; os ultimos, se não viajados, têm ao menos, pelo accidentado da vida, um campo de actividade a abranger largar extensões, desde o pastoreio das manadas num ambito de varias leguas ao redor das fazendas, sem cercas ou outros limites que a vastidão do deserto, até as burradas que leva a vender a Matto-Grosso e mais além...

E' esse o elemento que se póde chamar genuinamente sertanejo. Elemento movediço, mas preso á fazenda pelo ajuste do patrão, delle se esgalha essa variante curiosa do "correio", que entretem as relações postaes das diversas lo-

calidades, a dos "conductores", incumbidos de fechar contractos e levar a bom termo comitivas de viajantes — quando a pousada constante por villorios e arraiaes não os torna muitas vezes imprestaveis pelo vicio adquirido da cachaça.

Junto a esses, temos o elemento dito fluctuante do typo do sertanejo. São os trapeiros, carreiros, boiadeiros. Cada qual com o seu modo de viver caracteristico, constituem em Goyaz o factor economico do *transporte* á actividade commercial daquella terra. Nos primeiros, veem-se muitas vezes incluidos transfugas de todas as profissões — assim como nas nossas capitaes se assenta praça como meio de vida. Levando uma existencia nomada, dos centros adeantados do Triangulo mineiro á capital do Estado goyano, e vice-versa, o horizonte intellectual se lhes fórma naturalmente mais amplo e mais apurado que o do simples sertanejo attreito á fazenda, e muito mais ainda que o do bronco caipira da gleba rude, sem que com isso percam, em summa, as pictorescas caracteristicas que lhes empresta o proprio modo de vida.

A exceptuar o patrão, o arrieiro — que constituem ás vezes uma mesma e só pessoa — e o encarregado da cozinha, mui raramente andam montados os tropeiros. Preferem ser

O "cliché" acima reproduz quatro especimens de grandes e saborosos peixes, abundantissimos no curso do Paraná—Paranahyba e seus affluentes que banham os Estados de S. Paulo, Matto-Grosso, Goyaz e Minas.

Na photographia veem-se (da esquerda para a direita) : JAHU' DOURADO, SURUBIM, CARANHA, JAHU', CARANHA, SURUBIM, SURUBIM *e* JAHHU' *em diversas posições.*

O Jahu' e o Surubim, peixes de couro, medem ás vezes 3m,30 de comprimento; o Dourado e a Caranha, peixes de escama, attingem até 1m,40 e 0m,45 sobre 0m,55 de comprimento, respectivamente.

Todas estas especies possuem variedades nos tres principaes systemas hydrographicos do Brasil — menos o Dourado, que não habita aguas da bacia amazonica.

peões, pela melhoria que dahi lhes advem ao ordenado. De resto, variaveis as condições do trato, como variaveis os tiques particulares de cada um. — E' um typo que tende breve a desapparecer com a penetração actual da via ferrea, e o organizar de algumas companhias de auto-viação em municipios do sul do Estado. Serão relegados para o norte, bandas de Cuyabá, pequenos centros do interior, onde por longos annos ainda vel-os-hemos tangendo as tropadas, se a ligação por estradas carrossaveis aos portos do Araguaya, a navegação a vapor desse e do grande rio Tocantins, e outros melhoramentos, não os fôr tambem acossar nesses ultimos refugios, recalcando-os, definitivamente esquecidos, para as sombras do passado...

Assim, seus irmãos gemeos, os morosos carreiros; assim tambem os boiadeiros, typos locaes ou d'além fronteiras, com seu sequito de capatazes e ajustados, ervindo á exportação a força viva da região, como os primeiros, introduzindo mercadorias e manufacturas, e dando sahida aos demais productos do Estado...

Emtanto, fazendo diariamente longas marchas a pé, á culatra dos lotes, na poeira das estradas, sob mormaços dos chapadões ou chuvadas do "inverno", ainda lá se encontram elles, embora nestes ultimos tres ou quatro annos um tanto destituidos do prestigio primitivo, dizendo alto da bondade do meio e resistencia da raça.

*
* *

Ahi ficam, pois, num ligeiro escorso, mais ou menos especialisados quatro ou cinco typos diversos de habitadores do interior brazileiro, que podem ser com relativa facilidade scientificamente delimitados pelos que se interessam sinceramente pelos nossos problemas essenciaes, e cuja vida não foi ainda rigorosamente posta em fóco pela nossa literatura. Erram os que pretendem, de principio, surprehender as complexas modalidades do *habitat* sertanejo numa viagem apressada, feita toda ao longo das estradas commerciaes, tocaiados de perto pela madraçaria ganânciosa de moradores onde a necessidade os obriga a parar e a valer-se de seus prestimos, sob a fadiga de longas marchas a cavallo, soalheiras e chuvaradas, que desde o segundo dia prostram o animo dos que não se acham acostumados a esse modo de viagem, e que lhes furta todo o estimulo para um estudo mais detalhado e completo do que seja e realmente é o nosso interior.

De resto, faz-se tambem necessaria uma grande dosagem de sentimento local, identidade mesmo quasi absoluta com o meio, para que se possa apprehender e sentir em toda a sua nativa e barbara poesia, seja a opulencia, seja a miseria desses nossos tão calumniados latifundios.

*
* *

Recapitulando, vemos que a maioria dos males que affligem o nosso roceiro, é devida quasi que exclusivamente á absoluta ignorancia dos meios de prevenção. Muitas vezes é o rancho á beira da estrada, a taipa sem rebôco, ou a liga deste de estrume fresco de vacca, que ao seccar deixa largas fendas; o chiqueiro ao pé da cozinha, o tejucal que se fórma á frente da palhoça, apisoado a todo momento pelos animaes que chegam ou passam, e regorgitando de dejectos da creação, — tal o meio em que, de dez a dez mezes, proliferamente, surge á luz do mundo o filho do rancheiro.

Mal se desapéga da têta e começa a engatinhar, já está a mulher ás voltas com nova prenhez, ou os duros misteres do interior empecem-lhe o tempo de têl-o sob constante vigilia. Vive ahi o pimpolho pelo chão humido do massapé, empanzinado e núzinho, entre gallinaceos e bichos de creação que entram a porta, apanhando as sordicias que tópa; e mal atêm-se sobre as pernas, vae á parede arrancar torrões que devora. Se perdeu na meninice o vicio, ficou-lhe pelo menos a tez embaçada; e os rudes trabalhos da lavoura que o espera ao pé dos ribeirões, a par das endemias derivantes de taes terras de cultura, imprimem-lhe ao depois o cunho definitivo de enfermiços. Não fôra a benignidade geral do clima, e não se saberia como poude vingar.

Melhoradas as condições de moradia, e, sobretudo, com a applicação de methodos de cultivo dos campos que os afastem das baixadas de mattas virgens, de mui facil e abundante producção, porém tão perigosas, facilitados os meios de communicação e difundido o ensino com o estabelecimento de escolas ruraes ou, visto a sua impossibilidade presente, missões medicas que lhes incutam em linguagem chan e efficaz principios preventivos de hygiene, e veremos sanados de vez os males que tão grande alarma têm suscitado ultimamente entre nós.

Porquanto não se deva duvidar da potencia conservadora da terra, e desta força mysteriosa que, em nossa chanaan mais que alhures, travéz descasos e calamidades, tende sempre a recompôr e reconstituir em toda a sua rija inteireza, o typo primitivo do homem!

HUGO DE CARVALHO RAMOS.

O interesses de Goyaz na Camara dos Deputados

Discurso do nosso illustrado collaborador Deputado Olegario Pinto:

O SR. OLEGARIO PINTO — Sr. Presidente, por mais indifferente que sejam as assembléas politicas pelas ephemerides que não recordem apenas fundas e radicaes transformações partidarias, ou ainda — sociaes; por mais seccas e egoistas que possam acaso ser as unidades do nosso regimen, apezar dos liames da federação, não creio que commetto demasia, nem acredito me acoimem de imprudente com forçar a attenção da Casa para o facto de que farei agora o objecto das minhas considerações.

Senhores, a capital de Goyaz festeja, amanhã, o seu primeiro centenario de cidade. A 17 de Setembro de 1818, no reinado de D. João VI, a antiga villa Boa de Goyaz foi elevada á categoria de cidade de Goyaz. Collocada no coração do Brasil, em um dos mais bemfadados recantos do mundo, envolve-a a atmosphera mais benigna, cobre-a o céo mais dadivoso, cercam-n'a as aguas mais puras que jamais regaram terras mais fartas.

Pela excellencia desses dons, por virtudes tamanhas e por qualidades tão excepcionaes é que a sábia visão dos constituintes designou taes paragens para residencia do orgão, que marcasse o rythmo da vida nacional, approximando as circumscripções da Republica pelo mais logico systema de communicações.

Não sei, senhores, que obstaculos formidaveis se teem, até hoje, levantado contra o previdente dispositivo constitucional, que a despeito do seu alcance, si nos depara tão humilde e ignorado como um desconhecido acompanhador de grande orchestra...

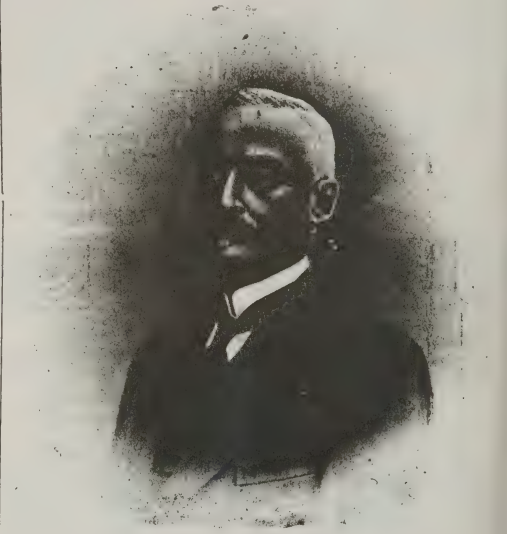
O certo, é, Srs. Deputados, que á espera de que tudo lhe cheguem a dar, de uma só vez, o meu Estado, vae vivendo sem que da União nada haja obtido. E porque lhe acenam com a remota esperança de imponentes realizações cerceam-lhe as pequenas concessões, negam-lhe os minimos auxilios, paralysam-lhe os movimentos, impedem-lhe até o surto ascencional.

Não penseis, Srs. Deputados, que exaggero, pois as proprias medidas que, em seu proveito, foram convertidas em lei, ainda agora, continuam a ser méros projectos. Até parece que o raio visual dos governos centraes não consegue attingir tão alongadas distancias...

Que importa á União que no magestoso rio Araguaya existam mil indios de 10 a 18 annos perfeitos conhecedores dos meandros da grande caudal, senhores, portanto, da navegação naquella volumosa arteria, se para o aproveitamento de taes aptidões terá que executar a lei n. 2.747 de 8 de Janeiro de 1913, abrindo o credito de 100 contos para custeio da Escola de Aprendizes Marinheiros?

Esta lei autoriza o Governo a crear uma escola de aprendizes marinheiros do 1° gráo, no rio Araguaya, Estado de Goyaz.

A Commissão de Marinha e Guerra, quando apresentado o projecto em luminoso parecer que peço licença para ler, disse:

> "O projecto n. 258, de 1912, do Sr. Deputado Olegario Pinto e outros, autoriza a creação de uma escola de aprendizes marinheiros do 1° gráo, no rio Araguaya, Estado de Goyaz, em local que julgar mais conveniente de categoria igual á existente em Pirapora, no Estado de Minas Geraes.
>
> A creação dessa nova escola é de toda a conveniencia para a Armada; ella augmenta as fontes de recrutamento de pessoal para a Marinha e proporciona ao Estado de Goyaz o meio de concorrer com o seu contingente para o serviço da defesa naval da Republica. Quando o serviço da Armada exigia que os individuos a ella destinados fossem exclusivamente de profissão maritima ou affeitos á vida maritima, como acontecia no tempo da Marinha a véla e mixta, o alistamento ficava adstricto ás populações do littoral e aos embarcadiços; hoje, porém, a Armada, em vista da evolução do material tem necessidade de recorrer ás mais variadas profissões, especialmente ás profissões das artes mecanicas, para a execução do serviço a bordo e a condição de profissional do mar não é essencial para o alistamento na Marinha, visto que os actuaes typos de navios exclusivamente a vapor permittem que em um periodo relativamente curto qualquer individuo bem constituido possa adquirir a instrucção pratica necessaria para tornar-se um bom marinheiro militar.
>
> Decorre dahi que não se torna mais preciso restringir, como antigamente, o alistamento para a Armada aos habitantes da zona littoral, e que é antes de toda a necessidade estendel-a ás populações do interior, onde a Marinha encontrará amplos contingentes de individuos habilitados nas artes e profissões cuja applicação é hoje corrente a bordo. Por isso, a creação de uma escola de aprendizes marinheiros no interior do paiz, além da vantagem de crear mais um elemento para a diffusão da instrucção primaria, tem a de levar ás populações das longinquas regiões do centro a noção concreta da necessidade da defesa maritima da Republica e da influencia preponderante do mar, que ellas desconhecem no seu desenvolvimento, na sua grandeza e na sua segurança, concorrendo para attrahir voluntarios para a Marinha.
>
> O ensaio da creação de uma escola de aprendizes marinheiros em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, deu um resultado excellente, proporcionando á Armada levas annuaes de grumetes, perfeitamente instruidos e educados para a profissão. E' um exemplo animador que deve estimular a creação de novas escolas no interior do paiz.
>
> Por estas razões, a Commissão de Marinha e Guerra é de parecer que o projecto n. 258, de 1912, deve ser approvado.
>
> Sala das Commissões, 19 de Setembro de 1912. — *R. Paixão*, Presidente. — *Augusto Carlos de Souza e Silva*, Relator. — *Antonio Nogueira*. — *Raymundo Arthur*. — *Mario Hermes*. — *J. Augusto do Amaral*. — *João Vespucio de Abreu e Silva*."

Dr. Olegario Herculano da Silveira Pinto, digno Deputado Federal pelo Estado de Goyaz.

O nosso illustrado collaborador é hoje um dos veteranos da velha guarda de propagandistas das possibilidades economicas do "hinterland", aqui no Rio. O seu projecto de lei, que acaba de passar na Camara dos Deputados, mandando restituir ao nosso Estado a herança do Dr. Corumbá, é mais um titulo de estima e gratidão que todos nós, goyanos, lhe ficamos devendo.

Foi Relator deste parecer o nosso ex-collega Souza e Silva, um dos brilhantes ornamentos da Armada Nacional.

Sobre este projecto, em seguida, consultada, á Commissão de Finanças, por seu eminente Relator, o nosso illustre e mui prezado collega Sr. Dr. Octavio Mangabeira que, em seus discursos e relatorios, se tem revelado tão profundo conhecedor dos assumptos concernentes á Armada Nacional, elaborou o seguinte parecer:

> A' Commissão de Marinha e Guerra, ouvida sobre o projecto n. 258, de 1912, que autoriza o Governo — "a crear uma escola de aprendizes marinheiros do 1° gráo no rio Araguaya, em local que julgar mais conveniente e de categoria identica á existencia em Pirapora" — faz ver que "o ensaio da creação de uma escola de aprendizes marinheiros em Campos, Estado do Rio, deu um resultado excellente, proporcionando á Armada levas annuaes de grumetes, perfeitamente instruidos e educados para a sua profissão", de modo que "se deve estimular a creação de novas escolas no interior do paiz".
>
> O Ministerio da Marinha, informado a respeito, diz que, sendo as escolas de aprendizes o principal viveiro de que dispõe a Marinha para o preenchimento dos claros de suas fileiras, sempre lhe será agradavel a creação desses institutos de ensino.
>
> Effectivamente, não ha duvida que, dada a circumstancia deploravel de estarem excessivamente desfalcados os quadros da marinhagem nos nossos navios de guerra, sendo essa uma das causas entre as que mais contribuem para a desorganização da nossa esquadra, impõe-se, de alguma sorte, como solução para o problema o desenvolvimento necessario das escolas de aprendizes marinheiros, que são os nucleos capazes de fornecerem aos navios o pessoal que esteja em condições de bem corresponder aos seus deveres no respectivo serviço. Póde-se mesmo dizer que as necessidades do momento aconselhariam o poder publico, a, diminuindo outras despezas feitas pelo Ministerio da Marinha, reforçar quanto possivel a verba destinada a essas escolas

dando guerra, a um só tempo, a dous abusos: o de estarem os vasos da esquadra com um pessoal que ás vezes é a metade do necessario para os trabalhos de bordo; e o de se constituir marinhagem com elementos improprios ao serviço para que são destinados

Buscando conciliar os interesses em jogo que são, de um lado, as necessidades da Armada, e, de outro, as da economia que é imposta pela situação financeira, a Commissão concorda com o projecto, desde quando se lhe accresça ao art. 1.° este paragrapho unico: "As despezas com essa escola, até 100 contos, no presente exercicio, correrão pela verba — Força Naval — do orçamento vigente."

O parecer foi unanime e assignado pelos Srs. Deputados Ribeiro Junqueira, Presidente; Octavio Mangabeira, Relator; Antonio Carlos, Pereira Nunes, João Simplicio, Raul Fernandes e Caetano de Albuquerque.

Quando apresentei o projecto creando a Escola de Aprendizes Marinheiros no rio Araguaya recebi duas cartas, que muito me penhoraram.

Uma do saudoso conterraneo o Marechal Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, que tão valiosos serviços prestou na paz e na guerra, occupando os mais elevados cargos tanto politicos como administrativos.

Outra, de uma das glorias da engenharia brasileira, o Dr. Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, veterano da guerra do Paarguay, onde os seus serviços de engenharia eram sempre citados, tendo exercido depois importantes commissões civis em diversos ministerios.

Fez parte da commissão de que era chefe o sempre lembrado D. Antonio Florencio Pereira do Lago, então major do Corpo de Engenheiros, no estudo de exploração do rio Araguaya.

O Dr. Benjamin Franklin é talvez hoje quem melhor conheça a região do Araguaya.

Essas cartas dizem o seguinte:

"Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1912. — Meu caro collega Sr. Dr. Olegario Pinto. — Por uma noticia inserta no *Jornal do Commercio*, do dia 16 do corrente, vi com muito prazer a acceitação que mereceu da Commissão de Marinha e Guerra o seu projecto apresentado na Camara dos Srs. Deputados sobre a creação de uma Escola de Aprendizes Marinheiros no rio Araguaya, *ad instar* da que foi fundada em Pirapora, á margem do rio S. Francisco.

Foi, em verdade, uma excellente idéa, inspirada pelo seu patriotismo e que reune em si as maiores probabilidades de seguro e auspicioso exito.

Quem conhece as circumstancias daquella futurosa região não póde nutrir duvidas a esse respeito; e neste caso me considero pelo longo estudo que della faço, com vistas de utilisar os caudalosos rios, que cortam o nosso Estado de sul a norte, como vias de communicação rapida e economica com o littoral, permittindo-lhe tirar partido das enormes riquezas com que foi elle dotado pela Providencia.

Data dos tempos coloniaes as primeiras tentativas feitas com esse intuito, e si até agora não foram ellas coroadas de satisfatorio exito, é de esperar que dentro em breve fique resolvido o grandioso problema com a execução do projecto contractado com a companhia, que tomou a si esse encargo sob os auspicios do Governo.

Mas, um importante resultado foi já, pelo menos, alcançado, qual seja a catechisação das innumeras hordas de selvagens, que perambulavam naquella vasta região, fixando-as ás margens do Araguaya, a cuja até agora atrazada navegação por barcos movidos a remos prestam valioso auxilio.

Alli se formaram, com effeito, grande numero de pequenos nucleos de população indigena sob a influencia dos presidios militares que em differentes épocas, foram fundados para proteger a navegação do mencionado rio; delles poder-se-ha tirar grande partido para a alimentação da escola, que se projecta fundar, fornecendo-lhe excellentes aprendizes, que, convenientemente educados, virão prestar á nossa marinha de guerra proveitosos serviços.

Alguns dos alludidos nucleos se avolumaram já, constituindo florescentes povoações, que se communicam entre si pelo proprio rio e com as das margens do Tocantins, onde se contam varias cidades, como Carolina, Boa Vista, Porto Nacional, Palmas, etc., além de muitas outras povoações e de grande numero de fazendas de criação, que serão outros tantos alimentadores da escola em projecto.

Como já ficou assignalado, o problema da navegação aperfeiçoada tanto do Araguaya, como do Tocantins, está presentemente em via de realização. Uma estrada de ferro, já em construcção, ligará em breve prazo os trechos navegaveis a vapor dos dous rios á cidade de Cametá, porto franco á navegação exterior.

Por esse modo, a escola, que se trata de fundar, ficará ligada por via rapida com o littoral, e, portanto, com as estações da nossa esquadra.

Quanto á escolha do ponto para o estabelecimento da escola, poder-se-ha apontar como devendo merecer preferencia, pela favoravel situação, salubridade de clima, desenvolvimento de população e outras condições em taes casos exigiveis, os seguintes, situados á margem direita do Araguaya, em territorio do Estado de Goyaz; a saber: — Santa Leopoldina, antigo presidio, situado na confluencia dos rios Grande e Vermelho, que formam o Araguaya, até onde se estende a franca navegação deste; Santa Maria, outro antigo presidio, fundado no extremo interior do grande trecho de livre navegação, a partir daquelle ponto (cerca de 1.000 kilometros); Couto Magalhães, que confronta com a importante povoação da Conceição, centro da extracção de caucho a cabeça de comarca do Estado do Pará; Chambioás ou suas proximidades, onde provavelmente a estrada de ferro em construcção alcançará o Araguaya, prolongando-se provavelmente até Santa Maria. E' esta, porém, uma questão a resolver após mais profundado exame.

Basta esta simples apreciação para julgar-se da grande utilidade do projecto em tão boa hora suscitado pelo seu patriotismo no seio do Congresso. Felicitando-o, pois, pela feliz inspiração e acceitação que o mesmo projecto mereceu da Commissão de Marinha e Guerra, reitero-lhe os protestos de meu elevado apreço, como collega, patricio e amigo sincero. — *Jeronymo R. de Moraes Jardim.*"

A carta do eminente engenheiro Dr. Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, assim se exprime:

"Caro e Exmo. amigo — Venho trazer-lhe o meu applauso pelo que está fazendo no seu glorioso posto de Deputado, afim de ver si a União auxilia um pouco o seu Estado, nos esforços que faz para acompanhar os outros Estados na evolução de progresso por que está passando todo o Brasil.

Nenhum Estado precisa mais desse auxilio do que o rico e extenso Estado de Goyaz.

Pela sua posição de paiz interior, encravado nas montanhas do Brasil, sem communicações faceis com o littoral, elle precisa desafogar-se da estreiteza em que tem vivido.

Nós não conhecemos o Brasil.

Aquelle Brasil interior, genuinamente nosso, com os seus grandes rios e seus sertões desertos, tão bellamente descriptos por Couto de Magalhães e Euclides da Cunha, é desconhecido da quasi totalidade dos brasileiros. Conhecemos e mostramos ao estrangeiro como Brasil civilisado nossa bella Capital da Republica, a capital de S. Paulo e outras do littoral, onde se tem implantado a civilisação do Occidente.

Mas o Brasil interior, com as suas serras immensas, seus extensos campos, suas grandes florestas e seus grandes rios dos quaes um dos mais inferiores affluentes do Araguay — o rio dos crystaes — é, no dizer de Castelnau, da largura do Sena em Paris, essa grandeza toda, é quasi totalmente desconhecida da maioria dos brasileiros.

Conhecia-o perfeitamente Couto de Magalhães, que no seu livre *Sertão interior* desfez a erronea idéa de que o Brasil é paiz de mattas virgens. Não. O Brasil é, no dizer do illustre viajante, o paiz de eternas campinas.

Os cerrados de Goyaz são verdadeiros campos onde o sertanejo vestido de couro corre sem embaraço em todas as direcções.

Couto de Magalhães, conhecendo a natureza do planalto, desarmou, no rio S. Lourenço, em Matto Grosso, um vapor de navegação fluvial, carregou com as suas peças 100 carros de bois e com este enorme comboio atravessou cerca de 400 leguas do planalto central, de Matto Grosso a Goyaz, indo armar de novo o vapor na margem do Araguaya, descendo com elle o rio que pela primeira vez ouviu o silvo de um barco a vapor.

Devido talvez a esse desconhecimento completo de nosso interior não teve esse acto homerico de Couto de Magalhães a admiração de que era merecedor. Por muito menos teve Serpa Pinto uma acolhida triumphal em Lisboa; o rei foi buscal-o de carruagem, fel-o jantar no Paço, no meio de toda a Côrte e condecorou-o pela sua viagem no interior de Angola.

Couto de Magalhães nenhuma mercê obteve e só muito depois, por ter commandado as forças de Cuyabá, á espera dos paraguayos é que teve o generalato honorario.

A paciencia desse illustre homem e a sua benevolencia inegualavel para com os nossos selvagens deve-se o amansamento de algumas tribus de indios, que travando relações com elle approximaram-se da margem do Araguaya e, a troco de facões e machados americanos, forneciam lenha ao vapor.

Póde-se dizer que data dahi a civilisação do Araguaya.

Impressionado com as descripções do illustre viajante, mandou o governo imperial uma commissão de engenheiros estudar a possibilidade de estabelecer navegação regular nos rios Tocantins e Araguaya.

Essa commissão foi confiada ao engenheiro Antonio Florencio Pereira do Lago, tendo como 1° ajudante o signatario desta carta.

A commissão executou estudos completos sobre os dous rios, estudos que actualmente ninguem mais sabe aonde param, constando-me apenas que todos os mappas foram entregues á commissão da carta geral que ainda no tempo do Imperio fez o ultimo mappa do Brasil, sendo Ministro da Viação o Dr. Affonso Penna, muito depois Presidente mallogrado da Republica.

O Araguaya continua a jazer por muito tempo no mais completo olvido, até que se começou a Estrada de Ferro Alcobaça para vencer as primeiras cachoeiras e, margeando o rio, ir substituindo os máos trechos de corredeiras e passos perigosos pela via-ferrea terrestre.

Esta estrada de ferro parte hoje da cidade de Cametá e tem com o seu trafego regular desenvolvido varios pontos do Tocantins e Araguaya, segundo me informa o glorioso goyano Marechal Jardim.

Quer agora o meu Exmo. amigo e illustre Deputado obter uma Escola de Aprendizes Marinheiros para o Araguaya e outros melhoramentos indispensaveis ao progresso do seu Estado.

Julgo que não lhe serão negados esses favores áquella tão abandonada região que, entretanto, está fadada a ser parcella brilhante da nossa futura grandeza. E quando fallo em nossa grandeza não estou a empregar chavão sediço e gasto; estou a prevêr que, si no dizer de um illustre viajante, o valle do Amazonas ha de um dia encerrar uma nova civilisação, os dous grandes rios Tocantins e Araguaya hão de ser *magna pars* nesse grandioso evoluir do futuro.

Si é certo que a riqueza material de uma nação assenta principalmente na agricultura, nenhum paiz será mais florescente do que a região occupada pelos dous grandes rios, bastando para manifestar sua exuberante riqueza que se lavrem intelligentemente suas terras feracissimas, cuja camada de humus natural excede ás vezes a um metro de espessura.

Então se verá realizado o dito do grande Ministro Sully — onde floresce a agricultura tudo floresce.

E' por isso que fallo na grandeza dos dous rios quando forem conhecidas e trabalhadas as suas terras.

Consiga, pois, o illustre e operoso Deputado os pequenos beneficios que solicita para o seu Estado e estou certo que isso será o inicio da prosperidade a que tem direito o grande Estado de Goyaz.

Estava eu a concluir esta carta quando li no *Joranl do Commercio* que o partido situacionista de Goyaz o tinha escolhido para candidato o cargo de Presidente do Estado no proximo quatriennio e que o seu nome tinha sido acclamado unanimemente. Dou-lhe por isso meus parabens e mais ainda ao Estado de Goyaz.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1912. — *Benjamin Franklin de Albuquerque Lima.*"

O nosso esforço, porém, tem sido baldado; nem mesmo as concessões especiaes são attendidas, pois ainda agora os representantes de Goyaz esperam que o Governo Federal adquira ou mande construir o edificio para Correios e Telegraphos, de accordo com a lei n. 2.750, de 8 de Janeiro de 1913, que para esse fim abria um credito especial.

E sabeis qual a importancia do credito votado para tão urgente acquisição?

Oitenta contos apenas!

Comtudo não devemos olvidar que o meu Estado foi um dos beneficiados com a creação de inspectorias agricola e de protecção aos indios. Sómente mal haviam sido installadas e começavam a dar resultados, foram ambas supprimidas por economia, embora a febre aphtosa prosiga a devastar os rebanhos, paralyzando a exportação do gado, a maior fonte de renda do Estado e continuem improficuos tantos braços uteis.

Sr. Presidente, quando tive a honra de apresentar á Camara esse projecto creando a Escola de Aprendizes do Araguaya, foi meu intuito conseguir a catechese de grande numero de indios que habitam as regiões do Araguaya e Tocantins.

Existem no Araguaya cerca de mil meninos, de oito a dezoito annos de edade, acostumados a viajar em canôas e botes, tendo perfeito conhecimento de toda a navegação fluvial.

Não é novidade o que fiz. Já Couto de Magalhães, de saudosa memoria, quando emprehendeu a navegação do Araguaya e Tocantins, fundou um collegio. E' verdade que lhe foi necessario para obter alumnos, fazer com que elles viessem á escola laçados, em uma verdadeira caçada. emfim.

Pois bem, Couto de Magalhães chegou a preparar 40 marujos para os dous vapores que viajavam no Araguaya. Toda a equipagem desses barcos era quasi exclusivamente composta de indios coipós, chavantes, cherentes, alvaiés, etc. Os alvaiés — devo accentuar — habitam um dos mais formosos logares do rio Araguaya, a ilha do Bananal, que tem 80 leguas de comprimento e 20 de largura.

Nesta ilha existe apenas uma pequena tribu de indios alvaiés. Bananal possue leguas e leguas em mattas virgens de madeira de construcção como o cedro, o angico e a peroba.

Depois veem os grandes campos de criação, com forragem de varias qualidades. Toda a ilha produz milho, feijão, arroz, genreos estes que os indios trocam com os viajantes que vão ao Pará.

Meu trabalho no sentido de conseguir a passagem do projecto ficou reduzido a não se ter feito nada até agora. A escola não teve realidade, e é certo que por isso perdemos milhares de genuinos, verdadeiros marinheiros, que podiam estar prestando relevantes serviços á Nação.

Todavia não se queira esquecer que a estrada de ferro DITA de Goyaz, (que tem 400 e tantos kilometros no Estado de Minas), possue quasi noventa e nove kilometros em trafego, o que já é alguma cousa para quem mal sabe das opulencias daquellas regiões cortdaas de aguas thermaes, cobertas de mattas preciosas, riquissimas de minerios, aptas a todas as culturas.

Vae ver a Camara como são evidentes estas vantagens.

Os municipios de Catalão e Ipomery, antes da estrada de ferro, rendiam dous ou tres contos por anno. Pois bem, a estrada de ferro foi inaugurada quando Ministro da Viação o nosso eminente collega Sr. Dr. Barbosa Gonçalves, em 1913. Em 1914, renderam esses dous municipios 73 contos; em 1915, 95 contos; em 1916, 241 contos, e em 1917, 312 contos. Devo assignalar que já no primeiro semestre deste anno, pelos ultimos telegrammas, os impostos arrecadados attingem a somma de 248 contos.

A *Informação Goyana*, orgão que, no Rio de Janeiro, cuida dos interesses de Goyaz, traz os seguintes algarismos e commentarios:

Emfim, os dous municipios de Catalão e Ipomery, não poderao desconhecer mais, graças á União, as vantagens das vias ferreas.

A *Informação Goyana*, jornal que no Rio de Janeiro cuida dos interesses daquelle Estado, diz:

"Rendimento:

1914	73:968$210
1915	95:649$711
1916	241:545$467
1917	312:277$111
1918 (1° semestre)	248:369$726

E' espantoso o augmento que, de mez para mez vão tendo os artigos de exportação goyana. Ainda agora fomos informados por pessoas vindas de Roncador, que as estações da Estrada de Ferro de Goyaz estão abarrotadas de mercadorias que aguardam praça para os mercados consumidores de Minas, São Paulo e Rio. Dahi a razão por que vivemos a martellar nesta velha verdade: é de vias de transporte que Goyaz precisa. O seu problema economico-financeiro ficará insolucionavel, emquanto o Governo Federal não promover os meios de facilitar a sahida de sua variada producção. As terras fecundas e fartas dos sertões brasileiros, onde jazem latentes as riquezas do paiz, reclamam braços e capitaes. A construcção de estradas de ferro é impossivel actualmente, porque a guerra européa impossibilitou a importação de trilhos e material rodante. Seja. Mas não devemos esquecer que ha outro recurso mais facil e menos oneroso para os cofres publicos: as estradas de automoveis. Trate o Governo Federal de auxiliar as emprezas de auto-viação para que possamos ser os celeiros do Velho e Novo Mundo."

Sim, lembro estas cousas, talvez com certo amargor, Sr. Presidente, é para concluir que, si a representação do meu Estado conseguiu dos seus pares as medidas que pleiteou em bem da sua terra e maior proveito ainda do Brasil, o Governo Federal ou não as realizou integralmente, ou não chegou a executal-as.

Sr. Presidente, quando outros Estados da União crescem dia a dia, vendo as sciencias e as artes florescerem em seu seio, a industria e o commercio abrirem-lhes as portas de uma ingente e colossal fortuna, as estradas de ferro lhes abreviando as distancias, um máo fado, um adverso destino parecia carregar sobre o Estado de Goyaz, que via a cada momento abortarem os projectos de sua almejada prosperidade e definharem em nascença os primeiros germens de uma civilisação tão invejada.

Goyaz até hoje tão pouco conhecido, como que abandonado mesmo, parece ver agora uma nova éra de esperança.

O illustre Presidente de Goyaz, Sr. Desembargador Alves de Castro, tem empregado todos os seus esforços para melhorar as condições economicas e financeiras do Estado.

Alumnos do 3° anno do Internato e Externato Amor e Luz, de Catalão, dirigido pelo provecto professor João Guilherme Chaves.

Remodelou o Lyceu Goyano, que já está equiparado ao Collegio de Pedro II; remodelou as secretarias do Estado.

A segurança publica deixou de fazer parte da Secretaria do Interior. E' uma repartição sob a direcção do chefe de Policia.

Creou e installou o gabinete de identificação e o gabinete medico-legal.

Melhorou, consideravelmente, a arrecadação e fiscalisação das rendas publicas.

Regulamentou o montepio dos funccionarios publicos, tornando-o obrigatorio; augmentou o armamento da policia.

Concedeu diversos favores a emprezas que construissem estradas de rodagem; melhorou a instrucção primaria, e fez contracto para a illuminação electrica da capital.

A despeito, Sr. Presidente, do desamor por parte da União a alguns dos departamentos da Republica, Goyaz festeja amanhã o centenario da sua primeira cidade, e da maneira mais auspiciosa, consoante o telegramma, cujo texto desejo fique consignado nos *Annaes*:

"Goyaz — N. 104 — 163 — 7 — 6 — 15 — 20 — Deputado Olegario Pinto — Camara — Rio — Recebi seu telegramma avisando ter sido lavrada em data de hontem escriptura de quitação passada ao Estado pelo Crédit Foncier. Titulos que serviram de cauções podem ser remettidos pelo Correio. Tenho prazer de communicar que por decreto que acaba de ser assignado e attendendo á situação das finanças goyanas que permitte o resgate das apolices emittidas nos termos da lei n. 520, de 30 de Julho de 1915 e que não mais justifica o onus que pesa sobre o Estado com o pagamento de juros dessas apolices, determinei a amortização total dessa divida até o dia 15 do corrente. Posso, pois, declarar com orgulho que o Estado de Goyaz não tem divida de qualquer natureza quer seja interna ou externa. Depois de feitos todos os pagamentos, o saldo em caixa, inclusive cem contos de réis, em poder da Estrada de Ferro, ainda é superior a quinhentos contos de réis. Em virtude da nova lei judiciaria estão sendo processados nesta Capital os defraudadores das rendas publicas. Cordiaes saudações. — *Alves de Castro,* Presidente do Estado."

Senhores, não sei de modo mais digno e elevado para se commemorar uma data querida, e não creio que haja expressões mais felizes para externar o nosso regosijo, do que espalhar pelo paiz inteiro a grande nova contida no tão singelo quão significativo despacho telegraphico que acabo de ler. (*Apoiados; muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado.*)

NOTAS E INFORMACÕES

Por decreto de 25 do mez p. findo foi mandado installar uma Fazenda Modelo de Criação no districto de Urutahy, termo e comarca de Ipamery, no sul do Estado de Goyaz.

A escolha do local, aliás devida ao Exmo. Sr. Dezembargador Alves de Castro, não podia ser mais feliz.

S. Ex. acceitou e mandou transferir ao governo federal a doação que lhe fizera o Sr. Sebastião Louzada, importante fazendeiro residente em Urutahy, de uma área de 600 hectares de terras para nella ser estabelecida a fazenda modelo.

E até que afinal Goyaz, a região armentosa por excellencia neste paiz, vae gozar de um beneficio de ha muito dado de mãos beijadas aos demais Estados da União — mesmo aos menos apropriados á industria pastoril.

*

Já passou na Camara dos Deputados o projecto de iniciativa do nosso collaborador Dr. Olegario Pinto, incumbindo o governo do Estado de Goyaz da execução do testamento do Dr. João Gomes Machado Corumbá, entregando o governo federal ao mesmo Estado as apolices, juros e demais bens do testamentario.

Como se sabe, o uso-fructo da herança do Dr. Corumbá será reservado exclusivamente á diffusão do ensino publico em Goyaz.

Louvores, pois, ao digno e esforçado representante goyano no Congresso Nacional.

*

O Sr. Dr. Eurico de Góes, delegado geral da Commissão Directora do "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil", dirigiu ao Sr. Dr. Ramiz Galvão, Presidente da mesma commissão, o seguinte telegramma:

"Roncador, 24 de Setembro. — Através algumas peripecias naturaes da região percorrida, cheguei felizmente a Roncador. Regresso viagem Araguary, Ilha Bananal, rio Crystalino e rio das Mortes, tendo feito, ida e volta, além de duzentas leguas de canôa e mais de cento e oitenta a cavallo até aqui. Visitei dez aldeamentos de indios e procedi a alguns recebimentos telegraphicos, levando varias photographias interessantes, inclusive do estado actual da tapera que foi morada do Anhanguéra velho. Margem Corumbá arredores minuciosamente percorri. O estado primitivo da mesma residencia obtive alhures. Consegui dos descendentes de Anhanguéra offerecessem, por meu intermedio, ao Museu Historico do Instituto a ampulheta ou relogio de areia que pertenceu áquelle sertanista, devendo esse objecto ser-me entregue amanhã. Sigo para Urutahy, tomando passagem no trem de serviço em andamento aqui. Sigo depois S. Paulo, com destino a Cuyabá. Attenciosas saudações e saudades. — *Eurico de Góes.*"

Ora, se são todos deste quilate os informes que ahi vem trazendo da sua espectaculosa viagem a Goyaz esse Sr. Eurico de Góes, para o decantado Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil — monumento que está prestes a desabar sobre a litteratura scientifica do paiz, como calamidade a mais — póde o Sr. Dr. Ramiz Galvão limpar as mãos á parede...

Antes do Sr. Góes visitar os aldeamentos das tribus indigenas do Araguaya e seus affluentes, dezenas e dezenas de estrangeiros e nacionaes — de muitissimo mais competencia — já o haviam feito, desde Castelnau até W. Kissenberth, do Museu Ethnographico de Berlim.

Sob o ponto de vista anthropologico, Paul Ehrenreich já havia exgottado o assumpto, desde 1886.

Como se vê do telegramma acima, diz o Sr. Góes que traz varias photographias, inclusive do estado actual da tapera que foi morada do *Anhanguéra* velho, á margem do rio Corumbá.

Não fosse do programm desta Revista refutar inexactidões propaladas em livros e na imprensa ácerca das cousas de Goyaz, e nós não teriamos que contestar o emissario do Instituto Historico, dizendo-lhe que nem o *Anhanguéra* velho, Bartholomeu Bueno da Silva, pai, nem o filho, do mesmo appellido, moraram nas margens do rio Corumbá.

Si a ampulheta a que se refere o Sr. Góes é tão authentica como a informação que lhe deram da antiga residencia ou tapera do descobridor de Goyaz, nós não podemos dar parabens ao Sr. Ramiz Galvão...

*

Pedimos a attenção dos nossos economistas, financistas e estatisticos para o que se segue: os 176 kilometros apenas de via-ferrea construidos no territorio goyano, vêm dando apreciaveis receitas, muito superiores ás despezas; emquanto que os 1.169 kilometros de estrada de ferro abertos ao trafego no Estado de Matto Grosso não só nunca apresentaram saldo algum, como ainda oneram o Thesouro Nacional em milhares de contos de réis, annualmente. Accresce que a Companhia Estrada de Ferro Goyaz é credora da União, que tem a haver da Itapura a Corumbá mais de 15.000 contos, como se poderá ver do ultimo Relatorio do ministro da Viação e Obras Publicas, Dr. Tavares de Lyra.

Res non verba.

*

O governo do Estado de Goyaz acaba de ser, pelo engenheiro Carlos Hass, notificado do inicio da navegação a vapor do rio Paranahyba no trecho comprehendido entre a ponte da Estrada de Ferro Goyaz, estação *Anhanguéra*, e a Cachoeira Dourada.

E' este um importante emprehendimento destinado a beneficiar os Estados de Goyaz e Minas.

*

Transcrevemos do *Correio Official*, e com o maior prazer, o seguinte:

DIVIDA PASSIVA

O Desembargador Presidente do Estado resolveu pagar toda a divida passiva do Estado, não só proveniente do emprestimo contrahido em 1914 no Rio de Janeiro com o Banco "Crédit Foncier du Brésil" como a de emissão de apolices emittidas em 1915.

A divida com aquelle Banco montava em 299:947$000 e foi resgatada por antecipação no dia 2 do corrente por intermedio do nosso representante deputado Olegario Pinto, conforme se vê de telegrammas recebidos por S. Ex. o Sr. Desembargador Presidente do Estado e dos quaes consta que, recolhida a importancia ao Banco, ficou prompta e assignada, em data de ante-hontem, a escriptura de quitação, sendo restituidos os titulos que serviam de caução.

Por decreto de hontem o governo ordenou o resgate de todas as apolices em circulação no Estado, de accordo com a lei 520, de 30 de Julho de 1915.

Do dia 15 do corrente em diante, portanto, os portadores das apolices, que não forem resgatal-as na Secretaria de Finanças, terão as importancias das mesmas depositadas na dita Secretaria sem juro algum.

Os credores do Estado, por sentença judiciaria, que requereram o seu pagamento, tambem já foram pagos, restando apenas um que se acha fóra da Capital.

Podemos, pois, declarar que o Estado de Goyaz não tem dividas de qualquer natureza que seja.

*

O deputado Octacilio Camará acaba de affirmar na Camara dos Deputados que os marchantes estão perdendo com a venda da carne verde em S. Diogo a 1$000 o kilo; e mais, que quem está ganhando presentemente com esse ramo de negocio é o criador de bovinos.

E' preciso muita má fé para assim argumentar quem pela pratica do officio não ignora que dois apenas são os factores da alta do preço da carne no Rio — os invernistas e os marchantes residentes no Matadouro de Santa Cruz com as suas succursaes no Estado de Minas.

Não senhor, quem em tudo isto sempre sae perdendo, para não dizer roubado, são os criadores goyanos, porque elles é que fornecem, a preços minimos, a maior parte do *gado de Minas* que se abate annualmente no Matadouro de Santa Cruz.

O que é preciso é dar combate á exploração dos intermediarios — sem exclusão do governo de Minas, que cobra impostos prohibitivos sobre o gado goyano em transito para os centros consumidores do Districto Federal e de S. Paulo.

Pelas nossas estatisticas officiaes S. Paulo exporta xarque e Goyaz, não; mas pela recebedoria das rendas do nosso Estado, feita pela Companhia Estrada de Ferro Goyaz, vê-se, comparando a exportação goyana daquelle producto com a de S. Paulo pelo porto de Santos — que a quantidade é a mesma, isto é, que sahe de Goyaz para S. Paulo tantas toneladas de xarque quantas são as sahidas pela aduana de Santos...

*

Ha em Goyaz, constatadas pelos scientistas Pohl e Eugenio Hussack, ricas jazidas de minerios de ferro de duas qualidades: ferro magnetico e ferro oligisto.

Não nos podemos furtar ao desejo de trasladar para aqui as seguintes notas firmadas pelo auctor d'*Os Satellites do Diamante*:

"Interessante para o estudo da genesis do magnetico e pela analogia que apresenta com o de S. João de Ipanema, em S. Paulo, é a occurrencia de ferro magnetico (Fe^3 O4) de Catalão.

Na fazenda do Sr. Vicente Bernardo Pires, tres leguas distantes de Catalão, encontram-se grandes blócos de minerio de ferro, espalhados sobre a superficie, numa grande extensão e consegui descobrir a rocha ferrifera, totalmente decomposta *in-situ*, junto á fazenda.

. . . .

Ao norte da serra dos Pyreneos, perto do Quilombo, no Vão do rio Angicos, e cerca de 18 leguas ao norte de Meia-Ponte, existe uma grande jazida de ferro oligisto (Fe^3 O3) que em qualidade e pureza se assemelha ao da ilha d'Elba.

Esta jazida se apresenta em fórma de camada intercalada no micaschisto argilloso e com a possança de cerca de 30 metros, se estende na distancia de alguns kilometros.

Outro possante deposito de ferro oligisto (Fe^2 O3) digno de nota fica entre S. João e Cuba, cerca de tres leguas distante de Meia-Ponte, sendo intercalado em itacolomito.

Esta ultima rocha transforma-se em schisto ferrifero (itabirito) e este em minerio compacto, que, entretanto, é rico em granulos isolados de quartzo. Esta localidade já foi referida por Pohl.

A occurrencia de jazidas de oligisto e de schisto ferrifero (itabirito) na formação do micaschisto, na serra dos Pyrineos, é analoga á dos schistos crystalinos da região de Ouro Preto, em Minas Geraes."

A bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1723

O ROTEIRO DE JOSE' PEIXOTO DA SILVA BRAGA

II

"19. Passado este perigo, fomos na outra canôa buscar a parte esquerda por baixo da cachoeira, onde o rio fazia remanço com uma excellente praia: nella matamos dois porcos, que nos serviram de matolotagem para a viagem e fizemos de novo outra canôa com tres machados e duas enxós, que tambem nos escaparam, vertendo sangue as mãos por ser de tamboril durissimo o páo de que a fizemos, gastando na sua fabrica doze dias abrigados á sombra daquelles mattos; e como perdemos os anzóes e linhas, perdemos tambem o gosto do peixe, e nos valiamos do palmito bocajuba, que depois de esfolado e feito em uns pequenos pedaços socavamos em uma pedra, e o comiamos em mingaus, servindo-nos de tacho ou panella uma pequena bacia de arame, que tambem nos escapou.

Feita a canôa, seguimos nossa derrota, e passados tres dias de viagem demos com um páo cortado na beira do mesmo rio: abordamos as canôas a expiar algum macaco para comermos e matar a fome, que já era muita quando descobrimos um arraial de gentio pouco menos distantes que um ou dois tiros de espingarda; era o arraial grande, e teria mais de trinta ou quarenta ranchos redondos.

Visto nos tornamos logo a embarcar, fugindo a todo o remar por não sermos sentidos d'elles, e tanto que fomos dormir distancia de quatro ou cinco leguas rio abaixo, arranchando-nos no matto da parte esquerda, onde achamos algum palmito indayá, mas foi tal a perseguição dos morcegos nessa noite, que sobre nos tirarem o somno nos custou muito a livrar d'elles; porque como vinhamos já nús, tanto que fechavamos maças e cachões que parecia um inferno: passamos por cima d'uns recifes, lançando as canôas pelo canal á fortuna; sahiram estas abaixo da cachoeira cheias de agua e rombos, tiramol-as então a nado, e concertadas como pudemos, seguimos nossa derrota. Estes são, R. Senhor, os trabalhos, as miserias e as grandes conveniencias que tirei das novas minas dos Guayazes.

Minas Geraes. — Passagem das Congonhas, 25 de Agosto de 1734.

RECONSTITUINDO O ROTEIRO

De Campinas até ás alturas de Araguary, com uma ou outra variantes, por exemplo a passagem do Rio Grande, que foi em Ponte Alta, a Estrada de Ferro Mogyana cobre com a fita d'aço dos seus trilhos os rastos ainda não apagados do cabo da memoravel bandeira. Os nomes dos rios atravessados pela tropa são conhecidos, excepção do Paranahyba que apparece com a denominação erronea de Meia-Ponte, equivoco que n'outro logar explicaremos. Das immediações de Araguary a bandeira seguiu rumo de Catalão, transpondo o Paranahyba mais ou menos em Porto-Velho, seis leguas aquém da alludida cidade goyana, em cujas visinhanças Frei Antonio se deixou ficar com animo de lançar roça. Releva dizer que desde Uberaba mediante este roteiro se afastou bastante do que presumiam os primeiros chronistas de Goyaz.

De Catalão, mudando de rumo — quarta de norte — a bandeira desviou algum tanto para nordéste, deixando os Guayazes que procurava á esquerda.

As oitentas e tantas leguas andadas neste rumo (um tanto exageradas), marcam a distancia de Catalão a Mestre d'Armas, onde de facto existem as grandes chapadas sem mattos, só sim com muitos corregos bundantes de pescada, como os de Mestre d'Armas, Parnoá, Pepiripau, Torto e outros, todos dentro da área demarcada para o futuro Districto Federal da Republica, pela Commissão Cruls, da qual fizemos parte. Tudo está indicando claramente que se trata de Mestre d'Armas ou suas visinhanças, pois nos riachos e corregos innumeraveis que banham o municipio dessa localidade são encontradiças as especies ichthyologicas que Silva Braga menciona: Dourados (*Salminus*), Trahiras e Piabas.

A simples referencia ao nome da primeira especie desses peixes, que não occorrem nas aguas do Tocantins, nem em nenhum dos affluentes da bacia amazonica, afasta a hypothese de se procurar mais adiante ou á direita de Mestre d'Armas, o ponto em questão. Outro indicio vehemente vem a ser a abundancia sabida nas proximidades de Mestre d'Armas, da palmeira do genero *Cocos*, que o autor chama *Jaguaroba*, a qual fornece o palmito amargoso — *guariroba*, assim conhecido no interior do paiz, em Goyaz principalmente. Occorre accrescentar que perto de Mestre d'Armas existem vestigios de minas de ouro exploradas, mais tarde, por Urbano do Couto, aventureiro celebre que fazia parte da bandeira ao mando do Anhanguéra, ao qual sobreviveu 32 na antiga Capitania de Goyaz. Ficam estas jazidas distante 10 leguas apenas de Mestre d'Armas, como se vê de um roteiro daquelle bandeirante portuguez, cujo nome não ficará no numero dos esquecidos porque está intimamente ligado ao de tantos accidentes geographicos de Goyaz...

De Mestre d'Armas a bandeira, depois de transpôr o grande Araxá que separa as aguas do Prata e do Amazonas, ali pela Lagôa Formosa, deixando á esquerda o Rio Maranhão e á direita as vertentes do Paranã, e entrando pelas chapadas arriba que vão dar á dos Veadeiros, foi nessa mesma direcção ter as primeiras ramificações da Serra de S. Joaquim, pela margem esquerda do Rio dos Brancos, affluente do Tocantinzinho, onde se lhe deparou um dos primeiros aldeiamentos dos incolas Quirixás, modernamente dito — Crixás, tribu hoje já extincta, como todas que entraram em contacto com o Anhanguéra, excepção talvez da dos Caiapós. O rio que a bandeira costeiou pela parte norte é o mesmo Tocantinzinho. Sobre esta zona ha na Bibliotheca Nacional interessante e antiquissimo mappa que consultamos e se deve ver.

Chegada foi a bandeira, poucos dias depois, aos arredores de São Felix, já proximo ao rio Maranhão, tendo deixado Cavalcanti á direita. J. M. C. de Alencastre, que não teve conhecimento desse roteiro unico da entrada do Anhanguéra, assim escrevia: "Não vemos fundamento algum que induza a crer que elle tivesse chegado com seus companheiros ás margens do *Paranã* no norte da provincia; e muito menos que alguns de seus aventureiros tivessem desnorteado; embarcando no *Tocantins* com direcção ao Pará. Tudo isto temos por novella mal contada."

Neste ponto até então contravertido da historia goyana, até mesmo o veridico conego Luiz A. da Silva e Souza claudicou, pois informa "que de Rio Claro foi que a bandeira retrocedeu, pendendo ao norte, até o Rio Paranã, depois de atravessar o cordão de Matto-Grosso."

Pelo rio Maranhão o companheiro de Bartholomeu Bueno continuou a sua penosa derrota em rumo de Belém do Pará, pelo Tocantins abaixo, vencendo providencialmente todos os obstaculos que o caudaloso rio revolto oppõe á sua navegação, principalmente na sua secção heroica, assim chamada por Elisée Reclus. O rio "que (mais adiante) vinha da mão direita e terras de Portugal", era o Paranã; o menor, o Santa Cruz; e, finalmente, o que vinha pela margem esquerda, em que acharam as jangadas de buritys, este o rio Santa Thereza, que, com o seu volumoso affluente o Cannabrava desce da chamada Serra do Estrondo; e d'ahi por diante até Belém do Pará tudo está escripto no interessante roteiro com tanta clareza e exatidão, que nos dispensa de descer a minucias que aliás não vêm ao caso.

A chegada e o mais que se passou com Silva Braga e seus companheiros em Belém do Pará, vem confirmando uma communicação a respeito feita pelo vice-rei marquez de Abrantes a Rodrigo C. de Menezes, como se vê de Azevedo Marques, na conformidade com o roteiro.

Agora o interessantissimo "ROTEIRO DE URBANO DO COUTO", que áquelle completa como uma pagina final, destacada:

"No anno de 1722, senda eu de idade de 20 annos, sentei praça de soldado aventureiro para ir a esta conquista de Goyaz. Em o tempo que andei explorando esta vastissima campanha, vi ouro em muitas partes, mas só em tres me pareceu de boa pinta. A primeira é em uma das pontas deste Matto-Grosso, no logar que se chama as *Palmeiras*. Foi visto em 1723 e descoberto por João Leite, genro do Anhanguéra. Eu não me achei presente, porque tinha ido com os meus soldados a outra diligencia mais fragosa e arriscada, mas quando me recolhi no mesmo dia e hora, chegou o dito João Leite com grande estrondo de tiros e foi recebido do sogro com muitos mais, com a alegria do ouro que se tinha descoberto.

No dia seguinte se fez junta com todos os conselheiros sobre quem havia de ir a cidade de S. Paulo levar a amostra do ouro ao governador que era o Sr. Rodrigo Cezar de Menezes, e todos os conselheiros assentaram uniformemente que fosse o aventureiro.

Quando prompto com as cartas feitas e tudo arrumado e o ouro que devia de ir já pesado, que eram 28|8, de um dia para outro tomaram nova resolução, dizendo que não era aquillo Goyaz que procuravam... Em outra parte d'onde se viu ouro que me parece senão as maiores grandezas que haverá na comarca e fóra délla é nas contra-vertentes do rio dos Pasmados (Rio Claro); este rio eu fui quem lhe poz o nome, e muitos outros que não estavam nos *Araés*. Nasce na divisão das aguas em campo limpo e por elle corre para o sul e se mette no Rio Grande e juntos vão á Colonia ou Buenos-Aires.

Tem no seu nascimento uma pedra muito alta de varias côres; seu feitio é de uma galera sem mastros. Ao norte desta, rumo direito, está outra pedra no centro dos mattos dos Araés — que, me parece será ainda vista e povoada de muita gente, e será rica; é uma perfeita obra da natureza, que se poderá ter por uma das maravilhas do mundo; é a tal pedra redonda tão alta como dizem da Torre de Babel; tem da parte do sul uma escada bem feita, obra da natureza, por onde se sóbe e tem em cima um assento em que bem poderiam estar 20 mil soldados formados á vontade; da parte do norte nenhuma pessoa, por mais animada que seja póde olhar para baixo que não tema, porque não alcança com a vista o fundo: corre de léste a oéste uma serra tão alta que parece vai ás nuvens e que parece ser fiadora de muitas riquezas: eu puz-lhe o nome de *Serra Escalvada*. Entre esta torre e a serra será uma distancia de 15 a 20 leguas. Olhando-as ao longe, de cima da torre, vê-se no abysmo do fundão uma planice de matto, que toma toda esta distancia e pelo meio se vê signal de correrem dois rios ou ribeirões, tudo faz barra nos *Araés*, onde estão 14 pilões e uma tapera antiga que foi do cunhado do Anhanguéra, Manoel Pereira Calhamaro, que quando andava ao gentio ahi fazia escala, por ter roça e ajuntava o gentio para ir para S. Paulo. Neste lugar eu só estive com dois soldados, e Antonio Ferraz, sobrinho do cabo; este me pediu fizesse um sermão a seu tio, para que arribasse, e eu nesse dia não estava com vontade de pregar, porque estava bem cheio de fome, mas tanto me pediu e rogou, que eu fiz o sermão, que foi o ultimo que me ia custando a vida, sendo que os mais sermões deram vida a muita gente, porque vendo meus companheiros cada dia morrerem 3 ou 4 de fome, depois de terem comido todos os cachorros, e alguns cavallos, principiei a pregar e fiz 35 sermões sem mudar de thema, ani-

mando a todos que não esmorecessem, certificando-lhes para adiante rios de muita caça, mel e gavirobas. Perguntavam os miseraveis: quando? Respondia-lhes: nestes dias; e nestes permittiu Deus que chegassemos e tudo se achou certo.

Com esta cessaram as mortes e não morreu mais ninguem, e mal de muitos se não fôra o pregador. Neste lugar da tapéra, onde se acham os 14 pilões, é o legitimo rio Araés, onde fazem barra os ribeirões que se vêm da Torre de Babel. Neste mesmo rio, disse o Anhanguéra ao seu irmão Simão Bueno, que era aonde seu cunhado Calhamaro tinha achado n'uma parede de pedra alta os martyrios de Christo, e outros homens que estavam com elle, que todos ouviram. E este é o legitimo rio dos *Pilões*, mas seu nome proprio é *Araés*: eu só nisso posso falar e depois de Deus me favorecer tanto.

Servi de piloto e peguei no leme e logo andou a náo a caminho, e foi Deus servido levar-nos a estes rios, e eu ser vivo para delles dar noticias. Corre para o norte e faz barra num ribeirão que vem da Serra Escalvada, onde eu puz uma cruz grande por ordem do cabo, para posse da Comarca e pertence a esta pela repartição que depois fiz com as provedorias, por ordem de Martinho de Mendonça, em 1739, que abri um caminho dos geraes para estas minas, são terras que medeiam com a comarca de Cuiabá, etc., etc."

Ora, não ha duvidas de que de S. Feliz, nome d'um bandeirante que lá foi ter em 1728, naturalmente por informação colhida da bandeira da Anhanguéra, esta retrocedeu sobre seus passos, até ás alturas do divisor deixado atraz e que separa as nascentes dos tributarios do Tocantins dos que vão ao Paranahyba, isto nas alturas de 15°, ou seja nas adjacencias da lagôa Formosa, acima de Mestre d'Armas — onde mais tarde esteve Urbano do Couto explorando as barras de ouro que um dos seus roteiros assim assignala, naquella sua liguagem pinturesca e cabalistica:

"Irão os meus novos bandeirantes dessas minas americanas, pela picada da Bahia que vai para Goyaz, ao lugar mais alto da terra (1), de onde emanam qutro ribeirões, dos quaes ficarão intitulados as suas cabeceiras, estas as principaes do rio Preto, no arraial dos Couros, São Bartholomeu, Paranan e Maranhão: nesta altura vão tres lagôas em carreira, em campina clara (2); verão um poço sem praia e nem alcance de fundo, verde côr de mar, que não secca nem vasa, quer no inverno, quer na calma: desta altura verão um morro de feitio de uma canastra (3), em mez de Agosto, da parte que entra o sol, não ao primeiro, ao segundo, um morro, Tres Irmãos, depois de passarem tres ribeirões (4) de rochas ou rochas e montes verão tres pés de buritys, (5) vão acima delles, não o primeiro, o derradeiro — e verão um morro do feitio de um cruzeiro, e pela parte da serra, caeem e verão ouro bom, e se acharem pela cinta e cabeça, encontrarão grandeza tal que não terão visto em Goyaz (6). Palacio da Ajuda, 30 de Julho de 1750.

Em nome do S. M. S. D. Mariana, mulher do Senhor D. João V mandou para ser archivado no Palacio da Capitania de Goyaz.

Este roteiro foi assim autenticado por um habitante de Mestre d'Armas:

(1) Este logar é o chapadão de Cocal, que é o mais alto, segundo disse o visconde de Porto Seguro.

(2) Existem as tres lagôas que são: Bom Successo, Formosa e Bonita, e bem assim o poço proximo á primeira lagôa.

(3) Este morro avista-se da villa, na distancia de quatro leguas.

(4) Existem mais de quatro ribeirões, e por isso não se sabe quaes os referidos no roteiro.

(5) Na época presente só existem dois, mas conheceram os tres pés.

(6) A mina é dentro da fazenda onde residiu Urbano, seu primeiro possuidor.

Do ponto em que a deixamos atraz, a bandeira seguia sempre o divisor, pelo nascente, e contornava os pontos do Matto Grosso, desde o chapadão do Capivary, entre Corumbásinha e Antas. Dahi sempre se afastando do Matto-Grosso, foi ter a barra do rio João Leite no Meia Ponte. O nome de genro do Anhanguéra dado aquelle rio, é bem uma prova de que por ahi passara a bandeira.

Deste logar procurava a bandeira a Bocaina Velha de Amicuns passando pelas proximidades de Campininhas, Barro Preto e Allemão, mas sempre bordejando o Matto Grosso.

Em Amicuns, onde o cabo encontrou vestigios da passagem de seu pae, quarenta annos antes, a bandeira demorou-se algum tempo, plantando roças. Da Bocaina Velha a bandeira, seguindo sempre a mesma direcção foi ter a chamada *Pedra da Galera*, que se levanta d'uma das cabeceiras do rio dos Pasmados, tambem conhecido por rio Claro, e confluente do Paranahyba. Passando pela *Serra Escalvada*, a bandeira chegou a Torres de Rio Bonito, por Urbano cognominadas *Torre de Babel*, donde os bandeirantes avistaram as mattas do Rio Claro, ou dos Araés, como no roteiro de Urbano do Couto.

Todos estes accidentes geographicos figuram com muita exactidão na *Planta Topographica do Paiz dos rios Claro e Pilões na Capitania de Goyaz, mandada levantar depois de averiguado aquelle continente, etc., bem como comprehende a jornada que em Junho de 1772 fez Francisco Soares de Bulhões procurando o descoberto de Urbano do Couto.* Este documento faz parte da "Recompilação de Noticias Seteropolitanas e Brasileira" existente na Bibliotheca Nacional. Completa este mappa, a "Planta Hydrographica ou demonstração do caminho que ia de Villa Boa de Goyaz até Villa Bella de Matto Grosso com a descripção dos rios, corregos e terrenos conhecidos e algumas serras que medeiam entre as duas villas."

De Rio Bonito a bandeira tomou rumo da Capital, passando pela hoje povoação do Rio Claro, mas nas alturas da cabeceira do Agapito, tomou a direcção da Barra, e dahi, beirando sempre a Serra do Acaba-Sacco, acompanhou-a até os baixões do Araguaia, onde a serra se perde. Regressando sobre seus passos, o Anhanguéra veio afinal deparar com as minas procuradas, isto é, o sitio em que elle mesmo fundou o arraial de Sant'Anna, actualmente Goyaz.

Da hoje capital do Estado, regressou o Anhanguéra a S. Paulo, reentrando, em Catalão, na primeira picada percorrida em terras goyanas.

A 21 de Outubro de 1725 chegava a S. Paulo, para voltar ás minas de Goyaz em 1726, como capitão-mór regente dellas, e acompanhado, entre outros, do padre Manoel de Oliveira Gago, Manoel Pinto Guedes, Manoel de Barros e João Leite.

Foi nessa sua terceira entrada nas minas de Goyaz contando da primeira em companhia de seu pai, do mesmo nome e tambem por alcunha *Anhanguéra*, que Bartholomeu Bueno da Silva elevou pouco além do Paranahyba o cruzeiro conhecido tradicionalmente e ora dalli removido para a Capital do Estado. Esta chamada "Cruz do Anhanguéra" deve ter como inscripção a data 1726, e não 1746, como os *peritos* que acabam de a examinar affirmam no seu laudo.

Taes peritos ignoravam, até, que em 1746 Bartholomeu Bueno não existia, pois fallecera a 19 de Setembro de 1740.

* * *

Certo que não poriamos o ponto final nesta reconstrucção do roteiro de Silva Braga, para a grande luz da publicidade, sem deixar registrada a immensa tristeza de vermos, como vimos, que nenhum dos innumeros auctores das theses apresentadas recentemente ao Primeiro Congresso de Historia Nacional (historia das explorações geographicas do *inter-land*) mostrasse, siquer, o mais remoto conhecimento deste roteiro da bandeira do *Anhanguéra*, documento historico que ha de ficar, como portico para o conhecimento das terras de Goyaz, como a Carta de Vaz de Caminha na Historia do Brasil.

Esboço da geographia physica de Goyaz

Aspectos orographicos

A chamada cadeia central ou goyana compõe-se de duas divisões distinctas: a que separa a bacia do Paraná da do São Francisco e seguindo sempre a mesma direcção geral, cortadas de pseudas-serras, prolonga-se até o Piauhy, fazendo a divisoria das nascentes do S. Francisco com as do Tocantins; a segunda divisão é orientada na direcção geral de *E.* a *O.* e separa a bacia do Tocaantins-Araguaya da do Paranahyba-Paraná, com o nome improprio que lhe déra Eschwege de Serra das Vertentes, cujo ponto culminante são os montes Pyrineus com a sua altitude de 1.385 m. acima do nivel do mar.

A primeira destas alludidas divisões, que se prende á serra do Espinhaço, prolonga-se na direcção *N. E.*, e tem seu ponto culminante na Serra da Canastra, onde nasce o São Francisco, com a elevação de 1.282 m., segundo Orville Derby.

Mas o ponto culminante do territorio goyano, até agora verificado, é Pouso Alto, na Chapada dos Veadeiros, que ahi tem 1.778 m. sobre o nivel do mar e a Chapada excede 170 m. á do cume dos Pyrineus e de 290 m. nos morros. (Dr. Cruls).

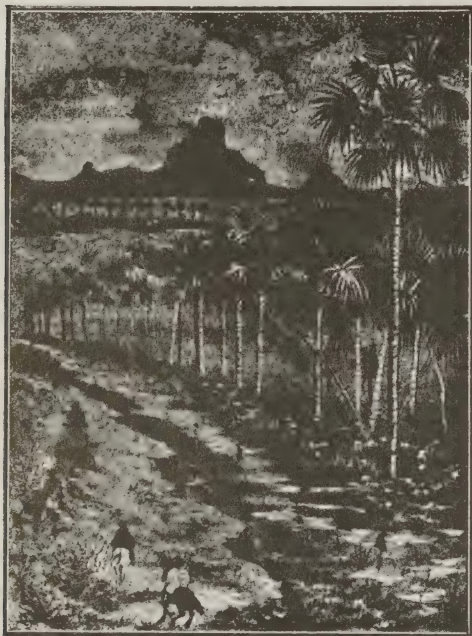
Os caracteristicos principaes do relevo do sólo goyano são as chapadas ou chapadões de stratos horizontaes, sobre os quaes aqui e alli se elevam algumas serras e pincaros isolados, ou grupados, como os Pyrineus, as Torres do Rio Bonito e outros, cujos aspectos as photographias juntas reproduzem.

No norte do Estado, levantam-se nas planicies morros de aspectos singulares como o do Moleque, de fórma quasi conica, que attinge a 200 metros de altura; o Mausoléo — sob a fórma de um tumulo, e tantissimos outros, que seria longo enumerar.

Sob o ponto de vista geometrico o Estado divide-se em tres grandes planos inclinados — um para o Norte, mais abrupto; outro voltado para o Sul, de declive mais suave e de fórma mais dilatada, e finalmente outro para o Oriente por onde deslisam aguas para o S. Francisco. Nas immediações de Catalão, por exemplo, o acima alludido segundo plano tem a elevação de cerca de 800 m. e attinge a 1.000 m. nas proximidades de Meia Ponte (E. Hussack).

A famosa Serra Dourada não é continuação ou prolon-

gamento do divisor, como erroneamente affirmam os nossos geographos de gabinete, pois se eleva distante delle, ao norte, orientado-se para *W*.

Em resumo, como bem disse Derby — o maior numero das chamadas serras do interior do Brasil, Goyaz particularmente, são méras chapadas resultantes da corrosão que re-

SERRA DO CAYAPO

cortou de ravinas os chapadões formadores dos grandes rios do *hinter-land*.

HYDROGRAPHIA

Goyaz é o unico Estado brasileiro que vê brotar do seu sólo aguas tributarias dos tres grandes e principaes systemas hydrographicos nossos: — o amazonico, o platino e o oriental ou francisquense.

Ao primeiro desses systemas hydrographicos manda o Tocantins-Araguaya, ao segundo o Paranahyba e mais o Coxim e Taquary; e finalmente, ao S. Francisco innumeros affluentes deste, sendo os principaes os rios Preto e Urucuya.

BACIA DO TOCANTINS-ARAGUAYA

Os principaes formadores d'esta rêde hydrographica são:

O ARAGUAYA, que nasce nas ilhargas do Morro Vermelho sob o 18° de latitude sul e o 10° de longitude *W* do meridiano do Rio de Janeiro, no *divortium-aquarium* das bacias do Prata e do Amazonas, e corre de *S.* a *N.* fazendo até a sua juncção com o Tocantins um percurso de 2.627 kilometros, dos quaes 1.300 francamente navegaveis. Recebe pela margem esquerda os rios Cayapó, Garças, Christalino, das Mortes e Tapirapés, o penultimo com um curso de 1.200 kilometros, dos quaes 500 navegaveis; e pela margem direita o Cayapósinho, o Claro, o Agualimpa, o Vermelho, o Peixe o Crixás e o rio das Javaés, este ainda inexplorado.

O URUHU' nasce no acima referido divisor, em Olhos d'Agua, distante cerca de 50 kilometros ao sul da cidade de Goyaz. Este rio, que deve ser considerado a mais alta cabeceira do Alto-Tocantins, collecta aguas dos rios Bugre, Patos, Canastra, Sucury e S. Patricio.

O ALMAS, que nasce nos Montes Pyrineus aos 15°51'45" de latitude *S* e 5° 47' *W* do meridiano do Rio de Janeiro e recebe o Padre Souza e Peixe.

O MARANHÃO, que nasce n'uma *vereda* de burity, um pouco ao sul da Lagôa Formosa, na latitude meridional de 15°19'45" e 07 h. 17 m. 47 a *W* do meridiano do Rio de Janeiro, e se avuluma com innumeros tributarios.

O PARANAN, que nasce na Serra de S. Pedro, cerca de 5 kilometros ao Norte de Formosa, aos 15°55' de latitude e 4°8" do meridiano do Rio de Janeiro, desemboca no Maranhão, com o nome de Paranatinga, ou Palma, recebendo no seu percurso varios affluentes caudalosos como entre outros o S. Domingos e o Palma, contra-vertente, ambos, do S.Francisco.

O Uruhu', já reunido ao rio das Almas, recebe ainda o Maranhão, e com este nome segue até receber pela margem direita o Paranatinga e pela esquerda o Santa Thereza, onde começa então o Alto Tocantins; que, depois de receber pela margem direita os rios do Somno e Manoel Alves Grande, voltando-se para o occidente vai ao encontro do Araguaya, dando-se a confluencia desses dois irmãos gemeos, como os chamara E. Reclus, aos 5°21'08"16 *S* e 5°48'90" *W* do meridiano do Rio de Janeiro.

Não se podendo deixar de levar em linha de conta que tres por excellencia são as condições exigidas para saber-se qual a corrente principal de um systema hydrographico, isto é: a extensão do curso, o volume d'agua e finalmente a estructura geral da bacia — que tem mais importancia do que aquellas duas primeiras para se determinar qual a corrente dominante — é innegavel que o Araguaya as prehenche melhor do que o Tocantins, que aliás lhe toma o nome, conservando-o até os furos de Tajapuru'-mirim e Tajapuru'-grande, onde por seu turno o perde para tomar o de rio Pará com que entra no Oceano.

Ao oriente, tendo como ponto inicial mais elevado o Chapadão do Visconde de Porto Seguro, cerca de 15°28' de latitude sul, entestam ou entroncam-se, formando uma perfeita trichomia, aguas das bacias do Amazonas pelo Tocantins, da do S. Francisco pelo rio Preto e da do Prata pelo Alto Paraná. Ahi, em distancia apenas de tres kilometros mais ou menos, têm suas nascentes, o Bandeirinha e o Itiquira, tributarios do Paranan, o Vendinha, principal nascente do Pipiripáo e o Sta. Rita, que depois de receber o escoadouro da Lagôa Feia toma a denominação de rio Preto, affluente do Paracatu'.

Para o mesmo systema hydrographico do S. Francisco, corre, tambem, em pleno territorio goyano, o Urucuya que depois de avolumado com o Taquaral, o Raisama, o Paciencia, o Bonito e o Taboca que nasce ao occidente das Terras Vermelhas, ainda em territorio goyano, transpõe no vão do seu nome as serras do Bonito e Lourenço Castanho, no ponto de intersecção dellas, bem em frente do Morro do Pasmado, este já em terras de Minas Geraes. O Urucuia nasce por cerca de 15°32' de latitude e 0h.16m. *W* do meridiano do Rio de Janeiro — distante poucos kilometros das cabeceiras do rio Bezerra, affluente da margem esquerda do Rio Preto.

Da mesma zona goyana têm origem ainda outros tributarios da bacia oriental, como por exemplo o Roncador, o Taboquinha, etc., os quaes, já volumosos entram no Estado de Minas.

O illustre geologo Dr. Francisco de Paula Oliveira, membro que foi da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, assim se expressa no seu relatorio:

"O S. Bartholomeu é formado pelos rios Paranan e Pipiripáo.

Este, com o rumo geral de N 10° a 30° L. tem sua origem em formações do micaschistos, schistos argillosos e grez, e é o resultado de diversos affluentes dos ribeirões do Sobra-

dinho, do Mestre d'Armas e do caudal do Pipiripáo; e aquelle, da juncção dos ribeirões do Torto e do Gama, aos quaes vem trazer suas aguas, entre outros menores, o Bananal e o Riacho Fundo, e a direcção approximada de oéste para léste, correndo tambem em rochas da mesma natureza.

Parece ser o Pipiripáo o que determina o rumo do São Bartholomeu e este o que vae por sua vez marcar o eixo do baixo Corumbá.

Apezar de mais volumoso em aguas, não é o Corumbá o rio mais antigo. Numerosos affluentes, que recebe, de uma e outra margem, augmentam-lhe a descarga, mas o seu leito é mais elevado que o do S. Bartholomeu.

Nascê o Corumbá ao norte da serra dos Pyrineus, corre a principio para léste em grez itacolumito e schisto, para tomar depois o sul, perto da villa do mesmo nome, onde a sua altiude é de 930 metros; logo abaixo segue de novo a léste e procura depois o rumo de S. 3º O, para juntar-se com o São Bartholomeu. Até á barra com este rio, tem approximadamente o curso de 150 kilometros e a sua altitude na confluencia é de 700 metros, descendo pois, 230 metros.

O S. Bartholomeu, depois que toma esse nome, isto é, na juncção do Paranoá com o Pipiripáo, tem a altitude de 830 metros e num percurso de 140 kilometros.

Comparando os dous rios, vê-se que o S. Bartholomeu corre em leito mais profundo a muitos kilometros de sua união com o Corumbá."

Do que ahi fica se conclue que o Vendinha é a mais alta nascente do S. Bartholomeu, e que este é o eixo do rio Corumbá. As linhas acima transcriptas, do relatorio do Sr. Paula Oliveira, completam o conceito de Orville Derby quanto ás verdadeiras nascentes do rio Paraná. Dizia o provecto scientista: "Sendo a bacia do Paraná uma área deprimida entre a região montanhosa da costa e a de Goyaz, isto é, um planalto entre montanhas, deve ser considerado como rio principal o que melhor corresponde á linha média, ou eixo deste planalto. O Paranahyba, pelo menos até á foz do Corumbá preenche esta condição muito melhor do que o Rio Grande. Acima deste ponto a escolha do rio, que deve ser considerado como a verdadeira cabeceira do Paraná, deve estar entre o Corumbá, S. Marcos e o Alto Paranahyba. Sem noticias mais exactas sobre a geographia physica e estructura geologica da parte superior da bacia, é difficil dizer a qual deverá ser dada a preferencia. Dos tres o que corresponde melhor ao rumo geral da bacia, que da confluencia do Paranahyba e Rio Grande vai até a segunda volta abaixo das cachoeiras das Sete Quédas e ao sudoéste, é o Corumbá; o que afasta mais deste rumo é o Paranahyba, sendo muito para notar que nascendo muito mais para o sul do que vem representado nas cartas do Brasil, este rio se assemelha mais ao Rio Grande, Tieté e outros tributarios, do lado oriental do que geralmente se suppõe. (*Contribuição para o estudo de geographia physica do valle do Rio Grande.*)"

Desta opinião compartilhava E. Reclus, dizendo que "o Paraná já está constituido quando encontra o Rio Grande."

Que o Paraná nascia em terras de Goyaz e não no Estado de Minas — como erroneamente affirmam os geographos de oitiva — fôra previsto por D. Felix de Azara ainda nos tempos coloniaes. Dizia então o auctor da *Descripcion del Paraguay*: "Las primeras vertientes del Paraná nacen de las sierras donde los Portuguezes tienen las minas de oro que llaman Goiaces...".

Releva dizer que o Rio Grande tem menor volume d'agua, menos largura e menor profundidade na confluencia do que o seu rival — como se vê pelo *croquis* acima, que reproduzimos do relatorio da *Exploração do Rio Grande e seus affluentes*, pela Commissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo.

HENRIQUE SILVA.

NOTA — Deixam de sahir dois clichés a que allude o artigo por falta de espaço.

Documentos authenticos para a historia de Goyaz

1807

Illmo. e Exmo. Snr.:

Tenho a satisfação de poder assignar por este a V. Ex. que continúa com a possivel actividade o Commercio e a Navegação desta Capitania para a do Gran Pará, pelos rios Maranhão e Araguaya.

Diversos negociantes animados por mim e auxiliados com embarcações que mandei construir e equipar por conta da Real Fazenda, a quem pagam fretes, carregam nas ditas embarcações neste Porto de Santa Rita, 15 leguas distante de Villa Bôa, um numero já muito consideravel de arrobas de assucar, algodão e tambem outros generos de menor importancia.

Já eu disse a V. Ex. que a Capitania de Goyaz produz com abundancia e quasi sem cultura o melhor algodão de toda a America, mas é lastima que este importantissimo genero tenha sido até o presente tão desprezado; aqui não me consta ter passado a Lisbôa em tempo algum uma só arroba de algodão remettida de Goyaz; vi, porém, com grande satisfação minha augmentar-se consideravelmente a cultura delle, no anno de 1806 e já se remettem para o Reino, na expedição que apromptа mais de cem fardos. Em quatro annos a praça de Lisbôa abundará dos algodões de Goyaz e a Capitania deverá então a sua felicidade ao commercio de um genero considerado hoje como de primeira necessidade a respeito do qual nunca recear-se o abatimento que têm soffrido os assucares a annos a esta parte.

Já o Principe Regente Nosso Senhor annuindo ás minhas rogativas, foi servido conceder aos lavradores, que cultivassem as margens dos Rios Maranhão, Araguaya e Tocantins um perdão dos Dizimos por dez annos, porém é ainda muito necessario ao augmento da Agricultura, do Commercio e da Navegação que se decidam tambem as outras minhas propostas concernentes aos mesmos objectos.

V. Ex. não nos desampare, olhe attentamente para esta Capitania, a qual tem sido até o presente muito desgraçada, ainda póde ser util ao Estado e á Corôa.

Não me posso dispensar nesta occasião de tornar a requerer, que se mande organizar no Pará uma sociedade mercantil destinada a começar methodicamente o commercio desta Capitania pelos rios; conceda-lhes Sua Alteza Real os privilegios que julgar a proposito, animem-se os negociantes, que eu, da minha parte, prometto aprompta sempre os generos que me forem pedidos.

A expedição que fiz partir o anno passado e a que está a sahir até o fim deste mez, tem na verdade animado muito o negociante e o lavrador; mas V. E,. sabe que só as companhias é que tiveram forças para restabelecer o commercio animado de Pernambuco e Maranhão.

A sociedade estabelecida no julgado de Trahiras aprazou para este anno a sua primeira expedição mercantil: já se apromptam canôas e já ha carga para ellas: como o rio Maranhão é muito infestado pelos indios selvagens, faz-se necessario estabelecer logo alguns presidios, mas estes exigem despezas, a que não póde acudir a Real Fazenda desta Capitania em quanto se não applicarem para estes, e para outros semelhantes objectos todo o subsidio que annualmente se remette (muito desgraçadamente para nós) a Capitania do Matto-Grosso.

E o exposto a que me cumpre representar agora a V.Ex. a quem peço perdão das minhas repetidas impertinencias, as quaes comtudo merecem desculpas, porque são motivadas só pelos desejos de promover a felicidade desta Capitania de

servir ao Principe Augusto Nosso Senhor e agradar a V.Ex. a quem Deus guarde muitos annos e dê muita saúde.

Santa Rita, 15 de Outubro de 1807.

Illmo. e Exmo. Snr. Visconde de Anadia.

D. Francisco de Assis e Mascarenhas.

Futuro da navegação fluvial, e aerea do Brasil Central

A natureza deu ao Brasil central um dos melhores syystemas fluviaes do mundo, onde a navegação convenientemente organizada representará, de certo, um dos mais importantes instrumentos da prosperidade dessa bella e fertilissima região.

Entretanto, á despeito das mais satisfactorias tentativas, no correr de quasi tres seculos, desde os jesuitas, padre Christovão Lisbôa em agosto de 1625, padre Antonio Vieira em dezembro de 1653 até o general Dr. José Vieira Couto de Magalhães em maio de 1868, nos rios Tocantins e Araguaya; a despeito dos grandes esforços de distinctos patriotas, dos primeiros iniciadores do movimento progressista fluvial á vapor, o Visconde de Mauá, Dr. Christiano Benedicto Ottoni, e o Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos, em dezembro de 1866, no rio Amazonas, os Drs. João José de Oliveira Junqueira, em novembro de 1858, e Franklin Americo de Menezes Doria, no rio Parnahyba, em fevereiro de 1866, o 1º tenente da Armada Francisco Manoel Alves de Araujo, no rio S. Francisco, em fevereiro de 1871; a despeito dos animadores resultados das poucas emprezas de communicação fluvial actualmente existentes, a navegação a vapor nos poderosos rios do planalto brasileiro ainda está muito longe da verdadeira expressão do seu valimento real.

A fundação da cidade e do Forte Principe da Beira, no rio Guaporé, nos tempos coloniaes, naturalmente, fez convergir quasi toda a navegação do Amazonas unicamente para o rio Madeira, não obstante a grande extensão de cerca de 460 kilometros, cheia de difficuldades e perigos, na sua secção encachoeirada; e têm ficado até agora quasi esquecidas as viagens, tantas vezes com exito effectuadas, pelo Tapajoz e pelo Tocantins-Araguaya.

Não têm sido mais lembrados os dois caudalosos affluentes do alto Araguaya, rio das Mortes e, principalmente, o rio Barreiros e o seu grande tributario o rio das Garças, pelos antigos jesuitas preferidos desde as suas primeiras internações em busca de Matto Grosso.

A boa navegação do Paraguay, seus affluentes e sub-affluentes, ao sul, e a léste, a do Tieté, outr'ora, attrahiram o commercio destinado ao Matto-Grosso para essas linhas fluviaes, e os grandes rios do norte ficaram inaproveitados, apezar de só atravessarem o sólo patrio e encurtarem muito as distancias entre os principaes centros de commercio e industria do Pará e Matto Grosso.

Não são estes os unicos rios navegaveis que, mais ou menos directamente interessam a zona demarcada no planalto central para a futura capital federal; muitos confluentes caudalosos e navegaveis, quasi todos ainda inexplorados, têm as suas nascentes ou em territorio goyano ou em seus limites, defrontando com outros que, depois de um curso relativamente pequeno, prestam-se a navegação tambem.

O rio Paracatu', o maior affluente mineiro do rio S. Francisco, nasce na serra dos Pilões; tem um curso de cerca de 630 kilometros, dos quaes 422 navegaveis, segundo o Dr. Eduardo José de Moraes; e o seu affluente rio Preto, que nascé na cidade goyana de Formosa, tem mais de 500 kilometros de comprimento e em grande parte é navegavel.

O rio Urucuia, de perto de 500 kilometros de extensão, dos quaes 231 navegaveis, sem contar o seu caudaloso tributario o rio Claro, ainda inexplorado e mal conhecido.

O caudaloso rio Pardo, que nasce nas fronteiras de Goyaz tem perto de 550 kilometros de curso, segundo Gerber; e o rio Pandeiros, que nasce na serra Negra, em Minas, perto de Goyaz, não são conhecidos; mas, no dizer do Dr. Eduardo José de Moraes, aquelle dá mais de 80 kilometros de navegação e este 40.

O rio Carinhanha, cuja origem está na serra de S. Domingos, limite de Goyaz, divide Minas da Bahia, tem 462 kilometros de curso, e é francamente navegavel em extensão de 124 (°) não se levando em conta a impraticavel cachoeira de Marruáz, 48 kilometros da barra, por ser removivel mediante pequeno dispendio, conforme o parecer de competente commissão de engenheiros que a visitaram.

O vapor do rio S. Francisco, *Presidente Dantas*, já percorreu o Carinhanha 26 kilometros sob o commando do 1º tenente da Armada Emilio Augusto Mello e Alvim. A zona goyana a que póde interessar a navegação do Carinhanha e seu importante affluente Itaguary, tem as cidades de Flores e Forte, no Vão do Paranan, onde o rio Paranan já é navegavel.

O rio Corrente, cujas nascentes ficam tambem na serra de S. Domingos, tem mais ou menos o mesmo curso que o Carinhanha e já foi navegado pelo vapor do rio S. Francisco *Saldanha Marinho*, sob o commando do 1º tenente da Armada Alves de Araujo, até o porto de Santa Maria, a 133 kilometros da barra, e ainda continúa navegavel, mais ou menos 30 kilometros, até a povoação de S. José, segundo Durval Vieira de Aguiar.

A meia distancia entre S. José e o porto de Santa Maria, desemboca o rio das Eguas, navegavel até á villa Correntina. Defrontam esses rios com a região goyana em que se acham S. Domingos e Posse, na bacia do caudaloso Paranan.

O rio Grande, um dos maiores tributarios do S. Francisco, com o percurso de cerca de 500 kilometros, não offerece embaraço algum á navegação até a cidade de Campo Largo; 297 kilometros da barra, e d'ahi ao Limoeiro distante 132 é ainda navegavel, não obstante os rapidos em algumas curvas do rio.

Acima do Limoeiro começam as pedras, a ponto de tornar impossivel, em alguns logares, a navegação de canôas.

São affluentes do rio Grande, o rio Preto, navegavel na extensão de 264 kilometros até á barra do Sapão (de maior volume d'agua do que o rio Preto e tambem navegavel), o Branco até Jacaré, e o rio das Ondas 13 kilometros.

O rio Sapão nasce em uma "agua emendada", mais ou menos na latitude de 10 gráos austraes, a noroeste da Bahia, nos limites deste Estado com os do Maranhão e Goyaz, em toda a sua extensão o Sapão não apresenta pantanos; recebe numerosos affluentes, vindos da base dos planaltos adjacentes; e chegando na *Chapada da Mangabeira* forma com os seus tributarios, na phrase de James Wells, um verdadeiro labyrintho de canaes, no logar denominado *Vargem Bonita*, a 689 metros acima do mar, e onde cresce em espantosa abundancia a bella palmeira burity.

Na foz, o rio Sapão tem cerca de quatro metros de profundidade, e até bem perto das nascentes conserva tres metros e trinta centimetros, sem quédas nem cachoeiras, e com a inclinação geral de 1 pára 3.000 (James Wells).

Da "agua emendada" do rio Sapão sae tambem o rio Diogo que vae fazer barra no rio do Somno, affluente do Tocantins, Goyaz.

O rio Diogo dista cerca de 20 kilometros da cabeceira do rio Parnahyba, que é perfeitamente navegavel de Santa Philomena para baixo e divide as provincias do Maranhão e Piauhy; portanto, uma estrada de ferro ligando o rio Diogo a parte navegavel do Parnahyba seria de grande alcance pondo em communicação as provincias do norte do Imperio com as do centro.

DR. ANTONIO M. DE AZEVEDO PIMENTEL.

As finanças de Goyaz no Centenario

O balancete mensal, organizado em 1.º do mez corrente, na Secretaria de Finanças, accusou o seguinte movimento financeiro :

Balanço do estado das Caixas da Secretaria de Finanças até 31 de Agosto de 1918 :

1918 :

Caixa geral	Importancia	Saldo
Receita	2.118:271$215	
Despesa	1.658:003$735	460:267$480
Deposito e cauções :		
Receita	309:006$268	
Despesa	208:705$060	101:201$308
Estampilhas :		
Receita	1.701:034$000	
Despesa	1.157:088$200	543:945$800
		1.105:413$588

Do saldo da Caixa Geral já estão excluidos os pagamentos ao *Crédit Fonsier* e amortização dos debitos aos outros credores do Estado.

E' um facto auspicioso para nossa vida economica, attestando um importante cyclo de transição em nosso orçamento e na administração do Estado.

O Dr. Secretario de Finanças ordenou a 11 de Setembro um balanço extraordinario nos fundos arrecadados e expendidos afim de verificar a importancia do saldo que goza, possue em vesperas do Centenario.

O resultado foi o seguinte :

Balanço no dia 11 de Setembro de 1918 :

Apolices :	
Emittidas	237:600$000
Resgatadas	213:050$000
Em circulação	114:550$000
Cofre dos orphãos :	
Entradas	436:130$492
Retiradas	219:223$442
	216:907$050
Saldo em dinheiro	
Na Caixa Geral	471:801$121
No de deposito e cauções	64:128$687
No Banco Mercantil	43.468$397
Na E. F. Goyaz (Junho a Agosto)	159:946$738
	739:344$953
Divida activa :	
Conhecida até hoje	689:449$138

Como é sabido, o Governo do Estado, por decreto de 9 do corrente, chamou os portadores de apolices á liquidação total, o que veio collocar esta unidade da Federação entre os Estados que não têm dividas.

Do saldo acima, 739:344$953, subtrahindo-se a quantia depositada no Thesouro Estadoal para resgate de apolices, temos ainda 624:794$953, que representa o quantum que Goyaz possue, depois de ter pago todos os seus compromissos pecuniarios.

Com semelhante situação das finanças está patente que a arrecadação até hoje feita, excede de 1.500:000$, o que promette ou mesmo garante as melhores considerações sobre a situação do Estado no que concerne o numerario.

E tanto mais progrediremos nesse ponto de vista quando está sendo energica a campanha movida aos defraudadores, os quaes já sobem a numero crescido, dando um desfalque de 689:449$138.

O *Demócrata*, com intima satisfação informa seus leitores, principalmente á todos os goyanos do Estado, do momento de nossas finanças que, em dia algum deste ou do passado regimen, foi tão lisonjeiro, constituindo o melhor acontecimento na epoca do centenario de Goyaz"

(D'*O Democrata* de Goyaz de 17—9—918)

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu diretor, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do Jornal do Brasil

// A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2' andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1918 — VOL. II—N. 4

SUMMARIO

Goyaz neste momento

O nosso venerando collega do *Jornal do Commercio*, na sua *Gazetilha* de 4 do corrente mez, resumiu sob o titulo—*O Commercio e a Guerra* as possibilidades economicas do Brasil depois da paz.

A procura de materias primas no periodo da reconstrucção européa será muito grande. Haverá margem para grandes e excellentes negocios. As opportunidades serão excellentes.

Novas correntes commerciaes se formarão. Só encontraremos bôa vontade e desejos de conciliações, mas não é possivel ficar desattentos em momento de tão grande actividade.

E' necessario, conclue o *Jornal*, ir estudando as questões e ir formulando as soluções que nos convém para que, na occasião apropriada, possamos facilmente obter o que ninguem nos recusará se fôr opportunamente reclamado.

Ora, isso que ahi fica sobre ás possibilidades economicas do Brasil em geral, nós lembramos aos proceres da actual situação goyana no tocante á conquista de mercados dentro e fóra do Brasil.

As materias primas que possuimos no Estado, os artigos de alimentação que produzimos e são exportados como de procedencias outras, precizam ser discriminados.

A iniciativa do Exmo. Sr. Dezembargador Presidente do Estado, de, com a devida permissão do governo de Minas Geraes, criar uma Recebedoria em Araguary para arrecadação dos impostos goyanos, lesados pela Companhia Estrada de Ferro Goyaz, vem de molde aqui. Mas é preciso, quanto antes, que tão benefica medida seja extensiva a outros Estados. — Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia e mais localidades mineiras como Uberabinha, Prata, Patrocinio, Paracatu', etc.

E não é mistér encarecer estas providencias que interessam por igual tanto ás finanças como tambem ao renome do nosso Estado.

Minas Geraes, um Estado interior e como o de Goyaz sem um porto de mar, tem aqui no Rio uma Mesa de Rendas.

Este direito, de que não cogitaram os legisladores da Republica, deve assistir tambem ao nosso Estado, que não póde continuar como irmã Maria vai com os outros...

Voltando ao nosso principal assumpto. Urge que os paizes que ora se resentem de materias primas, saibam que nestes Brasis um Estado as possue, de preferencia, tanto em qualidade como em quantidade, sobremaneira mais que as outras zonas do paiz — e esse Estado chama-se — Goyaz.

Exemplifiquemos.

A "mica" ou malacacheta — um dos minerios actualmente procurados e reclamados neste momento pelas grandes officinas de apparelhos electricos nos Estados Unidos, é em todo o Brasil um privilegio de S. José de Tocantins, em Goyaz.

Bem assim o amiantho para o fabrico de télas incombustiveis e numerosissimas outras applicações — na sua pureza unica no Brasil, só o da Serra Dourada, em Goyaz.

O quartzo hyalino ou crystal de rocha, é uma especialidade da petrographia goyana, e tanto que o bellissimo exemplar delle passa por achado em Minas, que é o precalço de Goyaz...

Entre os mais raros especimens mineraes, além da "platina", apparece na maior abundancia o "palladio", que os bandeirantes diziam "ouro podre", em razão da côr que lhe é peculiar. Em Arrayas, diz Taunay, só de uma bateada tiraram-se 60 oitavas, e numa unica noite certos ladrões conseguiram de um vieiro extrahir tres arrobas!

Finalmente, ha em Goyaz, no capitulo mineralogia, verdadeiro thezouro de Aladino — mas é preciso, é urgente e necessario mesmo, que os industriaes estrangeiros distingam minas de Goyaz de Minas Geraes... e bem assim as suas possibilidades economicas.

No proximo artigo teremos mais espaço nestas columnas.

LIMITES DE GOYAZ COM MATTO-GROSSO

Para as paginas da nossa ultima edição trasladamos na integra o parecer da commissão de justiça e estatistica da Camara dos Deputados de 20 de Julho de 1864 — documento juridico do maior valor em abono do direito de Goyaz aos territorios que Matto Grosso lhe contesta.

Com a sua publicação completamos a série de documentações que o illustre Almirante José Carlos de Carvalho propoz trazer para estas columnas, demonstrando:

a) Que os matto-grossenses foram em todos os tempos invasores relapsos das terras de Goyaz;

b) Que desde o anno de 1736 o governo de Goyaz exercia actos da sua jurisdicção até os "Martyrios", á margem do rio das Mortes;

c) Que a lei da Assembléa Provincial de Matto Grosso, de 22 de Março de 1832, que creou a freguezia de Santa Anna do Paranahyba é nulla em face do Direito Publico Brasileiro, quer na Constituição do Imperio e no Acto Addicional, quer na Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil;

d) Que contra essa violenta resolução da Assembléa matto-grossense protestára a 27 de Setembro de 1842, o proprio bispo de Cuyabá, D. José, que considerava a referida freguezia fóra das raias da jurisdicção do governo de Matto Grosso, e, portanto, não pertencendo ao seu bispado;

O GOVERNO DOS CARTAZES

A empreza de viação goyana espera os 250 contos promettidos --- A inercia do sr. Pereira Lima

Entre os principios que o Sr. Wencesláo Braz inscreveu nos cartazes polychromos com que iniciou a guerra á Allemanha, figura um que se refere á intensificação da cultura dos campos para que o Brasil se transforme de futuro no celleiro do mundo. E para que os camponios assustadiços e illetrados não se atemorizassem com os circumloquios da litteratura official, o presidente, usando de expressões menos confusas pediu aos governos dos Estados que instruissem o povo sertanejo dos nobres propositos da União.

Das risonhas promessas que se fizeram então, aos habitantes do nosso "hinterland", *destaca-se a que se refere á construcção de estradas de rodagem para descongestionar os centros productores facilitando os transportes para os mercados de consumo.*

Isso ha um anno. O tempo passou e a guerra parece que, segundo os telegrammas, tambem passou. Mas nesse prazo decorrido, o Sr. Wencesláo Braz, que sáe coberto de flores e ficará na historia republicana como um varão benemerito, creou uma superfetação: o ministerio da agricultura ambulante do Sr. Vieira Souto, cavalheiro entendido em assumptos de lavoura, segundo rezam por ahi as gazetas indigenas. Já não nos bastava a inutilidade burocratica da Praia Vermelha, onde o Sr. Pereira Lima, protegendo o assucar, continúa as tradições do Sr. José Bezerra, dizem que seu socio indirecto em doces negocios d'aquelle genero de primeira necessidade.

A verdade, porém, é que pela primeira vez se observou no Brasil o phenomeno quasi sobrenatural, do caipira crer na palavra dos governantes que sempre lhe mentiram. E' que, além dos offerecimentos lyricos dos edictos do Cattete, havia um aspecto mais pragmatico nesse movimento: a venda fatal do producto.

Entretanto, as difficuldades de communicação do centro com o littoral continuaram escassas. As vias carroçaveis, sem a conserva permanente, perturbavam e impossibilitavam o transito. E voltou-se por isso ao systema colonial do transporte de cargas no dorso das tropas, recurso retrogrado que mal attendia as exigencias dos pequenos municipios interiores.

Foi quando o Congresso votou uma verba de auxilio ás companhias ou emprezas que se organizassem para a construcção de estradas e estabelecessem linhas de automoveis. Em varios Estados, capitalistas se congregaram para esse fim e atacaram obras de vulto, confiando nos recursos promettidos pelo governo afim de melhor cobrirem certas despezas. Para muitos a ajuda veiu a tempo de permittir maior incremento aos trabalhos constructivos; mas para alguns nada se fez. Está nesse caso a companhia que se formou em Goyaz. Esse Estado, mais do que nenhum outro, tem a sua vida economica dependente das estradas de rodagem, porque são raras e más ali as vias-ferreas. A empreza que nessa unidade do planalto central se constituiu, reformou estradas existentes, abriu novos trechos atravessando as mais ferazes zonas de producção agro-pecuaria, e até hoje se está mantendo com os recursos proprios que são parcos e não permittem largos surtos.

Da verba que o Congresso votou lhe tocariam de direito, duzentos e cincoenta contos. O pagamento dessa quantia, depende, porém, das disposições do egregio titular da pasta da Agricultura. Innumeras tem sido as solicitações dos interessados. Innumeras e até agora inocuas. Porque o Sr. Pereira Lima, como o Sr. José Bezerra só se interessa pelos lucros que lhe advenham dos estabelecimentos commerciaes ou industriaes de onde sahiu temporariamente para junto ao governo melhor advoga-lhes as causas, nem sempre licitas. S. Ex. só entende de assucar, e d'ahi o desdenhoso modo porque trata questões de alta relevancia que não se relacionem com o ramo assucareiro...

A estas horas, de malas promptas para voltar á Associação Commercial, S. Ex. não terá com certeza mais tempo para subscrever os papeis da empreza goyana de viação. E emquanto outros Estados com maiores possibilidades financeiras já estão de posse do auxilio, Goyaz que espere. Que espere por um ministro que não seja do estofo desses negociantes de seccos e molhados improvisados estadistas por um presidente que é tambem discipulo amado de Mercurio. Só lhe resta evidentemente esperar pelo Sr. Rodrigues Alves que a esses problemas de transporte, no seu primeiro governo, já dedicou o melhor das suas energias. E S. E. que possue o senso das proporções começará naturalmente tirando do ministerio da Agricultura esse "contrôle" "sui-generis" *das novas estradas de rodagem que só póde pertencer ás attribuições technicas do da Viação e Obras Publicas.*

CARLOS MAUL

O RIO S. MARCOS

A vigente e assás debatida questão de limites interestaduaes veio pôr em fóco este rio genuinamente goyano, cuja margem esquerda os mineiros ambicionam.

Nasce o S. Marcos com o nome de SAMAMBAIA entre os parallelos de 15° 5' e 16° S. e os meridianos 0 h. 17 m. 0 h. 18 m. W do Rio de Janeiro, na área dos 14.400 kilometros quadrados, demarcada no planalto goyano para o futuroso Districto Federal — como tudo se poderá vêr dos mappas levantados pela Commissão Cruls em 1902 e aliás unicos de cunho scientifico que possuimos. Esta área ninguem nunca contestou ao Estado de Goyaz, que a conservará até quando se fizer a mudança da Capital Federal.

Seus principaes affluentes dentro da área do Districto Federal são: o Sucury, o Mangaba e o Samambainha.

Pela margem esquerda, até receber o Capimpuba, este inclusive, todos os seus tributarios acima mencionados descem do divisor das aguas do Tocantins das do Paranahyba; depois de já constituido, é que começa a receber, pela esquerda, tributarios que lhe vêm do Espigão-Mestre que separa Goyaz de Minas.

O S. Marcos é o mais oriental affluente do Paranahyba procedente do "divortium aquarum", do mesmo modo que o Paranan é o mais oriental dos formadores do Tocantins nascidos no alludido divisor.

Como o S. Marcos, tambem o Paranan, depois de já constituido, recebe a vassalagem de rios e ribeirões originarios do Espigão-Mestre que limita Goyaz com o Estado de Minas, — correm ambos, porém, parallelos ao citado Espigão divisorio.

E' preciso distinguir — e não confundir — como fazem os geographos de oitiva, este Espigão-Mestre do grande massiço ou "Araxá" que separa as aguas do Paraná-Paranahyba das do Tocantins-Araguaya..

Este ultimo accidente geographico, a que acima demos a denominação de "divortium-aquarum", vai dos limites léste de Goyaz em rumo sudoéste até alcançar os lindes de Matto Grosso nas immediações do parallelo de 18° e do meridiano de 10° W do Rio de Janeiro — onde, como disse o barão de Melgaço, se acham mui proximas as fontes do Ara-

As verdadeiras nascentes do rio S. Marcos. Os ribeirões Moraes e Capimpuba são seus affluentes.

Os limites de Goyaz e Minas Geraes comprehendidos entre os parallelos 15° 20' e 16° 8' foram levantados pelos engenheiros L. Cruls eminente astronomo, e Antonio Alves de Moraes. A linha divisoria afasta-se 55 kilometros do lado oriental do Districto Federal, inclinando-se em seguida, de modo a passar muito perto do Vertice SE. D'ahi se afasta de novo para o Oriente até ás fontes do rio Jacaré, no Espigão-Mestre, entre os parallelos 18° e 19° S. Estes, os reconhecidos limites de Goyaz e Minas; esta, porém, quer sonegar o alvará de 17 de Maio de 1815 e violar as leis geographicas, que são incontrastaveis.

guaya ás do Sucuriu', que vai ao Paraná e a do Taquary, que vai para o Paraguay. O Espigão-Mestre acima alludido vai da Serra da Canastra ás fontes do Parnahyba, com uma dezena de nomes locaes, como por exemplo: Guarda-Mór, Tiririca, Pilões, Lourenço Castanho, Araras, Serra das Divisões, Duro e Taguatinga.

Mas os deficientes mappas do paiz, que na sua maioria reproduzem ainda as mesmas erronias que prejudicam os seus congeneres impressos antes do descobrimento scientifico do "hinter-land", dão as nascentes do S. Marcos sensivelmente afastadas dos respectivos parallelos e meridianos.

E' mister não esquecer que além de mappas deficientes, correm por ahi cartas geographicas tendenciosas, verdadeiramente engrossativas dos proceres do Estado de Minas, na zona limitrophe deste Estado com o de Goyaz.

E como não costumamos adiantar nada absolutamente sem provas, eis as que, a proposito, temos á mão. O Dr. João Crocktt de Sá Pereira de Castro, na "Carta da Repu-

blica dos Estados Unidos do Brasil", organizada na Inspectoria Geral de Estrada de Ferro, por ordem do ministro da Viação, Dr. Serzedello Correia, assignalou como limites entre Goyaz e Minas o referido Espigão-Mestre, e no "Mappa do Estado de Minas Geraes" traçou a divisa dos dois Estados pelo rio S. Marcos!

Veio depois o "Mappa do Estado de Minas Geraes" pelo engenheiro Benedicto José dos Santos, sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Weneesláo Braz Pereira Gomes — e os limites de Minas incluiram os arrabaldes da cidade de Formosa que fica distante apenas... 55 kilometros do Espigão-Mestre, ou melhor, da linha divisoria, até então respeitada pe'os mineiros!

Depois desse apparece o espantoso "Mappa do Estado de Goyaz" organizado na Inpectoria Federal das Estradas de Ferro, sob as vistas do engenheiro J. E. de Lima Brandão, cópia fiel do acima citado mappa de Minas Geraes, na parte referente aos limites com o Estado de Goyaz.

O mais interessante é que o cartographo collocou em territorio mineiro os seguintes postos fiscaes em todos os tempos administrados pelo governo goyano: porto Velho, porto Mão de Páo, Santo Antonio do Rio Verde, Pilões, Soledade, Faustino Leme e Arrependidos...

Para estes geographos de gabinete o S. Marcos e o ribeirão Arrependidos têm nascente commum numa lagôa que... não existe!

Segundo o illustre Dr. Henrique Morize, que explorou a zona em questão, a existencia dessa lagôa... "é uma ficção que deve desapparecer da geographia de Goyaz."

E o mais interessante é que os auctores dos "Limites Inter-estaduaes", bem como os demais advogados de Minas, não só acreditam na existencia da fantastica lagôa como tambem na confrontação das cabeceiras do S. Marcos com os Arrependidos.

HENRIQUE SILVA.

Bar S. Francisco

6 — LARGO DE S. FRANCISCO — 6

O Sr. Antonio Rodrigues Neves, conceituado proprietario do *Bar S. Francisco,* conseguiu tornar o seu estabelecimento modelar entre os que, nesta Capital, se dedicam á propaganda e venda de productos nacionaes, tornando assim, conhecidissimo, não só aqui como em quasi todos os Estados do Brasil, com que mantém continua correspondencia. E' tempo já de olharmos com carinho para os productos de nossa terra, cujas riquezas, em todos os ramos, são proverbiaes e sem rival, sendo, porém, indispensavel que todos os que deveras se interessam pelo seu util aproveitamento, saiam do simples platonismo e se decidam a cooperar com os que, por meios praticos, procuram alcançar esse objectivo. Já póde, felizmente, constatar um relativo exito da sua pertinacia, orgulhando-se hoje de ser honrado o seu estabelecimento com a preferencia de numerosa e escolhida freguezia.

Nós recommendamos ao leitor uma visita ao util estabelecimento para certificar do variado sortimento de productos dos Estados do Norte e Sul, cuja enumeração passamos a fazer:

Amazonas: Pirarucú ou bacalháo do Amazonas, Tartarugas, Yurarás e Jabutis.

Pará: Camarão especial, Castanhas, Farinha d'agua, Assahy, Bacaba, Cupú, Pupunha em fruta e em doces, Tapioca alvissima e sem rival. Tucuinaré, Jabutis, Mossuans, Tartaruguinhas.

Maranhão: Camarão lagosta, Feijão manteiga, Farinha d'agua, Requeijão S. Bento, Cupú-assú, Buriti, Murici, Bacuri, Pamonhas e muitas outras variedades.

Ceará: Goiabada deliciosa, Rapaduras, Carne do Sertão ou do sol, Linguiças do Crato, Camuci, Araraku', Camurapim, Queijo-manteiga, Coalho, Manteiga do Sertão, Linguas peladas, Fubás de arroz, de milho branco e amarello; Arroz, Cangica, Cangiquinha e Vinho de caju'.

Pernambuco: Caju' em vidros, Doces em compota de todas as qualidades, Frutas crystalisadas, como sejam: Cajú, Abacaxi e Manga.

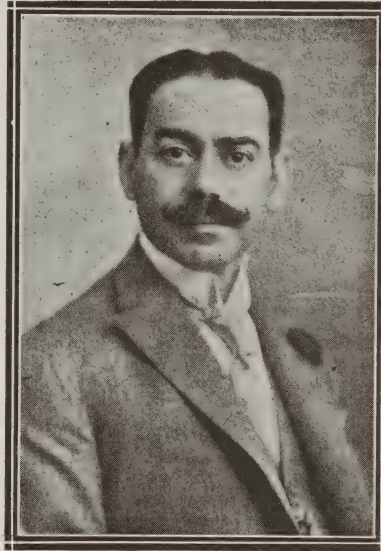
Bahia: Pimenta Malagueta e de cheiro, Azeite Dendê e de cheiro, Côco, Camarão de espeto, Gengibre, Goiabada, Bananada, Imbu', Jacá e Abacaxi da conhecida fabrica "Jurity".

Goyaz: Arroz do Ipameri, Lombo do Catalão, Farinhas e muitos outros artigos.

S. Paulo: Linguas para afiambrar. E' depositario da afamada Fabrica de biscoutos "Imperial", reputados os mais finos, de que tem as marcas: Orelhas de Frade, Requife, Paulistas, Portuense e Requife a granel. E' representante da Fecularia "Rio Claro" de que tem em deposito a deliciosa Farinha de Milho, a mais nutritiva, Cangiga e Cangiquinha.

Paraná: Pinhão e Herva-matte "Ildefonso".

Santa Catharina: Famosos Presuntos, Melado do Engenho e Feijão preto.

Rio Grande do Sul: Carne secca de 1ª qualidade, Linguas seccas e em salmoura, Doces em massa e compotas, Conservas de todas as qualidades, Vinhos, Aguardentes, Succos e os conhecidos biscoutos Leal Santos.

O Sr. Antonio Rodrigues Neves, proprietario do "Bar" S. Francisco — o ponto dos "gourmets" da Capital Federal

Dos artigos acima enumerados distinguem-se: o delicioso Assahy do Pará, reputado o melhor e mais hygienico refrigerante; Vinho de Caju', cujas qualidades therapeuticas estão sobejamente demonstradas, e os productos da conhecida fabrica da Serra Grande, Pernambuco, unica no Brasil que faz a distillação dos seus productos em alambiques de barro, como sejam: Aguardente Immaculada. Laranjinha, Limãozinho, Aguardente genipapina, e o medicinal Vinho de Genipapo.

Tem sempre um variadissimo sortimento de Goiabadas, Bananadas, Laranjadas, Pecegadas marca "Bar S. Francisco", as preferidas pelo escrupuloso fabrico. Unico recebedor da acreditada Manteiga Mineira "Bar S. Francisco", a mais pura, e dos afamados vinhos para damas, "Demoiselle", "Convalescente" e "Bar S. Francisco". Frutas, queijos na-

cionaes e estrangeiros, vinhos de mesa e finos, Champ... conservas e outras especialidades, em que o seu estabelecimento não receia de concorrencia. Podemos assegurar, como se vê, nenhum estabelecimento poder servir melhor, tanto na escrupulosa escolha dos productos como na modicidade dos preços, por isso que o consumidor se vá decidindo a experimentar a sua superioridade

O que é o Jalapão

E' um rico districto do não menos rico municipio goyano do Porto Nacional.

O districto chamado do Jalapão se extende de Espirito Santo a Porto Franco, povoações sitas á margem do rio do Somno. Referindo-se a Espirito Santo, informa o notavel engenheiro inglez James Banlis: " E' uma povoação moderna, que não conta ainda 12 annos de existencia, tem 14 fogos, e está situada no Districto de Jalapão, Provincia de Goyaz; os seus habitantes vieram da visinha Provincia do Piauhy e parecem contentes com seu novo estabelecimento.

Nos valles cortados de rios o sólo é rico e adaptado a qualquer cultura. O clima é saudavel, e as febres são alli desconhecidas.

Ha neste districto diversas fontes de aguas medicinaes, que têm operado a cura de gotta e lepra, doenças muito communs em alguns logares do interior.

Em razão das grandes distancias a percorrer para procurar um mercado, os seus habitantes só podem exportar couros, que vão trocar por fazendas seccas em Santa Rita do Piauhy, fazendo uma longa jornada."

(*Estudos de Linhas Ferreas e de Navegação nas bacias dos rios S. Francisco e Tocantins,* 1875)

A zona do Jalapão fica encravada entre os rios Balsa, do Somno e affluentes deste ultimo e o Caracol, que tem suas nascentes na Serra Geral, divisa com o Estado da Bahia. Contra-vertente do rio Caracol é o Parnahyba, que rega o Estado do Piauhy; e dos rios do Somno e Balsas, os rios Sapão e Preto, respectivamente. Estes dois ultimos são tributarios do rio S. Francisco pelo Rio Grande, e aquelles do Tocantins.

Os que ora se esforçam por tomar litigiosa a zona do Jalapão, nem ao menos podem invocar, no caso, a prioridade do descobrimento desse territorio goyano. E vem a ser porque o valle do rio do Somno foi mandado explorar, em 1741, por ordem do governador da Capitania de Goyaz, Dom Luiz de Mascarenhas — cabendo esta incumbencia ao Capitão-mór Lourenço da Rocha Pita, que partindo de Arrayaes, deu cabal desempenho a sua missão.

No anno 1850 foi o rio goyano novamente explorado, como se vê do tomo XIV da *Revista do Instituto Historico,* que traz o itinerario feito pelo Coronel Vicente Ayres da Silva, natural da então villa de Porto Nacional.

Mas a primeira exploração scientifica do vallo do rio do Somno é devida ao notavel engenheiro inglez James Wells, que publicou sobre a sua viagem um importante livro enriquecido com numerosas illustrações, mappas, "croquis", caminhamentos, etc.

Annos depois outro engenheiro, tambem inglez, James Baulis, acima citado, estudou a zona do Jalapão sobre o ponto de vista da ligação por meio de linhas ferreas e de navegação nas bacias dos rios S. Francisco e Tocantins.

Nenhum desses scientistas disse que o Jalapão pertence ou pertencia ao Estado da Bahia — descoberta esta que estava reservada ao "descobridor", faz cinco ou seis annos, da zona referida — Apollinario Fort, — em cuja autoridade se funda o Sr. Ph. Fleming, no seu já assás celebre attentado á geographia do Brasil.

Em Porto Franco o rio do Somno tem 10 metros de largura, e em algumas curvas mede de 100 a 130 metros, sendo bastante fundo nos lugares em que a corrente não é forte.

Depois de Porto Franco o rio do Somno recebe dois grandes tributarios — o rio das Balsas e o rio da Perdida, ambos tambem navegaveis.

Districto do Jalapão. Principaes nucleos de população:

1	Baixão da Cruz	10	Rio Vermelho
2	Alto Alegre	11	Pé da Serra
3	Monte Lyrio	12	R. Novo
4	Terebentina	13	Bôa Esperança
5	Mansidão	14	S. Felix
6	Matta Nova	15	Carrapato
7	Bom-Jardim	16	Matto Grande
8	S. Domingos	17	Pedra de Amolar
9	Cajazeira	18	Galhão.

A linha pontuada assignala os limites do Districto do Jalapão, que pertence ao municipio do Porto Nacional. A SERRA GERAL limita Goyaz com a Bahia e o Piauhy, e é segmento do Espigão Mestre que separa Goyaz do Estado de Minas, desde as nascentes do rio Jacaré até os limites deste ultimo Estado com o da Bahia.

"Não ha, disse Homem de Mello na larga estructura do continente brasileiro, cordilheira que se assignale por uma direcção tão uniforme e por uma linha de contorno tão seguida e perfeita, como seja o ESPIGÃO MESTRE de Goyaz. A sua alta escarpa W. delimitando as duas immensas bacias do Tocantins e S. Francisco, foi o guia seguro, ou o ESPIGÃO MESTRE, que serviu aos primeiros descobridores para se orientarem no meio dessas vastas regiões então desconhecidas."

A principal cabeceira do Somno fica num banhado ou vargedo, a 436 metros acima do nivel do mar; aó chegar ao Tocantins, na villa de Pedro Affonso, mede 120 metros de largo.

Segundo J. Wells e J. Banlis, a chapada que separa Goyaz da Bahia, foi em épocas geologicas afastadas uma continua planice, em cujo sólo de areia solta as aguas vertentes para leste e oeste abriram os leitos actuaes dos affluentes dos rios Sapão e do Somno — mas a linha divisoria dos dois Estados ficou bem accentuada nas cumiades do Espigão-Mestre ou Serra Geral.

Como testemunhos do massiço desapparecido lá se vêem de distancia em distancia, como marcos divisorios, pequenos monticulos, alguns de fórmas singulares, como por exemplo a *Pedra da Baliza,* que a nossa gravura representa.

Em virtude da acção erosiva das aguas correntes, de cada lado do curso superior do rio do Somno se formaram massiços a que impropriamente se dão nomes de serras.

No Jalapão não ha siquer vestigios de selvicolas e, no emtanto, o Sr. Thiers Fleming diz nos seus *Limites Interestaduaes* que todo o districto daquelle nome está occupado pelos indios!...

Basta mencionar, numa zona relativamente pequena, como é a do Jalapão, os seguintes nucleos de população:

1 Baixada da Cruz.
2 Alto Alegre.
3 Monte Lyrio.
4 Terebentina.
5 Mansidão.
6 Matta-Nova.
7 Bom-Jardim.
8 S. Domingos.
9 Cajazeira.
10 Rio Vermelho.
11 Pé da Serra.

12 Rio Novo.
13 Bôa Esperança.
14 S. Felix.
15 Carrapato.
16 Matto Grande.
17 Pedra de Amolar.
18 Galhão.

Desde 1863 que o valle do rio do Somno vem sendo povoado, mas a descoberta que lá se fez da maniçaba, rival da de Jequié, na Bahia, tem attrahido nestes ultimos 15 annos para esse territorio goyano uma notavel corrente immigratoria, na maioria de bahianos, piauhyenses, maranhenses e cearenses.

Acontece, porém, que a borracha do Jalapão é exportada para o estrangeiro como procedente da Bahia e Piauhy!

Afinal, este e outros productos goyanos saem do Estado por fronteiras abertas; mas intoleravel é o Estado de S. Paulo exportar pela sua aduana de Santos productos de procedencia goyana, sem a necessaria declaração...

Esboço da geographia physica de Goyaz

II

O "Rio Preto", affluente do Paracatú, nasce no Chapadão do Visconde de Porto Seguro, na latitude de 15°28', com o nome de Santa Rita. Depois de receber aguas das lagôas da Josepha Gomes e Feia, é que toma a denominação que tem nas cartas geographicas.

BACIA DO PARANAHYBA-PARANA'

O "Jacaré" é o primeiro tributario do Paranahyba, no territorio goyano. Nasce no Espigão-Mestre que divide Goyaz de Minas e em toda a sua extensão serve de linha divisoria dos dois Estados.

O "S. Marcos" nasce com o nome de Samambaia, entre os parallelos de 0 h 17 m. e 0 h 18 m. W do meridiano do Rio de Janeiro, na área demarcada para o futuro Districto Federal, dentro da qual recebe como tributarios os ribeirões Sucury, Mangaba e Samambainha, Monteiro, Castelhano, Capimpuba, Mundo Novo, Ponte Alta, Imbirucú Itabravo e Batalha.

O "Verissimo" nasce na latitude de 17°30° e cerca de 5° W do meridiano do Rio de Janeiro.

O "Corumbá" nasce ao norte dos Montes Pyrineus (vide "croquis" junto), cerca de 15°48' de latitude e 5°41' W do meridiano do Rio de Janeiro. Os seus principaes affluentes, a começar pela margem esquerda, são o Rasgão, o Capituba, o Rio do Ouro, o Areias, o Descoberto, o A'agado e o S. Bartholomeu (vide o que a respeito deste ultimo rio foi dito noutro lugar); pela margem direita são seus principães tributarios o Capivari, o Antas, o Piracanuba, o Peixe e Piracanjuba (outro).

O "Meia-Ponte" nasce no grande massiço divisor das aguas das bacias do Tocantins e do Paranahyba, tendo por tributarios, pela margem esquerda: o Inhumas, Capoeirão, Capivara, João Leite e Caldas; pela margem direita recebe o Dourados.

O "Rio dos Bois" nasce nos contra-vertentes do Uruhú, nos Olhos d'Agua, cujas coordenadas já foram iniciadas quando tratámos da principal nascente do Alto Tocantins.

Recebe muitos tributarios, sendo delles os mais importantes o Turvo e o Verde que vertem do mesmo divisor acima alludido.

O "Rio S. Francisco" nasce aos 18° de latitude.

O "Rio Claro" ou "dos Pasmados" — originario da serra do Cayapó, nas contravertentes do Rio Bonito e tem como principaes affluentes o "Invernada" e o "Invernadinha".

O "Verdinho" nasce na serra do Cayapó acima da do Mombuca.

O "Rio Corrente" com o nome de "Cabeceira Alta" procede dos contra-vertentes das cabeceiras mais orientaes do Araguaya, no Morro Vermelho.

O "Rio do Peixe Apori" ou "Aporé", que a ambição desmedida dos matto-grossenses e o pouco estudo dos cartographos de gabinete convencionaram que seria o limite de Goyaz com o Estado visinho, nasce na latitude de 19°.

O "Sucury" ou "Sucuriú" nasce aos 18° de latitude e 10° W do meridiano do Rio de Janeiro na contra-vertente principal do Araguaya, formando com esta e as do Taquary uma perfeita trichomia, que lembra a formada pelas nascentes das bacias amazonica, platina e oriental sobre o mesmo divisor no municipio deFormosa e noutra parte mencionada. Nas cartas antigas este grande rio apparece ás vezes com o nome de rio Cururuhy.

"Rio Verde" (outro) quatorze leguas abaixo do Sucuriú entra o Rio Vermelho no Paraná; é mui volumoso, vem do nordeste e dizem ser contra-vertente do rio Taquary, que se perde no Paraguay. Entre o Rio Verde e o Sucuriú fica a ilha Comprida, de seis leguas de extensão. Ignoro a qual das duas provincias de S. Paulo e Goyaz pertencem esta e outras muitas ilhas, que occupam o vasto leito do Paraná.

"Rio da Onça" — dez leguas abaixo do Rio Verde, fica o Rio da Onça, de pequeno volume, o qual vem do noroeste.

"Rio Pardo"—este grande rio, frequentado ha muitos annos pelos commerciantes de S. Paulo, que vão para o Matto-Grosso e Cuyabá serve de limite meridional destes dois ultimos territorios com o de Goyaz. Poucas leguas acima da sua confluencia com o rio Paraná entra nelle pela margem esquerda o rio Aguahicuhy, ou Higohicuhy, que vem do norte, e, segundo dizem, serve nesta parte de limite occidental da provincia de Goyaz. Todos estes rios de que ultimamente tenho tratado são mui pouco conhecidos.

Refiro-me á "Chorographia Brasilica", e aos pessimos mappas chorographicos que conservo em meu poder: as relações dos sertanistas sempre são defeituosas, e ainda não encontrei uma que tenha informações que não sejam extremamente superficiaes." — **Cunha Mattos.**

O dr. Azevedo Pimentel no seu livro "O Brasil Central" confirma que são communs na região planaltina, sobre o divisor, a existencia não só de "aguas emendadas" como tambem fendas como a do sitio denominado "Tira-Chapéo" assim descripta: "Soffreu o espigão uma funda ruptura no sentido da vertical, com o apostamento talvez de 500 metros de face a face, e os depositos modernos, que lentamente vão obstruindo a fenda, formam um perfeito arco de circulo, por onde as aguas correm indistinctamente para os rios do sul e do norte" e accrescenta que nas visinhanças do morro do Abbade, perto dos picos dos Pyrineus, ha uma grande, e além cerca de 25 kilometros, ha outra perto do Pichoá.

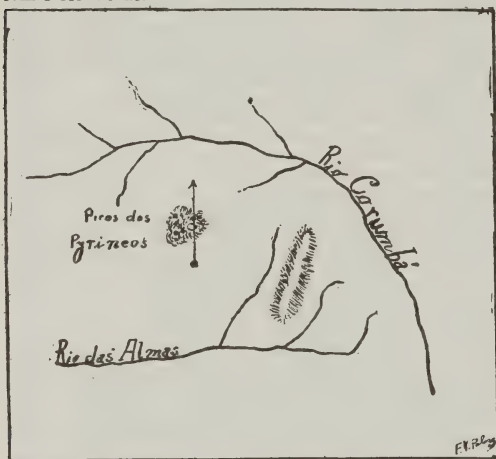
Outros "facies" curiosos da hydrographia goyana, constituem os chamados "fechos", "rasgões" e "funis", isto é a ruptura de serras pelos rios, que ahi correm apertadamente ou por baixo das arestas vivas das rochas que deixam apenas uma abertura á superficie ás mais das vezes de 2 a 3 metros de largura. Os funis, feixos e rasgões mais caracteristicos são encontradiços no valle do Tocantins. O engenheiro militar Alipio Gama dá de um delles a seguinte descripção:

" A confluencia do Maranhão com o rio Verde é um dos logares mais bellos que tenho encontrado no interior de Goyaz.

Corre elle ahi bem encostado a uma serra alta, eriçada de picos, apresentando aqui e ali córtes quasi verticaes, e normalmente á qual desce o rio Verde.

Este para entrar no Maranhão se bifurca em dois ga-

lhos comprehendendo uma pequena ilhota. No encontro dos dous grandes rios forma-se uma larga bacia que é quasi toda rodeiada de altos morros com encostas escarpadas. A serra continúa na mesma direcção em que vinha acompanhada pelo rio, mas muito pouco abaixo do encontro deste com o rio Verde ella interrompe-se bruscamente, apresentando um fundo rasgão em toda a sua altura, na qual o Maranhão passa com fragor, apertado entre altas paredes alcantiladas. Tudo ahi tem um aspecto selvagem, mas ao mesmo tempo imponente e grandioso.

Encostado á mesma serra vem correndo em sentido opposto o rio Conceição com destino ao rio Verde e no mesmo alinhamento que leva o Maranhão, o que faz, olhando-se de fóra, pensar erroneamente ser elle o proprio Maranhão que continùa a acompanhar a serra depois de sua juncção com o rio Verde.

Antes de deixarmos o Pico dos Pyreneus assignalaremos uma dupla particularidade extremamente interessante relativa a hydrographia da região e vem a ser: do alto dos Pyreneus, descobrem-se as numerosas cabeceiras do rio Corumbá, situadas todas ao NORTE desses Picos ao passo que o mesmo rio para o SUL e fenece no Parnahyba de que é um dos principaes affluentes. Quanto ao rio das Almas, nasce um pouco a léste do grupo dos Pyreneus e depois de contornal-o pela vertente SUL, dirige-se ao noroeste, recebe as aguas do rio Urutú, formando adiante o rio Maranhão que, além, torna-se o rio Tocantins, affluente do Amazonas — Dr. Luiz Cruls.

Este o recebe muito pouco acima de sua barra com o Maranhão, de modo que quasi se reunem os tres rios no mesmo ponto, em uma barra commum, como que combinados para concentrar ahi suas forças e rasgarem depois a serra que lhes vedava a passagem."

Ha exemplos de rios e lagos subterraneos no Estado, na região nordéste principalmente. O rio S. Domingos, affluente do Paranan, passa por baixo de uma serra, entrando por uma caverna de pedra calcarea e sahindo distante meia legua muito mais volumoso e de canôa. O Poço da Camisa é uma caverna subterranea de 96 braços de altura perpendicular e que segundo Cunha Mattos communica-se com o rio S. Domingos por canaes subterraneos.

Conta o Estado innumeras lagôas, "ipuêras" e poços profundos cavados em sólo calcareo, principalmente nas immediações norte do divisor das bacias do Paranahyba e Tocantins-Araguaya.

Apresentam geralmente fórma circular, as aguas claras da melhor qualidade. Esses poços são commummente origens de riachos, alguns volumosos. Além desses poços ha os chamados "Olhos d'Agua" que constituem as nascentes de muitos corregos, alguns bem volumosos; ao sahirem delles.

A famosa "Lagôa Formosa", apenas merece este nome pelo seu aspecto pittoresco, pois não passa de uma bacia pluvial, de forma alongada, com a extensão de 15 kilometros e largura maxima de 2 kilometros. Na estação chuvosa excedida á capacidade da sua bacia, ella transborda e então desagua por meio de um canal de 1 kilometro e 1m5 de profundidade, canal este que se une ao rio Maranhão.

São estas as suas coordenadas geographicas: 15°19'44.9'' S. e 3 h.9 m.48 s 88 W. do meridiano do Rio de Janeiro.

A sua classica rival na chorographia goyana, a Lagôa Feia, que fica a 4 kilometros a léste de Formosa, tem 5 kilometros de comprimento sobre 700 metros de largura maxima, e "é bastante pittoresca; orlada de arvores mais ou menos frondosas e cobertas as proximidades de suas margen por nenuphares e outras plantas aquaticas onde vivem as libellulas e outros insectos, povoada ainda pelos marrecos, mergulhões, jacamans, etc., ella produz agradavel impressão ao visitante." Ainda no municipio de Formosa ha mais duas lagôas de maior importancia que as acima alludidas: a Lagôa Grande, formada pelo Corrego Fundo e que desagua na margem dereita do Rio Bezerra, e a Lagôa Formosa (outra) que desemboca na margem esquerda do citado rio Bezerra.

A Lagôa de Mestre d'Armas tem cerca de 4 kilometros de comprimento sobre 800 metros de largura.

O "Lago dos Tigres" é antes uma série de pequenas lagôas alimentadas pelas aguas transbordantes do Araguaya e seu affluente Agua Limpa. Fica entre Jurupensem e Leopoldina. Os maiores e mais bellos lagos que possue o Estado são os marginaes do grande Araguaya, entre os quaes devemos mencionar o "Dumbá", o de Salinas ou "Lago das Perolas" e finalmente o "Cambuhy" que tem cerca de 100 kilometros de comprimento. Ha na região, á margem direita do Alto-Araguaya, varias lagôas ou lagos que as cartas geographicas de Goyaz não registram — entre elles um de agua salgada, cuja superficie corresponde a 475 hectares.

HYDROLOGIA

A existencia de aguas thermaes, sulphurosas e magnesianas era sabida no Estado, desde os tempos coloniaes — mas agora acabam de ser constatadas as suas radio-actividades não só por um profissional do Ministerio da Agricultura como mais recentemente pelo Dr. Orozimbo Corrêa Netto que examinou em Caldas Novas e Caldas de Pirapitinga 23 fontes de aguas thermaes radio-activas, da temperatura variavel de 35° a 45° sendo elle mesmo descobridor de tres nascentes com 45° centigrados. Aqui vae a relação dellas:

Numero de gráos centigrados	Numeros	Descarga em litros por hora
37	1	1.500
36	2	1.500
38	3	1.500
39	4	1.500
42	5	900
42	6	800
41	7	800
40	8	1.500
40	9	1.500
43	10	900
37	11	960
42	12	2.570
40	13	6.000
35	14	700
35	15	700
45	16	1.200
45	17	1.500
43	18	6.000
45	19	6.000
42	20	4.000
36	21	—
36	22	3.000
43	23	1.200

Nas proximidades do Rio Claro, no caminho que da capital conduz ao Registro do Araguaya, o naturalista austriaco Pohl descobriu na abertura de uma pedra uma nascente d'agua su'phurosa, que lança jactos intermittentes, de 15 em 15 minutos, mais ou menos.

A um lado do arraial de S. Felix, diz o Conego Luiz da Silva e Souza, em distancia de tres leguas da estrada, estão cinco vertentes destas aguas calibaes, que são muito proveitosas na medicina, e utilissimas em muitas enfermidades: um manancial é summamente quente e os mais são tepidos á proporção. Chamam-lhe Caldas de fr. Reinaldo.

Por uma analyse feita para determinar o grão hydrometrico das aguas das tres bacias que nascem no planalto goyano, resultou que as vertentes para o Prata, comparados com as que vão ao S. Francisco e ao Amazonas, são as mais puras.

Como vimos, a multiplicidade dos volumosos cursos d'agua que no Estado se cruzam em todas as direcções oppostas, os innumeros lagos, lagôas e "ipueiras "sem conta, provam á saciedade a incomparavel riqueza potamographica do sólo goyano.

HENRIQUE SILVA.

Paysagens Goyanas

Como as descrevem os viajores estrangeiros e nacionaes que visitaram o *hinter-land* brasileiro:

" Tendo passado o limite de S. Francisco e bacias do Tocantins chegámos, por conseguinte, á provincia de Goyaz.

A configuração da terra diante de nós agora apresenta immensa distincção sobre aquella que haviamos ultimamente viajado. Seguimos todo o dia descendo o alveo do rio Diogo, forçando um caminho através dos altos e entrelaçados ramos que por toda a parte cobriam as collinas.

E' uma região agradavel e o ar é soberbo e deleitavelmente fresco; nem estagnações ahi existem, nem vegetação secca, nem mosquitos ou pestes de especie alguma. A brisa agita a superficie ondu'ante da relva, como um trigal; ahi os dias são tão brilhantes e c'aros que nos sentimos bafejados pela saude e animação.

Tinhamos diante de nós o cume do Boqueirão, cadeias de collinas recuam ao olhar, á proporção que se aproxima do valle e do outro lado a terra parece em todas as direcções ser praticavelmente lisa.

A vida animal é tambem abundante ahi. Papagaios e açores gritavam. Nuvens de periquitos de matizadas côres voavam da cópa de uma arvore á outra; muitas outras aves appareceram, como: os jacamis, jacús, pombo troquaz, o do matto, e em muitos dos bonitos lagos, em suas margens cobertas de salsas, canniços, estavam apinhadas variadissimas especies de aves aquaticas, marrecas, gallinhas de agua (quasi semelhantes ás de Leicester-shire), itapicurús, curicacas listradas de preto (soltando um grito semelhante ao do gato), jaçanã commum a todas as lagôas do Brasil.

Notei tambem um lindo jaburú moleque, com o pescoço entre as azas.

Entre os bosques que aquelle dia appareceram, pela primeira vez, distinguiam-se a bananeira do Matto e uma palmacea nova ás minhas experiencias, a Inajá (*Cocus Plumosa*): muitas arvores eram tambem cobertas de videiras que estendiam seus ramos formando rêdes, em cujos festões grande numero de macacos saltavam.

O estalar de dentes dos pecarys era frequentemente ouvido; em uma occasião ouvimos nas profundezas da floresta sons como um numero de pancadas produzidas em unisono; logo me disseram que o rumor era produzido por macacos quebrando nozes com pedras.

Os vizinhos pantanos que occupam a largura das depressões, usualmente de 100 a 200 jardas de extensão, estavam cobertos de um brilhante verde. De ambos os lados do rio, de 100 jardas a uma ou duas milhas de distancia, as ribanceiras ou paredões erguiam-se em penhascos salpicados de seixos de matizadas côres, sulcados por fossos profundos, que são muitas vezes tapetados de salsas; a apparencia destas ribanceiras variegadas com as muitas côres de sua formação (vermelho, amarello, branco e cinzento), em contraste com o vivo azul celeste, com a verde relva e anenidas de palmas do pantanal, com a superficie das plantas ondulantes das collinas que cercam o valle—tudo, penhascos, paues, collinas brilhando á luz do sol, formava taes pinturas de grandes composições de côres que faziam corações de artistas regosijar-se.

Chapada da Mangabeira

O alto desta vasta Chapada da Mangabeira, extendendo-se interminavel banhada pelo S. Francisco e Tocantins, é mais provavelmente uma reliquia do grande planalto que se extendia talvez dos chapadões da Bahia, léste de S. Francisco ás montanhas occidentaes do Tocantins, em Goyaz.

Como, por conseguinte, as mais mansas aguas deste ultimo rio não têm sido represadas até á extensão causada ao S. Francisco pelas rechas das catadupas Paulo Affonso, o nivel do Tocantins é muito mais baixo do que aquelle rio; conseguintemente o escoamento occidental da enchente é mais forte que o de léste.

Ao meio-dia attingimos o cume de uma longa collina e vimos uma majestosa avenida formada de aléas de buritys (*Mauritia vinifera*) elevando-se das profundezas de vasto e sombrio valle, cercado pelas viçosas e ondulantes salsas que nasciam sobre o topo das collinas dispostas em fórma de fortaleza da Chapada da Mangabeira.

Alamedas de Pindahybas

Após a descida, fomos a pé examinar o principio do caminho, onde a herva estava batida em diversos trilhos, ou pelo homem ou pelos quadrupedes, mais provavel por estes ultimos, porque vimos muitos corpos movendo-se a grande distancia, e, applicando meus oculos, julguei serem tapires ou capivaras.

Se a herva resequida deste valle fosse annualmente consumida pelo fogo, que excellente districto para uma grande criação de gado, porque este campo, quando queimado cada anno, offerece muito boas pastagens mais assemelhando cannaviaes que capim.

A mouta de pindahybas que se erguia majestosa á frente do nosso acampamento parecia-se com uma aléa ornamental de arbustos em campina tropical.

Extendia-se em fórma quasi oval; ao centro a cópa soberba dos buritys e em derredor as grandes pindahybas; á sua base, um canteiro de fétos e ondulantes arbustos que faziam as bordas da mouta, claramente desenhados entre a terra pantanosa que a cercava.

Majestosa collina

Depois de algumas milhas de marcha, passámos perto de uma collina alta, solitaria com um topo liso e majestoso, conhecida pela denominação de "O Morro", bella collina que fórma uma proeminente balsa quando vista da extremidade do valle do Sapão. Era lindamente talhada, extendendo-se obliquamente e circumdada das copas soberbas dos buritysaes e rios cobertos de florestas.

A seis milhas do Espirito Santo, atravessamos o Somninho, uma corrente de crystalina agua, tendo nesse ponto trinta pés de largura.

Elle eventualmente ajunta-se ao rio Nova, formando o rio do Somno, o limite de minha exploração. Vimos varias manadas de gado, que pertenciam ao meu bom hospedeiro José; estavam bastante gordas e sadias.

Eu devo dizer que durante toda a minha peregrinação através do Brasil nunca havia visto um districto tão admiravelmente proprio para a criação de gado; porque, ainda que o sólo da collina seja todo areiento, com um subsolo de marga sobre pedras, ainda assim a terra apresentava-se fresca e vigorosa, sendo annualmente queimada e, a melhor prova destas boas qualidades, é a excellente condição do gado.

Outra vantagem que este districto possue, é que existe sómente uma milha quadrada que não é regada pelas aguas do ribeiro, que passa junto, ou humedecida pela primavera dos pantanos. As numerosas tiras de florestas nos maiores valles, indicam a grande fertilidade do sólo para productos agricolas, o que attestam as luxuriantes roças de José. Estas nesgas de florestas são maravilhosamente bellas, porque ellas contêm muitas das mais delicadas producções vegetaes do paiz, tal variedade de palmas, grandes fetos, latadas de flores pendentes, como o maracujá ou flôr da paixão, muitas variedades de convulvaceas e especies de flores que eu completamente ignorava; as parasitas, as bromelias, o ananaz, brilhantemente colorido, o gravatá, muitas variedades de matizadas plantas de esplendido aroma, e as grandes e lobuladas da pinha "Monstera Deliciosa", com as suas ramas entrelaçadas.

Até os pantanos eram salubres completamente.

Em verdade, é uma região saudavel, e não fosse ella tão distante do mundo exterior, poderia ser um grande e excellente sitio para a criação de gado e para a immigração."

" O rio das Almas depois que o transpuzemos a váo, ia ficando á direita e chamava a nossa attenção o ruido de suas aguas, que descem escoltadas em uma e outra margem por uma orla de penedos assombrosos, tão claros muitas vezes como o marmore.

O sólo sempre em declive apresenta um aspecto interessante como de uma cidade em ruinas, pela discordancia e desordem que alli se nota. Cá e lá por toda a parte montões de pedras cujas bases assemelham-se aos alicerces de paredes desmoronadas, fazendo-nos crer em um cataclysmo alli occorrido em remotos tempos.

A differença do quartzo espalhado nestas paragens é sensivel, apresentando assim uma variedade incalculavel de tons e de côres. As lages sobrepostas ao lume do sólo, comquanto de qualidades desiguaes apresentam a mais perfeita homogeneidade devido aos rigores do tempo. Pela collocação em que se acham, a attenção do viajante é muitas vezes despertada, sempre prompto a admirar em sua nudez os prodigios da natureza.

Vi alli lages de grossura e dimensões taes, collocadas umas sobre outras e tão bem dispostas, que pareciam mais gigantescos tumulos de antigos, disseminados no meio de destroços.

Em certo ponto uma arvore de cujos ramos pendia uma vegetação cryptoganica, sustentava em seu tronco já bastante arcado enorme pedra.

Sem nos demorarmos mais tomámos o caminho que conduz á cascata do rio das Almas e foi enthusiasmadissimo que della me avisinhei seguido dos companheiros.

Descrever aqui o que é essa admiravel obra da natureza é trabalho arduo e sem duvida superior ás minhas forças.

Ao approximar-se o visitante, descendo o caminho escarpado que lá conduz, estaciona em attitude de contemplação beirando o sombrio lago, no fundo do qual entre uma nuvem de vapor aquoso, as aguas se beijam apoz uma quéda de grande altura e formando um só lance desde o vertice até á base.

Os grandes sentimentos expandem-se durante todas as occasiões que se tornam solemnes, em face dos grandiosos espectaculos naturaes, no silencio das solidões. Dir-se-hia que o que temos á vista não é simplesmente uma tosca obra da natureza, mas sim o producto de insano trabalho, a obra de um artista eminente, de um portento colossal, tal a symetria e delicadeza de fórma que se nota. Uma obra completa.

Eis-nos em frente não de uma dessas cascatas vulgares que admiramos em varios paizes, mas sim de uma cachoeira provida de milhares de encantos, offerecendo grandioso e imponente aspecto, o que tudo a distingue de outra qualquer.

Nada lá distrae o forasteiro, nem o proprio sol que brilha apenas nas cópas das arvores, nem o vento que geme em cima no chapadão, nem o ruido das aguas que descendo do lago em um simples arroio, vão de novo rolar mais abaixo sobre um leito de penedos gigantescos.

Depois o forasteiro se avisinha do lago: o local tem a fórma de um vasto amphitheatro, orlado na espaçosa entrada por uma vegetação que a cobre, dando-lhe o aspecto de uma abobada de verdura sombria e fresca. Ao fundo, escavadas na pedra bronzeada, descobre-se uma série de figuras exquisitas, producto da agua que se filtra e cáe lentamente pela parede abaixo.

O interior do lago, visivelmente a descoberto pela pureza do precioso liquido, apresenta-nos uma variedade incalculavel de pequenos crystaes e pedrinhas de varias côres, de que tratei logo de fazer uma collecção escolhida.

No cimo escabroso do alcantil, o sol reverberando todo o seu explendor sobre as aguas, que d'ahi se despenham, inundava de luz aquella crypta de pedra juncada de orchideas e trepadeiras.

Apezar do resoar das aguas, ouvia-se distinctamente a algazarra que faziam os papagaios e periquitos nos altos pincaros que tinhamos á vista. Myriades de passaros de varias qualidades batiam as azas inquietas, debruçando-se ao longo dos rochedos ou das altas ramagens, e alli, a poucos passos de nós, sobre o gallinho de uma mangabeira, um casal de juritys ruflava de gosto, travando lucta na grande obra da procreação."

OSCAR LEAL.

A incomparavel natureza, que em toda parte do nosso paiz revela riqueza que assombra os naturalistas, dotou Caldas Novas de encantos e seducções com infinita prodigalidade. A frescura de suas manhãs e de suas noites, a regularidade notavel de seu clima, a luminosidade de sua atmosphera, a belleza de suas serras e sua magnifica situação dão ao admiravel scenario de Caldas Novas a impressão de um eterno paraiso de repouso. Futura cidade de aguas, capaz de rivalizar em opulencia, pelas suas energias latentes com as mais famosas do estrangeiro e repercutir como digna da cultura de um povo civilizado. Caldas Novas é comparavel áquellas localidades que no Velho Mundo e na America do Norte gosam de todos os beneficios de uma administração vigilante, encarregada de zelar com amor pelos thesouros inegualaveis da natureza. E' mister que não esqueçam os poderes publicos goyanos a grandeza da industria hydromineral e thermal, que bem desenvolvida e sabiamente explorada constitue um factor importantissimo da fortuna publica e em Goyaz deve ser um patriotico programma de governo.

O governo goyano teria já antecipado os votos da posteridade na estima de toda a Nação si tivesse lembrado de erguer em Caldas Novas uma estação thermal modelo para o beneficio dos doentes da patria brasileira. Esta palestra representa o resumo das observações e dos estudos realizados "in loco", que vão constituir material para um livro que será brevemente publicado.

O municipio de Caldas Novas possue todas as fontes thermaes conhecidas pelas diversas denominações de Caldas Velhas, Caldas Novas e Caldas do Pirapetinga, isto é, estão todas situadas, embora distantes uma das outras, no mesmo municipio de Caldas Novas. E' fóra de duvida que ás aguas de Caldas Novas está reservado um futuro grandioso. As suas aguas, maravilhosos elementos de therapeutica que, para a cura de numerosos males, deixam as incertas drogas em uma inferioridade evidente, precisam de ser aqui tratadas com carinho. Entre as originalidades do nosso trabalho realizado em Caldas Novas figuram não só as bellas vistas photographicas como a verificação cuidadosa da temperatura das aguas, e as plantas. Assim é que verificámos que as aguas do Pirapetinga tem a elevada temperatura de 51° (cincoenta e um) centigrados, a mais alta verificada em aguas do Brasil. As aguas de Caldas Velhas, as mais abundantes de todo o continente sul-americano alcançam a temperatura de 40° (quarenta) centigrados. Na villa de Caldas Novas as aguas alcançam a temperatura de 45° (quarenta e cinco) centigrados.

O banho no meio da floresta virgem e magestosa, coberta dos mimosos buritys é delicioso. Em certos pontos, em sua descida, o grande ribeirão de aguas thermaes divide-se, e circumda ilhotas de certa dimensão.

O que faz a grande curiosidade de Caldas Velhas é justamente esse volume immenso de aguas thermaes jorrando de enormes córtes da rocha no meio da matta virgem de uma belleza incomparavel. Eu direi que Caldas Novas são uma maravilha do nosso paiz e nenhum "touriste" será digno de tal nome em nossa terra sem ter visitado esse local de volumosas aguas thermaes. A fazenda proxima das fontes se utiliza de uma pequena parte desse ribeirão volumoso, que vae ter á casa, com 36° (trinta e seis) centigrados por um encanamento destinado á uso domestico e para mover moinhos, engenho de canna, etc. O clima desse local é magnifico, muito secco e uniforme.

DR. OROZIMBO CORREA NETTO.

Notas e informações

Reproduzimos da *Nova Era*, a nossa brilhante e bem informada collega que se edita na capital do Estado, as seguintes linhas:—

"UMA ESMERALDA — Em Maio p. transacto, quando o dr. Euler Coelho, digno agrimensor do Estado, se achava em exercicio de sua profissão, no Municipio de Nova Aurora, teve occasião de adquirir uma pedra de côr verde escuro, que parecia ser curiosa, pela quantia de 10$000, por ser ignorado o seu valor.

Dahi a cinco dias, verificou-se tratar de uma pedra preciosa, tendo o Sr. João Esteves dos Santos offerecido a já volumosa importancia de 3:000$000 ao seu possuidor, que a não acceitou, visto desconfiar tratar-se verdadeiramente, de um mineral de alto preço.

Aqui chegando, o dr. Euler foi apresentado ao mineralogista suisso Sr. Charles Herndl, que se acha entre nós, de passagem para o Araguaya, onde vae visitar esse magestoso caudal, tendo-lhe mostrado a referida pedra, pediu-lhe opinião sobre a sua qaulidade e valor, o que o seu interlocutor fez, dando-lhe o attestado abaixo: — qualidade de pedra: extra fina, sem defeito; tamanho, diametro: nove mm.; fórma: espherica; côr: verde perfeito; peso: doze ct. e um decimo, approximadamente; especie ou classificação: beril (esmeralda) silio (hydratado de alluminio); dureza: oito gráos (Moh's escala).

Essa esmeralda foi encontrada em aluvião carregado e rolado pelo rio, no local denominado Sorrego, proximo de Nova Aurora, á margem do rio Verissimo.

E' dessa maneira que apparecem as riquezas do Estado..."

O Sr. Honorio de Souza Silvestre, bacharel em direito, vem de dar á luz um alentado volume sob o titulo *Contribuições á Potamographia do Brasil.*

Fel-o para o fim de se habilitar ao concurso de Geographia Geral, Chorographia do Brasil e Elementos de Cosmographia, aberto no Collegio Pedro II.

O Sr. Silvestre, no prefacio da sua dissertação apresentada á Congregação pediu que esta lhe perdoasse "os senões e deficiencias que fosse encontrando através da leitura" do seu livro.

E' possivel que a douta corporação lhe houvesse perdoado — mas nós aqui é que não o deixemos passar em branca nuvem. E vem a ser porque, mesmo pondo de parte os incontaveis attentados á geographia physica do *hinter-land*, o capitulo XIII (parte economica) denuncia a mais espantosa ignorancia do intercambio do Estado de Goyaz com os que lhe confinam.

Aqui vai um panno de amostra: "E' pela cidade mineira de Uberabinha que se faz a grande exportação do gado bovino e productos da incipiente lavoura goyana, a qual se cifra em *tabaco*, algum *caucho* e *cereaes*."

Ora, no mesmo anno em que as locubrações economico-fantasticas de Honorio foram postas em circulação o Estado de Goyaz exportava os seguintes productos da sua pecuaria, *incipiente* lavoura e industrias extractivas:

Gado bovino (cabeças)	117.303
" suino (cabeças)	11.308
" muar e equino (cabeças)	49
Kilos de fumo em corda	295.933
" " fumo beneficiado	11.266
" " christal	238
" " borracha	3.803
" " sola e pelles crúas	149.031
" " couro salgados	7.717
" " pelles de caça	5.789
" " arroz em casca	7.397.385
" " arroz beneficiado	280.110
" " toucinho	153.204
" " carne de porco salgada	31.356
" " xarque	553.453
" " sêbo	92.893
" " de assucar e café	29.708
" " feijão	2.009.907
" " banha derretida	76.293
" " algodão	9.887
" " manteiga	3.592
" " queijos e requeijões	9.340
" " dôces	3.058

„ „ pelles de anta	878
„ „ linguas e tripas	1.273
„ „ farinha	3.201
„ „ milho	76.698
Canino	353
Pelles de onça e ariranha	39
Litros de aguardente	300
Madeiras e taboas para construcção	222
Kilos de mercadorias diversas	315.345

Mas, quem, como Honorio, inclue o *caucho* entre os productos da lavoura, bem podia considerar não pertencente a esta o assucar, a aguardente, o algodão, a farinha de mandioca, a marmellada e outras mercadorias constantes da exportação acima.

Como todos os ignorantes que entre nós se prezam de desconhecer as cousas do Brasil Central, Silvestre, quiz, tambem levar a sua pedrinha ao monumento rondonico, falando a proposito do commercio de Goyaz: Para o Matto-Grosso ha picadas e *arrastões* que se dirigem para os longinquos logarejos do interior, verdadeiras aldeias de indios, onde sómente chegam a coragem de um Coronel Rondon e a abnegação dos Padres Salesianos.

Essas picadas e *arrastões* que conduzem de Goyaz a Cuyabá, *seu* Honorio, foram abertas no anno de 1737, e de então para cá não cessaram de ser trafegadas, e por signal que sobre ellas foi collocada uma linha telegraphica que data do anno de 1890, quando a construiu o General Gomes. Por ellas transitaram os primeiros capitães-móres de Matto-Grosso, bispos, familias dos funccionarios; por esses *arrastões* passaram notaveis naturalistas viajantes — como por exemplo Johanes Natterer e Castelnau, este ultimo chefiando uma numerosa commissão composta de engenheiros, geologos, botanicos, etc. Essa aliás antiga estrada real que communicava a Capitania e depois provincia de Matto Grosso com S. Paulo, Minas e Bahia, através de Goyaz, tem sido palmilhada por um numero sem conta de viajores notaveis, entre os quaes Couto de Magalhães.

A partir da capital goyana se nos deparam nessa invia picada, "onde apenas chega a coragem de um Coronel Rondon" — as seguintes estações telegraphicas: Itapirapuam, Floriano, General Carneiro, Paredãosinho, Murtinho, Coronel Ponce e Rio Manso, ficando ainda ao longo della as povoações denominadas Rio Claro, Registro do Araguaya e Collegio Salesianos.

Não proseguimos porque as *Contribuições á Potamographia do Brasil* não tem por onde se lhe pegue decentemente...

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DO MINISTERIO DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

Todos os paizes adiantados têm seus serviços de informações destinados á propaganda das suas possibilidades economicas — assumpto de subida importancia esse, que por isso mesmo é tratado com desvellos e competencia e, o que é mais, com um pronunciado optimismo. Ali na Praia Vermelha, porém, é tudo ao contrario.

Haja vista o *Mappa Economico do Brasil*, que para o cumulo do noso descredito no estrangeiro já conta duas edições!

Sob o ponto de vista que nos interessa mais de perto, isto é, a representação de Goyaz nesse deserviço, é o que vamos vêr.

O nosso Estado apparece ahi com uma população de 292.996 habitantes apenas, quando o *Annuario Estatistico do Brasil* computa-a em 1912 em 428.661 habitantes — calculo este aliás muitissimo áquem da verdade. Matto Grosso, que no alludido *Annuario* possue uma população de 191.145 habitantes, apparece no trabalho organizado no Ministerio da Agricultura com uma população quasi igual á de Goyaz, ou sejam 245.223 habitantes.

Sobre o clima de Goyaz dá-nos os seguintes algarismos fantasticos: temperatura média 36°, temperatura minima 5° !

Comparem-se agora esses algarismos com os colligidos em Goyaz pela Commissão Cru's: temperatura maxima absoluta, 32°1; temperatura minima, 7°.

Segundo o detestavel *Mappa Economico do Brasil*, o Estado de Goyaz apenas exporta gado vaccum, couros, borracha, fumo e arroz...

Ora, á vista do que vimos commentando, é licito concluir:

a) Que a sciencia official do Brasil diminue por contumacia, e systematicamente, as possibilidades economicas do paiz;

b) Que ella é a fonte de vulgarização dos mais prejudiciaes preconceitos que correm impressos em obras estrangeiras de propaganda de outros paizes, sobre as nossas cousas;

c) Que, finalmente, não vale a pena a gente tomal-a a sério.

AS AGUAS THERMAES DE CALDAS NOVAS

Sob este titulo o illustrado Dr. Orozimbo Corrêa Netto acaba de publicar uma valiosissima contribuição para a nossa litteratura scientifica.

Nesse importante trabalho o seu auctor explana considerações muito judiciosas sobre o futuro dessa estação de aguas, mostrando o seu valor therapeutico consagrado pelos factos clinicos que ali observou. Quanto ao resultado das analyses, não podia ser mais favoravel.

O Dr. Orozimbo procurou, em summa, pôr em relevo o que ha digno de se vêr naquella zona sul de Goyaz, illustrando de nitidas gravuras a sua preciosa monographia.

Aos estudiosos das cousas do *hinter-land*, e que felizmente de certo tempo a esta parte já vão sendo muitos, recommendamos a leitura de uma monographia scientifica tão util e por cuja desinteressada publicação felicitamos o seu auctor.

Noutro logar reproduzimos o "croquis" do municipio de Caldas Novas.

O estado actual dos indios de Goyaz, pelo dr. Paul Ehrenreich

Traducção de Capistrano de Abreu.

Chegamos agora a tribus que, apezar de pouco conhecidas e quiçá já extinctas, devem ser aqui adduzidas, pois servem de transição ás grandes nações Gés do centro.

São os *Acroás*, entre as cabeceiras do Parnahyba e o Tocantins, que são connexos com o Jeicós, já extinctos, assentes no baixo S. Francisco, e os Goguez no alto rio do Somno.

Linguisticamente estão como no meio entre os dous galhos principaes dos Gés, que actualmente são os mais importantes: os *Cayapós* ou *Bús*, e os *Acués* (Xavantes, Xerentes e Xicribás), de sorte que é obvia a asserção de terem ambos se esgalhado do grupo dos Acroás. De resto tambem o idioma dos Botocudos apresenta tantas consonancias com o dos Cayapós que talvez tambem represente uma das raizes do tronco cayapó; além disso, o distinctivo nacional dos Gés, o botoque nas orelhas e nos labios, depois dos Botocudos, onde mais se acha espalhado é entre as tribus cayapós.

Os Cayapós, geralmente representados na litteratura como horda fraca, decadente, vizinha da extincção, formam na realidade um dos povos mais numerosos e bellicosos do Brasil, talvez da America do Sul em geral.

Dividem-se os galhos meridional, septentrional e occidental.

Com os Cayapós do Sul entraram bandeiras dos Paulistas em conflicto desde fins do seculo XVII. Habitavam então todo o territorio entre o Paraná e as cabeceiras orientaes do Paraguay, rios Cuyabá e S. Lourenço e espalhavam-se ainda além da parte SO. de Goyaz, e aquem do Araguaya até o rio das Mortes. Apezar de resistirem bravamente, não tardaram a ser expulsos para as brenhas do chamado sertão de Camapuam, do qual durante muitos annos emprehenderam correrias contra os estabelecimentos de Goyaz meridional.

Tornando-se os seus ataques cada vez mais ameaçadores, perigando assim qualquer communicação com Cuyabá, organizou-se uma grande bandeira contra elles, sob a direcção do valente capitão-mór Antonio Pires de Campos, que, auxiliado por algumas centenas de Bororós, derrotou-os completamente. Diz-se que a maior parte da tribu ficou aniquillada; dos sobreviventes fugiram uns para o Norte, nas brenhas entre o Araguaya e o rio das Mortes, outros para o Sul até as grandes cachoeiras do Paraná. Quando mais tarde começaram de novo com os assaltos, conseguiu-se restabelecer a paz por boas maneiras.

Grande numero delles depuzeram as armas e submetteram-se aos Gôvernadores de Goyaz, que com elles povoou alguns aldeamentos. Destes ainda hoje existe o de Sant'Anna do Paranahyba, descripto por Kupfer. As familias alli estabelecidas vêm ás vezes aos lugares de S. Paulo que lhes ficam mais proximos, especialmente Piracicaba e Botucatú, para permutar por mercadorias européas cestos e chapéos de palha que fabricam.

Os grandes aldeamentos antigos de S. José de Mossamedes, Carretão e outros proximos á capital de Goyaz, que Saint-Hilaire já encontrara na maior decadencia, actualmente estão extinctos.

Parece aliás que ainda existem Cayapós independentes na margem occidental do médio Paraná. Modernamente, ao abrir-se uma picada no matto que fica proximo á barra do Iguassú, encontraram-se individuos de tribu até então

desconhecida, que não fallavam guarany; e portanto é verosimil que pertençam ao Gés, especialmente aos Cayapós.

Vivem ainda outras hordas entre o Araguaya e as cabeceiras orientaes do Xingú, em luta constante com os Bororós cujo territorio salteiam. São por estes chamados *Cayumás,* e extremamente temidos. Como não se conhecem palavras delles, não se póde decidir se pertencem ao galho do Sul ou se são precursores do galho do Norte; a primeira hypothese é, porém, a mais verosimil.

A massa principal dos Cayapós do Norte, que ainda se conservam bravios, habita actualmente os sertões desconhecidos entre o baixo Araguaya e o médio Xingú.

Uma visita destas tribus poderosas e guerreiras, que continuam ainda totalmente virgens da influencia européa e tão cêdo não serão chamadas ao gremio da civilisação, é talvez a tarefa mais bella e mais grata a que se poderia propôr uma expedição ao interior do Brasil, emprehendida propriamente para este fim.

Com prospecto seguro de exito, só poderia tal empreza começar onde já se entabolou algum commercio passageiro, isto é, no posto militar de Santa Maria do Araguaya, onde termina o trecho navegavel deste rio. Não longe da margem esquerda, fronteira quasi ao presidio, existiu uma Cayapó até 1881.

Consta agora que suas aldeias principaes estão a quatro ou cinco dias de viagem para Oeste, por traz da serrania que defronta Santa Maria na margem esquerda do Araguaya e que se dirige do Sul para o Norte. Durante a secca são separadas do rio por espaços sem agua e de difficil passagem.

Como tribus Cayapós são designados os *Uxicrins,* os *Cradahós* e *Gaviões* ou Caratis entre o rio das Mortes e Tocantins. Todos estão em luta continua com os Carajás, especialmente os *Xambioás,* ao Norte de Santa Maria, entre os quaes se encontram sempre mulheres e meninos cayapós aprisionados. Os rapazes são sem mais formalidades introduzidos pelos Carajás em suas tribus.

Melhor estamos informados sobre as tribus cayapós do rio Tocantins, descriptas por Pohl e Castelnau e em ainda relatorios brasileiros do fim do seculo passado. Martius dá uma lista de todas as tribus que conhece bibliographicamente, cujas denominações em geral terminam em *cran* (chefe) ou em *gé.* Os mais importantes destes povos são, no territorio goyano, os Apinagés, entre os baixos Araguaya e Tocantins (S. Vicente e Boa Vista) e os Carahós ou Macramecran, na margem direita do Tocantins, entre a Boa Vista e a foz do Araguaya. No Maranhão, onde outr'ora estendiam-se até á costa, essas hordas são muitas vezes comprehendidas sob a designação geral de *Timbiras* ou *Gamellas.* Ainda hoje estão derramados por toda metade occidental do Estado.

Tambem na parte limitrophe do Estado do Pará appareceram tribus connexas aos Cayapós, como os *Temembús* e *Acabús.*

Desde o meiado deste seculo as relações destas populações com os moradores são assaz pacificas. Alguns, como os *Apinagés,* cada vez se vão civilisando mais; entretanto, como os progressos da cultura são lentos nesta região, a ethnologia póde ainda esperar uma bôa colheita entre elles. Do ornato nacional dos Gés, os Apinagés conservariam ainda os rolos nas orelhas.

Os Cayapós occidentaes são os Suyás, conhecidos desde 1884 e sobre os quaes só se póde indicar a obra de Von den Steinen. Sua lingua é dialecto do Cayapó do Norte.

Os Xavantes e Xerentes chamam-se ambos com o nome de familia Acué, e como as linguas de ambos coincidem inteiramente, devem considerar-se um só povo. Suas habitações eram no médio e alto Tocantins, entre este e os affluentes occidentaes do S. Francisco. Aqui assistiram entre 16° e 18° S., até nosso seculo os Xicribás, patentemente l'gados sob o ponto de vista linguistico aos Acués, que na historia da colonisação de Goyaz representaram papel importante por suas guerras contra os invasores.

Sobre elles possuimos escassas noticias devidas a Eschwege e Saint-Hilaire.

No territorio do Tocantins este grupo é hoje em dia representado pelos Xerentes ou Xavantes mansos, que habitam á margem direita do rio em numerosas aldeias, desde o rio do Somno até em frente da Boa Vista. Apezar da influencia prolongada da civilisação, tambem elles parecem possuir bastante material de interesse ethnologico.

Por vezes enviados delles têm ido ao Rio, e ahi sido estudados.

Xavantes bravos não ha mais entre o Tocantins e o Araguaya. Tambem os mansos se têm conservado apenas como raro residuo em alguns aldeamentos, principalmente em Leopoldina, S. José do Araguaya; as missões de Carretão e Pilar, a N.E. de Goyaz, já no tempo de Castelnau estavam de todo decahidas. Ao contrario, os Acués bravos, isto é, os Xavantes propriamente ditos, habitam independentes no rio das Mortes, onde nem um européo se animou ainda a visital-os. A relação do Dr. Hassler sobre elle, como se sabe, não passou de um quadro de fantasia. Pela éra de 60 ainda se viam uma vez por outra no Araguaya, onde atacavam os Carajahi. De então para cá nunca mais ninguem ouvio fallar delles neste rio. Entretanto fizeram modernamente fallar de si pelo ataque que com incrivel arrogancia deram em uma expedição brasileira que devia explorar o rio das Mortes. Este conflicto mostra que os Xavantes ainda hoje justificam completamente sua antiga fama de povo guerreiro e valente.

Parece que só modernamente emigraram para este territorio, pois não são mencionados nas informações sobre as primeiras viagens ao rio das Mortes.

Em contraposição aos Cayapós, os Acués pertencem aos mais bellos indios do Brasil. São figuras grandes, bem proporcionados, de pelle muito clara, e que na physionomia só se distinguem dos habitos europeus pela arcada zigomatica forte e proeminente, o nariz rombo e a ligeira obliquidade dos olhos.

Entre os Acués incluiria eu uma nação que representa papel importante na litteratura sobre Goyaz e deu ensejo á formação de um mytho, isto é, os chamados *Canoeiros.*

Todos os viajantes antigos, especialmente Pohl, Gardner, Castelnau, etc., tratam compridamente delles, mas sempre por ouvir dizer. São representados como inimigos sanhudos não só dos brancos como de todas as outras tribus e diz-se que seus ataques são principalmente n'agua. Por causa de sua pericia extraordinaria de natação, denominamnos até "amphibios humanos". Nos combates em terra diz-se que trazem comsigo cães sanguinarios, etc., Martius e Couto de Magalhães consideram-nos hordas tupys, sem entretanto adduzir provas sufficientes, emquanto que Pohl inclina-se antes a relacional-os com os Xavantes e Auguste de Saint-Hilaire e Castelnau têm-nos por Bororós.

De minhas pesquizas resulta o seguinte:

Em primeiro lugar, ha cerca de 20 annos que não se tem ouvido absolutamente, em Goyaz, fallar de Canoeiros, de sorte que alli os consideram como extinctos.

Em segundo lugar, os Canoeiros, apezar do nome, não eram povo conhecedor da navegação, conservavam-se afastados dos rios maiores e só davam ataques em terra. A origem do nome de Canoeiros ninguem soube explicar.

A ser exacta esta informação, os Canoeiros nada pódem ter de commum com os Tupys, os mais habeis navegadores entre as tribus brasileiras; deveriam antes encarreirar-se no grupo Gé.

Como seu supposto districto coincide approximadamente com os dos Xavantes, poderiam bem ser congeneres destes.

Entretanto, sua affinidade com os Bororós não ficaria posta de parte, pois por aquelles terrenos viviam estes no meiado do seculo XVIII.

Alguma cousa de mais seguro difficilmente se poderá apurar agora a tal respeito. Em todo o caso, o nome dos Canoeiros deve desapparecer dos mappas que reproduzem a situação actual.

A bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1722

Devido a um lamentavel extravio de originaes ficou este interessante documento truncado, pela falta dos numeros que se seguem:

" 20. Daqui rodamos rio abaixo e demos em um jenipapeiro com cujo fructo nos regalámos dois dias, e no fim destes, como a fome era muita, entrámos pelas sementes dos ditos fructos; mas estas nos puzeram em tal estado e impediram de tal sorte o curso que nos considerámos mortos; valemo-nos duns pequenos paus, e com elles em lugar de cristel obrigámos a natureza a alguma evacuação.

Falhámos neste ponto quatro ou cinco dias, que gastámos em buscar alguma caça para comermos, e para que nos não faltasse tambem o peixe, fizemos do virote de uma espada, que cortámos a enxó, um formoso anzol e aguçado com uma pedra tirámos bastante peixe, servindo-nos de linha um pouco de imbé; era o peixe excellente, muito e grande, e tanto como o do mar: notamos tambem aqui muitos barbados, que postos de moquém nos serviram de nova matolotagem para o caminho. Caminhamos rio abaixo e depois de alguns dias nos quebrou a outra canôa em uma pedra, que estava na beira de uma grande correnteza, em que demos; aqui se nos acabou de perder tudo, e eu como não sabia nadar, me peguei á mesma canôa valendo-me de um cipó, com que me atei a ella, e fui sahir em um recife de pedras; peior succedeu a um dos meus negros, que rodou pela cachoeira abaixo mais de dois ou tres tiros de espingarda, levado da correnteza da agua e quando o suppunhamos já morto o achamos sentado sobre um grande penedo, que havia no meio do rio: tinha este um quarto bom de legua de largo. Perdemos tambem aqui o nosso estimado anzo', que nos roubou um formoso e grande peixe, assim ficamos só a palmito e jenipapo, e esses quando os achavamos.

"21. Neste pouso concertamos a canôa, e rodando pelo rio mais de quinze dias abaixo nos vimos obrigados em todos elles a dormirmos nas suas ilhas, que eram muitas e enterrados na areia, por medo do gentio, que era innumeravel, e o mais é sem podermos dar um só tiro para remedio da fome, que não era pouca.

Aqui vimos varias barras de outros rios pequenos, que d'uma e outra parte se mettiam no em que rodavamos; passadas estas, descobrimos a poucas leguas a barra de um grande rio, que vinha da mão direita; dormimos esta noite entre uma e outra barra, mas sahindo na manhã seguinte costeando o rio pela mesma parte direita, pela extraordinaria largura, que aqui tinha demos com um grande palmital, e nelle com tres gentios juntos á praia: pegou um dos companheiros na espingarda, atirou a um e feriu-o; ferido acudiu logo todo o mais gentio que andava ao comedio dando taes urros e tocando tão horriveis tararacas que parecia se nos abrir naquelle sitio o inferno; valeunos não ser este gentio de canôa; atravessamos logo o rio, fugindo quanto então nos foi possivel; aqui nos vimos perdidos novamente, porque as ondas e maretas eram taes ao atravessar da corrente, que tememos muito nos submergissem, chegamos bem cançados e quasi mortos a uma ilha, e prendendo as canôas em uma das suas pontas nos fomos arranchar na outra, enterrando-nos na areia por evitar o gentio se viesse sobre nós.

" 22. Passado este susto, depois de dois dias de viagem sem mais sustento que o dos coquinhos que nos davam alguns palmitos, com algum palmito indaiá, onde se achava, demos em outro novo perigo, topando no meio do rio com um recife de pedras, em que a minha canôa se viu perdida, porque sahida das pedras deu em um jupiá, aonde depois de dezesete ou dezoito voltas, que nelle deu, a mesma violencia d'agua a lançou para fóra: a outra tomou melhor caminho, foi encostada á terra e passou sem susto: dormimos nesta noite na barra do mesmo rio junto a um matto, com não menos fome e chuva, que foi muita e durou toda noite. Passados dois dias de viagem matamos uma anta, mas tão magra que por tal nos esperou um tiro, de que cahiu, e mal assada se comeu; nesta noite demos em trilho de brancos, com que cobramos sem duvida novos alentos; e vimos entrar no nosso da parte esquerda um rio que ao depois soubemos ser o Araguaya, e o porque navegavamos o Tocantins. Seguimos o dito trilho por ser este sempre á beira do rio, e dando d'ahi a tres dias com oito ilhas, nos vimos perplexos por não sabermos o canal que seguiriamos; buscamos então a terra e junto a ella e d'uns penedos quizemos varar as canôas, e não pudemos pela pouca agua que alli havia.

" 23. Falhamos aqui quatro dias, buscando algum palmito ou caça que era pouca, e como a fome era mais, mandei ao meu mulato a matar alguma cousa para comer; voltou este sem nada, mas só com o seguro de ter achado picada certa de branco: peguei da espingarda e assim nú como estava segui a dita picada, acompanhado só do Paulista, e a menos de quatro leguas avistamos uma missão dos R. R. P. P. da Companhia, que formava de novo. Vendo-nos um dos Padres, nús e com armas, fugiu logo e deu aviso aos mais, persuadido que era gentio Manáo, que tambem usa de armas de fogo, pelo commercio que tem com os Hollandezes, e são nossos inimigos. Acudiu promptamente o capitão-mór, que se achava entre os padres, com toda a sua soldadesca armada, e tocando caixa acudiram tambem os Indios com os seus arcos e flexas; lançando em terra as armas e batendo as palmas em signal de paz nos veio buscar logo o R. P. Marcos Coelho, que era o Superior da Missão, e vendo que eramos Portuguezes, nos levou comsigo com extraordinaria alegria e amor e ouvindo-nos contar o que tinhamos padecido não podia reter as lagrimas, e assim sabendo que tinhamos mais companheiros os mandou logo buscar pelos seus indios em uma das suas canôas, e chegados, por não haver na pequena Capella outro sino, nos recebeu com taes alegres repiques, que formavam os golpes d'um pequeno ferro em uma pedra.

24. Nessa primeira é amorosa hospedagem começamos á matar logo a fome; não faltou feijão e peixe, e como um e outro era temperado, não deixou de o estranhar por muito tempo o estomago. Durou-nos esta alegria só quinze dias: porque no fim delles nos remetteu ao Pará o dito Capitão-mór Domingos Portello de Mello, gastando vinte dias de viagem. Chegados ao Pará, se deu parte ao Governador João da Maia da Gama, veio este ver-nos logo ao porto, e ouvindo os tragicos successos de viagem que traziamos nos não deu credito, antes intentou prender-nos para justificarmos si os negros que traziamos eram nossos ou furtados á mesma tropa de que tinhamos desertado: respondi-lhe que catechizasse os negros, e que se catechizados confessassem não serem nossos, nos catigasse, o que não obstante, e menos a miseria em que nos via, pois estavamos todos nús e com a pelle sobre os ossos, nos deixou ficar na mesma praia e porto das canôas, sem resolver nada, e sem mais sustento e cama que a que nos deram os cavacos e cascas dos páus do estaleiro real. Porém emendaram logo na manhã seguinte os particulares a indisculpavel falta d'este seu Governador, vindo-nos buscar á praia do estaleiro o R. Conego João de Mello, com mais algumas pessoas graves da cidade, e compadecidos do miseravel estado em que nos viam, nos levaram a todos para suas casas. Eu tive a do mesmo R. Conego João de Mello; José Alves foi para a de Manuel de Goes com seu irmão; Manuel de Oliveira para a de João de Souza, filho de Basto, e João da Matta para a de João da Silva, filho de Guimarães. No Pará adoeci depois de alguns mezes d'uma febre que me poz em perigo, e tanto que degenerando em maleitas estive ungido: duraram-me estas oito mezes; emquanto estive de cama levaram alguns dos negros máu caminho, porque um me morreu de bobas, e o mulato de veneno que lhe deu uma Tapuia; e assim me embarquei só com dois para o Maranhão; d'estes conservo ainda um, porque o outro me foi preciso vendel-o para comprar dois cavallos que me conduziram a estas Minas, gastando no caminho dez unicos mezes com alguns dias de fa has; e desde que deixamos o grande Anhanguéra até Deus nos trazer ao Pará quatro mezes e onze dias, entrando nestes as falhas.

25. Lembra-me que antes de darmos no jupiá, quando fugimos do gentio de que fallo acima nos numreos 21 e 22, por ser o rio muito largo, e quasi mortos nos lançamos á matroca aquella noite prendendo uma canôa á outra e dormindo todos os mais; eu por mais temeroso e acautelado vigiei toda a noite, e não me valeu de pouco, porque ouvindo roncar ao longe o mesmo rio os acordei gritando que tinhamos perto cachoeira, e assim foi, porque varados em uma ilha, vimos logo na madrugada o perigo de que escapamos de noite, porque a cachoeira era horrivel, e tão alta que teria 500 palmos, e entre penedo bruto que a fazia mais formidavel e com tantas ondas, fumaças e cachões que parecia um inferno: passamos por cima d'uns recifes, lançando as canôas pelo cana á fortuna; sahiram estas abaixo da cachoeira cheias de agua e rombos, tiramol-as então a nado, e concertadas como pudemos, seguimos nossa derrota.

AS NOSSAS RECEITAS

Este anno é o que está demonstrando maior desenvolvimento nos artigos que exportamos pela unica estrada de ferro que possuimos.

Segundo os dados conhecidos, o rendimento do imposto de exportação arrecadado nos mezes de Janeiro a Agosto do corrente anno, attingiu á importante somma de 377:433$712, assim discriminada:

Mez	Valor
Janeiro	52:899$602
Fevereiro	31:308$111
Março	35:381$633
Abril	33:104$058
Maio	44:7.2$170
Junho	49:898$202
Julho	62:455$547
Agosto	66:614$389
	377:433$712

Em eguaes mezes do anno de 1917, esse imposto apenas havia rendido a quantia de 209:899$755 assim discriminada:

Mez	Valor
Janeiro	24:269$450
Fevereiro	21:770$815
Março	21:581$942
Abril	12:928$619
Maio	31:321$496
Junho	36:257$483
Julho	32:595$254
Agosto	29:174$696
	209:899$755

Como se vê, a differença é mais de 150 °|° apenas em 8

mezes; devendo no resto do anno esse augmento crescer, pois ha grande "stock" de cereaes, principalmente arroz, esperando transporte e melhoria de preços.

Se a estrada de ferro de Goyaz tivesse penetrado mais em nosso territorio, cumprindo o seu primitivo plano, seria hoje nosso Estado o maior exportador de cereaes, pois as nossas terras são de uma uberdade extraordinaria e os braços goyanos são sufficientes para produzir o decuplo do que produzem, não o fazendo, porque não tem meios de transportes para os seus productos.

A exportação em Agosto, que rendeu de impostos, cobrados pela estrada de ferro de Goyaz 66:614$390, foi assim distribuida:

46.274	kilos arroz beneficiado	1:388$100
1.189.511	" arroz em casca	23:792$220
455.412	" feijão	6:831$180
4.755	" assucar	190$200
9.819	" fumo	1:968$800
2.574	" banha	1:337$250
12.599	" carne porco	755$940
75.992	" xarque	3:039$680
12.901	" couros	3:225$250
7.852	" sebo	471$140
8.649	" toucinho	691$920
1.791	" solla	358$200
1.188	suinos gordos	5:484$400
5	" magros	200$000
955	bovinos	7:152$500
922	couros salgados	2:308$000
Diversos		367$609
		56:614$389

Pelos preços correntes, o valor da exportação das mercadorias goyanas transportadas pela estrada de ferro de Goyaz, no mez de Agosto p. p. attingiu á quantia de réis . . . . 1.117:000$000.

(D'*O Democrata*).

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2. andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1918 — VOL. II—N. 5

SUMMARIO

O ensino obrigatorio em Goyaz

Goyaz acaba de se collocar mais uma vez na vanguarda das iniciativas sympathicas em pról da transformação dos nossos velhos habitos. O presidente Alves de Castro, secundado nos seus esforços pela mocidade culta de Americano do Brazil, decretando a instrucção primaria obrigatoria em seu Estado, abriu de facto novos horizontes ás possibilidades do Planalto Central.

Não está, porém, apenas nesse decreto o merito desse acto de elevado alcance patriotico e que em muito contribuirá para o desenvolvimento mental da nacionalidade. O mais importante é o plano da sua execução de que nos dão noticia, em linhas geraes, os telegrammas ultimos. Ao lado da obrigatoriedade do ensino de primeiras lettras, S. Ex. creou a organisação das caixas escolares em moldes como ainda não existem entre nós, e que por si sós contribuirão para realizar o que na sua campanha jornalistica o illustre homem de lettras Carlos Maul denominou a "Dictadura pedagogica" mantida pelo imposto nacional contra a ignorancia.

A' energia moça de Americano do Brazil e ao espirito esclarecido e emprehendedor do dr. Alves de Castro deve, pois, o paiz essa obra benemerita que é a primeira que se pratica entre nós para dar combate efficiente ao analphabetismo que amesquinha as populações provincianas.

Reminiscencias de Goyaz

Foi sempre festivo o mez de Dezembro na encantadora terra de Anhanguera.

Invariavelmente a 4 de Dezembro de cada anno a população em peso subia o monte, onde se acha a bellissima capella de Santa Barbara.

Que lindas novenas, que bonitas festas eram celebradas em louvôr da virgem martyr!

Quando Bispo de Goyaz o saudoso e sempre lembrado D. Joaquim, a população catholica, a mocidade goyana e todas as classes sociaes procuravão dar aos festejos de Santa Barbara todo o brilho.

Ha 10 annos, pouco mais ou menos, o Dr. Luiz do Couto, conhecido homem de lettras e actualmente Juiz de Direito de Bella Vista, vendo o estado de ruina do mais mimoso templo goyano, escreveu brilhante artigo, mostrando a necessidade de ser com urgencia reparada a encantadora igrejinha.

Foi aberta uma subscripção em Goyaz, não sendo indifferente á esse gesto a colonia goyana residente no Rio de Janeiro.

Feita a collecta, foi a importancia arrecadada entregue ao Monsenhor Confucio, que fez alguns ligeiros reparos mais urgentes.

Em 1913 foi a igrejinha totalmente concertada, o corpo da igreja cimentado, o altar-mór forrado á papel azul com estrellinhas douradas, o côro completamente renovado, sendo pintado todo o templo interna e externamente, estando em perfeito estado toda a cobertura.

Depois de promptas as obras o Exmo. Sr. D. Prudencio, virtuoso Bispo da Diocese, disse uma missa a que assistiram o Presidente do Estado, Chefe de Policia e outras autoridades federaes e estaduaes.

Aos goyanos deve ser muito agradavel a leitura abaixo:

No n. 91 de 10 de Maio de 1836 d'*O Tocantins*, encontramos o seguinte artigo assignado — X.

Todos os velhos goyanos conhecem que essa lettra occultava o nome do fallecido Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, então Chefe de Policia da Provincia de Goyaz.

Capella de Santa Barbara em Goyaz

A Festa de Santa Barbara

Assistimos com um indifinivel sentimento de praser, e com profunda veneração a festa que ultimamente teve logar nesta Capital em honra da gloriosa virgem e martyr Santa Barbara.

Não foi unicamente a festa em si o que nos commoveu e agradou; acima do esplendor das galas, do brilho das flores, e do continuo movimento que tanta vida e alegria deu a todos os festejos; além da religiosidade e santidade do acto, e de tudo quanto ha de encantador e sublime nesses sinceros e respeitosos votos, que intimamente tributamos á Bondade Di-

vina, havia ainda ahi para nós alguma cousa de especial que nos enchia de enlêvo, e em extremo nos extasiava. Era a devoção, a piedade, o santo amôr que translusião nos multiplicados e semi-louvaveis esforços que empregarão aquelles que tão dignamente intentarão e conseguirão restabelecer o culto da adorada virgem martyr, que por longos annos vio seo bello sacrario profanado e deserto, seo altar deruido, e seos devotos filhos desgarrados, e o que é mais, a sua propria imagem removida do seo throno e de sua igreja para ser depositada em outra parte, como se houvesse necessidade de mendigar um abrigo, quem tinha um templo que lhe era especialmente dedicado.

Com effeito havia dose annos que a veneranda imagem da virgem tinha sido levada para a Abbadia porque a igreja de Santa Barbara ameaçava total ruina, e não se levantava uma voz que ordenasse, ou um brado que tentasse oppôr um paradeiro á obra destruidora do tempo; por entre o silencio do espaço, e pelo volver dos dilatados annos quasi de todo deteriorou-se o sagrado edificio; e no mesmo logar em que outr'ora se elevavão canticos, festivas hosanas, entoadas pelas vozes da religião e reconhecimento, erão até ainda ha pouco ouvidos os roucos e descompassados pios da ave nocturna, unica companheira e guarda dessa morada da tristeza e da solidão.

Muda testemunha da ingratidão dos fieis para com a virgem martyr nossa advogada e protectora, a modesta e desvalida igrejinha de Santa Barbara, do alto do elevado cume em que se acha collocada parecia invocar em balde o arrefecido zelo dos filhos do christianismo, e solitaria e triste soffria as ultimas affrontas e devastações do tempo.

Sentia-se o coração transido de dôr ao chegar á habitação sagrada e, ao transpôr-se as suas arruinadas portas dir-se-hia que as auras serenas da tarde ondulavão a nossos ouvidos brandos queixumes, que despertavão a lembrança daquelle que ainda d'além tumulo devia lamentar o aniquilamento e a ruina da obra predilecta do seo amôr e devoção.

Triste e saudosa recordação do passado; cruel e amarga realidade do presente!...

Foi nestas circumstancias que tomando as redeas da administração da provincia o Exmo. Sr. Dr. Pereira da Cunha, e tratando de dar impulso aos necessarios melhoramentos materiaes da nossa capital lançou, e em bôa hora, os olhos benignos para o lastimoso estado em que se achava essa igreja; attendendo talvez as eloquentes vozes de alguem que de bem perto, dando expansão a seus virtuosos sentimentos lhe faria vêr a necessidade de reedificar-se esse monumento de piedade, onde outr'ora se venerava a virgem martyr Santa Barbara.

Promovêo-se uma subscripção; começou a obra; trabalhou-se aturadamente debaixo da administração prudente e incansavel de algumas pessoas zelosas e de prestimo, que por fortuna temos entre nós, e em breve, como a Phenix da Fabula, renascêo de suas cinzas ainda mais bello e brilhante o lindo e delicado templo em que foi collocada a veneranda imagem da virgem martyr, que tambem se achava revestida de sumptuosas galas, novas perfeições.

No dia 2 do corrente (Maio 1856) á tarde, foi trasladada a imagem em solemne procissão desde a Matriz até á Capella, que alegre e animada deslumbrava tudo pela apavonada louçania de suas graças e esplendor.

Foi longo o prestito; grande o concurso, e geral a satisfação de todos quantos concorrerão á essa festa e ao *Te-Deum* que teve logar ao anoitecer.

No dia seguinte houve missa cantada; eloquente e primoroso sermão e á tarde *Te-Deum*.

S. Ex., o Sr. Presidente da Provincia e sua familia, dignarão-se de acceitar o obsequioso convite que lhes fez a officialidade do Corpo Fixo e do Contingente da Guarda Nacional em serviço, para honrarem num jantar de campo, que foi servido com profusão e alegria, e ao qual assistirão mais algumas familias e pessoas presentes.

Foi creado um compromisso e organizada uma irmandade, que se encarregou de commemorar a obra de devoção tão bellamente encetada pela religiosidade da virtuosa protectora perpetua da irmandade a Exma. Sra. D. Antonia, digna consorte do Exmo. Sr. Presidente.

Possa a piedade dos novos irmãos fazer esquecer as passadas faltas por meio de fervorosos votos, que devem de hoje em diante perpetuar a adoração da virgem martyr, cujos feitos e gloriosa vida bem claro nos demonstrão quão verdadeiro é este pensamento celeste enunciado pela bocca do seo orador sagrado — "Só na religião ha virtude e só na virtude consiste a verdadeira felicidade.

O. P.

Goyaz e o porto de Santos

Com vistas ao Dr. Vieira Souto e mais aos do Serviço de Informação do Ministerio da Agricultura.

Movimento geral da exportação de mercadorias do Brasil, pelo porto de Santos, nos nove primeiros mezes de 1918, segundo as estatisticas paulistanas:

Arroz	4.191.429	kil.
Assucar	608.170	"
Banha	1.902.275	"
Borracha	16.902	"
Feijão	45.095.180	"

CONFRONTO

Exportação de Goyaz para S. Paulo, somente pela Estrada de Ferro Goyaz, em cinco mezes, apenas, de 1918, faltando, pois, o computo de mais 4 mezes para completar os nove primeiros mezes de 1918:

Arroz	4.124.245	kil.
Assucar	464.552	"
Banha	90.579	"
Borracha	15.566	"
Feijão	1.135.544	"

Estes ultimos dados estatisticos foram apurados pela Estrada de Ferro Goyaz, que apenas serve a tres municipios goyanos. A' exportação para S. Paulo deve ser accrescida da quantidade de mercadorias procedentes de Goyaz que a Mogyana recebe nas suas estações de Araguary e Uberabinha. Em Araguary, além das mercadorias trazidas pela Estrada de Ferro Goyaz a Mogyana collecta mais as procedentes dos postos fiscaes goyanos de Barreiros, Ipé Arcado, Mão de Páo, Pilões e Freires; Uberabinha é o entreposto dos municipios goyanos de Santa Rita do Paranahyba, Rio Verde, Jatahy, Mineiros e Rio Bonito e de uma boa parte dos municipios goyanos de Morrinhos, Piracanjuba, Palmeiras, Anicuns e Goyaz. Santa Rita do Paranahyba é servida pela Companhia Mineira Auto-Viação, que no decurso do anno 1917 transportou desta cidade para Uberabinha, mercadorias representando um movimento de 1.792.500 kilos, arroz principalmente, não falando nas transportadas em carros de bois, que resultaram no mesmo anno um transporte de 1.200.000 kilos de mercadorias.

Releva dizer que durante aquelles 6 mezes acima alludidos, Goyaz exportou para S. Paulo 105.568 kilos de toucinho e 3.822 cabeças de suinos gordos.

Mas o interessante é que a ineffavel Directoria Geral de Estatistica do Ministerio da Agricultura, na sua *Estimativa do Gado Existente no Brasil em* 1916, dá para S. Paulo uma população suina de 2.744.000 cabeças, e augmento annual de 810.420 sabeças e para Goyaz 1.275.680 e augmento de 515.260!

NOTAS INFORMATIVAS

No nosso artigo anterior sob o titulo *A Imprensa em Goyaz*, omittimos, involuntariamente, a existencia na antiga provincia de um periodico — *O Goyano*, — cujo 1.º numero appareceu a 1.º de Janeiro de 1846, sendo então Presidente da provincia o Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, depois Barão de Ramalho.

O nosso illustre collaborador Deputado Olegario Herculano da Silveira Pinto possue os dez primeiros numeros desse interessante jornal.

Outra rectificação: o 1.º numero d'*O Tocantins* foi publicado a 6 de Janeiro de 1855, sendo Presidente da provincia — Cruz Machado (Antonio Candido).

Uma nota curiosa:

A 2 de Julho de 1855 o Presidente de Goyaz reconhecendo a vantagem do methodo de ensinar a lêr e escrever que o Conselheiro Antonio Feliciano de Castilho estava propagando na Capital do Império e considerando que o professor goyano de primeiras letras Feliciano Primo Jardim por sua intelligencia, applicação, zêlo e bôa conducta estava nas circumstancias de bem comprehendel-o e pol-o em pratica nesta Provincia; e convindo que o estudo com o proprio autor,para o que cumpria que partisse quanto antes, o Presidente da Provincia resolveu:

* * *

Seguem-se as instrucções que se compõem de 5 artigos.

O ACTUAL MINISTRO DA AGRICULTURA

Desde da retirada do illustre Dr. Candido Rodrigues do Ministerio da Praia Vermelha, que este infeliz departamento federal vinha acephalo — não por falta de titular da pasta ministerial, mas pela nenhuma competencia dos que a sobraçaram nestes ultimos dez annos.

Basta lembrar o nome do Sr. Edwiges de Queiroz...

Entrementes a lavoura abandonada reclamava á frente do Ministerio d'Agricultura o nome illustre do Sr. Dr. Miguel Calmon, que reune todos os requisitos á gerencia do alludido ministerio. Mas o Sr. Wenceslau Braz, mais amigo de Mercurio do que da deusa Ceres, preferiu o presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro...

Agora, porém, temos na direcção daquella importante repartição publica um homem competente, buscado á hierarchia rural do Brasil, e que será, estamos certos, um ministro da Agricultura de verdade.

Apraz-nos trasladar para estas columnas o que a respeito do Dr. Padua Salles publicou o *Jornal do Commercio* na sua edição matutina de 11 do mez corrente:

"No Governo do Sr. Dr. Albuquerque Lins, o Sr. Dr. Padua Salles foi convidado a dirigir os negocios da pasta da Agricultura do Estado. Então, a sua acção foi a mais proficua para o economia de S. Paulo. Encarou os problemas sob sua gestão, com uma visão de conjunto, não se perdendo nelles pequenas medidas de opportuindade. Deu um espirito novo ás questões vitaes do Estado. E assim orientou melhormente o problema da immigração e sua distribuição, lançou mão de medidas tendentes a incrementar e a aperfeiçoar mais a agricultura, cuidou com uma intelligencia ainda não conhecida da pecuaria no Estado, desenvolveu o systema de vias de communicações, em summa, em todos os serviços deixou o sello de uma personalidade effectiva. E tudo isso na maior calma, com segurança de si mesmo sem querer impressionar.

Dessa sorte muitas dessas medidas de politica applicada pelo Brasil afóra, na nossa agricultura e pecuaria são devidas á justa e louvavel imitação do que praticou o Sr. Dr. Padua Salles em S. Paulo. Pelo que a sua acção, ao que é sabido pelos technicos nessas questões, não só foi util ao Estado de S. Paulo, mas a todo o paiz.

Deixando a pasta da Agricultura do Estado de S. Paulo, o Sr. Dr. Padua Salles viajou boa parte da Europa, a estudar os seus grandes centros e aperfeiçoar a sua cultura que se estende a todas as nossas cousas. Pois o Sr. Dr. Padua Salles possue a respeito dos mais variados dos nossos problemas praticos uma idéa precisa, feita no estudo e na observação. E isso seja do nosso ponto de vista economico seja financeiro e social."

Rezes cruzadas nos campos de Goyaz

A nossa gravura representa um bello espécime proveniente do cruzamento de um touro da raça Curraleira com uma vacca da raça *Franqueira*, ou *Pedreira*, como se diz em Goyaz.

Foi o mesmo mestiçamento dessas duas admiraveis variedades bovinas genuinamente nacionaes que resultou o chamado Caracú de S. Paulo e Minas — e dahi a confusão em que laboram os nossos muitos zootechinistas de escada, abaixo quanto á origem e procedencia da magnifica raça vaccum do Brasil Central.

Producto de uma vacca "Pedreira" com um touro "Curraleiro. Fazenda Passa-Quatro, municipio de Bomfim, Estado de Goyaz

A raça Caracú legitima é um producto exclusivo da raça Curraleira, como esta o é do gado da peninsula Iberica. Devemos consideral-as ambas como de formação espontanea, ou melhor, variações desordenadas, productos do meio, como a raça *Nhata* do Chile (*ñata-oxen*) de Darwin e o gado mocho do Brasil e do Paraguay.

Releva accrescentar que a variedade bovina que a estampa nos mostra é uma das mais espalhadas em todo o vasto *hinter-land*, em Goyaz principalmente.

Trata-se, pois, de uma variedade bovina de grande porte — tanto productora de leite como de carne — e, de valor assás conhecido para o serviço de tracção.

Emfim, que bellissimo espécime bovino para os criadores que têm olhos de zootechinistas?

HENRIQUE SILVA

O PREÇO DAS TERRAS DEVOLUTAS DE GOYAZ

Attendendo a innumeros e constantes pedidos de informes sobre o preço de terras no Estado, transcrevemos a seguir as duas unicas leis que dispõem a respeito:

LEI N. 134, DE 23 DE JUNHO DE 1897 — SOBRE TERRAS DEVOLUTAS

CAPITULO I

DAS TERRAS DEVOLUTAS

Art. 1.° — As terras devolutas situadas dentro dos limites do Estado de Goyaz e a elle exclusivamente pertencentes, *ex-vi* do artigo 64 da Constituição dos Estados Unidos do Brazil, sómente a titulo de compra poderão ser adquiridas.

Art. 2.° — Consideram-se terras devolutas:

§ 1.° — As que não estiverem no dominio particular por qualquer titulo legitimo, até á data da lei n. 601, de 18 de Setembro de 1850, ou em virtude das disposições desta e do regulamento n. 1.318, de Janeiro de 1854.

§ 2.° — As que não estiverem applicadas a algum uso publico federal, estadoal ou municipal.

§ 3.° — As que não estejam comprehendidas por concessões ou posses capazes de revalidação ou legitimação, nos termos da presente lei.

Art. 3.° — São titulos legitimos:

§ 1.° — Os expedidos por confirmação de sesmarias ou de outras concessões do Governo, em virtude do cumprimento das condições de medição e cultura ou de quaesquer outras exigencias no acto da concessão.

§ 2.° — Os emanados do poder competente, por dispensadas as referidas obrigações.

§ 3.° — Os passados pelas devidas repartições publicas, de conformidade com o art. 11 da lei n. 601, de 18 de Setembro de 1850, e artigo 39 do decreto n. 5.655, de 3 de Junho de 1874.

§ 4.° — Os que se refiram á posse adquirida anterior a 1854 com imposto de cisa.

Art. 4.° — Serão reservadas:

§ 1.° — As terras que forem reclamadas pelo Governo da União para obras de defesa, fortificações, construcções militares, e para o leito e dependencias das estradas de ferro decretadas por lei federal.

§ 2.° — As comprehendidas na zona demarcada no planalto para a nova Capital Federal.

§ 3.° — As que forem necessarias para a fundação, uso e dominio das povoações, em uma extensão de 4.000 metros para cada lado do centro da povoação, constituindo patrimonio das municipalidades com dominio util, ficando o direito ao Estado e, nas mesmas condições, para os povoados já existentes.

§ 4.° — As que forem necessarias para a concessão de vias-ferreas, para a abertura de quaesquer outras vias de communicação ou para quaesquer outros serviços decretados por lei do Estado.

§ 5.° — As que actualmente estiverem empregadas no serviço de aldeamentos de indigenas e as que forem necessarias para a fundação de nucleos coloniaes.

§ 6.° — As que convierem para a conservação de mattas uteis ou para o plantio, cultura e desenvolvimento de arvores florestaes, com applicação aos serviços e construcções do Estado.

§ 7.° — As que forem necessarias para alimentação e conservação das cabeceiras dos mananciaes e rios.

§ 8.° — As minas, os terrenos diamantinos, as fontes mineraes de utilisação therapeutica industrial, excepto as que estiverem comprehendidas nos terrenos concedidos ás municipalidades sobre as quaes deverão legislar os respectivos conselhos municipaes.

CAPITULO II

DA MEDIÇÃO E DEMARCAÇÃO

Art. 6.° — As terras devolutas serão medidas, demarcadas, divididas e descriptas por engenheiros ou agrimensores, nas condições estabelecidas pelo decreto n. 226, de 23 de Março de 1896.

§ 1.° — Serão medidas e divididas de preferencia as terras contidas nas zonas povoadas, ou a ellas contiguas, e que se acharem servidas por estradas de ferro ou navegação fluvial.

§ 2.° — Das medições e demarcações que se fizerem será levantada uma planta exacta e detalhada, assignalando as correntes d'agua e accidentes do terreno, bem como as posses encravadas e as confinantes.

§ 3.° — A descripção constará de relatorios completos em que serão tambem apreciados o valôr e propriedades culturaes do sólo, a qualidade e quantidade das mattas encravadas, e se estas devem ou não ser reservadas para o Estado.

Art. 7.° — As medições serão feitas, guardando-se as seguintes regras:

1.ª. Sempre que a topographia do terreno e a distribuição das aguas o permittirem, as medições effectuar-se-ão por linhas que corram do norte a sul, conforme as parallelas, formando territorio de 10 kilometros de lado;

2.ª. O territorio será dividido em 100 secções de 1 kilometro quadrado e cada secção em 4 lotes de 25 hectares;

3.ª. Os lotes serão numerados por algarismos em ordem natural e successiva.

Art. 8.° — Approvada a planta pelo Governo, este determinará os lotes que julgar necessarios para a fundação de uma povoação e logradouro da mesma e mandará extrahir o numero sufficiente de exemplares impressos, com o texto desta lei, para serem expostos ao exame do publico nos logares convenientes.

Art. 9.° — No acto da medição serão respeitados os limites das concessões ou passes que nos termos da lei n. 601, de 18 de Setembro de 1850, e nos desta, não estiverem incursas em commisso e se acharem no caso de ser revalidadas ou legitimadas.

§ 1.° — A opposição dos possuidores, qua quer que seja o fundamento, jámais impedirá a medição; e depois de ultimado o respectivo processo, ser-lhe-á dada vista, si a requererem, para deducção de embargos, no prazo de 10 dias improrogaveis.

§ 2.° — Não impedirão, tão pouco, as diligencias tendentes á execução da presente lei, quaesquer questões judiciarias, que existam entre os mesmos possuidores.

Art. 10 — O Governo determinará o modo pratico de extremar o dominio publico do particular, observadas as regras estabelecidas, e os encarregados desse serviço procederão administrativamente, fazendo decidir por arbitros as duvidas e questões de facto, dando de suas decisões recurso para o mesmo Governo.

§ 1.° — A confrontação dos limites das terras possuidas ou occupadas será regulada pelo teôr do titulo legal de propriedade exhibido pelo possuidor ou de accôrdo com os registros creados pela presente lei ou com os assentamentos de registros ecclesiasticos, creados pela lei n. 601, de 18 de Setembro de 1850.

§ 2.° — A despesa com a confrontação, avivamento das picadas e marcos ou da collação destes, correrá por conta do proprietario, posseiro ou concessionario.

CAPITULO III

DAS VENDAS DE TERRAS

Art. 11 — Fica o Governo auctorizado a vender terras devolutas nas seguintes condições:

§ 1.° — Em hasta publica:

a) as terras medidas e demarcadas de conformidade com esta lei e expostas á venda;

b) as terras ainda não medidas e demarcadas requeridas por mais de um comprador, em egualdade de condições.

§ 2.° — A requerimento directo do comprador:

a) quando apenas appareça um só pretendente;

b) quando havendo dous ou mais pretendentes á compra, algum tenha a seu favor direito preferencial de accôrdo com esta lei.

Art. 12 — Os preços das terras serão: as de matto a 1$250 o hectare e as de campo a 800 réis por hectare, para as terras que estiverem dentro de uma zona de 6 kilometros á margem de rio navegavel, estrada de ferro ou de proximidade das terras reservadas aos povoados; 1$000 por hectare as terras de matto, a 500 réis pelas de campo, quando estiverem fóra da zona acima referida. Além destes preços pagarão os compradores o serviço de medição e demarcação pelo preço e fórma estabelecidos no decreto n. 226, de 23 de Março de 1896.

Art. 13 — As vendas, quer particulares quer em hasta publica, serão feitas na Directoria de Terras, com assistencia do procurador fiscal e pela fórma que o Governo determinar em regulamento.

Art. 14 — Os arrematantes ou compradores de terras vendidas em hasta publica ou fóra della, pagarão integralmente e á vista o custo das mesmas, ou em prestações, si a compra se verificar a prazo: ficando em um ou outro caso o pagamento da medição para ser feito quando por ordem do Governo fôr ella effectuada.

Art. 15 — Nas vendas a prazo carregar-se-ão mais 25 % no preço das terras, e o comprador, além das mais condições, sujeitar-se-á ás seguintes:

1.° Pagamento da 5.ª parte do valor das terras, no acto da compra, e do restante em oito prestações semestraes, que serão pagas no mez subsequente ao vencimento;

2.° Quando o comprador pagar pontualmente as prestações terá na ultima um desconto correspondente a 5 % do valor total das terras;

3.° O comprador que quizer remir a sua divida poderá fazel-o em qualquer tempo que faltar;

4.° Si o comprador faltar a duas prestações consecutivas, será intimado para recolher aos cofres as suas prestações com os juros de 6 % ao anno, e si vencer uma terceira prestação sem que ha pago as anteriores, perderá as terras adquiridas, e estas voltarão ao dominio do Estado, com as respectivas bemfeitorias, salvo o direito de indemnisação destas com abatimento de 25 %.

Art. 16 — Nenhum terreno será vendido sem que proceda requerimento do pretendente, que indicará o districto e o municipio em que

seja situado o mesmo terreno, a sua extensão provavel, os signaes naturaes ou artificiaes conhecidos, situados dentro do mesmo terreno e nos limites das confrontações, o nome da localidade, os nomes dos confrontantes, a applicação que pretende dar ao terreno e a fórma do pagamento.

Art. 17 — As terras compradas a prazo poderão ser cedidas á titulo oneroso ou gratuito, ficando o adquirente sobrogado em todos os direitos e obrigações do primitivo comprador.

Art. 18 — Quando a compra fôr á vista, e o terreno já medido e demarcado, o comprador receberá o seu titulo definitivo; e quando mesmo a compra á vista o terreno ainda não fôr medido, receberá o titulo provisorio; e, finalmente, quando a compra fôr a prazo terá um certificado de venda, que será substitu'do pleo titulo provisorio, depois de integralisado o pagamento das terras e pelo definitivo, depois destas medidas e demarcadas.

Art. 19 — O titulo provisorio será uma cópia authentica do terreno da venda; o definitivo será assignado pelo Presidente do Estado, e só será entregue ao comprador depois de realizado o processo da medição e demarcação e u'timado o pagamento, não só do das terras como do custo da medição.

Paragrapho unico. — Pelo titulo provisorio pagará o comprador 5$000 e pelo definitivo 10$000.

Art. 20 — Nas vendas de terras devolutas será preferido:

1°. O pretendente que offerecer maior lance;

2°. Em egualdade de lance, o que tiver cultura no terreno á venda;

3°. O que tiver terreno contiguo e cultivado;

4°. O que comprar maior numero de lotes.

Paragrapho unico. — Em egualdade de condições, serão sempre preferidos aquelles que, apezar de as occuparem sem titulo legal, ne'las tiverem cultura ou bemfeitorias e morada habitual.

Art. 21 — A compra de terras expostas á venda em hasta pub'ica deve ser requerida dentro do prazo de 90 dias, a contar-se da data da publicação do edital, que os expuzer á venda; não podendo, porém, pessoa alguma requerer compra de terreno que excedam a 150 kilometros quadrados.

Art. 22 — Na venda de terras por medir e demarcar fica o comprador na obrigação de comprar o excedente do terreno ou a indemnisar o Estado dos estragos e damnos nelle causados, uma vez verificado no acto da medição existir excesso sobre as terras constantes do titulo provisorio.

Paragrapho unico. — Esta indemnisação consist'rá no preço legal das terras com o accrescimo de 25 %.

CAPITULO IV

DOS AFORAMENTOS

Art. 23 — As terras de campos de criar poderão ser aforadas, mediante as seguintes condições:

1°. Pagamento annual do fôro minimo de 2$000 por kilometro quadrado;

2°. Medição da área requerida, pelos profissionaes ao serviço do Governo, á custa do foreiro;

3°. A extincção do fôro, tornando-se o foreiro proprietario do terreno, desde que pague, em qualquer tempo, o preço de 500 ou 800 réis por hectare de terras de campo de criar e de 1$000 ou 2$500 por hectare de mattas nelle contidas;

4°. Duração do foro por 10 annos, no minimo, devendo ser renovado, si o requerer o foreiro, até completar-se o prazo de 25 annos. Findo este prazo, si ainda convier ao foreiro, será outra vez renovado, até que o terreno seja exposto a venda.

Paragrapho unico. — Ninguem poderá tomar em aforamento mais de 180 nem menos de 36 kilometros quadrados de terreno.

Art. 24 — Findo o prazo de 25 annos, e exposto á venda o terreno, será concedido gratuitamente ao foreiro 1 kilometro quadrado das terras em que estiver collocada a sua casa de morada, ficando-lhe o direito de comprar mais 35 kilometros quadrados de terras contiguas, pelo preço da lei.

Art. 25 — Em nenhum caso é permittido o aforamento das terras de cultura, devendo ser respeitados os capões e pequenas mattas encravados nos campos constantes do foro, sob pena de indemnisação ao Estado do valor desses terrenos, com accrescimo de 25 %.

CAPITULO V

DAS CESSÕES GRATUITAS

Art. 26 — O Governo poderá conceder gratuitamente titulos de posse de terrenos do Estado, com a obrigação de respeitar as disposições desta lei, quanto ás condições de venda dos mesmos.

§ 1.° — A's emprezas que se propuzerem á construcção de novas linhas de estrada de ferro ou navegação fluvial a vapôr, sob as seguintes condições, além das outras, que forem julgadas necessarias:

1°. Concessão dos terrenos em lotes marginaes intercalados que não excederão de 2.5 kilometros de frente sobre as respectivas vias de communicação, e 5 kilometros de fundo, nem abrangerão em ... algum ambos os lados delles;

2°. Obrigação de estabelecer serviço para transporte de cargas e passageiros;

3°. Subdivisão das terras em lotes, e utilisação effectiva delles;

4°. Reversão ao Estado das obras construidas, com o respectivo material, em bom estado de conservação, dos terrenos, bemfeitorias e dependencias indispensaveis ao trafego no fim de prazo ajustado que não excederá de 60 annos;

5°. Medição e demarcação dos terrenos por profissionaes do Governo, á custa dos concessionarios;

6°. Preferencia para os contractos de colonisação dentro da zona servida pela estrada ou linha fluvial;

7°. Fiscalisação pelo Governo;

8°. Penas de rescisão, caducidade, multas pe'as infracções dos contractos.

§ 2.° — A's emprezas industriaes que se propuzerem a fundar e custear fabricas manufactureiras ou estabelecimentos destinados ao aproveitamento, venda ou exportação de productos naturaes, inclusive os da lavoura ou criação, sob clausulas que forem ajustadas, sendo obrigatorias as seguintes:

1°. Concessão dos terrenos necessarios ás respectivas operações com a área que o Governo determinar, não excedente do maximo fixado nesta lei para a venda, tendo preferencia, salvo prejuizo publico, para uso das aguas nelles existentes;

2°. Medição e demarcação da área por profissionaes do Governo, á custa da empreza;

3°. Construcção de obras e edificios indispensaveis ás operações industriaes, no prazo qeu fôr concedido;

4°. Exercicio effectivo de taes operações;

5°. Emprego e ensino profissional de nacionaes, adultos ou menores, na proporção que fôr contratado;

6°. Fiscalisação por parte do Governo;

7°. Comminação de penas de rescisão, caducidade, perda de bemfeitorias e multas.

CAPITULO VI

DA REVALIDAÇÃO OU LEGITIMAÇÃO DAS CONCESSÕES E POSSES

Art. 27 — Serão revalidadas:

§ 1.° — As sesmarias ou outras concessões do Governo que, não tendo sido medidas e demarcadas, se acharem com princip'o de cultura e morada habitual do respectivo sesmeiro ou concessionario ou de seus successores legitimos.

§ 2.° — As partes de sesmarias ou de outras concessões do Governo com cultura effectiva e morada habitual, comprehendidas nos respectivos limites especificados nos termos da concessão e trasferidas por titulo de compra, doação, herança ou outro qualquer titulo habil, revestido das formalidades legaes.

§ 3.° — As sóbras restantes das sesmarias ou outras concessões do Governo desfalcadas por qualquer motivo em sua extensão e que se acharem cultivadas e com morada habitual do respectivo sesmeiro, concessionario ou de seus successores legitimos.

Art. 28 — Estão sujeitas á legitimação:

§ 1.° — As pósses mansas e pacificas com cultura effectiva e morada habitual, havidas por occupação primaria, depois da publicação do decreto n. 1.318, de 30 de Janeiro de 1854, que se acharem em poder do primeiro ou segundo occupante ou de seus herdeiros.

§ 2.° — As pósses cultivadas e habitadas pelo primeiro occupante ou por seus successores a titulo de compra, doação, permuta ou dissolução de sociedade sobre as quaes tenham sido cobrados os respectivos impostos.

§ 3.° — As pósses havidas por compra em hasta publica, por partilhas de quinhões hereditarios ou em virtude de sentença, passada em julgado

§ 4.° — As partes de posse nos casos considerados nos §§ precedentes.

§ 5.° — As pósses que se acharem em sesmarias ou outras concessões do Governo, revalidaveis por esta lei, tiverem sido declaradas boas por sentença passada em julgado entre os sesmeiros ou concess'onarios e as posseiras, que tiverem sido estabelecidas e mantidas sem opposição dos sesmeiros ou concessionarios durante cinco annos.

Art. 29 — As pósses de terras com cultura effectiva a morada habitual que tenham sido estabelecidas sem protesto ou opposição antes de 15 de Novembro de 1889 e mantidas sem interrupção depois dessa data, serão cedidas aos posseiros pelos preços minimos estabelecidos no art. 12 desta lei.

Art. 30 — Os possuidores de titulos nas condições do art. 3° não têm necessidade de revalidação, nem legitimação, nem de novo titulo para poderem gozar ou alienar os terrenos que se acharem no seu dominio.

Art. 31 — Considera-se cultura effectiva para os effeitos desta lei a plantação de arvores fructiferas, rocas e os demais trabalhos de lavoura, bem como os regos d'agua. Não serão consideradas terras cultivadas e nem se haverão por principios de cultura as simples roçadas e derrubadas ou as queimas de mattos e campo, sem que sejam acompanhadas de plantações ou pelo menos tenham tido cultura nos dous annos anteriores á presente lei.

Paragrapho unico. — A pastagem de gado em campos proprios para a criação é equiparada á cultura effectiva, uma vez que nos ditos campos existam curraes e arranchamentos.

Art. 32 — A medição e demarcação terão por base o registro creado pelo art. 37 desta lei.

Art. 33 — Feitas a medição e a demarcação das pósses sujeitas á legitimação pelas declarações registradas, poderão os posseiros requerer

ao Governo uma parte do terreno devoluto que houver contiguo, não excedente á área cultivada e se não estiver reservado para algum uso publico.

Art. 34 — Quando as pósses a medir não tiverem outro documento senão o registro estabelecido pelo art. 37 da presente lei, conferido aos que já occupavam as mesmas terras antes de 15 de Novembro de 1889, contra as disposições do art. 2° da lei n. 601, de 1850, aviso circular de 10 de Setembro de 1880, a sua área total nunca poderá exceder os seguintes limites: em terras de cultura 1.800 hectares e em campos de criar, 2.000 hectares.

Art. 35 — As terras de uso commum dos moradores de um ou mais districtos, municipios ou comarcas, não poderão ser considerados como pósse, e serão conservados em toda a extensão de suas divisas para continuarem a prestar o mesmo uso, emquanto por lei não se dispuzer o contrario.

Art. 36 — O Governo marcará os prazos dentro dos quaes deverão ser requeridas, medidas e demarcadas as terras sujeitas á legitimação ou revalidação, fazendo correr por conta dos respectivos posseiros ou concessionarios as despezas com a medição e demarcação, de conformidade com o que estabelece o decreto n. 226, de 23 de Março de 1896.

§ 1.° — O prazo de apresentação de requerimentos não poderá exceder a trez annos e o da subsequente legitimação até quando o Governo mandar medir as terras devolutas.

§ 2.° — A legitimação ou revalidação é sujeita para obtenção do titulo de propriedade ao emolumento de 2$500 por kilometro quadrado ou fracção de kilometro quadrado de terra legitimada ou revalidada.

Art. 37 — Todo o posseiro ou concessionario de terras em circumstancias de serem revalidadas ou legitmadas, que deixar de cumprir o exigido no art. antecedente, será reputado cahido em commisso e as terras occupadas pelo mesmo se haverão por devolutas para serem vendidas.

CAPITULO VII

DO REGISTRO DAS TERRAS

Art. 38 — O Governo fará organizar o registro das terras possuidas, tornando-o obrigatorio para as terras de pósses legitimaveis ou de concessões revalidaveis, e facultativo para as que pertençam ao dominio particular, de accôrdo com esta lei, observando-se o processo que fôr estabelecido em regulamento.

Paragrapho unico. — O Governo determinará o prago para esse registro e o seu processo, não devendo o prazo exceder de dous annos, da data da publicação do regulamento da presente lei.

Art. 39 — Os serviços do registro e legitimação das terras ficam a cargo da Directoria de Terras.

CAPITULO VIII

DO PATRIMONIO FAMILIAR

Art. 40 — Fica concedido a todos os lavradores possuidores de estabelecimento rural, de 12 kilometros quadrados para menos, a titulo de patrimonio alimenticio familiar, o privilegio de inviolabilidade, qualquer que seja a natureza da divida, salvo a restricção do artigo seguinte.

Art. 41 — O privilegio do artigo antecedente continúa depois da morte do chefe de familia, devendo se respeitar na partilha dos bens a sua indivisibilidade, dividindo-se sómente o valor de accôrdo com as normas seguintes:

a) O territorio se adjudica, inteiro, ao conjuge sobrevivente, ou ao herdeiro que ficar como cabeça de casal, si couber no quinhão;

b) Excedendo á força do quinhão, se encabeçará no herdeiro que fôr escolhido por accôrdo da maioria, com a obrigação de tornar aos outros a parte do valor que lhes deve tocar e, neste caso, o immovel será inalienavel emquanto não se verificarem os tornos, servindo o mesmo immovel e os fructos pendentes e futuros, de garantia á solvabilidade da obrigação contrahida pelo herdeiro escolhido.

§ 1.° — Se dentro do prazo estipulado no accôrdo celebrado entre os herdeiros, o responsavel não realizar os pagamentos das quotas, poderá o herdeiro não satisfeito requerer licitação do immovel entre os co-herdeiros e si algum destes não quizer comprar, indemnisando de prompto aos outros, irá o immovel á praça para pagamento das respectivas quotas hereditarias.

§ 2.° — Si o immovel tocar a orphams e couber no quinhão de um delles, será applicada a legislação em vigor.

CAPITULO IX

DAS PROHIBIÇÕES

Art. 42 — Todo aquelle que se apossar de terras devolutas, depois da publicação desta lei, fazendo derrubadas ou queimas em suas mattas, invadindo-as por meio de plantações ou edificações ou praticando outros quaesquer actos possessorios, ainda que provisoriamente, será obrigado a despejo com perda de bemfeitorias e satisfação do damno causado; e soffrerá mais a pena de 2 a 6 mezes de prizão e multa de 50$ a 100$000.

Art. 43 — A acção será proposta pelo promotor publico, nas sédes das comarcas, e pelo sub-promotor, nos termos.

Paragrapho unico. — Si depois de intimado da sentença definitiva, continuar o invasor na pósse ou na pratica dos actos especificados no artigo antecedente, ser-lhe-á imposta a pena de desobediencia ou resistencia, de conformidade com as disposições do Codigo Penal.

Art. 44 — Aos intendentes e sub-intendentes, cumulativamente, com outras auctoridades judiciarias ou administrativas, incumbe velar pela observancia desta lei e communicar ás auctoridades competentes as infracções que contra ella forem commettidas.

Art. 45 — Não poderão os sesmeiros, concessionarios ou pósseiros hypothecar ou alienar por qualquer modo os terrenos a que se referem os arts. 27 e 28 desta lei, sem que estejam estes medidos e damarcados.

Art. 46 — Logo em seguida á legitimação ou revalidação de uma pósse, sesmaria ou concessão, será obrigado o seu possuidor a tirar na Directoria de Terras o titulo relativo ao seu terreno, pagando os emolumentos estabelecidos pela presente lei.

Art. 47 — O prazo para a solicitação do titulo, quer de compra, quer de legitimação ou de revalidação de terras, será determinado pelo Governo em regulamento.

§ 1.° — Para a solicitação do titulo provisorio, ou definitivo o prazo não deverá exceder a 90 dias da data do despacho da concessão ou da sentença do julgamento da medição e demarcação.

§ 2.° — Para os titulos de pósses legitimadas ou de concessões revalidadas, não excederá tambem o prazo de 90 disa da data do julgamento do processo de legitimação ou revalidação.

CAPITULO X

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 48 — As terras devolutas que se venderem, legitimarem, revalidarem ou concederem, ficarão sempre sujeitas aos onus seguintes:

§ 1.° — Ceder o adquirente o terreno precizo para as estradas publicas de uma povoação á outra ou a algum ponto de embarque, salvo o direito de indemnisação por bemfeitorias existentes.

§ 2.° — Dar servidão gratuita aos visinhos, quando lhes fôr indispensavel, para sahirem a uma estrada publica, povoação ou ponto de embarque, e com indemnisação, quando lhes fôr proveitoso, por encurtamento de 2 ou mais kilometros de caminho.

§ 3.° — Consentir a tirada d'agua desaproveitada pelo senhorio e a passagem della com a indemnisação das bemfeitorias e terreno occupado.

§ 4.° — Sujeitar-se ás disposições das leis que regularem as explorações das minas que se encontrarem nas terras de seu dominio.

Art. 49 — O producto de venda, legitimação e revalidação das terras e dos emolumentos e das multas de que trata esta lei, será arrecadado pelo Thesouro e escripturado como renda do Estado.

Art. 50 — O Governo fica auctorizado a estabelecer no regulamento pena de prizão até 30 dias e multas até 100$000, cabendo a imposição della á Directoria de Terras, e a determinar os prazos para a medição e demarcação das terras vendidas com essa clausula.

Art. 51 — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencerem, que a cumpra e a façam cumprir, tão inteiramente como nella se contém. O director-chefe da Directoria do Interior, Justiça e Segurança Publica do Estado a faça imprimir, publicar e correr.

Governo do Estado de Goyaz, 23 de Junho de 1897, 9.° da Republica. L. S. Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim, José Xavier de Almeida. Sellada e publicada nesta Directoria do Interior, Justiça e Segurança Publica do Estado de Goyaz, aos 23 de Junho de 1897. O chefe de secção, José Bernardino Rodrigues de Moraes.

Confere, — Conforme,

Velloso. — *J. Vianna.*

LEI N. 509, DE 1° DE AGOSTO DE 1914

Sobre venda de terras do Estado. Salathiel Simões de Lima, 1° Vice-Presidente do Estado, em exercicio. Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decretou e eu sanciono a seguinte lei. Artigo 1.° — As terras devolutas do dominio do Estado, que forem requeridas por compra nos termos da Lei n. 134, de 23 de Junho de 1897, depois de entrar em vigor a presente lei, serão vendidas á razão de 4$ o hectare de matto e de 2$500 o de campo quando estiverem dentro de uma zona de seis kilometros de proximidade das terras reservadas aos povoados, margens de rio navegavel e de estrada de ferro e seus traçados; de 3$000 por hectare de matto e 1$000 pelo de campo, quando estiverem fôra da referida zona. Art. 2.° — Todo o excesso de terreno que, na medição e demarcação, o agrimesnor encontrar nos titulos provisorios já expedidos, fica sujeito aos preços da presente lei, a qual entrará em vigor logo após a sua publicação. Art. 3.° — Todos aquelles que requererem terras devolutas do Estado serão obrigados a apresetnar junto ao respectivo requerimento, o talão da Secretaria de Finanças que prove haver pago 30 % do custo provavel das terras requeridas. Paragrapho unico. — Na occasião de receberem o titulo provisorio pagarão 50 % do custo das terras; o restante e a importancia da medição quando receberem o titulo definitivo. Art. 4.° — O custo da medição será o estatuido pelo Decreto n. 226, de 23 de Março de 1896. Art. 5.° — Os requerimentos existentes na Secretaria de Instrucção, Industrias, Terras e Obras Publicas, que não tiverem andamento por negligencia de seus signatarios até o prazo de seis mezes, a contar da execução desta lei, serão mandados archivar pelo respectivo Secretario. Art. 6.° — Quando algum requerente desistir das terras requeridas, não terá direito a restituição de qualquer quantia que já houver pago. Art. 7.° — Revogam-se as disposições em contrario. Mando, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e a execução

desta lei pertencerem que a cumprão e a façam cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario do Interior, Justiça e Segurança Publica a faça cumprir, publicar e correr. Palacio da Presidencia do Estado de Goyaz, 1.° de Agosto de 1914, 26.° da Republica. Salathiel Simões de Lima Antonio Augusto de Carvalho.

CATINGUEIRO OU CAPIM GORDURA

(*Tristegis glutinosa. Nees*)

Não só no que diz respeito ás qualidades boas ou más, como igualmente emquanto á procedencia e etymologia do nome vulgar da nossa graminea forrageira, tambem chamada *Capim meaddo*, correm umas certas historias que a bem dos nossos creditos de investigadores, que devemos ser das cousas do Brasil, convinha ou é preciso desde já discutil-as á lùz d'outro criterio que não o dos compiladores indigenas — na maioria parasytas dos trabalhos de sabios estrangeiros nem sempre melhor informados.

Dos escriptos todos que conhecemos ácerca do *Catingueiro* resultam as mais desencontradas e mais disparatadas opiniões.

Uma dessas historias, compartilhadas até por brasileiros, é que a conhecida graminea é alienigena.

Estes opiniaticos não se deram, de certo, ao trabalho de investigar —foram, como de costume entre nós, aceitando sem exame tudo que á respeito do nosso assumpto iam encontrando nos livros de autores estrangeiros. E está escripto que cousas baseadas no dizer dos *savants* europeus são verdades irreductiveis e indiscutiveis neste hemispherio...

Ninguem como eu respeita e venera a memoria dos primeiros exploradores scientificos que vieram ao nosso paiz, ousados e infatigaveis naturalistas viajantes, que devassaram parte do continente e sobretudo na Amazonia e no littoral Atlantico procuraram conhecer e estudar tudo quanto interessar podia á sciencia, principalmente no dominio da historia natural propriamente dita — a fauna e a flora.

Ora, é justamente neste terreno que eu tenho tido a infelicidade de os não poder acompanhar em muitas cousas, nem dizer *amen!* aos sabios estrangeiros que, aliás poucos, e apressadamente, andaram pelo interior do paiz — botanicos e zoologos, sobretudo.

Ha entre nós um sabio e gloria nossa, esse, sim, benemerito tanto pelo que lhe deve a sciencia da sua especialidade como pelo muito que ha feito, fóra dos gabinetes, para restituir á verdade cousas que andavam evidentemente erradas, mas patrocinadas por nomes de illustres sabios e chronistaes estrangeiros.

Foi assim, investigando, percorrendo sertões do Brasil, mettido entre os selvicolas, que o illustrado Sr. J. BARBOSA RODRIGUES, sem descurar do principal objecto dos seus estudos, prestou incomparavel serviço ao das linguas americanas, identificando grande parte do vocabulario indigena applicado á nossa fauna e flora.

Si os que entre nós se occupam *á la diable* do estudo das nossas forrageiras sob o ponto de vista da botanica applicada, fizessem o mesmo, não só ellas seriam já melhormente conhecidas como não succederia o facto desagradavel de termos por estrangeira uma graminea que é nativa do Brasil, como o *Catingueiro*. Os que o não dizem se esquivam de lhe dar a procedencia.

Bastou que SAINT-HILAIRE e GARDNER dissessem que o *Catingueiro* não parecia originario do nosso paiz, para que os vulgarizadores indigenas, parasytas alguns perniciosos, dissessem logo — amen! e ocrresse por ahi essa inexactidão.

Depois vêm dizer que nós outros gostamos de novidades, de cousas inauditas e sensacionaes, ao tempo que elles não deixam de faiscar em certas gupiáras...

O naturalista inglez escrevera que os habitantes do sertão consideravam o *Capim gordura* importado ali; não sei si elle ouvira ou entendera bem o que affirma lhe terem dito, mas, baseados nessa asseveração equivoca, os vulgarizadores completaram o trabalho de *desnacionalisação* da nossa graminea.

SAINT-HILAIRE, que a considerava uma praga, entre outras referencias lhe fez esta: "Une graminée visqueuse, grisâtre et fétide, appelée *Capim gordura* ou herbe á la graisse..." Depois de limitar erroneamente a distribuição geographica da nossa vulgarissima forrageira, espalhada por todo o Brasil, e de procura corrigir em outra passagem de seu livro aquella inexactidão ou erronia, disse que o *Catingueiro* não era nativo na região goyana, e, mais, que os meus patricios disseram-lhe que a referida graminea fôra ali importada das colonias hespanholas, e que elles a cultivavam como forragem (Cultivar forrageiras em Goiás!)

Ora, ahi temos não só uma contradição do sabio botanico, como igualmente uma historia antiga, em que não me é possivel acreditar. Contradicção, porque é elle mesmo quem escreve á pag. 54 das *Voyages dans l'interieur du Brésil*: "Au milieu du Matto Grosso (Goiás) il existe de grandes clarières où croît uniquement du *Capim gordura*, graminée qu'à cause de son odeur fètide on nomme ici *capim catingueiro* ou simplement *catingueiro*: ces lacunes ètaint autrefois couvertes de bois; on mit le terrain en culture, et le *capim gordura* a fini par s'en emparer"; a tal historia dos goyanos, conhecedores do facto acima, por elles sem duvida narrado ao botanista francez, depois dizerem-lhe que o *Catingueiro* não era nativo ali, onde vegeta atôa.

Hoje, como eu algures escrevi, não é sómente o *Catingueiro* que substitue a mata virgem derrubada naquela região florestal do meu Estado; mais altivo e dominador que elle, occupando completamente as clareiras ou *furados*, como lá chamamos, vem o glorioso *Jaraguá*, essa incomparavel e rustica graminea forrageira.

Não é preciso mais para se ter comprovada a nacionalidade do *Catingueiro*. Quanto á etymologia, seja-me permittido dizer duas palavras.

SAINT-HILAIRE, procurando dal-a, numa nota ao periodo que delle transcrevi acima, escreveu ainda para nossa maior confusão:

"Du mot *catinga*, mauvaise odeur, celle, particulier, que resulte de la transpiration."

Parece incrivel que se possa qaulificar de mau cheiro, de fetido, o aroma suavissimo e tão delicado que despede a nossa graminea, principalmente nas regiões interiores do Brasil. Questão de olfacto talvez...

O vocabulo *Catingueiro*, dado ao capim gordura em Goyaz, como em todo o Brasil Central, foi composto com estes elementos em grypho: — *caá*, matto, erva, folha, ramagem, capim; *tinga*—branco, alvacento, claro; *eiro*,—suffixo portuguez.

Assim, com esses elementos, se formou *catingueiro*, como de *acajú* (cajú) se formou, com o mesmo suffixo *eiro*, *cajueiro*. E' que esse suffixo portuguez entra na composição das palavras brasilicas pelo mesmo processo glottico que associa os elementos da lingua indigena a muitas palavras da nossa lingua.

Como diz o illustrado grammatico Sr. JOÃO RIBEIRO: "O elemento *rana* (cousa semelhante, parecida) pospõe-se aos nomes do lexico portuguez: *brancarana* (mestiça clara, que parece branca), *caférana*, *cannarana* (vegetaes que lembram o café, a canna, etc.)".

O referido grammaticista cita innumeros exemplos, aliás bastante conhecidos de verbos originados da lingua tupi guarani e ora introduzidos na nossa, por aquelle processo, como *capinar*, *tocaiar*, *moquear* e muitissimos mais.

Foi sem duvida a nossa graminea que deu o nome de *catingas* ás chamadas mattas enfezadas de algumas regiões nossas, onde ella abundava já ao tempo da descoberta.

Matto branco, como querem os etymologistas não ha, nem houve no Brasiy.

O *Catingueiro* é que é uma graminea branquicenta, principalmente uma das suas variedades mais abundantes no interior; os catingueiraes, no Brasil Central apresentam, pela côr cinzentada ou prateada, que os cracteriza, um aspecto que teria na lingua geral aquelle qualificativo.

Não aceito igualmente a etymologia de *catinga* dada pelo erudito marechal BVAUREPAIRE ROHAN, que a derivou da contracção do *caá tinga* significando *mattas seccas, arvoredo secco*. O estimado sabio e escriptor fôra mal informado por alguem, que lhe disséra dar-se em Goyaz o nome de *catininga* ou de *mattos seccos* a esses accidentes florestaes, communs a certas zonas do norte do Brasil.

Catinga é palavra que só se conhece em Goyaz na significação de fartum, cheiro desagradavel e forte que exhala o corpo humano, mesmo porque não ha ali os ditos accidentes florestaes, e *matto secco* se diz daquelles onde não se encontram aguas ou que são pobres deste elemento.

CAPIM JARAGUA'

Neste momento precisamente em que a Sociedade Nacional de Agricultura está despertando a attenção do Brazil inteiro para o talvez seu mais subido problema — a organização da nossa industria pecuaria sob o ponto de vista da zootechnia moderna a nós pelo menos se nos afiguram dignos de leitura certas considerações adquiridas no conhecimento pratico e *in loco*, respeito ás forrageiras indigenas leguminosas e gramineas, mesmo porque destas plantas nativas só possuimos a mais que complicada nomenclatura botanica dada aos ressecados e mui suspeitos exemplares de specimens que da sub-região brazileira foram ter aos museus da Europa, colligidos nos tempos coloniaes á beira dos caminhos ou em redor das habitações humanas.

As variedades dellas, que se contam duas ao menos de cada especie, essas nem sequer ainda mereceram classificação a não ser nas eruditas, mas pouco divulgadas monographias do Sr. Barbosa Rodrigues.

E nem nos venham dizer que muitas das nossas forrageiras nativas já foram analysadas nos laboratorios dentro e fóra do paiz, porque a confusão quanto aos ommes vulgares aos quaes as querem referir é de natureza a permittir duvidas sérias como as que formulámos ha cerca de tres annos na *Revista Agricola de S. Paulo*...

Ahi dissemos que não seria demasiado insistir na necessidade do plantio em grande escala da altiva graminea goyana que tantas vezes, já, ha sahido victoriosa das impertinentes analyses de laboratorios, onde seus gratuitos detractores têm em vão e muitas vezes pretendido humilhal-a no confronto irrisorio, neste paiz, com as celebradas forrageiras alienigenas.

Os adversarios da nossa graminea, ainda ao que nos quer parecer á vigilia das armas com que a combateram nos primeiros dias, já deram de saber que lá fóra, nos Estados Unidosda America do Norte, ella revelou, pela mais rigorosa analyse chimica, uma riqueza em proteina superior qautro ou cinco vezes ás que no Brazil lhe deram os analystas de Campinas e do Rio de Janeiro.

Onde iriamos se procurassemos summariar as injustiças qeu lhe fizeram na mais santa ignorancia, aqui no Brasil, desde aquelle caipira fazendeiro, não nos lembramos mais de que localidade, que offerecia 20 contos de réis a quem lh'a exterminasse de seus pastos como herva damninha, até os artigos lastimaveis escriptos pelo illustrado scientista Sr. Gustavo d'Utra, do Instituto Agronomico de Campinas?

Será porventura a mais rustica forraginosa do nosso paiz o *Andropogon rufus* de Nees, como anda na literatura botanica?

Tal interrogativa não é ociosa nem capciosa. O proprio Sr. Gustavo d'Utra não occulta suas duvidas quanto áquella determinação scientifica.

Os que assim a aceitam como authentica para o jaraguá, inventaram-lhe os nomes vulgares de *capim vermelho* e *sapé gigante*, como sendo os que lhe impuzeram em Goyaz e Matto Grosso.

Ora, ninguem, jámais, naquelles Estados, nem mesmo em outras localidades do Brazil Central ouvira chamar-lhe por esses nomes vulgares.

Os sabios e mais os sabertes, estes sim, e não as gentes rusticas do sertão, e que parece confundirem-se com o sapé, o membeca e capim rabo de burro, que na baixada do Estado do Rio são aceitos como a tão calumniada graminea oriunda de Goyaz.

Não será, por outro lado, devido á confusão nascida de trocas de exemplares semelhantes, nos herbarios, a incerteza em que scientistas e leigos nos achamos quanto á authenticidade da nossa forraginosa indigena?

O exemplar ou specimen vegetal determinado pelo collaborador da *Flora Brasiliensis,* é de crêr que procedesse do Piauhy e não dos floridos campos de Goyaz — patria originaria do jaraguá, e onde até a data da sua supposta classificação scientifica se conservava no seu *habitat*, que ora lhe querem dilatar, os que não o conhecem e esquecidos se fazem de que "a botanica é por excellencia chamada sciencia de observação."

O herbario ou collecção botanica em qeu poderia apparecer no Velho Mundo tal specimen, devia de ser o do eminente naturalista viajante von Martius — mas o notavel botanista, na sua proveitosissima excursão pelo nosso paiz, não chegou ao *habitat* do jaraguá, passou mui afastado dos limites de Goyaz, indo de Minas e Bahia pelo Piauhy até Amazonia, como tudo se póde vêr do seu itinerario que é *Reise in Brasil*.

Por outra, a existencia da graminea goyana no Piauhy era o que restava provar, antes e por occasião da viagem de Martius e Spix, se o distincto piauhyense Dr. Nogueira Paranaguá não escrevesse a seguinte passagem nas suas interessantes notas de viagens pelo Brasil Central: "Diversas especies de gramineas foram introduzidas (no Piauhy) por nós, taes como o jaraguá, gordura roxa e bromo-argentino — praga terrivel (o bromo), que jámais devéra ter sido semeada em terra brazileira."

Quanto a nós nunca restou a menor duvida sobre o não ser o capim goyano esse baptizado em technologia botanica pelo nome de *Andropogon rufus*, nominação que deve pertencer ao acpim chamado *Vermelhão*, no Estado do Piauhy, a qual graminea muito se assemelha á de Goyaz, mas não lhe possue as qualidades de excellente forrageira.

E, assim, e aqui, fica mais uma vez levantada e em aberto, apezar do numero dos nossos sapientes, uma questão que elles mesmos e só elles podem, no conceito geral, resolver definitivamente, caso lhes pareça que o nome technico de algum modo posso ou deve influir nas qaulidades dos individuos que o trazem.

Concluindo: o jaraguá exige do homem apenas isto: que lhe deite fogo annualmente, pois das suas proprias cinzas elle brota mais viçoso, renasce como a phenix mythologica.

Só esta qualidade bastava para o recommendar num certo paiz, onde os que se occupam da pecuaria reclamam sem cessar a introducção de forrageiras rusticas que se prestem de preferencia ao piso dos animaes e resistem ao rigor das quadras estivaes.

HENRIQUE SILVA.

A riqueza mineral do Planalto

Em geral a riqueza mineral do Planalto, e em particular a do Estado de Goyaz, em pequena parte exhibida na Exposição da Praça Quinze de Novembro, é de verdadeira opulencia, posto tenha até hoje jazido, por assim dizer, no mais completo desconhecimento.

. . . .

Além de muito ouro, Goyaz tem jazidas diamantiferas, que ainda não foram exploradas, e, particularmente, grande quantidade de minerios de ferro de alta porcentagem.

O granito, o marmore, o crystal da rocha, a argila de diversas côres, a pedra de afiar, a cal, a pedra de rebolo, o salitre, o grés duro, o kaolino, etc., são mineraes de subido valor industrial e só esperam a época do advento da civilisação e progresso do futuro Estado.

Dous mineraes carecem de mais detalhada noticia por isso que actualmente o seu emprego na industria vai ganhando cada vez mais valor, e vem a ser: o pyrolysito, ou peroxydo de manganez (Mno_2), cuja applicação na tinturaria para a fabricação do chloro cresce com os progressos da coloração dos tecidos, e, particularmente, o amiantho ou asbestos.

Ambos se encontram em abundancia no Estado de Goyaz.

O amiantho cujo nome significa — incorruptivel, incombustivel—, já na antiguidade servia para a confecção de um tecido especial, em que era costume guardar as cinzas dos mortos illustres.

Nos tempos modernos, passou a constituir um corpo precioso para filtrações especiaes, e para a preparação de isolador electrico ou calorifico, etc. Na industria de tecidos, e na do papel, etc., é de sómenos valor, por causa da falta de homogeneidade e de tenacidade de suas fibras, e, portanto, da massa do papel.

Por sua formula chimica e pela tenuidade das fibras, o amiantho pulverisado e amassado dá uma excellente porcellana porosa ou vitrificada, segundo o gráo de temperatura a que é submettido.

Com a porcelana porosa de amiantho se fazem as velas balões de filtro modernos esterilisadores, de tal modo construidos que os liquidos a filtrar se põem em contacto com a sua superficie externa.

Durand-Fardel e Bordas, das experiencias feitas no laboratorio de toxicologia de Paris, concluiram ha pouco, que após continua filtração de seis semanas da agua do abastecimento de Paris, os ensaios de cultura sobre gelatina nutritiva não manifestavam colonia alguma bacteriana. Caldos de cultura com bacillo typhico e bactericidia carbunculosa foram esterilisados pela simples filtração no filtro de amiantho, e tão perfeita foi que uma cobaia inoculada com o liquido que passou da filtração do que continha a bacteridia nenhuma perturbação accusou: e outra inoculada com o liquido antes de filtrado veio a fallecer 36 horas depois da contaminação.

Os liquidos alcoolicos contendo levedos ou bacillos caracteristicos de determinada molestia do vinho, nem traço de microbio encerravam depois de filtrados, conservaram a mesma côr, e ficou inalterada a composição chimica.

Os acidos sulphurico, chlorhydrico, etc., os oleos, a estearina e a margarina liquefeitas são clarificadas em sua passagem atravez da porcellana de amiantho.

Com o desenvolvimento espantoso da electricidade nestes ultimos tempos, o amiantho passou, debaixo de outro ponto de vista, a ser aproveitado com vantagem.

O isolador de amiantho tem uma resistencia de isolamento triplice da porcelana commum e em relação ao isolador a oleo, tem a superioridade de dispensar esse liquido de difficil conservação. Os vasos porosos das pilhas são menos resistentes de cerca de um terço do que os vasos ordinarios.

A porcelana de amiantho tem os poros muito menores, mais numerosos e mais regulares do que a de kaolino; a sua extrema porosidade dá-lhe maior avidez para a agua, tanto que o peso do liquido absorvido póde attingir a 43 o|o do amiantho, ao passo que a porcelana ordinaria não absorve mais de 22 °|°.

Sob a pressão de 0m,10 d'agua, a filtração se opera na proporção de cerca de uma gramma por hora e por centimetro quadrado, e eleva-se a 100 litros, nas 24 horas do dia, em uma vela de seis centimetros de diametro d'agua canalisada.

Por esta succinta resenha, póde-se facilmente julgar da riqueza mineral de Goyaz.

Dr. Antonio Pimentel

GOYAZ E OS ALLEMÃES

Os mappas e folhetos que por ahi correm, denunciando os planos allemães sobre a projectada expansão commercial e politica no Brasil, provam claramente o que venho observando desde muito, no Estado goyano. onde alguns subditos do Kaiser e seus emissarios, os turcos, têm conseguido, em parte, o que se pretende neste intuito.

Vendo que Goyaz é um centro de grandes riquezas naturaes desaproveitadas e um Estado remoto e de população escassa e por demais hospitaleira e tolerante até á ingenuidade, conceberam os germanos, como complemento do que iam conseguindo no sul do paiz, o ambicioso designio de alli constituirem um reducto inexpugnavel e esmagador, apossando-se das ricas minas de ferro, manganez, zirconio, areias preciosas, crystaes, etc., e estudando, photographando os accidentes geographicos, os pontos estrategicos, annotando todas as capacidades economicas do Estado appetecido.

Muito antes da guerra européa, quando ninguem aqui suspeitava as pretenções allemãs ao coração do Brasil, espiões disfarçados em andarilhos, em padres e negociantes turcos, ambulantes, com as suas caixas de quinquilharias, já viajavam pelo Estado goyano, percorrendo-o de norte a sul, photographando paisagens, levantando plantas, apreçando generos alimenticios, promettendo aos incautos estabelecimento de vias-ferreas e de automoveis, insinuando idéas politicas, cabalando, emfim, abertamente, e com o silencio das autoridades regionaes, a favor de um dominio estrangeiro que melhor felicitasse o povo empobrecido pela falta de communicação facil com os centros consumidores ou exportadores.

Eu, que entendo algumas linguas estrangeiras, comprehendia o intuito de uns e de outros e, em vão, alli protestava contra o sinistro intento, entrevendo o perigo futuro em que se poderia envolver a patria ludibriada.

Entretanto, si os germanos pouco faziam por serem mais cautelosos que os turcos, seus enviados, estes conseguiram empolgar o commercio da região e estabelecer um respeitavel bloco de açambarcamento commercial de productos nacionaes e estrangeiros, desbancando completamente, em muitas localidades importantes, os commerciantes nacionaes ou estrangeiros, de boa procedencia, como já tive ensejo de as nomear, em precedente artigo.

E não fôra preciso ir tão longe, a Goyaz, para demonstrar a verdade do que affirmo e apontar a intrugice do turco no commerico do paiz e as más consequencias que já nos têm advindo da preponderancia do commercio dos filhos de Mafona no Brasil. Visitemos as nossas alfandegas, percorramos as capitaes dos Estados, e notemos a sua importação, os seus estabelecimentos, os seus processos commerciaes, a sua influencia junto das autoridades, a sua petulancia e gana na disputa e competição de preços, e nos certificaremos da inferioridade dos nacionaes em calculos e situações commerciaes, em communidade de interesses, em protecção publica.

Em Goyaz é uma lastima.

Conhecedores da indole pacata e da simplicidade dos camponezes, conquistando a sympathia dos expertos, a quem favorecem com presentinhos de missangas e vendas a preços commodos, offerecendo, cercando, impondo e trapaceando, engabelam estes judeus errantes a quantos lhes caiam nas garras e lhes tiram a camisa com o pello.

As suas manhas são por demais conhecidas, mas, como o sapo com a cobra, os incautos e até mesmo, forçadamente, os prevenidos e avisados não se podem livrar delles. Pois ha logares alli onde os turcos impõem a sua vontade e dominam até as autoridades locaes, açambarcando na colheita toda a producção agricola e sendo os unicos fornecedores á população, de generos nacionaes e estrangeiros, pelos preços que lhes convém, porque não ha leis no Brasil, que regulem as porcentagens cobraveis sobre os varios artigos de commercio e sobretudo com relação aos comestiveis, e ainda que as houvesse, burlariam os seus effeitos, como procedem a respeito dos impostos a que estão sujeitos como negociantes. São todos unidos, socios, irmãos, empregados e patrões uns dos outros.

Chegam alli dois a um localidade; estabelecem o seu balcão, depois da licença e do pagamento dos respectivos impostos.

Dias depois vem mais um, mais outro, etc. São socios, empregados uns dos outros e participam da permissão da lei e do imposto pago. Negociam, vendem, reformam o sortimento muitas vezes no anno, e acabam por ficar ricos e deixarem o mesmo balcão aos que vêm vindo por ultimo, e voltam para a terra ou disfructam o grosso capital empolgado numa capital do paiz, onde estão habilitados para entrarem na commandita central de importação e exportação.

Assim, emquanto nós, os nacionaes ou estrangeiros de procedencia util, labutamos no campo ou nas fabricas, e nos desconfiamos uns dos outros, os mahometanos, unidos, mãos finas, engravatados, risonhos, zombeteiros, confiantes na espada allemã, dormem socegadamente e comem com bananas, por economia e usura, o saboroso pão que tiram da bocca dos nossos filhos e dos nossos patricios ou amigos.

E' tempo de, si não todo o Brasil, ao menos Goyaz, onde a tarefa é mais facil, iniciar o dominio de sua propria casa, na qual manda quem não póde, contra a ordem natural e legal da vida dos povos.

Só um artigo de lei, assim, bastaria: é prohibido ao turco negociar no Estado de Goyaz.

E tudo iria a contento de todos os nacionaes, que alli já lhes votam, nalgumas partes, odio ferrenho e justo, por causa das suas façanhas commerciaes e outras, que calo.

Mas, dirão alguns: "Ha turcos bons, casados com brasileiras de boa familia". Pois bem! que provem ser brasileiros e ter propriedade bastante e não ser vagabundos e chatins. E para isto é que invoco a competencia dos poderes publicos, que não devem criminosamente cruzar os braços diante da espoliação que vae soffrendo o paiz e do perigo que alimentamos com a nossa indifferença, o nosso descuido e tolerancia africana.

Poderei citar, a respeito de Goyaz, pondo de parte o que se passa aqui, no Rio e mais pontos, milhares de casos de cobranças de divida commercial feitas alli, á bocca d'arma, pelos turcos, contra camponezes inermes e desprotegidos da lei.

No municipio de Bomfim, um turco, na ausencia de um pobre e honrado lavrador, assenhoreou-se da familia deste, que a custo abandonou a casa alheia, ficando impune tamanha petulancia.

Andam armados, alli, até os dentes, e constituem um terror para a policia local pela cohesão dos seus interesses e reciprocidade de defesa, embaraçando assim os movimentos da justiça local.

Em face destas irregularidades, em frente das ameaças germanicas de que são reconhecidos instrumentos, dada a situação inimiga em que se collocou a Turquia na guerra européa, é urgente, é forçoso que os governos regionaes abram os olhos, iniciem providencias e as levem avante no intuito de fazer abortar os planos turco-germanicos e expurgar o nosso commercio empobrecido e entravado pelos filhos de Asaverus, que em nada, absolutamente, concorrem para o progresso material ou moral do Brasil, e antes o infelicita, estraga, anarchisa e rebaixa. Si quizerem trabalhar, produzir, viver como nacionaes e cumprir a lei que lhes cabe, que fiquem os que já aqui estão; porém, que as nossas portas lhes permaneçam francas, como têm estado, é que não.

Em Goyaz, basta o governo secundar com uma lei sensata o movimento antipathico e justo que os nacionaes lhes vêm dedicando, ha muito, como se nota com alentada esperança, para que moderem a sua ganancia e se resolvam a lixar o cabo da enxada e ganhar o pão com o suor do proprio rosto e não com o do alheio. E' o que desejo e espero, como patriota e como protector dos opprimidos e espoliados. Voltarei.

ANTONIO EUSEBIO.

ESBOÇO DA GEOGRAPHIA PHYSICA DE GOYAZ

Devido a uma troca de originaes em vez das linhas que seguem sahiram outras, extrahidas da *Chorographia* do marechal Cunha Mattos:

HYDROGRAPHIA

O *Sucury* ou *Sucuriu* — nasce na contra-vertente da principal ou mais alta cabeceira do Araguaya, formando com esta e as do Taquary uma perfeita trichomia, que lembra a formada pelas nascentes das bacias amazonicas, platinas e oriental sobre o mesmo divisor no municipio de Formosa e noutra parte mencionada. Nas cartas antigas este grande rio apparecia com a denominação de Bacuhy (vide os mappas da America do Sul de Azara e de Henrique e Ricardo Kiepert).

Faz barra no Paraná, pouco acima de Rebojo de Juquiá.

O RIO VERDE — nasce por cerca de 20° de latitude nas divisorias dos affluentes da margem esquerda do Rio Pardo.

São seus principaes affluentes tributarios os rios Formoso e Bôa Vista.

O RIO PARDO — que limita Goyaz e Matto-Grosso. Nasce em Camapiran nas contravertentes do rio Coxim.

RIO COXIM — nasce entre os 10 e 11.° de longitude W do meridiano do Rio de Janeiro e recebe pela margem direita, vindos de terras de Goyaz, o Sellado, o Jauru' e, finalmente, o TAQUARY, que é tambem linha divisoria dos dois grandes Estados visinhos. A barra do Taquary com o Coxim fica na latitude de 19°15'18"o e oh.56m.46s.39 W. do meridiano do Rio de Janeiro.

GEOLOGIA

Segundo Gerber, baseado nas conclusões de Elias de Beaumont, o Brasil Central já existia como um continente extenso, quando o resto do mundo ainda estava submergido no oceano universal, ou apenas surgiam partes d'elle como ilhas insignificantes.

Goyaz foi, pois, parte integrante do mais antigo continente do nosso planeta — uma grande ilha primitiva.

"Provavelmente, diz o notavel geologo Eugenio Hussak, depois de um intervallo de tempo em que a terra firme, formada pelas rochas do primeiro grupo era mais ou menos profundamente desnudada, veio o deposito dos sedimentos argillosos, arenosos e calcareos que, sublevados por sua vez por um segundo movimento orogenetico, constitue hoje a região dos schistos, grez e calcareos paleozoicos entre Santa Luzia e Formosa e, mais para o norte, o alto chapadão (1.500 metros) dos Veadeiros.

Com este segundo sublevamento fechou-se o cyclo dos grandes acontecimentos geologicos para a região visitada pela Commissão, no Estado de Goyaz que, permanecendo no Estado de terra firme, tem soffrido a acção desnudadora dos elementos atmosphericos que durante seculos sem conta têm esculpido as actuaes feições topographicas.

Em redor desta região, porém, ao norte e a oéste, na bacia do Tocantins-Araguaya e na do Xingú e Páraguay; a léste, na do S. Francisco, e, ao Sul, na do Paraná, houve enormes depositos de sedimentos que, por transgressão, cobriram as margens da antiga ilha goyana e se estenderam sobre as vastas regiões que hoje constituem grande parte das bacias mencionadas.

Estes depositos têm permanecido em posição horizontal, (como já demonstraram Derby e outros), em S. Paulo, Paraná, Matto Grosso, Piauhy, Bahia e Minas, parecendo ter começado na edade devoneana e ter continuado, com interrupção, até a idade secundaria".

As manifestações vulcanicas offerecem particular interesse em Goyaz, principalmente nas cumidades do divisor das bacias do Araguaya e Paranahyba.

Depois da recente exploração desse ultimo rio pelo engenheiro tcheque-slovaco Dr. Carlos Hass, a existencia, evidencia demonstrada. Tratando da base mineralogica, que fórma o leito do Paranahyba, diz o alludido engenheiro: "O cascalho de varios periodos é de origem vulcanica, encontrando-se grandes depositos de conglomeratos vulcanicos ás vezes em blócos de tamanho consideravel e por grandes extensões nas margens e no fundo do rio, na maior

Montes Pyrineus

desordem, aberrando por completo o alluvião e diluvião, pelo que se póde julgar que no planalto, ha poucos seculos, ainda havia vulcões em erupção."

Este phenomeno tambem explica a fertilidade excepcional das terras que margeam este rio, pois é sabido que as substancias nutritivas são muito mais soluveis as massas heterogeneas da pedra eruptiva do que das formações regulares, permittindo as primeiras uma formação rapida e farta de humus.

E, de facto, o rio é margeado de mattas virgens e espessas em extensões enormes, contendo uma riqueza incalculavel e interminavel das mais apreciadas madeiras, abundando especialmente o cedro, o balsamo e a peroba e não é exagero classificar-se estas mattas entre as mais ricas em madeiras e as mais ferteis do Brasil.

(*Continúa*)

HENRIQUE SILVA

LIMITES DE GOYAZ E MINAS

Officio do dr. José Xavier de Almeida, Presidente de Goyaz, ao sr. dr. Francisco Antonio de Salles, Presidente de Minas

Com o intuito de tornar discutivel o indiscutivel direito de Goyaz sobre o referido territorio, V. Ex. invoca a favor do Estado de Minas, um auto de vereação em que se tratou de demarcar o termo da villa de Paracatú datado de 15 de Outubro de 1800.

Este auto encerra uma proposta, que não logrou ser approvada pelo poder competente, para o fim de se annexar o Julgado e districto de S. Romão ao termo de Paracatu', ficando este com os limites descriptos pela fórma seguinte: "principiando no Porto Real do Rio S. Francisco, seguindo por elle abaixo até a barra do Rio das Velhas, desta ao Julgado de S. Romão, deste até a barra do Carinhanha, desta seguindo o dito rio Carinhanha acima até as suas cabeceiras nas chapadas de Santa Maria, destas ás cabeceiras do rio Preto, destas seguindo pelo rio dos Arrependidos acima até as suas cabeceiras, destas cortando em rumo direito ao rio São Marcos, indo por elle até fazer barra no rio Paranahyba, *e seguindo por este rio acima até as suas cabeceiras, destas atravessando em rumo direito para o registro dos Ferreiros, e descendo pelo rio do Funchal abaixo até a sua barra no Indaya e por este abaixo até a sua embocadura no rio S. Francisco* e por este abaixo até ao mesmo Porto Real, onde se principiou a demarcação."

A Provisão de 25 deAbril de 1799, em virtude da qual foi o Ouvidor dr. José Gregorio de Moraes Navarro encarregado de demarcar os limites do termo de Paracatu', ordenou-lhe que a demarcação "será de forma que em beneficio publico, comprehenda os lugares que ficarem mais proximos á mesma villa, do que ás outras confinantes, que para esse fim serão ouvidas. E effectuada que seja a diligencia e creação da villa, ordenava a citada Provisão, *darei de tudo conta ao dito Governador e Capitão General que m'a fará presente pelo Expediente do meu Conselho Ultramarino, para que Eu haja de confirmar, havendo por bem*".

Ora, a referida demarcação, não foi confirmada pelo Governo da Metropole, não só porque em seu processo se desprezaram as prescripções que deviam ser observadas, como porque motivou vehementes e solemnes protestos da parte do Governo da Capitania de Goyaz, que não poude resignar-se com a invasão que ella vinha fazer em parte do seu territorio.

Não desejando tornar demasiado longo o presente officio, deixo de analysar aqui as irregularidades que viciaram substancialmente a dita demarcação mas peço a V. Ex. a gentileza de lêr nos Annaes do Parlamento Brasileiro, correspondentes á sessão do anno de 1877, o discurso do deputado Cardoso de Meneezs, pronunciado no dia 19 de Junho do mesmo anno no qual, discutindo e refutando o projecto n. 81, de 1861, as demonstrou perfeitamente.

Para salientar que a demarcação não fôra regular, basta o depoimento do proprio Ouvidor inserto no dito auto de vereação. Não querendo ficar o Ouvidor com a responsabilidade de uma demarcação que não poderia ser acceita e confirmada pelo Governo do Reino, porque contrariava os termos da Provisão que a mandou fazer, inseriu no dito auto a sua opinião, firmando-a do seguinte modo, para que pudesse ser convenientemente apreciada pelo poder a cuja approvacão tinha de ser submettida.

Declara o dito auto logo em seguida á descripção dos limites acima indicados: "Representou-lhes então o dito Ministro que annexando o Julgado e districto de S. Romão ao termo desta villa e não podendo em um mesmo termo haver dous Julgadores que conhecam na mesma instancia, era necessario abolir-se o dito Julgado, e que o Juiz de Fóra desta villa em distancia de 50 leguas, não podia bem administrar Justiça, nem dar promptas providencias nos casos occorrentes; que elle vinha crear, *e não abolir e que não queria encarregar-se de obrigações, que não pudesse cumprir perfeitamnte, para não ficar responsavel por ellas a Deus, ao Principe e ao Estado.*"

Para demonstrar que o Governo da Capitania de Goyaz protestou contra a demarcação invasora de seu territorio, é bastante transcrever aqui o depoimento do habil e fogoso advogado do commendador Bernardino de Faria Pereira, Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, um dos brilhantes ornamentos do Senado Mineiro e autor do folheto "Limites entre Minas e Goyaz cujos argumentos vem compendiados no officio de V. Ex. a que eu tenho a honra de responder.

Diz o folheto do Dr. Mello Franco, á pag. 27, referindo-se aos limites constantes do citado auto de vereação de 15 de Outubro de 1800: "Neste grande perimetro, estavam comprehendidas as povoações de S. Romão, Salgado, Ribeira de Urucaia, do Acary, do Perú-Assú, Rio Pardo, Rio Preto, Carinhanha, Chapada de Santa Maria e quasi todas as fazendas da picada de Goyaz, desde Paracatú até Bambuhy. *Incontestavelmente uma grande parte do territorio que até então pertencia a Goyaz, não se respeitara na divisão.*

Informado D. João Manoel deste facto, dotado como era de genio ardente e violento, representou contra o acto do Ouvidor ao Capitão General Bernardo José de Lorena e não satisfeito com assim ter procedido, *mandou um forte destacamento em Andrequicé, para assim manter melhor os limites de sua jurisdição*"

Este depoimento prova que antes de 1838, porque a referida demarcação tivera lugar em 1800, o Governo da Capitania de Goyaz exercia jurisdicção até á serra de Andrequicé, em territorio portanto situado á margem esquerda do rio S. Marcos.

Apezar, porém, das irregularidades que viciaram a referida demarcacão e dos solemnes protestos que ella provocou da parte do Governo de Goyaz, foi o auto de 1800 confirmado e os limites por elle traçados constituem linha divisoria entre os Estados de Goyaz e Minas?

Não, será a resposta do Governo de Minas Geraes, si quizer apoial-a em qualquer decreto, alvará ou acto legislativo que o tenha aconfirmado.

Não, é a resposta do Governo de Goyaz, que desde os tempos do regimen colonial até á presente data tem exercido sempre e ininterruptamente no territorio comprehendido entre o rio S. Marcos e as serras de Andrequicé, Pilões, Tiririca etc., plena jurisdicção em materia não só policial e judiciaria como eleitoral e fiscal.

Não, é a resposta do Supremo Tribunal Federal, decidindo em accordam de 4 de Dezembro de 1895, a favor da Justiça do Estado de Goyaz, o conflicto de Jurisdicção levantado pelo Juiz de Direito da Comarca de Paracatú, a proposito do processo de divisão da fazendo "Batalha dos Nunes", situada á margem esquerda do rio S. Marcos.

Não, responde o Sr. Barão do Rio Branco, benemerito brasileiro e actual Ministro das Relações Exteriores, traçando no seu mappa dos Estados Unidos do Brasil, como linha divisoria entre os Estados de Minas e Goyaz, as referidas serras e não o rio S. Marcos.

Não, responde a Chorographia do Brasil, do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, dizendo, á pag. 374 que a Provincia de Goyaz, limita-se: "A leste com as de Minas Geraes, Bahia, Piauhy e Maranhão, pelo mesmo thalweg do Paranahyba, *ribeirão Jacaré, pelas serras de Andrequicé, Tiririca, Araras, Paranã, Tabatinga, Duro e Mangabeiras*".

Não, responde a Chorographia do Brasil, do professor Moreira Pinto (para uso dos Gymnasios e Escolas Normaes) affirmando, á pag. 195: "O Estado de Goyaz confina... a

L. com os de Minas Geraes, Bahia Piauhy e Maranhão, *pelo rio Paranahyba, ribeirão Jacarê, serras de Andrequicê, Tiririca, Araras, Paranã, Tabatinga, Duro, Mangabeiras e rio Tocantins.*"

Não, responde o Atlas do Imperio do Brasil de Candido Mendes, pag. 27, dizendo: "Tomar o rio S. Marcos como fronteira occidental de Minas é uma usurpação de territorio, em tempo nenhum reconhecido como mineiro."

Não, respondem os trabalhos geographicos do General Cunha Mattos e os mappas antigos consultados pelo senador Candido Mendes, os quaes indicam como linha divisoria entre os Estados de Goyaz e Minas, as referidas serras, o ribeirão Jacaré e o rio Paranahyba.

Não, responde a Carta da Republica dos Estados Unidos do Brasil, organizada na Inspectoria Geral de Estradas de Ferro, por ordem do Ministro da Viação, Dr. Serzedello Correia e sob a direcção do engenheiro Dr. João Chrockatt de Sá Pereira de Castro, que assignala como limite entre Goyaz e Minas as referidas serras e não o rio S. Marcos.

Não, responde o livro "Province de Minas — (Les guides de l'Etoile du Sud), escripto quiçá sob as indicações e com auxilio do Governo de Minas, como trabalho de propaganda, onde se lê, a pag. 21, que os seus limites são: "A' l'ouest, le thalweg des riviéres Canôas Paranahyba *et Jacaré, puis en remontant cette dernière jusqu'aux sommets des chaines Andréquicé, Pilões, Tiririca, Araras et Paranan jusq'au au célèbre Vão, et suivant après la rivière Carinhanha*".

Não, responde Francis Castelnau "Voyage dans l'Amérique du Sud", tomo 2°. pag. 124, declarando:

" Du côte de Minas Geraes, la limite est indique par la sérra de San Domingo, Santa Maria, Lourenço *Castanho, Arrependidos, Andrequicé* etc.; ensuite par la petite *rivière de Jacaré* et enfin par le rio Paranahyba jusqu'au rio Grande, qui la sépare de San Pablo".

Não, responde o Diccionario Geographico de M.de Saint Adolphe, publicado sob a direcção de Aillaud, vol. 1q, pag.5co "*Jacaré.* — Ribeiro da Provincia de Goyaz e vae se perder no rio Paranahyba".

Não, responde a apresentação dos tres projectos a que se refere o officio de V. Ex., no Parlamento do Imperio, pelos illustres representantes de Minas, para o fim de ser considerado mineiro o territorio situado á margem esquerda do rio S. Marcos, a partir de sua foz no rio Paranahyba.

Si o auto de vereação de 1800 houvesse sido confirmado e tivesse força de lei, que necessidade haveria de serem fixados por um acto do Parlamento os limites que elle já havia traçado?

Si o projecto dos representantes de Paracatu' estivesse apoiado em razões plausiveis, por certo teria obtido a sua conversão em lei — a brilhante representação de Minas, prestigiosa pelo numero e mais prestigiosa ainda por seus talentos, illustração, patriotismo e virtudes, ninho de aguias, onde a Corôa ia frequentemente buscar abalisados e gloriosos estadistas para presidentes de seus Conselhos de Ministros.

Não se concebe que Minas, possuidora de larga e merecida influencia e preponderancia na politica, tanto do Imperio como da Republica, arbitra das situações hontem como hoje, não tivesse podido obter do Parlamento em diversas tentativas, a decretação de uma lei, que não vinha estabelecer direito novo, mas simpelsmente ratificar os direitos que allega, em virtude do auto de 1800 si a decretação dessa lei pudesse encontrar justificativa em razões de equidade e de interesse publico.

RIQUEZAS NATIVAS DE GOYAZ

Pretendemos resumir quanto possivel e trasladar para os limites deste artigo varias e interessantes informações sobre as riquezas naturaes, não exploradas ainda de modo regular, no grande Estado mais central do Brasil, sob o ponto de vista geometrico — informes estes colhidos nos autores extrangeiros e nacionaes que mais directamente se occuparam das cousas aqui versadas nas suas demoradas estadias ou incursões nas terras goyanas, na sua maior parte incognitas para a sciencia.

São as notas que seguem resultados de consultas ás obras de autoridades insuspeitas, como sejam Saint Hilaire, Castelnau, Pohl, J. Martius P. de Alencastre. Marechal Raymundo da Cunha Mattos, Eschwege, Taunay, padre Luiz Antonio da Silva e Souza, Weddel, Glaziou, Ule, Eugenio Hussak, Dr. Azevedo Pimentel e outros, sabios e naturalistas viajantes illustres. Os nomes delles e a menção das suas respectivas obras emprestam a estas linhas um alto cunho de veracidade que a importancia mesma do assumpto solicita.

" A riqueza mineralogica da provincia de Goyaz não é assumpto para ser tratado perfuntoriamente. Esta provincia contém em seu seio um tratado completo de mineralogia, e tão prodiga é a sua riqueza que bem se póde dizer uma vasta mina de ouro, de pedras e metaes preciosos. No leito dos rios, nos campos, nas mattas, nas montanhas e nos valles, por toda a parte onde o viajante dirige os passos, encontra na superficie da terra os vestigios da prodiga riqueza que ella contém em seu seio." J. M. de Alencastre. — *Relatorio apresentado á Assembléa Provincial de Gogaz*, 1862.

"De todo o Brasil é a provincia de Goyaz uma das mais ricas em ouro. Suas montanhas não foram ainda excavadas; quando muito em alguns lugares arranhou-se-lhes tão sómente a superficie." Eschwege. — *Pluto Brasiliensis.*

"Por toda a parte, com effeito, contém ouro o sólo de Goyaz.

Na antiga comarca do Sul, todos os arraiaes lhe deveram a fundação, e mais tarde os do Norte, onde tambem é espalhado com extraordinaria profusão. A principio, tirado ás arrobas das tenues camadas exteriores, escasseou rapidamente, obrigando a grandes trabalhos por estar em pontos por demais aridos ou exageradamente fartos d'agua, etc.

Entretanto, é fóra de duvida que nas entranhas da terra jazem ainda occultos verdadeiros thesouros de Aladino. Em Anicuns, a 13 1|2 leguas S. E. da Capital, as pedreiras descobertas só no anno de 1809 em pouco tempo produziram 200.000 cruzados. (*Memorias Goyanas*) de ouro de 18 kilates.

Riquissimos foram S. José de Tocantins e sobretudo Agua Quente, onde chegaram a trabalhar nas minas 16.000 escravos, e se acharam folhetas do peso, uma de quasi arroba e meia, outras de seis a dez libras e muitas de trinta oitavas, e que assenta e curta distancia do grande confluente do Tocantins, o rio Maranhão, cujas aguas rolam ouro a rôdo.

Com effeito, a meia legua do arraial, no lugar chamado *Machadinho*, o desviaram uma occasião do curso natural, o que chamam *virar*, por meio de um dique ou açude que poucas horas pôde durar, e assim mesmo o trabalho ficou compensado, pois a quantidade de metal recolhido nas arêas do alveo foi computada em 900 oitavas.

Riquissimos foram o arraial de Cocal, o qual teve 17.000 escravos e 1.400 livres em constante serviço; o de Natividade, em cujas cercanias contavam-se para mais de 40 000 escravos; o de S. Felix, com suas valiosas minas de Carlos Marinho; o de Cajázeiros e o de Arrayas, que dava o ouro chamado *podre*, em razão da côr parda que tinha. Alli, de uma só bateada tiraram-se de uma vez 60 oitavas, e numa unica noite certos ladrões conseguiram de um veeiro extrahir tres arrobas.

O quinto que o Governo portuguez levantava em Villa Boa de Goyaz para a parte meridional, e em S. Felix, para a parte septentrional, apezar dos contrabandos e das sonegações, chegou em 1755 a render 169.000 oitavas, no sul, e 59.596 no norte, o que perfaz a somma de 352:914$000, moeda antiga.

Em crystal de rocha é a provincia de Goyaz tão rica que, segundo Cunha Mattos, poderia abastecer as manufacturas do mundo inteiro.

A cada passo, na serra dos Crystaes, depara o viajante com vistosos crystaes, uns amarellos, dos chamados *topazios* de Goyaz, outros rôxos (amethistas), avermelhados ou mais frequentemente brancos, tendo alguns fragmentos destes muitas arrobas de peso, de maneira que Pohl diz que com o que está fóra da terra esparso aqui e acolá, poder-se-hiam carregar algumas centenas de carros. O commercio destas pedras já foi bastante activo, entretido quasi todo pelas cidades de Paracatú e Formiga, em Minas Geraes. Pohl cita o facto de um Tenente de Paracatú que, encetando com poucos meios este genero de negocios, em tres annos ajuntou 30.000 cruzados, o que de certo é de contentar aos mais ambiciosos.

Esse movimento entre Santa Luzia e Formiga, muito seguido, segundo informações do meu amigo o Sr. Major João Teixeira de Carvalho, até o anno de 1840, e ainda hoje existente, faz-me com tal ou qual convicção de certeza acreditar que os dous immensos crystaes de mais de duas arrobas de peso que se viam na Exposição de Minas Geraes, como vindos da Formiga tenham sido trazidos de Goyaz e da serra dos Crystaes.

A *itacolomitte*, pedra laminosa-elastica, constitue montanhas inteiras. Grandes zonas de Goyaz a apresentam com abundancia, mais ou menos modificada em seu aspecto e fórmas, conforme o predominio do *talco*, ou do quartzo e misturas de outros mineraes.

As laminas solidas da *itacolomitte* são aproveitadas em Goyaz para

cobrir muros e separações de quintaes, e para lagedos, como se vê na cidade de Meia Ponte. A variedade elastica é usada. em lugar de chapas de ferro, nos fornos de torrar e seccar farinhas de milho e mandioca.

O ferro é abundantissimo em Goyaz. Ou fórma conglomerados e em vastas áreas constitue as camadas superiores dos terrenos ou acha-se naquella terra que produz o terrivel e insinuante pó vermelho das estradas do sertão do interior, terra sulcada de veios vivamente corados, que em S. Paulo tem o nome de terra rôxa e é o typo dos sólos fecundos, maravilhosos ás vezes em sua força de producção.

De mistura com as areias quartzosas, cobre, como em Minas Geraes observou o Dr. Lund, valles extensos e montes de altura consideravel.

Quanto a depositos que se prestem com vantagem a faceis trabalhos metallurgicos, os ha na Provincia muitos; por exemplo, em Arrayas, Trahiras, S. José de Tocantins e S. Felix, onde já se fabricaram excellentemente ferro e aço, vendidos a 300 réis a libra, até para exportação.

Em S. José de Tocantins e Trahiras extrahem-se grandes folhas de *mica* ou *malacacheta*. Na cidade de Bomfim todas as casas têm dessas vidraças: na Capital as ha nas divisões interiores. O preço muito tempo foi de 200 réis por quinze vidros de seis pollegadas de lado. As expostas (Exposição Nacional de 1875) mereceram o applauso dos que as observaram mais attentamente. Eram brancas e de côres, largas, perfeitamente transparentes, muito finas e com superficie lisa e brilhante.

A industria utiliza-se da mica para diversos fins; entretanto não tirou ainda todo o proveito desejavel dessa bella substancia tão flexivel e transparente, inalteravel ao fogo e á agua e sobremaneira malleavel, sem perder nunca tenacidade." Alfredo de Escragnolle Taunay — *A Provincia de Goyaz na Exposição Nacional* de 1875.

"Ao norte da serra dos Pyreneus, perto do Quilombo, no Vão dos Angicos, existe uma grande jazida de oligisto (F. e 03) que em qualidade e pureza se assemelha ao da ilha d'Elba. A occurrencia de jazidas de oligisto e de schisto ferrifero (itabirite) na formação do michaschisto, na serra dos Pyreneus, é analoga á dos schistos crystallinos da região de Ouro Preto, em Minas Geraes.

Nesta região encontram-se argila pura, ordinaria e kaolim. O deposito de kaolim acha-se entre Mariano Casado e Catalão, na fórma de dique em michaschisto e provém da de um apophyse de granito de pegmatito. O dique tem alguns metros de possança e póde ser seguido numa distancia consideravel.

O granito, ou muscovito granitcito de granulação fina e média encontra-se em Corumbazinho, nas margens do rio Barreiros, no Rio Claro, na Capital, sobre uma grande extensão e é, sem duvida, prolongamento da mesma zona granitica estudada pelo Dr. Pohl.

O Estado de Goyaz é rico de diamantes, mas até o presente elles não têm sido regularmente trabalhados, sendo apenas lavrados por uns poucos de garimpeiros, principalmente nos affluentes do rio Cayapó, no seu curso superior, no Rio Claro, cerca de 30 leguas da Capital e em Trahiras.

O calcareo compacto cinzento, de Goyaz, offerece material bom para o fabrico da cal. As variedades argillosas talvez sirvam para o fabrico de cimento, ponto este que talvez póde ser determinado por analyse. De grande possança e rico em variedade, apresenta o calcareo compacto branco e cinzento escuro do Vão dos Angicos." Dr. Eugenio Hussak—*Relatorio Parcial da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil.*

Tratando da distribuição e principaes jazidas das arêas monaziticas no Brasil, o conhecido industrial Sr. Commendador Domingos Gonçalves, que não ha muito fez uma excursão a Goyaz, apresentou ao Congresso de Expansão Economica, de Bruxellas, importante memoria, em que se lê o seguinte:

"De todas estas arêas (monaziticas), as mais ricas em *thorium* e em *cerium* são as de Goyaz, visto que, em sua analyse apresentam 63 % de oxydo do grupo *certum*, 50 % do grupo *ittrico* e 75 % de *thorium*.

Em seguida temos as arêas do Espirito Santo, que têm 4 a 44 % de *thorium* e 35 a 40 % de oxydos dos grupos *cericos* e *ittricos*.—Commendador D. Gonçalves. — *Memoria* cit."

A occurrencia destas monaziticas nos rios Paranahyba, Corumbá e Paraná ficou assim provada:

"Em geral, a riqueza mineral do Planalto, e em particular a do Estado de Goyaz, em pequena parte exhibida na Exposição da praça Quinze de Novembro, é de verdadeira opulencia, posto tenha até hoje jazido, por assim dizer, no mais completo desconhecimento.

Na maior parte da área percorrida pela commissão, encontra-se o sólo constituido por excellente terra lavradia, como exprimem as vastas superficies da afamada terra rôxa, que tanto renome e desenvolvimento agricola têm dado e continúa ainda a dar ao prospero Estado de S. Paulo.

O massapez, qualidade de terra talvez superior á rôxa, para a plantação do café, tambem se observa em alguns lugares. E' isto muito natural, visto que todo o sul de Goyaz, como deixei dito, de um lado é continuação do Triangulo Mineiro, que por sua vez continúa a natureza terrena de S. Paulo, e de outro, é o prolongamento W. de Minas Geraes, onde a fertilidade da terra é proverbial.

Se os primeiros povoadores de Goyaz, em vez de se consagrarem exclusivamente á mineração do ouro, tivessem convenientemente aproveitado os 4.000 kilometros de costas fluviaes até onde póde chegar o explorador, seria com toda segurança hoje o Estado de Goyaz uma verdadeira joia no interior do Brasil.

Além de muito ouro, Goyaz tem jazidas diamantiferas que ainda não foram exploradas e, particularmente, grande quantidade de mineriosde ferro de alta porcentagem. O granito, o marmore, inclusive o rosa, o crystal de rocha, a argilla de diversas côres, a pedra de afiar, a cal, a pedra de rebolo, o salitre, o grés duro, o kaolim, etc., são mineraes de subido valor industrial e só esperam época do advento da civilização e processo do futuroso Estado.

Dous mineraes carecem de mais detalhada noticia, por isso que actualmente seu emprego na industria vai ganhando cada vez maior valor, e vem a ser: o pyrolysito ou peroxydo de manganez (Mn o2), cuja applicação na tinturaria para a fabricação de chloro cresce com os progressos da coloração dos tecidos e, particularmente, o amianto ou asbestos.

Ambos se encontram em abundancia no Estado de Goyaz.

A porcellana do amiantho tem os poros muito menores, mais numerosos e mais regulares do que a de kaolino; a sua extrema porosidade dá-lhe maior avidez para a agua, tanto que o peso do liquido absorvido póde attingir a 43 % do amiantho, ao passo que a porcellana ordinaria não absorve mais de 22 %.

Por esta succinta resenha, póde-se facilmente julgar da riqueza mineral de Goyaz. — Dr. Antonio M. de Azevedo Pimentel. — *Relatorio da Commissão Exploradora do Planalto."*

Depois deste rapido lancear de olhos sobre a riqueza mineral que encerra Goyaz, vejamos as suas riquezas vegetaes, quer silvestres, quer campestres:

"Da magnificencia e exuberancia de sua flora nas tres grandes classes phytologicas tinha a provincia de Goyaz profusos elementos para apresentar as mais bellas e complexas provas, mas na impossibilidade de o fazer, que fôra tarefa quasi sobrehumana, buscou, como minguado attestado de sua ainda não explorada riqueza florestal, remetter algumas amostras de arvores sobremaneira abundantes nas suas matas, principalmente do sul, e proprias para construcção e variados trabalhos da industria.

Neste empenho modesto esbarrou ainda com o obice terrivel, que se chama falta de dinheiro, que pêa a mais decidida boa vontade, esteriliza os mais valentes esforços, e na vida individual, como na dos Estados e provincias, traz invenciveis desanimos.

Para organizar uma collecção de madeiras de lei capaz de impressionar o observador e de exprimir a grandeza, valor e força da vegetação, convém do tronco dos mais corpolentos typos da zona que se quer representar, tirar grandes taboões, cortar grossos tóros nos dous sentidos, latitudinal e longitudinal, e mostrar o duramen nos quatro estados: bruto, falquejado, serrado e afinal envernizado, como mais ou menos fizeram os expositores das Alagôas e Paraná.

Por que preço, porém, ficaria o transporte desses pesadissimos volumes desde a capital de Goyaz até ao porto mais proximo, o porto de Santos?

Entre as amostras enviadas, reduzidas a delgadas laminas, figuraram: angelim da especie *rosea;* angico de cortume, cuja casca contém muito tanino e serve para curtir couros e pelles, e no commercio, tem o nome de casca brasileira, duas variedades: o preto e vermelho, sendo a madeira deste amarella, listrada de encarnado, e daquelle, de um amarello carregado, uniforme; balsamo, de cujo tronco distilla uma rezina fragante denominada *calmecicica* e conhecida no mercado por *balsamo do Perú*, que se confunde tambem com o de *Tolú;* jacarandá preto ou cabiuna; jatobá, que alli encerra muitas especies, das quaes é a mais frequente a curbaril, donde provém a *gomma copal*, sendo as amostras exposta de jatobá da mata, de folha larga, e do campo, este ultimo com cerne vermelho carregado; maria-preta, lenho de um escuro amarellado com veios largos côr de vinho, e cuja casca tinge de vermelho; sucupira, que dá madeira rija, pesada, de grande duração e côr amarella desmaiada, com largas zonas pretas e de bastante applicação na medicina (não confundil-a com as das mattas litoraneas); páo d'oleo, do genero *copaifera*, muito commum em Goyaz; páo-ferro branco; páo rôxo, conhecido logo pela côr especial, que lhe dá o nome vulgar; vinhatico, arvore muito frequente, colossal em bons terrenos, e nos cerrados menos possante, mas sempre de viso notavel, de diversas especies, o do matto com o cerne amarello, puxando para vermelho, listrado de largos veios pretos, e o do campo de côr uniforme amarello-avermelhada, e que em alguns pontos de Goyaz tem tambem o nome de tamboril; cedro, de duas variedades: páo de arco, tambem chamado idé, ipé uva ou simplesmente piuva, como é mais conhecido no interior, sendo que o rôxo tem duramen que com o tempo escurece muito, e o *mestiço* o tem todo riscado de traços amarellos; peroba de duas qaulidades: a do lenho amarello e a de flôres roseas, que tem o nome de rôxo; nó de porco, de lenho esbranquecido; gonçalo-alves, de cerne listrado de veios pretos, amarellos e vermelhos, e porções quasi brancos, muito pesado e estimado na marcenaria; páo pomba; aroeira vermelha, madeira de extrema rijeza incorruptivel dentro d'agua ou enterrada, muito vermelha, commum no interior, onde serve para os esteios de casas, e que no Paraguay tem o nome de *urundey;* piqui, cujos frutos amarellos, lisos e bonitos de aspecto, sobretudo cosidos com carne ou dentro do arroz — sobraggy, ou sobrasil, da familia das *erythroxiléas*, á qual pertence a decantada *coca peruana;* landy ou olandy, de lenho denso e côr uniforme, arvore possante, da qual escorre uma resina balsamica dotada de qualidades therapeuticas; canella, raiz de sessafraz, grande arvore aromatica; cabrito, lindissima madeira de um amarello ligeiramente avermelhado e toda achamalotada; sôbro ou capororoca, clara escura, com traços parallelos; atambú, côr uniforme amarella; chifre de veado, de um amarello demasiado, com peso muito sensivel; sendo notada a ausencia do apreciado *sebastião de arruda*, madeira preciosa, assignalada por Ayres de Casal, como especialmente peculiar á flora de

Goyaz, de cerne de um bello côr de rosa, todo de riscas, umas carmineas, outras azues, outras vermelhas.

Entre os outros productos phytologicos de origem vegetal expostos, devia, antes de todos, merecer a attenção a *arvore papel* ou *pão do papel*. A epiderme, composta de uma camada densa de laminas papyraceas extremamente finas, póde-se esfoliar toda, dando tiras de aspecto e consistencia que de prompto lembram o papel.

A côr della é, segundo Weddel, de admiravel alvura; segundo Saint-Hilaire, perfeitamente branca.

A lamina de papel não é muito ruptil. Póde-se até escrever nella com penna de aço, melhor ainda humedecendo-a. Recebe a tinta, mas não a chupa. Na agua custa mais que o papel a impregnar-se de humidade. Exclusivamente numa área muito limitada de Goyaz, é ella encontrada. Só na chapada da Serra Dourada, a qual passa a 1 1|2 leguas da capital, e só ahi foi que a viram os naturalistas Weddel, Pohl e Saint-Hilaire. — Taunay, *obr. cit.*

(*Continúa*).

HENRIQUE SILVA.

A tinta "ICEBERG"

Está confirmada por valiosas provas praticas a nossa opinião a respeito da excellencia deste novo producto nacional aqui preparado pelos industriaes Samuel & Zudenigo, destinado para pinturas externas e internas das casas, com especial applicação para os telhados de zinco e muros de outros metaes.

As experiencias feitas na E. F. Leopoldina ainda vieram assegurar as vantagens do emprego dessa tinta em depositos onde as baixas temperaturas devem ser desejadas para a segurança e conservação de certas mercadorias.

Assim é que o distincto engenheiro C. C. Wilmot, chefe das linhas da Leopoldina Railway Company diz:

"O edificio escolhido para a experiencia foi o deposito de inflammaveis, edificio de armação de ferro, com coberta e muro de ferro galvanisado. Antes da applicação da tinta o thermometro registrava:

— na sombra, fóra do edificio . . . . 34°
— dentro do edificio . . . . 37°

Foram applicadas duas mãos de tinta sobre o tecto e as temperaturas observadas immediatamente depois de concluida a segunda applicação foram :

— na sombra, fóra do edificio 33,5
— dentro do edificio 28,5

Esta experiencia confirma, o que aliás já tinha a experiencia da nossa Garage demonstrado, que o emprego da tinta "Iceberg" é efficaz em reduzir a temperatura."

Com esta prova e com outras que tirámos do emprego da tinta "Iceberg", como reductora da temperatura solar, não temos duvida em lembrar a sua applicação na pintura dos vagões de caixa e cobertura de ferro galvanizado, tão em uso da E. F. Central do Brazil, para a conducção da carne do Matadouro de Santa Cruz para esta cidade.

Embora esses carros se conservem nos abrigos da expedição da carne em Santa Cruz, os quaes são cobertos de zinco galvanizado, nem por isso é sensivel a diminuição da temperatura, inconveniente que certamente poderá ser vencido, desde que a cobertura e as cortinas lateraes sejam pintadas com essa nova preparação.

Quem percorre as nossas estradas de ferro vai encontrando por todas ellas abrigos, barracões das turmas, postos de vigias, galpões-depositos de mercadorias e outras muitas construcções permanentes, todas cobertas de chapas metallicas, que são abrigadas da acção dos raios solares por meio de ramadas toscas e nem sempre seguras sufficientemente para resistirem ao vento.

Acreditamos que ainda a tinta "Iceberg" terá excellente applicação quando empregada a bordo, tanto nas accommodações expostas ao sol, desde que forem de anteparas metallicas, como na pintura das cobertas e porões dos navios, de ferro, devido a outras qualidades muito aproveitaveis dessa tinta.

A directoria de Engenharia do Exercito mandando empregar a tinta "Iceberg" nas obras do quartel da 11ª bateria, no Leme, teve occasião de attestar as vantagens desta preparação nestes termos:

"Paredes terminadas e ainda humidas, foram pintadas com a "Iceberg", desapparecendo todas as manchas e ficando a tinta perfeitamente fixa. Tambem a sua acção desinfectante é bem apreciavel, evitando que pousem nas paredes insectos como moscas, mosquitos, etc. Penso que o seu emprego em habitações collectivas dará um optimo resultado. — Cap. *A. Paes de Andrade*, Engenheiro."

Tambem examinámos a tinta "Iceberg" no laboratorio, e por isso mesmo encontrámos na sua composição elementos outros de bastante valor como desinfectante e protector contra a humidade, beneficio que não será de pequena importancia a bordo e nos pavimentos baixos das construcções civis.

Esta opinião está de accôrdo com o parecer do illustre engenheiro militar Dr. A. C. Paes de Andrade e mais ainda confirmada no attestado da Directoria Geral da Saude Publica, firmado pelo distincto medico Dr. Alvaro Zamith.

"Póde-se entretanto affirmar que estas qualidades se manifestam pelo facto de ter a mesma tinta entre seus elementos substancias desinfectantes."

Contra-Almirante

JOSE' CARLOS DE CARVALHO.

(Do Conselho-Director do Club de Engenharia).

O futuro da Navegação Fluvial e Aerea do Brasil Central

II

Desde que a aeronave entrar em decidida concurrencia com os grandes elementos da civilisação moderna, dos progressos das nações cultas, em suas soluções commerciaes, industriaes e outras, o que praticamente só parece possivel quanto a electricidade fôr a força motora effectiva, é fóra de toda a duvidá que o centro do Brasil neste particular, será uma região excepcionalmente privilegiada.

Salubridade perfeita consoante com o seu clima, verdadeiramente sadio; grandes e abundantes quédas d'agua para producções da electricidade motora; em distancias relativamente pequenas, umas das outras; curtos trajectos a vencer pela aeronave ou pela ferro-via electrica, entre os portos dos rios navegaveis do norte, sul, léste e oeste do Brasil Central, cujos chapadões são em geral arrimados por brandos declives taludados; desnecessidade de caminhos especiaes, portanto, para rapida transmissão dos vapores de navegação fluvial nos seus respectivos portos, ou ás estradas de ferro de penetração, regionaes, transcontinente ou estrategicas; franca e rapida communicação e transação de objectos urgentes, entre portos commerciaes de rios navegaveis ou do littoral maritimo; entre estações importantes dos entroncamentos das grandes ferro-vias; entre as cidades, de umas ás outras.

Ha absoluta ausencia de tempestades cyclonicas e outros grandes perigos para a aeronavegação. Neste movimento progressista deve-se levar em conta as novas explorações industriaes, cujos materiaes, ha tantos seculos guardados, esperam o advento da civilisação e do progresso no vasto planalto central, do Brasil.

Novas e numerosas officinas, protegidas pelas estradas de ferro, pela navegação fluvial e pela aeronave, conforme a natureza da sua producção, verão os seus effeitos commerciaes rapidamente transportados ás feiras do consumo mundial.

Milhares de operarios de todo o genero e suas familias, aos serviços da aerostação, da navegação fluvial e da locomoção ferro-viaria electrica, terão remunerador trabalho, e por sua vez promoverão maior producção e maior consumo, que devem trazer augmento do movimento commercial, agricola, etc.

A nossa situação actual, no convivio das nações cultas, mostra claramente o atrazo em que estamos no tocante ao progresso das vias de communicação ferreas e fluviaes, isto é, de vias de communicação rapida e barata.

As nossas estradas de ferro são poucas, de mui lenta construcção, de fretes em geral excessivamente caros, o que difficulta muito, senão impede o desenvolvimento da lavoura variada, e nem sempre tem obedecido aos interesses geraes ou regionaes; pois que a funesta intervenção de mal entendida politicagem ás vezes tem sacrificado o interesse collectivo aos interesses politicos de uma duvidosa ou pelo menos ephemera auctoridade de aldeia.

Isto tudo, porém, vae desapparecendo pouco a pouco com a immigração util e laboriosa que tem feito do Brasil a sua nova patria; e os beneficios do seu fecundo trabalho, em poucos annos terão mudado fundamentalmente a feição da actual vida agricola e industrial; uma vez que sejam secundados pelos das vias de communicação rapida e barata do centro do Brasil para qualquer ponto do seu immenso littoral.

Internato e Externato "Amor e Luz"

Será a 15 de Janeiro installado o curso secundario nesta casa de instrucção, obedecendo o programma de ensino do Collegio Pedro II.

Este anno não foi possivel os seus alumnos serem submettidos a exames devido a pandemia que assola o nosso meio, porém, o seu director marcou o mez de Fevereiro para os mesmos. As aulas, para o anno de 1919, foram divididas em 6 turmas, 2 para o curso primario com 3 1|2 horas de aulas, de accordo com o programma de ensino dos Grupos Escolares e Escola "Modelo" do Estado de São Paulo, approvado e mandado observar pelo decreto n. 1.281, de 24 de Abril de 1905, sendo as aulas das 11 horas ás 12 e 45 o primeiro turno e das 13 e 15 ás 15 horas o segundo turno, com 30 minutos, entre estes, para recreio.

Quatro turnos para o curso secundario, com 4 horas de aulas, 2 pela manhã e 2 a tarde.

A instrucção militar está entregue ao 3º sargento do exercito Caetano Vatori e vae dia a dia mostrando os beneficios prestados á mocidade goyana.

Este melhoramento deve-se ao illustre e patriotico goyano General Dr. Eduardo Socrates, que muito tem, com o seu prestigio e com a sua aparada penna, trabalhado pela instrucção e todo o progresso de Goyaz.

CRISOL

Catalão, 15-11-18.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do Jornal do Brasil

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2' andar — Tel. Central 4682

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1919 — VOL. II—N. 6

SUMMARIO

A "Informação Goyana"

Com o numero de hoje entra esta revista no seu terceiro anno de existencia. Publicação destinada exclusivamente a revelar as possibilidades desconhecidas do *hinterland* brasil: o e principalmente os recursos inexplorados das mais propicias regiões do Planalto Central, a *Informação* tem-se constituido em orgão propulsor de idéas novas, cumprindo com fidelidade e firmeza um programma de nobres e elevados intuitos.

Registro de todo o intenso trabalho do interior, no ponto de vista da agricultura como no das industrias, esta revista até hoje tem procurado não se afastar da rota que se traçou ao tempo do seu apparecimento no nosso mundo jornalistico.

E entramos no novo anno com fé e confiança, certos de que nos sentimos com energia para levar a bom termo a tarefa que nos impuzemos de ser um traço de união, vivo e palpitante, entre os interesses de Goyaz e a metropole.

Finanças de Goyaz

O fiscal das rendas do Estado junto á Estrada de Ferro Goyaz acaba de apresentar á Secretaria das Finanças o seu relatorio das occurrencias havidas nos serviços que lhe foram confiados.

Por esse documento official vê-se que foi a seguinte a renda arrecadada de Janeiro á Novembro do anno findo no posto fiscal de Araguary:

Janeiro	52:899$602
Fevereiro	21:308$111
Março	36:381$633
Abril	33:104$058
Maio	44:778$120
Junho	49:898$202
Julho	62:455$547
Agosto	66:614$398
Setembro	30:822$636
Outubro	26:498$418
Novembro	20:106$541
Total	454:867$266

Releva accrescentar, porém, que os mezes de Dezembro foram sempre os de maiores exportações, de mercadorias goyanas, e o do anno findo não foi incluido na relação acima.

Nos ultimos annos foram estas as receitas apuradas pela Estrada de Ferro Goyaz.

1914	73:968$210
1915	95:649$711
1916	241:549$467
1917	312:277$111
1918, faltando o mez de Dezembro	454:867$266

Qual ahi o Estado que assim vê subir as suas rendas na mesma progressão?

E por que a imprensa carioca, que vive a encomiar o desenvolvimento das industrias, da pecuaria e da agricultura nos Estados sulistas — Paraná e Rio Grande do Sul, não dá a minima attenção aos informes incontestes que mensalmente, em relação a Goyaz, traz esta Revista?

O peor cego é aquelle que não quer ver...

Desembargador Alves de Castro

Em gozo da licença annual concedida pelo Congresso Goyano, acha-se actualmente no Rio o Exmo. Sr. Dezembargador Alves de Castro, dignissimo presidente do Estado de Goyaz.

S. Ex. não tem estado inactivo quanto aos interesses do grande Estado que administra: nesta Capital, além dos muitos negocios que se ligam directamente á direcção dos busines da região longinqua e que tem merecido a atten-

DEZEMBARGADOR ALVES DE CASTRO

ção de seus governantes, o Dezembargador Alves de Castro tem empregado energias a fim de conseguir para Goyaz uma succursal do Banco do Brasil e outras acquisições de immediato valor para os destinos daquelle Estado.

Patriota sincero e devotado á causa publica de Goyaz, o illustre conterraneo tem levado ao sacrificio sua acção administrativa, vencendo os surtos que entravam os lastros para o progresso, já deixando á margem o interesse pessoal, o que já é demasiado para um Governo, para dedicar-se ao bem commum de sua terra natal.

E' inutil recordar os beneficios da ainda curta gerencia desse governo: a imprensa carioca e tambem esta revista,

DR. AMERICANO DO BRASIL

mais de uma vez, tem exaltado, e justamente, os meritos do Dezembargador Alves de Castro; e é bastante lembrar o pagamento da divida interna e externa de Goyaz e a adopção da instrucção primaria obrigatoria para o alto aquilatamento do Presidente de Goyaz.

Esta revista, alheiada a qualquer pendencia politica, presta uma justa homenagem ao illustre conterraneo, augurando que a sequencia dessa administração tenha os mais prosperos dias.

Em companhia de S. Ex. acha-se tambem nesta capital o Dr. Americano do Brasil, secretario do Interior e Justiça, que vem prestando ao Estado relevantes serviços. O Dr. Americano foi um dos fundadores e directores desta revista.

Etymologia do vocabulo Burìty

Do illustrado e operoso Coronel Jorge Maia, — talvez o mais profundo sabedor da lingua dos primitivos habitantes do Brasil, — recebeu o nosso director as linhas que abaixo inserimos e que são a garantia da sua effectiva collaboração nesta revista, a começar do presente numero:

Niteroi, 18 de Dezembro de 1918.

Meu caro colega e amigo Henrique Silva,

Saudações.

Acabo de receber teu amavel cartão de hontem, deitado em tratamento de um enorme ta'ho no pé esquerdo por uma ostra no banho de mar, desde o dia imediato ao do nosso encontro no Quartel-General.

Por desfastio começava a lêr as *Scenas de Viagem* do nosso sau dozo Taunay, e estava justamente na p. 17 onde ele, em nota, dá etimologia da palavra *Burity*, que ele diz *Boroty* ou *Moroty*, com vinda "Do tupi, *mooro*, nutrir, *ty*, succo.":

MOORO, é barbaridade que não ez'ste no pobre e tão caluniad tupi, nem se o póde decompôr, porque:

MO=MBO, é o v. efic. — fazer, mas suas inumeras acepções.

ORO, é a enclitica—te, mas só se emprega prefiça e nunca suficça como se póde fazer em portuguez.

Com estes dois elementos portanto nada ha a fazer.

MO=MBOO e mesmo *Boo*, nada eziste desta grafia em tupi. Ha porém:

MO=COÓ, v. tr., apanhar, colher, etc. á, com, na mão; v. intr cessar, parar, etc.; e adj. e sub., dadivozo, liberal, etc.; abundant vultuozo, etc..

Nutrir (alimentar, sustentar, engordar, cevar, etc.) é — Co v. tr., invariavel, isto é, nunca póde vir MBOI nem MOI, por poder ge rar ambiguidades.

MBURI, que é o nome da palmeira — *Mauritia vinifera*, é um d muitos nomes de couzas de que nunca pude obter definição satisfato ria quando em convivencia com nossos selvicolas, e nem tenho a auda cia de tentar inventar o que não posso justificar cabalmente: so inimigo de fantazias.

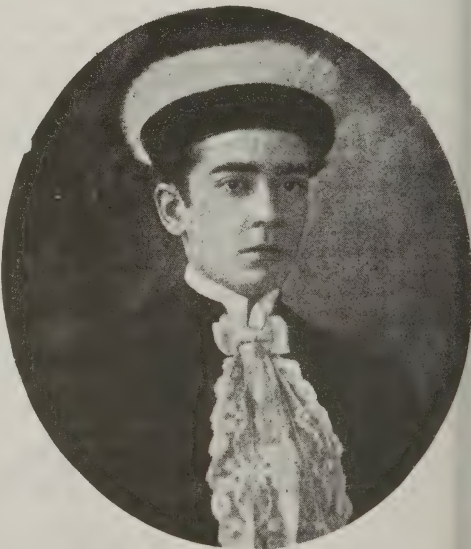
Ao fruto dão o nome de MBURIA'; á seiva, que tanto apreciam e que realmente é apreciavel, dão o nome de MBURIY; etc. MBURITY de MBURI, e TY. BA. BI, equivalente ao nosso colet. — al, da o suf *Buritizal*, isto é, o nucleo, o conjunto de *buris* de uma localidade, e po estensão a propria localidade; como em *Cipótyba*, cepoal; *Mangara tyba*, mangarazal, casqueiro, ostreira, etc.; e por corrup. — *Pacóbo túba*, bananal; *Caraguatátúba*, caraguatazal, etc.

Si realmente o nome da palmeira fosse *Mboro* (ou *Moro*) *ty*, po der-se-ia dar a tradução: *Mboro=Moro=Coro*, sub, o que contêm em s e TY, sumo, suco, seiva, soro, caldo, agua, etc; mas felizmente nã é, pois seria um absurdo.

Si te fôr agradavel continuar neste genero de estudos, podere continuar tambem, sob condição de mandar-me as revistas em que fo rem publicados.

Abraça-te o colega e amigo,

JORGE MAIA.

Rua V. do Rio Branco, 169 — Niteroi.

Dr. Lincoln Caiado de Castro, illustre goyano, recent mente laureado pela Faculdade de Medicina do Rio d Janeiro

Limites de Goyaz e Matto Grosso

Ha 54 annos na sessão de 17 de Maio de 1864, os Deputados pela antiga Provincia de Goyaz, Drs. André Augusto de Padua Fleury e Theodoro Rodrigues de Moraes apresentaram á Camara dos Deputados um projecto de lei estabelecendo os limites entre as duas Provincias Goyaz e Matto Grosso.

O projecto era concebido nos seguintes termos:

"A Assembléa geral decreta:

Art. 1º. — A divisa entre a Provincia de Goyaz e a de Matto Grosso, fica estabelecida pelo Rio das Mortes, e por uma linha tirada de suas cabeceiras até as do Taquary; por este Coxim e Camapuan até o varadouro de legua e tres quartos, que tem o mesmo nome; e finalmente pelo Rio Pardo, desde as suas cabeceiras ahi até a sua confluencia no rio Grande ou Paraná.

Art. 2º. — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Sala das Sessões, 17 de Maio de 1864. — *André Augusto de Padua Fleury — Theodoro Rodrigues de Moraes.*"

Este projecto foi remettido á commissão de estatistica para que, ouvindo o governo, ella desse sobre elle o seu parecer.

Em 28 de Maio de 1864 o Deputado Silva Pereira apresentou sobre o assumpto não só um projecto de lei como tambem um requerimento de informações.

O projecto era o seguinte:

"Artigo unico — O limite da Provincia de Matto Grosso com a de Goyaz será o Rio Grande ou Araguaya, a partir da extremidade norte da ilha de Sant'Anna até as suas cabeceiras, no ponto de confluencia do rio Jatubá e na mesma direcção do sul, este rio e o Bacuhy até a sua foz no rio Paranahyba; revogadas as disposições em contrario. — *C. X. da Silva Pereira — De Lamare*".

O requerimento dizia o seguinte:

"Requeiro que por intermedio do governo se peçam ás Presidencias de Matto Grosso e Goyaz cópia de toda correspondencia dos Capitães Generaes relativamente ao limite das mesmas provincias. — Sala das Sessões, 28 de Maio de 1864. — *Silva Pereira.*

Bem estudados os dous projectos na commissão de estatistica, depois de longos debates em que tomou parte todos os membros d'essa importante commissão, notadamente A. Leitão da Cunha, em sessão de 20 de Julho de 1864, foi lido o seguinte parecer:

"A Commissão de Estatistica, a quem forão presentes dous projectos de limites entre as provincias de Goyaz e de Matto Grosso, o 1º estabelecendo divisa pelo rio das Mortes e por uma linha tirada de suas cabeceiras até as do Taquary, por este, Coxim e Camapuan, e, atravessando a varadouro do mesmo nome, pelo rio Pardo até o Paraná; e o 2º pelo rio Grande chamado Araguaya, desde a extremidade norte da ilha de Sant'Anna até a confluencia do rio Jatobá, por este e pelo Bacuhy até a sua foz no rio Paranahyba, passando á examinar os documentos que encontrou na respectiva pasta, vem expôr á Camara dos Snrs. Deputados o seu parecer.

"Consta da provisão do Conselho ultramarino de 2 de Agosto de 1748 que entre as Capitanias de Goyaz e de Matto Grosso não se demarcarão limites, sendo n'ella recommendado aos respectivos governadores que informassem em seus pareceres por onde mais commoda e materialmente se deveria fazer a divisão; em virtude do que D. Marcos de Noronha, 1º governador de Goyaz, opinou em 12 de Janeiro de 1850 pelo modo contido no primeiro projecto, e em 25 de Março de 1771 o de Matto Grosso declarou que accedia as pretenções d'aquella Capitania por julgal-as fundadas não só na posse em que se achava, como nas solidas razões de congruencia e proporção em que se estribava e enviou um acto de accessão com data de 1º de Abril.

"Não consta, porém, que esse convenio fosse approvado pelo governo da Metropole, ficando a questão indecisa. Ella versa sobre um vasto sertão deshabitado á excepção da villa de Sant'Anna a 200 leguas de Cuyabá, na margem direita do rio Paranahyba, que não póde ser contestada a provincia de Goyaz; e no entender da commissão não teria importancia alguma se não fosse recommendada por consideração de outra ordem.

"Não convem no conceito da Commissão que continue por mais tempo esse estado de indecisão, de duvidas e de serias contestações.

"Os conflictos que d'ahi nascem, a vacillação que resulta para a administração da justiça, são males que, com a fixação dos limites, poderão ser removidos.

"Isto posto, observa a Commissão que a Provincia de Goyaz, collocada no centro dos sertões do Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia, Minas Geraes, S. Paulo e Matto Grosso, representa nos mappas geographicos uma superficie estreita, mas tão extensa que, entestando com a Provincia mais septentrional do Imperio, vai confinar ao sul com a de S. Paulo.

"Esta simples vista demonstra que, se para os habitantes do norte o Araguaya e o Tocantins servem de escoadouro aos productos de sua lavoura, para os habitantes do sul o caminho está nas aguas do Paraná e do Paraguay, ou mais precisamente no Taquary, onde faz barra o Coxim, distante da capital menos de 80 leguas.

"Portanto, é a barra do Coxim um ponto de immensa vantagem para os municipios do sul, cujos portos actualmente são o de Santos a 200 leguas e o desta Côrte a 240; sem prejuizo para a Provincia de Matto Grosso, que depois da navegação do Paraguay faz por este rio quasi todo o seu commercio.

"Accresce outra consideração, e é o auxilio que a Provincia de Goyaz poderá prestar a defesa da fronteira por aquelle lado do Imperio desde que sua administração estender-se a barra do Coxim.

"Finalmente, emquanto que o primeiro projecto offerece divisão natural por uma serie de rios mais ou menos caudalosos e todos conhecidos e mais ou menos explorados, o segundo, além de envolver esbulho a Provincia de Goyaz propõe para limites o Bacahy e o Jatobá, cuja existencia não está devidamente verificada.

"Entendendo, porém, a Commissão que entre as cabeceiras do rio das Mortes deve ser determinada a que estiver approximadamente equidistante das capitaes das duas Provincias é de parecer que se adopte o seguinte substitutivo:

"A Assembléa Geral resolve:

Art. 1º. — Os limites entre Goyaz e Matto Grosso são o rio das Mortes, desde a sua foz no Araguaya ate a cabeceira equidistante das capitaes das duas Provincias; d'essa cabeceira uma linha, a do Taquary; este, Coxim e Camapuan até as suas vertentes; d'ahi outra linha que, atravessando o varadouro do mesmo nome chegue as do rio Pardo e até a sua confluencia no Paraná, conforme o parecer do governador de Goyaz de 12 de Janeiro de 1750.

Art. 2º. — Ficão revogadas as disposições em contrario. Sala das Commissões, 20 de Julho de 1866. — *A.*

Leitão da Cunha — José Jorge da Silva — F. B. de Oliveira Nery.

Agora que se pretende liquidar as seculares questões de limites entre os Estados da União não é demais que venham á tona os trabalhos feitos por illustres goyanos, que tanto interesse mostraram para que o territorio goyano não fosse esbulhado.

Depois de 68 longos annos foi por Dec. n. 3.643, de 31 de Dezembro de 1918, sanccionado o projecto que autorizou o Governo Federal a entrar em accordo com o do Estado de Goyaz para a execução do testamento do Dr. João Gomes Machado Corumbá.

Teve, portanto, essa quasi secular questão a sua solução final.

Cuidem os representantes goyanos das de limites.

O. PINTO

Uma pagina da Historia de Goyaz

Estabelecida por elle (General Couto de Magalhães) a séde do serviço em Leopoldina, volta a Cuyabá, entrega o governo a quem de direito e regressa a Leopoldina. D'ahi desce ao Pará.

Coincidiu a sua chegada em Belém com o facto auspicioso para a historia da Egreja e da navegação: a sagração do venerando bispo de Goyaz, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo.

Obtidos da administração d'aquella provincia todos os elementos pedidos para o regresso e para o augmento do serviço da navegação, taes como um rebocador a vapor, machinistas, tripulação, etc., obteve mais o general Couto de Magalhães (naquelles tempos tudo quanto fosse justo era facil obter-se) o que parecia impossivel: obteve que o virtuoso prelado emprehendesse a viagem para a sua Diocese pelo Araguaya!

Era penosissima a viagem, mórmente na secção encachoeirada, pois nas grandes cachoeiras, a leguas distantes umas das outras, como as do *Tauiry* grande e pequeno, *S. Miguel, Cachoeira Grande, Martyrios, Carreira Comprida*, etc., as subidas são feitas: — da carga, pela baldeação por terra, até acima da cachoeira: e da embarcação, por meio da *sirga*. A viagem, apezar disso, correu maravilhosamente..

Houve, porém, um incidente digno de tornar-se conhecido pelas suas peripecias, e que dissipou todas as duvidas sobre a franca navegabilidade do baixo Araguaya e Tocantins, e decidiu dos destinos da futura empreza de navegação a vapor.

Foi na *Itaboca*, por ventura a mais temerosa das cachoeiras, pois a sua quéda é de 2 metros, em canal estreito (talvez de menos de 8 vezes da largura do rio); as aguas precipitam-se com um fragor ensurdecedor, e tudo alli offerece um aspecto horroroso.

Depois de achar-se tudo no *manso* (acima da cachoeira), faltava o rebocador, que o general Couto de Magalhães deliberou fazer transpor a cachoeira com a unica força do vapor, pondo assim em lucta titanica, a obra fragil do homem contra a obra forte do Creador!

Tudo preparado, indicando o manometro 80 gráos de pressão, aproâdo o navio para o rumo proprio, que se poderia dizer — o da morte, ouviram-se as terriveis palavras do commando: *Adeante... devagar...*, e instantes em seguida: *Meia força*, e... tão depressa quanto póde conceber a imaginação humana... esta outra: *Toda força!*

Estava travada a lucta! O rebocador, impellido pela impetuosa força que lhe imprimia a machina pelo helice, não andava... saltava, e tantas vezes avançava, quantas recuava, tal a valentia tambem da corrente!

Houve ligeira trégua, e foi quando o general ordenando: *Pára!...*, e descendo o rebocador um pouco do centro de acção, chamou o machinista Diogo Fortt (se não me tráe a memoria) e determinou-lhe que levantasse a pressão.

A' memoria do grande brasileiro General Dr. Couto d Magalhães, homenagem d' "A Informação Goyana"

— Impossivel! respondeu o machinista.

— Impossivel? perguntou o general, para quen naquelle transe parecia não existir a palavra *impossivel*.. Sacando do bolso o seu revólver, apontou-o para o machi nista: Ordeno! accrescentou, com voz de féra raivosa.

Triste emergencia para o cumprimento de um dever Era indeclinavel, cumpria obedecer!

Levantada a pressão ordenada ao gráu maximo (10 gráus), que o ponteiro, em tremor, indicava no manom tro, e embicado novamente o rebocador contra a corrent gradualmente aberta a valvula de escape até ao maxim de sahida de vapor... e desta vez, arfante, e ainda ac saltos, o rebocador transpoz a celebre cachoeira da *Itaboc*

Deixo-lhe, Sr. Dr. Couto Magalhães, a delicia d apreciar o gráu de alegria do general naquella hora e que traçou com seu heroismo mais uma pagina brilhan da Historia patria!

Contavam os que assistiram a esta scena de temeridac que o regosijo, depois, no acampamento, era extraordin rio, até no Bispo, em cujos labios aliás sempre viveu u suave sorriso de doçura e de bondade.

Houve festa, em que não faltaram o *catêretê*, os *lund* repinicados nas violas, de que tanto gostava o general Cou Magalhães, e no que são insignes os nortistas de Goyaz de Minas, sem desfazer na maestria tradicional dos b hianos.

O rebocador, era justo, recebeu com a solemnidade po sivel na occasião, o nome do grande descobridor da Am rica — Colombo, que ficará sendo assim duas vezes hi torico.

(Excerpto de uma carta dirigida ao Dr. Couto Magalhães Sobrinho pelo *ex-praticante de machinista* Araguaya, Octaviano Esselin).

DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO

Do benemerito advogado e patrono da pecuaria nacional, o eximio zootechnista, cujo nome glorioso encima estas linhas, recebeu o nosso director a seguinte preciosa carta:

"*S. Paulo*, 5-1-1919.

Meu caro Sr. Henrique Silva

Com a mais viva satisfação acabo de ver na Informação Goyana *uma nota sua sobre o producto do cruzamento de um touro Curraleiro com uma vacca* Franqueira. *A photographia, que acompanha a nota, é exactamente a de uma vacca, que possui em Pirituba e que me veiu de Amaro Leite.*

Era um extraordinario animal como qualidade e quantidade de leite. Perdi-o de desastre: uma locomotiva da E. F. Ingleza matou-a com a filha. Nunca mais pude obter um exemplar d'essa raça. Vejo agora pela sua importante communicação que "essa variedade bovina... é uma das mais espalhadas em todo o vasto hinter-land, *em Goyaz principalmente".*

Venho supplicar-vos o obsequio de informar-nos á respeito dizendo-nos onde se póde encontrar á venda garrotes e novilhos d'essa raça.

Ha annos que clamo para convencer a todos que a restauração da raça Franqueira é um dever elementar do ponto de honra nacional.

O meu amigo, muito de passagem, suggere-nos a origem do nosso Caracú como sendo o producto do cruzamento do Curraleiro com a Franqueira. E' perfeitamente possivel: provavel mesmo.

Mas, qual a origem da extraordinaria raça Franqueira? — Por mais que tenha investigado os livros de zootechnia, nunca consegui decifrar este enigma.

Aperto-lhe cordialmente a mão pela excellente contribuição que acaba de prestar á litteratura da pecuaria nacional.

Admor. affec.

Dr. L. P. Barretto".

Para nós é fóra de duvida que a extraordinaria variedade bovina conhecida em Goyaz com o nome de *Pedreira,* em S. Paulo e Minas Geraes pelos nomes de *Franqueira* e *Junqueira,* appareceu simultaneamente nos campos desses tres Estados do Brasil Central, como succedera antes com a variedade Mocha da America do Sul, que surgira ao mesmo tempo nos campos de Amaro Leite, em Goyaz, no Paraguay e no Chile.

E' sabido dos zootechnistas que as raças bovinas têm propensão para desenvolver os chifres nos planaltos e diminuil-os em comprimento e grossura nas regiões baixas e humidas. Vimos ha annos, na fazenda do Passa-Quatro, municipio de Bomfim, em Goyaz, o corno de um boi Pedreira, ancestral da vacca *estrella,* cruzada com um touro Curraleiro e cuja estampa demos no numero anterior desta revista, que servia de medida para 6 litros de liquidos.

Vem de molde reproduzir aqui o que da sua recente viagem pela zona florestal, conhecida em Goyaz por *Matto Grosso,* nos informava o Dr. Americano do Brasil, no numero 10, volume I d'esta Revista:

... "No dia immediato após 12 kilometros de plena matta e nascente jaraguá, chegamos á desmesurada Babylonia, que fica a 24 kilometros de Perynopolis.

*
* *

A grande Fazenda de pecuaria a que nos referimos, já fica distante do caminho de quem procura a estrada de S. Francisco das Chagas.

Dous interesses de curiosidade nos levariam a visital-a: a fama da construcção antiga e a existencia nesse local de uma desproporcionada cabeça de bovideo que ainda traz a dupla galha e o revestimento corneo.

Henrique Silva, fallando da industria pastoril em Matto-Grosso de Goyaz, já denunciou este raro especimen que muitos amigos de imprensa puzeram em duvida. Agora chegou a nossa vez de verificação em presença de uma testemunha —o tenente Pyrineos de Souza, com quem viajamos até Goyaz capital.

A cabeçada media quatro palmos de comprimento; 14 palmos de róda, com a abertura de 7 palmos; cada chifre tendo 6 a 7 palmos si desencurvados.

E' a bella porção de uma carcassa de bovideo capaz de sustentar a grande superioridade do Pedreiro. Apezar de se terem criado na Babylonia vieram da Fazenda de Passa Quatro, no municipio de Bomfim, os imponentes representantes de que hoje se guarda essa unica, mas curiosa lembrança. A falta de uma "kodak" ao menos, não nos permittiu fornecer aos historiadores da revista um documento photographico".

Mais adiante diz o Dr. Americano: "O Matto-Grosso de Goyaz forneceria as mais valiosas notas para o estudo historico e tambem actual do cruzamento dos primeiros rebanhos nacionaes — "Curraleiro", "Pedreiro" e productos da confluencia destes sangues. Felizmente os typos enumerados, ainda constituem a maior parte do elemento pecuario da alludida zona.

Vimos, com admiração, no Jaraguá de todo o territorio as mais bem dispostas incarnações de "Curraleiros", calculados de 16 a 20 arrobas. Nesta região de pastagens naturaes, dá-se um desmentido aos propagandistas do "Bos indicus": os representantes das raças nacionaes, quer novilhas ou bezerros, crescem tanto ou mais em certas partes que o primeiro "mestiçamento" do "zebú" com os "Curraleiros" escolhidos. E' que os rebanhos requerem trato e forragens regulares. Dos bovideos que muito nos encantaram, temos a referir os touros Curraleiros, amarellos e pretos, grandes e mansos: nunca tinhamos visto exemplares tão perfeitos.

Tinhamos ouvido dizer que já eram rarissimos os touros Pedreiros, e entretanto, quer no Matto-Grosso, como no valle do rio Vermelho, affluente do Araguaya, pudemos apreciar corpulentos exemplares, chitados e amarellos. Matto Grosso de Goyaz é o principal campo armentario do Brasil Central, e ha de ser o depositario das energias pecuarias nacionaes, que hão de vencer o "zebú", especialisando-se, porém, ao contacto do Hollandez ou do Hereford, quando o beneficiamento dos campos de criação prender melhor a attenção dos criadores goyanos".

Ahi tem, pois, o nosso collendo mestre Dr. Pereira Barretto a indicação precisa, entre outras, das regiões goyanas onde ainda se encontram, graças ao capricho e espirito conservador de alguns criadores sertanejos, exemplares legitimos da raça bovina de maior corpulencia e peso, que ainda foram vistos no Brasil inteiro.

Não se deve ignorar que foram os boiadeiros de Minas Geraes que condemnaram o boi Pedreira de Goyaz sob pretexto de que os individuos desta raça não podiam entrar nos estreitos *wagons* das nossas estradas de ferro, devido aos grandes chifres que os caracterisam; antes os boiadeiros haviam tambem condemnado a excellente variedade Mocha sob outro pretexto egualmente futil, — internavam-se facilmente nas mattas, quando juntamente tocados com os bois de chifres...

Perguntem ahi aos criadores goyanos ou matto-grossenses, por que dão preferencia á raça indiana, — e a resposta vem invariavelmente: "Os boiadeiros só compram mestiços de zebú".

Escolha do local para a futura Capital da Republica

Não sei ao certo, qual a parte do Planalto que, merecendo a escolha do Chefe da Commissão, será officialmente indicada ao Governo como preenchendo as melhores condições para o estabelecimento da nova Capital da Republica; sendo incerta a minha opinião n'esse sentido, em nada influirá a respeito de qualquer decisão.

Sou instinctivamente propenso a admirar as bellezas d'essa paizagem que prescrutei com toda a minuciosidade. Assim, quasi no começo da nossa exploração, observei o aprazivel valle de Chico Costa; dias depois offerecia-se-me outro, o do Rio das Pedras e do Jatobá, que me enthusiasmou mais ainda: acha-se comprehendido, com um imponente chapadão, entre Guariroba e Chapadinha, com seus pequenos montes arredondados que imprimem um cunho tão particular a essa linda localidade. Tambem é bastante interessante a Ponte Alta, abaixo da vertente oeste da immensa chapada do Gama.

Emfim, de jornada em jornada, estudando tudo: qualidade do sólo, vantagem das aguas, clima, caracter do conjuncto da paizagem, etc., cheguei a um vastissimo valle banhado pelos rios Torto, Gama, Vicente Pires, Riacho Fundo, Bananal e outros; impressionou-me profundamente a calma severa e magestosa desse valle. Talvez movido pelo mesmo sentimento, o Chefe da Commissão, o Sr. Dr. Cruls, mandou estabelecer ahi o acampamento geral. Ao depois, quasi que diariamente, percorri, herborisando cá e lá, ora uma parte, ora outra, desse calmo territorio e d'essas excursões voltava sempre encantado; cem vezes as repeti, quasi sempre a pé, para facilidade das observações, em todos os sentidos e sem a menor fadiga, tão benefica é ahi a amenidade da atmosphera.

Explorando depois, com vagar, os arredores, n'um raio de uns quarenta kilometros, nada vi que fosse comparavel ao Taboleiro do Rio Torto. N'esse sitio, ainda, a estrema suavidade dos accidentes naturaes do terreno não requer trabalho algum preparatorio, nenhum para o arruamento ou a delineação dos *boulevards*, nem para a edificação, quer n'uma ou n'outra direcção.

Em toda a parte convem a terra para as pequenas como para as grandes culturas hortenses e de todas as especies de arvores fructiferas, cujos productos diarios são indispensaveis á vida dos habitantes de uma cidade consideravel. Por muito tempo não ha de escassear a madeira, pois ahi encontram-se extensos cerrados attingindo quasi as proporções de certas florestas virgens. Em todas as vertentes são frequentes as pequenas fontes de aguas vivas, que asseguram aos cultivadores todos os meios indispensaveis para a irrigação das suas terras.

A todas essas riquezas offerecidas ao homem laborioso, n'esse centro do Planalto, juntam-se mais os recursos e a vantagem que lhe proporcionarão ainda abundantes aguas piscosas. Entre os dous grandes chapadões, conhecidos na localidade pelos nomes de Gama e Parnana, existe immensa planicie em parte sujeita a ser coberta pelas aguas da estação chuvosa; outr'ora era um lago devido á juncção de differentes cursos d'agua formando o Rio Parnana; o excedente d'esse lago atravessando uma depressão do chapadão acabou, com o carrear dos saibros e mesmo das pedras grossas, por abrir n'esse ponto uma brecha funda, de paredes quasi verticaes, pela qual se precipitam hoje todas as aguas d'essas alturas. E' facil comprehender que, fechando essa brecha com uma obra de arte (dique ou tapagem provida de chapeletas e cujo comprimento não exceda de 500 a 600 metros, nem a elevação de 20 a 25 metros), forçosamente, a agua tornará ao seu logar primitivo, e formará um lago navegavel em todos os sentidos n'um comprimento de 20 a 25 kilometros sobre uma largura de 16 a 18.

Além da utilidade da navegação, a abundancia do peixe, que não é de somenos importancia, o cunho de afor-moseamento que essas bellas aguas correntes haviam de da[r] á nova Capital, despertariam certamente a admiração d[e] todas as nações. Como exemplo e ponto de comparação lembrarei a formosa bahia de Botafogo, no Rio de Janeiro o lago de Genebra, na Suissa, que dá vida e frescura, [á] essa grande cidade: o mesmo se daria com o valle do Ri[o] Torto e do Gama, quando transformado em lago.

A vista panoramica das collinas circumvisinhas, post[o] que já de incomparavel esplendor no seu raio, de 30 kilo-metros, sem a menor interrupção, prendendo no mesmo lo-gar o espectador maravilhado, mais magestoso ainda se tor-naria com tão grande lençol d'agua banhando-lhes a base vivificando todos os contornos e deleitando a vista. Accresc[e] a isso a parte industrial aproveitada, infallivelmente, pelo[s] homens intelligentes, quer quanto á illuminação electrica d[a] cidade, quer quanto a mil outros interesses relativos á forç[a] motora.

Em parte alguma no Planalto Central do Brasil en-contrei vantagem identica, de per si superior ás de outra[s] localidades por mim exploradas, e não admittindo a meno[r] comparação. Além d'esses predicados terrestres, o clim[a] d'esses logares é perfeitamente regular; n'elles reina cons-tante aragem sempre junta a uma temperatura invariavel.

As noites são tão calmas como o dia, sem ventos nem frio aspero; em conclusão, entendo que ahi tudo se reun[e] para felicitar absolutamente a existencia humana.

Graças ao poder do Governo da União, auxiliado pel[o] bom senso e o talento de proficientes architectos, que sa-berão aproveitar as bellezas naturaes desses logares e har-monisal-as com suas obras de arte, espero que, n'um futur[o] proximo, veremos erguer-se a cidade modelo projectada e d[o] intimo do coração, almejo o raiar d'esse faustoso dia.

A. GLAZIOU.

Goyaz em fóco

As riquezas inexploradas de Goyaz, de que os pessimis-tas duvidavam ironicamente attribuindo-as a um "lei[t]-motiv" de propaganda regional, acabam de ser exhibida[s] aos curiosos n'uma prova insophismavel e concreta, po[r] iniciativa do distincto e esforçado goyano, Sr. Mario Va[z], nosso collaborador e amigo e espirito sempre volvido par[a] os interesses da boa terra goyana. Ha muito que [o] nosso director Henrique Silva nas suas obras provo[u] com documentos irretorquiveis a existencia de ine[x]-gotaveis riquezas mineraes no sub-solo goyano. As agu[as] do Araguaya escondem no seu seio verdadeiras maravilhas.

Agora, porém, teve o Rio a felicidade de poder co[n]-templar de perto a verdade das affirmações de Henriqu[e] Silva que na sua campanha tenaz de revelar aos que nunc[a] sahiram das cidades littoraneas as verdadeiras joias qu[e] encerram o nosso "hinterland", não desanimou.

Quando foi publicada a sua monographia sobre [as] "Perolas e conchas perliferas" do Araguaya, os erudit[os] sorriram e acharam essa obra um méro e brilhante dev[a]-neio litterario.

Nem mesmo as opiniões de Castelnau mereceram credito que os fetichistas das opiniões estrangeiras cost[u]-mam emprestar ás palavras dos viajantes que nos visitam.

Nestes ultimos dias, porém, foi descerrado o véo qu[e] ainda occultava aos olhos dos que não palmilharam o se[r]-tão brasileiro as riquezas do nosso solo com a exhibiçã[o] de um "film": "Uma viagem ao Tocantins". E' um d[e]

cumento photographico que mostra em todo o seu esplendor aquellas regiões fecundas cortadas pelo grande rio.

Mas o que ha a salientar pela sua importancia capital é o mostruario de productos goyanos exposto no saguão da Associação dos Empregados no Commercio. Alli vêm-se conchas riquissimas, perolas de um oriente admiravel como as melhores de Ceylão, pescadas no Araguaya.

Apparecem-nos plumas de garça finissimas e custosas, papyrus magnificos, topazios, turmalinas, crystaes brancos e amarellos, pirolmyte, mica, salitre, pirites, oxido de ferro, oligisto, amiantho, jaspe de varias cores, turmalina negra, oligisto compacto, conglomerado diamantino, quartzo hyalino, limonito, e outros variados productos do sub-solo fertilissimo do Planalto Central.

Essa exposição é, portanto, o documento vivo de tudo o que tem sido publicado pela "Informação Goyana" e um desmentido aos que suppunham os nossos estudos meros pretextos litterarios.

A' MEMORIA DO DR. ALBERTO LOFGREN

O nosso saudoso consocio era nestes ultimos annos o mais illustre sobrevivente á luminosa pleiade de sabios scandinavos trazidos ao Brasil pelo amor á sciencia. E' dever nosso consagral-os, citando-lhes os nomes: — Peter Wilhelm Lund, Reinhardt, Regnell, Warming e Lindman, cumprindo não esquecer Lüken, Wing, Orsted, que continuaram a elaborar o precioso material colligido em Lagôa Santa e Stockolmo.

Foram á porfia os estimulos desses exploradores no mesmo theatro geographico — o Brasil Central. Lund descobre o homem primitivo sepultado nas camadas da crosta sólida do continente Sul-Americano, estuda e classifica a faúna das cavernas; Reinhardt e Lüken estudam os especimens faunisticos de Lagôa Santa, inclusive os do rio das Velhas e S. Francisco; Eugenio Warming publica "Lagôa Santa", cujo merito, diz o traductor, não consiste sómente num collecionamento systematico com enumeração de especies conhecidas ou novas e não se limita a simples descripções phytographicas ou uma distribuição geographica; é infinitamente maior, pois é, antes de tudo, o primeiro ensaio de estudos biologicos e physiologicos jámais feitos no Brasil sobre as relações do manto vegetal com o clima, com o sólo e com o proprio homem, na sua acção transformadora sobre a natureza viva.

Até então, á parte Saint-Hilaire, nenhum naturalista viajante procurára investigar a flora campestre, — pois, desde Martius os sabios europeus, presas da vertigem dos tropicos, apenas aportados ao Brasil faziam rumo directo á Amazonia, que ficou como o paraizo dos naturalistas.

Antes de Warming os trabalhos botanicos no nosso paiz se limitavam a simples descripções phytographicas e distribuição geographicas, — que nunca correspondiam á verdade, — a começar pela "Flora Brasileira", de Martius. O auctor da "Contribuição para a geographia phytobiologica" teve a rara fortuna de vêr continuada por Lötgren e Lindman a nova direcção por elle imprimida aos estudos floristicos, sob a denominação de botanica ekologica.

O Dr. Alberto Löfgren nasceu em Stockolmo, na Suecia, a 10 de Setembro de 1854. Terminando os estudos na Universidade de Upsala, foi convidado pela Academia das Sciencias em Stockolmo para acompanhar a expedição botanica organizada para o Brasil em 1875. Finda a expedição em 1877 fixou Löfgren residencia em Campinas, no Estado de S. Paulo, onde constituiu familia. Nessa adiantada cidade serviu como engenheiro da Cia. Paulista até a terminação da construcção em 1881. Fez então uma viagem á Europa, de onde voltou no mesmo anno, entrando como lente das sciencias naturaes no Collegio Marton. Em Abril de 1886 foi convidado pelo Conselheiro João Alfredo e o Dr. Orville A. Derby para servir na Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo Ahi foi nomeado Encarregado das Secções de Botanica e Meteorologia, e quando essa Commissão passou a ser repartição em 31 de Dezembro de 1897, foi nomeado chefe effectivo das duas secções, assumindo ao mesmo tempo a direcção do Horto Botanico Paulista que já começára a organizar. Em 18 de Abril de 1907 requereu uma licença de tres mezes e em 18 de Julho a sua exoneração.

No correr destes 21 annos foi encarregado de diversas commissões:

1890 — Foi designado presidente da mesa eleitoral da Consolação.
1891 — Foi encarregado da organisação do Museu Paulista, mas declinou do honroso convite para ser director do mesmo.
1893 — Foi nomeado chefe interino da Commissão Geographica e Geologica durante a ausencia de sete mezes, do chefe effectivo.
1896 — Foi commissionado para estudar as aguas maritimas do litoral para o projectado estabelecimento de salinas.
1898 — Foi commissionado para estudar os depositos de guano nas ilhas da costa de S. Paulo.
1899 — Foi commissionado para estudar a extensão dos maniçobaes do Estado de S. Paulo.
1901 — Entregou o seu trabalho sobre o Serviço Florestal de que fôra encarregado e obteve um officio de louvor do Governo Paulista.
1902 — Foi designado presidente da mesa de julgamento da 1.ª secção da Exposição Agricola, Pastoril e Industrial de S. Paulo.
1904 — Foi commissionado para estudar a fructicultura na Argentina e recebeu outro officio de louvor pelo relatorio que apresentou.
1904 — Deu a organização para a primeira Exposição de Fructas, realizada em S. Paulo neste anno.

Em 1909 foi convidado pelo Dr. Arrojado Lisbôa, Chefe da Inspectoria de Obras contra as Seccas, para estudar as condições vegetativas e climaticas na zona das seccas, sendo nomeado chefe effectivo da Secção Botanica em 1911.

Em 1913, extincta a secção botanica da Inspectoria de Obras Contra as Seccas, foi contractado para servir como Chefe da Secção de Botanica e de Physiologia Vegetal do Jardim Botanico do Rio de Janeiro.

Neste cargo foi nomeado em 2 de Janeiro de 1918, por concurso prestado em 21 de Dezembro de 1917.

No Brasil foi Löfgren socio fundador do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, da Sociedade Scientifica de S. Paulo, socio correspondente do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Gremio Litterario da Bahia e do Instituto Cearense.

No estrangeiro era socio correspondente das Academias de Stockolmo e Vienna, das sociedades botanicas de Stockolmo, Christiania, Copenhague, Berlim e Helsingfors; socio effectivo da Société Internationale des Botanistes, socio remido da Sociedade Linneana de Londres. Foi Consul da Suecia em S. Paulo, de 1891 até 1911; era Cavalheiro da Ordem de Wasa de primeira classe da Suecia desde 1902 e recebeu a medalha Regnelliana da Academia de Stockolmo em 1895.

Em Dezembro de 1917 concorreu ao concurso de Chefe de Secção Botanica Physiologica Vegetal do Jardim Botanico do Rio de Janeiro com 33 trabalhos. Foi o unico classificado por unanimidade, tendo a Commissão julgadora presidida pelo illustrado Dr. Pacheco Leão e composta dos Professores Drs. Oscar Frederico de Souza, Antonio Teixeira do Nascimento Bittencourt e João Fulgencio de Lima Mindello, este ultimo como relator, lançado no parecer as mais elogiosas referencias aos trabalhos em geral, destacando os de Botanica systematica, taes sejam a "Contribuição para a Flora Paulista" (região campestre); ensino preliminar para uma Phytogeographia Brasileira, publicada na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas; monographia sobre as cactaceas do genero Rhypsalis como contribuição para os Archivos do Jardim Botanico, trabalho este que a Commissão declarou em acta que por si só o sagraria como um technico provecto na materia; "Manual das Familias Naturaes Phanerogamas"; "Contribuição para a questão florestal do nordéste brasileiro"; Notas botanicas, etc., etc..

Releva reproduzir aqui os conceitos do nosso illustre biographado sobre um assumpto que tão de perto interessa á Sociedade Nacional de Agricultura: "A botanica moderna, disse elle, não encara mais os vegetaes como méras "especies" pertencentes a uma flora. Ella procura ao mesmo tempo investigar o "por que" da existencia déstes vegetaes em vez de outros. Ella occupa-se detidamente do papel que representam as plantas das diversas regiões na economia de cada paiz e, pelas investigações physiologicas e ekologicas, procura resolver os magnos problemas do desenvolvimento geral e especial da vida vegetal sobre o globo em todas as suas relações, com o clima, sólo e topographia de cada uma das regiões. Resulta d'ahi que cada descoberta nova, cada nova contribuição, levanta mais uma pontinha do véo que encobre os nossos conhecimentos sobre essas relações, dando-nos ao mesmo tempo indicações, cada vez mais preciosas e seguras para o aproveitamento, na vida pratica, do sólo e de sua vegetação. O scientista, de longe, com uma descripção destas na mão póde, sem errar, determinar as culturas mais proprias e rendosas que devem ahi ser feitas; póde igualmente indicar as probabilidades de certas industrias e póde prescrever quaes as medidas a tomar para o melhor aproveitamento destes factores."

Nas suas "Contribuições para a Botanica Paulista" (Região Campestre) memorias das excursões botanicas de 1887, 1888 e 1889, Löfgren aborda com alta competencia e pela primeira vez no nosso paiz o subido problema da cultura de vastas áreas de campos nativos do Brasil Central, que correspondem á 2|3 do nosso territorio.

A proposito da reputação de estereis dada aos nossos campos, pelos ignorantes, escrevia o auctor do "Manual das Familias Naturaes Phanerogamas" os seguintes conceitos que merecem especial referencia: "Mas estereis como, se até agora não se plantou nada nelles?

E' simplesmente uma idéa preconcebida, cuja origem se acha na falta de observação e porque não houve necessidade de occupar estes terrenos. A verdade é que até ha pouco não se cogitou em experimental-os, porque estando estragados superficialmente, seria necessario

uma certa somma de trabalho da qual se receiava não ser remuneradora.

Qual, porém, a causa desse estrago do campo?

E' o fogo, pelo qual se pensava melhorar as pastagens, mas que se tornou o destruidor por excellencia, em consequencia, esterilizador, porque depois de ter matado os germens que estavam para nascer na nova estação endurecia a superficie, silificando-a pelo continuo deposito de silica dos colmos das gramineas e das cyperaceas que destruiu.

. . . .

A esterilidade dos campos é, portanto, apenas um fantasma nascido da falta de necessidade e de iniciativa.

E' um espectro que não supportará a luz sublime que irradia do ferro polido do arado e que fatalmente afogar-se-ha nos jorros crystallinos dos poços artesianos."

Ficaram dest'arte inutilizados quaesquer preconceitos dos lavradores no tocante á cultura dos campos, que deve ser preferida á das matas, por sobejos motivos.

A devastação das nossas matas, riquissimas de madeiras de lei, de plantas economicas, industriaes, officinaes, forrageiras, ornamentaes, através de quatro seculos escapa a toda a avaliação, excede toda a espectativa.

Até 1887 o nome do nosso saudoso consocio era desconhecido do grande publico, quiçá dos scientistas. Foi então que começou de publicar na imprensa paulistana os seus trabalhos botanicos de impeccavel honestidade scientifica, trabalhos esses em que não se occupava menos com a botanica systematica do que com a agricultura moderna, pratica, como se vê da seguinte preciosa bibliographia (segue a enumeração de 123 trabalhos scientificos que appareceram em livros, opusculos, revistas e jornaes mais importantes do paiz).

Foi um trabalhador indefeso, consciencioso; e o primeiro que na lingua portugueza escreveu sobre a lei de Mendel, — Especies, Variedades, Hybridos, Selecção natural, Hereditariedade, Chromasomos, — explanando-a n'uma monographia que offereceu a esta Sociedade e sahiu publicada no seu orgão official — "A Lavoura".

E' preciso dizer, porém, que Alberto Löfgren investigou *in-loco* a flora do Brasil, não dentro dos museus de historia natural do Velho Mundo, — onde por uma dessas ironias das cousas os nossos botanistas patricios vão, custeados pelo Governo, estudal-a...

Eis, pois, em largos traços, o que pudemos colher e resumir da preciosa vida do sabio sueco, fallecido nesta Capital a 30 de Agosto de 1918, a quem tanto deve o Brasil, e particularmente a Sociedade Nacional de Agricultura.

HENRIQUE SILVA.

(Resumo da biographia do Dr. A. Löfgren, escripta a pedido da Sociedade Nacional de Agricultura).

NOTAS E INFORMAÇÕES

O Sr. Thiers Fleming, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, acaba de nos offerecer uma nova edição dos seus ineffaveis *Limites Interestaduaes.*

No rostro o volume trás os seguintes dizeres:

"Limites e Superficies do Brasil e seus Estados," prefacio de Victor Vianna.

Propriamente falando o livro do Sr. Fleming é uma miscellanea,— como facilmente se póde deprehender do indice:

Ao Grande Estadista Dr. Wenceslau Braz (Discurso pronunciado na Faculdade de Direito de S. Paulo pelo Professor Reynaldo Porchat — 21 — 5 — 1918); Questões de Limites Interestaduaes: Discurso na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e Resumo das Questões de Limites Interestaduaes; Superficie do Brazil e seus Estados; Demarcação de Fronteiras; Discurso de recepção no Instituto Historico e Geographico Brazileiro; Indice Alphabetico de Limites do Brazil e seus Estados; Congratulações do Club de Engenharia; Discurso do Dr. Sebastião Sampaio, na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; Discurso do Dr. B. F. Ramiz Galvão no Instituto Historico e Geographico Brazileiro; Pareceres das Commissões de Historia e de Admissão de Socios — do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; Critica e opiniões sobre o livro "Limites Interestaduaes".

Bem se vê que o autor sahiu um discipulo correcto e acabado do Sr. Helio Lobo, — o homem das "aspas" e "aspinhas"...

Notamos que ainda nesta edição o autor insiste em dizer *vau* do Paranan em vez de *vão* do Paranan.

Será possivel que elle ignore que *vão* em linguagem geographica significa a depressão do sólo por onde corre um curso d'agua, e *vau* o local onde se póde passar um curso d'agua sem mudar?

E' que talvez elle não quizesse dar o braço a torcer, — acceitando a critica mais honesta e sincera que lhe fizeram á primeira edição do livro, — e esta critica, como se sabe, consta da collecção desta Revista.

Mas o interessante é que procuramos em vão a contribuição pessoal do Sr. Thiers Fleming para o conhecimento da superficie do Brasil e seus Estados, só encontrando,no capitulo respectivo, as avaliações fantasticas da superficie approximada feitas pelos nossos chorographos e cartographos, desde Candido Mendes até o Padre Padtberg!!!...

Conclue o interessante capitulo dizendo ter lançado os dados do problema, e que "resta agora aos competentes pô-los em equação e resolvel-o"...

E' de força, hão de convir.

Quando ha dias foi publicado na imprensa carioca o telegramma de Londres trazendo-nos a grata nova de que o "Board of Trade" havia condemnado a carne do bravio zebú, um dos mais importantes orgãos da alludida imprensa felicitou vivamente o illustre Dr. Eduardo Cotrim pela sua victoria completa como denodado campeão, entre nós, da campanha contra a introducção do gado indiano no Brazil.

Nós, porém, que antes de quaesquer manifestações do Dr. Cotrim, só viamos e ainda vemos na liça, em pé, erecta como a de um gladiador romano, a figura inconfundivel do eminente sabio Dr. L. Pereira Barreto, quasi desmaiamos... de espanto.

Já foi nomeado o pessoal dirigente da Fazenda Modelo de Criação de Urutuhy. A escolha do ex-ministro Pereira Lima não podia ser peor, e é bem uma prova do desdem que elle votava ao grande Estado central da Republica.

Basta dizer que o director, sobre ser um ignorante dos modernos ensinamentos zootechnicos, é um zebúista de quatro costados; do secretario, nada diremos, por um sentimento de misericordia...

No "Diario Official" de 3 de Janeiro de 1919 vem publicado o Decreto seguinte:

Decreto n. 3643 de 31 de Dezembro de 1918.

Autorisa o Governo Federal a entrar em accordo com o do Estado do Goyaz para vender os bens do espolio do Dr. João Gomes Machado Corumbá.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sancciono a resolução seguinte:

Art. 1.° — Fica o Governo do Estado de Goyaz, á partir da data da publicação d'esta lei, incumbido da execução do testamento do Dr. João Gomes Machado Corumbá.

Paragrapho unico. — Para este fim o Governo Federal entrará em accordo com o do Estado de Goyaz para vender os bens do espolio do Dr. João Gomes Machado Corumbá e converterá o seu producto bem como quaesquer rendimentos ou juros em apolices de divida publica inalienaveis, que entregará ao mesmo Estado de Goyaz.

Art. 2.° — Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1918, 97.° da Independencia e 30.° da Republica.

Delfim Moreira da Costa Ribeiro.
Urbano Santos da Costa Araujo.

EDIFICIO PARA O CORREIO E TELEGRAPHOS EM GOYAZ

No Senado foi apresentada uma emenda ao orçamento do Ministerio da Viação concedendo uma verba para a compra ou construcção de um edificio destinado aos Correios e Telegraphos na Capital do Estado de Goyaz.

A Commissão de Finanças do Senado deu parecer contrario á emenda, de modo que não foi ella approvada no plenario.

Na Camara dos Deputados houve longo debate em relação á essa emenda, conseguindo o illustre Deputado Olegario Pinto, que ella fosse approvada por dois terços (2|3).

Voltando novamente ao Senado foi mantido o voto da Camara approvando-a.

Foi mais um serviço que esse digno deputado goyano prestou ao esquecido Estado de Goyaz.

Mas, como contrastam os serviços patrioticos que o nosso illustre collaborador vem prestando a Goyaz, com a inutilidade da cadeira do Monroe occupada em má hora pelo seu collega de representação, Sr. Tula Jayme — esse moço que tem a singularidade phenomenal de não ser conhecido, nem ao menos dos eleitores goyanos!...

O Tribunal de Contas ordenou, finalmente, o registro da subvenção concedida pelo Congresso Nacional á Companhia Auto Viação Goyana, relativa á 1.ª secção, isto é, o trecho comprehendido entre Roncador e Bella Vista.

"A Informação Goyana" que levou a causa da Companhia á Sociedade Nacional de Agricultura, cumpre um devem de gratidão registrando, por sua vez, seus agradecimentos ao Exmo. Sr. Dr. Miguel Calmon, que além deste real serviço a Goyaz, foi quem conseguiu retirar da *lista negra* a firma Rato, Onofre & Cia., de Roncador.

"Le Messager de S. Paulo", importante jornal francez que tem por director-proprietario o competente Sr. E. Hollender, acaba de nos distinguir com as seguintes referencias que, modestia á parte, transcrevemos:

"*A Informação Goyana*, 2ème année, n. 4, vol. II. Rua Assembléa 8, 2e andar. Rio. Excellente publication qui a à charge la défense de cet Etat, le "hinter-land" brésilien, ce qu'elle fait avec un enthousiasme rare. Dans le présent numéro elle fait remarquer combien l'Etat est riche em mica, en amianthe, en quartz Hyalin, en cristal de roche, en platine et en palladiam. Il faut que l'on sache que Goyaz peut rivaliser avec Minas, pour tout ce que est métaux, pierres, etc., et nous appelons l'attention des capitalistes français sur lui."

SERTÕES DE AMARO LEITE

Quantas possibilidades economicas se deparam nos sertões de Amaro Leite, — celebres pelas suas jazidas auriferas e riquezas das pastagens nativas dos seus campos!

Referindo-se ao descobrimento desses campos, já então povoados de vaccuns e cavallares, provavelmente trasmalhados das fazendas mais proximas, devastadas pelos indios Canoeiros, escrevia o marechal Raymundo da Cunha Mattos: "A descoberta que em junho de 1824 se fez de um riquissimo e vasto territorio ao norte da serra do Estrondo, e dos arraiaes de Amaro Leite e Piedade, sem que se encontrassem vestigios da existencia de indios, prova que elles são menos numerosos do que se tem pensado. Este territorio visitado por acaso por um homem preto, achou-se occupado de immenso gado vaccum e cavallar, talvez pertencentes ás fazendas devastadas pelos indios *Canoeiros*. Um estreito boqueirão serve de entrada para aquelles immensos pastos, a que deram agora o nome de Pintados, e nos quaes se vão estabelecendo alguns moradores de Amaro Leite; outros chamam-lhe Terra Nova."

"Em outra passagem da sua obra trata aqualle auctor da prodigiosa fertilidade desse territorio goyano, dizendo que ahi os suinos "chegam até um volume enorme sem nunca terem visto milho". Narra outro não menos veridico chronista que nos campos de Amaro Leite "se encontram no papo de perdizes granetas de ouro de peso de uma oitava e menos".

Os campos chamados de Amaro Leite, mais ao sul, gosam de excellente clima e não possuem menos riquezas de toda a especie — uma dellas as salinas que lhes ficam proximas, á margem do Araguaya, onde o sal para o consumo dos habitantes é extrahido com facilidade e por processos rudimentares, como se póde vêr da obra de Castelnau.

E' afinal inaudito que tão feerica região possuidora de todas as condições de vida e de tamanhas riquezas, sob o mais bello clima do Brazil, houvesse ficado até o presente nesse mais que criminoso abandono — esquecida e ignorada.

"A serra de Marzagão, que se acha no extremo sul do municipio de Caldas, atravessa a frondosa floresta da matta preta, abundante de caça, com uma superficie de 60.000 hectares e uma das melhores culturas do Estado."

Mattas virgens de mais vasta area que a de Marzagão, são sem conta no [illegible]endido territorio goyano; mas os rabiscadores de compendios de geographia patria, pobres ignorantes! continuam a affirmar que em Goyaz não ha mattas virgens e sim caatingas, vegetação rasteira, pardacenta, etc..

ESTES NOSSOS ESTATISTICOS!

O illustre Deputado rio-grandense Dr. Simões Lopes, tratando da producção e consumo do xarque entre nós, avançou as seguintes proposições que merecem commentarios:

"Qual a producção e o consumo de xarque no Brasil?

Admittamos como provaveis as seguintes producções, numeros redondos:

	Toneladas
Rio Grande	46.000
Minas	7.500
S. Paulo	1.500
Matto Grosso	3.000
Rio de Janeiro	500
Total, em 1917	58.500"

A estimativa acima foi feita quando já publicada nesta Revista (que o Dr. Simões Lopes recebe) a Mensagem Presidencial enviada ao Congresso Legislativo de Goyaz pelo Dezembargador João Alves de Castro, em Maio do anno passado, e pela qual se verifica que durante o anno de 1916 Goyaz exportou 553.453 kilos de xarque ou sejam 553 1|2 toneladas desse producto das suas, então, duas xarqueadas apenas.

Actualmente funccionam tres xarqueadas no Estado: a de Ipameri, de propriedade do Sr. Liborio Silva; a de Catalão, de propriedade do Dr. Dante Galassi, e finalmente a de Anhanguéra, de propriedade do Dr. Abilio Ferreira.

Todas ellas exportam para S. Paulo, além do xarque, — banha, carne de porco, couros salgados e seccos, sóla, sêbo, linguas, tripas e chifres.

Toda a producção da xarqueada de Ipameri é adquirida pela firma bancaria João Jorge Figueiredo em Campinas, Estado de S. Paulo.

Acontece que a producção do xarque goyano vem n'um crescendo desde 1916 para cá, devido em parte á matança de vaccas, cuja exportação o governo do Estado prohibira naquella data.

* * *

Informa um jornal do Triangulo Mineiro que já está em mãos do Dr. Mello Franco, ministro da Viação, que aguarda opportunidade para resolver a respeito, o pedido dos habitantes das zonas por onde devia passar o antigo trecho da E. F. Goyaz, para que não se cogite da modificação desse traçado. O referido documento esclarece as vantagens que trará para grande parte desta zona e sul de Goyaz o primitivo projecto de prolongamento dessa via-ferrea.

Ora, o ministro nada tem que resolver, e isto pela simples razão de já estar resolvido, em virtude do decreto n. 7.562, de 23 de Setembro de 1909, que resultou o accordo celebrado entre o Governo da União e a Companhia Estrada de Ferro de Goyaz para a construcção da via-ferrea que partindo de Formiga, fosse até as margens do Araguaya, directamente passando por Catalão.

Quebrar a linha tronco do traçado primitivo dessa estrada de penetração de interesse immediato para o paiz e particularmente para um grande e futuroso Estado como é o de Goyaz, só para attender os interesses pessoaes de Araguary, um municipio de insignificante producção e já servido pela Mogyana, seria o maior dos disparates.

A Pecuaria nacional e os que passam por conhecel-a

Quando em 1915 o Brasil iniciou a sua exportação de carnes congeladas, mandando para a Europa 2.646 toneladas desse artigo, um conhecido commis-voyager das Republicas Platinas sahiu-se pelas columnas editoriaes de um dos nossos matutinos de maior circulação, com uma série de artigos tendenciosos, onde se lia, que nós estavamos matando o nosso rebanho a torto e a direito, — correndo assim o risco de vermos em breves dias despovoados os nossos campos armentosos, porque o nosso "stock" bovino não comportava tamanha matança. — era diminuto, e a mortalidade dos bezerros se elevava a 50 °|° e até mais. No nosso meio assás ignorante das possibilidades economicas do paiz, aquelles artigos valeram por um brado de alarma, e a maioria da imprensa carioca, Gil Vidal á frente, fez seus os conceitos inverosimeis do jornalista portenho.

Foi então que o nosso director veio pelas columnas da "Brasil-Ferro-Carril" contestando aquellas proposições capciosas e mostrando que a Argentina, onde a mortalidade de bezerros não é menor que a na verdade observada no Brasil e a população bovina está avaliada em 28.787.168 cabeças, acabava de exportar no anno anterior, carnes congeladas e seus derivados no valor de 508.671 contos de réis.

Por que então, perguntavamos, que o Brasil, com uma população bovina estimada officialmente em 3.705.400 cabeças não poderia exportar carnes congeladas e seus derivados na importancia apenas de 76.758 contos de réis, que foi a de 1916, sem desfalque do nosso *stock* bovino?

Que tinhamos razão, ahi está publicado o ultimo Boletim da Directoria da Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda que nos apresenta os seguintes algarismos referentes á exportação de carnes congeladas:

	Toneladas
1915	2.646
1916	19.714
1917	47.281
1918 (de Janeiro a Outubro)	56.778

Couros vaccuns exportados nos mesmos annos acima:

1915	25.669
1916	30.776
1917	25.594
1918 (de Janeiro a Outubro)	37.651

Xarque:

1915	353
1916	1.585
1917	3.285
1918 (de Janeiro a Outubro)	4.339

Total da exportação em toneladas de carnes congeladas, xarque e couros (desprezados outros productos derivados), de 1915 a Outubro de 1918:

	Toneladas
Carne congelada	126.419
Xarque	9.562
Couros	119.620

No emtanto, o nosso rebanho não diminuiu, — antes multiplicou, — como se vê da ultima estatistica da população bovina do Rio Grande do Sul, onde a porcentagem do augmento do gado vaccum não é maior do que no *hinter-land*, Goyaz e Matto Grosso particularmente.

Observação necessaria: de Janeiro a Outubro de 1918 os frigorificos argentinos abateram 3.329.657 cabeças de vaccuns.

ESTRADA DE FERRO DO TOCANTINS

São do *Estado do Pará*, edições de 29 e 30 de Setembro do anno findo, que só agora nos chegaram ás mãos, os seguintes informes que julgamos a viçareiros para o nosso Estado:

"No empenho de informarmos com segurança a respeito da Estrada de Ferro que partindo de Alcabaça dirige-se para o centro do Brasil e que é, sem duvida, uma das mais promissoras iniciativas para a realização do problema economico do nosso Estado, pedimos a entrevista de que hoje iniciamos a publicação ao sr. dr. Luiz Soares Horta Barbosa, director presidente da Companhia Norte do Brasil, concessionaria da estrada. Em palestra disse-nos o dr. Horta:

Por occasião de minha recente visita á Estrada de Ferro do Tocantins tive o feliz ensejo de presidir á ceremonia da entrega de um trecho de 24 kilometros, pela divisão de construcção á divisão de conservação da via permanente, por se acharem elles completamente concluidos, de conformidade com os projectos e perfil typo approvados pelo governo federal.

Esse facto, que certamente seria agradavel a qualquer que se interesse pelo progresso de uma obra destinada a tanto concorrer para a prosperidade deste Estado, bastaria para encher-me de vivo contentamento, como fructo dos esforços que de longo tempo venho fazendo para o andamento dos trabalhos daquella estrada.

Mas, não ficou só na simples conclusão desses kilometros de linha a minha satisfação, porque ella teve realce com o testemunho de auctoridade official competente, lavrado em acta subscripta pelos engenheiros da estrada e pelo fiscal federal da excellencia modelar das obras desse trecho.

São dessa acta as seguintes passagens: "pelo sr. director-presidente foi dito que, achando-se em perfeitas condições de satisfazer ás exigencias contractuaes o trecho construido do kilometro 43 ao 67, que os presentes acabavam de percorrer, convocára esta reunião para, mais solemnemente, passar da divisão de construcção á da via permanente a guarda desse pedaço mais da estrada que de ha tanto tempo vem sendo para elle e seus dignos auxiliares sua constante preoccupação, e esse caracter de solemnidade viria attestar o contentamento de todos os que, como elle, consideram esse facto como uma das mais altas demonstrações do esforço patriotico da Companhia que tem a honra de dirigir. Disse mais que quizera ouvir francamente do representante do governo, em que lhe não pesasse nas responsabilidades do seu cargo, a sua opinião individual sobre o facto, ao que o engenheiro fiscal retrucou, dizendo sentir-se feliz de poder, já no fim, quasi, de sua actividade profissional, assistir a reuniões desta especie em que se vê rodeado de collegas illustres, cujo esforço honrado e intelligente, na sagração do nome patricio, arrastando as mais pertinazes incommodidades, havia produzido essa construcção de um trecho de linha modelar, como o já mencionado." E, accrescentou, poder individualmente dar o seu "placet" á entrega a que se procedia, "consciente como estava da excellencia da sua construcção."

Esse acto todo particular, terá em breve a sancção official pela entrega do trecho ao trafego publico, para o que já foi pedida ao governo, pelo engenheiro fiscal, a indispensavel auctorização, informando elle ser isso "de grande utilidade para a zona", tanto mais que se "approxima a safra da castanha, de que é farta a região percorrida, rica tambem de outras sementes oleaginosas de muita procura actual."

Além desse trecho, outro de sete kilometros estava quasi concluido na data dessa visita. Faltando-lhe apenas a conclusão da lastragem e outros trechos complementares do acabamento para ser, egualmente, dado por terminado, dentro das rigorosas exigencias dos projectos approvados.

Os trens de serviço, porém, já o estavam percorrendo, como succedeu com o trem de inspecção, que nos conduziu no dia 28 do mez findo ao kilometro 74, de modo que naquella data incluidas as linhas auxiliares e o ramal do Arapary, excedia um pouco mais de 80 kilometros a extensão trafegavel da estrada de ferro.

Mas, além disso, havia já outros sete kilometros cujo movimento de terra estava por pouco a ficar concluido, bem como uma ponte de 12 metros e 2 de 5 metros e outras obras de arte das quaes quasi exclusivamente dependia ser a linha prolongada por mais sete kilometros.

A derrubada estava concluida até o kilometro 98 e já se preparava a mudança dos acampamentos da construcção para a frente, achando-se já a linha telegraphica extendida até muito além do avançamento.

Muito numerosas são as obras de arte da estrada de ferro: só no trecho já trafegavel existem 23 construidas. As pontes que a principio eram de madeira já estão substituidas por outras metallicas, assentadas em alvenaria de pedra.

Destaca-se entre todas a ponte do Caripé, no kilometro 10, em lugar onde as febres foram tão violentas que se tornou durante muito tempo uma verdadeira barreira ao avançamento. Tendo sido feita, primeiro em caracter muito provisorio, de madeira, sua conservação se tornou onerosa até que foi possivel substitui-a pela ponte definitiva, metallica, sobre pilares de alvenaria. E' a maior de todas, tendo 97 metros de extensão.

A do Pucuruhy, com 67 metros, é tambem de madeira, mas tem promptas as alvenarias para receber a mesa metallica definitiva, logo que possa ser importada. Entretanto, convem notar que na maioria das nossas vias ferreas, dada a excellencia das nossas madeiras, pontes assim construidas rivalizam com as pontes metallicas, tanto em resistencia como em durabilidade.

Neste momento mesmo, nas pontes e pontilhões que estão sendo construidos no Ceará por administração federal, são empregadas madeiras das florestas paraenses.

Na estrada de ferro do Tocantins porém, as pontes, salvo duas ou tres excepções, são todas metallicas e destas ainda ha um "stock" de oito de 12 metros para serem aproveitadas nas obras em andamento.

Como documentação do estado da linha ferrea e de suas installações fiz tirar provas cinematographicas que já remetti para o Rio de Janeiro, onde vão ser reveladas e exhibidas primeiro; em seguida, farei expol-as nesta capital, para conhecimento das auctoridades e de quantos se interessam ou tenham simples curiosidade de conhecer essa estrada, as bellezas extraordinarias da floresta que ella atravessa e os aspectos que o rio Tocantins offerece no percurso de Belém a Alcobaça.

Esse "film" ficará ainda como termo de comparação para no futuro ser melhor apreciado o progresso da zona marginal á estrada. Elle mostrará desde já em varios graus os contrastes entre a floresta selvagem, barreira immensa e profunda opposta pela natureza ao avançamento do progresso representado pela via ferrea, vencida primeiro apenas pela linha que lhe corta o seio tenebroso e em seguida pela conquista do agricultor que a transforma e, dilatando a conquista, substitue suas arvores immensas e a trama da vegetação exuberante e selvagem por arvores fructiferas, arbustos e plantas de immediata utilidade, productores de alimento e de riqueza, precursores de outros effeitos da civilização invasora da floresta bravia.

Penso que nenhuma prova evidenciará melhor a um tempo a injustiça com que constantemente se fazem referencia ás obras dessa estrada, a riqueza da zona em que ellas estão feitas e o empenho do nosso esforço em vencer as difficuldades com que lutamos."

Nessa interessante entrevista, que foi estampada em dois numeros seguidos do importante jornal nortista, o illustre Dr. Horta Barbosa, depois de expôr as causas varias que até aqui vinham estorvando o proseguimento dos trabalhos de construcção da futurosa via-ferrea, assim conclue, falando da ultima revisão do contracto da Companhia com o Governo:

E, para dar uma ultima idéa dos entraves com que temos tido de luctar, basta referir que esse contracto só foi registado pelo Tribunal de Contas 17 mezes depois de assignado, tendo havido tres decisões unanimes contrarias, mas uma apenas com um voto favoravel e, finalmente, no quinto julgamento foram acceitas as razões do recurso que offereci, sendo só então auctorizado o registo indispensavel para sua validade.

Foram 17 mezes de vida irregular, entravada por um contracto, que só entrou em vigor a 31 de maio ultimo, quando puderam ser approvados os estudos do trecho em construcção, entregues havia já 17 mezes, apezar de honroso apoio que a Companhia tem encontrado por parte do actual governo, apoio que, se não lhe faltou sempre em épocas anteriores, infelizmente se manifestou sempre tardio e incompleto pelo que não bastou nunca para produzir os effeitos desejados.

Assim, sem desconhecer, nem pretender justificar as faltas praticadas contra os interesses da Companhia por alguns dos que deviam zelar por elles e sem querer occultar os prejuizos que lhe causaram os empreiteiros e os banqueiros francezes que a exploraram, posso affirmar que isso não teve, entretanto, o alcance que á imaginação impressionavel da opinião publica tem podido parecer. O estado dos serviços da Companhia resulta dos factos dominantes apontados: a crise de encilhamento, que sustou e impediu a obtenção de capitaes nacionaes; a crise financeira do paiz que impediu os emprestimos externos até 1905; a insalubridade da zona da estrada; os defeitos dos projectos só reparados por partes, depois de muitos annos de reclamados pela Companhia; a annullação do seu contracto de emprestimo de 1912, pela recusa do acto official necessario, e, finalmente, a guerra actual.

Esses têm sido os impedimentos reaes ao progresso da Companhia; as grandes causas determinantes da sua situação actual, mas, existe tambem uma causa talvez predisponente para os constantes e innumeros pequeninos obstaculos em que ella tem tido de tropeçar — ella é uma empreza nacional de accionistas e directores brasileiros, destinada a realizar serviços importantissimos, dentro mesmo do coração do paiz, pelo que não póde merecer certas sympathias, as dos que entendem que ella deve ser combatida, malquista, arrazada e substituida por outra extrangeira, para merecer os applausos das galerias e todas as facilidades indispensaveis á conclusão da obra, sobre os solidos alicerces que já estão promptos, elles que, sendo a parte mais penosa e importante dos edificios, ficam sempre esquecidos quando se admiram as fachadas.

Não pensam, porém, assim os actuaes senhores presidente da Republica e ministro da Viação, que têm amparado a Companhia com os actos requeridos, fazendo-lhe a justiça necessaria, nem assim pensa o sr. governador, de quem ella está recebendo o apoio mais precioso.

E ella lhes corresponde com factos. Em menos de um mez, isto é, desde 29 do passado ao dia 20 do corrente mez, foram construidos mais dois kilometros de linha ferrea, terminadas mais tres pontes

prolongada a terraplanagem até o kilometro 81, a linha telegraphica até o 82, a derrubada até o 88, a'ém de outros trabalhos ferro-viarios e de cultura das terras.

Creio que estes factos, confirmando as palavras que ficam ditas, são tambem o melhor fecho desta excepção que abro ao meu silenico habitual para corresponder á gentileza captivante com que me quizesse ouvir sobre assumpto que tão directamente interessa o futuro deste Estado e do Paiz."

Esta via-ferrea é que vai pôr em communicação toda a vasta zona norte de Goyaz com Belém do Pará. A alludida zona inclue o Araguaya e o Alto Tocantins.

Para o Araguaya —, escrevia Couto de Magalhães —, o goyano deve dirigir suas vistas, como o israelita as dirigia para a columna de fumo que o guiava á Terra da Promissão.

Plantas tanniferas do Brasil Central

Os nossos conhecimentos superficiaes da flora do Brasil diminuem, escasseiam quanto mais nos afastamos para o interior, deixando atraz a região littoranea — esta já sob todos os pontos de vista esquadrinhada por myriades de botanistas.

D'ahi a defficiencia de subsidios para o conhecimento das plantas tanniferas do interior; ficando nós, portanto, adstrictos ao classico Mangue das orlas do Atlantico Sul—, planta que aliás contém tannino em proporção inferior á de muitas outras plantas indigenas que só têm uma falha, a de ainda não terem logrado analyses de laboratorios, ou antes o *experimentum crucis* da sciencia.

Accresce que o Mangue contém nas suas cascas utilizadas nos cortumes de beira-mar uma materia corante de côr preta que deixa nos couros curtidos um aspecto desagradavel. A sua porcentagem em tannato regula de 25 a 30 %, o que é insignificante comparada á porcentagem do Barbatimão, por exemplo—, e só para citar uma das nossas poucas plantas de cortim analysadas chimicamente — que contém de 30 a 48 % de tannino.

Nas mesmas ou ainda em inferiores condições se encontra o Quebracho, tão preconisado nas Republicas Platinas—, e até exportado para a Europa e Estados Unidos da America como cortim de primeirissima.

Esta planta, diremos de passagem, nós a posuimos tanto no sul de Matto Grosso como tambem no sul de Goyaz. Contém apenas 8 a 16 % de tannino.

Apezar, porém, de não analysado ainda, é para nós fóra de duvida que o vegetal nosso mais rico em tannino é o chamado páo terra nos Estados de Minas, Goyaz e Matto Grosso — com as suas tres especies: *Qualea grandiflora*, *Q. multiflora* e *Q. parviflora*.

Em todo o Brasil interior, porém, a planta mais empregada nos cortumes é o Angico (*Acacia angico*), que segundo o Dr. Monteiro da Silva, contém 40 % de excellente cortim. Depois do Angico a planta mais usual nos cortumes do interior é a *Canna-fistula*, empregada de preferencia no cortume de pelles finas.

Maior não póde ser tanto em quantitativo, como em qualitativo o numero de plantas tanniferas peculiares á vasta região campesina do *hinter-land*, bastando citar apenas as mais conhecidas: Capa-rosa do campo (*Myrcine gardneriana*), Murici, tambem chamado páo de curtir (*Byrsonina spc.*), Cagaiteira (*Eugenia desynterica*), Cajueiro bravo do campo (*Curatella americana*), Vinhatico do campo (*Enterolobium elypticum*), Rosquinha do campo (*Helicteres sacarolha*), a Pitangueira do campo (*Stenocalix pitanga*), Faveira do campo (*Pithecolobium multiflorum*).

As especies mencionadas são, como acima dissemos, propriamente campestre; mas não é menor, nas mattas goyanas, a quantidade de arvores de tannino de emprego nos cortumes, dentre as quaes destacamos a Tiriba, a Capitinga, o Cajurú e o Molongo.

Prova material da excellente qualidade destas plantas tanniferas são a preferencia e altos preços que nos centros consumidores obtêm as afamadas meias de sólas do sertão, vaquetas, etc.

HENRIQUE SILVA

(Communicação feita á Sociedade Nacional de Agricultura, para attender a um pedido do Consulado Belga, no Rio, de informes sobre as plantas tanniferas do Brasil).

O distincto 1º Tenente do 1 4º Regimento de Cavallaria, J. Marimbondo da Trindade, cavalgando o "Araguaya" — cria do municipio de Catalão, Estado de Goyaz

As riquezas de Goyaz

UM MOSTRUARIO NO SAGUÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

Das muitas riquezas que o Brasil possue, uma grande parte, talvez a maior, está ainda por explorar.

A falta de vias de communicação e a nossa grande extensão territorial concorrem principalmente para isso.

Verdade seja dita que não vivemos mais na ignorancia completa do que possuimos. Se ha muita gente para quem o Brasil não passa eternamente de um "paiz essencialmente agricola", temos tambem homens que trabalham com afinco, estudam e investigam.

E' da iniciativa desses o pequeno mostruario installado no saguão do edificio da Associação dos Empregados no Commercio, no qual estão reunidos productos que attestam a riqueza do Estado de Goyaz. Quanta gente por ahi não vive com a convicção de que Goyaz é a terra do boi e do fumo?

Esse mostruario, embora insignificante, constitue uma bella demonstração do contrario e faz pensar no grande futuro deste grande paiz.

O que está alli reunido é pouco mas é bom: um topazio de oitocentas grammas, salitre impuro, areia ferrifera, malacacheta, diamantes dos rios Verissimos e Garças, turmalinas, perolas e conchas perliferas do rio Araguaya, jaspes, papyrus (arvore do papel), plumas de garças, etc.

E' um mostruario seleccionado em que predominam os minerios e as pedras preciosas. Na sua simplicidade elle desperta a attenção de quantos o vêm para o grande Estado Central — o Estado de Goyaz.

(Do *Jornal do Commercio*).

N. R. — Foi da iniciativa exclusiva do distincto e patriotico moço goyano, Sr. Mario Vaz, a installação do acima alludido mostruario.

Aproveitamos o ensejo para, da nossa parte, agradecer ao grande orgão a subida gentileza que nos dispensou, accedendo ao convite que lhe fizemos para visitar a exhibição das riquezas de Goyaz.

INTERIOR GOYANO

Catalão, a primeira cidade que a estrada de ferro de Goyaz estendeu seus trilhos, vae-se desenvolvendo continuamente, sendo grande o numero de casas em construção, estando projectada a installação de uma usina electrica para a illuminação publica. Já se cogita tambem na construcção de uma rêde de esgottos, dada a facilidade com que se obtem alli agua em profusão e sem grande dispendio para a captação dos mananciaes que banham a cidade. Destaca-se em primeiro logar como industrial o Sr. Dante Galassi, que lá possue uma excellente fabrica de banha, exportando mensalmente cerca de 20.000 kilos, sendo este producto immediatamente collocado nos mercados de S. Paulo ou Rio. Tem ainda o Sr. Dante Galassi uma xarqueada e uma fabrica de manteiga que honram qualquer Estado não só por suas confortaveis installações, como tambem pelo consumo diario que vae tendo o xarque e a manteiga goyanas que jámais attingirão ao numero de encommendas. Além desse industrial, que muito tem contribuido para o progresso de Catalão, encontramos os Srs. Salles & Margon, com grande numero de operarios e ao mesmo tempo nas suas officinas recebem os aprendizes que desejam possuir um meio honroso de ganhar a vida. Ha annos atraz Goyaz só exportava o couro crú e hoje este artigo já sáe de lá devidamente preparado. Catalão é um municipio rico, possue optimas terras de campos e culturas e suas fazendas criam grande partida de bovinos. A criação cavallar está em ultimo plano e pouco desenvolvida. E' grande o numero de immigrantes espontaneos que lá annualmente vão adquirir fazendas, concorrendo assim com o espirito pratico na arroteação dos campos e culturas. No municipio existe grande quantidade de ferro, que foi analysado, dando uma porcentagem de 80 %, salitre, mica, diamante, ouro e turmalinas. A segunda cidade do interior goyano e até agora a ultima servida pela linha ferrea, é Ypamery. Esta cidade é a unica no Estado servida por luz electrica e devido á sua posição na fralda do planalto central; o commercio do interior está sendo feito por alli. Podemos citar uma cidade mineira que vae conseguindo seu commercio para Ypameri, é a legendaria Paracatú. No planalto permutam seus productos com o commercio de Ypameri, as cidades de Formosa, Santa Luzia (pontos abastecidos pelo vão do Maranhão), Villa Planaltina e Villa Crystallina, pelo centro Curralinho, São José do Turvo, Palmeiras, Pyrenopolis, Annapolis, Bomfim, Pouso Alto, Bella Vista, Campo Formoso e Santa Cruz; pelo sul, Jatahy, Rio Verde, Morrinhos e Caldas Novas, todas estas cidades fazem trasacções directas com Ypameri e outras cidades nortistas pouco podem exportar pela difficuldade do transporte de queijos, cereaes e mineraes, só exportando o gado em larga escala. Ypameri como Catalão, produzem abundantes cereaes, principalmente o arroz e o feijão, e este anno os plantios parecem que triplicaram, tal a quantidade de roças que se vêem ao longo da estrada de ferro ou nas margens dos rios Paranahyba, Verissimo, São Marcos e Corumbá. Nas invernadas do municipio de Ypameri existem grandes partidas de bois gordos esperando os marchantes. Possúe o municipio boas fazendas que vão alcançando excellentes offertas de compra e os capitalistas de São Paulo e Rio já estão adquirindo optimas terras para a criação bovina, suina e cavallar. Exporta Ypameri todos os generos de primeira necessidade, superabunda no xarque, toucinho, queijo, sóla, a mamona, a canna de assucar e o algodão estão sendo cultivados com especial interesse.

No reino mineral possue diamantes, topazios, turmalinas, cassiterite, pyralusite, pyrite, manganez, mica, ferro, ouro e areias monaziticas, tanto no rio Verissimo como no Corumbá. As plantas tanniferas e oleaginosas ainda estão inexploradas e serão de um futuro rendoso para quem se dedicar de tal commercio com firmas extrangeiras que actualmente procuram no Brasil entrar em negociações para a compra desta riquissima especie.

Em Goyaz ha em extensas mattas ou chapadões o pau de oleo, o jatobá, palmeiras varias, angico, barbatimão, maria preta e a copahyba. Outro municipio que prospera animadoramente é Caldas Novas, onde será inaugurada brevemente uma linha de automoveis que o ligará á Ypameri. Caldas Novas possue as afamadas fontes radio-activas e sua distancia de Ypameri é apenas de 60 kilometros, fazendo-se uma viagem agradavel em todos os pontos de vista. As aguas de Caldas Novas foram examinadas por chimicos de nomeada como Orville Derby, Moretti Foggia, Faivre, Lee, Apel e Corrêa Netto. Este ultimo, que tambem é oculista, residente em Poços de Caldas, Minas, já publicou dois livros, um intitulado "As Aguas Thermaes Brasileiras" e outro, "As Aguas Thermaes de Caldas Novas",. que formam valioso repositorio de preciosidades sobre o emprego dos banhos thermaes. O Dr. Orozimbo Corrêa Netto esteve por muitos annos na Inglaterra e possue longo tirocinio no tratamento balneotherapico, e assim S. S. poude constatar com um thermometro de precisão, fontes até de 51° centigrados. Em Caldas Novas existem perto de 30 fontes desprendendo abundantes jorros d'agua radio-activas e suas propriedades são superiores ás de Bath, no oéeste da Inglaterra, ás de Marienbad, Francebad e Carlsbad, na Bohemia. Voltando á cidade de Ypameri e dirigindo-se rumo do planalto central, o viajante vae ter-se na Villa Crystallina, hoje termo annexo á comarca de Santa Luzia. Chamava-se anteriormente Serra dos Crystaes, por lá existirem enormes jazidas de crystal. Nos chapadões e declives do planalto central encontra-se o crystal branco e amarello.

Os allemães que lá foram e são ainda os unicos a exportarem o crystal para a Allemanha, via Santos e Hamburgo, estão hoje riquissimos. Devido á guerra a exportação de crystaes cessou completamente e lá qualquer pessoa póde tirar arrobas e mais arrobas de crystal sem minima contribuição ao Estado ou ao particular, porque aquelle não se utilisa dos terrenos tidos até agora como devolutos. A Allemanha como tem e guarda ainda o segredo da lapidação, torna-se quasi impraticavel o commercio desse mineral com os outros paizes porque estes não podem competir no mercado com sua temivel rival. No municipio de Villa Crys-

tallina exporta-se muito queijo, paina, crystaes branco e amarello, encontra-se tambem grande quantidade de ferro, prolongando suas jazidas em extensão de varios kilometros, ha tambem lindos topazios, turmalinas, breu e pyrite. No valle do Rio Preto tive occasião de observar grandes furnas de stalactites, onde o salitre aflóra em profusão. Além desse local, existem no valle do rio Maranhão o salitre e o sal de glauber. O Brasil, que importa do Chile o salitre, não poderia prohibir esta importação e exportar o que temos para o extrangeiro ?

O salitre de Goyaz, que é considerado como de primeira qualidade, poderá entrar em franca concurrencia nos mercados europeus. No rio Vermelho, que banha a historica cidade de Santa Luzia, vêem-se ainda os vestigios da exploração de ouro, levada a effeito pelos braços dos escravos. E' grandioso o espectaculo que se nos apresenta ante os olhos aquellas lavas enormes de muitas leguas de comprimento, margeando o famoso rio que enriqueceu os bandeirantes.

Hoje Santa Luzia só exporta a deliciosa marmelada, gado e excellente café. Além de Santa Luzia fica situada a formosa Villa Planaltina, antiga Mestre d'Armas que já está na demarcação do Districto Federal e é rica em prata, amethystas, ferro, mica e amiantho.

No rio Araguaya, que é o mais bello do mundo, encontram-se as perolas de variegadas côres, suas conchas perliferas são de puro nacar, muitas dellas revestem-se das côres do arco-iris. Nos affluentes do Araguaya existe grande quantidade de naphta, betume, chlorureto de sodio, wolframium e diamantes; nos seus lagos as garças, mrarecos e colhereiras disputam o espelhar nas aguas crystallinas e mansas, e nas florestas virgens o Indaiá-Assú resplandece com seus côcos, dando que estalar ás araras azues e vermelhas. Quando Goyaz terá navegação fluvial ?

MARIO VAZ.

RIQUEZAS NATIVAS DE GOYAZ

II

No artigo anterior, era nosso intuito concluir a enumeração e transcripções que vamos fazendo de trabalhos devidos a autorizados homens de saber, na parte relativa ás riquezas florestaes do singular Estado goyano; mas, não só o assumpto é conciliativo. como tambem seria grave injustiça esquecer, neste particular, interessantes conceitos que se nos deparam nos estudos do botanista E. Ule e engenheiro André Rebouças.

"Diversos botanicos têm me precedido em viagens por Goyaz e alguns, não sómente gozando de condições mais favoraveis, como tambem demorando-se mais tempo; cito Saint'Hilaire, Burchet, Gardner, Weddell, Pohl, dos quaes o ultimo, sobretudo, reunio extensas collecções e explorou detalhadamente as ceramicas da cidade de Goyaz.

Entretanto, desta vasta região muitas localidades deixaram de ser exploradas ou o foram em estações diversas, como parece ter-se dado com a região entre Formosa e Cavalcante, pois os botanicos que visitaram esta banda ahi penetraram passando por Trahiras e S. José, caminho que offerece menor interesse. Além disso, poucos foram os que deram especial attenção ás Cryptogamas, das quaes eu trouxe Fetos, Musgos e Cogumelos; de modo que o resultado da minha viagem não deixará de contribuir algum tanto para o conhecimento do interior do Brasil. Consegui trazer collecção de plantas seccas consistindo de 450 Phanerogamas e 310 numeros de Cryptogamas.

Emquanto coincide em parte com o taboleiro geologicamente distincto do Brasil Central, no Estado de S. Paulo este reino (o das Oreadas da *Flora Brasileira* de Martius) dividido por condições climatericas. ainda se extende em seguida sobre a metade occidental de Minas Geraes. Esta região, cortada por montanhas, serras e planaltos abundantes, e coberta de campos e, em parte de mattos, fórma um dos reinos da flora mais ricos do globo terrestre, e offerece tambem as fórmas mais caracteristicas para o Brasil.

Unicamente a extremidade Sul da Africa, dotada de similares condições, excede ainda — visto sua menor extensão e exploração havida — ás regiões dos campos do Brasil Central em abundancia de plantas. Griebach avalia em 10.000 o numero das especies endemicas existentes nesta região; tambem não ha sómente muitas especies, mas até varias familias. ou proprias da localidade ou que aqui têm seu centro de extensão. Além disto, minhas pesquizas feitas em Goyaz, e consultas da "Flora Brasiliensis" me demonstram que esta provincia de plantas se subdivide em varias regiões, e que Goyaz, emquanto conserva o caracter essencial dos campos de Minas Geraes, possue sua flora particular, distincta por varias especies endemicas. Acham-se aqui tambem plantas de parentesco amazonico, pois que quasi as mesmas familias daquella região, enumeradas por Martius como as mais ricas em especies tambem o são para Goyaz. e algumas especies, como, por exemplo, Mauritia armata". Mart. Tococa, mosjam derivar-se dahi."

Ernesto Ule — *Relatorio da Commissão do Planalto*.

Este provecto botanico, que aliás percorreu insignificante zona do territorio goyano, comparativamente á extensão delle — que contém grandiosissimas regiões inteiramente desconhecidas dos scientistas—fez muitas descobertas de especies novas, particularmente na excursão á Chapada dos Veadeiros — enumerando as caracteristicas, endemicas, e concluio que as especialidades da flora goyana excederam suas espectativa no que diz respeito á riqueza de typos novos, o que resultou uma verdade inconteste da determinação scientifica feita da sua collecção pelo Dr. P. Taubert.

Georges Gardner, o conhecido botanico que viajou a então Provincia de Goyaz, dizia que as mattas do Brazil eram mais perfumadas do que as famosas florestas da ilha do Ceylão, tidas no conceito geral como as mais ricas em essencias naturaes.

Reproduzindo estas palavras do sabio naturalista inglez, accrescentava André Rebouças que as madeiras de lei do Brasil Central, conhecidas tradicionalmente nas carpintarias por madeiras do sertão, se distinguem das de outras procedencias ou regiões do paiz pelo extraordinario aroma que despedem.

O collaborador illustre do "Ensaio do Indice Geral das Madeiras do Brazil", depois de registrar com admiração o estudo de resistencia feito num fragmento de balsamo, que elle tomára ao rodeiro de um carro de bois vindos dos sertões longinquos de Goyaz até á Barra do Pirahy, trazendo ainda, a par da bella côr rosea, seu perfume exquisito, "superior ao do sandalo, do cedro, da canella, do sassafrás etc., escrevia este conceito que se lê em LE BRESIL EN 1889: *Il y a même des essences de bois qu'on ne recontre, dans toute leur beauté, qu'á Goyaz et Mato Grosso.*

Vem a proposito dizermos que o balsamo nosso — o vegetal que em Goyaz attinge maiores proporções, principalmente em circumferencia, talvez não seja o oleo vermelho — *Myrospermun ezytroxylam* — Freire Allemão, como dizem os botanistas. Será talvez ao que suppomos por motivos que não vêm aqui, uma variedade deste.

A riqueza economica. porém, da flora goyana, reside toda, ou por excellencia, nas innumeras especies e variedades não estudadas, ainda, das suas plantas uteis, como sejam as medicinaes, as textis, as de latex, as tinturarias, as taniferas, etc.

Não devemos esquecer, igualmente, o papel de subido interesse e valor economico que ha de representar no desenvolvimento futuro da pecuaria no Brasil, a riqueza incomparavel das gramineas e leguminosas forrageiras da provincia floristica goyana.

E' curioso observar isto: emquanto em cada Estado da Republica é preconizada apenas uma especie grammincea, como por exemplo o "mimoso" no Ceará, a "grama" chamada de Pernambuco, no Estado do mesmo nome; o "lanceta" em Campos, em Goyaz os criadores nem ao menos sabem qual indicar como a mais nutritiva do seu gado, tantas e tão excellentes são as que viçam nos seus campos agrestes, crescem nas capoeiras, invadem as plantações do homem, trepam pelas cercas das roças, enlaçam-se ás touceiras do milharal — como succede com a jequirana, uma leguminosa que insistimos ainda em consideral-a succedanea das alfafas.

Basta a menção das seguintes gramineas de especial importancia como forrageiras no Brasil: — "capim de raiz", que as rezes comem até ás raizes, e que viça justamente na quadra estival, quando faltam as pastagens verdes; "Chambá", outra que por ser das varzeas, se conserva verdejante durante o periodo das seccas; "Capim arroz", tambem de baixios e lugares humidos; "Capim branco", que mesmo após as geadas conserva as ramificações inferiores verdoengas; "Capim boi", em tudo semelhante ao jaraguá e com iguaes qualidades nutritivas, delle differençando apenas em ter os talos de um roxo mais carregado; "Capim da praia", que vem a ser o saccharina do Paraná, descripto pelo Sr. Dr. Joaquim Carlos Travassos como uma das

nossas melhores forrageiras; "Capim marmelada", com as mesmas qualidades do capim boi; "Capim lanceta", "Capim flexa", "Capim flexinha", "Capitinga", "Cambaúva" e mui particularmente a "papuam da matta", que se não devem confundir com o papuam de Minas e S. Paulo; "papuira", variedade da anterior, porém mais reputada — isto para não fallarmos no "Jaraguá", de lá oriundo, no "Catingueiro" ou "melado", e nas diversas variedades de gramas — inclusive as de Pernambuco e Campos.

Os chamados "campos agrestes" em Goyaz, são uma grandeza desconhecida; entremeadas nas suas gramineas de infinita variedade apresentam-se leguminosas varias, só conhecidas das rezes que as devoram, quasi ao despontarem, depois das queimadas dos campos — motivo por que, não chegando a dar flôres, passam despercebidas aos botanicos, que ignoram, como tanta gente por ahi, a existencia de-las no paiz, e pedem alfafas...

Foi nesses campos promissores que, graças igualmente ás condições do meio, se formaram as tres primeiras raças bovinas do Brasil: "Curraleira", "Mocha" e "Caracú". A Curraleira, foi dellas tres a que se caracterizou primeiro, nos campos nativos dos sertões de Amaro Leite; depois a Mocha e finalmente a Caracú.

SERICIGENOS INDIGENAS DO BRASIL CENTRAL

Assás se tem escripto sobre a acclimação do exotico *Bombyx mori, Linneu* e bem assim da sua propagação entre nós— resultando, infelizmente, dos ensaios do bicho de seda, o quasi fracasso de todas as tentativas nesse sentido.

No emtanto, o nosso paiz possue materia prima similar; representado, tanto pelos seus varios sericigenos, como tambem pelos specimens de vegetaes indigenas de que aquelles se alimentam.

Haja vista a existencia de um sericorio indigena do Brasil Central, por tanto tempo escondido aos olhos dos que por dever de officio dessas cousas deviam possuir, para beneficio da sciencia, ao menos o conhecimento vulgar que dellas têm outros homens — barbaros, nacionaes, sem mais aprestos que o animo de as divulgar, pondo-as á grande luz, fazendo-as aproveitaveis industrialmente.

O conhecimento da fauna e flora do vasto interior do paiz, sob o ponto de vista scientifico, repetimos: é nullo, nada adianta ao aproveitamento industrial dos seus specimens, animaes ou vegetaes.

E vem a ser que das incompletas e obsoletas collecções zoologicas e botanicas, trazidas do vasto interior do paiz, *in illo tempore,* pelos naturalistas viajantes, coevos de Cuvier e Linneu, concluiram levianamente certos scientistas contemporaneos que as nossas riquezas faunisticas e floristicas não passam do que consta de suas affirmativas heresiacas.

Entre nós, não ha negal-o, ninguem se preoccupou ainda da botanica applicada e muito menos da zoologia agricola.

Isto é tanto singular, que *Fermes & Chateaux* trás no seu numero de 1º de Março de 1909, sob o titulo *L'Origine des Soies Sauvages,* interessantissimo artigo sobre o cultivo do *Attacus Atlas,* a maior borboleta sericigena que se encontra de preferencia no Tonkin e que aqui reproduzimos textualmente:

" Enfin il est intéressant de signaler l'existence á Madagascar d'une araignée dont ou a souvent pensé á utiliser la soie.

C'est l'"Halabé" (grande araignée) ou "Folihala" (araignée fileuse) qui construit une grande toile verticale surtout dans les lieux ombragés et humides. La ténacité de la soie, malgré son extreme finesse est equivalent á la ténacité des baves du ver da murier. Cette qualité a engagé á créer des "araigneries" Malhereusement, ces araignées sont carnassiéres et ne consomment que des insects, mais, quand la nourriture manque, elles se livrent á des combats acharnés et s'entre-dévorent.

Mais interessante que essa especie de aranha da possessão franceza se nos afigura esta de arachnoidiano de Goyaz, assim referida cêrca de cem annos atraz pela competencia previlegiada do "pai da chorographia goyana", que nunca se privou, aliás, do titulo de zoologo, como tanta gente por ahi: "Nos campos do arraial de Santa Rita d'Anta, e nos sertões do norte, se encontra certa aranha que fabrica uma teia mais forte que a ordinaria, de côr gemmada, e que tem o mesmo lustro da seda."

Não precizavamos pôr mais na carta, mas em seguida vai a descripção de um sericigeno do Brasil Central que a *Matutina Meyapontense* trouxe no seu numero 97, de 1.º de Novembro de 1839 e que se segue:

" Sendo a seda uma das principaes riquezas da Europa, parece que havendo-a no Brasil, como ha naturalmente e sem algum arteficio, é de presumir que, pondo-se em execução chegue a ser um dos principaes ramos do maior interesse á Nação Brasileira.

Muito tempo ha que por vezes achava eu alguns cazulos do bicho de seda em varias partes desta provincia, mas sem reparo ou exame, os deixava; e porque de presente tenha achado outros da mesma especie e configuração, tratei de fazer nelles as minhas observações; e, com effeito, convencido de serem aquelles cazulos producção do bicho da seda, que naturalmente se acham collocados no Brasil; dei principio ao seu desenvolvimento extrahindo delles uma perfeita seda, cujas mostras offereço; bem como a narração do que tenho observado a este respeito.

Umas borboletas, taes como as que apresento, costumam sahir dos seus cazulos depois de passado o inverno, e, então, juntando-se umas com as outras, não demoram em depositar os seus oviculos, de que se acham cheias, em uns arbustos, a que vulgarmente se dá o nome de páo ferro, depois do que morrem as ditas borboletas: e o mesmo calor da estação desenvolve daquelles oviculos uns pequenos lagartos, que immediatamente se vão nutrindo das folhas do dito páo ferro até ficarem mais ou menos do tamanho de duas pollegadas; depois do que, principiam a tecer os seus cazulos.

Primeiramente tecem as pontas dos ramos e logo, juntando duas ou tres folhas delles pela parte exterior, formam os cazulos, os quaes se acham gommados, á excepção da parte superior, que se acha sem gomma alguma, para a facilidade da sahida; o que, feito, se transfiguram em outra especie, quasi com apparencia de um besouro, que, não tendo movimento algum, se conservam sem se alimentarem dentro em seus cazulos todo o inverno, até chegar a estação quente, tempo em que sahem novas borboletas para a nova propagação.

Estas borboletas, logo sahidas dos cazulos, todo o seu trabalho é depositar os oviculos, e cada uma dellas deposita muito além de quatrocentos oviculos, como tenho observado; e, por consequencia, produz cada uma além de quatrocentos lagartos.

O páo-ferro, de cujas folhas se nutrem, tem toda a configuração com o do café, e por isso omitto a sua pintura, sendo até a sua semente, e só com differença na côr, cujos arbustos naturalmente se acham em muitas partes desta Provincia, bem como por informações que tenho, produz em muitas outras provincias do Brasil.

Nos terrenos de Arrayas, de onde sou natural, delles ha abundancia, e onde tenho presentemente achado muitos cazulos, entre os quaes alguns com creação, em os quaes tenho feito as minhas observações.

Suas folhas são tenras e se renovam duas vezes no anno, e se podem transplantar com muita facilidade a qualquer lugar, onde os não tenha.

Seria a propagação do bicho de seda, neste paiz, infinita, se os passaros no campo o não perseguissem, o que não acontecerá havendo cuidado, criando-se em casas proprias a esse fim, de maneira que os passaros não offendam, bem como me proponho.

E' facil o desnvolvimento, com facilidade se descobrem os pontos dos fios, como tenho praticado, desenvolvendo dos cazulos que offereço.

E para melhor ver-se, offereço para amostra — duas borboletas — dous cazulos inteiros — tres ditos sem as primeiras capas em ordem a desenvolver-se—uma porção de fio enrolado — uma porção de lã cardada das primeiras capas, que se não podem apurar em fio seguido, e, finalmente, cinco meadas de retroz com mais de quatro oitavas, resultado de vinte e um cazulos, em cujo fio e retroz se observa grande lustro e fortidão, condição propria da seda, sendo a sua côr

primitiva, pois que, para se darem outras se fará o mesmo que se pratica na Europa.

Esta descoberta, por si, é recommendavel; e, portanto, digna de toda a attenção, especialmente porque, sem detrimento de plantações da Europa, com que tem o Estado de fazer grandes despezas, se póde o Brasil mais enriquecer, pondo-se em effectividade a sua laboração.

C omo natural do Brasil, muito me regosijo de ter, por esta descoberta, occasião de lhe ser util, etc.".

Este subido problema, que interessa á vida industrial do nosso paiz, certo merecerá as vistas de quem de direito

HENRIQUE SILVA.

As Finanças Goyanas

Pelo ultimo balanço dado no Thezouro de Goyaz, verificou-se que o Estado dispõe do seguinte saldo:

Em dinheiro existente no Thesouro	433:134$400
Importancia arrecadada pela Estrada de Ferro de Junho a 30 de Novembro . .	277:240$600
No Correio, importancia proveniente de alcance	15:200$000
Somma	725:575$000

Todos os pagamentos estão em dia.

O Estado não tem divida de qualquer natureza, quer interna, quer externa e possue uma divida activa superior a 600 contos de réis, proveniente de impostos atrazados.

Como commentario é de justiça registrar que tão inveavel situação financeira resulta não só do tino administrativo como tambem da acção energica do Exmo. Sr. Dezembargador Alves de Castro, que, ao assumir o governo do Estado mandou logo verificar e apurar as responsabilidades dos defraudadores dos dinheiros publicos, e, isto feito, metteu-os na cadeia, — sem attender quesquer conveniencias de ordem partidaria ou outras.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipumeri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso..	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2º andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1919 — VOL. II—N. 7

SUMMARIO

POPULAÇÕES RURAES

O problema das nossas populações ruraes, como fonte principal da riqueza publica, tem sido, sob multiplos aspectos, debatido nestes ultimos tempos pelas classes parasitario-directoras das capitaes, concorde a maioria em affirmar a absoluta inferioridade do nosso camponio, producto hybrido, degenerado, de raças inferiores, ante o similar estrangeiro, gallego, saloio, italiano ou polaco, a cuja immigração se deve exclusivamente o impulso e o desafogo economico-financeiro dos varios departamentos da União.

Fatalista, supersticioso, avesso ao progresso, indolente por vias de hereditariedade e depauperamento physico decorrente de endemias e inoculações varias de parasitas da terra, o nosso matuto foge á concurrencia, não se adapta ao progresso, e recúa para o deserto, ao primeiro influxo das correntes immigratorias vindas do littoral. Indole má, tem o instincto do exterminio, e dia a dia vae fazendo dos Brazis um deserto de terras safaras e sapezaes, prenunciadores da bancarrota futura. E não nos acuda o elemento estrangeiro, com os seus methodos modernos de cultura, e o descalabro economico apressar-se-á ainda mais de alguns decennios, pagando as gerações futuras a desidia desse nosso caruncho de páo podre, que vae carcomindo hora a hora a riqueza florestal.

Eis a grita dos folliculários, eis o tragico desfecho, cujos tentaculos attingem já todas as classes sociaes, cujos variados aspectos seduzem no momento o escól intellectual indigena — socialistas, economistas, medicos, engenheiros, literatos e... mesmo, meetingueiros do largo de S. Francisco, de compita á parolice dos cem-mil-réis diarios parlamentares.

E o problema da raça, quasi insoluvel, á falta de quadros estatisticos, generalisação de cultura e trabalhos especialistas sobre os tres factores do nosso homem — o anthropologico, o mesologico e o do meio — todos variaveis para cada região estudada, eriça-se de difficuldades, entravando o primeiro passo qualquer tentativa que se queira fazer numa systematisação — escrupulosa e exempta de charlatanismo — sobre o palpitante assumpto.

Emtanto, a nossa literatura vae-se gradualmente enriquecendo com os depoimentos de estudiosos, cada qual no ramo da sua especialidade, e é de crêr que com o accentuado gosto que se vem notando ultimamente para os estudos nacionaes, breve teremos opinião mais ou menos abalisada e estavel sobre a magna questão. Até ahi, porém, a menos que não se queira redizer o que a respeito tem sido affirmado por autores nacionaes ou estrangeiros, em trabalho de méra copilação, generalisar sobre o assumpto, dogmaticamente, tomando por base a recólta de observações feita sobre este ou aquelle typo isolado — a dedo escolhido — e d'ahi deduzir, peremptoriamente, qualidades intrinsecas ou extrinsecas, positivas ou negativas, da raça, é certo, optimista ou pessimista que se mostre nas conclusões, reeditar pelo direito ou pelo avesso a eterna galeria dos Accacios...

* * *

Reflexões que nos vinham acudindo, fragmentariamente, ao espirito, á medida que galgavamos a fralda da serra no lombo do "Pachola", e o Néco Gonçalves na "Mimosa", animaes de ganho do tabaréo, que aventára o passeio. Animára-o, certo, a perspectiva do freguez "carioca", que lhe fosse adquirindo os artigos do commercio — ovos, frangos, queijos, — fructo de suas mascateações nas redondezas.

Palreiro, mui copioso de informações locaes, viera dando á taramella desde a sahida do povoado, excitado, talvez, pelas reiteradas chicaras de café que ia deglutindo a cada casal visitado.

Esquecia-nos dizer que iamos a uma barganha de porcada do outro lado da serra, duas leguas além da fazenda do Bom Successo.

Apanhada a raiz, silenciára; e quando vencido o espigão, soffreou o animal, demorando a vista pelas cercanias. — Estavamos a uns mil trezentos metros sobre o mar, num dos mais altos contrafortes da Mantiqueira, abrangendo o olhar vinte leguas de redondeza. A temperatura, frigidissima, açulava o appetite, convidando a um rapido descanso.

Gorgulhando, um olho d'agua barranqueira abaixo; milharaes verdeluzindo, além; mudas barrentas de fumo, e bois lavrando as encostas para o plantio do feijão de Fevereiro. — Longe, acachapada entre cerros, a villa da Virginia; e, mirando o lugar donde vieramos, o povoado de Itanhandú, numa altitude de novecentos metros, parecia mettido em funda buraqueira, d'onde, apenas, uma casinhola, a melhor situada, alvejando á distancia.

E o Néco, subito, annuvêado:

— Olha, patrão, olha o estrago da grippe!

Olhámos. A principio, não se distinguia bem naquelle mar ondulante senão o verde dos carreiros de milho, o lourejamento tremulo das espigas ao sol; mas o companheiro foi apontando, aqui, alli, por entre o apendoamento das franças. — Longas manchas, amarelladas, pardacentas, terrosas, faziam corôas, quadrados, recórtes de terras maninhas, em meio a cabelleira interminavel das plantações.

— Veja, patrão, foi o milho que não espigou! Os donos tiveram a "hespanhola", o matapasto e o "gordura" ganharam a plantação. Sem capina nem aterro o milho não

espiga, o pouco que emboneca não engrana. Só alli, naquelle baixada, ha uns oitenta alqueires perdidos.

— Mas aqui por esta encosta abaixo ha bastante milho viçoso; pelo que vejo a epidemia poupou muita gente nestas alturas.

— Nôr' não. Ninguem aqui escapou; mas não deu de pancada. — O vingado que está vendo, é dos donos das terras; o perdido, dos pequenos lavradores, arrendatarios da terra. Os proprietarios, assim cahiam uns, empreitavam outros jornaleiros para a capina. Os pobres não tiveram quem os substituisse: perderam toda a trabalheira do anno. Mette pena, patrão, mette pena vêr tanta colheita perdida! — Ah! se o governo olhasse p'ra isso, se désse em tempo um pequeno adjutorio, que fartão de milho teria o municipio este anno!

* * *

Sem que o suspeitasse, alludia ainda uma vez o tabaréo o momentoso problema. Sempre a desidia das nossas administrações, sempre a indifferença dos governos!

Se ao envez de malsinarmos o elemento nacional, dessemos-lhe o apoio, a assistencia, que se outorga ás levas immigratorias, facilitando-lhe as regalias e recursos de que goza o estrangeiro, outra seria a nossa opinião a respeito de suas aptidões para o trabalho. Porque digam o que disserem, o nosso caboclo não é uma raça inferior. Nem considerado em si, nem ante o seu similar estrangeiro.

Senão vejamos. A questão póde ser tomada sob tres pontos de vista essenciaes: territorios onde predomina o elemento estrangeiro; territorios que não soffrem ainda o influxo da immigração, e territorio onde as duas correntes se contrabalançam ou fusionam, e onde facil será aquilatar das vantagens de uma e inferioridade da outra.

Da primeira proposição, cujos modelos temos nos nucleos coloniaes do sul da Republica, não havendo termo de comparação, não insistiremos, mesmo porque, sem attender apenas ao ponto de vista meramente agricola, saltam aos olhos os inconvenientes que surgem para a nossa nacionalidade com o estabelecimento desses kystos no organismo social, interrompendo a unidade de lingua, religião, costumes, etc., e tendendo á dissolução patria — caso já muito estudado, e cujas evidentes desvantagens são por demais sabidas.

Os territorios em que impéra o elemento genuinamente nosso, vemos que constituem a maior parte do paiz, principalmente os Estados do Norte e Centro, cuja ascensão productora não desmerece dos Estados do Sul, geographicamente melhor situados, e onde é o nosso caboclo, exclusivamente, o gerador da riqueza publica.

Em Goyaz, por exemplo, onde a immigração se cifra ainda á mascatearia de syrio-arabes dos nucleos servidos pela via-ferrea, vê-se o movimento ascensorial tomados nestes ultimos tempos pela exportação, uma vez que a estrada de ferro, penetrando algumas pollegadas da região, facilitou aos naturaes os meios de fazer chegar aos centros consumidores os productos da terra. — Fosse o caboclo factor negativo do progresso, e os quadros estatisticos da producção global do paiz seriam uma sequencia de zeros relativos aos Norte.

E' nos pontos em que a população indigena principia a ser contrabalançada pelo elemento invasor, que poderemos apreciar ao justo a presumida inferioridade do nosso matuto, a sua indolencia, o seu espirito de rotina, o seu recúo, o descalabro physico e a indole perversa, destruidora das riquezas nativas da terra. Visto os effeitos, que se trate então de indagar as causas.

Nenhum ponto melhor situado que o deste recanto mineiro, cortado pela rêde sul e a óeste, ás fraldas da Mantiqueira, onde se possa observar o choque dos dous elementos. — Ao primeiro exame, surge o eterno problema das raças.

Physico equivalente ou superior, pois o clima, ideal, não céde aqui a nenhum cantão suisso como fonte de saúde. Quanto ás aptidões, é o nosso camponez inferior a seu similar europeu? Questão debatida. — Vemos que não ha raças superiores, nem raças inferiores. São as excepções do typo, mais communs nas raças puras, caucasianas, que afinal de contas não são actualmente senão estratificações de sub-raças, que estabelece a apparente desigualdade. — O que ha, como diz Le Bon, são raças adeantadas e raças cuja civilisação se acha ainda em estado embrionario, comparada com as outras. De sua fusão, perdem naturalmente os pincaros o que ganha a planicie em nivelamento. Isso deu-se naturalmente em todos os climas, em todos os paizes, onde o phenomeno tem occorrido, entre os egypcios, de gregos a romanos, desses aos gaulezes e ás antigas populações barbaras do norte da Europa; entre os arabes, na velha Persia, na remota India, sempre do choque de correntes diversas, passado o periodo chaótico do fusionamento, se novas correntes não o perturbaram, vemos o florescimento duma civilisação mais apurada e universal, que é a tendencia geral da humanidade.

Prepondera então o factor geographico. Sabido que, nos paizes de posição privilegiada, a civilisação caminhou a passos agigantados, taes, na antiguidade, o Egypto e a Grecia; na edade moderna, a Inglaterra, isso porque a navegação maritima e fluvial adeantando-se então, pela utilisação da véla, do transporte terrestre, o intercambio interno e externo podendo desenvolver-se com maior intensidade, do progresso material decorreu o seu corollario, o intellectual, que só póde mesmo florescer em nações economicamente prosperas. — No Brazil, quem quizer locomover-se do Piauhy a Matto Grosso, Estados quasi convizinhos, separados por uma nesga de Goyaz, tem que fazer marcha de mezes, sufficiente a uma a duas viagens de ida e volta á Europa. E o facto occorre no proprio territorio dum mesmo Estado.

Gira portanto o atrazo actual das nossas populações ruraes em torno deste primeiro ponto essencial: boas vias de communicação. D'ellas decorrem, dada a dispersão territorial, a instrucção, o saneamento, etc., e outras fórmas manifestadoras da cultura dum povo. — Em Goyaz, por exemplo, em que a densidade é pouco mais de 0,5 de habitante por kilometro quadrado, como fazer chegar ás choças disseminadas ás distancias as luzes emancipadoras, se as communicações se fazem ainda por vias do pharaonico carro de boi e ás costas de bestas de carga? Como impôr ao camponio o ensino obrigatorio de accôrdo com a ultima lei do Estado, se a este, a União, nem tão pouco as Camaras municipaes, offerecem os meios que lhe facilitem, sem grandes caminhadas e maiores dispendios, o accesso ás cidades, ás fazendas-modelo, ás escolas publicas villarejas ou ruraes — se é que se vae mesmo tentar a execução dessa medida de eminente necessidade? — Até meiados do seculo passado, a população analphabeta da Inglaterra era de 30 %. Hoje, se não nos tráe a memoria, á falta de qualquer trabalho de estatistica que se possa consultar nestes ermos, baixou a um ou dous por cento, quantidade infinitisimal. Isso porque quando se teve em vista a execução de leis semelhantes de ensino obrigatorio, já o problema de vias de communicação se encontrava de longa data solucionado.

O lavrador brazileiro viveu e vive, pois, completamente segregado de seu tempo e isolado no interior, baldo de recursos, com tres ou quatro seculos de atrazo de civilisação, época em que o elemento europeu aqui se introduziu. População de aventureiros a principio, as cartas régias prohibitivas depois e o regimen dos mandões de aldeia com a emancipação — não pôde acompanhar dia a dia a marcha da civilisação dessa época, ao passo que o lavrador alienigera seguia passo a passo todo o progresso das descobertas scientificas no campo dos problemas agricolas, assistido e amparado pelos governos da mãe-patria, que voltavam afinal, sem o sectarismo dos Turgots, á velha e sabia fórmula dos physiocratas. — Traz um acervo de conhecimentos agronomicos accumulados pelas gerações anteriores; o brasileiro, embora conhecendo melhor as propriedades da terra, perpetua a rotina herdada, e, ao completo abandono das classes esclarecidas, lucta no sertão com a exuberancia da terra virgem, sua principal inimiga.

O europeu aqui chegado tem a assistencia do nosso governo, passagem de bordo, hospedagem; passagens de trem, localisação, lotes de terreno demarcado, ferramentas, auxilios nos primeiros mezes de estacionamento, além da protecção consular. O nacional é elemento desprezado, não tem terras nem meios, aggrega-se aos grandes proprietarios e sujeita-se ao regimen das espoliações por necessidade actual.

O europeu que se destina á lavoura, procura os nucleos limitrophes do littoral, servidos por boas vias e de recursos faceis; o nacional vive na brenha, planta para o gasto do anno, vista a falta de transportes, o seu onus excessivo, ou a ganancia dos intermediarios nos centros consumidores.

Os intermediarios... a odysséa que soffre o producto, entre nós, da gléba-mãe ás mãos consumidoras: materia que encheria capitulos! — O europeu, assim ajunta um peculio, faz-se elle proprio intermediario — abandona a lavoura pelo balcão. — Neste districto, prospero, onde são communs fortunas de mil à mil e quinhentos contos, adquiridas no cultivo do fumo, o amanho da terra é feito exclusivamente pelo braço nacional. — Cavoucar, cavoucavamos na terra, não era preciso chegar até cá, eis a resposta, eis a norma, dos egressos da lavoura affluidos aos grandes centros, após uma curta estadia no interior. — Lei do menor esforço, tão susceptivel ou attingido mais facilmente as privilegiadas raças estrengeiras, que o villipediado nacional.

Ao choque das duas correntes, o primeiro movimento do nosso homem — que desbravou e facilita o caminho, — quasi instinctivo, é esse mesmo, de recúo; fôra como se lhe surgisse á frente um atirador armado de todos os recursos da arte bellica actual, quando se tem para oppôr-lhe apenas a pica-páo que a governança tolera. Isso não diz que a indole nacional é essencialmente esta, de recúo; méde as forças do adversario, procura conhecer-lhe os recursos e as manhas, e, se possúe meios, adopta-lhes as armas e acceita a concurrencia no mesmo pé de igualdade. Tal o phenomeno da presumida inaptidão do nosso lavrador ante o seu antagonista. Intelligencia notoriamente tão fina ou mais aguda que a do camponio europeu, não lhe falta o instincto de adaptação, mas o reconhecimento da sua humildade, a sua miseria, o seu abandono, ante os meios do adversario.

Quanto á indolencia, o nacional desconhece o luxo, o conforto e os gozos sociaes que outorgam as velhas civilisações aos que dispõem de meios pecuniarios; a differença, os preconceitos de classe, são minimos, quasi nullos, no sertão. O conforto de que goza um fazendeiro apatacado, possuidor de duzentos contos, nestas alturas, é quasi o mesmo do caipira indigente. Calca, não raro, ordenhando as suas vaccas, descalço, a lama do curral; lavra de parceria as terras, e não se distingue, em sociedade, do tabaréo; — regimen patriarchal. — O europeu traz na retina todo o espectaculo das miserias vistas e experimentadas na mãe-patria; o aspecto das dessemelhanças de classe motivadas pelas castas, pelo capitalismo; tem uma sêde mais intensa e presente de riqueza — elemento que lhe estimula as energias para um rapido accumulo de reserva monetaria, que lhe dará o bem estar sonhado. — O que o nacional perde em ambição, em instincto de conforto material, ganha em intelligencia perspicacia ao "pé-de-chumbo" e ao "carcamano", vantagem que avulta quanto á sobriedade, ao asseio pessoal, ás virtudes domesticas e religiosas, caracteristicas da raça, base da civil, manifesta — digam o que disserem — nas grandes crises nacionaes, e que seria um facto quotidiano, se a dispersão territorial, a escassez de meios de communicação, e o innominavel relegamento do governo, fundamento de desanimo e scepticismo das populações ruraes, gerador de toda a indisciplina social, não viesse perpetrando no regimen a tarefa impatriotica de relaxar o vinculo commum, embora o sentimento forte da nacionalidade.

Falta de iniciativa. O estrangeiro vive em nucleo, capitalisa e concentra a energia social das grandes empreitadas; entregue a si proprio, degenera. — As forças indigenas dispersam-se na immensidade territorial.

Não tem sido o pobre matuto, isolado e relegado na vastidão dos nossos latifundios, o formador unico dos sapezaes. Do que se póde observar, neste tracto do territorio, devemol-o exclusivamente ás grandes companhias, aos grandes proprietarios, com vista á formação de pastagens proprias á pecuaria, ás industrias de lacticinios, e ás plantações de café. — Quem viaja na linha centro, da Barra do Pirahy a Bello Horizonte, vê o estrago motivado pelas taes *Companhias Pastoris;* de Campinas, Casa Branca, na Mogyana, ao Jaguará, das velhas riquezas florestaes póde-se notar o que ficou, ás mãos dos endinheirados plantadores da rubiacea. — Responsabilidade, só quando existir entre nós o salutar regimen communario, a equitativa repartição de terras, tal como se procedeu nos adeantadissimos povos scandinavos.

O nosso pequeno lavrador, invariavelmente, não possúe terras; aluga o braço, faz-se jornaleiro, ou, quando muito, torna-se arrendatario nestas alturas. Interessante, o systema de arrendamento neste districto — Queixas vans, clamores que o vento leva e que ficam sepultados nas régas dos arrozaes da varzea, nos aterros de milho, na semeadura, muda, apanha de "baixeiros", desôlhamento e colheita do fumo das encostas, e que se traduzem, ao fim, em trinta por cento do producto liquido para os proprietarios, fóra o arado, que alugam, e a lenha toda apurada — se o arrendamento se fez em terreno florestal, circumstancia aliás que se vae tornando rara em taes paragens. E isto, por muito favor; porque, por gosto dos proprietarios, só teriamos aqui pastagens de "gordura" para a creação do gado. Embora sabias medidas restrictivas do governo mineiro, é opinião firmada entre elles que os alqueires de terra que arrendam aos pequenos agricultores para a lavoura de cereaes, e os capões de matto que a contra gosto ainda conservam, dariam melhor resultado, se os empregassem nas referidas pastagens de catingueiro, que dispensam cuidados e arado, — á vista dos grandes preços alcançados ultimamente no mercado pelos bovinos. — A febre aphtosa, porém, veio mostrar-lhes ainda ha pouco o perigo destas culturas unicas.

Como exigir, emfim, do nosso matuto, conhecimentos scientificos sobre o mal originado para a collectividade da derrubada das mattas, se os grandes senhores — classe abastada, formadora da burguezia nas cidades — os desconhecem? Se o Estado lhe é completamente desconhecido, e a idéa da nacionalidade mais sentimento atavico, que os laços do sangue, lingua, religião e costumes — abalados nestes ultimos tempos pelas correntes immigratorias — apenas sustêm?

Terminando, para não mais fastidiosos, somos dos que mantêm ainda um ponto de vista particular, philosophico, mais humano, todo especial, paradoxal mesmo — e heresia no ramo da sciencia economica — de accôrdo com o qual a immigração, tal como existe no Brasil, só males, calamidades, presentes e futuras, podem trazer para a felicidade collectiva. Mas fica para outro local.

Estrada velha do Capivary (Itanhandú - Minas), 3 de Fevereiro de 1919.

Hugo de Carvalho Ramos.

Cora Coralina

E' o pseudonymo de uma escriptora brilhante que, com o maior contentamento *A Informação Goyana* registra aqui entre seus collaboradores a partir do presente numero. Seus trabalhos como *Ipé florido,* evocam sempre paysagens ou cousas da longinqua terra que ella deixou na mocidade.

Os acontecimentos de S. Jose' do Duro

Escreve-nos o Sr. Desembargador Alves de Castro, Presidente de Goyaz:

"Diante das accusações feitas ao Governo de Goyaz pelos lamentaveis acontecimentos de S. José do Duro, cumpro o dever de declarar ás pessoas, que me não conhecem, o seguinte:

Agi, como Governo, na defesa da lei e das autoridades constituidas, quando commissionei o Dr. Celso Calmon para syndicar da responsabilidade dos que, no dia 16 de Maio do anno passado, além de outros desmandos, invadiram a casa das audiencias, prendendo o Juiz e o escrivão, e obrigando áquelle a concluir um inventario sem as formalidades legaes.

O Dr. Celso Calmon foi o terceiro juiz convidado para essa commissão, tendo os dous primeiros se recusado a aceital-a.

A esse juiz foram entregues não só a representação feita pelas autoridades desacatadas, como tambem duas cartas, sendo uma do Coronel Casimiro Costa, parente de Abilio Wolney, narrando os acontecimentos de modo differente, e outra recebida de S. Maria de Tayuatinga pelo Deputado Baptista de Almeida, que tambem explicava, contestando alguns dos factos que, se dizia, occorreram no Duro.

Declarei ao Sr. Calmon, em Palacio, por occasião de lhe ser entregue o decreto de sua nomeação, e em presença de testemunhas, que lesse com muita attenção todos os papeis para bem se orientar, visto como a sua missão era exclusivamente de justiça.

A força que acompanhou o Dr. Calmon foi composta de um contingente, que dias antes, fôra organizado para fiscalização das rendas em diversos pontos do norte, e concentrado, devido aquelles factos, na cidade de Arrayas para seguir o seu destino depois de terminada a commissão do juiz.

Si o Dr. Celso Calmon exorbitou de suas attribuições e se a força policial praticou crimes, garanto que serão severamente punidos em processo regular.

Não protejo a criminosos, sejam quaes forem as suas ligações com os chefes politicos e sejam quaes forem os cargos que occuparem.

Assim tenho procedido sempre durante a minha administração.

E o Presidente do Estado em exercicio, segundo estou informado, já ordenou, com urgencia, energicas providencias a respeito.

Pelo meu temperamento, pela minha indole, pelo meu caracter e por educação, sempre fui contrario ás violencias e ao desrespeito dos direitos de quem quer que seja.

A melhor prova que posso apresentar deste meu modo de proceder está justamente no meu longo passado, cheio de serviços publicos, e no facto de ser insistentemente chamado a administrar o Estado por aquelles mesmos que, em 1909, organizaram uma revolução contra o Governo de que eu fazia parte e em virtude da qual fui obrigado a retirar-me de Goyaz.

E com relação á familia Wolney, que se acha envolvida nesses acontecimentos, devo ainda declarar que para com ella tive sempre gestos de verdadeira amizade e grande apreço, tendo me incumbido, de 1907 a 1913, da educação de uma filha do Coronel Abilio Wolney, aliás minha afilhada, e tendo acolhido em minha casa, onde morou por algum tempo, a pedido de seu pae, Coronel Cavalcante Wolney, mesmo depois de me haver retirado do Estado, o joven Wolnezinho, que se affirma haver tambem sido morto.

Destes factos são testemunhas toda a população de Goyaz e todos os que frequentavam a minha casa nesta Capital.

Ainda o anno passado, antes de Maio, recebi carta amistosa do Coronel Wolney, della sendo portador o Coronel Casemiro Costa.

Não só aquelle, como o seu filho Abilio, mandaram adhesão ao Partido Democrata, adhesão que, para ser acceita, ficou dependendo de um entendimento com os politicos do Duro, disso se incumbindo o mesmo Coronel Casemiro Costa, que partio da Capital no dia 8 de Maio.

O Coronel Casemiro Costa em carta a que me referi e que tambem foi entregue ao Dr. Calmon, fez ver que havia chegado tarde e que o accôrdo se tornara impossivel em virtude de um attrito com o Juiz Almeida, attrito que, no seu entender, não tinha a importancia que se lhe emprestava.

O meu Governo sempre foi o Governo de lei e da justiça.

Estes precedentes, todos intimos, porém, e que fui forçado a narrar para boa elucidação da verdade, não podiam servir para evitar providencias com relação ao desacato soffrido pelas autoridades, salvo se quizesse trahir a missão de administrador, que me foi confiada.

Só um espirito perfido será capaz de acreditar que possa haver connivencia do meu Governo com os lamentaveis acontecimentos do Duro, muitos dos quaes, é preciso que se diga, não chegaram ao conhecimento do Presidente do Estado em exercicio, por estar convulsionada a região comprehendida entre Duro e Barreiros, ponto servido pelo telegrapho.

A verdade, porém, ha de apparecer e as responsabilidades hão de ser definidas e apuradas.

Para o meu Governo é esta uma questão de honra".

Glotologia indigena

Niteroi, 25 de Janeiro de 1919.

Meu caro colega e amigo Henrique Silva.

Saudações.

Começo por corrijir os erros escapados no meu primeiro artigo.

Pag. 82, col. 2, l. 10, em vez de *Mo*, é — *Moó;* na l. 12, em vez de Mo=Coó, é Po=Poó; na l. 15, em vez de — Coi é Psi; na l. 28, entre mangarázal, e casqueiro, faltou—*Sapetyba*, sapezal; *Scrambilyba;* na l. 31, em vez de *Coro* é *Poro*. Estes erros deturpam completamente o escrito.

Continuando na tão proveitosa leitura do livrinho do nosso inolvidavel Taunay, leio á mesma pag. 17, nota 6, a definição do nome do rio *Piquiry*, que ele dá *picá*, pomba; (*r*) *hy*, agua. *Picá*, não é coiza nenhuma, não eziste na lingua. Pomba em geral, é *Pykui* (de *Py*, pé e *kuí*, delicado), de onde as div. var. *Pykuíaçú*, *Pykuiró*. *Pykuipararé*, etc., e *Pykuírokái*, viveiro de pombas, *Pykuíaçúrokái*, neolog. — Pombal, etc. O nome de Andorinha — *Mbyqui*, tem compoz. muito similhante.

O nome do rio vem de *Piky*, de *Pi*. *r*[a]. *ri*. rad. *Pir*, pele, etc. e *Ky. ra. rí*, maciu, mole, tenro etc. etc.; é um peixinho d'agua doce, menor do que o lambarí, de pele e carne muito alva, saboroza, especial para fazer cuzcúz e paçóca, e de *Y. ga. gi.* rad. *Yg*, liquido, nas suas div. acepções, rio, arroio etc. Rio dos píquiras. Devo notar de passagem que o sub. *Y* entra na compozição de muitos nomes de rios, dedicados a animais, e até a plantas, etc., como *Jakúy*, rio dos jaús; *Jakaréy*, rio dos jacarés; *Surubiy*, rio dos surubís; *Parágudy*, rio dos papagaios (*Páráguá*); *Jabebiry*, rios das arraias; *Terairy*, rio das tarairas; *Uruguáy*, rio dos uruguás; *Akaray*, rio dos acarás, etc.; *Ytáy*, rio das pedras; *Amambaiy*, rio das samambaias, etc.

Na mesma obrinha, p. 20, nota 1, vem a definição de *Capão*, de mato. Não é *caa-poam*. Começa porque *Kaá*, é amplificação de *Ka*, mato, nas suas div. acepções, e o selvicola só emprega as amplificações em cazos muito especiais. O segundo componente não é *poam=Puã. ma. mi*, porque então seria mato levantado; é *Pau* (*m*), solução de uma continuidade; de onde *Nhumbaum*, solução de continuidade no campo (*Nhum*). *Ypaum*, solução de continuidade na aguá (*Y*), ilha, etc. O primeiro é que é o verdadeiro *Capão*, porque *Kapaum*, é um campestre no meio do mato; mas por um que se perpetuou, como outros, ficou sendo o *Kapaum*, o vulgar *Capão*, isto é — ilha de mato (*Ka*) no campo (*Nhum*).

Abraça-te o colega e amigo

JORGE MAIA.

Fazendo engenharia...

O Dr. Pires do Rio é engenheiro de boa linhagem, tem grande aptidão scientifica, ambição grande, e vem de tempos a esta parte fazendo engenharia pelos jornaes e na tribuna das conferencias...

Correu mundo, de dócas em dócas, tudo viu nos paizes civilizados, — mas o interior do nosso paiz lhe é estranho, muito estranho.

Infere-se isto d'um seu artigo publicado outro dia no *Jornal do Commercio,* — uma quixotesca investida contra a Estrada de Ferro do Tocantins.

Quanto á parte financeira, custo e custeio da Estrada de Ferro do Tocantins, o illustre Dr. Luiz Soares Horta Barboza já teve occasião, no Pará, de confundir, com factos e algarismos os detractores gratuitos de uma das mais futurosas vias-ferreas em construcção no Brasil. A nós, aqui nestas columnas, consoante ao nosso programma inicial, resta-nos apenas refutar certos conceitos injustos, capciosos, externados pelo joven engenheiro ignorante da geographia do *hinterland* brasileiro.

Chegou até a descobrir uma serra que não existe em Goyaz — a de S. Patricio!

Facil nos será demonstrar que de duas uma: ou o Sr. Pires do Rio ignora soffrivelmente as possibilidades economicas do Brasil Central, — ou andou de má fé no seu artigo em questão. Esta ultima hypothese nos parece mais aceitavel. E na verdade não foi sinão uma requintada má fé que lhe deitou este periodo que se lê no seu malsinado artigo:

.... "é muito incerto que a exploração dessa estrada de ferro venha ter em futuro proximo um caracter industrial que alivie o Thesouro da Republica ao sacrificio que lhe custa e tende a crescer."

Mais adiante diz elle:

"Na realidade, são modestas as possibilidades economicas *actuaes* das margens do Araguaya e Tocantins. São terras proprias para a cultura dos cereaes tropicaes, que não encontram abundante consumo nos mercados europeus, onde se preferem o trigo, o centeio, a aveia; são terras situadas em zona quente, onde o europeu se adapta com difficuldade, terras em que o impaludismo é endemico, constituindo, assim, um obstaculo tremendo ao seu povoamento rapido, condição entretanto, essencial ao seu desenvolvimento economico, garantia da prosperidade de uma estrada de ferro."

Ignorará porventura o Inspector Federal das Estradas de Ferro que os mercados europeus preferem actualmente as carnes congeladas e outros artigos da pecuaria brasileira ao trigo, centeio e aveia que aliás encontram as suas portas por preços inferiores aos que lhe chegariam semelhantes artigos procedentes da America do Sul? Ignorará, ainda, o Sr. Pires, que os cereaes tropicaes encontram actualmente e ainda encontrarão por muito tempo abundante consumo nos mercados europeus?

Por outro lado, não lhe era licito ignorar a procura que vai tendo na Europa productos tropicaes como assucar, feijão, oleos vegetaes, plantas taniferas, tinturarias, medicinaes, officinaes e outros tão abundantes e ainda inexplorados na vasta região mesopotamica do Tocantins-Araguaya.

E os mineraes de que é tão prodigiosamente rica a região norte de Goyaz?

Basta apenas a exploração mesmo rotineira, como até aqui, da industria pastoril goyana, para garantia da prosperidade da Estrada de Ferro do Tocantins—tanto mais quanto se sabe que uma poderosa Companhia estrangeira de carnes congeladas, a "Companhia Armour do Brasil", acaba de adquirir, ás magens do Araguaya, vasta extensão de campos nativos destinados á fundação ali, de um grande frigorifico moderno, cujos productos industriaes têm naturalmente que sahir pela Estrada de Ferro do Tocantins para Belém do Pará, rumo á Norte-America ou ao Velho Mundo.

Já o malogrado engenheiro de vasto descortinio que foi André Rebouças dizia que os campos forraginosos de Goyaz excellem como os mais productivos do Brasil Central, — e que sob o ponto de vista pastoril o grande Estado é para o nosso paiz o que o Périgord é para a França.

E accrescentava que se não devia esquecer que a região goyana banhada pelo Tocantins-Araguaya é de todo o Brasil a mais rica em plantas taniferas para o cortume de couros de gado vaccum, pelles de onça, veados, etc.; e que esta industria é ali favorecida pela abundancia das *Leguminosas,* das *Rubiaceas,* das *Apocinaceas,* etc., da inexgotavel flora brasileira.

Concluia que, como a California, os Estados auriferos de Goyaz e Matto Grosso têm um futuro assegurado pela agricultura e pela industria, e que em nenhuma outra parte do Brasil se encontram terrenos mais ferteis para a borracha, para o cacáo, para a baunilha, para o tabaco, para o café, para o assucar e para todos os productos tropicaes.

No respeitante aos productos dos climas temperados ou frios, o Sr. Pires do Rio não deve ignorar que nos proprios valles do Araguaya e Alto-Tocantins, em Goyaz foram cultivados com o melhor successo o trigo, a vinha e outros productos ditos europeus. Nos tempos coloniaes estes productos eram exportados para o littoral e tambem para o estrangeiro, descendo ao Pará em canôas.

Dos minerios hoje mais procurados nos Estados Unidos, occupam o primeiro lugar, a mica ou malacacheta, o amyantho e o manganez, productos estes de que a zona do grande Estado central que vai ser beneficiada pela Tocantins possue jazidas inexhauriveis.

Longe iriamos se quizessemos enumerar os productos do sólo goyano, que em mui proximo futuro farão a fortuna dos accionistas da Estrada de Ferro do Tocantins — destinada a servir não só o Estado de Goyaz como tambem partes dos de Matto Grosso, Piauhy, Maranhão e Pará.

O Araguaya é francamente navegavel n'uma extensão de 1.040 kilometros, e o seu grande affluente Rio das Mortes n'uma secção de cerca de 500 kilometros; a navegação do Alto Tocantins é feita numa extensão de 1.218 kilometros, desde a cidade de Palma até a foz do Araguaya.

O Araguaya recebe o contingente de 16 rios navegaveis, e o Tocantins recebe no seu curso de 370 leguas *40 grossos feudatarios,* todos navegaveis!

Estes caudalosos rios banham uma grande parte do planalto de Goyaz, cuja temperatura maxima absoluta é de 32°; a mniima 0°,1; a média 21° centigrados, algarismos estes que vêm no relatorio da Commissão Cruls, que pela primeira vez estudou, scientificamente, as condições climatericas do *hinter-land.*

Insinúa o Sr. Pires que excepção das estradas de ferro paulistas, as outras estradas de ferro brasileiras vivem n'um permanente regimen de *defficits.*

Um momento de estudo, isento de paixão, era bastante para o Sr. Pires incluir naquella excepção a primeira e unica via-ferrea que ainda trafegou *as terras desertas e quentes de Goyaz,* — a que vai de Araguary a Roncador.

O historico que o Sr. Pires pretendeu fazer da Companhia Estrada de Ferro do Tocantins, não passa de uma novella mal contada. Começa dizendo, inveridicamente, que a concessão daquella empreza foi feita ao marechal Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, em 1890.

Insinúa ainda que o projecto da Estrada de Ferro do Tocantins "foi organizado á vista de uma Carta da Republica, onde traçaram a linha ferrea sem cuidar do seu custo e nem do seu custeio, depois de prompta a trafegar, sem passageiros, sem cargas nos desertos immensos do interior do paiz."

Nada mais injusto, por isso que a zona por onde deviam correr os trilhos da estrada de ferro, então projectada, já era assás conhecida. O conhecimento do Araguaya-To-

cantins data dos tempos dos mais remotos descobrimentos na região central do Brasil, como bem disse Taunay.

Sinão, vejamos: em 1772 descera por elles procedente de Goyaz, um carregamento de generos de permuta a Belém do Pará; em 1791 desceram o Araguaya, com destino a trocar na praça do Pará alguns milhares de couros e muitas arrobas de crystal de rocha; em 1806 nove grandes canôas ou botes levaram Araguaya abaixo, com destino a Belém, um carregamento de 1.640 arrobas em assucar, couros, algodão, quina, fumo e varios outros generos; em Março de 1875 uma esquadrilha de canôas descia o Araguaya levando para o mesmo destino acima 28 animaes muares, 400 couros de bois e 650 arrobas de crystal de rocha. Sob o ponto de vista scientifico, muito antes de 1890, a zona marginal do Araguaya-Tocantins já estava sufficientemente explorada, era bastante conhecida em detalhes, como é facil verificar dos trabalhos de Castelnau e dos engenheiros Antonio Florencio Pereira Lago, Benjamin Francklim e Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, para não citar nomes de mais outros exploradores scientificos.

Sob o ponto de vista do intercambio — goyano-paraense voltaremos nestas mesmas columnas — para confundir de vez a ignorancia audaciosa do engenheiro de Ouro Preto, Minas Geraes.

HENRIQUE SILVA.

Uma grande raça bovina de Goyaz

COMO A JULGA O MAIS COMPETENTE ZOOTECHNISTA BRASILEIRO

Do eminente sabio Dr. L. Pereira Barreto, nosso director recebeu a seguinte carta:

"S. Paulo, 6-2-1919.

Presado Sr. Henrique Silva

Agradeço sem duvida no supremo grau a sua gentileza, offerecendo-me a bella e esbelta vacca Franqueira, cuja photographia na *Informação Goyana* foi para nós todos aqui uma proveitosa revelação. Mas, é tal a minha admiração pela incomparavel raça Franqueira e tal a minha ancia por ver o Governo de S. Paulo na plena posse de um bom rebanho de novilhos e novilhas desta raça, que não posso deixar de supplicar-vos para attender em primeiro logar ao pedido de informações, que nos fez o meu amigo Mario Maldonado, zeloso Director da Industria Pastoril do Estado, e deixar a minha pessoa bem longe no segundo plano. Não póde ser maior o serviço que prestou a *Informação Goyana* dando-nos a conhecer a possibilidade de reconstituirmos a raça Franqueira, já totalmente extinta em São Paulo. Não concebo maior crime do que esse de deixar desapparecer uma raça bovina talhada pela natureza para constituir a mais grata e fecunda fonte de riqueza do nosso paiz.

São inestimaveis os vossos serviços indicando-nos os lugares e as pessoas de Goyaz, que podem melhor servir-nos pondo ao alcance do Governo e dos criadores paulistas os mais authenticos typos da raça Franqueira.

Ao mesmo tempo são tão interessantes as suas concepções sobre o mecanismo da formação das nossas raças nacionaes que não posso egualmente deixar de supplicarvos para voltar ao assumpto, dando-nos mais amplos detalhes. Rejubilando-me deveras ao ver a questão collocada no pé em que se acha, graças á *Informação Goyana*.

Amº. aff.
L. P. BARRETTO

Distribuição geographica do gado vaccum no Brasil

O historico do nosso gado vaccum póde se resumir em mui poucas palavras: a sua introducção nas terras de Santa Cruz — uma dadiva preciosissima de D. Anna Pimentel, consorte de Martins Affonso, donatario da Capitania de S. Vicente; a sua distribuição geographica — uma das obras meritorias do expansionismo paulista, e, finalmente, a formação das suas variedades nacionaes — uma das maravilhas da natureza do Brasil Central.

Não fossem a caturrice e o casmurrismo feroz e obstinado de alguns ensaistas das nossas causas historicas e nem valia a pena voltarmo a contestar as asseverações de Gandavo, Gabriel Soares e Varnhagen de que os primeiros bovinos, cavallares, suinos e outras especies pecuarias que aportaram ao Brasil foram as introduzidas na Bahia em 1550, e procediam directamente de Cabo Verde. Ou seja por isso mesmo, vale bem a pena reproduzir de um trabalho nosso já publicado esta passagem:

"Ha um *Codice Mass* do Instituto Historico e Geogrpahico que diz textualmente: "As cannas de assucar e o gado foram levados para S. Vicente, quando D. Anna Pimentel, consorte do Donatario e procurador delle ausente na India, fez passar povoadores para a sua Capitania, 1534."

Não bastava que Simão de Vasconcellos dissesse em sua *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* que a Villa de S. Vicente foi a primeira de onde as demais Capitanias se aprovisionaram de vaccas para criação, e a mesma cousa escrevesse nas suas *Memorias* da antiga Capitania o chronista Frei Gaspar da Madre de Deus. Do numero e qualidade do gado vaccum de S. Paulo no Brasil colonial escrevia Rocha Pitta: "Em algumas partes do paiz de S. Paulo ha gado vaccum de tal qualidade, que, deixando de nascer a erva abundante que produz aquelle terreno, se sustenta só da terra, a qual tem tal sympathia ou propriedade para engordar, e lhe fazer gostosa a carne (o que hoje chamamos *barreiros*, terrenos salinos, salitrosos) que entre todas as deste genero, por aquella região, é a mais saborosa, é appetecida e as rezes tamanhas quaes não igualam outras na grandeza e peso, em prova de que a terra, de que se mantêm, as nutrem com vantagem as mais que se criam com o pasto commum a todos os animaes, dos quaes vem a ficar differentes na singularidade do alimento."

Com identico calor falla do gado grosso de S. Paulo, Luiz dos Santos Vilhena na sua *Recapitulação de Noticias Seteropolitanas e Brasileiras,* precioso manuscripto que pertenceu ao Dr. José Carlos Rodrigues e é hoje da Bibliotheca Nacional. Poder-se-ia mostrar como a expansão das raças pecuarias que primeiro se espalharam pelo nosso paiz a dentro, está intimamente ligada á historia do descobrimento e povoamento do seu vasto territorio pelos bandeirantes paulistas—primeiro pelos vicentinos, depois pelos piratininganos. Assim se justifica que o passado do nosso paiz o dizer de Cornevin de que o boi, como auxiliar do homem, o acompanhou sempre no seu progresso por toda a parte.

Quem ignora que foram os bandeirantes que deslocaram o eixo da primitiva população colonial, até então adscripticia ao littoral, determinando a sua expansão por todo o interior? Que a vida da nossa nacionalidade se expandiria por intermedio da Bahia e seu reconcavo, através e pelo valle do Rio S. Francisco, é causa que se deve ter em conta de novella mal contada.

Nem mesmo sob o ponto de vista da industria pastoril os decantados "curraes" das margens do S. Francisco precederam, como base fundamental, os campos armentosos de S. Paulo, de onde unicamente se fez por todo o paiz, margens do S. Francisco inclusive, a distribuição geographica.

Os nossos historiadores modernos dão ainda demasiada importancia, pelo que sabem do mentiroso Antonil, ao nucleo pastoril das margens do S. Francisco — dizendo em relação a esse espaço territorial — "a zona da criação do gado". Foi...

Outra heresia consequente do habito de entre nós se escrever a historia entre as quatro paredes de um gabinete, é esta de se dizer que os Paulistas depois do grande cyclo que os celebrizara, se transmudaram em estancieiros. Disparate! pois elles já o eram, na accepção do vocabulo, antes de sahir da Capitania de S. Vicente — por esse tempo já provida de todas as especies pecuarias, de bovideos particularmente.

Onde quer que chegassem, nas suas *entradas*, depois de desbravarem o terreno, assentavam tendas, erigiam moradias, cultivavam a terra deitavam criações. As bandeiras, quando avançavam, iam deixando atraz suas roças, suas plantações.

Não têm outra origem as mais antigas e ainda até hoje mais importantes fazendas de criação e lavoura por todo esse interior do Brasil. A vida apparentemente nomade que levavam os *Mamelucos*, como dos Paulistas diziam os *Emboabas*, gentes de fóra, não era motivo para que aquelles não fossem dedicados á industria pastoril. Os Scythas, que eram um povo nomade por excellencia, foram grandes pastores, por signal que pastoreavam um rebanho de bovinos sem chifres, rebanho este referido por Herodoto e Hippocrates e ao qual se devem filiar as raças mochas ainda hoje existentes, inclusive a do Brasil, pois os mochos dos Scythas se espalharam da Asia atravez da Europa oriental, ao Egypto dos Pharáos, e segundo alguns autores, até ao Me

xico (*Meo-Scythi*, nome antigo deste paiz). Vêr Daniel Monfallet — *Races Bovines*.

E não será esta mesma a origem até hoje indeterminada do gado mocho que appareceu simultaneamente nos campos de Amaro Leite, em Goyaz, no Paraguay e no Chile, em fins do seculo XVII?

Já por aqui o leitor poderá ir se inteirando da subida importancia que acima attribuimos ao estudo historico da distribuição geographica do gado vaccum no Brasil.

Os primeiros bovinos introduzidos em Goyaz procediam de S. Paulo; tiveram a mesma procedencia os que povoaram os campos de Matto Grosso, os que primeiramente habitaram as campanhas sul-rio-grandenses até á Colonia do Sacramento, foram tambem levados pelos vicentinos, assim chamados os filhos da Capitania de S. Vicente. Foi na colonia do Sacramento, então pertencente ao nosso paiz, que se fabricou, da carne de gado brasileiro, o primeiro *xarque* que se comeu nestas partes da America.

Da carne secca, preparada por outro processo, é que os bandeirantes fazia a sua providencial alimentação — a *passôca*, sem a qual talvez não tivessem afastado a linha de Tordesillas até ás proximidades dos Andes.

Domingos Affonso Mafreuse, cognominado *Sertão*, alcança com a sua bandeira as latitudes de Pastos Bons no Piauhy, e nelles lança os fundamentos das actuaes fazendas nacionaes. Domingos Jorge, outro bandeirante paulista, descobre os altos sertões da Parahyba e ahi se deixa ficar com fazendas de criação bovina.

Todos os Estados do Sul, assim como os do Norte, nas suas zonas superiores chamadas do agreste, foram povoados de rezes descendentes das que fizera passar de Portugal para a Capitania de Martim Affonso, a sua consorte D. Anna Pimentel — que bem merecia em Santos, de preferencia á de Bras Cubas, a sua estatua. Foi ella quem, ali bem perto do monumento do Ypiranga, commemorativo da nossa independencia politica, abriu as portas do Brasil ao maior factor da sua independencia economica.

Historicamente S. Paulo foi o berço, e os bandeirantes os primeiros pastoreadores dos rebanhos do Brasil.

HENRIQUE SILVA.

IPÊ FLORIDO

Altaneiro e flammivono, erecto e magestoso, alteia na [c]ampina verde e distante, embellezando a paysagem deserta [c]om o seu fulgor de ouro novo o Ipê Florido.

Vejo-te de longe, Ipê Florido, nos dias de sonho e reve[j]o-te inda hoje nas horas de realidade e és o mesmo para [m]im, porque minha alma não envelhece, tecendo sempre a [t]eia encantada da illusão...

A campina toda um liquor de esmeraldas, mordida pela [v]olupia quente do sol e o ipê altaneiro e magestoso todo florido em jalde, nimbado d'ouro explende, irradia, tremúla e [sc]intilla nas cambiantes vivas da côr.

Passaros de plumagem rica e gorgeio estranho poisam [n]os seus galhos, borboletas de grandes azas irisadas recorta[da]s em seda, osculam suas flôres, abelhas fulvas sugam-lhe [o] mel, o perfume e o doce pollem dourado, besouros zumbem [c]uriosos, colibris de bicos lanceolados sondam o calice das [fl]ores olorosas e o Ipê glorioso e florido vibra de sons, de [ve]nto e de côr na luz forte e ardente do sol e o vento do de[se]rto que passa vae palhetando de ouro o corpo verde, todo [ve]rde da campina deserta...

* * *

Frio, frio e inverno os passaros tiritam nas suas pennas, [as] borboletas de seda já não voam e o Ipê altaneiro, florido, [a]o rigor estuante do verão, ostenta inda sua côma jalde de [ou]ro velho.

E a geada passou tres noites seguidas e a arvore tropi[cal] congelado o sereno nas folhas e nas flôres crestou, mur[ch]ou, feneceu...

Amargurado, feio e decrepito, tem sua belleza morta e [ag]ora o seu perpetuo sonho de ouro já passado e extincto.

O sol ardente de Agosto requeimou a terra denegrida [pela] geada numa adustão caustica em que a propria natureza [fi]nquesce.

Rolos sombrios de fumo sobem pelos horizontes e o ven[to] passa com um halito de febre; é o sol, é o fogo, é a morte, é a devastação, a obra maldicta do homem sobre a obra redemptora de Deus.

E o fogo estala, sibila, lateja, passa de rojo, lambe a campina, sóbe do tronco ás frondes, apaga, reaccende, chammejante e rubro...

E o Ipê desnudo e denegrido, revestido de crêpe, talado, rigido, espectral, sem folhas e sem flôres, sem azas e sem bellezas, estende os braços negros e queimados na campina negra requeimada e morta.

* * *

Outubro! Primavera!

A' primeira chuva fecundante que activa a seiva e propicia os germens latentes de vida o Ipê se abotoou de pequeninos pontos de esmeralda, que se abriram e se multiplicaram em centenares de cachos fulvos e redourados no excesso da vegetação.

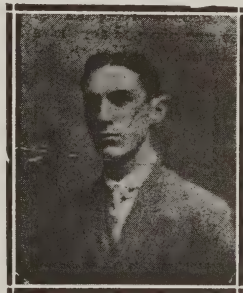
A PRODUCÇÃO DO MILHO NO BRASIL

O Sr. Dr. Bulhões de Carvalho, por solicitações do Sr. Dr. Miguel Calmon, digno Vice-Presidente da benemerita Sociedade Nacional de Agricultura, organizou e acaba de dar á publicidade a "Estimativa da Producção do Milho no Brazil (Safra de 1916-17).

Este trabalho commemorativo da 4ª Exposição Nacional de Milho, realizada no Rio de Janeiro, de 14 a 25 de Agosto de 1918, não precisava que nós o recommendassemos aos nossos leitores, pois, que o proprio titulo indica que se trata de estatistica, e uma estatistica n'um paiz como este representa mais do que pensam aquelles que isto de estatistica julgam ser bobagem...

Do nosso ponto de vista, que não é simplesmente regionalista, como tambem pensam por ahi, exultamos com a publicação da obra referida de cunho official, porque ella veio collocar Goyaz no 5.° lugar entre os Estados da União como productor de milho no Brazil.

Goyaz possue 47 municipios e destes apenas o Sr. Dr. Bulhões de Carvalho poude obter informações de 29 delles, e estas informações foram bastante precisas para que o ignorado Estado de Goyaz occupasse um logar de tamanha relevancia entre os seus co-irmãos, que se consideram com a capacidade de producção agricola no paiz.

Não nos desmerece confessar que um dia tratámos a rudes golpes a Directoria Geral de Estatistica pela falha que se notava em seus trabalhos — porém nesses artigos de combate, que foram varios, nós não deixámos de calçar as luvas em se tratando do digno chefe da repartição acima alludida, registrando este conceito que em relação a S. Ex. inscrevemos: "The right man in the right place".

Mario Vaz — o nosso querido collaborador que, por uma subida gentileza, acaba de acceitar desinteressadamente a representação da nossa Revista em todo o Estado de Goyaz. Da sua intelligente actividade bem como do seu patriotismo, "A Informação", que muito já lhe deve, muito espera ainda.

Limites entre Goyaz e Matto-Grosso

A TOSQUIA DE UM CAMELO

Philogenio Corrêa é professor primario ou cousa que o valha, em Cuiabá. Este mestre-escola acaba de publicar, auctorizado pelo governo matto-grossense, um opusculo de 21 paginas intitulado "Limites de Goyaz com Matto Grosso", uma lenga-lenga em que pretendeu refutar os irrespondiveis artigos do nosso illustre collaborador Contra-Almirante José Carlos de Carvalho.

Começa por fazer barretadas ao capitão de Fragata e Engenheiro Naval Thiers Fleming, que lhe offerecera um exemplar dos ineffaveis "Limites interestaduaes", e insinua immediatamente "que o Estado de Goyaz não exerce nem jamais exerceu dominio sobre um palmo sequer das terras á margem esquerda do Araguaya".

Será possivel que o alarve ignore o valioso depoimento do capitão-mór de Conquista, João de Godoy Pinto da Silveira, estampado no tomo VII (1845) da *Revista do Instituto Historico?*

Neste documento, datado do anno 1761 lê-se que as autoridades goyanas "exerceram sempre actos da sua jurisdição pelo sertão além do Araguaya", e bem assim que as terras da margem esquerda delle até o rio das Mortes, se achavam sujeitos á freguezia do arraial da Anta, da Capitania de Goyaz cujos vigarios faziam a desobriga dos povoadores além do Araguaya, e bandeirantes estabelecidos em Araés, á margem do rio das Mortes.

O descobrimento de Araés deve-se a uma expedição organizada pelo governador de Goyaz, D. Luiz de Mascarenhas, expedição essa commandada pelo Coronel Amaro Leite, em 1739. Depois da morte deste bandeirante, que deixou o seu nome ligado a este lugar foi que em 1769 o capitão-general de Matto Grosso, Luiz Pinto, delle se apossou, dando-lhe a denominação de Santo Antonio do Amarante.

A proposito do que asseveramos, queira o Philogenio lêr *Memori[illegible]bre o descobrimento, governo, população e cousas m[illegible]aveis da Capitania de Goyaz*, pelo padre Luiz Antonio [illegible]lva e Souza, e tambem *Apontamentos para o Dicciona[illegible] Chorographico da provincia de Matto-Grosso*, pelo Bar[illegible] de Melgaço.

Ap[illegible]da e volte, se quizer...

All[illegible]a o auctor dos "Limites de Matto-Grosso e Goyaz", que D. Marcos de Noronha no seu officio de 12 de Janeiro de 175[illegible] "informava ao Conselho Ultramarino que entre as sédes das duas Capitanias, Goyaz e Cuiabá, no meio do caminho, pouco mais ou menos, passava um rio chamado rio das Mortes; que corre de S para N... etc.; e mais, "que esse rio foi lembrado só e exclusivamente pela supposição de achar-se elle *"no meio do caminho"*, e ter a sua corrente exactamente de S. para N."

D'ahi esta conclusão phenomenal: "Burlado, pois, na pureza dos seus intuitos em relação á equidistancia do rio das Mortes, era logico que não podiam prevalecer tambem as outras linhas propostas por D. Marcos, da cabeceira do rio das Martes para o *S* (Taquari, Coxim, Camapuam e Pardo até o Paraná)."

E' que Philogenio ignora, como muitos saberêtes por ahi, que no tempo da administração de D. Marcos de Noronha o caminho que conduzia de Goyaz para Cuiabá atravessava o rio das Mortes nas proximidades do extincto povoado de Araés, onde, de facto, corre de *S* para *N*, o citado rio (vide *Carta ou plano geographico da Capitania de Goyaz, tirada do centro da America Meridional pertencente ao Reino de Portugal, que a mandou construir o Illmo. e Exmo. Sr. José de Almeida de Vasconcellos Sobral e Carvalho, Capitão General da dita Capitania, por Thomaz de Souza, Sargento-Mór do Regimento de Cavallaria Auxiliar da mesma Capitania*). Existe na Bibliotheca Nacional e no Estado-Maior do Exercito cópias e aquarella deste precioso documento graphico.

Escreve Philogenio que "quanto á citação de documentos cartographicos favoraveis a Goyaz deixava o seu exame ao criterio inteiro do leitor, pois que até Pimenta Bueno e o Barão de Melgaço, cujas opiniões já tornámos conhecidas, são apontadas favoraveis a Goyaz como collaboradores e organizadores de plantas."

Ora, as referencias que o illustrado Almirante fez a documentos cartographicos favoraveis a Goyaz, com a collaboração dos dois alludidos geographos foram as seguintes, que se deparam no numero 4, volume I, d'*A Informação Goyana*:

"O *Atlas do Imperio do Brasil*, pelo Barão Homem de Mello e Tenente-Coronel de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno e pelos mesmos revisto em 1882, que, apezar de adjudicar a Matto-Grosso o municipio de Sant'Anna do Paranahyba, assignala a linha divisoria dos dous Estados passando aos 10° de longitude, dando assim, como pertencente a Goyaz, o territorio á margem esquerda do Araguaya e todo o angulo formado pela confluencia deste com o Rio das Mortes.

Os mesmos limites se vêm nos mappas posteriores áquella data, como sejam os do Barão Homem de Mello, (edição de 1909), com a collaboração de Beaurepaire Rohan, Barão de Melgaço, General A. J. do Amaral, prof. A. Paula Freitas, General Benjamin Constant, Olavo Freire e Alferes Jaguaribe Gomes de Mattos.

Finalmente, além do recente mappa do prof. Olavo Freire, ha um de indiscutivel cunho official, que dá a Goyaz a linha de limites acima mencionada, — *Carta da viação ferrea do Brasil*, organizada por ordem do Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação e Obras Publicas, pelos engenheiros Ernesto Lassance Cunha e Alipio Gama, em 1909."

Certo que o leitor, á primeira vista, nos poderá acoimar de excessivo rigor em se tratando do prof. cuiabano, — concluimos que o opusculo em questão é um estendal de idéas alheias, mal alinhadas e que por signal não prestam; e, mais ainda, que Philogenio, chamando cartas geographica de *plantas*, como vimos acima, mostrou-se digno emulo do Sr. Thiers Fleming, que chama de "Atlas" a carta geographica de Goyaz organizada pelo agrimensor F. Ferreira dos Santos Azevedo.

Mas, por justiça e equidade, d'aqui appellamos para a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, para o Instituto Historico e Geographico do Brasil e tambem para o Club de Engenharia, pedindo-lhes que estendam ao Philogenio as mesmas honrarias conferidas ao ex-distincto membro da Casa Militar do Sr. Wencesláo Braz.

HENRIQUE SILVA.

Grupo de alumnos da escóla publica municipal, da cadeira do sexo masculino, da cidade de Corumbahyba, E. de Goyaz—regida pelo competente Professor Capitão Pedro Celestino da Silva — e militarmente instruidos pelo correcto cabo reservista Pedro Monteiro. Acham-se uniformisados. No medalhão vê-se o Professor referido e no centro, junto á esphera, o seu "petit" Accindino, de 4 annos de idade.

O Folk-Lore do Brasil Central

Dos capitulos ineditos e mais imponentes da historia dos sertões, condensando a embryologia dos costumes locaes e generalisados, sobreleva notar o folk-lore das gentes ruraes, guardado pela tradição oral e ampliado no decurso dos tempos por certos privilegiados populares que distillam ou resumem o sentimento da "clan", constituindo al que o simples patrimonio mental de uma raça cruzada: denuncia o tonus eugenico e a juncção dos três lymphos vitaes que geraram o Brazil; decifra o trama gordio que leva o psychologo a joeirar no cerebro do sertanejo as copulativas de sua descendencia, ou os impulsos de sua capacidade.

E desde logo o problema folk-loristico se torna attrahente no ponto de vista em que o defrontamos, seja porque a pujança da dilatada natureza do Cruzeiro incutiu novos carmes de amôr e de vida na alma dos individuos, filhos do appetite calido dos tropicos, ou então que as saudades triplices dos elementos ethnicos, quer aos accentos epicos do mar, quer ao entono da ventania infrene abalando as arcadas florestaes, ou rebojando nas quebradas ingremes das serras aprumadas, quer ás harmonias estrepitosas das cachoeiras, ou á monotonia das correntes, combalindo a alma gentilica, trouxessem até ahi a inspiração variada e favorecida de mimos poeticos em que se multiparte os generos do estro popular.

Si apenas de longe em longe certos espiritos cultos, amorosos da raça a que pertencem, consagram instantes de visualidade artistica ao estudo da dynamica mental dos sertanejos, o mesmo não sóe acontecer com a anatomia de nossas gentes incultas, a qual tem recebido e continúa a receber diariamente augmentos e relevos de psychologos e historiadores. Comtudo, para desaffronta de algumas idéas mal cabidas, sotas ironicas ou ignorantemente, faz-se obvio notar que a maior parte desses *grumets* da litteratura biologica jamais se instruiu nas formosas leis naturaes, ou nunca venceu a balsa da Capital Federal, em demanda dos paramos centraes — ninhos escondidos de verdadeiro nacionalismo.

Dos jovens patricios divulgadores da chamma nacionalista e que se tem expressado, na tribuna das conferencias, na imprensa e no livro, a respeito da physionomia do mestiço, destaca-se o Dr. Roquette Pinto, o panegyrista da *Rondonia*.

Em trabalho publicado em o numero VI, anno e tomo I, desta revista, refutamos a idéa synthetica do conferencista quando no ensaio "Brazil e a Anthropogenia", creava a seu talante zonas de influencias sociaes.

No vêr theorico do Dr. R. Pinto, na observação da sociogenia goyana, predominara o sangue africano no tocante ao sul do Estado sendo o Norte de origem cabocla.

O matiz do sertanejo goyano está longe de semelhante expressão.

Na opinião insuspeita do Dr. Arthur Neiva, a porção de terra limitada pelo Parahyba e pelas serras que definem as cabeceiras dos affluentes do Tocantins e do Araguaia — seria habitada por gentes em que sobresáe o typo branco. (Memorias Instituto O. Cruz, T. VIII).

Certamente em sua composição entraram os três factores do povoamento do Brazil, mas a victoria do sangue coube ao portuguez que definirá o colorido futuro do mestiço nacional.

Um elemento de prova, irrefutavel e que não admitte sophismas, foi-nos dado recentemente com o serviço do sorteio militar.

Cumpre notar que foi sómente o sul de Goyaz que concorreu para a composição do 60° de caçadores que faz estação na capital do Estado.

Pois bem, entre os quatrocentos e tantos moços goyanos que formam o batalhão, tendo a idade de 21 a 27 annos, sómente 36 eram negros, com seis oitavos de sangue de côr.

Conclue-se: sendo o batalhão tirado de jovens de todos os municipios do sul, e estes jovens escolhidos em todas as classes, havendo ás vezes certas condições de protecção aos brancos favorecidos, está o elemento negro na proporção de 9 %, cousa notada e rarissimos Estados da Federação.

Quem viaja pelo sul de Goyaz tem a mesma impressão: só os theoricos, no rigorismo das formulas de gabinete, têm opinião contraria.

Para outros locaes do vasto Brazil a observação é a mesma. Demais os accidentes de nossa historia colonial reprovam a alludida expressão do professor do Museo Nacional, e isto ao lado dos entrechoques dos varios povoadores e da prerogativa basica das leis biologicas cousas estas que pairam ante os espiritos sérios como demonstração da impossibilidade da divisão do Brazil em *habitats* distinctos.

Que uma indiscutivel unidade caracterisará o Brazil em annos que hão de vir, sob o aspecto social ou do colorido das epidermes—é cousa que qualquer critico accaciano reconhece, na synthese do triplice folheto do embryão social.

E' por essa mesma razão que, por uma equação algebrica, chegar-se-ia á conclusão de que as desordens intestinas que tem combalido as terras do Cruzeiro não são mais do que fructos verdoengos da grande arvore da nacionalidade, incapaz ainda de dosar a levulose e a glucose, na composição da cellula brazileira definitiva.

A coifa anthropogenica, annos a dentro, conhecerá melhor o serum autonico de sua propriedade vital, e então, vencida a natureza physica e mentalmente, desenvolverá a messe aurea do mestiçamento e da cultura nacional.

O sertão — região [illegible] de alluvião — é o depositorio fiel das energias tradicionaes, porção do Brazil não caracterisado, onde se edita diariamente em sociedade paginas e paginas do velho Portugal.

Que um dia o cyclone da civilisação varrerá os priscos habitos da antiga raça, é thema sem discussão e que é definido por uma determinante sociologica; porém, por muitos seculos ainda a remembrança desse passado acalentará, na alma adveniente desses vindouros, a saudade dos dias simples de seus antepassados, suas folias, suas fogueiras suas canções e até seus ensaios, porque tudo isto é a alma do povo indefinida...

E para que não se nullifique, carcomido pelo tempo, todo esse passado brilhante e ingenuo, cumpre-nos propagal-o, sorprehendel-o na propria innocencia e guardal-o no coração para repetil-o á posteridade, como nol-o faziam as avosinhas de cabellos brancos, em noites enluaradas, acocoradas á soleira dos casarões seculares...

O mesmo fremito que nos percorria a medula quando contavam historias de lobis-homens e de mulas sem cabeça, ou quando recitavam decimas heroicas ou sentimentaes, ha de fazer vibrar, não de pavôr, mas de saudade, os posteros de nossa raça.

Então surgirá no Brazil o *Saudosismo* que em Portugal já constitue uma brilhante escola litteraria.

Como diziamos acima, o sertão brazileiro é uma continuação de Portugal, com os accrescimos de habitos das outras raças que influiram em nossa progenie. Vejamos: a *monda* e a *sacha* deram os *motirões* do Brazil Central; a *xacara* deu a *decima*; o *fado* forneceu a *moda*; o *batuque* de Angola deu o *recortado* e foi passo seguro para o *lundú* e o *côco*; a *quadrilha* deu o *saruê*; modernamente os *lanceiros* geraram a *curraleira* — uma das mais interessantes danças que assistimos em Formosa de Goyaz; o *catêrêtê* indigena trouxe-nos o *catira*; o *baile syphilitico* é uma arremedo popular de nossas danças de salão.

A etymologia do povo deturpa, ou amplia ás vezes os generos das tradições, mas no fundo é a scena primitiva que predomina.

Das peculiaridades da poesia popular do Brazil e quiçá do sertão, resalta o genero conhecido por *desafio* e que pelo interesse que desperta e pela emulação que faz nascer entre os contendores, desafiando um ao outro, de viola em punho, é o mais querido dos apreciadores da poetica vadia dos sertanejos.

Em sua viagem pelo interior do Brazil, o Dr. Arthur Neiva, na monographia scientifica acima citada, chega á conclusão de que o fallado *desafio* constitue uma série de trovas aprendidas de côr pelos violeiros rusticos e recitadas a proposito..

Não contesto totalmente o eximio bacteriologista: tambem em sciencia, ou em simples litteratura muita gente bôa repete os mestres, ou recita a cartilha de côr...

Póde acontecer que mediocres poetas populares copiem os maiores, porém que existem improvisadores e verdadeiros inspirados entre o povo é cousa inconteste.

Os *desafiadores* do Brazil Central não formam cohorte extensa, é certo.

Certamente o Dr. Neiva viu qualquer estro de terceira agua e avaliou o resto. E' um dos perigos das generalisações faceis...

Não conhecemos em litteratura nacional um só exemplo de *desafio*; cremos que até hoje nenhum autor teve o interesse de colligir por inteiro um desses bellos trechos da vida folgasã do povo sertanejo.

A amostra que hoje trazemos a publico foi por nós colligida em um *motirão* que assistimos em um municipio do sul de Goyaz no ultimo percurso que fizemos através do sertão.

A originalidade e o improviso resaltam desse documento popular que faz parte da bagagem folk-loristica que de ha muito vimos colhendo naquelle Estado.

De lapis em punho ao lado dos violeiros — um dos quaes era cognominado Caco — apanhamos o seguinte que vae textual:

— Teu pae chama-se Caco
Tua mãe Caca Maria;
E's um Caco muito Caco
E's filho da Cacaria.

— Sou filho da Cacaria
Como tu dizes na trova,
Mas sem Caco ninguem tira
Goteira da casa nova.

— Goteira da casa nova
Se tira com *teia* inteira,
Na casa velha sómente
O Caco tapa goteira.

— O caco tapa goteira
Calçando a *teia* por baixo,
E sendo a *teia muié*
Não póde o caco ser macho.

— Não póde o *caco* ser macho
Porque ninguem sabe disso,
Não póde a *teia* ser femea
Porque não bota feitiço.

— Porque não bota feitiço
Não se segue que ella é femea,
Conheço assim a moça
Que aqui se chama Noemia.

— Que aqui se chama Noemia
Ha uma moça neste meio,
Que não te bota feitiço
Porque tu és muito feio.

— Porque eu sou muito feio
Tu és banguello e barbudo,
E si tu pegas com prosa
Eu te pespego um cascudo.

— Si me pespega um cascudo
Eu te apincho p'ra o ar,
E passarias um mez
Sem cá na terra voltar.

— Sem cá na terra voltar
Eu passaria até mais,
Si levasse então commigo
A filha do *seu* Moraes.

— A filha do *seu* Moraes
E' bonita e está guardada,
O pae não quer mais desgosto
E a mãe já está escaldada.

— A mãe já está escaldada
Porque Joaquim Jatobá,
Pegou na filha mais *véia*
Só p'ra modo judiá.

— Só p'ra mode judiá
Tu tambem andas na teima,
De engambellar *sa* Felicia
P'ra lhe roubar a Noemia.

— P'ra lhe roubar a Noemia
Basta só chamar o padre,
A moça é minha querida
E a véia é minha cumadre.

— A *véia* é sua cumadre
Por lhe baptisar o *fio*,
Mas a moça tem de comer
E não tem roça de *mio*.

— Não tenho roça de *mio*
Mas tenho um carro de gaba,
Com cinco juntas de boi
P'ra buscar sal no Uberaba.

— P'ra buscar sal no Uberaba
Eu tenho um carro de bóde,
Que trouxe a bella morena
Para dançar no pagóde.

— Para dançar no pagóde
Na casa aqui do patrão,
Eu vejo a bella moçada
De saia curta e balão.

— De saia curta e balão
Eu noto aqui nessa roda,
Muié rastando os tundá
Vestida ao risco da moda.

— Vestida ao risco da moda
Com a trança grande e cheirosa,
Eu vejo tanta morena
Dançando alegre sestrosa.

— Dançando alegre sestrosa
Envergo a moça que estimo,
E unhando a corda do pinho
Eu fico bobo e não rimo.

— Eu fico bobo e não rimo
Por que não tenho a certeza,
Paremos com esta massada
Que vejo a pinga na mesa.

— Que vejo a pinga na mesa
E' claro até como dia,
E deixo o pinho calado
Que o arroz já *tá* na *vasia*.

— Que o arroz já *tá* na *vasia*
Para engordar as *muié*,
E' cousa mais do que clara
Porém, não vejo o café.

— Porém, não vejo o café
Porque o doce está vasqueiro,
E a fructa custando caro
P'ramode imposto em vendeiro.

— P'ramode imposto em vendeiro
Tudo encarece na terra,
Si o governo não tem mão
Começa a briga da guerra.

— Começa a briga da guerra
Com faca, espada e facão,
Si o povo toma tenencia
Dá com o governo no chão.

— Dá com o governo no chão
Mas logo elle fica em pé,
Porém, deixemos de arrenga
Que a dona espaia o café

— A dona espaia o café
Porque agrada de mais,
Viva a dona desta casa
E a filha de *seu* Moraes.

— E a filha de *seu* Moraes,
Eu tambem digo com fé,
Viva a Noemia, de róda,
Com *mia* comadre *Zabé*.

— Com *sua* comadre *Zabé*.
Viga a gente do patrão,
E todo os *home* e *muié*
Que brincam nesta funcção.

O desafio terminou serenamente entre risos e applausos da assistencia, o que não é costume, pois, a maior parte das vezes, como já presenciamos, o humorismo sobe de ponto e termina aos entre-choques das duas violas inimigas que se despedaçam, como derradeiro *viva* ao torneio poetico. Continuaremos no proximo numero e trataremos do genero *moda*, o mais divulgado na poesia popular dos sertões.

AMERICANO DO BRAZIL.

Casmurros

Nunca a sarna dos grammaticos rabujentos fôra causticada como de certo tempo a esta parte, em que obras judiciosas, apparecem, dia a dia refutando conceitos empiricos em que a caturrice e o casmurrismo feroz se obstinavam — moendo a paciencia nossa no realejo desafinado das suas regras.

Basta citar tres dos mais preciosos livros recem-publicados no nosso paiz: a *Replica* do extraordinario Ruy Barbosa, os *Estudos da Lingua Portugueza* do talentoso professor Mario Barreto, e finalmente, esses admiraveis artigos de imprensa em resposta a um philologo portuguez, ora enfeixados em volume pelo douto Sr. Heraclyto Graça, sob o titulo *Factos da Linguagem*.

São tres inteiriças clavas temperadas no saber e manejadas por musculaturas rijas, de desabusados mestres.

Por outro lado são os proprios grammaticos modernos, como o illustre Sr. João Ribeiro que nos dizem: "estamos já fartos de philologos que escrevem mal e tornam aborrecivel e odiosa a arte que exercem". Delle ainda temos esta: — "que escrever bem vale muito mais que saber como se hade escrever bem; a aptidão inventiva é sempre maior que a aptidão critica".

E reparai que a demagogia sebo-grammatical tem sido sempre entrave (lá vae gallicismo) a inventiva dos escriptores de talento, que lhe ouvem por descuido.

Se a tomasse ao serio, Coelho Netto não teria enriquecido a litteratura nacional com a sua vasta obra artistica, tão formosa e de um exotismo tão seductor, que ao lêl-a e enlevados por estranha musica, portuguezes da occidental praia já perdoam a nós brasileiros a audaciosa differenciação da lingua de Camões na America — reconhecendo consistir em mais alguma do que na méra collocação pronominal a distincção do falar de cá do falar de lá...

Quanto á teimosia ainda de pé, relativa á nossa má ou erronea collocação dos pronomes pessoaes — ninguem melhor do que o professor Said-Ali disse: ... os grammaticos têm gasto muita tinta e inutilizado muita penna para nos convencerem, afinal de contas, de uma só verdade: "podem dar as regras que quizerem; no Brasil não se collocam os pronomes do mesmo modo que em Portugal".

Já Baptista Caetano provára á saciedade nos seus *Rascunhos* que se fossem inflexiveis as regras estabelecidas pelos grammaticos quanto á collocação dos pronomes, ninguem mais digno de censuras que o auctor dos Luziadas — mestre dos mestres.

Procurem outro officio, outros assumptos para se coçarem, Srs. casmurros do Brasil, que os de Portugal de ha muito se renderam, corridos, ante á admiração universal imposta pelas obras de Eça de Queiroz, que elles diziam escrevia em francez...

Accusado o auctor dos *Maias* de desconhecer o genio da lingua, por construir os seus periodos na ordem directa, em vez de o fazer na ordem inversa, como os antigos, veiolhe em defesa Julio Ribeiro, dizendo que a tendencia das linguas para tornarem-se analyticas era a causa daquella preferencia. "Não é por se não fazer estudos dos modelos legitimos e castiços, não é por se lerem muito os livros francezes que se vae transformando a lingua portugueza; nem tal transformação é vergonhosa ou prejudicial. (1). Producto inevitavel, necessario, fatal da evolução linguistica, ella accusa nova phase do modo de pensar, accusa desenvolvimento do cerebro, accusa progresso da humanidade".

(1) — *Ao pouco estudo dos classicos portuguezes e á leitura de livros francezes attribue Sotero dos Reis a transformação do portuguez e a qualifica de "vergonhosa metamorphose"!!!* — (J. Ribeiro).

Outro grande escriptor portuguez de fina tempera, que acaba de triumphar gloriosamente, para desespero dos casmurros — é esse possante estylista Fialho d'Almeida — cujas paginas artisticas causam arrepios aos grammaticos fosseis — que se benzem diante de um neologismo ou cousas que lhes pareçam gallicismos.

Se o uso de palavras e modos de dizer não conhecidos da maioria do classicismo constituissem o que pretendem tolamente os casmurros — não mereceriam nomes de escriptores, em Portugal o maior manejador da lingua portugueza, esse grande Camillo Castello Branco, que vale por toda uma litteratura — e tambem entre nós muitos outros, até o Sr. Machado de Assis, que no conceito daquelle não inveja primores de linguagem aos mais correctos prosadores.

Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não desdenharem o uso de palavras e phrases que, originarias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos obsoletos diccionarios da lingua portugueza, ou nelles vêm com fórma ou significação differente, disse um grande americanista, revoltado contra a caturrice digna de piedosa lastima e de pás de terra.

Não ha hoje duas opiniões: esses meus caros senhores casmurros; por mais que se bezuntem de latinidades e masquem regras — não escrevem, quando muito, na phrase de R. Ortigão, — *coçam-se!*...

DR. SABINO

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A Informação Goyana" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A Informação Goyana".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipumeri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: **Henrique SILVA**

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2. andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1919 — VOL. II — N. 8

SUMMARIO

Os Ancestraes do Gado Mocho

Do livro de D. Monfallet — Les Races Bovines, *traduzimos o seguinte trecho que parece interessar aos nossos criadores.*

"A denominação de Scythas corresponde menos a uma região e a um povo que a um estagio da humanidade. Estas ferozes hordas da Asia espalharam-se principalmente pela Europa oriental, no Egypto dos Pharaós e mesmo no Mexico (Mec-Scythi é o antigo nome dos habitantes). As populações das duas Americas seriam igualmente scythas de origem turaniana (V.: Origine des Indiens du N. Monde, *par Dabry de Thiersaut; Paris,* 1883).

Os Scythas, nomadas e pastores, tinham para suas necessidades uma raça bovina sem chifres, que vivia no sudoeste da Russia européa, e existe ainda nas cercanias de Perm. De pequeno talhe (1m.20 *mais ou menos) e robusta, é protegida por uma pelle de longos pellos, negra ou pardo-escura, tornando-se esbranquiçada á medida que a raça se extende para a Scandinavia. Suas aptidões são muito pouco desenvolvidas, e sua ossatura esponjosa. O gado de Islandia é um representante degenerado desta raça, e que vive em parte de detritos de peixes. Este gado de Islandia é uniformemente attenuado na côr e no talhe".*

Em nota, commenta o autor:

"Hippocrates, em seu Tratado dos ares, *etc. (trad. de E. Littré, Paris, Baillière) menciona entre os Scythas a existencia de bois sem chifres. Herodoto (l. IV, XXIX) invocando o rigor climaterico da antiga Sythia, dá uma explicação banal á ausencia de taes appendices: apresenta isso como devido á dôr do frio.... Em seu* Ensaio de paleontologia, *escreve M. Gaudry, p.* 181: *"Entre os ruminantes do* Oligocène, Gelocus, Dremotherium, Oredon, *etc., os craneos não têm cornos nem pontas. O extranho* Protoceras *de White River tem, nos individuos machos, um craneo munido de fortes protuberancias, cobertas de pelle."* O Protoceras — *dizem MM. Osborn e Wortman — "não tinha verdadeiros cornos." Segundo Joly (citado no* Tratado de Zoologia, *Railliet, p.* 1145) *as pinturas de salas funerarias do antigo Egypto — pinturas que remontam ao periodo neolithico — apresentam* vaccas sem cornos, *e cujas pernas se amarravam para as poder ordenhar." Na America do Sul não é raro encontrar gado sem chifres, a que chamam* mocho, *o maior numero de vezes em estado de variação desordenada (?). Feliz Azara o assignala no Paraguai* (Quadrupèdes du Paraguay, t. II, 1801, p. 261). *Muñiz o declara contemporaneo da* raza nata (*ñata-oxen de Darwin) cuja existencia era já conhecida no fim do seculo XVII. Exprime-se elle nestes termos: "E' constante nas fazendas dos pampas, daquelles tempos,* que estes animaes *e os* ñatos *eram muito mais numerosos que os communs."* (*Sarmiento* — Vida e escriptos, *de F. J. Muñiz, cap. V). A zona austral do Chile possue ainda* mochos *primitivos de origem indeterminada."*

A proposito de um trecho desta noticia, não resistimos á tentação de accrescentar-lhe umas linhas.

Pondo de lado, com endereço aos especialistas, o que se refere a raças bovinas, observemos alguma coisa quanto ao que ahi se expende em relação aos Scythas.

Diz o autor que estes antigos povos povoaram a Europa oriental, a Asia, o Egypto e as duas Americas. Povoaram então o mundo inteiro. Serão, pois, os Scythas a raça que serviu de fundamento ás raças historicas em todos os grandes centros de creação?

Mas esta situação da mesma raça em pontos tão distanciados, como o Egypto e a America, suggere problemas formidaveis, não ha duvida, mas que se relacionam inquestionavelmente com o mais grandioso de todos, que é o da existencia da Atlantida. Si o autor citado por Monfallet resolve com effeito a identificação dos Scythas no antigo Mexico, ahi teremos talvez a chave do problema.

Teriamos vontade de ampliar agora estas linhas; mas:

um motivo nol-o impede. A existencia, e talvez toda a historia do continente desapparecido, estamos certo de que andam em vesperas de cabal elucidação. Pelo menos já sabemos que o dr. Paul Schliemann (o neto do grande archeologo allemão) prepara um livro que virá surprehender toda a sciencia classica.

Esperemos, pois, a obra do dr. Schliemann.

ROCHA POMBO.

O Espinhaço de Ferro

A ESTRADA DE FERRO DO RIO GRANDE DO SUL AO PARA'

Já é tempo de levar-se de vencida a construcção de uma estrada de ferro que se torne — o espinhaço de ferro, — que tanto necessita o Brazil, para suportar o desenvolvimento desejado de todas as suas energias ainda inaproveitadas pelo interior de seu immenso territorio.

Impõe-se agora mais do que nunca essa construcção, e bastará para tanto se conseguir fazer algumas ligações das estradas de ferro que mais possam servir para a formação da grande linha geral, que venha systematizar a viação ferrea, e tornar os transportes por terra um enorme beneficio publico e a mais poderoza ferramenta para activar a nossa prosperidade.

Neste caso está se impondo a construcção da estrada de ferro de Pirapóra ao Pará, com as modificações precizas ao traçado já estudado, para aproveitar-se o que existe feito nesse particular, na região do norte, para ligar Goyaz a Belém do Pará.

Quando neste paiz, aventou-se a ideia da construcção da estrada de ferro Pedro II, (hoje Central do Brazil), houve quem chamasse de utopia similhante projecto, e até o grande Vasconcellos, estadista do Imperio, dizia: — SÃO ESTRADAS DE OURO. TRABALHARÃO UM DIA E FICARÃO OCIOZAS O RESTO DO MEZ !!!

Outro estadista desse tempo, o Marquez do Paraná, por sua vez, dirigindo-se aos—Vassourenses—que pediam essa estrada, dizia: — CAHISSE DO CEU PROMPTINHA A ESTRADA QUE VOCÊS DESEJÃO E A RENDA NÃO CHEGARIA PARA CONSERVAL-A E CUSTEAL-A.

O projecto alludido tinha por objectivo construir uma estrada de ferro que, partindo da capital do Imperio, galgasse a Serra do Mar, pára adquirir os thezouros do valle do Parahyba, e seguindo mais além transpuzesse a Serra da Mantiqueira, para devassar os sertões do Alto S. Francisco.

O tempo encarregou-se de justificar as *extravagancias* daquelles que queriam que se construisse desde logo essa estrada de penetração, que seria a primeira costella do grande — Espinhaço de Ferro — que certamente seguiria o traçado com a direcção de Norte a Sul, para ligar entre si todas as provincias, hoje Estados, e cada uma com o litoral por meio de suas estradas regionaes.

A estrada de ferro, pois, de Pirapóra ao Pará, prolongamento da Central do Brazil, terá por fim altamente civilizador, como bem disse ha tempos o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, integrar na civilização brazileira immensas zonas do norte de Minas, Bahia, Goyaz, Piauhy, Maranhão e Pará. Com esta construcção as viagens de Belém ao Rio ficariam reduzidas a 3 1|2 dias, facilitando-se desas forma a communicação com a Europa e os Estados Unidos da America do Norte.

Esta estrada desde que transpuzer o Rio S. Francisco, em Pirapóra, seguirá em direcção ao Rio Paracatú passando bem perto da sua Cachoeira Grande e tomando o vale desse rio até a Barra do Rio Preto para então galgar a serra das Divizas para chegar ao planalto alcançar a cidade de Formoza.

Dahi seguindo até as cabeceiras do Rio Paraná e por esse valle iria á Barra od Rio Tocantins, passando pela cidade de Palmas. Seguindo pela margem direita do Tocantins até Imperatriz, passando em Porto Nacional, Carolina, Porto Franco de Boa Vista, em busca do Rio Capim e valle do Rio Guamá, aproveitando os valles destes, iria terminar na cidade de Belém, no Pará.

Esta estrada de ferro assim construida com as modificações posteriormente aconselhadas, tendo já para os lados do Sul as ligações preparadas, por meio da Central do Brazil, com a viação ferrea de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, com todas essas linhas formaria o tremendo — Espinhaço de Ferro, — que tanto carece o nosso paiz, para não fazer mais demorar um só dia, o desbravamento de todo o nosso interior.

Desde que foi resolvida a construcção desta importante estrada de ferro, immediatamente tomou impulso a construcção do prolongamento da E. F. de S. Luiz a Caxias até Porto Franco da Boa Vista, ou Carolina; de Palmas a Barreiros, ponto terminal da navegação do rio Grande, afluente do S. Francisco. De Santa Philomena sahiria um outro ramal em communicação com a livre navegação do Parnahyba.

Ainda ha dias a *Revista Commercial do Pará*, dizia com toda a razão:

"Interessando sete Estados e o Acre que representam 7.124.093 k² da area de 8.525.054 do paiz inteiro, não se explica que se não colliguem os interessados e mesmo por um golpe de força, por um "bill", imponham-n'a ao paiz como uma necessidade premente.

Tambem se dizia que Pereira Passos era um louco; mas não fosse elle, ainda teriamos hoje a velha Capital Federal cheia de immundicies e febre amarella. Bilac, que o secretariou, disse-o de facto um doido, mais um doido necessario. Neste paiz de doidos não haverá mais um louco que consiga levar a termo a E. F. de Pirapóra a Belém?

Dizem que custa isso 217.000 contos. Será isso uma somma que nos possa apavorar? Quanto emittimos em papel só para pagar dividas não auctorisadas pelo Congresso, em um só anno? — Depois, essa somma seria dividida por dez ou 20 annos, uma vez que se não pódem fazer 2.500 kilometros de estrada de ferro em doze mezes e poderia ser custeado até pela nossa lei orçamentaria, se tivessmos uma lei orçamentaria...

Mas, se não temos uma lei orçamentaria, temos muitos "doidos", e como se trata de mais um *doido necessario*, busquemol-o, mas, façamos a Pirapóra para incorporar ao Brasil esta parte do continente que dizem pertencer-lhe... antes que a perca."

Contr'Almirante

JOSE' CARLOS DE CARVALHO.

(Do Conselho Director do Club de Engenharia).

N. R. — O elegante Dr. Pires do Rio, entrevistado no Pará sobre o grande emprehendimento, disse do alto dos seus collarinhos: "Pirapóra era um sonho de loucos..." "Não a comportam as nossas finanças, nem haverá compensações, ahi, para tão grandes capitaes..."

O Dr. Frontin que lhe agradeça o epitheto de "maluco" e mais a lição economo-financeira.

Companhia Auto-Viação Goyana

Por decreto de 12 do corrente mez foi aberto o credito de 250:000$, destinados ao pagamento da subvenção devida á Companhia Auto-Viação Goyana, para construcção da estrada de rodagem, ligando Roncador, ponto terminal da Estrada de Ferro Goyaz á capital do Estado de Goyaz.

Não era de esperar outra attitude de um ministro conhecedor das possibilidades do *hinterland*, como o é o illustre titular da pasta da Agricultura, Dr. Padua Salles.

DOCES...

Entre as muitas saudades e recordações de minha terra, avulta e cresce dentro em mim a lembrança de uns certos doces que se faziam na approximação de Pentecostes, em casa da minha tia Nhorita, em Goyaz.

Eram as veronicas feitas de assucar escolhido a capricho pela experimentada competencia da velha tia que possuia umas mãos e um paladar verdadeiramente admiraveis para a confecção e conhecimento de doces, pudins e quitandas varias junto a uma pratica de mais de cincoenta annos.

Na occasião das veronicas lá se reuniam todas as moças da familia, parentes, velhas crias e famulos da casa e não raro gente estranha, amigas e conhecidas que expontaneamente se offereciam comprazendo-se em ajudar aquelle trabalho de golodice e de fé.

Nada tão caracteristico para definir o espirito religioso do povo goyano e ao mesmo tempo dar uma prova da sua arte paciente, aprimorada e inexcedivel em confeitaria, como as veronicas.

Ninguem faz uma idéa verdadeira do que seja a veronica que, pelo nome, lembra uma placasinha de metal caro ou barato, tendo impressa a effigie de um santo ou santa, protector e milagreiro que é de devoção trazer-se ao pescoço suspenso de um cordãosinho.

Nada disso. A veronica a que me refiro, é toda feita de assucar branco em ponto de quebrar e puxado ás mãos ao calor das brazas para conservar uma certa elasticidade precisa.

Depois separa-se em pequenos pedaços que são distendidos em circumferencia plana, pouco maior e mais espesso que uma hostia, sendo então sobre uma meza calcados por um chavão ou placa pezada de chumbo, tendo em baixo relevo a imagem do Divino na figura de uma pomba que é perfeitamente gravado no molde de assucar, dando ao doce uma fórma linda, original, alliada a uma idéa de fé, de crença e de respeito religioso.

E assim são feitas aos milhares, entretendo durante semanas as primeiras horas do dia uma multidão de pessoas na pachorra de branquear o assucar em puxa, outras a formar as circumferencias, outras a calcar e outras ainda a levar ao sol, onde ganham a suprema alvura e suprema duresa de difficil quebra.

Na claridade radiosa do dia, em bancas, mezas, caixotes, taboleiros, bandejas cobertos de niveas toalhas, aos milhares, as veronicas juntas, eguaes, parallelas, jaspeadas, tão brancas, tão alvas que deslumbram e cançam só rapidamente se detendo o olhar sobre ellas.

E' da antiga praxe festeira em Goyaz serem esses doces repartidos pelo povo na festa do Divino.

Póde alguma velha cidade mineira conhecer de tradição as veronicas, mas estou certa de que fóra de Goyaz ninguem as faz actualmente.

A propria origem desse doce é uma lenda bellissima contada lá por varias gerações de crentes.

Era de vêr-se a veneração e respeito com que moços e velhos se esmeravam naquelle serviço que a bôa tia aceitava sem a minima recompensa pecuniaria e no seu zelo religioso agradecia ainda como um favor a preferencia que lhe davam, encarregando-a daquelle piedoso trabalho de lambarice e de fé.

Mulher extraordinaria aquella saudosa tia, genuinamente goyana, vivendo na sua casa franca e hospitaleira a vida e habitos de um longo passado já quase de todo extincto.

O seu dia, havia mais de cincoenta annos, começava invariavelmente, chovesse, ventasse ou fizesse frio, ás quatro horas da madrugada com a primeira missa na velha igreja do Rosario.

*
* *

Um outro doce que se faz em Goyaz e que bem merece um registro especial é o alfenim, o extraordinario e delicadissimo alfenim desconhecido de qualquer outro meio.

Debalde procurei nas mais caprichosas confeitarias do Rio e de S. Paulo um doce que pudesse comparar ao alfenim no formato, na delicadeza, no mimo.

Ha algumas imitações, mas com visiveis signaes de impressão e de fôrma.

O alfenim é unico, e só os dedos de fada das humildes confeiteiras goyanas o sabem fazer com tão rara perfeição, modelando em assucar toda uma fauna minuscula, aves, peixes, entidades fabulosas, dragões e sereias, de envolta com creações primorosas de uma flora delicada e nivea e tudo com tanta justeza, equilibrio e acerto que faz de um simples doce uma fina obra d'arte.

Só um profundo e natural senso artistico poderia dar a linha, a originalidade e a comprehensão nitida das curvas, das attitudes e dos minimos detalhes esculpturaes que se observam na variedade zoologica de uma bandeja de alfenins, revelando conhecimentos technicos de estructura e anatomia, que nunca teve de certo a obscura confeiteira, ignorando mesmo a perfeição que seus dedos criam.

E os alfenins lembram pela sua delicadeza, fragilidade e alvura pequeninas esculpturas de marfim na requintada perfeição da arte...

CÓRA CÓRALINA.

Goyaz é por excellencia o "habitat" do genero "Jatropha" ou "Manihot" do Brasil. A "Flora Brasilienses" de Martius enumera, com os seus nomes scientificos as especies ou variedades de mandiocas encontradas no nosso paiz: Goyaz, 43; Minas, 27; Bahia, 11; Rio de Janeiro, 10; Paraná, 7; Matto-Grosso, 7; S. Paulo, 7; Pará, 6; Ceará, 4 e Piauhy, 2. Uma das mandiocas que a nossa photographia representa media 2 metros e 50 centimetros de comprimento.
O outro *cliché* nos mostra indios Javaés de volta de uma colheita de mandiocas nativas da Ilha do Bananal, formada pelo Araguaya. Nessa uberrima região ha mandiocas que alcançam até 3 metros de comprimento.

TARIFAS DA GOYAZ

Não temos termos bastante expressivos para stigmatisar o acto do Ministro da Viação, permittindo que a estrada de ferro de Goyaz augmente de 20 °|° as tarifas de seus fretes.

O illustre titular que dirige o Ministerio da Viação foi illudido pelos directores daquella estrada de ferro, ou na alta administração ha o maior descaso pelos interesses do paiz.

Não podemos comprehender que em uma epocha em que o Governo Federal, para tornar a vida mais facil, nesta premente crise por que passamos actualmente, com todos os generos alimenticios carissimos, reduz os fretes de diversas estradas de ferro e do Lloyd Brasileiro, dando até fretes gratuitos para alguns artigos, se permitta a uma estrada de ferro que já tem tarifas quasi prohibitivas o augmento de 20 °|°.

Não nos movem, nestes commentarios que fazemos, outros intuitos, senão o interesse pelos nossos patricios.

Para que mostremos o absurdo das tarifas da estrada de ferro de Goyaz, basta dizer que 40 saccas de farinha de trigo pesando 1.600 kilos, despachadas de S. Paulo para Araguary, pagaram de fretes ás estradas de ferro Paulista e Mogyana 71.300 réis e despachadas de Araguary para Roncador pagaram de frete á estrada de ferro de Goyaz 92.200 réis!! Não pensem porém, que a distancia entre São Paulo e Araguary seja a mesma que desta ultima cidade a Roncador.

De S. Paulo a Araguary ha 900 kilometros; emquanto que de Araguary a Roncador, existem apenas 180 kilometros!!

Pois bem, para uma distancia inferior cinco vezes a estrada de ferro de Goyaz cobra um frete superior a 30 °|°.

Haverá absurdo maior?

Pois este facto inqualificavel ainda vae ser mais odioso e prejudicial, porque com o augmento de 20 °|° permittido, o frete já onerosissimo de 92.200 réis de 40 saccas de farinha de trigo vai ser elevado a 110.440 réis por 180 kilometros, quando em outras estradas de ferro por 900 kilometros esse frete será de 71.300 apenas.

Assim como este artigo, outros muitos estão nas mesmas condições.

As difficuldades de transporte e os fretes excessivos, já obrigam os consumidores em Goyaz a pagar um kilo de sal por um 1.000 réis, um kilo de farinha de trigo por 2.200 réis, um litro de kerozene por 4.000 réis e agora com o novo augmento, esses artigos tão necessarios á vida, ficarão quasi prohibitivos para a maioria da nossa população, que geralmente tem parcos recursos.

Não é possivel que o Ministro da Viação mantenha esse acto que tão grandes prejuizos vai causar ao nosso Estado.

E' preciso que s. ex. se informe do que tem sido essa estrada de ferro para Goyaz.

A sua acção é a de um polvo gigantesco.

Primeiro, desviou os recursos que tinha para fazer a estrada de ferro até á nossa capital, para outros trabalhos; depois, empregou o saldo que o ramal existente na nossa terra lhe dava, em obras em outras linhas, deixando os empregados por pagar, e as estações sem armazens para cargas e sem conforto algum para os passageiros.

Organizou tarifas que impedem a exportação de muitos artigos de nossa lavoura e, não contente com tudo isso, ainda consegue que essas tarifas sejam augmentadas de 20 °|°.

Haverá proposito de paralysar a vida de nosso Estado?

Pois quando os impostos dos artigos só exportados pela estrada de ferro de Goyaz saltam de 51:398$446 em 1914 para 485:150$516 em 1918, é que se vai augmentar o frete o elevado?

Esperamos que essa injustiça não seja mantida.

Não façamos comprehender aos eternos espoliados para gaudio daquelles que, tendo grossos dividendos, não se importam com as privações dos que mourejam da manhã á noite, que o maximalismo é a unica aspiração desses eternos parias, que do conforto da vida só conhecem aquillo que os seus espoliadores, aos seus olhos, ostentam.

As reivindicações que as massas populares na Europa estão fazendo, são um bom aviso para que olhemos com mais attenção para os interesses de todos, principalmente para aquelles que com o seu trabalho concorrem para o engrandecimento da nação.

(De *Nova Era*, o brilhante semanario que se edita na capital goyana).

N. B. — No proximo numero trataremos do acto impensado do Sr. Mello Franco, que nada nos ficará devendo por isso.

GLOTOLOGIA INDIGENA

Niteroi, 28 de Fevereiro de 1919.

Meu caro colega e amigo Henrique Silva.

Saudações.

Primeiro que tudo aceita um estreito e cordial abraço pelo teu belo artigo — *Fazendo engenharia*... — Admira como no proprio Brazil não se conhece o Brazil, e isto dá-se com quem tem obrigação de o conhecer. Não precizo dizer mais nada

Ainda desta vez escapou á revizão os seguintes lapsos: lin. 7, em vez de *Poi*, está *Psi*; lin. 17, em vez de — da, está — de; em vez de *Mbyyui*. está *Mbyqui*, que é couza muito diversa; lin. 34, em vez de *Pau*, está *P^an*; lin. 38, entre — um — e — que— faltou a palavra —erro. Releve-me insistir nestas correções, pois são necessarias para os pouco versados nesta bela lingua, para quem escrevo.

Continuando a respigar nas belas notas do nosso inolvidavel Taunay, vemos á p. 27, l. 5 — *guavyra*, e á nota 1 — *Gua*, baga; *yrob*, acre.

Guá. ba. bi, é o part. nom. e sub. do v. intr. e tr. *Gu*, esplet de *U*. injerir; deglutir; sorver; comer; beber, etc., com o suf. daquele part. ...*á. ba. bi*, — que, o que se injere, etc.. come, etc. Por este enunciado se póde fazer idéa do numero de acepções que se póde atribuir áquele sub, sendo um deles — fruta, fruto.

Baga (fruta. etc.), é simplesmente — *A*, quando pref. e... *á*, quando suf.

Ró. ba. bi, de rad. *Rób*, adj., sub. e v. adj., amargo; adstrinjente, etc.; amargor; adstrinjencia. etc.; ser, estar, etc. amargo, adsrinjente, etc.' ter, estar com, etc. amargor, adstringencia. etc.; amargar; adstrinjir, etc. Como v. adj. que é. só se conjug. com os pron. pers.

Iró. ba. bi, é a 3ª pers. do sing. e do plur. do modo jeral — é, está, tem, está com. etc.; amarga, adstrinje, etc.

Guábiró. ba. bi, de *Guábi*+*Ró. ba. bi*, nome comum a div. frutas, cujas arvores e arbustos; tanto de mato como de campo, pertencem á fam. das myrtaceas, aos jeneros *Camp^omanesia* e *Abb^evilea*.

No Paraguay, em vez de *Guábiró*, dizem *Guábirá* e *Ybábirá*, o que fez com que o finado jen. Beaurepaire Rohan dissesse que distingue-se *Guábiró* ás Campomanesias e *Guábirá* ás Abbevileas. Foi engano dele.

... *biró*, é uma metateze. aliaz vulgares nesta lingua. de *Yrób*, de onde se fórma *Ybábiró*, de *Yba*, de *Y. ba. bi*, do rad. *Yb*, arvore, arbusto. etc. e... *á* fruta (baga). etc., fruto de arvore, etc.

Não havendo nesta lingua, que eu saiba, dição nehuma da fórma, *Rá. ba. bi*, de rad. *Ráb*, sinão o v. tr., desatar; destorcer; descoxar; desmanxar, etc., claro está que a fórma paraguaya *Rá*, para o cazo vertente, é uma corrup. de *Ró*.

Hoje excedi-me um pouco.

Abraça-te o colega e amigo.

J. MAIA.

RIO VERMELHO

Goyaz tem um rio que a recorta precintando-a pelo meio, dividindo a cidade em duas partes eguaes.

E' um antigo e lendario rio de ouro e minerações passadas em cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta.

Nasci nas margens desse doce rio e o seu murmurio ininterrupto embalou o berço da minha infancia, fecundou e perfumou a flôr de minha adolescencia, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia.

As aguas sempre correntes, sempre apressadas, quando passavam pela velha casa onde nasci, iam mais vagarosas, mais lentas e contavam-me longas e formosissimas historias das margens por onde andavam, dos bosques onde reflectiram a verde roupagem das arvores,do ignoto d'onde vinham e do desconhecido para onde iam, cantando e fallando, fallando e correndo sempre...

E eu ficava longas e cumpridas horas pasmada para essas aguas que corriam, corriam, sem nunca se deterem, sem nunca se cançarem, attenta para essas historias de maravilhas e de sonhos que só eu ouvia.

Nas noites de abril, quando o luar vem lavar nas aguas a alvura de seus veus e a cidade dorme e sonha sob um vasto coradouro de linhos e cambraias, nas noites escuras em que espelham a verde luz do verde olhar dos astros, o rio tem extremecimentos humanos e repercute longinquo a abemolada surdina das serenatas distantes...

Pelas cheias, quando as chuvas lentas e monotonas fazem os dias humidos e tristonhos, a agua do rio toma a côr de sangue do seu nome e num côro de vozes equoreas, formidandas entoam um cantochão funereo e grave.

Troncos arrastados, galharadas verdes onde fremiram azas e balouçaram ninhos, detrictos, residuos, escorceas e sedimentos as aguas encachoeiradas lavam e arrastam com violenta furia...

Depois a vasante e o rio no comprido do seu leito recáe na acalmia do ordinario curso.

As aguas volvem a correr compassivas e mansas com a mesma feiticeira mansidão com que embalou e deu azas aos sonhos de minha adolescencia.

Meus ouvidos ouvem sempre a vossa voz amiga, oh! aguas longinquas de minha terra, sempre a correr, sempre a cantar, coleando as margens, dormitando um instante na tranquillidade profunda do remanso, despenhando-se das pedras, vencendo as distancias, aflorada de largas folhas de tayoba e nenuphares verdes, echoando nas noites de verão a coral symphonia dos sapos e das rãs que moram no reconcavo das vossas pedras!...

Depois, oh! rio, de espelhares as pontes, reflectires os cáes que te marginam e estreitam e as casas que te comprimem e apertam, além, já longe, amplias e cresces, bebendo soffrego os regatos e corregos humildes que encontras no teu curso, até que afinal tu mesmo, grande, enorme, volumoso, entras, te ajustas, confundindo-te para sempre nas aguas vastas, ermas e azues do mais bello dos rios, do desconhecido e maravilhoso Araguaya!

Longe de ti, oh! Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas aguas, meus ouvidos anceiam pela tua vóz blandiciosa e sedativa que despertou complascente as illusões de minha adolescencia...

Oh! aguas antigas e tranquillas! corrieis, corrieis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar, fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos...

Oh! aguas tredas e feiticeiras, lavae uma vez na tua piedosa cheia os sedimentos e residuos da minha dorida amargura...

Longe, longe, junto a casa onde nasci passaes aligeiradas, correndo e cantando, fallando e contando sempre as lendas de Anhanguera e as lendas de Goyá.

Rio abaixo, ao abandono, boiou e rodou, perdendo-se para sempre, a teia emaranhada de meus sonhos mortos/..

Na minha alma hoje tambem corre um rio, um longo e silencioso rio de lagrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que ha de ir subindo, subindo sempre até afogar e submergir na sua cheia tenebrosa a intensidade da minha Dôr!...

CÓRA CORALINA.

(Do livro *Canção das Aguas*).

O amianto de Goyaz

E' cousa assás sabida desde os tempos coloniaes que o melhor amianto encontradiço no Brasil procede da Serra Dourada, em Goyaz, onde é abundantissimo.

Da existencia do amianto, "ou pedra incombustivel", em Goyaz, já falava o Conego Luiz Antonio da Silva e Souza na sua *Memoria sobre o descobrimento da Capitania de Goyaz*, datada de 30 de Setembro de 1812.

Na Exposição Nacional de 1875, que se realizou aqui no Rio, viase um grande blóco de amianto branco procedente da Barra, localidade proxima á capital goyana.

Entretanto o nosso mui joven sabio Dr. Roquette Pinto, nos seus *Elementos de Mineralogia* (Applicada ao Brasil) diz, que o mineral em questão apenas existe em Minas Geraes, Ceará e Parahyba.

O Sr. Roquette, que é bom mineiro (nós é que somos bairristas), esqueceu-se, porém, de dizer que o amianto das Minas Geraes é de côr verde suja e com incrusões de linconito, acidos de ferro e outras, e só perde esta desvantagem, depois de lavagens reptidas com acido chlorhydrico — o que não succede ao de Goyaz, que é completamente branco e isempto de impurezas.

São sem conta, actualmente, as applicações industriaes do amianto, particularmente na Inglaterra.

Lêm-se num recente artigo do *Boletim de la Unión Industrnal Argentina* interessantes dados relativos ao desenvolvimento admiravel, que de tempos a esta parte vem tendo a fabricação de artigos de amianto que tambem por ser um corpo isolante, incombustivel, e leve—provavelmente será em breve tempo um factor da maior importancia na construcção de edificios.

Damos, a seguir, o valor da exportação em toneladas, do amianto pelos principaes paizes exportadores deste precioso composto mineral, dados estatisticos estes colhidos no *Board of Trade*:

	Canadá,	S.Afr.ª,	Rodhesia,	Russia,	Italia
1907	41,008 —	580 —	54 —	8,168 —	156
1908	5,9051 —	1,554 —	255 —	8,163 —	212
1909	5,9732 —	1,817 —	187 —	9,155 —	580
1910	64,038 —	1,747 —	278 —	10,662 —	534
1911	69,829 —	1,625 —	34 —	13,476 —	569
1912	76,316 —	1,310 —	249 —	15,492 —	628
1913	91,820 —	1,136 —	169 —	13,625 —	739
1914	105,917 —	1,307 —	1,856 —	8,550 —	560
1915	74,904 —	3,090 —	5,717 —	9,720 —	163
				3,096 —	285
1916	88,833 —	4,490			

Exportações das fronteiras européas, russo-européas, russo-finlandezas e do Mar Negro, sómente 1.000 poods — de 17 1|2 toneladas approximadamente.

Importações de amianto em bruto, nos seguintes paizes:

(Os seguintes algarismos foram reduzidos a toneladas canadenses ou americanas, 2,000 lbs.)

	Gran Bretanha,		Allemanha,		Austria-Hungria
1907	7,277	—	12,206	—	6,302
1908	7,376	—	11,037	—	10,432
1909	6,477	—	13,121	—	13,203
1910	8,085	—	12,902	—	12,762
1911	7,726	—	13,457	—	18,546
1912	8,620	—	16,269	—	27,077
1913	12,995	—	16,127	—	19,337
1914	16,480				
1915	28,586				
1916	Faltam detalhes				

Estas estatisticas se referem sómente ao amianto em bruto, isto é, tal como sahe das minas.

E' pois, facil concluir que o amianto de Goyaz será em breve tempo um factor da maior importancia no desenvolvimento da exploração mineral no nosso paiz.

NOTAS E INFORMAÇÕES

A proposito do ligeiro commentario que nesta "Revista", ed ção de 15 de Janeiro p.p., fizemos a um trabalho do illustre Deputado riograndense Dr. Simões Lopes, deste recebeu o nosso director a seguinte carta:

"Pelotas, 10 de Fevereiro de 1919.

Exmo. Sr. Henrique Silva, M.D. Director da *Informação Goyana.*

Rogo-vos o obsequio da publicação das seguintes linhas:

Relativamente á referencia feita na Revista do dia 15 do p.p. mez, pag. 89, sobre a estatistica do xarque fabricado no nosso paiz, devemos informar-vos que não pretendemos n'aquelle momento fazer estatistica completa da industria, mas um rapido computo da producção, chegando á cifra de 58.500 toneladas, no intuito de mostrar o valor que ainda tem entre nós essa importante industria genuinamente nacional.

Para tal effeito, pouco importava, pois, o accrescimo de mais 553 ½ toneladas em um total de 58.500 toneladas, estimadas.

Sem mais, ficará grato o am. — *Ildefonso Simões Lopes.*"

Não discordamos da estimativa acima, porém releva dizer que não mencionámos aquellas 553 ½ toneladas de xarque da exportação goyana como devendo serem accrescidas á cifra de 58.500 toneladas, que registra a producção do xarque nacional, — e sim com o intuito de incluir o Estado de Goyaz no numero dos productores do alludido artigo, o que aliás não occorreu, infelizmente, ao digno e competente representante do Rio Grande do Sul, talvez pela simples razão que vamos expôr.

E vem a ser que S. Paulo passa, nas estatisticas officiaes, como productor de generos *made in* Goyaz, — o xarque, por exemplo.

Minas Geraes e S. Paulo, não cessaremos de repetir, são actualmente os dois maiores perca ços da producção goyana. Por ahi se vê, pois, que o nosso director não foi bem comprehendido nos seus louvaveis e patrioticos intuitos, ao commentar a estimativa da producção do xarque nacional feita pelo seu illustrado amigo Dr. Simões Lopes.

* * *

Neste momento em que a Liga da Defeza Nacional com tão louvavel patriotismo procura derimir as antigas questões de limites interestaduaes, vem de molde o conhecimento das passagens, que a seguir trasladamos de um documento de cunho official datado de 9 de Setembro de 1812. Firma-o Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chichorro, secretario do Governo da Capitania de S. Paulo.

Referimo-nos aos seguintes topicos:

"Os Mineiros não se atrevendo já a negar as suas continuadas usurpações, dão por motivos de humas o estarem nos seus Limites, e de outras, que para acautelarem extravios do ouro mudão os Registos: tendo eu refutado o primeiro motivo, respondo ao segundo. Faz-se notavel que para acautelar extravios, elles sempre procurem os nossos para a parte desta Capitania, e nunca retrogradão para traz, além disso bem podem elles dar parte ás Capitanias Limitrophes do abuso que se faz desses extravios; porque estou certo que se lhe ha de dar a providencia; todos servimos a Sua Alteza Real com tanta honra e fidelidade como as autoridades de Minas Geraes.

Porém, para que me hei de cançar mais: Tire-se de huma vez a mascara a este negocio, e fallemos claro na presença do Soberano: as causas das continuas usurpações de terreno, que os mineiros fazem a esta Capitania são duas dimanadas de huma geral, que hé a — *Sacra fames, auri.* — Os moradores das Comarcas de Minas Geraes se obrigárão a pagar annualmente cem arrobas de ouro ao Real Erario pelos quintos delles, e faltando pôr-se a derrama. O ouro já falta nos antigos Limites das ditas Comarcas, ou pelo menos são precisas mãos mais habeis para o extrahirem, e para se livrarem da imposição da derrama, estendem os seus Limites a vêr se assim achão o ouro, que parece fugir de diante delles: Eis aqui huma causa das usurpações, causa prejudicial ao Real Erario, porque devendo Sua Alteza Real ter certas aquellas cem arrobas de ouro das Comarcas de Minas Geraes pelas suas antigas demarcações, o ouro que se tirar nas minas que ficão pertencendo a esta Capitania paga aqui na casa da fundição o Quinto, o que augmenta o Real Patrimonio.

O segundo, e maior motivo das usurpações dos Mineiros sobre esta Capitania, hé o não terem elles já bastantes terrenos bons para a cultura e criação: o solo das Minas Geraes está quasi todo revolvido com as escavações para se tirar o ouro; a superficie productora se mergulhou no fundo, e o cascalho, e a pissarra vierão para cima esterilisar o terreno; os Mineiros, que já se vão capacitando, que a cultura das terras e dos fructos naturaes della, he pelo calculo da arithmetica politica e economica do Estado, mais util que das mesmas Minas, com tanta differença quanta vai de vinte contra hum, deixando-se de trabalhar em minas, que ou já nada ou quasi nada lhes dá, procurão os terrenos para a cultura e criação de gados, mas nisto mesmo nos prejudicão emquanto se introduzem nesta Capitania tirando sesmarias pelo Governo de Minas, ou apposseando-se de terras a titulo, de que pertencem áquella Capitania."

Vimos, porém, no traslado acima, que os geralistas, para alargarem os limites da sua Capitania, tiravam sesmarias pelo governo de Minas, ou se apossavam de terras alheias a titulo de que pertenciam áquella Capitania.

Pois bem: o facto dos mineiros com o mesmo intuito tirarem sesmarias na picada de Goyaz e registral-as no Livro da Secretaria de Minas, é ainda hoje considerado (vide *Questão de limites entre os Estados de Minas e Goyaz,* de autoria do illustre poeta Sr. Augusto de Lima) — "documento historico do maior valor, diz elle, em abono do direito de Minas Geraes aos terrenos que se estendem ao valle do rio S. Marcos"!!!

Prova de que os geralistas tiravam sesmarias onde bem lhes parecesse — é que mais de um delles — André Barboza de Barros, Manoel da Silva Villafria, Manoel Dias de Menezes e Manoel da Costa Gouvêa — registram na antiga Villa Rica sesmaria no alto da Serra dos Crystaes, distante 66 kilometros da margem direita do rio S. Marcos— territorio este que jamais, em tempo algum, os governos de Minas Geraes o tiveram e mlitigio!

Outro *documento,* aliás obsoleto, que o imaginoso patrono de Minas reedita é o "Requerimento dos moradores de S. Domingos do Araceá, pendendo sua passagem para a Capitania de Minas."

Mas nesta peça inteiriça de anachronismos e invencionices, lê-se que os geralistas foram os primeiros descobridores e habitantes do Rio S. Francisco e Goyaz, em 1718.

Ora, seria até impossivel que os da *Bandeira* do Anhanguéra a Goyaz em 1722, que palmilharam o leste do actual territorio de Goyaz precisamente na zona limitrophe com a então Capitania de Minas, nem ao menos lobrigassem rastos de mineiros naquellas partes — de bois sim — mas estes trasmalhados das margens do Rio S. Francisco, já por esse tempo povoadas de paulistas que se tinham retirado das Geraes, o diz o veridico conego Luiz Antonio da Silva e Souza nas suas *Memorias Goyanas,* o que aliás a historia do Brasil registra.

Os mineiros são finos — não mettem prego sem estopa; d'ahi essa de fincarem seus novos marcos sempre para a frente, nunca para traz...

Não teria sido com elles que os matto-grossenses aprenderam a tactica que usam no tocante a Goyaz?

E' bom não esquecer.

* * *

Da *Brazil-Ferro-Carril,* a magnifica Revista quinzenal de transportes, economia e finanças, transcrevemos os seguines informes de actualidade para os nossos leitores:

ESTRADA DE FERRO OÉSTE DE MINAS

O director desta estrada communicou ao Sr. ministro da Viação, que o saldo registrado pelo Tribunal de Contas para a construcção do trecho de Barra Mansa a Angra dos Reis é de 4.410:148$114.

O director da Oeste tem a attenção, neste momento, voltada para essa construcção, cujo sreviço pelo systema de tarefas vai ser atacado dentro de pouco tempo, sob a sua superintendencia.

O Sr. Inspector Federal das estradas de ferro acaba de apresentar ao Sr. Ministro da Viação o seu parecer sobre o processo da tomada de contas da Estrada de Ferro de Goyaz relativa ao 1° semestre de 1918. Com a inauguração, realizada a 17 de Julho, do trecho de 26km.424 entre as estações de Catiara e Salitre, a extensão total em trafego nesta estrada elevou-se a 555km.607, sendo:

Secção de Formiga, 322km.244 secção de Araguary, 233km.363: total, 555km.607.

Segundo os documentos exhibidos pela companhia, o trafego nesta estrada produziu no semestre o seguinte resultado:

Receita, 741:181$097; despeza, 819:234$572; "deficit" . . . . 78:053$476.

Os representantes do Governo na junta de tomadas de contas modificaram o balanço acima, excluindo da despeza diversas verbas na importancia total de 59:469$860. Todas essas glozas, diz o inspector, foram feitas com criterio e estão perfeitamente justificadas na acta, embora contra ellas tenha protestado o representante da companhia, aliás, sem fundamentar o seu protesto. Se V. Ex. approvar essas glozas, como penso que devem ser approvadas, diz ainda, o parecer, o balanço definitivo do semestre será:

Receita, 741:181$097; despeza, 759:764$713; "deficit", ... 18:583$616.

Tendo sido a extensão média em trafego de 531km.338, segundo calculou a junta, a receita por kilometro foi de 1:394$933, estando, pois, comprehendida entre os limites de 2:500$ e 4:000$ por anno. Nestas condições, de accôrdo com a clausula 31°, do contrato da estrada, a junta determinou a quota do arrendamento, tomando 5 % da renda bruta correspondente ao primeiro daquelles limites e 10 % da renda excedente ou sejam:

5 % de 664:172$500, 33:208$625; 10 % de 77:008$597, ... 7:700$860; total: 40:909$485.

O Sr. Inspector Federal das estradas de ferro, esqueceu-se, porém, de declarar ao ministro que a receita da Estrada de Ferro Goyaz foi proveniente do ramal de Araguay a Roncador em Goyaz n'uma extensão de 223 kilometros apenas, e o "deficit" bem como mais de 2|3 da

despeza, procedem da linha tronco, isto é, a secção de Formiga a Patrocinio, no Estado de Minas.

OUTRA LINHA DE AUTOMOVEIS EM GOYAZ

Deve ser aberto em breve o trafego de automoveis entre Corumbahyba e Goyandira, estação da E. F. Goyaz. Este importante melhoramento beneficia tambem o districto de Nova Aurora. O rico e prospero municipio de Corumbahyba fica encravado entre tres grandes rios navegaveis: o Corumbá, o Veríssimo e o Paranahyba, cujas margens são cobertas de frondosas mattas virgens de prodigiosa fertilidade e melhores não podem ser os prados nativos e artificiaes que alli se deparam. A mesma carreira de automoveis servirá tambem os municipios de Santa Rita do Paranahyba, Morrinhos e Caldas Novas, com as prosperas povoações de Buity Alegre e Bananeiras.

* * *

Vai aqui um informe que deve interessar tanto ao illustre Dr. Pereira Barretto quanto os consulentes que nestes ultimos dias nos vêm solicitando indicações de criadores da raça *Franqueira* (*Pedreira* em Goyaz).

Referimo-nos aos seguintes topicos de uma carta que recebemos do distincto representante da *Informação* no Estado, o Sr. Mario Vaz:

"Encontrei aqui, na Serra dos Crystaes, o boiadeiro Nestor Ribeiro, que móra em Santa Luzia e vae levando para Ipameri 1.200 bois gordos. Eu conversei com elle sobre a possibilidade de uma compra de novilhos e novilhas da raça Pedreira, que o Dr. Barretto deseja, e Nestor me declarou que, mediante prévio accôrdo, poderá fornecer ao Dr. Barretto qualquer quantidade de bovinos da raça Pedreira."

EXPORTAÇÃO DE CASTANHA DE CAJU'

Segundo informações do nosso digno consul em Liverpool, a castanha de cajú está obtendo o alto preço de 150 libras por tonelada, naquelle porto. Os importadores aconselham a remessa em caixas de 102 kilos cada uma.

Ora, Goyaz possue além das especies do "Anacardium occidentalis L." tres especies campesinas que lhe são peculiares, como o Cajui ("A. humiles"), e "A. curatelli folium", que fornecem pocentagens maiores em oleos alimenticios, bebidas vinosas espumantes, e serve para confecções de doces, gomma e resina de superior qualidade, e materia prima tanifera.

E ahi está um dos novos productos de exportação brasileira com o qual Goyaz poderá entrar em concorrencia com outros Estados — sem receio das prohibitivas tarifas das nossas vias-ferreas, inclusive a Goyaz, que o ministro da Viação acaba de presentear com um povoroso augmento de 20 % em seus fretes.

* * *

A PRODUCÇÃO DO CAFE' NO BRASIL

Depois de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo, Goyaz é o maior productor da nossa rica rubiacea no Brasil.

No entanto, a Directoria da Estatistica Commercial e o Dr. Vieira Souto ignoram criminosamente quantos milhares de pés de cafeeiros existem plantados e fructificando no grande Estado Central — mas andam ahi a nos informarem todos os dias, pela imprensa, em folhetos, em monographias, em conferencias, com o ministro da Agricultura, que a estimativa das colheitas disto e daquillo neste ou naquelle outro Estado é surprehendente, de preferencia a do amendoim...

Com a alta prevista do café, ahi teremos em breve outro novo artigo de exportação goyana para, com o nome de paulista, sahir pelo porto de Santos — mas, antes assim.

O Clima do Planalto Central do Brasil

Dados climatericos do anno de 1895 colhidos no Observatorio meteorologico do Acampamento da Commissão de Estudos da Nova Capital da União (altitude 1.020m.).

Estava em Pyrenopolis, quando designado para interinamente dirigir o serviço meteorologico que ia se instalar no Chapadão do Gama, lugar que se havia escolhido para acampamento central da Commissão.

Lá deveria achar-me antes do fim do anno para assistir a installação dos instrumentos e preparar o necessario para que as obsrevações se iniciassem regular e uniformemente desde o dia 1 de Janeiro de 1895.

Recebidas as instrucções que devia seguir, parti a 13 de Dezembro, demorando-me na villa Corumbá quanto bastou para organizar conducção e munir-me do necessario para manter a minha turma naquelle lugar, então falho de recursos.

A 17 parti de Corumbá com dois dos meus auxiliares e a 20 acampavamos no lugar—alvejado, onde já se achava o Dr. Henrique Morize, que na nossa ausencia dirigia o serviço da Commissão.

Graças ás suas providencias efficazes, apezar de todas as difficuldades, foi installado o observatorio e construido um rancho que a 31 de Dezembro occupavamos, embora ainda aberto.

O observatorio estava, como vistes, collocado em boas condições para o fim a que era destinado; ficava a 15°45' de latitude sul e cerca de 1.020m. acima do nivel do mar e seu sólo era revestido de capim, achando-se desse modo os instrumentos protegidos da reverberação thermica; e continha os instrumentos mais necessarios, installados como se poderia exigir em taes circumstancias. Os instrumentos de abrigo, sob rancho de palha, aberto, e dentro de abrigo talhado de accôrdo com as instrucções modernas para o caso, entregues á franca ventilação, os desabrigados, completamente expostos; fóra de qualquer causa desvirtuadora da veracidade de suas indicações. Eram:

Thermometro centigrado por Fontaine.
Thermometro centigrado para maxima, de Negretti.
Thermometro centigrado para minima, de Rutherford.
Psychrometro de August.
Jogo de thermometros para o Actinométro.
Barometro Fortin. (1)
Heliographo.
Pluviometro decuplador, de Richard.
Evaporometro, de Piche.
Catavento.
Anemometro de Robinson, registrando a direcção e a intensidade do vento e permittindo medir directamente a velocidade pelo tempo decorrido entre duas pancadas consecutivas da campainha electrica, accusando o espaço de cem metros.

E mais:

Thermometros (dois); Barometro (um) — Registradores de Richard.

Os phenomenos a observar eram: além dos correspondentes aos instrumentos citados, o estado do céo, o orvalho, etc.; afinal, todos os suaes interessantes para o meteorologista.

A colheita das indicações instrumentaes era feita, para o thermometro livre, barometro, psychrometro, anemometro, de tres em tres horas, observando-se ao mesmo tempo o estado do céo; para os demais instrumentos e phenomenos a colheita dos dados era diaria; observando-se o evaporometro, o actinometro e pluviometro a 1 hora da tarde. Os registradores eram comparados diariamente com os correspondentes.

Segundo as instrucções, deviam as horas ser contadas de accôrdo com o uso astronomico 0 a 24, começando ao meio-dia civil; e as observações serem iniciadas a 1 hora do dia.

O methodo e convenções que segui foram, dentro do estatuido pelas instrucções, o que aconselha Angot.

Adoptei a escala telegraphica para estimar a força do vento até á installação do anemometro. Este não funccionou bem durante todos os mezes; pelo que, para uniformidade, apresento os resultados anemometricos sob o estalão dessa escala que como verifiquei dá resultados bem satisfactorios. Para o estado do céo, a nebulosidade foi estimada em decimos de céo encoberto e a fórma das nuvens apreciada segundo a classificação usual. Tomei como dias claros os de nebulosidade até cinco e nublados só os de nebulosidade igual a dez.

Ao meio-dia de 1 de Janeiro, na presença do Sr. Dr. Morize, inaugurei o serviço pela comparação dos registradores com os seus similares; e a 1 hora da tarde iniciei as observações tri-horarias que se continuaram até ao fim do anno.

A meu cargo tambem estava observar o nivel dos rios Torto e Gama, proximos á sua confluencia (cerca de quatorze kilometros da estação), para o que se collocou uma regua graduada em cada um delles.

Deviam ser lidas diariamente, modificando-se de Abril em diante o prazo entre as leituras, que passaram a ser feitas de cinco em cinco dias.

A 6 de Janeiro inaugurei essas observações que se continuaram regularmente até ao fim do anno. Seu resultado só offerecerá interesse quando representado em diagramma com os da chuva e evaporação para serem comparadas; no emtanto, para delles dar-vos uma noticia junto a este as médias mensaes e a ellas tambem reuno as das temperaturas das aguas desses rios, tomadas mais tarde.

Em fins de Fevereiro tornou-se effectiva a dispensa de dois auxiliares meus, um que ficára em Pyrenopolis, por doente, e que por esse motivo não entrou em serviço; outro, o Sr. Adalberto de Camargo, que já me auxiliava bastante e que se fez notar pelo zelo e dedicação aos trabalhos. Só, com outro auxiliar, Sr. Homéro Baptista, continuei o serviço.

Em fins de Abril me encarregastes effectivamente do serviço e no principio de Maio vem auxiliar-me o Sr. Barros, que logo sahiu, vindo em seu lugar o Sr. Lopes, que foi substituido pelo Sr. Moysés. Este, com o Sr. Homéro, continuaram até ao fim do anno, com pequena interrupção para o Sr. Barros

Nessas substituições tive o cuidado necessario para que a uniformidade e a exactidão das observações nada soffressem; do mesmo modo que praticára no inicio do serviço; para o que fiz eu mesmo, no começo todas as observações até que os auxiliares se familiarisassem

com um serviço novo para elles, continuando durante quasi todo o anno a fazer eu proprio ou assistir ás principaes observações. Felizmente, concluiu-se o anno sem que, mesmo quanto ás observações de importancia secundaria houvesse falta digna de nota, o que bem poderia acontecer, em serviço dessa ordem, principalmente nas noites muito chuvosas ou frias, sendo de alguns metros de distancia e desabrigado o percurso para chegar ao observatorio. Julgo dever essa nota porque o valor dos dados meteorologicos depende do escrupulo em colhel-os, quer quanto á pontualidade, quer quanto á uniformidade e exactidão das observações.

A 2 de Maio, por vossa ordem, foi modificada a hora da leitura do actinometro, que ficou então sendo lido ás 8 horas da manhã, ao meio-dia e ás 4 horas da tarde.

A 14 do mesmo, foi collocado na superficie do sólo e ao relento um thermometro de minima para dar a maior baixa thermica produzida pela irradiação nocturna.

A 20, ainda de Maio, outro thermometro, cujas correcções foram determinadas como para aquelle, era collocado no Chapadão, dois kilometros a sul do acampamento, sendo a 1° de Junho mudado para o alto do Chapadão, cinco kilometros a sul do observatorio e cerca de 130m. acima, onde foi diariamente observado até ao fim do anno. Era uma maxima e minima systema Negretti e Zambra para dar os extretorno dos do observatorio julgo não dever incluir nesta ligeira noticia.
torno dos do observatorio julgo são dever incluir nesta ligeira noticia.

A 5 de Agosto foram collocados juntos ás reguas graduadas nas aguas do Porto e do Gama, thermometros centigrados para lhes dar a temperatura e eram observados de cinco em cinco dias.

(*Continúa*)

Do "Relatorio" apresentado ao Sr. Dr. Luiz Cruls, chefe da Commissão de Estudos da Nova Capital da União, pelo Dr. João José de Campos Curado, encarregado do serviço meteorologico da mesmo Commissão.

Documentos para o estudo da questão de limites entre Goyaz e Minas

Palacio da Presidencia de Goyaz, 1° de Fevereiro de 1856.

Illmo. e Exmo. Sr.

Accuso a recepção do Aviso de 28 de Setembro, pelo qual V. Ex. enviou-me por cópias o officio do Presidente da Provincia de Minas Geraes, de 20 do proximo mez e do qual o acompanhou, dirigido ao mesmo Presidente pela Camara Municipal de Paracatú, em data de 2 d'Agosto, afim de que eu informasse sobre os factos allegados pela dita Camara, o que passo a fazer.

Não ha acto algum da Assembléa Legislativa d'esta Provincia que annexasse a ella terrenos da de Minas, e essa porção de terreno, com a extensão de cerca de 5 leguas, de que a Comarca de Paracatú faz menção, sempre pertenceu a esta Provincia, por estar dentro dos limites que lhe forão marcados (documento n. 1).

Tendo a Lei Provincial, n. 17, de 13 de Novembro de 1854, creado taxas itinerarias em todas as estradas de communicação d'esta com as demais Provincias do Imperio, forão restabelecidas diversas barreiras, e entre ellas a do porto Mão de Páo, comprehendendo todos os mais portos do Rio Paranahyba, no Municipio de Catalão. A execução desta medida encontrou viva opposição da parte dos moradores d'aquelle sertão, alguns dos quaes são homens de máos costumes, e que habitando na margem do rio que divide as duas Provincias, nelle têm uma ou duas canôas a pretexto de caça, e pesca, em que dão passagem a aquelles que querem se esquivar ao pagamento dos impostos provinciaes, ou fugir á perseguição da justiça de qualquer das duas Provincias, unindo a essa criminosa industria a pratica de crimes mais terriveis.

O Agente da Recebedoria, por zelo dos interesses provinciaes, tomou algumas medidas mais fortes, porém não commetteo os abusos, excessos, de que o accusa a Camara de Paracatú; comtudo, para d'uma vez desapparecerem essas queixas, deu a Thesouraria das Rendas Provinciaes as necessarias providencias (documento n. 2).

O tropeiro da V. do Patrocinio, por nome José Gregorio, que a Camara Municipal de Paracatú diz fôra morto pelo Agente da Recebedoria do porto Mão de Páo, o capitão Bruno Gonçalves Pereira, depois de ter passado no dito porto esteve em Catalão, seis leguas aquem com o Sr. Juiz de Direito da Comarca, e a 14 de Novembro foi visto no arraial de Pouso Alto, mais de tres mezes depois do dia em que foi feita a representação da Camara de Paracatú, (documentos ns. 3 e 4).

Reconhecendo que Anna Maria Martins fôra, por ordem do 1° substituto do Juiz Municipal e Orfãos da V. de Formosa, João Pinto Soares Guimarães, presa no territorio do Municipio de Paracatú, sem que a diligencia fosse feita por official de justiça, e nem apresentados ás autoridades d'aquelle Municipio (de Paracatú) o mandado, e carta precatoria, a 24 do corrente suspendi do exercicio, em que se achava, o dicto João Pinto Soares Gumarães, e ordenei ao Juiz de Direito da Comarca que, quanto antes instaurasse o competente processo de responsabilidade, (documento n. 5).

Sendo assassinado o capitão Vicente Xavier da Silva na povoação de Santa Rosa, do Municipio de Flôres d'esta Provincia, por uma escolta, que o foi prender, dirigida pelo sub-delegado de Burity, da Provincia de Minas, da qual fasião parte praças do Destacamento da V. Formosa, e ordenei ao Sr. Chefe de Policia que se dirigisse á povoação de Santa Rosa e instaurasse o competente processo, o qual regressando informou-me por officio de 16 do corrente, que a diligencia não fôra feita por official de justiça, e que o capitão Vicente fôra morto sem fazer a menor resistencia: como V. Ex. verá da cópia do dito officio, e da pronuncia juntos sob ns. 6 e 7.

He o que tenho a informar a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex.

Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Pedreira do Coutto Ferraz, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Antonio Augusto Pereira da Cunha.

Documento numero 1, acima alludido:

— Cópia —

Illmo. e Exmo. Sr.: Por Aviso de 8 de Junho p. p. Mandou o Regente em nome do Imperador pela Secretario de Estado a cargo de V. Ex., que esta Presidencia informasse circumstanciadamente si convém fazer alguma alteração nos limites actualmente existentes entre esta Provincia e as outras do Imperio que com ella confinam afim de ser a mencionada informação remettida á Camara dos Srs. Senadores que a solicitou; para cumprimento pois deste respeitavel Aviso passo primeiramente a expôr a V. Ex. que os limites com que foi criado o Governo Geral de Goyaz foram pelo Sul com o Governo de S. Paulo pelo Rio Grande, que nasce em Minas Geraes e pelo Norte e Léste continuaram a servir de limites os mesmos pontos que dividiam a Provincia de S. Paulo com as de Pernambuco e Maranhão, quando Goyaz ainda formava uma Comarca de S. Paulo, e que tudo mostro pela Provisão de 2 de Agosto de 1748 junta por copia em o numero 1°. Com a Provincia de Matto Grosso servia-lhe de limites ao poente o Rio Grande chamado Araguaya, mas posteriormente em virtude de um Auto de limites convencionado entre os Governos de Goyaz e Matto Grosso ficou servindo de limites o Rio das Mortes desde sua 1ª origem em uma lagôa até sua barra no Araguaya, como miudamente reclamavam os documentos juntos sobre o n. 2; pelo Sul foram alterados os limites pelo Alvará de 4 de Abril de 1816, que separando de Goyaz os Julgados de Araxá e Dezemboque, e unindo-os á Comarca de Paracatú e Provincia de Minas Gerhes, ficou servindo de limites por este lado o Rio Paranahyba; pelo Norte tem havido fortissimas questões sobre os limites com a Provincia do Maranhão. Em 1735, 9 annos depois da descoberta de Goyaz já Goyaz se vio na necessidade de levar aos pés do Throno queixas a cerca do Maranhão como mostro pela Provisão de 5 de Janeiro de 1436, por cópia junto em o n. 3. Depois quiz o Governo do Maranhão que o Arraial de S. Felix e Norte desta Provincia lhe fosse sujeito, o que lhe foi recusado pela Provisão de 30 de Maio de 1737, que por copia junto em o n. 4; desejando sempre o Governo do Maranhão annexar á sua Provincia algum territorio Goyano pedio e procurou protestar para separar do territorio do Rio Manoel Alves, mas ainda lhe foi narrado pela Provisão de 24 de Maio de 1740, cópia n. 5; povoando-se S. Pedro de Alcantara, e todo o Governo de Goyaz feito despezas com o Presidio que alli estabeleceu concorreu muito para a pacificação do gentio *Macramecran* e *Caraós* suscitaram-se duvidas entre os habitantes do territorio de S. Pedro de Alcantara, hoje Carolina, e os do territorio de Pastos Bons e convindo fixar-se ponto claro e visivel para a divisão entre esta Provincia e a do Maranhão, principalmente para fazer cessar essas duvidas entre as duas povoações limitrophes, a saber: S. Pedro de Alcantara de Goyaz e Pastos Bons do Maranhão; foi expedido o Aviso de 11 de Agosto de 1813, copia n. 6, no qual claramente se reconhece pertencer S. Pedro de Alcantara a Goyaz, e por elle os Governos de Goyaz a Maranhão são autorisados a renunciar de commum accôrdo, officios para fixarem os pontos de limites entre ambas as Provincias, nos taes officios em vez de designar os pontos até alli reconhecidos como limites, que era o Espigão, que divide as aguas para o Tocantins e que corre em

tre S. Pedro de Alcantara e Pastos Bons, indo até o Rio Tocantins no logar da cachoeira de Santo Antonio, incluindo todo o territorio além do Manoel Alves, desde as cabeceiras deste rio até sua barra no Tocantins ou Maranhão, pretenção esta que o Maranhão já tinha desde 1740, e que lhe foi recusada pela citada Provisão de 29 de Maio de 1740, e só por este Auto passou logo o Governo do Maranhão a exercer sua jurisdicção naquelle territorio; mas como no citado aviso de 11 de Agosto viesse expressamente declarado que a declaração que taes officios procedesse, não teria vigôr senão depois de confirmada, e sendo recusada a confirmação talvez porque os officios, sendo sómente autorisados a fixarem limites até S. Pedro de Alcantara e Pastos Bons, passarão a fazer cessões de territorio e povoações, não hesitou o Governo de Goyaz em ouvir os rogos d'aquelles habitantes, considerando-os como Goyanos e continuando a exercer em todo o dito territorio a jurisdicção que sempre exerceu e que nenhuma ordem superior o prohibia, e por isso creou a villa S. Pedro de Alcantara com administração de Carolina e tem até hoje exercido o Governo alli, apezar dos obstaculos e embaraços apresentados pelo Governo do Maranhão.

Estas são, pois, as alterações e as duvidas que tem havido nos limites da Provincia; cumpre-me agora expôr a V. Ex. quaes são os limites subexistentes entre esta Provincia, e as mais que com ella confinão. Pelo Nascente divide-se de Minas Geraes pela Serra de Santa Maria, Terra Vermelha, Lourenço Castanho, Arrependida, Andrequicé e pelo Espigão, que divide as aguas até o Ribeirão do Jacaré e por este abaixo até o Paranahyba; pelo Sul o mesmo Paranahyba até a sua barra no Corumbá, e por este baixo até onde, já com o nome de Paraná, recebe pelo lado direito o rio Pardo, em que sobem as canôas para Cuyabá; e rio Pardo acima até a barro do Rio Vermelho, este acima até a sua ultima origem, continuando a divisão ao Poente, por uma Lomba, ou Chapadão de campos lindos até á cabeceira do Rio das Mortes em uma lagôa e pelo Rio das Mortes até sua barra no Rio Grande ou Araguia, seguindo ao Norte o Araguaya até sua confluencia no Tocantins e este acima até á cachoeira de Santo Antonio, tomando a divisão de limites pela Cordilheira que está na margem oriental do Tocantins, e continuando pela divisão das aguas, que vertem para o Tocantins, até o Duro, Taguatinga, S. Domingos e Santa Maria que é onde comecei a designação de limites ao Nascente.

Todos os povos contidos dentro dos limites actuaes da Provincia que são os supra descriptos se achão satisfeitissimos, suas relações commerciaes, ligações de familia, e sobretudo, a antiquissima posse em que estão os povos de se acharem goyanos os faz não quererem alteração em os actuaes limites que são os de criação da Provincia exceptuando sómente a alteração que soffremos pelo Alvará de 4 de Abril de 1816 que tirou muita terra a Goyaz para unil-as a Minas Geraes; apezar porém dessa perda Goyaz se julgará feliz si os actuaes limites forem confirmados por um Acto Legislativo e que na presente circumstancia parece de toda necessidade.

Deus guarde a V. Ex. — Palacio do Governo da Presidencia de Goyaz, 16 de Julho de 1837. Illmo. e Exmo. Sr. Manoel Alves Branco. — *Luiz Gonzaga de Camargo Fleury.*

Vacca "Caraúna". Mestiçamento das raças China e Curraleira. Vê-se, porém, que nesse cruzamento predominou o sangue da raça Curraleira — "essa materia prima por excellencia na formação do gado nacional. Foi introduzida na Capitania de Martim Afforso (S. Paulo) ha 387 annos. O seu nome é Corruptella de "Cortaleiro" — boi manso, que sempre vem ao curral, por opposição ao boi "barbatão", que é amontado."

(*S. Roméro*).

"*Etym.* Tem sua origem no radical "córte", termo portuguez significando páteo, curral, casa destinada á habitação de animaes domesticos."
(Beaurepaire Rohan — *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*).

CONFORME

O conego Feliciano José Leal, Secretario do Governo.

Os mais documentos outros acima mencionados, isto é, numeros 2, 3, 4 e 5 não vêm ao caso, pois consistem na comprobação do que disse o Presidente de Goyaz, Dr. Antonio Augusto Pereira da Cunha no seu officio de 1º de Fevereiro de 1856 ao Conselheiro Pedreira do Couto Ferraz então Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Não foi, infelizmente, a primeira e unica investida dos mineiros contra as autoridades goyanas n'aquelle territorio tão ambicionado, pois muitas outras tentaram, sendo em cada qual mais malfadados.

A ultima vez que calumniaram os arrecadadores das rendas de Goyaz na zona em questão foi na vigencia do governo do digno Presidente João Pinheiro.

Por esse tempo alguns boiadeiros contrabandistas relapsos de Piracatú, collocando-se em posição de victimas de pseudas violencias praticadas por administradores e agentes dos portos de exportação do gado goyano, telegrapharam e officiaram áquelle seu eminente patricio pedindo-lhe providencias no sentido de fazer cessar a coacção que diziam estarem soffrendo do fisco goyano.

O Dr. João Pinheiro, attencioso e solicito, tomou em consideração a reclamação dos boiadeiros e dirigiu um officio ao então Presidente de Goyaz, Coronel Rocha Lima, chamando a sua attenção para os factos arguidos pelos alludidos boiadeiros — e, mais, commissionou o coronel Nelson Dario Pimenta, que occupava um cargo de immediata confiança de S. Ex., para, junto a administração da Recebedoria de Santo Antonio do Rio Verde, d'onde tinham partido as reclamações, syndicar do que houvesse de verdade nas queixas dos boiadeiros de Minas Geraes. O emissario do illustre Presidente, tendo percorrido todo o territorio litigioso, ao regressar, apresentou-lhe um relatorio em que, com inteira justiça e comprovado escrupulo, pronunciou-se em favor da Recebedoria goyana — e não da classe dos boiadeiros reclamantes, contra a espectativa destes e dos mais habitantes do municipio de Piracatú.

O illustre coronel Nelson verificou ainda que em alguns pontos filiaes áquella Recebedoria, principalmente nos portos do Rio S. Marcos, os boiadeiros de Minas são eximios passadores de contrabandos lesivos ás rendas do Estado de Goyaz.

Foi quanto bastou para que o eminente João Pinheiro mandasse archivar as reclamações dos seus conterraneos e officiasse ao Presidente de Goyaz, dando por finda a questão levada ao conhecimento de ambos os governos.

As madeiras de Goyaz na Exposição de 1875

Da magnificencia e exuberancia da sua flora nas tres grandes classes phytologicas tinha a provincia de Goyaz profusos elementos para apresentar as mais bellas e completas provas, mas na impossibilidade de o fazer, que fôra tarefa quasi sobrehumana, buscou, como minguado attestado da sua ainda não explorada riqueza florestal, remetter algumas amostras de arvores sobremaneira abundantes nas suas mattas, principalmente no sul, e proprias para a construcção e variados trabalhos de industria.

Neste empenho modesto esbarrou ainda com o obice terrivel que se chama falta de dinheiro que pêa a mais decidida bôa vontade, esterilisa os mais valentes esforços, e na vida individual, como na dos Estados e provincias, traz invenciveis desanimos.

Para organizar uma collecção de madeiras de lei capaz de impressionar o observador e de exprimir a grandeza, valor e força da vejetação, convém do tronco dos mais corpolentos typos da zona que se quer representar tirar grandes taboês, cortar grossos tóros nos dous sentidos, latitudinal e longitudinal, e mostrar o duramen nos quatro estados, bruto, falquejado, serrado e afinal envernizado, como mais ou menos fizeram os expositores das Alagôas e Paraná.

Por que preço, porém, ficaria o transporte desses pesadissimos volumes desde a capital de Goyaz até ao porto mais proximo, o porto de Santos.

Reduziram-se, pois, a delgadas laminas o que na natureza é agigantado e d'ahi provém o sentimento de insignificancia que produz a exposição, ainda por cima muitissimo deficiente, das madeiras de Goyaz, sentimento não modificado pela excellencia de suas qualidades.

Quarenta amostras enviou a commissão da capital, composta dos dignos Srs. desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira, dignatario da Rosa; Antonio Pereira de Abreu, cirurgião-mór de divisão; Dr. Francisco Antonio de Azeredo, capitão de engenheiros; Dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim e Alferes João José Correia de Moraes.

O Sr. Coronel Francisco José da Silva, do Bomfim, expoz um bonito pedaço de *gonçalo alves*.

Entre as primeiras figuram, como era natural, em maior numero, as *leguminosas*, que comprehendiam:

O *angelim*, do genero *andira*, e, pela côr avermelhada, talvez da especie *rosea*. As sementes dessas arvores operam como poderoso vermifugo e podem produzir envenenamentos.

O *angico de cortume* (acacia angico), cuja casca, contendo muito

tanino, serve para curtir couros e pelles, e no commercio tem o nome de *casca brasileira*. Abunda em todo o Brasil e no Paraguay, onde é denominado *curupay*.

Dá uma gomma que Ayres de Casal qualifica de alambreada.

Ha tambem o *angico preto* e o *vermelho*, sendo a madeira deste amarella, listrada de encarnado e daquelle de um amarello carregado, uniforme.

O *balsamo* (*myrospermum peruiferum*), tambem chamado em algumas provincias *cobre-uva* e *oleo vermelho* e em outras *jacarandá cabiuna*, commum no Brasil bem como em Guatemala, Perú, na Republica Argentina, onde é impropriamente appellidado quina-quina, e no Paraguay, ibaey. De seu tronco distilla uma resina fragante denominada cabuericica e conhecida no mercado por balsamo do Perú, que se confunde tambem com o Tolú.

O *jacarandá* preto ou cabiuna (dalbergia nigra), usado debaixo da especificação de *palissandre* ou *palixandre* de *Saint Lucie* na industria franceza, muitissimo antes que lhe conhecessem a familia e o genero, por ter sido com mysterio explorado na Guyana hollandeza.

O *jatobá* do genero hymenœa, que encerra muitas especies, das quaes é a mais frequente a *curbaril*, d'onde provém a *gomma-copal*. Arbore abundantissima em todo o Brasil, conhecida tambem por *jetahy, jatahy, jatai-uva, jetaiba, jitahypeba, abati-timbary*, muito vulgar nos cerrados de Goyaz e Matto Grosso, quer aridos e arenosos como os de Bahús e Santa Anna do Paranahyba, quér alagadiços como os do Rio Negro. A folhagem é muito caracteristica: folhas alternas, cada uma dellas composta de dous foliolos articulados e tão profundamente cortados, que parece formarem um par de folhas simples: d'onde provém a referencia ao hymeneu.

O legume é indehisinte e contém de quatro a seis sementes, mettidas dentro de uma massa farinacea, pulverulenta e amarella, a qual póde servir, mais ou menos, para alimentação.

Todo expedicionario de Matto Grosso tem obrigação de olhar com reconhecimento para essa arvore, pois foram seus fructos providencialmente de uma profusão espantosa, que, durante muitos dias, exclusivamente, sustentaram a columna brasileira, quando ella, em Maio e Junho de 1866 achou-se, depois de chuvas extraordinarias, retirada e ilhada no Rio Negro, bem no meio dos pantaneaes que medeiam entre Coaxim e Miranda.

Quando faltava a parca distribuição da simples ração de carne, mettiam-se os soldados pelos cerrados inundados e de lá voltavam com saccos e saccos de vagens de jatobá. Da mesma faziam bolos e pãesinhos que, se não eram saborosos, pelo menos mitigavam a fome e impediam a morte á mingua. O abuso, porém, produziu logo obstrucções e varias qualidades de molestias.

As ámostras erão de *jatobá da mata, de folha larga, e do campo*, este ultimo com cerne vermelho carregado.

A *maria preta* (melanoxylon braúna) tem o lenho de um escuro amarellado com veios largos côr de vinho. A casca tinge de vermelho. A arvore chamada *maria preta da campina* ou páo cavallo é um *vitex* e pertence então á familia das verbenaceas.

A sucupira (bowdechea major, Mart Ormosea coccinea, Jacq.) dá madeira rija, pesada, de grande duração e côr amarella desmaiada, com largas zonas pretas. Tem bastante applicação na medicina. O Dr. Agostinho Vieira de Mattos, hoje fallecido, e um dos medicos que mais conheciam as propriedades therapeuticas da flora brasileira, preconisava o uso da *sucupira* contra a syphilis e molestias cutaneas.

O *páo d'oleo*, do genero *copaifera*, abundante em todo o Brasil, muito commum em Goyaz.

O *páo ferro branco* (cæsalpinea ferrea), cujo cerne não é tão apreciado como o vermelho escuro, apezar das propriedades de rijeza e duração.

O *páo roxo* (peltogynea guarubú), conhecido logo pela côr especial. Em algumas provincias, é chamado *guarubú*, em outras *buxinho*. Nos cerrados de Goyaz os ha muitos, mas de desenvolvimento rachitico, expandindo-se então nas matas dos caudaes.

O *vinhatico* (echy rosfermum balthazarii. F. All.) Arvore muito frequente, colossal em bons terrenos; nos cerrados menos possante, mas sempre de viso notavel — Observei que as abelhas *mandorys* affeiçoam fazer seus cortiços nesse páo, na dichotomia do tronco.

Ha diversas especies de *vinhatico*. O do *mato* tem cerne amarello, puxando para vermelho, listrado de largos veios pretos; o do *campo* é de côr uniforme amarello avermelhada.

Em alguns pontos de Goyaz chamam tambem este ultimo de *tamboril*. A amostra, porém, enviada debaixo desta denominação distingue-se pela leveza e côr amarella e preta.

Não podia de certo deixar de figurar na collecção a *cedrelacea*, tão espalhada em toda a America Meridional e conhecida por *cedrero* (cedrela braziliensis) cujo cerne corado e cheiroso fez-lhe dar por extensão o nome de sanscrito de kádru, que pertence á celebre *conifera*, empregada na construcção do grande templo de Jerusalém.

Das *bignoniaceas* vieram os seguintes representantes:

O *páo d'arco*, do genero *tecoma*, tambem chamado *ipé, ipé uva* ou simplesmente *piuva*, como é mais conhecido no interior. O *rôxo* tem duramen que com o tempo escurece muito: o *mestiço* o tem todo riscado de traços parallelos. Na Republica Argentina é denominado *lapacho* e no Paragua *tayi* ou *taji*.

A *peroba* do genero *aspidosperma*, tem lenho amarellado. A' que tem flores rôxeadas dá-se o nome de *rôxo*.

O *jacarandá pardo* (machœrium). No sertão tem a qualificação de *jacarandás* ou *carobas* certas arvores, umas elevadas, outras de menor viso, cujas folhas e casca possuem grandes propriedades medicamentosas.

Pela beira das estradas de Goyaz vê-se a *carobinha* (jacarandá procera), que substitue toda a folhagem por uma copa admiravel de flôres azul-celestes.

Nas *terebinthaceas* e *anacardaceas*, notaram-se:

O *nó de porco* (bursera *gommifera*) de lenho esbranquiçado.

O bello *gonçalo-alves* (astronium fraxinifolium) de cerne listrado de veios pretos, amarellos e vermelhos, e porções quasi brancas, muito pesado e estimado na marcenaria.

O *páo pomba*.

A *aroeira vermelha* (schinus arceira) madeira de extrema rijeza, incorruptivel dentro da agua ou enterrada, muito vermelha, commum em todo o interior, onde serve para os esteios principaes das casas: gasta rapidamente os machados. Durante a retirada da Laguna, por occasião da transposição de um ribeiro avolumado das chuvas, bastou um tronco não grosso de *aroeira* para que uma ponte mal segura désse passagem a toda a artilharia e carros de bagagem. No Paraguay tem o nome de *urundey*.

Na pequena familia das *rhiroboleas* appareceu:

O *piqui* (cariocar braziliansis) ou em certas provincias *piquiá*, nome que em outras é applicado a individuos de familia differente. Os fructos amarellos, lisos e bonitos de aspecto, são por alguns apreciados, sobretudo cosidos com carne ou dentro do arroz. Convém, porém, ter cuidado com os agudos espinhos que lhes traspassam a polpa. De uma das especies (butyrosum) extrahe-se o oleo chamado *manteiga de piqui*.

O *sobragy* ou *sobrazil* (erythraxilon areolatum), tambem conhecido por *fructa de pombo*. Talvez seja com mais razão da especie *citrifolium*, a qual Saint'Hilaire encontrou com abundancia nas vizinhanças da cidade de Goyaz.

Das *clusiaceas*:

O *landy* ou *lantim* ou *olandy* (colophylum braziliense, S. H.) de lenho denso e côr uniforme. E' arvore possante, da qual escorre uma resina balsamica dotada de qualidades therapeuticas. Representaram as *laurineas*:

A conhecida, *canella* (nectandra) e a raiz *sassafraz* (nectandra ou ocotea cymbarum) grande arvore aromatica.

Nas outras amostras, cuja classificação scientifica é mais difficil, ou melhor, quasi impossivel a querer fazel-a com rigor, pela confusão de nomes vulgares e carencia dos meios de elucidação, como sejam folhas, flores e fructos, viam-se:

O *cubrito* — lindissima madeira de um amarello ligeiramente avermelhado e toda achamalotada.

O *sobro* ou *capororoca* — clara e escura, com traços parallelos.

O *atambú* — côr uniforme amarella.

O *chifre de veado* — de um amarello desmaiado, com peso muito sensivel.

Findo este ligeiro estudo sobre as madeiras que expôz Goyaz, resta assignalar uma falta tão sensivel, um descuido tão flagrante, que delles decorre merecida increpação.

E' a ausencia de alguns specimens do tão apreciado sebastião de arruda, madeira preciosa, assignalada por Ayres de Casal como especialmente peculiar á flora de Goyaz, classificada por Pohl debaixo da denominação de physocalimna florida e pertencente á familia das salicareas. O cerne é de um bello côr de rosa, todo listrado de riscas umas carmineas, outras azues, outras vermelhas.

Desta notavel arvore, que parece ser dioica, não se viu senão uma unica amostra da Bahia em toda a collecção de madeiras reunidas no palacio da Exposição Nacional!

ALFREDO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY.

Contribuição para o conhecimento dos peixes encontradiços no Estado de Goyoz

E' uma lastima, uma tristeza, abrir-se uma pagina ao acaso, de quaesquer obras referentes á psci-fauna brasileira. Os autores não sabem identificar as especies, confundem-n'as, ignoram soffrivelmente as sub-especies. Desconhecem igualmente a biologia, costumes e habitos de vida dos nossos espécimens ichthyologicos, o seu valor economico, se exceptuarmos o Pirarucú; nem ao menos fazem idéa dos seus coloridos caracteristicos. Não sabem siquer iscar um anzol e qual a isca preferida por este ou aquelle peixe. Qualquer pescador caipira ahi está á vontade para destruir todos os trabalhos dos sabios systematicos. Deixando em aberto lacunas que de ha muito deviam ser cobertas, como se notam particularmente em relação aos nossos maiores peixes de agua doce, que deviam ser melhor conhecidos, andam agora a estudar-lhes os protozoarios parasitas, á microfauna...

O leitor verá no decurso deste trabalho quantos disparates correm ahi por conta dos nossos museus de historia

PIRARUCU' (*Arapaima gigas*). Ha-os de duas qualidades: brancos e pretos. O mais commum se caracterisa pelas escamas vermelho-pretas, cabeça esverdeada. Não obstante ser considerado o maior peixe d'agua doce do Brasil — mede apenas 2m.50 de comprimento, dimensão esta que não attinge á da Piratinga. E' o *Sudis giga* famoso do Amazonas, que ainda tem outro synonymo scientifico — *Vastres gigas*. Falando de uma pesca de Pirarucú na ilha do Bananal, Araguaya, diz Castelnau: "Le soir, nos pécheurs revinrent dans le grand canot qui se trouvait entièrement chargé, bien qu'il ne contint que cinc poisson d'enormes dimensions; chacun de avait plus 2 mètres et demi de long, et paisait plus de 150 kilogrammes."

Hoje em dia sómente no Araguaya se encontram Pirarucús com tamanho peso.

ARUANA' (*Osteo glossum minus*). Póde ser considerado uma especie pequena de Pirarucu', medindo apenas 0m.60. No emtanto o Sr. von Yhering o chama "um grande peixe amazonico".

TUCUNARE' (*Cichla ocelaris*). Bello e saboroso peixe, parecido, pelos habitos de vida lacustre, com o Pirarucú. Distingue-se por uma macula negra na nadadeira caudal. Mede até 0m.88.

AJUNTA-PEDRA (*Chromys lapidifera*). Bellissimo peixe com tres maculas ao longo do corpo e uma na nadadeira caudal. Ha-os de duas especies. Boulanger descobriu uma dellas no Pará e deu-lhe o nome scientifico de *Heros Goeldi*, mas esta sub-especie é conhecida em Goyaz desde o tempo do *Anhanguéra*.

Sobre a Ajunta-pedra escrevemos algures: "E' um peixe notavel pela belleza do colorido, costumes e habitos de vida.

Mede 0m.20 — 0m.30 apenas. Sua cabeça, que lembra a de um suino, salvo a falta de orelhas — é em cima pardo-escura, os parietaes azues, de um azul de anil, o corpo pardo-escuro; nadadeiras peitoraes, ventraes e dorsaes mui desenvolvidas, pardo-claras, com pequenos ocellos azues; a cauda da mesma côr e maculadas.

O nome "Rola pedra" vem-lhe do costume de rolar e juntar pequenas pedras, com as quaes constróem o ninho, onde desóva e cria durante a vasante dos rios, escolhendo logares razos sobre as areias.

Quando corre perigo, o "Catapáo", mergulha o focinho nas areias do rio, levanta-as, e sob ellas os filhotes que o acompanha se precipitam, desapparecendo de repente. A carne deste lindo e curioso peixe é deliciosa."

PALMITO DE FERRÃO (*Ageniosus militares*) E' uma especie grande de Mandy; os machos têm ferrões de farpos não ponteagudos.

Em Goyaz dão-lhe tambem o nome de Mandybé — e no Amazonas indistinctamente o chamam de Mandube e Mandubi.

Com a determinação zoologica *Ageniosus brevifilis*, *Cuvier* e *Vallenciennes* o haviam registrado na sua grande obra classica.

Depois veio um ichthyologo do Museu Nacional e o chrismou de *Ageniosus rondoni*...

O certo, porém, é que d'Alencourt citava-o já em 1836 com aquella determinação scientifica: *Ageniosus militarès*.

PIRARARA (*Phractocephalus bicolor*). Ha uma outra especie, *Ph. hemiliopterus*, peculiar ao Araguaya, onde Castelnau a descobriu. A determinação scientifica desta ultima especie foi dada por Vallenciennes na grande obra do Conde de Castelnau.

Coloração tricolor: o dorso esverdeado, o ventre amarello, as nadadeiras ventral e caudal vermelhas. E' armada de fortes esporões, a cabeça regulando 1|3 do corpo. Mede 6m.90. Conhece-se-lhe no fundo d'agua quando ferrada no anzol, por um ruido que faz, como se emittisse ventosidade pelo anus.

PINTADO (*Platystoma punctifer*). O dorso escuro, com malhas miudas entremeadas de *SS* irregulares, bem pretos, no ventre vêm quatro maculas e nas extremidades das nadadeiras laivos de côr sanguinea. E' armado de esporões ponteagudos. Mede até 1m.35. Os nossos ichthyologos andam aos grillos quando se referem a esta especie, que só conhecem empalhada nos museus de historia natural. (1)

PIRATINGAS — Piratinga de couro preto — Pirahiba,
" " " branco — Piratinga.
Prateado — Dourado.
chumbadinho — Piranambú.
" " " branquicento — Bandeirinha.
" " " azul dorado — Piraúna.

Os seus nomes zoologicos são, respectivamente: *Bagrus recticulatus*, *Brachyplatystoma*, *B. Rousseauxi*, *Pimeludos piranambú*, *B. platystoma* e *B. Vaillant*.

A Piratinga traz esporões nas nadadeiras. Têm muita força, principalmente a chamada Piraúna, que é a que menos cresce. Esta ultima mede om.88, emquanto as mais especies acima attingem até 3m.50. E' o maior peixe das aguas doces do Brasil. Lê-se na *Viagem ao Araguaya*, pelo General Couto de Magalhães: "A's 9 horas da noite, eu estava em uma modorra, na prôa da igarité, quando senti na mesma um violento abalo; ao mesmo tempo, um dos soldados gritou, triumphante, que havia fisgado uma *pirahiba*, e de facto assim era; o peixe debatia-se no enorme anzol e com tal força, que, arrancando a prisão da igarité nos conduzia pela agua abaixo. Ora dando corda, ora encurtando-a, conseguimos cançar o animal, e eu fiquei espantado, quando vi proximo a nós sua cabeça negra, que tinha dous palmos de largura sobre dous e meio de comprimento. Conseguimos tiral-a d'agua para dentro da igarité; era uma enorme *pirahiba*; estavam cumpridos os meus desejos, visto que eu enxergava um dos maiores e melhores peixes que tem este rio.".

Quando nova tem a Piratinga a denominação de Filhote. Julgando esta especie quando nova, outra distincta da adulta — Goeldi a classificou de Piratinga-Pirahiba.

A Piratinga preteada (*P. Rousseauxi*) tem na Amazonia o nome de Dourado — mas nem ao menos é affim ao Dourado das aguas do Sul e do S. Francisco (*Salminus spec*). Os nossos zoologos não conhecem a Piratinga do Araguaya. Se a conhecessem, o Sr. R. von Yhering não teria escripto no texto explicativo do seu *Atlas da Fauna do Brasil*: "Pelas grandes proporções que attingem, devemos mencionar em

primeiro logar o "Jahu" e o "Surubim", aquelle com 2m. de comprimento e bem incorporado, este mais esguio, dimensões estas que sem duvida lhe dão a primazia entre os maiores peixes dos nossos grandes rios."

Não é novidade para aquelles que têm feito viagens redondas de Goyaz ao Pará, que muitas especies ichthyologicas do grande rio goyano se diversificam das do Baixo Tocantins — pelos seus caracteristicos, pelo sabor differente e sobretudo pelas dimensões. Das seis especies de Piratingas enumeradas, bem como o Surubim e o Jahú, nenhuma alcança mais de dois metros de comprimento.

(*Continúa*).

HENRIQUE SILVA.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

Estado, deveria fazê-lo. Recusou-se, de dentro da sua modéstia, de onde não sai. Mas foi ele o autor da idéia e da ação de publicar esta e outras importantes obras históricas goianas, que saem do prelo para orgulho e satisfação de quem estuda. Ao fazê-lo demonstra uma vez mais sua sensibilidade de espírito e sua responsabilidade de grande goiano de coração. Estas, são características suas e são irrecusáveis.

Agradecimentos especiais devem ser apresentados ao Dr. Luiz da Glória Mendes, um dos grandes pioneiros goianos, que nos proporcionou a coleção completa da ***Informação Goyana***, de sua propriedade particular, quem sabe a única do Estado.

Não se pode esquecer também do Dr. Júlio Arnold Laender, Superintendente da SUDECO, que endossa, a pedido da Vice-Governadoria do Estado, o louvável programa de publicação de obras históricas goianas.

A estes três homens devem os leitores esta publicação.

Goiânia, março 1979

IRAPUAN COSTA JÚNIOR

REPRODUÇÃO ORIGINAL

ESTADO DE GOIÁS
GOVERNO IRAPUAN COSTA JÚNIOR

CERNE

GRÁFICA DE GOIÁS

MARÇO—1979

Apresentação

Prefaciar esta reedição é para mim alegria que constrange. Explico: nenhum governante cônscio de suas responsabilidades pode deixar de se sentir satisfeito quando assiste, sob o patrocínio do seu Governo, vir à luz uma publicação como esta. Esta coleção de ***Informação Goyana*** embora tenha sido impressa originariamente de 1917 a 1935 é, em muitos aspectos, muito oportuna tal a profundidade e a acurácia dos assuntos abordados.

Se matérias há que perderam a atualidade, nem por isso perderam o valor informativo ou histórico.

Estou certo de que os leitores destas páginas — estudantes ou homens de letras, professores ou homens de governo, pesquisadores ou simples curiosos de nossas coisas hão de encontrar aqui bem mais do que esperavam em termos de informação, de estudo, de cuidado e de saber. A ***Informação Goyana*** é — quem ler concordará — uma prova sobeja da tradição cultural dos homens de Goiás.

O constrangimento fica por conta da convicção que tenho de estar prefaciando, indevidamente, este livro. O Professor José Luiz Bittencourt, Vice-Governador do

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1919 — VOL. II—N. 9

SUMMARIO

FINANÇAS GOYANAS

Pelo ultimo balanço dado na Secretaria de Finanças do [E]stado, verificou-se a existencia em caixa de um saldo de [1].230:000$000 em dinheiro, sendo:

Em cofre	806:000$000
No Correio	117:000$000
Na E. F. Goyaz	307:000$000
	1.230:000$000

AS RENDAS DO ESTADO

Estas foram, em 1918, as maiores até aqui conhecidas, [po]is já attingiram a 2.263:968$112, faltando alguns balan[ce]tes do rendimento das collectorias do 3.º e 4.º trimestres, [ai]nda não apurados.

Foi esta a renda arrecadada:

Collectorias.	848:078$972
Recebedorias	677:505$364
E. de Ferro	485:150$516
Secr. de Finanças	253:233$360
	2.263:968$212
[Re]ndimento em 1917	1.959:504$595
[D]if. para mais em 1918	304:463$617

Para que se possa avaliar o constante augmento que tem [ti]do as rendas provenientes da exportação goyana pela Estrada de Ferro Goyaz, damos os rendimentos havidos desde que foi inaugurada a estrada de ferro:

1914	51:398$446
1915	95:749$711
1916	241:545$467
1917	312:277$111
1918	485:150$516

A receita orçada para o anno de 1918 foi de 1.510 contos, mas, pelos dados conhecidos, e elevou a 2.400 contos. Só a exportação rendeu mais 582 contos do que a orçada, segundo um telegramma da capital para o *Jornal do Commercio.*

Estrada de Ferro Goyaz

O Congresso Nacional havia concedido garantia de juros aos Drs. Vicente de Paula Pessôa e Francisco Mendes da Rocha para a construcção de uma estrada de ferro de Catalão á Palma, em territorio goyano, mas essa construcção não se fez effectiva, sendo modificada a concessão, que se converteu na estrada de ferro de Formiga, ponto terminal da Oeste de Minas á Goyaz, a Catalão.

E' obvio e indiscutivel o direito de Goyaz sobre essa concessão primitivamente toda ella incidente em territorio seu e finalmente com parte em territorio mineiro.

A' estrada foi dada a denominação de "Goyaz", bastante significativa.

Infelizmente, depois do Governo Rodrigues Alves, outros se julgaram competentes para usurpar o direito de Goyaz e varios ramaes foram autorizados em territorio mineiro.

Para aquella construcção contrahiu o governo um emprestimo externo, cujo producto foi depositado em banco estrangeiro. Parecia que com essa providencia estava assegurada a construcção da estrada, mas foi puro engano.

Em territorio goyano possuimos só 179 kms., ao passo que em Minas a nossa estrada de ferro conta já 411 kms.547.

Partindo de Formiga, teria ella que percorrer territorio mineiro para alcançar Catalão, servindo a uma zona importante, tendo Patrocinio por centro. Por motivos que não importa investigar no momento, teve a "Goyaz" de atravessar grave crise financeira que lhe retardou a construcão de suas linhas.

O ministro Tavares de Lyra, muito assediado para annuir á modificação do traçado, pleiteado pela imprensa de Araguary, oppoz-se a fazel-a nos termos pedidos, formalmente impondo alteração no preço da unidade kilometrica, se o governo se resolvesse a assentir nessa modificação. E' sabido que aquelle preço foi estabelecido em consequencia das difficuldades da construcção, incidente em territorio bastante accidentado, e a travessia obrigatoria do rio Paranahyba.

O empreiteiro não quiz conformar-se com essa exigencia do ministro e reservou-se para pleitear, de futuro, a suspirada modificação.

Sendo possivel que o actual ministro da Viação ignore estes pormenores, convém que elles sejam divulgados para garantia dos interesses geraes do Thesouro e os do meu Estado.

O traçado do km. 407 a Araguary, que se quer arrancar a todo transe do actual ministro, accenando-se-lhe com um supposto beneficio a determinada zona de seu Estado natal, é um absurdo: é mais longo do que aquelle e virá prejudicar flagrantemente os interesses goyanos, sacrificando Catalão que, como vimos, era o ponto inicial da primitiva concessão, modificada por acto executivo insustentavel.

Não é justo que essa cidade venha a ser lesada em seus direitos, em favor de Araguary, que conta duas estradas de ferro e serve de traço de união entre ellas.

A construcção do trecho que se quer converter em linha tronco,

é muito menos onerosa do que aquella, tornando-se para o empreiteiro um optimo negocio receber a mesma quantia por 1 kilometro de estrada de construcção muito mais favoravel.

O Estado de Goyaz tem sido implacavelmente prejudicado com a proliferação dos ramaes em Minas, e sel-o á grandemente se vier a consumar-se a escandalosa modificação, que está sendo pleiteada junto do actual ministro, pela circumstancia de ter sido um dos representantes do triangulo mineiro e ser filho do Estado de Minas.

Se Araguary vencer, o que duvido, graças á confiança no criterio e sisudez do actual ministro, virão a soffrer em seus interesses Monte Carmello, Abadia dos Dourados, Patrocinio e a importantissima zona mineira, que terá de ser beneficiada pelo traçado actual.

Se o Sr. Ministro da Viação annuir aos desejos de Araguary, contrariará os daquellas localidades e até mesmo de Uberaba, que se julga em melhor situação para o entroncamento pleiteado por aquella.

Em tão angustiosa alternativa, S. Ex. tem só que sustentar o traçado primitivo, desprezando as tentativas do empreiteiro, sedento de lucros maiores, sem attender aos alevantados interesses do Estado de Goyaz, em cujo favor foi feita a concessão primitiva de Catalão á Palma.

Se a primeira modificação tivesse sido honestamente mantida, a estrada já estaria em Goyaz, capital.

Conheço de perto o Dr. Mello Franco e por isso mesmo o julgo incapaz de patrocinar tão mal defendidos interesses.

EDUARDO SOCRATES.

Glottologia Indigena

Niteroi 22 de Março de 1919.

Meu caro collega e amigo Henrique Silva.

Saudações.

Conforme te prometi, e para quebrar a monotonia, vai hoje um pouco de

Teogonia tupi-guarani

sem comtudo desprezar nosso ponto de vista — *linguistica.*

Támoindárê. ra. ri, vulgo *Tamandaré:*

Tá. ba. bi, do rad. *Táb,* sub., tába, aldêa, aldeamento, etc.

Mo=Mbo, v. efic., fazer nas suas div. acepções.

Y. na. nda. ndi. ni, do rad. *In* ou *Ind,* v. intr. estar (e por extens —ser), nas suas div. acepções.

... árê. ra. ri, preter. de... *á. ra. ri,* de rad. *... ar,* suf. do part. pres. dos v. tr., e raramente do intr., com o suf. de preter. *... ê. ra. ri,* do rad. *... êr.*

Moi. na. nda, ndi. ni, v. tr. composto, fazer estar, fazer ser, etc.; construir, edificar, etc.

Moindá, ra. ri, part. prez. do v. preced., adj e sub., que, o que, quem, etc., constrói, etc.

Moindárê. ra. ri, preter. do part. prez., adj. e sub., que, o que, quem, etc. contstruiu, etc.

Támoindárê. ra. ri, foi, pois o que, quem construiu, etc., a tába (inicial, orijinal, primitiva, etc.) para aojamento do seu povo, o *Tupy;* foi o patriarca da grande nação, do grande povo que ocupou a maior superficie de terra, que jamais povo algum ocupou, e que pelas vicissitudes da sorte adversa, atravez tantos seculos e jerações, se axa hoje tão reduzida, e corrompida pela corruptora influencia dos que se dizem civilizados; mas que nos legou sua tão bela quanto malsinada lingua, digna de acurado estudo e cultura.

Abraça-te o collega e amigo

J. MAIA.

O PIQUIZEIRO DA CHAPADA

(Toadas Goyanas)

O piquizeiro da chapada
A flôr começa a derrubar,
Lá vae de noite uma veada
De vez em quando merendar.
O caçador deixou armada
Uma tocaia de caçar
Bem na forquilha da galhada,
Para a semana de luar.
— De noite escura não é nada,
Nem ha de que se arreceiar...
O piquizeiro da chapada
A flôr começa a derrubar.

A minha viola na toada
Assim parece o piquizeiro,
Que deitou flôr lá na chapada
Com o primeiro chuvisqueiro.
Já da janella estás corada
Emquanto chóro no terreiro,
E' que cantou esganiçada
A voz de um gallo no poleiro.
— Menina de olhos de alvorada
Mais o seu riso feiticeiro,
A minha viola na toada
Assim parece o piquizeiro...

Pé-ante-pé, qual sussuarana
Que vae com passo sorrateiro,
A lua nova esta semana,
Poz o focinho atraz do outeiro.
— Jaguatirica, caninana,
Cotia, paca e mais galheiro,
Trago hoje em riba da albardana,
Gaba o matuto no palheiro.
— Assim no canto da tyranna
Manda e desmanda o violeiro,
Pé-ante-pé, qual sussuarana
Que vae com passo sorrateiro...

Fechado o corpo em dous de canna
Na encruzilhada do Araguaya,
Lá foi no passo da "cabana"
Trepar no galho da tocaia.
Não sei se a mula era ruana,
Ou era mesmo uma egua baia,
Só sei dizer, senhora Joanna,
Que era da côr da sua saia.
— O vento uivou na cangerana
Que está com mel de mandaçaia...
Fechado o corpo em dous de canna
Na encruzilhada do Araguaya...

Morena de olhos de azagaia
Que me varou o coração,
Prometto logo nesta raia
Prender teus olhos no bordão;
Embora o Zéca Samambaia
Olhe d'ahi com damnação,
E todo o mais da sua laia
Palpe na cinta o facalhão.
— Já morde o freio a "Paraguaya",
Vou acabar com a canção...
Morena de olhos de azagaia
Que me varou o coração.

Agora mesmo lá da espéra
Partiu um raio com trovão,
O caçador, eh! bicho cuera,
Deu na veada o seu tirão.
Deitou-se abaixo como fera,
Foi apalpar-lhe o coração,
Metteu a faca na paquera
E foi fazendo a arrumação.
— Toma cuidado, a trova gera
Na alma de moça encantação...
Agora mesmo lá da espéra
Partiu um raio com trovão.

Se—sempre alcança quem espera—
Me diz do povo este dictado,
Já—quem attende desespera—
Diz o rifão por outro lado.
Assim, na duvida megera,
Termino o canto num cuidado:
Dos labios teus ouvir a vera
Compensação do ponteado!
Tu me sorris... Já não é mera
Supposição de ser amado,
Ah, sempre alcança quem espera,
Me diz do povo este dictado!

O violeiro a corda estanca
E acaba o verso já montado
Porquanto o Zéca mais Bicanca
O têm num circo encurralado.
Se aquelle barra me atravanca
O campo aberto, ogerisado,
Piso-lhe em riba da retranca,
Rasgando a faca o mais ousado.
— Dou-te a garupa da poltranca
E um peito firme, apaixonado...
O violeiro a corda estanca
E acaba o verso já montado.

Pula depressa aqui nesta anca,
Que encosto a égua ao limiar;
Se Samambaia o ferro arranca,
Faço a garrucha pipocar...
Ródo o animal, e varro a tranca
Com que teu pae me quer travar...
A' desfilada vamos, franca,
Por esta estrada, a galopar...
— Tu te fizeste branca, branca,
Emquanto o dia invade o ar...

O piquizeiro da chapada
A flôr cessou de derrubar.

916. H. DE CARVALHO RAMOS.

GOYAZ VERSUS MINAS GERAES

BOATOS SOBRE A MUDANÇA DA E. DE F. GOYAZ

Em varios, successivos artigos, fomos os primeiros, os unicos a protestar pela imprensa contra a modificação do traçado primitivo da ferro-via Goyaz — um contracenso, um disparate, que qualquer technico que porventura carregasse a pasta do nosso ministerio da Viação jamais cogitaria, se não pelo decôro ao menos pelas responsabilidades profissionaes.

Mas, que esperar de um joven e simples bacharel em direito, de mais a mais politiqueiro profissional, e ainda por cima mineiro, neste caso da Goyaz, ou melhor, neste descaso pela grande via-ferrea de penetração que as summidades da engenharia nacional sempre e sempre recommendaram ao governo da União?

Ludibriando os seus antigos eleitores pés de boi, de Araguary, os ineffaveis coroneis da briosa, que um dia metteram na cachola a idéa de desviar para o Brejo Alegre a linha tronco da E. F. Goyaz, o que S. Ex. pretende e nós disto estamos bem informados, não é deslocar o eixo da malfadada linha-ferrea para os lados d'aquelle seu feudo eleitoral, mas para Piracatú, a decadente cidade mineira que registrou os primeiros vagidos do *enfant gâte* do Sr. Delfim Moreira...

Este odioso gesto do Sr. Mello Franco, resulta o afastamento da Goyaz em cerca de 300 kilometros da sua directriz normal, para servir uma zona diminuta do Estado de Minas — zona esta que vive da super-producção goyana.

Não faz dois mezes que este mesmo ministro elevou as tarifas já prohibitivas da Goyaz de 20%.

São contos largos, mas o melhor é trasladarmos para aqui os écos justissimos da imprensa do *hinter-land* no que diz respeito ao que vae por lá depois que o Mazarino das alterosas se encapitelou no ministerio da Viação com o seu programma administrativo tomado a Catão, o Antigo — *Delenda Goyaz*:

"Inaugurada ha pouco mais de um lustro, entre vivas e francas alegrias de nosso povo, a E. F. Goyaz, infelizmente já entrou, de maneira ostensiva, no triste regimen da incuria, anarchia e menosprezo aos seus deveres.

Os carros dessa via ferrea, inclusive assoalho, cadeiras e vidraças, accumulam a mais intoleravel sujidade, sem que a companhia se importe com os desgostos e desconforto dos viajantes, pois os trens de primeira classe são quasi tão desconfortaveis como os de segunda.

Não dispõe de armazens, para se abrigarem as mercadorias das possiveis eventualidades a que ficam sujeitas, não se podendo atinar com a razão desse desleixo da companhia, havendo grande movimento commercial em todo o percurso da estrada, que esfola os interessados, com pesadas tarifas. Ha falta de pessoal em numero sufficiente para bem desempenhar os serviços da estrada e os poucos empregados que ha, mesquinhamente pagos, não recebem os ordenados pontualmente, como merecem, pelo trabalho honrado e constante, no afanoso cumprimento das multiplas obrigações.

A irregularidade no horario dos trens já toca ás raias do inqualificavel, muitas vezes por falta de combustivel, outras devido a quédas de barreiras, pontilhões, dormentes podres e afastamento de trilhos, ficando os viajantes e mais interessados, que pagam fretes desproporcionadamente caros, sujeitos a perderem a vida e "tudo quanto Martha fiou". A Mogyana, percorrendo distancia triplicada, cobra menos frete de S. Paulo á Araguary, do que a Goyaz, dessa ultima cidade mineira á estação de Roncador. E como não bastasse essa onerosa iniquidade de tarifas, a estrada, ultimamente houve por bem accrescental-as de mais 5 %, para cumulo do arrocho publico. Já se cogita da conveniencia de abandonar a Goyaz, com o seu desleixo e carestia, para se fazer a conducção de mercadorias em carros de bois, pois fica mais barato e livre de funestos descarrilamentos, como os que se prevêem a cada hora nessa via-ferrea."

(Correspondencia de Ipameri para o *Lavoura e Commercio*, de Uberaba).

"Mais um golpe vae ser vibrado contra os interesses goyanos pelo governo da Republica.

A velha aspiração de Araguary da mudança da linha tronco da Estrada de Ferro Goyaz de Formiga-Catalão para Formiga-Araguary parece ter encontrado apoio no governo do sr. Delfim Moreira e do sr. Mello Franco, que assim se esquecem dos interesses de um grande e [illegible] Estado da Federação para só se lembrarem dos de uma zona diminuta de seu Estado natal.

A projectada mudança do traçado, contra a qual se vem batendo [illegible] representantes, não encontrou apoio em governo algum, apezar [illegible] ella quebrarem lanças os valiosos politicos mineiros, por[illegible] aos olhos de todos, a um simples golpe de vista, a sua ini[illegible]

[illegible] á talvez agora.

Ha pouco, a permissão para que a Estrada eleve de 20% os pre[illegible] tarifas, agora a mudança do traçado, que vem onerar o [illegible] e a industria de Goyaz com mais de 80 kilometros de ta[illegible]

[illegible], nada podemos esperar do governo federal.

[illegible], por nossa fatalidade, dos fundos de Minas, devemos nos contentar com a sua agua servida, sem esperanças até de seus sobejos, porque nada sobra que possa ser dado, como migalhas, a este grande e desgraçado Estado.

Amparam o visinho Estado o seu extraordinario prestigio politico, a sua grande representação no Congresso Nacional e contra isso nada vale a allegação dos nossos direitos.

E' assim na Republica."

(Da *Nova Era*, que se edita na capital goyana).

"Pelo telegramma que publicamos do nosso correspondente no Rio verifica-se que renasce a velha pretenção dos habitantes de Araguary, tão injusta quanto odiosa, de mudar o traçado da Estrada de Ferro Goyaz que vinha da Formiga a Catalão, para Formiga á Araguary.

Até hoje esta ambição tem sido agitada junto a todos os ministros e a todos os Governos da Republica, sem encontrar apoio de nenhum, desde a administração Nilo Peçanha; entretanto parece-nos que neste momento as investidas dos commerciantes e dos politicos de Araguary vão encontrando echo junto ao Governo da Republica.

Nós os goyanos que nos interessamos pelo Estado e pela sorte dos nossos patricios não podemos ser indifferentes a esse problema que fala muito de perto á economia do Estado, ás nossas industrias e em geral a todo o interesse da população de Goyaz.

Mudado o traçado para Araguary teremos onerado em mais de 80 kilometros de tarifa todas as mercadorias importadas e exportadas de Goyaz e todas as passagens para o Rio, ficando com isto sacrificado um Estado inteiro em beneficio de uma cidade, a de Araguary.

E', pois, um acto injusto e odioso.

Injusto, porque nos prejudica nos mais legitimos direitos em beneficio de uma cidade já servida por estrada de ferro; odioso, por preferir um interesse de uma cidadella sacrificando o povo inteiro de um grande Estado que, pela sua situação geographica já não póde competir na exportação de multos dos seus productos com os outros mais proximos do littoral.

E accresce que essa estrada de ferro foi inventada para servir Goyaz, e por uma ironia da sorte tem o nome deste Estado, que por ella é o menos beneficiado.

Araguary já possue duas linhas ferreas e pleitea nesta hora a construcção da terceira.

Os empreiteiros devem ficar a lado dos habitantes de Araguary, porque isto fala muito de perto aos seus interesses particulares.

Para a estrada vir a Araguary ella vem percorrendo áridos chapadões, de facilima construcção de linha ferrea; para vir a Catalão são necessarias carissimas obras de arte, taes como as serras de uma e outra margem do Paranahyba, a ponte sobre este rio, além de uma série de outras pequenas obras.

Como sabem todos os nossos leitores, os contractos são feitos sobre kilometros corridos, o govern paga por um preço só, os que têm obras de arte e os de chapadões, de modo que os empreiteiros colocando-se a favor de Araguary, pleiteam interesses proprios de centenas de contos de réis!...

O Governo do nosso Paiz é que, porém, não póde ser cégo e nem surdo ás nossas reclamações, porque ellas representam a voz do direito e da justiça.

"E' de lamentar o que se passa com relação ao serviço postal ciar aos exmos. srs. Presidente da Republica e Ministro da Viação, secundando os nossos esforços e interpondo appello eloquente para que seja mantido o traçado actual."

(De *O Democrata*, de Goyaz).

"E' de lamentar o que se passa com relação ao serviço posatl nesta zona do nosso Estado. Ha mais de dous mezes que estamos privados do mesmo, por isso que não se encontram arrematantes que queiram fazel-o, visto como todo o mundo está farto de saber que os onze contos que se pagam para tal mistér absolutamente não compensam as despezas, sahindo prejudicados todos os que se têm abalançado a tomal-o sob estas condições. Em uma região tão extensiva, comprehendendo varios municipios, todos vastissimos, é extraordinario, é de admirar que se remunera tão mal uma funcção tão importante, quão necessaria e, principalmente, no melhor departamento do Etsado, departamento o mais rico, o mais futuroso, onde a pecuaria está desenvolvidissima, tendo os maiores rebanhos de gado, já em grande parte seleccionado, contribuindo, dest'arte, com bastas quotas para os cofres publicos, pois as rendas da ponte Affonso Penna e dos demais portos circumvisinhos são o resultado, quasi em sua totalidade, do avultado numero de bois que annualmente sahem destes sertões.

De ha muito, para não dizer sempre, esta zona tem sido completamente abandonada pelo governo federal.

Vive-se aqui inteiramente isolado do mundo, inteiramente alheio ao que se passa nos centros civilisados: não existe correio e muito menos telegrapho, o que é o cumulo da desidia, porquanto é justamente a parte de Goyaz que mais precisa do serviço telegraphico, onde se fazem os maiores negocios de gado, sujeitando-se os boiadeiros aos

preços que se lhes offerecerem nas praças compradoras, por isso que lhes é impossivel ter noticias rapidas onde adquirem as manadas."

(Do *Lavoura e Commercia*, de Uberaba).

" Continuam a chegar do sudoeste de Goyaz, Santa Rita do Paranahyba, Uberabinha, Monte Alegre, Ituyutuba e outras regiões isoladas do resto da communhão brasileira, insistentes reclamações contra a falta absoluta de linhas postaes para aquellas localidades. Que fazer? Não vivemos num paiz em que a administração vive de pernas pr'o ar e as autoridades carregam cêra nos ouvidos e venda nos olhos? Nada póde fazer a imprensa, hoje em dia. Dirijam-se os nossos patricios aos politicos; promettam-lhes votos e as suas aspirações serão dentro em breve realizadas. Do contrario, mudem-se, naturalizem-se chinezes, hottentotes, o que fôr, contanto que deixem de ser brasileiros. Não confiem mais em nós, porque os recursos jornalisticos já estão esgotados. Não ha mais para quem appellar, nem vocabulos que se possa empregar numa linguagem reclamatoria digna da imprensa limpa. E' inutil escrever, pedir, gritar, supplicar. Estamos em vespera de eleições presidenciaes e o tempo é pouco para cabá as nas secretarias de Estado e repartições publicas.

Correios para o interior, para os confins do Brasil? Qual o quê. A Patria é o Rio de Janeiro e immediações. O resto, pantanal, terra de bugres, de selvagens. Arranjem-se. Tal é, meus amigos, como elles pensam... "

(Do *Lavoura e Commercio*, de Uberaba).

Se conseguir o seu attentado ao direito de *viver* que incontestavelmente têm os Goyanos, consoante á Carta de 24 de Fevereiro, o titular da pasta da Viação virá trazer a nós, os filhos da longinqua terra, a faculdade preciosa de saber *esperar*, esperar mais alguns dias pelo que ahi vem...

NOTAS E INFORMAÇÕES

COMO SE IR A GOYAZ

E' esta uma das mais insistentes perguntas que por ahi se fazem aos filhos do longinquo Estado. Resposta:

Tomar alli, na Central do Brasil — aos domingos, terças e sextas-feiras — o nocturno paulista. Pela manhã do dia seguinte o viajante está em S. Paulo, onde permanece o dia inteiro, tómando ás 7 1|2 horas da noite, na Estação da Luz, onde desembarcára, o nocturno da Ingleza. A viagem de S. Paulo a Campinas, embora seja feita na Ingleza Paulista, é realizada sem baldeação.

Em Campinas o passageiro toma o nocturno da Estrada de Ferro Mogyana, que parte uns dez minutos após. Nesta viagem ha um carro restaurant para maior commodidade dos passageiros. Na manhã seguinte o expresso chega a Ribeirãon Preto; ahi toma se outro comboio que parte após pequena demora.

De Ribeirão Preto a viagem é feita directamente a Araguary, onde se chega no mesmo dia, ás 7 da noite.

A passagem póde ser comprada directamente da Capital Federal a S. Paulo e d'ahi a Araguary. Actualmente a viagem de S. Paulo a Araguary é feita pelo ramal de Igarapava, da Mogyana, não se passando pela Franca.

De Araguary o viajante toma no dia seguinte o trem da Estrada de Ferro Goyaz, que parte ás 7 hs. e chega em Roncador, ponto terminal, ás 4 horas da tarde.

Na estação de Goyandira, ponto de almoço, ha um ramal para Catalão.

Em Roncador ha dois hoteis e facilidade de se obter conducção para a capital de Goyaz.

De Roncador a Santa Cruz a distancia é de 5 leguas, desta a Bella Vista, 14 leguas, e d'ahi a Campinas, 10 leguas, ficando depois Goiabeiras distante 8 leguas. Curralinho dista de Goiabeiras 11 leguas mais ou menos. De Curralinho á capital, 7 leguas. Nesta cidade ha acommodações para os viajantes e seus respectivos animaes, e bem assim pelos caminhos fazendeiros dão pousadas.

A despeza de viagem pelas estradas de ferro, na 1ª classe, do Rio a Roncador pouco excede de 100$, e de 2ª, de 70$000, mais ou menos.

Em Roncador encontra-se muitas vezes conducções que regressam á Capital do Estado, sendo então alugadas por preços bem razoaveis. Sendo só um viajante este póde alugar um animal por 100$ e viajar na companhia do estafeta do correio, eviando ass'm a despeza com um camarada para guial-o. Os estafetas do correio fazem o trajecto de Roncador á Capital em 6 dias.

Pelos informes acima o curioso leitor carioca fica sabendo que se póde ir, do Rio á Capital goyana em menos de 10 dias.

Para satisfazer outra curiosidade de muita gente por ahi, cumpre-nos informar que de Goyaz a Cuiabá, capital de Matto-Grosso, vai uma distancia quasi tripula da que separa Roncador da capital goyana — sendo aquelle trajecto feito atravez de invios sertões inhospitos, correndo ainda o viajor riscos frequenes de encontros desagradaveis com as tribus indigenas que os povoam.

Não ha, por assim dizer, relações commerciaes entre os dous Estados vizinhos, cujos nomes por uma erronea associação de idéas os brazileiros, em geral, confundem, suppondo que seus respectivos habitantes vivem em simbiose...

Accresce que os matto-grossenses não vêm com bons olhos os goyanos, e até costumam dizer que de Goyaz só o "pito" (o fumo).

As suas maiores relações têm os goyanos com os Estados do Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia, Minas, S. Paulo e Rio, com estas duas praças principalmente. Em Belém do Pará, que póde ser considerada a capital do norte goyano, os filhos deste são conhecidos por *mineiros*. Uberaba é bem a capital dos habitanes do sul de Goyaz, na sua maioria mineiros, que a'i fazem suas transacções commerciaes e educa seus filhos. Não é menor a influencia que a imprensa do Triangulo Mineiro exerce no nosso Estado; mas o jornal de maior circulação em Goyaz é *O Estado de S. Paulo*.

Quando foi da tão suspirada idéa da criação do Ministerio de Saude Publica, ainda sob a resonancia do brado alarmante do professor Miguel Pereira — de que "*o interior do Brasil* era um vasto hospital" — para justificar tal alarme e documentar a cantilena conhecida da imprensa carioca, por esse tempo foram despachados em para violenta para o *hinter-land* os Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna, com a incumbencia official de pintarem o "Inferno Dantesco", que ficar como *pendant* do "Inferno Verde" do nephelibata A. Rangel.

E foi precisamente quando nestas columnas, contestando os exageros dos dois emissarios de Manguinhos no que diziam da existencia do paludismo e da ankylostomiase nos terras goyanas, insistiamos na affirmativa de que aqui mesmo, ás portas da Capital Federal, muito maior era o numero das victimas produzidas pelos agentes transmissores d'aquellas graves molestias.

O tempo, porém, esse grande factor das cousas, accessoriado ao conhecimento mais aprofundado que depois se fez do *habitat* brazileiro, veio antes mesmo do que esperavamos dar-nos a sua ultima mão.

Pois bem: a tão decantada phrase do prof. Miguel Pereira foi assim modificada: — "O Brazil é um vasto hospital".

Quanto ao que em verdade então diziamos do paludismo e ankylostomiase nos suburbios do Rio de Janeiro, basta a seguinte noticia que o "Jornal do Commercio" deu outro dia da visita do Prefeito Dr. Frontin ao Posto de Prophylaxia rural installado alli na Penha:

" O Sr. Dr. Almeida Magalhães teve opportunidade de exhibir ao governador da cidade varios mappas dos serviços de prophylaxia prestados pelo posto da Penha, á população suburbana dessa localidade, pelos quaes se vê que são em numero de 21.993 os enfermos de ankylostomiase ahi examinados e medicados. A estatistica geral dos doentes de todos os suburbios da Leopoldina está sendo concluida, verificando-se por ella que foram encontrados 502 ankylostomiados em Vigario Geral, 497 na Parada do Lucas, 510 em Cordovil e não havendo uma só pessoa não atacada pe'o terrivel mal em Merity."

Não é preciso pôr mais na carta.

A Sociedade Nacional de Agricultura desejando levantar a estatistica da producção de algodão na safra de 1918-19, bem como o consumo das fabricas brasileiras de tecidos, dirigiu-se a todas as Associações Commerciaes do paiz, pedindo informação a respeito.

Em resposta á solicitação da benemerita associação brasileira, a Associação Commercial de Goyaz telegraphou:

"Resposta vosso telegramma primeiro corrente informamos exportação algodão 1918 segundo dados receita estadoal, apenas 2.618 kilos remettidos S. Paulo. Futuro promette desenvolvimento industria visto estar informada Associação diversos municipios estão trabalhando cultura algodão. Industrias aqui lutam difficuldades falta braços, nenhuma protecção governos estadoal, federal e municipal; ao contrario só criam impostos exorbitantes facto deveras lamentavel. São estas informações podemos ministrar VV. Exs. Saudações. — *Manoel Bazilizardo*, Presidente."

Uma excursão á Serra dos Christaes

Bem pouco ou talvez nenhum minerio, arrancado ao inesgotavel thesouro do subsolo goyano é, actualmente, tanto explorado e exportado para o extrangeiro, como o cristal da rocha.

Esta pedra semi-precioza que fornece as lentes para todas as lunetas de instrumentos e apparelhos opticos, é privilegio quasi exclusivo de dous logares no interior de Goyaz: Cavalcante e Villa Cristallina, situados: o primeiro, ao Norte e o segundo no declive ao Sul do Planalto-Central.

Visitei Villa Cristallina, onde a exploração das jazidas de Cristal é muito mais intensiva de que em Cavalcante.

A villa serrana dista de Ypameri, o seu mercado de intercambio commercial e ponto mais proximo de estrada de ferro, 180 km. aproximadamente.

A viagem de Ypameri para a Serra, — como vulgarmente a villa é appellidade, — não offerece de todo os lindos panoramas, aos quaes, percorrendo estas bellas terras goyanas, tanto nos habituamos e os 4 dias de jarnada cançam a gente e as cavalgaduras.

Sem embargo, a viagem não deixa de ser interessante, especialmente pelas originalidades topographicas que se encontram.

Com legoa e meia a estrada atravessa o Rio Braço, affluente do Rio Veríssimo, e d'ahi ga'ga ao "chapadão".

Os "chapadões" ou "chapadas" particulares a esta zona, são planaltos de enorme extensão, com vegetação parca, campina limpa até perder da vista, e, se o aneroide não accusasse uma altitude quasi constante de 800 a 820.^{m} sobre o nivel do mar, podia-se pensar, de, como por encanto, ser transferido para o Pampa Central da vizinha Republica Argentina, cavalgando em vez de para a Serra, em procura de Sta. Rosa de Toay.

Nada perturba a immensa lizura da planicie; nem arbusto, nem arvore se nos depara e uma rez, um cupim, avistado de muito longe, parece ter fórmas sobrenaturaes, gigantescas.

De quando em vez a estrada se afasta do espigão e pende para uma cabeceira que desde muito distante se distingue pelas manchas pretas que os burítys projectam ao fundo esmeralda da campina.

Estas cabeceiras, muito conhecidas pelos viajantes, servem aos mesmos de ponto de repouso; ali se apeiam dos animaes suados, a quem tiram os freios para pastarem um pouco, e, por sua vez, bebem um "golo" e desembrulham da capanguinha a matulla: um viradosinho, uma passoca, um pedaço de requeijão. Infallivelmente ahi se encontram vestigios de foguei ras dos carreiros e as varas, "estacas" no *itoi* da chapada, enfincadas no chão pelos tropeiros que por cá pouram, após de terem "encostado" a boiada ou a tropa perto da agua [...], as madrinhas munidas de polacos, afim de facilitar o "campeio" á madrugada seguinte. E, é um facto bastante curioso; realmente o tudo em viagem, de ordinario, não se afasta muito do carro ou da car[...], apezar da falta absoluta de qualquer feicho e, emquanto o "candeiro" ferve agua com rapadura para preparar o café ou o chá de congonha (que é excellente!) antes do romper do dia, a boiada ou a tropa já se acha reunida para ser cangada ou ensilhada.

[...]mpa goyano.

De novo a estrada sóbe para o espigão e de novo nos achamos no [...]mpa — Goyano.

Uma linha avermelhada, quasi em recta, assignala os innumeros [...]heiros dos quaes a estrada se compõe — e desaparece no infinito.

O gado, que com preferencia pousa na estrada, por esta permanece enchuta ao passo que o campo amanhece molhado do orvalho da [...]ite, levanta preguiçoso e manso ao aproximarmo-nos. Observo um [...]do sadio e bem mantido, poqueno, mas robusto, oriundo da zona, chamado Brucho e Curraleiro que, ás vezes, já se encontra *bem mestiçado* [...]n raças indianas, notadamente com a de Guzerath.

De repente avistei, muito longe, uma manada estranha. Será gado? [...]is, o meu camarada, um caboclo experto, já distinguiu o grupo e avisou-me que era um bando de emas. Aproximamo-nos com toda precaução; desejava vêr esta Avestruz dos nossos campos de perto.

Apenas, porém, tivessemos chegado á distancia de um tiro de carabina, a manada fugiu em debandada, correndo com uma velocidade [...]tigiosa, e logo desappareceu.

D'ahi em diante a monotonia dos campos foi, frequentemente, interrompida por cerrados. Tambem a qualidade do sólo tem mudado: [...] passo que até aqui o sólo era formado por conglomerados de gres [...]artzos e oxydos de ferro (pedra tapiocanga), em diversos gráos da [...] decomposição em pedregulhos e areia, a terra agora tornou-se mais [...]illosa com camada pronunciada de humus, offerecendo, assim, condições mais favoraveis á vegetação.

Admirei a fertilidade d'estes cerrados: optimas pastagens em sólo [...]vel e uma abundancia exuberante de Mangabeiras, Paus-China, Barbatimão, Sucupira e muitas outras qualidades de arvores e arbustos [...]is, dos ques cada um representa uma riqueza por si, pois a Mangabeira fornece borracha, o Pau-China e o Barbatimão têm uma casca [...]eiosa e a fructa de Sucupira é officinalis, "um santo remedio", [...]mo diz o sertanejo.

O cerrado offerece a mais ao viandante uma série de fructas saborosissimas, aromaticas e refrescantes como são: a Mangaba, a Corriola, o Articum, o Piqui, a Araçá e innumeras outras.

Ao declinar da quarta jornada, finalmente, avistei a Villa Cristal[...]

Logo ao chegar, a impressão que o logarsinho causa, é muito agradavel.

Umas 60 a 70 cazinhas apenas, em estilo typico ao sertão, alinhadas em ruas amplas, cazinhas pobres, sim, mas todas ellas branquinhas, caiadinhas e aceiadas.

Apeiei-me no Largo da Matriz e verifiquei que me achava a zero horas, 10 minutos e 21 segundos ao Oste do zero-merediano de Rio de Janeiro, uma latitude austral de 16°54" a 1000.^{m} sobre o nivel do Oceano Atlantico.

Logo fui o alvo da curiosidade da petizada e, com sincero prazer contemplei a sadia robustez d'esta geração futura, pensando, cá com os meus botões, que, se o Dr. Miguel Pereira teria visto este gruposinho, nunca lhe teria occorrido o erro patente, de qualificar o interior do Brasil de "vasto hospital".

Do mesmo largo avistam-se, como fundas cicatrizes nas faces da terra, as lavras — "serviços", como ahi as chamam — de Cristal.

Este quadro precioso está ha mais de 100 annos explorado nos arredores da Villa Cristallina. A fundação da villa, porém, é muito mais nova e o primeiro edificio ahi foi construido pelo allemão Sr. Carlos Leyser que ali se estabeleceu com negocio, ha 25 annos, mais ou menos, afim de adquirir cristaldos "garimpeiros" a quem, assim, elle facilitava os recursos. Desde este tempo o logar, hoje Municipio, prosperou consideravelmente.

Na Serra dos Cristaes o cristal da rocha se acha em ninhos ou solto, desde a superficie da terra até uma profundidade de 12 a 15 metros, em tres fórmas distinctas e duas côres.

O minerio achado solto na superficie da terra, com as quinas caracteristicas da cristallisação apagadas ou desmanchadas pela influencia do tempo, por fôra quasi opaco, por dentro, porém, de pura agua, tem alto valor commercial e é chamado "ovo d'ema", hoje já bastante raro.

Uma outra fórma, mais commum, é o cristal que se acha assentado sobre a pedra tapiocanga e que, com picareta, deve ser arrancado da mesma. Os cristaes desta proveniencia são, de ordinario, puros transparentes como vidro e conservam sempre as suas fórmas cristallinas que consistem em columnas hexagonaes terminando em pyramides da mesma fórma ou, muitas vezes, em combinações de hexakistetraedro com rhombododekaedro difficillimas a descifrar, ou ainda, em penetrações complicadas e interessantissimas. Estes cristaes attingem, não raramente, um peso de até vinte kilogrammas, sendo que o valor dos mesmos está em proporção directa ao seu peso e gráo de transparencia.

A terceira fórma é chamada "Dente de Cão". A base para esta exquisita e bella cristallisação é constituida pelo proprio quartzo em fórma microcristallina e delle nascem uma infinidade de lindissimas agulhas do tamanho de uma verdadeira agulha até o de um pequeno pão-d'assucar, pezando até 5 kilos e mais. Estas agulhas chamam "Canudinhos"; são de uma belleza extraordinaria e, em peças grandes de alto valor.

Estas tres fórmas de cristal, de absoluta transparencia e sem côr, geralmente são conhecidos debaixo o nome colletcivo de Cristal Branco.

A maior maravilha da Serra, porém, constitue o Cristal Amarello. Imita o Topazio tão fielmente que o leigo é incapaz de distinguir entre este e aquelle e só póde ser classificado com o auxilio da analise qualitativa, visto o cristal ter, segundo Moh, o gráo de dureza sete ao passo que a dureza do Topazio é de oito. A côr em matizes variados desde o amarello claro á côr de ouro escuro é devida á influencia de oxydos de ferro.

O cristal amarello acha-se só em ninhos, igual á segunda fórma acima exarada e não tem na superficie da terra uma "informação" segura, razão, porque mais raramente se encontra.

Nem sempre, porém, o cristal arrancado é de absoluta pureza e grande parte do mesmo tem por dentro manchas opacas e brancas. Este cristal tem pouco valor commercial e é abandonado nas minas, como tambem os cristaes miudos que, embora purissimos, são de diminuto valor, desde que não attingem o peso minimo de 250 grs. D'estes cristaes impuros e miudos podiam-se encher innumeras carradas e em qualquer outra parte do globo constituiriam uma riqueza. Mas, vista a distancia de 180 km. até o ponto de estrada de ferro e o imposto de exportação que é de Rs. 0$330 por kilo, indistinctamente da qualidade, seja o valor do kilogramma Rs. 500$ ou de Rs. $500, não permittem que sejam exportados, embora pudessem ter larga applicação no estrangeiro.

Os cristaes, promptos para o transporte, são acondicionados em surrões de couro e transportados em carros de bois ou no lombo de bestas para Ypameri, de onde saem pela linha ferrea via Santos ou Rio para o estrangeiro.

O valor do cristal que antes da guerra, annualmente foi exportado, attingia perto de um milhão de francos. Hoje esta pedra semi-precioza tem relativamente pouca procura devido á impossibilidade de ser exportada para á Allemanha e á Austria onde existem as grandes officinas de lapidação como em Idar, Pforzheim, Iena e Gablonz (Bohemia).

Os outros paizes como notadamente Inglaterra, França, Hollanda e os U.S. America só compram qualidades de cristal barato, não tendo precisão de peças finas e caras para a manufactura de bijouterias, que é um quasi monopolio dos ex-imperios centraes.

Felizmente caminhamos com passos rapidos e seguros para a conclusão da Paz mundial e o cristal terá, seguramente, após a normalisação dos mercados a mesma boa acceitação ou, talvez, ainda maior procura que d'antes.

Ipameri, 7 de Abril de 1919.

CARLOS V. HAAS.
Eng. Civil.

IPÊ FLORIDO

Altaneiro e flammivomo, erecto e magestoso, alteia na campina verde e distante, embellezando a paysagem deserta com o seu fulgor de ouro novo, o Ip Florido.

Vejo-te de longe, Ipê Florido, nos dias de sonho e revejo-te inda hoje nas horas de realidade e és o mesmo para mim, porque minha alma não envelhece, tecendo sempre a teia encantadora da illusão...

A campina toda um liquor de esmeraldas, mordida pela volupia quente do sol e o ipê altaneiro e magestoso todo florido em jalde, nimbado d'ouro explende, irradia, tremúla e scintilla nas cambiantes vivas da côr.

Passaros de plumagem rica e gorgeio estranho poisam nos seus galhos, borboletas de grandes azas irisadas recortadas em seda, osculam suas flôres, abelhas fulvas sugam-lhe o mel, o perfume e o doce polem dourado, besouros zumbem luxuriosos, colibris de bicos lanceolados sondam o calice das flores olorosas e o Ipê glorioso e florido, vibra de sons, de canto e de côr na luz forte e ardente do sol e do vento do deserto que passa palhetando de ouro o corpo verde, todo verde da campina deserta...

*
* *

Frio, frio e inverno os passaros tiritam nas suas pennas, as borboletas de seda já não voam e o Ipê altaneiro, florido, no rigor estuante do verão, ostenta inda sua côma jalde de ouro velho.

E a geada passou tres noites seguidas e a arvore tropical congelado o sereno nas folhas e nas flôres crestou, murchou, feneceu...

Amargurado, feio e decrepito, têm sua belleza morta e chora o seu perpetuo sonho de ouro já passado e extincto.

O sol ardente de Agosto requeimou a terra denegrida pela geada numa adustão caustica em que a fria natureza delinquesce.

Rôlos sombrios de fumo sobem pelos horizontes e o vento passa com um halito de febre; é o sol, é o fogo, é a morte, é a devastação, a obra maldicta do homem sobre a obra redemptora de Deus.

E o fogo estala, sibila, lateja, passa de rojo, lembe a campina, sobe do tronco ás frondes, apaga, reascende, chammejante e rubro...

E o Ipê desnudo e denegrido, revestido de crêpe, talado, rigido, espectral, sem folhas e sem flores, sem azas e sem bellezas estende os braços negros e queimados na campina negra requeimada e morta.

*
* *

Outubro! Primavera!

A' primeira chuva fecundante que activa a seiva e propicia os germens latentes de vida, o Ipê se abotoou de pequeninos pontos de esmeralda, que se abriram e se multiplicaram em centenares de cachos fulvos e redourados no excesso da vegetação fecunda, a seiva estuou de novo e o Ipê reflorio para a vida e para o amor.

E's para mim o symbolo da existencia, Ipê Florido!

Tambem para os corações o frio e a nevada dos desenganos, a adustão dos grandes desesperos e o fogo ardente de todos os soffrimentos a talar e a queimar as illusões da vida... Depois o orvalho fecundo da esperança, a revivescencia, o refloir, o reviver...

Vejo-te Ipê Florido na campina verde, cantando num goso dyonisiaco o epinicio da vida o triumpho de viver...

Alteias na campina longinqua a chronica encantadora da tua vegetação floral; a tua fronde é toda côr, a tua côr é toda luz.

Vibras, palpitas e estuas na seiva que circula no teu cerne...

Vejo-te Ipê Florido e és para mim o symbolo encantador da vida...

CÓRA CORALINA.

(Do livro *Canção das Aguas*).

Limites entre os estados de Goyaz e Minas

OPINIÃO DOS GEOGRAPHOS

" Tomar o rio S. Marcos como fronteira occidental de Minas é uma usurpação do territorio, em tempo nenhum reconhecido como mineiro." Senador Candido Mendes — *Atlas do Imperio do Brasil.*

" A provincia de Goyaz limita-se: "a leste com as de Minas Geraes, Bahia, Piauhy e Maranhão, pelo mesmo talweg do Paranahyba, *ribeirão Jacaré, pelas serras de Anaréquicé, Tiririca, Araras, Paranã, Tabatinga, Duro e Mangabeiras."* D.. Joaquim Manoel de Macedo—*Chorographia do Brasil.*

" Goyaz está separado de Minas pelo rio Paranahyba e *pelas serras de Andrequicé, Tiririca, Araras e Paranã."* Dr. Joaquim Maria de Lacerda. — *Curso de Geographia*, edição melhorada por Fernandes Pinheiro.

" O Estado de Goyaz confina: a Léste com os de Minas Geraes, Bahia, Piauhy e Maranhã, *pelo rio Paranahyba, ribeirão Jacaré, serras de Andrequicé; Tiririca, Araras, Paranã, Tabatinga, Duro, Mangabeira e rio Tocantins."* Professor Moreira Pinto — *Chorographia do Brasil* (para uso dos Gymnasios e Escolas Normaes).

O Barão do Rio Branco, no seu *Mappa dos Estados Unidos do Brasil*, traçou como linha divisoria entre os Estados de Minas e Goyaz as acima alludidas serras, e não o rio S. Marcos.

A *Carta da Republica do Estados Unidos do Brasil*, organizada na Inspectoria Geral das Estradas de Ferro, por ordem do ministro da Viação, Dr. Serzedello Correia e sob a direcção do engenheiro Dr. João Chrockatt de Sá Pereira de Castro, dá como limites de Goyaz e Minas as supracitadas serras, e não o rio S. Marcos.

"Du côté de Minas Geraes, la limite est indiquée par la serra de San Domingo, Santa Maria, *Lourenço Castanho, Arrependidos, Andrequicé* etc., ensuite par la petite *riviére* de Jacaré et enfin par le rio Paranahyba jusqu au rio Grande, qui la sépare de San Paulo". Conde F. de Castelnau.

" *Jacaré.* — Ribeiro da Provincia de Goyaz, nasce da cordilheira em que fenece a Provincia de Minas Geraes e vae se perder no rio Paranahyba." M. de Saint'Adolphe.

O veridico e competente General Raymundo José da Cunha Mattos a quem se deve a fundação do Instituto Historico e Georaphico do Brasil — assim escreveu sobre os limites de Goyaz e Minas:

" Fica dividida da provincia de S. Paulo pelo rio Paraná, desde o ponto fronteiro á confluencia do Rio-Pardo, com o mesmo Paraná, até á confluencia d'este com o Rio Grande; e d'aqui seguindo ao nordeste e norte, acha-se dividida da provincia de Minas Geraes pelo rio Corumbá, que pouco espaço acima recebe o Paranahyba, e segue este rio até ao ribeirão do Jacaré, que entra n'elle pela margem direita junto á serra geral; e logo tomando as arestas da mesma serra, e pelos Arrependidos, continúa ao norte até á serra de Lourenço Castanho (1).'

Desde a sua elevação á Capitania, separada da de S. Paulo, tem Goyaz sempre exercido sempre a sua jurisdicção ininterrupta no territorio comprehendido entre o rio S. Marcos e as serras de Guarda-mór, Andrequicé, Pilões, Tiririca e Lourenço Castanho.

No sentido de exercerem jurisdicção no alludido territorio os geraistas têm dado mil envestidas, qual mais malfadada, sendo d'ellas a ultima o conflicto de jurisdicção levantado pelo Juiz de Direito da Comarca de Piracatú a proposito da divisão da fazenda "Batalha dos Nunes", situada á margem esquerda do rio S. Marcos. O Supremo Tribunal Federal, porém, tomando conhecimento desse conflicto de jurisdicção, decidiu em accordam de 4 de Dezembro de 1895, a favor da Justiça do Estado de Goyaz.

Nem assim esmoreceu o espirito de conquista dos mineiros, por isso que em 24 de Agosto do anno passado foi expedido de Bello Horizonte para a imprensa carioca o seguinte telegramma de guerra: — " O Senador Virgilio de Mello Franco apresentará amanhã uma emenda ao orçamento, autorizando o governo a propôr a arbitragem na questão de limites com o Estado de Goyaz, e si o governo goyano não acceitar esse alvitre, o governo de Minas iniciará a acção judiciaria a fim de dirimir a questão e evitar grandes prejuizos, visto o Estado de Goyaz estar invadindo a vertente oriental do valle do rio S. Marcos reconhecidamente mineira."

Mas, que é isto de estar agora Goyaz a invadir um territorio que lhe pertence ha mais de dois seculos?

Como accessorio á petulante ameaça do senador mineiro, patrono dos contrabandistas seus patricios, appareciam aqui no Rio os cerebrinos "Limites Interestaduaes" — alinhavado no palacio do Cattete. Mas, se a "vertente oriental do valle do rio S. Marcos fosse reconheci

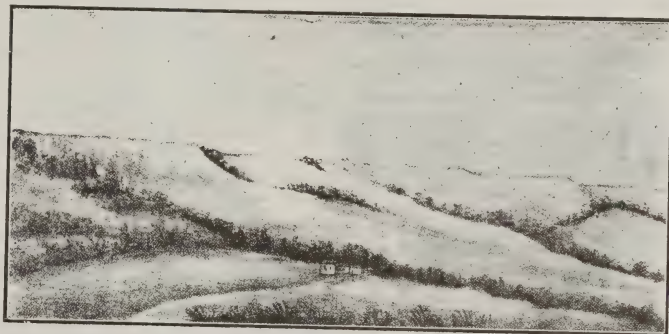
damente mineira", não haveria mister os tres projectos de lei apresentados á Assembléa Geral Leislativa (1854, 1861 e 1867) pelos representantes de Minas no antigo regimen — projectos estes que, apezar da preponderancia da representação mineira na politica nacional, não ograram jámais ser convertidos em lei?

O projecto de 17 de Agosto de 1861, dispunha o seguinte:

"Artigo unico. O territorio comprehendido do lado esquerdo do

E' a consciencia da justiça da causa que defendo, quem nos inspira e dita esta previsão.

Senhores, que soffregnidão é esta?!

Onde, e quando se vio ser uma questão de limites decidida com tanta pressa, se mse examinarem os documentos, sem se consultarem archivos e tradições, sem se attender á opinião de pessoas autorizadas e sem ser consultado o governo, a quem cabe decisão de questões desta natureza?

Vista do chapadão typico ou ESPIGÃO MESTRE, que separa os Estados de Goyaz de Minas, desde as cabeceiras do ribeirão JACARE' até as nascentes do CARINHANHA, sob denominações diversas.

"Não ha, na larga estructura do continente brasileiro, cordilheira que se assignale por uma direcção tão uniforme e por uma linha de contorno tão seguida e perfeita, como seja o ESPIGÃO MESTRE de Goyaz. A sua alta escarpa de W. delimitando as duas immensas bacias do Tocantins e S. Francisco, foi o guia seguro, ou o ESPIGÃO MESTRE, que servio aos primeiros descobridores para se orientarem no meio dessas vastas regiões então desconhecidas.

A orientação geral desta immensa cordilheira é de S. a N. em uma extensão de mais de 1.980 kilometros. Sua extremidade septentrional termina proximamente ao 5° de latitude S. confundindo o seu relevo na alta chapada, que no Estado do Maranhão separa os valles do Gurupy, Mearim e Itapicurú, a L., do valle do Tocantins a W."

Barão Homem de Mello.

de S. Marcos, desde a sua foz no Paranahyba até á barra do ribeirão dos Arrependidos, pertence á provincia de Minas Geraes."

Posto, porém, este projecto em discussão no Parlamento Brasileiro, sessão de 19 de Junho de 1877, assim o impugnou o Deputado Cardoso de Menezes, depois Barão de Paranápiacaba:

"*O Sr. Cardoso de Menezes*: — Dou os meus emboras ao nobre deputado por Minas, o Sr. Theophilo Ottoni, por haver tentado o baile desta cruzada, desenterrando dos archivos desta Camara um projecto que desde 1861 alli dormia coberto de pó. S. Ex. procedeu a uma verdadeira excavação archeologica, para trazer á luz do dia e fazer vingar a idéa de desannexar da provincia de Goyaz para incorporar á de Minas, que pertence incontestavelmente áquella provincia.

O Sr. Eufrasio Correia: — O que lhe é muito honroso.

Semelhante a Cesar, o nobre deputado chegou, viu e venceu; tem S. Ex. marchado de triumpho em triumpho, e a nobre maioria da deputação mineira, seguindo-lhe as pisadas, mostra-se por demais solicita, e se empenha mesmo pela conversão em lei dete projecto que, na opinião de S. Ex., vem realizar uma grande necessidade publica, salvando a provincia de Minas do estado de afflicção em que se acha.

O Sr. Affonso Celso: — Eis o que se chama um bello exordio por imaginação (*Risadas*).

S. Ex., herdeiro de um nome glorioso, e, continuando a abrilhantar as tradições desse nome, obteve a honra de vêr-se enthusiasticamente seguido e apoiado pela phalange mineira, rica de talentos e illustração

Uma voz: — A causa era justa.

O Sr. Martim Francisco: — Mas os elogios tambem são justos.

Receio, porém, que o carro triumphal do nobre deputado estaque antes de chegar ao limite do estadio.

O Sr. Theophilo Ottoni: — Não é possivel.

Felicito-o por esta segura confiança.

Se a Camara dos Deputados, cedendo oao prestigio da palavra de S. Ex. e dos illustrados oradores, que têm sustentado esta causa, sanccionar esta clamorosa usurpação, talvez que o riacho Jacaré, avolumando as suas aguas, devore este projecto, e o ribeirão dos Arrependidos se converta num novo Berezina, qual na Russia impeça a marcha triumphal do seu victorioso plaustro, sendo-lhe tão fatal como foi áquelle moderno Cesar.

Senhores, a justiça é soberana; a sua voz ha de afinal ser ouvida e tenho fé que este projecto encontre barreira insuperavel no Senado, onde tende ser examinado com a calma e reflexão que preside as deliberações dos anciãos da patria.

Se conseguir sair victorioso desta augusta Camara, espera naufragar na outra casa do parlamento.

Ha, senhores, um documento official que por si só basta para lançar em terra a pretenção dos nobres deputados por Minas Geraes: é a propria opinião official do governo.

No relatorio deste anno (de 1.ª sessão) o nobre ministro de Imperio, depois de ter com proficiencia tratado das diversas questões de limites do Imperio e mostrando a necessidade de resolver-se quanto antes a que pende entre Sta. Catharina e o Paraná, diz á pag. 12, que "á respeito de questões tambem não resolvidas sobre limites entre outras provincias não tem o governo recebido informações e dados que o habilitem para final resolução."

O Sr. Lima Duarte: — De que anno é o relatorio?

O Sr. Cardoso de Menezes: — Deste anno. Peço a V. Ex., Sr. presidente, que tenha a bondade de mandar-me dar o relatorio.

Não serão estas as expressões textuaes do relatorio, mas é o pensamento do governador. Este juizo definitivo do governo por si só bastava para que a pretenção dos nobres deputados fosse repellida *in limine* pela augusta Camara a que tenho a honra de me dirigir.

E na verdade, Sr. presidente, onde e quando se atropellou tão tumultuariamente assumpto de tanta ponderação?

Onde e quando se vio arrancar-se a uma provincia que está de posse delle, um territorio, para annexal-o ao de outra, fundando-se a desamparação em dados tão incompletos e defectivos?

O que temos, senhores, para a base do nosso juizo?

Um projecto apresentado ha cerca de 16 annos, projecto de descarnado laconismo; segue-se um parecer da commissão, onde não se produz um só argumento valioso, que justifique a grande decisão, por elle acompanhada.

O que diz o projecto? Eil-o:

"A assembléa geral resolve:

"Artigo unico. O territorio ao lado esquerdo do rio de S. Marcos desde sua foz no rio Paranahyba até á barra do ribeirão dos Arrependidos, pertence á provincia de Minas Geraes.

Paço da Camara dos Dpeutados, em 17 de Agosto de 1661.—*Carneiro Mendonça. — Luiz Carlos.*"

Eis aqui, senhores, o projecto. Ouvi agora o parecer da commissão:

"1.870 — N. 150 — Parecer — A assembléa provincial de Minas Geraes representa a esta augusta Camara, pedindo uma providencia, que restabelece as divisas entre a cidade de Paracatú e Goyaz, em conformidade do auto das divisas que se fizeram no municipio de Paracatú no anno 1800.

"Nos archivos desta augusta Camara e do Senado existem informações unidas a um mappa que esclarecem perfeitamente a materia.

"Os limites da comarca de Paracatú quando creada pelo ouvidor José Gregorio de Moraes Navarro, foram traçado pelo rio S. Marcos

tomou conta da pequena nesga de territorio entre esses rios e a serra dos Pilões, que quer seja hoje a demarcação.

Por tal motivo estabeleceu barreiras nos portos do Paranahyba, mal administradas, e onde se cobrão direitos excessivos. Os passageiros, tropeiros e carreiros, para livrarem-se do pagamento de taxas exageradas, soffrem grande retardação, procurando transitar pela villa dos Patos, fazendo um rodeio de cerca de 30 leguas.

"Não havendo acto algum legislativo que modificasse aquella antiga divisa, e, attentos ás conveniencias dos moradores e suas relações commerciaes, é de toda justiça que seja mantida; e porque existe na casa um projecto de resolução, offerecido em 1861 pelos deputados ao 7.° districto eleitoral de Minas, cuja disposição resolve perfeitamente a questão, a commissão de estatistica é de parecer:

"Que o Exmo. Sr. Presidente dê para ordem dos trabalhos o dito projecto, já impresso, de n. 81 do anno de 1861.

"Sala das sessões, 1.° de Setembro de 1870. — *J. B. da Cunha Bitancourt. Barão de Araçagy.*"

Este parecer vem, pois, desacompanhado de qualquer allegação juridica ou de publica conveniencia que possa determinar decisão segura e conscienciosa a respeito desta materia. Será com estes dados que a Camara dos Srs. Deputados ha de formular seu juizo e determinar o esbulho de uma importante zona. da qual a provincia de Goyaz está de posse ha tempos immemoriaes."

O Sr. Carlos Peixoto: — Não ha nenhum esbulho.

O Sr. Cardoso Menezes: — Eu o provarei

Não se trata, senhores, de fazer nova divisão; trata-se de arrancar uma porção de territorio de uma para outra provincia, e tal é a necessidade que tem a provincia de Minas desta lesiria entre o ribeirão dos Arrependidos e a serra dos Pilões, que o nobre deputado o Sr. Theophilo Ottoni pintou-a a gemer de afflicção e quasi moribunda, se a partilha dessa nesga de terreno lhe fosse negada (oh!) *Não augmenteis a afflicção ao afflicto, exclamou o nobre deputado!*

Entretanto, o nobre deputado confessou a prova. De Minas não tem bracos para cultivar o territorio que possue. Si é assim, para que deseja ella mais territorio?

Esta reclamação depois do quadro que do estado de sua provincia nos fez o nobre deputado, lembra a mania de certos lavradores de nossa terra que espraiando os olhos em torno de si por uma zona de vastissima extensão, enchem-se de orgulho e exclamam: "tudo isto é meu", contentando se em serem senhores de muitas geiras de terreno embora não disponham de braços para aproveital-as ou fecundal-as.

O Sr. Perdigão Malheiro: — A questão não é de territorio, é de quem tem direito a elle.

*O Sr. Cardoso de Menezes*s — V. Ex. tenha paciencia, que eu hei de atacar todos os argumentos que foram produzidos; se os não puder refutar na sessão de hoje, voltarei á tribuna para pôr em relevo os direitos da provincia de Goyaz e a sem-razão da provincia de Minas.

Sr. presidente, esta questão que dormia nos archivos da Camara, surgio inopinada no campo da discussão parlamentar: foram ás gavetas de commissões e ao archivo desenterrar os papeis, que lhe servem de base e que se juntam ao parecer da commissão, ao projecto e ás duas representações, e trouxeram-na á arena do debate.

E' de notar a pressa, a soffreguidão com que a provincia de Minas tem procedido neste negocio.

A provincia de Goyaz representada apenas por dous membros, e a deputação de Minas forte em numeros e ainda mais forte em recursos oratorics, conta em seu seio um ministro, que naturalmente se ha de inspirar nos impulsos de provincionalismo, que animam os nobres deputados.

No emtanto cortou na palavra aos representantes da provincia de Goyaz. (*Não apoiado, da deputação mineira*). Chegou o atropello a ponto de passar o projecto em primeira discussão, sem que o representante de Goyaz, o unico que estava na casa, tomado de surpreza, pudesse examinar a questão, compulsar os documentos que a instruem, e convenientemente habilitado (*não apoiado da mesma deputação*), requerer mandado de manutenção de posse ou por embargos á pretendida acção de reivindicação, que se propunha, sem formato algum de justiça.

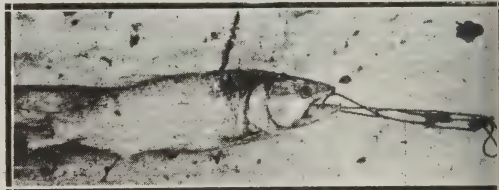
— *Sr. Carlos Peixoto*: — Não apoiado; estava na ordem do dia e o nobre deputado devia sabel-a.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Nem a propria maioria do illustre deputado, que promove a passagem do projecto, tem pleno conhecimento da materia. (*Não apoiado da deputação mineira*). Affianço que não conhecem a fundo os documentos que instruem esta questão, e não podia, no momento que ella foi posta em discussão, sustentar o direito da provincia de Minas com a proficiencia e segurança, com que o fizeram os Srs. Theophilo Ottoni e Perdigão Malheiro. Se isto é innegavel, como se recusou ao meu illustre collega, representante por Goyaz, o tempo de consultar os archivos da Camara e do Senado, para examinar papeis, que nunca vimos, que nunca foram submettidos ao exame e estudo desta augusta Camara?

Como se lhe negou o direito de defesa, o direito natural, e em causa de tanta ponderação? Porque a illustre deputação mineira, tão forte de talento e de luzes, abafou a voz áquelle digno representante, que apenas lhe pediu um prazo para apresentação das provas? E até, Sr. Presidente, houve refinamento (perdõem-me os nobres deputados porque não levo intenção de offendel-os), houve refinamento de crueldade da parte de SS. Exs. (*Continúa*).

(1) "Esta serra de Lourenço Castanho faz muito bojo para o oriente, ficando da parte do occidente grandes campinas e que chamam Terras Vermelhas, d'onde sahem grossos ribeirões que se perdem no rio de S. Francisco," *Chorographia Historica da Provincia de Goyaz.*

Contribuição para o conhecimento dos peixes encontradiços em Goyaz

DOURADO (*Salminus spc*). E' um magnifico peixe, e como o nome vulgar o diz: côr de ouro, variando os matizes desde ouro brilhante até o amarello pallido. Conhecem os pescadores duas especies deste excellente peixe: a chamada *Lingua roxa*, de colloração amarella tirante a vermelho, com uns quasi imperceptiveis traços pretos, que é a maior attingindo até $1^{m}.40$ de comprimento; e a outra a que dão o nome de *Saipé*, d'um amarello desmaecido, traços escuros, o maior individuo chegando apenas até $0^{m}.55$ de comprimento. Tem este as nadadeiras e a cauda escuras e é tambem conhecido por *Esbranquiçado*, por ter o ventre côr de prata. Ambas estas especies têm a bocca desenvolvida e guarnecida de duas filas de dentes agudissimos, que se contam até 70 e tantos em cada maxillar. Para estes peixes os pescadores têm necessidade de alambrar as linhas dos anzóes—como o fazem com os de Piranha. O Lingua-roxa é temido pela sua audacia e voracidade, pois chega a perseguir o homem quando faminto ou irritadiço; tem por costume arrebatar tripas ou outras peças de carne que a gente do interior leva a lavar á beira dos rios.

TUBARANA (*Salminus cuvieri*).

A carne do Dourado é muito apreciada.

"Enviado a Londres, conservado *en hielo* diz o naturalista argentino Halmberg, *el Dorado ha tenido gran aceptación. Se le considera exquesito.*"

TUBARANA (*Salminus cuvieri?*)—Além da especie commum assim classificada, ha duas outras: a chamada "Rabo vermelho" no Araguaya (*Salminus hilaire*) e uma especie grande, tambem do alludido rio (*S. maxillosus*), como se vê da obra de Castelnau. A primeira attinge $0,^{m}66$ de comprimento e a segunda $0,^{m}70$. Esta especie ultima se caracteriza pela sua colloração dourada. A *S. cuvieri*, commum aos rios do Brasil, cresce apenas até $0,^{m}38$

Tanto pela fórma como pelo collorido, todas ellas se parecem muito com o Dourado, correspondendo cada uma das especies deste a outra d'aquellas.

Ha ainda zoologos que confundem Tubaranas com Dourado. Prova lá está no Aquario da Quinta da Bôa Vista, onde aos olhos do visitante se depara uma Tubarana com estes dizeres: DOURADO (*Salminus cuvieri*).

MATRINCHÃ (*Bricon brevicandatus*). — Ha-as de duas qualidades: uma branca, maior, e a outra menor com as nadadeiras vermelhas.

E' considerado um dos melhores peixes das aguas do norte. Na Amazonia chamam-lhe *Matrinchão*.

AVOADEIRA (?) — E' uma como que Matrinchã, que não tem as mandibulas avermelhadas como a especie acima e só cresce até $0,^{m}25$.

SARDINHA (*Chalcinus auritus*). — Contam-se no Araguaya duas qualidades de Sardinhas — das pequenas, que não passam de 0,^{m}22 e as chamadas "Facão" — (*Pelonia flavipinnis*) mais compridas, medindo até 0,^{m}25.

PITAQUINHA (*Tetragonopterus orbiculares*). — Ha duas especies destes pequenos e lindos peixes, cujo formato muito se assemelha ao dos Pacús. Uma dellas, a branca, tem as partes ventraes prateadas, o dorso d'um amarello desmaiado; a outra mostra o dorso saliente, em corvova, as nadadeiras ventraes vermelhas, a dorsal e a caudal esverdeadas, tendo esta ultima uma macula preta no ponto de intersecção. Não excede de 0,^{m}5.

GERAQUI (*Prochilodus insignis*). — E' uma como que Papaterra de nadadeiras vermelhas. Mede 0.^{m}40.

CUIU'-CUIU' (*Doras niger*). — Tem o couro semelhante ao do Jahú, porém é coberto de serras, tendo uma especie de abotoaduras dos lados.

CANDIRU' (*Cetopsis spe*). — Ha-os de duas especies, a grande (*Vandellia plazi*) com maculas vermelhas e pretas na cauda e o dorso azul; e a menor (*V. cirrhosa*). A especie maior mede até 0,^{m}22 e a menor 0,^{m}2. O primeiro foi descripto por Castelnau como sanguinario e perigoso — o que aliás não se confirma no Araguaya, onde, pegado aos cascos das canôas se limita a cantar como os carros de boi, e o mal que faz é comer iscas nos anzóes dos pescadores.

SURUBI (*Pseudo platystoma*). — Deste grande peixe devemos considerar apenas duas especies: a de malhas grandes e a de malhas miudas. Uma dellas, a maior, é tambem chamada "Surubi de cama"; as suas maculas são negras e regulam 0,^{m}02 de diametro, perfeitamente esphericas; a cabeça regula 1|3 do corpo. Dizem alcançar até tres metros de comprimentos.

Os ichthyologos, que fazem neste capitulo uma confusão desagradavel, porque só conhecem peixes empalhados, fallam noutras especies mais. E' que confundem a Piraquára, a Genipica, o Pintado e outras especies distinctas, com o Surubi.

Inspectoria Federal das Estradas

Do illustre Sr. Dr. Pires do Rio, digno Inspector das Estradas de Ferro, recebeu o director desta revista a seguinte carta, que a sua ethica jornalistica não permittiria deixasse de vir á luz nestas columnas:

"Meu illustre patricio:

A "Informação Goyana", em 15 de Fevereiro, alludio a um modesto artigo de minha authoria e entre o muito que disse uma coisa ha que péde contestação de facto, andei pela Europa e pela America (Estados-Unidos, Canadá, America uma coisa ha que péde contestação de facto, andei pela Brazil: nasci no interior de S. Paulo, estudei no interior de Minas, trabalhei no interior do Rio Grande do Sul, fiz excursões ao interior de Sta. Catharina, ao interior do Paraná; dirigi trabalhos no interior da Bahia, dirigi trabalhos no interior do Piauhy (sul do Estado); inspeccionei grandes obras no interior de Pernambuco, no interior da Parahyba, no interior do Rio Grande do Norte; no Ceará e Norte do Piauhy, duma occasião, andei 642 leguas a cavallo. Inspeccionei estradas de ferro no interior do Maranhão; vizitei as linhas extremas, de bitola estreita, na E. F. Bragança e passei dias nos campos alagados de Marajó; subi o Amazonas; subi o Tocantins até á Praia da Rainha; subi todo o Madeira; subi o Aripuansé até a cachoeira dos Periquitos; estive dias em Grajará-Mirim e subi parte do Mamoré, na Bolivia. Conheço todas as estradas de ferro do Brazil. Poucos Brazileiros conhecem o interior do seu paiz como eu me prezo de conhecer.

Acceite, Sr. Redactor, o protesto de meu apreço e consideração."

Ora, como vêm, do translado acima, o caso unico que o Sr. Pires do Rio reclama é o ter já viajado o nosso paiz, como bem poucos Brasileiros — mas isto — não o resalva dos commentarios que lhe fizemos, ao escripto, na nossa edição de 15 de Fevereiro. E estes foram que S. S. não conhecendo de modo algum os recursos actuaes, nem as possibilidades economicas futuras do Estado de Goyaz, *ipso facto*, ou a menos que não fosse por uma inexplicavel má fé, jamais poderia affirmar, como o fez no seu artigo publicado no *Jornal do Commercio* — que "o projecto da Estrada de Ferro do Tocantins foi organizado á vista de uma Carta da Republica, onde traçaram a linha ferrea sem cuidar do seu custo e nem do seu custeio, depois de prompta a trafegar, sem passageiros, sem cargas nos desertos immensos do interior do paiz"; e mais... "que é muito incerto que a exploração dessa estrada de ferro venha ter em futuro proximo um caracter industrial que allivie o Thesouro da Republica do sacrificio que lhe custa e tende a crescer."

*
* *

Releva dizer que apreciamos devéras o itinerario brasilico do Sr. Pires, tanto mais quanto sabemos que não ha neste paiz quem se envergonhe de o não conhecer, terra á dentro.

Finalmente, o illustre Inspector das nossas estradas de ferro deve estar de parabens com a publicação da sua carta, que é bem uma prova de que, como andejo por estes Brasis, S. S. bateu o "record" áquella personagem da conhecida burleta de Arthur Azevedo:

Andei por Sorocaba,
Por Jacarépaguá,
Por Pindamonhangaba
Por Guaratinguetá...

Mas, foi pena que não andassem, ambos,... por Goyaz, que é aqui na "Informação" o nosso ponto de vista.

O FUMO DE GOYAZ

A cultura do fumo foi encetada em Goyaz, desde os tempos primeiros d'aquella longinqua região.

As zonas que mais activamente se dedicam a esse ramo de cultura são Bomfim, Antas, Bella Vista e Pouso Alto, municipios que produzem o melhor e mais procurado fumo goyano; que, por suas qualidades excepcionaes, já havia obtido, em 1875, o primeiro premio na exposição de Philadelphia.

O Tenente Henrique Silva, que tanto se dedica ao estudo das cousas de Goyaz, sua terra natal, fazendo-o com carinho e demorada observação, affirma-nos "que a exportação do fumo goyano (em corda) foi em 1906 de 134.820 kilogrammas, inferior, portanto, á de 1905 que orçou em 235.407 kilogrammas, conforme dados obtidos na Secretaria das Finanças do Estado, no corrente anno. Si mutitissimo maior não é a exportação desse producto a causa dimana, em seu conceito, da difficuldade de meios de transporte que

debalde reclamam os habitantes da mais uberrima e porventura desconhecida região brasileira.

" Por demonstrar as difficuldades que oneram o producto goyano, quando destinado á Capital Federal, serve-se de dados que lhe foram fornecidos por um antigo negociante residente em Pouso Alegre, cidade que fica, aliás, muito perto das pontas dos trilhos da Mogyana, que as demais do Estado:

Frete por arroba de fumo, em costas de burro . .	3$000
Idem de Araguary ao Rio, incluindo commissões, etc.	10$000
Couro crú para o acondicionamento de cada arroba	$500
Direitos que o Estado cobra nos portos do Paranahyba	2$000
Total	16$000

preço corrente que sempre foi o do fumo goyano, embora de melhor qualidade, no mercado do Rio (para o exportador goyano, 24$000 ou 28$000, quando, aliás, é sabido que o consumidor carioca o paga á razão de 16$000 *o kilo* nas charutarias!!!"

"Estas casas commerciaes falsificam o fumo goyano, misturando-o com o de Minas e de outras procedencias — pois é sabido que elle possue um como que "bouquet", tal como o de certos vinhos afamados.

" O Sr. Antonio Xavier dos Guimarães, residente no municipio da Capital do Estado, tem exportado alguns charutos manufacturados alli, os quaes têm tido boa acceitação. Ainda hoje, conclue o Sr. Henrique Silva, o plantio do fumo é feito no Estado como ha cem annos atraz — sempre a mesma rotina de todos os tempos.

DR. SERGIO DE CARVALHO.

N. R. — As linhas acima foram escriptas ha 12 annos — em *O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias.* Dahi para cá subiu de vulto a exportação do fumo goyano—tanto em corda como beneficiado.

Por outro lado subiram as importancias do transporte, quer em costas de burro, quer nas estradas de ferro, e bem assim o preço do couro crú para o acondicionamento do fumo. Os impostos que o Estado cobra nas recebedorias do Paranahyba e na de Araguary foram elevados — mas o preço da arroba de fumo goyano no mercado do Rio continúa o mesmo... para os productores.

O Clima do Planalto Central do Brasil

II

Comparação dos nossos elementos com os do Rio e S. Paulo

Para esta comparação tomamos os nossos como normaes e vamos buscar no vosso "Clima do Rio" os d'alli e no Boletim da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo para 94, os elementos desta cidade, resultantes da média de (87 a 94).

A tabella *B* torna comparação dos primeiros muito facil e tambem a tabella *C*.

A nossa temperatura média annual 19°,49 é 1°,34 maior do que a 18°,15 paulista (de 87 a 94) e 3°,96 menor que a do Rio 23°,45.

No Rio a oscillação das médias mensaes é 5°,80 e em S. Paulo 6°,70, aquella 0,°06 menos que a nossa e esta 0,°84 mais, porque a nossa é 5°,86.

A nossa maior média produziu-se em Dezembro, quando a do Rio tem lugar em Fevereiro, já em S. Paulo é no primeiro mez seguinte— Janeiro; a menor em Junho para nós e tanto no Rio como em S. Paulo foi um mez depois — em Julho.

A época do maximum nosso foi Dezembro, ficando ella 6°,9 abaixo da absoluta do Rio, occorrida em igual mez e sómente 0°,59 acima da média dos maxima do Rio e °,54 abaixo do maximum geralmente attingindo no Rio. A média dos maxima nosso (tabella *B*) ficou 3°,62 abaixo da normal do Rio e dos minima e a dos minima 2°,02. Em São Paulo o maior maximum produzido em Outubro de 1888 foi 34°,8, ficando 2°,7 acima da nossa.

O nosso minimum absoluto, produzido em Junho, foi 0°,7; ficou pois, 9°,5 abaixo do do Rio (de 71 a 90) 10°,2, occorrido no 2° mez seguinte Setembro e 1°,6, apenas, acima do absoluto de S. Paulo—0°,9, que deu-se em Junho de 1889.

A amplitude da oscillação thermica absoluta nossa foi 31°,4; a do Rio é 28°,8 e a de S. Paulo 35°,7; a nossa esteve, pois, 4°,3 abaixo desta produzida de 1888 para 1889; e 2°,6 acima daquella, de 1882 para 1889; deve ser portanto superior á annual e foi 2°,8 superior á menor paulista 28°,6 dada em 1891.

A tabella *B* mostra que a nossa differença entre as médias dos extremos 14°,10 foi 1°,60 menos do a 15°,70 do Rio.

Quanto á marcha diurna da temperatura, é ella no geral bem regular e de que póde dar idéa a tabella *C*. Ella mostra as médias tri-horarias annuaes do Rio e nossa, por onde se vê que emquanto no Rio a oscillação diurna média é 3°,04 a nossa é 10,°44, isto é, 7°,40 maior.

Apezar do thermometro subir bastante das 4 horas da manhã á 1 da tarde, a pureza e a seccura do ar e a ventilação constante e mais pronunciada a essas horas, tornam supportavel a calidez, que como se sabe torna-se mais sensivel nos climas humidos e sem as condições deste. Demais a persistencia do calor não é demorada como se vê. Só com os diagrammas convenientes, que falam syntheticamente e mais que qualquer tabella, é que se poderá fazer uma comparação completa o que farei depois, fazendo agora apenas essa nota.

Poder-se-ha com elles mostrar que não acontece aqui o que se dá no Rio (1) "Apezar disso, (a marcha diurna não apresentar altos excessivos, sendo a oscillação diurna de temperatura 3°) é certo, que o calor durante os mezes do verão bastante incommoda, o que deve exclusivamente ser attribuido á grande humidade de ar atmospherico." A nossa humidade absoluta, relativamente a S. Paulo e ao Rio, é fraquissima.

A nossa altura barometrica média foi 675^{mm},54; a normal (de 8 annos) de S. Paulo 699^{mm},71 e a do Rio 757^{mm},26; a primeira 24^{mm},17 superior á nossa e a segunda 81^{mm},72. A nossa oscillação das médias mensaes foi 4^{mm},28; no Rio, a norma é 6^{mm}51 e em S. Paulo 6^{mm},2[illegible] para 1884 (oscillação que diz o boletim coincidiu com a normal de 7 annos); ficou a nossa 2^{mm},23 abaixo da primeira e 1^{m},97, da segunda. Em Junho tivemos a maior pressão média mensal e no Rio e São Paulo ella se apresenta em Julho; em Fevereiro e Dezembro tivemos a menor, que em S. Paulo dá-se em Janeiro e Dezembro e no Rio de Janeiro.

A nossa maxima absoluta annual foi 680^{mm},83 em Julho e ficou 28^{mm},94 abaixo da de S. Paulo 709^{mm},77 observada em Julho de 188[illegible] e 89^{mm},69 abaixo da do Rio 770^{mm},52 notada em Agosto de 1883. A minima nossa 668^{mm},85 produzida em Março ficou 85^{mm},94 abaixo d[illegible] 754^{mm},79 do Rio de Dezembro de 1885 e 19^{mm},79 da de S. Paulo de Dezembro de 1892.

A nossa oscillação maxima annual foi 11^{mm},98 inferior 9^{mm},15 21^{mm},13 paulista e 10^{mm},04 á fluminense, sendo esta 22^{mm},02.

A respeito da pressão atmospherica póde se exagerar para aqu[illegible] referindo-se ao anno de 1895, a nota que se encontra na conclusão d[illegible] vosso clima do Rio (2) e creio que com mais razão para os anno[illegible] normaes.

O nosso barometro segue marcha bem regular e as pequenas variações são gradativas.

Os ventos fortes que influem muito sobre essas variações são raro[illegible] aqui não se notando neste anno.

A humidade relativa média annual foi aqui 77%,05 menor 0%,[illegible] que a 78% normal do Rio e 8%,46 do que a de S. Paulo 85%,51 (média de 8 annos). A nossa média mensal desceu 21%,77, (tabella [illegible] de 82%,80 em Novembro a 61%,03 em Agosto, quando no Rio ella [illegible] vai a 80%; mas tambem só vêm a 77% em Agosto e Novembr[illegible] 15%,97 acima da nossa inferior. Lá ella só oscilla de 3%; 18%,[illegible] menos. Em S. Paulo em 94 ella foi de 75% a 90, ou 15% de oscillação, numero inferior ao nosso, coincidindo Agosto ser mez de média inferior nos tres climas.

O nosso maximum absoluto subiu a 100, mas o minimum desceu 11%,8, 23%,2 abaixo do absoluto 35% do Rio, póde se dizer um ter[illegible] deste. Temos, pois, uma oscillação absoluta 23%,2 maior.

Só este facto, a grande superioridade da amplitude nossa de oscillação hygrometrica sobre a do Rio basta para mostrar a differença profunda, já existente por outros motivos, entre os dois climas, pois factor hygrometrico um dos mais importantes, pelas suas relações c[illegible] a nossa sensibilidade organica. E' a respeito da humidade que apparece o grande defeito do clima do Rio de Janeiro e a proposito diz vós. (1) "O que sobresahe na variação annual da humidade é a média muito elevada, da qual os valores extremos se afastam muito durante o decurso do anno.

(1) Clima do Rio — pag. 70

(2) Pag. 69.
(1) Clima do Rio — pag. 37.

"Bem que, na realidade, o minimum absoluto cahe em Julho, elle não é inferior a 77,30 e o maximum absoluto que cahe em Novembro e 79,70; sendo a differença entre os dois apenas de 2,40.

"Ha uma outra observação a fazer-se a respeito da variação annual da humidade relativa, e é que, não obstante os tres maxima e os tres minima, ha um certo excesso de humidade relativa durante os mezes mais quentes, e, a *fortiori*, a humidade absoluta deve ser muito mais consideravel durante estes mesmos mezes, pois que a capacidade hygrometrica do ar cresce com sua temperatura."

A nossa humidade relativa em sua marcha diurna oscilla bastante e quando vai á saturação é quasi que só ás 19 horas (7 da manhã) de crescendo muito nas horas calidas do dia.

Ella não se exagera muito nos mezes quentes, sendo baixa em Dezembro. Tendo em vista que — a capacidade hygrometrica do ar cresce com a temperatura, — póde-se bem julgar quão mais secco é o ar do acampamento que o do Rio onde a média da temperatura é bem superior á nossa e a oscillação muito menor.

A respeito da humidade relativa, desenvolvendo a nota que fiz quanto á normalidade do anno, creio que nos annos normaes ella descerá bastante, tornando assim mais saliente a differença entre o nosso clima e os dois outros.

De mais, supponho que concorreu tambem para sobrecarregar a nossa média annual o psychrometro que em alguns mezes pareceu-me dar indicação superior á real. A correcção desse defeito, que ora não posso incluir, será opportunamente levada em conta.

A tensão do vapor deu a média annual 12^{mm},78, sendo a do Rio 16^{mm},11, 3^{mm},29, 0^{mm},51 maior. A nossa varaição annual maxima foi 16^{mm},49 inferior á maior do Rio 20^{mm},82, de 4^{mm},33, sendo o nosso maximum absoluto 8^{mm},02 menor do que o 27^{mm},93 do Rio, e a minima do Rio 7^{mm},11, 3^{mm},69 superior á nossa. O nosso maximum absoluto fica pouco superior só 0^{mm},79 ao médio 19^{mm},12 do Rio. Para o Rio a oscillação annual média é 5^{mm},77, a nossa oscillação entre as médias mensaes é 6^{mm},22, isto é, 0^{mm},45 superior.

A altura da chuva 1377^{mm},6, quando a normal do Rio é 1091^{mm},3 ou 286^{mm},3 menos.

Os totaes mensaes nossos variaram de gottas em Agosto a 244^{mm},5 em Novembro, havendo este anno, como no Rio, chuva em todos os mezes. O normal do Rio dá 40^{mm},9 para Julho, um mez antes do nosso de menor total que foi em Agosto; e o maior total do Rio 138^{mm},3 é em Dezembro, quando o nosso foi em Novembro e 106^{mm},2 superior. O anno de 1862 que foi de maior chuva no Rio e deu um total de 1556^{mm},0 ficou apenas 278^{mm},0 acima do nosso. A respeito das chuvas a tabella *D* mostra bem quanto o nosso clima differe do do Rio; mas essa differença tornar-se-ha mais ainda sensivel nos annos normaes, em que deveremos ter mezes do absoluta secca, numero menor de dias de chuva e total tambem menor.

Em S. Paulo a média de 7 annos dá a Fevereiro a primasia entre os chuvosos com 230^{mm},0 proximamente, o que o colloca mais de 14^{mm},0 abaixo do nosso, Novembro; ficando em ultimo lugar Julho, como no Rio e com 20^{mm},0, 22^{mm},0 menos do que o nosso.

O numero de dias chuvosos no Rio é de 127 ou 55 menos do que aqui, dando média diaria maior para o Rio. Em S. Paulo a média de annos dá 44%,7 ou 163 dias, 19 menos do que os nossos. O nosso mez de menor numero de dias chuvosos foi Junho com 3; no Rio o normal é Julho com 5 e tambem S. Paulo. Novembro foi o nosso de maior; no Rio é Dezembro e em S. Paulo Fevereiro.

A evaporação em 1895 deu o total 1,71^{mm},3, quando em S. Paulo normal só attinge a 572^{mm},3, menor 449^{mm},0. Para o Rio os dados faltam.

A nebulosidade média foi 5^{mm},6, a do Rio 6,4 0,8 acima. Lá ella variou de 2,1 nas médias mensaes; aqui ella variou 5,6, numero igual á nossa média annual, isto é, 3,5 mais. Os nossos mezes de maior nebulosidade foram Setembro e o menor Agosto, no Rio o menor foi Julho e a maior se apresentou em Setembro e Outubro. Em S. Paulo é em Maio e Setembro e 4,9 em Julho, variou 2,1, menos 3,5 que a nossa; a média annual 6,3 é 0,7 maior do que a nossa. A respeito da nebulosidade devo notar que ella deverá decrescer para os annos normaes, como se induz do que observei quanto á normalidade do anno.

Tivemos no Rio menos 29 dias claros que aqui e em S. Paulo 37 menos. O nosso numero mensal variou de 27, quando no Rio ella é 11, como se vê pela tabela. E' possivel que essa differença se accentue mais para os annos normaes. O nosso numero de trovoadas excedeu de 66 ao do Rio. Ellas foram mais frequentes aqui em Outubro, Setembro, Fevereiro e Dezembro, e no Rio são mais frequentes em Janeiro, Fevereiro, Dezembro e Março. A nossa média mensal 2,73 é superior 0,13 a do Rio que é 2,5; lá os extremos foram 6,3 em Janeiro, e em Junho; os nossos foram 28 em Outubro e 2 em Março. O vento dominante no Rio no anno foi S. e SE e o nosso SE. Como é natural, sendo a nossa latitude menor que a do Rio, devia o nosso vento ser mais proximo de E. que daquelle lugar. Durante os mezes de Maio a Agosto dominou no Rio o NW, quando para nós dominou o E, sendo portanto para aquelle lugar essa direcção a propria dos mezes menos chuvosos quando para nós foi esta a destes mezes. Nos mezes de Fevereiro e Novembro dominou o NW e para Janeiro W, quando no Rio dominava o SSE. E' de crêr que nos annos normaes se accentúe melhor para nós a distancia entre a secca e as aguas, quando a direcção do vento, sendo possivel que então dominem nesta época os ventos do lado W. No Rio a porcentagem das calmas é 12,6, quando a nossa annual é 53,3 portanto, 40,7; lá a porcentagem maior é dos ventos, aqui domina a calma. Já em S. Paulo a porcentagem 29,5 é maior, porém, ainda assim 23,8 menor que a nossa. Dominou o SE em S. Paulo e vem logo depois o NW; as proporções 14,8 para o primeiro e 13,7 para o segundo dão para sua differença 11 7

O Progresso de Goyaz

Quem lê os escassos jornaes de Goyaz a primeira cousa que salta aos olhos, a primeira observação que faz é a ancia viva e a soffreguidão torturante com que todos lá appellam para o progresso (como se o progresso fosse a cousa melhor do mundo), já lembrando medidas, suggerindo idéas ou aventurando reformas, já reclamando afincos de hygiene, insinuando prophylaxias contra fantasticas endemias, seja até pedindo cemiterio novo e moderno...

Neste chaoos de aspirações justas e desordenadas não acudio no entanto ao prurido progressista dos goyanos a idéa urgentissima e inadiavel, de competencia toda municipal, que seria a creação de uma lei regulamentando a architectura e hygiene das casas a se construirem d'ora em diante, dentro e fóra do perimetro urbano da Capital, de fórma que ao lado da cidade velha, de estructura archaica e colonial, medrasse em pouco tempo a cidade nova com o aspecto agradavel de *urbs* moderna, de ruas e avenidas rigorosamente traçadas, segundo preceitúa a mais recente esthetica.

E isto tanto mais facil e de resultado rapido para embellezamento e salubridade da cidade que bastaria haver no Paço Municipal um desenho linear da Capital, onde estivessem traçadas as ruas, praças e avenidas futuras, algumas plantas novas de varios typos de habitação citadina, que seriam aceitas e usadas nas construcções, dous ou tres artigos nesse sentido no codigo de posturas e alguma energia da parte dos fiscaes encarregados de zelar pela boa execuçao das leis do municipio.

Nada mais facil, nada mais pratico.

Ali não estou informada quaes sejam as exigencias da Camara no que concerne ás construcções urbanas, no entanto posso affirmar que serão as mais brandas e tolerantes possiveis.

Por aqui essa intervenção é tyrannica, verdadeiramente tyrannica e tudo para justo embellezamento e sanidade das cidades e villas.

Cuida-se até aqui, em S. Paulo, de votar leis não já para a habitação urbana e suburbana já reformada e transformada pelos hygienistas e pelas varias fiscalisações a que está sempre sujeita, senão tambem de reformar e melhorar a habitação rural, no inutito muito louvavel de expurgal-as do terrivel barbeiro, conhecido co-habitante dos rusticos da nossa terra.

Os sabios e saneadores que ultimamente têm proliferado assombrosamente, descobrindo uma variedade sinistra de doenças as mais exquisitas e desconhecidas de nomes sybillinos e rebarbativos (como se não bastassem as que já conheciamos e soffriamos) fallam horrores desse vil insecto, vomitam cobras, lagartos e escorpiões contra sua reputação, concluindo officialmente que é o transmissor de gravissimas enfermidades, estando todos em guerra contra elle.

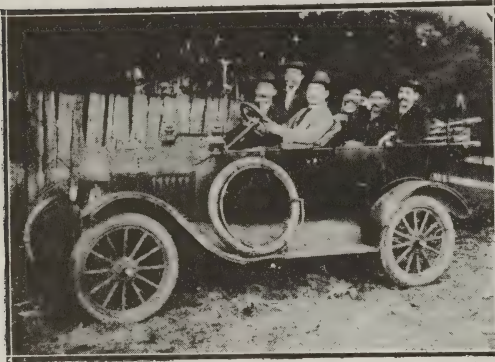
Dizem até que o desleixo, a mandracice e a olmbeira do caboclo nacional são mais devidos ao veneno da sucção de semelhante insecto do que mesmo a teratogenose e os atavismos da raça.

Em Goyaz creio que o povo considera-o ainda um animalsinho de proporções mas no fundo absolutamente innocuo, inoffensivo mesmo.

Por aqui, dentro algum tempo, elle ficará sem tenda e naturalmente ha de emigrar para onde a sciencia o deixe viver em paz e a ignorancia da sua capacidade destruidora seja maisbenigna em hospedal-o nas fendas das paredes.

Os sabios e os municipios mancommunados vão expulsal-o daqui remodelando a habitação rural. Oxalá que os goyanos saneando e embellezando a velha cidade saibam lhe negar a hospitalidade da sua casa e a refeição do seu sangue.

CÓRA CORALINA.

"Auto-Viação Corumbahyhense" organizada para explorar uma linha de automoveis e telephones de Corumbahyba a Goyandina, no Estado de Goyaz

1) Coronel Francisco Martins de Azevêdo, Presidente.
2) Pedro Celestino da Silva, Secretario.
3) "Chauffeur" e mechanico.
4) Capitão Antonio Pimentel Paranhos, Director-technico.
5) Major José Machado de Mendonça Thesoureiro.
6) Major João Felippe Machado, Vice-Presidente.

*
* *

Corumbahyba, a nova e prospera cidade goyana, que tem o seu rico municipio banhado pelos caudalosos rios Corumbá, Verissimo e Paranahyba, possuindo mattas colossaes, que constituem a riqueza de uma população honrada e laboriosa, tendo campos fartos de pastagens, povoados por gados seleccionados, como que attestando o seu elevado grão de prosperidade, vai ser beneficiada por uma bem incorporada companhia de automoveis intitulada "Companhia Auto-Viação Corumbahyense", composta dos melhores elementos criadores e representativos daquella cidade, a qual está construindo uma estrada que de Corumbahyba vai ter á Goyndira, passando por Nova Aurora, com promessa de construir outra estrada que irá ter a Anhanguera.

Quem conhece o futuroso municipio de Corumbahyba, onde o commercio é agitado, a lavoura floresce e a pecuaria se desenvolve, poderá facilmente avaliar o inestimavel serviço que a "Companhia Auto-Viação Corumbahyense" vai prestar áquelle municipio, ligando-o pelo trafego de automoveis á Estrada de Ferro Goyaz, nas estações de Goyandira e Anhanguera, facilitando assim o transporte de cargas e passageiros e incentivando a prosperidade de Corumbahyba, cujo desenvolvimento vai despertando inveja ás mais prosperas cidades do sul daquelle Estado.

A "Companhia Auto-Viação Corumbahyense" tem já bem adiantada a sua estrada, esperando em breve inaugurar os seus automoveis, sob cujo influxo serão despertadas todas as energias do futuroso municipio.

A nova associação tem á sua frente a seguinte directoria:

Presidente, coronel Francisco Martins de Azevedo; vice-presidente, capitão João Felippe Machado; thesoureiro, major José Machado de Mendonça; secretario, capitão Pedro Celestino da Silva; e director-technico, capitão Antonio Pimentel Paranhos.

(Da *Brazil-Ferro-Carril*).

Cora Coralina

Sob o titulo *Ipê Florido* reproduzimos nesta edição o artigo de nossa distincta collaboradora D. Córa Coralina, o qual sahiu truncado em nosso numero de 15 de fereveiro ultimo.

Não quizemos privar os nossos leitores da boa prosa desta pequena pagina artistica de tão notavel patricia e damos hoje em toda integridade do texto o artigo que um descuido typographico havia decepado uma boa metade, inclusive a assignatura da autora.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipameri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarã de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2º andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE MAIO DE 1919 — VOL. II—N. 10

SUMMARIO

Estrada de Ferro de Goyaz

Proseguindo nas considerações que fiz sobre esta ferrovia, ironicamente baptisada com o nome do meu caro Estado e que vive sendo disputada em zona mineira, por interesses em choque, venho lembrar uma solução conciliatoria, capaz de agradar a todos, sem criar descontentes, nem difficuldades ao Sr. Ministro da Viação.

Optar pela mudança do traçado, como pleiteia Araguary, seria um acto, além de iniquo, lesivo aos cofres publicos, por importar franco favoritismo á Companhia obrigada a receber, por kilometro de linha construida em condições menos favoraveis, uma certa quantia que ella quer embolsar pela do novo traçado, de construcção facilima e barata, incidente em campo limpo e pouco accidentado.

As obras d'arte ali são muitas, aqui quasi nullas.

Allega-se necessitar ella de favores especiaes, por se achar em situação de prementes difficuldades financeiras consequentes á guerra.

Isto póde ser um argumento formulado engenhosamente para ella conseguir o seu objectivo; ainda mesmo que seja uma realidade, o paiz não póde arcar com o seu desastre financeiro, prejudicando os interesses do Estado de Goyaz.

A "Goyaz" reveste o caracter de uma via de penetração com fins estrategicos, commerciaes e economicos, pois terá que se prolongar até Matto Grosso, visando a sua fronteira com a Bolivia. Atravessando o Paraguay, em sua secção navegavel, prestar-se-á a uma concentração de tropas no sul do Estado, em concorrencia com a Baurú Porto Esperança; ou no caso de fallencia desta, por qualquer accidente, que a inutilize, impedindo-a de se prestar a esse mister, dar por si só o necessario escoamento aos recursos de pessoal e material de guerra destinados a remediar aquelle desastre.

Ninguem lhe contestará o alto papel estrategico e o seu surto economico e commercial, atravessando zonas feracissimas, de grande capacidade productora, reconhecidamente abundantes em preciosidades vegetaes e mineralogicas, que lhe avultarão o trafego.

Pois o que ha a fazer, como consectario logico dos fins desta importantissima via-ferrea, é sua penetração no amago do Brasil central, emquanto lhe restar capital para a sua construcção.

Vacillar em assumir resolutamente esta decisão, para se deter em ouvir a controversia dos interesses em choque, é um absurdo, que o Sr. Ministro da Viação não homologará com o seu alto criterio e com a responsabilidade de seu nome impolluto.

Ouvi a respeito o illustre Dr. Pires do Rio, digno inspector geral das estradas de ferro, e folgo proclamar a sua inteira e franca annuencia a essa idéa, que esposou convictamente.

Achou-lhe procedencia o não menos illustre Dr. Palhano de Jesus, que assistiu ao nosso entendimento a respeito

E', pois, uma idéa viavel, que o meu Estado abraçará com calôr, por importar a penetração da "Goyaz" em rumo dá Capital, servindo zona de grande valôr agricola e pastoril. De Roncador até Annapolis o traçado encontrará grandes facilidades para sua execução, incidente sempre no divisor de aguas e dependendo quasi que em absoluto de pequeno movimento de terra.

Novos horizontes se abrirão á estrada, facultando-lhe o grande incremento de suas rendas.

Corresponderá esse alvitre a palpitantes interesses do Estado de Goyaz e á sua constante aspiração e insofismavel direito de possuir a estrada inicialmente sua, desde a primitiva concessão.

Estou certo que, lidas estas linhas, expressão do sentir do meu Estado, o Sr. Dr. Afranio de Mello Franco, que sempre se mostrou amigo de Goyaz, optará pela penetração da linha em demanda da Capital. O traçado já está estudado pela Mogyana, pela Sapucahy e pela propria "Goyaz". Terá que procurar Barro Preto, afim de evitar a serra do rio Meia Ponte.

Ahi fica a idéa lançada, restando ao Sr. Ministro da Viação ponderar e agir.

EDUARDO SOCRATES.

INTERIOR GOYANO

Além de Mestre d'Armas, dezoito kilometros approximadamente, corre o rio Maranhão, cessando por completo as lindas chapadas do Planalto que são pontilhadas aqui e acolá de ridentes buritisaes onde a agua crystallina estúa em profusão jorrando sobre a relva verde e macia.

Entra-se num mundo novo de valles, mattas e montanhas sendo estas em espiraes que se alongam, outra hora se convergem em sinuosidades abruptas precipitando-se em verdadeiro labyrintho, pondo o viandante sem saber o rumo que deve tomar ou em qual tilho deve proseguir para galgar os contrafortes da Serra. Entrecruzando o caminho os igarapés rolam em doce murmurio, colleando as fraldas

dos morros e penetrando na matta umbrosa para surgirem além no furado (campo limpo redondo), e cahirem com galhardia no corrego mestre que mais em baixo rola fragorosamente, estirando volumosos circulos que surgem, crescem e se ampliam até nova corrente os anniquilar num estirão maior sobre os cachopos. Extensas mattas demonstrando as arvores seculares e a desordem luxuriosa daquellas paragens virgens, onde o lenhador não vibrou ainda o seu braço destruidor, onde os veados, caetetús, antas e onças largam seus rastros visiveis, transpondo cordilheiras e de quando em vez correndo ao aproximar do homem; tudo isso prova a escassez da população deste Goyaz immenso e de immensas riquezas. Os campos são cobertos de uma vegetação variada, predominando o capim jaraguá (ou Pilar, como lá é conhecido), e entremeiados do capim agreste e outro de folhas largas e alongadas, muito procurado pelo gado, que encontra nelle maciez e oleosidade.

As fazendas de S. José do Tocantins e Mestre d'Armas são ricas em gramineas e lá se encontra em quantidade apreciavel a raça Franqueira. Naturalmente os fazendeiros goyanos têm sua razão em mestiçar o gado curraleiro ou o pedreiro com o zebú, porque este cresce mais depressa e alcança melhor procura no mercado, sendo além de tudo isso de uma rusticidade attrahente, predicado este que afasta outros concorrentes na selecção bovina. O gado pedreiro (franqueiro em S. Paulo) é muito manso, leiteiro e pesado, embora seu crescimento seja moroso. Os fazendeiros goyanos acompanham com interesse a propaganda do illustre Dr. Pereira Barreto em pról do alevantamento das raças bovinas que primeiro se acclimataram nos campos brasileiros, mas respondem elles com os factos e não querem argumentos.

Declaram o seguinte: si o curraleiro der melhor preço do que o zebú, passaremos só a criar aquelle...

*

* *

As plantas tanniferas e oleoginosas na região do Muquem e margens do rio Bagagem abundam em variedade, necessitando analyses no laboratorio do Ministerio da Agricultura. Lá vi o oleo da "mulher pobre" e que tem propriedade microbicida porque com seu uso em dois ou tres dias póde-se ficar livre da caspa do cabello. O oleo é de uma alvura transparente, nada inferior ao preparado em grande fabrica. Encontram-se em grandes moitas as plantas medicinaes "amaro leite" e "tayuyá" e tive occasião de observar o effeito purgativo de um succo extrahido de uma herva denominada "tiú", este succo quando servido em dóse superior a duas colheres de sopa torna-se de acção violenta.

São José do Tocantins é uma villa decadente, possuindo cento e vinte casas, duas igrejas, telegrapho, telephone de propriedade particular em duas casas e tres fazendas, bibliotheca, duas escolas para ambos os sexos. O commercio é constituido por boiadeiros que lá vão adquirir gado ou outros, que levam sal para troca.

O municipio é de uma riqueza fabulosa no reino mineral. Malacacheta, ouro em numerosas minas, ágatas, salitre, ferro que talvez alcance 90 % e dá superior aço, diamantes e manganez. São José do Tocantins foi uma villa de movimento espantoso, pois lá trabalharam 400 brancos com 16.000 pretos na extracção do regio metal. Em qualquer parte que se ande no municipio vê-se claramente os vestigios seculares da mão do escravo que palmilhou de lado a lado aquelles recantos hoje abandonados.

Pude apreciar em minhas mãos, por nimia gentileza do Coronel Paulo Francisco da Silva, uma pepita de 29 oitavas extrahida do poço dos bahús, no rio Bagagem, vi outras pepitas de oito, nove e cinco oitavas, as quaes são guardadas religiosamente como lembrança de familia. No Muquem, onde annualmente, em Agosto, reunem cerca de 20.000 pessoas que vão á romaria de Nossa Senhora d'Abbadia do Muquem, distante de São José oito leguas, um sachristão por nome Dionysio de tal foi um dia na margem do rio Bagagem levando comsigo um sacco de aniagem, com o qual mergulhou no poço dos bahús, tirando do rapido mergulho sessenta e seis oitavas e tres quartos de ouro! Maravilhado ante as mãos cheias do regio metal, Dionysio sahiu dalli e foi levar a boa nova aos seus amigos, comprando logo depois uma taverna que montou no arraial do Muquem, e lá vivendo em folguedos regressou mais tarde para de novo tentar mergulho no poço quando as chuvas levando a areia já tinham nivelado o leito do rio! Dahi ninguem mais cogitou de semelhante emprehendimento, restando o facto que é narrado pelos habitantes de São José e do Muquem e a pepita de 29 oitavas que póde ser admirada por quem lá quizer ir. Houve portuguezes que lá se enriqueceram á custa dos escravos empregados na descoberta do ouro. Depois da Lei Aurea, S. José do Tocantins possuindo duzentas casas de sólidos alicerces e muros de pedras, com igrejas onde a esculptura feita em madeira e dourada demonstrava uma geração de artistas que por lá passou, começou o declinio fatal tão commum nas regiões onde é difficil o transporte de qualquer natureza. Os vestigios de uma civilisação ainda restam na igreja matriz, graças aos esforços do benemerito cidadão Antonio Soares. E' lamentavel que um dos municipios mais ricos de Goyaz esteja emperrado no seu evoluir devido exclusivamente á falta de navegação fluvial do Tocantins ou a via-ferrea. Levando qualquer meio de locomoção para São José do Tocantins então veremos o admiravel progredir do centro goyano, irradiando a civilisação aos mais remotos confins.

Depois do ouro e da mica o municipio possue innumeras cavernas onde se encontram as stalamites e stalactites formando no conhecimento vulgar estatuetas, altares e tocando umas ás outras em determinados pontos, enrijecendo tanto que ao tocar nellas ouve-se o som metallico que perdura na furna escura. Nestas cavernas é extrahido o precioso salitre para fabricar polvora porque falta companhia que o explore, sendo de notar que o salitre goyano, já analysado, deu melhor porcentagem do que o chieno.

O meio empregado para a purificação do salitre é o seguinte: sete quartas de cinza por doze quartas de terra, misturando-as e deixando durante a noite no sereno para humedecel-as; no outro dia lavam-n'as para a *dequada* e vão apurar no tacho o salitre que, ao virar do tacho, larga uma camada espessa no fundo, petrificando a potassa. O salitre sendo bem purificado por este processo de antanho já affeito aos moldes da rotina, produz granitos de vinte e cinco centimetros.

Acontece muitas vezes as ramagens que se debatem ao sabor das aguas de um riacho, durante o periodo da secca, ficarem esbranquiçadas devido á agua salobra e quasi intragavel pelo homem. Encontrei na estrada que demanda o Muquem, além do rio Cocal, lindas ágatas e silex, verificando a dureza desta que é uma calcedonia negra ou alourada conhecida aqui como *pedra de isqueiro*. As ágatas possuem linhas irregulares, de diversos matizes, em orientação concentrica. Na Serra Geral ou Mantiqueira, cujo dorso é riquissimo em quartzo leitoso com incrustações de mica, encontram-se jazidas inexgottaveis deste minério.

A mica de Goyaz foi considerada de primeira qualidade e numa extensão de 60 kilometros que vae do rio Trahiras á Serra Negra, confluencia dos rios Bagagem e Maranhão, póde-se explorar com facilidade este minerio. Apanhei grandes blócos de mica verde, rubi, etc., que se destacavam em laminas brilhantes, chegando a alcançar cerca de 50 centimetros. A malacacheta ou mica em Goyaz é unicamente utilisada para vidraças; na Europa, em tubos, serve para chaminés de lampadas.

E' incombustivel e isoladora, empregada tambem na confecção de apparelhos de engenharia e electricos, grandemente utilisada nos navios de guerra pela sua flexibilidade evitando partir no troar dos canhões de bordo.

A população do municipio de S. José é composta de fazendeiros honestos e trabalhadores e são muito amaveis em servir os seus hospedes. Na villa são figuras de destaque as familias Silva, Soares, Taveira e Ribeiro.

Ipamery, 2 — 5 — 1919.

MARIO VAZ.

GLOTOLOGIA INDIGENA

Niteroi, 3 de Abril de 1919.

Meu caro colega e amigo Henrique Silva.

Saudações.

Acabo de receber, e agradecido pelo n. 9 da tua bela *Informação Goyana*: No meu pobre artiguinho sobre o *Tamandaré*, vulgo, ainda scapou um pequeno, mas importante, erro. Na lin. 12, em vez de *I* fozeram um *Y*.

Volto a respigar no belo trabalho do nosso sempre lembrado Taunay, — *Scenas de Viagem*,—onde se me oferece farta messe. A' p. 29, 15, depara-se-me o sub. *macaúba*. E' a palmeira *Acrocemia sclerocarpa*, Mart., tambem conhecida por—*macaiba* e *coco-de-catarro*. Tanto *macaiba* como *macaúba*, são form. corrup. de *Makáí. ba. bi*, de *Makã*, ave aquatica da ordem dos palmip., fam. dos colymbidos, do jen. *Codiceps*, vulg. — mergulhão, e *I. ba. bi*, arvore, etc. arvore do mergulhão (1). Vêr o seg.:

As formas *bacaíba*, *bacaúba*, *bacaiuva*, etc., pertencem a outra palm. do jen. *Cocos*, talvez a *C. gommosa* (*botryophora*) Mart., e provêm de *Mbákaíbá*, de *Mbáka*, neoloj.—vaca, e *Ibá* (de *Ib*, rad. de *Iba*, ...á), fruto:—fruto da vaca (da arv. da); vulg.—*baba-de-boi*, que não deve ser confundida com a preced.

Assim como os cursos d'agua são dedicados a animais e couzas, assim tambem as plantas são dedicadas a animais, etc. Assim é que vemos *Aguaráí, ba. bi*, de *Aguará*, baba, e *I*, arvore; de onde fizeram—*...roeira*. *Ambáí. ba. bi*, de *Ambá*, preguiça, e *I*, arvore; de onde fizeram—*Ambaiba, Ambauba, Imbaiba, Imbaúba*, etc. *Ypéí. ba. bi*, de *Ypé. ka. ki*, pato, e *I*, arvore; de onde fizeram *Ipeúva*, etc. *Yandúí. ba. bi*, de *Yandú*, aranha, e *I. Kaburéí. ba. bi*, de *Kaburé*, caburé, e de onde fizeram *Cabureiba* e *Cabreúva*. *Nhandúí. ba. bi*, de *Nhandú*, avestruz, e *I*, de que fizeram *Nhandubá, Nhanduvá*, etc., etc.

Abátíí. ba. bi, de *Abáti* (corrup. de *Abátin*, nariz de homem), e planta de milho. A respeito desta providencial planta ha uma interessante lenda, da sua origem, que ainda terei ocazião de traduzir para ser aqui transcrita.

Abraça-te o colega e amigo,

J. MAIA.

(1) A etimologia dada por Taunay é simplesmente ridicula.

S. Paulo na Pecuaria Nacional

RELATORIO APRESENTADO PELOS MAJOR HENRIQUE SILVA E DR. CHRYSANTHO DE BRITO, REPRESENTANTES DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA JUNTO A' EXPOSIÇÃO DE ANIMAES EM S. PAULO, NO DIA 21 DE ABRIL DE 1919.

I

Designados eu e o Major Henrique Silva para representar a Sociedade Nacional de Agricultura na Exposição de Animaes que realizou o Governo de S. Paulo no dia 21 de Abril passado, vimos hoje apresentar a esta Sociedade o resumo das nossas impressões.

A primeira impressão que se tinha logo ao visitar a Exposição, era que o Estado quasi que só creava bovinos e dos bovinos animaes da raça Caracú. A Exposição parece que não tinha outro objectivo senão apresental-os como amostras da sua perseverança, do seu criterio scientifico e quiçá do seu patriotismo.

Quasi todos os expositores de suinos, equinos, ovinos e aves, num conjuncto relativamente pequeno, não lograram apresentar exemplar nenhum altamente recommendavel.

Nem mesmo, entre os suinos, primavam os Duroc-Jersey, exhibidos em maior numero, hoje muito propagados em S. Paulo. Deles até uma grande quantidade foi desclassificada, não conseguindo o resto, entre os centos e tantos arrolados, senão seis ou sete primeiros premios. Em posição ainda inferior estiveram os porcos das raças Poland-China e Canastrão. Os chamados "Casco de Burro", excellentes, como é sabido, nem siquer poderam ser expostos, criados todavia em abundancia pelo Instituto Disciplinar do Estado.

Entre as aves, as Orpingtons, as Plymouths, as Viandottes, as Leghorns, que eram comtudo o que constituia o melhor da Exposição, não revelaram tambem exemplares mui distinctos.

Quanto aos equinos houve apenas uma ou duas medalhas de ouro, não tendo conseguido expositor nenhum a taça destinada ao melhor padro.

II

Se a relativa inferioridade, porém, dessas especies, em quantidade e na qualidade, era notoria, a superioridade na exposição dos bovinos, sómente de raça nacional, era notavel.

O gado nacional dominava na Exposição numa proporção de 60 % mais ou menos, sobre um total de mais de 580 animaes, entrando o Caracú com perto de 350 individuos, a Mocha com 22 e a Curraleira com 7. Dos animaes extrangeiros, segundo uma estatistica publicada pelo *Jornal do Commercio*, do Estado, existiam: da raça Hollandeza 41, a Hereford 40, da Devon 27, de Schwitz 23, da Red-Polled 21, da Simenthal 16, da Guarnesey 7, da Flamenga 5, da Jersey 3, 1 Lincolnshire-Red, 1 Jersey-Guernesey, além do gado gordo 7 animaes Simenthal 1|2 sangue, 6 Devons 1|2 sangue e 6 Hereford 3|4 sangue.

Antes de mais nada é preciso fazer um reparo sobre a divergencia existente ás vezes entre as etiquetas de identidade dos animaes expostos e o catalogo geral publicado e distribuido pela propria Exposição. Isso não se póde explicar senão um pouco pela falta do conhecimento preciso das raças nacionaes levadas ao Certamen. O touro "Fon-Fon", por exemplo, que é um legitimo representante da raça Curraleira, appareceu na Exposição classificado como Caracú. A vacca "Pirassinunga" é tambem uma Curraleira, estando entretanto no Catalogo como Caracú, e assim alguns outros bovinos.

III

Pelo que foi observado na Exposição da Mooca, S. Paulo mostrou que o paiz póde ter perfeitamente nas raças nacionaes typos maravilhosos de reproductores, na belleza das formas, no tamanho, na mansidão, de uma pellagem linda, sadios e de peso superior.

Todos os animaes de raça nacional expostos, os do Posto de Selecção de Nova Odessa, e os dos particulares sobresahiam mais ou menos por essas qualidades. Póde-se assignalar, porém, como dos mais perfeitos o touro "Idolo", de grande precocidade, com 2 annos de idade e pesando 639 kilos; o "Gallio", o "Gael", o "Trevo", o "Chrono", os tres primeiros pertencentes ao Posto de Nova Odessa, os dous ultimos ao Dr. Alfredo Penteado.

No tocante ao peso a primazia alcançada pelo gado Caracú, em competencia com o gado extrangeiro da mesma edade, com os Herefords, por exemplo, do Conselheiro Antonio Prado, tão celebrados, foi, na verdade, grande, a não ser num lote de 3 annimaes em que foram sobrepujados com uma differença apenas de 2 kilos.

Assim, na balança official da Exposição no confronto de pesos, o peso médio de cada um era o seguinte, conforme foi bem salientado por "Um Criador Paulista" no *Correio Paulistano*: — 8 Caracús, 593 kilos; 8 Herefords, 572 kilos — differença, 21 kilos; 6 Caracús, 604 kilos; 6 Herefords, 572 kilos — differença, 32 kilos; 5 Caracús, 612 kilos; 5 Herefords, 596 kilos — differença, 16 kilos; 4 Caracús, 616 kilos; 4 Herefords, 608 kilos — differença, 8 kilos; 3 Caracús, 623 kilos; 3 Herefords, 625 kilos — differença, 2 kilos; 2 Caracús, 632 kilos; 2 Herefords, 628 kilos — differença, 4 kilos; 1 Caracú, 639 kilos; 1 Hereford, 635 kilos — differença, 6 kilos.

Releva accrescentar que os reproductores Caracús do Posto de Nova Odessa ficam batendo de muito o "record" do peso vivo aos Zebús, no seu maior peso conhecido, tanto na Exposição Nacional de 1918, como agora na Exposição da Mooca, onde aliás não foram admittidos. Nesta foram exhibidos os 2 magnificos reproductores chamados "Gaaor" e "Gael", especialmente este, ambos com 4 annos de idade, pesando o primeiro 1.032 kilos e o segundo 939 kilos.

E' preciso lembrar tambem que nunca se viu entre nós um bovino de qualquer especie alcançar o peso vivo do celebre touro de nome "Mozart", que com cinco annos de idade pesava 1.160 kilos. Deste reproductor genuinamente nacional é que procede a geração de Caracús, aliás, ainda não refinados e que bateram os mestiços Herefords já citados do Conselheiro Antonio Prado.

IV

Vê-se assim que na preoccupação dominante no Governo de São Paulo continúa a ser a selecção de gado nacional, tendo já conseguido especimens puros de "pedigree" registrados no Hord-Book-Caracú das duas raças bovinas Mocha e Caracú.

E' preciso dizer, porém, de passagem, que não se sabe bem com que fundamento zootechnico ficou apartado o Mocho-Caracú do Caracú typo primitivo, constituindo raças distinctas, ao ponto de serem seleccionadas separadamente, comquanto não se possa deixar de preconizar, a certos respeitos, a excellencia do animal sem chifres, o que parece não é esta a questão. O gado Mocho, o originario do nosso paiz, não é senão a resultante não só de hereditariedade atavica como da vida selvagem que tinha durante a época colonial, tanto no Brasil como na Republica Argentina e no Paraguay, onde foram constatados, ha mais de um seculo por Francisco Javier Muñiz e D. Felix de Azara.

No conceito destes naturalistas mas naturalistas que observaram e estudaram *in loco*, a raça prognatha a *Oxen nãta de Darwin*, fôra introduzida nas estancias argentinas pelos indigenas do paiz, sendo precisamente o que se deu entre nós quanto á existencia do Caracú de Amaro Leite, em Goyaz, que se espalhou depois pelas fazendas de criação de Minas e S. Paulo.

Com relação á Franqueira, raça já quasi desapparecida e oriunda do Estado, segundo ouvimos dizer, o Governo paulistano pretende tirar os mesmos resultados obtidos do Caracú, empregando tambem o mesmo methodo. Já se vê que seria mais um serviço prestado á nossa pecuaria, procurando restaurar uma raça que produziu outr'ora typos de grande tamanho e peso, de maior peso e tamanho que os maiores Zebús que teem aportado ao Brasil.

Que a Exposição da Mooca foi um esplendido triumpho zootechnico, não ha duvida nenhuma. A vantagem do methodo de selecção empregado vae mostrando que não obstante ser a selecção um methodo de reproducção lento, é o unico talvez que póde trazer para nós vantagens definitivas.

Auxiliado por um systema judicioso de alimentação elle poderá, num futuro não longinquo, imprimir nas nossas raças bovinas um cunho notavel de superioridade. Mas é preciso dizer sempre que a questão da alimentação, tendo por base o estudo das nossas forragens, com o fim de dar o maximo do valor economico na precocidade e no peso, na qualidade da carne e do leite, deverá constituir um dos problemas fundamentaes da nossa pecuaria.

Rio, 11 de Maio de 1919.

CHRISANTO DE BRITTO.
HENRIQUE SILVA.

DESPORTOS NACIONAES

O BÉTE

O "foot-ball" é hoje em dia uma das maximas preoccupações da nossa mocidade. Sobremaneira inflúe, quer directa, quer indirectamente, na sua educação physica, moral e intellectual; e, dos abusos e exageros, procura-se agora o correctivo, senão utopica extincção, numa recente organização de liga contra aquelle desporto, patrocinada, ao que se ouve, por algumas intellectualidades literarias do nosso meio.

No curto lapso de tres lustros, a quanto monta mais ou menos a sua introducção entre nós, da metropole e centros littoraneos foi avassallando paulatinamente o resto do paiz; e hoje raro é o villorio do interior onde não se erga dentre o gramado verde-tenro da pradaria sertaneja, os rectangulos brancacentos, aos domingos animados pelas bicancas e cocadas do pessoal desportivo, a dizer bem da agilidade e resistencia da raça.

Não somos dos que grandes odios votam áquelle jogo bretão. Antes, dos que, lá pelo anno da graça de novecentos e oito, de envolta com os pirralhos do Lyceu, o inauguravam em Goyaz, presidindo no seguinte, terceiro do anno lectivo, a um club local. E depois, se algo de mal tivessemos a dizer, seriamos dos primeiros a dar as mãos á palmatoria...

Peza entretanto imaginar que num paiz de indole tão inventiva, se esteja a importar tudo do estrangeiro, idéas e fatiotas, sem uma nota, um sainete original, caracteristico, inconfundivel, a dizer alto da nossa intelligencia e dos fóros de povo emancipado.

Despreza-se, ou antes, envergonha-se systematicamente de tudo que é inconfundivelmente nosso, procura-se adoptar o exotico, quer em altas, quer em comezinhas manifestações da actividade collectiva.

Elevassem a "capoeira" ás regras e á publicidade de um palco, ver-se-ia o olhar escandalisado da maioria dos mentores, falando da moralidade dos costumes, taxando-a de ridiculo, nociva mesmo á civilisação do nosso meio. Emtanto, bem comparado, nada fica a dever ao "box", á lucta romana, da cultura physica européa, antes casando melhor, sem paradoxo, á nossa indole, ás qualidades physicas da nossa raça, onde os caracteres da destreza predominam.

E se, por exemplo, o "box" achou mentalidades da culminancia de um Maeterlinck para fazer o seu elogio, acreditando no punho humano a arma ideal de defesa individual, como não fazel-o tambem da "capoeira", ao feitio e de accôrdo com a estructura physica do nacional, já de si originariamente cognominado "cabra" pela agilidade das pernas? Questiunculas, inquirições despreziveis na apparencia, miseraveis mesmo, offerecendo, porém, em conjuncto, a sua significação superior, digna de maior attenção e mais subido apreço.

E' de vêr, por exemplo, a impressão de um brasileiro que assiste, desprevenido e pela primeira vez, a um campeonato de "boxeurs". E' sempre o mesmo sentimento unanime, cathegorico, de repulsa e aversão. E o declara sem rebuços, ao primeiro que o queira ouvir. Occorre-nos, a respeito, um pequenino episodio, interessante, jocoso, com certo major, fazendeiro apatacado no interior, aqui vindo por alguns dias admirar as delicias da nossa hyper-civilisação.

Era, se bem nos lembra, pela época dos campeonatos da empreza Segreto, alli nos antigos terrenos do Lyceu de Artes e Officios.

Haja vista a sua impressão:

— Eh, moço! antes eu quizera receber um balaço de clavinote na volta da pá (traiçoeiramente), ou chifrada de marroá barbatão! Êta, barbaridade! Hôme que assim apanha pramóde o dinheiro, não merece vivê! Respeito á cara!

* * *

O "foot-ball" fez, pois, bater em retirada a "carniça" entre os adolescentes das capitaes, como vae fazendo esquecer em Goyaz o "alecrim-do-carmo", o "bacondê" (tempo será), a "corre-coxia", a patrulha (matula), o alcoito, a petéca, etc., da meninice, como estes substituiram a "cabra-céga", a "gallinha-na-poupeira" e outros, da quadra infantil, tendo apenas a luctar naquelle rincão brazileo com o "béte", jogo do rapazio, genuinamente popular, e que cremos unicamente alli praticado.

E por isso mesmo, porque não conseguiu desalojal-o, merece aqui este desporto particular noticia.

Já o praticavam nossos avós — entre os aborigenas mattogrossenses se pratica hoje em dia o "head-ball", segundo o baptismo de Roosevelt, — partindo as vidraças de malacacheta da cidade colonial, quando exercitado nas ruas; e alli continúa a fazer ainda a delicia da meninada de agora, como o "jacaré" e a "gallinha-gorda" substituem com vantagem, entre os frequentadores do poço da Carioca. no rio Vermelho, o moderno "water-polo" do littoral, alli completamente desconhecido.

Lá chegará, porém, não fôra apenas confirmar a segunda parte do brocardo correntio — goyano, nasce um pé no estribo e o braço n'agua...

Saber das origens do "béte", perdem-se na noite da Tradição.

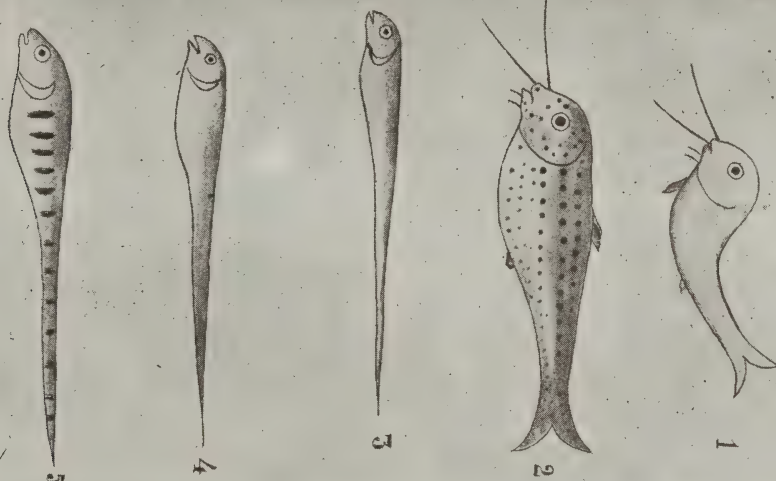
Tal como foi e é praticado, consta do seguinte: No campo escolhido, de dez metros de extensão, arma-se em cada extremidade uma casa instavel: um esteio de decimetro de altura, sob dous pausinhos do dobro ou triplo do comprimento. Os jogadores, em numero de quatro, tirada a sorte, postam-se dois, armados de taboas apropriadas, em frente das casas; os outros ficam "na bola", atraz das mesmas. A bola é do tamanho de uma laranja, de borracha massiça de mangabeira (cujo leite se apanha nas redondezas e é alli preparado), ou mesmo de panno, rija, que o jogador, passando de traz para a frente da sua casa, atira á outra, rasteiro, rasteirinho ou "pula-pula", como a peça o "do páo" contrario. Collocado um metro á frente da casa este ultimo a defende, rebatendo a esphera com a taboa, e faz um ponto, correndo e trocando de logar com o parceiro opposto, ou tantos pontos quantas mudanças permitta a distancia em que foi arrojada a esphera. Se o dono da bola consegue apanhal-a e, voltando celere, desfazer uma das casas emquanto os que se acham "no páo" trocam de logares, passam os da bola para o "páo", o mesmo acontecendo quando o antagonista não rebate a esphera, desmanchando esta a sua casa.

Feitos dez pontos, um partido tem na mão, quatro se os adversarios não fizeram até então nenhum ponto, tres se fizeram um ou dois, e dous se conseguiram marcar tres ou quatro pontos.

Ha outras regras e detalhes accessorios, interessantes que contribuem para maior enthusiasmo do jogo.

Nelle são postos em actividade, proporcionadamente tanto musculos de pernas como os do braço, sem os inconvenientes que se apontam em outros desportos. E ainda outra grande vantagem — a de interessar apenas os jogadores, com exclusão da galeria...

E bem merece o "béte" especial registro, pois, dos jogos regionaes, é o unico, talvez, que ainda vem resistindo victoriosamente á avalanche "foot-ballesca"...

H. DE CARVALHO RAMOS.

Novas especies de peixes encontadiços nos rios e lagos de Goyaz: Camarão, 1; Cachorrinho d'agua, 2; Peixe Sipó, 3; Chicotes 4 e 5

Affinidades de parentescos das raças bovinas do Brasil e Portugal

Ao estudioso das nossas cousas pecuarias, basta um simples relancear de olhos em alguns especimens bovinos de Portugal, para logo reconhecer a identidade delles com os que posteriormente se caracterizaram, constituindo-se em novas raças no Brasil, graças ao que a natureza tão prodigamente lhes offerecia, de preferencia no vasto interior do paiz, com tão variadas especies de forrageiras nativas e mais recursos naturaes.

Foi á vista de uma collecção photographica de certos typos caracteristicos de bovideos da Peninsula Iberica que reconhecemos, pelas fórmas, a innegavel analogia que ha entre uma e outra raças peculiares aos dous paizes.

Juntando-se a estes caracteres morphologicos um melhor conhecimento das aptidões, habitos de vida e costumes dos vaccuns de Portugal e do Brasil, é facil filiar-se em tres ou quatro especimens lusitanos outros tantos typos representativos das nossas raças ou sub-raças bovinas — embora estas se diversifiquem — mercê da consideravel influencia do meio, como dissemos em *O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias*, vol. II. 1907.

Nada ha que extranhar quanto á persistencia dos caracteres morphologicos dos antepassados directos, mesmo durante o decorrer de seculos, que se observam, a olhos vistos, nos descendentes das primeiras raças bovinas que appareceram na America do Sul.

Ha nisto apenas o reconhecimento das leis de hereditariedade e adaptação, tão bella e magistralmente definidas por Darwin e expostas pelos seus successores, particularmente por A. R. Wallace.

A origem portugueza das nossas raças bovinas, como tambem a sua descendencia do typo aquitanico, não precizam mais demonstrar — são postulados para os que modernamente se occupam do assumpto, porque estão reconhecidas historicamente. Não se trata, pois, aqui, de simples apparencia ou semelhança de fórmas externas — mas de affinidades systematicas.

O mesmo diremos dos bovinos conhecidos no interior por *Chinas* — tambem ha annos introduzidos no Brasil pelos portuguezes. Estes não são mais do que a degeneração de primitiva raça indiana, de tão facil degenerecencia como seu proximo parente, o famigerado zebú.

O nome *china*, que se dá indifferentemente aos touros, aos bois castrados e ás vaccas dessa raça, nome que ha intrigado muita gente boa intromettida nestas cousas, veio-lhe da região de onde esse gado é originario, isto é, da India-transgangetica, ou Indo-China.

Posto isto, uma idéa resumida apenas do que os biologistas diriam a deteleogia das raças bovinas introduzidas no Brasil desde a éra do anno 1532, "quando D. Anna Pimentel, consorte do Donatario, e procuradora delle ausente na India, fez passar povoadores e gado vaccum para sua Capitania de S. Vicente" (*Cod. Mass. do Instituto Historico*.)

Na vacca mirandeza do Douro, em Trás-os-Montes, a qual segundo J. F. Macedo Pinto é a mais importante raça bovina de Portugal, pela generalização do seu typo, reconhecemos á primeira vista os caracteristicos da nossa excellente vacca *curraleira*, tambem um dos nossos especimens bovinos mais disseminados aqui no paiz, mas, infelizmente, já bastante contaminada pelo sangue do gado indiano no Brasil Central, onde entra esta praga, via Uberaba, em grandes levas, annualmente, dahi dispersando pelos sertões.

O nosso curraleiro conserva ainda assim quasi todos os caracteres anatomicos e physiologicos da raça de que descende em linha recta.

Sem nenhuma modificação digna de nota, conservou-se, disseminada pelo paiz inteiro, a raça *arauqueza* — nesse typo irreductivel que no interior tem o nome de *Bruxo*, um mediano animal de chifres grossos, pellos asperos e compridos, cauda espessa, felpuda, cabeça bem desenvolvida, com um como que cocoruto de pellos longos que lhe invadem as olheiras acabanadas. Pelo seu andar moroso, cadenciado, os carreiros o preferem para junta de couce. Esta qualidade, quanto mais vagarosamente andam os carros de bois, nas estradas salineiras, melhor e mais elles cantam, deliciando os ouvidos do *candieiro*...

Estampas ou gravuras referentes a estas partes da America do Sul, dos tempos da *conquista*, mostram-n'os typos especificos não ainda differenciados, de bovideos procedentes da Peninsula Iberica; vide, a proposito — *Descrición e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, de don Feliz de Azara, e tambem *Reise im Innern von Brasilien*, por J. E Pohl, na qual occorre uma interessante gravura do celebre artista Acamann, reproduzindo, em uma vista panoramica da antiga Villa Boa de Goyaz, uma carreta, estylo colonial, tirada por duas juntas de bois, cujos chifres, em fórma de lyra, denunciam o caracter differencial da raça bovina, originaria das terras de Barroso, em Portugal.

Referindo-se á vacca mirandeza, diz o provecto veterinario acima alludido:

"Os chifres relativamente curtos ($0^m.45$ a $0^m.50$), um tanto derrubados e acabanados na armação, isto é, sahem lateralmente um pouco decahidos ou inclinados para baixo na sua origem, voltando e projectando-se depois, para adiante no sentido horizontal, com as pontas levantadas e reviradas para fóra e divergentes; a côr delles é pardacenta ou esbranquiçada, tendo as pontas negras."

Pela revista *Kosmos*, assim demos, ha tempos, os caracteres geraes do curraleiro goyano: "Pelos seus caracteres physicos lembra o curraleiro a raça franceza de Lourdes: pello fino, chifres regulares — a partir do ponto de inversão, ligeiramente inclinados para a frente e depois curvando-se para dentro até terminarem com as pontas voltadas

para trás; a borla ou vassoura da cauda fina bem desenvolvida. O pellagio do curraleiro é as mais das vezes amarello, começando a barbella do meio do pescoço para baixo."

Estes traços caracteristicos, segundo o autor do *Compendio de Veterinaria*, possuem os especimens legitimos da raça mirandeza, notadamente a barbella pouco pronunciada desde a garganta, até á altura do peitoril, mas tornando se aqui bastante pendente até aos joelhos, diz elle.

Estes caracteristicos morphologicos, a nossa soberba sub-raça ou variedade bovina sub-espontanea, a chamada *Caracú* tomou á sua progenie, a curraleira dos sertões da Amaro Leite, em Goyaz.

Falla-se egualmente, a seu turno, no typo especifico da raça *barrosã*, o nosso commummente dito boi *creoulo*, de grandes hastes divergentes (não confundir, como muitos o fazem, com os individuos da raça *franqueira*), e a barbella bastante desenvolvida desde a garganta. O que os mineiros da zona da mata chamam *Caracú* é uma variedade da raça *barrosã* no Brasil.

Não póde haver maior semelhança que a existente entre um velho touro barrosão e esse tambem erado marruá, de nome *Cacique*, que obteve o primeiro premio na Exposição Agro-Pecuaria de Bello-Horizonte, mercê da idéa lastimavel que os membros illustres do Jury fazem da admiravel raça bovina do Brasil.

Basta abrir a referida obra de Macedo Pinto, para ter se a demonstração cabal do nosso asserto, na descripção de uma vacca barrosã e touro da mesma raça pelo competentissimo veterinario S. B. Lima, considerado a maior autoridade no assumpto em Portugal.

Eis como elle as descreve:

"A pelle é um pouco grossa, mas macia, e o pello de côr castanha mais ou menos escura. A corpulencia é mediana, regula a altura por 1m.18 a 1m.23, e o comprimento, 1m.25; o rôlo do corpo, um pouco espesso, approxima-se da configuração de um parallelipipedo. A cabeça é curta (0m.44), grossa e quadrada em cima na fronte, sendo desta região e entr'olhos deprimida, manifestando por isso a região orbitaria uma pronunciada saliencia; o focinho negro, pouco grosso, e como que arrebitado, e orlado de pellos brancos; e o chanfro direito pouco saliente e arredondado. Os chifres mais grossos que delgados, de côr pardacenta, luzidios, e de pontas negras reviradas de diante para trás, apresentam grande armação, projectando-se quasi verticalmente, desenvolvendo-se nesta progressão para os lados, offerecem no todo a figura de lyra, tendo cada um comprimento, na rez feita, para mais de 0m.56, e sahindo ambos muito proximos um do outro; quasi do alto da nuca divergem depois, tendo de distancia entre si, na base, perto de 0m.16, no meio 0m.50 e nas extremidades 0m.05.

A barbella bem saliente e pendente da garganta desata-se na origem do pescoço para cahir depois bastante pendente tambem ante e entre o peitoral quasi á altura dos joelhos. O pescoço é pouco comprido, 0m.56, reforçado sobretudo na parte superior junto á cernelha, e mais nos bois que nas vaccas. O peitoral nem é muito largo nem muito estreito, mas regular. O peito bem desenvolvido no seu costado é arredondado, dando o seu perimetro 1m.88. O ventre é pouco volumoso, e o espinhaço quasi direito e de boa largura de lombos. Os quadris de uma larga garupa e pombinha um tanto elevada dão base bastante para uma fornida alcatra. Os coxões são de fornidas chãs. As espaduas pouco desenvolvidas, mas largas, um tanto de pá e bem separadas uma da outra deixam assim bom intervallo para as carnes do assém. Os membros no despegamento do corpo ao sólo peccam por curtos; bem aprumados, pouco joelhudos e não muito ossudos, terminam por pesunhos pequenos e arredondados, mas de boa tempera."

S. B. Lima accrescenta que o boi pouco differe, na maioria dos casos, é mais corpulento, os chifres menores, e o boi castrado, como os que vemos ahi pelos suburbios do Rio de Janeiro, principalmente — "é ainda mais corpulento, massudo, e de armação mais comprida, grossa e divergente."

Comparem-se, a toda luz — o touro barrosão com o alludido *Cacique*, e os bois com os procedentes de Minas Geraes. Desse gado portuguez de largas pontas resultaram no Nordéste do Brasil os famosos "bois espacios", como o *Rabicho da Geralda* e outros que figuram no *folk-lore* nortista.

(*Continúa*).

HENRIQUE SILVA.

Limites entre Goyaz e Minas

(*Continuação*)

Os nobres deputados têm tratado esta questão com uma especie de gracejo (*não apoiados, da deputação*); paira-lhes nos labios perenne sorriso de zombaria, quando se trata de sustentar os fôros da provincia de Goyaz. (*Não apoiados, da mesma deputação.*)

O motivo dessa zombaria é porque estão certos do seu triumpho, e em nada avalião os debeis esforços deste obscuro representante daquella desamparada provincia.

O Sr. Theophilo Ottoni: — Muito autorizado; mais não podia ser.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Ausente desta casa quando se levantou a questão, não pude, por motivos que já expuz, accudir em sustentação da causa, que fôra deferida; chegando, porém, dahi a dias, da provincia de S. Paulo e encontrando o projecto na tela da discussão, totalmente desprovido dos documentos, sem poder ao menos consultar estes que tenho agora em mãos, por não existirem nas gavetas da commissão, apresentei um requerimento de adiamento para que se me concedesse, ao menos, alguns dias afim de estudar a questão.

De certo que ninguem se negaria a tão justo reclamo, a não ser o proposito acintoso, em que estavão os nobres deputados de fazer passar a todo o transe esse projecto.

Appellei mesmo para a generosidade, depois de haver appellado para a justiça dos nobres deputados, allegando, certo de que ninguem duvidaria da minha palavra, que não tinha podido obter os documentos que debalde havia procurado e nunca me forão presentes.

Victima de todas estas violencias, contra as quaes protestei em vão, foi rejeitado o requerimento de adiamento, encerrando-se a discussão, a pedido do nobre deputado o Sr. Diogo de Vasconcellos, sem que (facto virgem nos annaes do parlamento) se houvessem pronunciado tres discursos sobre a materia e ainda mais, sem que numa questão desta ordem, em que se tratava de tirar de uma provincia importante porção de territorio, se ouvisse a voz de um dos representantes dessa provincia.

Foi condemnação á revelia, sem que o citado se mostrasse revel.

Curvei-me ante esse luxo de força, que foi sanccionada pela Camara e quando o regimento a ella se oppunha formalmente.

Vozes: — A questão estava elucidada.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Pois se a questão estava tão lucidamente debatida, se são irrecusaveis em prol da pretenção da provincia de Minas os documentos, que existem no archivo desta Camara, que receio tinheis da discussão?

Pois seria a demora de 8, 12 ou 15 dias, que prejudicaria a vossa causa?

Quando se está estribado em justiça procura-se a luta, á luz do sol, e na presença de todos e não se tenta, por meios violentos, fazer triumphar a causa, que se tem a peito.

Forte, como vos reputais no terreno de direito, devieis contemporizar com o humilde representante de Goyaz; adiar a questão, até que sufficientemente informado, se confessasse vencido ou, se insistisse em que lhe assistia razão, tivesse a honra de ser por vós desbaratado.

Eu não me mostraria indigno de vossa generosidade.

Mas, Sr. presidente, nada disso se fez; os nobres deputados insistirão em que este projecto figurasse na ordem do dia, e desde o dia 2[illegible] de Maio, elle alli se acha sem poder ser discutido.

O Sr. Carlos Peixoto: — Não sei porque havia de ser retirado.

O Sr. Cardoso de Menezes: — E', sem duvida, um *solus populi* póde a provincia de Minas perecer, eclipsar-se essa bella estrella do pavilhão brazileiro, se acaso este projecto não passar de afogadilho e fô[r] adiado.

E' tempo que a luz se faça; é tempo que se restabeleça a verdad[e] e que a provincia de Goyaz, de posse do territorio contestado, requeir[a] a esta Camara, em nome da justiça, um mandado de manutenção d[e] posse; é tempo que se discuta nesta assembléa a acção de esbulho, o[u] de reivindicação, intentada pela provincia de Minas, a qual se julg[a] com *jus in re*, sobre o terreno em litigio, quando nem sequer *jus ad rem* lhe insiste.

Esta questão deve ser debatida sob tres pontos de vista differentes: em primeiro logar convém examinar os documentos historicos, a[s] tradições dos povos, os mappas geographicos, ou topographicos, descriptivos do terreno questionado; em segundo lugar, deve-se pesar o direit[o] que para cada uma das provincias resulta dos documentos desses map[p]as, apreciados á luz imparcial da consciencia publica; em terceir[o] lugar, cumpre verificar se o legitimo e bem entendido interesse da pu[]blica administração, e a verdadeira conveniencia e commodidade d[os] povos exigem que se realize a projectada desannexação.

Os nobres deputados, os Srs. Theophilo Ottoni e Perdigão Malheiros, para demonstrarem o direito da provincia de Minas á zona controvertida, firmarão-se no auto da demarcação, feito em 1800, pelo bacharel José Gregorio de Moraes Navarro, juiz de fóra, nomeado para [o] julgado de Paracatú.

Essa medição, disserão os nobres deputados, foi autorizada pe[lo] alvará de 20 de Outubro de 1798, que elevou á villa e juizado de fór[a] o arraial de Paracatú.

Senhores, procedi á leitura attenta desse alvará de 1798. Não fa[z] la nem perfunctoriamente, na zona questionada, não contém nada [re]lativo ao territorio do Rio Verde; limita se a erigir em villa o arraia[l] sem ordenar desannexação de terrenos da provincia de Goyaz. Eis es[se] alvará, em sua integra:

"Eu, a Rainha, faço saber aos que este alvará virem, que, send[o-]me presente em consulta do conselho ultramarino a necessidade que h[a]via de erigir em villa o arraial de Paracatú, da Comarca de Rio das V[e]has, na capitania de Minas Geraes, e de se crear nelle o lugar de ju[iz] de fóra, tanto pela grande povoação do dito arraial e dos lugares ma[is] proximos, que deverão ficar comprehendidos no termo que se lhe as[si]gnar, como pela distancia de 106 leguas, em que está da villa de S[a]bará, que é cabeça da comarca, por cujo motivo soffrem aquelles pov[os] gravissimos prejuizos e damnos irreparaveis, já pela difficuldade e d[a]

mora dos seus recursos ao Ouvidor da comarca, principalmente nos casos que pedem mais promptas providencias, já pelos excessivos salarios que levão os officiaes de justiça da cabeça da comarca, que de tão longe são mandados ao dito arraial em diligencias requeridas pelas partes ou a bem do meu real serviço, já finalmente por falta de uma boa administração da justiça, tão necessaria para a tranquilidade e segurança publica. E conformando me com o parecer do mesmo conselho, sendo ouvidos os desembargadores procuradores de minha fazendo e corôa, hei por bem erigir o dito arraial de Paracatú em villa, liberalisando-lhe logo no momento de sua creação a mercê de um juiz de fóra do civel, crime e orphãos, com os ordenados e emolumentos que vence o juiz de fóra de Marianna, regulado estes pelo alvará de lei de 10 de Outubro de 1754, para que na sobredita villa novamente erecta, se possa administrar a justiça e promover o bem commum della, como convém ao serviço de Deus e meu: ordenando, como por este ordeno, que da publicação deste em diante se denomine villa de Paracatú do Principe, e que tenha e goze de todos os privilegios, liberdades, franquezas, honras e isenções de que gozão as outras villas do mesmo Estado do Brazil e os seus moradores, sem differença alguma, porque assim é minha vontade e mercê.

Dado em Lisboa, aos 20 de Outubro de 1798."

Não podem, pois, os nobres deputados tirar argumento nenhum do alvará de 1798. E o que quer dizer o auto da medição de 1800?

Sr. presidente, estas questões, no tempo mesmo do governo absoluto, tratavão-se com a maior calma, reflexão e prudencia; mandavão-se peritos tomar conhecimento da localidade; levantava se um mappa do terreno que tinha se de demarcar e dividir; depois, reunião-se os governadores das provincias que se pretendião extremar e, de commum accôrdo, tratava-se de vêr quaes os povoados que devião ser comprehendidos na nova demarcação, por parte dos confidentes, e por onde devia passar a linha divisoria.

Só depois de todos estes estudos, só depois da reunião e accôrdo dos governadores das duas capitanias, e havendo procedido á inquirição de testemunhas, como se fez em 1814, para se crear a comarca de Paracatú e verificando quaes as serras ou rios que constituião limites e confins naturaes, é que se fazia a demarcação.

Para exemplo de um acto desta ordem em questão de limites, para amostra e prova do estudo e prudencia com que se procedia a estas graves providencias de extremar territorios entre capitanias limitrophes, basta vêr o que se passou entre as provincias do Maranhão e a de Goyaz, e consta do auto de demarcação de 9 de Julho de 1816.

Não cansarei a Camara com a leitura desse auto que transcreverei no meu discurso; elle vem reproduzido no precioso mappa do Sr. Candido Mendes.

Delle consta que se reunirão os representantes legaes, governadores das duas provincias; que precedeu discussão longa e que se justificou e deliberou com toda a madureza e prudencia a conveniencia da fixação dos limites e da passagem das linhas divisorias pelos pontos assentados.

Lavrou se um auto desta demarcação, e só assim vigorou ella, adquirindo força de obrigar. Eis o modo por que se procede em analogas emergencias; eis a fórma pela qual se põe termo ás contestações, que surgem sobre limites entre provincias limitrophes. O auto é o seguinte:

" Aos 9 dias do mez de Julho do anno de 1816, nesta povoação de S. Pedro de Alcantara, situada na margem léste do rio Tocantins, em districto da capitania do Maranhão, e aqui no quartel da residencia do sargento mór José Antonio Ramos Jubé, e o capitão de ordenanças Francisco José Pinto de Magalhães; e por parte da de Maranhão, o capitão do regimento de linha da mesma capitania, Francisco de Paula Ribeiro; o alferes do mesmo regimento João Baptista de Mendonça e Antonio do Couto, piloto approvado pela Academia Real das Sciencias, autorizados uns e outros pelos seus respectivos governos para limitar entre si as duas capitanias no terreno, em que uma com outra se encontrarão pelos rumos sudoéste e oéste da do Maranhão, nordéste e léste do de Goyaz, é, por todos elles eleitos commissarios unicamente, e, de commum accordo assentado, que, segundo o aviso do regio aviso de 11 de Agosto de 1815, a que se procedeu nesta commissão sobre o mesmo objecto, e as ordens provindas das combinadas resoluções dos mesmos governos, resultadas pelos documentos daquellas ditas sessões a um o outro presentes.

" Fiquem, se S. A. Real não mandar o contrario, servindo de balisas ou massas divisorias entre as mencionadas capitanias, os rios Manuel Alves Grande, que corre do sudoéste ao noroéste, e Tocantins, que corre do sul ao norte; daquelle Manoel Alves Grande, desde sua embocadura, buscando suas primeiras vertentes até encontrar com o rio Parahyba, pertencendo á capitania do Maranhão a margem nordeste, e á de Goyaz a margem sudoéste; e deste Tocantins, desde a foz do dito Manoel Alves Grande até á foz do rio Araguaya no presidio de S. João das Duas Barras, pertencendo ao Maranhão a margem léste, e a Goyaz a margem oéste, devendo, para conhecimento da causa, que esta commum resolução promoveu, ficar juntos a este ,todos ou parte dos documentos resultados das referidas sessões acima ditas, conforme o que a cada um dos mesmos governos lhes parecer.

"Do que, para constar, se lavrou deste têor um auto para cada uma das capitanias, por elle demarcadas, em o qual uns e outros commissarios plenamente autorizados, assignarão por parte dos seus respectivos governos.

" Povoação de S. Pedro de Alcantara, 9 de Julho de 1816. — *José Antonio Ramos Jube*, sargento mór commissario. — *Francisco de Paula Ribeiro*, capitão commissario. — *João Baptista de Mendonça*, alferes commissario. — *Antonio do Couto*, piloto commissario."

Mas, que se fez a respeito da questão vertente?

José Gregorio de Moraes Navarro, sem autorização de qualidade alguma...

O Sr. Perdigão Malheiro: — Não apoiado.

O Sr. Cardoso de Menezes — ... (porque o alvará de 20 de Outubro de 1798 nem sequer manda desannexar um só palmo de terreno para o novo julgado e não determina limites) procedeu, segundo reza o respectivo termo, em presença do clero, da burguezia e pessoas illustres do lugar, á demarcação de limites do capitão general de Goyaz, cem mostrar que fizera as diligencias essenciaes para se convencer de que as divisas convenientes erão as que autocraticamente adoptára, e até sem consulta ou audiencia. Que importancia juridica tem semelhante auto, lavrado por despotico alvedrio do Juiz de Fóra, sem haver autorisação anterior para fixação de taes limites, sem estudo ou planta do territori,, e despido de todas as formulas garantidoras do direito?

O Sr. Perdigão Malheiro: — Moraes Navarro foi autorizado por carta régia de 25 de Abril de 1799, a fazer a demarcação, sem attenção á divisão das provincias.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Não ha tal; este acto não continha autorização para desannexação de povoações e só tratou do territorio de Minas, não se referindo a nenhum povoado de Goyaz. O auto da medição, na parte em que annexou a Minas povoações e territorios do Rio Verde, não tem força de obrigar, porque foi feito sem prévia autorização do poder competente e sem audiencia do governador de Goyaz. Tanto é assim que o proprio governador, capitão-general João Manoel de Menezes, sabendo que se havião comprehendido nas divisões da Villa de Paracatú territorios de sua capitania, oppoz-se á usurpadora demarcação e mandou postar na serra de Andréquicé um destacamento, afim de oppor-se á invasão, que o povo de Minas queria fazer em territorio goyano e impedir que as justiças de Minas ultrapassassem a fronteira.

Ha documento authentico desta asserção e, poderia apresenta-lo, se não se tratasse de fazer passar a vapor um projecto que deve ser discutido com todo o vagar e pausa

De nada vale, pois, esta divisão, feita sem autorização legal, que determinasse quaes as balisas a estabelecer, sem as formalidades da lei, e sem serem ouvidos os interessados, que eram os capitães-móres das duas capitanias.

O Sr. Perdigão Malheiro: — Havia autorisação régia de 1799.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Autorisação para formar o julgado com territorios de Minas e sem determinar por onde devião passar os limites. Esta carta mandou crear a capitania, mas não declarou quaes as raias divisorias, como é de regra e essencial em taes casos. O acto do juiz de fóra é irrito por despotico e illegal.

Não ha uma só palavra a respeito do territorio de Goyaz; mais tarde, quando analysar o alvará de 1815, provarei que foi por elle expressamente excluida da formação da nova comarca qualquer parte do territorio goyano, e isto por determinação do poder competente, que se convencêra de que o territorio mineiro era já por demais extenso para campo da jurisdicção do Ouvidor.

A' vista do que acabo de dizer, senhores, vê-se que o alvará de 1799 não autorizou os limites que foram fixados em 1800 e que o auto lavrado por Moraes Navarro não póde produzir effeito.

E tanto não foi acceito pelo governo, nem consultada a capitania de Goyaz, como se faz em todos os casos semelhantes, e como prova o que se fez em 1816 na demarcação entre a provincia do Maranhão e Goyaz, que o capitão João Manoel de Menezes mandou um destacamento para a serra de Andréquicé, onde existia um registro, creado pela provincia de Goyaz, com o fim de obstar a invasão mineira, o que prova que já nesse tempo estava Goyaz de posse desse territorio.

O Sr. Perdigão Malheiro: — Mas a questão continuou.

O Sr. Cardoso de Menezes: — *Ergo*, se a questão continuou é que se contestava a procedencia e o valor juridico do auto de medição; é que este auto estava inçado de nullidade insanavel e não podia surtir effeito juridico. Pecca, pois, pela base a argumentação do nobre deputado.

O nobre deputado, o Sr. Perdigão Malheiro, citou uma carta do capitão João Godoy Pinto da Silveira, dirigida ao capitão-genral de Minas, em que se affirma que os limites entre as provincias de Minas Geraes e Goyaz, pela região de que se trata, erão o Ribeirão dos Arrependidos e o rio S. Marcos, descendo por este rio e não pelo espigão da Serra dos Pilões.

Ora, que argumentos em favor de sua opinião pretende o nobre deputado tirar de semelhante documento?

Será a opinião do capitão Godoy de tanto peso que venha resolver a intrincada difficuldade, em que labutão os nobres deputados?

Se os mesmos avisos do governo em actos administrativos, não exprimem senão a opinião individual do ministro, opinião, portanto, que póde ser revogada por aquelle que lhe succeder (porque na interpretação de questões administrativas não ha solidariedade de honra que possa ligar a opinião do seu antecessor) muito menos importancia e peso deve merecer em materias desta ordem o parecer de um sertanejo, que só conhecia de facto as tradições de uma turma de interessados e podia facilmente ceder ás suggestões dos que o cercavão.

O Sr. Perdigão Malheiro: — Não apoiado; é uma informação official.

O Sr. Cardoso de Menezes: — E quem nos diz se esse sertanejo não seria filho da provincia de Minas Geraes e não a tendencia dos individuos, que pretendiam locupletar-se com a jactura alheia?

Mas, no proprio mappa do Sr. C. Mendes, e onde o nobre deputado bebeu este argumento, vem exarada a resposta do governador, que destróe completamente este castello sem alicerces.

O governador não acceitou a opinião do capitão Godoy a respeito do terreno contestado. Não dá por limites entre Minas e Goyaz o Rio

S. Marcos, e sim o ribeirão dos Arrependidos, e não acceitando portanto a linha do rio e sim o dito ribeirão como ponto de partida para a linha divisoria da serrania. Logo, a opinião official que tem valor neste negocio, destróe completamente a presumpção, que o nobre deputado quiz estabelecer em seu favor.

O governador, prudente e illustrado, tendo procedido a sério estudo, reconheceu que a opinião do capitão Godoy não tinha procedencia, e que a linha de demarcação não devia correr pelo rio de S. Marcos. Logo, ao contrario da opinião que o nobre deputado citou, não foi acceito o limite indicado pelo capitão-mór da Conquista dos Anicuns, nessa carta datada de 7 de Setembro de 1761.

E', pois, incontestavel, que o governador repellio o limite do rio S. Marcos, seguindo-se, como corollario logico, que adoptou por linha divisoria a serra dos Pilões.

Eis a verdadeira opinião official.

Sr. Presidente, do alvará de 1814, que é tambem um argumento que os nobres deputados reputão busto de Achilles, mas que para mim é todo calcanhar, nenhum argumento se póde tirar em favor da opinião, que combato, pelo contrario, os documentos, que servirão de base á expedição desse alvará, lanção luz fulgurante sobre a questão e destróem qualquer argumento, que se possa adduzir para contestar a provincia de Goyaz o direito sobre a zona do Rio Verde, comprehendida entre a serra dos Pilões e o rio S. Marcos.

Eu tive, Sr. Presidente, o cuidado de ir ao Archivo Publico, instituição sobre que chamo a attenção dos nobres deputados e do governo; é uma preciosidade aquelle velho edificio, onde se achão empilhadas rumas de papel, que nada valem á vista, mas que encerrão thesouros inestimaveis, valiosissimos subsidios para a historia patria.

Vozes: — Muito bem.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Li os documentos que servirão de base á expedição do alvará de 1815, e tirei cópia, que tenho presente, dos pareceres do desembargo do paço, do procurador da corôa e do officio do capitão general, que levou ao supremo conhecimento e decisão o assumpto de que se trata.

Ahi está provado, de modo a não deixar duvida, que o governador, de accordo com o parecer do procurador da corôa e a resolução real, que se confirmou com o parecer do desembargo do paço, unanimemente assentarão que se deve formar a nova comarca de Paracatú, sem tirar um só palmo de terra á capitania de Goyaz. Offereço á consideração dos nobres deputados estes documentos que, depois de longas pesquizas, em que fui efficazmente guiado e auxiliado pelo illustrado Sr. Candido Mendes, pude obter do Archivo Publico. Lerei apenas o officio do governador geral que resume a questão:

CONSULTA

"Senhor. — Em consequencia da resposta do desembargador procurador da real corôa e fazenda, dada na consulta desta mesa sobre a creação de um julgado no arraial do Brejo do Salgado, da comarca do rio das Velhas, com o parecer da qual foi V. A. Real servido conformar se pela sua immediata resolução de 22 de Agosto do anno passado, expedio-se ordem ao governador e capitão-general da capitania de Minas Geraes, para que, ouvindo ao Ouvidor da dita comarca por escripto, informasse com o seu parecer sobre a creação de uma comarca na villa de Piracatú, a que elle satisfez pelo modo seguinte: "Dando execução ás reaes ordens, que V. A. Real dignou mandar-me expedir pela mesa do desembargo do paço, na régia provisão inclusa em data de 18 de Julho do corrente anno para informar com o meu parecer sobre a creação de uma nova comarca na villa de Piracatú, supprimindo-se o lugar de juiz de fóra e creando o de Ouvidor pelos motivos na mesma provisão especificados, ouvi por escripto o Ouvidor da comarca do rio das Velhas, cuja resposta eu tenho a honra de levar á augusta presença de V. A. Real. Olhando com a mais séria attenção para tudo quanto refere aquelle magistrado, que sempre me tem merecido um distincto conceito pela sua honra e inteireza, observo que as razões, ponderadas em sua informação, que reputo muito imparcial, são attendiveis pelos fundamentos com que prova a necessidade da sobredita creação e, na verdade, eu não posso deixar de conformar-me com o seu parecer, devendo sómente accrescentar, que considero exorbitante a ajuda de custo de 500$ para o novo Ouvidor, no caso de crear-se a comarca pretendida, para fazer o serviço proprio de intendente do ouro, parecendo me que por semelhante trabalho ficaria muito bem recompensado, arbitrando-se-lhe 200$ annuaes, *e, que igualmente sou de voto, que não se annexe terreno algum da capitania de Goyaz* para nova comarca, pois marcando se esta na fórma lembrada pelo mesmo Ouvidor, sem entrar naquella dita de Goyaz, já a suppunha com bastante extensão. V. A Real, porém, decidirá o que melhor lhe aprouver e que fôr mais conveniente ao seu real serviço."

Veja se o alvará de 1815, o que diz elle?

Não se refere a essa irritante demarcação que fez o juiz de fóra Moraes Navarro; ao contrario, manda excluir todo e qualquer terreno da capitania de Goyaz, porque (disserão os consultores), que os territorios da provincia de Minas já têm bastante extensão para a jurisdicção daquelle magistrado.

O Sr. Diogo Vasconcellos: — A questão não é de territorio.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Aqui estão documentos com que os nobres deputados pretenderão provar improcedentemente, que a provincia de Minas, possue de tempos remotos, a zona contestada, como se manifesta dos discursos proferidos, d'esta tribuna, e que essa posse é fundada em direito.

Como, pois, o meu nobre amigo me interrompe para asseverar que a questão não é de territorio? Eu estou demonstrando, por argumentos juridicos, em refutação dos argumentos dos nobres deputados, que, a questão é de posse e dominio, e o nobre deputado nega a evidencia!

O Sr. Diogo de Vasconcellos: — A questão é de vontade do povo.

O Sr. Cardoso de Menezes — Não ha povoação que, induzida por influencias de localidades, se negue a assignar petições para pertencer a jurisdicção administrativa e civil, onde têm compadres.

O Sr. Diogo Vasconcellos: — Nestas questões de limites de provincias, nada valem alvarás; o que vale é a utilidade publica, que deve prevalecer a esses alfarrabios.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Extranha theoria!

E no emtanto os nobres deputados fundarão-se em alfarrabios para provar o seu pretenso direito! Vendo agora que elles os condemnão, repellem-nos.

Senhores, disse-se que as terras são menos proprias que os rios, se servirem de balisas naturaes entre os povos; contra isto protestão até os conhecimentos mais elementares de geologia; é facto averiguado que os rios reunão e que cidades collocadas outr'ora na foz ou á borda de grandes correntes de agua, jazem hoje internadas.

Haja exemplo á cidade de Damietta, no Delta. Em 1249, no tempo de S. Luiz, era porto de mar, na embocadura do Nilo; presentemente está essa cidade a legua e meia da praia. Das alterações e mudanças produzidas nos leitos dos rios dá-nos interessante noticia M. de Prony na sua Memoria, os atterramentos do Pó.

Por conseguinte, as serras menos sujeitas a deslocações, são mais proprias para servir de limites do que os rios.

Esta questão, porém, é secundaria; eu apenas toquei nella porque um dos nobres deputados, a quem respondo, a suscitou.

Os nobres deputados invocarão alguns mappas-geographicos que, na sua opinião, conferem completamente á provincia de Minas a partilha do territorio contestado. Esses mappas são os do Visconde J. Williers de l'Ile Adam de Niemeyer, de Gerber; citarei eu o do Sr. Senador Candido Mendes.

E' fóra de questão que mappa geral de uma região, levantado em data recente e por pessoa autorizada, é revestido de alto valor scientifico. Este valor cresce de ponto quando se trata de um homem de reputação formada nas lettras e no direito patrio, e que occupa a mais alta posição, a que póde aspirar o cidadão em sua terra natal.

Assim, o mappa do Sr. Candido Mendes, repositorio vivo das cousas do Brazil, e que foi vasado sobre documentos historicos esmerilhados com infatigavel actividade e elevado criterio nos archivos do paiz, deve ser considerado como a expressão da ultima phase da geographia, chorographia e topographia do Brazil.

Assim não pensão, porém, os nobre deputados a quem respondo. Taxão esse mappa de inexacto e dão preferencia ao mappa especial da provincia de Minas, levantado por ordem do presidente daquella provincia, mappa cujo auctor tinha mais ou menos interesse em seguir as instrucções, que se lhe devião dar por parte do governo provincial, mappa que, como todos os outros citados, se acha refutado no do Sr. Candido Mendes, no ponto de nossa divergencia com os nobres deputados por Minas.

O atlas do Sr. Candido Mendes tem sido recebido nas escolas e elogiado pelos poderes publicos; goza, por consequencia, de força de autoridade e constitue fonte fidedigna de informações.

O Sr. Diogo de Vasconcellos: — Não apoiado.

O Sr. Cardoso de Menezes: — E' o mais completo e exacto dos que até agora têm sido publicados; teve por base documentos valiosos e dados, esmerilhados com severo escrupulo, podendo considerar se como o assento regulador das divisões economicas e politcas do imperio.

Este mappa fundou-se nos anteriores, de que ha conhecimento, corrigio-lhes as inexactidões e preencheu-lhes as lacunas. A opinião geral abraça esta opinião; mas os nobres deputados lanção á margem este guia director, e ligão todo o apreço ao que foi levantado por ordem do presidente de Minas Geraes, pelo engenheiro Sr. Gerber.

O Sr. Barão de S. Domingos: — O Sr. Candido Mendes é autoridade muito competente nestas materias.

O Sr. Cardoso de Menezes: — A presidencia de Minas Geraes é suspeita nesta questão: *res sua agitur;* falla *pro domu sua.*

O mappa, levantado por ordem do presidente de Minas, ainda que não seja inspirado pela administração daquella provincia é suspeito de parcialidade.

Tambem foi trazido a terreiro o mappa do Sr. Bellegarde; mas este mappa os nobres deputados não o querem, porque dá á provincia de Minas mais terreno, do que o por ella pretendido, entrando largamente na provincia de Goyaz por territorio a que os nobres deputados nunca aspirarão.

O do Visconde Villiers de Adam, tambem contrario é aos nobres deputados, porque declara que não é opinião firmada, reconhecida e acceita ser o rio de S. Marcos limite oriental entre Minas e Goyaz.

O Sr. Perdigão Malheiro: — Mas dá preferencia a essa opinião.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Preferencia que desapparece á vista da nota. Todos estes mappas, portanto, nenhuma importancia e valor merecem ante o Sr. Candido Mendes, que é vasado sobre o molde da verdade e se libra em documentos historicos, assignalando como limite ao norte o ribeirão dos Arrependidos, segundo a linha divisoria pelas serras de Santa Maria, Terras Vermelhas, Lourenço Castanho, Andrequicé e pelo espigão, que divide as aguas até o Parahyba, como o declarou em 1837, o presidente D. Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, em officio de 16 de Julho de 1837, ao ministro do imperio.

Fazem os nobres deputados muito grande cabedal (e devem fazel-o) da opinião do illustrado Sr. Cruz Machado, que lhe é favoravel. Mas podem os nobres deputados assegurar que o Sr. Cruz Machado, quando encarregado de estudar a questão especial da creação da provincia do Rio de S. Francisco, pensou sempre deste modo?

Podem assegurar que o Sr. Cruz Machado não firmou algum documento, em que assignala outros limites entre Minas e Goyaz, pelo lado de que se trata?

Estão os nobres deputados certos de que não?

Abrão os nobres deputados o relatorio que em 1855 escreveu aquelle nobre senador como presidente da provincia de Goyaz. A' pag. 100 desse documento lê-se o seguinte: "Pela provisão de 2 de Agosto de 1748 a provincia de Goyaz foi desmembrada da de S. Pau o, limitando com esta ao sul pelo Rio-Grande, *conservando os limites, que aquella linha com a de Minas, Pernambuco e Maranhão, bem definidos pela serra geral, que divide os vales do Rio de S. Francisco e Tocantins.*

Os nobres deputado tambem argumentarão muito com a opinião do padre Luiz Antonio da Silva e Souza. D'ahi quizerão tirar argumentos para provar que, desde tempos immemoriaes, estava assignalado o limite, que os nobres deputados aceitão e nós, deputados de Goyaz, repellimos. Mas eu devo lembrar aos nobres deputados que o Sr. Silva e Souza é favoravel á provincia de Goyaz, e citarei tambem paginas do seu relatorio em que dec ara o Ribeirão dos Arrependidos como limite da provincia de Goyaz.

O Sr. Souza e Silva não deve ser suspeito aos nobres deputados; é verdade que escreveo um roteiro da provincia de Goyaz, e não de Minas; mas aquelle notavel chorographo, cujo relatorio é a fonte, em que o brigadeiro Cunha Mattos foi buscar os mais importantes materiaes de sua obra, é filho da mesma terra do Sr. Cruz Machado; é mineiro, é natural do Serro, e por consequencia, a sua opinião não póde ser averbada de suspeita. Eis o que diz o padre Silva e Souza á pag. 449, do tomo 120, da Revista do Instituto Historico, publicado em 1849: "O Conde dos Arcos fixou os limites da capitania pelas dimensões feitas por seu antecessor (o Conde de Bobadella) separando-a da de Minas Geraes *pelo ribeirão dos Arrependidos*, de Cuyabá pelo rio das Mortes, como consta da informação dada a Sua Magestade e registrada na secretaria do governo a fls. 32 do livr. 1.°."

Os nobres deputados ainda citarão a opinião do Monsenhor Pizarro. Eu afianço que a opinião do Monsenhor Pizarro é contraria á opinião dos nobres deputados.

A' pag. 150, nota 12 do vol. 9.° de suas *Memorias*, diz aquelle escriptor: "Os limites de Goyaz são hoje (1822 a oéste, da parte de Cuyabá ao Rio-Grande; ao norte de S. João das Duas Barras e ao sul o Rio-Grande da estrada de S. Paulo; pela parte do Desemboque, a Palestina, Serra do Castanho e da Parida, pelo léste Arrependidos." E á pag. 214, tratando da estrada, que vem do arraial de Santa Luzia, em direcção a léste, diz: "Por essa estrada até o sitio dos Arrependidos, *meta da Capitania...*".

Sempre que se falla deste territorio, deve-se suppôr o espigão da serra dos Pilões, por onde desce a linha divisoria.

Tenho outros documentos, que não citarei para não fatigar a attenção da Camara. A' vista, pois, dos subsidios historicos, de que é transumpto o mappa do Sr. Candido Mendes, é claro que, em face do direito escripto, a questão não póde ser decidida em favor da provincia de Minas.

O Sr. Perdigão Malheiro dá um aparte.

O Sr. Cardoso de Menezes: — A opinião publica protesta contra esta asserção.

Resumirei o que tinha a dizer, reservando o resto para outra vez, em que me couber a palavra, porque não presumo que esta questão morra aqui.

Vamos á razão das conveniencias dos povos, que é o grande argumento dos nobres deputados.

Debaixo deste aspecto, parece-me que o fiel da balança pende irremissivelmente em favor da provincia de Goyaz.

Quantos forão os signatarios da representação que provocou aqui essa grande celeuma e deu motivo ao projecto, que ha pouco li e ao parecer, que o apoia?

115 individuos. Forão 115 individuos, habitantes daquella grande zona, que tiverão o poder magico de operar uma revolução profunda no animo dos nobres deputados e induzi-los a irem arrancar do archivo da Camara este projecto, já coberto de traça e por ella devorado.

Dizem os signatarios da representação que lhes ficava muito oneroso pertencer a Catalão, porque tinhão de fazer um rodeio de 30 leguas para levarem os seus productos a Paracatú, com cujos habitantes elles sympathisão, porque naturalmente contão entre elles muitos compadres e amigos; é por isso explicavel que esses homens queirão pertencer a um povoado onde encontrão maiores protecções. (*Apartes*).

Desta maneira explica-se tudo; não ha povoação que deixe de antipathisar com certas e determinadas autoridades, que derão sentenças ou proferirão decisões contra os seus patronos, compadres e affeiçoados. (*Apartes*).

A interpretação, pois, dos nobres deputados em relação á conveniencia dos povos, tomada desta maneira geral, póde dar occasião a que se justifique qualquer pretenção, por mais desarrasoada que seja.

Vejamos agora a razão por que esses moradores fazem o trajecto de 30 leguas? Porque não querem ir a Catalão. Mas Catalão é para elles tão distante como Paracatú, e se em alguns pontos é mais longe, não passa de 2, 3 ou 4 leguas a differença. (*Ha um aparte do Sr. Diogo Vasconcellos*).

Para distribuição da justiça civil e administrativa é-lhes mais commoda a capital de Goyaz que a de Minas. (*Ha um aparte do Sr. Diogo Vasconcellos.*)

Em relação á distancia, pois, o argumento dos nobres deputados não vigora, porque a distancia é quasi a mesma em relação a Paracatú e Catalão; em relação ao centro civil e administrativo é mais conveniente pela distancia, pertencerem os habitantes a Goyaz. Isto é fóra de questão.

Ora, qual é a razão por que esses habitantes fazem o rodeio de 30 leguas? Porque razão gostão elles mais dos habitantes de Paracatú do que dos habitantes de Catalão?

A razão, senhores, já foi aqui dada pelo meu illustre collega de deputação; é porque não querem pagar taxas de barreira. Dizem os nobres deputados que essas taxas são exorbitantes.

Para a exorbitancia dos impostos, senhores, o remedio é a revisão das tabellas, (que nós nem conhecemos), é a sua reforma, e a diminuição do imposto e não a desannexação do territorio.

Mas não quererem esses habitantes pertencer a Catalão só por não pagarem barreiras, é uma pretenção desarrazoada e que não póde ter cabimento, nem o apoio dos nobres deputados.

O Sr. Diogo de Vasconcellos: — Não apoiado.

O Sr. Cardoso de Menezes: — Assim, portanto, pelo lado da conveniencia e commodidade dos povos não se póde justificar, como se disse, a pretenção dos moradores do Rio Verde.

Admittindo que a vontade nos moradores seja desacompanhada de razões de utilidade real, motivo bastante para annexação e desannexação de territorios é abrir a porta á conclusão administrativa e civil pelas continuas e impensadas alterações das divisões jurisdiccionaes do Imperio.

Sob este lado, pois, da conveniencia e commodidade dos povos, não farei nenhuma consideração mais; é este um nariz de cêra, já muito sediço e gasto, que não póde mais figurar no rosto de nenhum projecto. (*Ha um aparte do Sr. Diogo Vasconcellos*).

Os registros existirão de tempos immemoriaes; do dos Arrependidos resa uma inquirição de testemunha dos terrenos a que se procedeu em 1814 quando se tratou de verificar a conveniencia de annexar á comarca de Paracatú, que então se pretendia crear. João Pereira Diniz, ajudante do 2.° regimento de cavallaria, depoz então que se achava destacado no registro de *S. Marcos, pertencente á capitania de Goyaz*, o que prova que a esta pertencia a zona contestada ainda além do ribeirão dos Arrependidos.

Vi no Archivo Publico o documento que isto prova; mas não pude tirar cópia delle. Já se vê que não é exacto que desde tempos immemoriaes esteja a provincia de Minas de posse deste territorio, como asseverou o nobre deputado o Sr. Perdigão Malheiro. (*Apartes*).

O que a provincia de Minas pretende fazer é um verdadeiro esbulho. (*Não apoiados*).

Em vista do que acabo de dizer e do que se lê no relatorio do nobre ministro do imperio, apresentado este anno ao Poder Legislativo, requeiro o adiamento da questão para que sobre ella seja consultado o Governo.

Não póde esta Camara, na ausencia da palavra official, resolver tumultuariamente assumpto de tanta magnitude e que vai arrancar a posse e dominio de uma provincia importante zona de territorio.

Requeiro, portanto, que seja ouvido o governo, pelo ministerio do Imperio, a este respeito, pedindo informações ás presidencias de Goyaz e Minas.

O Sr. Carlos Peixoto: — E' o quarto adiamento.

O Sr. Theophilo Ottoni: — E' uma chuva de adiamentos

O Sr. Cardoso de Menezes: — Tenho concluido. (*Muito bem; muito bem.*)

Vem á mesa, é lido, apoiado, entra em discussão e é rejeitado, sem debate, o seguinte requerimento:

"Requeiro que seja ouvido o governo pelo ministerio do Imperio sobre o projecto em discussão.

Em 19 de Junho de 1877. — *Cardoso de Menezes.*"

Continúa, portanto, a discussão do projecto que fica adiada, pela hora.

Barca transpondo o rio Corumbá, entre Ipameri e Caldas Novas, Goyaz

HELIÓPOLIS

"Exmo. Sr. Dr. Henrique Silva :

Com a vossa gentil acquiescencia venho expôr, ao Publico e ao Governo, o meu antigo projecto da *Cidade Central do Brasil,* a qual, com o advento da Republica, foi projectada, como futura capital do Paiz, a ser construida no Planalto de Goyaz.

Ha 24 annos que eu avento o plano das futuras *Cidades Jardins,* ideadas por mim; fazendo parte do meu vasto projecto de remodelação social do Porvir.

Seria de grande opportunidade realizar o primeiro modelo desse bello projecto, na construcção da nossa futura Capital.

Chamo, para este ponto, a attenção do Governo, esperando que continueis a me secundar nesse generoso tentamen.

Eu não viso nisso qualquer lucro directo. O meu projecto apresenta, sem duvida, no seu conjuncto technico, o que ha de mais original, util, bello e hygienico.

Não preciso de outro auxilio do Governo, para a construcção da mais bella cidade do mundo, sinão de uma *autorização legal* para executar, *in totum,* o plano que eu apresentar, não só na parte architectonica, propriamente dita, como, especialmente, na parte economica; inaugurando, legalmente, o regimen por mim concebido com o nome de Plutometria, — enriquecendo o Estado, *sem necessitar de capitaes extrangeiros,* que vêm, naturalmente, escravizar-nos, extorquir-nos, e empobrecer-nos !

Seja-me licito, na minha edade, dizer taes verdades, geralmente ignoradas ou despresadas. Certamente, o tempo me fará justiça !

E' de esperar que, no Governo de nosso Paiz, surjam homens sérios, e de responsabilidade, capazes de me ouvir e tomar conhecimento do meu designio.

Si assim fôr, estou prompto a fornecer todos os dados para um perfeito julgamento, e me disponho, sem visar lucros pessoaes, a empregar todos os meus esforços na realização de uma Obra prima, que consagro em homenagem á Posteridade.

Segundo o meu plano, todos os beneficios da Empreza reverterão, directamente, em beneficio da propria Nação.

MAGNUS SÖNDAHL."

Progressos de Goyaz

O contingente de Ipamery

Fadado para as grandezas, o Estado de Goyaz, como Coração do Brasil, vae pouco e pouco, mostrando que é inegavelmente o expoente da grandeza da Patria para onde convergem todas as attenções dos intelligentes e progressistas que antevêm nelle um futuro (bem proximo), brilhantissimo.

A riqueza dos tres reinos da natureza é aqui patenteada á luz de um sol de Abril.

Goyaz tem tudo quanto é preciso para fazer a riqueza e felicidade do povo brasileiro que até aqui tem sido por demais ingrato para com este pedaço de terra que é muito nossa e com justo motivo o orgulho dos goyanos.

Rios piscosos e muitos apropriados á navegação que viria trazer aos habitantes de suas margens meios de desenvolvimento agricola e commercial. Fontes de aguas medicinaes e radio-activas, minas de ouro, de mica, de cobre e de prata, montanhas de ferro e de manganez, são encontradas em todo o Estado.

No reino vegetal, Goyaz está separado dos outros seus irmãos da Confederação, pois a abundancia de madeiras para construcções, para tinturaria e productos medicinaes, é por demais conhecida dos praticos nesse genero de producto da natureza.

Passaros em mil variedades existem no abençoado sólo goyano, futuro celeiro do nosso estremecido e adorado Brasil. Campos de pastagens naturaes como não existem no mundo e aonde os magestosos rebanhos de todas as especies de animaes domesticos e selvagens enchem de alegria o coração do viajante que tem a felicidade de percorrer o hospitaleiro, bello e futuroso Estado de Goyaz. A creação de gado é assombrosa, principalmente a especie *vaccum,* que tem sido desenvolvida de uma maneira espantosa e que vem mostrando a superioridade do gado zebú (mesmo tendo como seu inimigo o Sr. Dr. L. P. Barreto, de S. Paulo).

A raça cavallar vae sendo bem cuidada e notando-se grande animação por parte dos Srs. criadores do Sul e Su d'Oeste de Goyaz. Em minhas repetidas viagens ao interior do Estado, tenho notado que nos municipios de Bomfim, Annapolis, Bella Vista, Jorapiá, Palmeiras e Jatahy, existem verdadeiros e opulentos criadores das raças cavallar e vaccum, sobresahindo os Srs. José Louro, Graciano Antonio da Silva, José Candido Souza, Hernestino Guimarães, Coronel Tolentino Reis, Coronel Castrinho, Coronel Mario Felix, Coronel Dúdú, Coronel Manuel Gomes, Coronel Balthazar de Freitas, Major Jarbas Jayme, Coronel Odorico Leão e Major Antonio Rios; porém, o municipio que mai tem se esforçado para o aperfeiçoamento da raça bovina é inegavelmente o nosso Ipamery, aonde existem fazendeiro criadores das melhores raças. Na exposição de animaes, realizada na capital da Republica, ficou exuberantemente provada a nossa superioridade como criadores de gado vaccum pois, o Sr. Coronel Antonio Vaz, mostrou o quanto póde fazer quem possue a força de vontade como a sua. Ipamery, cujo futuro promette ser o mais brilhante possivel, é um dos municipios mais ricos do Estado.

A sua lavoura progride bastamente e as machinas agricolas já são usadas por quasi todos os lavradores do municipio. A pecuaria quasi que já póde desafiar a de alguns Estados do Brasil, pois, aqui temos como pugnadores desse engrandecimento os Srs. Coroneis Antonio Vaz, Lindolpho Cintra, José Bernardino, Vicente Marot e Augusto Machado.

Ipamery já exporta productos pharmaceuticos manipulados no Laboratorio N. S. do Carmo e na pharmacia Americana, dos pharmaceuticos Azeredo Filho e Virginio Vaz Lopes. Devido aos gigantescos esforços do Sr. Major Aristides Lopes, a nossa cidade tem o garbo de dizer que é a unica que possue luz electrica e que brevemente será augmentada a sua força afim de fornecer energia electrica a diversas machinas que só aguardam esse tempo para funccionar.

Temos uma regular rêde telephonica de propriedade do Sr. Coronel Vicente Marot, esforçado industrial e capitalista aqui residente.

Uma boa marcenaria está montada nesta bella urb goyana, aonde se preparam com elegante gosto, segurança e arte as mais mais custosas mobilias de finos e variados gostos.

A cargo e por iniciativa da Associação de S. Vicente de Paulo, será construido um edificio destinado ao tratamento dos pobres e doentes necessitados de amparo, dessa casa de caridade.

A exportação de cereaes é computada a maior de toda a zona servida pela E. de Ferro de Goyaz.

Pelo que fica exposto aqui nestas linhas, está pate

cada a maneira por que Ipamery concorre e fornece o seu grande contingente para o progresso do mais futuroso Estado da União Brasileira.

O que é preciso, porém, é que o governo da Republica ponha de parte a cantilena politica e faça por Goyaz o que tem feito por Minas, S. Paulo e outros felizardos Estados nossos irmãos de Patria.

Ipamery, 1 de Maio de 1919.

F. L. DE AZEREDO FILHO.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipameri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: **Henrique SILVA**

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2º andar — Tel. Central 4682

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE JUNHO DE 1919 — VOL. II—N. 11

SUMMARIO

Finanças Goyanas

Chamamos a attenção dos leitores para a situação actual das finanças de Goyaz, que reflectem a operosidade do Exmo. Sr. Desembargador Alves de Castro.

Eis o que diz a mensagem lida na inauguração da 3ª sessão ordinaria da 8ª legislatura do Congresso Estadual:

A valorização do gado e o notavel desenvolvimento da nossa lavoura de cereaes continuam a concorrer para a prosperidade de nossa situação economica.

E a consequencia é o estado cada vez mais auspicioso de nossas finanças, certo, como é, que estas são o reflexo daquella, desde que como tenho feito, seja adoptado um regimen de sever[illegible] fiscalização das rendas e de rigoroso emprego dos dinheiros publicos.

Os dados que se seguem, baseados em cifras na sua nudez esmagadora, virão demonstrar-vos que o Estado de Goyaz ainda que modestamente, tem sabido gozar da autonomia que lhe deu a Republica.

Somos avessos ás aventuras de qualquer natureza que seja e dahi o estarmos guiando a administração publica sem lançar mão dos emprestimos que, nos diversos Estados, nem sempre escaparam á critica impiedosa e severa.

Com muito prazer e orgulho, vos affirmo: *Goyaz não deve cousa alguma, quer interna quer externamente, está com o seu funccionalismo pago em dia, e tem em cofre um saldo em dinheiro no valor de 1.154:403$482 réis, não incluida a arrecadação junto á Estrada de Ferro e varios recolhimentos de Abril ultimo no valor de 62 contos já conhecidos, mas ainda não entregues á Secretaria de Finanças, e todas as demais arrecadações do dito mez não accusadas pelos exactores.*

Possue dividas activas no valor de 662:137$962 provenientes de impostos que deixaram de ser pagos em tempo opportuno.

As dividas passivas então existentes, relativas ao resto do emprestimo contrahido em 1911, com o Credit Foncier no valor de 300:000$000, inclusive juros, e o restante da emissão de apolices feita na fórma da lei n. 520 de 30 de Junho de 1915, no valor de 149:900$000, sommando tudo 449:900$000, foram resgatadas integralmente por occasião de ser celebrado o primeiro centenario de Goyaz, que foi o presente que o Governo offereceu nesse dia ao povo goyano.

No dia 31 de Março ultimo, era o seguinte o estado das Caixas da Secretaria de Finanças:

Caixa geral do exercicio de 1918	497:534$788
Caixa geral de 1919	143:654$910
Caixa geral de depositos e cauções em dinheiro	67:901$312
Em poder da Estrada de Ferro de Goyaz e correspondente a arrecadação feita nos mezes de Junho a Dezembro do anno passado	252:330$825
	961:422$035

Neste saldo não foram computados 133:790$000 arrecadados pela Recebedoria de Santa Rita do Paranahyba, dos quaes parte ainda não teve entrada na Secretaria de Finanças; 35:237$904, resto do producto liquido da arrecadação feita junto á Estrada de Ferro em Março; 12:679$047 de beneficios de loteria recebidos depois e 1:580$997 existentes no Banco Mercantil do Rio.

E' esta, pois, senhores membros do Congresso Legislativo, a situação real das finanças de Goyaz, jamais presenciada entre nós.

Permitta Deus que eu possa sempre responder aos inimigos da nossa terra, que tão forte campanha de descredito desenvolvem contra o meu Governo, com dados positivos que bem denotam a boa vontade com que estou procurando corresponder á confiança dos meus conterraneos.

RECEITA

Da synopse escripturada até 31 de Março ultimo, verifica-se que, tendo a lei n. 566 de 18 de Julho de 1917 orçado a receita para o exercicio de 1918, no valor de réis 1.510:136$400, assim distribuidos:

Ordinaria	1.338:636$400
Extraordinaria	120:400$000
Depositos	51:100$000
	1.510:136$400

a arrecadação, conforme está [illegible]da, excedeu á previsão, subindo até aquella data, a 2.316:729$173, assim distribuidos:

Ordinaria	2.127:932$516
Extraordinaria	169:236$225
Depositos	19:560$432
Sommando	2.316:729$173

ou sejam 53 1|2 por cento a mais sobre a previsão orçamentaria, isto é, 806:593$033 para mais.

Como se vê, é esta a maior renda que o Estado já arrecadou desde os tempos coloniaes até hoje.

Todas as verbas da receita, graças a rigorosa fiscalização por parte do governo, apresentam sensivel augmento.

Mas as que mais concorreram para o estado lisongeiro de nossas finanças, foram as seguintes:

Imposto de exportação em conjuncto — orçado em réis 674:446$000, arrecadados 996:920$564 ou mais 332:474$564 do que em 1917.

Mudança da Capital da Republica, do Rio de Janeiro para o Planalto Central

A mudança da Capital do Brasil, do Rio de Janeiro para o Planalto Central constitue um problema nacional. Assim o julgaram não só os legisladores da Constituinte de 1891, como tambem os mais esclarecidos mentores da politica nacional em 1821. Nas principaes phases historicas de nossa politica, a questão da mudança da Capital tem vindo sempre a debate, trazida pelos homens de maior clarividencia do momento. Em 1808, ao estabelecer-se no Brasil a séde da monarchia portugueza, um ardoroso publicista brasileiro — J. da Costa Furtado de Mendonça — em artigos repetidos pelo seu historico orgão de publicidade — *O Correio Brasiliense* — levantou a questão da mudança da Capital do Rio de Janeiro para um "ponto central do paiz, immediato ás cabeceiras dos grandes rios, onde edificariam uma nova cidade, abririam estradas, que se dirigissem a todos os portos de mar, removeriam os obstaculos naturaes que têm os differentes rios navegaveis e lançariam assim os fundamentos do mais extenso, bem defendido e poderoso Imperio que possa existir na superficie do globo, no estado actual das nações que o povoam".

Si os conselhos do grande patriota houvessem sido executados, já a esta hora todos os grandes rios navegaveis do Brasil seriam franqueados ao commercio e não estariam inaproveitados como ahi estão; já o interior do paiz estaria cortado de estradas, os sertões povoados e o nome do Brasil devidamente alevantado pela fama de seu clima invejavel; e não seriamos, como tanto tempo o fomos, *o paiz da febre amarella !*

Em certa occasião, escreveu J. da Costa Furtado de Mendonça : "A Capital actual (Rio de Janeiro) está a um canto do territorio do Brasil, sua communicação com o Pará e outros pontos do paiz é de immensa difficuldade e sendo um porto de mar, *está alli o Governno sempre sujeito a uma invasão inimiga de qualquer potencia maritima*" (sic). As palavras de J. C. Furtado de Mendonça continuam ainda a ser de plena actualidade, após o decurso de um seculo !

São dignas de menção as recommendações feitas em 1821 aos deputados brasileiros ás côrtes portuguezas : "Parece-nos tambem muito util que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da côrte ou da regencia, a qual poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 gráus, em sitio sadio, ameno, fertil e regado por algum rio navegavel. Deste modo fica a côrte ou regencia livre de qualquer *assalto* ou *surpreza externa* e demais se chama para as provincias centraes e excesso da população das cidades maritimas. Desta côrte central abrir-se-ão estradas para as diversas provincias e portos de mar, para que se communiquem e circulem com promptidão as ordens do Governo e se favoreça o commercio interno do vasto Imperio do Brasil". Estas instrucções, cumpre lembrar, não partiram de cerebros imaginosos; foram dictadas pelo homem publico mais culto que jámais possuimos — José Bonifacio de Andrada e Silva.

Não pára ahi. No memoravel periodo regencial, em que de feito se revelaram os estadistas mais genuinamente brasileiros, pelos altos ideaes patrios em que se inspiram, nesse periodo, tambem se agitou a questão da mudança da Capital do ponto excentrico e pouco salubre em que se achava, para uma região central, de belleza e salubridade invejaveis.

Foi um diplomata e historiador de alta culminancia quem reviveu esta magna questão. Isso se deu approximadamente em 1835.

Nessa data escrevia o Visconde de Porto Seguro (que é o diplomata e historiador a que alludimos) : "A primeira lição que devemos colher é a de, já em tempo de paz, attendermos aos meios de resistencia que deve offerecer este importante porto, do qual, permitta Deus seja retirada *quanto antes* a Capital, tão vulneravel ahi na fronteira e tão *exposta* a ser bombardeada por *qualquer inimigo!*" (sic).

Mais tarde o illustre historiador e scientista a quem vimos alludindo, visitou demoradamente o Planalto Central e apresentou um minucioso relatorio ao Governo Imperial, onde diz "parecer que a Providencia preparou o Planalto Central para uma Capital, fazendo partir dalli as aguas dos tres rios da America do Sul — Amazonas, Prata e São Francisco".

A idéa da mudança da Capital dormitou o longo espaço de 50 annos, para despertar novamente em 1891, no seio da *Commissão dos 21*, encarregada, como se sabe, de apresentar o projecto de Constituição da Republica.

Parece-nos ocicso dizer que a *Commissão dos 21* se compunha do que havia de melhor como talento e patriotismo em nosso paiz : não eram uns visionarios dados ao lyrismo, não ! No seio da *Commissão dos 21*, si já não nos falha a memoria, foram os mais ardorosos em favor da mudança da Capital os deputados militares e os Srs. Alcindo Guanabara e José Hygino, de saudosa lembrança. A' *Commissão dos 21* foram presentes todos os antecedentes historicos da questão. O assumpto foi perfeitamente elucidado, concorrendo muito para tal fim o Dr. Lauro Muller.

Bem informados, incluiram os 21 no art. 3.º da nossa Constituição uma disposição que determina taxativamente a mudança da Capital para o Planalto Central da Republica.

Desde então, a idéa levantou-se cheia de vida e vencedora, contando entre os seus mais decididos e convictos defensores, o grande brasileiro — Marechal Floriano Peixoto — o qual, embora a braços com mil e uma difficuldades, determinou a exploração do Planalto Central por uma commissão composta de homens de grande valor moral e scientifico, pondo-lhe á frente o saudoso Director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro — Dr. Luiz Cruls.

A *Commissão Exploradora do Planalto Central* contava, entre outros membros, os Drs. Henrique Morize, actual Director do Observatorio Astronomico; Tasso Fragoso, militar dos mais briosos do nosso Exercito; A. Cavalcanti, Antonio Pimentel, medico hygienista; Eugenio Hussak, geologo; E. Ulle, botanico.

Outros scientistas tambem collaboraram com a *Commissão Exploradora*, cumprindo-nos lembrar os nomes do Drs. Glaziou, Paula Oliveira, Gonzaga de Campos, Henrique Silva e quiçá mais alguns de que nos não lembramos presentemente.

Esta numerosa commissão esteve no terreno de Junh de 1892 a Fevereiro de 1893, trazendo do Planalto os dado mais precisos sobre a sua geologia, cursos de aguas, natureza e fertilidade dos terrenos, flora, fauna, clima e possibilidade de ordem economica.

Factos gravissimos de ordem politica obstaram que Governo do Marechal Floriano decretasse novos trabalho tendentes a apressar a mudança da Capital.

Os factos de nefanda memoria a que alludimos tiveram repercussão nas finanças da Nação e concorreram assim para que fosse posta á margem a questão da mudanç da Capital. A idéa dormita apenas, mas não está morta nem poderá estar, emquanto vigorar o art. 3.º da Constituição de 24 de Fevereiro, por que se rege a Republica.

Não a muito, o Senado Federal, pela voz autorizad do Dr. Nogueira Paranaguá, insistiu sobre a opportunidad de se reencetarem os trabalhos concernentes á mudança d Capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central do Brasi

Na Camara baixa, ainda na sessão passada, um grup de capitalistas propoz-se a edificar a nova Capital median favores indirectos concedidos pelo Governo da União. T

proposta está confiada a uma das commissões da Camara e espera parecer.

A opinião vae-se despertando e reconhecendo uma ou outra vantagem das multiplas que a mudança da Capital trará para a Nação. Ainda ha pouco um partido levantou a idéa da mudança da Capital, apresentou-se aos comicios populares e estes deram-lhe estrondosa victoria, bastante significativa, pois do campo opposto levantaram-se vozes prestigiosas em tom de grande hostilidade contra a idéa da mudança da Capital e a opinião esclarecida do eleitorado do Districto Federal não as escutou !

Por outro lado grande parte da viação da Republica converge para o Planalto Central, partindo do extremo norte, de léste e do sul. Certos rios navegaveis vão sendo melhorados em direcção á bella e uberrima região destinada a ser a séde da Federação Brasileira.

Está neste pé a idéa altamente nacional da mudança da Capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central do Brasil.

Para nós, emquanto não demonstrarem o contrario, a questão da mudança da Capital constitue um alto problema nacional, de que em grande parte dependem a economia, a integridade e a defesa da Nação.

A. GOMES CARMO.

O Salitre no Brasil

Sobre o salitre nacional e estrangeiro foi lido na Sociedade Nacional de Agricultura o seguinte parecer da commissão que o subscreve:

Sr. Presidente.

Os Srs. Grassi & Comp., negociantes estabelecidos em S. Salvador (Bahia), exploradores e exportadores do Salitre Nacional fazem um appêllo á Sociedade para que esta intervenha com os seus bons auspicios junto aos Poderes Publicos no sentido de ser obtido augmento de importação sobre o salitre inglez (sic), de modo que o producto nacional similar possa na luta commercial levar vantagem sobre aquelle, dando isto lugar a um rapido desenvolvimento da Industria Salitreira do nosso Paiz.

As jazidas salitreiras do nosso Paiz sao em grande numero, porém em geral de pequena extensão e até hoje não foram convenientemente avaliadas. As suas cubagens são até hoje desconhecidas e as proximidades dos portos e estações de embarque e as distancias dos centros de consumo, são factores economicos que não pódem ser desprezados, quando se trata de uma exploração regular. As nossas jazidas estão longe de satisfazer taes condições.

Os nossos productos são em geral de bôa qualidade, porém até hoje explorados em pequena escala para que possam satisfazer todas as nossas necessidades.

Conforme declaram os proprios impetrantes, o consumo no nosso paiz eleva-se a cerca de 3.650 toneladas por anno, numero que julgamos fraco, tendo-se em vista o augmento de emprego deste producto como adubo.

Tendo em vista a elevada mão de obra e o facto de não serem satisfeitas aquellas condições economicas, acima citadas, com difficuldade, poderá o nosso bom producto, com vantagem, concorrer com o de procedencia chilena e outros; nestas condições o que cumpre nos fazer? Auxiliar efficazmente a nossa Industria com favores directos por meio de emprestimos de capital, com isenção de direitos de importação para os machinismos necessarios ao estabelecimento das uzinas de beneficiamento, isenção ou grande diminuição por dilatados annos de impostos federaes, estadoaes e municipaes, reducção de tarifas e indirectos, com o estabelecimento de vias de communicações, para facilitar o escoamento dos productos e mesmo a tomada pelo Governo de uma parte da producção para satisfazer no todo ou em parte as necessidades das nossas fabricas de polvora negras ainda em pleno funccionamento.

Pensamos que taes favores são necessarios, e bastantes para que a nossa industria salitreira possa se desenvolver de modo a satisfazer as necessidades do Paiz. Concordamos mesmo, que, si isto não fôr sufficiente, se solicite do Governo um augmento de tarifa para a similar estrangeiro, de modo que o producto nacional possa com elle competir e até levar sobre aquelle alguma vantagem.

Da leitura da representação dos Srs. Grassi & Comp. conclue-se que elles querem tão sómente um proteccionismo exagerado, sob a fórma de impostos prohibitivos, com o intento de ser afastado do mercado o salitre de procedencia estrangeira.

Com tal alvitre não podemos concordar, porque uma vez afastada a concorrencia estrangeira, o preço do producto nacional se elevaria consideravelmente, pondo em difficil situação as industrias de fabricação das polvoras, das conservas e outras e tambem a agricultura, cujos interesses temos de zelar como seus legitimos representantes.

Um tal alvitre traria simplesmente vantagem aos exploradores e exportadores do producto taes como os Srs. Grassi & Comp. e outros, que talvez no fim de pouco tempo, já não pudessem satisfazer as necessidades do Paiz pelo rapido esgotamento das jazidas, uma vez intensificada as suas explorações, para satisfação das necessidades do mercado e pela ganancia de grandes e rapidos lucros.

Sim, grandes e rapidos lucros, porque no fim de pouco tempo, os poderes publicos seriam obrigados a minorar os exageros do proteccionismo em presença do inevitavel grito dos industriaes, pela escassez e elevado preço do salitre.

Pensamos que a Sociedade por intermedio de sua Directoria, poderá solicitar do Governo razoaveis favores, que permittam um rapido desenvolvimento da industria salitreira, como aquelles já citados, porém jamais augmento de impostos, como desejam os impetrantes que viriam peas razões expostas, crear sérios embaraços ao desenvolvimento e regular funccionamento de outras industrias, que tanto concorrem praa o nosso bem estar e progresso.

JOÃO FULGENCIO DE LIMA MINDELLO.

(Assignados) *Henrique Silva* e *Benedicto Raymundo.*

GLOTOLOGIA INDIGENA

Niteroi, 30 de Maio de 1919.

Meu caro colega e amigo Henrique Silva,

Saudações.

Acabo de receber, e agradecido pelo n. 10 de tua interessante *Informação Goyana.* Meu pobre atriguinho — *Glotologia Indigena* — saíu um pouco estropiado; assim é que á l. 11 em vez de *Acrocomia* está *Acrocemia;* á l. 14-15 em vez de *Podiceps* está *Codiceps;* á l. 25 em vez de *lobo* está *baba.*

Um pouco de teogonia para variar, para quebrar a monotonia, sem comtudo saír do meu propozito.

Caci$_2$, de *Cá*$_2$, olho (nas suas div. acepções; vista, vizão, etc. e *Ci,* mãi (nas suas div. acepções); jenitora, jeradora, produtora, etc. Em virtude da luta pelo menor esforço ou economia de esforço, o selvicola só emprega o sinal de plur. quando é precizo que fique bem claro que se fala nele. Assim o plur. de *Cá*$_2$ é *Cáetá*$_2$ e o de *Ci* é *Cietá,* devendo o plur. deste sub. ser *Cacietá*$_2$, mas como já disse, o selv. só emprega o sinal de plur. quando é indispensavel. *Caci*$_2$, que para nossa jente é masc. para o selv. é fem., ou antes—neutro. E na sua teogonia é o espirito encarregado de fazer axar, aparecer, etc., as couzas perdidas. Quando um selv. perde um objeto invoca *Caci*$_2$, a mãi dos olhos, etc., para que o fassa axar, aparecer, etc., e convicto de que com seu aucilio axará o objeto perdido vai á sua procura empregando todos os meios possiveis para axal-o. Si o axa foi *Caci*$_2$ que o aucilioú, si não axa é porque Caci$_2$ não quiz, ou escondeu o objeto. A's vezes *Caci*$_2$ regozija-se, diverte-se, etc. em esconder, fazer perder, etc. objetos para caçoar, etc. com o desespero do dono não deixando, porém, de o fazer aparecer, ás vezes.

Caci$_2$, não é, como nenhum dos outros espiritos da teogomia tupi-guarani, mau. Sua principal missão é o bem, é fazer com que os individuos sejam cuidadozos com seus objetos perdiveis, ou aucilial-os no axamento de perdas, estravius etc. ocazionais; embora ás vezes divirta-se escondendo, ocultando, fazendo perder, etc. objectos, que são depois facilmente axados. Tambem ás vezes diverte-se fazendo perder-se alguem que pouco depois faz retomar a vereda perdida.

A respeito deste, como os outros, inofensivo espirito, que nosso povo em suas div. lendas e contos reprezenta como um pequeno cabodo com uma só perna e pé voltado para traz, ou mesmo sem pé, com uma carapuça vermelha na cabeça, um olho no meio da testa, uma ferida incuravel no joelho, e outras estravagancias, muito ajil, andando aos pulos e saltando a grandes alturas, corre pelo interior uma infinidade de anedotas, cazos contos, etc. cada qual mais inverosimil. E como superstição, favoravel ao axamento de animais perdidos, fujidos, etc., bastando para fazer axar ou aparecer o animal acender-lhe uma vela e oferecer-lh'a. O individuo sái depois, e com o maior afinco, á procura do animal; si o axa foi o *saci,* então já denominado *molequinho de pastorejo,* que o fez aparecer.

Ha uma ave dedicada a ele, é o *Caci-guirá*$_2$, ave da ord. dos trepadores, fam. dos cuculides do jen. *Coccygus.*

J. MAIA.

A exportação de Goyaz em 1918

Na mensagem presidencial enviada ao Congresso Legislativo goyano, pelo Desembargador João Alves de Castro, no dia 13 de Maio ultimo, respigamos os seguintes dados estatisticos que demonstram a lisongeira prosperidade do grande Estado central, apezar do desamor com que o trata o governo da União :

NEGOCIOS DAS OBRAS PUBLICAS

Este departamento da administração publica, que abrange os serviços relativos á agricultura, á emigração, á immigração e colonisação, ao commercio, á industria, á illuminação publica, ás terras do Estado, á mineração, ao regimen florestal, á viação publica e á conservação das estradas, continúa, pelos motivos que já vos expuz o anno passado, sem ter o desejado desenvolvimento.

Todos os esforços do governo cedem diante da difficuldade dos nossos meios de transporte, da falta de viação ferrea que, já se tem dito, representa o systema arterial do organismo dos Estados.

Por mais folgada que seja a nossa situação, ainda não estamos em condições de enfrentar, exclusivamente por nossa conta, a solução de tão momentoso problema.

Tenho por isso recorrido sempre ao governo da União, solicitando as suas vistas para que o plano de viação geral seja posto em pratica relativamente a Goyaz, certo como é, que uma das condições para o desenvolvimento agricola está justamente na certeza que possam ter os productores de que os seus productos cheguem com presteza aos mercados consumidores.

Não obstante essa triste situação, que faz com que continuemos separados por enorme distancia dos grandes centros, posso garantir-vos que a nossa situação economica é muito promissora e que a riqueza publica vae se augmentando dia a dia.

O commercio, a industria e a agricultura, se desenvolvem regularmente, sendo que a industria pecuaria muito está melhorada com o esforço feito para a selecção das raças.

Os dados officiaes em 1918 attestam os maiores algarismos até então notados na exportação, que foi a seguinte, subindo o seu valor a 1.046:850$349 contra 962:980$610 em 1917 :

Bois (cabeças)	83.598
Vaccas "	363
Cavallos "	107
Muares "	25
Suinos gordos (cabeças)	10.992
Suinos magros "	4.521
Carneiros "	704
Kilos de fumo em rôlo	196.728
" " crystal	2.722
" " salitre ou mica	3.147
" " borracha	2.525
" " solla e pelles cruas	65.819
" " couros salgados	6.915
" " pelles diversas	47.275
" " arroz com casca	6.398.183
" " " beneficiado	326.570
" " toucinho	243.644
" " carne de porco salgada	92.762
" " xarque	724.854
" " sebo e graxa	97.917
" " feijão	1.524.902
" " banha derretida	228.783
" " oleos e azeite	1.127
" " tripas e linguas	1.679
" " ossos e unhas	1.422
" " farinha de milho	3.555
" " sola em obra	1.551
" " sabão commum	468
" " assucar grosso	88.427
" " manteiga	3.158
" " amendoim	6.672
" " milho	3.536
" " queijo e requeijão	23.040
" " mamona	21.216
" " algodão	14.365
" " telhas	48.225
" " polvilho	526
" " marmellada	4.694
" " aves domesticas	2.416
Duzias de taboas	56
Metros de madeira	278
Kilos de paina	892
Caixas de garrafas vasias	1.418
Mercadorias diversas	158.709

A industria pastoril continúa a ser a nossa principal fonte de renda, não obstante ser a exportação menor em 33.342 cabeças de gado bovino do que a de 1917, que se elevou a 117.303 cabeças.

Muito influiu para o retrahimento dos boiadeiros uma noticia maldosamente espalhada no Estado por um semanario desta capital, garantindo que o Commissariado da Alimentação Publica, então sob a direcção do illustre conterraneo Dr. Leopoldo de Bulhões, havia fixado em 110$ o preço do gado nas praças de S. Paulo, Rio de Janeiro e Goyaz.

O effeito prejudicial aos interesses do Estado foi conseguido, como se verifica pelo rendimento das Recebedorias e, se não fôra o desenvolvimento das industrias existentes ao lado da previdencia do governo, taxando *ad valorem* o imposto de exportação, teriamos nos encontrado em situação embaraçosa.

Minas versus Goyaz

MICAS ou *malacachetas*. Em laminas, serve para vidraças, no interior de MINAS e na Siberia (Gorceix).

No Brasil ha grandes jazidas desse mineral em MINAS E. DO RIO e S. PAULO.

Roquette-Pinto — *Elementos de Mineralogia* (Applicada ao Brasil).

MICA. — Le mica,, en grandes lamelles incolores, jaunes ou noirâtres, vient de la province de Goyaz, oú il se trouve prés du chef-lieu de la province et prés la ville de Meia Ponte. Dans le pays, il est utilizé, como en Russie, pour garnier les fenétres et remplacer les verres á nitre. — Gorceix — *Le Brésil en* 1889.

*
* *

QUARTZO HYALINO ou *crystal de rocha*. Muitas vezes é encontrado em grandes crystaes, medindo quasi um metro de comprimento. O Museu Nacional possue um bellissimo exemplar desse achado em Minas Geraes. — Roquette — Pinto — obr. citada.

QUARTZ. — Le quartz bien purs, propres á la fabrication des lentilles des instruments d'optique, des verres de lunette, proviennent presque tous de la *Serra-dos Crystaes* province de Goyaz, á peu de distante de sa limite avec celle de Minas Geraes.

. . . .

Le mineral, si abondant dans la province de Minas Geraes, ne se présente que rarement dans un état physique qui permette de l'utiliser. — Gorceix, ob. cit.

"Em crystal de rocha é a provincia de Goyaz tão rica, que, segundo Cunha Mattos, poderia abastecer as manufacturas do mundo inteiro.

. . . .

O commercio dessas pedras já foi bastante activo, entretido quasi todo pelas cidades de Paracatú e Formiga, em Minas Geraes, as quaes mandaram tropas de mercadorias até Santa Luzia, a cinco leguas da Serra, para voltarem com carregamentos de crystaes. Pohl cita o facto de um tenente de Paracatú que, encetando com poucos meios este genero de negocio, em tres annos ajuntou uma fortuna de 30.000 cruzados, o que certo é de contentar os mais ambiciosos.

Este movimento entre Santa Luzia e Formiga, muito seguido, segundo informações do meu amigo o Sr. major João Teixeira de Carvalho, até o anno de 1840, e ainda hoje existente, faz-me com tal ou qual convicção de certeza acreditar que os dous immensos crystaes de mais de duas arrobas de peso que se viam na exposição de Minas Geraes, como vindos da Formiga, tenham sido trazidos de Goyaz, e da Serra dos Crystaes".

Alfredo de Escragnolle Taunay — *A Provincia de Goyaz na Exposição Nacional de* 1875.

O que acima fica, sem commentarios, justifica o titulo destas linhas.

AMERINDIA

I

Como só agora se lembrasse o meu grande amigo Henrique Silva le remetter-me "A Informação Goyana", fiquei privado de ha mais empo lel-a e perdi os anteriores artigos da série, sob a epigraphe de Glottologia Indigena", com que vem collaborando nesta esplendida evista o Dr. Jorge Maia, — o tapejara maximo de nossos actuaes inligenistas.

Occupa-se o Mestre, no ultimo numero (15 de Maio), das palavras — *macaùba, bacaíba, aguaraíba, imbaùba, ipeuva, yanduiba, cobreùvo, handubá* e *abati*.

"Volto, diz, a respigar no bello trabalho do nosso sempre lembrao Taunay, *Scenas de Viagem*, onde se me offerece farta messe." E, proposito da palavra *macaùba*: "A etymologia dada por Taunay refere-se-lhe apenas, sem a transcrever) é simplesmente ridicula."

Amicus Plato, sed magis amica veritas... Nem os *cotiaçaras*, vêe, se poupam na desapiedada ceifa.

Assim, ha-de tambem o Mestre conformar-se a que os discipulos ne mettam a mão na tiguera e procurem bongar alguma espiga resante. E sirva, de estreia, a propria etymologia contraposta á increada de tão ridicula.

— "MACAÙBA. E' a palmeira *Acrocomia sclerocarpa*. Mart., ambem conhecida por macaùba e *coco de catarrho*. Tanto *macaíba* omo *macaùba* são form. corrup. de *makãi. ba. bi.* de *makã*, ave aquaca da ordem dos palmip., famil. dos colymbidos, do gen. *Podiceps*, i'g.—mergudhão, e *i. ba. bi*, arvore, etc.—arvore do mergulhão."

Mal se alcança que as fórmas vulgares da palavra sejam corromidas da originaria, só pela differença de nesta se intercalar um extravagante *k*, que naquellas se faz suppôr tivesse mudado em *c*. E' ma differença arbitraria, sem nenhuma razão de ser; pois que, a erdadeira e unica reside na pronunciação da penultima syllaba de *acaíba*, isto é, do *í*, por outros escripto com *y*, soando "entre *u* e *i*," omo ensina Luiz Figueira, em sua *Arte de Grammatica da Lingua rasilica*, pronunciação, aliás, muito difficil para nós outros, e que ualquer destas vogaes não no'-a chega a representar bem. No mais, fórmas indigena e vulgares da palavra confundem-se completamente.

O nome de ave aquatica, Montoya escreve-o *macang*, — "especie pato, que trae sus pollitos, cuando son tiernos, en sus espaldas." ozano, falando sobre a *Terra e Lagôa dos Patos*, diz: ..."pero entre ellos (patos), es digno de mencion el que llaman en guarani mapelo." Baptista Caetano dá: "*Macã=macang* s. nome generico de rgados sobre sus espaldas sin que esta dulce carga le retarde el ulo." Baptista Caetano dá: "*Macã=macang* s. nome generico de atos mergulhadores (*brachypteros*)."

Marcos Sastre, em *El Tempe Argentino*, escreve *macá* (com acento agudo na ultima syllaba), e assim nos apresenta a interessante e:

"Entre las aves acuáticas de más provecho, abunda mucho el *acá*, del género de las grevas. Aunque clasificado entre las palmípeas, no tiene membrana en los piés como los patos, sino los dedos serados y aplastados como pala de remo, y sin uñas; es un aparato clusivamente para nadar, asi es que no le sirve para andar en tierra, por eso no se le ve nunca caminar ni asentarse en el suelo. No tiene la, ni vuela sino a remesones, y siempre rasando la superficie del ua.

Estas aves deben apreciarse por su mucha grasa, por su carne de sto agradable, por los huevos que se comen como los de gallina, por pluma abundante, suave y lustrosa, y por su espeso y finísimo plun. Seria muy facil sujetarlos en charcos y estanques, porque no eden caminar ni escaparse volando. Se mantienen de pececillos y insectos que buscan dentro del agua.

El *macá* no debe confundirse con el *biguá*, llamado *zaramagullón* r los españoles. El primero es de vientre ceniciento y manto gris y segundo es todo negro; el *macá* tiene el pico recto y agudo, el *biguá* corvo en su extremidad. Este tiene la cola en forma de abanico, membranas entre los dedos, y vuela con bastante rapidez. El plumaje del *biguá* no es impermeable como el del otro; por ese motivo se le ve con frecuencia parado sobre los troncos de las riberas con las alas extendidas para orearse."

Qual o ponto de relação, porém, entre o *macã* e a *macaúba* para que a *Acrocamia sclerocarpa* de von Martins seja a *arvore do mergulhão* para o selvagem, é o que profanos não comprehendem. Explica-o, arvorando se em pagé, o Dr. Jorge Maia:

"Assim como os cursos d'agua são dedicados a animaes e cousas, assim tambem as plantas são dedicadas a animaes."

Não é que a planta possa ás vezes referir-se a este ou áquelle animal, como dizemos — *herva de lagarto, orelha de rato rabo de raposa, lingua de vacca, papo de perú, crista de gallo, pé de gallinha, pégapinto, cipó-camarão, canella de veado*, etc., etc.; estabelece-se como principio absoluto que os animaes fiquem substituindo os velhos deuses do paganismo greco-romano para que se lhes consagrem todas as plantas. Pura adaptação da Flora Mythologica ao meio indigena. O carvalho, por exemplo, consagrar-se-ia aqui ao macaco em vez de a Jupiter; o cypreste, á coruja rasga-mortalha, em vez de a Plutão; o myrto, á jurity, em vez de a Venus; etc., etc. Seriam proscriptas as inuteis hamadryades. Ou foi porventura o totemismo entre arvores sob o alto presidio de Caapóra, que o Dr. Jorge Maia descobrio e nol-o veio revelar.

Mas, ainda assim, cumpriria explicar a razão da preferencia do *macã* ao *macauã* (*Falco cachinans*), soando os nomes quasi identicos, para que se dedicasse a *macaúba* áquelle e não a este. Deve haver um criterio nessas consagrações...

"As fórmas *bacaíba bacaúba, bacaiuva*, etc.,—prosegue o Dr. Jorge Maia, — pertencem a outra palm. do gen. *Cocos*, talvez (*sic*) a *C. gommosa* (*botryophora*) Mart., e provêm de *mbakaíba*, de *mbáka*, neolog.—vacca, e *ibá* (de *ib*, rad. de *iba*, e... *á*), fructo: fructo da vacca (da arv. da); vulg.—*baba de boi*, que não deve ser confundida com a preced." (isto é, com *macaíba* ou *macaúba*).

Quem está redondamente enganado é o Dr. Jorge Maia. Será um Proteu a *Acrocomia sclerocarpa*, mas é indubitavel que assume todas essas e muitas outras fórmas como *macajùba, bocayùva*, etc. A fórma de *bacaba* ou *macaba* é que não lhe cabe, como lh'a dá com a etymologia de "*mbae-caba*, a cousa gorda, a fructa carnuda ou polposa", o Dr. Theodoro Sampaio na salada de fructas do seu "Tupi na Geographia Nacional": *bocaba* ou *macaba*, sabe toda a gente que é outra planta...

Adivinha-se que o Dr. Jorge Maia quiz arranjar algo do nome *baba-de-boi* que o traduzisse ou lhe correspondesse, embora o hybridismo, em tupí-guaraní; e d'ahi, fingil-o de *Acroçomia sclerocarpa*, e engendrar-lhe essa sesquipedal etymologia de "fructo de vacca", como si antes da importação do gado ás plagas americanas nem siquer um nome lidimamente indigena o merecesse a nossa bella palmeira.

Concebe-se que o amboaba désse o nome de "baba-de-boi" e até de "fructo da vacca" á planta; como á *hya-hya* da Guyana, que parece ser a nossa *maçaranduba*, chamam "arbol de leche", "palo de vaca", "arvore-vacca"; que o désse o Indio, nunca.

Jámais houve duvida sobre o nome indigena do "baba de boi", que é *jaraibá* ou *jaribá*, é sob estas fórmas e outras, como *jarivá, juruvá, jerivá*, etc. é vulgar e synonymamente conhecido o coqueiro.

Dá-o o Visconde de Beaurepaire-Rohan em seu "Diccionario de Vocabulos Brazileiros":—"*Jerivá*. s.m. (R. Gr. do S.) Palmeira do gen. *Cocos* (*C. Martiana*, Drude, Glaziou). *Etym*. Origina-se do tupy *Jaraïbá* nome que tambem lhe davam, ou a alguma especie congenere, os Guaranis do Paraguay. Entre nós ha quem lhe chame *Jarivá*. No Rio de Jan. é mais conhecido por *Baba-de-boi*. Na prov. de Matto Grosso lhe chamam indifferentemente *Jerivá* ou *Juruvá*."

Baptista Caetano diz: "*Yaribá* rel. de *aribá* fructo de quéda, ou

que cáe atôa, temporão; tambem em vez de *haribá* no abs. *taribá* fructo de cacho, ou panca.”

O logar abundante neste coqueiro é, e consta de nossa toponymia: *Jeribatiba, Geribatiba, Gerybatyba, Jurubatuba, Jaraigbatiba*, etc. Do rio assim chamado diz Frei Gaspar da Madre de Deus, em sua “Memoria para a historia da Capitania de S. Vicente”: “rio em cujas margens abunda a palmeira *gerivá*.” Outro tanto dil-o, em seu “Glossario de palavras indigenas”, Frei Francisco dos Prazeres Maranhão.

Ora, a etymologia dada por Taunay a *macaúba* é que esta palavra provém de — “*amaca*, rede, e *yba*, arvore (lingua tupi).”

Só do lado do hespanhol, no “Tesoro”, teria elle encontrado para “*Yñi*, — hamaca...” Equivoco. Veio-lhe provavelmente á ideia a *maqueira de tucúm*, tão usual na Amazonia, lembrou-se de *maca*, com o correspondente francez *hamac* e inglez *hommock*, “probably an Indian word”, segundo Webster,... e suppoz haver descoberto a origem do vocabulo.

Nem tamanho porém, foi erro que seja maior do que os mais. Antes, para estes é que parece ficaram reservadas as gargalhadas homericas.

Afinal, sempre o Indio a pagar o “macã”, que não comeu!...

JOSE' GERALDO.

Nictheroy, Gragoatá, n. 29. 11 Junho 1919.

A fronteira Goyana-Mineira

SEGUNDO O DR. J. E. POHL EM 1818

O parentesco entre os Habsburgos e os Braganças fez com que, em Vienna, a sciencia official se interessasse, mesmo antes do “Grito do Ypiranga”, pelas cousas brasileiras e, especialmente, pela sua geographia, flora, fauna e reino mineral.

Fundou-se em Vienna já pelos fins do seculo XVIII o Imperial e Real Museu Brasiliano (K. k. Brasilianer Museum), que enviou para o interior do Brasil elevados vultos da sciencia, afim de descobrirem scientificamente os Brasis.

Os homens enviados por esse museu, que em suas penosas viagens percorreram tambem a então pouco habitada capitania de Goyaz, foram principalmente o Dr. Wilhelm von Eschwege e o Dr. Johann Emil Pohl.

O Dr. Johann Emil Pohl, docente *ad honorem causae*, em geognosia da antiga Universidade Theresiana em Vienna, percorreu o Brasil Central, tomando o seguinte roteiro: De São Sebastião do Rio de Janeiro á Villa Angra dos Reys, Villa de Barbacêna, S. João d'El-Rey, Villa Paracatú do Principe, Serra dos Crystaes, Arrayal de Santa Luzia, Serra dos Pyreneos, Villa Bôa de Goyaz, Anicuns, Rio Claro (?), de onde foi para a Capitania de Matto Grosso, terminando a sua viagem, em 1820, em Cuyabá.

Os relatorios da longa viagem, que são verdadeiras preciosidades em materia de geographia, chorographia e geognosia, foram publicados, successivamente, em Vienna (em 1818, 1819 e 1820), e colleccionados n'um volume, sob o nome “Beytraege zur Gebirgskunde Brasiliens, nebst Aufzaehlung alles eingesammelten, und im K. k. Brasilianer-Museum in Wien aufbewahrten einfachen und zusuammengesetzten Fossilien, Wien, 1832”.

(Contribuições á Geognosia do Brasil e enumeração de todos os fosseis simples e compostos, colleccionados e guardados no Museu Brasiliano em Vienna, editado nessa cidade em 1832).

Nesta obra o Dr. J. E. Pohl, que se tornou intimo amigo do Capitão-Mór de Goyaz, Fernando Delgado Freire do Castilho, fixa com nitidez irrefutavel os limites entre as Capitanias de Goyaz e Minas Geraes, particularmente entre Paracatú do Principe e Serra dos Crystaes, no trecho que se segue: “Das Thonschiefergebirge mit ueberlagerstem Quartzschiefer der Serra Santa Isabel, welches von Osten nach Westen zieht, und mit den von Norden nach Sueden laufenden Graenzgebirge der Capitanie sich vereinigt, zeigte bei dem Uebergange in Westen, den Quarzschiefer in Platten abgesondert, mit einzelnen aufgelagerten Stuecken von Brauneisenstein. An der Ostseite, wo es ziemlich steil, besteht das eswaehnte *Graenzgebirge, beym Uebergange Serra Tiririca genannt* aus Thonschiefer. *Aufder Anhoehe welche die Graenze zwischen der Capitanie Minas Geraes und Goyaz macht, folgt eine Hochebene* (chapada). Die meisten Gebirge Brasiliens haben das Eigentuemliche, das sie in ihrer Sued oder Ostseite steil sind, und auf der Anhoehe sich in meilenweite Hochebenen ausbreiten, hinter denen sich noerdlich von Zeyt zu Zeyt wieder neue Gebirgszuege aufthuermen und terassenfoermig fortsetzen.

(Traducção: A elevação argilo-piçarrenta com camadas sobrepostas de schistos quartzosos da Serra Isabel que se estende, de léste para oeste, unindo-se assim com a serra que, correndo de norte para o sul, fórma a fronteira da Capitania, demonstra na sua passagem para o oeste o schisto quartzoso em laminas separadas, em cuja superficie se acham blocos soltos de pedra Tapiocanga. A léste, onde sóbe, em aclive sensivel, *esta Serra da divisa que na sua passagem é chamada Serra Tiririca*, compõe-se de schistos argilosos. *Do seu espigão, que fórma a fronteira entre as Capitanias de Goyaz e Minas Geraes segue-se uma chapada*. A maior das serras no Brasil têm uma singularidade: de cahem ao sul ou a léste em taludes ingremes, ao passo que o seu alto se extende em chapadas de extensão de leguas atraz das quaes, ao norte, de quando em vez, se amontoam novas cordilheiras que se seguem em fórma de terrado).

Por este irrefutavel documento prova o eminente scientista viennês claramente que a divisa entre Minas e Goyaz corre pela crista da Serra Tiririca, pertencente á chapada que do alto da serra se estende para o oeste e onde se acham as cabeceiras de varios tributarios do Rio S. Marcos, indiscutivelmente goyano.

Torna-se de facto incomprehensivel, como Minas, “a grande e generosa Minas”, apezar de opiniões abalisadas como as de Castelnau, Pohl, Rio Branco, Homem de Mello, Cunha Mattos e outros, apezar do accordam do Supremo Tribunal Federal, ainda não se curou da detestavel cubiça de territorios tão provadamente goyanos.

Ypameri, 19 de Maio de 1919.

CARLOS HASS.

Engenheiro civil

N. R. — Com o artigo supra mandou-nos o autor uma carta cujo topicos que mais interessam á questão vigente, a seguir transcrevemos

“Ha muito que acompanho com vivissimo interesse a brilhant quanto patriotica argumentação com que V.S. defende os justos direito de Goyaz contra a cubiça annexionista de Minas. Conheço parte do ter ritorio situado entre as serras Andrequicé e Tiririca e o rio S. Marcos e devido a esta circumstancia é que comprehendo perfeitamente a mu ta vontade de Minas, de incorporal-o ao seu dominio, pois acham-se ahi optimas mattas e riquissimas pastagens, que, actualmente, quasi sem beneficio algum, dão sustento a 70.000 cabeças de gado bovino.

Visto a importancia economica desta facha de 25.000 a 30.000 k lometros quadrados de sólo goyano, que com o prolongamento da E. F. Central do Brazil lucrará consideravelmente, todo Goyano deve d fendel-o com toda a energia e enthusiasmo.

Eu, como admirador de Goyaz e amigo dos Goyanos, sinto-me f liz por ter, em antigos relatorios do Imperial e Real Museu Bras liense de Vienna d'Austria, encontrado um trecho que contém a prov evidente e irrefutavel de que a crista da Serra Tiririca formava fronteira entre as Capitanias de Minas e Goyaz, já ao tempo da gra de viagem do Dr. Pohl, isto é, em 1816 a 1820.”

Não juntamos aqui a opinião unanime dos mais competentes ge logos que se occuparam do notavel accidente geographico que é a C deia Central ou Goyana, — por elles considerada a linha divisoria Goyaz e Minas, porque o director desta Revista faz parte da commi são de limites que o nosso Estado manda ao 6° Congresso de Geogra phia a reunir-se em Bello Horizonte no proximo mez de Setembr Basta que lhes citemos os nomes illustres, dignos de todo o acatame to; Pissis, Castelnau, Gorceix e Orville Derby.

NOTAS E COMMENTARIOS

Decididamente que o Sr. Afranio de Mello Franco quer tornar prohibitiva a exportação dos productos goyanos. Por outro lado é transparente o seu intuito de vedar ıos goyanos trazer aos mercados consumidores do littoral ıs productos da sua lavoura e industria pecuaria que nes- es ultimos quatro annos vem avolumando a exportação ırasileira pelo porto de Santos.

Ao invés de mandar adoptar nas vias-ferreas que ervem o longinquo Estado, tarifas differenciaes para cer- as mercadorias, como por exemplo o sal, carissimo no Es- ado, e os productos pecuarios, que o mesmo exporta, — . Ex. acaba de mandar augmentar de 20 % as tarifas da oyaz e da Companhia Mogyana.

Não é crivel, nem admissivel, que uma Companhia ica e prospera como a Mogyana, que ainda o anno passado istribuiu aos seus felizardos accionistas pingues dividendos, ouvesse solicitado de *motu-proprio* aquelle augmento nas arifas em vigor nas suas linhas ferreas. O mesmo póde-se izer do ramal da Goyaz, na secção de Araguary a Ronca- or, cujo augmento de rendas vem num crescendo desde ue penetrou o territorio goyano, augmento de rendas este ue ainda outro dia causa admiração ao Dr. João Teixeira oares, o illustre engenheiro-constructor das mais importan- s vias-ferreas nacionaes.

Ambas as ferro-vias têm suas estações abarrotadas de ıercadorias goyanas, cereaes principalmente, que lá estão podrecendo por falta de meios de transporte.

O grande publico em geral ignora o intercambio dos stados de Minas, S. Paulo e Capital Federal com o de oyaz, cujos artigos de importação e exportação são vehi- ılados pela Mogyana.

Para que se faça idéa do movimento geral de uma das ıas estações no Triangulo Mineiro, a de Uberabinha, por cemplo, onde se fazem o desembarque e o embarque das ercadorias que entram e sahem do sudoeste de Goyaz, pu- icamos a seguir os seguintes dados officiaes colhidos na ıspectoria Federal dos Estados, dados estes referentes ao ıno de 1917 :

agagens e encommendas	157.237	Kilogs.
ereaes	3.570.212	"
ssucar	60.551	"
ıfé	287.534	"
ouro	38.489	"
ımo	9.286	"
ateriaes	559.400	"
l	2.998.339	"
oucinho	402.552	"
versos	3.807.754	"
Somma	11.891.354k	"

ıimaes em trens de passageiros	176	cabeças
" suinos	7.602	"
" vaccum	26.380	"

Passageiros : 1.ª classe	2.794
2.ª classe	8.856
Somma	11.644

De muito maior movimento é a estação da Mogyana, Araguary, em correspondencia com a E. de F. Goyaz. Uberaba, servida pela Mogyana, é outro grande entre- sto do commercio goyano.

Depois, é o amigo intimo do titular da pasta da Via- , o engenheiro nephelibata Sr. Pires do Rio, que preten- de negar as possibilidades economicas do grande Estado central da Republica.

* * *

Como já dissemos aqui mesmo nestas columnas, Goyaz com o seu tão malsinado sertão, "o vasto hospital", foi o pretexto para a criação do ministerio da Saúde Publica, que devia iniciar seus trabalhos pelo saneamento rural do Brasil.

Da verba votada pelo Congresso Nacional para esse serviço, nem um ceitil foi-lhe distribuido — a elle, o nunca assás esquecido "vasto hospital". No emtanto, o Paraná, que passa por um dos mais salubres Estados da União, já foi contemplado, e assim o Districto Federal, o Maranhão e outros Estados não palmilhados pelos emissarios de Manguinhos, os nossos bons amigos Srs. Arthur Neiva e Belizario Penna.

E' que periquito come milho e papagaio leva a fama...

* * *

Goyaz e Matto Grosso, os dois Estados havidos como da rabadilha das demais unidades da União, merecem destaque neste momento de pavorosa crise economica em que se debatem os chamados Estados *leaders* da Republica. Goyaz tem um saldo de 1.754 contos em deposito no Thesouro, os seus funccionarios pagos em dia e não tem dividas internas nem externas !

Matto Grosso tambem possue um saldo de cento e tantos contos em cofre e tem seus funccionarios pagos em dia

E' incalculavel o que será a grandeza de Goyaz, quando os trilhos da Estrada de Ferro do Tocantins e os da Goyaz alcançarem a margem do magestoso Araguaya !

Então o futuro Estado mais central da Republica verá os innumeraveis productos da sua lavoura e das suas industrias, principalmente a pecuaria e as extractivas, se escoarem pelo porto de Belém do Pará, no Atlantico norte, e pelo de Angra dos Reis, no Atlantico sul.

E' lastimavel que apenas os Srs. Mello Franco e Pires do Rio não estejam convencidos das vantagens multiplas para o paiz, que advirão da conclusão das duas linhas-ferreas acima alludidas, o mais breve possivel.

* * *

O nosso brilhante collega *Lavoura e Commercio*, de Uberaba, inseriu na sua edição de 1.º do corrente mez o seguinte telegramma, que lhe mandaram de Santa Rita do Paranahyba, Estado de Goyaz :

SANTA RITA DO PARANAHYBA, 29. — Foi aberta nesta cidade uma subscripção popular para mandar uma conducção a Monte Alegre, afim de trazer as malas do Correio que se acham accumuladas naquella agencia desde Dezembro. O serviço postal tem estado digno de lastima, tal é o descaso em que é tido o interesse publico. O agente de Monte Alegre, ora remette as primeiras malas chegadas áquella agencia, ora as ultimas. Toda a população, reclama providencias dos poderes publicos sem lograr até agora ser attendida.

A proposito, faz o bem informado periodico do Triangulo Mineiro estes commentarios:

"Não ha ninguem neste vasto territorio que não tenha as suas queixas e queixas amargas contra os Correios. Quando não seja por causa de uma carta que se extravia para destinos ignorados, é por um registrado com valor

que se desapparece por artes sómente explicaveis pelo Codigo criminal. A's vezes, as queixas do publico se originam da indolencia de carteiros de hypothetica consciencia que preferem atirar com a correspondencia ao matto a ter a trabalheira, — para que são pagos, — de entregal-a aos seus destinatarios. Não se diga que isto seja invencionice ou prevenção contra os Correios, porque facto egual se deu ha pouco em uma cidade muito nossa conhecida. Quando não seja por tudo isso que ahi ficou dito, sem carregarmos nas côres, nem nos servirmos de termos menos cortezes, os desgostos das partes prejudicadas nascem de factos ainda de peor ordem.

Sabemos, por exemplo, ser commum em agencias postaes do interior do Estado, venderem-se aos kilos os jornaes que não são procurados immediatamente pelos assignantes, quando entretanto os referidos agentes são obrigados pelo regulamento a devolvel-os aos remettentes, si depois de determinado prazo não forem entregues.

Mas não vale a pena estarmos aqui a fallar nas irregularidades que são hoje as maiores bellezas do nosso serviço postal.

Si quizermos insistir nesse ponto, seria um nunca acabar, porque reclamações nos chegam de toda parte contra correios atrazados, linhas interrompidas, malas accumuladas em agencias, aguardando ha mezes transportes, finalmente, mil e muitas anomalias que estão prejudicando assazmente o inter-cambio das idéas, as relações commerciaes e sociaes."

Contribuição para o conhecimento dos peixes encontradiços em Goyaz

Da curiosissima familia *Electrophoridae*, ordem dos *Gymnoti*, os ichthyologos apenas dão para as aguas doces do Brasil uma só especie — o *Poraqué* ou *Peixe-electrico*, e por *habitat* Amazonia e Guyanas, a despeito de sua distribuição geographica alcançar a região central do paiz, ou cerca de 15º de latitude austral.

Quanto á extensão do alludido *habitat*, se o que asseveramos não é nenhuma novidade — pelo menos ha sido systematica ou propositalmente olvidado pelos zoologos estrangeiros e nacionaes que se occuparam do assumpto.

Mas o interessante vem a ser, neste capitulo, o que Carlos H. Eigenmann, que passa pelo maior sabedor da pisci-fauna brasileira, acaba de asseverar no *Boletim do Carnegie Museum de Pittsburgh*, isto é, que "os peixes electricos são abundantes nas Guyanas, na Venezuela e no Guaporé. NÃO SE OS ENCONTRA NO BRASIL" ! ! !

Máis adiante accrescenta o mesmo *savant*, em tratando dos perigosos peixes do Brasil : "Ha diversas especies de pirahys ou piranhas. Outros peixes existem ainda, e perigosissimos. Os cascudos, por exemplo, produzem mesmo a morte".

Este conceito sobre um dos mais inoffensivos peixes das nossas aguas doces, faria rir se não exprimisse a assás conhecida ignorancia dos ichthyolos no respeitante á fauna do nosso paiz.

Mas, o que é bem uma novidade para os naturalistas, é a existencia, no Brasil central, de mais duas distinctas especies de peixes munidos de apparelhos electricos que lhes servem de armas de ataque e defesa.

Entre os peixes electricos, o mais commum é mesmo o Poraqué (*Electrophorus electricus*), vulgarmente conhecido pelo nome de *Trême-trême*, em Goyaz.

Não nos importa saber si se tratam de especies elementares ou de simples fórmas locaes, — o que só o seu estudo anatomico, histologico ou embryonario poderá dizer; mas o que podemos affirmar sem nenhum receio de contestação série é a sua existencia num dos nossos mais ricos districtos zoologicos, aliás, incognito para o mundo scientifico.

Esta região central do paiz, remota, menos do que as outras perlustradas dos sabios, mal prezada dos pedantes que a prejulgam sem ao menos a reconhecerem *de visu*, ficou desde os tempos coloniaes marcando no mappa do Brasil a mais fundamental lacuna a se preencher sob o ponto de vista das explorações scientificas. Impõe-se apagar a impressão dessa desoladora lacuna.

Tudo quanto da *inter-land* brasileira deram ultimamente a dizer por ahi, não passa de repetições de conceitos extravagantes, discordes da verdade — maximé sobre a fauna e flora, que não as ha nem mais rica, nem mais variada em toda esta parte da America, ou mais propriamente — em toda a região neo-tropica.

Sem a minima preoccupação no tocante ao interesse que porventura possa merecer no circulo de naturalistas energumenos o presente informe sobre as especies ou variedades faunisticas que os dois documentos iconographicos

"Poraqué" ou "Peixe-electrico", "Electrophorus electricus" da moderna systematica.

acima representam com suas côres naturaes e outras minucias tomadas ao vivo, todavia se nos afigura este esforço desinteressado prestadio subsidio para o estudo da quasi absolutamente desconhecida icthyo-fauna da longinqua região goyana que a casmurrice dos theoricos como tambem a inconsciente propaganda dos mercenarios ignorantes procuram separar do valle amazonico.

———

A existencia de mais uma ou duas especies de peixes electricos em alguns rios de Goyaz, nenhum pescador ahi ignora : Castelnau, collecionador que foi de peixes os mais commummente conhecidos no Araguaya, fez na descripção da sua viagem ao grande rio, referencias ás alludidas especies de Narcobatideos — segundo informação dos pescadores ribeirinhos, embora não as colligisse.

Igualmente o Dr. Virgilio de Mello Franco, na sua *Viagem á Comarca da Palma*, referindo-se aos peixes electricos do rio Paranatinga, ao norte goyano, diz : "Ha d

duas especies — as cinzentas e as amarellas, que dizem ser muito mais electricas".

Este rio Paranatinga é um dos grandes formadores do Tocantins, que de Bôa-Vista para cima nenhum zoologo o conhece.

Nós mesmos, na *Fauna Fluviatil de Goyaz*, volume I, fizemos da especie amarella de peixe electrico uma descripção tão minuciosa quanto possivel, n'um trabalho d'aquella natureza.

Mas a recente descoberta de mais um specimen da mesma familia, feita pelo nosso intelligente collaborador do *Catalogo dos Peixes do Brasil Central*, Sr. Manoel do Couto Brandão, levou-nos desde logo a admittir a existencia de uma terceira especie ou variedade de peixe electrico no Araguaya — o magnifico rio de surprehendentes bellezas que allucinam todos quantos o têm visto, com suas aguas tranquillas continuando por entre o mysterio das mattas sem fim.

Couto deu-nos, a respeito das duas fórmas novas de Narcobatideos que colligira, os seguintes informes que para aqui trasladamos textualmente :

"Existe em Conceição de Araguaya, duas especies de peixes electricos, além do nosso conhecido Trême-trême, que no Pará chamam Poraquê.

As duas especies, ás quaes me refiro, foram caçadas aqui em Conceição, e creio devem ser especies novas. Uma d'ellas se parece muito com a Lampreia aqui do Araguaya, differençando-se apenas quanto ás dimensões e ausencia das manchas transversaes.

Os maiores individuos que cacei mediam 35 a 40 centimetros.

Uma das especies é toda côr castanho-escura; a outra, que é mais terrivel, pelas fortissimas descargas electricas, apresenta todo o corpo amarello, tirante ao dourado, com a extremidade da cauda de um encarnado vivo, sanguineo.

Numeros I e II, especies novas, não classificadas zoologicamente, de "Electrophoridae". Ambas peculiares no Araguaya, seus affluentes, e Alto-Tocantins, em Goyaz. Dellas, a primeira é amarella e a segunda cinzenta; são mais electricas do que o "Poraquê", que é mui vulgar e conhecido em Goyaz pelo nome de "Trême-trême".

Da minha recente viagem de descida ao Pará, procurei no Museu Goeldi vêr algum exemplar destes peixes electricos, porém só vi um specimen do nosso conhecido Trême-trême do rio Vermelho...

Temos, assim, já collecionadas, tres qualidades de peixes electricos da nossa terra".

Depois destas annotações, tão exactas quanto precisas, devidas de mais a mais a um provecto pescador araguayano, com o merito da observação *in-situ*, apenas nos são permittidas algumas observações pessoaes sobre a biologia destes interessantes peixes.

As descargas electricas da especie vermelho-viva ou dourada, são extremamente dolorosas, como sabemos por experiencia propria, pois d'ella já apanhámos ao anzol varios individuos adultos, no rio Vermelho, proximidades da capital de Goyaz.

O Trême-trême, escuro uniformemente, excepto o papo amarello ou esbranquiçado, attinge não raro 1 ½ metros de comprimento — emquanto as especies ou variedades acima não medem mais de 60 centimetros, nem os *piraquáras* goyanos conhecem maiores. Nesta especie vermelha a nadadeira anal, e unica como no Poraquê — apresenta uma solução de continuidade alli pela metade do comprimento do corpo: *tem duas abas*, dizem os pescadores.

Não é comestivel, devido á immensa quantidade de espinhas, principalmente do terço do corpo para a extremidade caudal, parte esta onde parece ter localizado os orgãos electricos.

A outra variedade nova, côr de pinhão, tem a nadadeira anal quasi rudimentar. Ambas estas especies, como tambem o Trême-trême, ou Poraquê, se alimentam de pequenos peixes, vermes e insectos que apanham á flôr d'agua, onde, de continuo, a certas horas do dia, mostram a cabeça e respiram o ar, á maneira do *Lepidosiren paradoxa*, seu homologo quanto aos costumes. Então fervilha a superficie das aguas, pipocando, formando circulos concentricos de bôlhas — signal evidente da sua presença. Habitam de preferencia as bordas das cachoeiras, locaes empedrados, ou tambem nos remansos dos rios, em aguas lodosas.

Desovam em lócas de pedra; durante a noite passeiam muito, como todos os peixes de couro. Cáe com mais frequencia no anzol, quando as aguas do rio se mostram sujas, em virtude das primeiras chuvas periodicas.

Durante a quadra estival, em sendo as aguas limpidas e baixas, não sáem elles de seus esconderijos durante o dia; ao contrario, apparecem logo á tardinha.

Nos sitios por elles frequentados, ninguem que o saiba se atreve a tomar banho — pelo receio das descargas electricas, aliás não tão perigosas ao homem como dizem

Todavia se as têm por mais intensamente fortes do que as produzidas pelo Poraquê. Os scientistas comparam a intensidade do fluxo deste peixe á de uma bateria de 15 garrafas de Leyde.

Sempre que os pescadores envenenam a agua dos rios, deitando-lhe o succo do Timbó (*Sejania lethalis*, Saint Hilaire), que é efficaz ichthyotoxico, os peixes electricos são os unicos que escapam ao effeito desse veneno, porque põem a cabeça fóra d'agua, e nesta posição se deixam ficar até que desappareça a acção do toxico.

O marechal R. da Cunha Mattos, escriptor circumspecto, que viajou a então provincia, tratando dos seus specimens ichthyologicos, menciona "arrayas electricas e não electricas".

Em documentos manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional, vimos tambem que se encontram n'umas lagôas tributarias do rio Maranhão (um dos formadores do Tocantins), municipio de Cavalcante, ao norte de Goyaz, raias electricas — por ventura especie alliada da *Narcine brasiliensis*. Esta é, como se sabe, fórma marinha, pelo que tambem passavam as especies que só mais tarde foram encontradas nos rios do nosso paiz. E' esta, pois, uma das mais interessantes questões zoologicas ainda em aberto.

Si tantissimos outros problemas zoologicos ahi não houvessem, a pedir solução, bastava o relativo á zoogeographia para marcar uma etapa de mais de um seculo nos estudos historico-naturaes nesta parte do continente — pois da determinação exacta da área de um animal dependem, como disse o eminente zoologo A. R. Wallace, muitas questões interessantes.

HENRIQUE SILVA.

Questões zoologicas

E' preciso indicar de começo, sem nenhuma consideração ao *magister dixit*, ás autoridades consagradas, as muitas e deploraveis lacunas que se notam nos conhecimentos que possuem os zoologistas relativamente aos mammiferos do Brazil, diriamos melhor, quanto á nossa fauna em geral.

Nem mesmo dos grandes representantes do nosso mundo animal, conhecem a biologia: seus habitos de vida, seus costumes e menos ainda as variedades bem definidas que representam taes especies.

Sabem apenas as determinações scientificas, a divisão systematica, as descripções feitas á vista do imperfeito e falho material zoologico enviado pelos naturalistas viajantes dos museus de historia natural do Velho Mundo, onde, em principios do seculo passado, chegavam os exemplares em uma lamentavel confusão, e de mais a mais, com os nomes vulgares e indigenas todos adulterados, o que se conclue das classicas obras sobre a fauna do nosso paiz, desde Markgrav, até as destes dias.

Ao espirito arguto de Emmanuel Liais, não escaparam algumas destas observações, como se vê das seguintes linhas: "Les études que j'ai pu faire dans le pays, au sujet des mammiferes actuellement vivants, ont montré combien les animaux de cette classe, que l'on devait croire *á priori*, les mieux connus de tous, sont au contraire incomplétement déterminés. Beaucoup des espéces décrites par les naturalistes sont des doubles emplois établis sur des variétés d'age et de mue, ou de simples variations individuelles.

D'autres espéces existant réellement n'ont pas été distinguées et décrites, et j'ai pu convaincre que les oiseaux du Brésil sont en réalité mieux connu des naturalistes que les mammiferes." (*Climat, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brésil*).

Esta ultima circumstancia é de todo o ponto verdadeira, pois, os naturalistas europeus que visitaram *á vol d'oiseau* o Brazil, nunca mataram uma onça, nem a viram em liberdade, nunca cercaram uma corrida de antas ou de veados: eram mais "passarinheiros", na accepção que nós outros os caçadores damos aos que perseguem indefesas avezinhas que vivem nas proximidades das habitações humanas.

A proposito, mas sem desrespeito á memoria de J. Nalterer, o nome deste incansavel collecionador da nossa avifauna e mais o do seu negro captivo Luiz, caem-nos do bico da penna, como exemplos.. Todas essas reflexões despretensiosas nos foram suggeridas pela leitura outro dia, dos principaes orgãos da imprensa carioca, quando noticiaram a acquisição que fizera o Jardim Zoologico de Villa Isabel de um felino procedente de Matto Grosso.

Os noticiaristas foram victimas de erroneos e confusos informes, ministrados talvez por quem nestas coisas anda na companhia dos que menos conhecem os *felides* do Brazil—os naturalistas estrangeiros e nacionaes.

Asism se falavra em *jaguar* como significando onça, e confundiam o *puma* dos garanys do sul como a *suçuarana*, duas especies distinctas. O erro é dos zoologistas, que, como Goeldi, assim a referem:

"Entre os *gatos unicolores de pupilla redonda* occupa o primeiro logar, quanto ao tamanho, a suçuarana da lingua geral, puma dos vizinhos da lingua hespanhola, cuguar da literatura franceza (*feliz concolor*). Este gato conhecido no Brazil especialmente pelo nome de *onça vermelha*, tem o pelo amarello avermelhado e attinge ao cumprimento de 1,m2. Os gaúchos chamam-n'o leão, e de facto apresenta a fórma de um leão do Novo Mundo.

A suçuarana habita na borda da matta e nas palnicies de macega; ao contrario da onça pintada, não parece gostar das margens dos rios e logares sujeitos a inundações."

Os selvicolas, grandes sabedores da fauna brazileira, assim, distinguiam sempre as especies e variedades de felinos caracteristicas da terra por elles occupada:

Yaguarêtê — Onça, verdadeira, pintada de malhas largas, obscuras, sobre campo branco; deve ser a *Felis* — onça, *Linn*, dos naturalistas; onça pintada dos brazileiros; *yaguarema* ou *yaguarêtê-pixuma*, a nossa onça preta ou tigre, duas variedades; *canguçú* ou *acanguçú*, onça de cabeça grande, espessa, pintada, malhas negras, arredondadas, sobre campo amarello; *yaguarêtê-pinima* canguçú de malha meuda; *yaguarema-quatiara*, onça "acanjerana" com listas pretas longitudinaes, braços e pernas tambem riscados, especie *suçuarana*, parecida a veado (pela sua côr vermelho-parda), de que ha duas especies ou simples variedades — uma parda e outra avermelhada, com o fio do lombo preto e riscos negros nas mãos e pernas, como tão bem a descreveu Couto de Magalhães. E' esta a que os zoologos dão o nome de *felisconlor*. Jaguatirica, *felispardalis* Lin. "Ocelot" da litteratura; gato do matto; maracayá dos indigenas, *felis tigrina* Curv, e outras especies que não constam da systematica.

Os caçadores e gente pratica do Brazil central distinguem mais quatro ou cinco especies de carnivoros, que, empalhados no Museu Nacional, ou engaioladas no Jardim Zoologico, podiam e deveriam ser apresentadas como variedades ou especies novas, jamais referidas, nem nunca descriptas pelos zoologos.

Dahi, póde ser que elles não as considerassem distinctas e continuassem affirmando, com Elliot e outros naturalistas que todos os gatos ou onças do Brazil são uma especie só, devendo se levar á conta da idade diversa ou mudas as differenças de côr, etc.

Haja vista neste particular, "Os Mammiferos do Brazil" — a monographia em que o illustre naturalista Dr. Emilio Goeldi resumiu tudo quanto se ha escripto sobre a *mammalia* desta parte da America. Para espanto dos caçadores do interior e mais os estudiosos da nossa natureza, que, porventura não leram ainda aquella obra, para aqui transladamos a descripção amesquinhadora, quanto ao tamanho, que fez do nosso yaguarêtê:

"Dos *gatos pintados* a maior especie sul-americana é a onça (*felis onça*): dos brazileiros, mais conhecida na literatura dos outros povos pelo nome de yaguar. Quando crescido mede este esplendido gato, que occupa o terceiro logar entre os grandes felides da terra, logo depois do leão e o tigre, até 1,m50 de comprimento, a cauda inclusive, e até 0,m85 de altura." A mesma cousa repte o Sr. H. von Ihering.

Certo é que os naturalistas estrangeiros e nacionaes andam muito atrazados no capitulo "onças" propriamente ditas e gatos do matto, tão abundantes na vasta região brazileira, no Brazil central especialmente, e dahi as herezias que prégam aos leigos na especialidade do grande F. Cuvier."

HENRIQUE SILVA

Noticia sobre alguns lepidopteros serigenos no Brasil

O talentoso entomologista patricio sr. Benedicto Raymundo acaba de accrescentar á lista dos seus trabalhos especulativos mais um, e que é uma demonstração viva da sua cultura. "Noticia sobre alguns lepidopteros serigenos do Brazil" mostra com brilho o resultado das investigações do habil naturalista.

A excellente contribuição para a Historia Natural dos Lepidopteros no nosso paiz, da sua lavra, já mereceu farta mésse de applausos das summidades scientificas do mundo contemporaneo, e das honras que lhe foram prestadas convém salientar a moção do 3º Congresso Scientifico Latino Americano, e outra da Congregação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, e ainda uma do Gymnasio Nacional.

Nesta nova obra que é das mais completas que conhecemos, o sr. Benedicto Raymundo, conforme s. s. nos affirma em algumas linhas preliminares, "não cuida da excellencia deste ou daquelle fio de seda nem tampouco de seu preparo para lucrativa industria"; s. s. se detém longamente no estudo de alguns lepidopteros serigenos e o faz com a proficiencia que todos lhe reconhecem.

Merecem, entre outras, destaque as notas sobre "Fam Morphidae", "Gen. Morpho, Fabr. Morpho Herndes, Dalmo", em que o autor desenvolve as suas observações com

rara meticulosidade, accrescentando algo de novo aos estudos de Bumeister e outros sabios europeus que se especialisaram na analyse da fauna brasileira.

O presente volume vem acompanhado de um appendice com a "synonimia das especies citadas", o que concorre em muito para a elucidação do texto no correr da leitura. As gravuras que ornam esta obra são tambem de molde a augmentar-lhe o interesse.

Em summa por todos os motivos a "Noticia sobre alguns lepidopteros serigenos do Brasil" vem accrescentar á operosidade do sr. Benedicto Raymundo mais um titulo de gloria para seu renome.

Flora Medicinal de Goyaz

Não ha ahi região brasileira mais rica em plantas medicinaes que aquella que o Estado de Goyaz cobre, seus campos nativos principalmente.

Como já dizia Cunha Mattos, a então provincia era extremamente productiva de vegetaes, tanto para alimentos, como para curativo.

No seu tão interessante opusculo *A Provincia de Goyaz na Exposição Nacional de 1875,* diz Taunay : "N'um pouso chamado Buracão e em terras da provincia, observei um dia por indicações do pratico, que então tinha a columna expedicionaria de Matto Grosso, um Sr. Ferrugem, extraordinaria quantidade desses uteis vegetaes dentro de restricto circulo. Era uma verdadeira flora medicinal.

Havia muito *velame* (croton fulvus), lindissima plantinha de folhas prateadas; a *curraleira* (croton anti-syphiliticum), excellente diuretico; a *douradinha* (palicurea aurata) ; a *lixeira miuda* (dilleniacea), de optima applicação nas orchites; a *contraherva* (dorstrenia), preconisada nas desynterias; a *jarrinha* (aristolochea galeata), com as suas flores de um amarello sujo esverdeado e de curiosas fórmas imitativas, aconselhada contra mordeduras de cobras; o *rhuibarbo do campo* e muitos outros.

Na exposição figuraram :

A *sucupira,* a *quina do campo,* tambem chamada *paratudo* (strychnos-pseudo-quina), *favas de Santo Ignacio* (anisoperma passiflora), empregadas contra dyspepsias e tambem chamadas *nhandirobas,* raizes de *sassafraz, mariçó* e *sandalo, poaia, batatas Amaro Leite, etc.*"

O Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, medico-hygienista que foi da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, em tratando da flora goyana, isto escreve : "Das plantas medicinaes, em cujo numero se acham entre outras muitas, a copahiba, caleureicica (balsamo do Perú), coca, cajú, icicariba (gomma elemi), caroba, sassafraz, anda-assú, jurubeba, manacá, jaborandi, poaia, jalapa, rhuibarbo, nhandiroba, etc., destaco a *plumeria,* tambem chamada *herva santa* em alguns logares.

Esta planta herbacea, mucilaginosa, rasteira, é uma polygonacea, e apresenta duas variedades : uma roxa e outra branca, sendo aquella de mais energica acção therapeutica do que esta.

Vegeta em logares humidos e em margens de corrente d'agua.

A acção curativa do *plumeria* nos casos de mordeduras de cobras, é admiravel..."

O mesmo scientista estudou em Goyaz uma outra planta medicinal devéras importante : a *Proeslea Paradoxa,* Martius, que lá tem o nome vulgar de *herva cidreira do campo.*

Deste maravilhoso specimen floristico, apenas encontrado nas terras altas do Brasil Central, diz o Dr. Pimentel : "Toda a planta, desde as raizes até as flores, contém quantidade notavel do oleo essencial, fortemente aromatico e volatil, tanto que nos dias quentes e calmos a atmosphera circumvisinha fica impregnada do cheiro tão agradavel, semelhante ao da melissa officinalis.

A planta toda inteira, mas com especialidade os ramos, ramusculos com folhas e flôres, é empregada sob a fórma de infusão.

De ordinario bastam tres ou quatro fragmentos de ramos floridos para dar uma excellente infusão em cerca de 120 a 150 centimetros cubidos d'agua fervente.

Até a minha estada em Goyaz, a planta não tinha applicação, mas depois dos casos que adeante vão descriptos, começou a mesma planta a ter emprego, não só na medicina domestica como nas pharmacias, segundo penso.

O oleo essencial, sendo muito volatil, a sua extracção por meio de distillação fraccionada, será facil, e o emprego do delicado e aromatico oleo será muito vantajoso, tanto na medicina como na arte da perfumaria.

Depois de mencionar curas milagrosas operadas pela acção da herva cidreira do campo, conclue o illustrado clinico que se trata de uma planta muito util, como medicamento, e cuja acquisição na therapeutica brasileira será seguida sempre de felizes resultados.

* * *

Além das especies acima alludidas, ha ainda nos campos do interior uma infinita variedade de plantas medicinaes.

Basta citar ao acaso aquellas cujos nomes vulgares e botanicos nos occorrem : Senne do campo (*Cassia sp.*), laxativa; Herva andorinha (*Euphorbia sp.*), de propriedade antivenerea; Cotó-cotó (*Rudgea viburnioides*), anti-syphilitico; Para-tudo, estimulante e tonico; Algodoeiro do campo, empregado nos casos de irritação intestinal; Bolsa de

pastor, anti-venereo; Cipó-capa-homem, empregado na cura da orchite e como resolutivo; Congonha do campo, usada em casos de dysenterias rebeldes; e bem assim outros e outros cujas denominações scientificas se encontram nos trabalhos de A. de Saint e de A. Löefgren.

De resto, em especies medicinaes, é verdadeiramente surprehendente, inexgotavel a riqueza da flora campesina do Brasil Central.

HENRIQUE SILVA.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipameri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2º andar — Tel. Central 4682.

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE JULHO DE 1919 — VOL. II—N. 12

SUMMARIO

MAIS UM ANNO

O que fizemos e o que ainda pretendemos fazer

Com este numero transpõe a "Informação Goyana" limiar do seu terceiro anno de existencia. Volvendo o har, porque já podemos olhar para traz, deparamos no ro- iro percorrido os traços fundos do quanto nos esforçá- os para accrescentar algo de novo e interessante ao es- do das questões que mais de perto se relacionam com "hinterland" brasileiro e particularmente com o rico inte- or do Planalto Central.

Os numeros que publicámos nestes dois ultimos annos o a demonstração pratica e eloquente do nosso esforço em ol da revelação das cousas desconhecidas do Brasil e que cerram um ponto de partida para a historia das nossas ais preciosas pesquizas scientificas. Para isso dispuzemos ade logo de um poderoso nucleo de collaboradores cujo ico interesse tem sido até hoje o augmento permanente elucidação de aspectos obscuros e controversos da nossa encia. A "Informação", em dois annos, tem, aliás, con- uido evidenciar com solidos argumentos os resultados ticos do seu esforço. Quantas têm sido as questões susci- tas, as polemicas em que a documentação dos seus colla- radores tem colhido as melhores victorias! Podemos nos nar de que, tanto em themas de pura especulação, como de ordem estrictamente economica, ha nas paginas te mensario os mais seguros elementos para o conheci- nto do que se relaciona com a feracissima região goya- banhada pelas aguas riquissimas do Araguaya. Na bo- ica, na iconographia, na philologia, nas questões geolo- as, zoologicas e ethnographicas, as nossas contribuições concorrido para projectar luz sobre muitos pontos em os estudiosos ainda se não haviam fixado definitiva- nte.

Além dessa parte, em que os nossos collaboradores, cada na sua especialidade, têm conquistado os mais brilhantes triumphos para a sciencia, lidimamente brasileira, outra em que temos procurado servir ao programma desta revista é a que se refere á propaganda de Goyaz e á defesa das suas necessidades. Nesse particular, fomos ainda felizes. As campanhas em que nos temos empenhado demonstram o interesse que os poderes publicos, em certas occasiões, têm revelado pelos appellos do povo goyano. Já se trabalha para a ampliação das rêdes ferro-viarias e estradas de rodagem. E' que os governantes goyanos não são surdos aos clamores da opinião; demonstram-n'o os auxilios que delles temos recebido como estimulante ao nosso desejo de proseguir no cumprimento das promessas que fizemos ao lançar esta publicação, num meio onde são precarias as tentativas desse genero.

Não nos é licito, entretanto, olvidar os incitamentos que de toda a parte nos chegam, notadamente dos jornaes cariocas e do interior, a cujos estimulos somos profundamente gratos. E assim, a cada anno que decorre abrem-se aos nossos propositos mais largos e illuminado horizontes, e a certeza de que a nossa obra não será vã nos encoraja para novos emprehendimentos. Pelo menos, quem percorrer as paginas fartas de artigos sobre multiplos assumptos da nossa revista terá a convicção de que Goyaz não é a ficção geographica a que alludem perversamente os ironistas ignorantes.

MAIS UM ANNIVERSARIO

Quando Henrique Silva e Americano do Brasil fundaram a "Informação Goyana", revista destinada a pleitear preferencialmente os interesses goyanos, ninguem acreditou que pudessem vencer todas as difficuldades supervenientes, para manter esse programma e sustentar a sua ingente obra.

Eu mesmo duvidei dessa victoria, embora confiasse na pertinacia e no patriotismo já conhecidos do primeiro, reaffirmado em varias tentativas de dotar Goyaz com um orgam aqui editado, visando a defesa intemerata de seus direitos e dos interesses geraes.

O meu receio, confuso, estribava-se no indifferentismo de nosso povo a tudo que não fôr politica.

Pareceu-me que esse programma, destoante da sua predilecção, não lhe attrahiria a attenção, invariavelmente voltada para a politica.

Felizmente me enganei e vejo que o ingresso da "Informação Goyana" no seu terceiro anno de ininterrupta existencia é a prova de minha má observação.

Com desvanecimento proclamo o meu engano, pois, significa a reacção suspirada do povo contra essa tendencia perniciosa, que o desviava de seu primordial dever, qual o de propugnar o progresso e o engrandecimento de nosso paiz, para se engolfar de vez nos escusos meandros da mais torpe e vergonhosa politicagem, em cuja voracidade se desfazem e desmantelam caracteres nobres, premidos pelas injuncções correspondentes, muito exigentes quasi sempre, a ponto de quebrantar reputações feitas, dobrar espiritos esclarecidos e tidos como fortes.

Exemplos tomados de reacções contra esse mal amesquinhante de nossa capacidade de povo livre e independente, não são raros, appareceu de longe em longe.

E quando surgem, o meio politico se levanta em brados de energicos protestos, condemnando o scismatico á proscripção.

Os seus serviços, o seu ardor patriotico, o seu desapego e abnegação se esquecem, para ficar só o odio feroz contra o renegado, a quem todas as portas se fecham.

E' bem de vêr o quanto terá de lutar uma revista votada dedicadamente aos interesses moraes, intellectuaes e materiaes de um Estado.

A feitura, porém, da "Informação Goyana" tudo venceu, a sua acceitação tem sido geral, os applausos á sua orientação, aos assumptos versados em seu texto teem sido proclamados por quantos a leem, despertando o interesse geral e a apreciação da imprensa desta capital, que lhe tem prodigalisado os maiores elogios.

Os goyanos que são forçados a longas estadias fóra de Goyaz, aqui retidos pelas contingencias da vida, teem na "Informação Goyana" uma fonte perenne de informes de sua terra, sobre sua flóra, sua fauna, sua riqueza mineralogica, sua historia correspondente, cujo conhecimento lhe deixa a desalentadora convicção de havermos regredido em muitas pautas. Basta saber-se que na propria Capital houve fabricação de optimo vinho, que presuppõe a cultura da vinha em sensivel escala.

Hoje tudo está por fazer: as forças productoras, as possibilidades economicas do Estado estão desafiando as iniciativas, como que adormecidas.

E' sabido que possuimos zonas capazes de se prestar a um intenso plantio de trigo e de frutas européas, de café para o nosso consumo, de cacáo, etc.,

E' preciso que á iniciativa particular preceda a dos poderes publicos, sem o que continuaremos nesse estado de torpôr somnambulico revelando a nossa geração a sua incapacidade para incrementar as incontaveis riquezas do Estado.

Dirão que nos faltam vias de communicação para o transporte da producção, mas se isso é uma verdade, nosso dever é pleitear o desenvolvimento da viação aperfeiçoada, clamando contra as injuncções que della nos teem privado, a despeito do nosso incontrastado direito.

Os que teem a responsabilidade das suas posições de destaque, possuidores do necessario mandato, que lhes acarreta o imprescindivel prestigio para conseguir esse indeclinavel e suspirado beneficio, devem agir com a maior energia, mormente nesta quadra em que se pleitêa o esgotamento do capital restante, destinado á construcção da estrada de ferro de Goyaz, applicando-o em favor de zonas estranhas á nossa terra, remanescente até aqui retido em virtude de controversias injustificaveis.

Levemos a estrada o mais longe possivel e deixemos a contenda dos interesses regionaes para mais tarde, pois é uma via de penetração. E' o melhor serviço que no momento se póde prestar ao Estado de Goyaz, cujo futuro de progresso e grandeza está dependendo da viação aperfeiçoada.

Os nossos representantes possuem, pelo seu preparo e patriotismo o necessario prestigio para agir nesse interesse e vencer as difficuldades que se lhes depararem.

Nossas rendas triplicaram depois que a "Goyaz" penetrou em nosso sólo. Quando ella attingir Annopolis, aquellas decuplicarão no minimo.

Ser-me-ia motivo de justo contentamento se para o anno vindouro saudasse o 4.° anniversario desta revista assignalando a realização desse grande beneficio a Goyaz.

EDUARDO SOCRATES.

Para a expansão economica de Goyaz

São continuas as reclamações contra a falta de meios de que dispõe a E. F. de Goyaz para a expansão dos productos do "hinterland" goyano. E é tal a ausencia desses elementos preliminares para o desenvolvimento da lavoura e da pecuaria regional que da imprensa do interior se esguem as vozes mais autorizadas pedindo providencias.

Agora o que preoccupa os interessados é a insufficiencia dos armazens d'aquella via-ferrea. As consequencias deploraveis dessa falta se accentuam cada vez mais e actualmente com a encampação da linha Tronco que se dirigia a Catalão, póde-se verificar até onde vae o descalabro. Dos cem milhões de francos levantados em nome de Goyaz, [illegible] rsummica em beneficio de Minas. E' isso resultado da technica pittoresca do sr. Pires do Rio e de quejandos engenheiros. Além disso, os mineiros tiraram tres ramaes para diversos pontos do Estado exgottando desse modo o capital, ficando até em seu territorio a ponte do Rio Corumbá; emquanto isto Corumbá continúa a esperar a ligação com a Oéste de Minas que lhe permita o accesso ao mar pelo porto fluminense de Angra dos Reis graças á incompeetncia dds que foram incumbidos dessa tarefa. Para Goyaz apenas resta o recurso do ramal de Araguary e nada mais.

Mas não nos alonguemos em commentarios, que já os fizemos ha tempos para esclarecimento do assumpto. E' melhor dar a palavra aos periodicos de Minas que pintam com as côres mais vibrantes o estado de desmantelo em que vae a estrada de ferro de Goyaz. Assim se exprime o *Araguary*:

" Insistentemente pedem-nos que reclamemos contra as consequencias resultantes da insufficiencia do armazem de que dispõe essa via ferrea nesta cidade, para comportar a enormidade de cargas de importação e exportação, que recebe diariamente.

Com effeito, por falta de armazem que corresponda ao movimento de cargas desta estação, ficam estas amontoadas nas plataformas em redor do edificio, occupando todo o espaço e impedindo o accesso e movimento do povo. Então é de vêr-se a barafunda que se estabelece ali á hora da partida do trem de passageiros, pela difficuldade que encontram estes para despacharem as suas bagagens e comprarem bilhetes, e, devido ao accumulo de serviço para se realizar dentro do horario, acontece ficarem bagagens de um trem para outro, cuja carreira se faz de dous em dous dias.

E' realmente uma situação vexatoria de consequencias muito prejudiciaes ao publico e que, longe de melhorar, cada dia peiora com o colossal augmento de movimento desta estação.

As poucas machinas e wagons de que dispõe a Companhia nesta secção, trabalham dia e noite em transportes de cargas; mas tanto estes vehiculos como o armazem são insufficientes pora corresponderem ás necessidades desta movimentada estação.

A Companhia está perfeitamente inteirada deste estado de cousas, tendo mesmo ha tempos providenciado sobre o augmento do armazem e de outros melhoramentos reclamados em toda a linha, não levando a effeito esses projectos, ao que consta, em consequencia da eterna indecisão do governo em encampar a estrada ou conceder as concessões solicitadas pela Companhia.

Por esse mesmo motivo está paralizada a realização de outras medidas urgentissimas como as do serviço diario dos trens de passageiros, reforma e augmento do numero de machinas e wagons de que necessita o trafego para dar vazão aos transportes de passageiros e cargas, melhoramento das linhas e das estações.

O governo, como se vê, é o principal causador da situação deploravel em que se encontra não só a estação desta cidade, mas toda esta secção da via-ferrea Goyaz."

Os desastres tambem concorrem frequentemente para mostrar o descaso existente em relação a essa ferro-via. Eis uma prova na narrativa do *Diario de Araguary*:

" Hontem, ás tres horas da manhã, partira desta cidade o trem especial G 1, puxado pela machina n. 10, conduzindo a familia do medico residente em Catalão, sr. dr. Borba, que fôra chamada do Rio com urgencia por se achar o mesmo gravemente enfermo. Em companhia dessa distincta familia, seguira tambem o illustre facultativo d'aqui, sr. dr. Odilon de Amorim, com o fim de prestar seus serviços ao seu collega.

Ao mesmo tempo partia de Goyandyra, com destino a esta cidade, o trem de cargas F 2, puxado pela machina 9. O agente de Cumary, sr. José Benedicto Porto, recebera communicação da partida do referido trem de cargas, que lhe fizera o agente de Goyandyra, sr. Heraclito Mendes, e entretanto, por uma indisculpavel imprevidencia, soltára daquella estação o especial, com a recommendação ao machinista que fosse com precaução! Talvez imaginasse aquelle funccionario que, indo o especial *com precaução*, ao avistar o trem de cargas, se arredasse dos trilhos por um instante, emquanto o outro passasse, e depois retomasse a sua posição ferro-carril...

Mas não foi o que succedeu. Ao se approximar do kilometro 79 onde ha uma forte curva em declive, as duas machinas se chocaram formidavelmente, registando-se na Goyaz uma dessas horrorosas hecatombes de estradas de ferro, de que ha bem tempo não ha memoria.

Com o choque as duas machinas se enguliram, transformando-se em um estrangulado mastodonte de ferro, tendo a explosão de ambas as caldeiras annunciado o sinistro a mais de duas leguas de distancia. O carro do trem especial ficou interiormente todo estragado, com os assentos e vidraças quebrados, não tendo, por um verdadeiro milagre, havido o menor ferimento dos passageiros que eram senhoras e cavalheiros. Os vagões de cargas ficaram bastante damnificados. Os guarda-freios Eloy Pereira e Francisco Silva, assim como o machinista João Fernandes nada soffreram.

O machinista José Amaro ficou levemente ferido.

As maiores victimas foram os infelizes foguistas e seus ajudantes, tendo sido morto immediatamente Carlos Rodrigues, ficando com ambas as pernas decepadas Belizario Pinto e gravemente feridos Edmundo Rodrigues e Avelino Laurindo.

A noticia do desastre, sob uma fórma toda mysteriosa que lhe imprimia a administração da Estrada, correu celere na cidade, quando se soube que se aprestava um trem de soccorro, que partiu ás 10 1|2 h. Entretanto, esse trem teve que ficar mais de quatro horas na proxima estação do Amanhece á espera de que um trem de lastro, que descarrilára pouco adeante, desoccupasse a linha!

Sómente ás 21 horas a nossa população anciosa, que affluira á estação, poude se informar perfeitamente do occorrido, verificando o resultado compungente dessa tragedia da Goyaz e recebendo em seus braços, são e salvo, o estimado medico dr. Odilon, que regressára do local do sinistro, seguindo dali para Catalão a familia do enfermo."

E mais adiante:

" O horrivel sinistro desta via-ferrea, occorrido no dia 15, não ha negar, tem a sua causa unica na desattenção com que a Companhia

Goyaz cuida da secção de Araguary, da qual apenas se lembra para recolher mensalmente os enormes saldos dos seus rendimentos avultados que aqui se verificam e que tanto bastam para cobrir os *deficits* da linha de Formiga.

Ninguem ignora o estado deploravel do material rodante deste trecho da estrada; as condições exiguas de todas as estações da linha, mormente da nossa onde não ha armazens, ficando as cargas de embarque e desembarque atulhando a sua platafórma e expostas ás intemperies; e, sobretudo, a mesquinhez de ordenados que paga aos seus empregados, accumulando-os com enorme peso de serviço.

E' desse descaso innominavel da Companhia pelos interesses da propria estrada e do publico, que se vem a observar diariamente descarrillamento e varios incidentes na linha, até agora sem consequencias fataes, porém que, com o desastre de domingo, parece ter-se aberto uma phase macabra e lutulenta na Goyaz.

Seria injustiça não se confessar que ha nesta secção da Goyaz empregados zelosos e verdadeiramente dedicados que, mesmo com os seus fraquissimos ordenados, sabem cumprir devidamente com seus deveres, sendo aliás serviços duplicados e triplicados. Nesse numero estão especialmente o mestre de linha, os machinistas, foguistas, guardas, etc. e alguns agentes de estação.

Os pingues ordenados que a Companhia determina, obrigam os Ns. encarregados da administração desta secção a contractarem para serviços de alta responsabilidade pessoas sem nenhuma praticagem e inaptas para as funcções que exercem.

Pelo desastre de domingo ficaram responsaveis os agentes de Goyandyra e Cumary que, demittidos incontinenti, foram substituidos por outros, preenchendo-se as vagas com funccionarios novos, inexperientes, incapazes.

E assim vai essa quebrada Companhia tocando a giga-joga chamada Goyaz e estragando o material pertencente á União, cujo governo não age no sentido de decretar-lhe a fallencia e assumir a direcção da Estrada."

Agora os commentarios dessa folha araguayrense elucidando, com detalhes, certos factores do descalabro:

"Quem leu a noticia que esta folha deu do desastre occorrido na E. de F. Goyaz, no dia 15 do corrente, e os nossos commentarios do dia seguinte, com as rectificações pedidas pelo digno agente da estação local, ha de ter notado o nosso interesse em esmerilhar bem a verdade dos factos, sem nenhuma parcialidade ou desejo de innocentar aos realmente culpados do grande crime de que resultou a morte de dois infelizes operarios, ferimentos graves de outros e a possibilidade de consequencias funestas á vida de varios viajantes.

Especialmente á administração desta secção da Goyaz nada culpamos, confiantes como estavamos no seu zelo e correcção sempre demonstrados e que a punha a salvo de qualquer juizo desfavoravel.

Assim, porém, não pareceu ter ella comprehendido e queixa-se de pretendermos culpal-a pelo recente desastre, e innocentar os agentes de Cumary e Goyandira. Denota essa incomprehensão, o estado apprehensivo e angustioso em que a referida administração se vê, accusada talvez pela consciencia de não ser de todo isenta de responsabilidades nesse doloroso caso, que bem desejáramos que ella não tivesse, porém que a opinião publica d'aquem e além Parnahyba insiste em affirmar...

Para esse grande tribunal da opinião publica não podem, no presente caso, merecer inteira fé as syndicancias procedidas a respeito pela administração da Goyaz. Confia-se mais no inquerito policial que se procede pela autoridade goyana, de onde resultará mais desopprimida a grande realidade.

Esta folha nada tem conjecturado em falso sobre esta grave occurrencia. Si a sua primeira noticia precisou de rectificação, é que as informações oriundas dos funccionarios da administração da Goyaz se chocam, se contradizem, denunciando que estas fontes não satisfazem ao publico.

E é por isso que nós tivemos precisão de nos arredarmos della e bater a outras portas, onde encontrámos já alguns elementos para suppormos que nem ao agente de Cumary e nem ao de Goyandira cabem tanta responsabilidade sobre a hecatombe da Goyaz.

Proseguiremos amanhã, porém não nos podemos furtar ao desejo de, hoje mesmo, informarmos aos leitores do seguinte facto que bem atesta o grão de desmoralização da Goyaz:

— *Tendo-se exonerado o agente de Içá, foi hontem assumir aquelle cargo de grave responsabilidade* — UM COPEIRO DA PENSÃO MARIA LUIZA!"

General Celestino Alves Bastos

Não é um nome desconhecido em Goyaz, onde esteve, como um dos mais competentes membros da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, o deste que acaba de ser distinguido, tão merecidamente, com a promoção ao posto immediato.

Cumprimentando o distincto official superior do Exercito — esta *Revista* o faz em nome de Goyaz, que tem no illustre matto-grossense um de seus mais sinceros amigos.

Goyaz na pecuaria nacional

As nossas estatisticas

Goyaz é o Estado que exporta maior numero de cabeças de gado vaccum para S. Paulo, Minas, Bahia e Capital Federal. Isto desde os tempos coloniaes. Em 1809, como se vê do relatorio do governador, D. Francisco de Assis Mascarenhas, a exportação da então capitania era de 15.350 bois, vendendo-se cada rez no sul a 4$800 e no norte a 1$500!

Em 1861 a exportação subiu a 36.359 cabeças. Em 1917 a exportação foi de 117.303 cabeças. Mas estas cifras estão muito aquem da verdade: devem ser duplicadas, porque a grande quantidade de rezes que saem para o Pará, Piauhy, Bahia, norte de Minas e até para o Paraguay (1) não consta das deficientes estatisticas goyanas.

Nas recebedorias do Paranahyba, por onde passa todo o gado que se destina ás invernadas de Minas e S. Paulo — o contrabando é feito ás claras, tendo já subido á altura de um principio administrativo.

Tanto nos postos de arrecadação do sul como nos do norte, não ha fiscalização possivel — não ha, nem nunca houve, em tempo algum. E' que sabem os boiadeiros cousas inauditas, com as quaes suggestionam o pessoal do fisco, nos porto do Paranahyba e nas mesas de rendas das collectorias do norte do Estado, ainda quando estes são os mais honestos.

E' bom lembrar que entre os mais conspicuos presidentes que teve Goyaz, no antigo regimen, houve um que tentára organizar, criteriosamente, a estatistica dos diversos ramos das industrias exercida na provincia; e, para o desempenho desta tarefa, ordenada pelo Governo Imperial, creou em cada municipio uma commissão de homens conhecedores e intelligentes, capazes de o auxiliarem em tão util trabalho. Referimo-nos a José Martiniano Pereira de Alencastro — modelo de administrador operoso e innovador — virtudes ou qualidades hoje apreciadissimas nos departamentos da Republica.

E' do seu relatorio o que se segue: "Comparando-se a exportação official do gado vaccum com a exportação real, constante das tabellas mais ou menos approximadas á verdade, que V. Ex. acaba de vêr, se conhece á primeira face quanto é lezada a provincia na arrecadação dos seus impostos.

Em outra occasião demonstrarei, com jogo de algarismos conhecidos, até que ponto tem effectivamente chegado a depredação da renda proveniente do imposto sobre o gado sahido para fóra da provincia."

E' mister não esquecer que estes factos têm impressionado desfavoravelmente a quasi todos os administradores serios do meu Estado, desde os tempos do Imperio.

Uma celebre mesa de rendas que funccionou durante muitos annos no norte goyano, por signal que administrada por Abilio Wolney, não menos celebre personagem dos recentes acontecimentos de S. José do Duro, sempre apresentava, ao emvez de saldos, constantes deficits, tendo um delles se elevado a mais de seis contos de réis, não accusando a dita collectoria a exportação de uma só cabeça de bovinos para o Estado da Bahia.

Pois bem: nesse mesmo anno, o Inspector Agricola da Bahia, o Sr. Magnus Sondahl, no seu relatorio que foi publicado annexo ao do Sr. Pedro de Toledo, então ministro da Agricultura, affirmava que só na feira de Sant'Anna, na Bahia, eram expostos á venda mais de 100 mil vaccuns procedentes da região norte de Goyaz!

Podemos ainda illustrar este capitulo com a seguinte narrativa da viagem que o Major do Exercito Alvaro Mariante fez de Barreiras, no Estado da Bahia, a S. José do Duro, no norte goyano, como a publicou o nosso collega vespertino *A Noite*:

"—Nos municipios que percorremos, a principal industria é a pastoril. Ha alguma agricultura, o bastante para

as necessidades locaes. As terras são admiravelmente ferteis, mas as grandes distancias a vencer não permittem maior exploração agricola. A industria pastoril, porém, embora rudimentar, é a grande riqueza dos habitantes da região. Os goyanos são os grandes fornecedores de carne á Bahia. Para vender seus bois, fazem viagens de mais de duzentas leguas, pois o seu principal mercado é o Morro do Chapéo, no interior da Bahia.

Para se fazer uma idéa das difficuldades de transporte e da facilidade na criação de gados, basta o seguinte confronto numerico: no Duro um boi vale 30$ a 40$ e uma lata de kerozene custa 70$ a 80$000."

A proposito do itinerario da força federal que da Bahia seguiu para a fronteira goyana, escreveu tambem o Major do Exerciito Eduardo Trindade:

"Toda a região oriental do S. Francisco é, rigorosamente, montanhosa, e o commercio de gado entre Goyaz e Bahia é, e foi sempre, feito pelos collos da serrania de que nos occupamos. Toda esta zona é sulcada de estradas de "boiadeiros" e recorda as intrepidas excursões dos antigos "bandeirantes", que contribuiram assás para o conhecimento geographico do Brasil." *(Continúa).*

A mudança da capital para o Planalto Central

Sobre esse palpitante assumpto em varios numeros temos publicado as mais autorizadas opiniões. Ainda ha pouco o sr. Gomes do Carmo escreveu para a *Informação* um lindo artigo definindo a questão. Esse mineiro illustre baseia os seus conceitos nos pontos de vista dos mais austeros estadistas do Imperio. Agora, porém, surge quem pretenda agitar de novo o caso, mas para apoiar a ideia absurda de que a Capital deve ser transferida para Bello-Horizonte. As razões de ordem estrategica e economica allegadas pelos interessados são absurdas. E a capital das alterosas não preenche as condições exigidas para a metropole.

Ha nisso um interesse mais politico e regional em jogo do que propriamente a conveniencia nacional. O que Minas quer é apenas restaurar as suas finanças abaladas á custa dessa mudança.

E' um ponto de vista inferior esse e que mostra o quanto são acanhados os mineiros em face dos dirigentes de outros Estados que com maiores razões poderiam reclamar para si a honra de possuir em seu territorio a capital da Republica.

José Bonifacio que foi um dos que mais viram claro nesse assumpto, foi um dos propugnadores da idéa de ser construida no interior a capital e que pudesse ser o fóco irradiador da nossa vida nacional. Paulista, nem por isso apontou a sua terra como a que deveria ser a cidade onde se installasse a séde do governo da União. Para o Patriarcha da Independencia o facto obedecia ás necessidades mais altas da defesa da nacionalidade.

Não podem encarar a questão por esse lado os estadistas mineiros. A conveniencia local turva-lhes a visão e elles só enxergam na mudança da capital a possibilidade de arrecadar mais ouro e a vaidosa ostentação de um prestigio para o qual não será sufficiente a posse de uma das mais vastas áreas de terra do Brasil.

Ha, entretanto, em tudo isso um bysanticismo que em nada deverá perturbar a acção dos que trabalham para a edificação de uma cidade destinada á séde do governo da Confederação. Os constituintes assim o pensaram na sua sabedoria, e a área do Planalto Central escolhida para capital da União não encontra em nenhuma outra condições estrategicas e de salubridade capazes de nos obrigar ao repudio da que foi previamente delimitada. E não será agora, unicamente para gudio do imperialismo *sui-generis* de Minas, que se vá modificar o estatuido no nosso pacto fundamental com rara clarividencia e conhecimento das verdadeiras necessidades nacionaes. Parece, aliás, que o assumpto em debate não tem nada de semelhante com a disputa pequenina em torno de uma cadeira no Parlamento...

UM MILAGRE

(Lenda de Goyaz)

Perto da fazenda Paraizo, em Goyaz, morava um pobre homem roido de doenças dessangrado pelo amarellão, co[...]mido de miserias, vegetando como vermes, elle, mulher [...] dous filhos, aparasitados numa fanga de terra onde os aco[...]lera a piedade compadecida de meu avô.

P'ra ali viviam refugidos de qualquer convivencia, de[...]fendendo-se de uma completa inanição, graças ao matt[...] que lhes provia de caças; os mundeos e arapucas armado[...] com disfarces aqui, acolá, pelos rapazelhos. Juntavam-se [...] estas viandas d'accaso os escassos mantimentos plantados [...] colhidos, sabe Deus como, num capoeirão triste e largado [...]rentando com o rancho, cujas hastes seccas e amarellenta[...] de milho, o matto ia cobrindo e afogando lentamente com [...] a tenacidade que a natureza põe sempre em subverter e apa[...]gar a obra mesquinha e ridicula do homem.

A misera arribana colmada de sapé, paredes de paus [...] pique, sem sombra de reboco, coberta a todos os ventos, va[...]rejada pelo frio, humedecida pelas rajadas, era o vivo a[...] corte da pobreza e da doença.

As creanças, empanzinadas, ventrudas, a mulher esguede[...]lhada, em farrapos, embrutecida pelo soffrimento, o homem [...] acocorado ao pe da taipa ou á porta do rancho, vara os di[...] de inacção e desanimo, olhando emparvecido a vida, [...] grande vida vegetal e animal que em torno vibra e estú[...] em estos de seiva e transbordamento de côres.

Da matta vem o verde unctuoso da vegetação franjad[...] da luz ardente do sol, o cantô dos passaros, o zumbido d[...] insectos, o guincho dos animaes, o cheiro acre das inflore[...]cencias novas, o rumor indefinido da seiva no seu perpetu[...] laborar fecundo...

Do campo o mugir das vaccas, o berro gemente dos n[...]vilhos, o nitrir dos cavallos, o relinchar dos potros, o aboi[...]o dos vaqueiros...

E tudo contrasta com a miseria do rancho triste, onde [...] vida é cada dia mais erma e mais soturna...

....

....

Maio. Domingo. Pela Natureza vae um delirio de c[...]res, de aromas, de murmurios sem fim.

Do ceu cae a luz, a grande luz fecunda, palhetan[...] d'ouro os mais esconsos recessos, tocando a terra de um[...] belleza nova, sensual e quente — a belleza do amor, a co[...]cepção da vida...

Trotear de cavallos, espoucar de salvas festivas, de mi[...]tura com um vozeio alegre...

E num angulo do caminho, ruflada pela briza, ave[...]melhou a flammula sagrada dos simples, o pendão de [...] dos crentes, a pomba nivea de azas espalmadas, adejant[...] — a bandeira do Divino.

Celere a cavalgada entreparou á vista do misero ranch[...]

Oh! de casa! gritou o primeiro, desmontando. E lo[...] á porta da arribana a figura empalamada do homem, a m[...]lher e os dous filhos.

Que chegasse a "folia" !

Que entrasse o Senhor Divino. A miseria era grand[...] mas o Divino perdoava, e de joelhos ,chorando de comm[...]ção, o bom homem esquadrinhava com os olhos o vazio [...] rancho á cata da dadiva devida áquelle que sem despre[...] pela sua miseria estava ali pedindo a esmola tradicional.

A um canto amontoavam-se umas medas de feijão, e e[...] só aquillo; nem gallinhas no terreiro, nem bacoro no c[...]queiro.

Tomou de uma cabaça aberta em vasilha, caminhou [...] canto, dividiu o grão, encheu a cuia e deu ao Divino. E[...] só o que havia, mas dava de bom coração. Os foliões re[...]lheram a dadiva mesquinha, soverteram-n'a prestes nos c[...]rões de uma cargueiro, cingiram a bandeira, montaram [...] novo e partiram estrada em fóra, em cantos alegres e salv[...] de trabuco...

No rancho triste o homem doente, a mulher emparvecida, as creanças opiladas alongaram os olhos até que de todo se sumiu numa volta da estrada a folia do Divino...

* *

Comido o feijão que restou, guardou-se, comtudo, um sobejo para o plantio de novembro.

Roçado um pedaço do capoeirão feio e largado, lançado á terra na boa lua, o cereal medrou breve em folhas tenras de esperança, celere cresceu, viçou exuberante com grande pasmo do homem e da mulher, que nunca haviam presenciado cousa egual nos longos annos de penuria e soffrimento.

A' inflorescencia succedeu a floração e a esta os fructos que se multiplicaram por todas as hastes, brotos e renovos da planta, por fim amadureceram e amarellaram em fartas e grossas vagens.

Arrancado e malhado, cada grão tinha claramente impressa na pellicula amarellenta uma minuscula pomba branca, de azas espalmadas, a pomba do Divino, que de semelhante modo premiava a esmola humilde dada de bom coração.

A noticia do milagre se espalhou prestes.

Muitos vieram, pasmaram e adquiriram aquelle feijão abençoado para plantarem nos roçados novos.

A planta rendia sempre e multiplicava-se facilmente e tornou-se conhecida e admirada de todos.

Muitas vezes em creança ouvi falar no feijão do Divino, até que um dia, perguntando a meu avô a origem desse cereal, elle me contou a verdadeira historia que ahi está.

Córa Coralina.

(Do livro "Canção das Aguas")

PERU' DE RODA

(FRAGMENTO)

Bella estampa de homem, o coronel Pedrinho. Alto, desempenado, pelle corada e rebrunhida pelos sóes do sertão, fazia gosto vel-o quando aportava á tardinha no pouso, onde a tropa arrancara, e estribado na sua grande mula ruana, passava revista á mulada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, enfeitada da crinaria tosada rente, e mui vivaz e solerte á voz do patrão, interpellando Joaquim Percevejo — o arrieiro.

Sempre num terno de linho milagrosamente escapo á poeira das estradas, as botas de verniz mui lustrosas sob a prata dos esporins, um laço de seda negra cingindo em fôfo pela alliança de ouro o pescoço desafogado, mão firmada na ponteira do chicote que se apoiava á albardana acolchoada da sella bellavistense, — era mesmo uma bizarria quando o seu perfil moreno atravessava ao longo das fazendas, donde o pessoal se postava das janellas e curraes observando pouco antes a passagem da tropa, ou rompia ardega a mula pelo largo do povoado, á descarga do ultimo lote na rancharia dos tropeiros.

Figura unica aquella, como unica a andadura da ruana, de postura e qualidades tão bem gabadas e discutidas como as vantagens pessoaes do seu dono.

Tambem, já ia o moço tropeiro beiradeando pelos trinta e quatro, e desde rapazote batia as estradas commerciaes do velho Goyaz, a principio sob as ordens de seu defunto padrasto, o coronel Gominhos, de quem herdára a tropa e o titulo, depois por gosto e risco proprio, fugindo á vida marasmatica e aperrengada do villorio natal, com todas as suas intrigalhadas de lugar pequeno, e os mexericos e odios inevitaveis de facção politica.

De Pyrenopolis a Araguary, em Minas, de passagem por Corumbá, ...nopolis, Bella-Vista e mais villarejos do interior, transportando do sertão dos Perynéos couros e fumo, trazendo das praças mineiras as ...iadas manufacturas, ninguem como elle mais estimado e procurado para um ajuste de frete, dada a segurança de sua tropa—a mais garbosa e luzidia naquellas estradas, — e o zelo sempre alerta que punha no resguardo da carga, quer fossem caixotes com o distico — *cuidado!...* — indicando o conteúdo perigoso da dinamite, quer fosse o letreiro encarnado — *fragil* — sobre a tampa de pinho dos apparelhos ...icados de louçaria e vidro, que, quando em mãos dos destinatarios, não havia então reclamações por vias duma peça partida, ou fazenda ...botada pela chuva na caminhada difficultosa.

O seu prestigio corri parelha com a fama de honradez e sobrancia de caracter em que era tido naquellas funduras.

Já Joaquim Percevejo, o arrieiro, era um typo bem diverso do patrão. Com uma longa faca de arrastro sustida ao correão da cinta pela "espéra" de sola grossa, a barbaça grisalhona, espalhada em leque sobre as cordoveis do papo turgido e rubro do perú de roda, afunilada e acabando em bico na bocca do estomago, as pernas mui curtas e em arco pelo habito da montaria, era um homem cuja eterna sisudez impunha respeito desconfiado á camaradagem, que, mui embora lhe viesse sentindo dia a dia a morrinha impertinente de seu genio testudo e ateimado de idéas, em contraste á franca jovialidade do patrão, não ousava, comtudo, murmurar dos ralhos do arrieiro quando via as suas ordens mal cumpridas ou relaxadas pelos seus na labuta quotidiana.

Assim, antes que a madrugada viesse amiudando, sobre a verde louçania dos serrotes apurpureassem os primeiros listrões da aurora, já na trempe do rancho, sob o burity do olho d'agua, se pousavam ao relento, chiava o chaleirão do cozinheiro, preparando o café, e a rapaziada fazia roda, prompta a bater o encosto da vargem, ao campeio habitual da mulada. Pois toda a satisfação do arrieiro consistia em vêr o patrão, assim sahido da barraca, com o seu cuitésinho floreado da bebida á espera, e os lotes completos, em fila nas estacas, babujando já a quirella da ração matutina. Era de vel-o então apurando o ouvido, inchando o peito, numa impafia de mal contido orgulho, á saudação costumeira:

— Ah, sim, que vocês por aqui me madrugaram hoje, heim?

— Na fórma de sempre, patrão!

E bradava logo, commandativo, ao deanteiro a raspar ainda o assucar no fundo da canéca: — Eh Jerôme! tóca p'ra deante, rapaz, que o sol já 'stá p'ra hi botando o carão de fóra.

O outro não se fazia rogado. Descido o primeiro fardo da pilha, dava-lhe o boleio do uso, mettia os dedos ás alças, levantava-o á altura da cabeça, e sob um peso de cinco ou seis arrobas de sola, estalava a mão ao fundo, na regra do costume, descia-o suavemente ao hombro; e, upa, upa, amiudando um passinho de mulo carregado que tivera a sua medida, vinha encostal-o á capota do cargueiro, onde um camarada dava a demão, enfiando as alças, e escorava a cangalha, emquanto elle corria a pegar outro fardo, restabelecendo do lado opposto o equilibrio. Vinham os dobros, desfazendo as demasias; e passado o ligal, arrochado e preso o cambito da sobrecarga, o deanteiro desatava o cabresto, enfiava-o á argola da cabresteira, e dando um muchocho ao ouvido da madrinha, esta tomava prestes a sahida do trilho, apanhava o balanço rithmico da marcha, e lá ia estrada a fóra, na matinada bimbalhante dos guizos e sincerros. E o segundo burro, aprestado e solto, áquella toada costumeira que se alongava e ia distanciando do outro lado do corrego, sahia logo a passo amiudado, impaciente por mordel a na retranca, mal dando tento do peso morto de dez arrobas e mais que trazia sobre o lombo. E apoz esse, um a um, os demais iam sahindo na poeirada do antecedente, desapparecido no cotovello do atalho; e quando o ultimo sumia além, no gorgulho da rampa, já o segundo lote acangalhado e alerta nas estacas recebia os surrões, nos primeiros aprestos da partida.

Do lado de dentro do rancho, cotovellos fincados sobre o parapeito, Joaquim Percevejo assistia diariamente á sahida da tropa. Era um garbo vêr como as côres dos lotes se succediam por escalão, o primeiro de crioulos alentados, o pêlo rebrilhando sobre a fartura luzidia das ancas, o segundo alvejante e albino, na mesma abundancia de carnes roliças, para dar lugar aos rosados, castanho-escuros e pêlos-de-rato dos terceiro, quarto e quinto lotes, ainda mui arteiros e indifferentes sob o arrocho dos carregamentos.

Já o cosinheiro albardara o seu ruço desferrado, e numa andadura indolente sahira ao alcance do deanteiro, que levava como dobro a capoeira de seu trem de cosinha. E quando era a vez do culatreiro, ainda os machos queimados de seu lote — o refugo da tropada — fariam inveja a muita fieira de tropa que "briquitava" naquellas estradas!

Então o arrieiro ageitava a chilena ao pé esquerdo, apparelhava a ruana do patrão, presa á cancella do rancho, e ia apertar a cilha á sua mula mascarada, que naquella manha de velho animal sabido, inchava a barriga e eriçava-lhe os redemoinhos, para menos sentir os effeitos do arrocho.

O coronel deixava-o pouco adeante, para um dedo de prosa aos conhecidos das fazendas que se iam avistando a pouco e pouco á direita, á esquerda da estrada. E elle "tórava" para a frente, no trote picado da montaria, chupando o cigarrão, devorando rapidamente as distancias, no rastro ainda fresco da tropa, cuja ferradura ia amoldando a argila barrenta da chapada estrada a fóra.

E, quando galgava a eminencia dum descampado onde eram o piquizeiro, a fructeira-de-lobo e os coqueiros de macahuba que para cá dos listrões de matto se descortinavam esparsos no sapé bravio, a sua vista perdia-se ao longe, nas ondulações do terreno, abrangendo a récua distante do deanteiro, contornando um serrote; mais aquem, no fundo da vargem, o segundo que galgava a pequena encosta; o terceiro e o quarto ainda occultos no travessão de matto, lá embaixo, donde não tardaria em pouco aquelle a desembocar; o quinto acobertando-se nas arvores, e os sincerros da guieira do culatreiro a chocar-lhe os ouvidos alli adeante, numa nuvem de poeira — de que recebia as ultimas lufadas.

Na estiagem magnifica da manhan, o sol aquentando e vibrando todo o sertão numa aureola gloriosa de luzes, zumbidos e chilreos, trilos de insectos nas touceiras orvalhadas e chirriadas adormentadoras de cigarras, plumagens multicores de passaros no verde retincto das folhagens e arrulhos cantantes de agua corrente, — Joaquim Percevejo empinava o busto e ficava olhando muito tempo, esquecido, para baixo, donde vinha, por vezes, o reverberamento do sol, dando de chapa no latão duma bacia, emborcada sobre um cargueiro do segundo lote.

Ao longe, os peões bracejavam e sacudiam a taca, achegados á retranca dos lotes: e nos volteios do caminho, as suas cabeças amarradas em lenços d'alcobaça — as pontas sarapintadas voltadas para traz — passava como azas de borboletas; adejando num vôo indolente rasteiras ao solo, uma azul, outra amarella, outra encarnada, por sobre o verde-pallido indefinivel do pescoço, os metaes das cabeçadas de prata; subia a toada continua dos guizos e sincerros; e a perder de vista, a terra estuava e desdobrava-se uniforme, na mesma e epithalamica pujança de arruidos e de vida. Joaquim Percevejo ficava olhando, olhando, estribado sobre os lóros; e, vendo-se a sós, não podia que não soltasse o brado de enthusiasmo que lhe transbordava do papo turgido de perú de roda:

— Êta tropa damnada!...

E aquella exclamativa era a expressão sentimental de toda uma existencia subitamente revelada.

Espicaçada por subita esporada, a mula descia em dous corcovos bruscos a rampa, crepitando, fazendo ás arvores e cupins que deixava par traz, em postura de monge ermitão, uma caratonha obcena com o rabo erguido.

Pegado o culatreiro, já a sua fisionomia readquiria a sisudez apathica de costume. O vozeirão grosso, descançado, de quem sabe dar peso ás palavras, interpellava: — Eh, seu Quim, como vae seguindo isto por aqui?

— O Passarinho tá damnado de veiáco hoje; ess'outro dia tanto coçou nos páo que deitou a carga no atoladô; hoje só qué mêmo cortá vorta no matto. Tá dammado!

— Chega-lhe a taca, hôme, que isso é falta de carga no lombo. Amanhan, bota-lhe em riba mais um dobro da deanteira e o rosario de ferraduras. Vamos vêr se ainda trêta depois pelo caminho.

Não lhe dava o *xará* por respeito á hierarchia. Tinham chegado ao corrego, no amago do travessão. Os burros enfurnavam-se pela garganta do ribeiro acima, entre o arvoredo das margens, recusando cada qual beber a agua suja do que o precedera; e os que ficavam para traz, saciados, experimentando um subito abaixamento de temperatura, abriam as pernas, "sellavam" o ventre, e rabo ao ar dejectavam na corrente, naquella satisfação refestelada de irracionaes.

Os dous tinham parado á beira do corrego. Picando uma rodela de fumo, continuavam a conversa encetada. A mula do arriero, mais "filosofa", matava alli mesmo a sêde, num chiado agudo de agua passando entre os ferros do freio, até que o primeiro mijado, que descia em bolhas na torrente, lhe despertasse os melindres.

— A modo que a manha do Passarinho é da cangáia nova. Mecê deve ter notado que desde os Olivêro o bicho não toma geito.

— Qual cangáia, qual carapuça! Encosta o relho e tóca p'ra deante, que é trêta antiga.

— Eh! êh! Pachola! Ventania!... Diacho de bicho bravo!

O relho estalou e a burrada foi cortando pelo matto a dentro, rompendo a marmellada, vindo de novo ganhar a estrada cá em cima na rampa. Joaquim Percevejo correra a espora pela anca da besta, já lá ia adeante, nas pegadas do segundo lote. Ia tudo sem novidade; e, quando passado um quarto d'hora, alcançara o terceiro, encontrou-o encalacrado numa volta do capoeirão, os burros socados no cerrado, e o tocador a arrumar a carga da deanteira — que não tomava geito e ia arrecuando e pisando o espinhaço do animal a cada nova subida do caminho.

— Tamá tento na Tetéa, Izequiel; olha um calço na capota dessa congáia.

O outro não respondeu. Vendo um cargueiro adeante raspando terra e fazendo menção de deitar, já lhe correra ao encalço, sacudia-lhe a taca ao trazeiro, bradando:

— Completo! diacho de preguiçoso!...

Joaquim Percevejo, vendo-o naquella entaladura, apeara, concertava o cargueiro abandonado. E como tinha a mão "prompta", déra logo geito aos dobros, passara de novo o ligal e arrochava a sobrecarga, mordendo os beiços e mettendo o pé á barriga do burro.

Ao longe, no atalho da serra, passava um cavalleiro, alvejando, o cão de fila á cola lambendo a poeira com o seu palmo de lingua. E Joaquim Percevejo apertou a andadura da besta, e foi tórando mais depressa, para alcançar o patrão na encruzilhada da serra.

E o officio era aquelle, assim, duro, — na regra de pobre, como dizia o arrieiro.

... ...

... ...

1916.

HUGO DE CARVALHO RAMOS.

PARANAIBA

Temos sobre a mesa o primeiro numero da revista *Paranaiba*, orgão dedicado á propaganda das cousas de Goyaz. Dirigida pelo Sr. Moysés Sant'Anna, um estudioso desses assumptos, o seu primeiro numero vem cheio de optimas informações e excellentes gravuras. E' a primeira revista no genero que apparece naquellas regiões e o seu aspecto graphico em muito a recommenda.

AGUAS THERMAES

Uma das maiores riquezas do Brasil são incontestavelmente as innumeras fontes de aguas thermaes que existem em diversos Estados.

Infelizmente, os poderes publicos olham com pouco caso, mesmo com desprezo, esses e outros assumptos, que dizem respeito á saude publica.

Em todos os paizes os governos procuram crear estabelecimentos, onde os doentes encontrem a cura das suas enfermidades.

Vichy, com uma população de 16 mil almas, recebe annualmente de 150 a 200 mil estrangeiros.

E digno de louvor o carinho que o governo francez dispensa a essa encantadora cidade de aguas.

Goyaz possue em Caldas Novas, Caldas Velhas e Caldas do Pirapetinga 23 excellentes fontes, cuja temperatura varia de 36° a 51°, sendo que esta é a unica conhecida com tão elevado gráo de calor.

Graças ao illustre scientista o Dr. Orozimbo Corrêa Netto, que tanto se tem esforcado para que seja uma realidade a hydrologia medica nacional, tem-se uma quasi perfeita analyse dessas 23 fontes.

O Dr. Orozimbo fez todos os estudos das thermas goyanas á sua custa, tal era o desejo que tinha de conhecer mais essas fontes.

Os dous livros que publicou sobre as *Aguas Thermaes Brasileiras* e as *Aguas Thermaes de Caldas Novas*, em Goyaz, têm merecido os mais francos elogios dos medicos e dos que se interessam por esses estudos.

Ainda agora o notavel brasileiro que com tanta abnegação tem desbravado os sertões de Matto Grosso, o glorioso soldado que tanto tem contribuido para que sejam conhecidos rios e montanhas, ainda não incluidos nos nossos mappas, esse benemerito patricio, o General Rondon, acaba de convidar dous illustres scientistas, o Dr. Orozimbo Corrêa Netto e o Dr. Guilherme Milerad, professor de chimica da Faculdade de Medicina de S. Paulo, para o estudo complet[o] das aguas thermaes de Matto Grosso.

Essa importante commissão já deve estar em territori[o] mattogrossense.

Vae o Dr. Orozimbo prestar mais esse serviço relevan[tis]simo ao Brasil, estudando, com a sua reconhecida com[pe]tencia, as novas fontes thermaes do grade Estado de Matt[o] Grosso. (1)

Abandonando a sua vasta clinica em Poços de Caldas acceitando o convite do benemerito General Rondon, o Dr Orozimbo continuará a empregar todos os seus melhores esforços no sentido de estimular o desenvolvimento da industria hydro-mineral thermal e climaterica no Brasil.

A esse eminente scientista, a quem muito deve o Estad[o] de Goyaz, eu apresento os meus mais sinceros votos par[a] que seja muito feliz na importante commissão de que [é] chefe, trazendo novos elementos, que elevem bem alto [as] nossas riquezas.

O. PINTO.

(*) — N. R. — Pelo que sabemos, as fontes thermaes que o Dr. Orozimbo Corrêa Netto vae estudar ficam em territorio goyano, que Matto Grosso sempre procurou collocar em litigio com o nosso Estado.

ANALYSES DE MINERIOS DE GOYAZ

Tendo o nosso director enviado ao Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil algumas amostras de minerios procedentes de S. José de Tocantins, foi esta a resposta que gentilmente obteve do eminente scientista e digno chefe daquelle departamento do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Dr. Gonzaga de Campos:

"Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil. Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1919.

Illmo. Sr. Major Henrique Silva.

Tenho a honra de remetter-lhe as amostras, que teve a bondade de confiar-nos para exames. São ellas:

N. I — Minerio de ferro de Goyaz.

Acompanha a analyse, que demonstra ser um minerio bastante rico e puro, contendo muito pouco phosphoo e nada de titanio.

Si existem grandes depositos desses materiaes, poderão ser aproveitados na industria do ferro, quando houver vias de transporte economico para os productos.

A amostra foi toda pulverizada para a analyse, e por isso deixo de a devolver.

N. II — Garnierita de Goyaz.

E' um minerio bastante rico, contendo traços de chromo.

A analyse junta mostra a sua composição.

As amostras são muito diminutas, indicando pequenas veias.

Si, porém, existem massas maiores e da mesma composição, representa um minerio bastante valioso.

N. V — Rocha eruptiva decomposta.

Difficilmente se póde adivinhar a sua composição primitiva.

Parece ter sido uma rocha de Olivina e Pyroxeno. A Olivina deu por composição a serpentina que lhe fórma a grande massa. Esta serpentina está cheia de pequenas particulas de chromita.

Essa analyse accusa pequena proporção de chromo. E bem possivel que esta rocha esteja em relação com a garnierita do n. 2.

Seria conveniente colher amostras maiores e mais frescas desses dois typos de rochas.

As outras amostras são sem importancia:

N. III — Silex.

N. IV — Silex em via de transformação em argila, por ataque de aguas alcalinas.

N. VI — Quartzito ferrifero, mas sem valor, pela diminuta proporção de ferro que contém.

Sempre ao vosso dispôr o

Crd.° Obrdm.°

Gonzaga de Campos."

Foram estes os resultados das analyses:

De uma amostra de minerio de ferro.

Constituida essencialmente de hematita rubra.

Humidade H_2O a $110°$	0,44 %
Ferro met. Fe	62.20 %
Silica SiO_2	5.56 %
Phosphoro P. — Traços ligeiros.	
Anhydrido titanico TiO_2 — nihil.	
Deduzida a humidade:	
Ferro met	62.45 %
Silica	5,58 %

De uma amostra de Garnerita

Alumina Al_2O_3	2,85 %
Oxydo ferrico Fe_2O_3	2,32 %
Sesquioxydo de Chromo Cr_2O_3	0,03 %
Cal CaO — nihil.	
Oxydo de nihel NiO	20,50 %
Oxydo de cobalto CoO — nihil.	
Magnesia MgO	2,00 %
Silica SiO_2	61,13 %
Perda ao	11,00 %
	99,83 %
Nickel metallico	16,09 %

FOLK-LORE GOYANO

SUME'

Sumé, entre os Goyazes, era um ser benefico muito venerado, ou mesmo o primeiro chefe que elles tiveram, cujas disposições obedeciam cegamente.

Suppõe-se ter sido elle o organizador e educador dessa nação que soube constituir-se no meio daquelles sertões de modo a provocar a inveja e a rivalidade de seus vizinhos, principalmente os *Corôados* e *Cayapós*, dos quaes havia conquistado grande parte de terras que occupavam para augmentar seus dominios.

Havia, portanto, entre estas duas nações, que eram alliadas, e a dos *Goyazes*, certa prevenção e indisposição, ou mesmo odio concentrado, que só aguardava momento opportuno para explodir numa guerra tremenda, em que, por certo, os *Goyazes* não levariam a melhor, em attenção ao numero de seus inimigos, que pretendiam tambem chamar si os *Carayás*, *Canoeiros* e *Chavantes*.

Estavam as cousas neste pé, quando um dia appareceu na *taba* de *Sumé* um *caraybébê*, que vinha de longes terras e lhe dissera ter visto em caminho, das bandas em que o sol corre, uns guerreiros brancos e barbados que manejavam o trovão, e sobre o dorso de grandes animaes ferozes que lhes obedeciam cegamente, iam tudo devastando, parecendo-lhe serem dirigidos em pessoa pelo terrivel *Anhanguéra* — esse genio director de *Tupan*, de *Anhangá* e de outros espiritos malfazejos de que fallam os *pagés*.

Era esta a primeira noticia da expedição de Antonio Corrêa, que, á frente de um punhado de paulistas, ousára internar-se por aquelles sertões, indo até as famosas minas dos Araés, que ainda hoje estão por ser encontradas.

Com esta nova, que veiu augmentar mais a critica situação em que se achavam os *Goyazes*, ficou *Sumé* muito incommodado, já pela gravidade da noticia, como tambem pela sua idade e estado de saude em que se achava, circumstancias estas que o collocavam em difficuldades para conjurar o mal que se avizinhava.

Assim, pois, na impossibilidade de medida melhor, conta-se que fizera reunir na *ocára* da sua antiga *taba*, situada nas fraldas da serra do *Ariry* (Serra Dourada) os principaes chefes das diversas *tabas* de sua nação, aos quaes assim fallára :

"Meus filhos — Como sabeis, estamos cercados de inimigos rancorosos e vingativos, que miram occasião opportuna para se unirem e nos anniquillarem; e agora acabo de ter noticia de um facto que vem aggravar ainda mais a critica situação em que nos achamos no meio destes sertões,

"Refiro-me ao apparecimento, por estas paragens, dos mesmos homens brancos e barbados que já vi em outro logar, depois que vieram de longes terras e tomaram conta do nosso paiz, que pouco a pouoc vão conquistando e destruindo, reduzindo-nos á escravidão e impellindo, aos que logravam escapar do seu dominio, a emigrarem-se para o interior, onde, no meio das selvas e das féras, pudessem continuar a viver livres e independentes.

"Foi assim que os nossos antepassados — os *Goyanazes*, que foram por elles quasi que anniquillado, se viram na dura contingencia de abandonar as terras que possuiam, fugindo para estes sertões em que de novo se estabeleceram, sob a minha direcção, fundando esta nação que tão grande e prospera está hoje, sendo invejada e temida pelos seus vizinhos.

"Si taes homens que já estão apparecendo por estas paragens se unem aos *Corôados* e *Cayapós*, contra nós, estamos perdidos; precisamos, pois, evitar essa união, que acarretará o nosso anniquillamento, e para isso convém procedermos com prudencia, evitando hostilizal-os e recebendo-os mais como amigos do que como inimigos, qualquer que seja a attitude daquellas duas nações contra elles.

"E digo-vos isso, porque, se aquellas duas nações procurarem repellir a invasão desses homens, nós outros ficaremos livres para nos reunirmos a elles, ajudando-os a anniquillal-os, ao passo que, se tiverem procedimento contrario, submettendo-se ao seu dominio, com isso nada perderemos, pois que não terão o pretexto de nossas hostilidades para fazerem desses homens nossos inimigos; e assim, creio, conseguiremos manter a nossa autonomia e conjurar a crise que nos aguarda.

"Nada, pois, de hostilidades a esses homens por parte dos *Goyazes*; e se, como punição de nossos erros, o terrivel *Anhanguéra* nos vem castigar com *tupan* e *anhangá*, melhor será, resignados, submettermo-nos a elles, pois que é possivel que, com esse sacrificio, consigamos a sua consideração e amizade e, depois, é preferivel a escravidão de entes de qualidades tão superiores e sobrenaturaes á de vizinhos rancorosos e invejosos, que vivem como a féras espreitando o momento propicio para apoderar-se de sua preza."

E, dizendo isto, fez com que todos os seus se comprometem a seguir á risca os seus conselhos e retirou-se para a sua *oca*, onde cahiu doente de uma commoção violenta, fallecendo dias depois, cercado de toda a nação a prantear a sua morte e a resentir-se da sua falta, no momento em que parecia que tudo conspirava contra ella.

O seu cadaver, dizem, foi coberto com as insignias de chefe e introduzido, com todas as ceremonias funebres de que usavam estes selvagens, numa grande urna de barro, juntamente com as suas armas, sendo enterrado nas fraldas da montanha do *Cary* e proximo ao rio *Cambayúva*, não longe da garganta por onde este rio atravessa aquella serra. Sobre a sepultura foi construida uma grande *oca*, que os primeiros bandeirantes ainda encontraram em ruinas, e que os indigenas denominavam — *Oca do Cary*, vindo talvez dahi esse nome de — *Caryóca*, pelo qual é conhecido esse logar até hoje.

(*Continúa*)

A situação financeira de Goyaz

Por nos ter chegado ás mãos demasiado tarde, quando já nos prelos a nossa edição ultima, o que aliás não sabemos a que attribuir,, mui pouco nos foi possivel dizer da Mensagem do presidente João Alves de Castro ao Congresso Goyano.

Por esse importante documento official se vê que, pela Secretaria das Finanças, pela Estrada de Ferro Goyaz, pelas Recebedorias, Estações Fiscaes, Collectorias, cobradores da divida activa, a arrecadação feita montou á somma de

Comparada com o exercicio passado, verifica-se que em todos os postos de arrecadação, excepção das Recebedorias de Santa Rita do Paranahyba, Ipé Arcado e Manoel Nunes

NOTAS E INFORMAÇÕES

Continuam activos os trabalhos de construcção da Estrada de Ferro do Tocantins, achando-se já adiantados muitos kilometros, devendo em breve chegar ao kilometro 100, que fica á montante da Cachoeira de Itabóca.

O Dr. Horta Barbosa, digno director dessa importante via-ferrea, foi ao Pará, afim de inaugurar e fazer entrega, ao governo, de 15 kilometros, construidos este anno, desde 78 até 93 kilometros.

A Itabóca tem sido o maior entrave á navegação no trecho comprehendido entre o Baixo Tocantins e o Araguaya; vencida, pois, pela via-ferrea marginal que a vae contornar, terá Goyaz a sahida franca dos seus riquissimos productos pelo porto de Belém do Pará.

* * *

Todo o mundo está cansado de saber que desde meiados do anno findo, *Goyaz não deve cousa alguma, quer interna, quer externamente, está com o seu funccionalismo pago em dia e tem em cofre um saldo em dinheiro no valor de* 1.154:403$482 *réis, não incluida a arrecadação junto á Estrada de Ferro e varios recolhimentos de Abril ultimo, no valor de* 62 *contos, já conhecidos, mas ainda não entregues á Secretaria de Finanças, e todas as demais arrecadações do dito mez não accusadas pelos exactores.*

Mas ha neste Rio de Janeiro um jornal da mais larga circulação que, por motivos sabidos, e de estreito patriotismo, leva a menoscabar nas suas columnas de tudo que diz em relação a Goyaz. E tanto isto é verdade, que na sua edição de 8 do corrente, lá estão, com a mais requintada perversidade, estes dizeres mentirosos, trasladados do relatorio posthumo do ex-ministro mineiro Antonio Carlos, que "o orçamento de Goyaz, de 1917, precisa a receita de 1.151 contos e a despeza de 1.565.

"Deficit": 414 contos. A divida activa do Estado elevase naquelle anno a 580 contos.

Goyaz é um Estado longinquo, vivendo entre agonias."

Ora, queira o leitor attender no que vem na Mensagem do presidente de Goyaz, com relação ao exercicio financeiro do nosso Estado naquelle mesmissimo anno de 1917:

Receita Geral.	1.937:454$963
Despeza geral.	1.454:890$920
Saluo.	482:655$920

Pulverizada, assim, a mentira do ministro e do seu orgão que o foi na imprensa carioca, perguntamos: como que um Estado que vive entre agonias póde, no corrente anno, accusar o seguinte quadro da sua situação financeira:

Receita.	1.510:136$400
Arrecadação	2.316:729$432

ou sejam 52 1|2 por cento a mais sobre a previsão orçamentaria, isto é, — 806:593$033 para mais.

Qual, por ahi, no momento actual, outro Estado da União vivendo entre tamanhas agonias?

— por onde aliás passou para Minas e S. Paulo a maior parte da exportação goyana no anno findo — verifica-se que a renda augmentou, excedeu a da ultima arrecadação.

A zona do Norte produziu apenas a quantia de réis 91:781$007, ou mais 31:447$737 do que em 1917, o que quer dizer que o Norte só concorreu para a receita geral do Estado com 4 % ! !

Infelizmente, as providencias tomadas com a remessa de força para diversas estações arrecadadoras dessa região, ficaram prejudicadas com os acontecimentos de S. José do Duro, vendo-se o governo na necessidade de concentrar o contingente exclusivamente neste municipio, o que deu logar a que a sua arrecadação fosse elevada de 15:738$233, que foi o rendimento de 1917, para 27:442$827, diz o digno presidente do Estado.

Conhecedores que somos do caracter integro do Desembargador Alves de Castro, estamos certos que a esta hora já estarão seguros pelas respectivas caudas os gatos que puxam braza para suas sardinhas nos postos de arrecadação de Santa Rita do Paranahyba, Ipé Arcado e Manoel Nunes.

* * *

Até o dia 30 de Abril deste anno já havia sido escripturada, na Secretaria de Finanças do Estado, a receita de 548:290$922, contra uma despeza de 309:202$193.

Esta arrecadação é maior do que a de igual periodo em 1918, que montou em 258:219$381.

Proseguiremos no proximo numero.

As paineiras do Brasil Central

A's vistas intelligentes d'um viajante illustre que em desempenho d'uma missão commercial, não ha muito, visitou parte da zona sul de Goyaz, não passaram despercebidos os innumeros recursos economicos que a sua magnifica flora encerra. Impressionou-o de começo uma familia botanica que possue os mais uteis espécimes, mas que ainda não foram objecto de exploração indutrial.

E assim foi que logo chamou a attenção de Paul Walle, ao transpôr o Paranahyba, a abundancia surprehendente dos vegetaes productores de painas. Diz esse viajor, na sua interessante monographia sobre Goyaz, que na região sul deste Estado se depara por toda a parte um aproveitavel vegetal, a *paineira,* cujos fructos contêm fibras sedosas, longas, macias, conhecidas sob o nome vulgar de *paina*. Este producto, que o commercio europeu chama *kapok,* procede de Java e outras possessões hollandezas.

A paina não é inferior ao kapok, accrescenta; as amostras enviadas á Hollanda foram acolhidas mui favoravelmente.

Conta ainda o mesmo escriptor que os productos da paina do Brasil são preparados praticamente pelos Srs. H. Drake & C., de Londres, que inventaram machinas especiaes para abrir, limpar e extrahir as sementes e impurezas do producto em estado nativo. A paina é então submettida a cardagem, ficando, dest'arte, com as fibras abertas em toda a sua extensão, promptas para serem utilizadas.

Na verdade, são muitas as especies vegetaes productoras de paina em toda a região goyana, particularmente nos campos, onde excellem as qualidaes mais preciosas, como a chamada *paina de seda*.

Não inferior é uma especie de paineira, tambem campesina, cujos productos lembram, quanto á côr, o algodão caboclo ou pardo.

Não falta á flora goyana nenhuma das 44 especies de Bombaceas brasileiras, inclusive a gigantesca Samaúma, que passa por peculiaridade da Amazonia.

A nossa gravura representa uma variedade de Bombacea conhecida pelo nome de Barriguda. Pelo seu porte alto, sobranceiro á matta proxima, ella é bem um desmentido aos botanicos de gabinete, que circumscrevem ao littoral e a depressão amazonica os especimens representativos da força e exuberancia da vegetação no Brasil.

Uma paineira de Goyaz

Pendente dos seus altaneiros galhos, vê-se um ninho de Japús, ou Guaches (*Cassicus esp.*)

Questões pecuarias

Não ha, por certo, assumpto a se tratar que mais de perto interésse o desenvolvimento da nossa industria pastoril que o relativo á intelligente e methodica cultura das mais rendosas forrageiras, quer exoticas, quer nacionaes.

Um paiz que não se peja de importar alfafa, farello e milho dos vizinhos não merece ser tomado a serio como concurrente em cousas pecuarias. E' o nosso caso, infelizmente.

Possuindo a flora mais rica e variegada do globo, com a sua admiravel grande-gala tropical, era natural que tambem possusseimos, e de facto possuimos as mais ricas e variegadas plantas forraginosas, numa serie infinita que vae da mais mimosa grama rasteira até ás do porte altivo do Jaraguá, não fallando nas leguminosas arbustivas, trepadeiras, nem nas plantas arbores, nem nas palmaceas, nem nos productos vegetaes, como os da mandioca, hoje considerados como excellente "base" para estabelecer o regimen alimenticio do gado, já utilizadas nas fazendas dos norte-americanos da "Brasil Land Cattle and Packing Company", sob a competente direcção do Sr. M. Mackenzie, no sul de Matto Grosso.

Entretanto, mercê do clima e da constituição do nosso solo, não só as luzernas, como tantissimas outras leguminosas e gramineas forrageiras exoticas têm sido cultivadas com exito no Brasil, adaptando-se perfeitamente e produzindo o maior rendimento.

Nos vastos campos do interior as leguminosas forrageiras se cobrem de flores todos os annos e as mais mimosas gramineas fazem sua maravilhosa eclosão logo após as *queimadas do agrestes*.

E ainda ha brasileiros tão ingenuos, tão ignorantes, que se fazem echos inconscientes de estrangeiros — isto é, que o Brasil é pobre de leguminosas, suas gramineas nativas são rijas, palhentas e que no interior a macega aspera, alta e resequida encobre os horizontes ao viajor a cavallo !...

Somos o unico paiz do mundo que não possuimos um estudo das forragens indigenas, com os valores indicativos do seu quociente nutritivo. A botanica do Brasil é *sport* de sabios de gabinete.

Os laboratorios de analyses do Ministerio da Agricultura não funccionam... por falta de materia prima, não têm o que analysar.

Naturalistas viajantes, para colherem materiaes botanicos, o nosso Museu Nacional não os possue, ou antes, é o unico do mundo que não dispõe de verba para isso...

O botanico que foi da commissão Rondon trouxe no seu herbario, em vez de forragens ricas que predominam na região percorrida — carrapichos, fedegoso e essas vassourinhas que são pragas aqui nos suburbios do Rio, como se vê seu volumoso relatorio impresso por conta do Governo.

O Sr. Pandiá Calogeras, quando na pasta da Agricultura, teve a excellente idéa de incumbir o sabio botanista Sr. Alberto Löfgren do estudo, *in-situ,* das plantas forrageiras do sul de Matto Grosso, principalmente as dos chamados "pantanaes" — tão preconizadas pelo naturalista allemão R. Endlicher.

Mas veio o seu successor, e num longo descortino de estadista, julgou logo da "inutilidade" desse estudo, dissolvendo a commissão.

Saberia o Sr. Ministro que foi commettendo estudos dessa natureza aos seus mais competentes especialistas na materia que os argentinos e uruguayos assentaram as bases do problema forrageiro nos seus respectivos paizes, resolvendo-o em definitiva ?

Desses importantes estudos se incumbiram, na Argentina, Paulo Lavinir, do Ministerio da Agricultura; no Uruguay, J. Arechavaleta, do Museu de Montevidéo.

Na verdade, nós não precisamos ir buscar fóra nenhuma especie forrageira, por isso que possuimos as melhores qu[e] se podem desejar. O que é preciso é que os nossos impagaveis e custosos bromatologistas se deixem de conversas fiadas, estudem *in-situ* ou nos postos zootechnicos, de preferencia as nossas forragens nativas, que das estrangeiras, at[é] os collegiaes já podem dizer dos seus principios, componentes, etc., etc.

Não ha negar que entre nós, particularmente entre o[s] titulados ha verdadeior desdém, para não dizer menosprezo, por tudo quanto é nacional. Procuramos collocar o qu[e] é nosso em plano inferior ao similar que nos vem do estrangeiro — quando não damos ás cousas nativas do pai[z] procedencias alienigenas. Haja vista o algodoeiro, que or[a] está em fóco com a conferencia da Sociedade Nacional d[e] Agricultura. Dizem os mais ousados saberetes que a ric[a] malvacea não póde ser indigena do Brasil, que Herodoto [a] conheceu no Egypto... quando a gente sabe, das chronicas mais antigas do paiz, que antes da descoberta, os aborigenes davam ao algodão o nome de "manyn", irmão d[o] "pitum", o tabaco.

Quanto nos custou a provar que o capim gordura, ou catingueiro, é indigena do Brasil, contrariando, assim, [A.] Saint-Hilaire e J. Gardner, que o tinham como importad[o] pelos colonos hespanhóes.

Quando não podemos dar procedencias exoticas aos productos originarios do paiz, menosprezamol-os.

Ha tempos que vimos divulgando algumas dezenas d[e] forrageiras preconizadas pelos criadores de Goyaz, Mina[s] e Matto Grosso como superiores ao "Jaraguá" e ao "capim gordura" — as duas unicas gramineas nacionaes que cultivamos, e isto mesmo porque ellas se impuzeram á evidencia, zombando dos seus innumeros inimigos gratuitos. Mas succede que ellas lá estão no seu pivilegiado "habitat", tão ignoradas dos botanicos como dos nossos chimicos analystas d[e] laboratorios, bromatologistas e de toda essa legião de "licenciados" do Ministerio da Agricultura.

Nestes assumptos o Estado de S. Paulo é mais benemerito dos criadores brasileiros do que todas as instituições federaes, excepção feita do Instituto de Manguinhos. O Posto Central da Moóca, o Instituto Agronomico de Campinas, a Estação Experimental de Osasco, o Instituto de Butantan, vieram operar uma verdadeira revolução na economia rural do paiz inteiro. — *HENRIQUE SILVA.*

PELO NOSSO ANNIVERSARIO

Do illustre representante de Goyaz na Camara dos Deputados Dr. Francisco Ayres da Silva, actualmente em Porto Nacional, onde dirige o *Norte de Goyaz,* recebeu nosso director as seguintes linhas:

"Ao presado amigo major Henrique Silva.

F. Ayres da Silva envia suas mui affectuosas saudações pelo anniversario d'*A Informação Goyana* e faz votos para que os annos se succedam com dias bonançosos e prosperos para o intrepido paladino das defesas de Goyaz n[a] metropole brasileira."

EXPEDIENTE

Aos nossos amigos, assignantes e correspondentes que e acham em atrazo, lembramos a opportunidade de solver seus compromissos comnosco.

Não desejamos, de modo nenhum, ficar privados dos uxilios que nos têm sido prestados até agora peos nossos epresentantes e subcriptores do interior, e por isso, achaos conveniente nos escreverem a respeito.

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviaem com a possivel brevidade as respectivas importancias n dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Reista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou corresondentes d'"A Informação Goyana" nas diversas locadades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com ta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver inrrupção na remessa d'"A Informação Goyana".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu direor, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de oyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em ameri.

Assignaturas

1 anno (Brasil)	10$000
1 anno (Paizes da União Postal)	20$000
umero avulso	1$000

Annuncios

1a pagina	100$000
½ pagina	60$000
1 quarto	30$000
1 oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta pital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: **Henrique SILVA**

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2· andar — Tel. Central 4682

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 15 DE AGOSTO DE 1919 — VOL. III—N. 1

SUMMARIO

s questões de limites inter-estadoaes e o Sexto Congresso de Geographia

Quando se fallou por ahi na fundação de um congres- de geographia para o encaminhamento das questões de mites inter-estaduaes, de modo que ellas ficassem definiti-mente resolvidas por occasião de festejarmos o centenario nossa Independencia politica, ninguem acreditava que seus resultados praticos pudessem surtir o effeito dese-jlo, por isso que essas questões vêm sendo de longa data jecto de estreitas contendas.

Contrariamente, porém, ao que se pensava, o congres- a reunir-se em Setembro proximo na capital mineira rebeu a adhesão de todos os Estados da Republica, os aes, promptamente, nomearam os seus respectivos de-ados, indo tambem o sr. dr. Epitacio Pessoa ao en-ntro de tão patriotica disposição.

Ainda agora, com grande surpresa para muita gente. oséguem da melhor maneira os trabalhos preliminares congresso, notando-se que varias questões já se acham is ou menos encaminhadas, algumas até quasi resol-as.

O Estado de Goyaz, tão longinquo quanto olvidado os poderes publicos da União, foi o primeiro o dar a "sta", entregando os seus representantes, almirante José los de Carvalho e major Henrique Silva, aos delegados Minas, Bahia, Matto Grosso e Pará, as memorias respe-tas, afim de que elles as estudassem.

O accordo sobre novos limites, que o Estado de Goyaz poz aos demais Estados, é o seguinte:

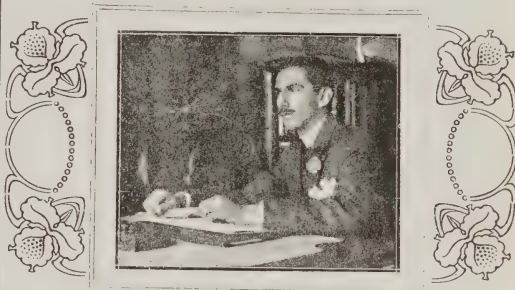
"Com o de Minas Geraes: — Os limites historicos, ou melhor, os os que a Capitania de S. Paulo tinha com a das Minas Geraes da criação das de Goyaz e Mato-Grosso, isto é, a linha de cumia-lo Espigão Mestre, tambem chamado Serra Geral, ou cadeia Goya-e separa as aguas das bacias de S. Francisco, Paraná e Tocan-desde as nascentes do Ribeirão Jacaré na Serra de Pilões até á ada de Santa Maria.

Resulta deste accôrdo, que Minas Geraes sahe 'ucrando com a sição de grande área limitada pelo referido Espigão Mestre, rios endidos e Preto.

E' a maior concessão que o Estado de Goyaz poderá fazer ao de Min.

Com o do Pará: — Goyaz accôde, da melhor bôa vontade, a um nio como o de 7 de Dezembro de 1900, celebrado entre os Gover-os e Mato-Grosso e Pará, para a solução de seus limites, mas pro-pondo, por seu turno que a linha divisoria seja uma recta tirada da confluencia do rio Gradahús no Araguaya, até alcançar pelo meridiano de 6° de longitude W do Rio de Janeiro, á margem direita do Itacahunas, e por este até a sua foz no mesmo Araguaya.

Com o de Mato-Grosso: — O rio Sucuriú desde a sua mais alta cabeceira no *divortium aquarium* das bacias do Amazonas e do Prata até sua confluencia no Paraná, e, da mesma nascente do Sucuriú para o norte, uma linha geodesica tirada pelo meridiano de 10° de longitude W do Rio de Janeiro até o rio das Mortes por este á sua barra no Araguaya.

Assim, perde Goyaz, não só a zona comprehendida entre aquelle arco de meridiano e a linha de equidistancia entre a sua capital e a de Mato-Grosso, como tambem a região encravada entre os rios Sucuriú, Paraná, Pardo, Covim e Taquary, ou seja a maior parte do territorio litigioso."

O Dr. Victor de Carvalho Ramos, distincto escriptor goyano, na sua mesa de trabalho

Mas os esforços dos dignos e competentes delegados de Goyaz não ficaram ahi. Os resultados praticos por elles obtidos foram mais longe, tendo sido assignado com o Estado da Bahia o seguinte termo de convenio:

"Os infra assignados delegados da Bahia e de Goyaz, investidos pelos respectivos Governos dos Estados acima citados, resolvem assentar a linha divisoria, que vigorará d'ora em diante e será respeitada pelas autoridades e população delles como sua fronteira.

A linha fronteiriça correrá pelo divisor das aguas do Espigão que se encontra naturalmente levantado entre os dois Estados do Norte a Sul, com as variantes destes pontos cardeaes que deverão obedecer as nascentes dos rios das duas bacias, a do S. Francisco á léste e a do Tocantins á oeste.

Na chapada da Mangabeira será traçada uma linha pelo meio da lagôa do Veredão, correspondendo a nascente do rio Sonininho, que mana para a bacia do Tocantins e a do rio Sapão que mana para a bacia do S. Francisco.

Este acôrdo é feito *ad referendum* dos dois congressos estaduaes e da ratificação do Congresso Federal, nos termos da Constituição da Republica.

Logo depois de feita esta ratificação, nomearão os dois Governos acima indicados uma commissão mixta que irá cravar os marcos da divisão, ficando dois delles nas extremidades da referida lagôa do Veredão nos pontos da linha acima, que dividirá ao meio a lagôa, e nos logares em que fôr mais convenientes fincal-os, ou construil-os, de modo a serem sempre vistos.

E tendo nisto accordado, combinado e acertado promettem, em nome do poder publico dos dois Estados, respeitar tal divisoria que assim fica estabelecida, dependendo apenas das ractificações já declaradas, impostas pela nossa lei magna.

A este accôrdo seguirá um convenio aduaneiro que julgam conveniente a bem da economia dos dois Estados, conc uir desde já os seus delgados infra assignados.

Apoz a assignatura expediram os mesmos delegados o seguinte telegramma aos Srs. Presidente da Republica, Governador da Bahia e Presidente do Estado de Goyaz:

"Temos honra communicar V. Exa. que foi hoje assignado convenio fixando divisoria Estados Bahia e Goyaz, iniciando obra completa confraternsação brasileiros, desfazendo pretextos possiveis desintelligencias.

Completará pensamento patriotico convenio divisorias outro aduaneiro, garantindo fiscalisação reciproca rendas Estados irmanados politica e economicamente. — *Almirante Carlos Carvalho.* — *Major Henrique Silva.* — *Braz Amaral.*—*Arlindo Fragoso.*— *Eduardo Espinola.*"

Em uma das ultimas sessões da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, reunidos os delegados de diversos Estados, pediu a palavra o Almirante José Carlos de Carvalho para dizer que:

"Os — Delegados — dos Estados da Bahia e de Goyaz, entregam a V. Ex.. o original, do Convenio que deve ser feito entre os mesmos — Estados — fixando a sua linha divizoria, convenio assignado nesta cidade do Rio de Janeiro, a 9 de Agosto de 1919.

Os Delegados dos dous Estados são de parecer que deve se seguir a este Convenio um outro — convenio aduaneiro, — a bem da economia dos dous Estados, a exemplo daquelle que está em vigor na Bahia e em Pernambuco, approvado por decreto do Estado da Bahia n. 1.193, de 31 de Outubro de 1912, pela Lei n. 892 de Dezembro do mesmo anno, e pelo decreto n. 10.109, de 5 de Março de 1913, do Governo Federal.

Nesse — convenio aduaneiro—devem ser incluidas estas clausulas:

a) — Os Estados contratantes permittem que em seus territorios tenham exercicio mediante prévia communicação. — Agentes — fiscaes do Governo incumbidos da fiscalização e da cobrança de impostos afim de evitar fraudes e contrabandos.

b) — O Convenio aduaneiro entre os dois Estados será submettido á approvação do Governo Federal, para o fim determinado na Constituição da Republica, art. 48, n. 16, e terá execução emquanto convier aos interessados é por qualquer delles não fôr denunciado com antecedencia de noventa dias.

Temos mais a informar á V. Ex. que vamos remetter ao Sr. Governador da Bahia e ao Sr. Presidente de Goyaz, a cópia do referido accordo, do mesmo modo que faremos a entrega de cópias autenticadas por V. Ex. ao Archivo do Ministerio do Interior, á Bibliotheca Nacional, ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro e á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Assim procedendo os — Delegados — dos Estados da Bahia e de Goyaz, estão certos de terem cumprido a honrosa incumbencia que lhes foi dada pelos illustres Governadores daquelles dois Estados, que tanto desejam, como nós todos, que o Brasil, além de grande em territorio seja uma Republica de Estados verdadeiramente unidos, civilisados e governados mais pela razão do que pela força.

Em resposta á participação que fizemos ao Sr. Presidente da Republica, da assignatura do accôrdo entre os Estados da Bahia e de Goyaz, referentes á definitiva demarcação dos limites dos respectivos Estados, S. Ex. dirigio-nos este telegramma:

"Palacio Cattete. — Sr. Almirante José Carlos de Carvalho. — Congratulações. — Renovo a asseguranҫa de minha sympathia e apoio a tão patrioticos propositos. — *Epitacio Pessoa.*"

O Marechal Thaumaturgo de Azevedo disse ser um facto auspicioso esse que acabava de ser communicado á mesa. Os delegados de Goyaz e da Bahia haviam sido os primeiros a chegar a um accôrdo sem attritos e com elevado patriotismo. Propunha, por isso, que ficasse consignado um voto de louvor aos mesmos delegados.

Ainda com relação a esse assumpto disse o Dr. Braz do Amaral:

"Os delegados dos Estados da Bahia e de Goyaz, que vieram aqui á solicitação da Sociedade de Geographia e por esta causa acabam de concluir um accôrdo estabelecendo a linha divisoria dos referidos Estados, por um accidente natural, sem retaliações, nem outra preoccupação além da concordia de todos os brasileiros, e especialmente da necessidade de ser completada a obra, entre os filhos deste paiz, que já foi feita entre elles e os extrangeiros visinhos, vêm pedir á Sociedade de Geographia, em troca deste esforço que são elles os primeiros a realizar na occasião, que se digue a mesma Sociedade em appello dirigido ao Governo Federal solicitar o cumprimento da parte do numero 4 do estatuido no decreto n. 8.648, de 31 de Março de 1911, que autoriza a construcção de uma estrada de ferro de S. Marcello, no rio Sapão, a Porto Franco e no rio do SComno, atravessando o territorio do Jalapão.

Só a construcção desta linha que já figura no termo de revisão do contrato de 31 de Outubro de 1910, revisão assignada em 15 de Abril de 1911, assim como a construcção de outra, partindo de Barreiras em direcção a S. José do Douro ou Arraias, poderão tornar deveras proveitosos para os dous Estados o convenio que acabam de fazer, no sentido em que estão acordes os seus delegados de preferir a politica economica á dos engrandecimentos puramente de jurisdicção territorial.

Por outro lado tanto se ajusta este pedido ao franco elogio feito pelo primeiro magistrado da Nação ao trabalho de congraçamento e harmonia que os dous Estados acima acabam de realizar, como ao pensamento, geralmente conhecido de attender o actual Governo ás necessidades do Noroeste do Brasil.

Como preliminar á construcção destas duas vias de penetração, que é de interesse vejam iniciados desde já, forçoso se torna ampliar tanto a navegação de Joazeiro a S. Marcello, como a Barreiras. — Rio de Janeiro, sala das sessões da Sociedade de Geographia, 13 de Agosto de 1919. — *Braz de Andrade.* — *Henrique Silva.* — *Eduardo Espinola.* — *José Carlos de Carvalho.*"

Accidentes botanicos da flora brasileira

O "carrasco" que o selvicola chama *Katandi.ba.bi,* e os nossos camponezes — catandúba. — não é o producto do fogo lançado ás derrubadas ou roçados das florestas, é, como seu nome indica, (*Ka*, mato. *Ta*, duro. e... *ti.ba.bi*,... al) um mato tão virgem como *Kati.nga.ngi*, que nossos sertanejos chamam catinga (*Ka*, mato e *Ti.nga.ngi*, branco), e que tambem não resulta da applicação do fogo, como *Nhundu* (*Nhu*, campo, e *Tu*, sujo), que tambem não provém do fogo dos roçados, e, finalmente, como *Ka*, *Kaá*, *Kacté Kaäcté*, etc.

A catandúba é constituida por plantas caracteristicas, proprias de terrenos pobres; são arbustos que raras vezes excedem de 3m. de altura, de aspecto escuro, muito tortuosos, duros, onde os proprios lichens (*Kanduá*) são tambem escuros: raramente vejetam entre elles plantas de outras zonas, gramineas, etc. A catinga é constituida por plantas que lhe são proprias e caracteristicas de terras medíocres, ordinariamente calcareas, sem, comtudo, serem como as das catandúbas, são arbustos cuja altura tambem pouco excedem de 3m.; entre elles encontram-se, não raro, arvores proprias do mato, gramineas e outras plantas miudas; o que caracterisa é a extraordinaria abundancia de lichens brancos (sem exclusão dos amarellos, vermelhos, etc.), que quasi cobrem as hastes e ramos dos arbustos.

O cerrado ou *nhundú* (campo sujo), é um campo natural, de gramineas, onde abundam arbustos, sub-arbustos, hervas, etc., de uma infinidade de qualidades — pixiricas, ariticunzeiros, araçazeiros, grão de cavallo, cajueiros (rasteiros, acaules), pitangueiras (baixos), guabirobeiros (pequenos), uvalheiras, ingazeiros, mangabeiras, páo-terra, ipés do campo, lixeiros, juazeiros, fruteira de loba, unha de vacca, caraguatázeiros, ananazeiros, macambiras, carquejas, etc., e uma infinidade de pequenas plantas herbaceas e forrageiras. Constitue boa pastagem. E' a moradia predilecta dos avestruzes, sariemas, perdizes, codornas, veados, etc. O abuso de deitar fogo periodico, mas brutalmente, nestes cerrados, nos campos limpos (mimosos) tem-n'os estragado com o apparecimento das samambaias (*Amambaiti*), sapeзaes (*Capéti*), etc. A densidade dos arbustos e outras plantas nos cerrados é muito variavel; ha zonas em que os caçadores andam e correm facilmente a cavallo nellas, ha outras em que este exercicio fa-se não sem perigo. A capoeira (como errada e confusamente se escreve) ou capoêra (como deve ser escripto), de *Ka*, mato e *Poê.ra.*, (preter. de *Pô.ra.ri*, rad. Por. haver+... *ê.ra.ri*, suf. de preter.) onde houve mato; tambem dizem *Kaguê* e *Kakuê* (de *Ka*+... *gu* esp et. de... *ê*, e *Kuê*, ensurdecimento de *Koê*, preter. de *Kó*, ser) mato sido. E' esta que provêm das derrubadas dos matos para feitura de roças, fornecimento de lenha para estradas de ferro, usos culinarios e fabrico de carvão. Do primeiro fogo, para roças, alguns tócos rebentam, nascem outras arvores, cujas sementes escaparam da queima, crescem e formam depois de annos o capoerão, que não é rem mais será mais mato, como foi o primitivo. Se continuarem os fogos, após novas roçadas, fica a capoera, que toma então outros sobrenomes — baixa, de foice, levantada, de machado, etc.; é aqui que apparecem as vassouras, cambarás, amoreiras, unhas de gato, assa-peixe, e uma infinidade de arbustos de madeira branca—jacaré, mumjoleiro, tapixingui, etc., entremeada de samambaias, sapés, capins duros, etc. Se continuam os fogos virá então francamente o samambaial, o sapézal, que são a ultima expressão do estrago feito nas matas pelos repetidos fogos. O cerradão é tambem um mato (virgem) caracterizado e representado por arvores e arbustos proprios—guamirins, maçarandúba, faveiro, e uma infinidade de outras plantas que lhe são proprias. O cerradão póde ser em terras de boa qualidade, mas são seccas. O capi (de *Ka*, mato, e *Pau*, *ilha*), é sempre da feição do mato virgem — *Kactê*. Temos ainda a Restinga (?), mato semelhante á catinga pelo seu facies e dimensões, mas constituida por arbustos proprios de terrenos humidos, alagados, banhados, em cujas margens, mas na agua vegetam.

JORGE MAIA.

NOTAS SOBRE OS COSTUMES DOS INDIOS NHAMBIQUARAS

tomadas pelo 1.° tenente Pyrineus de Souza, em 1911, quando em serviço da Commissão Rondon e acompanhadas de dois breves vocabularios).

As presentes notas foram registadas sobre a perna e aos bocados, qui e ali, conforme a opportunidade, durante a minha permanencia m Campos Novos, na Serra do Norte, onde estive, de setembro de 1911 fevereiro de 1912, organizando a fazenda de Campos Novos e dirigino o serviço de transporte do material da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, do Juruena á Viena. Publicando-as, agora, conservei o primitivo desalinho geral, omo foram tomadas, sem influencia de leitura de trabalhos publicados obre os Nhambiquáras, por me parecer que dar-lhes arranjo mais meodico seria prejudicar a impressão de naturalidade selvatica — que seu unico valor.

A' grande e valente nação *Nhambiquára* tem por ***habitat*** extensa na das serras dos Parecis e do Norte e está muito subdividida em upos inimigos entre si. Desses grupos conheci, em Campos Novos, seguintes: ***Anonzê, Cocozú, Uainedezê, Xaody* e *Tayôpa.***

O indio Nhambiquára tem a estatura mediana, o peito largo, o ntre crescido, os dentes grandes e em geral estragados, orelhas curtas pés pequenos. Seus cabellos são muito negros, luzidios, abundantes, ossos e lisos, aparados na testa e no hombro e cahindo sobre as oreas de modo a resguardá-las da chuva. Raramente tem barba e, quan a tem, é pouca e no queixo.

São os Nhambiquáras, principalmente as mulheres, alegres, de phynomia franca, intelligentes, muito curiosos, hospitaleiros e extremaente amorosos dos filhos.

Os homens furam o nariz e o labio superior, onde collocam um enite ou um pedaço de páo; furam tambem as orelhas, nas quaes colam brincos. Este enfeite consiste numa taquarinha — de 8 a 18 ntimetros de comprimento — tendo engastado numa das pontas um nacho de pennas de periquito ou uma grande penna de arara.

Usam, como enfeite, homens e mulheres, collar de côcos, de conchas le dentes de animaes. Apertam, fortemente, os braços e as pernas m ligas de fibra de tucum ou de algodão, ordinariamente tecidas pe mulheres. Os homens trazem á cintura uma embira cujas pontas compridas e cahem para a frente, cobrindo, quando novas, as par pudendas. As mulheres trazem, no mesmo logar, um collar de con de côco, passado em muitas voltas. Os homens, ás vezes, usam boos diademas de pennas vistosas ou de pelles de onça e raposa.

Não usam nenhuma outra vestimenta tanto os homens como as lheres.

Dormem no chão e, de preferencia, na areia, á beira de pequeno uinho, acceso toda a noite, tendo por travesseiro, uma cabaça ou alga perna do vizinho ou vizinha mais proximo...

Ha sempre, na aldeia, um velho, que passa a noite, acordado, á beindo fogo, contando a historia da tribu e suas lendas aos indios moços, de cada vez. Estas prelecções são feitas em voz baixa, para não turbar o somno dos outros indios e ouvidas, sómente pelo indio que de quarto... Este educando presta a maxima attenção e vai afnando com a cabeça e com um hum! hum! que está entendendo; ois vai dormir e dá logar a outro. E a lenga-lenga do pobre velho inú até de manhan, com o patriotico interesse de não deixar desparecer as tradições da sua tribu. Emquanto fala, o velho come e a com o discipulo e atiça o foguinho...

Quando eu pernoitava com os indios, tambem eu dormia no chão, indo historias e registando estas notas e as palavras cujo significado endia.

Alimentam-se, ordinariamente, de mel, fructas silvestres, milho as e beijú feito de mandioca ralada; peixe e carne de qualquer ani bem assada e, ás vezes, socada (até cobras, insectos, larvas e coró ahido do tronco de palmeira pôdre).

Este pitéu — *coró* — é muito apreciado e procurado com grande vez e por elle desprezam qualquer outro. Tendo levado ao meu mpamento, para medicar-se, um menino *annonzé*, no fim de oito dias, fugiu, por não haver eu permittido que comesse um coró trazido seu pai.

Nos dias de fome, que não são poucos, devido á sua imprevidencia, m terra de formigueiro e terra torrada (do local onde fizeram fo).

E, nas horas de lazer, quando as mães catam os filhos, comem os os e lendeas, habilmente caçadas na cabeça...

Aos homens cabem as caçadas e a extracção do mel. Em procura ça e mel andam muito, pernoitando, muitas vezes, fóra da aldeia. lmente a mulher acompanha ao homem.

Nestas excursões a mulher leva tudo que possue a familia e mais lhos menores, que, pela idade, ainda não podem caminhar. E' a er quem prepara o rancho provisorio da palha que mais houver no o escolhido. Estes ranchos são baixinhos e circulares, ficando a de de cada um aberta. Os caibros são fincados no chão e as ponas superiores reunem-se em um ponto, dispensando assim o esteio. São tos de folhas de bacaba, burity, assahy, guariroba do campo ou qualquer folhagem, quando faltam aquellas palmeiras. Preferem quasi sempre as cabeceiras, não fazendo questão de agua corrente. Fazem pequenas cacimbas donde tiram agua com cuia para beber e tomar banho.

Estes acampamentos provisorios são formados de tantos ranchos quantas são as familias, que constituem o grupo.

Cada familia faz o seu ranchinho e ahi tem toda sua rica mobilia e toda sua fortuna!... Consistem estas no indispensavel samburá com a ça, que a mulher carrega, passando a alça na testa. Neste samburá accondiciona o machado (outr'ora de pedra), a cabaça de fumo, a d'agua, a do mel, a de contas de enfiar, dois páos de tirar fogo, rezina, panella de barro, pilão e mão de pilão. E ainda o beijú de mandioca, espigas de milho, as fructas que fôr encontrando e toda a caça que o homem matar em viagem. Com esta pesada carga e mais o fihinho de peito (quando o tem) a tiracollo, a pobre mulher anda o dia inteiro, muitas vezes, pelo matto ou pelo emmaranhado charravascal; corre e trepa, com admiravel agilidade, em qualquer arvore.

O homem, apenas conduz o arco com suas flechas e alguns — os mais gentis — ajudam a carregar os filhos pequeninos, que, pela sua pouca idade, ainda não os póde acompanhar em suas longas marchas, quasi sempre feitas ao trote, porque o indio nhambiquára não tem paciencia de andar de vagar nem procurar caminho. Quer logo chegar onde está a caça, o mel, as fructas...

Com a acquisição de nossos machados de aço elles derrubam qualquer páo para tirar mel. Já desprezam o machado de pedra que usavam antes do convivio com a Commissão e hoje fazem troça delle... Acham-no ridiculo e imprestavel...

São habilissimos para descobrir a *porta* de uma abelha; acompanham, de muito longe, as pequeninas abelhas até que ellas, incautas, denunciam suas casas. Costumam, em vez de derrubar a arvore que tem o mel, fazer um girau, para subir até alcançar a porta da colmeia e abrir um tampo na arvore, justamente, onde se acham os preciosos favos. Outras vezes sobem por um cipó e abrem a colmeia, manejando o machado com uma das mãos (direita ou esquerda, pois trabalham habilmente com qualquer mão) emquanto com a outra abraçam-se á arvore, para não cahir.

São processos estes expeditos e muito simples, mas que exigem grande gymnastica e muito desprezo pelas doridas mordidelas das abelhas, que, bravamente, defendem suas casas!

Aproveitam tudo: mel, larvas, samóra e cêra. Não comem geralmente o mel puro; misturam-no com agua ou com pôlpa de côco de burity.

O nhambiquára é tambem pescador; pesca com flechas de tres pontas, desprovidas de pennas. Fica, de tocaia, na barranca do rio com o arco armado. Quando o peixe passa, lança certeira setta e cai n'agua para o pegar. Usa tambem cevar o peixe com milho ou fructas e flechá-lo, quando elle vem comer a ceva. O peixe traspassado pela flecha não vai ao fundo; vem á tona d'agua.

Por mais de uma vez pesquei com os *Anonzês* nos rios Nhambiquára e Doze de Outubro — á bomba de dynamite — de que têm muito mêdo. Quando eu atirava a dynamite n'agua elles corriam para longe, só se approximando depois da explosão. Ao rebentar a bomba davam gritos de alegria e caiam n'agua — homens, mulheres e meninos — para apanhar o peixe no fundo. Não perdiam nenhum, nem ainda os menorem. Nadam e mergulham muito. Não têm mêdo de mergulhar nos poços mais fundos, enraizados e de aguas escuras. Pesquei tambem com anzóes e os ensinei a prepará-los, iscá-los e puxar o peixe, mas elles apreciam menos o anzol do que a dynamite.

O peixe é moquado com tripas e escamas. Não soffre nenhum preparo prévio e nada se perde...

E' o peixe a comida predilecta dos nhambiquáras; preferem-no a qualquer carne, como tive occasião de verificar.

Matam o passarinho com flecha especial de madeira tendo a ponta redonda e algumas vezes coberta de palha de milho, para não estragar a victima.

Morto o passarinho depenam-o e o enterram no cinzeiro quente com tripa, bico e unhas.

E assim o comem, depois de moqueado.

Gostam muito de um coró branco, grande, encontradiço no tronco do burity pôdre. Comem-no vivo, sem assá-lo.

Não deixam escapar uma lagartixa ou um lagarto. Perseguem-nos, tanto no campo como no matto ou charravascal, e, quando os bichos entram no buraco, os indios cavam o chão até tirá-los, tão apreciadas são essas caças. Do mesmo modo pegam ratos para comer assados, com tripas. Assam a caça, enterrando-a no borralho, e, quando a caça é muito grande — uma anta ou um porco e mesmo um burro da Commissão — preparam um buraco e ahi fazem fogo, para enterrar a caça com couro e tripas...

Não cozinham a carne, preferem-na assada e depois socada no pilão. Cozinham em panella de barro o côco da bacaba. O côco de burity elles o põem dentro d'agua, um ou dois dias, até amollecer a pôlpa, que comem com mel ou só. Tiram a pôlpa deste côco com os dentes e depois de amassá-la na mão, fazendo assim um bolo, comem-no ou

offerecem-no, por amabilidade, ao hospede que querem agradar... E para ser amavel, tem-se que comer...

Têm sempre no rancho uma grande provisão de beijú de mandioca e milho. Não comem a mandioca assada nem cosida e sim ralada, em ralo de madeira, feita polvilho.

Plantam na roça mandioca, milho (um milho de grão roxo e molle); cará, batata doce (differente da nossa: é amarella e pouco cresce); fava branca e rôxa, muito grande. Plantam tambem algodão, de que as mulheres fazem fio e meadas, iguaes ás que se fazem no sertão de Goyaz, Minas e Matto-Grosso. Com este fio tecem ligas para apertar os braços e pernas as cintas largas (*soreguzê*) que as mulheres usam a tiracollo, para nellas conduzirem os filhos de peito, cordas de arcos de enfiar contas, etc.

Cultivam tambem a mamoneira, mas não sei que uso fazem do seu fructo. Para andar á noite, quando precizam de luz, fazem facho ou então accendem um pedaço de rezina.

Junto das roças estão suas aldeias (*xycês* dos Anonzês e *xyçús* dos Cocozús), a que se recolhem depois das grandes caçadas e na época das chuvas.

Nunca a aldeia fica sem um homem de guarda, geralmente, um velho. A aldeia se compõe de um ou mais ranchos, grandes, bem cobertos de palha. Não têm divisões no interior; a vida é em commum.

Quando um indio quer sair a passeio, para caçar, pescar, extrahir mel e colher fructas, etc., diz ao resto da aldeia o que vai fazer e quanto tempo demorará. A mesma coisa fazem quando sáem em grupos.

Quando os indios de uma aldeia vão visitar os de outra, ao chegar entregam as armas e contam, caminhando de um para outro lado, tudo que elles têm feito nas caçadas, pescarias, as abelhas que tiraram e si encontraram com outros indios ou civilizados.

Depois deste longo discurso, sentam-se e vão comer em commum, falando sempre e fumando muitos cigarros, seguidos.

As mulheres têm grande amôr aos filhos, que só depois de homem casam-se e só então se separam. As filhas casam-se muito cedo.

Não vi nem um homem casado com duas mulheres. São monogamos, parece-me.

Conheci mais de uma viuva que, no arranchamento provisorio, vivia só com seus filhos.

São muito hospitaleiros: quando eu chegava aos seus ranchos offereciam-me mel com agua e tudo o mais que tinham. Muitas vezes, porém, encontrei-os em completa miseria, famintos. Pobres velhas, já sem dentes, chupando torrão de barro torrado, como se fôra doces bonbons!...

O homem nhambiquára é mais forte porque alimenta se mais de mel e fructas que encontra em suas caçadas; a mulher fica na aldeia com os filhos, esperando o marido, que, muitas vezes, não traz nada e ainda come as poucas fructas colhidas pela mulher... Comem a qualquer hora, do dia, ou da noite.

Gostam muito de cachorro que tratam com muita estima; assim como as gallinhas que recebem de presente, mas, para ellas não fugir, arrancam-lhes as pennas, como fazem aos papagaios, araras e jacutingas. Criam soins e macacos, que comem e dormem com elles; nas refeições esses animalzinhos roubam beijús e espigas de milho e sobem para o tecto da *xycê* a comer e a brincar com os indios, que acham nisso muita graça. Quando algum dos macacos os incommoda muito, elles amarram as duas mãosinhas do pobre animal nas costas e assim ficam quietos. Outras vezes surram os bichinhos que fogem para cima das *xycês* a chorar e depois descem a agradar os indios. Sobem-lhes na cabeça e põem-se a catá-los...

Julgam espalhar a chuva, subindo em um cupim ou toco e soprando para o lado em que as nuvens estão mais carregadas. O homem, si está fumando, tira a fumaça, que espalha, soprando, ou com a mão. E assim acreditam impedir a chuva de cahir!

— ::: —

INDIOS ANONZÊS — Os *Anonzês*, tribu Nhambiquára, chegam á fazenda de Campos Novos pelo Norte. São chamados *Anonzú* pelos *Cocozús*. Têm todo o caracteristico do seu povo, referido paginas acima. São inimigos dos *Cocozús* e dos *Uainedezês*.

Os *Anonzês* moram muito distantes de Campos Novos, que procuram mais na época das fructas, isto é, na secca. No inverno recolhem-se ás aldeias (*xycês*), onde têm suas roças. No tempo das fructas elles se approximam, fazendo arranchamentos provisorios nas cabeceiras, e ahi passam seis ou oito dias, tirando mel, nas proximidades, e todas as fructas que encontram: burity, guariroba, ananaz, bacaba, assahy, gravatá, cajú, mangaba e outras.

Acabadas as fructas e arrecadado o mel numa cabeceira, mudam-se para outra.

Vi nas *xycês* diversos indios e indias, para se curarem de febres, tomar quina branca, do matto. Tiram a casca da *quina*, cosinham-na e vão bebendo, emquanto dura o accesso de febre. Não têm nenhum resguardo: continuam deitados no chão, comem o que encontram e, quando o accesso está muito forte, tomam banho frio.

Sempre que eu ia á *xycê*, si tinham doentes, immediatamente, pediam-me remedio. Tomam com a maior facilidade, estando doentes, qualquer medicamento, mesmo amargoso.

Encontrei em uma *xycê* de caça um menino doentinho; era um verdadeiro esqueleto. Pedi ao pai para levar a criança, afim de tratá-la na fazenda. O pai, que era muito meu amigo, promptamente accedeu, mas a mãe poz-se a chorar e, quando tomei o menino na minha garupa, para partir, todas as mulheres começaram a chorar e soltar gritos lastimosos...

Este menino ficou na fazenda oito dias, sendo medicado pelo D[r.] Spiridião Gabinio, nosso medico, no fim dos quaes, estando curado [e] um pouco mais forte, fugiu, sósinho, para a *xycê*, a tres legoas [de] distancia, por haver eu prohibido que elle comesse um bolo de pó[lpa] de burity azedo e um *córó*, de páo pôdre, que lhe trouxera o pai. N[a] primeira noite que esta criança passou na fazenda chorou muito, n[ão] obstante não ter febre e estar em bôa cama. Saudades da *xycê!*

De outra vez encontrei, na mesma *xycê*, um indio moço, muito me[u] amigo, Lyra, com o braço enterrado na areia, para curá-lo de um pr[o]fundo córte, que nelle fizera, com um machado. Levei-o, tambem, pa[ra] a fazenda, onde ficou até cicatrizar, de todo, a ferida.

Diversos *anonzês*, sentindo-se doentes nas *xycês* ou nas caçada[s] vinham para a fazenda pedir remedio e dirigiam se, immediatament[e] ao Dr. Spiridião. Tinham muita confiança em nossos medicamento[s] e um verdadeiro respeito pela pharmacia, na qual admiravam tudo, se[m] tocar em nada! Gostavam muito de vêr o Dr. Spiridião fazer o cur[a]tivo de uma ferida ou dar injecções.

Só doente o *anonzê* toma leite, estando bom, tem nojo; diz que leite de *docê* (mulher) e que elle não é criança de peito...

O indio *anonzê* vai ser um bom vaqueiro na fazenda nacional [de] Campos Novos. Gosta muito de montar e é firme a cavallo. E' adm[i]ravel rastejador e de muito tino para cortar um rumo, quer no camp[o] quer na matta ou charravascal.

O *Anonzê*, inimigo, como já se disse, do *Cocozú* e do *Uainedez[ê]* conhece a lingua destes dois inimigos, que receia e evita encontrar.

Por mais de uma vez consegui reunir em Campos Novos indi[os] destes grupos adversarios. A principio o *Anonzê* mandava-me faz[er] fogo no *Cocozú* que, dizia, me flechava e tambem a elle. Eu respo[n]dia que não, e procurava fazer os de um bando conversar com os d[os] outros. Eram sempre discursos longos, acompanhados de riscos [no] chão, onde cada um, por sua vez, traçava linhas parallelas, ora, in[di]cando caminhos, ora, rios como que mostrando seus dominios e divis[as]. Nunca falavam dois ao mesmo tempo: emquanto falava um, o outro [es]cutava, fumando sempre, e prestando muita attenção, para depois, t[o]mar a palavra. Faziam muitos gestos e mostravam ramos com os br[a]ços. Talvez, historias de guerras passadas!

Presenciei bonita e interessante scena de reconciliação numa [al]deia de *Anonzês*, cerca de tres legoas ao Norte da fazenda Camp[os] Novos.

Estando commigo, na fazenda, tres *Anonzês*, chegaram, tamb[em] em visita, dois *Cocozús*, levando-me presentes de beijú, polvilho e [mi]lho. Acceitei o polvilho e mandei que déssem o beijú e milho a[os] *Anonzês*. Dois destes não estavam satisfeitos, não acceitaram os p[re]sentes e me pediam que fizesse fogo nos *Cocozús*, que, repetiam, flech[a]vam a elles e a mim; mas o outro, um velhinho alegre e bonachã[o] aceitou o milho, offereceu cigarro e começou a conversar muito anim[a]do. Aproveitando as pazes do velho com o *Cocozú*, convidei-os pa[ra] irmos á aldeia dos *Anonzês*. Levei commigo dois vaqueiros arma[dos] de Winchester (por precaução) e muitos presentes.

Em viagem encontrei muitos indios e indias *Anonzês* que iam [á] fazenda, mas encontrando-me e vendo em minha companhia os dois *C[o]cozús* voltavam todos para a *xycê*, ligeiros, quasi a correr, falando m[ui]to. As mulheres e alguns indios, mandavam que eu atirasse nos *C[o]cazús*, que eram máos.

Eu lhes dizia que eram meus amigos e delles, e para o prov[ar] abraçava os dois *Cocozús*, que não se separavam de mim.

Vencemos tres leguas em pouco mais de duas horas e ao chegarm[os] á aldeia, estavam todas as mulheres reunidas e muito agitadas, fal[an]do copiosamente.

Chamavam-me pelo nome para que eu me approximasse e man[da]vam que os *Cocozús* voltassem, mostrando-lhes o rumo da aldeia del[les]. Os *Cocozús*, juntos de mim, não diziam pa'avra! Estavam com mê[do] e agarravam-se a mim cada vez mais. Tambem tive mêdo... Dist[ri]bui missangas ás mulheres, as quaes me offereceram mel com agua e eu bebi com os dois *Cocozús* para mostrar que eramos todos amig[os].

Dirigiram-se então, para o pateo central da aldeia e fincaram seis estacas dispostas conforme a figura ao lado, sentando os dois *Cocozús* entre as estacas C. e D., á sombra de folhas de guariroba, adrede preparadas. A mulher do chefe (este estava ausente) começou a falar, andando da estaca A para a estaca B. Falou mais de uma hora, fazendo muitos gestos e batendo com a mão na cabeça e nas pernas. Quando ella acabou de discursar, estava com a bocca espumante, e sentou-se junto da estaca E. Levantou-se então o *Cocozú* mais velho, foi para o [lu]gar da mulher e falou muito, caminhando sempre e tambem bater[ndo] na cabeça e nas pernas. Tanto a mulher como o indio traçavam [li]nhas parallelas na areia e apontavam para longe. Quando o *Coc[ozú]* acabou de falar a mulher amarrou-lhe na cintura um collar de cont[as] que, eu lhe tinha dado e offereceu-lhe uma cuia de hydromel. Est[á] feita a paz!...

	E.	F.
A.		B.
	C.	D.

Queriam que os *Cocozús* dormissem, para voltar no dia seguin[te] mas eu temendo que elles estivessem tramando uma trahição, le[vei] os *Cocozús* e alguns *Anonzês*, para dormirem na fazenda, onde che[ga]mos á noite e tivemos um grande jantar em commum. *Cocozús* [e] *Anonzês*, sentados á minha mesa, conversavam amigavelmente!

Tres dias depois chegou a Campos Novos uma outra turma [de] *Cocozús* com milho, beijú de mandioca e mel e convidou-me para [ir] com elles á aldeia dos *Anonzês* a quem já chamavam *nênê* (amigo).

O chefe destes indios *Anonzês* é um velho, mal encarado, de po[uca]

onversa, marido da india que fez o discurso de recepção dos do's *Cocozús* e pai de um rapaz, muito inte ligente e muito meu amigo, de ome *Kucikezê*, companheiro inseparavel de *Nulcke*, outro meu amigo, ue passou a morar na fazenda de Campos Novos, emquânto eu alli es-ive. Quando me retirei, queriam vir commigo para ver a minha *xycê*.

— ::: —

INDIOS COCOZU'S—Os *Anonzês* chamam de *Cocozês* a todos os ndios que apparecem na fazenda de Campos Novos pela linha telegraica e que habitam além do rio Nhambiquára. Esses indios, porém, ão-se o nome de *Cocozús* e chamam, a seu turno, os *Anonzês* de *nonzús*.

Os *Cocozús*, outra tribu da grande nação Nhambiquára, têm mui 's ranchos (*xyçús*) na matta das Cangas, nas cabeceiras dos rios Ca-araréziinho, Primavera, Vinte de Setembro e numa e noutra mar-em dos rios Juina, Formiga e Juruena.

Vão os *Cocozús* até á estação telegraphica de Utiarity. Visitei as aldeias (*xyçús*) destes indios, sendo uma á margem direita de um beirão que desagua no rio Juina, pela margem esquerda deste, acima passagem da linha telegraphica e a outra numa cabeceira que rre para o dito rio.

Esta ultima *xiçú* fica situada a caval eiro de bonito e extenso cha-dão, muito limpo, que se estende á margem esquerda do rio Juina, ra cima da passagem da Linha. Consta de dois ranchos de morada, andes, de dois esteios e cobertos de palha de burity e de um outro ncho menor, redondo, de um este o só e situado á rectaguarda da-elles. Nos dois ranchos maiores da frente, moram diversas familias, e obedecem ao chefe, ainda moço, de nome *Acururê*. A *xyçú* não m divisão e só tem uma porta, todo o oitão da frente.

Encontrei nesta aldeia muito mel que os indios a toda a hora me fereciam, instando tambem para que comesse milho assado, beijú de ndioca, tocura torrada e um bolo feito especialmente para mim, *de ijú de mandioca e tatú moqueado*, com tripas e casco e tudo socado pilão até serem triturados todos os ossos. O indio que se encarre-u de fazer este (para elles) excellente bôlo (áarú) offereceu-me um saiu distribuindo o resto pelas duas casas. Homens, mulheres e cre-ças comiam o tal bôlo com evidente bom gosto!... Felizmente ei um indio que comesse o meu quinhão. O meu companheiro, Pai-o, comeu o *áarú* com mêdo que os indios se melindrassem...

Fizeram um optimo *cuscús* de milho verde, ralado e envolvido em lha de bacaba e depois enterrado no borralho. Vi esses indios come-n grillo assado, calango e uma cobra coral!...

Felizmente não me offereceram.

Em uma dessas *xyçús*, havia uma criancinha recem-nascida, filha o indio chefe. Estava completamente nùa e já cheia de enfeites.

Quando ella sujava, a mãe dava-lhe um banho de agua fria e, ois, aquecia-a no fogo... Não aceitou uma camisa de lã que ereci para enrolar a criança. A mãe não tinha o menor resguardo: nia tudo que o marido, muito solicito, lhe apresentava e tambem ria que a criancinha comesse com ella...

As mulheres (doçús) *Cocozús* são fortes e todas muito gordas e is sadias do que as *docês*. Ellas nunca chegaram até aos nossos ampamentos, ficando escondidas a uma certa distancia. Tive o pra-z de ser o primeiro recebido, amistosamente, em uma *xyçú* de *Co-cús* sem que as *doçús* fugissem.

Atravessam os rios Juina e Juruena, em qualquer ponto, fazendo jgada de quatro ou cinco talos da folha de burity.

Os homens são muito fortes e de muita resistencia para cortar de chado. Na minha passagem, de regresso á Capital Federal, em 12, pelo destacamento do rio Juina, vi um indio cortar um cajueiro grosso, destinado á confecção da canôa desse porto, só de um folego, ra ganhar o machado, que levou com verdadeira alegria. Quando rcebem cavalleiro ou gente a pé, em viagem, elles levam milho, beijú o el para trocar por machado, facão, phosphoros, contas de colar, chéo, calça e camisa. Preferem, sobretudo, machado, contas e phos-ros.

— ::: —

INDIOS UAINEDEZÊS — tribu tambem da grande nação Nham-biára, que chegam em Campos Novos, pelo Sul. Eram muito desconfiados, ficando sempre numerosos indios armados, de arcos e fle-chas, nos cumes dos morros que cercam, pelo Sul, a fazenda de Cam-pos Novos. Nunca pernoitaram; tinham sempre pressa de trocar os presentes, para voltar a reunir-se aos outros, que os aguardavam nos mattos. Mostravam descontentamentos quando encontravam *Anonzês* ou *Cocozús* no meu acampamento.

Traziam-me sempre muitos presentes para trocar por machados, phosphoros e contas — razão porque a maior parte da minha collecção de artefactos *Nhambiquáras*, feita em Campos Novos e destinada ao Museu Nacional, pertencia a estes indios. Os *Anonzês* instavam com-migo para lhes dar arcos, flechas e outros objectos que tinham perten-cido aos *Uainedezês*.

Talvês, para os mostrar na sua *xycê*, como trophéos de guerra...

As mulheres *Uainedezês* nunca foram á fazenda de Campos Novos e não cheguei a vê-las.

— ::: —

INDIOS XAODY e TAYOPAS — tribus tambem Nhambiquáras. Só visitaram-me uma vês e chegaram a Campos Novos, pelo Norte, tendo sahido, marginando o rio Doze de Outubro. Logo que entraram na aldeia, onde os recebi, separaram-se, voluntariamente, ficando os *Xaody* de um lado e os *Tayôpas* do outro e começaram a explicar com palavras e gestos donde tinham vindo e o que queriam. Comprehendi pelos rumos indicados, ou antes adivinhei que os *Xaody* habitam as margens do Doze de Outubro, muito em baixo, ou do outro lado deste rio, muito além, um pouco para Noroéste. Emquanto os *Tayôpas* têm sua aldeia para os lados do rio Nhambiquára, muito em baixo.

Todos queriam machados, para tirar mel. e para adquiri-los trouxeram arcos, flechas e muitos collares, que iam me entregando ao receber o desejado machado.

— ::: —

VOCABULARIO ANONZÊ

Agua	Uarazê
Alli	Iadenê
Arara	Araazê
Arco	Tuquezê
Algodão	Gozê
Abobora	Ar atecê
Ariticum	Ararê
Abelha — achopé	Arazi
Abelha — borá — regina	Caindezê
Abelha—mandobreu	Cráinzê
Abelha—tatá	Arizê
Abelha—mandury	Cioarizê
Abelha—tibuna	Tarazê
Abelha—mandaguary	Iuzô
Burity	Queregatezê
Basta, não quero mais	Danary
Buracão	Cárêsacandezê
Bebida adocicada	Naquitazê
Brecelete de contas	Airicanzê
Bracelete de côco	Jájáquezê
Braço (orgão)	Uarê
Braza	Idegaincê
Boi	Aronzê
Brinco de côco	Narucuzê
Barriga	Uainudezê
Bastante	Aáronzê
Carne	Uanuze
Chamar	Acurissiná
Corda de arco	Denacuruizê
Cobertor vermelho	Uariquizê
Cabaça	Urútecê
Caminho	Dezoazê
Cinta (a tiracollo de carregar menino)	Sareguzê
Casa	Xycê
Côco	Uricuzê
Cabello	Uaniquitezê
Colar de penna	Iranedezê
Cupim	Quirezê
Chifre de besouro	Dodezê
Cacáo (fructa)	Uruguezê
Comer	Sotré
Córrego, rio	Uaranzê
Côco de tucum	Oroguezê
Colar	Cairizê
Cabo de machado (de pedra)	Essacê
Cordão que prende o machado (de pedra)	Oroanzô
Conta branca	Uncanezê
Conta preta	Iricanzê
Conta azul	Cedeguiguezê
Cêra	Iáyádezê
Cabeça de flecha coberta de palha (para passarinho)	Saketunecazê
Cabeça le flecha, sem palha	Aranguezê
Dente	Uaizê
Dedo	Uaniquizê
Dormir	Auázanerê
Escuta	Nacata
Farinha (de mandioca)	Urinedezê
Feijão	Kalakizê
Fumo	Itecê
Fogo	Anicê
Flauta de taquara	Quiazê
Flecha (parte de taquara)	Oriquezê
Flecha (parte de penna)	Denaquianzê
Flecha (farpa)	Ainzê
Garça	Mocarê
Grillo	Daquizê
Gordura	Ionerezê
Gravatá rasteiro	Cuitê
Gume de machado	Enizê
Ir-se embora	Ira-á
Imbira	Oiacê
Jacá	Caizê
Lambary (peixe)	Caiazê
Lacraia	Aiandacê
Lingua (orgão)	Urirerê

Lendea	Niruquezê
Peito (orgão)	Uánunguezê
Pé (orgão)	Uáineuzê
Perna (orgão)	Niquezê
Por aqui	Quizá
Piau (peixe)	Acurizê
Pacú (peixe)	Mambire
Pintado (peixe)	Uánuncê
Páo de nraiz (enfeite)	Anainzê
Papagaio	Cracrassê
Pomba	Tuizê
Pegar	Itá
Porco	Iáqu'zê
Pulseira de chifre	Oradaicruzê
Pilão	Nutezê
Panella	Oatarê
Periquito	Cacaitezê
Pedra	Doriguezê
Palmeira castiçal	Caicê
Quatá (macaco)	Calozê
Quan-quan (passaro)	Peantezê
Rosario de contas	Airocanzê
Rio 12 de Outubro	Oriancandezê
Rio Nhambiquáras	Oarêio-á candezê
Roça	Aitié
Ralo de madeira	Tamarê
Rato	Dodecê
Rabicho de palha, enfeite, pendente do pescoço	Iaracê
Sol	Iquidazê
Segura	Ideneri
Testa (orgão)	Uainaquezê
Tição	Anicê
Tacape (parte de madeira) . . .	Titiuhy
" (parte central e trançada com palha)	Oriquerê
Urubú	Uruciú
Urucum	Duquezê
Unha (orgão)	Uicanedezê
Urinar	Iritrê
Vamos	Ianá á (tirira)
Vai adeante	Uárity
Veia	Uiratanzê

Nomes proprios:

Nukeke
Kunikezê
Zenikicê

— : : : —

VOCABULARIO COCOZU'

Agua	Orazú
Arco	Roquezú
Abelha-bujuhy	Detocú
Abelha-jaty	Oaiçú
Abelha borá-cavallo	Aruquitaçú
Anta	Iunzú
Arara	Aranzú
Abanador	Laquezú
Amigo	Nênê
Agua de mandioca	Uriazú
Bracelete	Ccraleçú e Oalatecú
Botar fóra	Aidenarê
Bolo de beijú e tatú pisados no pilão	Áarú
Barba	Uaieteçú e Uatetute
Bigode (orgão)	Uariatú
Beijú	Urinozú
Boi ou Burro	Oaquezú
Braço (orgão)	Uanedezeçute
Brinco de côco	Daruquizú
Cupim	Carrú
Casa, rancho	Xyçú
Cobra	Tizú e Uairizú
Cachorro	Oarezú
Calango	Anarrú
Côco de burity	Derro
Cabello	Uaineteàçú, Uainequirú
Conta	Cairizú
Cabaça	Oatassú
Cigarro	Eideçú
Comer	Naguezú
Conforme, duvida	Icinará
Dedo (orgão)	Uaiquizú
Dente (orgão)	Uaiçú, Taniçú
Dá-me, pedindo	Inçá
Flecha (ponta de gancho) . . .	Ariquiçatú
" (ponta chata)	Anêrassú
" (ponta redonda)	Doquezú
Fogo	Aineçú
Fumo	Etú
Grillo	Baguedaçú
Garapa	Durriazú
Hydromel	Durriazú
Imbira, amarrada á cintura . . .	Araçú
Jacá (cesto)	Atiçú
Latido de cachorro	Iudezú
Lagartixa	Ianoçú
Lenha	Ainêço
Lingua (orgão)	Urinoê
Mulher	Doçú
Mandioca	Uirdú
Macaco	Roteçú
Milho	Quiatú
Mangaba	Edeguezú
Nariz (orgão)	Uainedezú
Não	Orenoá
Olho (orgão)	Uaéquêtú
Orelha (orgão)	Uanedezute
Onça	Enarrú
Para perguntar (como chama isto ou como se chama?)	Iridetoá? Dêra? Irida?
Pé (orgão)	Uaiequeçú
Pequy	Arú
Páo do nariz (enfeite)	Uniuzú, Ecateçú
Páo do labio (enfeite)	Irizú
Pulseira	Uniguecussú
Páo de cavar o chão	Ruque
Pilão	Nutú
Polvilho	Uricanezú
Perder-se	Nucatiracú
Peito (orgão)	Tauênoquizú
Panella	Oatarrú
Quente	Aradenerê
Rosario	Cairizu'
Ralo	Donarrú, Tadarrú
Colar de dentes de macaco . . .	Roçaiçu'
Tatú gallinha	Arrú
Unha (orgão)	Uaiêlaqueçú
Vamos	Aidá
Veado	Atarrú
Venha, chamar	Ñharham

Nomes propriosn

Acuruzê

Rio, agosto, 1919.

PYRINEUS DE SOUSA.

Glotologia indigena

Meus muitos e multiplos afazeres fizeram esquecer-me do dev contraído com a Redação d'*A Informação Goyana*. Volto ao meu post

O estudo de nomes de couzas, locais e de pessoas, é um estudo i grato e sujeito a interpretações as mais bizarras e absurdas, nem se pre de utilidade. Só acidentalmente voltarei alguma vez a tratar de

Vou encetar um trabalho mais util para os estudiozos e que servi de baze a interpretações racionais: Vou começar a publicar o leec dos radicais ou vozes simples do *abánheen* ou *nheengatú*, vulgo—*tu guaraní.*

A.

A, prim. letra do alfabeto; tem trez sons: *A*, breve, atono, qua mudo pela rapidez com que é pronunciada, a ponto de parecer não ez tir, o que deu cauza a supôr a ezistencia de pelavras terminadas e consoantes; *Á*, longo, aberto, etc. como na nossa palavra *pá;* *Â* (1 nazal, como na nossa palavra *manhã;* nunca póde ser ser substitui por *am*, nem *an*.

1 *A*, pref. adjetivador, e, consequentemente, formador de v. ad que podem se transformar em v. int., e até v. tr., cujos exemplos axa se-ão em seguida nas palavras começadas por ele. Os adj. assim fo mados podem tornar-se sub., e até adv., e mesmo com *Pá*, forma *Ap* pron. inv., tudo; sendo tambem adj. todo, e até adv., de todo, ao tod no todo, etc. *Akê*, do verbo *Kê*, dormente. *Açuçú*, do verbo *Cuç* tremente, etc. Com sub. forma adj. deriv. *Akitâ*, berruguento. *Ak* de *Kuí*, farinnento, farinhozo, e, numerozo como grãos de farinh *Akâma*, de *Kâma*, mamudo, etc. Com adj. póde mudar-lhes a acepçã *Acêê*, de *Cêê*, adocicado; etc. Seu hanologo é 1 *O*, 1 *E*, 7 *I*, e até 5 por ensurdecimento, principalmente em palavras começadas por *A*. E cazos em que a boa fonetica prefere uma ou outra, comtudo nunca se erro preferir o *A*. Haja vista *Aá*, do v. int. *Á*, *Aã* (2), do v. int. (3), etc.

2 *A*, pref. espletivo, não altera o sentido da palavra. *Açocê*=*Coc* *Açû*=*Çú;* *Aiké*=*Iké*, etc.

3 *A*, pref. pron. da 1ª pess. do sing. do modo geral (indicativo) *Ayuká*, nato, etc.; *Am boê*, ensino; *Amboú*, ponho, etc.

Quadro da Exportação do Estado de Goyaz, no anno de 1918, conforme os documentos fornecidos pela Secretaria de Finanças do Estado.

OBJECTOS EXPORTADOS	Estrada de Ferro	Pilões	Ipê Arcado	S. Rita do Parahyba	Praião	Manoel Nunes	Formosa	Sitio d'Abbadia	Posse	S. Domingos	Taguatinga	S. José do Duro	Peixe	Porto Nacional	Bôa Vista	Porto Franco	Unidade	Taxa	Importancia paga
Cabeças de bois	10.834	11.656	5.345	40.662	3.975	2.281	4.351	814	68	4	800	2.583	—	36	—	189	83.498	7$500	626:985$000
" " vaccas	68	150	69	75	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	363	20$000	7:260$000
" " cavallos	46	—	1	60	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	107	6$000	642$000
" " muares	25	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	25	6$000	150$000
" " suinos gordos	9.546	—	97	1.348	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	10.992	5$800	63:753$600
" " suinos magros	749	41	118	1.699	43	1.900	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4.521	4$000	18:084$000
" " carneiros	338	130	—	236	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	704	$500	352$000
Kilo de fumo er rôlo	189.637	—	391	4.550	150	—	2.000	—	—	—	—	—	—	—	—	—	196.728	$200	39:345$600
" " crystaes	2.568	—	—	154	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2.722	$300	816$600
" " salitre ou mica	3.147	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.147	$040	125$880
" " borracha	2.453	—	—	—	—	—	—	—	—	—	24	48	—	—	—	—	2.525	$200	505$000
" " sola, couro crú	34.065	58	30	2.335	—	—	—	2.127	11.416	2.937	5.270	1.550	348	5.419	26	—	65.819	$200	13:163$800
" " pelles diversas	47.275	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	47.275	$250	11:818$750
Couros salgados	6.915	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	6.915	2$500	17:287$500
Kilos de arrôs com casca	5:918.171	2.280	10.460	464.948	2.324	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	6.398.183	$020	127:963$660
" " arrôs beneficiado	322.610	—	—	3.960	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	326.570	$030	9:797$100
" " feijão	1:520.881	—	—	4.021	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.524.902	$015	22:873$530
" " farinha de milho	3.555	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.555	$012	42$660
" " toucinho	198.678	—	—	44.980	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	243.664	$080	19:493$120
" " carne de porco	92.762	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	92.762	$060	5:565$720
" " xarque, carne secca	722.761	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2.093	—	—	—	—	—	724.854	$050	36:242$700
" " banha derretida	228.783	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	228.783	$040	9:151$320
" " sebo, graxa	97.912	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	97.912	$060	5:874$720
" " oleos, azeite	1.127	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.127	$060	67$620
" " tripas, linguas	1.679	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.679	$030	50$370
" " chifres	3.419	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.419	$010	34$190
" " ossos, unhas	1.422	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.422	$010	14$220
" " sola em obra	1.551	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.551	$200	310$200
" " sabão commum	468	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	468	$030	14$040
" " assucar grosso	79.002	—	105	9.320	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	88.427	$040	3:537$080
" " manteiga	2.778	—	60	320	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.158	$200	631$600
" " amendoim	6.672	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	6.672	$010	66$720
" " milho	3.536	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.536	$008	28$288
" " queijo e requeijão	23.040	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	23.040	$050	1:152$000
" " mamona	21.216	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	21.216	$012	254$592
" " algodão	14.366	—	—	—	—	625	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	14.366	$010	143$660
" " telhas	47.600	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	48.225	$004	192$900
" " polvilho	526	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	526	$020	10$520
" " marmellada	4.694	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4.694	$060	281$640
" " aves domesticas	2.416	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2.416	$010	24$160
Duzias de taboas	.56	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	56	2$200	123$200
Metros de madeiras	278	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	278	$500	139$000
Kilos de paina	892	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	892	$010	8$920
Caixas de garrafas vasias	1.418	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.418	$560	794$080
Mercadorias diversas	57.639	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	53	109.452	158.709	7 %	1:671$089
																			1.046:850$349

4 *Á*, rad. e pref. sub., o que afeta a fórma mais ou menos arredondada, daí—grão, bago, caroço, semente, pevide, fruto, bola, bala, pelota, fera, globo, novelo, raiz tuberoza, carnuda, tubera, tuberculo, lobinho, xaço, ingua, nacida, escrecencia, barriga, ventre, bojo (esterno), a parte ventricoza de certos objetos, tais como—panela, pote, moringa, ...ineira etc.; ventre da gravida; cada um dos testiculos; glande do ...mis; cabeça; ampola, bolha, vezicula, etc.; pedaço, fragmento, etc.; lume, grandeza, tamanho, grossura, dimensão, etc.; nucleo; substan...; principio; corpo; entidade, isto é, o ser, a essencia, o essencial, o ...rinzico, o real, etc. da couza. V. *Am.* Quando sufic. vem — *á*.

2... *á*. Não se emprega só, mas sim em comp.—*Akã* (4), de *Kã*, ...so da cabeça, craneo, e por esten. — cabeça. *Apí*, de *Pí*, pele do cou... da cabeça, etc. E' muito maior o numero de compostos com o sufic.

5 *Á*, sub. e adj. contr. de *Abá*, homem, pessôa, etc. Tambem é ...m. como *Acê*, a jente, etc. *Apó*, mão de ou da jente, que tambem é ...j. e sub. num., cinco. *Akã*, molestar, etc. a jente. *Amotá*, querer, ... a jente. Quando sufic. vem *á*. V. 3... *á*.

6 *Á*, adv., acima; pouco empregado. V. 9 *Á*, 7... *á*.

7 *Á*, interj. vocat., comum a homens e mulheres—O'! *Á Tupã* ...i *ce yára*, O' senhor meu Deus! *Á xe rúba*, O' meu pai! *Tapeceyá, a ...i peiké mbaé, opákatú yerobiáçába*, Deixai, ó vós que entrais, toda a ...erança! Tambem se emprega ...*uc, ui*, (gue, gui) e *yo, yu*, sufic. ...s esta é privativa das mulheres e aquela dos homens. *Xe rúba ne* ou ..., diz o homem; *Xe cí yo* ou *yu*, diz a mulher. V. 4... *á*.

1 *Á*, adv. de tempo, então, etc. *Á aikóbe katú xe rúba recê*. Então ...ia bem com meu pai. V. 1 *Áá*; 12 *Áé*; 2 *Akói*, etc.

2 *Á*, adv. de logar, aí, lá, esse, logar, logar onde, etc. *Á açôpotá*, ...ro ir aí, etc. *Araçô-nde á cui*, Vou trazerte d'aí. *Xe-raçô epê á* ...*cerã* (1), Tu me levas para lá? *Yepê kaámonduáçára okanhê ... pe á rupí opitá, á rupí okê*, Um caçador perdeu-se no mato; por lá ...u, por lá dormiu. V. 2 *Áá*; 13 *Áé*, 2 *Akói*; *Apé*; *Supê*; etc.

3 *Á*, pron. demonstr. inv., isso, etc. *Á çuí aetá oyeupí iba uaçú* ... Depois disso eles subiram a uma grande arvore. *Á çuí mitangetá* ...*nê — Repeyú, Yabutí*. A' vista disso os meninos disseram: — ...a, jabutí. *Á recê cemirekó i piá aiba*.. Por isso a mulher zanga...e com ele. *Á ricê amboyaçú ty kiiinhá recê*, Depois disso ba... com molho de pimenta. V 3 *Áá*; 14 *Áé*, etc.

Pela mesma razão porque eziste 3 *Áá* de 3 *Á*, parece que tambem ...deria haver 4 *Á*, adj. demonst., esse, essa, etc., simples de 4 *Áá*, mas ...ca o ouvi, nem notei.

4 *Á. ba. bi* (rad. *Ab*), sub., cabelo, emquanto está no corpo, no ...to. O plur., pela regra, deve ser *Aetá*, mas, como o selvicola devi... luta pelo menor esforço, e economia, só emprega o sinal de plur., ...m como outros elementos linguisticos, quando é indispensavel, quan...reciza evitar duvida ou ambiguidade, tambem significa—cabelos.

---

(1) E' possivel que na tipografia não tenha tipos com este acento, ...do por Montoya, Restivo, Yapuguay e ourtos dos melhores cultores ...ingua; é um pequeno arco de circumferencia com o concavo voltado ... a letra, por isto facil de corrijir á mão por quem se interessar por ...

( ) Este segundo *a* é nazal, como vimos em nota a *A*.

( ) Este ult. *a* é nazal, conforme nota em *A*.

( ) Este *a* é nazal, como vem na nota a *A*.

...a regra tambem é v. adj., ser, ter, etc. cabelo, etc., de modo que ..., póde ser—meu cabelo, é meu cabelo, tenho cabelo, etc. *Nde á*, ...cabelo, etc.; *Yá*, cabelo dele, etc. *Ore á* ou *Nhandé á*, nosso cabelo, ... *Pende á* ou *Pendába*, vosso cabelo, etc. *O á*, seu cabelo, etc. ..., cabelo da ou de jente. *Nda xe ábi*, não é meu cabelo, não tenho ..., etc. Dá uma infinidade de compostos.

... *Á. ba. bi* (rad. *Ab*), sub., couza (nas suas div. acepções). Tem ... em desuzo em face de — *Mbaé*, que é mais empregado.

... *Á. ka. ki* (rad. *Ak*), v. tr., punjir, maguar, etc. (fizica ou moral...), hoje só empregado pela passiva ou como v. adj., amargar, e, ...nt. fig., sofrer as consequencias más, os rezultados penozos, des...aveis, etc. de alguma couza, padecer males, desgostos cauzados ...lgum ato proprio ou alheio; ser amargo, acerbo, desabrido, pe...duro de sofrer, dificil de passar, de suportar, etc. V. *Mboá*.

...onjug. pela pass. vem *Xe-á*, amarga-me; *Nde-á*, amarga-te; *Yá*, ...a-lhe, etc. Já a fórma pron. — *Yeá*, punjir-se, maguar-se, etc. ... com os pref. pron., como os demais verbos, *Ayeá*, punjo-me, ...-me, etc. O v. tr., sem razão nenhuma abandonado, por ser rad. ...silabico, deve ser conjug. com interposizão do demonstr. *Yo*, vin... *oá*; *Reyoá*; etc.

... *Á. ka. ki* (rad. *Ak*), adj., endurecido, enrijecido; coagulado; coa...ado; solidificado; conjelado; cristalizado; etc. Mais empregado sob ... fórmas *Piá* e *Tipiá*.

... *Á. ra. ri* (rad. *Ar*), sub., cima, cimo, a parte superior, cume, etc. ... *á, Rêyú á çui pe*, Vens de cima? *Á çui oá peteî itá uaçú xe* ... *ári*, De cima caiu uma grande pedra sobre minha cabeça. *Açô* ..., Vou para cima. *Yára rupí oçaçá peteî kumbé*, Por cima de e... uma lesma.

... *Á. ra. ri* (rad. *Ar*), sub., dia; claridade ou luz do dia; por esten. ... ocazião, oportunidade, ensejo, prazo, etc.; com nome de couza ... produza natural ou periodicamente,—tempo, época, estação, ida...; natureza; em absoluto, mas impropriamente,—mundo, univer...o. Acredito que esta noção é estranha á lingua, ou antes,—um ... porque o selvicola não tem a menor noção do que seja orbe, ...o; para ele o mundo limita-se áquilo que vê ou conhece de vizo (V. *Ibí*); fig., luz moral, d'aí — entendimento, tino, razão, juizo, inteligencia, etc. Pela regra jeral é tambem v. adj., ser, ter, haver etc. d'a, etc. *Xe á*, Meu dia, etc. *Ndi ári*, Não é dia, não ha tempo, não tem ocazião, etc. A respeito desta conjug. V. 4 *Á*. Como é natural, fornece uma infinidade de comp.

10 *Á. ra. ri* (rad. *Ar*), vi. int., cair, nacer, vir, xegar, entrar, sair, sobresair, suceder, acontecer, manifestar se, desenvolver-se, formar-se, acertar de; ocorrer, dar-se; tocar por; assentar, quadrar, dizer bem, ser do gosto, do agrado; estar (com alguma couza ou num certo estado expresso por um adj. ou sub.), axar-se, sentir-se, reconhecer-se; habituar-se, afazer-se, acostumar-se, amanhar-se, ajeitar se; resolver, deliberar, decidir, determinar; incorrer; fraquear; embarcar; amadurecer; etc.

Pela simples, mas sucinta relação de suas principais acepções, vê-se que é um verbo de muitissimas aplicações, que seria enfadonho enumerar. Dele vem, além do infin., que pela regra é sub., *Çára* (var.), o que cai, nace, etc., o caído, o nacido, etc. de—*Xe rára* o meu caído, nacido, etc., caído, nacido, etc. de, em, a, etc. mim. *Nde rára*, o teu, etc. *Çára*, o dele, etc.; *Guára*, o seu, etc., o caído, nacido, etc. de, em, a, etc. si etc. *Abatí rára*, o nacido do milho, espiga de milho. *Xe ári*, o meu cair, a minha caida, etc., o cair de, em, a, etc. mim. *Nde ári* o teu, etc. *Yári*, o dele, etc. *O ári*, o seu, etc. *Acê ári*, o cair, etc. da jente, etc. *Oábaé*, part. prez., adj. e sub., que, o que, etc. cái, nace, vem, etc., cainte, nacente, etc., recemnacido, xegado, etc. *Oábaérama*, nacituro; vindouro; futuro, etc. *Ára oábaérama*, No ano vindouro. *Ábo*, part. imperf. e jer., a, para, por, etc. cair, nacer, vir, etc., caindo, nacendo, vindo, etc. *Guiábo reáne be*, Caindo eu cairás tambem. *Áçá. ba. bi*, part. nom. e sub., onde, quando, como, etc. cai, nace, vem, etc., caída, caimento, quêda, nacimento, nacença, nacedouro, nacente, natal, natalicio, vinda, xegada, sucesso, acontecimento, ocorrencia, etc. *Xe ára yáçákuê*, O dia do meu nacimento. *Ndoári xe remimbotá recê*, Não sucedeu como eu queria. *Ndoári xe remimoanga*, Não se realizou meu pensamento. *Oá xe yábakuê*, Realizou-se o que eu disse. *Aá nde irumo*, Embarco comtigo. *Ndoákatúi xe rembiapó*, Não saiu boa minha obra. *Xe-ákatú xe aó*, Assenta-me bem minha roupa. *Na nde ákatúi nde nheê aipó*, Não te fica bem dizeres isso. *Tekóá*, Tocar por sorte, cair a sorte, etc. *Xe-rekoá*, Tocou-me a sorte. *Nde-rekoá*, Caiu-te a sorte. *Cekóá*, Coube-lhe a sorte. *Acê rekóá*. Cai a sorte na jente.

JORGE MAIA.

Poço da Roda — A Madre de Ouro

ARREDORES DE BOMFIM

Bomfim é uma das antigas cidades de Goyaz. Como suas irmans mais velhas, Meia Ponte e Villa Bôa de Goyaz, guarda ainda, sob muitos aspectos, o cunho dos nucleos coloniaes do seculo XVIII, com a sua inconfundivel architectura reinol, estylo barrôco, de feição pesada, simploria e, ao mesmo tempo que bonachona, hospitaleira, — aspecto esse que se vae aos poucos apagando dos burgos e villorios progressistas mais proximos da linha ferrea. Ficou-lhe, pois, ainda, intacto, o antiquado perfume de antanho, cousas mortas que a mente aviva e a tradição redoura, vago encanto do passado, sabôr que não têm ou já perderam os centros mercantilistas, tomados da febre de riqueza e innovações, do littoral.

Como Goyaz-a-Triste, emballa-a o mesmo somno de duzentos annos le Bella-Adormecida, com as reminiscencias da época da descoberta, as alluviões de aventureiros e desbravadores á cata do rico filão, pagina heroica do esforço extincto da raça, que á memoria apraz reviver.

Excavações profundas, minas ao desamparo, veeiros revolvidos, barrocas solapadas, esboroando-se nas chuvas, velam de melancolia o olhar do viandante que demanda aquelle recanto do Planalto. E á medida que se approxima de seus arredores, mais vivos e constantes são os attestados do delirio avoengo em esmiuçar, extripando-as, as entranhas da terra, para dellas dar cibo e pascio á sêde do luxo, ao esplendor bysantino da velha Metropole, já então em via franca de decadencia.

Hoje, minas, lavras, catas, tudo jaz ao abandono. Alveja em montes o pedrouço á beira das estradas; uma côma verde de "gordura" corre a crista dos vallos e carreeiros, argilosos e tristes, outr'ora sacudidos pelo estalo do relho dos feitores e o grito angustiado da escravatura, na lavagem do cascalho. Foram-se os antigos batêeiros da "descoberta"; extinguiu-se a febre da mineração; ficou, enraizada, uma população pacifica e laboriosa, que faz á prosperidade do municipio na lavoura, na creação do gado, no commercio das lettras, em outras profissões liberaes.

Da primitiva exaltação, porém, do ouro, restam, como tradição, historias e lendas, das quaes, talvez porque haja no fundo, como na maioria das lendas, um ponto qualquer de contacto com a verdade, é a do "Poço da Roda" das mais populares.

Fica esse poço nas proximidades de Bomfim, no ermo de um descampado, tendo de circumferencia duzentos metros mais ou menos. Contam moradores e viajantes que, á luz forte do dia, quando a superficie

se lhe aquieta, mui transparente e cristallina na calma circumdante, uma enorme pedra responde do fundo das aguas aos fogos do meio-dia, irradiando em torno um brilho de mil chispas e faúlhas, cujo estranho fulgor inebria e céga de deslumbramento e cobiça os olhos mortaes alli empenhados, ás bordas da fragil igarité, em devassar-lhe o liquido arcano. E' a Madre-de-Ouro, cujo encantamento curiosos e mergulhadores tentam em vão surprehender o segredo, de longos annos habitadora daquellas aguas remansadas...

Em balde é a teima, porém, que o misterio do sitio, a profundidade do poço, a refrangencia, o desvio dos seus raios e o momentaneo desapparecimento da visão assim lhe perturbem o immoto cristal, zelam e guardam para sempre inviolada em seu retiro, a pedra maravilhosa. E se um, mais afoito e soffrego, volve de novo á tentação da miragem, mergulha mais uma vez no lençol silencioso e frio, á busca do encantado thesouro — obscuro Alberico a quem faltou o annel dos Niebelungens — logo o pune de morte a Madre gloriosa, voltando o corpo á tona tempos depois, pasto de lambarys, papaiscas e mais arraia miuda da lagôa.

Serenando a agitação das ondas, alisando o espelho transluzido na quéda da aragem, eis de novo, fulgurando, a Madre de Ouro aviva, como um sol submerso, a aurifulgencia de seus raios magicos, á adoração das florinhas anonymas debruçadas á beira do lago.

Poço da Roda

Tal é a lenda naquelle trecho do territorio. Se alli esplende a Madre de Ouro no fundo do Poço da Roda, continúa, emtanto, a sua peregrinação através outros plainos do rincão goyano, numa viagem aerea, cujo termo é uma explosão de meteoro na noite silenciosa.

E tal como a ouvimos no interior, o seu quebranto consta do seguinte: — Quem escuta ou vê, no ermo da noite, a passagem da Madre de Ouro cortando o céo estrellado com o seu listão ardente, toma na cosinha da choça um tição em braza, corre ao limiar e faz no espaço uma cruz de fogo. Logo, céde a Apparição ao sortilegio do homem, detem a sua carreira vertiginosa, e arrebenta em scentelhas, lascas, pedrenços, calhãos e blócos, tudo de ouro massiço e do mais puro quilate. E depois, toca a catar e metter no surrão aquella fortuna inesperada.

Historia que tem a sua origem nos bolidos, phenomeno que o olhar aparvalhado do matuto observa, muitas vezes, naquellas paragens de varzeas e chapadões, e de que géra a imaginativa sua lenda, filha do cosmico deslumbramento e da superstição primitiva.

H. C. R.

As raças equinas do Brasil

A criação equina no Brasil, depois de longo periodo de estacionamento, ou quasi retrocesso, pelo abandono em que a deixámos, vae, felizmente, tomando notavel incremento nestes ultimos annos. No Rio Grande do Sul, em S. Paulo, no Paraná e mesmo em Minas Geraes, já têm sido importados e criados muitos reproductores de raças finas ou aperfeiçoadas.

Não são novidades nesses referidos Estados, bem como n'outras partes do paiz, garanhões da raça arabe, de puro-sangue inglez, anglo-normandos e outras mais apregoadas.

A raça equina predominante no Brasil é, nem mais, nem menos, a raça arabe, ou uma das suas variedades, degenerada.

Na sua estancia ou *haras* do municipio de S. Gabriel, no Rio Grande do Sul, o Sr. Assis Brasil, que foi o nosso representante diplomatico na Argentina e nos Estados Unidos, tem obtido, de puro-sangues arabes e inglezes, os mais admiraveis specimens cavallares que têm corrido ultimamente nos prados fluminenses e paulistanos. Dois dos seus reproductores, um puro-sangue inglez e um legitimo arabe que foi em pessoa buscar á Asia, são, por ventura, os mais notaveis garanhões que têm vindo á America do Sul. Reproductores de meio-sangue destas raças já se encontram em abundancia nas campanhas rio-grandenses, notadamente nos municipios de Uruguayana, Rosario, Cangussú, Cacimbinhas, Caçapava e D. Pedrito.

Em S. Paulo o systema de *haras* do Estado já está installado, com excelente organisação, e funcionando junto ao Posto Zootechnico, num dos arrabaldes da capital. E' de justiça plena dizer que o grande Estado agricola do Brasil foi o primeiro a encarar, sob o ponto de vista zootechnico, a industria pastoril no paiz. Está no programma official paulista a formação, pelo menos, de tres typos de cavallos nacionaes: o cavallo de guerra, o de trabalho agricola e, finalmente, um typo dotado de valor commercial remunerador.

Para realização do seu *desideratum* já possue no Posto Zootechnico da Moóca os mais perfeitos reproductores, que foram adquiridos na Europa, pelo organisador deste importante instituto de ensino pratico, o Dr. Hector Raquet, engenheiro-agronomo por Gemblaux e medico-veterinario por Alfort. Em fins do anno ultimo, no *haras* do Estado já existiam pastores das melhores raças cavallares destinados ao fim que se teve em vista, isto é, a formação dos já alludidos typos de cavallos nacionaes, o que não nos parece difficil, attento á esplendida base de criação que offerece a nossa raça cavallar indigena.

Em algumas localidades desse Estado existem eguas de tiro e montaria, anglo-normandas, puro-sangue e mestiças, e Orlaff, puras e mestiças, além de bellos exemplares do typo nacional, que alcançam bons preços. Em Capirú ha exemplares de poldras superiores, que foram vendidas a 800$000, quando bravas, e até 1:000$000, mansas.

Em Minas Geraes sempre houve boa criação cavallar, possuindo os fazendeiros mais caprichosos specimens de raças finas, importados do extrangeiro. Oriundos da peninsula Iberica e introduzidos nos tempos coloniaes, quando o ouro alli corria a rôdo — ha alguns typos de cavallos mineiros de bella estampa, marchadores, excellentes para sella e para tiro. A origem mais directa dos cavallos mineiros deve ser referida á Real Coudelaria do Campo, estabelecimento creado por carta regia de 29 de Julho de 1819, no intuito de melhorar a raça cavallar já então existente no Brasil. A criação foi iniciada com cavallos vindos directamente da Metropole, de raça arabe, e eguas nacionaes escolhidas. Depois da Independencia ficou aquella pertencendo ao primeiro Imperador e, posteriormente, á D. Pedro II, que della fez doação á antiga provincia, e esta por sua vez aos frades salesianos.

Entre os typos de cavallos mais afamados ha em Minas os "sublimes" e "monarchas", criados nas proximidades de Queluz, pela familia Campolina; os "manga-largas" do Sul e os "pampas" do Sertão.

No Paraná tambem se encontram bons cavallares, particularmente nos municipios de Ponta Grossa, Castro e campos de Guarapuava, onde os "pampas" de Minas são chamados tobianos, porque alli foram introduzidos por Tobias de Aguiar, o conhecido paulistano da Revolução de 1842, em S. Paulo e Minas.

Um typo de cavallo nacional, por excellencia, e por muitos motivos digno de estudo e melhor sorte, é o cavallo "Curraleiro", tambem chamado "cavallo sertanejo", no Estado de Goyaz.

Os melhores e mais caracteristicos specimens desta raça cavallar encontram-se ou procedem do Vão do Paranan, zona limitrophe desse Estado com os de Minas e Bahia. A sua distribuição geographica, porém, é muito mais vasta, incluindo todo o norte de Goyaz e talvez comprehendendo igualmente os sertões interiores dos Estados nortistas. Esta nossa supposição nasce da fama que tem em todo o littoral do Brasil o chamado cavallo nortista, que chega a fazer mais de vinte leguas por dia.

Os *Curraleiros* de Goyaz não andam tanto: ou porque as leguas lá sejam maiores que as da região norte do Brasil, ou porque outras são as condições topographicas do solo goyano, mas, quanto á resistencia do trabalho e rusticidade, é o ideal da perfeição o cavallo do Vão do Paranan. Este animal não se distingue pela estatura, que no maximo atinge o porte medio dos nossas cavallares nacionaes, mas excelle pela rigidez de seus musculos e resistencia a toda prova; tem pello fino e luzidio, a anca longa; é bem conformado e notavel pela agilidade.

Pela selecção intelligente, talvez essa raça, actualmente degenerada, attingisse ao typo superior de que ella descende.

Não se lhe notam os defeitos mais communs nas outras raças degeneradas, como albinismo, por exemplo. Cruzada com eguas argentinas de meio sangue, era natural que sahissem excellentes animaes, de porte mais avantajado que os communs no Brasil.

O typo regulamentar do nosso exercito exige 1m,48 de altura, mas na producção nacional avultam animaes nessas condições, tanto para o serviço do Ministerio da Guerra, como tambem para o da remonta da força policial, dos Estados e do Districto Federal.

HENRIQUE SILVA.

INTERIOR GOYANO

Corumbahyba é uma cidade situada entre os rios Paranahyba e Corumbá, possuindo escolas, collectorias estadoal e federal, egreja e um paço municipal.

No municipio cria-se em grande escala, gado vaccum e cavallar e bem assim suinos, que são exportados em maior numero para o Estado de Minas Geraes e dahi tomam outros destinos. A população corumbahyense é emprehendedora, destacando-se a construcção de uma linha de automoveis que ligará essa cidade com a villa de Nova Aurora, indo entroncar-se com a via-ferrea em Goyandira.

Já se percorre cerca de 10 kilometros em auto numa estrada que nada deixa a desejar quanto a solidez e os mataburros que interpõem o transito aos outros vehiculos de chão e ao gado sempre solérte em aproveitar as estradas de rodagem que se perlongam em recta ou ás vezes desviam de um monticulo para evitar córtes onerosos á Empreza.

O director technico da Companhia Auto Viação Corumbahyense é o distincto *gentleman* Sr. Adolpho Hertz, que é dotado de uma tenacidade espantosa e trabalha com vigor em pról do seu ideal.

Muito o tem auxiliado o Coronel Pedro Celestino, que homem de fino trato e conhecimento, amante do progresso e zeloso director da auspiciosa via de communicação que, sem descrença nenhuma, dotará Corumbahyba de um elemento vivo ao seu desenvolvimento nos multiplos aspectos do commercio, industria e civilisação.

O governo federal poderá muito bem auxiliar a Empreza Auto Viação Corumbahyense, como fez e tem feito com outras Emprezas congeneres. Agora o momento é propicio para que os nossos representantes no Rio formulem qualquer appello ao Congresso, conseguindo para Goyaz o que os outros Estados têm conseguido sem maiores esforços. Naturalmente no sertão ou neste vasto *hinterland*, esforços particulares sem o bafejo official morrem no nascedouro. Felizmente a Auto Viação Corumbahyense, a despeito de taes cousas, vae se accentuando nos seus alicerces e brevemente teremos a linha completamente prompta até Nova Aurora, proseguindo dahi em diante o serviço até se encontrar as duas linhas ferreas, que deverão em tempo não muito longe, ligarem-se no municipio de Catalão.

O municipio de Corumbahyba possue excelentes mattas de culturas, onde se não abriu um claro pelo lenhador. Vastas mattas virgens cobrem litteralmente as margens dos rios Corumbá e Paranahyba, em largura de mais de 60 kilometros, banhando os dois Estados — Minas-Goyaz — numa torrente vagarosamente molle e que se não liga...

Estudos ultimamente levados a effeito no rio Paranahyba, comprovou a navegabilidade do seu curso até ao Rio das Velhas e bem acima da barra do volumoso Corumbá.

Quando se cogitou de obter um privilegio de navegação em Bello Horizonte, o Congreso Mineiro não concedeu o favor que viria beneficiar dois Estados que luctam (principalmente Goyaz), com a falta de transportes. A deficiencia de locomoção atraza, empobrece, estióla as mais ricas regiões, desanimando a immigração espontanea, tão util e compensadora.

Ypameri, 18 — 8 — 919.

MARIO VAZ.

Questões Pecuarias

Releva insistir neste assumpto, quando se trata, como agora, de promover a melhoria dos nossos rebanhos, pois a experiencia ha demonstrado em toda a parte que essa melhoria se faz metade pela bocca.

Dizem, e os extranhos repetem, que o Brasil não possue leguminosas forrageiras, nem póde cultivar com successo as alfafas! E' a maior das heresias: a prova provada da nossa ignorancia, e vale pela affirmação da nossa capacidade para colhermos o que a natureza espalhou com mão prodiga por todo o paiz.

Essa gente ignorará, porventura, que são precisamente as leguminosas que fazem a riqueza dos nossos campos agrestes, principalmente os do Brasil Central?

Nos campos de Goyaz e Matto Grosso contam-se por centenas as especies de plantas leguminosas forrageiras, que só as rezes conhecem. Tenho diante dos olhos a "Lagôa Santa", a notabilissima obra de E. Warming, que menciona, naquella tão pequena zona campestre de Minas Geraes, estudada pelo sabio botanico dinamarquez, 158 leguminosas, das quaes mais de 80 exclusivamente campestres, e estas na sua quasi totalidade forraginosas.

Asseverava o Dr. A. Lögren que o eminente botanico Engler já elevou de muito o numero das especies leguminosas que a *Flora Brazileira* menciona, tendo sido o proprio Sr. Löfgren quem melhor as ha estudado nestes ultimos tempos, nas suas notaveis contribuições para o conhecimento da flora de S. Paulo.

Por outro lado se sabe que entre as classes ou familias vegetaes nossas, a que mais se multiplica, por mutações bruscas, em especies ou variedades, é a das forrageiras — ou seja pela cultura ou por outro motivo.

O que se não póde dizer *ex-cathedra*, a exemplos de pretendidos bromatologistas, é que esta ou aquella plantas são inferior áquellas outras, pois mesmo entre nós dependem do clima e da constituição do terreno não só o seu rendimento como tambem o valor nutritivo dellas, quer se trate das indigenas, quer das alienigenas.

Os quadros de analyses que a bromatologia official nos impinge, as analyses formuladas na Europa e Norte-America, e que a litteratura scientifica traz, não podem ser acceites no Brasil, no tocante aos seus valores reaes. O *Jaraguá*, que é, aliás, indigena, não tem, fóra do seu *habitat* primitivo, o mesmo rendimento, nem o mesmo valor nutritivo. Com esta graminea deu-se até o seguinte: ella é originario da fertilissima zona florestal de Goyaz chamada — o Matto Grosso, região de terrenos baixos e humidos — mas a sciencia official do Instituto Agronomico de Campinas aconselhava, em 1905, o plantio da graminea goyana em terrenos altos e seccos, para depois vir dizer que ella não dá rendimento comparavel ao de outras gramineas forrageiras.

Quanto á ascendencia das nossas plantas forrageiras para se transformarem em especies novas ou simples variedades, temos um exemplo recente no capim de Angola, que, introduzido nos sertões da Bahia, ahi produziu uma variedade,

Entre as providencias dependentes do Ministerio da Agricultura, para o interesse geral da pecuaria brasileira, certo nenhuma sobrelevaria a que se fizesse effectiva no sentido de baratear o preço do sal nos grandes centros pastoris do interior, onde este artigo ainda chega pela hora da morte, devido não sómente aos pesados fretes ferro-viarios, como tambem aos impostos inter-estadoaes, estes por assim dizer prohibitivos.

Só quem absolutamente não conhece a vida pastoril nos sertões é que póde ignorar a importancia maxima do sal ali. A *salga* ou *salgagem* do gado bovino é indispensavel pelo menos uma vez no anno; mas ellas se fazem, em todo o interior do Brasil, tres vezes: em Janeiro, Maio e Setembro, na proporção de um sacco de sal para 60 a 70 rezes.

Mas é preciso dizer que um sacco de sal pesa 30 kilos e paga ás vezes até 50$000 nos altos sertões do interior, e mais esta circumstancia: o gado, ou melhor, a criação que não toma sal definha, degenera-se, cria vermes e carrapatos — como tambem as populações sertanejas onde reina a escassez desse precioso elemento, ao ponto de não fazerem uso delle, as pobres gentes adquirem logo a ankylostomiase e a molestia de Chagas, de que tanto se occupam agora aquelles que ignoram as condições de vida no interior do paiz.

Por outro lado, a nascente e promissora industria do xarque no interior teria enorme desenvolvimento, se baixasse ali o preço do sal: foi o que succedeu na Argentina, no Rio Grande do Sul. Este Estado conseguiu mesmo a isenção dos impostos que sobrecarregavam o sal de Cadiz, sob a allegação de ser o maior productor de xarque nacional; mas agora, que os Estados de Matto Grosso, Goyaz, Minas Geraes e S. Paulo, com muito maior população bovina e já com um grande numero de xarqueadas, o vão desbancando daquella posição singular no paiz, por que não se estender tambem a estes medidas equivalentes, ou, se quizerem, proteccionistas da sua producção pecuaria?

Basta apenas attender á imperiosa suppressão dos impostos inter-estadoaes e ao abaixamento de fretes e tarifas ferro-viarias — ou seja um frete fixo para o sal, por unidade de peso, para aquellas zonas sertanejas tão distantes do littoral.

E o Estado de Goyaz, que fornece annualmente o maior numero de rezes, não só para o consumo desta Capital e da paulista, e é igualmente o melhor abastecedor das nossas unicas Packing-Houses exportadoras de carnes congeladas, Goyaz, onde o uso do sal chega a parecer prohibitivo, continúa a ser para o Sr. Ministro da Agricultura um Maria vae com as outras.

Voltaremos a tratar deste assumpto, que se nos afigura digno de bem merecer dos poderes competentes — mas só o fazemos porque á frente do departamento da Agricultura está o Exmo. Sr. Dr. Simões Lopes — *the right man in the right place*.

HENRIQUE SILVA.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Na ultima edição desta Revista escapou á composição o periodo final do artigo *Analyse de minerios de Goyaz*, no qual diziamos que as amostras delles nos foram remettidas pelo nosso distincto collaborador Sr. Mario Vaz, que nestas columnas tanto tem contribuido para o conhecimento das riquezas nativas do nosso Estado.

* * *

NOVA ERA, o brilhante semanario goyano, vem, de tempos a esta parte, reeditando, sob o titulo *Apontamentos para o Diccionario Historico e Geographico de Goyaz*, a velha bagaceira conhecida dos compiladores sem escrupulos, particularmente o obsoleto *Diccionario* de M. de Saint' o nosso Estado terá officialmente de figurar na obra de fancaria que o Instituto Historico e Geographico do Brasil, sob os auspicios do auctor da miséria mental intitulada *Porque me ufano do meu paiz*...

Voltando aos taes *Apontamentos*, que são filhos legitimos do tempo... "Bomfim foi fundada por uns aventureiros, etc."

Não, não ha tal. Bomfim de Rio Claro, ou Fartura, povoação extincta, é que foi fundada por alguns aventureiros, ou melhor, garimpeiros, e não Bomfim, ao Sul de Goyaz, onde, ao que nos consta, nasceu ou devia ter nascido um dos collaboradores dos alludidos *Apontamentos*...

Nada como a documentação historica; e é nella, mui especialmente, que vamos buscar o traslado que se segue. — "Fundadores de Bomfim, julgado de Santa Cruz:

"Capitão Manoel Ribeiro da Silva, Pedro Monteiro da Silva, João da Silva Guimarães, João Dias de Souza, Custodio Monteiro Mascarenhas e Vicente Gomes (*cod. mss.* Breve noticia da Capitania de Goyaz, escripta por José Ribeiro da Fonseca" (I, 8, 3, 36) — DOCUMENTOS VARIOS, I, 7, 4, 10 — Bibliotheca Nacional. (*)

Mas aonde culminou a ignorancia dos auctores dos *Apontamentos* foi no artigo Bella Vista, localidade goyana cuja fundação attribuem exclusivamente ao extincto senador Antonio Amaro da Silva Canedo. Tambem não ha tal!

Sobre Bella Vista bastaria aos dos *Apontamentos* que passassem os olhos na monographia intitulada *Esboço Biographico do commendador Francisco José da Silva*, na qual se lê:

"Bella Vista, a hoje prospera cidade e para cuja fundação elle muitissimo concorrera, de braço com Camillo de Brito, Luiz de Siqueira e o depois senador Antonio Amaro da Silva Canêdo, de pranteadissima memoria, deve-lhe ser reconhecida especialmente aos serviços que lhe prestou, alguns inolvidaveis, como, por exemplo, o de abastecimento d'agua, emprehendimento esse que a gratidão dos primeiros habitantes da localidade quiz perpetuar, fazendo inscrever o nome do bemfeitor na fachada do chafariz publico que acabava de ser construido por sua iniciativa. Não sendo commerciante, o que equivale a dizer sem intuitos ou interesses mercantis de quaesquer especies, todos os annos elle sahia de Bomfim, distante dez leguas, para animar com a sua presença, e mais das pessoas gradas que o acompanhavam, os festejos celebrados na capella do então arraial da Suaçu-apára, depois elevado á freguezia de Nossa Senhora da Piedade de Bella Vista, graças aos seus bons officios perante os poderes competentes (Resolução da Assembléa Provincial, n. 612, de 20 de Agosto de 1880.

Foi depois desta data que lá chegou Silva Canedo.

Bella Vista — saibam os dos *Apontamentos* — era por aquelles tempos um dos *retiros* de Camillo de Brito, retiro de gado esse que chamava *Suassúapara*. As imagens parochiaes de Nossa Senhora da Piedade, sob cuja invocação foi creado o arraial foi esculpida, bem como a de S. Sebastião, que lá está, pelo obscuro filho de Bomfim—o Telles "Santeiro" — um emulo, sem duvida, daquelle Aleijadinho das Minas Geraes.

Estes chamados "Santeiros" bem merecem capitulo especial nas chronicas do *hinterland*. Basta lembrar o esculptor genial da imagem do Senhor dos Passos, que nós os goyanos veneramos na egreja de S. Francisco, onde o Sr. Ramos Jubé ajuda as missas dominicaes...

* * *

Já alguem notára que o sabiá é uma das nossas mais admiraveis aves canoras, mas com um inconveniente irremediavel — *suja a gaiola!*

Bem assim se nos afigura o talentoso Sr. deputado Cincinato Braga, ao se estender até ao porcalhão do zebú

EXPEDIENTE

Aos nossos amigos, assignantes e correspondentes que : acham em atrazo, lembramos a opportunidade de solver s seus compromissos comnosco.

Não desejamos, de modo nenhum, ficar privados dos axilios que nos têm sido prestados até agora peos nossos presentantes e subcriptores do interior, e por isso, achamos conveniente nos escreverem a respeito.

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satiszeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviam com a possivel brevidade as respectivas importancias n dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Resta, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou corresndentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com ta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu dirér, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de yaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em numeri.

Assignaturas

n anno (Brasil)	10$000
n anno (Paizes da União Postal)	20$000
mero avulso..	1$000

Annuncios

a pagina	100$000
a pagina	60$000
quarto	30$000
oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta pital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboradores: Os mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1919 — VOL. III—N. 2

SUMMARIO

A escolha do local para a futura capital da Republica

Quando, em Maio de 1892, o Governo mandou nos chamar, afim de nos confiar a missão de explorar o Planalto Central do Brazil e n'elle demarcar a área que, segundo o que prescreve a Constituição, deve ser reservada ao futuro Districto Federal, e ahi ser opportunamente mudada a nova Capital da União, não nos illudimos a respeito da magnitude do assumpto, e ao mesmo tempo da responsabilidade que ia pesar sobre nós perante o paiz inteiro, acceitando tão honrosa quão espinhosa tarefa.

Agora que podemos dar por concluida a nossa missão, com a publicação do presente Relatorio, em que se encontram os resultados dos nossos trabalhos convenientemente desenvolvidos, talvez não seja fóra de proposito mostrar que, procedendo á exploração e demarcação da área pelo modo e na localidade onde foi feita, procurámos seguir o espirito que animou o legislador quando inseriu na Constituição vigente o Art. 3º que reproduzimos á pagina 31, deste Relatorio.

Não ha negar que os membros da Constituinte ou melhor a commissão dos 21, escolhida no seu seio, e a quem ficou incumbida a elaboração do projecto da Constituição, inspiráram-se nos trabalhos anteriores e já antigos de estadistas nacionaes de grande nomeada, sobre o magno assumpto da mudança da Capital do Brazil para algum ponto do interior do territorio. (1).

E este nosso modo de ver nos parece tanto mais fundado, quanto um dos autores do Art. 3º da Constituição, hoje, com assento no Senado Federal, publicou n'um dos mais importantes orgãos da imprensa diaria, uma serie de artigos sobre a projectada mudança da Capital, lembrando as diversas phases historicas da questão, e apontando a região do Brazil assignalada por assim dizer, pela natureza como devendo um dia tornar-se a séde de uma nova Capital.

A Commissão não podia desconhecer, pois, as bases historicas, em que assentava este projecto, sob pena de desvirtuar o pensamento do legislador. Cabia-lhe, porém, toda a responsabilidade da escolha da zona de accordo com os fins que a Constituição tivéra em vista.

Esta responsabilidade, assumimol-a completamente, convencido de que correspondeu ao "desideratum" que fôra susceptivel attingir.

Vejamos, em primeiro logar, qual o sentido das palavras do Art. 3º da Constituição, onde se encontra a expressão "planalto central do Brazil". E' evidente que, por "planalto central", se deve entender a parte do planalto brazileiro "mais central" em relação ao centro do territorio, isto é, mais proximo d'este. Esta é, indubitavelmente, a unica interpretação exacta da expressão "planalto central" que figura na Constituição. Admittido isto, examinemos qual a configuração que apresenta o planalto brazileiro, cujas altitudes, segundo os geographos mais autorisados variam entre 300 e 1.000 metros ou superior a 1.000 metros. A unica parte, porém, d'este planalto, que nos interessa, é evidentemente a mais elevada portanto, só trataremos d'aquella cuja altitude é de 1.000 ou acima de 1.000 metros.

Este planalto occupa grande parte dos Estados do Rio de Janeiro, e Minas Geraes, parte menor de Goyaz, e extende-se sob fórma de fachas estreitas, uma na Bahia, a léste do Rio São Francisco, outra ao oéste d'este mesmo rio, até os limites do Estado de Goyaz com os do Maranhão e do Piauhy, outra, finalmente, ao longo do littoral, em direcção ao sul, até o Rio Grande. Eis, em traços largos, a configuração geral do planalto brazileiro que nos interessa directamente.

D'este planalto, porém, a unica parte á qual cabe a denominação de "central" é aquella que se acha nas proximidades dos Pyreneus, no Estado de Goyaz, não sómente por ser, na realidade, a mais proxima do centro do Brazil, como tambem, por se acharem ahi as cabeceiras de alguns dos mais caudalosos rios do systema hydrographico brazileiro, isto é, o Tocantins, o S. Francisco e o Paraná. Das tres fachas do planalto, que acima mencionamos, duas ha que, por serem evidentemente demais excentricas, não preenchem uma das mais importantes condições, a que deve satisfazer a região a demarcar, são: 1º aquella que se extende, ao longo do littoral, em direcção ao Rio Grande do Sul; 2º aquella que se acha a léste do Rio São Francisco. A terceira facha, que se prolonga para o norte, entre os valles do Tocantins e do São Francisco, mais central do que as duas outras, tem por desvantagem, em comparação á região por nós escolhida a sua posição em relação ao systhema hydrographico constituido pelas grandes vias fluviaes, já mencionadas.

Na realidade, a mudança da Capital Federal, é assumpto tão importante e que se liga directamente com tantos e tamanhos interesses da nação, que deve ser encarado pelos seus lados mais amplos. Não devemos nos limitar a considerar as condições actuaes da questão, mas tambem as condições futuras. Os grandes rios, que nascem na região do Planalto Central do Brazil, e por um capricho singular da natureza, têm suas cabeceiras, como que reunidas em um só ponto, estão, na actualidade e infelizmente, incompletamente navegaveis, por achar-se o curso de suas aguas obstruido em muitos pontos. Devemos, porém, esperar que, com o correr dos tempos, váie o dia em que elles virão a tornar-se navegaveis em todo o seu percurso; quando chegar este dia, e que um systema de vias ferreas ligar a nova Capital com os grandes rios, cujas aguas descem para o Norte, para o Sul e para Léste, então achar-se-ha realisada a palavra prophetica do visconde de Porto-Seguro, mencionada á pag. 4 d'este Relatorio.

Por ahi vê-se que, de todo o planalto brazileiro, a parte que, "a priori", podia ser considerada a unica que satisfizesse a dupla condição de ser a mais central e visinha das cabeceiras dos grandes rios, é a quella a que a Commissão restringio sua exploração, e onde demarcou a área reservada para o futuro Districto Federal.

Em summa, acreditamos que procedendo á demarcação na região onde a fizemos, correspondemos ao que o legislador tivera em mente, quando inseriu na actual Constituição o Art. 3º. E o nosso modo de pensar parece encontrar confirmação na propria resolução do Congresso Nacional, mandando agora proceder "á fixação do local para a futura Capital da Republica na zona demarcada no planalto Central". Votando esta resolução, os Membros do Congresso, aliás os mesmos que, em 1891, mandaram proceder á exploração e demarcação da área no planalto central, sanccionaram e ratificaram com o seu voto, a demarcação feita pela Commissão. E tanto mais fundamento parece ter esta nossa convicção, quanto o mesmo Congresso rejeitou um projecto de Lei apresentado a 23 de Agosto de 1893 por diversos illustres deputados, propondo que o Governo mandasse "fazer os estudos de outra zona na região cortada pelas linhas de limites dos Estados de Goyaz, Bahia e Piauhy" no planalto central e com o fim especial de para ella mudar a Capital da Republica.

Nutrimos pois a convicção de que a zona demarcada apre-

senta a maior somma de condicções favoraveis possiveis de se realisar, e proprias para n'ella edificar-se uma grande Capital, que gozará de um clima temperado e sadio, abastecida com aguas potaveis abundantes, situada em região cujos terrenos, convenientemente tratados, prestar-se-hão ás mais importantes culturas, e que, por um systema de vias-ferreas e mixtas convenientemente estudado, poderá facilmente ser ligado com o littoral e os diversos pontos do territorio da Republica."

Ao redigir as linhas acima, que servem de introducção ao seu "Relatorio" apresentado ao Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, em 1892, parece até que o espirito superior de Cruls estava prevendo esta campanha mesquinha, interesseira e da mais repugnante falta de escrupulos levantada outro dia em Bello Horizonte pelo tão pernostico quanto ignorante Sr. Rodolpho Jacob.

E o caso vem a ser que este empreiteiro da mudança da Capital da Republica para Bello Horizonte foi escolhido a dedo para levar ao seio do 6° Congresso de Geographia de Bello Horizonte uma indicação no sentido de ser a capital mineira preferida á que será construida no local demarcado pela Commissão Cruls, no planalto goyano, para séde do governo do Brasil.

Previamente o orgão official de Minas se incumbira de lançar o balão de ensaio nas seguintes tiradas patrioticas, á mineira:

"E' necessario despender tempo e dinheiro em construir a capital, quando a União dispõe de uma excellente cidade que é Bello Horizonte, cuja cessão Minas fará com sacrificio, attendendo ao superior interesse nacional.

Em compensação, a União se responsabilisaria pela divida de Minas, proveniente em sua maior parte da construcção e melhoramento de Bello Horizonte.

A cidade possue um palacio do governo e secretarias melhores que no Rio, com perfeito abastecimento de aguas e esgotos, viação urbana, luz e força electrica e excellente topographia, com proporção de desenvolver-se. E' centro de já importante rêde de viação ferrea e, emfim, possue todas as qualidades requeridas para a Capital Federal."

Diz não saber a opinião dos dirigentes de Minas a respeito; acredita, porém, que assentarão na cessão da formosa cidade em beneficio dos interesses superiores do paiz...

Pobre paiz!

*

* *

Menos ingenuo não foi o Dr. Pedro Celso, delegado de Pernambuco, que apresentou uma indicação capciosa no sentido do 6° Congresso de Geographia tomar a si o estudo do assumpto sob o ponto de vista geographico, ou fosse a interpretação do pensamento dos Constituintes quanto ao verdadeiro planalto Central do Brasil, que a seu modo de ver, ou do Jacob, tanto poderia ser localizado na área dos 14.400 kilometros quadrados demarcados pela Commissão Cruls, como em Bello Horizonte...

Foi, então, que o director desta Revista pediu a palavra (que a custo lhe foi dada pelo présidente da mesa do Congresso) para mostrar, como mostrou, com vehemencia, não só a incompetencia individual de cada um dos congressistas alli presentes para discutir acertos da Commissão scientifica que demarcou a área do futuro Districto Federal da Republica no planalto goyano, como tambem a falta de capacidade juridica do Congresso de Geographia para tratar de um assumpto que lhe escapava a alçada. Engraçados!

Finalmente, foi nomeada uma Commissão Especial para "estudar" o assumpto e dar parecer. Della foi relator o illustre Sr. Dr. Thomaz Delfino, que, depois de um historico do assumpto, consoante ao que fez o nosso director, disse:

EM CONCLUSÃO

A antiga concepção dos patriotas do Brasil-Reino e do Brasil-Imperio, a affirmação dos Constituintes Republicanos conserva o excepcional valor para a regularidade das funcções dos poderes publicos geraes, garantia da independencia do paiz e seu rapido e equilibrado desenvolvimento. Julgar, porém, que é chegada a occasião de obedecer ao estabelecido solemnemente desde 1891 na Carta Constitucional vai evidentemente além da alçada e da proficuidade deliberativa do Congresso de Geographia.

S. S., 14 de Setembro de 1919. — Pedro Celso Uchôa Cavalcante, presidente; Thomaz Delfino, relator; Crispim Mira, Carlos Xavier de Barreto, João P. Cardoso. Approvado em sessão de 15 de Setembro de 1919. — J. B. Mello Souza, 1° Secretario.

E foi um dia o Benjamin Rodolpho Jacob... a capital da Republica em Bello Horizonte.

Glotologia indigena

A's pessoas que se interessarem por estes meus despretenciozos estudos e escritos, ofereço-me para corrijir os erros não sanados na revizão, e outros, que revelam o pouco cuidado, a falta de caprixo, etc. da impressão, e fazer a acentuação das letras como deve ser para terse seus verdadeiros sons; ofereço-me, outro sim, para qualquer esplicação, que poder dar, com tanto que não seja aznatica, sobre os assuntos que tenho estudado, no campo e no gabinete, enviando-se-me rezidencia e selo para resposta. Rua Visconde do Rio Branco n. 169 — Niteroi.

Prosigamos:

A

11 *Á, ra, ri* (rad. *Ár*), v. tr., apoderar-se de...; daí — apanhar, colher, agarrar, prender, aprizionar, apreender, tomar, senhorear, assenhorear-se de, arrecadar, recolher, juntar, etc.; compreender; perceber; acolher; escolher; procurar; obter; prover-se de: surpreender; saltear; arrebatar; assombrar; abismar; fazer, proceder, praticar, obrar á similhança de, tomar por modelo, observar como norma, seguir o ezemplo de, fazer o mesmo que, imitar, copiar, reproduzir, repetir, arremedar; assimilhar-se a, parecer-se com; receber; adquirir, rehaver; cobrar; comprar (neoloj.), etc., e até — criar, dar o sêr, a ezistencia, tirar do nada, etc., e mais uma infinidade de acepções deriv. das precedentes.

Pela regra, por ser v. tr. rad. monosil., devera ser conjugado com o demon. *Yo* (combine-se com 6 *Á*, como ele vitima não sei de que), mas o mais comum é com *Y*, sendo tambem com *Gu* (*G+U*), com *You* e *Yogu* (*Yo+U*, *Yo+Gu*), *Ya*, e até em escritos antigos com *O*, *Go* e *Ogo*, por erro de audição.

Quando concorre com diç. naz. nazaliza-se em — *a* (V. *Çaiinha*).

Com o pref. *T* (var.) fórma *Tá, ra, ri*, que concorre com o simples na conjug.: *Ayoá* ou *Ayá*, apanho-o, etc.: *Reyoá* ou *Reyá*, apanhas, ou antes, apanhas-lo: *Oá* ou *Oyá*, apanha, apanha-o, etc.

Pela Pass. *Xe-rá* (raras vezes *xe-yá*), apanha-me, sou apanhado; *Tári* (*Yyá*), apanha-o, é apanhado, lhe apanha, etc.

Na gram. (*Abánhee poromboêçaba*), dou com este importante verbo um ezemplo de conjug. completa, por isto julgo superfluo entrar aqui em mais estensos detalhes. V. 6 *Á*.

Não posso, entretanto, deixar de dar aqui alguns interessantes ezemp.: = *bo*, part. imperf. ejer. reg., mas o mais empregado é o irreg. *Tábo*; = *çá, ba, bi*, part. nom., e sub., onde, quando, como, etc. se apanha, etc.: tambem é muito empreg. a part. irreg. *Taçá, ba, bi*, apanhamento, apanha, apanhadura, colheita, colhimento, prizão, aprizionamento, preza, apreensão, tomada, e outros similhantemente deriv. das ações do verbo: = *çá, ra, ri*, part. prez., adj e sub., que, o que, etc. apanha, colhe, agarra, apanhante, etc. apanhador, colhedor, agarrador, prendedor, aprezador, apreendedor, apreensor, e outros similhantemente deriv. das ações do verbo; tambem são muito empregadas as formas *Táçá, ra, ri* e *Táyá, ra, ri*; = *pi, ra, ri*, part. pac. e pass., urpin, adj. e sub., apanhado, colhido, agarrado, aprizionado, etc.: apanhavel, colhivel, agarravel, aprizionavel, etc.; prizioneiro; reunido; liberto, etc.; tambem são frequentemente empreg. as fórmas *Tápi, ra, ri* e *Táripi, ra, ri*: V. *Mbiá* (*Miyá*), *ra, ri*, part. pass., apanhado, colhido, agarrado, etc., que póde tornar-se adj., e até sub. com o pref. demonstr., substantivador *Te* (*rar.*), vindo *Tembiá* (*Temiyá*), *ra, ri*, vindo — *Xe-rembiá*, meu apanhado, etc.; *Cembiá*, colheita, etc. dele, etc.; *Guembiá*, seu apanhado, etc.; *Xe piá, xe angu eyá*, meu coração, minh'alma aceitai, recebei, etc.; *Oyá atá cera yuóba*, agarraram-n'o fortemente pela tunica? *Aé Tupa Taira crimbaé yande roo oguá*, E que Deus Filho revestiu nossa carne; *Çoô mimbó rokái oguá o upába mo*, um estabulo escolheu para seu pouzo; *Xe yarikuê, nde pó pe xe angu aimee*, meu redentor, em vossas mãos minh'alma entrego; *Thedora, ixe Justiniano oroyá xe remirekóetê ramo*, Theodora, eu Justitniano te recebo como minha lejitima esposa; *Têrakuandaí ayoá*, adquiri má fama, má reputação; *Têrakuangatú ayoá*, ganhei fama, renome, etc; *Xeyá yapúra pipe*, fui apanhado em mentira; *Cekóá*, apoderar-se do sêr de, imitar, seguir seus ezemplos, etc.: *Taguató oqueroá inambú*, o gavião arrebatou comsigo o inambú; *Xe rembiá tapiira*, a anta que apanhei, cacei, etc.; *Jesus nhande-rá uguy pe*, Jesus resgatou-nos (libertou-nos, redimiu-nos, etc.) com seu sangue: *Aikó xe abati rábo*; estou colhendo meu milho.

Seria infadonho se eu me paropozesse dar um maior, si bem que pequeno, numero dos milhares de ezemplos que poderia dar deste tão importante verbo, por isto passo adiante.

1 *A*, adv. demonstr., assim. Ver. *Na, Nai*.

2 *A, ma, mba, mbi, mi* (rad. *Am* ou *Amb*), v. intr., ser, estar, ficar, ezistir, etc. em pé, erguido, levantado, a prumo, elevado, proeminente, sobranceiro, quedo, firme, imovel, etc.; erguer-se, levantar-se, elevar-se, avultar, aparecer, nacer, crecer, etc. (sem movimento), ou por outra, ezistir, ser visto, etc. erguido, levantado, em vulto, ao alto, ser nacente, crecente, ezistente, etc. avultando á vista; em absoluto — ser, estar, ezistir, ficar, etc. V. *I, Ikó, Yú, Kó, Kuá, Rekó, Ti, Tù, U'*.

Este verbo, como todos demais de sua natureza, não oferece a menor dificuldade pois conjug. com os pref. pron. só e segue a regra jeral do conjug.: *Aa*, estou; *Rea*, estas; *Oa*, está, etc., e pela passiva *Xe-a*; *Nde-á*; *Ya*, etc. Faz o part. imperf. em *Amu* ou *Amba*, sendo, estando, etc.; = *mbá, ba, bi*, part. nom. e sub., onde, quando, como, etc., está, etc.; = *mbaé*, part. prez., adj. e sub., que, o que é, está, etc., scente, estante, ezistente, etc.; = *mbá, ra, ri* como o preed., mas irreg.

r ser esta fórma mais propria para v. tr.; *Pe oa i kuriití*, lá está pinhal; *Euumê ikó ibá—eí, amô ibá, guemitima pitêri pe oambaé ábeenga*, não comas este fruto, dice, outros frutos pelo meio do seu rto ezistentes mostrando; *Abá abê pé oa kuruçú ipi pe aéreme*, em tambem ficou então ao pé dele na cruz?

3 *A. nga. ngi* (rad. *Ang*), sub., alma, espirito, emquanto está no rpo vivo; depois da morte do corpo toma o nome de *Anguê. ra. ri*, na que foi; por est., e talvez neoloj., animo; conciencia; razão; .; v. adj., ser, ter, etc. alma, etc. *Xe anga*, minh'alma, tenho na, etc.; *Nde anga*, tu'alma, tens alma etc.; *Yanga* alma dele, n alma, etc.; *O anga*, su'alma; *Nda angi*, não é alma, etc.; *Ndi i*, não tem alma, etc.; *Abá angcima*, homem sem alma, etc., desaldo, desanimado, desarrazoado, etc., cobarde; *Nhande* ou *Acê anga omanoi*, noss'alma, ou a alma da jente, não morre. Dá uma infinide de compostos.

4 *A. nga. ngi* (rad. *Ang*), adv. de tempo, agora, ora, como v. adj. tem a 3ª pess. *Ya. nga. ngi*, é, foi, será agora, etc.; *Ndi angi*, não etc. agora; *Yamo* ou *Yangamo*, sendo, si fôr, etc. agora, como seja ora, porque é agora, etc.; *Angeima*, sem agora, sem ser agora; *geimamo*, não sendo agora, como não seja agora, si não fôr agora. e., *A mbe, A me, Anga be, Anga me*, desde agora, d'ora, d'agora, até ora, mesmo agora, ainda agora, agora mesmo, etc. conforme o sento da posp.; *Angibeí*, agorinha mesmo, ainda agorinha mesmo, nestrstante, ha pouquinho, agorinha, etc.; *A mbité. ri*, ainda agora, até ara, até o prezente, etc.; *A mbité ndoúri*, até agora não veio; *A (ra) recê*, por agora, por ora; *A. ngatú*, agora bem; ora bem, bom ora, agora sim, ora sim; *Angê* ou *Angirê*, depois de agora, isto é de agora, d'agora, d'ora em diante, daqui por diante; *Angatcí*, ra já, neste momento, neste instante, já, imediatamente, ato contin, etc.; *Angurí*, agora logo, só logo, mais tarde, depois, só depois, e.

5 *A. nga. ngi* (rad. *Ang*), adj. demonstr., este, esta, etc. Como adj. só tem a 3ª pess., *Ya. nga. ngi*, é, foi, será, etc. este, esta, et; *Ndi yangi*, não é, etc. este, etc.; tambem dizem *Nda yangi*, não é correto; *A mbaé*, esta couza, isto (V. 6 *A*); este que, tal, o tal, etc., neste cazo tambem dizem *Anga-baé, A-mbe, A-me, A-a be, Anga-me, Angi-be*, desde este, deste; até este; mesmo este; a este; como este, etc., conforme o sentido da posp.; *Angê, Angi*, depois deste, etc.; *Angetá*, plur. reg. de *A*, quando o sentido da frae d oração não fica subentendido que se fala no plur., esta regra é ral, para todas as palavras que não o forem; *Anhabe*, como, confe, etc. este, etc., assim, desde modo, etc.; *A nhabenguará*, que, o é, está, etc. como este, assim, deste modo; *A nho* (*nhone, nhote*), s só, etc.; *A nungá*, parecido com este, similhante a este, como s etc.; *A nungá tamo*, oxalá, quem dera, fóra ou fosse como este! *Nda ya ruai*, de certo, com certeza, etc. não é este, etc., esta fó a é a mais empregada, mas a mais correta é *Ndi a ruai*.

Fique desde já notado que as palavras terminadas em *i*, ou que o em por sua compozição, tem implicita a posp.—*i*, em; assim , é o mesmo que—em este, etc.; neste, etc.; *Yangi*, na alma dele, Do mesmo modo, todas as palavras começadas por *I*, ou suas mofições, tem implicito o pron., art., etc. *I*, como acabamos de vêr ultimo ezemplo, onde *Y*=*I* por concorrer com palavra começada oga, e *Angi* é a segunda amplificação de *A*, alma.

6 *A. nga. ngi*, pron. demonstr. inv. isto. E' o mesmo 5 *A*, sepa apenas para facilidade da referencias.

A. nga. ngi (rad. *Ang*), sub., sombra; abrigo; proteção (nas div. acepções); v. adj., ser, ter, fazer, projectar, etc.; sombra, *Xe a*, minha sombra, tenho sombra, faço, projeto, etc. sombra; *â*, tua, etc.; *Yâ*, sombra, etc. dele, etc.; *O â*, sua sombra; *Acê* sombra da jente; *Na xe angi recê*, não lhe faço sombra; *Na ngi xe recê*, não me fazes sombra; *Ibirá â me akê*, dormi á sombra e uma arvore; *Ibitú a me aikó*, estou ao abrigo do vento; *Tupa aikóbe*, vivo sob a proteção de Deus; *Angatú*, boa sombra; *An*ná sombra; *Tendá angatu*, logar, etc. abrigado, retirado, reconsombrio, escuzo, etc., retiro, recesso, etc.; *Tendá angatú pe xe eçápe*, no retiro em que vivo; *Anguçu*, sombra grande, densa, a; fantasma, vizão, etc. No mais segue a regra geral.

... *a*, *á*, *a*, suf. sub. e posp. de aplic. muito var.—a, para, a fim intuito de, etc.; a primeira fórma, que é a mais empregada, esplet., fórma com os rad. a prim. amplif. e infinit. dos verbos rad. termin. em *b*, *k* (*c*), *m*, *n*, *ng*, *p*, e *r*, ou dos termin. nos ditos *ai*, *ei*, *ii*, *oi*, *ui*, ou sons nazais, em cujo cazo tomam um elemento enfonico *n* ou *t*, e constitue o part. imperf. jer. desses verbos, os demais fazem-se com a posp. *bo*; amplif. sub., adj., adv. etc. eus rad.; como adj. compen. equivale a—feito, formado, constiido, composto, consistente, nacido, orijinada, etc. de, em, por, com; sub.—sinal, marca, pinta, etc.; como compar.—modo de ser, de de atuar, etc. em, com, por, etc.

...*a*, suf. sub. contr. de *Aba*, cabelo, como 4 *A*, que e o seu pref. ha do rad. *Ab*.

... *á*, V. 1... *a*.

... *á*, suf. sub. deriv. de 4 *A*, grão, caroço, etc.; é forma muito empregada: *Kambuciá*, bojo (ester.) do pote; *Itáyubá*, pepita de ouro; *Tatápiiá*, pedaço de carvão; *Yetiá*, grandeza da batata; *Maniá*, grossura da mandioca; *Taiá*, raiz de porco, taiá, etc.

JORGE MAIA.

O AUTO VIAÇÃO EM GOYAZ

Vai tendo o mais apreciavel desenvolvimento o serviço de auto-viação em Goyaz.

Na hora presente, tres empresas exploram o transporte em automoveis, a saber:

COMPANHIA AUTO-VIAÇÃO SUL-GOYANA — Tem por séde a cidade do Rio Verde e as suas linhas se estendem de Santa Rita do Paranahyba a Jatahy, via Rio Verde.

O seu percurso, na linha em trafego, é de 390 kilometros, que são percorridos em um dia de viagem.

A linha está em correspondencia com a de Santa Rita a Uberabinha, cujo percurso é de 144 kilometros.

EMPRESA AUTO-VIAÇÃO CORUMBA' A GOYANDIRA — Está inaugurado o trafego desta empresa, que grande utilidade vai tendo. O percurso é de 72 kilometros.

EMPRESA AUTO-VIAÇÃO DE SANTA RITA A TRINDADE — Deve-se á iniciativa do snr. Tito Livio Teixeira esta nova empresa de automoveis.

Partindo de Santa Rita do Paranahyba, via Bananeira, Morrinhos e Santo Antonio das Grimpas, vai ter á povoação Trindade, que fica a 23 leguas da cidade de Goyaz.

Acha-se em trafego o trecho de Santa Rita do Paranahiba a Morrinhos, devendo-se inaugurar a 20 de Outubro proximo a estação de Trindade.

O percurso total é de 204 kilometros.

Esta linha vai resolver o problema da auto-viação para a capital do Estado, constando que o governo Alves de Castro se dispõe a mandar construir a linha Trindade-Goyaz, com um total de 156 kilometros.

*
* *

Além das tres empresas, a que acabamos de nos referir, cabe especial menção á linha de Santa Rita do Paranahyba a Buriti Alegre.

Presidida pela exma. snra. d. Maria Ayres Couto, esta empresa é de largo futuro, pois serve a uma das mais florescentes localidades do Brasil Central, cujas possibilidades economicas são extraordinarias e que já se conta como uma das terras de mais vastos recursos de todo o interior.

A linha é de 48 kilometros e a sua iniciativa se deve aos esforços do magistrado goyano, dr. Luiz Barros de Oliveira Couto.

Todas as linhas, a que nos referimos, á excepção da de Corumbaiba a Goyandira, estão em communicação com a Companhia Auto-Viação de Uberabinha, cujas estradas se estendem a Abbadia do Bom Successo, Santa Rita do Parnahyba, Ituiutaba, Prata, Bom Jardim e Santa Maria, estando tambem em communicação com Uberaba Frutal, Minas e Barretos, S. Paulo.

Goyaz no 6º Congresso Brasileiro de Geographia

A delegação goyana foi a primeira que apresentou a sua *Memoria* justificativa dos direitos do Estado com os quaes lhe disputavam territorios.

Foi tambem a primeira que firmou convenio de limites.

Referimo-nos ao convenio celebrado com o Estado da Bahia, que desistiu da sua pretenção ao territorio do Jalapão, ultimamente posto em litigio. A este convenio de limites seguiu-se um outro convenio aduaneiro — este tambem do maior interesse para Goyaz.

De accordo com um additivo do Snr. Augusto de Lima, delegado de Minas, additivo este approvado pelo Congresso de Geographia, a delegação goyana acceitou que fosse o Exmo. Snr. Presidente da Republica um mediador, e não um arbitro, na questão de limites entre Goyaz e Minas (*Jornal do Commercio* de 24 de Agosto).

O Deputado Augusto de Lima apresentou depois á delegação goyana as bases para o accordo Goyaz e Minas — no qual eram "solicitados os bons officios do Snr. Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa, para que ficasse resolvida a questão sobre a realidade ou nenhum effeito legal do auto de 15 de Outubro de 1800."

O director desta revista, porém, fez accrescentar áquelle periodo acima gryphado o seguinte: "*de accordo com os mais documentos apresentados.*"

Na sessão de encerramento dos trabalhos, o Snr. Augusto de Lima, delegado de Minas Geraes, informou ter estado no Palacio do Cattete, juntamente com o Deputado Olegario Pinto, delegado de Goyaz, onde obtiveram uma audiencia do Snr. Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa. Pelo Dr. Olegario Pinto foi exposto o accôrdo a que tinham chegado os Estados de Minas e Goyaz sobre os seus limites e, depois de mostrar que a unica divergencia consistia na interpretação do auto de 1800, pediu a S. Ex., no seu nome e do delegado de Minas, se dignasse acceitar a missão de interpôr a sua autoridade juridica sobre aquelle documento, segundo os principios de direito, e que a opinião de S. Ex. traduziria o accordo dos dois Estados. O Snr. Presidente da Republica declarou aos dois delegados que, embora assoberbado de trabalhos do seu alto cargo, não podia excusar os seus bons officios aos dois Estados, cuja confiança agradecia e procuraria honrar, fazendo votos para que do seu parecer de jurista não resultassem resentimentos da parte que se julgasse vencida. A essa ponderação, os dois delegados responderam, ratificando, em nome dos Presidentes de Minas e Goyaz, as clausulas estipuladas na acta que havia assignado — *Jornal do Commercio*).

Depositamos nós, os da delegação goyana, inteira confiança no sentimento de justiça do Exmo. Snr. Epitacio Pessoa.

* * *

Quanto aos limites entre Goyaz e Matto Grosso, nada absolutamente ficou assentado, apezar da boa vontade da delegação goyana.

Bastava a leitura desta escarninha base da proposta que os delegados de Matto Grosso submetteram á apreciação dos seus collegas da delegação de Goyaz, para que estes, excepto o Snr. Almirante José Carlos de Carvalho, a repellissem.

"Proposta — Art. 1º — A fronteira entre o Estado de Matto Grosso e o Estado de Goyaz fica assim estabelecida:

§ 1º — Pelo thalweg do rio Araguaya, desde a ponta mais setemptrional da ilha Bananal, seguirá a linha divisoria até as nascentes de sua mais alta cabeceira, na serra do Cayapó, ficando pertencendo a Matto Grosso todas as terras de sua margem esquerda, e a Goyaz todas as da margem direita; atravessada a Serra do Cayapó, segue a divisa pela proxima opposta vertente o — Aporé — até a sua foz, no Paranahyba, e por este até a sua foz no Rio Grande.

A chamada "Pedra da Baliza", curiosa obra da natureza. E' um blóco de granito agora destinado a servir de marco na linha divisoria de Bahia e Goyaz, consoante o convenio de limites, firmado no 6º Congresso Brasileiro de Geographia pelas delegações dos dous Estados visinhos.

Art. 2º — Ao Estado de Goyaz caberá o direito de ter um porto alfandegario no rio Paranahyba, para por elle fazer o embarque e desembarque dos generos em transito de outros para o seu territorio e sahida para os seus productos de exportação, assim como para proceder á fiscalização do mesmo transito e exportação por meio de agentes fiscaes seus, podendo ter a séde de sua agencia fiscal ou collectoria na cidade de Sant'Anna do Paranahyba."

Como é facilimo de verificar, pelo paragrapho 1º, ficaria como pertencente a Matto Grosso todo o territorio litigioso ou, melhor, tudo...

Mas que accordo seria este, em que só uma das partes é que poderia ceder, na integra, o contestado?

Depois veio D. Aquino dizendo que o facto de não se ter chegado a um accordo — "não foi, por certo, falta de boa vontade nem patriotismo por parte da delegação de Matto Grosso, que se mostrou muito criteriosa CEDENDO para o Estado limitrophe uma larga e rica faixa de terras entre os rios Correntes e Aporé."

Não saberá o bispo de Corumbá que o territorio comprehendido entre os rios Aporé e Correntes nunca foi nem póde ser contestado ao dominio de Goyaz?

Qual ahi o mappa do Brasil — geral ou parcial — quer da autoria de nacionaes, quer da autoria de estrangeiros, que jamais indicou o rio Correntes como linha divisoria de Goyaz e Matto Grosso?

* * *

Apezar, porém, do Snr. Almirante Carlos de Carvalho ter applaudido a proposta matto-grossense, accrescentando que na parte geographica não podia divergir do seu collega General Rondon, com o qual já trocára idéas e estava em harmonia de vistas, e mais o Snr. Marechal Thaumaturgo de Azevedo ter proposto um voto de applauso pelo encaminhamento de negociações para mais esse accordo, o nosso director repelliu *in limine* a proposta da delegação de Matto Grosso.

Foi então que o Almirante José Carlos de Carvalho declarou "que assignára vencido nas deliberações dos seus dois collegas da delegação goyana, aos quaes deixava a responsabilidade do processo dessa negociação."

Proseguiremos na proxima edição.

Representação dos habitantes de Sant'Anna do Paranahyba pedindo a sua reintegração ao Estado de Goyaz

Exmo. Sr. Cel. Miguel da Rocha Lima, mui digno e honrado Presidente do Estado de Goyaz.—Confiantes na benevolencia de V. Excia. e forçados por acontecimentos que pela sua intensidade nos tem assoberbado é que esta vos dirigimos, esperando merecer dos vossos sentimentos altruisticos, elevado patriotismo e alto criterio administrativo, a mais ampla protecção em prol da causa que em face do Direito Publico Brazileiro procuraremos defender. Cançados e quasi que esvaecidos em nossas forças e haveres, com a atroz perseguição que de ha muito nos move o Governo de Matto Grosso, incorporados vamos ante V. Excia., como Presidente desse prospero e futuroso Estado de Goyaz, e portanto principal advogado dos seus interesses, pedir que nos auxilie afim de que seja esse Estado reintegrado desta parte de territorio por nós habitada e legitimamente sua. Esse fertilissimo terreno que medeia entre os Estados de S. Paulo e Minas e o rio das Mortes, desde sua foz no Araguaya até a cabeceira equidistante das capitaes desses dois Estados de Goyaz e Matto Grosso; dessa cabeceira uma linha, a o Taquary; este, Coxim e Camapoan até suas vertentes, dahi outra linha que atravessando o varadouro do mesmo nome chegue ás do rio Pardo e este até sua confluencia no Paraná, incontestavelmente pertence a Goyaz. Sendo inevitavelmente essa sua divisa, conforme soberanamento determina a provisão de 7 de Maio de 748, e portanto estando nós sob a jurisdicção dum governo que nos persegue procurando os extinguir e empobrecer, aqui lançamos um formal e solemne protesto contra a posse viciosa que subrepticamente tem querido Matto Grosso estabelecer nesta parte de territorio goyano. Isso faremos plenamente convictos de que todos esses esforços criminosos do Estado de Matto Grosso, são nullos em pleno direito, em face do Direito Publico Brazileiro, codificado quer na Constituição do Imperio e Acto Addicional, quer na Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Comecemos a narração clara e succinta da evolução do nosso viver nesse territorio goyano; deixando ao alto criterio de V. Excia. a analyse do proceder das autoridades sob cuja administração temos estado, afim de justificarmos a resolução inabalavel que tomamos de os reconhecermos Goyanos. Este territorio pertencente á antiga Capitania de Goyaz foi em principio do seculo passado, quando ainda habitado por aborigenes, invadido e posseado pelos Cp. José Garcia Leal e seus irmãos João Pedro Garcia, Joaquim Garcia e Januario Garcia. Esses quatro membros da antiga e conhecida familia Garcia, oriunda do circumvizinho E. de Minas, á maneira dos bandeirantes paulistas, continuadores dessa raça de heróes do sertão, implantadores do progresso nessas invias selvas, ahi situaram-se, abrindo fazendas, procurando melhorar a situação e domesticando os indios Cayapoz, primitivos habitantes dessas paragens. Criando-se um arraialzinho nas margens do rio Paranahyba, sob a invocação da Senhora Sant'Anna, desenvolvendo-se e tornando-se um centro populoso, mui sensivel tornou-se a necessidade de estradas de rodagem que facilitassem o seu commercio com os grandes centros, de um destacamento policial para a manutenção da ordem publica e das demais regalias que exigem essas agglomerações de individuos constituindo um pequeno arraial nesses inhospitos sertões. Então os fundadores desse arraialzinho incorporando se, levaram ao conhecimento da Capitania de Goyaz o seu desejo. O Governo Goyano ou porque não pudesse, ou talvez devido a incuria dos seus membros, não attendeu a tão justo pedido; vendo-se portanto a familia Garcia na dura contingencia de appellar para o governo do Estado de Matto Grosso. Prevendo o governo Matto-Grossense os futuros lucros que poderia auferir com o dominio, embora temporario, sobre esse territorio riquissimo e extensissimo, promptamente accedeu a tão justo pedido. Dahi então data o dominio de Matto Grosso neste territorio goyano. Sob a denominação de Sant'Anna do Paranahyba foi então creado este prospero municipio, consequencia exclusiva da acção laboriosa da familia Garcia. Continuando essa familia a augmentar-se na lentidão natural da evolução de uma familia sertaneja, como verdadeiro de genesis, em a sua sombra a prosperidade veiu chegando. O arraial de Sant'Anna augmentando, o progresso apparecendo, as relações commerciaes se estabelecendo e Sant'Anna tornou-se um municipio rico, prospero e cuja fama de longe trazia os peoneiros da vida em busca da felicidade, quaes naufragos demandando a um ponto de abrigo. Rico e prospero achava-se o municipio de Sant'Anna, quando a força politica veiu lhe roer a paz minando-lhe a prosperidade, provocando o seu estacionavismo e consequente retrogradação. Nessa occasião existia em Sant'Anna um recem vindo de nome Carlos Ferreira de Castro, sendo então aproveitado pelo Sr. Generoso Ponce, entidade politica estadual, feita a golpes de audacia, para arengueiro da politica cuyabana neste municipio. Fiel ás instrucções recebidas do regulo de Cuyabá, inaugurou esse senhor em Sant'Anna a tal politica de Machiavel. O assassinato e todo esse corollario de crimes que constituem o pedestal sobre o qual assentão esses mandões de aldêa, foram postos em pratica, alliados a um modo extremamente diplomatico de tratar os moradores deste municipio, que fieis ao regimen passado haviam-se retirado da politica militante. Apoz a quéda do Sr. Generoso Ponce do poderio politico em Cuyabá e consequentes luctas politicas que foram se reflectir nos quatro pontos cardeaes do Estado, o Cel. Carlos Ferreira Castro, desejoso de conservar-se como potentado politico de Santa Anna, começou a manifestar o seu absolutismo por meio de arbitrariedades, como sejam as mortes de um alferes da policia cuyabana, João Pedro e do negociante local, José Julio e até em proceder ao inventario em vida do Sr. José Bernardo. Em 1898 o Sr. Dr. Manuel José Murtinho, entidade politica estadual, necessitando pleitear a eleição do seu patrocinado Antonio Pedro Alves de Barros, enviou dois emissarios a Sant'Anna, pedindo á familia Garcia que terçasse armas na arena politica com o Cel. Carlos Ferreira Castro em favor do seu candidato. Então sahindo a campo o Cel. Silverio Garcia Leal e seu genro Cel. José Marques Garcia, dois membros influentes da alludida familia, foram a Sant'Anna á frente de cento vinte e cinco homens, conseguindo satisfazer o pedido do seu amigo. Entrando por essa fórma os Garcias na politica militante, iniciou contra elles o Cel. Carlos Ferreira de Castro uma série de perseguições mui habilmente postas em execução, visando principalmente o Cel. José Marques Garcia. Tendo esse senhor, fazendeiro abastado e em preeminente posição social neste municipio, uma pequena rixa e de interesse puramente particular com um seu vizinho, José Faustino, o Cel. Carlos, vendo com olhos de lynce occasião propicia á realização de seus planos criminosos, poz em pratica todos os meios licitos e plausiveis á sua elastica consciencia. Explorando então a situação, mandou chamar o José Faustino, peitando-o para dar cabo do Cel. José Marques. Tendo, porém, os capangas de José Faustino denunciado as pretenções de seu patrão, alguns parentes e amigos do Cel. José Marques indignando-se, reuniram e foram á casa de José Faustino, fazendo tiroteio, no qual pereceram sua mulher e um camarada de nome Pereira. Morrendo nessa occasião a mulher de José Faustino, em consequencia de sua leviandade, pois que embóra pessôas dessa escolta houvessem entrado na casa, onde ella se achava e a retirado para um morador contiguo, não se conformando com tal situação voltou essa senhora para junto de seu marido, indo tombar victima da bala inimiga. Nessa occasião, como o Cel. Carlos Ferreira de Castro se achasse senhor da politica vigente, mandou chamar ao Cel. Silverio Garcia Leal, chefe politico a que era filiado o Cel. José Marques Garcia, com elle assentando em não intervirem nessa questão, deixando aos dois contendores resolverem-n'a a seus esforços. Tendo, porém, dias apoz esse ajuste, a politicalha tomado nova direcção, o Coronel Carlos, que em sua sagacidade felina pensava, utilizando-se da influencia politica, perseguir ao Cel. José Marques por detraz dos bastidores, lançou mãos dos meios extremos afim de conseguir o seu criminoso intento. Havia nessa occasião aportado ás plagas santannenses uma dessas aves de rapina, verdadeiro cancro social, chamado Dyonisio Benites, desse modo facilitando ao Sr. Cel. Carlos a fiel execução dos seus planos. Fazendo-se seu amigo o Cel. Carlos Ferreira de Castro contractou-o por quarenta contos, afim de exterminar os mais salientes membros da familia Garcia, saquear os seus haveres e baldeal-os para o Estado de S. Paulo, onde facilmente seriam vendidos, locupletando-se de parceria com o seu producto. Reunindo Dyonisio duzentos capangas, iniciou sob o pomposo titulo de revolução de Sant'Anna um systema de entradas, estabelecendo a pilhagem e o saque em todos os haveres da familia Garcia e destruindo as bemfeitorias pela acção exterminadora do fogo. Morto Dyonisio Benites por uma de suas victimas, em cujos haveres havia esse correntino dado amplo repasto á sua ganancia; um genro do Cel. Carlos Ferreira de Castro, o Coronel João Luiz do Nascimento assumindo a chefia dessa malta de salteadores tornou-se digno executor dos planos de seu sôgro, na faina desoladora de roubar e vender o producto de seus crimes por dá cá aquella palha. Cousa que provaremos não só com um processo por nós instaurados contra o correntino Dyonisio Benites e familia Castro, como tambem pr uma justificação, sobre esses prejuizos que nos foram causados, feita perante o Sr. Dr. Juiz de Direito de Jaboticabal, no E. de S. Paulo, onde nessa occasião se domiciliara o referido correntino e na qual figuram como maiores prejudicados os Srs. Ceis. Sylverio Garcia Leal, José Marques Garcia, Mizael Garcia Moreira, Francisco Garcia da Silveira, José Joaquim Garcia, José Garcia, João Dias, Antonio Dias Galdino Dias, Antonio Leandro orphãos do Cel. Sylverio Garcia Leal e José Marques Garcia. Providencia alguma tomou o atrabiliario governo de Cuyabá, afim de garantir as nossas vidas e haveres, limitando se a responder com evasivas as justas queixas que lhe faziamos. Vendo porém os santannenses que inevitavelmente ficariam reduzidos a cinzas e obedecendo a um appello energico do Cel. Francisco Garcia da Silveira, que já havia visto ser preso e barbaramente trucidado a um seu irmão de nome Manuel Garcia da Assumpção, congregando-se entrincheiraram-se em Sant'Anna, offerecendo dessa fórma resistencia aos invasores. Havia o Cel. João Luiz do Nascimento sido derrotado, quando o governo de Cuyabá, pretextando restabelecer a paz em Sant'Anna, nomeou como juiz dessa comarca o bahiano João Dantas Coelho. Em 1902 chegou a Sant'Anna esse ministro da justiça de

Cuyabá, pondo loge em seguida. em execução habilmente, toda a sorte de chicanas acobertadas pelas maiores arbitrariedades, não trepidando ante o proprio assassinato afim de enriquecer-se. Embolsando se em varias duzias de contos evantou o seu vôo essa ave de arribação, demandando a uma paragem segura onde placidamente fosse gosar do producto de seus crimes. Mezes apoz a retirada desse Juiz, o Coronel João Luiz do Nascimento seguiu-lhe as pegadas conduzindo uma boiada. Allegando haver em sua passagem pelo rio Paranahyba, recebido um tiro, cujo projectil não o attingiu, appellou para a casa commercial de Ratto Guaritá Machado e associando-se ao Cel. Torquato Tupinambá, fazendeiro no municipio do Fructal, apparelhou se afim de recomeçar essa série de saques em tão má hora iniciada. Em 3 de Abril de 1904, ás 11 horas do dia, o Cel. João Luiz do Nascimento á frente de 240 mercenarios, todos de maus precedentes e pessimo viver nos circumvizinhos Estados de Minas e S. Paulo, bahianos na mór parte, que vinham antevendo auferir lucros fabulosos com o saque livre, que tão insistentemente lhes era garantido, atacou Sant'Anna do Paranahyba, apossando-se de uma nesga da cidade onde alojou-se entrincheirando-se. Na madrugada do dia **29 de Abril de** mesmo anno foi João Luiz e os seus energumenos expulsos a peso de armas e banidos do municipio de Sant'Anna, refugiando-se no E. de S. Paulo. Cançados já nos achavamos com as continuas revoluções que nos traziam em constante sobresalto, levando o lucto e a miseria a nossos queridos lares, quando uma feliz nova veiu nos alegrar e fortalecer, trazendo nos de envolta presagios de um futuro mais risonho. O Governo estadual de Matto Grosso enviava um numeroso destacamento policial com o louvavel intuito de aqui restabelecer a paz e manter a ordem de ha tanto alterada e nomeava como Juiz da Comarca a um homem, cuja fama que o precedera, nos dizia trazer aureolado á sua individualidade as mais acrysoladas virtudes civicas. Portanto com bem solidos fundamentos esperavamos que sobre o passado um veu se descerrando novo horizonte se rasgasse aos sant'annenses. Qual não foi, porém, o nosso assombro ao vermos o Sr. Dr. Juiz logo apoz a sua chegada manchar a sua toga, bombreando-se a criminosos com o intuito de patrocinar a familia Castro, mostrando-nos então mui claramente, que S. Excia. aqui seria, não um apostolo da justiça, mas sim o fiel executor de um plano adrede preparado. Analysemos a sociedade santannense afim de que melhor possamos convencer a V. Excia. quaes os verdadeiros agentes que mais contribuiram a certos factos que em má hora se desenrolaram em Sant'Anna e da sua intensidade criminal. Habitada então era essa cidade por membros e amigos da familia Garcia e que votavam á familia Castro o mais acirrado odio. Havia então o Cel. Francisco Garcia da Silveira, director da nossa politica em Sant'Anna, recebido uma precatoria da comarca de Fructal, no E. de Minas, requisitando a prisão do Cel. João Luiz do Nascimento, processado na referida comarca como co-réo nos processos movidos pelo orgão da justiça publica ao Cel. Torquato Tupinambá, accusado pela perpetração de varios e barbaros assassinatos em terrenos da supra alludida comarca. Assim chegadas as autoridades policiaes a Sant'Anna, entregou-a o Cel. Francisco Garcia da Silveira ao Sr. Manuel Albernaz, como sub-delegado, e em pleno exercicio de todas as funcções policiaes visto o Sr. delegado Olympio Ribeiro haver se retirado logo apoz a sua chegada para Uberaba, indo ao encontro do Sr. Dr. Miguel Palmeira, juiz nomeado para esta comarca, recebendo então a mais formal promessa de cumpril-a á risca. Acharam-se presos na cadeia publica os Srs. João Thimoteo e Antonio da Luz, capangas do Cel. João Luiz do Nascimento e pronunciados pelo barbaro assassinato por elles perpetrados posteriormente á vinda das autoridades, nas pessôas dos fazendeiros José Ludovico e Vicente Maria. Facto horroroso não só pela barbaridade com que foi commettido, como por ter victimado a dois homens laboriosos, pacatos, uteis a suas familias e á patria. Chegando o Sr. Dr. Juiz, que por nós foi acolhido com o maximo carinho, tolhendo os actos da autoridade policial, que já havia apprehendido a João Luiz do Nascimento parte do seu armamento e conservava reclusos os criminosos alludidos, e menosprezando as grandes responsabilidades do seu elevado cargo, enxovalhou a sua toga, libertando os dois criminosos e dando fim á precatoria. fez de João Luiz do Nascimento seu comensal e particular amigo. Pairavam as cousas neste pé quando um bello dia foi o Cel. João Luiz do Nascimento morto em Sant'Anna, ao sahir da residencia do Sr. Dr. **Juiz de Direito. Facto** monstruoso á primeira vista, porém attendendo ás circumstancias que o envolvem, não sendo mais que a consequencia logica inevitavel do proceder do Sr. Dr. Miguel Palmeira, que não curando senão de seus interesses particulares, sardonicamente sorriu quando forçado pela dupla responsabilidade de chefe politico e tambem desta numerosa e sempre acatada familia Garcia, o Sr. Cel. Silverio Garcia Leal lhe fez sentir que para que S. Excia. conseguisse restabelecer a paz em Sant'Anna, era necessario que fizesse presidir a todos os seus actos do maximo criterio e calma. Retrocedamos: por seu turno os auxiliares do Sr. delegado de policia açularam constantemente o pessoal garcista e até ao proprio Cel. Francisco Garcia da Silveira, afim de que matassem ao Coronel João Luiz do Nascimento. cousa que provaremos assim tivermos presidindo os destinos da nossa comarca um juiz que saiba honrar a sua toga. Em 27 de Setembro, dia consecutivo a uma viagem feita por Balbino Neves de Sant'Anna e José Canuto. em companhia do Sr. sub delegado Albernaz, ao porto do Paranahyba e no trajecto da qual essa autoridade os havia por demais instigado e de fórma capciosa a dar fim em o Cel. João Luiz do Nascimento, esses dois camaradas do Cel. Francisco Garcia da Silveira, na sua fatuidade de homens simples, esse crime assentaram perpetrar. Publica e notoria era em Sant'Anna a aversão demonstrada por essa autoridade á sua victima até nos logradouros publicos. Certos da protecção das autoridades e confiantes nas promessas do Sr. Albernaz, havido por todos os membros da fracção Garcia como seu leal amigo, frustando a vigilancia do seu patrão e infringindo a todas as suas ordens, reuniram-se esses dois homens a Antonio Canuto e da caza de Balbino Neves de Sant'Anna atiraram-se sobre o Cel. João Luiz do Nascimento, matando-o. Feito isto fugiram os criminosos para a fazenda Irara, distante de Sant'Anna duas legoas, de onde mandaram pedir ao seu patrão que lhes enviasse os seus animaes. Attendendo aos impulsos do seu generoso coração, que naquella occasião via nos criminosos dois companheiros de luctas a braços com uma grande infelicidade, e mesmo prevendo consequencias de maior gravidade, satisfez-lhes o Cel. Francisco Garcia da Silveira. Chamando o Sr. Dr. Juiz para seus capangas os do fallecido Cel. João Luiz do Nascimento e juntamente com a força publica, prendeu a todo o pessoal garcista que então se achava em Sant'Anna. Apoz isso, sem nem ao menos syndicar do facto e das circumstancias que o envolveram, enclausurou aos Ceis. Francisco Garcia da Silveira, Eliezes da Silva Latta e Cap. João Baptista Gomes, accusando-os como mandatarios desse assassinato. Achavam se já os assassinos a salvamento no Estado de Goyaz, quando souberam da prisão do seu patrão e amigo. Immediatamente voltaram, e, fazendo lhes preceder um proprio com as suas armas, foram se entregar á autoridade; apresentando-se como unicos e exclusivos criminosos na morte do Cel. João Luiz do Nascimento. Relembram as torturas inquisitoriaes as empregadas pelas autoridades de Sant'Anna nesses dois pobres infelizes, que sabiam honrar a lealdade de seu patrão e leal amigo, com o intuito de arrancar-lhes qualquer denuncia que viesse justificar a prisão do Coronel Francisco Garcia da Silveira e seus companheiros. Sentindo-se José Canuto fraco ante tanto padecer perguntou que necessario era, para que lhe não continuassem a martyrisar, lhe sendo dito que denunciasse a Francisco Garcia da Silveira e seus companheiros, como os mandatarios do assassinato do Cel. João Luiz do Nascimento. Isso feito pelo paciente com a voz entrecortada pela dor phisica e moral que o atormentavam, pois plenamente consciente achava-se de assim praticar uma infamia, recolheram-n'o acorrentado á enxovia. Embora da mesma fórma torturassem o Balbino Neves de Sant'Anna, homem cuja côr e complexão nos relembra a rigidez dos ethiopes da historia, esse preto de caracter firme negou-se a essa infamia. Dahi então resultou a pronuncia de Francisco Garcia da Silveira, real influencia politica e popular neste sertão; de Eliezer da Silva Latta, seu leal amigo e unico advogado que existia em Sant'Anna e do Cap. João Baptista Gomes, como mandatarios do assassinato do Cel. João Luiz do Nascimento. Consecutivamente a essa pronuncia, temendo o Sr. Dr. Juiz a indignação deste municipio e que em represalia, viessem a exigir a liberdade do seu chefe e leal amigo e de seus companheiros, officiou ao Sr. Presidente do Estado, pedindo a remoção dos presos para Cuyabá. Isso fazia S. Excia. com o intuito de preparar terreno afim de dar completo desenvolvimento ao seu plano mescla de politico e pecuniario, que aqui o trazem completa abstracção dos mais comesinhos deveres de honra, entoxicando lhe a consciencia e obrigando-lhe a assumir a chefia da fracção Castro. Sahidos que foram os presos para Cuyabá, não confiante S. Excia. nos capangas que o circundavam, enviou á Alagôas o Sr. Manuel Teixeira, promotor da comarca, afim de trazer de lá grande quantidade desses avalentoados, que vieram servir de sustentaculos ao seu futuro absolutismo. Lançando então S. Excia. mão em varios moveis da cidade de Sant'Anna. sem previo consentimento dos seus legitimos donos, começou com uma febricidade extranhavel a preparar os alojamentos para esses seus cães de guarda. Tremenda campanha iniciou S. Excia. contra as suas victimas, cabalando perante o Presidente do E. de Matto Grosso, a confirmação pelo Tribunal da Relação de Cuyabá da pronuncia tão infundada desses tres homens uteis á patria e á sociedade, como mandatarios do assassinato de um malfeitor fructo não da justiça de cujo culto é S. Excia. ministro, mas sim da necessidade intrinseca da inutilização desses tres membros da sociedade sant'annense, afim de que para o futuro não embaraçassem a completa realização de seu plano gigantesco. de exterminio do pessoal abastado do municipio e completa absorpção de todos os seus haveres. Não confiante no bom exito dos seus esforços, mandou ao Rio de Janeiro o Sr. Olympio Ribeiro, delegado e collector estadual, afim de o mesmo fazer, por intermedio do Sr. João de Aquino, genro do Presidente de Matto Grosso. Voltando o Sr. Olympio Ribeiro trouxe quarenta dos capangas encommendados, que vieram á socapa de immigrantes expulsos do seu torrão natal pelos horrores da fome; achando o Sr. promotor de bom avizo cá não voltar. Nesse comenos o Sr. Antonio VeneriNolla, membro influente da familia Garcia e fazendeiro abastado neste municipio, havia comprado em Uberaba trinta contos em mercadorias afim de negocial-as no sertão, quando soube que o Sr. Dr. Juiz, pretextando haver recebido denuncia de como nas referidas cargas vinhão 12 contos em armamentos,as apprehenderá ainda no barranco mineiro violando nessa occasião varios envolucros. Comtudo o Sr. Veneri, homem pacifico e criterioso tudo isso relevando enviou a Sant'Anna um seu encarregado, acompanhando uma carta dirigida ao Sr. Dr. Juiz, na qual dava-lhe amplos poderes afim de que abrisse as suas cargas e revistasse a seu talante e fizesse o favor de entregal-as ao portador, pois que a conducção já retardava em Sant'Anna ha muito e caso contrario o seu prejuizo seria total. O Sr. Juiz, porém na sua presumpção tola de espirito doentio, respondeu-lhe que aguardasse a volta da autoridade policial, talvez com o intuito de começar os preparativos para a cobrança do celebre gado arrebanhado pelo Coronel Antonio Camargo. No ultimo periodo revolucionario, achando se o Cel. Francisco Garcia a braços com sérias difficuldades, pois o Cel. João Luiz emprehendera atacar Sant'Anna, havendo previamente propalado em Uberaba, alto e bom som que dessa vez tudo arrazaria

não tendo complacencia para com individuo algum; a população do municipio acudiu pressurosa a congregar-se ante esse seu chefe e leal amigo, afim de livrar-se de tão terrivel inimigo. O Cel. Antonio Baptista Camargo reunindo cento e trinta homens, todos de sua fazenda que dista de Sant'Anna cincoenta leguas, tambem veiu em auxilio dos seus conterraneos. Rechaçado o Cel. João Luiz do Nascimento e banido para o E. de S. Paulo, o Cel. Antonio B. Camargo a conselho do Cap. Braz, da policia mineira, e de mais alguns companheiros de lucta, arrebanhou o gado que encontrou nos campos, desde o Taboado até Sant'Anna, unica parte deste municipio habitada por membros da familia Castro e levou-o comsigo. Na sua retirada, encontrando-se com as autoridades que vinhão de Cuyabá e delles nada ouvindo sobre o gado que levava, chegando á sua fazenda Pedra Azul, escreveu-lhes scientificando que isso havia feito não com o intuito de locupletar-se com esse gado, mas exclusivamente para tirar aos inimigos esse grande elemento, base principal de uma revolução e pondo o inteiramente á disposição das referidas autoridades. E mais que dentre essas rezes, 648 pertenciam á familia Castro e as demais, parte era ainda das roubadas por Dyonisio á familia Garcia e contramarcadas e parte de membros da fracção a que era elle filiado. Respondendo-lhe a autoridade policial em exercicio, nomeou-o depositario do gado referido e mui cortezmente disse-lhe achar-se plenamente convicto do que o Coronel Antonio B. Camargo lhe dissera em sua missiva. Dias apoz isso, indo o Sr. Cel. Vicente Macedo, como emissario da familia Castro, buscar o gado alludido, o Sr. delegado, a mando do Sr. Dr. Juiz, de novo escreveu-lhe, dizendo que não entregasse tal gado, pois que as autoridades de Sant'Anna achavam se no proposito firme de manter todos os seus actos anteriores á data em que lhe escreviam por seu intermedio. Ultimamente, indo o Sr. delegado á fazenda da Pedra Azul, finalizar esse negocio, combinou com o Cel. Antonio B. Camargo em mandar buscar o referido gado. Como de facto, dias apoz esse ajuste, quatro soldados acompanhando um emissario da familia Castro e camaradas a mando do Sr. Mjor. Olympio Ribeiro, foram á Pedra Azul, campeando a seu talante e retirando todo o gado ahi existente com a marca dos Castros. Havendo porém, novas reclamações da parte interessada, respondeu o Cel. Camargo que intentasse uma acção em juizo e promptificando-se a pagar no que fosse condemnado em final sentença. Nesse interim o Sr. Dr. Juiz, não trepidando em conspurgar a sua toga magistral, enxafurdando-se nesse lamaçal de sangue humano, em que vivem os assassinos que desde os tempos immemoriaes do correntino Dyonisio hullulão neste municipio, fez sahir de Sant'Anna numerosa força composta simultaneamente de capangas da familia Castro, assassinos famosos dos sertões de S. Paulo e Minas e praças da força policial de Cuyabá, commandadas pelo Mjor. Olympio Ribeiro. Essa força levando prisioneiros a dois amigos nossos, Manuel Florencio Epaminondas e Antonio Xavier, ao passar pela ponte do rio Sant'Anna, distante da cidade uma legua, barbaramente fuzilou-os, atirando-os no leito do rio como se assim lavassem dos annaes da nossa historia chorographica esse horroroso crime. Apoz isso, fraccionado-se a força, foi sitiar em dia aprazado as fazendas do Coronel Mizael Garcia Moreira e José Marques Garcia, obrigando-os ás maiores humilhações e revistando e violando as suas correspondencias. A' maneira dos salteiadores da Calabria foram esses individuos agglomerados sob o pomposo titulo de representantes da justiça, atacar a fazenda do Cel. Antonio Baptista Camargo, que se achava em Aquidauana, no sul do E. de Matto Grosso, a negocios, arrazando a fogo os seus campos, exterminando as suas bemfeitorias e saqueando o gado que achavão de 1.800 a 2.000 e 250 animaes de tropa. Pondo tudo por deante voltaram esses desequilibrados, como o fero Plutão, arrazando os campos por onde passavão a ferro e fogo, perseguindo atrozmente os membros da familia Garcia, obrigando-os a exilarem-se no Estado de Goyaz, afim de não cahirem victimas do trabuco assassino desses dignos representantes da justiça cuyabana. Daqui, portanto, esta vos dirigimos, Exmo. Senhor, esperando do seu assendrado patriotismo e alto criterio administrativo, que nos auxilie francamente afim de que Goyaz seja reivindicado desse pedaço de terreno que habitamos e legitimamente lhe pertence. Outrosim que dessa fórma V. Excia. fará mais uma vez jús ao seu tão justo renome de provecto economista, pois que isto será de grande alcance para a economia politca do Estado, não só attendendo ás rendas actuaes deste municipio, como pelos proventos que com o decorrer dos tempos poderá o E. de Goyaz tirar da evolução progressista que a sombra da paz inevitavelmente irá passar este municipio. Pois que fadado a um progresso extraordinario, e não em epocha muito longinqua, é este municipio, não só pela sua topographia, como pelas relações commerciaes que de ha longos annos conserva inalteravel com os grandes centros, mantendo a' Janeiro o seu credito e tambem pela fertilidade de seus terrenos e riqueza de seus campos pastoris, nos quaes abundam o gado superior de raça zebu' e caracu', de ha muito trazidos pelos habitantes progressistas deste municipio. Dessa fórma poderá Goyaz, mui facilmente e sem grande sacrificio estabelecer uma rêde ferro viaria, que cortando toda a zona sul do Estado até á Capital, ligando-a com os grandes centros de progresso e industria, dessa fórma rasgando a esse Estado nova éra de engrandecimento, fazendo-o entrar no quadro dos Estados desta grande Confederação Brazileira, que mais se tem evantajado nesta lucta titanica pelo seu progresso, afim de que possam rivalizar com as cultas nações do velho Continente. Para isso, contando o Estado de Goyaz com uma renda fixa de 200 contos annualmente, em cujo desembolso tem estado até hoje por sua livre e expontanea vontade, pois que a passagem do rio Paranahyba de boiadas annualmente produz no minimo 150 contos e o municipio exporta uma média de 20 mil rezes annualmente, cujo direito de exportação monta em 80 contos. As companhias paulistas Sorocabana e Ituana projectam trazer os seus trilhos até o salto do Urubúpunga, no rio Paraná, advindo portanto muito breve para este municipio uma epocha de rejuvenescimento, sendo portanto esta a epocha mais propicia ao Estado de Goyaz de reintegrar-se deste seu territorio. Sendo essa reintegração de summa importancia para nós, porque dessa fórma ficaremos mais perto da nossa metropole, pois que Cuyabá dista daqui 270 leguas, ao passo que Goyaz não excede de 120. Dessa fórma, estando á sombra da Capital, nos será mais facil orientar o governo deste municipio, de fórma que a sua paz seja inalteravel e os haveres e as vidas dos municipes seja garantida pelos poderes publicos, portanto mais uma vez reiterando o nosso justo pedido, abaixo nos subscrevemos, fazendo votos para que as auras da felicidade nos bafeje nesta hora suprema de lucta pela nossa independencia.

Sant'Anna do Paranahyba, 7 de Setembro de 1905.

(*Seguem-se 409 assignaturas*).

O nosso cavallo de Guerra

Muitas vezes e em tempo me occupei, em varias revistas cariocas, de um problema que mui de perto interessa á nossa industria pastoril: a escolha de um typo cavallino para ser adoptado no serviço do Exercito. Contrariamente a todas as opiniões correntes entre nós, opinava eu pelo cavallo conhecido por *Curraleiro,* oriundo de Goyaz, e tambem pelo chamado cavallo nortista do nordéste do Brasil, ambos descendentes do arabe, introduzido nos tempos coloniaes.

Defendi esses extraordinarios specimens equinos nacionaes — negando que devessem ser, como até então, condição *sine qua non* para o serviço de guerra a bella estampa, e mais a altura maior de 1^m,50, que os nossos regulamentos militares exigem para o animal reuno.

Eis que apparecem na *Vie Agricole* as seguintes interessantes linhas, significativas para o nosso paiz, firmadas pelo notavel zootechnista de renome universal — Diffloth, proclamando a victoria do cavallo pequeno na guerra.

E', pois, com intima satisfação que eu traslado para as columnas desta revista o alludido artigo:

"O CAVALLO DE GUERRA — Entre tantas concepções novas e principios inesperados, a guerra européa devia modificar completamente as idéas admittidas a respeito da utilização do cavallo em campanha.

Sabe-se que a estrategia moderna vivia sobre este principio; o cavallo de cavallariano, de artilharia, para justificar seu emprego nos exercitos, deve possuir um certo talhe.

Os typos: grossa cavallaria, cavallaria de linha, cavallaria ligeira, artilharia, etc., se differenciavam por seu talhe, mas deviam ultrapassar um cereto minimo.

O cavallo pequeno, o cob, o poney, eram rigorosamente excluidos, e póde-se dizer que a preoccupação essencial da criação franceza foi augmentar o talhe das raças cavallares pequenas, afim de poder apresentar os cavallos ás remontas.

Esta questão de augmento de talhe liga-se intimamente á utilização do puro sangue nos cruzamentos. Questão delicada, espinhosa, onde se acham misturados os haras, as remontas, as sociedades de corridas, as subvenções, as questões politicas, a anglomania, etc. Questão confusa e que não é facil esclarecer.

Um facto resulta, entretanto, palpavel, tangivel: querendo augmentar rapidamente os typos de talhe pequeno, com o auxilio de cruzamentos inconsiderados, compromettеu-se muitas vezes o futuro de raças reputadas e celebres.

E' assim que quasi desappareceram, victimas da tendencia dos grandes talhes — nossos poneys de Medoc, nossos rusticos "camargue" e tantos outros.

Eu sou grande partidario do puro sangue, conheço bem seu valor como cavallo de armas, seu brio, sua tenacidade, sua resistencia, para duvidar de seu alto merito. Mas cruzar uma raça tão melhorada, tão refinada, como o puro

sangue, com animaes rusticos, solidos, mas grosseiros e de uma resistencia reconhecida, era provocar revezes e sobrecarregar a creação com typos inharmonicos.

O meio imprime a toda producção animal ou vegetal uma influencia que ir contra seus designios é uma empreza louca e temeraria.

A selecção tem sempre bom exito, porque realiza a união do homem com a natureza; a alliança da intelligencia com as forças cosmicas, emquanto que o cruzamento fica sempre arbitrario e desharmonico.

SERVIÇOS DOS CAVALLOS PEQUENOS — Mas com o impulso assim communicado á nossa criação nenhuma reacção parecia possivel; os cavallos pequenos pareciam condemnados a um prompto desapparecimento.

E subitamente a guerra os procura, os utiliza e proclama por toda a parte os seus serviços. Revelação inesperada!

O emprego dos cavallos pequenos foi determinado pela creação dos carrinhos regimentaes de duas rodas, vehiculos leves, estaveis, cujas vantagens e engenhosidade têm sido muito elogiadas.

E' digna de louvores esta orientação nova, que permitte a evolução, o aperfeiçoamento de nossas raças de talhe pequeno e remediará certamente a extensão dos cruzamentos inconsiderados, assegurando o futuro logico, sem perturbações estranhas de nossas raças cavallares.

MERITO DOS CAVALLOS PEQUENOS — O merito dos cavalos pequenos é incontestavel.

Os zootechnistas — gente de laboratorio — demonstraram ha muito que proporcionalmente ás unidades nutritivas absorvidas, a utilização dos pequenos cavallos é mais vantajosa que a dos grandes. Uma parte da ração, ficando reservada para a manutenção, essa qualidade de principios alimenticios, assim tirados de rendimento pratico, é evidentemente maior no caso de um cavallo grande e de grande peso.

Os generaes — gente de guerra — têm, por sua vez, assignalado o valor incontestavel dos cavallos pequenos. Kitchener escrevia, após a campanha do Sudão e do Transvaal: — "Não são os grandes cavallos que nos convém. Seriam necessarios aos exercitos cavallos pequenos, modelos analogos aos "polo-poneys", aos cavallos de Malta, etc."

Todos conhecem a vivacidade, o brio dos poneys; os finlandezes são celebres na Russia por sua velocidade. Na frente do Somme os "barbes" de nossos soldados africanos têm feito maravilhas.

Tendo o unico obstaculo á utilização dos cavallos pequenos desapparecidos, porque o nosso serviço dos carrinhos exigirá um enorme contingente de taes animaes, nós veremos reflorescer em nosso paiz as raças celebres que sob seu pequeno formato contribuiram em parte para a gloria de nossa criação.

Imitando um tão bom exemplo, a equitação civil consentirá, sem duvida, em abandonar o snobismo do pseudo irlandez.

Antes da guerra, "gentleman-rider" não montaria em cavallo medindo menos de 1m,70. No Bosque de Bolonha, para desfilar segundo o rythmo tradicional, na Avenida do "Bois", eram necessarios immensos cavallos irdandezes, nascidos, entretanto, em França, mas estampilhados pelos vendedores com nomes britannicos.

E, no emtanto, os nossos anglo-arabes teriam fornecido aos cavalleiros mundanos incomparaveis montarias. Esperemos, pois, que comece a moda dos cavallos pequenos.

Serão novos e felizes mercados para a nossa producção cavallar. Assim poderão encher-se os vasios produzidos por esta guerra destruidora.

O FUTURO DA CRIAÇÃO DE CAVALLOS — Tem-se fallado pouco do numero de cavallos mortos em campanha, mas esse numero é immenso, consideravel. O jornal *Animal World* fazia lembrar recentemente que durante a guerra da succession, 600 cavallos succumbiram cada dia. Durante a campanha do Transvaal, a Inglaterra perdeu cerca de 15.000 cavallos, mas a guerra européa ultrapassará tudo isso.

Avaliam-se, desse modo, as perdas em 15.000 cavallos e mulas por dia, em todas as frentes, o que faz uma desapparição de perto cinco milhões de equinos, desde Agosto de 1914.

Mas devem-se levar em conta as perdas formidaveis do começo da campanha quando a guerra de movimento e as destruições da artilharia dizimavam esquadrões e baterias. Houve nessa época hecatombes incalculaveis de cavallos. Deve-se, pois, augmentar sensivelmente o numero de cinco milhões avaliados precedentemente, e a perda de equinos não baixará de seis milhões.

Póde-se vêr que prejuizos gigantescos soffreu a producção cavallar do mundo.

Apezar do auxilo do Canadá, da Argentina, da Hespanha, etc., os nossos effectivos ficaram consideravelmente reduzidos, e a iniciativa dos productores francezes deverá exercer-se com liberdade e com successo."

Sirva isto de lição áqueles que por ahi me attribuem extremado bairrismo, quando apenas proclamo verdades delles conhecidas, ou, como no caso vertente, sou pela selecção, e não pelo cruzamento das magnificas especies pecuarias nacionaes com as exoticas."

HENRIQUE SILVA.

Camara dos deputados

Discurso pronunciado na sessão de 25 de julho de 1879, pelo Conselheiro Olegario de Aquino e Castro, Deputado pela Provincia de S. Paulo, sobre limites de Goyaz:

"O Snr. Presidente: — Tem a palavra o Snr. Olegario.

O SNR. OLEGARIO: — Snr. Presidente, estou sorprehendido pela direcção que o nobre Deputado por Minas acaba de dar á discussão, que sómente deve versar sobre a emenda que torna extensiva a providencia lembrada pela commissão, no projecto que se discute, á disputada questão que ha muito pende de final deliberação sobre as divisas entre Minas e Goyaz.

O nobre deputado quer aproveitar-se do incidente movido sobre o projecto de divisas entre as Provincias do Paraná e Santa Catharina, para dar por solvida e definitivamente julgada a questão levantada entre Minas e Goyaz (Não apoiados da deputação de Minas).

O Snr. Correia Rabello: — E' justamente o contrario.

O Sr. Olegario: — Assim, passou a discutir largamente tudo quanto se refere ao ponto principal; e, repetindo o que já consta do folheto que escreveu sobre as divisas contestadas, dá como fóra de duvida o que, justamente por ser duvidoso, pende ainda da decisão da Camara. Entretanto, não é disso que se trata neste momento, é só de saber-se si, em vista das contestações oppostas por Goyaz á fundada pretenção de Minas, convirá que, antes de qualquer deliberação definitiva, seja o ponto impugnado submettido a exame de pessoas competentes, de engenheiros, que deverão percorer os logares, examinar os documentos, colher informações e prestar esclarecimentos que possam habilitarnos a julgar com segurança o pleito que ha annos corre entre as duas provincias limitrophes.

Assumpto de tão grande importancia não póde ser resolvido como o nobre Deputado pretende (Apoiados e apartes). As mesmas razões que aconselharam a providencia contida no projecto quanto ás divisas do Paraná e Santa

Catharina, militam em favor de Minas e Goyaz; em ambos os casos ha duvidas que impedem o conhecimento da verdade, ha impugnações que não podem ser desprezadas, e, antes, devem ser discutida se provadas.

Um Snr. Deputado: — Isso é um meio já muito gasto; assim prolonga-se eternamente esta questão.

O Snr. Olegario: — Prolongue-se embora, mas julgue-se com perfeito conhecimento do facto.

Pela minha parte, não tenho duvida em retirar a emenda assignada pelo nobre Deputado por Goyaz, e por mim deixaria correr a discussão sómente em relação ás provincias de que trata o projecto, si esperasse vêr entrar em discussão sem mais delongas o projecto que particularmente se refere a Minas e Goyaz, e que já se acha em terceira discussão.

Mas, tendo sido retirado da ordem do dia, onde já esteve por algum tempo (apartes), desconfio de que é intenção da mesa não sujeital-o mais a debate nesta sessão.

Por tal motivo, entendi ser conveniente aproveitar o tempo, requerendo uma diligencia, que só póde concorrer para que se torne mais claro o que para mim já é fóra de duvida, mas ainda assim é contestado, e com todo o vigor, pelos nobres representantes da provincia de Minas.

Goyaz tem razão em defender a posse que ha largos annos tem do terreno pretendido por Minas, e não posso consentir que, sem protesto, caminhe o infundado plano, consummando-se a iniquidade clamorosa e sem nome, que se pretende levar a effeito (*não apoiados e apartes da deputação mineira*), despojando-se a provincia de Goyaz do que legitimamente lhe pertence. (*Apoiados, não apoiados, muitos apartes.*)

Examinei detidamente a questão, vi os documentos, representações e mappas que existem na secretaria; estudei as razões ponderadas por uma e outra partes, e o que largamente expoz o nobre Deputado, em seu opusculo; tudo quanto vi mais concorreu para que se firmasse a convicção em que estou de que se commette um esbulho contra a provincia de Goyaz, lesando-a em seu perfeito direito. (Contestações e apartes.)

Ha muito tempo declarei aos meus nobres collegas, deputados por Minas, que pretendia tomar parte na discussão do projecto sobre divisas de Minas e Goyaz. Se soubesse que a discusão se levantaria hoje neste terreno, teria trazido os apontamentos que tenho e os documentos com que pretendo mostrar a inteira improcedencia da pretenção que combato. (*Continuam os apartes e contestações da deputação mineira.*) Assignei a emenda apresentada pelo nobre deputado por Goyaz, acreditando que a deputação de Minas, só querendo o que fosse justo e razoavel, não se opporia a que se colhessem mais seguras informações sobre um ponto ainda para muitos duvidoso, e que tão de perto interessa a ambas as provincias. (*Trocam-se muitos apartes; o Snr. presidente reclama attenção.*)

Vejo, porém, que me enganei, desde que se levanta tão grande celeuma, que me impede de fallar e de expôr o que julgo conveniente dizer em defesa da desprotegida provincia de Goyaz. (*Reclamações e protestos.*) Essas tempestuosas protestações da deputação mineira só demonstram que ella não confia no seu direito (*apoiados e não apoiados; cruzam-se apartes*), e pretende, pela força e pelo peso da sua prestigiosa representação, levar de vencida a questão, que no terreno da razão e do direito ha de ser necessariamente decidida em favor da parte mais fraca.

(*Apoiados e não apoiados.*)

Um Snr. Deputado: — Esta questão está resolvida.

O Snr. Olegario: — Não está resolvida, como o nobre deputado suppõe; si estivesse, seria excusada a resolução que se discute. E digo que, para ser julgada em favor de Goyaz, não será preciso mais do que prestar attenção ás contestações oppostas ao projecto, que na legislatura finda atropelladamente passou de primeira para segunda discussão, mas que não passará do mesmo modo em terceira, e nem será approvado, si a Camara estudar com attenção o caso e se inteirar das razões que favorecem a justa impugnação produzida por parte de Goyaz.

Esta questão tem sido votada sem perfeito conhecimento de tudo quanto ha a respeito. (*Não apoiados da deputação mineira.*)

O Snr. Correia Rabello: — E' uma injustiça feita a Camara.

O Snr. Olegario: — Desde o momento em que a Camara fôr inteirada da verdade dos factos, acredito bem que só guiada pela voz da razão e da justiça, não hesitará em condemnar o projecto relativo ás divisas da provincia de Minas com a de Goyaz.

O Snr. Galdino das Neves: — E nós asseguramos o contrario do que V. Ex. diz.

(*Ha outros apartes.*)

Um Snr. Deputado: — V. Ex. está apaixonado.

O Snr. Olegario: — Eu, apaixonado? Neste momento só advogo a causa da parte mais fraca e desprotegida, que tem por si a razão; fallo por amor do que é justo; nenhum outro sentimento me inspira. (*Apoiados.*)

Bem vejo que são desiguaes as condições em que se estabelece a contenda entre as duas provincias; é a luta do gigante com o pygmeu; de um lado o enorme colosso de Minas, representado por uma deputação numerosa, illustrada activa e forte, dispondo de poderosos elementos em seu favor; de outro, é a pobre provincia de Goyaz, amparada, é certo, pelo direito e pela justiça que assistem á sua causa, mas fraca pelos meios officiaes que lhe fallecem; representada nesta casa apenas por um digno e esforçado Deputado a quem sobra a boa vontade, mas falha o meio de oppôr barreira á torrente impetuosa que o assoberba. (*Trocam-se varios apartes.*)

Tal é, no entanto, a fé que deposito na justiça da causa que defendo, que acredito que ainda não prevalecerá a razão da força, si chegar a fazer-se inteira luz na intrincada pendencia que se agita entre as duas provincias irmãs.

(*Continúa*)

Scenarios campesinos do Brasil central

As nossas chamadas florestas seculares palpitam e murmuram na poesia nacional — della predilecto thema — como do pantheismo épico da antiguidade o mar mysterioso, que bramia e soluçava sem fim... E' raro, rarissimo, o artista da prosa, que não tenha ainda perpetrado sua paysagem de matta virgem.

No emtanto, a belleza poética de muitissimos aspectos campesinos excede, por vezes, a dos mais admiraveis trechos de nossas mattas tropicaes, pela profusão de ambiente, pelos effeitos do sol, pelas côres vivas e variadas, mas não violentas, por todo um conjuncto de tintas e entonações desconhecidas na palheta dos artistas nacionaes e estrangeiros. Na mata tudo é sombrio e abafadiço sob a espessura pesada da folhagem sempre verde-escura que o sol não penetra nunca; no campo ha toda a claridade, triumpha a luz, o ar circula e leve expande-se, soprando caricias luminosas. Na matta virgem a seiva é tanta que exsuda e transcendendo de tronco em tronco, como que se nos impregna, molha-nos, entorpece-nos; nos campos a aragem beija-nos o rosto, dá-nos sensações de luz e calôr e sentimonos mais ageis, andejos.

No seio profundo da matta as sombras móram eter-

namente, pesadas como tédio, emquanto que nas campinas e planicies descobertas ellas fluctuam apenas com as nuvens ligeiras, como nas mutações das magicas.

No chão humido e viscoso dessas mattas arrastam-se os reptis, accumulam-se e formigam os vibrões; nos gramados e varzeas campestres saltitam passaros, pousam borboletas. A cantilena das aves nos campos sôa mais alegre, estridula librando-se para o espaço, espalhando-se, crescendo até perder-se nas alturas, na mattta já, o pio, mais traspassado de agonias, abafa-se melancolico no ambiente vegetal.

Dir-se-á que a matta está para o campo como a noite para o dia. E é a noite que das devezas soturnas da matta irrompem os rapaces, os mochos, os vampiros em bandos sinistros e sanguisedentos.

Por tudo isto, é mais attrahente a vida dos campos e nelles ha mais alma. Mas essa, na verdade unica zona, caracteristica do Brasil, nem artistas, poetas e pintores penetram, nem os naturalistas viram, nem os proprios geographos lhes descreveram ainda os aspectos varios, consoantes á passagem das estações do anno.

A riqueza arboral alli rivalisa, em pompa e festividade, com a das mais luxuriantes de todo o paiz, e não póde sob este ponto de vista ser apreciada segundo os conceitos falsos de certos viajantes que por lá passaram "à vol d'oiseau", durante as quadras estivaes, e deixaram em seus livros cousas revoltantes, que ainda acorrem nos compendios de geographia patria e trabalhos de compilação, inconscientes. O botanico francez Augusto de Saint'Hilaire, por exemplo.

Os criticos e escriptores nacionaes têm este sabio e excellente "conteur" num conceito exagerado, e que sem duvida não o merece como observador da natureza, das cousas e dos costumes nossos. Aquelle fidalgo botanista, que aliás viajou muito, não podia se acostumar com a vida sertanista — só viu no interior do paiz, nas zonas dos campos, arvores "rabougris", vegetação rasteira e enfesada, emfim tudo "entortilhado". E o brasileiro que não viaja e até tem garbo em desconhecer o sertão, foi acceitando e dando curso a estas cousas escriptas sob o dominio colonial de Dom João VI.

Ora, é já sabido pela observação que em menos de um seculo, — devido á acção das *queimadas* que matam as gramineas — a vegetação dos campos tem mudado de aspecto inteiramente: o capim foi substituido por moitas e touceiras de arbustos altos, arvores de porte mediano se desenvolveram, formando hoje abobadas de sombra, numa palavra, os campos se arborejam, ao passo que as mattas desapparecem, destruidas pelo machado.

Em contraposição aos dizeres de Saint'Hilaire, e corroborando a nossa opinião, poderiamos citar o Sr. Glaziou, quando descreve os campos do planalto goyano:

"Os seus extensos cerrados attingem ás proporções de certas florestas, e a flora ahi offerece milhares de especies de arvores e de arbustos, numerosos vegetaes vivazes de flores brilhantes ou de fórmas singellas de esplendida folhagem."

Tambem sob o nosso ponto de vista, que é o zoologico, é mais apparente que real a pobreza faunistica da zona dos campos do Brasil, principalmente na dos geraes do interior. E foram em parte os mesmos naturalistas estrangeiros, desconhecedores do paiz, que, seduzidos pela illusão das mattas da Hyléa, exageradas por Humboldt, retardaram o descortino e conhecimento do Alto Brasil, o que, igualmente por outra illusão nascida da apparencia, deslocaram o conjuncto da ornis brasileira para o valle amazonico, innegavelmente mais pobre em espécies e variedades de aves e mammiferos que o grande sertão inexplorado. De facto, a idéa da pobreza da fauna sertanista nasce do escasso conhecimento que possuimos do Brasil Central.

Henrique Silva.

Interior goyano

I

Goyandira fica situada na comarca de Catalão, sendo uma villa que surgiu de um dia para outro ao penetrar a estrada de ferro de Goyaz, tendo como ponto inicial a cidade mineira — Araguary. E' uma villa collocada no cimo d'uam linda chapada de campos limpos e terra branca de d'uma linda chapada de campos limpos e terra branca de seu casarío alvinitente, demonstrando nova éra para estas regiões que até ha cinco annos ninguem possuía siquér uma casa.

Além da centena de casas, notando-se excellentes propriedades, Goyandira possúe todos os requisitos de uma cidade, estando situada na linha tronco de Araguary á Goyaz (capital) e ramal que vae a Catalão. Boas casas de negocio, boas pharmacias, bons hoteis, sobresahindo o hotel da Estação, estradas de rodagens diariamente impulsionadas pelos carros que vão ás fazendas em busca de cereaes para abastecer São Paulo, Rio, etc. Incontestavelmente, Goyandira tem um movimento espantoso na exportação de cereaes em virtude das mattas do Rio Verissimo serem abundantes e fertilissimas. O clima é saluberrimo. Catalão fica aquém de Goyandira meia hora de viagem, no comboio, sendo a primeira cidade cujo municipio limita-se com o Estado de Minas, parte central servida pela linha ferrea Mogyana. Catalão continúa no seu constante evoluir, não só politico, como social e commercial. Nota-se em todas as palestras com homens do lugar uma febre de engrandecimento, amôr ao trabalho e confiança no futuro, e só isso é bastante para avaliar a força de um povo que na liça gigantesca do progresso e da civilisação alista-se de corpo e alma, demonstrando uma geração que estuda, se promptifica n'uma acção coordenada e homogenea em pról do alevantamento do seu meio, e no convivio da sociedade que beneficía a todos, desfazendo, destruindo e corrompendo os pessimistas tão inopportunos quão maleficos nas camadas sociaes.

A migração espontanea vem n'um crecendo impressionador qual avalanche de bandeirantes em terra desconhecida, imprimindo o cunho do seu conhecimento pratico, comprando e adquirindo terras e propriedades, nesse movimento constante de penetração, encontrando em Goyaz o que se não vê em Minas e tambem o que se não faz em seculos de trabalho arduo alliado á agricultura moderna. Da Alta Escocia, da Norte America e da Suissa teem vindo mineralogistas estudar as riquezas latentes no sub-sólo goyano. Amostras de minéreos, plantas e informações detalhadas, elles colleccionam e levam-n'as comsigo depois de apanharem e colligirem os dados minuciosos de preços, quantidade, qualidade e meio de transporte até o ponto mais proximo ou estação de primeiro embarque.

Quem se apercebe desse fluxo e refluxo de gente de todas as partes do Universo, bem póde apreciar a direcção feita no governo goyano por um homem essencialmente democrata, administrador honesto e zeloso, contribuindo com sua acção energica para cessar de vez e que no interior não mais se reproduzam os desatinos praticados ha bem pouco tempo n'uma villa nortista, e que o forasteiro só leve de Goyaz a certeza e boas impressões do futuro que nos é reservado.

MARIO VAZ.

Catalão, 23 de Agosto de 1919.

EXPEDIENTE

Aos nossos amigos, assignantes e correspondentes que e acham em atrazo, lembramos a opportunidade de solver s seus compromissos comnosco.

Não desejamos, de modo nenhum, ficar privados dos uxilios que nos têm sido prestados até agora peos nossos epresentantes e subcriptores do interior, e por isso, achaios conveniente nos escreverem a respeito.

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviaem com a possivel brevidade as respectivas importancias n dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Reista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou corresondentes d'"A Informação Goyana" nas diversas locadades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com ita revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver inrrupção na remessa d'"A Informação Goyana".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu direor, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de oyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em ·meri.

Assignaturas

n anno (Brasil)	10$000
n anno (Paizes da União Postal)	20$000
imero avulso	1$000

Annuncios

ıa pagina	100$000
ia pagina	60$000
ı quarto	30$000
ı oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta ıpital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentese conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2· andar — Tel. Central 4682

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1919 — VOL. III—N. 8

SUMMARIO

Estado de Goyaz exportador de café

O caféeiro foi introduzido em Goyaz no anno de 1819, agora um seculo, precisamente. E, por uma feliz coincidencia, justamente neste anno de 1910 começou Goyaz a exportar pela sua estrada de ferro a preciosa rubiacea, realizando assim a previsão de Taunay, quando em 1875 escreveu: "Com certeza será um dos mais profusos generos de exportação, logo que se facilitem os meios de ligação com a systema dos caminhos de ferro de S. Paulo. Ha alli verdadeira reserva para o futuro da prosperidade do Brasil. Faz annos, a producção annual era de 259.490 kilogrammas, exportação de 132.945, e desde aquella época a cultura não tem declinado".

Em 1813 procedeu-se na extincta Inspectoria Agricola do Estado a estatistica da lavoura caféeira, apurando, só nos municipios da Capital, Pyrenopolis, Annopolis, Bomfim, Boa Vista, Corumbá, Jatahy, Campinas, Santa Luzia, Pouso Alto, Catalão e Cavalcante, a existencia de 5.448.500 caféeiros, produzindo annualmente 2.216.460 kilos.

A producção média é de 80 a 100 arrobas por 1.000 pés.

Pelos dados recebidos naquella data (1913), apurava-se o seguinte:

a) que o café commum e o bourbon são as variedades cultivadas no Estado;

b) que este possue terra rôxa em grande quantidade;

c) que, além da geada, e essa mesmo rara, nenhum flagello produz estragos a essa lavoura;

d) finalmente, que o Estado ainda não exportava senão para a Conceição do Araguaya do Pará.

Mas o certo é que de então para cá tomou extraordinario incremento o plantio do caféeiro em quasi todo o sul do Estado, no municipio de Bomfim particularmente. Segundo calculo aliás, áquem da realidade, a existencia de caféeiros não é alli inferior a 20 milhões de pés, actualmente.

Só no mez de Julho do corrente anno Goyaz exportou pela estrada de ferro para S. Paulo e Minas 43.765 kilos de café.

E' preciso não esquecer que ao café goyano, que pelo seu sabor e aroma não tem rival no paiz, está reservada uma fama mundial, logo que fôr conhecido fóra do seu *habitat*.

Já os antigos fazendeiros paulistas não ignoravam que a sua famosa *terra rôxa* tinha por matriz a então provincia de Goyaz.

E é por tudo isto que cada vez mais se firma a nossa fé, já inabalavel, nas possibilidades economicas do grande Estado Central, que dos sete artigos da classe I do commercio exterior do Brasil — animaes e seus productos — só não exporta dois artigos — carnes congeladas e lã (mas fornece a materia prima para os frigorificos de S. Paulo, Minas e Rio, e possue rebanho lanigero); da classe II — mineraes e seus productos — manganez e ouro nativo, apenas não exporta o primeiro pela elevação do preço do transporte; e que da classe III — vegetaes e seus productos — tão sómente não concorre com tres delles — cêra de carnaúba, fructas de mesa e herva-matte, as quaes lhe não faltam.

Qual ahi outro Estado da Republica com tão rica e variada producção?

A nossa exportação

No mez de Julho, o rendimento dos impostos de exportação pela estrada de ferro, attingiu á quantia de réis 63:105$512.

Esse rendimento foi proveniente dos seguintes artigos exportados:

Artigo	Valor
471 bovinos	3:758$000
1 cavallar	6$000
1.324 suinos	6:955$600
4.029 kilos de fumo	885$300
1.558 kilos de pelles cruas	392$000
482 kilos de sóla	120$000
845 kilos de couros salgados	2:862$500
1.560.071 kilos de arroz	31:213$430
5.050 kilos de arroz beneficiado	1:201$200
3.402 kilos de toucinho	272$160
126.167 kilos de xarque	1:046$680
10.511 kilos de sebo	420$440
43.765 kilos de café	3:496$400
Taxa addicional	5:733$113
Outros impostos	734$209
	63:108$612

Esse resultado animador, bem demonstra os grandes recursos do nosso Estado, que só depende da facilidade de communicações para se desenvolver assombrosamente.

(D'O *Democrata*, de Goyaz).

Os productos da população bovina de Goyaz nas feiras de gados do Brasil

Como os Estados limitrophes os importam sem declaração da procedencia — Saberá de tudo isto o Sr. Bulhões de Carvalho, alli da Directoria de Estatistica do Ministerio da Agricultura?

Em todo o caso é bom lêr o que se segue:

"Todos os que nesta estação desceram á feira de Pombinhas esperavam que os preços dos gados dessem para satisfazer os compradores que alli levaram boiadas adquiridas de 55$ a 59$ por cabeça.

Grande parte do gado que o nosso sertão exporta é comprado no vizinho Estado de Goyaz, onde muitos maranhenses têm fazendas situadas. A região povoada do Manoel Alves Grande pertence áquelle Estado, e nella, como no lado esquerdo do Tocantins, a producção bovina é bastante apreciavel.

E' nesses pontos que os compradores maranhenses vão annualmente fazer avultadas compras, trazendo grande numero de bois que se confundem com os das nossas fazendas e procuram as feiras do Estado. Na capital tem-se idéa muito afastada da realidade acerca dos nossos rebanhos bovinos. Pela quantidade de bois que annualmente vão á feira de Pombinhas, se formou o criterio de que o sertão maranhense é essencialmente creador, quando esse conceito em grande parte lhe vem das fazendas situadas no norte de Goyaz.

E' para lá que muitos compradores do Maranhão se dirigem todos os annos, fazem suas compras e voltam com insuperaveis difficuldades a completar suas boiadas nos termos de Carolina, Balsas e Riachão. O gado comprado em Goyaz chega á feira onerado de impostos de fronteira, travessia de rios, custeio de tangedores e prejuizos de um percurso de 150 leguas, durante o qual muitos bois estramalham-se, estropiam-se, cançam e fenecem aos rigores da longa jornada. O preço de uma feira serve invariavelmente de base ás compras para a outra, vindo, quasi sempre, a procura favorecer o vendedor.

O preço da carne verde na capital, que se tem conservado a 1$200 o kilo, a elevada cotação dos couros e a falta de gado nos Estados assolados pela secca, illudiram os calculos dos compradores, persuadidos de que a feira deste anno fosse egual ou melhor que a do anno passado. As suas previsões falharam redondamente, regulando os preços em Pombinhas para as boiadas que lá chegaram, de 49$ a 70$. Uma unica boiada, a do capitão Antonio Coelho de Souza, a melhor que lá foi, segundo nos disseram, obteve 70$. Alguns vendedores reputaram com prejuizo as suas boiadas, outros, não se conformando com as offertas, as soltaram.

Da mesma sorte têm partilhado os vendedores de gado de apuro, em magotes. Os preços fabulosos, a que o algodão attingiu no anno passado, animaram os nucleos productores da alva fibra.

O consumo dos generos alimenticios se tornou intenso, dando, por sua vez, grande valor á carne. Uma nova corrente de transacções se estabeleceu entre os centros agricolas e os vendedores de bois para talho. No sertão, os possuidores, deante da grande procura, elevaram os preços dos chamados bois de reserva. De um momento para outro essa situação lisongeira passou a ser a mais precaria para os que se têm envolvido em tal ramo de negocio. A falta de numerario fez baixar o producto acarretando sérios prejuizos.

Tudo isto não deixa de ser mais ou menos prejudicial ás relações mercantis do sertão, porque a industria bovina é a unica que dá vida á sua vasta área".

(D'*O Norte*, Barra da Corda, Estado do Maranhão, Julho de 1919).

Um "retiro" de gado no valle do Rio do Peixe, norte de Goyaz

Missão scientifica

Foi organizada na cidade de S. Paulo, devendo partir em breve para o sertão do nosso paiz, uma missão de engenheiros recem-chegados da Inglaterra. Essa missão, da qual fazem parte os Drs. Arthur Toobzidge e C. Glass, que têm levado a effeito diversas missões de caracter scientifico no Transvaal e no Orange, por incumbencia do governo inglez, vae percorrer todo o Brasil central, onde pretende estudar a geologia, a entomologia e a mineralogia do nosso paiz.

A missão será dirigida pelo Sr. Dr. Leopoldo Ferreira Nunes, engenheiro formado pela Escola de Minas de Liège, o qual tem palmilhado, em estudos scientificos, quasi todo o sertão brasileiro. A elle se devem já magnificos serviços de exploração nos sertões de Goyaz, Bahia e Maranhão, tratando-se assim de um grande conhecedor do "hinterland" brasileiro, que ha varios annos percorre e o qual conhece a fundo.

A missão chefiada pelo Dr. Ferreira Nunes deverá estar de volta a S. Paulo, em Janeiro do anno vindouro.

Limites de Goyaz e Minas

Discurso pronunciado na sessão de 25 de Julho de 1879, sobre os limites de Goyaz e Minas, pelo deputado pela provincia de S. Paulo, Conselheiro Olegario de Aquino e Castro

II

Foi para este fim que se mandasse examinar a questão por entendidos, como se pretende fazer com outras provincias em circumstancias identicas; pois que, se vale a affirmação de Minas, de que é seu o terreno que pretende haver, tambem vale a contestação opposta pela provincia que tem por si a longa posse que defende, e deve ser respeitada emquanto se não provar que é por direito viciosa. (*Apoiados*).

Nesse estado de duvidas, si se quer acertar, não se deve repellir a prova que póde ser suggerida pelo exame visual e pelo estudo comparativo dos documentos, informações e esclarecimentos, que só podem ser fornecidos por homens praticos no logar das contestações. (*Apoiados*).

Nem vale a razão da difficuldade ou demora do meio lembrado, porque acima dessas considerações de tempo e modo está a justiça, que não permitte o esbulho de uma posse longa e pacifica, sem que claramente se demonstre a carencia de direito do possuidor. (*Apoiados*).

Deve-se attender a que a questão de limites entre duas provincias affecta direitos importantes; interesses de ordem elevada; quer em relação a justiça, quem em relação á administração, finanças, commercio, instrucção e tudo quanto mais se prende ao desenvolvimento moral e material de uma parte do Imperio. (*Muitos apoiados e apartes*).

O projecto tem sido discutido com summa vehemencia e agitação, como ainda agora corre o debate. Não é este o melhor modo de se apurar allegações e argumentos.

Foi apresentado ha muitos annos, em 1861, creio eu por dois deputados de Minas, sem razões que o autorizassem; nove annos depois deu a commissão de estatistica parecer para que entrasse na ordem dos trabalhos, sem juntar motivos que justificassem a estranha pretenção, e apenas referindo-se a uma representação da assembléa provincial de Minas, e as informações que deviam achar-se nos archivos desta comarca. Em 1877, entrou na ordem do dia e foi sem debate approvado em 1ª discussão.

O Sr. Cesario Alvim — Este projecto está sendo discutido largamente desde a sessão passada, em que Goyaz tinha dous representantes, os Srs. Cardoso de Menezes e Taunay.

O Sr. Olegario — Agora mesmo ia referir-me ao nobre deputado, para fazer lembrar que foi quem muito concorreu para a precipitação com que passou o projecto, na mesma sessão, da 1ª á 2ª discussão, sendo approvado em 1.ª com aquella indifferença com que são de ordinario tratados os assumptos que não interessam de perto á politica, ou não despertam a attenção da Camara. (*Apartes*).

Foi já na 2.ª discussão que os dignos deputados que então representavam a provincia de Goyaz se empenharam no debate, propugnando com toda a força e vantagem pela defesa dos legitimos interesses daquella provincia, ameaçados pela infundada protecção de Minas. (*Apoiados e não apoiados*).

O Sr. Silveira de Souza — Isto tudo está justificando a apresentação da emenda.

O Sr. Olegario — Diz bem o nobre deputado por Santa Catharina; prepare-se a Camara para ouvir o que seguramente não poderia acreditar que se houvesse dado na marcha deste importante assumpto, e é que pretendendo se alterar divisas entre duas provincias, e deste modo resolver-se uma questão de subito alcance para ambas, é uma dellas condemnada sem ser ouvida directamente e nem ouvido o governo sobre assumpto que tão de perto deve interessar á administração.

Apenas se pronunciaram os deputados como fica dito, fazendo sentir desde logo a falta de informações officiaes; mas nunca disse o governo, quer geral quer provincial, o que entendia sobre a questão, e assim vai irregularmente caminhando o seu termo.

Hoje, ainda que reduzida a representação a um só deputado, pelo funesto successo que privou a Camara da efficaz cooperação do digno deputado Dr. Bulhões, filho e representante de Goyaz, ha de continuar a impugnação que é só movida pela justiça e pelo direito, e será aqui sustentada pelo nobre deputado por Goyaz e por outros, com o franco auxilio que eu lhes puder prestar.

Vozes — Não apoiado, muito vale o auxilio do nobre deputado.

O Sr. Segismundo — Havemos de defender o direito que assiste á provincia de Goyaz.

Os Srs. Malheiro e José Caetano — Apoiado.

O Sr. Augusto França — E' uma injustiça que se quer fazer á provincia de Goyaz. (*Apoiados e não apoiados*).

O Sr. Olegario — Sem duvida alguma; injustiça lamentavel, que poderá ser devida, como disse, á falta de perfeito conhecimento da questão. Quer-se privar a provincia de Goyaz de uma parte importante de seu territorio, de extensão de mais de cinco leguas banhadas por rio a cujas margens se acham diversas recebedorias, fonte de renda para a provincia.

O Sr. Felicio dos Santos — Recebedoria de que?

O Sr. Olegario — De impostos de passagem de gado e generos do commercio que vem do interior da provincia e pelo municipio de Formoza e outros pontos, procuram os portos do Paranahyba, ao lado esquerdo do rio de São Marcos. (*Apartes*).

Um Sr. deputado — Esses impostos são as causas das reclamações de Minas.

O Sr. Olegario — Por ahi não passa só o gado de Minas; e quando passasse, seria justo que pagasse os direitos devidos, desde que tinha de ser atravessado o rio na parte correspondente á provincia de Goyaz. O gado que nesses portos passa é em grande parte vindo do norte, e todos sabem que a exportação do gado constitue o mais importante ramo do commercio daquella provincia. O nobre deputado pela Bahia, que presidiu a provincia de Goyaz, sabe disto perfeitamente.

O Sr. Augusto França — dá um aparte.

O Sr. Olegario — Agradeço o aparte do nobre deputado. (*Trocam se diversos apartes*). Não quero desviar-me do proposito em que estou de reservar para a occasião opportuna a discussão do projecto principal; o nobre deputado discorreu largamente sobre as divisas, eu pretendo simplesmente sustentar a emenda, demonstrando que, para se resolver com maior segurança, á vista a impugnação de uma das partes, dever se-ha autorizar o governo a mandar proceder ás necessarias averiguações e exames, ouvindo-se a provincia de Goyaz.

Alguns Srs. deputados por Minas — Sempre foi ouvida.

O Sr. Olegario — Estão enganados os nobres deputados; não poderão mostrar uma só informação official ou particular prestada pelo governo geral. Estão aqui os papeis colligidos até hoje; nunca se pronunciou a presidencia ou o Ministro sobre o ponto contestado; Goyaz só se fez ouvir pelos seus representantes na sessão passada e no começo da presente sessão, sempre impugnando o projecto. (*Apoiados*).

Logo que falleceu o Dr. Bulhões, procurei haver os documentos e informações que pouco antes me havia elle dito possuir, e com os quaes pretendia defender a causa da sua provincia; não foram encontrados; mas tenho em mão uma carta do irmão do fallecido, residente em São Paulo, assegurando que havia pedido e esperava novos esclarecimentos que teriam de vir brevemente daquella longinqua provincia. Ora, nestas circumstancias, como dispensar-se uma diligencia para inteiro conhecimento da verdade?

Como condemnar se Goyaz a perder parte do seu territorio, quando entre os documentos que existem no archivo da Camara, asseguro que se não encontra uma só informação prestada por parte de Goyaz com relação ao ponto questionado? (*Apartes, protestos, reclamações*).

Peço aos nobres deputados que me attendam; ouçam-me e resolverão como entenderem; não póde correr a discussão assim agitada: os nobres deputados querem abafar a questão com a celeuma que aqui tem levantado, mas asseguro que a discussão proseguirá, tenho que dar as razões pelas quaes entendo que, assim somo em relações ás divisas do Paraná, Santa Catharina e julgou preciso mandar proceder a estudos, do mesmo modo que se deverá proceder em relação a Minas e Goyaz.

O Sr. Cesario Alvim — Isso é impossivel.

O Sr. Olegario — Poderá ser difficil; impossivel, não; e a difficuldade por maior que seja, nunca póde ser motivo sufficiente para que se deixe de fazer o que fôr justo. (*Apartes*).

Grandes que fossem os sacrificios, seriam sempre bem aproveitados quando servissem para que se evitasse uma iniquidade, como essa que ameaça a provincia de Goyaz. O nobre deputado disse que havia representações dos povos de Minas e de Goyaz pedindo as divisas designadas no projecto. Mas que representações são essas? Da Camara Municipal de Paracatú, municipio limitrophe, e directamente interessado no pleito, como bem se vê pelos papeis já submettidos ao conhecimento da Camara; da assembléa provincial de Minas, apoiando a petição da Camara e insistindo na conveniencia de fixar-se a divisa, como meio de pôr-se termo ás duvidas que a respeito se suscitam.

Já se vê que este argumento é contraproducente; si ha necessidade de definir-se o limite entre as duas provincias, é porque elle ainda não está definido: e se na delimitação surgem duvidas, é consequente que para a solução das duvidas sejam empregados os meios que a emenda lembra e os nobres deputados combatem. (*Apoiados*).

Ha tambem uma representação do povo do Rio Verde, pertencente a Goyaz, pedindo a passagem para Minas; esta, porém é de tal ordem que por si mesmo se refuta. Não ha da vontade de alguns moradores de certo municipio prevalecer sobre o interesse de uma provincia inteira; e cumpre vêr ainda que essa representação, assignada por 114 pessoas, em sua maior parte desconhecidas e sem as firmas reconhecidas por tabellião ou por qualquer modo authenticadas, é feita em nome de uma população superior de tres mil habitantes, segundo se vê no mesmo folheto do nobre deputado, a que a principio me referi. E' dirigida á Camara Municipal de Paracatú, o que denuncia o intimo interesse que essa localidade tem na tão desejada annexação, e conta com o mais proeminente dos subscriptores: o sub-delegado do districto..

Pois bem; esta mesma autoridade, unica que vemos figurar por parte de Goyaz, em todos os papeis que examinamos, é quem logo de-

pois, informando sobre certos factos criminosos que se deram na divisa entre as duas provincias, declara que foi ao logar conhecer do occorrido e fazer auto de corpo de delicto, porque o terreno áquem da serra e pertencente a Goyaz, é sujeito á sua jurisdicção.

O Sr. Segismundo — E assim são as outras provas produzidas contra Goyaz.

O Sr. Olegario — Na verdade, é a serra dos Pilões a natural divisa da provincia, e não o rio São Marcos, como quer o projecto.

O Sr. Mello Franco — Desejo vêr os fundamentos que V. Ex. tem em favor de Goyaz.

O Sr. Olegario — Hei de apresental-os quando tempo fôr; e os apresentaria já, si não fosse sorprendido pela inesperada discussão, da questão principal, levantada por motivo da emenda offerecida á mesa. Declaro, porém, desde já ao nobre deputado que hei de demonstrar a improcedencia do projecto com os mesmos documentos a que o nobre deputado se refere, com o seu proprio folheto, com a opinião dos geographos e escriptores que se têm occupado com o assumpto, com a invocada commodidade dos povos e com o "uti possidetis", razão de muito peso, de incontrastavel vigor, quando se trata de questões desta ordem. (*Cruzam-se muitos apartes*).

Desde a creação da capitania, em 1774, até hoje sómente com a interrupção de 1800 a 1838, por motivos que serão depois examinados, tem estado a provincia de Goyaz na posse desses terrenos do Rio Verde.

O Sr. Mello Franco—Posse viciosa e precaria; e só de 38 para cá.

O Sr. Olegario — Posse antiquissima e fundada em muito bom direito. (*Cruzam-se muitos apartes, que interrompe o orador. O Sr. Presidente, tangendo a campainha, reclama attenção*).

Pedem razões, e não querem ouvil-as; não é possivel discutir-se assim. (*Trocam-se apartes*).

Na posse desses termos esteve Goyaz nos primitivos tempos, até tratar-se da creação do termo de Paracatú em 1799.

O Sr. Candido de Oliveira — O termo de Paracatú é um dos mais antigos da provincia de Minas.

O Sr. Olegario — Nem eu digo que seja moderno; o que affirmo é que, ainda antes de ser creado já estava Goyaz de posse dos terrenos do Rio Verde e que só por occasião da creação do termo se suscitou a duvida, que durou até 1838, por condescendencia ou fraqueza das antigas autoridades de Goyaz.

O Sr. Mello Franco — O alvará e a medição por elle ordenada cortaram toda a duvida a respeito.

O Sr. Olegario — O alvará ou a carta regia de 22 e 25 de Abril de 1799, a que os nobres deputados se referem, é inteiramente contraproducente; basta lel-o com attenção. (*Apoiados e não apoiados; cruzam-se muitos apartes*).

E' de notar-se o enthusiasmo com que os nobres deputados de Minas, desde 1877 até hoje, têm invocado o argumento "Achilles" da carta regia, assegurando que a questão está resolvida por lei. (*Apartes*). A famosa carta regia nunca tratou de divisas entre as provincias de Minas e Goyaz. (*Cruzam-se muitos apartes*).

Trata-se de assumpto muito differente e de importancia muito limitada, pois que só se refere á creação do termo de Paracatú, e nem uma só palavra contém sobre as divisas da provincia; diz ella:

"Faço saber a vós José Gregorio de Moraes Navarro, que tendo-vos nomeado para crear o logar de juiz de fóra da villa de Paracatú, hei por bem vos carregar *da criação da dita Villa*, debaixo da direcção do governador e capitão-general da capitania de Minas Geraes, a quem ordeno que vos preste auxilio *para effeito da creação da mesma villa*, a qual, devendo ter o seu termo de marco, passareis a tratar com os officiaes da Camara sobre os limites por onde seja mais conveniente fazer-se a dita demarcação que, com a approvação do dito capitão-general (formalidade que nunca se mostrou cumprida) será de fórma que em beneficio publico comprehenda os logares que ficarem mais proximo á mesma villa, do que as outras (villas) confinantes, que para esse fim serão ouvidas. E, effectuada a diligencia e creação da villa, dareis de tudo conta ao capitão-general, que me fará presente para que eu haja de confirmar, havendo por bem."

Eis ao que se reduz a celebre carta régia, tantas vezes invocada pelos nobres deputados, que ainda não nos mostraram de que modo serve ella para provar que os terrenos do rio Verde pertencem a Minas e não a Goyaz; demonstração que bem conviria que viesse acompanhada de algum documento que provasse haverem sido preenchidas as formalidades impostas para a validade da creação e demarcação do termo de Paracatú, unico objecto de que ahi se trata. (*Aparte*).

Em 1800, procedeu-se á demarcação do termo da Villa de Paracatú, complemento do alvará do anno anterior; mas já se vê que não podia este acto ultrapassar as forças do mesmo alvará; não podia extremar provincias, quando só tinha por fim limitar municipios. (*Continuam os apartes, abafando a voz do orador*).

O Sr. Olegario — Não é protelatoria; é asseguratoria de um direito ameaçado; tem por fim evitar uma violencia que se quer fazer á provincia de Goyaz. (*Continuam as reclamações*).

Ha 18 annos foi apresentado o projecto; só agora e na legislatura passada se promoveu o andamento delle; porque em tão longo tempo não fizeram passar os nobres deputados a salvadora medida, si entendiam que era ella justa sustentavel? (*Cruzam-se muitos apartes*).

Antes assim não fosse, pois que no desenvolvimento das provincias está o desenvolvimento do Imperio. Não ha de ser esta pequena nesga de terra reclamada por Minas que mudará suas circumstancias; pouco vale para ella, e muito para Goyaz, porque ás margens do rio Paranahyba estão as recebedorias que fornecem parte das rendas provinciaes. (*Continuam os apartes*).

As divisas não são nem podem ser outras senão as que até hoje têm sido como taes consignadas pelas autoridades competentes para designal-as, a saber: ao nascente, a serra de Santa Maria, Terras Vermelhas, Lourenço Castanho, Arrependidos, Pilões e Andrequicé, pelo espigão que divide as aguas até o ribeirão do Jacaré, e por este abaixo até o Paranahyba. (*Interrupções. O Sr. presidente reclama attenção e lembra ao orador que está passando a hora da 1ª parte da ordem do dia*).

Si a discussão fica adiada, continuarei em outra occasião. Ha ainda muito que dizer: é assumpto este que demanda maior desenvolvimento, porque está dada a hora em que deve começar a 2ª parte da ordem do dia; prometto, porém, voltar ao debate, para o que desde já peço que se me continue com a palavra, e mostrarei então, com os proprios elementos de prova que dispõem os nobres deputados que me interrompem, e com as razões que em tempo ainda terei de expender que nem sempre soccorre a justiça, á causa do mais forte, e nem a victoria alcançada sobre os fracos é a que mais enche de gloria os vencedores. (*Aparte*).

Emquanto tiver assento nesta casa, hei de com todo o esforço e por todos os meios ao meu alcance defender os direitos da provincia de Goyaz, provincia que muito me merece, cujas condições conheço, porque nella habitei por muitos annos, e que tem por si a justiça, que não succumbe, ainda quando a desconheçam.

Por isso mesmo que são fracos os elementos de que dispõe a desprotegida provincia, serão redobrados os esforços empregados em defendel-a; será a luta da força contra o direito; si fôr vencida a parte mais fraca, ser-lhe-ha dado repetir as conhecidas palavras de Lucano: "Victrix causa Diis placuit; sed victa Catoni". (*Apoiados; muito bem, muito bem*).

Burityzal, norte de Goyaz. O burity é uma palmeira peculiar ao Brasil Central.

Municipio de Boa Vista

Produz o Municipio de Boa Vista : — algodão, fumo, café, cacáo, assucar, aguardente, abundancia de cereaes, etc. e, especialmente, gados vacum, cavallar e suino, do que tudo, exporta. E' tarefa difficil determinar o quantum, pois, como de commum, tambem aqui não ha estatisticas. Póde-se, comtudo, avaliar approximativamente a exportação do gado bovino em 10.000 cabeças, que recebem o destino das feiras nos Estados do Maranhão e Pará; a exportação de cavallares e muares em 1.000 cabeças, com destino ao visinho Estado do Maranhão nos seus Municipios limitrophes; assim tambem o gado suino, parte vivo e parte em toucinho, com um numero de 2.000 cabeças, cujo maior destino é o Estado do Pará.

Derivado da producção de gado vaccum, exporta o Municipio ainda avultado numero de couros de boi com um peso de 250 toneladas.

O algodão, cuja cultura para exportação é recente, já contribue na exportação do Municipio com cerca de 30 toneladas brutas.

Passando aos cereaes, que mais são produzidos para o consumo local, figuram elles, em exportação, mais ou menos, com os seguintes numeros : 650 Ht para o milho, 1.500 Hl para o arroz, 130.000 Hl para a farinha de mandioca e gomma, 100 Hl para o feijão, 60 T para o fumo, para a aguardente de canna, 50 Hl para assucar e rapaduras, 50 T.

Fossem os meios de transporte faceis e baratos, poder-se-ia decuplicar a exportação dos productos da lavoura; pois é fertilissimo e vario o terreno de todo o Municipio, de composição — argillo-silicoso na parte florestal e silico-argilloso na parte de capinas e capoeiras e argillosa nos terrenos de baixios, nelles todos havendo espessa camada de humus, dando de média para as tres, uma espessura de cerca de 65 centimetros — em todos havendo forte decomposição de oxidos e ferro, e calcareos, e além de tudo, farto e bem distribuido systema hydrographico. Produz bem café e cacáo, os quaes entretanto só se cultivam para o consumo local. Adapta-se o clima do Municipio e o terreno para a cultura de tudas as plantas fructiferas do nosso paiz e para grande parte de extrangeiras aclimataveis.

E' bem auspicioso o futuro deste Municipio, dada a sua collocação entre dois caudaes, que podem dar uma rêde de viação fluvial de cerca de 3.000 kilometros; a sua rica flora e fauna; as suas jazidas mineraes, onde abunda o ferro, o seu fertil sólo, todo produzindo.

Mesmo nas condições actuaes, já se nota nelle um desenvolvimento bem satisfactorio, pois póde-se avaliar o seu movimento commercial, o qual, mantém com as praças do Pará e S. Luiz do Maranhão, por intermedio das cidades de Marabá naquelle Estado, e Grajahú, Barra do Conde, Carolina e Balsas, neste, de intercambio de exportação e importação de cerca de 2.000 contos.

Impuz-me a tarefa de informar sobre este Municipio, em o qual ha 25 annos, fixei minha residencia, transplantando-me da minha Paulicéa, directamente para elle. E estes 25 annos foram todos de aturadas observações. Com as mesmas riquezas quasi, existem os vizinhos Municipios : de Pedro Affonso e Porto Nacional no Estado de Goyaz, Carolina e Imperatriz, no Estado do Maranhão, e Conceição, do Estado do Pará, e nesta região inculta pertencente aos Estados de Goyaz, Matto Grosso e Pará, á margem do Rio Araguaya, todos por este e pelo rio Tocantins banhados.. Em todos viajei neste espaço de tempo, sempre os estudando, sempre os observando, cahindo de surpreza em surpreza, maravilhado com tanta riqueza á espera de ser aproveitada.

Causará estranheza que, exportando o Municipio o que ficou exposto, não figure elle com a relativa contribuição de impostos para as rendas do Estado; mas, isto explica-se, pelo avultado contrabando que se pratica, dada a sua situação entre os dous grandes rios Tocantins e Araguaya e que lhe servem de fronteiras, ficando estas completamente abertas á falta de garantia para o fisco, que aliás, é mui insignificantemente provido de fiscaes, que terão de fiscalizar uma extensão de cerca de 600 kilometros em qualquer dos dois rios.

Por engano foi dada a área de 10.000 kilometros para o Municipio, quando ella é de cerca de 58.500 kilometros.

Rico, mas muito rico, é o Municipio de recursos naturaes, tanto na flora e fauna indigena, como em mineraes diversos. Conta, entre muitos, na sua fauna, com os seguintes especimens : Antas, Queixadas, Catetús, Veados diversos, Capivaras, Pacas, Cutias, diversas qualidades de Macacos, Tamanduás diversos, Tatús de varias qualidades, Quatis, Quaxinins, Yráras, Onças: preta, pintada e sussuarana, Gatos, Raposas, Guarás (Lobo brasileiro), Preguiças, Ouriços cacheiro, etc., etc.; entre as aves, as seguintes: Emas, Sericuras, Mutums, Jacús, Inambús, Perdizes, Codornizes, Patos, Marrecos, Macucos, Jahús, Jacamins, etc., não se fallando nas aves canoras, das quaes ha grande abundancia, lindos em côres e sublimes no gorgeio; e na fauna ichtyologica, com grande variedade de peixes, entre os quaes os seguintes: Pirarucú, Pirahyba, Filhote, Pirarára, Jahú, Suruby, Dourado, Barbado, Pintado, Mandubé, diversas qualidades de Mandys, Caranha, Piabanha, Matrinchã, Pacus, Curimato, Jaraguy, Tucumaré, Piranha e grande quantidade de menores, saborosissimos; a Tartaruga, o Tracajá, o Jabuty, etc., etc.

Varia e abundante é a flora, na qual se conta com madeiras para diversas applicações industriaes, sendo applicaveis á construcção e marcenaria as seguintes: Itaúba, Páo d'arco (Ipê), Aroeira, Tarumã, Maraúba, Jacarandá, Páo Violeta, Páo rôxo, Páo Brazil, Jatobá, Bacury, Pequi, Pequiá, Guatambú, Louro, Canjerana, Cedro, Marupá, Oleo, Sapucaia, Landy, Angico e Sapucaya, Gonçalo Alves, Bilro e Amoreira; temos ainda muitas outras; e, com applicação á industria de cortume, o Angico, o Barbatimão e a Canna fistula; para resinas: o Landim (especial breu), o Jatobá, a Almecequeira e o Angico; para oleos e fibras textis: a Copahibeira, o Mexim, o Pequi, o Bacury; as palmeiras: Babassú, Bacaba, Burity, Burityrano; a Jussara, a Piassaba, o Paty, Guabiroba e Pachiubas, a Jangada e diversas malvaceas, broméliaceas e lianeas; para fins medicinaes as seguintes: Ipecacuanha, Quina, Pereiro, Marupá, Jalapas, Batatas e Tayuyá, oCndué, Missuré, Cururú, Cansanção, Salças. Japecangas, etc., etc.; e, finalmente, produzindo fructos comestiveis, entre outros os seguintes: Bacury, Pequi, Cajús, Oity, Puçá, Burity, Burityranos, Jussara, Bacaba, Goiaba, Muricy, Araçás, Maracujás, Mangaba, etc., não se contando as Mangueiras e Bananeiras.

Entre os diversos mineraes encontram-se no sub-solo do Municipio, o Ferro, o Manganez, Ouro, Cobre, Alumem, Salitre, Hulha, Calcareos, Crystaes, etc., aguardando tudo a sua exploração. — Todas estas riquezas, entretanto, nenhum proveito trazem actualmente, porque faltam á zona vias faceis de transporte; pois não tem estradas de rodagem (já não se fallando em estradas de ferro) apenas accidentadas sendas, por onde, com a maior difficuldade e gasto de tempo, transporta-se em costas de animaes (muares e cavallos) as mercadorias; é o maior transporte feito em pequenas embarcações (botes e batelões), mas tão sómente rio abaixo e acima e com grande difficuldade, devido aos trechos encachoeirados. Com estes meios de transporte tornam-se os fretes onerosissimos e assim, vedado todo o desenvolvimento, fazendo-se commercio apenas do que possa deixar resultados satisfactorios. Mantém o Municipio relações commerciaes com as cidades de Marabá, Conceição e Belém do Estado do Pará, e Grajahú, Carolina, Barra do Corda, Balsas e São Luiz, do Estado do Maranhão, sendo para aquellas pela navegação fluvial e para estas por transporte terrestre. A na-

vegação póde-se fazer com pequenos motores a gazolina, com que se poderá economisar tempo, não, porém, custo de frete, pois dada a distancia e o custo da gazolina, este sempre é caro. Servem ao Municipio uma estação telegraphica e duas linhas postaes, uma de Grajahú (Estado do Maranhão) e outra de Porto Nacional (Estado de Goyaz), ambas com 2 viagens mensaes, aliás insufficientes para o movimento que se desenvolve progressivamente, pois tambem este Municipio tem sentido a benefica administração dada a este Estado pelo seu preclaro Presidente, Exm. Desembargador João Alves de Castro. Tem tambem uma estação meteorologica de 3ª classe. pertencente ao Observatorio Nacional de Meteorologia. E' limitada a industria local, que apenas conta com a de cortume e, esta mesmo, em pequena escala e quasi que só para o consumo local, tendo, entretanto, proporção para ser feita em grande escala, não só esta, como todas as que se derivar da industria pastoril, que, aliás, já é bem representada com o numero de 150.000 cabeças de gado bovino, approximadamente, dando uma producção média annual de cerca de 40.000 cabeças, 25.000 cabeças de gado equino, com producção annual de 5.000 cabeças; 5.000 asininos e muares, com producção annual de 50 cabeças, lanigero 500 cabeças, caprino 3.000 cabeças e suino com 10.000 com producções relativas.

E' preciso notar que os gados lanigero, caprino e asinino estão, aqui, em inicio de producção mais intensiva, porquanto que até ha pouco tempo não se lhe ligava importancia; assim tambem o gado suino, cuja criação torna-se aqui facilima, dada a abundancia de fructos silvestres que se encontram para a sua nutrição, que procuram em ampla liberdade, o que bastante auxilia ao criador, que assim não precisa dispender com alimentação para a porcada. A pesca poderia dar ao Municipio rendas avultadas, pois, dada a sua collocação entre as duas caudaes: Tocantins e Araguaya, com grandes lagos adjacentes, fartamente piscosos, como já ficou exposto, poderia manter aproveitavel industria com o fim de exportação.

Boa Vista, Junho de 1919.

FREDERICO MORBACH.

(*Continúa*)

Discurso proferido na se são de 20 de setembro de 1919

O SR. OLEGARIO PINTO — Sr. Presidente, ausente de Goyaz, ha bastante tempo, entendi fazer, ha pouco, uma excursão ás cidades do sul do Estado, para conhecer de perto as suas necessidades, e nessa excursão tive a honra de ser acompanhado por dous dos meus illustres collegas e amigos, Srs. Deputados Dionysio Bentes e Alexandrino Rocha...

O Sr. Dionysio Bentes — Por mim, direi que a honra foi toda minha.

O Sr. Olegario Pinto — ... aos quaes, aproveitando o ensejo de me encontrar na tribuna, venho, em meu nome, no do Presidente, da representação e da população daquelle trecho de nosso territorio, agradecer a distincção dessa visita.

Tomei a palavra para justificar um projecto que considero de grande utilidade, e que diz respeito ás fontes thermaes de Caldas Novas.

De Ipamery, cidade progressista do sul do Estado, servida por estrada de ferro, a Caldas Novas, florescente e encantadora villa, onde existem 23 fontes, cujas temperaturas variam entre 36 e 51 gráos, a distancia é de 60 kilometros. Os doentes que recorrem ás ditas aguas teem de fazer semelhante trajecto em carros de bois, em banguês, liteiras, rêdes, e, aquelles que o podem, a cavallo.

O Sr. Dionysio Bentes — E' exacto; tivemos occasião de verificar este facto.

O Sr. Olegario Pinto — Existia um obstaculo de vulto á construcção da estrada para Caldas Novas, e era a grande ponte que se precisava lançar sobre o rio Corumbá; mas esta ponte de 200 metros de extensão está sendo concluida. O desembargador Alves de Castro, digno Presidente do Estado, mandou fosse executada a lei n. 591, de 26 de Junho de 1918, entregando a direcção da obra ao honrado capitalista e abastado proprietario coronel Bento de Godoy, e incumbindo da parte technica um habil engenheiro francez.

Depois de 1913, quando aquellas aguas foram analysadas pelo chimico do Ministerio da Agricultura, Dr. Lee, tendo-o sido, um anno depois, tambem pelo notavel hydrologista brasileiro Dr. Orozimbo Corrêa Netto, nuumeros enfermos se teem dirigido ás Caldas, para obter a cura.

A descoberta das fontes se approxima do segundo centenario, pois que se verificou em 1722.

Ha, na Escola de Bellas Artes, um bellissimo quadro do Barão de Taunay, que tem a seguinte legenda:

> "Estado de Goyaz — Descobrimento das aguas thermaes do Pirapetinga — Quadro a oleo por F. E. Taunay — Setenta leguas a sudoeste da cidade de Goyaz, ao lado oriental de uma serra, denominada Serra das Caldas, existem as aguas thermaes de Pirapetinga, descobertas pelos gritos com que as deram a conhecer os cães do caçador Martinho Coelho, que primeiro nella se escaldaram por acaso, ha mais de um seculo. E' um lago de 150 palmos de comprido, por 20 de largo, cuja temperatura quasi chega á da agua fervendo. Martinho Coelho, sem attender aos latidos dos seus cães, parece enlevado na admiração das maravilhas da natureza, ou na previsão dos bens que aos pobres enfermos resultam hoje desse phenomeno."

Sr. Presidente, o Dr. Orozimbo Corrêa Netto, clinico em Poços de Caldas, Estado de Minas Geraes, tendo noticia das grandes curas operadas com as aguas de Caldas Novas, entendeu de fazer á localidade, á sua custa, uma visita em que se demorou por mais de 90 dias. Pôde observar grande numero de casos, e escreveu o bello livro que tem sido muito apreciado, especialmente pela classe medica.

Sua Magestade o imperador teve sciencia de uma cura prodigiosa na pessoa de Fernão Delgado, nomeou um medico italiano, clinico por mais de 60 annos em Goyaz, o Dr. Vicente Moretti Foggia, para analysar essas aguas. O Dr. Foggia, naquella época, não dispunha de laboratorio capaz, e limitou-se, em sua commissão, a simplesmente observar a marcha da molestia e as curas realizadas. Ainda assim, apresentou uma estatistica dizendo:

> "Com o uso das aguas thermicas sararam perfeitamente, desde 1835 até o fim de 1838, além de um syphilitico e um darthroso, nove morpheticos; que obtiveram consideravel melhora 17 enfermos desta ultima molestia, que o uso das aguas foi infructifero a sete, e que, finalmente, falleceram quatro."

Na parte do mesmo relatorio e baseado em observações proprias do autor, se lê:

> "Em julho de 1839 existiam em Caldas Novas, em tratamento, 60 pessoas; em Caldas Velhas, nove, e em Caldas de Pirapetinga, sete, perfazendo um total de 76 pessoas."

Sr. Presidente, venho apresentar á consideração da Casa um projecto pedindo ao Governo auxilio para o estabelecimento de uma estrada de automoveis. A distancia de 60 kilometros póde ser assim facilmente vencida em uma hora, o que actualmente não succede, pois a viagem é feita em dous, tres e quatro dias.

Não fallo em estrada de ferro. Já tenho até medo de tratar desse assumpto em relação ao meu Estado.

A todo momento, somos surprehendidos com boatos da mudança de traçado de Goyaz para Minas. A estrada de ferro, de Goyaz tem apenas o nome, porque de seus 600 e tantos kilometros 400 e tantos estão em Minas. O ramal, como chamo, de Goyaz, dá saldo para cobrir o "deficit" de 400 kilometros de Minas.

A arrecadação do imposto de exportação do Estado de Goyaz, feita pela Estrada de Ferro de Goyaz, a começar de abril de 1914, é a seguinte:

1914	67:398$446
1915	95:749$711
1916	241:545$537
1917	315:408$758
1918	485:156$575
1919, até 31 de agosto	349:233$734

Como engenheiro examinei com attenção todo o serviço da linha, vagões, material, fixo e rodante e verifiquei que a Companhia Estrada de Ferro de Goyaz, dirigida por um distincto engenheiro, o Dr. Benedicto Lavrador, precisa que, com urgencia, sejam tomadas as providencias que passo a expôr, não só em beneficio do progresso de toda a zona por ella servida, como em beneficio do commercio que mantém o intercambio entre os centros productores da zona goyana e os centros industriaes de S. Paulo e Rio de Janeiro.

A construcção urgente da ponte sobre o rio Corumbá, na estação de Roncador e avançamento da linha pelo menos a 15 kilometros além dessa ponte. Essa construcção virá não só solucionar o problema da travessia daquelle rio, tão almejado pelo commercio goyano, como trazer para a Companhia E. de F. Goyaz, um augmento de renda de cerca de 6:000$000 mensaes, renda esta constituida pela armazenagem das mercadorias de importação e exportação, actualmente explorado esse magnifico commercio por um particular que tambem tem a concessão da travessia daquelle rio em balsa. A penetração terá vantagem de localizar a ponta dos trilhos em ponto proprio para recebimento de mercadorias procedentes e destinadas ao Estado de Goyaz.

Essas mercadorias serão ahi armazenadas pela propria estrada que tirará dahi a sua commissão de armazengem, além de facilitar o transporte para local mais proprio ao embarque. Está claro que com taes facilidades estimula se a importação e incentiva-se tambem a producção.

Este trecho de linha está já ha muitos annos construido e foi abandonado com a estação prompta, bem como duas casas de turmas da Via

Permanente. Esses edificios estão ainda em regular estado de conservação e a linha acha-se completamente coberta de matto e com muitas barreiras por remover, cousas, aliás de facil solução, desde que o Governo Federal ordene a inauguração do trecho. A zona é muito produtiva e a estação de Catuaba virá descongestionar a estação de Catalão.

A Companhia E. de F. de Goyaz, precisa que o Governo Federal intervenha com sua autoridade de fiscalização no sentido de ser augmentado o pessoal actualmente empregado em quasi todos os seus serviços: Via Permanente, trafego e locomoção.

Esse pessoal é actualmente muitissimo deficiente para o trafego intenso que já tem a estrada. A linha, comquanto regularmente conservada, recente-se de muitas obras de consolidação e os edificios precisam de reparos, não só como medida de decencia para augmentar os armazens, todos actualmente pequenos para comportar o armazenamento das mercadorias que lhe são confiadas para serem transportadas. Actualmente observa-se o espectaculo pouco agradavel de estarem volumes expostos nas plataformas das estações e com risco de furto, porque a estrada não póde manter um vigia em cada estação.

A adopção de postes de ferro para a linha telegraphica é outra medida de caracter urgente. Os postes de madeira que são empregados frequentemente são queimados pelas fagulhas das locomotivas portanto constantemente o telegrapho está interrompido. Como a linha telegraphica da Nacional tambem corre pelos postes da estrada, em virtude do convenio firmado entre as duas repartições, está claro que tambem o Nacional está com suas linhas tambem frequentemente interrompidas. Assim é que as reclamações de falta de telegrapho são constantes nas seguintes localidades: Roncador, Ypameri, Goyandira, Catalão e Araguary, esta quando tem de se communicar com qualquer daquellas.

A remuneração do pessoal da estrada é exiguo e não corresponde absolutamente ao esforço despendido pelo mesmo em um trabalho exhaustivo e constante.

O Governo Federal approvou um quadro, com os respectivos vencimentos do pessoal.

A estrada chega até á estação do Roncador, á margem esquerda do Corumbá. Ahi o serviço é feito em balsas, mas cobrando o encarregado aquillo que bem lhe apraz: por uma canastra, 5$; por uma mala, 20$; á vontade. A ponte acha-se collocada na linha, e, em tres mezes, será posta no seu logar, porque tem toda sua superstructura metallica.

O Sr. Ephigenio de Salles — De maneira que é até uma medida de economia.

O Sr. Olegario Pinto — Medida de economia, como muito bem diz o nobre Deputado.

O Sr. Ephigenio de Salles—E conservação de um proprio nacional.

O Sr. Olegario Pinto—Sobre a mudança do traçado, o meu distincto patricio, o illustre Sr. general Eduardo Socrates, escreveu, na "A Informação Goyana", dous bellos artigos mostrando que seria uma injustiça e calamidade feita a Goyaz essa mudança.

Estes dous artigos são os seguintes:

"ESTRADA DE FERRO GOYAZ

O Congresso Nacional havia concedido garantia de juros aos Drs. Vicente de Paula Pessoa e Francisco Mendes da Rocha para a construcção de uma estrada de ferro de Catalão á Palma, em territorio goyano, mas essa construcção não se fez effectiva, sendo modificada a concessão, que se converteu na Estrada de Ferro de Formiga, ponto terminal da Oeste de Minas a Goyaz, a Catalão.

E' obvio e indiscutivel o direito de Goyaz sobre essa concessão primitivamente, toda ella incidente em territorio seu, e finalmente com parte em territorio mineiro.

A' estrada foi dada a denominação de Goyaz, bastante significativa.

Infelizmente, depois do governo Rodrigues Alves, outros se julgaram competentes para usurpar o direito de Goyaz e varios ramaes foram autorizados em territorio mineiro.

Para aquella construcção contrahiu o Governo um emprestimo externo, cujo producto foi depositado em banco estrangeiro. Parecia que com essa providencia estava assegurada a construcção da estrada, mas foi puro engano.

Em territorio goyano possuimos só 179 kms., ao passo que em Minas a nossa estrada de ferro conta já 411 kms. 547.

Partindo de Formiga, teria ella que percorrer territorio mineiro para alcançar Catalão, servindo a uma zona importante, tendo Patrocinio por centro. Por motivos que não importa investigar no momento, teve a Goyaz de atravessar grave crise financeira, que lhe retardou a construcção de suas linhas.

O Ministro Tavares de Lyra, muito assediado para annuir á modificação do traçado pleiteado pela imprensa de Araguary, oppoz-se a fazel-a nos termos pedidos, formalmente impondo alteração ao preço da unidade kilometrica, si o Governo se resolvesse a assentir nessa modificação. E' sabido que aquelle preço foi estabelecido em consequencia de difficuldades de construcção, incidente em territorio bastante accidentado e a travessia obrigatoria do rio Paranahyba.

O empreiteiro não quiz conformar-se com essa exigencia do Ministro e reservou-se para pleitear, de futuro, a suspirada modificação.

Sendo possivel que o actual Ministro da Viação ignore estes pormenores, convém que elles sejam divulgados para garantia dos interesses geraes do Thesouro e os do meu Estado.

O traçado do kilometro 407 a Araguary, que se quer arrancar a esto transe do actual Ministro, accenando-se-lhe com um supposto beneficio a determinada zona de seu Estado natal, é um absurdo: é mais longo do que aquelle e virá prejudicar flagrantemente os interesses goyanos, sacrificando Catalão que, como vimos, era o ponto inicial da primitiva concessão, modificada por acto extensivo e insustentavel.

Não é justo que essa cidade venha a ser lesada em seus direitos, em favor de Araguary, que conta duas estradas de ferro e serve de traço de união entre ellas.

A construcção do trecho que se quer converter em linha tronco, é muito menos onerosa do que aquella, tornando-se para o empreiteiro um optimo negocio receber a mesma quantia por um kilometro de estrada de construcção muito mais favoravel.

O Estado de Goyaz tem sido implacavelmente prejudicado com a proliferação dos ramaes em Minas, e sel-o-ha grandemente si vier a consummar-se a escandalosa modificação, que está sendo pleiteada junto do actual Ministro, pela circumstancia de ter sido um dos representantes do triangulo mieniro e ser filho do Estado de Minas.

Si Araguary vencer, o que duvido, graças á confiança no criterio e sisudez do actual Ministro, virão a soffrer em seus interesses Monte Carmello, Abadia dos Dourados, Patrocinio e a importantissima zona mineira, que terá de ser beneficiada pelo traçado actual.

Si o Sr. Ministro da Viação annuir aos desejos de Araguary, contrariará os daquellas localidades e até mesmo de Uberaba, que se julga em melhor situação para o entroncamento pleiteado por aquella.

Em tão angustiosa alternativa, S. Ex. tem só que sustentar o traçado primitvo, desprezando as tentativas do empreiteiro, sedento de lucros maiores, sem attender aos alevantados interesses do Estado de Goyaz, em cujo favor foi feita a concessão primitiva de Catalão á Palma.

Si a primeira modificação tivesse sido honestamente mantida, a estrada já estaria em Goyaz, capital.

Conheço de perto o Sr. Mello Franco e por isso mesmo o julgo incapaz de patrocinar tão mal defendidos interesses."

"ESTRADA DE FERRO GOYAZ

Proseguindo nas considerações que fiz sobre esta ferro-via, ironicamente baptizada com o nome do meu caro Estado e que vive sendo disputada em zona mineira, por interesses em choque, venho lembrar uma solução conciliatoria, capaz de agradar a todos, sem criar descontentes, nem difficuldades ao Sr. Ministro da Viação.

Optar pela mudança do traçado, como pleiteia Araguary, seria um acto, além de iniquo, lesivo aos cofres publicos, por importar franco favoritismo á companhia obrigada a receber, por kilometro de linha construida em condições menos favoraveis, uma certa quantia que ella quer embolsar pela do novo traçado, de construcção facilima e barata, incidente em campo limpo e pouco accidentado.

As obras de arte alli são muitas, aqui quasi nullas.

Allega-se necessitar ella de favores especiaes, por se achar em situação de prementes difficuldades financeiras consequentes á guerra.

Isto póde ser um argumento formulado engenhosamente para ella conseguir o seu objectivo; ainda mesmo que seja uma realidade, o paiz não póde arcar com o seu desastre financeiro, prejudicando os interesses do Estado de Goyaz.

A "Goyaz" reveste o caracter de uma via de penetração com fins estrategicos, commerciaes e economicos, pois terá que se prolongar até Matto Grosso, visando a sua fronteira com a Bolivia. Atravessando o Paraguay, em sua secção navegavel, prestar-se-ha a uma concentração de tropas no sul do Estado, em concurrencia com a Baurú Porto Esperança; ou no caso de fallencia desta, por qualquer accidente, que a inutilize, impedindo-a de se prestar a esse mister, dar por si só o necessario escoamento aos recursos de pessoal e material de guerra destinados a remediar aquelle desastre.

Ningum lhe contestará o alto papel estrategico e o seu surto economico e commercial, atravessando zonas feracissimas, de grande capacidade productora, reconhecidamente abundantes em preciosidades vegetaes e mineralogicas, que lhe avultarão o trafego.

Pois o que ha a fazer, como consectario logico dos fins desta importantissima via-ferrea, é sua penetração no amago do Brasil central, emquanto lhe restar capital para a sua construcção.

Vacillar em assumir resolutamente esta decisão, para se deter em ouvir a controversia dos interesses em choque, é um absurdo, que o Sr. Ministro da Viação não homologará com o seu alto criterio e com a responsabilidade d su nome impolluto.

Ouvi a respeito o illustre Dr. Pires do Rio, digno inspector geral das estradas de ferro, e folgo proclamar a sua inteira e franca annuencia a essa idéa, que esposou convictamente.

Achou-lhe procedencia o não menos illustre Dr. Palhano de Jesus, que assistiu ao nosso entendimento a respeito.

E', pois, uma idéa viavel, que o meu Estado abraçará com calor, por importar a penetração da "Goyaz" em rumo da capital, servindo zona de grande valor agricola e pastoril. De Roncador até Annapolis o traçado encontrará grandes facilidades para sua execução, incidente sempre no divisor de aguas e dependendo quasi que em absoluto de pequeno movimento de terra.

Novos horizontes se abrirão á estrada, facultando-lhe o grande incremento d suas rendas.

Corresponderá esse alvitre a palpitantes interesses do Estado de Goyaz e á sua constante aspiração e insophismavel direito de possuir a estrada inicialmente sua, desde a primitiva concessão.

Estou certo que, lidas estas linhas, expressão do sentir do meu Estado, o Sr. Dr. Afranio de Mello Franco, que sempre se mostrou amigo de Goyaz, optará pela penetração da linha em demanda da capital. O traçado já está estudado pela Mogyana, pela Sapucahy e pela propria

"Goyaz". Terá que procurar Barro Preto, afim de evitar a serra do rio Meia Ponte.

Ahi fica a idéa lançada, restando ao Sr. Ministro da Viação ponderar e agir."

O nosso receio hoje está mais ou menos attenuado, porque era então inspector das Estradas de Ferro, o Dr. Pires do Rio, que declarou esposar as idéas do general Socrates, sobre a continuação do mesmo traçado. E o não menos illutsre Dr. Palhano de Jesus, que assistiu ao entendimento do general Socrates com o Dr. Pires do Rio, manifestou-se igualmente favoravel á continuação do traçado.

Sr. Presidente, Goyaz é um Estado eminentemente criador, que concorre com metade de seu gado para o abastecimento da Capital Federal e que luta com grandes difficuldades.

O Sr. Dionysio Bentes — Alimentando ainda os frigorificos e xarqueadas.

O Sr. Olegario Pinto — E' verdade. Só o sul de Goyaz exportou o anno passado para S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro 83.498 rezes, justamente na época em que os rebanhos mais soffreram com a febre aphtosa. O anno passado, depois da geada, a febre aphtosa irrompeu em Goyaz, de uma maneira extraordinaria, dizimando os rebanhos. Desta tribuna chamei a attenção do Ministro da Agricultura para esse mal, visto como, sendo um Estado eminentemente criador e exportador, não tinha entretanto uma inspectoria agricola, não tinha um posto veterinario.

A inspectoria agrico'a que lá existia, quando começava a dar resultado, foi supprimida, por economia. Ora, os compradores de gado penetram nos sertões, compram gado magro e fazem-n'o transportar-se, na distancia de 150 leguas, a pé. Esse gado é engordado em Minas e S. Paulo, para só depois ser vendido.

Nos seus 200 kilometros, a Estrada de Ferro de Goyaz, transportou apenas 10 mil rezes gordas para os matadouros de S. Paulo. Ora, Goyaz tem soffrido certa diminuição com esse desamor do Governo da União.

Pois bem, Sr. Presidente, tendo o Estado gasto 150 contos com essa ponte, que era obstaculo para a estrada de rodagem, venho pedir ao Congresso que conceda auxilio, não digo para uma estrada de ferro, mas para uma estrada de rodagem de 60 kilometros, afim de se transportarem os doentes que procuram Caldas Novas.

No mez de março deste anno existiam nessa villa cerca de oitenta doentes de molestias cutaneas, e quasi todos se restabeleceram.

Em 1875, o governo imperial nomeou o notavel medico francez, Dr. Faivre, para examinar essas aguas, e elle escreveu duas memorias, uma ácerca das aguas thermaes de Caldas Novas, e outra ácerca da morphéa, relatorios que foram lidos á Academia Nacional de Medicina em 10 de abril de 1845.

> " As medidas aconselhadas pelo Dr. Faivre, no seu officio aoMinistro dos Negocios do Imperio, acompanhando a sua "Memoria", são judiciosos, e serão bastante uteis, sobretudo, para a Estatistica Medica.
>
> A questão interessantissima do augmento e progresso da morphéa entre os habitantes deste Imperio só poderá ser resolvido por uma boa estatistica, formada com documentos authenticos do modo indicado na carta do Dr. Faivre ao Ministro do Imperio; e cumpre muito ao Governo o promover esta solução para o bem da Humanidade e do Estado."

Aconselhava que se installasse um estabelecimento permanente em Caldas, onde fossem observados os doentes.

Pois bem, eu desejava que Caldas Novas festejasse seu segundo centenario com a construcção dessa estrada de rodagem.

Creio que peço pouco.

O Sr. Ephigenio de Salles — E é um dever nosso acceder ao que V. Ex. pede.

O Sr. Olegario Pinto — Sr. Presidente, não desejando roubar mais a attenção dos meus illustres collegas, deixo de lêr uma estatistica dos generos transportados por esses duzentos kilometros a que me refiro. Direi apenas que, no mez passado, Goyaz mandou para S. Paulo 10.000 saccas de café, considerado o melhor typo 7. Esse café é produzido em Annapolis, região conhecida pelo Ribeirão preto goyano.

As terras de Annapolis são roxas e o café produz em dous annos, e o desenvolvimento da sua cultura tem sido grande.

Espero que, com o prolongamento dessa estrada, com mais 15 kilometros sómente além de Roncador, possam essas rendas triplicar, tornando meu Estado mais prospero.

O Sr. Dionysio Bentes — As terras são semelhantes ás de Ribeirão Preto.

O Sr. Olegario Pinto — Necessito ainda dizer que o gado em Caldas Novas e em Ipamery não soffre molestia produzida pelo berne. O gado alli é limpo e engorda com facilidade.

Ha alli abundancia d agua e o gado come muito pouco sal.

Percorremos o sul de Goyaz na maior força do verão e verificámos que os ribeiros, os lagos, as lagôas e fontes eram fartissimas.

Termino, Sr. Presidente, enviando á Mesa o projecto que acabo de justificar. (*Muito bem; muito bem. O orador é muito cumprimentado.*)

A PROPOSITO DE YPAMERI

Pelo "Lavoura e Commercio", de Uberaba, sahiu-me aos fustes um sr. J. R. dizendo, n'um mixtiforio dos tresentos, que si eu tivesse tido occasião de conhecer os processos de investigação etymologica, talvez não *tivesse* (o gripho é meu) a ingenuidade de escrever que *Ypameri* não póde significar Entre Rios, e mais que a composição do vocabulo foi feita pelo dr. Theodoro Sampaio.

Com essa descoberta em fórma de lição, estylo e portuguez de Pungo Andongo, o intruso póde limpar as mãos á parede, e gritar pelas ruas de Uberaba até aos confins do Baculere que quem matou o cão foi o Baêta...

Estou no meu direito de pedir á opinião publica de Goiás e de todo o Triangulo Mineiro que faça justiça á minha ingenuidade ferida pela penna suja de J. R., critico lapuz.

Depois de transcrever umas linhas attribuidas ao dr. Theodoro Sampaio — sem citar d'onde foram tomadas, o que denuncia velhacaria — ulula que, dispauterio commetti eu, pretendendo, em questão de linguagem, dar quinau no referido doutor. Estava idiota!

Vou agora mostrar ao palerma que elle é quem está no matto sem cachorro n'este assumpto, em que se fez intromettidiço, e para o qual lhe fallece competencia absolutamente.

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Começarei por fazer vêr que, si uma méra discordancia formulada attenciosamente importa em quinau, não foi então aquelle o primeiro que eu dei no dr. Sampaio. Procure J. R. o numero do "Jornal do Commercio" creio que de 3 ou 4 de Novembro de 1903, na 1.ª pagina columna de honra, typo entrelinhado, e verá.

Fala irrisoria e pedantescamente de processos de investigação etymologia, como si isso não fosse cousa sabida, trivial até entre collegiaes, ou antes, como si essa expressão metaphysica não caisse já no dominio das velharias, das cousas rançosas.

Tanto não ignoro que sei ter o dr. Theodoro Sampaio feito seus os do naturalista bavaro, von Martins, no estudo dos dialectos que falavam as tribus indigenas do Brasil.

A proposito dos resultados dos processos de investigação etymologica do collaborador de *Reise in brasilien*, processo, como disse, adoptado pelo dr. Sampaio, escreveu o competentissimo marechal Beaurepaire Rohan: " A respeito de etymologias, não menciono senão aquellas que me parecem racionaes. Procural-as na méra semelhança de palavras é um erro que nos conduz a verdadeiros despropositos. Temos um exemplo disso naquelles de que tratou Martius no seu *Glossaria Linguarum Brasiliensium.*

Martius é um sabio digno de justa veneração de todo o universo pelos seus serviços á sciencia; e nós Brasileiros lhe devemos particular gratidão pela publicação da *Flora Brasiliensis*, esse soberbo monumento da nossa riquesa vegetal; mas como etymologista claudicou de modo lamentavel. Seu *Glossaria*, verdadeiro desserviço feito á linguistica, é infelizmente a norma por onde se guiam certos romancistas, que sem estudos especiaes, se julgam autorisados a interpretar vocabulos de que, nem sequer, conhecem a genuina significação". (*Diccionario de Vocabulos Brasileiros*).

Antes daquelle illustre e venerando americanista, já o eminente homem de sciencias Carlos F. Hartt havia impugnado etymologias fantasistas de Martius — dizendo que muitissimas dellas "eram imaginosas e estavam em contradicção ao mesmo tempo com o genio da lingua tupi e com ás leis philologicas". (*Contribuições para a etimologia do valle do Amazonas*).

E foi referindo-se a semelhantes processos de investigação etymologica que o philologo Pacheco Junior, tratando da fórma diminutiva *bispóte* — receiava algum João Ventura ou J. R. descobrisse-lhe a origem em *bis pote.* (*Lições de Semantica*)

Bem fóra do meu proposito, mas para provar que algumas das etymologias que se encontram no trabalho do dr. Sampaio são mesmamente as de Martius e merecem iguaes censuras, confrontemos:

SUSSU PARA, corr. *çoóçu-apara,* veado de galhos ou cervo galheiro (Th. Sampaio — O *Tupi na Geographia Nacional*, pag. 151).

Agora, si J. R. tem olfacto latino, é farejar isto:

SUSSU-APARA etc. Cervus campestris. Nomen ab *açu-apára* cornu tortum, ramosum. (Martius, *Glossaria*, animali acum synonymis, pagina 476).

Eu então, emancipado de dogmas de inerrancias, e sem duvida tambem por não conhecer os processos de investigação etymologica — identifiquei, escrevi, provei e ninguem sem outras provas mais concludentes me poderá contestar que aquillo é um disparate, um desproposito um dispauterio — porque apára em tupi significa ou corresponde ao grego *anoplos*: sem arma, sem defesa.

Não sei si o intromettido J. R. é caçador; si não o é, que se informe ahi em Uberaba dos srs. Herculano Velloso e Carlos Rodrigues da Cunha Polvora, si algum dia viram *Suassú-apára* com chifres singelos ou galhados.

Estou certo que responderão: *Suassú-apára* é a femea do Cervo e as femeas dos cervides não têm chifres"...*Vade retro!*

Por essas e outras é que não me conformo com o *magister dixit*— não depois de tirar a prova dos noves.

Para se fazer idéa da confusão desagradavel resultante dos diver- s erigorosos processos de investigação etymologica, e mais da insuf- ciencia d'elles todos, ouçamos a palavra da sciencia proferida por um vestigador de alto cothurno: "A discordancia em que se acham as ymologias dos dous auctores (drs. Theodoro Sampaio e Mendes de lmeida) é surprehendente.

. . . .

. . . .

Seria muito maior o nosso prazer em tratar d'essas obras, ambas ıblicadas por excellentes escriptores e de grande competencia neste mo da sciencia, si os resultados obtidos em geral estivessem mais ac- rdes. Isto entretanto não acontece e a esperança de vêr collocada a base firme a etymologia desses nomes não se realizou" (Hermann n Ihering — *Revista do Muséo Paulista*).

Quem primeiro se perdeu na trama dos processos chamados de in- stigação etymologica foi o muito barbado propheta Moysés. Babel gnifica — a Porta de Deus (*Bâb-It*) (1), mas os fatidicos pro- ssos de investigação philologica (já havia philologos então) levaram nosso mais antigo forgicador de etymologia a suppôr que aquelle vo- bulo devia de vir do verbo *batal*—confundir. E d'essa confusão do opheta nasceu a confusão geral das linguas—inclusivé as dos tupis...

Que assumpto cabuloso!

Voltando á Ypameri. Quererá ainda J. R. saber de opinião con- ante á minha, isto é, contraria á significação arbitraria que o dr. mpaio dá ao vocabulo *Ypameri* creando neologismos numa lingua rbara?

E' só consultar, por carta, ao notavel escriptor e illustrado critico José Verissimo, da Academia Brasileira: elle repetirá o que lhe vi nesse tocante, em principio de Agosto do corrente anno.

Não desejo melhor companhia.

Que a significação de *Ypameri* seria *Lagoinha*, como aventurei, é proprio sr. Sampaio quem nol-o diz pelo orgão de J. R. (si não se tar de uma patifaria d'este anonymo), apenas, acrescenta o etymo- ista, com levissima troca de um *e* por um *i*.

Reparem acima que pela troca de uma vogal por outra, os homens não se entendem desde o principio do mundo!

E como sabermos quando escrever com *e* ou com *i*, si a lingua ge- ou *abáheenga* não teve nem deixou monumento escripto?

Sobre graphias, leia J. R. os seguintes periodos: "O tupi-gua- ni tem algumas vozes que mal poderiam ser representadas por meio alfabeto das linguas romanicas, tal é o *i* guttural ou *ig*.

Para representar esse som, os jesuitas recorreram ao *y*, que só uma convenção muito arbitraria poderia valer *ig;* e o portuguez Brasil e o hespanhol da America inçou-se de *yy*, sem vantagens para nem honras para a Grecia." (Candido de Figueiredo — *O que se deve diser*).

No genero alta casmurrice, capitulo férula em punho — notação uliar ☞ J. R. sahiu-me melhor que a encommenda, foi-me precioso achado, pois se me deparou, propicia a occasião almejada de oc- ar-me n'este semanario, do tal *gallecismo*, esse espantalho dos gram- ticos rabujentos, desde aquelle, inclusivé, que "tentou ensinar aos naturaes o que de outrem não poude aprender."

Eu não preciso de licença da Real Mesa Censoria de que faz parte R., para dar publicidade aos meus escriptos.

Hão de ter notado que a tão falada puresa da lingua de que nos imos encontra maior numero de intransigentes zeladores entre os nada produzem—verdadeiros espiritos regressistas e eunuchos das as.

Antes, porém, de voltar ao assumpto, ao obscuro J. R. impõe-se a igação de dizer quem é, a que veio, que incumbencia lhe deram, e lmente, que responsabilidades trazem as letras alfabeticas com que ssigna, as quaes tanto podem ser as da marca de ferro do tropeiro o Rodrigues como as iniciaes de qualquer João Rosca...

Lorena, 28 de Setembro de 1903

HENRIQUE SILVA.

———

Niteroi, 6 de Outubro de 1919.

Meu caro colega e amigo Henrique Silva.

Saudo-vos afetuozamente.

Recebi vossa amavel cartinha de 2|10|919 e com ela um artigo do nal (?) do ilustrado sr. (?) José Reginaldo citando uma carta lustrado sr. dr. Theodoro de Sampaio, ácerca do neoloj. *Ypameri* nvenção deste ilustrado sr. dr.

Precindo de tratar dos *exitono*, *paroxitono*, e outras alimarias e antes, porque não sou versado em ciencias naturais. Entro em ma- te:

Meu amigo quer saber si *Ypameri* póde, como querem os ilustrados dr. Theodoro de Sampaio e (?) José Reginaldo, traduzir o sub. comp. — *Entre-Rios*. Penso, salvo melhor juizo, que não póde, e sinão vejamos:

Ypá. ba. bi, como se diz no Paraguay, é centr. de *Yupá. ba. bi*, do *Y. ga. gi*, do rad. *Yg*, fluir, manar, etc.,que além de ser v. int. e v. adj. tambem é, como é de regra e muito comum no *Abánhee* ou *Nheeugatú*, vulgo—Tupí, Guaraní, Tupí-guaraní, Lingua-geral, etc. sub. e significa —liquido (nas suas div. ecep.); agua; riu, ribeirão, arroio, corrego, etc., e *Upá. ba. bi*, part. nom. e sub. de*U. ba. bi* (do rad. *Ub*), v. int., estar, etc., onde, quando, como, etc está etc. Então *Yuapá* ou seu centr. *Ypá*, como se diz no Paraguay, é simplesmente o logar de estada de agua: — lago, lagôa, etc.

Ypámiri, seria—lagoinha, lagozinho, etc.

Ypau (este *u* é nazal, pronuncia-se—*um*—mas não se póde assim escrever), sub., ilha, de *Y*, agua, e *Pau*, sub., solução de continuidade em; intervalo; vão; interior, etc. De onde: *Oka-pau*, vão, interior, e por estensão—capacidade contenente da caza; *Kaá-pau*, solução de continuidade no mato, campestre, etc., de que por erro fizeram *Capão* (de mato), que é *Nhu-mbau*, (os dois *u*—nazais), solução de continuidade no campo (*Nhu*), como diz Montoya, tão citado, na segunda linha do seu sub. *Pau*, porque o seu *Caá pau* é que é o campestre.

... *paume* (de *Pau* e da posp locat. *pe*, que se nazaliza em *me* e *mbe* quando concorre com nazal,—em, no, na, etc.), é uma posp. composta,—entre (nas suas div. acep.).

O sinal de plur. *Tá*, que vem *Tetá* (*Te* + *Tá*) e contrai-se em *etá*, só se emprega quando é necessario para evitar duvida ou ambiguidade, ou quando do sentido da fraze ou oração não fica subentendido que se fala no plur. Assim *Y*, riu, tambem póde ser rius, e por tanto:

Ypaume, póde significar—Entre-Rius.

A que vem esta escrecencia, berruga, ou couza peor ainda — *ri* — que nada esprime ali colocada? Quando mesmo fosse necessaria, que não é, a posp. locat.—*i* (porque—*ri*, não é locativa, mas sim cauzativa por, contra, etc.), em, no, na (e não—a, ao), como—pe, me, mbe. A interpozição deste — *r* — eufonico (!!) constituiu uma couza que não tem qualificação.

Ypameri, portanto, é... é... uma alimaria, como tantas outras que já correm mundo, desconhecida na zoolojia recreativa.

Pará, nunca foi, nem é, riu; é simplesmente o adj., vario (nas suas div. acep.) e por estens. sub., o vario; daí—mar.

Paránã (o ulti.—*a*—é nazal), similhante, etc. ao mar, como o mar, etc.; denominação dada ao—riu—mar, *Paranã*.

Pará çuí (ou *guí*, como dizem no Paraguay), é uma fraze—de, do mar.

... *çuí* ou *guí*, é a posp. deriv., de, do, da, nunca é locat. — em, no, na, nem—de que ou do que, que é—*cecuí* ou *ceguí*. *Xe angatúra-metê nde ceçuí* (ou *ceguí*), quer dizer—sou melhor (moralmente) do que tú; porque melhor fizica ou materialmente é—*katúpirí*.

Si *Ypameri* é um despauterio ou disparate para significar—*Entre-Rius*. *Parápaümeri* e *Parápù*, *Parápameri* ou *Parapáo*, e outras quejandas alimarias, são... são... uma couza muito feia.

Que importa que se encontrem numerozos nomes locais asnaticos, tais como *Piripùa*, *Piripiripáo*, *Canarapáo* ou *Crànapáo*, no meio dos piris, em vez de *Piripaume*, entre piris, si as denominações quazi todas inventadas pelos zangões-tupinicos estão tambem erradas, fantazaidas, etc. ? Uma asneira mais ou menos não altera o rezultado.

Teria de estender-me muito si tivesse necessidade de dezenvolver como merece este estudo. Entretanto não me ezimo disso, si fôr necessario. Acredito que não seja, porque os fabricantes de "despauterios" ou "disparates" são numerozos e já ganharam foros de sapientes naquilo que eles mais ignoram.

JORGE MAIA.

O nosso director com a sua comitiva á frente, varando um invio cerradão no norte de Goyaz.

(1) Renan—*Hist. des Langues Semitiques*.

FOLK-LORE GOYANO

II

SUME'

Estavam satisfeitas as predições de Sumé, mas os factos foram que não corresponderam ás suas previsões. O procedimento dos Goyás trouxe como consequencia a conquista e colonização das terras que occupavam estas nações selvagens, sendo elles proprios as primeiras victimas desses ousados aventureiros, desapparecendo por completo na mais cruel escravidão, e não tendo nem ao menos o consolo de morrerem com as armas na mão a combaterem pela liberdade e independencia do seu paiz, como os Chavantes, Corôados, Carajás, Canoeiros, Javaés e outros. Ingloriamente e sob o azorrague do conquistador ambicioso, extinguiram-se nas suas proprias terras nos trabalhos das minas, aos quaes não eram affeitos. Hoje, dessa generosa nação que tão grandes serviços prestou aos invasores, restam tão sómente a lembrança de suas desditas e o nome que legou ao grande territorio encravado entre os rios Paranahyba, Tocantins e Araguaia, e isto mesmo deturpado de *Goyá* ou *Goyáses* para Goyaz.

Os Cayapós sempre ousados, altivos e heroicos, vendo com os Araés, seus alliados, que os esforços que empregavam contra os invasores de suas terras eram inuteis, abandonaram-n'as, e retiraram-se para as brenhas de além Araguaia e rio das Mortes, donde em sortidas mais ou menos frequentes, fazem ainda toda a guerra que podem aos *brancos,* como chamam elles aos paulistas e seus descendentes; jámais submettendo-se a estes, ou prestando á catechese, apezar dos esforços feitos nesse sentido em diversas épocas para chamal-os á civilização. O procedimento do bom Goyá, deixando de hostilizar os brancos quando entre os seus estiveram de outra vez, recebendo-os em suas tabas e até com festas e outras demonstrações amistosas, agazalhando e permittindo mesmo que elles deixassem entre os seus alguns dos companheiros, que solicitaram ficar, quando regressaram, provocou contra elle o odio e a guerra dos Cayapós e Corôados, seus inimigos. Logo após a retirada dos brancos, Mucunan e *Japury,* este chefe dos Corôados, e aquelle, dos Cayapós, vieram entender-se com Goyá, fazendo-lhe sentir a inconveniencia do seu procedimento para com os brancos, exhortando-o á guerra contra os mesmos, e intimando-o a expulsar de suas terras aos que nella ficaram, sob pena de guerra de exterminio se a isso não annuisse.

Goyá, como era de esperar, repelliu energicamente semelhante affronta, mandou pôl-os fóra de suas terras, e não deu assim ouvidos ás suas imposições, tendo por isso de acceitar a guerra com que elles o ameaçavam. Diante deste facto começaram todos a se preparar para a luta, que parecia formidavel, pois que de um lado estavam os Goyás, nação poderosa e grande, e que, além disso, contava com o auxilio dos brancos que viviam entre elles, e que pelo armamento que usavam infundiam certo terror; de outro lado os Cayapós e Corôados, que eram tambem poderosos e, além disso, aguerridos e ardilosos, lançando mão de todos os meios para conseguirem seus fins.

O auxilio poderoso dos brancos com que os Goyás contavam não passou despercebido dos Cayapós e Corôados, que por isso trataram logo de procurar um meio de tirar essa força aos Goyás; e para esse fim, por meio de intrigas e promessas, tentaram corromper alguns chefes Goyás que souberam repellir semelhante tentativa. Acontece, porém, morrer *Amburá,* o valente chefe da taba dos Ferreiros, sendo designado para substituil-o nessa chefia um tapuia em quem Goyá depositava muita confiança e que se chamava *Camarequê.* Este tapuia, no emtanto, era inimigo occulto de Goyá, por ter elle se casado com Aruyára, com a qual pretendia fazer o mesmo se ella não tivesse se esquecido das promessas que lhe havia feito nesse sentido, preferindo depois Goyá a elle. Ambicioso e vingativo, aguardava portanto a occasião para se vingar de ambos; e esta afinal se lhe deparou, entrando em negociações secretas com os Cayapós e Corôados que, conhecedores daquelle facto, e sobretudo do seu caracter ambicioso, propuzeram-lhe o casamento com Ipôan, filha de Mucunan e tambem a chefia geral dos Goyás caso elle os ajudasse na guerra que iam levar a Goyá, encarregando-se de revoltar sua taba em occasião ajustada, e matar aquelle e igualmente os principaes chefes, inclusive os brancos que alli viviam.

Acceita a proposta por Camarequê, os Cayapós e Corôados combinaram com elle a execução do plano tenebroso e em uma noite escura e tempestuosa, quando todos dormiam tranquillos em suas *ócas,* o infame chefe da taba dos Ferreiros, acompanhado de um pequeno grupo que conseguiu alliciar entre os seus, aproveitando-se da estada de Goyá na sua taba, para onde o attrahira manhosamente com seus apaniguados, no aposento em que elle dormia, matou-o covardemente, como a todos que alli encontrára. Em seguida dirigiu-se ao arraial dos brancos, fazendo o mesmo aos que lá achou e incendiando seus ranchos; a revolta assim explodiu propagando-se por toda a parte, sendo presos e perseguidos os que ousaram fazer qualquer resistencia.

Dos brancos apenas escapou das garras de Camarequê o que era muito valente e conhecido por *Pedro Juracy,* isso porque nessa noite terrivel não se achava no arraial com seus companheiros, e sim na taba do Arary, onde fôra a passeio com alguns amigos.

Ao mesmo tempo que taes cousas se passavam, os Cayapós e Corôados que se achavam convenientemente emboscados nas circumvisinhanças dos Ferreiros e do Arary, a um signal feito e anteriormente combinado com os revoltosos, cahiram de improviso e simultaneamente sobre ambas as tabas, apoderando-se dellas e subjugando inteiramente o

oyás, que surprehendidos e amedrontados, nem puderam
nçar mão das armas para se defenderem.

Foi um desastre horrivel, porque os que não foram
ortos ficaram prisioneiros dos inimigos e por elles escra-
sados, estando infelizmente no numero destes a desditosa
uyára, que foi conduzida amarrada como escrava de
ôan, que isso exigira; poucos, bem poucos foram os que
graram a salvação, fugindo para os reconditos das serras
mattarias visinhas.

Notas e Informações

O ainda joven, mas já consagrado escriptor economista
. Mario Guedes bem sabe quanto o apreciamos. Somos
n leitor assiduo, constante. Por isto mesmo é que nos ha
relevar uma leve ponderação ao seu ultimo e bello artigo
Correio da Manhã sobre a exportação paulista pelo porto
Santos, este anno.

E vem a ser que nas pautas da aduana santista appa-
cem como de producção paulista artigos ou mercadorias
e o grande Estado não produz absolutamente, como sejam
ystal de rocha e borracha.

Mesmo em se tratando de cereaes, banha, xarque, etc.,
be-se alli e facillimo seria demonstrar que procedem em
a maior parte de outros Estados — de Goyaz principal
ente. E isto não cançaremos de repetir, até que nos quei-
m desmentir.

Só em 1918 Goyaz exportou para S. Paulo 13.225 to-
ladas de cereaes, 229 toneladas de banha, 725 toneladas de
rque, 15 mil suinos, 244 toneladas de toucinho e 93 tone-
llas de carne de porco.

E' certo que lastimavel e infelizmente nós não temos
nda estatisticas inter-estaduaes, pelas quaes poderiamos co-
ecer a exportação de um Estado como o de Goyaz —
ico da União que não tem alfandega nem mesas de ren-
s nos portos federaes — mas para cobrir esta lacuna, te-
os as mensagens presidenciaes, que trazem dados estatis-
tos de cunho official.

* * *

Falando da riqueza aurifera de Goyaz, dizia Ayres do
sal na sua *Chorographia Brasiliça*:

"Entre outras folhetas de grande peso achou-se uma
quarenta e tres arrateis, que foi remettida para a Côrte
n a mesma fórma que lhe dera a Natureza.

Esta raridade existia no Museu Real, prezados rapi-
ntes Gaviões Francezes".

Era a maior folheta de ouro encontrada no mundo in-
tro.

* * *

Tratando do Triangulo Mineiro, disse outro dia o cor-
pondente especial d'*A Noite* em Uberaba:

"Toda a região é fertilissima, etc.

Cultiva-se a agricultura, a polycultura, a pomicultura.
endo-se larga exportação para o resto do Estado, São
ulo e Goyaz".

Os do Triangulo exportando os productos da sua agri-
tura para Goyaz?

Antes pelo contrario, pois até café deram agora a im-
tar do grande Estado central, que em nada ficou a dever
anto ás riquezas agricola e pastoril, para não falar nou-
s.

E é assim que se escreve a historia...

Os leitores d'*A Informação* não ignoram que aqui tan-
tissimas vezes temos demonstrado com algarismos, factos e
documentos incontestes, que Goyaz é o Estado que maior
quantidade de gado vaccum exporta para S. Paulo, Capital
Federal, Minas Geraes, Bahia, Piauhy, Maranhão e Pará.

Apezar disto, Goyaz não possue nem inspectoria agri-
cola, nem inspectoria zootechnica mantidas pelo Ministerio
da Praia Vermelha. No emtanto aquelles Estados acima,
que vivem da pecuaria goyana, possuem, custeadas pelo al-
ludido departamento federal, fazendas-modelo de criação,
inspectorias veterinarias, postos zootechnicos, escolas perma-
nentes de lacticinios, postos de observação e enfermarias ve-
terinarias; banheiros carrapaticidas, professores ambulantes,
etc., etc.

Se isto continuar assim, acabam por matar a gallinha
dos ovos de ouro.

* * *

As causas do movimento separatista no Triangulo Mi-
neiro foi do seguinte modo referida a um vespertino cario-
ca, pelo nosso amigo e illustre patricio senador Hermenegil-
do de Moraes:

"No governo Rodrigues Alves foi autorizada a con-
strucção de uma estrada de ferro partindo de Araguary, em
Minas, e indo até á capital de Goyaz. Para isso, fez-se o
orçamento das obras, que ficariam em cem milhões de fran-
cos, que foram levantados, em Paris, por uma companhia.
Vem o governo Affonso Penna e modificou o traçado, que,
então, devia partir de Formiga, em Minas, no percurso de
setenta leguas neste Estado. O governo Nilo Peçanha man-
dou proseguir o serviço até Formiga.

Com as modificações foram construidos em Minas 400
e tantos kilometros e em Goyaz cento e poucos. Agora, o
Dr. Epitacio Pessôa, balanceando as operações, verificou que
restava nove mil contos do capital levantado para a con-
strucção da Estrada de Ferro Goyana. Como *leader* dos pe-
quenos Estados mandou sustar os trabalhos de construcção
em Minas e proseguir nos de Goyaz. O Triangulo zangou-se
por isso. Ora, si Minas tem razão para zangar-se, que dizer
de Goyaz? Mas, Minas o que quer é forçar os seus repre-
sentantes a esforçar-se para que os ultimos nove mil contos
de Goyaz sejam ainda gastos com a construcção de estradas
de ferro em suas terras.

E' sempre assim: quem muito tem muito quer, até
mesmo tomando a quem não tem..."

E. F. S. Paulo Goyaz

A proposito de um artigo publicado pelo *Estado de
S. Paulo*, em sua edição de 2 do corrente, seu collaborador
O. F., aquelle jornal recebeu do Sr. Dr. João Sampaio,
presidente da Companhia Ferroviaria S. Paulo - Goyaz, a
seguinte carta:

"Sr. redactor. — No vosso conceituado jornal, desta
manhã, ao lermos um artigo sob a epigraphe "Estradas de
Rodagem", deparou-se-nos um topico referente ás estradas
de ferro do Estado de S. Paulo, no qual se arrola a E. F.
S. Paulo - Goyaz entre as empresas de transporte que con-
tinuam em decomposição com aragens periodicas de recom-
posição (pelas columnas dos jornaes)".

Embora não tenhamos motivo para pôr em duvida a
boa fé do vosso collaborador, ao mimosear-nos com esses con-
ceitos, temos a obrigação de os rectificar, por serem funda-
dos em completa ignorancia do estado actual das linhas da
S. Paulo - Goyaz, e julgamo-nos com o direito de vêr corri-
gido o erro e restabelecida a verdade, na parte que nos toca.

A S. Paulo - Goyaz, reorganizada em 1916 e passando
desde então para a administração da actual directoria, tem
a sua vida financeira em perfeita ordem e mantém todos os

serviços a seu cargo regularmente organizados e tão em dia quanto é possivel numa época cheia de anormalidades como a presente. Para comproval-o, especifiquemos alguns factos:

Fizemos uma revisão de tarifas, reduzindo 35 % nas tabellas de cereaes e outros generos de primeira necessidade.

Duplicámos a área de quasi todos os armazens das nossas estações;

Fizemos a reparação geral de todo o leito da linha;

Augmentámos o nosso material rodante e reformámos quasi todo o que existia;

Construimos 14 kilometros de linha nova;

Estamos pagando o 3.º dividendo semestral aos accionistas, á razão de 6 % ao anno;

As nossas acções de 100$000 estão sendo negociadas a 138$000.

Em nenhuma das nossas estações existe café despachado ha mais de 25 dias, estando os embarques em dia na maioria delles;

Os despachos mais antigos de cereaes, em média, datam de 15 a 20 dias, estando varias estações com os embarques em dia e apenas duas ou tres com atrazo maior.

Como se vê, a situação de S. Paulo-Goyaz, se não é irreprehensivel, está longe de merecer a inclusão dessa empreza de transportes entre as que "primam em peiorar".

Com elevado apreço, etc., etc."

O Porto de Goyaz no Atlantico Sul

Não é mister descortinio de estadistas para enxergar o risonho e promissor futuro commercial ou economico que está reservado á magnifica enseada de Angra dos Reis, como emporio no littoral fluminense, dos variadissimos productos procedentes directamente de todo o Brasil Central, ou melhor, da gemma do nosso paiz — essa região tão vasta quanto inexplorada, onde a natureza espalhou profusamente todas as riquezas, sob o melhor dos climas.

Excellentemente situado, o porto de Angra, logo que ahi cheguem os trilhos da Oeste de Minas, tornar-se-á o principal ponto de attracção dos productos oriundos de Goyaz e Minas — porque essa ferro-via mineira, se entroncando em Formiga com a Estrada de Ferro de Goyaz, tem nesta o seu natural prolongamento até ás margens do Araguaya, onde começa a navegação ferrea-fluvial do Araguaya-Tocantins até Belém do Pará, destinada a ligar interiormente o Rio de Janeiro á Amazonia.

E' assim uma linha de viação geral reunindo as condições todas de ferro-via inter-estadoal, industrial ou economica e estrategica, esta ultima condição por excellencia, desde que se considere a presença duma esquadra inimiga cruzando o littoral de Pernambuco, por exemplo. Nessa hypothese, aliás provavel, ficaria a Capital Federal na intercepção de communicação com a Amazonia.

Considerando a relativa insignificancia do numero de kilometros que a Oeste de Minas exige para alcançar o seu objectivo — Angra dos Reis, occorre-nos perguntar: por que o Estado do Rio não toma a si essa patriotica tarefa?

Este pensamento de ligar aquellas zonas do paiz ao littoral, está a pedir prompta e definitiva solução — e esta interessa tanto ao governo da União como igualmente aos de Minas e Rio de Janeiro, não falando no de Goyaz, porque este nunca soube querer, nem impôr a sua vontade ao governo federal, que, de resto, sempre o teve como uma Maria vae com as outras...

Basta citar por alto os immensos recursos de vida que possue essa extensa zona, que abrange as partes mais ricas e prosperas de Goyaz e Minas, os dous grandes Estados visinhos e mais interiores da Republica — os quaes vêm nascer do seu sólo aguas que correm a incorporar-se aos tres maiores systemas hydrographicos do paiz: o amazonico, o platino e o francisquense ou oriental.

Este vasto territorio inclue os prodigiosos vãos do Paranãn — assim chamada uma depressão distendida de mais de 80 leguas ao norte de Goyaz, e o de Urucuya, formada pelo rio deste nome, que é um dos tributarios do Alto São Francisco, em Minas.

São esses accidentes geographicos que encerram as duas mais importantes regiões armentosas do vasto interior do Brasil.

Nesse planalto tambem fica a famosa Matta da Corda, de magnificas terras caféeiras e a maior reserva da lavoura de Minas Geraes. Outra immensa matta-virgem que cobre milhões de hectares, no Brasil Central, é o chamado "Matto Grosso", em Goyaz.

Nella o algodoeiro é nativo, o caféeiro sub-espontaneo. Segundo o depoimento de um agronomo — um hectare plantado de algodão (4.600 pés por hectare), dá 2.165 kilogrammas.

Não falando noutros generos da lavoura, nem nos productos da pecuaria, que apenas esperam meios faceis de transporte, ou conducção para os centros consumidores do littoral, merecem especial menção os mineraes, que afloram á superficie, naquella terra uberrima.

E' tamanha a quantidade de crystal de rocha nas divisas de Goyaz e Minas, que, segundo o marechal Raymundo da Cunha Mattos, poderia abastecer as manufacturas do mundo inteiro.

Falando da Serra dos Crystaes, em Goyaz, asseverava Taunay que a cada passo ahi deparava o viajante com vistosos crystaes, uns amarellos, dos chamados *topasios* de Goyaz, outros rôxos (amethistas) avermelhados ou mais frequentemente brancos, tendo alguns fragmentos destes muitas arrobas de peso, de maneira que o naturalista Pohl diz que com o que está fóra da terra esparso aqui e acolá, poder-se-iam carregar algumas centenas de carros. Dizia o mesmo auctor que os dois immensos crystaes de mais de duas arrobas de peso que se viam na exposição de Minas Geraes, de 1875, tinham sido trazidos de Goyaz e da Serra dos Crystaes.

Em mineraes de ferro, marmores, amianto ou abesto, itacolumite, mica ou malacacheta de grandes folhas, ouro, diamantes e outras riquezas mineraes, Goyaz disputa a primasia em todo o Brasil.

E' o unico Estado da Republica que não importa generos alimenticios de procedencia nacional, e ao contrario, os exporta para todos os que lhe são confinantes.

Exporta gado vaccum, cavallar, muar e suino, carne secca, fumo, café, assucar, arroz, feijão, marmelada, aguardente, rapaduras, farinha de milho e de mandioca, couro, borrachas de mangabeira, de maniçoba e caucho ou Castilhôa-elastica, sóla, salitre, pelles, cal, crinas, pennas, emfim quasi todos os cereaes — e importa sal, fazendas, arame farpado, ferragens e alguns outros artigos de procedencia extrangeira. E' que não só as mattas como tambem os campos de Goyaz, regados pelas mais crystallinas aguas, se prestam á cultura de todas as plantas uteis, para o que tambem lhe favorece o clima.

Correndo parallelamente ao Vão do Paraná pelo lado occidental, ergue-se expandida em ondulações interminas de collinas que se afastam sempre ás vistas do viajante, a formosissima *Chapada dos Veadeiros* — que encerra a zona propriamente fria do planalto central do Brasil, cujo massiço o geologo Gerber reputa o mais antigo do mundo. Sua altitude média é de 1.500 metros sobre o nivel do mar e seu ponto culminante attinge 1.775 metros.

Ora, sendo axiomatico que 100 metros de altitude correspondem a 1 grão de latitude, resulta que a Chapada dos Veadeiros, aos 15º de latitude meridional, deve possuir um clima tanto ou mais temperado que os de alguns dos Estados sulistas, cujas altitudes maximas são ainda inferiores ás médias daquelle planalto, que segundo Taubert, possue uma variada e riquissima flora alpinina. Cavalcante, collocada sobre uma das suas extremidades, exportava nos tempos coloniaes excellente trigo e farinhas para o Rio de Janeiro e até para os Estados Unidos.

A nossa penna não divaga, não phantasia — nada re-

stra que se não encontre em documentos officiaes ou fidedignos.

Do Serviço de Inspecção Agricola, aliás áquem da verde, vê-se que só nos municipios visinhos de Jatahy e Rio erde, existem 844 criadores de gado vaccum, regulando a portação entre 35 a 45 mil rezes, annualmente.

O municipio de Catalão, na divisa de Minas Geraes, rvido já pela Estrada de Ferro Goyaz, exporta mais de 000 cabeças de vaccuns e igual numero de suinos, e só em es das suas fazendas se colhem 3.800 arrobas de café.

Se não fosse a sua pessima administração passada, fa a de competencia, e que nem ao menos era centralizada, seus vastos e ricos municipios, que tudo produzem, conibuiriam muitissimo mais para os cofres do Estado e tamm para a riqueza nacional. Com effeito, Goyaz não tinha ministração centralizada, pois a sua capital politica é enas um éco do que foi a antiga Villa Bôa de Goyaz, asn definida por Sant'Hilaire : — ruinas e contristador dehimento. Sem um só estabelecimento fabril ou industrial, n recursos de vida propria, decahindo sempre, encravada tre serras de difficillimo accesso, nem merece os beneficios ie espera da Estrada de Ferro Goyaz, nem é licito espeir, dadas as penosas condições a que teria de obedecer o icado para a servir, de preferencia ás outras localidades maior futuro.

As relações do Estado se fazem, ao norte, com Belém Pará, via-Tocantins-Araguaya, ao sul com Uberaba, no iangulo Mineiro.

Dir-se-á, com razão, que são esses dois centros comrciaes as verdadeiras metropoles goyanas — havendo pois *Goyaz mineiro* e o *Goyaz paraense*, independentes do *yaz goyano*, em tudo e por tudo.

Finalisando esta ligeira noticia, nós pensamos no futo sem par dessa vasta e formosa região brasileira, que no nio de tantas riquezas fechadas ás solicitações do commere mundial — não tem em mãos, ainda, a chave de ouro sua viação principal — que vem a ser precisamente a Ste de Minas com seus trilhos sobre a linda enseada de Agra dos Reis.

HENRIQUE SILVA.

A grande prosperidade do Estado de Goyaz --- Suas industrias crescem assombrosamente --- O tino administrativo do exmo. sr. desembargador Alves de Castro --- Municipios florescentes.

Que Goyaz progride é cousa bem conhecida, porém, o q pouca gente sabe é que o seu progresso só é feito sob a vitade exclusiva de seus verdadeiros filhos, aqui residentes; e elos bons brasileiros de outros Estados, que, tiveram a vitura de conhecer e adoptar como seu, este abençoado so Goyano, porque, *verdade seja dita*, existem goyanos resintes fóra de Goyaz que procuram a todo custo ridicularir a sua terra, tornando-se assim verdadeiros monstros pis segundo diz o anexim : "O homem que não ama a sı Patria é um monstro".

Deus, misericordioso e justiceiro, vem provando que de na vale a desabrida campanha dos máos goyanos contra o se Estado, pois tudo faz crêr que em breves tempos (e já se nota), Goyaz será olhado com verdadeira adoração e será daqui que sahirá a maior parte do contingente necessario a firmar o credito financeiro do nosso adorado Brasil.

Embora o Governo da Republica até hoje pouco ou nada tenha feito por nós, esquecendo de mandar proseguir o avançamento da Estrada de Ferro Goyaz, que é muito nossa e foi para isso que se obteve o necessario credito, e que infelizmente essa via-ferrea só tenha de Goyaz o nome, o povo amante deste torrão enormissimo do colosso Brasileiro, trabalha para mostrar aos ingratos e máos brasileiros, que muito podem e que por si só fará surgir entre os 21 Estados da Confederação Brasileira, Goyaz, rico e poderoso, cheio de vida, industrioso e altaneiro.

Dirão alegremente isso, os Municipios de Ipamery, Catalão, Santa Cruz, Pouso Alto, Bomfim, Annapolis, Jaraguá, Jatahy e outros, pois em Ipamery, cidade fadada para ser a *primus inter pares*, é evidente o seu augmento material e moral, a exportação do xarque, cuidadosamente feita em grande quantidade e optima qualidade, pelo Sr. Capitão Liborio Silva, mostra o quanto vae florecendo a industria pastoril neste Municipio.

E' optima a raça bovina aqui existente, notando-se o animo nas compras de reproductores, feitas pelos grandes criadores. Capitão Lindolpho Cintra, Francisco Rosa e outros. Apura-se e amplia-se a criação das especies suina, caprina e equina. A lavoura é de deslumbrar pois, ao em vez de ser adoptado aqui o systema paulista de só se cuidar numa especialidade de cultura, os agricultores tratam da polycultura, vendo que de tudo e em tudo está a riqueza.

O commercio Ipamerino é sólido e estavel.

Catalão, acompanha o seu Municipio visinho, é já exporta grande quantidade de xarque, banha refinada, manteiga, sola e grande abundancia de cereaes. O commercio de generos alimenticios é enormissimo nos Municipios servidos pela Estrada de Ferro. Se os nossos representantes no Poder Legislativo Federal encontrassem apoio e boa vontade de se cuidar com mais amor ao Estado de Goyaz, por parte do Governo Central, o desenvolvimento desta terra seria maior, mas... esperemos; Deus tarda, mas não falta.

O Exmo. Sr. Desembargador Alves de Castro, digno Presidente do Estado, muito tem contribuido para o progresso de sua terra, porém, não tem encontrado o apoio que devia ter do Governo da Republica, concorrendo para essa indifferença do poder central, a nefasta politica dos goyanos descontentes do progresso goyano, mas o Desembargador Alves de Castro, homem publico e particular sem macula, mosta, dia a dia, que acima de tudo está o seu amor á terra que o viu nascer, e altaneiro olha com despreso aos seus inimigos.

Trabalha incansavelmente a bem de seu torrão e abençoado por Deus e pelos que em boa hora o elegeram, pois, só o seu modo de agir sobre a questão do Duro prova o quanto vale o que tem feito pela paz e prosperidade do bello, grande e prospero Estado de Goyaz.

Ipamery, Junho de 1919.

FRANCISCO LOPES DE AZEVEDO FILHO.

Bibliographia de Goyaz

O Dr. Agenor Alves de Castro, digno secretario da Repartição das Obras Publicas de Goyaz, acaba de dar á publicidade um interessante Relatorio sobre os negocios havidos no Departamento a seu cargo. Na proxima edição daremos desenvolvida noticia do trabalho do operoso Sr. Agenor de Castro, a quem agradecemos o exemplo com que honrou a redacção desta Revista.

EXPEDIENTE

Aos nossos amigos, assignantes e correspondentes que se acham em atrazo, lembramos a opportunidade de solver os seus compromissos comnosco.

Não desejamos, de modo nenhum, ficar privados dos auxilios que nos têm sido prestados até agora peos nossos representantes e subcriptores do interior, e por isso, achamos conveniente nos escreverem a respeito.

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63; Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipameri.

Assignaturas

Um anno [illegible]	10$000
Um anno [illegible] (União Postal)	20$000
Numero [illegible]	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1919 — VOL. III—N. 4

SUMMARIO

A ousadia de um impertinente

O nosso illustre collega de imprensa Abner Mourão, jornalista que conquistou a sua alta reputação profissional na *Imprensa*, ao lado de Alcindo Guanabara, e em *O Paiz*, ao lado de Salamonde e João Lage, e que hoje se encontra chefiando o numeroso e aguerrido grupo de notaveis publicistas que constituem a brilhante redacção da *Brasil - Ferro Carril*, que é, sem favor algum, a mais perfeita e autorizada revista não só do Brasil, mas de toda America do Sul, de um jornalista de tal destaque recebeu o nosso director a seguinte carta:

"Meu caro Henrique Silva: — Um amigo meu, goyano, acaba de mostrar-me um numero da "Nova Era", semanario independente, que se publica no planalto central e taes referencias faz a "Informação Goyana", que me determina enviar-lhe estas linhas.

Eu não pretendo, como agora se diz na expressiva e irresistivel gyria carioca, "bancar o D. Quixote". Mas ha injustiças que revoltam a um velho e batido profissional de imprensa como infelizmente eu já sou.

Neste immenso Brasil, cujos melhores pedaços andam totalmente separados uns dos outros e de todo se ignoram, V., meu caro amigo, com a sua "Informação", tão proveitosa e galhardamente mantida, deu um exemplo que bem devera ser imitado pelos demais Estados.

Para o Rio de Janeiro, que como Capital e grande centro pensante e dirigente resume o Brasil, V. descobriu Goyaz, com todas as suas maravilhas a admirar, e, sobretudo, a explorar, a aproveitar. Não conheço propaganda mais nobre, util e efficiente do que essa. E só V., com o seu esclarecido espirito — esse amor tão vivo pelo seu Estado natal poderia, com tanto exito, emprehender tão bella obra.

E' verdade que depois della feita o Estado resolveu auxilial-a com trezentos mil réis por mez. Mas o que é essa insignificante quantia diante das despesas de uma revista illustrada, das exigencias inadiaveis da typographia, do homem do papel e do gravador?

E mesmo quando esses dispendios se achassem cobertos, o que não acontece, quem pagaria a V. o tempo empregado sem reservas e esse trabalho e essa dedicação que tanto impressionam os seus amigos? Pois é quando V. está prestando a Goyaz um serviço que não tem preço, que esse semanario, cuja toleima é, evidentemente, maior que a "independencia" alardeada no cabeçalho, sae-se com tão ridiculas impertinencias sobre a "officialisação do patriotismo"!

A impertinencia não o attinge. Mas receba o meu protesto contra a injustiça. A propria "Nova Era" immenso lhe deve! Porque, sem o seu esforço, nós continuariamos ignorando, além de Goyaz, a existencia desse semanario que se publica na capital do Estado. — Seu, com muita admiração, amigo e confrade

ABNER MOURÃO"

UMA CATECHESE

ENTRE OS INDIOS DO ARAGUAYA BRASIL

Pelo Rev. Padre Estevão M. Gallais

(Traducção de Octaviano Esselin)

Foi na tarde de sexta-feira, 18 de Janeiro de 1901, que no porto de Leopoldina tomámos o *Nossa Senhora do Araguaya*, com destino a Conceição. Toda a população ali se achava recolhida e commovida, para assistir ao nosso embarque. Demos fortes apertos de mão a toda essa gente; como de costume, as mulheres puzeram-se a chorar; por fim partimos.

De Leopoldina a São José ha trinta leguas e, n'este percurso, deviamos encontrar tres grupos de habitações christãs, onde tinhamos promettido parar. A nossa primeira escala fôra no Dumbásinho, fazenda montada á margem esquerda do rio, segundo as ordens de Couto de Magalhães para servir de dependencia ao Collegio Isabel. Os pequenos Indios ali deviam ir aprender a cultivar a terra e a crear gado. Apezar de nada restar do Collegio, a fazenda subsiste sempre; as edificações estão muito bem conservadas e o gado não se conta menos de quinhentas cabeças.

No dia seguinte fomos dormir em *Cangas*, onde chegámos cedo. Não estamos a mais de dez leguas de Leopoldina e já pentrámos na zona mixta, isto é, em uma região habitada por christãos e por indios. A alguns passos da casa em que mora a unica familia christã de Cangas, encontra-se a Aldeia ou povoação do *Cadete Chico*. Este personagem veiu nos visitar e, ao escurecer, retribuimos a fineza. O Cadete Chico tem a apparencia de muito bom homem, para nos receber mais dignamente, vestiu uma calça e uma camisa, no que achamos uma graça infinita; falla regularmente o portuguez e nos fez as honras de sua Aldeia com perfeita boa vontade. Afinal chegamos á proposito,

porque todos ali estavam em festas; um dos filhos do Cadete Chico teve a felicidade de pescar um Pirarucú. (1)

Ora, o pirarucú é um peixe de 2 a 2 metros e meio de comprimento, da grossura de um homem, e que representa uns 80 kilos de boa carne para comer. Ha ali apenas 30 a 40 pessoas, creanças inclusive. Tambem que magnifico pitéo para cada conviva! Porque, segundo os costumes indigenas, ninguem se retira emquanto não fôr consumido o ultimo pedaço. Quando chegámos o acampamento não era senão uma vasta cosinha, o pirarucú fôra retalhado, e postas enormes estavam espalhadas por toda a parte, de sorte que não sabiamos onde pisar. As fogueiras estavam accesas, os homens, as mulheres e creanças apressam-se em trazer o seu contingente para a grande operação culinaria, que tão altamente interessa o bem de todos. Nada mais curioso d vêr-se como a alegria de toda essa gente no meio dos preparativos do abundante banquete com o qual antecipadamente se deliciavam.

Entretanto ao avistar-nos, os principaes da Aldeia esqueceram, por um momneto, as suas preoccupações gastronomicas e vieram agrupar-se em torno de nós.

Depois de um dedo de prosa, o Cadete Chico nos convidou para assistir *á dansa do pirarucú.* Conforme os usos ella não deveria ter logar senão mais tarde, como entreacto, durante o festim. Mas por nossa causa, alteraram de voa vontade os usos, ficando entendido que á guiza de aperitivo, os nossos bons Indios dansariam um pouco. Sahimos do acampamento e entrámos na *Casa do Bicho.* E' um rancho de forma circular, onde se acha guardada uma grande quantidade de ornamentos exquisitos de palhas de coqueiros e de pennas de papagaios, que os Indios usam nas suas festas. Essa casa do Bicho, isolada fóra da Aldea, tem o seu quê de mysterioso, e não foi sem hesitação que nos aproveitámos da permissão dada para n'ella entrar. Quem sabe se n'este sanctuario selvagem não se faz alguma feitiçaria? Em frente á casa do Bicho ha uma larga e bonita abertura de uns cem metros de comprimento. E' a area destinda ás dansas.

Emfim os nossos dansarinos paramentaram-se. E' uma especie de saiote de palhas de coqueiros que desce da cintura até os joelhos, depois é uma capa do mesmo genero que cobre as costas e o peito até á cintura e por fim é uma mitra immensa que elles pôem na cabeça e que os torna desmedidamente altos. Impossivel de descrever estas dansas selvagens e a musica que as acompanha. Os dansarinos se dão as mãos, seus movimentos bem cadenciados são graciosos e lentos. O canto é antes monotono e consiste na repetição de palavras e na successão de sons desaccordes, nos quaes os nossos professores de harmonia achariam melodias de um estylo absolutamente novo. Em paiz selvagem, só os homens têm o direito de dansar; as mulheres não dansam, ao menos officialmente, nas circumstancias solemnes como as em que nos achámos.

Para um homem que chega da Europa todo impregnado do que se chama civilisação, achar-se de repente transportado para o meio de uma tribu selvagem, assistir a uma dansa de Indios Carajás, ao luar, á margem de um grande rio, no seio de uma natureza que assombra pela sua riqueza e magnificencia, tudo isto produz uma extranha impressão. Parece sonho.

Não podiamos, sem faltar ás conveniencias triviaes, infligir aos estomagos dos nossos amigos o supplicio de uma demora muito prolongada. As postas de pirarucú, cuidadosamente vigiadas pelas mulheres emquanto os homens se entregavam aos prazeres da dansa, deviam estar precisamente cosidas. Despedimo-nos, pois, e o festim começou. A julgar pelos gritos e os canticos que não nos deixaram dormir devia ter-se prolongado muito.

Emfim, um pouco antes da alvorada, fez-se o silencio, os comedores concluiram a sua tarefa; começa o trabalho da digestão; estendidos na areia da praia e mergulhados em doce somnolencia, os nossos indios vão, sem duvida, consagrar-lhe o dia inteiro e, francamente não é muito.

Quanto a nós, logo depois de dita a missa, nos embarcámos com destino á escala do *Chichá.* Ali tambem encontrámos algumas familias christãs de origem brazileira e, inteiramente ao lado da pobre povoação uma aldeia de Carajás. Desembarcámos em casa de um chamado Paes Leme, homem instruido e bem educado, o qual depois de ter cursado escolas superiores do governo em S. Paulo e no Rio de Janeiro, veiu encalhar, não se sabe como, nem porque, n'esta região longinqua, onde se casou com uma india. Comtudo elle civilisou perfeitamente a sua mulher que não faz muito má figura como dona de casa e que lhe deu tres filhos interessantes e intelligentes quanto possivel.

Como em Cangas visitámos a Aldeia dos Carajás. As tabas estão assentadas em bonito logar conservado em estado de limpeza que nos espantou; nem um pé de matto, nem detritos, nada que repugne; as praças publicas das nossas grandes cidades da França não são melhor conservadas. Sob a acção d'esta feliz impressão nos afoutamos em penetrar no interior de algumas tabas. Fatal curiosidade que nos desfez todas as illusões! Não encontrámos fóra nem detritos nem lixo pela simples razão que tudo estava guardado no interior das tabas.

Os Carajás do Chichá tambem estavam em festas. Tres dos seus meninos tinham chegado á idade de soffrer a operação do *furo do beiço,* isto é, de furar o labio inferior, e esta ceremonia nunca se faz sem grande pompa e com muito regosijo. Todo Carajá que se preza tem no beiço inferior um buraco que confina com a raiz das gengivas. E' uma especie de casa de botão onde elle engancha uma pedra de côr, como é achada no rio ou um objecto brilhante. A ceremonia do furo do beiço se faz na idade de oito a dez annos. Prepara-se para o pequeno paciente uma especie de throno adornado de flores e sobre o qual o fazem assentar. Toda a tribu reunida em torno se põe a cantar, a gritar e a dansar e no momento psychologico, quando a attenção da creança está inteiramente presa ao alarido, o Chefe se approxima e com uma espinha de peixe muito pontuda, faz o furo nas formas desejadas. No fundo é o systema empregado nas feiras pelos dentistas. Para abafarem os gritos de suas victimas e desviar a attenção dos basbaques elles têm o cuidado de fazer um barulho infernal.

A gente de Chichá teve a boa idéa de construir uma pequena capella que póde conter umas vinte pessoas. N'ella dissemos missa na manhã de segunda-feira, 31 de Janeiro, e nos puzemos novamente a caminho. A' tarde estavamos em *S. José.*

Ha uns cincoenta annos doze Capuchinhos italianos, mais ou menos compromettidos na revolução que estalou em Roma em 1848, chegaram á Diocese de Goyaz e emprehenderam evangelisar os indios do Araguaya e Tocantins. Afim, sem duvida, de estabelecerem a sua obra n'uma escala mais vasta e de attenderem simultaneamente a muitos misteres, pensaram dever dividir-se e emprehender, cada um por sua conta propria uma catechese. Foi uma infelicidade, porque ainda que todos tenham praticado um bem de que ainda hoje se encontram os vestigios, nenhuma de suas obras, sob o ponto de vista da catechese dos indios, deu resultado; todas acabaram com os que as crearam.

S. José do Araguaya deve a sua existencia a um d'estes intrepidos missionarios, ao Frei Segismundo de Taggia. Elle havia emprehendido a catechese dos indios *Charantes,* e depois de ter feito muitos ensaios em diversas partes, a convite de Couto de Magalhães, pelo anno de 1864, veiu estabelecer-se no logar em que se acha hoje S. José. Couto de Magalhães ahi fundou um dos seus *Presidios,* onde se formou um nucleo de população como em Leopoldina. Sob o ponto de vista moral S. José e Leopoldina se equivaliam e comprehende-se que, nestas condições, o zelo de Frei Segismundo se achou coarcto e que a sua acção sobre os selvagens tinha sido quasi nulla. Morreu, e não teve substituto, e os *Charantes* esperam ainda o seu apostolo.

Não ha hoje senão alguns indios *Carajás* em S. José. Em compensação, nós ali encontrámos uma população christã bastante numerosa. Tinhamos sido annunciados e muitas pessoas das fazendas visinhas vieram para aproveitar da nossa passagem e cumprir as suas devoções. A' tarde, organizou-se uma grande procissão com luminarias em honra de S. Sebastião, o santo popular por excellencia no Brazil. No dia seguinte houve missa solemne em honra ao Santo e depois baptismo geral de umas vinte creanças que nos foram apresentadas.

A 22, de manhã, precisamente ás nove horas, nos achamos a bordo, e d'esta feita sahimos devéras d'essa penumbra de civilisação onde vivemos desde Leopoldina. Até *Santa Maria,* n'um percurso de cerca de cento e setenta leguas, estaremos em pleno paiz selvagem. Em materia de feição humana não veremos senão a dos nossos excellentes Pelles Vermelhas — os *Carajás.* Como não temos nenhum ministerio a exercer junto d'elles e temos pressa, nos dispensaremos de para para visital-os e convencionou-se que viajariamos noite e dia.

A' noite, depois da ceia, e antes de nos deitarmos para dormir, Manoel Archanjo deverá pôr o nosso barco bem no meio do rio e a corrente nos levará, sem trabalho algum para os nossos remeiros. O piloto é o unico que não póde descuidar-se porque esta navegação apezar da protecção de Deus não é inteiramente sem perigo. O nosso barco póde ir abalroar contra a margem, contra uma ilha, contra um dos numerosos troncos de arvores, que a corrente arrancou e arrastou, e que acaba por enganchar-se num obstaculo no fundo do rio, formando escolhos perigosos. Não é preciso tanto para fazer sossobrar o *Nossa Senhora do Araguaya.*

A 23, de manhã, chegamos á ponta da ilha do *Bananal.* Ahi (1) o rio se divide em dous braços, que só se juntam oitenta leguas abaixo. A ilha que o rio forma assim com os seus dous braços é quasi do tamanho de Portugal. Já encontramos centenas de ilhas, mas nenhuma, embora proximas, tinha as dimensões daquella. Afinal novas se formam todos os dias como tambem desapparecem annualmente algumas das antigas. A maior parte dos affluentes do Araguaya são em seu cusro extremamente impetuosos, e durante o tempo das aguas arrancam pela raiz trechos de mattos que arrastam comsigo. Estas jangadas de nova especie rodam até que encontram um obstaculo que as detenha. A immensa quantidade de materias que o rio traz suspensas em suas aguas ahi coam-se, depositam-se e acabam por formar uma ilhota que se cobre de verdura e cresce até que a correnteza realcada se torna mais forte, e a impeça de maior desenvolvimento. A mudança de direcção das correntezas produz a destruição de uma ilha, da mesma maneira que permittiu a sua formação. E depois as margens do Araguaya são quasi constantemente baixas, de sorte que todos os annos, na época das enchentes o rio cava, em certos pontos, um novo leito e forma novas ilhas á custa da terra firme, livre, afinal, de restituir á esta em outra parte, o equivalente do que tirou. Esta instabilidade que faz com que o grande rio mude incessantemente as condições do seu leito, desorienta os pilotos, que não sabem nunca se encontrarão passagem livre onde alguns mezes antes abria-se diante d'elles um largo e bello canal.

Empregamos os dias 23, 24, 25 e 26 em contornar a ilha do Ba-

---

(1) O pirarucú se pesca com arpão. O pescador na sua canôa espera o peixe e, na sua passagem o arpôa. O arpão está ligado a um cordel comprido amarrado na canôa e que se desenrola livremente. O pirarucú ferido arrasta a canôa e o pescador, que sómente d'elle se apodera quando exhausto de forças. E' este, em miniautra o processo empregado na pesca da baleia.

(1) Chama-se *Bocca do furo de cima.*

nanal pelo braço esquerdo do rio. O Araguaya nada perdeu de sua grandeza em magnificencia depois que se dividiu em duas partes. Afinal o braço que seguimos é amplamente compensado das perdas da separação recebendo dous grande affluentes, o *Crystallino* e o *Rio das Mortes* que duplicam facilmente o volume de suas aguas. Ao cahir da noite de 26, chegamos á ponta septentrional da ilha do Bananal e o rio se nos mostrou em toda sua belleza. Sem ilhas que o fraccionem, sem zig-zags que cortem bruscamente a perspectiva, nos achamos n'um *estirão*, isto é n'um lugar em que o rio se desenrola como immensa fita, quasi em linha recta, até aos extremos limites do horizonte. Quando se falla de um rio, a primeira questão que surge ao espirito é a de saber se elle é bem largo. Questão á qual é impossivel de responder-se, porque a largura de um rio é uma cousa essencialmente variavel. Um pouco acima de Leopoldina, na embocadura do Rio Vermelho, o Araguaya tem mais de um kilometro de largura, e mesmo em Leopoldina não tem mais de seiscentos a setecentos metros; depois navegamos n'um lençol d'agua, cuja largura varia entre oitocentos a dous mil metros. E' tudo quanto se póde dizer.

Durante os ultimos cinco dias passamos á vista de um certo numero de Aldeias de Carajás. Muitos delles vieram nas suas *ubás* (1) nos abordar e pedir brindes. Procuramos satisfazel-os da melhor vontade e de nos tornarmos amigos.

Graças á correnteza que nos arrasta, graças tambem aos braços dos nossos *barqueiros* que juntam um impulso vigoroso ao que a correnteza dá ao nosso barco, deixamos Leopoldina atraz e bem distante. Manoel Archanjo calcula que em oito dias percorremos cerca de cento e cincoenta leguas. Ainda nos falta um pouco mais de cincoenta para chegarmos a Conceição. Durante o dia 27, continuamos a navegar por um rio encantador, vendo desenrolar-se aos nossos olhos um paiz de uma riqueza maravilhosa.

---

(1) Simples tronco de arvore cavado em forma de cocho e de 4 a 5 metros de comprimento.

FOLK-LORE GOYANO

ABECEDARIO

Casamento do Tucano com a Gralha

A

A—deus minha gralha
Olhos de azul ferrete.
Hei-de de casar comtigo
Ainda que haja porrete.

B

B—ata em mim com o páo
Que não seja de serne,
Eu sou livre desempedida
Não tem quem me governe.

C

C—asa commigo senhora,
Nada não me embaraça;
Não estou zombando, não.
Casamento não é graça.

D

D—evo fallar a verdade
Meu amigo tucano;
Eu me caso comtigo,
Se me esperar um anno.

E

E—u podia esperar-te,
Mas o praso é comprido;
Eu não me casando já,
Me considero perdido.

F

F—ui dar o meu passeio
Chegando em um terreiro,
Para ver se achava ovos,
Ou milho no chiqueiro.

G

G—ralha não anda em fazenda,
Antes andar pelo matto;
Senão tu achas um mundéu,
Que te pega, que te achata.

H

H—ora Senhor Tucano
Biquinho de chamar chuva;
Sei que casando comtigo,
Muito breve estou viuva.

J

J—á comtigo não caso,
Por ser muito regateira,
Vive sempre cantando,
Ou pulando na capoeira.

L

L—onde de ti quero estar,
Por ser muito falador;
Cantando no tempo de chuva,
De filhos alheio comedor.

M

M—inha gralha ficando longe,
Só tambem não fico;
Penso no casamento,
Quasi me cahe o bico.

N

N—inguem chora sua vida
Sem uma justa razão;
Não me importa que seu bico,
Quebre, ou deite no chão.

O

O—lhos de azul ferrete,
Não me seja tão ingrata !
Eu não casando comtigo,
Morrerei nas feias mattas !

P

P—óde morrer, não me importa,
Porque tu me debicou;
Se gralha não presta,
Tucano nunca prestou.

Q

Q—uem me ver andar cantando,
E' para fazer chover,
E gralha, canta nos ninhos,
Quando ovos quer beber.

R

R—asga o meu peito,
Veja o meu coração !
Por teu respeito tucano
Eu soffro minha paixão !

S

S—empre ando pensando,
Minha querida gralhinha,
Passe o tempo que passar,
Tu has-de um dia ser minha.

T

T—enho de ser sua mesmo,
Meu amado tucano;
Vamos casar breve,
Para vivermos muitos annos.

V

V—ou agora me apromptar,
Para o dia de me casar;
A gralha disse que quer,
Se ella não me enganar.

X

X—ão, chuva e sol,
Não me ha-de castigar;
Te dou minha palavra,
Não sou capaz de negar.

Z

Z—elo bem de minha gralha,
Por ser minha companheira;
Tenho mêdo que ella seja,
Gralha falsa ou lisongeira.

TIL

Til pequenino,
Ficou por derradeiro;
Disse para nós casarmos,
E deixar de ficar solteiro.

Pregão do casamento

Com favor de Deus quer se casar Tucano Lopes Machado, filho legitimo de Jacú Gomes Furtado, e sua mulher Arara Azul Sublimado; nascido e baptisado no ouco do páo furado. Ella, Gralha Mendes Junqueira, filha legitima de Picapáo Campos Ferreira e sua mulher Capoeira Campos Teixeira, nascida e baptisada no galho da gameleira.

(Collecção J. Arantes).

Saudades não é doença
Daquellas que mata a gente;
Se a saudade matasse,
Eu não era mais vivente.

O fogo nasce da lenha
A lenha nasce no chão,
O amor nasce nos olhos
Vai viver no coração.

A saudade e o suspiro
São amigos e companheiros
Quando a saudade aperta
O suspiro vae primeiro.

A planta murcha arrancada,
Chora a terra em que nasceu;
Como eu vivo chorando
Por meu amor que já foi meu.

Os meus olhos e os seus,
Sempre estão namorando,
Quando olho para os seus
Já elles estão me olhando.

Tomara que chova muito
P'ras bandas de onde eu vim,
Para apagar o meu rasto
Para ninguem saber de mim.

Se soubesse quanto eu soffro
Longe do teu carinho,
Vinhas morar commigo,
Não me deixavas sosinho.

Tudo que eu sabia
Veio o vento e levou;
Só amar e querer bem
Na minha memoria ficou.

Se eu tivesse certeza,
Que tu me tivesse amor,
Eu cahia em teus braços,
Como o sereno na flôr.

No tempo em que eu t'amei
Antes tivesse doente !
Ou preso numa cadeia
Amarrado na corrente.

O INDIO AFFONSO

O sanhudo facinora goyano Antonio Candido, neto e continuador das proezas do celebre indio Affonso, cujo perfil magistral traceiou a penna de Bernardo Guimarães. Antonio Candido achava-se hospedado no rancho de uma familia amiga quando, á noite, de fóra da casa deram-lhe voz de prisão. — Si é policia de Minas, não me entrego ! respondeu; mas como lhe déssem a conhecer que era força policial de Goyaz, o caboclo consentiu que o prendessem. O neto do indio Affonso traz nas costas 43 crimes de morte — mas nenhum delles teve por movel o roubo. Como o avô, levava vida nomade pelas margens do Paranahyba, divisa de Goyaz e Minas. Conta-se que d'uma feita, topou cara a cara, nas mattas virgens do grande rio, com uma enorme onça cangussu'. Sem que lhe désse tempo de empunhar a inseparavel carabina, eil-a que salta aos hombros do vigoroso caboclo. Foi uma luta titanica essa de que resultou a morte do feroz animal.

O indio Affonso é um personagem real. Pelo menos em 1861 ainda elle existia nas mattas do Paranahyba, na provincia de Goyaz.

Era ou é ainda réu indiciado em um crime de morte, mas tem por menagem umas cincoenta ou sessenta leguas de florestas virgens em uma e outra margem do Paranahyba, que serve de linha divisoria entre as provincias de Minas e Goyaz, desde o rio S. Marcos até a confluencia com o Paraná, por a policia de Goyaz o deixar vaguear livremente, porque, depois de o perseguir em vão por muito tempo, perdeu a esperança de poder-lhe jamais lançar as garras.

Affonso pertence a esta raça de indios mestiços que vivem ainda nomade e semi-barbara pelas margens dos grandes rios do sertão, subsistindo quasi exclusivamente de caça e pesca. E' um caboclo de estatura colossal e de organização athletica. De ordinario anda só, mas sempre armado, desde os pés até a cabeça, com excellentes armas, de que sabe usar com incrivel destreza. Além de sua bôa espingarda de dous canos, que nunca lhe sáe do punho, traz ao cinto duas pistolas de dous tiros, uma formidavel garrucha, a indispensavel faca e uma pequena fouce. D'esta maneira elle só com sua valentia vale por vinte; é como um fortim ambulante.

Apezar de todo esse aparato bellico, o seu exterior não inspira terror. Sua physionomia expansiva e alegre é dotada da mais branda e bondosa expressão, a falla é meiga e vagarosa, e quer nos modos, quer no porte, nada tem de arrogante e avalentado.

Anda muitas vezes de companhia com a familia de sua irmã Caluta, casada com um caboclo por nome Baptista. Consta essa familia dos dous esposos e de dous filhos, dous bem dispostos e vigorosos rapagões, quasi tão altos como seu tio.

Antes de praticar as proezas que o tornaram o terror e assombro do sertão, Affonso já era famoso naquellas paragens, tanto por sua cordura e bonhomia, como por sua grande força e assombrosa agilidade e destreza, como é raro encontrar-se em estaturas agigantadas como a delle.

Si lhe era mister pegar uma rez no campo, não tinha precisão de laço nem de adjutorio de pessoa alguma. Veloz como o veado, deitava a correr atraz della, e em breves instantes agarrando-a pelas pontas, tombava-a no chão, ainda que fosse um touro o mais truculento. Assim, quando se aborrecia de caça e pesca, não lhe faltava excellente carne de gado pelos campos de Catalão e Santa Luzia.

Os fazendeiros daquellas regiões, não sabendo ao certo o numero de gado que possuião disperso por immensas campinas, não davam fé de uma rez, que lhes faltassem, e mesmo sabendo que uma ou outra lhes havia sido bifada por Affonso, o davam por bem feito, e de modo nenhum quereriam entrar em questão com o famoso caboclo por causa de semelhante ninharia.

Era sobretudo n'água que Affonso se tornava um verdadeiro prodigio de força e de destreza. Seu enorme e esguio corpo tinha a flexibilidade da serpente e a robustez da anta. Varava a agua com a rapidez de uma canôa tangida por valente remador.

Conhecia palmo a palmo todo o curso e ambas as margens de seu patrio rio, desde as cabeceiras até sua confluencia com o Paraná.

Todas aquellas vastas e sombrias florestas que bordejam o Parnahyba de um e outro lado, eram como parques e jardins, em que se aprazia o valente filho do deserto, feliz, tranquillo e altivo como rei que era daquellas immensas solidões. Graças ao vigor e ao comprimento de suas musculosas pernas palmilhava com velocidade espantosa as immensas e emmaranhadas selvas que bordejam o rio, desde Catalão até Santa Anna do Paranahyba.

Quando desce, porém, não tem grande necessidade das pernas; qualquer tronco, que a tempestade prostrou sobre a torrente, qualquer camalote que a enchente arrancou da barranca, lhe serve de barco, e tão familiarisado está com as vagas do seu rio querido, que parece que as rege e domina com um aceno de sua fronte.

Affonso já não se esconde muito, nem anda como foragido, e costuma apparecer de quando em quando pelas fazendas e povoados, mas, já escaldado de muitas traições é summamente desconfiado, e não aceita agazalho debaixo do tecto de quem quer que seja, por mais cordial e franca que seja a hospitalidade que se lhe offereça.

Conserva-se no meio do terreiro ou do curral, e alli assentado, com todas as suas armas ao pé de si, recebe todos os obsequios que o genio hospitaleiro dos sertanejos lhe costuma offerecer, sempre vigilante, e lançando em volta de si de quando em quando olhares escrutadores. Mas ainda que chova a potes, ou que faça um sol de rachar, ninguem é capaz de fazer com que acceite abrigo debaixo de telhado.

Elle, que nenhum medo tinha dos jacarés e canguçús do matto, nem dos mais sanhudos valentões do sertão, elle, que era capaz de ir esfaquear um sucury no seio profundo das aguas, receiava-se infinitamente dos soldados de policia. E' que amava mais que tudo sua selvatica liberdade, e parecia-lhe que si fosse parar á cadeia, morreria infallivelmente em poucos dias.

Algumas pessoas de consideração tentaram por vezes persuadil-o a que se entregasse á justiça, garantindo-lhe a absolvição, visto que o seu crime era extremamente defensavel. Mas o desconfiado caboclo nunca quiz annuir a semelhante proposta. Não tinha confiança alguma nos homens, e só a idéa de vêr-se privado da liberdade, embora fosse por alguns dias, causava-lhe horror.

Qual era, porém, esse enorme crime que o caboclo havia commettido ?

Eis o que passo a contar a meus leitores.

BERNARDO GUIMARÃES.

"O COMMERCIO"

E' o titulo de um bem feito periodico que acaba de vir á luz na prospera cidade goyana de Santa Rita do Paranahyba, tendo como redactor-chefe o Dr. Albutenio Caido de Godoy.

Com os nossos applausos á patriotica iniciativa do nosso talentoso patricio, auguramos vida longa e prospera ao sympathico collega.

A balburdia no Sexto Congresso de Geographia de Bello Horizonte

Delegado que fui de Goyaz na sua pendencia de limites com os Estados de Matto Grosso, Minas Geraes, Bahia e Pará, sorprendeu-me o que li no *Diario Official* de hontem, em o Relatorio, firmado pelo illustre professor Sr. Roquette Pinto.

A minha sorpreza nasceu de vêr eu naquelle documento brilhante a affirmação de que entre Goyaz e o Pará fôra assignado no Sexto Congresso de Geographia de Bello Horizonte, um convenio relativo ao caso em torno do qual litigavam. Ora, o que houve foi precisamente o contrario, assignando-o apenas singularmente, o Exmo. Sr. Almirante José Carlos de Carvalho. Quanto ás linhas divisorias de Goyaz e Matto Grosso, tambem nada ficou prevalecendo, a não ser o voto, tambem singular, do referido illustre Almirante, então chefe da Delegação Goyana, voto esse vencido por ser contrario aos interesses do meu Estado.

A Delegação Goyana apenas firmou um convenio de limites no Sexto Congresso Brasileiro de Geographia, e este mesmo *ad referendum*, como não podia deixar de ser. E foi a proposta della que fôra acceita na sua plenitude pela digna e illustrada representação bahiana no alludido Congresso.

HENRIQUE SILVA.

(Transcripto do *Jornal do Commercio*, edição de 8 deste mez).

Pagina Literaria

FLORESTAS

(Albert Samain).

Vastas Florestas, reino encantado e lanudo,
Que secreto pendor nos reconduz ás portas
Da vossa cêpa envolta em musgos de velludo,
E aos estreitos sendaes, onde as folhas são mortas ?

O murmurio eternal dessas largas ramadas
Accorda ainda em nós, como uma voz profunda,
A divina emoção no primevo oriunda,
A' embriaguez do céo, da terra e das levadas !

Bosques ! Vós nos rendeis á Natureza inteira !
E o coração reencontra, em vossa alma exaltada,
Com o joven amor, a vida libertada,
Bosques que embebedaes como uma cabelleira !

E' mais duro que o ferro o carvalho orgulhoso;
Nos profundos sarçaes nenhum sol a brilhar;
Circumda-vos o horror de lugar religioso,
E vós vos lamentaes tão alto como o mar !

Quando o euro, no arrebol, as folhagens invade,
Tremeis, aos gritos mil das aves a cantar;
E nada é mais soberbo e cheio de saudade
Que a vossa quietação da hora crepuscular...

Pelos deuzes, outrora, ereis vós habitados;
Espadoas, seios nús, espelhaveis, açudes !...
E o Egypan amoroso, a espreitar nos taludes,
Sob a fronte sentia os olhos inflammados !

A Nympha nedia e ruiva ondeava na clareira
Onde a herva era calcada aos péas das greis caprinas,
E, no vento nocturno, ao longo das ravinas,
O Centauro atirava as pedras na carreira.

Vossa alma cheia está desses sonhos antigos,
Pois a frauta de Pan, na campina deserta,
Quando a lua prateia os ribeiros amigos,
Traz inda o coração dos carvalhos alerta.

E a Musa, um puro dedo erguendo os longos véos,
Na hora em que este silencio enche o bosque sagrado,
A cabeça voltava ao crescente dourado,
E, em scisma, olhava-o mar suspirar para os céos...

Nobres Florestas, Flora outomnal... Folhas de oiro !...
Com este rubro sol ao fundo das alêas,
E este grande ar de adeus, no ramal inda loiro.
Para o açude deserto, onde, trompa, estrondeias !...

Mattas de abril; canções de melro, e notas querulas,
Fremir de azas, fremir de folhas, aura pura;
Luz de azul e esmeralda e de candida alvura,
Abril !... Chuvisco e sol sobre o frondal em perolas !...

O' verde profundeza, encantadora e mesta !
Rochedos e tojaes, bancos, aguas manantes,
Com o vosso misterio, e cantos de floresta,
Como bem respondeis ás almas dos amantes !

A amante collocou as amoras na mão;
Seu vestido clareia o trilho do tugurio,
Um ligeiro vapor sobe na cerração,
E a floresta dormiu num ultimo murmurio.

Negro, a choça ergue um tecto á distancia espaçada;
Um cervo estende o collo, a bramir na lagôa,
E o nosso coração, num sonho eterno, vôa
Para a casa de amor ao fundo da tapada.

O' calma !... Tremular de estrella além dos montes !...
De fructos um casal á flôr d'agua se escôa;
E, ao silencio da noite, a amada treme á toa,
Nos braços nús sentindo a frescura das fontes...

Como nos adormis, nas folhagens em nuto,
Como nos emballaes, nesse lento marulho,
O coração, a arder, de pezar ou de orgulho,
O' Florestas de amor, de tristeza e de luto !

Todos os que um signal mostra á fronte ser reis,
Pallidos, vão-se errar sob as arvores hecticas,
E, tremendo ao rumor das ramagens propheticas,
Prestam o ouvido á voz que, na noite, dizeis.

Todo o que visitou a grande Dôr solemne,
E não comovem mais nem tardes, nem matizes,
Sonha enterrar o peito, e offertal-o ás raizes,
O' pinhaes, e dormir, nessa sombra perenne . !

Salve a vós, grande Bosque, a cimeira sonora !
Onde, á noite, se attesta albente divindade,
Vós que, á prata do céo, um arrepio invade,
Escutando nitrir os cavallos da Aurora.

Salve a vós, grande Bosque, afundado e quente,
Filho mui bom, mui doce e tão bello da Terra,
Vós, onde o coração do homem, lasso, se aferra,
Ebrio por inda crêr o instincto seu potente !

Betulas e faiaes, carpinos, troncos varios...
Gigantesco pilar torcendo hydras aos pés,
Vós, que tentaes o raio das nuvens através,
Talhados e immortaes, carvalhos centenarios !

Sempre fortes — vivei ! e sempre renovados,
A ramada estendendo e augmentando a cortiça,
E entornae-nos a paz, o saber e a justiça,
— Oh ! grandes ancestraes, pelos homens louvados !

HUGO DE CARVALHO RAMOS.

CARROS DE BOI

Os carros puxados a bois, com seu eixo movel, pesados e vagarosos, são por certos grosseiros vehiculos, que bem denunciarão o atrazo dos meios de conducção no interior do nosso paiz.

Mas talvez por isso mesmo que revelam a infancia da industria da viação, tem um não sei que de primitivo e poetico, que enleva a imaginação. Eu nunca pude ver sem um singular e indizivel sentimento de melancolia essas grandes e pesadas machinas cobertas de couro, arrastadas vagarosamente por vinte e mais bois, quebrando com seu chiar agudo e monotono como o canto da cigarra o silencio das solidões, atravessando os desertos em lentas e peniveis jornadas. São casas ambulantes, que muitas vezes vão transpondo para grandes distancias familias emigrantes com todos os seus haveres, seus moveis, animaes e aves domesticas. Logo que o sol descamba do meio dia fazem alto á beira de qualquer corrego, onde haja abundante pastagem, disjungem os bois, e ahi estabelecem durante a metade do dia e durante a noite uma commoda e agradavel vivenda, qual se continuassem como sempre sua vida simples e uniforme.

O rio lhes fornece agua fresca e por vezes peixe abundante e saboroso; no matto acham mel, a caça e o palmito; a criança embala-se em seu berço á sombra do toldo do carro; em roda deste mugem as rezes, vagueiam aves caseiras, e reina movimento, ruido e alegria como no lar domestico.

Bernardo Guimarães.

Guia e formulario para obter os favores do Ministerio da Agricultura

Acabamos de receber, por gentileza de seu autor, o Sr. Francisco Jardim, um exemplar deste opusculo.

E' realmente um livro util e indispensavel aos fazendeiros do Brasil.

Além de alludir aos favores que o Ministerio faculta, o *Guia* traz os modelos dos requerimentos, indicando a repartição a que deve ser endereçado e os documentos que é preciso juntar, quando ha delles necessidade.

E', como o titulo indica, um guia seguro, cheio de informações indispensaveis a quem quer que deseje inscrever-se no Registro de lavradores, receber publicações, obter mudas e sementes de plantas, vaccinas, sôros, premios, subvenções, auxilios, terrenos, machinas, transporte gratuito para animaes, etc., etc.

O *Guia* é vendido na Casa Hortulania, rua do Ouvidor n. 77, e Livraria Castilho, rua S. José 114, Rio de Janeiro.

Somos muito gratos ao seu autor pela remessa do utilissimo volume.

A exportação na Estrada de Ferro de Goyaz

Publicamos em seguida o quadro do rendimento dos impostos cobrados pela exportação havido nos nove mezes decorridos deste anno, em confronto com o rendimento produzido em egual tempo, no anno de 1918.

Pelos dados publicados, se verifica uma pequena differença para menos no corrente anno, o que se explica pela falta de material rodante por algum tempo, na estrada de ferro, difficultando a exportação dos nossos generos, que ainda abarrotam as estações da via ferrea, esperando transporte.

Com os trens diarios, que foram inaugurados agora, é bem provavel que haja o descongestionamento da grande quantidade de cereaes e outros artigos armazenados na estrada de ferro.

RENDIMENTO DOS IMPOSTOS DE EXPORTAÇÃO

	1918	1919
Janeiro	52:899$602	19:372$188
Fevereiro	31:308$111	26:920$102
Março	36:381$633	39:665$914
Abril	33:104$058	40:078$733
Maio	44:772$170	52:903$591
Junho	49:898$202	53:448$593
Julho	62:455$547	60:549$917
Agosto	66:614$389	56:546$989
Setembro	30:822$636	31:899$300
	408:256$348	381:385$257

(D'O *Democrata*).

Municipio de Bôa Vista

II

PARTE HISTORICA

Teve por fundador, o Municipio de Boa Vista, Pedro José Cypriano que, partindo, no anno de 1825, de Igarapé-Assú da então Provincia de Pará, em procura dos fertilissimos campos de crear situados á margem do Rio Tocantins e de quaes havia noticias, arrostando contra todos os perigos dos trechos encachoeirados do Rio e dos Indios bravios, aportou, pelo mez de Junho, na margem esquerda do mesmo Tocantins em um outeiro formando promontorio, donde se descortinava um bello panorama, dando, assim, a origem do nome que até a actualidade conserva.

Desbravando logo em seguida, os terrenos occupados, alli, em breve tempo, erigiu tosca capellinha sob a invocação da S.S. Trindade, com que conseguiu chamar a attenção sobre a que em curto espaço de tempo foi-se povoando, abatendo-se a densa floresta que o cobria. Tiveram, entretanto de combater os selvicolas (Apinagés) que, aldeiados nos campos distantes cerca de òito kilometros, dalli partiam para as caçadas e suas correrias. Continuando estes ataques e augmentando o povoado, foi para elle mandado um destacamento de praças que se installou cerca de 12 kilometros rio abaixo, do povoado, passando-se, depois do fallecimento de seu commandante, para dentro do povoado e recebendo por novo commandante o major João Accacio de Figueiredo. Com o desenvolvimento e florescimento do povoado, foi elle elevado á categoria de villa pela resolução do Conselho do Governo em 18 de Abril do anno de 1834, vindo nesse mesmo anno nelle fixar sua residencia o Padre João Rodrigues de Azevedo, e, depois, supprimido pela Lei provincial n. 2, de 5 de Dezembro de 1840; vindo, no anno de 1842, a titulo de catechese, Frei Francisco do Monte Carmo, da Ordem dos Capuchinhos, nelle residir, fundando logo em seguida uma Egreja, a actual Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Pelas leis ns. 13 e 14, de 28 e 31 de Julho de 1858, foi ella elevada e restaurada, na categoria de villa, e pela n. 16, do mesmo dia, mez e anno, séde do Municipio, e séde da comarca desde 16 de Setembro ainda do mesmo anno. Transferiu á séde da comarca, para Pedro Affonso, pela Lei n. 453, de 30 de Junho de 1913 e supprimida a comarca pela Lei n. 495, de 29 de Julho de 1914, foi ella novamente restaurada pela Lei n. 621, de 29 de Julho de 1918, com séde provisoria na cidade de Boa Vista, pelo Decr. n. 5.994, de 18 de Dezembro de 1918; sendo reintegrado no cargo de Juiz de Direito o Bacharel Pedro Pinheiro de Lemos, pelo Decr. n. 5.827, de 6 de Agosto de 1918, posto em disponibilidade pelo Decr. 3.820, de 9 de Janeiro de 1915, assumindo, o mesmo, o exercicio em 30 de Maio de 1919.

Foi esta restauração um acto de alta justiça praticado pelo preclaro Desembargador João Alves de Castro, Presidente do Estado de Goyaz, tendo, por occasião das luctas que no Municipio se desenrolaram, esphacelados os archivos publicos e ecclesiasticos, é impossivel indicar a data da sua elevação á Parochia e quem foi seu primeiro Vigario.

Nos annos de 1893 e 1916 desenrolaram-se neste Municipio sangrentas luctas que por annos trouxeram-n'o bastante ánarchisado e prejudicado, vindo, entretanto, normalizando-se desde 1915, achando-se actualmente completamente normalizado e em franco progresso.

Consta actualmente o Municipio de tres districtos, sendo o 1.º: o da séde (cidade de Boa Vista), abrangendo o povoado de S. José; o 2.º, o de Philadelphia, e o 3.º, o de Santo Antonio, abrangendo os povoados de Santo Antonio, Lago e São Vicente.

PARTE GEOGRAPHICA

Abrange o Municipio de Boa Vista uma área de cerca de 10.000 kilometros quadrados, limitada: ao lado de L, pelo rio Tocantins; pelo de Oeste, pelo rio Araguary; ao Norte, pela confluencia de ambos, e ao S., partindo da fóz do Ribeirão, Capivary, no rio Tocantins, por elle até ás suas vertentes e destas em linha recta ao Travessão de Pão d'Arco, no rio Araguaya, sendo quasi, na sua totalidade, conhecida e explorada por agro-pecuaria; com bem distribuido systema topographico, no qual, entretanto, predomina o terreno accidentado, que naturalmente, lhe vem da sua collocação entre os dois caudaes (Tocantins e Araguaya), que ahi têm o seu divortio aquorum com uma faixa média de 140 kilometros no prolongamento da serra do Estrondo, (no local denominados da Cordilheira e Conceição), com uma altitude média de 100 metros e com muitos contrafortes mais ou menos alongados que, por sua vez, produzem grande numero de sub-divisores e abundancia no systema hydrographico do Municipio. Predominam, na parte montanhosa, as florestas que representam cerca de um terço da área; a parte restante e de terrenos mais planos, acha-se coberta de vastissimos campos de exuberantes e varias pastagens.

A sua estructura geologica é bastante anormal, o que é caracteristica predominante da bacia Tocantins-Araguaya, desde o 10.º meridiano até á linha equatorial (bacia Amazonica), predominando o Grez em estratificações horizontaes, de cujas erozões são formados os terrenos de campinas compostos mais de silica, cerca de 60 %, achando-se a parte de composição argilosa, na região adjacente das margens dos rios Tocantins e Araguaya, formando a parte de composição argilo-silicada a região florestal.

Devido á evasão gresoza é expellida grande porção de silica que, transportada, nas enchentes, pelos ribeirões, é levada aos estuarios dos rios Tocantins e Araguaya, nelles formando bellas e extensas praias que, entretanto, annualmente soffrem transformações com as enchentes, cujas aguas mais pesadas e pelo seu natural impulso, impellem as areias para a fóz do Tocantins.

Intercalados e com a direcção de O - L, fazendo juncção nos serrotes que formam o divortio aquarium do Tocantins e Araguaya, encontram-se largas faixas de terrenos cuja formação indica os periodos: primeiro (silex, gueinss, etc.), e secundario e terciario contendo ferro, hulha, cobre, ouro, salitre, alumen, calcareos, etc., predominando, entretanto, o grez — Rothleigende — (terciario de Weip. Em minhas observações ultimamente feitas, pesquizei hulha em combinação com pyrites de ferro, intercalado entre camadas de grez em stratificação vertical de cerca de 10.º de nodinação, apparecendo, tambem, fragmentos de ligniscre resinas. E'. preciso ser estudada mais intensamente. E' rico o systema hydrographico do Municipio, que conta, além dos rios Tocantins e Araguaya, com muitos ribeirões de um curso médio de 50 kilometros, de quaes são affluentes do Tocantins, trazendo a direcção de L - O, os seguintes: Capivaras, Mutuns, Lagôa Grande, Páo Secco, Olho Grande, Cunhãs, Cobra Verde, Canna Brava, João Ayres, Lagôa Comprida, Lagôa Chicote, Cocalinho, Massá-Cussú, Amaro, Monte Santo, Catetú, Melancias, Santa Maria, Victoria, Ouro, Mamona, Canna Brava Grande, Correntão, Côco, Pedras ou Santarém, Jatobá, Taboca, Morro Grande, Buritysal, Brejão, Chupé, Lages, Sussuarana, Matanças, Sobradinho, Cascavel, Gato, Curicacas, Cachoeirinha, Mosquito, Chupésinho, Nasareth, Sant'Anna, Mumbuca, Ribeirãosinho, Grande, Anhumas, Bonito, Bosica, Bom Jardim, Santo Antonio, Matrinchã, Barreiro, São Domingos e Páo Ferro; e affluentes do Araguaya com a direcção de O - L, os seguintes: Barreira Branca, Perdidos, Lontras, Corda, Curicacas, Piranhas, São Martinho, Barreiro, Taquary e Suruby, tendo, todos esses

Jazidas de Petroleo em Goyaz

Telegrapham de Santa Rita do Paranahyba que acaba de chegar alli, vindo de Jatahy, o engenheiro Charles Gorden, que foi a Goyaz procurar os indicios das jazidas de petroleo ha longos annos encontradiços no sudoeste do Estado.

Diz a mesma informação telegraphica que apezar da extrema reserva que os profissionaes costumam cercar taes pesquizas, a convicção geral é que as provas colhidas são as mais animadoras possiveis, e que o engenheiro inglez que vae explorar aquelle minerio demonstrou a maxima alegria pelo resultado obtido, que vem confirmar a existencia daquellas jazidas.

Com effeito, o afloramento do petroleo na zona goyana acima alludida tem sido observado por pessoas dignas de credito, como sejam monsenhor Ignacio Xavier da Silva, governador do bispado de Uberaba, e o mineralogista Miguel de Svanetia.

Este engenheiro de nacionalidade russa, falando das immensas riquezas nativas do curso superior do Araguaya, escreve : "Existem tambem carvão fossil (anthracithe e lignite) de 7.500 a 8.200 calorias, e kerozene ha em dous pontos o melhor que conheço". .

Vem de molde aqui a transcripção do que diz o illustre Sr. Cincinato Braga, em seu voto em separado sobre o orçamento do Ministerio da Agricultura :

"*Pesquizas de petroleo.* — Entre os meus lyrismos, um jornalista dos mais acatados enumerava em artigo de collaboração para o *Correio da Manhã,* meus esforços no sentido da busca ao petroleo em nosso subsólo. A opinião do inclyto geologo norte-americano White, que pelo Brasil andou não ha muito, foi a clava que devia achatar o vulgarissimo bacharel em direito, que eu sou, sem jámais ter tido pretenções em conhecimentos juridicos, quanto mais em outros quaesquer.

Mas, nosso censor errou a bordoada. Quando por aqui andou White, já eu havia sabido de turras que, na sua quasi humilde e por isso mesmo mais realçada modestia, ousou oppôr-lhe o sabio geologo e grande brasileiro Gonzaga de Campos, a proposito das probabilidades, *secundam Scientiam,* da existencia de petroleo no sub-sólo brasileiro. White, scientista emerito por sua vez, não se rendeu. Sustentava (pag. 244 do seu relatorio, 1906) : "As possibilidades são todas contra a descoberta do petroleo em quantidade commercial em qualquer parte do sul do Brasil". E a razão principal do seu modo de entender era a frequente occorrencia de intrusões, diques e lençóes de rochas eruptivas permeiadas nas formações do systema permotriassico do sul do Brasil. Esta actividade sismica certamente teria volatizado todos ou pelo menos os mais volateis productos de qualquer jazida petrolifera.

Quanto á parte norte do Brasil, White nada podia affirmar, — disse — porque não visitou aquellas regiões. Entretanto, do facto de que em Venezuela e nos paizes circumvisinhos, ha grandes accumulações de asphalto, e que todos os depositos de asphalto são residuos dos primitivos depositos de petroleo, levantados á superficie, e tendo sido removida pela erosão a capa original, é possivel predizer que se algum dia forem encontrados grandes depositos de petroleo, *estes serão locados no valle do grande Rio Amazonas.*

Conseguintemente, digo eu, o proprio White indicou o caminho para pesquizas de petroleo no Brasil. Mas, ha coisa muito mais séria para justificar taes pesquizas.

Com o estudo das grandes jazidas do Mexico, vieram a mudar as idéas do proprio White.

Ha alli campos petroliferos em que a vinda do petroleo dependeu principalmente das rochas eruptivas : as fendas abertas por occasião das intrusões, e principalmente o contacto das eruptivas com as sedimentarias, foram os caminhos por onde subiram os petroleos até a sua actual locação.

Com esta nova interpretação dos factos, a possibilidade do petroleo no sul do Brasil adquiriu fóros de forte probabilidade.

As impregnações de asphalto, e as exsudações evidentes e quasi frequentes de petroleo em muitos pontos de São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, juntas a certas condições de estructura geologica, são signaes indicadores que podem falhar, mas que são os unicos pelos quaes o mundo tem chegado á conquista desse portentoso elemento de civilisação.

Porque não ha de o Brasil, por eguaes caminhos, tentar a riqueza, que outros povos já alcançaram ?

---

ribeirões, por sua vez diversas vertentes e tributarios; e todos, mais ou menos accidentados, tendo alguns delles quédas d'agua importantes, prestando-se quasi todos para aproveitamento de forças hydraulicas. Existem tambem muitos lagos na região marginal dos rios Tocantins e Araguaya, muitos picosos, sendo o principal peixe nelles pescado o Pirarucú.

Trazendo a direcção de NNE o rio Tocantins, na sua margem esquerda e pelo lado de O, banha a cidade de Boa Vista e recebe, cortando ao meio a cidade : o Ribeirãosinho, de cuja é o principal manancial; e acima cerca de tres kilometros, pelo lado S : o Ribeirão Mumbuca; seis kilometros rio abaixo; o Ribeirão Grande, os quaes, por seu turno, têm muitos affluentes, cercando, assim, a cidade e suburbios de abundante systema hydrographico, o que muito contribue para a fertilidade do seu sólo e abundancia de que goza.

(*Continúa*)

FREDERICO MORBACH.

Poucos no Brasil saberão avaliar na devida conta o que é hoje petroleo como riqueza.

Primitivamente era a illuminação, particular e publica, o grande canal de consumo do petroleo no mundo. Logo depois que desenvolveu-se sobre a terra a fabricação de machinas para todos os misteres, constatou-se que a producção dessas machinas dependia de sua boa lubrificação. E o petroleo adquiriu estupenda importancia como lubrificante. E o consumo de lubrificante cresce portentosamente dia a dia, na mechanica do mundo inteiro.

Mas, o uso do petroleo como combustivel foi o maior passo dado industrialmente para multiplicarem-se as fortunas dos paizes productores dessa abençoada mercadoria. Neste particular, o caso é de fazer perder-se a cabeça no desespero de encontrar petroleo no Brasil. Isto porque, ao mesmo passo em que a Sciencia nos anima immenso sob o ponto de vista geologico, a ambição, ou melhor a necessidade nos revela o seguinte sob o ponto de vista commercial:

Em primeiro logar, vêm os automoveis de passageiros e cargas, espalhando-se a mancheias pelo mundo todo, e por toda parte clamando por petroleo ! Ao lado delles, bradam por egual os tractores... Por sobre todos esses exigem petroleo á farta os innumeraveis aeroplanos, que hão de percorrer a atmosphera de todas as patrias.

Mas, a esses usos applicam-se sómente as partes mais leves, ou melhor refinadas do petroleo. Para suas partes mais pesadas, ou mais grosseiras ou oleosas, o colossal consumo está no bojo das caldeiras maritimas e das locomotivas ferro-viarias.

Sob este aspecto, o petroleo é o maior perigo para a industria do carvão de pedra, cujos sólidos alicerces elle começa a abalar. A Inglaterra, desasocegada, faz pesquizas tenazes de petroleo em seus varios dominios metropolitanos e coloniaes.

Em resumo : — o petroleo já começa a ser chamado — o Novo Gigante Industrial. Como não fazermos tudo por conseguil-o em nossa terra ?"

O geologo norte-americano White não visitou o *hinterland* brasileiro. Na sua excursão nesse rumo apenas chegou a Araguary, no Triangulo Mineiro. Nem ao menos avistou terras goyanas.

Infelizmente, para a maioria dos nossos patricios, só existem duas regiões brasileiras — o norte e o sul. A mais rica e desconhecida região do paiz é para elles como se não existisse.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Não só na Hespanha, onde a entrada do nosso fumo teve durante a guerra um grande incremento, mas na França, tambem está sendo elle introduzido em larga escala. O nosso fumo manufacturado, principalmente, está despertando em França a particular attenção dos consumidores. O nosso vice-consul em Marselha enviou a este respeito uma informação ao ministerio das Relações Exteriores, expondo as vantagens que nos mercados francezes encontrarão os nossos fabricantes de cigarros e charutos, cujos productos attingem alli preço bem remunerador. Basta dizer que os maços de cigarros, que aqui no Rio e nas principaes cidades do Brasil custam 400 réis cada um, estão sendo vendidos em Marselha pelos preços de 1 fr. e 50 e 2 francos. (Do *Munitor Mercantil*).

Ora ahi fica este informe que ha de interessar sobremaneira os productores do fumo goyano, que, para o fabrico de cigarros é o mais cotado no Brasil.

*
* *

Mãos amigas fizeram chegar ás nossas um exemplar da *Noticia* de Tres Lagôas, Matto Grosso provisorio.

O "artigo de fundo" intitula-se: "Somos de Goyaz ou de Matto-Grosso?"

Diz a seguir não querer com aquelle titulo fazer um plebiscito, porque acredita na existencia de duas correntes oppostas.

Depois transcreve dados colhidos no officio que sobre a fronteira de Matto-Grosso com Goyaz, D. Aquino Corrêa dirigiu ao senador Azeredo, presidente da delegação de Matto-Grosso, no 6° Congresso de Geographia de Bello Horizonte. Este officio foi impresso na typographia official do Estado em edição de 1.000 exemplares para larga distribuição.

Com o devido respeito que tributamos a D. Aquino, bispo de Prusiades: Sua Reverendissima, nesta irritante e irritadiça questão de limites entre os dous grandes Estados vizinhos — mais parece um bispo das Arabias...

Não sabemos bem se ingenuamente ou muito de industria foi que elle escreveu no alludido officio — "Que a posse *mantida* pelo Estado de Matto-Grosso constitue legitimo "uti possidetis" que firma o seu direito em toda a região occupada."

Em fim, como Matto Grosso fica lá nesses confins do mundo, é bem possivel que ainda não chegasse ás mãos dos seus administradores ao menos um exemplar da Constituição de 25 de Março de 1824 e o respetivo Acto Addicional — onde vem que as antigas provincias *eram incapazes, não podiam perder terreno proprio nem adquirir, por usocapião territorio pertencente a outras.* Dahi e de outras disposições de leis em plena vigencia na Republica, o "uti possidetis" não póde ser invocado.

Vale a pena trasladarmos para aqui os seguintes topicos do folheto em folhetim de D. Aquino:

" Goyaz quer a questão da lei. Matto Grosso quer a questão de facto. O facto é a Posse. De um lado, Goyaz com a lei, o povo. a raça, os costumes, a religião, etc., era um argumento forte; porém dormio, descuidou-se e a Lei que não foi feita para quem dorme..."

*
* *

Ao Sr. Ministro da Viação foi dirigida uma representação da Municipalidade de Monte Carmello, assignada pelos Srs. Joaquim Limoeiro, Virgilio Ribeiro, Feliciano Costa, Romualdo Ribeiro, José Gomes e Gil de Pinna, contra a projectada modificação do traçado da E. de Ferro Goyaz, pela qual Monte Carmello ficará privado do serviço de caminhos de ferro.

Na presente representação, alludem aquelles senhores que a companhia já tem leito prompto para 60 kilometros de linha, que não construio a despeito de ter material, por circumstancia que escaparam ás suas apreciações, porém, cujas causas devem ser explicadas, uma vez que a companhia dispõe de material.

No mesmo documento, protestam contra a iniciativa da Camara Municipal de Araguary, que suggerio ao Governo a modificação do traçado, sob o fundamento de ligar o triangulo mineiro á capital do Estado pois, haveria talvez outro recurso do que o de abandonar cerca de 30 kilometros de estrada, que representam nada menos de 2.500 contos, como ainda prejudicam uma zona extensa e fertil.

Essa representação foi enviada á Inspectoria Federal das Estradas para conhecer e providenciar.

*
* *

O leve commentario que aqui fizemos aos "Apontamentos para o Dicc. Hist. e Geographico de Goyaz", teve para nós um mérito: descobrir o nome do autor dessa ordinaria compilação de trabalhos obsoletos impressos ha quasi um seculo na "Revista do Instituto Historico". Chama-se Joaquim Bonifrate.

O doesto que esse parvajola acaba de nos lançar pelo seu jornaléco deixa de ser uma parvoice para se affirmar num dos mais vis sentimentos humanos — a inveja.

E o auxilio official que "A Informação Goyana" vem recebendo depois do seu anno II de publicidade, pela prestadia divulgação não só das riquezas nativas como tambem das possibilidades economicas do Estado, dentro e fóra do nosso paiz, é que faz o despeitado director da "Nova Era" dar-se ao desespero, lamber os beiços com a lingua que lhe não ajuda...

Fôra superfluidade encarecer a acção efficiente da nossa revista, em cujas paginas prestamos todos os esclarecimentos que nos são solicitados constantemente por lavradores, criadores, industriaes ou capitalistas, quer estrangeiros, quer nacionaes, sobre assumptos de ordem economica e outros, concernentes ao Estado de Goyaz.

Resmunga Bonifrate "que tem horror á officialização do patriotismo". Este remóque azedamente estimulado pelo mórbido despeito de não poder competir com o director da "Informação Goyana" em provas de patriotismo e desinteresse, que este vem dando de 30 annos a esta parte, na mais intemerata propaganda das cousas de Goyaz pelos orgãos mais importantes da imprensa nacional, na tribuna, em livros e monographias, faria vontade de rir se não nos causasse tristeza e piedade.

Mas, quem é, afinal, Bonifrate? perguntará o leitor.

Sabiamol-o um amanuense, serventuario ou cousa assim da Delegacia Fiscal de Goyaz e fóra do expediente desta repartição, fabricante de rimas nephelibaticas e edictor de jornalécos ephemeros, dedicados ao bello sexo.

Da sua fabrica de rimas forçadas sahiu ha tempos um livréco intitulado "Alvoradas" — que lhe valeu dos littero-idiotas da capital o cognome de "principe dos poetas goyanos".

Os mesmos basbaques deram-lhe tambem outro appellido casquilho — "poeta louro" — naturalmente por ser elle um caso de albinismo na familia.

Como edictor de jornaezinhos, fez época com o "Juvenil", a "Borboleta", o "Jasmin", o "Ramilhete" e outros do mesmo gènero.

Como economista redige, com alta competencia, na "Nova Era" a tabela dos preços dos generos no mercado da capital goyana.

Agora lhe deu na telha fazer-se historiador e geographo das terras goyanas—como se já não nos bastasse o Ferreira do *Almanak*...

E' absolutamente impossivel tomar a sério os "Apontamentos" Corrigil-os, como Bonifrate solicita do "publico intelligente", seria refundil-os completamente, desde o primeiro ao ultimo artigo.

Haja vista este que devia ser o principal

GOYAZ (Estado de) — Um dos maiores etc., está situado entre os parallelos 4° 40' e 21° 55' de lat. sul e entre 21° 6' e 11° 50' do meridiano do Rio de Janeiro."

Correcções: era indispensavel juntar á expressão "meridiano do Rio de Janeiro" a convenção geographica W (Oéste); a verdadeira posição astronomica do Estado de Goyaz é esta: 5° 10' e 21° 49' 23" de latitude austral e 3° 58' e 10° 35' 31" de longitude W do meridiano do Rio de Janeiro. (Vide trabalhos da Commissão Cruls e *Coordenadas Geographicas de diversos pontos do Brasil*, collectanea organizada na commissão central de estudos e construcção de estradas de ferro pelo engenheiro-chefe Ernesto Antonio Lassance Cunha).

As coordenadas geographicas que vêm nos "Apontamentos" foram tomadas a olho do mappa do agrimensor Santos Azevedo, que não presta .

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle

A Estrada de Ferro Goyaz e os mineiros

E' com o mais vivo prazer que a *Informação Goyana* reproduz o artigo, a seguir, que o nosso illustre patricio e embaixador do longinquo Estado no Senado da Republica, Dr. Hermenegildo de Moraes, acaba de publicar no *Jornal do Commercio* :

"IDÉAS SEPARATISTAS

AINDA O MOVIMENTO NO "TRIANGULO MINEIRO"

Forçado pela replica com que me honrou o meu distincto amigo, Dr. Waldomiro Magalhães, por esta mesma secção, ao artigo que publiquei a 30 do mez proximo passado, venho, mais uma vez que, espero, será a ultima, tratar da questão do ramal de S. Pedro a Uberaba, afim de bem esclarecer o meu modo de vêr a esse respeito. — Serei breve.

Coincidindo com a publicação, embora não "official" da noticia de ter o Governo deliberado suspender as obras da E. de F. Goyaz, no Triangulo e applicar o saldo existente, do emprestimo contrahido para a construcção da dita estrada, no avançamento da linha no meu Estado, o "movimento" que fizeram os uberabenses para exigir a immediata construcção dos 273 kilometros deste ramal, com o qual seria este saldo inteiramente despendido, muito naturalmente, e ainda estou convencido de não ter errado, liguei os dous factos, dando um como causa do outro.

Se "usando da faculdade de pleitear justos melhoramentos e, e defendendo os seus direitos, o povo de Uberaba não póde ter o proposito de embaraçar o progresso de Goyaz", o mesmo não poderá dizer o Dr. Waldomiro, do Governo de Minas, que, em officio dirigido pelo Dr. Clodomiro de Oliveira, Secretario da Agricultura do Estado, ao Ministro da Viação e publicado no *Imparcial*, de 22 do mez proximo passado, suggere-lhe a idéa de mandar retirar de Roncador, actual ponto terminal do Estrada, em Goyaz, 51 kilometros de trilhos que alli já se acham para o avançamento da linha, afim de serem utilizados na construcção do ramal !

Como quer, pois, o meu amigo que eu fique tranquillo ?

Diz o Dr. Waldomiro, referindo-se a mim : "Quando está em jogo um melhoramento para Goyaz, todo o esforço para obtenção de identico favor lhe parece um embaraço ao progresso do seu Estado. Haja vista o movimento do Triangulo..." Não, isto só se dá quando tenho motivos justificados de que tal aconteça e, no caso, ha de concordar commigo o Dr. Waldomiro, que os tenho de sobejo.

Se a construcção deste ramal, que o Governo de Minas, considera de grande interesse sob o ponto de vista politico administrativo, tivesse de ser executada por uma fórma diversa, da actualmente estabelecida, seria intoleravel impertinencia da minha parte fazer commentarios a respeito.

Sinto ainda discordar do meu amigo quando affirma que "o Conselheiro Affonso Penna, expedindo o decreto que mudou o traçado, teve o patriotico desejo de, tornando menor a distancia de Goyaz ao Rio, construir uma estrada, attendendo a todos os seus fins e, principalmente, para servir ao progresso economico de Goyaz".

Nesta mudança vejo, apenas, talvez por só ter uma "visão unilateral do problema", o desejo de, servindo remotamente ao progresso economico de Goyaz, servir immediata e "principalmente" ao de uma grande zona de Minas.

Diz ainda o Dr. Waldomiro — que não posso negar que o traçado a partir de Formiga encurta a distancia ao Rio e dest'arte favorece o progresso do meu Estado. Não

o neguei. O que affirmei é que "os goyanos desejavam que a estrada de ferro que, como o seu nome indica, era destinada a servir ao seu Estado, nelle penetrasse no mais breve prazo, impulsionando-lhes o progresso, sendo-lhes indifferente que o mesmo fosse ligado ao Rio ou a S. Paulo"; e, tendo sido fixado pelo Governo Rodrigues Alves, — Araguary, — a 53 kilometros da fronteira do Estado, para ponto inicial da estrada, e distando a sua capital 1.911 kilometros de Santos, por este traçado, e 1.763 do Rio, pelo traçado Affonso Penna, a differença de 148 kilometros para menos não justificava a mudança por este feita, do seu ponto inicial para Formiga, distante 534 kilometros da fronteira, sem contar os 98 dahi a Goyandira, ponto em que encontra o traçado Rodrigues Alves.

Ao escrever a phrase, "Minas se chama Leão", dadas, como bem diz o Dr. Waldomiro, as minhas velhas relações de cordialidade com os politicos mineiros, relações que cultivo com carinho, não pretendi crear para Minas attitude antipathica, considerando-a capaz de pleitear as suas causas unicamente firmada na sua força. Mas, embora "haja mesmo da parte dos homens de Minas a louvavel preoccupação e o escrupuloso cuidado de não fazer da influencia politica do Estado argumento para conseguir a validade de seus direitos e a satisfação de seus desejos, esta influencia nascida do prestigio de Minas na Federação, de facto se faz sentir.

Respondendo á entrevista concedida a *A Noite*, pelo Dr. Waldomiro, acabava de recapitular a historia da E. de F. Goyaz e, relendo o ultimo periodo da sua entrevista, em que com a confiança tranquilla, que só a consciencia da propria força dá, dizia "estar convencido de que o Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessôa, criterioso e ponderado como é, daria immediata solução ao caso da Goyaz, de modo a satisfazer as reclamações do Triangulo", vieram-me á mente os versos da fabula, em que La Fontaine descreve a partilha feita pelo Leão :

> "Prit pour lui la première en qualité de sire
> Elle doit être à moi, dit il, et la raison,
> C'est que je m'appelle lion :
> A cela l'on n'a rien à dire.
> La seconde par droit, me doit échoir encore;
> Ce droit, vous le savez, c'est le droit du plus fort".

e,... quasi sem o querer, sahiu-me da penna a phrase, sem, nem de leve pretender, com ella magoar os meus amigos mineiros, aos quaes prezo.

HERMENEGILDO DE MORAES.

TRATOS A BOLAS...

A canzoada vadia que infesta as columnas de um periodico goyano, que se edita na capital do Estado, parece que anda agora de cio, ladrando ao nosso director.

Sabiamos de ha muito que o editor da pasquinada *Nova Era*, com o desabrimento dos infelizes zangados, possuia de reserva alguns molossos vagabundos, de dentadura refilada, para morderem os calcanhares do nosso director Um desses fraldiqueiros galfarros, açulados pelo Joaquim Bonifrate, já foi solto, e traz na coleira as iniciaes *G. R.* (será filho do Benedicto Monteiro, vulgo Benedicto *Babão*?)

Em todo o caso revelou-se um *goso* na mais completa accepção que a este vocabulo dão os caçadores goyanos, como vamos mostrar em seguida, reproduzindo a lenga-lenga que com afouteza grosseira se referiu á attitude da Delegação Goyana no Sexto Congresso Brasileiro de Geographia de Bello Horizonte.

Ganindo, o rafeiro esfaimado, ao som do violão do *serestra* Joaquim Bonifrate, irmão gemeo do cerebrino do *Dr. Gamella*, uivou :

"No dia 8 do mez de Setembro p. passado, quando na encantadora e culta capital mineira, se encontrava reunido o Congresso de Geographia, destinado a derimir todas as pendencias de limites ora existentes entre os varios Estados da Federação, o illustre general Candido M. Rondon, mui justa e merecidamente cognominado o *novo Anchieta*, que na qualidade de delegado de Matto Grosso, tomára assento ao lado das outras representações, realizou á noite, perante numerosa assistencia, a sua annunciada conferencia que versou sobre os limites de Matto Grosso e Goyaz, havendo nessa occasião se referido ao valle do rio Araguaya e aos costumes dos indios Carajás, Tapirapés e Javaés, que habitam essas regiões.

Ouviram-no os Srs. Dr. Arthur Bernardes e seus Secretarios de Estado, além de muitos membros do Congresso de Geographia, inclusive, certamente, algum delegado de Goyaz, porque a nossa infeliz terra teve dous representantes, um dos quaes até viajou de regresso ao Rio, em companhia do general conferente na manhã do dia 9, conforme nos contam as correspondencias telegraphicas dos jornaes. Não tivemos o prazer de lêr a conferencia do ovacionado e destemido matto-grossense, porém já fizemos, mais ou menos, o nosso juizo do que foi a sua animada conversação no Cinema Modelo de Bello Horizonte. O general Rondon é aquelle que de modo algum quiz entrar em accôrdos com os representantes de Goyaz, na velha e sediça questão de limites que temos com o Estado vizinho, na qual, desde annos, devido á inepcia dos governos goyanos, estamos sendo despojados de consideraveis territorios genuinamente nossos.

Assim acontecendo, é claro, clarissimo que a conferencia foi *goyanophoba*, na qual s. s. sem duvida, procurou com sophisticas allegações demonstrar o nosso nenhum direito ao territorio contestado que o seu Estado bifou com unhas e dentes, fiado na lerdeza tradicional dos politicos de Goyaz. Não estranhamos o seu gesto que prova o zelo e o amor que s. s. vota ás coisas de sua patria. O general está no seu direito e no seu papel. Fez bem.

Agora perguntamos ao leitor : poderemos dizer o mesmo da attitude dos delegados goyanos, mormente sendo um delles aquelle que mais alardeia patriotismo e competencia em negocios territoriaes ? Que figura teria feito o sr. Henrique Silva, deixando de imitar o gesto do general Rondon na defesa dos nossos direitos e dos nossos interesses ?

Não nol-o dirá o leitor ? Pois vamos dizer-lh'o. Simplismente um figura chata, chatissima. E é por isso que nossa desventurada terra nada conseguiu e nem conseguirá do comico Congresso de Bello Horizonte. E' duro, é triste, é doloroso; mas é verdade !"

O que é triste, isto sim, é a contingencia em que nos achamos de trazer aos leitores da *Informação* as miserias moraes acima declinadas. Se por descuido déssemos a *G. R.* a importancia de individuo questionavel, responderiamos que o general Rondon na sua conferencia realizada num dos cinemas de Bello Horizonte, e a qual comparecemos, nem de longe se referiu á pendencia entre os dous Estados liti-

gantes, isto é, Goyaz e Matto Grosso. Sob um ponto de vista muito superior á comprehensão do mastim da *Nova Era*, Rondon limitou-se unicamente a expôr os resultados scientificos da exploração dos rios Paranahyba, Corrente, Araguaya e das Mortes — trabalhos estes feitos pelo seu ajudante o capitão de engenheiros Dantas. O que, porém, o publico intelligente guardou da conferencia do illustre general, foi a apologia da tribu goyana dos Carajás, particularmente sobre o ponto de vista da moral positivista.

Ulula porém o alarve que Henrique Silva "deixou de imitar o gesto de Rondon na defesa dos nossos direitos e dos nossos interesses".

Ora, como em Bello Horizonte não se tratou dos limites nem dos interesses do nosso Estado, Henrique Silva, afinal de contas, reservou mui especialmente para *G. R.* aquelle conhecido gesto que os simios fazem com uma banana na mão...

Toma !

Obras de Henrique Silva

A Caça no Brasil Central — Rio de Janeiro — 1898.
Poetas Goyanos — Bagé — 1901.
Fauna Fluviatil de Goyaz, volume I (bacia do Tocantins — Araguaya) — S. Paulo — 1905.
Fauna Fluviatil de Goyaz, volume II (bacia do Paranahyba) — Rio de Janeiro — 1906.
Industria Pastoril (*in — O Brasil, suas riquezas, suas industrias*) — Rio de Janeiro — 1907.
Esboço Biographico do Commendador Francisco José da Silva — Rio de Janeiro — 1907.
Sumé e o destino da nação Goyá — Rio de Janeiro — 1910.
Contribuição para a Geographia Zoologica do Brasil, "separata" dos *Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia* (Geographia biologica, Geographia botanica e Zoogeographia — Rio de Janeiro — 1911.
Caças e Caçadas no Brasil (com um prologo, pelo General Couto Magalhães), edição da Livraria Garnier — Paris — 1912.
A extincta Nação Goyana, in-Annaes do XIX Congresso de Americanistas — Londres — 1914.
Perolas e conchas perliferas do Araguaya — Rio de Janeiro — 1915.
Duas variedades novas de Electrophoride do Brasil — Rio de Janeiro — 1915.
O Pescador Brasileiro — S. Paulo — 1915 — (edição de Chacaras e Quintaes).

A sahir, do mesmo autor :

Memoria justificativa dos limites de Goyaz com os Estados de Matto Grosso, Minas, Bahia e Pará.

EXPEDIENTE

Aos nossos amigos, assignantes e correspondentes que se acham em atrazo, lembramos a opportunidade de solver os seus compromissos comnosco.

Não desejamos, de modo nenhum, ficar privados dos auxilios que nos têm sido prestados até agora peos nossos representantes e subcriptores do interior, e por isso, achamos conveniente nos escreverem a respeito.

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura ò favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

Igual pedido fazemos aos representantes ou correspondentes d'"A INFORMAÇÃO GOYANA" nas diversas localidades do Estado de Goyaz.

Pedimos a todos quantos se acharem em debito com esta revista, quitarem-se em tempo, afim de não haver interrupção na remessa d'"A INFORMAÇÃO GOYANA".

Toda a correspondencia desta Revista deve ser dirigida ao seu director, á rua Figueiredo 63, Engenho Novo.

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipameri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal)	20$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	100$000
Meia pagina	60$000
Um quarto	30$000
Um oitavo	15$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2 andar — Tel. Central 4682

ANNO III — RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1919 — VOL. III—N. 5

SUMMARIO

Exportação Goyana

Relação dos productos exportados pela Estrada de Ferro de Goyaz e importancia dos impostos pagos nos mezes de Janeiro a Setembro de 1911

9.605	cabeças de gado bovino	76:900$000
30	" " animaes cavallares	180$000
9.365	" " suinos	46:935$000
1	" " gado caprino	1$000
8.053	couros salgados	20:133$500
97.899	kilos de fumo	21:537$880
2.006	" " borracha	401$280
16	" " crystal	4$800
61.254	" " toucinho	4:900$320
620.770	" " xarque	24:830$800
33.228	" " carne de porco	1:993$680
68.395	" " banha	34:190$750
5.343.714	" " arroz com casca	106:874$290
326.866	" " arroz beneficiado	6:537$320
67.526	" " feijão	1:012$890
4.246	" " manteiga	849$300
6.189	" " queijos ou requeijões	309$460
5.757	" " milho	46$056
12.716	" " amendoim e fubá	127$165
	taboas, ripas, etc.	186$310
2.192	" " doces	131$520
53.381	" " assucar	2:135$260
336.986	" " café	13:479$480
100.313	" " sebo	4:012$520
14.753	" " pelles cruas	3:688$250
16.697	" " sola ou pelles curtidas	4:174$450
4.922	" " oleos, graxa, etc.	295$360
122.870	" " mercadorias diversas	1:228$705
		246:626$255

N.

Esta exportação é a de tres municipios, apenas. O Estado conta actualmente 47 municipios, todos exportadores.

A HULHA BRANCA EM GOYAZ

No seu recente e interessante livro BRASIL, POTENCIA MUNDIAL, *inquerito sobre a industria siderurgica no Brasil*, escreve o Sr. Elysio de Carvalho:

"Os progressos da electro-siderurgia, fazendo-se hoje sentir nos Estados Unidos, no Canadá, na França, na Inglaterra e na Allemanha, onde se multiplicam os fornos electricos, poderosos nucleos de energia utilizada para fabrico da guza, do aço e das suas ligas, abrem a essa gigantesca industria os mais fulgidos horizontes no Brasil.

Paiz de quédas d'agua, onde cascateiam os rios, se despenham as correntes de alturas pedregosas, se desdobram paineis aquaticos, rebrilhando ao sol; paiz onde as aguas borbulham, fremem, acachoam, a toda parte levam o seu movimento e offerecem as transformações da sua energia, deverá o nosso constituir-se, um dia, o mais portentoso centro da thermo-electricidade no mundo. De facto, não ha paiz nenhum no globo que tenha, em potencialidade, maiores depositos de hulha branca de que dispõe o Brasil.

A nossa riqueza em força hydraulica é a maior do mundo e embora as nossas possibilidades, podemos dizer que a mesma é assombrosa, da energia hydraulica aproveitando industrialmente o nosso paiz, por um calculo approximado, apenas de 800.000 c. v. A nossa vasta área territorial possue seis das maiores e algumas das mais bellas cascatas da terra, sendo as principaes quédas d'agua do Brasil, de potencia superior a 50.000 cavallos-vapor, as que se seguem:

	Cavallos-vapor
Sete Quédas	20.000.000
Iguassú	3.000.000
Paulo Affonso	1.000.000
Patos e Maribondo	800.000
Urubú-punga	450.000
Dourada	400.000
Agua Vermelha	300.000
Onça	220.000
Avanhandava	60.000
Itapura	50.000

conforme dados tomados do engenheiro Paulo de Frontin.

De accordo ainda com esse notavel profissional, o numero de quédas d'agua no nosso paiz de potencia entre 50.000 e 6.000 cavallos-vapor, valor este fixado technicamente como limite de separação entre as quédas d'agua de pequena e grande potencia inferior a 6.000 cavallos-vapor, é impossivel calcular o seu numero, porquanto se encontra em quasi toda a parte na vastissima região brasileira. Sómente em Minas, principal centro ferrifero do Brasil, existem mais de 1.200 quédas d'agua entre 10 e 20.000 cavallos-vapor, que conservam uma grande provisão de energia aproveitavel para a expansão industrial e para a futura electrificação das estradas de ferro.

De maior potencia do que a quéda de Iguassú é sem

duvida a cachoeira de *Itaboca,* no Baixo Tocantins, Estado do Pará.

Releva accrescentar que ha na vasta área geographica de Goyaz, pelo menos oito cachoeiras de maior potencial que a *Dourada,* tambem goyana, citada acima com a força de 400.000 cavallos-vapor. Estas vêm a ser cachoeira de *Santo André,* no Paranahyba; cachoeiras da *Serra Quebrada,* das *Tres Barras,* de *Sant'Anna,* do *Quebra Testa,* do *Funil* e dos *Mares,* no Alto Tocantins; *Cachoeira Grande* e de *Santa Maria,* no Araguaya.

Ha nesses dois grandes caudaes innumeras corredeiras ou intaipavas que podem ser aproveitadas como força hydraulica de potencia superior a 400.000 cavallos. Entre as quédas d'aguas de potencia inferior a 50.000 podemos mencionar as seguintes: cachoeira do *Machadinho,* na juncção dos rios das Almas e Maranhão; *Apertada Hora,* e *Funil,* no rio do Somno.

Tratando deste rio diz o engenheiro inglez James Banls: "Ha muitos logares semelhantes ao *Funil* e muitas Pancadas (fortes corredeiras) cujos obstaculos podem em parte ser melhorados, nem um, porém, em condições tão difficeis como a *Apertada Hora*".

Entre S. João da Palma e Flores ha varias cachoeiras no rio Paranan.

Goyaz possue as mais bellas cascatas do Brasil, como sejam, por exemplo, as da *Opera,* no Rio das Almas, perto dos Pyrineus, a do *Itiquira* que despeja no Vão do Paranan, com 120 metros de altura, a de *Taguatinga,* que se precipita da serra do mesmo nome.

Finalmente — Goyaz é por excellencia, no Brasil, a privilegiada região da hulha branca — mas os goyanos nem ao menos sabem quantos Niagaras possuem.

HENRIQUE SILVA.

Goyaz no centenario

Sua contribuição choreographica nos festejos regionaes — 1° gruppo (elemento aborigene), dansas de indios; 2° gruppo (elemento africano), congados, moçambique, batuques, etc.; 3° gruppo (elemento colonial), cavalhadas, lanceiros, villão, dansa de velhos, etc.; 4° gruppo (mescla geral), bandos, bumbas, quebra-bundas, catiras, caterêtês, dansa de camaradas, etc. — Festas religiosas (parte local), novenas, folias, reinados, juizados, capitães de mastro, illuminarias, etc.

A Prefeitura do Districto Federal, no intuito de organisar uma exposição retrospectiva de costumes e tradições da nossa nacionalidade pela commemoração do Centenario, acaba de convidar o governo dos diversos Estados da União a fazel-os respectivamente representar-se nesses festejos, para isso pondo á sua disposição, além de outras vantagens que offerece, as nobres e mui archaicas alamedas do sumptuoso parque da Boa Vista e o campo de S. Christovão.

Será uma variadissima exhibição de costumes regionaes, trazendo para o cosmopolitanismo do Rio de Janeiro as mais caracteristicas feições do nosso povo genuinamente brasileiro, num desfile suggestivo de quadros e aspectos da vigorosa alma cantonal, de que Goyaz, leve avante a grandiosa empreitada, não deixará de produzir um dos mais attrahentes numeros.

Que magnifico espectaculo não ha de ser, á luz ardente das gambarras, sob o fosco pallor das lampadas electricas profusamente disseminadas no vetusto recinto da Quinta, com suas alêas copadas de mangueiras, tamarindos, jaqueiras e bambús debruçando nos lagos e canaes, os renques fidalgos de palmeiras prateados ao luar, uma evocação poderósa dos "lanceiros", a "dansa de velhos", o "villão", em traje de côrte, resuscitando o periodo aureo da nossa velha capitania, quando o ouro borbulhava dos flancos do Vermelho, ou a illuminar os derradeiros esplendores da vida provinciana, nos primeiros tempos da emancipação. E os dolentes e chorados lundús do "quebra-bunda", accordando, em cada recanto obscuro do parque imperial, uma sombra já finada do passado regimen, ao rithmo e á suggestiva magia daquelle passo de dansa!

E tambem, na quente luz do meio-dia, ao borborinho de toda uma cidade em galas, a pompa régia de uma "embaixada" do Congo, no lantejoulado tilintante e violento dos adornos!

E aqui não alludimos, por exemplo, ás "cavalhadas", em nossos dias, talvez, unicamente circumscriptas áquella boa terra goyana, de ensenação mais vasta, perfeitamente cabivel no tradicional campo de cargas marciaes do São Christovão, — herança dos nossos avoengos reinóes, uma vez que a sua realização exigiria maior somma de dispendio, o transporte de animaes (aliás offerecido gratuitamente pelo governo federal), e a adhesão dos barões fazendeiros que lá costumam represental-as na séde dos municipios.

Este numero, se tomado a peito, seria o mais brilhante padrão do instincto guereiro e cavalheiresco da nossa gente sertaneja, nestes dias tão vilmente calumniada, mostrando aos "blasés" das capitaes como se gineteia e se ostenta senhorilmente rasgos de audacia e agilidade, num passe d'armas bem travado. Daria trez capitulos ou secções: primeiro, o encontro de mouros e christãos, embaixadas, a experimentação successiva de forças dos cavalleiros, que na festa do Divino, em Goyaz, enchem todo o primeiro dia; depois, os lançaços e descargas (archaismo!) de pistolas, sobre as mascaras e bonecos do campo, e a consequente conversão dos mouros na capellinha; por ultimo, a corrida de argollinhas, para o remate da qual não faltariam os premios, dados pelas mãos mais gentis, mais cuidadas e aristocraticas da America do Sul — essas, das bellas cariocas da Guanabara...

E mais, a novidade dos ricos uniformes, o ajazeamento caracteristico dos corséis, as facecias do "mascarado", o numero 13, o judas, e traidor, o fatidico Galalão de Ronsevalles, emfim, — representação que não deixaria de impressionar os proprios assistentes da "estranja" que nos visitassem.

Emfim, as Cavalhadas, este magnifico symbolo guerreiro de fé christan e constancia na adversidade, importado de ultra-mar com os reinóes e primeiros bandeirantes, já desusado e esquecido na sua origem — terras lusitanas e paizes gaulezes d'além Pyrinéos, — mas que o pobre, o heroico e humilde sertanejo do nosso "hinterland" conserva e vem ainda transmittindo de geração a geração, como uma esplendida, captivante e commovedora herança moral de Religião e de Gloria!

Sómente os espiritos superficiaes, destituidos de senso philosophico, poderiam sorrir de semelhantes costumes e tal fidelidade...

Um pouco de boa vontade, senhores dirigentes da barca estadual, e convictos estamos nós de que não hão de faltar particulares que tomem a si a honrosa incumbencia da organisação de bandos, quadrilhas, embaixadas, tabas de indios, etc., elaborando um programma digno das tradições do antigo paiz dos goyazes.

E ainda, na parte choreographica, maestros ha, e inspirados, na capital goyana, que poderão compôr musica original, adequada aos diversos generos de dansa, propria para o instrumento predilecto dos nossos mestiços — a sanfona — e applicavel á catira, ao caterêtê, etc., que, certo, figurarão no concêrto geral, assim como fazem por aqui os compositores para os tangos e maxixes do zé-povinho carioca.

Para a "dansa de indios", o "quebra-bunda", o "villão", etc., lá se encontra ainda o Sebastião Epiphanio, modesto porém engenhoso artista dos presepes de Natal, verdadeiro talento no genero, para ensaiar os figurantes, presidir aos arranjos de scenario, dirigir os bandos, como tivemos a opportunidade de vêr ainda nos penultimos annos da nossa estadia em Goyaz — novecentos e oito, novecentos e nove, novecentos e dez — se não nos falha a memoria.

Um cretino qualquer que assignou B. A., espirito tacanho e mystificador, quando da publicação de uma nossa obra sobre costumes goyanos, ha cousa de trez annos, affirmou, movido por não sabemos que intuito e afocinhado no rodapé de uma folha local, que os divertimentos por nós saudosamente evocados, mui bonitos, tinham deixado de apparecer em Goyaz havia uns trinta ou quarenta annos... Isso apenas serviu para demonstrar que o supra mencionado individuo delle se achava auzentado, talvez, o referido espaço de tempo, pois de outra fórma seria mostrar-se alguem, em casa de rei, mais realista que a propria majestade...

— Aqui lhe abandonamos todas as honras da affirmativa.

Fechado o parenthesis que abrimos mui a contra-gosto, vejamos, porém, sob que criterio, no caso de ser adoptado o alvitre da Prefeitura, deve ser organisada a representação goyana.

No Rio de Janeiro, no periodo carnavalesco, era até ha pouco costume apresentar-se, vindos de suburbios e alfurjas da Gambôa, Saude e Favella, os chamados "cordões" de indio, empennachados de caudas de perú arrancadas a safados espanadores de sala, aos esgares e cabriolas pelas ruas centraes, impedindo o transito, azocrinando em guincharia o tympano dos transeuntes sem nenhum cunho na indumentaria de veracidade typica, desde as botas cambadas aos pandeiros de samba, numa triplice afronta á moral, ao bom gosto e á tradição aborigena.

Já em Goyaz, para a dansa de indios local, fornecem as ricas collecções particulares os adornos convenientes: tacapes e lanças authenticas, soberbos kanitares, cocares, buzios, etc., adquiridos entre os carajás e tribus ribeirinhas do Araguaya; e, mesmo, quanto á figuração, resurgindo dansas e cantilenas dos bandos indigenas que, reza a

chronica, faziam a sua visita annual ao palacio dos antigos governadores.

Assim, que não olvidem a tintura aromatica do urucum, afugentador de mosquitos, na pelle bronzeada. E os enfeites devem pautar-se com maxima fidelidade pelos ornatos de festa da nação mais proxima e semi-cathechisada — estes mesmos herculeos e appollineos carajás do Araguaya.

Outros detalhes virão a tempo. Quanto ao "congo", cumpre uma obervação. O "congo" dos humildes descendentes de africanos, em Goyaz, é, em sythese, differente do de outras regiões brasileiras. O "congo" em Minas, por exemplo, é uma cerimonia mais modesta, menos apparatosa, que se realiza ou se realizava em tempos idos, pelas festas do Rosario, segundo pudemos averiguar. Na terra goyana, porém, o "congado" sempre culminou pelas espectaculosas embaixadas, e essa musica doida, singela e profunda, cuja cadencia parece ainda emballar-nos remotamente o ouvido, musica de opprimidos, feita das dôres do captiveiro e de banzo africano, a que fez allusão Olavo Bilac num de seus maravilhosos sonetos...

Passamos em silencio o "moçambique", dansa dos negros de outra nação, em que "mulheres" tomam parte. Já em nosso tempo tinha deixado de surgir em Goyaz, bem como o "bando", estrepitosa cavalgada, cuja noticia de reapparecimento, porém, lemos ha pouco numa folha local.

As festas do Imperador do Divino, mencionadas por Machado de Assis, cremos, em "Historias da Meia-Noite", os "reinados", "juizados", "folias", "capitães" de mastro e da bandeira, novenas, illuminarias, etc., embora interessantissimas, são incompativeis numa representação "d'après nature", pelo seu caracter religioso e cerimoniais do culto catholico, de que dependem. Constituirão as festas locaes, como acontece alli annualmente.

A "dansa de camaradas", quadrilha da roça, requeriria, pelo menos, prévia representação de uma peça theatral em que fosse localisada, pois, despida de seus atributos naturaes, pouco interesse offerecem os seus passos e marcação, em confronto com as congeneres da cidade.

Esta quadrilha, quasi sempre, é dansada apoz a termiançõo dos trabalhos da roça. — Um caipira, indigente ou assoberbado pela extensão do roçado que pretende realizar, pede o adjuctorio de amigos e visinhos. Ninguem recusa. E' o "muchirão" ou "mutirão", como é chamado alhures. A rapaziada chega armada de foices, enxadas, machados. Começa a labuta.

Fazem a "malhada" no tracto de matta que o dono ou foreiro pretende lavrar, se este já a não fez antes. Muitas vezes é o adjuctorio apenas para esta derruba. Alguns se engajam para horas determinadas, outros trabalham de eito a eito. — Extraordinario exemplo de cooperação mutua, que a gente das cidades parece ignorar.

Emquanto derrubam, a mulher do rancheiro prepara gorda comezaina, café, bolos, manuês, berêm, que leva ao roçado, e acepipes, so bremezas e bebidas espirituosas para o termino do serviço.

Feita a malhada, temos a queima, o encoivaramento, o plantio, que podem dar seccessivos muchirões, ou um unico, conforme solicite o interessado.

Lançado o grão á ultima cova, lavam-se todos no ribeiro proximo mudam as roupas, e empunhando as ferramentas do serviço, dirigem-se para a casa do festeiro, engalanada a capricho com latadas e alpendres de folhas, abrigando a meza farta.

Rumando a casa, erguem a cantoria do termo do trabalho, rithmando-a ao entrechoque dos cabos de foice. Largam as armas lá chegados. E então sob as murchas folhagens, é terrivel o avança gerai nas comedorias...

Todas as violas estão encordoadas. Principia o baile, ou "dansa de camaradas", no lanço principal. O seu caracteristico é que nelle não tomam parte as mulheres. O sexo é figurado pela presença ou ausencia dos largos chapéos de palha. — E' a dansa mais casta e singela que conhecemos.

Os pinhos, a tiracollo, gemem sentidos; batem pés e mãos o compasso. Rodam, fazem o turno da sala; voltam, choram as violas. Quatro mãos callosas trocam palmadas, em compasso. E assim pela noite a dentro, com pequenas variantes.

— Far-se-ha, pois, uma peça regional para nella ser enxertada a a dansa de camaradas.

Todos esses festejos podem ser organizados, com vistas ao programma geral, a nosso vêr, sob quatro grupos basico, de accordo com os elementos ethnicos de que derivam: primeiro os danas de indio, representando a raça aborigena, genuinamente locaes; em segundo os lanceiros, o villão, a dansa de velhos, etc., dos primitivos conquistadores; no terceiro gruppo o congo, o moçambique, o batuque, etc., da grei africana; por ultimo, bumbas, quebra-bundas, catiras, caterêtês, dansa de camaradas, etc., etc., da mescla geral, representando a época actual naquillo que nella houver de mais original e caracteristico.

Tudo, num conjuncto harmonico que traga para o paladar carioca, enfaradissimo de exotismo e anemicas enxertias européas, o sabor sadio de um mergulho jovial nas matrizes profundissimas da nossa nacionalidade, e consolidando o instincto ancestral de cohesão ethnica na communhão de trez factores da raça, instincto esse completamente amortecido e já quasi apagado por toda esta maravilhosa facha littoranea...

E' o que do fundo do coração sinceramente desejamos.

HUGO DE CARVALHO RAMOS.

Lendas indigenas do Araguaya

O illustre General Rondon, reservou para o actual Congresso de Geographia, em Bello Horizonte, a mais bella pagina da sua excursão scientifica pelo interior longinquo do nosso vasto paiz.

Da sua conferencia sobre o ponto de vista do interesse geral, o conferencista destacou com relevo especial a valente organização dos Carajás. bondosos, affaveis e alegres, de forte compleição e de altura superior á mediana.

Pelo que narrou o General Rondon, trata-se de milhares de homens destemidos e fortes, aptos para a lavoura, e que lá estão á espera de uma catechese em regra.

Dentre os mais curiosos episodios narrados pelo General Rondon, podem destacar-se os seguintes:

PROEZAS FANTASTICAS

Esses indios, obrigados a morar nas praias do Araguaya, por meio dos canoeiros que occupam as terras altas, isentas de inundações, vêm-se praticamente impossibilitados de fundarem a sua subsistencia sobre a lavoura, sempre ameaçada de destruição pelas grandes enchentes do rio. Certamente, por isso, elles se tornaram, mais do que quaesquer outros, eximios pescadores, em cuja pratica realizam proezas verdadeiramente fantasticas. O Capitão Pedro Dantas relata que, na exploração do rio das Mortes, fazia parte da tripulação da sua canôa um carajá, de nome Uburetan, que indo com os outros a manejar a vara, na faina de fazer a embarcação avançar contra a correnteza, repentinamente atirou-se á agua e nella desappareceu num audacioso mergulho.

Uma praia na ilha do Bananal, formada pelo Araguaya. A do Bananal ou de Sant'Anna é a maior ilha fluvial do mundo inteiro. A ilha de Marajó, que aliás não é propriamente fluvial, conta apenas 5.318 kilometros quadrados, emquanto que a do Bananal possue 20.000 kilometros quadrados de superficie !

Ficára o official com os sentidos suspensos; mas, dahi a pouco, via, maravilhado, surgir o indio trazendo sobre uma das mãos espalmadas uma tartaruga sustida pelo dorso.

Certa vez, o mesmo Uburetan atirou uma fléeha contra um lagarto, porém, não foi feliz, pois não o attingiu em logar mortal.

O animal, ferido, cahiu no rio, e nelle desappareceu. Atrás delle atirou-se o indio. O mergulho prolongava-se; já todos desanimavam de revêr o prodigioso nadador. No emtanto, ainda desta vez, elle voltou das profundezas do rio, e, o que é mais, trouxe na mão a desejada preza, que debalde se debatia em contorsões furiosas.

Emfim, não ha peixe, por mais arisco que seja, que escape á fléeha carajá; com a mesma segurança ella fisga e trespassa o surubi, o barbado, o tucumará ou qualquer outro.

A CAPACIDADE CREADORA DA TRIBU CARAJÁ

Da capacidade creadora da mentalidade Carajá, darei um exemplo, narrando aqui a lenda de Tabina-Can, estrella Vesper, recolhida pelo Capitão Pedro Dantas da bocca do chefe Capitichana:

"No tempo em que a nação Carajá não sabia fazer roça, nem plantar o milho cururuca, nem ananaz, nem mandioca, e só vivia de fruta do matto e do bicho que matava e do peixe, existia um casal que teve duas filhas: Imaherô, a mais velha, e Dênakê, a mais nova.

TAHINA-CAN

Num anoitecer de céo estrellado Imaherô viu Tabina-Can brilhar tão bello e suave, que e não conteve e disse: — "Pae, é tão bonito aquillo!... Eu queria posuil-o, para brincar com elle"...

O pae riu-se do desejo da moça e disse-lhe que Tahina-Can estava tão longe que ninguem o poderia alcançar. Comtudo, accrescentou: "Só si elle, ouvindo-te, filha, quizer vir".

Ora, alta noite, quando todso dormiam, a moça sentiu que alguem viera collocar-se ao seu lado. Sobresaltada, interrogou: "Quem és e o que queres de mim?"

"Sou eu, Tahina-Can; ouvi que me querias perto de ti, e vim. Casa commigo, sim,"

Imaherô accordou os paes e accendeu o fogo.

Ora, Tahina-Can era um velho; muito velhinho, de cabellos e barba brancos como algodão, e de pelle enrugada.

Vendo-o, á luz da fogueira, Imaherô disse: "Não te quero para meu marido; és feio e velho e eu quero um moço forte e bonito".

Tahina-Can ficou muito trite e poz-se a chorar.

Então, Dênakê, que tinha um coração meigo e bondoso, compadeceu-se do pobre velhinho e procurou consolal-o, dizendo: "Pae, eu me caso com elle; eu o quero para meu marido". E o casamento realizou-se com grande alegria do tremulo velhinho.

AS ESPIGAS DE MILHO

Depois de casado. Tahina-Can: "Careço trabalhar para te sustentar, Denakê; vou fazer um roçado para plantar coisas boas, que Carajá ainda não possue nem conhece.

E foi ao Berô-Can; dirigiu-lhe a palavra, e, entrando nelle, ficou com a pernas abertas, de maneira que as aguas passavan entre ellas.

O velhinho, curvado para a torrente, de vez em quando mergulhava as mãos e apanhava as boas sementes que iam vogando, rio abaixo. Assim as aguas deram-lhe dois atilhos de espiga de milho cururuca, feixes de maniva de mandioca, e tudo mais que os Carajás hoje conhecem e plantam.

A LENDA

Sahindo do Berô-San, Tahina-Can disse a Denakê: "Vou derrubar matto para fazer roçado. Tu, porém, não me venhas vêr no trabalho; fica em casa, cuidando da comida, para quando eu voltar, cançado e com os braços doloridos, matares a minha fome e restaurares as minhas forças".

Tahina-Can foi; mas demorou tanto que Denakê, de medo que o muito cansaço o tivesse feito cahir exhausto e doente, resolveu desobedecer á recommendação e foi de mansinho espial-o.

Ah! que surpreza e que alegria! Quem estava ali, a trabalhar, era um moço bellissimo, de alta estatura, cheio de força e de vida, e tinha no corpo os enfeites e as pinturas que os rapazes Carajás ainda hoje usam.

Denakê não se conteve; louca de alegria, correu a abraçal-o, e depois levou-o comsigo para a casa, contente por mostrar aos paes o seu esposo, tal como era na verdade.

O "URUTAU"

Foi então que a outra irmã, Imaherô, o desejou tambem e disse-lhe: "Tu és meu marido, pois vieste para mim e não para Denakê".

"Mas, respondeu Tahina-Can, só em Denakê encontrei bastante para ter pena do pobre velhinho; ella o acceitou, quando tu o desprezavas. Agora não te quero; só Denakê é minha".

Imaherô, de despeito e inveja, soltou um grito, cahiu no chão e desappareceu; no logar della e em vez della, viu-se um "Urutau", passaro que ainda hoje dá um grito triste e tão forte que parece ser de uma ave muito maior".

Foi assim que a nação Carajá aprendeu com Tahina-Can a plantar o milho, o ananaz, a mandioca e outras coisas boas que antes não conhecia".

Ao terminar este bellissimo conto, o velho Copitichana, envolvendo o Capitão Dantas num olhar profundo, disse com voz evocativa de passadas emoções: "Foi assim que minha mãe me ensinou."

(Do *Rio-Jornal*).

INTERIOR GOYANO

Roncador, o ponto em que actualmente se acha esbarrada a construcção da estrada de ferro de Goyaz, é situado na margem do rio Corumbá, um dos grandes affluentes do rio Paranahyba.

Alli se encontra um movimento desusado de tropas, carros e passageiros que demandam o sertão goyano. Gente de toda parte, divertimentos, boas balsas, batelões para o transporte á outra margem do rio, onde tambem se vê grandes depositos de cereaes, cargas, etc., nos barracões de zinco.

O movimento da estação de Roncador é quotidiano, e bem se nota o commercio goyano cada vez mais crescente, cada vez mais animado, cada vez superior, conforme os mezes que se passam vertiginosamente, dando uma idéa esperançosa deste colosso adormecido por falta de locomoção no seu amago, no seu coração, que é o do Brazil inteiro. Além de Roncador cinco leguas, apparece modestamente Santa Cruz, a primeira capital goyana onde Bartholomeu Bueno assentou suas tendas á cata do ouro e onde se nota até hoje os revolvimentos de terras na margem do ribeirão Brumado, que foi rico em minas auriferas, ainda as possuindo em muitos logares. Faz bem pouco tempo, uma creada, apanhando lenha nas margens do referido corrego, encontrou uma pepita de ouro que pesou 100 grammas. E' grande o movimento de penetração que se vae imprimindo, uma nova rotina no desenvolvimento da zona correspondente do municipio de Ypameri ao de Santa Cruz, porque os immigrantes vão comprehendendo a fertilidade do sólo goyano e percorrem leguas em mattas riquissimas e abundantes, onde a pastagem para o gado é excellente, variada, e, cousa muito singular, vê-se em quantidade inestimavel a palmeira denominada *Indaiá-Assú*, que produz cachos enormes de côcos abundantes em oleo superior ao babassú nortense. As fazendas do municipio de Santa Cruz vão se alterando de preço, devido á enorme procura de terras, e talvez tenha razão na superabundancia de dinheiro papel actualmente desvalorizado com a inflação produzida pelas emissões continuas, quasi impatrioticas.

Bella Vista, com seus campos limpos e lindos, cheios de fazendas cada qual melhor, mais aperfeiçoada, mais cheia de melhoramentos, de pastagem variada, onde o gado se engorda facilmente, tornando-se pesado, com pello liso e luzidio. A cidade de Bella Vista é collocada n'uma suave collina, com abundancia d'agua, lindos burítysaes ao derredor e topographia magnifica. As casas geralmente são boas, duas igrejas, sendo uma de estylo moderno e ampla, bom paço municipal, escolas para os dois sexos, séde de comarca, tabellionatos, collectorias, diversas casas commerciaes, telegrapho e brevemente luz electrica. O movimento da cidade é o commum das cidades do interior. Exporta Bella Vista saboroso fumo, e os compradores de tal producto vão de Uberaba, lá se demorando dois mezes, de Setembro a Outubro, ás vezes até fim de Novembro, levando numerosas cargas, ou, como agora estão preferindo, as folhas de fumo emmassadas, formando pequenos fardos imprensados, não perdendo, por conseguinte, o succo e aroma, e dizem os fumantes que desse feitio tem mais sahida nos mercados de Minas e S. Paulo. Cereaes, gado e toucinho tambem o municipio exporta em quantidade sempre crescente, á medida que os braços para a lavoura vão se augmentando progressivamente.

Depois de Bella Vista nos apparece Campinas, uma cidade do interior dotada com um bom collegio, fundado ha annos pelos padres redemptoristas, que lá educam numerosos rapazes e hospedam cavalheirescamente quem os procura, tratando-o da maneira mais captivante, fornecendo-lhe delicioso vinho de tucum, fabricado no collegio, não regateando em mimosear a petizada pobre da localidade com variadas fructas do grande pomar que plantaram e faz honra ao espirito emprehendedor e trabalhador destes ho-

mens que vieram do estrangeiro para instruir e beneficiar a mocidade de uma zona goyana que esteve muitos annos em completa estagnação de vida. Na entrada do collegio vê-se do lado esquerdo, depois de passar formoso jardim, a inscripção latina: "*Venite adoremus Domine* "

Quem viajando pelo sertão se dá de encontro com vasto edificio trazendo tão expressiva quão tocante inscripção, tem saudades e seu espirito vôa nas regiões do infinito, lembrando emfim que não é só admirar aquella formosura de campinas que proximamente acabar-se-ão para surgir, com imponencia e magestade, o verde-escuro das mattas de vinte leguas de extensão em direcção da capital goyana, e sim balbuciará uma prece em surdina rendendo graças ao Grande Architecto do Universo pelo feliz termino da viagem, reconhecendo a fatalidade da sorte, a nenhuma valía que somos todos nós perante o desconhecido. Em Campinas os padres construiram boa igreja, embora não seja tão grande como a de Bella Vista, em todo o caso, merece especial menção, pela sua architectura, destoando da fórma commum de outras igrejas do interior. Campinas possue algumas casas de negocio, duas pharmacias, escolas particulares, optimos collegios e fica assentada sobre uma chapada quasi de oito kilometros.

Ynhumas (antiga Goiabeiras) dista de Campinas sete leguas; é uma cidadesinha de pouco movimento, poucas casas, pequena igreja, e parece mais uma fazenda rodeada de cercas de arame. Lá se vêem casas pequenas em completa ruina e outras que se vão construindo em represalia... Naturalmente, Ynhumas tem que se evoluir, devido ao seu ponto geographico — no amago do "matto-grosso" de Goyaz — isto é questão de tempo, bastando a penetração da estrada de ferro até o corrego do Tavares, no municipio de Bomfim. Transmontando a Serra do Catingueiro Grande, cuja altitude talvez não seja inferior a 1.000 metros, encontra-se a fazendo do Ernesto, com vasto cafezal bem arruado e numerosos aggregados. Ahi a pastagem altera-se continuamente, uma hora é o capim jaraguá ou pilar, outra o amargoso, que é mais procurado, por ser, quando tenro, grammado e macío, tendo os fazendeiros certa predilecção em conserval-o rasteiro, para a facil engorda dos bovinos. Descendo a Serra do Catingueiro Grande, vão apparecendo os campos proximos da cidade de Curralinho, que fica apenas sete leguas de Goyaz (capital). Curralinho é uma cidade antiga, relativamente grande, tendo hoteis, igrejas, telegrapho e escolas, notando-se algumas construcções recentes.

O commercio local é de pouco movimento; tambem espera o silvar da locomotiva...

Avançando mais para o norte, encontra-se o rio Uruhú, um tanto volumoso, em cujas margens os campos são bons, desdobrando-se um panorama que encanta, tendo ao longe, á direita de quem se dirige á capital, enorme serra, que parece guial-o para o seu recesso, para um ponto em que viveria tranquillo sem as etiquetas e convenções da sociedade hodierna, alli onde o Anhanguéra apurou muito ouro e conviveu com a tribu dos Goyazes, atemorizando-a ao ponto que, se ella não lhe rendesse obediencia, poría fogo nos rios e corregos e, para provar o seu arrojo, o seu poderío, lançou fogo sobre um prato contendo alcool... Adiante do rio Uruhú poucos kilometros, começa-se a encontrar pequenos serros até a povoaçãosinha de Areias, um pittoresco agglomerado de casinhas com uma igrejinha collocada no cimo d'um penhasco, estylo semelhante ao gothico, tudo claro, alvo, e dentro do templo tive o encanto de ouvir as moças rezando o terço, ressumando no ambiente a profusão das flores, com a mocidade, crença e fervor das minhas adoraveis patricias que lá se achavam veraneando e se deleitando com o ar puro e sempre renovado do alto da serra.

Alguem me fallou, na occasião, das moreninhas côr de pecego maduro... A povoação de Areias, que para os goyanos da capital podería ser a Petropolis dos cariocas, dista de Goyaz quatorze kilometros, dahi sempre descendo, descendo, em estrada de rodagem, ampla e conservada pela municipalidade, até surgir outra povoação denominada Bacalháo, onde corre pequeno rio do mesmo nome, que é gaudio dos banhistas e das lavadeiras, proximo da capital dois kilometros. Ahi os desembargadores Martins Ribeiro e Emilio Povoa passam grande parte do verão, indo de manhãsinha a pé para a cidade, fazendo este exercicio, que lhes dá saúde e vigor, principalmente ao primeiro, que é um distincto magistrado, já velho e muito conservado.

(*Continúa*).

MARIO VAZ.

Uma praia do Rio Vermelho, Goyaz. Por cima, descendo até á orla florestal, os esgalhos pendentes dum Jatobá (Hymenæa s|p). O genero "himenæa" encerra varias especies, sendo dellas mais abundantes no Brasil Central o jatobá de folha larga, o da matta e o do campo.

Commendador Francisco José da Silva

1814 — 1886

"Os homens se succedem como as ondas do oceano, ou como as folhas do bosque; mas a gloria dos benemeritos não se apagará: antes ha de crescer como o carvalho de Morven, que oppõe sua copa frondosa aos vãos assaltos da tempestade".

Ossian — *The Warriors of Fingal.*

Quanto nos fossem difficultosas as pesquizas a que tivemos de proceder para reunir documentos dispersos no transcurso de muitos annos, bem assim informes que só pessoas antigas nos poderiam prestar ácerca da longa e laboriosa existencia do nosso biographado, todavia o que pudemos conseguir e se segue, parece-nos o bastante para destacar do olvido serviços e actos de benemerencia que muito o recommendam á gratidão dos nossos conterraneos.

Nasceu o commendador Francisco José da Silva em Pyrenopolis (então freguezia de Meia Ponte) aos 15 de Março de 1814, e falleceu na cidade de Bomfim a 1º de Fevereiro de 1886 — deixando no seu activo de homem publico relevantes serviços á Patria e especialmente á sua provincia natal, onde os attribuidos a muitas das nossas proclamadas glorias contemporaneas ou passadas nem sequer se lhes podem comparar, nem em numeros, nem em proporções.

Filho legitimo do sargento-mór Vicente Miguel da Silva e de D. Maria da Paixão Soledade e Silva, elle soube honrar a sua distincta ascendencia, sem vaidade nem presumpções quaesquer.

Dessa ascendencia e tambem do seu parentesco com illustres personagens do seu tempo, como Cotegipe, o eminente estadista do Imperio, e outros a que adiante referiremos, podia desvanecer-se; no emtanto, o incorruptivel patriota goyano — pois seus paes, — o maior dos bemfeitores da localidade em que vivera, Bomfim — era um dos homens mais considerados em Goyás, tanto pelas suas qualidades pessoaes quanto pela cultura espiritual, e a quem fizeram referencias honrosissimas o marechal Raymundo José da Cunha Mattos (o fundador do Instituto Geographico Brasileiro), Pohl, Natterer, Burchell, Castelnau e outros sabios notaveis que em principios e meiados do seculo passado visitaram as terras goyanas em excursões scientificas. (*)

Vicente Miguel foi um dos 19 eleitores parochiaes que elegeram em escrutinios realizados nos paços do conselho de Villa Bôa de Goyás o presidente e mais membros do governo privisorio que administrou a provincia nos primeiros dias do regimen imperial, em virtude dos decretos de 1º de Setembro e 23 de Outubro de 1821. Antes havia recusado a honra que lhe quizeram fazer os seus conterraneos, elegendo-o deputado ás côrtes portuguezas.

Quando Saint-Hilaire passou por Bomfim era o sargento-mór Vicente Miguel o juiz ordinario de todo o julgado de Santa Cruz, então um dos mais importantes da Capitania. O sabio francez fôra-lhe apresentado pelo governador Fernando Delgado de Castilhos.

Mais tarde, tendo na devida consideração os seus merecimentos, D. Pedro II o agraciou com o habito da Ordem da Rosa como consta do decreto imperial de 26 de Agosto de 1841, o qual lhe concedia a faculdade para que pudesse desde logo usar livremente da insignia respectiva".

Muito jovem ainda, casou-se o commendador Francisco José da Silva com D. Anna Rodrigues de Moraes, filha do sargento -mór Jeronymo Rodrigues de Moraes, segundo a expressão de Cunha Mattos "homem industrioso, que o tratára com a maior ostentação possivel em Jaraguá", onde era chefe de numerosa e conceituada familia que muita preponderancia teve na politica goyana, e della descenderam, entre outros, o cirurgião-mór do Exercito Dr Theodoro Rodrigues de Moraes, marechal Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, e general de divisão Jeronymo R. de Moraes Jardim, estes sobrinhos e aquelle irmão de D. Anna Luiza. (*)

O brigadeiro Theodoro Rodrigues de Moraes representou a sua provincia na antiga Camara dos Deputados, onde soube captar a estima pessoal do grande Zacharias de Góes e Vasconcellos, o qual lhe chamava padre Theodoro, alludindo por gracejo á barba toda raspada do seu amigo e correligionario politico.

Na qualidade de seu 1º vice-presidente o brigadeiro Theodoro muitas vezes assumiu a administração da provincia, merecendo sempre consideração e respeito dos homens justos e honestos.

O marechal Jeronymo Jardim, que tambem foi deputado geral por Goyás, fez toda a campanha do Paraguay como um dos mais distinctos membros da nossa engenharia militar sempre se portando com notavel bravura, honrando assim o nome goyano, considerado com justiça uma das glorias da engenharia nacional.

Apenas com 18 annos foi o commendador Silva investido successivamente de varios encargos publicos em Bomfim, como os de ajudante do escrivão de orphãos, juiz de paz, vereador e presidente da Municipalidade, eleitor de parochia, delegado de policia, 1º substituto do juiz municipal, juiz de direito interino (muitas vezes), membro de commissões electivas e de nomeações dos governos geral e provincial, etc. etc.

Occupou os postos de tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel commandante superior da Guarda Nacional, obtendo pessoalmente do Ministerio da Justiça, no Rio, alguns utensilios para a milicia sob seu commando, a qual passava por ser a mais bem organizada da provincia,

De sociedade com o seu amigo, o venerando mineiro J. Feliciano Pinto Coelho da Cunha, um dos mais saligraças á disciplina que lhe impuzera, com o amor que consagrava ao interesse publico.

(*) As seguintes palavras do general Cunha Mattos dão testemunho não só da distincção e fidalguia do trato com que o venerando fundador de Bomfim recebia as pessoas que o visitavam, como tambem das suas apreciaveis qualidades de caracter: "O Commandante do Districto (Santa Cruz e Bomfim) obsequiou-me na sua casa pela maneira mais distincta que foi possivel neste logar. O jantar que me deu foi não só muito abundante mas muito delicado: apresentou-me a sua familia, senhoras alvissimas, mui bem vestidas, e cobertas de ouro á moda das Minas. O Commandante é muito bom homem; não me deu uma só palavra em desabono de pessoa alguma".

(*) O saudoso general dr. Joaquim R. de Moraes Jardim, na qualidade de engenheiro do governo na provincia de Goyás, com summa proficiencia e zelo excessivo prestou-lhe serviços que jamais poderão ser esquecidos. São delle os mais importantes trabalhos de engenharia que alli ainda existem, e que apenas podemos citar por alto: construiu mais de 100 pontes, algumas das quaes de grandes difficuldades por suas dimensões e circumstancias locaes, como as sobre os rios Meia Ponte e das Almas; abriu a estrada do Coxim na época da invasão paraguaya, a da capital á Leopoldina no Araguaya, etc. e na capital realizou as uteis obras que alli se veem: o matadouro, canaes e reconstrucção de pontes no Rio Vermelho, o cemiterio, e encetou a construcção da cathedral, obrá de vulto que deixou mui adiantada.

Organizou uma carta da provincia que ainda hoje é a melhor que possuimos, e levantou uma excellente planta do Araguaya, de Leopoldina a Santa Maria. Finalmente, foi quem organizou a empreza de viação ferrea e fluvial do Tocantins-Araguaya, cuja realização, em andamento, será em curto espaço de tempo a felicidade de Goyás.

entes vultos da rebellião de Minas Geraes em 1842, arrematára o serviço geral dos correios da Côrte até Goyás, ficando elle como emprezario da linha postal, a principio de S. João del Rey, depois de Catalão até á capital goyana, serviço publico esse que com a maxima pontualidade desempenhou durante longos annos, juntamente com as funcções de agente do correio em Bomfim, cargo de nomeação imperial, como consta do decreto de 8 de Janeiro de 1844, o qual lhe marcava a gratificação de 140$000 réis annuaes.

Foi ainda, por decreto imperial de 26 de Janeiro de 1855, nomeado para o posto de coronel-commandante superior da Guarda Nacional dos municipios de Bomfim, Santa Luzia e Formosa da Imperatriz, da provincia de Goyás.

Deputado perpetuo á Assembléa Legislativa Provincial, prestou assignalados serviços á causa publica, ao lado de outro não menos illustre patriota goyano, o seu amigo inseparavel Felippe C. de Santa Cruz.

Quando foi declarada a guerra contra o Paraguay, não só mandou se apresentar ao presidente da provincia o seu filho primogenito, Vicente Miguel da Silva, unico então na edade para tomar armas, como tambem se offerecera, elle mesmo, para marchar com a milicia sob seu commando o que o presidente da provincia Dr. Augusto Ferreira França agradeceu em honroso officio, dizendo-lhe serem necessarios seus serviços na comarca do Rio Corumbá, já como organizador de novos contingentes de Voluntarios da Patria, já como remettente de outros recursos de guerra urgentemente reclamados naquelle momento critico que atravessava o paiz.

Referia-se o presidente á incumbencia que acabava de lhe confiar o governo imperial para fazer em Coxim e Bahús grandes depositos de viveres necessarios ao abastecimento das forças expedicionarias que se destinavam á provincia de Matto Grosso, forças que deviam, e como de facto o fizeram, invadir a Republica do Paraguay pelas fronteiras daquella provincia.

E taes foram os esforços e a dedicação patriotica de que dera inexcediveis e exuberantes provas o coronel Francisco José da Silva, naquella occasião, fazendo até á sua custa remessa de tropas e carros de bois levando viveres de primeira necessidade para as forças expedicionarias, na sua passagem pelo sul de Goyás, desde o porto de Santa Rita do Paranahyba até o Coxim, nos limites com Matto Grosso, que o governo imperial houve por bem nomeal-o official da Ordem da Rosa, "attendendo aos relevantes serviços que, em relação á guerra com o Paraguay, prestou na provincia de Goyás" (decreto de 16 de Setembro de 1868).

Não queremos discutir se a distincção correspondia á relevancia dos serviços prestados.

Com effeito, o seu já alludido filho mais velho fôra, apenas declarada a guerra contra Lopez, o primeiro *Voluntario da Patria* que se apresentára na capital goyana, acompanhado de mais 25 guardas naciones uniformizados e soccorridos de etapa á custa de seu bolso, exemplo suggestivo, mas que não despertára semelhantes na provincia.

Para commemorar a chegada daquelle contingente á capital, realizou-se um banquete offerecido pelo governo, em honra das forças que iam partir para o theatro da guerra, e então, num discurso muito applaudido, o presidente Ferreira França enalteceu não só aquella iniciativa como tambem outros serviços patrioticos do coronel Silva, declarando que resolvera promover-lhe o filho, que se apresentára como 1º sargento, ao posto de alferes para o corpo de Voluntarios da Patria com o qual Goyás contribuiu para a guerra contra Lopez.

Da relevancia daquelles serviços que o governo imperial considerára como prestados pelo commandante superior da Guarda Nacional da comarca do Rio Corumbá, em relação á guerra com o Paraguay, falam eloquentemente as seguintes linhas:

"Apezar dos poucos meios de que póde lançar mão a provincia de Goyás, foi ella quem salvou a força expedicionaria dos horrores de uma fome prolongada, que traria ou o anniquillamento total da columna ou a sua dispersão obrigatoria. Não podemos deixar de prestar aqui uma homenagem de profunda gratidão ao seu Presidente de então o Ex.mo Sr. Dr. Ferreira França, a cujos esforços, deligencia e energia se deveu aquelle resultado — serviço publico do mais alto alcance politico e que infelizmente não foi nem elogiado, nem recompnsado. Sirvam estas linhas escriptas por mão imparcial de testemunho de reconhecimento para aquelle digno administrador". (Taunay — *Relatorio da Commissão de Engenheiros ás forças em expedição para a provincia de Matto Grosso*).

Este na verdade, imparcial testemunho de reconhecimento para com o illustre administrador da provincia, reflecte naturalmente na memoria do seu principal e mais desinteressado auxiliar, o qual, podendo aproveitar a occasião para se enriquecer — como tantos outros que foram as maiores fortunas particulares da provincia, nem quiz na sua gaveta as economias que o filho fizera nos campos do Paraguay, pois adquirira com ellas uma lampada ou candelabro de prata para a egreja matriz de Bomfim, onde aquella victima do dever recebera o seu nome de baptismo. (*)

Por decreto de 20 de Novembro de 1869 foi nomeado, "em attenção ao seu distincto merecimento e patriotismo" vice-presidente da provincia de Goyás, para servir em sexto logar no impedimento ou falta do respectivo presidente — nomeação essa da iniciativa do imperador D. Pedro II, bem como a que mais tarde veiu a merecer para o terceiro logar da mesma lista dos vice-presidentes, e no qual foi conservado até sua morte, sem que os *leaders* das varias situações liberaes que subiram ao poder, seus adversarios politicos, pudessem obter a exoneração do prestimoso goyano, da posição honorifica que occupava. E' que além da consideração em que o tinha o monarcha, que o conhecia pessoalmente, menor não era a estima que merecia de estadistas notaveis residentes na Côrte, como entre outros o seu primo o barão de Cotegipe, com o qual se correspondia assiduamente sobre assumptos politicos, quer da provincia, quer do paiz.

Lidando no partido conservador, todavia elle collocava os interesses vitaes da provincia acima dos daquella facção politica.

Foi esta a sua nobre attitude quando o general dr. José Vieira Couto de Magalhães foi candidato a uma cadeira de deputado geral por Goyás, pois muito patrioticamente entendia o coronel Francisco José da Silva, ao contrario de outros, que sobre se tratar, naquelle momento, de saldar uma divida de gratidão, ninguem mais digno nem nas condições de servir ás causas legitimas da provincia como o illustre e grande brasileiro, que fazia pela imprensa, em livros e relatorios officiaes, a mais enthusiasta e efficaz propaganda pela terra goyana, chegando ao ponto de arriscar sua fortuna particular e a propria vida no empenho de levar avante a navegação a vapor do Araguaya, o que com effeito acabava de realizar, fechando desse modo o cyclo do seu verdadeiro apostolado no interior do Brasil. (*)

(Continúa.)

(*) Morreu no posto de capitão, que alcançára por actos de bravura. Fez parte da vanguarda das forças brasileiras em operações ao sul de Matto Grosso quando ellas transpuzeram o rio Apa em frente a Bella Vista, no territorio paraguayo, onde no sangrento combate de 8 de Maio de 1866 muito se distinguiu, recebendo glorioso ferimento. Nesse dia fazia parte do Corpo de Caçadores, que só se salvou pelo recurso ou tactica de formar quadrados — "fóra dos quaes, diz Taunay, não havia sinão morrer miseravelmente debaixo do sabre ou da lança dos paraguayos", cuja aguerrida cavallaria entrou toda em acção nessa refrega memoravel da retirada da Laguna.

Ao chegar, porém, ás proximidades de Miranda, termino daquelle brilhantissimo feito d'armas do Exercito Nacional, succumbiu o bravo capitão Vicente Miguel da Silva, victimado pelo cholera-morbus, que dizimou quasi completamente a infeliz columna ao mando do coronel Camisão.

(*) Tanto mais nobre e patriotica foi nessa occasião a attitude do commendador Silva, quanto mesquinha e ingrata era por esse tempo a guerra que certa parte da imprensa goyana movia ao dr. Couto de Magalhães, por querer este transferir a capital da provincia para Leopoldina do Araguaya.

E' que a idéa grandiosa do illustre brasileiro contrariava deveras interesses individuaes das propriedades de vetustos casarios contemporaneos do Anhanguera na capital, onde os goyanos "se contentavam com o lucro de 40 réis sobre metro de chita...".

ESTRADA DE FERRO AO TOCANTINS, ATTINGINDO CAIANAN

Sobre um terreno aurifero desenvolve-se a bacia de um dos maiores rios do mundo, — o Tocantins.

Admirando-o, James Orton escreveu em suas notas de viagem:

"Esplendido rio que rega a região do "mais delicioso clima do Brasil, (Goyaz), cor-"rendo num leito de diamantes, rubis, saphy-"ras, topazios, ouro e prata. E' a parte mais "rica da America do Sul".

Viajantes illustres, nacionaes e estrangeiros, são unanimes na affirmativa, e a fama das riquezas naturaes da bacia do Tocantins tornou-se axiomatica pertence á classe das verdades demonstradas e indiscutiveis.

Lembraremos apenas que no sertão onde teem assento o Descoberto, Amaro Leite, Carmo, Natividade, Concciçäo e Arraias, a unica industria praticada, e de que resulta a alimentação e vestuario do proletariado, é a extracção do ouro por dois processos: — A lavagem da areia e a pescaria. A primeira se faz em todo tempo e a segunda só é possivel no verão.

Uma matta, de cerca de cem leguas de largura, isóia os campos baixos do littoral do Maranhão, dos altos campos do sertão, differenciados pela constituição geologica, flóra e clima.

Interessa pelo Zutiua, regada pelo Pindaré e pelo Gurupi, prodigiosa em sua vegetação, esta matta encerra riquezas quasi innumeraveis.

Mencionaremos algumas: Cumarú, Copahiba, Borracha, Cravo, Breu, Baunilha e côco de diversas palmeiras maximé o inexgotavel Babassú.

Arvores de altura e espessura admiraveis, fornecem preciosas madeiras para construcção predial e naval, como: Anoirá, Amapá, Angelina, Guananim, Guarituba, Guaribeira, Cumarinha, Itaúba, Jarana, Jenipapo, Maçaranduba, Macucú, Maparajuba, Muragica, Piqui, Penditiba, Sucupira. Jatobá, Pau d'Arco, que é tão bom ou melhor que o teak, que os inglezes importam de Ceylão e da India. Para taboas ha madeiras especiaes: Louro-taxi, louro-vermelho, mangaba da matta, sobreiro, tamacuari, andiroba, arapari, baracutira, cedro, gemirana, jurema, o formoso louro-rosa, marapinima, mirapiranga, gepió, tatajúba e arariba, notavel pela sua brilhante côr rubra; para caibros e obras suspensas: Araracanga, mijuba preta; para tinturaria: Mucunan (sipó que dá tinta rubra), guariuba e tatajuba, arvores grandes cuja madeira dá uma tinta amarella; tatajuba, cuja casca produz tinta preta.

Para fins medicinaes, notamos: Herva-cidreira, nas praias dos rios; macellas, nos barrancos argilosos; mamona branca, para oleo de ricino nativa em Grajahú; abutua, poderoso emmenagogo, guananim da vargem, resolutivo empregado em emplastro; louro, caustico violento; janahyba e matau, purgativos; ocumba, usada para curar feridas na bocca; cravo, cuja casca é exportda para extrahir o oleo de cravo. O oleo das fructas de andiroba, serve para fabricação de sabão; o oleo da fava do cumarú, é aproveitado na perfumaria; o oleo da ocumba, é utilisado em fricções sobre dores rheumaticas; a salsa-parrilha e outras, como depurativos.

Ora, diante de tanta opulencia, é intuitiva a conveniencia de uma estrada de ferro, destinada a aproveitar a riqueza mineral de Goyaz e a riqueza vegetal do Pindaré, dando sahida a todos os productos agricolas e pecuarios do Maranhão e Goyaz.

Desde o governo de Portugal, as maiores tentativas se hão feito, para dar sahida aos productos de Goyaz e do alto sertão do Maranhão, pelo Tocantins sem que jamais se pudesse vencer os impossiveis, como as cachoeiras Tauiri e Itaboca, com que a natureza obstruiu a passagem do curso inferior do Tocantins.

Sómente as secções superiores do Araguaya, 1.040 kilometros, e do Tocantins, 600 kilometros são livres de obstaculo.

Releva ponderar que Tocantins, é o rio que resulta da reunião dos dois e que devido ao acaso de ter sido primeiro conhecido o braço oriental que os paulistas suppuzeram ser o Amazonas, lhe ficou pertencendo o nome.

Menor em extensão, é mais profundo e apresenta um leito menos elevado, ao qual o outro desce por um declive de seiscentos kilometros, de Barreira ao ponto de juncção em S. João.

E' de Barreira para cima, em mil kilometros, — "o grande Araguaya", o mais formoso rio do mundo", no dizer de Couto de Magalhães...

Empolgado por esta magestosa grandeza, fascinado por aquella natureza virgem e esplendorosa, Couto de Magalhães sonhou fazer de Leopoldina, uma nova Alexandria e nella um emporio do commercio da America do Sul.

Para elle, como para o humilde escriptor destas linhas, o Araguaya é o melhor caminho para a Bolivia.

Das aguas do Paraguay para as do Araguaia, Couto de Magalhães fez transportar desarmados, em carros puxados por bois, barcos movidos a vapor, iniciando uma navegação, á vapor, até Santa Maria, e, em botes, até o Pará, esforço terminado na triste experiencia, em que o vapor *Pará*, fazendo a sua primeira viagem de subida, foi engolido pelo sorvedouro do canal do inferno da Itaboca.

Tendo-se em vista que os "dois rios gemeos", como os chamou Elisée Reclus, correm a pequena distancia um do outro, concebe-se a idéa de ligar por uma estrada de ferro as secções navegaveis, acima citadas. A do Tocantins, de Porto-Franco ao Funil, permitte livre navegação a navios de grande calado, pois tem sempre profundidade de 5 metros com largura superior a 500 metros.

Em documento conservado no Instituto Historico e Geographico, o General Cunha Mattos, disse ter medido nessa altura, a largura de 612 braças.

Necessita-se, pois, ligar esta secção navegavel do Tocantins ao oceano Atlantico, e o modo disto realizar, vamos suggerir:

O rio Pindaré, navegavel em todo tempo até o Engenho Central, aos 3°, 40' lat. Sul, 2°, 8' long. occidental, pelo mediano do Rio.

CAINAN, á margem oriental do Tocantins aos 6°, 7' lat. Sul, 4°, 19' long. Occ. do meridiano do Rio. A distancia entre os dois pontos é calculavel em 450 kilometros ou 90 leguas portuguezas.

Longitudinalmente traçada entre o Rio Grajahú e a depressão do Zutiua, a estrada de ferro se estenderá sobre um terreno firme, duro, e resistivel, sem obras d'arte, a não ser uma ponte de 25 a 30 metros sobre o rio Lageado, na proximidade do terminus da mesma estrada.

O maior trabalho será a abertura da matta, em toda a extensão do espigão até sahir nos campos; mas este trabalho será fartamente remunerado com os lucros da exportação das madeiras de lei e outros productos mineraes e vegetaes.

Podemos asseverar que, para cada kilometro de estrada posta em trafego, teremos uma verba de receita e quasi que a estrada será concluida com o seu proprio rendimento.

O commercio do sal é o mais importante da vasta região sobre que se dilatam o Norte de Goyaz, o Sul do Maranhão e do Piauhy e Oéste da Bahia. Para uso domestico e beneficiar seus gados, em milhões de animaes, o sertanejo vae buscar o chlorureto de sodio onde quer que possa encontral-o. Viaja dois mezes e o conduz em tropas de cavallos e burros. A navegação do Tocantins permittirá o estabelecimento de depositos no Funil e é bastante este negocio para prender o commercio interior do Brasil. Além da via de communicação pela estrada de ferro, accresce a facilidade de conduzir o sal pelo rio do Somno, que é navegavel quasi até o territorio da Bahia.

A esta conveniencia commercial associam-se outras vantagens politicas resultantes da communicação pelo interior do Brasil.

Do Funil a Pirapóra, onde finda a Central do Brasil, só ha uma extensão de campos ondulados, na distancia de 900 kilometros.

Em conferencia realizada na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, demonstrei a praticabilidade do prolongamento da Central de Pirapóra ao Funil.

Mais tarde, vi em projecto esta idéa com o accrescentamento até Belém do Pará, com o traçado margeando o Tocantins, para depois cahir nos terrenos innundaveis das cabeceiras do rio Capim, o que além de alongar enormemente, exigiria custosas obras d'arte, impossiveis ás forças do Brasil durante um seculo.

De S. Luiz do Maranhão ao Funil se poderá ir em 5 dias; do Funil a Pirapóra 3 dias; de Pirapóra ao Rio de Janeiro 3 dias.

E' o quanto basta para provar a conveniencia da projectada estrada de ferro.

A esta exposição juntamos uma carta geographica do Estado do Maranhão em que delineámos o traçado da estrada. Um ramal levado a Ressaca, logar abaixo da cachoeira de Santo Antonio, põe a estrada em communicação com a secção inferior, navegavel até Marabá ponto de immensos castanhaes e mattas de caucho.

Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1919.

J. PARSONDAS DE CARVALHO.

A mudança da capital para Goyaz

Um projecto apresentado no Senado

"O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º — Dentro do prazo de dous mezes, a contar da promulgação da presente lei, o Presidente da Republica mandará abrir concurrencia, sem onus para a União, para a construcção da nova Capital Federal conforme determina o art. 3º da Constituição da Republica.

§ 1.º — No edital da concurrencia, que será publicado pela imprensa das capitaes de todos os Estados do Brasil e de New York, Londres, Paris, Bruxellas, Roma e Lisboa, será fixado o prazo de seis mezes para a apresentação das propostas, determinando o mesmo edital que o prazo para a conclusão das obras não poderá exceder a cinco annos, contados da assignatura do contrato da construcção, quando deverá realizar-se a mudança da Capital da Republica.

§ 2.º — O concurrente preferido gozará do privilegio, durante vinte annos, para a exploração dos serviços d'agua, esgoto, illuminação, serviço telephonico e viação urbana.

§ 3.º — O edital especificará:

a) o deposito para a garantia das obras e das multas que forem impostas pela infracção das clausulas do contrato das mesmas;

b) os planos e orçamentos geraes e parciaes de todas e de cada uma das obras projectadas;

c) todos os edificios precisos para a installação da Capital da Republica, séde do Poder Executivo e do Congresso Nacional, Palacio da Justiça, repartições publicas, escolas, bibliothecas, theatros, penitenciaria, hospitaes, quarteis, mercados, correios, telegraphos, telephones, etc.;

d) o plano geral da cidade com as suas ruas, avenidas, praças e outros logradouros publicos e jardins;

e) as installações indispensaveis á hygiene de uma cidade moderna, como agua, esgotos, illuminação, tracção electrica, etc.

Art. 2.º — Fica o Governo autorizado a abrir os creditos necessarios para a immediata execução desta lei e para a construcção das estradas de ferro, dos prolongamentos e ramaes precisos para ligar a nova Capital Federal ás capitaes dos Estados da União.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Assignaram: *Justo Chermont, Hermenegildo de Moraes, Gongaza Jayme, Eugenio Jardim, Octacilio Camará, Abdias Neves, Metello Junior, F. Schmidt, Jeronymo Monteiro, M. de Lacerda, Pires Ferreira e Nestor Gomes*".

* * *

A justificação do projecto é a seguinte:

"Não necessita de justificação o presente projecto de lei, porque o que elle dispõe é um preceito da Constituição de 24 de Fevereiro, que tem sido uma constante e secular aspiração brasileira, desde os tempos coloniaes, durante o Imperio e agora sob o regimen republicano.

Nos tempos coloniaes. — O Visconde de Porto Seguro attribue o projecto da "mudança da Capital do Brasil para o sertão" aos patriotas da Inconfidencia, e desde os primeiros tempos da fundação da imprensa entre nós a idéa foi sustentada com perseverança por um dos mais illustres jornalistas da época colonial.

"O Rio de Janeiro, escrevia, elle, não possue nenhuma das qualidades que se requerem na cidade que se destina a ser a Capital do Imperio do Brasil".

A Capital deve-se estabelecer "em um paiz do interior, central e immediato ás cabeceiras de grandes rios", de onde se abririam "estradas que se dirigissem a todos os portos de mar".

"A cidade do Rio de Janeiro, aliás mui propria ao commercio e outros fins, mas é summamente inadequada para ser Capital do Brasil. Basta lembrar que está em um canto do territorio do Brasil, que a sua communicação com o Pará e outros portos daquelle Estado é de immenso difficuldade, e que, sendo um porto de mar, está o Governo alli sempre sujeito a uma invasão inimiga de qualquer potencia estrangeira. A côrte não deve residir no porto no logar que se destina a ser emporio commercial..."

Os deputados paulistas que antes da Independencia foram eleitos ao Congresso de Lisboa levaram mandato imperativo com instrucções pelas quaes deviam advogar a mudança da Capital do Brasil.

"Parece-nos muito util, diziam essas instrucções, que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da côrte ou da regencia, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 14 gráos, em sitio sadio, ameno, fertil e regado por algum grande rio navegavel.

Deste modo fica a côrte ou assento da regencia livre de qualquer assalto e surpreza externa, e se chama para as provincias centraes o excesso da povoação vadia das cidades maritimas e mercantis. Desta côrte central dever-se-ão logo abrir estradas para as diversas provincias e portos de mar, para que se communiquem e circulem com toda a promptidão as ordens do governo e se favoreça por ellas o commercio interno do vasto Imperio do Brasil".

Entre esses deputados paulistas figuram dous Andradas — José Bonifacio e Martin Francisco.

Na monographia do Dr. A. M. de Azevedo Pimentel, de onde são extrahidas estas citações, encontram-se outras manifestações a favor da mudança da capital do Brasil.

O Conselheiro Velloso de Oliveira, em uma memoria sobre melhoramentos do Estado de S. Paulo, dizia, em 1810:

"E' preciso que a côrte se não fixe em algum porto maritimo, principalmente se elle fôr grande e com boas proporções para o commercio. A capital deve-se fixar em logar são, ameno, aprazivel e isento de confuso tropel das gentes indistinctamente accumuladas".

Em 1822, um deputado de regresso de Lisboa, publicou um projecto de Constituição para o Brasil, encabeçando o art. 1º com o seguinte dispositivo:

"No centro do Imperio do Brasil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguay e Amazonas, fundar-se-á a capital deste Reino com a denominação — Brasilia, ou outra qualquer".

Justificando a mudança da Capital do Brasil para o planalto central, explica a razão daquelle art. 1º:

"A necessidade e a prudencia obrigam a adoptar este artigo. A necessidade, porque o Brasil sómente poderá ser grande Imperio, reunido e povoado, e eis o que se consegue com a nova capital.

A prudencia, porque este é o unico meio de evitar as rivalidades que se descobrem entre as provincias".

E, tratando da execução da sua idéa da construcção da nova capital, accrescenta:

"1.º — A Capital do Brasil será fundada segundo o plano que derem tres engenheiros, que devem escolher o logar mais proprio, eleitos pelos deputados do Brasil, conforme o plano approvado pelas côrtes; 2º, cada provincia contribuirá com uma quota annual relativamente á sua riqueza para a fundação da nova capital; 3º, estando concluido o paço das côrtes, da regencia, da Junta Provincial, cadeia, egreja e quarteis, etc., se passarão para ella as côrtes, regencia, etc.

Sob a monarchia. — José Bonifacio, o Patriarcha da Independencia, escreveu uma memoria a favor da mudan-

ça da capital para o sertão. Esta memoria foi apresentada á assembléa constituinte do Imperio pelo Deputado França, e foi lida na sessão de 9 de Junho de 1823.

O Visconde de Porto Seguro bateu-se sempre pela mudança da nossa Capital "quando a propria Providencia concedeu ao Brasil uma paragem mais central, mais segura, mais sã e propria a ligar entre si os tres grandes valles do Amazonas, do Prata e do S. Francisco, nos elevados chapadões, de ares puros, de boas aguas, e até de abundantes marmores, visinhos do triangulo formado pelas tres lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas, das quaes emanam aguas para o Amazonas, para o S. Francisco e para o Rio da Prata".

Em 1852, o Senador Hollanda Cavalcanti apresentou ao Senado o projecto de lei — lettra H — que na sessão de 10 de Junho do anno seguinte entrou em discussão. Esse projecto consignava a idéa da capital no sertão.

Sob a Republica. — No actual regimen, como é sabido, prevaleceu a idéa da mudança da capital para o planalto central da Republica.

O artigo constitucional é taxativo, declara pertencendo á União a zona indicada, manda demarcal-a, manda nella estabelecer-se a futura Capital Federal e até determina o destino do actual Districto Federal, depois de effectuada a mudança da Capital. Não é uma lei de autorização, é um dispositivo imperativo, que manda. Procrastinar a execução desse dispositivo é uma violação. E já temos protellado essa ordem constitucional durante 28 annos.

Na Constituinte, o Senador Virgilio Damasio, de saudosa memoria, defendeu com patriotismo a mudança da capital para o planalto central, "ponto, disse elle, que é proximamente equidistante do Pará e do Rio Grande do Sul, e um pouco mais arredado para léste, distando apenas do Atlantico 160 leguas, ao passo que pouco mais do que isto dista ainda de Cuyabá, e umas 250 e tantas da fronteira da Bolivia.

"Em primeiro logar facilitar-se-ão as communicações para o centro e a disseminação do progresso, por isso que, acompanhando este a ida da capital para essas paragens, a corrente cujo centro é hoje o Rio de Jneiro, caminhará para lá, e, portanto, derramar-se-ão com muito mais facilidade, com muito mais rapidez, as conquistas da civilisação em torno da nova capital.

"Sem fallar já no melhoramento que traz a collocação da capital no centro, ou da vantagem estrategica de tiral-a da beira-mar, teremos que naquelle bello-ponto, que constitue, na phrase de alguem, a mais linda das Mesopotamias, onde, para o Norte, o Tocantins e o Araguaya começam vias de boa navegação e para o Sul, pelo Parnahyba, e depois passando pela foz do Rio Grande e do Tieté se vae até o Paraná, neste ponto poderemos com facilidade acudir ás nossas fronteiras para defendel-as de cada um dos nossos inimigos".

O mais recente commentador da nossa Constituição, o Dr. Carlos Maximiliano, assignalando os inconvenientes da Capital da Republica permanecer no Rio de Janeiro, diz que "a grande cidade que serve de capital do paiz faz pressão sobre o Congresso por meio da imprensa, dos *meetings*, dos applausos das galerias, indo ás vezes a população até á vaia, á ameaça e ao tumulto. Ora os deputados e senadores representam a Nação; é possivel que, traduzindo o pensamento conservador de seus eleitores, contrariem profundamente as aspirações e tambem os interesses, dos habitantes de metropole cosmopolita, grande porto de mar, de população adventicia, dominada no alto commercio e nos bancos por estrangeiros e delles tambem composta a cohorte dos desoccupados e desordeiros que constituem a clientela permanente de todos os agitadores.

"Isto tem feito um mal enorme ás finanças nacionaes: impressiona-se o Congresso com a opinião da Capital, treme diante da imprensa, por sua vez tambem forçada a agradar ás paixões dominantes para ter circulação remuneradora, e decreta, com frequencia deploravel, medidas de favor a operarios do Estado, obras adiaveis e dispendiosas, dia a dia onerando de compromissos o Thesouro".

Em 1893, não tendo havido tempo de ser discutido o projecto apresentado pelos Deputados Fleury Curado e Bernardino de Mendonça sobre a futura Capital Federal, o então Deputado Lauro Muller apresentou e conseguiu a approvação da seguinte emenda additiva ao orçamento do Ministerio da Viação:

"E' o Governo autorizado a mandar proceder na zona demarcada no planalto central aos estudos necessarios á fixação do local em que deve ser, na fórma da Constituição, construida a futura Capital da Republica, fazendo proceder ao levantamento topographico da zona respectiva e ao reconhecimento de uma via-ferrea que mais directamente possa ligar aquella região a esta cidade, para o que poderá abrir os necessarios creditos até a quantia maxima de 350.000:000$000".

Em 1905, os congressistas Nogueira Paranaguá, Pires Ferreira, Olympio de Campos, Coelho Lisboa e Coelho e Campos apresentaram detalhado projecto sobre a execução do art. 3º da Constituição.

E, recentemente, em sessão do Sexto Congresso de Geographia, que se realizou em Bello Horizonte, foi apresentada uma indicação em favor do cumprimento do preceito constitucional que determina a collocação da Capital da Republica no planalto central brasileiro.

Do exposto se vê, pelos elementos historicos citados, que a mudança da Capital do Brasil para o centro do paiz é acceita por muitas gerações consecutivas, e os signatarios do projecto aproveitam a actual opportunidade para propôr a sua realização, neste momento unico em que, approvado o Tratado de Paz, devemos nos preparar sériamente para a organização do Brasil de modo a conseguirmos o maximo desenvolvimento economico e financeiro".

SONETO

Onde estão raros dons, que o Ceu unia,
Em vantagem da afflicta humanidade ?
Onde a firme columna da amisade,
Que aos combates do tempo não cedia ?

Do meu Silva onde está a bonhomia,
A lizura, a constancia, a probidade ?
Arrastadas nas mãos da enfermidade
Já se occultam de mim na campa fria.

Agora, Trairanos, que faremos,
Faltando o nosso Director antigo ?
Lagrimas de saudades misturemos.

Nossa causa é commum, chorae commigo;
Pois no golpe fatal, todos perdemos;
Vós um sabio Pastor, eu um amigo.

L. A. S. S.

Transcripto do n. 55 da *Matutina Meyapontense*, de 5 de Agosto de 1830.

A proposito do fallecimento do padre Manoel da Silva Alvares, cavalheiro professo da ordem de Christo, visitador do bispado de Goyaz, vigario da vara e collado da igreja de Trahiras.

As iniciaes L. A. S. S., são as do conego Luiz Antonio da Silva e Souza, cognominado "Pai da Chorographia Goyana".

Dias antes de morrer, conhecedor que era da maligna linguinha de prata dos habitantes da cidade de Goyaz, queimou todas as suas poesias sentimentaes, para que as não tivessem como inspiradas pelas irmãs, formosas donzellas que viviam em sua companhia. Vide a sua biographia, por J. M. Pereira de Alencastro, *in Revista do Inst. Historico.*

Pela Pecuaria

SANTOS DUMONT E O CARACU'

Um gesto patriotico

Os jornaes de dias atraz publicaram, sem um ligeiro commentario, a seguinte carta do glorioso inventor da dirigibilidade do balão e criador do aeroplano:

"Hotel Central, Rio de Janeiro, 20 — 11 — 1919 — Exmo. Sr. Dr. Luiz Pereira Barreto.

Urtimamente tive a honra de ser presenteado pelo Congresso, com a casa onde eu nasci e que se acha collocada no meio dos magnificos campos da Serra da Mantiqueira, dos quaes acabo de adquirir uns 250 hectares, nos quaes eu desejaria fundar um retiro de criação unicamente da linda raça nacional de Caracús, que deve sem duvida alguma todo o seu justo successo ao doutor.

Venho, pois, lhe pedir conselhos e perguntar onde poderei encontrar animaes desta raça o que houver de mais puro. Desde já lhe agradecendo, sou seu admirador. —(a.) *Santos Dumont*".

Se essa carta tão simples e tão eloquente fosse publicada ha annos, quando o grande patricio estava no auge da sua extraordinaria gloria, naturalmente chamaria a attenção de toda a nossa imprensa, de todo o nosso paiz.

Merece o gesto que ella denuncia os mais calorosos elogios.

Ao glorioso patricio, como homenagem tocante, pela sua significação, o Governo Federal presenteou com a casa onde nasceu, no Estado de Minas, situada na Serra da Mantiqueira.

Querendo, por sua vez, demonstrar o seu patriotismo, Santos Dumont, o genial inventor, adquire 250 hectares de campos, circumdantes á casa, destinando-os a um "retiro" de criação do soberbo gado nacional chamado "Caracú". Claro que esse bellissimo gesto representa sómente um acto de patriotismo. 250 hectares representam pouco mais de 111 alqueires de terras, area essa pequeninissima para uma grande criação de gado. Dahi se vê que Santos Dumont tenciona destinar o seu "retiro" exclusivamente para a criação de reproductores "Caracús", o que constituirá um valioso serviço á pecuaria nacional.

E para o feliz resultado de seu valoroso emprehendimento o novel criador pede os conselhos do maior, do mais esclarecido, do mais douto dos nossos zootechnistas, do eminente Dr. Luiz Pereira Barreto. Adivinha-se por ahi qual deva ser o exito do "retiro Santos Dumont" — a victoria magnifica do emprehendimento e affirmação do valor do "Caracú".

Do *Diario da Manhã*, de Ribeirão Preto.

Notas e Informações

O *Jornal* iniciou outro dia uma *enquête* sobre a mudança da Capital da União, ouvindo a respeito varias personalidades que lhe pareceram mais nos casos de emittir opiniões ácerca do magno assumpto posto em fóco pelo projecto Justo Chermont.

Entre os de outros engenheiros apparece o nome do abotino da engenharia nacional, que outra cousa não é, o sr. Aarão Reis, o ineffavel empreiteiro da construcção de Bello Horizonte, onde enterrou em obras feitas a sopapos mais de 100 mil contos de réis. Agora quer ajudar os mineiros a descalçarem aquelle par de botas — passando-o ao Governo Federal por 200 mil contos de réis.

Dahi a sua opinião contraria ao projecto de lei do Senado, que lhe não convem absolutamente por contrariar os interesses pessoaes.

Está no seu direito — mas o que não podia era desfazer no planalto goyano, que elle não conhece.

Para documentar seus disparates não teve escrupulos de mentir — e tanto assim que asseverou não ter Varnhagen se referido ao planalto goyano e sim a planalto central do Brasil.

Ora, de duas uma: ou Aarão desconhece por completo a obra do grande historiador nacional, ou pensa que está falando para um publico de ignorantes.

A verdade é que o visconde de Porto Seguro indicou para a futura Capital do Brasil uma localidade proxima a Formosa de Goyaz, por elle visitada pessoalmente, e d'onde, no seu dizer, com um tiro de fusil se alcançam as nascentes de aguas correntes para os tres principaes systemas hydrographicos do paiz — o Amazonico, o Franciscquense e o Platino.

Antes do visconde de Porto Seguro, José Bonifacio nas instrucções escriptas dadas aos representantes do Brasil nas Côrtes portuguezas aconselhava que indicassem a mudança da Capital para o interior do paiz, nas immediações dos 15º de latitude, e proximidades de aguas vertentes para o Tocantins e para o S. Francisco. Pois ahi, e em obediencia ás alludidas indicações, foi que a Commissão Cruls demarcou o futuro Districto Federal da Republica.

Bello Horizonte está sob o parallelo de 20º de latitude, não possue agua necessaria para o abastecimento de uma grande cidade, e a pouca agua que a abastece é suja, de pessima qualidade. No local escolhido para a Capital da Republica tudo ao contrario — aguas abundantes, batidas, crystalinas.

Felizmente, na mesma pagina do *Jornal* que registrou o despeito do sr. Aarão, apparece a opinião contraria e abalizada do distincto engenheiro Cesar de Campos, que sobre ser um patriota sem macula é um profissional respeitado pelo seu saber e competencia: probo e honesto.

* * *

Com a montagem de xarqueadas nos municipios de Catalão e Ipameri vae a industria pecuaria tomando notavel incremento em Goyaz. Novas industrias della derivadas vão surgindo cada dia. A principio era apenas o xarque; depois a banha, o toucinho e a carne de porco; agora já se aproveitam ossos, chifres e cabellos dos bovinos, e dos suinos as pelles que vão tendo grande procura para o fabrico de arreios, calçados e outros artigos de manufacturas. Ha em Catalão uma importante fabrica de arreios e calçados, cujos productos são vendidos em todo o Estado, que assim se independe já dos productos similares da industria paulista.

Dêm meios de transporte ao grande Estado central, e elle occupará em breve espaço o lugar de destaque que o destino lhe reservou.

O Tribunal de Contas ordenou o registro de........ 23:598$124 para a compra de apolices, afim de dar cumprimento á disposição testamentaria do Dr. João Gomes Corumbá, para a manutenção de uma aula de geometria em Goyaz, conforme o projecto, já convertido em lei, apresentado á Camara pelo deputado Olegario Pinto, que assim prestou relevante serviço á instrucção publica no nosso Estado.

Foi approvado pela Camara dos Deputados e remettido ao Senado o projecto de lei, da autoria do nosso patricio, o illustre deputado Olegario Pinto, autorizando a auxiliar o Estado de Goyaz com a quantia de 100:000$000 a construcção de uma estrada de rodagem para automovel de Ipameri a Caldas Novas.

* * *

Conforme communicação telegraphica do sr. Eduardo Claudio da Silva, chefe de culturas em Goyaz, os fazendeiros dos municipios de Goyaz, Anicuns, Palmeiras, Campinas, Jaraguá, Bella Vista, Pirennopolis, Annapolis, Bomfim, Campo Formoso, Santa Cruz e Caldas Novas clamam contra a falta de trabalhadores ruraes e vias de communicação. Dizem elles não poderem conseguir trabalhadores ru-

raes, porque antes têm que comprar dividas destes que variam de 100$000 a 1:000$000.

O gado bovino em geral está em bom estado. Tem havido muitas acquisições de terras por parte dos fazendeiros mineiros.

Estas acquisições de terras goyanas pelos fazendeiros de Minas indicam não só uma ininterrupta corrente immigratoria nacional para o grande Estado, como o conhecimento que essa gente pratica tem da uberdade daquelle sólo.

Calcula-se em mais de 300 mil o numero de pessoas que passaram dos Estados de Minas Geraes, S. Paulo e até do Rio Grande do Sul, para o de Goyaz, desde 1913, quando entrou alli a primeira locomotiva da Estrada de Ferro Goyaz.

* * *

Ainda este mez será inaugurada a ponte pensil sobre o rio Corumbá, na estrada que conduz de Ipameri a Caldas Novas.

* * *

Foi inaugurado a 15 do mez de Novembro ultimo o trecho da estrada de automovel entre Santa Rita do Paranahyba e Morrinhos, ou sejam 96 kilometros. A linha se prolongará até a capital, passando por Pouso Alto, Santo Antonio das Grimpas e Curralinho. E' director dessa empreza o esforçado Sr. Tito Teixeira, que não solicitou do Governo Federal, ou Estadoal, auxilio algum.

Almanack do criador de aves domesticas

A Empreza Editora da "Chacaras e Quintaes" acaba de nos enviar uma interessante obrinha sobre criação de aves, com o titulo que encabeça esta noticia, contendo 120 paginas e muitas illustrações, sendo o seu formato portatil, visto ser obra de consulta a todo o instante, dada a sua feição pratica.

Contém o seu texto innumeros artigos sobre criação de gallinhas, canarios, gansos, papagaios, incubação e outros misteres inherentes ao ramo, e, finalmente um bem elaborado calendario contendo os trabalhos mensaes a que se deve dedicar o avicultor para que a sua industria corra ás mil maravilhas, sem perigo de insuccesso.

Tratando-se de uma obra que se destina á propaganda da Avicultura em nosso paiz, toda e qualquer pessoa que se interessa por este ramo de industria rural poderá obter um exemplar da mesma, enviando 23 sellos de tostão ao Editor, Sr. conde Amadeu A. Barbiellini, Caixa postal 652 — São Paulo.

Pharacia Orlando Rangel

Communicamos aos nossos amigos e freguezes, e especialmente á classe medica, que a "Pharmacia Orlando Rangel", sob a firma de Rangel, Moreira & C., passa a funccionar, desta data em diante, á Avenida Mem de Sá n. 343, defronte á rua Sant'Anna, proximo á rua do Riachuelo, onde esperamos continuar a merecer a mesma confiança que nos tem sido dispensada até hoje. Na Avenida Rio Branco, esquina da rua da Assembléa, receberemos as receitas para serem aviadas e entregues na nova installação, ou remettidas á domicilio, conforme melhor convier aos interessados.

No desejo de bem servir aos nossos clientes e ao publico em geral, fizemos construir o edificio para onde ora fica transferido o receituario, que dado o desenvolvimento que tem tido, não podia continuar no limitado espeço de que dispunhamos na Avenida Rio Branco.

Assim, offerece a nossa nova casa, á Avenida Mem de Sá, uma garantia completa para perfeita execução dos trabalhos que nos forem confiados, tal a attenção que temos procurado sempre ter, em vista, no aviamento das formulas, cuja certeza de manipulação precisa estar sempre acima de quaesquer commodidades dos que zelam pelos doentes. A nossa nova casa fica por completo á disposição dos amigos e de todos os que nos quizerem dar a honra de uma visita.

Rio, 8 de Dezembro de 1919.

ORLANDO RANGEL & C.

EXPEDIENTE

E' representante geral desta Revista no Estado de Goyaz o nosso distincto amigo Sr. Mario Vaz, residente em Ipameri.

Assignaturas

Um anno (Brasil)	12$000
Um anno (Paizes da União Postal) . .	22$000
Numero avulso	1$000

Annuncios

Uma pagina	60$000
Meia pagina	30$000
Um quarto	15$000
Umoitavo	10$000

As autorisações de annuncios por mais de tres mezes gosarão de descontos.

A revista encontra-se á venda nas principaes livrarias desta capital e nas dos Estados.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

Redacção: Rua da Assembléa n. 8 - 2º andar — Tel. Central 4682

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1920 — VOL. III—N. 6

SUMMARIO

Goyaz e a sua intransponivel barreira de Minas Geraes

O governo do Sr. Arthur Bernardes acaba de gravar ainda mais a cobrança de impostos de exportação em todos os pontos fiscaes de Minas.

Para o gado em geral foi o já prohibitivo imposto existente elevado de centro por cento, tributação esta pesadissima, que recahe em cheio, directamente sobre a producção goyana, pois ninguem ignora que o gado dessa procedencia é forçado a passar em transito pelo territorio mineiro.

Não será bem o caso do governo de Goyaz appellar para o federal no sentido de ser cumprido o decreto 1.185, de 11 de Junho de 1904, que declara livre de quaesquer impostos da União ou dos Estados e Municipios o intercurso das mercadorias nacionaes ou estrangeiras, quando objecto de commercio dos Estados entre si e com o Districto Federal ?

O objecto do citado decreto é a prohibição dos impostos interestadoaes, consoante o texto da Constituição. No ultimo caso restaria a Goyaz o recurso de *habeas-corpus* para proteger a sua autonomia estadoal.

Por hoje nos limitaremos a trasladar para aqui as pautas escorchantes do novo apparelho tributario que os cerberos do fisco mineiro já estão armando nas barrancas do Paranahyba, como se ainda estivessemos no tempo das CONTAGENS que apuravam o dizimo do ouro procedente das inesgotaveis minas goyanas no Brasil colonia :

"O gado, em geral, pagará, além do imposto de exportação, as taxas do art. 50 e paragraphos do Decr. n. 4.400 de 16 de Junho de 1915, respectivamente por especie.

O gado vaccum pagará as seguintes taxas ad-valorem:

a) de 6$, quando exportado para Bahia e se tratar de gado inapto para reproducção;

b) de 24$, idem, idem, sendo gado apto para reproducção;

c) 8$, quando exportado para outros pontos, que não seja a Bahia, e se tratar de gado inapto para reproducção, transitando por feiras ou pontos privilegiados;

d) 40$, idem, idem, não transitando por feiras ou pontos privilegiados;

e) de 24$, idem, idem, idem, sendo gado apto para reproducção, transitando por feiras ou pontos privilegiados;

f) de 120$, idiem, idem, idem, não transitando por feiras ou pontos privilegiados".

Goyaz no Orçamento da Republica para 1920

Graças aos esforços dos seus representantes no Congresso Federal, ou para dizer a verdade núa e crúa — graças ao nosso illustre collaborador o Deputado Olegario Pinto, foi a seguinte a dotação que obteve Goyaz na Lei que fixa a Despesa Geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil para o exercicio de 1920 :

250:000$000 para a construcção da linha de automoveis de Roncador a Goyaz (capital);

100:000$000 para auxiliar a construcção de uma estrada de automoveis ligando Ipameri a Caldas Novas;

12:000$000 para a creação de um posto anti-ophidico na capital de Goyaz;

20:000$000 de subvenção aos collegios de Porto Nacional e Araguaya.

Verba para a compra ou construcção de um edificio para Correio e Telegraphos de Goyaz.

Registro pelo Tribunal de Contas, do credito de réis 25:000$000, para a compra das apolices em virtude das disposições testamentarias do Dr. Corumbá, de que já dissemos na nossa ultima edição.

Finalmente, conseguio o Dr. Olegario Pinto, na sessão de 16 de Dezembro ultimo, que fosse rejeitada a emenda que trazia o nome de Goyaz na lista dos Estados devedores á União, por isso que não se tratava de uma divida de réis 500:000$000 e sim de auxilio recebido no periodo de 1892 a 1896, para a sua organização, prestando suas contas.

A alludida emenda mandava o governo federal promover a liquidação gradual das dividas dos Estados, fixando o pagamento do juro legal e da amortização que accôrdasse com os respectivos governos.

Este incidente parlamentar deu ensejo ao operoso representante de Goyaz a reaffirmar, com opportunidade, que o nosso Estado nada deve, "não tem divida de qualquer natureza, quer seja interna, ou externa, como bem disse, por occasião das festas do centenario da cidade de Goyaz, o Exmo. Sr. Desembargador Alves de Castro, digno Presidente do Estado.

Louvores, pois, ao nosso distincto collaborador, que é bem o consul de Goyaz no Rio de Janeiro.

UM ACTO DE JUSTIÇA

Só a sinceridade, isenta de inveja, dos grandes corações, poderia ditar as linhas que, modestia á parte, a seguir publicamos:

Goyana, sou dominada por dous grandes affectos, que me levarão até a morte: — veneração idolatra a memoria de D. Pedro II, e o mais acrysolado amor á minha terra natal.

Devido a este ultimo sentimento, ha muitos lustros, que venho admirando Henrique Silva, em sua dedicação sem limites a Goyaz, onde nascemos, desde quando, Estado quasi desconhecido, perguntavam jornaes do Rio se de facto elle existia; e era voz geral que onças e indios bravios viviam em fraternal promiscuidade nas ruas desta capital.

Nessa época julgavam os goyanos perder tempo, empregando-o utilmente na demonstração das riquezas ignoradas do Estado!

Os jornaes só tratavam de politica e nunca das suas possibilidades economicas que de perto a não interessasse.

Uma ou outra vez, o jornal de illustre goyano, Monsenhor Ignacio Xavier, "Estado de Goyaz", e o do inesquecivel José Marques Tocantins, transcreviam qualquer cousa de utilidade aos lavradores e criadores.

E' quanto me lembro da acção dos nossos jornaes no assumpto.

Dos redactores da "Nova Era", alguns não eram nascidos, e outros nas escolas apenas balbuciavam o "a b c".

Foi quando appareceu Henrique Silva na imprensa do Rio. Anhanguera goyano, descobrindo, patenteando aos brazileiros, riquezas magnificas, do mais opulento Estado.

Num desfile ininterrupto de trinta annos, fez conhecidos os nossos marmores brancos e de côres, crystaes de rochas incomparaveis, minerios de diversos metaes, ouro tanto, que depois de abundantes chuvas apanham-se bellas pepitas nas ruas não calçadas da capital, perolas do rio Araguaya (talvez o unico rio do Brasil que as produz), aguas mineraes, fibras textis, madeiras preciosas, e plantas medicinaes, etc. etc.

Os nossos productos, gado, fumo, crystal, etc., quando chegavam aos mercados consumidores levavam carimbo de outros Estados, que queriam provar a sua operosidade e riqueza com accrescimo dos alheios, desde então acharam quem protestasse contra tal apropriação.

Ninguem como H. Silva conhece as nossas questões de limites interestadoaes e tem as defendido com ardor.

Os seus escriptos são primorosos e é elle incontestavel mente o avô da litteratura goyana.

Tudo quanto tem publicado em jornaes do Rio em pról do Estado, que o mesmo que dizer — da collectividade goyana, dá para grossos volumes.

Nunca recebeu, durante estes trinta longos annos, applausos, nem palavras de animação pelo seu incessante labor a terra onde nasceu; — só o fizeram, que eu saiba, dous entes muito sinceros em seus sentimentos para manifestarem os seus applausos áquelle que tem trabalhado sem cessar pela grandeza de Goyaz, os quaes foram — Moysés Santa Anna e Córa Coralina.

Animação, incitamento, elle os havia da sua dedicação.

Modesto sempre, nunca fez alarde de patriotismo; e podia fazel-o pois além do que venho de dizer tem gasto muito dinheiro em sua longa propaganda.

No Rio, o Deputado Mauricio de Lacerda apresentou projecto dando ao Sr. J. da S. Rocha trinta contos como recompensa, por ter escripto "A Historia da Colonização no Brasil".

Qual a recompensa que Goyaz deu a H. Silva por trinta annos de trabalhos inolvidaveis ? !

Commentam os 300$ que o Estado dá á Informação Goyana.

— E' uma recompensa ?

— Não. E' apenas justiça do Governo do Estado, não querendo que a defesa do mesmo Estado fosse feita pela bolsa de Henrique, pois um jornal de propaganda não conta com lucros.

*
* *

Volvo os olhos ao passado, e vejo o veterano do patriotismo goyano cujo titulo lhe cabe pela fórma manifestada, percorrendo sózinho, um caminho que elle vem desbravando a golpes de coragem e trabalho, sem treguas, incessantemente, para um fim unico: — a prosperidade de sua terra, a sua futura grandeza.

Vejo tambem Goyaz reconhecido inscrever o seu nome entre os de seus filhos illustres.

1919.

Uma conterranea.

INTERIOR GOYANO

A falta de transportes da estação de Roncador para o rico municipio de Santa Cruz e outras cidades do sertão como Bomfim, Annapolis, Pousó Alto, Curralinho, Pyrenopolis, Corumbá e Goyaz, vem acarretando graves consequencias para o commercio com a paralysação quasi completa do "stock" de mercadorias comprado em S. Paulo e Rio pelos negociantes goyanos que estão sujeitos ao prejuizo certo e inevitavel, caso o Governo Federal não ordene a construcção immediata da linha ferrea.

Desde que haja falta de locomoção rapida e permanente os carros e as tropas por si sós não dão vencimento ao transporte, mórmente agora com o aguaceiro de Novembro a Fevereiro, tornando os caminhos intransitaveis para grande tonelagem.

Vimos carros completamente virados na estrada de Roncador a Santa Cruz e a chuva cahindo copiosamente, sem cessar, e admiravamos como admiramos a abnegação dos sertanejos luctando com heroismo e paciencia no desvencilhamento de um atoleiro para cahir n'outro logo adiante, porque não ha nenhuma estrada de rodagem, sendo a unica via por onde difficultosamente se movem os carros, eita pelo carreiro que não póde encurtar a distancia de um ponto ao outro, pelo contrario, volteiam procurando os chapadões, as cabeceiras dos corregos e rios e muitas vezes não podendo fugir destas, mettem seus carros em cima de pontes mal arranjadas e inseguras até que o empanzinamento das aguas não nas levem de roldão pelo veio afóra. E' esse o aspecto typico que se nos apresenta uma viagem no sertão durante o periodo chuvoso. De Roncador a Santa Cruz estão construindo uma linha de automoveis que, se não mudar de direcção, nada de utilidade e pratica se fará. A linha falta os requisitos indispensaveis para o trafego, entretanto o fiscal do Ministerio da Agricultura acceitou o serviço. Lastimamos tal attitude porque uma iniciativa de levar a linha de automoveis de Roncador á Goyaz é, não resta a menor duvida, um possante plano, mas discordamos em absoluto da compra de um calhambéque que mal serviu para a primeira viagem, ficando encostado por imprestavel e perigosissimo para os que nelle tiverem a audacia de viajar. Nada mais diremos sobre este assumpto que destôa

da nossa norma de conducta, a não sermos obrigados a manter polemica bem contra nosso gosto.

O dia em que a linha estiver trafegando correctamente, louvaremos a empreza.

Já se não póde fallar mal da linha de automoveis que estão construindo de Corumbahyba a Anhanguéra, embora não tenha subvenção official está sendo dirigida por um engenheiro competente, tendo por auxiliar o habil mecanico Adolpho Hertz, homem de rara energia e trabalhador audaz. Lá vimos mata-burros, desvios das aguas pluviaes, a linha inflectindo quasi imperceptivelmente e muitas rectas que se prolongam kilometros além. Outra linha de automoveis que funcciona constantemente é a de Roncador á cidade de Campo Formoso, é da iniciativa de um homem amante do progresso, o Coronel Pio José da Silva. Não fizemos todo o percurso, por isso julgamos pelo que fomos informados que a estrada tambem não possue as exigencias para ser subvencionada pelo Governo da União, certamente seu proprietario empregará seus esforços para tornar em breve essa falta na realidade imprescindivel de uma locomoção perfeita e segura.

Em Santa Cruz não se acha uma casa vasia, todas estão alugadas, valorisadas e algumas de construcção recente. E' a penetração constante que vae actuando no progredir da localidade.

A collectoria estadoal que está hoje dirigida por um moço capaz, distincto e zeloso, teve sua renda augmentada animadoramente, sendo uma fonte de grande receita para o governo, por ahi se vendo tambem o numero de propriedades que são vendidas mensalmente indicando o evoluir esperançoso do municipio dirigido por homens de prestigio reconhecido, todos elles impulsionadores dos melhoramentos que se introduzem continuamente na proxima comarca. Santa Cruz, além da fazenda do poderoso capitalista Coronel Francisco Marianno Machado que a vendeu ha pouco, sendo localisadas na margem do rio do Peixe cerca de 300 familias, tem ainda outras fazendas de não menos valor, riquissimas em culturas, campos e magnificas aguadas.

Uma industria que se vae desenvolvendo bastante e tomando vulto é a fabricação de manteiga caprichosamente enlatada e conservada, graças ao modesto e admiravel esforço do cidadão Octaviano Guimarães, um destes homens cujo apanagio consiste no esforço unico e continuo, merecendo louvores daquelles que desejam ver disseminado em todas as cidades goyanas o espirito industrial que é a base solida da riqueza de todos os povos. Além do fabrico da manteiga o Sr. Octaviano Guimarães tem annexo ao seu estabelecimento apparelhos modernos para o apuramento da banha que é hoje considerado um dos melhores productos sahidos do Estada, haja vista que a banha fabricada em Santa Cruz não chega para as encommendas! Ha pouco só para a capital do Estado foram remettidos 5.000 kilos. O que é espantoso é este producto genuinamente goyano ser vendido para S. Paulo que revende a Santa Rita do Paranahyba, aqui mesmo em Goyaz!! Antigamente, Goyaz só exportava o toucinho em rôlo e este processo tende a desapparecer desde que ampliemos o fabrico da banha — o que é mais facil, mais procurado, hygienico e rendoso.

Santa Cruz 20 de Dezembro de 1919.

MARIO VAZ.

Os descobridores de Goyaz por ordem chronologica

Contrariamente ao que se lê nos antiquados chronistas da éra colonial, não foi Manoel Correia quem pela primeira vez entrou em terras da nação *Goyá*.

Antes desse bandeirante paulistano quatro outros ousados sertanistas picaram o territorio goyano: Sebastião Marinho, Frei Christovão de Lisboa, Manuel Brandão e Gonçalo Paes.

Referindo-se ao primeiro delles diz o erudito Capistrano de Abreu, nos seus *Gravetos de Historia Patria*: "As bandeiras que preferiram subir pelos affluente do Tieté, seguiram rumos differentes. Uns foram dar ao Mogy-Guassú e Pardo e pelo Paranahyba foram a Goyaz, exemplo Sebastião Marinho, que, é tradição, descobriu primeiro aquellas minas em 1592; outros subiram para Minas Geraes".

Frei Christovão de Lisboa entrou pelo Tocantins acima, vindo de Belém do Pará em 1625. Observando ainda a ordem chronologica seguem-se: Manoel Brandão e Gonçalo Paes, em 1669; Manoel Correia, em 1670; Bartholomeu Bueno da Silva, o primeiro de alcunha *Anhanguéra,* em 1682; Diogo Pinto da Gaya, em 1720; e, finalmente, Bartholomeu Bueno da Silva Filho — tambem cognominado *Anhanguéra,* em 1722.

Vem de molde dizer aqui que estes dois *Anhanguéras,* tão confundidos pelos impagaveis autores de almanachs, apontamentos historicos, geographicos e outras quejandas babuseiras referentes a Goyaz, vivem mais na legenda do que na historia patria.

E' obra meritoria confundir a ousadia de certos ignorantes, que os ha á bêssa, do Bacalhau pra lá...

GRUPO ESCOLAR DE BOMFIM. E' o mais moderno e sem duvida o melhor que o Estado possue.

Uma visita pastoral
de D. Eduardo Duarte Silva
(Bispo de Uberaba) --- 1895-1896

A viagem de vapor nesse dia começou ás 7 da manhã e terminou á 1 e 40 da tarde, quando o Sr. Bispo abençoou pela primeira vez o rebanho de S. José do Jamimbú, onde ao estrugir de gyrandolas e aos sons festivos de sinos, desembarcou. S. Ex. Rvma. foi acompanhado até á casa do Sr. Felix Linhares por toda a população.

S. José conta 32 annos de povoado e deve sua fundação ao Dr. Couto de Magalhães, que para esse fim saltára em terra algumas leguas abaixo e se embrenhára nas mattas até chegar a S. Joaquim do Jamimbú, a dez leguas do actual S. José, de onde partira, com algumas pessoas, em procura de um logar á margem do rio para estabelecer um porto.

Depois de muito caminhar a pé, chegaram á margem de um grande lago que margearam, sempre buscando o norte até darem em uma espessa matta, da qual sahiram em direcção ao local hoje occupado por S. José. O Dr. Couto subindo a uma altissima arvore, de lá avistou uma grande elevação não sujeita ás inundações.

Chegados ao local, o Dr. Couto quiz se fundasse alli a povoação sob a protecção de S. José, pelo que veio a ser chamada S. José do Jamimbú. Tendo o Revmo. missionario Capuchinho frei Raphael de Taggia passado para alli a tribu de Chavantes que estava catechizando, cresceu com a immigração dos civilizados a população de S. José.

Actualmente existem alli sete familias de carajás ou carajahi que vagueam pelas ruas em completa nudez.

A' tarde de 23 de Dezembro o Sr. Bispo, acompanhado do sub-diacono F. Cunha e do seminarista Juvenal, sahiu a visitar as casas dos carajás, ficando muito commovido do estado daquella pobre gente, que vive privada de todas as luzes da fé e da sciencia.

Assim passou-se essa tarde visitando-se o eden dos carajás que já fazem suas roças, pescam e caçam para terem com que se alimentar. S. Ex. falou-lhes de Deus, mostrando o crucifixo que trazia ao peito.

Havia em suas casas (*elô*), araras azues e vermelhas, papagaios e um urubú-rei todos domesticados. S. José possue uma escola publica que funcciona desde 1868 e tem uma egreja em máu estado.

Já recebeu visita dos Exmos. Srs. Bispos D. Joaquim e D. Claudio e ora D. Eduardo.

Este disse missa, prégou, chrismou e distribuiu a communhão ao povo. Além dessas, regista a passagem dos Srs. Dr. Spinola em 1879 e Dr. Leite Moraes em 1881, ambos presidentes da provincia. A escola, que se acha regida interinamente pelo Sr. João Licio Rosa, desde 1894, é bem frequentada. A 24 de Dezembro, pelas 11 horas da manhã, deixou o *Araguaya* o porto, viajando até ás 5. Parámos junto á aldeia do capitão carajá Pedro Manco.

Os Carajás comem todos em uma mesma panella de barro, na qual cozinham peixe que chupam, para evitarem ser offendidos pelas espinhas. Como de costume foram lançadas linhas ao rio, mas sem resultado algum.

Cerca de 8 horas da noite, ouviu-se o urro do *cagussú* que fez estremecer a terra.

O Sr. Valladares foi mais feliz achando bom pesqueiro e trazendo para bordo do vapor, onde pernoitámos, um bonito pintado.

Os indios dahi sempre se consevaram fugitivos do vapor.

Como o Sr. Bispo desejava conhecer os indios javajés que habitam a ilha do Bananal, o Sr. Adolpho chamou o capitão Pedro Manco, com quem conversou acerca de tão arriscada viagem, que é feita pelo braço direito do rio, por onde não se passa com o vapor desde 1886. O capitão Pedro disse que Etiôbêdô (curador da aldêa), conhecia aquell aldêa onde já tinha ido algumas vezes. Este sendo chamad á presença do Sr. Adolpho, recusou-se a acompanhal-o até o javajés, mas depois de muitas promessas e agrados decidi ir, si sua mulher o permittisse. Na madrugada de 25 celebraram missa o Exmo. Sr. Bisipo e o Revmo. frei Joaquim não podendo ter logar a da meia-noite, por se ter combinad a partida para cedo, por não convir tresnoitar a tripulação

Depois das missas, o vapor subiu o rio até ir sahir en frente á casa de Etiôbêdô, que se poz á disposição do Sr Adolpho de Amorim que, por interprete, conseguiu da mulher delle fazer a viagem, sendo porém garantida a volta Etiôbêdô e ao interprete capitão Pedro, até alli.

Viajou-se todo o dia até 7 horas, parando-se em um praia a que o Exmo. Sr. Bispo poz o nome do dia — Prai do Natal.

A's 11 e 25 minutos, o vapor deixou o braço esquerdo tomando a direcção do furo do Bananal, 50 leguas abaix de Santa Leopoldina.

Até ahi, todos conheciam o rio; este braço, porém, s era conhecido do Sr. Domingos de Souza, piloto do vapor, do commandante Valladares. Antes de se chegar á praia d Natal, tres horas, o vapor parou na ilha do Bananal par fazer lenha.

Cortando-se um páu, delle correu mel, o que fez a cer tos dizerem : que a ilha do Bananal é a terra onde corr leite e mel, de que falla a Escriptura. Feito o pouso ás set horas, foram lançadas as linhas, que logo depois deram peix em abundancia, sendo tres *pirarára*s de cinco palmos cad uma, um chicote, do mesmo tamanho, e dous barbados, d tres e meio palmos cada um.

Mas o que encheu de contentamento ao Exmo. Sr. Bispo e a seus companheiros, foi a pesca de dois jacarés qu foram mortos alli a machadadas, graças á coragem dos marinheiros Amancio e André, que os pescaram do seguint modo :

Puzeram em um anzol as visceras de uma das *pyrarára* de maneira que o anzol ficasse boiando; os jacarés, ahi en grande numero, logo vieram e o primeiro que viu lançou-s áquella comida e se poz a mastigal-a por uns 15 minutos porque o jacaré, não tendo lingua até os dentes, toma muit tempo a engulir a isca.

Quando o marinheiro Amancio reconheceu que o jacaré já tinha engulido o anzol, preveniu a seu companheir André, que se poz de machado á mão.

O Amancio arrastou até a praia o jacaré, que estav enfurecido por tal fórma que, se apanhasse algum dos circumstantes o faria em pedaços. André foi ao encontro daquella féra e descarregou tão certeiras e fortes machadadas que o animal ficou quasi immovel, vindo a morrer log depois.

Com um outro, que alli se achava perto da praia, fizeram o mesmo. Um tinha 18 palmos e o outro seis e meio.

O jacaré tem o costado negro, pelle dura tecida á maneira de conchas ou escamas, o ventre verde claro e tão dur que é impenetravel ás balas, a cabeça coberta de um cour tão rijo, que difficilmente a pancada o offenderá; a bocc é tão rasgada que chega até a garganta. Na cauda é qu está todo o jogo do jacaré, que com ella dá fortes pancada em sua preza e a traz á bocca. Tem sobre a cauda uma especie de serra. O Exmo. Sr. Bispo pediu que tirassem couro da cauda dos dois, o que se fez sem demora. O jacaré é oviparo e põe cerca de 100 ovos.

Como até ahi ainda não fosse conhecida a tartaruga, essa deu-se a conhecer nessa noite. Os dois indios carajás, Etiôbêdô e o capitão Pedro, sahiram a vêr a caça da noite. Passeando Etiôbêdô pela praia descobriu algumas ninhadas de tartarugas enterradas na areia, e se poz a escavar com a mão uma cova, da qual foram tiradas 108 tartaruguinhas. Além dessa foram abertas seis outras covas, sendo contadas mais de 500 tartaruguinhas com as quaes os dois carajás e alguns marinheiros se regalaram, dando liberdade á maior parte. Depois de uma noite de martyrio graças ao calor e ás morissocas chegou o dia 26, cheio de vida e luz. O Exmo. Sr. Bispo disse missa depois da partida do vapor que, no viajar, pouco abalo fez.

O dia correu sem novidade alguma, visto não se ter feito sinão a demora necessaria para se tomar combustivel preciso ao consumo do dia. Como não houvesse distração alguma a não serem os bellos panoramas que se desenrolam á medida que se vencem as distancias, occupou-se o dia a se ouvir lendas carajás contadas pelo capitão Pedro Manco. D'entre ellas se destaca a seguinte :

"Contavam os avós do capitão Pedro que nos primeiros tempos, o jacaré era muito manso e amigo dos indios e que as mulheres sahiam da aldêa e iam se pôr nas praias, onde o amphibio sahia a aquecer-se ao sol, e, as encontrando, deitavam-se no regaço das indias, que se punham a catar piolhos na cabeça do jacaré, cantando árias, e estes as festejavam abanando a cauda. As mulheres tinham o costume de chamar os jacarés com o canto de alguma modinha. Mas um indio, tendo presenciado isso, contou a seu pae, o qual reuniu todos os homens e com elles foi á praia onde cantou uma modinha que attrahiu os jacarés.

"Apenas adormecidos, os jacarés foram mortos a lançadas, cacetadas e flexadas nos olhos.

"Dahi por deante os jacarés detestaram a convivencia com os indios e se tornaram anthropophagos".

Até a uma ilha desconhecida, a que foi dado o nome de Santo Estevam, por ter sido descoberta no dia da festa desse Santo, fizemos 25 leguas, desde o vertice-sul do Bananal.

Abordámoos a uma praia junto á qual pernoitámos. Consistiu a pesca nessa noite na captura de alguns barbados e de uma pyrarára.

No dia 7 ao meio-dia, vimos occultas na margem entre a folhagem, algumas canôas (*ubá*) cheias de bananas, batatas, milho e folhas de fumo.

Eram dos javajés, que se tinham escondido quando ouviram o rumor produzido pelo vapor. O carajá Etiôbêdô disse serem realmente dos javajés, cuja aldêa estava a poucas leguas abaixo, no interior da ilha.

Os dois interpretes Pedro Manco e Etiôbêdô, logo que o vapor poude approximar-se das ubás, puzeram-se a chamar os indios á fala, mostrando-lhes machados, facas e missangas. Cessando o pavor causado entre os javajés, estes appareceram e com difficuldade e timidez se approximaram da praia.

Permutaram esses artigos por missangas, facas e machados, isso mesmo com difficuldade, por estarem os indios muito desconfiados.

Sendo um dos intuitos do Sr. Bispo vêr as aldêas e estudar o meio de poder catechizal-as, o Sr. Adolpho de Amorim, por interprete, pediu que um javajé se passasse para bordo afim de indicar-lhe o ponto de desembarque e o caminho da aldêa, no que foi servido após muitos rogos e emprego de muitos meios suasorios, subindo para o vapor um chamado Orôkê.

As outras ubás seguiram de perto. Cada uma era tripulada por oito selvagens.

Depois de tres horas chegámos ao porto dos javajés. Havia alli muitas canôas amarradas e outras em movimento. Desembarcámos e encetámos a marcha que nos devia levar a aldêa Bananal, ou de Sant'Anna, que é a maior ilha fluvial do mundo, tendo 80 leguas de norte a sul e quarenta (?) na sua maior largura. Os javajés denominaram-n'a Dêrôbiôá. Nas cartas geographicas ella é mal desenhada. Vem a pello dizer aqui que o tão fallado rio Javajé não existe.

Nos mappas é que elle é encontrado, não passando de uma ficção.

(*Continúa*).

Como se fazem os grandes Estados

Pela lei n. 3.991, de 5 de Janeiro deste anno, que fixa a despesa geral da Republica para o exercicio de 1820, o Estado de Minas, que é um dos melhores servidos por estradas de ferro, obteve vultuosas verbas para construcções de novas vias-ferreas, de ramaes e prolongamentos de outras já existentes.

No orçamento do Ministerio da Viação e Obras Publicas o grande Estado entrou com as unhas e os dentes nos seguintes creditos *necessarios, urgentes,* para construcção dos ramaes de Marianna a Ponte Nova; de Piquete a Itajubá; de Barbacena á Oeste de Minas; de Santa Barbara a S. José da Lagoa, passando por Villa Piracicaba e São Domingos em demanda de Ferro, Gunhães, S. João Evangelista e Peçanha; de Itabira ao Alto Rio Doce; de Juiz de Fóra a Bomjardim.

Conseguiu mais o augmento de 1.000:000$ na verba destinada á construcção do ramal de Montes Claros, e mais outros 1.000:000$ para a construcção do ramal de Marianna a oPnte Nova.

Pela mais recente estatistica do Ministerio da Viação aquelle Estado já possuia 6.527.100 kilometros de estradas de ferro.

No emtanto, o longinquo Goyaz, que abastece da sua producção agricola e pastoril todos os Estados que lhe são limitrophes e mais ainda a Capital Federal, os frigorificos e xarqueadas de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Pará, possue apenas 179 kilometros de trilhos em seu riquissimo e futuroso territorio !

No referido orçamento do Ministerio do illustre Dr. Pires do Rio, o nome de Goyaz apparece miseravelmente sob esta singular rubrica : "Reduzida de 1.821:000$880, ouro, na consignação "Estrata de Ferro de Goyaz"...

Ha mais : da Estrada de Ferro Goyaz acabam de ser incorporados á Oeste de Minas 411 kms., 547, ficando della para o Estado de Goyaz só 179 kilometros.

Si não fosse o *avança* dos mineiros nas verbas, trilhos, pontes e mais materiaes destinados á construcção da Estrada de Ferro Goyaz, esta já teria alcançado a capital goyana, ou melhor, os seus fins de penetração, estrategicos, commerciaes e economicos.

Intendencia Municipal de Bomfim

Commendador Francisco José da Silva

II

Foi então que o illustre general poude apreciar a influencia politica daquelle a quem ficára considerando "um rei pequeno em Goyás", expressões que muitas vezes lhe ouvimos.

Como sempre lhe doesse fundo n'alma de patriota a quasi nenhuma importancia em que era tida a insufficiente representação goyana na antiga Camara dos Deputados, achava que era preciso, a bem dos interesses inequivocos da provincia, compensar-lhe a insignificancia numerica e o mais pelas qualidades ou prestigio pessoal dos eleitos. Dahi o motivo de Goyás ter tido, graças á sua influencia, representantes da estatura intellectual de um Alfredo de Escragnolle Taunay, um Cardoso de Menezes (hoje barão de Paranápiacaba) e outros que tanto fizeram e innegavelmente podiam fazer pela nossa terra.

Nenhuma deliberação sobre as causas de Goyás era tomada, tanto na capital da provincia como na Côrte, sem que fosse de qualquer modo ouvida a opinião sempre acatada do Coronel Chiquinho, do Bomfim, como era mais conhecido o abnegado patriota.

Manda, porém, a verdade que o digamos — que essa influencia real só era exercida para o bem publico de Goyas. Delle poder-se-ia dizer "que do seu partido não queria sinão que o deixasse immaculado e que lhe permittisse servir a Patria", e mui especialmente a sua provincia. Politico militante por espaço de mais de meio seculo, nunca acceitou compromissos ou allianças duvidosas — preferindo, nas difficeis circumstancias, quando estava em jogo o nome caro de um amigo, dar outro por si, abstendo-se então da causa, que lhe parecia sem interesse algum para a sua terra.

Poderiamos trazer para aqui alguns exemplos, mas seria revolver miserias politicas d'antanho quando mesmamente é a situação goyana nestes dias. Porque é preciso não esquecer que a tendencia abominavel de uma ou duas familias pretenderem a direcção politica goyana, sempre foi, e ainda é, o percalço daquelles cujos intentos o sagaz politico de Bomfim, mais do que outrem, sabia surprehender, com o admiravel conhecimento que possuia dos homens e das cousas de seu tempo.

E elle não se embaraçava para exprimir o receio que lhe assaltava de vêr constituida uma olygarchia em Goyás. Teve com isso dissabores mas delle não se póde dizer que semeiou equivocas para colher apenas as injustiças, o odio e a vingança mesquinha que lhe fizeram á memoria. Si o tivessem ouvido, seriam poupados a Goyás males ainda agora mais difficeis de se attenuar.

E' que o vidente goyano julgava os homens e as cousas de muito alto — o que concorria para o destacar com intenso brilho da maioria dos seus comprovincianos, que tão facilmente se deixam arrastar pelos ambiciosos phariseus de todos os tempos, esses que se dedicavam á politica e militavam na imprensa goyana não para servir uma causa ou impulsionar o progresso da nossa terra, como se inculcavam, mas para obter proventos e occupar posições as mais remuneradas, jogando assim com a credulidade das massas ignorantes que eternamente esperam dias melhores.

Assim, foi, e assim parece, será sempre em o nosso desafortunado Goyás.

Os limites desta brochura, de antemão traçados, não nos permittem desenvolver aqui certas considerações, com a extensão que ellas requeriam e aliás era mister para desilludir os muitos ingenuos que ainda agora, e pelo que vemos, se não persuadem de que em nossa terra, côm os ruins e perniciosos habitos adquiridos, a maxima aspiração dos nossos politicos sempre será a satrapia do poder.

Revela, no entretanto, uma observação illustrativa do que foi dito acima, quanto ao modo como o commendador Silva encarava os interesses vitaes da sua estremecida terra, quando contrariando os intuitos clandestinos dos que falavam em *burgo-pôdre*, influia para que ella fosse representada pelos mais competentes — fossem ou não goyanos natos.

Ao illustre e pranteado visconde de Taunay, incançavel propagandista das riquezas naturaes da nossa então provincia, além d'outros serviços anteriormente a ella prestados, devemos um que avulta sobremaneira — o malogro da projectada desannexação da comarca da Bôa-Vista a favor do Pará, facto esse que não seria sem precedentes, pois já haviamos, pela fraqueza da nossa representação, perdido a cidade e o municipio da Carolina, pouco antes incorporados ao Maranhão.

ESCOLA PUBLICA DE BOMFIM, doada á cidade pelo seu bemfeitor, o Commendador Francisco José da Silva

Quanto ao venerando barão de Paranápiacaba — que tambem não era goyano — para não falar no alto prestigio que levou para o seio da nossa representação nacional, — basta dizer que foi elle quem muitissimo fez no sentido de impedir fosse convertido em lei o projecto da influente e numerosa bancada mineira na Camara dos Deputados, determinando "que o territorio comprehendido ao lado esquerdo do rio S. Marcos, desde a sua foz no Paranahyba até a barra do ribeirão dos Arrependidos, pertencesse á provincia de Minas".

Por uma carta imperial de 29 de Outubro de 1873 foi o coronel Francisco José da Silva, "em attenção aos relevantes serviços prestados á instrucção publica na provincia de Goyás, nomeado commendador da Ordem da Rosa, da qual já era official.

Em o mesmo anno conferia-lhe o jury geral da 3.ª Exposição Nacional, presidido pelo duque de Saxe, uma menção honrosa "como premio merecido pela perfeição dos tecidos de algodão e lã que exhibiu" no referido certamen realizado no Rio de Janeiro. No anno de 1875 obteve igualmente outro premio como expositor de madeiras e mais productos goyanos na Exposição Universal de Philadelphia.

Em occasião anterior havia sido distinguido com outros premios da mesma natureza, conferidos pelo jury da Exposição de Vienna d'Austria. Cabe aqui dizer que entre outros especimens da flora goyana, ainda em nossos dias tão mal conhecida e divulgada, encerrava a collecção de madeiras expostas pelo commendador Silva uma bellissima amos-

tra de *gonçalo alves* (*Astronium fraxinifolium*), a preciosa *Anacardeacea* pertencente á mesma familia do *guarabú*, do *aderne* e da *aroeira lentisco*, que todos passavam por peculiar á flora bahiana, até então.

Muito se empenhou o permanente servidor de Goyás para fazer exploradas as riquezas nativas do seu torrão natal.

Naquelle referido anno de 1873 incitára o Dr. Antonio Affonso de Aguiar Witaher a emprehender a exploração dos rios dos Bois, Meia Ponte, Parahyba e Grande, que deviam pôr o sul da provincia em communicação com S. Paulo — offerecendo do seu bolso a quantia de 2:000$ como auxilio ao governo provincial, afim de que fosse acceita pelo mesmo a proposta então feita por aquelle doutor. O Dr. Antero Cicero de Assis, presidente da provincia, acceitando aquelle auxilio pecuniario para a realização de tão util idéa, dirigiu-lhe em 4 de Agosto de 1874 um honroso officio que concluia com as seguintes palavras :

"Fazendo a V. S. esta communicação, não posso deixar de louval-o pelo seu patriotismo, e de agradecer lhe mais este serviço que presta á minha administração"

No numero desses serviços patrioticos a que se referia o presidente Cicero de Assis, estava certamente o offerecimento gratuito que, na administração delle, fizera o commendador Silva de um bello predio especialmente construido e mobiliado para servir de aula publica do sexo feminino na cidade de Bomfim — não sendo este o unico serviço que o benemerito goyano prestou á instrucção publica durante a sua longa e proveitosa existencia.

Tendo em consideração tantas provas de abnegação patriotismo, D. Pedro II, que sabia onde se achavam os brasileiros em quem concorriam verdadeiros merecimentos, distinguiu ainda uma vez o velho servidor da Patria, condecorando-o com o habito da Rosa, venera que os bomfimnenses offereceram como testemunho de muita estima e consideração áquelle que, com o mais puro patriotismo, zelando os interesses publicos e os particulares dos seus conterraneos, dos quaes foi sempre dedicado amigo, nunca contou entre elles um só inimigo".

(*Continúa*).

RECEBEMOS

Acompanhada de uma honrosa carta, recebemos do illustre Dr. Borges de Medeiros, a *Proposta de Orçamento*, para o corrente anno, enviada á Assembléa dos Representantes do Rio Grande do Sul. Trata-se de um documento que por si só bastava para affirmar o alto descortino de estadista consumado que é o digno presidente do grande Estado sulista — que, sem duvida alguma occupa logar de destaque á frente dos de mais sábia administração na Republica.

* *

Devemos ao nosso digno e operoso consul brasileiro em Liverpool, Sr. Dario Freire, a remessa dos primeiros numeros do *Brasil News*, interessante publicação do Consulado Geral do Brasil naquella cidade.

No seu n. 11 transcreve e commenta lisonjeiramente um dos nossos artigos "Goyaz e seus productos".

E' assim que se faz a propaganda efficiente das possibilidades do Brasil no estrangeiro.

* *

O Dr. Olegario Pinto acaba de enfeixar num opusculo de 32 paginas os seus discursos pronunciados na Camara dos Deputados em 1919.

Constitue uma bem feita *plaquette* editada pela Papelaria Mendes, desta Capital.

Na nossa proxima edição daremos noticia mais desenvolvida do trabalho do nosso illustrado collaborador.

A encampação da Estrada de Ferro Goyaz

Por decreto de 6 do corrente o governo federal encampou a Estrada de Ferro Goyaz, á vista da exposição de motivos apresentada pelo Ministro da Viação, Dr. Pires do Rio. Essa medida de ha muito se justificava pelo descaso e irregularidades da administração da mesma estrada.

Essa estrada devia ligar a cidade de Formiga, no Estado de Minas Geraes, á capital do Estado de Goyaz, isto é, deveria fazer um percurso de 1.157 kilometros, que, accrescido do ramal de Araguary, daria 1.507 kilometros em um sólo uberrimo, semeado de povoações florescentes e innumeros nucleos operosos, futuras cidades em formação.

Entretanto, os serviços executados sem methodo e sem ordem, paralysados a todo instante, sem acquiescencia do governo federal, ou atacados morosamente com reduzidas turmas de operarios, deviam estar muito mais adeantados do que estão, actualmente.

De facto, do trecho delineado no projecto estão promptos apenas o de Catalão a Roncador, com um ramal de Araguary a Goyandira e de Garça a Patrocinio, constituindo dois ramos perfeitamente distinctos, o primeiro com 236 kls., 366 ms., e o segundo com 358 kilometros.

Dahi se vê que da linha tronco, de Goyaz a Formiga, apenas duas secções estão promptas, distantes uma da outra varios kilometros.

Desses dois trechos ou secções já em trafego o governo federal entregará a Estrada de Ferro Oeste de Minas o que vae de Formiga a Patrocinio e administrará directamente o que vae de Roncador a Catalão, comprehendendo o ramal de Araguary.

De accôrdo com o ultimo balancete conhecido, o de 1918, a renda da companhia era a seguinte :

No trecho do Araguary :

Receita	765:629$555
Despesa	506:975$289
Saldo	258:654$266

Na secção de Formiga :

Receita	627:804$786
Despesa	915:491$666
Deficit	287:686$880

Com essa transacção o governo federal assume a responsabilidade de todos os compromissos da companhia, que sómente para com a Estrada de Ferro Oeste de Minas importam em 356:662$762, sendo tambem seus credores os Estados de Minas e Goyaz, varios empreiteiros e sub-empreiteiros, muitos dos quaes já abriram fallencia.

A divida para com o governo federal excede de réis 5.500:000$000, papel.

Todas essas razões foram julgadas pelo governo mais do que sufficientes para declarar a caducidade do primitivo contracto da companhia, reformado em 1916 e modificado ainda no anno seguinte, e deixar de attender ao requerimento da mesma, datado de tres do corrente, em que pede mais uma revisão no accôrdo, afim de remover as difficuldades que, confessa, impedem o proseguimento normal dos trabalhos e o cumprimento das suas obrigações.

O que se lê acima é a informação officiosa fornecida á imprensa carioca. Nós, porém, commentaremos na nossa proxima edição o acto do governo, o qual, se satisfez plenamente os desejos dos mineiros, nem tanto assim os dos goyanos.

Mas isto não implica da nossa parte discordancia á deliberação do governo declarando a caducidade do contrato da malfadada companhia constructora da importante e futurosa via-ferrea, que de Goyaz só tinha o nome.

Antes pelo contrario, applaudimol-a.

EXPORTAÇÃO GOYANA

Em nosso numero passado, dando a estatistica da exportação goyana, occorreu um erro de somma que nos apressamos em corrigir.

O total que lá figura é 246:626$255, quanto devera ser 377:097$346, o que é facil de verificar sommando as cifras parciaes.

O engano acarretava assim uma differença para menos de 130:471$091.

No numero a seguir daremos a estatistica completa do imposto de exportação do Estado de Goyaz arrecadado nas diversas estações da sua estrada de ferro durante o anno de 1919.

Nella vêm especificados numeros e pesos das mercadorias que transitaram pela alludida via-ferrea naquelle periodo.

Para esse importante documento official, que devemos á getileza do Sr. Jayme de Medeiros Queiroz, digno e zeloso fiscal do governo do Estado em Araguary, chamados desde já a attenção do leitor.

Notas e Informações

Informa *O Commercio* de Santa Rita do Paranahyba que de 15 de Novembro ultimo a 15 de Dezembro, a recebedoria dessa cidade arrecadou a importancia total de réis 143:633$200, e que durante o mesmo periodo foi extraordinariamente intenso o movimento de exportação de gado Passaram por alli mais de vinte numerosas boiadas com destino a Minas Geraes e S. Paulo.

A arrecadação global da Recebedoria, de 1.º de Janeiro do anno ultimo até áquella data attingiu a importante somma de 620:449$300.

*
* *

O automovel já é hoje cousa vista em Goyaz. São frequentiças as inaugurações de linhas de auto-viação no sul do Estado, bem assim acquisições que os fazendeiros e mais pessoas abastadas, vão fazendo das mais aperfeiçoadas machinas da conhecida marca Ford.

Santa Rita do Paranahyba, Jatahy, Bananeiras, Burity Alegre, Morrinhos, Nova Aurora, Corumbahyba, Roncador, Santa Cruz, Campo Formoso e outras localidades goyanas, inclusive, já ouvem com aprazimento o *fon-fonar* dos autos promissores do progresso.

Goyaz evolue !

*
* *

Um dos engraçados correspondentes telegraphicos de certo periodico que se publica em Goyaz (capital), passou para alli um recado que, apezar de um pouco tarde, mesmo assim não dispensa commentarios. Foi a invencionice tendenciosa de que a delegação matto-grossense ao 6.º Congresso de Geographia de Bello Horizonte, não tomára em consideração a proposta de limites que lhe fôra apresentada pelos delegados de Goyaz no alludido Congresso.

Porque é preciso confundir de vez os individuos que exornam as columnas do tal jornalzinho provinciano. Sabemos, aliás, que se trata de um *estudante chronico* reprovado dez annos na Faculdade Livre de Direito desta capital. Que cabeça de burro !

Mas a verdade é que maior não podia ser a gentileza da delegação matto-grossense, composta dos illustres Srs. : senador Antonio Azeredo, general Candido Rondon e Dr. Barbosa de Faria, tomando, como o fizeram, na mais alta consideração a proposta ou accôrdo de limites que a delegação goyana formulára — e disto ha documento escripto que opportunamente virá á luz.

O facto de ambas as delegações não terem chegado a um accôrdo desejavel, não implica desconsideração de nenhuma das altas partes contratantes.

*
* *

Outro rabiscador solerte daquelle papelucho, ignorante como um littero-idiotazinho que é, nem ao menos sabia que, attendendo a um pedido da Liga da Defesa Nacional, foram retirados á discussão no plenario do 6.º Congresso de Geographia de Bello Horizonte quaesquer questões de limites inter-estadoaes. Esta louvavel resolução foi annunciada por toda a imprensa nacional seis mezes antes da abertura do Congresso na capital mineira. E assim foi : mas era preciso, para gaudio dos parvajolas, que o general Candido Rondon discutisse alli a nossa questão de limites com Matto Grosso, numa conferencia goyanophoba, e o nosso director fizesse uma figura apagada, deixando de responder aquillo que o general... não disse.

Ora bolas !

*
* *

A commissão Rondon realizou durante as festas commemorativas do bi-centenario de Cuiabá uma curiosa exposição cartographica referente ás Capitanias de Matto Grosso e Cuiabá, interessando tambem partes das de São Paulo, Rio Negro, Grão-Pará e Goyaz. A exposição alcançou enorme exito.

Depois da oração proferida pelo capitão Jaguaribe as autoridades ladeadas pelo general Rondon, por aquelle official e demais membros da commissão Rondon, alli presentes, se detiveram no exame do schema explicativo dos trabalhos. Esse grande mappa abrange o Brasil Central desde a fronteira com a Republica do Paraguay até o rio Amazonas e no sentido este-oeste, desde a mediania de Goyaz até terras da Bolivia e do Perú. Nelle está figurada a moldura da Carta do Estado de Matto Grosso que está sendo desenhada na commissão Rondon e que abrange parte dos territorios de Goyaz, S. Paulo, Minas, Paraná, parte da Republica do Paraguay e Bolivia, e parte do Amazonas e Pará.

Uma linha perimetrica, de côr vermelha com 2 millimetros de espessura, circunda as regiões que foram exploradas pela commissão Rondon.

Como é sabido essas explorações não se contiveram no Estado de Matto Grosso, tendo-se distendido até o rio Amazonas, para o lado do norte e até a cidade de Goyaz, para o lado de leste. Da zona mais ou menos conhecida só o rio Xingú, uma pequena região junto ao rio Paraná e alguns arechos vizinhos aos rios Guaporé e Madeira deixaram de ser exploradas pela commissão Rondon. Tudo o mais foi percorrido estando assignalada no mappa a região outr'ora virgem, que se caracterizou pelas grandes descobertas nella realizadas pelo nosso emerito sertanista. O mappa assignala tambem as mesopotamias Araguaya-Xingú, Xingú-Paranatinga, Aranatinga-Arinos, e valles dos rios Aripuanã e Marmellos, regiões até hoje inexploradas e que poderão ainda trazer grandes sorpresas geographicas, quando desvendadas.

*
* *

A industria de calçados vae-se desenvolvendo assombrosamente no paiz, de preferencia aqui no Rio e em São Paulo. Ella depende em primeiro logar do aperfeiçoamento dos cortumes nacionaes, que ainda não attingiram ao gráo de efficiencia desejavel.

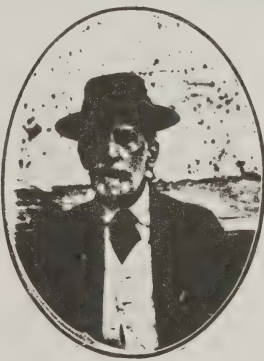
A Argentina, que neste particular póde, como tambem em tantas cousas mais, nos servir de modelo, acaba de

incorporar uma sociedade afim de installar grande fabrica de tannino e outros extractos para a industria de cortume. O capital a ser empregado nessa empreza é calculado em dez milhões de pesos argentinos. Como materia prima para a industria de cortumes, os nossos visinhos apenas possuem o quebracho, emquanto que no nosso paiz são sem conto as especies de vegetaes tanniferos.

*
* *

O illustre scientista Dr. Henrique Morize, digno director do Observatorio Astronomico, entrevistado pelo *Jornal* sobre a mudança da capital da Republica, deixou escapar na sua interessante e instructiva palestra um ligeiro equivoco que pede rectificação.

E vem a ser que d'aqui a Catalão, diz elle, se gasta quasi quatro dias, senão mais, e que d'ahi ao ponto da nova capital distam ainda umas oitenta e tantas leguas. De facto assim era, ao tempo em que S. S. por lá andou.

Hoje não. A viagem do Rio a Catalão é feita em menos de tres dias. Accresce ainda que o ponto terminal da via-ferrea mais proxima da nova capital é Roncador, além de Catalão 100 kilometros; e dentro de um anno os trilhos da Estrada de Ferro Goyaz, alcançarão Tavares, cerca de 27 leguas da nova capital.

Coronel JOAQUIM JOSE' DA SILVA, Intendente municipal de Bomfim (Goyaz). Reeleito pela quarta vez.

O Tapir como animal de tracção

"Finalmente, esse commercio de féras, da casa Hagenbeck, funccionando assim regularmente em Hamburgo, tem duas notaveis consequencias. Diversas especies de animaes perniciosos estão quasi desapparecidos pela perseverança com que os caçadores as procuram, em vista de terem certo o logar de venda, e parece não estar longe o dia em que muitos dos animaes até hoje considerados indomaveis e inuteis, entrarão a cooperar nos trabalhos dos campos, tomando uma situação nada inferior entre os nossos domesticos".

Aqui no Brasil, ao contrario do que em outros paizes, os animaes perniciosos crescem e multiplicam, ao passo que os animaes uteis á lavoura vão desapparecendo pela insistencia com que os nossos caçadores os procuram, dentro mesmo do Districto Federal. Quem escreve estas linhas já levou uma descompostura pela imprensa, por ter incluido entre as aves uteis á lavoura conhecida especie de gavião, que presta serviços aos fazendeiros — catando carrapatos na pelle do gado vaccum, que se mostra grato ao seu bemfeitor.

O homem era criador de gallinhas, disseram-me depois...

A fauna brazileira conta mais de um representante que, domesticados, poderiam cooperar nos trabalhos dos campos.

Basta citar o tapir ou anta (*Tapyrus americanus*), do qual disse algures o naturalista Geoffroy de Saint-Hilaire : "Entre os pachidermes, um animal existe, cuja domesticação parece-me dever ser immediatamente tentada, é o tapir, e mais especialmente a especie americana, que tão facilmente se poderá obter da Guyana e do Brasil.

A domesticação da anta nos aldeiamentos dos selvicolas é sabida; e é commum, no interior do paiz, vêr-se o possante animal manso e acostumado com qualquer alimentação que se lhe dê.

Houve no quartel do antigo 20.º batalhão de infantaria, da guarnição de Goyaz, uma bellissima anta, que, ás horas da canicula, descia vagarosamente para seu banho habitual no rio Vermelho, que passa pelo meio da capital, só regressando ao toque de rancho para participar das sobras da *boia* das praças.

Ha tempos deixei na cidade de Araguary, em Minas, e precisamente na ponta dos trilhos da Mogyana, uma *anta-xuré*, domesticada. Este animal, considerado pelos zoologos como habitante dos planaltos do Andes e do Equador, e cuja existencia no Brasil elles consideram "questão ainda aberta", esteve durante um anno á espera que o mandassem vir para o Museu Nacional ou para o Museu paulista — até que afinal veio a morrer em consequencia de um tiro recebido na via publica. E' inacreditavel a *incuriosidade* scientifica, que houve da parte da direcção desses dois estabelecimentos publicos, cuja occupação e cujo interesse nos parece deviam ser antes de tudo o conhecimento da fauna do paiz, tão mal representada em amboos esses museus, no Nacional, principalmente.

A utilização da anta no tiro do arado, e bem assim em outros serviços ruraes, é caso digno de estudo por parte do governo e interessados.

Sob o ponto de vista da força muscular, particularmente disposta para o serviço de tracção, nenhum outro animal se lhe compara — nem o boi, nem o burro, nem o cavallo, o zebroide, inclusive. A força do tapir excede á de uma junta de bois carreiros.

Tudo nesse animal está indicando seu aproveitamento nos trabalhos ruraes : seu porte robusto, seu couro espesso, sua docilidade, sua facilidade ao trenamento e, por ultimo, as condições que sua estatura offerece á adaptação aos tirantes do arado ou carretas.

O preço de uma anta é tres vezes menor que o de um boi ou muar, para o serviço da lavoura.

Seria mais uma especie pecuaria no Brasil, o nosso tapir domesticado.

Os unicos animaes domesticos que no paiz possuimos, devemol-os aos europeus, excepção do pato (*Cairina maschata*), que provém das nossas mattas, por intermedio do selvicola.

No emtanto, povos inferiores conseguiram domesticar especies animaes, como o Gêbo ou Zebú (*Bos indicus*), que as nossas gentes de Uberaba importam ao peso e timbre de libras esterlinas. Já houve até quem se lembrasse de introduzir o bufalo, o bisonte e outros ruminantes selvagens da America do Norte, em um paiz onde estrangeiros vêm admirar a perfeição de um nosso producto animal, criado á lei da natureza — o da chamada raça bovina Caracú.

HENRIQUE SILVA.

Estrada de Ferro de Goyaz

Desde os seus primordios até hoje, a Estrada de Ferro de Goyaz tem tido quatro differentes traçados, a saber :

1.º — *Linha de Catalão a Palma.* Concessão feita pelo Decreto n. 862, de 16 de Outubro de 1890, dando privilegio por 60 annos e garantia de juros de 6 % até 30 contos ouro por kilometro.
2.º — *Traçado com o ponto inicial em Araguay* (estação terminal da Mogyana) — Decr. n. 5.349, de 18 de Outubro de 1904.
3.º — *Linha de Formiga* (Minas) *a Leopoldina* (Goyaz), com um ramal para Uberaba (Decr. n. 6.438, de 27 de Março de 1907.
4.º — *Linha de Formiga a Goyaz, passando por Catalão,* com um ramal de *Catalão a Araguary* e outro de *Uberaba a S. Pedro de Alcantara* — Decr. n. 7.562, de 30 de Setembro de 1909.

Comprehende-se nitidamente qual a influencia que no correr dos annos foram exercendo os interesses regionaes e particulares sobre os destinos da valiosa arteria.

Estabelecido em Araguary, pelo decreto de 18 de Outubro de 1904, o respectivo "punctus initialis", até que o eixo de communicação com os principaes centros goyanos estivesse concluido, inepto, sinão delictuoso, seria cogitar da execução de outras linhas figurando debaixo da mesma concessão.

O que se fez, porém ?

Desde 1907 entra a influir a era da politicagem mineira, que visa prejudicar o ponto de vista primacial, dispersando as forças da empreza concessionaria e malbaratando os dinheiros publicos com ramaes e linhas de ordem secundaria.

Natural e logico que, sendo o objectivo da concessão primitiva e a sua alteração de 1904 permittir aos centros pastoris e agricolas do vasto territorio de Goyaz uma facil ligação com os grandes mercados consumidores, proximos ao mar, ficasse unicamente e exclusivamente em andamento a linha base de Araguary a Goyaz.

Si assim se tivesse procedido, na hora actual já se poderia ir em trem de ferro até a longinqua capital goyana, que, entretanto, dista ainda cerca de 370 kilometros da ultima estação de Goyaz, isto é, a estação de Roncador.

Vejamos os algarismos.

No momento de ser lavrado o contracto de revisão em 1916, contracto que a Companhia foi, por assim dizer, obrigada a assignar, com a espada na garganta, era esta a extensão das linhas construidas, em construcção e a construir:

	Kilometros
Linhas em trafego	427.00
Linhas com trilhos collocados	186.00
	613.00
Linhas a concluir (com prazo fixo)	565.00
Total	1.178.00
Linhas a construir (sem prazo) ..	370.00
	1.548.00

Ora, sendo de 580 kls. 714 a extensão approximada, de Araguary á capital de Goyaz, verifica-se que si não fossem os desperdicios de esforços com linhas secundarias, que só aproveitam ao interesse mineiro não teria ficado a linha tronco na estação de Roncador e hoje estaria quasi concluida, penetrando utilmente e patrioticamente no coração do vasto e futuroso Estado.

Em vez de uma arteria fecunda, grande linha de um systema ferroviario intelligente e prospero, a E. F. Goyaz nada mais é, ao cabo de tantos annos, do que um conglomerado de pedaços desconnexos e incompletos, que nem servem aos interesses publicos nem aos da Companhia que explora os serviços e cujos dispendios são muito mais vultuosos do que poderiam ser si o trafego das linhas promptas não experimentasse os effeitos dos disparates postos em jogo, subdividido entre dois trechos tão divorciados entre si — o de Araguary a Catalão e Roncador e o que de Formiga se dirige a Catalão.

Custa a acreditar que cerebros equilibrados houvessem concebido idéa tão precaria de attribuir á execução da E. de F. de Goyaz o aspecto que lhe foi, de facto, attribuido, com formal desprezo dos objectivos determinantes da concessão e da leal applicação dos dinheiros do paiz, que não podem ser desviados dos fins honestos para que são arrecadados, visando tão sómente os melhoramentos de maior valimento e de serventia mais ao alcance dos interesses collectivos.

E' verdade que em todos os tempos a politica regionalista tem preponderado em beneficio dos Estados servidos pelas grandes bancadas, tanto assim que, ao passo que os pequenos Estados sómente agora é que vão conseguindo a migalha de alguns kilometros de linhas ferreas, S. Paulo e Minas Geraes dispõem, elles só, de mais da terça parte da extensão total da rêde de viação ferrea da Republica.

Mas é, devéras, para lastimar que uma politica tão estreita e tão condemnavel chegue ao ponto de pretender camouflar os destinos de uma concessão que visa favorecer a um Estado pequeno, tornando-o um factor de maior efficiencia social e economica da nação, para servir aos seus pendores egoistas.

Nem por ser um Estado central, deve Goyaz ser tido e havido como um vassalo ignobil, a quem se destinam os sobejos das mesas fartas...

Mas não percamos o tempo com a analyse fria desses phenomenos tão caracteristicos da época.

A Estrada de Ferro de Goyaz, embora bem nascida, tornou-se precocemente um aleijão, um mostrengo.

Não ha, agora, sinão attenuar-lhe os effeitos da decadencia organica.

De longa data vem a crise financeira de Goyaz.

A guerra, essa suprema gestadora de crises, não poderia sinão engrandecel-a, tornando-a ainda mais patente e mais visivel.

E o governo, que, inspirado por um principio de justa equidade, nesta grande hora de aperturas para todas as estradas, mesmo as mais prosperas, corre em seu salvaterio, animando-as e facilitando-lhes a carreira, não poderia ter para com a E. de Ferro de Goyaz procedimento diverso, tanto mais quanto, em grande parte, conscientemente, foi elle proprio um dos principaes elementos de efficiencia para a situação penosa em que ella se debate.

A acção do Governo, em materia de estradas de ferro, quasi nunca é, infelizmente, aquillo que devia ser.

Ora, o seu *contrôle* é fraco ou mesmo nullo. Ora, se exerce com energias desusadas e excessivas.

Raramente desce ao meio termo das attitudes ponderadas e calmas, onde um sentimento juridico das coisas não conturbe o raciocinio, nem determine soluções contrarias ao bom senso.

Felizmente, do actual governo da Republica fazem parte os Drs. Epitacio Pessoa e Pires do Rio, homens de real descortino, dominados por pontos de vista não communs e que são incapazes de confundir as exigencias do interesse publico com os exageros impostos pelo burocracismo retrogrado que, infelizmente, tem actuado sobre as nossas prin-

cipaes questões ferroviarias, eternisando-as na esterilidade de mil contendas inexplicaveis.

Mas não basta dizer que a E. F. de Goyaz, em vez de fazer jús ao tratamento duro que exsuda da unica solução ideada pelo operoso deputado Alaôr Prata, merece da parte do Governo um regimen menos severo e mais equitativo.

Necessario proval-o. E' o que procuraremos fazer, em seguida.

Estavam escriptas as linhas precedentes, quando veio a lume da publicidade o decreto de 6 do corrente, pelo qual o Governo declara a caducidade do contracto celebrado com a Companhia Estrada de Ferro de Goyaz.

Isso não impede, antes serve de melhor estimulo para que continuemos a desenvolver a nossa these tendente a demonstrtar que o Governo, tão carinhoso e condescendente para com certas companhias, deveria usar da mesma complacencia em relação á Estrada de Ferro de Goyaz.

(Da *Gazeta da Bolsa*).

O habitat maravilhoso de Goyaz para as especies pecuarias

I

Clima — Aguas — Pastagens sylvestres e campestres — Salinas e barreiros — Sub-especies pecuarias formadas pela acção do meio.

Os scientistas dividem o Brasil em tres zonas climatericas: zona Equatorial, zona Sub-tropical e zona Temperada.

O Estado de Goyaz participa de todas ellas. A zona tropical caracteristica da Amazonia cobre mais de seis gráos de latitude, a norte, isto é, vem da foz do Tocantins no Araguaya até 11° de latitude sul, na ilha do Bananal. Dahi até as margens do Paranahyba e cabeceiras daquelles dois grandes rios predomina a chamada zona sub-tropical.

"Esta segunda zona climaterica do Brasil comprehende os Estados de Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas e Goyaz; Matto Grosso e uma parte do oéste de S. Paulo, verificando-se nella uma temperatura média de 23°, 26° nas regiões baixas do littoral e do interior e de 18°, 21° nas partes elevadas intermediarias. Ainda aqui é preciso fazer algumas subdivisões, conforme a situação maritima ou interior, a distribuição das chuvas e a dos ventos.

Finalmente, as regiões altas do interior de Goyaz, Minas e S. Paulo, gozam de um clima dos mais agradaveis porque a altitude, muitas vezes grande, corrige ahi os effeitos da fraca lattitude, sendo que numerosas zonas dessa região possuem clima semelhante ao do Sul da Europa.

Finalmente, a região interior dos campos, que é a mais extensa e fica situada a occidente da Serra do Mar, cujas altitudes são variaveis, mas por vezes consideraveis, é a que apresenta os mais deliciosos climas do Brasil, muito mais frios e geralmente muito menos humidos do que a média geral". *Impressões do Brasil no seculo XX*, publicadas sob a direcção de Reginald Lloyal, Londres, 1913. Em nota appensa a esse capitulo da mesma obra, diz o autor: "Não somos tendenciosos — porque estes dados se baseiam em trabalhos de Morise e Afranio Peixoto e documentações de viajantes e sabios estrangeiros".

Ha em Goyaz uma região cujo clima os scientistas desconhecem: a *Chapada dos Veadeiros,* numa altitude média de 1.500 metros sobre o nivel do mar, tendo por ponto culminante 1.776 metros, como se vê do *Relatorio da Commissão Exploradora do Planalto Goyano*. Sabendo-se que 100 metros de altitude, correspondem a um gráo de latitude, resulta que a Chapada alludida entre 14° e 15° de latitude meridional, póde e deve ser referida ás zonas mais frias do Brasil ou melhor, possue o clima da zona temperada dos Estados sulistas. Na Chapada dos Veadeiros cáe neves durante os mezes de Junho, Julho e Agosto. Na sua formação geologica predomina o calcareo paleozoico — excellente para a cultura do trigo e outras gramineas dos climas temperados. A villa de Cavalcanti, sita na extremidade norte da expandida Chapada foi nos tempos coloniaes productora e exportadora de trigo, exportação essa que se fazia pelo Rio de Janeiro, Pará e Bahia. Nas escarpas da grande planura corre o Vão do Paranãn, uma das mais

UM BARREIRO, em Goyaz. A vacca, que se vê, mettida a cabeça até ao peito na cavidade do "barreiro", está comendo o barro salino; e á distancia outra rez, já empazinada, olha-nos do leito do rio.

productoras regiões pastoris do Estado. Bastava o *cavallo curraleiro* para justificar a merecida fama de que goza esse *habitat* maravilhoso para as especies pastoris.

No systema hydrographico do planalto goyano as cabeceiras mais altas do Brasil são: a do Santa Rita, vertente do S. Francisco, pelo rio Preto; a do Bandeirinha (Piripáo), vertente do Amazonas, pelo Paranãn e Tocantins; a do Vendinha, vertente do Prata, pelo S. Bartholomeu e o Paranahyba (Dr. Cruls). Accrescenta o eminente scientista que a qualidade das aguas desses diversos rios variam de um a outro, mas que em geral póde-se considerar as aguas do sul como sendo melhores do que as do norte, em relação á Serra das Divisões e as dos affluentes do Corumbá como superiores ás do S. Bartholomeu.

A'quelle systema hydrographico é mister juntar as cabeceiras mais altas do Taquary, que descem das escarpas do territorio goyano para o Paraguay, a sudoéste, bem assim as do Araguaya, que correm para o norte. São todos estes altos tributarios das tres principaes bacias da America do Sul, de aguas crystalinas batidas nas quédas, saltos e cachoeiras sem conto que se nos deparam nas terras goyanas. Não ha em todo o Brasil uma região mais abundante de aguas puras, limpidas como o de que nos occupamos. Nella as cabeceiras ou vertentes se cruzam, entrelaçam, formando *aguas emendadas,* isto é, de uma mesma fonte ou nascente as lymphas se derivam, parte para o sul, parte para o norte, parte para léste. Não têm conta os lagos, as lagôas e as nascentes perennes nos campos abertos. A zona das seccas periodicas do norte e nordéste do paiz não inclue Goyaz, que póde ser considerado como zona de transição entre a Amazonia e os Estados sulistas. Mesmamente quanto á flora.

Goyaz é a patria das forraginosas por excellencia no Brasil.

De lá procede o *Jaraguá,* a triumphante graminea forrageira, que, a principio calumniada, talvez pela sua ori-

gem, depois de passar pelo *experimentum crucis* das sciencias de analyse positiva resultou glorificada e proclamada pelos estrangeiros, pelos criadores dos Estados centraes e nortistas. E quantas outras forraginosas, aliás superiores ao Jaraguá, esperam a sua vez para serem divulgadas no resto do Brasil?

O berço do Jaraguá, o municipio de Pilar, o é tambem de outras duas excellentes gramineas forrageiras: o *Papuan*, sylvestre (não confundir com um capim de roça que ha em Minas e S. Paulo), e o *Capim de raiz*, peculiar ás baixadas humidas. O capim Gordura ou Catingueiro, de todas as suas variedades é alli nativo, tanto nas culturas e capoeiras, como nos campos cerrados. Nos campos do norte do Estado apparece em maior abundancia o *Capim Branco;* nos do sul predomina uma infinita variedade de gramineas forrageiras — não faltando uma só das mais proclamadas no sul do paiz, desde Minas Geraes e S. Paulo até o Rio Grande do Sul. Em estado nativo, sem cultura alguma, viceja e cresce nas mattas como nos campos um sem numero de leguminosas, disputando primasia a *Jequirana* (que tambem não se deve confundir com outras do mesmo nome indigena). E' digno de nota que todas as especies vegetaes do Brasil Central possuem, pelo menos, uma variedade, inclusive as forraginosas, quer indigenas quer alienigenas. Mais interessante ainda: não ha alli uma unica especie pecuaria que não possua variedades. Seria longo exemplificar, pois, só a especie suina conta cerca de 18 variedades, formadas pela acção do meio.

(Continúa).

HENRIQUE SILVA

EXPEDIENTE

Convidamos os senhores que no Estado de Goyaz têm recebido importancias de assignaturas d'*A Informação Goyana*, para prestarem contas nesta redacção ou ao Sr. Mario Vaz, em Ipameri; bem assim os assignantes em atrazo ha mais de um anno — pois no caso contrario seremos forçados a tomar outras providencias.

Igual convite é extensivo aos Srs. annunciantes ainda não quites.

Obras de Henrique Silva

A Caça no Brasil Central — Rio de Janeiro — 1898.
Poetas Goyanos — Bagé — 1901.
Fauna Fluviatil de Goyaz, volume I (bacia do Tocantins — Araguaya) — S. Paulo — 1905.
Fauna Fluviatil de Goyaz, volume II (bacia do Paranahyba) — Rio de Janeiro — 1906.
Industria Pastoril (in — *O Brasil, suas riquezas, suas industrias*) — Rio de Janeiro — 1907.
Esboço Biographico do Commendador Francisco José da Silva — Rio de Janeiro — 1907.
Sumé e o destino da nação Goyá — Rio de Janeiro — 1910.
Contribuição para a Geographia Zoologica do Brasil, "separata" dos *Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia* (Geographia biologica, Geographia botanica e Zoogeographia — Rio de Janeiro — 1911.
Caças e Caçadas no Brasil (com um prologo, pelo General Couto Magalhães), edição da Livraria Garnier — Paris — 1912.
A extincta Nação Goyana, in-Annaes do XIX Congresso de Americanistas — Londres — 1914.
Perolas e conchas perliferas do Araguaya — Rio de Janeiro — 1915.
Duas variedades novas de Electrophoride do Brasil — Rio de Janeiro — 1915.
O Pescador Brasileiro — S. Paulo — 1915 — (edição de Chacaras e Quintaes).

A sahir, do mesmo autor:

Memoria justificativa dos limites de Goyaz com os Estados de Matto Grosso, Minas, Bahia e Pará.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA S. JOSÉ 31

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1920 — VOL. III — N. 7

SUMMARIO

EXPORTAÇÃO GOYANA

Como prometteramos na nossa ultima edição, damos hoje a estatistica do imposto de exportação do Estado de Goyaz, arrecadado nas diversas estações da Estrada de Ferro Goyaz, ou melhor no ramal de Araguary a Roncador, durante o exercicio de 1919. E' preciso lembrar que esse ramal da Goyaz cobre apenas 91 kilometros no Estado — atravessando sómente tres municipios. Emquanto o governo goyano não fizer um convenio aduaneiro com o de Minas Geraes, a exemplo do proposto pelos delegados de Goyaz aos da Bahia e Pará no 6.º Congresso de Geographia de Bello Horizonte, não será possivel saber-se, nem ao menos approximadamente, a sua exportação para Minas, S. Paulo e Rio. E' que a Mogyana recebe toda ou quasi toda a producção do sul goyano, não só em Araguary como tambem em Uberabinha e Uberaba. Manda ainda a região sul do Estado grande quantidade de mercadorias tanto para o Triangulo Mineiro como tambem para S. Paulo, productos pecuarios, cereaes, etc. Releva dizer, mais que grande quantidade de gado vaccum dos municipios goyanos de Jatahy, Rio Verde, Rio Bonito e Mineiros, sáe para Minas e São Paulo com guias passadas pelas autoridades matto-grossenses que ainda occupam indevidamente a zona de Sant'Anna do Paranahyba.

Esperar que a Directoria de Estatistica Commercial ponha em execução a promettida estatistica inter-estadoal? Qual o que!

Contentemo-no, pois, com o que se segue:

ESTATISTICA DO IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO DO ESTADO DE GOYAZ, ARRECADADO NAS DIVERSAS ESTAÇÕES DA ESTRADA DE FERRO, DURANTE O EXERCICIO DE 1919.

	N.	*Peso*	*Rs.*
Bois	13.247		105:976$000
Vaccas			220$000
Cavallos e burros	51		306$000
Suinos gordos	6.712		38:929$600
" magros	4.596		18:384$000
Caprinos	3		3$000
Fumo em corda	133.379	133.379	29:348$380
Crystal		5.712	1:713$600
Malacacheta		38	3$800
Borracha		3.435	687$000
A transportar			195:571$380
Transporte			195:571$380
Sóla		28.466	7:116$500
Pelles curtidas		2.374	593$500
" cruas		30.847	7:711$750
Couros salgados	9.604		24:010$000
Arroz com casca		5.826.125	116:522$500
" beneficiado		660.602	13:212$040
Feijão		99.398	1:490$970
Farinha		1.651	19$812
Mamona		3.421	41$052
Polvilho		41	$820
Toucinho		74.706	5:976$480
Banha		94.751	4.737$550
Carne de porco		48.717	2:923$020
Linguas		1.057	63$420
Peixe		26	1$560
Carne verde		10	$600
Xarque		697.952	27:918$080
Sebo		116.114	4:644$560
Tripas		2.842	113$680
Sabão		539	21$560
Oleo		250	15$000
Graxa		359	10$770
Assucar		53.980	2:159$200
Café		257.759	16:020$360
Agua ardente		3.836	230$160
Doces		1.642	98$520
Rapaduras		177	1$770
Algodão		4.406	44$060
Paina		425	2$250
Ovos		298	2$980
Vassouras		3	$030
Aves		1.228	12$280
Manteiga		5.217	1:043$500
Queijos		8.893	444$650
Alhos e cebolas		90	$900
Milho		5.817	46$536
Amendoim		929	9$290
Fubá de arroz		37	$370
Batatas e carás		169	1$020
Tijollos		15.000	60$000
Tóros de madeira	m/c 252		126$000
Taboas	duz. 14		30$800
Ripas	" 1		1$750
Caibros	N. 84		12$600
Cal		120	$360
Cabellos		65	$650
Cordas		12	$240
Adubos chimicos		730	7$300
Xifres		2.024	20$240
Unhas		1.850	18$500
7 % sobre diversas mercadorias			1:951$154
Taxa itineraria			33$500
Multas impostas em funccionarios			20$000
Cobrança indevida			106$624
Taxa addicional 10 %			43:515$527
Rs.			478:777$425

Pelo que acima se vê, que só por Araguary passaram para S. Paulo durante o anno de 1919 : 11.308 suinos em pé, 74.706 kilos de toucinho, 97.751 kilos de banha, 48.717 kilos de carne de porco. Sabemos, entretanto, que muito superior áquella foi a exportação de suinos e seus productos pela recebedoria de Santa Rita do Paranahyba, com o mesmo destino, embarcada em Uberabinha no mencionado anno de 1919

O interessante, porém, é que pela nossa ineffavel Directoria Geral de Estatistica do Ministerio da Agricultura São Paulo possue uma população suina superior á goyana em quantidade e producção. Para se fazer idéa da enorme creação de suinos em Goyaz, basta considerar que este Estado exporta porcos e toucinho para todos os que com elle limitam, Minas Geraes inclusive. Sabe-se, mas ninguem o diz, que a banha e o xarque exportados para o norte e para o exterior pela aduana de Santos procedem do sul de Goyaz, transportados pela Mogyana, pela Paulista e pela S. Paulo Railway, com baldeação, em Araguary e Campinas, e onerosas tarifas.

Outro dia, numa das suas apreciadas e interessantes *Notas Economicas* o distincto escriptor financista Sr. Mario Guedes mostrou que o imposto sobre circulação entre nós tende a crescer, é o imposto do progresso, o imposto do futuro — e que o Estado de Goyaz é hoje em dia o que menos concorre para o imposto sobre circulação — mas que tudo depende da circulação ferroviaria e maritima.

Ora, como não ser aquella a situação do nosso futuroso Estado, se elle não tem navegação maritima, nem fluvial e apenas possue em seu territorio uberrimo (como demonstra a sua producção crescente) a miseria de cento e poucos kilometros de linha ferrea ?

Como fixa de consolação accrescenta que em futuro porém, essa situação mudará. "Renderá dez, vinte, trinta vezes mais do que rende".

Esta certeza temos nós que conhecemos as immensas possibilidades do grande Estado central. Mas é mister que a alimente tambem o actual governo da Republica — mesmo porque esta não póde continuar no seu papel de madrasta de Goyaz, que no novo regimen nunca passou de Maria vae com as outras...

Nós aqui nestas columnas é que nunca havemos de perder as mais fundadas esperanças no breve e radioso futuro da nossa *terra-mater*.

Caldas novas de Goyaz

LOURDES NO BRASIL

Inauguração de uma ponte pensil sobre o rio Corumbà

Inaugurou-se a 31 de Janeiro ultimo, no lugar denominado Rochedo de São Benedicto e São Bento, uma solida e artistica ponte pensil sobre o rio Corumbá, graças á iniciativa e esforços do espirito *yankee* do Sr. Coronel Bento Godoy, que a projectou e construiu a suas expensas.

Esta prestadia obra d'arte é destinada a ligar por uma linha de automoveis a cidade de Ipamery, já servida pela Estrada de Ferro Goyaz, á villa de Caldas Novas, onde borbotam as aguas thermaes de temperatura mais elevada até hoje verificada no Brasil, ou sejam 51ºc. Estas fontes radioactivas de comprovadas virtudes therapeuticas ficam distantes apenas 10 leguas de Ipamery. O Corumbá é um dos mais caudalosos rios goyanos; nasce nos Montes Pyrineus, e na opinião dos mais competentes geographos deve ser considerada a verdadeira nascente do rio Paraná. Ambas as suas margens são cobertas de soberbas mattas virgens de proverbial uberdade, como por exemplo as do *Funil*, do *Maratá* e *Marzagão*, tambem chamada *Matta Azul*, abaixo da confluencia do Piracanjuba.

Do recente e interessante livro do Dr. Orozimbo Corrêa Netto sob o titulo *Aguas Thermaes de Caldas Novas*, extractámos as passagens que se seguem:

"A incomparavel natureza que, em toda a parte do nosso paiz, revela riquezas que assombram aos naturalistas, dotou Caldas Novas de encantos e seducções com infinita prodigalidade.

A frescura de suas manhãs e de suas noites, a luminosidade de sua atmosphera que deixa transparecer, numa doçura inexprimivel, aquella linha suave do dorso alizado de suas serras, dão ao admiravel scenario de Caldas Novas a impressão de um eterno paraizo de repouso.

Futura cidade de aguas capaz de rivalizar em opulencia com as mais famosas do estrangeiro e repercutir como digna da cultura de um povo civilizado, Caldas Novas é comparavel áquellas localidades que, no velho mundo, e na America do Norte, gosam de todos os beneficios de uma administração vigilante, encarregada de zelar com amor pelos thesouros inegualaveis da natureza.

E' mister que não esqueçam os poderes publicos goyanos a grandeza da industria hydro-mineral e thermal que, bem desenvolvida e sabiamente explorada, constitue um factor importantissimo da fortuna publica e, em Goyaz, deve ser uma patriotico programma de governo.

O governo goyano teria já antecipado os votos da posteridade na estima de toda a nação, se tivesse lembrado de erguer em Caldas Novas uma estação thermal modelo para o beneficio dos doentes da patria brasileira.

O presente trabalho representa o resultado das observações e estudos realizados *in loco* pelo autor, que emprehendeu uma viagem a Caldas Novas, onde chegou a 23 de Maio de 1918.

A viagem de Ipameri, cidade goyana, servida pela Estrada de Ferro de Goyaz, até a villa de Caldas Novas, foi realizada a cavallo. O terreno é pouco accidentado e não offerece difficuldades á construcção de uma estrada para automoveis ligando Ipameri a Caldas Novas, que já está projectada, de modo que dentro de um anno as *Caldas Novas* poderão ser frequentadas não só por *touristes* como tambem pelos doentes necessitados do recurso therapeutico de suas aguas thermaes.

A viagem é deliciosa porque offerece ao visitante os mais bellos panoramas a contemplar, os mais extensos horizontes.

O caminho percorrido é quasi todo de campo, e uma legua antes de se chegar a *Caldas Novas* passa-se o local onde estão as fontes thermaes conhecidas pelo nome de *Caldas de Piratininga,* com 51º centigrados de temperatura.

E' preciso notar que o municipio ou comarca de *Caldas Novas* possue todas as fontes thermaes conhecidas pelas diversas denominações de Caldas Velhas, Caldas Novas e Caldas de Piratininga, isto é, estão todas situadas, embora distante uma das outras, no mesmo municipio de *Caldas Novas.* E' fóra de duvida que ás aguas de Caldas Novas está reservado um futuro grandioso. A situação central dellas, permittindo uma frequencia consideravel de toda a parte do paiz, é uma segura garantia do seu rapido desenvolvimento.

As aguas de Piratininga têm a elevada temperatura de 51°c. a mais alta verificada em aguas do Brasil.

São hyperthermaes. As aguas de Caldas Velhas, as mais abundantes de todo o continente sul-americano, têm uma temperatura de 40° c., em seus jorros emergentes.

Em *Caldas Novas* verificamos que a temperatura das fontes alcança 45° c.".

"A acção curativa das aguas de Caldas Novas decorre da acção resolvente e substitutiva exercida nos estados chronicos de inflammação e da acção tonica exercida em todos os estados morbidos consecutivos ao retardamento da nutrição, por effeito dos differentes estimulos — hydrico, thermal, chimico, radio-activo, electrico, gazoso e mechanico.

Os componentes chimicos tornam mais soluveis os productos de eliminação favorecida pelo estimulo do calor, promovendo abundante transpiração.

Um ponto a considerar é a realização do tratamento thermal numa localidade de excellentes condições climatericas, alta, secca e fria, reagindo e influenciando beneficamente.

Passo a citar as molestias e affecções morbidas largamente beneficiadas com uso das aguas e nas quaes o tratamento thermal é indicado:

1°) As desordens geraes e locaes dos estados arthritico e uricemico.

2°) As affecções da pelle em geral, com excepção das parasitas e congenitas.

3°) A syphilis, em todos os seus periodos, favorecendo a cura mercurial intensa e prolongada.

4°) A blenorrhagia e todas as suas manifestações por acção da agua thermal radio-activa, em lavagens e bebida. Thermotherapia.

5°) As nevralgias e nevrites.

6°) Certas desordens circulatorias vaso-motoras ou secundarias.

7°) As fórmas chronicas tuberculosas excluindo a tuberculose pulmonar, do pharynge e do larynge).

8°) Estados escrophulosos e rachitismo.

9°) Affecções articulares.

10°) As anemias.

11°) Neurasthenia e estados esparticos.

12°) Diatheses, com exclusão dos jovens diabeticos.

13°) As desordens dos orgãos pelvianos femininos.

14°) Estados catarrhaes e pretuberculosos.

15°) Estados inflammatorios chronicos.

16°) Bronchites, pharyngites, laryngites, asthma, affecções das fossas nasaes e dos ouvidos.

17°) Affecções oculares em geral.

18°) Os accidentes devidos ao traumatismo.

Em muitos casos as aguas representam um auxiliar das curas medicamentaes e devem sempre estar associadas a um regimen alimentar indicado".

"Entre os casos notaveis de curas operadas com o uso das aguas thermaes da villa de Caldas Novas nenhum é mais eloquente do que o caso de Valeriano Rodrigues de Queiroz, que deu causa a que ficasse conhecido um antiquissimo banheiro pelo nome de "poço do Valeriano".

Na minha visita a Caldas Novas tive occasião de conversar com esse individuo e consegui tirar-lhe a photographia, que em projecção luminosa pude apresentar ao publico em uma conferencia, realizada sobre Caldas Novas, em Araguary.

O municipio de Caldas Navas encravado no pontal dos rios Corumbá e Piracanjuba, limita-se ao Norte com o municipio de Pouso Alto, a Leste com o de Santa Cruz, ao Sul com o de Ipameri e o de Corumbahyba e a Oéste com o de Morrinhos.

A orographia de Caldas Novas é representada pelas serras de Caldas com 1.000 metros de altitude e a do Mazargão com 800 metros. A serra do Marzagão que se acha no extremo sul do municipio de Caldas Novas, atravessa a frondosa floresta da matta preta, abundante de caça, com uma superficie de 60.000 hectares e uma das melhores culturas do Estado de Goyaz.

Valeriano R. de Queiroz é um indiviruo des estatura baixa, intelligente, mineiro, procedente de Monte Alegre, e que deve a vida ás virtudes curativas das aguas da villa de Caldas Novas.

Quando o Valeriano chegou a Caldas Novas, levado pelo instinto de conservação a procurar as suas aguaes thermaes,

"Setenta leguas a Sudeste da cidade de Goyaz, ao lado oriental de uma serra denominada—Serra das Caldas — existem as aguas thermaes de Pirapetinga, descobertas pelos gritos com que se deram a conhecer os cães do caçador Martinho Coelho, que primeiro nellas se escaldaram, por acaso, ha maisde um seculo.

E' um lago de 150 palmos de comprido por 20 de largo, cuja temperatura quasi chega á da agua fervendo.

Martinho Coelho, sem attender aos latidos dos seus cães, parece enlevado na admiração das maravilhas da natureza, ou na previsão dos bens que aos pobres enfermos resultam hoje desse phenomeno."

havia trinta annos que se achava doente, accommettido de um eczema generalizado e rheumatismo, sem um fio de cabello na cabeça e no corpo cobertos de escamas. Era uma figura horrivelmente deformada. Havia cinco annos que estava de cama, impossibilitado de locomoção, condemnado por uma molestia incuravel pelas drogas.

As difficuldades com que Valeriano lutou até que se transportasse a Caldas Novas passam tudo quanto a imaginação póde conceber.

Começou Valeriano a usar dos banhos no banheiro ao ar livre, de construcção antiga, proximo da casa de banhos.

O povo deixou de frequentar este banheiro devido á molestia de Valeriano, que se suppunha morphéa, e cognominou o banheiro de "poço do Valeriano", denominação com que ha de passar ás gerações vindouras, como um attestado eloquente da cura pelas aguas.

Ha cinco annos que Valeriano faz uso das aguas de Caldas Novas sem auxilio de qualquer outra medicação e hoje póde ganhar a sua subsistencia pelo trabalho e adquiriu familia. E' um homem valido, curado.

Restam unicamente poucas manchas de eczema na face e a sua cabeça já está novamente coberta de cabellos, sendo que todo o resto do corpo tem a pelle em estado normal.

Esse individuo, que fez uso das aguas sem indicação medica e sem auxilio de medicamento, sem regimen alimentar e alcançou a cura de uma molestia tão rebelde, prova exhuberantemente a força e o valor curativo das aguas.

As aguas do Pirapetinga têm sido utilizadas para tratamento de enfermos e cura de doenças desde a sua descoberta.

Não fallando dos doentes de que consta terem feito uso das aguas nos "Relatorios" dos profissionaes commissionados para estudal-as, ha um attestado firmado pelo Sr. Manoel Candido Gomes da Silva, que se curou de rheumatismo, depois de antes se terem aggravado os seus padecimentos com o uso das drogas. Com 14 banhos sómente conseguiu ficar radicalmente curado.

Estas aguas realizam curas completas e rapidas nos estados blenorrhagicos pela thermotherapia.

Ha outros attestados firmados por pessoas curadas de outras enfermidades.

A altitude das Caldas de Pirapetinga é de 585 metros acima do nivel do mar.

A descarga por ora é difficil determinar com certeza, porém, se avaliarmos a descarga do regato no rio Pirapetinga com a temperatura de 48° c. não estariamos longe da verdade em calcular em cerca de 100.000 litros por hora.

A localidade plana, o bosque, o bello rio proximo das fontes, tudo está a indicar que um futuro brilhante aguarda-se a essas thermas.

Para o *touriste* será sempre um ponto necessario a visitar, porque se trata da fonte d'agua mais quente do Brasil.

A benção da ponte. No primeiro plano: 1—Maria Apparecida de Godoy, representando D. Antonietta Pedemonte; 2 — Coronel Bento de Godoy; 3—J. de Godoy, representando o Dr. Olegario Pinto; 4 — Padre Oscar; 5 — Eduardo Claudio, representante do Governo.

Termino aqui o estudo e as observações por mim feitas, que necessitam ser completadas pelos mais competentes.

Posso, entretanto, affirmar que fui fiel á verdade e nada aqui está escripto sem que uma verificação bastante cuidadosa não tivesse sido repetida.

Como ponto excellente para a realização de negocios de gado, mineraes, etc., para o repouso do espirito e para o tratamento thermal nada conheço superior a estas paragens.

Para concluir os estudos sobre estas thermas o leitor

A ponte, quando ainda em construcção.

não terá mais do que consultar os mappas, as plantas, os *croquis* e as photographias que illustram esta obra".

As aguas thermaes de Caldas de Pirapetinga foram descobertas em 1774, pelos gritos com que as deram a conhecer os cães do caçador Martinho Coelho, episodio colonial transportado á téla pelo artista francez F. Emilio Taunay, da nossa antiga Escola de Bellas Artes.

São tambem conhecidas, em Goyaz desde a éra colonial outras fontes thermaes, como por exemplo as de Amaro Leite, Palma, Natividade, Cavalcante, Muquem e bem assim varios ribeirões d'aguas quentes. Mas estas de que nos occupamos sempre foram as mais preconisadas pelas suas virtudes curativas. Foram estudadas ha annos passados pelos Drs. João Mauricio Faivre e Vicente Moretti Foggia, que apresentaram interessantes relatorios sobre suas qualidades therapeuticas. Visitou-as tambem, o nosso collaborador Dr. Antonio Pimentel, que a respeito escreveu um relatorio.

Jaziam em completo abandono dos poderes publicos quando no anno de 1912 o Deputado patricio Dr. Olegario Pinto apresentou na Camara dos Deputados um projecto de lei autorizando o Governo a mandar analysal-as. Este projecto foi convertido em lei n. 2.761, de 15 de Janeiro de 1913, podendo despender até 24 contos de réis. Foi, então, nomeado para ir ás Caldas o chimico T. H. Lee, que mezes depois apresentava os resultados dos seus estudos *in loco, todos* favoraveis á radio-actividade daquellas aguas.

Finalmente, dois nomes estão, e hão de ficar vinculados á propaganda das fontes thermaes de Caldas Novas: Olegario Pinto e Bento Godoy.

Não tendo podido comparecer ao acto da inauguração da ponte pensil sobre o rio Corumbá, para o que foi gentilmente convidado pelo Sr. Coronel Bento de Godoy, o director d'*A Informação Goyana* fez-se representar pelo nosso collaborador o Sr. Mario Vaz, de Ipameri.

O Sr. Presidente da Republica tanto desejo tem que essa estrada de rodagem, ligando Ipameri a Caldas Novas se realize quanto antes que vai ordenar sejam os estudos do traçado feitos sem demora por um engenheiro addido ao Ministerio da Viação. S. Ex. está olhando com carinho para essas grandes riquezas, ha tanto tempo abandonadas.

A população de Goyaz

O unico recenseamento a sério que temos tido, da emancipação aos nossos dias, é o de 1872, pelos cuidados do conselheiro João Alfredo, ministro do Interior naquella época. Dava para o Braizl um total de 9.930.478 habitantes, não incluindo 32 parochias do Imperio, nem 10.933 indios do Maranhão, nem 40.559 habitantes da provincia do Rio de Janeiro segundo relata Favilla Nunes (*Le Brésil,* em 1889 — Sant'Anna Nery).

Goyaz figurava, então, num total de 160.395 habitantes, dos quaes 149.743 livres e 10.652 escravos. Desta curiosa estatistica, deduzimos nós que a antiga provincia de Goyaz occupava o 2° logar como possuidora da mais baixa porcentagem de gente escrava. Em 1° logar ficava Amazonas, que para 56.631 habitantes, contava 979 captivos. Isso muito tem concorrido para o apuramento do typo ethnico do goyano. O caldeamento africano, na massa geral, é alli sensivelmente interior ao dos Estados onde as correntes immigratorias européas não se tenham feito ainda sentir, posteriormente, de um modo apreciavel, como acontece nos Estados do Sul.

Quanto á sua população indigena, deviam ser deficientissimos os dados a respeito. Tinhamos a considerar uma grande extensão de seu territorio completamente desconhecida, como o interior da ilha do Bananal, o alto sertão da Mesopotamia Araguaya-Tocantins, ainda hoje inexplorados. Delles nos têm surgido, ultimamente, varias tribus, como por exemplo a dos Gaviões, poderosa e grande nação, a que faz referencia o autor da *Viagem do Pará a S. João do Araguaya*...

Calculando os nascimentos a 4 %, destes deduzindo % de fallecimentos por anno nas provincias onde não houvesse corrente immigratoria apreciavel, Goyaz figurava em 1888 augmentado de 551.326 habitantes, o que perfazia um total de 211.721 habitantes.

O recenseamento decennal determinado pela Constituição da Republica, nunca foi alli executado a rigor, como tambem nos demais Estados. O terror do *recrutamento*, das populações ruraes...

Os calculos demographicos, ou a Estatistica applicada, de que se têm servido discipulos apressados de Achenwall, Süssmilch, Messance, Jonak, Block, *et caterva* para dar uma cifra approximada da nossa população neste periodo republicano peccam pela base, patenteando erros de observação que saltam aos olhos mesmo dos leigos na materia. Haja vista a discussão da nossa imprensa a proposito da população da Capital Federal. E se aqui, onde todas as facilidades são offerecidas, assim acontece, imaginemos o que sejam as avaliações sobre o nosso "hinterland"! Falta-lhes o conhecimento perfeito das diversas causas, multiformes, que actuam sobre o "meio", fazendo variar a base dos calculos, e determinando que certissimos principios applicaveis, por exemplo, quando na Europa, são falhos e inadequados em nossa terra. Assim tambem succede quando se trata de Economia Politica, e outras sciencias, estudadas em livros europeus, e erigidos os seus principios em dogma aqui no Brazil...

Incompletos esses dados, eivados de enganos e omissões, decorrentes de varios e insanaveis impecilhos, como da propria organização defeituosa deste nosso ramo de administração, cujos moveis parece terem sido antes servir de pepineira ao filhotismo; uns oriundos da ignorancia geral da gente do interior, refractaria a este genero de civismo, outros da propria natureza do meio, — mui arduo será o computo geral da nossa população. O caipira quasi nunca faz registrar obitos ou nascimentos; nega-se a informações sobre o numero de cabeças do casal, foge ao censo geral, usa de ardis quando intimado, e outros meios, sempre com vistas ao temido *recrutamento*...

Causas physicas tambem occorrem para difficultal-o: a extensão territorial, a falta de vias de communicação, a dispersão da gente sertaneja, etc.

O Atlas geographico do Barão Homem de Mello, de 1910, dava ao Estado de Goyaz, presumptivamente, 340.000 habitantes. Não sabemos sob que calculos foram baseados.

Entretanto, varias causas podem ser indicadas probantes de sua pouca efficiencia. A porcentagem geralmente adoptada de 4 % de nascimentos está muito áquem da realidade. O sertanejo goyano é dos mais proliferos. São communs familias de dezoito, vinte e mais filhos. Consorciam-se cedo, e em maior frequencia que nas cidades. Pela difficuldade de transporte e afim de evitar mancebia, casa-se habitualmente só no religioso.

Este, legalmente quasi nunca é registrado. A mulher, na raça, não fica para "titia". Só não casa quem não quer. E, nas cidades, rara é a familia cujo prole seja inferior a seis individuos.

Alli não temos causas economicas restringidoras do augmento de população, como nos grandes centros. Pelo contrario, relativamente á lavoura, prospera o lar que conta prole numerosa. Tambem, nenhuma applicação teria Malthus com a sua celebre lei, e consequencias, naquelle trecho do nosso territorio...

Se, nas proximidades dos termos jurisdiccionaes, grande numero por ignorancia ou desleixo deixa de fazer registrar

a sua progenitura, na roça as classes pobres não o fazem nunca.

Tambem a quota de 2 % de obitos é exageradissima. Haja vista, por exemplo, os algarismos da capital goyana e districtos annexos, alli publicados mensalmente. E, note-se, não é este o municipio mais salubre do Estado. O sertanejo é longevo. Nucleos ha onde, não raro, acontece decorrer o anno sem que tenha havido um unico passamento.

Numa entrevista publicada em *O Imparcial,* ha um lustro atraz, o então senador Bulhões observou que, segundo o testemunho do Bispo de Goyaz, que fizera uma visita minuciosa ás parochias do Estado, a sua população poderia ser avaliada em 450.000 habitantes. Estes algarismos estão ainda muito aquem da realidade.

Goyaz, nestes ultimos annos, com a penetração ferroviaria e linhas automobilisticas, a valorisação de terras, o incremento do commercio de gado, o estabelecimento de muitos capitalistas afazendando-se no sul, e outras causas indirectas de accrescimo, tem recebido uma enorme onda de forasteiros, transformando logares ermos em nucleos florescente, fundando-se povoados, villas, etc., onde apenas existia antes uma fazenda, como Goyandira e tantas mais.

Os habitantes do sul do Estado e parte do centro, orçam, no minimo, em 500.000.

A população do norte, mais escassa, tem tomado ultimamente algum impulso tambem devido ás seccas periodicas do nordéste brazileiro. De onde se originou a questão de limites entre a Bahia e Goyaz, a respeito do territorio do Jalapão ? Esse territorio foi sempre incontestavelmente de Goyaz. Um deserto, porém. Fugindo ás calamidades climatericas, por alli se foram espraiando foragidos bahianos, e dahi, o seu Estado chamar a si o territorio, impondo-lhe a sua jurisdicção.

Pelo Jalapão, fronteiras de Maranhão e Piauhy, grande é o numero de familias que vem paulatinamente se estabelecendo em Goyaz, á procura do valle fertil do Tocantins; e a população nortense póde ser computada sem exagero, em 100.000 habitantes.

Estes serão os calculos approximados de todos os que conhecerem *de visu* essas regiões. *Seiscentos mil habitantes* é o que deve contar, no minimo, o Estado de Goyaz.

Veremos pelo proximo recenseamento do Centenario se foram temerarias as nossas probabilidades. — *C. R.*

Goyaz e a sua intransponivel barreira de Minas Geraes

II

Vimos na nossa ultima edição a maneira violenta por que foi gravada a pauta da exportação do gado vaccum, *soi-disant* mineiro, — por isso que ella abrange na sua totalidade o gado goyano e matto-grossense em transito pelas alterosas.

Certa imprensa carioca, que sempre andou aos grillos no respeitante á carestia da carne verde nos córtes desta capital, continúa a discutir esta questão, aliás, sem nenhum fundamento digno de consideração. Traz á baila, agora, a taxa de exportação sobre o gado vaccum fixada outro dia pelo governo mineiro, mas isto depois que a directoria da Estrada de Ferro Central do Brasil respondeu victoriosamente aos marchantes e boiadeiros, que reclamavam contra o excesso da tarifa de transporte do gado pela mesma via-ferrea.

A Central mostrou-lhes que deviam de reclamar preferencialmente, ou unicamente, contra o governo de Minas, que acabava de lançar o imposto de 8$000 por cabeça de vaccum exportada, imposto este que é arrecadado pela Estrada de Ferro no momento do embarque do gado.

Commentando o caso, disse um orgão carioca que é evidente o interesse que tem Minas de explorar o imposto sobre vaccum, pois que é essa uma das suas principaes exportações.

Não contestamos que Minas tenha esse direito de explorar a exportação de seus productos — mas contestamos, sim, o *direito,* que lhe não assiste de explorar violentamente, no seu territorio, gado goyano e matto-grossense, quando em transito. Não é só : taxa-o em varios pontos fiscaes, nas invernadas; leva-o á balança e, finalmente, o rotula nas estações da Central, da Rêde Sul Mineira e nas da Oéste, com o nome de "gado mineiro !"

Só mesmo o mais bizonho plumitivo carioca é que poderia se fazer vehiculo da seguinte mystificação tantas vezes rebatidas com factos e documentos aqui nestas columnas : "Em 1909, o numero de cabeças de animaes dessa especie, exportadas pelo Estado, foi de 269.116; dez annos depois, em 1918, a exportação estava elevada para 473.704 cabeças, no valor official de 94.740:800$, ou seja de 200$ por cabeça, tendo o Estado arrecadado de imposto 2.048:020$440" A verdade, que nem mesmo os mineiros jámais negaram, é que 2/3 daquelle gado procedem dos campos de Goyaz e Matto Grosso; como por outro lado facillimo seria verificar da exportação destes dois Estados para o de Minas. Tambem contestamos que o alvo da taxa fiscal seja, apenas o consumidor carioca. E'-o, de preferencia, o criador goyano, que se pretendesse exportar para S. Paulo ou para o Estado do Rio um reproductor das suas magnificas especies bovinas, a *Caracú* ou a *Pedreira,* por exemplo, teria de pagar ao fisco mineiro imposto superior ao preço do animal.

Em 1916 o imposto mineiro para o gado nestas condições era de 10$ por cabeça; agora, pelas actuaes pautas escorchantes, é de 120$ por cabeça, além do de entrada no territorio de Minas !

E' preciso, eia ! que os governantes de Minas Geraes façam o favor de respeitar a Constituição da Republica, pelo menos os arts. 8.º e 9.º § 2.º, referentes á prohibição de impostos inter-estadoaes — disposição constitucional essa que obedece o pensamento de garantir a plena liberdade do trafego mercantil entre os Estados. "Sem esta prohibição, diz João Barbalho, cada um dos Estados da União poderia, por meio de tributos, influir de modo decisivo e ruinoso, sobre a producção, industria e riqueza dos outros. Ora, accrescenta, difficilmente encontrar-se-iam motivos de ordem economica e politica ou de qualquer natureza, que justificassem tam descommunal poder. A Nação Brasileira constituio *unidos* os Estados de que se compõe; elles formam um todo, uma communhão nacional; e, pois, não se lhes poderia deixar, como faculdade sua e livre, essa de, — indirecta, mas poderosamente, prejudicando-se uns aos outros em interesses essenciaes, — solapar a união delles, tornar frustratoria a federação e supervacaneas as disposições constitucionaes creados para mantel-a e perpetual-a".

Ouçamol-o ainda : "Os Estados interiores, nos quaes não existem portos e alfandegas e têm necessidade de fazer suas exportações por intermedio de estações fiscaes em outros Estados, acham-se habilitados a isso pela faculdade conferida no art. 65 § 1.º. por ajustes — e convenções de caracter administrativo, dependentes de approvação do Governo Federal (art. 48 § 16) ou com este feitos, como se deu com o de Minas Geraes, pelo accordo de 18 de Setembro de 1891 e 20 de Março de 1893 (Decr. n. 574, de 26 de Setembro de 1891 e lei n. 25, de 30 de Abril do mesmo anno, art. 5.º que autorisou a arrecadação no Districto Federal dos impostos de exportações dos Estados do Rio, S. Paulo, Minas e Espirito Santo "de harmonia com sua legislação fiscal".)

A proposito. Por que, sendo Goyaz um dos poucos Estados onde sabidamente não existem portos, nem alfandegas, foi elle o unico não contemplado nas disposições dos acima alludidos decreto e lei ? S. Paulo e Espirito Santo são Estados interiores ?

E vem aqui a talho de foice a seguinte sentença que

o orgam competente da justiça federal acaba de proferir n'uma questão identica.

A "Brasilian Meat Company", allegando achar-se ameaçada no seu commercio de carnes, em consequencia do vigente orçamento municipal, na parte em que estabelece o Matadouro de Santa Cruz, para nelle serem feitos, exclusivamente os exames das carnes abatidas e suas visceras e que para cada exame a taxa de 12$ sendo de bovino e de 8$ sendo de suino, requereu ao Sr. Dr. Juiz da 1.ª. Vara Federal um interdicto prohibitorio contra a Prefeitura para que a mesma se abstivesse de lhe exigir a remessa das suas carnes áquelle matadouro e cobrar aquellas taxas, actos que no seu entender eram contrarios ao disposto nos arts. 2.° §§ 1.° e 2.° da lei n. 1.185 de 1904 e art. 43 da lei 3.644, de 31 de Dezembro de 1918, reproduzido, aliás, no art. 42 da lei 3.979, de 31 de Dezembro de 1919.

O Juiz concedeu o mandado de accordo com o atr. 5.° da lei 1.185, de 11 de Junho de 1904, afim de que tivessem livre entrada no Districto Federal, para o consumo da população, como já por muitas vezes se havia dado á requisição do Commissario de Alimentação Publica, as carnes do estabelecimento da supplicante, consideradas bôas pela respectiva inspecção sanitaria Federal, sem prejuizo da fiscalisação do seu estado de conservação, pelas autoridades competentes federaes ou municipaes, no Entreposto de S. Diogo, armazens de deposito, ou açougues, e da cobrança, desde que com a mais completa igualdade do imposto que incide sobre carnes similares de gado aqui abatido, de que trata o art. 82 da lei orçamentaria municipal do corrente exercicio.

A Prefeitura offereceu então os seus embargos que foram convenientemente processados.

Subiram, então, os autos conclusos ao Dr. Raul Martins, que proferiu a seguinte decisão:

"A lei 1.185, de 11 de Junho de 1904 vedou terminantemente aos Estados e ao Districto Federal, que lhe é equiparado para semelhante effeito, estabelecerem "taxas ou tributos que, sob qualquer denominação", incidam sobre productos de outros Estados sem a mais completa igualdade com os similares locaes. Os mandados de manutenção e prohibitorios que instituiu, no art. 5.°, para a effectividade de semelhante dispositivo não se confundem com os interdictos possessorios communs, se differenciam delles até na marcha do processo, por vizarem justamente assim a directa protecção da liberdade de commercio entre as diversas circumscripções territoriaes do paiz.

O accordão do Supremo Tribunal Federal, invocado pela ré e os demais a que elle se refere não cogitaram absolutamente de exploração autorizada e inspeccionada directamente pelo Governo Federal este em questão de alimentação quando foram proferidos era de tão franca subalternidade, como ficou assignalado.

Nestas condições, confirmo o mandado expedido e condemno a ré nas custas.

Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1920. — *Raul de Souza Martins*".

Proseguiremos.

Uma visita pastoral

de D. Eduardo Duarte Silva

(Bispo de Uberaba)--- 1895-1899

II

Acompanhavam o Sr. Bispo os revds. frei Joaquim Mestelan e sub-diacono Francisco Cunha e os Srs. Adolpho de Am[illegible], Juvenal Maris, Melentino de Mendonça, Valladares, piloto Domingos de Souza e mais oito marinheiros.

Fomos guiados por Orôkê e Etióbêdoô.

Carirama, chefe da tribu, e alguns javajés, tomaram a deanteira em rumo da aldeia.

Só o cadete ia ao lado de S. Ex. Revma.

Passada a orla da matta, perlustrámos uma bonita campina limitada por outra cinta da floresta. Atravessada esta, entrámos de novo a percorrer bellos campos, em cujo termino viceja grande plantação de bananeiras.

Ao chegarmos a este ponto, ouviu-se um grito estridente e lugubre que nos causou não pouco receio.

Era Orôquê que avisava aos seus para scientificar-lhes que se approximavam christãos. Segundo o dizer delles, jámais christão algum tinha pisado aquelle sólo.

Uma sentinella, postada á entrada do bananal, armada de lança, respondeu no mesmo tom. Esse indio tinha o corpo tinto de preto, com excepção das pernas, que eram vermelhas. As costas eram rajadas, por meio de listras das duas côres. Basta e longa cabelleira cahia-lhe sobre as espaduas, usava de pulseiras e braceletes, estes de pennas e aquelles de um tecido de algodão, tintas de urucú. Nas pernas trazia cintas em fórma de pulseiras, para indicar o seu estado de solteiro. Ditas por Orôquê algumas palavras que deviam ser o *santo* e a *senha*, foi-nos franqueado o livre transito até que chegámos a um campo onde vimos um magote de indios, armados de lanças.

Vinham ao nosso encontro fazendo um berreiro infernal, causando-nos tal demonstração certa apprehensão, que pouco durou.

Logo que lhes foram distribuidos alguns brindes, elles se expandiram em alegria.

Pouco depois vieram outros, em grupo, todos armados de lança e maça.

Dispersou-se o grupo, ou antes subdividiu-se, tomando cada patrulha conta de um de nós.

Desta vez iamos realmente presos.

Eramos levados para o sacrificio, porque nossa morte tinha sido decretada summariamente, logo que Carirama e outros indios, na qualidade de esculcas, noticiaram nossa approximação.

Entendiamos ser agrado e agasalho selvagem aquelle apparato que devia preceder nossa morte. Graças, porém, ao cadete, o sanguinolento decreto foi revogado.

Na occasião de nos approximarmos empenhou-se com os seus, empregou toda a sua logica ou sua rhetorica junto dos indios para que os visitantes fossem poupados.

Convencidos pelos argumentos do cadete, os selvagens regressaram á aldeia, adiando o momento em que deveriamos cahir aos golpes do tacape ou atravessados pelas lanças.

O cadete é um moço bem apessoado e sympathico. Desde o principio affeiçoou-se a S. Exa. Revma. Durante o trajecto de ida e volta e emquanto durou a visita, o cadete não o abandonou um momento siquer.

Avistámos a povoação selvagem.

Uma guarda de cerca de duzentos javajés, armados de lanças de guerra, esperava-nos em duas filas, pelo meio das quaes tivemos que passar.

Iamos saudando a cada um á medida que avançavamos.

Correspondiam dizendo : *Adê*.

Fomos recebidos na aldeia no meio de uma vozeria confusa e sem intermittencia.

Eram protestos contra a invasão por nós praticada, eram gritos de morte.

Já porque o interprete não nos quizesse dizer logo o que se passava, já por falta de conveniencia entre os indios, estavamos tranquillos e sem receio de sermos trucidados. O Sr. Bispo penetrou logo numa cabana e demorou-se alli alguns minutos a descançar, sempre em companhia do cadete e de outro moço indio.

Continuando a gritaria dos javajés, Etiôbêdô dirigiu a palavra aos velhos conselheiros de Carirama. Exortava-os a resistir ao pedido geral que tinha por fim o nosso exterminio.

Entre outras razões allegadas em nosso favor, Etiôbêdô disse : 1.º, que eramos amigos, sendo nossa visita motivada pelo desejo de permutarmos artefactos de industria delles por artigos que usam os *tori* (christãos) ; 2.º, si fossemos mortos, todos os civilizados em numero mil vezes maior viriam, com armas mortiferas e certeiras, de que usam, vingar a morte do *capitão e papae grande* dos christãos, o qual alli estava e era o Exmo. Sr. Bispo.

A razão mais convincente foi esta ultima, porque os indios em geral já conhecem o grande alcance de nossas armas e os effeitos desastrosos produzidos por um Winchester ou Colt. Carirama prohibiu que nos molestassem.

Os seus subditos, obedecendo, declararam ser necessaria a mudança da aldeia para outro ponto da ilha inaccessivel aos *tori*.

O povoado está collocado no declive de uma collina, de cujo cimo se descortinam os mais bellos horizontes, panorama grandioso e sem igual.

Por alli passa um corrego regular á vista das habitações.

Os javajés mantêm asseio em suas casas, o que não acontece com o carajás. São de altura regular, corpulentos, de feições suaves e sadios.

E' desnecessario dizer que os javajés como os carajás, caiapós e outros aborigenes do Araguaya, vivem em completa nudez.

As mulheres trazem, porém, uma especie de sendal, que consiste numa tira de fibras de gamelleira que, presa junto ao umbigo, num cinto da mesma fibra, vae ligar-se a elle nas costas. Todos são marcados, em cada uma das faces, por um circulo azul escuro da dimensão de uma moeda de vinte réis.

Essa marca é indelevel.

Praticam-na por meio de um osso de canella de veado.

Feita a marca a fogo, a cauterizam com substancias vegetaes de côr escura. Com excepção dos caiapós, todos os demais indios trazem esse signal. E' tambem commum entre todos um orificio praticado no labio inferior e nos lobulos das orelhas, nos quaes mantêm uma especie de cavilha de madeira ou de pedra polida.

O enfeite dos labios chama-se *itametára*.

De medo que tomassemos algum menino, os indios fizeram com que os filhos, de dez annos para cima, se escondessem nos matagaes vizinhos, o que acontecia em todas as cabildas.

A causa desse receio é terem sido tomados anteriormente á força e pela astucia os filhos dos indios, afim de fazel-os entrar para o Collegio Izabel, de que já fallei no principio desta narrativa.

Logo que o Sr. Bispo tomou algum descanço, sahiu a percorrer as choças, conduzido pelo cadete e por outro rapaz javajés que não o deixaram por um momento.

Por toda parte, já por meio de interprete, já utilizando-se do cabedal de termos carajás que aprendera, fazia perguntas acerca das crenças daquelles selvagens e dava-lhes noções de nossa Santa Religião.

Os javajés são mais susceptiveis de ensino do que os carajás. Estes são mais materializados e mesmo embrutecidos do que aquelles. Todos reconhecem um espirito máo chamado *Canachivé*, o qual habita a cachoeira de Itabóca. Dizer que esse sêr é o pae das tribus inimigas. Possuem lendas que não são mais do que tradição acerca da creação do mundo, da quéda dos anjos, do peccado original e do diluvio, de que fala a Biblia.

Mas adiante hei de reproduzil-as, para conhecimento dos leitores.

Ao mesmo tempo que S. Ex. Revma. visitava a aldeia, cabana por cabana, o Sr. Adolpho de Amorim percorria as habitações, fazendo permuta de enfeites, flexas, arcos, lanças e cacetes, monstrando-se generoso afim de captar-lhes a benevolencia. A' simelhança dos bravos da edade média, os javajés armaram a S. Ex. de — capitão e a frei Joaquim de — cadete — que como taes eram reconhecidos de toda a tribu. São 34 as casas que compõem o povoado sendo a maior dellas destinada a jogos e danças. Alli é que fizemos as nossas despedidas, no meio do contentamento geral, pois os javajés tinham modificado seu modo de pensar a nosso respeito.

Era tarde : o sol já ia afundar-se no occaso. Partimos acompanhados por uma turma de indios em guisa de guarda de honra. Ao passarmos um atoleiro, um indio robusto transportou nos hombros para para o outro lado o Sr. Bispo.

Chegámos ao vapor ás oito horas da noite.

No dia seguinte é que o capitão Pedro Dijeroima (Pedro Manco), contou o que o interprete Etiôbêdô lhe referira acerca do imminente perigo a que estivemos expostos.

Mil graças foram dadas a Deus por haver nos salvo das mãos dos javajés.

Não convém esquecer as seguintes particularidades : Um de meus maiores trabalhos durante a visita feita aos javajés foi ser obrigado a abrir e fechar mais de cem vezes o guarda-sol. Todos queriam vêr *aquella maravilha*, deante da qual ficaram embasbacados. Soffremos quasi uma inspecção, porque os indios queriam examinar todo o nosso vestuario.

Ao Exmo. Sr. Bispo examinaram as meias, desataram o amarilho dos calções que os prendiam ás meias. A mim fizeram o mesmo. Tiraram-nos os calçados e examinaram.

Não sei como não nos obrigaram a nos despirmos para proceder ao exame do forro da batina e da contextura da tela da camisa, ceroulas e calções. Depois que os javajés nos deixaram a bordo e regressaram a seus lares, não foi pequeno o nosso espanto ao vermos alli um selvagem que se escondera.

Por interprete disse-nos elle ser carajá. Tendo sido agarrado pelos javajés, estes resolveram matal-o no dia immediato á nossa visita, sendo-lhe entretanto facultado poder andar pela aldeia, mas sempre vigiado.

Collocando-se entre os javajés que nos acompanharam até o vapor, Iolô, pois assim se chamava, illudiu a vigilancia de seus inimigos, veiu a bordo como para despedir-se e se occultou no meio das cargas amontoadas no convez. E' desnecessario dizer que foi bem recebido e hospedado, desembarcando na primeira aldeia de carajás, por onde passámos. Do dia 28 nada houve de extraordinario. Sempre mattas densas e intercaladas de bonitos campos que se estendiam a perder de vista do lado da terra firme, ora em terrenos alagadiços, ora por cima de altos barrancos. A 29 chegámos ao vertice norte da ilha. O Araguaya já engrossado pelas aguas dos importantes rios, de que adeante falarei, apresenta-se imponente !

(*Continúa*).

Commendador Francisco José da Silva

III

(*Continuação*)

Bella Vista, a hoje prospera cidade, e para cuja fundação elle muitissimo concorrera ,de braço com Camillo de Brito, Luiz de Siqueira e o depois senador Antonio Amaro da Silva Canêdo, de pranteadissima memoria, deve-lhe ser reconhecida especialmente aos serviços que lhe prestou, alguns inolvidaveis, como por exemplo o de abastecimento d'agua, emprehendimento esse que a gratidão dos primeiros habitantes da localidade quiz perpetuar, fazendo inscrever o nome do bemfeitor da fachada do chafariz publico que acabava de ser construido por sua iniciativa. Não sendo commerciante, o que equivale a dizer sem intuitos ou interesses mercantis de quaesquer especies, todos os annos elle sahia de Bomfim, distante 10 leguas, para animar com a sua presença e mais as das pessoas gradas que o acompanhavam, os festejos celebrados na capella do então arraial da Suaçuapára, depois elevado á freguezia de Nossa Senhora da Piedade de Bella Vista, graças aos seus bons officios perante os poderes competentes. (Resolução da Assembléa Provincial, n. 612, de 20 de Agosto de 1880).

A influencia bemfazeja do commendador Silva exercia-se ainda mais longe de Bomfim, de que era o chefe local : dir-se-ia por toda a provincia — porém mais especialmente em Santa Cruz, Campininhas, Barro Preto e Pouso Alto. Esta ultima localidade deveu á solicitude delle não só a sua elevação á freguezia como tambem a fortuna de possuir como seu primeiro parocho, de saudosissima memoria, o virtuoso conego José Olyntho da Silva, pois foi este estimado e venerando sacerdote ordenado a expensas do commendador Silva, que lhe obteve ainda do bispado a nomeação de vigario para a freguezia de Pouso Alto, recemcreada.

O que o grande e sempre lembrado patriota fez ao fem publico de Jaraguá a pedido da sua virtuosa esposa, filha amantissima daquella localidade, berço de tantos goyanos illustres, diz bem alto o seguinte documento, que não nos podemos furtar ao desejo de o transcrever na sua integra e com as assignaturas respeitaveis que o firmam :

Illma. e Exma. Senhora.

Não nos sendo occulto o quanto V. Ex. se interessou pelo restabelecimento do Fôro deste Municipio que havia mais de um anno se achava supprimido, com grande damno do logar; por isso sobremaneira gratos a V. Exa. por esse acto pelo qual ainda uma vez deu V. Exa. uma irrefragavel prova da mais decidida dedicação e amor a esta sua Patria, nós abaixo assignados vimos respeitosamente por esta via agradecer e congratularmo-nos com V. Ex. por terem sido coroados de feliz exito, que tão ardentemente desejamos, isto é, por nos acharmos restituidos ao antigo goso dos nossos direitos. Este recente rasgo de verdadeiro patriotismo, accumulado aos outros muitos por V. Ex. feitos em pról deste Municipio, tem erigido nos corações dos jaraguenses um tão firme movimento de gratidão, que a sua memoria, esperamos, será eterna; e ainda os nossos vindouros, as futuras idades, bemdizendo o nome de V. Exa., exclamarão com enthusiasmo, como nós hoje : "Feliz sólo de tão distincta Senhora !"

Digne-se V. Exa. acceitar as nossas sinceras expressões, porque com a mais subida consideração temos a honra de ser, Illma. e Exma. Sra. Dona Anna Luiza Rodrigues de Moraes e Silva.

De V. Exa.

Obrigadissimos patricios e fieis criados.

Villa de Jaraguá, 29 de Fevereiro de 1856.

Padre Silvestre Alves da Silva, João Felix de Souza Xavier, Antonio Felix de Souza, Gabriel Raymundo do Nascimento Lima, José Paulo de Sant'Anna, Ladislau de Humgria Lima, José Pereira Villarinho, Francisco Gomes Pereira, Lucio de Faria Oliveira, João Raymundo do Nascimento Lima, Lezaino Gonçalves Barbosa, José de Camargo Soares, Salvador Marcellino de Oliveira e Silva, Ignacio Francisco de Andrade, Ignacio de Souza Ramos, João Pereira Villarinho, Tertuliano Xavier de Lima, Igrão Ignacio da Costa, Antonio Borges de Carvalho, Francisco Antonio Roiz Ferreira, Manoel de Moraes Roiz, Joaquim Soares da Silva, José Roiz Fraga, Antonio Ribeiro de Freitas, Felippe de Souza Lima, Joaquim Ribeiro de Faria, Gardino Antonio do Espirito Santo, Custodio Soares de Camargo, Francisco Alvares da Costa, Francisco das Chagas Leite, José Lopes da Silva.

Esses nomes acima representavam o escól da sociedade jaraguense, sem distincção de côr politica : o padre Silvestre, que fôra deputado á Assembléa Constituinte do Imperio, era um dos homens mais illustres que ainda teve a nossa provincia, e respeitavel sobretudo pelo seu grande saber e virtudes; e Antonio Felix de Souza, avô paterno dos doutores Antonio Felix e José Leopoldo de Bulhões Jardim, tambem ligados por laços de parentesco á familia de D. Anna Luiza.

Cumpre accrescentar que, si outros factos de mais alta importancia politica não attestassem o seu prestigio em toda a provincia, o commendador Francisco José da Silva teria inequivoco testemunho do seu valimento pessoal, como figura representativa que o era, nas considerações que lhe dispensavam os presidentes nomeados para Goyás, qual fosse o partido politico a que pertencessem, como entre muitos podemos citar ao acaso os nomes do barão de Ramalho, Cruz Machado, Martiniano Pereira de Alencastre, Caetano Filgueiras, Couto de Magalhães, Ferreira França, Antero Cicero de Assis, etc., que lhe iam recommendados da Côrte e se hospedavam em seu palacete, em Bomfim, quando de passagem para a capital da provincia.

Dos vice-presidentes que administraram a provincia muitas vezes, seguidamente, mereceu sempre respeito e acatamento, como por exemplo, do brigadeiro Theodoro R. de Moraes e dezembargador João Bonifacio de Siqueira, aquelle seu cunhado e este ultimo sobrinho da sua digna consorte.

E ao mesmo tempo que se impunha assim aos governos da provincia, o respeitavel goyano era cercado das mais vivas sympathias do povo, que lhe admirava o espirito nobilissimo, generoso, e realçado por um cultivo pouco vulgar entre os seus conterraneos.

Quem escreve estas linhas bem póde fazer suas, em referencia ao seu progenitor, estas palavras de Carlyle : "A plusieurs égards, je considère mon père comme un des hommes les plus remarquables que j'aie connus. Il fut un homme dont les talents naturels étaient peut-être plus vastes que ceux d'aucun autre que la destinée m'a fait connaître". (*Pages Choisies des Grands Escrivains*).

Foi sem contestação um dos vultos mais admirados e populares de Goyás, — predicados esses que se justificavam, em parte, pelo bom humor de todas as suas palestras — abundantes de maximos, conceitos e anecdotas espirituosissimas, que era um prazer ouvil-o discorrer sobre quaesquer assumptos que elle os sabia tornar attrahentes, interessantes e, ás vezes, ponteados de certa ironia mordaz e temivel...

A sua bibliotheca, que talvez não tivesse rival em toda a provincia, encerrava obras rarissimas, sobre direito, legislação, sciencias, historia e geographia, e especialmente de auctores latinos e classicos portuguezes, assim como a mais volumosa correspondencia e outros documentos manuscriptos para a historia de Goyás. Foi no santuario que guardava tantos livros uteis, que o seu filho, auctor destas linhas, adquiriu gosto pelas lettras e amor ao estudo das cousas da sua nunca esquecida terra natal, o que tambem o é por assim dizer herança de seu pae.

A ordem publica, a urbanidade dos costumes e a hospitalidade proverbiaes em Bomfim, com o ter sido a honra nobilitante da sua população, em todos os tempos, será sempre referida áquelle que pelo exemplo e pela palavra, tanto concorrera, durante mais de um seculo, para as instituir. Alli nunca medraram, pelo menos em seu tempo, as difamações, as maledicencias, nem os mexericos communs á vida das pequenas cidades e villas do interior — miserias estas que tanto repugnavam ao seu caracter illibado e inteiriço.

Elle costumava, a proposito dessas cousas, repetir muitas vezes que a calumnia e a difamação eram armas dos espiritos baixos e mesquinhos, e mais esta sentença: "Aquelle que não procura uma boa reputação, está já morto em vida".

Ha ainda a accrescentar que a politica e a advocacia eram da predilecção do seu espirito.

Sem estudos academicos da sciencia de Ihering, nunca perdera, todavia, questões ou causas que patrocinasse no fôro de Bomfim, vendo mais de uma vez os seus assertos confirmados pelo Tribunal da Relação de Goyás, quando certo juiz caturra e caprichoso denegava a justiça impetrada. A esse juiz de direito, que costumava torcer a vara da justiça, não raro repetia uma das suas maximas: "O bom juiz condemna seu odiar". "A justiça divina quer que o castigo seja consequencia do delicto; anniquilar esta lei é mudar a ordem na sociedade, entrar em contraposição com o céo e a terra ao mesmo tempo".

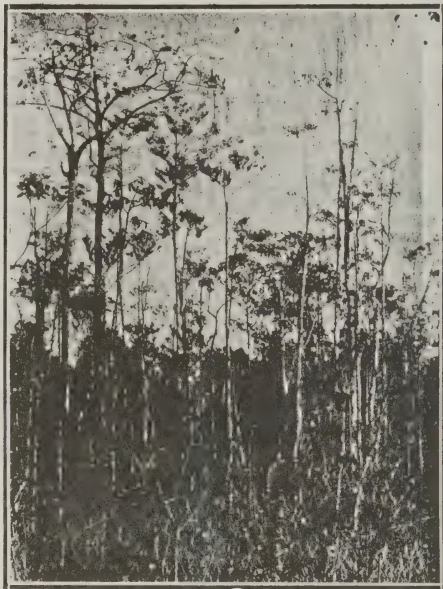
Destas maximas, thezouro de subido valor, que elle dizia ser a unica herança a deixar aos filhos, o manuscripto nós o possuimos, e mais de espaço será dado á publicidade, como complemento do presente ensaio biographico.

A sua admiravel actividade era exercida em trabalhos de naturezas diversas, sendo que os de homem publico ainda lhe permittiam tempo de vizitar, uma ou duas vezes por semana, sua propriedade agricola, distante duas leguas de Bomfim, onde residia. Este estabelecimento passava por um dos melhores da provincia, graças ao espirito eminentemente progressista do proprietario, que acompanhava com raro interesse o desenvolvimento rural do paiz e do estrangeiro, como assignante das publicações ou revistas que sobre o assumpto appareciam no Brasil e no estrangeiro.

A esses dotes de espirito pratico, de verdadeiro homem de acção que sabia manter a prosperidade da sua vida, o commendador Silva alliava os de artista. A sua alma bondosa era sensibilissima á musica, arte que cultivava, tendo por instrumento predilecto — o violino. Era nesse harmoniosissimo e difficil instrumento que elle, em companhia do primeiro magistrado e de outras pessoas gradas da localidade, acompanhava a missa dominical, tornando-a concorridissima pelo encanto da musica sacra que exalçava a doçura consoladora da cerimonia religiosa.

Propositalmente expomos esta particularidade da sua organisação; ella, d'algum modo, comprova a delicadeza dos sentimentos affectivos do commendador Silva, demonstrando o grão de sua sensibilidade e uma das feições da sua intelligencia.

Finalmente — já 33 annos são passados que d'entre os vivos desappareceu o preclaro cidadão, e muito, apezar dos esforços e desejos de espiritos mesquinhos, movidos pela inveja e despeito, o nome delle sobrevive: está na memoria de todos quantos o conheceram.

E ha de ficar, já como uma legenda de honra e patriotismo, já como a do politico mais sagaz e clarividente que ainda houve em Goyás, onde até hoje ninguem mais profundamente penetrou na psychologia dos homens e das cousas de seu tempo.

PINDAHYBAL

E' a denominação, no Brasil Central, de vastas e profusas allas de arvores altas, esguias, pertencentes á familia das "Xilopias", peculiares ás mattas paludosas, como a palmeira burity ("Mauricia vinifera"), que é tambem um vegetal hygrophylo caracteristico da flora do alto sertão do Brasil. "Quando tomam grande desenvolvimento constituem o "buritysal" e o "pindahybal" do sertanejo. E' importante considerar que essa matta está em geral localisada nas nascentes dos corregos, onde a declividade é pequena e o terreno favoravel ás formações turfosas, ou então á beira dos grandes rios, nos vargedos pantanosos. Ella fórma sempre faixa estreita ao longo da corrente e outro notavel caracteristico é estar commummente separada da vegetação do cerrado por um tapete rasteiro de gramineas que rodeia a nascente.

Um pindahybal espesso, com o seu verde carregado, salpicado de palmeiras buritys, destacando-se em cinta aparada no tapete de gramineas de côres desmaiadas, tudo formando ilha, pela depressão de um pequeno valle, no taboleiro chato do cerrado secco, incolor, monótono, sem vida, é um dos quadros mais seductores que póde apresentar a paisagem desses sertões. Nas partes mais centraes do Brasil, a esses agrupamentos da matta cercada de campo, com pindahybas e buritys, em tiras pelos cerrados, chamam de "veredas"; aqui não empregam essa denominação, nem outra especial.

Tambem nesta parte do planalto essa sociedade vegetativa não tem o desenvolvimento nem o porte que mostra no Brasil mais central; elle parece evidentemente já deslocado do seu verdadeiro "habitat".

Arrojado Lisboa — *Relatorio da Exploração do Sul de Matto Grosso.*

A proposito destas paisagens do "hinterland" não nos podemos furtar ao desejo de reproduzir o que dellas escrevia outro scientista — mas este inglez, e, portanto, parco de expansões de enthusiasmos faceis: "Ao meio-dia attingimos o cume de uma longa collina e vimos uma majestosa avenida formada de aléas de buritys ("Mauritia vinifera") elevando-se das profundezas de vasto e sombrio valle, cercado pelas viçosas e ondulantes salsas que nasciam sobre o topo das collinas dispostas em fórma de fortaleza da Chapada da Mangabeira. A mouta de pindahybas que se erguia majestosa á frente do nosso acampamento parecia-se com uma aléa ornamental de arbustos em campina tropical. Extendia-se em fórma quasi oval; do centro a cópa soberba dos buritys e em derredor as grandes pindahybas: á sua base, um canteiro de fétos e ondulantes arbustos que faziam as bórdas da mouta, claramente desenhados entre a terra pantanosa que a cercava." — James Wells — *"3.000 milhas através do Brazil."*

MUDANÇA DA CAPITAL DA REPUBLICA

VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAPHIA

Discurso do Dr. F. Ribeiro de Carvalho, membro daquelle Congresso

Damos em seguida na integra, o discurso do Dr. Ribeiro de Carvalho que a nossa reportagem conseguiu obter conforme foi tachygraphado, e no momento em que era debatida a magna questão da mudança da Capital da Republica.

O Dr. Ribeiro de Carvalho — Pela ordem. Sr. Marechal Presidente.

Acabo de desembarcar neste momento e por isto não tive tempo de me inscrever nos trabalhos de hoje, porém, sendo agitada neste momento, uma questão que reputo importantissima, peço a palavra.

O Sr. Marechal Presidente — Tem a palavra o illustre congressista.

O Dr. F. Ribeiro de Carvalho — Sr. Presidente. Conforme acaba de declarar um dos illustres Srs. congressistas, o Sr. Major Henrique Silva, a mudança da Capital Federal é uma questão liquidada e resolvida — porquanto faz parte do testamento politico daquelles que organizaram a Republica e que nos legaram com a terra que nos é berço.

Para o estabelecimento da Capital Federal se acha determinado o planalto central do Brasil, situado neste Goyaz longinquo, ao lado dos sertões de Matto Grosso, (bacia amazonica), onde acabam de ser descobertas grandes jazidas carboniferas, que representam a metade da capacidade de todas as jazidas carboniferas dos Estados Unidos.

Essas jazidas de Matto Grosso, Sr. Presidente, constituem elementos economicos de vida, de riqueza e de estabilidade de um povo, pois o que tornou grande a Inglaterra — um punhado de ilhas quasi perdidas — com a sua "cinta de aço", que é a sua formidavel potencia naval, foram as suas minas carboniferas de que promanaram a sua siderurgia, as suas industrias, o seu progresso inegualavel; a França "pivot" da civilisação social do mundo deve as suas riquezas mineraes intelligentemente exploradas; o que tem constituido a evolução crescente do Chile, são as suas minas de cobre. O nosso immenso paiz, colosso que adormece ha cinco seculos, beijado pela caudal invejavel dos seus rios — pelas rescendencias de suas florestas opulentas, contendo no seio generoso de suas terras riquezas maravilhosas, ouro, diamantes, manganez, ferro, todos os mineraes da industria moderna, como sejam mica, plombagina, talco, ocres de variegadas cores, pedras coradas e o carvão de pedra já explorado nos Estados de Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul—com suas fontes estendidas pelo o noroéste mineiro, Goyaz e Matto Grosso, precisa effectivar o dispositivo constitucional collocando a sua capital em seu planalto central como medida de surtos grandiosos, como sejam: a estabilidade de sua administração e tambem para collocar a metropole em pleno coração desta nossa Patria.

(Muito bem!... Muito bem!...)

O nosso paiz, grande como é, quasi do tamanho da Europa, se acha ainda muito desprovido de estradas de ferro e meios rapidos de transporte. Ainda ha pouco o Governo da Republica, para manter a ordem publica e a integridade constitucional, teve de remetter forças para Goyaz e Matto Grosso, através dos sertões, desprovido de pontes e de estradas, por falta de uma estrada de penetração que só vise o interesse nacional.

Pois bem; uma vez que o Congresso de Geographia indica ao Governo da Republica o ponto exacto em que deve ser construida a Capital Federal, no planalto Central do Brasil, para lá serão dirigidos estradas de ferro e ramaes que não só irão levar o commercio áquella zona, e arrancar verdadeiros thesouros alli, mas ainda concorrerá poderosamente para o engrandecimento intellectual e agricola dos nossos sertanejos e fará com que a mesma zona se transforme no ponto estrategico da defesa nacional, tão decantada em nossos dias e muito poucas vezes posta em pratica.

E' necessario que se diga com a voz da consciencia e da razão que levando-se para lá uma via-ferrea favoreceremos a exploração das riquezas de Matto Grosso, cumprindo tambem o testamento politico de nossos paes quando determinaram que a Capital Federal deveria ser construida no planalto de Goyaz, onde já está demarcada por habeis engenheiros: — pois a Capital Federal — continúa no Rio — em caracter provisorio desde que se proclamou a Republica.

Não se trata de um assumpto que não fosse detidamente meditado pelos nossos antepassados. Na Europa, as capitaes de quasi todos os paizes são collocadas no centro de suas nações, por conveniencias de defesa e de estrategia.

E' este um principio que nos ensina a Historia e o exemplo de todos os paizes que confiam a sua defesa, não tanto nos tratados mas no numero de seus soldados, nas fortificações de suas fronteiras, no numero de suas bayonetas, na organização da defesa nacional plena e em sua expansão economica e social, (muito bem!... muito bem!...) alicerçadas nas escolas primarias a arma principal que devemos lançar mãos sem perda de tempo — e ainda com sacrificio, afim de em breves dias vermos integralisada, nacionalisada e fortificada a bendita Patria dos nossos paes — e assim pela diffusão do ensino uniforme — plantaremos no coração dos nossos patricios abandonados no sertão — o amor á Patria e devoção á Liberdade — proseguindo na obra grandiosa, essencialmente meritorio e christã — que o illustre Sr. General Rondon vem ha muito realizando pela civilisação indigena — civilisação dos nossos legitimos patricios ora abandonados e escravisados, quasi no coração da Patria, sem a minima noção de nacionalidade, sem o menor cultivo intellectual — e ignorando ainda os principios rudimentares de Hygiene e de Agricultura — conhecimentos estes indispensaveis para a formação e vitalidade futura da raça. (Muito bem!... Muito bem!...)

Por isto, Sr. Presidente, — não sou regionalista — antes de tudo sou brasileiro e soldado — e sendo este o meu modo de pensar tenho a honra de apresentar a seguinte indicação, que peço submettel-a á approvação do Congresso. (Muito bem!... Muito bem!...).

XX Congresso de Americanistas

A este Congresso foi apresentada pelo nosso Director a seguinte proposta, sendo acceita e publicada nos jornaes de 3 de Janeiro:

Proponho que a illustrada Directoria do XX Congresso Internacional de Americanistas tome a iniciativa de solicitar dos scientistas — zoologos e botanicos, que nos seus trabalhos destinados á proxima commemoração do Centenario colloquem ao lado dos nomes scientificos ou da systematica, os que os nossos specimens fauneanos e floristicos tinham no paiz ao tempo do descobrimento.

Este pedido deverá ser extensivo aos geographos e historiadores, quando em suas referencias aos accidentes geographicos do Brasil, dados pelos nossos aborigenes, verdadeiros americanos.

Deste pensar foram eminentes naturalistas estrangeiros que nos visitaram no periodo aureo da exploração scientifica do paiz.

Couto de Magalhães, que foi um grande americanista, escreveu, poucos dias antes do seu pranteado passamento, os seguintes topicos numa carta para servir de *Prologo* ao meu ensaio de cynegetica: "Desejaria que no seu livro todos os animaes de caça tivessem, não só o nome portuguez, como o nome na lingua brasileira e americana, que é o *tupy*.

Felix de Azára, escrevendo a hsitoria natural dos animaes do Paraguay collocou-os com os nomes guaranys. Os nomes em lingua americana devem ser conservados, não só porque descrevem os animaes, como porque, nós os brasileiros, somos americanos e não europeus. Ainda hontem, 7 de Setembro (1898), publicou o *Jornal do Commercio*, um trabalho meu sobre o 4º centenario do Brasil, em que desenvolvo melhor o dever que temos de conservar nossas origens americanas".

E' mesmo curioso observar que os nossos aborigenes já possuiam, muito antes de Linneu, sua nomenclatura binaria, com a qual distinguiam os generos e as especies — e tudo sem prejuizo da identidade, da fórma externa e da belleza de expressão caracteristicas de cada individuo faunistico.

Os nomes vulgares trazidos pelas especies já baptisadas pelos autochtones dos paizes de onde originarias sempre foram respeitados pelos technologistas.

Latinisados uns, hellenisados ou aportuguezados outros, e, até mesmo na primitiva e pura fórma americana, os vocabulos especificos, de procedencias indigenas passaram á systematica, nella adaptados pelos scientistas.

No emtanto, ha ainda receio, por parte dos nossos patricios, de praticarem o que em resumo, ahi fica nesta proposta.

Sala das sessões, 30 de Janeiro de 1920.

HENRIQUE SILVA.

EXPEDIENTE

Convidamos os senhores que no Estado de Goyaz têm recebido importancias de assignaturas d'*A Informação Goyana*, para prestarem contas nesta redacção ou ao Sr. Mario Vaz, em Ipameri; bem assim os assignantes em atrazo ha mais de um anno — pois no caso contrario seremos forçados a tomar outras providencias.

Igual convite é extensivo aos Srs. annunciantes ainda não quites.

Obras de Henrique Silva

A Caça no Brasil Central — Rio de Janeiro — 1898.
Poetas Goyanos — Bagé — 1901.
Fauna Fluviatil de Goyaz, volume I (bacia do Tocantins — Araguaya) — S. Paulo — 1905.
Fauna Fluviatil de Goyaz, volume II (bacia do Paranahyba) — Rio de Janeiro — 1906.
Industria Pastoril (*in — O Brasil, suas riquezas, suas industrias*) — Rio de Janeiro — 1907.
Esboço Biographico do Commendador Francisco José da Silva — Rio de Janeiro — 1907.
Sumé e o destino da nação Goyá — Rio de Janeiro — 1910.
Contribuição para a Geographia Zoologica do Brasil, "separata" dos *Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia* (Geographia biologica, Geographia botanica e Zoogeographia — Rio de Janeiro — 1911.
Caças e Caçadas no Brasil (com um prologo, pelo General Couto Magalhães), edição da Livraria Garnier — Paris — 1912.
A extincta Nação Goyana, in-Annaes do XIX Congresso de Americanistas — Londres — 1914.
Perolas e conchas perliferas do Araguaya — Rio de Janeiro — 1915.
Duas variedades novas de Electrophoride do Brasil — Rio de Janeiro — 1915.
O Pescador Brasileiro — S. Paulo — 1915 — (edição de Chacaras e Quintaes).

A sahir, do mesmo autor:

Memoria justificativa dos limites de Goyaz com os Estados de Matto Grosso, Minas, Bahia e Pará.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA S. JOSÉ 31

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1920 — VOL. III—N. 8

SUMMARIO

Gabinete do Secretario das Finanças do Estado de Minas Geraes

Termo do accordo entre os Estados de Minas Geraes e Goyaz para reciproca fiscalisação na fronteira, das respectivas importações e exportações, mantendo o livre transito das mercadorias de um pelo outro Estado, etc.

Aos 5 dias do mez de Março de 1920, nesta Secretaria das Finanças do Estado de Minas Geraes em Bello Horizonte, reunidos os representantes deste Estado e do de Goyaz, pelo primeiro o Dr. João Luiz Alves, pelo de Goyaz o Dr. Olegario Pinto, Deputado Federal pelo mesmo Estado, ambos devidamente autorizados pelos presidentes dos referidos Estados, foi por elles estipulado o presente accordo para reciproca fiscalisação, na fronteira entre os mesmos Estados, da importação e exportação das mercadorias procedentes de seus territorios, de modo a assegurar não só o livre transito das mesmas pelos territorios de um e outro Estado, como nos casos em que fôr isso necessario, a effectividade da arrecadação do imposto devido a cada um delles, observadas as clausulas seguintes, que reciprocamente acceitam e farão cumprir:

1.ª

Ambos os Estados contractantes, nos termos da Const. Fed., reconhecem e farão respeitar o direito ao livre transito por seus territorios das mercadorias de um e outro, desde que as mercadorias transitem cobertas pelos documentos infra especificados.

2.ª

Os contractantes, para os effeitos da clausula anterior, compromettem a consentir que em seus territorios possam ser creados postos fiscaes de um e de outro Estado, na zona de suas fronteiras e nos pontos em que o systema de viação torne necessaria a fiscalisação dos generos de sua producção, quer na sahida, quer na entrada dos territorios respectivos.

3.ª

A' creação de taes postos precederá sempre communicação antecipada, de 30 dias pelo menos, ao Governo do Estado, em cujo territorio tenham de ser estabelecidos, determinando-se com exactidão o logar escolhido para o posto.

4.ª

Nas expedições de mercadorias de um dos Estados para o outro ou, através de seus territorios, para destino fóra delles, taes mercadorias deverão ser acompanhadas de uma guia, extrahida pelo funccionario de fronteira do Estado a que ellas pertencerem, da qual constarão o numero e marcas dos volumes, a natureza ou especie da mercadoria, seu peso, sua procedencia, seu destino final, o remettente e o destinatario.

Esta guia será o unico documento comprobatorio da procedencia da mercadoria e deverá ser authenticada com o visto do funccionario do Estado em cujo territorio a mercadoria vae entrar e será valida por 90 dias, quando cobrir brir mercadoria que não seja gado, e por 60 dias, quando a gado se referir.

5.ª

E' acto essencial para validade da guia o visto do funccionario ou agente fiscal de fronteira do Estado demandado pela mercadoria, pelo que a guia deverá ser sempre presentada ao exame e visto desse funccionario, quando o referido Estado tambem tenha funccionario seu junto ao posto, que extrahiu a guia ou posto de procedencia. Nos casos em que isso se não dê, por só ter o Estado demandado pela mercadoria agentes fiscaes em pontos afastados do de procedencia, a guia deverá ser apresentada no primeiro posto fiscal que mais proximo ficar da fronteira, afim de que seja a mercadoria examinada e visada a guia, conforme o preceito da clausula anterior.

6.ª

Não é licito aos agentes fiscaes de qualquer dos Estados contractantes recusar o seu visto nas guias extrahidas pelos funccionarios da fronteira do outro Estado; sendo, porém, seu dever fiscalisar a entrada e sahida de generos no intuito da cobrança dos impostos devidos e da prevenção de contrabandos, deverão escrever nas costas das guias as razões da sua impugnação, quando tenham motivo para impugnar a guia apresentada a seu visto, afim de que seja a questão resolvida ulteriormente por quem de direito, devendo a mercadoria seguiria seu destino.

§ 1.º Nos casos em que as guias, não sendo visadas no mesmo posto de procedencia, sejam para isso apresentadas á postos fiscaes distantes mais de 5 kilometros do posto de procedencia na fronteira, o funccionario, a quem forem apresentadas, deverá exigir do conductor das mercadorias ou apresentante das guias, como elemento de prova da procedencia, a apresentação do conhecimento de pagamento do respectivo imposto de exportação do Estado a que se allegue pertencerem essas mercadorias.

§ 2.º Quando do exame da guia e do cotejo com as mercadorias, se verificar que estas não correspondem aos dizeres da guia, seu peso, genero, marcas, etc., não conferindo com as especificações daquelle documento, as mercadorias não serão consideradas como mercadorias alheias em transito, ficando o Estado, em cujo territorio se encontrarem, no pleno direito de taxal-as de accordo e nos termos de sua legislação tributaria.

§ 3.º Os conductores de mercadorias que atravessarem a fronteira sem terem cumprido a obrigação de apresentarem, como aqui se estabelece, suas guias ao agente fiscal competente para sua authenticação e o exame das mercadorias, será considerado infractor, procedendo-se contra elle como no caso de contrabando.

7.ª

As guias serão formalisadas de accordo com os modelos juntos sob ns. 1 e 2 conforme se tratar respectivamente de generos de producção agricola, manufactureira ou mineral ou de gado, e serão expedidas em tres vias, além do tôco ou talão, sendo entregue á parte (o conductor ou proprietario das mercadorias) a 1ª via, e remettidas á Secretaria das Finanças de Minas Geraes em Bello Horizonte, a 2ª, e á repartição correspondente na cidade de Goyaz, a 3ª.

8.ª

As pessôas que, por qualquer motivo, se julguem lesadas com a execução dada ás estipulações deste accordo, deverão recorrer aos seus respectivos governos, juntando a guia originaria, em que fundem sua intenção, competindo aos Governos contractantes dirimir entre si a questão.

9.ª

Como se deprehende das claulsulas 4, 5 e 6, a acção dos vigias fiscaes não se limita ao exame das mercadorias e á authenticação das guias por meio do visto, mas estender-se-á á cobrança do imposto, quando se verifique se elle devido, á imposição das multas prescriptas, com o auto correspondente, nos casos de contrabando, quando a parte não pague de prompto a multa imposta e o imposto devido.

10.ª

Os Estados contractantes cercarão de todas as garantias os funccionarios do outro Estado collocados á frente dos postos creados de accordo com o dispsto na clausula 2ª, não permittindo que sejam embaraçados no cumprimento de seus deveres para repressão de contrabandos e arrecadação de impostos, compromettendo-se a assistil-os com sua força publica, nos casos de ataques ou ameaças á sua pessoa ou posto.

11.ª

Fica formalmente prohibido aos dous Estados contractantes onerar com quaesquer tributações, directa ou indirectamente, os documentos expedidos por qualquer delles para a fiscalisação da cobrança de seus impostos, ou de outra fórma onerar o transito de mercadorias de um Estado pelo territorio do outro.

12.ª

Os Estados contractantes se compromettem a prestarem-se mutuamente todas as informações e esclarecimentos que lhes sejam precisos para a boa execução do presente accordo, bem como a se auxiliares reciprocamente, nos termos de suas legislações, para a sua perfeita effectividade, ordenando a seus agentes fiscaes a fiel e rigorosa observancia das condições estipuladas, sob as penas em suas leis estatuidas.

13.ª

As duvidas que se suscitarem entre os agentes fiscaes dos dous Estados quanto á procedencia dos generos submettidos ao seu exame e fiscalisação, quando não sejam de prompto resolvidas pelos dous Governos contractantes, o serão em ultima instancia pelo arbitro que por elles fôr escolhido entre os membros de sua alta magistratura, em vista de um inquerito feito por funccionarios da confiança dos dous Estados, designados por cada um dos Governos, no posto fiscal onde a duvida se tenha originado.

O mesmo systema será adoptado para solução final de outras duvidas, que possam surgir, caso não cheguem os contractantes á uma solução entre si.

14.ª

O presente accordo entrará em vigor immediatamente que approvado fôr por decreto dos presidentes dos dous Estados contractantes e perdurará emquanto não fôr denunciado, podendo sel-o, porém, por qualquer dos contractantes, precedendo aviso de 90 dias. E para constar foi lavrado o presente termo em duplicata, o qual vae assignado pelos representantes supra indicados e as testemunhas.

Uma fazenda de criação bovina no municipio de Bomfim, Goyaz

Cartographia Goyana

I

O primeiro mappa que se fez de Goyaz data do anno 1751. Fel-o Francisco Tosi Columbina — engenheiro e piloto italiano — —que o dedicou ao primeiro governador privativo da Capitania de Goyaz, Don Marcos de Noronha, depois Conde dos Arcos e vice-rei do Brasil.

E' um importantissimo documento graphico que tivemos a fortuna de encontrar, em original, nos archivos do Estado-Maior do Exercito, onde tambem obtivemos cópias de outros dois documentos historicos deste genero para justificar os direitos do nosso Estado aos territorios que os visinhos lhe contestam e procuram tomar pelo direito da força, contra a força do direito.

Traz a seguinte dedicatoria: *Illmo e Exmo. Sr. Conde dos Arcos Dom Marcos de Noronha do Conselho de S. Mag. Governador e Capitan General de Goyaz.*

Villa Bôa de Goyaz 6 de Abril de 1751.

Francisco Tosi Columbina.

Nessa carta geographica geral da Capitania de Goyaz, vêm nitidamente traçados os limites della com os que lhe confinavam — limites estes fixados de accordo não só com as provisões régias como tambem de conformidade com a informação prestada por D. Marcos de Noronha em obediencia ás Resoluções de 7 de Maio e 2 de Agosto de 1748, que lhe ordenavam indicasse com o seu parecer por onde poderia mais commoda e naturalmente fazer-se a divisão da sua Capitania com a de Matto Grosso e Cuyabá. São esses os limites fixados por lei para a Capitania de Goyaz, os quaes limites deduziam a sua existencia juridica — consoante á doutrina do collendo Lafayette.

E' pois duplamente importante para o nosso Estado o mappa de Columbina, que vem annexo á MEMORIA *justificativa dos limites de Goyaz com os Estados de Matto Grosso, Minas Geraes, Pará e Bahia.*

Planta Geographica, em que se mostra toda Capitania de Goyaz huma das centraes dos Dominios Portuguezes na America Meridional.

Ha sua Capital Villa Bôa, situada na latitude meridional de 86 gráos, e 20 minutos, e na de 39 gráos, e 10 minutos; Pela differença de Agudas e pelos numeros, se conhecerá a distincção dos julgados em que está dividida esta Capitania, bem como se demonstrão as porções de terrenos das mais Capitanias confinantes com esta; Tem a possivel distincção de todos os seus Arrayaes, Adeas, Estradas, Rios, Serras e as mais que na planta se observará.

Foi feita no tempo do Illmo. Varão de Mossamedes, por Thomaz de Souza, sargento-mór da Cavallaria auxiliar.

Esta carta geral da Capitania foi remettida no original o Marquez de Pombal em 15 de Julho de 1775 e constitúe numero 234 da colleção de plantas do Archivo da Marinha e Ultmamar de Lisboa, como tudo consta das cópias authenticadas de 8 documentos e planta da Capitania de Goyaz, que se encontram nas collecções de codices e documentos avulsos do mesmo Archivo de Marinha e Ultmamar (Caixa do anno de 1775) documentos extrahidos, por cópias, pelo Dr. Braz do Amaral em 1913.

Nella os limites de Goyaz são traçados de conformidade com os fixados por D. Marcos de Noronha, mas a Delegação do Estado de Matto Grosso que a reproduziu, na sua *Memoria* apresentada aos delegados de Goyaz no 6º Congresso Brasileiro de Geographia de Bello Horizonte, para o fim unico de a contestarem, deram-n'a como sem data; e, o que mais attentatorio á verdade que ahi "o limite entre Goyaz e Matto Grosso está traçado de accordo com a informação do guarda-mór Balthazar de Godoy Bueno e do Capitão de Conquista João de Godoy, dada ao governador João Manoel de Mello informação essa que serviu de base ao famoso acto de accessão assignado apenas por Luiz Pinto de Souza nem approvado pela corôa".

Ora ahi está !

Pois se esse acto não tivesse nenhum valor legal como o poderia servir de base á fixação dos limites entre as duas Capitanias ?

Não tendo sido ratificado nem approvado pela corôa, como não saber disso José de Almeida Soveral e Cabral, Barão de Mossamedes, em cujo tempo de governo da Capitania goyana foi o mappa em questão levantado pelo seu ajudante de ordens Thomaz de Souza, sargento-mór do regimento de cavallaria auxiliar, que o acompanhou em todo o tempo do seu governo ?

José de Almeida e Vasconcellos, collaborador dos trabalhos graphicos do seu ajudante de ordens Thomaz de Souza, foi na opinião unanime dos chronistas do seu tempo o unico governador que percorreu toda a Capitania, tinha o mais exacto conhecimento do seu territorio e tambem das suas necessidades".

A verdade, porém, é bem outra, ou melhor dito, os limites que traz a *Planta Geographica,* feita no tempo do governo do Barão de Mossamedes por Thomaz de Souza, só podiam ser traçados de accordo com os do mappa de Columbina, que lhe serviu de base, o que é facilimo verificar confrontando-os. Por outro lado, Thomaz de Souza, e muito menos José de Almeida, não ignoravam que a Capitania tinha os seus limites determinados por ordem régia, mediante delegação dada a D. Marcos de Noronha, em 2 de Agosto de 1748.

Que Thomaz de Souza calcou seus trabalhos nos do celebre engenheiro italiano, é o que vamos provar no proximo numero.

HENRIQUE SILVA.

O historico vapor COLOMBO, que pela primeira vez transpoz a temerosa cachoeira da Itabóca, sob o comando do General Couto de Magalhães, vindo de Belém do Pará para Santa Leopoldina do Araguaya, em Goyaz. Desse barco glorioso da extincta Empresa de Navegação a Vapor do Rio Araguaya, resta apenas o casco, em cujo bôjo vive e cresce uma possante figueira brava. Singular ironia do destino, que persegue todos os grandes emprehendimentos projectados para a felicidade dos Goyanos !

PELA HISTORIA DE GOYAZ

A FONTE DA BOA MORTE

"Mandada fazer pela Camara desta Villa, sendo Governador e Capitão General o illustrissimo José de Almeida Vasconcellos Soveral e Carvalho e Ovr. Geral, o desembargador Antonio José Cabral de Almeida. Anno de 1778".

Estas palavras, gravadas no escudo do frontespicio do Chafariz do Largo do Quartel, resumem tudo quanto se sabe da memoravel construcção do seculo XVIII.

Quem se der, porém, ao incommodo de interrogar ás edades, através dos alfarrabios officiaes, poderá despertar a terrivel decada que se seguiu ao anno 1770 e neste espaço surprehender o historico do interessante monumento. O anno de 1772 marcou uma época pavorosa nos annaes da antiga Capitania: faltou viveres, houve fome e até as proprias aguas diminuiram de volume. A maior parte dos veios que serviam á Villa Bôa ficaram estereis. A Cambaúba, as aguas dos cercados de José Moreira e Anna da Costa resistiram. A Camara interveio mandando construir uma fonte publica no cercado de Anna da Costa, tendo sido encarregado da empreitada o pedreiro Lourenço da Cruz Leal, isto em 1772.

A primeira fonte construida em Villa Bôa foi a da Cambaúba, a qual servia os habitantes da circumvisinhança, fonte a que mais tarde se deu o nome de desnaturalisador de Carioca.

Em 1774 este reservatorio foi concertado pelo mesmo Lourenço, que aprofundou o local da fonte, e fez um rasgão para o escoamento das aguas do tanque. Por este trabalho a Camara gastou 37 oitavas de ouro e 3/4.

Ao periodo calamitoso succedeu pouco depois o reverso: chuvas torrenciaes desabaram em todo o territorio da Capitania, destruindo pontes e pontilhões. As grandes cheias de 1776 carregaram as pontes do Rio Vermelho, do Urú e dos Bugres, que foram logo após refeitas.

Serenados os animos e calmos os tempos que pretendiam oppôr um medonho dique ao desenvolvimento da administração de José de Almeida, o governador querido dos goyanos, a Camara e o capitão general ideiaram a construcção da fonte do Largo da Bôa Morte.

O largo hoje do Quartel tirava, então, o nome de Bôa Morte de uma capella da confraria do mesmo nome, associação formada pelos homens pardos. A capella ficava situada em terreno á retaguarda do Chafariz.

Em 1778 este templo ameaçava ruinas pelo que foi cedida á irmandade a capella de Santo Antonio, entre a rua da Fundição e a dos Passos, cuja construcção não fôra approvada em Lisboa para os fins a que se destinava, isto é, para os officios militares religiosos.

Foi só em 1779 que a confraria levantou a segunda egreja da Bôa Morte no local em que hoje se acha.

No mesmo largo ficavam inda: ao nascente o Senado da Camara e a Cadeia; abaixo desta a 80 passos do porto principal erguia-se o pelourinho, que construido por Dom Luiz de Mascarenhas foi totalmente reformado em 1772 no governo de José de Vasconcellos. A obra foi executada por Manuel de Araujo Barbosa, que recebeu 76 oitavas de ouro pelo feito.

Ao poente ostentava-se um espaçoso edificio: o quartel de dragões e pedestres, reconstruido em 1757 por João Manuel de Mello, capitão general, que encarregou do serviço a Rodrigues Lobato. A principal rua que desembocava no largo, rua da Fundição, apresentava um calçamento novo feito em 1772 por Bento Pereira Machado pela quantia de 278 oitavas de ouro.

Em Fevereiro de 1778, estando tudo assentado para a construcção da fonte, a obra foi posta em concurrencia. A diversidade de trabalho e de material precisos obrigaram a Camara á divisão de empreitada.

Para administrar o importante trabalho foi contratado Antonio Ludovico, avoengo de duas illustres familias desta capital, o qual assignou termo de obrigação em 4 de Fevereiro, comprommettendo-se a fiscalizar, determinar e zelar o emprehendimento da Camara.

A 7 de Fevereiro Francisco Moreira Leite assignou termo de contrato para o fornecimento de toda a cal necessaria, á razão de ½ oitava o alqueire.

Antonio Franco Pinheiro obrigou-se á conducção das pedras e lages que o trabalho requeresse pela importancia de oitenta oitavas de ouro. A mão de obra, iniciada em Março, ficou concluida em Julho.

A 2 de Julho de 1778 o porteiro da Camara, Bento de Oliveira, apregoava em hasta publica, pelas ruas de Villa Bôa, a factura das Armas Reaes e da inscripção para a respectiva da fonte". Foi arrematante o mesmo já conhecido Antonio Ludovico por 50 oitavas. Pela lettra de velhos documentos pudemos colligir que a agua encanada para a fonte vinha primeiramente de Manuel Ribeiro de Abreu.

Em 1780, porém, por arrematação de 30 de Outubro, Lourenço da Cruz Leal se obrigou a fazer novo rego, betumado e de lages para conduzir a agua de José Moreira Barreiro que a cedera á Camara, lavrando-se termo.

Era presidente da Camara de Villa Bôa, quando tiveram inicio os trabalhos José Cardoso da Fonseca e vereadores alferes Pedro da Costa, Felippe de Almeida Calmon e Alexandre José de Mello. O Sr. Visconde da Lapa não assistiu á inauguração da fonte e nem mais estava na Capitania quando se deu a conclusão da obra.

A inscripção de seu nome no escudo da fonte, mesmo depois de sua retirada, é um attestado verdadeiro de que effectivamente fôra o mais popular dos capitães generaes, ou então que os goyanos do seculo XVIII eram verdadeiramente reconhecidos aos grandes homens.

Pelo facto do ouvidor Cabral de Almeida fazer parte da Junta que succedeu a José de Almeida e que festejou a terminação da fonte, talvez seu nome fosse transportado para o escudo.

E esta é genese do famoso reservatorio d'agua que ha 142 annos abastece uma parte da população desta Capital. Este monumento é digno de ser conservado: não representa só os vestigios de uma administração; é tambem a imagem do passado, de nossa arte e de nosso alcance intellectual em 1778, porque segundo a philosophia classica, a architectura é o livro do homem dos antigos tempos.

20 — 1º — 20.

AMERICANO DO BRASIL.

Coronel Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim

Não sómente o periodismo goyano como todo o Estado, estão de lucto pela passamento do Coronel Leopoldo Jardim, redactor do *Goyaz* e activo politico militante.

Sem ligações partidarias, extreme de preconceitos de ordem politica no Estado, nós aqui na *Informação* nos sentimos á vontade para dizer bem do extincto decano da imprensa goyana, rendendo-lhe preito á memoria.

Elle soube honrar e muito honrou o nome goyano.

Estrada de Ferro do Tocantins

Entrevista concedida ao *Imparcial* pelo presidente da ompanhia das Estradas de Ferro do Norte do Brasil:

"Em entrevista que nos concedeu, ha dias, o Sr. in- pector federal das Estradas referiu-se ás vias-ferreas que assaram e vão passar á administração da Inspectoria que tem a dupla feição — fiscalisadora e administradora.

No numero das estradas que "passarão" á immediata stão da Inspectoria está a Estrada de Ferro do Tocantins, e que é concessionaria a Companhia das Estradas de Ferro Norte do Brazil, cujo contrato com o governo se pre- nde declarar caduco por proposta da Inspectoria que fi- rá, assim, com mais uma administração que será a de- ma. Como se tratasse de uma antiga empreza que gyra m capitaes avultados, tanto nacionaes como estrangeiros, ndo o seu campo de acção num dos mais futurosos pontos territorio nacional e estando actualmente, ameaçada de smoronar-se pela caducidade do seu contrato, resolvemos vir sobre o assumpto o seu presidente, Dr. Francisco res de Carvalho Aragão.

S.S. que nos recebeu no seu gabinete de trabalho ós conhecer o objecto da nossa visita, teve a seguinte rase:

—— Estou verdadeiramente admirado com o gesto do u jornal, pois que elle coincide, neste momento, no mes- o terreno das minhas cogitações: — estudar o alcance atico e util da caducidade do contrato e rever a enormi- de dos sacrificios que esta empreza tem feito para sal- guardar os interesses do governo e os capitaes nella em- egados.

—— Então, a caducidade do contrato será o desmo- namento da empreza ?

—— Certamente. E isso importará numa monstruosi- de que, estou convencido, o governo não deixará que se lize porque não praticaria sómente uma injustiça, com- rando o nosso abandono á benevolente assistencia a ou- s companhias, mas praticaria um crime de lesa-patrio- mo, dadas as condições excepcionaes da estrada que nos puzemos construir através de todos os obstaculos imagi- veis, sacrificando interesses de toda especie, e, principal- nte, os de vida. Para exemplo, do que affirmo ahi está aso do Dr. Luiz Soares Horta Barbosa, ex-presidente da npanhia. Indo esse nosso abnegado companheiro ao rá tratar de interesses ligados ao governo daquelle Es- lo e intensificar os trabalhos da construcção da estrada lá voltou em tão lamentavel e precario estado de saude e foi obrigado a abandonar a directoria, no momento, que ella mais precisava do seu concurso e das suas luzes.

—— Póde dizer-nos algo sobre o inicio dessa empreza?

—— A Companhia das Estradas de Ferro do Norte Brazil teve o vicio de origem das companhias brazi- ras, dependentes de capitaes francezes os quaes foram viados dos seus fins em pingues commissões e beneficios chamados — banqueiros — francezes e brazileiros, pre portadores de optimos negocios. Além desse desfal- e de capital ainda soffreu a Companhia, no inicio dos s trabalhos, os effeitos de uma administração estran- ra, cuja competencia não se avantajou a outras que têm lorado emprezas brazileiras. Para completar o quadro infelicidades que, desde o seu inicio até agora têm sobre- regado esta empreza, não posso deixar de mencionar as ssicas delongas e inconsequencias da "burocracia" na- nal que é bem conhecida. Imagine que o Tribunal de tas e, isto para citar um exemplo frizante, levou anno neio para registrar o contrato da Companhia, negando- por tres vezes o registro, só o fazendo na quarta vez, ter verificado que as suas primeiras decisões se fun- am em informações menos exactas de um subalterno proprio Tribunal. Ainda mais o relator do Orçamento da Viação deu parecer contrario ao projecto de encampa- ção da Companhia pelos fundamentos inexactos de estar o seu contrato caduco e não ter sido este registrado pelo Tribunal de Contas. Contestados estes dois fundamentos pelo senador Hermenegildo de Moraes, respondeu o relator, senador Francisco Sá, que eram estas as informações que obtivera da secretaria da Viação. Portanto, não é de extra- nhar que a Companhia desfalcada da melhor parte dos seus capitaes, com outra mal applicada e, impedida de ad- quirir novos capitaes, veja-se, hoje, em situação penosa e afflictiva.

—— Quaes os prejuizos resultantes da caducidade do contrato ?

—— São enormes os prejuizos. Se a Companhia não conseguir do poder publico os auxilios que necessita, terá, como consequencia immediata a sua fallencia, della decor- rendo afóra outros mais, o prejuizo do Thesouro Nacional que, além dos capitaes já despendidos, ficará com a respon- sabilidade do capital nacional e estrangeiro empregado na Estrada de Ferro do Tocantins e reconhecido pelo governo e terá tambem de completar-lhe a construcção, com maior onus do que tem feito a Companhia.

—— Póde dar-nos uma idéa do traçado geral das es- tradas de ferro que a Companhia se propõe a construir ?

—— Vou fornecer-lhe um mappa nesse sentido. A Companhia das E. F. do Norte do Brazil é uma das em- prezas de mais futuro no Brazil, sendo o traçado de suas estradas o caminho mais recto do Norte para o Sul do paiz. Com effeito, partindo da cidade de Cametá vem até Alcobaça onde começa a 2ª secção que já tem em trafego um trecho de 84 kilometros a juzante da Cachoeira de Itaboca, faltando sómente 16 kilometros para vencer essa cachoeira, completando assim, não só os 100 kilometros da 2ª secção, como o principal trecho do traçado, pois que elle liga as partes navegaveis do rio Tocantins e do seu confluente o Araguaya. Do kilometro 100 dirige-se a estra- da, com pequenas variantes, a Chambioá, onde atravessa o rio Araguaya, proseguindo em linha recta até o planalto de Goyaz. Da cidade de Goyaz parte o traçado da E. F. de Goyaz que encontra a Oéste de Minas ligada por sua vez á Central do Brazil, ficando, portanto, em communicação, pelo centro, o Norte e o Sul do paiz.

—— Reconhece, então, de grande valor, esse traçado ?

—— O valor desse traçado não é só commercial, é es- trategico tambem, e, mesmo ethnographico, realizando, até, uma das faces do nosso magno e complicado problema do Nordéste. O seu longo percurso porá em communicação, en- tre si, e os centros commerciaes do Norte e do Sul, cente- nares de villas e cidades do interior dos Estados do Pará, Maranhão, Ceará, Piauhy, Bahia, Parahyba, Rio Grande do Norte, Goyaz, etc. Para a zona que elle córta, das mais afamadas virão certamente, os nossos infelizes patricios do Nordéste, acossados pelas seccas; por elle se fará, no caso de um bloqueio, dos nossos portos, a defesa nacional e, fi- nalmente, para as terras uberrimas que elle transpõe af- fluirão os nossos sertanejos, enrijados na luta diaria com elementos, unindo-se ao sólo pela agricultura, perpetuando assim as qualidades de uma raça forte e vencedora.

——E quanto ás condições hygienicas da zona por onde passa a construcção da Estrada, são satisfactorias ?

—— A Companhia, no começo dos trabalhos, lutou com sérios embaraços para estabelecer um soffrivel serviço sanitario e de assistencia a mais de dois mil trabalhadores e ao pessoal technico e administrativo e, mesmo, aos habi- tantes da região.

O impaludismo imperava em toda a região tocantina, ceifando vidas e impossibilitando a acquisição de traba- lhadores.

Foi nessa época, após a morte de varios auxiliares, en-

tre os quaes o notavel engenheiro Dr. Camarão, que cahiu fulminado, que o chefe do Serviço Sanitario da empreza, Dr. Eugenio A. Poncy, foi obrigado a retirar-se para a Europa, em pessimas condições de saude, interrompendo, assim, a organização que iniciára com optimos auspicios.

Continuando os mesmos esforços do Dr. Poncy, succedeu-lhe como chefe do serviço sanitario o Dr. Mario Aguirre, cuja saude, tambem compromettida no serviço da Companhia, foi obrigado a ir restaural-a na Europa.

Felizmente, porém, está vencida, agora, essa quasi insuperavel barreira, pois que a ponta dos trilhos já se approxima das regiões salubres do Alto Tocantins, sendo o serviço sanitario feito de accordo com os processos que a sciencia aconselha.

Chamo a sua attenção para um ponto muito sério — disse-nos ainda o Dr. Carvalho Aragão:

—— Veja que, pedida a caducidade do contrato desta Companhia, ella entra em fallencia, compromettendo avultados capitaes francezes. Ora, os debenturistas francezes aos quaes está hypothecada a estrada de ferro procurarão, de qualquer fórma, rehaver os seus capitaes, nella empenhados.

—— Nesse caso, teremos um novo conflicto diplomatico por motivo de estradas de ferro, quando já temos um sobre navios?

——. Nada posso dizer a esse respeito, pois que escapa á minha alçada, tanto mais que submetti ao alto criterio do Sr. Presidente da Republica um memorial, expondo com a maior franqueza e lealdade a situação difficil da Companhia, indicando, ao mesmo tempo, os remedios que me parecem capazes de tiral-a das difficuldades actuaes.

Já tendo por longo tempo abusado da bondade do Dr. Carvalho Aragão, despedimo-nos, agradecendo-lhe a amabilidade com que nos recebeu".

Sobre a mesma futurosa via-ferrea traz a nossa collega *Revista Commercial do Pará* as justas considerações, que data venia transcrevemos:

E. F. NORTE DO BRAZIL

"Uma série de medidas que se completam entre si, acaba de ser levada ao Senado brasileiro pelo Sr. Dr. Justo Chermont, prestimoso representante deste Estado na alta Camara do Paiz.

A colonisação do Oyapock e a sua nacionalisação; a mudança da Capital da Republica para o grande planalto de Goyaz e a encampação da Estrada de Ferro de Alcobaça, são, cada qual da mais transcendental importancia para o Norte e para o paiz em geral.

Já das columnas desta *Revista* demos o grito de alarme contra o esbanjamento das nossas riquezas sob absoluto descaso dos nossos governos e proveito dos estrangeiro que as estão explorando.

Então respigámos de jornaes Guyanezes que dos quadros da exportação da Guyana Franceza constava que no periodo de 1916 a 1917 foram exportados 43.000 k. de ouro no valor de 117.000.000 de francos e que só no começo do anno até Março de 1917, essa exportação subira a 2.755 kilos no valor de 5.454.000 francos.

Apontámos ainda para 31.044 k. de essencias e 16.680 k. de páu rosa dalli sahidos nesse anno, lembrando que depois de liquidada a questão do Amapá, não mais se falou aqui, nem em parte alguma do paiz, do ouro dessa região, não tendo mesmo apparecido no quadro da nossa exportação uma gramma, siquer, desse precioso metal.

Foram as nossas palavras acolhidas benevolamente pelo *O Paiz*, donde olhos carinhosos por vezes se volvem para este rincão.

Não se fez esperar o éco dos ligeiros commentarios que penna amiga bordou em torno das nossas palavras, entre os grande matutinos da Capital da Republica.

Só assim pôde um dia chegar essa noticia ao conhecimento do Governo Central do paiz, pelo seu mais alto orgão no Poder Legislativo.

Mas, *tout casse, tout lasse, tout passe*... e o Legislativo naturalmente repetiu de si para si: *Je peux me passer de lui*...

Lembrou-se agora o Dr. Justo de dizer-lhe: *Mets la main en ton sein, et ton ne mediras pás du prochain* e lembrando-se que *un barbier rase l'autre*, empurra de uma vez os tres capitulos acima citados, completando-os com a mudança da Capital do paiz para Goyaz, accenando com grandes favores aos capitalistas que a queiram construir, demonstrando que para isso basta a iniciativa governamental num momento propicio como este que os Norte-Americanos se acham á procura de emprego para os seus biliões.

A colonisação do Oyapock e a posse desses thesouros num momento em que degladia-se o mundo inteiro por questões territoriaes e augmento de riquezas e poderio, é a maior das necessidades do paiz.

Mas, para isso é preciso integralisar num só corpo este mesmo paiz e não se poderia fazer tal cousa sem irradiar as vias de communicação como numa espiral, para o que se precisa buscar o centro, que é Goyaz.

Dahi todas as distancias se tornam relativamente pequenas, convergindo para um ponto unico todas as forças da nação.

A encampação da E. F. do Norte do Brasil e proseguimento dessa linha ferrea até a futura Capital Federal, seria pôr-nos em contacto directo com o Governo Central, fazendo palpitar com a suprema direcção do paiz os nossos communs interesses até hoje menoscabados, descurados, esquecidos, por essa Federação a que accidentalmente estamos filiados...

Medidas de tão grande alcance nem só ao Norte aproveitariam.

Directamente ahi se acharão interessados Matto Grosso e Goyaz, Maranhão, Piauhy, Ceará, Pernambuco e Bahia, S. Paulo, Minas e o Governo Central, que em conjuncto será o mais interessado pelos proventos a advir ao paiz.

Julgamos por isso não ser bastante quanto se disse justificando esses projectos.

Seria mister apontar a cada um desses Estados quanto isso aproveita aos seus vitaes interesses, buscando o apoio das respectivas bancadas que com o Dr. Justo deveriam votar sem restricção.

Estrategicamente, financeiramente, economicamente, essas medidas merecem o nosso apoio incondicional, e se mister fosse demonstrar e justificar o porque desse apoio, não trepidariamos em affirmar que sobre todos os outros motivos temos o de salvação deste paiz que se está esphacelando por falta de unidade de vistas, pelo descaso por tudo quanto é nosso, que vive ao abandono sem mesmo um inventario que pudesse apontar o que possuimos e onde começa o nosso dominio e onde elle se acaba.

Como unica classificação para essa vasta região de 2/3 do Brasil, se chama de "terras desconhecidas", "terras inexploradas", ou "zonas despovoadas", que se poderá resumir com a classificação de Euclydes da Cunha: "Terras abandonadas..."

E abandonadas porque?

Porque não prestam?...

Não; porque não são do Sul; porque ficam longe; porque dellas não precisa o paiz sinão para usufruir os proventos que a natureza póde dar-lhe pelo esforço inaudito de uma população diminuta que della colhe imperfeitamente quanto as suas forças combalidas podem.

Não seria demais que, como justa reparação de seculos de captiveiro, se proporcionasse ao Norte o direito de se incorporar ao resto do paiz, por occasião das festas do seu Centenario que nos preparamos para festejar.

E essa incorporação só se póde fazer ficando a Capital da Republica alli adiante de S. João e de Conceição de Araguaya, proximo a Santarem, ligada a Belém pela Estrada de Ferro do Tocantins e a Manáos, pela fóz do Tapajós.

Mas, continuará a ser isso ainda um sonho durante muitos annos, até que o Sul precise dar sahida ao excesso de população e venha a povoar o Norte... como já algures se disse.

O "Habitat" maravilhoso de Goyaz para as especies pecuarias

II

Apezar do escripto faz 13 annos não perdeu de todo sua opportunidade nesta série de estudos, a reproducção aqui das seguintes linhas escriptas pelo nosso director quando commissionado pelo ministro da Agricultura, Viação e Obras Publicas, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, para ir a Goyaz estudar *in loco* a industria pastoril e as raças bovinas do *hinterland*, apresentou o relatorio da sua viagem ao então presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Wenceslau Bello, de inesquecivel memoria:

Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Bello, dignissimo Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

De conformidade com as instrucções que recebemos de V. Ex. vamo-nos occupar no presente trabalho da

Industria pastoril e das raças bovinas em Goyaz

Rezam as chronicas dos tempos coloniaes que o bandeirante paulista Bartholomeu Bueno, segundo deste nome e tambem por alcunha *Anhanguéra*, fôra surprehendido na entrada de 1722-1726 pelos vestigios do gado vaccum encontrados no Vão do Paraná e immediações, provavelmente a Chapada dos Veadeiros.

Esse gado, relata o padre Silva e Souza, primeiro chronista goyano, se reconheceu depois ter-se trasmalhado das margens do São Francisco, já então povoadas de paulistas, que se tinham retirado de Minas Geraes, posteriormente ao malogro da descoberta das esmeraldas.

Os paulistas, entre outros Domingos Mafrense e Domingos Jorges — descobridores dos altos sertões do Piauhy — foram dos primeiros a se estabelecerem com fazendas de criação, *curraes*, á margem do S. Francisco, centro pastoril da famosa região armentosa, d'onde se propagou para o norte e nordeste do Brasil a raça bovina — para o extremo norte até Pastos Bons, entre Piauhy e Maranhão, para nordéste se estendendo pelo Ceará, Parahyba, pelos sertões de Pernambuco e por todo o valle do grande rio, entre Bahia e Minas principalmente.

Segundo alguns historiadores os primeiros bovideos chegados ao Brasil foram os introduzidos na Bahia em 1550, procedentes de Cabo Verde; mas o padre Simão de Vasconcellos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* diz, e é um alto testemunho historico, que a villa de S. Vicente foi a primeira, d'onde as outras capitanias se provisionaram de vaccas para a criação.

Seja como fôr, o certo é que os primeiros specimens de gado vaccum como os de outros animaes domesticos, introduzidos nas minas de Goyaz, procederam da Capitania de S. Vicente, custando a primeira vacca de leite que aqui appareceu duas libras de ouro e o primeiro porco oitenta oitavas.

O gado vaccum de origem européa, da peninsula Iberica, encontrou nos privilegiados campos nativos de Goyaz as condições mais propicias ao seu desenvolvimento, apresentando dentro de curto espaço de tempo os mais bellos typos de bovideos nacionaes.

Desde os primeiros dias do descobrimento do territorio goyano que aqui prospera a industria pastoril, tendo começado muito pouco tempo depois a exportação dos seus productos.

Daqui é que os matto-grossenses importaram as primeiras rezes para os seus campos, quando no anno de 1736 foi aberta a via de communicação até hoje existente entre Goyaz e Cuyabá. Tal o incremento da criação bovina em Goyaz, a partir de então, que já em 1759 só nas margens dos rios das Almas, Santa Thereza e Canna Brava, zona conhecida por sertão do Amaro Leite, e apenas meia duzia de annos antes da descoberta dessa região, possuiam dous padres jesuitas seis fazendas de criar, contando mais de 3.000 cabeças de gado vaccum, criadas á lei da natureza.

Em principios de 1800, segundo J. M. Pereira de Alencastre, nos seus *Annaes da Provincia de Goyaz*, a industria pastoril a que já se dedicavam os habitantes de Goyaz, quando ia quasi abandonada a mineração, figurava com uma exportação de 15.358 rezes, representando um valor de...... 33:288$900, por isso diz elle "que no sul era cada rez vendida por 4$800 e no norte por 1$500 !!!".

Desde então, até hoje, vem num crescendo a exportação dos productos da industria pastoril goyana, não obstante nunca lhe terem favorecido os poderes publicos senão com o augmento quasi annual da taxa de barreira itineraria, cobrada no Paranahyba.

Em 1874 essa taxa era de 1$000 por cada boi e de mil e tanto por cabeça de vacca que sahia da então provincia. Hoje ella sóbe a 5$000 por cabeça.

Outra medida governamental, que ainda ha pouco veio aggravar mais a situação da industria pastoril é o imposto de 10 réis por kilogramma de sal que entra no Estado, imposto este creado pela Lei n. 280 de Julho de 1906 (que por signal taxa em 20 réis cada kilo os instrumentos da lavoura).

Mesmo assim, e como o demonstra a exportação do anno findo, a industria pastoril goyana, quanto aos productos bovinos, póde-se dizer prospera; e pelo seu *stock* representa uma somma consideravel, mas que infelizmente será sacrificada á ganancia dos boiadeiros, que, conhecedores da miseria que vae por todas as classes no Estado, impõem exigencias a que todos se subordinam.

Foi assim que elles condemnaram o gado mocho oriundo do Estado, sob o pretexto de que os individuos desta raça se internam nas mattas quando tocados juntamente com os bois de chifres; antes haviam condemnado o Pedreiro, sob o pretexto de que os animaes dessa raça não podiam entrar nos *wagons* das estradas de ferro por causa do appendice que os distingue, isto é, dos grandes chifres.

O criador goyano, vendo assim desmerecidos os productos das duas referidas raças, abandonou-as, sendo que a segunda dellas é hoje rarissima no Estado, onde outr'ora apresentava typos da mais avantajada estatura, maiores que os mais gigantescos Zebús que têm vindo ao Brasil. De resto é tão decisiva a influencia dos boiadeiros sobre os criadores goyanos, que se póde affirmar não existir hoje um destes ultimos que já não possúa o seu mestiço de sangue indiano.

E' que de 10 annos a esta parte, os boiadeiros compram de preferencia o gado Zebú, ou antes o gado cruzado com o Zebú, negando-se a comprar o Curraleiro, o Creoulo, o Brusco e mesmo o Caracú, embora por preços infimos.

Por toda a parte onde andámos na nossa já longa excursão através do Estado, inquerindo os criadores o motivo porque preferiam o Zebú, a resposta era esta: "Os boiadeiros só compram gado Zebú".

Conhecem-se em Goyaz desde muitos annos seis raças ou variedades apenas de bovideos e que vêm a ser: *Pedreiro, China, Curraleiro, Caracú, Bruxo e Mocho.*

Os dois primeiros foram importados e os ultimos aqui se formaram e se fixaram pela selecção natural.

Pedreiro em Goyaz e *Junqueira* ou *Franqueira* em São Paulo e Minas são apenas denominações regionaes.

O Curraleiro é oriundo dos sertões de Amaro Leite, onde o typo primitivo ainda se conserva, mas já bastante degenerado.

Ha da mesma raça Curraleira uma variedade com o nome *Curraleiro de Jaraguá* com tendencia á extincção completa e que se caracterisa pela sua fecundidade e porte anão.

A origem provavel do Curraleiro de Amaro Leite deve ser referida ás primeiras rezes introduzidas pelos dois padres jesuitas já citados, os quaes no seculo XVIII alli se estabeleceram com fazendas de criar — uma denominada Carriola e outro Gamelleira as mais importantes e centro, talvez, de irradiações dessa raça, um dos factores ethnicos do Caracú.

Quando o touro é Pedreiro e a vacca Curraleira o producto (Caracú) sáe com os chifres mais ou menos desenvolvidos; o contrario se dá quando o touro é Curraleiro, e o mesmo quanto aos productos.

Apressamo-nos a dizer que esta é a opinião corrente entre todos os criadores e pessôas da maior competencia que ouvimos desde o Triangulo Mineiro até os sertões norte de Goyaz.

Mas a verdade é que não encontrámos dois individuos de accordo quanto aos verdadeiros caracteristicos do legitimo Caracú, senão num ponto: que tem o pello fino e é as mais das vezes amarello.

Quanto ao *Bruxo* dizem os mesmos informantes que é producto ainda do cruzamento do Pedreiro com a vacca crioula.

Do *Mocho*, que já se vae fazendo raro, em relação á quantidade que existia no Estado antigamente, ouvimos que vem de muitos annos e que hoje não passa de um producto occasional, surgindo entre o gado de chife inopinadamente, como uma manifestação do atavismo.

Em se tratando dessa excellente raça, sobre a qual ouvimos dos criadores os mais francos e decisivos elogios, não nos podemos furtar ao desejo de trazer para aqui as palavras do eminente Sr. Dr. Pereira Barreto, quando o Mestre reivindicou para os "floridos campos" de Goyaz a progenie da raça que deu á Inglaterra a *Angus Galloway* e outras que hoje tão estimadas são nos Estados Unidos e na Republica Argentina principalmente.

São no dizer competente do Sr. L. Pereira Barreto, extraordinarios typos de grandeza, de belleza, de saude e de capacidade leiteira.

Referindo-se a um specimen da raça mocha que appareceu na exposição estadoal de S. Paulo, em 1905, escrevia aquelle eminente scientista brasileiro:

"A vacca mocha de Goyaz é o typo idéal da perfeição. Não exaggéro, quando affirmo que nunca vi, quer aqui, quer na Inglaterra, um animal tão completo como uma vacca mocha exposta pelo Sr. Rinaldo Salles. E' esse extraordinario specimen maravilhosamente talhado para nobilitar no supremo gráo nosso paiz, não mereceu dos da commissão julgadora senão o premio de 50$000!!...

Parece que a ausencia de chifres foi considerada um defeito... e a psychologia bovina não entrou em linha de conta...

Para que fim deverá uma vacca leiteira ter chifres?

A cabra polytheista pedindo a Jupiter a graça de supprimir-lhe o *cavaignac* que representava uma humilhação deshonrosa para os delicados sentimentos de seu sexo, não está a indicar-nos que devemos entoar hymnos de louvor á nossa generosa natureza, que nos fez presente de uma ama de leite inerme, bondosa, festejada sempre estridentemente pelo confiante grupo alegre das creanças?

Reza a fabula que o malicioso rei do Olympo, sorrindo, fingiu clemente equivoco e aparou o appendice caudal... por gracejo com a indole trefega e faceirice do impetrante. Hillas, chorando e velando as faces, o magnanimo Jupiter entendeu fazer obra mais meritoria e supprimiu os chifres. Da supposta ou real operação deveria resultar essa famosa raça de cabras mochas, a qual se recommenda por uma notavel capacidade leiteira. Das cabras olympicas já existem alguns bellos exemplares em S. Paulo.

O idéal do decôro sonhado pela esthetica mythologica do bello sexo realizou-se pontualmente nas floridas campinas de Goyaz. A ausencia de chifres está na mais perfeita harmonia com todos os attributos moraes da raça mocha. A sinceridade e a cordura ornam o seu coração. E', por assim dizer, uma alma santa a vacca mocha.

. . . .

Ouso affirmar que nenhuma raça européa póde hombrear com a nossa raça mocha, seja qual fôr o ponto de vista sob o qual se as compare".

O gado Caracú, procedente dos sertões do Amaro Leite, ao norte do Estado, é havido no conceito geral como o primeiro typo bovino de selecção brasileira por excellencia. Outra variante do Curraleiro de Amaro Leite, como já dissemos, é a *Curraleira de Jaraguá*, a qual a ignorancia e a insania dos nossos criadores consentem que se vá extinguindo pouco a pouco, isto sob o pretexto futilissimo de que essa variedade bovina não apresenta grandeza de talhe como as rezes preferidas para o córte nos centros consumidores.

Façam, embora, as objecções por ahi, as objecções que se fizerem quanto á procedencia das referidas raças bovinas; o facto é, como mui justamente pondera o Dr. Pereira Barreto, o facto é que em Goyaz ellas encontraram e encontram todas as condições idéaes de um perfeito *habitat*.

E' que além das condições especiaes de seus vastos campos e mattas riquissimas de pastagens, outro elemento ainda, como observa um escriptor competente—occorre aqui: as suas fontes d'agua viva e pura, brotando abundantemente das serras, das chapadas altas, dos buritizaes e que contribuem poderosamente para o bem estar e a saude do gado e para a abundancia dos seus productos que Glaziou considera "os primeiros do mundo no seu genero".

Caracteres differenciaes das raças bovinas em Goyaz

A conformação geral do Mocho é estheticamente agradavel. A sua caracteristica, além da ausencia da armação, é a cabeça reduzida, pescoço ligeiramente escavado, esqueleto fino e uma aptidão especial para a engorda; o Bruxo tem o pello grosso, cauda grossa e longa, ancas cahidas, chifres grandes, cabeça grande, porte bem desenvolvido, não raro extraordinario; o Curraleiro de Amaro Leite, tal como o vemos hoje, é de estatura média e pelos seus caracteres physicos, os chifres principalmente, lembra a raça franceza de Lourdes; o Caracú legitimo, segundo a versão mais corrente no Estado e pelo que pudemos observar, é um animal de estatura bem desenvolvida, pello mui fino, chifres grossos na base e um tanto curtos; a partir da inserção, ligeiramente inclinados para frente e depois vão se curvando para dentro até terminarem com as pontas voltadas para trás, feitio de busina, como dizem os vaqueiros na sua pittoresca linguagem; bem enquartado, isto é, de ancas desenvolvidas, pello commummente amarello, cauda mui delgada, pennachuda como a do Curraleiro.

Cada typo de bovideo é conhecido no Estado sob nomes tomados á fórma dos chifres ou á côr do animal e assim dão, por exemplo, o nome de *Jaguané* a um bovideo de qualquer côr, mas com o fio do lombo listrado de côr differente; *Araçá* ao individuo amarello zebrado; *Banana* ao que tem os chifres curtos, pendentes, quasi soltos sem inserção ossea (caso de reversão atavica incompleta para o Mocho), *Espacio*, de grandes chifres abertos, *Combuca*, de chifres curvados para dentro formando um arco, cujas extremidades por pouco que se tocam.

Destas cousas breve só restará a tradição porque todo o sul do Estado, como tambem grande parte do norte já estão invadidos pelo Zebú, cujo typo tão caracteristico tudo avassalla, tudo absorve, reduzindo á sua imagem a raça cruzada.

*
* *

Convém dizer que não são só S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro os centros consumidores do gado goyano, como geralmente se suppõe, pois tambem o Maranhão, Bahia e até o Paraguay o recebem annualmente; para esta Republica costumam os criadores dos municipios de Rio Verde, Jatahy e Mineiros, mandar o que elles chamam "refugo",

isto é, as rezes que os boiadeiros de Minas e S. Paulo rejeitam.

Uma estatistica approximada da verdade, em se tratando da exportação do gado goyano foi sempre coisa humanamente nunca possivel — resultando de todas as tentativas a convicção de toda a gente de que a cifra official, é enormemente reduzida, talvez da metade, graças aos desvios que se dão nas recebedorias e postos fiscaes.

Concluindo, uma declaração que julgamos indispensavel: depois de registrar a opinião dos criadores do Brasil Central ácerca do Caracú, por entendermos que o presente trabalho deve ser antes de tudo o depoimento de uma testemunha informante, queremos patentear a nossa divergencia sobre esta questão ainda aberta. E divergimos: 1°, porque em Amaro Leite, d'onde têm sahido os melhores exemplares do Caracú nunca existiu nenhum specimen da raça Pedreira; 2°, porque o Caracú é uma raça constituida, de typo bem acabado e cujos caracteres repellem parentesco com o Pedreiro de enormes chifres.

Goyaz, 3 de Maio de 1907.

HENRIQUE SILVA,

1° Tenente.

Uma visita pastoral

de D. Eduardo Duarte Silva

(Bispo de Uberaba) --- 1895-1899

III

Pernoitamos junto a ilha Tamanacú. De bordo viamos scintillar os fogos de uma aldeia carajá. Nessa parte do rio as aldeias se succedem a pequenos espaços. Convém notar que os indios que habitam as margens do Araguaya não têm aldeias permanentes; mudam-nas á medida que a caça e o peixe escasseiam no logar, indo-se estabelecer nas praias ainda não exploradas.

Os indios pouco cultivam a terra. Possuem uma certa qualidade de milho vermelho, quasi arroxeado, que depois de secco póde ser assado, desde que se o deixe de infusão n'agua, por espaço de uma hora.

E' um dos alimentos vegetaes mais usados pelos selvagens. O dia 13 não foi monotono. Vimos muitas aldeias situadas nas praias. Eis seus nomes: São Balduno, Tamanacú, Furo de Pedra, Bedú, Rebojinho e Tapirapé. Esta ultima fica acima da foz do rio Tapirapé que é muito volumoso e soberbo. Ahi o caudal aperta-se entre dous morros, formando um canal que poderá ter 90 braças. Parece a barra de largo estuario que anceia por procurar uma sahida. Em razão mesmo da estreiteza da passagem o rio acima alarga-se extraordinariamente formando como que uma bahia em cujo centro assomá uma ilha arenosa, onde se vê uma aldeia de carajás. Grandiosa é a perspectiva dos rochedos e dos morros que formam a barra. Dir-se-ia pilastras cyclopicas a desafiarem as aguas impetuosas e os seculos. Detivemo-nos a contemplar aquelle quadro por algum tempo, porque nol-o proporcionou a parada do vapor. Este abicou a uma barreira onde pôde prover-se de lenha para as fornalhas.

Os indios é que fornecem o combustivel ao vapor, a troco de facas e machados. Nesse dia pescou-se uma pyratinga de mais de dous metros. O vapor já velho, pois conta nada menos de 39 annos de serviço, no rio Paraguay, 10 annos e 29 dias no Araguaya, tem marcha vagarosa. Por esta razão no dia 14 só pôde vencer 15 leguas, rio acima.

Na noite desse dia assistimos a uma scena interessante. Estavamos ancorados uma legua acima da aldeia Cumaré. Os indios tinham ido comprar milho e outros productos na aldeia de Santa Isabel do Morro, que está situada mais adiante. Uma verdadeira esquadrilha de ubás abordou-nos. Dentro de poucos minutos estava o nosso vaporsinho repleto de carajás, que nos procuravam para fazerem permutas.

Vinham desta vez vestidos, o que era para nós uma novidade, porque o selvagem não usa de roupa alguma que lhe cubra a nudez.

A vestimenta de que usavam, consistia de saiotes de pennas de araras, capacetes, braceletes, etc. da mesma materia.

Alguns havia que se assemelhavam ás aves novas, pois tinham o corpo todo coberto de pennugem de passaros.

Para que assim appareçam, elles passam certa gomma no corpo fazendo adherir ao visgo pennugens de aves. Aos hombros tomam uma especie de mantelleta de pennas grandes em fórma de leque.

Quando a carestia faz a sua apparição numa aldeia, os indios ornam-se e vão em demanda de outra, onde ha abundancia, afim de que dançando-se e folgando, adquiram o direito de levarem provisões.

Os indios da aldeia visitada, por sua vez, ao saberem da visita, não só lhes preparam provisões de bocca, como se enfeitam e recebem os visitantes com todas as honras. Dirigem-se ás roças, lá colhem fructas em abundancia e voltam á praia, onde começam as luctas e as lanças. Os que mais se distinguem são galardoados com boa cópia de milho, mandioca, etc.

Até quasi meia noite estiveram os carajás a bordo do vapor a nos enfadar.

O Sr. Adolpho de Amorim, por mais que com elles instasse para que se fossem embora, só á meia noite foi attendido.

O Sr. Bispo tomou algumas creancinhas carajás nos braços e as acariciava.

Os pequerruchos, mansinhos e sorridentes, pareciam corresponder á ternura com que eram tratados por S. Ex. Revma., que os enfeitava com collares e missangas.

Os paes estavam encantados, vendo seus filhinhos assim tratados. Os Carajás muito se empenharam no intuito de alcançar de S. Ex. Revma. a cruz peitoral. Disse-lhes o prelado que era a imagem do *Canachivé* dos christãos. Ora como esses selvagens têm uma idéa falsa de Deus, a quem attribuem males, cessaram de pedir o crucifixo.

Para dar aos leitores uma idéa do *Canachivé,* conto uma lenda carajá que ouvi do cacique Pedro Dijeroina:

"No principio só havia homens e mulheres no mundo. *Canachivé,* cujos paes não se conhecem, ora é velho, ora é moço, ora é menino. Uma vez, vido elle ao mundo, visitou aldeia por aldeia e ia perguntando aos indios si queriam continuar homens. Alguns responderam com orgulho e outros humildemente. Aos humildes elle manteve na especie humana: aos orgulhosos elle transformou em animaes de varias especies. No anno seguinte, regressando ás aldeias, *Canachivé* encontrou alguns homens orgulhosos. Em castigo de sua soberbia transformou-os em *ciganos,* que são passaros côr de terra vermelha. Mais tarde visitou as tribus carajás, entre as quaes viu homens máos. Estes passaram por vontade de *Canachivé* a ser cameleões. Esses lagartos trazem na cabeça os signaes caracteristicos dos carajás. Tendo as aguas baixado muito em consequencia da grande secca, *Canachivé* baixou das nuvens, entrou no elemento humido. As aguas iam-se canalisando nos logares por onde elle passava. As antas são carajás que perderam a innocencia e enganaram seus paes".

(Continúa.)

Notas e informações

Falando outro dia a um jornalista das construcções de vias-ferreas a serem emprehendidas este anno pela Inspectoria Federal das Estradas, o seu director Dr. Palhano de Jesus nenhuma referencia fez a Goyaz, quer no ramal de Araguary, quer na linha tronco em trafego e em construcção.

Para nós isto não foi surpresa, pois outra cousa era de esperar do ministro Pires do Rio, o mesmo engenheiro que num artigo para o *Jornal do Commercio* negava ao nosso Estado possibilidades para a garantia da prosperidade de uma estrada de ferro, não obstante o extraordinario desenvolvimento das rendas do ramal de Araguary, com os seus cento e poucos kilometros apenas?

No entanto, disse o actual inspector federal das Estradas, vão ser concluidas ainda este anno as estradas de ferro S. Luiz a Caxias, de Amarração a Campo Maior, de Petronilha a Therezina, rêde bahiana, linhas ditas de carvão no Rio do Peixe, no Paraná, e Araranguá, em Santa Catharina, E. F. Central do Rio Grande do Norte — todas como se vê nos nossos ultra-felizes Estados, de mais a mais já beneficiados, quer por vias-ferreas, ou por emprezas de navegação maritimas, quer por subvenções dadas pela União ao melhoramento e navegação dos seus rios.

Onde o indice da viação brasileira que todos o vêem, aliás theoricamente, na construcção de vias-ferreas de penetração — destinados não só a fins estrategicos e economicos, como tambem a incorporar na collectividade brasileira a mais rica, a mais futurosa quanto desconhecida e abandonada região do paiz?

E' o caso de nós mesmos, os brasileiros, concordarmos com aquelle conceito injurioso, mas sob todo ponto de vista verdadeiro: que tudo no Brasil é grande, menos o homem.

*
* *

Foi assignado o decreto que autoriza o Governo Federal a construir uma linha telegraphica que, partindo de Porto Franco, no Estado do Maranhão, passando por Carolina, Pedro Affonso, Porto Nacional e outras cidades do centro do paiz, vá a São José do Tocantins, no Estado de Goyaz.

Esta linha telegraphica era uma necessidade inadiavel, contribuirá grandemente para estabelecer mais rapidas, mais intimas relações entre a longinqua comarca da Bôa Vista e a capital goyana, della afastada cerca de 380 leguas.

*
* *

Para occorrer ás despezas com a commissão de posse da E. F. Goyaz, encampada pelo Governo Federal o Inspector Federal das Estradas, solicitou do Sr. ministro da Viação, a abertura de um credito de 200 contos.

Seria interessante perguntar com que verba serão *contemplados* os funccionarios incumbidos dessa missão, si não soubessemos que essa despeza sumptuaria vai correr por conta do restante capital destinado ao prolongamento da malsinada estrada...

*
* *

Para completarmos a noticia da nossa edição ultima sobre a ponte pensil do rio Corumbá ligando Ipameri a Caldas Novas, damos a seguir as suas dimensões:

Comprimento, 90 mts.; largura, 3,10; madeiramento, todo aroeira; vão central, 52,60; vãos lateraes, 16,50; lado de Ipameri; lado de Santa Cruz, 12,60; altura dos pilares, 12,50; lado de Ipameri e 9,20 do lado de Santa Cruz; altura das torres, 9,10. Dez cabos, tendo cada um 33 m|m de espessura, calculo de ruptura 30 toneladas por metro corrido, tendo sido a experiencia feita pela passagem de uma boiada gorda composta de 100 cabeças que foram tocadas a toda a disparada.

Na estrada de Iparemi a Caldas Novas passando pela ponte pódem correr facilmente automoveis.

A ponte dista 7 leguas de Ipameri, 8 de Nova Aurora, 9 da estação do Verissimo, 12 de Goiandira, 15 de Anhanguéra, 3 de Caldas Novas, 8 de Muzagão, 8 de Morrinhos, 11 de Burity Alegre e 17 de Pouso Alto.

E' mesmo digno de nota o facto da imprensa carioca que se consagra especialmente ao estudo da nossa situação economica e financeira continuar a inserir nos seus quadros de titulos publicos com cotações na bolsa do Rio de Janeiro titulos da divida de Goyaz!

Ignorarão, porventura, as nossas gazetas da Bolsa que o Estado de Goyaz já pagou, faz quasi dois annos, a sua divida contrahida aqui no Rio com o *Crédit Foncier du Brésil*, na importancia de 400:000$000?

A verdade é que o Estado de Goyaz *é o unico da União que não tem dividas*, quer externa, quer interna. E poderiamos accrescentar que é o unico Estado que tem dinheiro disponivel não só nos bancos desta capital como tambem em deposito no Thesouro estadoal.

Estas verdádes constam até dos *Annaes* do Congresso Nacional (vide discurso do Deputado Olegario Pinto, publicado no *Diario Official*, Dezembro de 1918).

Que a nossa prezada collega *A Gazeta da Bolsa* e outras

CRUZ VIVA — E' o nome pittoresco que o povo deu a um cruzeiro erguido junto á igreja matriz de Curralinho, em Goyaz. Enlaçada pelo tronco de uma arvore do genero "Ficus", que n'ella nasceu, conservam-se ainda visiveis os braços da "Cruz Viva", na principal praça publica d'aquella cidade goyana.

revistas financistas desta Capital relevem o nosso informe, que não póde soffrer desmentido.

* * *

Em vão espiritos futeis, que nos acoimam de regionalistas, bairristas e por ahi além, sempre que versamos cousas do *hinterland*, para elles desconhecidas, se esforçam por nos contestar informes relativos ás possibilidades ou riquezes inexploradas que lá jazem ao abandono. Assim quando asseveramos sempre que o Estado de Goyaz possue riquezas nativas como nenhum outro, e mais que lá a Natureza espalhou a mancheias thesouros como iguaes se não encontram noutras partes do paiz, pelo menos em maior vulto e valor intrinseco, torcem a cara...

Mas, vejamos:

Dizem que a Amazonia possue duas mil especies de peixes, inteiramente differentes dos das aguas doces do Brasil, e mais, "que no mesmo rio não se encontra um só dos peixes conhecidos em qualquer outra bacia d'agua doce".

Tudo isto, nem mesmo a centesima parte de tudo quanto disse Agassis, de exageros, e repetiu o acanhado espirito de José Verissimo na sua *Pesca na Amazonia*, não é verdade.

Quem teve necessidade de desmentir o seu mestre Agassis foram os seus proprios discipulos Carlos Eigeuman e Franz Steidachner, o actual director do Museu de Historia Natural de Vienna d'Austria.

Mas, e infelizmente, estas cousas quando assim impressas uma vez, ficam de pedra e cal, nos *Por que me ufano do meu paiz*...

Nós, porém, já contestámos, numa monographia esse dislate, — e está de pé a nossa affirmativa de que não ha na Amazonia propriamente dita uma só especie ichtyologica que não seja encontradiça em Goyaz — no emtanto que se encontram no Estado de Goyaz specimens faunisticos desconhecidos noutras regiões brasileiras.

Todas as especies dadas como novas na Amazonia nestes ultimos 30 annos são assás vulgares nos grandes rios e lagos de Goyaz. Quem escreve estas linhas já descreveu mais de uma centena de especies novas ou raras da pisce fauna goyana. Muitas dellas já constam das collecções dos nossos museus de historia natural, descriptas umas pelo Sr. R. von Ihering, do Museu Paulista, e outras por Alipio de Miranda Ribeiro, do Museu Nacional.

* * *

Foram inaugurados nos principios do corrente mez mais dois trechos de linhas de automoveis em Goyaz: o de Roncador a Bomfim e o de Santa Cruz a Bella Vista.

Esta ultima linha já deve ter alcançado Annopolis, 9 leguas além de Bomfim e 28 áquem da Capital do Estado. Não tardará a inauguração da estrada de automoveis de Ipameri a Caldas Novas.

CAÇADORES DE ONÇAS

E' o mais temido morador das nossas mattas o grande carniceiro a que os indigenas deram o nome de *Jaguar* e os portuguezes o de onça.

Os zoologos, que ainda não estão accordes quanto ao numero das especies e variedades, diminuem-lhes as dimensões, dando para o maior dos especimens até 1m,50 c. de comprimento e 85 c. de altura. Mas nenhum caçador concordará com tão exiguas medidas. Uma onça cangussú não precisa ser mui grande para medir 2 metros e mais de comprimento, do focinho á extremidade da cauda — sendo que as maiores alcançam ás vezes 3 metros. A systematica menciona apenas 6 especies de onças e gatos do Brasil.

Nós, porém, os caçadores do Brasil Central enumeramos as seguintes especies: Cangussú da malha larga ou *Jaguarêtê* dos indigenas; Cangussú da malha meuda, ou *Jaguara-pinina* dos nossos incolas; Cangussú dos cerrados; Onça preta ou tigre, *Jaguarana-picuna* dos indigenas; Onça parda, ou *Suaçuarana* dos indigenas; Acanjaruna, que na lingua indigena significa onça de cabeça deformada; *Jaguatirica*, que na lingua indigena quer dizer oncinha brava; Gato do matto, *Ubaracajá* dos indigenas; Gato mourisco, ou *Jaguará-gumbé* dos indigenas; Gato mourisco-vermelho e Gato do campo, que é a menor das especies conhecidas.

As nossas Onças *Suaçuaranas*, que os zoologos confundem lastimavelmente com o *Puma*, contam-se até 3 especies: Suçuarana do fio do lombo preto, cauda e pernas zebradas, a chamada parda e finalmente, a Suçuarana veadeira, fina, esguia, que habita os campos cerrados, onde dá caça aos veados campeiros. O *Puma* dos pampas e dos Andes, apenas chega até o Rio Grande do Sul, onde lhe dão o nome de Leão; mas os naturalistas incluiram elle e a Suçuarana na systematica com a denominação commum de *Felis concolor*. Vê-se que esta determinação scientifica não vai bem com a Suçuarana do fio do lombo preto e listras negras nas canellas e na cauda.

E' preciso uma revisão no capitulo Onças e Gatos selvagens do Brasil; mas antes de tudo será necessario jogar fóra todo o material que lá está no Museu Nacional, e, mais ainda, que os naturalistas viajantes dessa importante instituição de ensino popular dêm um pulo alli no Brasil Central, Goyaz de preferencia.

Lá encontrariam com facilidade relativa cinco ou seis especies que nunca habitaram nem a Amazonia, nem as mattas littoraneas. Os campos e mattas do *hinterland* são o *habitat* por excellencia dos nossos felideos.

* * *

De anecdotas de Onças, umas acceitaveis, outras inverosimeis andam cheias as litteraturas estrangeiras e nacional. De Abbadie, o celebre africanista que esteve no Brasil, refere no seu livro *Typos Americanos*, a vida de um caçador goyano por nome Diogo. Este individuo, famoso costumava penetrar nas grutas onde se refugiavam Onças acossadas pelos cães famosos que elle possuia, ao norte de Goyaz, levando, numa das mãos um archote, noutra sua arma caçadeira engatilhada. Ao sentir o passo do caçador repercutindo pelo interior humido e viscoso das furnas — esses verdadeiros labyrinthos cavados pela natureza sob as montanhas — o terrivel animal rugia feroz e ameaçador, afiando as garras nos anfractos de estalactites da furna onde se abrigava e muitas vezes tinha os seus gatinhos aninhados. Diogo dispara a arma fiel e a fera, mal ferida, arremessa-se sobre o seu ousado aggressor. Este puxa pelo facão de caça, já tantas vezes experimentado em momentos taes, e espera impassivel pelo que dér e vier, pondo á prova sua stoica coragem de caboclo audaz.

Descrever é difficil esse transe horrivel, quando no fundo do antro resoavam bramidos furiosos.

Diogo contava que as mais das vezes, abaixo de Deus, devia a vida ao seu fiel e inseparavel companheiro — um cão amigo e valente que o acompanhava e soccoria-o nesses momentos desesperados. Outras vezes, o animal ferido do primeiro tiro se mettia nos reconcavos mais profundos da gruta, e então, o intrepido caçador liquidava-o após outros tiros feitos á queima bucha, á vacillante luz do archote improvisado.

Do nosso caçador de Onças conta-se que lhe tendo sido pedida em casamento a filha unica, elle accedera sómente depois que o pretendente, não sem a maior relutancia, tes-

temunhasse, ás vistas do futuro sogro, ter a coragem precisa para matar tres Onças. Esta condição lhe fôra imposta por Diogo, que desejava fosse o marido de sua filha o seu successor no desempenho da humanitaria missão que por tanto tempo e com applausos de seus contemporaneos exercia no norte da então provincia de Goyaz.

Para o Nemrod goyano, cujas aventuras de caça, De Abbadie considerava superior ás de Julio Gérard e Cameron, nas batidas de Leões e Pantheras africanos, em 1857, pediam os habitantes de Goyaz fosse outorgada a isenção do dizimo do gado vaccum e cavallar naquella região.

Allegavam os peticionarios que até á data em que assignavam a petição, Diogo havia matado 196 Onças — flagello para elles resilentes nos sertões goyanos, mui maior que as pestes e epizootias que pudessem accommetter as criações bovina e cavallar.

"A fé de officio do caçador goyano, dizia outro escriptor desse tempo, era simples e eloquente como uma inscripção lapidaria.

"Teve desdenhoso silencio a petição de seus patricios. E que outra mereciam elles senão essa, vindo provar que o caçador tinha direito á gratidão nacional ?".

Outros caçadores de Onças famosos houve neste paiz, antigamente. O Visconde de Porto Seguro, mencionava um paulista, que na idade de quarenta annos já havia, com sua espingarda de Braga e o seu cão, matado mais de cincoenta Onças. Não é inutil ajuntar que uma das qualidades que ez o jaguar animal perigoso é a sua astucia, predicado este que lhe tem valido a grande fama justificada do seu triumpho sobre os homens e sobre os irracionaes. Comtudo, não se lhe póde negar que seja animal de grande força e coragem. Movido pela fome ataca todo e qualquer vivente, esteja onde estiver.

*

* *

O Jaguar, como rei dos nossos animaes indigenas, é como todos os soberanos despotas, odiado pelos seus subditos, que de mais a mais lhe amesquinham o saber e as qualidades intellectuaes, fazendo-o passar por um papalvo nas lendas populares hoje por todo o Brasil.

Ora é o Macaco, ora é a Raposa que lhe desfructam o valor.

Todavia, é admiravel tão mesquinho conceito de um animal que se caracterisa pela astucia — —qualidade que presuppõe alto grão de intelligencia. Aqui vai uma interessante lenda que faz parte do nosso *folk-lore* de procedencia indigena: Um dia, quando todos os bichos falavam, a Onça resolveu vingar-se da Raposa. Fingiu-se morta em seu covil. Então, todos os animaes se reuniram alli e, acreditando no ardil da Onça, festejavam o grande acontecimento.

Por ultimo veio a Raposa e esta, cá de fóra do covil, pergunta aos outros animaes:

— A Onça já arrotou ?

— Qual o que! se ella está morta !

— Pois olhem, meu avô depois de morto arrotou tres vezes seguidamente.

Ouvindo isto que dizia a Raposa, a Onça commetteu o disparate de arrotar tres vezes, seguidamente. O resto já se sabe — foi uma debandada geral, a Raposa primeiro.

HENRIQUE SILVA

FRONTEIRAS DE GOYAZ

Entre as memorias apresentadas ao Congresso Brasileiro de Geographia, em sua ultima reunião na cidade de Bello Horizonte, figurou uma que acaba de ser distribuida impressa em excellente volume. E' a que trata dos limites de Goyaz com os Estados confinantes (Matto Grosso, Minas Geraes, Pará e Bahia) e offerecida áquella conspicua congregação de competentes pelos delegados daquelle Estado, Vice-Almirante José Carlos de Carvalho, Dr. Olegario Herculano da Silveira Pinto e Henrique Silva, sendo este ultimo o relator.

E' já Henrique Silva muito conhecido em nossas espheras intellectuaes, como dos mais operosos e abalisados entre os que no Brasil se occupam de historia natural, de geographia, das nossas tradições, e em geral do nosso *folk lore* e coisas do passado.

E' um dos mais eruditos sabedores, entre nós, da terra e da gente; e quanto ao Estado de Goyaz, e de todo o nosso *interland* é seguramente a autoridade mais decisiva.

Póde-se, pois, de ante mão fazer idéa do trabalho em questão, notavel na especialidade, como todos os que sáem da sua lavra.

Começa elle por um historico das vicissitudes que vem Goyaz soffrendo na fixação de suas fronteiras, desde os primeiros tempos até nossos dias. Registra em seguida grande numero de documentos, muitos da maior importancia para a liquidação dos limites com Matto Grosso e com o Pará, pois com a Bahia e Minas não ha propriamente controversia quanto a limites.

E' de notar que dos primeiros documentos se verifica logo que até 1753 se consideravam como definitivamente assentadas as fronteiras entre as duas capitanias, hoje Estados do alto sertão. E' dahi em diante que se suscita o litigio. Collige então o relator da memoria novos documentos em profusão, para mostrar como até o segundo reinado ninguem contestou os legitimos limites sustentados por Goyaz. Só depois da Republica é que surgem as pretenções de Matto Grosso.

Ora, uma observação está sahindo da penna quasi que reflexamente: — ora Matto Grosso a crear pendencia com visinhos para augmentar, á custa dos outros, o seu territorio !...

Em seguida, occupa-se o illustre autor da memoria dos casos com os outros Estados, reunindo grande cópia de papeis de alto valor historico elucidativo das varias questões.

Indios Carajás pescando no Araguaya. Talvez na espreita d um Pirarucú...

Entre toda a documentação colligida sentimos que já ão esteja o mappa de Tossi Colombina, de 1751, comquanto e diga no texto que se junta delle uma cópia a esta memoria. Esse mappa é de um valor historico incontestavel; e bastaria lle para dar ao trabalho de Henrique Silva uma importania consideravel. Tambem não sabemos se ha de figurar em lguma edição futura da memoria toda a documentação carographica citada na presente edição.

De qualquer modo, é interessante o trabalho do infatiavel escriptor; e relevante o serviço que assim tem prestado os varios Estados envolvidos no litigio, pois é evidente que todos hão de querer uma solução baseada na verdade, para ser justa.

ROCHA POMBO.

N. da R. — O mappa de Tossi Columbina, que está a sahir das officinas graphicas da 3ª Secção do Estado-Maior do Exercito — documento historico da maior valia para a questão vigente, como tambem outros mais, devem apparecer em *separatu*, por todo o mez corrente.

COBRAS SUCURYS

Certo não ha ahi quem já ouvisse dizer destas giganeseas serpentes que vivem nos rios, lagos e pantanos do osso paiz.

Segundo Beaurepaire Rohan, Pará lhe chamam *Suuripú;* na Bahia, *Sucuriuba;* no Maranhão,*Sucurujú;* e m outras partes *Sucurijuba, Sucuriú, Sucurujuba* e *Suurinjé*.

Mas como tantas outras especies faunianas indigenas, sta que a gravura representa e que tem por *habitat* o Brasil Central, necessita ainda de um estudo com a fórma visinha onhecida dos naturalistas nos grandes rios e lagos da mazonia e do littoral — para occupar seu lugar, á parte, a systematica.

Que me perdôem os senhores zoologos a minha bisbiotice, levantando a ponta deste véo.

Já Emmanuel Liais previa que independentemente o Sucuriú dos nortistas — *Eunectes murinus* — não era uvidosa a existencia no Brasil, de uma outra serpente não enenosa, com maculas semelhantes ás da Giboia, mas haitando nos sitios pantanosos.

A Giboia mede no maximo tres metros e meio de omprimento, e só vive em secco; emquanto que os Suurys, pelo menos os do interior, attingem 15 e mais metros de comprimento.

No Brasil Central os burityzaes, que formam alamedas os campos, são as moradias predilectas dos Sucurys, que or terra passam de um burityzal a outro. Dão igualmente referencia aos rios e lagos cercados de vegetação campena, no que differem ainda do Sucuriú das regiões littoneas e amazonicas, onde esta ultima especie é encontrada as paragens sombrias, cobertas de mattas. Dahi talvez se xplique a côr escura de uma e a côr-amarella de outra esecie.

Muitos naturalistas têm confundido lastimavelmente Giboia. — Boa constrictor — com o Sucury. Este é um norme ophidio aquatico, cuja contextura, flexivel e elasca como uma fita de aço, permitte-lhe uma extranha, exaordinaria resistencia muscular quando lucta contra os utros seres animados.

E' curiosissima a maneira pela qual o Sucury dá caça os animaes que lhe servem de alimento: prende a extreidade da cauda, munida de uma formidavel unha, ás aizes que solapa no fundo dos poços que servem de bebeouro aos animaes domesticos ou selvagens, ficando a arte superior do seu corpo occulto em fórma de rodilhas ob a espessura dos agua-pés marginaes, e assim se deixa icar á espera da primeira rez incauta que se lhe approime.

Então, de um bote apressado aboca e prende nos afiaos colmilhos a sua victima. Esta, enlaçada, se esforça por e escapulir, mas inutilmente, pois aos arrancões violenos é trazida para junto do poço onde o Sucury tem merulhada a possante cauda apprehensora.

Para poder devorar o animal apresado, quando se trata de um boi ou outro grande mammifero, depois de lhe babar todo o corpo, deitando-lhe uma especie de gosma viscosa e fétida que lhe sahe pela larga bocca, envolve-o nos fortes anneis que se apertam, apertam até quebrar os ossos maiores do esqueleto da sua presa. Só não consegue é quebrar os chifres do gado vaccum ou dos cervideos; mas dessas incommodas armas alheias o traiçoeiro ophidio se desfaz no fim de alguns dias — mettendo-se nagua até que pela putrefacção ellas se desprendam.

Lendo-se em *Caças e Caçadas no Brasil,* o que ahi fica um respeitavel critico indigena tomou-se de espanto e manifestou sua incredulidade com uma immensa admirati
va... que uma cobra pudesse engulir um boi — fosse este inteiro ou castrado.

O TRANSPORTE DAS SUCURYS

As nossas cobras sucurys são conhecidas, sobretudo na Europa, onde, durante muito tempo, tiveram o terror que inspiram ligado estreitamente ao nome de Brasil... Nés outros brasileiros muito pouco as conhecemos— tanto que se torna devéras interessante o artigo que damos abaixo e que esclareee sufficientemente sobre a natureza dessa especie ophidea habitante das nossas mattas e rios mais ou menos ignorados.

Mas o que ninguem me poderá contestar é que o referido no meu livro de cynegetica passa por cousa proverbial em todo o interior do Brasil, sabida como é de toda a gente.

Disto mesmo dava seu testemunho valioso o illustre escriptor Affonso Arinos — que das cousas sertanejas não precisava fallar de oitiva, porque tão bem as sabia desde a sua mocidade, de quando das suas longas viagens redondas, através dos longinquos sertões de Goyaz e Minas.

Por outro lado é mister ignorar-se que as serpentes têm os dois lados da maxilla inferior unidas por um ligamento elastico podendo a bocca dilatar-se para os lados, e mais, que "com tal disposição, as serpentes assaltam presas tão grandes que impossivel parece poderem tragal-as". (Dos compendios elementares de zoologia).

Evidentemente o grande critico nacional jámais se déra á canceira de estudar as sciencias naturaes na parte relativa á physiologia das serpentes.

A proposito das serpentes diz Charles J. Canish no "The living germinals in the World":

"Os bons typos têm um parente proximo que habita as partes tropicaes da America do Sul, o "Eunecte Murin" ou "Anaconda", do Brasil e dos paizes visinhos.

E' incontestavelmente a maior de todas as serpentes, attingindo com effeito, approximadamente a 12 metros. O botanico Gardner falla em suas relações de viagem no Brasil de um destes monstros, que havia devorado um cavallo; encontrou-o morto, engarranchado nos ramos de uma arvore que dominava um curso d'agua; fôra levado por uma enchente.

Os bois, assim como os cavallos e os homens muitas vezes, são victimas desta gigantesca serpente".

Nada havia de mais, pois, na noticia dada outro dia por um dos orgãos de maior circulação nesta Capital, de que no Rio Verde, sul de Goyaz, uma Sucury medindo 55 palmos engulira um viajante, que calçava botas de montaria com esporas de ferro.

Não era das maiores da especie conhecida no Brasil Central — mas infelizmente desconhecida dos zoologos estrangeiros e nacionaes.

Procurem um especimen empalhado de Sucury no Museu Nacional: se encontrarem uma pelle desse curioso animal, ella não medirá mais de 5 ou 6 metros, e trará, por certo, na etiqueta, estes dizeres classicos — *Sucurijuba. Especie de cobra grande do Amazonas.*

HENRIQUE SILVA.

Bibliographia Goyana

Almanach de Santa Luzia. 1920. Organizado por Evangelino Meirelles e Gelmires Reis. Typographia d'*O Planalto,* Santa Luzia — Goyaz.

E' o quarto almanach de Goyaz dado á luz, o quarto pela ordem chronologica, mas o primeiro pela sua importancia.

O mais antigo trabalho desta natureza vem a ser o *Almanach Brandão* publicado em 1886 — uma miseria mental que o grande espirito de Felix de Bulhões não conseguiu valorisar, num prefacio aliás escripto a contra gosto, onde aquella ironia caracteristica do seu temperamento não poude ser dissimulada.

Depois veio o *Annuario Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz,* organizado pelo agrimensor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Como obra de fancaria desthronou a do Brandão, seu émulo e antecessor. Uma tristeza, só comparavel áquelle "papel pintado" que se intitula — *Mappa* (ou cousa que o valha) — *do Estado de Goyaz,* dedicado ao geographo Dr. Olympio Costa, um dos mais competentes conhecedores da culinaria goyana.

Mais recentemente veiu-nos ás mãos o *Almanach Caxoeirense,* do Sr. Seabra Guimarães. *Me guarda e passa...*

O trabalho dos Srs. E. Meirelles e Gelmires Reis, não é a ultima palavra sobre a materia, mas constitue seguro coefficiente para nova tentativa nesse genero litterario, até aqui tão maltratado em Goyaz. Nós daqui o applaudimos com as mãos ambas, e felicitamos os seus auctores, pedindo a esses esforçados moços que no proximo anno estejam de volta, como promettem. São mui prestadias e interessantes as *Coisas luzianas;* porém, em plano superior avulta o minucioso estudo sobre o rico e prospero municipio de Santa Luzia. A parte historica já nos era familiar, mercê das eruditas notas em tempos publicadas na imprensa goyana pelo grande investigador destas cousas, que foi Joseph de Mello Alves, cuja effigie bem merecia ser reproduzida no *Almanach de Santa Luzia,* de preferencia a outras que nelle apparece. O nome de Joseph de Mello é um patrimonio luzianio, não deve, nem deve ficar no olvido em se tratando da sua terra natal.

E' que os nomes dos benemeritos de Goyaz não podem ser jamais esquecidos numa terra onde elles se contam com os dedos da mão, e se os procuram só o fazem com a lanterna de Diogenes.

A INFORMAÇÃO GOYANA

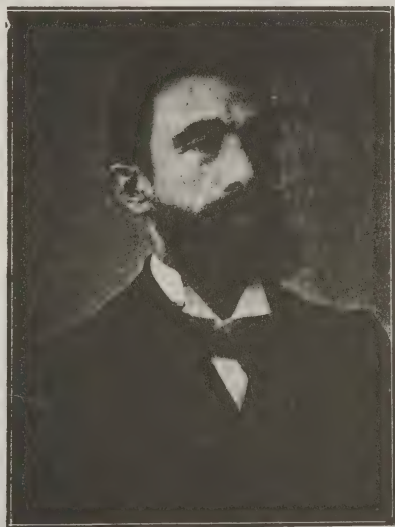
Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA S. JOSÉ, 31

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1920 — VOL. III—N. 9

DR. LUIZ CRULS

Esta pagina de honra era uma divida de gratidão á memoria do sabio que deu vida e nome ao planalto goyano, onde demarcou a área geographica destinada ao futuro Districto Federal da Republica.

Cruls era uma alma elevada, a figura de um caracter nobre, austero e servido por um espirito superior.

Seu nome está, pois, ligado ás aspirações da nova geração brasileira, e mais particularmente aos filhos do "hinter-land", que ainda esperam ver a Capital da sua patria edificada no coração do Brasil.

SUMMARIO

Cartographia Goyana

II

Além da *Carta Geral da Capitania de Goyaz,* levantada no anno de 1751 pelo famoso engenheiro italiano Francisco Tossi Colombina, ha delle ainda outro mappa que interessa sobremaneira o nosso Estado na actual phase da sua mais que secular questão de limites com o de Matto Grosso.

Referimo-nos á *Planta Odographica ou demonstração do Caminho que guia de Villa Bôa de Goyaz até Villa Bella de Matto Grosso, com a descripção dos Rios, Corgos e terreno conhecido e algumas Serras que medião entre as duas Villas. Descobertos estes que pella extenção do mencionado Caminho se havião feito até* 15 *de Dezembro de* 1872.

Este importantissimo documento graphico acompanha e illustra a Carta XXIII das *Noticias Soteropolitanas e Brasilicas* existentes na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Nesse mappa historico os limites de Goyaz e Matto Grosso correm pelo rio de S. João, que desemboca no Araguaya, abaixo do Rio das Mortes.

Cotejando-se este curioso documento cartographico com a *Planta Geographica em que se mostra toda a Capitania de Goyaz huma das centraes dos Dominios Portuguezes na America do Sul,* resulta que esta foi decalcada na de Colombina, como dissemos na nossa ultima edição.

O nosso director já foi autorizado pelo governo de Goyaz, a mandar fazer nova edição da alludida *Planta Odographica,* de Francisco Tossi Colombina.

Planta Topographica do Paiz dos rios Claro e Piloens na Capitania de Goyaz, mandada levantar depois de averiguado aquelle continente. Nella se mostrão os lugures ou cadeas de guardas que demarcão as terras diamantina vedadas de agricultar-se, em Junho de 1772 fez Francisco Soares de Bulhoens procurando o descoberto de Urbano do Couto.

Não traz o nome do autor, mas é muito de presumir que ella seja ou da autoria de Colombina ou de Thomaz de Souza, ambos por esse tempo na antiga Villa Bôa de Goyaz — e unicos capazes, então, de executar um trabalho desta natureza.

Seja de quem fôr; o certo, porém, é que vale a pena ser reeditado, para o conhecimento dos estudiosos da historia e geographia de Goyaz.

Nella se vê todo o trajecto feito por Ignacio Soares de Bulhões desde Villa Bôa ao celebre *Fundão,* onde se suppunham os *Araés,* como do *Roteiro* de Urbano do Couto, companheiro de Bartholomeu Bueno da Silva, filho, na sua bandeira á Goyaz em 1722. Assignála, por exemplo. um grande lago com o nome de *Pasmados,* de que não nos dizem nem os geographos, nem os cartographos.

Esta *Planta Topographica do Paiz do Rio Claro,* etc., se encontra nas referidas Cartas Soteropolitanas, e tem o numero 5, da Carta XXIII.

Mappa que mostra a confluencia do rio Maranhão (Tocantins, com o Araguaya e os logares onde se devem estabelecer os presidios que protejam a sua navegação; tirado por ordem do Illmo. e Exmo. Sr. Fernando Delgado Freire de Castilho, governador e capitão general da Capitania de Goyaz, no anno de 1811.

Entre esses presidios se acha um junto á Cachoeira de Itabóca, á montante della. Outros nucleos de população goyana vêm assignalados tanto na margem esquerda como na direita do Tocantins, até aquella alludida cachoeira, que, como se sabe, fica muito abaixo do outr'ora presidio de Itacaiunas na confluencia do rio deste nome com o Araguaya. E' um documento de subido valor no tocante aos limites de Goyaz com o Pará, por isso que os referidos estabelecimentos militares foram fundados pelo governador de Goyaz, Fernando Delgado, em virtude de ordens recebidas da Metropole por intermedio do conde de Linhares, então Vice-Rei do Brasil.

Por ella se vê que a actual Villa de S. João do Araguaya occupa o local do antigo Registro goyano da Foz do Araguaya, e a Villa de S. João das Duas Barras, séde da Comarca do mesmo nome, tambem goyana, ficava abaixo do Itacuiunas, junto á Cachoeira de Itabóca, extremo norte da Capitania de Goyaz.

Ha dois alvarás — o de 18 de Março de 1809 e o de 25 de Fevereiro de 1814, que asseguram a Goyaz a posse legal da alludida zona, ora occupada pelos paraenses.

HENRIQUE SILVA.

TERRA VELHA

A historia de Goiaz está por ser escripta.

Relegada, pelas nossas administrações, para um plano inferior ou de completo desprezo, tem tido cultores, é certo, em varias epocas; todos elles, porém, foram e são pessoas que, absorvidas por outros afazeres, pelas necessidades da luta pela vida, jamais puderam ordenar e metodizar um trabalho de resultado eficiente.

Esta circumstancia não traz demerito: antes exulta o merito do esforço, a que se devem os dados e apontamentos que existem esparsos e que, infelizmente, só a peso de imensos trabalhos e sacrificios poderão ser regularmente coordenados.

Chegada a Roncador d'um auto vindo de Bomfim

No periodo colonial, Goiaz contou, entre seus filhos e estranhos, alguns excelentes constructores da obra da nossa Historia.

Foram deste numero, indirectamente, desde os Jesuitas, com os seus ricos arquivos, contando-se entre elles o Padre Antonio Vieira, até Jaboatão e Pedro Tacques.

Vieram os contribuintes estranhos, como Saint Hilaire e surgiu o formoso espirito de Cunha Matos, que, alem da sua Corografia e do seu Itinerario, teve o merito de levantar do silencio dos Arquivos da Camara de Goiaz a obra de Silva e Souza.

Castelnau, Pohl e outros viajores illustres prestaram grande serviço, e Alencastre fez boa obra, embora cometesse o delicto de empobrecer os nossos arquivos, subtraindo-lhes preciosos originaes.

Na Provincia, o Comendador Joaquim Alves, o Padre Gonzaga Fleury, Padua Fleury, José do Patrocinio Marques Tocantins, Couto de Magalhães, o dr. Jeronimo Curado Fleury, o desembargador João Bonifacio, Felix de Bulhões e outros, como Alencastre, cuidaram tambem da nossa obra historica.

Depois de 15 de Novembro, o descuido pelas nossas glorias e tradições se foi firmando, porque a politica se tornou objecto dos mais absorventes cuidados.

O comandante Henrique Silva, estoico em meio de cepticos, ficou sendo uma força viva, a cuidar da nossa historia. Rodearam-no, muitas vezes, outros patricios, mas muitas vezes ficou só.

Ferreira de Azevedo e Benedicto Monteiro, em planos de publicações, e Alencastro Veiga, com os seus Albuns e postaes, animaram os estudos e o governo Xavier de Almeida, cuidando das questões de limites, tambem volveu olhares para o problema.

A comemoração do Centenario de Goiaz, a que o snr. Alves de Castro, num momento de feliz inspiração, deu caracter oficial, foi um belo despertar de energias e de cuidados e assinalou uma passagem, que, se se não perder no cáos de outras agitações, póde vir a dar bons frutos.

* * *

A despeito dos esforços que vimos assinalando, tudo está por se fazer, com relação á nossa Historia.

Nas referencias aos trabalhos feitos, silenciei, de calculo, a obra do venerando senador Diogo de Vasconcellos, admiravel pesquizador e grande amigo de Goiaz.

Seu trabalho é de extraordinario valor, é indispensavel a quantos queiram conhecer a Historia de Goiaz; entretanto, para bem se aquilatar do quanto é pequeno o nosso esforço, accentuarei que talvez não haja dez goianos que conheçam as pajinas magnificas da Historia Antiga das Minas Geraes, que sao um punhado de homenagem ao nosso sangue e valiosos subsidios da nossa Historia.

* * *

De quantos se consagram ao estudo da historia de Goiaz, talvez seja eu quem melhor soma de documentos e obras haja conseguido reunir, como propriedade privada.

Não poupo esforço, nem sacrificios, para reunir elementos, que — se de nada valerem em minhas mãos, porque a luta pela vida me não dá treguas a trabalho eficiente, poderão servir, amanhã, em outras mãos, para uma obra de utilidade, enriquecendo o Arquivo Publico, que, mais dia, menos dia, ha de ser creado.

De quanto hei estudado e pesquizado, para a minha obra em elaboração — O Brasil Central, pontos ha que se tornaram, para mim, de verdadeiro martirio mental.

O primeiro Anhanguéra ou seu filho, o chefe da Bandeira de 1722 — eis para mim um ponto de duvida, que muitos têm resolvido com a maior facilidade, sagrando o filho; fico, no entanto, dentro das minhas duvidas e sómente me haverei por convencido, depois que Diogo de Vasconcellos e o Roteiro de Antonio Pires de Campos me permitirem a mudança de crença.

Por emquanto, estou dentro do ponto de vista, que o estudo me impôz.

O saber qual o porto do Rio Grande por onde entrou a Bandeira, foi outro objecto de muitas indagações. Consegui, com muito esforço, chegar á conclusão, já aceita por Henrique Silva e outros estudiosos, de que o antigo Porto de Santa Barbara, que se relegou a completo abandono, foi o logar onde demoraram os bandeirantes, que ali aportaram a 26 de Julho de 1722, com 23 dias de viajem de S. Paulo.

Ha um ponto da nossa Historia que reclama pesquizas, acurados estudos: é o saber-se "qual é a mais velha terra de Goiaz".

Terra Velha — intitulei estas linhas. Intitulei bem. Bartolomeu Bueno, filho de Francisco Bueno, veio a Goiaz em 1682. Residia, então, em Paranahyba, onde tinha os seus latifundios.

Depois, com os aborrecimento causados pela aclamação de Amador Bueno para Vice-Rei de S. Paulo e sua recuza de aceitar as insignes honras da realeza, volvidos os cuidados dos paulistas para os descobrimentos do Paiz das Esmeraldas, Bueno se contou entre os que primeiro se estabeleceram nas Minas Geraes.

Elle, pessoalmente, com sua familia e com seus escravos e indios escravizados, se fixou em Pará de Minas.

Seu genro, João Leite, homem de avultados haveres, se estabeleceu em Curral de El-Rei, tendo o outro genro, Domingos do Prado, ido se fixar em Pitangui, onde se tornou o Regulo potentissimo, que tantos trabalhos e perdas causou aos dominadores portuguezes, sendo necessarias todas as energias do Conde de Assumar, para que se amortecesse e se apagasse o seu poderio.

Sentindo-se incompatibilizado com as justiças ordinarias dos portuguezes, Bueno se deslocou dos seus latifundios, por volta do anno de 1718, e se veio estabelecer, com sua familia, seus escravos e seus indios escravizados, nas terras de Goiaz.

Ora, se assim foi, a mais velha das terras de Goiaz, sob o ponto de vista puramente historico, será aquella onde, em 1718, se estabeleceu Bueno.

Em 1720, já Bueno habitava a terra goiana, de modo que, quando a policia do Conde de Assumar caiu de rijo sobre Domingos do Prado e este não mais pôde resistir, com vantagem, á acção dos portuguezes e teve de fugir, foi á companhia do sogro, Bueno, que veio ter, encontrando asilo longe da pressão oficial.

Uma india, conhecedora do Sertão, familiarizada com os caminhos, foi a guia de Prado e dos seus, desde Maependi até o ponto de Goiaz onde Bueno se estabelecera.

Quando Bueno se dispôz a implorar os favores de El-Rei, para levar a termo os descobrimentos, com a sua Bandeira, munido das garantias dos alvarás, foi das terras de Goiaz que se dirigiu ao Soberano e a Rodrigo Cezar. A sua carta é datada de **Meia Ponte.**

Ligando o passado ao presente, indaguemos, pesquizemos: onde estava o Anhanguéra, quando fez a proposta da organização da Bandeira ?

Qual a "terra velha", isto é, que primeiro foi habitada por conquistadores ?

Meia-Ponte era o titulo que se lhe dava, em 1720.

Saber isto é já saber alguma coisa; entretanto, onde está a **Meia Ponte** daquelles tempos ?

Tres Meias-Pontes figuram na nossa historia e geografia, a saber :

I — Meia Ponte, Rio, que conserva este nome. Nace no Espigão Mestre, divortium aquarum do Tocantins e Paranaíba, tres leguas acima da Fazenda das Tres Barras, ou Catingueiro Grande e duas leguas acima da Fazenda do Moreira, hoje pertencente ao snr. João Baptista Fagundes.

Os engenheiros que determinaram o traçado definitivo da Estrada de Ferro de Goiaz fizeram um apreciavel trabalho de observações e estudos deste Rio, "que é Rio majestoso, rico, desde o momento que nasce".

II — Meia-Ponte, cidade, hoje Pirenopolis. E' a Perola dos Pirineus, em cujo diadema figuram, com realce, as riquissimas e futurosas minas de ouro do Abade.

III — Meia-Ponte. Teve tambem este nome, nos primeiros tempos, o Rio Paranaiba.

Em qual das Meias-Pontes primeiro se abrigou o valoroso Cabo da Bandeira de 1722 ?

Na primeira Meia Ponte, rio ?

Não parece provavel.

E' certo que Bueno, no periodo dos descobrimentos, nos penosos tres annos de excursões, demorou no vale do Meia-Ponte.

Assim como o seu genro, João Leite, demorou na zona do Ribeirão João Leite, que lhe conserva a memoria, no

nome, e é afluente do Rio Meia Ponte, no qual desagua pouco abaixo da cidade de Campinas, assim tambem o Bueno demorou nas margens do mesmo Meia Ponte, entre os Ribeirões das Inhumas, do Quilombo e das Lages.

O Corrego do Ouro é uma recordação da sua demora, e as lavras que ali existem, em pleno coração do nosso Mato Grosso de Goiaz, dão testemunho eloquente da permanencia do grande Paulista em meio da nossa grandiosa floresta.

Resa a tradição que foi justamente ali, nas arranchações do Corrego do Ouro, que se deu o motim de parte da gente de Bueno contra o seu chefe. Silva Braga detalha o acontecimento.

Mas não foi, não ha vestigios de ter sido ali o ponto onde primeiro se fixou o Bandeirante, antes de ir para São Paulo organizar a Bandeira.

Meia-Ponte, cidade, tambem parece que não foi o primeiro ponto habitado por cristãos.

Nem a tradição oral ou escrita, nem vestigios atestam que por ali se demarcasse a terra velha.

Meia-Ponte, por confusão, primeiro nome do Paranaiba, será o ponto ?

Não parece. Nem vestigios, nem tradição nos indicam a possibilidade de ser.

Onde fica, então, a terra velha de Goiaz ? Onde primeiro se estabeleceu Bartolomeu Bueno ? Onde o veio encontrar Domingos do Prado, quando fugiu á policia do Conde de Assumar ? De onde foi que elle pediu a El-Rei as garantias dos Alvarás ? De onde foi que elle primeiro escreveu a João Leite, convidando-o para a memoravel jornada ? De onde foi que elle partiu para S. Paulo, depois de aceita a sua proposta, para contratar a diligencia ?

Do **Porto** de Roncador, onde hoje estou de pouso, é que escrevo estas linhas, que a **Informação Goiana** guardará em suas generosas colunas.

Faço as perguntas e rogo aos estudiosos e aos eruditos que busquem a solução.

Ouço, do lugar onde escrevo, agora, ás 22 horas do dia 15 de Março de 1920, quando o movimentado Arraial do Roncador jaz em repouso; ouço o impressionante marulhar das aguas do Corumbá.

Meus olhos estão, por assim dizer, fixados nas ruinas da Fazenda do Anhanguéra, a cerca de 9 quilometros daqui e a uns 6 quilometros do visinho Porto do Anhanguéra ou da Eulalia, trineta de Bartolomeu Bueno, pai, falecida ha 10 annos.

Meu pensamento está voltado para o passado, que contemplo com religioso respeito.

Ligando o passado ao presente e ligando tradições e vestigios, e recorrendo á logica dos factos, que é força eficientissima nas pesquizas historicas, parece-me que encontro a Terra Velha de Goyaz, a primeira que foi habitada por cristãos.

Estarei certo ? Estarei errado ?

Em outro trabalho darei as razões que me guiam á crença de poder contribuir para a solução de um tão importante problema da nossa Historia.

MOIZÉS SANTANA,
Da Sociedade Goiana de Geografia
e Historia.

UM DRAMA NO SERTÃO

A Henrique Silva.

O sol desapparecia, deixando sangrento o occaso, cujas reverberações aureolavam as cristas azuladas da montanha, ao longe, e reflectiam dourando a cumiada altaneira da mataria virgem, acinzentada pelo fumo das queimadas. Um mormaço abafadiço elevava-se da terra resequida e poeirenta. E' suffocante... um vixume estranho, nesta hora mystica de saudades, opprime o peito do vivente, donde se evola a alma para um alem, longe, no passado, que é sempre mais feliz, porque a patina do tempo empallideceu as cores muito vivas e a tristesa substituiu á melancholia. Uma dolente quietude paira sobre a natureza. Os bandos de papagaios, antes alacres e barulhentos, volitam silentes, só de quando em quando soltam um ourau-ourau melancholico. Os passaros pretos não repicam seu trinado, vôam para as cumiadas das palmeiras, acoitando-se na coma hospitaleira. A perdiz é mais soffredora, seu piar tem mais tristezas; e, por isso, ajunta-a á da solidão, acordando os echos dos cerradões tostados, onde aqui ou alli fuméga um tronco apodrecido.

Até a habitação da fazenda parecia dormir.

A casa baixa, com largos beiraes recurvados e coberta de ennegrecidas telhas portuguezas. Estavam fechadas a tosca porta de frente e as duas janellas lateraes á esta, que eram as unicas que se podiam ver, voltadas para o quadrangular curral, cercado de grossos toros de madeira, unidamente fincados a pique. Não se via evolar do telhado o fumo do lume da cosinha, annunciador de vida interior. Ainda alguma gallinha retardada corria a se empoleirar numa goiabeira, pegada á cerca de fundo do curral, incommodando as outras já pousadas, que cacarejavam aborrecidas. As vaccas leiteiras ruminavam socegadamente, de fóra, olhando, por entre as fendas da cerca, as crias aconchegadas no palhiço do curral.

De manso, abre-se a porta da habitação, assomando aos umbraes, apparece uma mulher, ainda nova e bonita; tinha as feições graves, olhares inquietos que transpareciam aborrecimento. Um lenço encarnado, em fórma de touca, prendia, encobrindo-lhe os cabellos, mas um cachosinho cahido sobre a face meio empalledecida, denunciava-lhe a côr: quasi louro. Dos hombros pendia um chale, cujas pontas cobriam o corpo dum entesinho que dormia no aconchego dos seis maternos. Um vulto que se approxima, pelo trilheiro tortuoso, fere-lhe a attenção, assusta-a. Cabeça erguida, franze os sobr'olhos e concentra a vista.

Era já Ave Maria. Não se ouvia o badalar melancholico do sino da ermida branca do outeiro, convidando os fieis á prece do Angelum. A estrella Vesper brilhava com refulgencia; e outras estrellinhas appareciam "pisca-pisca", como os cilios de olhos onde vae marejar o pranto. Não serão ellas as lagrimas crystalisadas das virgens que feneceram, chorando suas illusões perdidas nos amores infortunados, como querem os poetas? O vulto destaca-se nitido, na porteira do curral: é um cavalleiro. Entra desceremoniosamente, e, cruzando novamente as varas da porteira, approxima-se da senhora, dona da casa. Dos labios já risonhos da sertaneja escapa-se um prolongado oh! oh!... seu Salomão!... quasi não o conheci, o senhor arranjou um chapéo tão desabado que não me deixou ver-lhe as feições. Tambem mudou o animal de sella. Mas... desapêa.

O homem carregou para traz a aba do chapelão de palha; deixando ver a tez morena, tisnada pela canicula bravia, habitual das longinquas paragens goyanas; e sorria, pondo á mostra a alvura dos dentes capivarinos. Tinha bigodes negros; olhos miudos, cheios de malicia; o pescoço, curto e grosso, enterrado no tronco robusto e espadaudo.

— Eu combrei este besta pr'a aguenta melhor a viagem; e este chapéo é bor causa do sol que está de derrete agente, — disse elle, num tom carregado e constrangido, deixando-se perceber sua nacionalidade oriental.

— Que é do batrão, perguntou elle, apertando a mão da senhora, cumprimento costumeiro e indispensavel no sertão.

— Zéca foi chamado, ás pressas, em Bellavista, disse ella; está passando mal de saude o Tolentino, primo delle. Sahiu já o sol descambando do meio dia; vae chegar tarde, do Barro Amarello á cidade é um estirão.

Eu fiquei sosinha; nem sá Benedicta, nem sá Joanna por signal, estão cá hoje. Ia pousar lá do outro lado, em casa do compadre Chico; mas com a sua chegada, homem conhecido e de bem que é, posso ficar aqui mesmo. Foi bom. Deixando-me entregue ás labutas caseiras, o tempo passou; e, só agora, acordou-me que precisava atravessar o ribeirão e o mato da tapéra, e assim á bocca da noite, estava com medo...

O Turco (nome que, no Sertão, se dá sem distincção a Syrios e Musulmanos) abaixou a cabeça para não deixar transprecer um sorrisosinho malicioso, satanico, que não seria desapercebido á ingenua, mas desconfiada sertaneja.

— Desarrêa seu animal; dá-lhe a ração de milho e solta-o no mangueiro, que o senhor já conhece; não faça cerimonia, a casa é a mesma. Vou preparar-lhe a janta, disse ella voltando as costas.

....

....

....

Eram horas mortas da noite. O silencio da solidão pesava sobre a natureza sertaneja. No interior da habitação tudo dormia; só a ratazana vagabundeava, choromingante, percorrendo as tulhas de mantimento, ou tentando assaltar as esteiras de queijos, protegidas pelas cabaças escorregadiças.

No escuro da sala, um homem, com os ouvidos collados á parede de barrotes, calafetada de barro, e apenas se elevando até á travessa, procurava ouvir o que se passava num quarto, donde se erguia uma tenue luz. Reprimia a respiração de seus pulmões vigorosos.

— Ella dorme... que resonar gostoso!... escapou-lhe, afinal, estas palavras dos labios tremilicantes de selvagem voluptuosidade.

Passou a curta mão de dedos Bhombos pela farta cabelleira negra, turbilhonado por pensamentos lugubres. Seus olhos incendiam-se como os da onça irada, na escuridão da furna.

Com o auxilio de uma cadeira, escala, agil, a parede e deixa-se escorregar de manso, dentro do quarto. Volve os olhos: uma candeia de azeite especada á fenda do portal, lançava luz morteira sobre a alvura dos lençóes dum catre, onde repousava uma mulher adormecida. Seu corpo gracioso flexivelmente se curvava para o canto, conservando os braços como a proteger o corposinho do filho, a seu lado, tambem adormecido. O homem dá mais um passo; e ella volta-se sobresaltada, erguendo-se a meio, solta um grito que o terror abafa-lhe na garganta. Já mãos possantes a agarram, tentando subjugal-a. O debil corpo, que o susto acabrunhara, retoma as forças que o desespero duplica; e, num esforço supremo, luta como um tigre.

— Senhora d'Abbadia... misericordia... soccorro... implora ella, com voz entrecortada de soluços.

Mas o homem, que se advinha, o Turco, com o rosto arranhado, unhado, escorrendo sangue, num impeto de colera, suffoca nos braços herculeos a joven sertaneja. E' amordaçada, rijamente amarrada com os lençoes; jaz, tolhida de qualquer movimento, sobre a cama amarrotada. O cansaço da luta, a prostação de corpo e de espirito vencem-na; um suor frio inunda-lhe a fronte... os sentidos lhe faltam.

— Conheceu homem, mulher damninha? Gata bravia, endemoniada!... Agora, que é do dinheiro de teu marido? Dize, dize, dize mulher, sinão te mato (si a tinha amordaçado). Pegou na criancinha, meio asphyxiada pelo pranto, sacudiu-a, ameaçando esmagal-a ao chão. A mãe está calada, immovel.

— Eu te mato, e é enforcada. Voltando os olhos pelas paredes viu, dependurado num cabide de chifre de veado, um laço enrodilhado, graxoso. Lança mão delle; e sóbe a um tamborete afim de atar a corda a um caibro. Mas a altura ainda é pouca; procura elevar-se mais, apoiando um pé no gradil da cabeceira da cama.

— Dize, mulher, onde está o dinheiro, porque te enforco, repetia elle, fungando, com o rosto contracto, preparando o nó corrediço.

Terminado este, experimentava-o no proprio pescoço, apreciando sua escorregabilidade; e, assim esquecido, falsêa-lhe o pé, rolando o tamborete. Um baque pesado balança toda a casa. A candêa cae, apagando-se. Na densa escuridão, suspenso do tecto, baloiça o corpo dum enforcado. Ouvia-se, ao longe, gemebundo, cantar o urutáu das quebradas solitarias de fundos grotões, saudando a lua que despontava á copa frondosa das arvores seculares.

José Americano do Brasil.

Rio, 4—3°—1920.

Pombas e rolas indigenas do Brasil Central

Nas obras dos ornithologos estrangeiros e nacionaes reina a maior confusão quanto á identificação dos nossos Columbinos. E' desagradavel ver quanto os informes sobre essas mimosas aves são ainda incertos, apezar do muito que nesse particular se ha escripto por ahi, no intuito louvavel aliás, de se fazerem mais conhecidas as especies indigenas.

Ninguem deve ignorar que os representantes do nosso mundo volatil se dividem naturalmente em dois grupos: aves campestres e aves silvestres. Os pombos e rôlas da Amazonia e da zona de mattas da faixa maritima do paiz podem ou devem estar já conhecidos, mas não assim os do interior, particularmente os das regiões campesinas.

Estudadas as mattas do Amazonas, bem assim as mattas costeiras do centro, Norte e Sul, por milhares de naturalistas, desde Marcgrav, cumpre estudar os campos vastissimos do Brasil Central, que nos reservam verdadeiras surprezas, sob varios pontos de vista.

A systematica accusa a existencia de 27 especies de Columbinos no Brasil, mas é certo que ha no *hinterland* mais de uma especie ainda não classificada.

Os proprios zoologos que lidaram com avi-fauna do nosso paiz reconheceram que as regiões campestres offerecem melhores condições de vida para as pombas.

O naturalista Emilio Goeldi, por exemplo, dava para o Brasil Central maior riqueza de Columbinas do que para a Amazonia.

Esqueceu-se, porém, de dizer que todas as especies ditas amazonenses occorrem no Brasil Central, pelo menos em Goyaz, Estado este cuja maior área geographica é banhada pelos tributarios do Amazonas.

Devemos accrescentar que todas as especies pelo mesmo zoologo dadas como hospedes da região littoranea são encontradiças nos mattos e capões do Brasil Central, a começar pelas Juritys e pela Pomba amargosa.

Cotejando as especies já descriptas, e que nos dá o illustre Sr. Goeldi em suas *Aves do Brasil*, notamos a falta de tres especies ou variedades nossas conhecidas em Goyaz, todas de fórma mui lindas.

Uma dellas lembra a Pomba espelho, porém, de colorido mais vivo e o macho é branco, com ligeirissimos reflexos azulados e não cinzento ardosia. Quem os vê, os machos, no meio do bando, suppõe tratar-se d'outra especie, tal o contraste de côr com a das femeas; já estas são menos delgadas, um colorido ferrugem com pintas vermelho-tintas, arredondadas e miudas nas azas e dorso. Os bandos são numerosos e bastante ariscos quando pousam nos terreiros das fazendas. Appareceram ha poucos annos no sul do Estado, com mais frequencia no valle do rio Corumbá, onde têm o nome de Pombinhas do sertão.

Outra especie, pouco maior, só é encontrada nos campos e cerrados dos baixões do Araguaya, e ahi dão-lhe o

nome de Pombinha-chumbada ou pataquinha. Estas vivem aos casaes, e não são sociaveis como as primeiras, nem como as mesmas pousam com frequencia no sólo. Existe em Santa Isabel do Morro, aldeiamento dos Indios Carajás, á margem esquerda do Araguaya, entre os rios da Morte e Itapirapés, que aquelles indigenas domesticam em grande quantidade uma interessante especie de Pombas.

São incontestavelmente as maiores do nosso paiz e, não obstante, desconhecidas da systematica. Côr cinerea-escura, o pescoço e peito de um azulego carregado, as extremidades dos remigios e da cauda debruadas de branco, bem como as pennas do dorso; a parte superior da cauda bruno-escura, e a parte inferior mais clara. O cantico caracteristico varia entre o da Pomba-rôla e o da Pomba de bando. Vimos uma vez um bando de 15 ou 20 individuos domesticados, mas ariscos e assustadiços á tôa, quando desciam ao sólo. Um casal que os Carajás deixaram em Santa Leopoldina do Araguaya, foi que em menos de tres annos alli produziu a prole de que falamos. A certas horas do dia vão para logares distantes da povoação, mas voltam logo ao pombal. Em Cuyabá disseram-nos de uns Pombos encontrados pelos extractores da borracha nas mattas do Xingú, e que nos parece pela descripção serem os de que tratamos. Tempos depois de os termos visto no Araguaya, os encontramos em estado selvagem em Matto Grosso de Goyaz, aos 16° de latitude sul. Ahi disseram que ha pouco mais de dois annos é que tinham apparecido.

Esta especie merece ser estudada. Nomes vulgares de Pombas no Brasil Central são: Pomba de bando, tambem chamadas Avoantes ou Rubaçans no Norte, Trocal, Caçaróba ou Pomba legitima, Jurítys e Pombas-rôlas de tres especies, Pombas do campo e Pombas dos cerrados.

Zenaida maculosa, da systematica, é a que se reune em maior numero e em bandos immensos vão das costas do Brasil, desde o Ceará e outros Estados do Norte, até ás regiões do interior, consoante ás estações do anno mais propicias ás suas immigrações.

Lá têm o nome de *Pombas de bando*.

HENRIQUE SILVA.

Uma visita pastoral

de D. Eduardo Duarte Silva

(Bispo de Uberaba) --- 1895-1899

IV

Pelo que fica dito se vê que para o carajá é omnipotente o *Canachivé*.

Nos dous dias immediatas nada houve de notavel. A 16 depois do meio dia parou o vapor junto á aldeia do capitão (cacique) Capichan. Todos saltaram em terra afim de visitarem aquella maloca. Estava quasi despovoada por estarem os homens nas roças e as mulheres occultas pelos mattos. As creanças estavam escondidas debaixo de esteiras feitas de burity. Esse facto é frequente ao approximar-se das aldeias uma embarcação de christãos. Os indios são muito ciosos de seus filhos pequenos, mórmente depois que, para povoar o ex-Collegio Izabel, foram pela astucia e violencia arrebatados meninos e meninas carajás e caiapós.

Tal era a falta de asseio na aldeia que tivemos de voltar para bordo, sem demora.

Tamanha é a indolencia dessa gente que não cuida de manter limpas suas moradas.

O rio Araguaya corre ás portas de todos; portanto seria facilimo atirar á corrente das aguas o lixo e as immundicies, que juncam o chão das cabanas e das ruas.

Emquanto se fazia lenha, appareceu o Capichan que comnosco subiu a foz do rio das Mortes, onde ancorámos. A 17 continuámos, ao romper d'Alva, a viagem. Ao meio dia vimos embarcações pela frente. Era o capitão honorario do Exercito João Chrysostomo Moreira que descia com uma carregação para Belém do Pará.

A 18, fomos visitados pelo cadete Chico, indio que governa uma aldeia a mais de 10 leguas acima do rio das Mortes. De todos os chefes indios o cadete Chico é o mais generoso, do que deu provas obsequiando a S. Ex. Revma. com alguns brindes de artefactos e productos indigenas.

A marcha diaria do vapor é de 10 a 12 leguas rio acima, por estar o dito barco bastante velho. A 19 passámos adiante da foz do Crystallino, que desagua na margem esquerda do Araguaya. Como o Vermelho, o Crystallino é povoado por uma infinidade de bôtos.

A 20, ás 10 horas da noite, ancorou o vapor no vertice sul da ilha do Bananal.

Bello é o panorama que se desenrola ante nossos olhos. As aguas do grande rio avolumadas pelas chuvas, depois de formarem um como immenso lago, precipitam-se de encontro á ilha e escoam-se marulhosas pelo Furo da direita e pelo canal da esquerda, por onde subiamos. Pernoitámos oito leguas acima do Furo. Curta foi a marcha do dia 22, porquanto fomos passar a noite pouco acima da aldeia do Capitão Pedro Manco (Djeroina). Emquanto se fazia lenha para o serviço do vapor, parámos na aldeia e ahi nos entretivemos a conversar com os indios ouvindo-lhes as lendas e as tradições. Em seguida o vapor dirigiu-se para o lago Luiz Alves, onde se devia tomar um passageiro. Pelas seis horas da tarde de 23, aportámos em S. José do Janimbú, onde o povo estava á espera de S. Ex. Revma.

Recebido festivamente e acompanhado por todos o Sr. Bispo foi hospedar-se em casa do Sr. Felix Linhares, onde se tinha preparado boa hospedagem.

S. Ex. alli passou o dia 24, continuando a viagem no immediato, antes do romper da aurora. Em S. José, obtive mais alguns pormenores ácerca dos costumes e vida dos carajás. Reservo-me para tratar disso no fim deste itinerario. Chichá está a 12 leguas de S. José. Alli é que passámos a noite.

O nosso pouso no dia 26 foi no Cocalinho. Fomos acordados na madrugada do dia 27 pela voz estridente do apito do vapor, ao estrugir de rojões e ao toque do sino de bordo. Era esse dia anniversario natalicio de S. Ex. Revma., o Sr. D. Eduardo.

O Sr. Adolpho de Amorim demonstrava assim sua affeição filial ao seu Prelado.

Ao apparecer o Sr. Bispo, a tripulação e todas as pessoas que vinham a bordo vieram incorporadas e trajando fato domingueiro apresentar suas homenagens ao Pastor deste grande rebanho da Egreja, que se chama Bispado de Goyaz. Ao jantar, o commandante do vapor, o Sr. Valladares, saudou em nome da tripulação a S. Ex. Revma. O Sr. Bispo respondeu agradecendo.

Depois do jantar, o Sr. Bispo distribuiu presentes a todos. No dia 28, depois de quatro horas de marcha o vapor parou junto ao barranco da fazenda de Santa Carlota, propriedade do Sr. Adolpho de Amorim. Alli desembarcou o Sr. Bernardo de Bastos, habil pedreiro que morava em Santa Maria, onde com difficuldade podia sustentar a familia que tambem o acompanhou.

Continuando a nossa rota, vimos, depois de hora e meia de viagem, ao longe, por sobre alta e bonita barreira, casas de Santa Leopoldina. A's 3 horas da tarde, o vapor ancorou no porto onde se achava reunida toda a população de Santa Leopoldina á espera do Exmo. Sr. Bispo. De terra e de bordo foram queimadas muitas gyrandolas desde o momento em que S. Ex. saltou em terra, até chegar á casa dos Srs. Adolpho e Guedes.

Além dessa manifestação de regosijo da população, ouviu-se o som festival dos sinos da Capella da povoação, que tambem saudava o pastor da Egreja Goyana, de volta da arriscada visita á aldeia selvagem dos javajés e das povoações de S. José e de Santa Maria.

S. Ex. demorou-se em Santa Leopoldina um dia, retirando-se a 30 em demanda da Capital do Estado. Dos povos ribeirinhos do Araguaya levámos todos saudades, mas em especial dos de Santa Leopoldina.

Antes de deixar Santa Leopoldina permitta-me o leitor dizer duas palavras ácerca dessa povoação.

O presidio de Santa Leopoldina foi fundado em 1850, sendo presidente de Goyaz o Dr. Eduardo Olympio Machado, pelo Dr. João Baptista de Castro Moraes Antas, sendo destruido tres annos depois, sendo presidente da Provincia Antonio Candido da Cruz Machado. Em 1855 esse presidio foi de novo estabelecido á margem do rio Vermelho, sendo depois mudado em 1856, na presidencia do Dr. A. A. Pereira da Cunha para o local em que se acha actualmente. Está situada a povoação em uma alta barreira inaccessivel ás grandes enchentes, pouco abaixo da confluencia dos rios Grande e Vermelho.

Conta mais de 40 fogos e uma população de 200 almas mais ou menos. E' a primeira povoação das que visitámos no Araguaya.

A' 30, á 1 hora da tarde, partiu o Sr. Bispo, de Santa Leopoldina, sendo acompanhado até fóra da povoação por muitos cavalleiros. Passámos a noite deste dia na fazenda do Mutum.

Tivemos de andar uma legua sem poderem os animaes pisar em terra enxuta, pois a agua estagnada chegava até os estribos muitos vezes até ás abas dos arreios.

A 31 seguimos cedo para chegarmos á fazenda do Lambary. Tivemos de andar quatro leguas dentro d'agua e de passar o corrego Vermelho quasi a nado.

A 2 de Fevereiro deixámos a estrada que vae a Goyaz e tomámos o caminho da fazenda do Sr. Capitão José Manoel P. Cardoso. E' uma bôa propriedade: denomina-se Requeijão. Gostámos muito de vêr a ordem que reina alli. O Capitão José Manoel mantém uma escola para meninos e ás quintas-feiras fal-os frequentar uma officina, ou de ferreiro ou de sapateiro.

Vê-se que são inclinados á lavoura ou á creação. Proporciona-lhes meios de lhes dar expansão o seu pendor. A pratica do Capitão José Manoel é mais fecunda do que os pomposos programmas politicos.

Nomes vulgares de identicas especies de peixes em Goyaz e na Amazonia

Os nossos icthyologos fingem não ligar importancia aos nomes triviaes, ás mais das vezes indigenas, dos peixes, nem mesmo á coloração dos especimens que essa gente só os conhece empalhados nos museus de historia natural, onde chegam desfigurados, mumificados, sem outra indicação mais que o classico *habitat*.

Ha mais: desconhecendo a vasta distribuição das nossas especies fauneanas os zoologos as circumscrevem, prendem-n'as em nome da systematica aos locaes onde foram colligidas por certos e determinados naturalistas viajantes que aportaram ao Brasil nos tempos coloniaes desde Natterer. Desta sorte, a lista que se segue tem sua importanciazinha pelos mesmos sobre o ponto de vista zoo-geographico.

AMAZONIA	GOYAZ
Matupiry	Lambari
Aracú	Piau
Manduby	Mandibé
Pacamão	Pacamã
Pescada	Curvina
Pirabutanga	Pirapitanga
Piraquiting	Pirapitinga
Paraqué	Trême-trême
Tambaqui	Caranha
Tobarana	Tubarana
Waracu	Timburé
Tari-ira	Trahira
Jejú	Trahira preta
Mata-gato	Avoadeira
Saranha	Peixe-cachorro
Ituy	Sarapó
Peixe-pedra	Acará-pedra
Dourada	Piratinga prateada
Surubi chicote	Bargada
Tariira-mboya	Carapanã
Peixe cachorro	Çachorra
Piracambacú	Surubim

NOTAS E INFORMAÇÕES

Trazendo o carimbo dos Correios de Goyaz (capital), foi devolvido a esta redacção um exemplar da nossa revista, depois de lido, porque veio com outro envolucro. O patife que assim andou deve ser um dos muitos assignantes relapsos, em divida comnosco. Tão ruim a consciencia que talvez para conservar indemne e illesa a sua reputação canalha, fugindo ao pagamento de uma assignatura em atrazo, *esqueceu-se* de declarar quem era. Não nos interessa saber o nome delle, mas póde ficar persuadido que "A Informação Goyana" não foi fundada para ser lida no Estado, e sim nos grandes centros do paiz e, mais particularmente no estrangeiro, onde melhor não poderia ser a sua acolhida como orgão informativo das possibilidades de uma das mais ricas regiões brasileiras.

Para destas cousas ficar sciente o anonymo e impagavel recambiador do alludido exemplar da nossa revista, vamos reeditar a seguir o seu artigo de apresentação trazendo a data de 15 de Agosto de 1917:

"O apparecimento hoje desta publicação se justifica pela propria necessidade que havia de um orgão informativo e de propaganda das incomparaveis riquezas nativas do *hinterland* brasileiro — essa vastissima região quasi desconhecida sob todos os seus aspectos e que, no emtanto, possue os mais fortes elementos para se incorporar ás correntes progressivas das mais prosperas zonas do nosso paiz.

Como se sabe, Goyaz occupa o centro geometrico do Brasil, e não carece, pois, de razões geographicas para representar ainda um importante papel social e economico na grandeza futura da nossa nacionalidade.

O que é mister é tornar melhor conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros o seu saluberrimo clima, as suas riquezas extraordinarias, as suas fontes de vida, as suas possibilidades economicas — com tambem refutar com factos e algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes, em livros e na imprensa se tem propalado ácerca da terra goyana. Em geral, o que aqui na Capital Federal se sabe do Estado de Goyaz — a imprensa particularmente — é confundil-o com o de Matto Grosso.

O periodismo carioca nas suas revistas dos Estados não inclue nunca o de Goyaz. Nem nos trabalhos organizados pela Directoria de Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda, nem nos do Serviço de Estatistica Commercial do Rio de Janeiro o simples vocabulo indigena Goyaz vem mencionado.

Ora, um dos principaes esforços desta revista será precisamente collocar diante dos olhos dos capitalistas, dos industriaes e dos commerciantes, as possibilidades economicas sem conta do Estado mais central e menos conhecido do Brasil.

"A Informação Goyana" traz, portanto, um fim e um programma que bem a definem na imprensa brasileira".

Sendo assim, não seria de extranhar o procedimento de um individuo que se não inscreve em nenhum dos capitulos acima, antes foi delles antecipadamente excluido pela sua inutilidade de *Jéca Tatú*...

Que Deus lhe conceda o reinado dos céos e melhores dias para Goyaz.

* * *

Dia por dia as rodas dos autos vão cortando os seios das terras ricas do sul goyano rumo á Capital.

Já foi inaugurada a linha de automoveis de Roncador a Bomfim, graças aos esforços do Coronel Pio José de Silva, director da Empreza Auto Viação Campo Formoso.

Tres autos e um caminhão adaptado a passageiros entraram nas ruas engalanadas da velha e hospitaleira cidade que os recebeu festivamente, cobrindo-os de flores.

Esta breve noticia é tão grata ao nosso director, tanto mais que Bomfim lhe foi o berço.

* * *

O Tribunal de Contas, em sua sessão de 29 de Março ultimo resolveu affirmativamente sobre a legalidade da abertura do credito de 1.300:000$000 para a manutenção do trafego da Estrada de Ferro Goyaz de Formiga e do Araguary, Minas.

* * *

O Sr. Ministro da Viação, em vista do parecer do Inspector das Estradas, deferiu o requerimento em que esta companhia pediu autorização para cobrar a taxa de carga e descarga, nos termos da autorização que lhe foi dada em 31 de Agosto de 1919 sem a restricção de peso constante dessa autorização, e tornar extensivas ás suas linhas do Rio Grande, Caldas, Catalão, e Igarapava-Uberaba, as seguintes reducções de tarifas:

a) Emissão com abatimento de 20 %, de passagens de ida e volta, das previstas no art. 8º do regulamento dos transportes;;

b) Concessão do abatimento de 20 %, quer no trafego proprio, quer no mutuo, sobre as tarifas de kerosene e gazolina, a exemplo do que acontece nas Estradas de Ferro Paulista, Mogyana, Bragantina e Dourado.

c) Concessão do mesmo abatimento em relação aos productos agricolas quando destinados á sementeira e despachados como encommenda, conforme já acontece com as Estradas de Ferro de Dourado a Bragantina;

d) Idem, idem, quanto aos seguintes artigos: adubos em geral, a granel ou acondicionados em saccos ou barricas; arame farpado, arame liso Pagé, convertido em cerca e em pedaços fraccionados, leite fresco, manteiga fresca nacional, ovos, lubrificantes, pneumaticos para automoveis e outros, machinas para lavoura e agricultura.

* * *

Em relação a malfadada Companhia Auto-Viação Goyana o Exmo. Snr. Desembargador Presidente do Estado acabou de tomar a mais louvavel medida de moralidade administrativa, que vem a ser a modificação com clausulas rigorosas de um contracto que já devia de ter caducado.

Trata-se de uma commandita de individuos que nunca visaram beneficiar Goyaz e sim os seus bolsinhos com as subvenções dadas pela União, pelo Estado e pelos municipios que ella devia de servir. Acontece que muitos outros municipios collocados fóra da zona privilegiada, mas parallela a ella, como Campo Formoso, Bomfim e Annapolis já receberam o influxo do progresso levado pelos autos de empresas particulares, que jamais solicitaram auxilios officiaes.

Eis o despacho que o Snr. Desembargador Alves de Castro lançou no requerimento em que a parasitica Companhia pedia nova prorogação do praso do seu contracto:

"Só poderá ser attendida a petição de fls. 37, si a supplicante sujeitar-se á modificação do seu contracto em que ficará consignado:

a) poder o Estado utilisar-se da estrada desta Capital a Curralinho, ahi fazendo trafegar os seus automoveis, uma vez que prefira, para o serviço que pretende inaugurar até á Trindade, o traçado passando pela referida cidade;;

b) incumbir-se o Estado do preparo e da conservação da estrada desta Capital a Curralinho, ficando a supplicante obrigada:

1) a entregar ao Estado a importancia da subvenção que lhe foi concedida pela União, correspondente ao referido trecho de Curralinho a esta Capital; e,

2) a desistir da subvenção que lhe foi concedida pela lei estadoal n. 582, de 19 de Junho de 1918;

c) poder o Estado utilisar-se tambem da estrada que fôr construida pela supplicante no trecho comprehendido entre Trindade e Campinas;

d) poder o Estado, em cada semana, fazer uma carreira de ida e volta, em automoveis e caminhões, de Trindade a Roncador, na estrada construida pela supplicante; ficando esta, em identicas condições, com o direito de utilisar-se, para vir á Capital, da estrada do Estado, de Trindade a Curralinho, em dias préviamente combinados.

A' Secretaria de Obras Publicas para intimar a supplicante a declarar, dentro do prazo de 20 dias, si acceita ou não a modificação do seu contracto nos termos do presente despacho".

PEPE BAKAHIRI'

Pêpe — Canôa de casca inteiriça de jatobá.

E' de facil e rapida construcção, muito leve e de pequeno calado. E' muito propria á navegação em rios de pouca agua e encachoeirados.

Nas corredeiras, cachoeiras e saltos póde ser facilmente varada por 2 ou 3 pessoas, conforme seu tamanho e em qualquer varadoiro.

Para o levantamento expedito de rio ou num serviço de reconhecimento em que seja preciso conhecer a profundidade de um curso d'agua que se tenha de atravessar, a velocidade da corrente das suas aguas e a natureza do terreno do seu alveo — conhecimentos indispensaveis para o lançamento de pontes ou para travessias a váo — leva grande e incomparavel vantagem, quer de construcção, quer de navegação, sobre as nossas pesadas montarias ou canôas, como pude verificar nos rios encachoeirados Paranatinga, S. Manoel e Telles Pires.

Sendo a *pêpe* larga e de fundo chato offerece grande firmeza e bastante estabilidade para uma pessoa, de pé, fazer visadas e sondagens.

Os indios *bakahirís* — habillissimos canoeiros — empregam-na em suas viagens e excursões de caçadas pelos rios Telles Pires e Xingú e seus affluentes, todos muito encachoeirados, e constróem com maestria a sua *pêpe*.

Os indios *Caiabís* fazem suas canôas da casca inteiriça do cajueiro do matto, mas esta não é tão leve e firme como a do jatobá.

Com aquelles selvicolas conheci e aprendi a construir tão util embarcação.

Conhece-se que um jatobá larga a casca, toda inteira, sem abrir-se, golpeando-o no tronco, em fórma de triangulo. Si *está aguado*, a casca assim golpeada desprende-se com facilidade da madeira e presta-se a construcção da *pêpe;* si *não está aguado* a casca fende-se e não se desliga.

Não servirá, então, para tal mister. E' nas aguas — de dezembro a abril — que os *bakahirís* (elles só distinguem 2 estações do anno — aguas e secca) — constróem suas *pêpes*.

Escolhido um jatobá, grosso, linheiro, sem nó e sem bróca e submettido á prova acima, corta-se-lhe a casca, no tronco, transversalmente, em uma extensão igual á largura que se deseja dar á pôpa da *pêpe* e vae-se cortando simultaneamente para cima, de modo a abrirem-se duas fendas verticaes e parallelas, onde se metterão cunhas de taquara flexivel entre a casca e a madeira, de maneira que duas cunhas oppostas se encontrem no meio da telha de casca que se quer separar. Quando estas fendas vão ficando tão altas que não se possa cortar do chão, constróe-se em torno da arvore um girau de madeira e nelle trepa-se para continuar a operação até que a telha de casca que se procura desligar attinja ao comprimento desejado para a *pêpe*. Faz-se, então, na casca, outro córte transversal e parallelo ao primeiro feito no tronco da arvore. A telha de casca está assim desligada da madeira e nella apoiada. Resta arrea-la no chão.

Para isso desfaz-se o girau e arrêa-se a casca lentamente, amparando-a com escoras, para que ella não se quebre na quéda.

Emborca-se a casca no sólo e se a desbasta, por fóra, nas duas extremidades, numa extensão correspondente á prôa e á pôpa da *pêpe*. Ergue-se a casca assim preparada a um girau baixo e faz-se dentro della um fogo brando, de folha secca.

Sob a acção do fogo a casca torna-se flexivel, moldavel; dá-se-lhe, então, a fórma de canôa, abrindo-se-lhe o bojo com travessas de madeira especadas nos dois bordos, por dentro e levantando-se-lhe as duas extremidades desbastadas para formar a prôa e a pôpa, as quaes ficarão, por algum tempo, sustentadas por fortes espeques de madeira, enterradas as pontas inferiores no chão e amarradas as superiores com cipó ou corda, por cima da prôa e da pôpa. Estas são tambem abertas por travessas de madeira e amarradas, por fóra, nas extremidades.

Depois de fria a casca endurece e não perderá a fórma de canôa que tomou quando quente.

Retiram-se, então, os espeques fincados no chão para levantarem a prôa e a pôpa, conservando-se porém, as travessas de madeira, afim de que a *pêpe* não se feche sob a acção do calor solar.

Preparada a *pêpe*, é só arrastal-a para dentro d'agua, o que é facil, porque é muito leve.

E tem-se assim em poucas horas de trabalho de um ou dois homens, tendo por ferramenta apenas um machado ou um facão, uma embarcação leve e muito segura para atravessar, descer ou subir qualquer rio por mais correntozo ou encachoeirado que seja.

Rio, Abril, 1920.

PYRINEUS DE SOUZA.

A Excursão Investigadora do Dr. Fritz Krause, ao médio Araguaya

A excursão investigadora do Dr. Fritz Krause ao médio Araguaya constitue uma série das mais minuciosas informações, embora mui laconicas, cheias de grandes ensinamentos, no tocante á nosa natureza central e á vida e costumes dos nossos indios Carajás, Javaés e Cayapós.

De ordinario, os nossos bons indios são considerados traiçoeiros, máus, perversos, por aquelles que, por máus tratos e brutalidade, cream situações intoleraveis nessas almas ingenuas, que pela falta de civilização humanitaria, são muitas vezes levadas a crueis vinganças.

Uma vez atirados á vingança, que uma provocação estupida originou, os indios são crueis; mas tambem as apreciações apaixonadas ou ignorantes sobre esses pobres homens collocam-n'os na situação de féra, e então tudo é resolvido a ferro e fogo !

Não é só a grosseria e brutalidade de muita gente, havida em conta de gente civilizada, que levam os nossos indios ao desespero de uma vingança recheiada de horrores !

Não poucas vezes, outr'ora como ainda hoje, é a exploração ignobil, a falta de palavra nos compromissos tomados com esses homens francos, sinceros, leaes, da mais illibada boa fé, emfim, a essas crianças *em idade adulta,* que géra em seu animo infantil atrozes concepções.

Afastar os filhos dos paes e destruir a familia são outras tantas causas de vingança, da parte dos indios; porque, quem quizer se servir dos nossos indios, visital-os ou com elles tratar, não deverá nunca esquecer de que um indo é a mesma cousa que uma criança na maioria dos seus actos e acções.

Quantas vezes no seio da nossa familia, um simples agrado evita o choro de uma criança, unico protesto da criaturinha ao esbulho, a uma prohibição que lhe desagrada e que ella recebe com esse protesto ?

O indiio brasileiro é, *mutatis mutandis,* a mesma cousa : é um adulto quasi com todos os modos, habitos, brinquedos e gosos de uma criança !

Exclama o Dr. Krause :

"A minha permanencia nessa aldeia esplendida (dos Javaés), á margem de um lago, n'uma esplanada verdejante, no seio d'aquellas creaturas alegres, ingenuas, foi um idyllio !"

Ninguem ha que não vença sempre uma criança, mesmo no maximo de sua zanga, por um agrado, um dito de chiste infantil; não ha.

Assim tambem o nosso indio, mesmo sorprehendido por um temeroso visitante, depois de *trocadas as fallas,* entra nas mais amistosas relações, revela mui rara bonhomia. E' sincero, franco, leal; presta-se, geralmente, a todo e qualquer serviço, mesmo o serviço rude, exposto ás intemperies, ao cansaço. Só o que o nosso indio não póde supportar é a fome : em pleno trabalho, um indio sentindo fome, senta-se e apenas balbucia esta phrase : *Indio qué comê* (botocudos remadores do rio Doce).

E nada o faz mais trabalhar, sem ter se alimentado.

O que vem dito prova-se com o seguinte facto :

A visita do Exmo. Sr. Bispo de Goyaz, D. Eduardo Duarte Silva, actualmente Bispo de Uberaba, aos Javaés da ilha do Bananal, do rio Araguaya, segundo o sentido da narração do Dr. Krause, carece de uma pequena correcção, de accôrdo com a communicação verbal que fez S. Ex. Revma.

Pouco pratico nessas viagens e visitas a regiões inhospitas e aos nossos selvicolas, uma vez na ilha, o Sr. Bispo viu-se só, por se haver desviado dos seus companheiros, que se tinham espalhado, por pequenos grupos, na parte da ilha visitada.

Esses diversos grupos foram sorprehendidos pelos Javaés que, desconfiados, sem duvida, de tão inesperada visita, e na presumpção de alguma traição talvez, os poz, á moda de prisioneiros, sob a guarda de certo numero de indios.

Ao depois, certificados da boa fé, prudencial intenção e inteireza dos visitantes, foram os indios levando os visitantes cada um de per si, isoladamente, até a mergem continental do pequeno braço do bello Araguaya, onde os deixaram em plena paz e liberdade.

S. Ex. Revma., tambem feito prisioneiro dos Javaés, depois de summario processo, foi condemnado á morte com toda a solemnidade, pela parte da tribu que cercava e devia ter uns 200 habitantes.

Acredito que a condemnação á morte do Sr. Bispo de Uberaba não era cousa irrevogavel, pois que S. Ex. Revma. passou um dia inteiro com elles (é verdade que severamente vigiado), até de tarde com um indio manso, talvez um interprete de S. Ex. Revma.

Como é intuitivo, durante as horas em que D. Duarte esteve com os selvicolas, tratou-os com a delicadeza, doçura e alegre temperamento natural de S. Ex. Revma.; e isto de certo já havia modificado profundamente a primeira resolução dos Javaés, embora o Sr. Bispo não pudesse ao menos suspeitar que a sua pena fôra commutada.

O indio manso fez vêr aos outros quem era o prisioneiro que elles retinham já por muitas horas; e de certa hora em deante os Javaés começaram a tratar de D. Duarte de fórma muito differente, mais brandamente e cheia de attenções.

Mas, sempre muito desconfiados, sobretudo os que já soffreram os insultos, humilhações e roubos de filhos dos — chamados — civilizados, os Javaés não quizeram mais trato com o Sr. Bispo e mandaram-n'o embora com os guias, sem ameaças nem qualquer acto de desrespeito, apenas acompanhados por alguns indios até á margem de pequeno braço.

Assim se passou este episodio, que sem trazer mal a S. Ex. Revma., até certo ponto impediu que o illustrado e humanitario Bispo fizesse aos Javaés a grande somma de beneficios de que é capaz a sua culta intelligencia e alma caridosa.

A viagem do Dr. Fritz Krause, tão cheia de interesse scientifico, não obstante a sua curta duração, vem mais uma vez trazer ao conhecimento dos estudiosos das cousas patrias a excellencia do clima do Brasil central, mesmo nas regiões em que os *excessos* de qualquer sorte podem occasionar males graves ou mesmo fataes, mas sempre accidentalmente.

O Dr. Krause esteve no Araguaya e seus arredores mais de um mez e apenas um unico de seus empregados teve de abandonar a excursão por motivo de molestia.

E' verdade que o distincto investigador do rio Araguaya ahi esteve no tempo da secca; mas, si no tempo das aguas ha as multiplices manifestações do paludismo em alguns dos grandes rios, originando-se em geral de qualquer abuso, no tempo secco ha as pneumonias, bronchites, etc.

A vegetação das margens do magestoso Araguaya é tão espessa e abundante que o Dr. Krause teve de procurar, mais de uma vez, caminho longinquo para se approximar da grande arteria fluvial. Alimentou-se de peixe principalmente e, apezar desta alimentação de difficil obtenção no tempo secco, o illustre viajante não nos refere que tenha passado privações.

(*Continúa*)

Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.

Lenda indigena do Araguaya

A ORIGEM DA MANDIOCA

— Ha muitos annos, muitissimos annos, vivia no seio de uma tribu selvagem uma joven, mais notavel pela sua innocencia e virtude do que pela sua belleza. Quando chegou a idade de casar, escolheu-se-lhe para esposo o joven mais bonito da tribu, o mais destro para a caçada, o mais bravo para a guerra.

Mas, com geral surpreza, ella o recusou e declarou que queria ficar virgem. Os Indios, assim como os antigos Judeus, encaram a virgindade como um opprobio e forçaram-na a escolher um esposo. Ella obstinou-se na recusa e, cançados, deixaram-na em paz. Entretanto, ao cabo de algum tempo, ella apresentou todos os signaes de que ia ser mãe. Foi um escandalo, e os chefes se reuniram para deliberar o que fosse conveniente. Fizeram comparecer a joven e obrigaram-na a explicar-se. Ella declarou então que não era absolutamente á maneira das outras mulheres e que o filho que tinha nas entranhas seria um dia a salvação de sua nação.

Não se sabia como dar credito á sua palavra, e como não chegavam a um accordo sobre o que convinha fazer-se, decidiram deixar que as cousas corressem naturalmente. No preciso tempo, a joven deu á luz a uma creança do sexo masculino, que foi creado como os outros meninos selvagens, mas que se parecia com sua mãe, e que, como ella, possuia num gráo admiravel as mais bellas qualidades moraes. Cresceu e chegou á idade varonil. Ora, por esse tempo os Indios experimentaram toda sorte de desgraças: soffreram fome, foram infelizes na guerra e dizimados pelas doenças. Não sabendo o que fazer, os chefes se reuniram e um delles emittiu a opinião de que todos aquelles males eram um castigo do Céo e que era preciso attribuir a sua causa a esse joven, cujo nascimento fôra mysterioso, e concluiu dizendo que era preciso matal-o, para abrandar a colera celeste. Concordaram todos e fizeram comparecer o filho da virgem para ouvir a sua sentença. Não se defendeu e acceitou a morte pelo seu povo. Inflingiu-se-lhe os mais crueis tormentos e, depois de morto, sua mãe o enterrou. No fim de algum tempo viu-se nascer sobre o seu tumulo uma planta desconhecida e mysteriosa.

Os chefes chamaram a mãe e perguntaram-lhe que semente ella tinha lançado na sepultura do filho. Respondeu que aquella terra não continha outra semente senão o cadaver de sua victima, que esperassem e que logo teriam a explicação do mysterio. Quando a planta attingiu todo o seu crescimento e chegou á maturidade, abriu-se a sepultura e, em logar do cadaver, encontrou-se um bello tuberculo, da grossura de uma coxa e branco como a neve. Era a mandioca. A virgem, então, dirigindo-se aos chefes e a todos os homens da tribu, disse-lhes: Eis aqui a vossa nutrição, e de hoje em diante não dependerá senão de vós o nunca mais soffrerdes fome, porque esta planta podeis multiplical-a tanto quanto vos aprouver, sem trabalho, e ella vos fornecerá uma nutrição sã e substancial que vos preservará contra as doenças e vos dará força e vigor para combater os vossos inimigos.

COSTUMES DOS INDIOS CHAVANTES

Em quasi todas as povoações ribeirinhas do Araguaya existem Chavantes catechizados por frei Segismundo, que fundou, com o Dr. Couto de Magalhães, S. José do Jamimbú.

Para não deixar de fallar dos Chavantes, publicarei alguns dados sobre os costumes da extincta aldêa de Monte Alegre, da qual é natural o indigena que nos forneceu.

Crenças dos Chavantes

O Chavante, diz elle, tem crença em um ente que manda tudo e a quem se deve obedecer na pessoa do chefe da aldêa.

Casamento

Entre elles guardam-se algumas tradições sobre o casamento que fazem perante o capitão da aldêa, sendo precedido de algumas ceremonias, desde a data em que se fazem os esponsaes até que o capitão determine que os contrahentes se unam.

Duas são as principaes. A primeira consta em o noivo fazer a casa da morada e a roça no prazo marcado pelo capitão e a noiva em dar promptas as rêdes e os utensilios para os misteres da casa; a segunda é entre as duas sogras que deverão se sustentar até o dia de effectuar-se o desposorio que se faz deante de todos os chefes da aldêa e termina ordinariamente por um divertimento que consta de dança e um banquete, no qual se servem, carnes de animaes mortos pelos noivos na vespera do casamento.

Paes e filhos

Grande é o respeito que os filhos tributam aos paes e admiravel a sua obediencia.

Vida domestica

Observa-se a moralidade nas cabanas, morando os homens sempre separados das mulheres. Quando ha algum caso de immoralidade, é levado ao conhecimento do capitão o qual é rigoroso em punir esse crime, sendo muitas vezes castigado com pena ultima.

Padre Francisco da Cunha Peixoto Leal.

Passagem de gado vaccum nos Rios de Goyaz

"Após fatigante jornada, chega o gado á margem dos magestosos rios que cortam os sertões em varias direcções.

Vimol-o passar o caudaloso Paranahyba.

Os bois vencem a nado a impetuosa corrente, o rio mede algumas centenas de metros de largura.

Alguns boiadeiros preferem fazer passar toda a boiada de uma só vez; outros dividem-na em lotes.

Todo o gado é clausurado em um pequeno curral que por um longo e estreito corredor vae dar ao ponto de embarque, na margem do rio. E é o que se chama o *cahidor*.

Como as boiadas só podem transitar pelo sertão na época das chuvas, curral e corredores ficam transformados num immenso lodaçal, onde ás vezes atolam até o focinho.

O corredor tem a fórma de um funil; ás vezes passam estreitando-se até ao *cahidor*...

Ahi são obrigados a embarcar pelos ferrões dos conductores, umas sobre outras, impellidas pela onda que vem de traz.

Ficam ás vezes algumas mortas, esmagadas pelos pés das outras, enterradas no lamaçal.

De um lado e outro do *cahidor*, estão os canoeiros e nadadores, necessarios á travessia da boiada.

Por fim esta toma nado, sob o forte alarido dos camaradas.

E' um espectaculo empolgante.

As boiadas, compostas em média, de um, dois milheiros de cabeças, representam capitaes de cincoenta, cem contos de réis. As mais das vezes são toda a fortuna e o credito do boiadeiro.

Tudo que se vê á superficie da corrente, é uma longa fila, sinuosa, irregular, de pontinhos negros, eriçada de chifres. Alli está luctando contra a impetuosidade das aguas vivas toda a fortuna do proprietario. E a boiada póde rodar cançada da lucta; muitos bois afogam-se, estafados; si a boiada fôr impellida pela correnteza a baixo do logar cercado para desembarcadoiro, o *sahidor*, chamado, perde-se para sempre na espessura da matta colossal, que de muitas leguas de largura, margeia o magestoso rio, em centenas de leguas de extensão.

Uma boiada atravessando um rio

Mesmo dentro do limite cercado, si o gado trasmalha na matta, perdem-se muitas rezes, impossiveis de trazer ao aprisco.

Vencido o rio, recomeçam os trabalhos da conducção. A travessia da matta é cheia de perigos e prejuizos; ás vezes que nella ficam na passagem quasi sempre se perdem.

Ao fim da labuta, após esse percurso de 200, 300 leguas, chega o boiadeiro ao Sul de Minas, a Barreto, á zona intermédia de engorda, onde se effectuam as transacções das boiadas magras, cançadas, estafadas, "aguadas", depois de uma viagem feita entre a sêde a fome".

Dr. Felippe Ache'.

O que acima fica, fala bem alto do descaso do governo da União pela maior fonte de riqueza de Goyaz, que sempre viveu e continúa a viver alheiado dos beneficio que o governo da Republica prodigalisa aos demais Estados, indo ao encontro das suas aspirações, dos seus interesses em jogo.

Os poderes publicos amparam com medidas proteccionistas todas as fontes da producção nacional com serviços de defesa. Assim temos a defesa do algodão no Nordéste, da borracha na Amazonia, do café em S. Paulo, Minas, Rio e Espirito Santo, e finalmente da pecuaria nacional, menos, porém, no respeitante ao Estado que com o seu gado bovino e suino abastece a Capital Federal, os frigorificos e xarqueadas de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro.

E não haverá quem disto entenda no Ministerio da Praia Vermelha, e mais no da Viação ?

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO, RUA S. JOSÉ, 31

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE MAIO DE 1920 — VOL. III — N. 10

SUMMARIO

MATTO-GROSSO DE GOYAZ

"O nome de Matto Grosso foi dado pelos aventureiros de Cuyabá aos sertões no começo chamado dos *Parecis*, do nome da nação que por ahi habitava, sertões cobertos de espessa e robusta mattaria que vinha N. E., desde Goyaz, em rumo S. O., beirando as escarpas do grande Araxá, sombreando os innumeros rios e regatos que nella têm origem.

Mais tarde, quando descoberta a riqueza mineral desses terrenos e fundados os estabelecimentos primeiros, creou o governo uma Capitania Geral separada da de S. Paulo e deu o titulo — *Capitania Geral de Cuyabá e Matto Grosso,* titulo que continuou sob os capitães geraes, modificando-se sómente para o de *Provincia de Matto Grosso,* quando por decreto de 15 de Dezembro de 1815 foi o Brasil elevado á categoria de Reino, e mudada a designação de Capitanias para Provincias". (Dr. João Severiano da Fonseca. — *Viagem ao redor do Brasil*).

A existencia dessa possante floresta, ignorada dos nossos saberêtes e geographos, não obstante ter dado nome a um dos nossos Estados, já foi mesmo posta em duvida pelo nephelibatico Sr. Alberto Rangel, que por ahi passa por grande sabedor das cousas do Brasil.

E' conhecida em Goyaz, desde a sua descoberta, essa immensa e soberba matta do mais imponente aspecto tropical. A primeira referencia ao Matto Grosso de Goyaz, data de 1743 e lá está num codice manuscripto da Bibliotheca Nacional. E' a que se segue: "Distante desta villa (Villa Bôa) 9 leguas, se encontra uma grande Matta que lhe chamam matto-grosso, que é de admirar...; a dita matta tem de Léste a Oéste nove leguas de extensão; porém, da parte do Norte é muito grande e para o sul não se lhe tem achado fim".

Do manuscripto acima foi que o conego Luiz Antonio da Silva e Souza se serviu nas suas *Memorias* sobre a capitania de Coyaz e foi a fonte commum de tudo que se tem escripto sobre a matta goyana. A sua menor largura — 9 leguas — de Léste a Oéste é referida a distancia que vae de Jaraguá ao ribeirão S. Domingos, proximo de Curralinho, trecho éste onde ella mais se estreita. Por essa estrada real que conduz do Pyrinopolis a Capital, aberta pelos bandeirantes paulistas, passaram os mais antigos viajores estrangeiros, inclusive Saint'Hilaire, Pohl, Natherer, Castelnau e Burchel. O primeiro desses naturalistas viajantes, cuja obra está cheia de passagens contradictorias, diz, repetindo que o Matto Grosso tem 9 leguas de léste a oéste (largura) na parte percorrida na sua ida para a Capital. De regresso, atravessando a mesma matta de noroéste para sul, escrevia: "Je marchai dans le Mato-Grosso pendant cinq jours, en 7 comprenant celui au j'y entrai, et j'y fis 18 *legoas* est demie". Em seguida diz: "Malgré la sécheresse la verdure de Mato Grosso était encore extrémement fraiche (20 de Junho no tempo da estação chamada da secca), et des feuilles nombreuses convraient la plupart des arbres — bien different, en celá, de seul des *catingas* de Minas Novas — qui, á la même époque de l'année, sont presque aussi nus que les forêts de l'Europe du coeur de l'hiver".

Os demais naturalistas citados acima, Castelnau principalmente, que a penetrou em trés pontos differentes, dois delles com outras denominações locaes — S. Patricio e mattas do Crixás-Assú, descreveu-a como uma das mais imponentes florestas que lhe foi dado vêr na sua expedição scientifica ás partes centraes da America do Sul.

Com a ida em 1892 da Commissão Cruls a Goyaz, o botanico Ernesto Ule e o Dr. Antonio Pimentel puzeram em fóco novamente a existencia do Matto Grosso. Ule disse: "Existe uma extensa floresta entre Meia-Ponte e Goyaz, tendo uma largura de 100 kilometros sobre 500 de comprimento, actualmente com muitas derrubadas para a cultura".

Antonio Pimentel affastando-se mais da verdade, assim diz: "Em Goyaz, além das espessas mattas que acompanham os seus cursos d'agua, e das que algumas vezes se encontram nas encostas das serras, existe uma faixa florestal, que passa entre Pyrenopolis e a capital, com a largura variavel de 80 a 100 kilometros e o comprimento excedente de 400. E' o *matto grosso* de Goyaz".

Apparece agora o Sr. Rodolpho Garcia, "animado apenas pelo desejo de trazer ao Diccionario Historico e Geographico e Ethnographico do Brasil, com que o Instituto Brasileiro deve commemorar o centenario da nossa independencia politica e escreve da matta goyana sob o ponto vista lexicologico:

> "MATTO-GROSSO — immensa faixa florestal que corre entre Pyrenopolis e Goyaz, de cerca de 100 kilometros de largura sobre 400 de comprimento, constituindo uma grande parte da bacia do Alto Araguaya. — E' devida á constituição alluvionaria recente do sólo de quasi toda essa região".

Ora, tudo isto não está conforme á verdade, não póde, portanto, figurar na decantada obra destinada á commemoração da Independencia do Brasil.

Por isso, nós, que conhecemos *de visu* quasi toda

aquella zona florestal goyana, com seus varios nomes locaes, vamos esclarecer a duvida em que laboravam até as vesperas do Centenario os nossos geographos e publicistas.

Tomemos por pontos de referencia as pontas ou extremidades da grande floresta virgem norte, sul, léste e oéste da área que ella occupa dentro do Estado.

A sua extremidade norte attinge ao povoado do Descoberto distante 465 kilometros da Capital; e uma de suas pontas chega até Campininhas distante 165 kilometros da Capital e outra mais a léste approxíma-se de Bomfim com o nome local de Matto Grande distante 220 kilometros da Capital. Isto o que se lhe conhece de norte a sul.

De Léste a Oéste ella se estende das margens do rio Maranhão a pouca distancia de lagôa Formosa aos limites do Estado com o de Matto Grosso ou sejam mais de 950 kilometros. Entre os seus muitos nomes locaes occorrem-nos estes: Mattas de Pilar, de S. Patricio, de S. Manoel, do rio Fortuna, do rio Claro, do Fundão, Matto Grande, mattas de Caldas, do Taquaral, já além do Araguaya, e outros que seria longo enumerar.

O nome de Matto Grosso só ella o tem dentro de um rectangulo irregular cujos vertices são: Pyrinopolis, Curralinho, Campininha e Annapolis, em algumas partes já transformado em capoeiras, cerrados e campos de abundantes pastagens para criação do gado vaccum.

No dizer de Gerber "o Brasil central já existia como um continente extenso, quando o resto do mundo ainda estava submergido no oceano universal, ou apenas surgiam parte delle com ilhas insignificantes". A nossa hypothese — não sem fundamento, é que no meio da antiga ilha goyana havia um grande lago cobrindo toda a zona acima mencionada. Com a emersão do continente Sul-Americano as aguas foram-se escoando para o norte pelas bacias ou valles do Tocantins-Araguaya, ao sul pela bacia do Paranahyba, e, finalmente, para o lado de léste pelos tributarios do Rio Preto, affluente do S. Francisco. Os dois mais francos escoadouros deviam ter sido os rios então formados — o Meia-Ponte e o Padre Souza, ambos contravertentes e nascidos em pleno Matto Grosso goyano. A fertilidade espantosa da grande matta goyana se explica pelos enormes depositos de sedimentos ou detrictos outr'ora nella depositado. O Matto Grosso apresenta uma accentuada depressão, o que confirma a hypothese de ter sido um lago. Observa-se ainda nessa zona florestal a existencia de vastos pantanos, lagôas e ipoeiras.

INTERCAMBIO GOYAZ-PARA'

As estatisticas organizadas em Belém do Pará nunca se referem á importação de productos goyanos.

Não sabemos se vai nisso algum occulto proposito — mas o certo é que Goyaz muito concorre não só para o abastecimento das povoações ribeirinhas do Baixo-Tocantins, a começar de Marabá para Belém, como tambem para a exportação de certos artigos que faz para o estrangeiro o grande e rico Estado do extremo Norte.

Vamos por partes. O nosso Estado não figura na exportação de couros e pelles, mas é innegavelmente uma das maiores fontes dessa producção, havida como exclusivamente paraense nas suas estatisticas officiaes.

O Pará não tem rebanho bovino sufficiente para produzir 955.730 kilos de couros, como se vê da sua exportação desse artigo em 1919. Todo o gado existente na Ilha de Marajó não excede á população bovina do municipio goyano de Jatahy, por exemplo.

No mesmo anno acima referido o Pará exportou 161.423 kilos de pelles, na sua maior parte de veados e outros animaes da nossa fauna indigena.

Ora, as pelles desses animaes constituem, precisamente, depois do gado vaccum e dos couros, o artigo da maior exportação goyana para Belém do Pará. Dir-se-á que este desagradavel estado de cousas é devido apenas á falta de estatisticas inter-estaduaes, que ainda não possuimos, apezar da boa vontade do incançavel e digno director da Directoria de Estatistica, do Ministerio da Fazenda, Sr. Léo da Affonseca Junior.

Mas não é menos verdade que existem processos indirectos para se conhecer o intercambio dos Estados do interior: ha as *Mensagens* dos presidentes ou governadores, ha os livros de viajantes fidedignos, ha os periodicos que se publicam nas zonas limitrophes, ha, finalmente os relatorios das Inspectorias Agricolas dos Estados.

Pois bem: respiguemos nesses alludidos documentos o que Goyaz exporta para o Pará.

O Sr. Ignacio B. de Moura, escriptor veridico, e por signal paraense, conta no seu livro *De Belém a S. João do Araguaya* o que se segue:

"Assisti a Semana Santa em Areião. Durante esses dias não se viaja no rio (Tocantins), de sorte que tive de me sujeitar a esperar o sabbado para continuar a viagem, já em outro bote.

Felizmente, havia dois ou tres botes no Areião, os quaes, como eu, esperavam a passagem daquelles dias, afim de seguir para Belém. Fui apresentado a um tal Dóca, que trazia do Porto Imperial,. no seu bote, couros, carne salgada e toucinho.

Era uma grande embarcação, com excellentes commodos, entre elles, uma camarinha folgada, dentro da qual se armavam rêdes e um homem podia andar de cabeça erguida. Este bote, maior do que qualquer lancha a vapor se chamava *Aquidaban* e, por coincidencia, levava, dentro de si, amarrado, entre os 50 ou 60 cães, que trazia para vender no Baixo Tocantins, um que se chamava Floriano Peixoto. Não pude descobrir se tal coincidencia representava odio partidario ou singular demonstração de apreço, visto que lá dão aos cães os nomes de Napoleão ou de Cesar.

A descida continuiu rapida, confirmando eu todas as observações tomadas, notando apenas que nesses grandes botes o piloto tem na pôpa um assento bem elevado, a exemplo do que usavam as antigas náus gregas. . .

. . . .

Ao alvorecer, notei que estavamos atracados a algumas milhas acima de Alcobaça.

Asseverou-me o patrão que ali passariamos alguns dias cortando palha, na beirada, afim de fazer uma sobretolda, para resguardar os couros trazidos, das chuvas frequentes no Baixo Tocantins.

Desanimado com essa noticia, tive de me conformar, assistindo ás visitas dos commerciantes dos arredores, que vinham comprar toucinho e carne salgado a bordo".

O fallecido coronel de engenheiros Dr. Antonio Florencio Pereira do Lago escrevia no seu *Relatorio dos Estudos da Commissão Exploradora dos Rios Tocantins e Araguaya*:

"A commissão construiu uma barca para transpôr o rio Araguaya em S. Vicente, dando passagem aos gados e generos que da provincia se dirigem, pela estrada, ao Pará.

Tem a barca 13m,20 de comprimento sobre 4m,00 de largura e 0m,77 de pontal com uma lotação de 30 rezes.

E' construida de boas madeiras, com soalho proprio para transporte de animaes. Contractou-se o serviço de passagem com Vicente Bernardino, lavrador e morador no mesmo lugar, pelo prazo de tres annos, a contar de 20 de Março de 1874, serviço que é feito com regularidade, achando-se a barra bem conservada e com todos os seus pertences.

De 20 de Março a 31 de Dezembro de 1874, passarão nessa barca de Goyaz para o Pará 850 cabeças de gado e 77 individuos, não comprehendendo os tocadores ou outras pessoas montadas, dando o rendimento de 214$300".

Por esse tempo, segundo Pereira do Lago, o numero de barcos que faziam a navegação de Goyaz para Belém era médiamente de 40 a 45, desde os que podiam carregar 1.454 kilogrammas até os maiores de 29.090 kilogrammas. Os que desciam do Araguaya não excediam a cinco e com a mesma tonelagem dos do Tocantins.

Nessa navegação empregavam-se proximadamente de 705 a 794 homens, sendo que a viagem de ida e volta até Palma, em Goyaz, era de 8 a 11 mezes.

No "Serviço de Inspecção e Defeza Agricolas do Estado", publicado em 1913, lê-se que no municipio de Bôa Vista do Tocantins, zona limitrophe com o Pará, a colheita de cereaes fôra em 1910, de 1.300.000 litros, a de café 100 arrobas, e os mercados compradores — Carolina e Imperatriz (Maranhão) e Marabá (Pará). Que a exportação do municipio consistiu em cereaes, carnes, toucinho, pelles, couro, gado e borracha, cacáo e a importação: sal, ferragens, tecidos e vinhos.

Colhe-se do mesmo documento official que o municipio de Palma, que commercia com o Pará, que a sua exportação consta de gado, couro, borracha e pennas, sendo mais activo o commercio de Janeiro em diante, affluindo então para ahi os habitantes das circumvizinhanças para comprarem sal e fazendas (tecidos) a troco de couros, que são exportados para o Pará em botes que carregam de 300 a 3.000 arrobas de carga.

Para resumir mencionaremos mais tres municipios goyanos que fazem o seu intercambio com o Pará: Peixe, Pedro Affonso e Porto Nacional.

O primeiro delles exporta para Conceição do Araguaya (Pará) e os dois ultimos fazem suas transacções commerciaes com a população paraense das margens do Araguaya e Tocantins, Belém inclusive. Todos elles exportam gado, couros e borracha, e importam sal, tecidos, kerosene, ferragens e bebidas.

Porto Nacional manda ao Pará, além das mercadorias acima, até gallinhas e cães de raça e de vigia, armações de veados, rêdes de dormir, etc., etc. Mas nada disto consta das estatisticas paraênses. Para as Directorias da Fazenda e Agricultura, Goyaz não existe.

HENRIQUE SILVA.

A Excursão Investigadora do Dr. Fritz Krause ao médio Araguaya

(Continuação)

O mesmo aconteceu com o subscriptor destas linhas, quando, membro das Commissões do Planalto em 1892, 1894 e 1895, percorreu vastas regiões do Brasil central, seus grandes rios e bellos chapadões, sem ter visto uma só doença de vulto no pessoal das suas commissões, nem tão pouco ter-se achado em precarias condições de alimentação.

Os seringaes entre o Araguaya e o Xingú já não têm mais hoje aquelle tom phantastico de um El-Dorado, sobretudo depois que o territorio do Jalapão começou a ser povoado por bahianos, piauhyenses e outros povos, nas ferteis campinas da Mangabeira, na *agua-emendada* que dá a um tempo as cabeceiras do rio Somno, antigo rio Diogo, que vae para o Tocantins e do rio Sapão, que leva as suas aguas para o Sr. Francisco, por intermedio dos seus affluentes e sub-affluentes rio Grande, rio Preto e Santa Rita.

Esta fertil, saudavel e esplendida região, que, em 1888, não tinha um só morador, possue hoje uma popuação morigerada, de trabalho agricola, de mais de 20.000 almas, vivendo no melhor dos paraizos deste mundo.

Quando em certa época do anno, cessa o trabalho agricola do Jalapão, os seus activos trabalhadores atravessam o Tocantins, vencem os 50 ou 60 kilometros que o separam do Araguaya, transpõem este rio e vão nas regiões comprehendidas entre o Araguaya e o Xingú colher o precioso "latex", que ao depois, voltando, vão vender na Bahia, ainda com bom lucro.

A "Great Western", uma das estradas de ferro de melhor futuro no Brasil, vae estendendo os seus trilhos em demanda dessas ferteis regiões, que formam um canto feliz entre Bahia, Goyaz e Piauhy.

Nessa futura época de real desenvolvimento do Jalapão, ao lado da "Great Western" com a rapidez das suas viagens, teremos, certamente, os rios do Somno e do Sapão aproveitados com a sua auxiliar navegação, tanto mais quanto nas margens desses rios e dos seus labyrinthos de canaes não se conhece o paludismo, na bella phrase de James Wellss

Si accrecentarmos a essas qualidades de exuberante fertilidade o embellezamento que a natureza tropical costuma fazer com o burity, então teremos que é verdadeiramente privilegiada esta afortunada região do Brasil central!

Bem haja ao distincto viajante, e oxalá que o seu importante trabalho não fique, como tantos outros, posso dizer talvez como quasi todos os outros, completamente desconhecido de nós, Brasileiros, seja porque não somos em geral muito versados na lingua em que está escripta, seja porque os nossos governos todos, sem excepção de um só, desde o tempo da monarchia até agora, não cogitaram jámais de mandar traduzir para o vernaculo essas obras tão preciosas.

Os indios apinagés, de Goyaz, combateram pela Independencia do Brasil

No mez de Agosto de 1823, chegaram noticias de Porto Real a Goyaz, de se acharem, tropas portuguezas em São Pedro d'Alcantara, arraial situado na margem direita do Tocantins, em terras da provincia do Maranhão, tres leguas distante da fronteira de Goyaz. O governador das armas, que tinha hido passar revista ás tropas foi avisado deste acontecimento pela junta do governo, e em consequencia marchou com a primeira linha para a comarca de S. João das Duas Barras; antes porém de chegar a Cavalcante teve noticia de haver sido destroçada a força portugueza de que era chefe o sargento-mór Francisco de Paula Ribeiro, pelos paisanos de Pastos Bons, commandados por José Dias de Mattos, que se instituiava capitão e presidente da independencia do mesmo lugar. Este homem atacou as forças do Major Paula, compostas do mesmo sargento-mór, um capitão, um alferes, um capellão, e 74 officiaes inferiores e soldados (que seguiam o partido portuguez) na cachoeira de Santo Antonio, abaixo da povoação da Carolina. As forças brasileiras consistiam em 450 homens de Pastos Bons, e 250 indios *Apinagés* da provincia de Goyaz. O Major Paula perdeu um capitão e nove soldados mortos; teve muitos feridos, e entregou-se á discripção, com o resto da gente; e sendo conduzido para a villa de Caxias pelo sobredito presidente da independencia, foi por este homem feroz, barbaramente assassinado com o capellão, para lhes roubarem, como com effeito roubaram, o dinheiro que levavam. O governo do Maranhão procedeu contra o tal chefe José Dias, não só por motivo destes assassinios, mas pelas innumeras devastações e desordens feitas no territorio de que se havia constituido capitão presidente da independencia. A acção da cachoeira de Santo Antonio foi em dias de Maio de 1823.

Marechal RAYMUNDO DA CUNHA MATTOS. — *Chorographia Historica de Goyaz.*

O "Habitat" maravilhoso de Goyaz para as especies pecuarias

Vimos já, nos artigos precedentes, o *facies* geral do *habitat* de Goyaz para as especies exploraveis, que lá vivem ainda á lei da Natureza, mercê da incompetencia dos nossos dirigentes. E talvez por isso mesmo, pois que a Natureza excede á intervenção do homem na formação das raças; e é assim que reputamos maravilhoso o nosso *hinterland* para as especies pecuarias, sem excepção d'uma só dellas. Porque é a Natureza o mysterio dos mysterios como dizia Darwin.

No entanto, nada mais facil do que reunir o ensinamento scientifico, ou melhor, á theoria á pratica, esta o mais efficiente apparelho de que dispõe o homem para conhecer, aliás até certo ponto, os segredos ou mysterios da Natureza.

Certo que é muito bonito, muito nobre até, o discutir theorias num burocratico paiz de doutores e bachareis, como este em que vivemos dando ao mundo inteiro, eternamente, o espectaculo de nababos pedindo esmolas...

O que se vê entre nós é o absurdo de se mandar vir do estrangeiro forraginosas que a prodiga Natureza preferiu espalhar primeiro, e de preferencia, e das melhores qualidades, no interior do paiz.

Assim tambem preferimos ás nacionaes, as raças artificiaes não em condições de supportarem o novo clima, ou sejam as novas condições do meio.

Só a natureza poderá lutar contra o meio ambiente e vencel-o; o homem não, máo grado a prosapia dos saneadores do Brasil. Matem os anopheles todos, mas não se esqueçam que elles são a razão de ser, o precalço da vida nos tropicos.

Voltando ao nosso assumpto principal, o fazemos com estes conceitos dum moderno zootechnista:

"Se ha observado que cuando en la localidad que se desea el aclimatamiento de una especie o variedad importante hay otra indigena, el organismo se modifica tendiendo a adquirir los caracteres de la especie propia del pais, sin que por ello se pierdan los caracteres de la raza importada". (*Cristobal Sarrias*).

A theoria da formação das especies por selecção natural conta a seu favor nestas partes da America do Sul dois casos interessantes que precisam ser melhor conhecidos. Referimo-nos á formação das variedades bovinas: *Nata oxen*, de Darwin, constituida á lei da Natureza entre os indigenas dos *pampas* da Argentina, e a *Caracú*, tambem constituida pela intervenção dos indios que habitavam os sertões de Amaro Leite, no norte de Goyaz.

Da primeira dessas raças, diz Domingos Sarmiento, na introducção dos estudos scientificos de Francisco Javier Muñiz: "Careceria de interés hoy la lectura de aquel interrogatorio sobre la existencia y posterior extinción de una clase de vacas en las estancias de Buenos Aires, si el hecho no se ligase con la teoria evolucionista que tanta celebridad ha adquirido después, y la memoria del doctor Muñiz no contuviese varias noticias, a más de la parte de dicha memoria a que se refere Darwin y cita en su "Viaje de un Naturalista".

Las vacas ñatas habian sido introducidas en las estancias por los indios, que las traian en cambalache de las mercadorias de que se proveian en Buenos Aires. Antes de la revolucion, asegura el doctor Muñiz, eram los cristianos los que frecuentaban en tiempo de paz las tolderias. No les era permitido a los infieles introducirse al interior de la frontera, sino bajo ciertas restricciones, que aunque simples en si mismas, debiam ser más mortificantes para el hombre de la naturaleza que las gabelas y los resguardos serian onerosos el comercio entre hombres civilizados", (*Ciencias Naturales Argentinas*).

A más de las mantas, jergas, plumas de avestruces, riendas, botas de potro, sal, ceñidores, tejilos, etc., que los indios cambiaban por tabaco, aguardiente, bayeta, espuelas, frenos y otras piezas de montura, cuchillos, etc. daban también ganado.

Rara vez pequeño o en cria, lo más general grande y gordo como lo exigian los cambalachistas.

Por este medio, el ganado *ñato*, que componia segun la unánime deposición de los antiguos hacendados de la Provincia (negociadores con los bárbaros) una gran parte, si no la mayor de sus rodeos, se introdujo primero en los partidos más en contacto por el comercio con los indigenas. Asi fué que del Pergamino, Rojas, Areco, Guardia de Luján, Navarro, se propagó el ganado ñato al Sur, al Norte y hasta el interior de la campaña de Buenos Aires". (*La Cultura Argentina*)

Especimes novos de vaccuns que se formaram mais recentemente nos campos de Amaro Leite. Ao fundo um "Bruxo", cruzamento de Curraleiro e Pedreiro.

Ora, singular coincidencia, a nossa raça Caracú, typo primitivo que algumas zonas do paiz sem fundamento disputam o berço, procede de Amaro Leite, como é tradição em todo o Brasil Central, para cujos extremos ella irradiou mais tarde.

O marechal R. da Cunha Mattos assim allude na sua *Chorographia Historica* á descoberta que em Junho de 1824 se fez de um riquissimo e vasto territorio ao norte da serra do Estrondo, e dos arraiaes de Amaro Leite e Piedade:

"Este territorio visitado por acaso por um homem preto, achou-se occupado de immenso gado vaccum e cavallar, talvez pertencentes ás fazendas devastadas pelos indios *Canoeiros*.

Um estreito boqueirão serve de entrada para aquelles immensos pastos, a que deram agora o nome de Pintados e nos quaes se vão estabelecendo alguns moradores de Amaro Leite; outros chamam-lhe Terra Nova".

Em outra passagem da mesma obra trata aquelle auctor da prodigiosa fertilidade desse territorio goyano, dizendo que ahi os suinos "chegam até um volume enorme, sem nunca terem visto milho". Narra outro não menos veridico chronista que nos campos de Amaro Leite "se encontram no papo de perdizes granetes de ouro de peso de uma oitava e menos".

O gado bovino encontrado naquelles immensos pastos a que se refere o auctor da "Chorographia Historica de Goyaz" tinha sido para lá tocado pelos indios, como succedera ao gado da provincia de Buenos Aires.

Procediam esses bovideos Curraleiros das seis fazendas

que em 1761 o jesuita Frei Manoel da Silva e seu companheiro Pedro Fidalde possuiam nas margens dos rios das Almas, Santa Thereza e Canna Braba, cujos nomes eram: Recolhimento, Ortigas, Pindobeira, Gilbuez, Gadobrabo e outras mais.

Os indios Canoeiros, diz M. Pereira de Alencastre nos seus "Annaes Historicos da Provincia de Goyaz" — invadiram essa parte da Capitania, a despovoaram e tudo destruiram, tocando para os lados do Araguaya as rezes que annos depois lá foram encontradas com os caracteres da raça Caracú.

Dellas, pois, descendem em linha recta os primeiros *Caracús* que tanto justificam a superioridade do *habitat* de Goyaz para as especies pecuarias, a bovina e a suina particularmente.

Corrobora este asserto o depoimento de um criolo que ha mais de 10 annos conhecemos, já nonagenario, no districto de Santa Rita de Antas, cerca de 20 leguas ao norte da Capital goyana, á entrada dos armentosos campos de Pilar, Amaro Leite e S. José de Jamimbú (Salinas), á margem do Araguaya, onde Couto de Magalhães dizia ter visto o mais bello e mais gordo rebanho de todo o Brasil.

O nosso informante alludido criolo, de nome João Pereira, empregara desde menino, sua invejavel actividade como capataz dos boiadeiros de Minas Geraes, que todos os annos entravam nos sertões de Amaro Leite. Trazia de lá grandes boiadas, até ás invernadas do Sul de Minas e oéste de S. Paulo, donde então regressava aos seus pagos. Nunca ouvira dos boiadeiros o nome Caracú dado á bovideos de outras zonas que não a de Amaro Leite.

Assim se explica, a existencia de Caracús em Minas Geraes, onde foram introduzidos ha mais de um seculo.

HENRIQUE SILVA.

Post scriptum. — Já estava composto este artigo quando se nos deparou um numero do BOLETIM do Ministerio da Agricultura (publicado pelo Serviço de Informações), correspondente a Junho do anno findo, trazendo um artiguete intitulado: *A população bovina do Rio Grande do Sul.* Nesse mal inspirado informe lê-se, entre outras esta heresia: "Alli (Rio Grande) foi que, com o tempo, se formaram as chamadas raças nacionaes (como o Caracú, por exemplo), raças essas cuja existencia alguns pretendem negar". Seguem-se a estas linhas aspeadas outras como ellas tambem plagiadas dos trabalhos nossos, com a substituição, apenas de *Brasil Central* por Sul.

O auctor anonymo dessa infeliz publicação está a pedir não palmatoadas — mas patatoadas, como ensinava Camillo...

Fique o redactor do *Boletim* sabendo que no Rio Grande do Sul, como nas Republicas Platinas, com o nome de *Caracú* só foi e ainda é conhecido o tutano ou a medula dos ossos do boi; e mais ainda, que o proprio Dr. Assis Brasil, conhecedor profundo das especies pecuarias do seu torrão natal, só ha tres annos foi que viu pela primeira vez na sua vida gado Caracú — mas em Osasco, no Estado de S. Paulo, como lealmente confessou.

Não seria bem o caso do illustre e consciencioso Dr. Simões Lopes mandar abrir um inquerito para apurar a irresponsabilidade do funccionario incompetente que abusou da sua ignorancia propria rabiscando o artigo a que alludimos, destinado a uma publicação official?

H. S.

MONSENHOR PEDRO RIBEIRO DA SILVA

Hontem, era o passamento do Coronel Leopoldo Jardim, que pranteámos nestas columnas.

Agora, com o mesmo pezar temos que lamentar o desapparecimento de outro illustre patricio — Monsenhor Ribeiro da Silva, vigario da Matriz do Engenho Novo, onde soube honrar as tradições virtuosas dos sacerdotes goyanos.

Monsenhor Ribeiro da Silva era um goyano intransigente, ou bairrista, como queiram, mas por isto mesmo um dos maiores e mais devotados amigos d'*A Informação Goyana*.

Via-ferrea ligando Cuyabá á E. F. Noroeste do Brasil

Foi assignada *ad referendum* da assembléa legislativa de Matto Grosso a petição para a construcção da estrada de ferro ligando Cuyabá a S. Paulo.

A estrada partirá de Aguas Claras, estação da Noroéste, pouco adiante de Tres Lagôas, galgando o divisor do Sucury até Santa Rita do Araguaya, ponto obrigatorio. Dahi descerá pelo valle do rio S. Lourenço, de onde procurará Cuyabá.

A estrada será construida por capitalistas paulistas que levantaram capital em S. Paulo. Matto Grosso concedeu-lhes 80 kilometros ao lado da estrada; toda exploração mineral, madeiras, todas as riquezas naturaes dessa zona, a exploração do ferro, etc.

De Aguas Claras a Cuyabá a distancia é calculada em cerca de 200 kilometros.

Com a construcção dessa futurosa via-ferrea, muitissimo lucrará o Estado de Goyaz. Basta dizer que para a feira de Tres Lagôas cuja construcção acaba de ser contratada, se dirigirá todo o gado vaccum dos municipios pastoris mais importantes do sul de Goyaz: Jatahy, Rio Verde, Rio Bonito e Mineiros, bem assim o das zonas ribeirinhas do Araguaya.

Ao mesmo tempo que virá beneficiar por egual os dois grandes Estados visinhos, retirará das feiras de Minas Geraes todo a gado bovino procedente dos mais armemtosos campos do *hinterland*.

O futuro economico de Goyaz está na sua approximação do Estado de S. Paulo.

Com effeito, a dependencia em que se encontra a pecuaria goyana dos invernistas de Minas tem asphyxiado o nosso infeliz Estado, bem como a vassallagem ferro-viaria em que até hoje tem sido mantido em relação ás estradas mineiras, sendo indispensavel aos mais essenciaes interesses goyanos attingir a divisa paulista, para atravez da E. F. Noroéste do Brasil chegarem ao porto de Santos.

Se a economia goyana tem que ficar dependente de um Estado littoraneo, mais nos vale ficar á mercê dos Paulistas, do que dos Mineiros e Fluminenses, para virmos ao porto de Angra e até virmos ao porto do Rio.

E basta considerar o liberalismo esclarecido e progressista de S. Paulo e dos seus politicos, confrontando-o com o carrancismo ganancioso e opaco dos Mineiros, para se vêr quanto mais conveniente e util será para Goyaz conjugar os seus interesses com os da economia paulista, do que deixal-os ligados aos de Minas Geraes, que nos esfola com impostos exorbitantes e absolutamente indebitos, porque são evidentemente inconstitucionaes, como nestas columnas já demonstrámos.

Mudança da Capital da União

Resposta do Dr. L. Cruls ao Dr. Domingos Jaguaribe

Com vistas aos mineiros e mais alguns poucos nortistas que em Setembro do anno findo pretenderam discutir em Bello Horizonte, a acertadissima escolha do local feita pelo eminente chefe da *Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil* para a futura capital da União começamos hoje a publicação da esmagadora resposta que se lê no magistral opusculo cujo titulo nos serve de epigraphe.

No folheto intitulado "Mudança da Capital do Brasil", o Dr. Domingos Jaguaribe procura provar que foi um erro a escolha do logar para a mudança da Capital Federal, tal e qual a fez a commissão a meu cargo e que torna-se urgente cuidar da escolha de outro ponto na Serra da Mantiqueira (!)

O Dr. Jaguaribe, além de redactor-proprietario do *Municipio,* de S. Paulo, é tambem, segundo me consta, proprietario de extensos terrenos nos Campos do Jordão. E' por isso que S.S. na circular dirigida aos presidentes de Estado e profissionaes, diz que "Entre os logares indicados por muitos homens distinctos que conhecem o Brasil, figuram os Campos do Jordão, no *Planalto Central do Brasil* (*!*) apresentados como reunindo os requisitos precisos para aquelle fim".

A circumstancia de ser o Dr. Jaguaribe, proprietario de terrenos situados nos Campos do Jordão, basta para explicar o razão pela qual S.S. procura condemnar os trabalhos feitos pela Commissão Exploradora, e, ao mesmo tempo, insinuar que a escolha do local para a futura Capital deve recahir nos Campos do Jordão. O Dr. Jaguaribe, pois, como directamente *interessado* no assumpto, é suspeito para discutil-o, e, portanto, teria eu o direito de não ligar importancia a suas censuras, não só por esse motivo, como ainda mais, por lhe faltar competencia na materia. Entretanto, encontrando-se no alludido folheto, não poucas asserções, destituidas de fundamento, e com que o Dr. Jaguaribe procura macular o escrupulo que sempre presidiu aos nossos trabalhos, vejo-me forçado a refutal-as, em bem da verdade.

Mas, procedamos por ordem.

A' pagina 4 de seu folheto, o Dr. Jaguaribe commette um erro de data, que destróe completamente o que quer avançar. S.S., com effeito, diz:

> "Esta emenda, (com que o Congresso auto-
> " rizava o Governo a proceder aos estudos para a
> " fixação do local dentro da zona demarcada no
> " Planalto Central do Brasil"), offerecida ao Con-
> " gresso em 22 de *Agosto de* 1893 não teve dis-
> " cussão, visto que o orçamento foi apressadamen-
> " te votado, debaixo da acção dos canhões da es-
> " quadra revoltada a 6 *de Agosto,* cujos males
> " foram tão funestos ao Brasil".

Ora, como todos sabem, a revolta rebentou, não a 6 de Agosto, mas a 6 *de Setembro,* de fórma que o orçamento não foi em nada *apressadamente votado;* pelo menos, a 22 de Agosto, quando foi offerecida a alludida emenda, as deliberações do Congresso corriam com toda calma. Já vê o Dr. Jaguaribe que um simples anachronismo tirou toda a força á sua asserção.

A' mesma pagina 4, encontro o seguinte trecho:

> "Devia o ponto inicial desta exploração ser
> " o mais distante possivel da Capital do Brasil, ou
> " podia ficar no logar que, mais se approximando
> " della, servisse ao maior numero de Estados, fi-
> " cando sempre no planalto central, como impe-
> " rativamente ordena a Constituição ?".

Respondo: a exploração devia se restringir a parte do Planalto Central, que servisse *não ao maior numero de Estados,* como quer o Dr. Jaguaribe; *mas que servisse a todos os Estados.*

Esta parte do Planalto Central não pôde ser proxima da actual Capital, visto que esta acha-se no littoral, isto é, na peripheria do territorio, em relação ao centro deste.

Demais, o autor do folheto emprega indistinctamente as expressões "*Planalto do Brasil*" e "*Planalto Central do Brasil*" cousas mui diversas.

Quem poderá admittir, a não ser o Dr. Jaguaribe, que o *Planalto Central do Brasil* se estende até proximo da Capital Federal ? Por ahi julga-se do criterio com que o mesmo Dr. formúla suas asserções !

Das paginas 4 e 5, transcrevo o seguinte trecho:

> "Mas o desejo do vago e do infinito, parece
> " estar sempre ligado ao espirito de aventuras
> " sem as quaes o homem não passa de um instru-
> " mento do dever, funcção que repugna aos que
> " *almejam ganhar tempo e dinheiro,* dois resul-
> " tados que ficaram comprovados com a explora-
> " ção do Planalto Central".

Pessoalmente, repillo indignado uma accusação tão torpe! *Ganhar tempo e dinheiro !* Mas si assim quizesse fazer, não teria a Commissão, *em menos de oito mezes* de trabalhos de campo, sem siquer um unico dia de descanço, reunido uma somma tão consideravel de dados de observação, de toda a sorte: levantando mais de quatro mil kilometros de itinerarios, determinando grande numero de posições geographicas, demarcando uma área de 14.400 kilometroe quadrados, estudando a geologia e a botanica da região, e medindo a despeza de grande numero de rios, etc., etc. E é a isto que o Dr. Domingos Jaguaribe chama "*ganhar tempo e dinheiro*".

De duas uma, semelhante asserção por parte do Dr. Jaguaribe, ou denota inepcia, ou má fé; quer num, quer noutro caso, appello para a opinião dos homens competentes e imparciaes que lêram o *Relatorio da Commissão,* para apreciar, como merece, esta accusação.

Mas continuemos.

Transcrevo da pagina 7 o seguinte trecho:

> "Este trabalho (o folheto do Dr. Pimentel)
> " figurou depois no relatorio definitivo, *menos o*
> " *mappa* que apresentava o local da nova Capital
> " no extremo de uma das faces da área demar-
> " cada".

Estas linhas contêm tres asserções erroneas.

Com effeito.

1.º O trabalho publicado em 1894, sob fórma de folheto pelo Dr. Pimentel, e *sem nenhum caracter official,* é cousa muito distincta do que veio publicado no *Relatorio;* basta comparar o desenvolvimento respectivo de cada um desses trabalhos, para certificar-se disto.

2.º *O mappa,* que veio annexo ao folheto do Dr. Pimentel, como erradamente o qualifica o Dr. Jaguaribe, nunca foi *mappa,* mas apenas *esboço,* duas cousas muito differentes, para os competentes, mas que se confundem em uma só na opinião do Dr. Jaguaribe. Eis o titulo impresso que leva como cabeçal: "*Esboço da zona de 14.400 kilometros quadrados, demarcada no Planalto Central do*

Brasil, para o futuro Districto Federal, mostrando os caminhamentos, ligando Pyrenopolis, Santa Luzia e Formosa". Esse *Esboço* não era destinado a sahir á luz da publicidade; e mandei-o imprimir *para uso exclusivo do pessoal da Commissão* nos seus futuros trabalhos de campo. Tendo, porém, o Dr. Pimentel, me pedido para publicar o referido *esboço,* sob fórma de annexo ao folheto que preparára, autorizei-o a fazel-o sem que, porém, essa publicação algum caracter official tivesse. Eis a verdade, conhecida por todo o pessoal da Commissão, para cujo testemunho appellarei, si preciso fôr.

Por ahi vê-se que o referido *esboço,* não era destinado a ser publicado no Relatorio Geral, por ser demasiado incompleto e incorrecto, tendo-me limitado o traçar como limites da zona, os meridianos passando por Pyrenopolis e Formosa, quando os estudos posteriores vieram mostrar que estas duas cidades estavão fóra do rectangulo, como indica o *mappa dos itinerarios* publicado no Atlas, unico documento official.

Vejo-me forçado a entrar em todas estas minudencias, afim de mostrar o valor das asserções do Dr. Jaguaribe.

3.º Em que lugar do referido esboço vio o Dr. Jaguaribe o local da nova Capital? Diz S. S: "*no extremo de uma das faces da área demarcada*". E' mais uma inexactidão. Nem no esboço, nem em mappa algum, póde o Dr. Jaguaribe descobrir o *local da nova Capital.* E a razão é, aliás, muito simples. Pelas instrucções de 1892, a Commissão tinha sómente por incumbencia "demarcar a zona para o futuro districto" e não tinha que proceder á escolha do local para a futura Capital, assumpto que figura sómente nas instrucções de 1894, e de que nos occupamos actualmente.

Por ahi vê o leitor a falta de escrupulo que presidiu ás asserções do Dr. Jaguaribe. E por esta póde-se julgar das demais.

A's paginas 7 e 8 seguem-se outras asserções do Dr. Jaguaribe, a respeito do mesmo *esboço,* que chama sempre de mappa, chegando a dizer que tive "o cuidado de não dar publicidade ao mappa que era o unico dado positivo no qual a apreciação dos entendidos poderia se basear".

E mais adiante:

> "...a descripção no texto da área demarcada
> " e a posição dos quatro marcos fincados pela
> " Commissão correspondem exactamente com o
> " *mappa* do folheto, porém, não com o que acom-
> " panha o relatorio".

E' mais uma inexactidão a juntar a tantas outras. Desafio o Dr. Domingos Jaguaribe a provar semelhante affirmação. Não basta dizer: a descripção corresponde com este e não com aquelle mappa, é preciso mostrar os pontos em que ha discordancia com a descripção; isto faria o Dr. Jaguaribe, si fosse competente. Mas não o sendo, e tendo por unico fim procurar atirar o descredito sobre os nossos trabalhos, o que não conseguirá, confunde *esboço* com *mappa,* e não vê que aquelle não póde estar de accôrdo com este, attendendo ás condições em que foi traçado, e por ahi vae escrevendo disparates cada qual maior do que os outros. E não satisfeito com uma das mais graves accusações que se póde atirar sobre a *probidade profissional* de um chefe de commissão, qual a de *supprimir propositalmente quaesquer dados ou documentos que possam interessar a verdade sobre objectos de serviço de que é responsavel,* accrescenta em tom emphatico:

> "Este facto só póde ser avaliado pelos que es-
> " tudaram esta questão com o cuidado que ella
> " merece".

O que a opinião publica ha de avaliar, como merece, é o procedimento do Dr. Domingos Jaguaribe, é o tecido de inexactidões amontoadas em seu folheto, escripto com manifesta parcialidade, e movido por interesses pessoaes!

Prosigamos, porém, porque no folheto do Dr. Domingos Jaguaribe, ainda ha muita cousa que denota por parte de S. S. uma imaginação de uma fertilidade realmente admiravel!

Diz o Dr. Jaguaribe, á pagina 9:

> "...há outras localidades que reunem as
> " vantagens para poder ser considerado como di-
> " gno de figurar um plano tão grandioso, como é
> " esse da mudança da Capital do Brasil, e entre
> " ellas estão os afamados Campos do Jordão e ou-
> " tros pontos da Serra da Mantiqueira".

Já examinou o Dr. Jaguaribe o mappa do Brasil, para certificar-se da posição geographica que occupão os Campos do Jordão em relação ao conjuncto do territorio da Republica?

De certo que não; porque do contrario, não admittiria que os Campos do Jordão fazem parte do *Planalto Central* do Brasil, de que falla a Constituição, e teria visto que estes campos ficam a menos de *oitenta kilometros do littoral!* A menos que o Dr. Jaguaribe entenda que o *Planalto Central* do Brasil se estende até o seu littoral! ?

Diz o Dr. Jaguaribe, mais adiante á mesma pagina 9:

> " que torna-se urgente cuidar da escolha de
> " outro ponto na Serra da Mantiqueira, onde ella
> " possa offerecer uma localidade que preencha os
> " fins do legislador, e que ficando no Planalto
> " Central do Brasil, sirva definitivamente para
> " sua Capital".

E' para admirar que o Dr. Jaguaribe, que pretende ter estudado a fundo todo este assumpto, acredite que collocando a nova Capital na Serra da Mantiqueira, iria ella preencher os fins do legislador! Mas não vê o mesmo Dr. que seria isto desvirtuar completamente esses fins! Porque não é sómente á questão do clima que se deve attender, mas tambem á posição da futura Capital em relação ao territorio brasileiro, suas communicações com todos os Estados, o plano de viação geral da Republica, e o desenvolvimento e progresso que para o Brasil provirão da mudança de sua Capital para algum ponto central. Tudo isso seria sacrificado com a escolha que S. S. quer fazer dos Campos do Jordão, ou outro ponto da Serra da Mantiqueira.

Da mesma pagina 9, transcrevo mais este trecho digno de admiração:

> " Antes de examinar o local que deve ser
> " preferido afim de sobre elle estabelecer-se a
> " discussão, sendo ouvido o parecer escripto das
> " pessôas mais competentes do Brazil..."

Assim, pois, na opinião do Dr. Jaguaribe, a *escolha do local* é assumpto que qualquer pessoa *competente* póde resolver, sem sahir de seu gabinete de trabalho!

Realmente, é o cumulo da inepcia! Segundo o Dr. Jaguaribe, não é necessario estudar as condições topographicas da região, a sua climatologia, a natureza e abundancia das aguas etc. etc.; tudo isso e superfluo, e resolve-se a bico de penna, entre quatro paredes! Mas o Dr. Jaguaribe perde de vista que a *competencia,* a que allude, só se adquire por meio dos estudos que se fazem no terreno, e que os trabalhos de gabinete e de laboratorio, são sómente complementos daquelles, que vêm em primeiro lugar e antes de tudo!

Depois de uma asserção tão disparatada e que denota, da parte do Dr. Jaguaribe, uma falta absoluta de competencia na materia, nada mais ha que admirar!

(*Continúa*)

Nymphas Goyanas

(DYTHIRAMBO)

Nymphas goyanas,
Nymphas formosas,
De côr de rosas
A face ornai

Vossos cabellos
Com muitas flôres
De várias côres
Hoje enastrai.

Sim, nymphas, applaudi tão grande dia !
E tu, doce Lyen, pai da alegria
Vem me influir,
Que os annos de Tristão quero applaudir
Olá, traze do Pheno
O suave licor grato e sereno,
Traze os doirados copos cristalinos,
Venham falernos,
Venham sabinos,
Deita, deita, enche o copo — gró, gró, gró:
Não entornes, espera, que este só
Não é que havemos
Hoje beber;
Mais vinhos temos
Sem confeição,
Para brindar
Ao bom Tristão
Hoje á saúde
Pretendo de beber mais de um almude !

Evoé
O' padre Leneu
Salvé
Evan Bassaren

Nectar suave, oh ! quanto me consolas
de mim se ausentem
Rixas, temores
Mágoas, tristezas,
Penas e dôres
Venha outro copo de Baccho espumante,
Que ferva no peito,
E a mente levante.
Nos lusos fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante historia:
Com alheias acções não condecora
A sua alta memoria
O bom Tristão delicias dos humanos
O curso dos seus annos
Cheios não são deste furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata
Rende, saqueia, obriga, assola e mata;
Mas esperem, que escuto !
Vejo os troncos bolir ! Ah ! sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo,
Soltando aos ares vem ruidosos gritos,
Os capripedes deuses que diriam ?
Se não me engano, em sua companhia
Vem bistanidas Thracias ululando,
Agitadas da rubida ambrozia
Em choreas sincicas volteando
E'stas doces cantigas modulando:

Goyanos louvemos
Tristão immortal,
Bebamos, dancemos,
Ausente-se o mal.

E os doces licores
Do bom Nicteleu,
Em taças e se entornem
De claro cristal.

Evoé
O' padre Leneu
Salvé
Evan Bassareu

Pois já que Tristão
De paz nos encheu
Gostosos bébamos
O sumo de Oreu.
Traze, traze depressa o Peramanca,
Empine-se a botelha toda inteira
Mas que chamma ligeira,
Ao modo de uma tropa,
Pêlas tumidas vêas me galopa ?
E's tu, Bromio gostoso ? Eu bem te entendo.
Bebamos mais aquelle, que das ilhas
Me mandaram de mimo
Do profundo oceano as verdes filhas,
No licôr forte o coração me nada,
Baccho, Baccho, evoé !
O que terei nos pés ? Eu cambaleio ?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas,
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços entendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me — nos ouvidos
Sinto um leve sussurro:
O corpo tremellica, o chão me falta,
E julgo que esta casa mais alta
Como o teu elixir
Tão depressa, ó Leneu, me faz dormir ? !
Agora que eu queria
Cantar do bom Tristão
O seu candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,
Agora é que me fazes tal mudança !

Evoé
O' padre Leneu
Salvé
Evan Bassareu

Venha um copo, dois copos, tres copos,
Retinem nos ares
Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,
Nas horas de gôsto,
Com férvido mosto,
Entôem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos
Do terno Tristão

Evoé
O' padre Leneu
Salvé
Evan Bassareu.

Sim, de grande Tristão tantas virtudes
O povo lhe louve
O Neiva lhe dará muitos almudes
Dêste espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia
Que o somno concilia
Que alegra a mocidade
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O' padre Leneu
Salvé
Evan Bassareu

BARTHOLOMEU A. CORDOVIL.

No seu *Florilegio Brasileiro,* disse Varnhagem não possuir dados para a biographia do poeta — mas que lhe parecia ser de Goyaz. Nos *Poetas Goyanos,* edição já esgotada, assim tambem entendemos, porém, mais tarde repudiamos esse modo de vêr. Cordovil devia ser carioca ou bahiano. O certo é que elle foi para Goyaz em companhia do governador Tristão da Cunha Menezes, no anno 1783.

Burityrana (Mauritia armata)

Tratando da região goyana que visitará, escrevia E. Ule: "Acham-se tambem aqui plantas de parentesco amazonico, pois que quasi as mesmas familias daquella região enumeradas por MARTIUS como as mais ricas em especies, tambem o são para Goyaz, e algumas especies como por exemplo "Mauritia armata" Mart. Tococa, mostram derivar-se d'ahi."

Associada á moita de burityrana vê-se um exemplar de CARUNA' (Copernicia cerifera), que no nordéste tem o nome de CARNAÚBA e em Matto Grosso o de CARANDA'. E mais uma prova, esta, do que temos escripto repetidas vezes, sem que jamais pudessem nos desmentir, isto é, que em Goyaz occorrem todos os especimens da flora do Brasil inteiro — apenas com uma excepção. o Pinheiro do Sul (Araucaria brasiliensis), que aliás lá tem uma especie succedanea — a Pindahyba dos brejos, cujos fructos, em fórma de pinhas, são tambem comestiveis.

A questão da capital maritima ou interior

Pelo Visconde de Porto Seguro

"Que influencia não exerce a posição de uma cidade sobre o destino de um povo inteiro! A's vezes por ella se explicará a elevação de uma nação".

FOISSAC.

Antes de termos a menor noticia de que já, em outro tempo, houvera a idéa de se transferir para o interior a capital brasileira, e levados quasi unicamente pelo instincto, ao observar o mappa, parecia-nos que estaria ella muito mais resguardada no centro, como está no corpo humano o coração, e não na fronteira, — e fronteira maritima —, limitrophe de todas as nações poderosas do globo, representadas por suas esquadras.

Estas idéas nos preoccupavam já em 1839, segundo consta de uma carta que então dirigimos ao Instituto Historico do Rio (T. 1º p. 364). Começamos por pensar em S. João D'El-Rey, segundo se póde ver de uma nota aos *Epicos* Brasileiros (p. 406), em 1845, porém, continuando a meditar no assumpto, em vista dos mappas, considerámos como verdadeira inspiração o encontrar uma paragem que, a todas as luzes, nos pareceu mais vantajosa (como ainda nos parece depois de a haver visitado) e que tratámos de muito recommendar na 1ª Parte do *Memorial Organico,* que publicámos em Madrid, em 1849; sustentando-a novament na 2ª.

De 1809 a 1823, segundo depois fomos averiguando, conforme, mais adiante, minuciosamente explicamos.

Parte do mesmo *Memorial,* impressa no anno seguinte.

E, pois que em uma e outra dessas publicações, hoje raras, se encontram a maior parte dos argumentos que ainda actualmente são subsistentes, em vez de os repetir por outras palavras aqui transcrvemos os proprios periodos com que então os formulámos.

Paginas da 1ª Parte do Memorial Organico.

Sabemos como a Bahia foi a primeira capital que teve o Brasil Colonia, isto quando no Rio de Janeiro ainda não havia uma casa. Até que em 1560 Mem de Sá, para desavezar dahi os Francezes que deitou fóra, propoz á côrte e conseguiu que se fizesse em tão bom porto uma povoação.

A Bahia continuou sendo a capital do Brasil colonisado e assim era justo; pois como este se estendia pela costa, e succedia achar-se aquella proximamente a meia distancia do littoral desde o rio do Amazonas ao da Prata, dahi podia acudir melhor a toda a parte.

Dividido o principado do Brasil em dois Estados, ficando ao do Gram Pará a parte do norte, e ao do Brasil (propriamente dito) a costa oriental e as capitanias do sul, tratou-se de escolher, no littoral desde o cabo de S. Roque á colonia do Sacramento, um ponto mais central que a Bahia. Eis a origem da transferencia da capital para o Rio a qual teve logar em 1763.

O Sr. D. João, ainda então principe regente, e seus ministros, ou por ignorarem estas circumstancias, ou para se verem mais longe dos Francezes, de quem fugiam, não accederam aos votos dos Bahianos (que tinham outra vez direitos de ser a capital, uma vez que o Brasil volvia a ser um), e se estabeleceram no Rio — quando sobre tudo depois para o reino unido, a Bahia até ficava mais perto de Portugal e das Ilhas de Cabo Verde e das dos Açores e Madeira.

Fez-se a independencia, e desde então, não se tem quasi pensado nisto, dando por negocio decidido que a capital do Imperio tem de ser o Rio para sempre; e o que se lembra de tocar neste ponto é tido por utopista, ou visionario.

Conviria, porém, agora a transferencia da capital para a cidade da Bahia? De fórma alguma hoje para as necessidades do Imperio essas capitaes da antiga colonia não podem bastar. São mui deslocadas cabeças para dirigir, como cumpre, tão grande corpo que necessita concentrar-se; e nem uma nem outra offerecem á nação, apezar de suas apparentes fortificações, as garantias de segurança e de inviolabilidade que ella exige tenha o tabernaculo que guarda em si o chefe do Estado e seus primeiros delegados responsaveis, e o forum de seus representantes e legisladores. E esta fraqueza de uma e outra cidade procede justamente da prerogativa com que ambas tanto se recommendam ao commercio, — da bondade de seus portos, os dois melhores do Brasil...

A nossa terminante affirmativa parecerá por certo ao leitor mais fundamentada, quando se dê ao trabalho de percorrer comnosco o catalogo das naçoens da Europa e da America, e fizer o reparo de como as maiores dellas, e ainda as consideradas como primeiras potencias maritimas não têm suas capitaes junto do mar, como se a politica ou o instincto da propria defensa lhes dissesse que estavam, como estão, assim mais seguras...

Então sim... á margem de rios; mas que esquadra atreveria a percorrer o Tamisa com todas as suas voltas, até chegar a Londres? Que valem os barcos que podem subir o Sena até Paris, ou o Elba e o Sprée até Berlim? Quantos obstaculos não offerece o Baltico e o golfo de Finlandia á uma nação poderosa como a Russia para defender S. Petersburgo? Por ventura pensou jamais a Austria em tirar do seio do Danubio sua côrte afim de leval-a a Trieste ou a Veneza, embora isso a fizesse talvez senhora do Adriatico? Ou occorreu alguma vez á Prussia levar á foz do Oder a capital do grande Frederico, afim de proteger a marinha do *Zoll-verein*, ou influir no Baltico? Perguntese aos mesmos Russos, se acaso ganharam em trocar a respeitavel Moscou com seu Kremlin pela afrancezada cidade do Neiva. Os Czares ganharam sim em tomar mais influencia nos destinos da Europa; mas a Russia no seu interior perdeu. Apezar de não ser capital tal é a influencia de Moscou, que Napoleão concebeu o plano de occupal-a para que S. Petersburgo com isso se lhe entregasse, o que chegaria talvez a realizar se Moscou não se achasse tão internada pelo sertão.

Ainda no seculo passado um dos principes mais esclarecidos da Italia, o fundador do... reino de Napoles, ao depois Carlos 3º de Hespanha, conhecendo a fraqueza do seu reino quando em 1742 os Inglezes ameaçaram de lhe bombardear a capital, concebeu logo o plano de levar esta para Caserta no interior, e na execução desse plano se achava, quando a sorte o chamou a maiores destinos.

E o grande politico, o senhor de quasi toda a terra, Filippe 2º, vemol-o seculo e meio antes fixando sua capital em Madrid, e, com tão formidavel marinha como a que tinha, desprezando o magnifico porto de Lisboa (de que estava senhor) e a foz do Tejo, para se estabelecer nas cabeceiras deste rio.

E aqui temos na America novos exemplos. Além das capitaes do Mexico, Nova Granada, Venezuela, Equador, etc., como teria a Republica Argentina com tanta audacia á França, á Inglaterra e a mais alguem, se a sua capital estivesse situada como Montevidéo, e não á beira de um rio, cujo pouco fundo, que permitte rodarem nelle carros para fazerem o serviço, não consente que uma esquadra possa estender-se em linha diante de Buenos Aires, abrir as portinholas e de morroens accezos impôr as condições, como se tem visto em outras partes... Na Europa que digam Copenhagen, Lisboa, Napoles, e a mesma Constantinopla se é agradavel se quer o simples cheiro dos morroens accesos, e se a vista de uma deliciosa bahia e dos navios que entram e sáem, compensa ao homem politico essas crises, em que uma nação inteira soffre um vexame que vae á historia, só porque a situação da capital e o respeito que esta teve ao imponente bombardêo, obrigaram o governo a capitular... porquanto o remedio da retirada no momento de crise daria logar ao desembarque e se não ao saque, pelo menos a um forte tributo, como impoz Duguay Trouin quando se assenhoreou do Rio de Janeiro. E nem se diga que este porto está hoje mais defendido que então que qualquer official d'armada sabe que a marinha de guerra tem feito taes progressos em proporção da defensa das fortalezas, que hoje não ha porto do mundo que com bom vento não possa ser forçado por uma esquadra, que vá depois defronte da cidade indemnisar-se das despezas que fez com o bloqueio, mettendo em conta gasto de botica, segundo se conta que fez em Lisboa o almirante Roussin, sem haver tido ferido algum na sua esquadra vencedora da foz do Tejo. Quanto ao actual estado defensavel do Rio e á possibilidade de resistencia mais haveria que dizer; mas poupemo-nos a mencionar exemplos de triste recordação para todo o bom cidadão, embora podessem fazer argumento em nosso favor.

Ora, pois, hoje que já não somos colonia, que não necessitamos de estar em dependencia de Lisboa, e que as vantagens de termos a capital sobre o mar, não compensam a fraqueza e comprommettimentos que dahi podem resultar para a nação e outras muitas vantagens que se colheriam de a transferir para o interior, segundo adiante mostraremos, assentamos por principio que a capital do Imperio (ainda quando fossemos primeira potencia maritima, eventualidade que podia destruir um simples temporal) não deve ser em um porto de mar, sobre tudo actualmente, em que graças á invenção dos caminhos de ferro, podemos fazer em algumas horas communicar com a beira-mar qualquer ponto do sertão...

Qual é o local mais conveniente para fixar a séde do Governo Imperial?

Cremos haver deixado demonstrada a conveniencia da exclusão de todos os portos de mar. E agora accrescentaremos a capital do Imperio deve estar n'alguma paragem bastante no interior que reuna mais circumstancias favoraveis, não só para satisfazer ao principio essencial do clima..., como pelas razoens seguintes:

1.ª Qualquer ponto delle, por distante que o imaginassemos, nunca será tanto que não possa no intervallo de horas communicar-se com o porto mais proximo do littoral, por um caminho de ferro que propomos como indispensavel de se construir.

2.ª Convém, para proteger as communicações, levar ás nossas provincias do sertão, e ahi empregar, a maior somma possivel de capitaes productivos, os quaes augmentando sua cultura e riqueza, e depois sua população, reverterão em favor das cidades maritimas, já recebendo dali generos de consumo ou de exportação, já enviando-lhe os generos ultramarinos, que ellas mais ricas e mais povoadas consumirão em muito maior quantidade.

3.ª Como as cidades visinhas ao mar se civilisam e criam as necessidades dos commodos da vida e do luxo, estimulo da riqueza, pela simples frequencia dos navios e trato do commercio maritimo aos longinquos sertoens é necessario para que elles se animem a sahir do estado quasi natural levar como tonicos grandes fócos de civilisação, e não o póde haver melhor do que o de assentar ahi a propria capital, que em todos os reinos é o centro do luxo...

4.ª Os governos cuja séde está no interior do paiz tratam mais que os outros em cuidar de facilitar as communicaçoens que são as veias e arterias do Estado, que sem ellas definha e morre.

5.ª Ao mesmo tempo uma capital central póde distribuir com mais igualdade, em differentes raios sua solicitude.

6.ª Quanto mais central esteja a capital, mais obstaculos se poderia crear para não chegar a ella qualquer inimigo que ousasse invadir o paiz; e ainda, sem imaginar esse caso extremo, qualquer exigente negociador não se julgaria ahi tão forte para dictar condições, como tendo á vista suas esquadras.

7.ª Sendo certo que as capitaes quando crescidas, são o centro do luxo, ou dos artigos que não são de primeira

necessidade, e portanto os maiores consumidores dos productos do commercio maritimo, esses chegarão ao interior já meio convertidos em trafico interno pelos preços dos transportes, do que resultarão valores *criados* em beneficio do paiz.

8.ª Um centro de civilisação nos elevadissimos chapadoens do interior, e em clima já não tropical, faria que promptamente ahi se cultivassem artigos de commercio que não cultiva á beira-mar, e a permuta seria em beneficio do paiz, que além disso ficaria mais rico de meios proprios; e nesses chapadoens a população, que hoje é quasi apenas pastoril, passaria a ser agricultora, e até com o tempo, a ensaiar-se em outros ramos d'industria.

9.ª Sendo nesses chapadoens elevados os ares mais finos, e mal correspondentes aos da Europa, e legislando-se desde já que na capital e seus arredores não haveria escravatura, estas verdades constariam logo, e affluiria ali expontaneamente muita colonisação estrangeira, que hoje não vae ou por desconhecerem taes circumstancias de clima ou por não se atreverem a internar pelo *far west*, onde não tem consules nem representantes, numa terra cuja lingua desconhecem, ou por preferirem paizes onde não ha escravos...

10.ª Augmentando em todo o caso, ainda sem esta colonisação, a população no interior com a formação da capital, e, começando nos arredores desta a desenvolver-se... certa industria fabril e manufactureira, se colheria a vantagem de poupar mais os mattos cujas madeiras se poderão para o futuro utilisar para a construcção naval ou para exportar, em vez de serem queimadas nas fabricas, e nas roças e no uso domestico.

11.ª Em uma posição adequada do interior estará o governo mais em circumstancias de attender aos ricos districtos de Goyaz e Cuyabá, onde ha tanto por criar, e dar providencias ácerca dos indios, a respeito dos quaes muito pouco, ainda mal, se tem fallado no Rio de Janeiro.

12.ª Os pretendentes a negocios de todas as providencias, bem longe de passar o mar (como se habitassem n'uma ilha), terão que percorrer o Imperio, o que os fará conhecer melhor o paiz e suas necessidades; e o que gastem na jornada ou na residencia da capital, será mais em favor do paiz do que se o gastassem nos vapores, ou n'uma cidade maritima.

Mas qual a cidade ou villa do sertão nos deve merecer a preferencia?

Em nossa opinião nenhuma. Para nós todas têm o vicio da origem, proveniente de uma riqueza que já não possuem. A sua situação, assento e criação, procederam de uma mina em que se trabalhou mais tempo a tirar o ouro, e junto á qual os mineiros irregularmente edificaram suas primeiras barracas, perto dos escombros de cascalho e desmonte da cata que abriam.

Mas se, abandonando a idéa de achar já feita e acabada a cidade que tanto nos convém, nos resolvemos a fundar uma, segundo as condições que se requerem a toda a capital de paiz civilisado hoje em dia, a verdadeira paragem para ella é a mesma natureza quem a aponta, e de modo aqui mui terminante...

(*Continúa*).

NOTAS E INFORMAÇÕES

E' um veso antigo esse dos nossos escriptores de oitiva recorrerem aos conceitos colhidos nas ferteis obras dos chronistas do Brasil colonia, quanto aos *habitats* por excellencia do paiz, para as especies pecuarias — a bovina principalmente. E' assim que Rocha Pitta e Ayres do Casal vivem e palpitam nas nossas mais recentes obras de fancaria sobre o assumpto. A proposito, para aqui trasladamos as seguintes interessantes considerações que tomamos de um editorial do *Jornal do Commercio*:

"Todo o mundo sabe a febre com que, depois de creado o Ministerio da Agricultura, se tem desenvolvido entre nós o serviço de propaganda por meio de publicações, destinadas a uma ampla e profusa distribuição. Mas o que talvez nem todos tenham notado é a perfeita inutilidade da maioria dos livros e monographias com tal fim adquiridos, por encommenda ou já depois vindos a lume. O Min. da Agricultura foi assaltado por um verdadeiro bando de escriptores improvisados, desejosos de firmar contrato para a elaboração de obras de propaganda. Dentro em pouco nas linguas mais diversas, esses livros e folhetos entraram a inundar aquella secretaria, de par com almanachs, albuns illustrados e até romances! Quem se desse, porém, ao trabalho de ler a maioria das monographias notaria, porém, desde logo, estas duas cousas: identidades de erros e uniforme atrazo dos informes e dados estatisticos. E' que os livros e livrecos em questão eram escriptos ás pressas, aqui mesmo, com grande collaboração da tesoura, gomma e traducções infieis. O Centro Industrial do Brasil ha bastantes annos por sua propria iniciativa, publicou uma excellente obra, collaborada superiormente, com o titulo suggestivo "O Brasil, suas riquezas naturaes e suas industrias". Essa foi a fonte commum de todas as monographias que, mais tarde, se lhe seguiram. Não ha duvida que o trabalho do Centro Industrial foi util, louvavel, valioso. Mas, como era natural, todos esses adjectivos se applicam áquelle livro, tendo-se em vista a época em que elle veio a lume. Dahi para cá, novas indagações, novos inqueritos foram feitos e, por outro lado, como o progresso do Brasil não para, por mais que os politicos tentem sustal-o, accumulando erros sobre erros, outras industrias surgiram, estatisticas mais fieis appareceram. Mais fieis e, sobretudo, mais modernas, mais actuaes.

Em meio desse alluvião de livros de propaganda ha, porventura, alguma cousa aproveitavel.

Mas, na maioria, repetimos, são resumos mal feitos, lacunosos, quando não notoriamente phantasiosos".

Glotologia indigena

3... A', sub. adj. e pron. contr. de *Abá*, homem, pessôa, etc. como 3 *A*.

4... A', A, interg. admir. admir., ah! oh! Não confundir com 7 *A*.

5... A' BA, BI (rad. áb), suff. do part. nom. e sub. de todos os verbos, concorrendo até com sub., adj., pron. e adv. para formar compostos deriv., desig. — tempo, logar, modo de ser, de estar, de existir, cousa, instrumento com que se exercita, circumstancia, fim, effeito, facto, obra, uso, applicação, acção, adaptação, propriedade, cumplicidade, compartecipação,, intento, proposito, etc.

Oimocc paraiso ibipekóáára cekóába çui, Expulsou-os do paraiso terrestre onde se achavam. *Ykó ibi acê rekóába*, Esta terra em que a gente está. *Yguápe*, logar onde se bebe, toma, colhe, fa provisão, etc. de agua, aguada, bebedouro, etc. *Karuápe*, logar onde se come, comedouro, refeitorio, etc. E' de notar que nestes dois exemplos os sub. estão agglutinados á pos. loc. — *pe*, para dar-lhes maior precisão locativa. V... *ába*. Raramente empregado na sua forma simples, ordinariamente recebe os esplet. phonet. — *ç* (h), *gu*, *y*, *k* (c), *m*, *mb*, *n*, *nd*, *ng*, *p*, *t* e *x*, excepto quando o rad. termina em *k* (c) (*g*, no Paraguay), *m*, *mb*, *n*, *nd*, *ng*; quando o rad. termina em *b* este muda-se em p; quando a palavra termina em um dos dipht. *ai*, *ei*, *ii*, *oi*, *ui*, o esplet. é *x*; as terminadas em *o*, *u*, não nazaes, como se viu acima, póde dispensar o esplet. V. 7... *a*.

Niteroi, 27 — IV — 920.

Meu caro collega e amigo Henrique. — Saúdo-vos e á vossa digna

Não tendo sido possivel achar as provas que me mandastes fiz outro, segunda via, com alguns pequenos addendos. Ficou melhor.

Afóra este, acceito outro qualquer para o Folklore brasileiro? São lendas indigenas, correctas, mas em portuguez.

Abraça-te o amigo agradecido

J. Maia.

6... A'. BA. BI, é o v. tr. *Çá* ou *Ká*, quando em compos., isto é,

quando é conjug. interpondo-se alg. sub. *Aibirá-á*, Córto madeira. *Reibiá*, Alores, cóstas, etc. *Yaibarakangá*, Torcemos galhos de plantas (para marcar, assignalar, etc. o trajecto). *Yaçó yande rókitá á*, Vamos cortar madeira para nossa casa.

7... A' KA. KI (rad. *ák*), no Paraguay *Ag*, adj., compon., phrase, — dirigido, voltado, volvido, etc. para. V. 11... *á* e combine com *Bá*.

8... A'. RA. RI (rad. *ár*), posp., adv. e phrase, sobre, em cima, em cima de, acima, acima de. Não confundir com 6 *A*, 8 *A'*. V. *Açói*.

9... A'. RA. RI (rad. *ár*), suff. do part. pres. dos v. tr., impropriamente empregado ás vezes com v. int. e até pron, formando adj. e sub. indicando o agente, o autor da acção do verbo, equivalendo aos nossos suff. ante, ente, inte, eira, ista, or, são, etc. V... *ára*. A respeito deste suff. milita o mesmo que ficou dito em 6... *á*. Devo notar aqui, por ter-me passado no outro suff., que ha casos em que a ultima lettra cáe para dar logar ao esplet., como em *Jaceguá* (part. nom. de *Jaceó*), pranto, choradeira, etc., de onde *Jaceguáy*, rio do pranto, da choradeira, das mortes, da mortandade. V... *bae*.

1... A (1), V. 1... *a*, que é mais empregado.

2... A, adj., adv. conj. e phras., bem, muito, assaz, bastante, demasiado, intenso, excessivo, enorme, etc., e adv. corresp. ou deriv.: mesmo, justamente, exactamente, effectivamente, realmente, de facto, na verdade, etc.; e, tambem, até, ainda, e tambem, e até, e ainda, outrosim, etc.; em phrae, negat. — algum, alguma, nenhum, nenhuma, de modo nenhum, nenhumamente, absolutamente, etc. Muitas vezes não se póde traduzir litteralmente esta palavra, porque ella exprime o sentimento, a intensidade, etc. da expressão, como na phrase do Redemptor na Cruz: *Xe Jucêi a*, em que exprime, não simplesmente uma sede vulgar, commum (tenho sede), mas a intensidade da sede que o devorava. Ou como a seg.: *Xe retê a ndoikó etêi membéka*, Meu corpo de modo nenhum está muito enfraquecido, ou Meu corpo mesmo não está muito fraco, etc. *IXe aé â*, Sou eu mesmo, sou eu justamente o proprio, etc., para que não houvesse, não restasse a menor duvida de que fosse elle o proprio procurado, e não outrem a quem elle quizesse substituir. *Açó a xe ró pe*, Vou mesmo justamente, etc.) para cinha casa. ...*a tekó aéreme moroêróka*,... e (tambem, etc.) segundo o costume pondo nome, denominando, etc.

3... A, interj., como 4... *á*, mas menos empregada.

4... A, suff. sub., provavelmente deriv. de 2... *á*, granulo, landra, pipóca, tuberculo, baba ou bouba, etc. V. 4 *A*, *Aii*, *Guá*, *Pia*, etc.

5... A. MA. MBA. MBI. MI (rad. *am*, *amb*), presp. de fut., a, pára, etc., servindo de suff. de futuro, — que, o que ha de, etc. Conforme a dicção a que se junta pode vir — *ná; ngua; gua; ra; na* (*o-a, goa*, dos Jesuitas). Tambem é adj. e sub., futuro, etc., e até adv., futuramente, etc.: *Xe çô-çábâ*, O tempo, etc. em que eu hei de ir; minha ida. *Xe çôçábame*, O logar, etc. em que eu hei de ir. *O mano mbaé rama*, O que ha de morrer. *Urúguaçú iyukápirama*, Gallinha que ha de ser morta, para ser matada, etc. *Xe róka, vama*, minha futura casa. *Nde remizekó vama*, Para ser tua mulher, que ha de ser tua mulher, tua futura mulher, etc.

6... A. MA. MBA. MBI. MI (*vad. am, amb*, mas tambem pode ser deriv. de 2 *A*), adj., levantado; empinado; inclinado; ingreme; acclive; apique, etc.: *Téibia*, Caminho por encosta, acclive, etc. *Nuibiandibi pé rupi*, Não tem muitos accidentes pelo caminho. *Téibiaei* (ou *itiamei*), Caminho sem accidentes, plano, chão. V. *Ibiâ*.

7... A. MA. MBA. MBI. MI, nazalização de 5... *á*, como 9... *a*, de 9... *á*.

8... A. NA. NI (rad. *an*), adv., Já.

Indica sempre uma acção, etc. realizada, passada, etc., como...*ê*, servindo portanto para formar preter. perf. simpl.: *Auana prrá kui, recê*, Comi peixe com farinha. Note-se, porém, que não podem ser empregados um por outro, ou simultaneamente. V... *ê*.

9... A. NA. NI, nazalização de 9... *á*, como 7... *a*, de 5... *á*.

10... A. NA. NDA. NDI, NGA. NGI, NI, é o v. tr. 11 *A'*, quando em campos com dicç. nazaes ou simplesmente nazalizados ou nazalizaveis. V. *Ayúba*, *Kuába*, *Nha*, *Nhúba*, etc. *Oikuába tata*, Abarcou-o fortemente. *Xe kuábangata*, Abarcou-me com força. *Oro nhoanhubá orokêbo*. Dormimos abraçados um com o outro, ou abraçando-nos. V. *Caiinha*.

11... A. NGA. NGI. (rad. *ang*), adj., compon., phras, etc., torcido, torto, virado, angulado, dobrado, quebrado, etc., ou que tem a propriedade, etc. de tomar, apresentar, etc. aquellas fórmas, de dobrar-se, de angular-se, etc. V. *Nipia*, *Niba*, etc. e compare com 7... *á*, *Apá* de *Pá*, *Ape*, de *Pe*, *Tapá*, etc.

12... *a* NGA. NGI (rad. *ang*), signal de interrog, mais geralmente empregado sob os compostos... *pa, pami, panga, piá*, etc., entretanto não é raro vel-o empreg. como interj., oh!; mas onde se vê quazi puro é em...*a-ngá* ou... *ang-á*, interr. carinhosa, — Já? pois já? então já? etc.: *Reçô a-ngá* ou *ang-á*, Já vais? (pois já vais? então já vais? etc., como se dissesse — Não vá ainda, ainda é cedo, espere ou fique um pouco mais, etc.). *Reyú angá* ou *ang-á*, Já vieste? etc.; Porque foste tão breve? Podias ter demorado mais, etc. *Ebak'angá nde monhangárê nde anga*, Oh volve-te ao teu creador! Na pronuncia desta interj. ha uma ligeira, mas bem accentuada pausa entre as duas syllabas.

Está terminada a série dos simples da lettra *A*. No proximo numero começarei os da lettra *B*, que são poucos. Lamentavel é que não haja na typographia typos dos vogaes com os accentos proprios a dar ás lettras seus sons proprios.

JORGE MAIA.

(1) Esta nova série é toda nazal.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE JUNHO DE 1920 — VOL. III—N. 11

SUMMARIO

O QUE GOYAZ PRODUZ E EXPLORA

A exportação de Goyaz, em 1919, foi dos seguintes productos:

Cabeças de bois	117.861
" de vaccas	851
" de cavallos	128
" de suinos gordos	8.661
" de suinos magros	7.037
" de carneiros	267
Kilos de fumo em rôlo	13.160
" de christal	5.712
" de salitre ou mica	38
" de borracha	3.435
" de solla e pelles sortidas	51.849
" de pelles crúas	30.847
" de couro salgado	9.604
" de arroz com casca	6.480.233
" de arroz beneficiado	666.603
" de feijão	101.398
" de farinha de milho	1.651
" de toucinho	103.908
" de carne de porco	48.717
" de xarque	697.962
" de banha derretida	94.751
" de sebo ou graxa	116.473
" de oleos	1.333
" de tripas	2.442
" de chifres, etc.	4.669
" de café	261.359
" de sabão commum	539
" de assucar grosso	60.012
" de manteiga	5.217
" de amendoim	966
" de milho	6.817
" de queijo e requeijões	8.893
" de mamona	3.421
" de algodão	6.527
" de tijolos	17.800
" de batatas	169
" de doce de marmellada	1.747
Litros de aguardente	3.863
Duzias de taboas e ripas	105
Metros de madeira de construcção	252
Mercadorias diversas	234.127

O que ahi fica é o que se lê na Mensagem do presidente Alves de Castro. Mas é obvio que os dados estatisticos em questão devem ter ficado aquém da verdade, porque é humanamente impossivel uma arrecadação rigorosa de impostos de exportação numa terra onde o contrabando está normalizado.

Procedencia das rezes introduzidas nos campos de Goyaz

As primeiras rezes, tanto as maiores, como as menores, introduzidas nos campos nativos de Goyaz procederam dos de Piratininga, no anno de 1726, como se vê da *Relação do primeiro descobrimento das Minas de Goyaz por Bartholomeu Bueno da Silva,* escripta por José Ribeiro da Fonseca (Códice existente na Bibliotheca Nacional).

Referindo-se á partida da missão colonizadora de Bueno, diz: "Em 1726 sahiu segunda vez de S. Paulo com mais comitiva que da primeira, conduzindo tudo o que lhe pareceu necessario para se estabelecer. Depois de 6 mezes de jornada chegaram á Chapada, em que se acha agora o Arraial do Ouro-fino, e d'ahi alguns dias chegou tambem Antonio Ferraz de Araujo conduzindo 40 porcos, com que depois se arranchou no Cabasaco, e os vendera a libra de ouro cada hum".

Não ha ahi referencia a gado vaccum, mas era impossivel que o colonizador de Goyaz deixasse de conduzir na sua numerosa comitiva o precioso animal que no dizer de Cornevin, sempre acompanha o homem nas suas conquistas.

Accresce que por esse tempo o gado bovino, introduzido na Capitania de S. Vicente em 1532, era abundantissimo em S. Paulo. Assim, e nem d'outra maneira, o boi entrou com o Anhanguéra em Goyaz.

Os primeiros cavallares que pisaram o territorio goyano foram os da bandeira do Anhanguéra a Goyaz, em 1722, ou talvez mesmo entre 1616 e meiados do seculo XVII, em que Antonio Pedroso de Alvarenga, Paschoal Paes de Araujo e outros perlustraram os sertões goyanos.

Tambem não era admissivel que na sua alludida numerosa comitiva o descobridor de Goyaz se esquecesse de conduzir outras rezes menores que abasteceram os primeiros nucleos de população daquellas minas, quer no sul que no norte. E' de Ayres de Casal que logo após a descoberta das minas auriferas d'Agua Quente (anno 1730), alli irrompeu violenta epidemia de febre terçã, cujo desapparecimento foi attribuido á chegada de uma boiada procedente de S. Paulo. O caso é interessante, mas no interior ninguem ignora que o escremento do gado bovino, queimado, afugenta os mosquitos transmissores da malaria.

E', pois, disparate historico dizer que os primeiros bovideos introduzidos em Goyaz procederam da Bahia e mais Estados nortistas.

DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE GOYAZ

O Estado divide-se em 48 municipios e, conta 28 cidades, 20 villas e 58 arraiaes e mais de cem nucleos de povoações de menor importancia.

CIDADES:

Goyaz (capital), Annapolis, Arraias, Bomfim, Bôa Vista do Tocantins, Bella Vista. Campo Formoso, Catalão, Curralinho, Corumbahyba, Campinas, Corumbá, Formosa, Jaraguá, Jatahy, Morrinhos, Natividade, Pouso-Alto, Palmeiras, Porto Nacional, Palma, Pyrenopolis, Posse, Rio Verde, Santa Rita do Paranahyba, Santa Cruz, Santa Luzia e Ypameri.

VILLAS:

Anicuns, Caldas Novas, Christalina, Conceição do Norte, Chapéu, Couto Magalhães, Cavalcante, Forte, Mineiros, Pilar, Peixe, Pedro Affonso, Planaltina, Rio Bonito, São Domingos, Sitio d'Abbadia, São José do Tocantins, São José do Duro, São Vicente do Araguaya e Taguatinga.

ARRAIAES:

São Francisco das Chagas, Inhúmas, São José do Turvo, Ouro-Fino, Leopoldina, Cachoeira, Aracaty, Santo Antonio das Grimpas, Trindade, Goyandira, Santo Antonio do Rio Verde, Cepellinha, São Sebastião do Sapé, Muquem, Nova Aurora, Campo Alegre, Santo Antonio de Cavalleiro, Burity, Santa Rosa, Bananeiras, Bôa Vista do Marzagão, Campos Bellos, Chapa, Mimoso, Sacco, Santa Rita do Araguaya, São João da Capetinga Riachão, Nova Roma, Moinho, Amaro Leite, Descoberto, São João do Galheiro, Carmo, Jalapão, Barriguda, São José do Amparo, Cordilheiros, Mocambo, Crixás, São Joaquim, Cocal, Trahiras, Barra, Urutahy, Rio Claro, Bôa Vista da Posse, Entre Rios, Principe, Iqueiras, Bom Jesus, Bomfim, Flôres, Posse, Nossa Senhora d'Abbadia, São Sebastião da Pimenta, Buenos-Aires, Brejinho, São Sebastião do Tição, Bom Jesus da Ponte Alta, Missões, Mattão, Porto da Barra Mansa, Marco Agudo, São Miguel Bôa Vista, Lages, Bacalhão, São José de Mossamedes, Registro, Santa Rita de Antas, S. José do Araguaya, São Sebastião do Atolador, Ribeirão, Chapadão e Campo Alegre.

Paisagens goyanas

Manhan na varzea

Extranha symphonia, andam na alva vibrando
Batuiras e chechéos, sanhaços e azulões;
Por sobre os burітys das marrecas o bando
Vae, em arco, guinchando á busca dos sertões.

A palma do indayá, como um velame pando,
Freme ao vento. O assa-peixe inclina as suas flores
Sobre a tropa, a passar [illegible] ao mando.
E estruge na vereda o grito dos peões.

Accorda a varzea em festa. E' a ronda das phalenas!
A chuva dos cajús enflorou as campinas
Para onde erguem o vôo multicôr das antennas.

Vão as emas, ralhando, atravez da malhada.
Treme o rocio... E ao sol, que aponta entre as collinas,
Pulverisam-se em luz as gottas da orvalhada!

H. de Carvalho Ramos

No Araguaya e Tocantins

São tão raros os que se aventuram pelo nosso *hinterland*, que é um verdadeiro achado qualquer referencia que se lhe faça, em livros principalmente.

Neste caso está o volume que sob o titulo *Tocantins e Araguaya*, o Sr. Dr. Manoel Buarque vem de publicar. Delle trasladamos para a nossa revista as passagens que se seguem:

SÃO VICENTE

São Vicente é uma villa goyana, situada á margem direita do Araguaya, em uma terra alta e plana, seguindo-se-lhe depois os vastos campos dos sertões araguayanos. Tem o aspecto da cidade cearense de São Bernardo das Russas, que fórma um verdadeiro quadrilatero. Foi fundada em abril de 1873, por Vicente Bernardino Gomes, que falleceu em Goyaz, no dia 28 de Outubro de 1884. Em 1877 foi elevada á Freguezia, sendo o seu primeiro Vigario, Frei Savino, da Ordem dos Frades Menores, que soffreu uma terrivel perseguição, sendo até processado como assassino dos indios Carajás, de cujo iniquo processo sahiu-se galhardamente, tendo sido provadas falsas as accusações calumniosas que lhe foram assacadas pelos filhos das trevas, inimigos da Egreja.

Honra seja feita ao honrado magistrado, Juiz de Direito de Goyaz, que poz por terra em sua luminosa sentença todas as perseguições urdidas contra o santo missionario. Em 1885, quando Frei Savino seguiu para a capital de Goyaz, contava esta villa 800 habitantes. Em 1908, quando o Padre Souza Lima, Vigario da Bôa Vista, sitiou esta cidade com 700 homens, Leão Leda e o Juiz de Direito da Comarca contra os quaes foi feito o movimento, vieram para São Vicente, retirando-se todos os habitantes da povoação.

Seguiram uns para Marabá, outros para São João, e outros ainda formaram o Arrayal Surubim, ficando, apenas, na povoação invadida pelos fugitivos de Bôa Vista, um casal de velhos.

São Vicente foi elevada á cathegoria de villa por Decreto de 21 de Junho de 1913, devido aos patrioticos esforços do coronel Luiz Guedes e de Amaro Pereira Soares que a 20 de Julho do mesmo anno foi eleito Intendente, fallecendo dois dias depois das eleições. Foi o Major Leudovico Monteiro quem o substituiu e encontramol-o no exercicio do cargo, cercado de toda a estima de seus municipes pelo cargo, cercado de toda a eseima de seus municipes pelo modo criterioso e lhano com que dirige os destinos da communa. São Vicente tem, actualmente, 130 casas e uma população de 550 habitantes. O rio Araguaya tem em frente á villa 795 metros de largura e 28 de profundidade.

O commercio é fraco, mas é seguro. Suas casas são, na maioria, cobertas de telhas e algumas bem confortaveis. A Egreja do Padroeiro é pequenina, porém, bem zelada. O cemiterio publico, com os seus muros de tijolos, prova que este logar não é um canto escuro.

Embellezando uma de suas praças, vimos uma arvore de altura desmesurada, coberta de flores, semelhantes a candelabros, em sua exquisita fórma: chamam-na faveira de bolota, e adapta-se perfeitamente á arborisação de uma cidade pela espessura umbrosa de sua cópa e pela peregrina belleza de suas flores.

Proximo a esta villa, existe uma ilha com 5 kilometros de largura e meio de comprimento, onde encontram-se varias especies de madeiras preciosas.

Acredito muito no futuro desta villa, porque tudo, ali respira tranquillidade e paz e é á sombra da paz que vicejam os logares e prosperam os povos.

PAU D'ARCO

No dia 7 de Agosto amanhecemos em Pau d'Arco, uma grande povoação do Estado de Goyaz. E' um bom porto de commercio porque dahi embarca todo o caucho vindo do lado paraense fronteiro, com destino a Belém. Esta povoa-

ção que possue uma enorme casaria, toda coberta de palhas, está situada em um terreno muito alto e plano, seguindo-se-lhe após o campo que tem 15 kilometros de extensão. O Araguaya tem uma largura enorme, sendo suas margens todas cobertas de pedras miudas, notando-se porém, de espaço a espaço, grandes pedras semeiadas por além... Goza de um delicioso clima e é o logar no Norte do Brasil onde se come a melhor carne de gado. Presta-se á edificação de uma grande cidade. A industria pastoril, nesta nesga de terra do nosso territorio nacional se acha em franco desenvolvimento. A população pau d'arquense é quasi toda vinda do Maranhão, ou das grandes luctas das regiões sertanejas de Goyaz.

Passámos o dia 7 de Agosto nesta Povoação, á espera da matalotagem que mandamos preparar, afim de podermos seguir até Conceição. E sentado á frente do camarote, onde se achava a familia, iamos traçando estas linhas, quando descambava no occidente o Astro do dia...

Notas e informações

Ha uns 15 annos que, não só pela extincta revista *Jornal dos Agricultores* como tambem pelo *Jornal do Commercio*, emprehendemos uma campanha tenaz insistente mesmo, no sentido de rehabilitar no conceito dos criadores brasileiros as duas hoje victoriosas gramineas forrageiras nativas do *hinter-land*. o *Jaraguá* e o *Gordura*, ou *Catingueiro*.

Quando, pelas analyses de laboratorios foi conhecida a riqueza, em principios nutritivos da primeira dellas, não faltaram entre nós autores improvisados, gente mettediça naquillo que não conhece, para pôr de *quarentena* o resultado das ditas analyses — por assim aconselhar o festejado pecuarista Dr. Assis Brasil. A diffamação da já agora triumphante graminea nativa de Goyaz não se fazia sómente nos circulos intellectuaes, mas até mesmo entre os criadores rusticos, pois segundo contava o saudoso Dr. Joaquim Carlos Travassos, paladino fervoroso do Jaraguá, um respeitavel criador de Batataes, em S. Paulo, offerecia vinte contos de réis a quem lhe exterminasse dos campos a *praga* originaria do Matto Grosso de Goyaz!...

O Gordura, outra graminea por esse tempo sem cotação na esphera dos criadores nacionaes, passava por alienigena, ou melhor, como introduzida no Brasil pelos primeiros colonos, segundo dois notaveis scientistas de alto cothurno: os botanicos Georges Gardner e A. de Saint Hilaire.

Combateramos com documentos e factos, tal conceito, ficando assim provado o indigenato da graminea em questão.

Finalmente, ambas essas forraginosas são actualmente as mais preconisadas pelos criadores do Brasil inteiro — desde os campos de Rio Branco, no Amazonas, até ás campanhas rio-grandenses.

Quanto á entrada triumphante dellas nos decantados campos sulistas, fala-nos o Sr. Coronel Alfredo Gonçalves Moreira, presidente da União dos Criadores do Rio Grande do Sul: "Ao capim nativo (do sul) substituem agora os prados artificiaes, com excellentes plantas forrageiras, cultivadas com carinho, as ricas plantações do Jaraguá, do Gordura e outros".

E esta confissão sincera, que se lê num matutino carioca, não é bem uma prova decisiva de que as forrageiras do Brasil Central estão acima das do resto do paiz?

Louvores á Brazil Land, Cattle & Packing Company, que, plantando o Jaraguá e o Gordura em larga escala, intensivamente, nas suas importantes fazendas de criação do sul de Matto Grosso, deu o bom exemplo aos criadores rio-grandenses.

A CAÇADA

Veja, seu João, a carniça está velha, portanto a onça está longe; não convem que o senhor se arrisque sósinho por essas brenhas, é uma temeridade... Assim fallava, em tom descançado, um homem de meia idade, aspecto bonachão de fazendeiro, apontando com o rabo de tatú os restos de um poldro já tresandando e por cima do qual esvoaçavam milhares de moscas.

— Qual, seu Chico, a gente morre mesmo um dia. Antes de mudar os dentes eu já caçava esse bicho com meu pai; nunca recuei delle, cautela, sim, bala na agulha da 44, jacaré afiado e os olhos sem poeira, respondeu elle quebrando o chapéo de couro na testa, deixando ver-lhe a physionomia altiva, olhos miudos chammejantes de ousadia. Apoiava a mão na bocca da carabina Winchester; e não usando paletot, podia ver-se-lhe a cintura apertada pela cartucheira onde se prendiam um revólver de longo cano, nickelado e uma robusta faca de matto. Ainda um alforge de couro repartindo-se-lhe nos hombros e, como dobro o palla e a rêde completavam seu equipamento. O sol meia braça de fóra, dissolvia os flocos de neblina que envolviam a crista da mattaria. Era num resaceo de macega, em declive, tornando-se abrupto pela gróta que penetrava pelo matto a dentro, o lugar onde fallavam estes dois personagens.

— E' melhor não ir, seu João, essa pintada é damninha, e eu ficarei com pezar si lhe acontecer algum mal.

— Nada disso, respondeu elle, sahi de casa com intenções de tirar-lhe as munhécas, e hei de fazer. Salvo si o senhor desfizer o contrato.

— Não, minha palavra é uma só; combinamos, eu lhe dou os 50$ pelas patas da bicha.

Subiram para a esplanada de gramineas forrageiras, onde haviam ficado, amarrado á uma arvore, o cavallo do fazendeiro e a tréla de onceiros do caçador. Este não usava montaria; e seu officio de batedor de mattas temperava-lhe as canellas ás longas marchas.

— Vae com Deus, homem, disse o fazendeiro apertando-lhe a mão. Montou no pangaré que chotou rumo de casa. Os dois cabeçudos enormes, rajados, de orelhas aparadas, choromingavam anciosos pela soltura.

— Eh! rapaziada, vocês estão apressados, mas, primeiro é preciso tomar uma espremidela de limão nas ventas para ficarem com bom faro. (Habito de caçador fallar aos cães, que afinal acabam comprehendendo). Tirando do alforge um limão partiu e espremeu-o ás narinas dos dois cães, e em seguida, bambeou-lhes a tréla. Partiram velozes até á carniça, cheiraram-n'a e rolavam pelo capim; e, com os focinhos levantados, os intelligentes animaes embrenharam-se pela espessa ramagem emmaranhada das bordas do matto, desapparecendo ao caçador, que permanecera immovel.

Volvia os olhos pelo céo puríssimo, já desneblinado, que se confundia por todos os lados com o verde negro da floresta portentosa e luxuriante, indifferente á asphyxiadora grandeza da paisagem de solidão. O habito de as ver desde criança, tirava-lhe a poesia. Passando maior parte de tempo nos seios umbrosos das mattas, o sertanejo não tem dellas mais emoções; mas sua alma copia a da solidão: é melancholica; nella soffre, com ella se consola. Na sua ignorancia só considera patria aquelle toco de gleba onde nasceu; e seu amor a ella é immenso; é capaz de morrer de nostalgia, si della o tirarem.

Alguns minutos passados, os cães apparecem á orla do matto, e approximando-se do caçador, fitam-no com olhos convidativos.

— Acharam boa pista; pois vamos.

Internou-se na matta, guiado pelos dois cachorros. Com agilidade desviava-se das entrelaçadas e espinhosas unhas de gato, sem retardar a marcha, feita como corpo molle acompanhando os movimentos do passo, de maneira que, assim o vendo, ninguem julgal-o-ia capaz de um estirão de dez leguas, para elle tão habitual. Olhava rapido para todos os lados, seguindo sempre os cães, que trotavam ora com as

cabeças erguidas, ora cheirando o sólo ou alguma moita; mas sempre cautelosos com os grossos troncos cahidos. O caçador não se prêoccupava com a direcção transviada por aqui, ou por alli, abeirando grótas ou escalando rampas; o medo de perder-se não o feria, como apavoraria qualquer outro; quebrava de quando em quando um ramo, ora, como brincando, lascava a casca de uma arvore com o facão. Os cães não latiam, nem rosnavam; quando se distanciavam muito, esperavam pelo dono e novamente proseguiam, horas e horas.

Elle não podia precisar o tempo sinão pelo o da marcha; o sol, seu chronometro natural, estava completamente occulto, seus raios não podiam atravessar a densa ramagem daquellas arvores por cima das quaes dormiam seculos.

Já se sentia com precisão de mastigar um punhado de passóca; aquelle caminhar continuo sobre o fôfo da folhagem secca, e a frescura da sombra aguçaram-lhe o appetite. Foi com prazer que, descendo o declive, com passos de toda amplitude das pernas, sentiu a frialdade do ar, denunciadora de um corrego. Já os cães se banhavam n'agua, quando o dono pisou na fina areia da praiasinha.

Sua attenção foi logo attrahida por uns rastros disseminados na praia. E' uma pintada grande, mas está longe, concluiu elle depois de os examinar.

O caçador mestre conhece a differença com segurança das pégadas de qualquer felino e mais ou menos o tempo que foram feitas.

Tirou do alforge um saquinho de algodão branco com a farófa de frango e a indispensavel rapadura; assentando sobre os calcanhares comeu a matula e repartiu com os fieis companheiros.

Apanhou uma folha larga de parreira brava, afunilou-a, formando um copo de que se serviu para beber agua. Preparou o cigarro de palha, tirou fogo na binga de chifre e, accendendo o caibro, estava prompto para tirar cerrado.

Transposto o corrego, os cães farejaram novamente a trilha da onça, continuando na derrota. Os onceiros bons não deixam a pista de sua caça predilecta pela de outro animal, mesmo que seja mais fresca. O caçador teve o cuidado de impôr-lhes um regimen alimentar afim de que não percam o faro; alguns chegam, ás vezes, a ter prodigiosa sensibilidade olfativa. A noite na floresta chega mais depressa, e é temida pelo caçador de onças, o qual, para não se deixar surprehender por ella, faz alto logo que a claridade enfraquecendo lhe annuncia a approximação. Foi o que o nosso caçador não tardou a fazer. Parou de baixo de uma Maria-preta galhuda e de tronco mediano. Alliviou-se do equipamento e trepou na arvore com uma agilidade que enthusiasmaria Darwin, si o visse: a evolução tirara-lhe a cauda comtudo...

Sabia-se, por tradiçoã, que na sua segunda entrada nas terras goyanas, em 1726, o descobridor dellas, Bartholomeu Bueno da Silva levantára um cruzeiro no meio da grande matta que por esse tempo se estendia da margem direita do Paranahyba ás proximidades de Catalão. Do local em que fôra fincada ninguem dava noticias suas graças ás explorações a que procederam os engenheiros da Estrada de Ferro Goyaz foi a cruz encontrada em perfeito estado de conservação. Transportada mais tarde para a capital do Estado, foi o tradicional madeiro eregido sobre umas detestaveis columnas feitas de tijolos e argamassa, á beira do Rio Vermelho, onde se conserva exposta ás intemperies.

Com o facão preparou dois galhos para armar a rêde e outro para cabide da carabina, ao alcance da mão. Prompto o seu lugar de abrigo e de descanço, nelle se ageitou do melhor modo; e com o espirito desassombrado, procurou, no somno, repouso para os membros fatigados, emquanto os cães vigiavam, ao pé da arvore. No silencio tetrico da escuridão profunda, as copas gigantescas das arvores chiavam açoitadas pelo vento; de quando em quando o piar monotono de aves nocturnas ou o sobiar falsete de jaguatirica, remedando o jahó, ora a bulha da anta brutal rebentando cipoaes, mas desapparecendo com subtilidade felina ao sentir a catinga do homem ou o rosnar dos cães. E' pavoroso!... A noite na solidão dos centros de uma matta é indiscriptivel; e nem todo homem sósinho, terá os nervos domados para resistir as impressões dessa natureza grandiosamente selvagem.

A atmosphera saturada de carbono accelera a respiração; augmenta o fardo acabrunhante, criado pela imaginação excitada no reconhecimento da insignificancia de seu — eu. — Alli falla o sobrenatural; o incredulo acredita em Deus. O Caçador sertanejo, no entanto, dorme tranquillo em sua rêde, pensando saudoso na amada companheira de seu lar.

Era manhãsinha. Os curie-curie da tucanada procurando ovos das avesinhas, nos ninhos dependurados ás latadas de cipós, despertaram o nosso caçador. Apeiou do poleiro e poz em ordem os seus trens. Por falta d'agua a hygiene costumeira da lavagem do rosto, fica para quando a encontrar. Tirou o jejum e açulou o Traião e o Teimoso que, hesitantes a principio, tomaram logo bom rastro. A conformação do terreno ia se tornando accidentada: enormes blócos de pedras calcareas difficultavam a marcha. Mas os cães tornavam-se cada vez mais animados: eriçavam o pello, rosnavam abafados, seguindo de trote ligeiro por aquellas bibócas medonhas.

— A damninha da gata pagiou-me durante a noite; hei de topal-a já, gungunava o Caçador, deixando-se escorregar pela rochosa pirambeira afim de acompanhar de perto os cães, correndo risco de esmigalhar-se si falseasse os pés.

Chegado ao fundo do abrupto declive encontrou um filete d'agua salôbre com que desalterou a garganta resequida. Não fez tregoas; malhar o ferro emquanto está quente. Começou uma difficil ascenção; uma pedra desloca-lhe debaixo dos pés, apoia-se n'outra, numa raiz, num tronco e vae sempre rompendo, de esguelha para maior firmeza. Chegado á pequena esplanada, em poucos passos: um paredão de pedra onde se abria uma brecha negra, era a porta de uma gruta que fel-o parar. Os cães eriçados, ahi se estacionavam *amarrados*. O grotão do abrupto desfiladeiro que conduzia ao abysmo ennegrecido pela profundidade ficava perto, ao lado. Tomando folego, alliviou-se da carga inutil, emquanto os cães immoveis, esperavam a ordem de entrada. O solemne — vamos — foi dado com voz firme. Os cães, seguidos pelo dono, penetraram no salão da gruta, forrado de um lagedo inteiriço e de altura de 3 metros, mais ou menos. O ar frio malcheirava á podridão. No fundo do compartimento, os cães estacavam á porta do corredor que, em coincidencia de direcção com a porta, era tenuemente clareado, isto pelos olhos habituados do caçador. O silencio era completo.

Deu mais um passo. Um rugido pavoroso, angustiante retumbou prolongado naquelle antro medonho.

O Caçador dando um pulo de lado, preparou a carabina; reprimindo a respiração, esperou. Os cães recuaram até á porta, depois voltaram. Novamente silencio. Outro urro entrecortado abafou-se na garganta da fera, no paroxismo da raiva. Um segundo. Um mole preto atravessa o ar, rapido como o raio, indo se plantar no meio do salão, em frente á porta da sahida. Era a onça. Um tiro partiu da carabina do Caçador; a onça cáe e os cães frecham sobre ella.

O animal ferido, mas não mortalmente, atira para longe os cães e levanta o corpo esguio, quasi tocando o tecto, apoiando-se nos pés ergue as patas aggressivas, com a bocca aberta, mostrando aguçados caninos, os olhos faiscantes,

'ranziu o couro da testa numa careta horrivel. Assim, de pé, forte contra o Caçador que se desvia e faz fogo; uma, luas, tres detonações a quasi se confundirem.

A fera cambaleia; o Caçador julga, contente, á victo-ia. Foi manha; dando um rugido de colera, que gelaria a 'ocha si não fosse inerte, esgolfando sangue pelas feridas, alta sobre o homem.

Este golpe foi inesperado: o Caçador tenta, com uma iova pancada da carabina, feito mossa, atordoar a marcha la onça; mas uma tapona desta faz-lhe voar a arma da mão, leixando-o atordoado.

Viu-se perdido. Mas os cães avançam e embolam-se om a onça; o caçador apruma-se e recúa, não percebendo jue se embrenhava pelo corredor.

Um ganido de cachorro acorda-o; ateia no seu peito im vulcão de odio, seu fiel Traião morria para lhe salvar i vida. Num impeto, desesperado, arranca o facão, ao tem-o que o outro cachorro, agora sósinho, era escaramuçado ela onça para junto de si. Este, vendo o homem, pára, o ue o contraria; queria ter-se encontrado com ella no seu rimeiro impeto, e á arma branca decidir-se-ia do resul-ado; e agora, um segundo de reflexão fel-o desistir da loucura. Puxou do revólver e fez fogo. Parece que a bala dessa arma foi mais doida, teve rumor rapido; a onça avançou contra o homem com uma furia indescriptivel; este recúa, mas falta-lhe firmeza debaixo dos pés e afunda-se, engolido pelo vacuo do escuro antro.

Estava num caldeirão de pedra; a escuridão era profunda. Ergue-se todo contundido. Por cima de sua cabeça, á porta do antro, a onça faiscava a tocha de olhos e rugia. Aponta o revólver, que não abandonara na quéda e faz fogo. A fera, a principio indifferente, salta sobre elle do alto; num movimento instinctivo de conservação, aponta o pinguélo do revólver e o ultimo cartucho detona-o. Um baque fôfo sobre o lagedo e um gemido abafado. Silencio profundo. A ultima bala atravessou o coração da onça, mas o choque de seu corpo matara o desventurado Caçador. Na escuridão daquella caverna, perdida nos centros da matta immensa, uivava dolorido um cão, chamando pelo dono, immovel no somno da morte.

JOSE' AMERICANO DO BRASIL.

Rio, 1º de Abril de 1920.

POBRE GOYAZ!

Ha pouco a generosidade de um amigo fez-nos chegar is mãos um numero da *Actualidade,* periodico que se edita iesta Capital, e em que se deparam, sob o titulo — "A cam-panha sanitaria", formidaveis conceitos depreciativos do po-re e abandonado povo goyano. Ao ler o sub-titulo do ar-iguete que traz, em lettra de fôrma, a tetrica affirmativa le que em Goyaz "o numero de cretinos é tão grande que ios dá a impressão de um enorme manicomio", instinctiva-nente brotou-nos do intimo d'alma um gesto de indignação revolta e não foi possivel sopitar o pobre Goyaz, que se lê inhas acima.

Pobre Goyaz, sim, que abre os braços, da agazalho fi-'algo a quantos lhe procuram os seios sempre fortes de ge-ierosos carinhos e, ao depois, receber em paga, conceitos dos jue ahi se lêm, felizmente bem distantes da verdade.

Quem avança tão arrojadas proposições ?

E' um senhor joven medico, Moura Nobre, que alli percorreu uns tres ou quatro municipios do sul, ganhou al-juns contos de réis, segundo nos informaram e ao depois, á fóra, vem fazer figuração á custa dos goyanos como si quillo fosse o mais indefensavel dos recantos deste paiz! Terá razão o moço medico ?

No seu ligeiro informe não se encontram dados clinicos apazes de orientar quem lê suas arrojadas affirmativas. O rticulista affirma sem base segura, o faz sem os necessarios undamentos probatorios. A' falta de dados pessoaes condu-entes a estrear tão ousadas proposições, não sabemos em juem nós devamos acreditar, si no moço Moura Nobre, ndo a Goyaz tentar a vida e, depois de favores de toda a rdem alli recebidos, vindo desmoralisar esse bom povo cá óra, si num Arthur Neiva, scientista de renome mundial que alli perambulou numa missão toda especial e de nos lá conta em trabalho, já hoje do dominio publico. Em-juanto o moço Moura Nobre diz: "o numero de cretinos é ão grande que nos dá a impressão de um enorme manico-nio"; Arthur Neiva referindo-se á capital e ao sul, região sta viajada por Nobre, diz: "a população da cidade (ca-ital) tem aspecto de saude, as crianças são sadias e fol-azãs. Nos arrabaldes ha muitos casos de bocio".

Em outra passagem diz Neiva: Em toda a região (re-ere-se ao sul goyano), encontram-se portadores de bocio, m numero, porém, relativamente reduzido, sendo ainda nais reduzido, o numero de doentes com as modalidades nais graves da molestia..

Emfim, diz Neiva: "a região sul do Estado, bastante habitada por gente sadia em sua maioria...". Quem estará laborando em lastimavel engano? Será o scientista de reputação mundial, ou o joven esculapio que aportou a Goyaz para caçar dinheiro e depois... pagar os clientes com o desconceituar-lhe a saude, a vida e a terra ? Não é só isso. Mario Nobre falla em Leishmaniose em Goyaz. Arthur Neiva, de microscopio á mão, estudando e observando, assim se exprime a tal respeito:

Em todo percurso, não verificamos um só caso, embora tivessemos a nossa attenção especialmente voltada para o assumpto..."

Emquanto Neiva affirma que a maioria dos habitantes do sul goyano, zona por elle percorrida, é composta de gente sadia, o inefavel Luiz Moura Nobre alardeia do alto de seus tacões, ainda cobertos de terras goyanas e tendo os bolsos recheiados de pingues proventos auferidos áquella pobre gente, conceitos deste jaez: "Podemos assegurar que 75 % da população do Estado é constituida de papudos, anemicos, opilados e syphiliticos"! Já é ser corajosamente fiteiro e ingrato, cousas aliás não mui compativeis com os homens que se dão ás sciencias e em especial ás sciencias medicas. Fiteiro, sim, relevem-nos o qualificativo; si Nobre, percorreu apenas uns tres ou quatro municipios do sul, como póde generalisar seu conceito ao Estado todo!

Nos insurgindo contra as affirmativas de Nobre, não queremos com isto apresentar Goyaz como paraiso da salubridade; bem sabemos que por lá ha males muitos que necessitam ser erradicados; dahi porém, a affirmar-se que todo o Estado é um manicomio... de cretinos, só mesmo de um cavalheiro que faz suas asserções com a mesma facilidade com que muda de cara e de vestes.

Aos goyanos fica-lhes a lição para mostrar-lhes que se vae fazendo já tempo de joeirar entre os exploradores que os procuram, aquelles que se mostrarem mais dignos e que sejam incapazes de usufruir proventos lá e desencadear novidades depreciativas cá fóra.

N. da R.

De um competente medico goyano recebemos o artigo acima. Por falta de espaço reservamos para o proximo numero desta revista a chronica do solerte vivedor profissional Dr. Moura Nobre.

PELO "HINTERLAND"

O SERTÃO

A extensão, em que o percorri, comquanto limitada, mostrou-me todo o seu quadro, e esse quadro se me antolha o de um vasto Calvario onde agoniza uma raça excrucida por ignobeis algozes. Nessa raça poz Deus um reservatorio de energias assombrosas. Para as admirar, não era preciso ver, como eu vi, desfilar em cargas soberbas, os vaqueiros de Itiuba, os nossos centauros, os gaúchos do Norte vencendo a planura dos taboleiros com o mesmo desembaraço com que vencem as brenhas da selva emmaranhada. Bastava sentir arfar, debaixo do sudario em que o envolveram, o arcaboiço do gigante, ver como o peito lhe sacode a lage, em que o sepultam, escutar, através do chão morto e recrestado, o sussurro das nascentes daquella vida, constantemente sangrada pela crueldade dos homens, mais pela seva que a inclemencia das seccas.

O que os rigores dos sóes caniculares, não tem logrado sobre os corpos, tampouco tem vingado, até hoje, sobre as almas a rispideza das invenções da brutalidade. A existencia daquellas populações debaixo das miserias e violencias que a torturam se me representa um milagre perenne. As influencias da nossa chamada civilisação, que correm do littoral para o interior, bem fóra de cursarem alli como os sopros benignos do mar, como esses ventos alisados, refrigerantes das regiões intertropicaes, requeimam, esterilizam e devastam. Nem que soprassem da costa d'Africa e não das do Atlantico.

Os gregos puzeram toda a grandeza do horror tragico no supplicio de Prometeu acorrentado pelos deuses aos penhascos do Caucaso, por haver roubado o fogo do céo. Mas a tragedia da realidade, aqui, é maior que a da imaginação. O sertão bahiano é um condemnado e um escadeado, não pela vontade sublime dos numes, não é um pedestal de grandeza nas rochas eternas da serrania mas pelo baixo arbitro humano á rasa eternidade do deserto. Não cahiu á sideração do raio olympico. Acaba lentamente pelo rasteiro trabalho dos vermes. Não está, como o heróe do attentado contra a divindade na téla de Velasquez, com as visceras ao sol, entre as garras do negro emissario celeste, o abutre implacavel de Jove Arqueja, amortalhada na inundação de roedores e carniceiros, de merideos e chacaes, em que esfervelha a immensidade do ermo, onde se vae extinguindo, na inconsciencia do seu poder, a verdadeira Bahia com o melhor da sua raça.

O espirito do sertão não necessitava de escalar o firmamento, para accender nos seus lares a chamma, de que se reanima o homem. Em si mesmo a trazia de seu berço, da sua historia, das suas tradições, da essencia do seu ser. Estirpe de bravos, de soffredores, de obreiros incansaveis de lidadores sem pavor, reune-se a indole dos justos á tempera dos leões. Na tremenda luta com a natureza adquiriu a raíz das virtudes, em que se orlam os povos de cidadãos. Recebeu do meio agreste e hostil a couraça da intrepidez moral. Medindo-se arca por arca, em incessante porfia com a natureza revessa e desabrida, caldeou o caracter em aço inquebrantavel. Sob a melancolia intensa, que o envolve, se lhe escondem portentos de rigor, propriedades incalculaveis de reacção, e regeneração inexhauriveis de elementos, de vitalidade.

A grosseria dos antagonismos, com que de continuo lida, não desfloraram, sequer, a Bahia sertaneja do aroma dessas essencias subtis, que nos embalsamam a existencia. Vê-lo o culto, que ali cerca a familia, a mulher, as creanças. Não é uma devoção rude e mirrada, mas a ternura de um sentimento profundo, a cujo calor as minhas infimas relações do coração preservam a sua amenidade e pureza. A metade gentil do genero humano, ao contacto da metade rispida e militante, não se enflorou, ali, das suas graças. Muitas vezes, nos momentos — ainda! — tão passageiros do agazalho, com que me acolheu a mulher sertaneja, me enleiava o espanto de ver intacto, em tão aspero ambiente, o mimo das qualidades mais suaves do sexo amavel. Como se lhe sente, através da sua desestudada singeleza, a meiguice, a doçura a passuil-a. Quanta elegancia de typos, attitudes e maneiras.

SCENAS INOLVIDAVEIS

Ninguem, talvez, o poderia ter sentido tão intimamente como eu, pois ainda não coube a outros o privilegio, aliás tão immerecido com que alli sonharam de me ver, entre as familias sertanejas, como numa só familia, por todos agazalhado, como estremecido membro de todas recebendo, successivamente de cada um daquelles compatricios a cada uma daquellas conterraneas, ás centenas e milhares, carinhos reservados, sempre ao mais chegado parentesco ou a mais pura amizade. Essas matronas que me osculavam como a um irmão de volta á casa cheia de saudades e alvoroço, essas moças, que me beijaram todas a mão como a um pae querido e festejado, toda essa passarinhada travessa de creanças aos bandos, aquella pequerruchada em jubilo, que, ora livres, ora ao collo das mães, me levavam, com o suave nome avo, os beijos da sua innocencia, — isso tudo exhalava um aroma de suavidade, uma expressão de enthusiasmo, de fé, de reconditas virtudes, aspirações ardentes e candidas esperanças, que só uma sociedade transbordante de armor moral seriam concebiveis. Porque eu não tinha a aureola das missões religiosas. Era apenas um emissario da terra, um prégador de idéas liberaes.

. . . .

O sertão, senhores, é isso; uma resistencia invencivel a tudo, uma vitalidade a tudo superior, o conjuncto de todas as condições nas quaes se revelam a bondade prestimosa e a força bemfazente. Elegantes da flora sertaneja, fieis allegorias de uma região e de uma raça; indifferença ás intemperies, a resignação nos trabalhos, o desinteresse na hospitalidade, a modestia na riqueza, a benevolencia no vigor, a firmeza nos sentimentos.

. . . .

RUMO AO SERTÃO

Cuidemos das nascentes, senhores. Não deixemos entupir e cegar as fontes. Voltemos ao sertão. Voltae-vos para os sertões e voltae aos sertões. *Esses sertões basta vel-os, para os amar, como eu os ameis desde logo em os vendo.*

Minha vida participava do erro velho e revelho dos politicos brasileiros. Não conhecendo o sertão, não conhecia o amago da minha terra. Filho das cidades, envelheci nas cidades, onde a medulla moral do homem se amollece nas distracções e prazeres.

Mas, ao penetrar nessas regiões, cuja originalidade não se deixa perceber aos que lhe não chegam ao contacto, no mesmo ponto me senti suspenso e transportado, tive, no mesmo ponto, a intuição de que me encontrava com alguma coisa para mim, nova em minha terra: A Força, Senhores, sim, a grande Força, não a Força da grosseria, mas a Força da Creação e da Belleza, a Força na sua innocencia e divindade, o poder em summa, de querer o bem e vencer o mal. Uma impressão (por comparar), uma impressão assim como a do garimpeiro, quando lhe acontecer dar, já cansado, na extremidade mais encoberta do veio, que vae rasgando com uma desuzada lasca do minerio, e logo lhe palpita, no coração, adivinho que o genio da mina alli escondera o mimo das suas jazidas, o diamante régio, a estrella das trevas subterraneas.

Ruy Barbosa — Conferencias na Bahia.

TOCANTINS-ARAGUAYA

A' Camara dos Deputados foi apresentado o seguinte projecto de lei:

Art 1.º E' o Sr. Presidente da Republica autorizado a:

a) auxiliar a cada um dos Estados de Goyaz e Pará com a importancia de duzentos contos de réis para a desobstrucção e limpeza das zonas encachoeiradas dos rios Tocantins e Araguaya;

b) mandar construir estradas de rodagem que liguem as bacias dos rios S. Francisco, Parnahyba ou Mearim ás bacias Tocantins e Araguaya, por intermedio de seus affluentes servidos de viação a vapor e entre os seguintes pontos: Formosa ou S. Marcello, no rio Preto a Porto Nacional, e Santo Antonio de Balsas ou Engenho Central a Carolina;

c) mandar fechar o circuito telegraphico no centro do paiz, de accordo com a lei n. 4.040, de 13 de Janeiro de 1920.

Art. 2.º Para os serviços de que trata o art. 1º fica o Governo autorizado a realizar as operações de credito que se fizerem necessarias.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 9 de Junho de 1920. — *Olegario Pinto.* — *F. Ayres da Silva.* — *Dionysio Bentes.* — *Rodrigues Machado.* — *Raul Alves.*

JUSTIFICAÇÃO

As zonas que o projecto trata de beneficiar são zonas do interior do paiz, pertencentes a diversos Estados e até o presente relegadas ao mais completo abandono, onde a iniciativa particular não póde medrar á falta de garantias, exactamente por carencia de meios faceis de communicação e de permuta das relações. Toda vez que surge no Parlamento qualquer projecto que objective serviços a se tornarem de utilidade no centro do paiz, um estorvo se lhe antepõe e é, diz-se, a pouca e disseminada população por aquellas paragens existente.

Já em 1864, no dizer de Couto Magalhães, aquelles afastados centros eram povoados por cerca de cem mil habitantes; de então em deante a população tem augmentado, nucleos novos têm apparecido e por toda a parte o trabalho se effectiva e a população incrementa, sem embargo da praga do jaguncismo que, á revelia do poder publico, de quando em quando, tudo tenta aniquillar, graças, em especie, á certeza de que as providencias emanadas desse poder, quaesquer ellas sejam, terão de estacar ante os obices já referidos.

A navegação do Tocantins-Araguaya data de éras mui remotas e segundo alguns, vem dos annos de 1772 a 1774, para o Tocantins; pois bem, de então em deante tal navegação jamais cessou até nossos dias, sem embargo de completamente abandonada e desajudada por parte dos poderes publicos do paiz ou aliás, sómente lembrada para a cobrança de impostos; dahi o estado primitivo em que vem vegetando desde seu inicio até os presentes dias.

Que alvitra o projecto ? Que o Governo auxilie os Estados cujos habitantes esforçadamente, seculos a fio, vêm mourejando, quaes phenicios de novas épocas, através daquelles cursos d'agua, na luta pela vida, deixando bem claro com a reiteração ininterrupta nessa luta, o vigor da nossa raça, que se tenta em balde deprimir, mas que ha de mostrar-se sempre victoriosa e digna. E por que tal auxilio ? Evidentemente tratando-se de rios federaes, pois que atravessam territorios de Estados diversos, ao Governo Federal, sem duvida, ha de competir os onus dos melhoramentos acaso necessarios para o beneficiamento de interesse collectivo. Em que consistiriam os serviços conducentes a tal fim ? Ha no rio Tocantins, zona de Goyaz, entre a villa do Peixe e cidade de Porto Nacional, a cachoeira da Carreira Comprida, cujo obstaculo consiste na remoção de algumas pedras, do canal principal; abaixo desta cidade cerca de 120 kilometros de rio franco, localizam-se as cachoeiras dos Pilões, Mares, Lageado, Funil de Cima e Funil de Baixo, em uma extensão maxima de 40 kilometros, que apresentam tambem como grandes obstaculos pedras disseminadas pelos canaes, pedras de possivel remoção. Succede a esse grupo de cachoeiras uma extensão fraquissima de cerca de 610 kilometros de rio trafegado pelos naturaes á toda hora, de dia e de noite, sem o menor obice e onde se encontram, ás margens, alguns povoados, cidades e crescido numero de fazendeiros e lavradores. Abaixo dessa zona franca, ainda em Goyaz, estão as cachoeiras das Tres Barras, Santo Antonio e Tauhiry, todas ellas de canaes mais ou menos francos e tendo a difficultar-lhe o transito algumas pedras de facil remoção. No Araguaya está a Cachoeira Grande. No baixo Tocantins, zonas paraenses, estão as cachoeiras das Itabocas, o mais consideravel obstaculo para a effectiva ligação do baixo ao alto Tocantins Araguaya. Levada a effeito a desobstrucção das cachoeiras mencionadas, ter-se-á valorisado para esse serviço de navegação effectiva, quando nada durante o decorrer das aguas ou seja durante seis a oito mezes, no anno, as zonas franquissimas dos rios Tocantins Araguaya e seus affluentes, em uma extensão talvez superior a quatro mil kilometros.

Dir-se-á que a pouquidade de população, a insignificancia de possibilidades economicas não compensariam os gastos alvitrados pelo projecto ou delle decorrente. E' possivel. Ainda o anno passado era o Governo autorizado a despender cerca de dous mil contos de réis para introduzir no paiz, mil e tantos immigrantes; pois bem, as despezas solicitadas no projecto talvez não alcancem muito mais e vão servir a uma população de brasileiros superior a cem mil habitantes que alguma cousa já tem feito por este paiz e que a torna credora de algum amparo e auxilio.

Quanto ás possibilidades — si o baixo Tocantins póde fornecer tudo quanto as lavouras bem cuidadas sóem produzir e, por sobre isso melhormente serão utilisadas reservas florestaes immensas, capazes de abastecer os grandes mercados patrios e mundiaes, segundo já começa a dar-se, o alto Tocantins-Araguaya poderá proporcionar identicos elementos de permuta e além de tudo isso, se tornará o emporio de consideraveis reservas pecuarias, assim sejam amparados os habitantes daquelles centros, não esquecendo, ao demais, as reservas mineraes, apenas arranhadas pelos antepassados e que no entretanto, ainda assim surprehendentes resultados deixaram.

Tentam-se, desde alguns annos, grandes emprehendimentos conducentes a festejar com brilhantismo nossa etapa centenaria da independencia; um delles, talvez o de maior efficiencia para demonstrar a pujança e o vigor da nossa raça, está relegado para plano inferior e secundario — queremos nos referir ao prolongamento da Central do Brasil, de Pirapora a Belém do Pará, volvido ao pó dos archivos com um rotulo qualquer, talvez de emprehendimento loucura.

De uma feita um estadista energico, verdadeiramente amante deste paiz, pensou remodelar a grande metropole brasileira, dar-lhe belleza, vigor, vida e, desde logo, a grita que se fez ouvir não foi outra — era isso emprehendimento louco que iria arruinar de vez a Nação! O timoneiro, porém, não se apercebeu da grita; estadista conscio de seu dever e papel, conhecedor de nossas reservas inauditas, levou por diante sua manumental tarefa e do emprehendimento louco surgiu como por encanto a nova capital que faz honra ao genio e á sciencia brasileiros.

E' possivel que do novo grandioso projecto volvido aos archivos, surja, mais tarde uma dessas gigantescas obras que venham, mais uma vez, firmar a possança de nossa raça. Emquanto, porém, espera-se pelo estadista que leve por deante tão patriotica obra de unificação, progresso e civilisação, procuremos, ao menos, através de nossos caudalosos cursos d'agua, de nossas innumeras vias liquidas, alimentar um systema de viação mais aperfeiçoado e que,

quando nada, arranque nossos concidadãos do lethargo e abandono em que se deparam e leve-lhes a esperança de que, ao approximar-se nossa data centenaria, já poderão utilizar outros meios de transporte que não os empregados pelos egypcios em épocas remotissimas, pois que o Governo do seu paiz foi-lhes ao amparo tornando mais accessiveis os rios de que vêm, ininterruptamente, se servindo, annos a fio, e facilitando o accesso de uns a outros por viação terrea nos pequenos tractos que separam as grandes bacias. E' este o objectivo que visa o projecto. Contra sua effectivação um grande entrave, desde logo, no momento actual, se apresenta e é a fallada insalubridade das regiões ribeirinhas dos nossos grandes cursos d'agua. Não sabemos si, ante os progressos que têm realizado as sciencias medicas já não seria tempo de acabar-se de vez com o conceito depreciativo com que vivemos a alardear a inhabilidade de grandes tractos de nosso vastissimo territorio. De uma feita appareceu e imperou, cavando o desconceito dos climas tropicaes, a fallada anemia dos tropicos, que, por final, teve de render-se á evidencia de estudos bem conduzidos e desapparecer. Agora é o conceito de zonas insalubres que está a necessitar a demolição, pois que de tal importará o progresso e desenvolvimento de nossa patria, onde quer que elle se faça mister e necessario. Evidentemente, disseminadas como se encontram nossas grandes endemias, impaludismo á frente de todas, quer nos parecer que se não póde estar a proclamar tal zona mais palustre do que tal outra. O que ha, si o quizerem, é a grande divisão das zonas em regiões em que o homem necessita cercar-se de mais ou menos cuidados para evitar contrahir molestias, ficando, todavia, numas e noutras, sempre a cavalleiro dellas graças aos progressos das sciencias acima alludidas.

Na cidade ou no matto a prophylaxia mecanica é tudo, si com ella podemos ficar indemnes do impaludismo annos a fio, com ella poderemos evitar ainda o mal de Chagas, as filarioses, as myases e diversas outras modalidades morbidas, perfeitamente evitaveis. Si pela prophylaxia mecanica temos meio caminho andado, pela ingestão na agua pura, fervida ou filtrada, teremos um outro recurso de grande valia que será completado com o regimen medicamentoso quando tal se fizer necessario.

Si na cidade ou na matta o regimen de cuidados é o mesmo não vemos porque motivos estar-se a acenar com o fantasma do impaludismo o progresso e o desenvolvimento de zonas de nosso paiz, creando-lhe uma inferioridade que realmente não póde mais existir ante os progressos modernos das sciencias medicas e auxiliares.

Porto de D. Eulalia, no rio Corumbá, a menos de 3 kilometros de Roncador, termino do ramal da E. F. Goyaz, que parte de Araguary, em Minas.
A barca, ou balsa, que está atracada á barranca do caudaloso rio, recebendo cargas, é coeva do "Anhanguéra", cujos descendentes nessa tradicional paragem goyana residiram, pedindo esmolas.

O Ensino Agricola em Goyaz

Não é nenhuma novidade dizer-se que de todos os Estados do Brasil é o de Goyaz um dos mais rotineiros e por consequencia, um dos mais atrazados.

Os modernos processos de cultura do sólo, os goyanos timbram por desconhecel-os.

Nem os intellectuaes meus patricios fazem a minima idéa do que é a agricultura moderna neste momento em que a electricidade e a chimica desempenham á porfia papeis salientes na vida rural dos paizes mais adiantados.

Pelo menos foi o que me pareceu, lendo um artigo sob o titulo suggestivo — "Uma fazenda modelo", publicado outro dia em um periodico do sul do Estado, com a assignatura de um dos mais acclamados intellectuaes goyanos, e esse devéras talentoso e não do numero phantastico daquelles que a nossa imprensa condecora diariamente com o titulo de "nosso talentoso collaborador".

O moço a que me refiro apresenta-nos como fazenda modelo uma engenhóca de canna de assucar, movida não sei por quantas juntas de bois, fazendo um barulho infernal, extraordinario, os enormes tachos de cobre fervendo a garapa os bagaços da canna alimentando fogaréos destinados á illuminação da patriarchal trapizonga, negros enfiados em camisas de baeta fumando em cachimbos, outros cantando canticos exoticos; emfim, tudo quanto se póde imaginar de mais primitivo e typicamente colonial...

Como dar a isto o nome de fazenda modelo neste seculo XX ?

Não, meu patricio, a lavoura moderna é a negação de tudo isso, condemnou esses tachos de cobre, substituiu essa matinada, não é mais isso, nem em Matto Grosso, onde já se encontram varias usinas modelo.

O que precisamos, meu patricio, é do auxilio da sua penna embebida de patriotismo bastante para ridicularizar essas velharias da mais caduca e detestavel rotina, e, sem sahir do nosso paiz, mostrar aos agricultores goyanos o que é a agricultura moderna em S. Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e em partes da Bahia e Minas.

E' verdade que somos santos caseiros, não fazemos milagres como os outros; mas não nos devemos desesperar de contemplar um dia os progressos da nossa estremecida e mui politiqueira terra — onde o machado e a enxada são ainda os mais aperfeiçoados instrumentos agrarios e o famanaz Zebú, o typo ideal das raças bovinas, ao lado do Pedreira e do Barrosão, este esqualido especimen que ha tres seculos passados Portugal nos mandára, precisamente quando Braz Cubas montava o primeiro monjolo que funccionou no Brasil.

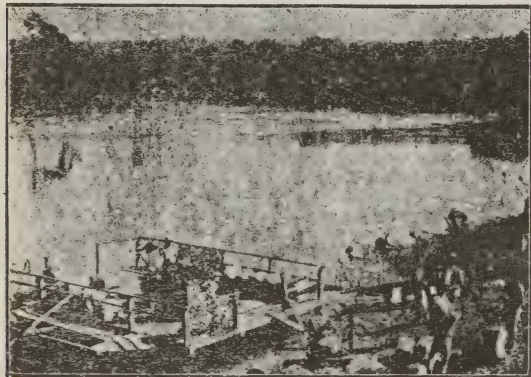
Quanto á nossa principal industria, a pastoril, muito ha que fazer, principalmente no que diz respeito á acquisição de novos especimens de raças aperfeiçoadas, como já possuem os Estados do Sul, S. Paulo, Minas e Rio, os quaes deram preferencia ao Hereford, ao Durhan, a Poled-Angus e outros que ainda não appareceram em Goyaz, que lá poderiam chegar por preços inferiores aos que se paga por um Zebú.

No que respeita ao serviço florestal, feito com methodo nos paizes civilisados, o goyano só tem um rival com elemento destruidor — o fogo, que, esse sim lhe disputa a gloria no exterminio visivel, completo das nossas mattas virgens, de modo a não restar esperança de uma utilisação racional num dos terrenos que ellas occupavam e ainda occupam, nem das riquezas que ellas representam.

Não ha muitos goyanos que conheçam a influencia das mattas sobre as condições climatericas, sobre a distribuição das aguas ou sobre a hygiene de uma região.

Só o ensino agricola moderno poderá obstar em parte o imminente perigo que nos ameaça, nos levar a bom caminho e por outro lado nos dar a liberdade dignificadora, não a que os ingenuos esperam dos governos — mas ess'outra, a de que nos fala Jules Méline, no seu livro notavel — *Le Retour á la Terre.*

Do governo da União nada devem os goyanos esperar.

HENRIQUE SILVA.

A questão da Capital maritima ou no interior

PELO VISCONDE DE PORTO SEGURO

II

E' a em que se encontram as cabeceiras dos affluentes Tocantins e Paraná, — dos dois grandes rios que abraçam o Imperio; e é o Amazonas e o Prata, com as dos de São Francisco, que depois de o atravessar pelo meio desemboca a meia distancia de toda a extensão do nosso littoral, e de mais a mais a meia distancia da cidade da Bahia á de Pernambuco. E' nessa paragem bastante central e elevada, de onde partem tantas vias e arterias que vão circular por todo o corpo do Estado, que imaginamos estar o seu verdadeiro coração; é ahi que julgamos deve fixar-se a séde do governo.

Mas vamos restringir o territorio dentro do qual nessa paragem, haveria que escolher a mais conveniente posição para o assento da cidade.

Os seus limites devem ser offerecidos pelos mesmos tres rios que fazem a posição tam vantajosa: deve ser o comprehendido no triangulo formado pelos tres portos de canôas de cada um delles qu emais se approximem entre si, ou se se quizer pelo circulo que passar por esses tres portos. A situação procurada terá sempre que ficar, proximamente, a distancia egual dos cinco pontos, Rio, Bahia, cidade de Oeiras, Cuyabá... no caso de haver ahi uma localidade que satisfaça ás condições:

1.ª Uma chapada pouco elevada e sem muitas irregularidades na extensão de mais de uma legua quadrada, sendo situada á borda de um rio, que embora já ahi não seja navegavel, tenha no tempo secco bastante agua para lavagens de roupas, banhos, bebida de gados, etc.

2.ª Deve ser lavada de bons ares, e ter escoante sufficiente para que seus canos possam sahir no rio uma legua abaixo, não deve ter perto pantanos, nem aguas encharcadas.

3.ª Será a dita chapada naturalmente defensavel, e sem padrastos a alcance da artilharia. Mas a duas ou tres leguas convirá que haja montanhas com mananciaes que a todo o tempo se possam encanar.

4.ª Sendo possivel preferir-se-ha a localidade em que o rio, torneando uma egual chapada, a deixe como em peninsula, ou se não onde o mesmo rio faça uma legua, comtanto que esta não seja causa de serem os ares menos saudaveis.

5.ª Deve haver a distancia razoavel, V. gr. até 3 leguas bastante matto, pedra de construcção e sendo possivel, tambem calcarea.

6.ª Como a localidade que se deverá preferir tem de estar em 15° a 16° de latitude, convém que fique elevada sobre o mar pelo menos 3.000 pés, afim de que sejam..., puros e saudaveis os ares... Seria facil achar posição favoravel talvez junto ás lagôas de Felix da Costa, etc.

. . . .

Nem faltarão leitores que nos hajam talvez considerado mais theoricos ou visionarios do que positivos (e mui positivos em materia de governo), que aqui tenham sorrido de desdem ao ver-nos tão confiadamente creando uma cidade sobre o papel, quando é maxima que para edificar uma cidade não basta traçal-a e dar-lhe nome!

Tanto sabemos que é necessario muito mais que isto, que nos demos ao trabalho de combinar qual seria a sua melhor situação a unica que satisfaz maior numero de condições...

Por ventura, não sabemos a historia de tantas grandes cidades que se formaram e progrediram porque os seus fundadores pensaram primeiro em escolher bem o local, e depois empregaram os convenientes meios para o seu desenvolvimento? Para que a terra produza fructo é necessario semear; mas antes de semear deve o agricultor ver se a terra é boa, pois é claro que sobre pedra ou abrolhos nada nasceria.

E sem irmos á cidades da antiguidade, de cujas fundaçoens temos as historias; — a Thebas, Palmyra, Tyro, Alexandria, Cartago e tantas outras; nem ainda ás mais modernas da Europa, Berlim e S. Petersburgo, onde vemos que foram a força de vontade e o bom regimen que as fundou, nós — Brasileiros basta que nos lembremos da fundação de todas as cidades do Brasil. A Bahia fundo-a Thomé de Souza, em 1550. Ella e o Rio de Janeiro ainda ha pouco nem tinha uma casa. Dizemos ha pouco porque a vida das cidades como a das naçoens se conta não por annos mas por seculos, e ainda não ha tres de que o Rio se começou a colonisar. O Brasil é tão feraz que qualquer local em que se julgue conveniente empregar alguns capitaes productivos tem por força que prosperar mais ou menos, segundo se attenderem outras circumstancias, etc.

. . . .

Por ventura todas as nossas propostas, todas as nossas meditaçoens, a nossa noite perdida, ficarão inutilisadas? Não acharão ellas, ao menos em parte, écho em algum de nossos administradores, que desinteressadamente e só por amor do nosso futuro, as defenda e sustente?

E' preferivel; mas necessitamos para termos alento e concluir o nosso trabalho, acreditar que contendo elle proposiçoens tão solidas e de tanto interesse para a organização administrativa do Brasil, não poderá deixar de chamar a attenção publica sobre pontos importantes, ácerca dos quaes quasi se não pensa, e que sem embargo devem ser meditados e discutidos, embora venham a ser condemnados (*)

ADDITAMENTO, NA 2ª PARTE DO DITO MEMORIAL ORGANICO (1850)

Parece que a Providencia quer ajudar o Brasil a entender o que lhe convém para bem se constituir. Está-lhe mandando avisos novos a cada momento, á maneira do que dizem as escripturas que se passava antes do diluvio, que cada martelada de Noé na Arca era um aviso do Céo ao povo para que se convertesse. Dois tremendos avisos, duas fataes marteladas, recebemos desde o anno passado, que hoje nos servem de novos argumentos, em favor da transferencia da capital do littoral. Do flagello da febre amarella só no sertão se achava abrigo; e ao mesmo tempo o Cormorant atrevia-se a fazer bem sensivel a facilidade com que se póde insultar impunemente um porto de mar: pois se o Cormorant se atreveu como Paranaguá, uma equadra não se atreveria com o Rio?

Não temos coragem, nem força politica, nem fé, para legislar a mudança da capital? Tenhamol-a ao m nos para decretar uma vez a convocação da Assembléa Geral da Nação a algum outro ponto (e já isso se podia haver ensaiado no tempo da febre amarella) sem ser o Rio, como faziam os antigos reis de Hespanha e de Portugal com as suas Côrtes, até para que os representantes da nação a fossem conhecendo, por seus olhos; e como fizeram tambem n'outro tempo a França e a Inglaterra.

Uma cidade á borda do mar está tão exposta, como todas as cidades de fronteira, que nos Estados europeus são sempre praças de guerra, para que o inimigo não as surprehenda.

Uma tal cidade poderia ser boa capital para uma nação forte e conquistadora que desejasse vigiar e ameaçar mais de perto a sua preza. Debaixo deste aspecto se deve

(*) Seguem na 1ª edição as regras que, hoje em dia, cumpre ter presentes ao fundar uma grande cidade: a abertura de canos d'agúa de despejo e de gaz; o traçado, por linhas de arvores, das praças e ruas bem largas, etc., etc.

considerar a mudança da capital moscovita. O Rio seria boa capital se o Brasil tivesse em vista absorver a Africa, assim como o seria a cidade de Cuyabá ou de Matto Grosso se nos quiquermos estender para o Occidente; ou Bagé, se quizessemos ameaçar os Estados do Sul. Mas se a nossa missão fôr só conservarmos integro o territorio que era de nossos paes, e melhoral-o quanto possivel, a capital num logar forte e, central é a melhor. Porventura a China, esta grande nação colosso, que conta o maior numero de subditos, teria cedido á Inglaterra, na questão do opio venenoso, se a residencia do seu imperador não fosse na quasi maritima Pekin ? E porque existe... a Persia... senão porque Hispahan está no interior, e não sobre o Caspio ou sobre o Golpo Persico ? Assim, não só exemplos da Europa e da America, mas até da Asia nos fortificam no pensamento politico de uma capital central; e se os exemplos da Africa pudessem convencer ahi mesmo os teriamos a nosso favor.

Pelo que respeita ao principio de que ha logares mais apropriados que outros para desenvolver o vigor do corpo e do espirito, e que entre os tropicos, esses logares não podem deixar de encontrar-se nas chapadas elevadas julgamos necessario (*) autorizal-o, uma vez a experiencia do que se passa no proprio Brasil não é por muitos Brasileiros conhecida...

Quanto mais avantajado, — moral, material, intellectual e até commercialmente, não se veria hoje o Brasil se esta e outras propostas sustentadas nos ditos dois folhetos, incluindo o da libertação do ventre escravo (só decretada dahi a mais de 20 annos), se tivessem já nesse tempo (1850), levado á execução! Desde logo não cabe duvida que não teriamos passado pela humilhação Christie, ás barbas da propria capital...

Achando-nos no Rio de Janeiro em 1851, por indicação do nosso mui particular amigo, ao depois collega na diplomacia, Dr. Joaquim Caetano da Silva, propuzeram-se os redactores do jornal-revista *Guanabára* a reproduzir em suas paginas os supra-mencionados dois folhetos, ao que accedemos, fazendo preceder a reimpressão, effectuada nos numeros de Setembro e immediatos do mesmo anno de 1851 (T. 1º, ps. 357 a 432), da seguinte carta:

— Assim o querem, assim o tenham. Restituo os dous opusculos com os retoques que me propoz fazer-lhes, uma vez que, por sua vontade, devem elles ser reproduzidos no *Guanabara*, a cuja typographia acudi, como sabem, logo que me constou que ahi se achavam para serem de novo publicados, e com o meu nome circumstancia esta que não se deu na edição de 1849 (a 1ª parte) e 1850 (a 2ª), pela simples razão de julgar eu mais conveniente apresentar-me em campo de viseira calada, para que as minhas idéas chegassem a ser ajuizadas segundo sua valia, sem a prevenção da nenhuma do autor.

Assentam os meus amigos que deve ir agora o meu nome, creio que fazem mal e que me buscam trabalhos, como lhes disse. Sei que, para levar a gente a sair do ramerrão necessita-se de alguem que se arroste, que seja victima do sacrificio na religião das novas idéas; por esse lado sentir-me-ia eu com abnegação bastante, e com energia para arrostar contra ballas de papel, e espero não me dar por morto moralmente, emquanto tiver alento de vida.

Mas não terão as idéas e propostas menos valia quando um nome desconhecido na politica as apadrinhe? Creio que sim.

Tambem me impozeram a condição de, com os retoques, não alterar a fórma desabridamente persuasiva, segundo me disseram, com que sairam os taes opusculos. Reparem nestas paginas e creio que não terão que dizer. As alterações não mudam a fórma: apenas com ellas se aprimoram e arredondam phrases; o que fiz sim foram córtes sem piedade.

Não introduzi, talvez, uma só idéa, segundo se pódem desenganar pela confrontação.

Deixem pois correr essas idéas sem padrinho, nem protector. Alguma dellas como a da mudança da capital, já vem de longe.

Vae buscar sua origem (*) em Hyppolito José da Costa no Correio Braziliense, e em José Bonifacio de Andrada, nos conselhos do Senhor D. Pedro I, e na antiga constituinte. De V. &".

Se bem que nesta carta promettiamos não fazer novas addições, deixámos de cumprir essa promessa. Enviámos á redacção mais duas partes, a ultima (4ª), das quaes não chegou a ser impressa ignorámos porque, e na 2ª preferimos englobar os argumentos apresentados na 3ª que pedimos venia para tambem aqui transcréver.

Nos argumentos publicados em 1851. Dous exemplos modernos nos offerece a Inglaterra, que devem ser tomados em consideração para corroborar as nossas idéas sobre a fraqueza de uma capital ameaçada de esquadras.

Passou-se o primeiro com a China, que seguramente na questão do opio, em que tinha tanta razão, cedeu porque os vapores inglezes fizeram tremular a bandeira da Grã-Bretanha ao som de bombardas perto de Pekim, onde estava a cabeça do imperio. Vimos o segundo exemplo na Hespanha. Pois a orgulhosa Inglaterra teria soffrido a affronta que soffreu, na expulsão de seu embaixador, se a côrte hespanhola fosse em Cadiz ou Barcelona sem já ter mandado a sua esquadra do Mediterraneo de morrões accesos e portinholas abertas a pedir satisfações ? Igualmente resignou-se calada, e por fim julgou que lhe convinha acabar de estar amuada...

A Castella do Brasil está no centro de Minas — os activos habitantes desta importante provincia infiltram-se desde o coração do imperio, em que habitam, até ás suas ultimas extremidades. O mineiro chega ao Pará e ao Rio Grande, tem trato frequente com o Rio e Bahia, domina Goyaz e Matto Grosso, estende-se até o Espirito Santo e Piauhy, e é a unica provincia do imperio que expontaneamente se presta a satisfazer a nossa necessidade, a de colonisar.

— Uma convicção intima, indefinida e inexplicavel nos diz que dessas paragens cujas minas serviram a attrahir colonos ao Brasil, como hoje os attrahem as da California, dessas paragens de cujos filhos procedem no seculo passado a regeneração litteraria do Brasil, tem de partir a nossa regeneração social, formando-se para ella um nucleo sobre bases mais solidas e puras do que aquellas sobre que assentam a civilização, quasi só commercial, dos portos e cidades do mar.

— A idéa deste nucleo civilisador foi a que tiveram os Incas do Perú quando se recolheram ao Cuzco, nome que significa embigo, como para expressar que dali dimanava, como dimanou a vida da nação.

Se queremos pois por seculos conservar unido o imperio lancemos nossas vistas para elle todo, não da torre da Candelaria, ou do Pão d'Assucar, ou do Corcovado, que mais dahi o dominaremos: remontemos ás paragens que a natureza já fez dominantes; ás cabeceiras dos rios que regam o Brasil abrangendo em quasi toda sua extensão — *Deixemos* esta cidade na fronteira maritima, ameaçada, cada dia, por essas fortalezas... que estão avassalando as aguas salgadas do orbe. E se não temos fé, nem coragem, nem força, para edificarmos no sertão uma nova capital, como nossos antepassados, os Portuguezes, tiveram para construir Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, no littoral, convoquemos ao menos alguma vez ao sertão, v. gr. a S. João d'El-Rey, a assembléa geral da nação; pois que isso está nas attribuições do governo.

(*) A influencia moral de clima, defendida em tempos antigos por Polybio e por Vegecio nem se quer é atacada por Filangieri, apezar de opposto a Montesquieu; que quem a defende melhor é Mr. Foissac em um obra profissional — De l'influence des climats... sur l'homme", Paris, 1837.

(*) Estas informações me havia dado verbalmente, poucos dias antes, o senador Marquez de Valença, depois de haver lido os meus dois folhetos por mim presenteados.

O Imperador Carlos Magno convocou desde 770 a 813 umas 30 assembléas geraes; e mais de metade dellas em terras differentes; v. g., Worms, Genebra, Ratisbona, Mayença, Aix-la-Chapelle, &.

A Inglaterra firmava suas instituições liberaes, nos reinados de Henrique III e Eduardo I, reunindo os procuradores da nação já em Oxford, ou em Glocester, já em Winchester ou em York, &.

A côrte de Hespanha, antes de parar em Madrid, passeiou de Toledo a Valladolid e de Sevilha a Barcelona; e a de Portugal passou de Guimarães a Braga, e Coimbra, e de Santarém a Evora e Lisbôa; onde se fixou com a protecção da França e da Inglaterra, ficou, para conservar sua independencia, mais á mercê destes dous potentados.

Assim essas nações foram pouco a pouco apoderando-se da somma de interesses que deviam abranger; assim nellas se desterraram as mesquinhas idéas de bairrismo; assim se vai estudando de perto a nação toda; assim finalmente as tradições da côrte e da nação se vão associando pouco a pouco a todas as provincias, que não se julgando humilhadas por outras dellas, sem razão mais privilegiada, se promptificam de melhor grado a penas e a tributos.

Na situação actual o Chefe do Estado provaria de mais a mais quanto elle está acima das nossas apoucadas idéas de bairrismo pela provincia natalicia, e com sua abnegação ajudaria, pelo exemplo, a curar um dos maiores cancros do imperio.

E por ventura é o Rio de Janeiro algum paraiso unico, cuja vivenda se não troque por tantas outras não menos amenas, nem de peores ares, que temos no vasto territorio brazileiro? O Rio é sim o primeiro porto da terra; mas desenganemo-nos que não é mais do que um porto. A subsistencia da côrte neste vasto e riquissimo emporio não só lhe póde ser fatal, servindo de incentivo a qualquer inimigo para o aggredir com preferencia a outro qualquer ponto na nossa costa, como prejudica ao commercio, que seu emporio por igual turno prejudica ao governo supremo da nação.

A existencia da côrte no Rio promove demasiado o luxo e as ambições na gente do commercio que deve ser por sua natureza sempre economica, e que sob qualquer aspecto que isto se considere, nunca deve, sem graves prejuizos para o estado, deixar escriptorio para pisar o paço. E vice-versa: os males que póde trazer ao paiz a continuação da côrte n'uma terra commercial, em que todo o necessario á vida é carissimo, porá sempre os empregados publicos, por mais honestos que sejam, na immediata dependencia dos ricos negociantes, do que pódem resultar males tão grandes que nem todos se podem desenvolver, e alguns nem nos é dado calcular. Donde procede a continua queixa de tanta gente, de que ha estranhos que, *á surrelfa,* e apezar dos governos, influem demasiado nos negocios publicos, senão de que numa capital commerciante o commercio deve necessariamente exercer a maior influencia, como n'outros tempos succedeu com Genova e Veneza, e como ainda hoje succede em Hamburgo? Desenganemonos, um capitalista por bamburrio, ou prateado barão do commercio, sentado na burra, ou em um banco detraz do balcão, é mais para temer do que o cavalheiro feudal encastellado na torre de menagem. Não temos no Brasil mais que um simulacro de aristocracia... E lembremo-nos que a aristocracia é uma garantia de equilibrio nos governos.

Contra tanto mal não ha que buscar outro remedio senão o que se adoptou nos Estados Unidos, quando se decretou que New York deixasse de ser a capital, fazendo para esse fim contruir desde os alicerces a cidade de Washington. Não tenhaes pretenções de descobrir outra cura, por mais heroicos que vos pareçam os remedios. O mal proseguiria apezar dos nossos esforços para voar com azas de cêra que com o calor do sol se derreteriam...

. . . .

Além de... quanto fica exposto... todos devemos reconhecer quanto nesta cidade cujos habitantes se derramam deste a Lagôa até a Ponta do Cajú, e desde o Andarahy até além de Nictheroy e da Bôa Viagem, as distancias são enormes, e só em vencer distancias perdem os governantes pelas ruas horas preciosas que melhor empregariam no gabinete.

Ora se o presidente de uma republica poude vencer obstaculos e sotopor interesses formados, para mudar uma capital, sem ter a força e prestigio que acompanham a corôa mais facil se nos deve apresentar a empreza. Haja só vontade; e um queremos decidido mudará a face do paiz; e arrancará de um jacto muitos abusos que cada dia estão deitando raizes mais profundas, em busca de seiva com que nutram novos rebentõesinhos..

Se os dois numeros do *Memorial Organico,* impressos anonymos em Madrid, tinham tido poucos leitores, como succede ainda geralmente hoje aos folhetos que não dizem respeito a assumptos da politica palpitante, não teve muito maior curso a reimpressão delle no *Guanabára,* que, como jornal litterario, pouca circulação adquiriu entre os nossos politicos. Foi entretanto lido pelo senador Hollanda Cavalcanti, e tão de accordo achou as idéas nelle expendidas, ácerca da transferencia da capital, com as suas que se resolveu a levar a esse respeito ao Senado, logo na legislatura de 1852, um projecto de lei (E) que chegou até a entrar em discussão, no anno seguinte, em sessão de 10 de Junho, mas sobre o qual se poz desde logo uma pedra, e ainda lá dorme. Como filho de Pernambuco, procurára o illustre senador levar a projectada cidade um pouco mais ao norte do que haviamos proposto sem nenhuma mesquinha contemplação com a nossa provincia natal; mas em todo caso consignou e defendeu com muitos argumentos a idéa de uma capital interior, — no sertão, e asseverou que, por occasião da independencia, circulára *a promessa* de uma capital no centro do paiz. Eis as palavras do illustre estadista: "Creio que alguns dos nobres senadores se hão de lembrar disto; mas estas idéas passaram: commoções politicas, circumstancias momentaneas fizeram com que quasi se tivesse esquecido essa promessa".

Foi nesta discussão que o mencionado estadista, respondendo ao seu collega o senador Dantas, nos honrou, citando o dito nosso *Memorial Organico,* proferindo as seguintes frazes, que transcrevemos, palavra por palavra, do Diario do Rio n. 158, de 12 do dito mez de Junho de 1853:

"Não quero tomar tempo ao senado, mas sempre direi uma cousa ácerca das suas noções historicas das capitaes. Ha *ahi uma brochura,* que... responde ao nobre senador nesta parte: supponho que (reproduzida) no *Guanabára* do anno de 1851, nos numeros de agosto e setembro.

Eu li ahi idéas de *mudança de capital,* idéas que sempre tive, mas ahi se diz como se tem feito as capitaes. O nobre *senador leia essa memoria,* que supponho se achará na bibliotheca, e ahi verá como se formam as capitaes".

Dá o dito senador a entender que á proclamação da independencia se associou uma especie de *promessa* de que a capital seria central. Tanto não temos alcançado averiguar. O que porém, não cabe duvida é que na Constituinte, antes de ser dissolvida, foi apresentada sobre isso uma proposta ou memoria de José Bonifacio, a qual foi até lida pelo deputado França, na sessão de 9 de Julho de 1823; e não é menos certo que já, annos antes, a idéa havia sido lançada ao publico, segundo hoje sabemos. Em 1809 se occupára disso alguem, pela imprensa, em Portugal; attribuindo ao célebre Pitt, em um discurso, a proposta da fundação de uma ***Nova-Lisboa,*** no interior do Brasil (*Hist. Geral,* 2ª ed., p. 1191, n. 4º). Pouco depois, defendeu igualmente a mesma idéa o talentoso patriota Hypolito, em duas passagens que, em outro logar (*Hist. Geral,* p. 1190 a 1192), transcrevemos textualmente.

Em tres outras occasiões foi essa idéa emittida antes

Foi a primeira, em Outubro de 1821, pela commissão nomeada pelo governo provisorio da provincia de S. Paulo, commissão de que fazia parte José Bonifacio, nas instrucções aos deputados da mesma provincia que iam ao Congresso de Lisbôa. Nessas instrucções, approvadas pelo dito governo provisorio, e impressas pouco depois no Rio de Janeiro (e das quaes existe um exemplar na bibliotheca da côrte em Vienna) lemos no § 9º do cap. 2º:

"Parece-nos tambem muito util que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da côrte ou da regencia, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 gráos, *em sitio sadio, ameno, fertil* e regado por algum rio navegavel. Deste modo fica a côrte ou assento da regencia livre de qualquer assalto e sorpreza externa, e se chama para as provincias centraes o excesso da povoação vadia das cidades maritimas e mercantis. Desta côrte central dever-se-hão logo abrir estradas para as diversas provincias e portos de mar, para que se communiquem e circulem com toda a promptodão as ordens do governo, e se favoreça por ellas o commercio interno do vasto Imperio (sic) do Brazil".

Seguiu-se o honrado conselheiro e chanceller Vellozo de Oliveira, em uma memoria sobre o melhoramento da sua provincia (S. Paulo), que offerecêra, em 1810, ao Principe regente, mas que só foi publicada em 1822. Eis como se expressa:

"E' preciso que a côrte se não fixe em *algum porto maritimo, principalmente se elle fôr grande, e com boas proporções* para o commercio... A capital... se deve fixar em um logar são, ameno, aprazivel e isento do confuso tropel das gentes indistintamente accumuladas"...

Veiu depois um dos deputados nas côrtes de Lisboa, que não declarou seu nome; mas que, tambem no dito anno de 1922, publicou, na typographia rollandiana um escripto de quatro paginas in folio, sob o titulo de *"Aditamento* (sic) *ao Projecto de Constituição para fazer-a applicavel ao reino do Brazil"*; additamento que comprehende treze artigos; o primeiro dos quaes reza assim:

"No centro do Brasil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguay e Amazonas, fundar-se-ha a capital deste reino, com a denominação *Brasilia*, ou qualquer outra".

Segue-se em uma nota, a justificação desta proposta, nas seguintes linhas:

"A necessidade e a prudencia obrigão a adoptar este artigo. A necessidade: porque o Brasil sómente poderá ser grande Imperio (sic) reunido e povoado; e eis o que se consegue com a nova capital. Ella fica 300 leguas com pouca differença ao norte e sul e quasi outras tantas a leste e ao oeste 100; ficão por tanto suas relações com as Provincias mais apertadas, communicavel ao Pará, Maranhão, Rio Grande e S. Paulo e mais Provincias, que para o futuro se crearem pelos rios Paraguay e Amazonas; á Bahia pelo rio de S. Francisco, etc. etc. A Povoação se concentra no lugar mais fertil do Reino, entretanto, fica ao abrigo de toda a invasão, em estado de defender e mesmo expulsar o inimigo, quando se tenha apoderado de alguma cidade maritima; ao alcance de rechassar as pretensões dos visinhos; o que jamais será possivel estando a Capital em outro qualquer ponto; e em quanto as circumstancias não permittirem outras medidas, huma só universidade nos seus arredores bastará a todas as Provincias. A prudencia: porque este he o unico meio de evitar as rivalidades que se descobrem entre as Provincias."

Conclue o papel com uma Advertencia, que começa pelos tres seguintes artigos, seguindo-se outros alheios ao assumpto da capital:

"1. A capital do Brasil será fundada segundo o Plano que derem tres engenheiros, que devem ir escolher o lugar mais proprio, eleitos pelos Deputados do Brasil, (segundo o) plano approvado pelas Cortes.

"2. Cada Provincia contribuirá com huma Quota annual relativamente á sua riqueza para a fundação da nova Capital.

"3. Estando concluido o Paço das Côrtes, da Regencia, da Junta Provincial, Cadêa, Igreja e Quarteis, etc. etc. se passará para ellas as Cortes, Regente, etc. etc.".

. . . .

Confessando, segundo já confessámos, que de nenhuma das mencionadas propostas tinhamos conhecimento, quando Deus nos deu *análoga* inspiração, e que da ultima, só tivemos noticia ha poucos mezes, ao ver por primeira vez (*).

(*) Em junho deste anno, por favor do Sr. Alves de Carvalho, que possue um exemplar na sua preciosa collecção, na R do Russell.

ARAGUAYA

Placido, ingente, um pouco tens de humano!
Ah! não sei o que, a fitar-te, ao sol poente,
Em dores, abraçado ao desengano
Sinto dentro de mim tão differente...

Não sei, meu Deus, que tens de soberano,
A consolar o coração da gente...
Não! Eu leio em ti o Bello do Oceano,
Quando uma praia beija docemente...

E és Bello, ingente. Tu me enlevas tanto,
Extasias a dôr, que despedaça,
Os infelizes que derramam pranto,

Que a fitar-te, tão pallido, scismando,
Digo baixinho, a viração que passa:
Ver-te, é ver-se uma mulher sonhando!...

WALDEMAR FRETZ.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil.*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO IV — RIO DE JANEIRO, 15 DE JULHO DE 1920 — VOL. III—N. 12

SUMMARIO

AO LEITOR

Manuseando as paginas dos tres volumes desta Revista que hoje completa seu terceiro anno de publicidade, muito tereis que conhecer das possibilidades e virtudes de Goyaz — esse diamante régio que ainda está por lapidar. O que no seu criterioso artigo infra diz o brilhante collaborador d'*A Informação Goyana*, General Arthur Eduardo Socrates, nós subscrevemos, porque é a expressão fiel da verdade.

A todos quantos vêm contribuindo para a satisfação intima de que hoje nos achamos possuidos, os nossos mais vivos agradecimentos.

ANNIVERSARIO

De embate em embate, de luta em luta, affrontando difficuldades de toda especie, ingratidões sem par, mal julgada por uns, applaudida por outros, completa hoje esta revista mais um anno de tormentosa existencia, sem ter conseguido haurir recursos capazes de lhe garantir estabilidade.

Tomando como programma invariavelmente seguido a defesa incessante e vigorosa da causa goyana, devia encontrar da parte dos goyanos todo o apoio de que carecia para superar aquellas difficuldades e desempenhar desassombradamente o seu papel de divulgadora emerita das riquezas e peculiaridades de Goyaz, fomentando seu progresso, desvendando aos olhos dos capitalistas as suas possibilidades economicas.

Infelizmente poucos foram os goyanos que lhe prestaram apoio e lhe deram contribuição, convencidos da sua importante missão, conhecedores dos seus alevantados ideaes, crentes e confiantes nos grandes resultados, que ella alcançaria na sua brilhante propaganda das cousas goyanas, dos problemas magnos a ser solucionados, visando o progresso e engrandecimento de Goyaz.

Elles porém, não foram de molde a garantir-lhe as condições de vida, exiguas e escassas como se apresentaram, collocando-a o indifferentismo dos demais nesta situação de tremendas difficuldades, a ameaçar sua existencia, nullificando as grande e indomaveis energias de Henrique Silva, seu fundador e sustentador.

Um anno que transcorre é um marco a assignalar os seus ingentes e patrioticos esforços a pról de Goyaz.

Amando com fervor sua dilecta filha, quiz, só, arcar com as grandes difficuldades de sua continuação e permanencia, que se têm medido pelos muitos serviços prestados á nossa terra, mas o alento já lhe vae faltando, pois não possue fortuna para manter a sua obra, sem o favor publico.

A influencia de sua acção é notavel, Goyaz muito deve a esta revista o ter sido a denunciadora da opulencia e riqueza mineralogica de suas terras; da amenidade de seu clima admiravel; da pujança de suas florestas prenhes de madeiras de lei das mais reputadas; da sua vasta fauna; dos seus rebanhos; da sua grande capacidade productora e de muitas outras riquezas, que possue em profusão.

Tem sido seu empenho systematico defender os seus interesses, advogar a sua causa, contendendo com os que lhe querem usurpar os poucos favores obtidos da União. Igualmente temol-a visto homenagear os goyanos mortos e vivos, aos quaes toda nossa gratidão é pouca ante os serviços prestados á nossa terra, que muitos têm honrado pela sua vasta cultura intellectual, tão apreciada e louvada no vasto circulo do paiz.

Com esta enorme bagagem de emeritos serviços a Goyaz, é doloroso vêr-se esta revista lutando desanimada, sem o apoio que lhe é indispensavel, para vencer a crise do momento, aggravada pela carestia da materia prima — o papel.

Basta uma rapida vista d'olhos sobre suas paginas, para se convencer da importancia de sua acção jornalistica, nos suggestivos artigos subscriptos por pennas festejadas, de par com finas gravuras reveladoras das riquezas de Goyaz, nas bellezas panoramicas, resplendentes de vida e denunciadoras de grandes energias, nas quédas d'agua, que apresentam.

Se uma revista de semelhante quilate e vulto vier a desapparecer pela deficiencia de recursos, que os goyanos lhe não souberam proporcionar, tomando-lhe assignaturas, é bem o caso de se descrer de seu patriotismo, do seu amor á grandeza e progresso de Goyaz.

Henrique Silva tem sido um infatigavel lutador, seus esforços e intelligencia agiram sempre no interesse de superar todas as difficuldades supervenientes, mas é chegado o momento de seu esgotamento, de seu desanimo, de suas desillusões.

Tem que baquear, por mais nobres que sejam os seus intuitos.

Nosso povo quer só jornaes que lhe alimentem a paixão da politiquice, despresando os que pleiteiam a grandeza e prosperidade de sua terra.

EDUARDO SOCRATES.

Porto Nacional--Municipio goyano que fica ao norte do Estado--Descripção, possibilidades e condições actuaes de vida

Localisado na região norte de Goyaz, é o municipio de Porto Nacional um dos mais prosperos daquella zona e foi, durante longos annos, graças ao intercambio commercial que manteve ininterruptamente com os mercados paraenses, o emporio de trocas de possibilidades de toda a vasta região do norte de Goyaz. Isto se dava ao tempo da monarchia, no então chamado Porto Imperial. Tendo ao norte o municipio de Pedro Affonso, do qual se divide, ao nordeste, pelos rios Lageado e Caracol e ao noroeste, pelos rios Lageado, Norte, Piedade e Coco, o municipio de Porto Nacional se limita a sul com os municipios de Natividade e Peixe, servindo-lhes de demarcações fronteiriças, ao sudeste, o rio Surubim ou Formiga Grande e da cabeceira leste uma recta que procure o divisor de aguas que delimita Goyaz e Bahia, e ao sudoeste, o rio S. José até sua cabeceira e desta uma recta que procure o Araguaya. Completam os limites do municipio, pelo oeste o Araguaya e pelo lado de leste o divisor de aguas limitante de Goyaz e Bahia.

Fazenda S. João, propriedade do major Antonio Ayres da Silva. A' parede vê-se o couro de uma onça pintada que matou cerca de trinta cabeças de animaes vaccuns e cavallares. Ao centro, dois especimens de eguas reproductoras indigenas, o proprietario e empregados.

O municipio, cuja extensão territorial mede, de leste a oeste, cerca de cento e dez leguas e, de sul a norte, nada menos de trinta e duas, se compõe de um Termo e está dividido em quatro districtos, sendo o primeiro na cidade de Porto Nacional, séde do municipio, e do termo do mesmo nome; o segundo, chamado districto do Carmo, com a séde no arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo; o terceiro, cognominado districto do Jalapão de Baixo, tendo por séde o povoado Bom Jesus do Ponte Alta, e o quarto, finalmente, ainda pendente de installação, conhecido pelo nome de Jalapão de Cima, cuja séde é o povoado Pedra de Amollar, localisado no alto da serra geral, a algumas leguas do divisor de aguas já fallado. O serviço municipal está a cargo de um Intendente e Conselho Municipal, eleitos quadrienalmente pelo voto popular em todo municipio, cuja acção executiva e legislativa extende-se a todo municipio e por sub-intendentes, nos districtos, nomeados pelo Conselho, sob proposta do intendente.

A acção policial se faz sentir por um delegado de policia com jurisdicção sobre todo o municipio e subdelegados e inspectores nos respectivos districtos e inspectorias.

No tocante á judicactura, os feitos cahem sob a acção de um juiz municipal, no termo, e juizes districtaes, nos respectivos districtos, todos elles sob a dependencia do juiz de direito da séde da Comarca, que é a do Alto Tocantins e está localisada na cidade de Porto Nacional, constituida, presentemente, dos termos de Peixe, Pedro Affonso e o da séde.

A cidade está situada á margem direita do rio Tocantins, a uns trinta metros acima do nivel do rio, em uma excellente explanada, que a deixa em condições de, no futuro, tornar-se num grande centro populoso.

A collocação da explanada em nivel superior ao do rio dá logar a que, desde agora, a cidade se apresente em dous planos, um simile de cidade alta e baixa, sendo que ás proximidades da barranca do rio, em local de difficil accesso ás grandes cheias, se encontram pequenos arruados, de preferencia procurados pelas tabernas e classe operaria.

Porto Nacional teve seus primeiros delineamentos pelas eras de 1803 a 1809, definitivamente lançados pelo Desembargador Joaquim Theotonio Segurado, nomeado Ouvidor da Comarca do Norte de Goyaz, cuja séde deveria localisar-se em S. João das Duas Barras. Até então, Porto Nacional era o Porto Real do Tocantins, ponto de passagem das pessoas residentes no arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo, lcalisado á margem direita do rio, a sete leguas de distancia, e que procuravam o arraial do Pontal, hoje inexistente, e que ficava á margem esquerda do rio, a tres leguas para o centro. Um e outro arraiaes, celebres por suas afamadas minas de ouro e onde a mineração chegou ao auge nos ultimos annos da era de mil e setecentos.

Mandado ao norte exactamente para, entre outros mistéres, dar incremento aos serviços de navegação do Tocantins e Araguaya, sabido que já então o surto da mineração se encontrava em franco declinio, Segurado, bem impressionado com a bella topographia do então Porto Real, tratou de concitar os povos de um e outro dos arraiaes já mencinados a alli se estabelecerem, enaltecendo, ao mesmo passo, as vantagens que lhes adviriam, em melhor escala, de um tentamen mais activo em prol do serviço de navegação fluvial, que já vinha sendo tentado mais activamente desde 1772, por habitantes dos mesmos arraiaes é tambem de Natividade, por intermedio do Manoel Alves, affluente do Tocantins.

Para melhor incentivar sua grande idéa, Segurado determinou que a deixa testamentaria do então fallecido Padre João de Campos para a construcção de uma capella, com a invocação de Nossa Senhora das Mercês, no arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo, fosse transferida para o Porto Real, onde seria erigida a pequena capella com a invocação estipulada pelo alludido testador.

Carmo, que houvera sido descoberto em 1736 por Manoel de Souza Ferreira, e Pontal, cujo descobrimento se fizera em 1738 por Antonio Santos, com o declinio da extracção do ouro entraram em tal ou qual decadencia, ao passo que o serviço de navegação fluvial, pelas eras de 1806 já tornava Porto Real um ponto em franca prosperidade, a ponto de ser então elevado a séde de cabeça de julgado, em detrimento de Carmo, que perdia aquella regalia. De então em diante, o progresso e o desenvolvimento do pequeno julgado não se fizeram mais parar, pois que desde logo foi se tornando o emporio commercial de toda aquella zona, graças ao desenvolvimento do serviço de viação fluvial.

Especimens de touros Caracús, da Fazenda S. João, de propriedade do Sr. Antonio Ayres Primo.

Por decreto de 14 de Novembro de 1831 o pequeno julgado foi agraciado com a categoria de villa e passou a denominar-se Porto Imperial, dando-se a respectiva installação aos 24 de Abril de 1833. Foi creada a parochia pelo art. 2° da lei provincial n. 14, de 23 de Julho de 1835. A elevação á categoria

le cidade se deu por lei provincial n. 333, de 13 de Julho de 1861. A agencia postal local foi creada em 1832.

Em consequencia daresolução de 1° de Abril de 1833, a então villa de Porto Imperial passou a ser a séde da Comarca

Vaccas mochas nascidas e criadas nas cercanias de Porto Nacional.

lo mesmo nome, accrescido á nova Comarca o termo de Natividade.

Com o advento da Republica, sob pedido de seus habitantes e decreto de 7 de Março de 1890, a cidade começou a denominar-se Porto Nacional e passou a ser a séde do municipio do mesmo nome, sendo seu primeiro intendente, nomeado por acto de 10 de Fevereiro desse mesmo anno, o Sr. Capitão Joaquim Ayres da Silva, que se compromissou e assumiu o exercicio do cargo em Março seguinte.

A navegação fluvial, que se iniciára desde a chegada das primeiras levas de bandeirantes que procuraram o rumo norte, sabido que a segunda comitiva dos Buenos entrára em dissidio e parte della houvera tomado o alvitre de descer o Tocantins, então chamado Paraopeba, se incrementava a pouco e pouco e recebia, pelas épocas de 1773, grande impulso com o tentamen pessoal do então governador de Goyaz, José de Vasconcellos Almeida, que se passara para o arraial do Pontal e alli fizera aprestar algumas embarcações que, carregadas de generos locaes, seguiram, Tocantins abaixo, em procura de Belém do Grão Pará, não mais cessara até o presente, chegando mesmo, em alguns annos, com os auxilios indirectos que lhe foram fornecidos por alvitre do Ouvidor Segurado e mais tarde pelo Presidente Cruz Machado, a assumir proporções invejaveis.

Em todo esse tempo, Porto se tornou o ponto do mais importante excambo commercial do norte goyano, pois d'alli par-

Especimens de muares da producção e cria do municipio de Porto Nacional.

tiam nada menos de trinta embarcações, annualmente, para o mercado do Pará e para alli convergiam as tropas de todos os municipios da zona norte de Goyaz.

Tal era a situação do municipio goyano nortense ao defrontar-se com o novo regimen.

Então, como hoje, as viagens aos mercados paraenses exigiam um lapso de tempo de poucos dias para descer (23 a 30) e alguns mezes para subir (4 a 5), era natural, pois, ante o dispendio de tempo empregado alli, e o progresso e desenvolvimento que ia-se fazendo para os lados da viação fluvial de outros Estados, que a hegemonia tão auspiciosa e a que nos referimos, se deslocasse das ribas do Tocantins para as margens de outros rios, especialmente quando aquellas permaneciam no estado primitivo em que os primeiros habitantes o encontraram e os outros eram francamente estimulados por auxilios directos, inclusive as machinas a vapor.

Assim, pois, emquanto Grajahú, Santo Antonio de Balsas, Formosa, Barreiras, Corrente, etc., povoações recentes e servidas por viação fluvial a vapor, entravam em franco progredimento, Porto Nacional como que estacionava e dos trinta barcos que trafegavam o grande rio, passou a existir uma meia duzia, grata recordação daquella etapa de prosperidade.

O municipio apresenta — serras principaes, a serra do Carmo, com algumas ramificações, para o lado do oriente e serra do Pontal, tambem com varias ramificações para os lados do occidente, servindo esta de divisor das aguas das bacias Tocantins e Araguaya. E' o municipio cortado por crescido numero de rios que affluem uns para o Tocantins, que o divide em duas grandes fachas no sentido sul norte, e outros para o Araguaya. São affluentes do Tocantins pela margem direita os rios Areias, que por sua vez recebe o Passa-tres e Cabeça de Boi, Agua Suja, S. João, Taquarussú, Agua Quente, pelo lado esquerdo, o Santo Antonio, Crixás, Conceição, Carmo e mangues. Para o Araguaya desaguam os rios Coco, Piedade, Pinheiro e Riosinho e para o

A chegada de uma vaquejada na Fazenda S. João, onde se vê especimens de vaccas Curraleiras, Crioulas e Caracús.

rio do Somno se encaminham as aguas do Balsas e seu affluente Ponte Alta.

Ha, além dos rios principaes, crescido numero de riachos e brejos, que cortam o municipio em diversas direcções, tornando-o fartamente dotado de muita e abundante agua.

O super-solo do municipio é coberto de excellentes pastagens com variegadas especies forrageiras e matisado, ao demais, por mattas á beira dos grandes rios e capões e cerrados, onde se encontram excellentes madeiras de construcção, especimens medicinaes, e vegetaes outros, susceptiveis de serem utilisados na tinturaria e perfumaria, crescido numero de plantas que fornecem fructos oleaginosos e grande abundancia de fructos comestiveis, ora silvestres, ora de cultura. O sub-solo do municipio não offerece menor importancia. Iniciados seus primeiros povoados em 1736 e 38, graças á descoberta da mineração ouro, suas minas, algumas dellas apenas arranhadas, jazem a espera dos meios de transporte para de novo florescerem, segundo testificam os exploradores, que percorrem a região.

Além do ouro, o municipio possue minerio de ferro, crystaes de rocha, mica, salitre, amyantho, já tendo sido encontradas pedras preciosas como diamante, turmalinas, etc.

Ha no municipio crescido numero de fazendeiros que se dedicam á criação de bovinos, muares e equinos, sendo que os bovinos mais em voga são os curraleiros, caracús, mochos, chinas e mestiços de zebús em pequena escala.

E' pequena a criação de gado cabrum e ovelhum, havendo em maior escala criação de suinos.

A lavoura se faz ainda sob os moldes rotineiros, todavia em escala sufficiente para o consumo do municipio e para exportação.

Assim, o municipio produz com abundancia cereaes, legumes, milho, mandioca, canna de assucar, batatas, inhame, fructas diversas e algodão.

A exportação do municipio se destina em parte aos municipios visinhos e outra parte procura outros Estados por vias diversas.

Para o Estado do Pará, via Tocantins, exportam-se pelles de boi e outros animaes, cereaes, legumes, carnes, toucinho, queijos, doces e em pequena escala cachaça, licores de fructos, objectos de marcenaria e artefactos de ourivesaria.

Para os Estados do Maranhão e Bahia sahem bovinos em boiadas, borracha de mangabeira, pelles, plumas, animaes, resinas, oleo-resinas, carne do sol, algodão e fibras vegetaes.

A cidade de Porto Nacional, cujas ruas são dispostas em posição parallela e perpendicular ao plano directriz do rio, tem uma população de cerca de 2.000 almas, podendo-se calcular a população do municipio em cerca de dez mil habitantes. A cidade possue edificios proprios para — Paço Municipal, e Cadeia; tem açougue e mercado publicos, cemiterio, etc. Sua matriz, novamente remodelada e grandemente ampliada, é hoje o templo mais importante do norte goyano. Iniciada em Abril de 1901 por Frei Gil de Villa Nova, benemerito missionario que tantos serviços prestou ao Brasil, onde após annos de lucta incessante, veiu a fallecer, iniciada, diziamos, no mesmo local em que se encontrava a modesta egreja de Nossa Senhora da Mercês, mandada erigir por Segurado, foi solemnemente inaugurada em 7 de Abril de 1901, pelo Rev. Frei Rosario Melisan, tambem de saudosissima memoria, conservando a mesma invocação.

Possue a egreja, entre as alfaias proprias, um bem ajaesado sacrario todo de prata, adereçado com cruzes de ouro pelo lado externo e interno, matisadas de pedras preciosas de valor, obra local, confeccionada por um habil ourives.

Uma imagem de Jesus Christo, confeccionada para o ministerio da commemoração da Paixão, pelo habil artista marcineiro Bernardino Cantuario, de Porto Nacional. Este artista obscuro nunca sahiu de sua terra natal, nem teve mestre.

Existe na cidade um convento de Padres Dominicanos alli estabelecidos em Maio de 1887 e que prestam inestimaveis serviços á mocidade, ministrando-lhe instrucção, e ao povo de quasi toda a zona norte goyana, cujas freguezias ficam-lhes aos cuidados.

O Convento, installado a principio em predio offerecido pelo povo do logar, possue hoje um excellente edificio, construcção dos mesmos religiosos.

Ha tambem um Convento de Irmãs Dominicanas, installado hoje em predio proprio e iniciado em Setembro de 1904. As Irmãs dirigem o Collegio Sagrado Coração de Jesus, onde ministram instrucção primaria, secundaria e trabalhos manuaes a meninas.

Ha um curso normal equiparado á Escola Normal mantida pelo Estado. O collegio possue um internato, onde recebem instrucção, alimento e vestimenta, ás expensas das Irmãs, diversas meninas pobres e indias cherentes. Presentemente o collegio recebe uma subvenção do governo federal e é auxiliado pelo governo de Goyaz.

Porto Nacional é hoje a séde do bispado do Norte de Goyaz, creado pelo S. Padre Bento XV, por decreto da Sagrada Congregação Consistorial, em 20 de Dezembro de 1915. E' séde de uma escola secundaria, mantida pelo governo de Goyaz, e a cargo de um Dominicano. Possue duas escolas primarias, uma para o sexo masculino, a cargo de um professor e um auxiliar, e outra para o sexo feminino, a cargo das Irmãs Dominicanas. Cada districto possue uma escola mixta mantida pelo Estado e diversas escolas particulares. Ahi se edita um periodico "Norte de Goyaz", propriedade da Viuva Ayres e Filhos, cujo primeiro numero sahiu a 22 de Setembro de 1901. O periodico, installado em predio e officinas proprios, possue annexo uma modesta bibliotheca franqueada a seus leitores e ao povo do municipio.

Um grupo de Irmãs Dominicanas do Collegio S. Coração de Jesus, de Porto Nacional, ladeados de indios Cherentes, mocinhos que recebem educação e demais cuidados gratuitamente no referido collegio.

A cidade já possuiu a "Folha do Norte", cujo 1º numero sahiu a 3 de Julho de 1891 e durou tres annos; "O Incentivo", sahido a 1º de Novembro de 1901, que durou um anno, ambos redactoriados pelo Sr. Luiz Leite Ribeiro e de propriedade do Sr. Coronel Frederico Ferreira Lemos.

Existem na cidade diversas casas commerciaes, que recebem os generos de commercio externo, ora do Pará, ora do Maranhão ou Bahia.

Ha uma estação meteorologica. A agencia postal recebe malas de Goyaz cinco vezes ao mez e expede para os municipios visinhos, via fluvial até Boavista e via terrestre até Palma por Natividade, cinco vezes ao mez para a capital e duas vezes para Porto Franco e Conceição do Araguaya. A cidade possue officiaes de marcenaria, ourives, pedreiros, ferreiros, picheleiros e sapateiros, que não sómente abastecem o municipio como ainda servem os municipios visinhos.

Egreja de N. S. das Mercês em Porto Nacional, construida pelos Missionarios Dominicanos.

Possue o municipio, além da cidade séde, um arraial e diversos povoados em franca animação.

Carmo é o arraial mais antigo do municipio; entrado em decadencia desde que cessou o movimento de extracção do ouro, conserva-se estacionario até o presente. Possue uma egreja, a de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em excellente estado de conservação e dotada de crescido e valioso serviço de prata e ouro para os mistéres do culto.

A egreja mais antiga do arraial, a de Nossa Senhora do Rosario se encontra em ruinas.

Carmo é séde de uma secção eleitoral, uma agencia de correio, uma agencia fiscal. O povo do districto se dedica á lavoura e criação e abastece com seus productos o mercado de Porto Nacional.

Bom Jesus do Ponte Alta e Pedra de Amollar são dous povoados do Jalapão, onde se localisa tambem o povoado de Terebentina.

Embarcações que trafegam annualmente o Tocantins, de Porto Nacional a Belém do Pará, levando vinte e poucos dias de descida e cerca de quatro mezes de subida. O grupo é representado por tres canôas, sendo um bóte grande com capacidade para 45 toneladas, um pequeno, para 20, e uma igarité, todos com as respectivas equipagens promptas para a viagem.

No districto do Porto se encontram os pequenos povoados de Sr. Francisco, Brejinho, Malhadinha e Borges, todos habitados por lavradores e pequenos criadores.

O clima do municipio é em geral excellente, sendo a maxima observada 36° e a minima 12°, na cidade de Porto Nacional, temperatura que soffre sensivel variação para menos, no arraial do Carmo, onde se gosa clima excellente e agradavel. No geral o clima é secco. Os ventos dominantes são em determinados mezes no sentido éste oeste e vice-versa e em outros, norte e sul e vice-versa. A estação das chuvas inicia-se em Setembro para Outubro e adquire grande intensidade nos mezes de Fevereiro e Março.

As molestias existentes no municipio são o impaludismo com exarcebações mais intensas por occasião dos grandes invernos, enchentes dos corregos e vasantes; as verminoses, a ankylostomiase, o mal de Chagas que ataca a classe proletaria, a lepra, casos esporádicos e procedentes de outros municipios, syphilis, molestias venereas, tuberculose e molestias agudas do apparelho respiratorio e chronicas do apparelho renal e circulatorio.

O municipio é patria de Sebastião Lopes de Almeida, Cavalheiro do Habito de Christo; Vicente Ayres da Silva, explorador do rio do Somno; Dr. Luiz Ferreira Lemos, conceituado e habilissimo clinico em Belém do Pará; Conego José Manoel Pinto de Cerqueira, Benjamin Constante P. de Cerqueira, Padre Jorge Lopes de Almeida, coroneis Mathias Ferreira Lemos, Joaquim Ayres da Silva, Severino Ignacio de Macedo, Raymundo Ayres da Silva, Frederico José Pedreira, José Ayres da Silva, Methridates Pinto de Cerqueira e Tenente do Exercito Nacional Pio Ayres da Silva, todos já fallecidos e que prestaram relevantes serviços ao municipio, nas posições de destaque que desempenharam.

Possue o municipio duas grandes fachas de terrenos, concessão estadoal especial, uma localisada á margem esquerda do Tocantins, e outra que lhe fica fronteira á margem direita do Araguaya, destinadas ao serviço de nucleos coloniaes para lavoura. Existem diversas quédas d'agua, sendo uma das mais importantes a do corrego Sucruiú, que abastece o arraial do Carmo. No municipio, o rio Tocantins apresenta, a montante da cidade, as ilhas Honorato de Moura e Caximbo, e a cachoeira — Correira Comprida e abaixo, cerca de 16 leguas, as cachoeiras dos Pilões, Mares e Lageado, grandes embaraços para o serviço de navegação fluvial.

O municipio é todo cortado de pequenas estradas para o serviço das tropas. Não possue nem serviço telegraphico, nem de viação a vapor pelo Tocantins, exactamente devido ás cachoeiras, que se encontram ainda no estado em que a natureza as creou. Sua renda no quadriennio ultimo variou entre sete e quatro contos de réis e as despezas soffreram a mesma oscillação. O municipio não tem dividas externas nem internas.

A séde do municipio é dotada de collectorias estadoal e federal.

Para os serviços eleitoraes está o municipio dividido em tres secções, localisando-se duas na séde do municipio e uma no arraial do Carmo.

Relatorio dirigido ao Ministro da Instrucção Publica pelo sr. Castelnau, encarregado de uma commissão na America Meridional

Goyaz, 22 de Outubro de 1844.

Sr. Ministro

Tenho a honra de noticiar a V. Ex. que ha bem poucos dias acho-me de regresso a Goyaz, depois de uma excursão de 800 leguas nos sertões que separam esta cidade dos confins meridionaes do Pará. Nesta viagem desci o rio Araguaya, que por mais de 39 annos não fôra visitado por Europeu algum.

Este rio foi descoberto por aventureiros, aos quaes levava o desejo de depararem com minas de ouro, e de reduzirem ao captiveiro nações indigenas; após delles vieram os Jesuitas, que nestas paragens estabeleceram algumas missões; e só em 179- é que Thomé de Souza o desceu com fim commercial. No principio deste seculo, muitas expedições deste genero foram emprehendidas, e o governo portuguez mandou estabelecer em dous pontos da sua extensão portos militares, um no furo do Bananal e outro na cachoeira de Santa Maria; mas, tendo apparecido um conflicto entre os christãos e os selvagens, estes, em 1813, atacaram aquelles estabelecimentos, que ficaram destruidos, sendo pouco depois abandonados. Um negociante procurou no anno seguinte, subir o rio; porém foi accommettido tão violentamente pelos Indigenas, que deu-se por muito feliz de poder logo retirar-se, depois de haver perdido metade da gente de sua equipagem. Ha mais de 30 annos, pois, que esta bella região não era explorada por homem algum civilizado; estando esta rica porção do imperio do Brazil convertida em apanagio de numerosas tribus servagens, cujos nomes ainda são desconhecidos.

O governo brazileiro desejava com insistencia obter noticias a respeito desta região, e o presidente da provincia de Goyaz, exigiu de mim um relatorio sobre esta viagem, para dirigil-o a S. M. o Imperador.

Parti de Goyaz a 9 de Maio, com as pessoas da minha expedição, que vêm a ser os Srs. Osery, Dr. Weddell e E. Derille e acompanhado de meus domesticos e de uma escolta militar O Sr. Presidente da provincia deu cartas de recommendação para todas as autoridades.

Não entrarei em detalhes sobre a viagem que fiz da Capital Goyaz a Crixas, passando pela aldeia dos Chavantes do Corretão. Neste logar tomei quatro Indios dentre os que me foram designados pelo Capitão-mór, e assim continuei minha viagem atravessando o deserto que separa aquelle ponto do pequeno estabelecimento de Salinas. O caminho que atravessa este sertão é horrivel, estando apenas traçado entre alagadiços e serrados de taquaras (uma qualidade de junco espinhoso, de 20 a 30 pés de altura), e passando continuadamente pelo meio de elevada vegetação, que de ordinario excede a altura de um homem a cavallo.

Nenhuma habitação existe hoje entre esses dous pontos, e aquellas que ahi havia noutro tempo foram destruidas pelos selvagens Chavantes, cujas excursões estendem-se por toda esta região. Este sertão offerece magnificos pontos de vista e a melancolia que inspira sua immensa solidão é muitas vezes interrompida pela presença de soberbas palmeiras do genero "Mauritia", que são conhecidas no paiz com o nome de buritys; a elegancia da sua folhagem é ainda augmentada pelo brilho das bellas araras, que de continuo estão ahi pousadas, e cuja presença é já de longe denunciada aos viajantes pelos gritos de aturdir que ellas dão.

A 14 chegámos á aldeia de Salinas. Esta pequena povoação está situada a uma legua do rio Crixas, que é um dos braços do Araguaya, e de muito pouca importancia, e a sua população compõe-se na maior parte de indios Chavantes. Ha ahi um posto militar commandado por um sargento, e os indios Carajahis fazem-lhe repetidas visitas, trazendo-lhes objectos de permutação, como sejam arcos, frechas, armas, etc.

Faz-me grande impressão a miseria que reina neste logar, e bem receei de não poder ahi arranjar o meu equipamento

maritimo e ainda mais por se me haver assegurado que não havia embarcação alguma que pudesse servir para uma similhante viagem, e que ser-me-ia impossivel encontrar piloto e viveres de qualquer qualidade que fosse; comtudo, graças á actividade do commandante militar, cheguei a comprar duas grandes canôas de pescaria e fiz que se construissem outras duas; montei uma forja inventando para ella um folle de forma particular, e depois disso appareceu um soldado, o qual, fundindo velhas bayonetas e espadas quebradas, aprompttou-nos pregos e ferramentas necessarias para as embarcações, e além disso, anzóes, harpões, etc. Foi-se colher no matto resinas proprias para supprirem a falta do alcatrão, raspou-se mandioca para fazer farinha, mataram-se quatro bois cuja carne foi secca ao sol, e ao depois salgada com o sal que se poude encontrar nos arredores, e que, bem que cheio de terra e de côr negra, era a mais disso de má qualidade. Levei commigo cinco soldados do destacamento de salinas e com elles foi elevado o numero de pessoas da expedicão a 32, que foi dividido pelas quatro embarcações e uma canôa de caça. Cada individuo estava armado de fuzil; tinhamos, além disso, o numero sufficiente de pistolas, espadas, e uma quantidade consideravel de munições de guerra.

Comquanto, pois, este formidavel armamento fosse além do que se fazia mistér para affrontar a'qualquer encontro que acaso houvesse da parte das numerosas tribus que habitam aquellas paragens, nada era elle contra o perigo, ainda mais respeitavel que apresenta a navegação do Araguaya; fallo das terriveis catadupas que embaraçam a sua navegação e onde tanta gente tem encontrado a morte. Os indios Carajahis disseram-nos, por meio de signaes bem designativos, os temiveis perigos que iamos ahi deparar; e das recompensas que lhes promettemos, nenhuma foi bastante para os empenhar a que nos acompanhassem.

A nossa partida do pequeno porto de Coraiça foi um espectaculo verdadeiramente tocante; até ao logar do embarque fomos acompanhados de todos os homens da aldeia; suas mulheres e irmãs faziam-nos suas despedidas em pranto, e o seu pezar augmentava-se com a lembrança dos riscos por que iamos passar. No dia 10 veio o vigario ao logar onde estavam as embarcações; ahi celebrou-se missa, deu-nos a sua benção e partimos no meio de salvas de mosquetaria.

Depois de termos descido seis leguas o rio Crixás, entrámos no magestoso Araguaya, cuja magnificencia e nobreza é além de toda a descripção; as suas aguas tão puras resvalam tranquillamente pelo meio das vastas solidões que o bordam de todas as partes. Na noite de 11 acampámos numa praia, e no seguinte dia chegámos á ponta meridional da ilha do Bananal, que tem 100 leguas de comprimento sobre a largura provavel de 20 a 25, e que por esta extensão pode ser considerada como a maior porção de territorio isolado no meio de um rio, que existe sobre a superficie do globo. Para formar esta ilha o Araguaya divide-se em dous braços aos quaes se dá o nome de Furo da direita e Furo da esquerda; o primeiro é o mais direito, o segundo ainda não foi explorado; neste estão as aldeias dos Carajahis. Servindo o primeiro só para as communicações commerciaes, parece-me que deva preferil-o ao outro; mas antes de passar adeante tentarei de, em poucas palavras, descrever a bella scena natural que apresenta a ponta do Sul, sobre a qual estivemos acampados. O logar que occupavamos era uma extensa praia de areia mui fina e de uma perfeita brancura; diante de nós extendia-se o gigante das aguas, tendo mais de meia legua de largura, e bifurcando-se ahi em vastos braços, cada um dos quaes tomava direcção diversa; por detraz as mattas sombrias que cobrem a ilha limitavam inteiramente esta magnifica paisagem.

Tudo nesta vasta perspectiva recordava a immensidade dos mares; a praia em que estavamos' as arraias e outros peixes que pescavamos a miudo' os delphins que brincavam á flôr dagua, os guinchos agudos das gaivotas e corvos marinhos, que voavam por cima das nossas cabeças, tudo concorria a tornar mais frizante a similhança com as costas do oceano. Entre os peixes que os nossos pescadores apanhavam neste logar não devo prescindir de mencionar o gigantesco pirarucú, que os naturalistas conhecem sob o nome de "vastres", e cujas dimensões são taes que um delles de tamanho ordinario dá quasi tanta porção de carne como um boi.

A 13 entrámos no Furo da direita, que é bastante estreito. As suas bordas do lado da terra firme são habitadas por Chavantes e Javaés, cujos vestigios e fogos avistamos muitas vezes.

Serei incessante em aconselhar aos viajantes que façam esta navegação durante a noite e sempre encostados á margem que é deshabitada. Empregámos 13 dias a sahir do Furo, e em todo este tempo não avistámos uma só creatura humana, e todavia é impossivel de vos pintar a variedade sem numero de seres que ahi nos offerece o reino animal. Sobre as dilatadas praias viam-se bandos immensos de demarcada ave conhecida com o nome de jaburú; mais além distinguia-se em meio de garças reaes e outras aves ribeirinhas, o elegante culhereiro, que ostentando sua plumagem cor de rosa, é um dos mais bellos ornamentos destas maravilhosas reuniões de passaros. Brincavam nas arvores os monos berradores e os formosos saguis, e á sombra das extensas mattas lobrigava-se o nobre cervo e a formidavel onça; e se a terra era assim coberta de grandes e bellos animaes, as aguas não eram menor animadas. Por toda a parte e em diversos sentidos giravam no fundo do rio peixes de formas varias, perseguidos ora pelo monstruoso pirarucú, que nem mesmo poupa os pequenos na sua propria especie, ora pelo gymnete electrico ("poraqué"), que em lhe lançando os seus raios o faz captivo do seu temivel inimigo; todavia, todos estes seres são ainda a presa dos numerosos jacarés. Porém o flagello que sem contradicção é alli o mais temivel, é um peixe de pequeno tamanho, ornado de lindas côres e que é conhecido com o nome de piranha; tudo quanto cae nagua é instantaneamente dilacerado por myriades destes peixes e todo o animal ferido torna-se em breve sua presa.

Só na manhã de 25 é que pudemos chegar á extremidade septentrional da ilha; demoramo-nos ahi um dia inteiro para determinar a posição geographica, assim como o tinhamos praticado na outra extremidade. A 29 chegámos á primeira cachoeira ou entaipava (1), que passamos a remo assim como muitas outras que em seguida encontrámos. Na tarde do seguinte dia passámos por perto da cachoeira de Santa Maria, que é formada de uma longa serie de correntezas. Todo o dia 31 foi occupado no rude trabalho de passar as canôas por cima destas perigosas paragens; para esse fim os trabalhadores põem-se nús, mettem-se nagua, ficando uns á proa das canoas para as dirigirem e outros aguentam, por detraz por meio de cordas amarradas á popa, para assim moderar o impulso que recebem da rapida corrente das aguas; os que não são empregados neste trabalho ficam de sentinella para defender aquelles dos assaltos dos selvagens.

A 2 de Julho avistou-se, sem se esperar, em uma volta do rio, uma canôa, cheia de indios, que pareciam observarem-nos de longe. Julguei da maior importancia o communicarmo-nos com elles, tendo razões para suppor que eram espiões dos Chambicás; e desejando assegurar-me de quaes eras as disposições dessa nação, fiz demorar as outras canôas e procurei com a minha approximar-me á dos selvagens, fazendo a estes todos os possiveis signaes de amizade; mas nada pôde vencer sua desconfiança; e seguindo sempre perto da margem do rio, empregavam toda a diligencia para fazer com presteza vobar sua canôa, servindo-se para isso, com bastante destridade, de varas compridas a que se dá o nome de varejões; e deste modo tomaram grande distancia á minha canôa. Vendo que não os alcançava, encarreguei ao Dr. Weddell, que commandava a mais veloz das nossas embarcações, de lhe dar caça; então um espectaculo de grande interesse se passou a nossos olhos; de ambas as partes puzeram-se em exercicio todas as forças que foram dadas ao homem; de nosso lado, para alcançar a impulso de remo, a canôa dos indigenas; e do lado destes para escapar a uma morte que elles suppunham infallivel; e taes foram os esforços destes, que as compridas e fortes varas, manejadas por vigorosos braços, fizeram-se em pedaços. A perseguição que se lhes fazia continuou por algum tempo até ao chegar uma pequena cachoeira; então os indigenas, não querendo perder a vantagem que lhes davam os seus varejões, dirigiram a canôa para o logar de menos fundo do rio; a em que ia o doutor, proseguindo na direcção que levava, lançou-se na correnteza e conseguiu assim tomar a dianteira á dos selvagens. Estes vendo-se em nosso poder, cairam de joelhos, pondo as mãos em cima das cabeças; procurou-se socegal-os e desvanecel-os da idéa do terror que de nós formavam, e isto por signaes de amizade, por dadivas que se lhes faziam; conseguindo, o que nada póde explicar, a expressão natural da sua alegria. Depois disso retiraram-se, para o fim de annunciarem aos seus a nossa proxima chegada. Este mesmo dia ia-me sendo fatal; porque ao momento em que a minha canôa passava uma correnteza muito perigosa, foi de encontro a uma rocha e ficou entalada entre duas pedras; ao mesmo tempo vimos que uma outra das nossas canôas cahia sobre a minha, impellida pelos esforços combinados da corrente e dos remadores, e cremos ambas perdidas, mas por uma remada dada muito a proposito pelo piloto da segunda, as duas canôas passaram algumas pollegadas rente uma da outra, com a rapidez do raio, e ficamos assim livres do grande perigo, que egual ainda não tinhamos experimentado no curso da nossa viagem. Ao anoitecer estabelecemos o nosso pouso perto do primeiro aldeiamento, para que ahi chegassemos na manhã seguinte.

Ao romper do dia 3 partimos dirigidos por um indio que tinha ficado comnosco, e que nos levou com habilidade por cima de uma cachoeira bastante alta, e dahi ha pouco chegámos de repente á primeira aldeia de chambioás. Um grande numero de selvagens estava reunido na margem do rio, á nossa espera, e vimos que dalli, se retiravam algumas canôas conduzindo mulheres e crianças.

Comtudo, a maior confiança estabeleceu-se logo entre nós: na mesma noite chegámos ao pé da segunda aldeia (2) a qual

---

(1) — Dá-se este nome a uma barra transversal ou rocha, por cima da qual passam as aguas, que ao depois se precipitam com violencia. (N. do T.)

(2) — Nas ribeiras do Tocantins dá-se o nome de aldeia á povoação de indios mansos, ou que abandonaram as mattas, e o de maloca ao logar em que temporariamente se arrancham as familias de alguma tribu ainda não civilizada. (N. do T.)

visitamos na manhã seguinte; e a noite de 5 passámos na terceira.

Todas estas aldeias são construidas debaixo do mesmo plano, com grandes cabanas feitas unicamente de folhas de palmeira, e dispostas em meio circulo em redor de uma grande casa, destinada para os divertimentos publicos. O numero total dos individuos desta tribu póde chegar a 6.000 pouco mais ou menos; os dous sexos andam inteiramente nús e pintam os corpos de escarlate por meio do orucú; são trabalhadores e as suas roças se estendem por mais de meia legua pela margem do rio; plantam nellas bananeiras, mandioca, batatas, canna de assucar, etc. Sabem tecer o algodão em panno e em rêde. O seu comportamento a nosso respeito foi distinctamente amigavel e pacifico. Elles fazem parte da grande nação dos Carajás. Achavam-se na 3ª aldeia 4 christãos, que os indios conservavam presos, e tivemos a felicidade de conseguir a soltura delles; tres pertenciam á provincia do Pará, e por isso os enviei ao commandante de S. João e o outro era um soldado, que regressou commigo a Goyaz.

Comquanto tivessemos muito soffrido até alli, todavia só tinhamos superado uma minima parte dos perigos e difficuldades da nossa empreza. Elles começaram a 6 de Julho, que foi quando chegámos ás grandes cachoeiras que se podem ajuntar em duas: a Cachoeira Comprida, que tem duas leguas de extensão, e a Cachoira Grande, que tem tres.

Emquanto as passavamos tivemos que soffrer cruelmente a fome, porque, a sahir do furo do Bananal não se encontrou mais peixe ou caça. Finalmente a 14 chegámos ao forte de S. João das Duas Barras.

Effectuámos o nosso regresso subindo o Tocantins.

Tivemos então occasião de visitar a bella missão do capuchinho Frei Francisco, em Boa-Vista; a aldeia dos indios Apinagés e Carahós, as villas de Carolina e de Porto-Imperial, onde deixámos nossas embarcações, ficando entregue á disposição do governo brazileiro; e voltámos a Goyaz por terra, atravessando um sertão de 150 leguas que está effectivamente exposto ás excursões dos Canoeiros e Chavantes.

No curso desta viagem tivemos occasião de determinar a posição geographica de um grande numero de pontos e de fazer avultadas collecções em todos os ramos de historia natural. Estes objectos são destinados para as collecções publicas e eu já os dirigi ao consul da França no Rio de Janeiro.

Dentro de poucos dias sigo para Cuyabá, cidade situada no centro do continente, e donde procurarei passar ao Paraguay.

Consenti, Sr. Ministro, em receber a segurança do profundo respeito com que tenho a honra de ser de V. Ex. attento servidor

F. DE CASTELNAU,

(Traducção de Machado de Oliveira — Revista Trimensal)

N. da R. — Castelnau (Conde Francis de Castelnau) foi o chefe illustre da grande "Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Pará, exécutée par ordre du gouvernement Français, pendand les années 1843-47." São 6 volumes consagrados á historia da viagem, trazendo mappas e muitas illustrações.

Fazem parte da obra mais os seguintes volumes "in-folios": "Chloris andina", 2 vol. par Welddell, botanico illustre; "Oiseaux e Poissons", par Des Murs, zoologista; "Mollusques" par Hupé; "Myriapodes et scorpians", par Gervais; "Mammiferes", idem "Entomologie", idem: "Geographie" et "Vues et scenes" — e mais uma historia natural das quinquinas.

O Relatorio de Castelnau vem no tomo VII da Revista do Instituto Historico.

Esta obra é uma das mais importantes ainda vindas á luz, sobre o "hinterland" brasileiro.

A questão da capital maritima ou no interior

PELO VISCONDE DE PORTO SEGURO

III

Porquanto, se todos esses grandes vultos e estadistas do Brazil consideraram a realisação do pensamento como praticavel, antes da época da independencia, quando ainda não existiam as estradas de ferro, ser-nos-ha licito declaral-o utopia em nossos dias ?...

Dissemos inspiração *análoga*, e não identica; porque no que todos concordámos foi na idéa de ser levada para o interior a capital não indicando uma localidade, ou marcando outros uma differente.

Pela nossa parte, durante os 28 annos decorridos desde 1849, as intimas convicções, longe de arrefécerem, haviam tomado mais corpo, a tal ponto que, ao acabarmos de narrar, na 2.ª edição da Historia geral a occupação do Rio de Janeiro por Duguay Trouin, não podemos deixar de exclamar : ... "Valha-nos ao menos tamanha lição e tamanha vergonha para o futuro, se algum dia nos encontramos em situação analoga, o que Deus não permitta. E a primeira lição que devemos colher é a de, já em tempo de paz, attendermos mais aos meios de resistencia que deve offerecer este importante porto, do qual permitta Deus que seja quanto antes retirada a capital do imperio, tão vulneravel, ahi *na fronteira*, e tão exposta a ser ameaçada de um bombardeio e a soffrel-o com grande prejuizo dos seus proprietarios, por qualquer inimigo superior no mar, que se proponha a arrancar do governo, pela ameaça, concessões em que não poderia pensar, se o mesmo governo ahi se não achasse. E isto quando a propria Providencia concedeu ao Brazil uma paragem mais central, mais segura, mais sã e propria a ligar entre si os tres grandes valles do Amazonas, do Prata e do S. Francisco, nos elevados chapadões de ares puros, de boas aguas, e até de abundantes marmores, visinhos ao triangulo formado pelas tres lagôas, Formosa, Feia e Mestre d'Armas, das quaes manam aguas para o Amazonas, para o S. Francisco e para o Prata !"

Publicadas estas linhas, o proprio accento de convicção que ellas respiram fez estremer a nossa consciencia timorata, em presença da responsabilidade tomada, em tal obra, ante a posteridade. Figurou-se-nos que não ficariamos tranquillos emquanto, por nossos proprios olhos, nos não desenganassemos de todo, e á mesma posteridade, se tinhamos ou não razão em todos os nossos planos e propostas engenhadas *sôbre o papel*, no silencio do gabinete. E isto com tanta maior razão quando, pouco antes, haviamos vacillado em favor de duas outras localidades visinhas; — os chapadões de Santa Maria e de Urucuya.

Resolvemos pois, pedir do Governo uma licença afim de nos ausentarmos por seis mezes do posto honroso que occupamos, e emprehendermos (levando comnosco os competentes instrumentos, incluindo nada menos que tres barometros) á custa de quaesquer trabalhos e sacrificios, emquanto para elles nos sentiamos com forças, uma penosa viagem a cavallo, nada menos que até á provincia de Goyaz, por nossas primitivas estradas, para *de visu* e como antigo engenheiro, reconhecer essa notavel paragem que a contemplação e estudo dos melhores mappas nos havia revelado; e vêr se ella correspondia perfeitamente ás condições de bondade de clima e outras essenciaes ao nosso proposito, ou se, *bona fide*, nos cumpria a tempo regeital-a e buscar outra n'um dos dois mencionados chapadões.

Algum dia, Deus mediante, depois de acabar a nossa *Historia da Independencia*, publicaremos o diario desta viagem (que resultou até em proveito de nossa saúde), com as observações feitas, especialmente com respeito a orographia dos pontos percorridos, na ida e volta; o que tudo apontávamos em cada noite, apezar das fadigas do caminho, e depois de haver andado, desde as 6 da manhã, ás vezes oito e nove leguas... No presente escripto nos limitaremos unicamente a consignar quanto a elle importa. Antes porém, cumpre-me dizer que durante a ultima estada no Brazil, donde me achava ausente havia mais de nove annos, tive occasião de apreciar o pasmoso progresso da opinião dos homens illustrados tanto do Rio, como da Bahia e Pernambuco, em favor da idéa de arredar do Rio a capital; de modo que (já depois de regressar a este posto), não me surprehendeu muito o lêr um artigo no *Jornal do Commercio*, dizendo picantemente que

essa capital *não era dos Brazileiros,* nem dos Inglezes, nem dos Francezes, nem dos Turcos ou Mouros, mas sim *do Commercio* e só do Commercio.

Entretanto, cumpre confessal-o, não deixei de encontrar tambem muitos descrentes e muitos apathicos, acabrunhados porventura pela força da inercia tão poderosa nas cidades do nosso littoral... Ao menos, os que discutiam a questão não me desanimavam; mas o observar, nos labios de alguns, certo sorriso como tratando a idéa de pura utopia, levou-me á resolução de apresental-a ao paiz sob uma nova fórma; afim de, ao menos, a irmos preparando para os vindouros, se não estamos dispostos a leval-a avante em nossos dias.

Foi em conformidade desta resolução que, na qualidade de chefe de uma legação que tantos soffrimentos passou com um certo ensaio de colonias no littoral, em que o Governo Imperial teve até que pagar o transporte dos colonos de regresso á Europa, em grande detrimento da marcha progressiva da mesma colonisação, me apresentei ao illustrado ministro da Agricultura, expondo-lhe minhas intenções de emprehender a viagem, da qual deveriam, em todo caso, resultar algumas informações que pudessem vir a ser aproveitadas no futuro em favor da colonisação em geral, e pedindo-lhe conseguintemente, suas ordens e algumas recommendações, que me foram desde logo por S. Ex. patrioticamente dadas.

Do exito completo da viagem, tanto em favor da ultima idéa, — de procurar localidades de sertão mais apropriadas a centros de colonisação européa, como de reconhecer, e haver encontrado, mui superior a toda a expectativa, a paragem em que, por uma especie de presentimento (bem que apoiado em dados geographicos), haviamos recommendado para a futura capital da *União Brazilica*, não podemos dar melhor conta senão transcrevendo a communicação que da villa Formosa da Imperatriz dirigimos para a Côrte, pelo correio, ao dito senhor Ministro, não fosse caso que, se, por doença ou qualquer outro infausto acontecimento, não conseguissemos regressar a salvamento, viessem a ficar inutilisados os nosso sacrificios, e deconhecido o resultado mais que favoravel de nossos exames, a tanto custo feito na mesma privilegiada paragem. Nessa communicação incluimos algumas idéas alheias ao assumpto especial della, mas que nos accudiram durante a viagem, e que julgámos dignas de ser lançadas á discussão.

Suppomos que a mencionada communicação já terá sido publicada, poucos dias depois de sahirmos do Rio; em todo caso, nada perde em ser aqui de novo transcripta; pois nos dispensa de escrever outras linhas para dizer o mesmo.

Eil-a :

"Villa Formosa da Imperatriz, em Goyaz, 28 de Julho de 1877.

Illmo. e Exmo. Sr. — Para melhor cumprir as ordens que V. Ex. se dignou dar-me em Aviso desse ministerio, de 14 de Junho ultimo, começarei por consignar por escripto algumas idéas que, ácerca da colonisação européa no Brazil, tive a honra de emittir verbalmente na audiencia que V. Ex. se dignou conceder-me poucos dias antes da data do mencionado Aviso.

Varios resultados menos favoraveis a esse respeito, nos climas tropicaes do nosso littoral, fizeram que hoje tenha quasi unanimemente triumphado na Europa a idéa de que, para o primeiro estabelecimento dos colonos do norte no nosso paiz, só são apropriados os climas do Rio Grande do Sul, e quando muito os de algumas paragens das de Santa Catharina e Paraná; de modo que é quasi exclusivamente para estas provincias que a mesma colonisação já segue espontanea, dispersando a estipendiada, com a qual, não só por espirito de equidade e justiça, como por outras muitas considerações, bem conhecidas de V. Ex., conviria que fossemos presenteando as demais provincias.

Se o clima do Rio Grande do Sul, no littoral, é mais fresco e analogo aos da Europa que os das demais provincias, não é menos certo que, no interior destas ultimas, ha chapadões mui elevados, em que a temperatura é igualmente benigna, e em que no inverno cahem até as folhas á maior parte das arvores. E' mui conhecido o principio, com as proporções até designadas por Humboldt, de que a identidade da temperatura se opera nas mais baixas latitudes pela ascensão das altitudes, e isto a tal ponto que debaixo da equinocial, nas immediações de Quito, por exemplo, ha neves perpetuas.

E bem conhecidos são entre nós como muito mais fresco que os do littoral, na provincia do Rio de Janeiro, os climas de Petropolis e de Nova Friburgo, em paragens elevadas mais de oitocentos metros, e na de S. Paulo, mais ao sul, como muito mais frescos que os de Santos, os da capital e mais cidades de serra-acima, em alturas além de setecentos metros. Assim, por via de regra, quanto mais bella fôr a latitude do logar, maior deverá ser a sua altitude para que o clima seja fresco e de natureza menos tropical, a ponto de não fazer esmorecer os colonos ao vêr, ao cabo de alguns mezes, desbotarem-se a seus filhos das faces as côres rosadas com que haviam partido da Europa. E se nas latitudes de 22° a 24° são para isso mais que sufficientes elevações de 700 a 800 metros, em menores latitudes é claro que essas alturas deverão ser maiores. E o mais é que estes climas mais frescos são ás vezes até designados pela propria vegetação, que cessa de ser de mattas virgens, e passa a *cerrados* e a campos limpos, mais apreciados pelos colonos que não têm as prevenções da nossa gente de que só são perfeitamente productivas as mesmas mattas, as quaes elles colonos apreciam menos, por sua antipathia ás derribadas, preferindo antes plantar e semear desde logo em campos já mais ou menos araveis.

Em conformidades com estes principios, começarei por indicar uma região das provincias de S. Paulo e Minas, que, pela bondade do clima e das terras e pela muita facilidade com que a ella se poderá chegar, terminada que seja a estrada de ferro da Casa Branca, podia fornecer muitas localidades mui apropriadas para centros ou povoações de colonos europeus recem-chegados. Esta região estende-se pelos chapadões quasi sem arvores, de terra vermelha, com pastos de barba-de-bode, elevados mais de 900 metros, que se encontra desde antes da cidade da Franca, abrange as das duas margens do rio das Velhas, affluente do Parnahyba, e comprehende toda a extensão logo abaixo das cabeceiras dos affluentes do Quebra-anzol e mesmo Parnahyba, ao poente das serras da Canastra e da Matta da Corda. Os chapadões são por ahi de tão pequenas pendentes que, com a introducção nelles de alguns arados *centraes* a vapor, de grande força, de repente se poderiam pôr ao sol, reunir em montões e logo queimar para estrume, como se faz na Europa, as touceiras do dito capim, quer para depois semear trigos, quer prados artificiaes de alfafa, havendo meio de regal-os, quer finalmente de capim gordura, ou branco, ou melloso, ou qualquer outra das especies que dão espontaneas em outras paragens do sertão.

Na vasta extensão que acabo de percorrer, ha porém, outra região não menos apropriada a offerecer localidades favoraveis ao primeiro estabelecimento de colonos europeus, e a respeito da qual julgo que deveriamos desde já dar algumas providencias, afim de a ir preparando para a missão que a Providencia parece ter-lhe reservado, fazendo a um tempo della e da America do Sul, Amazonas, Prata e São Francisco, e constituindo-a, por assim dizer, o nucleo que reune entre si as tres grandes concas ou bacias fluviaes do Imperio. Refiro-me á bella região situada no triangulo formado pelas tres lagôas Formosa, Feia e Mestre d'Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros, sobre o mar, como nella requer para a melhoria do clima a menor latitude, com algumas terras mais altas do lado do norte, que não só a protegem dos ventos menos frescos desse lado, como lhe offerecerão os indispensaveis mananciaes.

Não entrarei aqui, Exmo. Senhor, na questão da alta conveniencia para o Imperio e até para o Rio de Janeiro, da mudança da capital, questão que me reservo discutir de novo extensamente em uma publicação não official. Mas não posso deixar de aproveitar esta occasião para recommendar a importancia, em todo o sentido, da mencionada paragem, como sólo fecundo em que tem de vingar e prosperar muito quaesquer sementes que nelle se lançarem. Nestes terrenos de campos elevados, de bellas pastagens, onde se criam perfeitamen-

te os cavallos companheiros da civilisação do homem (e que se pagam hoje apenas a trinta e quarenta mil réis cada um), onde os cafezeiros, ao cabo do primeiro anno da planta da muda, já produzem prodigiosamente, promettendo para quando houver daqui communicações, ser este um novo districto deste genero, nestes terrenos, digo, com bosques nos valles e margens dos ribeirões, se encontram para as construcções de edificios, muito bons grés brancos e vermelhos e até marmores de côres, os quaes hoje apenas se destinam para cal, e, se encontra tambem, como por todo o sertão, bastante minerio de ferro; existindo até bem perto em actividade uma fabrica pertencente ao major José Rodrigues Chaves, a qual, por meio do modesto processo dos fornos catalães, o funde, fornecendo para todas immediações muito bom ferro. Para rebentar a pedra facil seria fazer-se até polvora, com o muito salitre que fornece a visinha serra das Araras.

Entre outras localidades apropriadas ao estabelecimento de povoações que ainda se poderão encontrar nesta região, unica em relação ao Brazil todo, eu cheguei a conhecer pessoalmente duas, bastante elevadas, de facil accesso, bem ventiladas, suaves escoantes, bellos horizontes e com capacidade sufficiente para estender-se e chegar a receber até mais de um milhão de almas.

E' uma dellas a chapada, por alguns denominada *serra* da Gordura, perto de quatro leguas a O. N. O. desta villa na paragem onde, a menos de um tiro de fuzil umas das outras, se vêem as cabeceiras dos ribeirões Santa Rita, vertente ao rio de S. Francisco pelo Preto; Bandeirinha, vertente ao Amazonas, pelo Paraná e o Tocantins; e Sitio Novo, vertente ao Prata, pelo S. Bartholomeu e Grande Paraná.

A outra fica apenas legua e meia a N. O. desta ultima, e lhe é, no meu entender, mui superior; tanto por ser ainda mais alta, e ventilada e de mais bellos horizontes, como, pela facilidade de conduzir a ella aguas potaveis, apanhando logo acima as varias aguas vertentes á Lagôa Formosa e ribeirão do Bahú. Refiro-me a uma localidade no dorso do espigão que fórma o paredão da Lagôa Formosa do lado de leste, na subida que conduz á chamada serra do Cocal; em um sitio abundante da planta aqui denominada *canellas de ema*, especie da que nos jardins da Europa se conhece com o nome de Jucas. A differença de nivel para menos do alto da serra do Cocal, não só permittiria o apanhamento e a facil conducção de aguas das ditas vertentes, com as quaes se poderia desde logo encher a primeira caixa ou mãe d'agua, emquanto a povoação se não estendessem muito e fosse necessario ir buscar mais ás serras mais distantes, como tambem a obrigaria completamente dos nortes, que, como disse, são os ventos menos frescos e menos sadios da America do Sul; e desse modo soprariam mui por cima das casas.

Não falta, Exmo. Senhor, quem nutra apprehensões, de que, nestas paragens, todos os mananciaes produzem o bocio ou papeira, e eu era dos que partilhavam esses receios antes de aqui vir. As observações porém, que tenho feito e as investigações que tenho procedido, apoiadas nas que já fizera o sabio academico francez Boussingault na Colombia, me deram a intima convicção de que a causa de semelhante enfermidade nos chapadões apenas habitados junto ás cabeceiras dos corregos ou olhos d'agua, não é outra senão a de serem essas aguas, em geral junto ás nascentes, mui carregadas de certos saes e não convenientemente batidas e arejadas, condições uma e outra que só perdem por meio da distancia, nos encanamentos, feitos com pedra ou tijolo; os quaes, se ha altura sufficiente, se fazem com pequenas cachoeiras ou saltos, e se a não ha, com o fundo desigual, onde a agua vá saltitando e arejando-se. No encanamento das Aguas-livres em Lisboa, ha dois canaes parallelos, dos quaes sómente um serve, em quanto se limpa o outro, donde, ao cabo de algum tempo, se tiram como telhas de sarro ou sedimento deixado pelas aguas. Ora, nos nossos sertões, o facto das virtudes dos encanamentos distantes se comprova pela propria experiencia, pois não adquirem papos os individuos que bebem, já nos ribeirões, das mesmas aguas que os deram aos que dellas beberam nas nascentes, especialmente se estas têm logar em terrenos de certa argilla schistosa.

Cingindo-me agora ao supra mencionado Aviso de V. Ex., de 14 de Julho, cumpre-me tratar das communicações e da maneira como desde já os colonos e todos os aviamentos poderiam ser até estas paragens transportados.

Nada mais facil do que tirar partido dos proprios meios de conducção hoje empregados, desde o extremo da estrada de ferro da provincia de S. Paulo, que sem demora chegará á Casa Branca. Por onde vão carros de sal, levando ás vezes mais de cento e vinte arrobas de peso, e tendo as rodas fixas ao eixo, bem podem ir caravanas de carroças de quatro rodas, como ás da Companhia "União e Industria", com toldos, puxadas por menos juntas de bois, conduzindo familias dos colonos e sendo estes os proprios carroceiros, apeando-se todos os individuos nos passos difficeis e trabalhando juntos por arranjar e aplanar qualquer irregularidade causada pela chuva precedente. O caminho por Uberaba é todo de chapadões, sanissimo e os pastos para os bois bastante bons e gratuitos.

Uma junta de bons bois não custa aqui muito mais de 50$000 e uma vacca de açougue 16$ a 18$; de modo que a carne é mui barata, e a caça não falta, nem o peixe nas tres lagôas visinhas, e das fructas do paiz se poderia obter muito bons vinhos.

Em todo caso, Exmo. Senhor, uma paragem, da importancia desta, que, pela bondade de seu clima e sua fertilidade, recommendaria no estrangeiro o Brazil todo, que pela sua posição favorecida notavelmente o desenvolvimento do commercio interno de todas as provincias, e que (quando viesse a ser a séde do governo), afiançaria nos seculos futuros a segurança e unidade do Imperio, parece-me que é digna de merecer desde já a devida attenção dos poderes publicos do Estado, fazendo convergir para ella todas as communicações, começando pela continuação da estrada de Pedro II, levando-a talvez de preferencia pelo Paraopeba, Rio de S. Francisco e Urucuya, cujas cabeceiras se acham mui perto desta villa.

Tambem a linha da Casa Branca se poderia desde já para esta paragem encaminhar, seguindo algumas vertentes, a buscar, pelo caminho mais facil, a foz do Corumbá no Parnahyba, para subir depois aquelle rio e o S. Bartholomeu, até ás cabeceiras deste. Eu julgo, Exmo. Senhor, que se fosse necessario até por um lei applicavel ás proprias estradas de ferro provinciaes, deviamos de todo abandonar o systema de as decretar e conceder para unir entre si povoações, ainda de insignificante commercio e trafico, com grandes gastos de aterros e desaterros, aplanando montes e vales, e que nos conviria adoptar de preferencia o principio de ir beirando os rios, sem nenhuns gastos de nivelamentos, e com muito maior proveito da agricultura em geral, como succede á que segue o valle do Parahyba. E creio firmemente que nesta quasi preferencia das margens dos rios, ajudando assim a natureza, que se limitou a abrir os leitos, mais ou menos nivellados, deixando-lhes cachoeiras, que mais custaria a quebrar do que a vencer lateralmente pelas estradas de ferro, está o grande segredo do desenvolvimnto das mesmas estradas de ferro no Brasil, pois novas cidades, muito mais importantes que as actuaes, poderão vir a surgir, ao lado dellas como por encanto. Isto não obstaria a que a dessas grandes arterias se fizessem divergir ramaes para as cidades visinhas, mais ou menos importantes.

Deus guarde", etc.

Com a presente publicação, onde se encontram os variados argumentos que militam em favor da transferencia da capital, como contribuindo á segurança e á unidade e desenvolvimento do Brazil todo, e até como favoravel ao proprio Rio de Janeiro, começamos a cumprir a promessa feita. Mas se não podemos já transferir a capital, e não queremos ainda formar, na paragem indicada, uma colonia, ao menos seja ella desde já examinada e *mapeada*, e vamos encaminhando para ella as estradas de ferro.

Deixando de ser séde do governo supremo, esta cidade (Rio), ficaria desde logo livre de estar exposta a soffrer um bombardeio da parte de algum inimigo, que, por alguma questão de honra nacional (para a qual aliás, a mesma cidade não tivesse directamente contribuido), pretendesse arrancar do mesmo governo quaesquer satisfações ou tributos); ao

passo que, levada ao interior, a logáres mais ferteis e proprios á colonisação européa, muitissimo viria a ganhar; pois que todo o desenvolvimento e accrescimo de população nesses territorios, hoje quasi despovoados, reverteria em favor do augmento do commercio do porto-emporio, e por conseguinte da sua riqueza.

Quanto á nação em geral, com a dita transferencia (compendiando aqui só as principaes vantagens), adquiriria ella outra séde de governo mais central, mais segura, mais bem edificada, mais nacional e menos commerciante, mais adequada a civilisar todo o sertão e a desenvolver suas latentes riquezas, bem como o commercio interno das provincias entre si, e finalmente mais sã e mais propria a recommendar ao mundo todo o clima do gigante Brazil; o que não succede hoje, em que muitos o julgam todo invadido da febre amarella, pelo simples facto de grassar ella na capital, que, por natural instincto, todos crêm dever encontrar-se em uma das suas paragens mais favorecidas.

Foi este perigo da febre amarella que, ha dous annos, levou o illustre senador Jobim, em sessão de 10 de Setembro de 1875, a exclamar:

"Porque razão a capital do Imperio ha de estar collocada nesta localidade? Até a politica aconselhava que fosse situada em serra acima... Este logar é proprio para um deposito commercial, e não para ser a capital do Imperio, que devia estar em um logar interno, onde houvesse mais segurança; porque um encouraçado inglez, que queira esbandalhar esta cidade, entra pela barra com a maior facilidade, queima, destróe e arraza tudo".

"Não ha cousa mais facil; basta que se apodere das ilhas das Cobras como fez em 1711 Duguay Tronyn, quando atacou o Rio de Janeiro".

Infelizmente, tudo de novo ficou em nada: *voces clamantes in Deserto*.

Mas nem por isso devemos esmorecer: tenhamos fé no futuro, que o dia da *conversão* ha de chegar.

(*Continúa*).

(*) Por cetro que esse perigo não correriam jámais a Bahia, nem Pernambuco, nem o Maranhão, nem o Pará, incólumes por felicidade sua, só pelo facto de não terem em si o governo nacional.

(**) Annaes do Senado, vol. V, p. 135.

Pequena historia de um pequeno quadro

Pygmaleão e Galathéa

Já quasi apagada e morta na nebulosidade do Remóto, á nascente mythologica, entretanto, ainda, por vezes, se abeberam artistas e lettrados de agora, escôpros, pincéis e pennas de hoje. Não é, por isso, para surprehender a existencia dessa pequena cópia que, de um mestre archivado em galeria ingleza de notaveis da palheta, entendeu de fazer e atirar ao meio amador de cousas pictoricas o pincel necessitado e moderno de um artista londrino e que, em palmo e pouco de téla, pela mão ávida da exportação e do commercio, veio ter, por mares já agora ha muito navegados, á montra de um *bric-a-brac* carioca da tradicional, querida e velha Ouvidor.

Adquiriu-a, pelo crepusculo grizeo e ouro de uma tarde de ha mezes, ao ali passar, em ocio investigador de factos e cousas e em gozo contemplativo de aspectos por sentil-a expressiva como symbolo e bella como colorido, o educado espirito rebuscador de Henrique Silva, destinando-a, em preito de affecto, áquella que lhe é um desdobramento de si mesmo e que um dia por sua mão trazida do seio de um templo e do cartorio de uma pretoria, a seu lado carinhosamente conserva pelo ir dos dias, dos annos, da existencia...

Como é visto, pela photogravura que aqui a reproduz e que encima estas linhas, tem essa pequena e sympathica cópia de uma grande téla de arte de museu inglez, por assumpto pinturico a lenda galante e significativa da transformação, pela graça de Venus, da estatua de Galathéa em mulher real.

Pygmaleão, o cinzel surprehendente da primitiva arte grega, talhara em marmore a perfeição plastica da nympha que inspirou Virgilio, tal como já a tinha plasmado no sonho que em seu cerebro creara e fulgira.

Terminada a obra, desbastada a ultima curva, completada a estatua na belleza integral da linha, na graça tumida e doce do contorno, Pygmaleão se afasta, ganha distancia para o realce dos effeitos e contempla-a, o camartello em uma das mãos, o cinzel na outra e todo elle, cabelleira e veste, enfarinhado da moinha fina e branca da pedra, do polvilho do marmore... E, aos poucos, o que fôra sonho ganha vulto e vida, mas, o tacto, ao tocal-a, desfaz a chimera e a flacidez tépida que a suggestão emprestara á carne jaspelina é, então, outra vez, pungitivamente, a fria, rigida, immota, insensibilidade da pedra talhada.

O artista abate, prostrado ao suppedaneo do blóco, abraçado ao sócco do marmore, banhando-o de lagrimas, sonorisando-o de gemidos e toda a pequena officina, todo aquelle pequeno templo de arte, toda aquella suave penumbra em que a propria luz enfraquece entristecida, é um só soluço, uma só angustia, um só desespero — sonho desfeito, irrealizado, irrealizavel...

Ah! E' bem o symbolo da exigencia febril que todo o artista faz a si proprio, que tem em si, por si, a si. Se a obra é perfeita, se a julgam e a dizem sagradôra, elle é ainda o insatisfeito. Se a sonata ou a symphonia embevece, se o bronze ou o marmore arrebata, se a téla extasia, ha no seu desvanecimento apparente a duvida occulta, o desgosto velado de não ter attingido tudo o que sonhara, o que quiz, o que podia...

Se a phrase que veste a belleza e a originalidade da idéa, é toda uma palpitação de vida e uma colorisação de aurora, de crepusculo, de noite densa ou de plenilunio sobre a pauta em que a sua mão a traçou ou na pagina em que está graphada, elle ainda a vê, entretanto, como filha doentia da sua palheta divina que podia coloril-a melhor, do seu violino privilegiado que podia musical-a melhor, do seu sopro de vida emfim, que lhe podia ter dado vida maior, mais forte, mais gloriosa...

Mas, á angustia, ao desespero, á dôr de Pygmaleão — diz a lenda — acudiu, solicita, a piedade de Venus. E, emquanto, prostrado, o estatuario arquejava, ia o marmore ganhando, aos poucos, a doce tepidez e o roseo colorido das carnações primaveris das moças hellenas; a cabelleira, o louro luminoso das madeixas douradas de Encháris; as orbitas vasias e mortas illuminavam-se com pupillas moventes da côr das aguas do Egeu, quando, nos dias limpidos, reflectiam o céo, e no córte dos labios que o cinzel do artista talhara perfeitos, nascia o sangue da vida e desabotoava o lyrio do sorriso...

Convulsionado pelo pranto, abraçado aos pés da sua obra admiravel, ao allucinante pungir do seu desespero, Pygmaleão sentiu na carne dos punhos que os cingiam o aquecimento do sangue novo e forte que agora rapido corria, estuante de vida, nas veias delicadas do marmore de ha pouco e erguendo, surprehendido, a fronte, olhou-a... A estatua elevava e destendia os braços, os lindos braços que elle cinzelara, abria-os, contorcia-os, em espreguiçamento sensual, á despertar da lethargia da materia morta, do somno millenar da pedra...

E' esse o instante, o mais bello instante da lenda — que refere ter, depois, Pygmaleão desposado a estatua — e é esse o instante que a téla reproduz.

Confiado a Alberto de Oliveira, por Henrique Silva, o pequeno quadro destinado a Mme. Augusta Silva, para que, sobre o assumpto da fabula e da pintura, creassem a sua phantasia e a sua inspiração mais uma producção do seu éstro, escreveu o poeta de *Alma em flôr*, na propria téla, ladeando a figura colorida da transmudação da Galathéa, de estatua petrea em mulher viva, os lindos versos que ali figuram e que vieram accrescer ao que já possuia, um mais fino valor, á pequena cópia do artista londrino.

São estes os lindos versos escriptos pelo poeta ao lado da figura, na téla:

"...Fez-se a estatua. Em finissima alvura
O seio ergueu-se, o collo, a fronte, o rosto. E eu, mudo
E extatico, osculei-lhe a fronte, o collo, tudo!
A estatua é minha, a estatua entre os meus braços prendo!
Beijo-a, com o bafo e aqueço, as palpebras lhe accendo
Com o meu olhar; ao peito as veias rasgo, e cheias
Torno-as do sangue meu, tomado ás minhas veias:
E ella vive, ella anceia e treme! ella palpita!
Move os olhos de pedra, a mão levanta e agita,
E acorda! acorda e vê-me... E ao ver-me, oh! desventura!
Eil-a pedra outra vez, insensivel e dura!
Eil-a estatua outra vez silenciosa e fria...
Insano extravagar! insana phantasia!"

Como se vê, entendeu o poeta dar á lenda de que a téla cuida outra interpretação que, falseando embora, em fidelidade, ao texto final da fabula e delorosa, como engano e desesperança, é, comtudo, mais consentanea com a realidade e, por outro lado, mais espiritual como symbolo.

Alberto de Oliveira não dá ao artista a transformação real da estatua em mulher, como a lenda concede, pela graça de Venus, mas, apenas, a transformação illusoria ou o sonho febril de que essa transformação se dá, com a verificação, por fim, pungente, de que a pedra é, apenas, pedra... E, ahi, o symbolo, symbolo de innumeras cousas... principalmente, porém, do artista, do seu sonho e da vida...

LIMA CAMPOS.

CORONEL FLAVIO ANTONIO DE ARAUJO

Cartas de Natividade, Goyaz, noticiam o passamento, alli, do conceituado cavalheiro cujo nome encima as presentes linhas. Natural e residente naquella importante cidade nortense, onde era chefe de numerosa prole, Flavio Araujo, por sua operosidade incansavel, conseguiu invejavel destaque naquelle longinquo centro, onde, multiplicando sua actividade por entre o commercio, a lavoura e a criação, de modesto e obscuro filho da plebe, ascendera e alçara aos mais elevados postos de representação social de seu meio. Bondoso e probo, caracter lhano, seu circulo de relações passou além de seu municipio e, ao dar-se seu passamento aos 29 de Maio ultimo, será com profundo e sincero pezar que a dolorosa noticia repercutirá em todo o norte goyano. Segundo informam as cartas, Natividade recebeu compungida e dolorosamente a nova do prematuro trespasse e ao seu enterramento, no dia subsequente, accorreu todo o povo daquella importante cidade.

E' com muito pezar que registamos a infausta noticia.

Fronteiras Goyaz=Pará

Só agora nos foi dado o ensejo d'uma vista d'olhos á "Conferencia lida em 12 de Novembro de 1919 no Instituto Historico e Geographico do Pará pelo Dr. Palma Muniz", membro da delegação paraense ao 6º Congresso de Geographia de Bello Horizonte.

Apezar de não dispormos mais de espaço para traçar do assumpto, como convinha, diremos, contradictando o delegado do Pará:

a) que a carta da autoria do agrimensor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo nunca foi considerada carta official do Estado de Goyaz;

b) que todos os suppostos documentos sobre os direitos do Pará apresentados pelos seus delegados são anteriores ao Alvará de 25 de Fevereiro de 1814, que, mudando da Villa de S. João das Duas Barras para S. João da Palma a cabeça da respectiva comarca, ordenava que "a Villa de S. João das Duas Barras ficava pertencendo á sobredita Comarca como Villa Comarca — observando em tudo o mais o determinado no Alvará de 18 de Março de 1809."

Este Alvará, que é o da creação da Villa de S. João das Duas Barras — declarava que "o logar em que se formasse a cabeça da nova Comarca na confluencia dos rios Araguaya e Maranhão (hoje Alto Tocantins ou mais abaixo, onde parecesse mais acertado ao novo ouvidor (Joaquim Theotonio Segurado), **ficaria pertencendo á Capitania de Goyaz — não obstante continuar a ser provido o Destacamento Militar pela Capitania do Pará.**"

E qual o logar que pareceu mais acertado ao novo ouvidor para servir de séde da sua nova comarca, na conformidade da ordem regia?

E' o que vê do seguinte officio por elle J. Theotonio Segurado, desembargador ouvidor de S. João das Duas Barras, dirigido ao capitão general então governador da Capitania de Goyaz:

"Illmo Sr. Fernando Delgado Freire de Castilho — Ponho na respeitavel presença de V. Ex., que no dia 23 de Agosto eriei a Villa de S. João das Duas Barras no lugar denominado Tarainnas, abaixo do Registro de S. João dez leguas, dando-lhe a seguinte demarcação de Termo: Confina com a Capitania do Pará na ponta do Norte da Cachoeira da Itabóca, com a do Maranhão em uma linha parallela e distante tres leguas dos rios Tocantins e Maranhão desde a dita Cachoeira até o rio Manoel Alves, que o divide do Termo deste julgado com a Comarca de Villa Bôa na ponta do Norte do Furo do Bananal, e na margem Occidental dos rios Tocantins e Araguaya, dei-lhe tambem unicamente tres leguas distantes das margens dos Rios. Porto Real, 25 de Outubro de 1810."

Este importantissimo documento historico, conferido e julgado conforme, pelo secretario do Sr. Fernando Freire Delgado de Castilho, Amado Grehon, foi enviado ao Conde de Linhares, datado de Villa Bôa aos 27 dias de Dezembro de 1810. O officio supracitado trazendo o numero 34 existe no Archivo Nacional, caixa 405. Consta ainda da alludida caixa de manuscriptos do Archivo Nacional o seguinte documento inedito:

"Desejando o Principe Regente Nosso Senhor dividir em duas a Comarca de Goyaz e estabelecendo como V. Ex. me disse a cabeça da nova Comarca na confluencia dos rios Araguaya e Maranhão, ou mais abaixo, onde parecer mais acertado ao novo Ouvidor, tenho de representar a V. Ex. que aquelle lugar se comprehende no Estado do Pará; e que por isso é preciso que no Alvará da Criação se declare: Que o lugar, em que se formará a Cabeça da Comarca ficará pertencendo á Capitania de Goyaz.

Rio, 8 de Março de 1809.

Illmo Sr. Conde de Linhares — J. Theotonio Segurado.

Prova innegavel, decisiva, de que a cabeça da comarca de S. João das Duas Barras, erecta 10 leguas abaixo da confluencia dos rios Tocantins e Araguaya, em territorio até então pertencente á antiga Capitania do Pará, ficou, como alvitrara o Ouvidor Segurado, pertencendo á Capitania de Goyaz, são os Alvarás de 18 de Março de 1809 e de 25 de Fevereiro de 1814, cujos topicos referentes ao assumpto trasladamos acima.

De resto, á vista da documentação que se encontra na "Memoria" justificativa dos limites de Goyaz a questão ha de ser pelo seu eminente patrono collocada em face do direito constitucional.

Notas e informações

O Dr. Tineciro Icibaci, notavel veterinario japonez, apresentou em 1916 varios relatorios officiaes ao Ministerio da Agricultura (Praia Vermelha), a cujo serviço estava. De um delles, que não logrou publicidade por parte daquella repartição burocratica (tel-a-ia se fosse referente a outro Estado), transladamos os seguintes topicos:

Municipios	*Superficie*	*Numero de cabeças de gado bovino*
Ypameri	326 legs. quadrs.	130.000
Catalão	456 legs. quadrs.	100.000
Corumbahyba	105 legs. quadrs.	20.000
Total	887 legs. quadrs.	250.000

Os numeros constantes do quadro acima abrangem o total da população bovina, estando, portanto, incluidas as vaccas parideiras, que são calculadas em 70.000, cuja producção média annual póde ser calculada em 50 %, dando o augmento de 30.000 cabeças, pelo menos.

Durante essa excursão, se tivesse percorrido todas as zonas dos tres municipios, certamente teria empregado 30.000 dóses de vaccina, de accordo com o numero de bezerros que realmente existe naquella região, tendo verificado o erro de calculo feito sobre a população bovina do Estado de Goyaz.

A estatistica official de bovinos nesse Estado, no anno de 1913, feita pelo Governo Federal, computou em 1.872.000 o numero de cabeças, que aliás julgo muito inferior ao real. E' possivel que esse calculo tivesse sido baseado nos livros de impostos municipaes; dahi o erro que é muito natural devido ao habito inveterado de sonegação commum aos criadores, que dizem sempre possuir menor numero de que possuem".

O illustre e competente zootechnista, depois de visitar naquelles alludidos municipios 94 fazendas, teve ensejo de verificar, quanto á população bovina e á área das fazendas a densidade da mesma população (0,58).

Depois, accrescenta: "O Estado de Goyaz conta, presentemente, cincoenta e tantos municipios (hoje 56); em todos ha criação de bovinos; ella é, porém, mais prospera numericamente nas regiões norte e central do que no sul, pois a densidade que calculei na tabella acima certo póde ser applicada como a densidade geral do Estado. Sendo a superficie desse Estado de 750.000 k.², com aquella média de densidade (0,58), temos o tital de 8.787.100 cabeças de gado bovino para a população do mesmo.

Geralmente, os criadores dizem que se póde criar tres rezes nos campos naturaes e sete nas invernadas de capim plantado, por alqueire. Com esta relação, o Estado de Goyaz deve ter a capacidade para criar de 30 a 40 milhões de cabeças de gado bovino, mais ou menos, nas suas pastagens naturaes e artificiaes.

Verdadeiramente, o Estado de Goyaz será o centro mundial de criação de bovinos, talvez em futuro não mui remoto".

Entrevistado pelo redactor do vespertino *A Noticia*, sobre o calculo acima, da população bovina de Goyaz, calculo este que o nosso director divulgara pela revista *Brasil-Ferro-Carril*, o Sr. Senador Eugenio Jardim, que em 1913, como Inspector Agricola do Estado havia computado em 1.973.000 o numero de cabeças de gado bovino em Goyaz, confessou lealmente que esta sua avaliação estava muito áquem da verdade, visto ter sido o seu calculo baseado nos livros de impostos municipaes. Accrescentou ainda o então Inspector Agricola que criadores que colhiam 200 bezerros não registravam mais de 50, ou talvez nem isso.

Apezar de tudo, os nossos pandegos estatisticos e pecuaristas de escada abaixo não quizeram nem querem acceitar a verdade dos factos, a evidencia dos calculos mathematicos quanto á existencia real da população bovina de Goyaz.

E' que para estes sezamos abridores de portas das repartições burocraticas do Ministerio da Agricultura, estatisticas, unicas, dignas de fé, são as perpetradas pelo ineffavel Director Geral de Estatistica do Ministerio da Agricultura.

O mais interessante é que o Sr. Simões Lopes acaba de declarar officialmente que um terço da população bovina do Brasil cabe ao seu Rio Grande do Sul! Si elle dissesse — um terço da população bovina do Brasil, "até agora, recenseada", nada tinhamos que objectar.

OS BUENOS

INTRODUCÇÃO A' OBRA "OS POVOADORES DE GOYAZ", POR MOYSÉS SANT'ANNA (DA SOCIEDADE GOYANA DE GEOGRAPHIA E HISTORIA).

Em seu Diario de Viagem, a 2 de Junho de 1823, o benemerito annotador da Geographia e Historia de Goyaz, Brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, lastimando o triste fim que iam tendo os descendentes de Bartholomeu Bueno da Silva, o Cunhanguéra, bordou o seguinte commentario:

> "Logo que da casa do Coronel Bartholomeu Bueno da Camara Leme viram que eu estava na margem esquerda do Rio (Corumbá), veio seu filho em uma pequena canôa cumprimentar-me e conduzir-me para a margem direita do mesmo rio.
>
> Com effeito, passei, e fui por este joven recebido na sua casa, que está na bella chapada sobranceira ao Corumbá.
>
> Qual foi a minha magua, vendo o Principe da Nobreza, o Principe da mocidade goyana, com um remo na mão, conduzindo uma pequena canôa !
>
> Qual foi o meu desgosto, vendo duas senhoras, suas irmãs, abandonadas e entregues unicamente á sua virtude, na margem do Corumbá, soffrendo todas as privações, ausentes de seu pae, o Coronel Bueno, que está vivendo em S. Paulo !
>
> A mais velha das duas irmãs tem 25 annos de edade, e a segunda, que é formosa, tem 19, e o irmão 17.
>
> Appareceram-me pobre, mas decentemente vestidas e, ainda que muito acanhadas, inculcam nobreza de alma, sobre tudo na resignação com que supportam a quasi indigencia em que se acham.
>
> Assim vivem os descendentes do ramo principal dos Anhanguéras ! Assim vivem as terceiras netas do grande Bartholomeu Bueno, primeiro descobridor de Goyaz e um dos mais distinctos e nobres aventureiros da Provincia de S. Paulo ! Assim vivem, faltas de todas as commodidades, as bisnettas do celebre Bartholomeu Bueno, conquistador e povoador de Goyaz, que, regorgitando em ouro, morreu na miseria e cuja consorte foi obrigada a vender as suas joias e escravos, para pagar 20.000 cruzados, que se lhe adiantaram pelo Cofre da Fazenda Real ! ("Sic transit gloria mundi !")

Justo, justissimo foi o lastimar do inesquecivel autor do "Itinerario" e da "Geographia Goyana", que pontuou bem os seus dizeres, que valem por um protesto, com a sentença da sabedoria dos latinos.

E' realmente de lastimar-se que os gloriosos bandeirantes, que devassaram as terras do Brasil, em memoraveis incursões e heroicos feitos, viessem a soffrer tão amargos revezes, experimentar tamanhas vicissitudes, curtir tantas amarguras, como aconteceu a Bartholomeu Bueno, filho e seus companheiros de Bandeira !

Sertanistas de sangue, elles realizáram uma epopéa, com a sua jornada de 1722 a 1725, e abriram para a Metropole as portas de um riquissimo celeiro de ouro; e, como recompensa, em vez das garantias dos Alvarás e das regalias e privilegios que lhes eram devidos, vieram a receber o premio da perseguição e do carcere, como Bartholomeu Paes de Abreu, do envenenamento, como João Leite da Silva Ortiz, ou da extrema penuria, como acabou os seus dias, soffrendo, o heroico e abnegado Bartholomeu Bueno da Silva. Seus descendentes não colheram os frutos dos sacrificios dos seus maiores. Pelo contrario, arredados de S. Paulo, afastados da protecção dos seus, que, nobres e poderosos, lá permaneceram, entraram a desmerecer e a decair, até que as contingencias da pobreza e da ignorancia os confundiram na massa anonyma dos caboclos e lhes supprimiram a fibra dos predestinados.

O que o Brigadeiro Cunha Mattos lastimava em 1723, condiz com as palavras de Antonil, citadas pelo illustre e illustrado historiographo mineiro, Sr. Senador Dr. Diogo de Vasconcellos, affirmando que Deus permittiu que se descobrisse tanto ouro, para com elle castigar o Brasil; e o notavel historiographo accentua que a verdade é que a fatalidade perseguiu até á morte os principaes descobridores. "E' que elles interromperam nos indios a obra de Deus, confundiram Evangelho e Ouro, Christo e Escravidão"...

Em Goyaz, o castigo foi dos peores. Ha cem annos, quando o Brasil, proclamando a independencia, se habilitava aos anceios do progresso e da civilização, querendo ser livre, prospero e feliz, Goyaz entrou a declinar... O Norte tinha sido o Norte, florescente, rico, cheio de esforços pela ordem e pelo progresso, cheio de vida e de trabalho.

Até a primeira decada do Seculo XIX, os arraiaes de Crixós, do Pilar, do Cocal, de S. José, de Iraíras, de Cavalcante, de Arraias, de Conceição, de Bomfim e de Natividade nadavam em ouro, eram prosperos e afortunados. Era lá a vida de Goyaz.

Desde então, entraram a decair e uns desappareceram e outros passaram a ter uma vida vegetativa...

Um confronto entre o passado e o presente entristece, apavora. Isto quanto á terra. Quanto á gente...

Para Goyaz vieram povoadores, gente da mais nobre estirpe. Os Buenos, os Pires, os Godois, os Leites, os Prados, os Campos, os Lemes, os Piza, todas aquellas privilegiadas familias paulistas, de sangue avultado em valor moral mandaram para cá muitos dos seus troncos, que se destinaram a contribuir para a immensa grandeza da nossa Terra, que floresceu, emquanto a acção do atavismo, não vencida pelo poder mesologico, se fez sentir, integra e creadora.

Entretanto, com o correr dos tempos, a força, o valor dos antepassados, que está na amalgama de todos nós, se apagou e somos bem um Estado de vencidos, que assistiram a decadencia da terra e curtem a infelicidade da gente.

Os Priscipes, que a Historia nos ensina que são nobres, entraram para o rol dos caboclos e formam na cohorte dos "Jécas-Tatús", dos soffredores da vida, que nem crêm na grandeza de outr'ora, nem têm moral formada para anceios e esperança no futuro.

Vive-se. O castigo se fez sentir e o ankilostomo, o barbeiro e o impaludismo completaram a obra.

A Estrada de Ferro vem caminhando. Ella trará comsigo elementos novos, que, bons e máos, irão se apossando da nossa Terra e dos nossos destinos, acabando de upplantar o nosso eu, fazendo desapparecer o resto do generoso sangue dos Goyanos, que S. Paulo, mais feliz do que nós, tem conseguido manter latente nas veias de seus filhos.

S. Paulo se orgulha muito do nome de Tibiriçá; entretanto, em verdade historica, os paulistas têm sido mais Piquerobis e mais Araris do que nós, pela resistencia moral, intellectual e physica; nós, pelo contrario, á maneira dos de Piratininga, somos muito dispostos á inteira concessão ao elemento estranho, auxiliando-os, fortificando-os no exterminio do que é nosso.

(Continúa).

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO V — RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1920 — VOL. IV—N. 1

SUMMARIO

FINANÇAS DE GOYAZ

O resultado do balanço dado nas caixas do Estado, até 30 de Junho de 1920, foi este:

Caixa geral:

1920	*Importancia*	*Saldo*
Receita	1.771:355$270	
Despeza	401:373$807	1.369:981$469

Depositos e cauções:

Receita	124:261$572	
Despeza	5:000$000	119:261$572

Estampilhas:

Receita	440:288$520	
Despeza	32:723$300	407:565$220
		1.896:808$261

Além desta importancia, tem ainda o Estado as seguintes:

No Banco do Brasil	500:000$000
No Banco Mercantil	140:196$634
Em poder da Estrada de Ferro de Goyaz	414:555$811
Total em dinheiro	2.543:995$486

Como se vê, não póde ser mais lisonjeira, nem nunca o foi, a situação financeira do Estado de Goyaz, que continúa com todos os pagamentos em dia e não tem divida de especie alguma.

Um inventor goyano ignorado

Conhecida a superior qualidade do algodoeiro cultivado na Capitania de Goyaz, producto que Dom Francisco de Assis Mascarenhas, o sabio economista portuguez, considerava superior aos destas partes do continente americano (Estados Unidos inclusive), pela provisão da Junta do Commercio, de 25 de Julho de 1818, foi mandado estabelecer em Villa Boa de Goyaz a Fabrica de Fiação e Tecelagem que alli funccionou até o anno de 1828.

Quem installou e dirigiu este estabelecimento real foi um Goyano, por esse tempo aprendiz da casa de Fiação e Tecelagem da Côrte do Rio de Janeiro. Merecia, pois, ser conhecido o que se segue:

Cópia:

"Para Luiz José de Carvalho e Mello.

Constando a El-Rey nosso Senhor pela informação, a que Mandou proceder, que João Duarte Coelho tem mostrado no exercicio effectivo, em que se acha ha mais de hum anno, na casa de Fiação e Tecelagem desta Corte hum genio particular e rara habilidade para as Manufacturas, por conceber, e faze-lo trabalhar com perfeição. E Quando por este respeito auxilia-lo em empreza de hum Estabelecimento de Fiação e Tecelagem que elle intenta formar na Capitania de Goyaz; Tendo tão bem em consideração os grandes proveitos, que podem Resultar de se propagarem nas terras centraes os conhecimentos e trabalhos das Manufacturas: He Servido que a Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabrica e Navegação deste Reino, mandando apromtar á custa do seu Cofre os artigos constantes da Relação incluza, opinada por José Joaquim Carneiro de Campos, Official maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, os faço remetter ao Governador e Capitão General da sobredita Capitania na occasião que o Supplicante para lá fôr; Ordenado que lhos entregue como obrigação de levantar quanto antes os Engenhos e pô-los em acção fazendo-os patentes a todos para os verem e examinarem, e, admittindo Aprendizes: O Mesmo Senhor Tem mandado expedir pelo Real Erario as Ordens necessarias para a Junta d'aquella Capitania dar até a quantia de hum conto de réis para as primeiras despezas deste Estabelecimento, pagando-se semanalmente segundo os trabalhos que se fiarem.

E He outro sim Servido que tão bem se dê ao Supplicante, hum Engenho de picar arame, e hum Tear de fazer meias, dos que forão do extinto Collegio das Fabricas e que estão hoje a cargo dessa Real Junta, e que estes e os mais Engenhos lhe fiquem pertencendo se elle conseguir levanta-los e pô-los em acção recommendando-se ao sobredito Governador e Capitão General que faça arrecadar tudo por conta da Real Fazenda no caso de não proceder o Supplicante como se espera. O que V. V. fará presente nessa Real Junta para que assim se execute: Deus Guarde a V. S. Paço em 17 de Junho de 1818. Thomas Antonio de Villanova Portugal".

(*Códice* existente no Archivo Publico).

E fez-se a fabrica em Goyaz, sendo a producção dos seus algodoeiros transformada em tecidos preciosos, meias, etc.

Referindo-se á casa de Tecelagem de Goyaz disse Cunha Mattos: "O director desta fabrica é homem de grande habilidade, e recebe todos os soccorros por conta do Estado". E só! nem ao menos lhe citou o nome. E quantos emulos de Duarte Coelho existiram e existem ainda em Goyaz! O mesmo autor escreveu na sua *Chorographia historica*:... "fundidor havia um em Goyaz qu eera um phenomeno de habilidade, e um poço de preguiça. . ." Este homem accrescentava, é artifice universal, sem nunca ter trabalhado, nem visto trabalhar em grandes officinas.

Nossas Exposições Nacionaes de Gado

Ora ahi está uma das muitas cousas dignas de estudo, sinão de commentarios neste momento nacional.

Neste presupposto, porque, sob os auspicios do Ministerio da Agricultura a continuação dessas singulares exposições nacionaes de gado... estrangeiro, ao envés de, pelo menos, a tentativa de uma Exposição de Gado Nacional? Reparar na adversativa.

E, então, que mais proficuo agente de propaganda das nossas riquezas, dos nossos recursos, das nossas cousas?

Ahi sim, num tal certamen genuinamente nacional, é que os estrangeiros attrahidos pela fama e aguilhoados pela natural curiosidade de conhecerem a materia prima que possuimos no campo da pecuaria — poderiam apreciar, vêr e julgar pela primeira vez em conjuncto os specimens animaes formados ou ainda em formação nas nossas zonas armenticias, pois não é licito ignorar-se entre nós que quasi todas, ou mesmo todas as especies animaes alienigenas que foram em tempos transplantadas para o nosso *hinterland* lá formaram, mercê de um conjuncto de variações climaticas, topographicas, riqueza de pastagens e de aguas batidas, raças ou variedades distinctas das originarias.

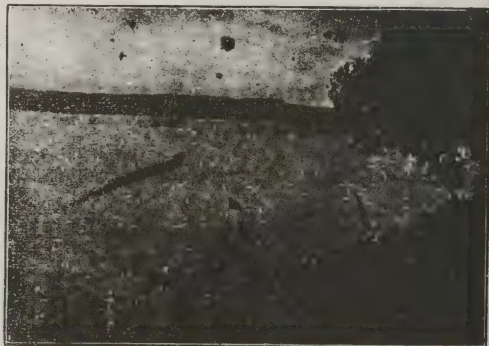
Basta citar, entre os bovinos, a *Caracú*, a *Franqueira*, a *Mocha-caracú*, a *Pantaneira*, a *Brucha* e a *Curraleira* com as suas diversas variedades, como por exemplo a goyana de Pilar, que, sobre possuir todos os predicados attribuidos á raça Jersey, desta parece mais um *fac-similie*. Quanto a equinos não precisavamos mais que mostrar o cavallo nortista, o *Curraleiro* do Vão do Paranan, ambos da nobre estirpe arabe, e bem assim as variedades dos antigos cavallos de sella trazidos de Portugal para as Minas Geraes nos tempos coloniaes e aqui resultaram os *Monarchas*, os *Sublimes* os *Manga-largas* e *Campolinas*.

Quanto ás especies suinas, facillimo nos seria exhibir variedades puramente nacionaes, como por exemplo a *Canastrão*, a *Canastra*, a *Lettreira*, a *Baié*, *Pacú*, etc. etc.

Até mesmo entre as raças gallinaceas possuimos mais de uma que pelas suas qualidades certo interessaria aos visitantes das nossas exposições de gado nacional. Queremo-nos referir a gallinha *Papuira* — a unica especie gallinacea em verdade immune de todas as epizootias que dizimam os nossos terreiros.

Nesta resenha reservamos, propositalmente para o final, a menção da cabra de quatro têtas, peculiar aos altos sertões do Piauhy — que não tem rival no mundo inteiro quanto á prolificação e á resistencia ás intemperies. Quatro têtas significam ou querem dizer quatro productos de um só parimento! E' o ideal da especie caprina.

Tanta indifferença, tamanha incuriosidade pelo estudo e aproveitamento de tudo quanto é nosso, contrasta, é triste dizel-o, com o que se observa nos paizes visinhos. Tanto assim que a Argentina e Chile disputam o berço da raça bovina *ñata-oxen* de Dawin — qual apresentando affirmações victoriosas, como a mais recente dellas: a interessante monographia de Muñiz, publicada com introducção e commentarios de Domingos Sarmiento, de Bartholomeu Mitre e de Florentino Ameghino (vide *La Cultura Argentina*).

Os estrangeiros vêm ao nosso paiz assistir ás exposições daquillo que nós possuimos e não do que elles possuem.

A partida de um lote do municipio de Porto Nacional para eBlém do Pa rá

EM FAVOR DE GOYAZ

Assumpto Sanitarios

Ha pouco, aqui mesmo destas columnas, nos insurgiamos contra conceitos grosseiramente inveridicos que eram assacados, na imprensa carioca, contra o abandonado povo goyano, de momento para outro, atirado ás fronteiras do cretinismo por um joven esculapio, que por lá transitára á cata de fortuna, na berrantemente mentirosa percentagem de setenta por cento dos habitantes do Estado Central.

Contrapunhamos, então, aos dizeres do inesperto doutor as affirmativas de Belizario Penna e Neiva e entre os textos de um e as passagens dos outros transparecia á evidencia que em Goyaz, pelo menos ao sul, "a região é bastante habitada por gente sadia em sua maioria" e a lenda dos 70 % de cretinos não passava mesmo de uma lenda impatriotica, leviana e de mau gosto.

Mal supponhamos, ao traçar aquellas duas linhas, em defesa dos abandonados goyanos que, sobre abandonados, têm agora a chasquear-lhes a infelicidade de se encontrarem no mais obscuro e inexplicavel esquecimento dos poderes publicos da Republica que tudo lhes negam, até mesmo minusculos obulos de caridade, alguns Cassandras, "simile" de garotos de rua que pelo facto de encontrar um desamparado atiram-lhe saibro; mal suppunhamos, diziamos, que, dentro em breve, teriamos de voltar sobre o mesmo assumpto, já agora, porém, em beneficio dos abandonados goyanos, pondo em face, Belizario Penna de hontem ao eminente Belizario de hoje.

Em um dos dias passados um articulista do vespertino *A Noite*, sahiu-se dos seus cuidados e foi descobrir, atravez de publicação que resenha, estudos e observações do sabio professor Kraus, que tambem na Republica Argentina ha o mal de Chagas, e no entanto por lá não se faz, não se perpetra a ingloria campanha de diffamação que nos é useira e vezeira; e então para corroborar suas asserções o vespertino ousa mesmo estampar alguns clichés em que estão caracteristicamente representados os infelizes typos de cretinos e deturpadores de bocios.

Até ahi nada de mais — é uma constatação scientifica que conforta a nós outros que soffremos males identicos, quiçá, promanados de lá, e que está a estimular-nos o dever de, quanto antes, empregarmos meios conducentes á erradicar o mal que nos afflige. Aliás, a causa não era ingorada: quem se dá ao trabalho de lidar com as lettras medicas sabe que o bacio, o cretinismo, não são males exclusivamente, propriamente nossos, são modalidades morbidas communs a alguns paizes do nosso continente e até mesmo de alguns outros da Europa. O que é nossa, exclusivamente nossa, é a campanha diffamatoria que nos é mui peculiar, infelizmente, em todos os terrenos, até mesmo naquillo que devia estar muito acima de tão nocivos botes da maledicencia, tão impropria e tão inopportuna, que é o terreno méramente scientifico.

Desde muito o Sr. Belizario Penna constituiu-se o mais infatigavel arauto da diffamação das nossas cousas e sob o fundamento de uma campanha patriotica de saneamento nada lhe escapou ao alfange ferino e mordaz. Sob pretexto da publicação a que alludimos o grande arauto dos maldizentes investe novamente sobre todos os Estados do Brasil e dá seus habitantes reduzidos á pestilencia completa. Mas estudemos os ditos do Sr. Belizario atravez de dous momentos de seus inglorios escriptos para o publico e veremos que o afamado medico hygienista está em contradicção comsigo mesmo, pelo menos no que concerne a Goyaz, zona que nos propomos estudar. Diz S.S. em artigo d'*A Noite*, de 20 de Agosto:

"Na capital de Goyaz não ha casos de doença na zona urbana, bem construida. Ella abunda nos bairros, e é universal nos suburbios constituidos de casas apenas barreadas e inçadas de barbeiros infectadas de trypanosoma Cruzi. Egual facto se observa nas cidades das regiões infectadas".

Mas si assim é, si a infestação é universal não atinamos porque S.S. ao traçar suas apreciadas notas para as Memorias de Manguinhos tem passagens como esta: "Em toda a região (refere-se á capital e ao sul), encontram-se portadores do bocio, em numero, porém, reduzido, sendo ainda mais reduzido o numero de doentes com as modalidades mais graves da molestia".

Em outra passagem: ..."a região sul do Estado, bastante habitada por gente sadia em sua maioria..."

Si em uma grande faixa da zona goyana, aliás a mais habitada, em sua maioria, a gente da zona é sadia como o affirmou Penna em um documento official, não se comprehende bem como agora, porque alguem ousasse descobrir bocio e cretinismo na Argentina, á revelia do tryponogoyanos a molestia reina e seja universal? Não é sómente isso. Diz Belizario em seu artigo: "E' absoluta a relação entre a presença da doença e a do barbeiro infectado. E' egualmente absoluta a ausencia da doença e a do borbeiro, ou a presença deste não infectado do tryponosoma Cruzi". Innegavelmente uma das regiões de Goyaz mais estigmatisadas por Penna, dada até como universalmente contagiada é a zona norte-goyana; pois bem, que se apura nessa região ao diapasão das notas de Belizario inserta na Revista de Manguinhos ? Eis o que alli se lê:

"De facto, todas as pesquizas que fizemos afim de encontrar essa especie foram infructiferas: aliás, anteriormente á nossa passagem por alli, o Dr. A. Machado, que lá permanecera 15 dias, conseguiu obter apenas um exemplar e isto bem mostra a sua raridade; em compensação, obtivemos bastantes exemplares da *T. sordida*, que em Porto Nacional, é sem duvida, o principal transmissor da molestia de Chagas; comtudo não *encontramos nenhum exemplar infectado*. Recentemente o Dr. Machado referiu-

nos que em Januaria, cidade mineira á margem do São Francisco, e onde abundantemente grassa a tripanosomose, não lhe foi possivel encontrar nenhum exemplar da *T. megista,* o contrario do que pôde observar com a *T. sordida".*

"...falla a circumstancia da nulla ou pequena proporção de triatomas infectada encontrada em localidades onde o bocio é muito abundante, como Duro, Porto Nacional e Descoberto".

"Pela primeira vez desde o inicio da viagem, encontrámos o parasita causador da molestia em tres nymphas de *T. megista,* depois de centenas de exames negativos. Insistimos nos exames de novos insectos e não mais se encontrou parasita".

O que está inserto na Revista de Manguinhos é a prova evidentemente patente de que não existe a absoluta relatividade expressa por Penna no artigo a que nos vimos referindo.

Ainda mais admirados pela *nulla* ou *pequena* proporção de triatoma infectada, encontrada em localidades onde, na classe proletaria e quasi indigente daquellas zonas, reina o bocio e o cretinismo, Belizario e Neiva suppuzeram que não só a *triatoma megista* era capaz de inocular o mal de Chagas, tambem o *T. sordida* poderia realizar o nocivo papel e volveram então a estudar a triatoma alludida e ainda assim — *não encontraram nenhum exemplar infectado.*

A comparação dos textos a que nos vimos referindo denota que algo de incerto e impreciso existe ainda no tocante a esses estudos e quando nada a probidade e recato scientifico exige que sobre elles não estejamos cavando nossa desmoralisação e ruina, jamais num momento de reconstrucção em que vamos continuando desprezando nossos patricios, pedir ao immigrante estrangeiro o auxilio de seu esforço em bem de nosso desenvolvimento. Os primeiros proventos da campanha sanitaria já estão amplamente obtidos. O governo gasta lautamente com os saneadores dos arrabaldes das avenidas do Rio de Janeiro e de algumas capitaes, toda uma somma colossal das verbas para saneamento, já se faz opportuno, pelo menos, respeitar a miseria em que vegetam os sertanejos brasileiros, especialmente quando se encontram em jogo estudos carecentes de revisão e confirmação e além disso a boa fama de nosso paiz que o mais elementar senso patriotico manda, determina e ordena não sejamos os demolidores contumazes e reincidentes.

No convivio com as traças

Sob este suggestivo titulo, o Dr. Antonio Americano do Brasil acaba de publicar uma brochura de 100 paginas, no louvavel intuito de fazer conhecidos os troncos genealogicos das principaes familias goyanas.

O opusculo que temos á vista mostra desde a introducção a somma extraordinaria de paciencia e estudos que custara ao autor o seu diuturno convivio com as traças de poeirentos archivos como os da Secretaria do Interior e Justiça do Estado e principalmente os ecclesiasticos da Capital, de Jaraguá e Meia-ponte, onde documentos preciosos jaziam esquecidos, quasi consumidos pelos minusculos lepidopteros roedores de papel.

O Dr. Americano se propoz provar primeiramente, que o sargento-mór fallecido em 1825 Ignacio Soares de Bulhões, era irmão do tenente-general Joaquim Xavier Curado, depois Conde de São João das Duas Barras. Justiça é reconhecer que se sahiu perfeitamente bem, não só no desenvolvimento desta como de muitas theses, em que, com raro brilhantismo, versou assumptos historicos até aqui insufficientemente conhecidos dos proprios goyanos.

Foi pena que o autor, conhecedor profundo como se mostrou dos troncos genealogicos da grei goyana, nada dissesse dos elementos ethnicos que entraram na sua formação.

Mas é de esperar que no desenvolvimento posterior do seu trabalho o estudioso goyano certo nos ha de dar aquelle complemento que virá valorizar sobremaneira o seu primeiro trabalho impresso.

Gratos á gentileza da offerta.

FALLECIMENTOS

Falleceu em Goyaz a Exma. Sra. D. Maria José Leite de Castro, viuva do Coronel Manoel Alves de Castro e virtuosa progenitora do Exmo. Sr. Desembargador João Alves de Castro, digno presidente do Estado de Goyaz. A extincta era geralmente muito estimada, e deixa mais os seguintes filhos: Drs. Agenor Alves de Castro, Jovino Alves de Castro, Manoel Alves de Castro, Major Abilio Alves de Castro e a Exma. Sra. D. Victoriana de Castro Socrates, esposa do General Eduardo Socrates.

— Victimado por cruel molestia falleceu nesta capital o esperançoso joven Tenente Pensanius Socrates, filho do nosso presado collaborador General Eduardo Socrates.

Aos membros das duas distinctas familias enlutadas, nossos pezames.

Vacca mestiça das raças China *e* Curraleira. *Quando a raça cruzante é* China, *e a raça cruzada é a* Franqueira, *os productos revestem as fórmas mais desenvolvidas de gado vaccum que ainda se viram no Brasil*

Navegação dos rios Araguaya e Tocantins

O projecto apresentado á Camara dos Deputados pelo illustre representante goyano Sr. Ayres da Silva veio reviver as antiquissimas aspirações do povo goyano, que sempre desejou apertadas relações commerciaes com o Estado do Pará, para reciproca permuta dos seus productos.

Esse projecto obteve franco apoio na Commissão de Obras Publicas da Camara, sendo brilhantemente discutido por quasi todos os seus membros que não regatearam applausos á feliz, proveitosa e opportuna idéa do operoso Deputado Ayres da Silva, que em todos os seus discursos muito e muito se tem interessado pelo ingente problema de transportes terrestres e fluviaes.

Coube na Commissão de Finanças ao provecto e competentissimo engenheiro Sampaio Corrêa, Deputado pelo Districto Federal, relatar o projecto da desobstrucção das cachoeiras do Tocantins e Araguaya.

Esse illustre Deputado recebeu com especial agrado a distribuição que lhe foi feita e não occulta o seu franco apoio ao projecto do Deputado Ayres da Silva.

Ora, estando o projecto tão bem amparado e conhecidas as idéas do honrado Sr. Presidente da Republica, quanto á solução do problema de transporte e, ainda mais, sabendo-se que S. Ex. olha com paternal carinho para os pequenos e esquecidos Estados, já tendo dado ao de Goyaz grandes provas do desejo que tem de, no seu quatriennio, dotar a rica terra do Anhanguera, de faceis meios de communicação, fazendo com que a [illegible]ntada ponte sobre o rio Corumbá e o prolongamento dos [illegible]hos da E. F. Goyaz até á prospera cidade de Bomfim fossem atacados com a maxima urgencia, abrindo os respectivos creditos para taes obras, tudo faz crêr que o projecto do Deputado Ayres da Silva seja em breve convertido em lei.

O Deputado Ayres da Silva, que sempre prestou o seu apoio franco e decidido a todas as medidas que procuravam beneficiar o Sul do Estado de Goyaz, vem agora engrandecer o seu acervo dos serviços prestados não ao Norte só de Goyaz, mas a todo Estado inestimavel serviço abrindo, franqueando a navegação desses rios em sua parte encachoeirada.

A navegação dos dois grandes rios goyanos tem sido a preoccupação dos nossos maiores estadistas desde os tempos coloniaes.

A *Informação Goyana* em seu ultimo numero transcreveu do *Mercantil,* jornal que se editara nesta capital, o bellissimo relatorio que o Conde de Castelnau, encarregado de uma commissão na America Meridional, dirigiu ao Ministro da Instrucção Publica em 22 de Outubro de 1844, relativamente á viagem de exploração que fez, por ordem do Governo da Provincia de Goyaz ao magestoso rio Araguaya. O eminente Caltelnau não fez e nem podia fazer um trabalho completo, faltando á commissão meios de que necessitava para tão importante estudo, deixando ainda muita cousa a novos exploradores.

Em todo caso prestou um grande serviço mostrando a possibilidade de franca navegação.

Mais tarde, os notaveis engenheiros militares Antonio Florencio Pereira do Lago e Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, estudaram os grandes rios goyanos, fizeram estudos completos, terminando as suas conclusões pela franca navegação, desde que fossem desobstruidas as secções encachoeiradas.

Lendo, estudando e cuidadosamente observando — *de visu* — foi que o Deputado Ayres da Silva, com um gesto nobre e de coragem apresentou o seu grandioso projecto, fructo da sua ultima e arriscadissima viagem da cidade de Porto Nacional, onde reside, a Belém do Pará, viagem feita em canôas pelo alto Tocantins.

O engenheiro Florencio do Lago foi o chefe da commissão encarregada de estudar a zona encachoeirada do Tocantins e Araguaya; preparou os bellissimos desenhos e projectos, que, expostos na secção de Obras Publicas, da Exposição Nacional de 1875, mereceu o applauso dos entendidos: palmeou aquelles logares por dous annos e meio; possuiu-se do valor agricola e productos daquelles valles e com o espirito pratico de que era doptado, calculou os meios que deveriam concorrer para tornal-os dos mais ricos em todo o Brasil.

Esses estudos, esses mappas rigorosamente levantados, que tanto trabalho custou ao Governo, onde estão, onde se acham?

Na Secretaria do Ministerio da Viação nem um exemplar desse precioso relatorio é encontrado, não constando existir esse livro mesmo na Bibliotheca desse Ministerio.

O projecto do Deputado Ayres da Silva virá fazer com que uma rigorosa busca seja dada nos archivos do Ministerio da Viação afim de que possa ser encontrado algum documento relativo á exploração dos grandes rios goyanos.

Tratando de salubridade da zona explorada, o Dr. Lago diz:

"Por certo o sólo, coberto de dunas ou de rochedos graniticos e revestido de alguma vegetação traz clima saudavel, porém, ninguem virá colonisar agricolamente um logar desses unicamente por ser conveniente á saude dos emigrantes.

A navegação franca dos rios Araguaya e Tocantins tornará o Estado de Goyaz um dos mais ricos da União".

N. R. — Noutro logar iniciamos hoje a publicação do *Relatorio* do eminente engenheiro Florencio do Lago.

CURIOSIDADES DA NATUREZA EM GOYAZ

SCENAS E VISITAS

"A configuração do Norte de Goyaz é resultante do trabalho millenario das erosões, phenomeno generalisavel em toda a extensão do planalto que avança para o oriente das Cordilheiras. Os terrenos mezozoicos e paleozoicos das camadas superiores pouca resistencia offereceram aos elementos de desagregação, sendo levados em grande parte.

O planalto conserva uma apparencia ligeiramente ondulada. As correntes, porém, attingindo as camadas inferiores do archeano e paleozoico, delineavam a orographia actual, em suas grandes linhas. Continuaram a se produzir modificações, embora o leito dos rios em muitos logares, assente, já, sobre os granitos; grandes tractos, que conservaram as camadas superiores, são cortados pelos rios que correm em fundos canaes, marginados, em distancias maiores, por altos paredões semelhantes a formidaveis e intransponiveis muralhas. Isso observa-se, especialmente no rio do Somno e seus affluentes e no grande canal natural do Varedão, desde a lagôa deste nome até as proximidades do Duro. Dessa lagôa e do canal, brotam as aguas do Somno, dos seus affluentes e do rio Balsas que desagúa no Tocantins; na mesma lagôa do Varedão nasce o Sapão, cujas aguas se despejam no rio Preto affluente do rio Grande, na bacia do S. Francisco.

O centro do canal é um pouco mais baixo que as suas margens, as quaes se estendem oito a dez kilometros, de cada lado; as aguas formam na parte baixa, um grande tremedal, onde ostenta suas palmas frondosas, uma floresta de burity, de mais de 100 kilometros de comprimento; o chão treme sob os pés; as aguas, como um lençol ininterrupto, correm para o centro, percorrendo toda a extensão do valle, e dahi, entrelaçando os pés de palmeiras, vão surgir em milhares de regatos, para formarem as nascentes dos rios. Não é raro ver-se sahirem do mesmo manancial aguas de varios rios, sem que se note, muitas vezes separação entre diversas cabeceiras. No meio da floresta, existem profundos poços com aguas insondaveis, morada habitual de grandes pitús e terriveis sucuriús; qualquer corrego, derivante desse tremedal, se transforma, a pequena distancia num rio crystalino, profundo e caudaloso, por sobre um leito de areia, abrigo do peixe electrico, muito timido dos viajantes, pois, segundo affirmam os moradores do logar, matam a quem os pisa.

As margens do palmeiral são cobertas de relva e nada mais encantador á vista que o matiz das flores no verde álacre do relvado, onde milhares de passaros pretos esvoaçam numa algazarra alegre. Os veados e as emas, que fogem á nossa presença, correm-nos á frente. Sente-se um profundo bem estar em se respirando o ambiente puro e perfumado desta natureza privilegiada, não obstante a apprehensão incomprehensivel que se apodera de nós em virtude da solidão immensa que nos rodeia; pois nesse trecho de nossa jornada, desde Pedra de Amolar até perto da Villa de São José do Duro, fizemos mais de 180 kilometros sem encontrar uma pessoa !

As serras da Mangabeira e das Figuras, muito impropriamente chamadas serras, porque representam apenas uma parte do antigo planalto, que se prolonga ainda para o oriente entre o rio Preto e o rio Grande, correm de norte a sul. Esse planalto é atravessado na mesma direcção pelo sulco do Varedão.

As duas serras são representadas por um paredão de mais de 100 metros de altura, que margeia, parallelamente, o canal, em toda a sua extensão.

Surgem dali, por grutas profundas, alguns riachos, cujas aguas vão engrossar o tremedal central do Varedão.

A serra da Mangabeira, assim chamada em vista dos innumeros pés de arvores desse nome, que lhe cobrem as encostas, representa o divisor das aguas entre os rios Parnahyba e Somno, ao norte e se prolonga para o sul, onde o rio Sapão a atravessa do poente para o nascente; continuando para o sul, toma o nome de serra das Figuras.

Interessantissimo é o trecho assim denominado, pois alli jazem as ruinas dos mais fabulosos edificios, palacios e cathedraes magestosos circumdando, ainda, na parte superior, por estatuas; isoladas umas, grupadas outras, revelando cada uma expressão propria. Ha largas praças com sentinellas que os seculos ahi petrificaram, cariatides monstruosas, sustentando, em desequilibrio, os restos vetustos de alguns cyclopicos monumentos prestes a derruirem. Reservo para outra opportunidade, quando tratar do descobrimento desses ignotos sertões, a minuciosa descripção dessas bellezas, por ter ellas importancia tambem historica".

Engenheiro Appolinario Frot. — *Notas de viagem atravez dos Sertões do Nordéste de Goyaz e Noroéste da Bahia.*

LAGOAS NOS BAIXÕES DO ARAGUAYA

"As lagôas distinguem dos lagos, por serem estes formados pelos rios, e aquellas, pelas chuvas.

Eis, mais ou menos, seu aspecto: — no meio dos serrados o viajante depara com uma vasta clareira de campina vastissima, no centro da qual existe uma bacia, ordinariamente redonda ou oval, mais ou menos cheia d'agua, segundo a estação.

Estas bacias têm de circumferencia meia a duas leguas. As margens das lagôas são de gramineas, que se distribuem em familias, a saber: as maiores junto ao serrado, e vão indo em diminuição progressiva, até que se confundem com o capim rasteiro e com os juncos da lagôa.

Entre as gramineas gigantescas distinguem-se, por seu tamanho e fórma elegante uvá (julgo que quer dizer amarello, em lingua tupy), que cresce quasi como uma palmeira, terminando por uma haste amarella, roliça, vibrada, da qual se servem os indios para flexas; esta haste é coroada por um festão de plumagem branca, delicada, em fórma de pennugem de avestruz, e que offerece quando está pendurada, perspectiva agradavel.

Toda a casta de caça occulta-se nessas beiras.

Vi dentro deste lago (margens do Araguaya) a mais mimosa ilha que até hoje tenho visto, a qual realiza essas descripções phantasticas feitas pelos poetas: figure o leitor um taboleiro abahulado e perfeitamente redondo, coberto de um musgo verde, de altura de uma pollegada, e todo cheio de florinhas brancas; supponha orlando isto uma cinta elevada de juncos; em torno desta cinta, uma fileira de patos marrecões, marrequinhas, marrecos, garças e frangos d'agua supponha tudo isto elevando-se apenas dous palmos da superficie calma e verde das aguas do lago e allumiado pelo clarão melancolico de uma tarde do Araguaya, e terá, mais ou menos, idéa desse encantado pedaço de terra, que a Natureza ahi formou com tanta graça, que desesperaria o artista que a quizesse imitar".

General Couto de Magalhães. — *Viagens ao Araguaya*

"Habitats" para as especies pastoris no Brasil

"O Estado de Matto Grosso vem soffrendo agora formidaveis prejuizos na sua zona creadora localisada nas adjacencias do rio Paraguay, cuja desmedida enchente invade muitas centenas de leguas de campos de creação, obrigando á emigração dos animaes para as terras firmes do interior. A mortalidade tem sido grande, estando afogados muitos saladeiros, que possuem invernadas nessa zona; os animaes são mortos a tiros dentro dos campos inundados, como medida para salvar o capital. As repartições federaes situadas em Porto Esperança e Porto Murtinho estão ameaçadas de submersão, já estando rodeadas pelas aguas.

O inspector da Alfandega, Sr. José Felippe de Araujo Pinto, seguiu para examinar a situação das mesas de rendas dessas cidades, regressando após ter posto em pratica algumas medidas, mais urgentes, tendo obtido o vapor "Commandante Alvim", que seguirá para Porto Esperança, onde ficará para servir de abrigo ao pessoal da mesa de rendas, e attender á fiscalisação do littoral. Os trens da E. F. Itapura-Corumbá funcionam apenas uma vez por semana, atravessando longos pantanaes e chegando a Porto Esperança com grande difficuldade, as cargas são abandonadas nas estações intermediarias causando isso prejuizos incalculaveis".

Trasladando para as nossas columnas estes informes de um periodico de Uberaba, não o fazemos com outro intuito que o de mostrar que o *habitat* de Goyaz para criação bovina está isento de tamanhas calamidades, que succedem com frequencia no Estado visinho. As grandes enchentes de ha dois annos atraz não interromperam o trafego da E. F. Goyaz, com a qual, aliás, o governo da Republica não dispendeu a vigesima parte das grandes verbas consumidas pela E. F. Itapura-Corumbá.

Apezar das suas faladas riquezas pecuarias e agricolas, a exportação destes productos de Matto Grosso não compete com a que o nosso Estado manda annualmente aos emporios consumidores de Minas, S. Paulo e Capital Federal: gado e cereaes.

E é isto: na região mais armentosa de Matto Grosso, os *pantanaes*, aquella calamidade; no Rio Grande do Sul, as grandes estiagem, que queimam os campos; em todo o Norte as continuadas seccas que dizimam ás vezes, por completo, os rebanhos.

Em Goyaz, porém, não se observa nada disso.

Por que, então, não reconhecerem de vez que lá é o *habitat* por excellencia ideal, para toda a criação pastoril no nosso paiz?

Fundação da população da Serra dos Crystaes, hoje Villa Crystalina

A fundação da população da Serra dos Crystaes, tem sua origem na exploração do Crystal de Rocha, de onde deriva o seu sobrenome. Ha mais de cem annos, vindo de Paracatú, passando por aqui em demanda dos sertões de Goyaz, em procura do ouro, os bandeirantes descobriram nesta Serra a existencia desse minerio; tratarão de explorar, porém, vendo que era de pouco valor abandonaram. Mas pelos vestigios deixados por elles, outras pessoas de quando em quando extrahiam pequenas quantidades, e a titulo de amostras mandavam para São Paulo e Rio de Janeiro.

Porém, até aquella occasião não sendo conhecido o valor do Crystal e nem tão pouco o mercado que podia ter collocação, desacoroçoavam com a exploração.

E nesta vacillação permaneceu até 1879, época em que os francezes, Etienne e Léon Labouciére, residentes em Paracatú, obtiveram aqui uma pequena partida de Crystal, fizeram remessa desta para Paris, e alli sendo conhecida a boa qualidade do Crystal, pediram nova remessa. Etienne e Léon viram á Serra dos Crystaes, abarracaram-se no logar denominado Serra Velha, e alli estabeleceram a compra de crystaes. Nessa época, 15 kilogrammas de crystal custavam apenas 6$000. Os habitantes dos arrabaldes affluiram alli com grande frequencia; uns extrahindo crystaes e outros explorando o commercio de genero do paiz.

Etienne e Léon, com o commercio de crystal, adquiriram boa fortuna e voltaram novamente á Paracatú, em 1882. Não havendo comprador de crystal, os mineiros começaram a desprezar. Porém, logo, inesperadamente, chegou o francez Emilio Levy, com o mesmo idéal de explorar o commercio de crystal. Alojou-se em uma cabana coberta de capim, á margem esquerda do Corrego Almocrefe, e um anno depois construiu uma casa regular; foi o primeiro edificio que se erigiu neste logar. O nome de Almocrefe, que tem o corrego já referido, provem de um instrumento usado naquelle tempo pelos trabalhadores, na extracção do crystal.

Portanto, a primazia da fundação da actual população, cabe a Emilio Levy, e não a Carlos Haas, no seu artigo inserido nas columnas desta revista, sob a epigraphe: "Uma excursão á Serra dos Crystaes". Quando Carlos Haas tocou á Serra dos Crystaes a sua população existia já ha vinte annos. Os maiores propugnadores na fundação da actual população foram os seguintes cavalheiros: Emilio Levy, Francisco Cotta Pacheco, João Modesto Baptista dos Santos, Jacob Baptista Harra, Fernando de Paula Rodrigues, Joaquim Verissimo de Souza, Joaquim José Grota e Joaquim Alves Ferreira. Pela iniciativa dos actuaes habitantes e com o concurso das suas riquezas naturaes, a qual é inegavel, e já bem conhecida dos leitores, a Serra dos Crystaes está reservada para um futuro risonho.

Mas a gloria de sua fundação devem os cavalheiros acima referidos, que contribuiram moral e pecuniariamente para o seu progresso e desenvolvimento.

Villa Crystallina — Maio de 1919.

Nicoláo Baptista de Oliveira.

Relatorio dos estudos da Commissão exploradora dos rios Tocantins e Araguaya

(Pelo Dr. Florencio do Lago).

Em desempenho das instrucções que lhe foram dadas pelo Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, em 27 de Outubro de 1871, estudou a commissão com todo o cuidado, as condições de navegabilidade dos dous rios Tocantins e Araguaya e quaes os melhoramentos a fazer para assegurar uma navegação facil e continua na parte encachoeirada desses importantissimos caudaes.

Nas maiores vasantes, ou *étiage*, de que ha noticia, a partir de Santa Helena de Alcobaça, subindo o rio Tocantins, até ao secco de S. Miguel, no Araguaya, correm as aguas em leito quasi todo petreo, apresentando diversos bancos conhecidos naquelles lugares sob a denominação de *travessões* que, seguindo quasi sempre a direcção perpendicular ao *thalweg* do rio, produzem assim *rapidos* ou *corredeiras* mais ou menos extensas, perigosas para os barcos que descem, e penosas para os que sobem.

A velocidade ahi não traria perigos á navegação descendo, e antes lhe serviria de auxilio, se as penedias que existem esparsas no canal não fossem em tão grande numero que o tornão por demais tortuoso.

Em muitos lugares, as mudanças repentinas do leito, encaixado entre rochedos e a diminuição de secção nos bancos, originão não só grande e temidos redomoinhos a que

chamam os bateleiros *rebojos*, como tambem fortes contra-correntes, de modo que não é raro vêr-se subirem barcos com velocidade quasi igual áquella com que desceram, em distancias de 400 a 600 metros de extensão.

Dessas contra-correntes é a mais extensa a *agua da saúde*, que tem approximadamente dous kilometros, sendo esta singular denominação devida á circumstancia de terem as tripolações de empregar, para subirem aquella grande extensão, esforço equivalente ao que fizerão na descida.

Em outros pontos, as aguas apertadas entre as paredes dos bancos com declives mais ou menos consideraveis, tomão direcções proximamente rectilineas e formão em seu alargamento, quando a secção do rio muda, e a jusante dos bancos, intumescencias que produzem ondas encapelladas, conhecidas por *maresias*. Muitas vezes chegam a alagar os barcos, mal haja qualquer descuido em sua marcha ou direcção.

No periodo em que esboçamos o leito dos dous rios, near os lugares mais penosos no tempo das aguas baixas e profundidade. Rolão então as aguas entre rochedos, sendo a distancia, desde as margens do canal até ás barrancas completamente descobertas, sempre de formação analoga. (Plantas ns. 1, 2 e 3).

Nas altas aguas, fica todo o valle coberto de barranca á barranca; os bancos parece então não existirem; a altura acima da *étiege* chega em alguns lugares a 10^{m},17; a velocidade augmenta e os redomoinhos adquirem tal violencia e extensão que obrigão os barqueiros a tomarem desvios para não cahirem em fundos abismos, como por vezes tem aconteicdo no Cajueiro, Vitam-Eternum, Bacury e Itaboca, que são os mais perigosos.

Entretanto, para descer, a navegação se faz, em barcos, com mais facilidade e menos perigo, porque com as cheias apparecem novos canaes, pelos quaes é possivel tornear os lugares mais penosos no tempo das aguas baixas é médias. A subida, porém, é dificillima em razão do augmento de velocidade, e só com muito trabalho e despesas póde ser emprehendida.

A tão consideravel differença de nivel entre as aguas baixas e altas que se nota nos dous rios, é devida á impermeabilidade do sólo de sua bacia. Na verdade, sendo o leito quasi todo de rocha, bem como o de seus affluentes, durante as chuvas correm as aguas de enxurrada, e lamacentas entrão nos dous caudaes, vindas das vertentes do valle. As que se infiltrão no terreno, encontrando quasi sempre a camada impermeavel pouco abaixo da superficie, não podem formar fontes permanentes para alimentarem corregos e ribeirões; eis porque, de Agosto a Fevereiro, a maior parte dos affluentes estão completamente seccos. Nas baixas, é a agua dos rios limpida, inodora, fresca, agradavel e arejada, com todas as condições desejaveis das aguas potaveis.

A descripção minuciosa que da secção encachoeirada por nós estudada vamos fazer, com o auxilio das plantas ns. 1, 2 e 3, levantadas nas baixas aguas e representando o leito do rio nessa occasião; bem como os perfis transversaes mostrando a configuração e altura das aguas na *étiage* e nas cheias, farão melhor comprehender as disposições do valle dos dous rios. Começaremos do secco de S. Miguel, descendo desse ponto o rio Araguaya até Alcobaça, no Tocantins.

DESCRIPÇÃO

Na parte superior da entrada do secco de S. Miguel achão-se as aguas represadas pelas altas e extensas rochas do leito do valle formando uma bacia, na qual é a velocidade apenas sensivel nas vazantes e a largura de 2454 metros (perfil n. 1), havendo quatro canaes tortuosos, que, passando entre rochedos, vão se unir pouco acima do perfil n. 3, formando um só canal. O maior dos canaes acima referidos, de 271 metros largura e 5^{m},0 de profundidade na *étiage* e por onde passão os barcos, é sinuoso, com pedras quasi á superficie em alguns pontos, logo á entrada e pouco abaixo. Diminuindo ahi a secção, então as aguas no canal com a velocidade de 1^{m},50 por segundo na maior correnteza. Nas cheias é ella de 2^{m},215 e na bacia superior de 0^{m},636, na superficie e por segundo. O perfil n. 2, onde as aguas passão com 48^{m},0 de largura, a profundidade abaixo do plano de *étiage* é de 14^{m},50.

No perfil n. 3 as aguas se espalhão sóbre um banco, havendo dous canaes que dão passagem, sendo o mais profundo de 1^{m},70. Alargura entre as barrancas é de 1413 metros, e a altura das cheias acima da *étiage* 3^{m},50. A velocidade na superficie é de 1^{m},04 por segundo e nas altas aguas de 1^{m},725; o volume que por ahi se escôa, isto é, a despesa por segundo, é de 720 mc.

Deste perfil aos de ns. 4 e 5 se espraião ás aguas por entre muitas pedras esparsas; como, porém, a velocidade é moderada, navega-se sem perigo algum e com facilidade.

Nos perfis ns. 4 e 5, tomados no banco que divide o canal em dous braços para formar a ilha de Campos, passão as aguas por uma menor secção, por se estreitarem os canaes com as pedras que nelles existem. Augmentada a velocidade na passagem do banco, vai ella diminuindo pouco a pouco para ser novamente accelerada n'um segundo banco, cuja direcção é obliqua em relação ao *thalweg* do rio. Os canaes são ahi tortuosos e apertados até proximo ao 6.º perfil, onde nas baixas-aguas a velocidade superficial é de 0^{m},129, e nas altas fórma-se um grande redomoinho. No perfil 6.º, o rio muda de repente para Oéste e o redomoinho se estende até grande distancia.

(*Continúa*).

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO V — RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1920 — VOL. IV.–N. 2

SUMMARIO

As plantas leitosas uteis de Goyaz

SUAS ESPECIES, SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA E EXPORTAÇÃO DE SEUS PRODUCTOS.

... "l'avenir tout entier du Brésil réside dans ses plateaux et dans ses fleuves."
ALFRED MARC — LE BRÉSIL, *excursion atravers ses 20 provinces.*

Escrevendo esta despretenciosa monographia, que versa uma das innumeras fontes de riquezas nativas de Goyaz, temos em vista e nem outro poderia ser nosso intuito, fazel-as melhor conhecidas tanto dos nacionaes como egualmente do extrangeiro.

E' que toda a gente sabe, porque lê nas obras luxuosas e ditadas pelo Governo, ou nos artigos sensacionaes de imprensa, firmados pelos descobridores ultimos do Brasil, nas publicações officiaes de propaganda que por ahi circulam em brochuras, nos *magazines* illustrados, ou nas gazetas : — que Minas Geraes exporta borracha de mangabeira pelos portos do Rio e Santos; que S. Paulo por seu turno exporta aquella qualidade de borracha, que a Bahia tambem exporta borrachas de mangabeira e maniçoba, e, finalmente que o Pará, Maranhão e Piauhy exportam borrachas de caucho, maniçoba e mangabeira — mas o que se não diz, o que se não vê escripto, nem consta das nossas impagaveis estatisticas, é que o tão longinquo quanto desconhecido Estado goyano, o unico da União que não gozou ainda dos beneficios da viação ferrea, ou fluvial, concorre muitissimo para a elevação do valor e quantitativo daquellas exportações dos Estados alludidos, e mais ainda, produz de longa data, para o consumo dos que lhe são limitrophes, tudo ou quasi tudo quanto elles importam de procedencia nacional, principalmente generos alimenticios. Enunciado assim ao correr da penna, num longo periodo, tudo quanto ahi fica, parecerá exagero, BAIRRISMO ou o que queiram, mas á vista dos documentos incontestes, dos depoimentos, dos factos e provas que se vão lêr adiante, os leitores se convencerão de que na verdade, e em parte, aquelles productos mencionados acima sáem de Goyaz sem que, todavia, se lhes dêm nas estatisticas de exportações procedencias exactas, não só na Aduana da Capital Federal como tambem nas daquelles Estados visinhos, mais felizes do que a da Região trichotoma encravada entre o Paraná — Paranahyba, Araguaya — Tocantins e vertentes occidentaes do S. Francisco.

Não é nosso intuito fazermos nestas linhas a propaganda de Goyaz, que bem o merecia — pois o que immediatamente temos em vista é fornecer subsidios, muitos de primeira mão, aos que procuram com verdadeiro patriotismo proteger e valorisar um dos productos das nossas industrias extractivas, que ahi estão a solicitar os bons officios do Governo da Republica — e outro não foi o fim deste, promovendo em boa hora a Exposição Nacional da Borracha. O grande Estado central só poderia brilhar pela ausencia, como ha succedido em varios outros certamens de caracter analogo.

No que respeita a borrachas, póde-se dizer de Goyaz um vasto reservatorio economico constituido por varias especies vegetaes : o caucho (*Castilôa-clastica,* de Cervantes), a mangabeira de duas variedades (*Hancornia speciosa,* Gomes), e (*H. pubecens,* Nées e Martius), esta ultima peculiar ao nosso Estado, segundo Saint Hilaire, que a descobriu (2) ; as maniçobeiras (*Manihot glaziovi*) das especies conhecidas e outras ainda não classificadas pelos botanicos (3) ; a massaranduba (*Mimosopes ellata*), a sorva (*Canna utilis*), a gameleira (*Ficus elastica*) e finalmente muitos outros productos de *lactex* que dão borracha, gutta-percha e resinas preciosas.

A castilôa é encontradiça á margem do Araguaya-Tocantins, da confluencia do Itacayunas para cima até certa altura, no territorio goyano contestado pelo Pará, depois da descoberta alli de extensissimos cauchaes.

Trata-se de um territorio vasto, comprehendido entre 5° e 19' e 10° e 30' de latitude austral, com uma extensão de Norte a Sul de cerca de 106 leguas, isto é, da margem direita do Itacayunas á ponta septentrional da ilha de Sant'Anna ou do Bananal, sobre tres leguas de largura.

Como se vê, esse contestado é uma invejavel presa que qualquer Estado disputaria com unhas e dentes...

Mas Goyaz reserva-se o direito de oppôr ás pretenções

---

(1) O Estado de Goyaz é o unico da Republica que não tem alfandega, nem recebedoria ou mesa de renda que accuzem seu movimento commercial com os paizes estrangeiros. Seus productos de exportação não vêm mencionados na secção commercial e financeira das Bolsas de Mercadorias dos portos maritimos que os recebem, nem ao menos constam das informações prestadas mensalmente pela junta dos corretores do Rio de Janeiro.

(2) "Il existe deux especes de "mangabeiras" qui out entre les plus grands rapports, mais qui pourtant doivint être distinguées par les botanistes, l'"Hanconia pubescens" Nées et Martins, a fleurs en peu plus grande, qu'ou na trouvê jusqu'a présent que dans la province de Goyaz". — A. Saint-Hilaire — "Voyageaux saurces du Rio S. Francisco et la province de Goyaz" — vol. II, pag. 215.

Não confundir esta especie campestre com a "Ambellania acida", das matas do Pará, Amazonas e Guyanas, a qual se refere H. de Laforge em sua monographia "L. Industrie extractive du canthone" — Paris 1911.

(3) Não ha nos campos de Goyaz especie vegetal que não possua pelo menos uma variedade, quer campestre, quer sylvestre : assim a "Hancornia speciosa", Gomes, que conta uma variedade de fructos compridos, avermelhados e folhas mais lanceoladas, que vegeta ao lado da especie typica, nos cerrados e serras.

dos paraenses ao referido territorio, que lhes não pertence, á vista dos documentos historicos existentes : alvarás de 18 de Maio de 1807 e de 25 de Fevereiro de 1814, relativos á creação da comarca de S. João das Duas Barras, nas raias das duas então Capitanias.

Essa região goyana demorava, até ha bem pouco tempo ao abandono e, inexplorada, como a que fica no angulo formado pelos rios Araguaya e Alto Tocantins; mas, depois da descoberta nella feita pelo viajante francez Henri Coudreau, da *castilôa-elastica*, o seu actual aspecto é muitissimo outro, graças á corrente immigratoria de numerosos exploradores maranhenses que entraram alli em procúra do caucho, da castanha chamada do Pará, da baunilha, do cacau, do cravo e outros productos abundantes naquellas latitudes sub-equatoriaes.

No anno de 1904, por um documento official que temos á vista, a "Mensagem" do então governador Montenegro, o Pará arrecadou 400 e tantos contos de réis só de impostos sobre o caucho procedente da alludida região desde então contestada, sem que dahi resultasse um real para o erario de Goyaz.

Consta com bons fundamentos a occurrencia da borracha-seringa nesta zona goyana, quer de uma, que de outra margem do Araguaya.

Accrescendo que o Dr. Oliveira Bello affirmou a existencia de uma das 21 especies de *Hevea* acima da confluencia do Tocantins com o Araguaya, o que se não poderá pôr em duvida, visto a natureza tropical das suas mattas, ao clima, quente e humido, ao terreno alagadiço das suas margens e bem assim á baixa latitude dessa região inexplorada.

Tudo indica haver ahi uma outra das variedades da seringueira, ou mesmo especies novas para a sciencia, pois como bem diz o competente botanico Dr. J. Uber, é provavel que ainda se descubram diversas especies novas do genero *Hevea*, distendendo sua área geographica.

O Estado do Maranhão procurou logo, com justificados motivos, o quanto possivel usufruir daquella producção, encaminhando-a pelas estradas que da Imperatriz e outras localidades, á margem do Tocantins, conduzem á Barra do Corda.

Ao mesmo trabalho da industria extractiva da borracha, mas das maniçobas nativas descobertas ultimamente no valle do rio do Somno, zona limitrophe com Bahia e Piauhy, entregam-se os filhos destes dois Estados, que nella encontraram o filão da riqueza cubiçada num clima saluberrimo, da parte mais rica do Brasil, no dizer insuspeito de Herbet Schmit, clima magnifico, tão differente do dos temerosos *igarapés* amazonenses, onde a morte de continuo ceifa tantas vidas... (4). Entre o alto Tocantins e o Araguaya, foi descoberta em 1905 uma arvore leitosa productoras de borracha, á qual deram o nome de *Atraca* (5). Della o seu descobridor, Frederico Marbac, residente em Santo Antonio, á margem esquerda do Tocantins, conseguiu extrahir excellente e abundante borracha, coagulada sob a acção do fumo do côco de palmeira. O *lactex*, que é dos melhores, tem propriedades mais elasticas do que as já conhecidas, além da vantagem de não ser preciso derribar a arvore na época de se lhe extrahir o *lactex*.

O estudo scientifico das plantas uteis ou economicas, como sejam no caso vertente as gommosas productoras de borracha, e gutta-percha, peculiares á região goyana, ainda está por fazer, e bem mereciam que o fizessem caracteristicas essenciaes das suas duas floras distinctas — a campestre e a sylvestre, que nem ao menos foram delineadas.

Não só pela sua abundancia como tambem pela sua vasta área de distribuição geographica, a mangabeira resulta, a mais importante especie vegetal para os que, apezar da mingua de recursos, e meios faceis de transporte, cuidam das industrias extractivas no Estado de Goyaz.

Em Goyaz a *hancornia* é um dos vegetaes predominantes na formação floristica dos seus caracteristicos descampados, taboleiros e serras.

A predominancia da preciosa apocinácea é tal nesta bella porção do nosso paiz, que até deu o nome que ainda conserva na geographia patria á serra das Mangabeiras — mais propriamente em vasto chapadão ou taboleiro, que separa Goyaz do Piauhy e Bahia. Releva não esquecer o que dissemos de começo : que o nosso Estado possue duas especies de mangabeiras — a *Hancornia speciosa*, Gomes, e a *H. pubeceus*, de Saint'Hilaire, vulgarmente chamada *mangabeira brava*, fornecedor de abundante e excellente *lactex*. Este Estado, de tão risonho futuro, quanto até aqui esquecido e abandonado dos poderes publicos da Republica, exporta de ha muito grande quantidade de borrachas de mangabeira, que sem a necessaria declaração exacta da procedencia, tem como portos de sahida do paiz os de Santos, Rio de Janeiro, Bahia, Piauhy e S. Luiz do Maranhão.

O pranteado Dr. Wescesláo Bello, no interessante estudo que fez da producção das nossas borrachas, o qual vem no volume I d'"O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias", informava com os mais incontestes dados estatisticos officiaes, que o Estado da Bahia extráe muito menos borracha do que figura nas estatisticas do seu porto; e mais, que os do Piauhy, Rio Grande do Norte, Minas e Goyaz, são os maiores productores.

O mesmo insuspeito auctor, que, como se sabe, foi durante annos presidente da "Sociedade Nacional de Agricultura", deu na obra acima alludida o seguinte quadro da exportação da borracha de mangabeira pelo porto de Santos no triennio de 1902 - 1904 : S. Paulo, 18.721 kilogrammas; Minas, 63.732 kilogrammas; Goyaz, 99.059 kilogrammas.

O Sr. Antonio Neves, residente no Norte de Minas, região limitrophe com a Bahia, informa numa bem documentáda série de artigos para o *O Paiz*, que a maior parte da borracha de mangabeira exportada com o nome desses Estados, procedem de Goyaz. Em nenhuma parte vige e cresce a nossa apocinacea como nas uberrimas margens do Araguaya, onde as dimensões dos seus troncos a fazem desconhecida aos que alli vêem-na pela primeira vez.

São tantas as riquezas floristicas que avaramente guardam os "campos cerrados" e chapadões goyanos, na sua immensa área geographica —segmento das zonas dos sete Estados limitrophes, que difficillimo seria enumeral-as; mas, aqui, necessario é não esquecer as conhecidas plantas economicas, as productoras da borracha, que repontam ao lado de tantissimas outras não menos uteis, como por exemplo as medicinaes, oleosas, aromaticas, taniferas, resinosas e gutiferas. Destas ultimas, abundantissimas nos cerrados goyanos, escrevia o botanista Dr. A. Glaziou no "Relatorio da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil", quando da commissão Cruls : "Muito me prendeu a attenção um grupo de altissimas arvores, communs, tão persuadido estou que encerra mais uma riqueza natural para o paiz ; quero fallar das arvores da gutta-percha, isto é, das sapotaceas productoras de *lactex*, tão abundante.

Meus estudos ulteriores sobre a flora propriamente dita do novo Districto Federal, tão acertadamente demarcado, provaram, material e scientificamente, pelas plantas determinadas do herbario da commissão incumbida dos estudos para a nova capital da Republica, a relação que existe entre esses vegetaes e os que produzem as melhores guttas de Java, Sumatra e ilhas adjacentes. Varias destas arvores pertencem ao mesmo genero das que vivem naquellas regiões longinquas. O *lactex* (a seiva) das especies brasileiras, a julgar pela abundancia e pureza, pouco inferior deve ser ás especies de Java. Firme nesta opinião, considero um dever insistir até que o Governo incumba a algum chimico de reconhecida competencia, analysar o conteúdo dos vasos lactiferos dessas sapotaceas em individuos convenientemente colhidos por um botanico ou mesmo um simples colleccionador apto a distinguir essas plantas das outras vegetaes leitosas".

---

(4) Dahi a cobiça dos bahianos ao districto do Jalapão, municipio de Porto Nacional, no alludido valle do rio do Somno, cujas riquezas naturaes, viram mencionadas com grande enthusiasmo no livro do explorador inglez, engenheiro W. Weles. — "Three Thousaud miles Through Brazil".

(5) Quer me parecer que se trata de uma arvore do genero "ficus", que envolve os troncos de certos vegetaes, atracada a este — d'onde o nome vulgar "atraca".

Da nomenclatura secca dos botanicos, sabe-se que os campos cerrados do Brasil Central, Goyaz particularmente, são ricos em especies do genero *Manihot* (maniçoba), mencionando entre outras, as especies *rigidala* e *triphylla*, nada accrescentando quanto á producção do seu *lactex*.

São maniçobas de porte pequeno, folhas miudas, ao contrario das de catingas e mattas, — de folhas largas. Ha nos cerrados goyanos varias outras euphorbiaceas desconhecidas.

Mas uma, por assim dizer, descoberta sensacional, de interesse immediato para os que cuidam com louvavel patriotismo das industrias extractivas no Brasil, acaba de fazer nas terras privilegiadas de Goyaz, que são a reserva economica futura da nossa patria, operoso funccionario da Inspectoria e Defesa Agricola do Estado : e vem a ser novas especies vegetaes que não foram ainda determinadas scientificamente pelos botanistas, mas as suas diagnoses foram dest'arte feitas pelo Dr. Antonio Borges dos Santos : *Maniçoba rasteira, maniçoba das chapadas.*

"E' uma variedade ou especie pouco conhecida no norte de Goyaz, pois é alli pouco abundante; é mais frequente na zona leste do Estado, onde se apresenta nas chapadas argilosas; é rasteira e fórma touceiras ou moitas, onde se encontram tres ou mais individuos de $1^m,50$ de altura, caule liso, apresentando dois ou tres galhos na extremidade, folhas petadas e de peciolo longo, caducas; não vimos as suas flôres : o fructo é uma capsula contendo uma ou duas sementes. O *lactex* que mana da insisão do tronco ou da raiz é de côr amarello-claro, facilmente coagulavel, regularmente elastico e com o tempo se torna amarello-escuro".

Ha ainda em Goyaz, outras especies da preciosa euphorbiacea, assim mencionados pelo mesmo auctor, variedades estas que ainda não foram descriptas.

"A mais importante é identica á dos sertões do Piauhy e Bahia (6), e existe em grande abundancia no norte de Goyaz, em terrenos arenosos, conhecidos pelo nome de cerrados, apresenta os seguintes caracteres : o caule é ramoso, de côr-roxa escura, de um metro a dois de altura, apresenta a divisão trichotoma; as folhas são lóbadas, com tres a quatro lóbadas; peciolo longo e avermelhado; nervuras salientes; as folhas são caducas, principiando a cahir desde Maio.

O fructo é uma capsula de côr verde quando novo e tornando-se com a edade verde-escuro, que se assemelha ao da mandioca. Fazendo-se-lhe incisões, quer no tronco, quer nas raizes, escapa-se o *lactex* de côr amarello-alaranjado, o qual se coagula passados alguns minutos.

Não só as folhas como a haste desta especie de maniçoba, são aperfeiçoadas pelo gado vaccum e cavallar, apezar de no sertão da Bahia e do Piauhy serem em certa época venenosas ao gado vaccum, produzindo tympanite, sendo por essa razão conhecida lá com o nome de "mandioca brava", maniçoba brava".

Maniçoba de capoeira, maniçoba de tapuya. E' outra variedade muito conhecida no norte de Goyaz, onde attinge, ás vezes, altura superior a cinco metros; é uma arvore fina, desenvolvendo-se muito bem nas capoeiras; o caule é liso e de côr ás mais das vezes escura, dividindo-se em galhos dispostos em trichotomia.

As fohas são tambem lóbadas e algumas vezes petadas; as flôres são dispostas tambem em cachos com a variedade precedente (dioicas). O fructo, bem como as sementes, são em tudo semelhantes á variedade precedente, menos quanto á côr, que é mais escura. O *lactex*, que corre da incisão praticada no tronco, é de côr esbranquiçada; coagula-se sem reagente.

Maniçoba rasteira, das serras :

E' essa outra variedade que é encontrada nas cordilheiras de serras que se extendem desde Cavalcante até ao Rio Maranhão; é um arbusto de $0^m,50$ a $1^m,50$ de altura, caule liso e sem ramificação, folhas largas e pettadas, peciolo longo e avermelhado, nervuras salientes, flores dispostas em cachos, o fructo é uma capsula contendo duas sementes".

Conclue o Dr. Borges dos Santos o seu relatorio apresentado á Inspectoria e Defesa Agricola de Goyaz, manifestando a sua firme convicção que a maniçoba cultivada em larga escala será uma das principaes fontes de riquezas do Estado.

Riquissimo em maniçoba nativa é todo o valle do Rio do Somno, que piauhyenses e bahianos exploram neste momento.

Tambem ella vegeta e cresce ignorada na vasta região goyana chamada "Matto Grosso" — uma das florestas mais ferteis e de magnificente aspecto tropical que possue o nosso paiz : vae do centro de Goyaz entre 13° e 17° de latitude meridional, rumo oéste, beirando o divisor das bacias do Prata e do Guaporé, assim ligando-se ás florestas amazonicas do Acre e outras.

A existencia desta immensa floresta, que não vem referida na geographia patria e nem ao menos é conhecida em toda a sua extensão pelos habitantes do Estado, devido á confusão que lhes trazem os differentes nomes locaes que ella tem entre nós — explica a occurrencia no territorio goyano de muitas especies vegetaes consideradas peculiares á região amazonica, á qual aliás pertencem os valles que a grande matta ensombra e fertileza, como por exemplo o Tocantins, Araguay (7). Desta mattaria tomou o nome, que ainda hoje conserva, o visinho Estado de Matto Grosso — como se vê da *"Viagem ao Redor do Brasil"*, pelo General João Severiano da Fonseca.

Nella existe, no municipio de Annapolis, uma arvore de bello porte que produz abundante *lactex*, o qual já tem sido aproveitado no preparo da borracha.

Póde muito bem se tratar de uma especie vegetal desconhecida para a sciencia e ser reputada planta economica, como todas as productoras de borracha.

Não obstante deficiente e mal feita, uma estatistica official accusava no biennio 1904-1905 a seguinte quantidade de borracha sahida apenas pelos portos do Paranahyba com destino a S. Paulo e Minas :

1904	93.862 kilos
1905	74.842 ½ "

Estas cifras, póde-se affirmar, estão a quem da verdade — porque ninguem em Goyaz ignora que o contrabando nas nossas arrecadações de renda é uma instituição estabelecida de pedra e cal, habilmente organizada.

Em conclusão — é de lastimar que a mangabeira, apezar de copiosissima no Estado, tende a desapparecer das zonas até aqui exploradas, porque é imprevidentemente destruida, anniquilada e mal aproveitada, mercê dos processos barbaros da sua extracção. E', pois, mister remediar este mal, que cresce de anno para anno, á revelia da acção dos Governos do Estado e da União (*).

---

(6) Bem podem ser estas duas especies as determinadas pelo botanista E. Ule como optimas maniçobas do Piauhy e Bahia. — "Manihot dichotoma" — Ule e "M. heptaphylla" — Ule.

(7) "E' necessariamente dessa anomalia que nasce a duvida para quem consulta um mappa : se o Tocantins é o tributario ou o tributado do Amazonas.

A' mais de um commandante de vapores da Companhia do Amazonas ouvi : — que sahindo de Belém, pelo itinerario da Companhia, subiam o Tocantins até esse braço, pelo qual entravam, e d'ahi por diante, sempre descendo até entrarem Amazonas, que era então navegado de subida". — Nota de Octaviano Esselin á margem da sua traducção da brochura do Padre Gallais. — "Uma Catechese entre os Indios do Araguaya".

Este informe geographico prova ainda uma vez que o Tocantins não póde ser separado do systema amazonico, como queiram alguns geographos de gabinete, que curam por informações menos criteriosas.

(*) Este trabalho foi escripto em Abril de 1913 para o Serviço de Informação do Ministerio da Agricultura, que o não achou conveniente...

HENRIQUE SILVA.

Relatorio dos estudos da Commissão exploradora dos rios Tocantins e Araguaya

(Continuação)

Desse logar começa a *Carreira Comprida,* assim chamada porque na distancia de 9.246 metros regula a velocidade de $1^m,35$ a $1^m,02$ na *étiage,* o que torna em extremo fatigante a subida de barcos por meio de varas e remos.

Entre os perfis 6 e 7, existe um grande *rapido* formado por um banco de pedras, de grande perigo para os botes que descem, e difficil para os que sobem; para evital-o, cumpre, quando as aguas não são muito baixas, tomar um desvio junto á margem esquerda.

Do perfil 7, até ao extremo da Carreira Comprida, o leito do rio diminue em muitos logares sua secção, ora pela proximidade de rochas das margens, ora pela altura do sólo no leito, de modo que sua velocidade, comprehendida entre $1^m,35$ e $1^m,02$, é ainda augmentada pelo banco que se acha no fim do rapido. Dahi aos *Martyrios* parece não terem as aguas velocidade apreciavel; seu movimento na *étiage* é perceptivel; o rio como que se transforma em lago; as grandes pedras espalhadas em diversos pontos de sua extensão em nada lhe alteram a tranquillidade, e nas mais favoraveis condições faz-se a navegação, quer subindo, quer descendo.

Nos Martyrios passão as aguas por um canal de 53 metros de largura e $40^m,55$ de profundidade, formado por um banco de rochas, sendo de $0^m,727$ nas vasantes a velocidade que nas cheias se eleva, em razão da estreiteza da passagem, a $2^m.362$ por segundo. Grande volume de aguas, encostando-se ás barrancas tanto quanto lhes permittiu a resistencia do sólo, têm cavado um desvio que serve para essas épocas visto não poder a todas ellas dar vasão o canal principal (perfil n. 8). Por ahi é que os barcos passão ao subirem nas cheias. Dos Martyrios até á parte superior da *Cachoeira Grande do Araguaya* (perfil n. 9), offerece o canal boa navegabilidade, e é em tudo semelhante á parte comprehendida entre os Martyrios e o fim da Carreira Comprida.

Na Cachoeira Grande descem as aguas em canal tortuoso por entre rochedos, originando, logo a jusante do banco, um redomoinho. Dahi até ás *Tres Bocas,* estreitando-se o canal e formando cotovellos, é a corrente levada sobre as margens pedregosas, o que dá logar a uma successão de redomoinhos e contra-correntes até aos grandes rapidos das Tres Bocas, os quaes, como se vê na planta, são formados por um banco, que em continuação da margem direita parecia oppôr barreira ás aguas. Estas, porém, favorecidas por uma circumstancia qualquer, passaram entre fendas do penhasco e tomaram nova direcção em leito de pedras. Logo abaixo as aguas se ajuntão.

Das Tres Bocas para diante continuão ellas a correr entre rochedos que dão origem a outros *rapidos* mais ou menos importantes até ás proximidades do *Ribeirão da Providencia,* abaixo do ultimo banco.

Do Ribeirão da Providencia, descendo até S. Vicente, é de arêa o álveo do rio. Nas margens observam-se extensas e largas praias de côr algum tanto avermelhada; porém como a velocidade nas cheias não é inferior a $0^m,885$ por segundo e na sua superficie, tem ella bastante força para arrastar as arêas que poderião pela deposição no canal ir formando baixos ou corôas. Um pouco além do Ribeirão da Providencia, existe o banco rochoso do Jacaré onde ha uns pequenos redomoinhos, porém, de nenhuma importancia, pois é a passagem livre, e a profundidade de $4^m,0$.

A' jurante da povoação de S. Vicente, onde se acha estabelecida uma excellente barca de passagem, existe tambem um banco de pedras, que só se faz sentir nas aguas baixas, porém, a passagem é franca sempre o com $2^m,0$ de fundo.

A profundidade do leito do rio, abaixo da *étiage,* na parte comprehendida entre o ultimo banco da Cachoeira Grande e a cachoeira de S. Bento, varia de $13^m,90$ a $3^m,50$; completamente desembaraçada, ainda que arenacea, é esta parte do rio de formação pedregosa e firme.

A cachoeira de S. Bento é um banco em que as aguas se alargão por entre caphópos em dous sinuosos canaes formando uma *corredeira* de difficil transposição (perfil n. 10). Nas cheias desapparece, ella, e um desvio chegado á barraca esquerda do rio dá commoda viagem até abaixo da cachoeira do Carmo sem que os escólhos, por cima dos quaes se passa, tornem-se perigosos á navegação, tanto na subida como descida.

A cachoeira do Carmo é um banco de pedras que forma dous braços de rio encostados á margem direita (perfil numero 11). A' jusante, se levantão ondas que arrebentão umas de encontro ás outras e podem fazer sossobrar os barcos sem coberturas.

Passada a cachoeira do Carmo, corre o rio em fundo sempre arenoso, por entre ilhas, com velocidade moderada e sem obstaculos, até juntar suas aguas com as do rio Tocantins, acima de uns rochedos que demorão áquem da colonia militar de S. João do Araguaya, situada á margem esquerda deste rio, pouco além da confluencia. Mais abaixo forma-se uma enseada no banco, e confundidas as aguas dos dous, conservão o nome de Tocantins. No perfil n. 12, tomado no rio Araguaya e no logar denominado Bacurisinho, a velocidade na superficie é de $0^m,17$ e a despesa por segundo, na *étiage,* de 733 m. c. Nas altas aguas ella se eleva a 7.631, m. c. e a velocidade a $0^m,885$.

Depois de reunidas as aguas dos dous rios, passão ellas por sobre bancos de pedras em canal cheio de cachopos, formando *rapidos* e redomoinhos mais ou menos extensos até á colonia militar de S. João de Araguaya. Descendo o rio, é seu leito da mesma formação pedregosa, e vae se alargando até formar o secco do Bacabal, onde se origina uma successão de pequenos torvelinhos e corredeiras, que se estendem desde ahi até ao banco de Mai Maria, logar em que as aguas descem espraiadas entre rochedos que occupão uma grande largura (perfil n. 13).

Depois do banco de pedras Mai Maria, confundem-se as aguas abaixo das Ilhas Flecheiras, correndo em canal embora mais largo, porém, por entre muitas pontas de rochedo e com rapidos e redomoinhos. Toda essa extensão é denominada Tauirysinho. No fim alarga-se o rio e fórma-se então o Secco Grande, onde a profundidade do canal está comprehendida entre $5^m,00$ e $1^m,44$, passando as aguas entre os escolhos e formando rapidos até á embocadura do rio Tacayúnas. Desse logar para baixo, o *thalweg* do rio é arenoso, a velocidade moderada, e a profundidade na *étiage* entre $2^m,57$ e $10^m,30$, dando boa navegação até á parte septentrional da Praia da Rainha. Dahi para diante apparecem novamente os rochedos, redomoinhos e *rapidos* que augmentão á entrada do Tauiry. O perfil n. 14, tomado um pouco antes dessa entrada, mostra a profundidade nesse logar, onde a velocidade da agua na *étiage,* é de $0^m,308$, e nas cheias de $1^m,73$ e o volume no primeiro caso de 1.542 m. c., e no segundo 1.529 m. c.

Entrando no Tauiry, todo o valle é formado de rochedos, por entre os quaes correm as aguas em canal de profundidade entre $2^m,0$ e $60^m,89$, represadas ora pela altura dos bancos, ora pela diminuição da largura do leito do rio. Os redomoinhos e corredeiras Praia Alta, Samauma, Puraque-quara, Pixuna-quara, Pedra do Jaú, Agua da Saúde, Urubú, Valentim e Cajueiro, alguns dos quaes de quatro kilometros approximadamente de extensão, bem como pouco abaixo da entrada, mostrão quanto é penosa a navegação nessa parte do rio.

Quando os dous braços em que reparte-se o canal, acima do Valentim, se reunem abaixo dos obstaculos do Cajueiro, o rio, dahi até á parte superior do banco que vae formar a divisão de aguas do canal do Inferno, é sempre de velocidade moderada, profundo e sem tropeços em qualquer estação.

Na entrada do canal do Inferno um grande e extenso banco separa as aguas em dous ramos, um dos quaes toma a denominação acima e continúa proximamente na direcção

rectilinea que trazia a corrente. O de maior volume transpõe o banco que fórma uma grande bacia semicircular, na qual as aguas ao cahirem tomão movimento gyratorio e descem em redomoinhos, subdividindo-se quasi immediatamente para formarem á direita o canal do Capitary-quara o qual, depois de curta divergencia para esse lado, corre em direcção quasi parallela ao do Inferno, convergindo em seguida para ajuntarem-se nas pontas meridionaes das ilhas do Piteira e Tocantins. Antes de se precipitarem as aguas do banco na bacia, escapa-se um volume, pequeno na *étiage* porém grosso nas cheias, que, encostado á margem direita, vae formar um canalzinho denominado Pirocabinha, por onde passam os barcos que procuram o Capitary-quara, por falta de agua no da Itaboca. Até aos primeiros dias de Agosto, ainda se encontra fundo bastante no Pirocabinha para passar do Capitary-quara á parte superior do banco, fazendo-se muitas vezes represas para que, nos pontos mais seccos, os barcos fluctuem descarregados. Daquella época, porém, até fins de Outubro, não se póde fazer mais a navegação e, diminuindo muito as aguas desse canal, torna-se então impossivel qualquer tentativa de entrar no perigoro passo do Capitary-quara, onde cinco grandes *rapidos* seguidos de redomoinhos e contracorrentes esperam o temerario que busque transpol-os.

No canal do Inferno nem se quer póde-se ousar passar pela grande quantidade de bancos e pedras do leito, que originão, além de vagalhões, sorvedouros e contra-correntes immensas, verdadeiras quédas d'agua, as unicas e legitimas cachoeiras que tem o curso dos dous rios.

Outro ramo toma á esquerda, formando com o canal do Inferno a ilha Neptuno, e, por meio de dous braços, que de sua margem direita descem por tortuosos canaes encachoeirados, dá quasi todas as suas aguas ao canal do Inferno. Só uma porção muito insignificante, 5 m. c. por segundo na *étiage,* desce para a Itaboca, canal quasi secco nessas épocas, e perigoso e difficil nas cheias (perfil longitudinal e transversaes ns. 17 a 29).

Os rapidos do Saltinho e Pau do Gavião, o redomoinho do Bacury, os rapidos da Cachoeira Grande e José Correia, seguindo-se o redomoinho da pedra de Joaquim Ayres, os rapidos do Tortinho e Arrependido, são de difficil e arriscada passagem e onde têm-se perdido muitos barcos da pequena navegação do Tocantins e Araguaya.

As aguas que passão na Itaboca juntão-se pela ponta septentrional da *Ilha do Areião* ás dos canaes do Inferno e Capitary-quara (planta 3), e dahi descem até pouco abaixo do extenso Remansão, onde tornão-se novamente a dividir para se reunirem ábaixo da ilha do Remansinho. Nos logares acima designados ha uma successão de torvelinhos e rapidos, que continúa dessa ultima reunião d'aguas para baixo.

Entrando no Canahúa, canal estreito, sinuoso e cheio de bancos, rapidos, e pedras disseminadas, as aguas se espalhão em uma grande largura e formão a enseada do Coccal : serpenteando dahi para baixo por entre penedos, vão correr em um só canal com as do Canahúa do banco do Arapary até Tucumanduba.

Ahi tornão a dividir-se, primeiro, nos canaes de Vitam Eternam e Tucumanduba; depois daquelle se deriva o da Cruz que se juntando logo abaixo com o do Tucumanduba, fórma os da Guariba e Guaribinha e ainda communica com o de Vitam Eternam, tomando este dahi para baixo, o nome de Taquary até se confundirem todos em frente da Praia Grande de Arroyos, logar á margem direita do rio, onde outr'ora existiu uma colonia militar, ha muito abandonada. Cresceu o mato, e hoje, como unico vestigio, ficaram uns cafeeiros e laranjeiras que os soldados plantaram, e a custo vegetão, quasi afogados no matagal que os encerra.

De Arroyos para baixo as aguas, depois de passarem entre um banco denominado Castello e as aberturas que ellas romperam, se congregão, um pouco acima da Ilha do Arco, em um canal, tornando a dividir-se no banco de escolhos chamado Tapaiúna-quara. Logo abaixo, juntas passam todas em Santa Helena de Alcobaça, sendo deste logar para dian.te a navegação sempre possivel. A profundidade do canal na *étiage* está comprehendida entre 56^{m},80 e 1^{m},30, desde a parte superior da Itaboca até Alcobaça.

A tabella n. 1 dá a differença de nivel do curso superior do Secco de S. Miguel, e do inferior da Carreira Comprida e dos bancos intermedios a esses logares, bem como de outros pontos nivelados no sentido longitudinal entre dous taboleiros.

ESTRADA PARA CARGUEIROS E BOIADAS

A' margem esquerda dos rios Tocantins e Araguaya a commissão traçou e abriu uma estrada de 391 kilometros de extensão, comprehendida entre a povoação de S. Vicente no Araguary, e Alcobaça no Tocantins, tendo 3^{m},33 de largura em terrenos sempre altos e com declives favoraveis ao transito.

Na secção encachoeirada da Itaboca projectou a abertura de uma estrada de rodagem de 13.497 metros de extensão para dar passagem por meio de carros aos generos que subirem ou descerem o rio, em barcos. Essa estrada, cujos orçamentos, descripção e plantas forão remettidos pela commissão em data de 20 de Agosto de 1873, foi aberta em 1^{m},50 para o transito das boiadas.

Apezar das vantagens que ella trazia para a passagem da secção da Itaboca, serião os barcos sempre obrigados a descer e subir os rapidos para receberem as cargas que seguissem pela estrada, o que nullificaria o beneficio. Parece pois conveniente que se não realize essa obra, até que a abertura de uma estrada de rodagem, ou *planksroads,* possa ligar Alcobaça a Santo Anastacio, aicma de Itaboca.

A influencia das estradas sobre as populações é por todos reconhecida como altamente benefica. Um caminho aberto em zona pouco povoada desenvolve iniciativa nos raros habitantes e faz nascer em cada um individuo a esperança de poder melhorar as condições de sua existencia. Então procurão todos fixar residencia, augmentar as culturas e ensaiar novas plantações na crença de que a esse caminho aberto, muitas vezes simples picada, seguir-se-á uma melhor communicação para facilitar a troca de productos, á qual é inherente o desejado bem estar. Exemplo disso tivemos occasião de observar com a abertura dessa estrada, que deu logar a que homens, de vida até então completamente nomada, levantassem casas e iniciassem plantações nas margens do Araguaya e Tocantins. Immediatamente um cidadão laborioso, Vicente Bernardino Gomes, estabelecendo-se com lavoura á margem direita daquelle rio, chamando para lá uma população de cerca de trezentas almas, formando assim um centro agricola na extrema de Goyaz, só com a esperança de vêr beneficiada a trilha aberta para passagem de gado, prestou importante serviço e mostrou qual o grão de confiança que ás naturezas activas merece qualquer melhoramento, embora escasso.

Do mesmo modo moradores esparsos de outras localidades procurarão congregar-se e fixar residencia em Alcobaça e Itaboca. Cumpre animar essa iniciativa individual, não só para dar estabilidade aos novos habitantes, como tambem attrahir para alli uma corrente de immigração nacional de grande vantagem entre nós, visto como serão então aproveitados muitos braços ociosos e chamados ao trabalho milhares de brasileiros que nos sertões vivem na miseria e no descuido de toda commodidade pela acção da mais perniciosa indolencia.

Urge dar providencia para que de todo se não perca o que começou debaixo de auspicios lisongeiros. Convem por meio de alguma força armada garantir a vida e propriedade dessa gente contra as correrias dos selvagens, crear escolas para o ensino primario e mandar para lá parochos afim de doutrinar e moralisar, innoculando no espirito dos meninos e dos aborigenes de menor edade o amor de Deus e o gosto do trabalho.

Convem dividir os terrenos em prazos para concedel-os por preços infimos a quem quizer se estabelecer; aproveitar os indios existentes e os que apparecerem para o cultivo da terra, e velar que se não destruam as matas sem necessidade,

BARCA DE PASSAGEM, NO RIO ARAGUAYA, EM S. VICENTE

A commissão construiu uma barca para transpôr o rio Araguaya, em S. Vicente, dando passagem aos gados e generos que da provincia de Goyaz se dirigem, pela estrada, ao Pará.

Tem a barca 13m,20 de comprimento, 4m,0 de largura e 0m,77 de pontal com uma lotação de 30 reses. E' construida de boas madeiras, com soalho proprio para transporte de animaes. Contractou-se o serviço de passagem com Vicente Bernardino, lavrador e morador no mesmo logar, pelo prazo de tres annos, a contar de 20 de Março de 1874, serviço que é feito com regularidade, achando-se a barca bem conservada e com todos os seus pertences.

O mesmo contractante Vicente Bernardino Gomes obrigou-se a dar passagem mediante os preços da tabella approvada pelo governo em 26 de Maio do referido anno e conservar além da barca, a parte da estrada comprehendida entre S. Vicente e a colonia militar de S. João do Araguaya, desde que o rendimento da dita barca fôr sufficiente para fazer esse serviço.

De 20 de Março a 31 de Dezembro de 1874, passarão nessa barca de Goyaz para o Pará, 850 cabeças de gado e 77 individuos, não comprehendendo os tocadores ou outras pessoas montadas, dando o rendimento de 214$300. Essa quantia, ainda que insufficiente para todo o serviço, parece que irá crescendo, se a venda do gado exportado da provincia de Goyaz dér bons resultados no Pará.

O ARAGUAYA ACIMA DO SECCO DE S. MIGUEL

Voltando á parte superior do secco de S. Miguel e subindo até á colonia ou presidio de Santa Maria, não é o rio tão encachoeirado como na parte que deixámos descripta.

Encontram-se, porém, na extensão de 355 kilometros, proximamente, nove bancos diversos de rochedos que embaração a navegação. Em alguns ha penhascos, que diminuindo a largura do *thalweg*, augmentão muito a velociadde das aguas e as tornão de difficil transito, como no Pau d'Arco, Pacú, Joncam e Santa Maria Velha. Em outros, as aguas se espalhão e a profundidade diminue, de modo que só nas enchentes por ahi se acha passagem, como do Jacú e outros.

Pasando o banco que existe acima do presidio de Santa Maria, é navegavel o rio na extensão de 1.040 kilometros, pouco mais ou menos, até á colonia militar da provincia de Matto Grosso e sita á margem esquerda, denominada Itacayú, 51 kilometros proximamente além do presidio Leopoldina, á margem direita, na provincia de Goyaz.

De Itacayú para cima os bancos reapparecem, e a navegação torna-se difficil. A profundidade nas vasantes, de Santa Maria, acima do banco, até Itacayú, nunca é inferior a 0m,66 em poucos logares e a velocidade na superficie, nas altas aguas, regula entre 0m,649 e 1m,242, por segundo.

O aprofundamento do canal do rio nas aguas baixas, de 0m,66 a 1m,22 e nos poucos logares onde se tornão necessarios taes trabalhos, não é difficil e nem traz diminuição do volume d'agua, visto que os bancos são de areia e pouco extensos, têm partes fundas, como os logares navegaveis do resto do rio, a montante e jusante delles. Além disto póde-se, sem fazer nenhuma alteração no que está, continuar a navegação a vapor em navios que carregados não tenhão calado superior a 0m,50, o que é sufficiente para o movimento commercial de nossos rios, desde que não haja rapidos nem bancos pedregosos, até um futuro bem afastado, podendo empregar-se vapores de 80 a 100 toneladas e com este calado.

Fazendo-se o aprofundamento de 1m,22, póde-se elevar o calado a 0m,80 e ter-se barcos de 200 a 240 toneladas.

LANCHA A' VAPOR

A commissão teve a seu serviço uma lancha á vapor,

Comprimento	15m,00
Bocca	3m,30
Pontal	1m,50
Calado (carregada)	1m,10

A machina, de alta pressão, produzia uma marcha de 6.290 metros por hora, subindo em correntezas de 0m,649 a 1m,224 por segundo, com a pressão de 25 a 35 libras e entrada de vapor um terço a um meio. Descendo nas mesmas condições, era a marcha de 13.932 metros por hora.

Vapores construidos com força sufficiente para dar proximamente duas vezes essa marcha, estarião em boas condições para navegarem o alto Araguaya, de Santa Maria a Itacayú. Para fazer subir a lancha nas correntezas da Itaboca, Cachoeira Grande do Araguaya, Martyrios e Pau d'Arco, foi necessario elevar a pressão da caldeira a 60 libras de vapor, dar toda a entrada na machina e ainda sirgal-a.

Em outras muitas correntezas, bastava a elevação da pressão a 60 libras e dar toda a entrada do vapor. De Dezembro a Junho servio a lancha, emquanto estivemos nas cachoeiras, para conduzir generos que se compravão em Santa Thereza e Boa Vista, e armazenavão-se na colonia militar de S. João de Araguaya, afim de que não nos faltassem mantimentos nos cinco mezes em que não podia navegar não só por falta d'agua, como pela grande quantidade de cachopos que surgem á superficie.

O TOCANTINS ANTES DE SE UNIR COM O ARAGUAYA

Da cidade da Palma principia a navegação pelo rio do mesmo nome, que confluindo com o Paranan e este com o Maranhão, toma a denominação de Tocantins, a qual conserva, mesmo depois de confundir-se com o Araguaya. O Tocantins vae levar suas aguas ás do Amazonas pelo dedalo de igarapés e enseadas que existem antes de chegar-se ao Guayará, que banha a cidade de Belém, no Pará. A extensão da navegação até á juncção do Araguaya é proximamente de 1.218 kilometros, havendo duas secções, nas quaes se faz ella com mais facilidade; de S. João do Araguaya á villa da Imperatriz, proximamente 154 kilometros, e da cidade de Boa Vista, em Goyaz, á Carolina, no Maranhão, 174 kilometros pouco mais ou menos.

Vapores de 0m,50 de calado, com a força necessaria para vencer uma correnteza de 0m,571 a 0m,720, nas baixas aguas, e nas altas de 0m,911 a 1m,274, e com marcha de 12 a 13 kilometros subindo, e 27 a 28 descendo, estarião nas condições desejadas para no futuro pôr em communicação aquelles pontos com uma boa estrada á margem esquerda do Araguaya e conduzir assim os productos agricolas dessas localidades ao mercado do Pará.

As viagens pelo rio da villa da Imperatriz, Santa Thereza, á cidade da Boa Vista; da cidade de Carolina á do Porto Imperial; e desta á da Palma, são de incessantes perigos. Com effeito o *thalweg* rompe por entre rochedos e bancos semelhantes aos que temos descripto e em distancias consideraveis. Os rapidos mais difficeis são: Santo Antonio, Lageado, e os Mares, em todas as estações; na vazante Serra Quebrada, S. Domingos, Secco do Croá, Tres-Barras, Tauirysinho, Sant'Anna, Funil, Pilões e Todos os Santos.

No valle desse rio, já bastante povoado, não cuidão ainda os habitantes senão da criação de gados, de modo que os generos de permuta, que levão ao mercado do Pará, constão só de couros de boi e pelles de animaes selvagens, descendo as canôas quasi vasias e subindo carregadas. Alguns donos de barcos, querendo levar algum carregamento, além de pelles, mandão colher castanhas no Secco Grande, Tacayúnas, Tauiry, Itaboca, Remansão, Coccal, Arapary e outros logares onde as ha com abundancia, afim de não chegarem á capital do Pará sem outro geneor qualquer de negocio. O numero de barcos que faz a navegação por esse lado é médiamente de 40 a 45, desde os que podem carregar

Os que descem do Araguaya não excedem a cinco e com a mesma tonelagem dos do Tocantins. Nessa navegação empregão-se proximamente de 705 a 794 homens, que fazem a viagem de ida e volta em 3 a 6 mezes para a colonia militar de S. João do Araguaya, Santa hereza, Boa Vista e Carolina; e de 8 a 11 para oturos logares, até Palma.

Nas partes não pedregosas, que ficão comprehendidas entre os dous extensos bancos, ainda que se encontrem pedras exparsas no leito do rio, não produzem rapidos e só servem de obstaculos á havegação durante a noite, desde que o piloto não fôr bem pratico. O fundo do leito é, em geral, composto de terreno arenoro, sendo em alguns logares mais ou menos pedregoso.

As arêas provêm da decomposição das rochas pelos agentes atmosphericos, e pela acção das aguas em movimento.

No perfil transversal (a) tomado no lago Grande sobre o rio Tocantins antes de se juntar com o Araguaya, o volume d'agua que passa na *étiage* é de 784 m. c. por segundo e a velocidade na superficie 0^{m},571; nas altas aguas o volume sóbe a 7.860 m. c. e a velocidade tambem na superficie a 1^{m},274.

INCONVENIENCIA PRESENTE DE MELHORAMENTOS NA SECÇÃO ENCACHOEIRADA

As partes fundas do leito do rio, comprehendidas entre dous bancos que denominamos *taboleiros*, estão a montante e a jusante dos bancos que formão a parte pedregosa e onde existem os rapidos. São sempre esses taboleiros de fundo de arêa e de velocidade moderada. As menores cotas achão-se sobre os bancos, que, comtudo, em certos pontos as tem de grande profundidade, devido sem duvida a effeitos combinados das commoções internas do nosso planeta por occasião da formação do valle, e das aguas em movimento que ainda mais gastão essas grandes e extensas depressões nos rochedos do *thalweg* do rio. A passagem de um taboleiro para outro é perigosa, não só por causa da violencia da corrente, como das sinuosidades do canal por entre penedias.

Para dar livre navegação, na secção encachoeirada, conviria não só romper passagem franca de um taboleiro para outro, como proporcional-a em todas as estações do anno.

A primeira idéa que occorre é arrebentar as pedras que pejão o rio entre os dous taboleiros. Se attendermos, porém, que esses immensos bancos servem como que de reprezas ás aguas do rio e comprehendem quasi toda a largura do valle, veremos que o arrebantamento das pedras e seu aprofundamento, se fosse possivel, traria em grande numero de logares um abaixamento á montante desses grandes bancos, e novos escolhos apparecerião e surgirião como impecilios iguaes aos de hoje, depois de se terem despendido sommas importantissimas. E' necessario além disto considerar que o arrebentamento de pedras no leito de um rio em que são numerosos os *rapidos*, é sempre operação sobremodo difficil e de muito gasto; visto como ha que levantar custosos andaimes ou ancorar barcos dos quaes se possa fazer o serviço ou ainda construir dispendiosas enseccadeiras para trabalhar a secco. Estes e outros meios que se empregão nas obras hydraulicas, onde ha quasi quietação de aguas, são muitas vezes impossiveis e insuperaveis nas que correm com violencia.

A abertura de derivações, ou de canaes lateraes em terrenos, ora de rochas plutonicas, ora neptunianas, com declives totaes de 25^{m}.43 em 28, k 760, como da parte superior do secc de S. Miguel ao fim da Carreira Comprida e de 27^{m},985 em 10, k 803 da entrada do Pirocaba, na Itaboca, á ponta da ilha do Piteira, essas derivações trazem, além das despesas de escavação, a necessidade do emprego de ecluzas para a diminuição dos declives.

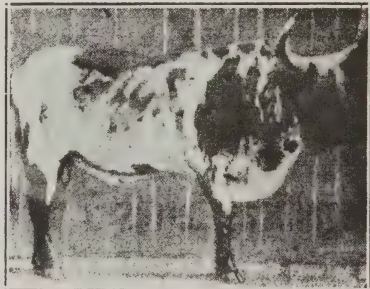
(*Continúa*).

Notas e informações

Sob o titulo **Progresso de Goyaz** traz o nosso brilhante collega do **Lavoura e Commercio**, de Uberaba, um longo artigo do qual extrahimos as linhas que se seguem:

Enche-nos de satisfação saber do progresso de um Estado. A obra dos Estados é por certo a obra da nação. E nem sempre as nossas unidades federativas primam pela comprehensão das coisas amargas a que me venho referindo. De maneira que é digna da maior divulgação, para exemplo, a acção fecunda e progressista de qualquer das parcellas do todo. Goyaz, pela riqueza um dos primeiros Estados do Brasil, tem com esta zona a mais amiga e encantadora approximação. E' uma fraternidade suave fundindo os homens e as coisas num carinho de familia. E no momento Goyaz é um Estado que se move, que caminha. Eu tive, um dia destes, a visão desse progresso. Era meio dia. O cel. Evangelino Meirelles, deputado de Goyaz, fora-me apresentado, e palestravamos. Homem distincto, o illustre moço goyano falava das cousas da sua terra com uma naturalidade onde perpassava certa saudade de casa.

E' presidente do Estado o desembargador João Alves de Castro, eleito em dois de março de 1917, succedendo ao presidente eleito, mas que renunciou, dr. Olegario Pinto. Em exercicio estava o presidente do Senado commendador Ramos Jubé. O actual governo de Goyaz tem primado pelo maior patriotismo. A viação tem lucrado immensamente. Si não, vejamos o que se tem feito.

Estradas de automovel: de Roncador á capital (trafegando até Trindade); de Santa Rita do Paranahyba até Rio Verde; de Rio Verde a Morrinhos; de Roncador a Annapolis; de Formosa a Bomfim, passando por S. Luzia e Planaltina, em construcção; de Annapolis a Pyrenopolis, passando por Corumbá, em construcção; de Planaltina a Ypameri, em construcção; de S. José do Duro, extremo norte, a Barreiras, na Bahia, em construcção; de Rio Verde a Rio Bonito, em construcção. Em estrada de ferro: de Paranahyba a Roncador, quasi um dia de viagem, e de Roncador á capital, em trabalhos, estando o serviço de locação feito até Annapolis. Essa espinha dorsal tende para o arraial de Leopoldina, a 30 leguas da Capital. Em Leopoldina cahe-se no Araguaya, e por este se cahe no Pará e no mundo... Mais ainda: o governo benemerito de João Alves de Castro está

Touro China, dos campos de Goyaz e Matto Grosso. Ha duas variedades desta importante especie bovina, sendo d'ellas a mais preconisada a "Gigante", cujo pellagio caracteristico é amarello, tirante para o vermelho.

construindo uma linha de automovel da Capital a Trindade, 100 kilometros. As outras estradas sommam o formidavel numero de 1722 kilometros, e de automovel.

*
* *

O Director da Estrada de Ferro de Goyaz foi autorizado a proceder do immediato restabelecimento do ramal de Catalão (Catalão a Catuaba) que, numa extensão de 23 kilometros estava em completo abandono.

*
* *

Foi nomeado o engenheiro Heitor Teixeira Brandão para exercer, em commissão, o logar de engenheiro residente desta estrada.

*
* *

Para que não soffram embaraços os trabalhos de construcção da mesma estrada, o Sr. Inspector Federal das Estradas propoz ao Sr. Ministro da Viação a abertura de um credito de 2.000 contos.

Finalmente o que mais nos interessou em tudo isto foi saber, que a construcção da ponte sobre o rio Corumbá, em Roncador, já foi atacado. Desta vez parece que a cousa vae, pelo menos até a estação dos Tavares.

*
* *

Sua Santidade Benedicto XV acaba de escolher para Bispo de Porto Nacional Dom Frei Domingos Carrerot, — Bispo-Prelado de Conceição do Araguaya. A escolha pontifical foi excellente; por recahir num virtuoso sacerdote que ha mais de vinte annos promove na mesopotamia Tocantis-Araguaya a catechese dos indigenas.

Fica assim Goyaz com um bispado, mais.

*
* *

Não menos feliz foi a nomeação de frei Sebastião M. Thomas, provincial dos dominicanos de Uberaba para administrador da prelatura "Nulius" de Santa Conceição do Araguaya. "A Informação Goyana", que se presa de contar o illustrado missionario no numero dos seus collaboradores, sabedora de quanto elle admira, ama e sente, a belleza das plagas do Araguaya, felicita-o.

A Superiora Geral das Irmãs Dominicanas da Congregação de Monteils (França), actualmente em visita aos seus cinco estabelecimentos educativos do Brasil, dos quaes tres no Estado de Goyaz, seguiu para Conceição do Araguaya, via-Araguaya, de Conceição, demandará Porto Nacional, e de Porto partirá em Dezembro para Belém do Pará, de regresso a Europa.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Torres Sobrinho n. 9, Meyer.

Essta revista não tem representante no Estado de Goyaz.

ASSIGNATURAS

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal) ..	20$000
Numero avulso	1$000

ANNUNCIOS

Uma pagina	50$000
Meia pagina	30$000
Um quarto	15$000
Um oitavo	8$000

As autorisações de annuncios por mais de trez mezes gozarão de descontos.

Offs. Graphs. do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO V — RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1920 — VOL. IV—N. 3

Tenente General Joaquim Xavier Curado, Conde de S. João das Duas Barras

GENERAL J. XAVIER CURADO

O bravo e eminente Brasileiro Tenente-General Joaquim Xavier Curado nasceu em Meia-Ponte, hoje Pyrinopolis, Estado de Goyaz, em 2 de Dezembro de 1746 e não a 1º de Março de 1743, como affirmam seus biographos.

Falleceu no Rio de Janeiro a 15 de Setembro de 1830.

Esta ratificação historica é devida a recentes pesquizas do Dr. Antonio Americano do Brasil que ellucidou a vida do grande Goyano numa interessante monographia intitulada *No convivio com as traças*.

E' deste auctor as linhas que a seguir trasladámos:

"Mello de Moraes, em seu livro *Reino do Brasil*, desenhou o papel saliente desempenhado pelo General Curado na constituição do imperio e nas guerras do Sul. De seus historiadores o mais completo foi Diogo Arouche de Moraes Luna, Capitão de infantaria da Legião de S. Paulo que em sua *Memoria da Campanha de* 1816, publicada na revista do Instituto Historico, Vol. VII, 1845, descreveu os talentos militares do então já Tenente-General Joaquim Xavier Curado.

E' um trabalho completo e de inestimavel valôr.

Quando no Rio de Janeiro, ao lado de meus inolvidaveis amigos Vieira Fazenda e Henrique Silva, comecei a me interessar pelos brazões da historia, soube existir na Camara de Goyaz um retrato a oleo do grande extincto General Curado. Trouxe-nos o destino a Goyaz, mas o retrato a oleo do general goyano não estava no edificio da confluencia do Manuel Gomes com o Vermelho. Quasi dous annos depois, sempre em indagações, vim a descobrir a preciosa tela que me veiu parar ás mãos, vinda das bemfeitoras mãos de uma amiga que a obteve de outra amiga.

Conserval-a-ei até ser reclamada. Apezar dos grandes estragos desse esboço as feições do grande morto estão claramente visiveis. O photographo Alencastro incumbiu-se de reproduzil-a em chapa.

A tela representa o General Curado em meio corpo, trajando o fardão de tenente-general. E' um vulto magro mas bem proporcionado; cabeça quadrilonga, testa saliente, cabellos raros, olhos azues, nariz romano, molares salientes, pellos totalmente raspados, feições calmas mas energicas. Vê-se seis insignias, não se fallando no distinctivo de tenente-general.

HISTORICO — Alferes em 1774, seguindo então para a campanha do Sul, de onde voltou sargento mór. Tenente-Coronel em 1798. Enviado em missão especial a Lisboa, voltou em 1800, anno em que foi promovido a coronel e nomeado governador de Santa Catharina a 8 de Dezembro de 1800, logar que deixou a 5 de Julho de 1805. Brigadeiro em 2 de Abril de 1808; graduado em Marechal de Campo a 13 de Maio do mesmo anno. Fez a Campanha do Sul em 1812, donde sahiu tenente-general a 17 de Maio de 1813.

Fez a segunda campanha contra Artigas em 1816 e terminada com o tratado de 28 de Julho de 1820, recebeu as insignias da Torre e Espada e a nomeação de Conselheiro da Guerra em 20 de Dezembro de 1820.

Durante os acontecimentos de 9 de Janeiro de 1822 foi nomeado governador das armas da Côrte a 12 do mesmo mez e anno. Foi deputado por Santa Catharina. Por decreto de 20 de Abril de 1825 foi condecorado com o titulo de Barão e pelo de 7 de Setembro de 1826 com o de Conde. Exonerou-se do cargo de governador das Armas em 25 de Março de 1828. Joaquim Xavier Curado, tenente-general, Conde de S. João das Duas Barras, do Conselho de S. Magestade e da Guerra, cavalleiro da Casa Imperial, da ordem da Torre e Espada, da grã Cruz da O. I. do Cruzeiro, commendador de S. Bento e Aviz, condecorado com as medalhas da Campanha do Sul, 1812 a 1813, 1815 a 1820, falleceu no Rio de Janeiro a 15 de Setembro de 1830, na idade de 84 annos. Os restos mortaes do grande extincto repousam junto á Capella do actual cemiterio de S. Francisco, em um jazigo que a benemerencia de Pedro II mandou erigir. Sob aquella lapide dorme um dos vultos mais alentados que Goyaz já produziu".

São da penna do Capitão Diogo Arouche de Moraes Luna, contemporaneo do General Curado as palavras que se seguem:

"O verdadeiro amigo da patria sente o coração dilatar-se em nobre ufania, quando estendendo as suas vistas, desde o berço até o tumulo de um patricio, conduzido sempre pela honra, vê o seu nome immortalizar-se em seus feitos e seus feitos concorrenro para a gloria da nação.

"E' tal o respeito que infundem os bons serviços do patriota celebre, naquelles que o contemplam recolhido ao seio da terra, depois de fechado o circulo dos seus luminosos dias, que a maledicente inveja cala-se envergonhada, quando a patria proclama sobre o seu sepulchro, as virtudes que a honraram, e que só a modestia calava, porque em vida os elogios podem corromper, e na morte são tributos que a justiça não póde recusar.

"O Conde de S. João das Duas Barras terminou com gloria a longa carreira de uma vida consagrada toda ao serviço da patria; salvemos a sua memoria do esquecimento dos tumulos, porque somos brasileiros, amigos da justiça e agradecidos aos nobres sentimentos de quem tanto nos honraram pelos seus feitos".

E dizer que ninguem leu ainda nas placas collocadas nas ruas e praças publicas desta Capital o nome do Brasileiro illustre que foi o goyano Joaquim Xavier Curado!

Mas "A Informação Goyana", conscia do patriotismo e espirito de justiça do illustre Dr. Carlos Sampaio, digno olvido para um dos logradores publicos, avenidas ou ruas Prefeito do Districto Federal, espera de S. Exa. que antes da commemoração da nossa independencia politica, seja trazido do olvido para se perpetuar num dos logradoures publicos, avenidas ou ruas desta Capital o nome daquelle que tanto fez pela integridade, pela consolidação e independencia da nossa patria.

Monumento aos heroes da Retirada de Laguna

N'uma das nossas anteriores edições enaltecêramos o patriotismo dos que vinham propugnando pela erecção de um monumento que perpetuar possa, no bronze imperecivel da historia patria o feito d'armas por ventura mais glorioso do Exercito Nacional.

A parte que coube a Goyaz nessa memoravel e gloriosa pagina da nossa historia militar, não falando nos seus dois batalhões que de lá partiram e prestes se encorporaram ás forças ao mando do Coronel Camisão, assim a resumiu Taunay:

"Apezar dos poucos meios de que poude lançar mão a provincia de Goyaz, foi ella quem salvou a força expedicionaria dos horrores de uma fome prolongada, que traria ou o anniquilamento total da columna ou a sua dispersão obrigatoria".

Entre os bravos goyanos que naquella pugna souberam honrar a sua terra natal, é de toda a justiça lembrar o nome do Capitão do Corpo de Voluntarios da Patria, Vicente Miguel da Silva, victimado, ao alcançar a fazenda do Jardim, em Miranda, pelo *cholera-morbus* — que nesse mesmo dia fizera mais duas victimas illustres: o Coronel Camisão e o Tenente-coronel Juvencio.

Glorifiquemos pois, aquelle pugilo de bravos que teve a gloria de desafrontar sua patria da invasão e jugo paraguayo.

Damos a seguir o discurso do Deputado Octavio Rocha justificativo do projecto de lei mandando levantar um monumento aos heróes da Retirada da Laguna:

"Sr. Presidente. — No cumprimento de um honroso

mandato estou nesta tribuna, qual o de ser o interprete de um justo e patriotico pedido.

Fallo em nome dos alumnos da Escola Militar, para solicitar de V. Ex. e da Camara o apoio moral e material para a obra benemerita que elles tomaram sobre os seus hombros varonis — a de eternizar no bronze as glorias brasileiras resumidas no estupendo feito que é a retirada da Laguna.

E' da mocidade da Escola Militar a iniciativa, que honra esses moços, cujo zelo militar ainda ha dias teve uma sagração nas nossas ruas, pela prova que deram do aproveitamento aos estudos, mas de cujos labores ainda lhes resta o tempo para homenagear os velhos soldados do passado, em cujos exemplos edificantes educam o seu espirito e o seu coração.

E na nossa pequena historia militar é a Retirada da Laguna um feito digno de ser recordado sempre como a encarnação de quanto póde o patriotismo brasileiro e de que abnegação é capaz o nosso povo, quando chamado a defender a honra e a integridade de sua Patria.

Não pretendo, Sr. Presidente, descrever o que foi essa retirada.

Não ha Brasileiro que desconheça os heróes dessa notável operação militar e que não tenha orgulho de seu paiz e de sua raça, ao reconhecer a abnegação, o civismo, a grandeza de alma, o sentimento do dever, o ciume da nossa bandeira nunca vencida, que demonstraram todos quantos tomaram parte nesse martyrio.

A penna de Taunay, um dos heróes, já o fez num livro que toda a gente conhece e toda a gente lê, e que é, talvez, o maior premio concedido por Deus a esses homens, a cujos labios foi chegado tantas vezes o calix da amargura, quando, a sós, no meio do sertão, perseguidos pelas molestias, desde a variola até o cholera, pelos açoites dos temporaes, pelo supplicio da fome, pelo horror da sêde, e até pelo fogo que as forças inimigas ateavam nos campos asphyxiando, quando, ainda assim posta á prova a alma brasileira, elles nunca pensaram em entregar-se, nunca lhes passou pela mente a rendição.

São esses Brasileiros bem um orgulho da nossa gente.

Disse Ernesto Aimé, prefaciando a 3ª edição da "Retirada da Laguna", que "A Grecia teria erguido um monumento para immortalisar tão brilhante feito d'armas; parece que ao Brasil julgaram bastante registral-o".

E accrescentou:

"Um monumento de bronze ou de granito, só os lembraria aos compatriotas e aos raros viajantes que visitam o Brasil; o livro do Sr. Escragnolle Taunay fará que toda a Europa admire os prodigios da Retirada da Laguna".

Foi, por isso, talvez que até agora não foi immortalisado no bronze o glorioso feito, porque o livro de ouro do grande Brasileiro pintou com cores tão singelas e tão expressivas a retirada, que elle só bastou para immortalisal-a.

Mas a Escola Militar, os moços soldados que têm fé, que têm patriotismo, que têm amor, cujos peitos varonis anceiam para se dar em sacrificio igual, se amanhã martyrio igual lhes fôr exigido, essa mocidade, cujo peito de aço não sabe o que é recuar, que prefere a morte á deshonra, essa mocidade que quando passa pelas ruas constitue tambem o nosso orgulho, porque é a geração que nos vem substituir, e na qual podemos ter confiança e esperança, essa mocidade que bate agora á porta desta Camara e nos diz: Nós queremos que a obra de nossos antepassados fique eternizada no bronze, e nós tomamos sobre os nossos hombros a tarefa de vos seguir a honrosa trilha. Pedimos, a vós que sois o Presente, que aos do Futuro, confieis a tarefa de vos sagrar os feitos: Sr. Presidente, eu trago delles a Mensagem a esta Camara. E eu terei a ventura de lhes dizer que esta Camara ouviu as suas palavras, com o doce enlevo de quem ouve um hymno, e que esta Camara lhes dá o inteiro apoio na sua elevada manifestação de civismo. As assignaturas que aqui estão neste projecto que vou enviar á mesa, é a mais eloquente resposta que esta Camara poderia dar como incentivo a esses moços, que vão constituir o Exercito do futuro, obediente, subordinado, sem pretenções de classe, sem pruridos de força, a propria Nação armada.

No tempo de paz devemos ser todos soldados promptos para defender a nossa bandeira, quer em nossas mãos esteja a espada ou a penna, quer a rude ferramenta do operario. E no tempo de guerra seremos todos soldados para defender como os heróes da Laguna, o nosso glorioso pavilhão.

A idéa do monumento para o Centenario está vencedora.

E ella surgio duma local que denunciava estarem abandonados, nos invios sertões de Matto Grosso, os tumulos de Antonio João, Camisão e do guia Lopes.

Os moços da Escola Militar, ouvindo assim tocar a rebate no seu patriotismo, entenderam que não lhes cabia deixar de responder ao toque, e correram pressurosos em defesa do culto á memoria dos heróes.

E era verdade. Os jazigos com as lapides commemorativas, que o Visconde de Maracajú, ha 47 annos, fez construir, estavam em deploravel abandono.

Pensaram esses moços levantar mausoléos áquellas quatro sepulturas, lá na margem esquerda do Miranda.

Ampliaram depois a idéa. Querem levantar um monumento, gratidão immorredoura dos alumnos da Escola Militar aos heróes da Laguna e de Dourados.

Nesse monumento figurará a phrase de Antonio João, que vale por um exemplo de amor á Patria:

"Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solemne contra a invasão do solo da minha Patria".

E a linguagem nobre e de abnegação do heróe de Dourados encontra-se a cada passo entre os valentes da Laguna.

Era o guia Lopes, que com a morte á vista, exercia ainda a sua nobre funcção, dizendo com voz sumida, aos que queriam cortar um cerrado:

"Rodeiem-no, tem muito espinho".

Era o Coronel Camisão dizendo, num tom de commando:

"Salvador, dá-me a espada e o revólver". E ao sentir a morte, murmurar ainda: "Mandem seguir a força. Eu vou descançar".

E quando esse chefe pedia um substituto, é de registrar ainda a abnegação, o sentimento do dever, o realce de paixões de Enéas Galvão entregando o commando ao Major José Thomaz Gonçalves, sem um prurido de vaidade, em obediencia cega á lei.

E sirvam estas palavras de Thomaz Gonçalves para resumir toda a heroicidade desta estupenda retirada, quando dos 1.680 homens chegavam ao seu destino apenas 700:

"A vossa retirada effectuou-se em boa ordem nas circumstancias mais difficeis: sem cavallaria, contra um inimigo audaz que a possuia formidavel; em campinas onde o incendio da macega continuamente acceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respiravel; extenuados pela fome, dizimados pela epidemia do cholera que arrebatou em dous dias o vosso commandante, seu immediato e os vossos dous guias; todos esses males, todos esses desastres, supportastes no meio de uma inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciaes, no meio de borrascas, através de immensas inundações, em tal desconcerto da natureza que se diria contra vós conspirada, Soldados, honra á vossa constancia que conservou no Imperio os nossos canhões e as nossos bandeiras".

E' a essa constancia que a Escola Militar deseja prestar a sua reverencia e é a essa constancia Srs. deputados, que vós, 53 annos depois, vindes render tambem a vossa homenagem, tornando desde já victorioso este projecto.

Em uma Patria em que ha semelhante culto civico, em que a mocidade das Escolas tem gestos como este, em que o Congresso Nacional estimula assim os surtos do patriotismo, hão de pullular os exemplos como os dos heróes de Dourados e da Laguna, capazes de morrer, lenta e dolorosamente, por uma Patria tão grande e tão digna.

A vós, Srs. Deputados, em nome da Escola Militar e em nome da nação, posso dizer, eu beijo as mãos pelo vosso gesto e recordação, á memoria do que ergueu com a penna o primeiro monumento aos heróes da Laguna; eu me sinto orgulhoso, feliz, em ser cidadão brasileiro".

O TRAFEGO DE AUTOMOVEIS NO "HINTER-LAND"

O desenvolvimento rapido e imprevisto da viação no Triangulo Mineiro já está pedindo attenção e historia que o faça conhecido como recurso de transito facultado aos viajantes e exemplo do esforço de que são capazes os povos, quando bem orientados e na comprehensão de seus deveres civicos.

Em fins de 1913, inauguraram-se no Triangulo as primeiras estradas regulares de rodagem para trafego de automoveis com a linha de 72 kilometros da Companhia Mineira Auto-Viação Intermunicipal, ligando Monte Alegre á Uberabinha, e a de 150 kilometros, do coronel Quirino Marques, ligando Uberaba ao Prata, com o ponto de passagem pelo Verissimo.

Essas duas emprezas, fundadas a primeira pelo Dr. Fernando Alexandre Villela de Andrade, e a segunda pelo coronel Quirino Marques, fizeram o alicerce do grande edificio do progresso que se derramou pelo interior do paiz.

Proseguindo nos seus trabalhos, a companhia mineira Auto-Viação Intermunicipal estendeu-se de Monte Alegre Ituytava e Santa Rita do Parnahyba na fronteira goyana e lançou ramaes para Matto Grosso, Abbadia do Bomsuccesso e Santa Maria, sommando 283 kilometros de estradas.

As duas emprezas precursoras pertinazes de toda a viação actual, soffreram difficuldades prementes, como sóe acontecer sempre as innovações em meios conservadores e atrazados, aggravando-se a situação ainda com a crise economica que precedeu a conflagração européa e com o profundo abalo deste desastre mundial que afogou no sangue de milhões de victimas a terra empobrecida e os mares desertados. A persevereança dos emprezarios affrontou esses revezes e fez a experiencia animadora dos novos emprehendimentos... Lançaram-se novas estradas: de Sacramento á Araxá, com 90 kilometros, impulsionando o desenvolvimento da estação de aguas mineraes desta futurosa cidade; de Sacramento á Conquista, com 30 kilometros; de Araxá á São Pedro de Alcantara, com 54 kilometros, prolongada á São Gotardo, com mais 48 kilometros; de Araxá a Conceição, Dores de Santa Juliana e Ponte Nova, com mais de 100 kilometros, ligando ultimamente a Patrocinio com 60 kilometros e a Uberaba com perto de 80 kilometros; de Ponte Nova e Uberabinha com 70 kilometros; de Patrocinio a Monte Carmello, Estrella do Sul, Agua Suja e Araguary com 170 kilometros approximadamente; de Araguary a Paracahyba com 30 kilometros; de Catiara a Patos, com 90 kilometros; de Uberabinha a Montinopolis, com 35 kilometros; de Abbadia ao Brilhante, com 35 kilometros; de Santa Maria de Uberabinha a Uberaba e ao Prata por Bom Jardim, com 162 kilometros; de Uberaba a Conquista, com 60 kilometros; de Conquista a Igarapava, com 25 kilometros; do Prata a Frutal e Porto Antonio Prado, ligando-se a Barreto em S. Paulo, com 126 kilometros; de Prata a Monte Alegre, com 60 kilometros; de Prata a Ituyutaba e Cachoeira Dourado, com 138 kilometros; de Prata a Campo Bello, com 70 kilometros; de Ituyutaba a Santa Victoria e Santos Fortes, com 80 kilometros; de Uberaba ao Garimpo das Alagoas e Dores do Campo Formoso, com 84 kilometros; de Monte Alegre a Abbadia do Bomsuccesso, com 38 kilometros; de Uberabinha as aguas mineraes de Macahubas, com 24 kilometros; e muitas outras derivações de uso particular não mencionadas que elevam a kilometragem da auto-viação só no Triangulo Mineiro acima desta somma de 2.190 kilometros descriptos.

Na parte fronteiriça do Estado de Goyaz, o exemplo tomou nova vida e, em menos de um anno e meio, a companhia Sulgoyana lançou uma estrada de Santa Rita do Paranahyba a Dores do Rio Verde, Jatahy e Mineiros, com perto de 440 kilometros em continuação ás linhas da Companhia Mineira.

Do mesmo ponto, em Santa Rita, lançaram-se mais duas estradas para Villa Bella de Morrinhos, com destino a Trindade, uma por Bananeiras e outra por Burity Alegre sommando approximadamente 210 kilometros.

De Dores do Rio Verde lançou-se outra com destino a Rio Bonito no Cayapó, com percurso de mais de 100 kilometros, convergindo toda essa rêde goyana para o tronco da intermunicipal mineira pela ponte Affonso Penna sobre o Paranahyba, com uma somma kilometrica de mais de 750 kilometros que sommados á kilometragem mineira apresentam numa só rêde 2.940 kilometros de estradas em trafego, construidas em pouco mais de seis annos pela iniciativa e esforço particular da zona.

A essa rêde se virá ligar em breve, por Trindade e por Caldas de Goyaz outra rêde iniciada em Goyaz, mais para o norte, ligando Roncador na estrada de ferro de Goyaz á capital do Estado, Ypameri a Morrinhos e para o Planalto a Campo Formoso, Bomfim e Pirenopolis.

A rêde do sul faz ligação entre as estradas de ferro Mogyana, Oeste de Minas e Goyaz, liga o Triangulo á capital do Estado, sem volta por S. Paulo, e S. Paulo ao Triangulo, todo pela estrada de ferro Paulista em Barretos; faz communicação de tres estradas: Minas, S. Paulo e Goyaz e de vinte municipios, treze mineiros, seis goyanos e um paulista.

Tal incremento tomado pela viação em estradas construidas por iniciativa particular, com capitaes da zona, são claro expoente da capacidade productora deste interior até ha pouco quasi desconhecido mesmo nos mappas geographicos do paiz, e deve attrahir as vistas dos governos para que não periclite o resultado desse esforço arrojado de sertanejos sedentos de approximar-se de seus patricios.

Com a chegada proxima da estrada sul goyana aos barrancos do Araguaya, quasi entrando em Matto Grosso, fica a rêde ferro-viaria do Brasil costeiro, ligada ás aguas navegaveis da bacia Amazonica, fechando-se o maior circulo commercial do Brasil interior e estabelecendo-se uma verdadeira trama estrategica de communicações internas.

Não é bem conhecido nos meios governamentaes esse esforço acrobatico dos povos do interior brasileiro e a experiencia amarga da conquista de um logar no paiz, por gente sem recurso de trabalho, sem dinheiro de governos a desenvolver-se obscuramente, na serenidade anonyma de soffrimentos sem éco.

Como os antigos bandeirantes que com os seus proprios recursos perlustraram o desconhecido interior, fazendo da ilha de Vera Cruz a grande nação continental brasileira e os novos exploradores do seculo XX, pagando á terra os beneficios só della colhidos, rasgam seu seio virgem de caminhos, na febril celeridade das projecções cinematographicas e vão gritar aos brasileiros que todo o interior da terra do Anhanguera já dista apenas cinco dias de Santos ou Rio de Janeiro, de Bello Horizonte ou S. Paulo.

E' um mundo novo que se abre á colonisação, ao commercio, ao capital tyrannizado do estrangeiro, ás vistas e providencias administrativas dos governos que o não conheciam senão pela graphia errada de todos os mappas brasileiros.

(*D'uma correspondencia de Uberabinha*)

Notas e informações

Faz pouco mais de duas decadas e os estrangeiros em Goyaz eram contados pelos dedos.

Dos milhões de immigrantes que aportaram ao Brasil, e foram distribuidos pelas zonas sulistas nenhum pediu ou foi mandado para Goyaz. Mas durante o primeiro semestre, do corrente anno, a Directoria do Serviço do Povoamento já encaminhou para o nosso Estado 51 individuos de nacionalidades européas.

Não falamos nos engenheiros, industriaes, etc., que de annos a esta parte lá têm empregado sua actividade e seus capitaes nas explorações das nossas riquezas sem conta. Ha ainda a registrar a existencia de duas colonias de portuguezes — uma no municipio da Capital, outra no de Catalão.

A primeira dellas cultiva o trigo, outros cereaes e fructos; a outra — o café, a vinha e tambem cereaes.

Podemos informar mais que não só dos Estados Unidos da America como tambem da Allemanha já se encaminham para o grande Estado central uma vigorosa corrente immigratoria.

E Goyaz só precisa de braços para rotear o seu solo uberrimo e explorar-lhe o subsolo prenhe de maravilhosas riquezas.

Ainda bem!

* * *

"*Belém*, 1. — Os jornaes publicam revelações sobre a Estrada de Ferro do Norte do Brasil, dizendo que poucos kilometros faltam para terminal-a. Accrescentam que a directoria da estrada requereu á União um emprestimo de 1.500 contos. O Dr. Epitacio Pessoa, estava inclinado a attender, pois seria isso um adeantamento por conta das subvenções de que goza a companhia. A boa vontade do Sr. Presidente da Republica esbarrou, porém, com uma difficuldade: a execução que soffre a companhia por culpa dos seus proprios directores e advogados, que abandonavam os interesses da mesma".

Fazemos justiça ao Sr. Presidente da Republica, pois sabiamos das suas boas intenções no tocante á resolução do magno problema da ligação do Baixo Tocantins ao Araguaya na parte francamente navegavel do grande rio goyano.

Mas sabemos tambem que a aza negra da E. F. Norte do Brasil foi o Sr. Pires do Rio, o joven *ministro das encampações...*

* * *

Consta em Gyaz que o Sr. desembargador Presidente do Estado vae adquirir nas praças do Rio e S. Paulo vinte autos para o serviço de transporte de passageiros e cargas na estrada que mandara construir entre a Capital e Trindade.

E' natural que os alludidos autos venham a trafegar entre a Capital e Roncador, ou porque a estrada construida pela Auto Viação Goyana ha de ser forçosamente encampada pelo governo do Estado ou porque é essa a aspiração dos habitantes da Capital.

* * *

Com a epigraphe *Como se conhece a geographia patria,* o grande orgam nortista *O Estado do Pará* assim se expressa na sua edição de 8 de Setembro proximo findo:

"Sob os retumbantes titulo e subtitulo — "PELO BRASIL UNIDO" — "A questão dos limites Goyaz-Pará aguarda o laudo do Sr. Rodrigo Octavio" — insere o "Jornal" —, que se publica no Rio de Janeiro, em sua edição de 12 de Julho ultimo, o mappa que reproduzimos, com a propria legenda inferior, com que aquelle orgão se refere á zona hachurada, indicada como a litigiosa entre Pará e Goyaz.

Para o nosso collega, da imprensa fluminense, Goyaz não é mais do que as Guyanas, com as quaes já sustentámos litigios felizmente resolvidos; e o Araguaya e Tocantins se confundem com o Oyapock, de sorte que a zona que nos contesta o Estado visinho, é a mesma que nos disputava a França, de accordo com o mappa de H. Coudreau, na "France Equinotiale".

E' triste que provas taes de ignorancia da nossa geographia sejam dadas, quando o governo se esforça por ver solucionadas as questões entre os diversos Estados, por meio de arbitramento.

Não admira, porém, que a illustração fallida dos intellectuaes cariocas se espiche nessas demonstrações da geographia patria, porque para os nossos prezados patricios, brasileiros do sul, como elles se chamam, o Brasil se circumscreve aos limites urbanos da Capital da Republica, fóra dos quaes os outros brasileiros e especialmente os da Amazonia são bugres legitimos que usam a tanga e tropeçam em cobras e jacarés..."

Commentario: Goyaz precisa ser descoberto novamente.

Relatorio dos estudos da Commissão exploradora dos rios Tocantins e Araguaya

(*Conclusão*)

Nos logares onde as aguas se espraião, diminuindo por esta razão a profundidade do canal principal e dividindo-se o rio em muitos outros que serpeiam entre rochedos e em leitos semeados de escolhos, é a navegação difficil, senão impossivel, por falta de fundo para a passagem dos barcos. Para que taes logares assim pobres d'agua, ou seccos, tivessem a profundidade precisa nas baixas aguas, conviria construirem-se *diques* longitudinaes, obras carissimas e que dariam como primeiro resultado o augmento de velocidade, cousa sempre de evitar-se.

O systema de tracção de barcos de navegação dos rios para vencer correntezas mais consideraveis, conhecido pela denominação de *touage* e que em França tem produzido muito bons resultados, consiste n'uma cadêa ou cabo, composto de fios de ferro, immerso no fundo de um canal repousando livremente e com as extremidades fixas no centro ou nas margens, sobre o qual avança um barco, denominado *toueur,* munido de apparelhos para segurar a cadeia e exercer sobre ella uma tracção que o faça caminhar, deixando-a cahir a ré á medida que o *toueur* se adianta. Este systema de propulsão a vapor não póde ser applicado a todos os rios, para vencer as fortes velocidades das aguas correntes. E' necessario que as curvas formadas nos *thalwegs* sejam capazes de conter sem perigo o comboio rebocado; que a profundidade das aguas tenham certa uniformidade, não sendo as cotas muito grandes, de modo que a catenaria originada pela cadeia não se torne muito grande e com facilidade subam o *toueur* e seu comboio; que o canal seja tal que, no caso de romper-se a cadeia ou o cabo, possa o *toueur* avançar com comboio e arrear o ferro para procurar ao depois a ponta e ligal-a ao apparelho, continuando sua marcha.

Pela descripção que do leito do rio temos feito vê-se que é inapplicavel tal systema, sem que se façam os respectivos trabalhos, que ainda assim são necessarios estudos para sua adopção segundo o maior ou menor numero de barcos que se tiver de rebocar. Convirá tambem ter de olho essas grandes cavidades nas rochas do fundo do rio, que dão algumas vezes cotas de 60^m,89, prejudincando então a *touage*.

Se attender-se que essas obras n'um rio de regimen torrencial, em que chegam as cheias nos logares onde o valle é mais estreito, a elevar-se em poucos dias á altura de 10^m,17 acima da *étiage,* seriam, além de muito dispendiosas, de custosa conservação; que a bacia do Araguaya é quasi deserta; que na parte mais povoada do Tocantins, os habitantes occupam-se exclusivamente na criação de gados, sendo a propensão geral o commercio de sal e outros generos, *até assucar, café e aguardente,* comprados na provincia do Pará para trocal-os por pelles de animaes; que a agricultura ou qualquer industria é desprezada e mesmo se póde dizer desconhecida; ficar-se-ha convencido de que melhoramentos de semelhante natureza são de impossivel execução e commettimento, antes que venha estabelecer-se grande agglomeração de população agricola e industrial no uberrimo valle desses dous caudaes.

Para não sermos taxados de timorato em empreza de tão grande alcance, qual seja a eliminação de tantos obstaculos que se oppõem á franca navegação dos dous rios, citaremos as difficuldades que têm encontrado os americanos na destruição das corredeiras do rio Mississipi, a montante de Rock-Island e das dos Moines, na embocadura do rio desse nome, a montante de Keokuk. Ellas embaraçam em extremo a navegação do alto Mississipi, trazendo grandes prejuizos, não sómente aos cinco Estados agricolas ribeirinhos, mas tambem aos Estados de Este, dos quaes são expedidos os productos do interior.

O Mississipi forma a bacia central que occupa quasi todo o espaço comprehendido entre as montanhas Rochosas e os Alleghanys e sob o ponto de vista de extensão, superficie das terras cultivadas e população, constitue mais de metade da União federal. Era por isso de toda a conveniencia que se franqueasse a navegação desses rapidos cuja ex-

tensão a melhorar não excedia de 23 kilometros, afim de bem servir os interesses da industria e da lavoura. Entretanto decorreram muitos annos, até que ultimamente se chegou a uma solução satisfactoria, e isso tão sómente quanto aos rapidos de Rock-Island, 5 kilometros á reetificar.

Ora, se n'um paiz em que florescem a industria e agricultura, habitado por numerosa e activa população, augmentada annualmente por corrente ininterrupta de expontanea emigração, problemas de melhoramentos de navegação de rios encachoeirados são tão lentamente resolvidos, em zonas, como as de que tratamos, fôra imprudente, desarrazoada quasi uma determinação que levasse a trabalhos daquella ordem, muito principalmente podendo-se emprehender outros mais faceis e de mais vantagens para o engrandecimento do paiz.

PROJECTO PARA TRANSPOREM-SE AS CACHOEIRAS

A conveniencia de aproveitar a pujante fertilidade das terras daquella zona, bem como de não abandonar os habitantes, por ella espalhados aos proprios recursos o que traria em breve tempo o despovoamento pelo receio de ataques dos selvagens; a necessidade de chamar para alli uma corrente de emigração nacional e estrangeira, com o fito de levar moralidade e vida activa a uma população pela maior parte ociosa e desregrada, dada sobretudo ao vicio da embriaguez; assim como a de proporcionar sahida aos productos da agricultura, desenvolvendo-a e fazendo nascer um commercio que tenha por fim favonear a industria e a lavoura, conduzem á concepção do projecto seguinte:

"1°. Ligar por meio de uma estrada de ferro de bitola estreita, traçada á margem esquerda dos dous rios, na secção encachoeirada, o logar denominado Santa Helena de Alcobaça á povoação de S. Vicente.

2°. De S. Vicente, pela margem direita do Araguaya, ir ainda em continuação ao presidio de Santa Maria.

3°. Fazer por meio de vapores apropriados a navegação deste ultimo ponto até á colonia militar de Itacayú, á margem esquerda do Araguaya.

4°. Dahi sempre pela margem esquerda passar das vertentes do Araguaya ás do rio Paraguay, traçando uma estrada que ponha em communicação Itacayú com o rio Taquary em sua juncção com o Coxim.

5°. Ligar o presidio de Santa Maria ás cidades da Palma e Porto Imperial no Tocantins por meio de um ramal.

6°. Ligar ainda a povoação de S. Vicente com a cidade da Boa Vista por um segundo ramal.

Na carta junta sob n. 4 copiada da Carta Chorographica do Imperio do Brasil de 1857, estão traçadas com côr de carmin as linhas desse projecto.

Do Pará (Belém) á Alcobaça, é o rio perfeitamente navegavel por meio de barcos a vapor que tenham um metro de calado. A distancia é de 350 kilometros proximamente e a navegação póde-se fazer com as escalas de diversos pontos, em 39 horas.

De Alcobaça a Santo Anastacio, acima dos rapidos da Itaboca ha 103k.597; de Santo Anastacio á colonia militar de S. João, 187k.503. Desse ponto, percorrendo 100 kilometros, chega-se á S. Vicente, onde se acha estabelecida a barca de passagem. De S. Vicente a Santa Maria do Araguaya ha 485 kilometros proximamente. De Santa Maria franca navegação até Itacayú de 1.040 pouco mais ou menos. De Itacayú ao rio Coxim medeiam approximadamente 666 kilometros. Assim ligar-se-hia o Amazonas ao Prata, construindo-se 1.542 kilometros de estrada. A distancia de Santa Maria á cidade da Palma, passando pela do Porto Imperial é proximamente de 583 kilometros, e da Bôa Viasta a S. Vicente 96 kilometros.

Esta rede com o desenvolvimento de 2.221 kilometros, depois de unir a cidade de Belém, capital do Pará, ao Taquary, tributario do rio Paraguay, chama ao seu tronco principal as cidades da Palma, porto Imperial, Carolina, Bôa-Vista e Villa da Imperatriz ou Santa Thereza, que pela facilidade de navegação nessa parte do Tocantins conduzirão seus productos pelo rio, a fim de tomarem a estrada em S. João do Araguaya.

Do Taquary communica-se o norte do Imperio com a Côrte por meio da estrada de ferro que de S. Paulo tem de dirigir-se a Matto Grosso por Sant'Anna do Paranahyba.

Comprehende-se que n'um valle deserto e muito extenso a execução de tal projecto não seja facil, porque não se trata só da estrada e navegação aproveitavel do rio, nem disso é que devemos unicamente cuidar.

Cumpre crear população laboriosa, colonisar aquellas vastidões e dar incremento á agricultura e outras industrias para ter o que transportar.

A meu ver, deve-se principiar por estabelecer cinco centros de população desde Alcobaça até S. Anastacio acima da Itaboca, tendo cada um desses centros os elementos para preparar os productos agricolas de cada localidade por meio de machinas apropriadas e dos melhores systemas, o que traz a necessidade da creação de engenhos centraes, cujas vantagens têm sido tão brilhantemente demonstradas em artigos publicados no *Jornal do Commercio*, sob o titulo de "Estudos Economicos", pela habil penna do distinctissimo engenheiro o Dr. André Rebouças.

Em seguida á creação do primeiro centro, deve ser Alcobaça unida a Santo Anastacio por uma estrada de madeira — *planks-roads* — para conduzirem-se os productos agricolas dos centros povoados que se formarem aos lados, para Alcobaça, e d'ahi em vapores para o mercado do Pará. A estrada e obras d'arte serão construidas do modo mais economico possivel, com declives e solidez necessarios, para, logo que a somma de productos por ella transportada possa comportar mudança de systema, substituirem aos — *planks-roads*, — trilhos de ferro e empregarem-se locomotivas.

Com esse systema de colonisação, logo que a estrada tivesse chegado a Santo Anastacio, 103 k.497 de Alcobaça, não só se acharia constituida uma boa população agricola e industriosa no principio da secção encachoeirada, como tambem, tomando ella a natural expansão, se teria espalhado a grande distancia subindo o valle, de modo que a creação de novos centros de Santo Anastacio para cima tornar-se-hião faceis e a estrada se continuaria com mais facilidade tambem e com mais esperanças de bom exito.

Sendo Itaboca, Tucumanduba e Vitam Eternam os logares em que os barcos encontram maiores difficuldades de navegar, logo que a estrada alcançasse Santo Anastacio, activar-se-hia a navegação dos rios Tocantins e Araguaya, apezar dos obstaculos. O sal, principal necessidade do Brasil no interior, e outros generos, seriam levados a Santa Anastacio, e d'ahi conduzidos em barcos, deixando os mantimentos que trouxessem em permuta para serem remettidos para o Pará. Achando os negociantes facilidade na acquisição de viveres para alimentação das tripolações, não seria tal carga transportada para quatro ou cinco mezes, aproveitando-se o espaço para mercadorias que a lavoura e a industria tivessem creado. A conservação da estrada aberta para fazer chegar o gado do norte de Goyaz ao Pará, garantiria sua exportação e maior criação para sustento da população nascente.

A objecção natural é que neste projecto ha baldeações que gravam demasiadamente o preço das mercadorias.

Estamos, porém, convencidos de que taes baldeações, em vez de constituirem um mal, produziriam antes um bem. Nos pontos em que se dessem, formar-se-hião nucleos de população activa e commercial. Haveria trocas de productos entre esses povoados. A industria e a iniciativa se encarregariam de preparal-os de modo que podessem chegar ás costas maritimas sem o custo de fretes, que lhes trariam os enormes volumes dos productos em bruto.

A continuidade ininterrompida de uma linha de communicação póde ser vantajosa quando houver por fim servir a centros productores e não a um grande territorio que se trata de povoar. Além disto, diremos, para tirar toda opinião desfavoravel ás linhas mixtas, que sempre se dão baldeações em todas as linhas. O productor conduz seus generos para as estações ou portos de embarque; dahi são elles transportados ás estações centraes dos grandes pontos commerciaes e conduzidos aos logares em que têm de ser depositados, sendo a parte excedente do consumo ainda exportada.

Tudo isso constitue baldeações a que estão sujeitas as mercadorias. Deve-se, porém, ter sempre em vista que todas as despezas a fazer com os transportes de produetos agricolas alcancem o menor preço possivel.

PODER AGRICOLA DO VALLE DOS DOUS RIOS

Logo que se entra na secção encachoeirada, subindo o rio, é o valle bordado de matta expessa e muito extensa; o terreno alto e enxuto, argilo-silicoso, ou marnoso com grande quantidade de humus, predominando em muitos logares a silica. Nestas condições chega-se até ao logar da confluencia dos dous rios, em S. João do Araguaya.

Subindo dahi o Tocantins, notam-se nas margens mattas ora de terrenos enxutos, ora de sólo alagado, e ainda finalmente campos de criação de gado, cortados de florestas mais ou menos dilatadas que muitas vezes se ligam a vastos *cerrados*, cuja força vegetativa atrophiada produz uma pastagem impropria para alimentação do gado, pela consistencia que toma a macéga pouco tempo depois de serem queimados os campos, como costumam fazer os criadores de quasi todo o Imperio.

Subindo o Araguaya, mostra a margem direita terrenos alagadiços, campos de criação de gado e mattas em terrenos enxutos até pouco adiante de S. Vicente; dahi para cima até á colonia dos Chambioás, ha mattas em terrenos altos.

A margem esquerda é, desde S. João até á cachoeira grande do Araguaya, de extensa mattaria e robusta vegetação.

Para diante, ambas, a partir de um pouco acima da colonia dos Chambioás, alargam-se em campos de criação talhados de alguns terrenos alagadiços e mattas em terrenos enxutos, proprios para a agricultura.

Nas escassas plantações das colonias militares, nas dos actuaes moradores e nas deixadas em abandono por antigos habitantes, ou por indigenas, tivemos occasião de observar o magnifico desenvolvimento da canna de assucar, a grande quantidade de casulos que produz o algodoeiro, e muito particularmente o herbaceo; o café carregado de bagos; o cacáo de bellos fructos; o fumo em abundancia e excellente; o milho, feijão, arroz, mandioca, etc.

Tudo isso nos convence, que o valle desses dous rios póde ter immenso futuro agricola, tão grande que bastaria para enriquecer o Brasil, e quantos quizessem vir da velha Europa trabalhar comnosco.

A colonisação, pois, desse valle e a abertura da estrada que projectámos, traria beneficios de tal ordem que, compensariam todos os sacrificios feitos em vista de grandes aspirações: preciosa semente lançada em terra de promissão.

COLONIAS MILITARES

Acham-se estabelecidas no Araguaya as seguintes colonias militares: S. João do Araguaya, S. José dos Martyrios, Chambioás, Santa Maria, S. José Leopoldina e Ytacayú. Nenhuma dellas tem tido o menor incremento agricola. Para isto duas causas parece concorrerem: primeiro, seu estabelecimento no interior do paiz, sem communicação com centros consumidores onde possam os colonos trocar os productos de suas lavouras por generos de que tenham necessidade; segundo, a nenhuma aptidão do soldado para trabalhos de amanho, juntando-se a falta de estabilidade dos que para ellas são mandados, sendo constantemente substituidos por conveniencia do serviço militar.

Os commandantes e directores, quasi sempre officiaes do exercito, reformados ou em effectivo serviço, e officiaes honorarios, acceitam essas commissões com o fim, salvo rarissimas e honrosas excepções, de fazerem algum peculio.

Para isto o melhor e mais prompto meio que encontram é tornarem-se *taverneiros* e negociarem com as praças ficando-lhes nas mãos o soldo que a ellas pertence.

Dahi provem a completa negação pela agricultura. Os canmmandantes não têm plantações, como fôra para desejar e convinha que tivessem; não se importam com lavouras; não se prendem á terra, arroteando-a; não procuram braços para abrirem caminhos a fim de entreter relações; não obrigam as praças a fazerem roçados e hortas; emfim de nada cuidam.

Tudo tambem corre com tão grande deleixo e relaxamento, que muitas vezes vae-se a grandes distancias procurar até mesmo farinha de mandioca para alimentar os proprios colonos, quer militares quer paizanos.

A falta de trabalho torna o soldado vicioso, e seu soldo é gasto em aguardente comprada na taverna do proprio commandante. Esse estado de cousas, deploravel e aviltante, parece vir de longa data; e para que se tenha mantido por tanto tempo, tem concorrido, sem duvida, a falta de inspecção de colonias.

Assim fica o governo central sem conhecimento da pouca attenção e do nenhum zelo que têm os commandantes e directores de colonias militares. De lavoura é do que menos se trata.

Apezar desses defeitos, que aponto com a maior franqueza, me parece que devem as colonias continuar, ainda que não melhorem ou não possam melhorar desde já. Ha naquelles sertões uma cousa imprescindivel; é a presença do militar para manter os indios bravios e os mesmos mansos em respeitosas relações com os brancos. Convém, porém, muito dar nova organisação áquelles nucleos coloniaes.

Para elles deveriam ser sempre tiradas praças d'entre os homens casados, com filhos, laboriosos, que tivessem inclinação para o serviço agricola, quer nacionaes quer estrangeiros, aos quaes se daria soldo e etapa iguaes aos das praças do corpo policial da côrte, e sendo engajados por 10 annos para permanecerem nas colonias, das quaes se não poderiam ausentar sem licença. A cada colono seriam distribuidos prazos de terra gratuitos, tendo em vista as localidades que se prestam sómente á lavoura ou tambem á criação de gado.

O colono, além do serviço militar tendente a segurar a vida e bens dos habitantes dos pontos proximos, seria obrigado a ter lavoura de productos de exportação, canna de assucar, café, cacáo ou algodão conforme a natureza do terreno, bem como a criar animaes domesticos em quantidade sufficiente não só para sua propria alimentação, como para a permuta e venda.

Os artistas, officiaes de officios mecanicos, como: carpinteiros, marceneiros, pedreiros, serralheiros, serradores, ferreiros, falquejadores, calafates, oleiros e padeiros deveriam ser admittidos nos contratos.

Cada colonia deveria ter uma companhia de 500 praças, comprehendidos os inferiores e cabos de esquadra, commandada por um capitão, tendo como subalternos um tenente e um alferes, todos com obrigação de crearem familia e lavoura ou qualquer industria.

Para exercer o logar de director, seria exigida somma de conhecimentos que o puzessem em condições de bem governar o estabelecimento. Além dos estudos economicos e administrativos, e pratica correspondente, teria necessidade de conhecer a engenharia e agronomia, bem como seu ajudante, a fim de poderem se empregar na abertura de estradas, demarcação de prazos, divisão de propriedades e construcção de obras tendentes a pôr a colonia em communicação com os povoados que por influencia della se houvessem creado. Ainda mais, teria o director um secretario, um almoxarife e thesoureiro, capellão encarregado da catechese, medico, pharmaceutico e professores para a instrucção dos meninos colonos e indigenas.

O governo mandaria montar as machinas necessarias para beneficiar os productos dos colonos, e lhes daria meios para os transportarem ao mercado de mais consumo, ou mais proximo da localidade, tudo por preços razoaveis, caso não achassem mais conveniente vendel-os, depois de preparados, mesmo na colonia.

O director de cada uma dellas deveria perceber annualmente o ordenado de 10:800$000; o ajudante 6:000$000; o secretario, almoxarife e thesoureiro, capellão, pharmaceutico e professor, 3:000$ cada um; e o medico 4:900$000. Estes empregados, que formariam o pessoal da administração, seriam obrigados aos trabalhos da agricultura, de modo que todos tomassem amor ao logar e se esforçassem pelo seu engrandecimento.

A despeza annual em cada colonia se elevaria, em estado completo, com o pessoal, a cerca de 288:000$000, e em dez annos a 2.880:000$000; despeza por demais compensada com a creação de uma população eminentemente laboriosa, que traria para o paiz, além de outras, a immensa vantagem de ter todo o centro do Brasil povoado, podendo-se communicar o norte do Imperio com o sul mais rapidamente pelo

interior do que pela costa, visto que com a affluencia de população dar-se-hia, como consequencia forçada, a construcção da estrada de ferro, conforme temos projectado.

O INDIO COMO COLONO

O grande planalto cercado pelos rios Araguaya, Tocantis e Madeira é occupado por grande numero de hordas selvagens, que habitam umas, como os Carajás, junto ás margens do rio Araguaya, outras a pouca distancia dellas. Assim, acontece com Cayapós, commandados pelo capitão Manahô, que residem em frente do presidio de Santa Maria. Grande quantidade, porém, de indios vivem errantes naquelles desertos, approximando-se dos rios para entrarem em relações comnosco por si mesmos, ou por intermedio de outras tribus mais chegadas aos brancos, e conhecidas. Esses homens, que presentemente nenhum resultado dão como productores, em futuro não muito remoto, podem com um tanto de habilidade de nossa parte, concorrer efficazmente para o engrandecimento da região central do Brasil.

Em geral é boa e obediente a indole de nossos aborigenes; gostam de muitos objectos de que fazemos uso, e para adquiril-os trabalhariam de boa vontade. Aquelles que são semi-mansos entram com facilidade para o serviço da navegação fluvial ou para as fazendas de criação de gados, mas quasi sempre são victimas da sua ignorancia, boa fé e brandura.

Homens ha, e não raros, que têm o aluguel de um indio, por dous e tres annos, em troco de uma espingarda, uma libra de polvora e o chumbo correspondente. Se houvesse severa punição para taes abusos, se o esforço dessa pobre gente fosse pago em relação aos serviços prestados, por certo muito maior fôra o numero dos que já teriam com gosto entrado para o gremio da civilisação.

Com o estabelecimento de colonias no valle dos dous rios é indubitavel que muitos desses aborigenes procurariam logo travar relações com os brancos. Então deveriam os directores ir chamando a si os meninos dos dous sexos, não só para lhes dar instrucção primaria, como para incutir-lhes o amor do trabalho, unico meio de chegarem a possuir o bem estar proprio da vida civilisada. Entretanto por modo algum seriam obrigados ao trabalho os adolescentes, antes deixando-lhes plena liberdade, porém aproveitando-os todas as vezes que voluntariamente se prestassem áquelles serviços em que mostrassem aptidão, sendo então retribuidos proporcionalmente aos resultados e com equidade.

Se por outro lado, forem favorecidas as uniões com individuos civilisados, estamos convencidos de que a população cruzada augmentaria por tal modo que em uma ou duas gerações desappareceriam os selvagens, deixando em seu logar a melhor gente que se póde empregar nos diversos ramos da agricultura.

GADO OU PEIXE PARA SUSTENTO DOS COLONOS

No norte da provincia de Goyaz ha muitos campos proprios para criação de gados, e esta parte da agricultura é a que mais desenvolvimento tem tomado quanto ao vaccum. Muitos criadores da provincia do Maranhão estão mandando seu gado para a do Pará, por acharem mais facilidade e melhor mercado.

E', pois, fóra de duvida que elles poderão fornecer carne ás colonias que se crearem no valle dos dous rios, cujas aguas têm grande quantidade de peixes saborosos para auxiliar o sustento dos colonos.

Com a entrada de nova população naquelle valle, é bem natural que os actuaes moradores dos campos de Goyaz e Maranhão augmentem a criação de gado, melhorando os pastos e o systema seguido, do que resultará uma grande fonte de riquezas para aquellas localidades e em geral para todo o interior do Brasil.

SALUBRIDADE DO VALLE DO TOCANTIS E ARAGUAYA

Na parte em que é elle orlado de densas mattas proprias para a agricultura, são os terrenos altos, enxutos e eminentemente salubres.

Quando as mattas deixam de ser continuas e que os campos cortados de bosques se alongam em distancia mais ou menos proxima do rio, ha vastas planicies ligeiramente accidentadas que convidam o homem ao estabelecimento de fazendas de criação, offerecendo-lhe um futuro todo de prosperidades. Esses logares de incontestavel salubridade nas seccas, são assolados, nas mudanças de estações, isto é no começo e no fim das chuvas, quando os dous rios principiam a tomar aguas e quando ellas entram no periodo de abaixamento, por febres intermittentes de mau caracter ás vezes; circumstancia, porém, devida ao estado de incultura das terras, á falta de edificios confortaveis e á preparação de localidades onde se possa habitar sem respirar os miasmas resultantes da decomposição dos vegetaes que alastram o terreno. Por isto não póde ella, de modo algum, ser lançada em desabono daquelle immenso valle. Demais, uma zona agricola é nos principios de occupação por isso mesmo sujeita a esses inconvenientes. O trabalho do homem muda-lhe o aspecto; transforma-a, enriquece-a e domina-a.

Por certo o sólo coberto de dunas ou de rochedos graniticos despidos de vegetação, traz clima saudavel; porém ninguem irá colonisar agricolamente um logar desses, unicamente por ser conveniente á saude dos emigrantes.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Torres Sobrinho n. 9, Meyer.

Essta revista não tem representante no Estado de Goyaz.

ASSIGNATURAS

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal) ..	20$000
Numero avulso	1$000

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO V — RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1920 — VOL. IV—N. 4

SUMMARIO

Pela Industria Pastoril em Goyaz

E' justo, muito justo, que o governo federal proteja ou já tenha protegido — o café de S. Paulo, o cacáo da Bahia, o algodão do nordeste, a borracha do Amazonas, do Acre e do Pará, a industria pastoril do sul e podemos ainda dizer de Minas; porém, menos justo é que elle esquecendo-se de Goyaz — um dos mais ricos Estados da nossa Federação, favorecido em tudo pela natureza — com o seu clima saluberrimo, com seus rios magestosos, como o Araguaya e o Tocantins, com seus ferteis campos, emfim, com todas as suas riquezas mineraes, proteja outros Estados desfavorecidos pelo seu clima com o despendio de uma verba colossal. Assim as fazendas modelos e os postos zootechnicos, já se vão espalhando por quasi todos os Estados, e Goyaz jaz em pleno esquecimento do Ministerio da Praia Vermelha, sendo a sua principal exportação — o gado, visto as difficuldades das vias de communicações porque elle tudo produz, desde o igual, o melhor café de São Paulo, até o alvo algodão do nordeste, não existindo lá a Lagarta Rosa, que tanto tem prejudicado a nossa industria de algodão.

O Estado do Pará, já bastante favorecido pelo governo na exportação da borracha, tem um clima negativo á industria pastoril, que é devastada pela *esponja* (*Filaria irritans*), que é propria dos climas equatoriaes, pela *febre triste* (*Pyrosoma bigeminum*) e ainda mais pela *cariáse*, pela *pulga penetrante* (*Sarcopsylla penetrans*) e outras tantas molestias, principalmente a ilha de Marajó.

No emtanto o governo incansavel o protege nessa industria, quando existem Estados, como o de Goyaz, que sem perda de grandes verbas, com seus campos e invernadas de gordura e jaraguá, em muito breve se poderiam tornar importantes pela exportação do gado.

Assim escreve o Dr. Vicente Chermont de Miranda nas suas *"Molestias que affectam os animaes domesticos, mórmente o gado da ilha do Marajó"* : — "Na nossa fazenda Boa Vista, na costa insular banhada pelo Amazonas, em todos os principios da secca, um mal apresentando os symptomas do *carbunculo bacteriano*, agudo e sub-agudo, victimava algum gado grosso, tornando-se desoladamente epizootica, matando 700 e tantas cabeças. Dahi irradiou para as fazendas vizinhas — Arraial e Ribanceira, tambem nossa, onde, por junto, deu conta de 340 rezes.

Da fazenda da Jutuba, repovoada os campos com 830 rezes, quasi todos os novilhos, garrotes e vaccas solteiras, tambem morreram, victimados pelo *mal triste*".

Falando-nos sobre o tempo do carrapatinho, escreve o nosso illustre engenheiro : — "Quando em Agosto e Setembro estivemos abrindo a estrada do Alto Capim, em cujas margens o Rhipecephalus é legião, fomos bastante molestados pelo carrapatinho, cujas ferroadas produzindo desesperado prurido, apaziguado momentaneamente por um arranhar vigoroso, deixando pequenas ulceras pelas pernas, coxas e baixo ventre, difficil de sarar e das quaes guardamos algumas cicatrizes por mais de dois annos".

Sobre a pulga penetrante, nos diz elle : — "Houve conveniencia em acabar-se com os porcos, porque as têtas, obliteradas pelos *bichos*, não deixavam escorrer o leite, e os leitões ao nascer morriam todos á mingua. Estes animaes achavam-se cobertos por tal quantidade de *bichos*, que causavam horror !

O Pae Paulo, meio cégo, invalido, sem familia, vivendo isolado, criou tantos *bichos* nos pés, que sobreveio a gangrena, da qual veio a fallecer.

Um moleque desleixado, Thiago, de 13 annos, criou-os em tamanha quantidade, por não retiral-os logo que se introduziam, que, quando se deu por isso, contava vinte e tantos *bichos* na região hypothenar de cada mão, e sessenta e tantos por toda a face palmar de cada pé, desde o calcanhar até á ponta dos dedos.

Um negro, occupado na collocação da cêrca de arame, teve trinta e seis *bichos* numa das nadegas, quedando a outra indemne".

Veja o leitor que verdadeira calamidade são os *bichos* lá pelas margens do gigantesco Amazonas... O individuo, pelo menos, que não fosse desleixado, teria que viver diariamente extrahindo esses infernaes parasitas...

Falando-nos sobre as larvas da *Lucilia macellaria* (bicheira) : — "Em certa fazenda, no começo e no fim das chuvas, todo o bezerro que nasce apparece com *bicheira* no umbigo, a qual, se descurada nos primeiros cinco ou seis dias, é mortal. A fazenda São Joaquim, coberta, margeada por tres lados pelos igarapés Fundo e das Almas e pelo rio Genipaúba, com uma população de 300 rezes de gado curraleiro, das quaes 130 vaccas, ferra annualmente 45 bezerros !

A fazenda Alegre, população 700 rezes, na sua malhada de São Miguel, de cerca de trezentas cabeças, ha dias de curar-se 14 a 16 bicheiras ou 5 %.

A fazenda São Lourenço, 500 rezes, no tempo de muita mosca, nos rodeios bi-hebdomadarios, conta de 14 a 20 bicheiras ou quasi 3 1/2 %.

Verdade é que tambem já vimos larvas da *Lucilia macellaria* prosperar em um montão de excrementos frescos de morcegos insectivoros, *no ôco de uma arvore*".

Veja o leitor o que nos conta o Sr. Chermont de Miranda, nos seus estudos sobre as molestias que atacam o gado no Estado do Pará, principalmente na ilha de Marajó, onde já se contam muitas fazendas modelos e os postos zootechnicos, auxiliados pelo governo.

Provada está a negatividade da industria pastoril no Norte.

E Goyaz, a velha terra do Anhanguera, com suas verdes campinas, jaz esquecido pelo governo.

Não seria, pois, justo que o Ministerio da Praia Vermelha se lembrasse do *hinterland* brazileiro com a criação de postos zootechnicos e fazendas modelos, sem o despendio de grande verba, quando a principal exportação de Goyaz é o gado, sem que lá existam essas tantas calamidades ?...

De tudo, isto é o que é menos justo...

W. C. F.

Linhas Telegraphicas

A Commissão de Finanças da Camara dos Deputados, sempre inexoravel para com as medidas que beneficiam os pequenos Estados, deu parecer contrario a uma emenda da bancada goyana, relativamente á construcção de linhas telegraphicas no norte de Goyaz.

O deputado Ayres da Silva, na sessão passada, apresentou um projecto, autorizando o governo a mandar construir uma linha telegraphica, que partindo de — Porto Franco, no Estado do Maranhão, terminasse em S. José do Tocantins, no Estado de Goyaz.

Sanccionado o projecto, a construcção não foi feita por falta de verba.

A bancada goyana apresentou ao orçamento da Viação uma emenda dando 100:000$000 para que fosse executado o trabalho, isto é, para que fosse executada a lei n. 4.040, de 13 de Janeiro de 1920.

Essa emenda não foi acceita pela Commissão de Finanças da Camara.

Entrando em discussão a emenda, o deputado Olegario Pinto, encaminhando a votação, disse o seguinte :

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 23 DE SETEMBRO DE 1920 (*)

O Sr. Olegario Pinto (para encaminhar a votação). — "Sr. Presidente, ha muito, a bancada goyana vem empregando os seus melhores esforços para conseguir a construcção de uma linha telegraphica que sirva ao norte do Estado de Goyaz.

O Sr. Francisco Valladares — Com muita justiça.

O Sr. Olegario Pinto — Na sessão passada, o meu distincto collega de bancada, Sr. Ayres da Silva, apresentou o seguinte projecto :

> "Art. 1.º — Fica o Presidente da Republica autorizado a mandar construir, dentro da verba para telegraphos, do orçamento geral da Viação da Republica, uma linha telegraphica que, partindo de Porto Franco, Estado do Maranhão, e passando por Carolina, Pedro Affonso, Porto Nacional e outras cidades do centro do paiz, vá a S. José de Tocantins, Estado de Goyaz.
>
> Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario".

O Sr. Presidente da Republica, que tem olhado com carinho para o meu Estado, já procurando levar os trilhos da Estrada de Ferro de Goyaz até a Capital, já conhecendo perfeitamente as necessidades de todo o norte de Goyaz, sanccionou o projecto, que foi convertido em lei e que tomou o numero 4.040, de 13 de Janeiro de 1920.

O Sr. Francisco Valladares — Trata-se da execução de uma lei.

O Sr. Olegario Pinto — Perfeitamente. O norte de Goyaz, Sr. Presidente, possue cidades importantes, como Porto Nacional, onde reside o meu collega Sr. Ayres da Silva. Pois bem : um telegramma que partir dessa cidade para a primeira estação, que é Boa Vista de Tocantins, terá de fazer um percurso — ou de 140 leguas a cavallo para a mais proxima estação, ou de 15 dias em canôa, descendo o rio Tocantins. Ainda ha pouco, tive occasião de receber de Porto [illegible] 44 dias de viagem !

Ora, Sr. Presidente, comprehende V. Ex. que é uma situação deploravel; por isso é que venho pedir á Camara...

O Sr. Francisco Valladares — V. Ex. pede apenas a execução de uma lei, o que é muito justo.

O Sr. Olegario Pinto — E' precisamente o que venho pedir : a execução da lei.

O Sr. Francisco Valladares — E não é só justo; o que pede V. Ex. é o que o governo deve, por lei, executar.

O Sr. Olegario Pinto — A' vista do que acabo de expender, Sr. Presidente, solicito da Camara a approvação da minha emenda. (*Muito bem; muito bem*).

O Sr. Octavio Rocha (para encaminhar a votação). — Sr. Presidente, o nobre deputado por Goyaz, *leader* da respectiva bancada, acaba de mostrar que a verba pedida nessa emenda é consignada já em lei.

Não tenho duvida alguma em consignar na redacção para este orçamento a lei n. 4.040, de 13 de Janeiro de 1920, que autorizou a construcção da linha a que se refere e devo mesmo declarar que o Relator estudou o assumpto com o Sr. director dos Telegraphos. S. S. considera que a linha deve ser construida, porque o Estado de Goyaz se encontra em situação muito especial.

O Sr. Francisco Valladares — Não tem communicações telegraphicas.

O Sr. Octavio Rocha — E' um Estado que não tem communicações e não póde absolutamente ficar na situação de não se poder corresponder pelo telegrapho.

O norte do Estado, além da situação precaria, em que se acha, quanto a estradas de ferro, não tem communicações de ordem alguma.

Solicitaria, pois, do nobre *leader* da bancada goyana a retirada da emenda para que, em terceiro turno, seja consignado a verba necessaria; porque augmentei nesta discussão de 500:000$000 a verba para a construcção de linhas telegrapicas, e cabe perfeitamente dentro dos termos da lei, que diz : "dentro da verba para Telegraphos".

Portanto, já que o illustre deputado deseja fique expresso que a verba orçamentaria é tambem para o cumprimento dessa lei, não terei duvida alguma em fazel-o em terceira discussão. (*Muito bem*).

O Sr. Olegario Pinto — Sr. Presidente, á vista das explicações dadas pelo nobre amigo e nobre collega Sr. deputado Octavio Rocha, digno Relator da Viação, peço a retirada da emenda.

O Sr. Presidente — Defiro o pedido de V. Ex."

O illustre Relator da Viação, o Sr. deputado Octavio Rocha, bem comprehendendo a necessidade dessa linha telegraphica, procurou fazer a justiça devida, dando a verba pedida em 3.ª discussão.

Foi mais uma victoria alcançada pelo nosso operoso representante o Sr. Olegario Pinto, que, sempre vigilante, não deixa passar sem protesto tudo o que venha prejudicar os interesses do Estado de Goyaz.

AOS BONS GOYANOS

Tendo o director desta revista constituido seu advogado o nosso illustre collega Dr. Paulo Hasslocher para agir no judiciario contra o autor d'uma calumnia inserta na "Gazeta Suburbana", temos a satisfação de dar por findo o desagradavel incidente — publicando as linhas a seguir, trasladadas da "Gazeta Suburbana" de 6 do corrente mez :

Não se entende com o official reformado do Exercito Sr. Henrique Silva, morador dos mais conceituados do Meyer, uma local que, illaqueados na nossa boa fé, por um desses muitos canalhas que por ahi andam, publicámos na nossa edição n. 552".

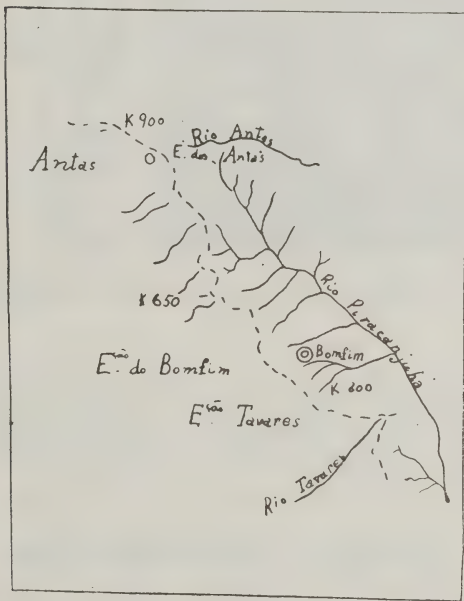
Foi, como ahi fica, mais uma investida infeliz dos máos goyanos, tanto desta Capital como do Estado, no sentido de diffamar a INFORMAÇÃO

Modificação necessaria do traçado da E. de F. de Goyaz

Bomfim, a tradicional cidade do sul-goyano, é uma localidade privilegiada, singular sob muitos e interessantes pontos de vista em todo o Estado.

Um delles vem a ser a sua equidistancia dos principaes nucleos de população goyana.

Vejamos : localidades que lhe ficam a 10 leguas de distancia, n'um circulo concentrico — Bella Vista a sudoéstes; Annapolis ao norte; Campo formoso ao sul; Santa Luzia a léste; Pouso Alto a Sudoéste; Corumbá ao norte; Campinas a oéste, e Santa Cruz ao sul — todos distantes apenas 16 leguas de Bomfim.

Depois, incluidas tambem n'um circulo identico áquelles, em distancia de 40 leguas — Goyaz (Capital), ao norte; Catalão, ao sul; Formosa a léste e Santa Rita do Paranahyba a sudoéste.

Entre Bomfim, Trindade, Jaraguá e Pyrinopolis a distancia maxima é de 21 leguas.

Trata-se, como se vê, de uma importante cidade que occupa uma singular posição geographica entre as demais do grande Estado Central.

Bomfim já está ligado por uma linha de automoveis á Annapolis e a Roncador — ponto terminal da Estrada de Ferro Goyaz, devendo em breve ficar ligada a Formosa — via Santa Luzia e Planaltina e mais a linha da Auto-Viação Goyana, que está prestes a pôr communicação Roncador á Capital.

Quanto ao valor efficiente da lavoura e pecuaria do rico municipio, diremos no proximo numero d'*A Informação Goyana*, que vem de receber dados estatisticos do que Bomfim produz e exporta — não só para outros municipios goyanos, como tambem para Minas, S. Paulo e Capital Federal.

Tracejadas as possibilidades do futuroso municipio goyano, abordaremos a seguir a modificação urgente e necessaria do traçado da Estrada de Ferro Goyaz entre as estações de Tavares e Annapolis, para beneficiar o futuroso municipio, o que só á lastimavel cegueira ou o que fosse, dos engenheiros bizonhos, prepostos pelo Sr. Emilio Shnoor, poderia escapar.

Hospital em Caldas Novas

Ao projecto n. 443, de 1920, apresentado á discussão na Camara dos Deputados, autorisando o estabelecimento de hospitaes, destinados principalmente ao tratamento de mulheres e crianças tuberculosas, o deputado Olegario Pinto, na sessão de 4 de Outubro, apresentou uma emenda determinando que um dos hospitaes seja installado na villa de Caldas Novas — Estado de Goyaz.

A emenda é assim concebida :

"*Emenda ao projecto n. 443, de 1920* (3ª discussão). — Ao art. 1.º — Depois das palavras "de creanças tuberculosas", accrescente-se : "sendo um dos hospitaes na villa de Caldas Novas, no Estado de Goyaz".

Ao art. 2.º — Eleve-se a verba a 1.800:000$000.

Sala das sessões, 4 de Outubro de 1920. — *Olegario Pinto*.

Justificação. — Caldas Novas é uma villa florescente, e que tem clima cuja temperatura varia de 14º a 26º, estando a 600 metros acima do nivel do mar.

Possue 23 fontes de aguas thermaes, já analysadas. A temperatura dessas aguas varia de 36º a 53º.

Ha opiniões de medicos e profissionaes competentes sobre as condições de salubridade e amenidade de seu clima.

E', pois, um ponto excellente para o estabelecimento de hospitaes que sirvam á população enferma em uma grande extensão do nosso territorio".

O que ora se impõe é a construcção da linha de automoveis de Ipameri á villa de Caldas Novas, para qual o governo da União já forneceu os cem contos de réis, ou sejam 10 contos por kilometro.

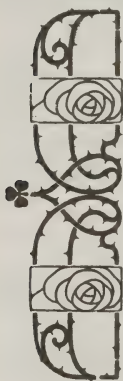
O Sertão

Recebemos o numero 2 deste novo paladino da imprensa goyana, que vem de apparecer na prospera cidade do Rio Verde.

Nada sabemos do seu programma, que naturalmente veio expendido no numero de apresentação, que não recebemos O nosso collega publica-se sob a direcção do distincto Sr. senador Martins Borges, e tem como secretario o Dr. Almeida Barros. Fazem parte do seu corpo de redação os Srs. Dr. Pedro Teixeira e Ricardo Campos.

Ao informativo orgam do Sudoéste goyano, desejamos muita prosperidade e longa vida.

A ponte do "Cahidor" sobre o rio Paranahyba

Inaugurada a 15 de Novembro de 1909, depois de um anno e oito mezes de incansavel trabalho do muito illustre engenheiro Dr. José Luiz Mendes Diniz, lá está sobre o Paranahyba, a ponte pensil do "Cahidor", que ha 11 annos vem prestando ao desenvolvimento commercial de Goyaz e Minas um immenso serviço, outr'ora difficultado pelas constantes enchentes, que prejudicavam os interesses desses dois mais ricos Estados da União.

Obtido, a 22 de Novembro de 1907, o estudo e projecto da mesma e acceito e approvado pelo governo do Dr. Affonso Penna, foi escolhido, depois de estudos do engenheiro Mendes Diniz, o vão do "Cahidor", por apresentar melhores vantagens economicas e technicas, que os pontos encachoeirados, visto as difficuldades das obras, devido á natureza e á grande velocidade das aguas nesses pontos.

O fornecimento da parte metallica foi feita pela Fabrica Herm Stoltz e C., constando de 62.500 marcos e as pedras exploradas á margem do Rio Santa Maria e da Pedreira Alta, a duas milhas do "Cahidor", á margem do proprio Paranahyba.

Lutou com bastantes difficuldades o illustre engenheiro por falta de transporte das mesmas e de outros materiaes, propondo então a substituição das torres de alvenaria por outras de trepiças de aço, o que foi acceito pelo governo com maior vantagens na execução da sua grandiosa obra.

Iniciaram-se os trabalhos a 13 de Abril, do lado de Minas, e a 2 de Maio do lado de Goyaz, não tardando que o povoado de Santa Rita, que fica situado num espigão mais alto, em breve se estendesse para o local da ponte, tornando-se hoje um verdadeiro nucleo commercial.

A bella ponte do "Cahidor", consta de um vão principal de 124 metros e lateralmente de outros dois vãos com 15m,75 cada um, sendo seu comprimento total de 155m,50 com 4 de largura.

Os cabos de suspensão, em numero de sete para cada lado, tem cerca de 21.250 kgs. de aço fundido e uma resistencia á tracção de 145 a 150 kgs. por millimetro quadrado.

Para o vigamento, hastes, gradis, foram empregados 122.000 kgs. de aço doce; — para os pitões — 16.000 kgs.; e ainda para as ancoragens dos cabos 1.000 kgs.

Os parafusos empregados para a montagem foram 6.000, não excedendo a mais pesada das peças 1.500 kgs., devido á difficuldade de transporte.

Ella está desafiando as ferrugens dos seculos, implacavel e soberba, sobre o Paranahyba, uma das mais bellas obras de nossa engenharia moderna, que muito honra a capacidade do illustre engenheiro Dr. Mendes Diniz, e impulsiona o desenvolvimento dos Estados de Minas e Goyaz.

Notas e Informações

A nossa presada collega *Gazeta do Norte* entrou no seu oitavo anno de existencia a 18 do mez p. findo. Fazendo votos pela sua prosperidade, agradecemos a gentileza da homenagem prestada *A Informação Goyana* incluida no quadro de honra consagrado aos orgãos da imprensa carioca.

*

* *

A Commissão de Finanças da Camara deu parecer unanimemente favoravel, ao seguinte projecto do deputado Olegario Pinto, projecto que já tinha parecer favoravel da Commissão de Obras Publicas :

"O Congresso Nacional resolve :

Artigo unico. — Fica o governo autorizado a construir uma linha telegraphica no Estado de Goyaz, que partindo da estação de Roncador, passando por Campo Formoso, Bomfim, Annapolis, vá ligar-se á estação de Corumbá, na linha Norte de Goyaz, e outra que partindo da estação de Palmeiras (antiga Allemão), vá a — Mineiros — passando

pelas cidades do Rio Verde, Rio Bonito e Jatahy; revogadas as disposições em contrario".

*
* *

Pelo Sr. Vital Brasil foi inaugurado em Catalão o posto antiophidico do Estado de Goyaz

*
* *

Entre os Delegados de Goyaz e Bahia no 6.° Congresso de Geographia de Bello Horizonte, foram assignados os seguintes convenios, que os Congressos Legislativos dos respectivos Estados já approvaram:

1.° — "Os infra assignados, delegados da Bahia e de Goyaz, investidos pelos respectivos governos dos Estados acima citados, resolvem assentar a linha divisoria, que vigorará d'ora em diante e será respeitada pelas autoridades e população delles como sua fronteira.

A linha fronteiriça correrá pelo divisor das aguas do Espigão que se encontra naturalmente levantado entre os dois Estados do Norte a Sul, com as variantes destes pontos cardeaes que deverão obedecer as nascentes dos rios das duas bacias, a de S. Francisco, á leste, e a do Tocantins, á oeste.

Na chapada da Mangabeira será traçada uma linha pelo meio da lagôa do Veredão, correspondendo á nascente do rio Sonininho, que mana para a bacia do Tocantins e a do rio Sapão, que mana para a bacia do S. Francisco.

Este accôrdo é feito *ad-referendum* dos dois congressos estadoaes e da ratificação do congresso federal, nos termos da Constituição da Republica.

Logo depois de feita esta ratificação, nomearão os dois governos acima indicados uma commissão mixta que irá cravar os marcos da divisão, ficando dois delles nas extremidades da referida lagôa do Veredão nos pontos da linha acima, que dividirá ao meio a lagôa, e nos logares em que fôr mais conveniente fincal-os, de modo a serem sempre vistos.

E tendo nisto accordado, combinado e acertado promettem, em nome do poder publico dos dois Estados, respeitar tal divisoria que assim fica estabelecida, dependendo apenas das ratificaçõs já dclaradas, impostas pela nossa lei magna.

A este accôrdo, seguirá um convenio aduaneiro que julgam conveniente, a bem da economia dos dois Estados concluir desde já os seus delegados infra assignados

(aa) *Almirante José Carlos de Carvalho — Major Henrique Silva — Braz Amaral — Arlindo Fragoso — Eduardo Espinola*".

2.° — "Os delegados dos dois Estados da Bahia e de Goyaz, são de parecer que deve se seguir ao convenio feito e assignado no dia 9 do corrente, um outro convenio aduaneiro a bem da economia dos dois Estados, á exemplo daquelle que está em vigor na Bahia e em Pernambuco, approvado por decreto do Estado da Bahia, n. 1.193, de 31 de Outubro de 1912, pela lei n. 922, de Dezembro do mesmo anno, e pelo decreto n. 10.109, de 5 de Março de 1913, do Governo Federal.

Neste convenio aduaneiro devem ser incluidas estas clausulas:

a) Os Estados contractantes permittem que em seus territorios tenham exercicio mediante prévia communicação, agentes fiscaes do governo incumbidos da fiscalização e da cobrança de impostos, afim de evitar fraudes e contrabandos; e

b) O convenio aduaneiro entre os dois Estados será submettido á approvação do Governo Federal, para o fim determinado na Constituição da Republica, art. 18, n. 16, e terá execução emquanto convier aos interessados e por qualquer delles não fôr denunciado com antecedencia de noventa dias".

Em virtude desse convenio de limites Goyaz ficou na posse integral do territorio de todo o municipio do Jalapão, que lhe disputava o visinho Estado.

Apenas sabedor de que a Bahia reconhecera os direitos de Goyaz no alludido territorio contestado, o Instituto Archeologico de Pernambuco protestou, o que fez em sessão solemne...

Presidiu essa sessão do Instituto Archeologico de Pernambuco o Dr. Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, que em Bello Horizonte foi o unico delegado dos Estados que teve a coragem de apresentar, pretendendo justifical-a no 6.° Congresso Brasileiro de Geographia, uma moção adrede preparada pelos representantes de Minas Geraes para ao envez de ser construida no planalto goyano a futura Capital da Republica — fosse adquirida por compra pelo Governo Federal, para o mesmo fim, a cidade de Bello Horizonte...

O mais interessante, porém, foi que o Sr. General Joaquim Ignacio Baptista do Espirito Santo, que se diz goyano da... *gemma* e estremecer como ninguem a nossa terra natal, assignar aquellé protesto!

*
* *

Julgamos curiosa a transcripção do seguinte trecho de um jornal de Goyaz, em fins de 1874, que mostra quaes as esperanças dos habitantes da hoje prospera e rica cidade do Rio Verde:

"Desmembramento da antiga comarca da capital, a comarca do Rio Verde foi creada por lei provincial de 1872; já nella teve exercicio o finado Dr. Elias José Pedrosa Filho, na qualidade de juiz de direito, e actualmente acha-se em exercicio daquelle cargo o Dr. José Xavier de Toledo, ha pouco alli chegado.

"A população do municipio, segundo o recenseamento, é determinada em sete mil almas; compõe-se em quasi sua totalidade, de fazendeiros que se dedicam á industria pastoril, a qual leva vantagem sobre a industria agricola, que é bastante acanhada; ao passo que a primeira é de grande interesse, não só pela qualidade dos campos, como ainda pela raça do gado, que é a melhor que se conhece na provincia. Accresce ainda que o productor não se vê na contingencia de levar os generos aos mercados consumidores, pois que, na estação secca, ha concurrencia em grande escala de compradores de gados da provincia de Minas, chegando o preço a elevar-se bastante, 35$000 no minimo e 48$000 no maximo Ora, sendo a venda até esta data calculada em 7.000 e tantas rezes, tem produzido um resultado de 280 a 300 contos de réis.

"Reconhecida como precaria a industria pastoril, é muito o resultado offerecido aos sertões do Rio Verde; e póde um tal resultado rivalisar o ordinario daquelles municipios da provincia de S. Paulo, onde é nascente a cultura do café.

"Se attendermos ainda á situação do Rio Verde, ver-se-á que um futuro não remoto lhe sorri. Com effeito dista esta villa do porto do Rio Grande, no logar em que o rio divide a provincia de Minas com a de S. Paulo, 80 leguas de bom caminho, e da primeira povoação daquella provincia (Araraquara) 110 leguas.

"Sabe-se que o poder legislativo tem votado a verba annual de 5:000$000 para a construcção de uma estrada de ferro até Sant'Anna do Paranahyba, e este trabalho já é uma realidade entre nós, porque a exploração já deve a esta hora approximar-se ao ponto extremo. Uma vez construida a linha ferrea, temos esse meio de locomoção a 30 leguas mais ou menos desta villa (caminho recto).

"Notamos a falta de transacções desta villa com a provincia de S. Paulo, que a nosso vêr offerece generos mais baratos do que a provincia de Minas; o sal e o café são vendidos em Uberaba por preço alto, generos esses comprados em grande parte em Araraquara de S. Paulo, e entretanto a differença é de 30 leguas e o preço metade ou menos daquillo que custa em Uberaba.

"Quanto ás rendas do municipio, podemos eleval-a no médio a 10:000$000 annuaes, pois só o porto de S. Jeronymo produziu pela exportação havia 8:000$000 pelo menos, attendendo-se ao imposto de barreira itineraria, que é de mil e tanto por cada boi, e dois mil e tanto por cada vacca".

Vacca curraleira de Amaro Leite

NORTE DE GOYAZ

Aquelles que já assistiram ás nossas Exposições Nacionaes de Gado, poderão reconhecer, á primeira vista, no especimen bovino, que a nossa gravura reproduz, as CARACÚS do Posto Zootechnico de Pinheiro e da Fazenda de Santa Monica, exhibidos officialmente nos alludidos certamens...

A nosa excellente raça Curraleira é, porém, não haverá contestação séria — a progenie da magnifica Caracú, uma e verdadeira.

Revela dizer que os unicos especimens de Caracús que ainda appareceram naquellas referidas exposições procederam dos postos de selecção e fazendas modelos de S. Paulo. N'outro certamen, MOZART, por exemplo, levantaria, não apenas o campeonato dos vaccuns sul-americanos — mas o mundial.

Vem a talho de foice dizer que a proposito do Curraleiro de Amaro Leite corre com visus fundos de verdade esta assersão que os antigos boiadeiros de Minas Geraes vieram passando de bocca em bocca, e, que assim se incorporam á tradição daquella magnifica raça bovina como uma das suas virtudes : ao morrer, prostrado pelo cansaço e indisiveis máos tratos recebidos na sua odysséa dos altos sertões ao littoral, o nobre animal cahe ao sólo com a fronte sempre voltada para seus páramos !

E' que elle se guia como um predestinado, pelo fulgor de Venus que todas as noites naquellas paradisiacas paragens do *hinter-land*, indica-lhe no alto céo que se arqueia sobre o Tocantins - Araguaya e o Paranahyba, as bandas de Amaro Leite...

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os assignantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assignatura o favor de enviarem com a possivel brevidade as respectivas importancias em dinheiro ou vale postal dirigido ao Director desta Revista, á rua Torres Sobrinho n. 9, Meyer.

Essta revista não tem representante no Estado de Goyaz.

ASSIGNATURAS

Um anno (Brasil)	10$000
Um anno (Paizes da União Postal) ..	20$000
Numero avulso	1$000

Documentos historicos ineditos

ROTEIRO, FEITO POR Ordem do Illmo. e Exmo. Governador e Capitam General da Capitania de Guayáz, José de Almeida de Vasconcellos, na Viagem, q'e mesmo Exmo. General mandou seguir pelo Rio Tocantins abaixo á Cidade do Gran Pará em duas Canôas, por invocaçam Nossa Senhora da Lapa e S. José, e S. Caetano em que embarcarão onze pessoas no districto do Pontal, em o dia 7 de Agosto de 1773.

CODICE existente na Bibliotheca Nacional.

AGOSTO 7 D'1773

NESTE DIA NOS EMBARCAMOS no Pontal, abaixo da Caxoeira chamada Carreira Comprida, pelas tres hóras da tarde, correndo o Rio ao Norte porvarias Intaipábas, passada hua Legoa, córre emhua volta, quazi a Nóroéste, ecom Legoa emeya deviagem, fizemos pouzo noporto de Gonçalo de Araujo, daparte depoente, barra de Corgo pequeno, defronte Capoeira, é barranco depedra calhada com Campo por sima, eavista daparte de baixo, hua Ilha: andariamos hua Legoa, emeya...

No dia seguinte, 8 do dito mes, sahimos pelas oito, emeya em Rumo do Norte, pelo Canal da Ilha S .Caetano, de areám, que secobre nas ágoas, eterá hum quarto de legoa decómprida, eaté ofim della, tudo correntezas. Pela parte dooutro Canal, tem arvorêdo, que aacompanha, epassada hua Legoa, alguns Recifes: Corre a Noroéste, avistandose pela abertura domesmo Rio, Chapadas altas de Campo, que ficarão aesquerda; seguem-se logo varios Canáes, com alguas Ilhas que secobrem nas Cheyas, enofim dellas, fáz barra hum Ribeiram, que vem do poente: Volta o Rio ao Norte, epassada hua Legoa, corre, quazi a Nordeste, depoiz de outra legoa, volta ao Norte, e com mais demeya, torna a Noroéste, correndo muito direito, distancia pouco mais, oumenos de duas legoas; comhua correnteza de Intaipába, e banco de Arêa, adireita dacorrenteza nomeyo dadita distancia, e depois dehum grande pôço, passamos hua Intaipába, coma Canôa amão, receando acorrenteza do melhor Canal domeyo, por onde seguio outra Canôa, egastamos meya hora, e pouco abaixo, vai voltando o Rio, ao Norte, encostado ahua Chapada alta, que sevê aesquerda, evem do poente a embeiçar perto do Rio, onde volta quazi a Nordeste, eporelle abaixo; seavista hua grande Serra aolonge queparece hirá procurando o Rio da parte do Nascente. Depois dehum grande pôço que terá hua legoa, vaivoltando ao Norte, enesse Rumo Segue larga vista, eonde principia esta indireitura, faz barra hum Corgo daparte do Nascente, mais abaixo emhua praya, de Lagêdo, da mesma parte direita, fizemos pouzo pelas seishoras com viagem pouco mais oumenos de Sete Legoas.

No dia 9; sahimos, pelas seis horas damanham no mesmo Rumo do Norte, comboa correnteza de Rio sem um baraço depedras, epassadas duas Legoas pouco mais oumenos, faz barra hum Ribeirám que vem do poente, equazi defronte entra do Nascente hum Cargo pequeno; depois dequatro horas de viagem, faz barra outro Cargo pequeno do Nascente, enessa altura comessa o Rio afazer volta para Noroéste, elogo encostando hua grande eformoza práya aesquerda, volta com correnteza de Intaipába a Oéste, eempequena distancia, torna a Noroéste, procurando em volta ao Norte, té avistar huapráya adireita, esegue hua grande vista em Norte quarta a Nordeste, epassada hua Legoa pouco mais oumenos, faz barra hum Cargo pequeno da parte direita: Segue o Rio em Nordeste. epassado hum quarto de Legoa, tèm duas prayas defronte, huma da outra, com correnteza de Intaipába: Depois dehua Legoa; tem hum grande baixio de Arêa aparte direita e o Rio volta todo a Nordeste; eacompanhando praya damesma parte; segue em Lesnordeste; edaparte esquerda, ponteando as ditas praayas; faz barra humCorgo; epouco assima, dessa, seavista hua grande serra talhada, que parece corre de Sul a Norte, elogo empouca distancia, volta o Rio ao Norte, sobre hua Caxoeira; Aquitomamos terra pellas sinco horas; para mandar examinar o Canal, tendo viajado, dése poucomais ou menos, oito Legoas...

A 10, sahimos pelas 7 horas egastamos hua hora nadita Caxoeira, pelas cautellas com que passamos, e descobrio-se hum canal aesquerda, bom, encostado aos Recifes dopé deterra, epassada ella, volta o Rio Logo a Nordeste, econtinua até Nordeste quarta de Leste empouca distancia pelo Canal domeyo, entre Ilhas depedra que recebem nas agoas: Torna logo ao Norte acompanhado da Serra á direita, que sevê em pequena distancia, e vaivoltando para Nornoroéste, thé chegar a segunda Caxoeira, que poderá distar da outra, hua legoa emeya, e apassamos comfelicidade por hum Canal da esquerda encostado quazi aterra, e abaixo, hua correnteza. Vai encostando o Rio até Noroéste, quarta a Oéste, eempouca distancia, passamos outra Caxoeira, por hum Canal quázi domeyo; mas encostando algum tanto á esquerda, epassada ella, volta para o Norte, onde se avistão Morro de Campo, aesquerda, hua Ilha de pedras Redonda nomeyo do Rio, edecemos pelo Canal da parte direita, com correnteza. Procurando o Rio Nordeste, encostado a outro Morro de Campo áesquerda, que emmeyo faz duas pontas agudás, aparece pordiante a Serra grande, evai continuando avolta té Lesnordeste, elogo vai sobre hua Caxoeira: procurando de Repente o Norte: Tem esta Caxoeira, muitas pedras aesquerda, ehé peor que as outras; mas sempre tem canal ádireita, por onde passamos Pouco abaixo, tem outra Caxoeira, mais favoravel, comvarios canaes

passamos pelo da parte esquerda, com muita correnteza, continuando a volta ao Norte, acompanhado da Serra talhada adireita que já SE fica muito vizinho, eaesquerda hua grande Capoeira; onde há muitos Coqueiros: Logo abaixo damesma parte esquerda, tem hua Ilha depedras, baixa, com alguas arvores, bastantes pedras parambas aspartes do Rio, que hé manço, e corre Larga vista direita ao Norte: Essa distancia de Rio, hé acompanhada tambem daesquerda, degrande Serra talhada, que vem buscando aponta daoutra que corre defronte, formando hum boqueirão por onde vay o Rio: No fim deita comprida vareda que já dice, tem o Rio ao Norte grandes correntezas, porentre pedras com Caxoeira ecommuito bom Canal aesquerda, encostado ahua grande praya, onde fizemos pouso pelas sinco horas emeya, compequena viagem pelas demoras que tivemos em examinar as Caxoeiras, sempre viajamos Sete horas, epouco maiz ou menos; seis Legoas...

Em 11 do dito mez de Agosto, sahimos pelas Sete horas, voltando o Rio a Noroéste, entre muitas pedras, eantes demeya hora deviagem, achamos outra Caxoeira que passamos áesquerda pelo mayor Canal que hé comprido eviolento, com muitas ondas que lançarão algua agoa nas Canoas, enesta altura já se vai vencendo aponta da Serra grande que vinha acompanhando adireita, tendo-se passado já da esquerda, porter o Rio fugido desta, eencostado áquella: Vam-se seguindo muitos Rochedos portodo Rio; porem manço, evencendo a ditaponta da Serra corre o Rio a Oeste, sobre hua grande Caxoeira; onde não achamos Canal para passarem as Canoas carregadas; passaram-se com trabalho á Carda pelo Canal daesquerda, encostadas aspedras, e as Cargas porterra, te hua enseada que faz o Rio da mesma parte esquerda no fim da Caxoeira, no que gastamos o dia, tendo chegado pelas nove horas, e fizemos pouzo pelas Seis horas, levando todo este tempo os exames eo trabalho da passagem, eandariamos duas Legoas.

A 12 sahimos pelas Sete horas ehumquarto procurando Noroéste evoltando Logo ao Norte, tem hua Ilha baixa e aréam, com alguas arvores, enaponta della, pela parte debaixo, faz barra hum Cargo aesquerda; passamos pelo Canal da direita que he baixio, elogo adiante faz barra outro Corgo damesma parte esquerda. Nesta altura, sevem outras pontas de Serra dehua, e outra parte, descaindo o Rio sobre hua Caxoeira depedras, que passão as Canoas carregadas pelo mayor Canal daparte direita, evem correndo sempre ágoas comviolencia por varios Canaes entre muitos Rochedos, apercipitarem-se em hua Caxoeira alta todos os Canaes referidos, tem muita pedra pelo meyo, e só o principal que fica aesquerda, hé mais fundo, porem corre com tanta braveza, ealtura, que julgamos impossivel passar Canôa sem sealagar, e as Levamos á Carda por hua Caxoeira mays pequena damesma parte com algum trabalho; emque gastamos o dia, carregando as cargas por terra grande distancia, enessa altura fazem ponto s duas Serras dehum e outro Lado: Debaixo desta Caxoeira, ajuntam-se todas as agoas em hum Canal que corre muito violento, distanciá demais dehum tiro de balla, enofim delle tem hum estreito entre dous Rochedos, onde alcança tiro de pistolla. Fizemos pouzo pelas seishoras, tendo viajado pouco maiz ou menos hua Legoa.

A 13, sahimos pelas Sete horas, ehum quarto en Rumo do Norte, acompanhado das Serras, eempouca distancia, volta de Repente a Noroéste, por outro feixo depedras muito estreito, abaixo dele, Remanço, evolta de Repente adireita sobre hua Ilha depedra Redonda: Entramos pelo Canal da direita, que logo seajunta com o outro, esegue o Rio junto eencanádo muito estreito, com correnteza, e Rebojos, em distancia demais de 400 braças, e paredõens depedra, com mais de 50 palmos de alto, onde alcanção fréxas de hua parte a outra: Vai este Canal, thé ocelebrado Funil. Passado elle, alarga o Rio com grande praya aesquerda, ebaixo della, da mesma parte sevê hua barra, que duvidamos seéra braço domesmo Rio, ou outro diferente: Empouca distancia, fáz barra hum Corgo pequeno, e vai voltanto o Rio a Noroeste, té Oesnoroéste, emeter-se em outro estreito deparedõens depedra, que tem da parte direita hum grande pedaço abatido, e defronte hua Lapa funda á flor d'agoa, abaixo deste estreito, duas prayas hua defronte da Outra, hua Ilha pequena, que deixamos ádireita, e daqui vai o Rio direito a Noroéste, Segue depois ao Norte, onde faz barra hum Corgo pequeno aesquerda, Vai a Nornoroéste. Volta ao Norte barra de Corgo aesquerda, eadiante outro Corgo adireita. Fizemos pouzo pelas sinco horas emeya, eandariamos Sete Legoas.

Em 14, sahimos pelas seis horas emeya, em Rumo de Nornoroéste, e tornando ao Norte, volta o Rio a Nordéste, baixio, epraya aesquerda: Torna ao Norte, econtiuando avolta a Nornoroéste; ebuscando outra vez Norte, ségue-o Larga distancia, naqual seve corgos áesquerda, e seavista praya adireita, com barra de Corgo, baixio, epraya adireita, barranco depedra talhada áesquerda, ebuscando Nornordeste em pouca distancia torna ao Norte, barranco de pedra, com Campo adireita, eaesquerda a grande praya, hum Recife depedra, com quatro pontas, duas mais altas encostadas, ou perto do barranco da direita e quazi defronte, barranco talhado depedra. Nornordeste, paredãm aesquerda, epraya defronte, barra de Corgo pequeno aesquerda, paredam da mesma parte, epraya adireita: Outro paredam de pedra a direita, que seavista de Longe, e barra de Ribeiram defronte. Daqui vai o Rio a Nordeste, até onde sevém barrancos talhados adireita; no principio do qual faz barra hum Corgo eacompanhando o dito paredãm que hé comprido; nofim delle fizemos pouzo pelas sinco horas, e meya, com viagem denove Legoas.

A 15, sahimos pelas seis horas, ahum quarto, ainda em Rumo de Nordeste, barra de largo pequeno, epraya aesquerda; praya comprida adireita, paredam pequeno da mesma parte, enofim delle, largo de Lages, e praya defronte. Aqui vai voltando ao Norte; muitas palmeiras á direita; pouco adiante, praya damesma parte, e barranco de pedra defronte dehua Ilha que está nomeyo do Rio; passamos pelo Canal da parte direita, e ainda avista delle pela parte debaixo faz barra o Rio do Somno, qu entra de Suéste com baixio na barra, e dentro domesmo, hua Ilha; tem daparte de Sima Palmeiras, edebaixo Capoeiras, chegamos aelle nove horas ehum quarto. Passada boa distancia, volta o Rio a Nornordeste, praya á direita Campo no barranco da direita, com hum Ribeirãm da mesma parte: Volta ao Norte, com chapada de Campo perto do Rio a direita, e continua avolta até Noroéste, barra de Corgo aesquerda. Torna ao Norte. Nornoroeste, Ilha pequena depedras; mas perto do barranco daesquerda, largo pequeno á direita; pouco e baixo fizemos pouzo pelas seis horas e andariamos 8 Legoas.

A 16. Sahimos pelas seis horas emeya em Rumo de Norte, Corgo a direita, barranco de pedra, e Campo da mesma parte, barra de Corgo aesquerda, e pela parte de baixo, praya: Daqui volta a Nordeste, elogo praya adireita, e douz Recifes de pedra ilhados defronte. Continua avolta em pouca distancia té Lesnordéste; Ilha mais larga da mesma parte, perto dos Recifes barra pequena de largo, e porbaixo Serra do Campo, tudo adireita. Volta aqui o Rio athé o Nordeste grande distancia, largo aesquerda, e Chapada a direita. Volta a Nordeste, compraya á esquerda, Recifes de pedras dehua e outra parte, e o da direita, chega ao meyo do Rio, que faz bom Canal com algua correnteza, e adiante se avista Chapada alta com Serrado á esquerda, praya grande damesma parte. Daqui volta ao Norte grande distancia, acompanhado da dita Chapada aesquerda, Logo praya adireita e dita aesquerda com barra de Corgo. Nornoroéste, Rochedo pequeno depedras no barranco adireita com barra pequena de Corgo ebaixio, damesma parte; maiz adiante fizemos pouzo adireita, em huas Lages; onde achamos duas balças de Gentio; pelas sinco horas emeya, avistando pela parte debaixo Recifes depedra, e andariamos Sete legoas.

A 17 do dito mes, sahimos pelas seis horas emeya em Noroeste 4ª a Norte epassamos Logo Recifes adireita, que entrão pelo Rio, e aesquerda, hum Caxópo alto, afastado alguma distancia do barranco, elogo aparecem fora do Rio á direita. Buritiz altos, Recife baixo ilhádo, encostado adireita, e Corgo pequeno da mesma parte. Volta ao Norte, continuando avolta a Nornordéste: pontas depedra nos barrancos dehua e outra parte, aparencia de barra, de Corgo aesquerda, epor baixo Chapada alta, que encosta ao Rio. Varios páos Secos afincados asalto aopé dobarranco dadireita, barranco de pedra, não muito alto com sulapão damesmaparte. Segue a Nordeste, baixio á direita, e vai voltando a Lesnordeste, logo emdireita a Leste com Buritizal, e formalidade de Corgo, aesquerda Chapada alta da mesma parte, que embeiça no Rio, donde se avista hua Ilha, e antes dechegar a ella, baixio aesquerda, emais perto, Corgo pequeno adireita: Esta Ilha que de Longe parece estar no meyo do Rio, tem o Canal daesquerda já Seco, thé toda Coberta de Arvoredo: Daqui vai declinando a Lesnordeste, Ilha depedras no meyo do Rio, com baixio; Outra mais encostada ao barranco da direita, epelomeyo, varios Recifes, e outra Ilha por ultimo mais alta; todas seguidas huas ás outras, que são tres mayores excepto a que está mays perto da terra, e os ditos Recifes: Logo praya grande aesquerda, dita damesma parte: Compouca declinação vai buscando a Nordeste avista de hua Chapada alta que atravessa avista, e depois acompanha a volta do Rio pela parte direita, e antes de chegar a ella; nesta ultima praya, achamos treze balças de Gentio, que atravessarão da direita para aesquerda, e as arrastarão nas prayas com Rasto tão fresco, que parece o ser do mesmo dia, e de bastante Gente. Nesta paragem costumão fazer passagem; por servirem muitas balças antigas, e estrada seguida: pouco adiante aparencia de barra de Corgo adianta na volta do Rio, que derepente procura o Norte encostado adianta chapada: da alta, que tem no alto hum pedaço talhado e praya defronte: aparencia de Corgo aesquerda com praya grande, e logo corôa de Intaipába adireita, onde fizemos pouzo, e andariamos Sete Legoas.

A 18 sahimos pellas 7 horas emdireitura ao Norte, quarta a Noroéste; barra de Ribeirão aesquerda, praya e Chapada alta que acompanhao Rio adireita. Toma ao Norte, e segue a Nornordéste; barra de Ribeirão grande adireita, e damesma parte acompanha barranco alto; em alguas partes de pedra com pouco arvorêdo. Aqui servirão oito balças de Gentio napraya da parte direita além das que não sepoderão devulgar de Longe e Vestigios com Rasto defronte: Vai voltando o Rio ao Norte pouca distancia, eseavista adiante hua Chapada alta de Campo, que ficará aesquerda: barranco de pedra talhado adireita, que sepoderá cobrir nas ágoas: pouco adiante barranco depedra talhada aesquerda, e praya adireita. Daqui vai a Nordeste, eempouca distancia torna ao Norte, barra de Corgo adireita, morrinhos de Campo, e barranco sem arvorêdo damesma parte, e barra de Corgo pequeno defronte pouco adiante, metendo-se emmeyo hum pequeno mato barranco talhado com Campo a direita: Vai voltando a Nordeste, baixio a direita, e logo se põem em Lesnordéste grande dilstancia: alto de Campo, com barranco talhado adireita: grande praya a esquerda, e dita a direita. Barra de Ribeiram aesquerda, Xapáda de Campo com escalvado de terre avermelha, que sevê de Longe, e em baixo do mesmo barranco depedras talhado adireita. Toma a Nordeste, elogo praya a direita, defronte della, fizemos pouzo pelas sinco horas emeya, com viagem de sete Légoas.

A 19, saimos pelas sinco horas emeya no mesmo Ruma de Nordéste: baixio aesquerda, Ribeirão adireita, inclina a Lesnordeste, Corgo pequeno aesquerda, e praça defronte; Segue Logo barranco talhado de Campo aesquerda, grande praya adireita; e a pouca distancia, outra aesquerda, encostada a hum Serrado alto: Nesta praya sevirão 15 balças de Gentio. Torna a Nordeste praya adireita, a Nornordeste, barranco com Campo adireita, e praya defronte, barra de Ribeirãm, com praya adireita: Segue ao Norte compraya aesquerda, paredão le pedra a direita:

Torna a Nornordeste, praya adireita, Logo damesma parte morros alto de Campo que vem de Suéste, efáz espigão nobarranco do Rio, eseavista ainda Longe pela frente hum morro alto com a figura seguinte (1) Volta ao Norte avistando grande Serra, e continua o Rio em pouca distancia, a mesma volta a Noroéste procurando a Serra grande que sevê com duas pontas altas nas bazes della, emais retirado esquerda, hum grande Monte e Sem espigão. Procura Logo o Norte, econtinuando avolta, segue a Nornordeste, praya adireita, barra de Corgo aesquerda. Nordeste, quarta a Norte, baixio pelo meyo do Rio, barra de Corgo aesquerda, elogo damesma parte quatro morros de Campo, edefronte do ultimo entra de Léste hum Rio; pouco menor que o do Sôno: pouco adiante, barra de Ribeirão aesquerda, eadiante, outro damesma parte: Vai voltando o Rio a Nordeste quarta a Léste; baixio adireita, ficando aesquerda o Monte da figura asima: Corre pelamesma parte mais ao Largo a Serra grande commuitos Rochedos deponta, praya adireita, e defronte da ponte della fizemos pouzo pelas sinco horas emeya, e andariamos oito Legoas.

A 20, Sahimos pelas Sinco horas emeya, no mesmo rumo de Nordeste, quarta a Léste, praya aesquerda; pouco adiante vai buscando Nornordeste, eavistando pela frente hum pedaço de Serra com a figura á margem: Morrinho de Campo ádireita eaopé, barra de Ribeirão; vai continuando avolta ao Norte, com barranco de Campo adireita, e praya defronte. Segue a Noroéste, buscando pela frente duas pontas de Serra separadas que estão fora do Rio com a figura amargem. Perdem-se hum este montes devista encobertos com o barranco daparte direita, evêsse demais perto aopé de hua Ilha grande, coberta de mato, com os Canáes de hua, e outra parte grandes, e indo odaesquerda a Oéste, seguimos odadireita no mesmo Rumo que traziamos de Noroéste, evai dando volta, té ajuntar-se com o outro em Oés-Sudueste: tem menos agoa este Canal, que odaesquerda eempartes, dará vão combaixo de areya: tem esta Ilha meya Legoa de Cumprimento, e bastante largueza, e a denominemos Ilha de S. José. No Canal que seguimos, seviram vestigios de Gentio daparte da Ilha, elogo nasahida seavistarão pela frente varios pedaços de Serra separadas, eentre elles, hum Redondo e alto. Continua no mesmo Rumo de Oés-Sudueste, Corôa de areão adireita quasi no meyo do Rio, em direita a Sudueste, praya aesquerda, Su sudueste, procurando as mesmas pontas da Serra, que hontem Sevirão: barra de Corgo aesquerda, edamesma parte Sevê o Monte que hontem deixamos aesquerda com afigura amargem, que por esta parte representa ponta no alto: Segue-se praya aesquerda na boca de hua vazante, edaqui volta de Repente com correnteza, a Oés noroéste, deixando áesquerda, e quazi pelas Costa a Serra que vai procurando o Poente, etem encostado a ella varias pontas. Seguidas huas ás outras com as figuras amargem, e procura dous Montes; hum delles Redondo, já mencionado com afigura á margem. Emdireita a Noroéste; ficando áesquerda este Montes: Segue Logo a Nornoroéste, barra de Corgo áesquerda. Toma a Noroéste, eaodepoiz segue Oésnoroeste, descobrese praya áesquerda, campo adireita, emontes altos áesquerda fora do Rio, e Ribeirão damesmaparte. Torna a Noroéste; praya adireita, e defronte fizemos pouzo pelas sinco horas emeya na barra de hum Corgo pequeno; onde sevio Caminhos de Gentio, eandariamos neste dia oito Legoas.

A 21 do dito mez de Agosto, sahimos pelas sinco horas, e hum quarto, procurando o Norte, avistando grandes pedaços de Serra. Vai o Rio buscando a Nornordéste, campo adireita, segue a Nordeste, praya adireita: Logo Lesnordeste, echega a procurar Leste; ficando áesquerda os baluartes da Serra. Aparecem outros com Serra pela frente que ficarão adireita. Passa a Léste quarta a Suéste, duas Corôas de pedras baixas adireita, epraya damesma parte. Torna a Nordeste; e vai Logo a Nornordeste. Aqui paremos duas horas, pela braveza dos Ventos que sempre sáem contrarios, aparece ponta de Serra aesquerda e corôas de pedra. Busca o Norte, e logo torna quazi a Nordeste, Serra talhada, e hua Ilha áqual puzemos onome de Almeida aonde sevirão balças de Gentio; vai o Canal daparte direita nomesmo Rumo de Nordeste; pelo meyo delle, se avista hum baluarte Redondo encostado adita Serra da direita, eodaesquerda entra ao Norte por onde seguimos ejá dentro, Ilha pequena áesquerda, e Serra talhada damesma parte comhum boqueirão nomeyo della: Aqui sevirão mais balças, eindo voltando o Rio a Nordeste seavista barra de Ribeirão áesquerda, ehum Corgo pequeno da mesma parte que entra no outro Canal nomesmo Rumo com grande Correnteza debaixio: Esta Ilha tem mais de meya legoa Coberta toda de Mato, Segue o Rio ao Norte, elogo a Nornordeste; praya adireita, enofinal della fizemos pouzo pelas sinco horas, emeya, e andariamos Sete Legoas.

A 22, sahimos pelas sinco horas, etrez quartos, buscando hua Corôa comprida de areão; onde faz o Rio grande canto, e delle Comessa barranco talhado, com campo adireita, procurando o Rio ao Norte eendireitando a Nornordeste, seavistarão Campos dehua e outra parte, combarrancos talhados, Recifes depedra no meyo do Rio que encosta mais aesquerda, alguns Caxópos da mesma parte do barranco. Segue apouco distancia a Noroéste, Sangradouro Seco adireita, e faz o Rio Canto onde entra hum Corgo aesquerda, onde sevirão trez balças, paredão depedra adireita na ponta da volta. Segue ao Norte, com varios Recifes pelo meyo do Rio, esedescobre hua Ilha que denominamos Vasconcellos, aqual tinha dentro fogo de Gentio: Seguimos o Canal da esquerda, tem adita Ilha pela parte de Sima, espigão comprido de Rochedos equazi no fim della arvoredo, e não hé muito Larga: Segue-se logo a Ilha de Soveral: seguimos o Canal da direita a Noruordéste, tem essa ilha pela parte de Sima, Rochedos descubertos, earvoredos no fim, ehé estreita: Abaixo dela, ha hum Recife comprido que segue pelo meyo do mesmo Rio, com dous bancos de arêa no meyo enofim; tem Campo no barranco da parte direita, com talhados depedra, e Rochedos aesquerda. Vai ao Norte, Recifes no meyo do Rio, que deixamos adireita, e pelo meyo do Canal que seguimos muitas pontas de pedras descobertas. Fomos seguindo o Rio ao Norte, quarta de Noroéste, e descobrimos a Ilha, que a intitulamos de Carvalho, e buscando o Canal daesquerda della; topemos Recifes, ou Corôa comprida; onde estivemos perto de duas horas: Continuão muitos Recifes comparedoens altos, e Campo adireita na Ilha, e Ribeirão de pedras aesquerda: Segue a Norte quarta a Nordeste, e achamos paredão muito alto com Campo aesquerda; elogo seajunta com o outro Canal que parece ser mais pequeno: Esta dita Ilha, tem quazi meya Legoa decomprido, ehé bastantemente larga, e alta, tem Campo, eparedoens, de que fiz menção, e pela parte debaixo hé coberta de arvoredo, evimos áesquerda, vestigios de Gentio. Vai o Rio o Noroéste, elogo ao Norte, ecombrevidade a Nornoroéste, com Recifes dehua, eoutraparte, que de Longe parece atravessão o Rio, eadiante hua grande bahia com Recanto áesquerda, e da parte direita, não muito Longe do barranco hum Recife pequeno: tem barranco alto, comparedão aesquerda, e praya defronte, e seguindo ao Norte, acompanhado domesmo paredão, busca Nornoroéste etoma logo ao Norte; avistando-se chapada de Campo, com barranco talhado damesma parte esquerda: Aqui se entra em hum Canal estreito com Rochêdos emparedados dehua eoutra parte, onde Sevio Rasto, e outros vestigios, de Gentio emhum areão daparte esquerda. Logo alarga o Rio, eseguimos a Nordeste quarta a Norte, buscando o Canal direito de hua Ilha, que se avista com hua grande praya pela parte de Sima, onde fizemos pouzo pelas Seis horas, nesta praya achamos Séte balças, e andariamos oito Legoas.

A 23, sahimos pelas seishoras emeya, seguindo o dito Canal da direita dad.ª Ilha de S. Pedro do Sul, que vai declinando ao Norte, aajuntar-se com o outro.

1 2

3 4

5 6

Offs. Graphs. do *Jornal do Brasil*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: Henrique Silva

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA ACRE, 28

ANNO V — RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1920 — VOL. IV—N. 5

SUMMARIO

Limites entre Goyaz e Matto Grosso

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

Testemunha auricular que fui quando do 6º Congresso Brasileiro de Geographia de Bello Horizonte, da insolita e insistente interferencia do nosso alto clero a favor da pretenção dos mato-grossenses, não me causou etsranheza a sentença proferida pelo Sr. Pires e Albuquerque contra os incontestaveis direitos do meu Estado nessa irritante e mais que secular pendencia de limites com Mato-Grosso.

O laudo do troculento ultramontano ministro Pires não poderia deixar de obedecer não só ás injunções do poderoso alto clero como tambem affectos de familia, por isso que além de caróla de procissões, S. Ex. é sogro do capitão do corpo de saude do Exercito, Dr. Murillo de Campos, que serviu durante muito tempo na Commissão Rondon, regressando a esta capital captivo do illustre chefe da mesma Commissão e com as honrarias que absolutamente lhe não invejo, de mato-grossense honorario.

O reverendo padre Manoel Gomes de Oliveira, Sacretario do Interior do governo de Cuiabá e companheiro de cama e mesa do Bispo- presidente d. Aquino, é quem melhor poderia, se lhe fosse permittido, pôr tudo isto em pratos limpos, contando a cousa como a cousa foi adrede preparada.

São assás significativas as seguintes coincidencias: nas vesperas de se discutirem as questõe de limites inter-estaduaes na séde da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (Agosto de 1919), um telegramma de Cuiabá para o Jornal do Commercio *annunciava a partida a todo o panno do padre Gomes de Oliveira para aqui, em missão reservada do Sr. Bispo d. Aquino.*

Em Julho do corrente anno o Dr. Alfredo Pinto, em nome do Exmo. Sr. Presidente da Republica, convoca os Estados para resolverem o problema do Brasil Unido, e ahi vem de nóvo ao Rio o inadefectivel leva e traz do Talleyrand de Cuiabá.

Depois, precisamente ao findar o prazo para o arbitro (a dedo escolhido nos diversos conclaves realizados nesta Capital) apresentar o seu laudo eis estala ahi a figura sombria e abbadessona de padre Gomes.

Passando adiante. O desausado arbitro desempatador, como ministro do Supremo Tribunal Federal bem sabe que esta egregia Côrte de Justiça tem doutrina e jurisprudencia firmada sobre questões de limites inter-estadoaes que excluem o uti-possidetis, *o qual só é applicavel quando a favor de um dos Estados litigantes ha direito preexistente ou limites traçados de qualquer fórma. E aqui vem a talho de foice o accôrdão de 17 de Julho do corrente anno, que resolveu em definitiva a questão de limites entre Ceará e Rio Grande do Norte. Foi relator o eminente ministro Pedro Lessa que disse contestando o patrono do Ceará: "A verdade bem palpavel no accordão embargado, é que este dando as razões pelas quaes não applica o* uti-possidetis, *principio que até hoje tem servido unicamente para diminuir as questões de limites entre nações da America latina, resolvendo o litigio, de accôrdo com o direito publico vigente ao tempo em que os dous Estados litigantes eram capitanias, sujeitas a um governo absoluto."*

E' precisamente o caso de Goyaz.

Dando o seu voto na mesma sessão do Tribunal o não menos competente ministro João Mendes assim falou: "O uti-possidetis *é instituto do dominio internacional, não póde ser invocado, como base legal, para a determinação de limites entre os Estados antigas provincias. (Dr. J. Hygino.* Jur. do Sup. Tr.b. Fed.).

Elle presuppõe a posse mansa e pacifica, estabelecida pelo decurso do tempo, a não existencia de limites traçados por qualquer fórma. (Clovis Bevilaqua. Dir. Int. Publico, *artigo 10, quando é uma realidade a existencia de limites entre Estados contendores (artigo 10 a 13)."*

O Sr. Pires com toda a sua logomachia de raposa jurisperita poderá jamais justificar, sequer com um só documento historico, com uma unica prova evidente a posse mansa e pacifica de Mato-Grosso capitania, de Mato-Grosso provincia, de Mato-Grosso Estado, na área geographica em litigio?

Para que essa supposta "posse fosse estabelecida pelo decurso do tempo" seria preciso que os governos de Goyaz em todos os tempos não levantassem os mais vehementes protestos contra as violentas invasões do seu territorio ao tempo das capitanias, de accôrdo com o direito publico então vigente; no imperio, protestou Goyaz, de conformidade com o artigo 83 da Carta Constitucional de 25 de Março de 1824, que não permitia "as antigas provincias perder terreno proprio nem adquirir por uso capião territorio pertencente a outra." De conformidade ainda com o artigo 10 § 9º do Acto Addicional, que lhe permittia representar á Assembléa Legislativa "contra as leis de outras provincias que offendessem os seus direitos", Goyaz o fez, ao ter conhecimento do acto dos matogrossenses criando a freguezia de Sant'Anna do Paranahyba (1838) em pleno e reconhecido territorio da jurisdicção goyana. No seu Diccionario Chorographico da Provincia de Mato-Grosso, *referindo-se a essa violencia escrevia Leverger, depois Barão de Melgaço — o administrador mais probo, mais circumspecto, que ainda teve a terra de d. Aquino "que Sant'Anna do Paranahyba estava fóra dos limites de Mato-Grosso até então reconhecidos." Foi mais uma violencia, e violencia não constitue direito, salvante a jurisprudencia nephelibatica dos Srs. Pires e Prudente de Moraes.*

Mas o certo é que as autoridades goyanas sempre protestaram, escudadas na lei, contra as invasões do territorio em litigio.

Nos primeiros dias da Republica o governador de Mato-Grosso, Barão de Amambahy, mandava occupar por um forte destacamento policial todo o territorio limitado pelos rios Apuré, Paranahyba, Corrente e a Serra do Cayapó, até então nunca em litigio.

O Governo Provisorio de Goyaz, do qual fazia parte o

digno e provecto ministro dr. Joaquim Xavier Guimarães Natal, protestou energicamente, e Mato-Grosso teve que abrir mão da sua conquista aventureira.

Em 1903, o presidente Antonio Paes, de Mato-Grosso, mandava criar á margem esquerda do Araguaya, em frente a Santa Rita do Araguaya, que fica á margem direita do rio deste nome, um povoado, nomeando autoridades policiaes para o mesmo.

O Dr. Xavier de Almeida, presidente de Goyaz, protestou com vehemencia contra mais essa invasão do territorio goyano.

Em 1913 o presidente de Mato-Grosso, General Caetano de Albuquerque, criava a comarca do Araguaya, com sede no territorio contestado, e ao mesmo tempo ordenava a occupação, pelos seus policiaes, da localidade onde existiu outr'ora o Collegio Isabel, fundado em 1871 pelo então presidente de Goyaz, General Couto de Magalhães, para a educação dos menores indigenas, estabelecimento este que foi sempre mantido pelo governo da provincia de Goyaz.

Houve então violento protesto por parte do governo do Estado, tendo a Justiça Federal lhe assegurado a posse da alludida localidade.

Na proxima edição desta revista hei de inutilizar inteiramente, reduzindo-o á expressão mais simples, o abstruso laudo em questão, provando, com documentos esmagadores:

a) *que os patronos de Mato-Grosso não estudaram com imparcialidade a questão que lhes fôra affecta, antes pelo contrario;*

b) *que ambos revelaram a mais crassa ignorancia da geographia patria e mui principalmente da toponosmatica da região litigiosa — capitulo este da maior relevancia no pleito vigente;*

c) *que atropellaram a verdade e incidiram em monumentaes disparates historicos.*

Finalmente, não ha negar que a extremada desenvoltura do Sr. Pires e Albuquerque, torcendo a vara da Justiça, não só veio protelar e procrastinar a solução urgente que o conflicto de jurisdicção requer, (1) como tambem collocar em critica situação moral o illustre Dr. Alfredo Pinto—pois foi S. Ex. quem o indicou para arbitro desempatador na questão de limites Goyaz—Mato-Grosso. Poderia fazel-o?

Já agora ao Sr. ministro da Justiça só resta uma sahida: exonerar-se de arbitro que é, na pendencia de limites entre Goyaz e Pará.

HENRIQUE SILVA.

(1) O legislativo goyano, a quem cabe tomar conhecimento do monstrengo, como é da Constituição, não o approvará, e foi um dia o *guêt-apens*...

Questões de Limites

A PENDENCIA ENTRE OS ESTADOS DE MATO-GROSSO E GOYAZ — O LAUDO DO CONDE DE AFFONSO CELSO.

O sr. Conde de Affonso Celso recebeu, há dias, o seguinte telegramma do Sr. Desembargador João Alves de Castro, Presidente de Goyaz: "Estou sciente do seu telegramma de hontem, haver Ministro Pires e Albuquerque desempatado favoravelmente Mato-Grosso questão limites. Lamento sinceramente que não tenham sido respeitados os nossos direitos, de conformidade com as bases com que foi aceito o arbitramento. Levarei ao conhecimento do Congresso em a sua reunião de Maio vindouro o resultado do laudo proferido. Queira V. Ex. aceitar, em meu nome e no do Estado de Goyaz os mais sinceros agradecimentos pelo modo com que se dignou defender os nossos direitos. Saudações cordiaes."

Eis o laudo em questão do Sr. Conde de Affonso Celso:

"Eu abaixo assignado, arbitro por parte do Estado de Goyaz na questão de limites entre esse Estado e o de Mato-Grosso;

Considerando que consta da provisão do Conselho Ultramarino de 2 de Agosto de 1748 que entre as capitanias de Goyaz e de Mato-Grosso não se demarcaram limites, ordenando-se aos respectivos governadores que informassem com seus pareceres por onde mais commoda e naturalmente se deveria fazer a divisão, em virtude do que D. Marcos de Noronha, primeiro governador de Goyaz, em sua informação de 12 de Janeiro de 1750, opinou que a linha divisoria teria de correr pelos rios das Mortes, Taquary, Coxim, Camapuan, dahi pelo varadouro homonymo até as cabeceiras do rio Pardo e por este abaixo até sua foz no rio Paraná, sendo nessa conformidade levantada a "Carta da Capitania de Goyaz" por Francisco Tossi Columbina, datada de 6 de Abril de 1751, cujo original se conserva na 3ª secção do Estado-Maior do Exercito;

Considerando que o Governador da Capitania de Mato-Grosso, Luiz Pinto e Souza Coutinho, em carta ao da Capitania de Goyaz, Antonio Carlos Furtado de Mendonça, de 25 de Março de 1771, declarou que accedia áquella demarcação por julgal-a fundada não só na posse em que se achava essa ultima Capitania, como tambem nas solidas razões de congruencia e proporção em que se estribava a mesma demarcação, enviando o auto de accessão de 1 de Abril de 1771, que, segundo affirma Candido Mendes de Almeida, foi mantido por um alvará ou provisão do Conselho Ultramarino ("Vide" Candido Mendes de Almeida—"Atlas do Imperio do Brasil", ps. 29, 1ª columna, texto);

Considerando que, consoantes com essa demarcação foram o parecer e projecto da Commissão de Estatistica da Camara dos Deputados, de 20 de Julho de 1864, plenamente justificados em longos e luminosos debates que então se travaram, e constam dos "Annaes" da mesma Camara, referentes áquelle anno;

Considerando que com fundamento na mais segura documentação historica o Estado de Goyaz estabelece á evidencia sua posse primitiva, anterior á do Estado de Mato-Grosso, na bacia occidental do Araguaya, até Araés, á margem esquerda do rio das Mortes; justifica e demonstra que lhe cabe o descobrimento e a conquista da região comprehendida entre os rios Claro dos Pasmados, Paranahyba, Pardo, Coxim, Taquary e as mais altas cabeceiras do Araguaya, no perimetro delimitado pelo *divortium aquarum* das bacias do Prata e do Amazonas, em toda a extensão coberta pelas denominadas serras Sellada, Santa Martha e Cayapó;

Considerando que Mato-Grosso vem invadindo sobrepticiamente, desde 1774, o territorio de Goyaz, por etapas successivas, tanto na região entre o Araguaya e o rio das Mortes, ao Norte, como na depressão do Paraná-Paranahyba, ao Sul, violando assim o accôrdo de 1771, sempre com os mais energicos e justos protestos de Goyaz, conforme mostram os documentos em que tem baseado sua defesa;

Considerando que sobre a primeira daquellas zonas Goyaz mantém dominio e posse, e sobre a segunda dominio, sendo a posse não pacifica, em vista das constantes perturbações insufladas pelos governos de Mato-Grosso, notadamente na villa e municipio de Sant'Anna do Paranahyba;

Considerando que Mato-Grosso não invoca em pról das suas pretenções nenhum titulo, mas apenas a posse que não é posse, porém apenas invasão, esbulho, violencia, nada lhe valendo a diuturnidade da usurpação, pois o trato do tempo não a absolve da macula de origem; ao contrario, cada vez a torna mais odiosa;

Considerando que "*spoliatus ante omnia restituendus*"— caso de Goyaz, — o que a posse allegada por Mato-Grosso não póde, em hypothese alguma, prevalecer perante o Direito, porquanto: a) é principio rudimentar que um dos requisitos essenciaes da posse capaz de gerar dominio consiste em ser ella — tranquilla, pacifica, imperturbada, não contestada por aquelle a quem pudesse prejudicar, ou effectivamente prejudicasse, e contra a de que foi victima por parte de Mato-Grosso, sempre Goyaz protestou e reclamou, utilizando-se para isso dos meios legaes a seu alcance; b) seria aberração inadmissivel dos principios cardeaes da sciencia juridica o

applicar as normas reguladoras da posse, occupação e prescripção acquisitiva de immoveis entre particulares ás questões de limites entre nações, ou entre as circumscripções administrativas e politicas da mesma nação, importando inqualificavel absurdo conceder ao Direito Civil tamanha latitude num Estado legalmente constituido: (*Vide razões de Santa Catharina "versus" Paraná o que determinaram a victoria de Santa Catharina pelo acórdão do Supremo Tribunal Federal a 6 de Julho de 1904.*)

Considerando que altamente convém aos interesses de ambos os Estados e ao Brasil que cessem taes perturbações mediante equitativa discriminação de seus limites;

Considerando que, levado por sentimentos de concordia Goyaz está disposto a ceder em beneficio de Mato-Grosso grande extensão de seu patrimonio territorial, para que seja dirimido o litigio:

Sou de parecer que os limites de Goyaz com Mato-Grosso sejam por uma recta tirada da foz do rio Aporé até á margem esquerda do rio Sucuriú, correndo em relação ao parallelo; pelo Sucuriú acima até encontrar o meridiano 10° W do Rio de Janeiro; dahi por outra recta, coincidindo com o mesmo meridiano, até á margem direita do rio das Mortes e por este abaixo até sua confluencia no rio Araguaya."

N. da R. — Já estava composto o primeiro artigo da presente edição quando nos foi dado lêr no "Jornal do Commercio" o synthetico mas incontradictavel, irrespondivel laudo acima — firmado, o que é tudo, por um nome eminente, cuja tradição de honradez e honestidade, á par de notavel erudição, eleva sobremaneira a terra que lhe foi berço e que elle tanto ama e dignifica.

As riquezas de Goyaz

UMA LIGEIRA PALESTRA COM O DR. CARLOS HAAS

Tivemos oportunidade de palestrar com o illustre engenheiro dr. Carlos Haas, um dos mais fervorosos e sinceros admiradores das riquezas de Goyaz, actualmente recem-chegado das longinquas paragens do Planalto Central do Brasil.

Perguntando-o sobre o que pensava das possibilidades economicas do visinho Estado, disse-nos que, conhecendo grande extensão do territorio nacional, nunca vira em parte alguma região mais favorecida pela natureza para a realização dos mais soberbos emprehendimentos de que é capaz a intelligencia humana. Tudo alli é admiravel, grandioso, inconcebivel quasi. Os goyanos nem por sombra podem fazer idéa do thesouro immensuravel que possuem, e o governo federal o crime de lesa-patriotismo em que incorre deixando sem vias rapidas de communicação a parte mais rica e mais bem dotada do paiz.

Lá estão, sem o silvo regenerador da locomotiva, as mattas virgens e interminaveis campinas e chapadões; lá deslisam, sem uma lancha a vapor que os percorra e anime, os caudalosos rios navegaveis em quasi todo o seu percurso; lá ribombam, inaproveitaveis, entregues a si mesmas, as formidaveis quédas d'agua, n'uma orchestração de forças prodigiosas.

Relativamente á pecuaria, declarou-nos aquelle engenheiro que, das regiões brasileiras que percorrera, nenhuma possue melhores pastagens naturaes e aguadas magnificas para a criação do gado vaccum e cavallar como o Estado de Goyaz, que tem capacidade para alimentar nunca menos de quinze milhões de cabeças.

Sob o ponto de vista da agricultura, ha no visinho Estado extensissimas mattas virgens, que offerecem um sólo exhuberante e fertilissimo para a cultura do café, fumo, cereaes e, especialmente, do algodão, que viceja e cresce sem cultivo nas margens do Araguaya, onde a fibra dessa malvacea é sedosa e sem rival. E' um erro imperdoavel da administração nacional, disse-nos o dr. Haas, dispender na importação da juta cerca de 150 mil contos annuaes, quando no baixo Araguaya e Tocantins, aquella fibra encontra optimas condições climatologicas, iguaes ou mesmo superiores ás das Indias, para o seu plantio, de fórma que, uma vez cultivada em grande escala, alli e na bacia do Amazonas, poderá o Brasil não só satisfazer as suas proprias necessidades em aninhagem, como exportar para os visinhos paizes platinos. Mas, não ficamos ahi. Com sinceridade e convicção o digo, accrescentou o illustre engenheiro, a principal maravilha de Goyaz consiste na sua multipla e colossal mineração, da qual se póde extrahir em proporções gigantescas o ferro, cobre, chrystal de rocha, agatha, amianto, mica rubi, ouro e outros metaes; pedras preciosas, como diamantes, beryllos, amethystas, aguas-marinhas. Alguns daquelles minerios encontram-se em estado tão puro, como por exemplo, o ferro do Tocantins, que póde ser evitado o primeiro beneficio nos altos fornos, visto ser de prompto forjavel. O dr. Carlos Haas ficou maravilhado ante a abundancia das conchas perliferas da familia *Unio*, que povoam os innumeros lagos existentes nas immediações do Araguaya, especialmente nos conhecidos pelos nomes de "Dumbá", "Dumbázinho", "Octavio" e "Lago das Perolas", admiração essa causada — não pela existencia das perolas, — mas, sim, porque, embora sendo facilima a sua extracção por meio de dragagem, ninguem até hoje cogitou sériamente na industria extractiva dessa joia cobiçada. As perolas encontradas na referida localidade são de optimo oriente e o nacar das conchas tem lindissimos matizes de azul-celeste, côr de rosa e amarello, que forneceriam uma explendida materia-prima para uma industria de botões, bijouterias e outros objectos de arte e uso.

Todas essas incalculaveis riquezas serão um dia aproveitadas, multiplicando assim a fortuna nacional, disse-nos o dr. Haas, quando o governo resolver facilitar os meios de communicação e transporte, que são a *conditio sine qua non* da prosperidade de um paiz de grande extensão territorial como é o Brasil, pois que, sem elles, tornar-se-á impossivel a entrada para o interior de braços e capitaes, bem como o aperfeiçoamento moral, intellectual e physico dos habitantes do *hinterland*.

N. da R. — Extrahido do nosso illustrado collega o *Lavoura e Commercio*, de Uberaba.

Carlos Haas, nosso prezado collaborador, é um competente engenheiro yugo-slavo, que fez de Goyaz sua segunda patria.

Modificação necessaria no traçado da E. de Ferro de Goyaz

II

Pelo que vimos do nosso primeiro artigo sobre a epigraphe acima, e se póde observar no *cliché* que reproduzimos, trata-se apenas de uma insignificante variante no traçado da Goyaz entre as futuras estações de Tavares e Antas, hoje Annapolis — variante essa que encurta sobremaneira o traçado Shnoor e aproveita a importante cidade de Bomfim, cuja privilegiada situação geographica tambem mostramos na nossa edição ultima.

Como prometteramos, damos a seguir os dados estatisticos organizados por uma commissão composta dos mais competentes industriaes e fazendeiros do municipio de Bomfim, referentes á sua producção e exportação em 1920:

Gado vaccum	8.000	cabeças
Toucinho	3.500	arrobas
Café	28.000	"
Assucar	19.600	"
Aguardente	25.000	litros
Feijão	84.000	"
Arroz	198.000	"
Milho	500.000	"
Fumo	10.000	arrobas
Marmellada	1.500	"

A exportação destes artigos é feita para Annapolis, Campinas, Corumbá, Bella Vista, Morrinhos, Pouso-Alto, Caldas e Roncador, actualmente ponto terminal da E. F. de Goyaz, por onde saem para Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Apezar de não exportar em grande escala, o municipio produz o algodão, a mandioca, hortaliças, queijo, farinha de milho e mandioca, a batata, etc.

O extincto major Antonio Bertholdo de Souza fabricava farinha de trigo plantado e colhido na sua chacara nos arrabaldes da cidade. Entre os variados productos da lavoura bomfinense excellem o café e o fumo, pelo seu sabor e aroma inconfundiveis, principalmente os productos do valle do Rio dos Patos, onde ao lado da famosa *Terra-Rocha* se encontra o *Massapé* não menos procurado para a cultura da canna de assucar que ali dá *sócas* e *resócas* durante annos e annos seguidos.

Documentos historicos

(ineditos)

II (1)

Não tem esta ilha muito comprimento, e é tão larga que quasi parece redonda; é coberta de arvorêdo. Passada ella, ha muitcs recifes pelo meio do rio com baixios e correnteza, e passando nós mais visinhos da parte direita; seguimos depois a nordéste, quarta a norte; topando paredões a esquerda e a barra d'um corrego a direita com corôa coberta de arvore. Aqui busca o rio ao norte e vai continuando a noroéste e a oéste, quarta a noroeste; passamos uma grande intaipáva que tem bom canal encostado a esquerda com alguma correnteza, e gastamcs tres horas em passar a mão uma das canôas que se metêo pela parte direita onde as correntezas são muito razas e com pedras. Vai o rio voltando ao norte, e passando a nordéste, topamos recifes de uma e outra parte com areião, e muitcs pelo meio do rio; procuramos a parte direita por um canal violento, quasi no meio com muitos rebojos d'agua e baixio de areião, continuando os recifes á flôr d'agua. Segue outra vez ao norte sobre muitos recifes com canaes violentos e descemos pela parte direita, e no meio do canal se atravessou a canôa grande com uma pedra; envocando-se a N. Senhora, sahiu direita no poço, sem se virar nem tomar agua· ha neste lugar um corrego que vem da parte esquerda; vai para nordéste; com os mesmcs recifes e correnteza e topamos um ribeirão da mesma parte esquerda. Volta ao norte e avistamos duas ilhas a direita uma detraz da outra, e logo quarta a nor. oéste, continuando os recifes e correnteza, e antes de findar a segunda ilha, tem um arvoredo entre os Canaes da esquerda e formam uma pequena ilha, e as mencionadas, com arvoredo, e a debaixo é maior: tudo são correntezas, e pouco abaixo fizemos pouso pelas cinco horas e meia, e andariamos oito leguas.

A 24 sahimos pelas seis horas e um quarto, no mesmo rumo, por entre recifes, e avistamos a ilha de S. Bartholomeu que deixámos a direita; procurando noroéste. Este canal é todo de cachoeiras, encostando a maior parte ao barranco da parte esquerda: seguimos por baixios encostados á ilha, onde nós cercavam um grande numero de gentio, e alem dos de cerco, se viam tantos da parte de baixo na praia da parte esquerda, que pareciam regimentcs formados, e tres canoas que passavão actualmente com indios para engrossar o dito cerco. Passamos as canôas á mão por um canal secco debaixo das armas, sendo preciso arrancar muitas pedras com alabancas para as arrastar no que se trbalhou todo o dia, e neste tempo tivemos algumas envestidas de flechas; porém disparando nós alguss tiros, rebatemos o furor da gentilidade, pondo-se mais distante. Fizemos pouso em uma corôa no meio do rio, a fala com elles, e toda a noite tocaram buzinas, e outros instrumentos, e andariamos meia legoa

A 25, sahimos pelas sete horas avista de toda a margem em rumo de nornoroéste, acompanhados de duas canoas, e de um esquadrão de gentio, que foi pela parte esquerda esperar-nos onde o rio é mais estreito, e d'ahi lançaram flechas, que não chegavam ás canoas, pelas cautelas com que iamos: logo na sahida passamos tres ou quatro ilhas continguas umas ás outras pela parte direita, que só se differençam e conhecem por ilhas, ao passar por ellas; e depois de meia legoa. avistamos outra ilha pequena, com baixio de pedra pela parte de cima, e pela debaixo, alguns recifes, seguem-se logo correntezas violentas de intaipabas; fazendo de espaço em espaço cachoeiras, e em uma dellas, tomaram as canoas muita agua indo a rumo do Norte: ilha encostada á parte esquerda e logo cachoeira de muita pedra e ribeirão a direita; porto com canôa de gentio a esquerda em um poço, segue a nornoroéeste, e vê-se um corgo a direita, com praia grande de areão, e ilha por baixo coberta de matto. Do principio della se segue ao norte, e logo a Norte, quarta de Nordeste, vazante do mesmo rio a direita que sahe adiante; baixio perto de uma ilha com grande praia no principio. onde fizemos pouso pelas quatro horas, para enxugar-mo o mantimento molhado, e andariamos cinco legoas.

A 26, principiamos a viagem pelas cinco horas, e tres quartos. rumo de Nornoroéste, deixando a ilha a direnta. Segue logo ao norte e acaba a ilha que é comprida e coberta de mato, tem muito pert della pela parte de baixo, outra mais pequena tambem de mato, e de fronte no barranco da esquerda outra pequena: torna a seguir nor noroéste, e descobre-se outra ilha tambem pequena da mesma parte, logo outra maior mais para o meio do rio Seguimos o canal da part direita. Esta ilha é comprida e vai a noroéste 4.ª a Norte; e log se vê a esquerda a ponta de uma grande ilha; cujo principio se nã vio, por se formar de traz da outra de que fiz menção e defronte d dita ponta, está outra Intaipaba raza que atravessa todo o rio sen canal por onde possa sem grande risco passar a canôa, e despede en uma cachoeira ao lançante, com o comprimento quazi de um quarto d legoa de comprida, com muitas pedras a flôr d'agua e recifes: chegamos a ella pelas dez horas da manhã e trabalhou-se até a noite, cor as canôas á mão, e dormimos no meio della da parte esquerda; e an dariamos duas legoas.

A 27. Logo ao amanhecer, se continuou a passagem da dita ca choeira e com o mesmo trabalho se concluiu pelas dez horas e meia Seguimos viagem a noroéste, avistando perto uma ilha que pela part de cima tem algumas corôas e tomamos o canal da parte esquerda. qu sae ao outro a rumo de Nordeste. Esta ilha é grande, e larga, cobert de mato, o canal que seguimos, é mais pequeno, com correntezas, duas cachoeiras pequenas, e o outro; mostra tambem ter a mesma Ajuntando-se os dous canaes, busca o rio o rumo do Norte, e se avist outra ilha pouco distante, e barra de corgo grande a esquerda e segui mos o canal desta parte da ilha em uma 4ª para noroéste, temend descer pelo da direita, por ter logo ao principio cachoeira, e depois d estarmos no meio delles, achamos correnteza tão baixas, que em tã larga distancia de rio, não ouve canal para passarem as canôas, e nã foi preciso arribar com muito trabalho, e demora, obrigando a neces sidade a passar a dita cachoeira do canal da direita, bastantement perigoza, com as canôas carregadas, e em, uma entrou muita agua Pouso abaixo antes de findar a ilha, fizemos pouso a direita na barra de um corgo pelas cinco horas e meia, com adiantamento na viagem s de uma legoa.

A 28, sahimos pelas cinco horas e meia acompanhando a mesma ilha: vai este canal procurando nordéste, e ajuntar-se com o outro, evistamos gentio procurando a ilha em uma canôa: esta ilha, é comprida, larga e coberta de mato. Segue todo o rio junto, a nornoroéste larga distancia, em direita ao norte, e torna a nornoroéste e continuando, volta a nornoroéste boa distancia; vai voltando a oéste, até oés sudoéste. Nesta altura se vio gentio na praia da parte direita, e mai abaixo ha uma praia grande a esquerda, com moquéns. Torna a oést boa distancia; e passando a nornoroéste, se acha baixio de areião, qu toma quasi todo o rio, com canal fundo a direita, e logo corôa d areião a esquerda, e depois de grande distancia, se cobre praia a direita, e volta a oéste logo a oés-suduéste: em principio deste rumo fizemos pouso a direita pelas seis horas e andariamos sete legoas.

A 29, sahimos pelas cinco horas e meia, no mesmo rumo de oés suduéste pouca distancia; segue a oéste, e logo a oés-noroéste, descobr uma grande praia a direita que encosta o rio a esquerda: vai voltand a noroéste, e continua procurando o norte por entre duas praias, e pel ponta da esquerda, vai inclinando a noroéste, e buscando o norte, s descobre duas ilhas encostadas a esquerda torna a noroéste onde se acha uma ilha pequena e baixa, com compridas pontas de areião va seguindo oés-noroéste e se acha outra ilha tambem baixa de areião con mato pequeno, baixio a esquerda, e logo praia grande da mesma parte Segue boa distancia a oéste, e se vê uma grande praia a direita, corô de areião, e baixio a esquerda e o mesmo a direita, e procurand sudoéste; se vê uma grande corôa a esquerda e logo indo a oéste s acha corôa e baixio a direita, aqui encalhou a canôa, e neste lugar h uma corôa de areião muito larga e comprida, com pouco mato na ponta de baixo, passamos encostados ao barranco direito, e acaba esta está outra mais a esquerda, tambem comprida. ilha a direita com o canal da parte do barranco, secco. Corre a oés-noroéste, e continua praia da ilha que ficou a direita, e duas por detraz em secco, e recife no meio do rio, e na ponta da dita praia a direita, fizemos pouso pelas cinco horas, e tres quartos, e andariamos sete leguas.

A 30 sahimos pelas cinco horas e meia, rumo de oés-noroéste achamos tres recifes pequenos, e ilha a direita, e logo outra da mesma parte mais encostada ao barranco; pouco abaixo outra no meio do rio que procuramos a oéste, praia grande a direita, e deixando a ilha esqkeda, toma a oés-noroéste, no fim da dita ilha, tem baixio de areião com corôa a direita, praia grande a esquerda e no fim dessa ilha pequena perto do barranco: em direita a oéste, corôa a direita com pequeno mato, e formalidade de ilha, praia comprida a esquerda, e ilha a direita comprida e estreita, e no fim della, corôa com mato pequeno baixo, e outra á esquerda. Vai a oés-suduéste, e se vê grande corôa no meio do rio que deixamos a direita, segue logo outra, e no fim uma ilha que deixamos a esquerda e acaba esta continua outra com praia secca que as devide, e segue o rio á suduéste boa distancia com praia comprida a direita: busca susuduéste, e logo em direita ao sul, com praia comprida a esquerda; no fim do qual fizemos pouso a direita pelas cinco horas e meia, e andariamos seis leguas.

A 31, ultimo dia do sobre dito mez de Agosto, completando 25 de viagem, sahimos pelas cinco horas, e um quarto, ainda ao sul e pouco abaixo ha uma ilha a direita com o canal secco, e vai voltando a susuduéste, com barranco da parte esquerda talhado. Continua a volta a oés-suduéste e logo a oéste, ilha a direita, e com brevidade vai a nodoéste até ilha, que está da parte esquerda com o canal secco. Torna

(1) Além de juncção de palavras, o manuscripto acima continha muitos lugares confusos que lhe difficultam a leitura. D'ahi a necessidade de passal-o para a linguagem corrente, sem lhe alterar o texto.

o rio a fazer uma grande volta em circulo, até suduéste 4ª a sul. Esta grande distancia, é acompanhada de praias á esquerda com algumas aberturas no mato, que nas cheias se devidiram em ilhas, e no meio do rio tres corôas baixas de pedra, duas juntas, e a 3ª mais abaixo. Segue-se barra de corgo a direita com canal quasi secco, e corôa defronte. Corre a susuduéste, e acompanhando a direita ilha da direita, vai o rio tornando a oéste, e nesta altura se lhe ajunta o rio chamado Uraguai que vem de lés-suéste com barreiras brancas dentro da barra, e parece ter muitas ilhas. Acompanhamos a praia da direita, a rumo de oés-noroéste, é o rio muito largo e da parte direita mostra ter algumas ilhas. Acompanhando a praia da direita, e os recifes que parece atravessam o rio, Seguimos a noroéste, procurando o barranco da direita, e nesta altura, se vê melhor as ilhas de que faço menção. Atravessamos os recifes entre muitas pedras com correnteza em oés-suduéste, e tem algumas ilhas a direita, continuando as pedras por todo o rio e correntezas. Vai a oéste, e se vê duas ilhas a direita, e uma com grande arvore copada; busca oés-noroéste, e se acham recifes no meio do rio, ilha a esquerda, continuando os mesmos recifes por todo o rio, e correnteza: logo adiante recifes muito fechados, e correnteza rapida, que nos embaraçou o poço encalhando uma canôa: arranchamo-nos a direita pelas quatro horas para procurar canal, e andariamos seis leguas.

No dia primeiro de setembro pelas seis horas, continuamos a nossa viagem; seguindo rumo de oéste, topando varias ilhas pequenas a esquerda por entre recifes e correntezas, e tivemos muita demora, por encalharem as canôas varias vezes nas ditas correntezas, e depois seguimos po entre recifes mais largos a suduéste, topando algumas ilhas juntas a esquerda muitas pedras, e correnteza. Volta a oéste com recifes, e canal violento, continuam as pedras com outras correntezas, e rigo: no fim é intaipaba baixa de cascalho. Vai o rio a suduéste correnteza. Procura em uma volta a oéste noroéste, e nesta altura se avista um morro em rumo de oéste, 4.ª a suduéste, indo ainda o rio em oés-noroéste sobre recifes. Volta rapido a oés-suduéste largo espaço com reboojos de muitas pedras, passou a canôa por cima de algumas em que esbarrou, e a mesma velocidade d'agua a despedio sem algum perigo. no fim é intaipaba baixa de cascalho. Vai o rio a suduéste correndo mais manso ficando-lhe uma corôa grande a direita, barra de ribeirão, ou ponta de ilha a esquerda, e em direitando a oéste, acompanha ainda a corôa a direita com mato de ilha, e vem por detraz um braço grande de rio, com alguns recifes mais abaixo, principia a voltar por noroéste. Fizemos pouso a esquerda pelas cinco horas, e tres quartos, e pelos embaraços dos recifes e procuramos os melhores canaes, e andariamos sómente quatro leguas.

A 2 do dito mez, sahimos pelas seis horas a rumo de noroéste, logo se avista uma ilha que deixamos a direita, e outras que se seguem depois della com muita largueza do rio, e corôas de areão com baixios; vai fazendo volta a nornorcéste por intaipabas muito raza com correnteza que atravessa todo o rio, seguindo-se outros baixios, repartindo-se em varios canaes com muitas corôas, e uma ilha a esquerda. Torna a ajuntar-se e segue ao norte grande distancia; acompanhado de uma corôa a esquerda com mato em varias partes della que fazem parecer ilhas separadas, e no fim recifes de pedras altas com bom canal a esquerda e corre o nornordeste. Torna logo ao Norte, estreitando-se, e pouco abaixo o fizemos pouso e rancho a esquerda pelas tres horas, e meia por causa da chuva, e vento que alterou o rio, e andariamos cinco legoas.

A 13, continuamos a viagem pelas seis horas, com grande cerração, por entre recifes, e rio ainda estreito, que indo a nornoroéste faz canaes estreitos entre altos rochedos na entrada deste canal estreito não sei se ficou algum a esquerda. Vai voltando a nornordéste, e logo a Nornoroéste, e com a mesma brevidade ao Noroéste, torna Nornordeste, sempre entre rochedos e canal estreito de tiro de chumbo, tendo duas correntezas tão violentas, uma sobre outra, que tomarão agua as canôas. Corre rápido a noroéste, muito afunilado e continua em partes com rebojos, e indo a és-noroéste, tem dous canaes, dos quaes seguimos o da direita, e depois de uma boa distancia volta de repente ao norte ainda muito estreito entre rochedos: apárta-se logo um braço com cachoeira para esquerda, e seguimos a direita no mesmo rumo do norte, com muita correnteza grande distancia e logo a nornoroéste, tornando ao norte com a mesma correnteza; pocurando uma ilha que tem o canal da parte direita com pouca agua, e despede uma cachoeira para a parte esquerda seguindo o canal principal quasi a oéste, e com grande distancia com muita violencia, por elle seguimos depois de examinado, e na volta que faz para o norte, fizemos pouso da parte direita pelas cinco horas, e andariamos seis leguas.

A 4, sahimos pelas seis horas, quasi ao norte com pequenas voltas, porem o rio estreito e por este motivo com grande correnteza entre pedras e em distancia de mais de duas leguas, tres cachoeiras ou correntezas mais altas, e no fim desta distancia, reparte-se o rio em mais de seis canáes de cachoeiras. Tivemos demora em examinal-os, e assentando-se ser melhor o do meio, por levar mais agua, logo na estrada, e na segunda cachoeira, se perdeu a primeira canôa com a violencia da correnteza, entre um feixo de duas pedras; donde não se pode virar, e salvou-se a gente em um barril, que servio de balça, com cordas, e, deste modo se tirou o mais preciso, e o mantimento molhado, e fariamos neste dia viagem de duas leguas.

A 5, continuou-se a diligencia de tirarmos a canôa até o meio da que se não poude conseguir, e seguindo a outra canôo e canal por não poder retroceder, vio-se em varios perigos com outras correntezas altas; além da que sempre levava o rio, e com viagem de um quarto de legua, fizemos parada para enxugar tudo o que vinha molhado. O melhor canal destas cachoeiras, parece ser o primeiro da parte esquerda, ainda que pequeno, que vai bem encostado ao mato da parte do poente, e deve ser examinado pela beirada do mesmo mato, o que não fizemos, por tomarmos terra, abaixo delle, e pela parte de dentro não pode ser examinado por se communicarem canais de uns para outros.

A 6, sahimos pelas seis horas procurando o norte, e fazendo uma e meia volta quasi a léste, tornamos ao norte, e vai o rio alargando sobre canaes com moderada correnteza. Pouco abaixo faz poço largo com ilha secca a esquerda, e tendo-se viajado uma legua, vai procurando o rumo de noroéste com praias a esquerda. Tornam a continuar as pedras de uma e outra com ilha a esquerda, seguindo-se outras da mesma parte, e abaixo procurando outra ilha, faz grande cachoeira pelo canal da direita, e o da esquerda, procura a oéste muito favoravel, e vai fazendo volto a noroéste, e depois de quasi uma legua de poço volta ao norte sobre uma grande cachoeira. Seguimos o poço que faz um grande canto a esquerda e ao poente, procurando o canal por onde sobem os pescadores livres das maiores cachoeiras da Itabóca, e entrando por um pequeno canal, que cada vez se foi estreitando mais, até dar em um baixio de pouca agua, por onde parecia dificultoso passar a canôa, por cujo receio voltamos a procurar a cachoeira que se reparte em muitos canaes, e parecendo ao principio um delles bom, metteu-se a canôa, e logo se vio em grande perigo passando salto de cachoeira, que não poude evitar pela violencia da correnteza, e indo sobre outro mais alto certamente se perderia todos, se Deus Nosso Senhor nos não livrasse; pois estando sobre o dito salto, sem governo, a canoa cheia d'agua um grande rebojo a lançou sobre os rochedos da parte direita do canal, onde a atraca e tiraram as cargas para despejar a muita agua, e neste lugar ficou atracada com cordas, por ser tarde, e não poder passar outras cachoeiras do mesmo canal, e os que vinham por terra ficaram separados entre outros canaes, e neste dia andariamos tres leguas.

A 7, continuou-se a diligencia de passar a canôa com cordas, e as cargas pelos recifes que separam os canaes, e acabando-se de embarcar pelas tres horas da tarde, desceu por grande correnteza uma pequena volta do rio, onde fizemos pouso para comermos e enxugar e andariamos um quarto de legua.

No dia 8, amanheceu chovendo, e pelas oito horas seguimos viagem em rumo de noroéste, com grande correnteza, por ir o rio encanado: pouco abaixo, devide-se em dous canaes, sendo o da direita maior com pequena cachoeira na entrada; e o da esquerda, ainda que violento, mais favoravel: mandei parar a canôa, e indo a examinal-o grande distancia; na volta que faz a ajuntar-se, achei tres cachoeiras altas; as quaes me fizeram retroceder: seguimos o da direita; passando algumas correntezas ásperas, e quasi na altura onde o outro canal têm as cachoeiras altas, achamos uma muito alta, onde a violencia das aguas não davam lugar a passar a canôa atracada com cordas: preparámola com boia, e lançando-a a cachoeira, foi logo a pique, submergindo-se no centro do canal, que por ser muito fundo, levou consigo a boia, que era um barril, e ficamos esperando até hoje noticias della. Repartimos o resto dos mantimentos, deixando todo o mais trôm, e seguimos a nossa derrôta por terra, e andariamos 1|4 de legua.

A 9, partimos pelas sete horas acompanhando o rio pelo mato da parte direita por varios canaes, e antes de um quarto de legoa vimos outra cachoeira, pouco melhor que a de cima, e logo abaixo della, encontamos outro braço do mesmo rio bastantmecnte largo; e então conhecemos que estavam ilhadas. Seguimos por elle acima a procurar part onde fosse mais manso, para atravessal-o em alguma balsa, e pouco diante da divisão que faz em dous braços, vimos paragem de menos correnteza, e por falta de paos que são proprios para jangada: procuravamos alguns podes para em feixar e nesta deligencia entrando ao mato, achamos uam pequena canôa do gentio que a cheia conduzio aquella ilha, e nella passámos com trabalho pela sua pequenêz e incapacidade. Seguimos para baixo, e em pouca distancia fizemos pouso, e andariamos meia legua.

A 10, continuamos a nossa jornada, acompanhando o rio que segue por varios canaes, e passada meia legua faz um grande poço, com enseada a direita, para onde seguimos largando o rio que volta quasi ao poente, e fomos continuando a nossa marcha a direita por detraz de uma ilha situada em uma grande praia: seguimos uma vazante por onde entra o rio nas cheias avista do mato de terra firme que em muitas partes é alagadiço; atravessamos lagos, e em outras partes rompendo matos sem alcançar o rio fizemos pouso e andarimos duas leguas.

A 11, seguimos a mesma vazante com muitos embaraços de lagos, até a beirar o rio pelas onze horas, e andariamos uma legua.

Neste lugar achamos duas canôas de pescadores: tem o rio nesta altura muitas pedras com suas correntezas, e desde o mencionado poço onde o largamos, até este lugar, não sei que tal será a navegação: acampanhamos as canôas, que não podiam conduzir tod a gente, e depoih de meia legoa fizemos pouso com viagem de todo o dia, de uma legua e meia.

A 12 trabalhou-se em accrescentar-se as canôas com falsas.

A 13, continuamos a viagem, sahindo pelas oito horas por entre muitos recifes e correntezas, em rumo pouco mais ou menos de noroéste, passamos varias ilhas pequenas, e uma cachoeira, a qual chamam os naturaes Samauma: abaixo della uma ilha com cachoeira, que se passou encostado a mesma ilha pela parte esquerda; por trazer o canal da direita pouca agua: no fim tem grande poço, e avista outros recifes com cachoeiras, a que os pescadores chamam vida eterna; seguimos encostados a direita e onde o canal é manso fizemos pouso por cima da cachoeira da praia grande com viagem pouco mais ou menos de cinco leguas.

A 14, sahimos pelas sete horas no mesmo rumo, e passada a cachoeira, tem o rio algumas correntezas mais moderadas com melhores canaes: topemos mais canôas de pescadores e com duas leguas de via

gem, encontramos a Antonio Lages de Albuquerque, a quem o pedimos favor para transportarmos, e com uma legua de viagem fizemos pouso em uma ilha pequena, perto da ultima correnteza que é favoravel pela parte direita, e andariamos tres leguas.

A 15, seguimos o rio, pouco mais ou menos a noroéste muito manso com baixio de areia e viajamos todo o dia até as onze horas da noite. Tem esta distancia algumas corôas, e nesta altura chega a maré, e andariamos nove leguas.

A 16 continuamos a nossa viagem ao romper do dia, e pelas oito horas, chegamos ás primeiras roças, onde pedimos canôa para transporte tivemos demora, e com vazante de maré chegamos ao logar de Bayão onde pedimos favor de pratico, e ainda viemos fazer pouso uma legua abaixo onde assiste o Guarda-mór Antonio de Oliveira Sanches, que nos deu canôa para seguirmos e andariamos cinco leguas.

A 17, seguimos a nossa viagem sempre encostados a direita; cujo barranco é continuado, e tem algumas ilhas que são grandes e successivas umas as outras e nos aproveitamos neste dia duas marés de vazante.

A 18, fizemos viagem de outras duas marés, aproveitando-nos das suas vazantes.

A 19, aproveitamos viagem de outras duas marés na mesma forma acima.

A 20, procurámos por furos outros rios, Mojú, Uacará, e Guamá os quaes entram uns nos outros.

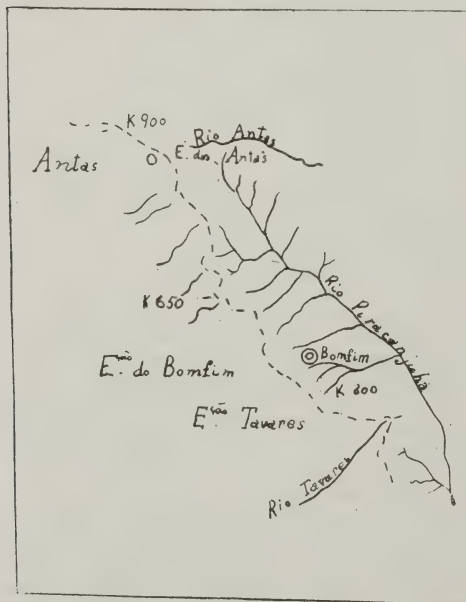
A 2, atravessamos o ultimo Rio Guamá, que encosta a cidade, onde desembarcamos pelas sete horas da noite.

Gastamos nesta viagem 46 dias e andariamos 190 e 3|4 de leguas.

ADVERTENCIA

Muitas cousas das que assignal-o neste roteiro, não se vêm estando o rio mais cheio como são as praias, muitas das canôas, é quasi todos os recifes; que cobertos no tempo das aguas com as cheias, permitem boa navegação, e pelo contrario, na secca, depois de estar o rio vasio: fazem correnteza parigosas, por estarem as pedras descobertas, e muito a flôr d'agua, exceptuando as cachoeiras principaes que em todo o tempo, se conhecem: o tempo mais proprio para navegar-se, subindo rio acima; parece ser logo depois da Pascoa, e para descer rio abaixo será o mais opportuno nas occasiões das maiores cheias.

Antonio Luiz Tavares Lisboa.

Mappa do trecho do traçado da E. F. Goyaz, comprehendido entre as projectadas estações de Tavares e Aantas (hoje Annapolis).

A estação de Bomfim, por esse traçado, fica a 10 kilometros da cidade do mesmo nome, n'um local onde nem agua ha para o abastecimento das locomotivas. Uma variante tirada da estação de Tavares um pouco mais adiante, além de attender á aspiração dos bomfinenses, encurta o percurso da linha ferrea, e dar-lhe-ha outras probabilidades de renda.

Notas e Informações

A' imprensa carioca, na sua contumaz ignorancia dos recursos agro-pecuarios do paiz, e que por um tradicional preconceito, ou o que vem a ser a mesma cousa — por um veso antigo, ainda insiste em collocar no Rio Grande do Sul, em Minas Geraes, no Piauhy, na ilha de Marajó e até nos campos do Rio Branco os centros mais efficientes da nossa producção bovina, e continúa a matracar que nosso stock bovino exgotou-se com a insignificante exportação de carnes frigorificadas que fizemos de 1915 a esta parte — offerecemos a leitura do que se segue :

No Rio continúa a falta de gado para ser abatido. Quasi todas as folhas cariocas commentam o facto. Entretanto, o sudoéste longinquo, o grande dispensario de bovinos, continúa envolto em nuvens mysteriosas, desconhecido de todos. Lá, pela Serra dos Orgãos talvez se ignore a existencia destes sertões donde sahem, sem que se note, vinte (20) mil bois, annualmente, para as feiras de gado *lá de fóra*, como dizemos em irreprimivel chacota, nós outros, os de *cá de dentro*, os do coração, das entranhas brasileiras ! Têm razão os de *fóra* em ignorar-nos. E' lá de crer-se que, a não ser em contos de fadas e das mil e uma noites, haiam doidos que vivam a 80, 100 ou 200 leguas da estrada de ferro ? e que esses dementes criem, vendam e conduzam rebanhos de milhares de novilhos ás praças de consumo ? Oh! não. Não ha quem creia nisto. O que é facto, porém, é a existencia dessas riquezas todas atiradas por ahi, a esmo, sem que se lembrem, os poderes federaes, de baratear a producção, intensifical-a, seleccional-a.

A verdade dura é que, o boi, compra-se aqui, em média, a 120$, como aconteceu este anno. Faz 35$ de transporte a Barretos e, ahi, 35$ de engorda. Prompto, pois, para a matança, custa 190$ e, no Rio, a carne está a 22$500 a arroba, sem haver gado sufficiente para o consumo. Esse preço fabuloso, considerando-se o peso médio de um boi, em 15 arrobas, dá 337$500 para cada um. Juntando-se a esta parcella o preço da venda das frissuras, cornos, couro e outros artigos aproveitaveis do gado abatido, num total de 70$, verifica-se que, o boi dá, por lá, aos de *fóra*, 407$500, isto é, cento por cento do seu custo aqui, em Barretos, e quatrocentos por cento do que, por aqui pagam os compradores de gado. E... durmam os srs. estadistas, economistas, financistas e quejandas illustrações politico-economicas com um tal estado de cousas.

Em Rio Bonito fizeram-se bons negocios de gado a semana finda. Quem brilhou foi o sr. Pio Novaes e o seu intelligente filho, P. Novaes Junior, que fizeram suas compras na média de 115$ — *estado*, levando manadas num total de 3.000 cabeças. Vem depois o sr. Francisco Cota Pacheco, que comprou 2.000 novilhos, na média de 117$ — *estado*. Outros compradores de menores quantidades tiram 1.500 a 2.000 rezes, na média de 118$ a 120$ — *estado*. Isto quer dizer que, Rio Bonito exporta, este anno 7.000 novilhos, representando o valor de 812:000$, pelo *estado*, ou sejam 882:000$ pela base de mais 10$ por cabeça, o que é commum.

Jatahy continúa com pouco movimento de gado; entretanto, estamos informados de que, um só negociante, comprou 5.000 rezes e ainda quer mais 3.000 para sahir. As compras têm sido feitas na base de 130$000.

Aqui, em Rio Verde, os que negociaram o gado com o sr. João Ferreira, estão formando boiadas de 1.050 cabeças cada uma e as levarão a Barretos onde esperam obter preços superiores a 150$000.

D'*O Sertão*, de 5 do mez findo, folha que se edita em Rio Verde, sudoéste de Goyaz.

O citado periodico goyano insere, a seguir, uma correspondencia de Rio Bonito, cujos topicos referentes ao assumpto para aqui trasladamos :

— A praça tem estado bastante movimentada não só com a presença de innumeros representantes commer-

ciaes, como tambem com a concurrencia de boiadeiros e comitivas em arrecadações do gado para a exportação.

— A campanha d'*O Sertão*, brilhantemente sustentada e patrioticamente iniciada, trouxe beneficios inauditos ao sudoeste, bastando dizer-se, para comprovar o asserto, que Pio Novaes aguardava "estado" e Cota Pacheco, tambem, ambos "irreductiveis" nos 80$, por uns dois mezes até que, afinal, mantendo-se os fazendeiros firmes com o "estado" publicado pelo *Sertão*, resolveram-se os compradores, entrando Cota Pacheco com a offerta de 110$, sobre a qual carregou Pio Novaes mais 5$ e, sobre este "estado" de 115$, offertou mais 2$ Cota Pacheco, dando o seguinte resultado: Pio, média de 115$; Cota, média de 117$. Agora se accrescentarmos ao "estado" mais os 10$ por cabeça, como é de praxe, veremos, sommados ambos e, divididos por bois, que a base das vendas foi de 126$, isto é, "apenas" 46$ mais em cada novilho! Verificando-se que as [illegible]nadas attingem a 5.000 bois verifica-se que, o lucro havido em Rio Bonito foi de 230:000$000.

Rio Bonito, 2 de Dezembro de 1920.

* * *

Além desses dois municipios, Goyaz possue mais outros 49, cuja média de exportação para Minas, S. Paulo, Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia e até para o Paraguay, não é inferior a 6.000 cabeças, sendo que só de Jatahy exporta 20.000 bois, ou sejam o total da exportação goyana superior a 300.000 cabeças de bovinos, annualmente.

Disto não sabem nem querem saber os nossos estatisticos e *soi-dissants* conhecedores da pecuaria nacional. Goyaz é, e até muita gente ignora, o unico Estado do Brasil que nunca, jamais, foi contemplado nas estatisticas officiaes [illegible] Ministerio da Fazenda.

Neguem ao Estado repartições de estatistica e todos os favores que S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo gozam no porto da Capital Federal, mas dêm-lhe pelo menos a unica cousa que elle pede: meios faceis de transporte para os productos da sua pecuaria e polycultura, que de anno a anno mais se avulta!

E aqui vem mui a proposito lembrar a relação dos productos ou artigos que Goyaz exportou no anno de 1919, conforme os documentos fornecidos pela Secretaria de Finanças do Estado: vaccuns, cavallares, muares, suinos, lanigeros, fumo em corda, crystaes, salitre, mica ou malacacheta, borracha, sola, couro crú, salgado, pelles diversas, arroz com casca, arroz beneficiado, feijão, farinhas de milho e de mandioca, carne de porco, xarque, carne secca, banha derretida, sebo, graxa, oleos, azeite, tripas, linguas, chifres, ossos, unhas, sola em obra, sabão commum, assucar grosso, amendoim, milho, queijo e requeijão, mamona, algodão, telhas, polvilho, marmelada, aves domesticas, madeiras, paina e outras muitas mercadorias diversas.

* * *

Chamamos desde já a attenção dos leitores para a resposta que o nosso director dá, no proximo numero da *Informação*, aos articulados dos patronos de Matto Grosso na pendencia de limites deste Estado com o de Goyaz. Da irrefutavel documentação com que vamos repulsar as inverdades formuladas no laudo dos advogados do Bispo d. Aquino, resulta que o auctor do *Atlas do Imperio do Brasil* mystificara documentos historicos, citando delles [illegible] somente as passagens, aliás truncadas, que [illegible] — faltando assim á verdade.

E foi em torno desse trabalho de má fé que girou a defesa da pretenção indefensavel dos mattogrossenses.

* * *

Informa *O Democrata*, que se edita em Goyaz, que ao raiar o novo anno estará concluida a construcção da linha de automoveis que se destina a ligar a Capital do Estado a Roncador, terminus da E. F. de Goyaz. A inauguração desse importante serviço porá a capital goyana em communicação rapida com o Rio de Janeiro em quatro dias.

* * *

Pelo balancete publicado pelo orgão official do governo do Estado, o saldo existente no cofre da Secretaria de Finanças, na Estrada de Ferro de Goyaz e Bancos do Brasil e Mercantil, em 30 de Outubro p. p., era de 2.459:659$000.

Uma fazenda de criação no municipio de Bomfim

E' seu proprietario o Sr. João Pereira Dutra, que possue mais cinco fazendas de gado vaccum, separando em cada dellas pela côr do pellagio: numa, gado baio; noutra, as rezes são pretas de cara branca, lembrando as da raça Hereford. Numa dessas propriedades ruraes, todo o gado é de côr castanho-amarella.

Dir-se-ha um capricho do fazendeiro — mas releva não esquecer que o grande Cornevin, referindo-se ás variadas côres dos bovinos, observa que ellas são ás vezes peculiares a uma

Os victimados por amor de Goyaz

Um rapido golpe de vista ao passado, desde os tempos coloniaes, põe o nosso assumpto á grande luz.

Bartholomeu Bueno da Silva, o "Anhanguéra"—a quem se deve o assignalado serviço do descobrimento de Goyaz, teve no dizer magoado dos chronistas desses tempos de despojar-se das joias de sua mulher, casas, escravos e minas de ouro, que foram arrematadas em hasta publica, para indemnizar uma arroba de ouro da real fazenda, que para sua subsistencia conseguira, a titulo de remuneração, do espirito justiceiro do governador d. Luiz Mascarenhas, ficando ainda mais pobre que antes de receber aquelle subsidio, elle o descobridor de arrobas de ouro sem conta e de outras tantas riquezas para o renome de Goyaz.

E hoje não ha de memoria de homem como se saber onde jazem os restos mortaes do infeliz descobridor daquella formosa terra, cujas classes dirigentes ainda não se lembraram de, embora tardiamente, pagar tambem divida de gratidão á memoria desse grande bandeirante paulistano — grande na historia e grande na legenda.

Vem-nos ao bico da penna o nome de João Leite da Silva Ortiz, cunhado do Anhanguéra, companheiro que lhe foi no descobrimneto das terras e minas goyanas, e dellas seu primeiro-guarda-mór; morreu assassinado no Recife, quando se dirigia a Lisboa, para o fim de entender-se com o rei quanto ás muitas injustiças soffridas em Goyaz. No Recife (diz um historiador) a justiça, a titulo de bens ausentes, — apoderou-se das barras de ouro e mais valores de Ortiz, não obstante os parentes e o proprio filho, que em vão reclamaram. O governador não podia intervir na esphera dos ministros, e a tal justiça consumiu tudo.

O commendador Joaquim Alves de Oliveira, goyano, e um grande espirito emprehendedor, foi uma das maiores victimas de suas iniciativas, visando o engrandecimento e prosperidade de Goyaz, particularmente com a introducção da primeira typographia que teve a provincia, e de uma pharmacia para os pobres do municipio de Meia-Ponte e tambem de uma bibliotheca publica, cousas espantosas e até então nunca vistas em Goyaz.

Da typographia que servira para a impressão do primeir periodico goyano, a "Matutina—Meia Ponte", diz Sant'Hilaire:

"Il lui avait été prédit qu'on se servirait de cette imprimerie contre lui-même, et effectivement, on n'a pas tardé á chercher á le noisir dans un l.belle pleine de calumnies".

Estes dizeres foram confirmados por Cunha Mattos, no seu interessante "Itinerario":

" O commandante do districto de Meia-Ponte, Joaquim Alves de Oliveira, é commendador da Ordem de Christo, Cavalleiro da do Cruzeiro, e Moço da Camara de Sua Magestade Imperial.

Este homem benemerito estabeleceu á sua custa uma Bibliotheca Publica na villa de Meia-Ponte, assim como uma typographia, na qual se verificou aquillo que eu lhe mandei dizer do Rio de Janeiro — que elle seria uma das primeiras victimas da mesma typographia. — Um toucinheiro da roça (assignatura supposta), atacou a este illustre cidadão a respeito do serviço militar, não tendo o minimo motivo de o calumniar."

E que mas tarde succedeu ao general Couto de Magalhães ?

E' triste dizel-o, mas é verdade que pagamos nós os goyanos, com usura, o ousado emprehendimento da navegação a vapor da Araguaya, bem como a catechese dos seus incolas, não falando em tantissimos outros serviços de val'a que nos prestara o glorioso autor d'*O Selvagem*.

HENRIQUE SILVA.

Bibliographia Goyana

Entre as mais importantes contribuições para o conhecimento do *hinterland*, de Goyaz, particularmente appareceram, nestes ultimos annos, as seguintes, catalogadas pelo intelligente livreiro-editor Sr. Tancredo de Paiva :

ANONYMO — The eron on the Duro Goldfields in-Goyaz — *Brasilian Muning Review*, March, 1905, vol. II n.º 3, Rio de Janeiro.

— "A região carbonifera está situada na Serra do Duro que se prolonga ao N. com outras denominações até o Maranhão. A Villa de S. José do Duro está nas visinhanças de S. Miguel das Almas.

Schistos metamorphicos constituem a formação geologica. O ouro occorre em veieiros de quartzo com ouro visivel. Foram assignalados 28 corpos de minerio."

ARROJADO LISBOA — *Bibliographia*.

PAUL EHRENREICH — *Anthropologisch Atuaien über die Urbewohner Brasiliens Braunschweig*, 1897, 4º, 168 p. e 39 estampas in- *Globus*, vol. 72, 1897, n.º 9.

"Esta obra é destinada a completar as publicações de C. von den Steinen sobre a ethnographia dos indigenas do Rio Xingú, na parte relativa ao lado physico-anthropologico. Foram especialmente as viagens que o autor fez na região dos rios Araguaya e Purús nos annos de 1887-1889 que forneceram o material para essa obra. O autor trouxe a Berlim tres esqueletos, oito craneos e grande numero de medições feitas em pessoas vivas. Foram tiradas vistas photographicas de numerosas pessôas que em 30 estampas excellentes e numerosos clichés estão reproduzidos. Das tribus visitadas em Goyaz, Matto Grosso e Amazonas foram 184 individuos examinados e medidos". (IHERING, *Rev. Museu Paulista*.

CH. KERREMAUS — Voyages de Mr E Gounelle au Brésil — *Mémoires de la Soc. Entomolog. de Belgique*, tom. VI, Bruxelles, 1897.

"... estudou as Buprestidae das quaes obteve boa collecção tambem de Goyaz pelo explorador Sr. Ch. Pujol." *Idem*.

CAROLO MULLER, Bryologia Serræ, Itatiaie, Minas Geraes — *Bulletin de L'Herbier Boissier*, vol. VI, 1889, p. 18-126.

"Contm a descripção dos musgos colligidos... e Goyaz pelo Sr. E. Ule." *Idem*.

FR. KRAUSE — Tauzmakeu-nach bildemgen vom mitlerem Araguaya in-Jahrb. des Stadt Mus. Vol. III, 1908.

KRAUSE, Indianische Kultur; illustrierte Zeitung, Vol. 135, Leipzig.

"São sem duvida as duas tribus mais interessantes do Brasil que o dr. Krause visitou, em 1908, a dos Carajás e a dos Cayapós, os primeiros na Ilha Bananal do Araguaya, e um pouco ao Sul, estes ao Norte, perto de Conceição..." IHERING, Rev. cit.

KRAUSE, Uma viagem ao Araguaya, in-Rev. Inst. Hist.

C. E. HELLMAYR, Au account of the birds coll. by Mr. A. G. Baer in the State of Goyaz in Nov. Zool. Freing, vol. XV, 1908 p. 13, estudo das aves collecionadas por Baer.

KRAUSE — Relatorio sobre uma viagem de exploração ao Brasil Central (em allemão) in-*Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, 1909, p. 494-502.

"Sob os auspicios do Museu de Ethnographia de Leipzig, o autor visitou, em 1908, o Araguaya, penetrando no seu curso médio pelo lado do Sul, via Santos, S. Paulo, Uberaba, Araguary, Goyaz e Leopoldina e descendo o rio até Conceição, de onde voltou pelo mesmo caminho..." — *Goeldi*, Museu Paraense.

KRAUSE — Conceição do Araguaya—*Globus*, 1909, p. 299-303.

"Uma verdadeira monographia deste centro populoso, que deve a sua fundação e o seu desenvolvimento extraordinario á dedicação e ao genio civilizador do inolvidavel Frei Gil Villanova." — *Goeldi*.

H. SINGER — Von Tocantins — Araguaya—*Globus* 1910.

"Este artigo dá um resumo do relatorio expedicção que o Sr. Léon Thiéry emprehendeu em 1901 e 1902 e que foi publicado no "Mouvement Géographique". A expedicção tinha por fim principal estudar as condições de navegabilidade do Tocantins e do Araguaya". — *Goeldi*.

KRAUSE — Mascaras de dansa do medio Araguaya (em allemão) *Jahrb. des Stadt Museums*, Leipzig, 1908-1909, vol. III.

(Continúa).

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V | RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1921 | VOL. IV — N. 6

SUMMARIO

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

II

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

Antes de tudo. Baseando, como o fez o Sr. Prudente de Moraes o seu abstruso laudo unica e exclusivamente no texto do *Atlas do Imperio do Brasil* pelo extincto senador Candido Mendes de Almeida, que era no seu tempo um notavel geographo e historiador — mas rancoroso, e, o que é mais, comprovadamente suspeito á provincia de Goyaz — que lhe negára uma cadeira da sua representação na antiga Camara dos Deputados, é de vêr que o deputado paulista não poderia ser mais infeliz, e bem pode limpar as mãos á parede, elle e o Sr. Pires e Albuquerque. Nós aqui nada avançamos sem provas.

Em 1852, logo apoz a sua malograda candidatura alludida, escrevia o casmurro maranhense uma catilinaria de 413 paginas contra Goyaz: "A Carolina ou a definitiva fixação dos limites entre as provincias do Maranhão e de Goyaz, questão submettida á decisão da Camara dos Srs. Deputados desde 15 de junho de 1835."

Em 1854 teimoso, rancoroso dá á luz outro pamphleto goyanophobo — "A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as provincias do Maranhão e Goyaz.

Questão resolvida pela camara dos Srs. deputados em 26 de maio deste anno e submettida a dos Srs. senadores em 30 do mesmo mez e anno." Com este ultimo libello contra Goyaz, que já havia perdido em 1816 todo o territorio comprehendido entre o rio Manoel Alves Grande, Serra Geral e o Tocantins, que passou a pertencer ao Maranhão, ainda conseguiu esbulhar aos goyanos a cidade de Carolina.

E, como odio velho não cança, em 1863 apparece o *Atlas do Imperio do Brasil,* onde com insolita parcialidade e a sua sabida animada versão a Goyaz, o já caduco cartographo nega-lhe direito ás zonas em litigio com o Pará e Matto Grosso. Para o fazer teve, ora que sonegar documentos historicos favoraveis a Goyaz, truncando-os, mystificando-os; ora citando delles apenas as passagens que lhe convinham, isto é, que interessavam Matto Grosso.

D'ahi o Sr. Prudente de Moraes repetir textualmente o seu oraculo supremo: "Eis o que ha sobre a fronteira do Araguaya até 1771 (referia-se ao Acto de Accessão de 1º de Abril).

Depois dessa época nunca mais se tratou de divisas entre Goyaz e Matto Grosso, ao menos por parte do Governo Colonial, mantendo por um Alvará ou Provisão do Conselho Ultramarino o ajuste feito pelas duas Capitanias.

lugar de Secretario de Estado, nem dessa materia occupou-se, tendo aliás interesses, visto que, a elle se deve o primeiro e mais importante mappa do Brasil, que em 1807 publicou W. Faden, em Londres, sob a denominação de "Columbia Prima", que foi a base de todos os que se lhe seguirão."

Ora, se Luiz Pinto, que exercia na Metropole o alto cargo de Secretario de Estado, não se occupasse dessa materia e por ella não tomasse interesse, W. Faden não escreveria no seu mappa a seguinte ADVERTENCIA: "This Map of the Continent of South America, was originally undertaken by the advice of *His Excellency* the tale Chevalier Pinto, during his residence in London, as Minister Plenipotenciary from the Court of Portugal; who graciously patronized the work by communicating all the manuscript maps & other geographical documents of the Portuguese Territories, which *His Excellency,* when Governo of Matto Grosso, contaning principally the following — "The River Paraguay, M. S. 1754. Rivers Paraguay and Paraná, M. S. Governo de Moxos, M. S. Capitania de las Guayas, M. S. Capitania de Minas Geraes, M. S. 1777. Colonia do Sacramento, M. S. Carta Limitrofe do Paiz de Matto Grosso e Cuaybá, levantado pelos Officiaes da Demarcação dos Reaes Dominios, o anno de 1782 o de 1790 M. S. together with sundry edited maps and manuscript remarcks."

Traz ainda o alludido mappa elaborado com os documentos officiaes existentes em original no Archivo da Marinha e Ultramar de Lisboa (Caixa do anno de 1772), no frontespicio os dizeres que se seguem:

«COLOMBIA PRIMA

OR

SOUTH AMERICA

In which it has been attempted to delineate the Extent of our Knowledge of that Continent.

From the original manuscript maps of His Excellency the tale Chevalier Pinto, João Joaquim da Rocha, João da Costa Ferreira Et Padre Francisco Manuel Sobrevida.

And from the most authentic Editd Accounts of those countries.

The tale eminent and learned Geographer Louis Stanislas Darcy de la Rochette. Published by Willian Faden, Geographer to His Majestin and to His Royal Highnefs the Prince of Gales, June 4the 1807.»

E' obvio, é claro, é evidente, pois, que «se desde 1771, na affirmativa de Candido Mendes «nunca mais o Governo Colonial tratou de divisas entre Goyaz e Matto Grosso», foi porque se conformára com o ajuste feito pelas duas Capitanias, e assignado pelas suas altas partes contractantes. — D. Luiz de Souza Pinto, Governador de Matto Grosso, e D. Antonio Carlos Furtado de Mendonça, Governador de Goyaz.

Pela «Copia das Instrucções que o Marquez de Pombal deu ao Exmo. Luiz Pinto, hindo governar o Estado de Matto Grosso», vê-se que a principal d'ellas era a fixação dos limites da Capitania *(Codice XI* da collecção de manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional).

Luiz Pinto, por intermedio do seu grande ministro, e não pelo Conselho Ultramarino, poderes para fixar definitivamente os limites da Capitania de Matto Grosso. Ora, como disse o eminente Sr. Epitacio Pessoa, no seu livro *A Fronteira oriental do Amazonas*. «No direito antigo, ao rei competia fazer a lei. O rei é lei animada sobre a terra, dizia a Ord. 1, 3, t. 75; póde fazer a lei e revogal-a, quando vir que pode fazer assim.

Era um direito que lhe pertencia soberanamente, e que elle, portanto, podia exercer por acto pessoal ou mediante delegação.»

Que o rei delegara poderes a Luiz Pinto para fixar os limites da sua Capitania, ahi está o documento acima referido. Assim, e na verdade, não é, pois, de extranhar que o Conselho Ultramarino não expedisse Provisão ao Alvará, como queria Candido Mendes; dando por approvado o Convenio de 1.º de Abril de 1771, sobre o qual não fôra ouvido, nem cheirado.

De extranhar seria que Luiz Pinto de Souza Coutinho, 1.º visconde de Balsemão, diplomata e estadista portuguez, de nobre linhagem, alto prestigio na politica do seu tempo, e casado, com uma das Lencastres, a escriptora e poetisa D. Catharina Michaela, exercendo o cargo de Secretario d'Estado e Negocios do Reino e diplomata durante o difficil periodo da Revolução franceza não tivesse força ou prestigio para fazer valer um seu compromisso de honra qual o da sua assignatura dada ao Acto de Accessão de 1.º de Abril de 1771. (1).

Os impenitentes patronos de Matto Grosso costumam allegar, mas sem provas, que o Governador de Goyaz não remetteu a Luiz Pinto o *reversal* por este exigido, a fim de ambos «de mutuo accôrdo e por via do Conselho Ultramarino porem na presença de S. Majestade o objecto da convenção de 1.º de Abril de 1771.»

Aqui um parenthesis para provar que os padroeiros de Matto Grosso sempre andaram aos grillos ou então de má fé nessa pendencia de limites: «Motivou esta falta supposta a não remessa do reversal, como bem se ajuiza, o fallecimento de D. João Manoel de Mello, fulminado por um ataque apopletico á 13 de Abril de 1770.» (General F. Raphael de Mello Rego, *Limites de Goyaz com Matto Grosso.)*

Ora dá-se! como poderia D. João Manoel de Mello fulminado por um ataque apopletico á 13 de Abril de 1770, remetter para Cuiabá o reversal de um convenio de limites firmado em Abril de 1771 pelo seu successor Antonio Carlos Furtado de Mendonça? Outro pedacinho de ouro do General Mello Rego, a quem os matto grossenses deram uma cadeira de senador em troca da defesa mal alinhavada que fez a favor d'elles: «Furtado de Mendonça, cujo governo não foi longo, não se occupou com a questão de limites, de que não tinha exacto conhecimento, e talvez mesmo não lhe chegasse a tempo para estudal-a, embaraçado com questões e lutas administrativas, que desde logo o assoberbam, até que foi substituido por José de Almeida de Soveral e Carvalho, depois Barão de Mossamedes e Visconde da Lapa.»

Como Furtado de Mendonça não se occupou com a questão de limites, se foi elle quem, por parte de Goyaz assignou o Convenio de 1.º de Abril de 1771? Foram sempre e ainda são deste quilate todos os advogados de Matto Grosso.

Mas que interesse claro ou occulto teria o Governador de Goyaz em não remetter aquelle reversal a Luiz Pinto — a fim de ambos, por via do Conselho Ultramarino, fazem-n'o chegar á presença de S. Majestade, se o accôrdo era em tudo por tudo favoravel a Goyaz que assim via liquidada definitivamente a sua pendencia de limites com a visinha Capitania?

Que aquelle documento foi remettido a Luiz Pinto pelo seu collega Furtado de Mendonça, está em que o accôrdo de limites, satisfeita aquella formalidade, chegou ás mãos do Rei, que por signal o modificou ligeiramente, como se vê do mappa de W. Faden — trabalho este que, como vimos acima, foi baseado nos documentos officiaes offerecidos pelo Governo de Portugal, por intermedio do seu embaixador em Londres, Luiz Pinto de Souza.

A modificação feita no accôrdo Mendonça-Pinto consistiu apenas nisto: «Rio Pardo até ás suas cabeceiras; d'ahi pelo chapadão divisor das aguas do Paraguay das do Paraná, até a Serra Sellada (tambem chamada Cayapó); deste ponto a linha divisoria acompanha o *divortium aquarium* das bacias do Prata e do Amazonas até a nascente do Rio das Tres Barras, affluente do Rio das Mortes, e por este abaixo até a sua foz no Araguaya.» — tudo como se vê nitidamente assignalado a tintas de côr, encarnada e azul, no mappa de William Faden existente na Bibliotheca Nacional. Esta leve modificação nas linhas divisorias acceita pelas duas Capitanias foi para melhor, por isso que attendeu accidentes geographicos naturaes, fixos e bem caracterizados — rios e divisores de tres bacias: o do Paraguay, o do Paraná e finalmente o do Araguaya.

Não saberia de tudo isto o historiador, geographo e cartographo Candido Mendes, que proclamava o mappo de W. Faden como o primeiro e o mais importante do Brasil, e que assim publicamente o reconhecia como autorizado?

Que, como atraz dissemos, Candido Mendes costumava citar dos documentos historicos que consultava, somente as passagens que lhe convinham, aqui vai mais uma prova, e vem a ser que elle mencionou da obra de Luiz d'Alincourt (edição da Bibliotheca Nacional, volume III), apenas a pagina 80, onde se lê que o Araguaya separava Matto Grosso da provincia de Goyaz, mas se esquecendo, já se vê, que d'Alincourt, a pagina 96 da mesma obra discriminando as raias do districto da fronteira do Paraguay (4.º districto de Matto Grosso) assim se exprimia: «Este districto tem principio, pelo Norte, no Morro Escalvado, junto ao Paraguay, servindo-lhe de extrema, tambem, por este lado, o Rio S. Lourenço; e pelo Meio-dia vai terminar nos Rio Apa e Negro; estendendo-se para o Oriente até Camapuã, Rio Vermelho, uma das cabeceiras do Pardo, e parte do Coxim para o Occidente, finda nas Serras de Limites e d'Albuquerque, e na extensa Bahia Negra.» Na alludida pagina 80 da sua obra d'Alincourt, traçando os confins de Matto Grosso, dizia textualmente: ... ...«pelo Meio-dia com *parte* (o italico é nosso) da provincia de S. Paulo, e com a Republica do Paraguay.» Candido Mendes supprimiu estas duas passagens acima porque não lhe convinha que o Paraná limitasse, desde a confluencia do Parnahyba e Rio Grande até a do Rio Pardo, a provincia de Goyaz com a de São Paulo. (2) A parte com que no dizer autorizado e insus-

---

(1) O mais interessante em tudo isto é que os advogados d... d. Aquino, que exigem Provisão ou Alvará approvando a linha divisoria indicada por D. Marcos de Noronha bem como o convenio de limites de 1.º de Abril de 1771, não são capazes de apontar um só Alvará, uma unica Provisão do Conselho Ultramarino approvando a demarcação das antigas Capitanias, em virtude de ordens régias emanadas ou dadas da Metropole aos Governadores ou autoridades com jurisdicção n'ellas. Entre innumeros exemplos, basta-nos citar um: foram approvados por Alvará ou Provisão os actuaes limites entre Goyaz e Maranhão mandados fixar em virtude da carta régia de 11 de Agosto de 1815, que aliás nem ao menos indicava por onde elles deviam correr?

Ora, se o Legislativo confirmou no anno 1854 aquelles limites, foi, não só porque julgou de justiça dispensaveis Alvarás ou Provisões approvando as ordens contidas na carta régia supra citada, como tambem por julgar como ensina Lafayette que todas as ordens do poder soberano sobre objecto de serviço publico eram havidas

(2) Respondendo a Provizão Régia de 25 de Maio de 1812 sobre limites da Capitania de S. Paulo, o Marquez de Alegrete informava "que os limites com a Capitania de Goyaz era o rio Paraná, que da embocadura do Tieté para cima se chama Rio Grande e como tal é tratado na Provizão Régia de 9 de Maio de 1748, da copia N. 26. Este limite tem sido immutavel pela sua mesma natureza".

Esta informação foi baseada na que prestara o coronel Manoel da Cunha d'Azevedo Coutinho de Souza Chichorro, secretario do Governo de S. Paulo, e no dizer do mesmo Marquez — "muito versado nos negocios da Capitania e bastante senhor do Archivo da Secretaria".

"Esta informação, com a collecção de documentos nella citados foi impressa em 1846 por deliberação da Assembléa Provincial de S. Paulo n'um folheto que hoje se tornou raro.

Um mappa preparado para acompanhar esta Informação foi remettido subsequentemente (11 de Maio de 1815) e lithographado no Archivo Militar em 1874". (Orville Derby — *Limites de São*

peito de d'Alincourt Matto Grosso limita com a provincia de S. Paulo é a comprehendida entre as confluencias dos rios Pardo e Paranapanema no Paraná.

No *Resumo* da expedição feita por d'Alincourt, de Porto Feliz a Cuiabá em 1824, diz elle: «A' minha chegada ao Rio Grande ou Paraná visitei uma aldeia de indios Cayapós, que fica quasi uma legua arredada da margem direita deste rio e na direcção da confluencia do Tieté. O meu primeiro cuidado foi colher noticias ácerca do terreno das distancias e rumos a que fica d'alli a Goyaz, Cuiabá e Camapuan: e muito particularmente inquirir sobre o rio Sucuriú, sendo-me preciso usar de subtileza por serem indios desconfiados, ainda que mansos, havendo entre elles alguns que fallam soffrivelmente o portuguez por terem sido soldados pedestres em Goyaz, donde fugiram. (*Revista do Instituto Historico,* tomo XX, pagina 373).

Não está ahi por onde se inferir que L. d'Alincourt reconhecia a margem direita do Paraná abaixo da confluencia do Sucuriú como pertencente a Goyaz, que até catechisara indigenas habitantes d'ella por esse tempo, fazendo d'alguns d'elles soldados da sua Companhia de Pedestres destinada ao policiamento dessas regiões a que Ayres do Casal na sua *Chorographia Brasilica* (1813) dera os nomes de *Camapoania* e *Cayaponia,* e tambem as havia como de jurisdicção goyana? O prior do Crato bem merece o cognome que lhe foi dado de «pai da chorographia brasilica», como ainda outro dia o proclamava o saudoso e illustrado professor Dr. Raja Gabaglia n'uma importante conferencia realizada na Bibliotheca Nacional sobre a evolução da geographia no nosso paiz.

Afinal, n'um ponto, ao menos, estamos de pleno accordo com Candido Mendes, que ao referir-se ao Sargento-Mór, Engenheiro Luiz d'Alincourt, escreve no seu *Atlas.* «Ora, este engenheiro, que não pouco occupou-se com a provincia de Matto Grosso, é uma autoridade que não se póde menosprezar.»

Outra autoridade invocada a favor de Matto Grosso no texto do *Atlas do Imperio do Brasil* é o competente Coronel de Engenheiros do Exercito portuguez Ricardo Franco de Almeida Serra, que foi um dos mais notaveis conhecedores das cousas da Capitania de Matto Grosso.

Na sua «*Memoria* ou informação dada ao Governo sobre a Capitania de Matto Grosso em 31 de Janeiro de 1800», escrevia Ricardo Franco: «A Fazenda de Camapuan, estabelecida no centro dos vastos sertões que medeão entre os grandes rios Paraguay e Paraná, está situada na latitude 19° e 35', e na longitude 50° e 21', e distante em linha recta 150 leguas, da Villa de Cuiabá, que lhe fica para o Norte, e 180 leguas da cidade de S. Paulo, que lhe fica a Suéste. E' o lugar de Camapuan não só precisa para a dita annual, e frequentada navegação; mas o angulo em que concorrendo as extremas das tres Capitanias do Matto Grosso, S. Paulo e Goyaz, serve de Atalaia, e cobre por egual ponto a entrada para ellas.» (*Revista do Instituto Historico,* tomo II, pagina 19.)

E não será esta, porventura uma das tantissimas provas insuspeitas, irrefutaveis de que a então fazenda de Camapuan, fundada pelos portuguezes, pertencia a Goyaz, quasi um seculo antes das invasões mattogrossenses?

Não ha uma só autoridade que o negue. Camapuan foi fundado em 1725, e como disse o Marechal Raymundo da Cunha Mattos ás paginas 300 do seu *Itinerario:*

«E' de ha muito conhecida a importancia estrategica da posição de Camapuan, pela facilidade com que se póde d'ali penetrar na provincia e até a capital de Goyaz em oito, ou menos dias, de marcha de cavallos.»

O Sr. Pires e Albuquerque, esquecido de que um magistrado não póde nem deve faltar á verdade, chegou ao ponto de escrever no seu faccioso laudo esta revoltante falsidade: «Considerando que o primeiro trecho do territorio litigioso, comprehendido entre o rio Araguaya e das Mortes, tem permanecido ininterruptamente desde 1738, quando os dous litigantes (então Ouvidorias da Capitania de S. Paulo) assignou o respectivo Governador como limite aquelle rio, na posse e jurisdicção do Estado de Matto Grosso, que ahi fundou em 1780 o registro do Araguaya, hoje cidade, séde de municipio e comarca de Matto Grosso, com dous districtos de paz, quatro districtos policiaes, oito escolas e duas collectorias.»

Como se vê, áquelle longo periodo falta não só grammatica como tambem inteligibilidade — e até o devido respeito á verdade. Qual foi o respectivo Governador que *assignou* como limite entre as duas Capitanias o Araguaya, na posse e jurisdicção de Matto Grosso?

Prove, cite um só documento authentico!

Outra nouvella mal contada é a de Matto Grosso ter fundado o registro do Araguaya, hoje cidade, em 1780.

O que houve foi o seguinte, que vem na *Memoria* do Barão de Melgaço sobre os limites da então provincia de Matto Grosso: «Em carta de 15 de Outubro de 1773 o Capitão General Luiz de Albuquerque apontou ao Capitão General de Goyaz os inconvenientes que apresentava a linha divisoria do rio das Mortes, á qual devia ser preferida a do Araguaya, e manifestou a intenção que tinha de estabelecer um registro no logar das Barreiras entre os ditos rios.

E no fim do mesmo anno fundou com effeito o dito registro não nas Barreiras, mas na Insua a poucas leguas de distancia do Araguaya, para cuja margem esquerda foi finalmente transferido o mesmo registro em 1812.»

Desafiamos outrosim ao Sr. Pires a provar a posse ininterrupta de Matto Grosso no territorio litigioso entre o Araguaya e o Rio das Mortes desde 1738, citando documentos, um só, siquer. Não, não será capaz.

Se S. Ex. fosse medianamente versado nas chronicas do Brasil colonia, talvez não ignorasse que em 1738 não existia um só nucleo de população civilisada na zona comprehendida entre o Araguaya e a margem direita do Rio das Mortes, que porventura indicasse, ahi, posse ou jurisdicção por parte de Matto Grosso; e mais, que a conquista desse alludido territorio teve logar no governo de D. Luiz de Mascarenhas, da Capitania de Goyaz, o qual organizou para esse fim uma grande expedição commandada por José da Veiga Bueno e Amaro Leite, no anno de 1739.

Este ultimo bandeirante fundou proximo á margem direita do Rio das Mortes um arraial que tomou o nome de *Amaro Leite dos Araés* e marcou os lindes da Capitania de Goyaz além da margem occidental do Araguaya; e nelle veio a fallecer no anno de 1768.

Posteriormente a esta data foi que o Capitão General Luiz de Albuquerque (será parente?) se apossou violentamente dessa povoação, trocando-lhe o nome para o de *Santo Antonio do Amarante* e depois veio vindo subptriciamente por etapas successivas até ás margens do Araguaya — mas sempre sob protestos dos Governadores de Goyaz. Basta citar o protesto formulado por d. José de Almeida e Vasconcellos, datado de 10 de Dezembro de 1774, quando o arbitrario Luiz de Albuquerque se apossou do registro da Insúa, que ficava 10 leguas distante da margem esquerda do Rio Grande ou Araguaya.

O Governador de Goyaz terminava assim o seu protesto: «que sempre pertenceu á freguezia de Anta (Goyaz) o pequeno arraial de Amaro Leite dos Araés.»

Saberá ainda o Sr. Procurador da Republica que muito antes de Antonio Pires de Campos, pelo Candido Mendes alvorado em «descobridor e fundador da Capitania de Matto Grosso» chegar aos sertões do Rio das Mortes, affluente do Araguaya, em 1682 e 1683, já essas paragens tinham sido descobertas por outro bandeirante paulistano: Manoel Correia, o qual, em 1647, entranhando-se pelo sertão de Goyaz com uma bandeira, ao encalço de indios, voltara a S. Paulo trazendo grande numero d'elles e uma porção de ouro que havia extrahido com um prato de estanho no rio dos *Araés* (hoje Rio das Mortes).

Em 1682 Bartholomeu Bueno da Silva, de posse do roteiro de Manoel Correia, foi ter á margem esquerda do Araguaya, onde se encontrou com seu conterraneo Pires de Campos. (*Roteiro* de Pires de Campos Filho).

Tambem não é verdade que Pires de Campos fosse «o descobridor e o fundador da Capitania de Matto Grosso». O fundador da Capitania de Matto Grosso foi Paschoal Moreira Cabral, como consta do termo de fundação do

arraial de Cuiabá, aos 8 de Abril de 1719. Qualquer alumno de historia do Brasil não ignora isto.

Bons annos antes de Pires de Campos penetrar nos sertões de Matto Grosso já os havia perlustrado Antonio Raposo, que sahindo de S. Paulo em 1648, no anno seguinte estava no territorio mattogrossense onde encontrou aldeias de indios catechisados pelos jesuitas hespanhoes vindos do Paraguay. Antonio Raposo, depois de varar Matto Grosso entrou pela Bolivia e Perú, onde deu combate aos hespanhoes — «atravessando os Andes e lavando as mãos nas aguas do Oceano Pacifico.» Depois deste successo, outro bandeirante paulista, Luiz Pedroso de Barros, seguindo as pegadas de A. Raposo, chegou ao Perú, onde morreu. *(Revista do Instituto Historico de Matto Grosso)*.

Não teve, pois, Pires de Campos a prioridade das descobertas, nem da parte léste, nem da parte sul de Matto Grosso. Depois, d'ahi não poderia resultar posse ou jurisdicção para Matto Grosso, porque tanto os sertões do Rio das Mortes como os de Goyaz ainda estavam sobre o dominio privativo de S. Paulo. Accresce que aquelle famoso bandeirante antes de chegar a Matto Grosso tinha já devastado os sertões de Minas Geraes e Goyaz, sem que d'ahi resultassem titulos de posse ou dominio.

Como se inferir que da sua entrada nos sertões dos *Araés* sobreviesse a posse delles para uma Capitania por esse tempo não existente? São de força os advogados de Matto Grosso!

Não menos desatinado foi o Sr. Prudente de Moraes Filho, que não andou cautamente, com *prudencia*, pretendendo justificar a posse e jurisdicção de Matto Grosso na outra parte em que é dividido o territorio em litigio, isto é, na que vai do rio Aporé ao Pardo, Camapuan e Coxim.

Diz este illustre causidico: «Em relação ao outro trecho do contestado, é tambem innegavel a posse ou jurisdicção antiga e actual de Matto Grosso, á qual Goyaz não póde oppôr nenhum titulo de dominio.

Desde o desbravamento do sertão comprehendido entre os rios Tacuary, Coxim, Camapuan e Pardo que delimitam essa parte do contestado, Matto Grosso começou a exercer ahi a sua jurisdicção até hoje sempre mantida.»

Desde o desbravamento do sertão comprehendido entre os rios Taquary, Coxim, Camapuan e Pardo? Estava mangando... Ignorará o advogado de d. Aquino que o desbravamento d'aquelle sertão foi feito á expensa do Governo da Capitania de Goyaz, em 1742, e que Matto Grosso só começou a exercer ahi a sua indebita jurisdicção em 1838, ou fosse quasi um seculo depois?

Já mostramos no artigo anterior a nullidade do acto da Assembléa Provincial de Matto Grosso elevando á Freguezia a Capella de Sant'Anna do Paranahyba, *ex-vi* do artigo 83 da Constituição do Imperio e § 9.º do Acto Addicional, ambos então em plena vigencia. E nullos são, portanto, todos os posteriores actos de Matto Grosso nessa zona do contestado. Sobre a inconstitucionalidade desses actos de prepotencia os padroeiros de Matto Grosso passaram como gato por brazas... Sem duvida para não perderem a prosapia de constitucionalistas.

A não prevalecer o dominio de Goyaz naquelles sertões até 1838, com muito menos razão poderá prevalecer o dominio de Matto Grosso d'ahi para cá. Eis o dilemma!

Matto Grosso é que não tem a prioridade da descoberta desse trecho em litigio, como tambem não poderá oppôr a Goyaz nenhum titulo de dominio ou jurisdicção anterior ao anno de 1838, quando aliás era um facto a existencia ali de uma povoação goyana — Sant'Anna do Parnahyba, onde não se encontrava um só habitante mattogrossense. Accresce que o cura dessa então capella era o padre Fleury, pertencente ao clero goyano e goyano elle mesmo.

Os demais habitantes eram mineiros, que não tinham o direito de opção por esta ou aquella provincia.

Já vimos acima o direito historico que assiste a Goyaz naquella parte do contestado; vejamos agora o que lhe coube no desbravamento d'ella, onde só um seculo depois entram os Attilas de Matto Grosso.

Mas está escripto que elles hão de ter os seus Campos Catalaunicos...

Dizia Candido Mendes — sempre com *parti pris* que «os companheiros do Anhanguéra para se fixarem na Capitania de Goyaz, demandaram o auxilio do celebrado Paulista Antonio Pires de Campos, descobridor das minas de Cuiabá; que atravessando aquelles asperos sertões com 500 indigenas da tribu dos Bororós, veio guerrear e reprimir a dos temiveis Cayapós, que ali demoravam e assolavam com repetidas incursões as fronteiras dos rios Claro e dos Pilões.» (Notem que rios Claro e dos Pilões são um e a mesma cousa).

A escolha daquelle Hunos foi bôa, pois só mesmo de Cuiabá poderia ser mandado vir; mas não foram os companheiros do *Anhanguéra* que tiveram o alvitre; foi D. Luiz de Mascarenhas, Capitão-General de Goyaz.

E ahi está mais um bandeirante que o erudito Capistrano desconhece: D. Luiz de Mascarenhas!

A verdade porem é a que se segue: Para o fim de desbravar os sertões de Camapuan e nascentes occidentaes do rio Cayapó onde os indios deste nome andavam em correrias, D. Luiz mandou contractar com Pires de Campos, mediante o pagamento de uma arroba de ouro com que contribuiam os habitantes de Villa Bôa de Goyaz, o serviço de desassombrar o vasto territorio limitado pelos rios Pardo, Coxim, Taquary, Paraná, Claro dos Pasmados (hoje Corrente) e cabeceiras orientaes e occidentaes do Araguaya. O famoso sertanista, assim ao serviço de Goyaz, depois de ter percorrido uma extensão de mais de 150 leguas, levando as suas armas até Camapuan, passou o Paranahyba e consoante ás ordens recebidas de D. Luiz de Mascarenhas, estabeleceu com cerca de 1.000 indios que aprisionara, as aldeias de Sant'Anna do Rio das Pedras, no hoje *Triangulo Mineiro* que por esse tempo pertencia a Goyaz. Pires (o outro) regressando relatou os seus descobrimentos e foi mui bem pago em ouro, ouro de Goyaz.

Todas estas medidas de administração, tomadas por D. Luiz, nos dominios sob sua jurisdicção, foram approvadas pela carta regia de 26 de Março de 1743, documento este que com outros mais referentes ao mesmo assumpto existe no Archivo do Governo de Goyaz. «Nesta carta régia de 26 de Março de 1743, se acha outra provisão em que se approva a despeza feita na guerra contra o gentio Cayapó e tambem a creação de duas companhias de Pedestres a este fim» (ver correspondencia do Governador José de Almeida de Vasconcellos de Soveral e Carvalho *in* «Subsidios para a Historia da Capitania de Goyaz (1756-1806)», pagina 101.

Foram creadas em Goyaz, para garantir aquelle territorio goyano, as duas referidas Companhias de Pedestres, que relevantes serviços prestaram na pacificação daquelles bravios sertões.

Ouçamos, ainda sobre a catechese dos Cayapós, um dos nossos mais notaveis chorographos — Joaquim Manoel de Macedo:

«Os sertanejos paulistas, descobridores do vasto territorio que veio a formar a provincia de Goyaz, tinham visto, uns depois de outros, passar um seculo sem que com toda sua bravura podessem abater e domar a tribu selvagem dos *Cayapós*, dominadora dos sertões de Camapuan.

Intrepidos e vingativos, os Cayapós ousavam chegar em suas correrias até o norte da capitania de S. Paulo, batiam-se impavidos com as bandeiras paulistas (companhias ou bandos de sertanejos) e roubavam ás caravanas. Luiz da Cunha Menezes, governador e capitão general da capitania de Goyaz de 1778 até 1783, resolveu empregar meios doceis, conciliatorios e humanos para chamar a civilisação aquella tribu energica e guerreira e em 1780 fez partir um simples mas intelligente soldado de nome Luiz á frente de cincoenta goyazes e tres indios em procura amigavel dos *Cayapós*. Depois de alguns mezes chegou de volta a *Villa Boa* (depois cidade de Goyaz) o soldado Luiz com os seus aventureiros, trazendo cerca de quarenta *Cayapós* com o maioral da tribu, ancião ainda forte e de imponente aspecto.

Entre as mulheres vinha a filha do maioral conduzindo pela mão a um menino e ás costas em uma rêde de cipó, bonita menina de poucos mezes nascida.

O ancião lisongeado pelo acolhimento e favores que recebeu do *grande capitão* (o governador) determinou ficar com os conquistadores, e despedir seus guerreiros, ordenando-lhes que fossem buscar os outros *Cayapós*.

Uma menina, neta do maioral, recebeu no baptismo o nome de Damiana, e o governador, que foi seu padrinho, deu-lhe o seu appellido, *da Cunha*.

Os *Cayapós*, cujo numero avultou por novos descimentos, foram estabelecidos nas aldeias *Maria* e de *S. José de Mossamedes* (proximidades da capital).

Na aldeia S. José cresceu, e casou-se com um brasileiro D. Damiana da Cunha, de que Augusto de Saint-Hilaire, que foi visital-a quando alli esteve, falla com elogio e interesse.

Era mulher bonita, amavel, de espirito atilado, fallando bem o portuguez, e que mais importa, gozando a maior consideração entre os *Cayapós*. Mas a harmonia e a paz não duraram muito tempo: aquelles selvagens voltaram de novo á guerra mais terrivel; porque não eram poucos os que, desertando das aldeias depois de ter aprendido a manejar de fogo, levando esse poderoso recurso aos seus irmãos dos desertos.

Então, no meio da maior furia da guerra, quando os *Cayapós* atacavam bandeiras, incendiavam habitações, destruiam plantações, matavam e roubavam, e em consequencia, soffriam perseguição igualmente cruel acabando muitos em vingativas e horriveis matanças, D. Damiana da Cunha começou a illustrar sua vida, já por virtudes louvada, ralizando ella, pobre e debil senhora, o que tinham feito Nobreza e Anchieta.

(Continúa).

HENRIQUE SILVA.

ATRAVÉS DO "HINTER-LAND" BRASILEIRO

Vamos citar algumas curiosidades, que temos observado nesta parte do Brasil Central, emquanto esperamos a conclusão da nossa improvisada e primitiva embarcação.

Uma dellas é o morro do Novo-Accôrdo, de cujo elevado cimo, além do bellissimo panorama que se observa, constituindo uma verdadeira maravilha, avistam-se os Estados do Piauhy, Maranhão, Goyaz e Bahia, que alli se confinam. Bem poderia ser chamado o *Morro do quatro Estados*.

Em frente ao Novo-Accôrdo, que fica á margem direita do Riosinho, está a fazenda Galiléa, na margem opposta, atravessada pelo ribeirão da Galiléa, cujas aguas, vistas em massa, são levemente róseas e possuem a admiravel virtude de curar o mal de Basedow (papeira), seja qual fôr a fórma por que se apresenta, segundo nos garantiram.

Deixando a margem esquerda do Riosinho, no Maranhão, e galgando a serra do Jalapão, em Goyaz, depois de percorrer campinas extensas sulcadas de fontes e rios, observa-se uma vertente na fazenda Itapirú, que fornece uma areia finissima, alva e macia, gosando da propriedade de ranger entre os dedos, quando apertada

Na fazenda Firmeza, situada entre o ribeirão Firmeza e os rios Aguas Claras e Somninho, encontra-se uma forte thermal, com 38° centigrados, ao lado de uma outra cuja temperatura quasi nunca excede a 25° centigrados.

O tosco banheiro de pedra, que recebe as aguas thermaes ao emergirem da rocha, proporciona ao viajante o mais agradevel e delicioso banho que se póde imaginar.

Ahi vimos uma frondosa arvore, cujas raizes descem verticalmente do tronco, e em fórma de taboa penetram pela terra. Basta serrar-se uma grande porção destas raizes para conseguir uma grande tabua.

Na Firmeza possuimos uma mesa e raiz de — Barra Larga, — como é conhecida a curiosa arvore que fornece ao homem tão uteis raizes, a qual, para preencher os fins

Nas innumeras vertentes, que partem da serra do Jalapão, encontra-se a bella e magestosa arvore denominada — Mirineiro — cuja casca em épocas determinadas adquire uma essencia delicadissima e tão activa, que basta uma pequena porção para perfumar um aposento.

Os moradores desta região central, costumam deitar um pedaço de casca de mirineiro nos bahús, para perfumar as roupas com sua delicadissima essencia.

Muitos outros vegetaes preciosos, como a campanha, que fornece dedicada bebida, preferida pelos moradores ao melhor chá da India, e a congonha, tambem estimada, alli se encontram.

DR. NOGUEIRA PARANAGUÁ. — *Do Rio de Janeiro ao Piauhy pelo interior do paiz.*

Eram ahi azues, como as do oceano, as aguas do Araguaya, e respirava-se um ar benefico, vivificador. O Araguay é a nona maravilha do mundo, porque o Amazonas é a oitava.

Quem conhece, porém, os dois rios ha de notar que o Araguaya varia de aspecto de espaço a espaço, emquanto que o Amazonas é sempre invariavel. O Rio-Mar banha quasi sempre terras pantanosas; e o Araguaya beija ora praias extensissimas de areias, ora pedraes quasi infinitos, beirando mattas e campos de encantador aspecto: umas vezes encachoeirado, outras vezes, tranquillo, formando ali abysmos medonhos e aqui lagos de encantador aspecto. O Araguaya tem alguma cousa das vicissitudes da vida humana, por isso, nelle o espectaculo sempre muda. O Amazonas tem alguma cousa da Eternidade: é sempre o mesmo oceano d'agua doce, descortinando aos olhares do observador, de momento a momento o infinito com as maravilhas que lhe são proprias, o infinito com o qual se confunde.

. . . .

A's 10 horas, atravessamos um estirão do rio de mais de 8 kilometros de largura.

Ao vermos o Araguaya tão grande, tão magestoso, abandonamos por completo a idéa de consideral-o tributario do Tocantins, porque é uma lei da physica: uma força maior attrahe a menor. Ora: o Tocantins desde a sua nascença á foz tem 2640 kilometros: de S. João de Araguaya, onde começa francamente a banhar as terras paraenses, este rio deslisa-se em um percurso de mais de 500 kilometros, até lançar-se no Atlantico. O Araguaya, porém chega a S. João com 2624 kilometros de curso; e ahi, por um erro geographico, que urge corrigir-se, perde o nome, porque o Tocantins quando só tem 1940 kilometros, usurpa até enfrentar-se com o Araguaya.

Um rio não póde ter um tributario que lhe seja maior.

MANOEL BUARQUE. — *Tocantins e Araguay.*

Si eu fosse naturalista para examinar nos peixes a estructura e logar das barbatanas e estudar a conformação do seu corpo para fazer classificações, encontraria na variedade dos que habitam o Paranátinga interessante e curioso *échantillon*. Basta-me, para o meu fim, divilil-os em escamosos e sem escamas, e indicar os nomes vulgares dos que pertencem aos dous grupos em que os dividi. Ao primeiro pertencem a caranha, cuja carne é saborosa e estimada, a piranha, a curuvina, o pacú, a piabanha, a matrichan, o piáu de varias especies, o dourado, o corumatan, a sardinha, a beiradeira, a ladina, a piracanjuba, a trahira, o yúyú, o bicudo, o cachorro, a rodoleira, etc. Ao segundo pertencem a piratinga, o maior peixe voraz que alli existe, medindo alguns vinte palmos de extensão, tanto que morrem ás vezes comprimidas nas intaipavas do rio (cachoeiras), a pirabiba, o filhote, o jaú, o surubim, o barbado, o mandi, o bagre, a pirauna, a bandeirinha, a pintadinha, o bico de pato, a arraia, a tremelga, o pernambuco, o acary, o bôto (cetaceo), o rodeiro, a pirarára, o pirarucú, etc. E dizem que ha tambem o peixe

que no banho vertem urina, e que introduz-se pelo canal urethral e abre umas pequenas farpas agudissimas, que rasgam as carnes a que adherem, e, ao arrancal-o, provocam hemorrhagias.

DR. VIRGILIO M. DE MELLO FRANCO. — *Viagem á Comarca da Palma, Goyaz.*

N. da R. — Vá alguem dizer aos nossos ichthyologos de gabinete que ha no Araguya e Alto Tocantins Piratingas de 4 metros de comprimento. Atalham logo dizendo que os maiores exemplares do museu não attingem mais de metro e meio. " E notem que vieram do Amazonas ". *Tableaux!*

Mas é que esses camaradas só conhecem peixes empalhados: elles nem sabem iscar anzol, atirar ao meio do rio uma linha larga.

E' a sciencia brasileira...

Não só os peixes.

Os grandes representantes do nosso mundo animal, ao contrario do que era de suppôr, não são sufficientemente conhecidos, principalmente os peculiares ao Brasil Central, que é de todos, a nossa região mais rica em numero e especies fauneanas.

Quando de vez em quando apparece por ahi precedido de bôa imprensa alguma obra sobre a nossa fauna, lá vem o absoleto Markgraf á cada pagina, e os nossos conhecimentos na materia augmentam em... confusão.

Por outro lado os estudos complementares dos grandes especimens foram de certo tempo a esta parte despresados: substituiram-nos os das pesquizas bactereologicas, feitas nos gabinetes com o auxilio dos microscopicos. Só têm a palavra os que manejam o zeis, que substituiu a fita metrica dos antigos e ingenuos naturalistas.

E o mais pernicioso é que até mesmo quanto aos conhecimentos geographicos do *hinterland* exhibem-se os jovens sabios como fructos temporãs, frequentadicios dos reclames. Haja vista essa colcha de retalhos mal urdida, mal alinhavada, que se intitula RONDONIA.

UM DIAMANTE MONSTRO

FEITO EM PEDAÇOS

"Pessoa que nos merece inteira confiança informa-nos ter sido encontrado no rio Verissimo, em Goyaz, um diamante monstro, estimado em 10 ou 12 oitavas.

Quem o encontrou ficou tão admirado de seu tamanho que chegou a pensar não ser aquillo "diamante de verdade" e, zaz! levou a inestimavel pedra á bigorna, onde tanto fez, tanto virou, tanto mexeu, que partiu o colossal diamante, calculado, segundo nos disseram, em valor muito acima do do famoso *Estrella do Sul*.

Muita gente acredita que o diamante não se faz em pedaços, — dahi a razão por que levaram a pedra á bigorna.

A pessoa que nos deu esta informação, e que por signal é muito entendida em diamantes, teve ocasião de ver diversos pedaços da colossal pedra, entre os quaes um de 42 quilates, outro de 27 e dez ou doze de 3 a 5 quilates.

E era uma vez uma fortuna feita em pedaços."

D'*O Lavoura e Commercio de Uberaba.*

Desse diamante, o maior que ainda foi encontrado no mundo inteiro, disse por estas mesmas columnas o competente e sabio mineralogo Dr. Orville Derby, de saudosa memoria.

Mas para os nossos mineralogistas de escada abaixo, o *Estrella do Sul* foi, é, e continuará a ser o maior diamante achado no Brasil.

O PROGRESSO PARA GOYAZ

Activam-se os trabalhos da construcção da Estrada de F. de Goyaz, isto é, de Roncador para a Capital de Goyaz. O acto do Ex.mo Sr. Dr. Presidente da Republica, mandando lançar a ponte sobre o rio *Corumbá* e proseguir o avançamento da referida Estrada em demanda da velha Capital goyana, é digno dos mais francos elogios por parte dos goyanos, porquanto o grande Estado sertanejo tem vivido ha longos annos atravéz de serias difficuldades no que diz respeito ao seu commercio de importação e exportação, até hoje, feito por tropas de muares e carros de bois, com riscos de graves prejuizos para as partes interessadas; além de tudo isolado dos outros Estados da Federação, sem meios [illegible]

Mesmo quanto á linhas telegraphicas não tem o Estado de Goyaz uma rêde satisfactoria, visto que ella não attinge, em sua maioria, os melhores centros productores na sua parte sul, zona justamente a mais commercial e a que mais contribue para os cofres da União e do proprio Estado.

Os goyanos, tendo já perdidas as suas esperanças, illaqueados na sua bôa fé pelas constantes promessas dos Governos passados, em beneficiar o seu Estado, e, comprehendendo, como era natural, que o eminente Dr. Epitacio Pessôa, galgando as escadas do Cattete, imitaria provavelmente os seus illustres antecessores, deliberaram crear linhas de auto-viação em grande extensão do sul do Estado, cujas empresas, na falta de viação ferrea, muito concorreriam para o desenvolvimento commercial, facilitando assim a importação e exportação até os pontos da Estrada de Ferro, que são: Roncador (em Goyaz) e Uberabinha (Minas).

Felizmente, porém, ao contrario dos outros, o Sr. Presidente da Republica está procedendo: attendeu aos clamores muito justos d'estes brasileiros, aliás intelligentes, trabalhadores, que ensopam de suor no quotidiano amanho das terras, numa resignação estoica, o corpo fatigado de tantos annos de luctas incessantes e ininterruptas. Natural de um futuroso Estado do Norte — Parahyba — tambem com outros tempos desprotegido da União e que resente-se de importantes melhoramentos e entre elles o porto de Cabedello, melhor do que os Governos anteriores que cerravam os ouvidos aos clamores dos habitantes d'estes longinquos e extensos sertões de Goyaz, o Dr. Epitacio Pessôa, espirito affeito ás nobres causas; patriota cujos serviços prestados ao Paiz com o seu grande talento e vasta erudição são innegaveis, pesquisando, investigando, das multiplas necessidades dos Estados, ponderando que os goyanos não lhe pedem Estrada de Ferro por luxo, mas pela extrema necessidade de meios rapidos de transporte de que não dispõem, ordenou o proseguimento da "Goyaz". N'esse acto de benemerencia comprovada do Sr. Presidente da Republica, attendendo ás necessidades do "*hinter-land* brasileiro", fechará o seu quadriennio para Goyaz, com chave de oiro, porque tudo que dependia da alta administração do Paiz, de alguns annos a esta parte, para este grande Estado, era problema de difficil resolução; parecendo até irrisorio, como se o grande e futuroso Estado fosse um irmão bastardo dos outros Estados da bella constellação brasileira, ao qual só caberia vantagens de ultimo caso....como se Goyaz nada interessasse ao Paiz; como se não houvesse lavoura, industrias em Goyaz; como se Goyaz por pesar pouco na balança da Nação — justamente porque os altos poderes politicos lhe entorpercem os passos na senda do progresso — não merecesse o carinho que se dispensa a outros Estados, como se Goyaz finalmente por sua posição topographica, sendo um Estado central, longinquo, nada produzisse que excedesse do consumo interno **mesmo sem machinas e apparelhos uteis á cultura dos campos.**

Entretanto, Goyaz, premido pelas peias que lhe tolhem os passos, representa-se já como um dos grandes celleiros do Brasil e que durante grande guerra fez nome na exportação de cereaes abastecendo os mercados.

Isto vem então corroborar a defesa expontanea que fazemos por este immenso e rico Estado, embora que, filho de outro, e onde vae para dez annos temos assentada a nossa tenda de trabalho: o povo goyano é essencialmente agricola, trabalhador, intelligente e tudo que faz é pelos seus proprios e inauditos esforços, sem auxilio e protecção dos governos.

Que venha e venha já, a Estrada de Ferro com o surdo rumor de suas rodas, resvalando céleres nos trilhos, encurtando as distancias, despertando a Natureza, abgrando os campos com o seu estridente apito, cujos écos resoando de quebrada em quebrada, vão morrer nas mattas, activando o homem ao trabalho remunerador, outr'ora só de sacrificios e fadigas incessantes.

Parabens á Goyaz.

Fazenda do Campo Alegre, Estado de Goyaz, 27 de Novembro de 1920.

MONUMENTO AOS HERÓES DA "RETIRADA DA LAGUNA"

Os alumnos da Escola Militar do Rio de Janeiro, profundamente sensibilisados pelo doloroso esquecimento em que jazem os heroes da celebre "Retirada da Laguna", de cujas humildes sepulturas, erguidas nas solidões das fronteiras matto-grossenses com o Paraguay, o tempo varreu as cruzes e as lapides, num gesto sublime de patriotismo e veneração, resolveram tomar a iniciativa para a erecção de um magestoso monumento que perpetúe, pelos seculos a fóra, a memoria daquelles bravos e abnegados compatriotas, que legaram á historia patria um dos seus mais bellos capitulos de gloria militar, só comparavel nos faustos bellicosos das nações antigas e modernas á epopéa das Thermopylas, de que nos dá noticia Xenophonte.

Já decorreram 53 annos depois que esse feto memoravel se registrou, sem que, até hoje, nenhum dos nossos governos se lembrasse de pagar essa divida de gratidão para com os obscuros homens da tragica columna, composta na sua maioria de goyanos e mineiros, os quaes, affrontando a fome, o cholera, o incendio, as borrascas e o cutello inimigo, souberam immortalisar a coragem, a abnegação, a constancia e o heroismo do soldado brasileiro.

De então para cá soffreu o paiz sérias e radicaes transformações nos dominios da sua organização politica, social e economica. Tivemos o 13 de maio de 1888 e um anno após o 15 de novembro. Seguiu-se á liberdade de trabalho a liberdade de consciencia. Veiu com ambas a febre de progresso material. Era preciso reconstruir o paiz depauperado pelas luctas e erros da monarchia, injectando-lhe no organismo combalido o sangue rejuvenescedor das noveis democracias. Multiplicaram-se as vias de transporte e as communicações telegraphicas; fundaram-se escolas e cursos superiores; esboçou-se uma industria nacional, desenvolvendo-se o commercio interno e externo e as nossas possibilidades economicas, bem ou mal aproveitadas, chegaram para abertura de portos e construcções de avenidas, merecendo cada politico do regimen republicano a honra de uma estatua num canto de praça, quando não se lhe via o nome dependurado de uma placa de rua. Caminhou-se nestes ultimos trinta annos mais do que nos tres seculos de colonia e do que nos annos de regencia e de imperio. Foi o delirio do *Fervet opus*.

Mas, como os mortos de hontem ficaram esquecidos! Elles, que legaram á Republica a integridade do territorio, o culto do civismo e do amor á Patria!

> Et dans ce pays-ci quinze jours, je le sais,
> Font d'une mort récent une vieille nouvelle.

E ninguem se lembrou de glorificar os mortos da "Retirada da Laguna", nem ao menos de soccorrer os poucos sobreviventes tresmalhados por ahi!

Se ha na margem esquerda do Miranda um modesto mausoléo assignalando o repouso eterno do coronel Carlos de Moraes Camisão e do tenente-coronel Juvencio Manuel Cabral de Menezes, respectivamente, commandante e immediato das forças em operação no sul de Matto-Grosso, deve-se essa obra generosa ao espirito superior de Alfredo d'Escragnolle Taunay, um dos membros da expedição, que, mais tarde, quando official de gabinete do conselheiro José de Oliveira Junqueira, a conseguiu deste ministro da guerra.

Agora, porém, justamente revoltado pela sorte de seus velhos collegas d'armas, a mocidade da Escola Militar do Rio acaba de appellar para os nobres sentimentos do povo brasileiro, que não póde deixar de amparar-lhe a santa causa, erguendo do ingrato olvido a memoria tão cara dos que morreram no campo da honra, victimas do sagrado dever.

Admira-me que o Triangulo Mineiro, onde a generosidade do homem não desmerece a grandeza do solo, não tenha ainda ouvido o echo dos nossos jovens e briosos militares.

Admira-me, porque a inegualavel região se acha ligada directamente á epopéa da "Retirada da Laguna".

Admira-me, porque foi em Uberaba que o corpo expedicionario poude organisar-se com juncção de alguns batalhões que o coronel José Antonio da Fonseca Galvão trouxera de Ouro-Preto, elevando-se então o total a cerca de 3.000 homens. Aqui estiveram as forças acampadas de meiados de junho a 4 de setembro de 1865, quando se puzeram em marcha para Coxim, passando por Santa Rita do Paranahyba e pela então villa das Dores do Rio Verde, vulgarmente Aboboras, no Estado de Goyaz.

A commissão de engenheiros, da qual fazia parte o visconde de Taunay, hospedou-se numa sala cedida pela Camara Municipal, por cima da cadeia, que occupava nesse tempo o mesmo logar em que hoje está.

A força expedicionaria acampára no bairro do Caximbo, onde, nas vesperas da partida, houve uma missa campal, que foi assistida pela população, officiaes e soldados. Escreve o visconde de Taunay que não poude reter as lagrimas, quando, ao elevar-se a hostia, romperam todas as musicas o hymno nacional, e cornetas e tambores tocaram marcha batida em continencia ao general em chefe.

Quem hoje nos poderá dar noticia dessa cerimonia e de como o enthusiasmo empolgava a alma dos uberabanos é o major Antonio Cesario da Silva e Oliveira, um dos raros sobreviventes á tremenda campanha paraguaya, que compoz para as bandas de musica da pequena e gloriosa columna um magistral hymno onomatopaico, imitando o troar de um bombardeio. Além do major Antonio Cesario ainda vivem dous outros — os srs. José Quirino Machado e Pedro José da Silva Dirceu, hoje importante fazendeiro em Dores do Campo Formoso, que eram, naquella época, sargentos do batalhão n. 32 da guarda nacional deste municipio.

A 25 de abril de 1866 partiram as primeiras forças do Coxim, sob o commando immediato do brigadeiro Fonseca Galvão, compostas dos batalhões 17 de voluntarios da patria (mineiros) com 637 praças, 21 de infantaria de linha com 398 e corpo de artilharia do Amazonas com 86, formando a brigada ao todo 1.121 homens.

A segunda brigada, que seguiu á primeira com intervallo de dias, a reunir-se no rio Negro ao grosso da columna, era commandada pelo tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, portuguez de nascença, e compunha-se do esquadrão de cavallaria de Goyaz com 135 praças, do batalhão de infantaria n. 20, tambem de Goyaz, com 362, do de voluntarios policiaes de S. Paulo e Minas com 313 e do batalhão goyano de voluntarios com mais de 400 homens, sendo o total dessa brigada superior ao da outra.

De Coxim em deante, rumo da Laguna, começou a odysséa da corajosa columna. Julgo desnecessario recapitular aqui o que foi a ousadia desse pugillo de bravos, invadindo o territorio inimigo pelo norte, sem munições, sem viveres, assaltados pela paralysia reflexa e o cholera, caminhando semanas sobre pantanaes, e, o que é peior, num terreno para todos desconhecido, até que, na imminencia de uma rendição deshonrosa, se viram obrigados á fatal retirada, sempre perseguidos pelos paraguayos superior em numero, que procuravam anniquilal-os mantendo-os num circulo de ferro e fogo. E elles, os brasileiros, recuando sempre, mas em ordem, conduzindo comsigo as bandeiras e os canhões, os cholericos e os feridos! Pagina sublime para o heroismo nacional, synthetizada nesta phrase epica do coronel Camisão, já nas vascas da morte, mas com a consciencia tranquilla de haver salvo os companheiros, volvendo os olhos apagados para o seu ordenança, dizendo-lhe em tom de commando: "Salvador, dá-me a espada e o revolver".

E, tentando afivellar o talim, deixa-se cahir moribundo, murmurando: "Mandem seguir a força; eu vou descançar".

E assim continuou a retirada até Nioac, onde, a 12 de junho de 1867, o chefe José Thomaz Gonçalves baixou a seguinte ordem do dia, resumindo em poucas palavras os successos de 35 dias de martyrio:

"A nossa retirada effectuou-se em boa ordem nas circumstancias mais difficeis: sem cavallaria contra um

inimigo audaz que a possuia formidavel; em campinas, onde o incendio e a macéga continuamente acceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respiravel; extenuados pela fome, dizimados pela epidemia de cholera que arrebatou em dois dias o vosso commandante, seu immediato e os vossos dous guias: todos estes males, todos estes desastres, supportastes no meio de uma inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciaes, no meio de borrascas, através de immensas innundações, em tal desconcerto da natureza que se diria contra vós conspirada. Soldados, honra a vossa constancia, que conservou ao Imperio os nossos canhões e as nossas bandeiras!"

Nós, os homens de hoje, saibamos honrar a memoria dos mortos de hontem.

Uberaba, Dezembro de 1920.

VICTOR DE CARVALHO RAMOS.

N. da R. — Graças aos esforços do intelligente goyano Sr. 1.º Tenente Dr. Pedro Cardolino de Azevedo, digno Presidente da Commissão Central encarregada da erecção do Monumento aos Heróes da Laguna, acaba a patriotica iniciativa dos alumnos da Escola Militar de ser coroada do mais completo exito.

Louvores á mocidade da Escola Militar do Realengo, digna continuadora das nobres tradições da antiga Escola Militar da Praia Vermelha!

NOTAS E INFORMAÇÕES

Deve ser novidade para os goyanos o seguinte facto que lhes vamos contar: Mezes antes de verificarem no Thezouro as contas que iam cahir em exercicio findo, o Ex.mo Sr. Presidente da Republica, pedindo-as, mandou que immediatamente fosse posta á disposição do engenheiro constructor da Estrada de Ferro de Goyaz a verba restante de 2.800 contos de reis destinada ao prolongamento da linha.

E tanto mais nós os goyanos devemos ser reconhecidos á S. Ex.ª quanto sabemos que a esse acto de justiça fôra extranha a influencia da representação do nosso Estado no Congresso Nacional. E o nome do Ex.mo Sr. Epitacio Pessôa ha de ficar gravado em letras d'ouro nos annaes da historia da expansão goyana neste quadriennio.

De tempos a esta parte vem apparecendo n'um diario carioca sob a fórma de correspondencia, datada de Santa Cruz, umas tantas babuzeiras sobre a mudança do traçado da Goyaz. O articulista visa de beneficiar aquella velha cidade goyana, em detrimento de outras de muito mais futuro. Iamos responder, áquellas lenga-lengas, mas á vista da ultima *(Correio da Manhã* de 9 do corrente), concluimos que não vale a pena contestar invencionices deste quilate:

"Veja o presidente da Republica que deixar esta parte tão dotada de requisitos precisos para uma boa estrada de ferro é não medir o futuro.

E' grande ainda a differença do traçado velho que tem de Roncador a Goyaz, mais ou menos 150 leguas, ou sejam 900 kilometros. Exige, não se falando no tempo gasto nas estações, 30 horas de viagem, a calcular-se 2 kilometros por minuto que é a carreira da "Goyaz". Passando por Santa Cruz, Bella Vista, Campinas, Barro Preto, Goiabeiras, Curralinho e Goyaz, terá 80 leguas, ou 480 kilometros. Apparece uma differença de 420 kilometros de um traçado para outro. O tempo será menos para se ir á capital. Em razão destas difficuldades todas, não foi construida a linha de automoveis, que se acha em trafego de Roncador a Curralinho, nesse chapadão.

Quando o privilegio da "Goyaz" era da "Mogyana", esta estrada de ferro que tinha o habil engenheiro dr. Rebouças estudando a questão, fez o traçado de Roncador ao logar denominado Lixeira, (municipio de Santa Cruz) Bella Vista, Campinas, etc."

Se o correspondente passasse os olhos pela "Planta Geral da E. de Goyaz", organizada pelo engenheiro Emilio Schnoor, viria, se não é de todo cego, que a estação de Roncador marca 700 kilometros a partir de Formiga e a da Capital 1.100 kilometros. Ora, quem de 1.100 tira 700 fica com 400, pois não é assim que se faz conta nas aulas primarias de Goyaz?

Se de Roncador á Capital, passando por Santa Cruz, Bella Vista e Campininha a distancia é de 80 leguas a que vai de Roncador á Capital passando por Bomfim e Annapolis é apenas de 66 leguas, Conclusão: 66 leguas está 150 como o corrapetão está para a realidade. Este pequeno cavaco obedece apenas á ingrata tarefa que nos impuzemos: ensinar e corrigir a geographia de Goyaz...

BIBLIOGRAPHIA GOYANA

WILLIAM J. BURCHELL — The collection of Burchell in the Hope Department, Oxford University Museum, vol. 13, Ann. Mg. Nat. Hist. 1904.

São interessantes apontamentos de viagens do notavel naturalista e explorador inglêz William J. Burchell, ha pouco reunidos pelo professor Ed. Paulton, da Universidade de Oxford.

Burchell veio ao Brasil em 1825, em companhia do diplomata Sir Charles Stuart, e no anno seguinte emprehendeu uma viagem a Goyaz, onde esteve até meiados de 1829, fazendo importante herbario e valiosa collecção entomologica. Entretanto por Catalão seguio a antiga estrada real rumo de Meia-Ponte, onde permaneceu muitos mezes hospede do commendador Joaquim Alves de Oliveira, o proprietario do primeiro periodico que se imprimiu em Goyaz, a celebre *Matutina*, cujo material typographico era todo de madeira.

Da antiga cidade goyana Burchell dirigiu-se ao norte, procurando o Pará, pelo valle do Tocantins abaixo.

Foi o primeiro inglez que visitou a longinqua provincia — della levando grata recordação e volumosas collecções de specimens da sua riqueza natural.

P. TAUBERT — Beitrage zur Kenntniss der Flora der centralbrasilianischen Staats Goyaz, ets, von E. Ule.

Sob este titulo publicou o fallecido scientista P. Taubert o resultado da exploração botanica do sr. Ernesto Ule, que esteve em Goyaz como membro da Commissão do Planalto, chefiada pelo dr. L. Cruls.

Em referencia ao trabalho de Taubert escreveu o illustrado sr. Hermann von Ihering: "Na opinião do sr. P. Taubert e de seus collaboradores raras vezes apparecem collecções como a de Ule, a qual forneceu uma riqueza surprehendente de especies novas e interessantes."

O herbario de Ule foi collegido quasi todo dentro da area demarcada para o Districto Federal, sendo importante a parte com que contribuiu a Chapada dos Veadeiros, onde se encontram altitudes superiores a 1.700 metros sobre o nivel do mar — e as quaes devemos considerar como as mais elevadas do Estado, pois excedem á dos Pyrinéos Goyanos.

Esta importantissima collecção botanica até ainda ha pouco se achava *archivada* nos porões do edificio do Museu Nacional.

Contribuições mais recente e de não menos valor para o conhecimento das terras goyanas ha trazido nestes ultimos annos a importante revista allemã *Petermann's Mittheilugen.* Entre outros as do dr. Wilhelm Kissenberth, que penetrou o norte de Goyaz de S. Luiz do Maranhão até o Araguaya e por elle subiu até a região das cabeceiras, tendo vivido annos no meio de varias tribus indigenas, cujas linguas e costumes estudou (João Ribeiro).

W. Kissenberth, que tivemos o prazer de conhecer pessoalmente, é assistente do Museu Ethnographico de Berlim, e acompanhou-o o botanico dr. Philipp Leutzelburg, de Munich.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1921 — VOL. IV — N. 7

SUMMARIO

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

III

Heroina do amor fraternal, anjo de caridade, apostolo da fé, suave e potente elemento da civilisação, D. Damiana da Cunha tomou o glorioso e grande empenho de ir aos sertões chamar os *Cayapós* á vida social, á religião santa, e ao dever do trabalho.

Ella não levava soldados, nem guerreadores: levava no coração o amor, na alma a fé, e pendente sobre o peito a cruz do Redemptor. Em 1808, depois de se ter internado ao sul nos sertões do Araguaya, entrou D. Damiana na aldeia de S. José, trazendo mais de setenta *Cayapós* de ambos os sexos que receberam as aguas do baptismo. Pouco antes de 1820 preparava-se ella para segunda entrada, quando recebeu a honrosa visita do sabio Saint-Hilaire, que deixou entrever duvidas sobre o resultado da empreza. Damiana respondeu: «os *Cayapós* me respeitam muito para deixar de attender-me...»

E o exito do segundo empenho igualou ao primeiro.

Em 1824 a nobre senhora-apostolo internou-se nos sertões de Camapuan e após sete mezes de fadigas e de santa prégação, conduzia á pia baptismal e ao seio da civilisação cento e dous *Cayapós* de ambos os sexos.

Era muito: estava cançada, abatida e gasta de tanto subir montanhas, descer a extensos valles, arrostar perigos e morte, e provar mil privações nos desertos.

Mas no fim de 1829 os *Cayapós* em avultado numero apresentavam-se ameaçadores espalhando em sua marcha destruição e mortes. O presidente de Goyaz, desde 1822 provincia do Brasil, appellou para D. Damiana da Cunha. O anjo serenou a tormenta: os *Cayapós* abrandaram-se á sua voz, e a heroina abnegada, esquecendo as profundas alterações da sua saude recebeu instrucções do presidente da provincia sahir em companhia do seu marido Manoel Pereira da Cruz, e de um indio e uma india, José e Maria que a acompanhavam sempre, a procurar conseguir a paz, a amizade e a conquista civilisadora da indomavel tribu dos seus irmãos.

Em 24 de Maio de 1830 pela quarta vez abysmou-se nos sertões e no fim de oito mezes entrou de volta a sua aldeia a 12 de Janeiro de 1831.» (Na antiga *Revista Popular* se encontra uma desenvolvida e bem traçada biographia de D. Damiana da Cunha, pelo conhecido escriptor Joaquim Norberto de Souza e Silva).

E que, durante todo esse dilatado periodo da historia colonial, fizeram os de Matto Grosso em beneficio dessa vasta área geographica do paiz, que pretendem tomar a Goyaz, que a descobriu e policiou-a, beneficiando-a?

Este artigo já vai longo, mas convém trazer á baila documentos os mais decisivos a favor dos direitos de Goyaz sobre o contestado. Referimo-nos aos mais antigos mappas geographicos do seculo XVIII, pois se trata de documentos da natureza dos que Rio Branco os havia como da maior relevancia em se tratando de questão de limites, e, como confessava o inolvidavel Brasileiro — foram os mappas historicos levantados no periodo colonial que lhe facilitaram a victoria nas questões de Missões e Amapá.

Limitar-nos-hemos, por hoje, a citação dos planos ou mappas geographicos da era colonial.

Os dois primeiros mappas que se conhecem sobre toda a região contestada foram levantados pelo famoso engenheiro e piloto italiano — F. Tossi Colombini, em 1851. Ambos adjudicam á Capitania de Goyaz não só a *Camapoania* e *Cayaponia* de Ayres do Cazal, como tambem toda a região inter-fluvial Araguaya-Rio das Mortes. Nelles se vêm, como pertencentes a Goyaz o arraial de Amaro Leite dos Araés e o registro da Insua, além do Araguaya. O mesmo se vê da *Carta ou plano geographico da Capitania de Goyaz* levantada em 1775 pelo Sargento-Mór Thomaz de Souza, que, como Colombini, conheceu de *visu*, em toda a sua extensão, a Capitania de Goyaz, particularmente as partes invadidas pelos arbitrarios e geophobos governadores de Matto Grosso. Estes mappas vêm reproduzidos *in* «Plantas Pertencentes ás Cartas de Noticias Brasileiras por Luiz dos Santos Vilhena, 1802.» (Manuscripto existente na Bibliotheca Nacional).

Estas cartas ditas *Soteropolitanas,* constituem um dos mais importantes documentos ineditos que possuimos sobre a historia do Brasil colonial. Obteve-os em Lisboa o Dr. José Carlos Rodrigues, por avultado preço, para a sua importante bibliotheca posteriormente doada á Bibliotheca Nacional pelo Dr. Julio Ottoni. Ahi vem outro trabalho graphico de Tossi Colombina — que comprova ainda o direito de Goyaz sobre o contestado.

Consta ainda dellas outro importantissimo documento favoravel a Goyaz: *Planta Odographica ou demonstração do Caminho que guia de Villa Bôa de Goyaz até Villa Bella de Matto Grosso, com a descripção dos Rios, Corgos, e terreno conhecido e algumas Serras que medião entre as duas Villas. Descobertos estes que pella extenção do mencionado Caminho se havião feito até 15 de Dezembro de 1872.*

O original do mappa de Colombini pertence ao Estado Maior do Exercito.

Carta Geographica da America Portugueza, ainda pelo Sargento-Mór Thomaz de Souza, Ajudante de ordens do Governo de Goyaz, 1775. Ha ainda no Estado Maior do Exercito cópia a aquarella de uma *Carta Geographica da*

Capitania de Goyaz, organizada por ordem de José de Almeida Vasconcellos.

Todos esses trabalhos graphicos constam da *Memoria* justificativa dos limites de Goyaz que foi presente ao Tribunal Arbitrario — mas foram desprezados pelos raposas causidicos...

Ha ainda referente aos tempos coloniaes «o primeiro e mais importante mappa do Brasil que em 1807 publicou W. Faden, em Londres, sob a denominação de *Columbia Prima,* "que foi a base de todos os que se lhe seguiram" (Candido Mendes).

Outro documento importantissimo é o mappa da Capitania de Matto Grosso que Luiz Pinto mandou construir e levou para Portugal, e pelo qual foi calcado aquelle.

Todos esses documentos da maior relevancia, não só quanto á reproducção graphica do territorio contestado como particularmente pela seriedade que presidia trabalhos desta natureza; ninguem os contestará sob tal aspecto quanto mais que o codigo penal do conde de Lippe não permittia aos militares como os do reino vindos ao Brasil, mentir, mystificar...

O Sr. Pires e Albuquerque, repetindo invecionices de Candido Mendes, disse que o Conde de Sarzedos então governador da Capitania de S. Paulo — *assignou* — os limites das ouvidorias de Cuiabá e Goyaz pelo Araguaya, e cita a Bula que começa: *Condor lucis aeternae.*

Mas, a que vem a citação da Bula? Nélla apenas o pontifice pedia a D. João V que determinasse os limites que convinham ás duas novas prelasias creadas: a de Cuiabá e a de Goyaz.

Que respondeu a S. Santidade o Papa Benedicto IV, o rei de Portugal, que a alludida Bula chama de Nostri Joannis?

Foi apenas o que consta do seguinte documento historico: "Em 1753 o ouvidor de Cuiabá, José Antonio Vaz Morilhas, pretendeu estender a sua jurisdicção até o sertão dos Martyrios, e exigiu de D. Marcos a expedição das ordens necessarias, afim de que as suas funcções de juiz não encontrassem tropeços, nem opposição da parte dos povos que habitavam já essa zona do territorio comprehendido entre o Araguaya e o rio das Mortes".

Mas, voltando a Morilhas, allegava elle, para fundamentar a sua pretenção, que quando se fez em 1738, a divisão das duas comarcas, traçou o ouvidor Agostinho Pacheco Telles, com auctoridade do conde de Sarzedas, a linha divisoria pelo rio Grande ou Araguaya.

Tal divisão nunca se fez: o que houve foi apenas o pedido de informações sobre os limites que deviam ter as duas prelazias. Informou D. Luiz que essa divisão PODERIA ser feita pelo Araguaya.

Tratava-se da jurisdicção espiritual, que nada tinha com a temporal. Conviria que a divisão fosse a mesma; mas, para oppôr argumento decisivo contra o ouvidor, bastava dizer que a jurisdicção do bispo do Rio de Janeiro comprehendia uma parte da capitania de Goyaz, e que o norte administrava o bispo do Pará.

Tambem em Minas havia o exemplo do Piracatú, cujos povos no espiritual obedeciam ao bispo de Pernambuco, e no temporal pertenciam á jurisdicção de Minas e do ouvidor de Sabará.

Morilhas mostrou-se convencido e desistiu de suas pretenções. Se as auctoridades de Cuiabá não voltaram, senão mais tarde, á discussão desta materia, não se deu o mesmo a respeito das de Minas Geraes, que foram sempre tenazes em suas pretenções". "Annaes da Provincia de Goyaz" por J. M. P. de Alencastre (*Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico,* e *Ethnographico do Brasil* tomo XXVII).

Mas, apenas para argumentar, que a divisão das duas Ouvidorias fosse feita pelo Araguaya, em virtude da delegação dada pelo conde de Sarzedas ao ouvidor Pacheco Telles; onde o Alvará ou a Provisão do Conselho Ultramarino approvando-a? Teria Sarzedas poderes superiores aos conferidos a D. Marcos de Noronha e Luiz Pinto de Souza Coutinho, que traçaram os limites das suas respectivas Capitanias: Goyaz e Matto Grosso? Para a subsistencia da fixação definitiva destes limites, exigia Candido Mendes *Alvará* ou *Provisão,* approvando-as, ao passo que dispensava tal formalidade no tocante á divisão das duas Ouvidorias. Que logica!

Ha mais e melhor. Diz Candido Mendes á pagina 29 do seu *Atlas:*

"Pela Provisão do Conselho Ultramarino de 9 de Maio de 1758 tinha esta Provincia por limites ao Sul o rio Grande geral *(Paraná),* mas quanto a esta divisa mandou o Governo da Metropole sobr'estar pela Provisão que já conhecemos de 2 de Agosto do mesmo anno, até que o mesmo Governo fosse convenientemente informado.

Resaltam, porém, de tão curto periodo tres graves e revoltantes inverdades: *a)* que a Provisão referida é de 2 de Agosto de 1748, e não de 2 de Agosto de 1758; *b)* que a dita Provisão não sobresteve a limitação de Goyaz com S. Paulo, pelo rio Grande Geral ou Paraná, antes pelo contrario, confirmou-a; *c)* que é falsificada e truncada a Provisão de 2 de Agosto de 1748 transcripta por Candido Mendes á pagina 28 do seu alludido *Atlas.*

Confrontemos, pois, os termos exactos da Provisão do Conselho Ultramarino de 2 de Agosto de 1748, enviada respectivamente aos governadores de Goyaz e Matto-Grosso, e existentes em original nos archivos dos dous governos dos hoje Estados, com a cópia adulterada que della nos dera Candido Mendes:

"1 — Dom João por graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e dalem mar, em Africa, senhor de Guiné, &. Faço saber a vós D. Marcos de Noronha, Governador e Capitão General da Capitania de Goyaz, que para ficardes entendendo os districtos que comprehendem a vossa jurisdição: Sou servido mandar-vos declarar por Resolução de 7 de Maio do presente anno em consulta do meu Conselho Ultramarino que os confins desse Governo de Goyaz hão de ser da parte do Sul pelo Rio Grande, da parte do Leste, por onde hoje partem os Governos de São Paulo, e de Minas Geraes, e da parte do Norte, por onde hoje parte o mesmo Governo de São Paulo com os de Pernambuco, e Maranhão. El Rey Nosso Senhor o mandou por Manoel Caetano Lopes de Lavre, e pelo Dr. Antonio Freire de Andrade Henriques, conselheiro do seo Conselho Ultramarino. E se passou por duas vias. Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisbôa a 2 de Agosto de 1748. O Secretario Joaquim Miguel Lopes de Lavre a fez escrever. — *Antonio Freire de Andrade Henriques. — Manoel Caetano Lopes de Lavre.*

"2 — Dom João por graça de Deus, Rey de Portugal e dós Algarves, daquem e dalem mar, em Africa, Senhor de Guiné, &. Faço saber a vós D. Antonio Rolim de Moura, Governador e Capitão-General da Capitania de Matto-Grosso, que para ficardes entendendo os districtos que comprehendem a vossa jurisdição: Sou Servido mandar-vos declarar por Resolução de 7 de Maio deste presente anno em consulta do meu Conselho Ultramarino que os confins desse novo Governo do Matto-Grosso e Cuyabá. Hão de ser para a presente de S. Paulo pelo Rio Grande e pelo que respeita a sua confrontação com os Governos de Goyaz e do Estado do Maranhão vista a pouca noticia que ainda há daquelles sertões. Se vos ordena informeis com o vosso parecer por onde poderá determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão declarando-vos que os confins do novo governo dos Goyaz determineis sejam da parte do Sul pelo Rio Grande, da parte do Leste por onde hoje partem os governos de S. Paulo e das Minas Geraes e da parte do Norte por onde hoje parte o mesmo governo de S. Paulo com os de Pernambuco e Maranhão. — El-Rey N. S. o mandou por Manoel Caetano Lopes de Lavre e pelo Dr. Antonio Freire de Andrade Henriques, Conselheiro do Seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias. Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisbôa a dous de Agosto de mil setecentos e quarenta e oito. — O Secretario Joaquim Miguel Lopes de Lavre a fez escrever. — *Manoel Caetano*

Lopes de Lavre. — Antonio Freire de Andrade Henriques. — Diogo José Pereira."

Confere, *Cabral.* — Conforme, *G. Oliveira*".

Onde e, como se inferir, que a linha divisoria de Goyaz pelo Paraná fosse mandada sobr'estar em virtude da Provisão acima?

Mas vejamos a cópia truncada que Candido Mendes dá da supracitada Provisão de 2 de Agosto de 1748:

"D. João, por graças de Deos, Rey de Portugol, etc. Faço saber a vós Governador e Capitão General dos Goyaz, que por outra ordem minha, que n'esta occasião haveis de receber, se vos declaram os confins d'esse Governo, e como tenho determinado que os do novo Governo de Matto-Grosso e Cuyabá hão de ser para a parte de S. Paulo pelo Rio Grande, ficando suspensa a sua confrontação com esse Governo de Goyaz, e do Estado do Maranhão, pela pouca noticia que ainda ha d'aquelles sertões, se vos ordena por Resolução de 7 de Maio do presente anno, em consulta do Conselho Ultramarino, informeis com o vosso parecer por onde poderá determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão. "El-Rey Nosso Senhor o mandou por Manoel Caetano Lopes de Lavre, e pelo Dr. Antonio Freire de Andrade, Conselheiros do seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. — Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisboa a 2 de Agosto de 1748".

Alterando a data da Provisão, de 1748 para 1758, o geographo e historiador maranhense visava tornar sobre-estada a demarcação da Capitania de Goyaz com a de Matto Grosso feita a 12 de Janeiro de 1750 por D. Marcos de Noronha. O limite anterior, porém, que ficaria suspenso com a mencionada Provisão seria, se existisse, o das duas Capitanias no dizer de Candido Mendes ordenado pelo conde de Salzedas em 1738, isto é, a divisoria pelo Aragauya. E dizer-se que foi baseado nessa linha de limites inexistente e portanto insubsistente para todos os effeitos legaes, que o Sr. Ministro Pires e Albuquerque firmou o seu laudo já agora reduzido á expressão mais simples!

(Continúa).

HENRIQUE SILVA.

PRESUMPÇÃO E AGUA BENTA...

ORA, ATÉ O SEBAS!

Uma das calamidades de Goyaz nesta phase ultima das suas questões de limites ha sido a intromissão n'ellas de individuos os mais ignorantes. Está neste numero o microcephalo bacharel Sebastião Fleury Curado, cujas luzes (de velas de sebo) o Sr. Alves de Castro não soube ou não quiz aproveitar, nomeando-o delegado de Goyaz no 6.º Congresso Brasileiro de Geographia de Bello Horizonte. Dizem que pedira 20 contos para como "jurisconsulto" tratar dos limites de Goyaz. Uma ladroeira!

E ahi está.

Prova de que o Sebas *(este appellido picaresco quem lh'o pespegou para sempre foi Felix de Bulhões, o inesquecivel patricio) não entende nada das nossas questões de limites, dá-nos o seu aranzel incerto na edição do* Goyaz *de 15 de Janeiro ultimo.*

Entre outras aleivosias disse o alarve "que a 30 de Agosto de 1919, quando a ultima sessão (do Congresso) se realizava a 1 de Setembro que Henrique Silva não mais compareceu, deixando sozinho o Sr. José Carlos de Carvalho, mallogrando-se, assim, todo o esforço preparatorio para a solução definitiva".

O scelerado queria referir-se ao meu não comparecimento á residencia do Sr. Senador Antonio Azeredo, á Praia de Botafogo para o fim de assignar um accôrdo inacceitavel, lesivo aos mais sagrados direitos da minha terra. Conscio dos direitos de Goyaz eu seria o ultimo dos goyanos, um individuo sem patriotismo, sem amor a sua terra, emfim, um Sebastião Fleury ou outro da sua tempera, si comparecesse alli, para assignar o alludido documento. Isto foi a 29 e não 30 de Agosto, não tendo eu deixado de comparecer a uma unica das sessões realizadas na séde da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, como se poderá verificar das actas, e disto dá testemunho o illustre Sr. Almirante J. C. de Carvalho, meu collega de delegação.

Mentio, mentio, e mentio descaradamente o miseravel que nem coragem teve para assignar a sua verrina incerta no Goyaz!

E' ainda da penna enferrujada e sabuja do raté da politica goyana estes periodos dignos da do Arentino: "Foi, na conferencia de 7 de agosto, apresentada a memoria justificativa dos limites de Goyaz com Matto Grosso e outros.

Entretanto, pensamos que não bastava uma documentação arida de provisões e cartas *regias, informações e cartas de governadores; mistér se fazia que todos esses documentos fossem analysados vibrassem á luz de uma argumentação clarividente, logica, convicente!*

Foi o que nos faltou.

Que fez o sr. Henrique Silva, relator da Commissão?"

Ora, se a minha argumentação não fosse clarividente, logica, convicente, d'ella não se serveria o illustre escriptor e eminente jurisconsulto Sr. Conde de Affonso Celso no seu laudo a favor de Goyaz!

Que fez Henrique Silva?

— Fez o que nenhum goyano fizera, nem era capaz de fazer melhor: escreveu, em poucos dias, sem a collaboração de quem quer que fosse, a Memoria *justificativa dos limites de Goyaz com quatro Estados visinhos.*

A propria divisão do territorio em duas zonas, uma ao norte, outra ao sul, separadas pelo divisor das bacias do Prata e do Amazonas, quem a fez foi o auctor da Memoria *justificativa, e não o Sr. Prudente de Moraes, como o politiqueiro* manqué *da beira do Rio Vermelho procurou insinuar. O Dr. Prudente aproveitou-a por achal-a logica.*

Diz mais o maroto (no numero do Goyaz *que me veio ás mãos) que o General Rondon n'uma annunciada conferencia, perante auditorio illustre, honrado ainda com a presença do Presidente do Estado de Minas, o eminente dr. Arthur Bernardes, sustentava o direito de Matto Grosso.*

E que "emquanto isso os nossos representantes desapareciam, apagavam-se..."

Isto é a repetição do que outro garotinho da sua laia escrevera na defunta Nova Era, *e eu sei insinuado por quem. Embora fosse verdade que Rondon visasse na sua conferencia scientifica sustentar o direito da sua terra, nós os representantes de Goyaz é que, pela nossa educação e compostura não poderiamos levantar protestos naquelle recinto, nem siquer dar um aparte, por mais delicado que fosse.*

Será possivel, que o Sr. Sebastião Fleury, diplomado pela Faculdade de Direito de S. Paulo, não adquirisse alli as mais comesinhas noções da ethica social?

Tanto eu como o meu então collega da representação goyana no 6.º Congresso de Geographia de Bello Horizonte pertencemos ás mais cultas associações scientificas aqui do Rio de Janeiro, e, por isto mesmo, não commetteriamos tamanha gaffe...

Assevera lorpamente que Prudente de Moraes reproduziu argumentos de Mendonça nas Datas Mattogrossenses.

Não foi tal: esse argumento, falta do reversal, *vem de longa data glosado pelos patronos do Estado vizinho. Basta citar o opusculo do General Mello Rego —* Limites de Goyaz com Matto-Grosso, *publicado em 1896.*

Isto é mais uma prova, aliás superflua, de que o homenzinho de barbichas não toma patavina das questões de limites do nosso Estado. Quanto ao capitulo jurisprudencia, que poderia Sebastião adiantar n'um assumpto já tantas vezes vezes magistralmente esplanado por Ruy Barbosa, Lafayette, Epitacio Pessoa, Clovis Bevilacqua, José Hygino, só para não citar outros? O scelerado seria capaz de apontar uma applicação erronea que eu fizesse da jurisprudencia delles, no tocante aos limites de Goyaz?

Para confundil-o bastava o exemplo de Luiz Gama, que não sendo diplomado, mettia milhares de Sebastiões *n'um chinello.*

Invejoso, intrigão, calumniador e hypocrita o contumaz transfuga e trahidor de todos os partidos politicos de Goyaz está no seu odiento e azarento papel. Candidatou-se agora á vaga aberta pelo fallecimento de Gonzaga Jayme. E' pois um candidato necrophobo: póde virar lobishomem ou mula sem cabeça, alta noite nas estradas sertanejas de Goyaz, batidas pelo luar.

No proximo numero voltarei ao assumpto, porque gosto de andar em folias com os pasbobis.

HENRIQUE SILVA.

EXTRACÇÃO DO QUARTZO HYALINO NA SERRA DOS CRYSTAES, EM GOYAZ

Esta serra constitue a mais rica jazida de crystal de rocha conhecida no paiz.

Um dos nossos jovens sabios auctor de um compendio de mineralogia applicada ao Brasil *informa* que muitas vezes é encontrado grandes crystaes medindo quasi 1 metro de comprimento e que o Museu Nacional possue um bellissimo exemplar desses achado em Minas Geraes. Mas o que elle ignora ou finge ignorar é o seguinte:

"O commercio dessas pedras (crystal de rocha) já foi bastante activo, entretido quasi todo pelas cidades de Paracatú e Formiga, em Minas Geraes, as quaes mandavam tropas de mercadorias até Santa Luzia, a cinco e meia leguas da serra, para voltarem com carregamentos de crystaes.

Pohl cita o facto de um tenente de Paracatú que, encetando com poucos meios este genero de negocio, em tres annos ajuntou uma fortuna de 30.000 cruzados, o que de certo é de contentar aos mais ambiciosos.

Esse movimento entre Santa Luzia e Formiga, muito seguido, segundo informações do meu amigo o Sr. major João Teixeira de Carvalho, até ao anno de 1840; e ainda hoje existente, faz-me com tal ou qual convicção de certeza acreditar que os dous immensos crystaes de mais de duas arrobas de peso que se viam na exposição de Minas Geraes, como vindos de Formiga, tenham sido trazidos de Goyaz e da serra dos Crystaes".

(TAUNAY).

A CAPITAL CONSTITUCIONAL

Talvez que o mais patriotico de todos os preceitos do Estatuto politico de 24 de Fevereiro de 1891 seja aquelle que imperativamente determina a internação da Capital Federal. E para que não houvesse sophismas, a propria Constituição estipulou no seu art. 3.º. — ficar pertencendo á União, no planalto central, uma zona de 14.400 kilometros quadrados, para nella estebelecer-se a Capital da Republica.

O erudito commentador da nossa lei basica, o Ministro João Barbalho, diz que a escolha de uma situação a isso destinada no centro do paiz, funda-se em razões, quer de ordem estrategica e de segurança, contra inimigos externos, quer de ordem politica e administrativa com relação ao governo interno do paiz. Cita os exemplos da França, Inglaterra, Allemanha, Hespanha e Estados Unidos, e accrescenta que do centro e não de algum dos extremos, melhor se irradiarão as medidas do governo e diminuir-se-ão as distancias para os logares mais longinquos.

Dous annos depois, em 1893, foram iniciados os trabalhos da demarcação, no planalto central de Goyaz, no parallelo do grão 15, por uma commissão, chefiada pelo engenheiro Luiz Cruls, e composta dos Srs. Henrique Moritze, Major Henrique Silva (notavel investigador das immensas riquezas da vasta região do Estado de Goyaz), General Tasso Fragoso, Coronel Alipio Gama, Astimphilo de Moura, Mendes Pimentel, Grassiou, Engenio Ausak, e Ernesto Ule.

Findos os trabalhos com plena execução, em 1896, os constitucionalistas e os seus successores até hoje têm se preoccupado tanto com esse art. 3.º, como com o art. 92, que... não existe na Constituição.

Entretanto, a zona comprehendida nesse planalto é uma das mais ricas do Brasil, principalmente quanto ao reino mineral e a potamographia. Basta dizer que é alli que se encontram as tres mais importantes bacias do Brasil, como sejam a do S. Francisco, a do Prata e a do Amazonas, ficando os rios separados uns dos outros, na sua totalidade, pela distancia minima de tres kilometros, favorecendo assim os meis de communicação facil e barata, para o desenvolvimento economico do paiz.

Agora, perguntamos mais uma vez, por que, decorridos 30 annos, não se cumpriu ainda o preceito constituicional? Simplesmente porque, não sendo possivel levantar um edificio, sem primeiro construir os alicerces, tambem não se levantará uma capital no interior, sem primeiro fazer convergir para esse ponto os trilhos e vias ferreas, vindas do littoral.

Ora, attendendo a este raciocinio, e á feliz coincidencia da escolha de um planalto, incidindo no grão 15 de latitude sul, equidistante norte-sul das nossas fronteiras, a "Transcontinental" por nós projectada, de orientação "equatorial", organizou o seu traçado pelo mesmo parallelo, de modo a communicar a futura capital com o Atlantico e com o Pacifico.

Esse traçado, estudado por technicos nacionaes e estrangeiros de notavel competencia, foi já repetidas vezes sanccionado pelo Congresso Nacional, que taxativamente o indicou na autorisação legislativa para a construcção da estrada de ferro transcontinental do Recife aos limites de Matto Grosso com a Bolivia, sem onus para o Thesouro.

Estava assim superada a maior difficuldade, para o cumprimento do art. 3.º da Constituição, se os governos da Republica já se tivessem podido curar da maldita lesão peripherica do olho que os atraiçoa, na crença de terem uma opinião propria sobre os grandes problemas da Patria, quando na realidade não passam de titeres mais ou menos desconjuntados nas mãos de audaciosos e insaciaveis politicantes profissionaes.

E isto é tanto mais lamentavel quanto, nas vesperas do 15 de Novembro de 89, o Benjamin, o Quintino, o Lobo e outros pró-homens, nos concitavam a pugnar pelos grandes ideaes, porque, operada a mudança do regimen, tudo iria "sudes roulettes"...

Finalmente, se mal de muitos consolo é, não sou o unico a soffrer com as desillusões, porque esses grandes espiritos

que successivamente se foram apagando no decorrer destes 30 annos, levaram a magoa de terem sonhado e... apenas sonhado! Mas ainda é tempo. O Ferro-carril Intecontinental, do Chaco a Panamá é um bode montez, que terá que andar "cabritando" pelo dorso dos Andes, ao passo que a Transcontinental, por valles e esplanadas, rasgando e civilisando o "interland" continental, ligando o Atlantico ao Pacifico, tem que vir fatalmente e talvez mais cedo do que se pensa, porque a acção nacionalista está tomando muito a serio a sua patriota missão e o primeiro magistrado da Nação é uma vontade forte de republicano.

LUIZ GOMES.

O PROBLEMA DA COLONISAÇÃO SE IMPÕE

DEVEMOS CONFIAR NA INICIATIVA PARTICULAR?

UM GESTO DO MONSENHOR IGNACIO XAVIER, QUE É MUITO SIGNIFICATIVO

Noticias de Goyaz dizem que um illustre prelado acaba de ter um gesto que vem merecendo francos louvores. E' o monsenhor Ignacio Xavier da Silva, vigario geral do bispado de Uberaba. Esse venerando sacerdote é uma das grandes fortunas goyanas, possuindo não só bôas fazendas, como grandes extensões de terra.

Monsenhor Ignacio Xavier da Silva é dono, na freguezia de Santa Cruz, de uma propriedade rural medindo 1.288 alqueires, entre campos, mattos e serrados e acaba de escrever para a Baviera convidando tresentas familias para alli aboletarem e trabalharem. Dará a cada familia bavara dez hectares interpollados, sendo que os terrenos que ficarem de permeio serão seus. E' doação e não venda. A unica condição que impõe é que os doados não poderão transmittir por vendas os seus lotes sinão depois de dez annos de residencia.

O gesto do monsenhor Ignacio Xavier da Silva só póde ser recebido com sympathia numa época em que os grandes proprietarios só cuidam do seu bem estar e da sua fortuna privada. Um caso como este é raro e está na sua raridade o seu maior merito. Não se trata só de um gesto elevado, como principalmente de um passo adiantado para cultivo de extensas e ricas zonas até hoje abandonadas pelo braço do homem.

A proposito da idéa do monsenhor Ignacio Xavier da Silva onseguimos algumas informações por intermedio do deputado Olegario Pinto. O illustre sacerdote é goyano. Fez todo curso ecclesiastico em Roma e no Meio Dia da França, onde se ordenou. Residiu em Goyaz até que a séde do bispado de Goyaz foi transferida para Uberaba, cidade que pertencia a esse bispado. No Imperio, representou a antiga provincia de Goyaz na Camara dos Deputados, conseguindo muitos melhoramentos para o seu torrão natal. Ausente de Goyaz ha muito tempo, pois reside em Uberaba, acompanha, entretanto, de perto e com muito interesse a vida e os progressos daquelle Estado.

A propriedade que o monsenhor Ignacio Xavier da Silva resolveu doar a colonos estrangeiros pode ser avaliada, sem nenhum exaggero, em perto de tresentos contos. Dista 42 kilometros da cidade de Roncador, mas, se for aberta uma estrada a partir de Uberaba, a distancia será reduzida a 25 kilometros, devendo passar-se o rio Corumbá em barca.

O governo devia auxiliar o venerando prelado nesse emprehendimento, que só poderá concorrer para a grandeza e propriedade do paiz. Auxiliar por que forma? Dando trens especiaes e gratuitos para os colonos, de Santos a Roncador. Mas o que é mais difficil é o transporte dessa gente da Europa a Santos. O governo tambem podia fazer alguma cousa nesse sentido. Não acaba o governo de garantir as passagens para vinte mil familias de judeus da Ucrania! Não só o governo federal, como o estadual, devem ainda dar os recursos sufficientes para as primeiras e provisorias installações e assim tambem para serem os colonos dispensados de impostos durante dois ou tres annos.

Realizada esta idéa, Goyaz terá uma escola pratica de agricultura e de industria. Aberta a porta para a immigração, os proprios colonos poderão concorrer para a vinda expontanea de milhares de outros. Dá-se a mais rara circumstancia de que os terrenos são apropriados ao cultivo das plantas brasileiras e até das estrangeiras, como o trigo, a vinha, etc. Quem tiver inclinação para a mineração, poderá se occupar de extrahir o ouro, o chumbo, o crystal de rocha, etc. Nas visinhanças de Santa Cruz existem jazidas de greda que produz faiança, em cuja confecção os bavaros são peritos. Para os lacticinios é favoravel a situação, porquanto em Santa Cruz as vaccas communs produzem de dez a vinte garrafas de leite diarias. A criação de suinos se fez alli com vantagem, apezar de serem atrazados os meios empregados.

(D'*A Rua* de 4 de Fevereiro).

N. da R. — Os nossos patricios talvez não possam aquilatar da grandeza do nobre gesto de patriotismo de Monsenhor Ignacio Xavier da Silva. E elle bem merece os mais elevados applausos de todos os bons patriotas.

Quanto á efficiencia da colonização bavara em Goyaz, é facil prever pela sua força productiva e capacidade de trabalho. Ainda outro dia exclamava um profundo conhecedor da cooperação do elemento germanico no Brasil:

"Não ha quem desconheça a obra gigantesca da colonização teutonica no Brasil meridional, onde ella, em milagres de esforço e de tenacidade, creou cidades, construiu estradas de rodagem, fundou nucleos de lavoura, incrementou a pecuaria, desenvolveu a industria, rasgando-nos á iniciativa novos horizontes".

No proximo numero voltaremos ao assumpto, pela muita importancia que elle nos merece.

GOYAZ NO ORÇAMENTO DE 1921

5.000:000$000 para a construcção da Estrada de Ferro Goyaz.

1.200:000$000 para conservação e trafego da mesma Estrada.

60:000$000 para a desobstrucção das cachoeiras do Tocantins e Araguaya.

20:000$000 para a Escola de Direito da Capital.

5:000$000 auxilio para o Hospital de Caridade da Capital.

6:000$000 para o Asylo de S. Vicente de Paula.

18:000$000 para o posto anti-ophidico de Catalão.

200:000$000 para dotação da Fazenda Modelo de Urutahy.

Linhas telegraphicas para o Norte terminando em Porto Nacional.

Linhas de Roncador a Corumbá passando por Campo Formoso, Bomfim, Annapolis e Corumbá.

Outra de Santa Rita do Paranahyba até Mineiros passando por Jatahy — Rio Verde e Rio Bonito.

Subvenção aos collegios de Porto Nacional, sendo um de 10:000$000 e outro de 2:000$000.

30:000$000 para uma estrada de rodagem de Morrinhos á Caldas Novas.

Pedimos a Deus que estas verbas não fiquem no tinteiro, como d'outros annos.

OS BUENOS

Introdução á obra — «Os povoadores de Goyaz», por Moizés Santana (da Sociedade Goiana de Geografia e Historia

II

S. Paulo se orgulha muito do nome de Tibiriçá; entretanto, em verdade historica, os paulistas têm sido mais Piquerobis, e mais Araris do que nos, pela resistencia moral, intelectual e fisica; nós, pelo contrario, á maneira dos de Piratininga, somos muito dispostos á inteira concessão ao elemento estranho, auxiliando-os, fortificando-os no exterminio do que é nosso.

E' por isso que S. Paulo, com 383 annos de colonização, não tem no seu governo, no seu congresso e no seu poder judiciario senão elementos brasileiros, de esforço paulista, ao passo que Goiaz, sem imigração, tem sido governado, recebe leis e sofre a justiça de portuguezes, italianos e turcos, culminantes em seus destinos, nenhum deles se recomendando por valor intelectual e moral, mas valendo tão somente como coroneis de patacas.

E é tambem por isso que aventureiros das Minas, que no seu Estado jamais puderam ir alem de oficiaes de justiça ou cometas no nosso se elevam, galgam posição e se tornam *primus interpares* no governo dos nossos destinos, dominando as localidades onde maior é a eclosão de vida.

Chegamos, assim, ao rejimen dos babaquaras e irmos implantar-se a ruina politica, com a supressão da justiça e o avultamento do culto da incompetencia.

Ao passo que S. Paulo, dando o exemplo, escreve em suas armas o — NON DUCOR; DUCO, nós, os goianos, esquecendo-nos de que em nossa veia corre o sangue heroico dos paulistas e corre o sangue generoso dos Goiá, á moda do povo romano, somos esmagados pela invasão e preponderancia dos barbaros...

***

Faça-se, no entanto, justiça ao valoroso nome e sangue dos Buenos.

Os Buenos, de S. Paulo e de Goiaz, são ainda os imortaes Buenos da Historia do Brasil Colonia.

Os de Goiaz, a despeito de quasi 200 annos de vicissitudes e abandono, sofrendo a ingratidão dos governos e o esquecimento dos concidadãos, ainda querem conservar a memoria dos antepassados, e, por isso, no velho Porto do Anhanguéra, no Rio Corumbá, voltam sempre a insistir que se mantenha, como memoria historica, o seu direito ás passajens do Porto, para que este não desapareça e constitua um laço de ligação entre o Estado e o nome de Bartolomeu Bueno, por seus decendentes, que ha quasi 200 anos mantêm a posse do Sitio em que o Anhanguera fixou o principal tronco da sua geração.

O favor que se pede ao Estado, é nulo, quanto á significação economica, mas é altamente significativo, sob o ponto de vista moral.

Continuar a negal-o, em 1921, é incidir na mesma falta e ingratidão, que o Brigadeiro Cunha Matos lastimava em 1823.

A reparação é devida e compete ao Estado fazel-a.

(Continúa)

A IMPREVIDENCIA NACIONAL

Nós não precisamos fazer o elogio da série de *Cartas Mattogrosssenses,* que o Dr. Simoens da Silva tem publicado nesta folha. O illustre americanista, habituado aos modernos methodos scientificos, baseia os seus escriptos na mais rigorosa observação. E vem d'ahi o valor delles e o alto interesse que apresentam.

O que Matto Grosso contém como riquezas, em todos os reinos da natureza, é digno das imaginações asiaticas, é simplesmente de enthusiasmar e deslumbrar.

Aliás, em taes condições e igualmente abandonados, não temos só esse, temos ainda os outros grandes Estados centraes: o opulentissimo Goyaz, por exemplo, que agora nos está sendo revelado, graças á tenacidade de um dos seus filhos mais dedicados, o major Henrique Silva, que vem mantendo essa curiosissima publicação mensal, que se chama *A Informação Goyana.*

E o valle formidavel do Amazonas, de que um sabio europeu disse que tinha, elle só, capacidade para nutrir todos os homens que hoje se acham espalhados pela superficie da terra?

Mas a verdade é que todas as nossas riquezas jámais passarão de uma illusão — se não soubermos aproveital-as. E fazemos, desgraçadamente, peior do que abandonal-as.

O brasileiro constitue um dos povos mais imprevidentes do mundo. E' natural, porque vive na abundancia, e os governos jámais souberam incutir-lhe essa preciosa virtude, como jámais souberam cuidar com efficiencia dos seus mais sagrados interesses.

Além de não explorarmos as nossas riquezas, depredamol-as tão irracional quanto criminosamente, vamos, por terras uberrimas, disseminando o deserto, com a guerra implacavel e estupida ás especies animaes, com a sinistra e selvagem destruição da vegetação.

Os estudos do Dr. Simoens da Silva sobre Matto Grosso têm isto, principalmente, de impressionante: mostram, ao par de riquezas inconcebiveis, o truculento e incessante esforço humano de devastal-as sem qualquer utilidade pratica, de anniquilal-as ferozmente...

Até onde nos levarão os actos da velha imprevidencia nacional, a pratica generalizada do *lenocinio do nosso solo,* com admiravelmente dizia Alberto Torres, se os governos não conseguirem organizar a reacção e a defesa?

Vamos completar o primeiro seculo de independencia. E todos os nossos governos, o federal como os estadoaes, precisam aprender a olhar com um pouco de intelligencia e de carinho por este tão grande e ainda tão desamparado paiz.

Ext. d'*O Paiz.*

FINANÇAS DE GOYAZ

BALANÇO DO ESTADO DOS CAIXAS DA SECRETARIA DE FINANÇAS, ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1921

	Importancia	Saldo
CAIXA GERAL 1920		
Receita	2.940:999$934	
Despeza	1.766:638$958	1.174:360$976
CAIXA GERAL 1921		
Receita	147:146$040	
Despeza	28:396$997	118:749$043
DEPOSITOS E CAUÇÕES		
Receita	121:807$034	
Despeza	3:353$739	118:453$295
ESTAMPILHAS		
Receita	364:881$940	
Despeza	6:378$920	358:503$020
		1.770:066$334

NOTA. — Além desta importancia, tem ainda o Estado as seguintes:

No Banco do Brasil	525:000$000
No Banco Mercantil	108:353$700
E poder da E. de Ferro de Goyaz.	414:559$811
Total em dinheiro.	2.459:476$825

O Estado não tem divida de especie alguma.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Vai o leitor conhecer como é que ainda em nossos dias se faz o transporte de cargas ou mercadorias no Estado de Goyaz. Esta descripção pittoresca que damos a seguir data de 1868:

Pela manhã, prendem-se os animaes pelos cabrestos ás estacas, para depois lhes deitar as cangalhas, e os costaes de cargas, que cobrem com ligaes, (1) e arrocham com sobrecargas. (2) Solta-se então a tropa em cuja frente uma besta escolhida que leva a cabeçada enfeitada de sincerros, e de um penacho ou bonéca, com um peitoral de guizos. Ha em toda a tropa um cavallo que não conduz outra carga a não ser uma campainha ao pescoço, a que dão o nome de madrinha. Todos os outros animaes se affeiçôa a elle, e não se affastam da sua visinhança; por isso representam um papel importante nas viagens longas.

Não estando a tropa amadinhada, a falha é quasi certa, porque ella se espalha. Cada camarada se occupa do tratamento de 10 bestas, ou um lote, que toca durante a jornada.

FERREIRA MOUTINHO.

Felizmente as tropas e os carros de bois tendem para seu proximo desapparecimento, graças a intensificação das linhas de automoveis, principalmente no sul e sudoéste do Estado. No norte goyano já teve inicio a construcção da linha que ligará S. José do Duro a Barreiras, na Bahia.

Da linha que partindo de Ipameri vai terminar em Planaltina (antigo Mestre d'Armas), já se acham construidos 100 kilometros, que estão sendo percorridos em 4 horas.

Só pela ponte Affonso Penna nos mezes de Dezembro e Novembro ultimos, sahiram de Goyaz para S. Paulo e Minas 12.746 cabeças de gado vaccum.

No mesmo periodo entraram pela alludida ponte as seguintes pragas: 61 touros e 50 vaccas das raças indianas.

A CONSTRUCÇÃO DA E. F. GOYAZ

MAIS 2.500 CONTOS PARA AS DESPEZAS

O Sr. ministro da Viação solicitou do seu collega da Fazenda as necessarias providencias afim de que, para attender ás despesas de construcção da Estrada de Ferro de Goyaz no corrente exercicio, seja posta á disposição do director da mesma Estrada, na Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional em S. Paulo a importancia de 2.500:000$, por conta da quantia de 5.000:000$, destinada áquellas despezas, a que se refere o art. 83 n. II, da lei orçamentaria n. 4.242, de 5 de Janeiro do corrente anno.

Segundo os dados estatisticos até agora colhidos, aliás por individuos incompetentes, a começar pelo chefe do recemseamento do Estado, a população bovina de Goyaz ultrapassará de 3.000.000 de cabeças.

Negociantes e fazendeiros da zona situada entre as cidades de Paracatú e Ipamery, respectivamente pertencentes aos Estados de Minas e Goyaz, organizaram uma sociedade por acções, do valor de 200$000 cada uma, para construir uma estrada de rodagem para automoveis, ligando as mencionadas cidades.

Essa estrada terá 215 kilometros de extensão.

---

(1) Couro de boi dobrado pelo meio.

(2) Tira de sola costurada a outra de couro crú torcido — em cujas extremidades se prendem um gancho de ferro e um pedaço de páo roliço a que chamam de cambito.

No Estado de Goyaz, os negociantes e industriaes de Planaltina, Srs. Besintrali, Salgado & C., formaram a Companhia Auto Viação do Planalto Ypameri-Planaltina-Formosa e construiram uma bella estrada para automoveis, que já se achava concluida de Planaltina a Crystallina, devendo ficar prompto até Janeiro vindouro, o trecho até Ipamery.

A EXPORTAÇÃO DE S. PAULO EM 1919

Dos dados estatisticos contidos no relatorio do Administrador da Recebedoria de Rendas de Santos, relativo ao anno de 1919, verifica-se que o valor dos productos paulistas exportados para o exterior, elevou-se a 905.506:314$170, assim discriminados:

Café	791.992:416$000
Carnes congeladas	31.702:775$000
Algodão em rama	17.720:629$000
Feijão	15.171:139$000
Couro	8.369:648$000
Mamona	7.561:271$000
Arroz	5.709:631$000
Fubá torrado	4.783:407$000
Oleos	4.133:618$000
Conservas diversas	3.806:149$000
Banha	2.330:050$000
Farellos	1.537:132$170
Phosphoros	927:150$000
Outros generos	9.761:299$000

Montou a 96.504:863$000 o valor dos productos de S. Paulo exportados para os outros Estados, incluindo 1.633:824$000 de café. Eis a relação dos estados importadores:

Alagôas	1.478:652$000
Amazonas	675:395$000
Bahia	13.206:376$000
Ceará	1.684:948$000
Espirito Santo	1.749:652$000
Maranhão	632:850$000
Matto Grosso	190:185$000
Pará	1.394:165$000
Parahyba	1.183:543$000
Paraná	3.489:022$000
Pernambuco	12.221:389$000
Piauhy	1:300$000
Rio de Janeiro (C. Federal)	14.917:631$000
Rio Grande do Norte	366:048$000
Sergipe	530:097$000
Santa Catharina	7.657:233$000
Rio Grande do Sul	30.226:738$000
Consumo de bordo	1.234:815$000

Como se vê acima, Goyaz e Minas foram os unicos Estados que não importaram do de S. Paulo durante o anno de 1919; o de Goyaz, antes pelo contrario, concorreu para majorar a exportação dos referidos productos da exportação paulista pelo seu porto de Santos no mesmo anno de 1919 com 5.826.125 kilos de arroz com casca e 660.602 kilos de arroz beneficiado; 94.751 kilos de banha; 74.706 kilos de toucinho; 6.712 suinos gordos; 4.596 suinos magros; 9.606 couros salgados; 30.847 pelles crúas; 2.374 pelles curtidas; 28.466 meios de sóla; 660.602 kilos de feijão; 257.759 kilos de café e 4.406 kilos de algodão em rama. Nesta relação que só se refere a exportação goyana verificada nas estações da E. F. de Goyaz, não apparece do sudoéste do Estado que a via-ferrea Mogyana recebe na sua estação de Uberabinha, Estado de Minas, mas destinada a S. Paulo e Santos, producção esta ultima que excede em volume e valor ao daquella.

Com vistas aos nossos estatisticos e sabedores...

Julgamos de palpitante interesse para o nosso Estado a seguinte noticia trazida de Ituyatába, Minas:

— Conversando com distincto filho desta terra, em São Paulo, declarou o conselheiro Antonio Prado que no menor praso possivel, porá os trilhos da E. de F. Paulista em terras deste municipio, em demanda á Cachoeira Dourada e o Estado de Goyaz. Com a estrada de ferro está o nosso municipio com a chave do commercio de todo o sul de Goyaz, o rico estado nosso limitrophe.

Como geratriz de força hydraulica a Cachoeira Dourada, nos limites de Goyaz e Minas, é uma das mais formidaveis do Brasil.

Com a sua potencia de 400.000 cavallos vapor occupa o 6.º lugar entre as principaes quédas d'agua do nosso paiz.

BIBLIOGRAPHIA GOYANA

Extracto da historia da Cap. de Goyaz ordenada pelo cirurgião mór José Manuel Antunes da Frota. N'*O Patriota,* vol. 3.º (1814) n. 2 p. 25.

Memoria sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz. Ib ib vol. 3.º (1814) n.º 4, p. 33; n. 6, p. 3.

Os Cayapós... por Machado de Oliveira, in-*Rev. Inst. Hist.* 7.24 (1861), p. 491.

Annaes da Prov. de Goyaz por J. M. P. de Alencastro (1625—1824), Ib ib, t. 27 e 28.

Informação fornecida para o relatorio do director geral interino dos indios da prov. de Goyaz ao Exm.º Presidente. Aldêas existentes hoje na Provincia de Goyaz (Por E. Vallée). 1 de Fevereiro de 1857. Original no archivo do Ins. Hist.

Viagem de Goyaz ao Pará. Roteiro do dr. Rufino Theotonio Segurado. *Rev. Inst. Hist.* t. 10 (1848).

Roteiro para os Martyrios, indo em canôa pelo ribeirão de Goyaz. Por Bartholomeu Bueno da Silva, Ib ib t. VI, (1844).

A provincia de Goyaz na Exposição Nacional de 1875, por Alfredo de Escragnelle Taunay. *Rio de Janeiro, Typ. Nac.* 1876, in-4.º peq.

Chorographia historica da prov. de Goyaz, por Raymundo José da Cunha Mattos, in *Rev. Inst. Hist.* t. 37 e 38.

Informação acêrca da navegação na prov. de Goyaz (Por E. Vallée). No Archivo do Inst. Hist. o original.

Noticias das novas povoações de S. Pedro de Alcantara e S. Fernando, civilisação da nação Macamocran, estrada para o Pará, n'*O Patriota,* 2.ª serie, n. 3 (1813) p. 61.

Memoria estatistica da Provincia de Goyaz dividida pelos Julgados das duas Comarcas, e na forma de Elencho enviado pela Secretaria do Imperio, etc. Por Luiz Antonio da Silva e Souza. *Rio de Janeiro, Typ. Nac.* 1832, in-4.º de 89 p.

Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas da capitania de Goyaz (Pelo padre Luiz Antonio da Silva e Souza), in-*Rev. Inst. Hist. Bras.* t. XII.

Carta do Capitão Mór João de Godoes Pinto da Silveira sobre a demarcação da Capit. de Guiaz com a de Matto-Grosso, Ib. t. t. VII, 1845.

Itenerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas provincias de Minas-Geraes e Goiaz, seguido de huma descripção chorographica do Goiaz, e dos roteiros desta provincia ás de Mato-Grosso e S. Paulo... pelo brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos Rio de Janeiro, *Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C.,* 1836, 2 vols. in-8.º de XIX 268 p. I Fl. de Erratas — 349 p. I fl. de erratas com 4 mappas chrogr. e est.

Itinerario da cidade da Palma em Goyaz á cidade de Belém no Pará pelo rio Tocantins: e breve noticia do norte da prov. de Goyaz (Por Vicente Ferreira Gomes), *Aracaty, Typ. Social,* 1861, in-8.º do 25 p.

Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz pelo dr. Virgilio M. de Mello Franco. *Rio, Impr. Nac.* 1888, in-8.º do 180 p. I fl. de *Errata.*

Brevere flexão sobre o meio efficaz de se remediar a decadencia da Capitania de Goyaz, in-*Rev. Inst. Hist.* t. 55.

Itenerario feito pelo tenente-coronel Vicente Ayres da Silva, morador na villa de Porto Imperial, pelo rio Somno acima, desde a sua confluencia no Tocantins. Ib ib t. 14.

Lembranças de uma viagem ao Norte (Pretenções á prosa) pelo bacharel. Benjamin Franklin de Albuquerque Lima. Rio de Janeiro, *Typ. Globo,* 1875, in-8.º peq. de 88 p.

Uma catechese entre os indios do Araguaya Brasil pelo Rev. Padre Estevão M. Gallais. *S. Paulo, Escola Typ. Salesiana,* 1903, in-8.º de 55 p.

O Brasil Central (Estudos patrios) pelo Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, com um mappa, in-*Rev. Inst. Hist.* t. 68.

Synthese historica das tentativas feitas para a utilisação, como vias navegaveis dos grandes rios que banham o Estado de Goyaz pelo marechal Jeronymo Rodridrigues de Moraes Jardim, in-1.º Congresso de Hist. Nac.

Subsidios para a historia da Capitania de Goiaz (1756—1806), in-*Rev. Inst. Hist.* t.

Viagem á Comarca da Palma na Provincia de Goyaz pelo bacharel Virgilio Martins de Mello Franco. Rio *Typ. da Reforma,* 1876, in-8.º de 105 p.

Viagem ás terras goyanas (Brazil Central) por Oscar Leal. *Lisboa, Typ. Minerva Central,* 1892, in- 8.º de 255 p. est. e 1 mappa.

Mappa dos Indios Cherentes e Chavantes na nova povoação de Thereza Christina no rio Tocantins e dos Indios Charaós da aldêa de Pedro Affonso nas margens do mesmo rio pelo missionario apostolico Frei Rafael Tuggia. In-*Rev. Inst. Hist.* t. XIX.

Informações officiaes sobre as fronteiras das capitanias de Mato-Grosso, Goiaz e Pará com as possessões espanholas, in-*Rev. Soc. Geogr.* Rio.

Explorações no Rio Paraná e alguns affluentes pelo general Candido Xavier de Almeida e Souza 1783—1786, in-Publ. do arch. de S. Paulo, vol. 44.

Noticias curiosas sobre a geographia physica do Brasil Central. Memoria apres. pelo dr. Martins de Azevedo Pimentel, in-Annaes do 1.º Congresso de Geographia do Brasil.

Paul Walle. — États de Goyaz et de Matto Grosso, *Paris, Librairie Orientale et Américaine,* 1912, in-8.º de 57 p. est.

Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz. Por Custodio Pereira da Veiga. Villa Bôa, 30 de setembro de 1818, in-fol. de 143 p. Existe cópia no Arch. Militar.

Exploração do rio Araguaya, feita por ordem do dr. José Vieira Couto de Magalhães, presidente da provincia de Goyaz, em 10 de Julho de 1863. *Rio de Janeiro, Typ. de Quirino & Irmão,* 1864, in-4.º de 41 pp. 1 fl. (B. N.)

Traz a assignatura mss. do autor — o engenheiro Ernesto Vallée. Publ. no Rel. da Agricultura de 1865.

Viagem ao rio Araguay, contendo a descripção pitoresca deste rio, precedida de considerações adm. e econ. a cerca do futuro de sua navegação — por Couto de Magalhães. *Goyaz, Typ. Provincial,* 1863, in-8.º gr. de 2 fl. - 3 - 267 - 7 pp.

Exp.: D. Antonia R. de Carvalho.

Exploração do rio Araguaya, por Franc. Sisenando Peixoto V. *A Luz,* II (1873), pg. 75-76 e 82-83. (B. N.).

O rio Araguaya. Relatorio de sua exploração pelo major d'engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim. Precedido de um resumo historico sobre sua navegação pelo Tenente-Coronel d'engenheiros Jeronimo R. de Moraes Jardim e seguido de um estudo sobre os indios que habitam suas margens pelo Dr. Aristides de Souza Spinola. *Rio de Janeiro, Typ. Nac.,* 1880, in-8.º de 49 pp. (B. N.).

(Continúa).

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1921 — VOL. IV — N. 8

SUMMARIO

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

IV

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

Continuemos a enumerar uma por uma todas as invencionices, inverdades e mystificações de Candido Mendes no seu cégo e escandaloso proposito de dar ganho de causa aos mattogrossenses.

Faltando á verdade como de costume, escrevia o caduco geographo, que o projecto da Camara dos Deputados de 20 de Julho de 1864 foi alvitrado pelo presidente de Goyaz, que achava essa medida indispensavel, para a abertura de uma estrada até ás margens do rio Taquary! Completa a sua invencionice asseverando "que essa estrada aliás se fez por parte de Matto Grosso na administração de Herculano Ferreira Penna, como consta do "Relatorio do presidente de Goyaz, do anno de 1864. Pêta"!...

Basta dizer que tal estrada (cujo ponto de partida Candido Mendes propositalmente occultou) foi mandada construir em 1863 pelo então presidente de Goyaz, General Couto de Magalhães, como consta do seu officio ao Marquez de Olinda, transcripto á pagina 46 da nossa *Memoria* justificativa dos limites de Goyaz. Esta estrada partia da Capital goyana e alcançava Coxim, com um percurso de 80 leguas. Por ella seguiram os contingentes de Goyaz que em 1865 se incorporaram em Coxim ás forças expediccionarias que invadiram o Paraguay, ao mando do coronel Camisão (vide Taunay — *Retirada da Laguna).* Mais tarde foi reconstruida pelo engenheiro das Obras Publicas da provincia de Goyaz, por esse tempo Capitão de Engenharia Dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim. A estrada mandada construir pelo presidente Herculano Ferreira Penna, nenhuma relação tinha com a de Goyaz a Coxim, pois partia de Cuiabá para Sant'Anna do Paranahyba, e teve posteriormente um ramal que partindo de Piquiry chegava a Coxim, que tomou o nome de S. José de Herculanea.

Digno de lastima foi o Sr. Prudente de Moraes Filho, que sem conhecimento destas cousas, mas jurando na fé do seu *magister-dix* transcreveu aquella invencionice que se lê no texto do *Atlas do Imperio do Brasil.*

Outro artificio occulto, afim de conseguir seu intento é aquelle de Candido Mendes attribuindo aos cuiabanos a abertura da estrada que liga Cuiabá á capital goyana pelo lado do Araguaya.

A verdade, porém, é que essa antiga estrada foi aberta pelo paulista Angelo Preto, a expensas dos habitantes de Goyaz, tanto assim que se lê na informação do Capitão-Mór da Conquista João de Godoy Pinto da Silveira: "Nesse meio tempo, em o anno 1739, se abrio o caminho de Cuiabá para estas minas (Goyaz), atravessando o Rio Grande com a vinda de Angelo Preto com os seus bororós, convocado pelo mesmo Illm. e Exm. Snr. Governador para o ajuste da conquista do gentio Caiapó que não teve effeito, e de antes apenas tinham as referidas bandeiras superado suas cabeceiras de onde rodaram como fica dicto."

Ainda outra descabellada invencionice do inexgotavel cartographo maranhense: "Apenas, em todo este espaço que decorre de 1771 á 1748, nota-se o *Mappa da Capitania de Goyaz,* que em 1816 remetteu para Portugal o Capitão-General Fernando Delgado Freire de Castilho, estabelecendo os limites desta Provincia, segundo o projecto do Conde dos Arcos, e dando sómente o Araguaya como limite com Matto Grosso, da fóz do rio das Mortes para baixo."

Para confundil-o, desmentindo-o, bastava citar os seguintes mappas de caracter official, e tambem particulares, publicadas entre os annos 1771 e 1848, todos existentes no Estado Maior do Exercito e na Bibliotheca Nacional:

— *Planta Geographica* em que se mostra toda Capitania de Goyaz huma das centraes dos Dominios Portuguezes na America Meridional, etc. feita no tempo do Illmo. Varão de Mossamedes, por Thomaz de Souza, sargento-mór de cavallaria auxiliar (1775).

— *Carta geographica das capitanias do Pará, Maranhão, Piauhy, Goyaz, Matto Grosso e S. Paulo* e das mais Provincias e Reinos confinantes, desde o Parallelo de 10 gráos de latitude septentrional, athé ao parallelo de 26 gráos de latitude meridional, formadas dos melhores Mappas e observações mais, e derrotas que fez o Governador e Capitão General que foi de Matto Grosso, Luiz Pinto de Souza Coutinho, etc, por José Pedro Cezar de Menezes, no anno de 1809.

— *Mappa da Capitania de Matto Grosso,* levantado por Luiz Pinto de Souza Coutinho, 1771 — 1772.

— *Columbia Prima,* organizado pelo eminente geographo Luis Stanislas Darcy de la Rochette e publicado por William Faden, geographo de S. Magestade o Rei de Inglaterra, Junho de 1807, monumental atlas, na propria expressão de Candido Mendes "o primeiro e mais importante do Brasil, que foi a base de todos os que se lhe seguiram."

Poderiamos além de outros juntar mais o mappa de Roberto Vauguhy, tão recommendado pelo Barão do Rio Branco, para provar á evidencia mais esta protervia de Candido Mendes, quando affirma que APENAS, em todo o espaço decorrido de 1771 á 1848 um unico mappa appareceu com os limites de Goyaz segundo o projecto do Conde dos Arcos.

Seria possivel que o geographo casmurro não os conhecesse? Conhecia-os, sim, mas convinha-lhe sonegal-os, por isso que constituem provas decisivas a favor dos direitos de Goyaz. Sempre o mesmo!

Provada á evidencia no nosso artigo anterior a inexistencia da divisão das ouvidorias de Goyaz e Cuiabá pelo Araguaya, voltemos á zona sul do contestado, perguntando de começo ao Sr. Prudente de Moraes Filho se lhe éra licito ignorar, como advogado de S. Paulo na sua pendencia de limites com Minas Geraes, os seguintes documentos que a seguir para aqui trasladamos do *Archivo Publico Paulista*, a proposito do mesmissimo pleito.

Referimo-nos a varios topicos da informação prestada pelo presidente J. Saldanha Marinho ao Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, Conselheiro José Joaquim Fernandes Torres, ácerca dos limites entre a provincia de S. Paulo e a de Minas Geraes, a 6 de Dezembro de 1867.

Comprindo a Portaria que lhe ordenava informasse sobre os limites de S. Paulo e conveniencia de alteração delles, dizia Manoel Joaquim de Toledo, Delegado do Director Geral das Terras Publicas: "Limita-se a provincia de S. Paulo pelo N. com a provincia de Minas Geraes, pelo E. com a provincia do Rio de Janeiro e com o Oceano Atlantico Meridional, pelo S. com a provincia do Paraná, pelo O. com a mesma provincia, com a de Matto Grosso *e com a de Goyaz* (o grypho é nosso).

Estes limites são naturaes, excepto os que estão ao N. com Minas Geraes, e ao E. com a do Rio de Janeiro, os quaes foram convencionados e pactuados entre os respectivos Governadores nos tempos coloniaes, e approvados pelo Governo da Metropole."

"Os confins e limites desta Provincia com a de Goyaz ao N., é pelo Rio-grande, que corre a rumo mais geral de E. para O., percorrendo o seu alveo desde a intercepção da linha divisoria com a Provincia de Minas, até sua confluencia com o Tieté, em cujo ponto toma aquelle Rio o nome de Paraná. Estes confins foram determinados pela Provisão Regia de 9 de Maio de 1748, que creou o Governo de Goyaz antes comarca da Capitania de S. Paulo. Os limites a O. com as Provincias de Goyaz e Matto Grosso são: A O. CONTINÚA A CONFINAR COM A DE GOYAZ, POR INTERMEDIO DO MENCIONADO RIO PARANÁ, DESDE A EMBOCADURA DO TIETÉ DONDE COMEÇA A CORRER A RUMO DE S. ATÉ A DO RIO-PARDO, SEU AFFLUENTE DA MARGEM OCCIDENTAL, E QUE SEPARA GOYAZ DA PROVINCIA DO MATTO GROSSO. Da foz do Rio-pardo para baixo, o Paraná que prosegue a correr a Sul, serve de limites entre a Provincia de S. Paulo e a de Matto Grosso até a confluencia do Paranapanema, que desemboca no Paraná pelo lado oriental. Autorisa estes limites a citada Provizão de 9 de Maio de 1748."

Em 19 de Março de 1870 o presidente de S. Paulo respondia o Aviso Circular expedido pelo Ministro do Imperio, Conselheiro Paulino José Soares de Souza, — transmittindo áquelle ministerio as seguintes informações exigidas no alludido Aviso: "A Provincia de S. Paulo se limita ao norte com as de Minas e Goyaz; ao Sul com a do Paraná e o oceano Atlantico; a léste, com a do Rio de Janeiro e o mesmo Oceano Atlantico, e a oeste com as Provincias de Matto Grosso e Paraná. Os limites que ficam descriptos são naturaes, á excepção de uma pequena parte dos do Rio de Janeiro e do Paraná."

E' como se vê: até 1870 os governos de S. Paulo, baseados nos mais innegaveis documentos historicos existentes nos seus Archivos, não reconheciam a posse nem os suppostos direitos de Matto Grosso no territorio que o paulista advogado de D. Aquino nos contesta na região banhada pelo Paraná — Paranahyba. Considera, leitor: Saldanha Marinho *versus* Prudente de Moraes Filho...

Ah, mas é humana, apesar de ser insolita, a attitude do advogado desde que se attente no privilegio papafina que D. Aquino fez ha pouco aos plutocratas e politicos paulistas para a construcção, uso e goso de uma estrada de ferro destinada a percorrer de sul a norte, de léste a oeste, o territorio litigioso.

Trazemos este facto á collação para que se saibam que o laudo prudentino coincide com as vistas largas dos paulistas voltadas de tempos a esta parte para Matto Grosso, ou melhor, desde a construcção da Noroeste, advogada pelo pessoal escovado do Club de Engenharia e decretada pelo conselheiro Rodrigues Alves, em detrimento da viação-ferrea Catalão-Cuiabá, que lhes ficava fóra de mão!

Vejamos agora um *facies* interessantissimo desta mais que secular questão de limites: não haver entre todas as autoridades dignas de nota, chronistas, historiadores, geographos e cartographos dos tempos coloniaes, uma só que negasse ou mesmo siquer puzesse em duvida o direito que assiste a Goyaz sobre o territorio litigioso que se estende do rio Apuré ao Pardo.

Basta citar apenas os nomes dos mais notaveis: Luiz de Alincourt, Ricardo Franco de Almeida Serra, Vilhena, Luiz Antonio da Silva e Souza, Ayres do Casal, Monsenhor Pizarro e Marechal Cunha Mattos. Na vigencia do extincto regimen foram a favor de Goyaz o Barão de Melgaço (presidente de Matto Grosso), D. José, Bispo de Cuiabá, Taunay, Couto de Magalhães, J. M. Pereira de Alencastre e todos os membros illustres da Commissão de Estatistica da antiga Camara dos Deputados — que produziram um irrefutavel documento juridico, fundado na justiça e equidade.

E a favor de Matto Grosso, nos tempos coloniaes?

— Nenhum chronista, nenhum geographo, nenhum historiador, nenhum cartographo, nenhum documento official!

E no tempo do imperio?

— Apenas Candido Mendes, o mystificador; (1) mas contra a sua vesania o artigo 83 da Constituição do Imperio.

E na Republica?

— O General Mello Rego (por uma curul senatorial por Matto Grosso); e, agora os Srs. Prudente de Moraes Filho e Pires e Albuquerque... *pour cause*.

Mas afinal seus laudos se cifram em cousa nenhuma e asneiras. Todavia, são os signaes dos tempos que atravessamos...

---

(1) O Sr. Prudente de Moraes Filho, procurando impor como subida a autoridade do seu *magister-dix*, transcreve no seu laudo o panegyrico que lhe fizera Ruy Barboza *(arcades ambo)*.

Pela nossa parte facillimo seria reproduzir aqui o altissimo respeito que sempre mereceu a indiscutivel autoridade que foi o Barão de Melgaço, que, com verdadeiro culto á verdade reconheceu a jurisdicção de Goyaz á região que vai do Aporé ao Rio Pardo e inclue, portanto, Sant'Anna do Paranahyba.

Teriamos então que citar não só os mais notaveis e sabios naturalistas viajantes que no espaço de quasi meio seculo aportaram a Cuiabá, como tambem D. Pedro II, Taunay, João Severiano da Fonseca, Herculano Ferreira Penna e tantissimos nomes insuspeitos; Pimenta Bueno e Estevão de Mendonça (ambos mattogrossenses) e finalmente toda uma geração de mattogrossenses, com excepção talvez do Sr. Rondon, dizem bem alto da memoria do venerando Augusto Leverger.

Sob o ponto de vista moral, da probidade litteraria e dos conhecimentos historicos e geographicos da antiga provincia de Matto-Grosso, seria irrisorio pretender collocar o maranhense no mesmo plano do auctor do *Diccionario Chorographico da Provincia de Matto Grosso!*

O proprio bispo-presidente d. Aquino está a esta hora promovendo a erecção de uma estatua em bronze destinada a recordar a memoria do digno varão de Plutarcho. Como, pois, se lhe oppor o nome ao daquelle que perdendo a compostura no ardor da polemica perderá 90 % do seu prestigio?

Outros ha, que talvez sem o saberem, ou darem por isso, tambem já perderam mais de 95 % da reputação de juizes justiceiros na applicação da lei, depois que encamparam uma causa tão injusta quanto indefensavel como a dos mattogrossenses na sua actual pendencia de limites com Goyaz...

E o bronze em que está sendo fundida a estatua do heroico defensor de Matto Grosso, na paz e na guerra, é o mesmo dos canhões cujos boccas elle voltara tantas vezes contra os invasores da integridade da sua patria adoptiva, durante o assedio dos paraguayos, que não passaram de Melgaço, rio Cuiabá acima.

(Continúa).

HENRIQUE SILVA.

CAMPOS DE ARNICA NA SERRA DOURADA

As especies vegetaes peculiares aos campos nativos de Goyaz, particularmente as medicinaes, são tantas que seria impossivel enumeral-as. D'entre as mais preconisadas destacamos hoje a ARNICA MONTANA, que o *cliché* acima reproduz.

Alli, além do seu uso medicinal, caseiro, d'ella os tropeiros extrahem uma fibra macia e sedosa, antiseptica, de que fazem suadoros ou enxergões para cangalhas.

UM GRANDE PROBLEMA DO SUDOESTE

A CONSTRUCÇÃO DE UMA ESTRADA DE RODAGEM QUE NOS LIGUE DIRECTAMENTE COM BARRETOS. AS VANTAGENS ECONOMICAS QUE REPRESENTA

A Companhia Paulista de Estrada de Ferro, em reunião da Assembléa Geral realizada a 14 de Dezembro ultimo, deliberou sobre diversos assumptos, entre os quaes figura a construcção do trecho de Barretos á barranca do Rio Grande, no Porto Antonio Prado.

Na justificação deste projecto assim se referiu a Directoria da Companhia:

"A realização deste melhoramento, cuja necessidade, de ha muito se faz sentir, principalmente, sendo a obra completa como vae ser, com a factura de uma ponte que o Governo de São Paulo tem resolvido mandar construir sobre o Rio Grande, em correspondencia com o ponto terminal da linha ferrea, muito contribuirá para desenvolver a corrente commercial que o Estado de São Paulo *já mantem* com o Triangulo Mineiro e o Sul do Estado de Goyaz através do Porto Antonio Prado, ha muitos annos estabelecidos pela Companhia Paulista e por ella dotado de serviço regular de travessia a vapor."

A parte occidental do Triangulo Mineiro, na qual acampam os prosperos municipios e povoados de Frutal, Monte Alegre, Platina e S. Francisco de Salles, assim como todo o sul de Goyaz (melhor seria o Sudoeste) occupados pelos florescentes municipios e importantes nucleos de população que se chamam Jatahy, Rio Verde, Mineiros, Rio Bonito e outros (S. Rita e Burity Alegre), e ainda a parte confinante do territorio de Matto Grosso (hoje reintegrada ao municipio de Jatahy) — *não podem ter sahida mais directa, para os seus productos, do que a nova arteria de viação que se lhes vae abrir.* (Os parenthesis e os griphos são nossos).

Realmente, para o sudoeste goyano que tem as suas principaes relações commerciaes, com São Paulo, esta será incontestavelmente a sua róta mais conveniente!

De Rio Verde, por exemplo, a menor distancia ao ponto mais accessivel de Estrada de Ferro, que é Uberabinha, talvez não seja inferior, á distancia que medeia, entre este ponto e, o porto Antonio Prado! (Isto depende de um bom traçado de estrada de rodagem, que adeante estudamos.) Estabelecida assim, a egualdade, approximada, de distancias temos a considerar:

1.º Que, o Porto Antonio Prado, está a 600 kilometros de estrada de ferro, da Capital Paulista emquanto que, a cidade de Uberabinha, está a 780 da mesma praça.

2.º Que, as tarifas da Companhia Pautlista, são mais baratas que as da Companhia Mogyana.

3.º Que, em virtude destas desigualdades kilometricas e tarifarias, um passageiro paga a mais cerca de 20.000 por uma passagem de 1.ª classe, de Uberabinha a S. Paulo, do que pagará do Porto Antonio Prado, e que, uma tonelada de mercadorias, da tabella 6, que é a principal de artigos de importação, paga mais 51$000, posta em Uberabinha, do que pagará, posta no porto Antonio Prado.

4.º Que a estrada que nos liga a Uberabinha, passando pela ponte Affonso Penna, atravessa dois grandes cursos d'aguas — Rio dos Bois e Meia Ponte — que constituem dois grandes obstaculos ao transito, impedindo-o muitas vezes no periodo da estação chuvosa, por longos dias e até mezes!

5.º Que o serviço de barcas, nestes dois rios, é explorado por particulares que, em troca de um serviço muito defficiente e desdeixado, cobram, nunca menos, de 45$000, por uma carrada de mercadorias.

Como corolario destes considerandos, chegamos á conclusão de que, uma carrada (100 @) de mercadorias, procedente de S. Paulo, chegará ao Rio Verde, com uma economia de cerca de 120$000, desde que consigamos a factura da estrada, cujo traçado indica-nos o *croquis* abaixo.

Até aqui só temos discutido o problema com relação ao nosso transito de mercadorias, o que importa em dizer-se, que ainda não abordamol-o no seu ponto primordial, pois este, reside *na exportação. do gado, em pé.*

Pois bem. Antes de discutirmos, este ponto, cumpre lembrar que, o Sudoeste, exporta, annualmente, cerca de 50 mil bois, e que, para essa exportação, não existem estradas, nem pontes, nem condicção alguma de garantia para os boiadeiros que se aventuram a empatar, os seus capitaes, na arriscada lucta de *espancar boiada, para fóra!* Si observarmos o trajecto preferido pelos boiadeiros para conducção das boiadas do Sudoeste, veremos que não exageramos quando affirmamos não existir estradas, pontes, etc.

Não ha, quem não fique pasmo, ao ver (como este anno ainda se deu) uma boiada adquirida, nos arredores da Pimenta, fundo do municipio do Jatahy, atravessar o Rio Claro e o Verde, caminhar em direcção opposta a seu destino, (vid *croqui*) afim de contornar, quasi as cabeceiras do Rio Verde (deste municipio) em busca da Ponte de Pedra, para ir, depois, atravessar o Turvo, o dos Bois e o Meia Ponte voltando, por fim, em procura da ponte Affonso Penna, unica existente em todo o sector de confrontação, do Sudoeste, com o Triangulo Mineiro.

Estas boiadas veem-se forçadas a descrever esta volta, augmetando o seu percurso de cerca de 70 leguas, para evitar os prejuizos, quasi certos, na travessia dos rios dos Bois e Meia Ponte, nos portos da estrada salineira!

Abrimos, aqui, um parenthesis para, de passagem, relatarmos o facto occorrido esta semana, de uma boiada, da qual, rodou pela corrente do Rio dos Bois abaixo, duzentos e tantos bois!!! Fechamos o parenthesis; sem commentarios!!!

De Santa Rita do Paranahyba as boiadas se dirigem, na sua quasi totalidade, para as invernadas de Barretos, através do porto Antonio Prado.

Pelo que vimos de expor facilmente se conclue que um traçado mais racional, uma róta mais curta e menos accidentada entre os confins sudoestinos e Antonio Prado deve existir, precisa ser encontrada e pode ser conseguida!

O Porto Antonio Prado, onde vae ser erigida a cidade de Columbia, pela Companhia Paulista, para servir de entreposto commercial desta riquissima zona, de possibilidades colossaes, será, para nós, para o nosso progresso,

para a evolução do sertão, um posto avançado da civilisação que a todo transe havemos de attingir.

Em épocas anormaes, como a que ora atravessamos, não seria facil conseguir o assentamento de trilhos nesta immensa faixa do nosso immenso Brazil, porém, emquanto não podermos construir estradas de ferro, construamos as de rodagem, por isso que, estas, marcam a trajectoria daquellas.

Observando-se a disposição topographica da zona a atravessar, sem demora, nos convencemos de que um unico obice se antolha ao nosso tentamen — a travessia do rio Paranahyba.

De facto, estradas de rodagem, *á pé enxuto,* e sem ter que galgar serras nem embrenhar por penhascos, a dentro, facilmente podem ser traçadas até á barranca daquelle rio. Tambem no territorio mineiro, além Paranahyba, não existem obstaculos, pois, com ser de boa confecção topographica já existem estradas que, com pequenos melhoramentos, ser-nos-hão de facil adaptação ao nosso plano.

Resta-nos, apenas, uma barreira, que é o Paranahyba, o magestoso rio que, aos cachões enormes, vem rugindo fragorosamente através das florestas virgens de suas opulentas ribanceiras.

Mas, o Paranahyba, como que contente de estar eternamente marcando a fronteira dos dois grandes Estados, se comprimindo tanto e, de tal forma se adelgaçou em um certo ponto que permitte, ao advena, amigo do Goyano, atravessal-o sobre uma simples pinguela de um unico toro de arueira atirado, a esmo, de uma á outra margem.

Elle se cançou decerto, de servir de estorvo ao convivio intimo dos povos de além, nos proporcionou esse ponto denominado hoje Canal de São Simão, localizado proximo á barra do ribeiro da Mateira, cerca de tres leguas, acima da barra do Rio Claro. Ora, sabido como é, que este canal, apresenta condições excepcionaes para a construcção de uma ponte, visto como toda aquella massa colossal de agua passa exprimida, em um sulco, talhado na rocha viva, com pouco mais de 20 metros de largura, forçoso é concluir que, elle, é o ponto obrigatorio do nosso traçado e que, não constituirá uma barreira intransponivel para nós que queremos, e que saberemos querer, transportal-o.

Para os que tiveram a paciencia de acompanhar o nosso raciocinio até aqui, cremos ter demonstrado que temos a resolver um grande problema economico do Sudoeste.

Vamos, agora, com dados estatisticos, isto é, com a mudez eloquente e precisa dos numeros, demonstrar que o problema não é só nosso, mas de todo o Estado.

Pelos dados colhidos na mensagem presidencial, vemos que o Sudoeste exportou em 1918, atravez do sector de confrontação com o Triangulo Mineiro, entre outros productos os seguintes:

Bovinos	47.056	cabeças
Suinos	4.990	»
Arroz	470.232	»
Couros	2.335	kilos
Toucinho	44.980	»
Fumo	4.700	»

Devemos frisar que a exportação total de gado bovino em 1918 attingiu a 83.961 cabeças. Portanto 47.056 representam bem mais da metade do total da exportação goyana e só o imposto de exportação de gado, arrecadado no Sudoeste, representa pouco menos da terça parte da receita geral do Estado!

Para esclarecermos melhor o valor economico da nossa zona, temos ainda a accrescentar que nos dois ultimos annos a arrecadação global do Estado foi a seguinte:

1918

Pela Secretaria de Finanças..........	268:455$000
Pela E. F. de Goyaz..........	485:150$000
Pelos cinco municipios do Sudoeste....	618:441$000
Pelos trinta e tantos municipios restantes	944:683$000
Total..........	2.316:729$000

1919

Pela Secretaria de Finanças..........	269:163$000
Pela E. F. de Goyaz..........	479:697$000
Pelos cinco municipios do Sudoeste....	1.029:198$000
Pelos trinta e tantos municipios restantes.	1.146:036$000
Total..........	2.925:104$000

Ora, se o Sudoeste do Estado representa tão grande valor economico, é muito justo que seja olhado com mais carinho. E' necessario que o governo do Estado lance suas vistas protectoras para esta região, vindo auxiliar a industria pecuaria que aqui tem tão grande desenvolvimento, e que é justamente a que mais concorre para a prosperidade do Estado, sendo mesmo o seu principal sustentaculo.

Sem falarmos na maneira porque é feita a creação de gado nesta zona, nem nos males que contribuem para diminuir os lucros dos creadores, assumptos estes que serão tratados especial e opportunamente, vamos falar do motivo que vimos abordando — estradas.

Como vimos do *croquis* que publicamos, a volta consideravel que os boiadeiros por falta de outras estradas são obrigados a dar, diminue consideravelmente as suas possibilidades de lucro, e portanto menores são os preços porque pagam os bois aos creadores, e por estas razões, diminuida fica a renda dos fazendeiros.

A construcção de uma estrada de rodagem que nos ligue directamente com a E. de F. Paulista é um assumpto que se impõe imperiosamente a todos que desejam o progresso de Goyaz, porque esta estrada encurta extraordinariamente a distancia desta zona a S. Paulo, centro onde se abastece o nosso commercio e para onde exportamos os nossos productos.

Além de outras vantagens, já demonstradas, accresce ainda que esta projectada estrada passará por uma das regiões mais ferteis do Estado, coberta de mattas frondosas e campos magnificos, onde vicejam naturalmente o *jaraguá* e o *gordura,* havendo todas as facilidades para larga cultura destas forragens, donde mais tarde poderão sahir os nossos bois, gordos, para os matadouros frigorificos, offerecendo assim maiores vantagens para os creadores na exploração da nossa industria, e livrando-nos das *manobras* gananciosas dos que compram o nosso gado magro. Estas terras estão apenas a 40 leguas de Barretos, o que é relativamente pouco, porque os nossos boiadeiros percorrem para mais de cento e trinta leguas para aportarem áquelle mercado de gado!

Para a construcção desta estrada o obstaculo principal é o Rio Paranahyba, mas este offerece vantagens excepcionaes para a construcção de uma ponte sobre o canal de S. Simão.

Temos dois caminhos a seguir para resolver este problema: o primeiro é appellar para o governo do Estado, pedido-lhe para mandar abrir a estrada e construir a ponte sobre o canal. E o governo, tendo em vista a importancia economica da nossa região, lembrando que, praticando este acto, faz uma justiça á nossa zona e contribue para melhorar as condições economicas dos creadores e portanto as do Estado, não vacillará estamos certos, na realização deste melhoramento, porque temos felizmente para satisfação deste povo, á frente do governo, um estadista de largos horisontes, que melhor que nós sabe avaliar o que representa para o Estado a consecução deste projecto.

O segundo caso é: no caso do governo do Estado não querer, ou não poder construir a ponte e abrir a estrada, o povo do Sudoeste unir-se para realizar este intento, pois, elle offerece vantagens incalculaveis para uma exploração financeira.

Organizemos uma sociedade anonyma e realizemos o ideal projectado, construindo a ponte sobre o canal e abrindo uma larga estrada para passagem de boiada e carros, construindo os corredores de arame nos logares onde a floresta é mais densa (para evitar assim o chamado *derrama* de bois) pastos, ranchos, mangueiros e emfim todas as commodidades para os transeuntes, que intenso será o movimento a estrada e grande será a venda produzida pela

cobrança de uma taxa modesta *per capita*, aos que nella transitarem.

A nossa região conta felizmente com um povo qce sabe querer, quando precisa melhorar; temos capitaes sufficientes, unamo-nos, pois. Demais acreditamos que a Companhia Paulista de E. de Ferro, não será indifferente a este emprehendimento, nem tão pouco a praça de Barretos. Julgamos que não será difficil conseguir do E. de S. Paulo parte do capital, para isto necessario, pois que, se o problema é nosso, o é tambem de S. Paulo e da *Paulista*, porque os nossos interesses estão conjugados. Avante pois! levantem-se os homens de acção e de prestigio financeiro, que a obra é grandiosa e promissora, e mettamos mãos á obra que não existe difficuldade que não se vença, quando se quer triumphar!

E não fiquemos a dormir, porque outros mais atilados nos tomarão a frente e irão realizar em proveito proprio aquillo que deve ser nosso, tanto por motivos economicos, como por quaesquer outros.

E. M.

(D'*O Sertão.)*

DIREITO DE GOYAZ

NO

LITIGIO CONTRA MATTO GROSSO

Exposições summarias e Laudo Arbitral

Pelo Conde de Affonso Celso

Antes de apresentar algumas considerações ao memorial offerecido pelo digno arbitro do Estado de Matto-Grosso na questão de limites com o de Goyaz, seja-me permittido invocar a attenção de S. Ex. para o objecto do presente juizo arbitral, isto é, para as propostas sobre que deve versar a discussão do litigio, e que são as que abaixo transcrevo:

Proposta do Estado de Matto-Grosso:

"Da fóz do rio Aporé no Paranahyba, até confrontar com a cabeceira do rio Indayá-mirim; por este abaixo até sua barra no rio Indayá, por este abaixo até sua fóz no Sucuriú; por este acima até a sua mais alta cabeceira; dahi á cabeceira do rio Araguaya e por este baixo até os limites de Matto-Grosso com o Pará."

Proposta do Estado de Goyaz:

"Os limites de Goyaz com Matto-Grosso serão por uma recta tirada da fóz do Aporé até a margem esquerda do Sucuriú; por este acima até encontrar o meridiano 10° W. do Rio de Janeiro; dahi por outra recta, coincidindo com o mesmo meridiano até a margem esquerda do rio das Mortes e por este abaixo até sua confluencia no Araguaya."

Sem justificar a primeira dessas propostas, o illustre arbitro de Matto-Grosso deseja dar muito mais do que já exageradamente pede aquelle Estado, quando quer que a linha de limites entre o mesmo e o de Goyaz corra

"... pelo rio Araguaya acima até á sua cabeceira principal, *dahi á cabeceira do rio Correntes e por este abaixo até a sua barra no Paranahyba*, continuando por este e pelo Paraná."

Tal exigencia importa na cessão por parte de Goyaz da vasta zona inter-fluvial Aporé-Correntes, que não está comprehendida no presente litigio, e que não é objecto de contestação. E' verdade que o rio Correntes figura esporadicamente como limite entre os dois Estados, na carta que a Commissão Rondon levantou para acompanhar a memoria apresentada pelo Estado de Matto-Grosso á Conferencia de limites de Bello-Horizonte; mas essa linha arbitraria e injustificavel foi recusada, como não podia deixar de ser, pelos delegados de Goyaz, indicando então a delegação de Matto-Grosso a linha Aporé-Indayá-mirim, como se vê na proposta acima exarada.

Reiterando-a agora o preclaro arbitro matto-grossense, mostra-se mais realista do que o rei, pretendendo para o Estado cujos interesses proficientemente defende aquillo de que esse mesmo Estado, por seus representantes, abriu mão na Conferencia alludida.

Devo tambem fazer observar que não comprehendo a proposição final da proposta do illustre arbitro de Matto-Grosso, quando determina que a linha de limites entre os dois Estados *continue pelo Paranahyba e pelo Paraná*, como se, terminando na barra do Correntes, no Paranahyba, fosse possivel prolongar-se pelo Paraná afóra, nos termos da propria proposta. Ha ahi talvez equivoco. (*)

* * *

Feitas estas observações como resalva aos direitos de Goyaz, passarei a analysar ligeiramente as allegações contidas no memorial a que me refiro.

Diz de começo o arbitro por parte de Matto-Grosso, e disso faz o fulcro de toda a sua argumentação:

"Embora sendo arbitro escolhido pelo Governo de Matto-Grosso, eu não hesitaria em reconhecer e proclamar o direito de Goyaz ao territorio litigioso, se este tivesse a seu favor um titulo de dominio, isto é, uma lei ou acto com força de lei, fixando as divisas dos dois Estados de tal forma que, aquelle territorio ficasse comprehendendido nas rayas goyanas, ou sob o dominio ou jurisdicção de Goyaz."

E' obvio que, se existisse tal lei ou acto com força de lei, não haveria questão alguma, porque essa lei ou acto excluiria logica e imperiosamente quaesquer contendas por parte do Estado de Matto-Grosso, ou de outro qualquer em identicas condições. Não se concebe que um Estado, que tenha a seu favor um perfeito instrumento de dominio sobre um territorio dado, possa admittir contestação de outro sobre esse territorio, sem buscar o remedio que as leis lhe garantem.

Goyaz, realmente, não possue um titulo peremptorio qual o eximio arbitro matto-grossense o desafia a apresentar; mas póde exhibir em seu favor, como tem feito, a mais ampla e segura documentação historica, que não é para desprezar em um pleito dessa natureza, e que prova sua posse anterior sobre os territorios litigiosos.

A's duas formulas que o emerito patrono *ex-adverso* prescreve para resolução das questões de limites entre os Estados brasileiros, mandando-se observar: 1.º, os limites traçados por lei geral, do tempo da colonia ou do Imperio, ou por acto equivalente; 2.º, os limites que correm pelos extremos da posse, — ha ainda que juntar uma terceira, isto é, que, na falta daquelles elementos, se tomem em consideração quaesquer titulos que importem presumpção de direito.

E' o caso de Goyaz no presente litigio. Matto-Grosso nunca teve posse mansa e pacifica do territorio contestado. A cada tentativa de usurpação, a cada invasão de seu territorio, Goyaz sempre protestou, fazendo valer seu direito. E esses protestos constam dos documentos offerecidos ao Juizo Arbitral, em numero assás avultado.

* * *

O distincto arbitro de Matto-Grosso não reconhece nenhum valor á informação de D. Marcos de Noronha, de 12 de Janeiro de 1750, sobre os limites das duas capitanias; mas sabe S. Ex. que essa informação foi prestada em virtude da provisão régia de 2 de Agosto de 1748, e que as rayas nella traçadas foram observadas sem perturbação, salvo o insignificante incidente com o ouvidor Morrilhas em 1753, até 1762, quando D. Antonio Rolim de Moura, governador de Matto-

---

(*) *N. R.* — Não houve equivoco, mas sim ignorancia lastimavel da topographia do contestado. Isto é que é.

Grosso, pretendeu estabelecer a linha divisoria pelo Araguaya, ao que não accedeu o governador de Goyaz, João Manuel de Mello, allegando que das cabeceiras do Araguaya ás do Taquari e Camapuan existiam extensas campinas, e que a linha divisoria teria de ser forçosamente imaginaria neste trecho, como seria a das cabeceiras do rio das Mortes.

Em uma região arcifinia, como a de que se tratava, era doutrina corrente que, havendo duvida sobre a divisa, a linha deveria procurar os limites naturaes, como montes e rios. Além de que, como bem ponderou mais tarde ao marquez de Pombal o governador José de Almeida e Vasconcellos, no caso sujeito, devia-se proceder como o rei ordenára se praticasse na divisão da America Portugueza na parte Sul do Brasil, pois, sendo as duas capitanias regularmente divididas pelas vertentes do Paraguay e do Araguaya, pertencessem a Matto-Grosso as terras que desaguassem no Paraguay, e a Goyaz as que corressem para o Araguaya.

A 4 de Maio de 1769, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que substituiu a João Pedro da Camara no governo de Matto-Grosso, na ignorancia da discussão anteriormente havida, apresentou novo plano para a solução da pendencia. Esse plano, ao mesmo tempo que assignalava como pertencente a Goyaz a fronteira de S. Paulo e reconhecia o limite pelo rio Pardo, attentava contra o direito de Goyaz sobre a região entre o Araguaya e o rio das Mortes. João Manuel de Mello falleceu em 13 de Abril de 1770, sem ter tido tempo de responder a essa proposta. Entretanto, o governador de Matto-Grosso, tomando conhecimento da correspondencia e documentos existentes a respeito, e convencendo-se das razões que assistiam a Goyaz, retractou-se e declarou acceitar a demarcação proposta por D. Marcos de Noronha. E' esta a origem do *Auto de accessão* a que me referirei a seguir.

E' tambem esse um documento que o provecto arbitro de Matto-Grosso inquina de nullo, porque o governador de Goyaz *não mandou o reversal expressamente pedido*. Essa simples falta de formalidade, que aliás não está apurada, é sempre repetida pelos advogados de Matto-Grosso como um grande argumento, capaz de invalidar o mais solenne contrato.

Candido Mendes de Almeida, que não pôde ser suspeito a Matto-Grosso, ao passo que o é a Goyaz, referindo-se ao *Auto de accessão*, escreveu em seu — Atlas do Imperio do Brasil — Rio de Janeiro — Lith. do Inst. Philomatico — Rua Sete de Setembro 68 — 1868 — Pag. 29, 1.ª columna, linhas de 1 a 13, texto:

"Depois dessa época nunca mais se tratou de divisas entre Goyaz e Matto-Grosso, ao menos por parte do Governo Colonial, mantendo por um Alvará ou Provisão do Conselho Ultramarino o ajuste feito pelas duas Capitanias. E o proprio Luiz Pinto exercendo depois, em 1799, o lugar de Secretario de Estado, nem dessa materia occupou-se, tendo aliás interesse, visto que á elle se deve o primeiro e mais importante mappa do Brasil que em 1807 publicou W. Faden em Londres, sob a denominação de COLUMBIA PRIMA, que foi a base de todos os que se lhe seguiram."

E', pois, o illustre chorographo patrio que reconhece que o ajuste entre as duas capitanias, isto é, o *Auto de accessão* Luiz Pinto, foi mantido por um alvará ou provisão do Conselho Ultramarino.

José de Almeida e Vasconcellos, em officio ao marquez de Pombal, de 15 de Junho de 1775 disse:

> "O meu antecessor nunca conveyo na sobredita demarcação, que S. Magestade mandou observar interinamente, pelo mutuo accordo dos dous Governos, e como o actual Governador e Capitão General de Matto Grosso adiantou a pretenção dos seus antecessores, estabelecendo hum Registro a pouca distancia do rio (Araguaya), parece-me dever declarar o meu differente conceito, emquanto não ha determinação do Soberano."

Do exposto resulta que houve qualquer acto, alvará ou provisão, que approvou o convenio firmado por Luiz Pinto de Sousa Coutinho e Antonio Carlos Furtado de Mendonça, governadores e capitães-generaes, respectivamente, de Matto Grosso e de Goyaz. O que é facto é que esse convenio foi integralmente respeitado durante as administrações de Furtado de Mendonça (1770-1772); José de Almeida e Vasconcellos (1772-1778); Luiz da Cunha Menezes (1778-1783); Tristão da Cunha Menezes (1783-1804); D. Francisco de Assis Mascarenhas (1804-1809); Fernando Delgado Freire de Carvalho (1809-1820) e Manuel Ignacio de Sampaio e Pina (1820).

Durante esse periodo só o governador de Matto Grosso Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres tentou violar o accordo de 1771, mandando fundar na margem occidental do Araguaya, em 1774, o registro da Insua. Contra esse acto, porém, protestou o governador de Goyaz José de Almeida e Vasconcellos, em carta de 10 de Dezembro do mesmo anno, ao Secretario de Estado Martinho de Mello e Castro.

Do allegado se conclue que, durante o resto do periodo colonial, as divisas traçadas em 1750 foram observadas sem impugnação por parte do governo de Mato-Grosso.

Quanto ao projecto de lei de 1864, que o nobre arbitro de Matto-Grosso diz que *nunca passou de projecto*, estou de accordo com S. Ex. E' verdade que esse projecto se não ultimou, por motivos que a ninguem passam despercebidos; e se assim não fosse, a questão de fronteiras entre as duas provincias não subsistiria, porque a Assembléa Geral Legislativa, a que foi apresentado aquelle projecto, era o orgão competente para derimi-la. Entretanto, não deve ignorar o patrono *ex-adverso* o valor daquelle documento, bem como do luminoso parecer que o acompanhou, e que é tal que todas as autoridades abalizadas em cartographia, tanto do Imperio, como da Republica, delle se têm servido para o estabelecimento das linhas divisorias entre os dois Estados, com exclusão apenas da carta levantada pela matto-grossense Commissão Rondon, á qual já alludi.

* * *

A Provincia de Matto-Grosso, já no regimen imperial, em 1838, creou uma freguezia na povoação de Sant'Anna do Paranahyba, que, segundo o insuspeito barão de Melgaço, *estava fóra dos limites até então reconhecidos*.

A Provincia prejudicada, ainda uma vez, protestou perante os poderes supremos contra a usurpação matto-grossense.

Em 1852, a Assembléa Legislativa de Matto-Grosso levantou um conflicto, pedindo solução ao governo imperial. Levada a questão á Assembléa Legislativa Geral, foram pedidas informações ao presidente da Provincia de Goyaz, Dr. Francisco Mariani, que em seu relatorio á Assembléa Provincial, em 1853, assim se expressa:

> "Tomando conta da administração, encontrei ordem do Governo Imperial para informar acerca das exigencias das tres provincias limitrophes que, como se fosse por combinações se apresentaram ao mesmo tempo, pretendendo fazer de Goyaz uma Polonia. A Assembléa de Matto-Grosso, queixando-se de que a nossa lei n.º 6, de 5 de Agosto de 1848, que creou a freguezia das Dores do Rio Verde, comprehendesse na respectiva circumscripção um territorio que julga pertencer-lhe e no qual havia, primeiro que nós, creado a freguezia de Sant'Anna, pede não só que seja revogada a nossa sobredita lei, mas tambem que pelo poder legislativo sejam fixados os limites das duas provincias, partindo do Rio Cayapó, do Sul, na sua confluencia com o Paranahyba, até ás primeiras vertentes na serra de Santa Maria, dahi pelo caminho mais curto, passando pelas primeiras vertentes e por estas pelo Rio Pardo e pelo Araguaya até confluir com o Tocantins.
>
> A respeito dessa exigencia fiz ver que si de alguma parte havia justa razão de queixa, era da de Goyaz, cujo territorio foi usurpado pela lei provincial de Matto-Grosso com despreso da convenção de limites,

celebrada entre as duas provincias pelo auto de 1 de Abril de 1771; e reclamei que o poder legislativo decretasse subsistente a mesma convenção, fixando-se o ponto da divisão na lagôa, donde verte o rio das Mortes, descendo por este até confluir no Araguaya; e daquelle ponto para o Sul, seguindo pelo chapadão de campos limpos até as contravertentes do Camapuan e Rio Pardo, descendo por este até a sua confluencia no Paraná; divisão a mais consentanea, visto que as vertentes do rio das Mortes, e a confluencia do Rio Pardo, ficam equidistantes desta, e da cidade de Cuyabá".

O Presidente de Goyaz, Dr. Antonio Candido da Cruz Machado, depois visconde do Serro Frio, tratando dessa questão em seu relatorio de 1855 á Assembléa Provincial, escreveu o seguinte:

"Cumpre observar que toda a questão versava então os limites de Oéste, isto é, si a demarcação devia ser pelas aguas do Araguaya e sua cabeceira até encontrar as do Rio Pardo, ou pelas aguas do rio das Mortes até a lagôa, sua primeira origem e depois pelos chapadões até ás vertentes do Rio Pardo e jamais se poz em duvida que este ultimo rio fosse o limite meridional da provincia de Goyaz."

Por ultimo, para abreviar citações, devo tambem referirme ao officio do Presidente Couto de Magalhães, dirigido ao Marquez de Olinda em 8 de Fevereiro de 1863, em que protesta contra as invasões de Matto-Grosso, e solicita providencias no sentido de garantir-se a Goyaz a fronteira com S. Paulo e a região do rio das Mortes.

* * *

De 1864 por diante mais se accentuou o proposito de Matto-Grosso em contestar o direito de Goyaz sobre a margem occidental do Araguaya e sobre o territorio ao Norte do Rio Pardo, já se apossando da região banhada pelo Araguaya e rio das Mortes, já se apropriando do territorio que forma a fronteira goyana com S. Paulo.

Muitos outros factos e documentos teriam aqui cabida para demonstrar á saciedade quanto o Estado de Matto-Grosso ha usurpado ou pretendido usurpar ao seu vizinho, se eu quizesse converter essa peça em um libello accusatorio. O notavel arbitro de Matto-Grosso nenhum facto apontou, nenhum documento citou. Da longa transcripção que fez de um trecho de Candido Mendes de Almeida, nenhuma prova, em meu entender, trouxe ao articulado.

A autoridade de Candido Mendes é, realmente, acatada em questões geographicas relativas ao Brasil; mas, no caso que se discute, peço venia para considera-la muito suspeita. Não ignora o douto patrono de Matto-Grosso que Candido Mendes sustentou por longos annos, quando foi da questão da Carolina, uma vehemente polemica contra a Provincia de Goyaz, no afan de reivindicar para a do Maranhão o territorio ribeirinho do Tocantins, onde assenta a cidade daquelle nome, o que afinal conseguiu.

Dessa refrega resultou por certo a animadversão com que, em seu *Atlas do Imperio do Brasil,* se refere á Provincia de Goyaz. No capitulo em que trata dos limites dessa Provincia, e que poderia ser assignado pelo mais ardoroso advogado de Matto-Grosso, sem mais nada lhe juntar, a serenidade do chorographo cedeu logar á parcialidade do polemista intransigente. A demonstração do que allego far-se-á facilmente á simples leitura do capitulo alludido.

A lei goyana de 5 de Agosto de 1848, elevando á categoria de parochia a capella de N. S. das Dores do Rio Verde, Candido Mendes considera como a *confissão formal* de Goyaz ao direito de Matto-Grosso sobre a margem occidental do Araguaya, fazendo grande cabedal da expressão:... "cabeceira do Araguaya, *que serve de divisa (divisão* é como está na lei...) *com a Provincia de Matto-Grosso.*" Não attentou, ou não quiz attentar o illustre chorographo e jurisconsulto, no defeito de redacção muito commum que encerra aquella phrase: o relativo *que* alli não se refere ao antecedente *Araguaya,* como lhe pareceu, e é grammaticalmente certo, mas ao tropo — *cabeceira do Araguaya,* de accôrdo com a noção geographica. E cumpre notar que contra essa mesma lei reclamou a Provincia de Matto-Grosso, como se vê do trecho que acima transcrevi do relatorio do Presidente Mariani. Logo, essa lei não lhe era favoravel; logo, não lhe dava de mão beijada o territorio do Araguaya.

* * *

O arbitro matto-grossense reconhece que a prescripção acquisitiva não é admittida em nosso Direito publico interno. Tal é a bôa doutrina sustentada invariavelmente pelo Supremo Tribunal Federal.

"A' Provincia ou ao Estado falta capacidade juridica para perder ou adquirir parte do seu territorio pela prescripção acquisitiva, porque é absolutamente inadmissivel a prescripção acquisitiva contra lei de ordem publica. A prescripção acquisitiva só é possivel entre quem tem a capacidade de adquirir e quem tem a de ceder o direito, ou a cousa. Os limites territoriaes da jurisdicção do poder publico não podem ser alterados por prescripção acquisitiva. A posse não póde ser invocada em assumpto de limites de jurisdicção do poder publico, como elemento gerador de direito.

(Accordam de 6 de Julho de 1904).

E mais:

"No Direito privado está geralmente admittido esse modo de adquirir (por prescripção acquisitiva). No Direito Internacional Publico, posto se notem divergencias de opiniões, a maioria dos jurisconsultos, e póde-se dizer os mais autorizados, reconhecem a applicabilidade da prescripção acquisitiva, cumprindo notar que por esse principio se têm resolvido varias questões na America. Mas, quando se trata de limites de circumscripções administrativas, ou de divisões politicas e administrativas, nem as leis, nem a jurisprudencia, nem a doutrina suffragam a pretenção do Paraná."

(Accordam de 24 de Dezembro de 1909).

Mais ainda:

"... considerando que tambem destituido de fundamento é o articulado concernente á applicação á especie dos autos do *uti-possidetis,* articulado aliás em contradição com o em que o embargante assevera que o accordão resolveu a questão de conformidade com um imaginario direito costumeiro. A verdade bem palpavel no accordão embargado é que este, dando as razões pelas quaes não applica o *uti-possidetis,* principio que até hoje tem servido unicamente para dirimir as questões de limites na America latina, resolveu o litigio de accôrdo com o direito publico, vigente ao tempo em que os dois Estados litigantes eram capitanias sujeitas a um governo absoluto."

(Acc. de 17 de Julho de 1920).

Não ha negar, pois, que o erudito arbitro de Matto-Grosso esteja com a boa e sã doutrina. Entretanto, do que se infere de todo o seu arrazoado não é outro sinão o principio do *uti-possidetis* o que deseja que se applique á solução do caso vertente.

A presumpção de um direito pre-existente com que S. Ex. pretende fazer prevalecer a posse de Matto-Grosso sobre os territorios contestados, por certo milita antes a favor de Goyaz, que os possuiu primeiro que Matto-Grosso, como tenho demonstrado. A posse de Matto-Grosso sobre elles nunca foi mansa e pacifica, embora já se prolongue por dilatado periodo de tempo; dos protestos e das con-

tendas que a perturbaram e perturbam está referta a chronica que vem dos ultimos tempos coloniaes aos nossos dias. A presumpção de direito preexistente não póde legitimamente ser invocada em favor de Màtto-Grosso. Assim, a não ser a applicação do *uti-possidetis,* não vejo que outra fórmula juridica possa valer aos fins que Matto-Grosso tem èm vista nesta questão.

* * *

O honrado arbitro de Matto-Grosso enumera, por informações do actual Presidente de Matto-Grosso aos seus delegados no Sexto Congresso de Geographia de Bello-Horizonte, os territorios que o Estado viria a perder para Goyaz, no caso de ser este vencedor no pleito. Devo notar, entretanto, que uma proposta posterior, que é a que se discute agora, juntamente com a de Matto-Grosso, modifica de muito aquelle computo.

Goyaz cedeu quanto podia ceder; exigir mais será reduzi-lo á condição da Polonia, para repetir o dizer justo do Presidente Mariani.

Certo e convicto da verdade da causa que me foi confiada, espero do alto espirito e do claro entendimento do meritissimo arbitro desempatador absoluta

JUSTIÇA.

* * *

Acompanham as tres exposições summarias offerecidas pelo arbitro de Goyaz os seguintes documentos que cabalmente justificam as proposições nellas exaradas:

I

Mensagem Presidencial do Presidente Desembargador João Alves de Castro (1920).

II

Memoria justificativa dos limites de Goyaz apresentada no 6.º Congresso de Geographia de Bello Horizonte (1920).

III

Memoria justificativa — Atlas — Parte II.

IV

Certidão do auto de arrematação da Fazenda Dumbazinho.

V

Certidão da sentença do Juiz Federal da Secção de Goyaz sobre um pedido de manutenção de posse da fazenda Dumbazinho.

VI

Cópia extrahida do livro de contas da Côrte dos annos de 1771 a 1775.

VII

Cópia extrahida do livro de contas da Côrte dos annos de 1771 a 1775.

VIII

Cópia extrahida do livro de contas do Governo dos annos de 1772 a 1777.

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1920.

CONDE DE AFFONSO CELSO.

NOTAS E INFORMAÇÕES

E' de todo prestadia aos criadores do *hinter-land* a noticia de que um chimico belga Dr. Pottiez acaba de descobrir uma vaccina contra a febre aphtosa.

O governo belga deu officialmente á publicidade a nota dos resultados, absolutamente satisfatorios, obtidos nas provas officiaes.

Segundo essa nota, as experiencias foram feitas em grande numero de animaes atacados daquella enzootia, obtendo-se a completa cura de todos.

Os animaes em bom estado de saude, em contacto com os doentes, e vaccinados com a vaccina contra a aphtosa, não contrahiram a molestia, o que prova realmente o effeito immunisativo do invento do chimico belga.

Na sua interessante collaboração na bem informada revista carioca *Lavoura e Criação* conta-nos o illustrado engenheiro agronomo Snr. Dr. Gomes do Carmo que uma colonia asiatica da França acaba de ensinar-nos como fazer para obtermos novas variedades de mandiocas ricas de fecula e proteina e pobres em fibras e principios toxicos. Com a sua reconhecida competencia faz a exaltação da nossa planta utilissima, dizendo que todo o Brasil lhe pertence e ella pertence ao Brasil.

Que a mandioca vige e cresce em todas as regiões brasileiras é um facto; mas como succede a todos os vegetaes distribuidos pela natureza sobre a terra, ella tem entre nós o seu *habitat*. Este é o Brasil central, é Goyaz.

Não precisamos de mais especies ou variedades novas de mandiocas, precisamos, sim, de conhecer a nossa prata fina de casa. Quem escreve estas linhas conhece em Goyaz duas ou mais qualidades da preciosa euphorbiacea que pelo seu sabor, por seus principios alimenticios, excellem a todas as variedades tão decantados no norte do paiz sob os nomes de "aipim" ou "macaxeiras". Procural-as na *Flora* de Martius será inutil, mesmo porque a mais preciosa d'ellas, a chamada *Castelinha* é peculiar ao Araguaya, zona goyana essa não percorrida nos tempos coloniaes pelo naturalista E. Pohl, que descobriu em Goyaz 43 especies do genero *Manihot,* ou sejam mais do dobro das especies conhecidas no Brasil inteiro.

A proposito do nosso *cliché* reproduzindo uma planta medicinal dos campos nativos de Goyaz, que damos noutro logar, veio-nos aos bicos da penna um ligeiro, talvez rude, mas necessario commentario.

E vem a ser que apezar de todos os esforços da nossa parte, durante os quatro annos de existencia da "Informação" impossivel nos tem sido obter photographias dos mais caracteristicos aspectos da Natureza goyana. São sem conto os pedidos, sob promessa de pagamento á vista, que até agora em vão temos feito aos goyanos, de photographias que interessam aos que solicitam informes sobre as possibilidades economicas, ao nosso Estado.

No entanto, os nossos patricios as possuem — mas para presentear advenas, e *cometas,* que as não sabem apreciar devidamente.

E' deveras singular que á unica revista illustrada de propaganda das cousas goyanas e da mais larga circulação dentro e fóra do paiz não as possa aproveitar, reproduzindo-as.

Tal é, infelizmente, a qualidade da maioria da gente que habita aquella abandonada região brasileira e a furta, assim ao conhecimento dos que a poderiam fazer conhecida, feliz e util á civilização!

O nosso eminente patricio Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim acaba de ser distinguido pelo Governo portuguez com a Grã Cruz da Ordem de Christo. Justifica essa distincção o facto de haver o nosso patricio apressado junto ao Barão do Rio Branco o reconhecimento da Republica Portugueza, quando S. Ex.ª ministro da Fazenda.

Parabens ao illustre homenageado.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1921 — VOL. IV — N. 9

SUMMARIO

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

V

Tanto o sr. Prudente de Moraes no seu mesquinho laudo como o Sr. Pires e Albuquerque no seu irrefletido desempate concluiram com o lido no texto do *Atlas* de Candido Mendes, á pagina 29, ou seja um disparate attribuido á lei goyana de 5 de Agosto de 1848: que esta é favoravel ás pretenções de Matto-Grosso.

E maior disparate não poderia ser a asserção de que a mesma lei é uma formal confissão dos direitos de Matto-Grosso ao territorio em litigio no sudoéste de Goyaz.

Mas como julgaram descobrir naquelle documento essa irrisoria "confissão formal"?

Para de vez se liquidar tal sophisma, dando-lhe o golpe de misericordia, para aqui transladamos na integra a supracitada lei:

"Servirá de limites a nova freguezia o Rio Verde além do Turvo, desde as suas primeiras vertentes até a sua fóz no rio dos Bois e por este abaixo até confluir no Paranahyba, e por este abaixo até a sua confluencia no Rio Pardo, e por este acima até as suas primeiras vertentes no Espigão Mestre e d'ahi por uma linha recta até as primeiras vertentes do Rio Grande cabeceira do Araguaya que serve de divisa com a provincia de Matto-Grosso". (*)

Ora, que a cabeceira ou as nascentes occidentaes do Araguaya servem de limite entre Goyaz e Matto-Grosso, (e não o rio Araguaya) nós não contestamos, antes pelo contrario — affirmamos, consoante ao mappa de W. Faden traçado á vista dos documentos officiaes fornecidos pelo governo da Metropole portugueza em 1778, ao cartographo official do Reino Unido da Grã Bretanha, Luis Stanislas Darcy de la Rochette, como tudo se vê do alludido documento antigo.

Se Candido Mendes quizesse e si os Srs. Prudente Filho e Pires e Albuquerque soubessem... a geographia patria, nada haveria que extranhar quanto á cabeceira do Araguaya, na Serra Sellada ou do Cayapó, ser considerado um dos lindes de Goyaz e Matto-Grosso.

E vem de molde repetir aqui o que a proposito escreve o illustre Sr. Conde de Affonso Celso no seu laudo:

"A lei goyana de 5 de Agosto de 1848, elevando á categoria de parochia a capella de N. S. das Dores do Rio Verde, Candido Mendes considera como a *confissão formal* de Goyaz ao direito de Matto-Grosso sobre a margem occidental do Araguaya, fazendo grande cabedal da expressão:... "cabeceira do Araguaya, *que serve de divisa (divisão é como está na lei...) com a Provincia de Matto-Grosso.*" Não attentou, ou não quiz attentar o illustre chorographo e jurisconsulto, no defeito de redacção muito commum que encerra aquella phrase: o relativo *que* alli não se refere ao antecedente *Araguaya,* como lhe pareceu, e é grammaticalmente certo, mas ao tropo — *cabeceira do Araguaya,* de accôrdo com a noção geographica. E cumpre notar que contra essa mesma lei reclamou a Provincia de Matto-Grosso, como se vê do trecho que acima transcrevi do relatorio do Presidente Mariani. Logo, essa lei não lhe era favoravel; logo, não lhe dava de mão beijada o territorio do Araguaya".

* * *

Tratava-se, é de vêr, da limitação de uma nova freguezia goyana que pelo noroéste apenas alcançava ás nascentes mais occidentaes do Araguaya e não o curso deste rio que por uma resolução anterior do Governo de Goyaz era e continúa a pertencer á comarca da sua capital (vide a Resolução do Conselho administrativo do Governo da Provincia de Goyaz de 1 de Abril de 1833, tendo em vista o disposto no artigo 3.º do codigo do processo criminal e decreto de treze de Dezembro de 1832, art. 1.º tit. Termo da Capital de Goyaz).

Assim procedendo, o legislativo goyano o fez em obediencia ás leis em vigor, por isso que a região comprehendida n'aquellas linhas divisorias pertencia e ainda pertence de direito á Goyaz, com a sua denominação tomada á nação guerreira dos Cayapós, cujo poder, por ajustes feitos por D. Luiz de Mascarenhas em 1742 e 1748 Pires de Campos destruira desbravando a alludida região que desde então nunca deixou de ser parte integrante do territorio goyano. Em 1755, no governo de D. Marcos de Noronha, e por ordem deste abriu ainda Pires de Campos nova campanha contra os Cayapós. A acção benefica, civilisadora, policial, dos governos de Goyaz naquella parte do contestado continuou a fazer-se sentir em épocas posteriores. Tanto assim que os rios Paranahyba e Paraná foram explorados por ordens de D. Francisco Mascarenhas, capitão-general de Goyaz, que para esse fim no anno de 1808 fez seguir de Anicuns, pelo rio dos Bois, Estanilau de Oliveira Guterres, que chegou até a cachoeira das Sete-Quédas no rio Paraná.

Em 1817 ainda por ordem do governo de Goyaz deu cabal desempenho a esta empreza outro explorador goyano,

(*) Com referencia a este acto do legislativo goyano, observara Taunay:

"Deste trecho citado por áquelles mesmos que são contrarios ás pretenções de Goyaz, se infere que a Villa de Sant'Anna do Paranahyba pertence a esta provincia."

(Itinerario da viagem feita da cidade do Rio de Janeiro ao Coxim *in* Relatorio Geral da Commissão de Engenheiros junto as Forças em Expedição para a provincia de Matto-Grosso, 1865-1866).

João Caetano da Silva, que descobriu a navegação entre a Capitania de Goyaz e a de S. Paulo, pelos rios dos Bois, Paranahyba, Paraná e Tieté.

Tudo isto fez Goyaz antes de 1838, data esta em que os mattogrossenses começaram de invadir ob e subpreticiamente o sudoéste goyano, aliás considerado por todos os Capitães-generaes de Matto-Grosso, inclusive Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, *fóra dos limites até então reconhecidos* por elles mesmos!

Confrontem agora os homens capazes de se revoltarem contra falta de justiça o que acima fica, baseado em documentos historicos incontrastaveis, com a miseria, a protervia escarninha destes periodos constantes do laudo firmado pelo arbitro de Matto-Grosso adrede insinuado, como o outro, por sua eminencia o Sr. Cardeal Arcoverde: "Em relação ao outro trecho do contestado (sudoéste goyano), é tambem innegavel a posse ou jurisdicção antiga e actual de Matto-Grosso, á qual Goyaz não póde oppôr nenhum titulo de dominio.

Desde o desbravamento do sertão comprehendido entre os rios Taquary, Coxim, Camapuan e Pardo que delimitam essa parte do contestado, Matto-Grosso começou a exercer ahi a sua jurisdicção até hoje sempre mantida".

Ora, como já ficou demonstrado á evidencia nos nossos anteriores artigos, o que é innegavel, inconteste, isto sim! é o titulo de dominio antigo de Goyaz ao contestado, titulo este que lhe é assegurado pela provizão do Conselho Ultramarino de 2 de Agosto de 1748. Que o desbravamento do sertão comprehendido entre os rios Taquary, Coxim, Camapuan e Pardo foi feito a expensa dos governos de Goyaz, 96 annos, precisamente, antes da invasão mattogrossense, tambem já deixamos assás provado.

Será crivel que o Sr. Prudente de Moraes Filho ignore aquelle axioma de direito tão ao conhecimento de todos, até dos leigos, que torna o commodo propriedade de quem teve o incommodo?

E', portanto, inquestionavel o direito que assiste aos goyanos sobre o contestado.

Até aqui vimos commentando a ignorancia ou má fé dos patronos de Matto-Grosso.

Era preciso.

Convém repetir, deixar á grande luz que n'esta pendencia de limites em que a toga do magistrado, parece, foi substituida pelas vestes sacerdotaes, Goyaz cantará victoria — restando, assim, ao arbitro arbitrario cantar, esperamos, a palinodia. E' que temos absoluta certeza da approvação, pelo governo da Metropole, do acto de Accessão de 10 de Abril de 1771, apenas com a modificação ligeira que consta do atlas COLUMBIA PRIMA, de que já tratamos na nossa edição de Janeiro deste anno.

HENRIQUE SILVA.

(Continúa).

DATAS MATTO-GROSSENSES

POR

ESTEVAM DE MENDONÇA.

Trouxe uma notavel contribuição para o conhecimento da historia do *hinterland* e mais particularmente para a do *farwest* o esplendido trabalho do sr. Estevão de Mendonça, illustrado espirito que conta um escolhido cenaculo de admiradores aquem Rio das Mortes, em Goyaz.

A robusta erudição do historiador das *"Datas Matto-Grossenses"*, a precisar dos dados que apresenta, desafiando a critica, é mais que sufficiente para exaltar o escriptor cuyabano que tem no passado da terra goyana, diluidas, interessantes notas de tradicção de familia, pois em Goyaz frondejou o ramo Monteiro de Mendonça, estabelecido na Capital desde fins do seculo XVIII, vindo de Cuyabá.

Estudando a genese dos Monteiros de Mendonça não pudemos verificar o grau de parentesco existente entre o secretario do governo da Capitania de Goyaz, Felippe Nery Monteiro de Mendonça, nomeado pela carta regia de 20 de Fevereiro de 1797 e o Sargento-mór José Zeferino Monteiro de Mendonça, sendo aquelle filho de Henrique Monteiro de Mendonça.

'A' pagina 265 do seu erudito trabalho, o sr. Estevão de Mendonça não faz referencia ao secretario do governo de Tristão da Cunha Menezes mas tambem omitte interessantes dados que se prendem ao desenvolvimento do ramo Monteiro de Mendonça, começado com José Zeferino e que teve sua grande expansão na Capitania de Goyaz, transportando-se, na terceira decada do seculo XIX, em parte, para a cidade de Cuyabá.

Parece que os dois preditos Monteiros de Mendonça entraram juntamente para o Brazil vindos ambos de Portugal: um nomeado professor regio de grammatica latina da villa de Cuyabá, para onde seguiu e o outro mais tarde designado para secretario de Tristão da Cunha, o mais galã dos Capitães Generaes que possuiu Goyaz, cujas conquistas amorosas ficaram pallidamente esboçadas nas chronicas da Capitania, para desprestigio do fardão vermelho dos Capitães Generaes.

O professor José Zeferino Monteiro de Mendonça, digno par de seu notavel contemporaneo e professor de igual disciplina no arraial de Meia Ponte, Bartholomeu Antonio Cordovil, natural do Rio de Janeiro, consorciou-se com a goyana D. Leonor Ludovina de Moraes, de cujo casal nasceram treze filhos e não dez como affirma o auctor das *Datas Matto-Grossenses.*

Terminando o tempo em que estava provisionado na regencia da cadeira de latim de Cuyabá, José Zeferino transportou-se para a cidade de Goyaz, provavelmente nos ultimos annos do seculo XVIII, tomando parte nos acontecimentos politicos de Goyaz, suscitados entre D. João Manoel de Menezes e seu mashorqueiro primo Tristão da Cunha Menezes.

De uma attestação passada a 24 de Novembro de 1818, pelo escrivão Raymundo Nonato Hyacintho, vê-se que a personagem em questão começou a exercer em 6 de Novembro de 1801 o cargo de Provedor da Real Fazenda, no impedimento do effectivo, Valentim da Silva Rosa.

Creado o Horto Botanico, em Goyaz, pelo capitão General D. João, como preceituava o aviso de D. Rodrigo Cezar Coutinho, foi nomeado pelo governador para o logar de administrador do referido Horto, que era situado nos terrenos hoje pertencentes ás heranças de d. Maria José Leite de Castro e dr. José Joaquim de Souza.

Proposto pelo capitão general D. Francisco, foi confirmado no posto de sargento-mór de ordenança, como se vê do Livro I de Registro de Patentes, fls. 25.

Espirito esclarecido, o sargento-mór José Zeferino applicou-se ao fôro, facto que lhe trouxe não pequenos dissabores.

Deparei a seu respeito uma provisão de Curador do Juiz de Orphãos da Capital de Goyaz, passado pelo Dezembargador Joaquim Theotonio Segurado, facultando-lhe tambem licença para advogor, isto em data de 26 de Junho de 1806.

Exerceu ainda em Goyaz os cargos de Provedor Commissario de Ausentes, Fiscal e Escrivão da Casa de Fundição, Guarda-Mór das Terras e Aguas Mineraes, empregos em que revelou muita proficiencia, segundo os attestados.

Tão habil advogado era que o Juiz Ordinario de Villa Bôa, o Vereador Capitão Joaquim Manoel dos Passos nomeiou-o seu accessor, tendo sempre agido com promptidão e desinteresse.

A Camara de Villa Bôa, em documento passado por India e Mina, em 1808, deu-lhe uma cerditão elogiosa de sua conducta e bem assim o Capitão General D. Francisco, estando ambos os papeis registrados no "Livro de Ordens Regias" — 1820-1824. (Archivos da Secretaria do Interior e Justiça.)

No fim da administração do Capitão General Fernando Delgado Freire de Castilho, o sargento-mór José Zeferino envolveu-se em questões de fôro, que obrigaram sua ida urgente ao Rio de Janeiro, afim de dissolver algumas queixas que existiam contra a sua pessoa, alli fallecendo em 1819, provavelmente, segundo se lê de um officio do Capitão

General Manuel Ignacio de Sampaio, datado de 9 de Abril de 1821, dirigido ao sr. Conde de Palmella.

De um requerimento feito em 1820 por sua viuva D. Leonor Luduvina de Moraes, inserto no Livro "Correspondencias para a Côrte" — 1821, reclamando uma tensa, visto os trinta e quatro annos de serviços prestados por seu fallecido marido, lê-se que do casal nasceram treze filhos que são os seguintes, sem conservar ordem de nascimento:

1.º D. Maria Magdalena Monteiro de Mendonça.
2.º D. Anna José Monteiro de Mendonça.
3.º Gertrudes Lopes de Souza.
4.º Joanna Monteiro de Mendonça.
5.º Mariana Monteiro de Mendonça.
6.º Josepha Monteiro de Mendonça.
7.º Mariana Augusta Monteiro de Mendonça.
8.º Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.
9.º Nuno Anastacio Monteiro de Mendonça.
10.º Luiz Manoel Monteiro de Mendonça.
11.º Antonio Monteiro de Mendonça.
12.º Francisco de Assis Monteiro de Mendonça (nascido em Goyaz, sendo seu padrinho o Capitão General D. Francisco de Assis Mascarenhas).
13.º José Alexandre Monteiro de Mendonça.

Na petição, referida acima, do punho de D. Leonor, só consta o nome das filhas do professor José Zeferino, as quaes residiam na materna companhia, em 1820, incluindo-se uma já viuva e outras de menor idade.

Passemos aos varões.

1. — Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça assentou praça de dragões em Goyaz por portaria de D. Francisco, de 22 de Maio de 1807. Vencendo os postos da carreira militar era já alferes em 1817 quando se viu envolvido nos successos que obrigaram a retirada do professor José Zeferino para a Côrte.

Seguindo para a residencia de D. João VI fez queixas amargas do ouvidor Antonio José Alvares Marques da Costa, o que lhe valeu a promoção a Capitão pelo decreto de 2 de Janeiro de 1821.

Voltando a Goyaz, onde fora mandado servir, tomou parte na lucta da Independencia, revoltando-se contra o governo provisorio eleito em 8 de Abril, acompanhando o Juiz de Fóra Manoel Antonio Galvão e o tenente coronel Freire de Freitas.

Espirito independente e revolucionario desobedeceu mais de uma vez ao governo eleito, do que resultou ser remettido em custodia para o Rio de Janeiro, onde foi submettido a conselho de guerra e absolvido, voltando ás funcções militares.

2. — Nuno Anastacio Monteiro de Mendonça, vindo com seu pae de Cuyabá, ainda muito creança, verificou praça de soldado na companhia de dragões da Capitania de Goyaz aos treze de Junho de 1801.

Só foi porém pela portaria de 3 de Julho de 1809 que entrou para o serviço, sem soldo, percebendo este de 26 desse mesmo mez em deante, com todas as vantagens de praça.

Por proposta de Capitão General Delgado Freire de Castilho foi promovido a alferes de pedestres pelo decreto de 19 de Agosto de 1811, sendo sua patente passada a 7 de Setembro desse anno.

Entrou no exercicio do posto pela portaria do governo da Capitania de 2 de Dezembro de 1811. Dessa data em deante dedicou-se activamente á profissão militar.

Tendo obtido pelos avisos da Secretaria da Guerra de 17 de Outubro de 1814, 5 de Fevereiro de 1815, e 17 de Outubro de 1817, dois annos de licença, visitou varios pontos do territorio goyano e esteve um anno no Rio de Janeiro.

Prompto para o serviço apresentou-se em Goyaz a 8 de Outubro de 1818.

Em 19 de Abril de 1821, a mandado do Capitão General Manoel Ignacio Sampaio, foi ao norte restabelecer o presidio de Paranatinga, ficando em seu commando até surgir o movimento revolucionario de Setembro, provocado pelo ouvidor Segurado.

Tendo quasi todos os soldados de sua guarnição passado para o lado dos insurgentes, abandonou, sob pressão, o referido presidio, chegando á cidade de Goyaz em 22 de Outubro de 1821.

Desempenhou ainda outras commissões: no Rio Claro, em fins de 1821, e principio de 1822; nos Arrependidos, de 22 de Dezembro de 1822 a 16 de Março de 1823; para onde regressou em segunda vez tornando em Agosto de 1823.

Nesse anno foi enviado pelo governo provisorio á Côrte, afim de levar officios sobre providencias tomadas quanto á pacificação do norte.

Em virtude da portaria da secretaria da guerra de 11 de Setembro de 1823 foi transferido para a Provincia de Matto- Grosso, já então no posto de capitão.

Nuno Anastacio deixou de prestar serviços á força de linha de Goyaz em 15 de Março de 1824, em que seguiu para seu novo destino.

Ahi continua a sua biographia, o autor das "Datas Matto-grossenses, que não está com a verdade quando affirma que o official em questão assentou praça em 1812, fez sua carreira militar em Matto-Grosso e esteve no Rio de Janeiro durante as lutas da Independencia.

3 e 4. — Luiz Manoel Monteiro de Mendonça e Antonio Monteiro de Mendonça. Nada deparamos nos documentos que compulsamos a respeito desses dois irmãos, podendo affirmar que o primeiro casou-se na familia Nonato Hyacintho e é o tronco dos Monteiros em Goyaz.

5 e 6. — Francisco de Assis Monteiro de Mendonça, e José Alexandre Monteiro de Mendonça. Ambos por serem filhos de militar tiveram praça de cadete de dragões; o ultimo pelo aviso de 18 de Maio de 1821 foi declarado 1.º cadete.

Em 1823 o primeiro foi mandado á Côrte pelo governo provisorio afim de se instruir no ensino mutuo e ali perdemos seus passos, assim como os de seu irmão o cadete José Alexandre, tendo sobre os mesmos encontrado duas portarias: uma de 24 de Novembro de 1824 e outra de 27 de Novembro do mesmo anno, contendo a primeira participação da dispensa do cadete Francisco de Assis da commissão de que era encarregado e a segunda enviando um requerimento de José Alexandre, para ser despachado pelo governo provisorio.

O cadete José Alexandre tomou parte no movimento do norte da Capitania e creando-se o governo Segurado adheriu immediatamente.

Foi amnistiado pelo famoso decreto de 12 de Outubro de 1822.

Aqui terminam as notas de meu canhenho sobre o professor José Zeferino e seus filhos.

Ficaram certamente ineditas si a leitura do interessante livro do sr. Estevão de Mendonça não nos desse o ensejo de pensar que, publicando-as poderiamos prestar um serviço ao futuro livro da genealogia das familias da *Hinterland*, quiçá a mais notavel contribuição a ser prestada á Historia.

AMERICANO DO BRAZIL.

GRUPO ESCOLAR DE BOMFIM

O governo goiano, por circumstancias de varias ordens, não poz em pratica as ideias e planos relativos ao ensino primario, que concebeu e publicou.

Continuamos, no Estado, a sofrer a mesma pressão da praga do analfabetismo, sem que haja passos consideraveis no empenho de melhorar a situação.

Os Municipios continuam relativamente inertes, com relação ao magno problema e nenhum esforço serio se observa.

Como excessões, rejistam-se algumas divergencias de criterio, aqui, ali e acolá.

Catalão, por exemplo, tem uma boa escola feminina. E' uma, num municipio de mais de 20.000 almas.

Campo Formoso vai a melhor. Municipio de recursos bem mais insignificantes, trata, no entanto, com maior zelo do ensino. Foram contratados e lecionam na Cidade dois profesores normalistas de bom esforço e a vida escolar se faz sentir em moldes apreciaveis.

A Municipalidade cuida agora de construir edicio proprio, á moderna, para as Escolas Reunidas Coronel José da Costa.

Anapolis tem, presentemente, uma boa escola feminina. E' uma das melhores do Estado, tendo uma professora muito competente e esforçada.

Bomfim, Municipio por assim dizer sem rendas, pois não arrecada, para os seus cofres, nem 20:000$000 por ano e os impostos são taxados por tabelas do tempo do onça, continúa a ser o municipio *leader*, em materia de ensino. E' o unico que tem, até agora, um predio escolar digno desse nome. E' o unico que tem um Grupo Escolar, onde o ensino se dá ás melhores regras pedagojicas.

A Municipalidade acaba, agora, de remodelar o Grupo, constituindo-o de 8 escolas, sendo 4 para o sexo feminino e 4 para o masculino. O curso é de 4 anos.

O Grupo foi denominado "Grupo Escolar Comandante Vicente Miguel" e as oito escolas se denominaram pela fórma seguinte:

SECÇÃO FEMININA

1.ª Escola. — Escola Dona Noemy, em homenajem á sua primeira diretora, uma das promotoras da creação do Grupo;

2.ª Escola. — Escola Damiana da Cunha, em homenajem á grande catequista;

3.ª Escola. — Escola Izabel, em homenejem á Princeza Redentora;

4.ª Escola. — Escola Maria, em homenajem á Mãi de Jesus.

SECÇÃO MASCULINA

1.ª Escola. — Escola Intendente Assis, em homenajem ao fundador do Grupo Escolar;

2.ª Escola. — Escola Henrique Silva, em homenajem ao ilustre poligrafo bomfinense, quiçá o maior servidor dos interesses de Goiaz;

3.ª Escola. — Escola Senador Canedo, em homenajem á memoria do ilustre bomfinense;

4.ª Escola. — Escola Comendador Silva, em homenajem ao maior dos bomfinenses, depois do Comandante Vicente Miguel.

Cada um dos nomes dados não é de poderosos: é de servidores da Terra de Bomfim, ou de Goiaz, cheios de serviços.

A Escola Maria é um preito á Mãi do Redentor, cujas virtudes devem ser gravadas nos corações infantis.

Foi creada a Caixa Escolar Dezembargador Joaquim Felix, para serviços ás creanças pobres e esforços no interesse geral do ensino.

Creou-se no Grupo o Batalhão Escolar Capitão Pireneus de Souza.

Ha, em tudo, um belo esforço creador e Deus ha de amparar a boa obra.

MAS.

BIBLIOGRAPHIA GOYANA

(Continuação).

Descripção do Rio Paraná por Manuel de Campos Silva. Ib ib. t. 1840.

Discripção sobre o estado actual da Navegação dos Rios Araguaya, Tocantins, e Maranhão (e sobre o estado das Minas de oiro da mesma Capitania de Goyaz). (Por Jozé Manoel da Silva e Oliveira) 1808. (B. N.).

Original, com assign. autógr. Cod. CCCXLII (17—130), 4 ff. inn. 30×20.

Consta de indicações summarias para a navegação d'aquelles rios a primeira memoria, e a segunda tracta dos meios de tirar partido das riquissimas minas de ouro de que abunda a provincia: firma-se sobretudo na venda de escravos aos mineiros por parte do estado.

A esta interessante bibliographia devida ao nosso collaborador Sr. Tancredo de Paiva, podemos accrescentar os titulos das seguintes obras que se referem ao Estado de Goyaz:

A bandeira do Anhanguéra a Goyaz em 1722, com a reconstituição dos roteiros de José Peixoto da Silva Braga e Urbano do Couto, por Henrique Silva. — Rio 1917. — Typ. Serra Nova. — Nictheroy.

A Caça no Brasil Central. — Rio de Janeiro — 1898 — por Henrique Silva.

Poetas Goyanos. — Bagé — 1901 — por Henrique Silva.

Fauna Fluviatil de Goyaz, volume I (bacia do Tocantins-Araguaya) — S. Paulo — 1905 — por Henrique Silva.

Industria Pastoril (*in* — O Brasil, suas riquezas, suas industrias) — Rio de Janeiro — 1907 — por Henrique Silva.

Esboço Biographico do Commendador Francisco José da Silva. — Rio de Janeiro — 1907 — por Henrique Silva.

Sumé é o destino da nação Goyá. — Rio de Janeiro — 1910 — por Henrique Silva.

Contribuição para a Geographia Zoologica do Brasil, "separata" dos Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia (Geographia biologica, Geographia botanica e zoogeographica. — Rio de Janeiro — 1911 por Henrique Silva.

Caças e Caçadas no Brasil (com um prologo, pelo General Couto Magalhães), edição da Livraria Garnier. — Paris — 1912. por Henrique Silva.

A extincta Nação Goyá, *in*-Annaes do XIX Congresso de Americanistas. — Londres — 1914 — por Henrique Silva.

Perolas e conchas perliferas do Araguaya. — Rio de Janeiro 1915 — por Henrique Silva.

Duas variedades novas de Electrophoride do Brasil. — Rio de Janeiro — 1915 — por Henrique Silva.

O Pescador Brasileiro. — S. Paulo — 1915 — (edição de *Chacaras e Quintaes* — por Henrique Silva.

Memoria justificativa dos limites de Goyaz com os Estados de Matto-Grosso, Minas, Bahia e Pará — por Henrique Silva.

Almanack de Santa Luzia. — 1920. — Organizado por Evangelino Meirelles e Gelmires Reis. — Typographia d'*O Planalto*, Santa Luzia — Goyaz.

Almanack Brandão. — Typographia Goyana.

Annuario Historico, Geographico e Descriptivo, organizado pelo agrimensor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

Almanack Caxoeirense — por Seabra Guimarães.

Ensaios de Chorographia de Goyaz — por Alcide Celso Ramos Jubé — 1919.

As Aguas thermaes de Caldas Novas — pelo Dr. Orozimbo Corrêa Netto. — 1918.

Tocantins e Araguaya — por Manoel Buarque. — 1919.

Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauhy. Copia do volume numero 141 Gabin 5.º E. 9.ª do Archivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Não consta o nome do auctor.

ESTRADA DE FERRO GOYAZ

Seu prolongamento de Patrocinio a Catalão por Monte Carmello e Lagoa

"Sabe-se que não foi só para uma inspecção pessoal á Estrada de Ferro de Goyaz que o ministro da Viação fez ha pouco uma viagem ao Estado de Minas.

Essa viagem do sr. Pires do Rio teve por fim tambem, ou principalmente, o assentamento difinitivo do traçado do celebre triangulo mineiro, do qual aquella estrada constitue um dos lados.

O ministro foi e fez tudo quanto o decidira a ir, mas, ao que deduzimos de muitas cartas que temos recebido de varias localidades beneficiadas ou por beneficiar, com o

triangulo, nem todos os interessados em tal facto sabem do que ficou resolvido.

Assumpto de grande importancia para o Estado de Minas em geral, a construcção do triangulo, ha tanto projectada, ha muito já deveria estar concluida, não mais dando, assim, motivo a cogitações.

Concedida, porém, a particulares a construcção da Goyaz, de tal modo se houveram estes, que, decorrido o tempo mais que necessario para a execução completa das obras, no trecho que deveria entrar na formação do triangulo, isto é, de S. Pedro de Alcantara a Goyandira, apenas havia linha trafegavel de S. Pedro a Patrocinio, de um lado e de Goyandira a Catalão, do outro.

De Patrocinio a Monte Carmello existia um esboço de linha, por assim dizer, e de Catalão a Lagoa, que fica entre este ultimo logar e Monte Carmello, um esboço de esboço!

Foi dessa situação creada pelo não cumprimento do a que se obrigaram os concessionarios da Goyaz, cujo contrato, afinal, o governo considerou caduco, que surgiu a questão que ora nos traz a este assumpto, tendo-nos antes levado a falar ao sr. Pires do Rio.

Parada a Goyaz em Patrocinio, os habitantes de Araguary, do trecho da Mogyana que forma o outro lado, já existente, do triangulo, e com o qual encontrando-se a Goyaz, em Goyandira, formaria um dos vertices da ferrea figura geometrica mineira, lembraram-se de que, em vez de proseguir a Goyaz no traçado primitivo, seguisse de Patrocinio para aquella localidade.

Lembraram-se e, desde então, não mais deram treguas ao governo, que metteram num circulo de pedidos de toda a sorte, acompanhados de razões e justificativas de todo os tamanhos, no sentido de leval-o a satisfazer á sua pretenção.

Por outro lado, os habitantes de Monte Carmello e Catalão, receosos de perderem o que já tinham por promessa havia tanto tempo, trataram tambem de se segurar, enviando seus advogados a quem de direito.

E nessa pendenga, uns e outros, "os dias na esperança de um só dia" — o da resolução do governo — passaram, e, como dissemos acima, parece-nos que ainda passam, por não saberem o que o governo decidiu.

Para tiral-os dessa tortura, fomos ouvir o sr. Pires do Rio, que, depois de nos ter feito uma minuciosa exposição do assumpto, declarou que havia resolvido proseguir na construcção da Goyaz, de accordo com o primitivo projecto.

De Patrocinio, pois, irá essa estrada a Goyandira, passando por Monte Carmello e Catalão.

Araguary é servida pela Mogyana. Daquella localidade até Uberaba, muito proximo, já têm transporte os seus habitantes, assim como até Goyandira; e, muito breve, tel-o-ão, até S. Pedro de Alcantara, pelo ramal cuja construcção não se demorará e que, formando o terceiro lado do triangulo, ligará S. Pedro a Uberaba.

Patrocinio, Monte Carmello, Lagoa e Catalão, entretanto, localidades essas em condições naturaes identicas áquella, relativamente, póde-se dizer, nada têm.

Justo é, pois, que se lhes dê preferencia.

Araguary, porém, terminou s. ex., não perderia por esperar.

Logo que a situação financeira do governo se desafogue, o ramal por ella desejado será construido.

Esse ramal servirá tambem a Patrocinio, Monte Carmello, etc., e, assim, ninguem terá razão de queixas".

(Do *Correio da Manhã*).

* * *

Esta auspiciosa informação é bem uma prova de que o actual governo da Republica colloca o interesse geral do paiz acima das injuncções da politicagem dos Estados. Ainda bem. Vencida a campanha que aqui nestas columnas iniciamos contra os coroneis da "briosa" acampados entre Monte Carmello e Araguary, cumpre-nos mais uma vez registrar o valioso auxilio que então nos prestaram as pennas brilhantes de Victor de Carvalho Ramos e Eduardo Socrates, nossos estimados collaboradores.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Acaba de ser reconhecido deputado federal por Goyaz, com grande e merecida maioria de votos obtidos nas urnas eleitoraes, o Dr. Antonio Americano do Brasil, nosso antigo e illustrado companheiro de redacção.

A *Informação* congratula-se com o Estado pela feliz escolha do seu digno *leader* intellectual na Camara dos Sns. deputados.

Para a commemoração do centenario da Independencia projecta-se a construcção aqui no Rio de um grande "Palacio das Industrias dos Estados". Idéa magnifica. Todos os Estados da União devem concorrer para ella — não só com o necessario auxilio material como igualmente com as producções das suas industrias. Bem assim o governo federal, ao qual coube a iniciativa.

Só assim Goyaz se fará conhecido tanto dos estrangeiros que o não visitam de medo das grandes distancias, como tambem dos nacionaes, estes por motivos assás sabidos...

Do confronto das riquezas dos nossos Estados tirar-se-ha, então, a prova dos nove, a prova real, e adeus certas reputações mal adqueridas.

O Sr. Ministro da Viação pediu providencias ao seu collega da Fazenda afim de que as importancias constantes da tabella de distribuição de creditos remettidos ao Tribunal de Contas, em 23 de Março ultimo, relativa á verba 16.ª n.º 1 do orçamento daquelle ministerio, construcção e exploração das estradas de ferro — material e pessoal — sejam entregues 1.200:000$000 á E. F. Goyaz, ao respectivo director, engenheiro Balduino Ernesto de Almeida, em quatro adiantamentos de 300:000$000 cada um.

Quem abrir o livro de propaganda do nosso paiz, publicado em 1907 — "O Brasil suas riquezas, suas industrias" fica pensando como geralmente se pensa por ahi, que o nosso Estado importa assucar dos de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

E' que em relação á exportação do assucar do Estado do Rio no biennio 1901—1902, lê-se no alludido livro: "Verifica-se que foram aqui (Rio) consumidos ou exportados pelas Estradas de Ferro para Minas, S Paulo, Goyaz, etc. 42.780.227 kilos de assucar, equivalentes no biennio a 713.003 saccos de 60 kilos ou a 356.501, 3 saccos cada anno".

A' mesma pagina acrescenta o auctor mal informado: "Tendo ao seu dispor todos os mercados do sul e do centro do paiz — Minas, S. Paulo, Rio Grande, Santa Catharina, Paraná, Goyaz e Matto Grosso, a horas de distancia da Capital Federal, a derrota industrial do Estado do Rio não tem razão de ser e só explica pelo desanimo que porventura tenha empolgado os seus productores".

A verdade porém é que Goyaz exporta assucar desda a era colonial, como se poderá ver das estatisticas organisadas pelo Capitão General D. Francisco de Assis Mascarenhas, em principios do seculo 19, não obstante o governo da Metropole haver prohibido alli a plantação da canna de assucar e até destruir os cannaviaes pela ordem régia de 1732 — "pelo grande prejuizo que á real fazenda causava a conservação d'elles".

Releva dizer que justamente naquelle anno de 1906 Goyaz exportava 21.816 kilogrammos de assucar, 824 litros de aguardente e 8.526 kilogrammas de marmelada fabricadas com assucar de sua producção.

Pela Mensagem ultima do Presidente Alves de Castro o Estado exportou 60.012 kilos de assucar, 3.866 litros de aguardente e 1.746 kilos de marmelada.

A mesma idéa erronea corre por ahi sobre o café, que Goyaz não importa, antes exporta. Ou fosse devido á geada que assolou os cafeeiros de S. Paulo ou por outro motivo qualquer, o facto é que Goyaz exportou em 1920 para o alludido Estado 261.339 kilos de café.

Das 300 familias de agricultores allemães que se destinão a colonizar as importantes fazendas do digno e patriotico goyano monsenhor Ignacio Xavier da Silva, no municipio de Santa Cruz, 25 já seguiram o seu destino.

Não sabemos a quem felicitar de preferencia: — si o illustre sacerdote, si o nosso Estado, de que elle é um dos mais devotados filhos.

For-ever!

Começamos a publicar neste numero interessantes documentos historicos, ineditos, que devemos á gentileza do nosso antigo companheiro Dr. Americano do Brasil, que os fez copiar nos archivos da Secretaria do governo de Goyaz e de S. Paulo, prestando assim nova contribuição á historia do *hinterland*.

O nosso estimado collega d'*O Sertão*, informativo e interessante periodico que se edita na prospera cidade do Rio Verde de Goyaz, bordou n'um dos seus ultimos numeros excellente artigo a proposito da indispensavel representação do nosso Estado nas festas projectadas aqui no Rio para commemoração do primeiro centenario da Independencia do Brasil. O illustre confrade frisou, como aliás aqui nestas columnas tantas vezes temos escripto, que é patenteando aos olhos do mundo as riquezas naturaes da terra goyana que poderemos chamar sobre ella a attenção dos que possuem capitaes avultados e que vivem a procura de meios de collocal-os rendosamente. Proseguindo diz:

"Haja vista o que vae se dando com Matto Grosso.

Estado longiquo dos centros civilisados, possuidor de immensas riquezas naturaes e desconhecidas, até ha pouco, vae attrahindo sobre si as vistas protectoras dos governos e dos *Capitalistas,* porque no meio da ignorancia geral se levantou a vóz possante de Rondon, o invicto general brazileiro, filho daquelle grande Estado, que em conferencias, em palestras, pelas columnas dos grandes diarios do Rio de Janeiro, pela téla cinematographica, pondo, aos olhos pasmos do mundo, as riquezas inexploradas, dos sertões de Matto Grosso.

E, se não fosse a propaganda tenaz, methodica e verdadeira feita pelo grande matto-grossense aquelle estado, continuaria a se arrastar pela trilha do progresso.

Os resultados que vão auferindo os matto-grossenses são espantosos!

Ainda agora, uma poderosa companhia, já organizada, vae construir uma estrada de ferro que, de uma estação da Noroeste, cujo nome não nos lembra, atravessará um longo trecho de sertão até Cuyabá, benefeciando tudo deixando surtos de vidas áquellas regiões até agora abandonadas. Além disto têm entrado muitos capitalistas para Matto Grosso, comprando terras, estabelecendo fazendas modelos, etc."

Conclue interrogando:

"E aqui em Goyaz?

Nada, até agora. Vamos caminhando a passo de kágado, apegados á rotina de nossos avós *mais preciosa* que os dollars de *Tio Sam.*

E porque? Simplesmente porque, aqui no nosso Estado, ainda não surgiu, quem como Rondon, contasse lá fóra, as nossas possibilidades economicas."

Esta affirmativa gratuita de que em Goyaz ainda não surgiu quem *cá fóra* contasse as possibilidades economicas do nosso Estado é uma palpavel injustiça contra a qual protesta de modo inequivoco a propria existencia desta revista — que outra cousa não tem feito em todas as suas edições desde 15 de Agosto de 1917 sinão collocar diante dos olhos dos governos, dos capitalistas estrangeiros e nacionaes, dos industriaes e dos commerciantes, as possibilidades economicas sem conta do Estado mais central e menos conhecido do Brasil.

A Informação Goyana traz, portanto, um fim e um programma que bem a difinem na imprensa brasileira. Quer queiram, quer não, ella está descobrindo Goyaz.

Releva ainda dizer que á efficacidade da propaganda do illustre General, os governos tanto da União como o de Matto Grosso vêm prestando assidua, amplissima e necessaria assistencia de ordem material — ao contrario do que se dá com aquelle que n'isto de propaganda desinteressada das nossas riquezas abandonadas, e que mercê de Deus tambem pertencem ao Brasil, apenas encontra applausos, encitamentos e conforto fóra de seu Estado natal.

Não é novidade que da imprensa goyana, particularmente da da capital, o nosso director só infamias, couces e injustiças revoltantes vem recebendo em paga dos seus trabalhos e sacrificios sem conta.

Tambem não é menos verdade que a maioria d'aquelles que vivendo com todas as regalias no nosso Estado e não abdicam da honraria de se considerarem de *lá de fóra,* não vêm com bons olhos *A Informação Goyana.*

Mas creia o nosso presado e digno collega que o não temos no numero desses nossos desaffeiçoados.

Pela primeira vez esta revista sahe desacompanhada de *clichés* relativos ás cousas de Goyaz. E foi porque até á ultima hora esperamos d'um nosso patricio umas photographias já executadas e pagas, ha um mez.

Ora que já é...

Publicam-se no nosso Estado dois periodicos que nunca, jamais nos deram a honra da sua esperada visita — apezar dos seus proprietarios receberem gratis a *Informação Goyana* — e outros que se deixaram de permutar comnosco de tempos a esta parte.

E' mesmo possivel que no comprimento do programma que nos traçamos houvessemos contrariado muitos dos seus collaboradores; mas isto não poderia constituir embargo rasoavel á continuação da permuta.

Ao em vés de conduzirem o seu gado para as invernadas de Barreto, em S. Paulo, os boiadeiros procedentes do Sudoéste goyano o fazem agora para as invernadas de Passos, em Minas. Dão como causa a falta de dinheiro existente naquella praça paulista, onde por outro lado, os boiadeiros vem de ha muito sendo esfolados pelos gananciosos agentes dos frigorificos norte-americanos.

Transcreve-se a seguir a tocante circular que o venerando Sr. Bispo de Uberaba D. Eduardo Duarte Silva fez publicar na *União Popular Catholica:*

CIRCULAR

Incendio da Egreja da Boa Morte

"Revmo. sr. vigario.

Profundamente penalisado pela tristissima desgraça do incendio que destruiu totalmente a egreja da Boa Morte, na capital de Goyaz, a qual servia de Cathedral ha muitos annos, e tendo sido esta nossa diocese territorio da de Goyaz, venho solicitar de v. revma. e de seus parochianos

um obulo ou qualquer donativo para acudir ao Exmo. Sr. Bispo de Goyaz na penosa situação em que se encontra, e assim minorar as difficuldades na acquisição de tudo quanto se perdeu no incendio. A caridade que v. revma. e seus parochianos fizerem considerarei como feita a mim e a esta nossa diocese. Os donativos recolhidos sejam a nós remettidos.

De v. revma. servo in Ch. J.

† EDUARDO, *Bispo de Uberaba.*"

"A Informação Goyana" se associa aos sentimentos generosos do Ex. Sr. Conde D. Duarte Silva, subscrevendo modesto obulo para accudir ao appello do mui venerando ex-Bispo de Goyaz.

Infelizmente as consequencias do incendio que destruiu a egreja da Boa Morte são irreparaveis.

Basta dizer que excepto uma imagem, a do Coração de Jesus, todas as demais constituiam um patrimonio artistico da arte goyana, pois foram esculpidas pelo maior artista que ainda Goyaz possuiu — o velho e genial Veiga.

A MAIOR PEPITA DE OURO NATIVO

Rezam as chronicas dos tempos coloniaes que no arraial d'Agua Quente, á margem do rio Maranhão, em Goyaz, achou-se uma pepita de quarenta e tres libras de ouro, (19k,522) que motivou grande preito entre o dono do terreno e aquelle que a encontrou.

Esta pepita foi remettida ao erario de Lisboa.

Outra pepita famosa foi achada nos sertões de Amaro Leite, pesando noventa marcos (20k,412).

E' proverbial a riqueza aurifera do grande e desconhecido Estado mais central do Brasil.

Em 1755 descobriram-se as minas do Cocal, sendo tanta a sua riqueza aurifera que num espaço menor de quatrocentas braças produziu 150 arrobas (2020k,920) de ouro, rendendo as suas datas de prefencia cinco mil oitavas (19k,430).

Em Arrayas, num veeiro de crystal de certa profundidade, em terras já lavradas, houve bateadas de terra que deram 60 oitavas (233grms,160) e calcula-se que em uma noite tiraram alguns ladrões das minas tres arrobas de ouro (40k,584).

Avalia-se ter dado o morro do Pilar mais de cem arrobas de ouro (1.352k,800) e daria muito mais si introduzissem agua. O que ahi fica são factos narrados pelo veridico conego Luiz Antonio da Silva e Souza na sua interessante *Memoria* "sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz", publicada no tomo XII da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico.

ESTE NOSSO PAIZ E AS IDÉAS PRECONCEBIDAS

E' singular, n'um paiz novo e não estudado nos seus multiplos aspectos, como o nosso, onde tudo está por conhecer, por fazer, a existencia innegavel — basta ler os periodicos — de uma forte corrente de opinião encaminhada no sentido de nos convencer de temerarias e ficticias as idéas ou tentativas de melhoria das nossas raças bovinas pelo cruzamento intelligente com as raças aperfeiçoadas ou de selecção, dizendo-se que de experiencias, aliás falazes e antigas, resultaram só fracassos e decepções.

Mandava, porém, a verdade, companheira da probidade, que nos dissessem em que condições e em que zona apropriada do paiz se fizeram taes experiencias.

E essa gente devéras não desconfia que nós outros estamos vendo através dos seus escriptos cheios de erudição as idéas todas, assaz erroneas e injuriosas — preconcebidas no estrangeiro acerca das condições de vida em certo paiz falsamente prejulgado na Europa, de mais a mais, por sabios de gabinete?

Data dos tempos de Buffon, o sabio que escrevia com punhos de rendas, o paradoxo de que as especies animaes européas perdiam da sua força e tamanho quando transportadas para esta parte da America, onde em cada geração mais se abastardavam, caminhando para a completa degenerescencia.

E não bastou que o grande Humboldt julgasse superfluo contestar aquellas asserções do naturalista francez — observando com a sua superioridade de vistas que taes idéas assim se propagavam por lisongearem a vaidade dos europeus.

Outros até negavam aos descendentes de europeus, na America, genio e capacidade para as sciencias.

O Brasil foi até bem pouco tempo considerado paiz inhabitavel consoante aos prejuizos diffundidos na Europa, de que nossa terra era infesta á constituição da raça branca, e que somente poderia ser cultivada por braços de escravos indios ou africanos. Era em fim o que o visconde de Cayrú chamava a má fé dos primeiros colonisadores, "que pretendiam a metamorphose da America em *Nigricia*".

Taes se me afiguram os que entende, pelo que aprenderam na má fé de certos auctores, que de preferencia ás raças bovinas da Europa façamos a introducção do selvatico gado indiano — o facticio Zebú.

Pilheria á parte — não parece que pretendem fazer dos nossos campos uma especie de *Zebuicia?*

Em todos os paizes ha condições imperiosas, certo, que traçam os limites das regiões pastoris ou propriamente agricolas.

Mas é tambem nosso vezo antigo considerarmos como mais propicios á industria pastoril ou ao desenvolvimento d'esta ou d'aquella lavoura, regiões que a taes fins não se prestam absolutamente.

E' o que se vê: ao passo que o gado goyano e mattogrossense passam por *mineiro* — o Piauhy usufrue a fama de região ganadeira por excellencia no Brasil, sendo até popular a quadrinha que começa

Boi, boi, boi,
Boi no Piauhy...

Pois sim! mas queiram lêr agora o seguinte, escripto recentemente por um piauhyense da gemma:

"No tempo das aguas as lagôas ficam juncadas de aves aquaticas, não se sabendo o que mais admirar, si a quantidade ou a variedade.

Que contraste inconcebivel, com o que se observa depois, no tempo da secca! Onde vimos lagôas habitadas por milhares de aves aquaticas, riquissimas forragens crescendo nas varzeas, e as catingas virentes confundirem-se com os capins e com as mattas, logo que chega a estação secca, as gramineas e leguminosas fenecem, as folhas das arvores tornam amarellas e caem, as lagôas seccam e as aves fogem! E, quando tambem secca o pequeno açude, producto da previdencia e supremo esforço do sertanejo isolado, medonha, horrorosa mesmo, é a situação do pobre trabalhador sertanejo, em meio desta natureza devastada!

A retirada do gado magro e sedento, deve ser feita immediatamente. Impossivel é fazel-a de um modo completo. O gado que não for retirado para logares em que haja agua, morrerá de sêde, e o que, faminto e sedento, beber de mais, tambem difficilmente escapará.

. . . .

Nas grandes seccas é extraordinario o accumulo de gado das fazendas limitrophes, occasionando mortan-

dade espantosa! O prejuizo soffrido, por occasião das seccas de 1860 e 1899, excedeu de muito a 70 %, podendo ser calculado, com maior approximação da verdade, em 80 %!" (*).

Rios volumosos ha alli, que seccam n'uma extensão de 10 e mais leguas, e os maiores cortam, deixando apenas poços.

No emtanto, é esse o Estado onde o governo do paiz, no antigo regimen, custeava fazendas de gado vaccum, por o considerar a melhor região pastoril do Brasil.

O espaço e a extensão do assumpto me não permittem alongar mais:

HENRIQUE SILVA.

(*) Dr. Nogueira Paranaguá — *Do Rio de Janeiro ao Piauhi, pelo interior do paiz.*

DOCUMENTOS INEDITOS PARA A HISTORIA DE GOYAZ

Registro de hum bando, sobre não haver mais, que hum caminho para as Minas dos Guayaz, e se confiscar tudo o que for por outra parte

Antonio Luiz de Tavora, etc. — Por atalhar os grandes damnos, e prejuizos, que se podiam seguir á Real fazenda de S. Mg.e nos descaminhos dos seus Reaes quintos, entradas e passagens dos Rios, e ainda dos moradores desta Capitania, que haja mais de um caminho para as Minas dos Guayaz, e se dever só conservar o que vai desta cidade a Villa de Jundiahy, e continue de Mogy do Campo, e dahi athé as ditas Minas, para cuja abservancia se lançou nesta cidade hum bando em dez de janeiro, de mil, e sete centos, e trinta, cominando-se nelle as penas em que devião incorrer os que o encontrassem; e porque me consta que nas sobreditas Minas dos Guayaz tem entrado boiadas, carregações de fazendas secas, e de escravos, assim dos curraes da Bahia, Rio de S. Francisco, e Minas Geraes, abrindo novos caminhos, e picadas, de que resultará, não só prejuizo irreparavel aos Reaes interesses de S. Mag.e pelos descaminhos do ouro, mas se perderão áquellas Minas, e os Mineiros, e mais pessoas, que nellas se achão, pela pouca segurança dos seus devedores, e ainda do escravos, que se lhe ausentarão, e se fazer preciso acodir-se com remedio prompto: Ordeno, que todas as boiadas, carregações de fasendas, e de escravos, que entrarem nas ditas Minas dos Guayaz, daqui em diante, ou tenhão já entrado antes da data deste bando, sejam todas tomadas por perdidas, e confiscadas para a fazenda Real, e os conductores das ditas fazendas, gados, ou escravos, serão prezos, e remettidos a esta cidade a meo arbitrio, e conduzidos a custa das fazendas confiscadas, as quaes se tomarão em praça, e se remeterá o seu procedido á esta cidade, com as clarezas necessarias; e para que nellas se não possa fazer descaminho, terá o Superintendente das ditas Minas (que ha de ser o executor deste bando3 todo o cuidado, e os que forem comprehendidos em descaminho, incorrerão nas penas, dos que furtão a fazenda Real e havendo denunciante das d.as carregações se lhe dará a metade da fazenda confiscada, e na falta deste se applicará a terça parte para as obras da Cadea, ou Cadeas, que houver nas ditas Minas dos Guayaz, e havendo quem embarace a execução deste bando incorrerá na mesma pena dos que dezemcaminhão a fazenda Real, e para que chegue á noticia de todos, e não possão alegar ignorancia, se publicará este bando nas ditas Minas, e seus Arrayaes, registrando-se aonde tocar, e fixando-se no logar custumado, de que virá certidão a esta Secretr.a. Dado nesta cidade de S. Paulo aos dous dias de Outr.o e Anno de mil, e sete centos, e trinta, e dous — O Secretario Gervazio Leite Rebello o fez — O *Conde de Sarzedas.*

Para Bartholomeu Bueno da Silva, Superintendente e Guarda-Mór das Minas de Goyaz, sobre a guerra contra os indios e extincção da planta da canna

Com esta remeto a Vm.ce tres bandos p.a se publicarem nessas minas; o primeiro é sobre a guerra que Sua Mag.e que D.s g.e manda dar ao gentio Payaguá e aos barbaros que infestão o cam.o das minas do Cuyabá, e porq.' se hão de seguir grandes conveniencias aos q' se empregarem na dita guerra me parece conveniente para que possão todos aproveitar-se mandal-o dahi publicar para que.........
.... ([1]).

Por ser conveniente a arrecadação da fazd.a Real me mandará Vm.ce hua informação verdadeira, tirada com toda a clareza, do rendimento que tiverão em cada anno os officios, o de escrivão da superintendencia dessas minas e das cartas de guia que passou para vir o ouro para esta Cid.e, e do escrivão do Guarda-mór, a qual conta se deve fazer de todos os emolumentos que ouve cada hum dos d.os escrivães para se saber o qüe hade pagar e dezobrigar os fiadores.

Tambem espero que Vm.ce tenha principiado a dar á execução o bando que lhe mandei sobre se extinguir toda a planta de canna que houver nessas minas pelo grande prejuizo que se segue da sua conservação, au que espero que Vm.ce se haja com aquelle zello com que se emprega no serviço Real.

D.s g.e a Vm.ce m.s an.s S. Paulo, 5 de Outubro de 1732. — *Conde de Sarzedas*".

Sobre a capacidade e posses de Bartholomeu Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz

Snr: Informando-me, como V. Mag.e foi servido mandar-me, da capacidade e posses dos Cap.es Bm.eu Bueno da Silva e João Leyte da Silva Ortiz, achei serem homens dos principaes desta Capitania, com cabedal e grande conhecimento do sertão, principalmte o Cap.m Bm.eu Bueno da Sylva, o qual tem larguissima experiencia de todo aquelle sertão dos Guayazes, donde a mayor parte dos praticos segurão os haveres por elle prometido, e o não haverem intentado aquelle descobrimento foi por falta de meyos e attendendo ás circumstancias dos sobreditos Capitães lhes concedi o que V. Mag.e foi servido mandar-me lhes désse, segurando-lhes juntam.e q.' V. Mag.e atenderia ao serviço que lhe fizessem ([2]), e antes que entrassem naquelle descobrimento lhes dei hum Regimento para por elle se governarem cuja copia remetto a V. Mag.e — São Paulo, 3 de Setembro de 1722. — Rodrigo Cezar de Menezes.

([1]) Faltam aqui seis linhas do manuscripto, que estão dilaceradas e illegiveis. Nas ultimas das seis linhas estragadas se fáz referencia a confissão dos bens de quem abrir caminho de Goyaz para os curraes da Bahia. (N. da R.).

([2]) A recompensa que tiveram foi João Leite da Silva Ortiz ser assassinado por ordem do capitão general Caldeira Pimentel e Bartholomeu Bueno morreu na miseria em Goyaz. Vide Pedro Taques, Nobiliarchia, e Alencastro, Annaes de Goyaz. (N. da R.).

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, MAIO DE 1921 — VOL. IV — N. 10

SUMMARIO

MAIS UMA INVESTIDA INFELIZ

Pela terceira vez, desde que esta revista, depois de um anno de existencia, começou a receber do Estado de Goyaz uma subvenção, aliás insignificante, que me vejo na contingencia de responder a goyanos sem escrupulos que tentam em vão me diffamar pela imprensa.

Em Novembro ultimo, aqui no Meyer, fui miseravelmente calumniado por um delles. Chamado á responsabilidade judicialmente o jornal que inserira a infame torpeza — a "Gazeta Suburbana" — seu digno director apresentou ao meu advogado a seguinte declaração que veio publicada na alludida folha:

"Não se entende com o official reformado do Exercito Sr. Henrique Silva, morador dos mais conceituados do Meyer, uma local que, illaqueados na nossa boa fé, por um desses muitos canalhas que por ahi andam, publicamos na nossa edição n. 552."

Dei por finda o desagradavel incidente.

Desta vez, porém, sobe de ponto a audaciosa investida de outro meu diffamante. Este é o bacharel Sebastião Fleury Curado, que no ultimo numero do "Goyaz" entre outras miserias indeclinaveis, disse que eu fui expulso do Exercito por infame e ladravaz.

Assim offendido nos meus brios e para repulsar a deshonra do meu nome, mal contendo a indignação, escrevi as seguintes cartas:

"Exm. Sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

Saudações.

Um jornal que se edita em Goyaz acaba de lançar-me ao rosto uma injuria que se não poderia deixar passar em julgado.

Diz que eu "fui expulso do Exercito por infame e ladravaz".

Peço a V. Exa., que me concedeu a reforma que lhe solicitei, responder:

a) *que eu fosse expulso do Exercito;*

b) *si alguma vez lhe chegára ao conhecimento, que eu fosse accusado de ladravaz ou de qualquer coisa que referir-se possa á afronta recebida.*

Peço tambem, a V. Exa. fazer uso da resposta que V. Exa. se dignar dar-me.

De V. Exa.
Subordinado e amigo grato,
HENRIQUE SILVA.

Rio, 19 — 5 — 1921.
Rua Torres Sobrinho 9 — Meyer."

"Exmo. Sr. Marechal Vespasiano de Albuquerque.

Saudações.

Um jornal que se edita em Goyaz, acaba de lançar-me ao rosto uma injuria que eu não poderia deixar passar em julgado.

Diz que eu "fui expulso do Exercito por infame e ladravaz".

Peço a V. Ex. que, quando Ministro da Guerra eu requeri a minha reforma, responder:

a) *que eu fosse expulso do Exercito;*

b) *si alguma vez lhe chegara ao conhecimento, que eu fosse accusado de ladravaz ou de qualquer cousa que referir-se possa á afronta recebida.*

Peço tambem a V. Exa. fazer uso da resposta que V. Exa. se dignar dar-me.

De V. Exa.
Subordinado e amigo grato.
HENRIQUE SILVA.

Rio, 19 — 5 — 1921.
Rua Torres Sobrinho 9 — Meyer."

Respostas que me deram os dois dignos e honrados Marechaes:

Rio, 23 de Maio de 1921.

Prezado Am.º Major Henrique Silva.

Respondendo sua carta de 19 do corrente, tenho a declarar, a) *que o amigo deixou o Exercito por sua livre e expontanea vontade, pedindo reforma;* b) *que nunca me constou, qualquer acto seu que pudesse depôr contra sua honestidade.*

Finalmente sou pessoalmente seu amigo, e esta amizade data, desde o tempo em que sentou praça como cadete

na 3.ª b.ª do 2.º Regimento de Art.ª da qual era eu capitão commandante.

Continuo a prezar a sua amizade e a consideral-o como um homem de brios e honra.

Do Am.º Velho
HERMES."

"Ao Illustre Sr. Major Henrique Silva.

Em resposta á vossa carta retro tenho a declarar que, 1.º Não me consta que tenhaes praticado actos de deshonestidade que houvesse determinado vossa expulsão do exercito o que só poderia ter effeito em virtude de sentença passada em julgado, o que não se deu; 2.º vossa reforma vos foi concedida em virtude de pedido vosso, foi pois uma reforma voluntaria. Authoriso-vos a fazerdes desta o uso que vos convier.

Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1921.

MARECHAL VESPASIANO GONÇALVES D'ALBUQUEQUE E SILVA."

Superfluo seria juntar que homens austeros, da tempera moral dos illustres signatarios das cartas acima, não passam documentos graciosos a ninguem, seja quem fôr.

Como se vê: é quanto basta para o aviltamento dos meus infelizes detractores.

Estou desaggravado.

HENRIQUE SILVA.

LIMITES ENTRE GOYAZ E MINAS

Estando esta questão magna pendente do eminente arbitro escolhido pelos dois Estados litigantes, o Exm.º Snr. Epitacio Pessôa, dignissimo Presidente da Republica, della nada diriamos se não soubessemos que alguem, ultimamente vindo do contestado, por ahi espalha o abandono *deste por parte dos goyanos, no tocante ao ensino primario.*

O contestado fica no municipio goyano de Catalão, e é disputado pelo municipio mineiro de Paracatú. Agora vejamos o estado actual do ensino nesses dois municipios:

"CATALÃO. — *A cidade mais commerciante e uma das mais populosas de todo o Estado. E' servida por um ramal da Estrada de Ferro de Goyaz. Possue, além de um grupo escolar, duas escolas para o sexo feminino e duas para o sexo masculino, todas dirigidas por professores diplomados em S. Paulo; um collegio de syrios, com boa frequencia, e mais seis escolas districtaes.*

O ensino em Catalão muito deve ao illustre Monsenhor Francisco Ignacio de Souza, que, a suas expensas, ali fundou um optimo collegio, cujos resultados têm contribuido efficazmente para o engrandecimento do municipio.

Para dar uma idéa do que é o ensino em Catalão, basta dizer que, para a manutenção do mesmo, a Municipalidade dispende 40 % do seu orçamento — facto unico em todo o Brasil, visto nenhum de seus municipios consagrar tão elevada somma em proveito da instrucção publica."

DR. VICTOR DE CARVALHO RAMOS — *O Ensino em Goyaz,* 1917.

—*"E a taxa de analphabetismo em Paracatú?*

—*Esta é grande, como era de prever. Na cidade, não passará talvez de 60 %. o que aliás não é muito superior e tavez suba aos 90 %! Escolas districtaes só existem uma de cada sexo em Capim-Branco e outra, mixta, em Guarda-Mór. Nos demais districtos, como Burity, Morrinhos, Formoso e Lages, não funcciona nenhuma escola. Assim, não se poderia esperar porcentagem mais favoravel. E esta, entre a população escolar, é simplesmente desoladora. A porcentagem de analphabetos entre os homens de amanhã será veramente contristadora!*

Extrahido da entrevista que o correspondente do Lavoura e Commercio *de Uberaba acaba de ter com o delegado seccional do recenseamento do municipio de Paracatú. Nenhum dos districtos acima referidos demóra no contestado!*

Sem commentarios — mas teria ido mesmo á zona litigiosa, por ordem do digno arbitro o viajor "incognito" que num hotel de Araguary abriu a estalagem, dizendo cobras e lagartos de Goyaz, de seus homens, das suas cousas?

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

VI

O Sr. Pires e Albuquerque, que a 17 de Julho do anno proximo findo condemnava com seus pares do Supremo Tribunal Federal o *uti-possidetis,* na pendencia de limites Ceará — Rio Grande do Norte, procurou uma evasiva devéras ardilosa, de raposa jurisperita: não se fundou naquelle principio que segundo a doutrina firmada pelo Supremo "só é applicavel quando a favor de um dos Estados litigantes ha direito preexistente ou limites traçados de qualquer fórma" (1) — mas na *occupação* pelos mattogrossenses de um territorio no seu dizer *abandonado!* (2) Esta porém é mais uma das invencionices e protervias sem conto que nestas columnas desde do nosso primeiro artigo vimos repulsando em nome da verdade, da justiça e do direito conspurcados nos laudos dos patronos de Matto Grosso.

Em 1838 Sant'Anna do Paranahyba se achava occupada por habitantes de Goyaz e Minas como já provaramos com factos e documentos incontestes. Ainda hoje a população predominante naquelle municipio é goyana e não mattogrossense.

Basta citar o testemunho insuspeito de um scientista que acaba de estudar o sul de Matto Grosso sobre todos os seus aspectos. Referimo-nos ao illustre engenheiro Dr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, que ao tratar da densidade da população do contestado escreve á pagina 163 do seu

---

(1) Como já vimos, o direito preexistente a favor de Goyaz lhe é assegurado pela Provisão de 2 de Agosto de 1748, cópia numero 26, que assignala de modo inequivoco, claramente, os limites entre a então recem-creada Capitania de Goyaz e a de S. Paulo pelos rios Paraná e Pardo até Camapuan. Esta mesma Provisão, que não foi derogada, prova que ha limites traçados legalmente, quanto mais "de qualquer fórma", (em virtude de uma ordem régia) dando a Goyaz a posse e dominio da zona comprehendida entre os rios Aporé, Paraná, Pardo e Coxim, limites estes que nenhum dos antigos capitães-generaes de Matto Grosso, inclusive o mais desabusado delles, deixava de reconhecer, em tempo algum. Ha mais: a preexistencia destes limites foi confirmada pelo Marquez de Alegrete em 1812 e pelos respectivos presidentes de São Paulo em 1864 e 1870.

Contestem, se forem capazes, Srs. Pires e Albuquerque e Prudente de Moraes.

Considerem bem S.S. Ex.ªˢ que bancando o cardeal Arcoverde e o senador Antonio Azeredo, o menos que arriscaram foi comprometter, perante a opinião nacional, seus nomes até aqui impolutos.

(2) Tem graça: Matto Grosso com 8 decimos do seu territorio abandonado aos selvicolas e as féras bravias, demais a mais com uma população insignificante, na sua maioria de goyanos, mineiros, paulistas, rio-grandenses, bahianos e mais advenas d'outros Estados, procurando occupar territorio goyano, sob pretexto de *desoccupado!*

Não esquecer que em superficie Matto Grosso é o segundo Estado da Republica, e em população o ultimo. Quando da insolita invasão de Sant'Anna do Paranahyba Matto Grosso possuia 60.417 habitantes e Goyaz 160.395 habitantes!!!

Itinerario de Viagem de Exploração entre Itapura e Corumbá: "O médio e baixo Rio Pardo e o baixo Sucuriú constitue a zona mais sertaneja do planalto.

Ha por ahi manchas de 10 e 12 leguas não habitadas. A maior parte da população é constituida por situantes e posseiros posteriores á guerra finda em 1870. São na maioria goyanos e mineiros e mais raramente paulistas, bahianos e em ultimo lugar matto-grossenses." E ahi está mais uma prova de que sobre ser contraria ao artigo 83 da Carta Constitucional de 25 de Março de 1824, então em plena vigencia, a *occupação* de Sant'Anna do Paranahyba pelos matto-grossenses só existe na pretenção delles, não tem por onde se lhe pegue seriamente, quer sob o ponto de vista constitucional, quer sob o ponto de vista do direito publico. O mais interessante foi que um dos mais illustres patronos de Matto Grosso no 6.º Congresso de Geographia de Bello Horizonte sem duvida mal informado, serviu-se deste argumento: "Tambem era de parecer que se devia attender ás aspirações das populações locaes, pois não se póde arrancar da alma humana o sentimento de patria, de Estado, de municipio, nem mesmo de localidade, quando são esses sentimentos em conjuncto que firmam a idéa de patriotismo e de amor ao sólo onde se nasceu: é nesses sentimentos que repousa o santo e sagrado amor da patria."

Mas acontece que os habitantes do municipio de Sant'Anna do Paranahyba nunca foram, não são e nem querem ser matto-grossenses, como demonstra rigorosamente com razões, factos e testemunhas, o seguinte documento:

REPRESENTAÇÃO DOS HABITANTES DE SANT'ANNA DO PARANAHYBA PEDINDO A SUA REINTEGRAÇÃO AO ESTADO DE GOYAZ

"Exmo. Snr. Cel. Miguel da Rocha Lima, mui digno e honrado Presidente do Estado de Goyaz. — Confiantes na benevolencia de V. Excia. e forçados por acontecimentos que pela sua intensidade nos tem assoberbado e que esta vos dirigimos, esperando merecer dos vossos sentimentos altruisticos, elevado patriotismo e alto criterio administrativo, a mais ampla protecção em prol da causa que em face do Direito Publico Brasileiro procuraremos defender. Cançados e quasi que esvaecidos em nossas forças e haveres, com a atroz perseguição que de ha muito nos move o Governo de Matto Grosso, incorporados vamos ante V. Excia., como Presidente desse prospero e futuroso Estado de Goyaz, e portanto principal advogado dos seus interesses, pedir que nos auxilie afim de que seja esse Estado reintegrado desta parte de territorio por nós habitada e legitimamnte sua. Esse fertilissimo terreno que medeia entre os Estados de S. Paulo e Minas e o rio das Mortes, desde a sua foz no Araguaya até a cabeceira equidistante das capitaes desses dois Estados de Goyaz e Matto Grosso; dessa cabeceira uma linha a do Taquary; este, Coxim e Camapoan até suas vertentes, dahi outra linha que atravessando o varadouro do mesmo nome chegue as do rio Pardo e este até sua confluencia no Paraná, incontestavelmente pertence a Goyaz. Sendo inevitavelmente essa a sua divisa, conforme soberanamente determina a provisão de 7 de Maio de 748, e portanto estando nós sob a jurisdição de um governo que nos persegue procurando nos extinguir e empobrecer, aqui lançamos um formal e solemne protesto contra a posse viciosa que subrepticiamente tem querido Matto Grosso estabelecer nesta parte de territorio goyano. Isso faremos plenamente convictos de que todos esses esforços criminosos do Estado de Matto Grosso, são nullos em pleno direito, em face do Direito Publico Brasileiro, codificado quer na Constituição do Imperio e Acto Addicional, quer na Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Comecemos a narração clara e succinta da evolução do nosso viver nesse territorio goyano; deixando ao alto criterio de V. Excia. a analyse do proceder das autoridades sob cuja administração temos estado, afim de justificarmos a resolução inabalavel que tomamos de nos reconhecermos Goyanos. Este territorio pertencente á antiga capitania de Goyaz foi em principio do seculo passado, quando ainda habitado por aborigenes, invadido e posseado pelos Cp. José Garcia Leal e seus irmãos João Pedro Garcia, Joaquim Garcia e Januario Garcia. Esses quatro membros da antiga e conhecida familia Garcia, oriunda do circumvizinho E. de Minas, á maneira dos bandeirantes paulistas, continuadores dessa raça de heroes do sertão, implantadores do progresso nessas invias selvas, ahi situaram-se, abrindo fazendas, procurando melhorar a situação e domesticando os indios Gayapoz, primitivos habitantes dessas paragens. Criando-se um arraialzinho nas margens do rio Parahyba sob a invocação da Senhora Sant'Anna, desenvolvendo-se e tornando-se um centro populoso, mui sensivel tornou-se a necessidade de estradas de rodagem que facilitassem o seu commercio, com os grandes centros, de um destacamento policial para a manutenção da ordem publica e das demais regalias que exigem essas aglomerações de individuos constituindo um pequeno arraial nesses invios sertões. Então os fundadores desse arraialzinho incorporando-se, levaram ao conhecimento da Capitania de Goyaz o seu desejo. — O Governo Goyano ou porque não pudesse, ou talvez devido a incuria dos seus membros, não attendeu a tão justo pedido; vendo-se portanto a familia Garcia na dura contingencia de appellar para o governo do Estado de Matto Grosso. Prevendo o Governo Matto Grossense os futuros lucros que poderia auferir com o dominio, embora temporario, sobre esse territorio riquissimo e extensissimo, promptamente accedeu a tão justo pedido. Dahi então data o dominio de Matto Grosso neste territorio goyano. Sob a denominação de Sant'Anna do Paranahyba foi então creado este prospero municipio, consequencia exclusiva da vida laboriosa da familia Garcia. Continuando essa familia a augmentar-se na lentidão natural da evolução de uma familia sertaneja, como o madeiro da genesis, em a sua sombra a prosperidade veio chegando, o arraial de Santa Anna augmentado, o progresso apparecendo, as relações commerciaes se estabelecendo e Sant'Anna tornou-e um municipio rico, prospero e cuja fama de longe trazia os pioneiros da vida em busca da felicidade, quaes naufragos demandando a um porto de abrigo. Rico e prospero achava-se o municipio de Sant'Anna, quando a traça politica veiu lhe roer a paz, minando-lhe a prosperidade, provocando o seu estacionavismo e consequente retrogadação. Nessa occasião exisia em Sant'Anna um recem-vindo de nome Carlos Ferreira de Castro, sendo então aproveitado pelo Snr. Generoso Ponce, entidade politica estadual, feita a golpes de audacia, para arengueiro da politica cuyabana neste municipio. Fiel ás instrucções recebidas do regulo de Cuyabá, inaugurou esse Snr. em Sant' Anna a tal politica de Machiavel; todos os meios são licitos quando o fim é justificavel. O assassinato e todo esse corolario de crimes que constituem o pedestal sobre o qual assentão esses mandões de aldêa, foram postos em pratica, alliados a um modo extremamente diplomatico de tratar os credores deste municipio, que fieis ao regimen passado havjam-se retirado da politica militante. Apoz a queda do Snr. Generoso Ponce do poderio politico em Cuyabá e consequentes luctas politicas que foram se refletir nos quatro pontos cardeaes do Estado, o Cel. Carlos Ferreira de Castro, desejoso de conservar-se como potentado politico de Sant'Anna, começou a manifestar o seu absolutismo por meio de arbitrariedades como sejam as mortes de um alferes da policia cuyabana, João Pedro e do negociante local, José Julio e até em proceder ao inventario em vida do Snr. José Bernardo. Em 1898 o Snr. Dr. Manuel José Murtinho, enti-

dade politica estadual, necessitando pleitear a eleição do seu patrocinado Antonio Pedro Alves de Barros, enviou dois emissarios a Sant'Anna, pedindo á familia Garcia que terçasse armas na arena politica com o Cel. Carlos Ferreira de Castro em favor do seu candidato. Então sahindo a campo o Cel. Silverio Garcia Leal e seu genro Cel. José Marques Garcia, dois membros influentes da alludida familia, foram a Sant'Anna á frente de cento vinte e cinco homens, conseguindo satisfazer o pedido do seu amigo. Entrando por essa fórma os Garcias na politica militante, iniciou contra elles o Cel. Carlos Ferreira de Castro uma serie de perseguições mui habilmente postas em execução, visando principalmente o Cel. José Marques Garcia. Tendo esse Snr., Fazendeiro abastado e em proeminente posição social neste municipio, uma pequena richa e de interesse puramente particular com um seu vizinho, José Fausino; o Col. Carlos vendo com olhos de lynce occasião propricia á realização de seus planos criminosos, poz em pratica todos os meios licitos e plausiveis á sua elastica consciencia. Explorando então a situação, mandou chamar o José Faustino, peitando-o para dar cabo do Cel. José Marques. Tendo, porém, os capangas de José Faustino denunciado as pretenções de seu patrão, alguns parentes e amigos do Cel. José Marques indignando-se, reuniram e foram á casa de José Faustino, fazendo tiroteio, no qual pereceram sua mulher e um camarada de nome Pereira. Morrendo nessa occasião a mulher de José Faustino, em consequescia de sua leviandade, pois que embora pessôas dessa escolta houvessem entrado na casa, onde ella se achava e a retirado para um morador contiguo, não se conformando com tal situação voltou essa senhora para junto de seu marido, indo tombar victima da bala inimiga. Nessa occasião, como o Cel. Carlos Ferreira de Castro se achasse senhor da politica vigente, mandou chamar ao Cel. Silverio Garcia Leal, chefe politico a que era filiado o Cel. José Marques Garcia, com elle assentando em não intervirem nessa questão, deixando aos dois contendores resolverem-n'a a seus esforços. Tendo, porém, dias apoz esse ajuste, a politica tomado nova direcção o Cel. Carlos que em sua sagacidade felina pensava, utilizando-se da influencia politica, perseguir ao Cel. José Marques por detraz dos bastidores; lançou mão dos meios extremos afim de conseguir o seu criminoso intento. Havia nessa occasião aportado ás plagas santannenses uma dessas aves de rapina, verdadeiro cancro social, chamado Dyonisio Benites, desse modo facilitando ao Snr. Cel. Carlos a fiel execução dos seus planos. Fazendo-se seu amigo o Cel. Carlos Ferreira de Castro contractou-o por quarenta contos afim de exterminar os mais salientes membros da familia Garcia saquear os seus haveres e baldeal-os para o Estado de S. Paulo, onde facilmente seriam vendidos, locupletando-se de parceria com o seu producto. Reunindo Dyonisio duzentos capangas, iniciou sob o pomposo titulo de revolução de Sant'Anna um systema de entradas, estabelecendo a pilhagem e o saque em todos os haveres da familia Garcia e destruindo as bemfeitorias pela acção exterminadora do fogo. Morto Dyonisio Benites por uma de suas victimas, em cujos haveres havia esse correntino dado amplo repasto á sua ganancia; um genro do Cel. Carlos Ferreira de Castro, o Cel. João Luiz do Nascimento, assumindo a chefia dessa malta de salteadores tornou-se digno executor dos planos de seu sogro, na faina desoladora de roubar e vender o producto de seus crimes por dá cá aquella palha. Cousa que provaremos não só com um processo por nós instaurado contra o correntino Dyonisio Benites e familia Castro, como tambem por uma justificação sobre esses prejuizos que nos foram causados, feita perante o Snr. Dr. Juiz de Direito de Jaboticabal, no E. de S. Paulo, onde nessa occasião se domiciliara o referido correntino e na qual figuram como maiores prejudicados os Snrs. Ceis. Sylverio Garcia Leal, José Marques Garcia Mizael Garcia Moreira, Francisco Garcia da Silveira, José Joaquim Garcia, José Garcia, João Dias, Antonio Dias, Galdino Dias, Antonio Leandro, orphãos do Cel. Silverio Garcia Leal e José Marques Garcia. Providencia alguma tomou o atrabiliario governo de Cuyabá, afim de garantir as nossas vidas e haveres, limitando-se a responder com evasivas as justas queixas que lhe faziamos. Vendo, porém, os Santannenses que inevitavelmente ficariam reduzidos a cinzas e obedecendo a um appello energico do Cel. Francisco Garcia da Silveira, que já havia visto ser preso e barbaramente trucidado a um seu irmão de nome Manuel Garcia da Assumpção, congregando-se entrincheiraram-se em Sant'Anna, offerecendo dessa fórma resistencia aos invasores. Havia o Cel. João Luiz do Nascimento sido derrotado, quando o governo de Cuyabá, pretestando restabelecer a paz em Sant'Anna, nomeou como juiz dessa comarca o bahiano João Dantas Coelho. Em 1902 chegou a Sant'Anna esse ministro da justiça de Cuyabá, pondo logo em seguida, em execução habilmente, toda a sorte de chicanas acobertadas pelas maiores arbitrariedades, não trepidando ante o proprio assassinato afim de enriquecer-se. Embolsando-se em varias duzias de contos levantou seu vôo essa ave de arribação, demandando a uma paragem segura onde placidamente fosse gosar do producto de seus crimes. Mezes apoz a retirada desse juiz, o Cel. João Luiz do Nascimento seguiu-lhe as pegadas conduzindo uma boiada pelo rio Paranahyba, recebido um tiro, cujo projectil não o attingiu, appellou para a casa commercial de Renato Guaritá Machado e associando-se ao Cel. Torquato Tupinambá, fazendeiro no municipio de Fructal, apparelhou-se afim de recomeçar essa serie de saques em tão má hora iniciada. Em 3 de Abril de 1904, ás 11 horas do dia, o Cel. João Luiz do Nascimento á frente de 240 mercenarios, todos de maus precedentes e pessimo viver nos circumvizinhos Estados de Minas e S. Paulo, bahianos na mór parte, que vinham antevendo auferir lucros fabulosos com o saque livre, que tão insistentemente lhes era garantido, atacou Sant'Anna do Parahyba, apossando-se de uma nesga da cidade, onde alojou-se entrincheirando. Na madrugada do dia 29 de Abril do mesmo anno foi João Luiz e os seus energumenos, expulsos a peso de armas e banidos do municipio de Sant'Anna, refugiando-se no Estado de S. Paulo. Cançados já nos achavamos com as continuas revoluções que nos traziam em constante sobresalto, levando o lucto e a miseria a nossos queridos lares, quando uma feliz nova veiu nos alegrar e fortalecer, trazendo-nos de envolta presagios de um futuro mais risonho. O Governo estadual de Matto Grosso enviava um numeroso destacamento policial com o louvavel intuito de aqui restabelecer a paz e manter a ordem de ha tanto alterada e nomeava como Juiz da comarca a um homem, cuja fama que o precedera, nos dizia trazer aureolada á sua individualidade as mais acrysoladas virtudes civicas. Portanto com bem solidos fundamentos esperavamos que sobre o passado um veu se descerrando novo horizonte se rasgasse aos Sant'Annenses. Qual não foi porém o nosso assombro ao vermos o Snr. Dr. Juiz logo apoz a sua chegada, manchar a sua toga, hombreando-se a criminosos com o intuito de patrocinar a familia Castro, mostrando-nos então, mui claramente, que S. Exa. aqui seria, não um apostolo da justiça, mas sim o fiel executor de um plano adrede preparado. Analysemos a sociedade Santannense afim de que melhor possamos convencer a V. Excia. quaes os verdadeiros agentes que mais contribuiram a certos factos que em má hora se desenrolaram em Sant'Anna e da sua intensidade criminal. Habitada então era essa cidade por membros e amigos da familia Garcia e que votavam á familia Castro o mais acirrado odio. Havia então o Cel. Francisco Garcia da Silveira, director da nossa politica em Sant'Anna, recebido uma precatoria da comarca de Fructal, no E. de Minas, requisitando a prisão do Cel.

João Luiz do Nascimento, processado na referida comarca como co-réo nos processos movidos pelo orgão da justiça publica ao Cel. Torquato Tupinambá, accusado pela perpetração de varios e barbaros assassinatos em terrenos da supra alludida comarca. Assim chegadas as autoridades policiaes a Sant'Anna, entregou-a o Cel. Francisco Garcia da Silveira ao Snr. Manuel Albernaz, como sub-delegado, e em pleno exercicio de todas as funcções policiaes, visto o Snr. delegado Olympio Ribeiro haver se retirado logo apoz a sua chegada para Uberaba, indo ao encontro do Snr. Miguel Palmeira, juiz nomeado para esta comarca, recebendo então a mais formal promessa de cumpril-a á risca. Achavam-se presos na cadeia publica os Snrs. João Themeteo e Antonio da Luz, capangas do Cel. João Luiz do Nascimento e pronunciados pelo barbaro assasinato por elles perpetrado posteriormente a vinda das autoridades, nas pessôas dos fazendeiros José Ludovico e Vicente Maria. Facto horroroso não só pela barbaridade com que foi commettido, como por ter victimado a dois homens laboriosos, pacatos, uteis a suas familias e a patria. Chegando o Snr. Dr. Juiz, que por nós foi acolhido com o maximo carinho, tolhendo os actos da autoridade policial, que já havia apprenhendido a João Luiz do Nascimento, parte do seu armamento e conservava reclusos os criminosos alludidos, e menos presando as grandes responsabilidades do seu elevado cargo, enxovalhou a sua toga, libertando os dois criminosos e dando fim á precatoria, fez de João Luiz do Nascimento seu comensal e particular amigo. Pairavam as cousas neste pé quando um bello dia foi o Cel. João Luiz do Nascimento morto em Sant'Anna, ao sahir da residencia do Snr. Dr. Juiz de Direito. Facto monstruoso á primeira vista, porém attendendo ás circumstancias que o envolvem, não sendo mais que a consequencia logica e inevitavel do proceder do Snr. Dr. Miguel Palmeira, que não curando senão de seus interesses particulares, sardonicamente sorriu quando forçado pela dupla responsabilidade de chefe politico e tambem desta numerosa e sempre acatada familia Garcia, o Snr. Cel. Silverio Garcia Leal lhe fez sentir que, para que S. Excia. conseguisse restabelecer a paz em Sant'Anna, era necessario que fizesse presindir a todos os seus actos do maximo criterio e calma. Retrocedamos: por seu turno os auxiliares do Snr. delegado de policia, açularam constantemente o pessoal Garciista e até ao proprio Cel. Francisco Garcia da Silveira, afim de que matassem ao Cel. João Luiz do Nascimnto, cousa que provaremos assim tivermos presidindo os destinos da nossa comarca um juiz que saiba honrar a sua toga. Em 27 de Setembro, dia consecutivo a viagem feita por Balbino Neves de Sant'Anna e José Canuto, em companhia do Snr. sub-delegado Albernaz, ao porto do Paranahyba e no trajecto da qual essa autoridade os havia por demais instigado e de fórma capciosa a dar fim em o Cel. João Luiz do Nascimento, esses dois camaradas do Cel. Francisco Garcia da Siveira, na sua fatuidade de homens simples, esse crime assentaram perpetrar. Publica e notoria era Sant'Anna a aversão demonstrada por essa autoridade á sua victima até nos logradouros publicos. Certos da protecção das autoridades e confiantes nas promessas do Snr. Albernaz, havido por todos os membros da facção Garcia como seu leal amigo, frustando a vigilancia do seu patrão e infringindo a todas as suas ordens, reuniram-se esses dois homens a Antonio Canuto e da casa de Balbino Neves de Sant'Anna atiraram sobre o Cel. João Luiz do Nascimento, matando-o. Feito isto fugiram os criminosos para a fazenda Irara, distante de Sant'Anna duas legoas, de onde mandaram pedir ao seu patrão que lhes enviasse os seus animaes. Attendendo aos impulsos do seu generoso coração, que naquella occasião via nos criminosos dois companheiros de luctas a braço com uma grande infelicidade e mesmo prevendo consequencias de maior gravidade, satisfez-lhes o Cel. Francisco Garcia da Silveira. Chamando o Snr. Dr. Luiz para seus capangas os do fallecido Cel. João Luiz do Nascimento e juntamente com a força publica, prendeu a todo o pessoal Garciista que então achava-se em Sant'Anna. Apoz isso, sem nem ao menos syndicar do facto e das circumstancias que o envolveram, enclausurou aos Ceis. Francisco Garcia da Silveira. Elizier da Silva Latta e Cap. João Baptista Gomes, accusando-os como mandatarios desse assassinato. Achavam-se já os assassinos a salvamento no Estado de Goyaz quando souberam da prisão do seu patrão e amigo. Immediatamente voltaram, e, fazendo lhes preceder um proprio com as suas armas, foram se entregar á autoridade; apresentando-se como unicos e exclusivos criminosos na morte do Cel. João Luiz do Nascimento. Relembram as torturas inquisitoriaes as empregadas pelas autoridades de Sant'Anna nesses dois pobres infelizes, que sabiam honrar a lealdade de seu patrão e leal amigo, com o intuito de arrancar-lhe qualquer denuncia que viesse justificar a prisão do Cel. Francisco Garcia da Silveira e seus companheiros. Sentindo-se José Canuto fraco ante tanto padecer, perguntou que necessario era, para que lhe não continuassem a martyrisar, lhe sendo dito que denunciasse a Francisco Garcia da Silveira e seus companheiros como os mandatarios do assassinato do Cel. João Luiz do Nascimento. Isso feito pelo paciente com a voz entrecortada pela dor physica e moral que o atormentavam, pois plenamente consciente achava-se de assim praticar uma infamia, recolheram-n'o acorrentado a enxovia. Embora da mesma forma torturassem o Balbino Neves de Sant'Anna, homem cuja cor e complexão nos relembra a rigidez dos ethiopes da historia, esse preto de caracter firme negou-se a essa infamia. Dahi então resultou a pronuncia de Francisco Garcia da Silveira, real influencia politica e popular neste sertão; de Eliezer da Silva Latta, seu leal amigo e unico advogado que existia em Sant'Anna e do Cap. João Baptista Gomes, como mandatarios do assassinato do Cel. João Luiz do Nascimento. Consecutivamente á essa pronuncia, temendo o Snr. Dr. Juiz a indignação da população deste municipio e que em represalia viessem a exigir a liberdade o seu chefe e leal amigo e de seus companheiros, officiou ao Snr. Presidente do Estado, pedindo a remoção dos presos para Cuyabá. Isso fazia S. Excia. com o intuito de preparar terreno afim de dar completo desenvolvimento ao seu plano, mescla de politico e pecuniario, que aqui o trazem completa abstracção dos mais comesinhos deveres de honra, intoxicando-lhe a consciencia e obrigando-lhe a assumir a chefia da facção Castro. Sahidos que foram

HENRIQUE SILVA.

(Continúa).

O TAMBORIL DAS MATTAS DE GOYAZ

Esta especie vegetal colosso da flora goyana não póde nem deve ser confundida inconscientemente com a especie campestre, *(Enterolobium timbouva* MART, como o fazem os nossos botanistas de gabinete, adstrictos á *Flora Brasiliensis.*

Esta especie ultima é tambem encontradiça nos campos de Goyaz, mas não attinge em dimensões áquella, que vige e cresce nas mattas humidas de Goyaz.

Póde-se inferir esta desagradavel confusão do que a respeito escrevia Taunay no seu interessante opusculo *A Provincia de Goyaz na Exposição Nacional de 1875:* "O *vinhatico (echyrospermum balthazari.* F. All.). Arvore muito frequente, colossal em bons terrenos; nos cerrados menos possante, mas sempre de viso notavel. Observei que as abelhas *mandorys* affeiçôam fazer seus cortiços nesse páo, na dichotomia do tronco.

Ha diversas especies de *vinhatico*. O do matto tem cerne amarello, puxando para vermelho, listrado de largos veios pretos: o do campo é de côr uniforme amarello-avermelhado.

Em alguns pontos de Goyaz chamam tambem este ultimo de *tamboril*. A amostra, porém, enviada debaixo desta denominação distingue-se pela leveza e côr amarella e preto."

Como se vê: a amostra mandada de Goyaz á exposição de 1875, sob a denominação de *tamboril*, distinguia-se da do vinhatico e da chamada tamboril do campo — tanto pela leveza como pela côr. Do verdadeiro tamboril de Goyaz assim escreve o Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel: "Uma das mais interessantes arvores que vi em Goyaz foi o *tamboril*.

E' semelhante ao cedro, um pouco mais escuro de bonitos ondeados; engrossa muito e tem o lenho tão leve, que em leveza ganha certamente o nosso louro de forro.

Um tecto de *tamboril* envernizado e artisticamente trabalhado levará de certo vantagem ao proprio estuque."

Tratando do tamboril no Estado de S. Paulo os Srs. Navarro de Andrade e Octavio Vecchi dão-lhe a determinação botanica de *Enterobium timbouva Mart.*, da systematica, e accrescentam: "On le rencontre communément dans l'Etat, surtout dans les régions champêtres et dans les terres séches."

No Rio Grande do Sul o *Enterobium* é tambem campestre e tem o nome vulgar de *timbouva*, como se vê em Lindman

Goyaz, pelas exigencias dos seus varios climas locaes, constituição mineralogica do sólo, topographia e altitudes que corrigem as latitudes, possue mais de uma dezena de madeiras de lei que embora pertencentes ás mesmas familias que povôam o resto do paiz, d'ellas se distinguem não só pelas suas grandes dimensões como ainda pela belleza e optima qualidade do cerne [1].

E' um erro antigo esse de se haver como especies identicas ás do littoral o *balsamo*, o *tamboril*, o *jatobá* e a *aroeira* de Goyaz. [2] D'algumas dellas fala uma testemunha insuspeita: o Dr. Azevedo Pimentel. Diz elle: "Sendo fastidioso expôr aqui todos as plantas uteis desse bellissimo Estado, tomarei, apenas algumas d'aquellas que á qualidade excellente da madeira juntam a grande abunrancia, ou apresentam qualquer qualidade que as torne dignas de nota.

A *aroeira*, dita da matta, sem duvida occupa o primeiro logar não só pela extraordinaria quantidade, em que se encontra em qualquer matta de Goyaz, como porque póde-se com afoiteza dizer, é indestructivel [3]. O tronco aromatico e resinoso do collosso vegetal engrossa muito, tem a rigidez do ferro e a duração admiravel, pois que se tem achado em edificios seculares a aroeira em perfeitissimo estado."

---

(1) L'Auteur de la Nature a fixé lui-même les rapports des êtres entre eux; mais les limites des familles et des genres son presque toujours arbitraires.

.. ..

Lee véjétaux qui croissent sous les tropiques son sujets à un grand nombre de variations. Ayant généralement recueilli plusieurs échantillons de chaque espèce, et m'étant attaché à observer les mêmes plantes dans les localités différentes, je pourrais multiplier indéfiniment le nombre des variétés, etc.

Flora Brasiliae Meridionalis — J. Cambessedes e Saint'Hilaire.

(2) Nesse compendio se lê que Martius e Bates mediram na Amazonia arvores que attingiam 33 metros de áltura sobre 16 metros de circumferencia, o que resulta uma insignificancia compaativamente aos collossos florestaes do Brasil central. Haja vista o Jequitibá vermelho (*Couratari estrellensis* Raddi), que mede 40-45 metros de altura e mais de 5 metros de diametro. Os auctores das "Madeiras indigenas de S. Paulo" dão testemunho da existencia na fazenda Santa Veridiana, oéste do Estado, de um Jequitibá com 22 metros de circumferencia. Razão tinha Luiz Couty quando escrevia que já era tempo de se discutir a sciencia brasileira.

(3) Os caipiras dizem que ninguem ainda viu uma aroeira podre affirmava o mallogrado André Rebouças, no seu magistral *Indice Geral das Madeiras do Brasil*.

Mas n'um paiz de déas preconcebidas como este, arvores collossaes, de grande porte, robles de todas as especies e variedades. só na Amazonia!

Uma das obras que mais ha concorrido para espalhar esta fama injusta que corre por ahi em detrimento do verdadeiro *habitat* das mais preciosas essencias vegetaes que devéras possuimos, é a "Geographia Physica do Brasil", de Wappaeus, 2.ª edição brasileira, 1884. Ahi o capitulo XII — *A flora: as regiões das mattas e os campos* foi refundido, condensado e revisto por um botanista fossil, imbuido da chamada vertigem dos tropicos, da estupefaciente *Hylaea* de Humboldt, que se vivo fosse ficaria sabendo que no seu proclamado celeiro capaz de abastecer o mundo inteiro os habitantes estão morrendo de fome...

Esta zona equatorial assim denominada, abrange na sua largura 2 gráus do territorio norte de Goyaz. Mas não é ahi que se poderá admirar a possança da flora goyana, que nem Humboldt, nem Martius conheceram de *visu*. Nella as fórmas collossaes são representadas por bombaceas — mungúba, samaúma e embaúva ou embaibas — madeiras brancas, quasi sem prestimo algum nas industrias, ao passo que na zona central do nosso Estado, particularmente na conhecida por *matto grosso*, excellem as incomparaveis essencias acima alludidas, e não têm rivaes no Brasil inteiro.

E' preciso repetir que não ha na *Hylaea* uma só palmeira que exceda em diametro e altura o burity dos campos do *hinter-land*. *Mauritia vinifera*, e que se não deve confundir com o mirity, *M. flexuosa* da Amazonia, especie anã comparativamente áquella.

Na materia que versamos nada mais irritante do que a classica idéa assente de pedra e cal no tocante á distribuição geographica dos nossos especimens floristicos. Délla nos dá a mais deploravel idéa certas monographias que por conta do ministerio da Agricultura vêm-se publicando ultimamente.

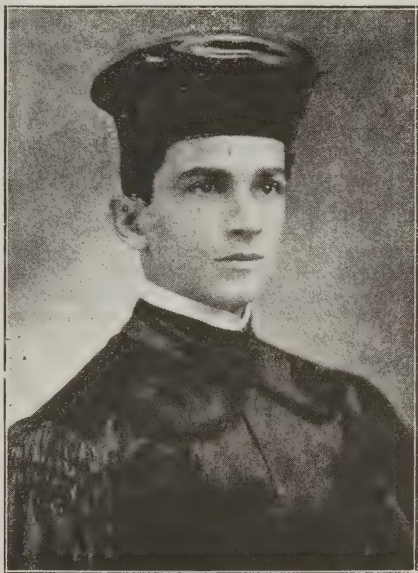
No entanto, sobre este interessante capitulo foram dados á luz em vernaculo, não á custa dos cofres federaes, mas sim dos de Minas e Rio Grande do Sul, duas obras magistraes que sobre a flora do Brasil appareceram posteriormente á de Martius. Bastava este simples enunciado para que os estudiosos das cousas do Brasil ficassem sabendo desde logo que nos refirimos á "Lagôa Santa" de Warming e a "Vegetação do Rio Grande do Sul", de Lindman.

Dá-se com a flora brasileira o mesmo que com a fauna, isto é, pensamos geralmente que os seus maiores especimes estão já sufficientemente conhecidos e systematizados desde o cyclo aureo das primeiras explorações scientificas pelos naturalistas vindos a estas partes da America. Com materiaes imperfeitas, defficientes, colhidos a *vol d'oiseaux* pelos Natteres e registrados os nomes indigenas e vulgares erroneamente, como poderiam os Cuvier e os Linneus elaboral-os definitivamente?

Naquellas magnificas contribuições para o conhecimento da nossa flora, e gramineas principalmente, havidas como peculiares aos nossos Estados Sulistas, foram constatadas em Matto Grosso, Goyaz e Minas.

Tudo quanto acima fica, sobre ser verdade, é uma tristeza, tanto mais quanto depõe contra nós, que não conhecemos a prata fina de casa. As linhas acima, confessamos, foram inspiradas nos preciosos fructos das pregações, em *Chacaras e Quintaes*, do nosso eminente mestre Dr. Luiz Pereira Barreto, sobre o *Guarapuruvú* e *Jacarandá preto*, aliás encontradiços em Goyaz.

Só não concordamos que estas essencias sejam as mais uteis e preciosas do Brasil; mas o são, sim, no estado actual dos nossos conhecimentos scientificos.

HENRIQUE SILVA.

HUGO DE CARVALHO RAMOS

Cheios de piedosa saudade pelo autor extraordinario de *Tropas e Boiadas,* é que cumprimos o triste dever de lhe registrar o prematuro passamento.

A Informação, em cujas paginas o talento do nosso mallogrado companheiro de trabalhos tanta vez brilhou, traz-lhe hoje um sentido adeus.

Si elle nascesse noutra terra e não na que a sua musa decantou, quantas flores campesinas não se juntariam ás nossas para serem desfolhadas sobre o seu tumulo, em nome d'ella!

Bom, meigo e saudoso Hugo! teu nome hade ficar para sempre em paginas primorosissimas da véra litteratura brasileira e no coração dos teus amigos.

A Redacção.

E' infausto noticiar a morte de um autor joven, cuja intelligencia se manifestou no estudo de cousas brasileiras e para o ensinamento dos brasileiros.

Tal cousa se dá neste momento quando me acabrunha o dever de dizer alguma cousa sobre Hugo de Carvalho Ramos, cujo desgraçado passamento tanto emocionou o publico que lê e leu o seu interessante livro *Tropas e Boiadas.*

Eu o li e o achei de tão raro merecimento como estudo de uma feição da nossa patria que não o julguei capaz de ter sido feito por autor tão moço.

Soube-o mais tarde e mais admirei a obra.

Agora que tive noticia do seu lamentavel fallecimento mais a minha admiração cresce com a saudade que elle me deixa.

LIMA BARRETO.

D. LEOLINDA DALTRO

Aquelles que estudam com amor as cousas que já agora têm o nome de nacionalismo, bem sabem quanto nós mesmos costumamos desfazer no esforço dos que o praticaram e ainda praticam-n'o de coração.

Ha na nossa vida de Nação desconhecida tres nomes femininos que, justiça seja-lhes feita, se impõe á gratidão nacional: M.mes Agassiz, H. Coudreau e Dra. E. Snethlage, actual directora do Museu Goeldi do Pará. A primeira dellas acompanhou ao Brasil seu digno esposo e notavel scientista.

M.me Coudreau não só foi companheira inseparavel do explorador dos grandes affluentes do Amazonas, como exploradora scientifica completou-lhe a obra, já na sua viuvez; finalmente Snethlage que emprehendera varias viagens de exploração na Amazonia.

Todas ellas possuem por igual á gratidão dos brasileiros.

Mas, se tão justas homenagens rendemos e devemos render a esses talentos femininos, porque esquecer o nome d'uma patricia illustre que, sem favor, pode-se apresentar com tantos titulos de recommendação a nossa estima?

Referimo-nos a D. Leolinda Daltro — que se não se occupou da fauna ou da flora do Brasil — fez causa mais meritoria: cultivou com carinho o espirito dos incolas habitantes da *sylvia-mater* de Martius.

Ella apenas teve uma antecessora — Damiana da Cunha, a mulher Apostolo, como ficou conhecida na nossa historia a missionaria da extincta Aldeia Maria, onde o sabio Saint Hilaire foi especialmente para visital-a, quando da sua viagem a Goyaz; em principios do seculo passado.

***

A rainha dos Cayapós teve a sua suave recompensa da morte como paga de sua abnegação e talvez mais eloquente do que qualquer outra, fosse a insigne graça recebida a

titulo de premio as suas aventuras envangelisadoras. Certo as penas supportadas nos baixões do Araguaya, e na Camapoania, deveriam ser mal remuneradas ou esquecidas.

Haja vista que o esposo de D. Damiana, Manoel da Cruz, em 1832 reclamando da Assembléa Legislativa Geral uma tença, pois acompanhara sua esposa em varias peregrinações, apenas obteve a entrega de vez da quantia de 20$000. Estava salda a conta da sertanista e a benemerencia imperial desquitada desta divida de honra.

A morte se apiedou portanto de D. Damiana, cerrando seus dias de gloria n'uma humilde casa de taipas da aldeia de Mossamedes, humanitaria construcção do visconde de Lapa, ao lado do seu confessor o padre Ramalho, de seu esposo e de sua macobria companheira Anna Luiza, que desde a fundação da aldeia, 1777, era professora de arte de tecer e fiar.

Na figura da india canoeira Maria ficou na historia uma outra pagina interessante e inedita de abnegação da mulher indigena. Em 1798, quando o famoso reforço de 800 homens descia o Tocantins, requesitado por D. Franscisco de Souza Coutinho, capitão general do Pará, commetteu-se um ataque aos estabelecimentos dos Canoeiros, então domiciliados nas ilhas do grande rio, de accôrdo com as instrucções do capitão general Tristão da Cunha Menezes, celebrado nos enredos de amor do seu governo anarchico e improficuo.

Em um alojamento de 2.000 Canoeiros foi tal o massacre, que apenas uma india de 2 annos de idade foi poupada á morte. D. Damiana acompanhando seu primeiro esposo o sargento José Luiz, commandante desta empreza, esteve presente ao ataque, nascendo talvez d'ahi sua primeira compaixão pelas privações de seus companheiros da selva, inutilmente cahidos ás pederneiras dos barbaros cate chistas.

A pequena india foi baptisada recebendo o doce nome de Maria. Ao que se sabe até hoje, foi o unico representante dessa tribu trazido a porta da christandade. Esta igual de D. Damiana, aos tinta e tantos annos de idade, 1829, prestou o concurso de suas forças á catechese, no governo do marechal de campos Miguel Lino de Moraes.

Levantava-se o forte de Paranatinga e para guarnecel-o foram criados as esquadras volantes. O intuito principal era chamar os Canoeiros á civilisação.

A interprete Maria, contractada pelo presidente da pro vincia, confabulando com seus irmãos, ouviu dos principaes que o grande odio da tribu nascera com a famosa carnificina de 1798.

Ainda que sem proveito a campanha da nova Damiana merece especial menção. O emprehendimento de Paranatinga terminou mal: um dia em que as forças do forte singravam Maranhão abaixo em uma igarité, ao sabor da corrente, levando á prôa a imagem harmonisadora da india Maria, uma nuvem de settas coalhou o fundo da fragil embarcação que foi a pique, sepultando nas aguas numerosas todos os tripulantes, a excepção, coisa admiravel! da india que escapou para relatar o infeliz acontecimento.

Desta época em diante o orçamento da Provincia consignou á denodada servicola uma gratificação de 5$000; mensaes, igualmente paga á d. Damiana desde 1823, mas a titulo de soldo deixado pelo sargento José Luiz, fallecido seguramente em 1819, deizando d. Damiana em tal pobreza, que para se manter foi obrigada a casar-se com o soldado de pedestres, Manoel da Cruz que depois foi seu companheiro de entrada pelos sertões em 1828, 1829 e 1830 — anno de sua ultima aventura aos incognitos.

Ao ter debaixo da vista o livro e a historia de D. Leolinda Daltro, vem de molde recordar estas paginas quasi ineditas que um dia servirão de postico ao relato dos successos das bandeiras enviadas aos indios, capitulo, digamos de passagem, ainda por se escrever.

A critica até hoje o muito que fez pela illustrada professora Daltro foi involvel-a com um sorriso ironico, improprio de quem pretende ser juiz recto. Entretanto ella é bem a moderna mulher apostulo — o exemplo da tenacidade — merecendo ser incluida em vida na galeria de nossas mulheres illustres, pelo coração, pelo talento, pela coragem e energias masculas, tonalidade pouco conhecida em suas irmãs néo-latinas, as mais bellas criações de amor. A digna remanecente do sangue dos Pires de Campos, envolta ainda na obscuridade, desperta ao philosopho e ao critico uma subida admiração.

Quem, joven, prendada de illustração, afagada pelo amor de seus filhos, elegante figura de salão, jamais se atirou ao desconhecido no emprehendimento heroico-barbaro de catechizar indios, só pelo prazer de humanitarismo?

Quem?

Quem nessa quadra de evoluções da alma, coração aberto ao amor, deante de uma natureza de artificios em festa, jamais trocou um salão de galas pela humilde cabana ribeirinha, o homisio da gentilidde?

Quem?

Deante do edificio, deante dos tropeços de todos os passos não sentiu desanimo uma só vez?

Quem?

E' tão heroica a figura de Leolinda Daltro através de sua aventura que uma apparencia de mysterio vem desnaturar seu trabalho, entremeiando-o de impossibilidades, destruindo a melhor parte desta epopéa ainda inedita.

Nesta capital preparanlo-se para a jornada, Leolinda era a representação da mulher ousada; iniciando sua viagem foi a mulher-energia; removendo os mil e um sacrificios que se antipuzeram aos seus passos, foi a mulher-abnegação; rompendo os sertões, pés descalços, humilde, abrigando-se nas choupanas, foi a mulher heroica; supportando a terrivel verrina de seus inimigos, que foram ao ponto de pretender atraçalhar os mais finos sentimentos do coração feminino, foi a mulher divina e pisando as ardentes e brancas areias do Araguaya e Tocantins, foi a mulher-apostulo.

Lá nessas invias solidões, silencio profundo, de vez em vez interrompido pelo pio de uma ave, fitando a esteira crystallina e mansa do Araguaya, quantas vezes acariciou, saudosa, no seu pensamento a imagem dos seus filhos, recordação a que talvez se vieram ajuntar.

A saudade é um symbolo de fraqueza como o é o amor em qualquer de suas modalidades, mas Leolinda Daltro soube sempre vencer a ambos o espirito sadio de sua alma sonhadora de gloria e humanitarismo.

Ha porém emprezas humanas que por mais distinctas em seus intuitos nunca logram sympathias, assim a de d. Leolinda está ainda á espera da justiça de seus conterraneos que, não em sua totalidade, em outros tempos procuraram amesquinhar o seu prestigio, diminuir o valor de sua obra e semeiar urzes e cardos ante seus passos.

O primeiro e recente livro da illustre professora — DA CATECHESE DOS INDIOS NO BRASIL e a prova documentada do que foi sua viagem ao *Hinterland, devendo* logo acompanhal-o um segundo em que a notavel patricia vae contar com todos os seus pormenores o drama de suas aventuras e a tragi-comedia em que a envolveram seus inimigos.

A Informação Goyana encarecedora das qualidades de todos que têm prestado e prestam o concurso de súas forças ao engrandecimento de Goyaz, congratula-se com a escriptora patricia pelo apparecimento de seu livro.

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1921 — VOL. IV — N. 11

SUMMARIO

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

VII

(Continuação)

Sahidos que foram os presos para Cuyabá, não confiante S. Excia. nos capangas que o circumdavam, enviou á Alagôas o Snr. Manuel Teixeira, promotor da comarca, afim de trazer de lá grande quantidade desses avalentoados, que viriam servir de sustentaculos ao seu futuro absolutismo. Lançando então S. Excia. mão em varios immoveis da cidade de Sant'Anna, sem previo consentimento dos seus legitimos donos, começou com uma febricidade extranhavel a preparar os alojamentos para esses seus cães de guarda. Tremenda campanha iniciou S. Excia. contra as suas victimas, cabalando perante o Presidente do E. de Matto Grosso, a confirmação pelo Tribunal da Relação de Cuyabá dá pronuncia tão infundada desses tres homens uteis á patria e á sociedade, como mandatarios do assassinato de um malfeitor, fructo não da justiça de cujo culto é S. Excia. ministro, mas sim da necessidade intrinseca da inutilização desses tres membros da sociedade Santannense, afim de que para o futuro não embaraçassem a completa realização de seu plano gigantesco de exterminio do pessoal abastado do municipio e completa absorpção de todos os seus haveres. Não confiante no bom exito dos seus esforços, mandou ao Rio de Janeiro, o Snr. Olympio Ribeiro, delegado e collector estadual, afim de o mesmo fazer por intermedio do Snr. João de Aquinos, genro do Presidente de Matto Grosso. Voltando o Snr. Olympio Ribeiro trouxe quarenta dos capangas encommendados, que vieram a socapa de immigrantes expulsos do seu torrão natal pelos horrores da fome; achando o Snr. Promotor de bom avizo cá não voltar. Nesse comenos o Snr. Antonio Veneri Nolla, membro influente da familia Garcia e fazendeiro abastado neste municipio, havia comprado em Uberaba trinta contos em mercadorias afim de negocial-as no sertão, quando soube que o Snr. Dr. Juiz, pretextando haver recebido denuncia de como nas referidas cargas vinhão 12 contos em armamentos, as apprehendera ainda no barranco mineiro, violando nessa occasião varios involucros. Comtudo o Snr. Veneri, homem pacifico e criterioso, tudo isso relevando, enviou a Sant'Anna um seu encarregado, acompanhando uma carta dirigida ao Snr. Dr. Juiz, na qual dava-lhe amplos poderes, afim de que abrisse as suas cargas e revistasse a seu talante e fizesse o favor de entregal-as ao portador, pois que a conducção já retardava em Sant'Anna ha muito e caso contrario o seu prejuizo seria total. O Snr. Juiz, porém, na sua presumpção tola de espirito doentio, respondeu-lhe que aguardasse a volta da autoridade policial, talvez como intuito de começar os preparativos para a cobrança do celebre gado arrebanhado pelo Cel. Antonio Camargo. No ultimo periodo revolucionario, achando-se o Cel. Francisco Garcia a braços com serias difficuldades, pois o Cel. João Luiz emprehendera atacar Sant'Anna, havendo previamente propalado em Uberaba,alto e bom som que dessa vez tudo arrasaria, não tendo complacencia para com individuo algum, a população do municipo accudiu pressurosa a congregar-se ante esse seu chefe e leal amigo afim de livrar-se de tão terrivel inimigo. O Cel. Antonio Baptista Camargo, reunindo cento e trinta homens, todos de sua fazenda que dista de Sant'Anna cincoenta leguas, tambem veio em auxilio dos seus conterraneos. Rechaçado o Cel. João Luiz do Nascimento e banido para o E. de S. Paulo, o Cel. Antonio B. Camargo a conselho do Cap. Braz, da policia mineira, e de mais alguns companheiros de lucta, arrebanhou o gado que encontrou nos campos, desde o Taboado até Sant'Anna, unica parte deste municipio habitada por membros da familia Castro e levou-o comsigo. Na sua retirada, encontrando-se com as autoridades que vinhão de Cuyabá e delles nada ouvindo sobre o gado que levava, chegando a sua fazenda Pedra Azul, escreveu-lhes scientificando que isso havia feito não com o intuito de locupletar-se com esse gado, mas exclusivamente para tirar aos inimigos esse grande elemento, base principal de uma revolução e pondo-o inteiramente á disposição das referidas autoridades. E mais que dentre essas rezes, 648 pertenciam á familia Castro e as demais parte era ainda das roubadas por Dyoniso á familia Garcia e contramarcadas e parte de membros da facção a que era elle filiado. Respondendo-lhe a autoridade policial em exercicio,nomeou-o depositario do gado referido e mui cortezmente disse-lhe achar-se plenamente convicto do que o Cel. Antonio B. Camargo lhe dissera em sua missiva. Dias apoz isso, indo o Snr. Cel. Vicente Macedo, como emissario da familia Castro, buscar o gado alludido, o Snr. delegado, a mando do Snr. Dr. Juiz, de novo escreveu-lhe, dizendo que não entregasse tal gado, pois que as autoridades de Santa Anna achavam-se no proposito firme de manter todos os seus actos anteriores a data em que lhe escreviam por seu intermedio. Utimamente indo o Snr. Delegado á fazenda

da Pedra Azul, finalisar esse negocio, combinou com o Cel. Antonio B. Camargo em mandar buscar o referido gardo. Como de facto, dias apoz esse ajuste, quatro soldados, acompanhando um emissario da familia Castro e camaradas a mando do Snr. Major Olympio Ribeiro, foram á Pedra Azul, campeando a seu talante e retirando todo o gado ahi existente com a marca dos Castros. Havendo porém novas reclamações da parte interessada, respondeu o Cel. Camargo, que intentasse uma acção em juizo e promptificando-se a pagar no que fosse condemnado em final sentença. Nesse interim o Snr. Dr. Juiz, não trepidando em conspurcar a sua toga magistral, enxafurdando-se nesse lamaçal de sangue humano, em que vivem os assassinos que desde os tempos imemoriaes do correntino Dyonisio pululão neste municipio, fez de Sant'Anna numerosa força composta simultaneamente de capangas da familia Castro, assassinos famosos dos sertões de S. Paulo e Minas e praça da força policial de Cuyabá, commmandada pelo Major Olympio Ribeiro. Essa força levando prisioneiros a dois amigos nossos, Manuel Florencio Epaminondas e Antonio Xavier, ao passar pela ponte do rio Sant'Anna, distante da cidade uma legua, barbaramente fuzilou-os, atirando-os no leito do rio, como se assim levassem dos annaes da nossa historia chorographica esse horroroso crime. Apoz isso, fraccionando-se a força, foi sitiar em dia aprazado as fazendas do Cel. Mizael Garcia Moreira e José Marques Garcia, obrigando-os ás maiores humilhações e revistando e violando as suas correspondencias. A' maneira dos salteadores da Calabria foram esses individuos aglomerados sob o pomposo titulo de representantes da justiça, atacar a fazenda do Cel. Antonio Baptista Camargo, que achava-se em Aquidauana, no sul do E. de Matto Grosso, a negocios, arrasando a fogo os seus campos, exterminando as suas bemfeitorias e saqueando o gado que achavão de 1.800 a 2.000 e 250 animaes de tropa. Pondo tudo por diante voltaram esses desequilibrados, como o fero Plutão, arrazando os campos por onde passavão a ferro e fogo, perseguindo atrozmente aos membros da familia Garcia, obrigando-os a exilarem-se no Estado de Goyaz, afim de não cahirem victimas do trabuco assassino desses dignos representantes da justiça cuyabana. Daqui, portanto, esta vos dirigimos, Exmo. Senhor, esperando do seu assendrado patriotismo e alto criterio administrativo, que nos auxilie francamente afim de que Goyaz seja reivindicado desse pedaço de terreno que habitamos e legitimamente lhe pertence. Outrosim que dessa fórma V. Excia. fará mais uma vez juz ao seu tão justo renome de provecto economista, pois que isto será de grande alcance para a economia politica do Estado, não só attendendo ás rendas actuaes deste municipio, como pelos proventos que com o decorrer dos tempos poderá o E. de Goyaz tirar da evolução progressista que á sombra da paz inevitavelmente virá passar este municipo. Pois que fadado a um progresso extraordinario, e não em época muito longinqua, é este municipio, não só pela sua topographia, como pelas relações commerciaes que de ha longos annos conserva inalteravel com os grandes centros, mantendo altaneiro o seu credito e tambem pela fertilidade de seus terrenos e riqueza de seus campos pastoris, nos quaes abundam o gado superior de raça zebú e caracú, de ha muito trazidos pelos habitantes progressistas deste municipio. Dessa fórma poderá Goyaz mui facilmente e sem grande sacrificio estabelecer uma rede ferro-viaria, que cortando toda a zona sul do Estado até á Capital, ligando-a com os grandes centros de progreso e industria, dessa fórma rasgando a esse Estado nova era de engrandecimento, fazendo-o entrar no quadro dos Estados desta grande Confederação Brasileira, que mais se tem avantajado nesta lucta titanica pelo seu progresso, afim de que possam rivalisar. Para isso, contando o E. de Goyaz com uma renda fixa de 200 contos annualmente, em cujo desembolso tem estado até hoje por sua livre e expontanea vontade, pois que a passagem do rio Paranahyba de boiadas annualmente produz no minimo 150 contos e o municipio exporta uma media de 20 mil rezes annualmente, cujo direito de exportação monta em 80 contos. A companhia paulista Sorocabana e Ituana projectam trazer os seus trilhos até o salto do Urubupungá, no rio Paraná, advindo portanto muito breve para este municipio uma época de rejuvenescimento, sendo portanto esta, a época mais propicia ao Estado de Goyaz e reintegrar-se deste territorio. Sendo essa reintegração de summa importancia para nós, porque dessa fórma tambem ficaremos mais perto da nossa metropole, pois que Cuyabá dista daqui 270 leguas, ao passo que Goyaz não excede de 120. Dessa fórma, estando á sombra da Capital, nos será mais facil orientar o governo deste municipio, de fórma que a sua paz seja inalteravel e os haveres e as vidas dos municipes seja garantida pelos poderes publicos, portanto mais uma vez reiterando o nosso pedido, abaixo nos subscrevemos, fazendo votos para que as auras da felicidade nos bafeje nesta hora suprema de lucta pela nossa independencia. — Sant'Anna do Paranahyba, 7 de Setembro de 1905.

E dizer que este importantissimo documento plebicitário nem ao menos mereceu a minima consideração por parte dos arbitros arbitrarios.

Ora, conhecido como era o jogo a descoberto que d. Aquino fazia com o alto clero brasileiro, não era licito que Goyaz aceitasse como arbitro desempatador na sua pendencia de limites com o Estado visinho um ultramontano.

(Continúa).

HENRIQUE SILVA.

AUTO VIAÇÃO EM GOYAZ

Na reunião semanal da Sociedade Nacional de Agricultura, realizada a 21 do mez p. findo, o nosso director, Major Henrique Silva, apresentou uma indicação, para que a Sociedade dê o seu apoio á concessão de subvenção á Empreza Auto-viação Roncador a Annapolis, no Estado de Goyaz.

Justificando o pedido, expôz os seguintes dados:

O governo goyano concedeu privilegio de zona á Empreza, de que é concessionario o coronel Pio José da Silva, de Campo Formoso, firmando-se o contracto a 23 de Novembro de 1919 e dando-se o prazo de 2 annos para a construcção.

Accelerando convenientemente os seus serviços, a Empreza inaugurou a 28 de Fevereiro de 1920 a linha ligando a Estação do Roncador, na Estrada de Ferro de Goyaz, ás cidades de Campo Formoso e Bomfim e a 1 de Junho do mesmo anno fez a ligação a Annapolis.

A estrada ficou constituida de 203 kilometros, seccionados pela fórma seguinte:

De Roncador a Campo Formoso 56 kilometros; de Campo Formoso a Bomfim 79 e 1/2 kilometros; e de Bomfim a Annapolis 74 e 1/2 kilometros.

A Empreza deu aos serviços a maior intensificação e as suas linhas se tornaram tronco dos seguintes ramaes:

1.° De Campo Formoso a Santo Antonio do Cavalleiro, que se ligará á linha de Ipamerí a Cristalina, Formosa, Planaltina e Santa Luzia;

2.° de Brejão, estação intermediaria entre Campo Formoso e Bomfim, á Santa Luzia, Planaltina, Formosa e Cristalina, quatro cidades do Planalto Central do Brasil;

3.º De Bomfim a Bella-Vista. Este ramal firmou communicações: para o Norte, com Campinas, Trindade, Inhumas, Curralinho e Goyaz (Capital); para Oeste, com Piracanjuba, Morrinhos, Burity Alegre. Bananeiras e Santa Rita do Paranaíba, de onde partem as linhas: *a)* do Sudoeste goyano, servindo a Rio Verde, Jatahy, Mineiros, Rio Bonito e Santa Rita do Araguaia; *b)* do Triangulo Mineiro; para o Sul, com Caldas Novas e Santa Cruz;

4.º de Annapolis a Jaraguá, passando por Aracaty e S. Francisco das Chagas, devendo prolongar-se a Curralinho;

5.º de Annapolis a Corumbá;

6.º de Annapolis a Pyrenopolis.

Está em andamento a Empreza Annapolis a Inhumas, que é o coração da portentosa floresta que é o Matto Grosso de Goyaz.

Como se vê, a Auto-viação Roncador-Annapolis impulsionou largamente o desinvolvimento das communicações rapidas no Brasil Central e tem titulos de benemerencia. Ella realizou um valioso serviço de expansão economica e é por suas linhas que se fazem as communicações normaes das linhas que vão ter a Goyaz.

Assim, pode-se ir hoje a Goyaz com 3 dias e uma noite de locomoção ferrea e 14 horas de automovel.

Secundando a proposta do nosso director. o nosso companheiro, deputado Americano do Brasil ennalteceu os serviços da auto-viação Roncador a Annapolis. que o governo do Estado subvencionou com o auxilio de 100$000 por kilometro e accentuou ter Goyaz em trafego mais de 2.000 kilometros de linhas de automoveis.

O snr. dr. Miguel Calmon, presidente da Sociedade, teve palavras de enthusiastico applauso ao progresso das communicações rapidas no Brasil Central e assegurou que a Sociedade Nacional de Agricultura dará todo o seu amparo á justa solicitação.

Estiveram presentes á reunião, além dos nossos companheiros, os snrs. senador Ramos Caiado, deputado Napoleão Gomes e jornalista Moizés Santana.

A SITUAÇÃO ECONOMICA E FINANCEIRA DE GOYAZ

Topicos da ultima Mensagem presidencial

"A eloquencia dos algarismos, que tereis occasião de verificar, demonstra-nos que é uma realidade a prosperidade da nossa situação economica.

As lições da grande guerra européa muito nos aproveitaram, dando lugar a que cuidassemos de voltar as vistas para o nosso sólo, fertil como os mais ferteis e permittindo toda sorte de culturas pela variedade de climas.

A industria, o commercio e a agricultura continuam mostrando a sua vitalidade.

Apezar da crise de numerario, a que já me referi, o valor official da exportação, no anno de 1920, montou em 12.121:568$200.

A nossa evolução economica, durante o meu Governo, está representada pelos seguintes valores officiaes:

1917	12.001:243$785
1918	13.815:533$927
1919	16.130:781$657
1920	12.121:568$200

Occupam os cinco primeiros lugares em valor official, na exportação de 1920, os seguintes productos:

Gado bovino	8.907:975$000
Arroz	712:269$360
Xarque	515:756$875
Sola	511:150$000
Fumo	343:397$000

E' pois, um facto que de 1917 até hoje a exportação de Goyaz tende sempre a augmentar-se.

Em 1920, foram exportados os seguintes productos:

Cabeças de bois	79.182
Cabeças de muares e cavallares	713
Cabeças de suinos cevados	1.829
Cabeças de suinos magros	568
Cabeças de lanigeros e cabrum	215
Kilos de fumo	114.499
Crystal	8.926
Kilos de borracha	2.361
Kilos de solas e pelles curtidas	204.460
Kilos de pelles crúas	29.242
Kilos de couros salgados	6.982
Kilos de arroz	2.158.392
Kilos de feijão, fava, etc.	15
Kilos de farinha	12.329
Kilos de toucinho	12.329
Kilos de xarque, carne de gado	825.211
Kilos de assucar	27.893
Kilos de café	220.599
Kilos de sebo	98.480
Kilos de doce	6.369
Kilos de manteiga	18.155
Kilos de milho	8.570
Kilos de amendoim e fubá	46.385
Kilos de batatas e cará	661
Kilos de demais generos	609.584
Kilos de telhas e tijolos	294.653

O total do imposto de exportação arrecadado nos cinco exercicios ultimos foi o seguinte:

1916	814:381$150
1917	964:479$040
1918	1.182:051$889
1919	1.342:766$720
1920	1.012:310$342

Como se verifica, os annos de 1918 e 1919 tiveram a vantagem, assim como para os outros Estados da União, de tornar mais facil a exportação dos nossos productos pela abundancia de numerario.

Dentre esses productos destaca-se incontestavelmente o gado que em 1919, tendo sido exportado na quantidade, 118.712 cabeças e em 1918, de 83.374, produzindo na primeira a renda de 959:908$000 e no segundo de rs. 734:230$, foi em 1920, na quantidade de 79.182 cabeças, rendendo 712:038$000.

Se é verdade que o fiel da nossa balança economica ainda é o gado, tambem é certo, como já notei, que elle já não tem mais a supremacia absoluta entre nós.

Outros productos têm vindo, supprir a diminuição da renda do gado, não devida á producção, que continúa a ser grande, mas a crise de dinheiro.

Houve uma differença de 39.530 cabeças para menos na exportação do gado em 1920, comparada com a arrecadação dos dous ultimos exercicios.

Mas não foi consideravel o prejuizo do Estado com esse facto, devido a providencia salutar que tomei determinando, por acto de 19 de Dezembro de 1919, que a cobrança desse imposto no exercicio passado se fizesse na razão de nove mil réis por cabeça, quando em 1919 o fôra oito mil réis, acto perfeitamente justificavel diante do preço elevadissimo que attingio esse producto entre nós.

SALDO DISPONIVEL

No dia 10 do corrente, data em que mandei proceder a um balanço geral na Secretaria de Finanças, que vai annexo, o saldo disponivel do Estado, em moeda corrente, em cofre e nos Bancos era de 2.283:086$345, sendo:

No Banco do Brasil, com juros contados até o dia 30 de Abril	531:562$000
No Banco Mercantil em conta corrente a juros de 2 %	269:601$200
Em cofre	1.039:347$208
Em poder da Estrada de Ferro de Goyaz, producto de arrecadação ainda não restituido.	442:575$937
Total.	2.283:086$345

Neste saldo não está computado, de ver é, o numerario em poder dos exactores e em transito para a Secretaria de Finanças.

Nelle tambem não estão incluidas as importancias relativas ás quotas de loterias do ultimo semestre, no valor de 15:809$971 e a arrecadação da Estrada de Ferro do mez de Abril, na importancia de 14:858$000, já conhecidas mas não recebidas ainda.

DIVIDA ACTIVA

A divida activa do Estado, proveniente de impostos que não foram pagos em tempo opportuno e que a 31 de Dezembro de 1919 era de 774: 778$890, se elevou até 31 de Dezembro findo a réis 889:411$912.

Foi pequena a cobrança dessa divida no anno findo.

Apezar das providencias suggeridas pelo decreto n. 5.548 de 25 de Outubro de 1917, pouco se tem feito nesse sentido.

A nomeação de cobradores especiaes, que tão bons resultados tem apresentado, não tem sido possivel por circumstancias varias.

A Directoria da Estrada de Ferro de Goyaz tambem deve ao Estado a somma de 442:330$825 réis, de impostos que arrecadou e que não restituio nos termos do seu contrato, apezar dos meus esforços nesse sentido.

Tambem o municipio da Capital deve ao Estado, proveniente de contribuição para os festejos do Centenario de Goyaz da luz electrica, até 30 de Abril, a quantia de 23:597$225.

O valor da divida activa de Goyaz é pois de 1.331:742$737.

Além deste activo, existe o representado pelas terras devolutas do dominio do Estado, que são a sua maior riqueza e cujo valor é incalculavel.

DIVIDA PASSIVA

O Estado não tem divida de qualquer natureza que seja, interna ou externa:

Resgatei todos os compromissos que tinha o Estado, inclusive os provenientes de sentença judiciaria, tudo no valor de 762:029$136."

ESPECIMEN BOVINO DOS FLORIDOS CAMPOS NATIVOS DE GOYAZ

E nesse admiravel producto da nossa industria pastoril, quem, com olhos de zootechnista não ha de vêr o cruzamento do *China* com o *Curraleiro* de Goyaz?

O nosso *cliché* foi calcado n'uma photographia que nos offerecera o snr. senador Eugenio Jardim, que na sua fazenda da Quinta, ainda se dá ao luxo de criador n'um paiz onde os seus pares, no Senado, ignoram o proprio expoente da nossa riqueza pecuaria...

A FAMILIA DO ANHANGUÉRA

Sob esta epigraphe, o nosso collaborador, snr. Moizés Santanna, jornalista e advogado, Director Geral da Sociedade Goyana de Geographia e Historia, com séde em Bomfim, Goyaz, acaba de publicar no *O Estado de S. Paulo* uma série de artigos, que constituem interessantes subsidios historicos.

Na impossibilidade de os transcrevermos, como desejavamos, queremos, todavia, registar em nossas columnas o fecho do trabalho expresso nas seguintes palavras:

"Outras terras, como Jaraguá, S. José do Tocantins, Cavalcanti e Natividade, outrora florões de progresso, não passam hoje de meio-mortos, onde a vida se estagnou.

Meia Ponte, a gloriosa Perola dos Pireneus, onde se fixou o escol das gentes de S. Paulo, terra riquissima, onde os Frótas seccavam o ouro amontoado sobre couros de bois e os irmãos Manuel e Joaquim Alves de Oliveira, naturaes do Pilar, vieram a ter a mais bem organizada fazenda do Brasil e cujos productos, assucar, fumo e algodão, se exportavam, em tropas, para Cuyabá, para S. Salvador da Bahia e para o Rio de Janeiro, é ainda um feitio de cidade fidalga, de aspecto colonial, formosa em si mesma, com o seu ceu de saudades, seus morros majestosos, suas aguas magnificas, seu calçamento apreciavel e seu todo "personalissimo" de terra talhada a ser a primeira de Goyaz.

No entanto, que horrivel decadencia alli se observa, em confronto do presente com o passado!

Em 1844, quando á primeira vez alli se reuniu o Tribunal do Jury, 48 juizes de facto se apresentaram á sessão, vergando casaca e cartola de pello; e, hoje, tal é a decadencia na cultura moral e intellectual de seus filhos, tal o relaxamento na capacidade criadora e productora da população que, não valessem ainda hoje os restos da velha cultura, do alto nivel de outróra, e a politicalha, feita de rancores, de injurias, de pasquins, ter-lhe-ia dado o destino do Pilar.

Não mais divaguemos. Ha, em todo o Brasil, uma grande obra de reconstrucção social a realisar-se, e, se Goyaz, que os Buenos deram á Patria, soffre vicissitudes, não são mais felizes os povos de outras plagas...

Nosso objectivo foi lançar uma memoria sobre a familia do Anhanguéra. Tanto quanto as circumstancias nos permittiram, a obra se produziu e a generosidade da redacção do *Estado de S. Paulo* a dá publicidade.

Meditem os que se interessam pela Patria, grande e forte, sobre a decadencia e a degeneração que estas linhas denunciam e vejam se somos capazes de uma reacção salutar, ou se nos devemos resignar ao fatalismo que ha nas palavras do venerando mestre, sr. senador Diogo de Vasconcellos:

> "Dizia Antonil que tinha Deus permittido se descobrisse tanto ouro para com elle castigar o Brasil. A verdade, porém, é que a fatalidade perseguiu até a morte os principaes descobridores! E' que elles interromperam nos indios a obra de Deus, confundindo Evangelho e ouro, Christo e escravidão".

Em Goyaz, a perseguição se estendeu além da morte e gravou aos descendentes".

PELA INDUSTRIA PASTORIL DE GOYAZ

A RAÇA MOCHA, DE AMARO LEITE

Desde muito esta revista vem estudando a pecuaria goyana e já se tem referido sobre as diversas raças vacuns, que povoam as verdes campinas dos Sertões do Amaro Leite.

Ainda ha bem pouco tempo o nosso director escreveu, em bôa hora, um bellissimo artigo relembrando os curraleiros do Norte e falou sobre as tradições daquella magnifica raça bovina.

A proposito, hoje, vamos dizer o que é a raça môcha de Amaro Leite, que talvez o proprio ministerio da Praia Vermelha desconheça...

A raça môcha de Goyaz é de mais recente formação que as raças môchas inglezas, porque na America o apparecimento vaccum se deu muito depois ao seu descobrimento na Inglaterra, segundo nos diz Thomaz Sawh, no *The Stud of Breeds,* fazem remotar a origem do *Aberdeem-Angus,* da Escocia, á época prehistorica.

Verdade é que só no começo do seculo XVI appareceram na America do Sul as primeiras raças bovinas, importadas de Portugal, Hespanha e Hollanda, emquanto a America do Norte importava de preferencia o gado britanico, irlandez, escossez, escandinavo e germanico, que ainda hoje existe povoando os campos norte-americanos.

Existiam, no entanto, na riquissima fauna do Novo-Mundo, no grupo dos ruminantes, os *bos urus* ou *bisou* e outras variedades do genero *auchenia,* como — o guanaco, o lama, a alpaca, muitos explorados e domesticados pelos seus primitivos habitantes.

Assim, como se vê, a raça môcha de Amaro Leite é muito mais recente que a ingleza, podendo-se dizer que é hoje uma raça verdadeiramente nossa, pelo seu bello typo particular.

A pequenez dos chifres ou a ausencia destes sempre foi o caracteristico das raças melhoradas, quer na producção da carne, quer na producção da gordura e tem assim a sua superioridade sobre as outras diversas, segundo o parecer dos grandes mestres da pecuaria, porque, com muita razão dizem elles, que a alimentação não se deve desviar da producção da carne e do leite para alimentar appendices inuteis, como os enormes arcaboicos e cavilhas osseas de muitas raças bovinas.

Ahi a causa de muitos criadores intelligentes criarem de preferencia este gado, como existem em Goyaz, e tambem tive a occasião de observar em muitas fazendas paulistas, como a de S. Vicente, municipio de Guaratinguetá, de propriedade do Snr. Antonio Carlos Marcondes.

O gado *franqueiro* é provido de enormes armações corneas, resultando que a região — occiptal é um tanto mais deprimida quanto mais desenvolvidos são os arcaboços formados á custa dos elementos osteoplaticos do craneo.

Neste, ao contrario, nota-se uma elevação na nuca e na parte superior, uma excrescencia ossea curvelinea ou geralmente ponteaguda entre a base das orelhas que Charles Cornevin denominou oxycephalia.

Dahi o costume de vulgarmente appellidarem de *môcha de cabeça pontuda* e *môcha de cabeça chata,* destinguindo-se assim estas duas variedades.

A raça môcha é indiscutivelmente superior a qualquer outra raça e a goyana de Amaro Leite, como já disse anteriormente é uma raça verdadeiramente nossa, que suplanta talvez a môcha de *Aberdeem-Angus* na Inglaterra e a do Paraguay, pelo seu typo, pela sua mansidão, pela abundancia do seu leite, pelo seu peso, como nos afirma com muito criterio o abalisado criador paulista Coronel Rinaldo Salles de Oliveira — "as vaccas môchas goyanas de Amaro Leite, são de uma belleza de correção de linhas que encantam e de uma mansidão a toda prova, satisfazendo ao mais exigente criador, porque, são ao mesmo tempo leiteiras e pesadas, e, como o fim do gado é a industria e termo de sua carreira a balança, apresentam ellas estas duas grandes vantagens".

O Snr. Salles de Oliveira diz em poucas palavras, com muita justiça e sem pretenção, tudo que se poderia dizer sobre as môchas dos sertões de Amaro Leite.

Ahi está uma verdade que só talvez poderá contradizel-a algum zootchnista, que nunca se tenha dado ao encommodo de fazer um passeio por estas paragens do *hinter-land,* de conhecer e estudar a nossa industria pastoril.

O pantaneiro de Matto-Grosso, o clima de Minas, o franqueiro de S. Paulo, nunca suplantarão as môchas goyanas.

Goyaz é um estado por excellencia pastoril, mas é infelizmente esquecido pelo nosso Governo Federal, que se não lembrando do engrandecimento do paiz e da prosperidade da nação, trata com melhores cuidado da desemfreada politicalha...

W. C. F.

SOCIEDADE GOIANA DE GEOGRAFIA E HISTORIA

Na Cidade de Bomfim, Goiaz, acaba de constituir-se a Sociedade Goiana de Geografia e Historia, de fins educativos, com um largo e muito louvavel programma de acção.

Estudo e pratica de conhecimentos da historia e da geographia, intensificação do ensino primario, cuidados de hygiene e prophylaxia rural, serviço meteorologico, culto

civico, beneficencia e auxilios mutuos, bibliotheca publica, publicações, assistencia á infancia e á velhice desamparada, fundações hospitalares, auxilios aos Municipios, expansão do credito, auxilios aos interesses do commercio, da lavoura e da pecuaria, propaganda do imposto unico, combate ás molestias que tomam caracter endemico — tudo isso tem apoio dentro do programma.

Duas fundações, originaes para o *hinter-land*, foram feitas pela Sociedade: a Caixa Beneficente D. Pedro II e o Credito Bomfinense Leopoldo de Bulhões, ambas em moldes praticos.

A directoria da Sociedade ficou constituida dos seguintes membros:

Presidente, Henrique Silva; Vice-presidente, dr. Ayrosa Alves de Castro; director geral, Moizés A. de Santana; Secretarios, José Umbellino e Jonas Nascimento; thesoureiro, dr. Joel Lisboa; mordomo, Flavio Feliz de Souza, cronologista, Hermogenes Monteiro; archeologista, dr. Balthazar de Souza; meteorologista, professora senhorita Antensina Santana; bibliothecarios, Manuel Estelita Lobo e Misach da Costa Ferreira; procurador, Mario da Costa Ferreira; directores-fiscaes, coronel Joaquim José da Silva, coronel Francisco Bertholdo de Souza e coronel Francisco de Assis Moraes.

Contêm os Estatutos o seguinte:

CAPITULO X

Disposição Especial

"Art. 74. — A Sociedade Goiana de Geografia e Historia, tendo em reconhecimento o alto valor dos serviços prestados a Goiaz pelo ilustre e benemerito bomfinense, Comandante Henrique Silva, geografo, historiografo, naturalista e economista que conta mais de 30 anos de continuados e eficientes esforços em prol da integridade territorial, dos bons creditos e do vigor das possibilidades economicas do Estado de Goiaz, como poligrafo de ação muito eficaz, proclama o mesmo patricio seu socio fundador e benemerito e o reconhece como seu presidente perpetuo.

BOTANICA... ANIMADA

Recordação da exploração do Planalto Central

Na velha Meia Ponte, em pleno Planalto Central, achava-se acampado o grosso da Commissão Exploradora e de demarcação da area da futura Capital Federal.

Tomára, para sua hospedagem, o velho Solar dos Goulões, sito á rua Direita. Ahi se achavam, então, os sabios Luiz Cruls, chefe da Commissão, Henrique Morize, Julião Lacayle, Ernesto Ule e Eugenio Ussak. Com elles, os auxiliares, entre os quaes Tasso Fragoso, Celestino Bastos, Alipio Gama, Henrique Silva, Antonio Pimentel e outros.

Era toda uma companhia illustre e illustrada, a executar a grande obra de estudos e fixação.

A "Casa da Commissão" se tornou, desde lógo, o fóco de luz, ficando a velha cidade goiana a admirar os genios que ali se reuniram.

Maior do que todos, Cruls, e extraordinario pesquizador e coordenador. Era um Apostolo da Ciencia e do Trabalho e dáva o exemplo no esforço, na ordem, no metodo.

Reinava na Casa, a par do maior respeito, a mais bela camaradajem, alegria expansiva, sem excessos, nas horas de folga. Sobre tudo, ás refeições.

* * *

A gente da Comissão trabálhava todo o dia, muito em bons esforços.

O velho Ule, cientista alemão, botanico de meritos excepcionaes, levára horas em investigações, admirando a pujança da terra.

Quando regressáva á Casa, pasmou diante de uma especie de botanica... animada: uma mulher formosa, estrela sertaneja, de nome Julia, capaz de atrair a atenção de um frade de pedra.

O velho botanico pasmou.

Pasmou e vacilou, como se lhe bambeassem os passos.

De lonje, da Ponte do Carmo, Tasso Fragoso apreciára o "gesto".

* * *

A' hora do jantar, todos á mesa, reinava aquela doce camaradajem, em que o respeito se casa com a bonhomia.

Trocam-se ideias, referem-se acontecimentos, citam-se observações.

— Venho encantado, disse o velho Ule. Colhi hoje belas especies.

— E' verdade, dr. Cruls, interrompe Tasso Fragoso. O herbanario da Comissão foi hoje enriquecido com uma nova especie, uma *Juliacéa*.

O velho Ule corou. Cruls, compreendendo, sorriu a meio. Todos sorriram.

E era assim, no goso de uma familiaridade confortante, que a Comissão trabalhava. Todos satisfeitos e felizes.

Hoje... Passaram-se os tempos e a morte suprimiu a existencia de muitos dos benemeritos obreiros do grande trabalho.

Os sobreviventes têm no peito as flores da saudade desses mezes de labor; o Sertão, reconhecido e grato, saudades tem dos sabios pesquizadores, que constituiram a mais brilhante coorte que derramou luzes sobre a nossa Terra e as nossas riquezas.

Arvores, gramineas, solo, sub-sólo, tudo pesquizado; e a familia das Juliacéas como um ramo desinvolvido de *Inocencia*, de Taunay.

Mas.

OS CAMPOS NATIVOS DE GOIÁS

(ASPECTOS)

O eminente botanico Carlos Frederico von Martius, que tanta luz derramara sobre as riquezas da nossa terra, na sua monumental obra iniciada — a *Flora brasiliensis*, dividiu o Brasil em tres regiões floraes, a da Amazonia, a littoranea e a do Brasil Central, accrescentando a cada uma a denominação mythologica.

Goiàs é a região Montano-Campezina, de Oreade — a nympha que presidia aos bosques —, mas nos capões, itambés, guahybas e margens dos rios e lagos dessa paradisiaca região se encontram tambem vegetaes pertencentes á flora amazonica (região das Nardes), isto é, geonomas, Oenocarpus, Bactris e mais specimens botanicos que a esta ultima são peculiares.

A região goiana alcançando uma altitude de 1200 metros acima do nivel do mar, subdivide-se ainda em calida e frigida, disputando o dominio nos capões, cerrados e taboleiros do seu planalto as Hamandryades, Orades e Dryades, consoante a affirmativa do notavel sabio allemão. E' ahi, pois, o paraiso das gramineas e côcos, ou para me explicar melhor, a zona por excellencia das forrageiras do Brasil.

Assim corroborados os meus dizeres, resulta não ter havido exaggero nas proposições que avancei em artigos

anteriores (sem preconceitos de bairrismo), como talvez se affigurasse áquelles menos versados nos estudos relativos á distribuição geographica dos vegetaes brasileiros, estudos aliás pouco accessiveis a certas classes, por isso que só se encontram em originaes nas linguas latina e allemã, e mais pela raridade de taes trabalhos scientificos que não andam ao alcance de toda gente.

Geographicamente o territorio goiano pode e deve ser dividido em dous planos vastissimos, como já observara o choreographo brigadeiro Raymundo da Cunha Mattos — um ao norte e outro ao sul, separados pela linha orographica que serve de travesseiro as cabeceiras dos rios que fluem para a bacia do Tocantins, Araguaya e para a do Paranahyba, assignada pelos nomes locaes de serras de Cayapó, Sellada, Santa Martha, Dourada, Santa Rita, Perineos e Urbano, ou mais propriamente serra das Divisões. Estas zonas já de si differençadas pelo clima, encerram grandes valles que por sua vez se distinguem uns dos outros, pela natureza do terreno, pela flora e até mesmo pela fauna. Ao norte o mais curioso delles é o Vão do Paranan, onde abundam riquissimas pastagens nativas, cuja força alliada á outras causas sabidas no dominio da physiologia, concorreram ahi para a formação de raças animaes, vaccum e cavallar. Não ha no interior do Brasil quem não saiba ao menos de outiva a fama dos cavallos oriundos do Vão do Paranan. Nessa zona sertaneja o gado vaccum procrea de maneira espantosa, e, o que é mais admiravel, quando ahi entrara a bandeira de Bartholomeu Bueno em procura da gentililidade Goiá, em 1725, já encontrava-se rasto de gado que se suppoz tresmalhado das margens do S. Francisco, então povoados de paulistas. O que menciono, consta das *Memorias Goianas* do conego Luiz Antonio da Silva e Sousa, e basta para provar quão propicias são essas pastagens á criação do gado vaccum, que por ellas abandonavam as da margem do S. Francisco. Estas cousas irei assim dizendo com citações de documentos incontestes para por-me ao abrigo da critica dos incompetentes...

Pelo que pude observar quando por lá andei em excursões de caça, batendo os mattos e os campos, foi que predominam, entre as forrageiras, o capim *Jaraguá*, o *Papuan*, uma mimosa graminea campezina cujo nome não me occorre e, principalmente coqueiros e palmeiras anãs, que se conservam verdoengas todo o anno, sendo por isso mui procuradas pelos animaes.

A natureza tem disto: nas aridas regiões da Africa poz as esguias palmeiras ao alcance da bocca das Girafas de pescoço comprido; nas regiões goianas as palmaceas rasteiras para assim prestarem ao pastio dos nossos animaes de criação. Além da abundancia de aguas correntes outro elemento que alli se depara ao gado são os *barreiros*, isto é, terrenos salinos, salitrosos, donde verte agua que os animaes devoram com sofreguidão. O rio Paranan é que forma o valle do seu nome, regando-o com suas aguas salobras; mas dos alcantis e escarpas das serranias adjacentes, chapada dos Veadeiros e Serra das Divisões, nelle despejam aguas crystalinas innumeras cabeceiras ou riachos, a começar pelo Bandeirinha e Itiquira, que nascem proximas á Formosa. A saida do Vão dá para o norte sobre os flancos do Forte e Nova Roma pelo lado occidental, e inclue Posse e S. Domingos, lá abaixo.

E' pena que os naturalistas e botanicos que passaram proximo do Vão lhe tivessem estudado as muitas riquezas inexploradas que encerra esse extraordinario valle. *Saint-Hilaire* indo de Paracatú para Goiàs, ao passar por Formosa, então villa de Couros, deixou-o á direita, tomando o caminho de Santa Luzia, fugindo-lhe á má fama de insalubridade correntia em todo o Estado.

Essa longa zona que acabo de indicar e que se estende toda pela região norte do Estado offerece vantagens como talvez nenhuma outra ao desenvolvimento da industria pastoril, de immenso futuro quando os extensos e caudalosos rios que a cortam em todos os sentidos forem abertos ao trafego de embarcações de grande porte. Nos seus valles, muitos dos quaes não me é possivel mencionar com detalhes, como os do Tocantinsinho, de Santa Thereza, por exemplo, apascenta-se e vive entregue á lei da natureza, grande quantidade de gado bravio de mistura com o domestico. Ahi, a cada passo, zonas inteiras se nos deparam possuindo formas particulares distinctas por varias especies que não têm analogias com as d'outras regiões do sul do Estado, principalmente gramineas que pela sua infinita variedade até aos habitantes dessas localidades escapam-lhes os nomes triviaes.

E' singular, sob o ponto de vista pythologico, o aspecto campesino da zona pastoril do norte de Goiás, mais particularmente para os lados do Araguaia.

Referindo-se a elle, diz o botanico ULE:

"Acham-se tambem aqui plantas de parentesco amazonico, pois que quazi as mesmas familias daquella região enumeradas por MARTIUS como as mais ricas em especies, tambem o são para Goiás, e algumas especies como por exemplo *Mauritia armata* Mart-Tococa, mostram derivar-se d'ahi." (Esta palmeira é a burityruna, que se encontra ao norte do Estado). E eu acabo de observar em excursão recente, que quem parte da Capital para Leopoldina vê-se modificar o typo geral dos campos, no tocante ás gramineas principalmente, a partir de Jurupensem, a 15 leguas do Araguaia, sem que todavia desappareçam por completo as formas arbustivas das zonas anteriormente percorridas pelo viajor: essa transição intermediaria dos scenarios das regiões montanhosas para as planicies, mostra que se está já nos chamados baixões do grande rio, dum aspecto todo particular e extranho, que jamais poderei esquecer, nunca!

HENRIQUE SILVA.

NOTAS Á MARGEM D'UM LIVRO

O academico Sr. Amadeu Amaral publica *O Dialecto Caipira,* grammatica e vocabulario usual em S. Paulo. Trata-se de estudos brasileiros limitados a uma zona do paiz — aliás a que foi a cellula *mater* da nossa nacionalidade.

Aos bandeirantes devemos o dialecto, não sómente de S. Paulo — mas de ¾ partes do Brasil, que elles descobriram, devassaram, povoaram, praticando a lingua geral.

Si este conceito ainda não foi posto á grande luz, generalizado, deve-se á pretenção, ao predominio antigo e nefando dos escriptores nortistas na produção litteraria do paiz, na critica particularmente.

De facto, depois da obra transcedental de Varnhagem sobre a formação da nacionalidade brasileira, a acção malsan dos nortistas pesou sempre nesta ordem de estudos. Conquistaram a imprensa e as casas editoras do Rio de Janeiro. Seria longo mencionar-lhes os nomes. Procuraram impor o valle do S. Francisco como berço da formação da nossa nacionalidade, centro de disperção dos nossos rebanhos. Depois, o despreso delles pelas cousas do centro e sul do Brasil. Sylvio Romero confessava pouco antes de fallecer que não havia pegado da *Innocencia* de Taunay. Posteriormente á sua acção de polemista foi que reconheceu que "o rythmo da civilização nacional é avançar para o oéste e dominar o grande corpo do paiz; e mais — que S. Paulo foi o primeiro que pisou o sertão e delle se apoderou."

Convinha, nesta ordem de estudos sérios, reproduzir textualmente os vocabulos com as acepções que lhes empresta o auctor. Mas importaria isto n'um trabalho que esta revista não comporta.

Limitar-nos-hemos, pois, a ligeiros commentarios, ao correr da penna. E será, se nos afigura, o *quantum satis*, em se tratando d'um ensaio sobre o dialecto caipira do Brasil Central — que nada tem que ver, nem de commum, com o dos pévas do norte do Brasil.

Desta vez nos limitaremos a annotar apenas os nomes dos nossos espécimes animaes, que pedem rectificações necessarias.

— ACARÁ não é peixe tambem chamado, no Brasil, *cará* e *papa-terra*. Estes dois ultimos nomes vulgares não devem ser referidos a uma só especie ichthyologica, mas sim a peixes differentes.

— CATINGUEIRO não é veado pequeno do campo, e sim veado das catingas ou caapueras. Do campo só temos uma especie de cervideo — o chamado "Campero".

— GUARÁ — Este nome é dado tambem ao nosso Lobo cerval, o *Canis jubatus* dos zoologos.

— INHATO — Este vocabulo, usual tanto em Goyaz como no Chile — com a significação de prognata, não diz o mesmo que *Chimbé*. Ha no Chile uma raça bovina que tem o maxilar inferior saliente — *Nâta-oxen*, de Darwin; e no Brasil central uma pequena especie de veado, o Camocica, que os caçadores dizem *inhato*, porque tem o maxilar inferior saliente (vide "Caças e Caçadas no Brasil)". Não é sinonymo de *chimbé*, nome de outra pequena especie de veado, cujo nariz é chato.

(Continúa).

NOTAS E INFORMAÇÕES

Noticiou *O Paiz* na sua edição de 2 do corrente mez que os imigrantes bavaros que ora estão entrando "pelos desertos de Goyaz ao sol e a chuva", descobriram alli immensas jazidas de kaolim, e mais, que o dezembargador Alves de Castro, presidente do Estado, satisfeito com tão bello achado, enviou amostras da preciosa rocha ao deputado Olegario Pinto, que, por seu turno, as apresentara ao Exm.º Sr. Epitacio Pessôa, para que as nossas altas autoridades não despresem tamanha riqueza e a aproveitem cuidadosamente.

Ora, aquelles patricios bem podiam saber pela *Informação*, que em 1817 (ha 104 annos passados) um bavaro, dos mais acatados sabios que visitaram Goyaz — J. E. Pohl, "descobrira o kaolim nas encostas da maravilhosa Serra das Figuras, no Norte goyano" (ver *Raise im Inner vons Brasilien*, vol. 2.º pagina 340..

Na nossa edição de 25 de Maio de 1918, lê-se: "O Sr. José da Silveira Brazão descobriu ha pouco nas proximidades de Urutahy, estação da E. F. Goyaz, uma importante jazida de puro kaolim. Levada a S. Paulo uma amostra, foi esta submettida á analyse no Laboratorio de Analyse Chimicas do Estado; que a deu como kaolim de primeira qualidade.

Existe em Goyaz, já assignaladas, muitas jazidas desta valiosa substancia argilosa."

Quatro productos goyanos, dignos de attenção por sua qualidade e esmero de fabricação, foram recententemente trazidos para esta Capital. São elles os excellentes cigarros bomfinenses, marmellada bomfinente, aguardente Pereira Dutra e café, um typo excepcional de odor e sabor, da fazenda Taquaral do Meio, em Campo Formoso, do major Terencio Pereira Cardoso.

Pena é que taes productos, de excellente recommendação, se não exportem em escala, de modo a se tornarem accessiveis ao publico.

A' reunião semanal da Sociedade Nacional de Agricultura, realizada a 22 de Junho ultimo, foram presentes os nossos companheiros Henrique Silva, deputado Americano do Brasil e Moizés Santana e bem assim os illustres representantes de Goyaz, snrs. senador Ramos Caiado e deputado Napoleão Gomes.

Com a mais viva satisfação, esses patricios viram o como são carinhosamente tratados os interesses do *hinterland* naquella benemerita Sociedade, de acção nacional.

Vem a proposito lembrarmos o quanto interessa aos goyanos e Goyaz muito teria a lucrar, num largo esforço protecção ao trabalho.

Poucos, bem poucos são, até agora, os associados goyanos se approximarem do convivio daquella casa de de associação, contribuindo para a expansão social e ao mesmo tempo recebendo os consideraveis beneficios que a benemerita Sociedade faz ao paiz.

Pedimos as vistas dos goyanos para este ponto, que é do maior interesse para Goyaz.

"Informação Goyana" — *Recebemos o n. 10, vol. IV, desta excellente revista mensal illustrada e informativa das possibilidades economica do Brasil Central, da qual é director o talentoso e sobranceiro espirito major* HENRIQUE SILVA *que, pela sua cultura, independencia e civismo se fez querido entre os intellectuaes.*

O major Henrique Silva é um goyano de merecimento, que procura, por todos os meios honestos e dignos, pugnar pelo engrandecimento da terra onde nasceu, pela penna e pela palavra, dizendo as verdades com intrepidez e sem dubiedades contra os máos goyanos que se esquecem de fazer algo em proveio do desenvolvimento e do progresso do futuro da grande terra patricia.

Na imprensa tem feito tudo para elevar Goyaz e "Informação Goyana", *a sua magnifica revista, sente-se a sua vibração, o seu devotamento, sem desfallecimentos para vêr a bem amada terra coberta de laureis e de immarcessiveis glorias.*

O n. 10, na sua 1.ª pagina, o intemerato goyano desfaz, de modo completo, uma injuria. O vomito negro que lhe foi atirado apenas salpicou-lhe as botas... O seu detractor deve estar humilhado com as cartas dos marechaes Hermes e Vespasiano — os impollutos.

O nosso prezado confrade deve olhar com desprezo os compatricios que só cuidam dos seus interesses e não ceder uma linha da sua independencia, como tem feito.

Neste numero a "Informação Goyana" *presta justa homenagem á professora* LEOLINDA DALTRO, *a intemerata e varonil senhora.*

Um bom numero este 10.º da patriotica revista.

Continue firme, major, porque de mordeduras de cobras, disseram-nos, o confrade já está curado..."

Da Vida Carioca, *a brilhante revista dirigida pelo nosso talentoso confrade, o provecto homem de letras que é o Dr. Xavier Pinheiro.*

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: HENRIQUE SILVA

Collaboração dos mais competentes e conhecidos sabedores das cousas do "hinter-land" brasileiro

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1921 — VOL. IV—N. 12

SUMMARIO

O ESTADO DE GOYAZ
HENRIQUE SILVA
"A INFORMAÇÃO GOYANA"

1917-1921

Ha quatro annos que Henrique Silva em constante trabalho vae mostrando a opulenta riqueza da sua terra nativa — Goyaz —, e nas preciosas paginas instructivas da *A Informação Goyana,* tem defendido com saber invejavel os limites do territorio do seu Estado contra a usurpação de muitos pedaços de valos desse patrimonio sagrado que coube a Goyaz, na divisão das antigas Capitanias Portuguezas, mais tarde Provincias do Imperio, com os mesmos limites de então, e na Republica tudo isto está esquecido sómente para contentar-se appettites de uma má politica ao serviço de interesses privados com reservas e sem escrupulos.

Com a publicação regular durante quatro annos da *A Informação Goyana,* lida sempre com interesse no Brasil, e já bastante apreciada no estrangeiro, sabe-se lá fóra que no nosso paiz encontra-se realmente uma porção consideravel de seu maravilhoso territorio, que está sendo apreciado ultimamente pelos brasileiros, confirmado tudo quanto disseram em seus notaveis escriptos illustres viajantes que em outras épocas vieram ao nosso paiz estudar e admirar as immensas riquezas naturaes que nos coube na partiha do Novo Mundo.

Henrique Silva, o militar patriota e estudioso, e companheiro de Cruls, Moritze, Tasso Fragoso e outros distinctos e camaradas na demarcação do territorio federal, no planalto de Goyaz, como ficou estatuido na Constituição da Republica, sempre mostrou-se vivamente interessado pela sorte futura de seu Estado, só sentiu-se feliz quando poude dizer pela *A Informação Goyana,* tendo antes na collaboração da revista *Brasil-Ferro-Carril,* durante annos feito com admiravel competencia a propaganda do Estado de Goyaz, e agora a satisfação de ver seus escriptos reproduzidos em varias publicações extrangeiras.

E' assim que Henrique Silva tem procurado até com sacrificio servir ao Brasil, pois tanto importa zelar pelos creditos de uma unidade da federação, proclamando as possibilidades de augmentar-se a fortuna publica com a exploração das muitas riquezas encontradas e fartamente espalhadas por toda a terra goyana.

Com estas palavras faço acompanhar o meu testemunho pelo que tem feito Henrique Silva pela prosperidade de Goyaz sem se deixar confundir com muita gente que tudo quer para si e não se importa quando occupa posições officiaes, que bem podiam melhor servir ao desterrado Estado de Goyaz.

Cumpro com especial agrado felicitando Henrique Silva quando a *A Informação Goyana* completa o quarto anniversario da sua proveitosa publicação para todo o Brasil, e em particular para a sua idolatrada TERRA NATIVA o futuroso ESTADO DE GOYAZ.

Agosto de 1921.

Vice-Almirante JOSÉ CARLOS DE CARVALHO.

ANNIVERSARIO

Henrique Silva exigiu-me um grande sacrificio, de que me venho desobrigar profundamente consternado: escrever estas pallidas linhas allusivas ao VI anniversario da *Informação Goyana,* ao mesmo tempo que me annunciava ser este o seu *tiro de honra.*

Quem, como eu, acompanhou com interesse e attenção a brilhante trajectoria do infatigavel pregoeiro das cousas goyanas, defendendo com inexcedivel denodo e bravura a causa santa de nosso Goyaz, abandonado pelos poderes publicos, que tudo lhe negavam ante a neiguidade de sua representação federal, com 4 vozes apenas na Camara Federal, não póde receber uma tão acerba informação sem se sentir acabrunhado pelo que de doloroso ella encerra.

Goyaz vae perder, com o desapparecimento desta revista, o extenuado defensor de todos os seus multiplos interesses, o propagador de suas incontaveis riquezas mineraes, e florestaes, como do seu ameno clima, das suas uberrimas terras, da tradição de seus ancestraes.

Faltam-lhe elementos de vida n'uma quadra de difficuldades como a presente em que a imprensa se sente onerada pela carestia do papel e demais material de que carece, alem do salario dos operarios.

Poderia só triumphar se lhe nos faltasse o apoio decisivo dos goyanos, mas infelizmente poucos foram os que a soccorreram, tomando-lhe assignaturas.

Henrique Silva lutou tenazmente para lhe não vêr emmudecer as vozes com que conclamava pelo progresso e grandeza de Goyaz, mas o sacrificio era superior ás suas forças, e teve de depor sua festejada penna, ao serviço de nossa terra, que sempre se esforçou por elevar.

Pena foi que perdesse o auxilio dado pelo Estado. Os serviços que sua revista lhe prestava compensavam sobejamente esse auxilio.

Actuando aqui, em meio muito propicio á propaganda de nossas causas e á demonstração de nossas necessidades, sua revista dispunha de um assignalado prestigio, que lhe dava grande autoridade.

Assim a vimos empenhar-se ardorosamente na defesa de nossos indefectiveis direitos nas questões de limites com nossos visinhos.

Infatigavel, prestadio, senhor do assumpto, Henrique Silva desenvolveu intelligente e proficuamente o assumpto, pondo, em evidente destaque o direito e a razão de nossas reclamações contra os esbulhos, que vimos soffrendo.

Muito devemos á sua acção efficiente, tão brilhantemente secundada no substancioso discurso, na Camara Federal pronunciado em 6 de Julho pelo joven deputado Dr. Americano do Brazil, as conquistas que vamos obtendo nesse terreno ingrato, lutando contra adversarios poderosos intransigentes.

Por meio de monographias, illustradas com primorosas vistas, a *Informação Goyana* poz em fóco as nossas possibilidades economicas, desafiando os capitaes nacionaes, tambem os estrangeiros.

Dos nossos homens, conterraneos cujos esforços pela grandeza e progresso de nossa terra tanto lhes recommendaram o nome á nossa gratidão e respeito, passados e presentes, a "Informação" publicou bibliographias e referencias elogiosas, exaltando-lhes a obra e os meritos.

Jamais deixou passar sem o mais vehemente protesto as opiniões pejorativas e as inverdades com que maldosamente se referiam ao nosso caro Goyaz; e assim a vimos empenhada em acirrada polemica com muitos desses gratuitas detractores de nossa terra.

E' verdade que muita vez Henrique Silva teve de voltar sua penna contra conterraneos nossos, mas só o fez por se julgar attingido por elles e magoado por lhe não comprehenderem os intutitos, desvirtuados por uma falsa apreciação de sua conducta.

Ninguem lhe poderá contestar essa quasi norma de defensor das causas goyanas.

Quem lhe quizer provocar e irritar os nervos é tocar em Goyaz, depreciando-o, pois tel-o-á pela prôa, para soffrer os rudes golpes de sua flamejante penna.

Alenta-me a esperança de, em futuro não muito remoto, saudar a reapparecimento da *Informação Goyana*, sob a direcção do preclaro goyano, uma vez que os poderes publicos de nosso Estado se convençam da sua necessidade, da importancia sensivel de seu papel de atalaia de nossos interesses, que precisam aqui de uma vóz tonitroante, que os defenda e encaminhe.

Nessa occasião, assim demonstrada a necessidade do preenchimento do vacuo, que ella vae abrir, o seu resurgimento se fará para gaudio de quantas teem sabido apreciar a sua bella iniciativa e fecunda acção na defesa de Goyaz.

Agora é impossivel a Henrique Silva luctar sem um auxilio certo e sufficiente.

Nossos conterraneos desampararam sua grande obra, negaram-lhe o concurso modesto de suas assignatura e assim os sacrificios, que vinha fazendo de seus proprios recursos, vão terminar, porque se accresceriam com a cessação do auxilio do Estado.

Já tive opportunidade de dizer destas columnas que só a imprensa partidaria póde viver no nosso meio, sustentada pelas agremiações politicas e pelos correligionarios que lhe acompanham com apreço as polemicas acirradas, de caracter meramente pessoal.

Jornal que não tem politica, que só aspira defender interesses superiores da ordem geral, que não aggride, não molesta, não tem leitores.

E' deste mal que vae morrer a *Informação Goyana:* faltam-lhe leitores no meio goyano, faltam-lhe assignantes.

Foi com magoa que recebi o convite de Henrique Silva para lhe ajudar a lançar a ultima pá de cal sobre a sua obra, a sua esperança, o seu sonho, que se diluem nesta ingrata opportunidade, neste de difficuldades insuperaveis, em que se vê coagido a dispôr sua magistral penna.

Faça-o, mas alenta-me a esperança de seu resurgimento, tal a confiança que me inspira a justiça de nossos conterraneos, d'aquelles que sentem vibrar seu coração pela grandeza de Goyaz e que no poder, poderão promovel-o, restabelecendo aquelle auxilio.

EDUARDO SOCRATES.

N. R. — Já estava no prelo este artigo do nosso prezado collaborador quando, á ultima hora, foi desmentida a noticia malevola, insinuada pela inveja e despeito de máos goyanos, de que o novo governo do Estado suspendera a aliás pequena subvenção com que o antecessor vinha auxiliando a publicação desta revista.

Razão tinha, pois, o General Socrates, alimentando suas esperanças nos intuitos patrioticos e honestos do digno Snr. Eugenio Jardim, cuja administração inspira justiça.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Acaba de assumir o governo de Goyaz, o Sr. Coronel Eugenio Jardim, em substituição ao Sr. Alves de Castro. que concluira o seu laborioso quadriennio governamental.

Do reconhecido patriotismo e descortino de S. Ex., Goyaz muito espera, confiante.

———)o(———

Foi inaugurado, no dia 11, em Ypameri, a primeira filial do Banco do Brasil em Goyaz. Esse facto é profundamente auspicioso. Goyaz, como se vê, rasga cada vez mais novos horisontes de progresso. No dia 10, outro grande facto. Inaugurou-se a linha de automoveis, de 300 kilometros, que vae do prospero Ypameri a Crystalina e Planaltina, ligando Formosa, servindo a uma vasta região de fecundo progresso e trabalho.

O nosso grande instituto de credito completaria em parte a sua humanitaria iniciativa se fundasse outra filial no Sudoeste goyano.

———)o(———

Tratando do motivo principal da queda da exportação do gado, no anno findo, disse o clarividente Sr. Cincinato Braga o que se segue e deve ser tomado na maior consideração pelo novo governo de Goyaz:

"A intervenção dos impostos de exportação estadual do gado são um formidavel obstaculo a esse resurgimento economico do Brasil. Quasi todos os governos estaduaes oneram o gado de exportação com impostos, uns maiores. outros menores, que perturbam profundamente o custo da producção.

Um boi que sahe de Goyaz paga ao sahir o imposto goyano de exportação. Entra nó territorio mineiro para receber engorda. Esse boi ao sahir de Minas, paga imposto mineiro, que varia, conforme o lugar de sahida, de 4 % até 20 % do seu valor!

Assim, é lá possivel caminharmos para deante? Dessa maneira, é lá possivel concorrerem nossas carnes nos mercados externos? Pois não estão vendo os governos esta-

doaes que aqui, ao nosso lado limitrophes de nós, estão dous formidaveis concurrentes nossos, o Urugay e a Argentina, para cujos frigorificos essses accumulados impostos estadoaes de exportação constituem alto premio de animação, alta protecção... á pecuaria platina?!!! Não veem nossos governos estadoaes que bastaria o desenvolvimento em larga escala e o melhoramento de nossa industria pastoril para tirar-se o Brasil da miseria? Pois o exemplo da Argentina, aqui a paredes meias, não nos basta??

A Argentina exportou, em 1918, mercadorias que lhe deram 159 milhões de libras, nas quaes os productos e sub-productos da pecuaria entraram por £ "99 milhões". No mesmo anno de 1918, o Brasil já exportava 61 milhões de libras nas quaes os productos e sub-productos da pecuaria só entraram por £ 10 milhões... Miremo-nos nesse espelho...

Mas, na Argentina não ha impostos de exportação."

Procure o Sr. Eugenio Jardim adoptar a orientação dos Estados do Rio Grande do Sul e Pernambuco, que aliviaram a systema de tributação, tornando-o mais consentaneo com os interesses dos productores, ou melhor, com o necessario desenvolvimento do nosso Estado que por mal dos peccados é o percalço dos que lhe entravam a sahida dos seus productos para o littoral e para o estrangeiro, Minas Geraes e S. Paulo principalmente.

———)o(———

Com uma rica edição de 16 paginas repletas de illustração, o "Lavoura e Commercio" de Uberaba commemorou a 7 deste mez seu 22º anniversario.

Durante todo esse longo periodo Goyaz não teve nunca, no *hinter-land*, nem mesmo no seu periodismo, aliás e por excellencia politiqueira, quem lhe defendesse com tanta competencia os interesses.

Aos dignos irmãos Francisco e Quintiliano Jardim, talentosos directores da brilhante folha uberabense, as nossas mais vivas felicitações.

———)o(———

A importante revista "Brazilian Business", orgão official da "America Chamber of Commerce for Brazil" publicou no seu numero 4 do corrente mez um artigo intitulado "Goyaz Cattle Paradise" da lavra do nosso director. E' um trabalho illustrado com bellissimas photographias de especimens bovinos da nossa magnifica raça Caracú, obtidas em S. Paulo.

Não o trasladamos para aqui porque fôra escripto expressamente para aquelle orgão de propaganda do Brasil na Norte America.

———)o(———

Nos tempos coloniaes havia Villa Bella de Matto Grosso e Cuiabá, Villa Rica de Ouro Preto e Villa Bôa de Goyaz, que eram sédes dos governos dos antigos capitães-generaes. Era no tempo da *aurea sacra fames*.

Passaram-se annos, desappareceram as pepitas do vil metal que afloravam á superficie da terra. Villa Bella foi abandonada não só pela sua má situação geographica como tambem pelo seu maligno clima; Villa Rica já foi desthronada, sabe-se, porque não convinha a sua topographia ao desenvolvimento ideal d'uma capital de tão futuroso Estado.

E quando chegará a vez de Villa Bôa de Goyaz, que além daquellas condições indesejaveis reune, no dizer de Couto de Magalhães, "muitos outros para ser abandonada"?

Releva accrescentar que pelo ultimo recenseamento já se sabe que Cuiabá possue 30.000 habitantes, Bello Horizonte 50.000 habitantes e Goyaz (capital)... conta apenas os seus primitivos 6.000 habitantes, e disto não passará!

———)o(———

Estampamos hoje, graças á nimia gentileza do nosso erudito collaborador Sr. Tancredo de Paiva as effigies de Cunha Mattos e Caetano Maria Lopes Gama — dois nomes illustres intimamente ligados á terra goyana, que tanto lhes deve.

E' ainda do nosso distincto amigo a seguinte interessante nota bibliographica:

Luiz Maria da Silva Pinto, goyano. Nasceu em 1773 e falleceu a 19 de Dezembro de 1869. Foi do Conselho de Ouro Preto, secretario por mais de 30 annos do governo de Minas, director da instrucção publica tambem de Minas e socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Escreveu:

— Diccionario da lingua brasileira, por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da provincia de Goyaz. *Ouro Preto — Typ. de Silva.* 1832.

— Vide na Bibliotheca Nacional (Collecção Guinle) o unico exemplar conhecido e as notas de Francisco Ramos Paz.

LIMITES ENTRE GOYAZ E MATTO GROSSO

LAUDO ARBITRAL DE UM JUIZ ARBITRARIO

(Continuação)

VIII

Depois que o Congresso Legislativo de Goyano repellio com patriotismo, indignação e desprezo o espantoso laudo Pires e Albuquerque, não valia a pena voltarmos ao assumpto. Mas o que temos em vista é apenas pedir ao illustre Sr. Procurador Geral da Republica a prova documentada de qualquer modo, d'um só topico dos tres seguinets considerandos que lhe serviram de premissas á iniquidade:

"Considerando que o primeiro trecho do territorio litigioso, comprehendido entre o rio Araguaya e o das Mortes, tem permanecido ininterruptamente desde 1738, quando aos dous litigantes (então Ouvidorias da Capiania de São Paulo) assignou o respectivo Governador como limite áquelle rio, na posse e jurisdicção do Estado de Matto Grosso, que ahi fundou em 1780 o registro do Araguaya, hoje cidade, séde do municipio e comarca de Matto Grosso, com dous districtos de paz, quatro districtos policiaes, oito escolas e duas collectorias;

Considerando que sob a posse e jurisdicção, igualmente ininterruptas, do mesmo Estado se ha conservado até hoje, desde o seu desbravamento, todo o sertão delimitado pelos rios Aporé, Paraná, Taquary, Coxim, Camapuan, e Pardo que constitue a quasi totalidade do segundo trecho do contestado, com trez municipios e comarcas, seis disrictos de paz, dez districtos policiaes, quatro collectorias, dous postos fiscaes e onze escolas;

Considerando que o Estado de Goyaz sustenta que estes dous territorios lhe foram usurpados e invoca para reivindical-os, como titulos de dominio ante os quaes deve ceder a posse sempre contestada do seu contendor, a proposta ou informação do D. Marcos de Noronha de 12 de Janeiro de 1750, o "termo de accessão", do Governador Luiz Pinto, de 25 de Março de 1771 e o projecto da Commissão de Estatistica da Camara dos Deputados de 20 de Julho de 1864, que todos trez fazem correr a linha divisoria entre os dous Estados, pelos rios das Mortes, Taquary, Coxim e Camapuan, dahi pelo varadouro homonimo até ás cabeceiras do rio Pardo e por este até á sua foz no rio Paraná.

Considerando que aquella proposta não teve a approvação da Metropole, recorrendo por isso os interessados ao termo de 1771, que tambem não foi approvado, nem como

accôrdo chegou a consumar-se, o que lhes suggerio o projecto de 1864, que não logrou ser convertido em lei e que assim os documentos invocados não exprimem mais do que simples tentativas para delimitação dos dous Estados; nenhum tem força de lei ou lhe é equivalente, nenhum representa titulo de dominio que autorizar possa a reivindicação."

Ora, é principio elementar de logica, desde Aristoteles, que sendo falsa as premissas de um syllogismo dos quaes se infere e ou tira a consequencia — falsa será, igualmente a conclusão proposta.

E' o caso vertente, ou melhor, do Sr. Pires.

A verdade porém, que desafia toda a contestação é esta:

a) que em 1738 só havia no contestado um unico nucleo de população, fundado pelo capitão de conquista Amaro Leite á margem do Rio das Mortes, a expensas e por ordem do Governador da capitania de Goyaz — Dom Luiz de Mascarenhas;

b) que só no anno de 1778 "foi que o Capitão General Luiz de Albuquerque apontou ao Capitão General de Goyaz os *inconvenientes* que apresentava a linha divisoria do rio das Mortes. á qual entendia, devia ser preferida a do Araguaya, e manifestou a intenção que tinha de estabelecer um registro no logar das Barreiras, entre os dois rios. E no fim do mesmo anno fundou com effeito o dito registro não nas Barreiras, mas na Insua a poucas leguas de distancia do Araguaya, para cuja margem esquerda foi finalmente transferido o mesmo Registro em 1812." — (Barão de Melgaço — *Limites da Provincia de Matto Grosso);*

c) que, quando Goyaz e Matto Grosso, então Ouvidorias da Capitania de S. Paulo, nenhum respectivo Governador *assignou* o Araguaya como limite na posse e jurisdicção do Estado de Matto Grosso;

d) que o Registro do Araguaya só foi apossado illegalmente por Matto Grosso em 1812 e não em 1870;

e) que é uma invencionice a affirmativa de que "todo o sertão delimitado pelos rios Aporé, Paraná, Taquary, Coxim, Camapuan e Pardo (o homem se esqueceu do Paranahyba), tenha estado, *desde o seu desbravadamento,* sob a posse e jurisdicção ininterrupta de Matto Grosso" — como se lê n'um dos considerandos do gorado laudo Pires e Albuquerque.

Para inutilizar o embuste acima, bastava dizer que o desbravamento daquella alludida área geographica, iniciado, feito, praticado e concluido com exito pelo Governo da então Capitania de Goyaz, sob os auspicios do da Metropole que o approvara, precedera de um seculo (1738-1838) a intromissão nella, por parte dos mattogrossenses;

f) que o Sr. Pires não é capaz de provar de qualquer fórma e muito menos ainda com um só documento, que o Convenio de 1º de Abril de 1771 não tivesse approvação da Metropole.

Que o termo de Accessão de 1º de Abril de 1771 foi approvado pelo governo da Metropole, ahi está o mappa *Columbia Prima,* onde os limites de todas as então Capitanias do Brasil colonia foram traçados pelos cartographos de S. Magestade o rei de Inglaterra — á vista dos documentos officiaes, authenticos, fornecidos pelo mesmissimo governo da Metropole portugueza, que assim entendeu poderia fazel-o.

Querem documento mais claro, mais persuasivo, mais insophismavel?

Não haverá ahi quem possa conceber que Luiz Pinto de Souza Coutinho, responsavel moral pela effectividade do Convenio de 1º de Abril de 1771, não houvesse, quando ministro dos negocios estrangeiros e da guerra e, mais ainda, como um dos regentes de Portugal em 1792, durante o impedimento da rainha Maria I, homologado aquelle Convenio da sua exclusiva autoria. E é tanto mais de crêr que o fizesse, quanto é certo que foi elle; quando ministro de Portuggal em Londres, quem, authorizado pelo seu governo indicara aos cartographos officiaes da Inglaterra, de ordem do Conselho Ultramarino, os limites que se veem nitidamente traçados a côres vivas no mappa de W. Faden — linha divisoria esta que é mesmamente a constante do Acto de Accessão de 1º de Aril de 1771, apenas com ligeira modificação feita para o fim de attender a certos accidentes geographicos, como divisores naturaes.

Tudo isto não está dizendo que o Convenio de 1º de Abril de 1771, firmado pelos respectivos governadores de Matto Grosso e Goyaz foi approvado pelo governo da Metropole?

Nota final e illustrativa: convidado pelo desembargador Alves de Castro para arbitro de Goyaz na sua pendencia de limites com Matto Grosso, respondeu-lhe o Ministro João Mendes Junior:

"Rio, 14 de Junho.

Agradeço a honrosa confiança, mas não posso acceitar porque entendo que as questões de limites entre os nossos Estados não podem ser resolvidas por arbitros.

Estes casos são da competencia exclusiva do Congresso Nacional. Saudações. — Ministro *João Mendes.*"

Tanto peior para o Sr. Bispo-Presidente D. Aquino — que já queimou os foguetes antes da festa!

*
* *

Finalisamos aqui nossa contestação aos infelizes laudos Prudente de Moraes — Pires e Albuquerque, cuja critica, á luz da documentação como a encarecemos, mostra a sinceridade que têm presidido nosso espirito no presente debate.

Não só por nos fallar o coração, a alma offendida do goyano, mas a verdade historica e a atalaia avançada do direito.

Uma conclusão resta a ser tirada do longo esutdo que fizemos da momentosa questão, assim como do discurso pronunciado na Camara dos Deputados pelo Dr. Antonio Americano do Brasil: concerne esta em sua divisão em duas contenda distinctas, uma ao sul, outra ao norte, as quaes tiveram genese em epocas differentes.

A' primeira — denominamos questão de limites do Rio Pardo — creada por Matto Grosso em 1838, mas contestada por Goyaz deante dos termos das Provisões de 9 de Maio e 2 de Agosto de 1748, tendo de accrescimo, como prova favoravel a Goyaz, a cartographia do seculo XVIII e a mlehor parte da do seculo XIX, assim como a opinião de Lacerda e Almeida, Bomplan, Ferser, M. Chisto, B. Rohan, barão de Melgaço, D'Alencourt. Casal, Ricardo Franco, etc.

Questão, como é, baseada em documentos com força de lei, apoia o direito de Goyaz os pactos constitucionaes do imperio, da Republica e a jurisdicção firmada do Supremo Tribunal.

Como especial, queremos deixar aqui consignado um parecer que inilludivelmente vem em apoio ás justas pretenções de Goyaz.

Queremo-nos referir ao notavel arrasoado que o Eminente Conselheiro Ruy Barros respondeu, no patrocinio da causa do Rio Grande do Norte contra o Ceará — documento juridico que vem contrariar o laudo Pires-Prudente.

A opinião do maior dos brasileiros, jurisconsulto mundial, externado em questão identica á do Estado Central, é o melhor escudo do direito de Goyaz.

Com esta, portanto, os tribunaes da Republica.

A' segunda chamaremos — questão do Rio das Mortes — gerada pelo acto de accessão de 1° de Abril de 1771 acto cuja approvação resalta de varias opiniões de geographos e de cartographos, devendo-se contar entre os ultimos W. Faden, e ainda mais que Goyaz tem a seu favor a prioridade do desbravamento da região.

Mas, porque nem Matto Grosso, nem Goyaz, possue o traslado de um documento com força de lei, definitivo, sobre a questão, concluimos ser a mesma de alçada do Congresso Federal, perfilhando a opinião do ministro J. Mendes e do eminente consultor geral da Republica Dr. Clovis Bevilacqua.

Questão em aberto, portanto, está ao Congresso Federal.

Esta synthese da tão discutida questão de limites com Matto Grosso, apreciado debaixo do ponto de vista de sua bipartição — é tambem seguida por nosso collaborador Dr. Americano do Brasil, digno representante de Goyaz no Congresso Federal, o qual estudal-o-á, deante daquelle Tribunal de opinião publica, sob esse novo prisma, fortalecendo sua primeira oração pronunciada na Camara dos Deputados, referindo-se á secular pendencia.

HENRIQUE SILVA.

(Continúa).

HUGO DE CARVALHO RAMOS

Certo dia se me deparou na Livraria Garnier um pequeno volume, tendo impresso em vermelho, na capa, este titulo: "Tropas e Boiadas". Procurei o nome do autor: Carvalho Ramos. Não conhecia: algum estreante...

Passei além, a ver as novidades estrangeiras; mas aquelle titulo mantinha-me obcecado, sob forte suggestão. Voltei ao volume e corri os olhos, por alto, pelas paginas entreabertas da brochura.

Era ao tempo em que uma recrudescencia de sertanismo se produzia em nossa litteratura. Já de todos os lados chegavam contos e novellas caipiras, e os subsidios sobre o dialecto sertanista avultavam prestamente. Cada autor procurava accumular numero maior de vocabulos caracteristicos, apresentar com mais consideravel desenvoltura notas de cor local. Aquelle livro "Tropas e Boiadas" seria um desses productos seródios de urbano mettido a contista sertanejo, procurando descrever os caracteres jamais observados, paysagens nunca apercebidas, num pretencioso exhibicionismo...

A primeira pagina que encontrei sob os olhos foi um trecho de carta, intitulado "Nostalgias". Pude ler este quadro: "Gralhas e acanans guinchavam na galharada esguia dos corredões, sobre o arvoredo denso de ao pé dos corregos. Havia o trillo metallico das cigarras ao mormaço; e, galgando a outra banda, — com a chuvarada que descera brusca para de novo abrir-se o céo, diaphano e azulineo, ao sol glorioso, descambando, além, na Barra, — préas levipedes, o olho reluzente e globoso de roedor espreitando em torno, sahiam assustadiças das moitas da beirada, atravessavam aos pinchos a um tempo grotescos e graciosos a rampa d'argilla vermelha, entranhando-se do outro lado, no catingueiro recendiante. Não raro do emmaranhado dos travessões de matto que ahi cobrem habitualmente o curso das ribeiras, uma caninana inoffensiva e modorrenta passava entre os cipoaes, em colleios flexuosos, farfalhando as folhas seccas derredor..."

Tudo quanto li posteriormente de Carvalho Ramos pouco modificou a impressão que do seu talento tive naquelle momento. Havia ali um estylo largo, ainda um pouco diffuso, mas vivamente colorido, movimentado, sem sombra de artificio, sincero e simples como a exhuberante terra joven que em amplas pincelladas fixava.

Lido o livro, interessei-me pelo autor. Informei-me. Era um estudante de direito, goyano. Observára typos e scenarios "in loco", com grande honestidade. Nunca pude vel-o. Não frequentou rodas litterarias nem procurou relacionar-se com aquelles que receberam com applausos autorizados e honrosos a sua estréa. Ouvi queixas de alguns notaveis: o moço parecia muito timido ou muito orgulhoso... Não os procurára... Gostaram tanto de conhecel-o... Só os amigos intimos sabiam onde desencantal-o. Por elles, principalmente pelo seu carinhoso amigo, o distincto joven poeta Gomes Leite, soube particularidades sobre a sua vida. Foi-me curioso verificar quanto o caracter do "escriptor" parecia antagonico ao temperamento do "homem"; aquelle, vivo, agil, sensibilidade complexa; este, occultando a intensa vida interior e a meiguice innata sob ademanes arestosos, a um tempo timidos e ligeiramente aggressivos.... num physico de menino sympathico e tristonho.

Escoaram-se os tempos. A noticia do seu passamento surprehendeu-me, secca e trivial, nas varias da imprensa. Nem uma indicação sobre quem fôra o joven bacharel. Indignei-me, de começo. Após attribui a omissão á ignorancia. Effectivamente, que vale hoje a litteratura para a imprensa? Muito pouco! Fallecera um bacharel!... E recordei-me da noticia que ha setenta annos os jornaes deram da morte em S. Paulo, do joven Manoel Antonio Alvares de Azevedo, filho do Dr... e mais nada... emquanto que a outro joven, seu companheiro na morte e hoje totalmente esquecido, chamavam de *esperança* que o Brasil *perdia*".

Isto nada vale. Dias depois da morte do joven Carvalho Ramos todos os seus admiradores estavam unidos num mesmo sentimento de dor e na decepção por ver que a morte roubava assim ao Brasil uma força joven uma força que déra mostras eloquentes de integração admiravel na alma barbara e rude do sertanejo brasileiro, esse sertanejo a que Euclydes da Cunha chamou o cerne da nossa raça.

O moço goyano era um sabedor seguro e opulento da vida do maravilhoso "interland" nacional, sabedor que aurira as noções com o ar sadio respirado na infancia, que as esclarecera á luz dum fino espirito, e que as submettia a um temperamento soffrego de emotividade violenta. Os accidentes da existencia sertaneja, os accessorios, as paysagens, as expressões caracteristicas manavam-lhe da memoria nostalgica com tal impeto e abundancia, que muita vez sahiam-lhe as paginas em excesso carregadas de côr e de leitura difficil. Defeito? Riqueza, apenas. Com os annos, com a maturidade, esse material ao envez de dominar o moço contista, seria por elle dominado. Basta para assim julgarmos, observar a sua linguagem, matizada, vigorosa; nunca prosaica ou pobre, antes numerosa e varia; por vezes cachoante do arremesso insopitavel de vertiginosa theoria de vocabulos sonóros, singulares, pittórescos, resoando com o estrepito de ribeirões marulhosos. Tudo nelle concorria para o effeito artistico: a espontaneidade e a sinceridade. Esta é ainda rara entre os cultivadores do sertanismo. Quasi todos cinge-se a revestir anedotas extravagantes de roupagem sarapintada de expressões caipiras tomadas de emprestimo. Abusam do genero; tornam-no trivial, quasi ridiculo. Não quero fazer referencias a ninguem: nem aos mestres sertanistas, nem aos que falharam, desejo apenas accentuar dois aspectos, pouco communs, do talento dc

joven goyano: sua capacidade de objectivação segura, e seu promissor poder creador. Contos como "Caminho das tropas", "A' beira do pouso", "O poldro picaço", são dos melhores do genero nestes ultimos tempos apparecidos, revelando um visualista e um sentimental.

O trecho de carta intitulado "Nostalgias" é, a meu ver, a mais interessante pagina de "Tropas e Boiadas" e o mais significativo documento da vida subjectiva do seu autor. Encontro nessa pagina um mixto de melancolia, de quasi infantil despreoccupação e de sentimento agudo da realidade, mixto que nos faz considerar a alma do autor como um exemplar typico da alma sertaneja brasileira. Para mim poucos prometteram tanto no genero; era um sertanejo tambem, e portanto expressão authentica da grande voz incomprehendida do Brasil do interior.

Nos ultimos tempos o moço artista produziu trabalhos de caracter um pouco differente. "Perú de roda" e mais alguns apresentavam um "tonus" humoristico singularrissimo, dum humorismo subtil e por assim dizer grave. São paginas dum artista acabado. já senhor da expressão. A promessa contida em "Tropas e Boiadas" avantajara-se... até cortal-a cérce a morte, quando Carvalho Ramos ainda mal sahia da adolescencia, carregado das esperanças dos seus companheiros de geração que nelle viam um dos mais notaveis representantes della. Ainda é cedo para uma critica definitiva do contista e para uma analyse psychologica do moço.

Sejam estas palavras apressadas a expressão sincera da dôr que nos punge a todos e da admiração com que a nova geração brasileira homenageia a memoria de Carvalho Ramos.

Rio, 9 — 7 — 1921.

ANDRADE MURICY.

GOYAZ E OS SABIOS ILLUSTRES

Toda a gente se lembra da estadia nas terras goyanas, de Saint-Hilaire, Castelnau, Pohl, Gardner, J. Wells, por exemplo.

Mas o que não nos diz a bibliographia goyana é da passagem pela nossa então provincia de um dos maiores sabios que ainda vieram a este paiz.

Referimo-nos ao sabio dinamarquez W. Lund, o zoologo e insigne paleontologista, o glorioso descobridor do homem fossil, nestas partes do Novo Mundo, nas cavernas do Rio das Velhas.

Em meiados de Agosto de 1834, acompanhado do notavel botanico Riedel, o grande sabio transpoz o Paranahyba em Porto Velho.

Lê-se no seu interessante diario de viagem:

"Nos dias seguintes os cerrados e os campos limpos alternavam com matta virgem á beira dos rios.

20 a 26 de Agosto em Catalão.

28 de Agosto passando em S. Marcos e além havia ladeiras despidas de matta onde o chão só era de capim e pedregulho. A vegetação era particular, caracterizada por uma pequena Euphorbiacea de flores albas cujo "habitus", visto de cima do caminho, tinha uma semelhança surprehendente com "Alyssum sacatile".

29 de Agosto, até a Capellinha. A vegetação neste planalto era curiosa pelo extraordinario atrophiamento das arvores: havia troncos de apenas duas pollegadas de altura emittindo galhos de 8 a 10 pollegadas de diametro que corriam parallelamente ao chão; emfim, era um estudo digno de um pintor e de um naturalista que quizesse estudar separadamente os effeitos do fogo e do vento sobre as arvores campestres.

Nota bene: em todos os cerrados que até agora vi, a casca das arvores estava sempre carbonizada.

30 de Agosto até Confusão.

Pela primeira vez encontrei mattas de *Vellosia* que acompanhavam extensões exclusivas de 500 a 1.000 pés quadrados, de uma braça de altura. Mattas identicas appareciam em 2 de Setembro, mesmo no solo argiloso que deve ao schisto argiloso a sua origem." (Cf. de Warming).

Quem sabe o valor industrial da *Vellosia* (vulgarmente conhecida no interior por *canella de Ema)* como productora de incomparavel fibra textil, é que pode lastimar, como nós, o abandono daquellas riquezas floristicas que na Chapada dos Veadeiros cobrem extensões de milhões de pés quadrados e attingem mais de uma braça de altura, formando uma massa compacta.

E o seu emprego no fabrico do papel?

Artista de raça, o genial escadinavo pedia ao pincel de um pintor a reproducção das curiosidades da natureza singular de certas zonas de Goyaz, emquanto que os nossos patricios nem ao menos sabem da existencia de tão caprichosos scenarios no coração do Brasil.

MARECHAL RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS

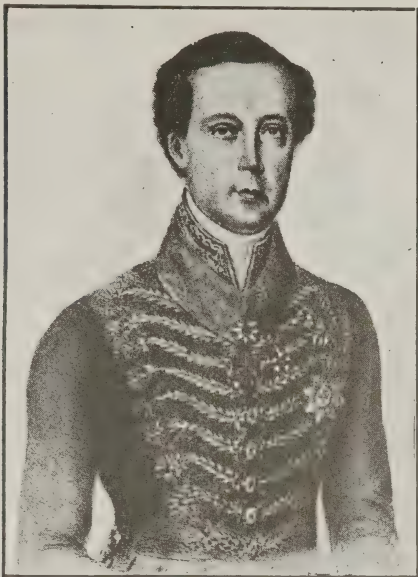
Marechal de Campo reformado. Fundador do Instituto Historico e seu 1.º Vice-Presidente desde a fundação.

Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, governador das armas de Goyaz. tendo tomado posse desse emprego em 16 de Junho de 1823.

A' ordem imperial seguiu para o Norte da Provincia, então convulsionada pela revolução da independencia, facto de que muito lucrou a geographia e a historia de Goyaz, pois, assim completou seus estudos do territorio.

Fundou a aldeia Graciosa á margem do Taquarussú. reformou as milicias de Goyaz.

Foi eleito deputado pela Provincia em 1825, reeleito em 1829. Foi substituido no governo das armas de Goyaz pelo Marechal João Joaquim de Daumon. Sua correspondencia militar, nos archivos de Goyaz, representa valioso patrimonio historico para nossa litteratura. Deve-lhe Goyaz os dous magnificos trabalhos — "Chorographia Historica" acabada em 1823 e o "Itinerario", terminado em 1836.

Uma peripecia na sua viagem ao Norte merece registro: ao atravessar o rio Manoel Alves da Natividade a montaria sossobrou, escapando milagrosamente.

DR. CAETANO MARIA LOPES GAMA

Dr. Caetano Maria Lopes Gama, primeiro Presidente da Provincia de Goyaz, de cujo governo tomou posse a 14 de Setembro de 1824. Deve-lhe Goyaz grandes serviços, como a exploração dos portos do Araguaya e algumas tentativas da navegação do mesmo Rio.

De seus emprehendimentos resta ainda hoje na Capital do Estado, o hospital de Caridade, autorizado pela carta imperial de 1825 e inaugurado em 1826.

A EXPLORAÇÃO DAS RIQUEZAS GOYANAS

"Foi constituido, em Londres, um syndicato anglo-brasileiro, que se destina a desenvolver as riquezas de Goyaz, já requerendo ao governo federal autorização para funccionar no Brasil. Esse syndicato tem como representante o dr. Couran, engenheiro de minas sob cuja direcção foi explorada a mina do *Chapéo de Sol*, em Crixás, naquelle Estado.

O syndicato alludido está constituindo por sobre o chapadão central de Goyaz, uma estrada de automoveis que vae de Annapolis á Crixás, atravessando a matta numa extensão de 60 leguas, bem como desenvolvendo na mesma zona um grande nucleo colonial.

Tendo o syndicato mandado ha pouco o engenheiro Dickinson investigar sobre as possibilidades da referida zona, esse engenheiro, voltando a Londres, aconselhou não só a exploração do ouro como a fundação de um novo syndicato para explorar a industria pastoril. O conselho do engenheiro Dickinson foi acceito e o novo syndicato para exploração da industria pastoril em Goyaz está sendo organizado na capital ingleza."

E'-nos particularmente auspiciosa esta noticia transmittida á imprensa carioca. E sobremaneira nos deve encher de jubilo, porquanto para o conhecimento das innumeras possibilidades do grande Estado concentrico da Republica não fôra extranha a intensa propaganda documentada que vimos fazendo nestas columnas de 4 annos a esta parte, particularmente sob o ponto de vista dos recursos que a nossa futurosa terra offerece ao desenvolvimento em larga escala da industria pastoril.

Porque é preciso que se saiba: a nossa revista vem sendo intelligentemente distribuida no estrangeiro desde o seu primeiro numero, o que é mais — transcriptos muitos dos seus informes nos "magazines" da Inglaterra e dos Estados Unidos da America. Todas as legações e consulados brasileiros da America e da Europa recebem a nossa visita mensal, por ella sempre mostrando interesse *Brazil New's de Liverpool* que se publica sob a competente direcção do nosso digno consul Sr. Dario Freire, muito ha concorrido para a vulgarização no Reino Unido das riquezas nativas de Goyaz transladando para as suas autorizadas paginas artigos d'*A Informação Goyana.*

Por outro lado, mão forte nos têm prestado *A Comercial Reference Library* de Liverpool.

Quantas vezes aqui nos referimos á existencia da formidavel zona florestal de 60 leguas de largura acima alludida — matta feracissima essa que os nossos geographos e saberêtes ignoram soffrivelmente?

Trata-se do "Matto Grosso de Goyaz", cujo golpeante aspecto tropical excelle ás da Amazonia máo grado as idéas preconcebidas e assentes de pedra e cal entre os proprios filhos de um paiz que elles não conhecem!

Mas acontece que o inglez foi até lá, viu, observou, e o resultado das suas investigações consta das linhas acima que trasladamos do *Correio da Manhã.*

E dizer que quando Goyaz começa a fruir os primeiros resultados da nossa propaganda — é que os maus goyanos pedem a suspensão do pequeno auxilio com que o governo do Estado a vem animando!

Depois, venham nos dizer que os goyanos não fazem questão de continuar escondidos por traz das mattas do Paranahyba...

CENTENARIO CIVICO

Na data de 14 de Agosto ha cem annos, occorreu em Goyaz a primeira revolução liberal, tendente á libertação do Brasil do jugo portuguez. O facto foi geral em todo o Brasil e a capitania central, deve-se dizer, foi da precursoras.

Um punhado de bravos, 6 individualidades, legitimos representantes das novas ideias, foi o iniciador da lucta que não teve graves consequencias. Seus nomes devem passar á historia; foram elles: Capitão Felippe Antonio Cardoso, Tenente Francisco Xavier de Barros, soldado Felizardo Nazareth, P. Bartholemeu Marques, José de Mendonça e...

Denunciado o movimento os conjurados foram presos e deportados para o Norte e outros pontos da Capitania.

Isto não arrefeceu a lucta, pois, no exilio os principaes implicados no movimento foram de novo adeptos que a 14 de Setembro do mesmo anno, declararam o Norte de Goyaz, independente do Sul, estabelecendo alli um novo governo.

A grande causa, iniciada a 14 de Agosto, teve o seu ultimo acto em 31 de Dezembro em que o capitão general Sampaio proclamou um governo provisorio.

O epilogo deu-se, porem, a 9 de Janeiro de 1822, que marca a sahida de Sampaio, expulso de Goyaz, e a 8 de Abril em que foi eleita a junta interina que governou Goyaz até 1829, tomando então posse do governo o 1.º Presidente Caetano M. Lopes Gama, Visconde de Maranguape.

GOYAZ EM ANTIGAS ESTATISTICAS

Quem quizer se inteirar das altas possibilidades que sempre offerecera a tão prodigiosa quanto ainda desconhecida circumscripção do paiz que tem por madrasta esta Republica, basta passar os olhos ao seguinte quadro demonstrativo da plantação, producção, exportação ou vendagem dos generos agriculturados em 15 municipios apenas da então provincia, no anno de 1862:

PLANTAÇÃO ANNUAL

MUNICIPIOS	SITIOS DE LAVOURA	Milho	Feijão	Arroz	Trigo	Mamono
		alq.	alq.	alq.	alq.	alq.
Jaraguá	320	306	93	77	...	15
Meia Ponte	683	564	196	331	...	35
Corumbá	231	460	250	120	10	100
Bomfim	965	1180	315	285	2	13
Santa Luzia	2000	1000	250	120	3	30
Formoza	200	120	50	30	...	10
Santa Cruz	593	16668	35	80	1	11
Catalão	1353	2706	670	300	...	50
Pilar	26	90	74	14	...	3
S. José do Tocantins	440	120	60	25	...	4
Cavalcante	170	41	30	20	16	5
Arraias	203	179	193	194	...	17
Conceição	360	66	30	46	...	2
Palma	200	50	20	50	...	8
Capital (6 freguezias)	1177	865	262	240	...	41
	8921	24415	2528	1932	32	344

PRODUCÇÃO ANNUAL

MUNICIPIOS	SITIOS DE LAVOURA	Milho	Feijão	Arroz	Trigo	Fumo	Mamono	Algodão	Café
		alq.	alq.	alq.	alq	arr.	alq.	arr.	arr.
Jaraguá	320	12240	3740	9240	...	320	600	...	...
Meia Ponte	683	67320	5200	28600	54	1065	860	2440	3360
Corumbá	231	36000	8000	96000	240	1000	800	6000	10000
Bomfim	965	290400	8000	3450	40	1510	996	...	1776
Santa Luzia	2000	50000	4000	14400	48	400	1600	...	...
Formoza	200	18000	400	1000	...	...	200	...	...
Santa Cruz	593	3333600	56000	7032	20	2000	1055	2401	340
Catalão	1353	27660	5528	3000	...	...	400	...	...
Pilar	26	11592	1538	3860	...	150	630	...	...
S. José do Tocantins	440	14400	500	1400	...	...	480	...	...
Cavalcante	170	1312	360	600	128	...	100	...	1500
Arraias	203	570	340	858	...	480	147	108	130
Conceição	360	3800	350	3800	...	...	50	...	...
Palma	200	1500	400	2000	...	40	20	...	...
Capital (6 freguezias)	1177	138800	10890	33320	...	610	2428	450	160
	8921	4007194	105246	208560	530	7575	10366	11399	17266

EXPORTAÇÃO E VENDAGEM

MUNICIPIOS	SITIOS DE LAVOURA	Milho	Feijão	Arroz	Trigo	Fumo	Mamono	Algodão	Café
		alq.	alq.	alq.	alq.	arr.	alq.	arr.	arr.
Jaraguá	320	...	...	...	...	...	...	...	...
Meia Ponte	683	14950	2100	11300	34	685	510	800	1650
Corumbá	831	...	...	...	150	600	...	...	5000
Bomfim	965	6584	1894	3512	30	1300	421	...	802
Santa Luzia	2000	200	50	7000	48	200	100	...	300
Formoza	200	800	100	400	...	...	80	...	...
Santa Cruz	593	...	...	...	...	...	...	...	...
Catalão	1353	300	600	700	...	...	100	...	...
Pilar	26	3000	640	1630	...	50	250	...	...
S. José do Tocantins	440	...	...	...	...	...	...	...	...
Cavalcante	170	300	180	300	512	...	800	...	1000
Arraias	203	225	198	319	...	163	40	33	34
Conceição	360	1200	80	1200	...	...	30	...	...
Palma	200	600	100	700	...	20	8	...	...
Capital (6 freguezias)	1177	12200	3700	13200	...	320	1050	200	80
	8921	40350	9642	40261	771	3333	3389	1033	8863

A industria fabril era representada por 1.147 teares, 661 engenhos de canna de assucar, 178 cortumes, 361 queigeiras, 3.305 monjolos, 189 alambiques, 524 rodas de mandioca, 149 moinhos, que produziam para o consumo e ainda para exportação.

Havia na provincia uma fabrica de ferro e duas forjas, que produziam ferro e aço.

NOTAS Á MARGEM D'UM LIVRO

(Conclusão)

— *Jatai* — E' uma pequena abelha não sylvestre, mas campesina. Constroe suas colmeias no baixo tronco do páo-terra *(Qualea)* vegetal caracteristico dos campos cerrados do Brasil central.

O ethymo desta abelha não pode ser referido á leguminosa citada, mesmo porque ás nossas *Melliponas* nunca tiveram predilecção pela *Hymoenea,* que conta no paiz nove especies.

O Sr. Theodoro Sampaio possue uma imaginação devéras phantastica...

Só ha prestado verdadeiros desserviços á glotologia indigena.

— *Pampa* — As malhas dos equinos chamadas *pampas* não se limitam á cabeça do animal: maculam-lhe todo o corpo.

Tobiano é o mesmo pampa, nos Estados do Sul, onde foram introduzidos pelo brigadeiro revolucionario Tobias de Aguiar.

— *Pepuira* — Noutras partes do paiz se pronuncia *papuira.*

Ha tambem uma graminea forrageira com o mesmo nome — a papuan rasteira, das mattas virgens.

— *Piracuára* — Designa tambem um peixe d'agua doce.

— *Piranha* — E' peixe exclusivamente das nossas aguas doces: vive tanto nos rios como nas lagôas.

—*Raposa* — Raposa nos Estados centraes, inclusive S. Paulo. não é o marsupial genero *Didelphus* que noutros Estados chamam *sarué* ou *sarigué,* mas sim a especie de cachorro do campo *(Dycalopex vetulus).*

A especie acima tem em S. Paulo, Goyaz, Minas e Matto Grosso o nome de *Gambá.*

Nós ouvimos em Villa Vieira do Piquete, S. Paulo, uma quadra popular que tinha por estribilho: *São Gambás. e não raposas...*

— *Sucuri* — Esta especie de ophideo differe da conhecida nos Estados do Norte, com os nomes de *sucurijú* e outros. A confusão é devido á pirronice dos nossos zoologos de gabinete, confusão esta tanto mais lastimavel quando Em. Liais já previra a existencia no Brasil Central de uma nova especie de *Eunecte marinus.*

GOYAZ NO MONROE

Os representantes do longinquo Estado Central não tem estado inactivos: projectos e emendas diversas têm sido apresentados este anno, devendo-se salientar o pedido de auxilio de 30 contos de reis para as obras de Hygiene, no quartel de Goyaz, com parecer favoravel da Commissão de Finanças.

A' tribuna já assomaram todos os deputados goyanos: o primeiro a se manifestar foi o Dr. Olegario Pinto, illustre membro da Commissão de Finanças, ao qual coube defender o projecto que mandava auxiliar com 200 contos a construcção de um edificio, em Goyaz, para telegraphos e correios. O orador se houve com ardor e teve bellas palavras de defesa que muito o honraram.

Voltou dias após á tribuna para fazer o elogio funebre do fallecido Coronel Nunes da Silva, 3.º Vice-Presidente do Estado, para que pedia e obteve um voto de pezar na acta dos trabalhos da Camara.

A 6 de Julho estreiou o joven Deputado Americano do Brasil cuja oração foi das mais commentadas pela imprensa. Moço, cheio de amôr a sua terra, o mais novo

dos representantes — federaes, na Camara, traçou um explendido quadro historico do Brasil Colonia, ferindo o thema — questão de limites entre Goyaz e Matto Grosso.

Foi uma excellente affirmação dos seus predicados de orador fluente, no conceito de varios orgãos da imprensa carioca.

A apparição goyana, representada pelo digno Sr. Dr. Arthur Napoleão já se fez ouvir tambem.

O deputado goyano fallou sobre Finanças, em longo estudo, mostrando ser o papel moeda em abundancia entre nós o factor da baixa do cambio. A these é suggestiva e resume as idéias de nosso eminente patricio ex-senador Leopoldo de Bulhões.

Nosso illustrado patricio, Dr. Ayres da Silva, que na Camara Federal representa Goyaz com notavel brilho, pronunciou a 29 de Julho passado um esplendido discurso sobre as possibilidades da expansão economica de Goyaz, empecilhada pela difficuldade dos transportes e pelo abandono a que têm sido votadas aquellas uberrimas regiões.

S. Ex. na verdade feriu com muita competencia o magno problema do *hinter-land*, senão o unico no ponto de vista commercial — o da falta dos meios de transportes.

Referindo-se particularmente a Goyaz ennumerou os productos de seu fertil solo, alguns nativos, como a castanha e outros muitos, além dos de sua industria, a espera de transportes para vir concorrer nos mercados do littoral.

A situação actual de Goyaz, economica, financeira e educacional, foi estudada por S. Ex., a vista de algarismos insophismaveis.

Felicitamos nosso distincto collaborador, que, sem favor algum, é dos mais operosos representantes de Goyaz na Camara dos Deputados.

For ever!

ATHENEU GOYANO

Grupo de alumnos e professores: (1) Alarico Torres Verano, Director; (2) Dr. Henrique Itiberê, Juiz de Direito da Comarca; (3) Bacharel Arnaldo Soter Gonzaga; (4) Senhorita Julia de Salles Guimarães, Normalista.

Fundado em 1919, graças aos esforços do deputado Evangelino Meirelles, o "Atheneu" já conta 50 alumnos matriculados, sendo: internos, 10; externos, 40; curso primario, 15; curso secundario, 35.

Nota: — A melhor prova de que o "ATHENEU" é um optimo estabelecimento de instrucção é esta: — *"Tem sido muito combatido, mas até hoje não foi vencido."*

N. B. — E dizer que ha uma terra onde ainda se hostilizam systematicamente institutos de ensino publico!

VICE-ALMIRANTE JOSÉ CARLOS DE CARVALHO

Ao illustre Brasileiro, homenagem da "Informação Goyana", que lhe deve desinteressados serviços

RIQUEZA MINERALOGICA DE GOYAZ

A riqueza mineralogica da provincia de Goyaz não é assumpto para ser tratado perfunctoriamente. Esta provincia contem em seu seio um tratado completo de mineralogia, e tão prodiga é de sua riqueza que bem se pode dizer uma vasta mina de ouro, de pedras e metaes preciosos. No leito dos rios, nos campos, nas mattas, nas montanhas e nos valles, por toda a parte onde o viajante dirige os passos, encontra na superficie da terra os vestigios da prodigiosa riqueza que ella contem em seu seio.

Permitta V. Ex.ª que aqui transcreva alguns periodos do relatorio que sobre o assumpto prestou-me o reverendo Joaquim Vicente de Azeredo um dos poucos que ainda exercem na provincia a industria mineralogica:

"O terreno de Goyaz é quasi geralmente aurifero; encontra-se o ouro desde a sua superficie até as suas camadas

de cascalhos onde apparece maior quantidade, sendo as piçarras, camada inferior ao cascalho, o lençol de ouro como se exprimem os Mineiros.

"Nas rochas aonde repousão os cascalhos encontrão-se muitas vezes riquissimos filões de ouro, ou chamadas vieiros. O methodo do trabalho é geralmente o mesmo, e chama-se minerar de talho aberto. Desmonta-se a terra, quebra-se o cascalho e piçarra com agua por cima. Este methodo é difficil e algumas vezes impraticavel, não só pela escavação de taes filões como pela exploração dos terrenos eminentes, onde não é possivel, sem grandes difficuldades fazer subir agua sufficiente para o serviço. Por isso conservão-se até hoje quasi intactos e desconhecidos veios de ouro depositados pelo sabio Autor da natureza n'essas entranhas virgens aonde pelas nossas circumstancias locaes, pela deficiencia de meios, e pela pobreza de conhecimentos mineralogicos não podemos penetrar.

"Havendo na provincia vastos terrenos de requissima mineração estão elles intactos por falta de braços que os descortinem e que os beneficiem.

"Consta-me que apenas trabalhão em mineração n'esta capital o autor d'esta memoria, e em Corumbá o coronel João José de Campos Curado. No municipio de Trahiras funcciona a companhia Mineira de Goyaz sob a gerencia do cidadão Joaquim Vicente de Azevedo, e do director dos trabalhos Pedro Secretan com cerca de 40 trabalhadores.

"Essa companhia emprehende virar as aguas do Rio-Maranhão na cachoeira do Machadinho. aonde os antigos em 1732 depois de 2 annos de trabalhos com a força de 200 escravos conseguirão tombar por meio de um dique as aguas para a margem direita do rio, correndo por um canal aberto entre dous rochedos. O trabalho da mineração não durou mais tempo do que o praso de duas horas, em rasão de se haver arrombado o dique pela correnteza das aguas; a apuração porem das areas e cascalhos extrahidos produzio tal quantidade de ouro que foi sufficiente para cobrir as despezas e jornaes de dous annos, e haver ainda um dividendo lucrativo entre os accionistas.

"A companhia mineira, conseguindo levantar um açude forte construido de grandes pedras em um braço do rio, deu começo a um segundo açude em outro braço formado com menos solidez, e mais estreito do que o primeiro.

"N'esse lugar o rio divide-se em dous braços, formando no meio uma ilha, os quaes depois de reunidos, suas aguas despenhão-se pela cachoeira chamada do Machadinho, encontrando-se em baixo um poço medonho e muito profundo.

"Em fins de setembro do anno passado. quando se esperava a conclusão d'este trabalho, sobre-veio uma pequena enchente, e desmoronou este segundo açude que por erro do director fôra construido na superficie das arêas; sem base firme para a sua duração e segurança.

"Consta-me que o primeiro dique mais solidamente construido tem resistido a violencia das enchentes, havendo bem fundadas esperanças de que servirá para a continuação dos trabalhos na secca d'este anno. A conseguir-se o tombamento das aguas do Maranhão torna-se franco o trabalho mineralogico no grande e profundo poço abaixo da cachoeira, aonde sabe-se, por experiencia dos antigos e modernos, existir depositada enorme quantidade de ouro.

"O Rio Maranhão, cuja origem mais remota é o Uruhú, contem muita riqueza aurifera e diamantina já conhecida e explorada mui superficialmente. Se a empresa da companhia mineira superar as difficuldades que a cercão, este interessante ramo de industria trará á provincia vantagens incalculaveis, e para os accionistas inconsideraveis lucros."

Do *Relatorio* apresentado ao ministro do Imperio pelo presidente José M. Pereira de Alencastre, anno 1862.

O CARVÃO E O PETROLEO DE GOYAZ

Anda á baila, está em fóco o magno problema do combustivel no Brasil — problema este que aliás affecta os interesses do mundo inteiro.

Mas, que fez ou faz o Ministerio da Agricultura com os seus tão bem apparelhados departamentos que para outra cousa não foram criados e vêm sendo custeados, sinão para o conhecimento scientifico das riquezas nativas do paiz?

Os funccionarios da Commissão Geologica e Mineralogica da Praia Vermelha, bem como os do Museu Nacional, continuam, na phrase pittoresca do chronista d'antanho frei Vicente do Salvador — a arranhar, como carangueijos as praias do Brasil — sem animo de penetrar terra a dentro...

Illustremos o nosso caso: vem ao Brasil um estrangeiro engenheiro de minas, mette-se pelo *hinter-land* e chega ás nascentes do Araguaya — onde até agora um só dos nossos nunca se perdera.

Passados dois ou tres annos de pesquizas, volta trazendo amostras do mais preciosos minerios e firma um documento apreentado ao então presidente de Goyaz, o hoje deputado da Commissão de Finanças da Camara dos Deputados, Olegario Pinto — documento este que aqui nestas columnas já inserimos, mas do qual convém a reprodução:

"Verte o grande rio de uma região montanhosa cortada por ferteis valles de Sul a Norte particularmente onde nasce o seu affluente de nome Formoso. Ha muitos valles e bocainas nas immediações do rio Jacú e na Serra Cayapós, do qual é o ponto culminante o Morrote do Brasil, com 556 metros sobre o nivel do mar e uma circumferencia de 24 leguas. As chapadas mais altas attingem até 395 metros, os geraes até 450 m., campos 370 m., baixadas ou valles 243 a 250 metros.

A fauna é riquissima a flora do mesmo modo e ás madeiras de construcção predominam em todos os logares. A riqueza mineral é superior a de todos os Estados do Brasil, tanto em metaes como em pedras preciosas, aguas thermaes, etc.

Entre outras contam-se as seguintes: Ouro, platina, ósmio, iridium, manganez, magnesia, cobre estanho, salitre, enxofre, nitro, magnil, (Imam), pedra hume, pharmacão, sal commum (quasi puro), sal de gláuler, bismutho, calcium, terras ferro litiniferas, terras calcareas e potassias, potassium, amiantho, sinaber, nickel, tengoten, sodium, ferro de todas as especies.

Entre as pedras preciosas predominam: diamantes claros, alvos, verdes, côr de vinagre e côr de milho; esmeraldas (claras e mais escuras), amethistas, turmalinas verdes e côr de rosa, turmalinas vermelhas (rubiletes das duas especies), topasios (pouco impuros), côr de mel e vinagre, aguas marinhas, avenearnias, olhos de gato, berril (azul e verde), fluor, zarcon, onix, turmalians pretas, chamadas de toque e da lua.

Entre as aguas thermaes temos: sulphurosas, salitradas, enxodradas, solicato-sodiosas, nitradas, nitro-potassias, ferruginosa, etc.

Existe nessa região araguayana tres lagoas salgadas — sal commum e gláuber, bem como varios poços d'aguas ferro-magnesianas, lithina-ferruginosa de uma temperatura de 70° a 72° R. Todas as outras aguas podem servir para excellente banho com a temperatura de 86° R.

Estas aguas thermaes são mais radio-activas que as de Caldas Novas.

Existem tambem carvão fossil (anthracithe e lignithe de 7.500 á 8.200 calorificos.

Kerozene ha em dous logares e o melhor que conheço".

Extrahimos as notas acima de um trabalho inedito intitulado *Descripção geographica e geologica do rio Araguaya e seus primeiros affluentes*, com uma planta da região originaria do grande rio, comprehendendo uma área de 4.500 kilometros quadrados pelo Capitão de Engenheiros de minas do Exercito Russo, Miguel Ramanoff Romanwscy de Svanetia.

O que falta pois a Goyaz si não força de levitação capaz de trazer até ás portas da Capital Federal as suas florestas, a sua fauna, as suas riquezas mineraes... Dizer dellas é malhar em ferro frio.

PISCINAS NATURAES

Ha no interior do paiz duas cidades onde o pescado apparce com abundancia nos mercados: Cuiabá e Goyaz (capital). Quer no rio Cuiabá, que banha a cidade do mesmo nome, quer no Rio Vermelho, que bi-parte a metropole goyana, as bombas de dynamite espócam diariamente, causando impiedosa matança das suas especies icthyologicas sem que todavia as exterminem de modo apreciavel.

Ninguem ainda explicou este phenomeno.

Succede, porém, que marginaes áquelles alludidos rios, grandes lagos, lagoas pantanaes e corixas onde em determinada época do anno os peixes se refugiam para a necessaria desóva.

As especies mais frequentiças na capital de Matto Grosso buscam seus viveiros nos pantanaes, nas grandes lagôas, e mais planicies inundadas.

Os que aos primeiros repiquetes sobem á capital goyana têm, no proprio Rio Vermelho, á distancia apenas de 18 leguas seu natural reservatorio o Lago dos Tigres, onde se refugiam e desovam, espantosamente.

D'ahi o phenomeno acima,-de facil explicação.

Merecem referencia especial, o Lago dos Tigres, o Acará o Vermelho e outros que alimentam tanto d'agua como de peixes o Rio Vermelho, e consequentemente a capital do Estado.

Assim, transladamos para aqui o final do relatorio que ao presidente Coronel José Rodrigues Jardim apresentara o primeiro explorador daquella ainda até agora abandonada região:

"O Lago dos Tigres inunda por grandes vasantes que estavão agora em Agosto, seccas, por fóra das vasantes da parte esquerda se levantão as Mattas, as quaes pela sua verdura, e qualidade de madeiras indicão a fertilidade do terreno: ali vi corpulentos cedros, grossas tamboris, altos Landins, madeiras proprias para construcção de barcos, tambem vi em alguns lugares mais altos Aroeiras, Paos d'arcos, Jacarandás, e madeiras de lei. Em toda a extenção da picada só encontrei duas vertentes pequenas: pelo lado direito de N. 11 em diante tambem se divisão as mesmas mattas. Na cabeceira da Bahia maior onde se notão as N.os 9—10 é uma barreira alta que se estende a unir-se com as mattas frescas; não apparece signal de que ali tenhão chegado em tempo algum as enchentes do lago, pelo que me parecêo o lugar mais proprio para a Povoação: a sua perspectiva, só se pode comparar com o Porto da Cidade de São Salvador da Bahia, onde estive. Neste Lago se encontrão muitos peixes; bastantes Botos, e Jacarés; não vi porém os pirarucús, apenas de-se-me dizer que havião muitos: mas suas margens há caça, e mel em abundancia, e tendo atenção as vasantes, que nas agoas inundão, me parecêo o lugar mais proprio para a Criação dos porcos.

A extenção do Lago desde a sua foz N. 1 até N. 14 calcúlo em quatro legoas, é da barreira alta N. 9, e 10 a foz em legoa e meia.

As Cabeceiras do Tigres me parecem ser o ribeirão da bocaina no Caminho do Rio Claro, assim como me persuado que em linha recta não distará desta Cidade mais de 16 legoas.

O Terreno onde se acha a roça só me parece proprio para a criação, e para a plantação de mandiocas, e algodão pelo que vi na mesma roça: muito proprio tambem para hum Pesqueiro.

O Rio Vermelho em toda a sua extenção hé abundante de pescado, sendo de muito pouco fundo até a confluencia com o Lago dos Tigres, em qualquer remanço se observa o peixe em cardume: encontrei o que vi, e o que experimentei. Em huma volta do Rio encontrei na minha subida hum cardume de pintados, os quaes erão em numero incalculavel, e divertindo-me em tiral-os fisgados com arpoens, em duas horas que me demorei neste entretenimente, tirámos 309 peixes, podendo matal-os todos se quizesse, e o que não fiz por não ter sál para os salgar, e nem meios de condusis; convem dizer, que estavão tão unidas, que hum tiro de arpão fisgara-se dois, etrez: que fartura?

Que riqueza?

As margens do Rio Vermelho apresentavão em alguns lugares bonitas veredas, e muitos bons pastos, são porém frequentadas de bastantes onças pintadas.

Goiaz 20 de Outubro de 1834."

Antonio Ludovico de Almeida.

Contam em Goyaz que pouco acima do desaguadouro do Lago dos Tigres certo individuo matou com uma só bomba de dynamite mais de 2.000 *Caranhas*, não contando a grande quantidade que não pudera aproveitar. A Caranha é um dos melhores peixes d'agua doce, conhecido no Pará por *Tambaqui*. Mede 0.m45 sobre 0.m55.

ARROZ NATIVO

Narra o *Jornal de Goyaz* que, nesse Estado, nas terras baixas formadas e inundadas pelas aguas do Araguaya, existe em enorme quantidade uma planta que é estupendamente parecida com o arroz commum.

O povo de tal zona chama essa planta de "arroz brabo", que, na nossa linguagem sertaneja equivale a dizer "arroz nativo".

Trata-se de um curioso cereal, apresentando pequenas differenças do arroz commum, porque tem as espigas menos cheias e o grão é mais quebradiço.

Nas visinhanças do rio Javahé ha tambem grande quantidade desse arroz nativo e que tem sido applicado com bons resultados para a engorda de gados de varias especies.

Tem assim o Estado de Goyaz mais uma nova riqueza.

(Do *Jornal do Brasil*).

Damos testemunho da existencia da alludida planta forrageira nos terrenos alagadiços do norte de Goyaz, onde a encontramos faz 14 annos, tendo d'ella trazido amostras que podem ser admiradas no museu da Sociedade Nacional de Agricultura.

Na grande obra de propaganda do nosso paiz no estrangeiro, mandada elaborar em 1907, pelo então Ministro da Agricultura Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida — *O Brasil, suas riquezas, suas industrias*, no capitulo consagrado á industria pastoril, da lavra do nosso director, ha esta referencia á graminia em questão: "*Capim arroz.* — Especie de arroz sylvestre (*oriza tabulata* Nees). Este arroz, nativo no interior do paiz, vegeta nas orlas das lagôas e mesmo dentro dos alagadiços razos e tambem nas margens dos rios. Distingue-se por um esporão aspero, comprido. E' comestivel — e tambem excellente forraginosa."

PARA A HISTORIA DE GOYAZ

Iniciamos no presente numero a publicação do mais antigo documento chorographico existente sobre a então Capitania de Goyaz, contido nas *Noticias Brasilicas* ou *Cartas Soteropolitanas,* notavel e raro codice de Luiz dos Santos Vilhena, erudito professor régio da lingua grega na cidade da Bahia, em 1802. Este importante codice, que se encontra na Bibliotheca Nacional pertenceu ao Dr. José Carlos Rodrigues, que no seu "Catalogo annotado de Livros e Manuscriptos sobre o Brasil" escreve: — "MANUSCRIPTO precioso em quatro volumes *in*-4º e mais dous volumes de estampas in-fol., encadernado em marroquim vermelho, folhas douradas, armas reaes de Portugal douradas a cinzel por fl. *Original.* Pertencente outr'ora á bibliotheca do D. Rodrigo de S. Coutinho, Conde de Linhares, em cujo catalogo figura sob o n. 301. Na venda dessa bibliotheca foi vendido por mais de 400$000 (fortes), a Legação do Brasil (Dr. Assis Brasil) tendo mandado chegar até aquella somma, que foi excedida. Posteriormente me offereceram o M. S. por £ 100 a cujo preço obteve-o.

E' um bello e valioso trabalho."

Carta 23ª em que se dão algumas noticias pouco vulgares da Capitania de Goyaz, hvma das mais sentraes dos dominios portuguezes no Principado do Braz. Na America Meridional

Patrifilo.

Amigo, que prezo como mereces, e respeito como devo. Se he que te mereci algum conceito pellas Cartas que escrevi a Filopono sem duvida queres que o perca com os precitos que me impoens; como he possivel que eu te dei noticias de huma Capitania tão distante desta cidade como he a de Goyaz para onde não tenho correspondencia? tu porem mandas, e eu devo obedecerte pello modo que me for possivel. Para que melhor venhas no conhecimneto do quanto fica desviada aquella Capitania desta Cidade da Bahia; eu começo pello itinerario de uma para outra Capital.

Sahindo da cidade da Bahia embarcado na distancia sete legoas se vai entrar pello rio Peruassú, e subindo por elle outras 7 legoas se apporta no Arrayal de S. Fellis defronte da Villa da Cachoeira, donde por terra, e na distancia de meia legoa se chega a S. Pedro de Moritiba, andando mais quatro legoas se chega a fazenda do Apurá, e dahi a 7 legoas fica a do Jenipapo, e desta ao Candeal meia legoa; do Candeal ao Curralinho huma legoa, e deste à Cruz 2 legoas; e da Cruz ao Boqueirão duas legoas e meia; e deste á Fazenda da Boa Vista, onde a estrada continua acompanhando o rio Peruassú, distão doze legoas. Dista esta fazenda seis legoas das Varginhas, e vem a ser 1 ½ ao sitio da Farinha molhada, 1 leg. ao sitio da Terra Vermelha, huma a Cabeça do Touro e 2 ½ as Varginhas. Seis legoas diante fica o sitio de Mazulo, e vem a ser huma legoa ao citio dos Morrinhos, huma, ao do roncadouro; duas a Villa de João Amaro, e duas ao Mazulo. A agoa que por estes sitios se encontra he so a do rio Peruassú, e os pastos para as cavalgaduras são distantes, de forma que se carece do practico para ir a elles.

Da vendinha do Mazullo á Fazenda das Flores distão sette legoas, e são tres á Fazenda das Lages; duas a tapera do Roque, e duas a mencionada Fazenda das Flores. Todos estes sitios ficão proximos ao Peruassú de que unicamente se bebe agoa pestilente, em partes estagna elle de forma que cobre a estrada, e ha percizão de abrir picadas pello matto, principalmente saindo das Flores, pouco diante da qual fazenda tem hum sangradouro, que quando cheio não da vàu. Os pastos não só são poucos, como roins, e distantes; meia legoa diante, e outra atras do Mazulo se achão pastos e agoa.

Da Fazenda das Flores ao olho d'agoa ha sinco legoas de distancia, a saber hua ao Páo apique, outra a Fazenda das queimadas, e tres as Flores; nas Queimadas finalizao matto, e o caminho do Padre Paulo se junta ao do rio d'Una pella parte direita; advertindo a quem subir para Minas pello caminho do Padre Paulo, que pouco diante da Fazenda está da parte esquerda junto ao caminho huma lagem raza, diante della na distancia de 70 passos com pouca diferença se encontrão duas estradas, e se deve tomar a da direita ainda que pareça menos seguida. A pessima agoa que por aqui se bebe he ainda do Peruassú.

Do Olho d'agoa ao sitio das Almas distão sette legoas e meia e são do Olho de Agoa, onde o caminho a baixo há muito pasto, e ahi agoa corrente hà tres legoas de distancia athe a rossa da Boa Vista; dahi a rossa do Zemborana meia legoa, e ao sitio das Almas quatro legoas; não ha nesta marcha agoa alguma, nem pastos, e repetidas vezes se passa por hum corgo sêco.

Do sitio das Almas, onde ha um olho de agoa doce menos ma, huma lagoa, e muitos bons pastos, se o querem mostrar ha sinco legoas pequenas athé a rossa do Cobreiro e são, tres à Tapera da Lapa, e duas a dita rossa, e por aqui continua os mattos. Do Cobreiro, onde so ha agoa muito má em pôças e algum pasto para as cavalgaduras, ha sinco legoas á Fazenda do Sincorá, e vem a ser uma e meia do Jequi, e meia legoa ao sitio do Soldado, hum pouco diante deste sitio se atravessão dois brejis, que formão as cabeceiras do rio Duna que entra no Peruassú, e aqui dividem os caminhos seguindo para a esquerda o do Padre Paulo Corrêa por entre hum mato fechado; dizem ser mais breve e mais sadio, ainda que mais falto d'agoa e pastos; do Soldado ao Sincorá distão tres legoas.

Da Fazenda do Coronel do Sincorá distão sette legoas ao sitio do Carvalho, e são hua do riacho das duas barras, cuja agoa he da cor de cha; duas á venda do Peruassuzinho; huma ao riacho das Lages, tres ao Carvalho.

(Continúa).

DR. PEDRO LESSA

O Brasil acaba de perder, na phrase lapidar do grande Ruy Barbosa, o seu mais completo juiz.

E Goyaz, que vive á mingua de justiça, tinha na sabedoria e na integridade de insigne magistrado a maior garantia dos seus direitos na vigente pendencia de limites com Matto Grosso.

Mas, como os mortos governam os vivos...

A INFORMAÇÃO GOYANA

Revista mensal, illustrada e informativa das possibilidades economicas do Brasil Central

Director: **HENRIQUE SILVA**

COLLABORAÇÃO DOS MAIS COMPETENTES E CONHECIDOS SABEDORES DAS COUSAS DO "HINTER-LAND" BRASILEIRO

REDACÇÃO: RUA TORRES SOBRINHO, 9 (MEYER)

ANNO V — RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1921 — VOL. V — N. 1

O ministro da Viação visita o Estado de Goyaz — Guatá-Pará — Bispado de Porto Nacional — Considerações opportunas — Notas e Informações — Para a Historia de Goyaz.

O Ministro da Viação visita o Estado de Goyaz

Da recente visita do Sr. Presidente da Republica a S. Paulo, onde S. Ex. recebeu verdadeira consagração official e popular, resultou um consideravel beneficio para o Estado de Goyaz. E' que S. Ex., bem inspirado no desejo de cumprir a palavra, que empenhára, de realizar o avançamento da Estrada de Ferro Goyaz para além da Estação de Roncador, concertou com o seu digno auxiliar, Sr. Dr. Pires do Rio, ministro da Viação, uma visita deste ás terras do Estado central.

Deixando o Presidente a percorrer o interior paulista, o Sr. ministro partiu para Goyaz, a 23 de Agosto ultimo, em carro especial da Estrada de Ferro Mogyana, acompanhado do Sr. Dr. Palhano de Jesus, inspector das Estradas Federaes, de altos funcionarios da Mogyana e do capitão Herculano de Carvalho, da Força Publica de S. Paulo, posto á sua disposição pelo Sr. Dr. Washington Luiz, presidente do grande Estado.

O Sr. ministro não deu á sua excursão qualquer cuidado de exterioridade. Pelo contrario, fugiu a quaesquer manifestações festivas e sómente teve em vista conhecer, examinar e providenciar.

Passando por Uberaba, Uberabinha e Araguary, evitou e recusou quaesquer participações em regosijos, seguindo directamente para Goiandira, que foi o primeiro ponto onde S. Ex. e sua comitiva tomaram algum repouso, após cerca de 24 horas de constante viagem, além de Ribeirão Preto. Foi a 24 de Agosto que o Sr. ministro chegou á zona catalana.

No dia immediato, o Sr. ministro visitou a linha tronco, que vai de Goiandira a Ouvidor, passando por Catalão, e retornou a Goiandira, de onde partiu para Roncador, em visita ás obras de construcção da ponte do Corumbá e do avançamento demandando Tavares.

Chegou o Sr. ministro a Roncador ás 13 horas do dia 25, tendo festiva recepção por parte da população e da Municipalidade de Campo Formoso, que enviou uma commissão a saudal-o, apresentando-lhe uma mensagem.

O Sr. ministro foi saudado na Estação de Roncador pelo jornalista Moizés Santana, que lhe deu os cumprimentos de boas vindas e lhe fez um ardente appello em prol da realidade da construcção da via ferrea.

Respondendo a esse discurso, que muito o emocionára, o Sr. ministro reaffirmou as disposições do Sr. Presidente da Republica de fazer justiça aos interesses e direitos de Goyaz, assegurando-lhe a construcção da ponte, que é o unico entrave consideravel e bem assim a construcção de 100 kilometros de linhas.

Praticamente, S Ex. resolveu diversos pontos controversos da construcção e firmou providencias. Recommendou ao seu auxiliar, Dr. Balduino de Almeida, director da Goyaz, que renunciasse á idéa de construir uma variante, por elle planejada, de Roncador a Urutahy e que convergisse todos os esforços no avançamento.

O Sr. ministro examinou cuidadosamente as obras e applicou todos os meios necessarios para que se desenvolvessem os trabalhos.

Depois de considerar sobre todas as necessidades da Goyaz, o Sr. ministro retornou a S. Paulo, onde deu contas de suas impressões ao Sr. Presidente da Republica.

Com o impulso dado pelo Sr. ministro, acceleraram-se as obras da construcção. Acham-se adiantados (e de modo apreciavel) os trabalhos da ponte do Corumbá e os de avançamento se desenvolvem consideravelmente.

Nesta capital, o Sr. ministro renovou aos representantes de Goyaz os mesmos protestos feitos em Roncador, e sabemos que S. Ex. e o Sr. Palhano de Jesus não têm poupado esforços para que nada falte ás obras: nem verba, nem materiaes.

Seria de grande vantagem que os Srs. senadores e deputados por Goyaz prestassem mão forte ao Sr. Palhano de Jesus, a exemplo do que fazem os representantes do Piauhy e do Maranhão, que muito têm auxiliado o encaminhamento dos interesses de seus Estados.

Uma conjugação de esforços redundaria em beneficios para Goyaz, e, como a nossa palavra tão raro se faz ouvir, bem andariamos se a suppríssemos pela diligencia de passos activos e efficientes.

*
* *

O Sr. Pires do Rio foi o primeiro ministro de Estado que penetrou em terras de Goyaz, e o fez visando os nossos mais palpitantes interesses.

Tem-se resolvido que a primeira estação da Estrada de Ferro de Goyaz, além de Roncador, se denomine — Estação Presidente Epitacio.

A ponte do Corumbá, segundo solicitação dos que tomaram parte na recepção do Sr. ministro da Viação, será denominada — Ponte Pires do Rio.

GUATÁ - PARÁ

Está dando de si uma nota mundial o notabilissimo estabelecimento rural-industrial, conhecido no Estado de S. Paulo pelo original nome de Fazenda Guatápará.

Situado no opulento e adiantado municipio de Ribeirão Preto, pertencente ao Estado de S. Paulo, é este estabelecimento notavel, não só pela sua extensa lavoura multiforme, como ainda pela installação dos mais adiantados machinismos no beneficiamento dos variados productos da sua opulenta lavoura. Por esse motivo é elle muito visitado por quasi todas as pessoas de notabilidade que percorrem o Estado de S. Paulo, como aconteceu ainda o anno proximo passado com Sua Majestade o Rei Alberto da Belgica, que ali permaneceu por mais de um dia, e agora mesmo vae elle ser visitado pelo Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, digno Presidente da Republica, que ora se acha em excursão pelo Estado de S. Paulo.

Ainda mais, a Commissão Executiva do Centenario da Independencia resolveu, aproveitando a actual visita do Exmo. Sr. Presidente da Republica a esse importante estabelecimento, fazel-o "filmar", afim de que elle figure na Grande Exposição do Centenario, fazendo seguir para o Estado de S. Paulo, para obter esse "desideratum", o distincto Sr. Dr. Ezequiel Ubatuba, chefe do serviço de propaganda interna do Centenario da Independencia.

O nosso fim, porém, escrevendo este tosco artigo e para elle pedindo asylo nas columnas do vosso conhecidissimo e mui lido diario, é esclarecer a maioria dos vossos leitores sobre a origem e a graphia desse nome "Guatá-pará", que, aliás, é muito vulgar para os arrojados caçadores paulistas, mas pouco divulgado para a maioria dos brasileiros; assim, pois, peço licença aos mais preparados para entrar no assumpto.

"Guatá-pará" — Trata-se do nome indigena, de um veado notavel e bem assignalado, habitante habitual do planalto central do nosso amado Brasil, muito mal descripto e ainda não classificado pelos sabios naturalistas e zoologos que se têm occupado com a nossa fauna; e, é isso muito para se extranhar, porque é esse ruminante assaz commum e muito conhecido dos audazes caçadores, que são numerosos no Brasil central.

Pondo de parte tudo quanto os naturalistas e zoologos escreveram sobre este "cervideo", porque todos lêm pela mesma cartilha dizendo ser elle uma simples "variedade do veado pardo ou matteiro" (*Cervus rufus*, segundo Linn.), que é o "Suassú-etê" dos nossos indigenas e tambem conhecido por "Suassú-pitá", nós, pelo conhecimento pratico que temos deste formoso specimen dos nossos veados e de accordo com um nosso amigo, mui distincto e habil caçador goyano Sr. Coronel reformado do nosso glorioso Exercito Henrique Silva, notavel escriptor, que muito se tem occupado com a fauna do nosso Brasil central, acceitamos a classificação feita por elle deste veado, como sendo uma especie nova, scientificamente falando, inteiramente nova, ainda não classificada, nem mesmo o mallogrado sabio naturalista E. Gœldi, ha pouco fallecido, ex-director do Museu do Pará, e nem mesmo o notavel sabio e pesquisador distincto ex-director do Museu Paulista do Ypiranga, Dr. H. von Ihering, absolutamente, nada disseram sobre esta especie, que ora estamos descrevendo.

Assim, pois, reunindo o que sabemos praticamente relativo a este ruminante, ao que sobre elle escreveu o nosso amigo Coronel Henrique Silva, no seu magnifico livro publicado em 1913, aqui no Rio de Janeiro, sob o suggestivo titulo "Caças e Caçadas no Brasil", no capitulo III dessa obra, pag. 72 em diante, quando trata da classe dos "cervidas" brasileiros, extende-se caprichosamente na descripção das especies conhecidas com a consciencia de habil e velho caçador, que é, o que torna sobremaneira interessante a preciavel esse seu trabalho; á pag. 82, porém, dessa sua obra, eis o que elle refere quanto ao veado "Guatá-pará": "Até ahi com a classificação dos homens da sciencia zoologica, agora as observações de caçadores".

"Estes distinguem mais, além das acima, uma especie, como dissemos, não classificada, o "Guatá-pará". Não tem chifres, e, portanto, não está comprehendido no numero das especies mencionadas e os seus caracteristicos são: côr vermelha, tirante aó roxo, pescoço e fio do lombo brumaceos, saliente na testa um como que capuz ou topete, de cabellos asperos e negros, as extremidades das curvas para baixo ennegradas e entre ambas as pernas, no encontro das canellas, nas partes internas, um tufo de cabellos amarellados, tambem escuros e sedosos. Só habita nos logares montuosos, nas grandes mattas virgens, longe da vizinhança do homem.

O seu nome, quer nos parecer, significa na lingua geral — Veado sem chifres, — pois, pela identificação, feita na fauna do Brasil, vê-se que "apará" corresponde ao "anoplas" da lingua grega (sem arma, sem defesa), que os naturalistas empregam na classificação de especies zoologicas".

"Assim, "Suaçú-apará" é o nome indigena da femea do cervo, e tal particula, "apará" nella indica a falta dos grandes chifres que caracterizam os machos da sua especie". Ainda a fls. 89, do citado livro, diz mais esse distincto escriptor: "O "Guatá-pará", que ainda não foi chrismado com nome latino, pela simples razão de ser illustre desconhecido, na systematica, é pouco menor que o cervo, mas, como foi dito, não tem chifres, é mocho. Leva vida de ermitão na espessura das grandes mattas virgens, onde se deita no cume dos morros e dos espigões das serranias; só abandonando esses logares alpinos, onde passa o dia, para vir beber nos ribeiros proximos e pastar em alguma roça de milho que exista nas proximidades.

Comquanto eu esteja de perfeito accordo na maior parte dos conceitos acima contidos do meu illustre amigo Sr. Coronel Henrique Silva, divirjo, no emtanto, em um ponto, que é quanto a graphia ou traducção em portuguez do nome indigena de "Guatá-pará", e nesse presupposto recorri a outro distincto amigo e companheiro de campanha Coronel voluntario da Patria Sr Dr.. Jorge Maia, illustrado geologo e profundo conhecedor da lingua geral tupy-guarany, o qual discordando tambem, nesse ponto, da opinião do Sr. Coronel H. Silva e consultado por mim, me enviou a seguinte resposta: "Guatá-pará" quer dizer "andar vario", de "guatá" verbo, andar, "pará" vario" Assim sendo, e acceitando esta interpretação, por me parecer mais de accordo com o costume que tem este veado quando corre, o seu andar então torna-se cambaleante e tropego e, quando é perseguido por cães, torna-se tão irregular e atropelada a sua carreira que é facilmente alcançado pelos cães. Nas minhas caçadas a este veado sempre notei isso, vendo-o logo procurar qualquer corrente d'agua mais proxima e sempre atrapalhado e zambro das pernas, aturdido e medroso.

No anno de 1892 passei dous mezes na fazenda do meu saudoso amigo Dr Nestor de Carvalho, situada em Matto Grosso de Batataes, no Estado de S. Paulo, e ahi entre muitas caçadas, tomei parte em uma na qual foram mortos dous destes veados, verificando mais uma vez o que acima fica exposto relativamente á sua cor-

rida; por essa occasião fizemos medir e pesar, depois de morto, o maior dos dous ditos veados, o que deu o seguinte resultado: — 1 metro e 72 centimetros de comprimento sobre 1 metro e 10 centimetros de altura junto ás espaduas, tendo o peso total de 51 kilogrammas; o seu pescoço é curto e reforçado, a cabeça volumosa, apresentando assim no seu todo uma fórma quasi quadrada. A sua carne é saborosissima e a sua pelle, depois de curtida convenientemente, é optima para calçados e outras obras, uma só pelle dando para um magnifico par de botas para montaria.

Este bello specimen de veado não se prestaria a ser domesticado para delle se aproveitar o trabalho de tracção e, depois de morto, os seus despojos, como se pratica na Noruega com as rhenas?"

A formosa fazenda "Guatá-pará" tem sido assaz visitada por pessoas de grande destaque social e agora mesmo vae ella receber a honrosa inspecção do Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, que, além da sua elevada posição social de Presidente da Republica, reune a preciosa qualidade de ser um observador, illustradissimo, grandemente viajado e de reconhecido patriotismo, e, assim sendo, naturalmente saberá dessa visita tirar grande proveito em beneficio da nossa querida patria.

Terminando aqui este rude e despretencioso trabalho, peço que desculpem a má orthographia, levando-se em linha de conta a nossa boa vontade de ser util no esclarecimento deste assumpto.

Nictheroy, 22 de Agosto de 1921.

JOSE' LEITE DA COSTA SOBRINHO.

(Do *Jornal do Brasil*.)

Releva dizer, porém, que a especie de veados de que tratamos em "Caças e Caçadas no Brasil" não é propriamente a que em traços rigorosos de perfeito conhecedor do assumpto tão bem assignalou o nosso distincto amigo Sr Coronel José Leite da Costa Sobrinho, membro conspicuo que foi do *Club de Caça e Pesca de S. Paulo*, fundado pelo inesquecivel General Couto Magalhães, que me dera a subida honra de prefaciar aquelle insignificante ensaio de cynegetica nacional, em 1898.

Referimo-nos a uma especie de cervideo brasileiro que, apezar de nome identico, não é a mesma descripta pelo provecto caçador paulista, que reputo mestre na materia.

O dia em que o paiz souber os deserviços que os nossos jovens *savants* dos classicos tres reinos da natureza vêm-nos *prestando*, pela repetição de heresias, que datam de Piso e Marckgraf, succederá um caso geral de psychologia entre nós...

Passando adiante. O "Guata-pará a que nos referimos é uma especie peculiar á vasta zona florestal de Goyaz, é mocho.

Prezamos muito a opinião do nosso mestre e amigo Sr. Coronel Jorge Maia, mas continuamos convictos de que "Guatá-pará" é corruptela de "Suaçú-apar"; "Suaçú, veado grande; "apar", sem chifres, que são armas de defesa dos cervideos. D'ahi o ter-nos parecido que "apar" da lingua geral corresponde a "anoplas" do grego (sem armas, sem meios de defesa), que os naturalistas empregam, na calssificação de especies zoologicas, naquellas condições.

Assim, "Suaçú-apára" é o nome indigena da femea do cervo, e tal particula, — "apára", corruptella de "apar", nella indica a falta dos grandes chifres que caracterizam os machos da sua especie. Quanto ao valor etymologico de "apar" ou "apará", convém lembrar que este especifico, deram os incolas a uma especie de Satús que não escavam buracos, porque não são armados de unhas que se prestem a esse fim, e quando alguem se aproxima delles escondem a cabeça e os membros locomotores debaixo da couraça. "Ajurú-apara" é tambem uma especie de papagaio cujo bico é de certo modo atrophiado, e que se carateriza pela ausencia dos ornatos vistosos que distinguem as demais especies da familia. Von Martius ensinou que "Suaçú-apára" queria dizer veado de grandes chifres. O padre Ayres de Casal avançou mais, dizendo ser uma especie distincta, e assim, esses disparates foram ficando classicos entre os estadistas da nossa literatura zoologica.

Releva ainda accrescentar que, si não fosse um naturalista estrangeiro, o extincto Dr. Emilio Gœldi, e um veado encontradiço em Goyaz — *Cervus Wiegaminni*, ficaria considerada como limitada aos paizes ao norte do Brasil. Este especimen era havido na systematica como fórma enfraquecida de *Cervus virginianus savanarum* da Norte America.

HENRIQUE SILVA.

O CHRISTO DE BOMFIM

Imagem de Nosso Senhor de Bomfim, da tradicional Igreja Matriz da velha e lendaria cidade goyana.

Dirige hoje a Parochia um clerigo estrangeiro, que, sem affeição á terra e á gente, implantou alli o espirito faccionario e deslustra as tradições.

BISPADO DE PORTO NACIONAL

A 10 de Julho proximo passado empossou-se solemnemente da sua nova diocese D. Domingos Carrerot, ex-prelado de Conceição do Araguaya e muito estimado dominicano, ha annos residente no centro do Brasil, onde, atravez de longos annos, tem dedicado todas as suas energias a um apostolado santo e digno de todos os encomios.

Dr. Carrerot não era um estranho ao novo bispado; residindo durante muitos annos na séde actual do bispado que em boa hora lhe foi confiado, o novo bispo do norte goyano se impoz pelas suas virtudes, pela sua dedicação e amor aos habitantes daquelles remotos centros brasileiros e onde quer que o conduziam seus affanosos misteres de pregador, sempre se fizeram sentir os beneficos effeitos de seu genio bondoso, caritativo, e em especial, amigo da pobreza.

Mais tarde, D. Domingos foi mandado para Conceição do Araguaya a auxiliar a obra ingente de seu irmão em habito, Gil de Villanova, no desbravamento da matta e no chamamento ao gremio da civilização dos selvicolas por ali disseminados. Conceição do Araguaya, surgida da matta, graças á tenacidade desses grandes obreiros do bem, cresceu e tornou-se, ao depois, a séde de uma prelazia, cabendo a D. Domingos o dirigil-a, e o fez com tanta dedicação e esmero que, pouco depois, sendo creado o bispado de Porto Nacional, desde logo um dos nomes mais justamente lembrados foi o do prelado de Conceição.

Porto Nacional recebeu, ao que somos informados, com as maiores honras, as mais distinctas sympathias, seu novo bispo e enthronou-o por-entre as alegrias de todo um povo, que, vindo de todos os recantos do municipio e norte goyano, para prestar homenagens sinceras ao seu amigo e bemfeitor de hontem, se acotovellava, cheio de satisfação ao vel-o passar, agora, a seu novo bispo. E' que as sympathias e as alegrias do povo algo denotam de mais significativo, de mais esperançoso. O regresso de D. Domingos Carrerot, já agora principe da egreja norte-goyana, marcará uma etapa grandiosa para aquelles remotos centros, cujas necessidades espirituaes e materias S. Exa. Revma. bem conhece, bem sabe apreciar, e fatalmente será, attento seu espirito de elite, seu amor accendrado em prol do progresso espiritual de sua nova diocese, um de seus maiores e mais denodados propulsores.

A nós outros, que desejamos o progresso e desenvolvimento do paiz, onde quer que elle se faça sentir, é com satisfação que registramos a noticia da posse do novo bispo, desejando a S. Exa Revma. a estima e bemquerença de seus novos jurisdicionados espirituaes.

Considerações opportunas

Com o fallecimento, occorrido na Villa da Posse, no Norte de Goyaz, do bispo da diocese, D. Prudencio Gomes da Silva, a quem o Estado deve bons serviços no interesse da instrucção, abre-se uma vaga episcopal em cujo preenchimento cumpre haver a mais ponderada escolha.

D. Prudencio era uma excellente pessoa. Austero de costumes, virtuoso e concentrado, inaccessivel á politica e ás competições pessoaes de qualquer especie, teve sempre, na sua prudencia e na sua circumspecção, elemento seguro para viver cercado de respeito e não fugir á estima publica. Todos, catholicos ou não, muito o consideravam, vendo nelle um devotado aos seus deveres.

Como bispo, no exercicio da autoridade disciplinar, era assaz exacto e bem inspirado. Nem lhe faltaram jamais as melhores intenções e nem se poupou ao dever do exemplo. Elle dava, com a maxima perseverança, o modelo da exacção pessoal ao seu clero.

No entanto, por demais bondoso, chegava, diante do escandalo, a ser possuido de terror, com receio de que a explosão se désse e o facto repercutisse. Por isso, não raro capitulava, procurando inutilmente guardar intramuros condições de vida que, no fundo da ordem social catholica de Goyaz, se alastravam "por baixo", como rastilho a se encaminhar a uma feroz explosão. E foi assim, quando sentia o desenvolvimento de aglomeração de males, que a morte o surprehendeu.

E' delicada a situação do clero de Goyaz. Exercendo uma autoridade que extravasa do altar, do pulpito, do confissionario e da sacristia, o nosso clero actúa sobre o meio, onde exerce autoridade. Está muito armado, tanto para o bem, como para o mal.

Em alguns meios, a acção benefica se faz sentir. E' o que asseguram umas poucas localidades. Ha, no entanto, logares onde a acção sacerdotal está sendo perigosissima e o conceito publico nos dá a certeza de uma crise, em que a moral se sente muito lesada. Ha, na vida local, escandalos mal contidos, fazem-se graves accusações, precisam-se factos, occorrem condições que, em face do Codigo Penal, dariam logar a severas imposições de penas.

D. Prudencio conhecia as contundencias. Desejaria agir convenientemente, mas se apavorava ante o receio do escandalo dado ás escancaras por aquelles contra os quaes deveria agir.

Ainda recentemente, chamando á sua presença um vigario, querendo agir, teve de recuar, diante de uma ameaça que lhe fez o subordinado; e recuou.

Goyaz necessita de um bispo que concilie prudencia e energia. Antes aceitar a explosão do escandalo, ás escancaras, do que consentir que na mór parte das freguezias proliferem os casos escandalosos, a vida anormal faça regra e em torno dos templos se forme uma atmosphera de suspeitas, posta em communhão a maledicencia com a falta de rectidão.

Problemas difficeis, sem duvida; no entanto, é bem melhor remediar do que deplorar. E' o que cumpre fazer-se.

Rio, 1—10—921.

MOIZÉS SANTANA.

Notas e informações

Temos ouvido, varias vezes, referencias á projectada fazenda modelo de Urutahy, em Goyaz, com a qual o Ministerio da Agricultura já tem feito não pequenos sacrificios pecuniarios. De quando em quando, nos jornaes, tem-se noticia deste ou daquelle acto official referente á fazenda, famigerada deste antes do nascedouro; e tambem, de quando em vez, lá para as quebradas do Palmital, ouvem-se uns rumores, e fica parecendo que é a fazenda que está quasi brotando, após longuissima incubação.

Em verdade, é de fazer especie a já por demais falada fazenda modelo de Urutahy. A' moda de marca de quadrilha dos bailes licensiosos, ella vive em ensaios de passos, a ouvir os gritos do seu marcante: "faz que vai, mas não vai!..."

O marcante é o Sr. Militino Pinto, zebútechnico diplomado em Uberaba e sob cujas mãos falliram e desappareceram dois estabelecimentos federaes que pare-

iam futurosos: a Fazenda Modelo de Uberaba e o Posto le Selecção de Ribeirão Preto.

Ambos iam bem e parecia que prosperavam; enrou, porém, o Sr. zebútechnista, com a sua urucubaca, foi tudo raso, perdendo a Nação muito dinheiro.

Naufrago das duas viagens, o Sr. Militino descobriu a mina do Palmital, e ha tres annos a vem explorando, nansa e pacificamente; mas a fazenda modelo de Uruhy... essa não sáe; não se dá com ella o *surgèt et ambulat*.

O Sr. Militino e seu secretario, que é um poeta das aguas barrentas, par do das "Alvoradas", vão dando passagem ao tempo e ás verbas. A's verbas especialmente. Mas a fazenda modelo, lá nos esconderijos, faz como a perdiz: nunca mais! Nunca mais!

Tivemos o prazer de receber a visita da "Vida Goyana", interessante periodíco que, sob a direcção do Sr. Germano Roriz, tendo como gerente o Sr. Benedicto de Araujo Mello, iniciou a sua publicação na cidade de Santa Luzia, Goyaz.

Bastante informativo, redigido com habilidade, o novo orgão está prestando valioso serviço á região santa-luziana.

Ao novo orgão desejamos brilhante curso de vida.

Visitou-nos "O Tocantins", periodico informativo, que se publica em Carolina, no Estado do Maranhão.

O numero, que nos veio ás mãos, é o 190, do 9º anno de publicação.

Muito variado e cheio de interessantes informes, "O Tocantins" é digno da aceitação que os seus longos annos de vida demonstram. Auguramos-lhe prosperidade.

Não temos recebido o "Goyaz" e "O Democrata", de Goyaz (capital).

O Correio é sempre o descuidoso causador de desvios de correspondencias e a elle, naturalmente, devemos a falta, que apontamos.

"O SERTÃO" — O bem redigido orgam do Sudoeste goyano "O Sertão", registou a passagem da data anniversaria da *Informação Goyana* com estas carinhosas palavras:

"Apresentamos á denodada *Informação Goyana* os nossos sinceros parabens pelo seu anniversario, e o fazemos almejando a Henrique Silva, alma vigorosa de goyano verdadeiro, robustez bastante e nenhum desfallecimento na santa cruzada que se propoz levar a effeito, vibrando, no meio carioca, a alma de Goyaz em seu resentimento pelo abandono e esquecimento em que tem vivido; cantando alto suas glorias, seu passado, seu valor, seu direito a melhor e mais cuidada assistencia dos poderes federaes, e insuflando, na alma dos coestadoanos, o desejo ardente e constante de serem grandes, fortes e lidadores, como o foram os antepassados nossos, que tanto nos orgulham e elevam."

Muito gratos ao brilhante orgam rio-verdense pelos seus generosos votos, retribuimos os affectuosos cumprimentos.

PARA A HISTORIA DE GOYAZ

II

Do antecedente sitio á Caza da Telha distão seis legoas e meia, e vem a ser do Carvalho, onde ha optime comodidade para as bestas, e m.to refresco para os viandantes, ha huma legoa de caminho athé a Fazenda do Corgo do Retiro das queimadas, onde tãobem se acha boa agoa, e pastos; meia legoa ao riacho do Espinho, que de verão séca de todo; duas ao rio de Contas, que só da vau em tempo de sêca; e duas e meia a Caza da Telha.

Da predita Caza a Villa Nova do Rio de Contas disão tres legoas; e vem a ser huma, e meia á fazenda do Tamanduá, meia ao sitio do Garrote, e huma á Villa.

Da Villa á Tapera do tenente ha sinco legoas e meia, que se contão desta forma sobe se meia legoa ao lansante de hum morro ingrime e com voltas tão intrincadas, e perigozas que parece hum laberinto, e em sima se acha hum ar puro, vista agradavel, e deliciozas agoas. Legoa e meia a Villa Velha, e tres e meia a Tapéra.

Ha percizão de dizerte, meu Patrifilo que esta he a estrada da Cachoeira para Minas Novas, e Geraes, e que a travessia que vai de Moritiba athé o Sincorá he talvez hum dos caminhos peores porque pode tranzitar-se, por arido dezerto, e doentio onde morrem de sezoens innumeraveis viandantes, sendo percizo trazerem de muito longe cavalo carregados de agoa, e bebella quinada, e assim mesmo he raro o que não adoesse.

Da Tapéra do Tenente ás Cacimbas ha quatro legoas de distancia, e nellas ha só para notar que ao sahir da Catinga por toda Tapéra em duas estradas grandes que se encontrão deve quem sobe para Minas seguir pella da esquerda; a agoa que so em huma lagoa se acha he pessima.

Das Cacimbas as Quebradas há sinco legoas, duas a hum sitio de cujo nome me não recordo; em que os viandantes pouzavão algum dia onde ha pastos mas não agoa; duas á Lagoa do Roque com agoa tal que as bestas a não tocão não porem, muito distante ha hum olho d'agoa sofrivel, huma as Quebradas.

Da fazenda das Quebradas ao Tucano medeão sette legoas, e são huma a Fazenda das Arcas, onde se acha boa agoa, e comodo, huma a hum corgo que se passa

O SANGUE "PEDREIRO"

ROSADA, excellente typo de gado goyano, que a desordenada creação do zebú vai sacrificando.

Esta vacca, pertencente ao intelligente creador goyano tenente-coronel José Gomes Louza, de Bomfim, é filha de uma "pedreira" com um zebú. Nella se apuram os bons predicados do gado nacional.

duas vezes, huâ a Fazenda do Saco do Mel onde ha comodo, e se bebe em hum riacho de Cacimba, tendo huma lagoa a pouca distancia, hum quarto de legoa à vendinha, onde se bebe de Cacimba, huma e tres quartos a Fazenda do Ambuzeiro, onde a agoa de lagoa he terrivel, duas ao Tucano.

O Tucano dista 5 1|2 legoas das Carnahibas. Não ha morador no Tucano apezar de ser huma excelente rancharia, com agoa corrente muito boa, e he esta huma das melhores marchas que neste caminho se faz, porque alem de muito povoada tem boas agoas, e pastos em abundancia. Do Tucano a Lagoa de João Marques hum quarto de legoa á Fazenda do Hospicio huma legoa; á Fazenda da Passagem meia legoa, a Rossinha do Hospicio onde ha hum corgo corrente 3|4 de legoa as Carnahibas tres legoas.

Das Carnahibas grandes ao Pé da Serra ha 5 1|4 legoas, e vem a ser 1 1|2 a hum corgo chamado das rans, he este corrente e aqui finaliza a abundancia de pasto, chamasse a os Possoens onde ninguem morava a tempo que se fez este itinerario: quatro legoas ao Pé da Serra.

Do predito sitio ao chamado Pao de Espinho distão 5 1|4 legoas, e são. He esta marcha terrivel pella esterilidade: não se vê por ella couza verde: todos os campos são atoleiros, junto aos sitios he que os comboyeiros dão de beber aos animaes, e sempre procurão pastos diante, tendo cuidado em levar agoa para beber, aqui parece que o ar se sufoca, são pois como dice 1 1|4 a huma Fazenda chamada Agoas Verdes, e 4 legoas ao Pão de Espinho não ha nellas pastos, e agoa empoçada em hum corgo que não corre.

Do Pao de Espinho athé o Curralinho ha sinco legoas de distancia; e vem a ser 3 1|2 do sitio da Barra, por onde não falta pessima agoa de lagoa pastos porem nenhuns, falta que se experimenta do rio Taquari athé a Malhada: 1 1|2 do Curralinho, com m.to pouca agoa.

Do Curralinho ao Yanipapeiro ha 5 legoas todas por entre huma especissima catinga, q.e acompanha por hum, e outro lado dentro nella quasi no fim divide em dois o caminho, ha percizão de tomar o da esquerda entre as muitas agoas pessimas que se achão nesta marcha ha alguma de lagoas que he toleravel.

Do Janipapeiro á Malhada distão 5 leg. e são, duas do Janipapeiro, onde ha agoa de lagoa alem da do rio Impoeira, à Fazenda do Riacho com agoa de rio, e hum olho della menos má junto a huma lagoa; huma e meia ao sitio de Thomé Nunes em que ha agoa de lagoa, 1 1|2 á Malhada.

Da Malhada á Fazenda do Toulambó ha seis legoas de distancia. Fica a Malhada junto a passagem do grande rio de S. Francisco, por onde passa a estrada geral de S. Romão passado o rio se deve fazer caminho por humas vargens pouco seguidas deixando o caminho desviado meia legoa por evitar hum enfadonho areal que ha junto ao rio Carunhanha, e distante tres legoas se vai a hum sitio chamado o Retiro, que fica pella esquerda da estrada que se deixa, ha pouca agoa nesta distancia 1 1|2 ao sitio do Piqui por onde he pouca a agoa, e essa he de Cacimbas aqui se apartão dois caminhos para vir a passagem na Malhada, deve tomar-se o da esquerda por mais breve, e melhor; 1 1|2 do Toulambó

Da Fazenda do Toulambó ao Florianno Corrêa distão sette legoas, e meia, e vem a ser 1 1|2 á fazenda do Riacho, dezerta por ter só agoa de Cacimba; 3 1|2 ao sitio da Gameleira 2 1|2 ao Florianno Corrêa. No Toulambó ha boa comodidade para os passageiros; daqui retrocede hù caminho a esquerda de hum riacho, que vai dar ao sitio dos morrinhos falto de pastos, e a agoa he só de huma lagoa que pouca conserva em tempo de sêca, ha pouco distante outra lagoa que sempre séca pello verão o que he incommodo para quem segue aquelle caminho que a huma boa legoa chega ao Piyuy.

De Florianno Corrêa ao sitio do meio ha quatro legoas de distancia e são 2 ao sitio da Viuva, e, duas ao sitio do meio; na Passagem, ou Florianno se junta outro caminho, que na Empoeira se deixa, e se passa o rio em canoa; embeira-se o rio Taquari que a pouca distancia entra no Carunhanha cujo nome he o que lhe fica presistindo athé que vai entrar no rio S. Francisco.

Do sitio do Meio onde se passa o rio Taquari á Extrema ha 5 legoas de caminho e vem a ser 2 1|2 ao sitio da Empoeira, onde como dice se junta outro caminho que na Vereda grande, ou da Cruz se deixa á esquerda, e dizem ser melhor por ter agoa e pastos, ainda que he mais extenso; 2 1|2 á Extrema. No sitio do Meio não havia morador, ali se passa o rio em canoas, mas dali a meia legoa se pode passar a vau.

Da Extrema á Vera Cruz ha 5 1|2 leg. e são 2 1|2 da Vereda da Extrema, onde em dois corgos ha agoa corrente ao morador do Prezidio: 1 1|2 ao primeiro buritizal a que chamão mineiro 1 1|2 á Vera Cruz

Da Vera, ou Vereda da Cruz a Vereda do fogo medeão seis legoas, e vem a ser 4 pequenas legoas ao segundo Buritizal onde só em bacias se pode tomar para os animaes a agoa que se acha, e duas legoas tãobem pequenas deste Buritizal, ou Vereda grande á Vereda do Fogo as primeiras quatro legoas se caminhão todas por dentro de huma catinga continuada donde para hum, e outro lado se avistão alguns morros com varias pedras encasteladas, onde ha muito boas agoas e no fim corre hum grande rio.

Da Vereda do Fogo as cabeceiras de hum pantano chamado riacho do Meio se contão seis legoas; caminhão-se tres elgoas sempre por catingas athé hum Buritizal chamado Capempaba o qual dà em Cacimbas; outras tres athé o riacho do Meio, nellas se encontrão deferentes Buritizaes todos elles com agoa de Cacimba.

Do riacho do Meio ao Saco do Taquari se contão doze legoas; encontra-se a pouca distancia huma chapada extencissima, donde a vista se dilata para todos os lados, e logo depois se vai dar em hum taboleiro de Catinga que podera ter duas legoas e meia de travessa; depois do qual ha huma descida grande, donde se vai dar á Forquilha que he hum pantano onde corre alguma agoa por hum corgo que se atravessa pella cabeceira, segue depois a estrada e passa por junto de huns nove, ou dez casteloens de pedra que ficão em huma subida distante tres legoas da forquilha; passados elles se passa por dois corgos secos, alem dos quaes se vai dar a hum pequeno pantano chamado o Moquem onde ha suas Cacimbas, e tres legoas diante se chega ao Saco do Taquari.

Do Saco do Taquari por onde corre hum rio muito fundo, e de excellente agoa, distão 2 legoas ao Piqui que he hum pantano com declive pella direita onde só em bacias se pode dar de beber aos animaes e pouco asima fica huma lagoa desviada da estrada: dali a tres legoas se chega a Ponte Grande, rio fundo em hum brejão atoladiço, onde pello lado esquerdo se vem juntar o caminho da Taboquinha. Dali a legoa e meia se chega ao Taquari pequeno, de passagem difficil por atoladisso o que com pouco trabalho se poderia evitar.

Deste sitio ao Fermozo ha 6 1|2 leg.: e são legoa e meia ao corgo da Taboquinha, onde se divide em dois que se vão juntar na ponte grande; o caminho porem da direita atalha muito; tres legoas a Lagoa do Lenso, e duas ao Fermozo.

Daqui ha duas legoas de distansia ao ribeirão da Carinhanha, e legoa e meia ao sitio do Lucianno que dista da estrada para a esquerda hum tiro de mosquete, e nelle ha hum excellente corgo.

Distante deste 2 1|2 leg. fica o sitio da Ponte no meio de huma chapada; ao Pé do Morro assas ingrime e comprido legoa e meia, e distante duas legoas fica o rio de Santa Maria onde começão as pessimas vargens das ribeiras do Paraná onde he ardentissimo o sol, e as

agoas salobres, e charcozas em razão das muitas lagoas que o sol por ali extingue.

Na distancia de legoa e meia fica a fazenda do Tremedeal, daqui se vai a Fazenda do S. Roque; Olho d'agoa corgo do Sucuriú, Chapada do Charcozo, sitio do Boqueirão, corgo dos Macacos quazi seco, e Feijoal.

Deste sitio do Feijoal á Bocaina medeão seis legoas, e são huma ao ribeirão seco da extrema, huma a Santa Rita; entre o rio que por aqui corre, e o do Feijoal medeão alguns corgos de muito pouca agoa e toda salobre; huma lagoa a Santa Rosa, huma ao pestifero rio Parahim, e duas a Bocaina.

Da borda da Bocaina ao Corgo d'Agoa Clara medeão duas legoas e meia, e deste legoa e meia ao rio Crixas pestilente pello salobre das suas agoas.

Do rio Crixas ao Bandeirinha medeão 6 1|2 legoas que vem a ser duas a Fazenda do Retiro e meia ao rio Paraná por cuja ribeira se caminha por entre matto fechado, e caminho em declive, passando oito ou nove vezes hum mesmo Corgo, e no fim de duas legoas se sobe ao sitio do Salgado, e huma legoa diante se chega ao Bandeirinha.

Do Bandeirinha a Mestre d'Armas 5 leg. e são duas ao sitio Novo huma á Tapéra de Pepiripáo duas legoas ao Mestre d'Armas.

Quatro legoas e meia distão daqui a S. João, e vem a ser huma ao primeiro corgo, duas ao sitio do Sobradinho huma e meia a S. João.

De S. João ao corgo do Capão da Onça 6 1|2 leg.; e se contão desta forma, de S. João das tres barras ao sitio do Porto 5 1|2 leg. daqui se passa pello sitio do Olho d'Agoa do rodeadouro e a huma legoa de distancia se chega ao mencionado Capão da Onça.

Dista este tres legoas do sitio dos Macacos.

Daqui se caminhão seis legoas athé as Mamoneiras, e se contão desta forma, duas ao Pé do Morro, huma ao sitio da Severina; huma ao sitio da Contagem Velha, huma ao sitio das Arcas, huma legoa ás Mamoneiras.

Deste sitio ha seis legoas de Caminho athé o Sargento Mór Campos, contadas assim, huma ao sitio da Ponte Alta, 3 1|2 ao Rio Corumbá, huma e meia ao Sargento Mór.

Da rossa do Sargento Mór a Meia Ponte dista huma legoa e hum quarto.

De Meia Ponte a S. Antonio distão tres legoas.

De S. Antonio ao rio dos Pattos ha seis leg. e meia.

Do rio dos Pattos á Cachoeira sette legoas.

Da Cachoeira ao Ouro Fino seis legoas e meia.

Do Ouro Fino a Villa Boa Capital da Capitania de Goiaz ha duas legoas e meia de distancia.

Aqui tens meu charo Patrifilo o Itinerario da Cidade da Bahia para Villa Boa de Goiaz, ou descripção da jornada com suas pouzadas, onde na margem se vem os numeros e distancias, que no anno de 1778 fez daquella Villa para esta Cidade tendo acabado de governar aquella capitania o Illmo. José de Almeida, e Vasconcellos, Varão de Mossamedes, com aquelle acerto, rectidão, zelo, e justiça, que a fama não cessa de publicar; de pois o Itinerario, desde o sitio, ou Fazenda da Boa Vista proximo ao da Farinha Molhada athé Villa Boa devido a coriozidade de algum da cometiva, no que fez fez muito, mas poderia ter feito mais observaçoens alem da roim agoa e pouco pasto que achou pella viagem, mas como esta era a sua demanda não esteve para mais miudezas.

Quizera eu agora m edicesses o que posso eu participarte de hum paiz distante trezentas e sinco legoas, se não são mais, para onde não tenho, nem tive correspondencia com alguem, aceverote que tenho minha repunancia em obedecerte, não tenho porem outro remedio.

He a Capitania de Goiaz apezar de delatadissima huma porção dos descubertos feitos pellos naturaes da Capitania de S. Vicente, hoje de S. Paulo que não souberão poupar-se aos trabalhos mais asperos para penetrarem o interior dos Certoens mais remotos, sem que lhes obstassem os caudalozissimos rios que encontravão as ellevadissimas e fragrosas serranias que se lhes opunhão a dillatadissimas campinas e dezertos a que hião dar nem a valente opozição de innumeraveis gentios que não os conhecendo, tentavão disputarlhes o passo, tudo porem de nada mais servia que de dezafiar a sua obstinada profia, de que os fructos alem de muitos outros forão a descuberta de riquissimas minas de finissimo ouro preciozissimá pedraria, e rijissimo ferro nas Geraes Cuyabá, Matto Grosso, Goiazes e diversos outros paizes que já manifestei nas que escrevi a Filopóno, e muito particularmente na em que tratei das produçoens dos Reinos Animal, Vegetal, e Mineral.

Confina pois a Capitania de Goiazes com as do Pará, Bahia, Minas Geraes, S. Paulo, e Cuyabá por toda a sua extensão, a demarcação que me consta ter com esta ultima he começando na barra do rio Pardo, e subindo por elle athé a sua surgente a pouca distancia da Camapuan e continuando pello paiz do Gentio Cayapó por mais de vinte legoas athé chegar as cabeceiras do Rio Araguaya, e descendo por elle athé onde este entra *no rio Tocantins, onde na margem da direita começa a Capitania do Pará a confinar com a de Goiazes: sobese daquella barra pello Tocantins athé* (*) entrar no rio de Manoel Alves pella margem do qual sobe a demarcação athé a sua origem a procurar a ponta da grande Cordilheira pello cume da qual vai confinando com teras do Pará athé que não muito distante do Registo do Duro seguindo pello cume da mesma Serra começa a confinar com terreno pertencente a Bahia pello paiz do Gentio A croa irreconsiliavel athé o anno de 1774 em assentio em parte na nossa amizade; continua ainda pello mesmo cume passando pellos resistos das Taguatinga, S Domingos e Santa Maria, donde continua pello cume da Serra de Lourenço castanho athé e chegar ao rio Preto pello qual sobe a deviza athé o Resisto dos Arrependidos onde aquelle rio tem a sua principal origem e por aqui vem já dividindo com paiz pertencente á Capitania de Minas Geraes. Daquelle Resisto continua a divizão pella Serra da Canastra onde lhe fica o rezisto de S. Marcos, e depois continua pella Serra da Marcella, donde vai procurar huma das surgentes do rio Sapucahi, onde começa a dividir com paiz pertencente a Capitania de S. Paulo, segue depois por toda a extenção do Sapucahi, e continua pello rio Grande de Paraná, indo fechar toda a sua circumferencia onde neste faz barra o rio Pardo; vindo a ter de comprimento de norte a sua dezeseis graos e meio com pouca diferença comprehendidos entre 6, e 23 gráos de Latitude Meridional; e com a sua maior largura de pouco menos de nove gráos de Leste a Oeste, e são os comprehendidos entre 326, e 335 gráos de longitude comprehende esta grande Capitania 14 Julgados da nossa jurisdição, e vem a ser o Julgado da Natividade, o da Conceição, o da Crixa, o do S. Fellis, o das Arraias, o de Trairas, o do Cavalcante, o de Pillar, o de Meya Ponte, o de Santa Luzia, o de Villa Boa, o Julgado de Santa Cruz, o do Rio das Velhas, e a Ilha de Santa Anna formada por dois braços do Grande rio Araguaya, ha alem do que temos descuberto extencissimos terrenos nesta Capitania de que ha pouco e ainda nenhum conhecimento por serem habitados por diversas naçoens de Indios bravos com quem não temos podido tratar cônserto de amizade, apezar de reiteradas deligencias, trabalhos e dispezas immensas que a Real Fazenda tem feito para civillizallos, o que he dificil pella persuasão em que a maior parte delles está de que ter amizade com os Portuguezes he o mesmo que dizerem a D s para sempre a sua liberdade o que lhes provem tanto do uzo dos primeiros que os captivavão como escravos, e do abuzo practicado talvez

que ainda hoje por muitos bandeiristas, que não os podendo privar da liberdade os despojão das vidas disparando sobre elles discargas de mosquetaria, pello que são muitas vezes victimas do seu bem merecido odio, e fereza quando dignos de rigorosa punição por obrarem contra as piedozas intençoens dos nossos Augustissimos Soberanos, e suas Reaes Determinaçoens a favor dos mesmos Indios. Eu te refiro meu Patrifilo, cronologicamente os que me consta acharem-se registadas nos livros da Secretaria daquella Capitania, transferidas talvez muitas da de S. Paulo de que ella se desmembrou.

1ª. Hûma Carta Régia de 21 de Abril de 1702 em que S. Magestade prohibe o captiveiro dos Indios, permittindo porem por tempo lemitado a sua administração aquellas pessoas que voluntariamente os tirarem do matto.

2ª. Huma Provizão Regia datada em 10 de Julho de 1726 repetindo a prohibição do captiveiro dos Indios, e permittindo aos Governadores que parecendolhes necessario os dem asalariados a algumas pessoas.

3ª. Outra Provizão de 27 de Fevereiro de 1731 em que S. Magestade se refere a Ley que manda regular os salarios dos Indios.

4ª. Huma outra Provizão de 8 de Mayo de 1732, em que S. Magestade prohibe aos Governadores o irem pessoalmente a guerra dos Indios.

5ª. Outra Provizão de 26 de Mayo de 1743 em que se aprova a despeza feita na Guerra contra o Gentio Cayapó, e a creação de duas companhias de Pedestres para o mesmo fim.

6ª. Outra Provizão de 8 de Mayo de 1746 em que S. Magestade manda ajustar a Guerra para o Gentio Cayapó, e Acorá prometendo muitas mercez ao comandante que os reduzir á paz.

7ª. Com a mesma data se acha huma Provizão para crear-se na Cidade de S. Paulo huma Junta de Missoens na qual se deliberem as materias politicas, e

8ª. Huma outra Provizão de 17 de Julho de 1747 em que se ordena que pella Provedoria de Goiazes se satisfaça pello producto dos Dizimos aos Missionarios não só todo o necessario para o seu transporte segundo arbitrar o Governo, mas tãobem para a sua subsistencia nas Missoens.

9ª. Por Provizão de 19 de Novembro de 1750 manda S. Magestade assistir com congrua aos Missionarios Jesuitas.

10ª. Com data de 30 de Março de 1752 se acha a primeira Provizão dirigida a Capitania de Goiaz depois da ceparada do Governo de S. Paulo, e istá Governando nella D. Marcos de Noronha Conde dos Arcos, naquella Provizão se aprovão todas as dispezas feitas em defeza do Gentio Cayapó.

11ª. Acha-se outra Provizão de 7 de Março daquelle anno com as mesmas forças.

12ª Por Provizão de 22 de Mayo de 1753 se confirma o ajuste feito com Manoel de Campos Bivido para defeza do Gentio.

13ª. Com data do mesmo dia e anno se acha outra Provizão em que S. Magestade manda louvar ao Conde dos Arcos o haver estabelecido duas Aldeas de Indios aprovando a dispeza que se havia feito, e facultando a sua continuação para o futuro.

14ª. Por outra Provizão de 28 do mesmo mez, e anno se tornão a reformar, digo a aprovar as dispezas feitas com a admição do Gentio.

15ª. Por Provizão de 30 de Mayo do mesmo anno ordena S. Magestade se mandem Indios domesticos ao matto propor aos Barbaros que consintão o ir hum Missionario establecer-se nas suas Aldeyas para os ir cevilizando em hum melhor e mais util modo de vida.

16ª. Já em 31 de Março daquelle mesmo anno se havia ordenado por outra Provizão toda a deligencia pella redução do Gentio Acroá fazendo-se toda a dispeza pella Real Fazenda.

Infinitas outras Provizoens e Ordens Regias ha a respeito e favor dos Indios dirigidas aos Exmos. Governadores não só daquella, como das mais capitanias do interior deste Principado do Brasil, tu porem podes conjecturar as razoens que ha para que eu não tenha dellas noticia. O certo porem he que quando dessa capital sahem os Governadores para estas capitanias hum dos Artigos de viva recomendação he a redução dos Indios a obediencia, e o bom trato que com todos elles se deve practicar.

He o Governo de Goiaz independente, e responsavel só ao Soberano pella competente Secretaria. O em que mais tem que Governar he na pacificação dos povos, arrecadação e economia da Real Fazenda vigilancia na destribuição e administração da justiça com equidade civilização dos Indios bravos confinantes, punição dos culpados para o que tudo se serve do Ouvidor Geral da Commarca unico Ministro que o Soberano tem naquella capitania, e que exerce innumeraveis empregos para cada hum dos quaes ha em outras capitanias seu Ministro privativo, he este quem aprova os Juizes pedaneos, e ordinarios nos Julgados, e mais partes onde deve havellos, bem como ha quem da Provimentos trienaes aos Juizes de Orfãos &ª.

Pelo que pertence ao Governo Militar.

Todos os Governadores que tem passado aquella capitania se tem esmerado na cevilização e redução dos Indios com mais ou menos fervor nas emprezas eu porem só tenho poucas noticias do Exmº. D Marcos de Noronha, que todo se disvelou em aldear o Gentio em alguns daquelles vastissimos certoens, quando não perdoava fatigas no estabelecimento de duas cazas de fundição em Villa Boa, huma, e no Arrayal de S. Felis a outra onde era tal a occurrencia de ouro que então se extrahia das riquissimas minas daquella capitania, como de passagem toco no epilogo do seu Governo na Bahia carta 11ª.

Bem como do Ill.º José de Almeida, e Vasconcellos que não só por achar já os fundamentos lançados como pella sua indole e zello exemplar tanto foi o que trabalhou com a civilização dos Indios, e mais artigos do seu Governo naquella capitania, que não será facil haver quem o exceda, quando muitos o poderão igualar. A cada hum delles se deve seu exemplo Geographico daquella Grande Capitania, o do Conde dos Arcos feito, segundo minha lembrança pello famoso Engenheiro *Francisco Tossi Columbina em 1750* com o dezignio de fazer por via recta huma estrada da Cidade de S. Paulo athé Villa Boa de Goiazes, eu to participara porque conservo a sua copia fiel a não preferir o que no fim desta verás mandado levantar pello Illmº. José de Almeida por parecerme, que posto ser menor o seu ponto de Graduação por elle se forma melhor confinantes, e rios, se bem que despojados de muitos outros que nelles desagoão segundo demonstra aquella primeira planta.

He a Capital de Goiazes Villa Boa situada pellos 16 gráos e 20 minutos de latittude ao Sul do Equador, e na longitude do Pólo de 329 gráos e 10 minutos junto á Serra Dourada e não muito distante das cabeceiras do rio Vermelho que correndo por longa distancia e recebendo em si muitos outros de menos conta, vae fazer barra no grande rio Araguaya, fica igualmente a pouca distancia da principal surgente do rio Tocantins, que antes de que venha entrar nelle hum rio deste nome que tem sua origem no Julgado do Cavalcante, conserva o *nome de Rio Maranhão,* provindo do que decorre do Julgado de Santa Luzia a incorporar-se com o rio das Almas que tem a sua origem no Julgado de Meia Ponte.

(Continúa)

Estado, deveria fazê-lo. Recusou-se, de dentro da sua modéstia, de onde não sai. Mas foi ele o autor da idéia e da ação de publicar esta e outras importantes obras históricas goianas, que saem do prelo para orgulho e satisfação de quem estuda. Ao fazê-lo demonstra uma vez mais sua sensibilidade de espírito e sua responsabilidade de grande goiano de coração. Estas, são características suas e são irrecusáveis.

Agradecimentos especiais devem ser apresentados ao Dr. Luiz da Glória Mendes, um dos grandes pioneiros goianos, que nos proporcionou a coleção completa da ***Informação Goyana***, de sua propriedade particular, quem sabe a única do Estado.

Não se pode esquecer também do Dr. Júlio Arnold Laender, Superintendente da SUDECO, que endossa, a pedido da Vice-Governadoria do Estado, o louvável programa de publicação de obras históricas goianas.

A estes três homens devem os leitores esta publicação.

Goiânia, março 1979

IRAPUAN COSTA JÚNIOR